

Arquipélago

GULAG

Aleksandr Soljenítsyn



DADOS DE COPYRIGHT

SOBRE A OBRA PRESENTE:

A presente obra é disponibilizada pela equipe Le Livros e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura. É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

SOBRE A EQUIPE LE LIVROS:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste [LINK](#).

**"Quando o mundo estiver
unido na busca do**

conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



"GULAG"—SLAVERY, INC.

THE DOCUMENTED MAP OF FORCED LABOR CAMPS IN SOVIET RUSSIA

New Edition (1951) Prepared for the Free Trade Union Committee
of the American Federation of Labor



1949—The first year since 1945 in which the number of prisoners of war held in Soviet camps was less than the number of prisoners of war held in German camps in 1945.

1950—The Soviet labor force is an aggregation of foreign prisoners of war, prisoners of their own people, a division of the able, the healthy of the labor force, and a large number of the sick, the aged, the infirm, and the disabled.

There are now 1,000,000 forced laborers in GULAGS, scattered through scores of great cities, and a large number of them are in the most important and profitable parts of the country.

The first step in the Soviet system is to separate the able-bodied from the sick, the aged, the infirm, and the disabled. The able-bodied are sent to the camps, and the sick, the aged, the infirm, and the disabled are sent to the hospitals and homes of the State.

Prisoners of "industry" (sent to the mines, quarries, and construction sites) and prisoners of "agriculture" (sent to the farms) are separated into different camps. The able-bodied are sent to the mines, quarries, and construction sites, and the sick, the aged, the infirm, and the disabled are sent to the farms.

1951—The first year since 1945 in which the number of prisoners of war held in Soviet camps was less than the number of prisoners of war held in German camps in 1945.

1952—The first year since 1945 in which the number of prisoners of war held in Soviet camps was less than the number of prisoners of war held in German camps in 1945.

1953—The first year since 1945 in which the number of prisoners of war held in Soviet camps was less than the number of prisoners of war held in German camps in 1945.

1954—The first year since 1945 in which the number of prisoners of war held in Soviet camps was less than the number of prisoners of war held in German camps in 1945.

1955—The first year since 1945 in which the number of prisoners of war held in Soviet camps was less than the number of prisoners of war held in German camps in 1945.

1956—The first year since 1945 in which the number of prisoners of war held in Soviet camps was less than the number of prisoners of war held in German camps in 1945.

1957—The first year since 1945 in which the number of prisoners of war held in Soviet camps was less than the number of prisoners of war held in German camps in 1945.

1958—The first year since 1945 in which the number of prisoners of war held in Soviet camps was less than the number of prisoners of war held in German camps in 1945.

1959—The first year since 1945 in which the number of prisoners of war held in Soviet camps was less than the number of prisoners of war held in German camps in 1945.

1960—The first year since 1945 in which the number of prisoners of war held in Soviet camps was less than the number of prisoners of war held in German camps in 1945.

1961—The first year since 1945 in which the number of prisoners of war held in Soviet camps was less than the number of prisoners of war held in German camps in 1945.

1962—The first year since 1945 in which the number of prisoners of war held in Soviet camps was less than the number of prisoners of war held in German camps in 1945.

1963—The first year since 1945 in which the number of prisoners of war held in Soviet camps was less than the number of prisoners of war held in German camps in 1945.

1964—The first year since 1945 in which the number of prisoners of war held in Soviet camps was less than the number of prisoners of war held in German camps in 1945.

1965—The first year since 1945 in which the number of prisoners of war held in Soviet camps was less than the number of prisoners of war held in German camps in 1945.

1966—The first year since 1945 in which the number of prisoners of war held in Soviet camps was less than the number of prisoners of war held in German camps in 1945.

1967—The first year since 1945 in which the number of prisoners of war held in Soviet camps was less than the number of prisoners of war held in German camps in 1945.

1968—The first year since 1945 in which the number of prisoners of war held in Soviet camps was less than the number of prisoners of war held in German camps in 1945.

1969—The first year since 1945 in which the number of prisoners of war held in Soviet camps was less than the number of prisoners of war held in German camps in 1945.

1970—The first year since 1945 in which the number of prisoners of war held in Soviet camps was less than the number of prisoners of war held in German camps in 1945.

A Reward of \$1,000 Will Be Paid by the Free Trade Union Committee for Evidence Disproving the Authenticity of the Soviet Documents Here Reproduced.

Índice

SOLJENITSYN E SEU TRABALHO

Parte I - A indústria prisional

- I. A prisão
- II. A história do nosso esgoto
- III. O Interrogatório
- IV. Tubulação azul
- V. A primeira célula - O primeiro amor
- VI. Naquela primavera
- VII. Na casa das máquinas
- VIII. A lei em mantilhas
- IX. A lei é posta em movimento
- X. A lei está madura
- XI. Em direção à medida máxima
- XII. Tiursak

Parte II - Movimento Perpétuo

- I. Os navios do Arquipélago
- II. Os portos do Arquipélago
- III. As caravanas de escravos
- IV. De Ilha para Ilha

Parte III - Para fins de extermínio

- I. Os dedos da Aurora
- II. O arquipélago nasce dos mares
- II. O arquipélago forma metástases
- IV. O arquipélago está petrificado
- V. Os pilares do arquipélago
- VI. Eles trouxeram fascistas!
- VII. O cotidiano dos Nativos
- VIII. A mulher no campo
- IX. O conectado
- X. Em vez de políticos
- XI. Os Legalistas
- XII. Toc - Toc - Toc

XIII. Esfolar o mesmo homem duas vezes

XIV. Mude o destino!

XV. SHIZO, BUR, ZUR

XVI. O socialmente próximo

XVII. Menores

XVIII. As musas no GULAG

XIX. Os zeks como nação

XX. Serviço de cães

XXI. Em torno dos campos

X XII. Nós construímos

Parte IV - A alma e o arame farpado

I. Elevação

II. Ou corrupção?

III. Liberdade amordaçada

IV. Algumas vidas

Parte V - A prisão (Kártoga)

I. O condenado

II. O vento da revolução

III. Correntes, correntes ...

IV. Por que saímos?

V. Poesia sob a laje, verdade sob a pedra

VI. Um fugitivo convicto

VII. O gatinho branco

VIII. Evasões com moral e evasões com engenharia

IX. As crianças pequenas com metralhadoras

X. Quando a terra queima na área

XI. Nós tateamos as correntes

XII. Os quarenta dias do kenguir

Parte VI - Confinamento (Exílio)

I. O confinamento dos primeiros anos de liberdade

II. A praga dos fazendeiros

III. O confinamento está se espalhando

IV. O banimento dos povos

V. dTerminada a Pena

VI. Prosperidade dos detentos

VII. Os zeks em liberdade

Parte VII - Não há mais Stalin

[I. Relembrando Tudo](#)

[II. Os governantes mudam, o arquipélago permanece](#)

[II. A lei hoje](#)

[Epílogo](#)

[E mesmo depois](#)

[Autor](#)

[Notas parte I](#)

[Notas parte II](#)

[Notas parte III](#)

[Notas parte IV](#)

[Notas parte V](#)

[Notas parte VI](#)

[Notas parte VII](#)

Volume I. Arquipélago Gulag era o nome da rede de campos de internamento e punição soviéticos onde milhões de pessoas foram mantidas durante a segunda metade do século xx .

Neste documento monumental, Solzhenitsyn, que estava confinado em um desses campos, reconstrói meticulosamente a vida dentro da indústria prisional nos tempos da União Soviética e sua dissecação se torna uma jornada através do medo, da dor, frio, fome e morte, com os quais o regime totalitário silenciava todos os dissidentes. Este primeiro volume inclui as duas primeiras partes ("A indústria prisional" e "Movimento contínuo"). dos sete que compõem esta história de terror vivido por milhões de pessoas.

Volume II. Com fidelidade impressionante, Alexandr Solzhenitsyn descreve no Arquipélago Gulag o reinado de terror que prevaleceu nos campos de internamento e punição soviéticos durante o século xx . Graças à sua obstinação em restaurar o que a história queria apagar, Soljenitsyn devolveu a palavra aos 227 presos que lhe deram testemunhos diretos e aos milhões de pessoas "que não tinham vida para contar essas coisas", para registrar um dos episódios mais sombrios de nosso tempo.

Escrito entre 1958 e 1967 no mais completo sigilo, o primeiro esboço da obra foi descoberto pela KGB em setembro de 1973. Em 1974 foi publicado no Ocidente, como meio de pressão dos países democráticos europeus, e até 1990, quando foi parcialmente publicado na revista "Nóvy Mir", o arquipélago Gulag foi fechado aos leitores russos. Este segundo volume inclui três das sete partes que compõem a obra completa ("Com o propósito de extermínio", "A alma e o fio da espinha "), e descreve atrocidades como a construção do Belomor (o canal que comunica o Mar Báltico com o Mar Branco) e os truques a que os prisioneiros tinham de recorrer para sobreviver.

Volume III. Quando Alexandr Solzhenitsyn terminou de escrever o Arquipélago Gulag, ele confessou no epílogo:

«Quantas vezes comecei este livro para depois abandoná-lo. Eu não conseguia entender completamente se era ou não necessário escrever tal livro sozinho. E, além disso, quanto tempo ele aguentaria? Mas quando, somando-se ao que já havia recolhido, muitas outras cartas de prisioneiros

de todo o país convergiram para mim, entendi que, como tudo isso me foi dado, eu deveria fazê-lo.

E é que Solzhenitsyn escreveu entre 1958 e 1967, no mais absoluto sigilo, os muitos fragmentos que dariam origem ao Arquipélago Gulag. Fez isso sem arquivos, com base nas memórias de suas próprias experiências e nos depoimentos de seus companheiros de prisão, e sofreu no auge de sua obra, em 1965, o saque de seus papéis e o sequestro do romance *El primeiro círculo*.

O terceiro e último volume é dividido em duas partes: "A prisão", "Confinamento" e "Stalin se foi". Neles Solzhenitsyn aborda os últimos anos do governo de Stalin e seus sucessores, e explica como - um quarto de século depois que a Revolução a aboliu - a prisão russa foi restaurada, e com ela os "campos especiais" reservados para os prisioneiros políticos. Assim, Solzhenitsyn descreve as condições de vida nos campos soviéticos do pós-guerra, as fugas, as greves, as revoltas heróicas ... O confinamento neles, a outra forma de exílio, afetou cerca de quinze milhões de camponeses e se tornou um método marginalização generalizada dos indesejáveis. "Os líderes passam", disseram, "o arquipélago perdura."

SOLJENITSYN E SEU TRABALHO

ALEXANDR Isaióvich Soljenitsyn nasceu em 11 de dezembro de 1918 em Kislovodsk, nas margens do Mar Negro. Ele era muito jovem quando seu pai ficou órfão, e sua infância passou no meio da guerra civil russa, sem outro objetivo a não ser sobreviver. Em 1924 mudou-se, com a mãe, para a cidade de Rostov, às margens do Don, e o pequeno colegial logo se destacou em duas de suas peculiaridades. Ele é um prodígio literário e um pesquisador tão cético da verdade que compara todas as frases de seus livros atribuídas a Lênin, com as dos livros da biblioteca, o que lhe permitiu descobrir as deturpações e delírios, tornando-se um inimigo prematuro de Stalin desde então. Ao ser admitido nos estudos superiores e em Letras estando muito desacreditado na Universidade da URSS, decidiu-se pela Matemática e Física. Durante a guerra, ele se destacou como capitão de artilharia e obteve altas condecorações militares.

Mas sua sinceridade foi sua ruína. Sua correspondência com o amigo X, na qual criticava Stalin, foi interceptada, ele foi preso, rebaixado, acusado de derrotismo e condenado a trabalhos forçados em um campo de concentração em Ekibastuz, nos Urais. Foram anos de sofrimentos terríveis, que se refletem em seu romance *O Primeiro Círculo*. Ele sofria de câncer, do qual foi curado no hospital Tasch Kent.

Depois de cumprir a pena de 12 anos, continuou no exílio e conseguiu um cargo de professor na escola municipal daquela cidade. Apesar de sua vida aposentado, ele era muito amado por seus alunos e apreciado por seus colegas. Nesse retiro ele terminou um de seus romances mais famosos e que melhor retrata a vida nos campos de trabalho da URSS: *Um dia na vida de Ivan Denisovich*. Um amigo seu, diretor da *Novy Mir*, leu o manuscrito e ficou entusiasmado, por isso começou a dar os passos necessários para sua publicação. A ocasião veio depois do XXII Congresso do Partido Comunista da URSS, no qual Khrushchev denunciou os crimes de Stalin. A peça foi extremamente bem-sucedida. Vinte e duas cópias foram impressas expressamente para o Kremlin em 1962. A edição chegou a 750 mil exemplares em 1963. Soljenitsyn aproveitou esse breve degelo para

publicar outras curtas, como *Cirio ao vento*, *A casa de Matriona* e *Um evento na estação Krechétkova*, além da comédia *O tribunal são e os inocentes*.

Soljenitsyn foi admitido na União dos Escritores Soviéticos e nomeado para o Prêmio Lenin. Mas tanto as intrigas quanto o declínio do anti-stalinismo o privaram do prêmio. Enquanto isso, Soljenitsyn teve seu exílio suspenso e fixou residência em Ryazan, ao longo do idílico Rio Oka. Então, ele desistiu de seu trabalho de ensino e dedicou-se doze horas por dia ao seu klabor literário, evitando toda publicidade e tratamento.

Soljenitsyn e seus amigos ainda estavam lutando para que seus outros grandes trabalhos, *O Primeiro Círculo* e *Pavilhão do Câncer*, fossem publicados. Eles não conseguiram isso, mas também não conseguiram evitar que algumas cópias vazassem no exterior, as quais foram publicadas primeiro em Praga, em russo, e depois traduzidas para diferentes línguas europeias. Isso só aumentou a animosidade do Kremlin contra o escritor, e o furor atingiu o fogo quando ele recebeu o Prêmio Nobel de Literatura.

Atualmente (1979) mora fora da Rússia com uma jovem, com quem não pode se casar até que o divórcio de sua esposa legítima seja resolvido, um processo sobre o qual cada vez mais dificuldades se acumulam.

Quando uma obra de Alexandr Soljenitsyn foi publicada pela primeira vez em 1962, um importante escritor soviético declarou que "simplesmente não podemos continuar escrevendo como fazemos hoje". Desde então, ele se tornou não apenas o mais importante dos escritores russos de hoje, mas também o que um grupo de seus admiradores chamou recentemente de "a opinião e a consciência de nossa nação". Porque, com efeito, rompendo com todos os moldes, constantes e condicionamentos da literatura clássica russa, Soljenitsyn "impôs" uma nova forma de escrever, tanto pela sua abordagem dos temas como, sobretudo, pela sua forma de "brincar. »Com a linguagem, pelo seu repensar sintático, pelas suas figuras e pela carga de intenção de vozes que tradicionalmente tinham apenas alguns significados. Em suma, ele é um verdadeiro criador da linguagem.

Soljenitsyn nos dá sua criação mais pessoal e monumental - talvez a obra de sua vida - com *o Arquipélago Gulag* (sigla para Diretoria Geral de Campos de Concentração), um imenso afresco do sistema que governou esses campos na URSS entre 1918 e 1956. Soljenitsyn já havia terminado esta obra em 1968, mas - como ele nos diz no frontispício do livro, em nota de setembro de 1973 - "com o coração pesado, por anos me absteve de

publicar este livro. O dever para com aqueles que ainda viviam era mais forte do que o dever para com os mortos. Mas agora que, apesar de tudo, ele caiu nas mãos da Segurança do Estado, não tenho escolha a não ser publicá-lo imediatamente.

E ele o dedica "a todos aqueles que não tiveram vida suficiente para contar tudo isso", e pede desculpas "porque não vi tudo, não me lembrei de tudo, não intuí tudo". Sua monumental reclamação de trabalho está dividida em três volumes: 1. A prisão. 2.º Deportação e vida no «Arquipélago» e convivência homem-mulher. 3. A resistência.

Seguindo o *planejamento*, no volume I ele descreve não apenas sua própria prisão, mas a de muitos dos milhões de seus companheiros cativos, tipificada em alguns casos, de acordo com as técnicas seguidas pela GPU para "retirar de circulação" para os indivíduos que, de uma forma ou de outra, não compartilhavam com o regime soviético. No volume II, ele nos fala sobre a deportação e a vida diária nos campos. E em III ele explica a resistência, cada vez mais ativa, enfrentada pelos detidos.

O volume I pode ser considerado um imenso prólogo aos dois restantes, e nele as figuras frias de dados eloquentes falam conosco. É talvez a parte mais seca, mas não menos impressionante, deste grande tríptico.

No volume II, a fluidez da narrativa adquire já características de romance, embora sem abandonar por um momento o caráter histórico-testemunhal. Neste volume, Soljenitsyn, de certa forma, deixa de ser o cronista frio e implacável do volume I, para se tornar o escritor que contribui para a história com uma carga necessária de anedota e humanidade, de ironia e humor - «humor heróico», como alguém o chamou - o que dá a essa parte de seu imenso afresco não apenas a fluidez de um grande romance, mas também a amenidade de um ensaio cuidadoso.

E tudo isso enquanto continua a revelar a operação do maior e mais aperfeiçoado sistema de terror que um regime político já foi capaz de montar. Conta-nos, com uma nova linguagem, a criação e posterior desenvolvimento do «Arquipélago»; o que ele mesmo viveu e o que aqueles que o viveram lhe explicaram. Ele nos fala sobre o número de deportados (40 milhões!); Ele nos diz que nesses campos de trabalhos forçados a pena de morte era aplicada após os 12 anos de idade; fala-nos da construção do Belomorcanal, uma empresa de titãs realizada no século XX com meios técnicos da época dos faraós ...

Mas, acima de tudo, estuda pela primeira vez a vida das mulheres no «Arquipélago», que está a formar metástases, a espalhar-se cada vez mais. Com pinceladas magistrais, com serenidade e surpreendente ausência de cólera, ele descreve a vida daqueles seres miseráveis, dessas "mulheres nuas, examinadas como se fossem mercadoria". "A verificação de piolhos e a depilação axilar e pubiana permitem que cabeleireiros (membros proeminentes da aristocracia do país) tenham um vislumbre de novas mulheres." Os únicos que não têm problemas, que encontram todos os caminhos abertos, são aqueles "que, pela sua própria natureza, não são muito exigentes com o sexo oposto e estão dispostos a ir com os primeiros a chegar". Mas para muitos deles, "dar esse passo é algo mais horrível do que a morte. Outros hesitam, têm vergonha, perdem tempo pesando os prós e os contras e, quando se decidem, é tarde demais, eles não estão mais listados na bolsa de valores do país.

Por fim, o volume III expõe a formação e o desenvolvimento do BUR, o grupo de resistência dentro do Gulag. Eminentemente anedótica —uma constante anedota vividamente humana—, é o resultado lógico de um drama que continua a bater nas suas páginas, embora já com o horizonte claro de uma libertação vindoura, com serenidade mais criativa.

Alguém disse que Soljenitsyn só será lembrado na História da Literatura Universal graças ao seu "Arquipélago Gulag", e que suas obras restantes viverão em virtude de seus méritos e forma. Sem ir tão longe, podemos dizer que é, sem dúvida, a sua obra mais importante, e não só pela sua monumentalidade e carácter histórico, mas também porque reflecte o carácter de uma época - uma época dramática - do povo russo. ao mesmo tempo que reúne o desejo de alguns seres que só exigem algo tão lógico e simples - embora não pareça tanto - como a liberdade.

Com o coração pesado, por anos me abstive de publicar este livro acabado. O dever para com os que ainda estão vivos era mais forte do que o dever para com os mortos. Mas agora, quando, apesar de tudo, caiu nas mãos da Segurança do Estado , não tenho escolha a não ser publicá-lo imediatamente.

A. SOLJENITSYN .

Setembro de 1973.

Não há personagens ou eventos imaginários neste livro. Pessoas e lugares aparecem com seus próprios nomes. Quando as iniciais são usadas, é apenas por motivos pessoais. E quando falta um nome, é devido a uma falha da memória humana, embora tudo tenha acontecido como descrito aqui.

Já em 1949, alguns amigos encontraram uma curiosa notícia na revista *Priroda (Nature)*, publicada pela Academia de Ciências. Dizia - em letras miúdas - que em escavações realizadas no rio Kolyma, um veio de gelo subterrâneo (um riacho pré-histórico congelado) foi descoberto, e nele, também congelado, espécimes de fauna fóssil (várias dezenas de milhares de anos antiguidade). Esses peixes ou salamandras tinham sido mantidos tão frescos - testemunhou o erudito correspondente - que os presentes quebraram o gelo e os comeram FRUTAMENTE.

Os poucos leitores da revista provavelmente ficaram surpresos com o fato de a carne de peixe poder ficar tanto tempo no gelo. Mas foram, sem dúvida, muito poucos que captaram o significado extraordinário do despacho imprudente.

Nós entendemos isso imediatamente. Vimos a cena em todos os seus detalhes: como os presentes, nervosa e rapidamente, quebraram o gelo; como, prejudicando os altos interesses da ictiologia e acotovelando-se uns aos outros, eles rasgaram a carne antiga em pedaços, arrastaram-na para o fogo, descongelaram e saciaram sua fome.

E entendemos isso porque estávamos entre o PRESENTE, pertencíamos à poderosa raça dos zeks, ^{[a].o} único na terra capaz de comer tritão COM FRUTA.

Kolyma era a maior e mais famosa das ilhas, o pólo da crueldade do incrível país de GULAG, ^[b] dividido em um arquipélago pela geografia, mas fundido, pela psicologia, em um continente, um país quase invisível, quase impalpável, povoado justamente pelos Zeks.

Este arquipélago - país que salpicou outro país, em cujo interior se encontra - penetrou nas cidades, atingiu as suas ruas ... Porém, alguns nem sequer suspeitaram da sua existência; muitos tinham uma vaga noção dele, e apenas aqueles que estavam lá sabiam de tudo.

Mas calaram-se, como se as ilhas do Arquipélago tivessem sido privadas da palavra.

Graças a uma virada inesperada na nossa história, algo - muito pouco - veio à tona sobre este Arquipélago. Mas as mesmas mãos que nos tinham algemado passaram a mostrar as palmas num gesto conciliador: "Não convém ... Não convém tirar o passado ... Aos que se lembram do antigo, arrancem um olho." Mas o provérbio termina assim: "E quem esquecer, que os dois se livrem disso."

Décadas se passam, curando infalivelmente as feridas e feridas do passado. Enquanto isso, algumas ilhas tremeram e se desintegraram, cobertas pelo mar polar do esquecimento. E assim, um dia no futuro, este Arquipélago, sua atmosfera e os ossos de seus habitantes, incrustados em uma veia de gelo, aparecerão aos nossos quiméricos descendentes tritões .

Não me atrevo a escrever a história do Arquipélago: não tive oportunidade de ler os seus documentos. Mas será que alguém terá essa chance ...? Aqueles, aqueles que não desejam LEMBRAR, tiveram e terão tempo suficiente para destruir até o último documento.

Depois de passar onze anos lá; Depois de ter vivido aquele mundo deformado, mas não como uma ignomínia, não como um pesadelo amaldiçoado, mas quase com carinho, agora, convertido, por um giro feliz, no repositório de tantas histórias e cartas posteriores, poderei revitalizá-lo, transformá-lo em algo de carne e sangue, de carne viva? (Carne de salamandra que, por assim dizer, ainda está viva).

EU DEDICO

a todos aqueles que não tiveram vida suficiente para contar isso.

Perdoe-me porque não vi tudo,

Eu não lembrava de tudo

Eu não intuí tudo.

Este livro teria sido uma tarefa impossível para um só. Além do que eu próprio extraí do Arquipélago no meu corpo, na minha memória, nos meus ouvidos e nos meus olhos, forneceu-me dados para este livro, em forma de contos, memórias e cartas.

uma lista de 227 nomes.

Não expresso aqui o meu apreço pessoal, pois é o monumento que, juntos, erguemos a todos os torturados e assassinados.

Gostaria de destacar nesta lista aqueles que tanto se esforçaram por me ajudar, para que a obra tivesse pontos de apoio bibliográfico retirados das bibliotecas de hoje, ou há muito retirados e destruídos, pois encontrar uma cópia completa exigia muita determinação; e ainda mais para aqueles que me ajudaram a esconder este manuscrito em alguns momentos difíceis e, posteriormente, duplicá-lo.

Mas ainda não chegou a hora de revelar seus nomes.

Este livro deveria ter sido escrito por Dmitri Petrovich Vitkovski, um velho recluso das Ilhas Solovki. Mas meia vida passada *ali* (é assim que suas Memórias do Campo são chamadas: *Meia Vida*) foi a causa da paralisia prematura. Privado de falar, ele conseguiu ler apenas alguns capítulos concluídos e verificar que TUDO SERIA DIZIDO.

E embora a liberdade demore para brilhar em meu país e a circulação deste livro constitua um sério risco, também saudarei com gratidão os futuros leitores, em nome *daqueles* que morreram.

Quando comecei este livro, em 1958, não tinha conhecimento de nenhuma memória ou obra literária dedicada aos campos de concentração. Nos anos que passei trabalhando nele, até 1967, gradualmente fui conhecendo os *Contos de Kolyma* de Varlam Shalamov e as Memórias de D. Vitkovski, E. Guinzburg e O. Adamova-Sliozberg, que chamo de se fossem obras literárias de todos os conhecidos (e assim será, afinal).

Apesar de seus desejos e contra sua vontade, eles contribuíram com dados inestimáveis para este livro e preservaram muitos fatos importantes, números e até mesmo o ar que respiraram, MJ Sudrab-Lacis, NV Kryl enko

- Procurador-Geral por muitos anos -, seu herdeiro, AJ Vichinski e seus juristas-cúmplices, entre os quais IL Averbaj deve ser destacado.

Eles também forneceram material TRINTA E SEIS escritores soviéticos, liderados por MAXIMO GORKI, autores de um livro ignominioso sobre o BELOMORKANAL ^[c] que, pela primeira vez na literatura russa, exalta o trabalho dos escravos.

Primeira parte

A indústria da prisão

Em tempos de ditadura,
de inimigos em todos os lugares ,
às vezes mostrávamos uma iguaria
e compaixão desnecessária.

KRYLENKO , discurso no processo contra o Partido Industrial

I A prisão

Como você chega a este arquipélago misterioso? Os aviões voam continuamente em sua direção, os navios navegam, os trens rastejam ruidosamente, mas não trazem nenhuma placa indicando o destino. Os balconistas e os agentes do "Sovturist" ou "Inturist" ficariam espantados se lhes pedissem uma passagem para o Arquipélago. Eles não ouviram falar dele ou de qualquer uma de suas muitas ilhotas.

Quem vai ao Arquipélago para governar, chega através das escolas MVD.^[d]

Aqueles que vão assistir são recrutados pelos comissariados militares.

E para quem vai para morrer, como você e eu, caro leitor, só existe uma forma obrigatória de chegar lá: através da prisão.

A prisão !! É preciso dizer que isso vira nossa vida de cabeça para baixo? O que um raio está atingindo você? O que é um choque moral tão terrível, que nem todos concordam com ele, e que muitas vezes leva à insanidade?

O Universo tem tantos centros quantos seres vivos. Cada um de nós é o centro de um mundo, e o Universo se quebra quando eles murmuram para um: "*Você está parado.*"

E quando *você está* detido, algo pode realmente resistir a este terremoto?

Com cérebros embotados, incapazes de compreender essas deformações tectônicas do Universo, naquele momento, tanto os mais agudos quanto os mais lentos só conseguem extrair, de toda a sua experiência, um:

Eu?? Por quê!?

Uma pergunta que foi repetida milhões e milhões de vezes antes de nós e que nunca teve uma resposta.

A prisão é uma maneira repentina e surpreendente de lançar, apressar, transplantar de um estado para outro.

Correndo alegremente ou rastejando infeliz pela longa e sinuosa rua de nossa vida, passamos por cercas, cercas e mais cercas de madeira podre, paredes de barro, tijolos, concreto, cercas de ferro. Não paramos para pensar no que poderia estar por trás deles. Não procuramos erguer os olhos ou o pensamento acima deles, apesar de, precisamente ali, começar o país do GULAG, tão perto, a dois metros de nós. E não notamos o número infinito de portas e portões, bem ajustados e escondidos, que havia naquelas cercas. Todas aquelas portas foram preparadas para nós, e eis que, de repente, uma, a fatal, se abriu rapidamente e quatro mãos brancas de homens, que não sabiam de trabalho físico, mas cheias de energia, nos agarraram pelas pernas, pelas mãos, pelo pescoço, pelo boné, pelas orelhas ..., eles nos arrastavam como um fardo e a porta, a porta da nossa vida anterior fechou-se para sempre, atrás de nós.

E nada mais. Você está detido.

E, para todas as respostas, apenas ... ou ... ou ... ocorrerá a ele balir como uma ovelha:

-Eu ou?? Por quê...??

Isso é prisão: um clarão cegante e um golpe que relega o presente ao passado, enquanto o impossível se torna totalmente presente.

E isso e tudo. E você não conseguirá entender mais nada na primeira hora ou no primeiro dia.

E no seu desespero, verá inclusive uma lua brilhar como um brinquedo de criança, um cenário de circo: «É um erro! Vai esclarecer ! »

Tudo o mais, o que constitui a imagem tradicional e até literária da prisão, se acumulará e se ordenará não em sua memória conturbada, mas na memória de sua família e de seus vizinhos.

É um toque noturno estridente ou uma batida violenta na porta . É a entrada arrogante dos agentes, ^[e] que entram em sua casa sem limpar as botas. É a testemunha ocular que, assustada, fica atrás deles.

(Para que é necessária a testemunha? A vítima não se atreve a fazer perguntas e os policiais não se lembram para que serve, mas a sua presença está prevista nas instruções; e ficará acordado a noite toda para assinar A testemunha, arrancada da cama, também sofre: uma noite e outra, tem que colaborar na prisão de seus vizinhos e conhecidos).

A prisão tradicional são também as mãos trêmulas que preparam as coisas do detido: uma muda de roupa, uma barra de sabão, algo para comer; mas ninguém sabe o que deve ou pode ser levado; e enquanto isso, os agentes se apressam e cortam os preparativos: “Não é preciso nada. Lá eles vão alimentá-lo. Está quente lá”. (Tudo é mentira. Eles se apressam em ter medo).

A prisão tradicional é também, quando o pobre é levado embora, a brutalidade, por muitas horas, em casa, de uma força intrusiva, rude e avassaladora. Está rasgando, puxando e empurrando violentamente os armários para longe das paredes, abrindo gavetas, derramando seu conteúdo, empilhando-os, pisoteando-os. Durante o registro, não há nada sagrado. Chen preso Inoshin, engenheiro de trem, estava na sala um caixão com uma criança que acabara de morrer. Era seu filho. Os *advogados* derrubaram o caixão, removeram o cadáver e também revistaram dentro da caixa. Eles tiram os doentes de suas camas e removem os curativos de suas

^[1] feridas. Durante o registro, nada pode ser considerado absurdo. Chetverujin, colecionador de antiguidades, foi confiscado "muitos papéis de éditos imperiais", a saber: os casos sobre o fim da guerra contra Napoleão, sobre a formação da Santa Aliança e o texto das orações celebradas, em 1830, por ocasião da epidemia de cólera. Vostrikov, nosso melhor conhecedor do Tibete, teve valiosos códices tibetanos apreendidos e, com grande dificuldade, os discípulos do falecido conseguiram arrancá-los das mãos da KGB trinta anos depois. Quando o orientalista Nevsky foi preso, eles levaram manuscritos Tangut (por decifrá-los, este sábio foi postumamente premiado com o Prêmio Lenin vinte e cinco anos depois). Os arquivos dos ostiacos Yenisei foram retirados da casa de Karguer, o alfabeto criado por Karguer foi proibido e a cidade em questão ficou sem uma língua escrita. Demoraria muito para descrever tudo isso em linguagem intelectual. As pessoas, referindo-se ao cadastro, simplesmente falam: *“procuram o que não existe”*.

Eles levam o que foi requisitado e às vezes obrigam o detido a carregá-lo: Nina Alexandrovna Palchinskaya carregava um saco com os papéis e cartas do seu diligente marido - um grande engenheiro russo - até SUAS mandíbulas, para sempre, sem retorno.

E para aqueles deixados para trás pelos presos, uma vida longa, desolada e destruída começa. Eles tentam levar pacotes para eles, mas de todas as janelas eles latem: "Aquele não está na lista", "Não está aqui." Nos

dias ruins de Leningrado, você tinha que esperar até cinco dias na fila nesta janela. E é possível que depois de meio ano ou um ano, o detido dê sinais de vida ou arrote nos ouvidos de quem o pede: "Não tem direito à correspondência", o que quase certamente significa que já foi aposentado.

[dois]

É assim que imaginamos a prisão.

De fato, as prisões não privativas de liberdade semelhantes à descrita são as preferidas em nosso país, pois oferecem vantagens importantes. Todos os que moram no apartamento estremecem de medo à primeira batida na porta. Eles tiram o prisioneiro do calor da cama; ele está desajeitado de sonolência, ele é estúpido. Na prisão noturna, os agentes têm superioridade de forças: há vários homens armados contra um com as calças abotoadas pela metade; Enquanto eles se vestem e a busca é feita, uma multidão de eventuais apoiadores da vítima não se aglomera no portal. A visita tranquila e espaçada a um apartamento, depois a outro, amanhã ao terceiro, e depois ao quarto, permite utilizar de forma racional o quadro de agentes e aprisionar um número de pessoas muitas vezes superior ao de agentes.

As prisões noturnas também oferecem a vantagem de que nem os moradores das casas vizinhas, nem das ruas da cidade sabem quantas levaram em uma noite. Provocam os vizinhos próximos, mas os distantes nem sabem disso, como se não estivessem ali. No mesmo asfalto em que, à noite, circulavam as vans móveis, de dia a nova geração marcha com bandeiras e flores, cantando alegres canções.

Mas os agentes que só se dedicam a parar. Para quem o horror dos presos é desagradável e constrangedor, eles têm uma concepção muito mais ampla de sua missão. Eles têm uma ótima teoria; não sejamos ingênuos pensando que eles não têm. A 'arrestonomia' é uma parte importante do curso de 'carcelologia' e está fundamentada em uma teoria social sólida. De acordo com diferentes conceitos, as prisões são classificadas em: noite e dia, em casa, no trabalho e em viagens; pela primeira e segunda vez; separadamente e em grupo. Os restos de ar são diferenciados de acordo com o grau de surpresa necessário para realizá-los, de acordo com o grau de resistência eventual (mas, em dezenas de milhões de casos, a resistência não era esperada e não foi). As prisões diferem pela seriedade da busca; dependendo se é necessário ou não fazer uma lista do que foi confiscado, selar os quartos, deter a esposa depois do marido e colocar os filhos em um

[3]

berçário, deportar o resto da família ou mandar os velhos também para um campo de concentração.

Não acredite, as prisões são muito variadas em suas formas. A húngara Irma Mendel certa vez conseguiu dois ingressos para o "Teatro Bolshoi" no Comintern (em 1926). O juiz de instrução Kleguel a estava cortejando e ela o convidou. Eles gostaram do show com muito carinho e, no final, ele a levou... direto para a Lubyanka. E se num dia de sol de junho de 1927, na rua Kuznetski Most, a linda Ana Skripnikova, de rosto carnudo e trança loira, quando acabava de comprar um vestido de pano azul, um jovem a meteu no carro (o chofer Ele já sabia o que se passava e ficou de mau humor: estes *Órgãos* não pagam), saiba que não é um caso de amor, mas uma prisão: basta voltar-se para o Lubyanka e entrar nas garras pretas do portão. E se (vinte e duas molas depois) o capitão da fragata Boris Burkovski, aos nove, cheirando a colônia cara, comprar um bolo para a namorada, não jure que o bolo virá para a noiva e que não será quebrado pelos navios. Ajas de quem busca e que o capitão da fragata não vai levá-la para sua primeira cela. Não, em nosso país nenhum tipo de prisão foi desprezado: durante o dia, na estrada e em viveiros humanos. Mas, sim, é feito de forma limpa; O mais surpreendente é que as vítimas, de acordo com os agentes, se comportam com extrema nobreza, para que ninguém perceba o desaparecimento dos "predestinados".

Nem todos devem ser presos em casa batendo à porta de antemão (quem bate é o gerente da fazenda ou o carteiro), nem todos devem ser detidos no local de trabalho. Se o único a ser preso é malicioso, ele deve ser levado *para fora* do seu ambiente diário: de sua família, dos colegas de trabalho, de seus correligionários, de seus esconderijos: não lhe dar tempo para destruir, ocultar ou transmitir algo . Alguns altos funcionários, militares ou políticos, às vezes recebiam uma nova designação, um carro especial e, no caminho, eram presos. Mas um simples morto , intimidado pelas prisões em massa, que ficou abatido por uma semana inteira sob os olhares carrancudos de seu chefe, é repentinamente convidado para o comitê sindical, onde felizmente recebe uma vaga para um sanatório em Sochi. O coelho é tenro; então, considera-se que seu medo era infundado. Ele agradece e, jubiloso, corre para casa para fazer as malas. Duas horas antes do trem, ele repreende sua esposa desajeitada. Finalmente ele chega na estação. Você ainda tem tempo. Na sala de espera, ou no bar, um jovem muito simpático o chama: "Você se lembra de mim, Piotr Ivanich?" Piotr

Ivanich se sente constrangido: "Acho que não, embora" ... O jovem é extremamente amigável: "Cara, deixa-me lembrar" ... e cumprimenta a esposa de Piotr Ivanich com muito respeito : "Desculpe, Tenho de falar com o marido dela, é só um *minuto* »... A mulher permite e o estranho pega Piotr Ivanich, com confiança, pelo braço, para sempre ou durante dez anos.

Ao seu redor movimentam-se a massa de viajantes que, sem perceber nada , esperam na estação ... Cidadão que gosta de viajar: não se esqueça que em cada estação existe um troço da GPU e várias células.

Esses supostos conhecidos são tão pegajosos que, se um homem não foi endurecido em um campo de concentração, não pode se livrar deles. Não pense que se você é um funcionário da Embaixada Americana, e seu nome, por exemplo, é Al-r D., eles não ousarão prendê-lo em plena luz do dia na Rua Gorky, próximo ao Centro Telegráfico. Um amigo desconhecido abrirá caminho no meio da multidão para chegar até você e, estendendo as mãos: «*Sa... cha!* Ele não se esconde, mas grita: "Golfo!" Bem-aventurados os olhos que te vêem ...! Passe por este lado, para não atrapalhar. E deste lado, roçando no meio-fio, chegará um carro «Poveda» naquele preciso momento ... (Dias depois, a agência «TASS» dirá indignada que as esferas competentes nada sabem sobre o desaparecimento de Al-r D). Mas isso não acarreta nenhuma dificuldade. Nossos jovens presos até em Bruxelas (foi assim que pegaram Zhora Blednov), que é mais difícil do que em Moscou.

Vamos dar o devido valor aos *Órgãos* : neste século, em que discursos, peças de teatro e modas femininas parecem fabricados em cadeia, as prisões são variadas. Ao entrar na fábrica depois de mostrar o passe, eles te separam e te levam; com 39 graus de febre eles podem tirar você de um hospital militar (Hans Bernstein) e o médico não se opõe (e que não lhe passe pela cabeça!); eles levantam você da mesa de operação, depois de operar uma úlcera de estômago (NM Vorobiov, inspetor regional de escolas, 1936) e entre a vida e a morte , sangrando, eles o transferem para a cela (lembre-se de Karpunich); Você pede (Nadia Levitskaya) para visitar sua mãe presa, e consegue, mas acontece que foi um confronto e eles prendem você. Em uma mercearia, você é convidado ao departamento de pedidos e aí é preso; Você é parado por um sem-teto que, pelo amor de Deus, você cedeu uma cama em sua casa; O eletricista te prende, que vem pegar os dados do medidor; Você é parado por um ciclista que atropelou você na rua, um maquinista, um taxista, um funcionário da Caixa Econômica e um

gerente de cinema ... todos te param e, quando é tarde demais, você vê o cartão de macarrão vermelho que carregavam bem escondido.

Às vezes as prisões são realizadas com tanto luxo de inventividade, com tanto uso excessivo de energia, que a prisão parece um jogo, porque a vítima não teria oferecido resistência de qualquer maneira. Não é porque, assim, os agentes querem justificar seu trabalho e sua abundância? Provavelmente seria o suficiente para enviar uma convocação a todos os "coelhos" designados e eles próprios, na hora e minuto indicados, iriam com sua mochila aos portões de ferro preto da Segurança do Estado para ocupar o pedaço de terreno na masmorra que tinham para eles. indicar. (Os kolkhozianos são detidos assim; seria bom se eles tivessem que ser apanhados em sua casa, à noite e através dos campos. Eles o convocam para o soviete rural e o agarram lá. Eles chamam o peão para o escritório).

Claro, cada máquina tem sua capacidade, mais do que não pode engolir. Nos abundantes anos 1945-1946, quando chegavam da Europa comboios que tinham de ser engolidos e enviados ao GULAG, o jogo já não era tão excessivo, a teoria em si era bastante turva, as penas rituais se desprendiam e a prisão em dezenas de milhares, parecia mais uma lista de chamada mesquinha: eles vinham com listas, chamavam pessoas em um trem, colocavam em outro, e era nisso que consistia a prisão.

Em nosso país, as prisões políticas de várias décadas tiveram a peculiaridade de os presos serem inocentes despreparados para resistir. Uma atmosfera geral de desgraça irreparável foi criada, a ideia de que (com nosso sistema de passaportes, justo por sinal) era impossível escapar do GPU-NKVD. E mesmo em meio a uma epidemia de prisões, quando as pessoas ao sair para o trabalho todos os dias se despediam de parentes porque não sabiam se voltariam à noite, dificilmente escaparam (casos de suicídio eram muito raros). Era o que era necessário. O lobo se aproveita do homem das ovelhas .

Isso também ocorreu porque as pessoas desconheciam o mecanismo por trás da epidemia de prisão. Os *Órgãos* raramente tinham razões fortes para preferir prender alguém em particular; o que importava para eles era atingir os números estabelecidos . Esses números poderiam ser alcançados por meio de um processo lógico, mas também por acaso. Em 1937, no NKVD em Novocherkassk, uma mulher apareceu para perguntar o que fazer com um bebê faminto, cuja mãe, ao ser presa, havia deixado para trás. "Espere", disseram a ele; agora vamos esclarecê-lo ». Esperou cerca de duas

horas e, da recepção, foi levada para a cela: um número tinha de ser alcançado rapidamente e não havia agentes disponíveis para enviar para a cidade, enquanto a mulher já estava lá. Pelo contrário, o letão Andrei Pavel de Orsha foi detido pelo NKVD; Pavel não abriu a porta para eles, ele pulou pela janela e foi direto para a Sibéria. Aí viveu com o seu nome e com os documentos que diziam que era de Orsha, mas NUNCA foi preso, nem convocado pelos *Órgãos*, nem sujeito a suspeitas. Existem três tipos de busca: em nível nacional, em nível republicano e em nível regional, e uma boa metade dos presos por essas epidemias não teria sido pesquisada fora de sua região. Alguém prestes a ser preso por circunstâncias acidentais, como uma reclamação de um vizinho, pode muito bem ser substituído por outro vizinho. Aqueles que, como A. Pavel, caíram por acaso em uma incursão, ou foram revistados em sua casa e você teve coragem de escapar naquelas primeiras horas, antes do primeiro interrogatório, nunca mais foram revistados ou chamados a julgamento, mas aqueles que ficaram aguardando justiça, eles foram condenados. E quase todos eles, a grande maioria, se comportavam como covardes, desamparados, desorientados.

Também é verdade que o NKVD, se não encontrasse a pessoa que procurava, obrigaria seus familiares a não deixarem a cidade; embora não tenha sido difícil para eles consertar os papéis e levar os outros para substituir o que escapou.

A ausência de culpa geral determina a inação geral. *Talvez eles não me pegem. R Talvez eu tenha salvo.* AI Ladyzhenski era professora em uma escola na remota Kologriv. Em 1937, um camponês o abordou no mercado e disse, em nome de alguém: "Alexandr Ivanich, vá embora; você está *nas listas*. Mas ficou: «Sou eu que fico com a escola inteira e ensino os seus filhos; Como eles vão me impedir ...? » (Dias depois, eles o prenderam). Nem todos são como Vania Levitsk i, que aos quatorze anos já compreendia: "Todo homem honesto tem que ir para a cadeia. Agora meu pai está na prisão e quando eu crescer, eles vão me prender também. (Na verdade, ela foi presa aos vinte e três anos.) A maioria se agacha numa esperança ingênua . Eu sou inocente, por que eles vão me prender? É UM ERRO! Eles te pegam pelo pescoço e você ainda diz para si mesmo: "É um erro! *Eles vão descobrir e me deixar ir!* " Quando encarceraram perto de você, também é um absurdo, mas em cada um desses casos nem tudo é muito claro: "Quem sabe se isso é ...?" Mas você, você é inocente, com

certeza. Você ainda acredita que os *Órgãos* têm uma lógica humana: eles vão descobrir e me deixar ir.

Então, que necessidade você tem para escapar ...? Então, a que você vai resistir ...? Você só vai piorar a sua situação, dificultar o esclarecimento do erro. E nada a resistir: você desce a escada na ponta dos pés, conforme a ordem, para que os vizinhos não o ouçam. ^[4]

E também, resistir ao quê? ¿ Despojar-te do teu cinto? À ordem de recuar para aquele canto ou de cruzar a soleira? A prisão é feita de circunlóquios minuciosos, de incontáveis minúcias, cada uma das quais, por si só, não parece digna de discussão (quando a mente do detido paira em torno da grande questão de "Por quê!?"), e todas essas circunlocuções são o que, no final, constituem a prisão.

O detido recentemente tem tantas coisas na alma que um livro valeria a pena. Sentimentos dos quais nem mesmo suspeitamos se refugiam nela . Quando Eugenia Doyarenko, de dezenove anos, foi presa em 1921 e três jovens chekistas vasculhavam sua cama e a cômoda, ela estava calma: não tinha nada e eles não encontrariam nada. Mas de repente tocaram seu diário particular, que ela não podia ensinar nem mesmo à mãe, e a leitura de suas páginas por aqueles meninos estranhos e hostis a impressionou mais do que toda a Lubyanka com seus bares e porões. Para muitas pessoas, esses sentimentos e ligações pessoais, somados à prisão, podem ser muito mais fortes do que o medo da prisão ou razões políticas. Quem não está preparado internamente para a violência é sempre mais fraco do que quem pratica a violência. Poucas pessoas inteligentes e corajosas fazem cálculos instantaneamente. Grigoriev, diretor do Instituto Geológico da Academia de Ciências, quando vieram prendê-lo em 1948, ele se escondeu e queimou papéis por duas horas.

Às vezes, o sentimento predominante na detida é de alívio e até de... ALE GRÍA; Mas isso acontecia apenas em epidemias de prisões: em torno de você levavam gente como você, e não vinham atrás de você, eram lentos, e o cansaço, o sofrimento, era pior do que a prisão, e não só nos pobres de espírito. Vasily Vlasov, um comunista com medo de que nos lembraremos em outras ocasiões, recusou-se a fugir, propondo seus assistentes não comunistas, e sentiu-se desmaiado porque toda a administração distrital fora presa Kady (1937) e eles não estavam indo para ele, eles não estavam indo! Ele foi um dos que deu porrada no peito: recebeu o golpe e, nos dias que se seguiram à prisão, sentiu-se maravilhoso. Em 1934, o reverendo padre

Iraklii foi a Alma-Ata para visitar alguns fiéis e Livross; enquanto isso, em sua casa em Moscou, ele apareceu três vezes para prendê-lo. Quando voltou, os paroquianos o esperavam na estação e não o deixaram ir para casa. Eles o esconderam por oito anos, mudando-o de uma casa para outra. Esta vida de perseguições o exauriu tanto que em 1942, quando finalmente foi preso, o padre cantou uma canção de alegria a Deus.

Neste capítulo, falamos apenas da missa, dos coelhos, dos presos sem saber por quê. Mas, ao longo do livro, falaremos sobre aqueles que também continuaram a ser verdadeiros *políticos* na nova era . Vera Rybakova, uma rato estudante social-democrata , quando estava em liberdade *sonhou* com a prisão de Suzdal, na qual esperava encontrar seus colegas mais velhos (não havia mais nenhum na rua) para treinar ideologicamente lá. Em 1924, o social-revolucionário Ekaterina Olitskaya é considerado *indigno* de prisão: a prisão foram os melhores homens da Rússia; ela ainda era jovem e não tinha feito nada pela Rússia. Mas a *rua* já a *estava* expulsando. E assim, os dois foram para a cadeia, orgulhosos e felizes.

« Resistência! O que aconteceu com a sua resistência? », Aqueles que escaparam da prisão agora estão repreendendo as vítimas.

Sim, a resistência deve ter começado aqui, no momento da prisão.

E não começou.

Então, eles *levam* você embora. Na prisão diurna há sempre aquele breve momento irrepetível em que, imprecisamente, segundo um acordo covarde, ou totalmente exposto, com as pistolas em punho, se é *levado* entre centenas de pessoas tão inocentes e condenadas como uma só. . E ninguém cobre nossas bocas, e você pode, você deve GRITAR! Grite que eles te prenderam, que criminosos disfarçados estão caçando gente, que estão prendendo por falsas acusações, que está acontecendo uma matança silenciosa de milhões de seres! E nossos cidadãos não ficariam indignados se tivessem ouvido tais gritos muitas vezes ao dia e em todas as partes da cidade? As prisões teriam sido tão fáceis !?

Em 1927, quando a submissão ainda não havia amolecido nossos cérebros a tal ponto, na praça Ser pujovskaya, em plena luz do dia, duas damas tentaram prender uma mulher. Ela abraçou um poste de luz, gritou e ofereceu resistência. A multidão se juntou. (Claro, uma mulher assim era necessária, mas também uma multidão assim. Nem todos os transeuntes olharam para baixo , nem todos esvaziaram o pacote). Aqueles jovens apressados foram isolados. Eles não podiam *trabalhar* à luz do dia. Eles

entraram em um carro e fugiram. A melhor coisa que essa mulher poderia ter feito seria ir imediatamente para a delegacia e sair . Mas ele foi para casa dormir. E à noite eles a levaram para o Lubyanka. ^[E]

Mas nenhum som escapa de *nossos* lábios ressecados, e a multidão que passa casualmente leva a nós e nossos algozes por alguns amigos que estão caminhando.

Eu mesmo tive muitas ocasiões para *gritar*.

Dez dias depois da minha prisão, três parasitas da SMERSH, mais sobrecarregados com as quatro malas-troféu do que comigo - em mim, depois de uma longa viagem, já tinham confiança - me levaram para a estação Belorusskaya em Moscou. . Eram chamados de *escolta especial* e, na realidade, as submetralhadoras os incomodavam mais do que qualquer outra coisa, pois os impediam de carregar bem as quatro pesadas malas: as riquezas roubadas na Alemanha por eles e por seus chefes de contra-espionagem SMERSH, da Segunda Frente Bielo-russa e que agora, sob o pretexto de me acompanhar, eles os levavam para suas famílias, para sua pátria. Carreguei, sem nenhum prazer, a quinta mala, na qual estavam meus Diários e minhas criações, as provas contra mim.

Nenhum dos três conhecia o caminho, então tive que escolher o caminho mais curto para a minha prisão, eu mesmo tive que conduzi-los até Lubyanka, onde nunca tinha estado (e que confundi com o Itamaraty).

Depois de um dia na Seção de Contra-espionagem do Exército e três dias na Contra-espionagem da Frente - onde meus companheiros já me instruíram sobre as armadilhas, ameaças e espancamentos que os juízes de instrução deram, e também me disseram que , uma vez que você é preso, eles nunca o deixam ir, e por uma dúzia de anos ninguém o tirou de você—, eu consegui escapar por um milagre, e eu tinha sido um *homem livre* entre os *livres* por quatro dias , embora meus lados já estivessem juntos na palha podre para o barril onde a matéria fecal foi depositada, e meus olhos já tinham visto seres espancados e insones, e meus ouvidos ouviram a verdade, e minha boca provou o rancho da prisão ... Então por que fiquei calado? , em minha última chance de falar, não iluminei a multidão iludida?

Fiquei calado na cidade polonesa de Brodnitsy, embora eles provavelmente não entendessem russo lá. Não gritei uma única palavra nas ruas de Bialystok, mas talvez os poloneses não se importassem. Eu também não disse nada na estação de Volkovysk, embora houvesse poucas pessoas lá. Como se nada tivesse acontecido, ele estava marchando com aqueles

bandidos na plataforma de Minsk, mas a estação ainda estava em ruínas. E agora eu estava levando os homens da SMERSH comigo para a cúpula branca e redonda do saguão superior da estação de metrô Radial de Belorusskaya, inundada por luz artificial; De baixo para cima, uma multidão de moscovitas parecia vir ao nosso encontro - em duas escadas rolantes paralelas à nossa. Eles pareciam estar olhando para mim! Numa fita sem fim saíram dali, do fundo da ignorância para a cúpula radiante, para mim, em busca de uma palavra de verdade; Então por que ele estava calado ... ??!

Cada um sempre tem uma dúzia de bons motivos para mostrar que não deve se sacrificar.

Alguns ainda confiam em um final feliz e temem que, se gritarem, comprometerão seu destino (as notícias do outro mundo não chegam até nós; por isso não sabemos que desde o primeiro momento da prisão, nosso destino quase reservou o pior para nós, e piorar é impossível). Outros até amadureceram com os conceitos expressos em um grito para a multidão. Só os revolucionários têm os slogans na boca, tanto que lutam para sair; Mas de onde podem os dóceis pequenos burgueses tirá-los, não envolvidos em nada? ele simplesmente não sabe o que gritar. Por fim, existem outros tipos de pessoas cujo peito já está muito cheio, cujos olhos viram muitas coisas para poder exaurir em alguns gritos incongruentes toda a gravata que usam.

Também fico calado por outro motivo: porque esses moscovitas que sobem elevados pelas duas escadas rolantes são poucos para mim, *poucos*. Aqui, apenas duzentas ou trezentas pessoas ouviriam meu grito; mas e os duzentos milhões de meus compatriotas ...? Tenho a vaga sensação de que um dia poderei gritar com aqueles duzentos milhões reunidos ...

Mas, por enquanto, não abro a boca, e a escada me arrasta, irresistivelmente, para o inferno.

E também ficarei em silêncio no Ojotny Riad.

Nem gritarei com o "Hotel Metropol".

Não agitarei meus braços sobre o Gólgota na praça Lubyanka.

Minha prisão foi provavelmente o tipo mais gentil que se possa imaginar. Não me arrancaram dos braços de familiares, nem de nossa vida doméstica, tão querida para nós. Num dia lânguido de fevereiro europeu, fui arrancado de um estreito promontório que se projeta para o mar Báltico; onde

tínhamos cercado os alemães ou os alemães nós - não sei exatamente - o que me privou do conhecido grupo de artilharia e do espetáculo dos últimos três meses de guerra.

O chefe da brigada me chamou no Posto de Comando e, sem saber por quê, pediu minha pistola; Entreguei a ele, sem suspeitar de nada, e, de repente, do grupo de policiais que, em uma tensa imobilidade, se encontravam em um canto, dois policiais da contra-espionagem avançaram, em alguns pulos eles cruzaram a sala, eles arrancaram a estrela de mim. o boné, as listras, o cinto, a sacola de campanha ... e gritaram com voz dramática:

"Você está preso !!"

Sado aberto e com piercing da cabeça aos pés, não consegui pensar em uma frase mais legal do que:

-Eu? Por quê...?!

É uma pergunta sem resposta, mas eu, surpreendentemente, a recebi. Devo mencionar, porque era algo estranho em nossos costumes. Quando os homens da SMERSH acabaram de me revistar, junto com a bolsa, eles tiraram minhas reflexões políticas escritas. Atormentados pelo tremor das janelas produzidas pelas explosões alemãs, eles me empurraram apressadamente em direção à saída. De repente, uma voz firme falou comigo, sim! Por aquele talho abafado que me separava dos que restaram, o talho que a palavra "preso" produzia, ao cair pesadamente, neste limite pestilento, que já não ultrapassaria nem mesmo o som, as palavras mágicas inconcebíveis do chefe da Brigada.

"Soljenitsyn, vire-se."

Com um movimento brusco me livre da SMERSH e dei um passo para trás, em direção ao chefe da Brigada. Eu mal o conhecia. Ele nunca condescendeu em falar comigo. Para mim, a expressão em seu rosto sempre foi uma ordem, uma disposição, uma reprovação. Mas agora seu rosto brilhava com o reflexo, não sei se era a vergonha de sua participação forçada em um caso sujo, ou o desejo de se livrar da deplorável subordinação de toda a sua vida. Dez dias atrás , um de seus grupos de artilharia havia caído em um saco: doze peças pesadas; Consegui resgatar minha bateria de varredura quase cheia. Agora, esse homem teve que me entregar por um pedaço de papel selado?

"Você ..." ele perguntou com firmeza, "você tem um amigo na Primeira Frente Ucraniana?"

"Isso não é permitido ... Você não tem direito!" O capitão e o comandante da contra-informação gritaram com o coronel.

No canto, a procissão de oficiais do quartel amontoava-se de medo, como se temessem ser cúmplices do delírio inusitado do chefe da Brigada (os da Seção Política já se preparavam para fornecer *material* contra ele). Para mim foi o suficiente: compreendi imediatamente que havia sido preso por me corresponder com um amigo da escola e entendi de que lado deveria esperar o perigo.

Zajar Georgievich Travkin não pôde dizer mais nada. Mas não! Ele continuou se dignando e se levantando diante de si, se levantou da mesa (nunca havia se levantado para me encontrar antes) e além do limite pestilento estendeu a mão (quando eu estava livre ele nunca a estendeu para mim) e quando a sacudiu no meio do horror silencioso da comitiva, com um pouco de calor no rosto sempre severo, disse sem medo e com clareza:

"Boa sorte, capitão!"

Não só deixei de ser capitão, mas já me tornei um inimigo desmascarado do povo (porque aqui todos os detidos estão completamente desmascarados desde o momento da prisão). Ele desejou sorte a um inimigo ...?

Os cristais tremiam. As explosões alemãs atingiram a terra a uns duzentos metros dali, lembrando que *isso* não poderia ter acontecido em nosso território, sob o sino de uma existência estabelecida, mas apenas aqui, sentindo o sopro da morte próximo, que está com todos mesmo. ^[5]

Neste livro, não me refiro às minhas memórias. É por isso que não vou contar detalhes muito interessantes de minha prisão, que foi única. Naquela noite, o SMERSH estava desesperado porque não entendia o mapa (nunca o haviam entendido) e educadamente me deu, implorando que dissesse ao motorista como chegar à Seção de Contra-espionagem do Exército. Levei a mim e a eles para a cadeia e, como recompensa, fui imediatamente colocado não em uma cela comum, mas como punição. Mas aquela despensa em uma fazenda alemã, que servia como uma cela de punição temporária, não esquecerei.

Em comprimento teria a altura de um homem, larga o suficiente para caber três indivíduos não muito grossos e o quarto com esforço. Eu fui precisamente o quarto; Eles me amontoaram lá depois da meia-noite, os três detidos franziram os rostos sonolentos à luz de uma borboleta e abriram espaço para mim. Na palha retalhada do chão já havia oito botas indo para a

porta e quatro capas. Eles dormiram; Eu estava queimando. Na mesma medida em que fui um capitão presunçoso, dói ver-me amontoado no fundo daquele tabuco. Em algumas ocasiões, os rapazes acordaram com o lado dormente e todos voltamos juntos.

De manhã, já sem sono, eles bocejaram, pigarreou, dobraram as pernas, cada um encolhido em seu canto, e as apresentações começaram :

-E você porque?

Mas eu já havia sentido a brisa incerta da desconfiança sob o teto venenoso da SMERSH, e mostrei sincero espanto:

-Não tenho nem ideia. Os bastardos te contaram?

No entanto, meus companheiros de cela, petroleiros com capacetes pretos fofos, não o esconderam. Eles eram três corações honestos de soldados, sem maldade - o tipo de homem de quem eu gostava muito nos anos de guerra, apesar de ser mais tortuoso e pior do que eles. Todos os três eram oficiais. As listras também haviam sido arrancadas de raiva, em alguns lugares o fiapo permaneceu. As manchas claras nas túnicas sujas eram vestígios das decorações removidas, as cicatrizes vermelho-escuras nos rostos e nas mãos que lembravam feridas e queimaduras. Infelizmente para eles, seu grupo de tanques ficou para reparos na cidade onde o serviço de contra-espionagem do 48º Exército, SMERSH, acampou. Ontem, para se vingar da briga de anteontem, beberam e nos arredores da cidade entraram em um banheiro, no qual viram entrar duas meninas com tesão. As meninas, meio vestidas, conseguiram escapar dos pés ágeis dos petroleiros. Mas descobriu-se que um deles não pertencia a qualquer um, mas ao próprio chefe da contra-espionagem do Exército.

Sim, a guerra já durava três semanas em território alemão e todos sabíamos bem que, se fossem moças alemãs, poderiam ter sido estupradas e baleadas, o que quase teria seu mérito de guerra; para poloneses ou russos nossos deslocados, pelo menos poderiam ter perseguido os nus no jardim, batendo neles nas nádegas; a coisa não teria acontecido de regozijo. Mas ela era a "esposa de campanha" do chefe da contra-espionagem. De três oficiais veteranos, um sargento de retaguarda rasgou imediatamente e com ódio as faixas atribuídas por ordem da Frente, tirou as condecorações atribuídas pelo Presidium do Soviete Supremo; agora, para esses soldados, que lutaram durante a guerra e provavelmente destruíram muitas trincheiras inimigas, um tribunal de guerra os aguardava, que, se não fosse por seu tanque, não teria chegado a esta cidade de forma alguma.

Extinguimos a borboleta, que consumiu o pouco que havia para respirar. A porta tinha um *olho mágico do* tamanho de um cartão postal, através do qual a luz indireta vinha do corredor. Como se tivessem medo de que de dia nos sentíssemos largos demais, colocaram-nos no quinto. Entrou com uma capa de soldado novinha em folha , com um chapéu novo também, e quando se aproximou do olho mágico mostrou-nos seu rosto liso e fresco, com rosetas nas bochechas.

"De onde você vem, irmão?" Quem é?

"Eu venho do *outro* lado", respondeu ele sem hesitação. Eu sou um espião

"Vamos, pare de brincar comigo!" Estamos surpresos, sim . (Para um espião confessar que era ...! Sheinin e os irmãos Tur nunca escreveram isso!)

"Quem está brincando durante a guerra?" O menino perguntou razoavelmente com um suspiro. Vejamos, como um prisioneiro consegue voltar para casa? O que você está dizendo?

Ele começou a contar que vinte e quatro horas atrás os alemães o enviaram através das linhas de frente para espionar e explodir pontes, mas ele imediatamente foi ao batalhão mais próximo para se render, e o líder do batalhão, exausto, insone, não acreditou e mandou-o para a enfermaria para tomar uns comprimidos. De repente, novas impressões irromperam em nossa masmorra:

"Para se aliviar!" Mãos para trás! Exclamou a brigada pela porta aberta; Era um jovem capaz de girar sozinho a carruagem de um canhão 122.

Soldados com metralhadoras estavam posicionados em todo o pátio da fazenda, guardando o caminho que levava ao outro lado de uma cabana. Fiquei frenético que uma brigada ignorante ousasse ordenar a nós, que éramos oficiais: "mãos para trás". Mas os petroleiros colocaram as mãos para trás e eu os segui.

Atrás do galpão havia um pequeno redil quadrado de ovelhas, cheio de neve e toneladas de excrementos humanos, tão juntos que não era fácil encontrar onde colocar os pés e se agachar. Por fim, nos orientamos e em diferentes lugares agachamos os cinco. Dois soldados carrancudos, curvados para a frente, apontaram suas metralhadoras para nós, e mal se passou um minuto quando a brigada estava nos conduzindo com uma voz estridente:

—Vamos, se apresse, onde precisamos rápido.

Não muito longe de mim estava um petroleiro de Rostov, um tenente alto e moreno. Seu rosto estava enegrecido por uma camada de poeira ou fumaça, embora a longa cicatriz vermelha em seu rosto fosse claramente visível.

"De onde é isso , *de onde está?*" Ele perguntou baixinho, sem mostrar pressa em voltar para a masmorra, que cheirava a querosene.

"Na contra-espionagem SMERSH!" A brigada o interrompeu com orgulho e com uma voz um pouco mais alta do que o necessário. (Os agentes da contra-inteligência adoravam essa palavra vagamente composta *smert shpionam!* "Morte aos espiões". Eles a acharam aterrorizante).

"Bem, onde fazemos, é lento", respondeu o tenente como se estivesse pensando nisso. Seu capacete tinha sido empurrado para trás, mostrando seu cabelo com a barba por fazer. Uma brisa agradável esfriou seu traseiro endurecido de veterano.

"Onde, onde você?" O esquadrão perguntou em uma voz que estava mais alta do que deveria.

"No Exército Vermelho", respondeu o tenente calmamente, olhando para o artilheiro malfadado de sua posição agachada.

Estas foram as primeiras baforadas de prisão que já respirei.

II

A história do nosso esgoto

Agora, quando todos protestam contra os *abusos do culto à personalidade*, eles repetem os anos de 1937 e 1938 com pancadas. E é dito como se ninguém tivesse sido preso ANTES ou DEPOIS, mas apenas nos anos 1937-1938. Embora eu não tenha nenhuma estatística em mãos, não acho que estou errado em afirmar que a *enchente* de 37-38 não foi a única ou a principal, embora talvez uma das três enchentes mais importantes que entupiram os canos fedorentos e escuros de nosso esgoto da prisão.

ANTES foi a enchente dos anos 29-30, um bom rio Obi, que levou milhões de camponeses para a terra e para a taiga. Mas os camponeses, taciturnos, analfabetos, não deixaram reivindicações escritas ou memórias. Os juízes de instrução não passaram noites em claro com eles, não fizeram declarações sobre eles, bastava a provisão do soviete rural. A inundação derramou, o gelo perpétuo a encharcou. E os cérebros mais quentes mal se lembram dela. Como se não tivesse ferido a consciência russa em nada. E, no entanto, Stalin (e você e eu também) não cometeu um crime maior do que esse.

E ENTÃO houve a enchente de 44-46, um bom Yenisei: os canos de esgoto arrastaram *nações* inteiras e milhões e milhões de prisioneiros (por nossa causa!) Que foram levados para a Alemanha e voltaram depois. Foi Stalin quem cauterizou as feridas para transformá-las em escara e não dar ao corpo do povo tempo para descansar, respirar, se recuperar. Mas esse dilúvio foi de gente simples, de quem não escrevem lembranças.

A enchente de 1937 também apreendeu e levou para o Arquipélago muita gente importante, gente com história na festa, gente com estudos, além deles havia muitos feridos nas cidades e muitos literatos, e todos juntos agora escrevem, falam, lembram: o ano trinta e sete !! Todo um Volga de dor popular.

Mas se você falar com o tártaro da Criméia, o Kalmyk ou o tchetcheno por volta de "trinta e sete", eles darão de ombros. E quanto é trinta e sete para Leningrado, se trinta e cinco já se passaram antes? E os que *repetiram*, e os do Báltico, não tiveram pior época em 48 e 49? Que os campeões do estilo e da geografia não me censurem por esquecer outros rios da Rússia; Ainda me faltam inundações para citar, dê-me páginas: com as inundações virão todas as outras.

Já se sabe que o *órgão* sem exercício se atrofia.

Assim, se sabemos que os *órgãos* (eles próprios optaram por se autodenominar esta palavra mesquinha), cantados e elogiados acima de todos os seres vivos, longe de perderem um único tentáculo, aumentaram e fortaleceram os músculos, é fácil intuir que se exercitavam constantemente.

Nas tubulações havia pulsações, a pressão ora era maior do que a projetada, ora mais baixa, mas os dutos da prisão nunca ficavam vazios. Os jatos de sangue, suor e urina que nosso corpo produzia constantemente corriam por eles. A história desse sistema de esgoto consiste em uma constante deglutição e escoamento, embora as enchentes fossem seguidas de vazantes e enchentes, alguns riachos maiores se formavam, outros menores, e de todos os lados vinham pagar riachos, riachos, riachos de água. as calhas e, simplesmente, as gotas isoladas.

A enumeração cronológica que se segue, na qual também estão listadas as enchentes compostas por milhões de presos e riachos de dezenas simples e imperceptíveis, está longe de ser completa, é pobre, limitada pela minha capacidade de penetrar no passado. Muitos acréscimos são exigidos daqueles que o conheceram e foram capazes de sobreviver.

Nessa enumeração, o mais difícil é COMEÇAR. Porque quanto mais avançamos nas décadas, menos testemunhas encontramos, as histórias desbotadas e nubladas e não há crônicas, ou estão trancadas a sete chaves. E porque não é inteiramente justo examinar aqui, na mesma linha, os anos de máxima crueldade (a guerra civil) e os primeiros anos de paz, quando a misericórdia poderia ser esperada.

Mas mesmo antes da guerra civil, viu-se que a Rússia, com sua composição etnográfica, tal como era, não era adequada para qualquer tipo de socialismo; ela estava toda empalhada. Um dos primeiros golpes da ditadura foi contra os cadetes ^[g] (sob o czar foram a praga extrema da

revolução ; sob o poder do proletariado, a praga extrema da reação). No final de novembro de 1917, na primeira convocação fracassada da Assembleia Constituinte, o partido dos cadetes foi eliminado da lei e começaram as prisões de seus membros. Naquela época, as prisões eram feitas na "Liga da Assembléia Constituinte", e dentro do sistema de "universidades de soldados".

Pelo sentido e espírito da revolução, é fácil adivinhar que, naqueles meses, o Kresty, Buty rki e muitas outras prisões provinciais estavam cheias de detentores de grandes fortunas, figuras sociais proeminentes, generais e funcionários, bem como funcionários públicos. Ministérios e aparelhos do Estado em geral, que não cumpriram as disposições do novo regime. Uma das primeiras operações da Cheka foi a prisão do Comitê de Greve do Sindicato dos Funcionários Públicos Russos. Um dos primeiros turnos do NKVD, distribuído em dezembro de 1917, diz: "Em vista da sabotagem dos funcionários ... tómens e ao máximo as próprias iniciativas *in situ* sem sacrificar os confiscos, coerção e prisões."^[6]

VI Lenin, no final de 1917, a fim de implantar "uma ordem revolucionária rigorosa" exigia "esmagar impiedosamente as erupções de anarquia entre bêbados, bandidos, contra-revolucionários e outros indivíduos".^[7] Em outras palavras, ele esperava que o maior perigo para a Revolução de Outubro fossem os bêbados, enquanto as contra-revoluções arianas estavam em terceiro lugar. Embora ele tenha feito uma abordagem mais ampla do problema. No artigo "Como organizar a emulação" (7 a 10 de janeiro de 1918), VI Lenin proclamou um único objetivo geral "*para limpar as terras russas de todas as criaturas nocivas*".^[8] Sob o nome de *insetos ele* incluiu não apenas todos aqueles pertencentes a classes externas, mas também "trabalhadores que evitam o trabalho", como os compositores nas impressoras do partido em Petrogrado. (Este é o efeito do afastamento no tempo. Agora temos até dificuldade em entender como os trabalhadores, transformados em *ditadores*, relutam imediatamente em trabalhar por conta própria). Outra coisa: "... em que bairro de uma grande cidade, em que fábrica, em que aldeia ... há ... saboteadores que se dizem intelectuais?"^[9] É verdade que neste artigo, para se livrar dos insetos, Lenin vislumbrou uma grande variedade de formas: ora detendo-os, ora colocando-os para limpar banheiros, ora, " cumprindo pena na prisão, dando-lhes uma multa

amarela", ^[b] em outros, *atire no vagabundo*; ou escolher entre a prisão e "a sentença ao trabalho forçado mais pesado". ^[10] Embora tenha estudado e sugerido as diretrizes fundamentais da punição, Vladimir Ilyich propôs fazer da busca pelas melhores formas de limpeza um objeto de emulação das "comunas".

Nós já não investigar minuciosamente que entrou no conceito de *erro*: a população russa era muito multiforme e ela teve pequenos grupos isolados totalmente inútil e agora esquecido. Eles eram insetos, é claro, os funcionários da administração local. Os membros da cooperativa eram insetos. Todos os proprietários. Não havia poucos bugs entre os professores da escola. Os insetos consumados eram aqueles que lotavam os conselhos paroquiais, os insetos cantavam nos coros da igreja. Todos os padres eram insetos e muito mais todos os monges e monges. Os tolstoianos, que, ao entrarem na administração soviética ou nas ferrovias, por exemplo, não se comprometeram por escrito a defender o poder soviético com *armas* nas mãos, também se revelaram como vermes (e ainda veremos alguns julgamentos contra eles). As ferrovias vêm à mente: muitos insetos se camuflaram com o uniforme da ferrovia e alguns tiveram que ser *puxados para cima* e outros *dispensados*. Os telegrafistas, inexplicavelmente, eram quase inteiramente insetos francos, antipáticos aos soviéticos. Nem se pode falar bem de VIKZHEL ^[i] e outros sindicatos, muitas vezes abarrotados de vermes inimigos da classe trabalhadora.

Apenas esses grupos listados, acrescentaram um grande número, por vários anos de limpeza.

E quantos intelectuais malditos, estudantes inquietos, excêntricos de todos os matizes, buscadores da verdade e malucos dos quais Peter I já queria limpar a Rússia e que são sempre chatos para um regime harmonioso e severo?

Essa limpeza sanitária, principalmente em situação de guerra, teria sido impossível se as formas procedimentais e as normas legais desatualizadas tivessem sido observadas. Eles adotaram uma forma totalmente nova: a *repressão extrajudicial*, e com esse trabalho ingrato a Cheka, a Sentinela da Revolução, o único órgão repressor da história que concentrava em uma só mão a busca, a prisão, a instrução do sumário, Ministério Público e controle do cumprimento da *sentença*.

Em 1918, para promover o triunfo cultural da revolução, eles começaram a destruir e remexer as relíquias dos santos e a requisitar os vasos sagrados. As insurreições populares eclodiram em defesa das igrejas e mosteiros destruídos. Aqui e ali os sinos tocaram e os ortodoxos vieram, às vezes com estacas. Naturalmente, alguns tiveram que ser *despachados* no *local* e outros presos.

Agora, quando pensamos sobre os anos 1918-20, nos encontramos em uma situação difícil: considere os membros das enchentes da prisão para todos aqueles que *deram uma caminhada* antes de chegarem à prisão? E em qual caixa registrar aqueles que foram *despertados* no pátio do Soviete rural ou nos arredores da cidade pelos comitês de camponeses pobres? Os participantes das parcelas descobertas em grupos tiveram tempo de desembarcar no Arquipélago, tendo cada província a sua (duas em Ryazan, Kostroma, Vyshni Volochok, Velizh, várias em Kiev, várias em Moscou, Saratov? , de Chernigov, de Tambov, de Astraján, de Seliguer, Smolensko, Bobruisk, da Cavalaria Tambov, em Chembary, Velikie Luki, Mstislavl e outros), ou não tiveram tempo e, nesse caso, não entraram no assunto do nosso estudo? Além do esmagamento de insurreições famosas (Yaroslavl , Murom, Rybinsk, Arzamas), sabemos apenas o nome de alguns eventos; por exemplo, o tiroteio de Kolpino em junho de 1918. O que foi? A quem...? Onde registrar?

Também é difícil determinar se as dezenas de milhares de *reféns*, cidadãos pacíficos que não foram pessoalmente acusados de nada, nem mesmo anotados a lápis em qualquer lugar, deveriam ser incluídos aqui, entre as enchentes de prisioneiros ou no relato da guerra civil , Mas eles receberam a carona para intimidar ou se vingar do inimigo na guerra ou das massas insurgentes. Depois de 30/08/1918, o NKVD deu instruções às províncias para "prender imediatamente *todos os SRs*" da direita e tomar um *número considerável de reféns* da burguesia e dos oficiais. ^[11] (Algo como, se após o ataque realizado pelo grupo de Alexandr Ulianov ^{[k]_eles} teriam prendido *todos os estudantes* na Rússia e *um número considerável de autoridades locais*). Uma disposição do Conselho de Defesa de II15-1918 (provavelmente presidido por Lenin) propôs à Cheka e ao NKVD tomar como reféns os *camponeses* daqueles lugares onde eles tiraram a neve das ferrovias "não muito satisfatoriamente", para que "se a remoção da neve

não for realizada, eles são fuzilados".^[12] Por ordem do Conselho dos Comissários do Povo, publicada no final de 1920, os sociais-democratas foram autorizados a serem feitos reféns.

Mas se nos limitarmos apenas às prisões atuais, notaremos que já desde a primavera de 1918, e por muitos anos, uma inundação incessante de socialistas traidores fluiu. Todos esses partidos: SR, menchevique, anarquista, socialista popular, por décadas não fizeram nada mais do que fingir ser revolucionários, quando na verdade usavam uma máscara e também iam para a prisão por isso, para enganar. E somente com o impetuoso avanço da revolução o núcleo burguês desses traidores sociais foi imediatamente descoberto. Foi totalmente natural para eles começarem a prendê-los! Pouco depois de prender os cadetes, dispersar a Assembleia Constituinte, desarmar o regimento Preobrajensky e outros, começaram a apreender aos poucos, com muito tato no início, os SRs e os mencheviques. A partir de 14 de junho de 1918, dia em que os citados foram expulsos de todos os sovietes, essas prisões tornaram-se mais frequentes e impetuosas. A partir de 6 de julho, eles enviaram os Eseristas de esquerda pelo mesmo caminho, aqueles que por mais tempo e mais traiçoeiramente posaram como aliados do único partido consistente do proletariado. Desde então, bastava que em qualquer fábrica ou cidade houvesse um distúrbio operário, um descontentamento, uma greve (já havia muitos no verão de 1918 e, em março de 1921, abalaram Petrogrado e Moscou, depois Kronstadt, e forçaram o NEP), de forma que ao mesmo tempo tranquilizavam, cediam, satisfaziam as justas demandas dos trabalhadores, a Cheka, sem barulho e à noite, lançava o desafio aos mencheviques e SRs, como verdadeiros culpados dessas perturbações. No verão de 1918, em abril e outubro de 1919, eles prenderam os anarquistas no inferno. Em 1919, toda a parte do Comitê Central do partido SR que estava em mãos foi presa e permaneceu prisioneira no Butyrki até 1922, ano em que foi processado. Naquele mesmo ano, 1919, Lacis, um importante chechista, disse sobre os mencheviques: "Eles são mais do que pessoas chatas. É por isso que os tiramos do caminho para que não se enrosquem entre as pernas ... Colocamos em um lugar isolado, em Butyrki, e os obrigamos a permanecer na prisão até que termine a luta entre o trabalho e o capital."^[13] Nesse mesmo ano, 1919, eles também prenderam os delegados de um congresso de

trabalhadores não-partidário (para o qual nenhum congresso foi realizado).
[14]

Já em 1919 foi visto que nossos russos voltando do exterior eram suspeitos (para quê? Que missão eles estavam trazendo?). Assim, os oficiais do Corpo Expedicionário Russo (que lutou na França) foram presos assim que chegaram. Em 1919, varrendo amplamente em torno de tramas verdadeiras e falsas (o "Centro Nacional", a Conspiração Militar), em Moscou, Petrogrado e outras cidades eles atiraram *em rolo* (eles pegaram as pessoas diretamente na rua e no Eles atiraram) e, simplesmente, colocaram na prisão a chamada intelectualidade *próxima aos cadetes*. O que significa "perto dos cadetes"? Significa *não* monárquico e *não* socialista, ou seja: todo o mundo da ciência, universidade, arte, literatura e engenharia. Excluindo escritores extremistas, excluindo teólogos e teóricos do socialismo, o resto da inteligência, 80% eram "próximos dos cadetes". Entre eles, por exemplo, na opinião de Lenin estava Korolenko [1] "um pequeno filisteu, prisioneiro dos preconceitos burgueses" [15] "esses 'talentos' não vão doer uma semana na prisão." [16] Pudemos saber da prisão de alguns grupos graças aos protestos de Gorki. Em 15 de setembro de 1919, Lênin respondeu: "... estamos claramente cientes de que erros foram cometidos aqui também", mas "Olhe para você, que desastre! Olhe para você, que injustiça! » e aconselhou Gorky a não "se deixar consumir choramingando por intelectuais podres". [17]

Em janeiro de 1919, foi estabelecido o sistema de cotas e, para a requisição dos produtos, foram formados os destacamentos responsáveis pela referida cota. Eles se chocaram por toda parte com a resistência da população, ora teimosa e evasiva, ora violenta. Ao esmagar essa resistência, houve também (sem contar os fuzilados na hora) uma grande enxurrada de prisões que durou dois anos.

Aqui contornamos intencionalmente o trabalho da maioria dos Destacamentos Juvenis da Cheka, das Seções Especiais e dos Tribunais Revolucionários, que foram usados durante o avanço da frente e na ocupação de cidades e regiões. A mesma diretriz do NKVD de 30-VIII-1918 direcionou os esforços para o "fuzilamento incondicional de todos os envolvidos nas atividades da Guarda Branca". Mas às vezes você fica desorientado: como diferenciá-lo corretamente? No verão de 1920, a guerra

civil não havia acabado completamente, mas no Don, estava. De lá, de Rostov e Novocherkassk, enviaram um grande número de oficiais para Arjanglesk e de lá, em barcaças, para as Ilhas Solovki (dizem que várias barcaças foram afundadas no Mar Branco), o mesmo, aliás, como no Cáspio. Então, atribuir tudo isso à guerra civil ou ao início de uma construção pacífica? Se naquele mesmo ano, em Novocherkassk, a mulher grávida de um policial foi baleada por esconder o marido, por que ela deveria receber alta?

Em maio de 1920, a disposição do Comitê Central "sobre atividades subversivas na retaguarda" foi divulgada. Sabemos, por experiência, que cada disposição impulsiona uma nova e universal torrente de prisões, é o sinal externo da inundação.

Uma dificuldade especial (mas também um mérito especial) para formar tais inundações foi a ausência até 1922 de um Código Penal, de legislação penal. Somente a consciência da justiça revolucionária (sempre infalível) ajudou os apioladores e canalizadores a decidir quem *capturar* e o que fazer com o prisioneiro.

Nesta contagem não acompanharemos a enxurrada de criminosos por crimes e crimes comuns; Limitar-nos-emos a lembrar que as calamidades e deficiências gerais devidas à reorganização da Administração, dos entes e de todas as leis, nada mais fizeram do que aumentar o número de roubos, roubos, violações, subornos e revendas (especulações). Embora menos perigosos para a República, esses crimes comuns também foram perseguidos em parte, e suas torrentes de prisões aumentaram os que compunham os contra-revolucionários. Mas também *especulou-se* de natureza puramente política, como indica o decreto do Sovnarkom, assinado por Lênin, de 22/07/1918: “Os culpados de vender, comprar ou armazenar - com o objetivo de vendê-los como negócio - produtos alimentícios, monopolizado pela República [o camponês armazena o trigo para vendê-lo; Não é da sua conta ?? - AS]... privação da liberdade *não inferior* a 10 anos, acompanhada de *rigoroso* trabalho forçado e confisco de *todos os bens* ».

Desde aquele verão, o povo do campo, que trabalhava para estourar, estava entregando safras para fundos perdidos. Isso levou a insurreições de camponeses, ^[18] para sua paixão e novas prisões. Desde 1920 temos notícias (embora sem informação)... do processo contra a «Aliança Camponesa Siberiana», no final de 1920 houve também o esmagamento parcial da insurreição camponesa de Tambov. (Aqui não houve processo judicial).

Mas os maiores "resgates" nas aldeias de Tambor ocorreram em junho de 1921. Na região de Tambov, campos de concentração foram montados para famílias de camponeses rebeldes. Eles cercaram um terreno aberto com postes e arame farpado, e lá mantiveram cada família suspeita de ter um homem entre os insurgentes por três semanas. Se o homem não aparecesse após três semanas para resgatar a família com sua vida, a família era deportada. ^[19]

Anteriormente, em março de 1921, através do bastião Trubetskoi, na fortaleza de Pedro e Paulo, eles foram enviados às ilhas do Arquipélago, exceto pelos marinheiros do insurgente *Kronstadt*, que foram fuzilados.

Naquele ano de 1921 começou com o pedido número 10 da Cheka (de 8 de janeiro de 1921): "Com relação à burguesia, intensifique sua repressão". Agora, com o fim da guerra civil, não para aliviar a pressão, mas para *intensificá-la!* Voloshin nos conta em alguns de seus versos como a Crimeia aconteceu.

No verão de 1921, alguns membros do Comitê Social de Ajuda aos Famintos (Kuskova, Prokopovich, Kishkin e outros), tentando impedir a marcha de fome sem precedentes sobre a Rússia, foram presos. As mãos que alimentavam não eram *adequadas*; essas mãos não podiam alimentar os famintos. Korolenko, presidente do Comitê - e que não foi preso -, já morrendo, descreveu a eliminação do referido Comitê como "politicagem oficial, a pior da politicagem" (Carta a Gorky de 14/09/1921; Korolenko ^[20] nos lembra de um importante peculiaridade da prisão em 1921: "está saturado de tifo", o que Skripnikova e outros que estavam presos na época confirmam (c).

Já em 1921, *estudantes foram* detidos (por exemplo, o grupo de E. Doyarenko, na "Academia Timiriazev"). para "crítica à ordem estabelecida" não em público, mas em conversas privadas. (Provavelmente ainda eram casos isolados, porque o grupo acima mencionado foi pessoalmente questionado por Menzhinski e Yagoda).

Nesse mesmo ano, 1921, as prisões de membros de outros partidos foram ampliadas e sistematizadas. Na verdade, eles já haviam eliminado todos os partidos políticos da Rússia, exceto o vencedor. ("Oh, não cave a sepultura de outra pessoa!"). E para que a decomposição dos partidos fosse irreversível, era preciso decompor os próprios membros dos partidos, os corpos desses membros.

Nem um único cidadão do Estado russo jamais filiado a outro partido que não o bolchevique escapou de seu destino . Com isso foram condenados (se não conseguissem fugir do incêndio e passar para os comunistas, como Maiski e Vichinski). Ou foram presos no "primeiro lote", ou conseguiram viver (dependendo do grau de sua periculosidade) até 1922,1933 ou, talvez, 1937, mas quando mantiveram as listas, era a vez deles; eles foram detidos ou educadamente fizeram uma única pergunta: "Você foi militar de ... a ...?" (Outras questões referiam-se a atividades hostis, mas a primeira já decidia tudo; agora, décadas depois, vemos claramente). A partir de agora eles poderiam ter um destino diferente. Alguns foram diretamente para uma das famosas prisões centrais da era czarista (felizmente, todos os "centros " estavam bem preservados e alguns socialistas acabaram na mesma cela e com os mesmos carcereiros que já conheciam). A alguns foi oferecido um breve banimento, por alguns anos ou três. Ou, ainda mais suave: apenas uma a *menos* (são tantas cidades!), Você escolhe o local de residência, mas faz o favor de morar aqui sem se mexer, esperando o que a GPU decidir.

Essa operação durou muitos anos, pois a condição primária era agir "em silêncio". As cidades de Moscou e Petrogrado, os portos marítimos, os centros industriais e, mais tarde, as capitais provinciais tiveram de ser completamente limpas de socialistas de todos os tipos. Este foi um enorme e silencioso solitário de cartas, cujas regras não eram de todo compreendidas pelos contemporâneos e cujas proporções só agora podemos avaliar. Algum cérebro inteligente planejou isso, algumas mãos cuidadosas pegariam, sem demora, um chip que estava três anos em uma pilha e calmamente o passariam para outra pilha. O que estava na prisão central foi para o exílio (o mais longe possível); aquele que cumpria um *menos*, também para o exílio (mas fora do limite de visibilidade do *menos*), de um exílio para outro; de lá, novamente, para a prisão (mas para outro); quem jogava paciência tinha muita paciência. E sem barulho, sem clamores, aos poucos os de outros partidos foram desaparecendo, perderam todos os laços com os lugares e pessoas que os conheciam e sabiam de suas atividades revolucionárias, e assim, de forma imperceptível e constante, a eliminação de todos aqueles que uma vez vibraram nas manifestações estudantis, aqueles que orgulhosamente usaram as correntes czaristas.

Nesta operação do «grande solitário de cartas» a maioria dos ex-presos políticos foi aniquilada , porque precisamente os SRs e os anarquistas - não

os social-democratas - foram os mais castigados pela justiça czarista, e foram precisamente eles que constituíram o população da antiga prisão.

A virada da aniquilação foi realizada com rigorosa equidade: na década de 1920, eles foram propostos a renunciar por escrito a seus partidos e sua ideologia. Alguns se recusaram e, naturalmente, foram para a primeira curva de abate; outros pediram demissão e ganharam alguns anos de vida. Mas chegou sua vez implacavelmente , e implacavelmente a cabeça rolou [\[vinte e um\]](#) de seus ombros.

Na primavera de 1922, a comissão extraordinária de combate à contra-revolução e especulação - mais tarde renomeada GPU - decidiu intervir nos assuntos da Igreja. A "revolução eclesiástica" ainda tinha que ser realizada: remover a velha hierarquia e colocar outra para direcionar uma orelha para o céu e a outra para Lubyanka. Isso foi prometido pela Igreja viva , mas sem ajuda externa eles não poderiam se apoderar do aparato eclesiástico. Para tanto, prenderam o patriarca Tijon e montaram dois julgamentos de grande repercussão, com execuções: em Moscou, contra os que transmitiam a homilia do patriarca, e em Petrogrado, contra o metropolita Benjamin, que impediu a passagem do poder *eclesiástico* pelas mãos do Igreja viva. Em regiões e províncias, aqui e ali, metropolitas e prelados foram presos. Como sempre, depois dos peixes grandes, seguiram-se cardumes e peixes menores: arceprestes, monges e diáconos, dos quais os jornais nada diziam . Eles aprisionaram aqueles que não aderiram ao ímpeto de renovação da Igreja viva.

Os padres estavam infalivelmente presentes em todas as capturas diárias; seus cabelos cinza prateados eram vistos em todos os comboios com destino ao Solovki.

No início da década de 1920, grupos de teosofistas, místicos e espiritualistas também caíram - o grupo do conde Palen mantinha atas de suas conversas com espíritos - sociedades religiosas e filósofos do círculo de Berdiaev. No processo, eles desmantelaram e prenderam os "católicos orientais" (seguidores de Vladimir Soloviov), o grupo de AI Abrikosova. E os católicos "romanos", os padres poloneses, foram para a prisão "só porque".

Para erradicar a religião neste país - uma das principais tarefas do GPU-NKVD ao longo das décadas de 1920 e 1930 - as massas de crentes ortodoxos tiveram que ser presas. Os monges e freiras, que tanto "enegreceram" a vida russa no passado, foram intensamente retirados de

circulação, presos e deportados. Ar subtraiu e julgou ativistas da Igreja. As ondas iam se alargando: "enjaulavam" os leigos, simplesmente porque acreditavam: os idosos, principalmente as mulheres - cuja fé era mais forte -, que nas expedições eram chamados de prisões e acampamentos por muitos anos *freiras*.

Claro, foi alegado que eles foram julgados não por acreditar, mas por expressar sua fé em voz alta e por criar seus filhos com esse espírito. Como escreveu Tania Jodkevich:

«*Você pode orar livremente,
mas ... que só Deus te ouça* ».

(Esses versos valeram dez anos). O homem que acredita no poder de uma verdade espiritual, tem que escondê-la de ... seus filhos !!! Nos anos 1920, a educação religiosa infantil passou a ser classificada, segundo o artigo 58-1 0, como propaganda contra-revolucionária! É verdade que durante o julgamento eles ainda tiveram a chance de renunciar à religião. Houve casos - não muito frequentes - em que o pai abjurava e ficava em casa para cuidar dos filhos, enquanto a mãe ia para os Solovki (nessas décadas, as mulheres demonstravam maior firmeza religiosa). Uma *dúzia* foi "enforcada" em todos os crentes , que era a penalidade mais séria prevista no Código.

Para "limpar" as grandes cidades para a futura sociedade, naqueles anos, especialmente em 1927, misturados com as *freiras*, mandavam os Solovki às prostitutas. Aqueles que gostavam dos pecadores na vida terrena receberam um artigo suave e *três anos*. As limitações nas etapas e nas prisões de trânsito e de expedição, e mesmo nas próprias ilhas Solovki, não os impediram de exercer o seu alegre ofício entre os chefes e os guardas, para regressar, três anos depois, com as malas cheias. , Para o ponto de partida. As mulheres religiosas tiveram seu caminho de volta para casa e seus filhos fechado.

Já no início dos anos 20, surgiram inundações inteiramente nacionais que, se ainda eram escassas para as regiões periféricas, eram muito mais em escala russa: os MuSsavatistas do Azerbaijão, os Damascos da Armênia, os mencheviques georgianos e os turcomanos- *basmaches* - que resistiram à implantação do poder soviético na Ásia Central (os primeiros soviéticos da Ásia Central tinham uma grande maioria de russos e se consideravam uma potência russa). Em 1926, os "Hejaluts", uma sociedade sionista que não

compartilhou do entusiasmo internacionalista avassalador, foram presos em sua totalidade.

Entre muitas gerações subsequentes, espalhou-se a imagem dos anos 20, na qual reinava a liberdade irrestrita. Neste livro, encontraremos pessoas que interpretaram esses anos 20 de maneira diferente. Naquela época, os estudantes não comunistas defendiam a "autonomia da Escola Superior", pelo direito às reuniões, para aliviar o programa de sua sobrecarga de doutrinação política. As prisões vieram em resposta, aumentando em festivais (por exemplo, em 1º de maio de 1924). Em 1925, alguns estudantes de Leningrado (cerca de cem) foram condenados a três anos de isolamento político por terem lido o *Sotsialistichesky vestnik* e estudado Plekhanov (o próprio Plekhanov, que em seus anos mais jovem se manifestou contra o governo em frente à catedral). da Virgem de Kazan, ele saiu muito melhor). No mesmo ano, os primeiros trotskistas começaram a ser presos. (Dois ingênuos soldados vermelhos, lembrando-se da tradição russa, começaram a arrecadar dinheiro para os trotskistas presos e também ficaram isolados).

E, claro, as classes exploradoras também pegaram o jeito. Durante toda a década de 1920, eles continuaram a assediar os ex-oficiais que ainda estavam vivos: os brancos (que não mereciam ser fuzilados durante a guerra civil), os brancos e vermelhos, que tiveram tempo de lutar aqui e ali, e os vermelhos, que nem sempre serviram no Exército Vermelho ou houve intervalos que não puderam justificar com documentos. Eles os incomodavam porque não foram condenados da primeira vez, mas foram submetidos - outro "solitário" - a controles infinitos, eles os restringiram para trabalhar, para residir; Foram detidos e libertados, para serem detidos novamente e pouco a pouco foram entrando nos campos de concentração, para nunca mais voltarem deles.

Mas com a deportação para o Arquipélago, o problema, longe de acabar, só começou, ainda havia as mães, esposas e filhos dos oficiais. Era fácil imaginar seu estado de espírito após a prisão do chefe da família. E, claro, eles próprios "forçados" a colocá-los na prisão. Outra inundação que fluiu ...

Na década de 1920, os cossacos que participaram da guerra civil foram anistiados. Muitos voltaram da ilha de Lemnos para o Kuban, onde receberam terras. Posteriormente, todos eles foram presos.

Os antigos funcionários públicos estavam agachados e tiveram de ser retidos. Eles foram muito bem emboscados, aproveitando-se do fato de que o país ainda não tinha um sistema de passaportes ou uma única pasta de trabalho, e se infiltraram nos escritórios soviéticos. Foram ajudados por um deslize, alguém que os reconheceu por acaso, a clássica dica ... ou melhor, as "peças de combate" de algum vizinho. (Às vezes era puro acaso. Um certo Mova, por um simples gosto pela ordem, mantinha uma lista de todos os ex-juristas provinciais; todos eles foram levados e fuzilados).

Assim correram as cheias "por encobrimento da origem social", por "posição social no passado". Foi dada uma interpretação muito ampla. Eles tomaram os nobres como uma classe social. Eles detiveram famílias nobres. Por fim - e sem saber bem por quê - contrataram nobres particulares, isto é, graduados universitários. E isso pegou, isso e não voltou; o que foi feito foi feito. O Sentinela da Revolução não erra.

(Embora, às vezes, também voltem ... São os *aborrecidos* esquálidos, que às vezes conseguem romper. Aqui vamos citar o primeiro. Entre as esposas e filhas de nobres e oficiais havia muitas mulheres excepcionais por suas qualidades pessoais e atrativos físicos. Algumas delas conseguiram para nadar em uma pequena *cont rariada*. Era que eles sabiam só vive uma vez, e se houver é qualquer coisa de valor, que é *a nossa* vida. ofereceram ao Czech-GPU para trabalhar como informantes, como parceiros, de tudo, e quem gostava era aceito. Eram confidentes muito úteis. Ajudavam muito a GPU, porque confiavam nos "ex". Entre eles estava a última princesa Viazemskaya, uma importante confidente pós-revolucionária (seu filho também era confidente no Solovki); Concordia Nikolai evna Iosse - uma mulher, ao que parece, de qualidades brilhantes - Seu marido, um oficial, foi baleado em sua presença; ela foi enviada para o Solovki, mas ou poderia retornar; perto de Bolshaya Lubyanka dirigiu uma visita a um salão de beleza, mas gostei de vocês, responsáveis por aquela casa. Em 1937, ela foi presa pela segunda vez com alguns clientes japoneses.

Isso é ridículo: a Cruz Vermelha Política, uma tradição ridícula da velha Rússia, conseguiu sobreviver. Consistia em três seções: a de Moscou (E. Peshkova, ^[m] Vinaver), Kharkov (Sandomirskaya) e Petrogrado. A seção de Moscou se comportou muito bem e não foi dissolvida até 1937. Mas Petrogrado (Shevtsov, um velho populista, Gartman coxo, Kocherovski) tornou - se insuportável: ele era arrogante, intrometido nos assuntos políticos, buscava o apoio de ex-prisioneiros de Slisheburg (Novorusski foi

julgado com Alexandr Ulyanov) e ele ajudou não apenas os socialistas, mas também os *coercitivos* - contra-revolucionários. Em 1926, a seção foi dissolvida e seus ativistas e Livross.

Os anos passam, e o que não é atualizado, é apagado da nossa memória. Ao fim da tarde, o ano de 1927 parece-nos um tempo despreocupado e integral da NEP, ainda não esgotado. Mas foi um ano tenso, abalado pelas explosões dos jornais, e foi aqui interpretado, sugerido aqui como a véspera da batalha pela revolução mundial. Mayakovski dedicou quatro poemas vibrantes ao assassinato do embaixador soviético em Varsóvia, que encheram as páginas dos jornais de junho.

Mas houve azar, pois a Polónia se desculpou e o assassino ^[n] de Voikov ^[22] foi preso. Então, como e contra quem dirigir o apelo do poeta:

*«Coesionado,
com trabalhos,
com integridade
e crueldade,
para o pacote solto
torcer seus pescoços »*

Raiva de quem? Quem torcer o pescoço? E aqui começa o *lote voikoviano*. Como sempre, quando o nervosismo e a tensão explodem, exs são jogados na prisão, anarquistas, mencheviques e *intelectuais* comuns são encarcerados. Quem ficará preso nas cidades?

Não é a classe trabalhadora, certo? Mas a intelectualidade "perto dos cadetes" já havia sofrido sua própria coisa desde 1919. Então teria chegado a hora de pegar a *intelectualidade* que se *pretendia* "progressista"? Vamos listar os alunos. Mayakovski também é muito oportuno aqui:

*Pense nos dias e semanas de komsomol!
Reveja suas classificações cuidadosamente.
Tente verificar se todos eles são realmente Komsomoles.
Ou eles apenas dão a eles como komsomoles?*

Uma ideologia confortável determina um termo legal confortável: *profilaxia social profi*. Foi apresentado, aceito e imediatamente compreendido por todos. (Lazar Kogan, um dos líderes na construção do canal que liga o Mar Branco ao Mar Báltico, disse: 'Acho que você pessoalmente não é o culpado! Mas você é um homem culto e deve

entender isso ele realizou um extenso trabalho de profilaxia social! '). Olhando para isso com cuidado, nunca é uma ocasião melhor do que na véspera da batalha pela revolução mundial, para aprisionar esses viajantes inconstantes, essa gangue inteira, essa carniça de intelectuais. Quando a grande guerra começar, será tarde.

E em Moscou começa uma peneiração metódica, bairro por bairro. Em todo lugar você tem que prender alguém. O slogan é: "O mundo vai estremecer de terror ao som do nosso soco na mesa!" Em direção a Lubyanka e Butyrki, vans, carros, caminhões cobertos e carruagens abertas chegam mesmo durante o dia. Existem engarrafamentos à porta e no pátio. Eles não podem lidar com o descarregamento e as buscas dos detidos. (O mesmo é verdade em outras cidades. Em Rostov-on-Don, o porão da casa número 33 estava tão lotado naquela época que o recém-chegado Boiko mal encontrou um lugar para se sentar).

Um exemplo típico dessa inundação: várias dezenas de garotos celebram noites musicais sem pedir permissão à GPU. Eles ouvem música e bebem chá. Para comprar chá eles fazem uma coleta, cada um coloca alguns copecs. É mais do que claro: a música serve para esconder suas intenções contra-revolucionárias; o dinheiro arrecadado não é para o chá, longe disso, mas para ajudar a burguesia mundial em crise. E prendem TODOS eles e os "enforcam" de três a dez anos (Anna Skripnikova, cinco), e os promotores, que não reconheceram seu delito (Iván Nikolaievich Varentsov e outros), o FUSILAN.

Nesse mesmo ano, os liceus emigrados reuniram-se em Paris para celebrar a tradicional festa do liceu "pushkiniano".^[9] La Prensa publica a notícia. Não há dúvida de que o imperialismo conspirou, já ferido de morte. E prendem TODOS os alunos do ensino médio que ainda permaneceram na URSS e, aliás, todos os "juristas" (outra escola privilegiada).

Apenas as dimensões do CDES (Campo de Destino Especial Solovki) limitam o lote Voikoviano. Mas o Arquipélago GULAG já iniciou sua metástase, e em breve espalhará suas neoplasias por todo o corpo da nação.

Com o novo sabor, surge um novo apetite. É chegado o momento de dominar a intelectualidade técnica, que se considera demasiado insubstituível e não está habituada a obedecer rapidamente às vozes do comando.

Não, aqui nunca confiamos nos engenheiros: desde os primeiros anos da Revolução submetemos esses lacaios e espolitos dos ex-proprietários

capitalistas a uma saudável desconfiança e controle operário . No entanto, no período de reconstrução, permitimos que trabalhassem em nossa indústria, enquanto descarregávamos golpes classistas sobre a outra intelectualidade. Mas à medida que nossa Administração , o Conselho de Economia Nacional e o Gosplán amadureciam , e o número de planos aumentava, e esses planos colidiam e se repeliam, mais se evidenciava a essência sabotadora dos antigos engenheiros. sua falsidade, astúcia e venalidade. A Ce ntinela da Revolução aguçou a visão ainda mais, e onde quer que ele colocasse o olho, um ninho de sabotadores era imediatamente descoberto.

Este trabalho de reorganização desenvolveu-se rapidamente desde 1927, e imediatamente mostrou ao proletariado onde residiam todas as causas de nossos fracassos e erros econômicos: No Comissariado de Vías de Comunicación (Caminhos de Ferro). A sabotagem é clara; Por isso é tão difícil viajar de trem, por isso há irregularidades nos serviços; na Rede da Central Elétrica de Moscou: sabotagem (apagões); na indústria do petróleo: sabotagem (não há como obter querosene); na indústria têxtil: sabotagem (o trabalhador não tem o que vestir); na indústria do carvão: uma sabotagem colossal (é por isso que somos frios !), nas indústrias de metal, guerra, maquinaria, transporte, química, mineração, extração de ouro e platina, na irrigação ... em toda parte aparecem os abscessos purulentos da sabotagem! Estamos cercados por inimigos com regras de cálculo! A GPU cansa-se de detetar e encarcerar spoilers. Nas capitais e nas suas províncias existiam faculdades GPU e tribunais proletários, que se dedicavam a eliminar este resíduo viscoso. Por meio da imprensa, os trabalhadores - emitindo exclamações de espanto - ficavam sabendo (ou não) todos os dias sobre os novos patifes. Eles ouviram falar de Palchinski, Von Meck, Velichko; ^[23] mas quantos anônimos havia! Cada filial, cada fábrica e loja de artesanato teve que procurar sabotagem dentro de si, e assim que começaram a investigar, descobriram (a conselho da GPU). Se um engenheiro formado antes da Revolução ainda não fosse um traidor desmascarado, pode-se suspeitar que sim.

Que criminosos refinados eram esses velhos engenheiros! De que maneiras diversas e satânicas eles sabotaram! Nikolai Karlovich von Meck, do Comissariado para Estradas de Comunicação, parecia muito interessado em organizar a nova economia, passava muito tempo falando animadamente sobre os problemas econômicos relacionados à construção do socialismo, e

era amigo dos conselhos . Seu conselho mais pernicioso era adicionar mais vagões aos trens de carga, não temer carregá-los demais. Através da GPU, ele foi desmascarado (e baleado). Foi proposto o desgaste dos trilhos, dos vagões e das locomotivas, para deixar a Rússia sem ferrovias, no caso de uma intervenção estrangeira. Quando, um pouco mais tarde, o novo comissário das ferrovias, camarada Kag anovich, decidiu formar apenas trens sobrecarregados, até duas ou três vezes mais pesados (descoberta pela qual ele e outros líderes foram condecorados com a Ordem de Lenin), os perversos Os engenheiros eram então a favor da *restrição : diziam em voz alta* que era demais, que seria fatal para o material rodante, e foram fuzilados justamente por desconfiar das possibilidades dos Caminhos de Ferro Socialistas.

Esses partidários da restrição foram eliminados com o passar dos anos, pois haviam filtrado em todos os ramos, empunhavam seus cálculos matemáticos e não queriam entender que o entusiasmo do pessoal era um grande alívio para as pontes e as locomotivas. Durante esses anos, tentaram subverter toda a psicologia nacional: ridicularizaram aquela sabedoria popular segundo a qual o que se faz rápido nunca é bom, e distorceram o velho provérbio "Vá devagar e você irá longe". O que às vezes retarda a prisão de engenheiros antigos é a substituição , que ainda não está pronta. Nikolai Ivanovich Ladyzhenski, engenheiro-chefe das fábricas de guerra de Izhevsk, foi preso primeiro por suas "teorias restritivas", por sua "fé cega nas margens de segurança" (com base na qual, ele considerou as somas concedidas por Ordzhonikidze ^[p] para a expansão das fábricas. ^[24] Ele foi então colocado em prisão domiciliar e enviado para trabalhar no mesmo local de antes (já que sem ele a produção entraria em colapso). Ele consertou a situação. Mas como as somas ainda eram insuficientes, ele foi jogado na prisão "pelo uso indevido de tais somas": não eram suficientes porque o engenheiro-chefe as havia distribuído incorretamente! Um ano depois, Ladyzhen ski morreu , enquanto trabalhava como madeireiro.

Assim, em vários anos, eles aniquilaram a nata da velha engenharia russa, a glória de nossa pátria, os personagens favoritos de Garin-Mikhailovsky e Zamyatin.

Claro, esta inundação, como qualquer outra , varreu outras pessoas íntimas dos condenados ou a eles ligadas, como, por exemplo - não quero manchar o rosto de bronze brilhante do Sentinela, ^[q] mas eu não tenho

escolha—, os informantes que não conseguiram ser. Pedimos ao leitor que tenha sempre em mente essa inundação totalmente secreta, que não transcendeu o público e que é característica da primeira década pós-revolucionária: ainda havia gente orgulhosa, muitos ainda não tinham o conceito de que a moralidade é relativa e possuía um caráter estrito de classe e, assim, as pessoas ousaram rejeitar o que lhes foi proposto, e todos foram punidos sem misericórdia. Magdalina Edzhubova foi convidada a espionar um círculo de engenheiros; ela recusou e contou ao seu tutor (que era justamente um dos espionados): porém, pouco depois foi preso e no resumo reconheceu tudo. Edzhubova, que estava grávida, foi condenada à morte "por divulgar um segredo policial". (Mas foi tudo em várias condições de vinte e cinco anos ao todo). Naquela época (1927), embora em um ambiente totalmente diferente, entre os comunistas proeminentes de Kharkov, Nadezhda Vitalievna Surovets também se recusava a espionar e denunciar membros do governo ucraniano: a GPU pegou o jeito, e apenas um quarto de século então, quase morrendo, ela apareceu em Kolyma. Mas daqueles que não surgiram nada sabemos.

(Nos anos trinta o dilúvio cai a zero: se pedem que você informe, você deve informar; que remédio você tem? "É chutar contra o ferrão." "Se não for eu, será outra pessoa." Deixe-me ser informante , quem sou bom, deixe outro ser, deixe-me ser mau. "Enfim, agora os informantes voluntários vêm em bandos: é lucrativo e heróico.

Em 1928, a causa clara de Shakhty foi vista em Moscou . Clama pela publicidade que dá, pelas revelações desconcertantes e pela tortura a que os acusados (ainda não) são submetidos. Dois anos depois, em setembro de 1930, são julgados, ainda mais orquestrados, os *erectores* de *órgãos* da fome (esses, esses, são!): 48 sabotadores da indústria alimentícia. No final de 1930 foi celebrado o processo contra o Partido Industrial, com mais alarde se possível, montado com perfeição. Aqui os réus, todos juntos, são responsabilizados pelas mais absurdas ignomínias, e perante os olhos dos trabalhadores, como o monumento despojado do véu, surge uma fabulosa e engenhosa união de todas as sabotagens, até então desmascaradas isoladamente, formando um nó diabólico com Miliukov, Riabushinski, Deterding e Poincaré.

Quando começamos a estudar nossa prática judicial, percebemos que os processos mantidos à vista de todos nada mais são do que as pilhas externas de pequenos montes, e que o principal corte inferior ocorre abaixo

da superfície. Nestes julgamentos, vemos apenas um pequeno número de detidos: apenas aqueles anormalmente dispostos a caluniar a si próprios e aos outros, na esperança de obter uma indulgência. Mas a maioria dos engenheiros, que tiveram coragem e inteligência para rejeitar as bobagens do juiz de instrução, foram julgados de forma silenciosa, embora eles, que não se declararam culpados, também tenham sido "desligados" pela GPU. *dez anos do que os outros.*

As enchentes fluem para o subsolo, através dos esgotos, que recebem a vida florescente da superfície.

É precisamente a partir deste momento que se dá um passo importante para a participação de toda a cidade nas obras de saneamento, para a distribuição, a toda a população, da responsabilidade pelo esgoto: aqueles que ainda não tinham encontrado os seus corpos no esgoto. Os que ainda não tinham sido arrastados para o Arquipélago pelas tubagens, tiveram que andar na superfície com bandeiras, elogiar os tribunais e alegrar-se com as repressões judiciais. (Isso é muito clarividente! Décadas se passarão, a história abrirá seus olhos, mas os juízes e promotores não serão mais culpados do que você e eu, concidadão! Eles embranquecem nossas cabeças com rostos decorosos, porque na época deles votamos com decoro: SIM!)

Stalin fez o primeiro teste com os *organizadores da fome*, um teste que tinha que ser um sucesso, porque todos passavam fome na farta Rússia, porque todos ficavam olhando em volta: para onde foi o nosso trigo? E já nas fábricas e escritórios, antecipando a decisão do tribunal, os trabalhadores e empregados votam com raiva pela execução dos vis réus. E quando chega o julgamento contra o Partido Industrial, acontecem comícios, manifestações (das quais participam os alunos); São milhões de pessoas que marcam o passo, e é um estrondo atrás das janelas do tribunal: «Parede! Parede! Parede! »

Nessa reviravolta de nossa história, vozes solitárias de protesto ou abstenção foram ouvidas. Foi preciso muita coragem para gritar “Não!” No meio daquele refrão e rugido. Não pode ser comparado com a facilidade de hoje (embora eles também não se reproduzam muito hoje). E, até onde sabemos, as vozes eram também aquelas mesmas intelectuais suaves e invertebrados. Na reunião do Instituto Politécnico de Leningrado, Professor Dmitri Apollinariévich Rozhanski RECUSOU-SE - é que, veja, ele se opõe abertamente à pena de morte, e isso, como você vai entender, é chamado, em linguagem científica, de processo *irreversível* - e ali mesmo ele foi

preso. A estudante Dima Olitski se absteve e foi presa lá. E assim esses protestos já foram sufocados no início.

Segundo nossas notícias, a classe operária bigoduda aprovou essas execuções. De acordo com nossos relatórios, tanto o Komsomoles apaixonado e os líderes do partido, bem como os capitães invictos (toda a vanguarda), aprovaram por unanimidade essas execuções. Revolucionários, teóricos e profetas famosos, sete anos antes de sua própria morte inglória, aplaudiram o rugido da multidão, sem perceber que seu dia estava chegando e que logo seus nomes seriam vítimas do turbilhão e salpicados de "Estrume" e "lixo".

Para os engenheiros, a aniquilação acabou exatamente aqui. No início de 1931, Josif Vissarionovich ditou as "Seis Condições" para a construção, e Sua Autocracia teve o prazer de apontar como a quinta condição : passar de uma política de aniquilação da velha intelectualidade técnica para outra política de atraí-la e mimá-la.

E mimá-la! Onde está sua justa indignação? E onde terminaram suas terríveis acusações? Precisamente nessa altura estava a decorrer o processo contra os sabotadores da indústria da porcelana (eles também faziam lá o seu trabalho): todos os arguidos denegriam-se, todos se confessam culpados e de repente, também todos juntos, exclamam: Nós não somos culpados !! E eles foram soltos!

Naquele ano houve até, em pequena medida, uma inundação na direção oposta: os engenheiros condenados ou perseguidos foram ressuscitados. Foi assim que DA Rozhanski voltou (Dizer que venceu Stalin o desafio? Que um povo com coragem cívica não teria dado a oportunidade de escrever este livro?)

Os mencheviques, há muito eliminados, receberam novamente os golpes de Stalin naquele ano: o julgamento público contra o "Birô Unido dos Mencheviques, contra Groman-Sukhanov"^[25]. (Yakubovich em março de 1931 e, mais tarde, vários mencheviques menores dispersos, capturados em segredo), embora ele de repente refletisse.

O povo do Mar Branco diz sobre o fluxo : "A água *reflete*." Ou seja, antes que o refluxo comece. Bem, não vamos comparar a alma nublada de Stalin às águas do Mar Branco. Ele provavelmente não refletiu nada. Além disso, não houve refluxo. Mas naquele ano outro milagre aconteceu. Após o processo contra o Partido Industrial, um tremendo processo se preparava em 1931 contra o Partido dos Trabalhadores Camponeses, uma suposta enorme

força organizada e clandestina (nunca existiu), formada por intelectuais rurais, militantes de cooperativas de consumo e agrícola e pela vanguarda culta do campesinato, que preparava a derrubada da ditadura do proletariado. No processo contra o Partido Industrial, aquele PCT veio à tona como pessoa cadastrada, bem conhecida. E l unidade de pesquisa funcionou perfeitamente GPU: MILES já havia *confessado* plenamente que militava no PCT e seus desígnios criminosos. Um total de DOIS CEM MIL "membros" foram prometidos. "À frente" do partido estava o economista agrário ou Alexandr Vas. Chayanov; o futuro "primeiro-ministro" ND Kondratiev; LN Yurovski; Makarov; Alexei Doyarenko, professor da Academia Agrícola "Timiriazev" (futuro "ministro da Agricultura").^[26] E, de repente, uma boa noite eu Stalin REVERSO. Provavelmente nunca saberemos por quê. Queria ser perdoado? Muito em breve. Seu senso de humor estava despertado nele? Ele era um indivíduo muito monótono. Isso lhe deu um set?: Para que ninguém ousasse acusar Stalin de ter senso de humor. O mais provável era o seguinte: contou e percebeu que logo todo o campo começaria a morrer de fome, que não seriam apenas duzentos mil, e decidiu que não valia a pena o esforço. O PCT foi dispensado, todos os que haviam "confessado" foram convidados a *descartar* suas próprias confissões (imagine sua alegria!) E, em vez disso, colocar o grupo Kondratiev-Chayanov em julgamento.^[27] (Em 1941, Vavilov, exausto, foi acusado de que o PCT tinha existido e que ele, Vavilov, era seu chefe secreto).

Os parágrafos e os anos se acumulam e não nos sentimos capazes de estabelecer uma ordem em tudo isso. (Mas a GPU teve um desempenho maravilhoso! Mas a GPU não negligenciou nada!) Mas vamos sempre ter em mente:

- que os crentes são colocados na prisão sem parar e sem mais delongas. (Aqui estão algumas datas e emblemas. Como a 'noite da luta contra a religião' em Leningrado em 1929, na véspera de Natal, quando muitos intelectuais crentes foram presos, mas não para serem soltos na manhã seguinte, como acontece no Histórias de Natal. Bem ali, em fevereiro de 1932, muitas igrejas foram fechadas ao mesmo tempo e um grande número de padres presos. Mas há mais datas e lugares do que alguém nos deu ou notícias).

- Também não se esquecem de aniquilar as *seitas*, mesmo as simpatizantes do comunismo. (Em 1929, por exemplo, eles prenderam todos os membros de uma *comuna* entre Sochi e Josta. Lá tudo era feito de acordo com os princípios comunistas: produção e distribuição, e com uma honestidade que o país não alcançará em cem anos, mas infelizmente, eles eram muito cultos e educados em leituras religiosas e sua filosofia não era o ateísmo, mas uma mistura de Batismo, Tolstoísmo e Iogismo. Portanto, aquela COMUNA era criminosa e não podia fazer o povo feliz).

Naquela mesma década de 1920, um grupo considerável de tolstoístas foi e Livros no sopé do Altai e lá eles criaram comunas urbanas junto com os batistas. Quando a construção da usina siderúrgica Kuznetsk começou, eles forneceram produtos. Aí começaram a prender, primeiro os professores (não cumpriam os programas do estado), as crianças corriam aos berros atrás dos carros e depois os chefes das comunas.

- que o Grande Solitário dos Socialistas estava constantemente se fazendo sozinho;
- que em 1929 prenderam os historiadores não expulsos em sua estada no exterior (Platonov, Tarle, Liutovski, Gotie, Lijanov, Izmailov), o notável crítico literário MM Bakhtin;
- que também fluem as nacionalidades de todos os confins.

Os Yakuts estão presos após a insurreição de 1928. Os Buryat-Mughals estão presos após a insurreição de 1929. (Diz-se que cerca de 35.000 foram mortos, embora não possamos verificar isso). Os cazaques são presos, depois de heroicamente esmagados pela Cavalaria Budyonny em 1930-1931. No início de 1930 eles julgam a Aliança de Libertação da Ucrânia (Professor Efremov, Chekhovsky, Nikovski e outros) e conhecendo nossas proporções entre o que é publicado e o que está oculto, quantos estariam por trás deles? Quantos tacitamente ...?

E isso veio até eles, lentamente, mas foi a vez dos membros do partido no poder entrarem em uma briga! No início (1927-1929) foram a "oposição operária" ou os trotskistas, que não tiveram sorte na escolha do líder. No início eram centenas, logo seriam milhares. Comer e coçar está começando. Assim como os trotskistas eram indiferentes ao modo como prendiam

outros partidos, mais tarde o resto do partido viu com bons olhos a prisão de trotskistas. Todos tiveram sua vez. Mais tarde, a oposição "direitista" inexistente fluiria. As mandíbulas foram comendo pelo rabo um membro após o outro, até atingirem sua própria cabeça.

Em 1928 era hora de acertar as contas com os nepmanes, gaios da burguesia. A maioria foi tributada com impostos crescentes e insuportáveis, até que se recusou a pagar e foi quando foram presos por insolvência e tiveram seus bens confiscados. (Para os pequenos artesãos: barbeiros, alfaiates e aqueles que consertam buracos do inferno, apenas sua permissão foi retirada).

Após a promoção do dilúvio de Nepman, havia um interesse econômico: o Estado precisava de bens, precisava de ouro, mas ainda não havia Kolyma. A partir do final de 1929 começou a famosa *corrida do ouro*, mas não quem estava em busca de ouro sofreu com a febre, mas quem coçou o bolso. A peculiaridade dessa inundação de "ouro" foi que a GPU não acusou esses coelhos de nada e não estava disposta a enviá-los para o país do GULAG; Eu só queria tirar o ouro deles com base na lei do mais apto. Por isso, embora as prisões estivessem superlotadas e os juizes de instrução exaustos, as prisões da expedição, as etapas e os campos de concentração recebiam contingentes em proporção bem menor.

Quem foi preso no dilúvio de "ouro"? Todo mundo que tinha um "negócio" há quinze anos negociava, ganhava a vida e talvez, de acordo com as suspeitas da GPU, guardava ouro. Mas, precisamente, muitos não tinham ouro: haviam investido em bens móveis e imóveis, mas tudo desapareceu, foi requisitado para a revolução, não sobrou nada. Com grandes esperanças, é claro, eles aprisionaram outros relojoeiros e relojoeiros. Através de denúncias, eles aprenderam que havia ouro nas mãos mais inesperadas: "um trabalhador puro" em algum lugar pegou em moedas de ouro de sessenta e cinco rublos de Nicolau II e as guardou; Muraviov, um famoso guerrilheiro siberiano, veio a Odessa com uma bolsa de ouro; todos os carroceiros tártaros em Petersburgo tinham ouro escondido. Se isso era verdade ou não, isso só poderia ser conhecido nas masmorras. Aquele em que caísse a sombra de uma ponta de ouro não poderia se defender com nada, nem com sua origem proletária, nem com seus méritos revolucionários. Todos foram presos e enfiados nas celas da GPU em números até então inimagináveis: tanto melhor, quanto mais cedo o soltariam. Surgiu a situação escandalosa em que mulheres e homens

compartilhavam a mesma cela e alguns na presença de outros se aliviavam: quem se importaria com tais minúcias? Venham com o ouro, seus desgraçados! Os legistas não escreveram as declarações de que esse papel não tem mais cía falta de ninguém e ninguém se importaria se você impusesse uma penalidade ou não, o principal era que: “Vem ouro, seu bastardo! O estado não tem ouro. Para que você quer isso? ” Os magistrados de instrução não tinham mais voz nem força para ameaçar e atormentar, mas havia um método geral: dar aos presos comida salgada, mas não permitir que bebessem água. Quem desistisse do ouro, esse beberia. Dez rublos por um copo de água pura!

O homem morreu por ouro ...

Essa corrente diferia das anteriores e posteriores porque o destino, se não pela metade, pelo menos, estremeceu em suas próprias mãos. Se é verdade que você não tinha ouro, sua situação era desesperadora, eles iriam te bater, eles te queimariam, eles te atormentariam, eles te vaporizariam até a morte ou até que eles realmente acreditassem em você. Mas se você tivesse ouro, você mesmo determinaria a medida do tormento, a medida da resistência e seu destino futuro. Psicologicamente, não era melhor, mas pior, porque se você estivesse errado, seria culpado para sempre diante de si mesmo. Claro, quem entendeu os costumes desta instituição, cedeu e entregou o ouro, aliviando-se com ele. Mas também não podia ser entregue com muita facilidade: eles não acreditariam que você entregou tudo e o manteriam prisioneiro. Mas também não deve ser abandonado quando já era tarde demais: quando expirou ou quando, por despeito, lhe deram uma sentença. Um carroceiro tártaro suportou toda a tortura: "Não tenho ouro!" Em seguida, colocaram a mulher na cadeia, mas o tártaro continuou em sua teoria: "Eu não tenho ouro!" Eles aprisionaram sua filha, e o tártaro não suportou: entregou cem mil rublos. Em seguida, eles libertaram a família e ele foi condenado. (Os romances e óperas fora da lei mais tolos eram encenados a sério no grande estado.)

A introdução dos documentos de identidade às vésperas da década de 1930 também contribuiu muito para aumentar o censo dos campos de concentração. Assim como Pedro I simplificou a classificação da cidade, ampliando as distâncias que separavam as fazendas, da mesma forma que funcionava nosso sistema de documentação socialista: esse sistema expulsava justamente os "insetos" intermediários, caçavam aquela parte da população quilombola, volante, vagando. No início, as pessoas erraram

muito com esses documentos: quem não se inscreveu e quem não saiu de casa foi para o Arquipélago, ainda que durante um ano.

Assim se produziram as enchentes, mas a que saltou e transbordou em 1929-30 foi a multimilionária dos *kulaks* expropriados. Era de um tamanho exagerado e para ela teria sido insuficiente até mesmo a extensa rede de presídios preventivos (também lotados pela enchente de "ouro"), mas essa enchente passou e foi canalizada diretamente para as prisões da expedição, para os palcos, para o país GULAG. Com o seu inchaço simultâneo, esta inundação (este oceano!) Transbordou todos os canais que o sistema penitenciário e judicial do enorme Estado podia oferecer. Em toda a história da Rússia não havia nada comparável a ele. Foi um êxodo, uma catástrofe étnica. Mas os canais GPU-GULAG foram construídos de forma tão inteligente que as cidades não teriam percebido se não fosse pelo choque de três anos de fome estrangeira: fome sem seca e sem guerra.

Essa inundação foi diferenciada das anteriores, além disso, porque neste caso eles não iam com aquela de agarrar primeiro o pai e depois ver o que fazer com o resto da família. Ao contrário, desta vez arrasaram todo o ninho, levaram famílias inteiras e até vigiaram com zelo para que os catorze, dez ou seis anos não se perdessem: tinham que estar presos para os levar para o mesmo lugar, para o mesmo extermínio comum. (Foi a primeira experiência, pelo menos na história contemporânea. Hitler a repetiria com os judeus e Stalin novamente, com os grupos étnicos infiéis ou suspeitos).

Essa inundação continha uma pequena quantidade de *kulaks*, pelos quais recebeu o nome. Em russo, o mesquinho e desonesto traficante rural é chamado de *kulak*, que não prospera com o seu trabalho, mas com o de outrem, por meio da usura e da venda como intermediário. Se antes da revolução eram poucos em cada cidade, a revolução os privou totalmente do campo de ação. Mais tarde, a partir de 1917, por extensão passaram a chamar *kulak* (na literatura oficial e propagandística, e daqui passou para a linguagem da rua) que aproveitavam o trabalho de terceiros, mesmo que fosse por falta temporária de mãos na família. Mas não esqueçamos que depois da revolução teria sido impossível pagar um indevido por ela: em defesa dos trabalhadores sazonais estava o comitê dos camponeses pobres e do soviete rural e que ninguém pensasse em barganhar o preço do trabalhador sazonal! Por outro lado, o trabalho remunerado justo é permitido em nosso país até hoje.

Mas o termo chicote *kulak* continuou a crescer descontroladamente , e em 1930 deram esse nome a TODOS OS FORTES CAMPONESES EM GERAL: fortes por causa de sua economia, fortes no trabalho e até por suas convicções. O apelido de *kulak* foi usado para esmagar essa FORÇA no campesinato. Lembremo-nos e acordemos: passaram-se apenas doze anos desde a promulgação do grande Decreto da Terra, sem o qual o campesinato não teria seguido os bolcheviques e a Revolução de Outubro não teria triunfado. O terreno foi distribuído de acordo com o número de bocas, de forma IGUAL. Passaram-se apenas nove anos desde que os camponeses voltaram do Exército Vermelho e começaram a trabalhar em suas terras conquistadas. E de repente: os *kulaks*, os pobres. Por que razão? Às vezes, devido a uma composição favorável ou desfavorável da família. Mas não dependeu principalmente do amor ao trabalho e da determinação? E agora aqueles camponeses, cujo pão foi comido pela Rússia em 1928, foram arrancados pelas falhas da cidade e por pessoas da cidade. Como feras, perdendo todo o conceito de “humanismo”, perdendo todos os valores humanos - acumulados ao longo de milênios - se apoderaram dos melhores fazendeiros junto com suas famílias e, sem qualquer propriedade, nus, os jogaram no deserto ao norte, na tundra já a taiga.

Este movimento massivo tinha que ser complicado. A aldeia também teve que ser limpa daqueles camponeses que não queriam entrar no kolkhoz, que eram relutantes à vida coletiva que ele nunca tinha visto e à qual eles suspeitavam (agora sabemos com quanta fundação), que ela seria submetida para a administração dos preguiçosos, na qual se deve trabalhar muito e passar fome. Era preciso também livrar-se dos camponeses (alguns, sendo ricos, nada tinham) que, por sua audácia, sua força física, sua decisão, sua forma franca de se expressar nas assembleias de bairro, seu amor à justiça eram amados pelos Pueb o e essa independência, tornaram-se perigosos para a administração do kolkhoz. ^[28] Além disso, em cada aldeia, havia pessoas que eram PESSOALMENTE ressentidas pelos *ativistas* locais. Por ciúme, por inveja, por ressentimentos, aquele era o melhor momento para acertar as contas. Para todas essas vítimas, uma nova palavra foi exigida: esta nasceu. Não havia mais nenhum conteúdo "social" e econômico nele, mas parecia ótimo: *podkulachnik* (capanga do *kulak*, "akulakado"). Quer dizer, eu o considero cúmplice do inimigo. Isso foi o

suficiente! O braceru mais irregular poderia ser incluído entre os "akulakados".^[29]

Assim, em duas palavras, aqueles que compunham a essência do campo, sua energia, sua inventividade e diligência, sua resistência e consciência, foram cobertos. Eles os tiraram e a coletivização aconteceu.

Mas novas inundações também fluíram da aldeia coletivizada:

- A inundação de sabotadores agrícolas. Por todos os lados, eles desmascararam *agrônomos sabotadores* que até aquele ano haviam sido trabalhadores honestos por toda a vida e que agora contaminavam deliberadamente o campo russo com ervas daninhas (naturalmente, sob a direção de um instituto de Moscou, agora completamente desmascarado. os duzentos mil membros não presos do PCT). Alguns agrônomos não seguiram as orientações muito sábias de Lysenko (naquela enchente, Lorj, o "rei" das batatas, foi enviado ao Cazaquistão em 1931). Outros também os seguiram ao pé da letra e, portanto, descobriram que não faziam sentido (em 1934, os agrônomos de Pskov plantaram linho na neve, como Lysenko orientou. As sementes incharam, ficaram mofadas e estragadas. grandes áreas foram estéril todos não. Lysenko não poderia dizer que a neve era um *kulak*, ou que ele era um idiota. acusou agrônomos *kulaks*, havia deturpado sua tecnologia. E agrônomos foi para a Sibéria). Além disso, em quase todos os depósitos de máquinas e tratores, foi descoberta a sabotagem, cometida durante a reparação dos tratores. (Olhe para você, onde o motivo das falhas nos primeiros anos de existência do kolkhoz veio a ser descoberto!)
- A inundação "devido a perdas de safra" ("perdas" avaliadas com base na cifra arbitrária que na primavera fixou uma "comissão para testar a colheita").
- "Por não entregar ao Estado a quantidade estipulada de trigo" (o partido regional prometeu, mas o kolkhoz não cumpriu: para a cadeia!)
- A inundação dos "ceifeiros". A "vindima" Noite Manual foi uma ocupação completamente nova da população rural e uma nova forma de obter a colheita. Foi uma inundação não desprezível, de muitas dezenas de milhares de camponeses; muitas vezes não eram adultos, mas meninos, crianças, que os anciãos mandavam "colher" à noite, porque não confiavam nos kolkhoz para pagar pelo trabalho feito

durante o dia. Por esta ocupação, dura e pouco lucrativa - no regime de servidão os camponeses não atingiam tamanha miséria! - , os tribunais "davam" nem mais nem menos, *dez* anos, considerando o crédito um furto muito perigoso contra a propriedade socialista, de acordo com a famosa lei de 7 de agosto de 1932 (na linguagem da prisão, chamada *Lei dos Sete Oitavos*).

Esta lei do dia “sete das oito” também desencadeou uma grande inundação, proveniente das obras da primeira e da segunda planta quinquenal, transportes, comércio e fábricas. Grandes roubos seriam tratados pelo NKVD. A partir de agora , essa enchente também deve ser levada em conta, pois fluiu incessantemente e foi especialmente abundante durante a guerra: foram condenados a quinze anos (até 1947, quando essa lei foi ampliada e tornada mais rigorosa).

Mas podemos finalmente fazer uma pausa! Enfim, de agora em diante , as grandes enchentes vão parar ! O camarada Molotov disse, em 17 de maio de 1933: "Não vemos nossa missão como uma retaliação massiva." Ugh, já estava na hora, cara. Chega de terror noturno! Mas que latidos de cachorro são esses? Seus! Seus!

E ... da! É a inundação de Kirov vinda de Leningrado, onde a tensão é considerada tão séria que funcionários do NKVD foram criados em cada distrito da cidade e um processo judicial "acelerado" é aplicado (embora antes não fosse notado por sua lentidão) e sem o direito de apelar (embora não tenham apelado antes). Estima-se que um quarto da população de Leningrado foi *expurgado* entre 1934 e 1935. Quem quer que esteja de posse da cifra refute esse cálculo e forneça-o. (É verdade que o dilúvio não foi apenas Lening Radesa, como teve um impacto considerável em todo o país da forma usual, embora incoerente: expulsaram da Administração os filhos dos padres que ainda nela permaneciam, os ex-nobres e todos aqueles que tinha um membro da família no estrangeiro).

Nas cheias avassaladoras, perdiam-se sempre os modestos ribeiros que, embora sem ruído, não paravam de fluir:

- Os do Schuzbund, que perderam a luta de classes em Viena e buscaram a salvação na pátria do proletariado mundial.
- Os esperantistas (Stalin esmagou essa turba perniciososa nos mesmos anos que Hitler).

- O que ainda faltava ser esmagado da "Sociedade Filosófica Livre", os círculos filosóficos subterrâneos.
- Professores insatisfeitos com o método avançado de estudo em laboratórios por brigadas. (Em 1933, Natalia Ivanovna Bugaenko foi presa na GPU de Rostov, mas no terceiro mês da investigação, soube-se, por decreto estadual, que o método era pernicioso. E ela foi solta).
- Funcionários da Cruz Vermelha Política que, graças aos esforços de Ekaterina Peshkova, continuaram a defender seu direito de existir.
- Os montanhistas do Norte do Cáucaso, pelos insurgentes (1935); daqui e dali, continuam chegando membros de diferentes nacionalidades. (O Canal do Volga publica jornais em quatro idiomas: tártaro, turco, uzbeque e cazaque. Alguns os leem!)
- E, novamente, os crentes; agora aqueles que se opõem ao trabalho aos domingos (a semana de cinco dias foi estabelecida primeiro, e então a semana de seis dias foi revertida); os kolkhozianos, que sabotavam o trabalho em festas religiosas, como costumavam fazer na era individualista.
- E sempre aqueles que se recusaram a ser confidentes do NKVD. (Entre estes também caíram padres, que se recusaram a violar o segredo sacramental; os ÓRGÃOS compreenderam imediatamente a utilidade de conhecer o conteúdo da confissão, que era a única coisa que a religião servia).
- Cultistas estão sendo detidos em números cada vez maiores.
- No grande solitário de cartas, os socialistas continuam a jogar.

E, por fim, uma inundação ainda não mencionada, mas que também flui constantemente: é a do Décimo Ponto, também chamada PCR (Propaganda Contra-revolucionária), também chamada PAS (Propaganda Anti-Soviética). A inundação do Décimo Ponto foi provavelmente a mais constante; Nunca foi cortada e quando ocorreram outras grandes cheias, como nos anos 37, 45 e 49, atingiu a sua vazão máxima. ^[30]

Ele é paradoxal: todas as atividades durante muitos anos fez as *Ó corpos* penetrantes e vigilante, baseou apenas um dos um cem quarenta e oito itens normalmente não fazem parte do Código Penal de 1926. Em louvor deste artigo exigem mais epítetos usados por Turgueniev para elogiar a língua russa ou por Nekrasov para a Mãe Rússia: os Cinquenta e

Oito grande, poderoso, abundante, ramificado, variado, barril-all, que abrange o mundo inteiro não tanto pelas definições de seu aponto como através de sua interpretação dialética e generosa.

Quem entre nós não sentiu seus abraços que abrangem tudo? É verdade que sob o céu não há contravenção, desígnio, ação ou inação que não seja condenável pelo Artigo Cinquenta e Oito.

Era impossível defini-lo de forma tão ampla, mas tornou-se possível interpretá-lo de forma tão ampla.

O artigo 58 não constituía um capítulo sobre crimes políticos no Código e em nenhum lugar afirma que seja "político". Não, com crimes contra a Administração e banditismo, faz parte do capítulo sobre "crimes contra o Estado". Assim, o Código Penal começa com a recusa de considerar qualquer pessoa em seu território um criminoso político: apenas comum.

O artigo 58 consistia em quatorze pontos.

Desde o primeiro ponto, aprendemos que qualquer ação é contra-revolucionária (de acordo com o artigo 6º do CP, também inação) visando ... enfraquecer o poder ...

Por interpretação ampla, verifica-se que a recusa em trabalhar no campo de concentração quando você está com fome e desmaia é para enfraquecer o poder. E isso leva à execução. (As execuções dos *renunciantes* durante a guerra).

Em 1934, quando a palavra Patria nos foi devolvida, também foram inseridas aqui as seções 1-a, 1-b, 1-c, 1-d de *traição à Pátria*. De acordo com esses pontos, atos que lesem o poder militar da URSS são puníveis com pena de morte (1-b), e somente em circunstâncias atenuantes e apenas para civis (1-a) com dez anos.

Lendo de forma ampla: quando nossos soldados, por se renderem (dano ao poder militar!), Foram condenados a apenas dez anos, foi humano a ponto de ilegal. De acordo com o código de Stalin, eles deveriam ser fuzilados um a um, de acordo com a ordem em que chegassem à pátria.

(Outro exemplo muito lido: Lembro-me muito bem de um encontro em Buty rki, no verão de 1946. Um polonês nasceu em Lemberg, quando a cidade pertencia ao Império Austro-Húngaro. Até a Segunda Guerra Mundial ele morava em sua cidade natal, em A Polônia foi então para a Áustria, lá serviu e lá, em 1945, foi preso pela nossa e condenado a uma *década*, segundo o artigo 54-1-a do código ucraniano, por trair a Ucrânia, sua pátria! porque, a essa altura, a cidade de Lemberg havia se tornado o Lvov ucraniano. O pobre homem não poderia provar na instrução do sumário que se ele se mudou para Viena não era para trair a Ucrânia! Ele tinha que ser um traidor de nariz).

Outra extensão importante do ponto sobre a traição foi alcançada aplicando-o "através do artigo 19 do CP": "por fraude". Em suma, não houve tal traição, mas o juiz de instrução apreciou as *intenções* de trair, e isso bastou para aplicar a pena máxima, como se fosse uma traição cometida. É verdade, o artigo 19 se propõe a punir não a maldade, mas os *preparativos*, mas uma leitura dialética permite interpretar as intenções como preparativos. E "os preparativos são tão puníveis (isto é, são punidos da mesma forma) quanto o crime consumado" (CP). Em suma, não fazemos distinção entre a *intenção* e o *crime em si*, e essa é a superioridade da legislação soviética

[31]

sobre a burguesia!

O segundo ponto refere-se à rebelião, à usurpação do poder no centro e na periferia e, em particular, a violenta explosão de qualquer parte da União

das Repúblicas. Isso era punível com pena de morte, assim como CADA um dos seguintes pontos.

Em termos gerais (como não poderia ter sido escrito no artigo, mas ditado pelo sentido revolucionário de justiça): aqui se contempla qualquer tentativa de uma República de exercer seu direito de deixar a União. Quanto a "violento" não é especificado a *quem* se refere. Se toda a população de uma república quisesse se separar e Moscou não, a separação já seria *violenta*. Desta forma, todos os nacionalistas estonianos, letões, lituanos, ucranianos e turcomanos, de acordo com este ponto, obtiveram facilmente os *seus dez e vinte e cinco*.

O terceiro ponto: “qualquer tipo de ajuda a uma potência estrangeira, que esteja em guerra com a URSS”.

Este ponto permitiu o julgamento de QUALQUER cidadão que permaneceu em território ocupado e colocou meia sola em um militar alemão,, ou teria vendido um monte de rabanetes, e qualquer cidadão que tivesse levantado o moral de combate de um ocupante dançando yp assando o noite com ele. Nem todo mundo FOI condenado neste ponto (por causa do grande número de pessoas que permaneceram nos territórios ocupados), mas todo mundo PODERIA estar.

O quarto ponto dizia respeito à ajuda (fantasmagórica) dada à burguesia internacional.

Você pode perguntar: Quem se enquadraria nessa categoria? Mas lendo amplamente, auxiliados pela consciência revolucionária, eles facilmente encontraram a categoria: todos os emigrantes que deixaram o país antes de 1920, isto é, anos antes do citado código ser elaborado, e que ficaram presos na Europa por nossos tropas um quarto de século depois (1944-45), 58-4 foi aplicado a eles: dez anos ou a pena de morte. O que eles estavam fazendo no exterior além de ajudar a burguesia mundial? (O exemplo da sociedade de amigos da música mostra que também poderia ser ajudada de dentro da URSS). Todos os SRs, todos os mencheviques (o artigo foi inventado precisamente para eles) também favoreceram a burguesia e, mais tarde, os engenheiros do Gosplán e do Conselho Nacional de Economia.

Quinto ponto: induzir um estado estrangeiro a declarar guerra à URSS.

Uma oportunidade perdida: aplique este ponto a Stalin e aos diplomatas e militares que o cercaram em 1941-1942. Sua cegueira e insanidade levaram a isso. Quem senão eles mergulharam a Rússia em derrotas vergonhosas nunca antes vistas, além da comparação com os desastres da Rússia czarista em 1904 ou 1915? Derrotas como as que a Rússia não conhecia desde o século 12 ?

O sexto ponto: espionagem.

Foi dada uma interpretação tão ampla que se fizéssemos uma contagem de todos os condenados por esse motivo, chegaríamos à conclusão de que, nos tempos de Stalin, nosso povo não vivia da terra, ou da indústria , ou de coisas para o estilo, mas de espionagem para o estrangeiro, do dinheiro dos serviços de inteligência. A espionagem era uma coisa muito confortável pela sua simplicidade, acessível ao criminoso ignorante, ao jurista, [\[32\]](#) ao jornalista e à opinião pública.

A leitura mais extensa foi que eles não punem por espionagem, mas por:

Espionagem É suspeita (ou FIM - Espionagem não comprovada, então aplicaram a pena máxima!)

E mesmo para:

RISE-relacionamentos que levam (!) À suspeita de espionagem.

Por exemplo: o conhecido de um conhecido de sua esposa encomendou um vestido da mesma costureira (agente do NKVD, claro), que ela costura para a esposa de um diplomata estrangeiro.

Aqueles 58-b, SE e RISE eram pontos muito pegajosos , exigiam encarceramento rigoroso, vigilância constante porque a espionagem estrangeira é capaz de estender seus tentáculos e atingir sua criatura no campo de concentração, e proibiam o trabalho sem escolta. Em geral, todos estes *AR tigos de letras*, não-los em si, mas esta esmagadora combinação de capital (neste capítulo encontrar mais) sempre apareceu envolta num véu misterioso, que você nunca soube se fossem ramificações do artigo 58, ou algo independente, extremamente perigoso. Aqueles confinados nos campos de concentração com artigos de cartas eram ainda mais oprimidos do que os de '58.

Sétimo ponto: prejuízos à indústria, transporte, comércio, circulação e cooperativismo.

Na década de 1930, esse ponto ganhou muito espaço e absorveu completamente as massas, que passaram a chamá-lo, simplesmente, com o nome de *sabotagem*. Certamente, tudo o que consta do ponto Sete sofre uma deterioração clara e indiscutível a cada dia. (Devia haver culpados !) As pessoas construíram por séculos e sempre com honestidade, mesmo para os senhores. Os Rurikidas nunca ouviram falar em *sabotagem*. E eis que, quando os bens passaram às mãos do povo pela primeira vez, centenas de milhares dos melhores filhos do povo começaram a *sabotar*. (A sabotagem não foi prevista em nenhum momento, mas como sem ela não poderia ser explicado logicamente por que o mato invadiu os campos, as colheitas pioraram e as máquinas quebraram, o nariz dialético introduziu tal ponto).

O oitavo ponto era o terror (não o terror que o Código Penal Soviético tinha que "justificar e legitimar", ^[33] mas terror vindo de *baixo*).

O terror recebeu uma interpretação muito ampla: por terror você não entendeu que colocar uma bomba no carro de um governador, mas sacudir a poeira do seu inimigo pessoal, se ele era um ativista do partido, do komsomol ou da milícia, isso já era terror . O *assassinato* de um ativista nunca foi comparável ao assassinato de um homem comum (como no código de Hammurabi, do século 18 aC). Se o marido matasse a amante da mulher e ele não fizesse parte da festa, o marido ficava feliz, aplicava-se a ele o artigo 136, era um criminoso comum, de convivência social e podia andar sem escolta. Mas se o amante fosse membro do partido, o marido tornava-se inimigo do povo, conforme 58-8.

Uma aplicação de conceitos mais importantes foi ainda conseguida aplicando o ponto 8 do referido artigo 19, ou seja, *preparação* no sentido da intenção. Não apenas uma ameaça direta no bar: "você vai ver!", Mas as palavras de uma rabanera excitada "mesmo que um raio te atinja!", Foi classificado como TI, *intenções terroristas*, e deu combustível para aplicar o artigo com todos sua rigidez. ^[3,4]

O nono ponto: destruição ou deterioração ... por explosão ou fogo (infalivelmente, com móveis contra-revolucionários), brevemente chamado de *desvio*.

A extensão consistia na responsabilização de motivos contra-revolucionários (o juiz de instrução sabia melhor o que se passava na consciência do infrator!) E que todo engano, erro ou falha no trabalho não era perdoado e era considerado divertido.

Mas nenhum ponto do Artigo 58 foi interpretado com tamanha amplitude e fervor revolucionário como o Décimo. Soava assim: "Propaganda ou agitação que incitou a derrubar, minar ou enfraquecer o poder soviético ... bem como a divulgação, impressão ou preservação de publicações do mesmo conteúdo." Este ponto no tempo de PAZ apenas estabeleceu o limite *inferior da* punição (não diminua muito! Não suavize muito!), Mas o limite superior NÃO era LIMITADO!

Este é o quão bravo o Grande Poder foi antes do PAL ABRA de um assunto.

As famosas extensões desse famoso ponto foram: ele poderia ser descrito como "agitação, incitação" de uma conversa amigável (ou conjugal) sozinha, ou uma carta particular, e a *incitação* poderia ser um conselho particular. (Sabemos que "poderia ser r", PORQUE FOI ASSIM).

- “Minar ou enfraquecer” o poder era qualquer ideia que não coincidissem ou não atingisse o ponto de incandescência das ideias da imprensa diária. Não há dúvida de que *enfraquece* tudo o que *não fortalece*! Não há dúvida de que isso *prejudica* tudo o que não corresponde totalmente!

*E aquele que não canta com a gente hoje
aquele, é contra nós*

(Mayakovski)

- por "impressão de publicações" entendia-se tudo o que estava escrito em uma única via: cartas, notas, diário íntimo.

Sendo tão felizmente expandido, houve um pensamento IDÉIA, falado ou escrito que não se encaixava no Décimo Ponto?

O décimo primeiro ponto tinha um caráter especial: sem conteúdo próprio, era um agravante de cada um dos pontos anteriores, se a ação fosse preparada de forma organizada ou os criminosos ingressassem em uma organização.

Na verdade, o ponto foi ampliado de tal forma que nenhuma organização foi necessária. Em minha carne, sofri esta elegante aplicação do ponto. Éramos *dois* que, silenciosamente, trocaram opiniões, *de modo que* era uma organização germe, *portanto*, era uma organização.

O décimo segundo ponto foi o que mais afetou a consciência pública: foi o ponto de *não relatar* nenhum dos eventos listados. A punição pelo grave pecado de negação **NÃO TEM LIMITE SUPERIOR !!**

Esse ponto em si era uma expansão tão vasta que não exigia mais expansão. VOCE SABIA E NÃO DISSE, era como se dissesse!

O décimo terceiro ponto, aparentemente muito atrasado, era ter servido na polícia secreta do czar. ^[35] (O serviço análogo posterior foi, pelo contrário, classificado como um feito patriótico).

O décimo quarto ponto punia "a violação consciente" de certos deveres ou seu cumprimento com negligência deliberada; a punição, é claro, pode ser atirar. Resumidamente, isso foi chamado de sabotagem ou "contra-revolução econômica".

Separar o premeditado do não premeditado estava apenas nas mãos do juiz de instrução, com base na sua interpretação revolucionária da Lei. Este ponto aplicava-se aos camponeses que não faziam as entregas obrigatórias, bem como aos kolkhozianos que não cumpriam o número horário de trabalho estipulado. Os cativos que não cumpriam a norma trabalhista foram acusados do mesmo e, rebatidos, após a guerra, aplicaram este ponto aos presos para fuga do campo de concentração, interpretando por extensão a fuga não como um desejo de reconquistar a liberdade. liberdade preciosa, mas como dano ao sistema de campos de concentração.

Essa foi a última haste do leque chamado Artigo 58, um leque que cobria toda a existência do homem.

Depois dessa revisão do sublime ARTIGO, mais tarde ficamos menos surpresos . Quem fez a lei cometeu o crime.

O aço damasceno do artigo 58 - lançado em 1927, logo após sua forja, e temperado em todas as enchentes da década seguinte - foi utilizado, de forma contundente, no ataque desatado pela Lei contra o povo nos anos 1937-1938 .

Especifiquemos que a operação de 1937 não foi espontânea, mas planejada; que, no primeiro semestre daquele ano, as instalações de muitos presídios da União Soviética foram reformadas: as camas foram retiradas das celas e foram colocados beliches de solteiro e casal junto às paredes.^[36] Os velhos presos lembram que o primeiro golpe foi massivo e que, aparentemente, ocorreu em uma noite de agosto em todo o país (mas, conhecendo nossa falta de jeito, não dou muito crédito). No outono, quando, para o 20º aniversário da Revolução de Outubro, uma anistia do grão-geral era ansiosamente aguardada, Stalin, o muito engraçado,^[37] acrescentou novas penalidades ao Código: 15 a 20 anos.

Não creio que seja necessário repetir aqui o que foi profusamente descrito sobre o ano de 1937, e sobre o qual muito continuará a insistir: que um golpe devastador foi desferido no topo do partido, na administração soviética, nos comandantes militares e nos escalões mais altos. do próprio GPU-NKVD.^[38] É improvável que no nível regional o primeiro secretário do partido ou o presidente do Soviete permanecesse, porque Stalin queria os acomodativos para si mesmo.

Olga Chavchavadze conta como aconteceu em Tbilisi: em 1938 prenderam o presidente do soviete urbano, todos os chefes de departamentos (onze), todos os chefes de contas e todos os chefes de habilitação. Eles nomearam outros. Dois meses se passaram. E de novo prenderam de novo: o presidente, o vice-presidente, todos os chefes de departamento (onze), todos os chefes de contas e todos os chefes de habilitação. Foram libertados os contadores simples, as datilógrafas, as faxineiras e os mensageiros ...

Quanto à prisão das bases do partido, aparentemente houve um motivo que não aparece nos resumos nem nas sentenças: prendiam de preferência aqueles que ingressaram no partido antes de 1924. Isso, acima de tudo, foi

feito à carta em Leningrado, precisamente com os signatários da "plataforma" da Nova Oposição.^[1] (Como eles não assinaram? Como eles poderiam "não confiar" em seu comitê regional de Leningrado?)

Vamos ver como aconteceu então , e isso constituirá uma imagem daqueles anos. Foi realizada uma conferência distrital do partido (na região de Moscou). O novo secretário distrital presidiu, substituindo o recém-encarcerado. No final da conferência, foi aprovada uma resolução de fidelidade ao camarada Stalin. Naturalmente, todos se levantaram (além disso, durante a palestra, todos pularam toda vez que seu nome era mencionado). Na pequena sala, "irromperam aplausos torrenciais, levando a uma ovação de pé ". Três minutos, quatro minutos, cinco minutos ainda eram torrenciais e ainda levando a uma ovação. Mas suas mãos já doem; os braços levantados já haviam adormecido; os velhos já estavam sem fôlego. A coisa já estava se tornando estúpida e insuportável; mesmo para aqueles que sinceramente adoravam Stalin. Mas quem seria o *primeiro* a ousar parar de bater palmas? Pode ser o secretário distrital, que estava na plataforma e tinha acabado de ler a resolução: mas ele havia sido nomeado recentemente, em vez do encarcerado, e estava com medo! Estavam na sala aplaudindo os do NKVD, e olhavam para ver *quem* seria o primeiro a sair ... E os aplausos numa salinha ignorada, o patrão ignorando-o, duraram seis minutos! Sete minutos! Oito minutos ...! Eles eram homens mortos! Eles estavam perdidos! Eles não parariam até que caíssem com o coração partido! No fundo da sala, entre a multidão, ainda se podia trapacear, bater palmas com menos frequência, sem tanta força, sem tanta fúria, mas na presidência, à vista de todos? O diretor da fábrica de papel local, um homem independente e duro, de pé na cadeira, entendeu toda a falsidade, todo o desespero da situação, mas ele trapaceou! Nove minutos! Dez! Ele lançou um olhar angustiado para o secretário do partido, mas não se atreveu a parar! Foi uma loucura !! Transmissível! Olhando um para o outro, com uma esperança remota, mas com uma expressão de entusiasmo, os líderes do distrito aplaudiam até cair, até serem retirados em uma maca. Mas, mesmo assim, os que ficaram não vacilariam! E o diretor da fábrica de papel, no décimo primeiro minuto, fez uma cara de diligente e voltou à sua cadeira de presidência. E o milagre aconteceu! O que aconteceu com aquele entusiasmo geral, imparável, indizível? Todos juntos pararam de aplaudir e se sentaram. Eles foram salvos! O esquilo conseguiu sair do volante ...!

Desta forma, homens independentes são conhecidos . E assim eles os caçam. Naquela mesma noite, o diretor da fábrica de papel foi preso. Com extraordinária facilidade, deram-lhe dez anos, alegando um motivo totalmente diferente. Mas quando ele assinou 206 (o resumo), o juiz de instrução o lembrou:

"E nunca seja o primeiro a parar de bater palmas."

(E o que fazer? Como parar ...?)^[39]

É a chamada seleção de acordo com Darwin. Isso é chamado de esgotamento de idiotice.

Mas hoje um novo mito está sendo criado . Cada relato publicado, cada menção impressa do ano de 1937 descreve sem falta a tragédia dos líderes do Partido Comunista. E eles já nos convenceram, e sem querer nos deixamos enganar, que no ano penal de 1937-1938 os dirigentes comunistas e ninguém mais foi preso . Mas entre os *milhões* que eles levaram então, as posições de topo do partido e do governo não representariam mais de 10%. Mesmo nas prisões de Leningrado, na fila dos pacotes, a maioria eram mulheres simples do tipo leiteiro.

A composição dos arrastados por aquela poderosa inundação e carregados semimortos para o Arquipélago era tão variada, tão fantástica, que quem buscasse uma lógica científica teria que vasculhar os miolos. (Ainda menos compreendido os contemporâneos).

A única lei pela qual os encarceramentos eram regidos era a das *cifras atribuídas*, das faturas, da milhagem ... Cada cidade, cada distrito, cada unidade militar recebia cifras que deviam cumprir em determinada data. O resto dependia de agentes de agilidade.

Alexandr Kalganov, um ex-chekista, lembra que um telegrama chegou a Tashkent: "Envie duzentos." Eles tinham acabado de fazer uma limpeza e não sabiam onde conseguir "mais". Dos distritos, trouxeram meia centena. Idéia! Aos detidos pela milícia por crimes comuns, transfira-os para o artigo 58. Dito e feito. Mas o número ainda não havia sido alcançado. Eles gritaram da milícia: "O que fazemos?" Em uma praça da cidade, os ciganos montaram acampamento descaradamente . Idéia! Eles os cercaram e todos os homens com idades entre dezessete e sessenta os enviaram como se fossem do Artigo Cinquenta e Oito. E eles cumpriram o plano.

Este também foi o caso: os chekistas da Ossétia (conta Zabolovski, chefe das milícias) foram encarregados de atirar em 500 pessoas na República, pediram aumento e acrescentaram outras 230.

Este telegrama, ligeiramente camuflado, foi transmitido por telégrafo comum. Em Temriuk, o telégrafo, com toda franqueza, transmitiu à mesa telefônica do NKVD: "Amanhã mandam 240 caixas de sabonete para Krasnodar". No dia seguinte, ela soube das grandes prisões e percebeu isso! Ela disse a um amigo que eles haviam recebido um telegrama desses. Ela foi presa imediatamente.

(Essa forma chave de chamar as pessoas de saboneteiras, foi uma coincidência ou eles conheciam a tecnologia do sabonete ...?)

Em certos casos, alguma lógica pode ser descoberta, é claro. Eles estão presos:

- Nosso povo que permanece no exterior é espiões consumados. Muitas vezes eles são os mais leais ao Comintern ou aos Chekistas, existem muitas mulheres elegantes. Eles são chamados à pátria, presos na fronteira e depois levados a um confronto com seu ex-chefe no Comintern, por exemplo, com Mirov-Korona. Isso confirma que ele próprio trabalhava para um serviço de espionagem, portanto, seus subordinados são automaticamente condenados e, quando mais honestos, mais nocivos.
- Aqueles do FOCH. ^[s] (Os funcionários soviéticos do FOCH são todos, sem exceção, incluindo as esposas, filhos e avós, espiões japoneses. É certo que eles começaram a prendê-los anos antes).
- Os coreanos do Extremo Oriente (deportados para o Cazaquistão): a primeira experiência de perseguição por pertencer a uma determinada raça.
- A Estônia Leningrado (todos estão sendo tomados apenas pelo nome, como espiões brancos da Estônia).
- Todos os fuzileiros e damas letões. Sim, os letões, as parteiras da Revolução, até recentemente a espinha dorsal e o orgulho dos tchecos. E mesmo os comunistas da burguesia da Letônia, trocados em 1921 para libertá-los das terríveis sentenças letãs de dois e três anos. (Em Leningrado, eles fecharam: a Faculdade da Letônia do Instituto "Hertzen"; a Casa da Cultura dos Letões; o clube da Estônia; a escola especializada da Letônia; os jornais da Letônia e da Estônia).

No meio do tumulto geral, o Grande Solitaire acaba de ser embaralhado, eles agarram aqueles que ainda precisam agarrar. Não precisa

mais se esconder, é hora de encerrar o jogo. Agora, os socialistas são levados para formar campos inteiros com eles (por exemplo, Ufa e Saratov), eles os julgam todos juntos e, em rebanhos, são conduzidos aos matadouros do Arquipélago.

Não foi especialmente anunciado que o maior número possível de intelectuais deveria ser preso, mas isso nunca foi omitido nas correntes anteriores e agora eles também não o negligenciam. Chega é uma dica do aluno (a combinação dessas duas palavras não soa estranha há muito tempo), que o professor cita muito Lênin e Marx e não se refere a Stalin, e o professor da próxima aula já não aparecerá. E se ele *não nomear ninguém*? Então, todos os orientalistas de Leningrado, a geração média e a jovem, irão para a prisão. Todo o Northern Institute vai para a cadeia (exceto os delatores). Nem desdenham os professores da escola. Sverdlovsk foi fabricado na *causa* contra trinta professores, liderados por Perel, chefe do departamento regional de educação; uma das terríveis acusações foi que instalaram árvores de Natal nas escolas *para queimá-las!*^[40] E nas cabeças dos engenheiros (da geração soviética, não da "burguesa"). a estaca cai com a regularidade do pêndulo. Um topógrafo de minas Merkurevich Nikolai Mikov, uma anormalidade nas camadas, eles não combinavam com duas galerias. Artigo 58-7, vinte anos. Seis geólogos (grupo de Kotovich) "para ocultação intencional das reservas de estanho no subsolo (ou seja, para não descobri-las!) Enquanto esperava pelos alemães" (uma dica) em 58-7, dez anos cada 1.

As inundações principais foram seguidas pela inundação *especial*: as *esposas*, o eMe-eFe (membros da família)! As esposas de membros de alto escalão do partido e, em alguns lugares (Leningrado) de todos aqueles que foram impostos "10 anos sem direitos à correspondência », daqueles que deixaram de existir! Para eMe-eFe, eles costumam cair *oito* anos. (Mais suave do que os *kulaques* expropriados, também as crianças ficaram no continente).

Muitas vítimas! Grupos de vítimas! Um ataque frontal do NKVD à cidade: na mesma onda, mas por "causas" DIFERENTES SP Matveyeva foi presa pelo marido e três irmãos (três dos quatro nunca voltariam).

- Um cabo de alta tensão saiu e o chefe do setor recebeu 58-7, vinte anos.

- O trabalhador Novikov de Perm foi acusado de preparar-se para explodir a ponte sobre o Kama.
- Yuzhakov (também de Perm) foi preso durante o dia, e à noite eles foram atrás de sua esposa. Apresentaram-lhe uma lista de pessoas, exigindo que ele assinasse que todos realizavam reuniões mencheviques-SR em sua casa (não havia nada disso, é claro). Em vez disso, eles prometeram devolver seus três filhos para ele. F irmed, perdeu seus filhos e ela, claro, continuou na prisão.
- Nadezhda Yudenich foi presa por causa de seu sobrenome. É verdade que aos nove meses constataram que ela não era parente do general e a liberaram (algo de pouca importância: nessa época sua mãe morreu de seus problemas).
- Em Staraya Russa, eles exibiram o filme *Lenin em outubro*. Alguém ouviu a frase: "Palchinski deve saber disso", e Palchinski foi um dos defensores do Palácio de Inverno. Espere, neste lugar a enfermeira Palchinskaya trabalhou. A ela. E eles a levaram embora. Na verdade, descobriu-se que era sua esposa que, quando atiraram em seu marido, se escondeu em um lugar isolado.
- Os irmãos Borusko (Pavel, Iván e Stepan) vieram da Polônia em 1930, sendo CRIANÇAS, para morar com seus parentes. Mais tarde, quando eram jovens, eram SE (suspeitos de espionagem), com dez anos.
- Um motorista de bonde de Krasnodar estava voltando do parque para casa ao amanhecer e, para seu azar, passou por um caminho do lado de fora, ao redor do qual as pessoas circulavam. Descobriu-se que estava cheio de cadáveres, sob a lona mãos e pés salientes. Eles pegaram seu nome e, no dia seguinte, a prenderam. O juiz de instrução perguntou-lhe o que vira. Ela foi sincera e disse isso (a seleção darwiniana). Propaganda anti-soviética, 10 anos.
- Um encanador em seu quarto desligou o rádio quando transmitiram as infundáveis cartas a Stalin.^[41] O vizinho o denunciou. (Sim! Onde está aquele vizinho agora?), PES (elemento socialmente perigoso), oito anos.
- Estufista semianalfabeto, nas horas vagas gostava de *ensaiar a sua assinatura*: assim crescia aos seus próprios olhos. Ele não tinha papel branco e foi assinado em jornais. Seu jornal com rubricas sobre a imagem do Pai e Preceptor foi descoberto pelos vizinhos no banheiro da comunidade. ASA, dez anos.

Stalin e seus asseclas adoravam seus retratos, os jornais os atormentavam, multiplicavam-nos aos milhões. As moscas não davam muita importância à sua santidade, e era uma pena desperdiçar os jornais: quantos infelizes foram condenados por isso!

As prisões se espalharam pelas ruas e casas como uma epidemia. Da mesma forma que uns infectam os outros sem suspeitar através de um aperto de mão, com o hálito, ao entregar um objeto, da mesma forma: com o aperto de mão, com o hálito, quando se encontram na rua são contagiosos um ao outro, a praga da prisão iminente. Se amanhã você vai ter que admitir que estava criando um grupo clandestino para envenenar a água da cidade e hoje eu apertei sua mão na rua, então eu também estou condenado.

Sete anos antes, a cidade tinha visto a aldeia ser açoitada e achou isso natural. Agora a aldeia podia ver a cidade sendo açoitada, mas era muito ignorante para isso, e a aldeia também estava recebendo os últimos golpes.

- O agrimensor (!) Saunin foi condenado a 15 anos porque no seu distrito o gado pereceu (!) E as colheitas foram más (!) (Os líderes distritais foram fuzilados pelo mesmo).
- Ele veio ao secretário de campo do partido no distrito para se apressar na lavoura e um velho fazendeiro perguntou se o secretário *sabia* que, *se ete anos*, os coletivos tinham recebido pelo seu trabalho e um grama de trigo, só *palha*, e pouco. Por esta questão, o camponês foi condenado como ASA, a dez anos.
- Outro foi o destino de *um* camponês com seis filhos. Por essas seis bocas ele não poupou esforços quando trabalhou no kolkhoz, ele não perdeu a esperança de receber algo. E assim foi: deram-lhe uma condecoração. Foi entregue a ele em uma reunião e discursos foram feitos. Nas suas palavras de resposta, o camponês comoveu-se e disse: «Ah, em vez desta decoração preferia uma arroba de farinha! Seria possível?" A reunião explodiu em risos de lobo e o homem recém-condecorado foi para o exílio com suas seis bocas.

Juntar tudo isso agora para explicar que as pessoas foram presas *sem culpa*? Mas esquecemos de dizer que o próprio conceito de *culpa* foi anulado pela revolução proletária e, no início dos anos 1930, proclamou-se o *oportunismo de direita!* ^[42] Assim, não podemos mais especular sobre esses dois conceitos desatualizados de culpa e inocência.

O lançamento de 1939 é um caso incrível, é uma mancha na sua história dos *Órgãos*. Mas foi uma pequena decepção, 1% ou 2% dos presos anteriormente, que ainda não haviam sido condenados, nem mandados embora, nem mortos. Era escasso, mas muito bem usado. Era para devolver um copec por um rublo, era necessário colocar toda a culpa no sujo Ezhov, para fortalecer o Beria entrante e para o maior esplendor do chefe. Com este copec, o resto do rublo foi enterrado de maneira muito inteligente. “Eles o examinaram bem e o soltaram” (até os jornais se referiam destemidamente a *algumas* calúnias): então os outros encarcerados eram canalhas de segurança! E aqueles que voltaram ficaram em silêncio. Eles estavam noivos. Eles ficaram sem palavras de medo. E poucos descobriram alguns mistérios do Arquipélago. A distribuição continuou a mesma: à noite, os caminhões e, durante o dia, as manifestações.

Mas aquele mesmo copec logo o embolsaram de novo: naquela época e com base nos mesmos pontos do imensurável artigo. Quem percebeu, em 1940, a enxurrada de mulheres que não *desistiam* de seus maridos? Quem se lembra em Tambov que nesse mesmo ano tranquilo aprisionaram toda a orquestra de *jazz* do cinema "Moderno" por serem todos inimigos do povo? E quem viu os 30.000 tchecoslovacos que, em 1939, passaram da Tchecoslováquia ocupada à URSS, ao fraterno país eslavo? Não havia garantia de que não havia um espião entre eles . Todos foram enviados para os campos do norte (e de lá, durante a guerra, surgiu o "Corpo da Tchecoslováquia"). Pare, não foi em 1939 que estendemos a mão para ajudar os ucranianos ocidentais e os bielo-russos ocidentais e, mais tarde, em 1940, os baltos e os moldavos? Nossos irmãos estavam totalmente isentos de purgação e daí fluíram torrentes de profilaxia social. Eles levaram os muito ricos, os influentes, com eles os muito independentes, os muito inteligentes, os muito notáveis; Nas ex-regiões polonesas, eles foram especialmente cruéis com os poloneses (então se soube da fatídica Katyn, então nos campos de concentração do Norte eles ensilaram a forragem do futuro exército de Sikorski-Anders). Em todas as partes, oficiais apanhados. Desta forma, a população ficou chocada, silenciosa, sem os eventuais líderes da resistência. Assim, a sanidade foi imposta a eles, velhos relacionamentos, velhas amizades foram aniquilados.

A Finlândia nos deixou o istmo sem habitantes, mas, em 1940, na Carélia e em Leningrado, aqueles com sangue finlandês foram segregados e

deportados. Não tínhamos notado aquela corrente: nosso sangue não é finlandês.

Foi também na guerra da Finlândia que se realizou a primeira experiência: julgar como traidores da pátria aqueles de nós que foram feitos prisioneiros. O primeiro experimento na história da humanidade e, você vê, nós não percebemos.

Depois do ensaio, estourou a guerra e, com ela, a retirada da escória. Em apenas alguns dias, eles tiveram que se apressar para expurgar o maior número possível de cidadãos das Repúblicas Ocidentais que ficaram sob o poder do inimigo. Na pressa, unidades militares inteiras, regimes, artilharia antiaérea e grupos de artilharia de campanha foram abandonados na Lituânia, mas eles conseguiram remover vários milhares de famílias lituanas suspeitas (mais tarde, no campo de concentração de Krasnoyarsk, quatro mil deles foram entregues ao saque dos bandidos que estavam presos). A partir de 28 de junho, começou a corrida - na Letônia e na Estônia - para fazer prisões, mas a coisa cheirava a queimado e eles tiveram que recuar ainda mais apressadamente. Eles se esqueceram de evacuar fortalezas inteiras, como a de Brest, mas não se esqueceram de atirar em prisioneiros políticos nas celas e pátios das prisões de Lvov, Kovno, Tallinn e muitas outras prisões ocidentais. 192 pessoas foram executadas na prisão de Tartu, seus restos mortais jogados em um poço.

Como você pode imaginar isso? Você não sabe de nada, a porta da cela se abre e eles atiram em você. Você grita em agonia, e ninguém, a não ser as pedras da prisão, vai ouvir você e contar. Embora, dizem eles, alguns não tenham sido leiloados. Talvez um dia possamos ler um livro sobre isso.

Na retaguarda, a primeira inundação dos anos de guerra foi formada por *embusteiros e caçadores de pânico*, segundo um decreto - fora do Código - emitido nos primeiros dias da guerra.^[43] Este foi um experimento, para manter a disciplina geral. Todos foram enforcados por dez anos, mas não foi considerado o Artigo 58 (e os poucos que suportaram os campos de concentração na guerra foram anistiados em 1945).

Depois houve a enxurrada de quem *não entregou o equipamento de rádio* ou peças. Uma válvula de rádio encontrada (em virtude de uma reclamação) implicava dez anos de prisão.

Também aqui o dilúvio do que era s *Alemães*: alemães da região do Volga, os colonos da Ucrânia e do Cáucaso do Norte e, em geral, nada de alemão em qualquer região da União Soviética. O sinal determinante foi o

sangue, e até os heróis da guerra civil e os veteranos do partido, se fossem alemães, foram para o exílio.^[44]

O exílio dos alemães, em essência, foi o mesmo que a desapropriação dos *kulaks*, embora mais brando: eles permitiram que carregassem mais coisas, e não os mandaram para aqueles lugares de ruína. Mas também não obedecia a nenhuma norma legal, como acontecia com os *kulaks*. O Código Penal era uma coisa e outra completamente diferente, o exílio de centenas de milhares de pessoas. Esse foi um arranjo pessoal do "monarca". Além disso, como se tratava da primeira experiência nacional dessa magnitude, o assunto era apenas de interesse teórico para ele.^[v]

A partir do final do verão de 1941, e com maior intensidade desde o outono, estourou a inundação das *cercas*. Eram defensores da pátria, os mesmos que meses atrás nossas cidades despediram com música e flores e que depois tiveram que suportar os terríveis ataques dos tanques alemães, e no meio do caos geral, e de forma alguma. Por sua própria culpa, eles permaneceram, não cativos, não!, mas integrados em grupos de combate isolados, foram bloqueados pelos alemães por algum tempo e escaparam do cerco. Em vez de dar-lhes um abraço fraterno na volta (como faria qualquer Exército do mundo), dando-lhes uma folga, uma licença para ver a família e reintegrá-los, foram levados, sob suspeita, sob dúvida, em grupos desarmados, privados de seus direitos. , aos pontos de controle e seleção, onde, os oficiais das Seções Especiais, passaram a desconfiar totalmente de cada palavra que diziam e até de se, sim, eram aqueles que afirmavam ser. Na verificação eles usaram o confronto, o confronto, as declarações de um contra o outro. Após o controle, uma parte dos *gabinetes* foi restaurada aos seus nomes, patentes e confiança e eles foram reintegrados nas unidades. Outra parte, por ora a menor, constituiu a primeira torrente de *traidores da pátria*. Eles pendurariam o 58-1-b, mas, inicialmente, antes que o padrão fosse estabelecido, menos de dez anos.

Foi assim que o Exército em Operações foi purificado. Mas, além disso, havia um enorme Exército Inoperante no Extremo Oriente e na Mongólia. Impedir que aquele Exército crescesse com a ferrugem era a nobre missão das Seções Especiais. Na inação os heróis do Jaljin-gol e Jasá foram desamarrados,^[w] tudo o mais que só agora eles foram autorizados a estudar os "Degtiariov" metralhadoras e morteiros regimentais, que tinha mantido em segredo até mesmo dos próprios soldados. Com essas armas em

mãos, eles tiveram dificuldade em entender por que nós, no Ocidente, estávamos recuando. Estando além dos Urais e da Sibéria, eles não podiam ver que se voltássemos 120 quilômetros por dia , seria para repetir a manobra envolvente de Kutuzov.^[x] Para ajudar a entender isso, uma inundação do Exército Oriental foi necessária. E as bocas foram fechadas, e a fé tornou-se ferro.

É claro que em lugares altos também houve uma grande inundação de culpados da retirada (o culpado não poderia ser o Grande Estrategista!) Foi uma pequena inundação de *generais*, cinquenta, que no verão de 1941 estavam nas prisões de Moscou, e em outubro de 1941 ele saiu em etapas. Entre os generais, predominavam os da Aviação: o chefe da Força Aérea Smushkevich, General ES Ptujin (disse: "Se eu descobrir, primeiro lanço as bombas sobre nosso Querido Pai, e depois para a cadeia!") . e outros.

A vitória nos ataques de Moscou deu origem a uma nova onda de moscovitas culpados. Agora que o assunto podia ser estudado com calma, viu-se que aqueles moscovitas que não escaparam, não evacuaram e permaneceram sem medo na capital ameaçada e abandonada pelas autoridades , passaram a suspeitar: ou de minar o prestígio da autoridade (58-10), ou tendo esperado pelos alemães (58-1-a). Por meio do artigo 19, essa enchente alimentou os magistrados examinadores de Moscou e Leningrado até 1945.

Nem é preciso dizer que o 58-10, ASA, nunca foi interrompido e que durante a guerra gravitou para a retaguarda e para a frente. Penduraram-nos desabrigados que contaram os horrores da retirada (ficou claro nos jornais que foi uma retirada programada); Eles o enforcaram nas costas dos caluniadores que consideravam racionar pouco; eles penduraram na frente daqueles que *mentiram* que os alemães tinham boas armas; em 1942, eles desligaram na cara de todos que pensavam que as pessoas em Leningrado estavam morrendo de fome.

Naquele mesmo ano, após os fracassos de Kerch (120.000 prisioneiros) e Kharkov (ainda mais), na grande retirada do sul em direção ao Cáucaso e ao Volga, uma grande inundação de oficiais e soldados foi bombeada para o país que, não querendo residir agitados até a morte, eles se retiraram sem permissão - eles eram aqueles para quem, de acordo com a ordem imortal de Stalin número 227, a pátria não perdoaria sua ignomínia. Porém, essa inundação não atingiu o GULAG: vista a todo vapor pelos tribunais divisionais , foi totalmente desviada para as empresas de punição e

encharcou-se sem deixar vestígios na areia vermelha das trincheiras. Foi o cimento que afirmou a vitória de Stalingrado, mas não passou para a história geral da Rússia: ficou na história parcial dos esgotos.

(Let 's dizer aqui apenas tentar para estabelecer as inundações que atingiram o GULAG de fora. Na GULAG, o bombeamento interna de um tanque para outro, chamadas *das sentenças de campo*, que, acima de tudo, grassaram nos anos da Guerra Civil para , não são discutidos neste capítulo).

O escrúpulo obriga-nos a recordar os contrariados em tempo de guerra: os já mencionados checos, os polacos, o povo que recebeu autorização para ir à frente.

Iniciada em 1943 —quando a guerra virou a nosso favor—, uma inundação multimilionária dos territórios ocupados e da Europa cresceu de ano para ano, até 1946. Suas duas partes principais eram:

- cidadãos que permaneceram sob o domínio alemão ou da Alemanha (eles penduraram de um a *dez* com a letra 'a': 58-1-a);
- os soldados que eram prisioneiros (foram enforcados com uma *dúzia* com a letra "b": 58-1-b).

Todos os que estavam ocupados queriam viver; portanto, ele fez algo; e por isso, em tese, junto com a alimentação cotidiana, estava proporcionando um futuro corpo de crime: por traição ou, pelo menos, por cumplicidade com o inimigo. Mas, na prática, bastava marcar no número do passaporte que seu dono havia estado em território ocupado, pois prendê-los seria antieconômico: despovoar áreas tão extensas. Para levantar a consciência geral, bastava prender apenas uma certa percentagem: os culpados, os semiconsultados, os quartos culpados e os que colocaram as meias na mesma cerca que eles.

E apenas um por cento de apenas um milhão dá uma dúzia de campos cheios.

Nem se deve pensar que uma participação honesta em alguma organização anti-alemã clandestina fosse uma garantia de não cair naquela inundação. Claro, houve mais de um caso, como o daquele Komsomol em Kiev, que a organização clandestina designou, como informante, para servir na Polícia daquela cidade. O menino, honestamente, relatou tudo aos Komsomoles, mas com a chegada dos nossos penduraram seus *dez nele*,

pois, servindo na Polícia, como não evitaria as influências inimigas e o cumprimento de missões inimigas?

Mais amarga e implacável foi a condenação daqueles que estiveram na Europa, mesmo que fossem escravos, *ost*, porque viram um pouco da vida europeia e puderam falar dela, e daquelas histórias que sempre não gostamos (excluindo, claro, o notas de viagem de escritores bem-intencionados), me senti mal, especialmente nos anos do pós-guerra, anos de ruína e privação. E dizer que na Europa tudo estava errado e não dava para viver, nem todo mundo sabia fazer isso.

Por esse motivo, não por mera rendição, eles julgaram a maioria dos *prisioneiros de guerra*, especialmente aqueles que viram no Ocidente algo diferente dos campos de extermínio alemães.^[45] Isso é bem demonstrado pelo fato de que os *internos foram* infalivelmente julgados como prisioneiros. Assim, nos primeiros dias da guerra, um grupo de nossos marinheiros foi arrastado para a costa sueca. Durante a guerra, eles viveram livremente na Suécia, levando uma vida confortável e confortável como nunca antes ou depois. A União Soviética recuou, avançou, atacou, morreu e morreu de fome, enquanto aqueles canalhas lançavam bochechas neutras. Após a guerra, a Suécia os devolveu. Sem dúvida foi uma traição ao país, mas não acertou muito. Eles os deixaram ir para casa e todos receberam propaganda anti-soviética por suas histórias cativantes de liberdade e suculência na Suécia capitalista (o grupo de Kadenko).^[46]

Entre a inundação geral dos libertos da ocupação, uma após a outra, as inundações de nacionalidades pecadoras passaram rapidamente e em boa ordem :

- em 1943, os Kalmuks, Chechenos, Ingush e Cabardians;
- em 1944, os tártaros da Criméia.

Eles não teriam chegado com tanta energia e velocidade para seu exílio eterno se não fosse pela ajuda dada aos *Órgãos* das tropas regulares e os caminhões militares. As unidades de guerra fizeram um cerco corajoso em torno das aldeias nas montanhas, e aqueles que ali haviam feito ninhos para viver por séculos, em 24 horas, com a velocidade de um desembarque, foram conduzidos à estação , carregados em comboios e partiram imediatamente. para a Sibéria, Cazaquistão, Ásia Central, norte da Rússia.

Em apenas vinte e quatro horas, suas terras e bens imóveis passaram para as mãos dos sucessores.

Como os alemães no início da guerra, essas nacionalidades foram deportadas apenas por motivos de sangue e sem preenchimento de formulários: membros do partido, heróis do trabalho e heróis de uma guerra que ainda não havia terminado, foram para o mesmo lugar.

Nos últimos anos de guerra, a enxurrada de *criminosos de guerra* alemães marchou livremente, foram segregados dos campos de prisioneiros e, por meio de um tribunal, passaram para o sistema GULAG.

Em 1945, embora a guerra contra o Japão não tenha durado três semanas, muitos prisioneiros foram feitos, os quais foram designados para realizar trabalhos de longa duração na Sibéria e na Ásia Central, e lá foi realizada a operação de seleção de *criminosos de guerra* para a guerra.

^[47]
GULAG.

Desde o final de 1944, quando nosso Exército entrou nos Bálcãs, e, sobretudo, em 1945, quando chegou à Europa Central, uma enxurrada de *emigrantes* russos também fluiu pelos canais do GULAG: idosos que partiram com a revolução, e de jovens que cresceram lá. Como regra geral, eles arrastaram os homens para casa e deixaram as mulheres e crianças no exílio. (É verdade que não levaram todos, mas sim aqueles que em 25 anos expressaram - mesmo que muito tenuamente - suas opiniões políticas ou as expuseram antes, durante a revolução. Aqueles que vegetaram, não tocaram). As principais inundações ocorreram na Bulgária, Iugoslávia, Tchecoslováquia e, em menor escala, na Áustria e na Alemanha; nos outros países da Europa Oriental quase não havia russos.

Da Manchúria também houve, em 1945, uma enxurrada de emigrantes. (Alguns não foram presos imediatamente: famílias inteiras foram convidadas a retornar à sua pátria em liberdade, e já aqui foram separadas e enviadas para o exílio ou prisão).

Durante os anos 1945 e 1946 uma inundação avançava para o Arquipélago que, finalmente, era de verdadeiros adversários do regime (os Vlasovistas, os Cossacos de Krasnov, muçulmanos de unidades nacionais, formados na Alemanha de Hitler), às vezes convencidos, outros, involuntários.

Com eles, *pelo menos um milhão de fugitivos do regime soviético* foram capturados: civis de todas as idades e de ambos os sexos, que

felizmente se refugiaram em território aliado, mas que em 1946-1947 foram ^[48] traiçoeiramente colocados nas autoridades aliadas. mãos dos soviéticos.

Vários *poloneses*, membros do exército Kraiova, partidários de Mikolaicik, passaram por nossas prisões em direção ao GULAG.

Havia também vários *romenos e húngaros*.

Desde o fim da guerra, e então, ininterruptamente por muitos anos, uma enxurrada abundante de nacionalistas ucranianos (benderos) correu.

Após a guerra, com este enorme deslocamento de milhões como pano de fundo, poucos viram pequenas inundações como:

- *as meninas por estrangeiros* (1946-1947), que se deixavam cortejar por estrangeiros. Essas meninas foram estigmatizadas com o artigo 7-35 (socialmente perigoso);
- o ou espanhol para nós, aqueles que foram evacuados durante a guerra civil e adultos alcançados após a Segunda Guerra Mundial. Educados em nossos colégios internos, eles se adaptaram mal à nossa vida. Muitos lutaram para voltar "para casa". Eles também deram-lhes 7-35 para socialmente perigoso, e o mais tenaz, 58-6, espionagem em favor da ... América.

(Para sermos justos, não deixaremos de lado um breve - em 1947 - descontente de ... padres. Sim, foi milagroso!: Pela primeira vez em 30 anos eles libertaram os padres. Não que estivessem procurando os padres. campos de concentração: se aqueles que estavam em liberdade pudessem fornecer nomes e lugares exatos, eles, os nomeados, eram reintegrados à liberdade, a fim de fortalecer a igreja reconstituída).

Observe que este capítulo não tenta listar TODAS as enchentes que foram pagas pelo GULAG, mas apenas aquelas que tiveram um tom político. Da mesma forma que em um curso de anatomia, após a descrição detalhada da circulação do sangue, é possível recomeçar a descrever em detalhes o sistema linfático, as inundações de condenados por crimes *menores* e de os *criminosos*. Essa descrição também não ocuparia um lugar pequeno. Nele estariam expostos muitos decretos famosos, hoje parcialmente esquecidos (embora nunca revogados por lei), que forneciam farto material humano ao insaciável Arquipélago. O decreto sobre o absentismo laboral. O decreto

sobre a fabricação de artigos defeituosos. O decreto sobre a destilação clandestina de conhaque (sua devassidão foi em 1922, mas durante os anos 20 eles prenderam generosamente). O decreto que puniu os kolkhozianos que não cumprissem a norma obrigatória de jornada de trabalho. O desafio de dezembro sobre a militarização das ferrovias (abril de 1943, que não era mais o início da guerra, mas a virada para o aperfeiçoamento).

Esses Decretos, segundo uma tradição milenar que se inicia com D. Pedro I, surgiram sempre como o mais importante em matéria legislativa e sem levar em conta ou mesmo lembrar a legislação anterior. Juristas teóricos foram propostos para harmonizar os dois ramos, mas eles lidaram com isso sem zelo excessivo e sem muito sucesso.

Essa pulsação de decretos produziu uma imagem muito estranha dos crimes comuns e criminais no país. Observou-se que roubos, homicídios, destilação clandestina, estupros, se originaram nesta ou naquela parte do país não por fraquezas humanas, luxúrias ou paixões desencadeadas, não! Os crimes ocorreram em todo o país com surpreendente unanimidade e uniformidade. Hoje, o país era um enxame de estupradores; amanhã, de assassinos; passado, de destiladores, como um eco cuidadoso do último decreto oficial. Dava a impressão de que cada crime estava atingindo seu pico antes do Decreto, para desaparecer o mais rápido possível. O crime que se manifestou de imediato e em todo o lado foi justamente o recentemente previsto e intensificado por legislação sensata.

O Decreto sobre a militarização das ferrovias trouxe a julgamento multidões de camponesas e adolescentes, que trabalharam principalmente durante a guerra na ferrovia e que, por não terem adquirido previamente treinamento de quartel, foram as que demoraram mais e mais infringiram. O decreto sobre o não cumprimento da regra obrigatória do horário de trabalho simplificou muito os procedimentos de deportação de kolkhozianos indolentes, que queriam receber mais do que *bastões*.^[el] Isso anteriormente exigia um julgamento e a qualificação de "contra-revolução econômica", enquanto agora uma decisão do kolkhoz era suficiente, corroborada pelo comitê executivo distrital; Os kolkhozianos também deveriam ficar aliviados em reconhecer que estavam sendo deportados, mas não como inimigos do povo. (A norma obrigatória de dias variava de acordo com as regiões: o mais vantajoso era para os caucasianos: 75 dias, mas muitos deles passaram oito anos para a região de Krasnoyars).

Mas, neste capítulo, não propomos um estudo exaustivo e frutífero das correntes comuns e criminosas. Mas quando chegarmos ao ano de 1947, não podemos silenciar um dos maiores decretos de Stalin. Já quando nos referimos ao ano de 1932, citamos oportunamente a famosa Lei dos «sete-oito» ou «sete oitavos», uma lei pela qual foram presos ricamente: por uma espiga, um pepino, duas batatas, uma lasca, um carretel De linha,^[49] e por dez anos.

Mas as demandas do tempo, como Stalin as entendia, mudaram, e aqueles *dez* que pareciam suficientes em face de uma guerra cruel, agora, após o triunfo histórico do alcance universal, pareciam pouca coisa. E desprezando o código, ou perdendo a memória de numerosos artigos e decretos sobre furtos e roubos, em 4 de junho de 1947 foi anunciado um decreto que ultrapassou todos os outros e que foi imediatamente batizado pelos hilariantes prisioneiros como o Decreto do « quatro sextos.

Em primeiro lugar, a vantagem do Decreto residia na sua frescura: com o aparecimento do Decreto, estes crimes iriam surgir e garantir uma inundação abundante de condenados recentemente. Mas sua maior vantagem estava nas *frases*: se para ter menos medo cortassem orelhas não muito cha, mas três ("quadrilha organizada"), e para pepinos ou maçãs, alguns meninos de doze anos, então pendurariam até *vinte* anos em um campo de concentração; Nas fábricas, a pena máxima foi elevada para 25 (esta pena, a *quarta*, foi imposta dias antes da abolição da pena de morte, por razões humanitárias).^[50] Por fim, uma velha injustiça foi encerrada quando apenas a denúncia apolítica foi considerada um crime de Estado; agora, para não denunciar um roubo de propriedade do Estado ou kolkhoz, eles estavam aguentando três anos em campos ou sete anos no exílio.

Nos anos imediatamente posteriores ao decreto, divisões inteiras de habitantes da cidade e do campo foram enviadas para trabalhar nas ilhas Gulag, para socorrer os aborígenes mortos. É verdade que essas inundações fluíram pela milícia e tribunais comuns, e não entupiram o esgoto da Segurança do Estado, que transbordou nos anos do pós-guerra.

Essa nova linha de Stalin , segundo a qual, após a vitória sobre o fascismo, muitos tiveram de ser IMPRISIONADOS com mais energia do que nunca e por um longo tempo, teve um impacto imediato, é claro, nos políticos.

Os anos 1948-1949, que ao longo da vida social se caracterizaram por crescentes perseguições e vigilância, foram marcantes por uma tragicomédia sem precedentes até na própria justiça de Stalin: a dos *repetentes*.

É assim que a língua GULAG distinguia os infelizes sobreviventes do ano de 1937, que suportaram dez anos impossíveis, insuportáveis, e que agora, em 1947-1948, espancados e esmagados, se preparavam para colocar o pé vacilante na terra da *liberdade*, na esperança de consumir silenciosamente o pouco que lhes restava da vida. Mas um vandalismo e magia (um mal permanente ou uma sede insatisfeita de vingança) sugeriram ao Generalíssimo-Victor a ordem: todos esses deficientes para a prisão novamente, sem nova culpa. Para ele era desvantajoso, política e economicamente, entupir a máquina de engolir com seus próprios picles. Mas Stalin arranjou dessa forma. Foi um caso em que o personagem histórico coloca a necessidade histórica na cintura.

E todos eles, que mal haviam feito um lugar para si nos novos lugares ou nas novas famílias, vieram *buscá-los*. Eles os pegaram com o mesmo cansaço indolente com que eles próprios caminhavam. Eles já sabiam de tudo de antemão, a Via Sacra. Eles não perguntaram "por quê?" e não disseram aos parentes "Voltarei": vestiram as roupas mais sujas, encheram de fumo a garrafa da prisão e foram assinar o resumo. (Continha apenas uma pergunta: "Você estava na prisão?" "Sim." "Bem, tenha mais *dez*").

E nisso o Monarca percebeu que colocar os sobreviventes do ano 37 não era suficiente! Os filhos de seus ferrenhos inimigos também tiveram de ser trazidos! Eles estavam crescendo, e se a vingança lhes ocorresse ...! (Ou talvez seja porque ele teve um jantar forte e teve um pesadelo relacionado àqueles meninos). Eles fizeram uma contagem, eles colocaram em números: eles tinham filhos na prisão, mas poucos. Eles prenderam os filhos dos altos comandantes militares, mas não todos os trotskistas. E correu o dilúvio de *filhos-vingadores*. (Essas crianças também incluíam Lena Kosareva, 17, e Elena Rakovskaya, 35).

Depois da grande miscelânea europeia, em 1948, Stalin conseguiu trancar a barra novamente, baixar o teto e criar, nesse espaço hermético, a mesma atmosfera rarefeita de 1937.

E eles fluíram em 1948, 1949 e 1950:

- espiões imaginários (há 10 anos eles eram alemães-japoneses; agora, anglo-americanos);
- crentes (desta vez os sectários abundavam);
- os geneticistas e selecionadores sobreviventes, apoiadores de Vavilov e Mendel;
- intelectuais de pensamento simples (mais severamente os estudantes), a quem o Ocidente não assustou muito. Estava muito na moda pendurá-los:

ETA: elogio da técnica americana,

EDA: elogio da democracia americana,

AO: admiração pelo Ocidente.

Foram inundações semelhantes às de 37, mas a duração das sentenças foi diferente: a partir de agora, o padrão não era mais os *dez* patriarcais , mas os stalinianos *vinte e cinco*. Já o dez era considerado pena para menores.

Tampouco a enchente originada no novo Decreto sobre os divulgadores de segredos de Estado foi nada insignificante (os seguintes foram considerados segredos: as colheitas do distrito; as estatísticas sobre epidemias; a produção de qualquer oficina ou fábrica; falar de um aeródromo civil ; itinerários de transporte urbano; o nome de um prisioneiro em um campo de concentração). Por este decreto quinze anos pendurados.

Nem as inundações nacionais foram esquecidas. A enxurrada de benderos fluía constantemente, ^[z] chegando, ainda quente, dos campos de batalha. Ao mesmo tempo, a população rural da Ucrânia Ocidental que mantinha qualquer relação com os guerrilheiros foi condenada a cinco anos em um campo de concentração - ou exílio -: os guerrilheiros os abrigaram uma noite; que uma vez os deu para comer; aquele não os entregou. Aproximadamente em 1950, começou a enxurrada de ESPOSAS DOS MISTURADORES: foram dados dez anos para não denunciar, para exterminar mais cedo, seus maridos.

Por volta dessa época, a resistência na Lituânia e na Estônia cedeu. Mas daí vieram, em 1949, poderosas enchentes de novas profilaxias sociais e garantia da coletivização da agricultura. Das três repúblicas, trens inteiros transportavam pessoas da cidade e do país para o exílio na Sibéria. (Nessas

Repúblicas o ritmo histórico foi alterado. Agora, em prazos muito apertados, deveriam repetir o caminho de todo o país).

Em 1948, outra inundação nacional passou para o exílio: a dos *gregos* de Azov, Kuban e Sukhumi. Durante a guerra eles não contraíram nenhuma mancha diante do Pai, mas agora ele se vingou deles, talvez por causa do fracasso na Grécia. Aparentemente, essa inundação também foi resultado de sua demência pessoal. A maioria dos gregos foi para o exílio nas repúblicas da Ásia Central; os descontentes, isoladores políticos.

E por volta do ano 1950, dentro da mesma vingança pela guerra perdida, ou para equilibrá-los com os já eLivross, os insurgentes do exército de Markos que a Bulgária nos deu passaram para o Arquipélago.

Nos últimos anos da vida de Stalin ele já foi notado a enxurrada de *judeus s* (desde 1950 tinham sido fluindo lentamente como *cosmopolita*). Para isso mesmo foi montado o caso dos *médicos*. Aparentemente, eles planejavam organizar um grande massacre judaico. ^[51]

Mas, pela primeira vez em sua vida, seus projetos falharam . Deus - parece que por meio de mãos humanas - ordenou que ele saísse das costelas.

O que precede mostra, creio eu, que no massacre de milhões e na população do GULAG houve um pensamento de coerência a sangue frio e uma tenacidade persistente.

Que em nosso país as prisões nunca estavam VAZIAS, mas cheias ou congestionadas.

Enquanto você felizmente desvendou os enigmas inócuos do núcleo atômico; eles estudaram a influência de Heidegger sobre Sartre e coletaram reproduções de Picasso; Eles viajavam em carros-cama para o spa ou construía sua dacha nos arredores de Moscou, vans de celular vagavam incessantemente pelas ruas e carros da KGB batiam ou batiam nas portas.

E eu acho que, com o exposto, fica demonstrado que os *órgãos* nunca comeram a sopa boba.

III

O Interrogatório

Se os intelectuais de Chekhov, que especulavam sobre o que aconteceria em vinte, trinta ou quarenta anos, tivessem sido informados de que na Rússia, em quarenta anos, o prisioneiro seria atormentado; eles pressionariam sua cabeça com um anel de ferro; ^[52] eles o submergiam em uma banheira cheia de ácido; ^[53] que, nu e amarrado, o torturaria com formigas e percevejos; eles colocariam uma vareta aquecida em um pequeno orifício (o "ferro secretor") em seu canal anal; que com a bota eles esmagariam gradualmente suas partes sexuais e que o mais brando dos tormentos seria não deixá-lo dormir por uma semana, com sede, batendo nele até que ele fosse esfolado, os dramas de Tchekhov não haviam chegado ao fim: todos os personagens, eles teriam acabado no hospício.

E não apenas os personagens de Chekhov. Que homem russo, incluindo membros do Partido dos Trabalhadores Social-democratas, seria capaz de admitir que o futuro brilhante foi assim caluniado? O que ainda se encaixa com Alexei Mikhailovich; o que com Pedro I já parecia uma selvageria; o que com Byron poderia ser aplicado a dez ou vinte pessoas; era inconcebível para Catherine II, no auge da grande sig na xx , numa sociedade concebida em princípios socialistas nos anos que as aeronaves já voam apareceram talkies e rádio, eu não cometi nenhum crime, e não em um lugar escondido, mas dezenas de milhares de homens-feras especialmente treinados para isso, em milhões de vítimas indefesas.

Será essa explosão de atavismo, que agora eles chamam de forma evasiva de "culto da personalidade", horrível só por isso? Ou o terrível é que nesses mesmos anos comemoramos o centenário de Pushkin? Que interpretamos cinicamente essas mesmas peças de Tchekhov, embora a resposta a elas já tivesse sido obtida? Ou é ainda mais horrível que trinta

anos depois nos digam: não é preciso falar nisso !? Ao relembrar os sofrimentos de milhões, distorceremos a perspectiva histórica! Se buscarmos a medula de nossos costumes, podemos manchar progresso material! É melhor você se lembrar dos altos-fornos colocados em funcionamento, dos laminadores, dos canais com ruído ... não, é melhor deixar os canais ... então o ouro de Kolyma, não, sobre isso também ... Pode falar de tudo , mas com muita sabedoria, mas exaltando ...

Não se compreende por que condenamos a Inquisição. Além das fogueiras, ele não celebrava missas solenes? Não se compreende por que não gostamos tanto do regime de servidão. O camponês não era proibido de trabalhar todos os dias. E no Natal ele cantava canções natalinas, e na festa da Trindade as meninas faziam buquês ...

O carácter excepcional que a lenda escrita e oral atribui ao ano de 1937, deve-se ao facto de a culpa e a tortura terem sido então inventadas.

Isso não é verdade, não é preciso. Ao longo dos anos e décadas, o resumo baseado no Artigo 58 QUASE NUNCA teve a intenção de esclarecer a verdade, mas foi apenas um procedimento sujo inevitável para esmagar o homem que estava recentemente livre, às vezes orgulhoso, sempre despreparado, passando por um tubo estreito, onde os ganchos da armadura riscavam-lhe os flancos, onde não tinha nada para respirar - para o fazer ansiar por chegar à outra ponta - mas da outra ponta surgia já um legítimo aborígine do Arquipélago e já no Terra Prometida. (Os ingênuos sempre resistem: acreditam que o tubo pode ir para trás.)

Quanto mais anos sem escrever, mais difícil é reunir os testemunhos dispersos dos sobreviventes. E estes nos dizem que o *grosso dos resumos* começou já nos primeiros anos dos *Órgãos*, para que se percebesse o seu trabalho constante, insubstituível e salvador, porque se, por azar, os inimigos diminuíssem, os *Órgãos* se *atrofiariam* . Conforme registrado no

resumo de Kosyrev,^[54] a posição da Cheka estava abalada já em 1919. Lendo os jornais de 1918, me deparei com uma declaração oficial sobre a descoberta de uma terrível conspiração de dez pessoas que queriam (elas apenas QUEREM) instalar canhões no telhado de a Casa da Educação (veja sua altura) para bombardear o Kremlin de lá. Havia *dez* (deles, talvez algumas mulheres e adolescentes); não se sabe quantas armas; De onde vieram aqueles canhões? De que calibre eles eram? Como você os fez subir

as escadas para o sótão ? E como colocá-los no telhado inclinado? E que não recuaram ao atirar! Por que os policiais de Petrogrado, para lutar contra a Revolução de Fevereiro, não trouxeram armas mais pesadas do que uma metralhadora para o telhado ...? Pois é, aquela fantasia, que antecipava as montagens de 1937, eles leram! E acreditaram ...! Talvez com o tempo se mostre que o caso "Gumiliov"^[aa] de 1921^[55] ^{eles} também puxaram para dentro da manga. Naquele mesmo ano, uma "conspiração" da intelectualidade local foi inventada na Cheka de Riazán (mas protestos de pessoas corajosas chegaram a Moscou e o assunto foi revertido). Nesse mesmo ano, 1921, todo o Comitê Saproel, integrado na Comissão para ajudar as forças da Natureza, foi fuzilado. Se conhecermos bem o caráter e o estado de espírito do meio científico da época, e se não nos sentirmos isolados daqueles anos por uma cortina de fumaça do fanatismo, podemos calcular o que valia aquela EDIÇÃO, sem ter que recorrer a escavações.

E. Doyarenko recorda o ano de 1921: a sala de recepção de detidos da Lubyanka; existem cerca de 40 ou 50 berços; a noite toda trazem mulheres. Ninguém conhece o seu crime, todos têm a sensação de que foram apanhados à toa. De todas as células, apenas uma sabe: ela é uma SR. A primeira pergunta de Yagoda: "Bem, por *que* eles caíram aqui?" Isto é, diga você mesmo, ajude-nos a condená-lo. EXATAMENTE o mesmo que eles falam sobre a GPU Ryazan em 1930. O sentimento geral é que eles estão presos por nada. A tal ponto que lhes faltam motivos, que ID Tv. Eles o acusam ... de carregar um sobrenome falso. (O sobrenome era legítimo, mas o CES^[ab] confiou-lhe o artigo 58-10, três anos). Sem saber o que esperar, o juiz de instrução perguntou-lhe: "Em que você estava trabalhando?" "Ele era um economista." Escreva uma nota explicando 'o planejamento da fábrica e como ele é feito'. Mais tarde ele saberá por que foi preso. (Você encontrará algo em que se agarrar na nota).

Algo como a fortaleza de Kovno aconteceu em 1912: eles decidiram desmantelá-la como inútil; não tinha mais aplicação militar. Aí o comando da fortaleza, assustado, organizou um "bombardeio noturno" da praça: para mostrar que servia e deixá-los no lugar ...

Também é verdade que desde o início foi dada uma interpretação teórica muito livre ao conceito de CULPA do acusado. Nas instruções sobre o terror vermelho, o chechista MI Lacis escreveu: «... na investigação do sumário não se proponha a procurar materiais ou provas que os acusados

tenham tentado por palavra ou de fato contra o poder soviético. A sua primeira pergunta será: a que turma ele pertence, de onde vem, seus estudos (existe o Comitê Saprope! - AS), educação? Essas são as perguntas que devem determinar o destino do acusado. Em 13 de novembro de 1920, Dzerzhinsky, em uma carta à Cheka, ressalta que na Cheka "eles freqüentemente deram lugar a denúncias caluniosas".

Depois de tantas décadas, não nos acostumamos com o fato de que não há volta dali ? Após um breve retrocesso conscientemente em 1939, apenas alguns poucos casos são conhecidos em que alguém foi libertado como resultado da investigação da investigação. Mas se acontecesse, aquela pessoa era novamente encarcerada pouco depois ou, se solta, era para seguir os passos. Assim surgiu a tradição de que os *Órgãos* não *erram no seu trabalho*. E quanto ao inocente ...?

O "Dicionário de línguas" Dahl faz esta distinção: "O *PESQ UISA* se distingue do resumo que é feito para descobrir de antemão se há razões para a instrução do *resumo*."

Oh, santa simplicidade! Os *órgãos* nunca souberam de qualquer investigação. Uma lista vinda de cima, ou a primeira suspeita, ou um ataque chiv, ou mesmo uma denúncia anônima ^[56] levou à prisão e, posteriormente, à acusação inevitável! O tempo destinado à investigação do sumário não foi investido em desvendar o crime, mas, em noventa e cinco casos em cem, para cansar, exaurir, exaurir o réu, com o que ele só queria finalizar com um golpe de machado, desde que chegue ao fim logo.

Já no ano dezoito, o principal método do juiz de instrução era: o *revólver na mesa*.

Eles fizeram isso não apenas com os políticos; eles fizeram o mesmo em crimes de "administração". No julgamento do Departamento de Combustíveis (1921), o réu Majrovskaya queixou-se de que, durante a investigação, ela recebeu cocaína. O fiscal ^[57] repete: "Se ele tivesse dito a ela que ela foi tratada com grosseria ou que eles *ameaçaram atirar nela*, ainda teria *sido parcialmente acreditado*." O revólver é para assustar; Às vezes ele aponta para você, e o juiz de instrução não se dá ao trabalho de inventar o seu crime, mas diz: "Vamos, conte, você já sabe". O mesmo fez, em 1927, o juiz de instrução Jaikin com Skripnikova; assim, em 1929, eles o exigiram de Vitkovski. Um quarto de século depois, nada mudou. Em 1952, à própria Anna Skripnikova, em sua QUINTA prisão, Si vakov, chefe

da seção de investigação do Ordzhonikidze MGB, disse-lhe: «O médico da prisão nos envia um relatório, segundo o qual você tem 240/120 tração. Isso não é suficiente, seu bastardo (ela vai fazer sessenta), vamos fazer você aumentá-la para trezentos e quarenta para que você possa chutar o balde, víbora, sem hematomas, sem espancamentos, sem pausas. Basta não te deixar dormir! » E se Skripnikova, depois de uma noite de interrogatório na cela, fechasse os olhos durante o dia, o carcereiro entrava e gritava com ela: "Abra os olhos ou vou tirá-la do catre, pelas pernas, e vou amarrá-la à parede, pé".

Os interrogatórios noturnos também prevaleceram em 1921. Mesmo assim, eles piscavam com os faróis dos carros (a Cheka de Ryazan, Stelmaj). E em Lubyanka, em 1926 (testemunho de Berta Gandal), eles usaram o aquecimento do ar para introduzir ar frio ou fedorento na cela. E havia uma cela de cortiça, na qual não havia ar, e também queimava. Aparentemente, o poeta Kliuev estava em uma dessas celas; Berta Gandal também. Vasili Alexandrovich Kasianov, que participou da insurreição de Yaroslavl em 1918, relatou que sua célula foi aquecida até que os poros de seu corpo escorrem sangue; Quando viram isso pelo olho mágico, colocaram o detido na maca e o levaram para assinar o resumo. No período "ouro", eles também aplicaram métodos "quentes" (e "salgados"). Na Geórgia, em 1926, os réus tiveram as mãos queimadas com um cigarro; na prisão de Metej, no escuro, foram empurrados para um poço fecal .

Essas coisas mantêm juntas uma relação muito simples: seja para acusar todos os custos, são ameaças inevitáveis, abusos, tormentos, e quanto mais rebuscada é a acusação, mais cruel é estar questionando, arranjar carro as declarações. E como sempre houve causas volumosas, os abusos e as torturas também são os mesmos de sempre, não é algo que pertence ao ano de 1937, mas sim uma característica duradoura e geral. É por isso que agora é estranho ler em algumas Memórias de ex-zeks que "a tortura era permitida desde a primavera de 1938".^[58] Os Órgãos nunca conheceram obstáculos espirituais e morais que os impedissem de torturar. Nos anos imediatamente posteriores à revolução, no *Semanario Czech*, em *Red Sword* e *The Red Terror*, o uso da tortura foi discutido abertamente do ponto de vista do marxismo. A julgar pelos resultados, a resposta foi positiva, embora não universal.

A partir do ano de 1938 seria mais correto dizer o seguinte: até aquele ano, eram necessários certos requisitos para a tortura, uma licença para cada

resumo (mesmo que fosse facilmente obtido); em 1937-1938, devido à situação excepcional (os milhões que segundo o programa deviam entrar no Arquipélago deviam submeter-se a um resumo individual em prazos curtos, previamente fixados, o que não ocorria nas maciças cheias de os “kulaks” e “das nacionalidades”), a violência e a tortura foram permitidas, sem limitação, aos juízes de instrução, segundo critérios próprios, de acordo com as exigências do seu trabalho e a data estabelecida. Mas o tipo de tortura não foi especificado e inovações de qualquer tipo foram permitidas.

Em 1939, essa permissão ampla e geral foi retirada, e novamente uma autorização oficial para tortura foi exigida, e provavelmente não tão facilmente alcançada (ameaças simples, chantagem, engano, esgotamento da insônia e não prisão nunca foram proibidos). Mas já a partir do fim da guerra, e nos anos seguintes, foram estabelecidas categorias de prisioneiros que foram autorizados a aplicar uma ampla gama de torturas. Essas categorias incluíam nacionalistas, especialmente ucranianos e lituanos, e muito especialmente, se havia, ou se supunha, a existência de uma cadeia clandestina que eles queriam desmascarar completamente, arrancando todos os nomes daqueles que já estavam detidos. Por exemplo, no grupo de Skirius Rolnualdas Prano havia cerca de cinquenta lituanos. Em 1945, eles foram acusados de colocar faixas anti-soviéticas. Naquela época, devido à escassez de prisões na Lituânia, eles foram enviados para um campo próximo a Velsk, na região de Arjanguelsk. Alguns foram torturados; Outros não suportaram o duplo regime de interrogatório e trabalho e, como resultado, todos os cinquenta *cantaram* como um só homem. Algum tempo se passou e chegou a notícia da Lituânia de que os verdadeiros culpados haviam sido presos por colocar os cartazes, E NINGUÉM DELES NÃO TINHA NADA A FAZER! Em 1950, encontrei, na prisão da expedição Kuibyshev, um ucraniano de Dnepropetrovsk, que foi torturado de várias maneiras para extrair "conexões" e nomes, inclusive a masmorra permanente, na qual inseriram um mastro para derrubá-lo. sustentar (e dormir) quatro horas por dia. Depois da guerra, Levin, um membro correspondente da Academia de Ciências, também foi torturado porque ^[ac] tinha amigos em comum com os Alliluev. Tamp OCO marcaria apenas percebido 1937 a "descoberta" de que a confissão do acusado pesa mais do que todas as evidências e fatos. Isso já estava delineado na década de 1920. O que acontece é que, em 1937, a brilhante teoria de Vichinski amadureceu. É verdade que essa teoria era conhecida dos juízes e promotores de

instrução por sua firmeza moral, pois todos a descobrimos vinte anos depois, quando nas sentenças subordinadas e nos parágrafos secundários de artigos de jornal começaram a criticá-lo como algo conhecido há muito tempo.

Acontece que naquele ano - de uma memória horrenda -, em um relato que se tornou famoso no meio dos especialistas, Andrei Januarevich (dá vontade de chamá-lo de Jaguarevich) Vichi nski, no espírito da mais flexível dialética (o que não é permitido os sujeitos do Estado, nem agora aos cérebros eletrônicos, porque para eles *se é sim e não é*), lembrou que a Humanidade nunca poderia estabelecer a verdade absoluta, apenas a relativa. A partir daí deu um passo, que juristas metafísicos passaram dois mil anos sem ousar dar: portanto, a verdade estabelecida no sumário e no julgamento não poderia ser absoluta, mas relativa. Portanto, quando condenamos a pena de morte, nunca podemos ter certeza *absoluta de* que a pessoa que estamos executando é *culpada*, mas apenas com um certo grau de aproximação, até certo ponto, em certo sentido. ^[59] Assim, a conclusão mais prática é: que seria uma perda de tempo desnecessária procurar provas (todas as provas são relativas), testemunhas indubitáveis (podem contradizer-se). Sinais *relativos*, aproximados, de culpa podem ser descobertos pelo juiz de instrução sem provas e sem testemunhas, sem a necessidade de deixar o cargo, “com base não só na sua inteligência”, mas também no seu nariz comunista, na sua *força. espiritual* (isto é, nas vantagens de quem dormiu bem, se alimenta bem e não recebe espancamentos) e “no caráter” (ou seja, no desejo de ser cruel).

Não há dúvida: o estilo é muito mais elegante do que as instruções de Laci. Mas a essência é a mesma.

Só em uma coisa Vichinski ficou aquém, ele se afastou da lógica dialética: ele inexplicavelmente deixou a BALA ser ABSOLUTA ...

Assim, progredindo em espiral, a jurisprudência progressiva chegou às conclusões da pré-antiguidade ou da Idade Média. Como os algozes medievais, nossos promotores e juízes concordaram que a principal evidência de culpa eram as confissões dos acusados. ^[60]

Mas a ingênua Idade Média, para extrair a desejada confissão, fez muito teatro, recorrendo à cremalheira, à roda, ao braseiro, ao pente, ao pelourinho. No século xx, com o desenvolvimento da Medicina e as grandes experiências carcerárias (já haverá alguém aí que com toda a

seriedade do mundo tenha feito teses de doutorado), tal prodigalidade de meios foi considerada excessiva e, no caso de aplicação massiva, em gorrosa. Mais longe...

Além disso, outra circunstância era clara: como sempre, Stalin não terminou a frase, os subordinados tiveram que intuí-la e ele deixou uma fuga de chacal para si mesmo, para escapar e escrever "Os sucessos subiram à cabeça".^[ad] Seja como for, a tortura metódica de milhões estava sendo praticada pela primeira vez na história da humanidade, e Stalin, mesmo com todas as suas forças, não podia estar absolutamente certo de seu sucesso. O experimento em um material enorme pode ter repercussões diferentes do pequeno. Pode haver uma explosão imprevista, uma falha geológica ou, pelo menos, uma revelação universal. Em todos os casos, Stalin teve que manter sua fronteira de pureza.

Por esse motivo, pode-se presumir que não houve essa lista de torturas e abusos entregue aos juízes de instrução. Era simplesmente exigido de cada seção de investigação, em uma data especificada e dentro de um período especificado, fornecer ao tribunal um número especificado de coelhos condenados e confessados. *Dizia-se simplesmente* de boca em boca, mas com freqüência, que todas as medidas e meios eram bons, porque se dirigiam a um objetivo tão sublime; que ninguém pediria ao juiz de instrução que fosse responsabilizado pela morte de um réu; que o médico da prisão deve intervir o menos possível na investigação. É provável que tenham tido trocas e experiências, "aprendidas com a vanguarda"; É claro que foram estabelecidos "incentivos materiais" : pagamento de horas extras por horas noturnas, bônus por redução de tempo sumário; e, claro, foram avisados de que o juiz de instrução não cumpria ... Agora, se em uma delegação regional do NKVD houvesse uma decisão, seu chefe pedia a Stalin limpo: ele não havia feito indicações diretas de que torturam! Mas, ao mesmo tempo, garantiu a aplicação de tortura.

Compreendendo que os superiores são curados na saúde, alguns magistrados examinadores de alto escalão (não aqueles que se deixaram intoxicar pela ferocidade) também tentaram começar com os métodos mais brandos e, à medida que aumentam, evitam aqueles que deixam sinais muito indubitáveis: a Um olho oco, uma orelha cortada, uma fratura na coluna ou uma equimose total do corpo .

Justamente por isso, em 1937, não observamos - além da insônia - total unanimidade quanto aos métodos utilizados pelas diferentes delegações

regionais e pelos juízes da mesma delegação.^[61] A única coisa comum era uma preferência por métodos, por assim dizer, *suaves* (veremos agora), e esse era o caminho certo. O equilíbrio humano é mantido dentro de limites muito estreitos e não há necessidade de recorrer à prateleira ou ao braseiro para perturbar o homem comum .

Tentaremos listar alguns recursos elementares que quebram a vontade e a personalidade da pessoa presa sem deixar rastros em seu corpo.

Vamos começar com métodos *psíquicos*. Já os coelhos que nunca se prepararam para a prisão , são métodos de enorme e até destrutiva força. Mas, mesmo que você esteja convencido, também não é fácil.

1. Vamos começar ao *amanhecer*. Por que o rompimento principal dos espíritos ocorre ao amanhecer? Por que os *Órgãos* escolheram a noite desde os primeiros anos ? Porque ao amanhecer, arrancado do sono (mesmo que não tenha sido punido com insônia), o preso não pode ter o mesmo equilíbrio e bom senso que durante o dia; é mais maleável.

2. *Persuasão* em tom sincero. É o mais fácil. Por que brincar de gato e rato? Depois de ter sido preso por um tempo entre outros réus, o preso já capturou o clima geral. E o juiz de instrução diz-lhe com amistosa indolência: «Tu mesmo sabes que te condenarão de qualquer maneira. Mas se você oferecer resistência, vai *torcer a cabeça* antes de sair desta prisão; você perderá saúde. E no campo de concentração vais ver o ar e a luz... Por isso, é melhor que assinas sem virar ». Muito lógico. E quem concorda e assina é prudente, sim ... Se for só eles. Mas raramente é o caso. E a luta se torna inevitável.

Outra variante de persuasão é usada com membros do partido. «Se há carências e até fome no país, tu, como bolchevique, teréis de decidir por ti: achas que tudo é culpa do partido? Ou o poder soviético? “Não, claro!” O gerente de um centro de coleta de roupa branca responde rapidamente. Então seja corajoso e leve a culpa! E carregue-o!

3. A *profanação*. O método é elementar, mas com gente educada, delicada e refinada, costuma dar ótimos resultados. Eu sei de dois casos de padres que cederam a blasfêmias simples. O resumo de um deles (But yrki, 1944) foi guardado por uma mulher. A princípio, na cela, ele elogiou como ela era educada. Mas uma vez ele chegou abatido, e por muito tempo recusou-se a repetir os belos juramentos e tacos que essa mulher soltou. (Lamento não poder citar uma de suas pequenas frases aqui).

4. Agitando por *contraste psicológico*. Mudanças repentinas: ao longo de um interrogatório ou em parte dele, ser extremamente cortês, chamar pelo nome e patronímico, prometer ouro e mouro. E de repente agarrando o peso de papel: "Ah, desgraçado! Nove gramas na nuca! ", E com as mãos estendidas, como se tentasse agarrá-lo pelos cabelos, e como se as unhas fossem pontas, deitar sobre ele (esse método funciona muito bem contra as mulheres).

Uma variação: dois juízes se revezam: um treme e atormenta, e o outro é amigável, quase cordial. O réu treme cada vez que tem que entrar no escritório: com quem dos dois ele vai me tocar? Por outro lado, eles fazem você querer assinar o segundo tudo , mesmo o que não estava lá.

5. *Humilhação* anterior. Nos famosos porões da GPU Rostov ("número trinta e três"), sob o vidro grosso da calçada da rua (tinha sido um depósito), os prisioneiros aguardando interrogatório eram deitados de bruços no corredor, proibindo-os de levantar a cabeça e dizer uma única palavra. Eles se deitaram como muçulmanos em oração, até que o carcereiro deu um tapinha no ombro deles e os levou para interrogatório. "Alexandra O-va, no Lubyanka, não fez as declarações necessárias." Eles a transferiram para Lefortovo. Na sala de espera, o zelador mandou que ela se despisse para submetê-la a um suposto tratamento; ele pegou as roupas e trancou-a nua no quarto. Com isso, os guardas homens chegaram, eles começaram a contemplá-la pelo olho mágico e comentar sobre sua aparência. Por meio de uma pesquisa, você provavelmente obteria mais exemplos. O objetivo é o mesmo: criar um estado de depressão.

6. Qualquer método que *atrapalhe* o processamento. Foi assim que questionaram FI V., de Krasnogorsk, região de Moscou (reportado por IA P-ev). Um juiz de instrução, durante o interrogatório, despiu-se diante dele em várias etapas (*strip-tease*), mas continuou a interrogá-lo, como se nada tivesse acontecido; ela caminhou pela sala, aproximou-se dele e tentou fazê-lo testemunhar. Talvez fosse uma necessidade pessoal ou um cálculo frio: o réu perdia a cabeça e assinava! Ela não estava se expondo a nada: tinha a arma e o sino.

7. *Bullying*. O método mais utilizado, muito variado. Muitas vezes é usado em conjunto com *sedução* e *promessa*, falso , é claro. Ano 1924: «Não confessa? Bem, você terá que ir para Solovki. Quem confessa, nós deixamos ir ». Ano 1944: «Depende de mim a que área você vai. Existem campos e campos. Agora temos até trabalhos forçados. Se você for sincero,

cairá em um ponto fraco; se você insiste, vinte e cinco anos acorrentado em trabalho subterrâneo! " Intimidar com outra prisão ainda pior: «Se persistir em recusar, enviar-te-emos para Lefortovo (se estiveres em Lubianka), para Sujanovka (se estiveres em Lefortovo); lá eles usarão outro idioma com você. E já está acostumado: nesta prisão o regime É SUPORTÁVEL. Que tortura me espera LÁ? Além disso, a maneira ... Eu desisto ...?»

A intimidação tem um efeito estupendo sobre aqueles que ainda não foram presos, mas convocados, por enquanto, para a Casa Grande. Ele (ela) ainda tem muito a perder; ele (ela) teme que eles não o libertem hoje, ele teme que sua propriedade, a casa, seja confiscada. Ele está disposto a fazer muitas declarações e concessões para evitar esses perigos. Ela, claro, não conhece o Código Penal e, para iniciar o interrogatório, o mínimo que fazem é mostrar-lhe uma página com uma citação falsa do Código: «Fui avisado que por declarar em falso ... 5 (cinco) anos de prisão o », (na verdade —artigo 95— é até dois anos)... pela recusa de fazer declarações 5 (cinco) anos... (na verdade —artigo 92— até três meses). Com isso , outro método da instrução entra e continuará a entrar continuamente:

8. *A mentira.* Aqueles de nós que não têm o direito de mentir são as ovelhas, mas o juiz de instrução mente continuamente, e para ele todos esses artigos não contam. Não estamos acostumados a perguntar: que castigos eles vão lhe dar por mentir? Ele pode nos apresentar todos os interrogatórios escritos que quiser, e com as assinaturas de nossa família e amigos, falsificadas, e isso nada mais é do que um método excelente de executar as instruções.

A intimidação por bajulação e mentira é o principal método de impressionar os *parentes* da pessoa presa chamada para depor. «Se você não declarar tal coisa (o que é necessário), será pior para *ele* ... Você vai acabar afundando-o completamente ... (o que uma mãe sente ao ouvir isso?). ^[62] Só assinando este papel (que te submetem) é que o podes salvar (perdê-lo) ».

9. *Especular com carinho* familiar também dá ótimos resultados com processados. Esta é a mais eficaz das coações (oh, que bem previsto: os inimigos do homem são seus parentes!) Eles se lembram daquele tártaro que suportou tudo: a sua tortura e a de sua esposa, mas que não suportou a tortura que lhe foi infligida. a filha dele ... Em 1930, o juiz de instrução Rimalis ameaçou: "Vamos prender sua filha e colocá-la em uma cela de sífilite." Eu disse a uma mulher ...

Eles ameaçam prender todos que você ama. Às vezes com acompanhamento sonoro: sua esposa já está na prisão, mas o destino dela depende de sua sinceridade. Eles a estão questionando na sala ao lado; escuta. De fato, do outro lado da parede você pode ouvir uma mulher chorando e gritando; como todos eles são parecidos ... Além disso, com a partição entre; além disso, você está nervoso; Além disso, você não veio aqui como especialista; às vezes eles colocam um disco com a voz de uma esposa soprano comum ou contra alto (alguém veio com essa racionalização). Mas agora sem trapacear, pela porta de vidro, mostram como ela caminha silenciosamente, com a cabeça baixa de dor: sim, sua mulher! Pelos corredores da Segurança do Estado! Você a perdeu você por teimoso!, Ela já está presa! (Eles a chamaram por um assunto sem importância, e no momento combinado a fizeram descer o corredor, mas disseram a ela: não levante a cabeça se quiser sair daqui!) Ou mandam você ler a carta dela, com ela letra: Eu te nego! Depois de todas as coisas abomináveis que me contaram sobre você, eu não preciso mais de você! (E como em nosso país pode haver mulheres assim e cartas assim, você não tem escolha a não ser perguntar a sua alma: será que minha mulher será assim?)

O legista Goldman (1944) forçou VA Korneeva a acusar outros com as seguintes ameaças: "Vamos confiscar sua casa e jogar suas velhas na rua." Korneeva, convencida e firme em sua fé, não temia por eles, ela estava disposta a sofrer. Mas as ameaças de Goldman estavam de acordo com nossas leis, e ela sofreu por seus familiares. Quando pela manhã, após uma noite de páginas rejeitadas e rasgadas, Goldman redigiu a quarta variante, na qual ela era a única réu, Korneeva assinou com alegria e sentindo-se moralmente vitoriosa. Um instinto humano tão simples, como se justificar e rejeitar falsas acusações, é algo que a gente não guarda de jeito nenhum! ^[63] Ficamos felizes se pudermos carregar toda a culpa.

Assim como na natureza não há partições rígidas entre as classes, também não podemos separar claramente os métodos psíquicos dos físicos. Por exemplo, onde classificar essa piada?

10. O método de *som*. Ele senta o réu a cerca de seis ou oito metros de distância, forçando-o a dizer tudo em voz alta e repetir. É difícil para um homem exausto. Ou então duas trombetas de papelão são feitas e, com outro instrutor, aproximam-se do preso e gritam em seus ouvidos: "Confessa seu canalha!" O detido está pasmo; às vezes surdo. Mas é um

método antieconômico. Claro, os juízes ficam entediados com um trabalho tão monótono e querem se divertir. Por isso cada um inventa o que pode.

11. *Fazendo cócegas*. É outra piada. Eles amarram ou esmagam as mãos e os pés da pessoa presa e fazem cócegas em seu nariz com uma pena de pássaro. O preso fica desesperado: parece que seu cérebro está sendo perfurado.

12. *Apague o cigarro* na pele do acusado (já mencionado antes).

13. O método da luz. Durante as vinte e quatro horas do dia, uma fonte de luz feroz na cela ou masmorra do prisioneiro, uma lâmpada muito potente para uma pequena sala com paredes brancas; é a eletricidade economizada por alunos e donas de casa. As pálpebras ficam irritadas e é muito dolorido. E na sala do legista eles se concentram nele novamente com luz concentrada.

14. Outra ocorrência. Chebotariov, na noite de 1º de maio de 1933, na GPU de Khabarovsk, ficaram a noite toda, por *doze* horas, sem interrogá-lo, não, mas levando-o a depor. Fulano de tal, mãos atrás. Eles o tiram da cela, rapidamente o carregam escada acima para o juiz de instrução. O carcereiro sai. Mas o juiz, sem lhe fazer uma única pergunta, e às vezes sem lhe dar tempo para se sentar, atende o telefone: pega o da 107. Eles o pegam e levam para a cela. Assim que se deita no beliche, o chaveiro: Chebotariov, para o interrogatório. Mãos atrás. E aí: pegue aquele em 107.

Em geral, os métodos coercitivos podem ser aplicados muito antes de você se apresentar ao instrutor.

15. A prisão começa na *câmara*, que pode ser uma caixa ou um armário. O homem recentemente resgatado da liberdade, que ainda conserva todo o seu movimento interior, pronto para esclarecer, discutir, lutar, ao dar o primeiro passo na prisão, está enjaulado em uma caixa, às vezes com luz, e onde pode sentar-se, outras vezes no escuro e onde só pode ficar, esmagado pela porta. Aqui eles guardam por algumas horas, meio dia ou um dia inteiro. São horas de total incerteza: ele não ficou imprensado pelo resto de seus dias? Ele nunca esteve em uma situação como essa, ele não consegue ter uma ideia. São aquelas primeiras horas em que tudo é fogo, produzido pelo turbilhão espiritual desenfreado. Alguns ficam desmoralizados e é então que são interrogados pela primeira vez. Outros zangam-se: melhor ainda, vão insultar o juiz de instrução, serão imprudentes e serão mais fáceis de acusar.

16. Se as câmeras estiverem faltando, eles agem assim: Elena Strutinskaya, no NKVD em Novocherkassk, foi mantida por seis dias em um corredor sentada em um banquinho, incapaz de se deitar, dormir, cair ou se levantar. Seis dias inteiros. Experimente você mesmo, mesmo por seis horas.

Outra variante é sentar o preso em um banquinho alto, como os do laboratório, mas obrigando-o a não colocar os pés no chão: é quando ficam muito dormentes. Faça você sentar por 8 ou 10 horas.

Ou durante o interrogatório, quando o preso está bem à vista, sente-se em uma cadeira comum, mas assim: em uma das extremidades, bem na beirada do assento (um pouco mais adiante, um pouco mais ... mais!), Mas o que não caia para frente e sinta a borda cavando em você enquanto dura o questionamento. E não o deixe se mover por algumas horas. Só isso? Sim, apenas isso. P Ruebe.

17. Dependendo das condições locais, a câmara pode ser substituída por um *fosso divisionário*, como nos acampamentos militares Gorojovets durante a Grande Guerra Patriótica. Os presos foram colocados em uma cova de três metros de profundidade por cerca de dois metros de diâmetro, e lá foram mantidos por vários dias ao ar livre, às vezes na chuva; o fosso era um porão e um banheiro. E os trezentos gramas de pão e água foram baixados com uma corda. Imagine aquela situação, além de ter sido preso recentemente, quando você está todo nervoso. Não sei se a ampla disseminação desse método se deve a algumas instruções comuns a todas as Seções Especiais do Exército Vermelho ou se surgiram como consequência de uma situação de acampamento relacionada. Assim, na 36ª Divisão de Infantaria Motorizada, que participava do Jaljin-Gol e que em 1941 estava no deserto da Mongólia, foi chamado um detido recentemente, sem dar explicações (o chefe da Seção Especial foi Samuliov) em sua mão uma pá e ordenou-lhe que cavasse uma cova de suas dimensões exatas (isso é combinado com o método psicológico). Quando o preso desceu até a cintura, eles pararam de trabalhar e mandaram que ele se deitasse: a cabeça do preso não se projetava. Vários desses fossos eram guardados por uma sentinela e parecia que tudo ao redor estava vazio.^[64] E neste deserto processado descoberto permaneceu sob o calor mongol sem abrigo nas gotas da noite, mas sem tortura. Por que desperdiçar energia com a tortura? A ração diária era de *cem gramas de pão e um copo de água*. Tenente Chulpe Niov, corpulento, boxeador, 21 anos, ficou assim POR UM MÊS.

Em dez dias, ele foi crivado de piolhos. Quinze dias depois, eles o chamaram pela primeira vez para testemunhar.

18. Ponha o acusado *de joelhos*, mas não no sentido figurado, mas no sentido mais direto: de joelhos, mas sem se apoiar nos calcanhares e com as costas retas. No gabinete do juiz de instrução ou no corredor, podem mantê-los assim por doze horas, vinte e quatro e quarenta e oito. (O instrutor pode ir para casa, dormir, divertir-se ; o sistema está bem trabalhado: perto dos ajoelhados estabelecem um posto de guarda e as sentinelas são substituídas).^[65] Quem é o mais adequado para ser colocado assim? Aquele que está moralmente quebrado, aquele que deseja se render. É nisso que as mulheres são muito boas ... Ivanov-Razumnik descreve uma variante desse método: o instrutor colocou o jovem Lordkipanidze de joelhos e urinou no rosto. E que? Lordkipanidze suportou todo o resto, mas isso o esmagou. Então também funciona com o orgulhoso ...

19. Ou simplesmente force a pessoa presa a se *levantar*. Ele pode ficar de pé apenas durante os interrogatórios, que também se cansa e se desfaz (um guarda é montado, o carcereiro vigia para que ele não se encoste na parede e, se adormecer e cair, chute-o). Às vezes, basta mantê-lo atento por vinte e quatro horas para que o homem desmaie e *declare* o que for necessário.

20. Em todas estas estadias em pé *não dá de beber* nos últimos três, quatro ou cinco dias.

Esse caráter *sintético* dos métodos psicológicos e físicos está sendo melhor compreendido . Também se entende que todas as medidas acima são combinadas com:

21. Insônia, que a Idade Média não apreciou: eles não sabiam que as margens dentro das quais o homem conserva sua personalidade são muito estreitas . A insônia (combinada com a posição de sentido, a sede, a luz forte, o medo e a incerteza, torna pequena qualquer tortura) nubla a razão, mina a vontade, o homem perde o seu eu. (É o "quero dormir" de Chekhov, mas isso era muito ou mais suave, ali a menina podia deitar, refletir às vezes, reflexos que, mesmo por um momento, são um fresco para o cérebro). O homem age meio inconsciente ou completamente inconsciente,^[66] então não vamos ficar com raiva de suas declarações ...

Foi o que disseram: "Suas afirmações *não são sinceras*, portanto não é permitido dormir." Às vezes refinavam mais: não ficavam de pé, mas

sentavam em um sofá *macio*, que tanto convida a dormir (o guarda sentou-se ao lado dele, no mesmo sofá, e chutou a cada piscadela). Uma vítima (que antes passava 24 horas em uma câmara com percevejos) descreve seus sentimentos após a tortura: “Sinto arrepios porque perdi muito sangue. A membrana mucosa dos meus olhos está seca, é como se um ferro em brasa fosse colocado diante deles. Minha língua incha de sede e arranha como um ouriço ao menor movimento. Os espasmos da glote me sufocam.”^[67]

A insônia é um ótimo meio de tortura e não deixa vestígios visíveis, nem mesmo motivos para reclamações, se no dia seguinte uma inspeção invisível for retirada.^[68] «Que não o deixaram dormir? Você já acreditou que está em um *sanatório*? Os oficiais também estavam com você sem dormir. (Mas eles dormiam durante o dia). Pode-se dizer que a insônia se tornou método universal de *órgãos*, ea categoria de tortura tornou-se *regras de procedimento* da Segurança do Estado e que foi feita de maneira mais barata, sem guardas especiais. Em todas as prevenções, eles não permitem um único momento de sono entre o chamado do alvo e o da retirada (em Sujanovka e outros, durante o dia eles levantam as camas e as encostam na parede; você está sentado). E todos os interrogatórios principais acontecem à noite. E acontece de forma automática: durante a apuração do sumário, o arguido não dorme por falta de tempo, pelo menos cinco dias por semana. (Nas noites de sábado e domingo os juízes de instrução tentam descansar).

22. A cargo do acima está a *cadeia de instrutores*. Além de você não dormir por três ou quatro dias, você tem *instrutores errados que se revezam sem parar*.

23. A câmara de percevejos, já mencionada. Existem centenas ou milhares de percevejos em um armário de madeira escura. A jaqueta ou túnica do detento é retirada e percevejos famintos caem imediatamente sobre ele das paredes e do teto. Primeiro ele luta vigorosamente contra eles, esmaga-os em seu corpo, o cheiro o sufoca, mas horas depois ele desmaia e, sem gemer, se deixa sugar o sangue.

24. As *masmorras*. Por pior que seja a cela, o calabouço é sempre pior e daqui a cela parece um paraíso. No calabouço, eles esgotam você de fome e muitas vezes de *frio* (em Sujanovka também existem masmorras que *queimam*). As masmorras de Lefortovo não são aquecidas, as baterias apenas aquecem o corredor, e por esse corredor os guardas ANDAM com botas de feltro e jaquetas enluvadas. Mas o preso fica de cueca, às vezes de

cueca, e deve permanecer imóvel na cela (é muito apertada) por um, três, cinco dias (dão um caldiba che quente a cada três dias). No primeiro momento você pensa: não vou conseguir resistir uma hora. Mas milagrosamente, o homem passa seus cinco dias lá, embora às vezes contraia uma doença para a vida.

Existem também células úmidas com água. Já depois da guerra, Masha G. ficou na prisão de Chernovitsi por mais de duas horas descalça e com *água gelada até o tornozelo*: Confesse! (Ele tinha dezoito anos. Quanto sofreu pelos pés, com o quanto ainda tinha que andar com eles!)

25. Quando *trancado em um nicho*, isso é uma variante de uma masmorra? Já em 1933, na GPU de Khabarovsk eles torturaram SA Chebotariov assim: eles o trancaram nu em um nicho de concreto, para que ele não pudesse dobrar os joelhos, mover as mãos ou virar a cabeça. Isso não é tudo! Uma gota fria começou a cair na nuca (é antológico ...!) E correu por todo o corpo. Eles não disseram a ele, é claro, que seria por vinte e quatro horas. Você vai dizer se é terrível ou não: ele perdeu a consciência, no dia seguinte tiraram-no como morto e ele se recuperou no hospital. Eles o fizeram recuperar a consciência com amônia, cafeína e massagem. Demorou um pouco para lembrar de onde viera e o que acontecera com ele no dia anterior. Por um mês ele não conseguiu nem testemunhar. (Estamos inclinados a pensar que este nicho e o dispositivo de gotejamento não foram feitos exclusivamente para Chebotariov. Em 1949, meu amigo de Dnepropetrovsk estava preso em um nicho semelhante, certamente sem gotejamento. Considerando a distância entre Khabarovsk e Dnepropetrovsk, e dezesseis anos de intervalo, podemos supor que havia nichos em outros lugares).

26. A *fome* já foi citada ao descrever a ação conjunta. Não há nada de incomum no método: fazer o prisioneiro confessar por fome. A fome, como a vida noturna, já faz parte do sistema geral de coerção. A mesquinha ração do presídio: em 1933, sem guerra, eram 300 g; em 1945, no Lubyanka, eram 450 g, o jogo de permitir e proibir as embalagens ou a cantina é usado em todo o lado, é universal. Mas, às vezes, impõem uma fome aguda, como no caso de Chulpeniov, que era sustentado por um mês com 100 gramas por dia e antes dele, retirado da cova, o instrutor Sokol colocava uma caçarola de *borsch* com carne e meio pão. corte no viés (que diferença foi cortado, certo? Mas Chulpeniov ainda insiste hoje: Foi um corte tão apetitoso!) Mas ele nunca o alimentou. Tudo isso é tão antigo e feudal e habitado em

cavernas! A única novidade é que foi usado em uma sociedade socialista. Outros descrevem métodos semelhantes, que eram comuns. Aqui vamos contar o caso de Chebotariov, por isso é combinado. Eles o mantiveram por setenta e duas horas na sala do juiz de instrução e só permitiram que ele fosse ao banheiro. Mas eles não o deixaram comer , nem beber (ele tinha uma jarra d'água ao lado), nem dormir. Três instrutores estavam constantemente no escritório. Eles trabalharam três turnos. Um (quieto, sem atrapalhar o réu!) Estava escrevendo algo, o segundo estava dormindo no sofá e o terceiro estava andando pela sala e quando Chebotariov adormecesse ele iria bater nele. Então eles mudaram de obrigações. (Isso não seria mantido guarnecido por negligentes?) E de repente, ele serviu a refeição a Chebotaryov: um prato de ucraniano de *borsch* , um bife com batatas fritas e uma jarra de vidro com vinho tinto. Chebotariov, que durante toda a vida odiou o álcool, não tocava no vinho, por mais que o instrutor insistisse (não podia forçar muito, isso estragaria o jogo). Depois da refeição disseram-lhe: «E agora assina o que *declaraste na presença de duas testemunhas: o* que um instrutor inventou enquanto o segundo dormia e o terceiro vigiava. Desde a primeira página, Chebotariov soube que estava começando um pinhão com os generais japoneses mais proeminentes e que, de cada um deles, recebera uma missão de espionagem. Ele começou a riscar as páginas. Então eles bateram nele e o expulsaram. Blaguinin, também funcionário da Ferrovia Oriental Chinesa, preso com Chebotariov, depois de passar pela mesma coisa, bebeu o vinho e com a alegria da embriaguez assinou e foi fuzilado. (Com três dias sem comer um copo basta, ele bebeu uma jarra).

27. As *surras* que não deixam rastros. Eles batem com tubos de borracha, com bastões e com sacos de areia. Os golpes nos ossos são muito dolorosos , especialmente os chutes na canela, onde o osso fica na superfície. O chefe da brigada Karpunich-Braven foi espancado durante 21 dias consecutivos. (Agora ele diz: "Trinta anos se passaram e meus ossos e minha cabeça ainda doem.") Com aqueles que se candidataram a ele e aqueles que o encaminharam, ele contou cinquenta e dois tipos de tormentos. Eles também faziam isso: pressionavam as mãos com um dispositivo especial, de tal forma que as palmas das mãos ficavam esmagadas contra a mesa, e batiam com o fio de uma régua nos nós dos dedos: É para gritar! É necessário destacar a extração de dentes de forma especial? (Eles pegaram oito de Karpunich). ^[69] Já se sabe que um soco no

plexo solar corta a respiração e não deixa rastros. O coronel Sidorov, de Lefortovo, deu um golpe de graça no pós- guerra: um flip-flop na genitália masculina (um jogador de futebol que foi atingido por uma bola na virilha vai perceber como é esse golpe). Não há dor comparável a esta: a consciência quase sempre se perde.^[70]

28. No NKVD em Novorossiisk, eles inventaram um instrumento para esmagar pregos. Nas prisões da expedição muitos de Novorossiisk foram vistos sem pregos.

29. E a *camisa de força*?

30. E a *fratura da coluna*? (Também na GPU Khabarovsk, 1933).

31. Ou o *freio «a andorinha»*? É um método Supanovka, mas também é conhecido na prisão de Arjanguelsk (juiz de instrução Ivkov, 1940). Eles passam uma toalha longa sobre sua boca (o freio) e amarram as pontas da toalha nos calcanhares. Enrolado, deitado de bruços, com as costas crocantes, sem água, passe uns dias assim.^[71]

Continuar listando? Resta muito para listar? Os curiosos, os estimulados, os insensíveis... podem inventar tantas coisas !

Meu irmão! Não condene aqueles que naquela situação estavam fracos e assinaram mais do que o necessário ... Não jogue a pedra neles.

Mas bom. É que nem essas torturas, nem os métodos mais "suaves" são necessários para fazer a maioria declarar, agarrar com suas mandíbulas de ferro as ovelhas despreparadas, que se enfurecem para voltar à estufa. A correlação de forças e posições é muito desigual.

Oh, em que aspecto novo, cheio de perigos (como uma legítima selva africana), nossa vida interior nos parece vista do gabinete do instrutor! E nós consideramos isso tão simples!

Você, A, e seu amigo B, se conheciam há anos e tinham plena confiança um no outro; Quando você se encontrou, você falou abertamente sobre questões públicas de pequeno e grande porte. E não houve testemunhas. E ninguém podia te ouvir. E um não denunciou o outro, é claro.

Mas você, A, *eles* o acusaram de alguma coisa, pegaram você pelos ouvidos do rebanho e o colocaram na prisão. E por uma razão ou porque alguém traiu, ou porque você teme por sua família, ou uma pequena insônia, ou já esteve na prisão, você decidiu se sacrificar, mas, sim, não acusar outros por nada de mu I NDO . E nos quatro interrogatórios você

reconheceu e assinou que é inimigo jurado do poder soviético, porque contou piadas sobre o Guia, pediu eleições com dois candidatos e entrou na cabine para riscar o único, embora o tinteiro estivesse sem tinta, também o seu receptor. Eu tinha um rádio com banda de 16 metros e você tentou, apesar da interferência, pegar algumas transmissões estrangeiras. E você já tem os *dez* segurados. Mas você mantém as costelas inteiras, você ainda não pegou um pulmão, não vendeu para ninguém e parece que saiu por cima. Você na célula já pensa que seu resumo provavelmente está chegando ao fim.

Mas pare. O juiz de instrução, apreciando vagarosamente a beleza de sua caligrafia, começa a escrever o interrogatório número 5. Pergunta: Você era amigo de *B*? Sim. Você confiou nele quando falou sobre política? Não, eu não confiei nele. Mas eles se encontravam com frequência? Não muito. Quanto não? Os vizinhos testemunham que ainda no último mês ele esteve em sua casa em tais, tais e tais dias. Ele era? Provavelmente. Além disso, observou-se que você, como sempre, não bebia, não fazia barulho, falava muito baixinho, não dava para ouvir do corredor. (Bebam, amigos! Quebrem as garrafas! Amaldiçoem quanto mais alto, melhor! Assim, vocês vão mostrar lealdade política!) Bem, o que isso tem a ver com isso? Você também esteve na casa dele e, ao telefone, disse: Tivemos uma tarde muito interessante. Mais tarde, eles os viram em uma encruzilhada: eles ficaram lá por meia hora, apesar do frio; Você tinha rostos carrancudos, expressões de descontentamento; aliás, aqui eles são fotografados durante aquela reunião. (A técnica do agente, meus amigos, é a técnica do agente!) Então, sobre o que eles estavam falando durante esses encontros?

De que...?! É uma pergunta forte! A primeira coisa que ocorre a você é que você se esqueceu do que estava falando. Você tem o dever de se lembrar disso? Bem, você esqueceu a primeira conversa. O segundo também? E o terceiro? E até a tarde interessante? E a travessia? E as conversas com *D*? Não, você pensa, o negócio de "esqueci" não é uma saída, não vou ficar com isso por muito tempo. E seu cérebro, chocado com a prisão, pressionado pelo medo, perturbado pela insônia e pela fome, busca a maneira mais verdadeira de escapar e lutar contra o inspetor.

De que...? Seria perfeito se falassem de hóquei (em todos os casos, é a coisa mais quieta, pessoal!), De mulher e até de ciência: aí vocês podem repetir (a ciência não está longe da chave *hoc*), só, No nosso tempo, na Ciência tudo é sigiloso e você pode ficar onerado com o Decreto sobre a

divulgação de segredos. E se eles falassem sobre as novas prisões na cidade? Dos kolkhozes? (E errado, claro. É possível falar bem deles?) Sobre a redução dos índices de produção? Você ficou meia hora na travessia carrancudo, do que estava falando?

Talvez *B* esteja preso (o instrutor garante que sim, que ele já declarou e que agora o trazem para o confronto). Ou talvez ele esteja quietinho em casa, mas para questionar eles vão tirá-lo de lá e comparar: por que eles estavam carrancudos na encruzilhada?

Agora, tarde demais, te ocorre que do jeito que está a vida, você sempre, antes de se despedir, deveria ter concordado: do *que falamos hoje*? Portanto, em qualquer interrogatório, suas declarações teriam coincidido. Ah, você não concorda? Então, você não imaginou que selva era essa.

Digamos que você concordou em ir pescar? E o *B* vai dizer que você não falou uma palavra sobre pesca, que falou sobre ensino a distância. Por não facilitar a instrução do resumo, você está apertando ainda mais o nó: De quê? De que? De que?

Você pode ter uma ideia feliz? Catastrófica?: Contando o mais próximo possível o que realmente aconteceu (naturalmente, suavizando o agudo e omitindo o perigoso), pois algo se diz que se deve mentir enquanto toca a verdade. Talvez *B* pense a mesma coisa, diga algo próximo a isso, as afirmações vão coincidir o suficiente e te deixar em paz.

Muitos anos depois você entenderá que a ideia era rebuscada e que teria sido muito mais bem-sucedido bancar o idiota: "Mesmo que me matem, não me lembro de um único dia da minha vida." Mas você não dorme há três dias. Você quase não tem forças para seguir o fio de suas próprias idéias e preservar a impenetrabilidade de seu rosto. E eles não dão a você um único minuto para pensar, nem um minuto. E dois instrutores ao mesmo tempo (gostam de se visitar) focados em você: De quê? De que? De que?

E você declara: estamos falando dos kolkhozes (que nem tudo é perfeito, mas logo estaria). Estamos falando de redução de tarifa ... O que eles falaram, exatamente? Eles ficaram felizes por tê-los baixado? Mas pessoas normais não podem falar assim, também não é plausível. Então, para ser totalmente credível: reclamamos um pouco que eles apertam um pouco com isso das taxas.

E o próprio juiz de instrução preenche as páginas do interrogatório, traduz para a *sua* linguagem: ao longo desta reunião difamamos a política

do partido e do Governo na esfera salarial.

E, algum dia, B vai repreender você, dizer: idiota, e eu estava dizendo a eles que estávamos combinando de ir pescar ...

Mas você queria ser mais travesso e sábio do que o instrutor. Você tem algumas ideias rápidas e brilhantes. Você é intelectual. E você passou ...

Em *Crime e Castigo* Porfirio Petrovich faz um excelente observação para Raskolnikov, que só pode ser compreendida por aqueles que participaram neste jogo de gato e rato: que com você, intelectuais, eu não preciso para construir a minha própria versão, você mesmo construí-lo e eles vão trazer para mim pronto. Assim é. O intelectual é incapaz de responder com a admirável incoerência do "malfeitor"^[ae] de Chekhov. Ele sempre tentará dar à história da qual é acusado uma interpretação que pode ser muito falsa, mas será congruente.

E o açougueiro-instrutor não está à caça dessa congruência, mas de duas ou três pequenas frases. Ele é um cachorro velho e não estamos preparados para nada.

Eles nos instruem e nos preparam em nossa juventude para uma profissão, para cumprir deveres de cidadão, para o serviço militar, nos ensinam as regras de limpeza, de nos comportarmos bem e até de compreendermos o belo (este último nem tanto). Mas a instrução, a educação, a experiência não nos preparam de forma alguma para a grande prova da nossa vida: para a prisão por nada e para o resumo de nada. Romances, peças, filmes (os autores deviam ter esvaziado o cálice GULAG!), Apresentai aqueles que podemos encontrar na magistratura de instrução como defensores da verdade e do humanismo, como queridos pais. Já ouvimos inúmeras palestras sobre os mais variados temas! E até nos levam a força! Mas ninguém vai nos dar uma palestra sobre como fazer uma interpretação abrangente e ampliada dos códigos criminais, além disso esses códigos não são exibidos nas bibliotecas, não são vendidos nas bancas de jornais, não caem nas mãos de jovens despreocupados.

Parece quase uma lenda que lá, em terras distantes, o condenado possa solicitar os serviços de um advogado. Isso quer dizer que no momento mais difícil da luta você tem ao seu lado uma mente lúcida, que cuida de todas as leis!

Outro princípio de nossa instrução sumária é privar a pessoa condenada do conhecimento das leis.

Eles apresentam a você o veredicto acusatório ... ("Oh, assine." "Não concordo com ele." "Assine." "Mas não sou culpado de nada"). «... Você é cobrado de acordo com os artigos 58-10, parte 2 e 58.11 do Código Penal RSFSR. Empresa". Mas o que esses artigos dizem? Deixe-me ler o código. "Eu não tenho". Pergunte ao chefe da seção. Ele também não tem. Empresa". "Mas eu imploro que você me mostre." Você não tem o direito de ver. Foi escrito para nós, não para você. Além do mais, você também não precisa, sem ela explicarei: esses artigos são justamente aqueles de que você é culpado. Além disso, agora você não está assinando que concorda, mas que leu, que lhe foi mostrada a acusação.

De repente, em um pedaço de papel, uma nova combinação de siglas aparece: CPP. Você está em guarda: qual será a diferença entre o CPP e o CP? Se você cair em um momento em que o instrutor está de bom humor, ele vai explicar: é o Código de Processo Penal. Como? Então não é um, mas dois códigos completos que você não conhece, quando vão te punir de acordo com as regras deles ?!

... Dez anos se passaram desde então, então quinze. A grama cresceu espessa no túmulo da minha juventude. Cumpri minha pena e até exílio indefinido. E em lugar nenhum: nem nas "seções de educação cultural" nos campos, nem nas bibliotecas distritais, nem nas cidades médias, não vi, não tinha nas mãos, não podia comprar, adquirir, nem mesmo PEÇA o código da lei soviética.^[72] E centenas de conhecidos meus que foram presos, que foram brevemente instruídos, que foram condenados, que estiveram mais de uma vez em campos de concentração e no exílio, nenhum deles viu esse código ou o tinha em mãos.

E quando ambos os códigos contaram os dias dos seus trinta e cinco anos de existência e deviam ser substituídos por novos, só então os vi, dois irmãos perturbados, o CP e o CPP, num quiosque do «Metro» de Moscovo . (Eles decidiram vendê-los para inserções).

E agora, por exemplo, li mexido no CPP:

Artigo 136 - O juiz de instrução não tem o direito de induzir o arguido a depor ou confessar, por meio de violência ou coação. [Como se estivessem assistindo!]

Artigo 111 - Compete ao magistrado de instrução esclarecer as circunstâncias que absolvem o arguido ou atenuam a culpa.

("Mas se eu implantasse o poder soviético em outubro ...! Atirei em Kolchak ...! Exproprei os *kulaks* ...! Dei ao Estado dez milhões de rublos

em dinheiro ...! Fui ferido duas vezes em a última guerra...! Tenho três decorações...! »)

NÃO ESTAMOS JULGANDO VOCÊ POR ISSO! A história põe seus dentes para fora da boca do legista. "O bem que você fez não é relevante."

Artigo 139 - O arguido tem o direito de escrever as suas próprias declarações e, nas declarações do instrutor, de exigir a introdução de alterações.

(Ah, se eu soubesse antes! Melhor dito: se assim fosse! Mas como quem pede esmola, e sempre em vão, pedimos ao juiz de instrução que não coloque "minha espécie abominável e caluniosa", onde dissemos 'Meus julgamentos errados' ou 'nosso depósito de armas secretas' em vez de 'minha navalha enferrujada').

Oh, se os réus já tivessem sido aprovados em um curso de prisão! Se o primeiro resumo fosse um teste e apenas o segundo realmente! Para os *repetidores* de 1948, eles não jogaram mais aquele jogo de resumo: eles teriam falhado. Mas os da *primeira vez* não têm experiência, não têm conhecimento. E eles não têm ninguém para consultar.

A solidão do acusado: é mais uma condição para o sucesso de uma investigação injusta. Com uma consciência solitária e protegida, eles lançam toda a máquina de esmagamento. Desde a prisão e durante o período inicial, *conmo cionador* do sumário, o ideal é que os presos fiquem sozinhos: na cela, no corredor, nas escadas, nos escritórios: em qualquer lugar deve topar com um semelhante o seu ; em nenhum sorriso, em nenhum olhar você deve encontrar simpatia, conselho, apoio. Os *Órgãos* fazem todo o necessário para turvar o futuro e deformar o presente; fazer você acreditar que seus amigos e familiares foram presos e que evidências convincentes foram encontradas. Hiperboliza suas possibilidades de punir a ele e seus íntimos, seu direito de perdoar (que os *Órgãos* não têm). Coloque a sinceridade do arrependimento em relação à mitigação da pena e do regime no campo de concentração (tal relação nunca existiu). Em pouco tempo, enquanto o preso fica chocado, exausto e não possui suas ações, obtenha dele o máximo possível de declarações irrevogáveis, envolva (quanto mais, melhor) pessoas totalmente inocentes (alguns ficam desanimados a ponto de que imploram para não ler as declarações em voz alta para eles, eles só têm a força para assinar os fólios; só então eles o transferirão da masmorra onde foi mantido incomunicável, para a grande cela, onde com desespero tardio ele descobrirá e contará seus fracassos).

Como não errar nesse duelo? Quem se livraria deles?

Dissemos que "idealmente, ele deveria estar sozinho". Mas no transbordamento criminoso de 1937 (o mesmo de 1945), esse princípio ideal da solidão dos recém-capturados nem sempre pôde ser alcançado. Quase desde as primeiras horas, o homem preso estava em uma cela superlotada.

Isso tinha vantagens, que superavam as desvantagens. A cela superlotada, além de substituir a câmara isoladora, era uma excelente *tortura*, cujo valor era maior porque durava dias e semanas, e sem nenhum esforço do juiz de instrução: Os presos eram torturados pelos próprios presos. Eles enfiaram tantos detentos na cela que nem todos tinham um pedaço de chão, para que pisassem uns nos outros, para que não pudessem se mover, para que tivessem que se sentar nas pernas uns dos outros. Na prevenção de Kishinov, em um calabouço calculado para um, em 1945 colocaram DEZOITO, em Lugansk, em 1937, colocaram QUINZE.^[73] Ivanov-Razumnik, em 1938, uma cela de tamanho normal no Butyrki, destinada a 25 pessoas, era compartilhada por CEM E QUARENTA (os banheiros estavam tão sobrecarregados que às vezes eles saíam para se aliviar à noite, bem como para limpar!)^[74] Além disso, de acordo com seus cálculos, no "canil" de recepção Lubyanka por semanas a fio, para cada metro quadrado de piso havia TRÊS pessoas (calcule e estabeleça);^[75] o cachorro não tinha janela nem ventilação e a temperatura, com a respiração e o calor corporal, era de 40 e 45 graus (!), Todo mundo estava de calcinha (sentavam-se com roupas de inverno), os corpos nus eram pressionados uns contra os outros e o suor dos outros causava eczema. Assim, eles ficaram SEMANAS sem ar e sem água (apenas uma bagunça e chá pela manhã).^[76]

Se, além disso, o mergulho atendia a todas as necessidades (às vezes, como em algumas prisões siberianas, não havia mergulho na cela); se comeram quatro do mesmo prato e alguns nos joelhos; se em todos os momentos trouxessem um para testemunhar, e colocassem outro espancado, insone e moralmente abatido; se a aparência do quebrado era mais eloqüente do que todas as ameaças do juiz de instrução; E, para quem ficou meses sem ser chamado, todas as mortes e modos de morrer e todos os campos de concentração pareciam um alívio em relação ao seu amontoado, teoricamente este não é um bom substituto para a solidão ideal? E nessa bagunça humana nem sempre você tem com quem conversar, nem costuma

encontrar alguém para aconselhá-lo. E você acredita mais em tortura e espancamentos quando as pessoas mostram a você do que quando o instrutor promete.

Você aprende com as vítimas que eles colocam enemas salgados na sua garganta e então, por vinte e quatro horas, você fica com sede na câmara (Karpunich). Ou eles raspam suas costas com um cartão até sangrar e então o mancham com aguarrás. (O líder da brigada Rudolf Pintsov suportou os dois; além disso, colocaram agulhas em suas unhas e o encheram de água até estourar, exigindo que ele declarasse que no desfile do Festival de Outubro pretendia lançar uma brigada de tanques contra a caixa do governo).^[ZZ] Por Alexandrov, que era chefe da seção artística do VOES, com a coluna quebrada, curvado, incapaz de conter as lágrimas, você pode saber como o próprio Abakumov PEGA (em 1948).

Sim, sim, o próprio Ministro da Segurança do Estado, Abakumov, não detesta esse trabalho não especializado (como Suyorov na linha de fogo): de vez em quando gosta de brandir um bastão de borracha. Riumin, seu vice-ministro, bate com ainda mais prazer. Ele faz isso em Sukhanovka no escritório de investigação "gerais". As paredes do escritório são forradas a noqueira, as cortinas das janelas e portas são de seda e no chão há um grande tapete persa. Para não estragar tanta beleza, eles cobrem o carpete com um tapete sujo, manchado de sangue. Riumin é auxiliado nas surras não por um guarda, mas por um coronel. "Bem", diz Riumin cortesmente, acariciando um cassetete de cerca de quatro centímetros de diâmetro, "você passou no teste de insônia com honra (Al-dr D. conseguiu suportar um mês sem ser vá dormir: ele dormiu em pé). Agora vamos testar o bastão. Ninguém aqui dura mais do que duas ou três sessões. Abaixes as calças e deite-se no tapete. O coronel monta nas costas do homem atormentado. AD quer *contar* os acertos. Ele ainda não sentiu dor no nervo ciático, suas nádegas foram reduzidas por causa da fome. Não há dor no local do golpe: a cabeça parece explodir. Ao primeiro golpe, o homem atormentado enlouquece de dor e deixa as unhas no tapete. Riumin acerta tentando acertar. O coronel pressiona com o corpo: é a tarefa mais indicada para quem usa três grandes estrelas nos punhos: ajudar Riumin o todo-poderoso! (Depois da sessão, o homem atormentado não é carregado, claro: é arrastado pelo chão. As nádegas incham tanto que não deixam prender a calça, mas isso quase não deixa vestígios. Aí ocorre uma tremenda decomposição intestinal e D., sentado na piscina, em sua masmorra

solitária, ri alto. A segunda e a terceira sessões ainda estão esperando por ele, sua pele vai arrebentar e Riumin, ele vai enlouquecer e começar a bater na barriga dele, vai furar seu peritônio, As entranhas do preso descerão como as de uma hérnia de orme e o levarão ao hospital Butyrki com peritonite e, temporariamente, cessarão as tentativas de forçá-lo a cometer um canalha.

Até que ponto eles podem atormentar! Comparado a isso, parece uma carícia paternal quando Danilov , o juiz de instrução de Kishinov, atinge o padre Victor Shipovalnikov com uma pá na nuca e lhe dá repelentes (é muito confortável dar repelidos assim aos padres; é melhor agarrar os leigos pela barba e arrastando-os de uma ponta a outra do escritório. Richard Ohol, um soldado vermelho finlandês, que participou da captura de Sidney Rally e comandou uma companhia para esmagar o motim de *Kronstadt*, estava sendo erguido por uma ponta de uma pinça. o bigode grosso, depois o outro e eles ficaram assim por dez minutos, mas sem tocar com os pés no chão).

Mas a coisa mais terrível que eles podem fazer com você é se despir da cintura para baixo, deitar de costas no chão, abrir as pernas, os assistentes (os gloriosos sargentos) sentam-se neles , segurando você pelas mãos e o juiz instrução - se o juiz for mulher também não vai desprezar este método - ele se coloca entre suas pernas abertas e com o salto da bota (do sapato) aos poucos, com moderação e cada vez mais forte, esmaga no chão o que Antes de fazer de você um homem, ele o olha nos olhos e repete, repete suas perguntas ou suas propostas de traição. Se você não pressionar um pouco mais antes do tempo, ainda terá quinze segundos restantes para gritar que confessa tudo, que está disposto a levar as vinte pessoas que exigem de você para a prisão, ou para difamar na imprensa a coisa mais sagrada ...

E que Deus o julgue, não os homens ...

- Não há saída! Você tem que confessar! Sussurre os informantes introduzidos na cela.
- Um cálculo simples indica para você se manter saudável ”, afirma o prudente.
- Então você não terá dentes novos. ”Ele aponta para um que não tem mais dentes.
- Quer você confesse ou não, eles vão condená-lo de qualquer maneira - concluem aqueles que assimilaram a essência do assunto.

- Quem não assinar leva um tiro ”, prevê outro, de escanteio. Vingar. De forma que não se sabe como eles instruíram o resumo.
- E se você morrer no escritório, seus parentes serão avisados: para o campo de concentração, sem direito a correspondência. E agora eles podem procurar por você!

E se você for ortodoxo, outro ortodoxo se aproximará de você e depois de olhar em volta com inimizade, para que o profano não o ouça, ele o colocará calorosamente no ouvido:

- Temos o dever de apoiar a pesquisa soviética. Vivemos em situação de guerra. A culpa é nossa: como éramos muitos, esta praga espalhou-se por todo o país.
- Nós travamos uma guerra cruel sem quartel. Aqui, à nossa volta, também há inimigos: Você não ouve o que eles pensam? A parte não tem a obrigação de prestar contas a cada um de nós, porque isto e porque aquilo outro. Se necessário, ele é assinado e o assunto concluído.

Outra abordagem ortodoxa:

- Assinei declarações contra trinta e cinco pessoas, contra todos que conheço. E também te aconselho: quanto mais nomes melhor, leve o maior número possível. Assim ficará claro que é um absurdo e eles vão tirar todos nós de lá.

É isso que os *Órgãos* querem ! A consciência dos ortodoxos e os objetivos do NKVD coincidem, naturalmente. O NKVD precisa dessa gama de nomes, dessa reprodução expandida deles. Isso mostra a qualidade do seu trabalho, e eles são os pescoços para fazer novos laços. "Parceiros no crime! Parceiros no crime! Coreligionistas! "É o que exigiam insistentemente dos presos. (Dizem que R. Ralov citou o Cardeal Richelieu entre seus cúmplices, o fizeram no sumário e até o interrogatório da reabilitação em 1956 ninguém se surpreendeu).

E já que falamos de ortodoxos. Para tal PURGE um Stalin era necessário, mas tal partido também era necessário: a maioria deles, dos que estavam no poder, até o momento em que se trancaram, trancaram impiedosamente outros, exterminaram mansamente para com seus

semelhantes de acordo com as mesmas instruções, eles levaram à morte seus amigos ou correligionários de ontem. E todos os grandes bolcheviques (sem falar que antes eram *todos* algozes para quem não tinha partido), agora usavam uma coroa de mártir. Talvez o ano 37 foi necessário para mostrar quão pouco sua ideologia valia, de que ostentava tanto quando eles voltaram para a Rússia de cabeça para baixo, destruiu seus bastiões, pisoteados seus lugares sagrados, a Rússia, onde *eles* nunca ameaçou uma punição SO. As vítimas dos bolcheviques entre 1918 e 1936 nunca se comportaram tão vilmente como os bolcheviques de primeira classe quando a tempestade começou. Quando você estuda em detalhes toda a história das prisões e julgamentos de 1936-1938, mais do que Stalin e seus amigos você sente nojo do acusado, de uma vileza repelente, você fica enojado de sua mesquinhez espiritual após sua arrogância e intransigência anteriores.

... Mas como? Você consegue resistir, sensível à dor, fraco, apegado à vida, despreparado ... ?

O que fazer para ser mais forte do que o instrutor e todo aquele estoque?

Você deve entrar na prisão sem se arrepender da vida confortável que deixou. No limiar você tem que dizer a si mesmo: a vida acabou, um pouco cedo, mas o que você vai fazer? Eu nunca vou voltar para a liberdade. Estou condenado a morrer agora ou um pouco mais tarde, mas depois vai ser mais doloroso, é melhor mais cedo. Eu não tenho mais ativos. Membros da família morreram por mim e eu por eles. A partir de hoje meu corpo é inútil, estranho. Somente meu espírito e minha consciência são as únicas coisas que aprecio e com as quais me preocupo.

E diante daquele preso, a instrução vai vacilar!

Só vencerá quem renunciou a tudo!

Mas como fazer do seu corpo uma pedra?

Do círculo de Berdiaev, eles pegaram fantoches para o julgamento, mas não fizeram dele um fantoche. Queriam envolvê-lo em um processo, prenderam-no duas vezes, levaram-no (1922) a um interrogatório noturno diante de Dzerzhinsky, também havia Kamenev (aparentemente, ele não desdenhava o trabalho ideológico com o apoio dos tchecos). Mas Berdiaev não se rebaixou, não implorou, expôs firmemente a eles os princípios religiosos e morais que o impediam de aceitar o regime implantado na Rússia. Eles não apenas o consideraram impróprio para julgamento, como também o libertaram.

Ele era um homem com OPINIÃO!

N. Stoliarova se lembra de uma velha que, em 1937, dividia com ela os beliches Butyrki. Eles a interrogavam todas as noites. Dois anos atrás, na casa da velha em Moscou, um ex-metropolita fugido do destino havia passado a noite . Ele não era um ex, ele era real! É verdade, tive a honra de recebê-lo. "Boa. E de Moscou, para onde ele foi? " "Eu sei, mas não estou dizendo." (O metropolita estava passando da proteção de alguns crentes para outros e fugiu para a Finlândia). Os juízes examinadores se revezavam e vinham em grupos, colocando os punhos na cara dela, mas ela ainda tinha treze anos: "Você não vai arrancar nada de mim. Mesmo se você me cortar em pedaços. Você tem medo dos patrões, tem medo um do outro e até tem medo de me matar. ("Eles terão perdido a pista"). Mas não tenho medo de nada. Agora estou pronto para responder ao Senhor! "

Sim, havia, alguns do interrogatório não voltaram para a cela para pegar sua mochila. Foram eles que escolheram a morte antes de se *declarar* contra alguém.

Não diríamos que a história dos revolucionários russos nos fornece os melhores exemplos de firmeza. Mas não há ponto de comparação, porque nossos revolucionários nunca conheceram um *bom* interrogatório com cinquenta e duas modalidades.

Sheshkovski não torturou Radischev. E Radischev, de acordo com os hábitos da época, sabia perfeitamente que seus filhos permaneceriam como oficiais da guarda e que ninguém distorceria suas vidas. Nem ninguém confiscaria seus bens. No entanto, em seu breve resumo de duas semanas, este distinto homem renunciou às suas convicções, ao seu livro e implorou por misericórdia. ^[af]

Nicolau I não pretendia impedir as esposas dos dezembristas, ^[ag] forçando-os a gritar no escritório ao lado, ou torturando os próprios dezembristas, mas ele também não precisava disso. Até o próprio Ryleev "respondeu em detalhes, com sinceridade, sem esconder nada." Mesmo Pestel *rachado* e deu nomes de seus companheiros (ainda em *grande*), que ele havia ordenado a enterrar *O russo Verdade* eo lugar onde foi enterrado.

^[78] Poucos, como Lunin, se destacaram por sua irreverência e desprezo pela comissão investigativa. O comportamento da maioria era lamentável: alguns enredavam outros, muitos pediam misericórdia. Zavalishin colocou

toda a culpa em Ryleev. EP Obolenski e S. P. Trubetskoï correu para expor Griboedov, o que nem mesmo o próprio Nicolau I acreditou.

Bakunin, em sua *confissão*, cuspiu-se de maneira humilhante diante de Nicolau I e, assim, foi salvo da forca. Vilidade de espírito? Astúcia revolucionária?

É razoável pensar que aqueles que prometeram matar Alexandre II estavam abnegados. Eles sabiam o risco que estavam correndo. Grinevitsky compartilhou o destino do czar; Rysakov foi deixado vivo e caiu nas mãos da investigação. E naquele mesmo dia ele já havia indicado os endereços dos outros conspiradores. Temendo por seus dias, ainda jovem, ele rapidamente deu ao governo mais informações do que este esperava. Ele estava sufocando de pesar, ele estava disposto a "desmascarar todos os segredos dos anarquistas".

No final do século passado e no início deste, um oficial de gendarmes RETIRADA imediatamente a questão se o arguido considerava que era inadmissível ou violava a sua privacidade. Quando em Kresty, em 1938, o velho presidiário político Zelensky foi espancado com um martelo puxando para baixo as calças como uma criança, ele chorava em sua cela: "Um legista do czar não se atreveria a me chamar de VOCÊ!" Por um estudo recente ^[79] ficamos sabendo que os gendarmes apreenderam o original do artigo de Lenin *O que pensam nossos ministros?* E através dele *não conseguiram* encontrar o autor:

“Durante o interrogatório os gendarmes, *como era de se esperar* [os itálicos aqui e adiante são meus: AS] por meio de Vaneev (um aluno) aprenderam muito pouco. Este último *apenas os* informou que o original que encontraram em seu poder lhe fora entregue antes da busca em um pacote por uma pessoa *cujo nome ele não deseja comunicar* manter por alguns dias. O instrutor *ficou sem mais nada* (como? E a água gelada até os tornozelos? E o enema salgado? E o cassetete de Riumin ...?) Mas submeter o original a um teste especializado. E eles não encontraram nada. Peresvetov, ao que parece, também ficou preso por alguns anos, e teria sido muito fácil para ele listar o que mais o instrutor havia *deixado* se tivesse diante dele o depositário do artigo. *O que nossos ministros estão pensando?*

SP Melgunov recorda: “A prisão czarista tinha uma memória tão excelente, que hoje os presos políticos a recordam quase com alegria” ^[80].

Esta é uma mudança de imagem, esta é outra escala. Assim como os carroceiros da época de Gogol não conseguiam conceber as velocidades dos aviões a jato, quem não passou no picador de carne GULAG não poderá imaginar as verdadeiras possibilidades da investigação.

Em *Izvestia* de 24-V-1959, lemos: Yulia Rumiantseva é colocada na prisão em uma *cerveja* nazista para descobrir onde seu marido está, escapou daquela mesma *cerveja*. Ele sabe disso, mas se recusa a responder. O leitor ignorante verá nisso um modelo de heroísmo. O leitor com um passado gulagiano amargo verá um exemplo da inépcia do instrutor: Yulia não morreu atormentada ou enlouquecida, ela apenas a libertou viva depois de um mês .

Todas aquelas idéias que você tem que ser feitas de pedra, então elas eram totalmente desconhecidas para mim. Não só não estava disposto a quebrar os laços afetuosos que me prendiam ao mundo, mas quando fui levado por centenas de lápis 'Faber', troféus de guerra , quando fui preso , fiquei queimando por um longo tempo. Quando me lembrei de meu resumo de estar longe da prisão, não tive motivo para me orgulhar. Certamente, fui capaz de me segurar com mais firmeza e provavelmente poderia ser mais engenhoso para ouvir as perguntas. As primeiras semanas para mim foram mentalmente nebulosas e desmoralizadas. Se essas lembranças não me perseguem, é porque, graças a Deus, não mandei ninguém para a cadeia. Mas eu estava perto.

Nossa queda na prisão (minha e de Nikolai V., que consta no mesmo resumo que eu) foi devido a uma menina, embora já fôssemos oficiais na guerra. Durante a guerra, ele e eu nos correspondíamos entre dois setores da frente e não nos ocorreu, com a censura militar envolvida, nos abstermos de expressar em nossa correspondência quase que abertamente nossa indignação e blasfêmias políticas, contra os Sábios dos Reis Magos, a quem Em um código bem transparente demos o nome, em vez de Pai, do *Padrazo*. Quando, mais tarde, na prisão, falei sobre o meu *assunto*, nossa inocência despertou risos e espanto. Eles me disseram que seria impossível encontrar outros bezerros como nós. E também me convenci de que era assim. De repente, lendo um estudo sobre a causa de Alexandr Ulyanov, fiquei sabendo que haviam sido descobertos pela mesma coisa: por

indiscrições na correspondência, e só isso salvou a vida de Alexandre III em 1º de maio de 1881.^[81]

O gabinete do meu instrutor, II Ezepev (o edifício da seguradora «Rossia» não tinha sido construído para a tortura), é amplo, espaçoso, ensolarado, com uma janela enorme e aproveitando a altura do chão ao teto (cinco metros), eles penduraram um retrato de quatro metros de corpo inteiro do poderoso Soberano, a quem eu, um grão de areia, dei meu ódio. O instrutor às vezes parava diante dele e jurava teatralmente: "Estamos prontos para dar nossas vidas a ele!" Por causa dele, podemos nos jogar debaixo de um tanque! " Dada a grandeza sublime do retrato, minha tagarelice sobre um certo leninismo purificado deveria ser lamentável , e eu, um detrator profano, merecia apenas a morte.

Considerando aquela época, o conteúdo de nossas cartas era para nos condenar a ambos. Portanto, meu instrutor não precisou inventar nada contra mim; Eu só queria colocar uma luva em todos aqueles a quem escrevi ou escrevi para mim. Aos meninos e meninas da minha idade, eu - ousado e quase bravata - expressava opiniões sediciosas em cartas, e meus amigos, não sei por que, continuaram a se corresponder comigo. Em seu carrinho como defesa também apareceram expressões suspeitas.^[82] Ora, Ezepev, como Porfiri Petrovich, exigia de mim uma explicação lógica: se assim nos expressávamos nas cartas censuradas, o que não diríamos quando estivéssemos sozinhos? Não pude tentar convencê-lo de que praticamente toda a agressividade estava contida nas cartas ... E com a cabeça embotada, tentei amarrar algo que parecia plausível nos meus encontros com amigos (as cartas falavam desses encontros), algo que de certa forma beirando a política, mas não "fora" do Código Penal. E tive que fazer minhas explicações saírem de forma natural e espontânea, para convencer meu tortuoso instrutor de que eu era um homem simples, muito pequeno e sincero até o fim. Acima de tudo para que - e isso fosse o principal - meu indolente instrutor não se deixasse levar pela feliz carga que carregava comigo em minha feliz mala: muitos cadernos do *Diário de Guerra*, escritos a lápis com traços pálidos e duros, notas feito com letras finas e pontiagudas, já apagadas em algumas partes. Esse diário foi a expressão de minhas reivindicações como escritor. Não confiei na força da nossa memória incrível , e durante a guerra tentei escrever tudo o que vi - embora isso não fosse o pior - e tudo o que ouvi as pessoas dizerem. Mas as

opiniões e histórias, tão naturais na primeira linha de fogo, aqui na retaguarda, adquiriram um tom rebelde e cheiravam a uma prisão úmida para meus camaradas da frente. E para que o juiz de instrução não suasse a gota gorda sobre meu *Diário de Guerra*, nem extraísse dela uma veia que pudesse prejudicar a tribo livre da frente, só me arrependi do que era necessário, e comecei a ver claramente meus desvios políticos na medida do necessário. Já estava exausto de andar no fio da faca, até que vi que, felizmente, não trouxeram ninguém para confrontá-lo comigo; até que houvesse sinais claros de que a acusação estava terminando; até que, no quarto mês, todos os cadernos de meu *Diário de Guerra* foram jogados nas mandíbulas infernais do fogão Lubyanka. Com isso, outro romance desapareceu na Rússia, tornando-se espinhos de ouro, enquanto borboletas pretas de fuligem voavam da chaminé mais alta.

Caminhamos sob aquela lareira, dentro de um retângulo de concreto, sobre um telhado do Bolshaya Lubyanka, no nível de um quinto andar. As paredes subiam acima do quinto andar, até a altura de três pessoas. Apuramos nossos ouvidos para captar a vida de Moscou, as mensagens das sirenes dos carros. Mas vimos apenas a lareira, a sentinela em uma torre no sexto andar e um pedacinho do céu de Deus, aquele pedaço que teve a sorte de pairar sobre o Lubyanka.

Oh, a fuligem! Aquele primeiro mês de maio sem guerra não parou de cair. Víamos tanta queda em cada caminhada que demos que nos ocorreu que talvez a Lubyanka estivesse queimando seus arquivos de 27 anos. Meu Diário Perdido foi apenas uma breve baforada daquela fuligem. E eu estava me lembrando de uma manhã ensolarada e fria de março, no gabinete do meu juiz de instrução. Como de costume, ele fez suas perguntas rudes e tomou notas, distorcendo minhas palavras. O sol brincava nos padrões caprichosos formados nas vidraças, que pingavam enquanto o gelo derretia, e mais de uma vez tive a ideia de me jogar por aquela janela, para que minha morte fosse pelo menos como um brilho na janela. Moscou aérea, para bater na estrada, assim como - quando eu era criança - fez um pioneiro desconhecido em Rostov-on-Don, que saltou de "trinta e três".

Através das clareiras irregulares que o sol estava deixando enquanto o gelo derretia das vidraças, podiam-se ver os telhados de Moscou e, acima deles, colunas alegres de fumaça. Mas eu não estava olhando para aquele lado, e sim para a enorme pilha de manuscritos - que ocupava todo o centro do escritório, com trinta metros de altura - recém-descarregada e ainda não

classificada. Cadernos, pastas com capas caseiras, trouxas amarradas e desamarradas, folhas soltas ... Os manuscritos estavam ali como um túmulo sobre o túmulo do espírito humano sepultado, um túmulo que, com sua ponta cônica, se projetava sobre a mesa do instrutor. , quase escondendo da minha vista. E senti uma compaixão fraternal pelo trabalho daquele homem anônimo, que havia sido preso na noite anterior. Os despojos da busca foram empilhados, de madrugada, no *parquete* do escritório de tortura, aos pés de Stalin, de quatro metros. Enquanto eu me sentava, pensei: que vida incomum eles trouxeram na noite passada para atormentá-la, despedaçá-la e queimá-la?

Quantas ideias, quantos empregos desapareceram nesta casa! Toda uma civilização ! Oh, a fuligem, a fuligem das chaminés do Lubyanka! E o que mais sinto é que quem vier depois vai considerar nossa geração mais estúpida, mais medíocre, mais muda do que realmente era.

Para desenhar uma linha, basta marcar dois pontos .

Em 1920, lembra Ehrenburg, a Cheka lhe fez a seguinte pergunta: "Prove que você não é o agente de Vrangél."

E, em 1950, um coronel proeminente do MGB, Foma Fomich Zhelezov, anunciou aos prisioneiros: "Não perderemos tempo provando a ele [o arrecadação estadual] que ele é culpado. Que *ele* nos mostre que *não* tinha intenções hostis.

E nessa linha elementar, como se ao longo dela agisse um antropófago, alinham-se as inúmeras Memórias de milhões de seres.

Que aceleração e simplificação do sumário, insuspeitada pela Humanidade anterior! Os *Órgãos* se pouparam do trabalho de procurar evidências! O coelho preso, trêmulo e pálido, sem direito a escrever para ninguém; nem ligar por telefone; nem trazer nada de fora; privado de sono, comida, papel, lápis e até botões ... Sentado em um banquinho, em um canto do escritório, ELE MESMO deve buscar e expor, perante o instrutor preguiçoso, *evidências de* que ele NÃO tinha *intenções* hostis . E se você poderia não encontrar -los 'Onde vai levar? - contribuindo assim para o resumo evidências *abril oximadas* de sua culpa.

Conheci o caso de um velho, ex-prisioneiro dos alemães, que, sentado no banco nu e estendendo as mãos vazias, conseguiu demonstrar ao seu monstro-instrutor que NÃO havia traído seu país e que nem sequer tinha intenção. Foi um caso de escândalo! E eles o libertaram? Não faltava mais! Ele me explicou tudo isso na Prisão Butyrki, não no Boulevard Tverskoi. O

instrutor principal foi acompanhado por um segundo; Os dois passaram uma noite tranquila de lembranças com o velho , e depois assinaram os depoimentos das *testemunhas entre eles*, segundo os quais naquela noite o velho - morto de sono e fome - havia feito propaganda anti-soviética entre eles. O que foi dito sem malícia, foi ou escutado com malícia! O velho foi então entregue a um terceiro juiz de instrução, que retirou a acusação de traição, mas cuidadosamente o "enforcou" pelos mesmos *dez* anos por propaganda anti-soviética durante a investigação preliminar.

Ao deixar de ser uma busca da verdade, o resumo tornou-se para os próprios instrutores, nos casos difíceis, uma obra de carrasco, e nos casos fáceis, um simples passatempo, algo que justifica a percepção do salário.

Sempre houve casos fáceis , até o infame ano de 1937. Por exemplo, Borodko foi acusado de dezesseis anos antes ter ido visitar seus pais, que viviam na Polônia, sem obter um 'passaporte estrangeiro' (seus pais viviam cerca de dez quilômetros Mas os diplomatas concordaram em entregar aquela Bielo-Rússia à Polónia e, em 1921, as pessoas ainda não se tinham habituado e continuaram a viajar como antes). A instrução durou meia hora: "Você estava aí?" "Sim". "Em que você viajou?" "Eu fui a cavalo." Ele recebeu dez anos de AC R. ^[83]

Mas essa velocidade tem um gosto estakhanovista que não encontrou seguidores entre os de boné azul. De acordo com o Código de Processo Penal, eram necessários dois meses para cada sumário e, em caso de dificuldades, vários adiamentos deviam ser solicitados aos promotores, até um mês (e os promotores, é claro, não os negaram). Teria sido tolice desperdiçar energia, não aproveitar essas extensões e, usando a linguagem da fábrica, não inflar as próprias regras. Depois de trabalhar, com a garganta e os punhos, durante a primeira "semana de choque" de qualquer resumo; Depois de consumir vontade e *caráter* (segundo Vichinsky), os juízes investigadores tentaram atrasar o sumário, para ter mais processos antigos, tranquilos e menos processos novos. Foi considerado impróprio terminar um mandato político em dois meses.

O sistema estatal puniu-se por sua desconfiança e inflexibilidade. Não confiou nem mesmo no seletto pessoal: provavelmente não os obrigou a marcar o relógio na entrada e na saída, mas foram obrigados a anotar, para controle, os nomes dos presos chamados a depor. O que sobrou para o instrutor garantir os prêmios salariais? Chame um dos réus, sente -o em um canto, faça uma pergunta assustadora, esqueça, divirta-se lendo o jornal,

escreva o roteiro das aulas de política, cartas particulares e vá visitar (saindo como guardiões, em vez disso, para os responsáveis). Chateado pacificamente com um amigo que o visitou, o instrutor, de tempos em tempos, viria a seus sentidos, lançou um olhar aterrador para o réu e disse:

"Isso é um canalha." Esse é um canalha como poucos. Mas não se preocupe, pois não pouparemos *nove gramas*.

Além disso, meu instrutor usou bastante o telefone. Por exemplo, ele ligaria para casa e diria à esposa - olhando para mim - que passaria a noite inteira interrogando; portanto, ela não deveria esperar por ele antes do amanhecer (minha alma afundou: ela ia me interrogar a noite toda!) Mas ela imediatamente desligou o telefone de seu amante e, com lisonja felina, disse-lhe que o noite na casa dela (graças a Deus, vamos dormir; meu coração ficou aliviado).

Assim, um sistema perfeito foi superado pelas falhas em seus servidores.

Os instrutores mais curiosos gostavam de aproveitar essas interrogações "vazias" para ampliar sua worldologia. Pediram notícias ao acusado da frente (daqueles tanques alemães sob os quais, se não foram atirados, foi por falta de tempo); perguntaram-lhe sobre os costumes dos países europeus e ultramarinos em que o detido tinha estado; sobre as lojas e os produtos e, muito especialmente, sobre os lupanares estrangeiros ou sobre diversos casos com mulheres.

De acordo com o Código de Processo Penal, considera-se que o promotor assiste sem desmaiar o correto andamento do julgamento. Mas, na minha época, ninguém o via até o chamado "interrogatório do promotor", que significava que a investigação estava chegando ao fim. Eles também me submeteram a este interrogatório. O Tenente Coronel Kotov - quieto, bem comido, um rubi ou impessoal, nem mau nem bom, nada - sentou-se à mesa e bocejou, folheando pela primeira vez a pasta que guardava o meu resumo. Ele passou cerca de quinze minutos olhando para ela em silêncio (como o interrogatório era inevitável e eles também foram gravados, não faria sentido folhear a pasta em horas não graváveis e, além disso, reter detalhes do resumo em sua cabeça por horas). Então ele fixou seu olhar indiferente na parede e me perguntou, com relutância, se eu tinha algo a acrescentar às minhas declarações.

Fiquei me perguntando se ele tinha algo a dizer sobre como a investigação foi conduzida: se houve coerção e violação da lei, mas os

promotores não fazem essas perguntas há muito tempo. E se ele tivesse me convidado? Aquela casa, com mil quartos, do Ministério, assim como seus cinco mil edifícios de pesquisa, vagões, cavernas e barracos espalhados por toda a União Soviética, vivia apenas violando a lei, algo que entre ele e eu não teríamos conseguido consertar. Além disso, todos os promotores de uma determinada categoria ocuparam seus cargos com a "aprovação" dos mesmos Órgãos de Segurança que ... eles tinham que controlar.

Não sei como conseguiu transmitir-me a sua indolência e placidez, bem como o cansaço que aquelas CAUSAS infinitas e absurdas produziram nele. E não levantei nenhum problema com ele sobre a verdade. Implorei apenas que corrigisse um absurdo ridículo: éramos dois réus no mesmo caso, mas o resumo foi instruído separadamente (eu, em Moscou, e meu amigo, na frente); Então, eu estava *tão assim* no meu caso, mas foi cobrada ao abrigo da secção 11, isto é, como um *grupo* e *organização*. Eu respeitosamente pedi a ele para remover aquele anexo do item 11. Então ele passou mais cinco minutos folheando o resumo, suspirou, abriu os braços e disse:

-E que? Um homem é um homem e dois homens são pessoas.

E um homem e meio, uma organização ...?

E ele apertou o botão para eles virem me procurar.

Mais tarde, no final de uma noite de maio, no mesmo escritório do promotor - em cujo console de mármore estava meu relógio com pequenas figuras de bronze - meu juiz de instrução me chamou aos "duzentos e seis". convocou, nos termos do artigo correspondente do Código de Processo Penal - a revisão do sumário pelo próprio arguido, antes de nele carimbar a sua última assinatura. Sem duvidar de que obteria minha assinatura, o instrutor já passava a caneta, fazendo a acusação.

Abri a capa da pasta volumosa, e dentro dela, em um texto impresso, li algo incrível: descobri que durante a investigação da investigação eu tinha o direito de apresentar queixas por escrito contra as investigações sumárias inadequadas ... e as O juiz tinha a obrigação de acrescentar ao sumário, cronologicamente, minhas reclamações. Durante o treinamento, mas não após a conclusão ...

Oh, esse direito não era conhecido por nenhum dos milhares de seres com os quais fui posteriormente detido!

Continuei virando as páginas. Vi fotocópias de minhas cartas e uma interpretação totalmente deturpada de seu significado por comentaristas

desconhecidos (como o capitão Libin). E vi a mentira hiperbólica com que o capitão em questão envolveu minhas cautelosas declarações. E finalmente a bobagem de que eu, um homem solteiro, fui acusado como um "grupo"!

"Eu não concordo." Você lidou com o arquivo incorretamente, "eu disse, não muito decidido.

"Bem, vamos começar de novo", disse ele, sua voz sinistra, seus lábios se apertando. Iremos cobrar de você um site onde colocamos a *politsai*.^[ah]

E até me pareceu que ele fez um gesto como se quisesse tirar o "resumo" das minhas mãos. (Segurei com o dedo).

O sol poente brilhava nas janelas do quarto andar do Lubyanka. Em algum lugar já era maio. As janelas do escritório, como todas as que davam para o exterior do Ministério, estavam condenadas e com o inverno despencando sem decolar, para que nem o sopro da primavera nem o desabrochar chegassem aos cantos daquela sala. O relógio de bronze, do qual o último raio de sol se retirou, bateu lentamente a hora.

Desde o princípio? Por um momento, pareceu-me que ele preferia a morte a começar tudo de novo. Ele parecia ter a promessa de uma vida pela frente. (Se ele soubesse que vida ...!) E então, aquele lugar onde tinha os *politsais*. Enfim, não era preciso colocá-lo de mau humor, pois disso dependeria o tom com que escrevesse a denúncia ...

E eu assinei. Assinei, admitindo o ponto 11. Na época não sabia o peso dele; eles apenas me disseram que não estava prolongando a pena. No ponto 11, caí em um campo de trabalhos forçados.

No ponto 11, eu, depois da "libertação", fui, sem qualquer convicção, e livros para sempre.

Talvez fosse melhor assim. Sem um ou outro, eu não teria sido capaz de escrever este livro ...

Meu juiz de instrução só poderia aplicar insônia, mentiras e coerção, métodos totalmente legítimos. Por isso não precisei - como fazem os instrutores que cometeram alguma irregularidade, recuperando-se em saúde -, juntamente com a assinatura do artigo 206, obrigar-me a assinar que eu, Fula no de Tal, prometo, sob pena de punição penal (não se sabe o que artigo), nunca conte a ninguém sobre os métodos usados na investigação do resumo.

Esse trabalho foi feito em série em alguns departamentos regionais do NKVD: a "promessa de sigilo " foi colocada diante do preso junto com a condenação do OSO (mais tarde, quando você for liberado do campo de concentração, terá que assinar que não contará para ninguém as coisas do campo).

Assim, o nosso habituado à docilidade, as nossas costas encurvadas (ou quebradas) não nos permitiam rejeitar aquele jeito rufião de apagar os rastros, nem mesmo indignar-nos com isso.

Perdemos a MEDIDA DE LIBERDADE. Não temos meios de determinar onde começa ou termina. Somos um povo asiático: exigem de nós assinaturas, assinaturas e mais assinaturas - quantas quiserem - que nada divulgaremos.

Não temos certeza: temos ou não temos o direito de contar a nossa própria vida?

IV

Tubulação azul ^[ai]

Durante todo esse arrasto entre os cilindros do grande Centro Noturno, onde nossas almas são esmagadas e nossa carne se ilumina como os pingentes do gualdrapa, sofremos muito, nos concentramos muito em nossa dor e não somos capazes de olhar com olhos transparentes e proféticos para os pálidos *canalhas* noturnos que nos torturam. A dor nos transborda até que mudemos nossos olhos; Se não fosse por isso, que historiadores de nossos algozes seríamos? Porque eles nunca se descreverão enquanto viverem. Mas, infelizmente, cada ex-detento lembra em detalhes seu resumo, a pressão exercida sobre ele e a sujeira que extraíam dessa maneira, mas muitas vezes nem lembra o sobrenome do instrutor; E se ele nem mesmo se lembra disso, como pode esperar que ele tenha parado para estudá-lo como pessoa? Eu, por exemplo, posso me lembrar de coisas cada vez mais interessantes sobre qualquer um dos meus companheiros de cela do que sobre o Capitão da Segurança do Estado, Ezepov, com quem tantas vezes estive sozinho em seu escritório.

Mas temos uma memória comum, e em cuja definição concordamos: é um lugar em decomposição, um lugar completamente coberto de pus. Décadas depois, sem acessos de raiva ou ressentimento, com o coração tranquilo, guardamos esta impressão firme: são homens maus, mesquinhos, inconstantes e, talvez, perdidos.

Sabemos que Alexandre II, encurralado pelos revolucionários - que tentaram sete vezes em sua vida - uma vez visitou a prevenção da Rua Shpalernaya (parte da Casa Grande) e queria ser trancado na cela número 227, onde permaneceu mais uma hora, porque queria saber o que pensavam os detidos.

Não se pode negar que para o monarca a necessidade e a tentativa de contemplar o assunto de um ponto de vista espiritual foi um impulso moral .

Mas é impossível imaginar qualquer um de nossos magistrados de instrução - incluindo Abakumov e Beria - desejando, mesmo por apenas uma hora, se colocar no lugar do detido, se trancar em uma masmorra e reconsiderar citá-lo.

Os regulamentos não exigem cultura ou visão ampla - e eles não as têm. O regulamento não exige que eles pensem logicamente - e eles não fazem. O regulamento exige que eles apenas cumpram as diretrizes dentro do prazo e sejam cruéis diante do sofrimento - e isso eles sabem fazer. Nós que passamos por suas mãos sentimos com vergonha seu corpo, privado, mesmo nu, de sentimentos humanos.

Se alguém podia ver claramente que os *casos* eram "volumosos", eram os juízes de investigação. Eles - além das reuniões - não podiam dizer seriamente um ao outro ou a si mesmos que estavam expondo criminosos. Apesar disso, eles encheram uma página após a outra para ficarem podres. Este já é um princípio dos presos comuns: "Você morre hoje e eu amanhã."

E embora eles entendessem que as causas eram "grandes", eles trabalharam nelas ano após ano. Por quê...? Ou se obrigaram a NÃO PENSAR (o que destrói o ser humano), e simplesmente aceitaram: É preciso! Aquele que escreve as instruções para eles não pode estar errado .

[84]

Acho que os nazistas raciocinaram da mesma maneira.

Ou foi a Doutrina Avançada, a ideologia granítica. No sombrio Orotukán, um juiz investigador (punido, enviado em comissão a Kolyma em 1938), amolecido pelo rápido acordo de M. Lurie - diretor da Krivoi Rog Steelworks - para assinar uma segunda sentença em campo concentração, disse ele, nas horas vagas:

[85]

"Você acha que gostamos de ser violentos?" Mas devemos fazer o que o partido nos diz para fazer. Você, que é um antigo membro do partido; Diga-me, o que você faria em nosso lugar?

E, aparentemente, Lurie quase concordou com ele. (Ele assinou tão facilmente porque pensou o mesmo?) É convincente, certo ?

Porém, mais frequente do que tudo era o cinismo. O tubo azul conhecia o movimento do "moedor de carne" e gostava dele. Nos campos de Dzhidinsk (1944), o juiz investigador, Mironenko, disse, orgulhoso de sua construção lógica, ao sentenciado Babich:

—O sumário e o julgamento são apenas uma formalização legal, que não pode mudar o seu destino, já *prescrito*. Se você tiver que levar um tiro,

mesmo que seja totalmente inocente, eles vão atirar em você de qualquer maneira. E se você tiver que ser absolvido (aparentemente, aqui ele se referia a SEU - AS), não importa o quão culpado você seja, você será "caiado de branco" e absolvido.

Kushnariov, chefe da primeira Seção de Investigação de Segurança do Estado no Cazaquistão Ocidental, disparou contra Adolf Tsivilko:

"Como vamos deixar você ir , se você é de Leningrado?" (Isto é, se você for um veterano do jogo).

“Tendo a pessoa, vamos criar a *causa*”. Muitos deles brincaram; este era o seu provérbio. O que é tortura para nós é um bom trabalho para eles. A esposa de Niko lai Grabischenko (Canal do Volga) disse, mudou-se, para seus vizinhos:

"Meu Kolia é altamente considerado no trabalho." Um demorou muito para confessar e eles deixaram isso para Kolia. Kolia falou com ele uma noite e confessou.

Por que todos eles, em entusiástico atala je, se lançaram nesta corrida não em busca da verdade, mas de um grande número de "moldados" e condenados? Porque isso tornou mais fácil para eles permanecerem dentro do mainstream. Porque essas figuras eram sua vida agradável, seus pagamentos extraordinários, suas condecorações, suas promoções, a expansão e o bem-estar dos próprios *Corpos*. Os números altos permitem relaxar e passar a noite festejando (eles permitiam), enquanto os números baixos teriam levado à degradação, à perda disso sem ecura, já que Stalin nunca acreditaria que não tinha inimigos na região, em uma cidade, em uma unidade militar.

Portanto, não foi a clemência, mas a autoestima ferida e a irritação, que despertou neles os detidos que os obrigaram a argumentar , os que não quiseram ser incluídos nas cifras, os que não cederam à insônia, o calabouço ou a prisão. com fome. Quando eles se recusaram a confessar, eles minaram a posição pessoal do juiz de instrução, era como se eles tivessem a intenção de derrubá-lo; Diante disso, o juiz considerou que todos os métodos eram bons. Na guerra como na guerra. Chupe essa mangueira, beba água salgada!

Por profissão e por vida escolhida, privados de acesso à esfera superior da existência humana, os funcionários do Centro Azul viviam na esfera inferior com muito mais plenitude e pressa. E lá eles foram dominados e guiados pelos instintos mais fortes (excluindo a fome e o sexo) da esfera

inferior: o instinto de PODER e o instinto de LUCRO. (Especialmente o poder , que, em nossas décadas, acabou por ser mais importante do que o dinheiro.)

O poder é um veneno; é conhecido há milênios. Se ninguém jamais adquiriu poder material sobre os outros ...! Mas quando o homem acredita em algo superior a todos nós, do qual ele tem consciência de sua limitação, o poder ainda não é mortal. Ao contrário, para homens sem esfera superior, o poder é sinistro. Eles não podem se salvar desse contágio.

Você se lembra do que Tolstoi disse sobre o poder? «Ivan Ilyich veio ocupar o cargo no trabalho, o que lhe permitiu *perder todos os que queria perder. Todas as pessoas, sem exceção, estavam em suas mãos; qualquer um, mesmo o mais importante*, poderia ser apresentado a ele como acusado. (Parece referir-se ao nosso blues ! Não há nada a acrescentar!) A consciência desse poder, "e a possibilidade de atenuá-lo", diz Tolstoi (embora isso não tenha mais nada a ver com nossos rapazes), constituiu para ele o *principal interesse e apelo do trabalho*.

Atraente é pouco ; *êxtase*. Porque é para ficar em *êxtase*: você é jovem, quase - digamos entre parênteses - um pirralho; recentemente seus pais ficaram desesperados com você, eles não sabiam o que fazer com você; ele é um tolo, ele não quer estudar; mas você passou três anos *naquela* escola e como você avançou! Como sua situação de vida mudou! Como se transformaram os seus movimentos, o seu olhar e o gesto da sua cabeça! O claustro se reuniu no Instituto; Você entra e todo mundo percebe, e até estremece: você não sobe na cadeira do presidente, porque o reitor fala de lá, mas você senta em um canto; mas todos sabem que aqui o importante é você; a Seção Especial. Você pode ficar aqui por cinco minutos e depois ir; esta é a sua vantagem sobre os professores; Assuntos mais importantes podem ser reclamados de você ; Mais tarde, porém, ao ler a resolução que eles tomaram, você franzirá a testa (ou, melhor ainda, moverá os lábios) e dirá ao reitor: “Não é possível. Existem motivos »... e nada mais! E isso não vai ser feito! Ou tu és do SMERSCH, só tenente, apesar do que, o velho e corpulento coronel, chefe de unidade, levanta-te quando entras, tenta bajular-te, faz favor, não vai tomar um copo com o chefe do Plana Mayor sem te convidar. Não importa que suas duas estrelas sejam pequenas ; Isso é até engraçado: suas estrelas têm um peso totalmente diferente; Eles são medidos em uma escala totalmente diferente daquela de oficiais comuns (em algumas missões especiais você pode colocar outras estrelas, por

exemplo, Comandante , como um pseudônimo, como algo convencional). Sobre todos os homens desta unidade militar, ou desta fábrica, ou deste distrito, você tem poderes que penetram em uma profundidade incomparavelmente maior do que a do chefe, do diretor, do secretário do partido para o distrito. Estes têm o trabalho, o salário e a boa reputação dos homens; mas você tem a liberdade deles. E ninguém se atreverá a falar nada sobre você em uma reunião, ninguém se atreverá a escrever sobre você no jornal, e não apenas ruim ! Nem se atreverão a escrever *bem!* Você, como um deus arcano, não pode ser nomeado! Você está aí, todo mundo te ouve, mas é como se você não estivesse. É por isso que você está acima desse poder descoberto, a partir do momento em que se cobriu com aquele boné azul. Ninguém ousará verificar o que VOCÊ está fazendo; em vez disso, eles podem ser colocados sob seu controle. Por isso, perante os ditos simples cidadãos (que para vós são simples canalhas), o mais digno é adoptar uma expressão enigmática de pensador. Você é o único que conhece os *motivos* especiais, ninguém mais. É por isso que você está sempre certo.

Mas nunca se esqueça que você também teria sido mais um bloqueio se não tivesse a sorte de ser um pequeno elo nos *Órgãos*, aquele ser vivo, flexível, integral que mora no Estado como o solitário no corpo do homem, e agora tudo é seu, para você tudo! Mas seja fiel aos *Órgãos!* Eles sempre virão em sua defesa! E eles vão te ajudar a engolir quem te ofende! E eles vão tirar os obstáculos do seu caminho! Pe ro Seja fiel aos *órgãos!* Faça tudo o que eles mandarem! Já vão discutir o lugar que você deve ocupar para você: hoje você é a Seção Especial; amanhã você ocupará a cadeira de juiz de instrução, e mais tarde será nomeado etnógrafo no Lago Seliguer, em parte, talvez, para curar um pouco seus nervos. E então, da cidade onde você já é visto demais, você irá para o outro lado do país como delegado para os assuntos da Igreja. Ou você se tornará o secretário responsável do Sindicato dos Escritores. Não se surpreenda com nada: o verdadeiro destino dos homens e a verdadeira hierarquia dos homens são conhecidos apenas pelos *Órgãos*; Eles simplesmente deixam todo mundo tocar: para qualquer artista conhecido, para qualquer herói do agro-socialista, você faz assim: "Uau!" E eles desaparecem.

O trabalho do juiz de instrução exige trabalho, é claro: você tem que aparecer durante o dia, aparecer à noite, passar horas e mais horas, mas não

quebra a cabeça procurando por "provas" (nisso, o réu quebra os capacetes) , não comece a considerar se ele é culpado ou inocente; faça como for conveniente para os *Órgãos* e tudo ficará bem. Cabe a você realizar a instrução sumária da maneira mais agradável possível, sem se cansar; Não seria ruim ter algum lucro e, se não, pelo menos se divertir. Vejam só, cansado de sentar, um novo *efeito* ocorre de repente para você - *eureka!* Ligue para seus amigos, vá de escritório em escritório, conte sobre isso; Que risadinhas para rir! Ei, vamos tentar ... em quem? É sempre chato do mesmo jeito; aquelas mãos trêmulas, aqueles olhos suplicantes, aquela docilidade covarde entediava; se pelo menos alguém ofereceu resistência.

"Eu amo inimigos fortes - *é um prazer quebrar suas costas!*"^[90]

E se for tão forte que não há como desistir? E se todos os seus métodos não funcionarem? E se você ficar com raiva? Não reprima sua raiva! É um prazer enorme, é um voo! Liberte sua raiva, não conheça obstáculos para ela! Pule as patas! Nesse estado é quando cuspem na boca aberta do condenado acusado! E eles afundam seu rosto em uma escarradeira cheia!

^[91] É neste estado que os sacerdotes são arrastados por suas crinas! E mijam na cara ajoelhada! Após a birra, você se sente mais machista!

^[92] Ou você questiona uma "garota que está indo com um estrangeiro". Claro, você veste como um trapo e, claro, você pergunta a ele: «O americano tem o ... quadrado? Os russos são pequenos demais para você? " De repente - ideia! - Isso aprendeu algumas coisas com os estrangeiros. Não perca a chance: é como viajar para o exterior a negócios. E você começa a perguntar a ele, com interesse crescente: 'Como? Em que posição ...? E em que outra ...? Com detalhes! Cada ninharia! " (Vai me fazer bem e vou contar aos meninos!) A menina fica vermelha e chora ao ver que isso não tem nada a ver com o "resumo". «Sim, tem que servir! Conta!" Qual é o seu poder? Ela contará tudo em detalhes; se você quiser, ele vai desenhar para você, e se você quiser, ele vai mostrar para você com o corpo; Não tem outra saída: em suas mãos está sua masmorra e a *duração de seu castigo*.

^[93] Chamado uma estenógrafa para levar o interrogatório ... mandaram um bem fofo: põe a mão nela bem aqui, na presença do acusado; ^[94] é como se ele não fosse um homem, não há necessidade de ter vergonha desse homem.

Além disso, por que você teria vergonha? Se você gosta de garotas (quem não gosta delas?); seria tolice não tirar vantagem da situação. Alguns serão atraídos pelo seu poder, outros cederão por medo. Se você viu uma garota em algum lugar e a reservou, ela será sua, ela não poderá escapar. Se você assinou com a esposa de outra pessoa, será seu, porque não custa nada tirar o marido do caminho!^[95] Não, isso é vivê-lo: a importância de ser boné azul! Tudo o que você viu é seu! Qualquer apartamento que você gosta é seu! Qualquer mulher é sua! Qualquer inimigo ... fora! A terra sob seus pés é sua! O céu sobre a sua cabeça é seu, porque também é azul!

O desejo de enriquecer é comum a todos eles. Como não aproveitar tanto poder e total falta de controle para nos enriquecer? Vamos, você teria que ser um santo ...!

Se os motivos ocultos de algumas detenções nos fossem revelados, veríamos, com espanto, que se a diretriz geral fosse a *prisão*, a escolha específica de *quem colocar*, o destino específico dependia, em três casos de quatro, do egoísmo e o espírito de vingança do povo, e metade desses casos, os cálculos egoístas do NKVD local (e do promotor, é claro, que não podemos separar do jogo).

Por exemplo, quando começou a jornada de 19 anos de VG Vlasov ao arquipélago? O dia em que ele, o diretor de uma cooperativa de consumo em um distrito, organizou uma venda de tecido (que hoje as pessoas nem olhariam) ... para os delegados de uma conferência de militantes do partido (ninguém ficou indignado por não ter sido vendido a cidade), e a esposa do promotor não pôde comprá-lo porque ela não estava lá, e o promotor, Russov, ficou com vergonha de se aproximar do balcão, e Vlasov não pensou em dizer: "Eu guardarei para você" (seu personagem nunca Eu teria permitido). Em outra ocasião, o promotor russo trouxe para o refeitório da festa - havia refeitórios desse tipo na década de 1930 - um amigo que não estava registrado lá - para o qual não tinha direito - e o diretor do refeitório não permitiu que o servissem. comida para o dito amigo. O promotor exigiu que Vlasov punisse o diretor, mas Vlasov não o fez. Em outra ocasião, por algo semelhante, o NKVD distrital ficou ofendido. E eles o condenaram como um opositorista de direita ...!

As razões e os fatos da orla azul são tão mesquinhos que nos deixam perplexo! O agente Senchenko pegou o porta-mapa e a sacola de campanha

de um oficial preso e os usou na presença de seu dono. Para outro detido, por meio de truques sumários, ele tirou as luvas feitas no exterior. (Especialmente na ofensiva, eu os deixei furiosos por não terem sido os primeiros a chegar ao saque). O oficial do serviço de contra-espionagem do 48º Corpo de Exército, que me prendeu, apaixonou-se pela minha cigarreira alemã, que não era uma cigarreira assim, mas sim uma caixa simples, mas com uma cor carmesim muito marcante. E por essa merda ele deu uma manobra bastante profissional: em primeiro lugar, não incluiu a minha cigarreira entre os objetos que apareciam no sumário ("fica com isso"); depois ordenou que eu fosse revistado novamente, sabendo muito bem que não havia mais nada nos meus bolsos: 'Ah, o que é isso? Tire! Os juízes de instrução recebem um certo número de cigarros para recompensar o confessor e os informantes. Alguns se preocuparam com eles. Eles trapaceiam mesmo com as horas de interrogatório; São horas noturnas e são mais bem pagas: vimos nas fichas de interrogatório longas horas "de" e "até". (Juiz Fyodorov (Reshoty Station, Post Office Box 235), durante uma busca na casa de Korzujin, que não estava sob custódia, roubou um relógio de pulso). Durante o cerco de Leningrado, o juiz investigador Nikolai Fiodorovich Kruzhkov disse a Elizaveta Viktorovna Strajovich, esposa do réu KI Strajovich:

"Eu preciso de um cobertor acolchoado ." Traga isso para mim.

Ela respondeu:

"O quarto onde tenho minhas roupas quentes está lacrado."

Então ele foi para casa com ela e, sem tocar no selo do NKVD-KGB, desatarraxou a maçaneta da porta ("é assim que o NKGB funciona", explicou ele, rindo) e começou a tirar a capa e, aliás, colocar cacos de vidro no bolso. (Por sua vez, EV também conseguiu o que pôde; afinal, era dela).

"Bem, chega de pegar coisas!" Ele a parou, enquanto continuava arrastando-o com tudo que podia.

[96]

Casos como este são incontáveis; Mil "Livros Brancos" puderam ser publicados com eles (a partir de 1918), perguntando aos que estavam presos e suas esposas. Talvez houvesse bordas azuis que eles nunca roubaram, que nunca se apropriaram do que era estrangeiro, mas a verdade é que não consigo imaginar "bordas" honestas nesse sentido. Não posso imaginar que, com a maneira como você pensa, você possa sentir algum escrúpulo se gostar de alguma coisa. No início dos anos 30, quando usávamos uniformes de escoteiros e trabalhávamos nos primeiros cinco anos, eles passavam as

noites no estilo ocidental do mundo - como podia ser visto no apartamento do Konkordia Iosse - e suas esposas se exibiam em vestidos importados. De onde veio tudo isso?

Aqui estão os seus nomes, como se tivessem sido escolhidos para o desempenho do seu cargo: Na Delegação de Segurança da Região de Kemerovo, no início dos anos 1950: o nome do procurador era Trutnev (*Drone*); o chefe do Departamento de Investigação era o Comandante Shkurkin (*Pellejo*); seu vice, tenente-coronel Balandin (*Aguace*); um instrutor foi Skorojvatov (*Grab Soon*). Isso não é inventado. Isso está implícito. (Já falei sobre Volkopialov [*Estica o lobo*] e Gra bischenko [*Saqueador*]). Esses sobrenomes e tamanha concentração deles não dizem nada?

Mais uma vez as memórias do detentor: I. Korneev esqueceu-se daquele coronel da Segurança, amigo de Konkordia Iosse (que por acaso era um conhecido comum), com quem estava preso no "isolador" de Vladimir. Este coronel, que personificava os instintos de poder e de lucro, no início de 1945 - a idade de ouro do "saque" - solicitou a transferência para a unidade dos Órgãos que (juntamente com o próprio Aba kumov) controlavam os "despojos", isto é, ele tentou ficar com a melhor fatia para si, não para o estado (e ambos conseguiram fazê-lo com grande sucesso). Nosso personagem, que roubou carroças, construiu várias dachas (uma delas, em Klin). Depois da guerra adquiriu tanta fumaça que na estação de Novosibirsk mandou expulsar todos os que estavam no restaurante, que reservou para si e para seus companheiros de festa, acompanhado de algumas meninas, que fez dançar, nuas, nas mesas. Isso também eles o teriam perdoado; Mas, como Kruzhhkov, ele quebrou uma lei muito importante: ele atacou a *sua própria*. Aquele enganava os Órgãos, mas este era ainda pior: apostava que estava a seduzir as esposas, não de cidadãos comuns, mas dos seus colegas da Segurança. E eles não o perdoaram. Ele foi preso no "isolador", de acordo com o artigo 58. Ele fumegou porque eles ousaram prendê-lo, e não tinha dúvidas de que mudariam de idéia. (Provavelmente sim.)

Esse destino fatal, que os faz *cair*, não é raro entre as bordas azuis. Contra isso, eles não têm garantia; mas, incompreensivelmente, não sabem assimilar as lições do passado. Entre outras coisas, talvez seja porque lhes falta uma razão superior, enquanto o intelecto inferior diz: "É raro ser pego,

é raro ser pego; Não vai me afetar, e não acho que o nosso vai me abandonar.

É verdade que os *seus* tentam não deixá-lo em apuros, porque têm um acordo tácito. Em *suyos*, se eles acabarem na prisão, dê-lhes vantagens. (Ao Coronel I. Ia. Vorobiov, na prisão especial de Marfino; a VN Illin, em Lubyanka [com pena de mais de oito anos]). Os que vão para a prisão por erros pessoais geralmente não passam maus bocados, graças a essa visão de casta, o que explica porque se sentem impunes no serviço diário. No entanto, há vários casos conhecidos de guardas de campos que cumpriram pena em campos comuns e até encontraram zeks dos quais, em seu tempo, foram tutores. Eles tiveram um momento difícil. (Por exemplo, o Agente Mushin, que odiava o Artigo 58 até a morte e que atacava prisioneiros comuns, foi empurrado para baixo dos beliches por esses mesmos prisioneiros.) Mas não nos é possível conhecer esses casos em detalhe, dar-lhes uma explicação.

Aqueles que realmente arriscam tudo são as damas que caem em uma *enchente* - porque elas também têm suas *enchentes* ...! -. O *dilúvio* é um elemento da Natureza, algo superior aos próprios *Órgãos*, e aqui ninguém mais pode ajudá-lo, ninguém pode impedir que se deixe levar pela corrente.

Mas no último minuto, se você estiver bem informado e tiver um faro chechista aguçado, poderá evitar a avalanche, mostrando que não pertence a ela. O capitão. Saenko - não aquele carpinteiro chechista de Kharkov, de 1918-1919, tristemente famoso porque atirou, perfurou corpos com seu ^[97] sabre, quebrou canelas, esmagou cabeças com pesos e queimou, embora os dois provavelmente fossem parentes - ele tinha a fraqueza de se casar, por amor, com Kojanskaya da Ferrovia Oriental da China (FOCH). De repente, quando a nova onda começou a surgir, ele soube que planejavam prender o FOCH. Na época, ele era chefe da Seção de Operações da GPU em Arjanguelsk. E você sabe o que ele fez então, sem perda de tempo? Bem, para IMPRESSIONAR SUA AMADA ESPOSA, embora ele tenha feito sua acusação contra ela por não se basear no fato de ter trabalhado na FOCH. E isso não é apenas salvo, mas também sua promoção a chefe do ^[98] NKVD na região de Tomsk.

As cheias foram produzidas de acordo com uma enigmática lei de *renovação dos Órgãos*, um pequeno holocausto periódico, para que os que restassem tivessem o aspecto de purificados. Os *Órgãos* tiveram que ser

renovados mais rapidamente à medida que as gerações humanas crescem e envelhecem: cardumes de cagebistas tiveram que sucumbir com a mesma inelutância com que o esturjão vai morrer entre as pedras do rio, para ser substituído pelos alevinos. Era uma lei que a razão suprema via com perfeição, mas que os blues se recusavam a admitir e prever. Os reis dos *Órgãos*, e os ases dos *Órgãos*, e até os próprios ministros, no momento da verdade, ofereceram suas cabeças à sua própria guilhotina.

Yagoda arrastou um cardume com ele. Provavelmente muitos daqueles nomes brilhantes que admiramos no Canal Branco-Báltico caíram em tal cardume, e que foram apagados dos versos.

O segundo cardume chegou pouco depois, com o efêmero Ezhov. Alguns dos campeões mais fortes do ano 37 morreram naquela enchente (mas não exageremos; demorou muito para que fossem todos os melhores). O próprio Ezhov foi espancado tanto durante os interrogatórios que parecia triste. Com essas prisões, o próprio GULAG ficou órfão. Junto com Ezhov, o chefe da Diretoria de Finanças do GULAG caiu; o chefe da Direção de Saúde do GULAG; o chefe do GM^[99] do GULAG e mesmo o chefe da Seção de Operações Extraordinárias do GULAG, que era, ao mesmo tempo, chefe de todas as compadrería dos campos.

E então veio o cardume de Beria.

Mas o gordo e presunçoso Abakumov já havia tropeçado antes.

Algum dia, os historiadores dos *Órgãos* (se os arquivos não forem queimados) vão nos contar passo a passo, com cifras e nomes que vão surpreender.

Vou contar aqui um pouco da história Riumin-Abakumov, que conheci por acaso. (Não vou repetir o que disse sobre eles em outro trabalho).^[100]

Riumin, encorajado por Abakumov e seu favorito, no final de 1952 comunicou-lhe a notícia sensacional de que o Dr. Etinguer havia confessado que prescreveu expressamente um tratamento contra - indicado para Jdanov e Scherbakov, a fim de matá-los. Abakumov se recusou a acreditar, sabendo como essas coisas eram preparadas, e decidiu que Riumin estava exagerando. (Mas Riumin sabia o que Stalin queria). Para verificar isso, naquela mesma noite Etinguer foi submetido a um interrogatório, e dele tiraram conclusões diferentes: Abakumov, que não havia tal "questão de médicos" e Riumin que havia. O melhor teria sido conferir novamente, no dia seguinte, mas devido às peculiaridades surpreendentes do Centro

Noturno, ETINGUER MORREU NA MESMA NOITE! Na manhã seguinte, Riumin, evitando Abakumov e sem que ele soubesse, chamou o Comitê Central e solicitou uma audiência com Stalin. (Acho que não foi o passo mais audacioso. O audacioso - porque com isso ele apostou a cabeça - foi não ter combinado com Abakumov no dia anterior, e talvez à noite ter matado Etinguer. Mas quem conhece os segredos disso *Tribunal?* E se ele tivesse contatado Stalin antes?) Stalin recebeu Riumin, deu sinal verde para a questão dos médicos e ABAKUMOV PRESO. Depois disso, Riumin assumiu sozinho o assunto dos médicos, e até mesmo contra Beria! (Há indícios de que, pouco antes da morte de Stalin, Beria já estava na corda bamba e é provável que Stalin tenha sido eliminado com sua ajuda.) Um dos primeiros passos do novo Governo ^[aj] foi fechar a questão dos médicos. Riumin foi então PRESO (mesmo com Beria no poder); mas ABAKUMOV NÃO ERA GRÁTIS! No Lubyanka, uma nova ordem de coisas foi estabelecida e, pela primeira vez em todo o tempo de sua existência, um promotor (DT Terejov) cruzou seu limiar. Riumin estava inquieto, obsequioso, "Não sou culpado, fui preso por nada" e pediu para fazer declarações. Ele tinha o hábito de chupar um pedaço de doce e, ao ouvir o comentário de Terejov, cuspiu na palma da mão: "Desculpe". Abakumov, como já dissemos, riu: "Você está me mistificando." Terejov mostrou-lhe permissão para inspecionar a prisão interna da MGB. "Como este pode ser quinhentos!" Abakumov fez um gesto. Ele era um patriota dos *órgãos*, e que ofendeu a maioria não estava sendo preso, mas sim que se pretendia restringir os direitos dos *Órgãos*, que não têm de ser subordinado a qualquer coisa no mundo. Em julho de 1953, Riumin foi julgado em Moscou e fuzilado. E Abakumov ainda estava na prisão! Durante os interrogatórios, ele disse a Terejov: «Você tem olhos muito bonitos, ^[101] *Que pena que vou me dar um tiro em você! Afaste-se do meu resumo, saia impune com o que ele tem de bom* ». Em uma ocasião, Terekhov ligou para ele e deu-lhe o jornal onde foi noticiado que Beria havia sido desmascarado. Foi um impacto para todos, quase cósmico. Abakumov leu e, sem um único gesto, virou o jornal e leu a página de esportes. Noutra ocasião, estando presente ao interrogatório um Emegebista de alto escalão, recentemente subordinado a Abakumov, perguntou-lhe: «Como é que permitiste que a investigação da investigação de Beria fosse levada a cabo pelo Ministério Público e não pelo MGB ?! (Ele o incomodava !) »« E acha que vão me

julgar, o Ministro da Segurança do Estado?! "" Sim ". «Então ponha uma *cartola*, os *Órgãos acabaram ...!*» (Ele viu as coisas muito pretas, aquele mensageiro ignorante). Estando em Lubyanka, Abakumov não temeu o julgamento, temeu que o envenenassem (outra prova de que era um filho digno dos *Órgãos*). Ele rejeitou categoricamente a comida da prisão e só comia ovos que comprava na cantina. (Nisso ele falhou em sua imaginação técnica, ele acreditava que os ovos não podem ser envenenados). Da rica biblioteca de Lubyanka ele tirou livros ... apenas Stalin! (aquele que o colocou na prisão) ... Pelo contrário, foi por exibicionismo, ou um cálculo que os seguidores de Stalin tiveram que ganhar. Ele passou dois anos na prisão. Por que eles não lançaram? A pergunta não é tão ingênua. Se seus crimes contra a humanidade tivessem sido levados em conta, o sangue deveria ter chegado ao pescoço, mas não era só ele. E todo mundo teve sucesso. É outro enigma: um boato abafado assegurou que ele, em outras ocasiões, espancou pessoalmente Liuba Sedi, nora de Khrushchev, esposa de seu filho mais velho, que foi condenado na época de Stalin a um batalhão de punição e ali morreu. Por isso, embora preso por Stalin, foi julgado no tempo de Khrushchev (em Leningrado) e em 18 de dezembro de 1954, fuzilado. ^[102]

Seu pessimismo era infundado: os *Órgãos* não *pararam* para isso.

A sabedoria popular aconselha: se você fala contra o lobo, fale também pelo lobo.

Como essa raça de lobos apareceu entre nosso povo? Não é de nossas raízes? Não é do nosso sangue? Sim, é nosso.

Sem sacudir demais os mantos brancos dos justos, cada um de nós se faça esta pergunta: se minha vida tivesse dado um rumo diferente, eu seria um carrasco como estes?

A pergunta é terrível, se for para ser respondida honestamente.

Lembro-me de meu terceiro ano na universidade, no outono de 1938. Nós, jovens de Komsomole, fomos chamados para o comitê distrital de Koms Omol; repetidas vezes, e quase sem pedir nossos desejos, eles nos encheram de pesquisas para preencher: chega de Física, Matemática e Química, o país precisa de você para entrar nas escolas do NKVD. (É sempre igual, isto ou aquilo não precisa, mas a própria Pátria, e o que convém à Pátria é perfeitamente conhecido por algum reitor e em seu nome ele fala).

Um ano antes, o mesmo comitê queria que nos matriculássemos em escolas de aviação. E também escapulimos (ficamos tristes por sair da Universidade), mas não com a firmeza de agora.

Um quarto de século depois, você pode pensar: é claro, você sabia que as prisões fervilhavam ao seu redor, que estava sendo torturado nas prisões e para que lugar imundo foi arrastado. Não!! Os caminhões rodavam à noite e nós éramos os outros, os diurnos, os que estavam com as bandeiras. Onde devemos saber e por que devemos pensar sobre as prisões? Que renovaram todos os chefes regionais? Nós não nos importamos com isso. Eles prenderam dois ou três professores, bah, já que não saíamos para a cidade com eles; Além disso, os exames ficaram mais fáceis. Jovens de 20 anos marcharam nas colunas de pares em outubro e, como colegas, o futuro mais brilhante nos aguardava.

Não é fácil precisar aquela coisa interna, não amparada por nenhum motivo, que nos impedia de dar entrada nas escolas do NKVD. Isso não foi aprendido com as lições do materialismo histórico: foi justamente aí que você aprendeu que a luta contra o inimigo interno era uma frente quente, uma missão de honra. Isso também estava em desacordo com nossa conveniência prática: uma universidade provincial poderia então nos oferecer uma escola rural em algum lugar remoto e um salário miserável; As escolas do NKVD nos prometeram rações e salários duplos ou triplos. Nossos sentimentos não podiam ser expressos em palavras (mesmo se os conhecêssemos, teríamos o cuidado de expressá-los um ao outro). O que resistiu não foi a cabeça, mas alguma parte do peito. Eles já podiam gritar com você daqui e dali: "É necessário!" Aí está você, eu não entro nisso.

Isso veio de longe, talvez de Lermontov,^[ak] de essas décadas da vida russa, quando, por um homem decente, não havia pior ou mais detestável serviço do que a de um gendarme, que foi expressa sem qualquer farsa. Não, ainda mais. Sem saber, nos redimimos com o cobre pelo qual trocamos o ouro de nossos ancestrais, daqueles tempos em que a moral ainda não era considerada relativa e o bem e o mal se distinguiam simplesmente pelo coração.

No entanto, alguns de nosso pessoal aderiram a ele. Eu acho que se eles tivessem empurrado com força, eles teriam quebrado todos nós. E agora quero imaginar: e se no início da guerra eu já tivesse usado a insígnia de tenente nas listras azuis? O que seria de mim? Claro, agora posso me consolar, pensando que minhas entranhas não teriam suportado isso, que eu

teria ficado ali, teria batido a porta. Mas, deitado no beliche da prisão, lembrei-me da minha verdadeira trajetória como oficial e me assustei.

Não me tornei oficial diretamente da sala de aula, não me perdi com tantos cálculos abrangentes ; Eu já havia servido meio ano como soldado e parecia através da minha própria pele o que significa estar sempre disposto a obedecer às pessoas que podem não ser dignas de você com a barriga vazia. E então mais meio ano eles me martirizaram na escola de cadetes. Então, devo ter absorvido a amargura de ser soldado para sempre, se tivesse sentido o frio e as frieiras na pele. Pois não. Para me consolar, colocaram duas estrelas nas minhas listras, depois a terceira e a quarta, e eu esqueci tudo ...

Então, mantive o amor do aluno pela liberdade? Na vida nós tínhamos. Nosso amor foi pelas formações, amor pelas marchas.

Lembro muito bem que, precisamente na escola, experimentei a ALEGRIA DA SIMPLIFICAÇÃO : de ser soldado e NÃO RECAPACITAR. A ALEGRIA DA IMERSÃO em *como todos vivem*, como ela é *aceita* em nosso meio militar. A alegria de esquecer certas delícias espirituais aprendidas na infância.

Na escola de cadetes , sempre tínhamos fome; Estudamos como raspar um pedaço extra; nos olhávamos com ciúme (alguns eram espertos). O que mais temíamos era não conseguir usar as listras de oficial (as que não terminavam eram enviadas para o grau de Stalin). E nos ensinaram como feras: para nos irritarmos mais, para depois querermos descontar em alguém. Dormíamos pouco, mas depois de nos reformarmos podiam obrigar-nos, como castigo, a andarmos (às ordens de um sargento). Ou à noite eles pegavam todo o pelotão e formavam em torno de uma bota suja: agora esse canalha vai limpar a bota, e até que comece a brilhar, aqui ficam todos vocês.

E, na espera ansiosa pelas listras, ensaiamos o andar bombástico de um oficial e a voz metálica das ordens.

E finalmente aparafusamos os quadrados. E apenas um mês depois, quando estava formando minha bateria na retaguarda, forcei meu negligente soldado Berbeniov a dar o passo após a retirada sob o comando do indomável Sargento Metlin ... (Eu tinha ESQUECIDO isso, sinceramente esqueci com o passar dos anos! Lembro-me dele agora, curvado sobre as páginas) ... E um velho coronel que estava de inspeção me chamou e me envergonhou. E eu (tinha terminado a universidade!) Justificava-me:

ensinavam-nos na escola. Em outras palavras: poderia haver razões humanitárias se estivéssemos no Exército?

(Ainda mais nos *Órgãos*) ...

O coração gera orgulho, como bacon, o porco.

Disparei ordens incontestáveis contra meus subordinados, convencido de que nada poderia haver igual a essas ordens. Mesmo na linha de frente, onde a morte aparentemente nos igualava, meu poder rapidamente me convenceu de que eu era de qualidade superior. Sentado, ouvindo-os, parado. Ele os cortou, deu-lhes instruções. Ele chamou os pais e avós de "você" (eles me chamavam de "você", é claro). Mandei, embaixo dos projéteis, emendar os cabos rompidos, para que os superiores não me censurassem (Andriashin morreu assim). Comi a manteiga do meu oficial com biscoitos, sem parar para pensar porque cabia a mim e não ao soldado. Claro, eu tinha um ordenança, a quem enchi de preocupações e obriguei a cuidar de mim e preparar toda a minha comida sem os soldados. (Os magistrados examinadores de Lubyanka não têm decreto; você não pode dizer isso sobre eles). Ele forçou os soldados a dar o calo, a escavar abrigos especiais para mim em cada novo lugar e colocar toras grossas, para que eu estivesse confortável e seguro. Escuta, desculpe, mas na minha bateria tinha também uma masmorra - como poderia ser na floresta? - também um poço, talvez algo melhor do que o do grupo Gorojovets, porque era coberto e davam comida aos soldados, e ali havia Viushkov, por perder um cavalo, e Popkov, pelo mau estado da carabina. Desculpe, lembro-me de outra coisa: eles fizeram para mim um porta-mapas de couro alemão (não couro humano, não, do banco do motorista), mas não tinha alça. Eu estava com o coração partido. De repente, vi uma coleira como a que eu precisava de um comissário de um destacamento guerrilheiro (do comitê distrital local) e a tiramos: éramos o Exército, éramos superiores! (Você se lembra de Senchenko, o agente?) E como eu estava segurando minha cigarreira carmesim, e me lembrei dela quando ela foi tirada de mim ...

Isso é o que alguns galões fazem com o homem. E o que aconteceu com o conselho da minha avó para o ícone! E o que aconteceu com as ilusões pioneiras sobre a futura Santa Igualdade!

E quando no posto de comando do chefe da brigada, os homens do SMERS H arrancaram minhas malditas listras e tiraram a correia e me empurraram em direção ao carro deles, com meu destino virado de cabeça para baixo, doeu ainda mais que, degradado, eu tinha para atravessar a sala

das operadoras de telefonia. Soldados privados não deveriam me ver com esses rastros!

No dia seguinte, após a prisão, minha provação começou a pé: da contra-espionagem do Exército à da Frente, outra captura marchou em etapas. De Osterode a Bronitsi, eles nos mandaram a pé.

Quando me tiraram da masmorra para treinar, já estavam sete presos, divididos em três pares e meio, de costas para mim. Seis deles usavam capas russas velhas e surradas, nas costas das quais carregavam, com tinta branca indelével, duas letras grandes: "SU". Significava "União Soviética"; Eu já conhecia a marca; em mais de uma ocasião, vi isso nas costas de nossos prisioneiros russos, que, tristes e culpados, se arrastaram ao encontro do Exército que os *libertou*. Ele os havia libertado, mas não havia alegria mútua nessa libertação: seus compatriotas lhes davam olhares mais sombrios do que os alemães, e em uma retaguarda muito apertada isso aconteceu: eles foram jogados na prisão.

O sétimo preso era um alemão em trajes civis com colete preto, casaco preto e chapéu preto. Já tinha mais de cinquenta anos e era alto, bem tratado, de rosto branco, criado com comida branca.

Me colocaram na quarta dupla, e o sargento tártaro, chefe do comboio, mandou-me, com um gesto, pegar minha mala lacrada, que estava um pouco fora do caminho. Nessa péssima situação estavam minhas coisas oficiais e tudo que escrevi por mim, o que tiraram de mim para minha sentença.

Eu levo a mala? Ele, um sargento, queria que eu pegasse e carregasse a mala? Um objeto volumoso, proibido pelo novo regulamento interno? E comigo, de mãos vazias, havia seis cetins? E um representante da nação derrotada?

Não expliquei tão complicadamente para o sargento, mas disse:

"Eu sou um oficial." Deixe o alemão cuidar disso.

Nenhum dos presos virou a cabeça na minha direção: era proibido virar. Só meu parceiro, outro SU, me olhou espantado (quando saíram do nosso Exército ainda não era assim).

Mas o sargento da contra-espionagem não se surpreendeu. Embora aos olhos dele, é claro, eu não fosse um oficial; mas tínhamos a mesma escola.

Ele chamou o alemão inocente e ordenou-lhe que carregasse a mala; Felizmente ele não tinha entendido nossa conversa.

Todos nós colocamos as mãos atrás das costas (os prisioneiros nem tinham mochila e, assim que saíram da pátria de mãos vazias, voltaram de mãos vazias) e nossa coluna de quatro casais retorcidos partiu. A escolta não estava lá para falar; Éramos totalmente proibidos um com o outro na estrada, nas alturas ou à noite ... Processados, tínhamos que caminhar cada um como separados por divisórias invisíveis, como se estrangulados em sua própria masmorra.

Foram dias instáveis no início da primavera. Às vezes, uma névoa fina se espalhava, e a lama líquida espirrava desanimadamente sob nossas botas, mesmo na estrada com firmeza. Às vezes o céu ficava claro, e um sol amarelo suave, um amarelo suave, ainda incerto de sua força, aquecia os montes, quase sem neve, e nos oferecia, diáfano, o mundo que íamos deixar. Outras vezes vinha uma rajada de vento hostil, que arrancava das nuvens negras uma neve que não parecia branca, atirava-a fria na nossa cara, nas nossas costas, nos nossos pés, ensopando as nossas capas e cascas.

Seis costas para mim, as mesmas seis costas. Teve tempo para estudar, observar e observar as irregulares e abomináveis focas SU e o pano preto, formando águas, nas costas do alemão. Ele teve tempo para contar a vida passada e entender o presente. Mas ele não era capaz. Mesmo depois do golpe, ele ainda não a entendia.

Seis costas. Não houve aprovação nem condenação em seu golpe.

O alemão logo se cansou. Ele passou a mala de uma mão para a outra, levou a mão ao peito, sinalizou para o acompanhante que não aguentava mais. E então seu companheiro, um prisioneiro, que Deus sabia o que teria experimentado recentemente no cativo alemão (ou talvez clemência também), de bom grado pegou a mala e carregou-a.

Posteriormente, foi substituído por outros presos, também sem ordens da escolta. E novamente o alemão.

Mas eu não.

E ninguém me disse uma palavra.

Em uma ocasião, encontramos uma longa coluna de carros vazios. Os carroceiros assistiram interessados; alguns ficaram de pé no carro, bisbilhotando. Logo percebi que sua exultação e ódio eram dirigidos contra mim - eu me destacava visivelmente dos demais: minha capa era nova, longa, justa, feita sob medida, as faixas do pescoço ainda não haviam sido

costuradas e o sol nascente estava brilhando em meus pés. ouro barato em botões sem cortes. Estava claro que eu era um oficial, ainda recém-capturado. Talvez a própria queda fosse em parte o que animava a alegria (era um traço de justiça), embora fosse mais provável que em suas cabeças, recheadas de conferências políticas, não fosse possível que a mesma pudesse ter flagrado o chefe da empresa, e eles decidiram que eu vim do outro lado.

"Eles colocaram as mãos em você, seu bastardo Vlasovista ...!" Ele deve levar um tiro, seu bastardo! Os carroceiros gritavam com entusiasmo, cheios de raiva da retaguarda (o patriotismo mais forte está na retaguarda) e, entre juramentos, me contaram muitas outras coisas.

Para eles, fui um cavalheiro da indústria internacional, que acabou por ser dominado, com o qual, a partir de agora, a ofensiva marcharia mais rápido e a guerra acabaria mais cedo.

O que eu iria responder a eles? Proibido uma só palavra, quando teria que contar a cada uma de minha vida. Como fazê-los entender que não sou um espião? Quem era amigo deles? O que ele estava aqui para eles ? Eu estava sorrindo ... Olhando na direção deles, eu estava sorrindo para eles da coluna de prisão. Mas meus dentes, espreitando com o sorriso, pareciam-lhes a pior zombaria, e com maior raiva e maior crueldade eles gritaram insultos contra mim e me ameaçaram com os punhos.

Eu sorria, orgulhoso por ele ter sido preso não por ladrão, não por traidor ou desertor, mas porque com a força da intuição eu havia decifrado os segredos perversos de Stalin. Ele sorriu porque queria, e talvez pudesse, consertar um pouco nossa vida russa.

E enquanto isso, minha mala estava sendo carregada por outras pessoas ...

E ele não sentiu o menor remorso por isso. E se meu vizinho - com o rosto abatido, coberto por um rosto macio de duas semanas e olhos cheios de sofrimento e compreensão - tivesse me censurado, ali mesmo, em russo puro, por ter humilhado a dignidade de um preso ao recorrer a ajuda da escolta; que me coloquei acima dos outros; que ele era excelente, eu não teria ENTENDIDO! Eu simplesmente não teria entendido O QUE ele quis dizer! Eu não era um oficial ...?

Se sete de nós tivéssemos que morrer na estrada, e o oitavo pudesse ser salvo pela escolta, o que teria me impedido de gritar:

"Sargento, salve-me!" Olha, eu sou um oficial!

É um oficial, mesmo que suas listras não sejam azuis.

E se, além disso, eles forem azuis? Se, além disso, eles ensinaram em você que é o sal dos oficiais? Que lhe confiemos mais coisas do que os outros, que ele saiba mais do que os outros e que por tudo isso ele tem que colocar a cabeça do processado entre as pernas, e nessa posição colocá-lo no esgoto?

Que tal? E porque não...?

Eu estava reivindicando abnegação altruísta e, ainda assim, era um verdadeiro carrasco. E se ele tivesse caído em uma escola do NKVD, com Ezhov, ou com Beria, ele teria chegado à temporada ...

O leitor que espera encontrar uma acusação política neste livro, feche o neste site.

Se tudo fosse tão simples !; que existem alguns homens negros em algum lugar que realizam ações negras com perfídia e que bastará aprender a distingui-los dos outros e aniquilá-los. Mas a divisão entre o bem e o mal está no coração de cada ser humano. Quem aniquilaria um pedaço de seu coração ...?

Enquanto dura a vida de um coração, essa divisão se move por ele, às vezes reduzida pelo mal alegre, às vezes dando espaço à bondade radiante. O mesmo homem, em diferentes idades, em diferentes situações de vida, é um homem totalmente diferente. Às vezes ele está mais perto do diabo. Outros, do santo. E seu nome não muda, e atribuímos tudo a ele.

Sócrates nos legou: *Conheça a si mesmo!*

E diante da cova, a que já nos preparávamos para empurrar os nossos agressores, paramos de espanto: se são eles os algozes e não nós, foi apenas pelas circunstâncias!

Mas se Maliuta Skuratov ^{[al]_ele} teria *nos* reivindicado, talvez não teríamos falhado ...

Do bem ao mal há um passo, diz o provérbio.

Então, de ruim para bom, o mesmo.

Assim que se levantou a memória daqueles ultrajes e torturas na sociedade, de todos os lados começaram a explicar, a escrever, a objetar: LÁ (no NKVD-MGB) também havia gente *boa!*

Conhecemos esses “mocinhos”: são eles que sussurravam aos velhos bolcheviques: “Esperem!” E até lhes entregavam um sanduíche; mas eles tratavam todo mundo sem consideração, com chutes. Bem, mais do que as festas - pessoas que eram humanamente boas - havia?

Em primeiro lugar, não deveria haver nenhum: os mocinhos tentavam não pegá-los; quando eles entraram, eles sabiam como descobri-los. Mas eles próprios fizeram o possível para não cair ali. ^[103] Qualquer pessoa que caísse por engano, caísse naquele ambiente, ou fosse rebatido, era despejado e até jogado nos trilhos. E ainda, havia algum ...?

Em Kishiniov, um jovem cagebista foi à casa de Shipovalnikov um mês antes da prisão: vá embora, vá embora, eles querem prendê-lo! (Foi ele?, Foi sua mãe quem enviou um padre para salvá-lo?) E depois da prisão, ele mesmo teve que escoltar o padre Victor. E o homem sofreu: por que não foi embora então?

Ou neste caso. Tive um líder de pelotão, o tenente Ovsiannikov. Não havia nenhum homem mais perto de mim na frente. Durante meia guerra comemos do mesmo prato e sob os estilhaços, entre uma explosão e outra, para que a sopa não esfriasse. Era um menino camponês, de alma tão pura e aparência tão inconcebida que nem a escola nem os oficiais o estragaram. Ele me suavizou de várias maneiras. Ele usava seu posto de oficial apenas para uma coisa: como preservar a vida e a força de seus soldados (entre os quais havia muitos de uma certa idade). Com ele aprendi como é o campo hoje e como são os kolkhoz. (Falava disso sem irritação, sem protesto, pelo mesmo motivo que a água da floresta reflete as árvores até o último galho.) Quando fui preso, ele ficou chocado, me escreveu o melhor currículo possível e levou para a assinatura do líder do grupo. Formado, ele procurou em meus parentes uma forma de me ajudar (era 1947, muito pouco diferente de 37). Tive medo por ele, no resumo, que comessem a ler meu “Diário de Guerra”: havia histórias sobre ele ali. Quando eu me reabilitei em 1957, eu realmente queria encontrá-lo. Ele se lembrou de seu endereço na aldeia. Escrevi para ele várias vezes e não recebi resposta. Então perguntei e soube que havia concluído o Instituto Pedagógico Yaroslav; Daí eles me responderam: “ele foi designado para os Órgãos de Segurança do Estado”. Opa! Muito mais interessante! Escrevi para ele em seu endereço na cidade e não recebi resposta. Vários anos se passaram; *Ivan Denisovich* foi publicado. Agora ele realmente precisava responder! Pois não! Três anos depois, pedi a um correspondente meu em Yaroslav que fosse à sua casa e entregasse a carta em seu próprio punho. Ele o fez e escreveu para mim; Tive a impressão de que ele não tinha lido *Ivan Denisovich*... Muito bem, que necessidade tens de saber o que se passa a seguir com os dois condenados ...! Desta vez, Ovchinnikov não pôde mais ficar calado e

respondeu: «Depois do Instituto, fui convidado a entrar para os *Órgãos* e imaginei que me sairia bem aqui de qualquer maneira. (O *que seria bom ...?*) Ele não teve sucesso no novo campo de ação; havia algo de que não gostei; mas eu trabalho "sem estaca"; em consciência, acho que não vou fazer nenhum trabalho para meu parceiro. (Que justificativa: a camaradagem!) Agora não penso mais no futuro ».

E nada mais ... E que, aparentemente, as cartas anteriores não os receberam. Ele não quer me conhecer. (Se nos tivéssemos conhecido, provavelmente teria escrito melhor este capítulo inteiro.) Nos últimos anos de Stalin, ele já era juiz de instrução. Naqueles anos, quando *vinete e cinco* enforcou todo mundo. Como é que, em consciência, tudo isso poderia ser recomposto? Como ficou nublado? Lembro daquele menino da primavera, abnegado, posso acreditar que a coisa não tem uma reviravolta? Que não há mais nenhum rebento vivo nele ?

Quando o juiz de instrução Goldman deu a Vera Korneeva o escrito para ela assinar, ela entendeu que tinha seus direitos e começou a lê-lo cuidadosamente; o caso era contra os dezessete membros de seu "grupo religioso". O juiz estava frenético, mas não conseguiu impedi-lo. Para não ficar entediado com ela, ele a mudou para um grande escritório, com meia dúzia de funcionários, e saiu. Primeiro, Korneeva estava lendo; então a conversa começou , talvez porque os funcionários quisessem matar o tempo, e Vera começou a pregar religião em voz alta. (É preciso conhecê-la. É uma mulher que irradia luz, muito desperta e boa conversadora, embora só tenha trabalhado, como encanadora, no estábulo e em casa). Eles a ouviram como se estivesse se escondendo , às vezes aprofundando as perguntas. Isso pareceu a todos eles de um ângulo inesperado. A sala se encheu; eles vieram de outros. Não eram os juízes examinadores: eram datilógrafos, estenógrafos, fichários, mas era o seu ambiente , dos *Órgãos*, o ano de 1946. É-me impossível reconstruir o seu monólogo; Ele teve tempo para dizer muitas coisas. Sobre os traidores do país também; Por que não houve a guerra patriótica de 1812, com o regime de servidão? Deve ter parecido natural que existissem! Mas, acima de tudo, ele falou de fé e de crentes. "ANTES", disse ele, "tudo o que você tem era sustentado por paixões desenfreadas:" roube o que foi roubado ", e então os crentes, é claro, atrapalham você. Mas agora, quando você quer CONSTRUIR e se sentir completamente feliz neste mundo, por que busca seus melhores cidadãos? Para você é o material mais apreciado: nós crentes não

precisamos de controle, o crente não vai roubar, ele não vai escorregar no trabalho. Você se propõe a criar uma sociedade justa com pancistas e pessoas invejosas? Tudo vai desmoronar. Por que você cuspiu o melhor na alma? Dê à Igreja uma verdadeira separação; não toque; com isso você não vai perder. Você é materialista? Bem, confie no avanço da cultura, pois isso alimenta a religião. Por que prender? É aí que Goldman entrou e rudemente quis cortá-la. Mas todos gritavam com ele: «Vamos, agora ...! Cala a boca...! Fala, fala mulher! " (Que nome dar? Cidadão? Camarada? Tudo o que era proibido, enredado em convenções. Mulher! Como Cristo a chamou, não se engane). E a Vera continuou na presença do juiz de instrução !!

Aqueles ouvintes em Korneeva, no escritório da KGB ... Por que a palavra de uma presa insignificante os alcançou tão vividamente ?

O próprio DP Terejov ainda se lembra de sua primeira sentença de morte: "Tive pena dele". Essa memória permanece um tanto cordial. (Mas, desde então, muitos não se lembram mais e não acompanham mais). ^[104]

Por mais insensíveis que sejam os guardiões da Casa Grande, o cerne da alma, a amêndoa da amêndoa, eles têm que guardar isso, né? N. P-va conta que foi levada ao interrogatório por um GUARDIÃO impenetrável , "mudo e sem olhos", e de repente, perto da Casa Grande, começaram a explodir bombas, parecia que iam cair sobre eles. E o guardião se aproximou da presa e em pânico a abraçou, buscando fusão e compaixão humana. Mas o bombardeio parou. E de novo os olhos desapareceram: «Ponha as mãos nas costas! Caminhar!

Claro, o mérito não é tão grande: tornar-se humano com medo, *em face* da morte. Assim como o amor aos filhos não é garantia de bondade (atrás do "homem muito próximo de casa " muitas vezes se esconde um canalha). Elogiam o presidente da Suprema Corte, IT Goliakov: gostava de trabalhar no jardim, gostava de livros, andava pelas livrarias quando era velho, conhecia bem Tolstoi, Korolenko e Tchekhov, mas o que assimilou deles? Quantos milhares ele exterminou? Ou aquele coronel, um amigo de Iosse, que no isolador de Vladimir desatou a rir quando disse que havia trancado alguns velhos judeus em um porão com gelo; o que ele mais temia em sua libertinagem era que sua esposa descobrisse: ela tinha fé nele, ela o considerava nobre e ele o valorizava. Mas quem se atreve a assegurar que esta foi uma cabeça de ponte que o bem havia estabelecido em seu coração?

Por que, por quase dois séculos, eles se apegaram tão insistentemente à cor azul? Na época de Lermontov eles eram "e vocês, uniformes azuis!", Então bonés azuis, listras azuis, eles eram ordenados a não se destacarem tanto, os campos azuis eram escondidos da gratidão popular, eles eram reduzidos em suas cabeças e ombros e eram enfeitados, em faixas estreitas mas azuis.

Uma mascarada ou outra coisa?

Ou será que tudo o que é preto tem, mesmo que apenas às vezes, para comungar com o céu?

Seria lindo pensar assim. Mas você descobre como Yagoda buscou a santidade ... Uma testemunha conta (sobre aqueles que cercavam Gorki, então perto de Yagoda): em seu feudo perto de Moscou, na antessala do banheiro, Yagoda pendurou ícones especialmente para ele e sua companhia, nua, descarregará seus revólveres contra eles; então eles foram tomar banho ...

Como entender isso: EVIL? O que é isso? Isso existe na terra?

Seria mais apropriado dizermos que não pode haver, que não há. Nas histórias é permitido descrever malfeitores: para crianças, para simplificar o quadro. Mas quando a grande literatura mundial dos séculos anteriores esculpe uma após a outra imagens de vilões negros - Shakespeare, Schiller, Dickens -, cheira um pouco a um quartel de parque de diversões, pouco condizente com o sentimento de hoje. Mas o que importa é como esses criminosos são atraídos. Esses ímpios estão perfeitamente cientes de sua maldade e de que sua alma é negra. E eles raciocinam assim: se eu não errar, não vivo. Vamos ver se eu jogo pai contra irmão. Terei prazer nos sofrimentos da vítima. Iago diz sem rodeios que seus objetivos e impulsos são negros, nascidos do ódio.

Não, esse não é o caso. Antes de fazer o mal, o homem deve conceber o mal como um bem ou como uma ação lógica, com sentido. Essa é, felizmente, a natureza do homem, que deve buscar a JUSTIFICAÇÃO para seus atos.

As justificativas de Macbeth eram muito frágeis e a vergonha o matou. Iago é outra ovelha. Apenas uma dúzia de cadáveres exauriu a fantasia e as forças espirituais dos criminosos de Shakespeare . Isso aconteceu com eles porque não tinham *ideologia*.

Ideologia! Isso é o que dá a justificativa procurada para o mal e a severidade prolongada necessária para o mal. A teoria social de que diante

de si e com os outros o ajuda a encobrir suas ações e ouvi-lo , ao invés de censuras e maldições, elogios e honras. Assim, os inquisidores encontraram conforto no Cristianismo; os conquistadores, com o engrandecimento do país; os colonizadores, com a civilização; os nazistas, com a corrida; os jacobinos (antes e depois), com a igualdade, fraternidade e felicidade das gerações futuras.

Graças à ideologia, o século xx teve que conhecer o mal cometido contra milhões de seres. É algo que não pode ser refutado, editado, silenciado : como então ousamos insistir que não existem ímpios? Quem então aniquilou esses milhões? Sem os ímpios, não teria havido arquipélago.

Entre 1918 e 1920, correu o boato de que os tchecos de Leningrado e Odessa não atiraram em todos os seus criminosos, que alimentaram alguns (vivos) aos animais nos zoológicos dessas cidades. Não sei se é verdade ou calúnia e, se houve casos, quantos foram. Mas eu não começaria a procurar evidências: tomando o hábito das bordas azuis, proporia que nos mostrassem que isso é impossível. Mas com a fome daqueles anos, onde arranjariam carne para o zoológico? Tirar isso da classe trabalhadora? Se esses inimigos iam morrer de qualquer maneira, por que com sua morte não colaborar com a procriação de feras em nossa República e, desta forma, colaborar em nosso avanço em direção ao futuro? Não é *racional*?

Essa é a linha que o vilão de Shakespeare não vai cruzar, mas o mal com ideologia a cruza e mantém os olhos imperturbáveis.

Em Física, existem magnitudes ou efeitos de *limiar*. São aqueles que não existem até cruzar um LIMIAR que a Natureza conhece, que a Natureza codificou. Do lítio, não importa o quanto o iluminemos com luz amarela, nenhum elétron será liberado , mas é suficiente acender uma luz azul fraca para liberar esses elétrons (o limite do efeito fotoelétrico foi ultrapassado!)

Resfriando o oxigênio a pouco mais de cem graus e submetendo-o às pressões mais fortes, não faremos com que o gás ceda. Mas quando ultrapassar cento e dezoito, o gás fluirá, já estará líquido.

Aparentemente, o mal também é uma quantidade limite. Se o homem hesita, move toda a sua vida entre o mal e o bem, cai, escorrega, sobe, se arrepende, torna - se novamente nublado, mas enquanto não tiver cruzado o limiar do mal, suas possibilidades são o retorno e ele ainda permanece no campo de nossa esperança. Mas se, pela importância de seus males, ou por

um certo grau deles, ou pelo absoluto de seu poder, ele cruza repentinamente o umbral, separa-se da Humanidade. Provavelmente para sempre.

Desde os tempos antigos, as pessoas viram uma dicotomia na Justiça: o bem que triunfa e o mal que é punido.

Temos a sorte de ter chegado a uma época em que o bem não triunfa, mas em que nem sempre é perseguido com os cães. O espancado, o fraco, agora pode entrar com seus trapos, sentar-se em um canto, mas sem abrir a boca.

E ninguém se atreve a nomear o mal. Sim, eles estavam abusando do bem, mas não havia mal. Sim, alguns milhões rolaram encosta abaixo, mas não há culpados. E se alguém se atreve a chilrear: «então, e *aqueles que*»..., de todo o lado aparece em censura, e a princípio em tom amigável: «Pois bem, camaradas: deixemos de mexer nas *velhas feridas!*»^[105] Mas depois, com uma aposta: "Cale a boca, sobreviventes, como vocês estavam bem na prisão!"

Pois bem. Na Alemanha Ocidental, em 1966, OITENTA E SEIS MIL criminosos nazistas foram condenados.^[106] Ficamos encharcados, não economizamos páginas ou transmitimos horas para isso, e depois do trabalho ainda ficamos para um comício para votar: É PEQUENO! 86.000 não são suficientes! E 20 anos é muito pouco! Seguir!

E em nosso país condenaram (segundo o Colégio Militar do Supremo Tribunal Federal) sobre DEZ PESSOAS.

O que acontece além do Oder e do Reno que nos machuca. Mas o que acontece nos arredores de Moscou e Sochi por trás de cercas verdes, ou que os assassinos de nossos maridos e nossos pais percorram nossas ruas e damos passagem a eles, isso não nos faz mal, não nos preocupa, isso é «remover o passado».

Mas se traduzirmos esses 86.000 alemães ocidentais em nossa escala, isso representaria um QUARTO DE UM MILHÃO para o nosso país!

Mas em um quarto de século não encontramos nenhum deles, não os convocamos para julgamento, temos medo de mergulhar em *suas* feridas. E como símbolo de todos eles, na rua Granovski, número 3, vive Molotov, vaidoso, obtuso, que até hoje não mudou de idéia, todo ele ensopado em nosso sangue; ele cruza nobremente a calçada para entrar em um carro longo e largo.

É um enigma que os contemporâneos não serão capazes de adivinhar: POR QUE é dado à Alemanha para punir seus ímpios e à Rússia não o foi? Que caminho fatal nos espera se não conseguirmos nos livrar dessa sujeira que apodrece em nosso corpo? O que a Rússia pode ensinar ao mundo?

Aqui e ali, um fenômeno surpreendente é observado nos processos judiciais alemães: o condenado coloca as mãos sobre a cabeça, renuncia à defesa e não pede mais nada ao Tribunal. Diz que a lista de seus crimes, revivida e projetada novamente diante dele, o enche de nojo e ele não quer continuar vivendo.

Esta é a maior vitória de um Tribunal: quando o crime é tão condenado que até o próprio criminoso se assusta.

Um país que oitenta e seis mil vezes condenou o mal da mesa do juiz (e o condena irrevogavelmente nos livros e entre os jovens), ano após ano, passo após passo, se purifica dele.

O que devemos fazer ...? Chegará o dia em que nossos descendentes chamarão algumas de nossas gerações de "geração calça": primeiro, milhões de nós humildemente nos permitimos ser açoitados, e depois mimamos os assassinos em sua feliz velhice.

O que fazer se a grande tradição da penitência russa parece incompreensível e ridícula? O que fazer se o medo de suportar um centésimo do que fizeram aos outros for mais forte neles do que o desejo de justiça? Se, em um fardo ganancioso, eles se agarram a uma colheita de bens fertilizados com o sangue dos mortos?

É verdade que quem mexeu no moedor de carne em 1937 não é mais jovem, pois terá entre cinquenta e oitenta anos, ou seja, a melhor parte de sua vida foi passada sem escassez, em abundância, com todo conforto, que já faz muito tempo e já não se pode aplicar uma vingança EQUIVALENTE

Mas mesmo se formos generosos, não vamos atirar neles; não vamos enchê-los com água salgada; Não vamos "prendê-los" com milhares de percevejos; não os sujeitemos ao tormento do potro; Vamos não mantê-los estáveis sem dormir por semanas, não vamos chutá-los, bater-lhes, ou espremer suas cabeças com argolas de ferro, ou colocá-los na célula como se fossem malas, colocando-os em cima uns dos outros, mesmo que não faça nada do que eles fizeram. Mas perante o nosso país e perante os nossos filhos somos obrigados a PROCURÁ-LOS TODOS e A JULGÁ-LO!

Julgue não tanto eles quanto seus crimes. Faça cada um deles dizer pelo menos em voz alta:

"Sim, sou um carrasco e um assassino."

E se isso fosse pronunciado em nosso país APENAS um quarto de milhão de vezes (em proporção, não menor que a Alemanha Ocidental), não teria sido suficiente?

No século XX, não é mais possível, por décadas, fingir que não há distinção entre a bestialidade condenável e a "velha" que é melhor "não sacudi-la".

Devemos tolerar publicamente a própria IDÉIA de que alguns homens podem punir outros cruelmente. Quando silenciemos o mal, o colocamos no corpo para que não apareça: estamos SEMEANDO, e mil vezes ele voltará a brotar no futuro. Se não punimos e nem censuramos os ímpios, estamos fazendo mais do que cuidar de sua miserável velhice: estamos minando de baixo para cima as gerações futuras todos os fundamentos da Justiça. É por isso que crescem "indiferentes", não por causa do "débil trabalho educativo". Os jovens assimilam que a vileza nunca é castigada na terra, que ajuda a prosperar.

Quão desconfortável e terrível será viver em um país assim!

V.

A primeira célula - o primeiro amor

Como é isso: o celular e ao lado dele o amor ...? Ah, eu entendo: provavelmente no bloqueio de Leningrado eles trancaram você na Casa Grande. Ah, então é claro: se você ficou vivo foi justamente porque te colocaram lá. Era o melhor lugar de Leningrado (e não apenas para os magistrados de instrução, que até moravam lá e tinham escritórios contra bombardeios nos porões). Piadas à parte, em Leningrado, então, as pessoas não se lavavam, uma crosta negra cobria seus rostos; Mas, na Casa Grande, o preso tomava banho quente a cada dez dias. É verdade que só aqueciam os corredores para os guardas, as celas não tinham aquecimento, mas tinham água encanada e banheiro. Onde mais em Leningrado estava? E pão, como na rua: cento e vinte e cinco gramas. Mas, além disso, uma vez por dia davam um caldo de carne de cavalo . E, novamente, alguns mingaus.

O gato teve inveja da vida do cachorro! E a masmorra! E o *supremo!* Não é isso não.

Não é por isso...

Você se senta e lembra com os olhos fechados: em quantas células estive! É difícil contá-los. Em cada um tinha gente ... Nestes dois e naquele cento e cinquenta. Passei cinco minutos em um e um longo verão em outro.

Mas sempre, e acima de tudo, a primeira cela ocupa um lugar separado, onde você encontrou seus semelhantes, homens com a mesma sorte perdida. Você vai se lembrar dela por toda a sua vida com a emoção com a qual você só pode se lembrar disso: seu primeiro amor. E os homens que compartilharam com você o solo e o ar do cubo de pedra aqueles dias em que você repensou completamente toda a sua vida, você se lembrará desses homens novamente como se fossem uma família.

O que você experimentou na primeira célula do resumo não tem nenhuma semelhança com toda a sua vida ANTES ou com toda a sua vida

DEPOIS! Embora as prisões tenham existido por milênios antes de você e embora existam mais tarde (eu quero pensar que por menos tempo) ... mas a única, o irrepetível é aquele em que você passou a instrução.

Talvez isso fosse uma coisa terrível para um ser humano. Um estábulo sem janela, cheio de piolhos e insetos, sem ventilação, sem beliches - nada além do chão sujo, uma gaveta chamada KPZ -, no Soviete rural, no quartel, na estação ou no porto ^[107] (As prevenções são as mais abundantes na face da nossa terra e nelas está a massa). A "masmorra" da prisão de Arjanguelsk, com os cristais manchados de chumbo, para que a luz mutilada de Deus chegue sempre avermelhada, e uma lâmpada permanente de quinze watts brilhe perpetuamente no teto. Ou o "ca labozo" da cidade de Choibalsán, onde em seis metros quadrados de piso estavam catorze pessoas espremidas umas nas outras que, de repente, mudam de pernas. Ou alguma cela "psíquica" de Lefortovo, como III, pintada de preto e também com lâmpada de vinte watts acesa o dia todo, mas fora isso é como todas as de Lefortovo: piso asfáltico, torneira do aquecimento no corredor, nas mãos do tutor, e o principal, por muitas horas o rugido angustiante (do túnel erodinâmico do vizinho Instituto de Aerodinâmica, embora seja difícil acreditar que não seja proposital); Esse rugido faz com que o prato e a xícara se movam pela mesa com a vibração; um rugido que torna inútil tentar falar, mas podes cantar a plenos pulmões e o guardião não te ouvirá, mas que, quando cessa, um bem-estar superior à liberdade te invade.

Mas você não gosta do chão sujo, nem das paredes sombrias, nem do cheiro do mergulho, mas daquelas mesmas com as quais você se torna uma só pessoa: algo que estremece entre suas almas; suas palavras às vezes incríveis; e os pensamentos que surgem dentro de você precisamente aí, livres, flutuando, aos quais você recentemente não poderia ter se elevado ou ascendido.

Mas, para aquela primeira célula, quanto custou para você chegar lá! Eles o mantinham em uma cova, ou em uma câmara, ou em um porão! Ninguém disse uma palavra humana para você, ninguém olhou para você com um olhar humano; Eles não fizeram nada além de bicar seu cérebro e coração com pontas de ferro; você gritou e gemeu e eles riram.

Você passou uma semana ou um mês sozinho entre os inimigos, estava se despedindo da razão e da vida; E saltou da bobina do aquecedor para

esmagar sua cabeça no cone de ferro do ralo ^[108] e eis que, de repente, você vive, eles o trouxeram para seus amigos. E a razão voltou para você.

Essa é a primeira célula!

Você esperou por aquela cela, você sonhou com ela quase como uma libertação, mas eles tiraram você de uma fenda para colocá-lo em um covil, de Lefortovo ao diabólico e lendário Sujanovka.

Sujanovka é uma prisão terrível, tal prisão pertence apenas ao MGB. Com ela, eles põem medo ao nosso povo, seu nome é pronunciado pelos juízes com um apito sombrio. (Aqueles que estiveram lá depois não podem ser questionados: eles te dão rabiscos, ou eles não estavam vivos).

Sujanovka era o mosteiro Ekaterininsky, duas alas, a prisão e a prevenção com 68 capelas. Eles estiveram lá em vans após uma viagem de duas horas, e poucos sabem que esta prisão fica a vários quilômetros de Gorki Leninskie, que era a propriedade de Zinaida Volkonskaya. A paisagem circundante é maravilhosa.

Ao chegar, o preso fica chocado ao colocá-lo em uma cela tão estreita que, se você não tiver forças, só poderá se apoiar encostando os joelhos na parede. Não há outra maneira. Eles o mantêm naquela masmorra por mais de vinte e quatro horas para domar seu espírito. Em Sujanovka dão uma refeição leve, como em nenhum outro lugar do MGB, porque trazem da casa de repouso dos arquitetos e não têm cozinha separada para fazer cerveja de porco. Mas o que um arquiteto come - batatas fritas e almôndegas - aqui eles distribuem entre doze pessoas. Por isso, além de sentir fome como em outros lugares, você fica ainda mais irritado.

As celas conventuais são calculadas para duas pessoas, os réus geralmente estão sozinhos. As células medem um metro e meio por dois. ^[109] Duas cadeiras redondas são embutidas no chão de pedra, como tocos e para cada toco, se o guarda abrir uma fechadura inglesa na parede, dela e por sete horas à noite (essas são as horas de interrogatório; durante o dia lá eles nunca interrogam) uma prateleira se desprende e um colchão de palha calculado para uma criança cai. De dia a cadeira está livre, mas você não pode se sentar nela. Além disso, em quatro tubos verticais, uma tábua de passar repousa, é a mesa. A janela está sempre fechada, só de manhã, por dez minutos, o guarda a abre com uma estaca. O vidro da pequena janela é reforçado. Nunca dão um passeio, as necessidades são atendidas só às seis da manhã, quando a barriga não precisa delas, à noite elas não acabam. Para

cada compartimento de sete celas há dois guardas, portanto, pelo olho mágico, eles o observam com a frequência necessária para que o guarda passe duas portas para a terceira. Esse é o objetivo do silencioso Sujanovka: não deixar você um minuto de descanso, nem um minuto roubado para a vida privada: você é sempre vigiado e está sempre em poder dos outros.

Mas se você suportou o duelo com a loucura, todas as tentações da solidão e não sucumbiu, você ganhou sua primeira célula. E nele você pode curar a alma.

Mas se você desistiu rapidamente, cedeu em tudo e vendeu a todos, você também amadureceu para sua primeira célula; embora, para você, tivesse sido melhor não ter chegado àquele momento feliz, mas morrer vitorioso no porão, sem assinar uma única assinatura.

E agora, pela primeira vez, você não verá inimigos. Agora, pela primeira vez, você verá outros homens vivos, ^[110] para aqueles que seguem o mesmo caminho que você e para aqueles que podem integrá-lo sob a palavra alegre de Nós.

Sim, aquela palavra que talvez você odiasse quando era livre, porque suplantou sua individualidade ("Todos nós, como um só homem ...! Estamos ardentemente indignados! Exigimos ...! Juramos ...!"), Agora você descobre nela um sabor doce: você não está sozinho no mundo! Ainda existem seres espirituais sábios : PESSOAS !!

Quatro dias depois de começar a brigar com o juiz de instrução, depois de esperar que eu me deitasse em minha câmara de luz ofuscante após o sinal de retirada, o guarda começou a abrir minha porta. Eu ouvi tudo, mas antes de dizer: "Vou embora! Declare! "Eu queria levar mais três centésimos de segundo para descansar minha cabeça no travesseiro e imaginar que estava dormindo. Mas o guardião desviou-se do que havia aprendido: "Levanta! Pegue a cama! "

Perplexa e zangada, porque era o momento mais valioso, enrolei a saia, coloquei as botas, coloquei minha capa, meu chapéu de inverno e abracei o colchão da prisão. Na ponta dos pés, sempre me acenando para não fazer barulho, o guarda me conduziu por um corredor do silêncio sepulcral do terceiro andar do Lubyanka, passamos pela mesa do guardião do pavilhão, pelos números dos espelhos das celas e pelos gorros verdes

que cobriam O olho mágico e ele abriu o celular número 67 para mim. Eu passei e ele imediatamente fechou a porta atrás de mim.

O banheiro havia tocado há apenas um quarto de hora, mas o tempo de sono dos réus é tão frágil e inseguro e tão escasso que, quando entrei nos moradores da cela 67, eles já dormiam em suas camas de ferro, com as mãos. manta tão bre. ^[111] Ao som da porta se abrindo, os três tremeram e imediatamente ergueram as cabeças. Eles também aguardaram a ligação para depor.

E essas três cabeças em pé de choque, esses três rostos pálidos, sem barbear, desbotados, pareciam tão humanos e tão cativantes, que fiquei com o colchão abraçado, sorrindo de felicidade. E eles sorriram também. Que expressão sua, já esquecida! E apenas em uma semana!

-Da rua? Eles me perguntaram. (A primeira pergunta feita ao novato).

"Não ... ou", respondi. (Primeira resposta do novato).

Referiam-se ao fato de eu provavelmente ter sido preso recentemente e, portanto, estar vindo da *rua*. Eu, após noventa e seis horas de resumo, não considerei que viesse da *rua*. Ele era um detido inexperiente ...? E ainda assim veio da *rua*. E um velho sem pêlos, com sobrancelhas negras vivas, já me perguntava sobre a guerra e as notícias políticas. Foi fantástico! Era final de fevereiro, mas eles nada sabiam da Conferência de Yalta, ou do cerco da Prússia Oriental, ou de nossa ofensiva em Varsóvia em meados de janeiro, e nem mesmo da lamentável retirada dos aliados em dezembro. De acordo com as instruções, os réus não deveriam saber nada sobre o mundo exterior e, portanto, nada sabiam.

Queria passar metade da noite contando tudo a eles, com orgulho, como se todas as vitórias e pinças tivessem sido obra minha. Mas, nisso, o guardião de seu irmão trouxe minha cama, que eu tive que colocar sem barulho. Um menino da minha idade, também militar, estava me ajudando: sua túnica e boné de avião estavam pendurados na grade da cama. Ele me perguntou, antes mesmo do velho, mas não sobre a guerra, mas sobre o fumo. Mas não importa o quanto eu abrisse minha alma para encontrar meus companheiros, e não importa quão poucas palavras fossem ditas em poucos minutos, algo estranho emanava daquele contemporâneo e companheiro de armas, e eu me fechei imediatamente e para sempre para ele.

(Eu não conhecia a palavra "choca" ainda, ^[am] nem sabia que tinha que haver um para cada célula; Ainda não tive tempo de reconsiderar e dizer a mim mesma que não gostava desse homem, Georgi Kramarenko; mas um retransmissor espiritual, um retransmissor identificador, já havia sido colocado em operação dentro de mim, o que me fechou para sempre diante daquele homem. Se esse fosse o único caso, eu não o teria mencionado. Mas muito em breve, e com espanto, com admiração e ansiedade, descobri que o funcionamento daquele relé- identificador era uma qualidade natural permanente. Anos se passaram; Eu compartilhei os beliches; Eu marchei nas mesmas fileiras; Trabalhei nas mesmas tripulações com muitas centenas de pessoas, e sempre este identificador-relé, em cuja criação não há mérito meu, ativado antes de eu me lembrar dele; ele agiu quando viu um rosto; olhos; quando eu ouvia os primeiros sons da voz, e eu me abria para aquele homem, ou deixava apenas uma fenda, ou me fechava até o pescoço. Isso sempre foi tão infalível que toda a comoção dos agentes com o despacho dos delatores me pareceu o negro da unha: que quem se presta a ser traidor sempre o usa no rosto e na voz; alguns o carregam com astúcia astuta, mas não é limpo. Pelo contrário, o identificador ajudou-me a reconhecer aqueles que desde os primeiros minutos que os conheci pude descobrir o que há de mais íntimo, profundo e secreto com o qual a cabeça é cortada. Assim, passei oito anos na prisão, três no exílio e outros seis como escritor clandestino, e em todos esses dezessete anos me abri loucamente para dezenas de pessoas, e nunca tropecei. (Não li nada sobre isso em lugar nenhum, e digo isso aqui para psicólogos. Acredito que muitos de nós carregamos esses dispositivos espirituais dentro de nós , mas os homens de um século excessivamente tecnificado e intelectualizado desdenham essa maravilha e não permitem que se desenvolvam em nosso interior).

Arrumamos a cama, e aqui eu deveria ter começado a contar (claro aos sussurros e deitado, para que desse conforto não me transferissem imediatamente para a masmorra), mas o terceiro da nossa cela, de meia-idade e já mostrando as agulhas brancas de cabelos grisalhos na cabeça raspada, que me olhava não muito feliz, disse ele, com aquela severidade que é o adorno dos nortistas:

-Manhã. A noite é para dormir.

Foi a coisa mais razoável. Qualquer um de nós, a qualquer momento, poderia ser arrastado para o interrogatório e ali mantido até as seis da manhã, quando o instrutor ia dormir, e quando seria proibido dormir aqui.

Uma boa noite de sono era mais importante do que todos os designs do planeta.

E outra coisa que me atrapalha, mas não percebi de repente, senti nas primeiras frases da minha história, embora não pudesse definir no momento: que tinha havido (com a prisão de cada um de nós) uma polarização mundial ou uma virada de cento e oitenta graus de todos os conceitos, e o que ele havia começado a contar com tanto entusiasmo, provavelmente não *nos* agradava tanto .

Eles se viraram; Protegeram os olhos da luz da lâmpada de duzentos watts com os lenços, enrolaram a toalha na mão superior, que estava fria no cobertor, esconderam a mão inferior como ladrões e adormeceram.

Mas eu ainda estava cheio de festa de estar entre as pessoas. Uma hora atrás, eu mal podia esperar para ser levado para outras pessoas. Eu poderia muito bem ter terminado minha vida com uma bala no pescoço (o instrutor sempre me prometia), sem ver ninguém. A investigação ainda estava pendente sobre mim , mas como eu havia regredido! Amanhã contarei (não sobre minha *causa*, claro), amanhã contarão: que dia interessante será amanhã, um dos melhores da minha vida! (Tive essa sensação desde muito cedo, e muito clara : aquela prisão para mim não era um abismo, mas a virada mais importante da minha vida).

Na cela eu estava interessado em cada minuto; Eu tinha perdido o sono e, quando o olho mágico não estava olhando, estudei-o com o canto do olho. No topo de uma das paredes havia um pequeno buraco com cerca de três tijolos, sobre o qual pendia uma cortina de algodão azul. Já tiveram tempo de me responder: Sim, é a janela! A cela tinha janela! E a cortina era a máscara contra a aviação. Amanhã teremos uma luz fraca do dia, e no meio do dia, por alguns minutos, eles vão desligar a lâmpada que atrapalha. Isso é muito! Viva o dia com a luz do dia!

Na cela existe uma mesa. Acima dele, no local mais visível, está o bule, o xadrez e uma pilha de livros. (Na época, eu ainda não sabia o porquê precisamente no local mais visível. Aprendi que, segundo o regime de Lubyanka, durante essa observação constante pelo olho mágico o guardião deve se certificar de que os bens cedidos pela polícia não sejam abusados. administração: que com a chaleira não façam buraco na parede; que ninguém engula as peças de xadrez, com o risco de que, se calculasse mal, deixaria de ser cidadão da URSS; de que ninguém iria queimar os livros para a luz Mas os óculos dos presos eram considerados perigosos a tal

ponto que não podiam ser deixados sobre a mesa à noite; a administração os recolheu até a manhã seguinte).

Que vida confortável: xadrez, livros, camas de molas, bons colchões, roupas limpas! Não me lembrava de ter dormido assim durante toda a guerra. O *parquet*, brilhante com cera. Você pode andar quase quatro passos da janela até a porta. O que quer que digam, a prisão política central é um verdadeiro spa.

E os projéteis não caem ... Lembrei-me de como ele espirrou às vezes ao passar por cima, seu chiado crescente e o estalo da explosão. E o assobio suave das minas. E como tudo treme por causa dos quatro potes do *squeaker*.^[an.] Lembrei-me da lama úmida de Wormdit, onde fui preso e onde agora nosso povo amassa lama e neve úmida para evitar que os alemães escapassem da cerca.

Se você não quer que eu lute, droga, eu sinto falta.

Entre as muitas medidas perdidas, perdemos também esta outra: a grande firmeza de quem falava e escrevia em russo antes de nós. É raro que quase não tenham sido descritos por nossa literatura pré-revolucionária. De vez em quando, apenas sua respiração chega até nós: de Tsvetayeva ou de "Mãe Maria".^[112] Eles tinham visto muitas coisas para escolher apenas um. Eles subiram em direção ao sublime com muita força para se agarrar ao chão. Quando uma sociedade está prestes a cair, costuma aparecer uma sábia estratégia ou gente que pensa, de gente que só pensa. Como eles zombaram deles! Como eles foram insultados! Homens de feitos e ações retilíneas pareciam tê-los sufocado. Eles não receberam nenhum outro apelido além de *podridão*.

Essas pessoas eram flores prematuras com fragrância muito suave, então foram cortadas pela raiz.

Acima de tudo, eram fracos na vida privada: não sabiam dobrar, fingir, conformar-se, cada palavra sua era uma opinião, uma paixão, um protesto.

Esses são os que o cortador de palha esmaga.^[113]

Por essas mesmas células eles passaram. Mas, desde então, as paredes da célula não nos reintegraram nada do passado (pelo contrário, com os microfones em pé, preparavam-se para nos ouvir). Não há nada escrito ou dito sobre aqueles que anteriormente povoaram essas células, sobre as

conversas que aconteceram aqui, sobre os pensamentos com que partiram para a parede e o Solovki. Tal obra, que equivaleria a quarenta carroções de nossa liteira, provavelmente não será escrita.

E os sobreviventes falam bobagem: que antes havia berços de palha e colchões aqui, que antes de colocar *focinheiras* nas janelas, na década de 1920, as janelas eram pintadas de branco até o topo. Mas com certeza os focinhos já estavam em 1923 (e nós, todos nós, os atribuímos a Beria). Que pela comunicação por golpes, aqui, nos anos 1920, ainda tinham uma manga bastante larga: ainda *vivia* aquela tradição ridícula das prisões czaristas de que se os presos não se comunicavam, o que mais lhes restava? E mais: que ao longo da década de 1920 os guardas eram, sem exceção, letões (fuzileiros letões e outros), que distribuía a comida.

Sim, um absurdo, mas eles dão o que pensar.

Eu realmente precisava cair neste, na principal prisão política da União Soviética. Obrigado por me trazer: pensei muito em Bukharin, queria imaginar tudo isso. Mas eu tinha a sensação de que já éramos os pajuz, que já estaríamos fartos de alguma prisão regional interna. ^[114] Este aqui foi uma grande honra. Embora eu estivesse na companhia de pessoas com quem não dava para ficar entediado. Você tinha alguém para ouvir e comparar.

Aquele velho de olhos brilhantes (aos sessenta e três anos não se comportava como um velho) chamava-se Anatoly Ilyich Fastenko. Ele adornou muito nossa cela em Lubyanka como conservador das antigas tradições das prisões russas e como a história viva das revoluções russas. Com o que havia acontecido e o que estava acontecendo. Essas pessoas são valiosas não apenas nas células, mas também são muito sentidas por toda a sociedade.

Lemos o sobrenome de Fastenko na mesma cela, em um livro que falava da Revolução de 1905. Fastenko fora um social-democrata tão velho que parecia que havia deixado de ser.

Foi preso pela primeira vez quando jovem, em 1904, mas pelo "manifesto" de 17 de outubro de 1905, foi posto em liberdade. ^[115]

Foi interessante ouvi-lo relatar as circunstâncias dessa anistia. Naqueles anos, é claro, ele não tinha ideia dos "focinhos" nas janelas da prisão, e das celas da prisão, aquela em Belaya Tserkov, onde Fastenko estava preso, podia ver perfeitamente o pátio, aqueles que entravam e saíam. Eles olhavam para a rua e conversavam em voz alta com qualquer

transeunte. No dia 17 de outubro, quando souberam da anistia por telégrafo, a rua levou a notícia aos presos. Os políticos começaram a se revoltar de alegria, quebrando janelas e portas e exigindo a libertação imediata do diretor da prisão. E que? Eles chutaram o nariz de alguém? Eles o trancaram na masmorra? Privaram uma cela de livros ou uma cantina? Em absoluto. O diretor da prisão, perplexo, passou de uma cela para outra e implorou: “Senhores, peço-lhes que sejam razoáveis. Não tenho o direito de liberá-los com base em um telegrama . Devo obter instruções diretas de meus superiores em Kiev. Imploro-lhe sinceramente: você terá que passar a ^[116]noite aqui. E assim foi: eles foram detidos abusivamente o dia todo!

Recuperando sua liberdade, Fastenko e seus companheiros imediatamente se lançaram à revolução. Em 1906, Fastenko foi condenado a oito anos de prisão, o que significava: quatro anos na prisão e quatro anos no exílio. Ele cumpriu os primeiros quatro anos de prisão em Sebastopol, onde, aliás, enquanto ele estava lá, houve uma fuga em massa de prisioneiros, organizada de fora pelos partidos revolucionários: os SRs, anarquistas e social-democratas em comum acordo. Com uma bomba fizeram um buraco na parede do cárcere onde caberia um cavalo com o seu cavaleiro e duas dúzias de reclusos (nem todos que quisessem sair, mas sim os indicados pelos seus partidos para fugir, aos quais com antecedência fornecido, através dos guardas, pistolas). Eles correram pela abertura e todos, exceto um, escaparam . A Anatoli Fastenko, o Partido Social-democrata não lhe confiou a missão de fugir, mas de distrair os guardas e semear confusão.

Mas no exílio de Yenisei durou muito pouco. Com base em suas histórias (e mais tarde nas de outros sobreviventes) e no fato de que nossos revolucionários escaparam de centenas de eLivross e a maioria no exterior, você chega à conclusão de que aqueles que não escaparam do exílio foram por preguiça, porque foi muito fácil. Fastenko "escapou", simplesmente saiu do exílio sem passaporte. Ele marchou para Vladivostok, certo de que, com a ajuda de um conhecido, poderia embarcar. Não sei porque não foi possível. Então, também sem passaporte, ele cruzou a mãe Rússia de trem de ponta a ponta e chegou à Ucrânia. Lá, eles lhe deram um passaporte estrangeiro e ele saiu para cruzar a fronteira austríaca. O risco da empresa era tão baixo e Fastenko estava tão longe de pensar que estava sendo perseguido, que cometeu uma imprudência espantosa: já na fronteira, e depois de entregar seu passaporte à polícia, percebeu que NÃO SE

Lembrava do sobrenome . O que fazer? Havia cerca de quarenta passageiros e o oficial começou a gritar em voz alta. Fastenko teve uma ideia: ele fingiu estar dormindo. Ele ouviu como todos os ingressos foram distribuídos, como o nome de Makarov foi chamado várias vezes, mas ainda não tinha certeza de que era ele. Por fim, aquele dragão do regime imperial inclinou-se sobre ele e tocou-lhe educadamente no ombro: "Sr. Makarov, Sr. Makarov, por favor, tenha o seu passaporte ."

Fastenko foi para Paris. Lá ele tratou de Lenin e Lunacharsky. Na escola do Partido Longjumeau, ele fez, não sei quais funções administrativas.

Ao mesmo tempo, estudava francês, observava tudo ao seu redor e era assim que queria conhecer mais o mundo. Na véspera da guerra ele foi para o Canadá, lá se tornou trabalhador, estava nos Estados Unidos. A vida livre e próspera desses países surpreendeu Fastenko: ele concluiu que nunca haveria uma revolução proletária lá e que provavelmente também não haveria necessidade.

E com isso a tão esperada revolução aconteceu na Rússia - antes do previsto - e todos eles voltaram e outra revolução aconteceu. Fastenko não sentia mais o antigo entusiasmo por essas revoluções. Mas ele voltou obedecendo à mesma lei que leva os pássaros a migrar. ^[117]

Havia muitas coisas sobre Fastenko que eu não conseguia entender. Para mim, o principal e mais espantoso dele é que, apesar de ter conhecido Lenin pessoalmente, não se entusiasmava muito ao lembrá-lo. (Meus sentimentos na época eram estes: na cela, alguém chamado Fastenko pelo patronímico, sem usar o nome, simplesmente: "Ilyich, é a sua vez de mergulhar hoje?" Pulei, fiquei ofendido, fiquei chocado! recebeu um sacrilégio, não apenas nesta combinação de palavras, mas um sacrilégio em geral para chamar Ilyich ^[ao] para alguém que não era o único homem na Terra!) Por esse motivo Fastenko não pôde me explicar muitas coisas como gostaria.

Ele me disse claramente em russo: "Você não pode imaginar." E eu não entendi!

Vendo a minha admiração, insistia sempre no seguinte: «Tu és matemático, é errado que te esqueças de Descartes: sujeita tudo à dúvida! Por favor, envie *todos os ad uda!* O que é esse "tudo"? Nem pensar, nem

tudo ! Pareceu-me que já tinha apresentado muitas coisas para duvidar, já bastava!

Ou dizia: «Quase não restam velhos presos políticos, sou um dos últimos. Todos os velhos prisioneiros foram aniquilados e nossa Sociedade foi dissolvida na década de 1930. ' "E isso por que?" "Para não ficarmos juntos e discutirmos." E embora essas palavras simples, ditas em tom sereno, devessem clamar aos céus e quebrar o vidro, aceitei-as apenas como mais um crime de Stalin. Um caso difícil, mas sem raízes.

A verdade é que nem tudo que entra em nossos ouvidos continua até que alcancemos a razão. O que está muito fora de sintonia com o nosso humor se perde, não sei se nos ouvidos ou depois dos ouvidos, mas se perde. E embora eu me lembre perfeitamente das muitas histórias de Fastenko, seu raciocínio se instalou na minha memória de uma forma um tanto confusa. Ele me deu títulos de livros e me aconselhou a pegá-los e lê-los algum dia, quando estivesse livre. Por causa de sua idade e saúde, ele não confiava mais que sairia com vida, mas ficou satisfeito com a ideia de que um dia eu teria essas idéias. Não me foi possível anotar, tinha muitas coisas para lembrar de toda a minha vida na prisão, mas mantive os nomes próximos do meu gosto na época: *Pensamentos inoportunos* de Gorky (então colocaria Gorky bem alto!: Eu estava acima de tudo Escritores russos porque era proletário) e *Um ano na pátria* de Plekhanov.

E agora, quando encontro em Plekhanov datado de 28 de outubro de 1917:

«... os acontecimentos dos últimos dias entristecem-me não porque não deseje o triunfo da classe operária russa, mas precisamente porque o invoco com todas as forças da minha alma ... A observação de Engels vem à mente que para a classe operária Não pode haver infortúnio histórico maior do que tomar o poder político em um período em que ele não está preparado »[esta tomada]« o obrigará a retroceder muito no que diz respeito às posições conquistadas em fevereiro e março deste ano »... ^[118]

Eu deduzo claramente que Fastenko pensou assim.

Quando voltou à Rússia, como recompensa por seus antigos méritos na clandestinidade, foi promovido com insistência, podendo ocupar um cargo importante, mas não o quis e assumiu uma posição modesta na editora

Pravda, então ainda mais modesta no *Izvestia*, e depois que ele foi para o fundo "Mosgorformlenie" e trabalhou lá completamente despercebido.

Fiquei surpreso: por que um caminho tão elusivo? Ele me respondeu incompreensivelmente: "O cachorro velho não é feito para acorrentar."

Fastenko, percebendo que nada poderia ser feito, com simplicidade humana, quis permanecer vivo. Ele já havia se aposentado com uma pensão tranquila e pequena (não pessoal, porque isso fazia necessário lembrar que esteve perto de muitos fuzilados) - e assim talvez tivesse chegado ao ano de 1953. Mas, infelizmente, prenderam seu vizinho L. Sv, um escritor sempre bêbado, desordenado, que bêbado se gabava de ter uma arma. Uma pistola significava infalivelmente terror e Fastenko, com seu passado social-democrata, era um terrorista consumado. E agora o juiz de instrução *lançou* o terror sobre ele e, por conexão, é claro, espionagem a favor da França e do Canadá e, portanto, um informante da Okhrana czarista. ^[119] E em 1945, o bem pago e sobrecarregado juiz examinador folheou os arquivos das gendarmerias provinciais com toda a seriedade do mundo e preencheu fólios muito sérios dos interrogatórios sobre seus nomes clandestinos, senhas e locais de reunião. em 1903.

E sua esposa, uma velha (eles não tinham filhos), no décimo dia permitido traria a Anatoly Ilyich os pacotes de provisões ao seu alcance: um pedaço de pão preto de cerca de trezentos gramas (ela comprou no bazar, onde custava cem rublos o quilo), e uma dúzia de batatas cozidas e descascadas (e durante a frisk, além disso, picadas com um furador). Você viu aquelas batatas miseráveis, verdadeiramente sagradas! E sua alma caiu a seus pés.

Era tudo o que o homem merecia por sessenta e três anos de honestidade e dúvida.

As quatro camas da nossa cela ainda deixavam um pequeno corredor no centro, com a mesa. Mas, dias depois de eu ser internado, eles nos colocaram no quinto e colocaram sua cama de lado.

Eles colocaram o novo quando faltava uma hora para o alvo, aquela hora tão doce para o cérebro, e três de nós não erguemos a cabeça; apenas Kramarenko entrou para lidar com o tabaco (ou talvez para obter dados para o instrutor). Começaram a falar baixinho, tentávamos não escutar, mas era impossível não captar o sussurro do novo: alto, assustado, tenso, quase a

ponto de chorar, o que poderia ser interpretado como se uma dor incomum tivesse entrado em nossa cela . O novo perguntou se eles condenaram muitos à execução. Apesar de tudo, eu os repreendi, sem virar a cabeça, para silenciá- los .

Ao toque do alvo, todos nos levantamos como um homem (a masmorra foi ameaçada pela masmorra): vimos um general. Não, ele não estava usando nenhuma insígnia, nenhuma insígnia havia sido rasgada ou desatarraxada, nem mesmo as listras; mas o guerreiro caro, a capa macia, a figura inteira e até mesmo o rosto eram de um general indubitável, um general arquetípico, mas um general do Exército, nada de um general-de-divisão. Era bastante pequeno, corpulento, muito largo de torso e ombros, com um rosto muito bigodudo, mas aquela gordura gorda não lhe dava um ar de cordialidade acessível, mas de significado e de pertencimento a lugares altos. Na verdade, seu rosto culminou não para cima, mas para baixo, em uma mandíbula de buldogue, o epicentro de sua energia, vontade e autoridade, que lhe permitiu atingir níveis tão elevados em sua meia-idade.

Quando nos apresentamos, ficamos sabendo que LV Zv era ainda mais jovem do que parecia, que este ano teria apenas 36 anos ("se eles não atirarem em mim"), mas o mais incrível é que ele não era um general, nem mesmo Coronel, nem um pouco militar, mas *engenheiro!*

Engenheiro? Fui criado precisamente em um ambiente de engenharia, e me lembro bem dos engenheiros dos anos 20: sua inteligência brilhante e viva, seu humor leve e não insultuoso, a agilidade e amplitude de seu pensamento, sua facilidade de passagem conversa de uma área de engenharia para outra e, em geral, da tecnologia para a sociedade e a arte. Em seguida, sua educação, seus gostos refinados, suas boas maneiras de falar, sem palavras parasitas. Esse tocava um pouco piano, aquele pintava um pouco, e todos sempre tinham a marca da espiritualidade no rosto.

Desde o início da década de 1930 perdi o contato com aquele ambiente. Então veio a guerra. E agora eu tinha um *engenheiro* antes de mim . Um daqueles que vieram para substituir os aniquilados.

Não havia como negociar uma vantagem: ele era muito mais forte, mais visceral do que *aqueles*. Ele manteve a dureza de suas mãos e ombros, embora não precisasse disso por muito tempo. Resgatado da cortesia irritante, parecia um cortador, falava irrevogavelmente, certo de que não

haveria objeções. Ele havia crescido de forma diferente daqueles, e também trabalhou em um *dist inta*.

Seu pai lavrou a terra no sentido mais verdadeiro e absoluto. Lionia Zv era um daqueles camponeses vorazes e esfarrapados, cuja perda de talento Belinsky e Tolstoi lamentavam. Eu não teria me tornado um Lomonosov e ele não teria chegado à Academia pelos próprios passos, Mas ele tinha talento e, se não fosse pela revolução, ele também estaria arando a terra; mas ele seria um fazendeiro rico, porque estava vivo e inteligente, e talvez tivesse vindo para o comércio .

Nos tempos soviéticos ingressou no Komsomol, e esse komsomolismo seu, à frente de outros talentos, o resgatou do anonimato, da mesquinhez, da aldeia, o fez passar como um foguete pelo Colégio Operário e o elevou à Academia Industrial eu. Ele entrou em 1929, exatamente no ano em que esses engenheiros foram conduzidos ao GULAG . Era preciso treinar rapidamente seus próprios engenheiros conscienciosos, cem por cento dedicados, e não tanto para realizar seu trabalho, mas para fazer o setor girar ; em resumo: *gerentes* soviéticos. Tal era a situação, que as famosas *alturas dominantes* sobre a indústria ainda não criadas, estavam vazias. Sua promoção estava destinada a preenchê-los.

A vida de Zv tornou-se uma cadeia de sucessos, retorcendo-se, guirlandas, em direção ao topo. Aqueles anos exaustivos, de 1929 a 1933, quando uma guerra civil se travava no país, não com tanques de guerra, mas com cães policiais, quando fileiras de pessoas famintas se arrastavam em direção à ferrovia na esperança de marchar para a cidade, onde crescia o pão mas não vendiam passagens, e não sabiam viajar, e, em dóceis montes humanos de jaquetas jeans e alpercatas, morriam amontoados em frente à cerca da estação, naquela época Z- não só não tinha sido ele aprendeu que a cidade vendeu pão para um primer, mas que ele tinha uma *estudante de bolsa* de estudos de novecentos rublos (um trabalhador, em seguida, recebeu sessenta). Seu coração não doeu pela aldeia, que havia sido sacudida dele: sua nova vida já estava aqui, entre os vencedores e os líderes.

Não teve tempo de ser um simples contramestre: desde o início colocaram dezenas de engenheiros sob seu comando e milhares de operários, ele foi o engenheiro-chefe de algumas grandes obras nos arredores de Moscou. Claro, desde o início da guerra, ele foi libertado da mobilização, seu departamento foi evacuado para Alma-Ata a fim de dirigir obras ainda mais importantes no rio Ili, só que agora os prisioneiros

estavam trabalhando para ele. E l aspecto daqueles homens cinzentos não o incomodava muito - não iria reconsiderar não apelava a seu olhar. Para aquela órbita brilhante pela qual se movia, só valiam as cifras de cumprimento do plano, e para Zv bastava punir um setor de um campo de concentração ou um mestre de obras -; A partir daí, eles, com seus próprios meios, realizaram o plano; quantas horas trabalharam e com que razão foram peculiaridades que ele não entrou.

Os anos de guerra na retaguarda foram os melhores da vida de Zv. É a condição eterna e geral das guerras: quanto mais a dor se concentra em um pólo, mais a alegria é eliminada no outro. Zv, além da mandíbula de buldogue, teve uma reação rápida, inteligente e prática. Imediatamente, e com sucesso, ele aderiu ao novo ritmo militar da economia nacional: tudo pela vitória, buzz e dê-lhe, que a guerra se encarregará de fazer uma folha limpa. A única concessão que fez à guerra foi enunciar os ternos e as gravatas, e se introduziu na calça cáqui, fez botas de pelica, vestiu uma túnica de general, a mesma com que agora apareceu diante de nós. Essa era a moda; o comum não despertava a irritação dos mutilados nem os olhares de reprovação das mulheres.

Mas os olhares que as mulheres deram a ele eram diferentes; eles vinham até ele para comer e se aquecer, para se divertir. O dinheiro maluco passava por suas mãos, ele carregava a bolsa inchada como uma taça , as dez notas eram para ele copecs, e os milhares, rublos; Zv não economizou neles, não os salvou, não os contou. A única coisa que importava eram as mulheres pelas quais ele passou e aquelas que ele desenvolveu em uma lista separada; esse relato era seu esporte. Ele nos assegurou , na cela, que aos duzentos e noventa e tantos anos sua prisão foi interrompida, o que irritantemente não lhe permitiu chegar a trezentos. Era tempo de guerra e as mulheres estavam sozinhas, e ele, além do dinheiro, tinha força viril rasputiniana, então talvez ele pudesse ser acreditado. Ele estava disposto a contar episódio após episódio, só que nossos ouvidos não estavam abertos para isso. Nenhum perigo o ameaçava de qualquer lugar, mas assim como os caranguejos agarram do prato, partem, chupam e agarram o próximo, nos últimos anos ele agarrou febrilmente aquelas mulheres, apertou e jogou.

Ele estava tão acostumado com a compressibilidade do material, seu javali trote no chão ...! (Em momentos de grande excitação, ele corria pela cela como um robusto javali, capaz de partir um carvalho enquanto corre). Ele estava tão acostumado com todos os chefes sendo da casa; Ferro podia

ser removido de tudo e sujeira era adicionada. E lhe escapou que, com maiores sucessos, maior inveja. Agora ele soube, pelo resumo, que já em 1936 ele trouxera consigo um *dossiê* sobre uma anedota contada casualmente em uma reunião de bêbados. Posteriormente, outras denúncias se infiltraram e, além disso, os relatos dos agentes (você tem que levar as mulheres aos restaurantes e lá, são poucos que te vêem?). E também houve uma reclamação, segundo a qual em 1941 ele não se apressou em evacuar de Moscou, esperando pelos alemães (ele foi atrasado, de fato, mas, aparentemente, por uma mulher). O que preocupava Zv era não tropeçar em alguma combinação de materiais; Quanto ao artigo 58, ele nem se lembrava de que existia. E aquela pedra pode ter demorado a cair sobre ele, mas, para fazer a diferença, ele negou ao promotor os materiais de que precisava para construir uma dacha. E aqui seu *dossiê* acordou, estremeceu e rolou colina abaixo. (Outro exemplo de que as Causas começam com a ganância do Blues) ...

O mundo das idéias de Zv era este: ele acreditava que havia uma língua *americana*; Nos dois meses em que ficou na cela, não leu um livro, nem mesmo uma página, e se leu um parágrafo, foi apenas para se distrair das idéias dolorosas sobre o resumo. Pelas conversas, ficou claro que na rua ele havia lido menos ainda. Para ele, Pushkin era um personagem de piadas sujas; de Tolstói, ele sabia apenas que era deputado do Soviete Supremo. ^[aql]

Mas ele era cem por cento soviético? Mas ele era um proletário consciencioso, criado para substituir Palchinski e Von-Meek? Essa foi a coisa incrível: não! Em uma ocasião, discutimos o curso da guerra e eu disse a ele que nem por um instante, desde o primeiro dia, duvidei de nosso triunfo sobre os alemães. Ele se virou abruptamente para mim e não acreditou em mim: 'Mas o que você está dizendo? E ele agarrou a cabeça dela. Oh Sacha, Sacha, eu tinha certeza que os alemães iriam ganhar! Foi isso que me perdeu! " Opa; Fui um dos que "organizaram o triunfo", e todos os dias acreditava nos alemães e os esperava como algo iminente! Não porque os desejasse, mas porque conhecia muito bem o estado da nossa economia (que eu, naturalmente, não conhecia e não acreditava).

Na cela, estávamos todos de mau humor, mas nenhum de nós desmoronou tanto quanto Zv; nenhum trouxe sua prisão a um ponto tão trágico. Conosco, ele decidiu que não mais do que um DEZ estava esperando por ele; que nesses anos, no campo de concentração, ele seria, claro, um mestre da construção, e não conheceria a dor, como, na realidade,

ele não conhecia. Mas isso não o consolou em nada. Ficou muito comovido com o colapso de uma vida tão boa: porque foi precisamente ela, aquela vida única na Terra, e nenhuma outra, que o interessou em todos os seus trinta e seis anos. Em mais de uma ocasião, sentado na cama, ao lado da mesa, apoiou a cabeça, rosto gordo, na mão, baixa e grossa, e com olhos perdidos e turvos cantavam com sentimento:

Esqueça-o-o-abandon-na-do-o
Desde meus primeiros dias,
Eu fiquei-do-huer-fa-a-ni-i-to-o ...

E não poderia passar por aqui! Ela iria explodir em lágrimas. Toda a força que lutou para sair dele, que poderia tê-lo ajudado a quebrar paredes, a transformou em autopiedade.

E a esposa. Sua esposa, há muito odiada, agora a cada dez dias (na maioria das vezes permitido) trazia pacotes grandes e caros: um pão muito branco, manteiga, caviar vermelho, vitela, esturjão. Ele deu a cada um de nós um sanduíche, fumo de cigarro, curvou-se sobre suas iguarias espalhadas (alegres em cheiros e cores em comparação com as batatas azuis do velho revolucionário underground) e de novo suas lágrimas correram, ainda mais abundantes. Em voz alta, ele se lembrou das lágrimas de sua esposa, anos inteiros de lágrimas: pelos bilhetes de amor, encontrados em suas calças; pela calcinha feminina no bolso do casaco e, na correria, no carro guardado e esquecido. E quando aquela piedade ardente o amoleceu, ele perdeu a armadura da energia do mal e, diante de nós, ele apareceu como um homem perdido e sem dúvida bom. Fiquei pasmo com aquela maneira de chorar. O colega de cela Arnold Suzi da Estônia, de cabelos grisalhos, explicou-me: “A crueldade está sempre misturada ao sentimentalismo. É a lei da complementaridade. Nos alemães, por exemplo, essa combinação é uma característica nacional. ”

Pelo contrário, Fastenko era o mais animado da cela, embora, devido à sua idade, fosse o único que já não conseguia pensar em sobreviver e regressar à liberdade. Ele me pegava pelos ombros e dizia:

Defender a liberdade não é mérito!
O mérito está em entrar!

Ou ele me ensinou a cantar sua canção de condenado:

Se tivermos sorte de morrer
na prisão ou na mina molhada

*nossa causa sempre ecoará
nas gerações vivas!*

Acredito! E que essas páginas ajudem a tornar essa fé realidade!

Os dias de dezesseis horas em nossa cela são pobres em eventos externos, mas tão interessantes que eu passei muito entediado esperando o bonde por dezesseis minutos. Não há acontecimentos dignos de atenção, mas à noite você volta a suspirar porque ficou sem tempo, porque outro dia passou voando. São eventos minúsculos, mas pela primeira vez na vida você se acostuma a observá-los através de uma lupa.

As horas mais difíceis do dia são as duas primeiras: com o barulho da chave na fechadura (em Lubyanka não há "manjedouras"^[120] e para gritar a palavra "levanta-te" tens também de abrir a porta), saltamos sem demora, arrumamos a cama e, vazios e sem esperança, sentamo-nos nela, ainda à luz da lâmpada. Essa vela forçada durante o dia, a partir das seis horas, quando o cérebro ainda está tão preguiçoso por causa do sono e você odeia o mundo inteiro e parece que toda a sua vida está perdida e não há nenhum gole de ar na cela, é um absurdo, sobre tudo, para aqueles que passaram a noite em interrogatório e acabaram de adormecer. Mas não tente trapacear! Se quiser tirar uma soneca, encostado um pouco na parede, ou apoiado na mesa, como no xadrez, ou relaxando no livro ostensivamente aberto de joelhos, você ouvirá uma batida de aviso que é dada com a chave na porta, ou pior: a porta, que tem uma fechadura alta, abre silenciosamente (é assim que os guardiões Lubyanka são treinados) e como uma sombra rápida e silenciosa, como um espírito através das paredes, um sargento menor dá três passos pela cela, ele te pega na sua sonolência e você vai para a masmorra, ou tiram os livros de toda a cela, ou te privam do passeio; É um castigo cruel e injusto para todos, mas as linhas pretas do regime carcerário contêm ainda mais coisas: leia; Está pairando em cada célula. Mas se você colocar os óculos de leitura, nessas duas horas de magricela não conseguirá ler os livros ou a ordem sagrada: os óculos são tirados à noite; além disso, é perigoso que você os tenha durante essas duas horas. Nessas duas horas ninguém traz nada para a cela, ninguém entra, não perguntam nada, não chamam ninguém: os juízes de instrução dormem como dormentes, os

chefes da prisão ainda não abriram os olhos e só os banqueiro, ^[121] que de vez em quando levanta a tampa do olho mágico.

Mas nessas duas horas acontece um ato: a manhã precisa. Quando você se levantou, o guardião fez um anúncio importante: ele apontou para aquele que naquele dia, em sua cela, seria encarregado e encarregado de dar o salto. (Nas prisões cinzentas comuns, os presos gozam de tal liberdade de expressão e autogestão que eles mesmos decidem o assunto. Mas, na prisão política central, tal evento não pode ser deixado ao acaso). Você rapidamente se forma em fila única, com as mãos atrás de você, o maior totem carrega uma lata de oito litros com uma tampa na frente do peito. Quando você atingir a meta, eles o prenderão novamente, mas primeiro eles lhe darão tantas folhas do tamanho de uma passagem de trem quantas forem as pessoas. (Em Lubyanka não se dá atenção a isso; lá os pedacinhos de papel são brancos. Mas há prisões tão atraentes onde distribuem cadernos impressos ... que leitura!; Descubra de *onde* vêm; leia- os dos dois lados, assimile o conteúdo, avaliando o estilo - com palavras truncadas é bem valorizado! - e depois mudando com o seu parceiro. Em alguns lugares eles dão pedaços do que foi a enciclopédia progressiva «Granat», e às vezes, é assustador dizer, do *clássicos*, mas não exatamente literatura imaginativa ... A ida ao banheiro torna-se um ato de saber).

Mas a coisa não é muito engraçada. É a necessidade crua que não se costuma mencionar nos livros (embora se diga também sobre ela com leveza imortal: "Bem-aventurado aquele que vem pela manhã") ... No que pareceria um início natural do dia de prisão, os presos e Eles armaram uma armadilha para o dia inteiro, uma armadilha para o seu espírito, é uma pena. Na prisão, imóvel, com pouquíssima comida, depois de uma letargia impotente, você não é de forma alguma capaz de prestar sua homenagem à Natureza assim que se levanta. Eles o devolvem rapidamente e o trancam novamente até as seis da tarde (em algumas cadeias até o dia seguinte). De agora em diante você vai ficar nervoso, porque se aproxima a hora do interrogatório diurno, e por causa dos acontecimentos do dia, e você vai se encher de pão, água e lixo, mas ninguém vai deixar você ir àquele lugar grande, de fácil acesso que você não vai eles serão capazes de valorizar os homens *livres*. Essa necessidade exaustiva e vulgar pode surgir dia após dia, logo após ter feito a necessidade diária, e então vai magoá-lo ao longo do dia, privando-o da liberdade de falar , ler, pensar e até de consumir a comida escassa.

Às vezes, é discutido na cela de onde vem o regime de Lubyanka e a prisão em geral, se é uma bestialidade premeditada ou se resultou por si mesma. Eu acho de acordo com. O dia foi, com certeza, um cálculo de má-fé, mas muitas outras coisas foram estabelecidas mecanicamente (como tantas bestialidades da nossa vida em geral) e depois, de cima, foi considerado útil e teve o aval: A mudança de O plantão é feito às oito da manhã e à tarde; Por isso é mais conveniente sair para se aliviar no final do plantão (levar um a um na hora do almoço aumenta as preocupações e as medidas de segurança, e eles não pagam por isso). O mesmo vale para os óculos: por que se preocupar com o alvo? Eles os devolverão com o alívio da vigília noturna.

Você pode ouvir como eles são entregues, as portas se abrem. Você pode imaginar se eles usam óculos na cela ao lado (quem entra em seu resumo usa óculos? Não, não ousamos nos comunicar por socos; isso é muito sério). Já trouxeram os copos para o nosso. Fastenko só lê com eles, mas Suzi sempre os usa. Ele parou de apertar os olhos e os colocou. Usando os óculos de tartaruga, com as linhas retas da moldura, seu rosto torna-se severo, penetrante, assim como imaginamos o rosto do homem culto do nosso século. Antes da revolução, ele estudou História e Filologia em Petrogrado e, dentro de vinte anos, preservou, da Estônia independente, uma língua russa muito perfeita, não apenas notas. Mais tarde, em Tartu, fez direito. Além de estoniano, ele sabe inglês e alemão; Todos estes anos conheceu o *London Economist*, os resumos científicos alemães do *Bericht*, estudou a Constituição e os códigos de diversos países, e agora, na nossa cela, com dignidade e reserva, representa a Europa. Ele era um advogado famoso na Estônia, e eles o chamavam de *kuldsuu* (pico dourado).

No corredor, agora há um novo movimento: um parasita de roupão cinza - com aqueles músculos ficaria melhor na frente - traz cinco porções de pão e dez cubos de açúcar numa bandeja. Nossa chocadeira não faz nada além de girar em torno: embora inevitavelmente tiremos a sorte - isso é importante aqui: a borda do pão, ou a quantidade de excesso de peso, ou se a migalha é separada da crosta, a repreensão -, que tudo resolver sorte, [\[122\]](#) mas a *chocadeira*, pelo menos, vai ter um pouco nas mãos e vai ficar com uma camada de pão e moléculas de açúcar na palma.

Esses quatrocentos e cinquenta gramas de pão cru, sem crescer, com a umidade pantanosa do miolo, feito de batata pela metade, é a nossa *muleta* e o grande acontecimento do dia. A vida começa! O dia começa, agora é

quando começa! Cada um tem problemas intermináveis : Você fez bom uso da ração ontem? Não seria melhor cortá-la com um fio? Ou dividi-la avidamente em pedaços? Ou beliscar? Esperar pelo chá ou atacar Agora? Sair para jantar ou só para almoçar? E quanto custa sair?

Mas, além dessas pobres hesitações, que discussões extensas (agora nossas línguas se afrouxaram um pouco, com pão somos gente!) Este pedaço de meio quilo provoca em nossas mãos, com mais água do que farinha! (Embora Fastenko nos diga que os trabalhadores do Mo scú agora também comem o mesmo pão.) Mas há pão neste pão? E que mixagens pode haver? (Em cada célula há sempre alguém que entende as misturas, porque quem não as come há décadas?) Começam o raciocínio e as memórias. E que pão branco eles faziam nos anos vinte! Eram pães esponjosos e porosos, a crosta superior torrada, com gordura, e a inferior, com um pouco de cinza, com um pouco de sujeira que grudava na lareira. Um pão que nunca mais voltou! Quem nasceu na década de trinta nunca saberá o que é PAN. Amigos, esse é um assunto proibido! Tínhamos concordado em não dizer uma palavra sobre comida!

O movimento se reproduz no corredor: trazem o chá. Outro jovem com um manto cinza e os baldes. Levamos nossa chaleira para o corredor e ele, de um balde sem bico, despeja - derrama - na chaleira e no corredor. E que o corredor brilha como em um hotel de primeira classe. ^[123]

Isso é tudo café da manhã. E o que é cozido virá um após o outro: à uma hora e quatro da tarde, e depois se lembrará disso por vinte e uma horas. (Nem é cruel: a cozinha tem que prepará-lo o mais rápido possível e sair.)

As nove. A chamada da manhã. Bem mais cedo você ouve as chaves girando, com mais barulho do que antes, e um dos tenentes de plantão no corredor, o entrante, rígido, quase em sentido, dá dois passos para dentro da cela e nós olhe severamente; nós estamos de pé. (Nem nos atrevíamos a lembrar que os políticos podiam parar de se levantar.) Não é difícil para ele nos dizer; um olhar é o suficiente; mas neste momento nossos direitos estão sendo postos à prova, devemos ter alguns direitos, mas não os conhecemos, não os conhecemos, e ele deve escondê-los de nós. Toda a força da instrução de Lubyanka está em plena mecanicidade: sem expressão, em tom neutro, sem palavra a mais.

Conhecemos estes direitos: um pedido de reparação do seu calçado; ao médico. Mas se eles chamarem você ao médico, isso não o deixará feliz:

acima de tudo, você ficará maravilhado com a mecanicidade da Lubyanka. No olhar do médico não há apenas nenhuma preocupação, mas nem mesmo uma atenção elementar. Ele não vai lhe perguntar: "Do que ele está reclamando?" Porque há muitas palavras; além disso, é impossível pronunciar a frase sem qualquer expressão, mas cortará: «Reclamações?» Se você for muito explícito sobre sua doença, isso o interromperá. É mais do que claro. Mór? Tirá-lo. Arsênico, você pode. Cure isso? Nós não curamos aqui. (Isso aumentaria o número de visitas e criaria uma atmosfera de humanidade).

O médico da prisão é o melhor assistente do instrutor e do carrasco. O espancado vai abrir os olhos no chão e ouvir a voz do médico: "Você pode fazer mais, o pulso está normal." Após cinco dias em uma masmorra congelada, o médico olhará para o corpo nu e rígido e dirá: "Você pode fazer mais." Quando o espancaram até a morte, ele assinou o certificado: morte por cirrose do fígado, ataque cardíaco. Eles ligam para você com urgência; há um homem moribundo na cela; ele não tem pressa. Quem se comportar de outra forma não será mantido em nossas prisões. Dr. FP Gaaz não teria sido treinado em nossas prisões. ^[ar]

Mas nossa *chocadeira* conhece os direitos melhor do que nós (segundo ele, está sob investigação há onze meses; só o chamam durante os interrogatórios durante o dia). Ele segue em frente e pede para ser inscrito para uma entrevista com o chefe da prisão. Como, com a cabeça de toda a Lubyanka? Sim. E eles escrevem. (E à noite, depois do retiro, quando todos os juízes de instrução já estão reunidos, eles o chamam, e ele volta com fumo. É um fumo grosso, claro, mas por enquanto nada melhor foi inventado. Microfones são muito caros: seria uma questão de passar o dia inteiro ouvindo as cento e onze células. O que iria acontecer? A *chocadeira* é mais barata e eles continuarão a usá-la por muito tempo. Mas Kramarenko tem dificuldade com a gente. Algumas Às vezes ele presta atenção até suar, mas você pode ver em seu rosto que ele não entende).

Aqui está outro direito: a liberdade de dirigir um pedido (substituindo a liberdade de imprensa, de reunião e de voto, que perdemos quando saímos da liberdade). Duas vezes por mês, o vigia diurno pergunta: "Quem vai escrever os pedidos?" E, sem rejeição, tem como alvo todos os que o desejam. Ao meio-dia, eles o colocarão em uma câmara isolada e o trancarão. Pode escrever a quem quiser - ao Pai dos Povos, ao Comitê Central, ao Soviete Supremo, ao Ministro Beria, ao Ministro Abakumov, ao

Gabinete do Procurador-Geral, ao Gabinete do Procurador-Geral Militar, à Direcção-Geral das Prisões; Você pode reclamar que foi preso, o instrutor, o chefe da prisão—; Em todos os casos, a sua candidatura não terá êxito, não será registada em lado nenhum e a posição superior que o ler será o seu juiz de instrução, mas não o poderá provar. Mais provavelmente, ele também NÃO LÊ, porque não há ninguém capaz de lê-lo; Nesta peça de sete centímetros por dez, um pouco maior que aquela que te dão para o banheiro, você conseguirá, com uma caneta amassada ou torcida, com tinta de um tinteiro com cerdas ou raspada com água, apenas rabiscar "SOLIC" ..., porque as cartas vão correr, vão correr no papel indecente, o "ITUD" não vai mais entrar na linha e vai ter cruzado a outra parte da página.

Você pode ter outros direitos, mas o guarda fica em silêncio. Você provavelmente perderá pouco se não ouvir falar deles.

A lista de chamada acabou e o dia começa. Os instrutores estão começando a chegar. O banqueiro chama-nos com muito mistério: nomeia apenas a primeira letra (ou assim: «Quem começa com SE?», «Quem começa com FÉ?», E, às vezes, assim: «Quem começa com AM? »), E você tem que mostrar sua imaginação e se propor como vítima. Desta forma tende a evitar os erros do guardião, que se ele chamar alguém que não seja da sua cela, poderemos descobrir quem mais está preso aqui. Mas, isolados de toda a cadeia, não estamos privados das notícias das celas: na medida em que tentam colocar tantos quanto possível, nos embaralham, e cada um que vai para a nova cela traz toda a experiência acumulada na antiga. Assim, no terceiro andar, temos conhecimento das celas do subsolo e dos aposentos do primeiro andar, e da escuridão do segundo, onde se concentram as mulheres, e dos beliches do quinto andar. e o maior número no quinto andar: cento e onze. Antes de eu ocupá-lo, em nossa cela estava preso o escritor de livros infantis Bondarin, que havia estado anteriormente no apartamento das mulheres com não sei qual correspondente polonês, e antes, o correspondente polonês estivera junto com o marechal Paulus, e é por isso que conhecemos todos os meandros de Paulus.

A sequência de chamados de interrogatório passa, e para os que ficam na cela começa um dia longo e agradável, não obscurecido por um excesso de obrigações. Das obrigações, podemos passar a lâmpada de soldagem duas vezes por mês sobre as camas (nos fósforos de Lubyanka são estritamente proibidos e, para acender um cigarro temos que bater insistentemente com o dedo até que o olho mágico se abra, e então pedimos

fogo ao guardião, mas as lâmpadas de soldagem são discretamente confiadas a nós). Também podemos ter um direito, embora seja muito semelhante a um dever : uma vez por semana nos chamam um a um para o corredor e ali, com uma máquina um tanto maçante, raspam nossas barbas. Da mesma forma, podemos ser forçados a encerar o parquet, na cela (Zv sempre foge desse trabalho, humilha-o, como todo mundo). Logo nos cansamos, porque temos fome; Caso contrário, pode estar entre os direitos, pois é um trabalho feliz e saudável: descalço você move a escova para frente e o corpo para trás e vice-versa , para frente-para trás, para frente-para trás, e você não se preocupe com nada. Um parquet como um espelho! Uma prisão Potiomkin!

Além disso, não amontoávamos mais os 67 de antes. Em meados de março acrescentaram-nos o sexto e aqui não sabem dos beliches ao longo do comprimento, nem do hábito de dormir no chão e transferiram-nos por completo para a bela cela 53. (Recomendo vivamente: quem não passou! Deixe-o ver!) Não é uma cela, é uma sala palaciana, que adaptaram para o quarto de alguns viajantes famosos. A seguradora «Rossía»^[124] Nesta ala, independentemente do custo, ele deu à planta uma altura de cinco metros. (Oh, que beliches de quatro andares o chefe da contra-espionagem da linha de frente teria montado aqui; e, sem dúvida, eu teria matado cem pessoas!

E a janela!: Uma janela cujo pilar mal é alcançado pelo guardião no peitoril; um painel de tal janela é digno de ser uma janela completa no quarto de uma casa. E apenas as placas rebitadas do *focinho*,^[como] aquela cobertura quatro quintos daquela janela nos lembra que não estamos em um palácio.

No entanto, em dias claros, um vidro no quinto ou sexto andar desvia em nossa direção, na parte inferior do pátio de luzes do Lubyanka, um pálido raio secundário de sol, que se filtra pelo focinho. Para nós é um raio legítimo, um ser vivo. Observamos com carinho como ele escala a parede, cada movimento seu é cheio de significado, anuncia o tempo da caminhada, conta as meia horas que faltam até o almoço e antes do almoço ele nos deixa.

Estas são, então, as nossas possibilidades: Dê um passeio! Ler livros! Conte-nos o passado! Discuta e eduque-nos! E, como recompensa, teremos também uma refeição de dois pratos! Surpreendente!

A caminhada é ruim nos três primeiros andares do Lubyanka: eles são soltos pelo úmido pátio inferior, o fundo de um poço estreito entre os prédios da prisão. Mas os presos no quarto e quinto andares são levados para um verdadeiro mirante de águias, para o telhado do quinto. O chão é de concreto, concreto são as paredes de três alturas, ao nosso lado está um guarda desarmado e na torre uma sentinela com uma metralhadora, mas o ar é legítimo e o céu é legítimo! Mãos para trás ! De dois em dois! Sem falar! Sem parar! " Mas eles se esquecem de proibir de levantar a cabeça! E você, é claro, pega. E você vê o verdadeiro Sol, não o refletido, não o secundário! O próprio SOL eternamente vivo! Ou seus respingos de ouro entre as nuvens da primavera!

A primavera promete felicidade a todos, mas ao prisioneiro dez vezes mais! Oh, céu de abril! Não importa que ele esteja na prisão! Eles provavelmente não vão atirar em mim. Mas serei mais sábio. Tenho que entender muitas coisas aqui, querida. Vou corrigir minhas falhas, mas não diante delas, mas diante de você, céu! Eu os entendi aqui e irei corrigi-los!

A partir de um poço, muito abaixo, da Praça Dzherzhinsky, chega-nos o som constante e rouco das sirenes dos carros. Aqueles que viajam com essas sirenes acreditam que elas são o chifre da vitória, mas daqui sua futilidade é clara.

A caminhada dura apenas vinte minutos, mas que confusão em torno dele, quantas coisas para fazer!

Em primeiro lugar, é muito interessante, enquanto eles te levam e te trazem, entender o traçado da cadeia e onde estão esses telhados, para que, uma vez soltos, passe pela praça e os reconheça. No caminho, damos muitas voltas e eu inventei este sistema: da célula, cada volta para a direita conta como mais um, cada volta para a esquerda como menos um. E não importa quantas voltas eles nos dêem, não tente *imaginar*, mas faça as contas. E se de alguma janela da escada você vir as costas das náiades de Lubyanka, apoiadas na torre de colunas que dão para a mesma praça e você também reter a conta, quando voltar para a cela colocará tudo isso e saberá para onde leva a sua janela .

Além disso, na caminhada, você deve respirar de forma simples, mas se concentrar muito.

E também aí, sozinho, sob o céu claro, você deve imaginar sua vida futura radiante, pura e infalível.

Mas também é aí que é mais confortável falar sobre os assuntos mais agudos. No passeio é proibido falar, mas isso não importa, você tem que saber: porém, aqui você tem a certeza de que nem a *choca* nem os microfones podem ouvi-lo .

Na caminhada, Suzi e eu sempre tentamos formar o mesmo casal. Falamos na célula, mas gostamos de terminar o básico aqui. Não nos aproximamos em um dia, nos aproximamos com dificuldade, mas ele já teve tempo de me dizer muitas coisas. Com ele surge em mim um traço novo: assimilar com paciência e lógica tudo o que nunca figurou nos meus planos e que não parece estar relacionado com a linha precisa que tracei na vida. Sei desde criança , e não sei de onde, que meu objeto é a história da Revolução Russa e não me importo com o resto. Para entender a Revolução, há muito tempo não preciso de nada, excluindo o marxismo; qualquer outra coisa não relacionada a isso a empurrou e deu as costas para ele. O destino me trouxe até Suzi, seu campo respiratório é totalmente diferente do meu, agora ele me conta animadamente tudo sobre ele, e tudo o que é dele é a Estônia e a democracia. Nunca me ocorreu me interessar pela Estônia, muito menos pela democracia burguesa, mas ouço e ouço suas histórias amorosas sobre os anos 20 desse povo pequeno, trabalhador e sem barulheira, de homens grandes e costumes lentos e sólidos; Eu escuto os princípios da Constituição da Estônia, um extrato das melhores experiências europeias, e o funcionamento do parlamento unicameral, de cem deputados; e não sei *porque*, mas tudo isso começa a gostar de mim e começa a se estabelecer na minha experiência, ^[125_] Penetro com interesse a fatídica história entre dois martelos, teutônico e eslavo, da pequena bigorna estoniana, abandonada desde a antiguidade. Sobre ele martelaram simultaneamente do Leste e do Oeste, e em tal simultaneidade o fim não foi visto, até hoje. Aqui está uma história bem conhecida (totalmente desconhecida) de como queríamos pegá-los de surpresa em 1918, mas eles não o deixaram. Como, mais tarde, Yudenich os desprezou como *chujna*, ^[at] e nós os processamos acusando-os de bandidos brancos, enquanto alunos da Estônia se inscreveram como voluntários. E eles martelaram este país novamente em 1940, em 1941 e em 1944. Alguns filhos do país foram levados pelo exército russo, outros pelo alemão, e o terceiro foram jogados na floresta. E os velhos intelectuais em Tallinn comentaram que seria bom escapar da roda mal-assombrada, de alguma forma se separar e viver por

conta própria (e, digamos, seria seu primeiro-ministro Tiif, e o ministro da Educação Nacional, Suzi, por exemplo). Nem Churchill nem Roosevelt se importavam com eles, mas o tio "Jo" ^[au] sim. (José). E assim que nossas tropas entraram, todos esses sonhadores foram retirados de suas casas em Tallinn nas primeiras noites. Agora, cerca de quinze deles estavam presos em Lubyanka em Moscou, cada um em uma cela diferente, acusados, de acordo com 58-2, do desejo criminoso de se autodeterminar.

O retorno da caminhada à cela é cada vez uma pequena parada. Depois da caminhada, até na nossa cela real o ar parece viciado. Depois da caminhada também não seria mau comer alguma coisa, mas é melhor não pensar, não pensar nisso!

Uma coisa ruim se alguém que recebe um pacote mostra sem pensar a comida fora do tempo e começa a comer. Não importa, aguçamos nosso autocontrole. É ruim se um autor prega uma peça em você e começa a saborear a comida. Gogol fora! Chekhov fora! Há muita comida neles: "Ele não tinha vontade de comer, no entanto, [O filho da puta!] Comeu um pedaço de carne e bebeu uma cerveja." Você tem que ler coisas espirituais. Dostoiévski, esse é bom para prisioneiros. Mas pare! Ele escreve: "As crianças passaram vários dias com fome, nada vendo além de pão e *salsicha*."

A biblioteca Lubyanka é sua melhor decoração. É verdade que a bibliotecária é nojenta: uma moça loira com uma tez um tanto quanto cavalgada, determinada a ser feia; seu rosto está tão empoadado que parece a máscara imóvel de uma boneca; os lábios roxos e as sobrancelhas depiladas, pintadas com lápis preto. (De qualquer forma, depende de você, mas gostaríamos mais de ter visto um flerte; embora, provavelmente, isso tenha sido previsto pelo chefe da prisão de Lubyanka). Mas o mais incrível é que, indo pegar os livros uma vez a cada dez dias, ele ouvia nossos pedidos! Ele os ouvia com a mecânica desumana do Lubyanka e você não poderia entender se ele tivesse ouvido tais nomes, tais títulos, mas ele ouviu nossas palavras? Isso vai. Passamos várias horas em uma espera calma e alegre. São horas para folhear e revisar cada um dos livros que entregamos: procuram furos ou pontos sob as letras (tal forma se usa na prisão para corresponder), ou marcas de unhas nas passagens de que gostaram. Estamos inquietos (embora não tenhamos feito nada disso) porque eles podem vir e dizer: os pontos foram encontrados, e como sempre estão certos, e como sempre, nada é necessário para provar, e por três meses seremos privados de

livros, isto é eles não impõem um regime prisional à cela. Seria uma pena passar estes meses agradáveis e radiantes na prisão sem livros, antes de descer ao poço do campo! Mas não só tememos, mas também latejamos como em nossa juventude quando você mandava uma carta de amor e esperava uma resposta: virá ou não virá? E como será?

Enfim chegam os livros e determinam os próximos dez dias: ou vamos nos dedicar mais à leitura ou nos trouxeram uma porcaria e depois conversamos mais. Eles trazem tantos livros quanto somos homens na cela; é um cálculo do cortador de pão e não de um bibliotecário: um, um; para seis, seis. Células com muitas pessoas ganham.

Às vezes a menina cumpre nossas ordens maravilhosamente! Mas mesmo quando ele os desdenha, é interessante. Porque a própria biblioteca do Bolshaya Lubyanka é única. Provavelmente, eles o coletaram em bibliotecas particulares confiscadas: os bibliófilos que os coletaram já haviam entregado suas almas a Deus. Mas o principal é que a Segurança do Estado, que durante décadas censurou e emasculou todas as bibliotecas do país, se esqueceu de vasculhar seu próprio poleiro, e aqui, na própria cabana, era possível ler Zamiatin Pilniak, Panteleimon Romanov e qualquer volume do Merezhkovski completo. (Alguns brincaram: os homens nos consideravam muito ertos e, portanto, permitíamos ler tudo o que era proibido, acho que os bibliotecários de Lubyanka não faziam ideia do que recebíamos. Era indolência e ignorância).

Nessas horas antes da refeição, ele é lido com sensibilidade. Uma frase pode catapultar e lançar você, lançar de janela em porta e de porta em janela. E você quer mostrar a alguém o que você leu e o que se concluiu disso, e assim a discussão começa. Também neste momento as discussões são acirradas.

Tenho contato frequente com Yuri E.

Naquela mesma manhã de março, quando nós cinco fomos transferidos para a cela palatina 53, eles nos colocaram na sexta. Foi uma sombra que entrou, passos sem ruído. Ele entrou e, duvidando de que conseguiria ficar de pé, encostou-se na moldura da porta. A lâmpada não queimava mais na cela; a luz da manhã estava nublada, mas o novo não olhava com os olhos abertos: estavam estreitos. E tudo ficou em silêncio. O tecido de sua túnica e calça não permitia que ele fosse designado para nenhum exército: nem o

soviético, nem o alemão, nem o polonês, nem o inglês. Seu rosto era comprido, não muito russo. E como ele era magro! E além de magro, ele era muito alto.

Perguntamos a ele em russo: ele ficou em silêncio. Suzi perguntou a ele em alemão: ele ficou em silêncio. Fastenko perguntou a ele em francês e inglês: ele ficou em silêncio. Aos poucos, no seu rosto magro, amarelo, quase morto, apareceu um sorriso - nunca vi outro igual em minha vida!

"" Gen ... te "... Ele soltou fracamente, como se estivesse voltando de um desmaio ou como se tivesse ficado a noite toda esperando a execução ... E estendeu a mão fraca e magra. A mão segurava um pacote embrulhado em um pano. Nossa *taciturna* entendeu imediatamente o que era; ele se lançou, agarrou o maço, desamarrou-o sobre a mesa: havia cerca de duzentos gramas de tabac ou mole ali, e começou a enrolar um charuto quádruplo.

Assim, após três semanas no porão, Yuri Nikolaievich E.

Desde as escaramuças na Ferrovia Sino-Oriental em 1929, uma canção tem sido cantada no país:

*Com seu peito de aço pisoteando os inimigos
o vinte e sete está vigilante*

O chefe da artilharia dessa 27ª Divisão de Infantaria, formada durante a Guerra Civil, era o oficial czarista Nikolai E. (lembrei-me desse nome, porque foi um dos autores do nosso manual de artilharia). Em um vagão de trem, com sua esposa inseparável, ele viajou o Volga e os Urais, às vezes na direção leste, às vezes no oeste. Seu filho, Yuri, que nasceu em 1917, um contemporâneo da revolução, passou seus primeiros anos naquela van .

Daqueles anos distantes, o pai se estabeleceu em Leningrado, na Academia; viveu com facilidade e fama, e o filho terminou o curso de oficial. Na guerra da Finlândia, quando o filho estava decidido a lutar pelo país, os amigos do pai o encaminharam para o quartel-general do Exército, como auxiliar. Yuri não teve chance de rastejar nos ataques às fortificações finlandesas, ou cair em uma cerca durante uma exploração, ou congelar na neve sob balas de franco-atirador , mas a Ordem da Bandeira Vermelha, nada menos, veio a calhar. seu guerreiro. Assim terminou a guerra na Finlândia, ciente de que ela havia sido apenas, e ele, útil.

Mas a guerra seguinte não foi tão boa para ele. A bateria que ele comandou foi cercada perto de Luga. Eles se espalharam, caçaram e

enviaram prisioneiros. Yuri caiu em um campo de concentração de oficiais perto de Vilna.

Em cada vida há um acontecimento que determina no homem: seu destino, suas convicções e suas paixões. Os dois anos neste campo deram uma chance a Yuri. O que era esse campo não pode ser enganado com palavras, nem limitado por silogismos: nesse campo era preciso morrer, e quem não morreu tira uma conclusão.

O *Ordner*, a polícia interna do campo, recrutada entre os nossos, poderia sobreviver. Yuri, é claro, não se tornou um *ordner*. Os cozinheiros também sobreviveram. Um intérprete também poderia sobreviver: eles estavam procurando por eles. Yuri sabia alemão perfeitamente, mas o escondeu. Ele entendeu que o intérprete teria que vender o seu próprio. A morte também pode ser retardada cavando sepulturas; no entanto, eles eram mais fortes e ágeis lá do que ele. Yuri disse que ele era um pintor. Na verdade, em sua educação doméstica variada, ele também recebeu aulas de pintura. Yuri pintava muito bem a óleo e só a vontade de seguir o pai, de quem se orgulhava, o impedia de entrar numa escola de artes.

Com outro pintor antigo (lamento não lembrar o sobrenome dele) colocaram-no em uma cabine separada, em um quartel, e lá Yuri pintou, para os alemães do comando, quadros gratuitos: o banquete de Nero, o anel dos elfos. A confusão, que para receber os prisioneiros os oficiais eram colocados na fila do prato, a partir das seis da manhã, e o *sordner* batia neles com paus e cozinheiros com a panela, aquela *confusão não dava para* sustentar uma vida humana. À tarde, de sua cabana, Yuri viu aquele quadro único pelo qual havia sido premiado com a arte da pintura: uma névoa noturna sobre uma campina perto de um pântano; o prado, rodeado por arame farpado; muitos fogos estão queimando na campina, e ao redor deles, aqueles que já foram oficiais russos e agora antropóides - que roem os ossos de cavaleiros mortos - assam bolos de batata, fumam esterco e todos eles se mexem sem descanso, crivado de piolhos. Nem todos esses bípedes se afastaram. Nem todos perderam ainda a linguagem articulada, e no fulgor avermelhado das fogueiras é visto como se algum tipo de compreensão tardia sulcasse seus rostos, recuando em direção ao Neandertal.

É absinto na boca! A vida que Yuri conserva não tem valor para ele em si. Ele não é daqueles que esquecem rapidamente. Não, ele terá que sobreviver, ele terá que tirar conclusões.

Já sabem que a culpa não é dos alemães, nem só dos alemães, que dos prisioneiros de muitas nacionalidades só os soviéticos vivem assim e morrem assim; ninguém pior do que os soviéticos. Até os poloneses, até os iugoslavos levam uma vida muito mais aceitável, quanto mais os ingleses e noruegueses, abarrotados de pacotes da Cruz Vermelha Internacional, de pacotes de casa, que se recusam a receber a ração alemã. Onde os campos são contíguos, os aliados, por compaixão, puxam - sobre o arame farpado - nossas esmolas, e as nossas se jogam como uma matilha de cães sobre um osso.

Os russos carregam o fardo da guerra, e os russos são esse destino. Por que isso acontece?

Dali e dali vieram as explicações aos poucos: a URSS não reconhece a assinatura da Rússia na convenção de Haia sobre prisioneiros de guerra; portanto, não assume nenhuma obrigação quanto ao tratamento dos prisioneiros e não busca a proteção dos próprios capturados pelo inimigo.

[126]

A URSS não reconhece a Cruz Vermelha Internacional. A URSS não reconhece seus soldados de ontem: não se preocupa em mantê-los enquanto estão presos.

E o coração do contemporâneo de outubro está congelado. Lá , na cabine do quartel, ele esbarra e discute com o velho pintor (Yuri assimila mal, Yuri resiste, e o velho esfolia uma camada após a outra). O que acontece? É Stalin? Não é muito cobrar de Stalin, de suas mãozinhas? Quem chega à conclusão no meio, não tira nenhuma conclusão. E os demais? Aqueles que estão próximos de Stalin, e abaixo, e em todos os lugares da Pátria, enfim, todos aqueles a quem a Pátria concedeu permissão para falar em seu nome?

E que comportamento é justo se a mãe nos vendeu aos ciganos, pior ainda: nos jogou aos cachorros? Ela ainda é mãe? Se sua esposa se entregou a uma vida ruim, somos obrigados a ser fiéis a ela? É a pátria que traiu seus soldados, é a Pátria ?

Como tudo deu errado para Yuri! Ele tinha orgulho do pai e agora o odiava! Pela primeira vez ele pensou que seu pai havia realmente traído o juramento de lealdade ao Exército em que fora treinado, ele o traiu para estabelecer essa ordem de coisas que agora era desleal a seus soldados. E por que Yuri foi preso por um juramento a essa ordem traiçoeira?

Quando os recrutadores das primeiras "legiões" bielorrussas apareceram em campo na primavera de 1943, alguns enxamearam para se

salvar da fome. E. fez isso com firmeza, claramente. Mas na legião ele não parava: quando te esfolam, você não sente falta do cabelo. Yuri deixou de esconder seus bons conhecimentos de alemão, e logo um CHEFE, um alemão de Kassel, que tinha a missão de criar uma escola de espionagem com um curto curso de guerra, fez de Yuri sua mão direita. Assim começou o deslize que Yuri não previu, a deturpação começou. Yuri ansiava por salvar seu país, mas eles o colocaram para treinar espões: os alemães tinham planos. Onde a fronteira passou ...? De que lugar não deveria ter passado? Yuri tornou-se tenente do exército alemão. Usando uniforme alemão, ele viajou pela Alemanha, foi a Berlim, visitou emigrantes russos, leu os antes inacessíveis Bunin , Nabokov, Aldanov, Amfiteatrov ... Yuri acreditava que em todos eles, que em Bunin, cada página deveria ser uma ferida viva para o que a Rússia estava sangrando. Mas o que eles fizeram? Como eles consumiram sua liberdade inestimável? De novo no corpo feminino, na eclosão das paixões, nas belas cabeças das senhoras palacianas, anedotas dos anos empoeirados; eles escreveram como se fosse muito inatingível para eles explicarem. Eles deixaram os meninos russos buscarem o azimute da vida por conta própria . Foi assim que Yuri se mexeu, se apressou em ver, se apressou em saber, mas enquanto isso, à antiga maneira russa, mergulhava cada vez mais sua angústia na vodca.

Qual foi a sua escola de espionagem? Claro que não era real. Em seis meses, eles puderam apenas ensinar como manejar o pára-quedas, detonação e rádio. Eles não acreditavam muito neles. Eles foram enviados com o propósito de inflação de confiança. Para os prisioneiros russos moribundos e desesperadamente abandonados, essas pequenas escolas eram, na opinião de Yuri, uma boa saída : aqui os meninos se alimentavam; eles vestiram roupas quentes novas; além disso, encheram os bolsos com dinheiro soviético. Os alunos (como os professores) fingiam que tudo ia ser assim: que na retaguarda soviética eles começariam a espionar, explodir os alvos designados, se comunicar por meio de mensagens criptografadas e depois retornar. Porém, eles, por meio dessa escola, escaparam da morte e do cativeiro; eles queriam permanecer vivos, mas não ao preço de ter que atirar na frente deles .^[127] Eles foram ultrapassados pelas filas e, posteriormente, o caminho que escolheram dependeu de seu humor e consciência. A trilita e o rádio, todos jogaram fora imediatamente. A diferença era se era melhor se render às autoridades imediatamente (como aquele "espião" chato da Seção de Contra-espionagem do meu exército) ou

se divertir primeiro com o dinheiro de graça. O que nunca aconteceu foi que alguém passou pela frente atrás, novamente com os alemães.

De repente, na véspera do ano novo de 1945, um menino muito acordado voltou e relatou que havia cumprido a missão (vá conferir!). Era algo extraordinário. O chefe não tinha dúvidas de que fora enviado pela SMERSH e decidira fuzilá-lo (destino dos espiões conscienciosos!) Mas Yuri insistia que, em vez disso, fosse condecorado e elogiado perante os cadetes. O espião que convidou Yuri a beber um litro de vodca e, ruborizado, debruçado sobre a mesa, abriu: "Yuri Nikolaievich: o comando soviético promete perdão se você for até o nosso agora".

Yuri estremeceu. O coração, endurecido, alienado, amolecido com o calor. A Pátria ... Inimiga, injusta e cativante como sempre! Desculpe? E ele poderia voltar para a família? E passear pela avenida Kamennostrov? Finalmente somos russos! Perdoe-nos e voltaremos, e vocês verão o quão bons vamos ser...! Aquele ano e meio desde que Yuri deixou o campo não lhe trouxe nenhuma felicidade. Ele não se arrependia, mas também não via futuro. Quando conheceu outros russos em torno da vodca, por mais inquieto que ele estivesse, eles viram perfeitamente que não tinham apoio, que essa vida não era real. Os alemães fizeram o que quiseram com eles. Agora, quando ficou claro que os alemães haviam perdido a guerra, eles lhe ofereceram uma saída; o chefe o amava e disse-lhe que na Espanha ele tinha uma fazenda reserva, de onde eles, quando o império começasse a cheirar a carvão, partiriam juntos. Mas ali, do outro lado da mesa, um compatriota bêbado, arriscando sua vida, o tentava: «Yuri Nikolaievich, o comando soviético valoriza suas experiências e conhecimentos e quer saber para você a organização de espionagem alemã» ...

Por duas semanas, E. duvidou. Mas durante a ofensiva soviética no Vístula, quando estava evacuando a retaguarda, ordenou um desvio para uma aldeia polonesa tranquila e anunciou: "Estou indo para os soviéticos! Todo mundo tem livre escolha!" E aqueles espiões baratos com leite ainda na boca, que há uma hora exalavam lealdade ao Reich alemão, gritavam agora com entusiasmo: "Viva! Nós também!" (Foi o "alô" do seu futuro trabalho forçado) ...

A escola de espionagem se escondeu até a chegada dos tanques soviéticos, seguidos pelo SMERSH. Yuri não viu seus meninos novamente. Eles o empurraram; Durante dez dias o forçaram a descrever toda a história da escola, os programas, as missões de sabotagem, e ele realmente

acreditava que "suas experiências e conhecimentos" ... Falava-se até em voltar para casa, com a família.

E só em Lubyanka ele entendeu que mesmo em Salamanca ele estaria mais perto de seu rio Nerva ... Era de se esperar que levasse um tiro ou receberia pelo menos vinte anos.

Desta forma incorrigível, o homem vai para a fumaça do país ... assim como o dente é sentido até que o nervo se mate, então nós, provavelmente, não deixaremos de sentir o país até engolir o arsênico. Os comedores de lótus da *Odisséia* usaram para isso eu não sei o que lótus ...

Yuri ficou apenas três semanas em nossa cela. Três semanas que passamos discutindo. Disse que nossa revolução tinha sido esplêndida e justa; A única coisa terrível é que a torceram em 1929. Ele olhou para mim com pena e franziu os lábios nervosamente: antes de fazer a revolução no país era preciso acabar com os percevejos! (Nisto ele estava estranhamente de acordo com Fastenko, embora eles viessem de tantos lugares diferentes.) Eu disse a ele que por muito tempo todos os grandes negócios de nosso país foram governados apenas por homens de altas intenções e totalmente abnegados. Ele disse: desde o início eles eram da ninhada de Stalin. (Que Stalin era um bandido, não discordamos disso). Elogiei Gorky: que inteligência! Que opiniões mais corretas! Que pintor sublime! Ele repeliu: um sujeitinho insignificante e chato! Ele inventou a si mesmo, inventou seus personagens, e todos os seus livros são inventados do início ao fim! Leo Tolstoy, esse é o czar da nossa literatura .

Essas discussões diárias, veementes por causa da nossa juventude, nos impediam de nos tornarmos íntimos e de descobrirmos algo mais uns nos outros do que aquilo que rejeitávamos.

Tiraram-no de sua cela e, desde então, por mais que eu tenha perguntado, ninguém foi preso com ele no Butyrki, ninguém o encontrou nas expedições. Mesmo os Vlasovistas na fila partiram, sem deixar vestígios, não se sabe onde; provavelmente pé no chão; e alguns, até hoje, não possuem documentos que lhes permitam sair do afastamento do Norte. E o destino de Yuri E., mesmo entre eles, foi incomum.

Por fim, a comida do Lubyanka chegou. Mas muito antes de ouvirmos um tilintar alegre no corredor; depois, como em um restaurante, para cada um,

colocaram-se em uma bandeja dois pratos de alumínio com uma colher de sopa e uma colher de mingau muito ralo e sem gordura.

Com o nervosismo dos primeiros dias, o acusado não consegue engolir nada; alguns passam vários dias sem tocar no pão; eles não sabem onde colocá-lo. Mas aos poucos o apetite volta; então você entra em um estado permanente de fome, o que o torna ganancioso. Mais tarde, se você conseguiu se conter, o estômago encolhe, ajusta-se à escassez, e essa comida pobre aqui parece certa. Para isso você precisa se educar, parar de bisbilhotar o que os outros comem, proibir as conversas na prisão sobre comida, que afetam o estômago, e subir o máximo possível a lugares altos. Em Lubyanka, isso é facilitado por um cochilo de duas horas, outra maravilha de um spa. Deitamos de costas para o olho mágico; para enganar, apoiamos o livro aberto e o sono. É proibido dormir, e os guardas veem o tempo passar sem que você folheie o livro; mas, em geral, nessa hora eles não mordem. (Eles explicam este gesto humanitário com que os privados do direito de dormir são no interrogatório diurno. Para os teimosos que não assinam o sumário, o contraste aumenta: regressam depois de terminada a sesta).

Contra a fome e a falta de moradia nada melhor do que dormir: o corpo não se consome e o cérebro não passa e revê os erros cometidos.

Neste trazem o jantar: outra colher de mingau. A vida se apressa em revelar todos os seus tesouros diante de você. Agora, durante as cinco ou seis horas que faltam até o banheiro, você não vai mais colocar nada na boca; mas não é mais tão terrível; À tarde, é fácil acostumar-se a não querer comer - a medicina militar sabe disso há muito tempo e os regimentos de reserva também não servem o jantar.

E aí vem a hora das necessidades noturnas, que você, um tanto estremecida, esperou o dia todo. Quão iluminado o mundo então se torna! Como todos os problemas sublimes foram simplificados nele! Você percebeu?

Essas noites imponderáveis da Lubyanka! (Bem, imponderável quando você não espera o interrogatório noturno.) Seu corpo está sem peso, apenas mingau o suficiente para que você não perceba seu jugo. Que pensamentos mais leves e livres! É como se você tivesse subido ao Monte Sinai e, no meio da chama, a verdade nos apareceu. Pushkin não sonhava com isso?

Quero viver para meditar e sofrer!

Assim, sofremos e meditamos, e em nossa vida não há mais nada. Como foi fácil atingir esse ideal...!

Também discutimos à noite, claro, deixando de lado o xadrez, com Suzi e os livros. Os confrontos mais ardentes são novamente meus com E., porque são todos problemas explosivos, como o do fim da guerra. Sem dizer palavra, sem expressão, o guarda entrou na cela e deslizou a cortina azul da máscara na janela. E então, logo depois, a noite em que Moscou ^[av] começa a disparar tiros. Não vemos o céu das salvas, como não vemos o mapa da Europa, mas tentamos imaginá-lo detalhadamente e adivinhar que cidades foram tomadas. Essas salvas deixam Yuri louco. Apelando ao destino para corrigir seus erros, afirma que a guerra está longe do fim, que agora o Exército Vermelho e os anglo-americanos se atacarão e então começará a verdadeira guerra. A célula inteira ouve a profecia com ávido interesse. E como isso vai acabar? Yuri afirma isso com uma derrota fácil do Exército Vermelho (então, com nossa libertação? Ou tiroteio?). Aqui estou e discuto com paixão. Suas razões são: que nosso Exército está exausto, sangrando, mal equipado; E o principal: contra os aliados ele não lutará com tanta firmeza. Tomando como exemplo as unidades que conheço, insisto que o Exército não está tanto gasto quanto endurecido, que agora está forte e furioso e, nesse caso, esmagaria os Aliados ainda melhor do que os alemães. “Nunca!” Yuri grita (sussurrando). “E as Ardenas?”, Grito com ele (sussurrando). Fastenko entra na discussão e nos ridiculariza dizendo que não conhecemos o Ocidente e que agora não há ninguém capaz de forçar os aliados a lutarem contra nós.

Mas à noite, mais do que discutir, queremos ouvir algo interessante e até calmante e que todos concordem quando conversamos.

Um dos assuntos preferidos na prisão é o das tradições da prisão, sobre como era *antes* na prisão. Temos Fastenko e conhecemos contas em primeira mão. O que mais nos emociona é que antes era uma honra ser prisioneiro político, que não apenas parentes legítimos não renunciavam a eles, mas apareciam garotas desconhecidas que, fingindo ser namoradas, também conseguiam entrevistas. E a velha tradição de levar pacotes para prisioneiros em festas? Na Rússia, ninguém começou a Páscoa sem ter trazido um pacote para a comunidade presa. Eles carregavam presuntos, bolos, empanadas, bagels de Páscoa. Qualquer velha carregava uma dúzia de ovos pintados, o que aliviava o coração. O que aconteceu com a bondade russa? Foi substituída pela *consciência de classe*? Assustaram tanto e

definitivamente o nosso povo, que tiraram o hábito de cuidar de quem sofre. Agora, isso parece absurdo. Ora, se em uma empresa você propusesse uma cobrança em favor dos internos da prisão local para as férias, isso seria considerado quase como uma insurreição anti-soviética. A tal ponto que nos tornamos bestializados!

Quais eram essas lembrancinhas para os prisioneiros? Apenas uma refeição saborosa? Ele criou neles um sentimento caloroso de que na rua pensavam nele e se importavam.

Fastenko nos diz que nos tempos soviéticos também existia a Cruz Vermelha política, mas não que não acreditemos, mas não podemos imaginar. Ele diz que EP Peshkova, usando sua imunidade pessoal, foi para o exterior, arrecadou dinheiro lá (pouco ia arrecadar), e com isso comprou comida para políticos que não tinham parentes. Para todos os políticos? E aqui fica claro que não: não para COEROS, isto é, não para contra-revolucionários (por exemplo, não para engenheiros, não para padres) e apenas para membros de partidos políticos. Ah..., ah..., ah...!, Bem, colocar assim... Embora a própria Cruz Vermelha, além de Peshkova, tenha ido para a cadeia principalmente...

Outro bom tópico para discutir à noite, quando você não está esperando um questionamento, é a libertação. Sim, eles dizem, há casos incríveis em que alguém é solto. Eles tiraram Zv daqui com o equipamento. Ele foi solto? O sumari não poderia terminar tão cedo. (Dez dias depois ele retorna: eles o levaram para Lefortovo. Lá ele começou a *assinar* rapidamente, aparentemente, e eles o devolveram aqui novamente). "Se te soltarem, ei, sua causa é boba, você mesmo diz, então vai me prometer que irá até minha mulher e, como prova disso, deixa eu colocar duas maçãs no pacote, digamos" ... Agora não há maçãs em lugar nenhum. "Então, três roscones." "Talvez não haja roscones em Moscou também." Bem, cara, então quatro batatas. (Eles concordam, e então acontece que, de fato, N é levado embora com seus pertences, e M no pacote recebe quatro batatas. É incrível! É admirável! Eles o libertaram, e que seu A causa era muito mais séria do que a minha. Quem sabe se eu também irei em breve ...? Mas era só isso: a quinta batata que a mulher de M carregava se desfez no saco, e N, em porão de um navio, navegando em direção a Kolyma).

Então conversamos um pouco sobre tudo, lembramos de algo engraçado - e você se sente feliz e confortável com essas pessoas interessantes, que não são de sua vida, que não pertencem de forma alguma

ao círculo de sua experiência -, enquanto a chamada silenciosa já terminou noite, seus óculos foram removidos e a lâmpada pisca três vezes. O banheiro estará funcionando em cinco minutos!

Rápido, rápido, pegamos os cobertores. Como na frente, você nunca sabe se agora, em um instante, uma chuva de projéteis vai cair sobre você, aqui ignoramos a fatídica noite do nosso interrogatório . Deitamo-nos, colocamos as mãos sobre o cobertor e tentamos sacudir o vento das ideias de nossas cabeças. Dormir!

Naquela hora, uma noite de abril, logo depois que E foi dispensado, a fechadura rangeu. Nossos corações se afundaram : Quem? Agora ouviremos o silvo do guardião: "com o Se!", "Com o Zé!". Mas o guardião não disse nada. A porta se fechou novamente. Nós levantamos nossas cabeças. Ao lado da porta havia outro novo: magro, jovem, em um terno azul simples e um boné azul. Ele não tinha nenhum objeto. Ele olhou em volta, como se estivesse perdido.

"Qual é o número do celular?" Ele perguntou alarmado.

"Cinquenta e três."

Ele estremeceu.

--Da rua? Nós perguntamos a ele.

"Não ... ou ..." Com uma expressão de dor, ele balançou a cabeça.

"Quando eles prenderam você?"

-Ontem pela manhã.

Começamos a rir. Ela tinha um rosto ingênuo, muito liso, as sobrancelhas quase brancas.

-Por quê?

(A pergunta é desonesta; você não pode esperar uma resposta para ela.)

"Eu não sei ... Bah, bobagem ...

É o que todos respondem ; todos estão presos por tolice. Acima de tudo, parece tolice para o próprio acusado.

"Bem por que?"

"Acabei de escrever um apelo." Para o povo russo.

-Como??? (Nunca ouvimos tal "absurdo").

"Eles vão atirar em mim?" Seu rosto se alongou. Ele sentiu a aba de seu boné, que não havia sido removido.

"Provavelmente não", garantimos a ele. Agora eles não atiram em ninguém. Um DEZ é justo.

"Você é um trabalhador?" Empregado? Questionado sobre o social-democrata, fiel aos princípios de classe.

-Trabalhador.

Fastenko estendeu a mão e, com sotaque triunfante, exclamou, dirigindo-se a mim:

"Aí está, Alexandr Isaievich, os espíritos da classe trabalhadora!"

E ele rolou para dormir, convencido de que não poderia ir mais longe e que não precisava mais ouvir. Ele estava errado.

-Como é isso? Um apelo assim, sem mais delongas? Em nome de quem?

"Por mim mesmo."

-Mas quem é você?

O novo sorriu com tristeza:

"Imperador Michael."

Foi como se tivéssemos recebido um choque. Todos nós nos sentamos na cama e olhamos para ele. Não, seu rosto tímido não se parecia em nada com o de Michael Romanov. Além disso, idade ...

"Amanhã, amanhã, agora dormir", disse Suzi severamente.

Adormecemos sabendo de antemão que no dia seguinte as duas horas até a distribuição da ração matinal não seriam enfadonhas.

A cama e as roupas foram levadas ao imperador, que se deitou, em silêncio, próximo ao mergulho.

Em 1916, na casa de Belov, um engenheiro ferroviário de Moscou, um estranho velho e robusto de barba loira entrou e disse à esposa religiosa do engenheiro: "Pelagueya: você tem um filho de um ano. Cuide disso para o Senhor. Quando chegar a hora, voltarei. E se foi.

Pelagueya não conhecia aquele velho, mas suas palavras eram tão claras e ameaçadoras que emocionaram a mãe. E ele começou a cuidar do filho como a menina dos seus olhos. Victor cresceu quieto, obediente, religioso: anjos e a Virgem frequentemente apareciam para ele. Mais tarde, com menos frequência. O velho não apareceu novamente. Victor aprendeu a dirigir; em 1936 foi convocado e destacado para Birobidjân; Lá ele serviu em uma empresa de transporte. Não era nada atrevido, mas talvez por isso, pela sua seriedade e mansidão, encantou uma empregada e ofuscou o chefe do seu pelotão, que fingiu para aquela moça. O marechal Blujer fez

algumas manobras nessa época e, aqui, seu motorista pessoal ficou muito doente. Blujer ordenou ao chefe da empresa de transporte que lhe enviasse o melhor motorista; o comandante da companhia chamou o comandante do pelotão, e este viu a oportunidade de se livrar de seu rival Belov, derrotando-o no marechal. (No Exército é comum: não quem merece prospera, mas quem quer se livrar). Além disso, Belov não bebia, era obediente e não iria decepcionar.

Belov gostou de Blujer, e ele ficou com ele. Pouco depois, Blujer recebeu um telefonema, muito crível, de Moscou (o marechal, antes de prendê-lo, foi levado do Extremo Oriente, dócil a ele) e trouxe seu motorista para cá. Quando ficou órfão, Belov caiu na garagem do Kremlin: ele era o motorista de Mikhailov (o Komsomol), Lozovski e, finalmente, Khrushchev. Aqui Belov viu (e nos disse muitas coisas) as festas, os costumes, as precauções. Como representante da massa proletária de Moscou, participou do processo de Bukharin na Casa dos Sindicatos. De todos os seus senhores, apenas Khrushchev falava com ternura: só em casa o chofer se sentava à mesa com a família inteira, não separada, na cozinha; somente aqui, naqueles anos, a austeridade da classe trabalhadora foi preservada. O jovial Khrushchev também gostou de Victor Alexeievich e, quando se mudou para a Ucrânia em 1938, insistentemente o convidou para acompanhá-lo. "Para mim, eu nunca teria deixado Khrushchev", disse Victor Alexeievich. Mas algo o deteve em Moscou.

Em 1941, quase no início da guerra, teve não sei que revés; Não trabalhou na garagem do governo e, indefeso, foi mobilizado pelo comissariado militar. Por causa de sua saúde delicada, eles não o mandaram para o front, mas para um batalhão de trabalho - primeiro a pé para Inza ^[aw] e de lá para cavar trincheiras e abrir estradas. Depois da vida despreocupada e farta dos últimos anos, aquilo tinha gosto de chifre queimado. Ele conheceu plenamente as necessidades e os sofrimentos e viu ao seu redor que o povo, às vésperas da guerra, não só não vivia melhor, como empobrecia. Saiu com vida, porque teve alta por doença, voltou a Moscou e aqui se estabeleceu de novo: era o motorista de Scherbakov; ^[128] depois de Sedin, o comissário do petróleo. Mas Sedin roubou (apenas 35 milhões), ele foi discretamente removido e Belov foi novamente privado de trabalhar com os patrões. E ia como motorista a uma base de transporte, e nas horas

vagas se dedicava aos trabalhos malfeitos, fazendo viagens para Krasnaya Pajrá.

Mas ele já estava pensando em outra coisa. Em 1943 ele estava na casa de sua mãe; ela lavou as roupas e saiu com os baldes até a fonte. Com isso a porta foi aberta e um homem velho, grande, com uma barba branca, entrou na casa. Ele se benzeu diante do ícone, olhou severamente para Belov e disse: "Bom dia Miguel: Deus te abençoe!" "Meu nome é Victor", respondeu Belov. "Mas você será Miguel, imperador da Santa Rússia", insistiu o velho. Com isso a mãe entrou e de medo ficou atordoada e derramou a água: era o velho de vinte e sete anos atrás, grisalho, mas o mesmo. "Deus te salve, Pelagueya, por ter preservado o filho", exclamou o velho. E ele foi deixado sozinho com o futuro imperador, entronizando-o como se ele fosse o patriarca. Ele informou ao jovem chocado que em 1953 haveria uma mudança de poder e que ele seria o imperador de todas as Rússias ^[129] (por isso o número do celular o havia espantado tanto!), E para isso, desde 1948 ele teve que começar a ganhar forças. O velho saiu, sem ensiná-lo a recuperar as forças. E Victor Alexeievich não pensou em perguntar.

A partir desse momento ele perdeu a tranquilidade e simplicidade de vida! Ó tro, talvez ele tenha escapado daquela ideia arrogante, mas Victor tocou o cargo mais alto, ele viu todos aqueles Mikhailov, Scherbakov, Sedin, ouviu o que eles disseram de outros motoristas e percebeu que não era isso seja um homem extraordinário, mas o contrário.

O czar recém-ungido, quieto, escrupuloso, sensível como Fyodor Ioannovich, ^[machado] o último Rurikida, sentiu em sua cabeça a pesada e esmagadora taça do boné de Monomachus. A pobreza e a dor popular ao seu redor, pelas quais não se sentira responsável até agora, agora pesavam sobre ele, e ele era culpado de seu prolongamento. Achava estranho ter que esperar até 1948, e no outono daquele mesmo ano, 1943, redigiu seu primeiro manifesto ao povo russo e o leu para quatro funcionários na garagem do Comissariado do Petróleo ...

(...) De manhã cercamos Victor Alexeievich e ele humildemente nos contou tudo isso. Ainda não tínhamos descoberto sua credulidade infantil, nos sentimos conquistados por sua estranha história e - a culpa foi nossa - não tivemos tempo de alertá-lo contra a *choca*. Nós poderia não conceber que o que o juiz de instrução estava nos dizendo tão ingenuamente aqui já

não foi conhecida em todos os seus detalhes ... No final da história, Kramarenko pediu permissão para ver "o chefe da prisão, a fim de pedir-lhe para o tabaco" ou por ele para o médico vai visitá-lo, não me lembro, o fato é que logo depois ligaram para ele. Lá ele *vendeu* os quatro do Comissariado do Petróleo, de quem ninguém jamais teria ouvido falar ... (No dia seguinte, quando voltou do interrogatório, Belov ficou pasmo: como o juiz de instrução soube? Foi quando caímos no conta) ... Aqueles do Comissariado do Petróleo leram o manifesto, todos eles aprovaram, e NINGUÉM DENUNCIADO o imperador! Mas ele mesmo percebeu que era muito cedo! Em breve! E queimou o manifesto.

Um ano se passou. Victor Alexeievich trabalhava como mecânico em uma base de transporte. No outono de 1944, ele escreveu outro manifesto e deu a TEN pessoas para lerem: motoristas e mecânicos. Todos eles aprovaram! E NINGUÉM DENUNCIADO ISSO! (Nenhum de dez; para aquele momento de denúncia foi um fenômeno bastante raro. Fastenko não se enganou ao se referir aos "espíritos da classe trabalhadora"). É verdade que o imperador, em tais casos, recorreu a truques ingênuos: ele deu a entender que tinha um bom controle sobre o governo e prometeu a seus partidários viagens de dever para unir as forças monárquicas na periferia.

Meses se passaram. O imperador confiou-se a duas meninas da garagem. E aqui não houve culpa: as meninas deram provas de maturidade ideológica. Victor Alexeievich ficou ansioso, sentindo o infortúnio. No domingo após a Anúnciação, ele iria ao mercado com o manifesto no bolso. Um antigo trabalhador dos seus partidários o viu e disse-lhe: "Victor: acho que seria melhor se, por agora, queimasses aquele papel, hein?" E Victor balançou a cabeça fortemente: sim, ele previra escrever, ele tinha que queimá-lo! "Estou queimando agora, é verdade." E ele foi para casa para queimá-lo. Mas dois rapazes muito simpáticos o chamaram ali mesmo no mercado: "Victor Alexeievich, junte-se a nós." E em um carro eles o levaram para o Lubyanka. Aqui estavam eles com tanta pressa e tão perturbados que não o revistaram, como era necessário, e houve um tempo em que o imperador conseguiu destruir seu manifesto no banheiro. Mas ele decidiu que iriam incomodá-lo mais perguntando onde ele o tinha. E imediatamente, no elevador, levaram-no na presença de um general e de um coronel, e o general, com as próprias mãos, arrancou o manifesto do bolso aberto.

Um questionamento foi suficiente para acalmar o Lubyanka: não foi nada terrível. Dez prisões na garagem da base. Quatro na garagem do Comissariado do Petróleo. O resumo foi repassado a um tenente-coronel e ele, rindo, leu o telefonema :

—Aqui escreve Sua Majestade: "Vou dar instruções ao meu Ministro da Agricultura para que, na primeira primavera, dissolva o kolkhozy." Mas como distribuir os implementos? Você não tem isso muito bem elaborado ... Então você escreve: «Vou aumentar a construção de casas e vou colocar cada uma perto do seu local de trabalho ... Vou aumentar o salário dos trabalhadores» ... Onde vai conseguir o dinheiro, Majestade? Como você não imprime dinheiro na impressora ... Você está eliminando *empréstimos* internos ... Além disso, observe: "Vou apagar o Kremlin da face da terra." Onde você instalará seu próprio governo? Você poderia usar o edifício Bolshaya Lubyanka? Não tem vontade de dar um passeio para vê-lo ...?

Para zombar do imperador de todas as Rússias, também compareceram os jovens magistrados de instrução . Em tudo isso, eles viram apenas o ridículo.

Na cela, nem sempre conseguimos conter nosso riso. "Espero que ele não nos esqueça em 1953, hein?", Disse Zv com uma piscadela.

Todos riram dele ...

Victor Alexeievich, de sobrancelha branca, ingênuo, de mãos calejadas, quando recebeu as batatas cozidas de sua infeliz mãe, Pelagueya, nos convidou, independente do que era seu e do que era meu: "Comam, comam, camaradas" ...

Ele riu envergonhado. Ele sabia muito bem que isso era inoportuno e ridículo: imperador de todas as Rússias. Mas o que mais lhe restou se a escolha de Deus recaiu sobre ele?

Pouco depois, ele foi retirado de nossa cela. [\[130\]](#)

Na véspera de 1º de maio, o mascaramento foi removido da janela. A guerra estava visivelmente acabada.

Naquela noite, a Lubyanka estava mais silenciosa do que nunca, além disso acho que era o segundo dia da Páscoa, as festividades cruzaram-se. Todos os magistrados examinadores estavam comemorando em Moscou, eles não ligaram para testemunhar. No silêncio , alguém pode ser ouvido protestando contra algo. Levaram-no da cela para a câmara (com o seu

ouvido estabelecemos a localização de todas as portas) e, com a porta da câmara aberta, espancaram-no longamente. No silêncio de suspense cada golpe podia ser ouvido perfeitamente em algo macio e na boca que estava sufocando.

Em 2 de maio, trinta saudações soaram em Moscou: era o equivalente a uma capital europeia. Restavam duas conquistas: Praga e Berlim; tivemos que adivinhar qual dos dois.

No dia 9 de maio trouxeram o almoço junto com o jantar, que em Lubyanka só foi feito nos dias 1º de maio e 7 de novembro.

Esta é a única razão pela qual percebemos que a guerra acabou.

À noite, ouvimos mais trinta tiros. Não havia mais capital a ser tomado. E naquela mesma noite ouviu-se outra salva, acho que quarenta tiros: era o fim da final.

Acima do focinho da nossa janela e das outras celas do Lubyanka, bem como das janelas de todas as prisões de Moscou, aqueles de nós que haviam sido prisioneiros e aqueles de nós que estiveram na frente, olhamos para o céu de Moscou, enfeitados com sinalizadores, distorcidos por holofotes.

Boris Gammerov, um jovem antitanque, dispensado por invalidez (ferida incurável no pulmão), já detido com um grupo de estudantes, naquele dia estava em uma enorme cela no Butyrki, onde eram meio prisioneiros e veteranos de guerra. Descreveu esta última salva em escassas oitavas, em versos muito simples: como se deitaram nos beliches, cobertos de ca potes, como o barulho os acordou; levantaram a cabeça, olharam para o focinho: ah, são as saudações, deitaram-se de novo.

E eles se cobriram com suas capas novamente

Essas capas com barro da trincheira, com cinzas das fogueiras, com estilhaços feitos por estilhaços alemães.

Essa vitória não foi para nós. Não era para nós naquela primavera.

Naquela primavera

Em junho de 1945, todas as manhãs e noites, os ruídos metálicos de orquestras distantes chegavam às janelas da prisão de Butyrki : da rua Lesnaya ou de Novoslobodskaya.

Ficamos diante das janelas abertas da prisão - embora nem um sopro de ar passasse por elas - atrás dos focos de vidro com chumbo verde, e ouvimos. As unidades militares estavam marchando? Ou será que os trabalhadores gastaram de bom grado parte de seu tempo de lazer caminhando? Não sabíamos, mas já corria o boato de que se preparavam para o grande desfile da vitória, que aconteceria na Praça Vermelha em 22 de junho - no quarto aniversário do início da guerra.

As pedras do porão rangeram e se comprimiram; eles não seriam o ponto culminante do edifício. Mas mesmo a honra de deitar no porão foi negada àqueles que, abandonados à sorte , com testas e costelas condenadas, receberam os primeiros golpes daquela guerra e impediram a vitória de outros.

"O traidor se comove com o som da felicidade ...?"

Aquela primavera de 1945 em nossas prisões foi, principalmente, a primavera dos *prisioneiros* russos. Eles passaram pelas prisões da União Soviética em grandes escolas, densas e cinzentas como as do arenque. Para mim, o primeiro ângulo dessa escola foi Yuri E. Mas agora seu movimento seguro e sincronizado me cercava por todos os lados , como se soubessem seu destino.

Não foram apenas prisioneiros que passaram por aquelas celas, correu a torrente de todos os que estiveram na Europa: emigrantes da guerra civil; *maior* parte da recente guerra contra a Alemanha; Oficiais do Exército Vermelho que haviam ido longe demais em suas conclusões e que Stalin temia que trouxessem a liberdade europeia de sua campanha europeia, como seus iguais haviam feito cento e vinte e cinco anos antes. Mas a

maioria eram meus contemporâneos, não tanto meus como *contemporâneos de outubro*, daqueles que nasceram com a Revolução, aqueles que em 1937, sem complexos, se aglomeraram nas manifestações do vigésimo aniversário, e cujo quinto no início do guerra era o exército regular, formado em poucas semanas.

Assim, aquela esmagadora primavera na prisão ao som das marchas da vitória foi a primavera do acerto de contas para minha geração.

Fomos nós que, no berço, cantamos para nós: " Todo o poder aos Sovietes!" Aqueles de nós que estendiam as mãos morenas de criança para a trombeta dos pioneiros erraram e gritaram "Ficai alerta!" Saudamos: "Sempre alerta!" Nós, que em Buchenwald introduzimos as armas e ali ingressamos no partido comunista, erramos. E agora éramos considerados ^[131] negros apenas porque fomos deixados vivos.

Quando cortamos a Prússia Oriental, vi colunas de prisioneiros voltando - os únicos tristes, quando tudo em volta estava alegre - e mesmo então sua dor me surpreendeu, embora eu ainda não entendesse suas causas. Saí, aproximei-me daquelas colunas voluntárias (para quais colunas? Por que se formaram se ninguém os obrigava? Os prisioneiros de guerra de todas as nações voltavam apressados! E a nossa queria chegar com a maior docilidade possível)... Lá estava eu com as listras de capitão e com as listras e no caminho não teria sido possível para mim saber: por que todos foram até eles sem alegria? E vejam só, o destino me empurrou para aqueles prisioneiros, e eu já marchava com eles da contra-inteligência do Exército para a da Frente e na Frente ouvi suas primeiras histórias incompreensíveis para mim; então Yuri E. me deu uma exposição de tudo isso e, mais tarde, sob os cofres do castelo de tijolos de Butyrki, senti que toda essa história de vários milhões de prisioneiros russos me perfurava para sempre como um alfinete em uma barata. A própria história da minha queda na prisão parecia fútil para mim, esqueci-me de lamentar as listras despojadas. Onde meus colegas estavam, só por acaso eu não estava lá. Percebi que era meu dever colocar meu ombro em um canto de seu peso comum e carregá-lo até o fim de minhas forças, até que ele me esmagasse. Agora me sentia como se tivesse sido feito prisioneiro com aqueles meninos no Passo Soloviov, na Bolsa de Valores de Kharkov, nas pedreiras de Kerch; Com as mãos atrás de mim, carreguei meu orgulho soviético para trás do arame farpado do campo de concentração, e esperei nas horas frias por um bule de *kawa* gelado (um substituto do café) e desabei sem conseguir

chegar à cozinha; no campo do oficial 68 (Suwalki) cavei, com as mãos e a tampa da panela, uma fossa em forma de funil (mais estreito para cima) para não passar o inverno no meio da esplanada; e enquanto eu estava morrendo, um prisioneiro bestializado rastejou até mim para morder a carne ainda quente de meu braço; e a cada novo dia minha exacerbada consciência faminta, no quartel dos tifianos e diante do arame farpado do vizinho acampamento de ingleses, uma ideia clara penetrava cada vez mais em meu cérebro moribundo: que a Rússia soviética renunciara a seus filhos moribundos. "Os orgulhosos filhos da Rússia" eram necessários para ela enquanto se jogavam sob os tanques, enquanto podiam ser lançados no ataque. Mas alimentá-los em cativeiro? Eles eram sobras de bocas. E sobras de testemunhas de derrotas vergonhosas.

Às vezes, queremos mentir, mas a língua não nos deixa. Para esses homens eles foram declarados traidores, mas na linguagem errada é curiosamente tanto juízes como promotores e treinadores. E os próprios condenados, e todo o povo e os jornais repetiam e afirmavam esse erro, involuntariamente dizendo a verdade: queriam declará-los traidores da pátria, mas ninguém disse ou escreveu nos autos de outra forma que "DA terra natal".

Você disse isso! Eles não eram traidores para *ela*, mas *dela*. Não foram eles, infelizes, que traíram sua pátria, mas foi a pátria calculista que os traiu TRÊS VEZES.

Pela primeira vez os traiu mediocrementemente no campo de batalha, quando o governo preferencial do país fez de tudo para perder a guerra: desmontou as linhas de fortificações, colocou a aviação para destruí-la, desmontou os tanques e o artilharia, generais inteligentes aniquilados e exércitos proibidos de resistência.^[132] Os prisioneiros de guerra foram precisamente aqueles que, com seus corpos, receberam o golpe e pararam a Wehrmacht.

Pela segunda vez, a pátria os traiu impiedosamente, deixando-os chutando o balde no cativeiro.

E agora, pela terceira vez, ele os traiu, bajulando-os com amor maternal ("A pátria perdoou vocês! A pátria chama vocês!"). e ele jogou o laço em volta de seus pescoços já na própria fronteira.^[133]

Quantos canalhas foram cometidos e vistos nos mil e cem anos de nossa existência como Estado! Mas havia uma infâmia multibilionária

como esta: trair seus soldados e declará-los traidores?

E com que facilidade os eliminamos de nossa conta: Você traiu? Vergonha! Desista ou cancele a inscrição! Mas, mesmo antes de nós , nosso pai os *dispensou* : ele jogou a nata da intelectualidade de Moscou no triturador Viazma ^[az] com carabinas de 1866, mas com uma para cada cinco. (O que Leo Tolsto posso nos dar uma descrição deste Borodino?) E com um deslocamento obtuso do polegar e do dedo mínimo, o Grande Estrategista enviou por Yenikalé em dezembro de 1941 - sem motivo , apenas para dar notícias espetaculares CEM E VINTE MIL dos nossos meninos, provavelmente tantos quanto os russos em Borodino - e ele os entregou sem luta aos alemães.

E ainda, inexplicavelmente, o traidor não é ele, mas eles.

Com que facilidade nos deixamos levar por apelidos preconcebidos , com que facilidade concordamos em chamar esses vendedores de traidores! Naquela primavera, o velho Lebedev estava em uma cela em Butyrki, um metalúrgico com diploma de professor universitário, parecendo um trabalhador robusto do século passado, ou talvez um ancestral das fábricas de Demidov. Ele tinha ombros largos, testa larga, com uma barba parecida com a de Pugachov e uma grande mão feita para segurar uma concha de cinco arrobas. Na cela, ele usava uma túnica cinza desbotada de trabalhador sobre a cueca , estava desarrumada e parecia um assistente de prisão; isso enquanto ele não se sentava para ler, enquanto a habitual presença autoritária da *ideia* não iluminava seu rosto. Muitas vezes nos reuníamos em torno dele e ele falava menos de metalurgia : com voz grave explicava que Stalin era tão cachorrinho quanto Ivan, o *Terrível*: "*Atira! Espere! Não olhe!*", Aquele Gorky era um brisa, um badalo e um justificador de executor. Aquele Lebedev me surpreendeu: era como se todo o povo russo estivesse diante de mim encarnado em um único torso forte, com aquela cabeça que refletia sabedoria, com aquelas mãos e pés de labrador. Em tantas coisas ele reconsiderou! "Aprendi com ele a interpretar o mundo!" E ele, Lebedev, de repente, com sua mão afiada, proclamou que aqueles do *ser* eram traidores do país e não podiam ser perdoados. E aqueles de *um estão* lotados em todos os beliches ao redor. Como aqueles meninos se sentiram feridos! O velho, em nome da Rússia da terra e do trabalho, declarou com firmeza, e eles ficaram com vergonha e vergonha de se defender. Dois garotos com o "ponto dez" e eu tive que defendê-los e discutir com o velho. Mas até que ponto vai a ofuscação criada pela

monótona mentira oficial! Mesmo os mais inteligentes entre nós são capazes de compreender apenas aquela parte da verdade com a qual ^[134] tropeçaram.

Quantas guerras a Rússia travou (menos teria sido melhor); mas conhecemos muitos traidores dessas guerras? Já foi observado que a traição se forma no espírito do soldado russo? E vejam só, sob o regime mais justo, a guerra mais justa começou e milhões de traidores surgiram repentinamente entre as pessoas mais simples. Como entender isso? Como você explica isso?

A Inglaterra capitalista estava lutando contra Hitler ao nosso lado; a pobreza e os sofrimentos de sua classe trabalhadora foram eloquentemente expostos por Marx. E por que apenas um traidor saiu *deles* nesta guerra: o comerciante Lord *Bow-wow*? E, em nosso país, milhões?

É assustador abrir a boca. E se o motivo estiver no sistema estadual ...?

Um velho provérbio nosso já justificava a capitulação: "O prisioneiro gritará, mas os mortos nunca." Em tempos do czar Alexei Mikhailovich, *desenvolvendo c autiverio* concedido títulos de *nobreza*. A troca de prisioneiros, dando-lhes cuidado e calor humano, foi a tarefa da sociedade em TODAS as guerras subsequentes. Cada fuga do cativo foi saudada como o maior heroísmo. Ao longo da Primeira Guerra Mundial, fundos foram levantados na Rússia para ajudar nossos prisioneiros e nossas irmãs de caridade foram autorizadas a entrar na Alemanha e visitar nossos prisioneiros, e cada jornal diário lembrava ao leitor que seus compatriotas sofreram travessuras cruéis. Todos os povos ocidentais fizeram o mesmo nesta guerra: pacotes, cartas, todas as formas de apoio circularam livremente por países neutros. Os prisioneiros da Europa Ocidental não se abaixaram para comer do rancho alemão, eles trataram os guardas alemães com desprezo. Os governos ocidentais, aos seus soldados que tinham feito prisioneiros, contaram o cativo como anos de serviço, e concederam os graus correspondentes e até os salários mensais.

O soldado do Exército Vermelho é o único no mundo que não *desiste!* É assim que está escrito no Regulamento (*Ivan plen nicht*, os alemães gritaram conosco de suas fronteiras), mas quem poderia imaginar o significado disso? Existe guerra, existe morte, mas não existe rendição! Que achado! Isso significa: vá e morra, vamos continuar vivendo! Mas se você perdeu suas pernas, voltou do cativo com muletas e vivo

(Leningradan Ivanov, líder de um pelotão de metralhadoras na guerra finlandesa, foi mais tarde preso no campo Ustvym), nós o julgaremos.

Só nosso soldado, rejeitado pela pátria e o mais desprezível aos olhos dos inimigos e aliados, aspirava receber a mistura de carne de porco que lhe foi dada pela porta dos fundos do Terceiro Reich. Só ele tinha a porta da pátria fechada e trancada, embora os mais jovens relutassem em acreditar que havia um artigo 58-1-b e que para ele em tempo de guerra a pena mais branda era a execução. Porque o soldado não queria morrer de uma bala alemã, é por isso que ele deve morrer após o cativo de uma bala soviética! Os inimigos dos outros e nós dos nossos.

(Embora seja ingênuo dizer: *porque*. Governos de todas as idades têm muito poucos moralistas. Eles nunca executaram ou prenderam pessoas *por* nada. Eles encarceraram e executaram *por não*. Todos esses prisioneiros foram presos, é claro, não *por* terem traído a pátria, porque até o mais imbecil sabe que por traição só se pode condenar o vltro visto. Puseram tudo isto em campos *para que não* evocassem a Europa entre os seus conterrâneos. Com o que não se vê, não sonha) ...

Então, que caminhos os prisioneiros de guerra russos enfrentaram? *Legítimo*, apenas um: deite-se e deixe-se ser pisado. Cada fiapo vai para seu caule frágil para viver. Mas deite-se e se achatar. Ainda que com um pouco de atraso, morra agora, pois você não conseguiu morrer no campo de batalha, e então não será julgado.

*Os soldados mentem. Eles disseram sua palavra
E eles estão certos em perpetuidade .*

E todos os outros caminhos que seu cérebro desesperado pode imaginar: todos eles levam a um choque com a lei.

A *fuga* para chegar à pátria, pelo arame farpado do campo, pela metade da Alemanha, depois da Polónia ou dos Bálcãs, levou a SMERSH e ao cais: como é que conseguiste escapar quando outros não conseguem? Aqui está um gato preso ! Diga, bastardo, que *missão* você tinha? (Miljail Burnantsev, Pavel Bondarenko e inúmeros outros). ^[135]

A fuga para os guerrilheiros ocidentais, para as Forças de Resistência, apenas atrasou o pagamento de toda a sua dívida aos tribunais, mas isso o tornou ainda mais perigoso: vivendo livremente entre os europeus, você poderia ser infectado com uma prejudicial. E se você não teve medo de

fugir e depois lutar, você é um homem determinado, é duplamente perigoso para o país.

Sobre viver no país em nome de seus compatriotas e colegas? Tornar-se um policial de campo, um comandante, um assistente dos alemães e até a morte? A lei staliniana não o punia mais severamente do que a participação na Resistência: o mesmo artigo e os mesmos anos de pena (você pode adivinhar por quê: aquele homem era menos perigoso!) Mas a lei interna que inexplicavelmente carregamos dentro proibia dessa forma para tudo menos a sujeira.

Excluindo esses quatro ângulos, além de suas forças ou inaceitáveis, restava um quinto: espere os recrutadores, espere que eles chamem você de algum lugar.

Às vezes, felizmente, representantes dos distritos rurais vinham e recrutavam braceros para os fazendeiros; aqueles das empresas selecionados engenheiros e trabalhadores. De acordo com o supremo imperativo de Stalin, você também deve negar que foi engenheiro, esconder que é um trabalhador qualificado. Designer ou eletricitista, você mantinha sua pureza patriótica apenas se ficava no campo para cavar a terra, apodrecer, vasculhar as latas de lixo. Portanto, por sua *pura* traição ao país, com a cabeça erguida, você foi creditado com dez anos e cinco sem direitos. Considerando que agora, por traição, com o agravante de ter trabalhado para o inimigo em sua especialidade de cabeça baixa, você recebeu dez anos e cinco sem direitos!

Era a extraordinária precisão de um relógio, característica de Stalin.

Recrutadores completamente diferentes também compareceram: eram russos, quase sempre ex-comissários vermelhos; os guardas brancos não se prestavam a essas tarefas. Os recrutadores convocaram uma manifestação em campo, amaldiçoaram o poder soviético e convidaram as pessoas a se matricularem em escolas de espionagem ou unidades de Vlasov.

Aquele que não passou a fome dos nossos prisioneiros de guerra, não comeu os morcegos que voaram pelo campo, não cozinhou solas velhas, provavelmente não consegue entender que força material adquire qualquer chamado, qualquer argumento se atrás dele uma cozinha fumega. A campanha e todos que acessam recebem mingau até estourar, nem que seja uma vez!, até mesmo na vida!

Mas, além do mingau fumegante, o telefonema do recrutador soava como a atração da liberdade e da vida verdadeira: não importava o que ele

chamasse. Para os batalhões de Vlasov. Para os regimentos de Krasnov. Aos batalhões de trabalho que preparariam o concreto para o futuro Muro do Atlântico. Para os fiordes da Noruega. Para as areias da Líbia. Aos *hiwi* — *Hilfswi llige*—, assessores voluntários da Wehrmacht alemã (em cada empresa alemã havia 12 *hiwis*). Por fim, também a polícia rural, para caçar e caçar os guerrilheiros (muitos dos quais o país também vai renunciar). Não importava onde eles chamavam, tudo era preferível a esticar a perna como gado esquecido.

O homem, a quem *conduzimos* a tal estado que rói morcegos, *nós mesmos* o isentamos de todos os deveres perante o país e perante a Humanidade!

E aqueles nossos meninos, que foram recrutados de campos de prisioneiros de guerra para cursos acelerados de espionagem, ainda não haviam tirado as conclusões extremas de seu abandono, eles ainda se comportavam de uma maneira mais do que patriótica. Eles viram nisso o meio mais barato de escapar do campo. A esmagadora maioria imaginava que assim que os alemães os colocassem em território soviético, eles iriam imediatamente reportar às autoridades, entregar seus dispositivos e instruções, junto com os comandantes joviais eles zombariam dos alemães tolos, vestiriam o uniforme de soldado vermelho e alegremente eles voltariam às fileiras dos combatentes. Diga-me: HUMANALMENTE, QUEM PODERIA ESPERAR QUALQUER MAIS? COMO PODERIA SER DE OUTRO MODO? Eram meninos simples, vi muitos, com rostos redondos que denotavam simplicidade, com um toque cativante de Viatka ou Vladimir. Eles se envolveram alegremente com espões, com quatro ou cinco anos de escola rural e sem qualquer prática no manuseio da bússola e do mapa.

Dessa forma, eu acho, eles imaginaram sua saída como a única bem-sucedida. Era assim que parecia cara e boba toda a companhia do comando alemão. Mais não. Hitler sabia em que pé Stalin estava mancando. A espiomania era uma característica da demência de Stalin. Stalin imaginou o país repleto de espões. 58-b, um ponto de espões, foi enforcado de todos os chineses que habitavam o Extremo Oriente soviético, foram transferidos para os campos do norte e lá sucumbiram. O mesmo destino se abateu sobre os chineses que participaram da guerra civil e não partiram a tempo. Várias centenas de milhares de coreanos foram e Livross no Cazaquistão, todos suspeitos do mesmo. Todos os soviéticos que alguma vez viajaram para o

estrangeiro, que alguma vez pararam em frente ao hotel «Inturist», que alguma vez apareceram numa foto ao lado de uma fisionomia estrangeira, ou que fotografaram um edifício na cidade (as Portas de Ouro de Vladimir, século 12), foram acusados do mesmo. Aqueles que olharam com insistência para a ferrovia, uma ponte rodoviária, um esgoto, foram acusados do mesmo. Os muitos comunistas estrangeiros que permaneceram na União Soviética, todos os pequenos e grandes funcionários do Comintern, sem fazer distinções individuais, foram acusados antes de tudo de espões.^[136] E os fuzileiros letões, as baionetas mais seguras dos primeiros anos da revolução, quando foram presos em massa em 1937, também foram acusados de espionagem. Stalin apropriou-se e multiplicou a famosa frase de Catarina II: preferiu apodrecer novecentos e noventa e nove inocentes na prisão para não deixar escapar um verdadeiro espião. Então, poderiam os soldados russos acreditar que estiveram nas mãos da espionagem alemã? Como os milhares de soldados que vinham chutando da Europa tornaram mais fácil trabalhar com o MGB e que não esconderam que eram espões recrutados voluntariamente! Que confirmação precisa das previsões do Sábio entre os Sábios! Entrem, entrem, seus idiotas! Preparamos o artigo e a recompensa para você!

Vale a pena perguntar: mas também houve quem não se prestasse a nenhum recrutamento; que ele não trabalhou para os alemães em sua profissão; que ele não era *ordner* no campo; e *toda a guerra foi passada em cativo sem torcer o nariz*; e ainda assim ele não morreu, embora isso seja quase inacreditável. Por exemplo, eles fizeram isqueiros de sucata, como os engenheiros elétricos Nikolai Andreievich Semionov e Fyodor Fiodorovich Karpov, e com isso se alimentaram. É possível que a pátria não perdoou sua rendição?

Não, ele não a perdoou. Conheci Semionov e Karpov em Butyrki, quando os legítimos já haviam sido enforcados ... quantos? O leitor sagaz já sabe: *dez e cinco sem direitos*. Eles eram engenheiros brilhantes, mas REJEITAM a proposta alemã de trabalhar em sua especialidade. E em 1941 o segundo-tenente Semionov tinha SE VOLUNTADO para a frente! E em 1942 ainda caminhava com o *coldre vazio*, por falta de pistolas (o juiz de instrução não entendeu por que, antes de se render, ele não "atirou em si mesmo com o coldre"). TRÊS vezes ele evitou o campo. E em 1945, quando o libertaram, como punição o montaram em um de nossos tanques (em um tanque de pouso) e ele participou da TOMADA DE BERLIM e

recebeu a ordem da *Estrela Vermelha* e depois de tudo isso foi preso definitivamente e *condenado*. Esse é o espelho de nosso Nemesis.

Poucos prisioneiros de guerra cruzaram a fronteira soviética como homens livres, e aqueles que entraram na confusão foram posteriormente capturados, em 1946 ou 1947. Alguns foram presos em matadouros na Alemanha. Outros, mesmo que não tivessem sido presos, da fronteira foram transferidos em vans com vigilância para um dos muitos, espalhados por todo o país, Campos de Verificação e Filtração (CC F). Esses campos eram indistinguíveis dos Campos de Trabalho de Reeducação (CTR), exceto que os detidos nesses campos ainda não haviam sido sentenciados, o que fariam quando chegassem ao CTR. Em todo caso, eles também aproveitaram esses CCFs: foram instalados ao pé de uma fábrica, uma mina, um canteiro de obras e ex-prisioneiros de guerra, observando a pátria recuperada através do mesmo arame farpado da Alemanha, eles já poderiam aderir ao dia de trabalho de dez horas desde o primeiro dia. Durante as férias - à noite e de madrugada - os sujeitos à verificação eram interrogados; Para isso, os CCFs contaram com inúmeros agentes e juízes de instrução. Como sempre, o resumo foi baseado na tese de que você era culpado de antemão. Você, sem sair da cerca, teve que provar que *não* era culpado. Para tal, só podia ir às testemunhas (outros prisioneiros de guerra) que talvez tivessem ido para outro CCF, no quinto pinheiro. É por isso que os agentes de Kemerovo pediram relatórios ao Solikamsk e interrogaram as testemunhas e enviaram as respostas e pediram novos relatórios e também o interrogaram como testemunha. Assim, esclarecer a questão poderia demorar um ou dois anos, mas o país não perdeu nada com isso: de qualquer forma, você continuou a extrair carvão todos os dias. E se uma das testemunhas declarasse algo desfavorável a você ou se ela já não estivesse viva, você já foi tratado como um traidor do país e a Corte, em sessão especial, confiaria a você sua *década*. Se, por mais que tenham pensado no assunto, descobriu-se que aparentemente você não serviu aos alemães e, mais importante, nem teve tempo de ver os americanos ou ingleses (a libertação do cativeiro, não para nós mas para ELES era uma circunstância muito agravante), então os agentes determinavam a que tipo de isolamento você tinha direito. Alguns foram prescritos a mudança de local de residência (isso sempre os obriga a romper o contato com o ambiente, torna o homem mais vulnerável). Em outra proposta nobremente eles vão trabalhar nos campos de concentração da guarda. Dessa forma, aparentemente livre, a pessoa perdeu toda a

liberdade individual e teve que se deslocar para um local isolado. Os terceiros receberam um aperto de mão e, embora pela simples rendição tivessem merecido a execução, foram humanamente enviados para casa. Mas essas pessoas ficaram felizes antes do tempo. À sua frente, pelos canais secretos das Seções Especiais, seu *dossiê* chegava ao destino. Essas pessoas tornaram-se para sempre pessoas que *não* eram *nossas*, e no primeiro encarceramento em massa, como em 1948 e 1949, foram colocadas em agitação ou qualquer outro ponto apropriado, com essas pessoas eu também fui preso.

"Ah, se eu soubesse ...!": Esse era o refrão nas celas daquela primavera. Se eu soubesse que eles me receberiam assim! Que eles iam me enganar assim! Que essa sorte me esperava! Eu voltaria para minha terra natal? Nunca!! Eu teria ido para a Suíça, para a França! Atravesse o mar! O oceano! Três oceanos! ^[137]

Os mais criteriosos os corrigiram: cometemos o erro antes. Em 1941, não deveríamos estar na primeira fila. Devíamos ter nos camuflado na retaguarda desde o início, é ou sim fica tranquilo, agora eles são os heróis. E teria sido ainda melhor desertar: caminharíamos com a nossa pele inteira e por isso não têm dez anos, mas oito e sete; e no campo não se pode deslocá-los de nenhuma posição: o desertor não é inimigo, traidor, político, é um de nós, um *homem comum*. Outros objetaram exaltados: os desertores passarão todos esses anos presos e apodrecendo, não serão perdoados. Mas para nós, em breve haverá anistia, em breve todos eles vão nos libertar. (Eles ainda não sabiam a principal vantagem do desertor ...!)

Quem, com o ponto 10, ficou preso em casa ou no Exército Vermelho, até disse com inveja: o diabo entende, *pelo mesmo preço* (pelos mesmos dez anos) ele teria visto tantas coisas interessantes, como esses caras! quantos lugares eles estiveram! E apodreceremos no campo sem ter passado além de nosso portal fedorento. (É verdade que aqueles de 58-10 mal conseguiam esconder a alegria de serem anistiados em primeiro lugar!)

Aqueles que não exclamaram "Oh, se eu soubesse!" (porque eles sabiam o que buscavam) e não esperavam misericórdia, eles eram os Vlasovistas.

Muito antes de nosso encontro inesperado nos beliches da prisão, eu tinha ouvido falar deles e eles me intrigaram.

Em primeiro lugar, eram folhetos mais de uma vez molhados e mais de uma vez secos, enredados na grama alta, três anos sem ceifar, da frente de Orel. Os panfletos anunciavam a criação, em dezembro de 1942, de um certo 'comitê russo Smolensk', que não sei se fingia ser algum tipo de governo russo ou não. Aparentemente, os próprios alemães também não haviam decidido. Portanto, aquela notícia vacilante parecia uma ficção. Os panfletos traziam a foto do general Vlasov e exibiam sua biografia. Na foto borrada, seu rosto parecia o de um homem gordo e satisfeito, como o de todos os nossos generais recém-formados. (Depois me disseram que não era assim, Vlasov parecia mais um general do Ocidente: era alto, magro e usava óculos de tartaruga) . A biografia parecia confirmar que ele tivera sorte: seu histórico de serviço como conselheiro militar de Chiang Kai-shek era impecável. O primeiro choque de suas vidas foi, precisamente, quando eles deixaram seu 2º Exército de Choque para morrer mediocrementemente de fome em uma cerca. Mas que frases dessa biografia poderiam ser creditadas? ^[138]

Olhando para a foto, era impossível acreditar que ele era um homem extraordinário ou que há muito sentia a dor da Rússia. E os folhetos anunciando a formação do ERL ("Exército Russo de Libertação"), além de escritos em péssimo russo, tinham um cheiro estranho, claramente alemão, e com certo desinteresse pelo assunto, mas com uma ostentação grosseira de razão. de seu suculento mingau e da alegria reinante entre os soldados.

Você não acreditava na existência desse Exército, mas se fosse verdade que ele existia, eles poderiam ser tão felizes ...? Mentir assim só poderia ser feito por um alemão. ^[139]

Que era verdade que os russos lutaram contra nós e que lutaram com mais coragem do que qualquer SS, logo descobrimos. Em julho de 1943, perto de Orel, um pelotão de russos em uniforme alemão defendeu a aldeia de Sobakin skie Vyselki. Eles lutaram com tanto desespero como se este Vyselki tivesse sido feito eles mesmos. Um estava encurralado em um porão; quando colocaram granadas de mão nele, ele ficou em silêncio; mas assim que alguém tentasse penetrar, ele colheria com toda a sua lâmina. Só quando jogaram uma granada antitanque é que viram que havia outro fosso mais profundo no porão, onde eram guardadas granadas convencionais. Você pode imaginar o quão atordoado, machucado e desesperado ele deveria estar; mas ele continuou lutando.

Eles também estavam defendendo uma cabeça de ponte inexpugnável no Dnieper, ao sul de Tursk; lá, por duas semanas, eles lutaram sem sucesso por cem metros; os ataques foram terríveis e o frio o mesmo (dezembro de 1943) . Nesse violento combate de inverno que durou muitos dias, eles e nós vestimos casacos de máscara brancos, que cobriam o boné e a capa, e perto de Malye Kozlovichi - disseram-me - ocorreu este caso: Em um ataque, dois se perderam entre os alfinetes e eles se deitaram juntos, e sem entender bem o assunto, eles atiraram em alguém e em alguma coisa. Ambos carregavam metralhadoras soviéticas. As balas foram distribuídas, encorajaram-se mutuamente, praguejaram porque o óleo da submetralhadora engrossava com o frio . Finalmente as balas pararam de assobiar, o alimentador emperrou e eles decidiram fumar; puxaram os capuzes brancos, e foi então que descobriram nos gorros: um, a estrela, e o outro, a águia. Levantaram-se. As submetralhadoras não funcionavam. E começaram a sacudir a cabeça e a perseguir-se: não era mais uma questão de política ou de pátria, mas de uma desconfiança elementar do homem das cavernas: se eu tiver pena dele, ele me mata!

Na Prússia Oriental, a poucos passos de onde eu estava, eu ainda dirigia três Vlasovistas capturados ao longo do acostamento e um tanque T-34 cruzava a estrada. De repente, um dos prisioneiros tropeçou, saltou e, como uma andorinha, escorregou para baixo do tanque. O tanque torceu, mas mesmo assim o esmagou com a borda da pista. Esmagado, ele ainda estava se contorcendo, uma espuma vermelha escorrendo de seus lábios. Você poderia entendê-lo. Ele preferia a morte de um soldado a ser enforcado em uma masmorra.

Eles não tinham escolha. Eles não podiam lutar de outra maneira. Eles não tinham como lutar para se cuidar um pouco mais. Se a rendição "pura" foi considerada em nosso país uma traição imperdoável à pátria, que dizer daqueles que pegaram em armas inimigas? Nossa propaganda grosseira explicava o comportamento dessas pessoas pelos seguintes motivos: 1) traição (biológica? O que está em seu sangue?) E 2) covardia. Covardia, nada! O covarde procura sites que ofereçam indulgência, condescendência. Ele levou os destacamentos "Vlasovistas" da Wehrmacht ao extremo; apenas desespero além dos limites, apenas ódio insaciável pelo regime soviético, apenas desprezo pela própria vida. Eles sabiam que nem mesmo um traço de misericórdia os alcançaria aqui. Em nosso cativeiro, eles ainda foram baleados assim que a primeira palavra russa saiu de suas bocas. Em

nosso cativo, como no alemão, ninguém passou por momentos piores do que os russos.

Essa guerra nos revelou que na terra não há nada pior do que ser russo.

Lembro-me, com vergonha, que na exploração (digamos, pilhagem) do saco Bobruisk, eu estava descendo a estrada no meio de caminhões alemães destruídos e capotados, em meio a uma exuberância de troféus espalhados, e em um coche, no qual eles tinham Carros e caminhões ficaram presos, percherons alemães vagavam sem rumo e fogueiras, também feitas com troféus, fumegavam; Eu ouvi um grito de socorro: "Sr. Capitão, Sr. Capitão." Em russo perfeito, um soldado me chamava, em busca de proteção, um soldado que marchava a pé com calças alemãs, todo nu, com o rosto, peito, ombros e costas ensanguentados, e um sargento de contra-espionagem a cavalo, ele empurrou à sua frente com um chicote e com o cavalo a galope. O sargento batia em seu peito nu, sem deixá-lo se mexer, sem deixá-lo gritar por socorro, continuava empurrando e batendo nele, marcando novas listras vermelhas em sua pele.

Não foi uma guerra púnica, não foi uma guerra greco-persa. Qualquer oficial de qualquer exército do mundo que tivesse qualquer poder tinha que parar com essa tortura arbitrária. De qualquer um, sim, mas do nosso ...? Com nossa ferocidade e absolutismo na divisão da Humanidade? (*Se ele não está conosco, se ele não é nosso ...*, etc., ele só é digno de desprezo e morte). Bem, eu consegui ter que defender um Vlasovista antes de um da contra-espionagem; NÃO DISSE NEM FIZ NADA, PASSEI, COMO SE NÃO A tivesse ouvido, para que aquela praga reconhecida por todos não me pegasse. (E se aquele Vlasovista fosse um super mal ...? E se a contra-espiã Naje acreditasse que eu ...? E se ...?) Mais simples ainda: para quem conhece o meio ambiente naquela época do Exército, aquele sargento de contra-espionagem ele teria dado ouvidos a um capitão?

Com cara de brutal, o sargento continuou a chicotear e perseguir o homem na defesa, como se ele fosse um imigrante.

Esta pintura permaneceu gravada em minha retina para sempre. É quase o símbolo do Arquipélago, que poderia ser colocado na capa do livro.

Eles tinham um pressentimento, sabiam de tudo isso de antemão, e ainda um escudo com uma filiera branca, vermelha e azul, a cruz de Santo André e as iniciais "ELR" foram costurados na manga do uniforme alemão.

[140]

Os habitantes das áreas ocupadas os detestavam como mercenários dos alemães, os alemães por seu sangue russo. Seus miseráveis jornais foram

submetidos ao machado da censura alemã: Grande Alemanha e o Führer. Assim, os Vlasovistas não tinham mais nada além de lutar até a morte e, nas horas vagas, beber vodca e mais vodca. A PERDIÇÃO DE IABLE IRREMED, que ditou sua existência em todos os anos de guerra e exílio. E não havia saída.

Hitler e sua comitiva, quando já estavam se retirando de todos os lugares, às vésperas da derrota, não foram capazes de superar sua sólida desconfiança em unidades russas autônomas, para optar por criar divisões russas completas, a partir de uma sugestão de Rússia independente, não subordinada a elas. . Somente na esteira do último desastre, em novembro de 1944 um espetáculo tardio foi permitido (em Praga): a convocação do «Comitê para a Libertação dos Povos da Rússia», que incluiu todos os grupos nacionais, e a publicação de um manifesto (bastardo como todos, porque nele uma Rússia separada da Alemanha e o nazismo não foi concebido). Vlasov tornou-se presidente do comitê . Foi apenas no outono de 1944 que as divisões Vlasovistas compostas inteiramente por russos

^[141] começaram a se formar. Os sábios políticos alemães provavelmente imaginaram que os trabalhadores russos (*ost*) começariam a agarrar seus braços. Mas o Exército Vermelho já estava no Vístula e no Danúbio ... E como que zombando, para confirmar a sagacidade dos alemães menos sagazes, essas divisões de Vlasov em sua primeira e última ação autônoma, desferiram o golpe ... contra os alemães ! Em meio ao desastre geral, sem coordenação com o Oberkommando, Vlasov, no final de abril, reuniu suas duas divisões e meia perto de Praga. Aqui, soube-se que o general SS Steiner estava se preparando para destruir a capital tcheca, não para entregá-la em pé. E Vlas ov ordenou que suas divisões ficassem do lado dos tchecos rebeldes. E toda a ofensa, a amargura e a raiva contra os alemães que os escravos russos acumularam nesses três anos cruéis e insanos, eles agora descarregaram no ataque: eles o fizeram de uma parte inesperada e os expulsaram de Praga. (Será que todos os tchecos mais tarde perceberam *quais russos* haviam salvado sua cidade? Em nosso país a história foi distorcida, e dizem que Praga foi salva pelas tropas soviéticas, mesmo que não tivessem tempo).

Mais tarde, o exército de Vlasov começou a recuar em direção aos americanos, em direção à Baviera: os aliados eram sua única esperança, que talvez fossem úteis para os aliados e então seu longo enforcamento na corda alemã se iluminaria . Mas os americanos os receberam como um muro

armado e os forçaram a se render aos soviéticos, como havia sido previsto na conferência de Yalta. Naquele mesmo maio, na Áustria, Churchill, como um aliado leal (por causa de nossa modéstia usual, ele não se deu a conhecer aqui) deu outro passo semelhante: entregou ao comando soviético um corpo de exército cossaco de 90.000 homens, ^[142] além de muitos comboios, com velhos, menores e mulheres, que não queriam voltar aos rios cossacos . (O grande homem, cujos monumentos acabariam por invadir a Inglaterra, decidiu entregá-los à morte também.)

Além das divisões Vlasovistas que se formavam às pressas, não poucas unidades russas menores ainda estavam nas profundezas do Exército Alemão, vestindo o uniforme alemão indistinguível. Eles acabaram com a guerra em diferentes setores e de maneiras diferentes.

Dias antes de minha prisão, as balas dos Vlasovistas também assobiaram sobre minha cabeça. Também havia russos na sacola que fizemos na Prússia Oriental. Uma noite no final de janeiro, sua unidade tentou ir para o oeste através de nossas linhas, sem preparação de artilharia, em silêncio. A frente era descontínua, eles rapidamente foram fundo e agarraram minha bateria de longa distância, que era muito avançada, com um alicate , então eu mal tive tempo de evacuá-la pelo último caminho livre. Mas então eu voltei por um caminhão danificado e, ao amanhecer, vi como eles se concentraram na neve em batas de máscara e, com 'vivas ', atacaram um grupo de artilharia 152 mm estacionado perto de Adlieg Swenkitten, e com granadas destruíram doze canhões pesados, não permitindo que eles disparassem um único tiro. Perseguidos por suas balas traçadoras, nossos últimos homens tiveram que correr três quilômetros pela neve virgem até uma ponte sobre o rio Passarge. Eles foram presos lá.

Pouco depois fui preso e agora, na véspera da Parada da Vitória, estávamos juntos nos beliches do Butyrki; Fumei seus cigarros; eles, meus, e nós dois tiramos o molho de folha de flandres para cinco arrobas.

Muitos "vlasovistas", como os "espões baratos", eram meninos, nascidos entre 1915 e 1922, a mesma "geração jovem e desconhecida" que, em nome de Pushkin, correu para saudar o turbulento Lunacharsky. A maioria caiu nas formações militares pela mesma cadeia de coincidências pelas quais no campo vizinho seus companheiros caíram em espões, dependendo de qual recrutador aparecesse.

Os recrutadores, ele está explicando zombeteiramente, zombeteiramente se não fosse verdade !: "Stalin negou vocês!" "Stalin não

dá a mínima para você!"

A lei soviética os tirou disso antes que eles próprios se afastassem da lei soviética.

E eles se alistaram ... Alguns, para escapar do campo mortal. Outros, calculando que iriam para os guerrilheiros (e foram lá! E então lutaram ao lado dos guerrilheiros! Mas, segundo os padrões de Stalin, isso não serviu em nada para amenizar a condenação). Mas alguns ficaram tristes com o ignominioso ano quarenta e um, a terrível derrota após anos de vanglória; e outros consideraram que o primeiro culpado desses campos desumanos foi Stalin. E faziam questão de provar seu valor, sua terrível experiência: que faziam parte da Rússia e queriam influenciar seu futuro e não ser brinquedos dos erros de outras pessoas.

Mas o destino zombou deles ainda mais; eram bonecos ainda piores. Com superficialidade e presunção obtusa, os alemães apenas permitiram que morressem por seu Reich, mas não permitiram que refletissem sobre um destino russo independente ...

E mesmo os aliados eram dois mil verstas, e quem sabe como eram esses aliados ...

A palavra "vlasovista" soa em nosso país como a palavra "lixo"; Parece-nos que sujamos a boca só de dizê-lo, e é por isso que ninguém ousa dizer duas ou três frases com o adjetivo "Vlasovista".

Mas a história não foi escrita dessa forma. Agora, um quarto de século depois, quando a maioria deles morreu nos campos de concentração e os sobreviventes estão perdidos no extremo Norte, eu queria lembrar, com estas páginas, que na história do mundo este foi um fenômeno totalmente inédito. : várias centenas de milhares de jovens ^[143] entre as idades de 20 e 30 eles pegaram em armas contra sua pátria em aliança com seu inimigo mais furioso. Talvez devêssemos reconsiderar: quem é mais culpado: esses jovens ou a Rússia antiga? Foi uma traição biológica ou talvez houvesse motivos sociais?

Porque, como diz o velho ditado: *se o cavalo ronda, não será por causa da ração.*

Isso deve ser visto: um campo, e por ele cavalos vagam, órfãos, famintos, loucos.

Naquela primavera, muitos emigrantes russos também foram presos .

Parecia um sonho: o retorno da História perdida. Os volumes da Guerra Civil há muito haviam sido escritos e encerrados, seus assuntos

decididos, seus eventos registrados em tabelas cronológicas. As figuras do movimento branco não eram mais nossos contemporâneos na terra, mas fantasmas de um passado que desapareceu. A emigração russa, espalhada mais cruelmente que as gerações de Israel, segundo nossa versão soviética, consumia seus dias como pianista em algum restaurante miserável, de lacaios, esfregões, mendigos, viciados em morfina, viciados em cocaína ... Eles eram cadáveres morrendo. Antes da guerra de 1941 não transcendia nossos jornais, as letras altas, a crítica literária, nenhuma indicação (e nossos professores não nos ajudaram a imaginar isso), que o Estrangeiro Russo era um grande mundo espiritual, que ali a filosofia russa estava se desenvolvendo, havia Bulgakov, Berdiaiev, Losski, que a arte russa cativou o mundo; havia Rachmaninov, Chalia pin, Benua, Diaguilev, Pavlova, o coro Zharov Cossack, que estava estudando Dostoiévski a fundo (então aqui amaldiçoado), que havia um escritor extraordinário, Nabokov-Sirin, que viveu Bunin e escreveu durante aqueles vinte Durante anos, shows foram realizados, congressos de compatriotas foram convocados, onde a língua russa soava e os emigrantes homens não perdiam a capacidade de tomar mulheres emigradas como esposas, e estas de ter filhos, que, portanto, eram nossos compatriotas.

Em nosso país criou-se uma imagem de emigração tão aberrante, que se fosse realizada uma pesquisa massiva: de que lado estavam os emigrantes na guerra espanhola? E na segunda guerra mundial? Todos como um só homem teriam respondido : Com Franco!, Com Hitler! Em nosso país eles ainda não sabem que havia muito mais emigrantes brancos lutando a favor dos republicanos. As divisões de Vlasov e o corpo cossaco de Van Pannevitz ("Krasnov"). Eles eram compostos de cidadãos soviéticos, e não de emigrantes, eles não estavam do lado de Hitler, e entre eles, na solidão estrangeira, Merezhkovski e Hippus, ficaram do lado de Hitler. E como uma anedota, e talvez não como uma anedota: Denikin estava se preparando para lutar a favor da União Soviética contra Hitler e Stalin estava prestes a reintegrá-lo à pátria (não como uma força militar, provavelmente, mas como um símbolo de reconciliação nacional). Durante a ocupação da França, muitos emigrantes russos, velhos e jovens, juntaram-se à Resistência e, depois de libertar Paris, acorreram à Embaixada Soviética para solicitar o seu regresso à sua pátria; Seja como for, Rússia é Rússia! Era o seu lema, e com isso eles mostraram que não mentiam antes quando afirmavam amá-la. (Nas prisões dos anos 1945-1946, eles ficavam

um pouco menos do que felizes com o fato de aquelas grades e aqueles guardas serem russos; eles ficavam surpresos quando os meninos russos coçavam a nuca: "Para que diabos nós voltamos? A Europa era estreita demais para nós? ? »)

Mas se, de acordo com a lógica staliniana, todo cidadão soviético que esteve no exterior tivesse que ser trancado em um campo de concentração, os emigrantes poderiam escapar desse destino? Nos Bálcãs, na Europa Central, em Jarbin, assim que chegaram as tropas soviéticas, foram presos, levados de suas casas, na rua, como a nossa. Em primeiro lugar, levaram apenas homens, e em primeiro lugar, não todos, mas aqueles que tinham alguma atividade política. (Posteriormente, suas famílias foram enviadas em etapas para os locais de exílio na Rússia, mas outras foram deixadas na Bulgária, na Tchecoslováquia). Na França, com honras e flores, eles receberam a cidadania soviética, foram trazidos para casa com conforto e já foram acolhidos aqui. A coisa se atrasou mais com os emigrantes de Xangai; até então não chegaram às mãos no ano de 1945.

Mas ali apareceu um emissário do governo soviético e expediu um decreto do Presidium do Soviete Supremo: perdoem todos os emigrantes! Você não pode acreditar? O Gobi não ia mentir! (Tal Decreto existia ou não existia, isso era algo que não vinculava os *Órgãos*). O povo de Xangai ficou pasmo. Propuseram-se a trazer consigo tudo o que quisessem (vieram com os carros, servirão ao país), para se estabelecerem na União Soviética, onde quisessem; e trabalhar, é claro, em qualquer comércio que quisessem. De Xangai, foram apanhados em barcos. Mas o destino dos navios era diferente: em alguns, inexplicavelmente, eles não se alimentavam. O destino do posto de Nakhodka (um dos pontos de transbordo mais importantes do GULAG) também foi diferente. Quase todos foram colocados em trens de carga, como prisioneiros, embora os guardas de popa e os cães ainda não tivessem aparecido. Alguns foram levados para lugares habitados , para cidades e, de fato, por dois ou três anos, eles puderam viver. Outros foram trazidos diretamente de comboio para o campo de concentração, em algum lugar do Transvolga; em uma floresta na margem alta, eles foram descarregados com seus pianos brancos e seus jarros. Nos anos 1948-1949 eles varreram com os últimos reemigrantes do Extremo Oriente.

Quando eu tinha nove anos, com mais entusiasmo do que Júlio Verne, li alguns livros azuis de VV Shulguin, que foram vendidos pacificamente

em nossas bancas. Era a voz de um mundo tão distante do passado que, mesmo desencadeando toda a minha fantasia, não teria imaginado que, menos de vinte anos depois, os passos do autor e os meus se cruzariam em uma linha invisível nos corredores silenciosos do Bolshaya Lubyanka. É verdade que não nos encontramos então na primavera do ano 45, mas vinte anos depois, mas tive a oportunidade de notar muitos emigrantes, velhos e jovens.

Encontrei-me com o capitão da cavalaria Borsch e o coronel Mariushkin em um exame médico, e a dolorosa aparência de suas relíquias, mais do que corpos, enrugados, amarelo-escuros, ficou em meus olhos. Eles foram presos a cinco minutos do caixão; Eles foram trazidos para Moscou de vários milhares de quilômetros, e aqui, em 1945, completamente a sério, eles investigaram ... sua luta contra o poder soviético em 1919.

Estamos tão acostumados a acumulações de ultrajes sumárias e judiciais que não sabemos mais como esclarecer. Este capitão e este coronel eram oficiais profissionais do exército czarista russo. Estavam ambos na casa dos quarenta anos e serviram no exército por cerca de vinte anos, quando o telégrafo trouxe a notícia de que o imperador havia sido derrubado em Petrogrado. Eles haviam servido vinte anos sob juramento ao czar; agora, com dor de cabeça (e talvez murmurando exorcismos para si mesmos), eles também juraram lealdade ao Governo Provisório. E ninguém mais propôs jurar, porque todos os exércitos haviam entrado em colapso. Eles não gostaram do regime que arrancou as faixas e matou os oficiais e, naturalmente, se juntaram a outros oficiais para lutar contra aquele regime. Era natural para o Exército Vermelho combatê-los e jogá-los ao mar. Mas em um país com pensamento jurídico, mesmo que rudimentar, haveria motivos para JULGÁ-LOS, aliás , um quarto de século depois? (Durante todo esse tempo eles viveram como particulares: Mariushkin, até a própria prisão; Borsch, é verdade, apareceu em um comboio de cossacos na Áustria, mas não em uma unidade armada, mas entre velhos e mulheres).

No entanto, em 1945, no epicentro de nossa jurisdição, foram acusados: de ações destinadas a derrubar o poder dos soviets operários e camponeses; de invasão armada do território soviético (isto é, não deixaram a Rússia imediatamente após Petrogrado ser declarada soviética); de dar ajuda à burguesia internacional (que eles não tinham visto nem em sonhos); para servir aos governos contra-revolucionários (isto é, seus generais, aos quais estiveram subordinados durante toda a vida). E todos esses pontos (1-

2-4-13) do artigo 58 pertenciam a um código penal aprovado em ... 1926, seis ou sete anos APÓS O FIM da guerra civil! (Um exemplo clássico e impudente dos efeitos *retroativos* de uma lei!) Além disso, o artigo 2 do Código indicava que essa lei só era estendida aos cidadãos detidos no território da RSFSR. E a mão da Segurança do Estado estava segurando os não cidadãos e todos os países da Europa e da Ásia! ^[144] Já não se fala em extinção da pena por prescrição: com grande flexibilidade previa-se que a prescrição não prejudicava o artigo 58 (“*Por que tirar o passado ...?*”). A receita se aplica apenas aos nossos algozes domésticos, que mataram muitas vezes mais compatriotas do que toda a guerra civil.

Mariushkin, pelo menos, lembrou-se de tudo e contou detalhes da evacuação de Novorossiisk. Mas Borsch já fofocava e gaguejava ingenuamente que havia celebrado a Páscoa no Lubyanka: no Domingo de Ramos e na Semana Santa comia apenas meia porção de pão; Fui acumulando a outra metade e aos poucos substituindo os pedaços duros por pão fresco. Então, para a Páscoa, ele economizou sete rações e passou os três dias da Páscoa festejando ...

Não sei que tipo de guardas brancos foram os dois na guerra civil: se foram os excepcionais que enforcaram cada décimo operário e açoitaram os camponeses, ou não deles, mas daqueles que o fizeram por maioria de votos dos soldados . O fato de que aqui e agora eles foram brevemente instruídos e julgados não era argumento nem razão. Mas se desde então e por um quarto de século eles não levaram a vida de um sionista honrado, mas de vagabundos sem-teto, então ninguém nos dirá as razões morais para julgá-los. É a dialética que Anatole France usou e que não nos é dada. Segundo a França, o mártir de ontem deixa de ter razão desde o momento em que veste a camisa carmesim. E vice-versa. Mas nas biografias de nossos tempos revolucionários fica claro: se fui cavalo por um ano, quando era potro, para sempre me chamarei de cavalo, embora já seja cocheiro por muito tempo.

O coronel Konstantin Konstantinovich Yasevich se distinguia daquelas múmias de emigrantes estéreis. Aparentemente, sua luta contra o bolchevismo não terminou com a guerra civil. Com que armas e como as usou, ele não me disse isso. Mas acho que até na cela ele teve a sensação de estar na fila. Entre a confusão de conceitos, pontos de vista vagos e rompidos da maioria de nós, ele tinha que ter uma opinião precisa e clara do que o rodeava, e dessa posição diáfana diante da vida vinha a força permanente de seu corpo, sua flexibilidade e atividade. Ele não tinha menos

de sessenta anos, sua cabeça era completamente careca, sem pelos ; Ele já havia passado no sumário (estava aguardando a sentença, como nós) e, claro, não estava recebendo ajuda de ninguém; no entanto, sua pele era jovem, até rosa; Ele era o único na cela que fazia ginástica pela manhã e se banhava na água do rifo (enquanto poupávamos calorias da ração da prisão). Sempre que o corredor entre os beliches ficava livre, ele começava a caminhar aqueles cinco ou seis metros repetidamente com passo firme e marcado, com o perfil do lado cinzelado , os braços cruzados sobre o peito e com os olhos límpidos e claros. jovens espiando além das paredes.

E precisamente porque todos nós estávamos maravilhados com o que estava acontecendo conosco, e para ele quase nada ao seu redor contrariava suas expectativas, na cela ele estava completamente sozinho.

Apreeiei seu comportamento na prisão um ano depois: eu estava de novo no Butyrki e em uma daquelas setenta celas encontrei jovens que apareciam no mesmo resumo de Yasevich, com sentenças de dez e quinze anos. A frase de todo o grupo, escrita em papel cebola, estava estranhamente em sua posse. O primeiro da lista foi Yasevich, condenado à execução. Foi então o que ele vislumbrou além das paredes com seus olhos indignados , em suas caminhadas de mesa em porta. Mas a consciência impenitente de que sua linha de vida estava correta deu-lhe uma força extraordinária.

Entre os emigrantes estava meu contemporâneo Igor Tronko. Nós nos tornamos amigos. Ambos enfraquecidos, secos, com uma pele amarelo-acinzentada nos ossos. (Por que nos tornaríamos tão fracos? Acho que devido à inquietação espiritual). Os dois homens magros e magros, balançando nas rajadas do vento de verão nos bulevares do Butyrki, nós sempre caminhávamos juntos, com o passo cuidadoso dos velhos, e discutíamos o paralelismo de nossas vidas. No mesmo ano, nascemos no sul da Rússia. Ainda éramos seios quando o destino cavou em sua mochila surrada e tirou a palha curta de mim e a longa dele. E sua vida rolava além do mar, embora seu pai "guarda branco" tivesse isso: ele era um simples telégrafo sem cachorro.

Tive um grande desejo de imaginar através de sua vida toda a vida de uma geração de meus compatriotas que lá estiveram. Eles cresceram sob o olhar atento de seus pais, com recursos muito modestos e até pobres. Todos eles receberam uma educação formidável e, quando possível, uma boa instrução. Eles cresceram sem conhecer o medo ou a coerção, embora

enquanto crescessem acusassem alguma pressão autoritária de organizações brancas. Foram educados de tal forma que os males do século, que afetaram todos os jovens europeus (a grande criminalidade, o olhar leve da vida, a falta de reflexão, a dissipação) não os afetaram porque nasceram à sombra do infortúnio indelével de suas famílias. De todos os países onde cresceram, apenas a Rússia era considerada uma pátria. Sua educação espiritual foi baseada na literatura russa, ainda mais cativante quando a pátria acabou nela, que a primeira pátria física não estava presente. Eles tinham publicações modernas muito mais acessíveis do que nós, mas poucas edições soviéticas os alcançaram, e foi essa lacuna que eles sentiram mais agudamente; Eles acreditavam que assim não entenderiam o que é principal, o mais sublime e o mais belo da Rússia Soviética e que o que lhes veio foi o distorcido, a mentira, o incompleto. Suas imagens sobre nossa realidade eram as mais vagas, mas eles não sentiam tal estalga pelo país que, se tivessem sido chamados em 1941, teriam vindo em multidão para o Exército Vermelho, e com mais desejo de morrer do que de viver. Na idade de vinte e cinco a vinte e sete anos, aquele jovem já havia moldado e defendido firmemente vários pontos de vista inconsistentes com as opiniões dos antigos generais e políticos. Assim, o grupo de Igor era um dos "não predeterminadores". Afirmou que quem não compartilhou com a pátria todo o complexo passado das últimas décadas não teria o direito de decidir o futuro da Rússia, nem mesmo de propor nada, mas de dedicar todas as suas forças ao que o povo decidiu.

Fomos vizinhos de beliche por muito tempo. Eu agarrei seu mundo tanto quanto possível, e aquele encontro me convenceu (outros encontros posteriores o confirmaram) que o refluxo com a guerra civil de uma parte considerável das forças espirituais removeu de nós um ramo forte e importante da Cultura russa. E todos os que a amam de verdade aspirarão à fusão dos dois ramos: metrópole e exterior. Só então alcançará sua plenitude, só então revelará sua capacidade de desenvolvimento indecente.

Eu sonho em chegar nesse dia.

O homem é fraco, ele é fraco. Afinal, mesmo o mais teimoso entre nós queria perdão naquela primavera, eles estavam dispostos a desistir de muitas coisas por mais um pedacinho de vida. Circulava a piada: "Suas últimas palavras, réu!" "Por favor, mande-me para qualquer lugar, enquanto

houver poder soviético! E sol" ... Não fomos ameaçados de nos privar do poder soviético, mas fomos ameaçados de ficar sem sol ... Ninguém queria cair além do Círculo Polar, no escorbuto e distrofia. Mas, acima de tudo, não sei por que, uma lenda sobre os Altai floresceu nas células. Os poucos que estiveram lá e, principalmente, os que não estiveram, inspiraram doces sonhos em seus companheiros de cela: Altai! Que país! Extensão Siberiana, clima ameno. Bancos de trigo e rios de mel. Estepe e montanhas. Rebanhos de ovelhas, caça, pesca. Aldeias muito povoadas e abundantes ...

[145]

Que delícia se perder naquele silêncio! Ouça a música clara e retumbante do galo no ar puro! Acaricie o nariz sério e afável de um cavalo! E que um raio te atinja - todos os problemas sublimes - que alguém mais tolo do que eu quebre seu crisma! Descanse lá das blasfêmias dos juízes e do desenrolar exaustivo de sua vida, do barulho das fechaduras da prisão, do embaraço rançoso da cela. Só nos deram uma vida, uma só, pequena e breve! E a atiramos criminosamente contra as metralhadoras ou a pusemos, imaculada, no lixo sujo da política. Lá no Altai, ele poderia viver na cabana mais baixa e escura nos arredores de uma aldeia, perto da floresta. Iria à floresta não por chamarasca nem por cogumelos, mas para ir abraçar duas árvores: meus queridos! Não preciso de mais nada ...!

Aquela mesma primavera convidou à misericórdia: a primavera do fim de uma guerra tão grande! Vimos que aqueles de nós presos corriam aos milhões, que ainda mais milhões nos receberiam nos campos de concentração. Como é possível que tantas pessoas sejam deixadas na prisão após a maior das vitórias mundiais! Eles nos impedem de nada mais do que nos assustar, para que possamos nos lembrar melhor dele! Claro que haverá uma grande anistia, que nos libertará a todos muito em breve. Alguns até juraram que leram no jornal que Stalin, nas respostas a um correspondente americano (qual era o nome da correspondência esponsal? Não me lembro) ... dizia que depois da guerra, no país teríamos uma anistia como nunca antes. vi outro no mundo. Para outros, o próprio juiz de instrução disse-lhes que era certo que logo haveria uma anistia geral (a investigação foi favorecida por essas farsas, que quebraram nossa vontade: vão para o inferno, vamos assinar; total, pelo que nos resta !)

Mas a *misericórdia nasce da sanidade*. Isso se aplica a toda a nossa história e por muito tempo.

Ignoramos os poucos sensatos entre nós que afirmavam que em um quarto de século não havia anistias políticas e que nunca haveria. (Algun

estudioso entre os informantes respondeu: "Bem, em 1927, pelo 10º aniversário de outubro, todas as prisões estavam vazias e *penduraram bandeiras brancas!*") Essa imagem incrível de bandeiras brancas nas prisões "Por que branco?" Foi o que mais mexeu com os corações .^[146] Cobrimos a boca dos mais sensatos de nós, que diziam que se éramos milhões na prisão, era precisamente porque a guerra acabou: na frente já não precisávamos dela; na retaguarda corríamos o risco de ursos, e nas obras distantes, sem nós não havia quem colocasse um tijolo. Fomos privados da capacidade de renunciar o suficiente para entrar, se não nos cálculos do ódio, pelo menos nos cálculos econômicos de Stalin: estaria um recém - formado do Exército disposto a deixar a família e a casa para ir para Kolyma, para Vorkuta, para a Sibéria, onde ainda não havia estradas nem casas? (Foi pouco menos do que uma comissão da Comissão de Planejamento do Estado para definir o número exigido de MVD de prisioneiros .) A anistia! Uma anistia magnânima e abrangente era o que almejávamos! Dizem que na Inglaterra, até nos aniversários da coroação, todos os anos há anistias!

Eram anistias de muitos políticos por ocasião do tricentenário da dinastia romana .^[ba] É possível que agora, depois de uma vitória de importância secular, ou talvez maior, as estâncias governamentais Stalinian para uma vingança mesquinha, que leva em conta todos os deslizamento e deslizamento de cada um dos seus pequenos assuntos ...?

Era uma verdade simples, mas também tinha que ser sofrida: nas guerras não se abençoam as vitórias, mas as derrotas! Os governos precisam de vitórias, os povos precisam de derrotas! Depois dos triunfos você quer mais triunfos, depois da derrota você quer liberdade, e quase sempre ela é alcançada. As pessoas precisam de derrotas, assim como as pessoas precisam de sofrimentos e infortúnios, que nos obrigam a nos concentrar na vida interior, que eles elevam espiritualmente .

Vitória de Poltava^[bb] foi uma desgraça para a Rússia: deu origem a dois séculos de grande tensão, ruínas, perda de liberdade e cada vez mais guerras. A derrota de Poltova estava economizando para os suecos: os suecos, perdendo o desejo de lutar, tornaram-se o povo mais próspero e livre da Europa.^[147]

Estamos tão acostumados a nos orgulhar de nossa vitória sobre Napoleão que esquecemos que: justamente graças a ela, a emancipação dos servos não aconteceu meio século antes; de que; precisamente por causa dela, o trono robusto derrotou os dezembristas. (A ocupação francesa não foi real para a Rússia). Por outro lado, a Guerra da Criméia, a Guerra do Japão , a Guerra da Alemanha, todas nos trouxeram liberdades e revoluções.

Naquela primavera, acreditávamos na anistia, mas não tínhamos o menor resquício de originalidade. Quando você fala com os presidiários, aos poucos vai esclarecendo que aquela sede de misericórdia e aquela fé na misericórdia nunca saem das paredes cinzentas da prisão. Década após década, as várias correntes de prisões sempre esperaram e sempre acreditaram: ora em uma anistia, ora em um novo código, ora em um arquivamento geral dos casos (e essas fraudes, sempre com cautela hábil, foram mantidas pelo *Órgãos*). Para qualquer aniversário múltiplo de outubro, para os aniversários de Lenin e para os dias da Vitória, para o dia do Exército Vermelho ou para o dia da Comuna de Paris, para cada nova sessão do Executivo, para o leilão a cada cinco anos, para cada plenário do Supremo Tribunal Federal; a quantas coisas a imaginação do prisioneiro ligou a tão esperada descida do anjo da libertação. E quanto mais ferozes e homéricos os prisioneiros eram, quanto mais impressionante era a enxurrada de prisioneiros , mais eles despertavam não a sanidade, mas a crença na anistia.

Todas as fontes de luz em um grau ou outro podem ser comparadas ao Sol. Mas o Sol é incomparável. Portanto, todos os garçons do mundo podem ser comparados a esperar por uma anistia, mas esperar por uma anistia não é comparável a nada.

Na primavera de 1945, todos os que entraram na cela foram questionados pela primeira vez se haviam ouvido alguma coisa sobre a anistia. E quando dois ou três foram retirados da cela COM OS EFEITOS, os especialistas na cela imediatamente compararam suas CAUSAS e chegaram à conclusão de que eram as *mais brandas*, então, sem dúvida, foram levados para aplicá-las. solto. *Começou!* No banheiro e no banheiro, nos correios dos presos, em todos os lugares nossos ativistas procuravam placas e notas sobre a anistia. E de repente, no famoso corredor púrpura, na saída dos banhos Butyrki, lemos no início de julho, uma enorme profecia, escrita com sabão nos ladrilhos roxos, a uma altura muito mais alta que a de

um homem (eles se empoleiraram um em cima do outro para levar mais tempo para apagar):

"Viva !!! Em 17 de julho, anistia! "^[148]

Que euforia nossa! ("Se eles não soubessem, não teriam escrito, certo?"). Tudo que latejava, pulsava, tremia no corpo, parava devido ao batimento cardíaco de alegria que agora a porta se ia abrir ...

Mas a CLEMÊNCIA NASCE DA SANIDADE ...

Em meados daquele mesmo mês de julho, um velho da nossa cela foi ordenado pelo guarda da sala a limpar a sanita e aí sozinho (na presença de testemunhas não teria ousado) perguntou-lhe, olhando com compaixão para a sua cabeça branca: "Que artigo você tem, pai?" "Cinquenta e oito", regozijou-se o velho, três gerações de luto em casa. "Você não vai se beneficiar" ... suspirou o guardião. "Coisas bobas! A célula decidiu. Esse guardião é ignorante ».

Naquela cela estava um jovem de Kiev, o Valentin (não me lembro o sobrenome dele), com olhos enormes, de mulher, muito assustado com a investigação. Ela era, sem dúvida, uma vidente, embora talvez só então, com entusiasmo. Mais de uma vez correu o celular pela manhã, apontando: hoje é a sua vez, eu vi em meus sonhos! E eles foram levados embora! Para eles precisamente! É verdade que a alma do prisioneiro é tão dada ao misticismo que ele aceita as profecias quase sem admiração.

Em 27 de julho, Valentin se aproximou de mim: "Alexandr, hoje é a sua vez." E ele me contou um sonho com todos os atributos dos sonhos da prisão: uma ponte sobre um riacho escuro, uma cruz. Comecei a me preparar, e não em vão: depois da água quente do café da manhã eles amaram nós dois. A célula dispensou-nos com ruidosas expressões de bons votos; muitos nos asseguraram que saímos para as ruas (foi assim que resultou o cotejo de nossas causas *gentis*).

Você pode não acreditar sinceramente, você pode não se permitir acreditar, você pode responder com c hufas, mas algumas tenazes de fogo, quentes como nada na terra, de repente oprimem sua alma, oprimem você: e se fosse verdade ...?

Eles nos reuniram em cerca de vinte celas diferentes e nos levaram primeiro ao banheiro (a cada passo de sua vida aquele que era preso antes que nada passasse pelo *banheiro*). Lá tivemos tempo, uma hora e meia, para nos rendermos a conjecturas e reflexões. Em seguida, eles nos levaram

amolecidos, amolecidos, através do jardim de esmeraldas do pátio interno do Butyrki, onde os pássaros cantavam, ensurdecidamente , (eram provavelmente apenas pardais), o verde das árvores parecia aos olhos desacostumados de um brilho insuportável. Nunca meus olhos capturaram o verde das folhas com tanta força como aquela primavera! Nunca na minha vida tinha visto algo mais parecido com o paraíso na terra do que aquele jardimzinho de Butyrki, os caminhos de asfalto que podiam ser percorridos em trinta segundos!^[149]

Fomos levados para a *estação de* Butyrki (local de envio e recepção dos presos, o nome é muito adequado, e o saguão principal parece uma boa estação ferroviária) e fomos colocados em uma espaçosa câmara. Havia escuridão e ar puro: sua única janela era alta e não tinha fochinho. A janela se abria para o próprio jardim, e através da escora aberta o chilrear dos pássaros nos ensurdecia, e ao lado da escarpa balançava um galho muito verde que nos prometia liberdade e casa. (Viu? Nunca estivemos em uma câmara tão boa! Isso não é por acaso!)

Todos nós tivemos que passar pelo CES.^[150] Mas aconteceu que todos nós fomos presos por ninharias.

Por três horas e meia ninguém nos tocou, ninguém abriu a porta. Dávamos voltas e mais voltas no aposento e, cansados, sentávamos nos bancos de ladrilhos. E o galho continuou a tremer, sacudindo-se pela fresta, e os pardais gorjeavam diabolicamente.

De repente, alguém bateu na porta e um de nós, um contador muito quieto, de cerca de trinta e cinco anos, ligou para ele. Ele saiu. A porta se fechou. Começamos a nos mover ainda mais rápido em nossa gaveta. Isso nos queimou.

Outra pancada. Eles chamaram o outro e tiraram o anterior. Nós nos lançamos sobre ele. Mas não foi ele! A vida em seu rosto estava congelada. Seus olhos dilatados estavam cegos. Com movimentos incertos, ele se moveu, cambaleando, pelo chão liso da câmara. Ele estava machucado? Eles o acertaram com uma tábua de passar?

-O que? O que? Perguntamos a mestres ansiosos. (Se ele não estivesse vindo da cadeira elétrica, pelo menos a pena de morte havia sido anunciada.) Com uma voz como aquela com que o fim do Universo seria anunciado, o contador jogou fora:

-Cinco!! Anos!!

Ele bateu na porta novamente. Eles voltaram logo como se estivessem sendo levados ao banheiro para fazer uma pequena necessidade. Ele voltou radiante. Aparentemente, eles o soltaram.

-O que? O que? Nós nos reunimos com esperança recuperada. Ele fez um gesto com a mão explodindo de tanto rir:

-Quinze anos!

Isso era estúpido demais para acreditar imediatamente.

VII

Na casa das máquinas

Agora, ninguém estava na câmara contígua à "estação" do Butyrki, a famosa Casa de *revistagem* (na qual se cadastrou para novos entrantes e cujas grandes dimensões permitem que cinco ou seis guardas "tratem" vinte zeks em todos os dias); As mesas de toscas de *revistar* estavam vazias e apenas a um canto, sob um abajur e depois de uma mesinha portátil, sentava-se um comandante do NKVD, escuro e limpo, cujo rosto expressava parcimônia e tédio. Eu estava perdendo meu tempo em vão enquanto os Zeks entravam e saíam um por um. Coletar as assinaturas era algo que poderia ser feito mais rapidamente.

Ele apontou para um banquinho à sua frente, do outro lado da mesa, e perguntou qual era meu sobrenome. À direita e à esquerda do tinteiro havia pilhas de cédulas brancas iguais, do tamanho de meia página, algo como as autorizações que a Administração da Câmara dá para comprar combustível, ou as autorizações, nos escritórios, para comprar artigos de papelaria. O comandante vasculhou a pilha à direita e encontrou o pedaço de papel que se referia a mim. Ele o tirou, leu apressado, com um gesto indiferente (eu entendi que oito anos estavam "pendurados" em mim), e imediatamente, no verso, escreveu com sua caneta-tinteiro, que " o texto me foi dado a conhecer hoje ».

Meu coração bateu mais rápido. Tudo já era tão familiar para mim! Foi esta a minha frase, um ponto de viragem na minha vida? Eu gostaria de ter me emocionado, de sentir alguma coisa naquele momento, mas a verdade é que não pude. O comandante me entregou a folha de trás. Diante de mim estava uma alça de escola de sete copecs, com uma pena muito ruim, na qual um fio de algodão havia sido preso, retirado do tinteiro.

-Não; Eu tenho que ler sozinho.

"Vamos ver se você acha que vou mentir para você", objetou o comandante indolentemente. Bah, leia!

E com relutância ele largou o jornal. Virei novamente e comecei a examiná-lo, deliberadamente, não por palavras, mas por letras. Estava datilografado, mas não era o original, mas a cópia:

Resumo

da resolução tomada pelo CES do NKVD da URSS em 7 de julho de 1945,
[\[151\]](#)
número ...

Em seguida, seguiram-se algumas linhas pontilhadas horizontais, separadas por uma horizontal, também pontilhada:

Nós ouvimos:

Nós combinamos :

Da acusação de (Fulano, nascido naquele ano naquele lugar).	Para sentenciar (fulano de tal), por propaganda anti-soviética e tentativa de criar uma organização anti-soviética, a 8 (oito) anos em um campo de trabalho correcional.
--	---

A cópia é fiel. Secretário

Mas como eu poderia simplesmente assinar e ir embora em silêncio? Olhei para o comandante, esperando que ele me dissesse algo, esclareça algo para mim. Não, ele não estava disposto. Ele acenou com a cabeça para o porteiro, como se indicando preparar o próximo.

Para me colocar em uma situação, exclamei em tom trágico:

"Mas isso é terrível!" Oito anos! Por quê?

Eu mesmo percebi que minhas palavras soaram falsas. Nem ele nem eu sentimos a coisa "terrível".

"Aqui, " o comandante me disse novamente onde eu tinha que assinar.

Empresa. Eu deveria fazer outra coisa, mas não conseguia pensar em nada.

"Então deixe-me escrever o recurso aqui." A convicção é injusta.

"Conforme estabelecido", o comandante assentiu mecanicamente, colocando o papel na pilha à esquerda.

-Passar! O guardião me ordenou.

E eu passei.

(Eu não era nada original. Georgi Tenno, segundo cujos papéis fora condenado a 25 anos, disse o seguinte: "É prisão perpétua! Em outras épocas, quando eram condenados à prisão perpétua, rebatiam os tambores e convocavam a multidão. Mas agora é tão comuns como se vendessem sabão: vinte e cinco anos e esvaziar a asa! "

Arnold Rappoport pegou a caneta e escreveu no verso: "Protesto veementemente contra o julgamento arbitrário e terrorista e exijo libertação imediata." Aquele que anunciava a frase esperou pacientemente, mas quando leu o escrito, ficou furioso e rasgou o papel, junto com o extrato. Não importava: a frase continuava de pé, pois já disse que era uma cópia.

Vera Korneieva esperou *quinze* anos e viu, com alegria, que o jornal colocava apenas *cinco*. Com um sorriso radiante, ele correu para assinar. O oficial hesitou: "Você entendeu o que acabou de ler?" «Sim, sim, muito obrigado! Cinco anos no campo do trabalho correcional! "

(Um húngaro Rogas Ianos leu a sentença, no mesmo salão, em russo, e não a traduziu assinou sem saber que era a sentença, e então ficou esperando o julgamento. Muito mais tarde lembrou vagamente dos gansos daquele íon e ficou claro para ele).

Sorrindo, voltei para a câmera. Foi muito estranho: a cada minuto eu me sentia mais alegre e aliviado. Todos eles voltaram com *dezenas*; também Valentin. Do lote daquele dia, a menor frase foi a do contador chocado (ainda atordoado). Depois da dele, a menor frase era minha.

Entre raios de sol, a brisa de julho balançava alegremente o galho atrás da janela. Conversamos animadamente. As risadas aumentavam na câmera. Rimos porque tudo havia acontecido sem atrito; rimos do contador perturbado; Rimos daquelas nossas esperanças de manhã e de como, ao nos despedirmos, os que ficaram na cela nos encomendavam pacotes com uma mensagem: Quatro batatas, dois bagels!

"Tenho certeza de que haverá anistia !" Alguns afirmaram. Este agora é um procedimento puro, para que tenhamos medo e nos lembremos melhor. Stalin declarou a um correspondente americano ...

"Que correspondente?"

-Não me lembro do nome...

Nisso nos mandaram levar nossas coisas, formaram- nos aos pares e voltaram para nos fazer passar por aquele jardim maravilhoso, cheio de verão. Onde? Para o banheiro de novo!

Só isso já nos fazia rir alto agora - idiota! Em meio às risadas, nos despimos, voltamos a pendurar nossas roupas nos mesmos ganchos, e elas foram levadas para a desinfecção, onde já haviam sido colocadas naquela manhã. Recebemos, rindo, um sabonete nojento e entramos no banheiro espaçoso e barulhento para lavar nossos pecados. Nós nos aquecemos, nos lavamos com água quente e limpa e brincamos como crianças que, depois dos exames finais, decidiram ir ao banheiro. Acho que não havia nada de mórbido naquela risada purificadora e calmante; foi uma proteção real, a salvação da organização .

Enquanto se enxugava, Valentin me disse com uma voz tranqüilizadora e como se desabafasse:

—Não importa, ainda somos jovens, vamos viver. *Agora*, o principal é não tropeçar. Quando chegamos ao campo, *nem uma palavra* com ninguém, para que nossa frase não seja estendida . *Trabalhar honestamente e calar, calar.*

E como ele acreditou em seu show! Que esperança eu tinha, minúsculo granito entre as rodas do moinho de Stalin! Queria concordar com ele, que a pena tinha que ser cumprida confortavelmente e depois expulso o que havia acontecido.

Mas já começava a sentir dentro de mim: NÃO vale a pena viver para viver?

Não afirmamos que o CES foi uma invenção da Revolução. Catarina II condenou Novikov - um jornalista que não era do seu agrado - a quinze anos, tal como a CES, porque não foi levado a tribunal. E de vez em quando, todos os outros imperadores mandavam paternalmente para a prisão, sem julgamento, aqueles que não eram do seu agrado. Nos sessenta anos do século XIX realizou-se um profundo tribunal reformado . Parecia que governantes e governados começaram a formar um critério legal em relação à sociedade. No entanto, nas décadas de 1970 e 1980, Korolenko relatou casos de represálias administrativas, em vez de condenações judiciais. O mesmo Korolenko, juntamente com outros dois alunos, foi deportado, em 1876, sem investigação de causa ou julgamento, por despacho do Vice-Ministro das Finanças (caso típico do CES). Também sem julgamento foi deportado, junto com seu irmão, para Glazov. Korolenko cita Fyodor Bogdan, um delegado camponês que foi à presença do czar e mais tarde foi

deportado; a Piankov, absolvido em julgamento, mas deportado por ordem de Sua Majestade, e várias outras pessoas. Em uma carta do exílio, Zasulich disse que não estava se escondendo da Justiça, mas de uma eventual crueldade do governo, sem julgamento.

Assim, a tradição seguia uma linha intermitente, embora muito imprecisa, o que talvez fosse bom para um país asiático sonolento, mas não para uma nação que estava saltando para frente. Além disso, aquela impessoalidade: quem era o CES? Uma vez ele foi o czar, outro, um governador; outro, um vice-ministro. Desculpe: se nomes e fatos podem ser *numerados*, é porque faltou entidade à coisa.

Essa entidade teve início na década de 1920, quando, para fugir definitivamente ao julgamento, foram criadas as *troikas*, também *permanentes*. No início, eles enfatizaram isso com orgulho: "A Troika da GPU!" Longe de esconder seus membros, eles receberam publicidade. Quem não conheceu no Solovki o famoso triunvirato composto por Gleb Boki, Vul e Vasiliev? Na verdade, que palavra! TROIKA! Tem uma espécie de trenó com sinos, uma marionete de carnaval e mistério ao mesmo tempo: Por que "Troika"? Que significa isso? O Tribunal também não é uma carruagem. Ah, mas a Troika não é um tribunal! Porém, o mais enigmático é que funciona sem ser visto. Nós não estávamos lá, não vimos; Eles nos deram apenas um pedaço de papel: sinal. A Troika acabou por ser mais terrível do que o Tribunal Revolucionário. Mais tarde, ele se isolou, se encolheu, se trancou em uma sala separada e os sobrenomes foram ocultados. Assim, chegamos à ideia de que os membros da Troika não bebem, comem ou se movem entre os mortais. Desde aquele primeiro dia retiraram-se para deliberar, e para sempre, só chegam até nós as suas frases ... e através dos digitadores. (Mas voltando: um documento como este não pode ficar nas mãos de qualquer pessoa).

Essas troikas - por precaução, escrevemos no plural, como se fosse uma divindade que nunca se sabe onde está - respondiam a uma necessidade obsessiva: não libertar os presos (era algo como um departamento de controle de qualidade GPU: portanto, não houve *defeitos*). E se alguém se revelar inocente e não houver como julgá-lo, então deixe-o passar pela Troika, de modo que seus "menos trinta e dois" (capitais provinciais) "dependam" dele, ou exílio por alguns anos ou três; E como sua orelha foi cortada para sempre, a partir de agora você será um "infrator reincidente".

Perdoa-nos, leitor, o nosso novo desvio para um oportunismo de direita: para aquele conceito de "crime", que se é culpado, que deixa de o ser. Acho que já nos disseram que *o que importa não é o crime pessoal, mas o perigo social*: os inocentes podem ser presos se forem socialmente alheios, e os culpados podem ser libertados se forem socialmente próximos. Mas isso pode ser perdoado para aqueles de nós que não estudamos Direito, se o próprio Código de 1926 - "pai" com quem convivemos vinte e cinco anos - foi criticado por seu "critério burguês inadmissível", por seu "critério insuficiente classista", por uma certa "imposição burguesa da medida da gravidade do fato"^[152].

Infelizmente, não teremos a sorte de escrever a história fascinante desse *órgão*; como a Troika se tornou CES; quando foi renomeado; se havia ou não CES nas capitais provinciais —ou apenas na capital—; que, entre os nossos principais ursos, o inventou; quão assiduamente e por quanto tempo eles deliberaram; com ou sem chá, e o que colocaram com o chá; e como foram seus debates ... eles falaram neles, ou eles nem mesmo falaram? E não vamos escrever porque não o sabemos. A única coisa que ouvimos é que a essência do CES era trina e, embora agora não tenhamos os nomes dos zelosos conselheiros, são conhecidos os três *Órgãos* que ali tinham seus delegados permanentes: um era do Comitê Central do partido; outra, do MVD, e a terceira, do Ministério Público. Mas não ficaremos surpresos se um dia descobrirmos que não houve tais sessões, mas que era um grupo de digitadores experientes, liderado por um zelador, que as dirigia. Mas havia datilógrafos, disso temos certeza.

Até 1924, as prerrogativas das troikas eram limitadas a três anos; a partir de 1924, foram estendidos para cinco anos de campo de trabalho; desde 1937, uma *dúzia* foi "enganada"; desde 1948, *vinte e cinco* haviam "desligado" com sucesso. Alguns (Chavdarov) sabem que o CES não condenou a pena de morte em tempo de guerra. Não há nada de extraordinário nisso.

A CES, que não é mencionada em lado nenhum - nem na Constituição nem no Código - acabou por ser a máquina mais confortável para fazer almôndegas - sem obstinação, sem caprichos, sem necessidade de a lubrificar com leis. O Código seguiu seu próprio caminho, e o CES seguiu seu próprio caminho, e funcionou lindamente sem os duzentos e cinco artigos do Código, artigos que não usava nem mencionava.

Naturalmente, para sua comodidade, a Conferência Especial exigiu também, desde o início, um Código, e, para tanto, desenvolveu artigos de *siglas* que facilitam muito a operação (não é necessário quebrar a cabeça, caminhar ajustando-se às formulações do Código) e que, pela sua quantidade, são acessíveis à memória de uma criança (algumas já mencionadas):

- PAS: Propaganda Anti-Soviética.
- ACR: Atividades Contra-revolucionárias.
- ACRT: Atividades contra-revolucionárias trotskistas (a minúscula letra "t" tornava a vida do zeko muito mais difícil no campo).
- SE: Suspeito de Espionagem (espionagem que excedeu as suspeitas, foi a tribunal).
- CCSE: Contatos que levam (!) A suspeitas de espionagem.
- ICR: Idéias contra-revolucionárias.
- AAA: Brasão de Espíritos Anti-Soviéticos.
- ESP: Elemento Socialmente Perigoso.
- AC: Atividades criminosas (com muito gosto penduraram-no nos que estavam no campo, quando não havia motivo para levá-los com ele).

E, finalmente, uma grande capacidade:

- MF: Familiar (de condenado inserido em alguma das siglas anteriores).

Note que as siglas não foram distribuídas uniformemente ao longo dos anos, mas, ao contrário, como os artigos do Código e as seções dos Decretos, surgiram de forma inesperada, como epidemias.

Sejamos precisos: a CES não pretendeu *condenar* , não impôs sentenças, mas aplicou sanções administrativas. E embora a sanção não tivesse a intenção de ser uma sentença judicial, poderia ser de vinte e cinco anos e incluir:

- desapropriação de títulos e condecorações;
- confisco de todas as propriedades;
- prisão;
- privação do direito à correspondência ...

e a pessoa desapareceu da face da terra com muito mais garantias do que com a sentença judicial original.

Outra vantagem importante do CES era que não havia recurso contra suas decisões, você não tinha a quem recorrer: não havia órgão acima ou abaixo dele. Ele apenas se subordinou ao Ministro do Interior, Stalin e Satanás.

Uma grande virtude do CES era a velocidade, limitada apenas pela velocidade do datilógrafo.

Finalmente, o CES não precisou ver o réu de forma alguma (descarregando o transporte inter-prisional) e nem mesmo reivindicou sua fotografia. Quando as prisões ficavam superlotadas, isso oferecia uma comodidade adicional: o prisioneiro, uma vez terminado o resumo, deixava de ocupar espaço no chão da prisão e de tomar aquela sopa boba e era imediatamente enviado ao campo de concentração para trabalhar honestamente. A cópia do extrato pode ser lida muito mais tarde.

Em condições vantajosas, era assim: os prisioneiros eram descarregados na estação de destino; ali, à beira da estrada, eles eram colocados de joelhos - para não fugirem, embora parecesse uma oração ao SEI - e as frases eram lidas para eles. Também poderia acontecer de outra forma: os presos que chegaram a Perebory em 1938 não conheciam os artigos do Código que haviam infringido, nem a extensão da pena, mas foram recebidos por um oficial, que imediatamente encontrou seus nomes na lista. ESP: cinco anos (foi uma época em que muitas pessoas eram necessárias com urgência para construir o canal de Moscou).

Outros trabalharam no campo de concentração sem saber, por muitos meses, qual era sua sentença. Depois disso (relata I. Dobriak), foram formados solenemente não em qualquer dia, mas em 1º de maio de 1938, quando as bandeiras vermelhas tremulavam, e foram informados das condenações da troika da região de Stalino (aparentemente, em tempos de dificuldade, o CES foi disperso): de dez a vinte anos cada. E o chefe da minha brigada no campo (Sinebriujov), naquele mesmo ano de 1938, e em um trem cheio de pessoas sem condenações, foi enviado de Chelyabinsk para Cherepovets. Meses se passaram e os zeks trabalharam aqui. De repente, um inverno - era domingo (você percebe os dias que você escolhe? Qual a vantagem do SEI?) - quando estava terrivelmente frio, eles foram levados para o pátio, treinados, um Tenente, que se apresentou e disse ter vindo especialmente para anunciar a decisão do CES; o menino acabou não

sendo mau; ele olhou de soslaio para os sapatos quebrados dos prisioneiros; o sol, rodeado por um halo de frio e concluiu:

"Bem, pessoal, por que vocês vão ficar aqui esfriando?" Saiba que o CES deu a você dez anos, e apenas alguns, oito. Está entendido? Quebre as fileiras ...!

Mas com tal grau de maquinação por parte da Conferência Especial, os tribunais são necessários? O bonde puxado por cavalos é necessário quando existe o bonde elétrico moderno e silencioso do qual você não consegue pular? Por que alimentar os juízes?

É considerado impróprio que um Estado não tenha tribunais. Em 1919, o VIII Congresso do Partido Comunista escreveu em seu programa: "garantir que *toda a população trabalhadora, sem exceção*, seja incorporada à administração da justiça". "Tudo sem exceção" não poderia ser incorporado, a administração da Justiça é um assunto delicado, mas não é bom ficar sem tribunais! Digamos que os nossos tribunais políticos - os colégios especiais dos tribunais regionais, os tribunais de guerra (porque em tempos de paz existem tribunais de guerra?) E todos os Supremos -, que seguem fielmente o rasto da CES, não entraram naquele atoleiro que são os procedimentos judiciais e as deliberações dos júris.

Sua primeira e principal característica é que eles são mantidos a portas fechadas. E estão *fechados*, sobretudo, para sua comodidade.

E estamos tão acostumados com milhões e milhões de pessoas condenadas a portas fechadas; Fizemo-lo de tal forma que algum filho, irmão ou sobrinho do recluso, ainda levanta a voz para ti, convencido de que tem toda a razão: «E tu, que querias? É que a coisa *deve ter migalha ...!* O inimigo pode descobrir! Não é brincadeira "...

Assim, temendo que "o inimigo descubra", coloquemos a cabeça entre os joelhos. Há alguém no nosso país - além dos traficantes de livros - quem sabe que Karakozov - que atirou no czar - foi nomeado defensor? Que Jeliabov e todos os populistas foram julgados nos bastidores, sem nenhum medo de que "os turcos descobrissem"? Aquela Vera Zasluch - que, traduzindo a ação para a nossa terminologia - atirou na cabeça do MVD de Moscou (embora a bala roçasse sua cabeça, não acertou), longe de ser exterminada nas masmorras, longe de julgá-la? porta fechada, tribunal com júri (não troika), em processo ABERTO, A ABSOLVEU-A, e que ela, triunfante, saiu de carruagem?

Com tais comparações, não quero dizer que a justiça era perfeita na Rússia . A essa altura, uma justiça digna é provavelmente o último fruto da sociedade mais madura, se ela não tiver o rei Salomão. Vladimir Dahl aponta que na Rússia pré-Reforma "não havia um único provérbio favorável aos tribunais". Isso significa alguma coisa! Também não acho que houve tempo para inventar provérbios favoráveis aos chefes *zemstvo*.^[aC] Mas a reforma judicial de 1864 pelo menos colocou a população urbana de nossa sociedade em um caminho que levou ao modelo inglês, tão apreciado por Guertsen.

Digo isso, mas não esqueço o que Dostoiévski escreveu contra nossos tribunais de júri (*Diário de um escritor*), sobre o abuso da eloqüência por parte dos advogados ('Cavaleiros do júri: que mulher seria ela se não a tivesse assassinado rival...? Senhores do júri: quem de vocês hesitaria em defenestrar uma criança...? »), que no tribunal um palpite pode prevalecer sobre a responsabilidade cívica. Mas Dostoiévski estava consideravelmente à frente de nossa vida em espírito e não temia O QUE devíamos temer! Ele considerou que o julgamento público havia prevalecido para sempre. (Quem de seus contemporâneos passaria a acreditar no CES?) Em outro lugar, ele escreve: "Melhor estar errado em perdoar do que em punir." Oh sim sim sim!

O abuso da eloqüência é uma doença que ataca não apenas uma Jurisprudência em formação, mas, em um sentido mais amplo, uma Jurisprudência já democratizada (que democratizou, mas não esclareceu seus propósitos morais). A própria Inglaterra dá exemplos de como favorecer o seu Partido, o líder da oposição não hesita em culpar o Governo por uma situação que retrata pior do que realmente é.

O abuso da eloqüência é ruim. Sim, mas que palavra usar então para o abuso da porta fechada? Dostoiévski sonhava com um julgamento em que tudo o que fosse dito em DEFESA do acusado seria dito pelo promotor. Quantos séculos teremos que esperar? Até agora, nossa experiência nos enriqueceu infinitamente com *advogados de defesa ACUSANDO* o réu ("como um homem soviético honesto que sou, como um patriota legítimo que sou, sinto repulsa quando esses crimes são examinados"). Com que bom tempo é uma sessão fechada! Você não precisa de um vestido, você pode estar em mangas de camisa! É assim que é um prazer trabalhar: sem microfones, sem correspondentes, sem público. (Bem, há um público, mas eles estão *investigando juizes*. Por exemplo, no Tribunal Regional de

Leningrado eles iam, durante o dia, ouvir como seus alunos estavam se comportando, e de madrugada eles visitavam na prisão *quem precisava ser encorajado*) . ^[153]

A segunda característica principal de nossos julgamentos políticos é a transparência no trabalho. Em outras palavras, a previsibilidade das frases. ^[154] Ou

seja, você sempre sabe o que os patrões querem (aliás, é para isso que serve o telefone!) Mesmo, seguindo o modelo do CES, há decisões judiciais que do início ao fim foram previamente dactilografadas, com o que você só tem que colocar depois, à mão, os nomes. E se um certo Strajovich, durante o julgamento, gritar: "Como pude ser alistado por Ignatovski quando tinha dez anos?" - o presidente (Tribunal do Distrito Militar de Leningrado, 1942) - gritará com você: "Não calunie o serviço de inteligência soviético!" Já fazia muito tempo que tudo estava decidido: todo o grupo Ignatovski, execução. Mas um certo Lipov juntou-se ao grupo: *ninguém no grupo o conhecia e ele também não conhecia ninguém*. Bem, aquele Lipov, dez anos.

A decisão prévia das sentenças abre tanto o caminho de espinhos do juiz ...! Mas não é tanto um alívio para o cérebro - já que ele não tem que pensar nada, mas um alívio moral: você não sofre porque pode errar na imposição da pena e tornar órfão seus próprios filhos. Mesmo um juiz inveterado como Ulrij - houve uma execução de alto nível que não foi anunciada pela boca de Ulrij? - a predeterminação se move para ser bem-humorada. Em 1945, o Conselho de Guerra estudou o caso dos "separatistas estonianos". Presidente Ulrij, pequeno, gordo, bem-humorado. Ele não perde a oportunidade de brincar, e não só com os colegas, mas também com os presos (isso é humanismo! Isso é uma característica totalmente nova! Onde mais se viu?). Ele descobre que Suzi é advogada e diz, com um sorriso: "Veja, sua profissão tem sido útil para você". É verdade: por que andar por aí, por que ficar com raiva? O julgamento ocorre em um ambiente agradável: aqui mesmo, à mesa do juiz, eles fumam e se divertem; uma boa pausa para o almoço. E quando chega a noite você tem que ir para *deliberar*. Mas quem deliberaria à noite? Eles deixaram os prisioneiros sentados à mesa durante toda a noite e foram para casa. Na manhã seguinte, eles apareceram descansados, barbeados e às nove da manhã: "O Tribunal!" E deram uma *dúzia para cada um*.

E se aparecer alguém dizendo que, pelo menos o SEI, não é hipócrita, enquanto aqui fingir que está deliberando, sairemos com decisão, com decisão enérgica!

E, por fim, a terceira característica é a *dialética* (que antes chamavam rudemente de "*barras de carruagem*, que vão aonde você as torce"). O Código não precisa ser uma pedra imóvel no caminho do juiz. Os artigos do Código têm seus dez, quinze e até vinte anos de vida efêmera, e, como disse Fausto:

*Se o mundo inteiro mudar, siga em frente
Não posso violar minha palavra?*

Todos os artigos foram embrulhados em interpretações, indicações, instruções. Se o que foi perpetrado pelo infrator não estiver incluído no Código, o seguinte também pode ser condenado:

- *por analogia* (que possibilidades!);
- simplesmente por origem (7-35 pertencia a um ambiente socialmente perigoso);^[155]
- por contatos com indivíduos perigosos^[156] (isto é amplo: qual pessoa é perigosa e a que contatos se referem, isso só depende do juiz).

Mas chega de criticar a precisão das leis promulgadas. Em 13 de janeiro de 1950, foi decretado um retorno à pena de morte (pode-se pensar que ele não havia saído dos porões de Beria). Está escrito, você pode executar os *minadores -saboteadores*. O que significa isso? Mas já foi dito. José Vissarionovich gosta de dizer as coisas pela metade, de sugerir. Refere-se apenas àqueles que com uma carga de trilito minam os trilhos? Não está escrito. O que é um "saboteador", já o sabemos há muito: quem fabrica produtos defeituosos é um sabotador. E quem é o *mineiro*? Por exemplo, aquele que em uma conversa, em um bonde, *minou* a autoridade do Governo. Ou aquele que se casou com um estrangeiro, não minou, talvez, a grandeza do nosso país ...?

Mas os juízes não julgam, os juízes apenas cobram; julgue a instrução. A instrução do ano de 1937: dez a vinte - execução. A instrução do ano de 1943: vinte trabalhos forçados - enforcamento. Instrução do ano 1945: para o mundo inteiro dez anos, mais cinco de perda de direitos (mão de obra por

três períodos de cinco anos).^[157] Instrução do ano 1949: ao todo, vinte e cinco anos.^[158] A máquina carimba. O preso fica privado de todos os direitos assim que seus botões forem cortados na soleira do GB, e ele não poderá mais escapar da CONDENAÇÃO. E os oficiais da Justiça acostumaram-se a isso a tal ponto que em 1958 fizeram papel de bobo: publicaram no jornal o Projeto das novas "Bases do processo judicial na URSS" e ESQUECERAM de incluir uma seção sobre o *possível* julgamento absoluto. O corpo oficial^[159] ele os repreendeu levemente: "*Isso poderia criar a impressão de que apenas as condenações são transmitidas em nossos julgamentos.*"

Por que não ficar do lado dos juristas? Por que o julgamento terá *dois* resultados quando as eleições *gerais* são realizadas com *apenas um* candidato? A absolvição é uma contradição econômica! Acontece então que os informantes, os agentes, a investigação, o promotor, o guarda prisional, o guarda-costas, todos trabalharam em vão!

Aqui está um caso de tribunal simples e típico . Em 1941, em nosso exército inoperante, deslocado na Mongólia, as seções da Cheka tiveram que mostrar diligência e vigilância. O praticante Lozovski tinha ciúmes dos sentimentos de uma mulher pelo tenente Pavel Chulpeniov e percebeu isso. Sozinho com Chulpeniov, ele lhe fez três perguntas: 1. Por que estamos recuando dos alemães? O que você acha? (Chupelniov: eles têm mais técnica militar e se mobilizaram mais cedo. Lozovski: não, estamos armando uma *armadilha para eles*). 2. Você acredita em ajudar aliados? (Chulpeniov: Eu acho que eles vão ajudar, embora não abnegadamente. Lozovski: eles vão enganar, eles não vão ajudar em nada). 3. Por que Vorochilov estava no comando da Frente Noroeste?

Chulpeniov respondeu e esqueceu. Lozovski escreveu uma reclamação contra ele. Chamaram Chulpeniov para a seção política da divisão e expulsaram-no do Komsomol: por derrotismo, por ponderar a técnica alemã, por minimizar a capacidade estratégica de nossos comandantes. O orador mais fervoroso foi o secretário do Komsomol, Kaliagin (no Jaljingol, na presença de Chulpeniov ele agiu como um covarde e viu agora a oportunidade oportuna de se livrar da testemunha para sempre).

Eles o prendem. Ele tem apenas um confronto com Lozovski. O juiz de instrução NÃO TOCA na conversa entre os dois. Sua única pergunta é:

"Você conhece essa pessoa?" "Sim". "Testemunha, pode retirar-se." (O instrutor teme que a acusação desmorone).^[160]

Desfeito após um mês de prisão em um fosso, Chulpeniov comparece ao Tribunal da 36ª divisão motorizada. Estão presentes: o Comissário Lebedev, o chefe da seção política Slesariov. A testemunha Lozovski nem foi chamada a julgamento. (No entanto, para compensar os falsos testemunhos, após o julgamento Lozovski e o comissário Seriogin os fizeram assinar). Perguntas do Tribunal: você conversou com Lozovski? O que ele perguntou a você? O que você respondeu a ele? Chulpeniov responde categoricamente; ainda sem ver sua culpa. "Há tantos que falam!", Exclama ingenuamente. O Tribunal está muito atento: «Quem, concretamente? Nomes? " Mas o Chulpeniov é feito de uma madeira diferente da deles. Eles dão a você a última palavra. "Peço ao Tribunal que coloque meu patriotismo à prova novamente, que me confie uma missão com perigo de morte!" E aquele gigantón simples:

"Eu e aquele que me caluniou, ambos juntos!"

Claro que não: nossa missão é tirar do povo os gestos de nobreza.^[161] Lozovski precisa dispensar o pó. Seriogin deve educar os soldados. O que importa se você morrer ou não morrer? O principal é que temos estado vigilantes. Saíram, fumaram, voltaram: dez anos e três por perda de direitos

Durante a guerra, houve casos como este em todas as divisões; claro, mais de dez (porque teria sido caro manter o Tribunal). Quantas divisões existem ao todo? Deixe o leitor fazer as contas.

As sessões do tribunal têm uma semelhança impressionante . Incrivelmente impessoais e insensíveis são os juízes: luvas de borracha. As frases são todas estereotipadas.

Todos eles fazem uma cara séria, mas todos sabem que estão em um quartel de feira; mais claro ainda os meninos da escolta o vêem; eles têm menos travessuras. Em 1945, na prisão da expedição de Novosibirsk, a escolta recebia os presos por lista, de acordo com as *causas*. "Fulano de tal, artigo 58, vinte e cinco anos." O chefe da escolta estava interessado: "Por que eles colocaram vinte e cinco anos em você?" " Bem, por nada." "Mentira. *Para nada, eles colocaram dez.*

Se o tribunal está com pressa, as "deliberações" duram um minuto: o tempo que leva para entrar e sair. Quando a jornada de trabalho do Tribunal

é de 16 horas diretas, pela porta da sala de deliberação é possível ver uma toalha de mesa branca, uma mesa posta e fruteiras com frutas. Se não têm muita pressa, gostam de colocar «psicologia» na leitura da frase: «Condenar à pena de morte ...! Uma pausa. O juiz examina os olhos do condenado, pergunta: como vai acontecer, o que o preso vai sentir naquele momento ...? Mas, levando em conta o arrependimento sincero »...

Na sala de espera do tribunal, todas as paredes estão forradas com cartazes riscados com unhas e a lápis: "Fui condenado à morte". "Eles me deram vinte e cinco." "Dez me desligou." Eles não apagam. Eles são sinais exemplares. Tema, encolha e não pense que pode mudar algo com seu comportamento. Mesmo que você faça um discurso de manifestação em legítima defesa diante do tribunal vazio, na presença de um grupo de juizes de instrução (Olga Sliozberg na Suprema Corte em 1936), isso não fará nenhum bem. A única coisa que você pode fazer é aumentar a pena de dez anos da capital se gritar com eles: "*Vocês são fascistas*. Tenho vergonha de ser membro do seu partido há vários anos . (Nikolai Semionovich Daskal, do colégio especial do território Azovo-Chernomorski; presidente, Jolik, Maikop, 1937). Em seguida, eles entregam a você um novo processo e matam você.

Chavdarov lembra de um julgamento no qual os réus se retrataram durante a investigação. E que? Se os juizes pararam, durou um segundo, para se olharem. O promotor exigiu a suspensão do julgamento, sem explicar o motivo. Os juizes de instrução e seus camaradas, os martelos , vieram da prevenção . Todos os réus, espalhados pelas câmeras, receberam mais uma boa surra e prometeram que a segunda suspensão os acabaria. A pausa terminou. O juiz voltou a tomar depoimentos, e agora todos admitiram a culpa. A Lexandr Grigorievich Karetnikov, diretor de um instituto de pesquisas para a indústria têxtil, ele mostrou uma imaginação notável. Pouco antes do início da sessão do Colégio Militar do Supremo Tribunal Federal, ele afirmou, por meio da escolta, que gostaria de fazer *novas* declarações . Todo mundo estava interessado, é claro. O promotor recebeu. Karetnikov mostrou-lhe a clavícula infeccionada, que o juiz de instrução havia quebrado com um banquete: "Assinei tudo sob tortura". O promotor foi fortemente afetado por seu desejo ganancioso de novas "declarações", mas era tarde demais. Cada um deles é destemido enquanto funciona como mais uma peça da engrenagem da máquina geral. Mas a partir do momento em que uma responsabilidade pessoal recai sobre ele ,

quando os holofotes o encontram, empalidece, percebe que não é ninguém, que pode escorregar em qualquer concha. Foi assim que Karetnikov prendeu o promotor, e ele não se atreveu a deixar o assunto de lado. A sessão do Colégio Militar começou; Karetnikov repetiu a mesma coisa lá ... E foi aí que o Colégio Militar se retirou para realmente deliberar, mas como a sentença tinha que ser absolvida e eles teriam que libertar Karetnikov ... ELE NÃO PRONUNSEU NENHUMA FRASE.

Como se nada tivesse acontecido, eles agarraram Karetnikov, curaram-no um pouco e o mantiveram abraçado por três meses. Um novo juiz de instrução veio e emitiu um novo mandado de prisão (se o Colégio não tivesse duas faces, Karetnikov teria passado aqueles três meses em casa), fez as mesmas perguntas que o primeiro juiz de instrução. Karetnikov sentiu que seria libertado e manteve-se firme, sem admitir culpa de nada. E que...? O CES desligou na cara dele por oito anos.

Este exemplo mostra claramente as possibilidades da pessoa presa e as do CES. Derzhavin escreveu:

Um tribunal parcial é pior do que banditismo.

Onde dorme a lei, o juiz é um inimigo.

Antes deles têm o cidadão

o pescoço esticado sem proteção.

Essas coisas desagradáveis aconteciam ao Colégio Militar da Suprema Corte em raras ocasiões, de modo que ele raramente precisava esfregar os olhos para ver o pobre solitário preso diante dele. Em 1937, ADR, um engenheiro elétrico, os guardas agarraram seus braços e o carregaram escada acima até o terceiro andar, descendo as escadas correndo. (O elevador provavelmente funcionou, mas os presos foram espancados com tanta frequência que nem os próprios funcionários teriam tido a oportunidade de usá-lo.) Eles encontraram uma pessoa recentemente condenada e invadiram a sala. O Colégio Militar estava com tanta pressa que nem mesmo lhe ofereceram uma vaga. Recuperando-se com dificuldade, respirando (a longa instrução o deixara sem forças), R. disse rapidamente seu nome e sobrenome. Eles murmuraram algo, olharam um para o outro e Ulrij - sempre o mesmo - anunciou: "Vinte e cinco anos!" Eles tiraram R. e colocaram o próximo.

Aconteceu como num sonho: em fevereiro de 1963, por essa mesma escada, mas gentilmente acompanhado por um coronel - secretário da

organização do partido - tive oportunidade de subir. Numa sala circular com colunas, onde se conta que realiza as sessões plenárias do Supremo Tribunal da União Soviética, com uma enorme mesa em forma de ferradura e dentro dela outra mesa redonda e sete cadeiras antigas, fui ouvido por setenta funcionários do Colégio Militar: o mesmo que julgou Karetnikov, R. e tantos outros no seu tempo... Disse-lhes: «Que dia memorável: primeiro condenado a um campo de concentração, depois ao exílio perpétuo; Nunca vi um único juiz diante dos meus olhos. Agora vejo vocês todos juntos, reunidos aqui. (Eles, com os olhos esfregados, estavam vendo um zeko pela primeira vez).

Mas descobriu-se que não eram esses. Agora eles disseram que não eram esses. Eles me garantiram que ESSES se foram. Alguns se aposentaram para desfrutar de sua pensão honorária, alguns foram demitidos (Ulrij, o mais notável dos algozes, acabou sendo demitido por Stalin em 1950 por ... clemência). Alguns, pode-se contar nos dedos das mãos, foram condenados na época de Khrushchev, e *aqueles*, do cais, ameaçaram: "Hoje você nos julga e amanhã nós o julgaremos; seja cuidadoso!" Mas, como suas outras iniciativas, esse movimento, a princípio muito enérgico, logo foi esquecido por Khrushchev, o abandonou e não o levou além de mudanças irreversíveis; portanto, permaneceu dentro do escopo anterior.

Agora, um após o outro, os veteranos da Jurisprudência lembraram e inadvertidamente me forneceram material para este capítulo (e se eles comessem a publicar e relembrar?) Como os juízes em suas palestras e na tribuna se gabaram de terem *realizado* não aplique o artigo 51 do CP, sobre circunstâncias atenuantes, com que conseguiram enforcar vinte e cinco em vez de dez! Ou como os *tribunais* sofreram uma humilhante *subordinação aos Órgãos!* Uma causa chegou às mãos de um juiz: um cidadão que voltou dos Estados Unidos alegou caluniosamente que ali havia boas estradas. E nada mais. No *resumo*, não havia mais. O juiz ousou devolver o caso para praticar uma nova investigação a *fim* de obter "um valor total do material anti-soviético", ou seja, para voltar à tortura. Mas essa boa intenção do juiz não foi levada em consideração, e eles responderam com indignação: "Você não confia em nossos *órgãos?*" E o juiz foi enviado como escrivão a um tribunal na ilha de Sakhalin! (Com Khrushchev as coisas suavizaram e os juízes "culpados" foram enviados ... onde você acha ... *advogados!*)^[162] Da mesma forma, o Ministério Público cedeu perante os *Órgãos*. Quando,

em 1942, abusos violentos de Riumin foram revelados na Seção de Contra-espionagem da Frota do Norte, a Promotoria não se atreveu a intervir, para usar seus poderes, e apenas informou Abakumov *respeitosamente* de que seus alunos estavam cometendo danos . . Não admira que Abakumov considerasse os *Órgãos* o sal da terra!

(Foi então que Abakumov chamou Riumin e o promoveu, para sua própria ruína.)

Não tínhamos tempo; se não, eles teriam me contado dez vezes mais coisas. Mas isso já era motivo para reflexão. Se o Tribunal e o Ministério Público fossem simples peões do Ministério da Segurança do Estado, não seria desnecessário dedicar um capítulo separado a eles?

Eles me disseram teimosamente; Olhei para eles e fiquei pasmo: eram gente! PESSOAS REAIS! Agora eles estavam sorrindo; agora, eles explicaram sinceramente que seu único desejo era fazer o bem. E se as coisas derem errado e ficarem de tal forma que eles tenham que me julgar novamente aqui, nesta sala (eles me mostraram a sala principal)?

Bem, eles vão me julgar.

O que é mais velho: a galinha ou o ovo? Os homens ou o sistema? Por vários séculos, tivemos um provérbio: não tema a lei, mas o juiz.

Eu acredito que a Lei ultrapassou os homens; eles ficaram para trás na crueldade. É hora de reverter o provérbio: “Não temais o juiz, mas a lei”.

De Abakumov, é claro.

Eles vão até a tribuna para falar sobre *Ivan Denisovich*. Dizem, com alegria, que o livro foi para eles um alívio de consciência (da mesma forma, dizem) ... Reconhecem que o livro apresenta um quadro muito vicioso, que *cada um* deles conheceu campos de concentração piores. (Você sabia, hein ...?) Das sessenta pessoas sentadas em torno do perímetro da ferradura, algumas das que falavam eram pessoas alfabetizadas; *Mesmo* os leitores do *N Ovy olhou*, eles ansiavam por reformas, eles vividamente julgado nossas feridas sociais, o abandono da aldeia ...

Enquanto estava sentado, pensava: se a primeira gota da verdade explodiu como uma bomba psicológica, o que acontecerá em nosso país no dia em que a verdade brilhar com toda a sua clareza?

E vai brilhar, é inevitável.

VIII

A lei em mantilhas

Esquecemos tudo. O que aconteceu, a história, não fica em nossas mentes, mas apenas o padrão retilíneo que eles conseguiram imprimir em nossa memória pela força de instilá-lo em nós.

Não sei se é uma condição inerente à natureza humana, mas o que posso afirmar é que é uma das características do nosso povo, uma característica desagradável. E mesmo que se originou de um bom coração que era grande demais, é, no entanto, desagradável e irritante, tornando-nos facilmente mentirosos de todos os tipos.

Assim, quando se deseja que esqueçamos até mesmo processos públicos, imediatamente os expulsamos de nossa memória. Falou sem pudor, os jornais publicaram, mas desistiram de abrir sulco na nossa cabeça ... e tudo fica esquecido. (O sulco na cabeça é produzido apenas pelo que os alto-falantes proclamam dia após dia.) Não me refiro aos jovens, visto que eles não têm conhecimento disso, mas aos contemporâneos desses processos. Basta perguntar a um cidadão normal sobre os espetaculares julgamentos públicos: ele citará o julgamento de Bukharin, o de Zinoviev; e, com esforço, as do Partido no campo industrial. Acabou, não houve processos mais espetaculares.

No entanto, eles começaram, pouco depois de outubro; Já eram celebrados em 1918 *em massa* e por numerosos tribunais quando ainda não havia lei ou código penal de qualquer espécie, quando as diretrizes pelas quais os juízes se orientavam eram apenas as necessidades do proletariado e do campesinato. Com eles começou o período - assim parecia então - de legitimidade determinada e resoluto. A qualquer momento ainda será encontrado alguém para escrever a história detalhada desses processos, mas não temos a intenção de acomodá-los em nossa pesquisa.

É verdade que não poderemos continuar sem apresentar um pequeno panorama geral, porque nesta névoa matinal rosa e suave também existem ruínas carbonizadas que nos sentimos obrigados a destacar.

Naqueles anos dinâmicos, os sabres da guerra não enferrujavam em seus coldres, mas tampouco as pistolas da vingança eram pura e simplesmente levadas embora. Execuções durante a noite, em masmorras, com um tiro no pescoço são uma invenção posterior. Enquanto isso, em 1918, o conhecido Ryazan Chequista Stelmaj abateu suas vítimas no pátio em plena luz do dia, de forma que as pessoas mais próximas da cena pudessem assistir à execução das janelas da prisão.

Naquela época havia um termo oficial: justiça sumária *extrajudicial*. Não porque não houvesse tribunais de justiça, mas devido à existência da *Cheka* ^[163], que foi mais eficaz. Os tribunais de justiça permaneceram intactos e condenados à morte também, mas sempre houve ao lado e independentemente deles penas extrajudiciais, que não podiam ser esquecidas. Até que ponto você consegue calcular o volume de suas atividades? Em sua exposição popular das atividades da *Cheka*, ^[164] MN Latsis apresenta a seguinte soma correspondendo apenas a um ano e meio (de 1918 a meados de 1919) e considerando apenas vinte governos da Rússia Central ("os números apresentados aqui *estão longe de estar completos*" ^[165] talvez também devido, em parte, a uma falsa modéstia): 8389 pessoas foram baleadas pela *Cheka*, ou seja, sem resolução judicial ; ^[166]

Descoberto por pertencer a organizações contra-revolucionárias, 412 pessoas (figura fantástica se considerarmos a nossa incapacidade para qualquer tipo de organização, demonstrada pela História, e se levarmos em conta, além disso, a renúncia e dissociação geral daqueles anos); no total, 87.000 presos. ^[167] (Este valor, pelo contrário, parece um cálculo muito baixo).

Agora, para estabelecer uma estimativa verdadeira, com que comparar esses números? Em 1907, um sindicato de esquerda publicou uma coleção em um volume intitulado *Contra a Pena de Morte*, ^[168] em que eles eram nominalmente relacionados ^[169] todas as sentenças de morte proferidas de 1826 a 1906. Os editores admitem que esta lista - principalmente por causa dos anônimos - também é incompleta, embora certamente não apresente

lacunas além do material recolhido por Latsis durante a guerra Civil. A lista oferece 1.397 nomes, dos quais 233, cuja pena máxima foi comutada para privação de liberdade, e os de 270 fugitivos, principalmente rebeldes poloneses que fugiram para o Ocidente , devem ser deduzidos . Então, restam 894 pessoas. Esse número, que se refere a oitenta anos, não tem ponto de comparação com o cálculo feito por Latsis, que inclui apenas um ano e meio e não todos os governos. É verdade que os editores apresentam uma segunda estatística hipotética, segundo a qual 1.310 pessoas foram condenadas à morte apenas em 1906 - talvez nem todas as sentenças tenham sido cumpridas -, o total subindo para 3.419 desde 1826. Infelizmente, neste período o A famosa reação de Stolypin, também tendo que contar outra figura: ^[170] o de 950 execuções em seis meses. (O tempo dos testes de resumo do Stolypin durou apenas seis meses.) Isso soa terrível , embora para nossos nervos de aço ainda seja muito baixo: se calcularmos nosso número em relação a meio ano, obteremos imediatamente o *triplo*, e isso apenas para vinte governos e apenas nos casos de execuções *sem processo, sem tribunais*.

No entanto, os tribunais agiram a partir de novembro de 1917 com total independência dos acima mencionados. Apesar de toda a sobrecarga de trabalho, as *Diretrizes de Direito Penal da Federação das Repúblicas Socialistas Soviéticas* foram promulgadas para eles em 1919, que nunca lemos ou vimos, embora saibamos que continham a "privação de liberdade por tempo indeterminado ', Equivalente a uma permanência na prisão até disposição em contrário.

Havia três tipos de tribunais: tribunais populares, territoriais e revolucionários.

Os tribunais populares tinham poderes civis e criminais comuns, sem intervenção em questões de natureza política. Eles não podiam proferir sentenças de morte. Até julho de 1919, a justiça ainda navegava na esteira dos revolucionários socialistas de esquerda: é ridículo dizer que os tribunais populares só podiam condenar no máximo *dois* anos. Foram necessárias ^[171] intervenções governamentais especiais para aumentar para vinte anos condenações intoleravelmente brandas. Em julho de 1919, os tribunais populares receberam autorização para impor penas de até *cinco* anos. Em 1922, quando tinha apaziguado todas as tempestades de guerra, ele tinha o

poder de punir as pessoas 's tribunais para *dez* anos, sem poder para impor penalidades *menos* de seis meses.

Os tribunais territoriais e os revolucionários foram habilitados, desde o início, a impor a pena de morte, poder que foi brevemente retirado: em 1920, dos territoriais, e em 1921, dos revolucionários. Neste campo há um grande número de irregularidades diminutas, cuja descoberta só pode ser alcançada por um cronista que estude esses anos em detalhe.

Talvez esse historiador possa encontrar os documentos, abrir os fólios com as convicções listadas; talvez você também possa fazer uma estatística. No entanto, isso dificilmente será possível, uma vez que o que é respeitado pelo tempo e pelos acontecimentos foi destruído pelas partes interessadas. Mas nós não sabemos uma coisa: que os tribunais revolucionários não permaneceu ocioso e não se cansam de sentença. Sabemos que a conquista de uma cidade no decorrer da guerra civil foi caracterizada não só pela fumaça que jorrava dos canos das espingardas nos pátios da Cheka, mas também pelas incessantes sessões do Tribunal, que passava as noites sem dormir. E para receber a bala não era preciso ser oficial branco, senador, latifundiário, monge, constitucionalista, socialista revolucionário ou anarquista. Mãos já macias, brancas e calejadas bastavam naqueles anos para merecer a pena de morte. Mas não é difícil adivinhar que os distúrbios de Ichevsk, Votkinsk, Yaroslav, Murom, Koslov ou Tambov também foram muito caros para aqueles que tinham as mãos cheias de calosidades. Nessas folhas, nas *extrajudiciais* e nas dos tribunais de justiça, talvez o mais surpreendente - se é que alguma vez nos são abertos - é o grande número de simples camponeses a eles consignados; desde as revoltas camponesas durante os anos de 1918 a 1921 foram inumeráveis, embora não se refletissem nas folhas decoradas da *História da Guerra Civil*, embora não fossem fotografadas ou filmadas à medida que ocorriam: multidões excitadas do que com paus, forcas e machados correram para enfrentar as metralhadoras e depois, com as mãos amarradas, ser fuzilados em longas filas (*dez para um!*) E assim acontece que o levante Sapochok só é lembrado em Sapochok; e Pitelino, apenas em Pitelin. Nos dados coletados por Latsis, já citados, constatamos que o número de levantes que ocorreram em um ano e meio e também em vinte governos foi de 344. ^[172] (As revoltas camponesas foram descritas, já em 1918, como "revoltas *kulak*", pois como poderiam ser precisamente os *camponeses* que se levantaram contra o poder do proletariado e do campesinato! Mas há uma que explica por quê por que

não três fazendas se rebelaram ao mesmo tempo em uma aldeia, mas toda a aldeia. Por que a massa dos camponeses pobres não foi com os mesmos forcados e machados contra os *kulaks* insurretos, mas se juntou a eles para se lançar em massa... contra metralhadoras? Cito Latsis: “Os restantes camponeses foram forçados (pelos *kulaks*) através de promessas, difamações e ameaças a participar nestas insurreições”^[173]. Eles realmente prometeram mais do que as soluções propostas pelo comitê de pobreza da aldeia? Suas ameaças eram mais temíveis do que as metralhadoras CHON?^[174]

Mas quantas pessoas foram arrastadas por acaso para essa engrenagem, quantas pessoas que não tinham arte nem parte, em cuja destruição se baseia a metade inevitável do ser de uma revolução sangrenta?

Aqui está, de acordo com uma testemunha ocular, o curso da sessão de um tribunal revolucionário de Ryazan em 1918. O Tolstoiano I. Ye-v.

No decorrer da mobilização geral do Exército Vermelho (um ano antes, foi dito: "Abaixo a guerra! Baionetas no chão! Todos os homens em casa!"). foram capturados, até setembro de 1919, apenas no território de Ryazan, "54 697 desertores, que foram enviados para a frente "^[175] (e um número desconhecido foi baleado no local, como uma lição para os outros). Em vez disso, Ye-v não tinha desertado de forma alguma. Em vez disso, ele confessou publicamente que se recusou a cumprir o serviço militar com base na fé religiosa. Mobilizado à força, recusou-se, também no quartel, a portar armas e a participar nos exercícios. O irado comissário da tropa o coloca à disposição da Cheka, já que Ye-v, de acordo com o texto que acompanha, "não reconhece o poder soviético". Um interrogatório. Três membros da Cheka à mesa, três revólveres à sua frente. Conhecemos os heróis de sua espécie; você também choramingará por misericórdia! Ou você se declara pronto para o serviço militar agora, ou vamos matá-lo ali mesmo! " No entanto, Ye-v permanece firme: Ele não tem permissão para ir para a guerra; Ele é cristão e tem liberdade de escolha. O assunto então passa para a jurisdição do Tribunal.

O julgamento é público e cerca de cem pessoas comparecem . O defensor é um velho gentil; o médico acusador Nikolski (a palavra "promotor" foi proibida até 1922), também ex-jurista. Um dos membros tenta questionar o acusado sobre suas opiniões - "Como você, representante

dos trabalhadores, pode seguir os ensinamentos do Conde Tolstói, um aristocrata?" O presidente do Tribunal interrompe-o e os dois discutem.

Vocal: —Então você não quer matar ninguém e tentar fazer os outros agirem como você. Mas a guerra foi iniciada pelos brancos. Temos que nos defender e você nos atrapalha. Seria melhor enviarmos Kolchak até ele; lá ele poderia pregar livremente contra a violência.

Ye-v: —Estou disposto a ir aonde você decidir.

Acusador: —O Tribunal não é competente para julgar crimes comuns, mas apenas para atividades contra-revolucionárias. Devido às circunstâncias do crime, solicito que este caso seja ouvido em um Tribunal Popular.

Presidente e: —Ha! Crimes comuns! O que você acha do advogado? Para nós não é a Lei que é decisiva, mas sim a nossa consciência revolucionária!

Acusador: - Insisto em que minha petição seja registrada.

Defensor: —Sigo a opinião do acusador. O caso deve ser ouvido por um tribunal ordinário.

Presidente: —Velho cretino! Onde eles o desenterraram?

Defensor: - Há quarenta anos exerço a advocacia, mas é a primeira vez que tenho de sofrer um insulto deste tipo. Por favor, esteja registrado.

Presidente (*rindo alto*): - Vai ser feito, vai ser gravado!

Risos na sala. O Tribunal se retira. Você pode ouvi-los gritando e discutindo na sala de deliberação. Finalmente, eles voltam com a frase: *Execução!*

Gritos de raiva na sala.

Acusador: - Eu protesto contra a sentença, e vou reclamar ao Comissariado de Justiça!

Defensor: "Respeito as palavras do acusador!"

Presidente: —Limpe a sala !!!

Ye-v é conduzido para fora do Salão, e os guardas dizem, a caminho da prisão:

- Seria ótimo se todos fossem como você, irmão. Então não haveria guerra, nem mesmo branco ou vermelho!

De volta ao quartel, uma assembléia de membros do Exército Vermelho é convocada. A sentença é considerada traiçoeira, e um prot é elaborado , que é enviado a Moscou.

E assim Ye-v passou trinta e sete dias na prisão, esperando pela morte todos os dias, sendo uma testemunha ocular das execuções que ocorreram no pátio do estabelecimento. Finalmente chegou a notícia: a pena de morte foi comutada para quinze anos de *rigoroso confinamento solitário!*

Aqui está um exemplo instrutivo. No entanto, apesar de a legitimidade revolucionária ter obtido pelo menos uma vitória parcial, custou ao Presidente da Corte esforços que não podem ser descritos como insignificantes. Que falta de ordem, disciplina e conhecimento se evidencia neste caso! A acusação e a defesa estão do mesmo lado; os soldados, com suas resoluções, se metem em algo que não lhes diz respeito. Ah, como é difícil estabelecer a ditadura do proletariado e a nova justiça. Naturalmente, nem todos os processos são tratados de maneira tão confusa; entretanto, este não é exatamente um caso isolado. Quantos anos se passarão até que a linha necessária seja traçada, endireitada e consolidada, até que a defesa aprenda a apresentar seus argumentos em harmonia com o promotor e o Tribunal, até que o acusado aprenda a testemunhar devidamente e até que as massas concorde com suas resoluções!

Seguir esse caminho seria uma tarefa proveitosa para o historiador. Porém, nós ... Como avançar no meio dessa névoa rosa? A quem perguntar? Esses tiros não podem falar; os dispersos não contarão nada. E os acusados, os defensores, os tutores, os espectadores? Mesmo se eles ainda estivessem vivos, não teríamos permissão para procurá-los.

E assim é claro que só a *acusação* pode tirar proveito .

Pessoas bem intencionadas que quiseram nos ajudar, trouxeram para nós uma cópia, escapada da destruição, da coleção de discursos acusatórios de NV Krylenko,^[176] revolucionário impetuoso, primeiro comissário de guerra, comandante-em-chefe, mais tarde criador do Departamento de Tribunais Especiais dentro do comissariado de Justiça - pretendia-se criar um título de tribuno especialmente para ele, mas Lenin o rejeitou.^[177] o glorioso acusador nas maiores provações e, no último minuto, um homem desmascarado como um inimigo sanguinário do povo. E assim, apesar de tudo, como não queremos desistir de apresentar um breve panorama dos processos públicos, nem podemos resistir à tentação de respirar brevemente o clima jurídico dos primeiros anos após a Revolução, teremos que ler de grau ou pela força o livro de Krylenko. Não há outro caminho. O que falta, teremos que suprir com nossa imaginação.

É evidente que preferiríamos ler as cópias estenográficas desses processos, ouvir as vozes dramáticas do além-túmulo dos primeiros acusados e defensores, quando ninguém ainda podia prever em que dança fatal todos os atores estariam perdidos, sem que os juízes revolucionários também fossem respeitados. .

No entanto, e de acordo com Krylenko, a impressão das cópias estenográficas "*não era adequada para uma série de considerações técnicas*" ; ^[178] O único que se procedeu foi a publicação dos seus discursos acusatórios e das sentenças aplicadas pelos tribunais, respetivamente, que já respondiam, em grau suficiente, às exigências da parte acusadora.

Segundo se afirma, os arquivos do Tribunal de Moscovo e do Supremo Tribunal da Revolução (até 1923), «não tinham sido guardados de forma precisa e ordenada ... Em toda uma série de casos, o estenograma ..., como demonstrado ..., tinha sido escrito de uma forma tão incompreensível que páginas inteiras do texto teriam que ser riscadas ou reconstruídas usando a memória "(!) Toda uma" série de processos altamente importantes "- entre eles aquele iniciado por causa do a revolta dos revolucionários socialistas de esquerda e do almirante Schchastni - foi levada a cabo , de acordo com as mesmas afirmações, "sem qualquer taquigrafia". ^[179]

É curioso. A condenação dos revolucionários socialistas de esquerda não foi sem importância: ocorreu depois dos meses de fevereiro e outubro do terceiro nó górdio de nossa história, a transição para o sistema de partido único no estado. E não poucos foram baleados. No entanto, nenhuma nota estenográfica foi feita.

Em vez disso, "a conspiração militar" de 1919 foi " liquidada pela Cheka extrajudicialmente", ^[180] então sua existência é ainda mais comprovada. ^[181] (Durante este processo, um total de mais de mil homens foram presos. ^[182] Onde isso iria parar se cada um tivesse sido tentado individualmente?)

Então, vamos ver quem pode relatar com veracidade os processos judiciais daqueles anos ...

No entanto, é possível reconhecer alguns princípios fundamentais importantes. Por exemplo, o procurador supremo explica-nos que o VZIK (Comitê Executivo do Soviete) tem o direito de intervir em todos os procedimentos judiciais. "A VZIK, segundo seus próprios critérios, perdoa

e *condena sem qualquer limitação*”^[183] (itálico meu. - AS). Por exemplo, uma pena de privação de liberdade de seis meses pode ser convertida em uma pena de dez anos. (E como o leitor entenderá, todo o Comitê Executivo não se reuniu para isso, mas bastou, digamos, que Sverdlov corrigisse a frase em seu escritório). Por tudo isso, explica Krylenko, “nosso sistema é benignamente distinguido da teoria falaciosa da separação de poderes”^[184] da teoria da independência judicial. (Ele também disse Sverdlov: “Ele é uma boa coisa entre nós, em contrário do Ocidente, o Legislativo e o Executivo não ser separados por uma parede levantada todos os problemas. *Pode ser resolvido rapidamente.*” Em spe telefone cial)

De forma ainda mais franca e precisa, Krylenko expõe em seus discursos acusatórios da época o *papel geral do Tribunal de Justiça soviético*, que deveria ser “simultaneamente um *criador da lei* (sublinhado por Krylenko) e um *instrumento da política*”^[185]. (sublinhado por mim. - AS).

Alguns “criadores da lei” porque, na realidade, não existia nenhum código há quatro anos: os dos czares haviam sido rejeitados e um código próprio ainda não havia sido criado . “Não venha a mim que nossos tribunais, em seu trabalho, têm que obedecer exclusivamente às regras escritas existentes. Estamos vivendo o processo da Revolução »...^[186]

“Os tribunais não pertencem a este tipo de tribunal em que as sutilezas jurídicas e sofismas podem ser revividos ... Estamos criando uma nova lei e *novos padrões éticos.*”^[187] ... “Por mais que se fale da lei eterna do Direito à Justiça, etc. ..., sabemos ... quanto nos custou tudo isso.”^[188]

(Bem, se compararmos *seus* prazos com os *nossos*, talvez não seja tão caro. Talvez seja mais confortável viver com justiça eterna?)

As sutilezas jurídicas tornaram-se, de fato, supérfluas, pois não é preciso nem mesmo esclarecer se o acusado é culpado ou inocente: O conceito de *culpa* é um conceito ultrapassado, burguês, não existe mais.^[189]

Portanto, ouvimos de Krylenko que o Tribunal ... não é um *tribunal desse tipo*. E em outro lugar ele nos fará saber que o Tribunal *não é realmente um Tribunal de justiça*: “O Tribunal é um órgão da luta de classes do trabalhador, que é usado contra seus inimigos” e ele tem que “deixar-se governar por os interesses da Revolução..., devendo aspirar aos *resultados*

mais desejados pelas massas trabalhadoras e camponesas ». ^[190] (Todos sublinhados por mim . - A. S).

Pessoas não são pessoas, mas "certos portadores de certas idéias". ^[191]
Independentemente das condições pessoais (do acusado) deve sempre ser utilizado, para avaliação um *método único*: c pecifically, o que conta do ponto de vista da *utilidade prática em termos de classes* . ^[192]

Em outras palavras, você só tem o direito de existir enquanto sua vida parecer conveniente para a classe trabalhadora. Mas "assim que o expediente torna necessário que a espada punitiva caia no pescoço do acusado ... qualquer tentativa de convencer por palavra perde todo o valor" ^[193]

- por exemplo, o raciocínio de advogados e semelhantes. O que é decisivo para nosso Tribunal revolucionário não são os artigos da lei ou o peso das causas atenuantes: nosso Tribunal deve ser regido apenas por considerações de utilidade prática. ^[194]

E naqueles anos o seguinte aconteceu a muitos: que eles estavam atirando pacificamente ... e de repente eles tiveram que saber que sua existência NÃO ERA CONVENIENTE.

Mas devemos entender uma coisa: que o acusado não é afetado pelo que fez, mas pelo que *poderá* fazer se não *levar um* tiro agora. "Nós nos protegemos não apenas contra o passado, mas também contra o futuro." ^[195]

Muito claras e universais são as declarações do camarada Krylenko, e com toda a plasticidade esse período judicial está agora a ser colocado perante os nossos olhos. Os vapores da primavera repentinamente dão lugar à clara visibilidade do outono. É, portanto, desnecessário continuar, continuar apresentando um processo após o outro? Afinal, são exatamente essas afirmações que são utilizadas sem qualquer desvio no futuro.

Basta apertar os olhos para imaginar como era o tribunal naquela época, sem nenhum enfeite dourado. O membro do Tribunal que procurava saber a verdade, vestido de guerreiro simples, ainda magrinho, sem a barriga que depois deitaria fora à força de comer; a *autoridade acusadora* (era como Krylenko se chamava) com sua jaqueta desabotoada ... e sua camisa listrada de marinheiro aparecendo pelo colarinho aberto de sua camisa .

O supremo promotor se expressa em russo assim: "Estou interessado na questão do fato!"; "Você especifica o motivo da tendência!"; "Operamos no plano da análise da verdade objetiva!" De vez em quando, veja onde! Ele introduz uma palavra latina (certamente sempre a mesma, processo após processo; anos devem passar antes que ele use uma diferente). Bem, também é uma grande habilidade estudar duas disciplinas universitárias no meio da confusão da Revolução. O que importa para ele é a coragem da expressão: "Canalhas profissionais!" (referindo-se ao acusado). Ele nunca se gabou. Não gostou do sorriso de um arguido e começou a trovejar antes que se pronunciasse a frase: «E para ti, cidadã Ivanova, que tens aquele sorriso expressivo, saberemos como te orientar; haverá uma chance de acabar com aquela risada *para sempre* . " ^[196]

E agora, vamos começar a descer a estrada imediatamente?

a) *O processo contra «Notícias russas»*. É um dos primeiros e mais antigos processos, um processo contra a *palavra*. Em 24 de março de 1918, este conhecido "jornal dos professores" publicou um artigo de Savinkov intitulado: "Da estrada". Eles teriam com prazer detido Savinkov pessoalmente; mas onde encontrar rapidamente o *caminho* sangrento ? Portanto, o jornal teve que pagar as consequências, que foi fechado. E seu editor, o idoso Yegorov, foi levado ao cais: "Como você ousa ? Quatro meses da nova era não são suficientes para você se acostumar com isso? "

Yegorov se justificou ingenuamente: disse que o artigo "foi escrito por um político eminente, cuja opinião, independentemente de ser compartilhada pelo Conselho Editorial, merece interesse geral". Além disso, não viu nenhuma difamação nas declarações de Savinkov: "Não se pode esquecer que Lenin, Natanson e companhia chegaram via Berlim, isto é, que as autoridades alemãs os ajudaram a partir para a Rússia" ... porque foi realmente o caso: o imperador alemão, na época da guerra, possibilitou que Lenin voltasse para casa.

Krylenko respondeu dizendo que não estava tentando acusar o jornal de difamação (e então ?), Que, ao contrário, ele está sendo julgado por *tentar influenciar espíritos*. (Quem poderia tolerar tal propósito para um jornal?)

Nem é o jornal responsável por publicar estas palavras de Savinkov: "Você tem que ser um criminoso tolo para reivindicar com toda a seriedade que o proletariado internacional *nos apoiará*", uma vez que eles apoiarão ...

A condenação baseava-se unicamente na alegada influência sobre os leitores: o jornal, que existia desde 1804 e resistira a todas as reações imagináveis - as de Loris-Melikov, Pobedonoszev, Stolypin, Kasso e inúmeros outros - deve ser *suprimido! hoje para sempre!* E o editor Yegorov - como em qualquer outra Grécia, temos vergonha de dizer - será condenado a três anos de prisão. (Isso é desculpável se considerarmos que ele estava correndo em 1918 naquela época. Se o velho ainda estivesse vivo, eles o trancariam novamente. E quantas vezes ainda!)

É estranho, mas também autêntico, que mesmo naqueles anos tremendos as pessoas foram delicadamente subornadas, e os subornos foram aceitos de bom grado ... como sempre foi o caso na Rússia, como sempre foi na União. E as doações chegaram não apenas aos órgãos judiciais, mas de maneira especial a eles. E - é terrível dizer - até mesmo o tcheco. Os fólhos da História estampados em ouro e encadernados em vermelho são silenciosos, mas ainda há pessoas, testemunhas oculares daquela época, que ainda se lembram de como era o destino dos presos políticos, nos primeiros anos da Revolução, ao contrário do que Aconteceu no tempo de Stalin, dependia decisivamente do dinheiro do suborno: era aceito sem constrangimento e o resgatado com dinheiro era liberado, como prometido . Krylenko escolheu não mais do que uma dúzia desses *casos* em cinco anos, informando-nos de dois desses processos. No entanto, que pena! Também a Corte de Moscou, também a Suprema Corte, buscou a perfeição ao longo de caminhos tortuosos e afundou na terra.

b) *O julgamento de três juízes de instrução do Tribunal Revolucionário de Moscou* (abril de 1918). Beridse, um colecionador de ouro, foi preso em março e sua esposa tentou, como era normal na época, encontrar uma maneira de alcançar a liberdade. Por meio de vários conhecidos, ele conseguiu chegar a um dos juízes examinadores, que misturou dois outros no assunto. Houve uma reunião secreta e eles exigiram 250.000 rublos, que foram reduzidos para 60.000 depois de algumas barganhas, metade com antecedência, e todas as outras operações por meio de um advogado chamado Grin. Tudo teria corrido bem e em silêncio - como era normal naquela época - e não teria chegado à crônica de Krylenko e, conseqüentemente, ao nosso conhecimento (e mesmo à Assembleia dos Comissários do Povo!), se a mulher não tivesse sido tão apegada ao dinheiro e tivesse dado ao advogado Grin, como um adiantamento, os

30.000 rublos acordados, o que ela não fez. Em vez disso, colocou apenas 15.000 na mesa, e também aprovou a resolução, impelida por uma diligência feminina, de encontrar um advogado que oferecesse maiores garantias, para o que, sem perda de tempo, ela se dirigiu ao escritório de outro advogado com o nome de Yakulov. Não se sabe quem realmente levantou o assunto, mas presumivelmente este Yakulov pretendia precisamente pregar uma peça nos juízes examinadores.

O que é interessante neste processo é que todas as testemunhas, incluindo a esposa fatídica, fizeram um esforço para falar a favor do acusado e enganar a acusação (coisa impossível em um processo político). Krylenko afirma que as testemunhas se moveram por motivos burgueses ... testemunhas que não se sentiam identificadas com nosso Tribunal Revolucionário. (Mas queremos permitir-nos a suposição burguesa de que as testemunhas, ao longo de meio ano de ditadura do proletariado, talvez tenham aprendido a *temer*).

Foi preciso muita coragem para enganar os juízes de investigação do Tribunal Revolucionário. (Vai te fazer bem mais tarde?)

A apresentação de provas pelo acusador também é interessante, porque, um mês antes, os acusados foram seus companheiros de luta, seus aliados e auxiliares, todos eles fielmente viciados nos interesses da Revolução. Até mesmo um deles, Leist, era um "acusador severo, totalmente treinado para disparar raios e lançar trovões sobre aqueles que atacam os 'fundamentos'." E quanto a ele agora? Onde obter material infame? Porque o suborno não é infame o suficiente em si mesmo. Bem, simplesmente: do *passado*, do questionário!

"Em uma inspeção mais próxima (es te Leist), alguns detalhes extraordinariamente notáveis emergem." Estávamos tensos: ele era um aventureiro confesso? Não, mas ... sim, filho de um professor da Universidade de Moscou! E este, por sua vez, não era apenas mais um professor, mas aquele que conseguira, graças à sua permanente indiferença política, emergir com sucesso das vicissitudes de vinte anos de regimes reacionários. (Embora Krylenko também, apesar das reações, tenha conseguido passar nos exames como aluno externo) ... Então, quem fica surpreso que o filho desse professor ... era um indivíduo de duas caras?

Podgeiki, por outro lado, era filho de um oficial judicial arquirreacionário, ao que parece, pois de outra forma ele poderia ter servido fielmente ao czar por vinte anos? E o filho também estava se preparando

para seguir a carreira judicial quando estourou a Revolução ... e ele se escondeu no Tribunal. Ainda ontem um exemplo de ideologia sublime, teve de ser descrito hoje como nojento!

Porém, muito mais embaraçoso do que o caso desses dois foi, é claro, o de Gugel. Ex-editor... que alimento espiritual ele ofereceu anteriormente aos trabalhadores e camponeses? Este homem "pôs à disposição da grande massa uma literatura de valor insignificante", livros de renomados professores burgueses (os professores que veremos em breve também no banco dos réus).

E Krylenko, fingindo estar zangado e pasmo, se pergunta: Que tipo de gente são essas, que encontraram um esconderijo na Corte? (Isso também nos surpreende: de quem, então, são constituídas as cortes dos trabalhadores e camponeses? Por que o proletariado colocou esses indivíduos em tribunal para derrotar seus inimigos?)

Por fim, o advogado Grin, que fazia parte da comissão de investigação como Pedro em casa e podia atuar inteiramente como bem entendesse, revelou-se ... "um típico representante daquele produto degenerado da espécie humana que Marx chamou de *sanguessugas* do sistema capitalista". , aos quais, além dos advogados, todos os gendarmes, os religiosos e ... os notários ... ^[197]

Assim, embora Krylenko realmente não se esquivasse de qualquer esforço para garantir uma sentença dura e rigorosa, sem considerar as "nuances individuais de culpa ", o Tribunal, sempre animado, agora era dominado por uma estranha preguiça, uma Curiosa rigidez que, no final, quase o impedia de sussurrar: seis meses de prisão para os juizes de instrução e uma pena pecuniária para o advogado. (Foi somente graças ao VZIK, concedido para "julgar sem qualquer limitação", que Krylenko finalmente conseguiu fazer com que os juizes de investigação fossem condenados a dez anos, e cinco anos para o advogado vampiro, além de ter todos os seus bens confiscados. Krylenko, que ficou famoso por seu zelo, esteve perto de ganhar o *tribuno*).

Certamente, estamos convencidos de que este lamentável processo abalou propositadamente a fé na integridade do Tribunal, tanto no que se refere às massas revolucionárias daquela época como em relação aos nossos leitores de hoje. Por isso abordamos o processo seguinte com a maior desconfiança, pois afetou uma instituição ainda mais elevada.

c) *O julgamento de Kossyrev* (15 de fevereiro de 1919). FM Kossyrev e seus camaradas Liebert, Rottenberg e Soloviov serviam na Comissão de Abastecimento da Frente Oriental quando, ainda enfrentando Kolchak, lutavam contra as tropas da Assembleia Constituinte. As investigações realizadas revelaram que seus negócios, habilmente administrados, geravam lucros entre 70.000 e um milhão de rublos cada um, que mantinham corredores e organizavam festas com enfermeiras. Sua comissão comprou uma casa e um carro, e o pagador era um cliente de um restaurante exclusivo, o Yar. (Não estamos habituados a imagens deste género em 1918, mas o Tribunal garante a sua autenticidade).

Do contrário, a *causa* não estava nisso. Além disso, eles não foram cobrados pelo caso da frente oriental, que foi até perdoado. E há algo ainda mais digno de admiração!: Assim que essa Comissão de Abastecimento foi dissolvida, os quatro que a compunham, aos quais se juntou um velho vagabundo siberiano chamado Nasarenko, amigo de Kossyrev desde a época em que ele permanecera em prisão por crimes comuns, foram nomeados, juntamente com o citado Nasarenko, para ... constituir o Conselho de Controle e Revisão da Cheka de todas as Rússias!

Mas este Conselho era uma instituição *que gozava de plenos poderes para verificar a legalidade das atividades de todos os outros órgãos da Cheka*, podendo reclamar e examinar qualquer processo pendente em qualquer fase da investigação e suspender as decisões que optou! todos os outros *órgãos* da Cheka, exceto para as resoluções adotadas pelo Presidium!

[198]

Claro, de forma alguma foi uma bagatela! E, assim, este Conselho tornou-se a segunda autoridade da Cheka de todas as Rússias, indo imediatamente após o Presidium; na segunda guarda após Dzherzhinski-Urizki-Peters-Latsis-Meninski-Yagoda.

No entanto, o estilo de vida do círculo de amigos continuava o mesmo de antes, a arrogância e o orgulho de casta não combinavam com a sua forma de ser: havia um certo Maximich, uma certa Lionka, um certo Rafailski e um Mariupolski, todos eles pessoas que “não têm qualquer ligação com organizações comunistas”; com quem, tanto em casas particulares como no «Hotel Savoy», «num ambiente luxuoso», se organizavam folia «em que jogos de cartas (1000 rublos de cada vez no banco), embriaguez e as damas”. Kossyrev se acomoda luxuosamente (70.000 rublos), não hesita em enfiar talheres e pires de prata na Cheka (mas como isso poderia chegar à Cheka?) E também se contenta com copos

simples quando chega a ocasião. "A isso, e não a se munir de idéias ... ele dedica toda a sua atenção, pois é isso e não outras coisas que ele deseja ganhar com o uso do movimento revolucionário." (Bem, como este homem nega que está sendo subornado, o importantíssimo chechista começa a fantasiar e explica, sem pestanejar, que tem ... uma diferença de duzentos mil rublos em um banco de Chicago! Para ele, com todos evidência, uma situação completamente real, que não leva em consideração a revolução mundial).

O que importa é fazer bom uso desse direito sobre-humano: deter as pessoas quando quiser e libertá-las à vontade. É evidente que primeiro é preciso capturar os peixes que botam ovos de ouro, dos quais espécies mais do que suficientes podem ser encontradas nas redes de 1918. Pois durante a Revolução, feita muito rapidamente, muitas coisas foram esquecidas, e as senhoras burguesas esconderam grandes quantidades de pedras preciosas, diademas, pulseiras, anéis e amuletos no tempo. E depois de encontrar os peixes, bastou entrar em contato com os parentes por meio de um espantalho.

Também encontramos esses números no processo. Aqui temos Uspenskaya, uma mulher de 22 anos que estava estudando na universidade em São Petersburgo e cuja carreira de estudante subsequente foi interrompida quando os comitês foram formados. Essa mulher veio para a Cheka na primavera de 1918 e se ofereceu para atuar como informante. Como a aparência física da mulher era adequada, a Cheka aceitou sua oferta.

Krylenko faz o seguinte comentário sobre a denúncia (designada na época pela sigla *seksot*: colaborador secreto): "Em *minha* opinião, não há nada de vergonhoso nisso; Considero *isso* meu dever; (...) não há nada de vergonhoso neste trabalho; tão logo uma pessoa reconheça que tal ação é necessária aos interesses da Revolução, ela deve se apresentar para ela. ^[199] O problema é, como infelizmente pode ser provado, que o Uspenskaya não tem qualquer credo político. Ela mesma diz: "Concordei com um certo percentual" (nos casos descobertos) ... e até dei a metade para alguém que o Tribunal não permite citar. E, nas palavras de Krylenko: O Uspenskaya "não estava na folha de pagamento da Cheka de todas as Rússias, sendo pago *pelo chefe*" ^[200]. Quanto ao resto, é compreensível, do ponto de vista humano, explica o acusador: o que poderia uma mulher não acostumada a

contar dinheiro se importar com os miseráveis quinhentos rublos de salário pagos pelo Comitê de Economia Política em caso de chantagem (Ajudando um comerciante a retirar do negócio o selo do executor) lhe rendeu 5.000 rublos e obteve, por meio de outro, que a esposa de Mechchorski-Grevs, que foi preso na época, lhe deu 17.000? A propósito, o Uspenskaya não permaneceu um simples *seksot por muito tempo*: em poucos meses tornou-se um juiz comunista e investigador graças ao apoio de importantes chekistas.

Mas de forma alguma chegaremos ao cerne da *questão*. Em uma casa particular, o Uspenskaya colocou a esposa de Mechchorski-Grevs em contato com um certo Godelyuk, um amigo íntimo de Kossyrev, que teve de negociar a quantia de dinheiro solicitada para o resgate (a demanda chegou a 600.000 rublos!) Infelizmente, e de uma forma que os tribunais não puderam esclarecer, o advogado Yakulov ouviu sobre a reunião. Este Yakulov é o mesmo mencionado acima, que já havia feito saltar os juízes de investigação culpados de suborno e que, ao que tudo indicava, estava obcecado pelo ódio de classe contra o sistema total de justiça e justiça. injustiça proletária. Este advogado entrou com uma queixa no Tribunal Revolucionário de Moscou, ^[201] cujo presidente talvez tivesse em mente a ira do governo por causa da questão dos juízes examinadores? - Ele também cometeu um erro de classe: em vez de alertar o camarada Dzherzhinsky e resolver o resto em família, ele colocou atrás das cortinas a um estenógrafo que anotou cuidadosamente, por exemplo, os nomes citados por Godelyuk: Kossyrev, Soloviov e vários outros, bem como as sugestões feitas pelo referido Godelyuk: quem tinha permissão para *subornar* na Cheka e por quantos milhares de rublos. Também incluída na cópia estenográfica estava a entrega de 12.000 rublos a Godelyuk como um adiantamento, seguida das expressões de gratidão da esposa de Mechchorski-Grevs pelo passe concedido pela Cheka, que trazia as assinaturas de Liebert e Rottenberg , da Comissão de Controle e Revisão, uma vez que os negócios deveriam ter continuidade ali, no mesmo local. Tão surpreso "em flagrante", Godelyuk enlouqueceu e largou tudo enquanto a esposa de Mechchorski ainda estava na Comissão de Controle e Revisão, e ela reivindicou o arquivo do marido *para revisão* .

Mas, por favor, tais revelações mancham as vestes ciumentas da Cheka! O presidente do Tribunal Revolucionário de Moscou está em seu juízo perfeito? Você está se mantendo dentro da sua concorrência?

Mas, como ficou evidente, isso respondeu ao motivo, ao motivo mais bem escondido em todas as dobras de nossa história gloriosa! É claro que o primeiro ano de atividade da Cheka deixou uma impressão um tanto repulsiva até no partido do proletariado, ainda não habituado a essas formas de atuação . No primeiro ano, o primeiro passo foi dado na gloriosa estrada da Cheka; no entanto, como Krylenko afirmou de forma um tanto confusa, “uma disputa entre os tribunais de justiça, suas funções ... e as funções extrajudiciais da Cheka ... uma luta que, na época, dividia o partido em dois campos e jurisdições ”. ^[202] Precisamente por isso o caso Kossyrev teve de surgir - pois até então todos tinham saído perfeitamente bem - e até atingir um nível de governo.

A Cheka precisava ser salva! Alarme no checo! Soloviov pede ao Tribunal que o autorize a *falar* com Godelyuk, que está na prisão de Taganka - não, infelizmente, em Lubyanka - mas o Tribunal nega a permissão. Consequentemente, Soloviov, sem qualquer permissão do Tribunal de Justiça, *vai para a cela* de Godelyuk. E veja que coincidência: Godelyuk fica gravemente doente a partir deste momento, sim. ("Difícilmente se pode admitir que Soloviov tenha más intenções", diz Krylenko). E, em vista da morte iminente, o comovido Godelyuk, sentindo profundo remorso em decorrência de suas difamações, pede um artigo e retira tudo por escrito: tudo o que acusou Kossyrev e os outros comissários da Cheka é falso , e também a taquigrafia por trás das cortinas também é uma mentira. ^[203]

“E quem emitiu os passes?” Krylenko quer saber a todo custo, pois eles não caíram do céu sobre a esposa de Mechchorski, não é? O acusador não quer de forma alguma “afirmar que Soloviov tem alguma coisa a ver com o assunto, porque ... a prova não chega”; mas "cidadãos envolvidos no caso", ele presume, "e ainda soltos" poderiam ter enviado Soloviov para a prisão de Taganka.

Teria sido precisamente então o momento de interrogar Liebert e Rottenberg, que também tinham sido convocados ... mas não apareceram, só isso! Eles simplesmente não apareceram , eles não obedeceram ... Mas deixe-me: e a esposa de Mechchorski? Imagine, esse aristocrata desajeitado também teve a pequena vergonha de não comparecer ao tribunal! E não havia ninguém capaz de forçá-la! E Godelyuk se retraiu, ele está morto! E

Kossyrev não admite nada! E Soloviov é absolutamente inocente! E não há quem questionar ...!

Em vez disso, observe as testemunhas que compareceram ao Tribunal por iniciativa própria: o camarada Peters, vice-presidente da Cheka ... e até o próprio Feli x Edmundovich Dzherzhinski, embora uma pessoa muito inquieta. Seu rosto magro e ascético apaixonado está voltado para os membros do Tribunal, que permanecem completamente imóveis. E, em palavras comoventes, ele testemunha a inocência de Kossyrev e as elevadas qualidades morais, revolucionárias e práticas do homem que ele defende. Infelizmente, suas declarações não chegaram até nós, mas aqui estão algumas palavras de Krylenko sobre isso: "Soloviov e Dzherzhinsky nos escreveram em cores vivas as excelências de Kossyrev."^[204] (Ah, como este porta-estandarte foi imprudente! Vinte anos depois, ele teria que pagar em Lubyanka por esse processo!) É fácil adivinhar o que Dzherzhinsky poderia ter dito : que Kossyrev era um chekista de ferro que não tinha pena dos inimigos, e também um bom camarada. Coração ardente, cabeça fria e mãos limpas.

E assim, da imundície da calúnia, a figura de bronze do cavaleiro Kossyrev surge diante de nós . Sua vida anterior também é caracterizada por uma força de vontade acima da média, já que havia sido punido várias vezes antes da Revolução, na maioria das vezes por homicídio: primeiro, usando truques, ele conseguiu entrar na casa de a velha Smirnova, na cidade de Kostroma, e *estrangulou a mulher com as próprias mãos*; mais tarde, ele atentou contra a vida de seu próprio pai e, da mesma forma, tentou assassinar um companheiro aventureiro a fim de apreender seu passaporte. Nos demais casos, Kossyrev foi condenado por fraude. Muitos anos de prisão no total - portanto, seu gosto irresistível pela boa vida é compreensível -, dos quais sempre escapou apenas graças às anistias concedidas pelos czares.

Nesse momento, o acusador foi interrompido por vozes severas e justas: chekistas renomados aconselharam-no a não levar em conta os tribunais de outrora, já que haviam sido tribunais burgueses e contratados e, portanto, não precisavam ser tidos em consideração pela nossa nova sociedade. Mas ouça! Do alto púlpito do Tribunal Revolucionário, o engenhoso porta-estandarte proferiu um discurso tão infeliz do ponto de vista ideológico que dificilmente ousamos, com a sua citação, perturbar a

harmonia dos procedimentos do Tribunal, que de outro modo poderiam ser apresentados. tão imaculado:

“Se nos antigos tribunais de justiça czaristas havia realmente algo que merecesse a nossa confiança , era única e exclusivamente o júri ... Sempre se podia confiar nos julgamentos do júri, em que era muito difícil encontrar erros judiciais”.

Foi ainda mais mortificante ouvir essas declarações dos lábios do camarada Krylenko, já que a própria autoridade acusadora havia adotado uma posição de classe irrepreensível, apenas três meses antes, durante o processo contra o *agente* provocador R. Malinovski, um antigo favorito da direção do Partido. , apesar de suas quatro condenações criminais no passado; nomeado para o Comitê Central e nomeado deputado da Duma:

“A nosso ver, todo crime é fruto do sistema social existente, portanto, qualquer sentença prévia imposta de acordo com as leis da sociedade capitalista e do regime czarista não é considerada por nós como um fato que maculará o condenado para o resto da vida ... Conhecemos *muitos exemplos de que em nossas fileiras* houve homens *em cujo passado ocorreram eventos semelhantes*; entretanto, *nunca* chegamos à conclusão de que tal pessoa deveria ser rejeitada. Uma *pessoa que conhece nossos princípios* não precisa temer ser expulsa das fileiras revolucionárias por causa de uma condenação anterior. ^[205]

Como se vê, o camarada Krylenko também soube inspirar o espírito do Partido em suas palavras. Então, por que ele teve que colocar a sublime figura cavalheiresca de Kossyrev sob uma luz turva por suas manifestações equivocadas? E assim aconteceu que o camarada Dzherzhinsky foi obrigado a gravar: “Por um segundo (apenas um segundo, não mais! - A. S). A ideia passou pela minha cabeça se talvez o cidadão Kossyrev não tivesse se tornado aqui vítima das paixões políticas que se acenderam *nos últimos tempos em torno do Comissariado Especial*. ^[206]

Mas Krylenko refletiu então: “Não é, nem foi minha intenção, transformar esse processo contra Kossyrev e os Uspenskaya em um processo contra a Cheka. Não só não *posso não querer*, mas tenho o dever de combatê-lo ... À frente da Comissão Extraordinária foram colocados os camaradas mais honestos, aqueles que têm o máximo sentido de responsabilidade e possuem um autocontrole incomparável. Aceitaram o pesado dever de acabar com os seus inimigos, *mesmo correndo o risco de*

errar... Por isso a Revolução tem o dever de lhes agradecer... Saliento este aspecto para que... ninguém mais possa dizer: “Ela deu a prova de ser um instrumento de traição política »». ^[207] (E se disserem ...!)

Tão estreita era a crista sobre a qual se equilibrava o acusador supremo! Mas possivelmente precisava ter, desde o tempo clandestino, algum contato pelo qual soubesse onde o vento poderia soprar amanhã. É algo que pode ser reconhecido em alguns processos e também neste. No início de 1919, levantaram-se vozes dizendo que já *bastava* e que já era hora de parar as atividades da Cheka. Sim, houve, houve uma razão, "expressa da melhor maneira no artigo de Bukharin quando diz que o lugar do *espírito legítimo da Revolução* deve ser ocupado pela *legalidade revolucionária*". ^[208]

Dialética, para onde você olhar. E Krylenko escapa dessas palavras: “O Tribunal da Revolução é chamado para destituir a Comissão Extraordinária”. (“ALIVIAR?”). De resto, este tribunal, “no sentido de pôr em prática o sistema de castigo, terror e ameaça, não deve de forma alguma ser mais brando do que o foi o Comissariado Extraordinário na sua época ...!

Isso foi? Quer dizer, você já enterrou? Um momento, por favor: você quer assumir, mas e as damas? Para onde eles? Tempos ruins! É compreensível que o chefe, com sua capa militar até os tornozelos, tenha se apressado em comparecer como testemunha perante a Corte.

Talvez suas fontes não sejam verdadeiras, camarada Krylenko?

Na verdade, o céu que cobria o Lubyanka naquela época estava coberto por nuvens escuras. E este livro poderia ter seguido outro curso. No entanto, me parece que o coraçoado Félix foi ver Vladimir Ilyich, conversando um pouco com ele e esclarecendo tudo. E as nuvens recuaram, embora dois dias depois - em 17 de fevereiro de 1919 - uma decisão adotada pelo VZIK privou a Cheka de seus poderes judiciais ... "certamente *não por muito tempo*". ^[209]

Enquanto isso, nossa sessão de tribunal de um dia foi ainda mais complicada pelo comportamento travesso de Uspenskaya de uma maneira totalmente inadequada. Mesmo no tribunal, ela lutou para "arrastá-la para a lama" outros verificadores conceituados que não estavam envolvidos no processo - até mesmo o próprio camarada Peters. (Acontece que a mulher tinha usado o nome limpo de Peters em seus esquemas de chantagem. Ela já

estava entrando no escritório de Peters e estava presente quando ele falava com outros agentes). A mulher faz alusões a um certo passado sombrio pré-revolucionário do gene. Peters em Riga. Uau, aí estava o resultado: em que tipo de cobra ele havia se tornado nos oito meses que passou em um bom ambiente chechista! O que você pode fazer com essa pessoa? Krylenko está totalmente de acordo com os membros da Cheka neste ponto: «Uma vez que a nova ordem ainda não foi consolidada - e isto ainda vai durar muito tempo (realmente?) ... - não pode haver para o Cidadão de Uspenskaya ... com o objetivo de proteger a Revolução ... outra punição que não sua *aniquilação*. ' Tais foram suas palavras: nenhuma execução, mas ... aniquilação! Mas é uma criatura, Cidadão Krylenko! Cara, dê a ele uma medida de dez, até mesmo um quarto, e então o pedido estará consolidado ! Mas que pena!: «No interesse da sociedade e da Revolução, simplesmente não pode haver outra resposta ... E a questão não pode ser formulada de outra forma, porque *neste caso*, « nenhum tipo de isolamento daria frutos. »».

Mas a mulher tinha que azedar a comida lindamente ... Ela certamente sabia demais ...

Kossyrev também teve que ser sacrificado: baleado, para a melhor cura dos outros.

E se pudéssemos realmente ler o que está trancado nos arquivos de Lubyanka? Não, eles vão queimá-los. Eles já os queimaram.

Como o leitor deve ter notado, este foi um processo pequeno, talvez não valesse a pena ser contado. Pelo contrário,

d) *o julgamento dos "clérigos"* (11-16 de janeiro de 1920) "ocupará seu devido lugar nos anais da Revolução Russa", na opinião de Krylenko. Nada menos do que nos anais! Portanto, não foi por acaso que ele resolveu o caso contra Kossyrev em um dia e desperdiçou cinco nisso.

Aqui estão os principais réus: AD Samarin, homem conhecido na Rússia, outrora Procurador Superior do Sínodo e, na época dos czares, zeloso defensor da liberdade da Igreja face ao poder temporal, inimigo de Rasputin, que mandou retirá-lo da posição mencionada; ^[210] Kusnezov, professor de Direito Canônico na Universidade de Moscou, e os arqui-padres de Moscou Uspenski e Zvekov. (O mesmo acusador disse, referindo-se a Zvekov: "Uma figura pública importante , talvez o melhor homem que o clero foi capaz de dar, um amigo da humanidade").

E eis o que foram culpados: por terem criado o "Conselho das Paróquias Unidas de Moscou", que, por sua vez, nomeou uma escolta pessoal para o patriarca, composta por paroquianos entre quarenta e oitenta anos - sem armas, como é lógico - voluntários, cuja missão consistia em vigiar dia e noite em frente à residência do patriarca para que o povo, caso fosse ameaçado pelas autoridades, pudesse ser avisado e convocado ao som de os sinos e o telefone. Todos pretendiam acompanhar o patriarca aonde quer que fosse levado e *pedir* ao Sovnarkom (a contra-revolução estava enfiando a cabeça por aqui !) Para libertá-lo.

Que empreendimento tão característico da velha Rússia, da sagrada Rússia! Toque os sinos e peça misericórdia, de joelhos, com a comunidade reunida...!

O acusador não entende: mas que tipo de perigo ameaçava a arca patriótica ? Por que a ideia de ter que protegê-lo?

Na verdade, nenhum: apenas que a Cheka tem, há anos, o hábito de perseguir extrajudicialmente cidadãos impopulares; apenas que quatro membros do Exército Vermelho haviam matado o metropolitano de Kiev alguns dias antes; apenas que a acusação contra o patriarca já estava preparada - "só faltava ser encaminhada ao Tribunal Revolucionário" - e que "esses inimigos de nossa classe *serão momentaneamente deixados em*

[\[211\]](#) *paz* apenas por consideração às massas de trabalhadores e camponeses que ainda estão sob a influência da propaganda clerical. Então, por que os paroquianos se preocupam com seu patriarca? O paciente Tijon não havia se destacado nos dois anos anteriores: carta após carta dirigida aos comissários do povo, ao clero e às comunidades. E como não havia impressoras para esse fim, suas pastorais (encontramos o primeiro caso de Samizdat) eram datilografadas. O patriarca alertou contra a destruição dos inocentes, contra a devastação do país ... Então, qual foi a causa de tanta preocupação pela vida do patriarca?

E agora, a segunda ofensa do acusado: as propriedades da Igreja são confiscadas em todo o país, não se limitando ao fechamento de conventos e apropriação de campos e florestas, mas o confisco inclui também copos, bandejas e lâmpadas. E o Conselho de Paróquias distribuiu um comunicado aos fiéis instando-os a se oporem ao confisco ao som dos sinos. (Não é lógico? As casas de Deus também não foram defendidas dessa forma durante o ataque dos tártaros?)

E a terceira ofensa: apresentar ao Sovnarkom queixas incessantemente insolventes sobre zombarias infligidas à Igreja por trabalhadores locais, sobre grandes sacrilégios, ultrajes às igrejas e outros ataques contra a anunciada liberdade de consciência. Mas esses pedidos, mesmo que não fossem atendidos (de acordo com a afirmação do diretor do Sovnarkom, Bonch-Bruyevich), tendiam a desacreditar as autoridades locais.

Somando essas três circunstâncias criminais ... qual seria a magnitude da punição aplicável a um procedimento tão abominável? O que sua consciência revolucionária sussurra ao leitor ? Bem, *apenas a execução*. E este também foi o pedido de Krylenko para Samarin e Kusnezov.

No entanto, enquanto eles ainda lutavam com as malditas leis e suportavam longos discursos de muitos advogados burgueses - que não reproduzimos por razões técnicas - a pena de morte ... foi abolida! Um lindo presente! O que fazer então? Como proceder? No entanto, sabe-se que Dzherzhinsky deu essas instruções ao regime interno da Cheka (tcheco ... e não podendo mais atirar ...?) Essa supressão também chega aos tribunais do Sovnarkom? Ainda não. Krylenko ganha nova coragem e continua a insistir na pena de morte, na qual ele se baseou da seguinte forma:

“Mesmo que admitamos que a situação da República se tenha consolidado, que a ameaça de qualquer perigo direto que possa advir dessa gente não esteja mais ameaçada, considero uma exigência de necessidade revolucionária, neste período de reconstrução ..., uma purificação de nossa sociedade ... Removendo o tumor formado pelos velhos políticos que sempre sabem se esconder com habilidade... O poder soviético se orgulha da resolução adotada pelos tchecos sobre a abolição da pena de morte ”... Mas... isso“ de forma alguma nos obriga a supor que a questão da pena de morte foi definitivamente resolvida ... para todos os tempos do poder soviético.^[212]

Frases sensivelmente proféticas! O tiroteio volta, e muito em breve! Há muito trabalho aguardando a chegada dos exterminadores. (E mesmo Krylenko será baleada, assim como muitos de seus irmãos de classe) ...

O Tribunal acabou obedecendo: condenou à morte Samarin e Kusnezov , embora fizesse prevalecer a anistia: campo de concentração, dizia a sentença, *até a vitória total sobre o imperialismo mundial!* (Nesse caso, eles ainda estariam lá) ... E para “o melhor homem que o clero foi capaz de dar” ... quinze anos, que foram reduzidos a cinco.

Além disso, houve outros réus que não estiveram envolvidos no processo por apresentarem o mínimo de provas necessárias. Frades e professores de Svenigorod, acusados de participar do caso Svenigorod, do verão de 1918, mas que não foram processados há um ano e meio, embora seja possível que já tivessem sido condenados, e agora, por, se considerar oportuno, foram novamente colocados perante o Tribunal.

Naquele verão eles se apresentaram ao abade do convento daquela cidade, chamado Iona, ^[213] Trabalhadores soviéticos, que exigiam ("Movam-se mais rápido!"). a entrega das relíquias do venerável Sabas. Os soviéticos, por sua vez, não só fumaram na igreja e, evidentemente, junto ao altar, sem tirar os bonés, é claro, mas um deles, que segurava o crânio do venerável Sabas, cuspiu nele para assim demonstra a falácia da santidade.

Este não foi o único sacrilégio ... E por isso os sinos imediatamente começaram a tocar, o povo veio correndo e o assunto terminou com a morte de um dos oficiais nas mãos do povo rebelde. O resto negou tudo depois, tanto os sacrilégios quanto a cusparada na cabeça, e Krylenko ficou contente com essa explicação. ^[214] Bem, eles foram apresentados ao Tribunal ... Os funcionários? Não ... os frades.

Pedimos ao leitor que mantenha uma coisa em mente: que entre nós, já em 1918, o costume forense de não ver em todos os julgamentos de Moscou - com exceção dos julgamentos "ilegais" da Cheka, ao que parece - uma ação judicial único, destinado a punir um determinado crime, mas sempre vimos um sinal de política judicial, um modelo de vitrine para seu posterior envio às províncias; um *tipo*, como a solução única como uma amostra que se propõe aos alunos antes de distribuir o livro de problemas de aritmética, pelo qual eles serão guiados no futuro.

Assim, quando falamos em "processo clerical", temos que entendê-lo múltiplas vezes. De resto, o acusador supremo não se esconde quando faz afirmações a este respeito:

«*Em quase todos os tribunais da República eles filmaram* ^[215] (que palavra!) *Processos semelhantes* ».

Os tribunais de Severodvinsk, Tver e Ryazan, e os tribunais de justiça de Saratov, Kazan, Ufa, Solvychevodsk e Zarevokokchaisk, tiveram recentemente que julgar religiosos, leitores de salmos e membros ativos da comunidade religiosa, representantes de a ingrata "Igreja Ortodoxa, libertada pela Revolução de Outubro".

O leitor se lembrará de uma contradição: como muitos desses processos poderiam *antecipar* o modelo de Moscou? Essa aparente contradição se deve apenas a falhas em nossa exposição. A perseguição judicial e extrajudicial à Igreja libertada começou já em 1918 e, a julgar pelo caso Svenigorod, já era então executada com a dureza correspondente. Em uma carta ao Sovnarkom, o Patriarca Tijon disse, em outubro de 1918, que a liberdade de pregar nas igrejas estava sendo sufocada, que "já muitos pregadores corajosos tiveram que pagar o tributo sangrento do martírio ... Vocês colocaram as mãos em as propriedades da Igreja, reunidas por gerações de crentes; Você não hesitou em ignorar sua última vontade. (Naturalmente, os Comissários do Povo não leram a carta, e as secretárias devem ter se cansado de tanto rir: isso também ... o último vai. Não ligamos a mínima para nossos ancestrais ; se nos matamos enquanto trabalhamos, é por causa do bem-estar de nossos descendentes). «Bispos, padres, frades e freiras são executados. Embora não tenham cometido nenhuma falta, são acusados ao acaso, e sem fundamento, de um nebuloso espírito contra-revolucionário que ninguém especifica. Concedido: houve uma contenção quando as tropas de Denikin e Kolchak foram lançadas, pois a defesa da Revolução teve que ser mais leve para os fiéis. No entanto, assim que a guerra civil começou a diminuir, ela foi relançada contra a Igreja e as *filmagens* nos tribunais foram retomadas . E em 1920, um golpe foi desferido no Mosteiro da Trindade de São Sérgio de Radonech, esse feliz ^[216] chauvinista, cujas relíquias foram enviadas a um museu em Moscou.

E o Comissariado da Justiça distribuiu, no dia 25 de agosto de 1920, uma circular sobre a destruição de todas as relíquias , pois eram justamente estas que bloqueavam o nosso caminho para a nova sociedade justa.

Seguindo a escolha de Krylenko, vamos expor o processo visto no *Verjtrib* ^[BD] -a abreviatura russa engraçado que ele usou para se referir ao Supremo Tribunal ... - Nós, os vermes foram encomendados em uma voz áspera: «Levante-se! O Tribunal!"; e a reunião foi encerrada.

e) *O processo contra o "Centro Tático" (16 a 20 de agosto de 1920):*

Vinte e oito homens processados e vários outros contra os quais procederam em rebelião.

Em voz nova, ainda não afetada pelo zelo dos discursos subsequentes, Krylenko deixa bem claro, a princípio, fazendo uma análise das classes, que, além dos latifundiários e capitalistas , “havia ainda uma classe social,

que ainda que dura, em cuja existência social, os representantes do socialismo revolucionário foram refletindo *por um longo tempo* ... (para ser ou não ser? - aS) ». Esta classe social é a *assim chamada intelligentsia* ... Em esse processo que estamos indo para lidar com o *juízo da História sobre as atividades da intelligentsia russa* ^[217] e, respectivamente, ao do Tribunal da Revolução, acima.

A limitação de nosso estudo, condicionada pela objetividade, não nos permite compreender a *maneira exata e a maneira* como os representantes do socialismo revolucionário *meditaram* sobre o destino da chamada *intelectualidade* , nem nos permite apresentar os resultados dessas reflexões. No entanto, é um conforto para nós saber que as bases deste caso foram publicadas, estão à disposição de todos e podem ser concluídas como desejar. Por isso, e apenas para um melhor conhecimento da situação geral da República, recordamos a opinião do presidente do Comité de Comissários do Povo, expressa pelo referido presidente no momento da realização do processo que nos interessa.

Em resposta a uma pergunta de Gorky a respeito das prisões de intelectuais, entre os quais, aliás, muitos dos réus neste processo, e sobre a situação das massas intelectuais russas da época (simplesmente intelectuais: os "Simpatizantes dos cadetes"), Vladimir Ilyich escreve o seguinte em uma carta de 15 de setembro de 1919, que já citamos: "*Eles não são realmente o cérebro da nação, são um lixo.*" ^[218] E em outra ocasião ele diz a Gorky: "Será sua (da *intelectualidade*) a culpa se rasgarmos muitos pedaços." Se eles buscam justiça, por que eles não vêm ^[219] para nós ...? "Foi da *intelectualidade* que os tiros vieram contra mim." (Quer dizer, era da Kaplan).

Esses sentimentos são causa de desconfiança, hostilidade. Lenin chamou os membros da *intelectualidade* de "liberais podres" e "hipócritas" ^[220] ; Ele falou de "negligência", que é "uma qualidade do" educado ""; sustentou a opinião de que a *intelectualidade* sempre foi irracional e *traiu a causa da classe trabalhadora*. Mas quando precisamente a *causa da classe trabalhadora*, a ditadura dos trabalhadores, fez um juramento de fidelidade?

Essa forma de zombar e zombar da *intelectualidade* foi posteriormente adotada com mão firme pelos publicitários da década de 1920. Encontramos isso nos jornais desses anos e nas conversas do dia a dia, até que até os

próprios intelectuais caíram nesse estilo. Agora condenavam sua necessidade eterna, sua *cisão* eterna e *falta de estrutura*, sua *demora* irremediável *com respeito ao tempo*.

E isso com justiça. Sob os cofres do *Tribsup* soa a voz do poder acusador, esmagando-nos contra as margens:

"Esta classe social ... foi submetida nestes anos de provações a uma reavaliação geral." Sim, a palavra "reavaliação" era usada com muita frequência naquela época. E qual foi o resultado da reavaliação? Escute: «A *intelectualidade* russa, que na dura prova da Revolução concordou com os slogans do poder popular (portanto, havia algo!), Saiu dessa prova como aliada dos generais negros (nem mesmo aos brancos!), como um agente mercenário e submisso do imperialismo europeu. A *intelectualidade* manchou e traiu suas próprias bandeiras. (Como no Exército, não é?) ^[221]

Como o remorso não pode nos devorar ? Como não cravar as unhas no peito ...?

E só por isso “*não é necessário acabar* individualmente com os seus representantes”, porque “este grupo social morreu”.

Às portas do século 20 ! Que força profética! Oh, revoluciona os cientistas! (Isso teve que *parar*, no entanto, e as eliminações continuaram ao longo da década de 1920).

Olhamos com nojo para os rostos dos vinte e oito aliados dos generais negros e agentes pagos do imperialismo. Este *Centro* é especialmente suspeito , um Centro Tático, um Centro Nacional, um Centro de direita. E a nossa memória, que recorda os processos de duas décadas, fala-nos, sussurrando, de centros e mais centros: às vezes, centros de engenharia; outros, menc heviks; às vezes trotskistas-zinovievistas; outras vezes, bukharinistas de direita. Sempre centros, todos descobertos, todos aniquilados. E só nós, caro leitor, que continuam a viver realmente por esta razão, portanto, onde havia um *C entrou*, não havia dúvida de que o imperialismo tinha as mãos na matéria.

É verdade que nossos corações se iluminam um pouco ao sabermos que o Centro Tático acusado neste processo não foi uma *organização* porque não possuía: a) *estatutos*, b) *programa* ec) os membros não contribuíram com nenhuma quantia. Então, o que estava lá? Bem, nada mais do que isso: Então *eles se conheceram*, hein? (Você sente arrepios). Sim, encontrando-se, eles *trocaram seus pontos de vista*. (Nosso sangue corre frio em nossos olhos).

A acusação, grave, é procedente com prova (duas), prova para vinte e oito réus. ^[222] Há duas cartas de militantes *ausentes* por se encontrarem no exterior: Miakokin e Fyodorov hoje, antes de outubro, estiveram com os acusados na mesma comissão, da qual deduzimos o direito de identificar os ausentes com os presentes. As cartas continham... explicações sobre *divergências* com Denikin e, além disso, sobre questões tão insignificantes como: a questão dos camponeses (não nos é dito, mas é evidente que Denikin pretende dar a terra aos camponeses); a questão judaica (evidentemente, as velhas limitações não deveriam ser impostas novamente); a questão da federação nacional (isso agora está claro); o regime administrativo (democracia, não ditadura) e várias outras questões. E qual é o resultado dessas indicações? Muito simples: eles demonstram de forma inequívoca a existência de uma troca epistolar, bem como a *unanimidade dos presentes com Denikin!* (Brrr ... que nojento!)

Além disso, há acusações diretas contra os presentes: troca de informações com conhecidos que vivem em territórios marginais - Kiev, por exemplo - não sujeitos ao poder central soviético. É verdade que esta havia sido a Rússia antes, e foi posteriormente cedida à Alemanha no interesse da revolução mundial. Bem, e as pessoas que não paravam de escrever cartinhas?: «Como vamos, que tal, Ivan Ilitch ...? Caminhamos neste ou em qualquer outra forma" ... E M. M. Kichkin, membro do Comitê Central de Cadetes, ainda tem a vergonha de tentar uma justificativa do banco dos réus: "As pessoas não querem ser cegas e fingem descobrir tudo o que acontece em toda parte."

Descubra *tudo*, o que acontece em *todo lugar* ...? Não querer ser cego ... Não admira que suas atividades sejam descritas como *traição* pelo acusador: *traição contra o poder soviético!*

Mas agora vêm seus piores crimes: no meio da guerra civil eles escrevem artigos científicos, memorandos, projetos. É a pura verdade. Eles escrevem - "conhecedores de direito internacional, ciências financeiras, relações econômicas, assuntos judiciais e instrução pública" - *artigos científicos!* E, fácil de adivinhar, não relacionado às obras anteriores de Lenin, Trotsky e Bukharin ... O professor SA Kotliarevski escreve sobre a organização federal da Rússia; VI Stempkovski, sobre a questão agrária (possivelmente sem coletivização)...; VS Muralevich, na instrução pública na Rússia do futuro; NN Vinogradski, em Economia. E o grande biólogo NK Kolzov, a quem o país não podia oferecer outra coisa senão

perseguições e finalmente a força, colocou seu instituto à disposição desses burgueses espertinhos para atender. No mesmo caldeirão caiu também ND Kondratiev, com quem terminariam definitivamente em 1931, por causa do "ativo partido camponês".

O nosso coração salta cada vez mais forte, levado pelo zelo da acusação: Antecipemo-nos a sentença, condenamos os lacaios dos generais! A pena? *Execução*, e se não? Não é mais a petição do acusador, já é o *juízo* do Tribunal. Infelizmente, a pena foi posteriormente reduzida: campo de trabalho até o fim da guerra civil.

A culpa do acusado é que não ficou quieto e quieto nos cantos, que não se limitou a morder modestamente seu pedacinho de pão. Não. Eles tinham que "se encontrar e discutir longamente como seria a ordem do Estado após o colapso do Soviete".

Traduzido para a linguagem científica moderna, significa: eles estavam procurando alternativas.

A voz do acusador treveja. Mas ouça: parece quebrado de alguma forma, como se o homem estivesse procurando algo com os olhos em volta da mesa. Você está procurando outra função, uma cotação? Um momento! Isso deve ter um efeito! O que pertence a outro processo? É igual. Talvez seja a citação de Nikolai Vassilievich:

“Para nós ... o conceito de *tormento* e de internamento de presos políticos nas prisões entra no conceito ”.

Isso é! Prender políticos já é considerado um tormento! E o acusador - que percepção! - diz que estamos no limiar de uma nova jurisdição. E continua:

«... a luta contra o governo czarista era a sua segunda natureza (a dos políticos), *eles não podiam deixar de lutar contra o czarismo!*» ^[223]

Como? *Eles não poderiam* desistir de estudar alternativas ...? Talvez eu *ache* que seja a primeira natureza dos intelectuais?

Oh, ele estava na nota errada! Um erro ... e o ferro! Mas Nikolai Vassilievich navega em seu rastro novamente:

“*E mesmo que* os réus não tenham cometido o menor ato criminoso aqui em Moscou (pelo que parece deve ter sido a realidade), não importa ... Nesse momento, até mesmo as discussões em torno de uma mesa de conferência. chá sobre a forma do sistema que iria substituir o poder soviético, que supostamente estava em colapso , eles já constituem uma ação contra-revolucionária ... Durante a guerra civil tudo isso não é apenas

criminoso (dirigido contra o poder soviético) ... A *própria inatividade é criminosa* » . ^[224]

Agora está claro, agora está tudo claro. Eles serão condenados à morte por inatividade, por uma xícara de chá.

Parece que os intelectuais de Petrogrado, por exemplo, decidiram, no caso de a cidade ser conquistada por Yudenich, "esforçar-se antes de tudo para nomear uma Duma democrática para a cidade" (isto é, lidar com a ditadura do general).

KRYLENKO: Eu gritava com eles: "Sua primeira obrigação era pensar em *como dar* a vida para que a cidade não caísse nas mãos de Yudenich!"

Mas esses homens ... eles não a ofereceram.

(Quanto ao resto, nem Nikolai Vassilievich).

E, além disso, houve réus que *foram informados e calaram*. (Diríamos: "Eles sabiam - eles não falavam").

E então aqueles que não apenas permaneceram inativos, mas cometeram ações ictícias por meio da ação: Por meio de LN Kruschova, membro da Cruz Vermelha Política - ela também está sentada lá no *banco* - outros réus ajudaram *internos do Butyrki* ; Eles entregaram dinheiro - pode-se imaginar esse rio de capitais que entra nas prisões - e roupas. Talvez roupas de lã também?

Não há expiação possível para esses crimes! E a vingança proletária está atingindo essas pessoas com toda a violência!

Iluminados por uma luz fraca e difusa, como se fosse um filme impregnado por uma câmera caindo, os vinte e oito rostos de homens e mulheres pré-revolucionários passam correndo por nós. Não conseguimos distinguir sua expressão. Eles estão com medo, mostram desprezo, orgulho?

Bem, não temos suas respostas, suas últimas palavras estão faltando. Por considerações técnicas... Para encobrir esta falha, o acusador sussurra-nos, para nos tranquilizar: "Foi uma autodestruição única, um pedido de súplica de perdão pelas faltas cometidas. A incoerência política e a natureza da camada intermediária da *intelectualidade* (na verdade, isto também: a natureza da camada intermediária!) Que se tornaram aparentes neste assunto ... confirmaram amplamente a apreciação marxista da *intelectualidade* que sempre foi sustentada pela Bolcheviques " . ^[225]

Não sei. Talvez tenham sido censurados, talvez não. Talvez eles *já* tivessem sucumbido ao desejo de salvar sua vida a qualquer custo. Talvez

eles *ainda* tenham mostrado a velha dignidade da *intelectualidade* . Não sei.

E a jovem que desliza apressadamente?

É Alexandra, filha de Tolstoi. Krylenko perguntou a ele o que ela havia feito nessas reuniões. Aqueça o samovar, fora a resposta de Alexandra. Três anos de campo de trabalho!

Assim nasceu o sol da nossa liberdade, assim cresceu a nossa lei nascida em outubro , como um menino travesso, singular e bem alimentado .

Hoje esquecemos completamente de tudo.

IX

A lei é posta em movimento

Nosso panorama se amplia, embora se possa dizer que ainda não começamos. Os processos mais importantes, os mais comentados, ainda estão por vir; mas aos poucos suas principais características estão surgindo.

Portanto, vamos seguir o curso de nossa lei também no tempo dos fundadores.

f) *Processo Glavtop* (maio de 1921). Um processo agora esquecido e nem mesmo político, que só citamos porque afetou engenheiros, ou *espécies*, como eram chamados os “especialistas”.

O pior dos quatro invernos da guerra civil havia acabado, passou o tempo em que não havia com que se aquecer e os trens pararam nos trilhos, e nas grandes cidades, como Moscou e Petrogrado, reinava a fome, o frio e as greves (esta última, já eliminada da História). E quem era o culpado? A pergunta familiar: quem foi a falha?

Claro, não o Governo Central. Mas nem os locais! Aqui está o ponto de partida. Se os "camaradas a quem seu trabalho costumava ser estranho" (comunistas em posições de destaque) não tivessem uma ideia clara de seu papel, os especialistas, ao contrário, poderiam ser obrigados "a abordar o assunto corretamente".^[226] Em suma: "Os culpados não são altos funcionários ... mas aqueles que elaboraram e calcularam o plano." (Onde conseguir comida e combustível, se os campos eram estéreis?) O culpado foi aquele que executou o plano, não aquele que ordenou que fosse executado. Que o plano foi um fracasso? A culpa foi dos especialistas! E quem seria, senão? Que os números não batem? “Os responsáveis são os especialistas, não o Conselho de Trabalho e Defesa”, e nem mesmo “os principais dirigentes da Glavtop”!^[227] O que estava faltando carvão, lenha e óleo? "Os especialistas criaram essa situação confusa e caótica." E não eram

menos culpados por não terem resistido aos telefonemas urgentes de Rykov e por terem atendido, fora do plano, certas pessoas.

Os *spezy* são os culpados de tudo! No entanto, o Tribunal Proletário é leniente e as sentenças são benignas. Naturalmente, os proletários têm certo ressentimento contra os malditos especialistas; mas sem eles o carro não anda. Tudo está em ruínas. Portanto, a Corte não os condena; ademais: Krylenko afirma que desde 1920 “não se pode falar em sabotagem”. Os especialistas são os culpados, sim, mas não podem ser chamados de criminosos; mas, simplesmente, alguns delírios que não sabem mais, que não poderiam aprender mais com os capitalistas, ou, talvez, alguns egoístas e venais.

Assim, no início do período de Reconstrução, surge uma certa consideração pelos engenheiros.

Em 1922, o primeiro ano de paz, ele foi pródigo em processos sensacionais ; tanto que teremos que dedicar todo o capítulo a ele. (Alguém está surpreso com o ressurgimento da atividade política imediatamente após a guerra? Também em 1945 e 1948, o dragão de fogo ganharia novo vigor. Isso não é uma lei natural ?)

No início desse ano, não podemos ignorar:

g) *O processo sobre o suicídio do engenheiro Oldenborger* (Supremo Tribunal Federal, fevereiro de 1922), um processo esquecido e insignificante, mas excepcional. Excepcional, porque abarcava uma vida única, uma vida que já havia terminado. Porque, se não tivesse morrido, aquele engenheiro teria sentado no banco dos réus do arguido e, com ele, outros dez homens, e aí o *processo teria estado em plena conformidade* com os cânones. Agora estava ocupada pelo eminente oficial do partido, Sedelnikov, duas pessoas do *Rabkrin* e dois sindicalistas.

No entanto, como aconteceu com a corda quebrada e distante de Chekhov, há algo avassalador neste processo aberto ao precursor do *Shapti e do Partido da Indústria* .

WW Oldenborger havia trabalhado para a Moscow Water Company por trinta anos e, no início do século, seria seu engenheiro-chefe. O país havia passado a Idade de Prata da Arte, quatro *dumas* (gabinetes), três guerras e três revoluções; mas Moscou bebia constantemente da água fornecida por Oldenborger. Simbolistas e futuristas, reacionários e revolucionários, senhores e guardas vermelhos, SNK, Checa e RKI, todos

beberam a água fria e cristalina de Oldenborger. Ele era solteiro, sem filhos e não tinha nada no mundo além daquela rede de abastecimento de água. Em 1905, evitou que os soldados de um órgão de vigilância entrassem nas instalações, “porque os soldados podiam danificar, por falta de habilidade, os canos ou as máquinas”. No segundo dia da Revolução de fevereiro, ele disse aos seus trabalhadores que a Revolução havia acabado, que bastava, que todos deveriam voltar ao trabalho e que a água era necessária em todos os momentos. Também nos dias de outubro em Moscou, sua única preocupação era manter o serviço intacto. Como resultado da queda dos bolcheviques, seus colegas entraram em greve e pediram-lhe para se juntar a eles, ao que ele respondeu: 'Desculpe-me, mas por razões puramente técnicas é impossível para mim fazer greve. Caso contrário, sim; do contrário, estou convosco ». Ele pegou o dinheiro do Comitê de Greve sob custódia, assinou um recibo e foi em busca de algumas mangas para um tubo que havia quebrado.

E ainda assim é um inimigo! Ele disse a um trabalhador: "Os soviéticos não permanecerão no poder por mais de duas semanas." (Antes do início da NEP, novas diretrizes surgiram, e Krylenko não se absteve de divulgar certos segredos ao *Supremo Tribunal Federal*: "Os especialistas não eram os únicos que pensavam assim ; às vezes também acreditávamos." [\[228\]](#)

E ainda assim é um inimigo! Como nos ensina o camarada Lênin: para ficar de olho nos especialistas burgueses, precisamos do cão de guarda do RKI.

Oldenborger logo teve dois desses cães de guarda. (Um deles, Makarov Semlianski, um patife, funcionário da Companhia de Água, da qual foi demitido por "má conduta", ingressou na RKI "porque pagam mais" e foi para a Delegacia Central porque o salário era ra “Melhor ainda”; assim, teve a oportunidade de zelar pelo seu antigo empregador e vingar-se da ofensa recebida). Naturalmente, o Sindicato também não dormiu; o Comitê sempre zelou pelos interesses dos trabalhadores. Claro, os comunistas passaram a fazer parte da Diretoria da Companhia de Água. «Os altos cargos devem ser ocupados exclusivamente pelos trabalhadores, o poder deve ser exercido exclusivamente pelos comunistas. Este processo [\[229\]](#) confirma a validade desta declaração. E, claro, a Organização do Partido de Moscou não tirou os olhos da Companhia de Água. (E atrás dela estava,

além disso, o tcheco). «Sobre a crença saudável numa oposição de classe construímos, na sua época, o nosso Exército; Em nome desta oposição, não deixaremos um único cargo de responsabilidade a quem não pertence à nossa classe, sem colocar um... comissário ao seu lado.^[230] Por antipatia, todos começaram a querer fazer as pazes com o engenheiro-chefe; ele foi corrigido, dirigido, instruído e substituído por pessoal técnico sem o seu consentimento ("o ninho do empresário foi quebrado").

Apesar de tudo, não foi possível salvar a Companhia de Água. Em vez de melhorar, o serviço piorou. Que astúcia foi mostrada pela Clique do Engenheiro na astuta implementação de seus esquemas maliciosos! E mais: abandonando a sua hipocrisia, que até então o impedia de usar expressões pomposas, Oldenborger teve a audácia de chamar a atuação do novo chefe da Central, Zeniuk [Krylenko: "... pessoa de grande simpatia"], de despotismo doutrinário!

Ficou claro então que "o engenheiro Oldenborger traía deliberadamente os interesses dos trabalhadores e era inimigo declarado da ditadura operária". E os Comitês de Controle começaram a desfilar pela Companhia de Águas, que, naturalmente, não encontrou nada a reportar nem nas tubulações nem na água. Mas os *Rabkrin* não ficaram satisfeitos; o RKI foi seguido de reclamações. Simplificando, Oldenborger não queria nada mais do que "perturbar, arruinar e destruir a Water Company, por razões políticas", e ele não estava cumprindo seu propósito porque estava sozinho. Eles sempre tiveram que acompanhar: ou porque o conserto que ele propôs à caldeira era um desperdício, ou porque era um absurdo trocar os tanques de madeira por outros de concreto. Nas reuniões, os líderes dos trabalhadores falaram sem modéstia que o engenheiro-chefe era "a força vital de uma organização de sabotagem técnica" e que suas instruções não deveriam ser seguidas.

E, apesar de tudo, as coisas não eram consertadas, mas pioravam a cada dia.

Mas o que mais feriu a "augusta psicologia proletária" dos *Rabkrin* e dirigentes sindicais foi que a maioria dos trabalhadores nas estações de bombeamento, "atingidos por psicose pequeno-burguesa", estava do lado de Oldenborger e não. eles notaram sua sabotagem. Como se não bastasse, chegaram as eleições para o Soviete de Moscou e os trabalhadores da Companhia de Água propuseram Oldenborger como candidato, contra o qual, é claro, a célula do Partido teria de apresentar um adversário. Em vista

da falsa autoridade de Oldenborger entre os trabalhadores, ele não teve chance. Independentemente disso, a célula relatou todas as outras instâncias ao Comitê Distrital e anunciou sua resolução à assembleia geral: “Oldenborger é o eixo e a alma da sabotagem; no Mossoviet ele será nosso inimigo político. ' Ruídos e protestos na sala: "Não é verdade!" "Mentira!" Ao que o secretário do Comitê do Partido disse aos milhares de proletários reunidos: "Não falo com esses reacionários!", O que significava : Falaremos em outro lugar.

O partido tomou as seguintes medidas: O engenheiro-chefe foi excluído do Conselho de Administração da Water Company, e então, cercado por um ambiente de investigação permanente, constantemente convocado por várias comissões e subcomissões, interrogado e sobrecarregado com pedidos de relatórios muito urgentes. Cada não comparecimento é anotado no arquivo "para um possível julgamento". Além do Conselho de Trabalho e Defesa (presidido pelo Camarada Lenin), uma " Troika Extraordinária " foi formada para a Companhia de Água (Rabkrin, Conselho Sindical e Kuibichev).

Mas a água continuou a correr pelos canos como se nada tivesse acontecido, e os moscovitas beberam sem perceber o que estava acontecendo ...

O general Sedelnikov escreveu então um *artigo* no *Ekonomitsheskaia Shisn*: "Sobre os rumores alarmantes que circularam entre o público sobre o estado catastrófico do abastecimento de água"; Além disso, espalhou muitos outros rumores alarmantes, incluindo que a Companhia de Água estava bombeando água subterrânea, "*minando deliberadamente as fundações de Moscou*" (que remonta a Ivan Kalita). Uma comissão Mossoviet foi criada, que considerou o estado da Water Company satisfatório e a orientação técnica "racional". Ao que Sedelnikov respondeu, imperturbável: “Meu dever era fazer barulho ao redor da caixa; para esclarecer, cabe aos especialistas ».

O que restou para os líderes dos trabalhadores agora? Que último recurso senão infalível? Uma reclamação para o checo ! Dito e feito. Sedelnikov pinta "o quadro de uma destruição deliberada da rede de distribuição de água, por Oldenborger"; ele não duvida da "existência de uma organização contra-revolucionária na Companhia de Água, no coração da Moscou vermelha". E ainda por cima, o estado catastrófico da torre de água de Rubliovsk.

Mas, neste ponto, Oldenborger se permite dar um passo em falso, um desvio hipócrita e tortuoso do tom: um pedido de caldeira feito no exterior é "riscado" (naquela época, os antigos não podiam ser consertados na Rússia) e ele cometeu suicídio. (Eram coisas demais para um único homem; além disso, essas pessoas careciam de treinamento.)

Nada foi perdido ainda; também sem ela será possível encontrar uma organização contra-revolucionária; os *Rabkrinlers* começam a trabalhar. Dois meses se passam, entre manobras obscuras. Mas o espírito do jovem NEP oferece "ensinar uma lição a este e àquele". Assim começa o processo perante o Supremo Tribunal Federal. Krylenko é moderadamente rigoroso. Krylenko é moderadamente inflexível. Ele exerce a prudência: "Naturalmente, o operário russo tinha razão em ver em todos antes um inimigo do que um amigo que *não era seu igual*" ; ^[231] mas: "De acordo com a modificação subsequente de nossa política prática e geral, podemos ser forçados a fazer mais concessões, a nos retirar e a nos comprometer; talvez o partido seja forçado a escolher uma linha prática, contra a qual se oporá a ^[232] lógica primitiva do *autossacrifício e dos lutadores sinceros*."

Bem, com os trabalhadores que testemunharam contra o general Sedelnikov e os de *Rabkrin*, a Corte realmente "usou a clemência". E Sedelnikov, destemido, confrontou as ameaças do acusador: 'Camarada Krylenko, eu conheço esses parágrafos; mas isso se refere aos inimigos de classe, e *aqui não devemos lidar com os inimigos de classe*.'

No entanto, Krylenko também tem um fardo pesado para carregar. Falsas reclamações aos Institutos do Estado ... com agravos (inveja pessoal, ventilação de diferenças pessoais) ..., abuso dos poderes da posição ..., irresponsabilidade política ..., uso indevido da autoridade de funcionários e membros do partido soviético ..., desorganização do Trabalho na Companhia de Águas ..., em detrimento de Moscou e da Rússia Soviética pela escassez de tais especialistas ..., porque são insubstituíveis ... «*Sem falar nas perdas pessoais ... Em nosso tempo, em que a luta é e conteúdo principal da nossa vida, de uma forma que nos habituávamos a não dar importância a perdas tão irreparáveis ...* ^[233] O Supremo Tribunal Revolucionário deve dizer sua frase importante ... A vingança judicial vai ser severa! Não viemos para nos divertir »...

Quanta confusão! E o que vai acontecer com eles? Será possível...? Meu leitor experiente sussurra para mim: *deixe-o comer um pouco ...*

Ele estava certo. O assunto foi arquivado: Considerando sua confissão contrita, o acusado é imposto ... uma advertência pública!

Dois tipos de verdade. Dois tipos de justiça.

Aparentemente, Sedelnikov foi condenado a um ano de prisão.

Eu, com perdão, duvido.

Oh, aqueles trovadores dos anos vinte, que cantaram para você como a flor da alegria! Todo aquele que os viveu, mesmo quando criança, como pode esquecê-los? Aqueles rostos cadavéricos, aqueles grotescos, precisamente naqueles anos, com a perseguição dos engenheiros, começaram a engordar. Mas agora sabemos que já começou em 1918 ...

Nos próximos processos teremos que prescindir de nosso querido procurador-geral, ocupado nos preparativos para o grande processo dos revolucionários socialistas. ^[234] Dado que esse processo monstruoso havia despertado certa preocupação na Europa, a Delegacia da Justiça repentinamente lembrou que por quatro anos tiveram tribunais, sim, mas não tiveram um Código Penal, nem antigo, nem novo. Presumivelmente, mesmo Krylenko não saiu ileso das calamidades provocadas pelo Código: as coisas tinham que ser bem ventiladas.

Pelo contrário, os processos eclesiásticos eram de natureza puramente *interna*, não interessavam à Europa progressista e, portanto, podiam ser realizados sem um Código.

Já vimos que a separação entre a Igreja e o Estado foi causada por este último, que providenciou para que os templos, com tudo o que eles continham, passassem a ser sua propriedade, e que a Igreja só teria direito aos templos que, de acordo com as Sagradas Escrituras, os homens carregam *dentro de si*. E em 1918, quando a vitória parecia ter sido alcançada - mais fácil e rapidamente do que o esperado - o confisco dos bens da Igreja foi ordenado. Porém, a primeira tentativa falhou, para a reação indignada das massas. No turbilhão da guerra civil, foi temerário abrir outra frente interna contra os fiéis. Não havia escolha senão adiar o diálogo entre comunistas e cristãos para uma ocasião melhor.

Mas no final da guerra civil - e como consequência dela - houve uma terrível fome na região do Volga. Como essa situação não era exatamente uma pérola na coroa do vencedor, quase não ouvimos falar dela e somos enviados com algumas linhas. Mas foi uma fome que levou os homens ao

canibalismo: muitos pais comeram seus filhos, uma fome como a Rússia não conhecia nem em tempos de agitação (pois então, segundo os historiadores, os feixes permaneceram em campos não debulhados por anos). Talvez um único filme sobre essa fome explique tudo o que vimos e tudo o que sabemos sobre a guerra civil. Mas não há filmes, nem novelas, nem estatísticas (é melhor esquecer, isso não nos seduz). Além disso, estamos acostumados a culpar os *kulaks por* essa fome ; e quem poderia ser *kulak em* meio a essa carnificina geral? Em suas *Cartas para Lunatjarski* ^[235] (que, apesar da promessa do remetente, nunca foram publicadas em nosso país), WG Korolenko atribui a fome à cessação de toda produtividade (homens úteis para o trabalho estavam no campo de batalha) e à perda de confiança em um regime que os camponeses não esperavam que lhes deixasse nem mesmo uma fração de suas safras. Sim, algum dia alguém vai calcular os trens carregados de alimentos que, pelo Tratado de Paz de Brest, saíram da Rússia - que até mesmo havia sido privada do direito de protestar, e até mesmo das próprias regiões que passariam fome. a caminho da Alemanha do Kaiser, que travava suas batalhas no Ocidente.

Uma consequência causal curta e direta: os camponeses do Volga comiam seus filhos, porque tínhamos pressa em interferir na Constituinte.

Mas o bom político também deve saber aproveitar as desgraças do povo. Um golpe de inspiração e três pássaros com uma pedra: *Que os padres alimentem os camponeses do Volga !* Eles são almas cristãs e compassivas, certo?

1. Se eles se recusam, nós os culpamos *pela* fome e, aliás, desacreditamos a Igreja.

2. Se eles concordarem, esvaziaremos suas têmporas com uma boa varredura.

3. De uma forma ou de outra, preenchemos nossas reservas com moeda estrangeira .

Não foi a Igreja, com o seu modo de agir, que deu a ideia? De acordo com as declarações do Patriarca Tijon, já em agosto de 1912, quando a fome começou, a Igreja criou comitês diocesanos e regionais de ajuda em favor dos afetados . Mas permitir que a ajuda passasse *diretamente* da Igreja para a boca dos famintos era minar a Ditadura do Proletariado. O Patriarca apelou ao Papa, o Arcebispo de Canterbury ..., e foi imediatamente chamado à ordem, pois manter conversas com estrangeiros era prerrogativa

exclusiva das autoridades soviéticas. Nem havia razão para dar o alarme; bastava ler os jornais: as autoridades dispunham de meios suficientes para resolver o problema da fome .

Mas no Volga as pessoas comiam grama e solas de sapatos e roíam batentes de portas. Finalmente, o Pomgol (Comitê Nacional de Ajuda aos Afetados pela Fome) pediu à Igreja que fizesse uma doação de seus tesouros - não todos, mas aqueles que não eram usados no culto canônico. O Patriarca concordou e o Pomgol emitiu uma cláusula: liberdade absoluta em todas as doações. Em 19 de fevereiro de 1922, por circular do Patriarca, os conselhos diocesanos foram notificados da autorização para doar objetos não sacramentais às vítimas da fome.

E tudo poderia ter terminado em um compromisso conciliador, como se planejou fazer com a Constituinte e como se fez em todas as chancelarias europeias.

Um pensamento, um flash! Um pensamento, um decreto! O decreto VZIK de 26 de fevereiro: confiscar *todos* os tesouros da Igreja para ajudar as vítimas.

O Patriarca escreveu a Kalinin. Kalinin não respondeu. Em 28 de fevereiro, o Patriarca enviou uma nova circular fatídica: a Igreja considerava tal ato um sacrilégio e não podia consentir com ele.

Daqui a cinquenta anos, é fácil criticar o Patriarca. Naturalmente, os altos dignitários da Igreja Cristã não precisaram se preocupar se o governo soviético tinha outras fontes de renda, nem *quem* trouxe fome ao Volga, nem tiveram que se apegar às coisas materiais, desde a nova fé (se ela veio se houver) não poderia se basear nesses valores. Mas imagine a situação do infeliz Patriarca: eleito depois de outubro, e por vários anos à frente de uma Igreja perseguida cujos ministros foram fuzilados. E era ele quem tinha que protegê-la.

E os jornais foram imediatamente lançados sobre o Patriarca e os príncipes da Igreja, deixando o Volga à mercê da fome. Quanto mais o Patriarca persistia em sua recusa, mais difícil se tornava sua situação. Em março, mesmo entre o clero, vozes se levantaram exigindo a entrega dos tesouros e a negociação de um acordo com o governo. O único medo que ainda precisava ser superado foi afirmado pelo bispo Antonin Granovski, um delegado do Comitê Central Pomgol, em uma conversa com Kalinin: "Os fiéis temem que os objetos de culto possam ser usados para outros fins". (O leitor versado nos fundamentos da doutrina progressista

reconhecerá que isso era mais do que provável. Pois as necessidades do Comintern e do Oriente, que começava a despertar, disputavam a primazia com as dos camponeses do Volga).

Além disso, o metropolita Venimin de Petrogrado era totalmente abnegado e benevolente. "Isso vem de Deus e damos tudo de boa vontade." Mas sem confisco, como oferta. Ele também pediu controles: o clero e os leigos tinham que guardar os objetos até o momento em que se tornassem pão para os famintos. E ele lamentou perder a proibição estrita do patriarca Tijon.

Em Petrogrado, nenhuma objeção foi levantada. Uma testemunha da sessão realizada pelo Pomgol em Petrogrado em 5 de março de 1922 descreve a situação com frases lisonjeiras.

Veniamin disse: "A Igreja Ortodoxa está pronta para dar tudo pelas vítimas da fome." Apenas na expropriação forçada ele viu uma ação traiçoeira. Mas se não fosse necessário recorrer ao confisco! Kanatchikof, presidente da Petrogrado Pomgol, afirmou que essa atitude despertaria a benevolência do governo soviético para com a Igreja. Quase nada! Todos os presentes se levantaram animados. O Metropolita disse: «O pior é a discórdia e a hostilidade. Mas não está longe o dia em que todos os russos viverão em paz e harmonia. Eu, pessoalmente, irei me dirigir aos fiéis e remover o monte de ouro do ícone da Virgem da Catedral de Kazan. Ele irá para os famintos, acrescento com nosso doce pranto. Ele deu a bênção aos bolcheviques, e eles o acompanharam até a porta, de cabeça descoberta. O clima de paz e harmonia que reinou nas negociações é confirmado pelo ^[236] *Pravda* de Petrogrado, que nos dias 8, 9 e 10 de março dedica palavras amáveis ao metropolita, e corrobora: "Em Smolni foi acordado que as taças e os suportes de ouro dos ícones são lançados na presença dos fiéis."

Mais uma vez, um acordo parece estar se aproximando! O hálito fedorento do cristianismo envenena a vontade revolucionária. Os famintos do Volga não precisam de oferendas ou concórdia. Purga-se a Pomgol de Petrogrado, os jornais atacam os "maus pastores" e os "príncipes da Igreja" e acabam por dizer claramente aos representantes da Igreja: não precisamos das vossas esmolas e não temos que fazer um pacto convosco. Tudo pertence ao estado, e o estado tomará o que quiser!

E em Petrogrado, como no resto do país, começam o confisco e os incidentes.

Já existe uma base legal para os primeiros processos anticlericais.

h) *Processo anticlerical realizado em Moscou* (26 de abril a 7 de maio de 1922), no Museu Politécnico; Tribunal Revolucionário de Moscou; presidente: Bek; promotores: Lunin e Longinof; acusados: dezessete arceprestes e leigos, acusados da divulgação da circular do Patriarca. Essa transgressão supera a entrega ou retenção dos próprios tesouros. O arcepreste AN Saoserski *entregou todos os objetos de valor de sua igreja*, mas permaneceu fiel aos princípios da circular do Patriarca, de considerar o confisco forçado como um sacrilégio; ele se tornou a figura principal no processo e foi baleado. (O que mostra que não se tratava de alimentar os famintos, mas de aproveitar para pôr a Igreja de joelhos).

Em 5 de maio, o Patriarca Tijon foi convocado como testemunha. Embora o público na sala tivesse sido devidamente filtrado e selecionado (neste, o ano de 1922 não foi muito diferente de 1937 ou 1968), eles mantiveram suas tradições russas tão profundamente enraizadas sob a fina camada da sovietação que metade dos presentes Eles se levantaram quando o Patriarca entrou, para receber sua bênção.

Tijon assume total responsabilidade pela redação e distribuição da circular. O Presidente do Tribunal declara que isso é impossível. Até a última linha? De seu punho e carta? Certamente você acabou de assiná-lo, mas digamos, quem o escreveu? Quem te aconselhou? " E depois: "Por que menciona na circular a suposta perseguição a que a Imprensa se opõe?" (Ele se opõe a *você*. Não tem nada a ver conosco, portanto!) "O que você quis dizer com isso?"

E L P ATRIARCA : -Pregúntelo quem o iniciou.

E L P RESIDENTE : 'Isso não tem nada a ver com religião!

E L P ATRIARCA : -Reviste caráter histórico.

E L P RESIDENTE : 'Você disse que um decreto foi publicado durante as conversas com Pomgol, após o seu?

E L P ATRIARCA : Sim.

E L P RESIDENTE : 'Então, você acha que o governo soviético agiu de má fé?

Carga fatal! Milhões de vezes isso foi repetido para nós em interrogatórios noturnos. E nunca nos atreveremos a responder a ela com a simplicidade do Patriarca:

-Sim.

E L P RESIDENTE : Você acha que eles forçam as leis atuais do estado?

E L P ATRIARCA : Sim, aceito tudo *o que não contradiz os mandamentos da religião*.

(Se todos tivessem respondido assim, quão diferente nossa história teria sido!)

Questões canônicas são discutidas. O Patriarca assinala: Não há sacrilégio se a Igreja voluntariamente entrega seus tesouros; há sacrilégio se forem tirados dele contra a sua vontade. A circular não condena a doação , mas sim a apreensão forçada.

(Isso o torna mais interessante, o torna forçado).

Camarada Bek, Presidente do Tribunal, em tom de surpresa:

"O que é, afinal, o que é mais importante para você: o dogma da Igreja ou a vontade do governo soviético ?"

(A resposta esperada: "... do Governo Soviético").

“Tudo bem, embora, segundo a Igreja, seja um sacrilégio”, exclama o promotor, “onde está a misericórdia ?! (Pela primeira e única vez em cinquenta anos, um tribunal lembra o pobre *miseria ordia*) ...

Uma análise filológica também é feita. *Suiatotsvo* (sacrilégio) deriva de *suiato-tat*, ladrão de igrejas.

E L F ISCAL : De acordo com isso, nós, os representantes do governo soviético, somos ladrões sacrílegos?

(Barulho na sala, interrupção; os oficiais de justiça entram em ação).

E L F ISCAL : —Então você rotula os representantes do Governo Soviético e do VZIK como ladrões?

E L P ATRIARCA : 'Refiro-me à regra canônica.

O termo "profanação" também é discutido. No confisco do chá de ouro da Igreja de São Basílio de Cesaréia, o monte de um dos ícones não coube na caixa, e foi dobrado a chute. O Patriarca estava presente?

E L F ISCAL : Como você sabe? Qual é o nome do padre que te contou? (Diga-nos o seu nome para que possamos prendê-lo imediatamente!)

O patriarca não dá o nome.

Então é mentira!

O Procurador, implacável e triunfante:

"Quem é o autor desta calúnia vil?"

E L P RESIDENTE : Conte-nos como você chama os homens que pisaram na sela. Naturalmente , eles não deixaram um cartão. Caso contrário, o Tribunal não será capaz de acreditar em suas palavras.

O Patriarca não pode dar esses nomes.

E L P RESIDENTE : Suas acusações são infundadas. Ainda não foi demonstrado que o Patriarca pretendia derrubar o governo soviético. Mas é mostrado:

"A turbulência tenta preparar opinião para uma futura derrubada."

O Tribunal decide processar o Patriarca.

Em 7 de maio, foi proferida sentença: para onze dos dezessete réus, morte por fuzilamento . (Cinco são disparados).

Krylenko já disse: "Não estamos aqui para jogar."

Uma semana depois, o Patriarca foi destituído de seu cargo e preso. (Mas isso não foi tudo. Ele foi confinado por um tempo no mosteiro do Don. Lá ele seria mantido sob rigorosa prisão, até que os fiéis se acostumassem com sua ausência. Você se lembra da pergunta que Krylenko fez pouco antes? O perigo pode ameaçar o Patriarca? "Verdade, quando o perigo vem, sinos ou telefones são inúteis).

Depois de mais uma semana, o metropolitano Veniamina de Petrogrado também é preso. Ele não era um alto dignitário da Igreja, nem tinha sido nomeado como os outros metropolitas. Na primavera de 1917, e pela primeira vez desde a época de Altnovgorod, foram realizadas eleições metropolitanas em Moscou e Petrogrado. Sempre acessível a todos, um visitante regular de fábricas e oficinas, e amado pelo povo e pelo baixo clero, Veniamin foi eleito. Ele não entendia sua época e considerava que sua missão era manter a Igreja fora da política. "Porque ele sofreu muito por causa dele no passado." E precisamente este Metropolitano foi instruído:

i) *Processo anticlerical de Petrogrado* (9 de junho a 5 de julho). No banco dos réus , várias dezenas de pessoas, entre teólogos eruditos, especialistas em Direito Canônico, arquiemandritas, clérigos e leigos. A acusação era de resistência à requisição dos tesouros da Igreja. Semionov, o presidente da Corte, tem 25 anos (diz-se que é padeiro). O promotor sênior, PA Krassikov, conselheiro na Delegacia de Justiça, é aquele amigo de Lenin, de sua própria fazenda, um colega seu durante o exílio em Krasnoiarsk e posterior emigração, que Vladimir Ilic gostava de ouvir tocar violino.

Já na Avenida Nevsky e no ponto por onde entrava o carro que dirigia o metropolitano, uma multidão se aglomerava diariamente. Muitos caíram de joelhos e gritaram: "Ó Senhor, salve o seu povo!" (Quem demonstra

devoção excessiva foi preso na mesma rua ou em juízo). A maior parte da audiência na sala era composta por soldados do Exército Vermelho, mas até eles se levantaram quando o Metropolita de mitra branca apareceu. Porém, para o Ministério Público e para o Tribunal, ele era um *inimigo do povo* (porque este termo já existia nessa altura).

Os defensores foram perdendo terreno de um processo para outro. Aqui, o violento e indigno de sua situação foi claramente apreciado. Krylenko não nos diz nada sobre isso; Em vez disso, uma testemunha nos diz. O Tribunal ameaçou com raiva prender o primeiro defensor Bobrishev-Pushkin, e essa ameaça já estava tão arraigada nos costumes da época, que Bobrishev-Pushkin foi rápido em confiar seu relógio e carteira a seu colega Gurovitch ... E contra a testemunha, Professor Yegorov, foi imediatamente expedido um mandado de prisão por ter testemunhado a favor do metropolita. Mas depois viu-se que o professor estava preparado: carregava em uma carteira volumosa comida, roupas limpas e um cobertor não muito grosso.

O leitor percebeu como, aos poucos, o Tribunal vai tomando as formas que nos são familiares?

O metropolita Veniamin é acusado de ter entrado em negociações com o governo soviético com traição, a fim de conseguir uma flexibilização do decreto sobre o confisco dos tesouros da Igreja. Ele publicou cruelmente o texto da carta dirigida ao Pomgol (Zamisdat!) E agiu em conjunto com a burguesia internacional.

O reverendo Krasnizki, meu principal embro da *Igreja viva* e agente da GPU, declarou que o clero havia conspirado para provocar um levante contra o governo soviético, tirando vantagem da fome.

Apenas as testemunhas de acusação foram interrogadas. Os da defesa não foram admitidos. (Parece...! Cada vez mais).

O promotor, Smirnov, pediu "dezesesseis cabeças". O promotor Krassikov exclamou:

"Toda a Igreja Ortodoxa é uma organização contra-revolucionária!" Na verdade, seria justificado *aprisionar toda a Igreja!*

(Programa totalmente realista, que estaria quase concluído muito em breve. E uma excelente base para o *diálogo*).

Vamos aproveitar a rara oportunidade para citar algumas frases que foram preservadas da defesa. SJ Gurovich, advogado do metropolitano:

«Não há indícios de culpa, não há factos, não há acusação ... O que dirá a história?» (Oh, que medo! Ela vai esquecer e não dizer nada!) “Em Leningrado, a apreensão da propriedade da Igreja foi realizada sem o menor incidente; pelo contrário, em Petrogrado a hierarquia eclesiástica está no banco dos réus e sua vida está ameaçada. O princípio fundamental a que você se refere constantemente é o bem do Estado soviético. Não se esqueça, porém, que a Igreja se alimenta do sangue dos seus mártires. (Em nosso país, não). «Não tenho mais nada a dizer, mas tenho dificuldade em parar de falar. Enquanto durar o processo, o acusado preservará suas vidas. Quando o processo terminar, sua vida vai acabar »...

O Tribunal condena dez dos acusados à morte. A sentença não será cumprida senão depois do processo dos Sociais Revolucionários (como se quisessem fuzilá-los todos juntos). O VZIK perdoa seis e os outros quatro (Metropolitan Veniamin; Arch Imandrite Sergi, ex-membro da *Duma*; Professor da Faculdade de Direito, JP Novizki, e o advogado Kovcharov) são baleados na noite de 12 para 13 Agosto.

Exortamos fortemente o leitor a não esquecer o princípio da multiplicidade provincial; à medida que vejo que os dois processos se tornam vinte.

Era urgente ter um Código Penal para julgar os Sociais Revolucionários. Era essencial ter as silhares de granito de uma LEI. Conforme planejado, em 12 de maio de 1922 , foi inaugurada a assembléia VZIK; mas a conta ainda não estava pronta. Vladimir Ilyich ainda não o havia revisado, o que não faria até voltar de Gorky.

Seis artigos da lei indicavam a pena máxima: execução. Isso estava longe de ser satisfatório. Em 15 de maio, Lenin acrescentou seis outros artigos às margens do projeto, listando quantos crimes a pena de morte deve ser aplicada (entre outros, de acordo com o artigo 69: propaganda e agitação ... especialmente o incitamento à resistência passiva contra os Governo e evasão coletiva de impostos militares e fiscais). ^[238] Outro crime punível com morte por fuzilamento era o retorno do estrangeiro sem autorização (vamos lá, como se todos os socialistas tivessem que seguir um movimento pendular). Outra pena equivalente à morte foi adicionada: o exílio. (Vladimir Ilyich sem dúvida previu o tempo em que não poderíamos nos

livrar dos visitantes europeus e, inversamente, o tempo em que não poderíamos ir para a Europa, quando não teríamos liberdade de movimento). A consequência mais importante foi explicada por Ilyich, em carta dirigida ao Comissário do Povo para a Justiça, nos seguintes termos:

Camarada Kursk i:

Em minha opinião, a aplicação da execução (que pode ser comutada para o exílio) pode ser estendida ... a todas as atividades mencheviques, social-revolucionárias e semelhantes; É preciso encontrar uma fórmula que coloque esses atos puníveis em uma "relação com a burguesia internacional" [as aspas são de Lênin].^[239]

A aplicação da execução deve ser expandida! O que pode ser deduzido disso? (Muitos foram enviados ao exterior?) "Terror é um meio de persuasão",^[240] naturalmente!

Mas Kurski não percebeu com clareza. Provavelmente, onde falhou foi na formulação e no estabelecimento de tal *relacionamento*. Então, no dia seguinte, ele foi ver o presidente do *Sovnarkom*. Não sabemos o que falaram, mas conhecemos o texto de uma segunda carta que Lenin lhe enviou de Gorky em 17 de maio:

General Kurski:

Como continuação da nossa conversa, envio-lhes a minuta de um artigo adicional do Código Penal. Este é um rascunho que deve ser completamente revisado e estudado. Espero que, apesar das lacunas do projeto, a ideia básica seja clara: apresentar uma tese real (não apenas puramente jurídica) que apóie a entidade e a justificativa do terror, sua necessidade e seus limites.

O Tribunal não deve eliminar o terror - prometé-lo seria enganar a nós próprios ou aos outros - mas estabelecê-lo e regulamentá-lo em princípio, de forma clara e sem adornos. A articulação deve ser a mais ampla possível, pois somente a consciência do direito revolucionário impõe as condições para uma aplicação prática mais ou menos ampla.

Uma saudação comunista.

LENIN.^[241]

Não ousamos comentar sobre este importante documento. Aqui o silêncio e a meditação prevalecem.

Este documento também é importante porque é uma das últimas instruções escritas por Lênin antes de sua doença, uma parte importante de sua vontade política. Dez dias depois, ele sofreu seu primeiro derrame, do qual se recuperou apenas parcialmente, e por pouco tempo, durante o outono de 1922. Essas duas cartas para Kurski não foram escritas naquela sala clara com paredes de mármore branco, escritório e escritório? meio armário, aquela sala no canto do primeiro andar, onde já estava preparado qual seria o leito de morte do fundador?

E começou o trabalho no rascunho, naquelas duas variantes do artigo adicional do qual, ao longo dos anos, também surgiria 58-4 e o grande Artigo de Artigos, CINQUENTA E OITO. Uma leitura empolgante: Agora sabemos o que significa *uma articulação o mais ampla possível*, o que significa *uma aplicação prática mais ou menos ampla!* Quando você lê, você se lembra de quão longe foi o abraço de amor ...

"... propaganda ou agitação, ou participação em uma organização, ou apoio (seja expressamente formulado ou potencial) ... de organizações ou pessoas cujas atividades têm caráter" ...

De qualquer forma, eles me trazem Santo Agostinho, e em um piscar de olhos vou postar este artigo!

Tudo foi devidamente ordenado, limpo e - quanto à pena de morte - corrigido e ampliado; No final de maio, a assembleia da VZIK recebeu o Código Penal e, em 1º de junho de 1922, o colocou em vigor.

Em uma base perfeitamente legalizada, ele poderia então ser aberto perante o Supremo Tribunal:

j) *Processo dos Sociais Revolucionários* (8 de junho a 7 de agosto). O seu presidente, o general Karklin, foi substituído pelo astuto Georgi Piatakov: não foi à toa que os olhos do mundo socialista se voltaram para este importante processo. (O destino pró-ativo está sempre pronto para jogar um jogo ruim ... e nos dê tempo para refletir! Isso daria a Piatakov quinze anos) ... Não havia advogados. Os acusados, destacados revolucionários sociais, se defenderam. Piatakov era rude e impaciente, interrompendo-os a cada momento.

Se todos nós, caro leitor, já não estivéssemos bem avisados que num processo o mais importante não é a acusação, ou seja, o "crime", mas a *oportunidade*, quem sabe se não abriríamos o coração imediatamente e sem reservas . No entanto, quando se busca a oportunidade, não pode haver surpresas: ao contrário dos mencheviques, os socialistas-revolucionários ainda eram considerados perigosos, organizados (não foram dispersos), vivos (não aniquilados), pelo que foi necessário destruí-los definitivamente, em benefício de a nova Ditadura (do proletariado).

Do contrário, ignorando esse princípio, pode-se cair no erro de ver nesse processo a vingança de uma parte.

A acusação formulada por este Tribunal nos faz questionar se a projetamos na história dos Estados, que continua até hoje. Com exceção de algumas poucas democracias parlamentares , em certos séculos, a História, em geral, é uma sucessão de violentas conquistas e derrubadas. E aquele que mostra mais habilidade nas derrubadas e com mais firmeza sobe na sela, goza da augusta bênção da justiça, e todos os seus atos, passados e futuros, são legais e recomendáveis, enquanto os de seus menos afortunados Os adversários são criminosos, puníveis e todos merecem ser punidos com a morte.

O Código Penal havia entrado em vigor uma semana antes, mas a história dos cinco anos após a Revolução já estava embutida nele. Vinte, dez, cinco anos atrás, os Sociais Revolucionários tinham sido o lado revolucionário na luta pela derrubada do Czarismo e (graças às peculiaridades de sua tática de terror) eles tinham assumido a maior parte da responsabilidade pelo *katorga*, enquanto o Os bolcheviques permaneceram em segundo plano.

Passemos agora ao primeiro ponto da acusação: Os Sociais Revolucionários foram os iniciadores da guerra civil! Sim, eles começaram, eles foram os primeiros. Eles são acusados de opor resistência armada à Revolução de Outubro. Quando o Governo provisório, apoiado e constituído em parte por eles, foi legalmente varrido pelo fogo da metralhadora dos marinheiros, os Sociais Revolucionários fizeram a tentativa ilegal de salvar o Governo, ^[242] para o qual responderam aos disparos com disparos, e até mobilizaram os cadetes, que se encontravam a serviço do referido Governo derrubado.

Derrotados em combate, não demonstraram, na política, o mínimo arrependimento. Eles não se curvaram ao *Sovnarkom*, que se designou para

governar. Exibindo teimosia teimosa, eles continuaram a afirmar que o único governo legítimo era o primeiro. Eles não queriam reconhecer o fracasso de sua linha política nos últimos vinte e cinco anos, ^[243] eles não pediram clemência ou a dissolução de seu partido. ^[244]

E aqui está o segundo ponto da acusação: eles haviam aprofundado o abismo da guerra civil com suas manifestações em 5 e 6 de janeiro de 1918, tomando as ruas em rebelião aberta contra o poder legítimo do Governo dos Trabalhadores e Camponeses; em apoio à sua ilegítima Assembleia Constituinte (formada por voto geral, indistinto, secreto e direto), contra os marinheiros e Guardas Vermelhos que, por direito próprio, atacaram a citada Assembleia e os citados manifestantes. (Bem, o que poderia ter saído das sessões silenciosas da Assembleia Constituinte? Apenas três anos de guerra civil. Afinal, a guerra civil começou porque a publicação não queria cumprir os decretos legítimos do *Sovnarkom* ao mesmo tempo).

Terceiro ponto da ação: Não reconhecimento da Paz de Brest, aquela paz legítima e redentora que não separou a cabeça do tronco da Rússia, mas simplesmente cortou uma parte do tronco. Com isso, segundo a acusação, surgiram "todas as características de *alta traição* e atividades criminosas que tendem a empurrar o país para a guerra".

Alta traição! Um fenômeno, às vezes branco e às vezes preto, dependendo de como você o encara.

Disto deriva o sério quarto ponto da acusação: no verão e outono de 1918, quando a Alemanha Imperial lutou contra os Aliados com teimosia e falta de meios singulares, e a Rússia Soviética, de acordo com o Tratado de Brest, apoiando-a, na sua difícil luta, com provisões e entregas mensais de ouro, os revolucionários sociais traçaram um plano (para ser mais exato, o que mais convinha a sua forma de agir era debater o caso e pensar o que, onde e quando), um plano para explodir os trilhos pelos quais um dos trens do ouro teria que passar, para que sua preciosa carga ficasse na pátria. Em outras palavras: "Preparativos para a criminosa destruição de um bem do povo: a Estrada de Ferro".

(Ainda não era considerado uma vergonha e foi abertamente admitido que as entregas de ouro russo estavam sendo feitas para o futuro Hitler King ; e Krylenko, em sua dupla qualidade de jurista e historiador, não podia ver - nem nenhum de seus colaboradores sugeriu a ele - que as barras de ouro eram propriedade do povo tanto quanto os trilhos de ferro) ...

O quarto ponto da acusação trazia , inevitavelmente, o quinto: Para obter os meios técnicos que seriam utilizados no plano, seriam aplicados os recursos recebidos dos representantes dos aliados (para não dar ouro a Guillermo, aceitaram dinheiro da "Entente"). Não foi esta a pior das traições? (De qualquer forma, Krylenko fez alusão a certas relações existentes entre os Sociais Revolucionários e o Estado-Maior de Ludendorff, mas eles não deram o resultado desejado e tiveram que abandonar a ideia).

Já temos em mãos o sexto ponto da acusação: em 1918, os social-revolucionários eram *espiões* da Entente. Revolucionários ontem e espiões hoje! Deve ter soado como uma bomba então. Nos muitos processos vistos até agora, o tópico foi abusado até a náusea.

Bem, o sétimo e o décimo pontos da acusação diziam respeito à colaboração com Savinkov ou Filonenko, ou com os cadetes, ou com a "Liga do Renascimento" (mas ela já existiu?), Ou com os filhos de os nobres e até mesmo os Guardas Brancos.

Essa série de acusações é examinada cuidadosamente pelo promotor.

[245] Tanto nas reflexões noturnas em sua escrivaninha quanto em suas súbitas inspirações no pódio, encontra sempre aquele tom cordial e compassivo, lamurioso e amigável que, em sucessivos processos, cultivaria e que em 1937, plenamente desenvolvido, lhe daria um tremendo sucesso. É um tom que denota a comunicação entre juízes e réus perante o resto do mundo. É uma melodia tocada no acorde sensível do acusado. No caso dos revolucionários socialistas, a letra diz assim: No final, somos todos revolucionários! (Todos: você e nós somos iguais). Como você pode ter caído tão baixo e feito um pacto com os cadetes? (Mas seu coração não sangra?) Veja que negócio com os oficiais! Veja como fazer os alunos brancos começarem com sua excelente técnica de conspiração!

Não temos as respostas dos acusados. Não sabemos se alguma fez referência ao caráter especial da Revolução de Outubro: declarar guerra a todas as partes ao mesmo tempo e privá-las do direito de associação. (Se eles te deixarem em paz, não grunhe.) Seja como for, parece que mais de um réu deve ter abaixado a cabeça e sentido seu coração se partir. Sim; Como eles podem ter caído tão baixo? E é que essa compaixão demonstrada pelo promotor na sala iluminada constitui um bálsamo para o prisioneiro, em sua cela escura.

E então Krylenko encontrou um segundo caminho perfeitamente lógico (o mesmo que Vichinsky tomará em sua campanha contra Kamenev e Bukharin): quando você se associou à burguesia, você aceitou suas doações. A princípio, pela Causa, *apenas pela Causa* e nunca pelos propósitos do partido; mas onde está a divisão? Quem deve marcar? E a Causa não é o fim do jogo? Veja o que você conseguiu: que o partido socialista revolucionário é mantido pela burguesia. O que aconteceu com seu orgulho revolucionário?

A medida da promotoria estava cheia, e o Tribunal poderia ter se retirado para deliberar e julgar quando de repente, inesperadamente, se viu em um beco sem saída:

- tudo o que o Partido Socialista Revolucionário foi acusado aconteceu em 1918;
- entretanto, em 27 de fevereiro de 1919, uma anistia especial foi promulgada para os revolucionários socialistas, perdoados por sua luta contra os bolcheviques, se de agora em diante eles parassem de lutar, *e desde então não tivessem mais lutado!*
- e era o ano de 1922.

Onde procurar a saída?

Não que eles não tivessem pensado nisso. Foi pensado quando a Internacional Socialista pediu ao governo soviético que não processasse seus irmãos socialistas.

É verdade que, no início de 1919, diante da ameaça de Kolchak e Denikin, os social-revolucionários retiraram a palavra de ordem do levante e renunciaram à luta armada contra os bolcheviques. (E em Samara os social-revolucionários até abriram um setor da frente de Kolchak para seus irmãos comunistas, uma ação que rendeu a eles e aos demais anistia). E Gendelman, seu membro do ZK, disse ainda no processo: "Dê-nos a possibilidade de desfrutar de toda a escala dos chamados direitos civis e não quebraremos nenhuma lei." (Qual é, o que eles acham? Nada menos do que "escala total"! Língua comprida!)

Não só cessaram de lutar, como reconheceram o Governo dos Sovietes (isto é, renunciaram ao anterior Governo Provisório e ao Governo Constituinte). E agora só pedem a chamada para *novo eleito s* para esses soviets, em concorrência com todas as partes.

Lá dói! Isso já saiu! Por fim, eles mostram sua verdadeira face de burguesia asquerosa, Deus nos salve! Em tal hora?! *Sendo como estamos cercados por inimigos!* (O mesmo acontecerá em vinte, cinquenta ou cem anos). É isso que vocês gostariam, agitação eleitoral, hein, cachorros?

Com isso, de acordo com Krylenko, os homens de impeachment calmo só podiam rir e encolher os ombros. Com toda a justiça, a decisão foi tomada “para evitar, por todos os meios de pressão governamental, de imediato, que os referidos grupos promovessem agitação contra o Governo”^[246]. Assim, em resposta à renúncia dos socialistas à luta armada e à oferta de paz, *todo o Comitê Central do partido foi preso* (pelo menos os membros que puderam encontrar).

Isso é tão típico de nós!

Mas, uma vez encarcerados (e já estavam há três anos), eles tiveram que ser julgados. E por que? “A investigação judicial não apurou este período na mesma medida”, lamenta o procurador.

Em todo caso, a acusação tem um ponto inatacável: no mesmo fevereiro de 1919, os social-revolucionários tomaram a decisão (que ficou no papel, que, no entanto, segundo o novo Código Penal, já bastava), de promover agitação entre o Exército Vermelho para que se *recusasse a participar de expedições punitivas contra os camponeses*.

Tentar retirar alguém de expedições punitivas foi uma traição vil e dissimulada à Revolução!

Além disso, poderiam ser acusados de tudo o que a chamada “Delegação Estrangeira do Comitê Central” dos Sociais Revolucionários - isto é, os de seus dirigentes que haviam fugido para a Europa - havia dito, escrito e feito (na verdade, mais dito e escrito do que feito).

De qualquer forma, ainda era uma coisa pequena. E então ocorreu o seguinte: “Muitos dos arguidos não teriam sido indiciados se não tivesse sido comprovada a sua participação na organização de *actos de terrorismo*”. Em outras palavras, quando a anistia de 1919 foi promulgada, nenhum funcionário do Ministério da Justiça soviético pensou que os Sociais Revolucionários organizassem atos de terrorismo contra figuras proeminentes do estado soviético! (Vejam: quem teve essa ideia? Os Sociais-Revolucionários Russos e o terror! Se ocorresse a alguém, eles teriam de receber uma anistia. Ou desistir do presente do exército na frente de Kolchak. Claro, foi uma sorte que naquela época ninguém cedeu.

Ocorreu aos funcionários apenas quando necessário). Portanto, *esta* posição não se beneficia da anistia (abrangia apenas a *luta*), e Krylenko a apresenta.

E quantas coisas vão vir à luz! Quantas coisas!

Em primeiro lugar: o que disseram os dirigentes social-revolucionários ^[247] nos primeiros dias após a Revolução de Outubro? Dzernov (no quarto congresso): que o partido se defendesse com todas as suas forças, "como então [na época dos czares] contra qualquer ataque aos direitos do povo". (E todo mundo sabe como ele fez). Goz: "Se os autocratas de Smolni não pararem diante dela (a Assembleia Constituinte) ... o Partido Social Revolucionário se lembrará de suas velhas e comprovadas táticas."

Lembrar deles certamente lembrava deles, mas não tomava uma decisão. De qualquer forma, a Corte já estava farta.

"Neste campo de nossa instrução haverá poucos testemunhos", lamenta Krylenko. Isso se deve à conspiração. Assim, a minha tarefa torna-se muito mais difícil ... Neste campo, isto é, no do terror, somos obrigados a apalpar-nos ^[248] nos ».

A tarefa de Krylenko tornou-se mais difícil, porque na sessão do Comitê Central dos Sociais Revolucionários o uso do terror contra o governo soviético foi discutido e rejeitado em 1918. E agora, com o passar dos anos, é preciso mostrar que os social-revolucionários se moviam nas sombras.

Então eles disseram: Não antes de os bolcheviques começarem a executar socialistas. Ou, em 1920: O partido pegará em armas se os bolcheviques colocarem em perigo a vida dos reféns social-revolucionários. ^[249]

Vejamos: por que o "sim" e o "mas"? Por que não renunciar imediatamente e definitivamente? Como se atrevem a pensar em armas? "Por que não houve manifestações absolutamente negativas?" (Camarada Krylenko: E se o terror fosse sua "segunda natureza"?)

Que o Partido Social Revolucionário não exerceu terror já está claro no discurso acusatório de Krylenko. No entanto, são alegados os seguintes fatos: um réu concebeu o plano de explodir a locomotiva do trem do Sovnarkom por ocasião da transferência para Moscou. Conclui-se que o Comitê Central é culpado de terrorismo. E o "executor" Ivanova ficou de guarda por uma noite inteira, com uma dinamite, em frente à estação, que se

define como um ataque ao trem de Trotsky e um ato de terrorismo do Comitê Central. Além disso: Donskoi, um membro do Comitê Central, advertiu F. Kaplan que um ataque contra Lenin levaria à sua expulsão do partido. Muito pouco! Por que não foi estritamente proibido? (Ou também: Por que ninguém a denunciou à Cheka?)

Finalmente, depois de muita persistência na busca, Krylenko teve que se contentar em acusar os Sociais Revolucionários de não terem evitado os atos isolados de terrorismo de seus esperados apoiadores. Isso tudo era terrorismo dele. (E nem mesmo esses ativistas fizeram nada. Dois deles, os Konopliova e Semionov, em 1922, com pressa suspeita, prestaram depoimento perante a Cheka - e depois perante o Tribunal - mas os fatos alegados não puderam ser imputados ao Comitê Central, e esses dois famosos terroristas foram inexplicavelmente libertados).

Todas as declarações foram vacilantes e precisam ser apoiadas. Por exemplo, Krylenko diz de uma das testemunhas: "Se o homem tivesse a intenção de inventar algo, ele não teria a capacidade de acertar o alvo casualmente."^[250] (Isso é muito forte. O mesmo poderia ser dito para qualquer falso testemunho). Ou, a respeito de Donskoi: ele poderia ser creditado com "tal talento para testemunhar precisamente de acordo com os desejos da acusação"? Pelo contrário, sobre a Konopliova ele diz que a plausibilidade de sua declaração reside no fato de a testemunha não dizer o que a acusação quer que ela diga. (Mas diz o suficiente para levar o acusado à forca.) Se nos perguntarmos se o Konopliova não inventou tudo, a resposta não poderia ser mais clara: "Ele tinha que mentir *do começo ao fim* (ele conhece bem - AS), desmascarar todo mundo"^[251] - bem, e ela? -. Bem, ela fica na metade. Mas esse também é o caso: "Yefimov não tinha motivos para intentar uma ação contra a Konopliova que nos obrigasse a condená-la à morte".^[252] Também ^{aqui} ele tem razão e também funciona assim. Ou, o que seria ainda mais eficaz: «Poderia este encontro ter produzido? Essa possibilidade não está descartada. *Não é descartado?* Então é sim. Bem, vá em frente!

Agora vamos ver o que acontece com o "grupo tático". Depois de muita conversa, é dito de repente que "... foi dissolvido por falta de atividade." Então, para que serve toda essa conversa? Houve alguns assaltos a banco, ataques a repartições públicas soviéticas (e se eles não pudessem agir, alugar apartamentos ou fazer suas viagens?) Mas antigamente eram os

ex- nobres e bons , como todos os r's evolucionários costumavam chamá-los. expropriadores. Hoje, perante a Corte Soviética, fala-se em "roubo e encobrimento".

Entre todas essas comissões, o bulbo nebuloso e amarelado da Lei revela a história triste e confusa desse partido de lutadores patéticos , infelizes e inoperantes, que nunca souberam o que era ser bem dirigido. E cada uma de suas decisões ou indecisões, todas as suas dúvidas e hesitações, seus avanços e suas retiradas, agora se transformam em culpa, única e exclusivamente em culpa.

E quando seu Comitê Central detido escreveu em setembro de 1921, dez meses antes do início do processo, ao Comitê Central recém-eleito, uma carta na qual afirmava que ele, o antigo Comitê agora encerrado em Butirka, não defende um *c A queda* irrevogável da ditadura soviética, mas aquela que poderia ocorrer como resultado da unificação das massas e do trabalho de agitação (isto é, que até na prisão pensam em terror e conspirações!), Então acabam de desabar . AHA! Conque defendem a queda!

Mas mesmo se eles fossem inocentes das acusações de conspiração e terrorismo; mesmo que não fossem responsabilizados por expropriações quase inexistentes e mesmo que, para tudo o mais, tivessem sido perdoados há algum tempo, o nosso querido procurador continuaria a enfiar a mão na sua gaveta misteriosa: «Em última análise, a *abstenção de reclamação* é um estado de causa que ocorre em todos os acusados sem exceção e que deve ser considerada plenamente provada. ^[253]

A culpabilidade do Partido Social Revolucionário fica assim demonstrada por *não se ter denunciado*. Isso não pode falhar. É uma revelação do espírito jurídico da nova lei e daquela estrada pavimentada por onde passarão os descendentes gratos, sem se dar conta, a caminho da Sibéria.

Mas Krylenko não conteve sua raiva: os acusados são "inimigos cruéis e irreconciliáveis". Não é preciso muito processo para imaginar o que acontecerá com eles.

O Direito Penal é tão novo que Krylenko confunde os números dos artigos mais importantes que se referem às atividades contra-revolucionárias arianas; mas você tem que ver como ele lida com eles! Com que sabedoria ele os cita e interpreta! É como se durante décadas a lâmina da guilhotina tivesse ficado suspensa sobre este ou aquele item. E agora

vem o mais importante: a distinção entre *métodos e meios* s que reconheciam o antigo Código Penal czarista, *não existe mais em nosso país*. Não é reconhecido no momento da apresentação das acusações ou no momento da sentença. Para nós, propósito e ação são a mesma coisa. Você fez uma resolução? Bem, para o Tribunal com você! Se isso foi colocado em prática ou não, não tem real importância. ^[254] Quer na cama tenha sussurrado para a sua mulher que gostaria de derrubar o governo soviético, quer tenha promovido a agitação durante as eleições, quer tenha plantado bombas, é a mesma coisa. *A pena é a mesma*.

Da mesma forma que bastam uns simples traços a carvão para que o pintor lhe apareça de repente o retrato que já viu lá dentro, também o esboço de 1922 se delineia diante de nós, cada vez mais claramente, o panorama da 1937, 1945 e 1949.

Mas ainda não é o mesmo, não. A atitude do acusado ainda é diferente. Eles ainda não são cordeiros bem treinados, eles ainda são ... pessoas. Sabemos pouco, muito pouco, embora o suficiente para compreender. Ocasionalmente, inadvertidamente, Krylenko cita uma frase dita por algum réu no tribunal. Assim, por exemplo, Berg "responsabilizou os bolcheviques pelas vítimas de 5 de janeiro" (quando foi disparada uma manifestação a favor da Assembleia Constituinte). E agora, uma citação concisa de Liberov: "Eu me declaro culpado de ter feito pouco pela queda do governo bolchevique em 1918". ^[255] Yevguenia Ratner fala do mesmo, e Berg, mais uma vez: «Entendo que o meu erro para com a Rússia operária foi não ter lutado com todas as minhas forças contra o chamado Governo Operário e Camponês; mas espero que minha última hora ainda não tenha chegado. (Bem , ele legou, filho, ele chegou).

Sem dúvida a velha ficção é apreciada pela frase sonora, mas também uma grande firmeza, sem dúvida!

O promotor argumenta que os réus representam um perigo para a Rússia Soviética porque estão convencidos de que o que fizeram foi bem feito. "Talvez alguns dos réus se consolem em pensar que o cronista do futuro terá palavras de elogio a ele ou por sua atitude perante o Tribunal."

E a conclusão do VZIK, publicada após o julgamento: "Eles reivindicaram perante o Tribunal até o direito de continuar suas antigas atividades".

O arguido Gendelman Grabovski (também advogado) distinguiu-se durante o julgamento pelos seus debates com Krylenko: sobre a escolha enviesada das testemunhas, sobre “os métodos especiais no tratamento das testemunhas”, a sua evidente preparação pela GPU. (Porque já existia tudo, sim, tudo, e sobra muito pouco para o último toque). Posteriormente, soube-se que a investigação preliminar estava sob a supervisão do promotor (ou seja, de Krylenko), e durante a mesma, certas declarações que não se somavam foram ajustadas e harmonizadas. Muitas das declarações foram conhecidas apenas durante o processo.

E que? E se as afirmações não corresponderem, se houver lacunas? Afinal, “temos que reconhecer friamente ... que o mais importante *não é como o tribunal da História julgará nosso trabalho*” ^[256].

As irregularidades podem ser corrigidas com o tempo.

Mas, de repente, nesta conjuntura, Krylenko, pela primeira e última vez na história da jurisprudência soviética, se lembra do relatório preliminar, o relatório a ser feito antes de iniciar o processo de investigação. E com que habilidade ele sai do caminho! Tudo o que escapou à revisão fiscal e que o público considerou uma investigação do caso, foi, na verdade, o relatório preliminar. O que o público considerou a revisão subsequente do promotor (todo o trabalho de polir, endireitar e apertar tarugos) foi exatamente a *instrução*. Os dados emaranhados "recolhidos pelas autoridades responsáveis pela denúncia e não confirmados na investigação, têm um valor jurídico muito inferior ao obtido durante o processo de investigação", ^[257] desde que possam ser acomodados adequadamente.

O homem está vivo ; não tem cabelo de idiota.

Em termos técnicos, Krylenko fez uma denúncia: depois de meio ano de preparativos, dois meses de bagunça no processo, um relatório de acusação de quinze horas, ele ainda tinha que fazer o possível para que as pessoas recebessem o que mereciam, pois todos eles "estiveram nas mãos dos *Órgãos* extraordinários nem uma nem duas vezes", e, além disso, "em momentos em que esses *Órgãos* possuíam amplos poderes; mas graças a certas circunstâncias, eles conseguiram escapar ilesos." ^[258]

A frase não pode ser outra senão "morte com tiro para todos, sem exceção", ^[259] naturalmente. Mas como o caso é levado ao ar perante os olhos do mundo, Krylenko admite generosamente que as declarações do

promotor não constituem uma "diretriz ao tribunal" que o tribunal foi obrigado a aceitar ou executar imediatamente. ^[260]

Tribunal Corajoso, se isso lhe fosse explicado!

E o Tribunal é obstinado o suficiente para não condenar "todos, sem exceção" à morte, mas apenas quatorze. De resto, dita penas de prisão e trabalhos forçados .

Além disso, outro processo é aberto para mais cem pessoas.

O leitor não deve esquecer que todos os tribunais da República têm os olhos postos no Supremo Tribunal Federal, ele "dá o tom", ^[261] a decisão da Suprema Corte serve como uma "diretriz". ^[262] Que cada um imagine aqueles que foram enviados às províncias.

Mas a cassação de VZIK revê todo o processo: as sentenças são confirmadas, mas a execução é suspensa. E o destino dos condenados passa a depender do comportamento dos revolucionários sociais que são libertados (mesmo os emigrantes). Então, se eles decidirem agir *contra* nós, eles vão para a parede.

Enquanto isso, nos campos de grãos da Rússia, a segunda colheita da paz estava sendo feita. E em nenhum lugar houve disparos, exceto nos pátios da Cheka (em Yaroslav Perjurov foi baleado, e em Leningrado, o metropolitano Veniamin; e tantos outros, sem trégua e sem fim). O céu estava azul e radiante, as ondas do mar eram de um azul celeste e nossos primeiros diplomatas e jornalistas estavam embarcando no exterior. O Comitê Executivo Central de Delegados Operários e Camponeses manteve inúmeros reféns como penhor.

Os membros do partido do governo leram as sessenta edições do *Pravda* que publicaram o relatório do processo (*todos* leram o jornal), e todos disseram: SIM, SIM, SIM. Nenhum disse NÃO.

Então, por que eles deveriam se surpreender em 1937? Do que eles poderiam reclamar? Tinha nem todas as bases de injustiça já sido estabelecidas, em primeiro lugar nos ensaios extrajudiciais na Cheka e, depois, nestes primeiros ensaios e na nova Lei Penal? Não foi o ano de 1937 igualmente *oportuno* (para os propósitos de Stalin, nem isento de responsabilidades perante a história)?

Uma profecia escapou de Krylenko: a de não ser julgado no passado, mas no futuro.

Ao cortar, a coisa mais difícil de fazer é acertar a primeira foice.

Por volta de 20 de agosto de 1924, Boris Viktorovich Savinkov cruzou a fronteira soviética. Ele foi imediatamente preso e levado para Lubyanka. [263]

O processo de instrução foi limitado a um único interrogatório, consistindo de declarações voluntárias e uma avaliação das atividades anteriores. Em 23 de agosto, a lista de acusações foi concluída. (A velocidade é espantosa, mas tem sua razão de ser. Alguém havia calculado bem: forçar Savinkov a confessar algumas mentiras instáveis destruiria a plausibilidade de todo o caso).

Na acusação, redigida na terrível terminologia já aperfeiçoada, Savinkov foi acusado de tudo: tinha sido um "inimigo obstinado dos mais humildes camponeses", ajudara a burguesia russa em suas aspirações imperialistas (porque ele era a favor da continuação da guerra contra a Alemanha), tinha "estado em contacto com representantes do comando aliado" (na sua qualidade de encarregado de negócios do Ministério da Guerra), tinha pertencido, "com propósito ou provocação", ao Comité de Soldados (por ter sido eleito pelos delegados) e, finalmente - e este é bom! -, nutria "simpatias monárquicas".

Mas, além de todo esse material gasto, havia também as novas acusações que, a partir de agora, faziam parte dos processos instruídos aos funcionários: aceitar dinheiro dos imperialistas; espionagem a favor da Polónia (já se haviam esquecido do Japão) e ... tendo querido envenenar todo o Exército Vermelho com cianeto (o que não tentou em nenhum caso).

O processo começou em 26 de agosto. Ulrich presidiu (esta é a primeira vez que o encontramos) e não havia promotor ou defensor.

Savinkov assistiu a seu próprio julgamento quase apaticamente, dificilmente participando dos pesados debates sobre as evidências. Para ele, esse processo foi um epílogo lírico: seu último encontro com a Rússia e a última chance de falar. Confessar. Arrepende-se. (Não das faltas que aí foram imputadas, mas de outras).

(E aquela melodia ... Adaptava-se perfeitamente à situação e perturbava o acusado: não somos tão russos como você? Você e nós *nos* fazemos. Você ama a Rússia, sem dúvida!, E respeitamos o seu amor; mas Nós, nós também a amamos. A glória e a força da Rússia, não estão entre nós hoje? E contra nós você queria lutar? Arrependa-se!)

Mas o mais espantoso foi a frase: "Para a salvaguarda da ordem revolucionária, a aplicação da pena de morte não parece indispensável e,

consequentemente, deixando de lado os motivos de vingança, contrários ao sentido de justiça das massas proletárias”, é comutada A pena de execução por dez anos de privação de liberdade.

Isso causou sensação e foi a causa de grandes rumores: estaria começando uma era mais benevolente? Você apontou para uma mudança no sistema? Ulrich sentiu-se compelido a explicar e até justificar-se no *Pravda* pela graça concedida a Savinkov. Como se nesses sete anos o governo soviético não tivesse adquirido força suficiente para não ter que temer um Savinkov!

(Não nos interpretem mal se em seu vigésimo aniversário, num ataque de fraqueza, ele atirar em centenas de milhares).

Essa frase benigna poderia ter sido o segundo enigma do caso, depois do mistério ou do retorno inexplicável, não fosse o fato de que, em maio de 1925, foi ofuscado por outro enigma. Em um acesso de desespero, Savinkov se atirou, através de uma janela, no pátio interno do Lubyanka. E os da GPU, os anjos da guarda, não conseguiram deter o golpe de seu corpulento corpo contra o solo. Claro, Savinkov havia deixado uma carta isentando seus tutores de toda responsabilidade (para que não houvesse reclamações pelo serviço), na qual explicava os motivos de sua decisão com tanta lucidez e com um estilo tão pessoal que até o filho do falecido, Lev Borissovich, reconheceu sua autenticidade e, em Paris, disse a todos que lhe perguntaram que ninguém além de seu pai poderia ter escrito aquela carta,

⁴¹ e que seu pai, ciente de sua falência política, havia cometido suicídio.

Mas os processos mais importantes, os mais famosos, ainda estão por vir ...

X

A lei está madura

Mas onde estavam todas aquelas pessoas que, na loucura do desespero, nos procuraram, atravessando a fronteira pela cerca de arame farpado, e em quem atiramos, por volta não autorizada, com base no artigo 71 do Código Penal? Contra todas as previsões científicas, essas pessoas desapareceram, e o artigo ditado foi inútil. Em toda a Rússia não havia um cara como Savinkov, mas isso não os livrou dos problemas aplicando aquele artigo a ele. Por outro lado, a pena contrária (exílio, substituto da execução) foi aprovada em massa.

Naqueles dias, quando ainda se discutia o Direito Penal, Vladimir Ilyich, com pressa, para que a luminosa ideia que acabara de lhe ocorrer não se desvanecesse, escreveu uma carta a Dzherzhinsky, de 19 de maio:

Camarada Dzherzhinsky:

Quanto ao banimento de escritores e professores, que auxiliam na contra-revolução, devo dizer que este assunto tem que ser cuidadosamente preparado. Se não o prepararmos, faremos um disparate ... O assunto tem que ser organizado de forma que esses "espiões de guerra" sejam constantemente e sistematicamente procurados, capturados e enviados para o exterior. Por favor, mostre esta carta, secretamente e sem duplicá-la, aos membros do Politburo. ^[265]

O segredo desta carta, natural neste caso, foi determinado pela importância e pela clareza ilustrativa da medida adotada. O agrupamento claro das classes na sociedade russa tem sido recentemente perturbado pelo amontoado amorfo da velha intelectualidade *burguesa* que, no terreno ideológico, realmente agiu como um espião de guerra e, portanto, com o melhor de sua capacidade. A ideia era varrer rapidamente todo aquele monte de pensamentos e jogá-lo na rua.

O camarada Lênin já estava muito doente, mas é claro que os membros do Politburo deram sua aprovação, e o camarada Dzherzhinsky fez o rastreamento e, no final de 1922, cerca de trezentos dos melhores intelectuais russos foram embarcados, não a bordo um rebocador, não aquele, mas a bordo de um magnífico navio a vapor, enviado para o monturo europeu. (Entre eles estavam os filósofos NO Losski, SN Bulgakov, NA Berdiaier, FA Stepun, BP Vusheslavitser, LP Karsavin, SL Frank, IA Ilin; os historiadores SP Melgunov, BL Miakotin, AA Kizevetter, II Lapshin, etc.; Os escritores e os publicitários YI Aijenwald, AS Izgoiev, MO Osorgin, AV Peshejonov. Em outros grupos menores, no início de 1923, também foi enviado, por exemplo, o secretário de Leon Tolstoy, VF Bulgakov. Devido a inimizades, alguns matemáticos também foram perseguidos, entre eles DF Selivanov).

Somente com a *constante e sistemática* não houve muito progresso. A questão dos imigrantes não era a melhor solução. Pena todo aquele material que saiu do controle e que, acima de tudo, naquele depósito foi capaz de produzir flores venenosas. A partir daí, o lixo foi tratado na forma de Dujonin ou enviado para o Arquipélago.

A lei penal confirmada em 1926 e que, melhorada, vigorou até a Era de Khrushchev, entrelaçou todos os parágrafos políticos anteriores na rede única e forte de 58, e agora foi lançada para pescar mais. Os direitos de captura logo foram ampliados, e logo foi a vez da intelectualidade técnica, que parecia ainda mais perigosa por ocupar uma posição forte na economia nacional e ser difícil de controlar apenas com a ajuda da teoria progressista. Agora também era evidente que o processo judicial no caso do suicídio de Oldenborger (que *centro* atraente foi oferecido!) Tinha sido um erro, assim como a absolvição ditada por Krylenko: “Em 1920-21, não era mais possível falar de sabotagem pelos engenheiros”^[266]. Se não de sa boot, de algo ainda pior: *vreditelstvo*^[ser] (a palavra, ao que parece, foi invenção de um juiz de instrução Shakhti).

Mal se compreendeu o que procurar: o *vreditelstvo*, quando, apesar de quão novo este conceito era na história da humanidade, começou a caça, que, sem grande esforço, foi orientada para a descoberta de tal atividade em todos os ramos da indústria e em cada uma das empresas. No entanto, a esses achados esporádicos faltava ainda a plenitude do esboço, a perfeição da execução, como ansiava o personagem de Stalin e a máquina da justiça,

que avançava para novas margens. E agora nossa *Lei* estava, finalmente, madura para revelar ao mundo algo verdadeiramente completo : um processo unitário, grande e bem delineado, desta vez contra alguns engenheiros.

No limiar da sociedade sem classes, poderíamos, finalmente, desenvolver também um *processo judicial sem conflitos* (e, portanto, refletindo a falta de conflitos em nossa ordem social) em que o Tribunal, o promotor, a defesa e o acusado, unidos amigavelmente, buscariam o mesmo fim. Foi assim que tudo começou.

k) *O julgamento de Shakhti* (18 de maio a 15 de julho de 1928). Colégio Especial da Suprema Corte da URSS; presidente: AY Vichinski (ainda reitor da Primeira Universidade de Moscou); promotor principal: NV Krylenko (encontro engraçado! Parecia uma corrida de revezamento legal);
[\[267\]](#)

53 acusados, 56 testemunhas. Magnífico!

No entanto, que pena ! Na magnificência do processo também se ocultaram seus pontos fracos: embora para cada acusado apenas três fios tivessem que ser fiados, isso já representava um total de 159, em comparação com os dez dedos de Krylenko e os dez de Vichinski. Naturalmente , “os acusados fizeram um esforço para declarar à sociedade seus graves crimes”, embora não todos os acusados, mas apenas dezessete deles. Treze desses réus voltaram. E vinte e quatro não se declarou culpado

de maneira alguma. [\[268\]](#) A consequência disso foi uma grande confusão; as massas não conseguiam entender o que estava acontecendo. Junto com as vantagens (que, aliás, já haviam sido alcançadas em processos anteriores), como o desamparo dos réus e defensores , a impossibilidade de evitar o peso muito pesado do processo, os vícios de aquele novo processo, falhas que eram imperdoáveis, para uma velha raposa como Krylenko.

Além disso, o processo Shakhti, que tratava apenas da indústria do carvão e da bacia do Donetz, não estava à altura.

Presumivelmente, no mesmo dia em que o julgamento de Shakhti foi encerrado, Krylenko começou a cavar uma nova e grande cova (na qual até dois de seus colegas de ontem caíram: Osadchi e Shein, os promotores do julgamento de Shakhti). Desnecessário dizer que ele foi ajudado por todo o aparato da GPU, que, entretanto, havia passado para as mãos seguras de Yagoda. Uma organização de engenheiros teve que ser criada e descoberta para cobrir todo o país. Isso exigiu algumas figuras importantes do

vreditelstvo, que se destacaram em primeiro plano. Uma figura tão forte sem dúvida, inflexivelmente orgulhosa, que não a conheceu na sociedade da engenharia? Essa figura era Pyotr Akimovich Palchinski. Conhecido engenheiro de minas no início do século, Palchinski foi, durante a guerra mundial, vice-presidente do comitê industrial, e com isso dirigiu o uso bélico de toda a indústria russa, que foi obrigada a corrigir as falhas ocorridas em preparando-se para a guerra sob o regime czarista. Após o mês de fevereiro, foi vice-presidente do Ministério do Comércio e Indústria. Sob o czar, foi perseguido por causa de sua atividade revolucionária, foi preso após a Revolução de Outubro (em 1917, 1918 e 1922), em 1920 foi nomeado professor do Instituto de Mineração e nomeado conselheiro do *Gosplán*.

Assim, esse Palchinski foi escolhido como o principal culpado de um novo processo monstro. Porém, o irrefletido Krylenko, entrando no mundo dos engenheiros, desconhecido para ele, não só não tinha ideia da resistência da matéria corporal, mas, apesar de seus dez anos de atividade como procurador, também mostrou sei muito pouco sobre a possível resistência das almas. A escolha feita por Krylenko acabou sendo um erro. Palchinski enfrentou todos os meios do arsenal da GPU, não desistiu e morreu sem assinar nenhum papel absurdo. O mesmo caminho foi seguido por NK von Mekk e AF Velichko, e tudo indica que eles também não se intimidaram. Se eles morreram como resultado de tortura ou foram baleados, é algo que ainda não sabemos. Mas mostraram que a resistência é *possível*, que *pode* ser enfrentada, e com isso deixaram para os famosos presidiários que os sucederam o reflexo ardente de uma censura.

Para não ter que reconhecer sua derrota, Yagoda publicou em 24 de maio de 1929 um curto comunicado do G PU no qual era anunciada a execução de três engenheiros complicados em um grande enredo *vreditelstvo*, bem como a execução de outro número de *vreditelstvos* cujos nomes não foram especificados. ^[269]

E o tempo perdido, quem conta? O caso durou quase um ano. E as noites perdidas em interrogatórios! E a exibição de fantasia criminosa! No final foi tudo em vão e Krylenko teve que começar do início, teve que procurar outra figura, outra figura brilhante e forte e ao mesmo tempo muito fraca e fácil de manusear. Mas seu conhecimento dessa maldita corrida de engenheiros era tão pequeno que ele passou mais um ano testando em um lugar e em outro sem nenhum resultado positivo. Desde o verão de 1929 ele

irrita Khrennikov, mas rejeita o papel vil que queria desempenhar e ... morreu. Ele conseguiu endireitar o velho Fedotov, mas ele era muito velho e também era engenheiro têxtil, e esse ramo não era muito interessante. Mais um ano perdido! O país esperava o grande julgamento contra os *vreditelstvos*, Stalin esperava ... e para Krylenko tudo estava indo ao contrário.^[270]

Foi só no verão de 1930 que alguém teve a ideia brilhante: Ramzin, o diretor do Instituto Termotécnico! Uma palavra, um mandado de prisão, e depois de um período de julgamento de três meses, organizou-se uma excelente atuação, uma peça verdadeiramente brilhante da nossa justiça e um modelo inacessível para a do mundo ...

1) *O processo do Partido da Indústria* (25 de novembro a 7 de dezembro de 1930). Reunião especial da Suprema Corte, o mesmo Vichinsky, o mesmo Antonov-Saratovski, o mesmo Krylenko inefável.

Naquela época, não havia mais “motivos técnicos” que impedissem o desenvolvimento de um resumo completo do processo.^[271] ou a admissão de correspondentes estrangeiros.

A ideia foi magnífica: sentou-se toda a indústria do país, sentaram-se todas as filiais e órgãos de planejamento (só os olhos do organizador viram os buracos por onde escorregaram a mineração e as ferrovias). Essa coisa estupenda veio acompanhada de uma certa prudência quanto ao gasto de material : eram apenas oito réus (as experiências do julgamento de Shakhti não pararam).

O leitor certamente exclamará: Como! Oito pessoas deveriam representar a indústria? Havia até muitos! Três dos oito eram apenas da indústria têxtil, ramo extraordinariamente importante para a defesa do país. Então, o número de testemunhas foi imenso? Sete homens, *vreditelstvos* como os outros, e igualmente presos. Então, haveria muito material acusatório ? Desenhos? Projetos? Diretivas? Relatórios? Reflexões? Liberações de agente? Instruções particulares? Nada disso! *Nem uma única folha de papel miserável!* Como a GPU poderia fazer isso? Pare tanta gente e não apresente um único pedaço de papel! “Havia muito”, mas “estava tudo destruído”. Então: "Por que um arquivo?" No processo, apenas alguns artigos de jornal honestos de origem migrante e indígena foram lidos. Sim, mas ... a acusação ... em que se baseava? Bem, em que se basearia? Você tem que confiar em Nikolai Vasilievich Krylenko. Afinal, também não

somos de ontem. "A melhor prova continua sendo, em todas as circunstâncias, a confissão do acusado."^[272]

Mas uma confissão nunca deve ser feita pela força, mas vem do coração, quando o remorso parte do peito dos monólogos sinceros e se sente dominado pela paixão de falar: de falar, de expor, de chicotear! O idoso Fedotov (66 anos d) foi interrompido: "Chega, você senta!" Mas, não, ele fez questão de dar mais explicações. Durante cinco dias, cinco sessões, o Tribunal não precisou fazer perguntas: os réus falaram, falaram e explicaram e pediram para falar novamente, para completar algo que haviam esquecido. De forma totalmente espontânea, sem serem convidados a fazê-lo, lançaram-se em exposições dedutivas do que a acusação precisava. Ramzin até acrescentou às suas longas explicações, para maior clareza, alguns breves resumos, como se tivesse diante de si alguns pequenos alunos talentosos. O que os réus mais temiam era que algo permanecesse sem explicação, alguém desmascarado, algum nome não mencionado, que a intenção prejudicial de algum indivíduo permanecesse secreta. E você tinha que ver a lama com que se sujaram! "Sou um inimigo do regime", "deixei-me subornar", "A nossa ideologia burguesa". O promotor: "O erro foi seu?" E meu crime! Krylenko não tinha trabalho algum; Durante as cinco sessões, ela bebeu chá, comeu biscoitos e tudo o mais que foi servido a ela.

Como os internos resistiram à explosão emocional? Na falta de gravação em fita magnética, ouçamos a descrição do advogado de defesa Otsep: "Os discursos dos réus foram objetivamente frios e serenos". Que curioso! É possível? Que desejo de confissão, e além de uma forma objetiva e fria? Sim, mais ainda, mesmo de uma forma sonolenta e vaga, já que Vichinsky teve várias vezes que adverti-los a falar mais alto, mais claro, já que nada foi entendido (de seu texto muito contrito e muito claro).

A elegante perfeição do processo não foi perturbada de forma alguma pela defesa, que concordou com tudo o que o promotor disse; Ele disse que o discurso de acusação era uma parte *histórica* e em vez disso, restringiu os seus argumentos, uma vez que "a defesa Soviética é, acima de tudo, um cidadão do Estado soviético" e "igual que todos os trabalhadores,^[273] experimenta uma Sen ent de indignação" pelos crimes de seus patronos. De vez em quando, a defesa levantava algumas questões tímidas, que abandonou imediatamente, assim que Vichinski interveio. Havia também

dois engenheiros têxteis inofensivos , que tinham advogado, e não se discutia as circunstâncias do crime ou a qualificação dos atos puníveis, mas apenas se não seria possível poupar a vida do prisioneiro. "O que é mais produtivo, camarada juiz, seu cadáver ou seu trabalho?"

E quais foram os crimes hediondos dos engenheiros burgueses? Aviso: Eles planejaram uma taxa de crescimento econômico lento (por exemplo, um aumento de produção anual de *apenas* 20-22%, embora os trabalhadores estivessem dispostos a produzir 40 e 50%). Eles atrasaram a exploração e o desenvolvimento de fontes locais de combustível. Eles desenvolveram a bacia de carvão de Kusnezsk de maneira insuficiente e rápida. Eles aproveitaram debates de teoria econômica (se era necessário abastecer a bacia do Donetz com energia da usina de Dnieper, ou se seria apropriado estabelecer uma comunicação telegráfica entre Moscou e a bacia do Donetz) para atrasar a solução de problemas importantes. (Enquanto os engenheiros discutiam, o trabalho ainda precisava ser feito.) Eles atrasaram o exame dos projetos de construção (não queriam dar sua aprovação imediatamente). Eles deram palestras sobre a solidez ideológica da propaganda anti-soviética. Eles tinham máquinas antigas montadas . Eles permitiram o congelamento de capital (investindo em projetos caros e de longo prazo). Fizeram consertos supérfluos (!) Não sabiam usar bem o metal (o sortimento do ferro era incompleto). Criaram circunstâncias adversas entre vários centros de produção, a matéria-prima oferecida e as possibilidades de produção correspondentes (o que se manifestou de forma particularmente notória na indústria têxtil), foram construídas mais uma ou duas fábricas, em relação à colheita de algo presente. Em seguida, eles mudaram abruptamente de planos minimalistas para maximalistas, iniciando assim o desenvolvimento acelerado, com uma clara intenção de *vreditelstvo*, da sofrida indústria têxtil. Mas o mais importante é que planejaram (mas nunca fizeram) atos de dispersão contra a fonte de alimentação. Com isso, sua atividade não estava voltada para a destruição, mas atacou o campo do planejamento e da gestão e, em 1930, deveria ter levado a uma crise geral, e até mesmo à paralisação total da economia! E se não chegou a isso foi graças aos contraprojetos elaborados pelas massas, aos planos financeiros da indústria, como então se chamavam (duplicação dos números!)

“Vamos, vamos!” Estou ouvindo o leitor cético murmurar.

Como! Parece muito pouco? Bem, se, na tentativa, repetirmos cada ponto e ruminarmos sobre ele cinco, oito vezes, você verá como é mais.

O leitor atual permanece destemido em seu "vamos, vamos". "Ora, isso não foi alcançado precisamente por causa dos contraprojetos? Então você não precisa se maravilhar com as desproporções, já que cada assembleia sindical, mesmo sem consultar o *Gosplán*, pode perturbar todas as proporções.

Ai, quão amargo é o pão do acusador! E cada palavra tem que ser publicada! Portanto, também será lido por engenheiros. Mas quem diz A também deve dizer B. E Krylenko se lançou destemido no turbilhão dos detalhes técnicos. E os jornais e suplementos de grande formato foram preenchidos com as letras miúdas das minúcias da produção. Eles propuseram que a cabeça de cada leitor logo zumbisse, que as noites e os domingos ficariam muito curtos para ele ler tudo; portanto, eu o deixaria, já que, em última análise, após cada parágrafo, a única coisa a reter foi o coro de *vreditelstvos, vreditelstvos, vreditelstvos*.

E se, entretanto, ele fizesse um esforço e lesse linha após linha?

Então, de todo o labirinto de autoacusações mal concebidas, ele poderia deduzir que os pescadores de Lubyanka haviam se envolvido em um negócio do qual não entendiam uma palavra. Esse algo escorregou pela rede de malha grossa: borbulhante e indomável, o espírito do século xx. Os presos, lá estavam eles sentados, amarrados, de cabeça baixa, obedientes, mas o espírito ... vibrou! Até as línguas amedrontadas e mudas dos presos podem nos dizer tudo.

Aqui está o clima de trabalho que os rodeou. Kalinnikov: « Uma desconfiança técnica foi criada entre nós . Quer quiséssemos ou não, tínhamos que adquirir 42 milhões de toneladas de petróleo [isto é, além do plano que nos foi imposto de cima ...], visto que 42 milhões de toneladas de petróleo são impossíveis de obter em quaisquer circunstâncias. ».

[274]

No final, todo o trabalho da infeliz geração de nossos engenheiros se viu imprensado entre essas duas impossibilidades. O Instituto Termotécnico se orgulhava de seu trabalho de pesquisa muito importante : o grau de utilização de combustível era consideravelmente alto; Com base nisso, um cálculo muito baixo da necessidade de combustível foi feito no plano de desenvolvimento, e a falha na avaliação do balanço de combustível *revelou claramente a intenção da vreditelstvo!* O plano de transporte previa a mudança de todos os vagões para acoplamento automático, e nesta

imobilização de capital a intenção da *vreditelstvo* também foi claramente *expressa!* (Uma vez que o engate automático não paga as despesas até depois de um longo prazo, mas queremos sucesso amanhã). Para melhor aproveitamento dos troços de via única, foi acordada a ampliação de locomotivas e vagões. Portanto, uma modernização? Nada disso! Tratava-se de *vreditelstvo*, porque novamente o dinheiro teve de ser investido na restauração de pontes e trechos de ferrovia. Da profunda reflexão econômica de que na América, ao contrário de nosso país, o capital é barato e a mão-de-obra cara, e que, portanto, não podemos imitá-los nisso, Fedotov tirou esta conclusão: O que é necessário não são as caras máquinas americanas de produção em massa, mas sim, nos próximos dez anos, seria mais favorável para nós comprarmos as máquinas inglesas menos complicadas a um preço baixo e empregar um maior número de trabalhadores, uma vez que, depois dez anos, eles terão que ser substituídos, sejam eles caros ou baratos, e então já podemos nos dar ao luxo de ter outros mais caros. Isso também foi *vreditelstvo!* Um impulso econômico está sendo simulado para privar a indústria soviética das máquinas mais progressistas. Novas fábricas começaram a ser construídas em concreto armado em vez de concreto mais barato: Em cem anos de operação, eles explicaram, tudo será amortizado mais do que suficiente: novamente *vreditelstvo!* Obstrução da circulação do capital! Resíduos de aço, então déficit! (Você queria guardá-lo para fazer dentaduras?)

Fedotov, no banco, acenou com a cabeça de boa vontade: "Naturalmente, quando hoje cada copec tem um valor ouro, pode muito bem ser *vreditelstvo*. Os ingleses disseram: "Não sou tão rico que possa comprar coisas baratas."

Ele tentou explicar gentilmente ao teimoso promotor:

"Todos os tipos de princípios técnicos produzem regras que são prejudiciais em última instância" ^[275] (que são interpretados como tal!)

Sim, como ele poderia ter dito mais claramente, um réu que estava com medo ...? O que é uma teoria para nós é *vreditelstvo* para você ! Já que você quer cobrar agora, sem pensar o mínimo no amanhã ...

O idoso Fedotov tentou explicar *onde* centenas de milhares e milhões de rublos acabaram se perdendo na pressa desenfreada do plano de cinco anos: o algodão não é selecionado onde era necessário para fornecer a cada fábrica o grau certo para suas necessidades. estrutura, mas foi embalado e despachado sem discriminação. Mas o promotor não queria saber de nada.

Com a teimosia de uma cabeça de pedra oca, durante o processo ele repetiu a seguinte pergunta pelo menos dez vezes: Por que os arquitetos começaram a construir "fábricas como palácios" com naves altas, corredores largos e ventilação muito boa? ? A intenção *do vreditelstvo* não era óbvia? Quanto capital foi engolido! Irrecuperável! Bourgeois prejudicial explicou a ele que o desejo da curadoria do trabalho foi que na pátria do proletariado ser construído esplendidamente e com um bom ar para os trabalhadores (ou é que também na curadoria trabalho teve *vreditelstvos!*), Médicos exigiam uma altura de chão de nove metros, mas Fedotov baixou para seis ... e por que não imediatamente para cinco? Portanto, *vreditelstvo!* (Se ele tivesse baixado para quatro e meio, então teria sido um frescor *vreditelstvo*: Veja, ele queria expor os trabalhadores soviéticos às condições terríveis de uma empresa capitalista.) Era, explicaram ao Krylenko, 3% do valor da construção, calculado com base no custo total da fábrica, mais o equipamento, mas não, ele já voltou com a altura do chão! E também: quem te deu permissão para os fãs poderosos? Será que foram calculados para os dias mais quentes do verão ... Para os mais quentes? Nos dias mais quentes, os trabalhadores podem suar um pouco!

E intercalou : "As desproporções eram inevitáveis ... Causadas por uma organização sem ^[276]cabeça, antes mesmo de existir o centro de engenharia" (Charnovski). "O *vreditelstvo* não é necessário de forma alguma ... As *manipulações correspondentes* bastam , e o resto sai por si mesmo." (Novamente Charnovski). ^[277] Ele não conseguia expressar isso mais claramente ... depois de muitos meses no Lubyanka e do banco. As manobras correspondentes foram suficientes (isto é, aquelas inspiradas pelas instruções absurdas acima) e o plano impossível desmoronou por conta própria. Vejam o seu *vreditelstvo*: "*Tínhamos a possibilidade*, dizemos, de produzir mil toneladas, mas *tínhamos de fornecer* três mil [isto é, de acordo com o plano estúpido] e nada fizemos para cumprir esta obrigação."

Você vai concordar comigo que este não é um grão de erva-doce para as atas oficiais, examinadas e refinadas daqueles anos.

Muitas vezes Krylenko abusava demais de seus atores, e então você podia ver o cansaço em suas palavras: eles estavam cansados de tanta tagarelice, das palavras que tinham que repetir continuamente, e logo ficaram com vergonha por causa do autor e Porém, eles tiveram que

continuar desempenhando seu papel, para estender sua existência um pouco mais .

K RYLENKO : "Você concorda?"

F EDOTOV : «Sim, embora, em geral, não pense» ... ^[278]

K RYLENKO : "Você corrobora isso?"

F EDOTOV : «De uma forma estrita ... em alguns detalhes ... parece-me ... ^[279]
de uma forma geral ... sim».

Os engenheiros (os forasteiros, os que ainda não haviam sido presos, os que, após o dano judicial infligido à sua profissão, tiveram que continuar trabalhando duro) não tiveram saída. Tudo estava ruim. O *sim* e *ra* ruim e *não* era ruim. Ir em frente era ruim e olhar para trás era ruim. Se um se precipitasse, era uma precipitação nociva; se o outro não se apressava, era uma obstrução nociva do ritmo. Onde as indústrias se desenvolveram lentamente, foi um retardamento deliberado, sabotagem; onde alguém se curvava aos saltos caprichosos das demandas do plano, havia desproporções causadas por *vreditelstvos*. Reparos, atualizações, mudanças em grande escala eram "recursos monetários congelados", e continuar a trabalhar até que as máquinas fossem totalmente utilizadas era dispersão! E os legistas saberão por si próprios: restrição do sono, reclusão! "E agora você vai me dar exemplos convincentes de como você poderia, em particular, ter nos prejudicado").

«Dê-me um exemplo muito óbvio. Um exemplo óbvio de seu *vreditelstvo* », o impaciente Krylenko o instou.

(Infelizmente, você já terá exemplos óbvios em abundância! Em breve encontrará alguém que escreve a *História da Técnica* desses anos! Ele fornecerá todos os tipos de exemplos. Ele lhe dará testemunho de todas as convulsões de seu "Plano Quinquenal" epiléptico daqui a quatro anos. "Então saberemos quanta riqueza e energia você roubou do povo e esbanjou, então saberemos como os melhores projetos foram pisoteados e como os piores foram mal executados. Cultura chinesa? Os diletantes entusiasmados causaram mais danos do que os estúpidos que deram as ordens).

Certamente será melhor deixar os detalhes de lado. Muitos detalhes podem até minar a alegada sentença de morte.

Você tem que salvar! O fim ainda não chegou! Os crimes mais importantes ainda estão faltando! Lá estão eles, lá estão eles, tão claros e

óbvios que até um analfabeto os reconheceria! O partido da indústria: 1.º, preparou uma intervenção; 2.º, ele recebeu dinheiro dos imperialistas; 3.º, praticou espionagem; 4.º, distribuiu os cargos de ministro no futuro Governo.

Ponto final! E as pessoas ficam sem palavras! E todos os oponentes estão perplexos! E agora o que mais se ouve é o barulho dos passos dos manifestantes e o rugido atrás da janela: "*Morte! Morte! Morte!*"

E tudo não é feito com maior precisão? Por que mais precisamente ...? Bem, se você insiste, por favor, note que você não está apavorado ... Na frente estava o Estado-Maior Francês. Pois a França não conhece as preocupações, nem as dificuldades, nem as escaramuças dos partidos, basta apitar, e as tropas já se encaminham para a intervenção. Foi usado pela primeira vez em 1928. Como faltava compreensão, o assunto nunca foi realizado. Bem, eles adiaram para 1930. Nada foi feito também. Bem, por volta de 1931. Na verdade, isso aconteceu: a própria França não faria guerra, apenas assumiria a organização e, em troca, embolsaria a Ucrânia do outro lado do Dnieper. A Inglaterra também não se sente atraída pela guerra, embora prometa enviar sua frota com intenções dissuasivas ao Mar Negro e ao Mar Báltico (pelos quais será recompensada com petróleo do Cáucaso). No entanto, os guerreiros mais importantes são: milhares de emigrantes (há muito espalhados por todas as nações dominantes, mas prontos a colaborar ao primeiro sinal que lhes é dado). Depois, a Polônia (metade da Ucrânia prometeu). Romênia (conhecida por suas brilhantes vitórias na Primeira Guerra Mundial, um adversário temível). Letônia! E a Estônia! (Esses dois pequenos países renunciarão às preocupações de sua jovem nacionalidade, ainda por organizar, e partirão decididos à conquista). Mas o mais terrível é a direção do golpe decisivo. Como? Já sabia? Claro que sim! A intervenção deve começar na Bessarábia e depois, *apoiada* na margem direita do Dnieper, deve ir *diretamente* para Moscou! ^[280] E naquela hora fatídica, deveriam ocorrer explosões em todas as linhas ferroviárias? Não, ocorrerá congestionamento! E nas usinas, o partido industrial vai desenroscar todos os fusíveis, para que toda a União fique às escuras e todas as máquinas parem, mesmo as das fábricas têxteis! Isso será seguido por uma explosão de atos de sabotagem. (Tudo bem, réus! Até que o público seja excluído, nenhuma menção aos métodos de dispersão de capital! Sem empresas, sem nomes geográficos! Sem nomes, estrangeiros ou nacionais!)

A isso deve ser adicionado o golpe, até então desferido com precisão, contra a indústria têxtil. Também não podemos ignorar o facto de duas ou mesmo três fábricas têxteis terem sido criadas na Bielorrússia com a intenção de *vreditelstvo*, que deveriam servir de base aos intervencionistas.

[281]

Assim que as fábricas têxteis estiverem em sua posse, os intervencionistas não irão parar até chegarem a Moscou. Mas a conspiração tortuosa é esta: eles queriam (mas não tiveram sucesso) secar as pastagens do Kuban e os pântanos da Polésia Bielo-russa ou ao redor do Lago Ilmen (Vichinski está proibido de mencionar os lugares exatos, mas uma testemunha escapou, por falar demais), para dar às tropas intervencionistas o caminho mais curto para chegar a Moscou com os pés magros. (Por que os tártaros acharam isso tão difícil? Por que Napoleão não se saiu bem contra Moscou? Claro, por causa dos pântanos mencionados! Drená-los é como abrir os portões da cidade!) Continue contando, com calma, como lá (sem topônimos, estritamente proibido), camuflados de serrarias, foram construídos hangares de aviação para que os dispositivos dos intervencionistas não enferrujassem com a chuva e eles pudessem entrar com conforto. Também (sem nomes!) *Abrigos foram construídos* para as tropas intervencionistas! (Onde os ocupantes de todas as guerras anteriores se abrigaram ...?) Todas as instruções pertinentes foram recebidas pelos réus de dois misteriosos cavaleiros estrangeiros, K. e R. (acima de tudo, sem

[282]

nomes e, finalmente, nenhum Dos estados)! Mas ultimamente tem havido até uma tentativa de empreender "a preparação de ações traiçoeiras por parte das tropas do Exército Vermelho" (nem uma palavra sobre que tipo de tropas! Sem mencionar unidades! Sem dizer não! No entanto, isso não aconteceu, mas em vez disso foi feita uma tentativa (mas o plano foi frustrado), em algum cargo de autoridade central do Exército, para criar uma célula financeira baseada em ex-oficiais do Exército Branco. (Ah, sim, o Exército Branco? Marcado! Preso!) Células estudantis com tendência anti-soviética ... (O quê? Estudantes! Marcado! Preso!)

(Quanto ao resto, cuidado com a recarga das tintas ... No final, os operários ficarão desanimados, pensando que agora tudo está perdido, sem que o poder soviético tivesse podido impedir. Mas isso também fica esclarecido: *Foi muito que se traçou, mas pouco o que os conspiradores conseguiram. Das indústrias, nenhuma recebeu danos consideráveis!*)

Mas por que, na verdade, a intervenção não foi realizada? Por várias e complicadas razões. Uma vez foi Poincaré, na França, quem recuou; Mais uma vez, nossos industriais emigrados expressaram dúvidas sobre se suas antigas empresas haviam sido reconstruídas pelos Bolts Bolts e se não seria mais conveniente deixá-los continuar a administrá-las. E nenhum acordo foi alcançado com a Polônia e a Romênia também.

Bem, a intervenção não aconteceu, mas a festa da indústria existiu! Você não pode ouvir a comoção? Você não consegue ouvir os rugidos das massas trabalhadoras? "*Morte! Morte! Morte!*" Lá embaixo desfilam "aqueles que, em caso de guerra, terão que pagar com a vida, privações e sofrimentos pelo trabalho dessas pessoas"^[283].

(Como se tivesse erguido o espelho diante de si, dizia: Com a vida, com privações e sofrimentos, os pobres manifestantes do ano de 1941 terão que pagar pelo trabalho *dessas pessoas!* Mas onde está apontando o dedo, promotor? Onde?)

Mas por que a indústria de *jogos*? Por que festa e não centro de engenharia? Estávamos acostumados com os *centros!*

O centro também existia, é claro. Mas eles decidiram transformá-lo em uma festa. Soa melhor. Facilita a luta pelos cargos de ministro do futuro Governo. "Mobiliza as massas técnico-de-engenharia na luta pelo poder." Lutar, então, com quem? Claro, com todas as outras partes! Em primeiro lugar, com o partido dos camponeses trabalhadores, que, no entanto, tem duzentos mil membros! Em segundo lugar, com o partido menchevique! E o *centro*? Sim, o "United Center" foi formado com base nesses três partidos. Mas a GPU o frustrou. E como você foi legal! (Todos os réus se alegram).

(Stalin fica lisonjeado por destruir ainda três jogos! Três *cruzes* trariam muito menos glória!)

E se havia partido, então com comitê central, sim, com comitê central próprio! Admite-se que nunca houve conferências ou eleições de qualquer espécie. O único que queria era um membro do comitê central; cerca de cinco se tornaram assim. Cada um deu preferência ao outro. Nem disputaram a presidência. Tampouco houve sessões, nem no comitê central (ninguém se lembra, só Ramzin, que vai desencadear!) Nem dentro dos grupos de especialistas. O conjunto dá a impressão de ser algo abandonado ... Charnovski: "Não houve uma fundação formal do partido industrial." E os parceiros? Larichev: «É difícil contar os sócios; a composição exata é desconhecida. ' Como eles *realizaram* seu *vreditelstvo*? Como as diretrizes

foram transmitidas? Oh, muito simples! Quem estava com outro responsável, transmitia oralmente. Conseqüentemente, aquele que estava prejudicando o fez com a ciência e a consciência. (Ramzin dá a cifra de dois mil sem pestanejar. Onde são dois, prendem também outros cinco. E, no total, há na URSS, segundo os dados do Tribunal, de trinta mil a quarenta mil engenheiros. Em suma, um de entre cada sete está sentado, e os outros seis estão morrendo de medo). E os contatos com os camponeses trabalhadores? Bem, eles até se reuniram no *Gosplán* ou no conselho econômico nacional e planejaram "ações sistemáticas contra os comunistas das aldeias".

Onde vimos isso? Ah sim, claro, em *Aida!* Radamés sai a campo, a orquestra ressoa, oito guerreiros ao redor, com capacetes e lanças, e ao fundo dois mil guerreiros pintados.

Exatamente a mesma coisa aconteceu com a festa da indústria.

Mas, não importa, a peça desliza como sobre rodas. (Atualmente, ninguém pode imaginar o quão sério e estrondoso parecia.) E o diretor instiga isso no público por meio da repetição: ele faz cada episódio aparecer várias vezes em cena. E com isso se multiplica as visões aterrorizantes. E, finalmente, para que não pareça tão estudado, o acusado terá que, de vez em quando, "esquecer" alguma coisa, "procurar" subterfúgios, e então serão submetidos a "interrogatórios contraditórios", e tudo correrá bem, pois no "Teatro de Arte Stanislavsky" em Moscou.

Mas certamente Krylenko estava exagerando. Para apresentar a festa da indústria sob outro prisma, ele propôs expor sua base social. Em seu próprio elemento original, o das aulas, ele acreditava que podia confiar na análise e, partindo do sistema Stanislavski, parou de distribuir papéis e tentou a improvisação: Cada um podia falar o quanto quisesse sobre sua própria vida e sua própria vida. posição antes da Revolução e como ela acabou no *vreditelstvo*.

E a essa base irrefletida - uma única cena humana - acrescentou, sem perceber, como um globo, os cinco atos.

A primeira coisa que observamos com espanto é que todos esses suportes da intelectualidade burguesa vinham de famílias pobres. Os pais: um agricultor, um funcionário público com filhos, um artesão, um professor de aldeia, um mascate ... Os oito tiveram que pagar os estudos tirando-o da boca, dando aulas particulares, jogando carvão nas locomotivas, e isso desde muito jovem, aos 12, aos 13, aos 14 anos! E, curiosamente, ninguém

colocou obstáculos em seu caminho em seu treinamento! Normalmente terminavam os estudos na Escola Profissional, depois nas Faculdades Técnicas, tornando-se professores importantes e prestigiosos. (E como foi isso? Não tínhamos combinado que, sob o czarismo ... só os filhos dos latifundiários e dos capitalistas ...? Então ficam os jornais de parede ...?)

Hoje, porém, na era soviética, os engenheiros enfrentam grandes problemas: é quase impossível para eles dar uma educação superior aos seus filhos (afinal, eles pertencem à última categoria: a dos filhos de intelectuais ... você esqueceu? ?). O Tribunal não o nega. Nem Krylenko. (Os réus são rápidos em se assegurar de que isso, em face das vitórias gerais, é de importância secundária.)

Aos poucos aprendemos também a distinguir os acusados (até agora quase sempre diziam a mesma coisa). A fronteira de idade que os separa é, ao mesmo tempo, a fronteira da eloquência. Quem tem sessenta anos ou mais inspira compaixão, não por causa da idade, mas por causa da atitude. Ramzin e Larichev, quarenta e um, e Ochkin (aquele que denunciou *Glavtop* em 1921), trinta e nove, se comportam de uma maneira muito mais vil e desavergonhada, e todas as declarações importantes sobre a festa da indústria e a intervenção vem deles. Ramzin era um indivíduo com quem (apesar de seus primeiros sucessos brilhantes) nenhum engenheiro apertou as mãos. Agora, no processo, ele capta qualquer dica de Krylenko na hora e a envolve em formulações altamente precisas. Afinal, todas as acusações são baseadas na memória de Ramzin. Dizem que ele tem força de convicção e autocontrole suficiente para ter conduzido, em Paris (em nome da GPU, se sabe) negociações competentes sobre a intervenção. Ochkin também teve muita sorte: aos 29 anos, ele já tinha "a confiança ilimitada do STO e do *Sovnarkom*".

Do professor Charnovski, de sessenta e dois anos, o mesmo não se podia dizer: no quadro de avisos foi insultado por alunos anônimos e, após vinte e três anos de atividade docente, foi convocado perante o plenário dos alunos para "prestar contas sobre suas palestras.

E o professor Kalinnikov, em 1921, liderou até o combate aberto contra o poder soviético e certamente liderou uma greve de professores! O fato é que o Instituto Técnico Superior de Moscou (MWTU), já nos anos da reação de Stolypin, havia conquistado autonomia acadêmica (provisão de vagas, eleição de reitor, etc.). Em 1921, Kalinnikov foi novamente eleito reitor pelos professores do MWTU, só que não era do agrado do

comissariado do povo, que nomeou um candidato próprio. Mas então os professores entraram em greve, os estudantes se uniram (ainda não havia um quadro estudantil proletário real) e Kalinnikov foi reitor por um ano contra a vontade do poder soviético. (Não foi até 1922 que sua autonomia foi abolida, o que não foi feito sem algumas prisões).

Fedotov, que tem sessenta e seis anos, já tinha onze anos de prática de engenharia quando a RSSFR foi fundada. Ele sabia de cor todas as fábricas de fios e têxteis da Rússia e havia trabalhado pessoalmente em quase todas elas (oh, como isso era odioso para eles, e que pressa eles são para se livrar dessas pessoas!) Em 1905, ele renunciou ao cargo de diretor em Morozov, despreocupado com o alto salário, e preferiu ir para o "enterro vermelho" de um trabalhador morto pelos cossacos. Estava doente; não conseguia ver bem; à noite, ele não podia mais sair de casa; Não pude nem ir ao teatro.

E esses indivíduos deveriam preparar a intervenção, a ruína econômica?

Charnovski esteve tão ocupado com suas palestras e novos campos de pesquisa (gestão da produção, fundamentos científicos da racionalização), que por muitos anos pode-se dizer que não teve uma tarde livre. Precisamente essa imagem está gravada em minha mente desde os dias de minha infância: à tarde, os engenheiros e professores eram consultados pelos alunos, e soou onze horas antes que eles pudessem deixar seu escritório. Eram trinta mil deles, para todo o país, para a implementação do plano quinquenal, e cada um deles tinha que se desmembrar, tinha que se multiplicar!

E será que esses homens gostariam de se preparar para crises? Praticar espionagem para ganhar uma gorjeta?

A única frase honesta foi pronunciada por Ramzin no processo: "O caminho do *vreditelstvo* é estranho *ao modo de ser interno* do engenheiro".

Ao longo do processo, Krylenko obriga os presos a se desculparem servilmente: eles eram "ignorantes", "analfabetos" na política. Pois a política é algo muito mais difícil e elevado do que qualquer metalurgia, do que qualquer construção de turbina! Na te dá um bom serviço de cabeça e educação superior. Então me diga, acusado: "Quando veio a Revolução de Outubro, o que você achou dela?" "Eu olhei para ele com ceticismo." «O que significa que antes o olhava com hostilidade. Por quê? Por quê? Por quê? "

Krylenko os atormenta com suas questões teóricas, e no que não está no papel aprendido de cor, no que os escapa humanamente, o cerne da verdade é repentinamente vislumbrado: o *que realmente aconteceu* e o que serviu de base para tudo. o resto .

A primeira coisa que os engenheiros viram na Revolução de Outubro foi a desorganização. (E realmente, por três anos não houve nada além de ruínas.) Mais tarde, eles viram a perda dos direitos mais primitivos à liberdade. (Que nunca foram recuperados). Como eles poderiam *não querer* uma República democrática? Como os *engenheiros* entenderiam a *Ditadura dos trabalhadores*, visto que os *trabalhadores*, seus auxiliares na indústria, como eram: menos qualificados, sem compreender nem as leis físicas nem as leis econômicas da produção, agora enfrentavam preencher os cargos mais importantes e dar instruções aos engenheiros? Por que os engenheiros não deveriam considerar mais natural uma estruturação da sociedade em que aqueles que estão em posição de dirigir racionalmente sua atividade estão no topo? E nem toda cibernética social aspira a isso, evitando apenas a direção *moral* da sociedade? E os políticos profissionais não são realmente como um alfinete no pescoço da sociedade, que não permite que a sociedade mova sua cabeça ou braços? E por que os engenheiros deveriam renunciar às opiniões políticas? Pois a política nem mesmo é um ramo da Ciência, mas um campo empírico que não pode ser percorrido por fórmulas matemáticas e que, além disso, está sujeito ao egoísmo humano e às paixões cegas. (Charnovski diz até no tribunal: "Apesar de tudo, a política deve ser regida, em algum grau, pelas conclusões da técnica"). A exagerada impetuosidade do comunismo de guerra causaria nojo aos engenheiros; um engenheiro não pode participar de algo que não faz sentido, e por isso muitos deles permaneceram inativos, separados, até 1921, embora estivessem com muita pressa. A NEP começou, e os engenheiros começaram a trabalhar, porque consideravam a NEP o sinal de que o poder havia entrado no caminho da razão. Mas, infelizmente, as condições não eram as mesmas de antes: os engenheiros não eram apenas considerados uma classe média socialmente desconfiada, que não podia nem mesmo mandar seus filhos para a escola; Não só os engenheiros cobraram muito menos do que sua parte por sua contribuição à produção, mas, pior ainda, eles , que com sua inteligência tiveram que contribuir para o sucesso da produção e disciplina no local de trabalho, foram negou o direito de promover essa mesma disciplina. Ora, cada trabalhador podia se

dar ao luxo de não obedecer às instruções do engenheiro ou, além disso, insultá-lo impunemente, até agredi-lo e, como representante da classe dominante, *sempre ter razão*.

Krylenko respondeu: "Você se lembra do julgamento de Oldenborger?" (Significa: como o colocamos sob nossa proteção).

Fedotov: «Sim. Para chamar a atenção para a situação do engenheiro, houve um que teve que perder a vida.

Krylenko (*desapontado*): "Bem, não foi isso que eu quis dizer."

Fedotov: «Ele morreu, e não só ele. *Ele morreu voluntariamente, mas* ^[284] *muitos foram mortos* ” .

Krylenko ficou em silêncio. Então é verdade. (Relembre o julgamento de Oldenborger e imagine aquela atmosfera de perseguição. E, além disso, a frase: “Muitos foram mortos”).

Resumindo, o engenheiro já era culpado de tudo, mesmo que ele não tivesse culpa de nada. E se ele estiver errado, porque ele também é humano, então eles o separam de seus colegas não o protegerem. Você poderia apreciar a sinceridade das pessoas acima? Assim, às vezes os engenheiros não têm escolha a não ser mentir para os superiores do partido.

Para restabelecer a autoridade e o prestígio da profissão de engenheiro, seria realmente necessário união e apoio mútuo; sobre todos eles está pendurada a espada ameaçadora. Mas para se associar assim, nenhuma conferência ou livro de filiação é necessário . Como em qualquer entendimento entre pessoas inteligentes e lúcidas, algumas palavras em voz baixa também são suficientes para isso, talvez pronunciadas como aleatórias. Votar é completamente supérfluo. Apenas a inteligência limitada é incapaz de sobreviver sem resoluções, sem a aprovação do partido. (Ou seja, o que Stalin e os magistrados de instrução e toda a sua raça são agora incapazes de compreender! Faltam-lhes a experiência dessas relações humanas , porque não as conheceram em toda a sua história partidária). Este sindicato de engenheiros russos existia há muito tempo no gigantesco império analfabeto dos déspotas; Por décadas ela soube se provar, até agora ela foi descoberta pelo novo poder, extremamente alarmada.

Começou o ano de 1927. A prudência da era da NEP parecia perdida. Sim, foi toda a NEP, no fim das contas, uma farsa cínica. Então, os projetos irreais de um salto superindustrial se desenvolvem, projetos e atribuições impossíveis são divulgados. Nessas condições, o que pode fazer a razão técnica coletiva, os engenheiros-chefes de *Gosplán* e do conselho de

economia nacional? Curvar-se à loucura? Desistindo? Afinal, eles próprios não acham isso tão ruim; No papel, você pode escrever os números que quiser, mas "nossos camaradas, que estão no trabalho prático, com tais atribuições seriam obrigados a fazer mais do que poderiam". Portanto, é necessário tentar moderar os planos, reduzi-los a um nível razoável, eliminar por completo os pedidos mais excessivos; estabelecer, por assim dizer, um *Gosplán* próprio dos engenheiros, para corrigir as bobagens dos superiores e (isso é o mais engraçado), em última instância, defender seus interesses. Também os interesses da indústria e do povo, já que os engenheiros não deixarão de adotar resoluções ruins, de voltar a pescar alguns milhões espalhados e desperdiçados de forma absurda; No meio do clamor geral pela *quantidade*, pelos planos e superplanos, a defesa da *qualidade*, que é a "alma da tecnologia". E eduque os alunos a fazerem o mesmo.

Este é o tecido sutil e delicado da verdade. *Exatamente como estava*. Mas, em 1930, quem se atreveria a declarar isso em voz alta? Para a parede com ele!

Mas para a quantidade indicada, isso é muito sutil para ser descoberto.

E por isso, a conspiração dos engenheiros, tácita e cheia de bênçãos para todo o país, deve ser disfarçada e transformada em grosseira obra de nocividade e intervenção.

Uma cena intercalada: uma imagem desencarnada e infrutífera da verdade. O trabalho de direção de palco é confuso; Fedotov diz algo sobre noites sem dormir (!) Durante os oito meses de sua prisão; menciona um importante chefe da GPU que *apertou sua mão* recentemente (?) (então, você concordou com alguma coisa? Você está desempenhando bem a sua função e a GPU manterá sua palavra?) As testemunhas estão surpresas, embora seus respectivos papéis fossem muito menos importantes.

Krylenko: "Você participou dessa reunião do grupo?"

A testemunha Kirpotenko: "Duas, três vezes, quando as questões relativas à intervenção foram discutidas."

Para escolher a boca! Krylenko (*encorajando-o*): "Continue!"

Kirpotenko (*após uma pausa*): "Fora disso, não sei de nada."

Krylenko o exorta a continuar.

Kirpotenko (*com voz abafada*): "Além deste discurso, não sei de nada

[285].

."

E quando confrontado com Kupriyanov, até os fatos são fundamentados. Krylenko fica furioso e grita com os prisioneiros durões:

"Então você deve garantir que as respostas sejam todas iguais!" ^[286]

No entanto, no intervalo, nos bastidores, tudo voltará a ser regido. As cordas foram amarradas com força e cada réu espera sua vez. E Krylenko puxa todos os oito indivíduos ao mesmo tempo: Olha, os emigrantes, os donos de fábricas, publicaram um artigo no qual dizem que não houve negociação com Ramzin e Larichev, que não sabiam absolutamente nada sobre um "Parte da indústria", e que, com toda a probabilidade, os depoimentos dos arguidos lhes foram extraídos por meio de tortura. Bem, e você, o que tem a dizer sobre isso ...?

Meu Deus! A indignação apodera-se do acusado! Cada um quer chegar à frente, ser o primeiro a falar! Ida, como num passe de mágica, aquela tranquilidade atormentada com que, dias e dias, insultavam a si próprios e aos seus colegas! As mentiras dos emigrantes os fazem jorrar indignação desenfreada! Que eles tenham um único desejo: entregar declaração escrita aos jornais, para que possam, por meio de carta coletiva dos acusados, *defender os métodos da GPU!* (Nossa, isso não é um enfeite, uma joia preciosa?).

Ramzin: "A prova decisiva de que não fomos torturados é a nossa presença aqui!" (De que adiantaria a tortura se não houvesse julgamento depois dela?)

Fedotov: "A detenção não foi útil apenas para mim ... Sinto-me ainda melhor na prisão do que em liberdade."

Ochkin: "Eu também, também me sinto melhor."

Da parte de Krylenko e Vichinski, é um traço de nobreza convencê-los a renunciar a tal carta coletiva. Os réus teriam escrito e assinado!

A suspeita surgiu? Krylenko a afasta com sua lógica brilhante: "Se supormos, apenas por um segundo, que essas pessoas estão mentindo, por que teriam sido presas e de repente começaram a falar espontaneamente?" ^[287]

Que vigor intelectual! Em mil anos não ocorrera aos acusadores que o próprio fato da prisão já fornecia a prova de culpa! Se o acusado fosse inocente, por que ele teria sido detido? Mas eles foram presos, e sua culpa deve ser deduzida disso!

Sério: *por que eles começaram a falar?*

«Deixemos de lado a questão da tortura ...! Em vez disso, vamos colocar o problema psicologicamente: por que eles confessam? Mas eu pergunto: *eles poderiam fazer outra coisa?* " ^[288]

Que maravilha! E como psicologicamente! Se você não teve a oportunidade de se *sentar* perante aquele Tribunal, você pode se lembrar disso: O que mais você poderia fazer ...?

(Ivanov-Razumnik escreve ^[289] que, em 1938, ele estava com Krylenko na mesma cela; O lugar de Krylenko era embaixo das camas. Eu imagino isso muito vividamente; Eu mesmo tive que entrar lá. As camas são tão baixas que, para se deslocar no chão sujo de asfalto, é necessário encostar-se na barriga. Mas o novato não tem prática e, a princípio, tenta fazer a operação de quatro. É verdade que consegue enfiar a cabeça entre a cama e o chão, mas o traseiro, levantado, fica para fora. Parece-me que o promotor deve ter achado especialmente difícil se adaptar, e que sua bunda, ainda não completamente consumida, deve ter estado no ar por algum tempo, para glória da justiça soviética. O homem é um pecador: a ideia maligna daquilo que ficou para trás foi um sedativo para mim ao longo da longa descrição deste processo.)

Diz o promotor: Se tudo isso corresponde à verdade (referindo-se à tortura), seria incompreensível, *o que é* que os poderia ter levado a esta confissão unânime, sem desvios ou contradições, pronunciada em coro ...? Sim, *onde eles poderiam* ter ido para concordar tão bem? Durante a detenção preventiva? Mas se lá eles não tivessem contato ...!

(Depois de algumas páginas, uma testemunha sobrevivente nos dirá *onde*) ...

Agora, ao contrário, cabe ao leitor explicar- *me em* que consiste o tão alardeado "enigma dos julgamentos de Moscou dos anos 1930" (primeiro, as pessoas ficaram intrigadas com o partido industrial, depois transferiram o enigma aos processos dos líderes partidários).

Os dois mil implicados no assunto não foram levados ao Tribunal, nem duzentos ou trezentos indivíduos, mas apenas esses oito. Dirigir um coro de oito cabeças não é de todo impossível. E Krylenko pode muito bem fazer a escolha entre milhares, e ele certamente teve dois anos ocupados nisso. Palchinski não se deixou quebrar e foi baleado (e foi declarado postumamente "líder do partido da indústria", intitulado como tal nas declarações, embora não tenha restado uma única frase dele). Então, eles

esperavam conseguir o que precisavam de Khrennikov; mas também não conseguiram derrotar Khrennikov. Uma nota de rodapé comenta em letras pequenas: "Khrennikov morreu em prisão preventiva." Eles usam as letras miúdas para os tolos, mas *nós*, que conhecemos a verdade, escrevemos em caracteres de tamanho duplo: «NA PRISÃO PREVENTIVA FOI TORTURADO À MORTE! (Ele também foi nomeado postumamente "líder do partido da indústria", como se tivesse contribuído para o coro, mesmo que fosse apenas com uma pequena façanha , com um único depoimento ... Mas nada sai dele, *já que ele não deixou nada!*) E de repente, o grande achado: Ramzin! Ele está cheio de energia focada e agressividade. E para *viver ele* fará tudo. E para isso ele é bem dotado. No final do verão ou ele foi preso, pouco antes de o processo começar, mas o que ele oferece agora não é apenas uma execução magistral de seu papel, não, mas ele age quase como se tivesse preparado todo o trabalho sozinho, e preparou uma montanha de material adicional , e está sempre pronto para servir a qualquer nome, qualquer fato que seja necessário. E às vezes ele age com a preciosidade indolente do *professor*:

"A atividade do partido industrial era tão ramificada que em um processo de onze dias parece impossível retratá-la em todos os seus detalhes." (O que significa: procure! Continue procurando!) "Estou profundamente convencido de que um pequeno manto anti-soviético sempre pode ser encontrado nos círculos de engenharia." (Vá em frente ! Pegue-o! Traga o próximo!) E por ser tão dotado, sabe que isso é um *enigma*, e que um enigma deve ser explicado com arte. E ele, que está completamente desprovido de sentimentos, de repente descobre em si mesmo "traços do criminoso russo para quem a purificação é encontrada na penitência pública".^[290]

Portanto, para Krylenko e para a GPU, toda a dificuldade estava em não deixar de escolher as pessoas. Porém, o risco não era grande: a seleção feita durante a investigação poderia ser enviada para a sepultura a qualquer momento. E quem passou pela tela só precisava de tratamento médico, de um pouco de preparo, e o processo podia começar!

Qual era, então, o enigma? Na forma como foi *elaborado*? Não; aproximadamente, assim: Você quer *viver*? (Se você não quer viver para si mesmo, você pode querer viver para seus filhos, para seus netos). Você entende que, sem mais delongas, podemos atirar em você bem aqui no pátio da GPU. (Sem dúvida. Para aqueles que ainda não entenderam, uma cura

completa é prescrita no Lubyanka). Mas seria mais vantajoso para ambas as partes se você estivesse disposto a colaborar em uma determinada peça teatral, cujo texto, como técnico que é, você mesmo escreverá ; nós, advogados, iremos memorizá-lo e tentar manter os termos técnicos. (Durante o processo, Krylenko comete alguns erros: por exemplo, eixo de vagão em vez de eixo de locomotiva.) A cena será desagradável, ignominiosa para você; então, o melhor é cerrar os dentes. Sua vida não está entrando nisso ? E que garantia temos de que você não vai atirar em nós mais tarde? Por que devemos nos vingar de você? Vocês são especialistas distintos ; você não fez nada errado; sabemos como apreciá-lo perfeitamente. Olhe ao seu redor: os testes para *vreditelstvo* estão acontecendo *em todos os lugares*, e todos aqueles que desempenharam bem a sua parte, nós os deixamos vivos. (Isso é muito importante para o sucesso de um processo futuro: poupar a vida dos prisioneiros obedientes de um processo que acaba de terminar. Assim, essa esperança será transmitida, link por link, a Sinoviev-Kamenev). Claro, será necessário que você cumpra absolutamente nossas condições . O processo deve redundar em benefício da sociedade socialista.

E os reclusos cumprem todas as condições ...

Todo o trabalho de filigrana de oposição intelectual dos engenheiros foi apresentado como um *vreditelstvo* sujo , *de forma* que mesmo qualquer letrado de ontem poderia facilmente entendê-lo. (O que sem dúvida ainda faltava era que os trabalhadores batessem nos pratos de sopa com os seus copos. O procurador ainda não tinha tido essa ideia).

Então veio o motivo da *Idéia* e a fidelidade à idéia: *Haviam* participado do *vreditelstvo*? Mas agora, movidos por uma ideia hostil, estavam dispostos a confessar, mesmo ardentemente desejados, graças à ideia, desta vez diferente, que (na prisão) lhes tinha sido revelada na figura de fogo e aço do terceiro ano do nosso plano. É verdade que, no final, eles também defenderam a vida dele, mas isso não era o mais importante para eles. (Fedotov: "Não há perdão para nós. O promotor tem razão"). Aqui, no limiar da morte, este estranho acusado insistiu em seu desejo veemente de convencer o povo e o mundo inteiro da infalibilidade e perspicácia do governo soviético.

Ramzin cantou hinos de louvor à "consciência revolucionária das massas proletárias e seus dirigentes " , que, ao contrário dos cientistas, "conseguiram encontrar caminhos de política econômica

incomparavelmente mais seguros" e calcularam com mais precisão a taxa de crescimento de economia nacional. «Percebi que é chegado o momento do assalto, que é preciso dar um *salto*» ..., ^[291] etc. Larichev: "A União Soviética está enfrentando inabalavelmente o mundo capitalista moribundo." Kalinnikov: "A ditadura do proletariado é uma necessidade inescapável." "Os interesses do povo e os interesses do poder soviético se fundem em um sol aspiracional." E também: "A linha geral do Partido [no campo], a destruição da instituição dos *kulaks*, é adequada". Enquanto aguardam a execução, ainda têm tempo para conversar sobre tudo. E também a seguinte previsão perfurou a garganta de alguns intelectuais arrependidos: "No desenvolvimento da sociedade, a vida individual deve ser restringida ... A vontade coletiva constitui a forma mais elevada." ^[292]

Graças aos esforços unidos dos oito, todos os objetivos do processo foram finalmente alcançados:

1. Toda a escassez que existia no país; fome, frio, falta de roupa, confusão, junto com todas as bobagens óbvias, foram cobrados da *conta* dos engenheiros da *vreditelstvo*;

2. O povo ficou intimidado com o perigo iminente da intervenção e se preparou para novos sacrifícios;

3. ° os círculos esquerdistas do Ocidente foram advertidos contra as maquinações de seus governos;

4. A solidariedade dos engenheiros foi perturbada, a classe intelectual como um todo foi intimidada e dividida. E para que não houvesse a menor dúvida, Ramzin afirmou claramente este objetivo perseguido pelo processo:

"O que eu queria era que, como resultado do atual processo contra o partido industrial *sob o passado sombrio e prejudicial, toda a intelectualidade* pudesse ser eliminada de *uma vez por todas*." ^[293]

E Larichev dirigia o mesmo prego: "Esta raça tem que ser destruída...! *Existe e não pode haver lealdade entre os engenheiros!*" ^[294] E Ochkin: "A intelligentsia é um tanto viscosa, que, como disse o promotor, carece de espinha dorsal, personifica a ausência absoluta de espinha dorsal ... Quanto maior é a intuição do proletariado!" ^[295]

E tivemos que atirar nesses pelotilleros ...?

Assim se escreveu a história da nossa intelligentsia, a partir do anátema dos anos 1920 (o leitor lembrará "Não são o cérebro da nação, mas

besteira", "aliados dos generais negros", "mercenários do imperialismo") até o anátema de 1930.

Portanto, não é surpreendente que a palavra "intelligentsia" tenha assumido um significado pejorativo entre nós. Agora sabemos como os processos são feitos. A mente perscrutadora de Stalin finalmente alcançou seu ideal. (Hitler e Goebbels, aqueles dois trapalhões que fizeram papel de bobo com o incêndio do Reichstag, o invejariam por isso) ...

O estilo foi encontrado, o modelo foi criado, agora a peça , com algumas variações, poderia permanecer em cena por anos e anos, podendo ser repetida em cada temporada quantas vezes o diretor do espetáculo desejasse. E teria a próxima representação ocorrendo já em três meses. O tempo para o teste estava apertado, mas não importa! Entre! Só neste teatro! A estréia:

m) *O processo do Escritório da União Menchevique* (1 a 9 de março de 1931). Colégio Especial do Supremo Tribunal Federal, a presidência foi ocupada, por qualquer motivo, por Nikolai Shvernik; caso contrário, havia o de costume: Antonov-Zaratovs Krylenko, seu assistente Roginski. Os encenadores sabiam o que tinham nas mãos (sobretudo porque se tratava de um assunto habitual, não técnico, mas de festa) e desfilaram quatorze arguidos.

E tudo correu bem e bem no palco, tudo correu bem.

Eu tinha então doze anos; Já fazia dois anos que lia para mim com grande atenção todos os artigos políticos do grande *Izvestia* e estudava de A a Z as notas estenográficas desses dois processos. Já na festa da indústria, meu coração infantil vivenciou claramente o efeito do excesso, da mentira e da trapaça, porém, a decoração ficou tão impressionante ! Intervenção geral! Desligamento de toda a indústria! Distribuição de cargos ministeriais! No processo menchevique os mesmos cenários foram colocados certamente, mas neste caso pareciam deteriorados, a articulação dos atores deixou a desejar e, no geral, foi uma triste repetição. (Será que Stalin percebeu isso, através de sua pele de rinoceronte? Como, então, explicar por que ordenou a dissolução do Partido dos Trabalhadores Camponeses e deixou passar alguns anos sem nenhum processo?)

Seria enfadonho repassar as notas taquigráficas novamente. Por outro lado, tenho o depoimento recente de um dos principais réus daquele processo, o de Mikhail Petrovich Yakubovich, cujo pedido de reabilitação ,

com a exata exposição das falsificações, chegou ao Samizdat, nosso salvador, para que o povo lesse como aconteceu.^[296] Seu relatório nos oferece uma explicação convincente de toda a série de julgamentos que ocorreram em Moscou na década de 1930.

Como surgiu o inexistente "Escritório da União"? A tarefa do plano para a GPU era a seguinte: demonstrar que os mencheviques, na busca de seus objetivos contra-revolucionários, conseguiram se estabelecer no aparelho de Estado e obter posições importantes. A verdadeira situação não correspondia a este esquema: em nenhum lugar acima 'poderia ser encontrado um único menchevique. Nenhum dos verdadeiros conseguiu sentar-se no banco . (Ou seja, VK Ikov deve ter sido de fato um membro do escritório ilegal dos mencheviques, lânguido na vida e sem iniciativa, mas, em qualquer caso, nada se sabia sobre isso no processo). A GPU traçou a seguinte regra: dois homens deveriam ser do Conselho Econômico Nacional, dois do Comissário de Comércio, dois de *Gosbank*, um de *Zentrosoyuz* e um de *Gosplán*. (Muito fácil! Em 1920 ditaram ao "centro Tático" dois da "Liga para o Renascimento da Rússia", dois do "Conselho para ctuantes na vida pública", dois dos) ... *Escolheram*, portanto, o pessoas dependendo da posição. Quanto à sua afiliação menchevique real, veio de boatos. Houve outros que não eram mencheviques, mas foram organizados para serem listados como tal. As verdadeiras idéias políticas dos réus não importavam nem um pouco para a GPU. Eles nem mesmo se conheciam. A GPU também tomou como testemunhas todos os mencheviques que caíram em suas mãos.^[297] (As testemunhas viram então todos reduzirem o tempo de prisão). Também desta vez Ramzin apareceu como testemunha, prestativo e falador. Mas, quanto ao resto, a GPU colocou Vladimir Gustanovich Groman (para ajudá-los a armar a raquete, concedendo-lhe em troca anistia) e o agente provocador Petunin entre os principais prisioneiros . (Eu continuo com a exposição de Yakubovich).

Chegou a hora de apresentarmos o MP Yakubovich. Ele interveio tão cedo na Revolução que nem sequer concluiu os estudos secundários. Em março de 1917 já era presidente do Soviete dos Deputados em Smolensk, um orador eloqüente, cheio de força persuasiva (que sempre o levava a algum lugar). No Congresso da Frente Ocidental, ele voltou sua atenção para os jornalistas que clamavam pela continuação da guerra e, sem pensar mais, chamou-os de *inimigos do povo* (em abril de 1917!); Quase não o

jogaram da tribuna; pediu desculpas, saiu do atoleiro novamente com um discurso brilhante, e soube de tal forma de conquistar o público que, ao final do discurso, mais uma vez acusou os homens da imprensa de inimigos do povo, mas desta vez em meio a grandes aplausos, e ele foi eleito para a delegação que se dirigiu ao Soviete de Petrogrado. Mal tinha chegado a Petrogrado quando, com as facilidades da época, foi chamado para a comissão militar, pôde participar na nomeação de comissários do exército; [298]

mais tarde, ele próprio foi, como comissário, ao chefe do Sudeste e, em Vinnitsa, tomou pessoalmente o general Denikin como prisioneiro (após o pronunciamento de Kornilov), e lamentou profundamente (mesmo no processo) não tê-lo enviado atire imediatamente.

De olhos azuis, sempre muito sincero e em todos os momentos muito imbuído de suas ideias, certas ou erradas, era considerado entre os mencheviques desde a geração mais jovem, e realmente era. No entanto, isso não o impediu de atacar com calma a direção do partido com seus projetos, como, por exemplo: na primavera de 1917 ele formou um governo social-democrata ou em 1918, como menchevique, ele entrou no Comintern (todas as suas variantes foram rejeitadas metodicamente e com algum orgulho por Dan e os outros). O mês de julho de 1917 o afetou seriamente. O fato de o Soviete Socialista de Petrogrado ter aprovado a resolução do Governo Provisório de empregar tropas contra outros Socialistas, ele considerou um erro fatal, embora esses outros Socialistas tivessem pegado em armas. A revolução de outubro mal havia terminado quando Yakubovich convidou seu partido a apoiar os bolcheviques em tudo e a influenciar e melhorar a ordem estatal criada por eles com sua própria participação. Foi finalmente banido por Martov e, agora, tendo perdido a esperança de colocar os mencheviques no caminho, pela rota bolchevique, em 1920 ele lhes deu as costas para sempre.

Descrevo detalhadamente a sua evolução, para que não haja dúvidas: ao longo da revolução Yakubovich não foi menchevique, mas sim bolchevique, sempre sincero e totalmente desinteressado. Além disso, em 1920, ele foi comissário de suprimentos no Comitê do Governador de Smolensk (como o único não bolchevique); foi até elogiado pelo Comissariado do Povo por seu excelente trabalho (afirma ter se livrado de expedições repressivas; não sei; no julgamento ele mencionou algo sobre "departamentos de bloqueio"). Na década de 1920, ele elaborou a *Folha de Troca* e também ocupou outros cargos de prestígio. E em 1930, quando a

GPU começou a executar seu plano contra todos os mencheviques "infiltrados", Yakubovich foi preso.

Então Krylenko também o submeteu a interrogatório , que, como antes, como o leitor sabe, organizou o caos das investigações e o transformou em uma investigação ordenada. E eis que os dois se conheciam muito bem, já que o nosso Krylenko, nos mesmos anos (entre dois processos), tinha sido atribuído ao mesmo Governo de Smolensko para consolidar o trabalho relacionado com o abastecimento de alimentos. Agora, então, ele falou assim:

"Mikhail Petrovich, deixe-me dizer-lhe imediatamente que, a meu ver, você é um comunista (isso encorajou muito Yakubovich). *Não duvido de sua inocência. Mas é nosso dever para com o Partido levar a cabo este processo.* (Krylenko recebeu a ordem de Stalin, e Yakubovich, com a ideia de um julgamento, tremeu como um corcel de fogo com medo de ser selado.) Por favor, dê sua total assistência na investigação. E se complicações imprevistas surgirem no julgamento, pedirei ao presidente para permitir que você fale.

!!!

E Yakubovich prometeu. Ele prometeu, consciente de um dever que tinha que cumprir. Provavelmente, o poder soviético ainda não lhe havia confiado uma missão de tamanha responsabilidade.

E, durante o interrogatório, nem deviam tocar nele com o dedo mínimo! Mas hey, isso era muito bom para a GPU. Durante o interrogatório, Yakubovich foi submetido, como todos os outros, à completa tortura: à masmorra fria e a espancamentos, a golpes nas partes genitais. O tormento foi tão terrível que Yakubovich e seu parceiro no processo, Abram Ginsburg, abriram as veias. Res tablecidos metade, e eles não vão ser torturados ou bater, *mas* eles foram privados de sono por duas semanas. (Diz Yakubovich: "Eu só queria dormir! Consciência, honra ... eles não valem mais nada!"). Então são confrontados também com os outros, já alquebrados, que labutam na mesma coisa: em "confessar", em dizer coisas absurdas. Sim, o próprio juiz de instrução (Alexei Alexeievich Nasedkin): «Eu sei, eu sei que não houve nada disto! Mas eles exigem isso de nós! "

Quando Yakubovich é apresentado novamente ao juiz que está investigando o caso, ele só se depara com um prisioneiro terrivelmente maltratado. O juiz sorri: «Moisei Isaievich Teitelbaum, aqui presente, pede-lhe que o receba na sua organização anti-soviética. Fale livremente, deixo-o sozinho por um momento ». E se foi. Teitelbaum começou efetivamente a implorar: "Camarada Yakubovich! Admita-me ao seu cargo na União Menchevique! Eles me acusam de ter recebido dinheiro de firmas estrangeiras e dizem que vão atirar em mim. Prefiro morrer como oponente do regime, e não como um criminoso comum! "

(Ou melhor: não teriam prometido que, do contrário, sua vida seria poupada? Ele tinha razão: deram-lhe cinco anos de liberdade, um termo extremamente fácil). As provisões da GPU para os mencheviques deviam ser muito escassas , que teve que procurar voluntários entre os prisioneiros

...! (Mas Teitelbaum esperava um papel importante: estabelecer contatos com mencheviques estrangeiros e com a Segunda Internacional. No entanto, isso foi prometido no comitê internacional dos Cinco: um homem, uma palavra). Com a aprovação do juiz de instrução, Yakubovich admitiu Teitelbaum no Escritório da União.

Poucos dias antes do início do julgamento, teve lugar a primeira sessão do Gabinete da União dos Mencheviques - no gabinete do juiz superior de instrução Dmitri Matveievich Dmitriev; foi dedicado a questões de organização do desenvolvimento total ou do estudo dos respectivos trabalhos. (Foi assim que o comitê central do partido da indústria também se reuniu ! E Krylenko se perguntou *onde* os réus puderam 'se reunir'). Mas, como após o primeiro ensaio não foi possível reter todo o acúmulo de mentiras absurdas, os colaboradores tiveram que se encontrar uma segunda vez para que, finalmente, os papéis fossem bem aprendidos.

E que sentimentos estavam conduzindo Yakubovich quando ele entrou no tribunal? Ele queria vingança por todos os tormentos que sofreu, todas as mentiras que o oprimiram? Eu queria revelar tudo, para que o mundo não fosse enganado? Mas pare!

1. Isso significaria esfaquear o poder soviético! Seria a negação de sua própria aspiração de vida, do caminho que ele, Yakubovich, havia percorrido para sair da vegetação rasteira do errôneo manquimismo e chegar ao bolchevismo ortodoxo;
2. Depois de tal escândalo, já não o fariam morrer, já não se limitariam a fuzilá-lo, mas voltariam a torturá-lo, desta vez por vingança, o fariam perder o juízo; e quanto ao corpo, ainda mostra os sinais de tortura anterior. Onde encontrar o apoio moral para esses novos tormentos? Onde extrair as forças necessárias?

(Suas palavras ainda ressoavam em meus ouvidos enquanto eu enumerava esses argumentos. Foi uma das raras ocasiões em que consegui ouvir, por assim dizer, "postumamente" falar com alguém que participou de tal processo. E me parece que é Exatamente como se Bukharin ou Rikov nos tivessem explicado as razões de sua forma enigmática de se submeter à Corte: a mesma sinceridade, a mesma fidelidade ao partido, a mesma fraqueza humana; ambos careciam do necessário apoio moral para o luta, porque eles não estavam em uma posição INDEPENDENTE).

Portanto , no processo, Yakubovich não apenas repetiu submissamente o monte sujo de mentiras (algo melhor não poderia ser feito pela imaginação de Stalin, nem de seus cúmplices, nem do acusado), mas ele fez ainda mais: ele representou o papel de entusiasta, como prometera ao promotor.

A chamada delegação estrangeira dos mencheviques (ao fundo, todos os líderes de seu comitê central) se distanciou dos acusados no *Forward!* Alemão. Ele disse que o processo era uma vergonhosa comédia judicial, que se baseou em declarações de agentes provocadores e confissões extraídas dos infelizes presos por causa do terror . Eles escreveram dizendo que a grande maioria dos acusados havia deixado o partido por mais de dez anos e que nenhum deles havia retornado. Que as somas mencionadas no processo eram ridiculamente grandes, que nem mesmo o partido inteiro possuía tanto dinheiro.

No entanto, Krylenko leu o artigo em voz alta e pediu a Shvernik que chamasse os réus (novamente, como na festa da indústria, ele estava puxando todos os cordões ao mesmo tempo). E todos declarados. E eles defenderam os métodos da GPU contra o comitê central menchevique ...

E se hoje Yakubovich pensa em sua "resposta" como sua última palavra, o que dirá a ela? Que de forma alguma ele cumpriu apenas a promessa feita, de que não teve simplesmente uma explosão, não, mas foi violentamente conduzido por um ressentimento sombrio, que teve de desabafar na próxima avalanche de palavras. Rancor, contra quem ou contra o quê? Depois de toda a tortura, depois de sua tentativa de suicídio, depois de repetidas agonias, sua nobre indignação não foi dirigida contra o promotor, nem contra a GPU, não! Mas contra a delegação estrangeira !!! Aí está , a mudança psicológica do pólo! Aqueles que viviam em meio a segurança e conforto (um exílio não pode ser tão miserável que, comparado à vida na Lubyanka, não dê a impressão de que se vive com conforto), como poderiam viver sem consciência e com tanto orgulho da miséria e sofrimentos dessas pessoas? Como eles puderam estar tão endurecidos para se distanciarem dos miseráveis, para abandoná-los ao seu destino? (Foi uma resposta dura, um grande triunfo para os organizadores).

Depois de 1967, a voz de Yakubovich ainda tremia de raiva, assim que a conversa recaiu sobre a delegação estrangeira, sobre sua deslealdade, sobre sua indiferença, sobre sua traição à Revolução Socialista. Sim, traição, ele já havia dito em 1917 .

Porém, naquela época não tínhamos as notas abreviadas do processo. Mais tarde, comprei e fiquei surpreso. A memória de Yakubovich, tão exata nos mínimos detalhes, para qualquer data e nome, aqui o denunciou: ele havia se esquecido completamente de que era ele mesmo quem, no processo, declarava ter recebido da delegação estrangeira, por encomendado pela Segunda Internacional, *instruções para o vreditelstvo*. O que presidiu aquele artigo não foi falta de consciência, nem arrogância, mas precisamente a *compaixão* para com as infelizes vítimas do processo, que, afinal, há muito deixaram de ser mencheviques, porquê? ele não teve que dizer isso a si mesmo? Então, de onde Yakubovich tirou sua raiva implacável e sincera? Além disso, o que poderia ter feito a delegação estrangeira para evitar que os acusados fossem entregues à própria sorte?

É inerente à natureza humana que descarregemos nossa raiva contra aqueles que são mais fracos do que nós, especialmente se eles não podem reagir. E os argumentos, as provas de que estamos certos, chegam espontaneamente até nós.

Mas, no discurso de impeachment, Krylenko chamou Yakubovich de fã da ideia contra - revolucionária e pediu por ele ... *morte por tiro!*

E não foi apenas naquele dia que Yakubovich sentiu uma lágrima de gratidão brotar de seus olhos; Ainda hoje, depois de campos de concentração e prisões, ele agradece a Krylenko porque não o humilhou no banco dos réus, não o insultou, não zombou dele, mas disse que ele era um *fanático* (embora de uma ideia contrária) e pediu-lhe a execução simples e nobre, que pôs fim a todos os tormentos. Afinal, em suas palavras finais, o próprio Yakubovich concordou com isso: "Os crimes que *eu confessei* (a essa feliz reviravolta de '*Eu confessei*' ele dá grande valor. Quem tem ouvidos deve compreender." : não diz *o que cometi*), valem o máximo. Não estou pedindo misericórdia, não estou pedindo pela minha vida! » (Groman, que estava sentado ao lado dele no banco, exclamou aterrorizado: "Você enlouqueceu? Você não tem o direito! Pense nos seus camaradas!")

Vamos! Não é uma verdadeira descoberta para o Ministério Público?

E essa explicação não é suficiente para os processos de 1936 e 1938?

Já que esse processo não deu a Stalin a garantia de que ele tinha completamente em suas mãos seus principais inimigos, os camaradas tagarelas , para encenar outro espetáculo com eles?

Espero que o leitor que perdoa me perdoe. Até agora a minha pena escreveu sem medo e o meu coração sem ansiedade: deslizámos

descuidadamente durante estes quinze anos, porque estávamos certos da proteção do espírito jurídico da Revolução e da legalidade revolucionária. Mas a partir de agora vai ser mais doloroso: como o leitor se lembrará, já nos disseram dez vezes, começando com Khrushchev, que "por volta do ano de 1934" eles começaram a "violar as normas leninianas de legalidade".

E como agora podemos descer a este abismo da anarquia? De onde você tira força para ser capaz de atravessar mais uma piscina de amargura?

Além disso, graças a seus detentos de destaque, os processos a seguir chamaram a atenção de todo o mundo. *Esses* processos não foram esquecidos, eles foram escritos, interpretados e comentados. E ainda é feito hoje. Resta-nos dizer algo sobre o *enigma*.

Antes de mais, uma restrição, embora à margem: os relatórios estenográficos publicados não coincidem totalmente com o que foi dito no processo. Um escritor, munido de passe e, portanto, parte do público escolhido, fez algumas anotações e encontrou algumas inconsistências. O breve incidente de Krestinski, quando foi necessário intercalar uma pausa, não passou despercebido pelos correspondentes, para trazê-lo de volta ao caminho reto do que foi anteriormente declarado. (Imagino que tenha acontecido assim: no início do processo foi feito um plano de emergência. Havia uma folha de papel com três rubricas; a primeira continha o nome do acusado, a segunda o recurso a ser utilizado no caso de a sentença se desviar da lei, e na terceira o nome do conquistador a quem esse recurso se refere. E se um Krestinski realmente se afastou de seu papel, então era imediatamente conhecido quem, o quê e com quê).

Mas a imprecisão das notas estenográficas não pode mudar nada na imagem, nem pode implicar em qualquer falha. O mundo contemplou com espanto três peças teatrais, três belas representações de monstros nas quais cabeças conspícuas do destemido partido comunista, aquele que um dia mudou o mundo e instilou medo, enquanto ovelhas mansas e queixosas tropeçavam pelo palco e com lamentáveis balidos que contavam tudo o que lhes foi ordenado contar, cuspiram em si próprios e, com submissão servil, afundaram-se na lama e confessaram crimes que lhes era impossível ter cometido.

Nada parecido jamais acontecera na história da humanidade lembrada. Foi especialmente surpreendente, considerando o julgamento de Dimitroff, em Leipzig, não muito longe. Como um leão enfurecido, Dimitroff atacou os juizes nazistas. E aqui? Aqui estavam seus camaradas da mesma coorte

intransigente e intimidante, e não qualquer, mas os mais importantes, a quem chamavam de "Guarda de Lenin", estavam sentados aqui diante dos juízes, encharcados em suas próprias rodas.

E embora se possa acreditar que desde então muitas coisas foram explicadas (da maneira mais certa por Arthur Koestler), o *mistério* ainda persiste.

Às vezes falavam de uma erva tibetana que paralisava a vontade, outras do uso da hipnose. De forma alguma essas explicações podem ser rejeitadas de uma vez: se o NKVD possuía tais meios, que *padrões morais* poderiam tê-lo impedido de usá-los? Por que, então, não enfraquecer a vontade e obscurecê-la? Que, na década de 1920, muitos hipnotizadores interromperam suas apresentações habituais e entraram a serviço da GPU, é um segredo aberto. O relato de que o NKVD manteve uma escola para hipnotizadores na década de 1930 é absolutamente confiável. A Sra. Kamenev teve permissão para visitar o marido pouco antes do julgamento e o achou estúpido, indolente: ele não parecia mais o mesmo. (Ela teve tempo de encaminhar, antes que a prendessem também).

E Palchinski ou Khrennikov, por que a erva tibetana junto com a hipnose falhou neles ?

Ou talvez não, sem uma explicação psicológica superior, talvez não possamos decifrar nada.

Parece a muitos que o enigma é simplesmente que eles eram todos velhos revolucionários: um, um lutador feroz e endurecido, etc.; outro, com uma experiência de encarceramento da era czarista. Nisso, entretanto, há um erro simples. Eles não eram aqueles revolucionários que ..., mas eles eram apenas os herdeiros de uma glória estranha, engendrada pelos vizinhos do Narodniki, revolucionários sociais e anarquistas. Esses, aqueles que lançaram bombas e conspiraram, sabiam sobre o Katorga e cumpriram suas sentenças, mas nunca souberam o que era um interrogatório verdadeiro e completo (porque na Rússia não havia). Eles não sabiam o que era um interrogatório e não sabiam de uma detenção um tanto prolongada. Para os bolcheviques, nunca houve uma prisão particularmente difícil, como uma Sakhalin, uma Yakuta Katorga. Dzherzhinsky é conhecido por ter sido o mais atingido por isso: ele teve que passar a vida na prisão. No entanto, se quisermos calculá-lo de acordo com nossas regras, ele deixou para trás um dez usual, como em nossos tempos qualquer camponês kolkhoz; sim,

certamente , três anos de trabalho em uma fortificação faziam parte desses dez; vamos lá, hoje isso não nos deixa mais maravilhados.

Os dirigentes partidários que nos foram apresentados nos processos de 1936-1938, em seu passado revolucionário, puderam apresentar alguns breves períodos de prisão, alguns exílios de duração não excessivamente longa. O Katorga nem tinha sentido o cheiro. Bukharin fora preso algumas vezes, cada menor; aparentemente, ele não foi detido nem por um ano ^[299]

inteiro e , pouco depois, foi eLivros nas margens do Lago Onega. Kamenev, que por muitos anos atuou como agitador em todas as cidades da Rússia, passou dois anos na prisão e um ano e meio no exílio. Entre nós, até meninos de dezesseis anos saíram com uma sentença de pelo menos cinco anos. Zinoviev (é ridículo!) *Não foi preso por três meses e nunca foi condenado!* Diante de nossos simples moradores do GULAG, eles não passam de *pintinhos*; eles nunca souberam o que é uma prisão. Rykov e IN Smirnov foram presos várias vezes, cada um deles encarcerado por cerca de cinco anos, mas em boas condições; Eles conseguiram escapar sem dificuldade de todos os locais de exílio, e então uma anistia oportuna foi concedida. De uma prisão de verdade, das garras de um julgamento injusto, antes de chegarem ao Lubyanka, eles não tinham ideia. (A suposição de que, se Trotski tivesse caído nessas garras, teria se comportado de maneira diferente, menos submissa, é gratuita: o que poderia ter tornado sua coluna mais dura? Ele também conhecera apenas prisões leves e nenhum interrogatório moderado. Sério, e além disso, ele só foi eLivros por dois anos em Ust-Kut. A fama que adquiriu como um terrível comissário de guerra, terror dos inimigos, ele adquiriu por um preço baixo, e não prova uma verdadeira força de espírito. Aquele que teve muitos tiros, é possível que, infelizmente, choramingue lamentavelmente quando se trata de sua própria morte. A força de um não tem nada a ver com a força do outro). Sim, e Radek foi um provocador (embora não só ele em todos os três processos). E Yagoda, um arqui-criminoso.

(Esse assassino milhões de vezes não entrou no cacumen de que no último momento não encontraria nenhuma solidariedade no coração de quem era ainda mais assassino do que ele. Ele implorou por misericórdia, insistiu com confiança, como se Stalin estivesse sentado ali da sala: "Dirijome a ti! Construí *para ti* dois grandes canais ...!" E quem estava aí refere que naquele momento, atrás de uma janelinha do primeiro andar, como atrás de um véu, acendeu-se um fósforo e, na penumbra, a sombra de um

cachimbo podia ser vista por alguns segundos. Quem de vocês esteve em Bajchisarai, na Crimeia, talvez se lembre desta ideia oriental: Na sala de sessões do Conselho de Estado, no auge No primeiro andar, há algumas janelas, cobertas por uma placa com furos; atrás das janelas, há uma galeria apagada. Da sala, abaixo, nunca é possível adivinhar se há ou não alguém atrás das janelas. O Khan permanece invisível, e é como se estivesse presente em cada Sessão do Conselho. Se pensarmos no personagem notoriamente oriental de Stalin, não nos será difícil acreditar que ele observava de cima as comédias que se desenrolavam na Sala de Outubro. Pelo contrário, considero inimaginável que ele tenha sido privado deste espetáculo, de tanto prazer).

Mas, em última análise, nosso espanto decorre unicamente do fato de acreditarmos que essas pessoas são incomuns. Consideraremos então como algo enigmático, se em protocolos comuns os cidadãos comuns endossam a si próprios e ao mundo os crimes mais incríveis? Aceitamos isso como algo compreensível: o ser humano é fraco e não é difícil de quebrar. Por outro lado, aos nossos olhos, Bukharin, Sinoviev, Kamenev, Piatakov, IN Smirnov, são super-homens avançados, e só disso, no fundo, vem nossa perplexidade.

Certamente, desta vez os diretores teatrais parecem achar mais difícil encontrar os atores certos; Ao contrário do que acontecia nos processos anteriores dos engenheiros, onde era possível extrair de quarenta barris, esta empresa hoje era pequena. Com pessoas substitutas, o público aqui não ficaria satisfeito.

No entanto, também não foi possível prescindir de uma seleção. Aquele que era mais inteligente e determinado que os outros nomeados não foi pego e cometeu suicídio antes de ser preso (Skrypnik, Tomski, Gamarnik). *Quem queria viver foi preso* . E de quem quer viver pode fazer-se uma massa dúctil e moldável ... Mas entre eles havia também alguns que durante os interrogatórios se comportaram de maneira diferente, refletiram e não quiseram mais continuar cooperando, e desapareceram silenciosamente, embora sem censura. Homens como Rudzutak, Postychev, Yenukidze, Chubar, Kosior e até Krylenko tinham seus motivos para não comparecer publicamente perante a Corte, embora com esses nomes qualquer um pudesse ser um bom adorno.

Foi o mais fraco quem se sentou no banco. Apesar de tudo, houve uma seleção!

No entanto, a modesta seleção foi compensada pelo fato de o encenador dos bigodes conhecer pessoalmente cada um dos candidatos. Ele sabia que todos eram homens fracos e também conhecia cada uma de suas fraquezas. Afinal, seu talento sinistro, o que ele estava acima da média, sua habilidade psicológica e a conquista de sua vida residiam nisso: em conhecer as fraquezas das pessoas no menor grau de existência.

E também para aquele que na perspectiva do tempo nos parece o espírito mais poderoso e claro na série de líderes desgraçados e executados (e a quem Koestler provavelmente dedica seu estudo inteligente), também para aquele Stalin completamente penetrado com seu perspicaz olha, também para ele, para NI Bukharin, medido no nível mais baixo, onde o homem se junta à terra, ele há muito segurava pelo pescoço, e como o gato com o rato, ele se permitiu um breve jogos. Nossa Constituição, efetiva (ineficaz) até hoje e que soa lindamente aos ouvidos, foi escrita capa a capa por Bukharin, que subiu facilmente ao nível mais alto e flutuou acima das nuvens, e acreditava ter enganado os amigo Koba com uma Constituição que o obrigaria a afrouxar as rédeas da ditadura. E ainda assim ele já estava preso em suas mandíbulas .

Bukharin não conseguiu engolir Kamenev ou Sinoviev, e já na primeira vez em que estiveram perante o Tribunal, após o assassinato de Kirov, ele disse no círculo de seus amigos: 'Bem, o quê? Essas pessoas são assim. Tem que haver algo realmente nele »... (A frase clássica do provinciano daqueles anos:« Tem que haver algo realmente nele... Ninguém está trancado entre nós apenas por causa dele. ”Assim falou em 1935 teórico do primeiro partido ...!) Durante o segundo julgamento contra Kamenev e Sinoviev, no verão de 1936, Bukharin estava caçando em Tianchan e não sabia de nada. Quando ele veio das montanhas para Frunse, ele já foi capaz de aprender sobre a sentença de morte pelos jornais, e ele também leu os relatórios, dos quais parecia que os dois homens, em suas declarações, o culpavam em extremo. Você se apressou para evitar o duplo assassinato de uma vez? Você ligou para a festa para dizer que o que estava acontecendo era monstruoso? Não, ele acabou de enviar um telegrama a Koba: a execução de Sinoviev e Kamanev poderia ser adiada para que ... ele, Bukharin, tivesse uma chance de se justificar em um confronto.

Tarde demais! Koba preferia lidar com as atas; Por que ele precisava de confrontos vivos?

No entanto, eles demoraram muito para encontrar Bukharin . Ele perdeu sua influência no *Izvestia*, todos os seus cargos no partido, e viveu meio ano, como em uma prisão, em sua casa no Kremlin, um palácio do jovem Pedro (certamente, no outono ele estava também na dacha, e nas sentinelas do O Kremlin o cumprimentou como se nada tivesse acontecido). Chegou o momento em que ninguém o visitou, em que ninguém mais ligou para ele. E em todos esses meses escreveu cartas sem parar: “Querida Koba...! Caro Koba...! Caro Koba...! ”, Nenhum dos quais obteve resposta

Ele ainda procurava um contato cordial com Stalin!

Mas o *querido Koba*, de olhos semicerrados para se concentrar melhor, já estudava o plano de ensaio. Ele havia criado os papéis anos atrás e não precisava que o *amado Bukharin* ensaiava para saber que representaria os seus com maestria. Apesar de tudo, Bukharin já havia deixado seus discípulos e apoiadores (dos quais, aliás, não tinham muitos), presos e deportados, e havia permitido que fossem destruídos. ^[300] Ele suportou destruição e dano à sua liderança intelectual, ainda não totalmente formada. E quando ainda era editor-chefe do *Izvestia* e ainda não havia deixado de ser membro do Politburo, também não disse nada quando Kamenev e Sinoviev foram fuzilados, como se isso fosse um fato justo. Ele não ficou indignado com isso, proferindo frases estrondosas, mas nem mesmo respondeu em voz baixa. Vamos lá, depois disso, ele realmente precisava ensaiar seu papel?

E antes disso, muito antes, quando Stalin trovejou dizendo que (todos eles em diferentes ocasiões!) Seria expulso do partido, Bukharin respondeu (todos responderam?) Para que pudesse ficar no partido? Não tinha sido como um ensaio? Se mesmo quando eles eram homens livres e ainda estavam nas alturas da glória e do poder, eles se comportavam dessa forma, eles só precisavam da ajuda dos ponteiros, que tinham seu corpo e seu sono e sua tigela, para que, sem dizer que esta boca é minha, se conformassem ao texto do drama.

E agora, enquanto esperava a prisão, do que Bukharin mais temia? Ele estava com medo de ser expulso do *jogo!* *Ele estava com medo de perder o jogo!* *Ele estava com medo de estar vivo, mas fora do jogo!* E essa qualidade dele (e de todos eles!) O *querido Koba* soube explorar de forma excelente , uma vez que ele próprio se tornou o *partido*. Bukharin (todos eles!) Carecia do PONTO DE VISTA INDEPENDENTE, carecia de uma

ideologia verdadeiramente oposicionista, da qual poderiam ter se separado e se estabelecido . Stalin marcou-os com a marca da oposição antes que tivessem tempo de formar uma e, assim, roubou-lhes todas as forças. E todos os seus esforços a partir de então foram direcionados para ficar com o partido. E por isso também não podiam prejudicar a festa!

As necessidades são grandes demais para ser independente! Na verdade, para Bukharin o papel principal estava previsto e não poderia ser uma falha crítica; o diretor teatral e o tempo tinham que elaborá-lo com calma, e ele mesmo deveria ser capaz de assimilar seu papel sem ser incomodado por ninguém. Mesmo a viagem de serviço à Europa, no inverno passado, empreendida para coletar alguns manuscritos de Marx, não foi simplesmente um acessório necessário para as acusações subsequentes na questão dos contatos com o estrangeiro: a liberdade ilimitada de vida durante a viagem mostrou ainda mais drasticamente que o retorno à cena principal era inevitável. E agora, sob as nuvens tempestuosas de acusações negras, aquela espera interminável pela prisão que nunca veio, as esperanças e medos que o consumiam. A vontade da vítima, encerrada em suas quatro paredes, foi assim mais precisamente destruída do que com a prisão direta de Lubyanka. (Afinal, ele teve um longo ano nisso também .)

Um dia, Bukharin foi chamado à presença de Kaganovich e ali, diante de alguns dos principais verificadores, foi confrontado com Sokolnikov, que já havia sido preso. Sokolnikov falou sobre o "Centro Paralelo de Direita" (o "paralelo" refere-se ao Centro Trotskista) e sobre o trabalho secreto ilegal de Bukharin. Depois que Kaganovich conduziu o interrogatório com elegância e dispensou Sokolnikov, ele se voltou amigavelmente para Bukharin e disse: "Esse cara de merda está mentindo como a gazeta!"

Mas os jornais continuaram a incitar a indignação das massas. Bukharin telefonou para o Comitê Central. Bukharin escreveu cartas: "Caro Koba...!", Pedindo permissão para se defender publicamente contra as acusações. Em seguida, uma declaração vaga da promotoria foi publicada: "Nenhuma evidência foi encontrada para as acusações contra Bukharin."

No outono, Radek ligou para ele, dizendo que deveriam se encontrar. Bukharin recusou o convite: nós dois somos acusados. Por que acumular novas cobranças? Mas como suas respectivas dachas em Izvestino estavam próximas, certa tarde Radek foi à casa de Bukharin: "Não importa o que ele diga depois; a verdade é que sou completamente inocente ; Você tem que

saber disso. Afinal, você sairá são e salvo; você nunca teve nada a ver com os trotskistas. '

E o próprio Bukharin acreditava firmemente: Sim, ele resistirá; não, você não vai ser expulso da festa! Seria horrível! Na verdade, ele sempre menosprezou os trotskistas: eles se colocaram fora do partido, e o que resultou disso? Você tem que permanecer unido e, se errar, também deverá errar unido.

Na manifestação de novembro (despedida da Praça Vermelha), o casal Bukharin estava sentado no camarote; a redação do *Izvestia* havia enviado um passe para eles. De repente, eles viram um soldado vermelho armado se aproximando deles. Que choque! Aqui? Neste momento...? Não, ele os cumprimentou: "O camarada Stalin pergunta por que vocês estão aqui e implora que tomem seu lugar no Mausoléu."

Era um banho alternado, uma vez quente, uma vez frio, e durante todo aquele meio ano eles carregaram Bukharin de um lugar para outro. Em 5 de dezembro, com grande alegria, foi aceita a Constituição de Bukharin, que foi batizada para toda a eternidade com o nome de Constituição Staliniana. Na sessão plenária de dezembro do Comitê Central, Piatakov apareceu, completamente em estado de choque. Atrás dele estavam, em silêncio, alguns chekists (homens de Yagoda, cujo líder há muito havia sido escolhido para desempenhar um papel). Piatakov fez declarações ofensivas contra Bukharin e contra Rikov, que estavam sentados lado a lado, entre os outros líderes. Ordzhonikidze (um pouco surdo) colocou a mão perto da orelha: "Diga-me: suas declarações são *voluntárias*?" (Ordzhonikidze também receberá sua bala?) "Totalmente voluntário", gaguejou piatakov. E na pausa, Rikov disse a Bukharin: 'Pense em Tomski, era um homem! Em agosto ele entendeu o assunto e pôs fim a tudo. E nós dois, como dois tolos, continuamos vivendo.

Então Kaganovich irrompeu em imprecações (nada mais desejava do que acreditar na inocência do querido Bukharin! Mas, infelizmente, não podia ser ...!), E depois dele, Molotov. Mas Stalin! Que magnanimidade! Essa vontade de voltar para sempre! "Acredito, apesar de tudo, que a culpa de Bukharin não foi comprovada. Rikov pode ser culpado, mas Bukharin ... não. (Aparentemente, alguém colocou a mão desleixada no trabalho que ele estava fazendo. Isso acumulando tantas acusações sobre Bukharin ...!)

Banhos alternados. Uma vez frio, uma vez quente. É assim que a vontade é paralisada. É assim que nos identificamos com o papel do herói

perdido.

Então, sem interrupção, minutos de interrogatório começaram a chegar em sua casa. Houve interrogatórios para os ex-discípulos do Instituto dos Professores Vermelhos, para Radek, para todos os outros, e todos forneceram a evidência mais grave da traição negra de Bukharin. Eles não foram levados para casa como réus, ah, não! Mas como membros do Comitê Central, para sua informação ...

Geralmente, quando chegava um novo arquivo, Bukharin o entregava à esposa, de vinte e dois anos, que naquela mesma primavera lhe dera um filho do sexo masculino: "Leia; Eu não posso!" E ele se deitou na cama, com o travesseiro sobre a cabeça. Em casa ele tinha dois revólveres (Stalin os havia dado há muito tempo !), Mas não terminou tudo.

Bem, será que seu papel não foi assimilado ...?

E novamente outro processo se desenvolveu, e novamente eles dispararam e alguns ... Mas nada aconteceu com Bukharin; ninguém veio levar Bukharin.

No início de fevereiro de 1937, decidiu fazer greve de fome para que o Comitê Central esclarecesse o assunto e retirasse as acusações. Ele escreveu ao querido Koba sobre isso e, honestamente, começou a morrer de fome. Uma sessão plenária do Comitê Central foi então convocada ; A ordem do dia incluiu: 1. Os crimes de centro direito; 2. O comportamento hostil ao partido do camarada Bukharin, que encontra expressão na sua greve de fome.

Então Bukharin começou a hesitar: e se ele realmente tivesse feito algo ruim para o partido ...? E, engatinhando, com a barba por fazer, abatido, já um verdadeiro condenado, compareceu ao plenário. "Nossa, o que você descobriu?", Perguntou Koba, sorrindo. «Você não sabe ...? Essas calúnias horríveis ... Ele quer me expulsar da festa »... Stalin balançou a cabeça diante de tal absurdo:« Vamos, deixa isso agora; Ninguém vai expulsá-lo do jogo! "

E Bukharin acreditou nele, respirou com facilidade, bateu no peito diante do plenário e, nesse exato momento, anunciou que estava encerrando sua fuga da fome. (Em casa: "Rápido, corte-me uma salsicha! Koba diz que não vão me expulsar.") Mas Molotov e Kaganovich (ele viu frescor? Veja o que ignorar Stalin!)^[301] Durante a sessão plenária, eles protestaram contra Bukharin, chamando-o de mercenário fascista e exigindo sua cabeça.

E a coragem deixou novamente Bukharin, que, em seus últimos dias, passou a escrever uma "Carta ao futuro Comitê Central". Esta carta, decorada - e assim preservada, era conhecida por todo o mundo. No entanto, não conseguiu movê-lo.^[302] Bem, o que era que este teórico astuto e brilhante queria comunicar à posteridade com suas últimas palavras? De novo um lamento, pedindo-lhe permissão para voltar ao partido (com cara de indignação pagou pela adesão!) E assegurou mais uma vez que tudo o que tinha acontecido até 1937 (incluído) aprovava "completamente". E isso significa, não apenas todos os processos nefastos anteriores, mas também todos os pestilentos comuns de nosso Grande Esgoto de prisões.

Com isso ele selou que ele mesmo era digno de se imergir neles ...

Ele estava finalmente maduro para ser entregue aos proeminentes e assistentes do diretor de palco, que homem vigoroso, caçador e lutador! (Quantas vezes, em tom de brincadeira, ele carregou Koba nos ombros, na presença de outros membros do Comitê Central! Koba provavelmente não o perdoaria por isso também).

E Bukharin, tão corrigido e tão destruído, que nem precisava mais ser torturado, que vantagem ele tinha sobre o Yakubovich de 1931? Como sua posição seria superior para poder armar ele contra o poder dos mesmos dois argumentos? No final, até mesmo essa suposição foi mais fraca, porque Yakubovich desejava a morte e Bukharin a temia.

Restava o diálogo ágil com Vichinski, cujo esquema era o seguinte:

"É verdade que toda oposição ao partido significa lutar contra o partido?" «Em geral, sim. *De fato*, sim. "E a luta contra o partido deve necessariamente degenerar em uma guerra contra o partido?" "De acordo com a lógica das coisas, sim." "Isso não significa que as condenações da oposição, em última análise, se qualificam para quaisquer ofensas contra o partido (assassinato, espionagem, traição)?" Mas deixe-me dizer a você que eles não estavam comprometidos. "*Mas podiam ter sido cometidos*" ... "Ah, sim, considerados teoricamente" ... [sempre o teórico ...!] "Mas você considera que os interesses do partido estão acima de tudo?" "Sim, claro, claro!" «Portanto, há apenas uma pequena diferença: temos de perceber que pode acontecer que, para estigmatizar qualquer ideia de oposição futura, devemos considerar como *acontecido* tudo o que *poderia ter acontecido*. Já que *poderia* ter acontecido! " "Claro...!" «Portanto, o possível deve ser considerado como realmente existente, nada mais do que isso. Um ligeiro parêntese de transição filosófica ». «Ok... ? Sim, outra coisa! Afinal, não há

necessidade de explicar para você: Se você, mais tarde, no julgamento, voltar atrás e dizer algo diferente, bem, você me entende, com isso você vai jogar o jogo da burguesia internacional e prejudicar o parte . E também está claro que você não poderia ter uma morte fácil. Mas, se tudo correr bem, deixar-te-emos naturalmente com vida: levar-te-ão secretamente à ilha de Monte Cristo, onde poderás trabalhar a economia do socialismo »...« Mas , nos processos anteriores, acabaste por disparar ». Mas, vamos lá, não tem comparação: *essas* pessoas e você! Além disso, poupamos muitas vidas, como qualquer um pode ler nos jornais.

Não sobrou nada, no final, de todo esse enigma escuro ?

Já ressoa (por quantos processos?) A mesma melodia triunfal, as dezenas de variações sobre o mesmo tema: *Afinal, somos todos comunistas!* Como você pôde se rebelar contra nós? Arrepende-se! Já que você e nós pertencemos ao mesmo..., *nós!*

Aos poucos o entendimento histórico vai amadurecendo na sociedade. No entanto, uma vez maduro, veja como é simples. Nem em 1922, nem em 1924, nem em 1937 os réus conseguiram conquistar uma posição tão firme a ponto de gritar, e de cabeça erguida, responder a esta melodia ensurdecadora e destrutiva:

«Não, COM VOCÊS não somos revolucionários...! Não, COM VOCÊS não somos russos ...! Não, COM VOCÊ não somos comunistas! »

Não seria apenas esse choro suficiente? Grite isso e os cenários cairão no chão, o verniz terá caído, o encenador correrá escada abaixo pela escada de serviço e os protetores desaparecerão como num passe de mágica. E lá fora seria 1967!

Mas mesmo as melhores performances custam dinheiro e esforço. Por esta razão, Stalin decidiu dispensar os julgamentos-espetáculo no futuro.

Em vez disso, em 1937 ele estava pensando em uma encenação grandiosa de processos públicos *nos distritos*, para que as *massas pudessem* ver melhor como era negra a alma da oposição. No entanto, faltavam bons diretores de palco; nenhuma preparação meticulosa é possível; Acima de tudo, os próprios acusados, devido ao seu primitivismo, careciam da capacidade necessária para se identificarem com os respectivos papéis; em uma palavra: que Stalin ficou bastante decepcionado, poucos ficaram sabendo. Alguns processos falharam e então pararam para sempre.

Aqui parece apropriado falar de um desses processos; trata-se do *Julgamento de Kady*, ao qual o jornal do condado de Ivanovo já começou a

dedicar extensos artigos.

No final de 1934, em um canto remoto da região de Ivanovo, ao longo da fronteira de Kostroma e Nizhny Novgorod, um novo distrito foi criado, a partir do qual a antiga cidade mercantil, Kady, foi elevada a Centro. Os novos líderes, vindos de diferentes lugares, se conheceram em Kady. Eles se encontraram em uma região triste e abandonada, exaurida pelo fornecimento contínuo de trigo, e precisavam de ajuda: dinheiro, máquinas e uma gestão racional da economia. Descobriu-se que o primeiro secretário do comitê distrital, Fyodor Ivanovich Smirnov, era um homem com um forte senso de justiça, e o chefe da administração de terras, Stavrov, um verdadeiro camponês e um dos 'exploradores intensivos', e esses. Foi na década de 1920 aqueles mujiques prudentes e cultos que operavam sua fazenda de acordo com o conhecimento técnico (que, além disso, foi promovido pelo regime soviético; ainda não havia a resolução para drenar todos esses intensivistas). Como Stavrov se juntou ao partido, ele escapou de ser morto como um *kulak* (e talvez tenha se matado também?). Em sua nova posição, tentaram de alguma forma ajudar os camponeses, mas as instruções que vinham de cima eram - cada um deles - como um freio, como se a superioridade fizesse todo o possível para dificultar a vida dos camponeses, para para deixá-lo. Consequentemente, os moradores de Kady um dia protestaram junto ao Comitê da região, dizendo que era imperativo *reduzir* o plano de abastecimento de trigo, caso contrário o distrito empobreceria a um limite perigoso. Só quem se lembra do clima dos anos trinta (talvez só desses?) Pode entender que grande crime contra o plano, que insurreição contra o regime que supunha. No entanto, como era costume então, as medidas não foram tomadas diretamente e de cima, mas foram deixadas à iniciativa das autoridades judiciárias.

Enquanto Smirnov estava de licença, Vasily Fiodorovich Romanov, o segundo secretário, impôs a seguinte resolução: "Os sucessos do distrito seriam ainda mais brilhantes [?] Se o trotskista Stavrov não se interpusesse em seu caminho." Isso lançou a pedra fundamental para a "Lei Stavrov". (Por causa desse costume, esse truque merece atenção: *dividir!* Primeiro, neutralize Smirnov, intimide-o, para que rapte Stavrov; mais tarde haveria tempo para lidar com ele também: em uma escala menor, uma cópia exata da tática de Stalin no Comitê Central). No entanto, ocorreram tempestuosas assembléias do partido, nas quais Stavrov era considerado tão pequeno quanto um jesuíta católico. O líder da Raipo, a cooperativa distrital de

consumo, Vasili Grigorievich Vlasov, um homem de instrução pobre e fortuita, mas dotado daqueles dons naturais que sempre atraem a atenção dos russos, um self-made man, um debatedor de respostas Exato e sempre acalorado e apaixonado quando se tratava de algo que parecia certo para ele, este Vlasov, bem, na assembleia distrital, ele propôs que fosse *expulso do partido* ... o secretário do distrito de Romanov: por calúnia! E Romanov foi alvo de uma reprimenda. As palavras finais da Romanov são muito característicos desta classe de pessoas (sabiam que podiam contar com a atmosfera geral: "Enquanto aqui provou que Stavrov não era trotskista, *no entanto*. Estou convencido de que *é já o partido cuidar disso* e também da minha repreensão »). O partido lidou efetivamente com isso: Stavrov foi imediatamente preso pelo NKVD distrital; um mês depois, Este Univer, presidente do comitê executivo distrital, o seguiu, e Romanov assumiu o cargo vago. Stavrov foi levado ao NKVD local e confessou: que tinha sido um trotskista, que durante toda a sua vida fez causa comum com os socialistas revolucionários, que em seu distrito havia pertencido a uma organização de *direita* (este buquê também é digno dessa época: faltava apenas o contato direto com a Entente). É possível que ele não tivesse confessado - ninguém jamais saberá - porque Stavrov morreu como resultado de tortura na prisão interna de Ivanovo. A ata, sim, foi redigida. E logo eles também estavam procurando pelo secretário distrital, Smirnov, chefe da suposta organização de direita; depois, ao chefe da seção de finanças, Saburov; depois, para qualquer outro.

É interessante como o destino de Vlasov foi decidido. O novo *predrik* Romanov queria expulsá-lo do partido há algum tempo. Já falamos sobre a ofensa mortal que ele infligiu a Russov, o promotor público (Capítulo IV). O presidente do NKVD, NI Krylov, do distrito tinha sido cruzado por ter salvado da prisão (alegado *vreditelstvo*) dois de seus companheiros, habilidosos mas com uma origem social um tanto duvidosa. (Vlasov deu preferência a todos os "ex" possíveis, que dominavam a sua especialidade e, além disso, eram diligentes; por outro lado, os novos funcionários proletários não sabiam nada e, sobretudo, não queriam fazer nada). No entanto, o NKVD ainda estava disposta a chegar a um acordo com a cooperativa. O substituto do chefe do NKVD compareceu pessoalmente no RaiPO; sua oferta: o fornecimento gratuito para o NKVD ("vamos consertar isso mais tarde!"). de tecido no valor de setecentos rublos (mas para Vlasov representava aquele salário de dois meses, e ele não levava uma migalha de

pão que não correspondesse a ele). "Se você recusar, vai se arrepender." Vlasov o pôs de pé na rua. "Como você ousa propor tais acordos a um comunista?" No dia seguinte, um certo Krylov, agora representante do comitê distrital do partido (essa mascarada e todos esses truques desprezíveis constituem a força vital de 1937), apareceu na casa de Vlasov e *ordenou* que fosse convocada uma reunião do mesmo; o único item da ordem do dia: "O *vreditelstvo* de Smirnov e Univer na cooperativa de consumo." Relator: Camarada Vlasov. Na verdade, cada truque era uma pérola. Ninguém acusa Vlasov ainda! No entanto, h abriu o suficiente dele algumas palavras sobre o *vreditelstvo* do ex-secretário de seu distrito -de Vlasov- para o NKVD imediatamente pergunta: E *você* onde ele estava? Por que ele não veio até nós no devido tempo? " Qualquer pessoa que entrava em tal situação geralmente ficava maluca, e então algo acontecia com ele também. Não é assim para Vlasov! Ele respondeu de imediato: «Não apresento nenhuma relação! O relator deve ser Krylov, que prendeu os dois e é ele quem está trabalhando no caso Smirnov-Univer! " Krylov recusou, dizendo: "Não estou ciente." Vlasov: "Bem, mesmo *você* não sabe, isso significa que esses dois são acusados sem razão." E a assembléia não foi realizada. Ou muitos se atreveram a protestar?

Para fazer jus ao clima de 1937, ou seja, para não perder de vista os homens fortes que também o eram, e as decisões corajosas que tomaram, devemos mencionar o fato de que no final da tarde desse mesmo dia, dois homens Bateram à porta de Vlasov: o contador-chefe de RaiPO T. e seu vice, N.; Eles colocaram dez mil rublos na mesa e disseram: 'Vasili Grigorievich, você tem que ir esta noite! Esta noite, se não, ele está perdido! " Mas Vlasov achava que não era certo um comunista fugir. Na manhã seguinte, apareceu no jornal do distrito um violento atentado às obras do RaiPO (é preciso ter em conta que em 1937 a imprensa sempre concordou com o NKVD); à noite, Vlasov foi convidado a apresentar um relatório de sua atividade ao comitê distrital (cada um escrevendo, de acordo com o padrão da União!)

Era o ano de 1937, o segundo ano da *Prosperidade Mikeyan* em Moscou e nas outras grandes cidades, e alguns jornalistas e escritores podem lembrar hoje que o tempo das vacas gordas já estava entrando no país naquela época. Foi assim que isso entrou na história, e há o perigo de que permaneça lá. Em novembro de 1936, dois anos depois que o racionamento de pão foi abolido, uma provisão secreta foi feita para a

região de Ivanovo proibindo a venda de farinha. Naquela época, nas pequenas cidades, mas especialmente nas aldeias, as mulheres ainda faziam pão em casa. A proibição do comércio de farinha significava abrir mão do pão. Em Kady, no centro do distrito, formaram-se filas muito compridas para a compra de pão, como nunca se viu (caso contrário, tais filas não eram toleradas: em fevereiro de 1937 era proibido fazer pão preto nos centros do distrito; apenas pão branco mais caro poderia ser trazido para o mercado). Porém, na região de Kady, fora da padaria central não havia outra, e as pessoas se aglomeravam de todas as aldeias para comprar pão preto. Havia farinha suficiente no armazém da RaiPO, só havia duas proibições que impediam de dá-la às pessoas. No entanto, Vlasov encontrou uma solução para contornar as astutas imposições do Estado e tornar o distrito completamente saciado naquele ano: ele foi aos kolkhozes e combinou com oito aldeias a instalação de fornos públicos nas casas desertas dos *kulaks*. ' (Ou seja, eles deveriam simplesmente adquirir o combustível e colocar as mulheres ao lado dos fornos russos existentes, que, no entanto, deveriam servir como fornos públicos, não privados), enquanto a RaiPO se encarregava de fornecer o combustível. farinha necessária. Sempre acontece que a solução é simples, mas o difícil é que se encontre. Sem construir padarias (para as quais não havia meios), Vlasov ergueu oito em um único dia. Sem traficar a farinha, fez com que ela saísse do armazém e fosse distribuída pela região. Sem vender pão integral no centro do distrito, o pão integral foi fornecido a todo o distrito. Certamente, ele não danificou a letra da resolução, mas danificou o *espírito* dela: economizar farinha, incomodar o povo. Motivo suficiente para *críticas* na comissão distrital.

Depois dessa crítica, uma noite ainda se passou e no dia seguinte ele foi preso. Sempre foi um pequeno galo lutador (baixinho, sempre levantava um pouco o nariz, porque estava com a cabeça jogada para trás), insistia em não dar a carteira de sócio para o partido (na sessão de ontem ele não decidiu! nenhuma expulsão!), e nem o seu cartão de deputado (o povo o elegeu, e o RIK não tinha levantado a sua imunidade!) Mas os milicianos não sabiam dessas formalidades: um par de tapas e , à força, levaram o que eles queriam. Do RaiPO eles foram para o NKVD em plena luz do dia; um de seus funcionários, um jovem *Komsomol*, assistia de uma janela enquanto o carregavam rua abaixo. As pessoas perdiam o hábito de pensar uma coisa e dizer outra (principalmente no campo, porque as pessoas são

mais simples). O jovem gritou: "Os imundos, levando meu chefe embora!" E imediatamente, ele nem precisou sair da sala, foi excluído do comitê distrital e do Komsomol e, pelo jeito de todos se sabe, foi direto para a cova.

Em comparação com os outros réus, Vlasov foi deixado de fora por um longo tempo, o processo estava quase concluído e estava sendo organizado para julgamento público. Vlasov foi levado para a prisão interna de Ivanovo. Mas, por último, não foi mais submetido a perguntas detalhadas, houve apenas dois breves interrogatórios, nenhuma testemunha; eles se contentaram em preencher a acusação com alguns relatórios do RaiPO e recortes do jornal do distrito . A denúncia incluía: 1º, a formação de filas para comprar pão; Segundo, o sortimento mínimo de gênero (como se tal gênero pudesse ser encontrado em algum lugar e alguém o tivesse oferecido ao RaiPO de Kady); 3.º, o excesso de sal armazenado (porém, essa era a reserva obrigatória de “mobilização”, já que, na Rússia, sempre houve o temor de ficar sem sal em caso de guerra).

No final de setembro, os réus foram transportados para Kady, onde aconteceria o julgamento. A distância não era pequena (que desperdício, em comparação com os OSOs e os julgamentos a portas fechadas!): De Ivanovo a Kineshma você foi de trem no vagão *Stolypin*, de Kineshma a Kady 110 quilômetros de carro. A incomum coluna de automóveis, mais de cem veículos ao todo, serpenteava ao longo da estrada deserta, os aldeões olhavam espantados e pensavam angustiados que em breve haveria uma guerra.

Kliugin (chefe da seção secreta especial do NKVD regional perto das organizações contra-revolucionárias) tornou-se responsável pelo desenvolvimento do processo . Quarenta homens da reserva da milícia montada estavam encarregados da vigilância e, portanto, os prisioneiros, todos os dias de 24 a 27 de setembro, eram trazidos com sabres embainhados e pistolas preparadas para disparar da casa do NKVD. para o clube pela metade, e de volta, por toda Kady, onde os membros do governo estiveram um pouco antes.

Já haviam colocado vidro nas janelas, mas o estrado ainda estava mal construído, não havia energia (como em nenhum lugar em Kady) e, para a sessão de teste da tarde, eles tiveram que ser iluminados por lamparinas. O público foi sorteado em todas as fazendas coletivas. Os habitats também surgiram em massa antes de Kady. Os bancos e as tábuas das janelas

estavam completamente lotados e uma grande multidão se postava entre as fileiras, e logo havia cada vez menos espaço para setecentas almas (na Rússia, em todos os momentos, havia uma audiência para tais atrações). Mas as primeiras filas sempre foram reservadas aos comunistas, para que eles pudessem apoiar o tribunal em todos os momentos.

Com base no guardião do tribunal regional de Chubin e nas afiliadas e em Saoserov, um tribunal especial foi formado. O promotor regional Karasik, formado pela Dorpat University, conduziu a acusação (embora todos os réus tivessem renunciado à defesa, para que o processo não faltasse totalmente, eles foram designados a um defensor público). A longa , solene e ameaçadora carta do Ministério Público afirmava que o distrito Kady ilegal, bujarinístico, grupo de direita estava causando estragos: Fundado em Ivanovo (em suma: no dia seguinte seria desencadeada também a onda de prisões), é tinha proposto como objetivo derrubar o regime soviético na aldeia de Kady (aqueles da *direita*, para começar, não poderiam ter escolhido um lugar mais esquecido no mundo!)

Embora Starov tenha morrido na prisão, o promotor propôs que suas declarações fossem lidas e consideradas como fatos perante o Tribunal (além das declarações de Starov, a acusação não tinha muito mais!) O Tribunal admitiu que, portanto, Em relação às suas declarações, o falecido devia ser considerado vivo (com a vantagem, certamente, de não poder ser contrariado por nenhum dos arguidos).

No entanto, os conterrâneos de Kady não sabiam o que esperar diante de tantas iguarias eruditas, e só se podia esperar o que aconteceria. Os depoimentos daquele que foi torturado até a morte foram lidos em voz alta e novamente registrados na ata. Os presos começaram a ser interrogados e, oh, que desgraça! Todos *eles se retrataram* das confissões que haviam feito na prisão.

Quem sabe o que teria acontecido em tal caso na Câmara de Outubro do Sindicato de Moscou, mas em Kady, sem corar, eles ignoraram este pequeno detalhe. O presidente, em tom de censura: "Como é que durante a investigação do processo disseram outra coisa?" Univer, hesitante, a voz quase imperceptível: "Num processo público, eu, como comunista, não posso testemunhar sobre os métodos usados pelo NKVD nos seus interrogatórios." (Já temos! O modelo do processo de Bukharin! Isso é o que os paralisava ! Deus me livre que as pessoas pensassem mal da festa! Isso não causa mais nenhum dano aos seus juízes. cabeça).

Durante o intervalo, Kliugin percorre as células. Para Vlasov: 'E aqueles porcos de Smirnov e Univer? Você não vai pensar em imitá-los! Confesse a culpa e diga toda a verdade!' "Só a verdade! Vlasov responde com firmeza. Apenas a verdade de que você não é diferente dos fascistas alemães!" Kliugin ficou furioso: "Cuidado, nojento, porque você vai pagar com sangue!"^[303] Essa conversa deu a Vlasov, que até então havia ficado em segundo plano, o principal papel de *inspirador ideológico* do grupo.

A multidão nos corredores começou a ter um vislumbre de algo assim que ouviu a frase "filas para o pão". Isso era para todos os pontos delicados (embora antes do processo, é claro, o pão não fosse poupado e naquele dia não houvesse fila para obtê-lo); a Corte não se intimidou com o assunto. Pergunte ao réu Smirnov: "Você sabia que há fila de pão no distrito?" "Sim, claro, eles correram do estabelecimento para o prédio do comitê distrital." "E o que você fez?" Smirnov era um louro vigoroso, de rosto bondoso e voz potente, que os tormentos não podiam obscurecer, nem prejudicar sua serena certeza de que tinha razão. Ele não se apressou em responder, e a sala percebeu claramente cada palavra sua: "Como todos os meus protestos nas organizações do condado foram em vão, encarreguei o camarada Vlasov de redigir um relatório escrito para o camarada Stalin." "E por que você não escreveu para ele?" (Ainda não o sabes ! Vês que adormeceram!) «Sim, sim, o relatório foi enviado pelo correio militar directamente ao Comité Central, sem passar pelo regional. A cópia deve estar na ata do distrito.

A sala prendeu a respiração. A corte havia se desviado e a melhor posição a tomar era fingir que era surdo, mas alguém perguntou: "O que aconteceu?"

A pergunta estava na boca de todos na sala: "O que aconteceu?"

Smirnov não soluçou, Smirnov não lamentou o ideal perdido (precisamente o que nos julgamentos de Moscou foi notável por sua ausência!) Ele respondeu em voz alta e clara:

"Nada. *Nenhuma resposta veio.*

Sua voz cansada soou: "E também não esperava outra coisa."

NENHUMA RESPOSTA! Do *Pai e do Mestre ... Ning uma* resposta! O processo acabava de atingir seu clímax! Ele já havia deixado as massas vislumbrar a alma negra do ouro! Seria hora de baixar a cortina. Mas, não, para isso faltou a compreensão e o tato necessários, e continuariam por três dias tentando coletar água com a peneira perfurada.

O promotor ficou furioso: "Hipócritas! Que vocês são hipócritas! Aqui para fazer *vreditelstvo*, lá para escrever cartas a Stalin! E ainda esperava uma resposta? » Depois foi a sua vez de falar e responder ao arguido Vlasov: "Como surgiu a ideia abominável de não vender mais farinha ao povo? Para proibir a fabricação de pão de centeio no centro do distrito? "

Vlasov, o galo lutador, não precisou de ajuda para se levantar, mas ele próprio deu um passo à frente e gritou para que todos na sala ouvissem:

"Estou pronto para responder a tudo no tribunal, se você, promotor Karasik, descer da tribuna e ficar ao meu lado!"

"O que? Como?" Barulho, comoção, nenhuma palavra foi ouvida . Não havia ninguém que quisesse colocar ordem ...?

Quando o silêncio voltou, Vlasov se preparou para se apresentar ao Tribunal:

"Para a venda de farinha, para fazer pão preto, as proibições vinham da presidência da Comissão Executiva Regional, conforme consta da ata. O procurador regional era membro permanente da presidência. Se foi *vreditelstvo*, por que você não fez algo? Isso não significa que você era um elemento prejudicial *para mim* ? "

O promotor teve que respirar fundo, porque o golpe foi firme e certo. A Corte não sabia para onde ele estava indo. Um balbucio:

«Se parecer necessário (?), Interrogaremos também o procurador. Mas hoje é você quem está perante o Tribunal.

(Dois tipos de justiça, dois tipos de legalidade, dependendo da categoria de serviço!)

"Então exijo que ele desça do estrado!", Insistiu Vlasov, indomável, incansável.

Pausa...

Bem, onde está a importância educacional para as massas em tal processo?

No entanto, eles não diminuíram. Após o interrogatório dos arguidos, começaram a recolher declarações das testemunhas. O contador N. foi questionado:

"O que você sabia sobre o *vreditelstvo* de Vlasov?"

"Nada".

"Como é isso?"

"Eu estava na sala das testemunhas e não pude ouvir o que estava sendo dito aqui."

Ele também não precisava ouvir! Muitos documentos passaram por suas mãos, não diga que não sabia de nada.

"Os documentos estavam sempre em ordem."

"Aqui estão alguns exemplares do jornal distrital, que até *cobriu* o *vreditelst vo de Vlasov*. E você finge não saber de nada? "

"Então pergunte a quem escreveu os artigos!" O diretor da padaria.

"Gostaríamos que nos dissesse se o governo soviético tem pão suficiente."

(Vamos ver como você consegue ...! Quem teria ousado dizer: eu não contei?)

"Sim, claro"...

"De onde vêm as filas, então?"

"Eu ignoro isso ..."

O que isso significa, eu não sei, eu não sei? Quem era seu chefe? "

"Vassili Grigorievich".

Para o inferno, Vassili Grigorievich! O réu Vlasov! Então, isso dependia dele? "

A testemunha fica em silêncio.

O presidente dita ao secretário: "Resposta: Como resultado do *vreditelstvo* realizado por Vlasov, apesar das enormes reservas de pão do governo soviético, Kady veio à formação de cols para adquiri-lo."

Para superar seu próprio medo, o promotor fez um longo e irado discurso. O defensor defendeu-se elegantemente: sublinhou que os interesses do país lhe eram tão caros quanto podiam ser a qualquer cidadão honesto.

Não houve súplica nas palavras finais de Smirnov, nenhum arrependimento. Pelo que se sabe hoje dele, ele era um homem firme e muito franco para conseguir sobreviver ao ano de 1937.

Quando Saburov implorou por misericórdia - "Perdoe minha vida, não por mim, mas pelos meus filhinhos" - Vlasov puxou com raiva o paletó: "Não seja idiota!"

O próprio Vlasov não perdeu a última oportunidade de dar vazão à sua amargura:

"A meu ver, você não é um tribunal, mas atores que representam da melhor maneira possível a comédia que lhes foi designada. Vocês são os executores de uma vil provocação do NKVD. Não importa o que eu diga:

você vai me condenar à morte. Mas estou convencido de que chegará o dia em que vocês se reunirão em meu lugar ! " ^[304]

Das sete da tarde à uma da manhã, o Tribunal estava a forjar a sentença; Na sala do clube, as lâmpadas acenderam, as sentinelas assistiram com seus sabres em punho, as pessoas fizeram um barulho surdo, mas ninguém saiu.

Como a frase ficou longa, também demorou para ser lida, e o acúmulo de fantásticos *vreditelstvos*, relacionamentos e projetos não deveria ser surpreendente . Smirnov, Univer, Saburov e Vlasov foram condenados à morte ; outros dois, a dez anos de prisão cada um, e outro, a oito anos. Além disso, as conclusões finais do julgamento ainda apontavam para um grupo Komsomol a ser desmascarado (as detenções não demoraram muito; lembra-se do jovem Komsomol da RaiPO?), Ou para um centro ilegal em Ivanovo, que, naturalmente, dependia de Moscou (já estavam conquistando terreno de Bukharin). Após as palavras solenes de "Até a morte por tiro", o juiz fez uma pausa, esperando os aplausos, mas havia uma tensão tão severa na sala (estranhos suspiraram e choraram, parentes gritaram, muitos desmaiaram) que nem mesmo os dos dois primeiros bancos, reservados aos membros do partido, começaram a aplaudir, o que agora era extremamente inconveniente. "Ay, *Batiushki!* O que você está fazendo?", Gritaram da corte para os juízes. A Sra. Univer estava soluçando que partia o coração. E a multidão, na escuridão da sala, começou a se mover. Vlasov repreendeu os que estavam nas primeiras filas:

Vamos, pessoal! Por que você não bate palmas? Comunistas!

O *politruk* do guarda correu até ele e o ameaçou com o revólver. Vlasov estava prestes a tirar o revólver dele quando um miliciano entrou e empurrou o *politruk* para o lado antes que pudesse causar algum dano. O chefe da guarda ordenou: "Às armas!" E trinta carabinas da milícia junto com os revólveres dos membros locais do NKVD foram apontados para os réus e para a multidão (parecia realmente que estavam prestes a lançar liberar o condenado).

Apenas algumas lâmpadas de óleo acenderam no Salão; a escuridão piorou a confusão e o medo. O que faltou em força de persuasão ao processo foi compensado por carabinas dirigidas às pessoas que, em pânico, correram em direção às portas, engatinharam, gemendo e pularam pelas janelas. Houve o som de madeira rangendo, vidro quebrando. A Sra.

Univer, desmaiada e quase pisoteada, ficou esticada sob as cadeiras até a manhã seguinte.

Também não houve aplausos ... ^[305]

Mas o condenado não podia ser morto imediatamente; pelo contrário, como não tinham nada a perder, deveriam ser vigiados com muito mais atenção e escoltados, para a execução, ao centro regional.

A primeira tarefa, a de conduzi-los rua abaixo, no meio da escuridão da noite, em direção ao NKVD, foi realizada assim: cada um dos condenados estava rodeado por cinco homens. O primeiro carregava uma lanterna. O segundo avançou com a pistola erguida. O terceiro e o quarto seguravam o candidato à morte em uma das mãos, enquanto na outra carregavam a pistola. O quinto estava atrás, apontando para os criminosos por trás.

O resto dos milicianos, mantendo distância, contornou a estrada, para impedir qualquer ataque da multidão.

Que pessoa razoável negará hoje que se o NKVD tivesse perdido seu tempo com processos públicos, nunca teria cumprido sua grande tarefa?

É justamente por isso que os processos políticos públicos não fizeram escola em nosso país.

XI

Em direção à medida máxima

A história da pena de morte na Rússia viaja em ziguezague através dos tempos. No código legislativo do czar Alexei Mikhailovich havia cinquenta crimes puníveis com o cadafalso, e as leis militares de Pedro *o Grande* já puniam duzentos crimes com pena de morte. A imperatriz Elizabeth não aboliu a pena de morte, mas também é verdade que ela não ordenou sua aplicação uma única vez. Parece que, ao subir ao trono, fez uma promessa solene de não executar ninguém ... e a cumpriu durante os vinte anos de seu reinado. Ele não sentenciou ninguém à morte, apesar de ter participado da Guerra dos Sete Anos. É um exemplo marcante se considerarmos o que aconteceu em meados do século XVIII : meio século de um jacobino virando cabeças. No entanto, é uma segunda natureza para nós zombar de todo o passado: temos que colocá-lo de volta e meio! E por isso , sem grandes esforços, pode ser atribuído à Imperatriz Isabel que, embora suprimisse as execuções, substituiu-as com penas de açoitamento, negação, marcação de ladrões e exílio perpétuo na Sibéria. Mas também podemos dizer algo de bom para a imperatriz: ela poderia ter agido de forma mais resoluta apesar da opinião pública? Os atuais condenados à morte não prefeririam voluntariamente que este complexo de punições recaísse sobre eles para continuar a ver o sol nascer todos os dias? Mas não fazemos esta proposta por pura humanidade ... Talvez o leitor deste livro não demore muito a se sentir inclinado a dar preferência aos castigos elisabetanos, se os compararmos com o que um condenado a vinte anos sofre hoje em nossos campos, ou até dez.

De acordo com nossa terminologia atual, devemos dizer que Isabel costumava agir do ponto de vista humano, enquanto Catarina II, ao contrário, representava o ponto de vista das classes (que, portanto, também era o correto) . Não executar ninguém parecia surpreendente para ele e,

além disso, inconveniente por razões de Estado. E, assim, ele considerava a força essencial tanto para sua proteção quanto para o trono e o regime; um andaime que já existia para casos políticos (Mirovich, os tumultos em Moscou como resultado da peste, Pugachov). No entanto, a pena de morte poderia ser considerada abolida - por que não? - no caso do criminoso comum, o *Bytoviki*.

A abolição da pena de morte foi confirmada no reinado de Paulo I. (Houve guerras mais do que suficientes, mas, apesar disso, os regimentos careciam de tribunais). E durante o longo reinado de Alexandre I, a pena de morte foi por vezes aplicada, na campanha de 1812, aos culpados de crimes de natureza militar. É verdade que, de imediato, uma objeção nos será feita: Não esperava o mesmo destino no final da carreira de baqueta? É verdade que houve homicídios no segundo desafio, quem quer negar? Simplesmente, também uma reunião sindical pode levar uma pessoa à morte. Mas, apesar de tudo, por meio século - de Pugachov aos dezembristas - nem mesmo os prisioneiros *estaduais* foram condenados à morte em nosso país por decisão de nenhum tribunal de justiça.

O sangue dos dezembristas fez nosso estado salivar. Daqueles dias até a Revolução de fevereiro, a pena de morte foi aplicada liberalmente aos condenados por crimes de Estado. Enraizado nos códigos penais de 1845 e 1904, sua aplicação foi posteriormente expandida por disposições militares e navais.

E quantos foram executados na Rússia neste período de tempo? Já apresentamos, no capítulo VIII, os cálculos feitos pelos políticos liberais nos anos 1905-1907, que podem ser completados com os dados - verificados - de NS Tagantsev, especialista em questões do Direito Penal

^[306] Russo. Até 1905, a pena de morte era aplicada na Rússia como uma medida extraordinária. Nos trinta anos de 1876 a 1904 (a época de *Narodnaia Volia*, de terrorismo em ação, não de intenções manifestadas na cozinha comunitária; a época de greves em massa e motins camponeses; a época de fundou e consolidou todos os partidos da futura revolução) 486 pessoas foram executadas, ou seja, cerca de dezessete por ano e país ^[307] (número que inclui também os executados por crimes comuns). O número de execuções aumentou rapidamente nos anos da primeira revolução e sua supressão ... e os russos ficaram consternados. Os olhos de Tolstoi se encheram de lágrimas e Korolenko protestou veementemente, um

protesto no qual muitos outros o apoiaram. De 1905 a 1908, 2.200 pessoas foram executadas (45 por mês). Nas palavras de Tagantsev, esta foi *uma epidemia de execuções*. (Ele mal tinha escrito essas palavras, as execuções também pararam).

Ao chegar ao poder, o Governo Provisório aboliu completamente a pena de morte, que restabeleceu em julho de 1917 para crimes cometidos por militares em vias de guerra e nas linhas de frente. Foi aplicado aos condenados por crimes militares, assassinato, estupro, roubo com violência e saque, que, na época, eram muito numerosos em tais territórios. Das medidas mais impopulares tomadas pelo Governo Provisório, esta foi uma das que levaram ao seu colapso final. Os bolcheviques incitaram a revolta com os slogans: 'Abaixo a pena de morte! Fora com Kerensky, que o estabeleceu novamente! "

Chegaram-nos notícias segundo as quais irrompeu em Smolni, na noite de 25-26 de outubro, uma discussão sobre se um dos primeiros decretos não deveria ser a abolição da pena de morte para sempre ... Lênin, com justificativa sarcasmo, ele se opôs à utopia de seus companheiros, pois tinha plena consciência de que um passo em direção à nova sociedade não seria dado sem a pena de morte. É verdade que nas negociações de coalizão com os revolucionários socialistas de esquerda foi necessário fazer concessões às suas ideias equivocadas: a pena de morte foi finalmente abolida em 28 de outubro de 1917. Mas, sem necessidade de explicações, entende-se que nada de bom poderia ser esperado dessa virada para a suavidade. Que truques eles teriam? No início de 1918, o recém-nomeado almirante Alexei Shchastny compareceu ao tribunal a pedido de Trotsky de se recusar a afundar o Esquadrão Báltico. O presidente do *Tribsup*, Karklin, não mediu as palavras: "Em vinte e quatro horas, atire." (Ele falava russo com dificuldade). Inquietação na sala: "A pena de morte foi abolida!" Mas Krylenko, o promotor, explicou: "Qual é a emoção? Claro, a pena de morte foi abolida, mas não vamos executar Shchastny, vamos atirar nele. ' E eles atiraram nele.

A acreditar nos documentos oficiais, a pena de morte não foi, em 1918, "restaurada" na sua totalidade, mas constituiu uma nova *era* de execuções.

Se assumirmos que Latsis ^{[308]_ele} não calcula muito embaixo, mas apenas dados incompletos, e assumimos que os tribunais da Revolução, na administração da justiça, estiveram pelo menos no mesmo nível da Cheka na atividade extrajudicial de Isso nos levou à conclusão de que, em

dezesseis meses (de junho de 1918 a outubro de 1919), mais de 16.000 pessoas foram mortas nos vinte governos centrais da Rússia, o *que equivale a mais de 1.000 pessoas por mês* . ^[309] (A propósito, o presidente do primeiro conselho operário russo [o de São Petersburgo em 1905], Krustaliiov-Nosari, e o artista que desenhou o uniforme de *bilina* [canção épica russa] que usaria o Exército Vermelho durante a guerra civil).

De resto, talvez não tenham sido essas sentenças judiciais isoladas, pronunciadas abertamente ou deixadas em silêncio - os fuzilamentos, que mais tarde chegaram a milhares - que anunciaram a chegada da era das execuções que começou em 1918, e que foi apresentada ao O povo russo gosta de uma intoxicação cruel. Mais assustador parece-nos um costume que os partidos beligerantes e depois os vencedores transformaram em moda: *o afundamento de barcaças* inteiras carregadas cada vez com incontáveis centenas de homens que não apareciam em lado nenhum, que nem sequer tinham sido mobilizados. (Oficiais Mari na no Golfo da Finlândia, Mar Negro, Mar Branco e Cáspio; e, ainda em 1920, um grupo de reféns no Lago Baikal). Este não tem lugar na nossa história breve dos tribunais, mas em vez na história da *mo ral*, da qual deriva o resto. Em todo o nosso século, onde ocorreram inúmeras crueldades e assassinatos que se assemelhavam à nossa guerra civil?

Poderíamos dizer que perderíamos um ponto importante e característico se não falássemos da abolição da pena de morte em janeiro de 1920. E mais de um pesquisador se deparará com um enigma diante de tamanha inocência e desproteção da ditadura. pois Denikin ainda estava em Kuban; Vrangeli, na Crimeia; e os poloneses começaram a selar os cavalos para se lançarem na campanha ... Como então a espada punitiva poderia ser dispensada? Mas, em primeiro lugar, tal decreto havia sido redigido com extrema cautela: *sua aplicação não se estendia aos tribunais militares*, mas só era válida para ações extrajudiciais da Cheka e dos tribunais de retaguarda. Em segundo lugar, o decreto foi *preparado* por uma *limpeza das prisões* (numerosos fuzilamentos de detentos, presumíveis beneficiários do decreto). E, em terceiro lugar, o mais consolador era que o decreto estava programado para durar apenas quatro meses, o tempo necessário para encher novamente as prisões: um decreto de 28 de maio de 1920 autorizava a Cheka novamente a continuar suas execuções .

A Revolução foi rápida em renomear tudo, para fazer tudo parecer novo. E, assim, a pena de morte passou a se chamar denominação *máxima*

medida , e não corretiva, mas *proteção social*. Pelos fundamentos do direito penal de 1924 ficamos sabendo que esta medida máxima havia sido estabelecida *temporariamente: até sua extinção definitiva pelo Comitê Executivo Central*.

E, já em 1927, a *abolição* efetivamente começou : a medida máxima continuou em vigor *apenas* para os crimes cometidos contra o Estado e o Exército (artigo 58 e, adicionalmente, artigos militares). Também, certamente, pelos crimes de banditismo. (A interpretação política do conceito de "banditismo" é bem conhecida, tratada com amplos critérios naquela época e ainda hoje: dos insurgentes turcomanos aos guerrilheiros lituanos, todo nacionalista armado aliado ao poder central era um "bandido" ; Assim, é compreensível que esses artigos não pudessem ser dispensados. A participação em motins no campo, em distúrbios de rua também foi considerada "banditismo". No que diz respeito aos artigos do Código Penal que visavam proteger as pessoas, a pena de morte foi abolida no décimo aniversário da Revolução.

Mas no décimo quinto aniversário da Revolução, a Lei dos *Sete Oitavos* foi acrescentada à pena de morte , essa lei muito importante para o socialismo incipiente, uma lei que prometia uma bala a cada cidadão por cada migalha pertencente ao Estado que estava reservada.

Como sempre, ele usou esta lei avidamente, especialmente nos primeiros dias (1932-1933) e depois atirou em si mesmo com uma fúria particular. Nesta época *pacífica* (Kirov ainda estava vivo) ..., em dezembro de 1932 , *265 condenados à morte aguardavam ao mesmo tempo seu destino* , apenas no Kresty de Leningrado ... ^[310] E é possível que em um ano o número de pessoas lotadas neste Kresty tenha chegado a mais de mil.

Que crimes eles cometeram? De onde vieram tantos conspiradores e descontentes? Veja!: Por exemplo, seis dos presos eram camponeses de um kolkhoz localizado na área de Czarskoie Selo, e a culpa deles tinha sido a seguinte: recolher para suas próprias vacas os restos de feno que haviam sido deixados nos enrolamentos de o prado kolkhoz já ceifado, com as suas próprias mãos! **NENHUM DESSES SEIS MUJKS FOI PERDOADO PELO VZIK; O JULGAMENTO FOI EXECUTADO.**

Que maldito Saltychija, que Krepostnik, ^{Por} mais nojento que seja, você ousaria *matar* seis camponeses por pegar folhas de grama? Apenas a franja teria sido o suficiente para lembrarmos seu nome e amaldiçoá-lo nas

[311]
escolas. E só resta confiar que o relato das minhas testemunhas vivas será um dia confirmado por documentação. Se Stalin não tivesse assassinado mais ninguém e nunca tivesse matado de novo ... aos meus olhos, ele teria merecido o desmembramento apenas por esses seis camponeses assassinados no Kresty! E ainda há quem, em Pequim, em Tirana, em Tbilissi - bem, e também um número mais do que suficiente de tripões de Moscou - se atreva a dizer-nos com voz mal-humorada: «Como tiveram a audácia de desmascará-lo ..., de levantar a mão contra os mortos sublimes ...? Stalin entra no movimento comunista mundial! Eu, porém, penso apenas no direito penal. Os povos da Terra lembram-se dele com simpatia '... mas não daqueles que ele atrelou aos seus carroções e açoitou com o chicote.

Voltemos, entretanto, à moderação e à justiça. Naturalmente, o VZIK, conforme prometido, teria "abolido completamente" a pena máxima; mas o pior é que o próprio VZIK foi "completamente abolido" em 1936 pelo Pai e Mestre. Ainda assim, o *Soviete Supremo* seguiu o exemplo da Imperatriz Anna Ioannovna. Não demorou muito para que uma medida máxima de *punição* fosse 'acessada', mas não havia mais nenhuma medida máxima daquela 'proteção' incompreensível. As execuções realizadas entre 1937 e 1938 não podiam mais ser enquadradas à força no conceito de "proteção", nem mesmo segundo a forma de Stalin de sentir a língua russa.

Em relação a essas execuções, quem pode nos fornecer estatísticas confiáveis? Que jurista, que historiador do crime? Onde podemos encontrar o *arquivo especial* que se abre para nós e nos fornece os números de que precisamos? Não existe e nunca existirá. Por isso, vamos nos limitar a repetir as cifras que naquela época - 1939-1940 - corriam sussurrando pelo Butirka de cela em cela; os rumores de primeira mão dos homens de Yechov que haviam caído em desgraça - homens que ocupavam posições altas e médias - que haviam passado por essas celas pouco antes e que estavam muito bem cientes! Os homens de Yechov afirmaram que no decorrer desses dois anos foram baleados em toda a União, *dando-me um milhão de* "políticos" e 480.000 criminosos comuns. (Os bens comuns se enquadraram no Artigo 59-3 e foram liquidados por serem "cúmplices de Yagoda"; isso desferiu um golpe mortal no velho "honrado" mundo dos ladrões).

Isso parece implausível? Até que ponto? Se levarmos em conta que as execuções não duram dois anos, mas apenas um ano e meio, temos que

calcular uma média de 28.000 execuções por mês (de acordo com o artigo 58). Isso para toda a União. E quantos locais de execução havia? Calculando muito modestamente, cerca de cento e cinquenta. (Claro que havia mais. Somente em Pskov, em muitas igrejas, o NKVD transformou as velhas celas individuais em câmaras de tortura e fuzilamento. Essas igrejas ainda estavam fechadas para investigações em 1933. "Pare, archive!" E a poeira do décadas não foi varrido para esses "arquivos"). Antes do início das restaurações, os ossos foram transportados em carrinhos. Isto significa que em cada lugar e cada dia seis pessoas tinha sido executado. É tão fantástico? OMG, é calculado até muito baixo! (De acordo com outros rumores, o número de pessoas alvejadas até 1º de janeiro de 1939 foi de 1.700.000).

Nos anos da Guerra Patriótica, a pena de morte espalhou-se cada vez mais por vários motivos (por exemplo, quando a ferrovia foi militarizada), sendo posteriormente enriquecida com novas formas (o decreto de abril de 1943 *sobre a morte por suspensão*).

Todos esses eventos atrasaram a prometida abolição total da pena de morte; Mas a paciência e a lealdade de nosso povo foram finalmente recompensadas: o padre Josif Vissarionovich vestiu uma camisa engomada diante do espelho em maio de 1947. Satisfeito, olhou para si mesmo e ficou satisfeito ... e ditou ao Presidium do Soviete Supremo a abolição da pena de morte em tempos de paz. (Foi substituído por vinte e cinco anos de privação de liberdade, um bom pretexto para introduzir a *quarta medida*).

No entanto, nosso povo é ingrato, criminoso e incapaz de valorizar a generosidade. Por isso os senhores de nossa nação tiveram que passar bem ou mal por dois anos e meio sem pena de morte, até que saíram com um novo decreto promulgado em 12 de janeiro de 1950: Em vista do grande número de comunicações que chegam das repúblicas nacionais (Ucrânia?), sindicatos (ah, benditos sindicatos, eles ainda sabem qual é a necessidade urgente!), organizações camponesas (isso fora ditado em sonhos; o grande benfeitor já pisoteava todas as organizações camponesas no ano da colectivização), bem como de várias personalidades da vida cultural (isto parece perfeitamente credível)..., foi restabelecida a pena de morte para a sua aplicação a traidores da pátria, espiões e dissidentes que minam segurança nacional, cujos números têm aumentado. (A *quarta medida* foi esquecida, permaneceu em vigor).

Bem, e uma vez restaurado, nosso corte costumeiro de pescoço arrastou tudo o mais para trás dele sem esforço: em 1954, foi adicionado o assassinato premeditado; em maio de 1961, a infidelidade na custódia de bens do Estado, além da falsificação de moeda e atos de terrorismo nas prisões (por exemplo, quem matar um delator e ameaçar a administração do campo); Julho de 1961 trouxe as transgressões das disposições cambiais; Fevereiro de 1962, o atentado (bastava cerrar os punhos) contra a vida de um miliciano ou de um voluntário auxiliar das milícias; e, simultaneamente, o estupro, que foi imediatamente seguido pela corrupção.

Este, porém, é transitório, vigorando até a abolição definitiva. É assim que aparece registrado hoje.^[312] Acontece, então, que o período mais longo sem a pena de morte foi o do reinado da imperatriz Elisabet Petrovna.

Em nossas vidas confortáveis e cegas, os condenados à morte aparecem para nós como poucos intrusos fatais. Temos a convicção instintiva de que *vamos* nunca acabar em uma cela para aqueles condenados à morte, uma vez que é necessário para este ter cometido um crime grave ou ter conduzido, em qualquer caso, uma vida muito incomum. Temos que revisar muito o que está em nossa cabeça antes de podermos imaginar: nas celas dos condenados à morte havia uma multidão de homens completamente normais que cometeram transgressões que são nosso pão de cada dia. E aqueles que tiveram sorte, foram perdoados; mas a maioria foi punida com a *vyshka* (é assim que eles nomeiam os condenados ao máximo, a *vysshaiia mera*; eles não podem *tolerar palavras estridentes* e eles nomeiam tudo da maneira mais grosseira e curta possível).

Um agrônomo provincial foi condenado à morte por ter cometido erros na análise do trigo no kolkhoz (também é possível que os superiores não tenham gostado da análise). Isso aconteceu em 1937.

Melnikov, presidente de um sindicato de artesãos (para a fabricação de carretéis de linha de costura!), Foi condenado à morte porque ocorreu um incêndio na oficina devido a uma faísca que saltou de uma máquina. 1937. (É verdade que a pena de morte foi comutada para uma *dúzia*).

Em 1932, eles esperavam a morte do próprio Kresty: um certo Feldman, porque encontraram moeda estrangeira com ele; um certo Faitelevich, estudante de música ... por ter vendido fitas de aço para a fabricação de canetas de escrever. E o antigo comércio que sempre foi usado para alimentar os judeus também foi considerado digno da pena de morte.

Então, por que ainda se maravilhar com a pena de morte imposta a Gerassim, o jovem camponês de Ivanov?: Durante a primavera, no dia de São Nicolau, uma festa religiosa foi realizada na aldeia vizinha e ele bebeu mais do que o conta. E então ele bateu no traseiro - não no miliciano, não! - do cavalo da milícia. (Admitamos que, apesar da mesma milícia, ele arrancou um pedaço de madeira do soviete da aldeia e, além disso, o cabo do telefone oficial enquanto gritava: "Que demônio leve isso!")

A possibilidade de encontrarmos o nosso corpo na cela dos condenados à morte não depende, portanto, de termos feito algo ou não: a decisão é tomada enquanto a grande roda gira, movida por poderosas circunstâncias externas. Um exemplo: Leningrado é cercada. Se durante esses meses difíceis não houve execuções, o que pensaria o mais alto representante da cidade, o camarada Jdanov, se em meses tão críticos os atos do GB de Leningrado não registram nenhuma sentença de morte? Não é verdade? A descoberta de grandes conspirações é essencial, já que o que era possível em 1919 sob Stalin não deveria faltar agora, nem em 1942 sob Zhdanov.

Dito e feito, comissionado e resolvido: uma extensa conspiração é apresentada que obedece às ordens alemãs. Você ainda está dormindo em seu quarto frio em Leningrado, mas uma mão negra já está estendendo a mão para você. E você não será mais capaz de se opor a nada. As vítimas foram escolhidas de qualquer maneira: as janelas da casa do Major General Ignatovski dão para o Neva, e uma vez ele assoou o nariz em um lenço em uma dessas janelas; e o lenço branco ... era o sinal. Além disso, Ignatovski, um engenheiro, foi pego falando freqüentemente sobre problemas técnicos com marinheiros. Ignatovski foi impedido de continuar a tocar. Agora saia e, por enquanto, diga-nos os nomes de quarenta membros de sua organização. Ele os nomeia. Quem trabalha no prédio da ópera tem muito poucas chances de ser nomeado; mas muitos, por outro lado, um professor da Escola Técnica Superior; e ele está na lista (a maldita *intelligentsia de novo* !) Bem, você poderia ter se defendido? Mas aqueles que estão nessas listas precisam ser fuzilados.

E ele leva um tiro. E o fato de Konstantin Ivanovich Strajovich, um eminente cientista no campo da hidrodinâmica, continuar com vida se deve ao seguinte: alguma pessoa localizada ainda mais acima no Serviço de Segurança Nacional ficou insatisfeita porque a lista feita tinha sido muito curto e com poucos disparos. Por este motivo, São Rajovitch foi

considerado um centro adequado para ser descoberto por outra nova organização. Um certo Altschuller o citou: 'O que é? Por que você confessou tão rapidamente? Você quer correr para o outro mundo para cobrir o governo ilegal? Que posição você teve nele?' " E assim Strajovich, sempre dentro do corredor da morte, foi submetido a uma nova série de investigações. Ele afirmava ser o Ministro da Instrução Pública - já que queria que tudo acabasse o mais rápido possível - mas Altschuller não ficou satisfeito. As investigações continuaram e, entretanto, o grupo Ignatovski foi morto. Um acesso de raiva apoderou-se de Strajovich durante um dos interrogatórios: já não se importava com a vida, estava simplesmente cansado de esperar a morte e, sobretudo, de mentiras que, de repente, o deixaram enjoado. Por isso criou um escândalo e, durante um confronto, gritou com um grande peixe bem na sua cara: "Serão vocês que vão levar o tiro, todos vocês! Eu não quero continuar mentindo ! Retiro todas as minhas declarações! " E a explosão serviu de remédio. Os interrogatórios foram suspensos. E outra coisa aconteceu: ele permaneceu esquecido por muito tempo em sua cela de morte.

Talvez uma explosão de desespero em meio à submissão geral seja sempre útil .

Assim, muitos são fuzilados: milhares no início, centenas de milhares depois. Dividimos, multiplicamos, lamentamos, amaldiçoamos. E, no entanto, são números, figuras que tremem, que aterrorizam, que depois são esquecidas. Mas se algum dia os parentes dos executados tirassem as fotos de todos os executados para uma editora e esta fizesse um álbum fotográfico com eles, vários volumes deles, então , passando uma página após a outra, poderíamos obter do último olhar dos olhos fechados para sempre algo muito útil para aqueles de nós que viveram. Essa leitura, quase sem letras, deixaria marcas eternas em nossos corações.

Um amigo da família, onde estavam ex-presidiários, costumava fazer o seguinte: No dia 5 de março, aniversário da morte do assassino supremo, são postas sobre as mesas fotos dos fuzilados e dos que morreram nos campos de trabalho forçado. Algumas dezenas, tantos quantos foram adquiridos. E o dia todo é um dia solene em casa, como se estivessem em uma igreja, em um museu. Toca música fúnebre, vêm amigos, olham as fotos, ficam calados, ouvem com atenção, falam baixinho uns com os outros e vão embora sem se despedir.

Se isso fosse feito em todos os lugares ... Um pequeno sulco, pelo menos um minúsculo, ficaria gravado em nossos corações ao contemplarmos os rostos de tantos mortos. E então as mortes NÃO TERÃO SIDO EM VÃO!

Também tenho algumas fotos, que devo ao acaso (ver contracapa):

Pokrovski, Victor Petrovich, filmado em Moscou em 1918.

Shtrobinder, Alexandr, estudante, baleado em Petrogrado em 1918.

Anickov, Vasili Ivanovich, baleado no Lubyanka em 1927.

Svechin, Alexandr Andreievich, professor designado para o Estado-Maior Central, baleado em 1935.

Reformatsky, Mikhail Alexandrovich, agrônomo, baleado em Orel em 1938.

Anichkova, Yelisaveta Yevgenievna, baleado em 1942 em um campo de trabalho próximo ao Yenisei.

Como *tudo* isso aconteceu ? Como as pessoas *esperam* ? O que você sente? O que você acha? Que decisões amadurecem nele? E como eles vão *procurá-los*? E o que eles sentem no último minuto? E como isso acontece ... para eles ... isso ...?

É compreensível o desejo doentio que as pessoas têm de olhar para os bastidores (embora para nós, é claro, isso nunca acontecerá conosco). Também é compreensível que os sobreviventes não relatem nada sobre os últimos momentos...; afinal eles foram perdoados.

O *resto* conhece os algozes ; no entanto, os algozes não falam. (O famoso *tio Liosha* del Kresty, que amarrou as mãos do condenado por trás das costas e tinha uma mordaca preparou para aqueles que, enquanto marchavam, gritou na noite dos corredores de um "Adeus, companheiros ...! N. Why Ele pode ainda estar andando por Leningrado hoje como um aposentado bem pago. Mas se você o encontrar em um jogo de futebol ou em uma cervejaria nas ilhas ... pergunte a ele assim mesmo!

Mas os algozes também não sabem tudo até o fim. Quando, em meio ao estrondo das metralhadoras, eles usam suas pistolas para desferir o golpe de misericórdia na nuca, os algozes, com os sentidos embotados, estão condenados a não entender nada do que está acontecendo rindo. Nem os algozes sabem o que acontece no *último minuto*. Só a pessoa assassinada sabe disso; portanto, ninguém.

Bem, e o artista também sabe muito, embora não com clareza; apenas o supõe. Porém ... o momento da bala, da corda, é o suficiente ...

E a ideia que temos das células dos condenados à morte temos que agradecer justamente a eles, aos perdoados e aos artistas. Eles sabem, por exemplo, que não se dorme à noite, mas *espera*, que a tranquilidade só vem de manhã.

No romance *Mnimye Velichiny (Grandeza Imaginária)* de Narokov (Marchenko), ^[313] livro muito danificado, principalmente para o propósito de escrever no estilo de Dostoiévski e descrever com pathos ainda maior do que o dito autor as celas dos condenados à morte, a meu ver a cena da execução está magnificamente relatada. Não pode ser verificado, mas a história convence.

Os pressupostos de antigos mestres de nossa literatura, como, por exemplo, os de Leonid Andreiev, hoje nos conhecemos involuntariamente desde os tempos de nossas bisavós. Não há pessoa cuja imaginação seria capaz, digamos, de imaginar as células da morte de 1937. Qualquer artista teria inevitavelmente tecido um enredo baseado em seus próprios fios psicológicos: O que você espera? Como você ouve os ruídos lá fora ...? Como poderiam imaginar e descrever sensações inesperadas de quem espera a morte, como!:

1. PADEC condenado à morte no *frio*. Como cama para dormir, têm apenas piso de concreto. A temperatura na janela está três graus abaixo de zero (Strajovich). Você terá morrido de frio antes de virem procurá-lo.

2. Os condenados à morte sofrem de *falta de ar e espaço*. Sete homens permanecem em celas individuais como sardinhas enlatadas (NUNCA MENOS). Mas também há dez, quinze ou VINTE E OITO (Strajovich, Leningrado, 1942). E os condenados à morte passam semanas e MESES bem embalados! Brave gang de seus *sete enforcados!* Os condenados de hoje não pensam mais na execução, não se atormentam com a ideia de morrer, mas: será possível esticar as pernas? Virar o outro lado? Respira um pouco de ar?

Em 1937, quando nas quatro prisões de Ivanovo - o interior, o número 1, o número 2 e o KPZ (Comissariado de Defesa Política) - havia ao mesmo tempo até quarenta mil pessoas, sendo assim calculadas, no máximo Para três ou quatro mil, a confusão era total: os presos em prisão preventiva, os condenados à morte ou em campos de trabalho, os indultados e, além disso, os ladrões. E assim eles permaneceram ALGUNS DIAS em uma grande cela, tão FECHADOS um contra o outro que era impossível levantar as mãos; e os que estavam nas plataformas tinham que ter cuidado, além disso,

para que suas pernas não fossem quebradas. Era inverno, mas os internos quebraram a vidraça para evitar asfixia. (Alalykin, completamente grisalho, aguardava aqui a execução da sua sentença de morte. Membro desde 1898 do RSDRP (Partido Operário Social-Democrata Russo), deixou o partido em 1917, após a Tese de Abril).

3. Os condenados à morte estão *morrendo de fome*. Têm que esperar tanto pela execução da pena que, aos poucos, seu tormento máximo deixa de ser o medo da morte para se tornar fome. Alexandr Babich passou em 1941 setenta e cinco dias na cela da morte da prisão de Krasnoiarsk. Ele já havia se resignado, e a execução parecia-lhe o único fim possível para sua vida arruinada. Mas quando sua sentença de morte foi comutada para dez anos de prisão, ele *inchou de fome* e teve que começar sua jornada pelos campos de trabalho forçado. E, afinal, qual é o recorde de dias passados em celas de morte? Quem o conhece ...? Vsevolod Petrovich Golitsyn, o *starost* (cabeça) (!) Das células mortas, permaneceu dentro de 140 dias (1938). Esta é talvez a duração máxima? Nikolai Vavilov, membro da Academia e orgulho de nossa ciência, esperou alguns meses, senão *um ano, pela* execução da sentença. Ele foi evacuado para Saratov como já destinado à morte e trancado neste lugar em uma masmorra sem janelas. Quando, no verão de 1942, foi transferido para a cela comum por ter sido perdoado, não podia andar e teve que ser ajudado pelos outros internos para andar.

4. Os condenados à morte sofrem de *doenças* e não recebem ajuda. Ojrimenk ou ficou gravemente doente durante sua longa permanência na cela dos condenados à morte (1938). Não só você não conseguia pensar em um hospital, mas o médico a fez esperar muito tempo. Quando ele finalmente chegou, ele parou em frente à porta gradeada e, sem primeiro cumprimentá-lo, sem sequer fazer uma pergunta, deu-lhe alguns comprimidos. Strajovich foi atacado por hidropisia e, quando mostrou ao carcereiro sua perna inchada, o oficial finalmente lhe enviou ... um dentista.

E mesmo que o médico intervenha ... ele deve curar uma pessoa que está esperando para ser executada, prolongando assim a espera pela morte? Ou talvez o médico agisse de forma mais humana se insistisse em uma execução mais rápida? Aqui, novamente, uma pequena cena narrada por Strajovich : uma visita médica à cela, o médico fala com o oficial de serviço e aponta o dedo para o corredor da morte: «... morrendo ... morrendo ... morrendo» ... (E isso significa que ele escolhe distróficos para o oficial com

toda a intenção. Não se trata de torturar pessoas assim. Já passou da hora de atirar neles!)

Sim, por que eles estavam realmente fazendo com que esperassem tanto? Houve poucos algozes? A esse respeito, deve-se considerar que muitos condenados à morte tiveram o recurso de um pedido de perdão e foram intimidados a fazê-lo; e quando alguém se rebelou totalmente por não estar disposto a se comprometer, eles *assinaram em seu nome*. Bem, compreensivelmente, demorou mais de meses para que o aplicativo passasse por todos os cantos e recantos da máquina.

Dois campos oficiais diferentes colidiram aqui, talvez isso explique tudo. As autoridades investigativas e judiciais, que, confirmadas como membros do Colégio Militar, constituíram uma unidade, dedicaram seus esforços à descoberta de atos hediondos e puníveis e foram obrigadas a punir adequadamente o infrator ... com a execução do tiro. No entanto, assim que a sentença de morte foi proferida e registrada nos autos, os espantelhos - igualmente condenados - perderam mais importância para eles: o fato de terem continuado vivos ou mortos não poderia modificar em nada os acontecimentos do estado. . Portanto, estavam totalmente sob a jurisdição das autoridades prisionais; dos quais, no entanto, na sua qualidade de "sócios" do GULAG, já consideravam a situação do ponto de vista económico, porque o seu objectivo não era disparar tantas pessoas, mas sim enviar tanto ao arquipélago po bestas veis de carga.

Solokov, o chefe da prisão interna da Casa Grande, também foi regido por essas considerações em relação a Strajovich, que, quando acabou se *entediando* na cela dos condenados à morte, pediu papel e lápis para estudos científicos. Seu primeiro caderno acabado intitulava-se: *Sobre a reciprocidade entre um líquido e um corpo sólido que se move dentro dele. Cálculos de balistas, molas e amortecedores*. Outra era: *Bases da teoria da estabilidade*. Ele já havia sido transferido para uma célula "científica", onde recebeu melhor nutrição. Então chegaram ordens da frente de Leningrado, e Strajovich planejou um novo sistema de defesa aérea. No final, Jdanov comutou a pena de morte para quinze anos de prisão. (É verdade que o correio atravessou o bloqueio muito devagar: o perdão habitual logo chegou de Moscou, mais generoso do que o concedido por Jdanov: apenas uma ^[31.4] dúzia).

Um juiz de instrução chamado Kruchkov (sim, sim, o ladrão) estava de olho em NP, um professor particular de matemática. E é que,

especificamente, esse Kruchkov fez cursos a distância. Era lógico pensar que o professor trancado na cela dos condenados à morte era útil, então P. *foi retirado da cela da morte ...* e teve que resolver os exercícios que tinha que fazer em casa o juiz examinador (sim, e também dos outros), exercícios que tratavam da teoria da função de uma variável complexa.

Então, o que pode a literatura saber sobre os tormentos dos condenados à morte?

Por fim, também a cela para condenados à morte - segundo notícias do Ch-v - também pode ser considerada *um elemento parcial da investigação anterior* como forma de *exercer influência*. Dois homens que se recusaram a confessar (Krasnoiarsk) foram colocados perante um 'tribunal', 'condenados' à morte e detidos na cela dos condenados à morte. (Ch-v declarou erroneamente: "O julgamento de uma causa foi encenado para eles." Quando o costume é fazer de cada visão de uma causa uma encenação, é difícil encontrar outra palavra para este pseudo-julgamento. Mesas sobre mesas, teatro no teatro?) E na cela puderam curtir até o fundo o cotidiano da morte. Mais tarde, espiões, também supostamente "sentenciados à morte", foram trazidos para lá. O primeiro, de repente, lamentou ter sido tão inflexível durante os interrogatórios e, por meio do diretor da prisão, fez saber que estava disposto a assinar tudo. Eles colocaram depoimentos na frente deles, os assinaram e foram retirados da cela durante o *dia*, o que significa que não foram levados para atirar neles.

E os *verdadeiros* condenados à morte que esperavam nesta cela, a quem foi atribuído o papel de comparsas neste sainete criminoso ... talvez tenham sentido algo quando alguém se "arrependeu" e foi perdoado? Bem, isso caiu no custo de produção.

Diz-se que Konstantin Rokosovsky, o futuro marechal, foi levado duas vezes à noite para a floresta para uma suposta execução em 1938, colocado na frente dos canos das armas e devolvido à prisão novamente. Esta também é uma medida máxima quando usada como um truque criminoso. Também funcionou bem: o homem viveu, prosperou e não ficou zangado de forma alguma.

E as pessoas quase sempre são mortas sem se rebelar. Por que a pena de morte é tão hipnotizante? Em quase todos os casos, os perdoados não se lembram que em sua cela ninguém jamais resistiu. É verdade que houve alguns casos de resistência, como o ocorrido em 1932 no Kresty de Leningrado, quando os detidos na cela dos condenados à morte se atiraram

contra os guardas e dispararam com os revólveres que tinham capturado. Um novo método foi então elaborado para remover os condenados à morte: primeiro eles localizaram seu homem pelo olho mágico e então entraram em grupos de cinco, mas sem armas, e caíram sobre o condenado escolhido. O número total de condenados à morte na cela era de oito a dez, mas cada um deles havia apresentado uma petição de clemência a Kalinin, cada um aguardando perdão; e portanto: "Você morre hoje e eu morrerei amanhã." Eles recuaram e ficaram indiferentes ao verem o condenado escolhido ser algemado, enquanto ouviam seus gritos de socorro e observavam enquanto colocavam uma bolinha em sua boca para silenciá-lo. (Quando você vê uma bola desse tipo ... como você pode adivinhar as várias possibilidades de aplicação que ela pode ter? Que exemplo mais preciso para uma dissertação sobre o método dialético!)

Esperança! Como isso age em você? Isso faz você se sentir mais forte ou mais fraco? Se em cada uma das celas dos condenados à morte os reclusos juntassem forças e estrangulassem os algozes que entravam com as mãos ... não teria isso contribuído com mais segurança para acabar com as liquidações, em vez de dirigir súplicas aos VZIK? Quando você está à beira da morte, pode perder algo mais se oferecer resistência?

No entanto, isso já não havia sido determinado com antecedência no momento da prisão? E, apesar disso, todos os detidos se arrastaram de joelhos, como se suas pernas tivessem sido cortadas, pelo caminho da esperança.

Na noite seguinte à sentença, quando era conduzido através do sombrio Kady, um homem com um revólver na mão, outro atrás dele e um de cada lado, Vasili Grigorievich Vlasov temia apenas uma coisa - como ele se lembra -: que fosse baleado ali para uma suposta tentativa de fuga. Então ele ainda não acreditou na frase! E eu ainda tinha esperanças de viver ...

Ele foi então levado para a sala da guarda e ele pôde deitar em uma mesa enquanto dois ou três milicianos montavam guarda continuamente. Sentados ao redor de uma lamparina, conversaram entre si: "Há quatro dias que escuto com atenção, mas não me pergunte por que foram condenados". Bah, deixe isso! O que isso vai ou vem para nós? "

Ele ficou neste quarto por cinco dias. Esperaram a confirmação da sentença para poder atirar em pessoas no mesmo Kady sem perda de tempo: era muito pesado ir como escolta a qualquer outro lugar com pessoas que deviam ser executadas. Alguém havia enviado um telegrama em nome do

condenado: "Não me confesso culpado e imploro que minha vida seja preservada". Nenhuma resposta veio . Durante todos esses dias ele não conseguiu segurar a colher porque suas mãos tremiam e ele tomou um gole da sopa diretamente do prato. Kliugin foi vê-lo para provocá-lo. (Pouco depois do caso Kady, ele foi transferido de Ivanovo para a casa em Moscou. Naquele ano, houve muitas subidas rápidas e muitas descidas repentinas para as estrelas sangrentas no céu do GULAG. Já era perceptível no ar que em breve cavariam sua própria sepultura. eles simplesmente não perceberam).

Tanto a confirmação da sentença quanto o perdão foram feitos para esperar, então os quatro criminosos foram transportados para Kinechma. Eles foram montados em quatro caminhões, um para cada, vigiados por sete milicianos cada.

Em Kinechma, na cave do mosteiro (a arquitetura conventual adaptada à ideologia dos monges veio de maçoneta), a expedição da morte recebeu um novo reforço, que foi transportado para Ivanovo em carroças para prisioneiros.

Três homens foram separados dos outros na mercearia Ivanovo: Saburov, Vlasov e um do outro grupo; os outros foram levados imediatamente, ou seja, para serem fuzilados, para não sobrecarregar a prisão. Foi assim que Vlasov se despediu de Smirnov.

Os três sobreviventes foram conduzidos ao pátio da prisão número 1, onde tiveram que esperar quatro horas - era outubro e a umidade penetrava nos ossos - até que os demais grupos de presidiários chegassem e fossem revistados e levados embora. No fundo, eles ainda não tinham certeza se seriam fuzilados ou não naquele dia. Essas quatro horas tiveram que ser passadas sentado no chão, e com esses pensamentos! Por um momento, Saburov pensou que eles seriam executados; no entanto, eles foram levados apenas para a cela. Ele não gritou. Tudo que ele fez foi apertar a mão do vizinho com tanta força que ele gritou de dor. O guarda trouxe Saburov para a frente, acertando-o com a baioneta.

No mesmo corredor da prisão existiam quatro celas para condenados à morte, a cela para crianças e a cela para doentes. As células dos condenados a morte cada um tinha duas portas: uma normal, feitas de madeira, com um orifício, e uma porta da estrutura do ferro; e havia duas chaves para cada porta, uma na guarda do guardião e a outra na posse do comandante do quartirão, de modo que nenhuma delas pudesse abrir sem a ajuda da outra.

Ao lado da cela 43 havia uma sala de interrogatório. E à noite, enquanto esperavam o momento de vir procurá-los, os condenados tiveram que suportar, além disso, o tormento dos gritos que os torturados davam.

Vlasov acabou na cela de número 61, uma única cela de cinco metros de comprimento e pouco mais de um metro de largura. Duas camas de ferro eram fixadas ao solo por meio de grossos suportes, também de ferro, e em cada cama havia dois homens, os pés de um ao lado da cabeça do outro. Os outros quatorze condenados à morte jaziam obliquamente no chão de concreto.

Ou seja, tinham menos de meio metro quadrado de espera pela morte, embora se soubesse há muito que até um morto tem direito a dois metros ... E isso também, na opinião de Chekhov, ainda era pouco ...

Vlasov perguntou se eles atiraram em um imediatamente. «Vês-nos, já estamos aqui há muito tempo e ainda estamos vivos» ...

E assim começou a espera, como chegou até nós: Ninguém dorme à noite. Todos, completamente exaustos, esperam que eles venham procurá-los; todos ouvem atentamente os ruídos no corredor. (É também essa espera prolongada que enfraquece ainda mais a capacidade de resistência do ser humano). Eles têm um medo especial da noite que se segue ao dia em que algum perdão chegou. Os perdoados saíram gritando de alegria, mas o terror cresce na cela, porque junto com os perdões chegaram também os recursos rejeitados, e todos sabem que, à noite, virão por alguém ...

Às vezes, o som das teclas é ouvido à noite e o coração encolhe. Para mim? Indo para qualquer outro? Porém, é simplesmente o *vertujai*, que abre a porta de madeira para qualquer bobagem: "Tire as coisas do peitoril da janela!" Talvez o ato de abrir portas demorasse um ano para cada um dos quatorze, talvez fosse o suficiente para abrir a porta assim umas boas cinquenta vezes ... e eles poderiam economizar a bala! No entanto, como estão gratos a ele pelo fato de não ter acontecido o que temiam: "Já os levamos, idoso!"

Após saírem do banheiro pela manhã, eles dormiram sem medo. Em seguida, o guarda entrou na cela com uma chaleira cheia de sopa de água e cumprimentou: "Bom dia". Os regulamentos exigiam que a segunda porta, a treliça, só pudesse ser aberta na presença do oficial de serviço; mas, como se sabe, o ser humano é em si mesmo melhor e mais preguiçoso do que suas disposições e instruções. Conseqüentemente, o diretor entraria na cela do despertar sozinho e cumprimentaria os presos com um "bom dia" humano.

Bem, cara não, muito mais do que apenas humano! Bem, para quem, senão, o dia foi melhor do que para aqueles homens! Gratos pelo calor dessa voz, pelo calor desse caldo, eles agora dormiam até o meio-dia. (A única refeição deles foi esta tão cedo, porque, ao acordar ao meio-dia, muitos já não conseguiam comer. Alguns receberam pacotes - os familiares não tinham que saber que estavam condenados à morte - e esses pacotes eram propriedade comum, mas ninguém comia deles, e a comida estragava com a umidade bolorenta).

Havia algo como vida na cela durante o dia. O comandante do bloco - o não-comerciante Tarakanov ou o benevolente Makarov - aparecia para distribuir papel para todo tipo de petições ou aceitar pedidos de fumo: quem tinha dinheiro podia comprar na loja. As perguntas pareciam absurdas ou excessivamente humanas: pareciam como se tivessem que ... viver ... como prisioneiros normais.

Os condenados pintaram pontos nas tampas arrancadas das caixas de fósforos e jogaram dominó. Vlasov desabafou contando histórias sobre a cooperativa, que ainda são muito engraçadas. ^[315]

Yakov Petrovich Kolpakov, presidente do comitê executivo territorial de Su Dogda, um bolchevique que estava na frente desde a primavera de 1917, sentou-se durante dez dias na mesma postura, a cabeça nas mãos, os cotovelos nos joelhos, sempre com o vista fixa no mesmo ponto da parede. (Como a primavera de 1917 deve ter parecido alegre e leve para ele ...!) A tagarelice de Vlasov o aborrecia e irritava: 'Mas como você pode' ... 'É você', respondeu Vlasov, 'talvez você esteja se preparando para entrar no paraíso? Só tenho uma coisa em mente: dizer quando vir dugo: "Só tu és o culpado! Nem os juízes, nem os promotores ... Você é o único responsável pela minha morte e terá de assumir essa responsabilidade de agora em diante! Sem vocês, os algozes voluntários, não haveria sentença de morte! " E então o porco dele pode me matar! "

Kolpakov foi baleado. O mesmo aconteceu com Konstantin Sergeievich Arkadiev, ex-diretor de administração de terras do distrito de Alexandrovsk (província de Vladimir). A despedida desse homem foi um tanto dura para eles. No meio da noite, seis homens da guarda vieram pisando forte e o seguraram sem se importar; mas Konstantin, o homem pacífico, o homem bem educado, passou muito tempo mexendo no boné para ganhar ainda alguns momentos, para permanecer mais alguns

momentos com os últimos seres terrestres. E quando disse o último "adeus", quase perdeu a voz.

No início, quando os outros designam a vítima, os outros dão um suspiro de alívio - "não sou eu" - mas assim que o condenado é levado à morte, os que permaneceram na cela dificilmente se sentem melhor do que aquele que o comprometeu já a estrada para seu último fim. Ao longo do dia seguinte, os sobreviventes são condenados a ficar calados e não comer nada.

Apenas Gerassim, o garçom que se lançou contra o soviete da aldeia, comia e dormia muito; ele era um verdadeiro camponês que estava aqui como se estivesse em casa. De certa forma, ele não podia acreditar que eles poderiam atirar nele. (E nem ele, ele foi punido com *dez em vez* da morte).

Alguns viram seus companheiros de célula ficarem cinzentos em três ou quatro dias.

O cabelo dos presos cresce durante essa espera contínua pela morte. Assim, o celular é levado ao cabeleireiro, ao *banheiro*. A rotina da prisão segue seu curso e ele não liga para as sentenças.

Um ou outro perdeu a capacidade de falar com sensatez, perdeu a razão; mas, apesar disso, ele permaneceu em seu lugar para que seu destino se cumprisse. Quem enlouqueceu nas celas dos condenados à morte foi fuzilado justamente nessa hora por estar louco.

Perdão não faltou. Precisamente naquele outono de 1937, pela primeira vez depois da Revolução, foram estabelecidas as penas de quinze e vinte anos, que impediram muitas execuções. Os *dez* também serviram como substitutos. E podem valer até cinco anos. Neste país das maravilhas, tais milagres também são possíveis: ontem você era a presa da morte, e esta manhã um "menor" chegou para você. E como um prisioneiro leve, você tinha todas as chances de ser solto no campo.

Na cela estava um homem chamado VN Jomenko, de sessenta anos, um cossaco Kuban e um ex-capitão de cavalaria; a "alma da cela" para o caso de as celas dos condenados à morte terem alma: ele brincava, sorria, sem notar a amargura que o dominava. Visto que após a guerra contra o Japão foi declarado inútil para o serviço, dedicou-se à criação de cavalos, serviu na Administração *Zemstvo* do Governo e, no início dos anos 1930, ocupou o cargo de "Inspetor Regional do Fundo do Cavalo do Exército Vermelho", órgão cuja missão era fazer com que os melhores cavalos correspondessem às tropas. A prisão e conseqüente condenação à pena de

morte foram devidas a uma recomendação nefasta deste homem: castrar os potros antes dos quatro anos, o que levou, de forma demonstrável, “a minar a força de combate do Exército Vermelho”. Jomenko apelou, mas, cinquenta e cinco dias depois, o comandante do navio disse-lhe que ele dirigira o apelo a uma autoridade diferente daquela que deveria entender o assunto. Jomenko riscou o nome da primeira autoridade e escreveu o nome da outra acima, exatamente como se se tratasse de pedir um maço de cigarros . Retocada dessa forma, a petição durou mais sessenta dias de autoridade em autoridade, enquanto Jomenko esperou quatro meses pela morte. (E eu teria esperado ano após ano, porque, afinal, todos temos que esperar a qualquer momento pela chegada da foice. (Como se o nosso mundo inteiro não fosse uma cela para condenados à morte ...!) que voltou ... foi *uma reabilitação total*. (Enquanto isso, o próprio Vorochilov dera a ordem de castrar os cavalos antes dos quatro anos.) Às vezes era a cabeça; outra, a cabeça estava levantada; hoje, dor; amanhã , Aleluia.

Perdão ocorria com frequência e a esperança de muitos ficava mais forte a cada dia. Mas Vlasov, que comparou seu caso com o de outros e , acima de tudo, seu comportamento perante a Corte, julgou que muito mal havia se acumulado contra ele. E, afinal, alguém teria que levar um tiro. Por grau ou por força, meio ... E contava com eles para atirar nele. E tudo o que ele queria era ser corajoso quando isso acontecesse. Sempre foi um homem ousado, ainda era, aos poucos foi se enchendo de forças novamente e decidiu enfrentá-los até o último momento.

A oportunidade não demorou muito para se apresentar. Chinguli, chefe do Departamento de Investigação do Serviço de Segurança de Ivanovo, fez uma visita à prisão e ordenou, sabe-se lá por quê (muito provavelmente por causa das cócegas nos nervos), que abrissem a porta da cela. Então ele se levantou, disse algo e perguntou aos ocupantes da cela:

"Quem está aqui por causa da coisa com Kady?"

Ele usava uma camisa de seda de mangas curtas, a última moda na época, que parecia feminina para muitos. Além disso, ele exalou - ou sua camisa - um doce perfume que logo inundou a cela.

Vlasov saltou rapidamente para um estrado e gritou com uma voz estridente:

"Que tipo de oficial colonial é esse?" Saia daqui, assassino! Ele cuspiu com força no rosto de Chinguli, acertando-o.

O homem enxugou a saliva e deu um passo para trás, pois eu só deveria ter entrado nesta cela acompanhado por seis guardas. E mesmo assim ele não teria certeza.

Uma cobaia prudente não deveria ter permitido uma ação desse tipo. O que aconteceria se seu arquivo já estivesse exatamente na mesa de Chinguli e o perdão em suas mãos? Não teria sido por acaso que ele se apresentou para perguntar quem estava envolvido no caso Kady, não é? Talvez ele tivesse vindo por esse motivo.

No entanto, chega um momento em que a gente se irrita, se dá nojo de ser uma cobaia prudente, quando a cabeça da cobaia entende perfeitamente que todo coelho está destinado a perder a pele e a carne, então não é vida. o que é ganho, mas apenas um atraso. E então alguém gostaria de gritar: " Malditos sejam todos e atirem agora!" Durante os quarenta e um dias de espera, essa fora a sensação que tomara conta de Vlasov com mais força a cada momento. Duas vezes na prisão de Ivanovo, ele foi oferecido para fazer um apelo por misericórdia, e nas duas vezes ele recusou. No entanto, no quadragésimo segundo dia, ele foi levado à jaula, onde foi informado de que o Presidium do Soviete Supremo havia comutado a pena máxima para vinte anos de permanência em campos de trabalho correcional, seguido por outros. cinco anos de perda dos direitos civis.

Vlasov deu um sorriso malicioso. Ele estava pálido, mas também aqui não mordeu a língua:

-É curioso. Eles me condenaram por não acreditar na vitória do socialismo em um país. Mas Kalinin acredita no que diz quando pensa que nosso país vai precisar de campos de trabalho forçado por mais vinte anos ...?

Naquela época, parecia inconcebível: vinte anos! É engraçado, mas você ainda precisa deles depois dos trinta ...

XII

Tiursak

Ostrog, que boa palavra russa, quão forte e carnuda, quão bem construída! Parece que ela sente a força das paredes da prisão e ... outra coisa: que não há como escapar. E tudo isso está condensado nessas seis vozes: *strogost*, rigor; *ostrogk*, o arpão ou a lança do soldado, e *ostrota*, a agudeza (a agudeza de um ouriço, que enfia suas penas no nariz; da neve, que atinge seu rosto, dura de frio, olhos; a nitidez dos cortes da área de fronteira e do arame farpado); também está perto de *ostorozhnost*, do cuidado (dos prisioneiros) e, naturalmente, *rezo*, do mastro. O mastro apontando em nossa direção!

Mas quando olhamos para todo o sistema prisional russo, vemos que, da história dos últimos noventa anos, digamos, não apenas um pólo surgiu, mas dois: os dois chifres de um touro bravo. Os terroristas do *Narodnaia Volia* cumpriram a pena na ponta do mastro, precisamente onde se cravou, onde é impossível resistir, mesmo no esterno; depois, aos poucos, tornou-se arredondado, amolecido, amolecido; Já não parecia um poste, mas uma superfície plana e macia (estamos no início do século XX); mas logo (a partir de 1917) começam a sentir as bordas do outro osso, nós os acompanhamos passando por áreas proibidas ("Você não tem direito ...!"), e notamos como ele se afia e endurece até, em 1938, adere ao corpo do homem, à cavidade localizada acima da clavícula, no nascimento do pescoço: *Tiursak!*^[316] E, à noite, começa a ouvir-se ao longe um carrilhão, como de uma torre defensiva, uma vez por ano: TON...!^[317]

Se quiséssemos verificar esta parábola em qualquer um dos presos de Schlüsselburg,^[318] a princípio sentiríamos medo: cada prisioneiro tem um número, nunca é chamado pelo nome, os gendarmes são como os guardiões da Lubianka: não dizem uma palavra. Se alguém se atreve a murmurar:

"nós" ... "Fale só por você!" Um silêncio mortal. Nas celas, sempre uma luz crepuscular, os vidros das janelas são congelados e o chão é de concreto. O respiradouro fica aberto apenas quarenta minutos por dia. Na alimentação, purê de cevada e sopa de repolho, com mais água do que repolho. A biblioteca não empresta livros científicos. Por dois anos você não vê ninguém, e até três anos eles não lhe dão algumas folhas de papel numeradas. ^[319]

Aos poucos , o regime vai amolecendo: tem pão branco, chá com açúcar, cada um tem a sua parte, e quem tem dinheiro pode comprar coisas, pode fumar, coloca vidros transparentes nas janelas, os respiradouros podem ficar abertos, o as paredes são pintadas de leve e os livros são recebidos da Biblioteca de São Petersburgo. Nos jardins da frente há portões, e você pode conversar com as pessoas e até fazer discursos. E os presos começam a exigir: Queremos mais terras! Dois grandes pátios são montados em pomares. Em breve, até quatrocentas variedades de flores e vegetais são cultivadas. E as coleções científicas são iniciadas, uma carpintaria e uma forja são montadas, e nós começamos a ganhar dinheiro e ^[320] comprar livros, até mesmo russos, sobre política, e revistas estrangeiras. Podemos escrever para a família agora. E dar um passeio? Sim, mesmo o dia todo.

Aos poucos, como lembra Vera Figner, "já não era o guarda que gritava, mas nós". Em 1902, o guardião recusou-se a *dar seguimento* a uma queixa que ela fez, e então *ela arrancou os guarda-pernas*. Com quais consequências? Um juiz de instrução militar foi transferido para a prisão e *pediu desculpas* a Vera Figner pela conduta rude do guardião.

O que causou a mudança ? Em suas Memórias, Figner atribui isso em parte aos sentimentos humanitários de alguns guardas, e em parte à coexistência entre guardas e prisioneiros que se acostumaram uns com os outros. A integridade dos presos, sua dignidade e sua conduta contribuíram em grande medida para isso . Enfim, digo que foi no ar, na umidade e no frescor que antecedem a nuvem de tempestade, naquela brisa da liberdade que já começava a soprar sobre a sociedade. Isso deu o primeiro impulso. Não fosse por essa explosão, os gendarmes teriam continuado a maltratar as pessoas, e Vera Figner, por arrancar as patas do guardião, teria recebido, em vez da oportunidade de escrever seus diários, *nove gramas* no porão.

O relaxamento do sistema prisional czarista não surgiu espontaneamente e por acaso, mas porque toda a sociedade tentou consegui-lo por simpatia pelos revolucionários. O czarismo não perdeu a cabeça nos tiroteios de rua de fevereiro, mas várias décadas antes, quando entre os filhos de boas famílias passou a ser considerado uma honra ter estado na prisão e quando os oficiais do Exército (e mesmo os da Guarda) eles começaram a considerar o aperto de mão de um gendarme desonroso. E quanto mais o sistema penitenciário foi relaxado, quanto mais se destacou a *ética triunfante dos políticos*, mais claramente os membros dos partidos revolucionários sentem a força de suas próprias leis não ditadas pelo Estado.

Assim, o ano de 1917 chegou à Rússia, e depois o décimo oitavo ano. Por que vamos direto para 1918? O tema de nossa pesquisa não nos permite parar em 1917; Depois de fevereiro, todas as prisões políticas foram esvaziadas, as prisões e detenções preventivas foram abolidas, os Katorga desapareceram e é surpreendente que o pessoal de segurança tenha conseguido sobreviver naquele ano. Certamente foi graças às hortas operárias. (A partir de 1918 eles prosperaram novamente, e os guardas da prisão na rua Spalernaya serviram ao novo regime até 1928. E *nitchevo!* Nada aconteceu).

Mas já no último mês de 1917 a luz começou a aparecer: não se podia prescindir das prisões, havia gente que só podia ficar atrás das grades (ver capítulo II), simplesmente porque na nova sociedade não havia lugar para eles. Assim, o regime prisional salvou a área plana e mole entre os dois chifres do touro e começou a subir no segundo.

É natural almente, declarou categoricamente que nunca passaria pelas péssimas condições das prisões czaristas, não haveria *correção para tortura*, silêncio, isolamento, cavalgadas separadas ou besteiras como dar a volta no pátio marcando a passagem do ganso, e até as células permaneceram abertas: ^[321] Caros convidados, movam-se livremente, cultivem a conversação, lamentem-se mutuamente pelos inconvenientes que os bolcheviques lhes causam. Posteriormente, recorreram-se às autoridades dos estabelecimentos penitenciários. Eles deveriam supervisionar o treinamento tático da guarda externa, bem como o acréscimo da herança czarista ao sistema penitenciário (este não era o aparelho de estado que precisava ser destruído e erguido novamente). Felizmente, a situação foi rapidamente esclarecida quando se descobriu que as prisões mais

importantes, os *Zentrals*, ou *Ostrogs*, não haviam sofrido danos durante a guerra civil. No entanto, era essencial abandonar os nomes antigos e odiosos. Agora eram chamados de *Politisolatores*, uma combinação de vozes que expressavam: primeiro, o reconhecimento dos membros dos antigos partidos políticos como adversários políticos; segundo, que o confinamento não era de natureza penal, mas simplesmente respondia à necessidade de isolar revolucionários antiquados da nova sociedade progressista (embora, é claro, provisoriamente). Sob esses auspícios, os SRs, social-democratas e anarquistas voltaram às masmorras do Velho Estilo como *Zentrals* (aparentemente a de Susdal, e antes do fim da guerra civil).

Todos estavam cientes de seus direitos, para cuja defesa podiam contar com uma tradição ancestral. Eles sabiam a que tinham direito (conquistados dos czares e ratificados pela Revolução): uma ração adequada para os políticos (incluindo meio maço de cigarros por dia); comprar no mercado (leite, queijo cottage); caminhar no pátio sem perturbações e sem limitação de tempo; ser tratado de você (eles se sentaram na presença dos funcionários do estabelecimento); coabitação de cônjuges em uma cela; o direito de manter revistas, jornais, livros, instrumentos de escrita e objetos pessoais na cela, incluindo navalhas e tesouras; receber e enviar cartas três vezes por mês; visitas mensais e, claro, janelas sem grades ou grades (para a "mordação" não havia nem uma palavra), liberdade de movimento entre as células; áreas verdes para caminhada, com lilases; livre escolha do companheiro de caminhada; contrabando de malas de correio entre os pátios; e transferência de mulheres grávidas ^[322] da prisão ao exílio, dois meses antes do fim da contagem.

Mas tudo isso afetou apenas o *Politregime*. Porém, o que os políticos da década de 1920 ainda lembravam era a *autonomia administrativa dos políticos*, o que lhes dava a sensação de que, mesmo na prisão, ainda faziam parte de um todo, membros da comunidade. A autonomia (livre escolha de seus dirigentes e porta-vozes perante a Diretoria) amenizou a opressão do confinamento do indivíduo, uma vez que todos fizeram causa comum, e cada protesto deu a ressonância de todos os votos.

E eles se propuseram a consolidar esses direitos. E as autoridades decidiram fazer todo o possível para detê-lo. E então começou uma luta silenciosa, um combate sem artilharia; de vez em quando, ouvia-se uma saraivada de rifles e estilhaços de vidro, mas o som não chegava a mais de

duzentos metros. Foi uma luta silenciosa por algumas migalhas de liberdade, pelo direito de ter uma opinião, que durou quase vinte anos e não foi descrita ou ilustrada em lugar nenhum. Os seus altos e baixos, os seus triunfos e as suas derrotas são quase inacessíveis para nós, porque no Arquipélago não há literatura, e o que sai do boca a boca é interrompido pela morte. Se de vez em quando um eco dessa luta chega até nós por acaso, ele imediatamente desaparece; é uma imagem borrada, mal iluminada por um tênue raio de lua.

Acontece também que , nesse ínterim, prosperamos muito: agora sabemos sobre batalhas de tanques e explosões atômicas. Ainda consideramos uma luta que, quando as celas foram fechadas, os reclusos, para salvaguardar o seu direito de comunicação, batiam nas paredes, gritavam uns com os outros pelas janelas, baixavam escritos de um andar para o outro amarrados com barbante e faziam questão que por pelo menos os chefes das facções políticas tinham livre acesso às células? Que tipo de batalha travaram a anarquista Anna G-wa (1926) ou a social-revolucionária Katia Oliskaya (1931) quando se recusaram a se levantar de seu beliche quando o diretor do Lubyanka entrou em sua cela? (E o próprio brutamontes imaginou então esse castigo: proibindo-os de usar o banheiro localizado fora da cela). Consideramos uma luta quando duas meninas, Shura e Vera (1925), para protestar contra a ordem repressiva emitida em Lubyanka, para falar apenas em sussurros, começaram a cantar (embora apenas sobre lilases e primavera), então Letten Dukes, o diretor, arrastou-os para fora da cela pelos cabelos e carregou-os pelo corredor até o banheiro? Ou que os alunos que foram para Leningrado no trem de prisioneiros (1924) começaram a entoar canções revolucionárias, então seus guardas suprimiram a água? "Nem mesmo os gendarmes czaristas teriam feito isso!", Disseram, e então os guardas os espancaram. Ou que o social-revolucionário Koslov, no campo de trânsito de Kern, chamou os carrascos dos guardiões, então eles o arrastaram pelo chão?

E é que estamos acostumados a entender por *bravura* apenas a militar (sim, e também aquela que voa pelo espaço), a bravura que está sujeita a uma ordem. A outra coragem, coragem civil, nós esquecemos. E com a falta que está nos fazendo ...!

Em 1923, o revolucionário socialista Struchinski e vários camaradas (quantos? Quais eram seus nomes? Por que protestavam?) Esconderam-se na cela da prisão de Viatka, molharam os colchões com gasolina e se

jogaram nas chamas. , dentro da melhor tradição de Schlüsselburg, para não voltar mais longe na história. E quanto barulho havia *então*? Como a sociedade russa foi movida? Nem a cidade de Viatka, nem a de Moscou, nem a História vieram a saber. Apenas isto: aquela carne humana estava queimando novamente como antes.

Foi então que se implantou a primeira ideia do Solovezk: quem fica seis meses sem relação com o mundo exterior é um bom lugar. Lá você pode gritar o quanto quiser: ninguém precisa ouvi-lo e, no que nos diz respeito, você pode se jogar na fogueira. Em 1923, os prisioneiros socialistas de Pertominsk foram transferidos (para uma península no lago Onega) e distribuídos entre três retiros solitários.

O venerável eremita Sabas: dois pavilhões do antigo albergue ou peregrino . Uma parte do lago penetra nas terras da chamada Zona. Nos primeiros meses, parecia que tudo ia bem: os regulamentos dos presos políticos eram observados; De vez em quando, eram recebidas visitas de membros do partido e todas as negociações com a administração da prisão eram feitas por intermédio dos chefes dos três partidos. E, além disso, a zona de retiro era uma zona livre: dentro dela, o preso podia dizer, pensar, fazer e parar de fazer o que quisesse.

Mas já então, nos primeiros anos do Arquipélago, começou a circular com insistência o boato de que o regime especial dos presos políticos ia ser abolido ... abolido ...

Na verdade, quando, em meados de dezembro, a viagem do navio foi interrompida e toda a comunicação com o mundo exterior foi interrompida ,
Eichmans,^[323] o chefe do campo de Solovezk declarou: É verdade, foram recebidas novas instruções sobre o regime prisional para presos políticos. Nem tudo ia ser suprimido, não isso! Só a correspondência seria restringida, o que já era muito; Mas o que era importante era o seguinte: a partir de 20 de dezembro de 1923, o direito de entrar e sair livremente dos quarteirões a qualquer momento foi abolido e o toque de recolher foi imposto a partir das 18h00.

As facções decidem organizar um protesto e os revolucionários sociais e anarquistas pedem voluntários: No primeiro dia da proibição eles sairão para passear precisamente às 18 horas. Mas Nogtiov, o chefe da retirada de Savatius, está tão ansioso pelo tiroteio que, *antes* da hora marcada (talvez os relógios não estivessem marcando o ritmo; então não deram a hora oficial no rádio), ele manda a Zona os guardas armados com rifles para

abrir fogo contra quem ainda estava caminhando legitimamente . Três downloads. Seis mortos e três gravemente feridos.

No dia seguinte, Eichmans chega com pressa: foi tudo um erro trágico, e por isso o Major Nogtirov vai ser destituído do cargo (foi transferido e promovido). O enterro das vítimas. No silêncio atordoante de Solovezk, um canto se levanta:

«Vítimas imortais que descem à sepultura» ...

(Não seria esta a última vez que esta melodia solene poderia ser cantada diante do caixão de pessoas assassinadas?) Uma grande pedra foi colocada sobre a sepultura, na qual os nomes dos mortos foram gravados. [\[324\]](#)

Seria injusto atribuir à Imprensa a ânsia de encobrir. *O Pravda* publicou a notícia em letras pequenas: os prisioneiros *atacaram* os guardas e seis pessoas foram mortas. O honorável *Bandeira Vermelha* falou de um motim no Solovki. [\[325\]](#)

Mas a defesa do regime contra os presos políticos triunfou. E durante um ano não se falou mais em mudanças.

Foi assim que as coisas permaneceram ao longo de 1924. Mas, no final do ano, os rumores voltaram a circular. Havia a intenção de impor um novo regime em dezembro. O dragão estava com fome novamente e exigia novas vítimas.

Mas então os três retiros socialistas, apesar de estarem em ilhas diferentes, conseguiram estabelecer um acordo segundo o qual todas as facções políticas confinadas aos retiros de Savatius, Troiski e Muksalma enviariam Moscou e as autoridades de Solovki no mesmo dia a ultimato: ou todos os prisioneiros foram trazidos de volta ao continente antes que as viagens do navio fossem suspensas, ou o regime permaneceu o mesmo. Se os termos do ultimato não fossem cumpridos em duas semanas, todos entrariam em greve de fome.

A unidade foi ouvida. Esse ultimato não poderia ser jogado em ouvidos surdos. Às vésperas do prazo, Eichmans repassou todas as retiradas e disse que Moscou rejeitou as exigências. E nos três retiros (já isolados uns dos outros) a greve de fome começou no dia marcado (não era "seco", mas era permitido beber). Na retirada de Savatius, duzentos homens entraram em greve. Os enfermos foram dispensados. Um médico da prisão visitava

os internos diariamente. A greve de fome coletiva é sempre mais difícil do que a individual: você tem que ser governado pelos mais fracos, não pelos mais fortes. A greve só faz sentido quando o propósito é unânime, cada indivíduo conhece os outros pessoalmente e tem a certeza de que pode confiar neles. Onde há facções políticas, os afetados são várias centenas, a discórdia é inevitável e cada um dos que seguem o líder até a huela torna-se um fardo moral. Quinze dias depois, em Savatius, ele teve que fazer uma votação secreta para decidir se continuava ou interrompia a greve (a urna era passada de cela em cela).

Enquanto isso, Moscou e Eichmans vigiavam: estavam saciados, os jornais não noticiavam a greve nas manchetes e os estudantes não se manifestavam diante da Catedral de Kazan. Em torno de nossa história a mordaza terrena de uma *armadura* sem rachaduras já havia se fechado .

As retiradas interromperam a greve. Eles não ganharam nada. Mas, ao que parece, também não perderam: durante todo o inverno manteve-se o antigo regime, apenas se impôs a extraordinária tarefa de cortar lenha na floresta, o que, no entanto, teve uma certa lógica. E na primavera de 1925, parecia até que a greve havia sido um sucesso: os prisioneiros estavam deixando as ilhas Solovki. Eles os estavam levando para o continente! No continente , onde não existe noite polar, nem há meio ano de confinamento solitário!

Mas a escolta guardiã era muito forte (para a época), e a comida para a viagem, muito escassa. E logo a orelha do lobo foi vista. A pretexto de que os dirigentes estariam em melhor situação no "carro dos funcionários", juntamente com as provisões, os reclusos ficaram sem os patrões. A carroça em que viajavam foi desacoplada em Viatka e posteriormente levada ao *isolador político* em Tobolsk. Até agora eles não entenderam que a greve de fome do outono anterior havia falhado: eles foram separados de seus líderes, homens fortes e influentes, para impor a mudança de regime aos demais com maior rigor. Yagoda e Katanian supervisionaram pessoalmente a entrada dos ex-prisioneiros Solovki na prisão de Verchne-Uralsk, que há muito havia sido preparada, foi "aberta" por eles na primavera de 1925 e nas décadas seguintes se tornaria um instrumento eficaz de terror.

Em sua nova acomodação, os ex-residentes de Solovki foram privados de liberdade de movimento: as portas das celas foram fechadas. Eles ainda podiam eleger novos chefes, mas mesmo esses não podiam ir de cela em cela. A troca de dinheiro , livros e outros objetos entre as celas foi proibida .

Os prisioneiros gritavam uns com os outros através das janelas ... até que um sentinela atirou nas celas da torre. Eles responderam com a obstrução: quebraram janelas, destruíram objetos que faziam parte do inventário. (Mas em nossas prisões, antes de quebrar uma janela, é preciso pensar bem, porque eles são capazes de não mandá-la reparar, nem mesmo no inverno. Foi na época dos czares, quando as janelas foram substituídas imediatamente). A luta continuou, mas muito desespero já se misturava, e as chances de sucesso eram cada vez mais remotas.

Por volta de 1928 (segundo Piotr Petrovich Rubin), no *isolador de Verchne-Uralsk*, outra greve de fome foi declarada por motivos que desconhecemos . Mas não tinha mais a solenidade de outros tempos, nem o incentivo dos companheiros nem a visita do médico foi recebido. Após alguns dias de greve, os guardas entraram nas celas, vários homens contra um, enfraquecidos pelo jejum , e começaram a bater e chutar. A greve de fome foi *vencida* e encerrada.

Essa fé ingênua na eficácia da greve de fome veio até nós de experiências do passado e também da literatura do passado. Na realidade, a greve de fome é uma arma puramente moral: só pode ser eficaz contra um carcereiro que conserva um vestígio de consciência, de medo da opinião pública.

Os carcereiros da época dos czares eram inexperientes: assim que um prisioneiro começou a yunar, eles entraram em pânico, que calamidade! Que pressa! E mandaram-no para o hospital. Os exemplos abundam, mas não é nossa intenção estudá-los. É francamente ridículo que Valentinov não tenha que jejuar por mais de *doze* dias para obter o levantamento da prisão preventiva e não mais privilégios relativos (e ele foi imediatamente para a Suíça para encontrar Lenin). Mesmo na prisão de Orlov, a *Katorga-Zentral* local , todas as greves de fome foram eficazes. Em 1912 conseguiram suavizar o regime prisional e, em 1913, um novo direito, relacionado com a caminhada comum de todos os presos políticos que as sentinelas vigiavam tão mal que podiam escrever a sua "Carta ao povo russo" (este , Prisioneiros de toda parte *para Katorga-Zentral* !) E contrabandeando-o para o exterior, onde foi *publicado* (não podemos deixar de ficar sem palavras. Eles estão em seu perfeito juízo?). Isso pode ser lido no *News of the Katorga and the Exile*, number 1, year 1914. ^[326] (Esta *notícia* já é um capítulo à parte. Não poderíamos conseguir algo semelhante? Vamos experimentar) ... Em 1914,

Tserchinski e quatro camaradas, com apenas cinco dias de greve, sim, sem água, obtiveram satisfação com suas inúmeras demandas, relacionadas às condições de sua prisão. ^[327]

Naqueles anos, a greve de fome não representava mais perigo ou aborrecimento para o prisioneiro do que a resultante do jejum. Ninguém tinha o direito de espancá-lo, ou de trazê-lo de volta ao tribunal, ou de prolongar sua sentença, ou de atirar nele, ou de transferi-lo. (Tudo isso veio depois).

Durante a revolução de 1905 e os anos que se seguiram, os prisioneiros se sentiram tão autoconfiantes que nem mesmo se preocuparam em ameaçar uma greve de fome, mas simplesmente destruíram propriedade do Estado (obstrução) ou fizeram greve (sem fome), apesar de ser um tanto pitoresca a ideia de um "prisioneiro em greve". Assim, em 1906, os 197 internos da prisão de Nikolaiev entraram em *greve*, depois de terem falado com o *exterior*, é claro. Por isso, seus camaradas do exterior divulgaram panfletos e realizaram manifestações em frente ao presídio (das quais participaram, é claro, os presos, já que as janelas não tinham 'mordaças'). O Diretório foi forçado a ouvir novamente as reivindicações dos "grevistas". Mais tarde, todos juntos, os que estavam na rua e os que estavam na prisão, cantaram hinos revolucionários. Isso durou *oito dias* (sem que ninguém o impedisse, e no segundo ano da reação anti-revolucionária!). No nono dia, todos os pedidos dos presos foram atendidos. Algo semelhante aconteceu em Odessa, em Kherson, em Yelisabetgrad ... Como custou pouco alcançar a vitória!

Seria interessante agora fazer uma comparação com as greves de fome que foram declaradas no Governo Provisório. Mas, aparentemente, os poucos bolcheviques que foram presos de julho até o golpe de Kornilov (Kamenev, Trotsky e, um pouco mais, Raskolnikov) não encontraram razão para jejuar.

Durante a década de 1920, a alegre perspectiva da greve de fome começou a escurecer (o que, claro, também depende do ângulo de onde é vista). Este recurso, bem credenciado e conhecido de todos, não é utilizado apenas por políticos reconhecidos, mas também por *kaers* (art. 58) que não possuem tal categoria, e outros companheiros de viagem. No entanto, as flechas que antes eram infalíveis agora têm a ponta cega, ou são desviadas, ou talvez apanhadas por uma mão de ferro ao saírem do arco. Sim, notificações de greves ainda são permitidas, a autoridade ainda não

considera uma medida subversiva. Em todo caso, novas e desagradáveis condições se impõem: quem faz greve de fome deve ser isolado em uma cela individual (no Butyrki, é na Torre Pugachov), porque ninguém deve saber da tentativa. Não é mais o *mundo livre*, tão sujeito a manifestações, nem a cela ao lado; Nem os que estão em sua cela podem descobrir que seu companheiro está jejuando, pois eles também são a opinião pública da qual ele deve ser isolado. A medida se justifica com o pretexto de que a Diretoria deve se certificar de que o jejum é real, de que os companheiros de cela não o aliviam. (E como eles verificaram isso antes? Eles confiaram na palavra de cavalheiros?)

No entanto, durante esses anos certas vantagens pessoais ainda puderam ser conquistadas com a greve de fome.

Na década de 1930, ocorreu uma nova mudança no pensamento oficial em relação à greve de fome. Como é fácil de adivinhar, mesmo esses contornos fracos e isolados de greve não fazem bem ao estado. Não seria melhor partir do princípio de que os presos não devem ter vontade ou tomar decisões? Deixe-os deixar o trabalho de pensar e decidir por eles para a Diretoria. Bem pensado, apenas esses prisioneiros podem existir na nova sociedade. Assim, na década de 1930, a superioridade deixou oficialmente de aceitar notificações de greve de fome. “A greve de fome como meio de luta deixou de existir”, disse Yekaterina Oliskaya em 1932, e muitos outros antes e depois. Decidimos abolir a greve de fome e chega! Mas o Oliskaya não obedeceu e começou a jejuar. Eles a deixaram fazer isso por quinze dias e depois a levaram para o hospital, onde a tentaram com leite e biscoitos. Ela se manteve firme e, no décimo nono dia, teve seus pedidos atendidos. Estas, porém, foram: caminhada mais longa e recebimento dos jornais e pacotes da Cruz Vermelha política (portanto, era preciso lutar para conseguir o que era de direito seu). Na realidade, a vitória foi de Pirro, e o preço, excessivo. A própria Oliskaya nos conta sobre episódios semelhantes de ataques incongruentes declarados por seus companheiros de viagem . Valeu a pena? Porque você tem que pensar que no *novo modelo de presídio* não se pode recuperar as forças perdidas. Koloskov, um cultista, jejuou por vinte e cinco dias e morreu . Alguém pode pagar o jejum em uma nova prisão modelo? E o fato é que os novos carcereiros, que dispunham de meios como isolamento e sigilo, puderam combater com eficácia a greve de fome.

1. Com paciência. (Os exemplos citados fornecem evidências eloqüentes dela).

2. Com engano. Isso também se deve ao isolamento. Enquanto os jornalistas informam o mundo de cada passo que é dado, é difícil mentir. Mas não é assim em nosso país, onde você pode mentir à vontade. Em 1933, S. A. Chebotariov jejuou por dezessete dias na prisão de Khabarovsk, para que sua família fosse informada onde ele estava (eles tinham acabado de chegar da Ferrovia da China Oriental quando ele "desapareceu" abruptamente e agora o estava consumindo ansiedade em relação à esposa). No décimo sétimo dia, Sapadni, delegado da OGPU regional, visitou-o, acompanhado do procurador de Khabarovsk (da categoria de visitantes, conclui-se que os longos jejuns não eram muito frequentes), que lhe mostrou um recibo postal (do telegrama enviado ao esposa, naturalmente). Chebotariov então consentiu com uma xícara de caldo. Mas o recibo era falso! No entanto, por que os funcionários estavam preocupados? Não porque se importassem com a vida de Chebotariov. (Obviamente, na primeira metade da década de 1930, alguma responsabilidade pessoal ainda era sentida diante de uma greve de fome).

3. Com alimentação forçada. Certamente esse sistema vem do jardim zoológico. O segredo é essencial. Em 1937, a alimentação artificial provavelmente já era de uso comum. Assim, na greve de fome coletiva declarada pelos socialistas na Prisão Central de Yaroslav, a alimentação artificial foi iniciada no décimo quinto dia.

Esse ato parece uma violação e, no fundo, não é outra coisa: quatro caras corpulentos se jogam em um ser magro e fraco, ansiosos para quebrar uma vontade, para dobrar a vítima mesmo que apenas uma vez, e o que quer que nos aconteça depois não tem cuidado. Tudo acontece e como uma violação; Também aqui se trata de forçar alguém: nós alcançamos o que propomos e você tem que obedecer. Colocam um ferro na boca e, quando conseguem separar os dentes, um tubo e engolir! E, se não engolir, empurram o tubo até que o alimento passe diretamente para o esôfago. Depois, massageiam a barriga, para que o prisioneiro nem cuspa. Sente-se moralmente profanado e sente que o estômago está cheio, jubiloso e que o paladar aprecia o sabor.

A ciência não parava e, com o tempo, novos métodos de alimentação foram desenvolvidos: pelo ânus, com enemas, e pelo nariz, com gotas.

4. A nova apreciação. A greve de fome significa a continuação da atividade contra-revolucionária dentro da prisão, e deve ser punida com novas penas. Ainda que neste sentido o novo modelo de presídios contasse com notável enriquecimento de recursos, a ameaça não foi aproveitada. E não foi por benevolência, mas simplesmente por inércia . Por que recorrer a isto ou aquilo se com paciência tudo ficou mais fácil? Paciência e paciência. Paciência de quem está farto diante do faminto.

Regulamentações publicadas em meados de 1937 estabelecem que, a partir daquele momento , as diretorias penitenciárias ficam *isentas de qualquer responsabilidade* pelas mortes ocorridas em decorrência de greve de fome. Os carcereiros foram libertados do último vestígio de responsabilidade pessoal. (E Chebotariov demoraria muito para receber a visita do promotor). Ainda algo mais foi feito para a tranquilidade dos juízes de instrução: os dias perdidos por causa de greve de fome teriam que ser descontados da prisão preventiva e, portanto, não devem ser considerados como *inexistentes*, mas como dias passados em liberdade . A greve de fome não existia e sua única consequência seria o emagrecimento do prisioneiro.

Em outras palavras: você quer estourar? Bem, vá em frente! Arnold Rappoport teve a infelicidade de iniciar sua greve de fome na prisão de Arjanguelsk logo depois que essa regra foi adotada. A forma que escolheu foi a mais árdua e, portanto, a mais decisiva: uma greve de fome "seca", e jejuou treze dias (compare com estes os cinco dias de Tserchinski - aliás, ele os passou numa cela? individual? - totalmente eficaz caso contrário). E durante os treze dias que ele jejuou na cela individual, um enfermeiro veio vê-lo, na melhor das hipóteses; sem médicos ou pessoal carro cel para saber o que foi *pretendido* com sua greve. Isso nunca foi perguntado. Tudo o que fizeram foi vasculhar a cela minuciosamente e tirar o tabaco e os fósforos que ela guardava. Bem, o que ele queria era a supressão dos vexames a que o juiz de instrução o sujeitou. Rappoport preparou-se para o jejum de uma forma rigorosamente científica: do pacote que recebera antes, ele comeu apenas a manteiga e os bagels brancos e, na semana anterior, eliminou o pão preto de sua dieta. Com tanto jejum, suas mãos ficaram transparentes. Ele nos diz que sentiu grande leveza e vigilância. Um dia Marusia veio vê-lo, uma zeladora simpática e simpática, que lhe sussurrou: «Desista agora, não vai conseguir nada e se continuar assim, morrerá. Se eu tivesse começado uma semana antes »... Ele a ouviu e quebrou o jejum. Ele não tinha

recebido nada, mas agora pelo menos eles lhe deram vinho quente e um muffin e o levaram para a cela comum. Em poucos dias, os interrogatórios recomeçaram. (Em todo caso, sua greve de fome não foi inteiramente inútil: Rappoport pôs sua vontade à prova, o juiz entendeu que ele estava pronto para morrer e suavizou o procedimento da investigação. "Vejo que você é um lobo." disse-lhe quando o viu de novo: "Um lobo, sim", respondeu Rappoport, "mas o seu cão, nunca").

Mais tarde, na prisão de trânsito de Kotlas, Rappoport voltou a fazer greve de fome, mas desta vez o episódio teve um aspecto bastante cômico. Solicitou a abertura de nova instrução e, enquanto seu pedido não fosse atendido, não permitiria sua transferência. No terceiro dia, eles foram procurá-lo. "Pronto para a mudança!" "Você não tem direito! Estou em greve de fome!" Os quatro bons rapazes se aproximaram dele, desequilibraram-no e carregaram-no para o Bania. De lá, pelo mesmo sistema, foi transferido para a guarita. E o que mais ele poderia fazer a não ser se levantar e andar atrás da coluna de prisioneiros, se já tinha os cães e as baionetas nas costas?

Assim, o novo modelo de prisão também triunfou sobre a greve de fome burguesa.

Mesmo os fortes não tinham meios de lutar contra o sistema prisional, a não ser o suicídio. Mas o suicídio está lutando? Não é claudicação?

A revolucionária socialista Yekaterina Oliskaya acredita que foram os trotskistas e comunistas que os sucederam nas prisões que fizeram com que a greve de fome perdesse prestígio; eles recorreram a ele e o abandonaram muito levemente. Ele diz que seu próprio chefe, IN Smirnov, que jejuou por quatro dias antes do julgamento em Moscou, foi imediatamente intimidado e deixou a greve. De acordo com as atas dos interrogatórios, até 1936 os trotskistas se recusaram categoricamente a participar de greves de fome *contra o governo soviético* e nunca apoiaram os social-revolucionários ou os social-democratas que as praticavam. ^[328]

Deixe a História decidir se esta censura é justificada. Em todo caso, ninguém teve que pagar um preço mais alto por uma greve de fome do que o pago pelos trotskistas (falaremos disso mais tarde).

Começar e terminar uma greve de fome levemente é provavelmente típico de pessoas violentas e impetuosas. Pessoas como o h abía também entre os antigos revolucionários russos, como havia na França e na Itália; Mas em nenhum lugar - nem na Rússia, nem na França, nem na Itália - as

autoridades tiveram sucesso em tirar a greve de fome dos prisioneiros de forma tão radical como na União Soviética. O sofrimento físico e a firmeza espiritual daqueles que fizeram greve de fome durante o segundo quarto de nosso século provavelmente não foram menores do que os dos homens que jejuaram antes deles. Mas o país agora carecia de opinião pública! E o resultado foi o novo modelo de prisão, e para os presidiários, em vez de triunfos fáceis, uma cadeia de derrotas amargas.

Os anos se passaram e o tempo fez seu trabalho. A greve de fome, por ser o primeiro e mais natural dos direitos do prisioneiro, tornou-se incompreensível para ele, e ele se sentiu cada vez menos inclinado a usá-la. E muito em breve, aos olhos dos carcereiros, não passaria de uma prova de estupidez ou estupidez.

Quando, em 1960, *por tovik* Gennadii Smelov iniciou sua greve de fome na prisão de Leningrado, o promotor ainda o honrou com sua visita (a menos que fosse a rodada usual). "Porque ele faz isto?" E Smelov:

"A verdade é mais importante para mim do que a vida."

A frase deve ter parecido tão incongruente para o promotor que no dia seguinte Smelov já estava na Ala Especial do Hospital Prisional de Leningrado (leia-se asilo), onde o médico o recebeu com estas palavras:

"Você tem sintomas de esquizofrenia."

Sig uiendo voltas do sistema prisional, chegamos ao ponto em que o poço começa a se *estreitar* e encontramos os antigos *zentrais* e os últimos *isolantes políticos*; estamos no ano de 1937. Os últimos vestígios de indulgência foram removidos, as paredes são herméticas e leves. E a greve de fome dos cansados socialistas sobreviventes do *Isolador de Yaroslav* no início de 1937 é uma última tentativa desesperada.

Eles ainda tinham as mesmas pretensões: eleição de chefes, livre circulação entre células ... Eles pediam, mas eles próprios não esperavam sucesso. Sim, graças ao jejum de quinze dias (terminado com alimentação por sonda), eles conseguiram salvar certas prerrogativas antigas: uma hora de caminhada, jornais locais e papel para escrever. Um sucesso, sim; apenas eles tiveram que entregar a maioria de seus pertences pessoais em troca de um uniforme de prisão. E depois de um tempo, a caminhada foi cortada pela metade. E então novamente; até deixá-lo em seus bons quinze minutos.

No entanto, ainda eram as mesmas pessoas que, em uma jornada sem fim, foram de prisão em prisão e de campo em campo. Gente que por dez e até quinze anos não sabia o que era uma vida normal e não sabia mais do que a folha de flandres ou a greve de fome. Ainda havia alguns daqueles que, antes da Revolução, coagiam os carcereiros. Mas então o tempo os favoreceu, pois o inimigo estava ficando mais fraco. Em vez disso, agora o inimigo era forte e havia se aliado com o tempo, contra eles. Também havia jovens (hoje isso nos dá uma impressão estranha) que se declararam revolucionários sociais, social-democratas ou anarquistas quando esses partidos já haviam sido dissolvidos e seus novos membros não tinham outra perspectiva senão a de serem presos.

Ano após ano se acentuou a solidão dos socialistas, que continuaram a lutar atrás das grades, ano após ano aumentaram as forças que criavam o vazio à sua volta. Nos dias dos czares, tudo era diferente: bastava empurrar as portas da prisão e a sociedade a inundava de flores. Mas agora, quando abriam o jornal, só liam insultos dirigidos contra eles (porque os que Stalin mais temia eram os socialistas, precisamente por causa de seu socialismo). Mas e as pessoas? O povo calou-se e nada nos permitiu pensar que sentissem ainda um pouco de compaixão por aqueles a quem outrora deram o seu voto para a Assembleia Constituinte. E depois de mais dois anos, até os jornais pararam de insultá-los: para o mundo exterior, os socialistas russos eram agora totalmente inofensivos e insignificantes. Eles só foram falados no passado. Os jovens nem imaginavam que em algum lugar ainda houvesse social-revolucionários ou mencheviques. E como poderiam os deportados para Chimkent ou Cherdinsk, ou os prisioneiros de Verchne-Uralsk ou Vladimir, não pensar em suas celas escuras munidas de "mordaças" se não tivesse sido tudo um erro: o programa, a tática e o sistema e um grande erro o que seus chefes pensaram e fizeram? E eles começaram a ver em suas ações uma total ineficácia. E em sua vida, que foi consumida pelo sofrimento, uma aberração.

Na realidade, sua luta solitária travada dentro das prisões preocupava a todos nós, futuros presos (embora isso eles não soubessem); Era sobre como teríamos que cumprir nossa pena, era sobre nosso regime prisional. E se tivessem conseguido, provavelmente o que aconteceu a seguir e é contado neste livro não teria acontecido.

Mas eles foram derrotados, e dos antigos direitos não sobrou nada, nem para eles, nem para nós.

Eles estavam acorrentados à sua solidão, e isso em parte porque desde os primeiros anos da Revolução eles permitiram que a GPU os premiasse com o título meritório de *políticos*, e eles próprios concordaram com a GPU em não considerar políticos, mas *kaers*, *kontras* e esterco. da História para qualquer um que, a começar pelos cadetes, estivesse situado à sua "direita".

[329]

E aquele que sofreu por Cristo foi um *kaer*. E aquele que não conseguia distinguir entre "direita" e "esquerda" também era um *kaer*. E assim foi que ora querendo ora sem querer, afetado, ativo e insatisfeito com tudo, davam seu aval à futura arte. 58, em cujo abismo eles desapareceriam com todos os outros.

Objetos e atos mudam sua aparência, dependendo de onde você olha para eles. Neste capítulo, descrevemos as condições de prisão dos socialistas *como eles as viam*. Mas , de repente, um raio de luz é projetado sobre eles. Aqueles *Kaers* que os *políticos rejeitaram* com desdém em Solovki se lembram por sua vez: 'Políticos? Eles eram um pouco repulsivos: sempre olhando por cima dos ombros, sempre fazendo seus amontoados, sempre exigindo razões especiais, privilégios. E sempre lutando ». Como não admitir que aqui também existe alguma verdade? Aquelas discussões intermináveis, infrutíferas e até ridículas ... Aquela insistência em reivindicar privilégios enquanto outros passavam por momentos piores do que eles ...

Na era soviética, o título de *político* era um elogio ao contrário. E de repente surge a censura: por que os socialistas, que nos dias dos czares eram fugitivos impenitentes, permaneceram tão quietos nas prisões soviéticas? Por que eles estavam presos lá? Em geral, as tentativas de fuga foram frequentes; mas quem se lembra de ter ouvido falar de um socialista fugitivo?

Por sua vez, os presos que estavam "mais à esquerda" do que os socialistas, ou seja , os trotskistas e os comunistas, também evitavam os socialistas, que para eles eram tão *Kaers* quanto os outros, fechando assim o muro do isolamento .

E como todo tronquista e todo comunista estavam convencidos de que suas idéias eram as mais ortodoxas e nobres, odiavam os socialistas (e se odiavam), apesar de estarem atrás das mesmas grades e andando pelos mesmos pátios. Oliskaya lembra que, em 1937, no campo de trânsito de Vanino, os socialistas das seções masculina e feminina gritavam nomes e notícias sobre quem estava lá e quem estava lá por cima do muro, um

comportamento irresponsável que ultrajou profundamente Comunistas Lisa Kotik e Maria Krutikova: E se todos fossem punidos agora? Suas palavras foram estas: «Todos os nossos males vêm dessa turba socialista. (Frase eloquente e expressiva!) Todos deveriam ser massacrados! " E aquelas duas meninas que começaram a cantar na Lubyanka em 1925 tiveram que escolher uma música que falasse de lilas , pois, como uma delas era revolucionária social e a outra comunista, não tinham hinos comuns. Além disso, o comunista errou ao fazer causa comum com um revolucionário social.

Enquanto nas prisões czaristas as partes se aliavam para a luta (lembre-se da fuga do *Zentral* de Sebastopol), nas prisões soviéticas cada seita tentava preservar a pureza de suas bandeiras mantendo-se afastada das demais. Os trotskistas lutavam separadamente dos socialistas e comunistas, e os comunistas não lutavam de forma alguma, porque como poderiam se permitir lutar contra o próprio governo e a própria prisão?

Por isso, em todos os *isoladores* e prisões, os comunistas foram oprimidos antes e em maior proporção do que os outros. Em 1928, quando os socialistas ainda realizavam debates ruidosos, a comunista Nadescha Surovzeva marcou a passagem do ganso pelo pátio do Yaroslav *Zentral* com a proibição absoluta de falar. Ele não podia mais cultivar as flores que haviam sido plantadas pelos presidiários anteriores, os guerreiros. Não consegui ler o jornal. (Ele só foi autorizado a manter as *Obras Completas* de Marx, Engels, Lenin e Hegel em sua cela). A sala de visitas em que ele falava com a mãe estava quase às escuras. A pobrezinha morreu pouco depois. (Que dor eles tiveram de lhe dar as condições em que sua filha estava cumprindo a pena!)

A grande diferença no comportamento dos presos também determinava uma diferença nas recompensas. Em 1937-1938, muitos socialistas também foram liquidados, mas geralmente não foram forçados a se acusar. Eles nunca esconderam suas opiniões, e para a promotoria isso foi o suficiente. Mas um comunista que não pode ter *suas próprias idéias*, como ele pode ser processado se ele não fornece o material para a acusação ele mesmo?

Embora o grande arquipélago se tenha espalhado por toda a parte, as prisões convencionais não foram suprimidas. Não faltaram os entusiastas da velha

tradição penal, nem faltaram os renovadores. O que o Arquipélago fez pela educação das massas precisava de um toque final, e isso foi fornecido pelas TONS e pelas antigas prisões .

Nem todos os que foram engolidos pela grande máquina poderiam conviver com os habituais habitantes do Arquipélago. Não se poderia apresentar em campo um estrangeiro de renome, um prisioneiro secreto ou uma personalidade do seu círculo: mais um caminhão não compensaria o dano político-moral ^[330] de publicidade. Também teria sido intolerável misturar os socialistas exigentes com as massas , tornando mais conveniente - sob o pretexto de preservar seus direitos e privilégios - mantê-los separados. Muito mais tarde, na década de 1950, como agora aprendemos, o isolamento dos rebeldes na prisão será utilizado novamente para aplicações especiais TON. Em seu desapontamento com a "reabilitação" dos assaltantes, os idosos Stalin ainda vai dar instruções para trancar os *líderes de gangues* no *Tiursak*, não no campo de trabalho. Por último, o Estado também deveria fornecer alojamento gratuito aos que morressem imediatamente no campo de trabalho, poupando-se assim do cumprimento da pena. Ou àqueles que seriam impossíveis de se adaptar às condições de trabalho (por exemplo, o cego Kopeikin, um velho de setenta anos, que a coplitas que costumava cantar na praça do mercado de Yurievez, às margens do Volga, seu lugar preferido, valiam pena de dez anos) e, portanto, era necessário mudar a pena de trabalho forçado para prisão.

A fim de atender às necessidades de todos os tipos de prisões, as prisões herdadas da dinastia Romanov foram melhoradas e reformadas . Muitas das plantas, como a de Yaroslav, eram tão sólidas e bem equipadas (portas forradas de ferro e, em cada cela, fixadas ao chão, mesa, banquinho e beliche) que não havia mais nada a ser feito com 'mordaças' janelas e calçadas do tamanho de celas de cerca no antigo pátio da prisão (antes de 1937, todas as árvores da prisão haviam sido derrubadas, gramados e pomares arrancados da raiz e o terreno pavimentado). Noutros, como o de Susdal, foi necessário efectuar trabalhos de condicionamento, dado o seu carácter monástico primitivo, que não causou dificuldades; a prisão do corpo em convento e a justificada reclusão em cárcere apontam para objetivos semelhantes no aspecto puramente corporal. Uma parte do mosteiro Sukhanov também foi adaptada ; Afinal, certas perdas no patrimônio geral tiveram que ser compensadas, pois não se deve esquecer que as Fortaleza de Pedro e Paulo e Schlüsselburg foram abertas ao público.

A usina de Vladimir foi ampliada e reformada (um novo bloco foi construído na época de Yeshov), que era muito frequentada durante essas décadas. Já sabíamos que a fábrica de Tobolsk nunca parava de funcionar; durante 1925, o de Verchne-Uralsk também estava muito lotado. (Com muita dor, temos que dizer que, até o momento, todos esses *isoladores* estão em serviço). Do poema de Tvardovsky, *Distâncias a distâncias*, segue-se que na época de Stalin a fábrica de Alexandrovsk também não estava vazia. Os relatos sobre o Crel já são mais escassos: é de se temer que na guerra civil tenha ficado gravemente danificado. E é uma pena, porque sempre teve seu complemento, a prisão de Dmitrov soberbamente equipada, por perto.

Durante a década de 1920, a comida que era distribuída nos *isolados políticos* era francamente aceitável: carne para o almoço, vegetais frescos e venda de leite na loja. Em 1931-1932, houve uma rápida deterioração; mas também não havia muito o que comer fora. Escorbuto e apagões estavam na ordem do dia entre *os isoladores políticos*. Depois, a comida melhorou um pouco, mas nunca mais ficou como antes. I. Korneiev, que estava no TON de Vladimir em 1947, estava constantemente com fome: quatrocentos e cinquenta gramas de pão, dois cubos de açúcar e dois pratos quentes, não muito cheios ... de água limpa. Isso era tudo que podia ser jogado no estômago. (Naturalmente, nos dirão que foi um ano ruim e que todo o país passou fome. Por isso, as pessoas foram generosamente autorizadas a contribuir para a alimentação dos presos e as restrições à entrega de pacotes foram suspensas).

A luz foi racionada de qualquer maneira, nas décadas de 1930 e 1940. Graças às "pinças" e ao vidro fosco reforçado com tela de arame, as células ficavam sempre no escuro. (A escuridão é um fator muito importante para a submissão das almas). Além disso, muitas vezes era colocada uma tela de arame em cima da "mordança" e no inverno a neve se acumulava sobre ela, impedindo a passagem da luz. Ler estragou sua visão; de qualquer maneira, os olhos sempre doem. No TON de Vladimir, essa falta de luz era compensada à noite: as lâmpadas da cela permaneciam acesas, não deixando ninguém dormir. Por outro lado, na prisão de Dmitrov (NA Kosyrev), em 1938 havia apenas uma lâmpada a óleo que roubava o oxigênio das pessoas; em 1939, as lâmpadas vermelhas tornaram-se moda.

O ar também foi racionado. As escotilhas das aberturas tinham travas suspensas que só podiam ser abertas quando se saía (relatar os presos de

Dmitrov e Yaroslav). (J. Ginsburg: o pão distribuído pela manhã, ao meio-dia, estava coberto de mofo, as mantas estavam úmidas e as paredes ficaram verdes). A partir de 1948, os limites de consumo de ar foram suspensos em Vladimir, e a ventilação permaneceu aberta noite e dia.

A duração da caminhada variou entre quinze e quarenta e cinco minutos, dependendo do ano e da prisão. Todo contato com o solo, como o que existia em Schlüsselburg ou em Solovki, há muito foi suprimido e todos os vegetais foram pisoteados, arrancados ou afogados no asfalto. Se, durante a caminhada, alguém olhava para as nuvens, os guardas gritavam: “Olhando para o chão!” Como Kosyrev e a Adamova (prisão de Kazan) se lembram.

As visitas familiares foram proibidas em 1937 e não foram autorizadas novamente. Você pode escrever para seus parentes mais próximos duas vezes por mês e receber tantas cartas . Isso, quase todos os anos. Em Kazan, no entanto, as cartas tinham de ser entregues aos guardas um dia após o recebimento. Ele poderia ser comprado nas lojas com a mesma frequência, desde que o escasso dinheiro do pedido de pagamento fosse alcançado.

Uma parte não desprezível da pena consiste na escolha do mobiliário. Adamova descreve com eloqüência a alegria que teve ao ver e tocar uma cama de madeira, com colchão de palha, e uma mesa de madeira, após os dias passados em uma cela de Susdal com uma cama dobrável e cadeiras fixadas ao chão. . I. Korneiev conhecia dois regimes no TON de Vladimir: durante o primeiro (1947-1948), os prisioneiros podiam usar suas próprias roupas e deitar na cama durante o dia, e os *vertuchai* quase nunca iam para a cama. olho mágico. No segundo regime (1949-1953), as celas foram fechadas duas vezes (uma pelo *vertuchai* e outra pelo oficial de serviço); Era proibido deitar e falar em voz alta (em Kazan você só podia falar em sussurros), era preciso entregar os pertences pessoais e usar uniforme listrado de pano de colchão. As cartas só podiam ser escritas duas vezes ao ano, nas datas definidas pelo editor, sem prévio aviso (quem faltava a uma delas tinha que esperar até o próximo turno) , e as cartas não podiam ultrapassar meio holandês. As buscas mais severas estavam na ordem do dia; eram assaltos reais e você tinha que sair nu para o corredor. O que mais se vigiava eram os contatos entre as celas e, para evitá-los, os guardas chegavam a entrar nos banheiros com lanternas, cada vez que eram usados, e olhar dentro do vaso.

Devido a rabiscos na parede, prisioneiros em um corredor inteiro foram trancados em celas de punição. As celas de punição foram o flagelo da TON. Um simples acesso de tosse pode levar a uma visita a eles ("Você poderia, por favor, cobrir sua cabeça com o cobertor para tossir!"), Ou uma caminhada ao redor da cela (Kosyrev: valeu a pena ser tomado como "louco furioso") ou pisar (em sapatos masculinos de Kazan, o tamanho 44 foi dado às mulheres). De resto, o Ginsburg tem razão: a visita à cela de castigo não respondia a uma ofensa, mas a um programa, todos tinham que passar por isso, para saber o que era. As portarias penitenciárias também previam, em uma demonstração de flexibilidade, a seguinte possibilidade: "Se durante sua permanência na cela de pena o preso cometesse alguma falta de disciplina, o diretor penitenciário poderia estender a pena em até vinte dias ». E o que é a chamada "falta de disciplina"? Vejamos o que aconteceu com Kosyrev (as descrições das células de punição e muitas outras peculiaridades do regime coincidem plenamente em todos os casos; o regime era protegido judicialmente como marca registrada). Por andar em sua cela, deram-lhe cinco dias de punição. Era outono; não havia aquecimento na cela de punição e Kosyrev estava morrendo de frio. Porque eles tiraram seus sapatos e roupas. No chão empoeirado havia um banquinho (em outros o chão estava coberto de lama e em Kazan os presos tinham que ficar com os pés na água - J. Ginsburg - e eles nem tinham banquinho para sentar).

No início, Kosyrev já estava morto de frio. No entanto, aos poucos começou a sentir um calor íntimo e misterioso, que significava sua salvação. Ele aprendeu a dormir sentado. Três vezes por dia, traziam-lhe uma tigela de água quente, que bebia. Em sua ração de pão, trezentos gramas, um dia ele encontrou um cubo de açúcar que um guarda havia escondido nele. Kosyrev calculou o tempo pelos pedaços de pão, e um tênue raio de luz que se filtrou por alguma janela do labirinto de corredores o ajudou. Cinco dias se passaram e ninguém estava procurando por ele. Seus ouvidos estavam aguçados e ele podia ouvir sussurros no corredor: falavam de seis dias, ou o *sexto* dia. Aqui estava a provocação: agora reclamaria, exigiria que o tirassem dali, e então, por indisciplina, poderiam prolongar a pena. Mas ele não se mexeu nem disse nada e deixou o outro dia passar. Em seguida, foram procurá-lo, como se nada tivesse acontecido. (Talvez o diretor da prisão quisesse testar sua docilidade. Afinal, a cela de castigo é para quem ainda não se curvou).

Des desde que sua cela parecia um palácio. Ele ficou surdo por meio ano e com pus na garganta. Pior foi seu companheiro, que, depois de tantas permanências na cela de castigo, enlouqueceu, e Kosyrev teve que conviver com o louco por mais de um ano. (Nades hda Surovzeva se lembra de muitos casos de insanidade nos *isoladores políticos*. Só ela lista tantos quanto Novorrosski nas Crônicas de Schlüsselburg).

Não parece ao leitor que, aos poucos, fomos nos aproximando da ponta do segundo pólo, mais comprido e pontudo que o primeiro?

Mas existem opiniões diferentes. Aqueles que conhecem bem os campos de trabalho, dizem que o TON de Vladimir dos anos 1950 era uma espécie de spa. Todos eles concordam com isso. Por exemplo, Vladimir Borissovich Seldevich, que veio da estação Abes. Por exemplo, Ana Petrovna Skripnikova, que veio do campo de Kemerov (1956). O que mais chamou a atenção da Skripnikova foi a coleta pontual dos pedidos dos prisioneiros: a cada dez dias (ela não conseguia pensar em nada melhor do que escrever para a ONU), e a magnífica biblioteca, na qual havia até livros estrangeiro. Trouxeram o catálogo para a sua cela e você podia fazer o pedido o ano todo.

Mas não devemos esquecer a ductilidade de nossa lei: milhares de mulheres ("mulheres casadas") foram condenadas a penas de prisão . Um sinal vindo de cima foi suficiente, uma virada brusca, e a sentença de prisão se tornou uma pena de trabalho forçado (as entregas de ouro atrasaram em Kolyma!) Dito e feito. E sem sentença judicial.

Vejamos: ainda existe o *Tiursak*? Ou só há entrada para o campo de trabalhos forçados?

É precisamente aqui que este nosso capítulo deveria ter começado. Ele deveria ter captado aquele brilho que com o tempo a alma do prisioneiro solitário exala . Tão alheio à azáfama da vida, que mesmo a medida íntima do tempo que flui torna-se uma comunhão íntima com o Todo, e o prisioneiro se sente purificado de toda a mesquinhez que o envolveu em sua vida anterior, trazendo à tona o que há de mais obscuro de seu ser. Quão nobre é a imagem da mão que se afunda na terra, apertando os torrões! (Bem, na verdade, é asfalto) ... Como sua cabeça está erguida em direção ao Paraíso Eterno! (Bem, isso é proibido). Com que emoção ele olha para o pardal vagando no peitoril de sua janela! (Bem, na janela está a "mordaca", a tela de arame e uma trava de ferro pendurada na abertura do respiradouro). E que pensamentos lúcidos, que ideias incríveis ele derrama

no papel! (Bom, dá muito trabalho conseguir um papel, e na loja nem sempre tem, e quando está escrito vai para a secretaria da prisão, onde fica guardado para todo o sempre) ...

Bah, que objeções indecentes! Eles são um obstáculo para nós. Faz tremer a estrutura do nosso capítulo, range, range e não sabemos mais se no novo modelo de prisão, na prisão de aplicação especial (que aplicação?), A alma humana se purifica ou ... está definitivamente destruída.

Quando todas as manhãs, quando você abre os olhos, a primeira coisa que vê é seu companheiro de cela louco, como você vai se salvar no dia que começa? Nikolai Alexandrovich Kosyrev, um astrônomo brilhante cuja carreira foi interrompida por sua prisão, tentou se salvar pensando na Eternidade e no Infinito, na Ordem Universal e em seu Espírito Mestre; nas estrelas, em sua composição e em que *o tempo* realmente é, o tempo ea sua passagem.

Desse modo, um novo campo da Física se abriu diante dele. E só isso o manteve vivo na prisão de Dmitr na prisão . Mas logo suas meditações ficaram presas em figuras esquecidas, ele não podia continuar construindo porque para isso precisava de muitas figuras. Como obtê-los na cela individual com sua miserável lamparina, na qual nenhum pássaro se perderia? E o sábio ergueu a voz a Deus: «Senhor, fiz o meu melhor; mas preciso de sua ajuda. Continue me ajudando! »

Naquela época ele tinha direito a um livro a cada dez dias (ele já estava sozinho na cela). Na pequena biblioteca da prisão havia vários exemplares do *Concerto Vermelho* de Demian Bednii e já havia sido levado várias vezes. Meia hora depois de ter feito sua oração, um da biblioteca entrou para trocar o livro e, como sempre, sem perguntar, deixou-lhe um *Tratado de Astrofísica*. Como d W AQUI tinha vindo isso? Nada sugeria que houvesse algo semelhante na biblioteca. Este feliz encontro não poderia durar muito, então Kosyrev cautelosamente começou a ler; era preciso absorver tudo, registrar tudo. Talvez mais tarde você precise disso . Não haviam se passado dois dias - ele ainda poderia ficar com o livro por mais oito - quando o diretor da prisão veio visitá-lo. Seu olhar de águia imediatamente descobriu o avarento. "Você não é um astrônomo?" "Sim!" "Fora com esse livro!" E eles levaram embora; mas sua aparência providencial havia aberto o caminho para novas investigações, que ele prosseguiria até mesmo no campo de Norilsk, para onde mais tarde foi transferido.

Portanto, agora teríamos que iniciar o capítulo sobre a *Grande Oposição* entre a alma e as barras.

Mas, ei ...! O que é isso? Um guincho estrondoso na fechadura. Um comandante sombrio com uma longa lista: Nome? Sobrenomes? Data de nascimento? Artigo? Pena? Desde a? Até? Apareça com seus efeitos, depressa!

Oh querida, eles nos movem! Estamos indo ... Quem sabe para onde? Deus esteja conosco! Será que vamos sair dessa?

Vamos deixar aqui. Se vivermos ... outro dia terminaremos. Mais adiante. Quando...

Segunda parte

Movimento Perpétuo

Vemos isso também nas rodas,
Sobre rodas!
Que eles não gostam de parar
para as rodas ...
As mesmas pedras que pesam tanto
as pedras!
Eles dançam com a vida que são,
as pedras...
WILHELM MÜLLER

Os navios do arquipélago

Do Estreito de Bering ao Bósforo, pouco menos, as inúmeras ilhas do execrável Arquipélago estão espalhadas. Embora invisíveis, existem, e com a mesma invisibilidade, embora constantemente, é necessário transportar os escravos invisíveis, cada um representando um corpo, um volume, um peso.

Para onde são transportados? E por quais meios?

Para isso existem grandes portos - as penitenciárias de trânsito - e outros um pouco menores: os chamados acantonamentos provisórios. Para isso existem naus herméticas, forradas de aço ..., os *vagões-saco*, e quando chegam à enseada não são recebidos por barcos ou chalupas, mas por corvos negros, também de aço, herméticos, velozes. Os vagões de transporte têm seu itinerário. Se necessário, grandes caravanas de caminhões de gado vermelho são despachadas e trens especiais vermelhos visitam porto após porto em todo o arquipélago.

É um sistema muito funcional, concebido, depois de longas décadas de tanto trabalho, por homens fartos e armados de prazer. Em dias ímpares, por volta das 17h, o guarda Kineshma vai à Estação Moscou Norte para embarcar no *lote* despachado das prisões de Butyrki, Prensia e Taganka. A guarda de Ivanov deve comparecer à estação nos dias pares, por volta das seis da manhã, para organizar o transbordo dos que se destinam a Nerechta, Beschezk ou Bologoie e mantê-los sob vigilância.

Embora tudo isso aconteça na sua proximidade, quase em contato corporal com você, é invisível para você (especialmente quando você pode fechar os olhos). Onde há grandes estações ferroviárias, a carga sombria é descarregada e encaminhada a uma distância respeitável das plataformas; isto só é visível para o quadro e a proteção da barreira. Nas estações menores também há pequenos estágios escolhidos, faixas mortas entre dois armazéns, onde o corvo vai para trás, até chegar exatamente ao lado do estribo do vagão-saco. Então o escravo de galera não tem tempo de ver a

estação, nem de olhar para você, nem de dar uma olhada no trem; apenas o suficiente para subir os degraus (frequentemente, o mais curto atinge a altura da cintura e fica-se imaginando de onde tira energia para subir). No entanto, os guardas que flanqueiam o estreito corredor entre o corvo e a carroça uivam até gritar: “Depressa ! Rapidamente! *Davai...! Davai...!* » E você ainda pode ser feliz se as coisas correrem sem baionetas.

As pessoas - vocês entre elas - que correm ao longo da plataforma com crianças, malas e piquetes, têm pressa demais para refletir sobre a presença de um segundo vagão de carga no trem. Nenhum sinal é visível e o veículo também não se parece com os outros; suas janelas são protegidas por uma grade oblíqua, e do outro lado ... apenas escuridão. Apenas alguns soldados, bizarros defensores do país, sobem e nas paradas marcham aos pares ao redor da carroça - sabe-se lá para quê - e espiam sob seu chassi.

O trem parte ..., levando os cem destinos de prisioneiros amontoados, os cem corações mortificados na mesma pista sinuosa, deixando para trás a mesma bandeira de fumaça, marchando pelos mesmos campos, postes e celeiros. Cada segundo que passa os aproxima de seu destino, mas o sofrimento que se eleva no ar e passa voando pela sua janela deixa ainda menos vestígios do que um dedo tentando rasgar a água. Pois em meio aos familiares e aos formalismos monótonos da viagem de trem - preparar o cais, pedir chá quente ao garçom - como você pode imaginar o horror sombrio e opressor que, três segundos antes, varreu o ar no mesmo ponto do mundo. Espaço euclidiano? Enquanto você lamenta a estreiteza do apartamento - bem, os quatro lugares estão ocupados! - como você pode acreditar (talvez você acredite agora, ao ler estas linhas) que em um apartamento como este, na sua frente, eles se aglomeram. homens gemendo? Ou talvez vinte e cinco? Ou trinta ...?

Carroça de saco ... que abreviatura horrível! Embora, em última análise, seja como todas as metáforas inventadas por algozes. Querem exprimir com ele que se trata de uma carruagem para condenados, uma ergástula itinerante. Mas a palavra não pôde subsistir em lugar nenhum, exceto na documentação da prisão. Os prisioneiros adotaram outro nome: 'stolypin' *vagão* ou simplesmente 'stolypin'.

A forma como os prisioneiros são transferidos tem variado com a expansão do transporte ferroviário em nosso país. Nos anos noventa do século passado, o cativo ainda marchava para a Sibéria a pé ou de carroça. Em 1896, Lenin partiu para seu exílio na Sibéria em uma carroça comum de

terceira classe (com plena liberdade de movimento) e, além disso, queixou-se ao condutor em um tom áspero do aperto insuportável. A pintura universalmente conhecida de Yarochenko, *Life Everywhere*, nos mostra um condicionamento ainda mais elementar do vagão de quarta classe para despachar prisioneiros: tudo permaneceu inalterado, os prisioneiros viajaram como qualquer cidadão; apenas as janelas eram protegidas com grades de ambos os lados. Esses vagões viajaram pelas ferrovias russas por muito tempo; muitas pessoas ainda se lembram de como foram transportadas em 1927, é claro com a separação dos sexos. No entanto, o sociólogo revolucionário Truchin relata que durante a era czarista já viajava no "stolypin", é claro, um modelo antiquado no qual havia seis pessoas por departamento.

Aparentemente, esse tipo de carruagem empreendeu essas viagens pela primeira vez durante o mandato do ministro Stolypin e, conseqüentemente, antes de 1911. Foi devido à amargura geral dos cadetes insurgentes que passou a ostentar esse rótulo desde então. Mas, para ser justo, temos que dizer que o referido vagão não apareceu até a década de 1920; Seu uso generalizado e exclusivo só foi uma realidade inquestionável a partir de 1930, quando a unificação tomou conta de todas as nossas vidas; então seria mais justo chamá-lo de "Stalin" e não de "Stolypin". No entanto, é inútil se opor às correntes da linguagem.

O "stolypin" é um vagão comum com oito departamentos, cinco dos quais reservados para reclusos (e, como é o caso em todos os cantos do Arquipélago, metade corresponde a pessoal de serviço); Agora, entre estes e o corredor não há divisórias, mas um portão, que permite examinar o interior. Este portão - várias barras cruzadas, normalmente vistas nas estações ferroviárias em redor do relvado - chega até ao tecto, onde corta a habitual grelha do corredor, destinada à bagagem. As janelas do corredor são gradeadas do lado de fora - o que é normal, afinal de contas - mas os aposentos dos prisioneiros não têm janelas; há apenas um pequeno olho mágico - ralado, é claro - acima do banco central. (Estão faltando as janelas! É por isso que confundimos o "stolypin" com um vagão de bagagem). Cada apartamento tem sua própria porta de correr: uma moldura de ferro para a proverbial churrasqueira.

Visto do corredor, este conjunto estranhamente lembra uma exposição zoológica: no chão e nas plataformas rastejam choramingando, criaturas de aparência humana, olhando para nós suplicantes através da grade,

implorando água e comida. Mas nenhum zoológico jamais viu tantos animais agrupados na *mesma* gaiola.

Segundo cálculos de engenheiros de vida livre, um apartamento de stolypin pode acomodar onze homens: seis sentados no andar de baixo, três deitados no banco central (as duas tábuas das quais foram transformadas em um berço de superfície contínua, com um pequeno entalhe na frente da porta para entrar e sair), e mais dois se acomodam nas pranchas de bagagem. Agora, assim que esses onze mais outros onze são colocados na cama (o guarda de plantão dá o pontapé inicial com os últimos), a capacidade normal do departamento prisional está mais do que atingida . Quatro ocupantes amontoados, quase desarticulados, nas tábuas superiores de um lado e do outro; Cinco estão espalhados pela parte central (sempre há cinco gangueiros, pois esses locais são conquistados de braço dado e constituem presa segura para os criminosos se houver no departamento), e para os treze restantes resta apenas o andar térreo: acomodam cinco em cada banco e, no meio, no chão, três. Espalhados acima e abaixo entre os homens, encontram-se seus humildes pertences. Assim, a pessoa viaja, dia após dia, com as pernas encolhidas à força.

Não, não há nenhuma intenção especial aqui de martirizar pessoas! O prisioneiro é um soldado da Frente Socialista do Trabalho ... por que martirizá-lo se ele tem aptidão para o trabalho? Ora, também não se pode dizer que ele empreende tal viagem para visitar sua sogra - você tem que admitir, não acha? - e, em última instância, os homens *livres* não o olharão com maus olhos por invejarem sua vida mais confortável ? Todos conhecem as dificuldades do nosso transporte; é claro que não será possível pavimentá-los no caminho.

Na década de 1950, quando os itinerários flutuavam, essa jornada não durava muito; bem, digamos, por favor, um dia e meio ou dois em números redondos. Durante e depois da guerra, tudo piorou: de Petropavlovsk (no Cazaquistão) a Karaganda, o "stolypin" às vezes levava sete dias (com cerca de 25 prisioneiros por departamento) e de Karaganda a Sverdlovsk, oito dias (26 por departamento) E mesmo em agosto de 1945, Susi levou vários dias para se mudar de Kuibichev para Chelyabinsk, e então cerca de *trinta e cinco homens* viajavam por departamento, um em cima do outro, um verdadeiro novelo de seres que chutavam e lutavam. ^[1] Durante o outono de 1946, NV Timofeiev-Ressovski viajou a rota Petropavlovsk-Moscou em um apartamento ocupado por TRINTA E SEIS PESSOAS! Ele passou vários

dias SUSPENSO entre aquelas pessoas, nunca tocando o chão com os pés. Por fim, quando alguns pareciam opressores, ele tirou seus corpos dos pés dos demais (embora não imediatamente, mas dois dias depois), e então houve algum conforto. Sua viagem a Moscou durou *três semanas no total* .
[\[dois\]](#)

Mas esses trinta e seis representam um limite? Embora não haja evidências que garantam o número trinta e sete, devemos responder negativamente a essa pergunta se considerarmos o único método científico, bem como o combate aos "elementos limitantes". Não há valores limitantes aqui ! Talvez existam em outro lugar, mas não em nossa terra! Enquanto um departamento contiver alguns centímetros cúbicos de ar não deslocados entre os ombros, cabeças ou pés ..., tal departamento ainda estará em posição de conter mais prisioneiros! Pode-se aceitar, com certas ressalvas, como limite calculável, o número de cadáveres depositados em camadas ordenadas e compactas, mas relacionando-o ao volume total do departamento.

Em Moscou, Vera Korneieva foi "embalada" em um apartamento com *trinta* mulheres, a maioria das quais eram mães decrepitas, condenadas ao exílio por "questões de fé" (*todas* elas, exceto duas, foram internadas no hospital assim que chegaram ao seu destino) . Nesse departamento não houve mortes, pois também viajavam algumas meninas muito jovens, acordadas e bonitas (condenadas por "fazer amizade com estrangeiros"). Aquelas moças davam sermões às sentinelas, procuravam despertar suas consciências: "Você não tem vergonha? Elas são suas próprias mães que você trata assim! " Essas palavras encontraram ouvidos muito atentos, embora o raciocínio moral tivesse uma influência muito menor do que a aparência agradável das meninas ... e então algumas mulheres foram condenadas a serem transferidas para *a cela de confinamento*. Mas no "stolypin", essa reclusão não representa um castigo, mas um verdadeiro prazer. Dos cinco departamentos de celas, apenas quatro são usados para abrigar prisioneiros; o quinto é dividido em duas metades: assim, dois pequenos compartimentos são formados , onde o revisor é freqüentemente acomodado; eles têm um assento no térreo e um banco no centro para se deitarem. O objetivo dessa cela é o confinamento solitário: quando ocupada por apenas três ou quatro pessoas, o conforto é indescritível.

Não, não se pretende aqui torturar os presos com sede, ainda que assim pareça, porque durante toda a viagem estes seres quase asfixiados, quase

esmagados pelo peso opressor, se alimentam todos os dias com arenque salgado ou fumado (então h izo *todos os anos* em 1930 e 1950, no inverno e no verão, na Sibéria e na Ucrânia, seria supérfluo para citar exemplos desse caso). Não é feito assim para torturar seres humanos, mas você poderia propor algo mais adequado? O que aquela turba poderia ser alimentada no caminho? Não há provisão para preparação de rancho quente nos vagões (sim, cozinhas foram instaladas em um departamento de stolypin, mas elas são para a casa da guarda!) Distribuir cevada pérola? Não funcionaria. Peixe cru? Nem. Carne enlatada? Para engordar até arrebentar? Nada melhor do que arenque salgado e, ainda por cima, um pedaço de pão ... quem poderia pedir mais?

Pegue, pegue seu meio arenque sem questionar e fique satisfeito ! Se você for inteligente, manterá esses arenques no bolso e os guardará até chegar ao acampamento de trânsito, onde poderá comê-los em silêncio, porque há água ali. Seria muito pior se as sardinhas 'Asov' conservadas em salmoura fossem distribuídas ; essas peças apodreceriam dentro do saco; Portanto, seria melhor colocar as coisas no colo, ou colocá-las na bolsa, ou simplesmente segurá-las na palma da mão e comê-las. Para distribuir tamanha quantidade de sardinhas é necessário usar a jaqueta de alguém como recipiente. Mas quanto ao arenque defumado, o sentinela só tem que jogá-lo no chão, e então o abate é feito no banco ou nos joelhos. ^[3]

Assim que conseguir o seu peixe, certamente terá direito ao pão e talvez até a um cubo de açúcar. O pior é quando chegam os sentinelas para anunciar que hoje não haverá forragem, porque os *zeks* não foram contados . Q alvez é verdade: qualquer prisão contabilidade podem errar nos jogos. Também seria possível que tivessem contado com eles, mas que sua própria ração fosse insuficiente (na verdade, eles também não têm muito o que mastigar) e, portanto, você teria requisitado o pão, abstando-se, a seguir, de distribuí-lo. meio pedaço de arenque salgado, porque aquela comida sem pão seria suspeita.

E, claro, não se pretende torturar o prisioneiro se não lhe derem água depois do arenque, porque não é fervido (isso nunca, claro); não há nem mesmo dos canos. O pessoal da escolta é escasso: alguns montam guarda no corredor; outros ficam parados em frente aos portões e, além disso, quando uma estação é alcançada, eles devem examinar a parte inferior do carro e subir no teto, para se certificar de que nenhum buraco foi aberto. Outros limpam suas armas e, por fim, ninguém pode escapar da instrução política

ou parar de estudar as ordenanças. Enquanto isso, o terceiro relé dorme ; Você tem oito horas porque, afinal, a guerra ficou para trás. Além disso, há uma última justificativa: transportar água com baldes de algum lugar distante não é apenas cansativo, mas também indigno. Pois por que deveria o combatente soviético lutar como uma mula para ajudar os inimigos do povo? Além disso, quando a carroça "stolypin" precisa ser desatrelada e redirecionada para um desvio (acima de tudo, escondido da vista), a própria cozinha do miliciano vermelho fica sem água. Claro, sempre há uma saída: encher os baldes do vagão da locomotiva com um líquido amarelado e turvo, em cuja superfície o lubrificante nada. Os zeks bebem muito bem, *nitchevo*, porque não conseguem analisar na penumbra do apartamento: não tem janelas nem lâmpadas, devem contentar-se com a penumbra que vem do corredor. E mais: a operação de verter a água é tediosa demais, os presos não têm cálices, e se alguém tiver tamanha raridade deve fazer circular, o que significa que essas pessoas bebam as duas vasilhas, de propriedade do Estado, e Enquanto ela mata a sede, você deve tirar água do poço e servir também a ela. (Se ao menos houvesse harmonia entre eles ...!, Mas não, nada é nem. "Deixe o saudável beber primeiro!", Gritam alguns na hora. "Depois a tuberculose e, por último, os sífilíticos!" na cela adjacente não teriam ouvido gritos de antemão: "Primeiro os saudáveis ...!")

Porém, tudo isso seria suportável - carregar e distribuir a água - se aqueles porcos não pedissem para ir ao banheiro logo que saciasse a sede. Bem, esta é a realidade simples: se você não lhes desse água, eles não precisariam urinar. Em outras palavras, se você deixá-los beber uma vez por dia, eles ficarão felizes em sair apenas uma vez; Mas se você sentir pena e der água a eles duas vezes, eles vão querer sair duas vezes. Portanto, é melhor deixá-los "secar".

E a oposição a tais saídas não se baseia no desejo de manter o mictório limpo: antes, dir-se-ia que cada uma delas envolve uma operação militar altamente responsável: um cabo e dois soldados devem prepará-la com antecedência. Primeiro, devem ser colocadas duas sentinelas: uma em frente à porta do mictório e a outra na extremidade oposta do corredor (para que ninguém possa escapar). Enquanto isso, o cabo deve abrir e fechar a porta do apartamento sem parar, para trazer aquele que está voltando e deixar o próximo sair. O regulamento proíbe a saída de vários juntos, pois isso poderia causar tumultos ou tentativas de fuga . Acontece que um, a caminho do mictório, deve estar com os trinta presos de seu departamento, mais os

cento e vinte da carruagem inteira e, além disso, com as sentinelas postadas para vigiá-lo! Como resultado, ele ouve vozes urgentes: “*Dav ai, davai...!* Rápido, rápido! ” O cabo o insiste, apoiado por um soldado, e o prisioneiro cambaleia pelo corredor, como se estivesse roubando a latrina do estado. (Em 1949, o alemão Schulz, um aleijado que já havia aprendido o significado da palavra russa *davai, ia* e voltava do banheiro em grandes saltos com sua única perna, durante a viagem do stolypin Moscou. Kuibichev, enquanto os guardas riam gargalhadas formidáveis e tentavam acelerar ainda mais a marcha. O guarda na porta do banheiro empurrou-o pela primeira vez. Schulz caiu. Então o sentinela, irritado, deu alguns golpes ... e Schulz Incapaz de suportar a avalanche, ele rastejou até o mictório imundo . Os guardas caíram na gargalhada.)^[4]

Para impedir qualquer tentativa de fuga durante os breves segundos passados no mictório e também acelerar a circulação, a porta da sanita é deixada aberta e o sentinela que observa a evacuação faz ouvir com urgência a sua voz: «*Davai, davai!* Ponto final, há o suficiente para você! » Muitas vezes, a voz de comando avisa: "Seja breve!" E isso agrada quem espera fora de sua vez. Bem, naturalmente nunca é possível lavar as mãos: a água escasseia e o tempo também. Quando o prisioneiro tenta tocar na torneira da pia, ele ouve os gritos de seu guarda assim que o contato é estabelecido: "Ei, você tira essas mãos! Fora com você! " (Quem guarda um pedaço de sabão ou uma toalha na mochila tenta deixá-los dentro por pura vergonha: isso seria agir como um panoli). A sujeira inunda o banheiro. Um banquinho fluido se agarra aos pés, mas ... rápido, mais rápido! O prisioneiro é forçado a entrar no apartamento à força, sobe pela aglomeração de mãos e ombros e, por fim, seus sapatos de pelúcia pendem da plataforma superior sobre a central ... e pingam.

Quando as mulheres precisam evacuar, é preciso também manter a porta aberta , conforme as ordenanças e o bom senso, mas neste caso nem sempre o mesmo rigor é mostrado: "Bom ... feche." (A mulher também precisa limpar a tigela quando terminar, o que explica por que ela não deve pisar na poeira quando for ordenada a fazê-lo.)

No entanto, apesar desse ritmo vertiginoso, a "evacuação" de 120 pessoas requer mais de duas horas ... seria necessário mais de um quarto de guarda com três ocupações! E, no final das contas, todo esforço é inútil! Há sempre um velho vacilante que, meia hora depois, volta a choramingar e, claro, não pode sair; em seguida, ele desabafa no apartamento, e o cabo se

vê com uma preocupação adicional, pois tem que forçá-lo a pegar tudo com as mãos e tirar.

Resumindo: qualquer saída é insuportável! É por isso que recebem pouca água. E também pouca comida ... Assim a diarreia vai sarar e o ar não vai feder! É para vomitar! Um quase sufocado no carro!

Menos água! Herring prescrito vai ter tudo! O estrito racionamento de água é um mandamento da razão; o racionamento estrito de arenque seria um ataque ao serviço.

Ninguém, absolutamente ninguém se propôs a nos torturar! A conduta do guarda é extremamente razoável! Mas estamos enjaulados como os primeiros cristãos, e nossa língua dilacerada é salpicada de sal.

Também seria absurdo buscar um desenho oculto no fato de que o guarda mistura os *cinquenta e oito* com criminosos e *bitoviki*; é simplesmente difícil abrigar tantos prisioneiros em tão poucos vagões e apartamentos. Além disso, você deve fazer isso rapidamente. Um dos quatro departamentos é reservado para mulheres; Nos três restantes, é mais conveniente - sempre que possível - ordenar de acordo com as instruções das autoridades ferroviárias, para que o desembarque seja tranquilo.

Então, Cristo foi pregado na cruz entre dois ladrões porque Pilatos queria humilhá-lo? Não. Foi simplesmente a data fatal para o Crucificado; Havia apenas um Gólgota, com o tempo pressionado. E ESTAVA ALINHADA COM AS PORTAS DO MAL.

Ainda sinto medo ao pensar em quanto teria sofrido se não tivesse ocupado uma posição especial entre os presos ... A escolta e os oficiais acompanhantes trataram a mim e meus companheiros com uma cortesia excepcional ... Como prisioneiro político, viajei com relativo conforto para o Katorga; Nas prisões de palco, me foi disponibilizada uma sala isolada dos bandidos, tinha uma viatura para os meus traslados, e outra seguia atrás com as bagagens, cujo peso seria um pud ...

Preferi não encerrar a frase anterior para que o leitor possa apreender seu conteúdo sem preconceitos. Parágrafos entre aspas sempre provocam, se não ironia, pelo menos aborrecimento. Mas sem aspas, o parágrafo é surpreendente ... certo?

PF Yakubovich foi quem escreveu essas palavras descritivas na década de noventa do século passado. Mais tarde, este livro foi relançado como uma palestra sobre os eventos daquela época negra. Assim, ficamos sabendo que os presos políticos tinham suas cabines exclusivas no vapor e, no convés, um espaço privativo para passear. (Leia também *Ressurreição*, de Tolstoi: Príncipe Nekhludov, uma pessoa não autorizada, pode ter longas conversas com prisioneiros políticos). E pelo simples fato de ter sido listado ao lado do nome de Yakubovich "o qualificador mágico de prisioneiro político", ele escreve, "o inspetor Katorga o recebeu em Ust-Kar como um criminoso comum: rude, desafiador e insolente ». De resto, esse erro foi resolvido de forma feliz.

Que momento incrível! Confundir o prisioneiro político com o criminoso comum era quase um crime! Os criminosos desfilavam pelas ruas para escárnio público, enquanto os presos políticos podiam alugar uma carruagem para aparecer na estação (Olminski, 1899). Esses presos políticos não recebiam os habituais benefícios penitenciários, mas sim uma alimentação diária e, além disso, podiam comer à la carte. O bolchevique Olminski até rejeitou o regime dos enfermos porque, em sua opinião, era muito comum. ^[5] E o comandante da fortificação de Butyrki pediu desculpas a Olminski por ter sido ensinado por um guarda: "Por favor, me entenda; aqui raramente recebemos prisioneiros políticos. O vigia não sabia »...

Raramente presos políticos ... em Butyrki? Não é um sonho? Para onde foram enviados então? Quando a Lu bianka e o Lefortovo ainda não existiam ...!

Radichshev foi conduzido, acorrentado, ao transporte, e como o tempo estava frio, ele foi coberto por uma "pele repelente": o casaco de guarda. Assim que soube disso, Catarina, a imperatriz, deu uma ordem: remova imediatamente suas correntes, forneça-lhe tudo o que ela precisa para a viagem. Em novembro de 1927, Anna Skripnikova foi transferida de Butyrki para Solovki: ela estava com um chapéu e um vestido de verão (o mesmo que usava no verão quando foi presa; seu quarto foi lacrado e ninguém permitiu que ela pegasse roupas quentes)

Distinguir presos políticos do criminoso comum significa respeitá-los como oponentes de igual status; É equivalente a reconhecer que qualquer ser humano pode ter *suas próprias opiniões*. Conseqüentemente, o *prisioneiro* político assume o controle até de sua *liberdade* política.

No entanto, todos nós temos sido *Kaers* desde então, e os Socialistas também não podem ser considerados *políticos* ...; Desde então, o riso de outros presos e a tutela dos guardas têm sido a única resposta ao seu protesto quando, sendo um prisioneiro político, você é confundido com o criminoso comum. “Em nossa terra, quem comete um crime é um criminoso”, dizem os guardas com toda a sinceridade.

Essa mistura, esse primeiro e surpreendente encontro ocorre indistintamente no *corvo negro* e na carroça "stolypin". Não importa o quanto você tenha sido pisoteado, torturado e assediado durante o interrogatório anterior: os autores foram os bonés azuis, que não devem ser confundidos com a Humanidade; Você entendeu dessa forma e viu apenas capangas arrogantes neles. Mas seus companheiros de cela, talvez menos educados que você e com experiências diferentes, pertenciam, sem exceção - quer você conteste bastante com eles ou se eles o traíram - à mesma raça humana, adolescente, rotineira e pecadora, em cujo meio você passou sua vida. .

Ao ser empurrado para um apartamento de stolypin, você acha que só encontrará outros sofredores lá. Todos os seus inimigos e opressores estão do *outro* lado do portão: *aqui* você não suspeita da presença deles. Mas ... cuidado! Porque agora você olha para aquele entalhe quadriforme na plataforma central, aquele só céu acima de você, e você vê três, quatro ali ... não, não vamos dizer rostos, nem máscaras de símio, porque macacos eles parecem muito mais gentis e atenciosos! Não são nem rostos, pois sempre dependem do "semblante"! Você vê jetas cruéis e horríveis, com uma expressão gananciosa e uma satisfação doentia. Cada um se parece com uma aranha perseguindo a mosca. A teia dele é esta cerca ... e você está dentro! Seus lábios se apertam como se quisessem morder sua nuca; quando falam, sibilam e parecem preferir aquela pronúncia sibilante às consoantes e vogais da língua. Suas palavras soam como russas apenas no final - é um verdadeiro jargão.

Aqueles gorilas desconhecidos correram para tirar suas roupas, pois a atmosfera do "stolypin" é sufocante; olhe para seus poderosos pescoços avermelhados, seus ombros musculosos, seu peito bronzeado e tatuado. Eles parecem capazes de salvar o que nos consome em cativeiro. Quem são? De onde eles vêm? Mas não vamos fazer julgamentos precipitados: uma cruz pende de um desses pescoços! Sim, uma cruz de alumínio escura presa com um barbante. Você fica maravilhado com isso e sente um certo

alívio: há crentes entre eles, e isso é reconfortante, nada de horrível pode acontecer com você. No entanto, precisamente este "crente" é libertado de repente, mencionando o crucifixo e a mãe do demônio (para amaldiçoar, ele costuma usar o russo); então ele enrola dois dedos e os enfia nos seus olhos ... ele não ameaça, seus dedos vão cada vez mais fundo. "Vou arrancar seus olhos, seu porco de merda!" Essa é a sua fé e toda a sua filosofia! Se eles são capazes de arrancar seus olhos como se estivessem extraindo um caracol, você não pode esperar nenhuma misericórdia pelo que carrega dentro de você e com você. A cruz oscila, você contempla com espanto, com o olho ainda intacto, aquela mascarada desolada, e você perde a orientação: Quem entre vocês é louco? Quem ficará louco também?

De repente, todos os hábitos familiares dos relacionamentos humanos se rompem e se desintegram. Em sua vida anterior, especialmente antes da prisão - mas também depois, e mesmo ainda durante parte do inquérito - você falou algumas *palavras* a outros seres humanos e ouviu *palavras* deles. Essas palavras tiveram seus efeitos, porque por meio delas você pode convencer ou rejeitar um conceito, ou mostrar conformidade. Você se lembra de várias comunicações humanas relacionadas a pedidos, ordens, gratidão, mas o que acontece com você aqui está fora dessas palavras, fora dessas relações. Como mensageiro das já mencionadas jetas, sai-se, um homenzinho fraco, cujo comportamento e comportamento insolente acentuam ainda mais o contraste; Essa pitada do demônio libera seu pacote, vasculha seus bolsos com muita naturalidade, como se fossem seus! Tudo o que você chamou de seu pouco antes, não é mais, e você mesmo é uma bolha seca, coberta com roupas supérfluas; mas isso não permanecerá no que diz respeito às roupas. Você não tem a menor chance de convencer esse rato minúsculo e malévolo ou os jetas lá em cima com palavras. Todos os pedidos, súplicas e recusas são inúteis! Eles não são seres humanos, você já percebeu à primeira vista. Só há um recurso ... *derrotá-los!* Sem esperar, sem perder tempo, sem dar mais trabalho inútil à língua ... bater! Bata neste rapaz ou no spawn acima.

Mas como você pretende alcançar todos os três corpos de baixo para cima? Além disso, parece justo para bater uma criança, mas é um rato abominável ... Talvez apenas dar ele um empurrão? Você se sairá melhor se abstendo, porque aquele vai arrancar seu nariz com uma mordida, se o procedimento acima não quebrar seu crânio primeiro. (Além disso, estes

têm facas. Resumindo: quando se trata de facas, você é muito insignificante para eles).

Você olha em volta, para seus vizinhos, para seus camaradas ... Vamos tolerar isso sem fazer um único protesto? No entanto, olhe para eles, olhe para os seus cinquenta e oito! Lá aqueles camaradas são esfaqueados, saqueados um após o outro antes de sua chegada; eles se encolhem com resignação no banco, e alguns desviam o olhar, pelo menos, mas a maioria olha para o seu rosto de forma casual, como se não tivesse testemunhado uma coerção ou um roubo, mas um acontecimento natural: a grama cresce, cai a chuva.

Pois bem, caros senhores, camaradas e irmãos, o momento oportuno foi perdido! Um ntão ocorrido em habérseos deveria perguntar quem você é, então, quando Struchinski queimou vivo em sua cela Viatka, ou mesmo antes, quando eu implorei *Kaers*.

Então você fica em silêncio enquanto o rato tira seu casaco e sente a moeda de vinte copeques costurada em sua jaqueta ... ela desaparece em um instante junto com um pedaço de forro. Enquanto isso, seu rebanho continuou a subir, e permanece tudo o que sua esposa sentimental irá prepará-lo para a longa jornada após a sentença. Eles apenas jogam a escova de dente em você, dentro da mochila ...

Nos anos trinta e quarenta, nem cem por cento deles ^[6] eles se curvaram, mas os noventa e nove o fizeram. Como isso pôde acontecer? Masculino! Oficial deles! Soldados! Fighters!

Para lutar bravamente, um homem deve se preparar para o combate, esperar por ele, compreender seu significado. Mas nenhuma dessas premissas é fornecida aqui . Um homem que nunca teve o menor contato com o submundo não está equipado para sustentar tal luta e - mais importante - não vê necessidade de lutar, pois até agora ele acreditava (erroneamente) que seus inimigos estão apenas os azuis. Ainda é preciso muito treinamento para fazê-lo ver que o peito tatuado é apenas o reverso dos bonés azuis e encarna uma revelação que os uniformizados não querem manifestar abertamente: "Você morre hoje e eu farei amanhã!" O prisioneiro novato quer se ver como um político, isto é: ele é pelo povo, e o Estado se opõe a ele. E só então ele afunda, sem se dar conta, na sujeira, a matéria mantém um movimento constante, o envolve por trás, pelos lados; ele não sabe mais como distinguir entre os conceitos, toda clareza foi destruída

diante de sua vista . (E o preso não vê com clareza que, portanto, a sujeira faz causa comum com os carcereiros).

Para lutar bravamente, um homem precisa de um encosto, um ombro de apoio e um solo firme sob os pés. Mas todas essas condições foram anuladas pelos cinquenta e oito. O mecanismo esmagador da investigação política os quebrou fisicamente: eles passaram fome, sofreram insônia por noites intermináveis, tremeram dia após dia em masmorras geladas e as surras fizeram o resto. Mas eu gostaria que o dano fosse apenas corporal ...! Eles também foram quebrados espiritualmente. Ele incutiu neles, implacavelmente, que tudo o que fizeram, pensaram e experimentaram em relação a outras pessoas em suas vidas era falso e que aí está a causa de seu fracasso. Por fim, na equipe que cuspiu a máquina do Tribunal, a vida não está mais borbulhando, nem o menor sinal de compreensão. Cada um deve ser definitivamente *subjugado* e definitivamente *classificado* . É assim que o objetivo da investigação é explicado no parágrafo 58 . Os condenados precisam entender que qualquer tentativa de homens livres de se entender, e mesmo de se associar, deve ser realizada exclusivamente sob o patrocínio do secretário do partido, do líder sindical ou da Administração; caso contrário, será considerado crime grave. Na prisão, a pessoa assim instruída evita, por medo, todo tipo de *coletivização*, o que pode significar fazer a mesma reclamação em duas vozes ou carimbar a própria assinatura ao lado da outra no mesmo papel. Tendo perdido o gosto por qualquer procedimento associativo, os presos pseudopolíticos também não estão dispostos a se associar contra os criminosos. E nada poderia estar mais longe de sua mente do que a ideia de adquirir uma arma para as prisões de viagens e trânsito: uma faca ou uma chave inglesa. Primeiro: para quê? Contra quem? Segundo: se você usá-lo - você, com seu implacável parágrafo 58 - pode arriscar seu pescoço em um segundo processo . Terceiro, e também preferido: se for feita uma busca, você será punido com a faca mais severamente do que os criminosos comuns. Nestes, a posse da faca significa ... canalha miserável, traição e falta de consciência; em você ... terrorismo.

E, finalmente, quase todos os cinquenta e oito são pacíficos (alguns, também idosos, também doentes) que até então saíam do atoleiro com palavras, nunca usavam os punhos e hoje ainda não sabem usá-los.

Com os criminosos, o procedimento foi diferente. Toda a sua prisão preventiva se resume a isso: dois interrogatórios, um julgamento rápido e

uma condenação benigna. E, além disso, eles não o cumprirão em sua totalidade; eles partirão antes da mansão, por anistia ou fuga.^[7] Ninguém tirou do criminoso comum a bagagem admitida pela Lei durante sua prisão preventiva, a bagagem bem abastecida, a homenagem aos camaradas ladrões em liberdade. O homem não perdeu um grama de peso, não está resfriado há um único dia ... e já está a caminho de uma superalimentação às custas do *frade*.^[8] Os artigos sobre furto e roubo não o preocupam; pelo contrário, o deixam orgulhoso, e o *natchalnik de listras azuis* reforça seu orgulho: “*Nitchevo*, você é certamente um bandido, um assassino, mas não um criminoso de alta traição, não. Você é um de nós e, um dia, mudará seu comportamento. Artigos sobre roubo não têm *décimo primeiro* ponto ... sobre organização. Não é proibido, muito menos, fundos baixos, de ser organizado ... Então, por que fazer? Deixe-os em paz! Que promova o espírito coletivizante, tão indispensável para um membro de nossa sociedade. E quando suas armas são retiradas, é como um jogo; Não são punidos por porte de arma, desde que sua *lei* seja respeitada ("não podem deixar de ser como são"). E um novo assassinato na cela não prolonga a sentença do assassino; pelo contrário, é coroado com novos louros.

Tudo isso remonta a datas muito distantes. Nas fábricas do século passado, o proletariado esfarrapado foi repreendido simplesmente por uma certa inconstância e inconstância. E Stalin mostrou desde o início uma estranha tolerância para com o submundo: mas, então, quem eram os bancos o perdendo? Em 1901, seus camaradas do partido e das células o acusaram de usar criminosos para lutar contra seus adversários políticos. Nos anos 20 nasceu esta expressão complacente: os *familiares sociais*. Makarenko desenvolveu no mesmo terreno: “*Estes são suscetíveis de melhorias.*” (De acordo com Makarenko,^[9] o “submundo contra-revolucionário” é o único foco de crime). *Esses outros* - engenheiros, padres, revolucionários sociais, mencheviques - não podem ser melhorados.

Então, por que não roubar se ninguém vai te impedir? Três ou quatro bandidos, brutais e bem aclimatados, governam algumas dezenas de prisioneiros pseudo-políticos, aterrorizados e decompostos.

Com o consenso das autoridades. Teoricamente baseado nas ideias mais progressistas.

Mas se você não pode agir com os punhos, por que as vítimas não tentam registrar uma queixa? No corredor você pode ouvir qualquer

barulho, e agora mesmo a sentinela está passando pelo portão com um ar de indolência.

Sim, a pergunta é lógica. Com efeito, percebe-se o menor ruído, até o mais lamentável chocalho, enquanto a sentinela marcha para cima e para baixo, para cima e para baixo ... Por que não intervém? Na cavidade sombria do apartamento, um homem está sendo roubado ... ele está a apenas um passo da cena ... Por que esse vigilante, pago pelo Estado, não intervém?

Bem, a coisa está clara. Idéias também foram instiladas nele.

E mais: depois de longos anos de existência lucrativa, o guardião também se acostumou a tomar partido dos ladrões. A própria escolta *torna-se, por sua vez, uma "ladra"*.

Sobre aquele período entre meados da década de 1930 e meados da década de 1940, aquela década em que prevaleceu a ferocidade mais selvagem dos criminosos e a opressão não menos selvagem dos presos políticos, não sabemos de um único caso em que as sentinelas vão tentar acabar com a pilhagem de presos políticos em celas, carroças e corvos. No entanto, inúmeros relatórios chegaram até nós nos quais é relatado como esses guardas acumularam os bens roubados e recompensaram os ladrões com vodca, comida (bem acima do rancho) e tabaco. Essa participação nos lucros há muito figurou como um axioma.

No momento, o sargento de plantão está na quarta pergunta: arma, tigela de lata, manta enrolada e rancho. Seria difícil pedir-lhe que se contentasse com tamanha desigualdade diante desses inimigos de um povo cujo traje consiste em peles caras, botas brilhantes e, além disso, caros utensílios da existência cidadã. Tirar todo esse luxo deve, sem dúvida, ser conceituado como uma variedade da luta de classes. Pode haver outras regras? E entre 1945 e 1946, ao não transportar prisioneiros de qualquer lugar que não fosse da Europa, munidos de um guarda-roupa europeu incrível e também abundante, muitos resistiam até mesmo aos policiais escoltadores. Pois a mesma habilidade profissional que os mantivera afastados da frente também os afastou, no final da guerra, dos despojos. Isso foi justo?

Assim, não houve acidente, nem urgência, nem falta de espaço, mas pura ganância, quando os guardas resolveram misturar presos políticos com criminosos comuns em cada departamento do seu "stolypin". E, além disso,

havia carta branca para os rufiões: tudo o que foi tirado dos *castores* , começou o caminho para as malas dos guardas.

Mas como você planeja quando os castores são despachados alegremente e o trem parte, mas sem conter um único ladrão administrável, e não se espera que passe por nenhuma estação onde um bando de ladrões o aguarde, como hoje ? Alguns casos dessa natureza também são conhecidos.

Em 1947, um séquito de prisioneiros deixou Moscou para que Vladimir entregasse, na prisão central desta cidade, um grupo de estrangeiros condenados a várias sentenças correcionais. Assim que as malas foram abertas, ficou claro que elas não eram destituídas . Diante dessa revelação, a própria escolta empreendeu a *busca* sistemática dos objetos. Para evitar uma possível perda, todos os presos foram deixados nus e sentados no chão do mictório; entretanto, foi feito um inventário e uma seleção de seus pertences. No entanto, os guardas esqueceram que essas pessoas não eram destinadas a um campo, mas sim a uma sólida prisão. Assim que lá chegaram, IA Korneiev apresentou queixa, descrevendo minuciosamente por escrito tudo o que aconteceu. Guardiões foram obrigados a pular de seu reduto e até mesmo revistados. Alguns objetos ainda reapareceram, que foram devolvidos aos seus donos, e então foi ordenada uma indenização para o resto. As sentenças proferidas contra os guardas teriam variado de 10 a 15 anos de prisão. É impossível verificar e, de qualquer forma, mesmo que fosse um caso incluído na reportagem sobre furto, eles não estarão mais ali tornando a vida amarga.

No entanto, era algo excepcional aqui, e se o líder do comboio soubesse como controlar sua ganância a tempo, ele teria visto o que era óbvio. Mas aqui está um exemplo mais simples que justifica a esperança, porque não foi o único de seu tipo. Acontece que na "stolypin" Moscou-Novosibirsk (agosto de 1945), para onde A. Susi estava viajando, também não havia um único ladrão "por perto". Mas como a viagem era longa, as "estolipinas" demoraram. Evitando pressa, o líder do comboio anunciou uma grande busca no momento apropriado - um homem após o outro, com todos os seus pertences no corredor. De acordo com o regulamento da prisão, os convocados devem se despir; Mas a questão não era essa, porque uma vez revistados e devolvidos às suas celas lotadas, qualquer faca ou objeto proibido poderia passar de mão em mão impunemente. A verdadeira exibição consistia em examinar pertences pessoais, roupas e bolsas. O chefe do comboio, um oficial ativo da hermeticidade, também se postou diante

daquelas mercadorias - sem se cansar do longo escrutínio - acompanhado de seu ajudante, um sargento. A ganância se tornou indomável, não era mais possível fingir indiferença fria. O homem acabou se vendo na posição de um libertino decrépito que persegue adolescentes, mas se envergonha de estranhos e das próprias meninas sem saber enfim como abordar o assunto. Como alguns ladrões teriam sido bons! Infelizmente, os bandidos se destacaram por sua ausência.

Embora não houvesse ladrões naquela expedição, houve alguns que inspiraram e espalharam o fôlego do submundo na prisão. Pois o exemplo do ladrão é instrutivo e extremamente atraente: mostra que a vida também pode ser confortável dentro de uma penitenciária. Dois ex-oficiais também viajavam em um desses departamentos: Sanin, da Marinha, e Mereschkov. Ambos, condenados nos termos do artigo 58, mas dispostos a tomar novos rumos. Com o apoio de Mereschkov, Sanin autoproclamou-se *starosta* do departamento; Em seguida, recorrendo à sentinela, pediu uma entrevista com o chefe do comboio (ele já havia percebido o comportamento altivo: que clamava por uma conspiração!) Embora pareça incrível, Sanin foi convocado, a audiência foi realizada. Seguindo seu exemplo, outro do departamento adjacente solicitou uma entrevista. E também foi recebido.

No dia seguinte, não foram distribuídos quinhentos e cinquenta gramas de pão, como então prescrito para o transporte, mas duzentos e cinquenta gramas.

Quando as rações foram distribuídas, houve murmúrios baixos e melancólicos. Mau humor ...! É o quanto esses presos políticos sabem expressar, tão temerosos da “coletivização”. Só um teve coragem de perguntar ao pãozinho:

"Diga-me, cidadão da fúria!" Quanto pesa esta porção?

"Conforme prescrito", foi a resposta concisa.

"Peço que seja pesado!" O questionador imprudente declarou em voz alta. Caso contrário, vou me recusar a aceitá-lo!

A carruagem inteira prendeu a respiração. Muitos se abstiveram de usar suas rações; talvez você também queira verificar seu peso. Então o oficial apareceu em cena, fingindo probidade e imparcialidade impressionantes. Todos ficaram em silêncio, com o que suas palavras soaram mais imponentes, mais fatídicas se possível:

"Quem está se rebelando aqui contra o poder soviético?"

Eles ficaram petrificados. (Podemos ser levados a acreditar que, sempre que qualquer *Nachalnik* finge se passar pelo poder soviético, ele é totalmente contestado porque é um ardil usado em todos os lugares, tanto dentro quanto fora da prisão . Mas essas palavras parecem assustadoras para ele. prisioneiro apavorado que acaba de ser condenado por atividades anti-soviéticas).

O oficial não se mexeu.

"Quem está tentando se rebelar aqui contra o poder soviético?"

"Tenente cidadão, eu só quero ..." O rebelde culpado dos estragos começou a se desculpar.

"Ah, é você, porco!" Você não gosta do poder soviético?

(Por que se levantar? Por que discutir? Não seria muito mais fácil comer a menor porção, conter a fome e calar a boca ...? Você se meteu em apuros) ...

"Carruagem pestilenta!" Aborto contra-revolucionário! Você é quem deve se pendurar na corda, não no pão! Assim saberemos quanto você pesa! O poder soviético alimenta e mimar você ... maltrapilho ... e, além disso, você mostra nojo! Bem, você sabe o que o espera ...?

Ordem afiada para os soldados:

"Tire ele de lá!" O ferrolho range. "Saia!" Mãos nas costas! O infeliz se afasta entre seus guardas.

"Existe algum outro descontentamento?" Quem acha que a ração é muito escassa?

(Como se alguém pudesse atestar! Como se houvesse algum escritório de reclamações que desse crédito aos seus duzentos e cinquenta gramas e não aos quinhentos e cinquenta do tenente!)

Não é preciso mostrar o chicote ao cão espancado. Os demais ficaram satisfeitos , e com isso a ração corretiva foi imposta durante *todos os dias subsequentes* da viagem interminável. E também não receberam açúcar, o que beneficiou a guarda.

(Isso aconteceu no verão entre as duas grandes vitórias sobre a Alemanha e o Japão, vitórias que glorificariam a história de nossa pátria e seriam preocupantes para netos e bisnetos.)

Eles estavam com fome no primeiro dia; mas quando o segundo também passou, eles se agarraram. Então Sanin falou com seu departamento: "Escutem pessoal, isso não pode continuar assim. É melhor você pegar seus objetos de valor. Vou negociar com eles e trazer comida

para vocês ». Em seguida, ele aceitou uma peça, rejeitou outra, e assim por diante (nem todos queriam colaborar ... bem, ele não pretendia se impor a ninguém!) Então ele pediu para ser concedida uma audiência na companhia de Mereschkov, e o que Estranho!, concordou a sentinela. Os dois saíram com todos os objetos em direção à guarda, e logo depois voltaram com fatias de pão e espigas de milho. Foi exatamente o fodão - sete quilos - que escapou do departamento naquele dia; No entanto, nem todos receberam sua porção correspondente, mas apenas aqueles que deram algo.

E, para falar a verdade, a distribuição foi absolutamente justa: todos ficaram satisfeitos com a ração reduzida. Por outro lado, também era justo, pois os objetos tinham valor suficiente para merecer uma compensação. E, em terceiro lugar, também era justo porque o material era bom demais para um campo, e isso significava que seus proprietários seriam vítimas de fraude ou roubo. Por outro lado, as orelhas pertenciam ao guarda. Os soldados decidiram repartir os seus bens mais preciosos com os prisioneiros, deixando-se guiar também por um espírito equitativo, pois devoravam o pão dos prisioneiros e adoçavam o chá com açúcar, que parecia bom demais para os inimigos.

No final das contas, era justo que Sanin e Mereschkov - que não haviam se desfazido de nenhuma propriedade - tomassem a maior parte, porque sem eles esse negócio não teria sido possível.

Então todos eles se amontoaram no escuro; alguns roendo a casca do vizinho, enquanto o vizinho observava. Enquanto isso, a sentinela não oferecia fogo para fumar a um ou a outro, mas a todos juntos, uma vez a cada duas horas ... e então a carruagem ficava saturada de fumaça como se algo estivesse pegando fogo. Aqueles que foram mesquinhos começaram a se arrepender. Um após o outro, eles compareceram a Sanin para lhe oferecer seus bens, mas ele respondeu: "Mais tarde".

Esta operação não teria tido um acabamento tão perfeito se não tivesse sido realizada nos anos do pós-guerra, quando os trens e os stolybins rastejavam como caracóis, entre desenganchar, engatar e longas paradas nas estações; e, inversamente, sem o período do pós-guerra, aqueles objetos que mereciam tantos problemas também não teriam existido.

A viagem a Kuibichev durou uma semana, e nesses sete dias a bolsa estatal despachou apenas 250 gramas (entre parênteses, o dobro do estipulado no bloqueio de Leningrado), arenque defumado e água. O pão restante foi distribuído em troca de mercadorias. Como a demanda logo

excedeu a oferta, os guardiões foram seletivos, prestando-se à troca com frequência cada vez menor.

Uma escala foi feita na prisão provisória de *Kuibichev*, e da *bania* voltaram à mesma composição com as mesmas carruagens. A escolta era nova, mas evidentemente seus predecessores a haviam ensinado como comprar roupas. O procedimento patenteado para fazer compras através da ração individual vigorou até Novosibirsk. (É fácil imaginar quantos imitadores esse experimento acharia atraentes nas divisões de vigilância.)

Ao chegar a Novosibirsk, um novo oficial se apresentou aos prisioneiros recém-desembarcados sentados entre os barris. Ele perguntou a eles, de acordo com o regulamento, se eles tinham alguma reclamação contra seus custódios, mas a pergunta foi tão surpreendente que ninguém conseguiu responder.

Foi exatamente assim que o primeiro líder do comboio calculou ... Ah, Rússia, Rússia!

Para maior abundância; os passageiros do «stolypi n» distinguem-se dos de qualquer comboio normal por não conhecerem o itinerário e o local onde devem desembarcar. Eles não têm passagem nem podem ler as placas que pendem em seus vagões que indicam o percurso. Em Moscou, eles geralmente são feitos para embarcar a tantos quilômetros da plataforma que nem mesmo os próprios moscovitas conseguem adivinhar em qual das oito estações se encontram. Por várias horas, os prisioneiros, oprimidos pela aglomeração humana e o fedor que se seguiu, devem esperar a chegada do motor auxiliar. Por fim ela aparece, arrastando consigo o *vagão-saco* para ser acoplado ao trem já formado. Durante o verão ouvem gritos nos altofalantes: «Train Moscow - Ufa, pronto para partir na linha número três ...! Viajantes para Tashkent, por favor, vá para a estrada número um ...!» Assim, é a estação de Kazan, e imediatamente os conhecedores explicam aos seus camaradas as características geográficas e ferroviárias do Arquipélago: Vorkuta e Petchora ficam de lado, e a estrada continua para Yaroslav; da mesma forma, os campos Kirov e Gorki são deixados para trás. ^[11]As expedições nunca são enviadas de Moscou para a Bielo-Rússia, Ucrânia ou o Cáucaso, porque não há mais espaço para seu próprio povo ali. Continuamos a ouvir com atenção. O trem parte para Ufa; o nosso não se move. O mesmo acontece com o de Tashkent ... ainda estamos imóveis.

O trem para Novosibirsk partirá em alguns minutos! Os viajantes são solicitados...! » Já saímos. É nosso! Mas o que isso significa? Por enquanto, nada. Podemos desembarcar no coração do Volga ou no sul dos Urais. Podemos ser encaminhados para o Cazaquistão, com suas minas de cobre Dahezkasgan, ou para Taishet, com sua fábrica impregnada de gases impuros (dizem que o creosoto passa pela epiderme para se estabelecer nos ossos e suas emanções envenenam os pulmões. ..., que equivale à morte). Toda a Sibéria nos espera com impaciência. Kolyma pode pertencer a nós. E o mesmo vale para Norilsk.

No entanto, no inverno, com as janelas bem fechadas, a vibração dos alto-falantes não atinge o interior. E se a escolta seguir os regulamentos, você não conseguirá uma sílaba sobre o itinerário. Partimos então para a marcha e logo adormecemos entre o formigamento do corpo e o bater das rodas, sem saber se atravessávamos estepes ou bosques. Mas descobriremos na manhã seguinte. Bem, do outro lado da rua está a janela do corredor. Você apenas tem que se apoiar no convés central; através da grade, o corredor, a janela de vidro duplo e outra grade. Porém, pode-se ver as pistas de manobra das estações e pequenos pedaços do mundo que desfilam veloz antes do trem. Quando as janelas não estão embaçadas, você também pode ler o nome de uma estação... como Avsiunino ou Undol. Onde estão essas estações ...? Ninguém nunca ouviu falar deles. Às vezes, pode-se calcular, pelo sol, se se está indo para o norte ou para o leste. Outras vezes você endossa em qualquer *tufanovo* um indivíduo *asqueroso* , que, ele lhe diz, deve comparecer como um *Bytovik* perante a Corte de Danilov, e morre de medo ao se perguntar se eles não lhe darão dois anos. É assim que você descobre que à noite você passou por Yaroslav e que, conseqüentemente, Vologda o espera como a primeira prisão de trânsito. Em seguida, faz-se ouvir um conhecedor de voz, conforme é necessário, que profere, com expressão sombria, o famoso aforismo: "O nó não se deu no Volog da por diversão!"

Mas mesmo que você tenha descoberto a direção, você continuará jejuando: Você ainda passará por muitas prisões, entroncamentos ferroviários em sua rota e, de cada um, começarão outros ramos. Não te leva a Ujta, ou a Inta ou Vorkuta, talvez acredites no 501. A construção seria melhor para ti? Eles estão traçando uma linha férrea através da tundra no norte da Sibéria, e esse trabalho é árduo como nenhum outro.

Cerca de cinco anos depois da guerra, quando o fluxo de prisioneiros já circulava em ferrovias coordenadas (talvez o quadro de funcionários do MVD fosse aumentado), o Ministério conseguiu colocar alguma ordem nos milhões de *arquivos*. Por isso, desde então cada recluso recebia um pacote fechado de acompanhantes, cujo conteúdo era o *arquivo da* prisão, o qual era entregue ao chefe do comboio; apenas a rota prescrita foi anotada na capa (já que as sentinelas não precisavam saber mais do que a rota; o texto do arquivo poderia ter efeitos prejudiciais). Mas você pode ou pode ter a oportunidade - supondo, é claro, que você estivesse na plataforma central e o sargento estivesse na sua frente - de ler o título, mesmo que estivesse de cabeça para baixo: e talvez então você pudesse descobrir que outra pessoa estava destinada a Kni ach-Pogost e que seu próprio destino era o Kargopollag.

As preocupações são infinitas; agora os enigmas realmente começam. O que Kargopollag significa? Quem já ouviu falar disso ...? Como estarão os *comuns*? (Entre as obras tem *ordinário* e alguns letais, mas também mais suportáveis aqui e ali). É ou não um acampamento projetado para *murchar*?

Ah! Pena que não pudemos avisar os parentes, com a precipitação do jogo! Eles continuarão a acreditar que você está no campo de Stalinogorsk, perto de Tula! Se a sua inquietação e engenhosidade forem grandes, talvez você também consiga completar essa tarefa: você pegará emprestada a alguém uma ponta de lápis cujo comprimento será, no mínimo, um centímetro, e a outro um pedaço de papel amassado. Entre olhares temerosos para o sentinela (já que é proibido virar totalmente as costas; você deve direcionar os pés para o corredor e ficar de frente para a janela), você tenta encontrar um canto e, por fim, apesar do barulho irritante, consegue rabiscar algumas linhas no papel. Contra todas as expectativas, você foi obrigado a deixar o local planejado e pode ser que apenas uma carta por ano seja permitida no novo acampamento. Assim, quem está em casa saberá o que esperar. Com sorte, você pode levar a carta dobrada em forma de triângulo para o ur inário. Agora, deve ser uma feliz coincidência, isto é, que venham procurá-lo quando você entra ou sai de uma estação, e, além disso, que a sentinela desvia o olhar casualmente na plataforma ... Se isso acontecer, você pressiona rapidamente o pedal e ... lá vai a tua carta pela abertura, seguindo o caminho aberto para as fezes! Vai cair úmido e pegajoso, mas ... o que importa! Com um pouco mais de sorte, ele cairá entre as pistas. E pode até ficar seco e vibrar, impulsionado por

redemoinhos, até cair sob as rodas; mas também poderia passar entre eles e pousar na vegetação rasteira do dique. Talvez ele fique lá, exposto à chuva e à neve, até que se dissolva, ou talvez alguém esteja se inclinando sobre ele. E se essa pessoa não estiver mal-humorada, eles vão colocá-lo em um envelope e copiar claramente o seu endereço ... e então a carta chegará ao seu destino, acredite em mim. Muitas dessas cartas chegaram, cartas sem porte, descoloridas, amassadas; Sua escrita é quase ilegível, e apenas o apelo queixoso de sofrimento é evidente ...

Ou, melhor ainda, de repente você para de se comportar como o já mencionado *frágil*, como um ridículo novato, uma presa fácil, uma vítima. Você aposta noventa e cinco que a carta não vai chegar. E mesmo que viesse, não causaria alegria em casa. Bah, não se preocupe mais e tente viver plenamente cada hora, todos os dias! Você entrou no país do épico! Aqui jaz, entre idas e vindas, algumas décadas, um quarto de século. Para você não há *retorno* ao mundo anterior! Quanto mais cedo você superar seu desejo, mais rápido apagará essa memória de sua mente ... e melhor será para você. Tudo será muito mais fácil.

E mesmo que você veja seus pertences diminuindo, não há motivo para tremer! Se você não tiver uma mala, o sentinela não conseguirá quebrá-la no embarque (e se vinte e cinco homens já estiverem agachados no departamento ... nada melhor poderia acontecer com você com o frescor que a velocidade traz!) Você não precisa de botas novas, nem sapatos de linha moderno, e menos ainda um terno de lã: seriam roubados de você no *stolypin* ou no *corvo*, e se não, mais tarde, ao entrar na prisão provincial ..., eles seriam praticamente arrancados de seu corpo, ou, se as condições fossem menos desfavoráveis, eles o forçariam a trocá-los. Desista deles sem resistência, mesmo que a afronta queime sua alma. Se você tentar se defender, terá apenas alguns dentes quebrados em troca de seus bens. Certamente detestamos esses jetas desavergonhados, essas atitudes sarcásticas, esses bípedes caricatos e, ainda assim, o temor por nossa propriedade não deve nos fazer perder a rara oportunidade de observar e aprender. E você não sabe de mais nada? Foram os obstrucionistas, piratas e circunavegadores, cujos feitos Kipling e Gumiliov descritos nas cores mais estridentes ... não eram também os mesmos criminosos? Claro, da mesma

espécie ...! E se eles são tão admiráveis em descrições românticas ... por que deveriam parecer tão atrozés aqui ...?

Portanto, tente entendê-los. A prisão é seu *lar acolhedor*. Embora as autoridades os tratem com tanta cautela, e pronunciem tão benignas sentenças e obtenham os benefícios da anistia ..., eles voltam aqui repetidas vezes, animados por um impulso interno ... Não deveriam ser eles que mandam a palavra Legislativo do Arquipélago? Por muito tempo nós mesmos lutamos com sucesso, quando éramos livres, pelo direito à propriedade (mais tarde, os mesmos combatentes passaram a gostar de propriedade); Bem, por que o oposto deveria ser imposto atrás das grades? Você não estava alerta, não engoliu seu sentimentalismo a tempo, poupou açúcar e fumo entre os camaradas ... mas veja como o seu erro moral foi corrigido rapidamente; os criminosos esvaziaram o conteúdo de sua bolsa na plataforma. No entanto, uma vez que eles te jogaram, em *troca*, alguns sapatos miseráveis para substituir suas botas artesanais e uma jaqueta pegajosa em vez de seu magnífico suéter, eles também não guardam essas coisas por muito tempo: suas botas são um bom pretexto organizar um timba, perdê-los cinco ou mais vezes e recuperá-los de espadas; Mas o suéter será trocado amanhã por um litro de vodca e um colar de salsichas. No dia seguinte, eles estão tão limpos quanto você. Aí está o segundo princípio da termodinâmica: o calor não pode passar de um meio frio para um quente se a compensação não for criada ...

Pobreza! Assim pregaram Buda e Jesus Cristo, os estóicos e os cínicos. Por que essa simples admoestação não encontra eco naqueles de nós que são gananciosos? Por que não queremos compensar que a propriedade corrompe nossas almas?

O arenque cabe no seu bolso até o próximo acampamento de trânsito, então você não precisa implorar por água. Faz dois dias que você não recebe pão e açúcar? Devore-os o mais rápido possível. Assim, ninguém pode roubá-los de você e você estará livre de preocupações. Você vai se sentir como um pássaro voando pelos céus!

Você acabará tendo o que todas as travessias lhe oferecem: você conhecerá línguas, países e seres humanos. A memória servirá de alforje. Não se esqueça de nada! Você não deve esquecer de nada! Apenas aquelas sementes amargas serão espalhadas no ar em qualquer lugar!

Olhe a sua volta; seres humanos te cercam, você não pode vê-los? Quem sabe aquele ali você vai se lembrar por toda a vida e aí vai puxar a

orelha por não ter feito algumas perguntas. Fale menos ... e ouça mais. Os fios finos da vida humana se estendem de ilha em ilha em todo o Arquipélago. Eles se misturam, estabelecem um breve contato durante uma noite em carros escuros e oscilantes como este, para então se distanciarem até a eternidade ... mas você deve ouvir e ouvir o leve zumbido, o latejar cadenciado sob o carro. Bem, aí está o fuso da vida, é aquele ronronar pulsante que você ouve!

Quantas histórias estranhas você não ouvirá aqui, quantos motivos não haverá para rir!

Vejam aquele pequeno francês animado no portão ... O que o deixará tanto agitado? Por que não encontrar descanso? Como você não conseguiu aprender até agora? Explique! E pergunte-lhe de passagem o que o trouxe aqui. Como se sabe algo de francês, descobre-se o seguinte: Marx Santerre, soldado francês. Ele estava igualmente curioso e examinando muito longe, em sua *douce França*. Já foi avisado muitas vezes: não fique tão agitado, fique calmo. Mas de que serve um bom conselho? Ele continuou correndo no campo de concentração para repatriados russos. Um belo dia, vários russos o convidaram para uma festa e, a partir de um momento específico, ele não conseguia mais se lembrar de nada. Quando ele recobrou os sentidos, ele se viu sentado no chão do avião, ele se viu vestido com uma camisa e calças vermelhas da milícia, e sobre ele a bota de seu guardião. Agora eles contaram algo a ele sobre dez anos de prisão em um campo, mas naturalmente isso deve ser uma piada, vai ficar tudo claro, certo ...? Ah sim, caro amigo, espere e veja! ^[12] (Bem, casos como este eram comuns em 1945-1946).

Depois do assunto franco-russo, encontramos um russo-francês. Embora melhor fosse um uso autêntico em segundo plano, pois quem causaria tanto rebuliço e confusão se não fosse russo? Sempre houve pessoas entre nós para as quais tudo é *opressor* demais. Basta lembrar como Surikov pintou o eLivros Menchikov em sua humilde cabana no exílio. E Ivan Kovershenko, um homem inteiro de estatura muito pequena, apesar disso, ele tropeçou em cada esquina. Pois o indivíduo teria sido um querubim, uma verdadeira composição de leite e sangue, se o demônio não tivesse derramado conhaque na mistura. Ele estava disposto a contar sua história ... e, além disso, com discernimento. Essas histórias são verdadeiros tesouros e, se você não acredita, dê ouvidos a esta. Claro, você não pode nem suspeitar por que ele foi preso ou por que ele agora está encantado

como um prisioneiro político , embora você não precise polir a coisa "política" como se fosse um medalhão comemorativo. Faz diferença qual rake você prefere manter?

Como todos sabem, foram os alemães, não nós, que simpatizaram com a guerra química . Por esse motivo, ficamos muito desapontados ao encontrar montanhas de bombas químicas abandonadas em um campo de aviação quando nos retirávamos de Kuban, um erro atribuível à negligência de alguns dormentes no serviço de munições. Obviamente, as escolas poderiam usar esse incidente para provocar litígios internacionais. Então foi decidido soltar o tenente-coronel Kovershenko de Krasnodar em território alemão com vinte paraquedistas para enterrar as bombas diabólicas lá. (Os ouvintes já adivinharam o resto e estão bocejando: então prisioneiros de guerra, agora traidores da pátria. Nenhum vestígio permanece, nem o mais leve!) Kovershenko cumpriu a ordem exatamente; então, ele cruzou a frente novamente com seus vinte homens sem sofrer uma única baixa, e foi proclamado um herói da União Soviética.

Mas ainda faltava um mês, e até dois, até o fim ... e o que importa se você *não liga* para esses heróis? O herói é assediado por meninos taciturnos, alienados estudantes de instrução política e tática, enquanto seu espírito clama ardentemente por vodca, apenas um drink! Mas onde encontrar? Sim, caramba, já que você é um herói de toda a União, por que não o recompensam com o depósito correspondente? Sem pensar muito, Ivan Kovershenko saltou em seu corcel e, embora nunca tivesse ouvido falar de Calígula, cavalgou orgulhoso até irromper no andar superior do comandante militar, sem desmontar: "Vodka! Você me ouve? Deixe ir!" (Pareceu-lhe que um herói se sairia melhor em pé em uma cadeira e, além disso, os que estavam no topo teriam mais dificuldade em expulsá-lo). Ele foi preso por isso? Quia! O que você está pensando? Ele foi apenas rebaixado. Ele desceu do D e *Herói* para a *Ordem da Bandeira Vermelha*.

A necessidade era urgente, e a vodca mal passada; aquele enorme contraste incendiava cérebros. Na Polônia, Kovershenko surpreendeu os alemães quando tentaram explodir uma ponte ... a partir desse momento ele considerou a ponte como sua propriedade e, portanto, achou por bem cobrar um pedágio dos poloneses até a chegada do nosso Alto Comando. "Sem mim não haveria ponte aqui, seus patifes!" Um dia a cobrança do pedágio (para comprar vodca) complicou-se tanto que o homem se cansou e, como também precisava seguir em frente, resolveu colocar a ponte à *venda aos*

índios: Como! Não era uma solução justa? (Você pediu um preço *exorbitante*? Não!) Mesmo que o pedido não fosse suficiente, os poloneses não deram uma mordida. Boa! Então o *Capitão Pan* fez a ponte bater ... Que o diabo te leve! Agora você tem passagem livre para a outra margem!

Em 1949, ele era comandante de um regimento de pára-quadristas em Polotsk e conseguiu se tornar muito impopular entre os elementos do Politburo de sua divisão, porque a instrução política declinou sob seu comando. Mais tarde, ele buscou uma recomendação para a Academia Militar. Quando o obteve e leu o texto, jogou-o com raiva na mesa dos recomendadores: "Com isso prefiro procurar uma trepada entre o povo de Benderov, e não na Academia!" (No entanto, ele também conseguiu sair do atoleiro.) Quando se tornou público que ele quebrou um caminhão por dirigir embriagado, ele foi premiado com ... dez dias de prisão em GUBY.

[13]

Isso não importou muito para ele, porque seus próprios soldados - que o carregavam nas palmas das mãos - se encarregaram da vigilância e o deixaram correr pela aldeia. Em última análise, ele teria perdoado o Politburo militar por aquela prisão se não tivesse sido ameaçado com uma corte marcial. Essa ameaça ofendeu muito Kovershenko. Claro! Ivan era ótimo em enterrar bombas, mas quando ele bateu um caminhão imundo ... na masmorra! Isso foi uma ofensa à honra de um o! Certa noite, Kovershenko pulou pela janela, escapuliu até a margem do Dvina, onde conhecia o esconderijo de um barco a motor de um amigo seu ... e desapareceu.

Ninguém poderia tomá-lo por um bebedor de pouca memória: ele queria, antes de mais nada, vingar-se da ofensa que o Politburo militar lhe infligira. Na Lituânia, ele escondeu seu barco e bateu na porta dos camponeses. «Leva-me à guerrilha, boa gente! Você não será prejudicado! Ainda vamos tornar suas vidas amargas ! " No entanto, os lituanos o consideraram um espião.

Para tudo isso, Ivan havia se alertado contra qualquer contingência adversa, costurando uma carta de crédito no forro da capa. Ele comprou uma passagem de trem para casa, entrou no trem e festejou no vagão-restaurante antes de chegar a Moscou. Ao sair da estação, parou por um momento para contemplar, piscando, o esplendor moscovita. Então ele chamou um táxi. "Para uma embaixada", disse ele. "Qual deles?", Perguntou o taxista. "É igual. Pare no primeiro que encontrar. O motorista seguiu as instruções recebidas. "Qual é isso?" "O francês." "Está bem".

Talvez suas idéias tenham sido a princípio um tanto confusas e suas primeiras relações com a embaixada não tivessem outro propósito, mas não lhe faltou habilidade ou energia. Ele circulou para a esquerda para evitar a sentinela vermelha na entrada, correu por um beco lateral e, com um salto enorme, ultrapassou uma cerca de dois metros. No pátio da Embaixada, tudo ficou mais fácil: Iván entrou no prédio sem ser visto, abriu uma porta, depois outra, e *se viu, de repente*, diante de uma mesa servida. Embora houvesse nela todo tipo de delícias, ele se encantou com as peras, de cuja polpa suculenta lhe faltava há muito tempo. Ele forrou os bolsos com eles. Assim que a operação terminou, os convidados da noite apareceram. “Ei, francês!” Kovershenko gritou com eles sem pensar duas vezes. De repente, ocorreu-lhe que a França não fizera nada de bom nos últimos cem anos. «Onde esteve a sua Revolução? Você propõe entregar o poder a De Gaulle? E enquanto isso, devemos servir o trigo Kuban, certo? Bem, você está meio errado a meio! ” “Mas quem é você? 'I pregu ntaron, estupefato, o francês-. De onde vem?” Rápido para responder, e sem esquecer o tom certo, Kovershenko disse: 'Deixe-me apresentar-me. Comandante do MGB ». Os franceses estavam com raiva. “Apesar de tudo, você não pode entrar aqui de forma tão ... direta. Do que se trata?” Kovershenko recuperou a franqueza de sempre e gritou do fundo do coração: 'Ha ha ha! Chupe minha bunda !! » E o louco continuou insultando-os com o tenor até ouvir o telefone tocar em uma sala contígua. Ele ainda estava sóbrio o suficiente para recuar, mas ... ah, as peras! Eles foram projetados de seus bolsos, enquanto maldições e injúrias o perseguiram ...

No entanto, como um indivíduo com cabelo no peito, ele conseguiu chegar em segurança à estação para pegar o trem de Kiev e, ali mesmo, quando acordou no dia seguinte, se perguntando se estava viajando para a Ucrânia Ocidental, foi pego.

Durante o interrogatório, ele foi espancado pelo próprio Abakumov; os vergões em suas costas incharam até o tamanho de um punho. É claro que o ministro não o atacou pelo incidente com a pera ou pelas recriminações legítimas contra a nação francesa, mas para fazê-lo confessar quem o alistou e quando. Sem surpresa, ele foi condenado a 25 anos.

As histórias não têm fim; mas, como qualquer outra carruagem, o "stolypin" silencia ao anoitecer. Durante a noite, não há peixes, nem água, nem

mictório.

Então, como qualquer outra carruagem, ela mergulha no chacoalhar monótono das rodas, que não parece perturbar em nada o silêncio. E então, mesmo quando o soldado mantém sua vigília no corredor, pode-se falar muito baixinho, do terceiro departamento masculino para as mulheres do quarto.

O diálogo com uma mulher na prisão difere muito das conversas comuns. Possui uma delicadeza singular, embora sejam discutidos artigos e duração das frases.

Certa vez, esse diálogo durou uma noite inteira e aconteceu nas seguintes circunstâncias. Isso aconteceu em julho de 1950. O departamento feminino estava quase vazio; Apenas uma menina muito jovem, filha de um médico de Moscou, estava viajando nele, condenada de acordo com o artigo 58-10. Pelo contrário, nas dos homens fazia-se muito barulho, visto que as sentinelas tinham colocado os ocupantes de três apartamentos, em apenas dois (e é melhor não se perguntar quantos ali estavam amontoados). Pouco depois, a causa foi descoberta: aquele departamento havia sido desocupado para abrigar um presidiário cuja aparência não era a de um criminoso. Por enquanto ele não tinha raspado a cabeça, ele tinha cabelo encaracolado, de cor loiro claro, de fato, uma juba encaracolada exuberante cobria sua grande cabeça de casta. Ele era jovem, arrogante e usava um uniforme britânico. Não sei que gentileza houve na maneira como o conduziram pelo corredor (os próprios sentinelas pareceram assustados ao ler as instruções anexadas ao *arquivo*) e, a propósito, a garota não perdeu o menor detalhe. Mas ele nem olhou para ela (e se arrependeu muito mais tarde).

A julgar pela comoção e tremenda agitação, ela adivinhou que um apartamento inteiro (o vizinho) estava sendo desocupado para o recém-chegado, o que aumentou ainda mais seu desejo de falar com ele. No "stolypin" é impossível ver de um departamento para outro, mas pode ser ouvido se houver silêncio. Ao anoitecer, quando os ruídos diminuíram, a garota se aproximou do portão e chamou em voz baixa. (Talvez ele estivesse sussurrando para si mesmo no início, porque a tentativa de puxar conversa teria rendido punição; mas as sentinelas, cansadas de gritar, haviam deixado o corredor.) O estranho a ouviu e adotou uma postura idêntica à indicada. Então, costas com costas, com apenas uma divisão de uma polegada entre eles, eles iniciaram um diálogo sussurrante através do portão, suas vozes alcançando a divisória. Eles estavam sentados próximos

um do outro, a boca voltada um para o outro, quase como se estivessem se beijando, e ainda assim eles não podiam se tocar ... ou mesmo se ver.

Erik Arvid Andersen havia feito tanto progresso com seu russo que compreendia os outros de maneira aceitável; Ele estava claramente cometendo erros gramaticais, mas era claro quando estava interessado em algo. Ele contou à garota sua incrível história (sobre a qual ainda mais detalhes seriam ouvidos no campo de trânsito), E ela lhe contou a dela, bastante modesta, como era típico de um estudante moscovita comprometido com o 58-10. Arvid era todo ouvidos, ele me pediu para lhe contar mais sobre a juventude e a vida soviética, e tudo o que ele ouviu foi bem diferente do que soube nos jornais de esquerda ocidentais e do que viu aqui durante sua visita oficial.

Eles conversaram a noite toda ... durante o qual tudo pareceu derreter para Arvid: a carroça incomum em um país estrangeiro; o ruído entorpecente das rodas noturnas, que em todos os momentos captura o nosso coração, a voz melodiosa, o sussurro ou, a respiração da menina junto ao ouvido, acariciando seu ouvido ... e ainda, sem a possibilidade de vê-la, de não vê-la! , não podia! (E já fazia um ano e meio desde que ouvi uma voz feminina) ...

E ele mesmo foi fundido por aquela garota invisível (e provavelmente - não! Certamente - maravilhosa) da Rússia, cuja figura começou a tomar forma enquanto a voz da Rússia lhe contava toda a verdade durante aquela longa noite. Também se pode conhecer um país como este. (Amanhã ele iria espiar pela janela os telhados de palha escura dela , e o sussurro patético de seu companheiro oculto servia como Cicerone.)

Pois tudo isso é a Rússia: os presos que viajam sobre rodas e que não têm mais energia para reclamar; a garota atrás da parede do apartamento «stolypi n»; as sentinelas prontas para descansar, as peras escapando de seus bolsos e o cavaleiro conduzindo seu cavalo escada acima no Comando.

"Gendarmes!" Gendarmes!

Assim soaram os gritos de júbilo dos condenados. A alegria se devia ao fato de que a partir de agora não seriam escoltados por soldados, mas por policiais, ou seja, pessoas mais tratáveis.

Mais uma vez, omiti as aspas. Este relatório vem de Korolenko. ^[14]
Para falar a verdade, não ficamos muito felizes com o súbito aparecimento

de bonés azuis. Isso significou apenas uma mudança repentina, comum quando se está sujeito, no "stolypin", ao chamado *pêndulo*.

Para o viajante que está sendo executado na plataforma de uma pequena estação intermédia, a *subida para o trem* r t é difícil, mas a *desmontagem* é o mais simples do mundo: Basta jogar as suas malas e pular atrás dele! As coisas variam muito para o prisioneiro. Se o guarda local ou a milícia não vier buscá-lo; se demorar apenas dois minutos..., bum, o trem começa a andar de novo e, com ele, até a próxima prisão provisória, o pobre pecador em seu «stolypin». Nada mal se tudo acabar aqui, porque aí você pega sua ração de novo. O pior é quando você vai para o final do itinerário stolypin, porque então você senta por dezoito longas horas na carruagem vazia, antes de ser transportado de volta com a nova carga, e então pode não haver ninguém para confiar você a mãos amigas, que mais uma vez cair na armadilha, e durante esse tiem po *você não vai alimentar!* Porque a tua ração foi calculada até à primeira transferência, e a contabilidade não tem culpa de os carcereiros terem adormecido: seja como for, já estás sob a jurisdição de Tulun. Logicamente, as sentinelas não podem gostar da ideia de sustentá-lo com suas próprias provisões. Então você inicia um movimento de pêndulo, que pode ser repetido até seis vezes (o que não é incomum): Irkutsk-Krasnoiarsk, Krasnoiarsk-Irkutsk, Irkutsk-Krasnoiarsk, e quando, finalmente, você se encontra na plataforma de Tulun e vê um boné azul, você se joga no pescoço de seu portador gritando: "Obrigado, salvador, obrigado!"

Depois de dois dias, o "stolypin" te transforma em um embrulho de infelicidade tão espremido e ansioso que quando você se vê diante de uma cidade não sabe mais se seria preferível largar o meu pouco mais para alcançar a meta mais cedo, ou permanecer um passe um tempo no acampamento de trânsito e recupere o fôlego.

Porém, você ouve que os sentinelas estão agitados, tudo trote para cima e para baixo, você os vê sair do compartimento com seus impedimentos, e então deduz que o carro inteiro está sendo descarregado.

Primeiro ficam em semicírculo, em frente ao estribo da porta, e assim que te empurram para baixo, tropeçando e escorregando, ouve-se gritar por toda a parte, com vozes ásperas e acordes (foram treinados assim): 'Sente-se! Sentar-se! Sentar-se!' É como se o grito viesse de inúmeras gargantas. E você não pode olhar para cima. Dá a impressão de estar sob fogo de artilharia, você involuntariamente se agacha e dá uma corrida curta

(perguntando-se por que está com tanta pressa, no entanto) e pressiona o solo ao alcançar aqueles que o precederam.

"Sentar-se!" Uma voz de comando muito clara, mas se você for um novato não a entenderá instantaneamente. Em Ivanovo, atropeliei um tapume arrastando a minha mala, e justamente quando era urgente acordar a alça da mala quebrou (não feita no acampamento, mas fora); Então, sem observar como giravam as cabeças, sentei-me na beira da mala, para quem pensaria em sentar nos trilhos ou naquela terra negra e gordurosa, com uma capa de oficial ainda impecável apesar de ter sofrido canhonadas longas? O chefe do con voyo - um rosto tipicamente russo, corado, áspero - deu uma pequena corrida (ainda não consegui explicar o motivo de tanta pressa) e apontou sua bota sacrossanta para minhas costas amaldiçoadas e humilhadas; mas algo pareceu fazê-lo reconsiderar ... e então, sem pensar nas pontas dos pés reluzentes, deu um chute formidável na mala, quebrando o convés. "Sentar-se!" Ele pronunciou a palavra para reforçar sua autoridade. Foi então que me senti subindo como uma torre entre os abatidos *Zekos*, e suprimi a pergunta: "Como devo sentar?" Instantaneamente, porque eu já sabia a resposta. Sentei-me assim, como os outros, na minha capa imaculada: os cães deitam-se no quintal; os gatos, antes do portal.

(Ainda tenho aquela mala e, ao arrombá-la, passo a mão nas arestas angulares do buraco. Isso tem tão pouco remédio quanto no corpo ou no coração. As coisas nos antecipam nessa impossibilidade de esquecer).

A obrigação de sentar tem o propósito pretendido. Se você se sentar no chão com os joelhos estendidos, o centro de gravidade se desloca para trás, impedindo que você se levante facilmente e impossibilitando o salto. Além disso, colocam-nos um ao lado do outro, quanto mais apertados melhor, para que o vizinho dificulte qualquer movimento; e, portanto, se fôssemos conjurar para atacar as sentinelas, eles nos derrubariam antes que a meada se desfizesse.

Sentamo-nos porque estamos esperando o corvo (ele pega algumas pessoas, não há remessas totais) ou porque a marcha nos espera. Em geral, busca-se um lugar isolado para que os seres livres vejam o mínimo possível, mas às vezes você tem que se contentar com a plataforma ou qualquer lugar público (em Kuibichev é o caso). Isso implica uma grande tribulação para os homens livres: de nossa parte, nós os olhamos boquiabertos com razão e intenção sincera, mas com respeito a eles ... como eles nos conceituarão?

Com ódio? Isso não é tolerado pela consciência (pois apenas os *iermilovs* acreditam que certas pessoas deveriam sentar-se assim porque "merecem"). Simpatia? Compaixão? Em caso afirmativo, por que eles *próprios* não anotam os nomes e fazem uma reclamação? Nada seria mais fácil! E nossos cidadãos livres, nossos orgulhosos cidadãos ("Continue, leia aqui e me inveje, olhe quem eu sou: um cidadão da União Soviética!"), Eles inclinam suas cabeças culpadas e fazem o possível para não olhar para nós, como se fôssemos ar. Muito mais corajosas são as mães idosas: estas não podem ser criticadas, ainda acreditam em Deus; Eles tiram um pão de sua modesta cesta e cortam um pedaço para nós. Por outro lado, os ex-presidiários, os *bytoviki*, também não se intimidam, é claro. Esses internos dizem a si mesmos: "Quem não estava lá ... entrará um dia, e quem esteve ... nunca se esquecerá". E eles nos dão um maço de cigarros, esperando que o mesmo seja feito com eles da próxima vez. Mas as mãezinhas têm pouca energia, e o pão cai no chão, os cigarros esvoaçam por alguns instantes no ar e pousam no mais denso de nosso círculo, as sentinelas tiram a segurança de seus rifles com grandes exhibições ... e se revoltam contra as velhas, tabaco, pão. "Tente sair daqui o mais rápido possível, sua vagabunda!" E o pão, partido com a unção, jaz no pó e fica lá até nós partirmos.

De modo geral, aqueles minutos passados no solo despojado de uma estação ferroviária estavam entre os melhores de nossas vidas erráticas. Como naquela vez em Omsk ... Fomos obrigados a sentar nos dormentes entre dois trens de carga. Ninguém passava (eles colocaram um protesto em cada extremidade da passagem. "Pare! Proibida a invasão!" Bem, nosso povo, mesmo os livres, são treinados para obedecer aos homens de um iforme). Estava escurecendo, era agosto. O cascalho untuoso da ferrovia ainda retinha o sol da tarde e nos aquecia. Não dava para ver a estação, mas ficava muito perto, em algum lugar atrás dos comboios. Um alto-falante tocava canções alegres contra o pano de fundo da monótona agitação humana. E essa foi a razão; Deus sabe bem que não nos sentimos deprimidos, mesmo quando estivéssemos agrupados como ovelhas na terra. Aquela música dançante de casais desconhecidos não nos parecia uma gozação encantadora ..., embora nunca tivéssemos dançar ao seu ritmo. Também não ficamos mortificados com a suposição de que havia alguém naquela plataforma esperando ansiosamente por alguém, e talvez até com um buquê de flores. Sim, foram vinte minutos de algo muito parecido com a liberdade: escureceu, as primeiras estrelas apareceram, cintilantes, e as

luzes vermelhas e verdes da ferrovia se acenderam, enquanto a música continuava tocando. Embora a vida continuasse sem nós ... não nos causou dor. Se você aprender a aproveitar esses minutos, a masmorra será mais suportável. Caso contrário, a raiva separa você.

Quando é perigoso conduzir os *zeks* até o corvo (já que há estradas e seres humanos nas margens), eles recorrem a outra ordem do regimento prisional. "Março de braços dados!" Não há nada de humilhante aí. "Ligar!" Velhos e jovens, meninas e avós, saudáveis e aleijados. Se seu braço esquerdo agarra o rebanho, ele fica preso por baixo dele e sua mão direita agarra o outro lado. Agora você marcha duas vezes mais empilhado em comparação com as formações comuns e, para piorar ainda mais - você verá imediatamente - você manca e se retorce com peso desequilibrado, apoiando-se indefesa e vacilante um no outro, agarrando-se ao seu lixo. Seres imundos e esfarrapados ... vocês vão como cegos se unindo com afeto aparente ... uma paródia da Humanidade.

Mas talvez o corvo ainda não esteja lá. E talvez o chefe do comboio seja uma tarefa simples e tema que você se perca no caminho. Então você desfilará entrelaçado e ainda balançando, tropeçando em suas coisas enquanto marcha direto pela cidade em direção à prisão.

Ainda outra ordem é ouvida. Desta vez, os gansos são parodiados «Calcanhares na mão! O que significa o seguinte: quem tiver a mão livre deve segurar um dos pés no tornozelo. E então: "Mar... chen!" (Bem, caro leitor, agora deixe o livro de lado por um momento e ande pelo seu quarto em um ritmo animado ... Como você está? A velocidade o incomoda? O que você observou durante o passeio? Qual a sua opinião sobre uma possível fuga? Você consegue imaginar três ou quatro dúzias desses gansos em condições idênticas?) (Kiev, 1940).

Nem sempre é agosto; às vezes tudo acontece em dezembro, como em 1946, quando você era transportado sem um *corvo*, a quarenta graus abaixo de zero, para a prisão provincial de Petropavlovsk. Como você pode imaginar, o acompanhante da "stolypin" lamentou muito não ter conseguido organizar o desfile até o mictório nas últimas horas da viagem. Nervoso com os interrogatórios, congelado até os ossos, quem poderia se controlar, principalmente as mulheres? Bom e que? Um cavalo simplesmente para e abre os remos traseiros, um cachorro se encosta em qualquer poste e levanta a perna. Mas vocês, seres humanos, embora possam fazer na hora, não acham satisfatório, principalmente na metrópole! Tudo deve ser mantido

seco nas estruturas ... Vera Korneieva se abaixou para desamarrar um cadarço, mancou para o lado ... e imediatamente o soldado jogou seu cão pastor contra ela. O animal rasgou as roupas de inverno com suas poderosas presas e as enfiou fundo nas nádegas. Não há necessidade de ficar confuso! Apenas uma mulher uzbeque desmaiou ... Assim, ela é reanimada ao bater nas pernas com coronhas de rifle e botas pesadas.

O interessado no caso não poderá verificar com nenhuma fotografia do *Daily Express*. Enquanto isso, o chefe do comboio chegou à velhice sem que ninguém o tivesse levado a tribunal.

Os *corvos* também são relíquias históricas. Bem, os carros celulares descritos por Balzac não eram alguns veículos semelhantes ao corvo? Claro, eles se moviam mais devagar e sua carga era menor.

No entanto, na década de 1920, os prisioneiros ainda formavam grandes colunas, cortando cidades - algumas tão grandes quanto Leningrado - e parando em encruzilhadas para abrir caminho para veículos. ("Multidão de ladrões!" Os transeuntes balbuciam maliciosamente. "Seus planos foram finalmente frustrados, hein?"). (Agora, naquela época o grande projeto de canalização ainda não era conhecido) ...

No entanto, embora o Arquipélago tenha abraçado este último grito da técnica com grande entusiasmo, não renunciou ao *corvo negro* carinhosamente chamado de *Voronok*. Os primeiros corvos conquistaram simultaneamente, junto com os primeiros caminhões, o pavimento, ainda pavimentado, de nossas estradas. Por ter uma suspensão terrível, eles estremeciam e balançavam, mas afinal os novos prisioneiros não eram feitos de vidro. Ao contrário, em 1927 a embalagem era a melhor: nem uma única fenda, nem uma simples lâmpada dentro, sem a menor possibilidade de respirar ou ver. E naquela época os corvos já estavam aglomerados até explodir; todo mundo tinha que ficar lá. Mas isso não foi feito porque era para encenar uma grande multidão; simplesmente ... faltavam rodas.

Por muitos anos, esses cascos eram cinza, de aço, uma exigência notória do sistema prisional. Foi só depois da guerra que o julgamento foi retomado nas grandes cidades, e então decidiu-se pintá-las do lado de fora com cores alegres, escrevendo em cima palavras como "Pão" (foram os ocupantes o pão da reconstrução?), "Carne" (teria sido mais preciso colocar "Bones"). e até às vezes: "Brinde com champanhe soviético!"

Por dentro, o corvo lembra um carro blindado simples , um contêiner vazio para o gado. Pode haver bancos ao redor das paredes, mas cuidado, isso não é uma conveniência! Digamos de uma vez por todas: esta arrumação foi pensada para os seres humanos amontoados como sardinhas em lata e, portanto, parecem mais fardos de bagagem, meros fardos. Os corvos costumam carregar uma *gaiola*, um armário estreito de aço para uma pessoa, na parte traseira , e também costumam *prender* o todo : ao longo das faixas direita e esquerda, gaiolas individuais autênticas são alinhadas, com fechos células herméticas semelhantes; o corredor é gratuito para o *vertujai*.

Se você tiver a oportunidade de "brindar com champanhe soviético", ficará atento a essa instalação de estrutura complexa como um apiário?

Durante o embarque nos corvos, o mesmo rugido imperioso da escolta é ouvido por toda parte. *Davai! Davai!* Mais rápido! Para impedi-lo de determinar seus contornos e rapidamente arquitetar um plano de fuga, empurrões e punhos se multiplicam; Por causa disso, você fica preso no rebanho na entrada estreita e dá uma palmada dolorosa. Por fim, a porta traseira de aço fecha-se laboriosamente e ... sai dela!

É claro que a viagem com o corvo não dura muito: raramente mais de duas ou três horas, e muitas vezes apenas de vinte a trinta minutos. No entanto, o barulho não é desprezível: nessa meia te sacode até arrancar a alma do corpo; é literalmente um urubu barbudo e esmaga a cabeça dos magricelas... preste atenção, pois logo você estará suspirando pelo confortável «stolypin»!

Por outro lado, o corvo implica um novo embaralhamento, como nos jogos de cartas ..., novos contactos sociais, entre os quais se impressiona especialmente, naturalmente, pelo estabelecido com os criminosos. Talvez no setor ferroviário você possa evitar essa coexistência, ou talvez você possa escolher outra cela em nosso novo presídio ..., mas aqui você está de pés e mãos amarrados.

Às vezes, a estreiteza é tal que nem mesmo os próprios *urkas*, os criminosos comuns, conseguem abrir caminho, apesar de seus *pés de cabra*. Suas pernas, seus braços se confundem com os corpos e feixes, formando blocos compactos. Você só pode variar a posição rígida de seus membros quando ocorre um inchaço, porque então tudo vira de cabeça para baixo, incluindo o baço e o fígado.

Às vezes você viaja com mais ventilação, e os *Urkas* aproveitam aquela meia hora oportuna para examinar o conteúdo das mochilas e confiscar tudo para os *bacilos*, mas só uma parte das boas quinquilharias. Possivelmente você não queira comprometer o seu futuro com uma briga, porque os reflexos tímidos, embora também razoáveis, ocupam um primeiro lugar na mente (você já está perdendo, grânulo após grânulo, sua alma imortal, porque você constantemente antecipa o aparecimento de inimigos, ainda eventos piores e mais importantes em um futuro incerto, por isso é conveniente economizar energia). Ou talvez você reaja sem pensar ... e então de repente se vê com uma faca enfiada entre duas costelas. (Não haverá investigação ... e, se houver, os criminosos não terão motivo para alarme, pelo contrário; eles serão deixados em qualquer prisão de trânsito e não precisarão continuar sua jornada para o acampamento remoto. Quando um conflito eclode entre um elemento quase social e outro anti-social, o Estado - com cuja opinião convém concordar - não pode tomar partido deste).

Lunin, coronel aposentado e uma personalidade dos *Osoaviajim*,^[15] relataram o seguinte, em uma cela em Butyrki, em 1946: No dia da Anunciação (8 de março), os *urkas* de um certo corvo moscovita estupraram consecutivamente uma jovem diante de seus próprios olhos durante a jornada do Palácio da Justiça para a taganka (enquanto os ocupantes restantes do corvo o observavam impotentes). A vítima, uma menina com namorado e justamente na véspera do casamento, comparecera naquela mesma manhã ao tribunal (seu superior imediato a acusara de deixar o trabalho intencionalmente, para se vingar dela por não querer acompanhá-lo à cama). Ele foi condenado a uma pena de cinco anos no estilo ucase; então, apenas uma hora depois, ela foi colocada no corvo e logo depois, à luz do dia, enquanto dirigia pela avenida Sadovaya, ela foi transformada em uma prostituta do acampamento ("Brinde com champanhe soviético!") Os criminosos comuns podem ser culpados aqui? Não são os carcereiros? Não para seus superiores complacentes?

Ah, que bom patife! Bem, além disso, roubaram da menina seus sapatos de domingo - com os quais ela tentara impressionar os jurados - e seu terno sob medida; depois, eles os repassaram às sentinelas, que foram comprar vodca e distribuíram vários copos aos *urkas* às custas de sua vítima.

Quando essa expedição chegou ao *taganka*, a garota, em lágrimas, fez um protesto. O oficial a ouviu e respondeu, enquanto segurava um bocejo:

"O estado não pode fornecer a cada um de vocês um veículo particular." Nossos meios de transporte são limitados.

Verdade; os corvos são verdadeiros "istmos" do Arquipélago. Assim como é impossível no "stolypin" separar os presos políticos dos criminosos, no corvo não há possibilidade de estabelecer uma separação entre homens e mulheres. É tão incrível, então, que os *Urkas* tentem "aproveitar a vida" enquanto são transferidos de uma prisão para outra?

Agora, se não fosse pelos *urkas*, é preciso agradecer ao corvo por aquele breve encontro com as mulheres! Pois se não, como os prisioneiros poderiam vê-los, ouvi-los e tocá-los?

Uma vez - isso aconteceu em 1950 - fomos conduzidos de Butyrki para a estação sem a aglomeração de costume: quatorze homens, apenas quatorze, em um corvo com bancos. Quando todos se acomodaram, uma mulher apareceu de repente, sozinha. A princípio ela encurralou, com medo da porta: viajando com quatorze homens em uma câmara escura e sem qualquer proteção! No entanto, após uma breve troca de pontos de vista, ficou claro que apenas o nosso, o eterno 58, viajou para lá .

A mulher nos disse seu nome: Repina, esposa de um coronel; o detido; ela, abaixo. Então, inesperadamente, um militar taciturno, muito magro, muito jovem - a julgar pelo rosto, poderia ser um tenente - fez ouvir sua voz e perguntou: "Diga-me, você não esteve na prisão com uma certa Antonia I.?" "Como! Você é o marido dela? Oleg? » "Sim". "Tenente Coronel I. da Academia Frunze?" "Sim".

Esse "sim" era algo para se ouvir! Saiu de uma garganta apertada; o medo de *saber* venceu a alegria do encontro. O militar sentou-se ao lado dela. Os brilhos crepusculares daquele dia de verão penetravam pelas duas janelinhas da porta dupla traseira e, a cada volta do corvo, espreitavam com curiosidade os rostos da mulher e do tenente-coronel. "Durante a investigação estive com ela quatro meses, na mesma cela." "Você sabe onde ele está agora?" - Ele pensava em você o tempo todo. Eu só estava com medo por você! Primeiro, ser preso; depois, que a pena não foi leve. Mas onde ele está agora? "Ela acreditava que era culpada da prisão dele ... e isso a fez sofrer muito!" "Onde você está?!" Por favor ... não fique animado. Repina colocou as duas mãos em seu peito com confiança. Era muito estresse

para ela. Eles a levaram para outro lugar. Eu estava muito ... confuso. Entende ...? "

Essa minúscula tempestade irrompe entre as quatro paredes do baú de aço; corre, inaudível, pela estrada de seis quarteirões, para no semáforo e emite um breve brilho, antes de se apagar.

Acabei de conhecer esse Oleg I em Butyrki. Foi assim que aconteceu: fomos colocados juntos na mesma jaula de ferrovia e, nesse ínterim, nossos pertences foram revistados. Eles também nos ligaram ao mesmo tempo. Atrás de uma porta entreaberta no corredor, vi uma zeladora, vestida com roupão cinza, inspecionando o conteúdo de sua mala: uma ombreira dourada caiu no chão - sabe-se lá por que estaria solta! - e o guarda plantou uma bota, sem perceber, sobre a grande estrela.

Eu indiquei isso ao meu parceiro. "Olha só, camarada tenente-coronel!"

Seu rosto ficou sombrio ... bem, ainda o afetava muito, e ele, o oficial, ainda respeitava tanto o conceito de serviço impecável ...!

E agora esta ... a revelação sobre sua esposa.

Ambas as coisas aconteceram com ele no espaço de uma hora escassa ... e ele precisava tirar força da fraqueza para superá-los.

II

Os portos da arquipelago

Pegue um grande mapa de nossa terra natal e espalhe-o sobre uma grande mesa. Em seguida, desenhe pontos muito pretos no centro de todas as regiões, em todos os entroncamentos ferroviários, em todos os locais de transbordo, onde uma ferrovia termina em um rio ou onde um rio serpenteia e começa nele. um caminho. Não pode acreditar em seus olhos? O jornal está cheio de "merda de mosca". Pois bem, o que tens nas mãos é o pomposo mapa dos portos do Arquipélago.

É verdade que estes não são os portos feiticeiros aos quais Alexandr Grin nos conduz sedutoramente, não os portos onde se bebe rum nas tabernas e onde moças exóticas são cortejadas. Aqui também falta o mar azul (para o banho há um litro de água por cabeça ou quatro litros para quatro pessoas numa bacia comum para que não perca tempo: É o mesmo trabalho, rápido!) Porém, no resto nada falta ao romantismo do porto: sujeira, parasitas, terríveis apertos e juramentos selvagens, confusão de linguagem e brigas sem descanso.

É raro encontrar um *zeko* que não conheça de três a cinco desses pontos. Muitos se lembram de uma dúzia. E os filhos do GULAG somam facilmente cinquenta. Apenas um os confunde pelas semelhanças que existem entre eles: tutores rudes; apelos estúpidos; longas esperas a pleno sol ou na garoa de outono, uma busca ainda mais longa que só poupa a pele; cortes de cabelo desagradáveis; *bani as* frio e escorregadio; banheiros fedorentos, corredores mofados, celas eternamente estreitas e pegajosas, quase sempre escuras e úmidas; o calor de corpos humanos de cada lado do seu, esteja você em uma plataforma ou deitado no chão; as bordas da cabeceira da cama, feitas de tábuas; pão mal cozido, quase uma pasta; e a *balanda*, nossa água suja dos presídios, que, ao que parece, eles fazem com ração de silos.

Quem tem uma memória nítida, uma memória que preserva claramente cada uma das memórias, pode evitar viajar, porque graças às prisões de trânsito tem na cabeça toda a geografia do nosso país. Novosibirsk? O conheço; Eu estive lá. Quartéis sólidos que parecem fortes, construídos com toras grossas. Irkutsk? Foi lá que as janelas foram fechadas com tijolos em várias ocasiões; você vê, como no tempo dos czares. E depois de fechar as janelas, eles acabaram fechando todos os buracos por onde o ar poderia entrar. Vologda? Sim, são ruínas com torres. Os vasos sanitários estão um em cima do outro, as tampas de madeira estão podres, então as de cima pingam nas de baixo. Uzman? Bem claro. Uma prisão nojenta e fedorenta, uma velha alvenaria abobadada. Além disso, eles a enchem até a borda. Quando parte uma expedição, não dá para imaginar que todas essas pessoas estavam lá dentro: a colônia ocupa metade da cidade.

Não seja imprudente ao falar na frente de um especialista sobre o assunto; tenha cuidado para não dizer a ele que você conhece uma cidade onde não há prisão de trânsito, porque isso vai mostrar a você, irrefutavelmente, que essas cidades não existem ... e você terá razão. Salsk? Ah! Os homens que passam são trancados ali - nas masmorras - com os que estão na prisão preventiva. E assim se comportam em cada centro distrital. É diferente de uma *peresylka*, uma prisão de trânsito? Sol-Ilezk? É claro que a mesma coisa acontece lá! Ribinsk? Prisão número 2 no antigo mosteiro? Oh! Que abençoada paz nela; os pátios pavimentados vazios, as velhas lajes de pedra cobertas de musgo e, na *bania*, as bacias de madeira limpas. Guepardo? Prisão número um? Nauski? Não há uma prisão aqui, mas um campo de trânsito, mas que diferença há? ¿ Ton Chok? Bem, novamente um mosteiro na montanha.

Sim, entenda, homem de Deus, não pode haver cidade sem prisão de trânsito! Como se não houvesse tribunais de justiça em todas as cidades! Como se fosse possível transportar pessoas para campos de trabalho!

Naturalmente, nem todos os *peresylkas* são iguais . No entanto, seria inútil discutir sobre o que é melhor ou pior. Quando dois ou três *zeks* se encontram, cada um invariavelmente se gaba de ser "seu".

"Bem, o Ivanovo *peresylka* não é exatamente famoso , mas pergunte a quem esteve lá durante o inverno de trinta e sete a trinta e oito ... Não havia aquecimento no prédio, mas ninguém estava frio." Bem, quem está falando sobre frio ... Aqueles nas plataformas acima estavam nus. E todas as vidraças da janela foram quebradas; caso contrário, teríamos sufocado. Na

cela vinte e um, em vez dos vinte permitidos, havia *trezentos e vinte e três homens!* Sob as plataformas, a água chegava até os tornozelos e havia pranchas por cima, onde as pessoas se aglomeravam . Mas era precisamente para onde ia a corrente de ar das janelas sem vidro, um ar gelado. Lá, sob as plataformas, sem necessidade disso, a noite polar já reinava. E, ainda por cima, a escuridão era absoluta; nem um brilho fraco poderia se infiltrar nas pessoas ao lado deles. Não havia passagem para chegar ao balde que servia de banheiro; era preciso deslizar ao longo da borda das plataformas. A comida não era fornecida individualmente, mas em grupos de dez. E quando um dos dez morria, ele deslizava sob as tábuas do assoalho até cheirar mal. Enquanto isso, o resto comeu a ração do morto. E tudo isso teria sido suportado se os *vertujais* não tivessem caminhado, como picadas de tarântula, levando continuamente as pessoas de uma cela a outra, assim como de um lugar a outro, sem trégua. Eles mal tinham acomodado você, você ouviu: "Para cima!" Em marcha para outra cela! E para ver como você conquistaria um quadrado novamente. E por que esse excesso de gente ? Não houve *bania* em três meses; Os piolhos prosperaram, ulceraram os pés dos presos e causaram tifo. A quarentena de tifo foi imposta e nenhum transporte sobrou por quatro meses.

"Uau, meninos, isso não era coisa de Ivanov ou, era sobre o ano." Naturalmente de 1937-1938. Não seria necessário que um *zeko* falasse , as próprias pedras dos *peresylkas* *gemeram*. Irkutsk, por exemplo, não era uma prisão especial; Mas em '38 os médicos não ousaram olhar dentro das células. Eles simplesmente marcharam pelo corredor enquanto o *vertujai* *berrava* : "Quem não sabe, sai com ele!"

'Em 1937, meus amigos, toda a tropa cruzou a Sibéria para o Kolyma. O assunto estava junto ao Mar de Okhotsk e Vladivostok. Os navios conseguiam transportar, no máximo, trinta mil por mês, mas Moscou não levou isso em consideração e continuou a enviar cada vez mais gente. Até cem mil reunidos, você sabia?

"Quem poderia contá-los?"

"Quem precisava saber, não se preocupe."

"Se você quer dizer o *tranzitka* de Vladivostok, em fevereiro de 1937, no máximo, quarenta mil esperavam lá."

"E eles ficaram lá por meses." Os percevejos saltavam como gafanhotos nas plataformas. Água? Meio copo por dia. Dizem sem rodeios: "Não temos nenhum e ninguém sai à procura dela." Havia uma área própria

para os coreanos ... Todos morreram de disenteria, todos. Cerca de cem homens eram levados de nossa área todas as manhãs. Quando construíram a casa mortuária, os próprios *zeks* tiveram que puxar as carroças carregadas de pedras. Hoje você joga, e amanhã eles vão carregá-lo. E, caso sobrasse algo, o tifo exantemático apareceu no outono. Tampouco o que aconteceu entre nós foi diferente: não desista de morto enquanto não cheirar mal ... Sua ração era muito boa para nós; nós a tínhamos em alta estima. E de medicamentos, sem vestígios.

Estávamos nos aproximando das cercas de arame farpado: Dê-nos remédios! E o que eles fizeram? Atire das torres de vigia. Os sofredores de tifo foram posteriormente transferidos para um quartel apenas para eles. Ele não aguentou a transferência, mas muitos também não. As plataformas estavam uma em cima da outra. Bem, como você pode ir ao banheiro se estiver com febre? Então, deixe-o cair em cima do que está abaixo! Cerca de 1.500 tiveram que permanecer lá. Criminosos comuns agiam como banheiros e arrancavam molares de ouro dos mortos. Quanto ao resto, não tinham muita consideração pelos vivos ...

"Oh, dê um fim aos seus eternos trinta e sete e trinta e oito!" Você não quer uma amostra do que aconteceu em 1949? Na enseada do Vanino, na quinta zona, são trinta e cinco mil! E por meses! Novamente por causa do envio para o Kolyma. E, noite após noite, acontecia em barraca após barraca, área após área; não me pergunte por quê. Como entre os fascistas: S ilbatos, gritos. "Saia e *não haja último!*" E tudo isso em um ritmo acelerado, sempre em um ritmo acelerado. Uma empresa tem que ir atrás do pão ... Rápido, rápido! Para encontrar a sopa... Rápido, rápido! Não havia pratos, e você tinha que pegar a *balanda* como Deus te deu a entender: na palma da mão, na saia da capa. A água era tirada de cisternas, mas para onde levá-la? Portanto, ligaram um tubo ..., e mais à frente: quem colocava a boca no jato ganhava sua ração. Os homens começaram a lutar pelos locais ... e as balas começaram a chegar das torres de vigia! Bem, exatamente o mesmo que entre os fascistas. O Brigadeiro General Derevianko, chefe do USVITL, veio para uma inspeção.^[16] e então um piloto de caça saiu do meio da multidão e disse, após abrir sua túnica: "Fui condecorado sete vezes durante a guerra. Quem lhes dá o direito de atirar na área? E Derevianko respondeu, implacável: "Nós atiramos e continuaremos atirando enquanto você não aprender a se comportar."^[17]

"Não, crianças, aqueles não são *Peresylkas* ou algo assim." Kirov ... isso é! Vamos sair dos anos especiais e vamos pegar qualquer um, simples ... 1947. Bem, os *vert ujais* tinham que empurrar as pessoas com as botas para poder fechar a porta da cela, porque era impossível para o bem. Em setembro, os homens estavam amontoados, gotejando suor e nus, no estrado de três andares. *Encolhido* porque nenhum local disponível para mentir (e Kirov não está nas margens do Mar Negro): uma fileira ela se sentou na cabeceira; outro, nos pés; e duas filas, no corredor, no chão; e entre eles estavam mais em pé. Depois de um tempo, ele mudaria de posição. A parte de baixo tinha de ser segurada nos braços ou nos joelhos; Onde mais? Apenas criminosos comuns descansavam onde deviam: nas plataformas do centro, perto da janela. Havia percevejos em tal número que também eram um tormento durante o dia ; eles foram lançados diretamente do teto. Assim se passou uma semana e também um mês.

Eu ficaria feliz em jogar meu quarto nas minhas costas e falar sobre o que aconteceu na Krasnaya Presnia em agosto de 1945, ^[18] o verão da vitória; Mas tenho vergonha: afinal, podíamos esticar as pernas durante a noite e os percevejos se comportaram de maneira muito correta. E o fato de que à noite éramos picados por moscas, quando você entrava uma luz forte brilhou sobre nós e estávamos nus, suando, é algo que não importa, é uma coisa ridícula para a gente ter orgulho disso. O suor escorria de nossos poros ao menor movimento que fazíamos e corria em rios de verdade após a refeição. Em uma cela do tamanho de uma sala normal, havia cem homens, colados uns aos outros, sem um único espaço livre no chão. Nas duas janelinhas havia "focinhos" de chapa de ferro, também voltados para o sul; e p ou se não bastasse que as placas deixadas não passassem um pouco de ar, começassem a esquentar quando voltassem para o sol, e transformassem a cela em forno.

Precisamente tão confusas e sem sentido quanto as prisões de trânsito são as conversas sobre elas, e possivelmente este capítulo também o será: você não tem certeza de para onde se virar rapidamente, o que escolher, como começar. E quanto maior o número de pessoas amontoadas em uma *peresylka*, seja maio ou seja confusão. É insuportável para os homens; antieconômico para o GULAG... E, apesar de tudo, muitos permanecem neles por meses. Em seguida, a *peresylka* se transforma em uma fábrica seca: as rações de pão são jogadas em uma cesta para carregar tijolos; e a *balanda* fumegante é transportada em enormes recipientes de madeira - seis

baldes em cada um - para os quais é utilizada uma barra que é inserida através das pegas do recipiente.

Sempre mais sobrecarregado e franco do que muitos outros foi o campo de trânsito de Kotlas. Estava sobrecarregado porque abarcava todo o Nordeste russo da Europa, e era mais franco porque, estando já no fundo do Arquipélago, tudo menos assustador era considerado desnecessário. Era apenas um pedaço de terra nua, com muitos prados cercados de forma isolada e cercados juntos. Embora a grande remessa de camponeses transferidos à força já estivesse no campo no início dos anos trinta (que certamente não tinham teto sobre suas cabeças, quem ficou para saber?), Em 1938 não havia todos os internados podiam, longe disso, alojar-se nas casernas baixas de madeira, cobertas com lonas. Tanto na neve úmida do outono quanto na geada do inverno, eles viviam como nos tempos primitivos: acima deles, o céu e, abaixo, a terra. É verdade que não podiam ficar rígidos de frio, pois eram contados repetidamente, arrancados de sua rigidez por meio de formações (às vezes havia vinte mil homens amontoados) ou buscas inesperadas, que eram praticadas durante a noite. Posteriormente, foram armadas tendas nas pradarias e construídas casamatas de vários andares, embora seja verdade que, para reduzir sensivelmente o trabalho, as construções foram realizadas sem coberturas intermédias. Em vez disso, as plataformas foram dispostas em seis filas, uma em cima da outra, com escadas nas laterais, de modo que o *azarão* pudesse subir e descer como marinheiros (uma instalação mais adequada ao interior de um navio do que a um porta). No inverno de 1944-1945, quando todos tinham um teto sobre suas cabeças, o campo era ocupado por sete mil e quinhentos internos, dos quais cinquenta morriam diariamente. E as macas nas quais os mortos foram retirados não pararam por um momento. (Serão objetados a mim que este é um número completamente passageiro, uma vez que a mortalidade era inferior a um por cento ao dia e que, sob tais condições, poderia resistir por até cinco meses. de ossos - trabalho de campo - ainda não havia começado a funcionar neste ponto. Esta perda diária de dois terços por cento significava a *perda total de secagem*, uma perda que não teria sido tolerada em um campo vegetal.)

Quanto mais se avança para o interior do Arquipélago, mais chocante é a transição de portos de pilares de betão armado para berços de postes.

Meio milhão de pessoas passaram por Karabas, o campo de trânsito de Karaganda (um nome que os *Presylkas* logo receberam) no curso de alguns

anos. (Yuri Karbe foi registrado lá já em 1942 sob o número 433.000). O acampamento era feito de quartéis baixos de taipa. Para passar o tempo o melhor possível, os presidiários eram levados todos os dias para o ar livre com suas bugigangas pobres, enquanto os pintores do campo de trabalho lavavam o chão e até pintavam tapetes de contas. Quando a noite caiu, os *zeks se esticaram* no chão e enxugaram a água sanitária, incluindo os tapetes pintados, com seus corpos. ^[19]

O ponto de trânsito Kniazh-Pogost (sessenta e três graus de latitude norte) era composto por um monte de cabanas construídas com lama pantanosa. A moldura de longos postes foi coberta com uma tela rasgada, deixando um bom espaço descoberto no chão. Dentro havia estrados duplos, também feitos de varas mal ásperas. E galhos empilhados no chão, entre os quais a água lamacenta embaixo espirrava continuamente durante o dia, congelando à noite. Em outras partes do campo também, internos exaustos tiveram que se equilibrar em caminhos estreitos e oscilantes, então não era grande coisa que eles às vezes caíam na água e às vezes na lama. Em 1938, em Kniazh-Pogost não havia nada para comer, exceto uma massa de cascas de cevada e ossos de peixe. Como não havia pratos, copos ou colheres no acampamento, e os internos não tinham nada, essa forma de alimentação acabou sendo a mais confortável. As pessoas eram levadas aos caldeirões em grupos de dez, e cada um jogava uma panela cheia na tampa ou nas roupas que costumavam servir de prato, nas próprias roupas.

Pelo contrário, em Vogvozdino (a poucos quilômetros de Ust-Vym), onde cinco mil pessoas foram presas simultaneamente (alguém já ouviu falar desse número antes? Um campo minúsculo entre muitos outros semelhantes, desconhecidos e em cada cinco mil *zeks!* multiplique ...!); em Vogvozdino a sopa era cara, e como não tinham tigelas, compensavam sua deficiência (onde a engenhosidade humana não chega!) com TANQUES DE BANHEIRO, nos quais serviam aquele aguachirle por grupos de dez pessoas, deixando-os sugar forte : ^[20] a *balanda* era fornecida em baldes para grupos de dez homens ... Vamos ver quem comia mais rápido!

É verdade que não permaneceu em Vogvozdino mais de um ano, e isso porque, quando estava a ponto de se esgotar, nenhum ramo de trabalho te queria.

A imaginação dos escritores falha da forma mais lamentável ao tentar descrever o cotidiano dos indígenas do Arquipélago. Quem quer escrever

sobre o pior, sobre a mais vergonhosa das prisões, recorre sempre ao *balde para urinar*, ao balde do canto. Na literatura, ele se tornou o símbolo das prisões, da vida na prisão, da injustiça fedorenta que clamou ao céu e o alcançou. Ai, desgraçados, como se o balde de xixi fosse o pior para o recluso! Foi inventado por carcereiros de boa vontade. Pois o terror começa no instante em que o referido cubo *desaparece* da célula.

Em 1937, não havia *latrinas* em um bom número de prisões siberianas: muito poucas estavam disponíveis. Nenhuma consideração foi dada ao pedido de tais objetos no devido tempo, e a indústria siberiana foi incapaz de transpor o imenso golfo das prisões. Não havia balde para urinar nas células recém-abertas. Nas celas antigas, onde existiam os sanitários, estes se tornaram entretanto muito antigos e pequenos, algo completamente inútil em comparação com a nova capacidade que era necessária, pelo que foram eliminados por sábia medida de prudência. Assim, se a prisão de Minusinsk, construída no ano de Maricastaña, tivesse sido planejada e construída para quinhentos internos (Vladimir Ilyich não tinha estado nela; ele marchou por conta própria para o exílio na Sibéria), e agora ele tinha que para acomodar dez mil, isso significa que cada balde de latrina teria que ser vinte vezes maior. Porém, não foi feito ...

Nossas penas russas relatam amplamente que vivemos bastante e que quase nada delas foi descrito ou nomeado; Mas para os autores ocidentais, acostumados a examinar as menores células existentes com uma lupa, a agitar a mistura fornecida pelo farmacêutico sob a luz do projetor ..., não representaria para eles uma epopéia material para mais dez volumes de *Em busca do tempo perdido*, falando das agruras do ser humano quando há vinte vezes mais pessoal na cela do que o normal, falta o balde para urinar e só permitem ir ao banheiro uma vez a cada 24 horas? É claro que há muitas coisas que esses autores não sabem; Você nunca vai adivinhar essas variações de fazer xixi no capô da capa de chuva , muito menos o conselho do vizinho: fazer xixi nas botas! Porém, é um bom conselho, um produto da experiência: as botas não sofrem nenhum dano e de forma alguma se reduzem a papel de urinol sujo. Funciona assim: tira o sapato, vira de cabeça para baixo, vira a vara para fora ... e você já tem o recipiente tão desejado! E muito menos conhecer os outros costumes que reinam na mesma prisão de Minusinsk ...

Que magnitude de conhecimento psicológico poderiam os autores ocidentais adquirir com base nisso, enriquecendo assim sua literatura sem

correr o risco de cair na cópia vulgar de professores famosos! Segundo eles, são distribuídos pratos para recolher os alimentos: um prato para quatro homens. E para a água, cada um tem o seu copo (há copos suficientes). E então ... um dos quatro usa a placa comum para liberar a pressão interna. De acordo; mas antes da refeição, ele próprio se recusou a entregar seu suprimento de água para lavar o prato em questão. Que conflito! Quatro personagens colidindo uns com os outros! Que imensidão de nuances! (Não estou brincando. É assim que as profundezas da alma humana são expostas. Somente penas russas não têm tempo para descobrir isso, e os olhos russos não têm tempo para ler. Não estou brincando, pois apenas os médicos nos dirão como alguns meses em tal prisão transformam um homem em aleijado para o resto da vida, e isso presumindo que ele não tivesse sido baleado na época de Yejov e tenha sido reabilitado na de Khrushchev).

Nossa, e nós que esperávamos poder respirar um pouco no porto! Durante os dias que estávamos cheios de hunching membros no carro Stolypin ... Fomos suspirando para o *peresylka*! Ah, como podemos esticar e esticar nisso! E nos vimos indo confortavelmente ao banheiro. E beber com prazer. Ninguém vai nos forçar lá a resgatar nossa própria ração dos guardas pagando com nossas coisas. Lá também teremos algo quente ao meio-dia. E, finalmente, a *bania* acena para nós ; Só será necessário que você deite um pouco de água quente sobre ele para que a coceira e a ardência acabem. Antes de chegar ao nosso destino, eles ainda nos gritaram: “Marcha homem com ombro! Mãos nos calcanhares, marchem, marchem! » Mas ficamos encorajados: não importa, *nischevo*, em breve teremos alcançado a meta. A *peresylka* está bem ali ...

É verdade que já estamos na meta. No entanto, se algum de nossos desejos for realizado de alguma forma ..., de alguma forma eles o deixam amargo.

O que nos espera na *bania*? Isso é algo que você nunca pode saber. De repente, eles começam a descascar as mulheres a zero (Krasnaya Presnia, 1950). Ou eles nos levam a um bando de homens em peles vivas para a tosquia , onde as mulheres estão esperando para nos despir. Tia Motia obesa grita na sauna a vapor Vologosk:

“Esperem, homenzinhos!” E vaporizem toda a linha. Mas na *peresylka* de Irkutsk *elas* sabem fazer melhor: ali acham que a maior parte do pessoal

da culinária nos banheiros está mais de acordo com as leis da Natureza ..., e que os homens deveriam aplicar produtos desinfetantes com uma escova entre as pernas de mulheres. Ou em Novosibirsk, onde, no inverno, no local frio para se lavar, só sai água fria das torneiras; até que os presos tirem força da fraqueza e protestem às autoridades. Chega um capitão, que até mete a mão na água: «E dizem que isto está frio? Está quente para mim, entendeu?» L para avisar em breve infelizmente um também aí *Banias* sem água; que as roupas foram queimadas na sala de secagem; aquela força um, depois de terminar na *bania*, a correr descalço e nu pela neve até chegar a seus lugares (Defesa da II Frente Bielo-russa, Brodnizy, 1945).

E assim que se dá os primeiros passos na *peresylka*, entende-se que o governo não está aqui nas mãos dos guardiões, dos guerreiros e das ombreiras dos uniformes, o que, no entanto, te faz lembrar de repente que existe algo como uma lei escrita. Aqui você está sob o domínio do *pridurki*.

O homem de banho sombrio que vai procurar o lote a que pertence: "Vamos lavar-se, meus senhores fascistas!"; e o líder da expedição, que carrega a lousa na mão, que olha sua linha com olhos de fera, que o incentiva a ir mais rápido; o *educador* bem barbeado, mas de cabelos compridos, que acaricia seu joelho com um jornal enrolado enquanto seu olhar calcula o que seus carços contêm; e a grande quantidade de outros *pridurki* que vocês ainda não conhecem, que passam por suas malas com olhos que parecem ser máquinas de raio X ... Como todos se parecem! E onde você não os encontrou em todos os lugares durante sua curta viagem ao campo de trabalho? Nem sempre tão presunçoso, nem sempre tão limpo ... não são, o tempo todo, as mesmas feras que rangem os dentes cruelmente?

Merda! E novamente os criminosos comuns! Novamente os *urkas* cantados por Utiosov! Novamente um Chenka-Chogol, um Serioga, também conhecido como *Animal*, e um Dimka, também conhecido como *Barriga*; apenas eles não estão mais atrás das grades. Lavados, vestidos ^[21] como honestos funcionários do Estado, eles assistem, com prosopopéia, para disciplina - nossa disciplina. Se examinarmos seus rostos com atenção, é possível imaginar, com um pouco de fantasia, que esses homens pertencem à raça russa, que são ex-meninos camponeses cujos pais se chamavam simplesmente Klim, Projor ou Guri. Sim, eles têm até as mesmas características que nós: duas narinas, duas pupilas nos olhos, uma

língua rosada para empurrar comida, para pronunciar sons russos que, certamente, se unem para formar novas palavras.

Cada chefe da *peresylka* acaba descobrindo mais cedo ou mais tarde: pagar aos parentes que estão em casa os salários previstos na folha de pagamento ou distribuí-los entre os *natchalniks*. Então você só precisa chamar os *elementos sociais próximos*, e os voluntários se aglomeraram para trabalhar sem receber pagamento; simplesmente, para que possam lançar o pé na prisão, mas não continuem a ser mandados para a taiga, as minas de carvão e as minas minerais. Todos esses escriturários, contadores, educadores, banhistas, cabeleireiros, gerentes de armazém, cozinheiros, operários, lavadeiras e reparadores são inquilinos eternos da *peresylka*, que recebem sua ração e têm sua cela. O restante da melhoria na alimentação é obtido sem a ajuda dos *natchalniks*: eles a retiram da caldeira comum ou dos pacotes de viagem dos prisioneiros que passam pelo campo. Todos esses *pridurki* dos campos de trânsito estão justificadamente convencidos de que não teriam uma vida melhor em nenhum campo de trabalho. Quando eles cuidam de nós, eles ainda não nos roubaram completamente, então eles continuam à vontade conosco. Eles também podem nos revistar aqui, em vez do guardião, e podem até exigir que demos a eles o dinheiro para mantê-lo; e até gravam num relacionamento ..., que depois desaparece junto com o dinheiro, sem que ninguém volte a vê-lo!

"Nós entregamos dinheiro!"

-A quem? O oficial fica maravilhado ao se aproximar.

"Bem, era um assim ..."

"Mais preciso." Quem era?

O *pridurki* não viu nada.

"O que você deu a ele?"

"Nós pensamos ..."

"Você pensou ...!" É melhor você se poupar pensando!

Acabou, chega. Aí eles exigem que deixemos nossas roupas na frente do banheiro, do lado de fora.

"Quem vai levar isso?" Quem precisa dessas coisas?

E quando você sai do banheiro, depois de ter deixado a roupa de fora, já que você não podia entrar no banheiro com ela, a roupa sumiu: os suéteres, as jaquetas de couro.

"Como era o seu suéter?"

-Cinza claro...

"Ah!" Ele foi ao banheiro ...

Eles também *honestamente* tiram coisas de nós : em troca de ter sua mala guardada no armazém; ir para uma cela sem criminosos comuns; aquele sai mais cedo em uma expedição; que outra pessoa pode ficar mais tempo. A única coisa que ele não faz é nos pilhar diretamente.

Ah, eles não são *Urkas de forma* alguma! - os especialistas no assunto nos explicam em breve -. Eles são *sukas*, meninos preguiçosos que se venderam aos nachalniks. Eles são inimigos de ladrões *honestos*, e os ladrões estão em celas. No entanto, isso não quer entrar completamente em nossos cérebros de cobaia. Os gestos são os mesmos; tatuagens também. Talvez seja verdade que sejam seus inimigos , mas também não são nossos amigos; esse é o cerne da questão ...

Enquanto isso, eles nos colocaram no pátio, logo abaixo das janelas das celas. As janelas são protegidas com focinhos que não permitem ver o interior, mas por trás ouvimos um bom conselho dado em voz rouca: "Ei, amigos, aqui, durante a busca, tudo o que for supérfluo tem que ser entregue. Quem tem chá ou fumo, deite-o pela janela; Voltaremos a você mais tarde. O que nós sabemos? Afinal, somos apenas cobaias. Talvez eles realmente tirem seu chá e tabaco. Na grande literatura, sempre lemos histórias sobre solidariedade entre presidiários. Um prisioneiro não pode enganar outro! Além disso, eles se dirigiram a nós com uma palavra bonita: "Amigos". E jogamos o saco de tabaco na janela. Ladrões de sangue puro o pegam no ar e gritam com voz rouca: "Ah, bravos idiotas, presunçosos fascistas!"

E aqui está o slogan com que somos recebidos na *peresylka*: «Em vão procurarás o certo aqui! Você terá que entregar o que você tem! " Os slogans não estão pendurados nas paredes, mas são continuamente colocados em sua cabeça pelos guardas, os guardas, os criminosos comuns: "O que quer que eles tenham ... desista de tudo." Pense no seu tempo na prisão, você tenta dar uma trégua, mas todos eles não procuram outra coisa senão te roubar. Assim, tudo visa fazer com que os presos políticos percam o aro, como se, sem isso, não se sentisse oprimido e abandonado. "Tudo o que você tem ... desista de tudo." O guarda balança a cabeça, desconsolado, e Ans Bernstein, no campo de trânsito de Gorky, entrega a ele, aliviado, sua capa de oficial: não para sempre, mas em troca de duas cebolas. Por que lambar criminosos quando todos os guardiões do Krasnaya Presnia andam orgulhosos com magníficas botas de couro que pertenceram a outros

uniformes? Eles foram pescados pelos comuns nas celas e depois entregues aos guardas. E como a queixar-se os guardas no campo Kemperpunk o educador de KVCH ^[22] Um criminoso comum tem poderes para emitir *certificados* para presos políticos? Ou talvez, assediado por criminosos comuns, você pretenda encontrar direitos justamente na prisão de trânsito de Rostov? Você não sabe que é uma herança deles que eles têm em grande estima e que possuem há muito tempo?

Diz-se que, em 1942, alguns oficiais se encontraram no campo de trânsito de Gorky (Gavrilov, um técnico militar chamado Schebetin, entre outros) e deram uma boa surra nos ladrões, tirando assim parte de sua ousadia. . Apesar disso, isso continua soando um pouco como uma lenda: e se essa turba fosse dominada apenas em uma cela? E quanto tempo durou o efeito da correção? E como aqueles com laços azuis poderiam aceitar que elementos *estranhos* venciam os *próximos*? Por outro lado, quando é relatado que no campo de Kotlas, em 1940 , criminosos comuns arrebatavam dinheiro das mãos de presos políticos que faziam fila em seu estabelecimento, e eles começaram a debulhá-los de tal forma que não era possível contê-los, depois disso, guardas com metralhadoras foram colocados na área para proteger os bandidos ... dá para acreditar; É a pura realidade!

Parentes tolos! Eles trabalham como loucos, ficam com dívidas (porque ninguém tem tanto dinheiro em casa) e mandam para você se vestir, comer ..., uma última doação da viúva; uma doação envenenada, porque de um presidiário faminto, mas que se sente livre, te transformam em um indivíduo trêmulo, inquieto e covarde, roubando-te aquela claridade incipiente, aquela firmeza que se consolida, que só você pode ser útil para evitar que você caia no abismo. Oh, que sabedoria a parábola do camelo e o buraco da agulha! No reino celestial, onde o espírito é liberado, você não pode entrar com essas coisas. Você também viu no poder dos outros que estavam com você no corvo os mesmos fardos. "Uma gangue de traidores maltrapilhos", os ladrões da carroça já estavam nos xingando. Porém, eles eram apenas dois e nós éramos cinquenta, então eles ainda nos deixaram em paz. Mas, nesse ínterim, estamos há dois dias deitados no chão da *estação de Presnia*, no meio da terra, com as pernas dobradas para cima. E, no entanto, nenhum de nós tem olhos para a vida que se move ao nosso redor, cada um tem um único pensamento em sua cabeça : como podemos guardar nossa mala para nós no vestiário? Embora seja nosso direito, os

organizadores cedem apenas porque a prisão é em Moscou e aos olhos da superioridade, e ainda não perdemos toda a nossa beleza moscovita.

Finalmente respiramos! As coisas são entregues, ou seja, não vamos nos livrar delas neste presídio, mas em um posterior. A única coisa que ainda está pendurada em nossos braços são os pacotes de comida ruim. São muitos *castores* que juntamos, então temos que nos dividir... e, haha, para as células! Eles me colocaram em qualquer um, junto com aquele Valentin que uma vez, quando assinamos a sentença OSO no mesmo dia, propôs, emocionado, começar uma nova vida no campo de trabalho. A cela ainda não está cheia, ainda há espaço suficiente no corredor e sob as plataformas. De acordo com a ordem habitual, os bandidos comuns ocupam as plataformas acima: os mais velhos ficam à janela e os mais novos ficam mais longe. A massa cinzenta e neutra se amontoam nas plataformas inferiores. Ninguém cai sobre nós. Sem a menor hesitação e imprudência, nós, novatos, rastejamos pelo chão de asfalto e rastejamos sob a plataforma, onde presumimos que estaremos confortavelmente. As plataformas são muito baixas, então um adulto tem que rastejar com o vento para afundar. O conseguimos. Pretendemos ficar parados aqui e conversar baixinho, mas não. Os *filhotes* vêm até nós como grandes ratos na escuridão que reina sob o estrado. Eles ainda são crianças reais; alguns deles acabam de fazer doze anos; mas, apesar disso, foram condenados pelo Código Penal. Que passam o tempo que falta na prisão para fazer o doutorado em crime. E essas criaturas foram jogadas em nós! Eles se aproximam silenciosamente de todos os lugares, e uma dúzia de mãos puxa nossas propriedades. E tudo isso sem que uma única palavra seja dita; apenas bufos malignos são ouvidos! Estamos presos em uma armadilha; não podemos nos levantar; na verdade, dificilmente nos movemos. Nem um minuto se passou quando eles apreenderam nossos pacotes, que continham banha, pão e açúcar. E eles vão embora enquanto parecemos tolos. Entregamos nossa comida sem resistência, e também podemos continuar deitados sob a plataforma em silêncio; mas não, isso seria completamente impossível. Chutando de forma ridícula, com as nádegas primeiro, saímos de baixo do estrado.

Eu sou um covarde? Antes eu não acreditava. Um bombardeio na estepe aberta não me intimidou; nem parei em uma estrada que estava seguramente repleta de minas antitanque. Ele permaneceu cheio de sangue frio quando brincaram de tirar a bateria da bolsa e voltar novamente para procurar os veículos danificados. Por que não pegar um desses ratos

humanos e esfregar seu focinho rosa no asfalto preto? Por que é muito pequeno? Está bem; em seguida, escolha o maior. Não ... Na frente, extraímos força de qualquer consciência suplementar (possivelmente uma errada). Talvez fosse o pensamento do homem ao seu lado, a certeza de que você estava no lugar certo, de que estava cumprindo seu dever? Aqui, no entanto, você não tem missão, nem ordenança, e tem que tatear seu caminho até se adaptar às novas realidades.

De pé, me dirijo ao mais velho deles, o *careca*. No andar superior, junto à mesma janela, estão espalhadas as provisões que acabam de nos ser tiradas: os cachorros não meteram migalha na boca; eles sabem exatamente o que é disciplina. Quando a Natureza formou no *careca* aquela parte frontal da cabeça que costumava ser chamada de rosto nos bípedes, deve ter agido com nojo e nojo ao colocar para trabalhar; possivelmente também a vida predatória, por sua vez, contribuiu para afirmá-la assim: visão torta e flácida, a testa estreita, com uma cicatriz antiga, os incisivos cobertos por modernas coberturas de aço. De dois buracos grandes o suficiente para reconhecer objetos familiares e não se maravilhar com a beleza do mundo, ele me olha como um javali para um cervo, completamente confiante de que será capaz de deitar no chão assim que quiser.

Esperar. E o que eu faço? Devo saltar para, pelo menos uma vez, dar um soco na boca dele antes de cair de volta no corredor? Infelizmente para mim, não.

Eu sou um canalha? Até agora eu não tinha acreditado. No entanto, não gosto de rastejar sob o estrado na minha barriga depois de ser roubado e baixado. E por isso me volto, cheio de raiva, para o *calvo*: será que pelo menos eu não poderia nos dar um lugar em troca das provisões? (Para um oficial, para um homem da capital ... o pedido é tão ilógico?)

E que mais? O *careca* concorda. Como não poderia, se assim deixo a manteiga em suas mãos e reconheço sua superioridade e mostro um jeito de estar perto deles? O ladrão também libera sua fúria sobre os mais fracos. Ele aponta para dois cinzas neutros, sinalizando para que deixem o convés inferior - o local perto da janela - para abrir espaço para nós. Os homens obedecem e vão embora, e nos espalhamos nos dois melhores lugares. Ainda lamentamos nossas perdas por um tempo (as calças do meu uniforme não *afetam* os ladrões; não são as roupas dele; mas as calças de lã de Valentin são agradáveis, e um dos ladrões já está tocando o tecido). Ao anoitecer, nossos ouvidos percebem a reprovação murmurada pelos

vizinhos: Como é que pudeste pedir proteção ao povo e jogar dois dos nossos debaixo da cama ? E é então que a consciência do meu canalha passa pela minha mente , um pensamento que me faz corar de vergonha (e que fará com que o sangue corra na minha cara por muitos anos, toda vez que me lembrar dessa ação). Os prisioneiros cinzentos das plataformas inferiores ... afinal, são meus irmãos , prisioneiros de guerra de 56, 1-b. Já faz tanto tempo que jurei aceitar seu destino? E estou enfiando-os sob o estrado? É verdade que eles também não nos protegeram contra os ladrões ... Mas por que teriam eles lutado ou defendido a nossa manteiga se não o fizemos nós mesmos? Uma medida bem cheia de duras lutas os fez duvidar da grandeza da alma no cativeiro. No entanto, eles não fizeram nada para mim; mas eu para eles ... sim.

Por isso estamos lutando contra nós mesmos, destruindo nossas costelas e bocas, para, pelo menos com o passar dos anos, aprender a ser homens ... para nos transformarmos em seres humanos.

No entanto, a *peresylka* é útil para o novato que acolhe e mói. E em que medida! Oferece-lhes a possibilidade de se habituarem gradualmente ao campo do trabalho, pois nenhum coração humano resistiria *repentinamente* a este passo. A consciência não podia se acostumar repentinamente a essas dificuldades; você tem que adquirir o hábito aos poucos.

Além disso, a prisão de trânsito dá ao preso a aparente impressão de que ainda está em contato com a sua. É aqui que escreve a primeira carta a que tem direito: às vezes, para comunicar que não foi fuzilado; outros, para dizer para onde está indo. São sempre as primeiras palavras que um homem manda para casa, sempre escritas por uma pessoa que já deixou o arado do interrogatório . Lá, em casa, ainda se lembram dele como era, mas nunca mais será ... Uma linha angular, e essa até então desconhecida, essa nova, surge com a velocidade de um raio. A linha angular e grosseira se deve ao fato de que, na *peresylka*, apesar da permissão para escrever, apesar da caixa de correio na parede do pátio, não se encontra papel ou lápis, muito menos algo para apontar para a caneta. Porém, no último minuto você pode encontrar um papel de cigarro alisado, um pedaço de papel que costumava ser um cone de açúcar, e, além disso, também um colega de cela que possui, apesar de tudo, um lápis . E é assim que nascem aqueles rabiscos ilegíveis

que servirão a partir de agora para ligar a boa harmonia ou o desacordo entre as famílias .

Mais de uma mulher impensada sai em viagem ao receber uma dessas cartas, fingindo ver seu marido antes que ele seja levado embora; mas as visitas nunca são permitidas. O melhor que ele pode fazer, na melhor das hipóteses, é carregar as coisas que trouxe consigo. Uma dessas mulheres, me parece, pode ter sido modelo de monumento, e até mesmo apontado o lugar onde deveria ser escolhido: o monumento às esposas dos presos, às esposas que ficam em casa.

Foi em 1950, no campo de trânsito de Kuibishev. O campo ficava no fundo de um vale (de onde, no entanto, podiam ser vistas as montanhas Zhiguli, ao longo do Volga); e imediatamente, atrás e acima, erguia-se uma longa e alta colina gramada que ocultava o campo a leste. A colina se erguia atrás da área e era mais alta do que isso, sem que nenhum de nós pudesse ver como ela era alcançada de fora. Também houve raras ocasiões em que alguém foi visto na colina; talvez cabras pastando ou crianças correndo. Até que um dia nublado de verão nos trouxe uma mulher bem vestida que parou na beira da encosta. Ele permaneceu de pé, colocando a mão como viseira sobre os olhos e começou, balançando a cabeça lentamente, a olhar cuidadosamente em direção à nossa área. Os numerosos inquilinos de três celas tinham acabado de partir para vários pátios; e a mulher fingiu reconhecer o seu próprio entre aqueles trezentos besouros sem rosto no fundo do abismo. Talvez ele esperasse que seu coração lhe dissesse qual deles ele estava procurando? Ele provavelmente não teve permissão para visitá-lo, e foi por isso que ele subiu a colina. Quando nos pátios perceberam a presença desta mulher , todos os olhares se voltaram para ela. O vento estava calmo no fundo do vale, onde estávamos, mas soprava forte morro acima. E vimos como o vento puxava o vestido longo da desconhecida, como despenteava seus cabelos: o vento revelava todo o amor e preocupação que invadia a mulher na capital.

Acredito que a estátua de tal mulher, exatamente ali, na encosta íngreme acima da *peresylka* e exatamente como ela estava, imóvel, de pé, de frente para as montanhas Zhiguli, seria a certa para nossos netos explicarem. , pelo menos um pouco, o que aconteceu. ^[2,3]

Ela ficou lá muito tempo sem que ninguém a levasse embora, sabe-se lá por quê; talvez as sentinelas não estivessem com vontade de subir ao

topo. Mais tarde um soldado entrou, gritou na direção da mulher, agitando os braços ... e o estranho desapareceu.

E, acima de tudo, a *peresylka* torna o preso perspicaz. Como diz o ditado: "Um homem faminto estuda mais de cem advogados." No movimento incessante deste lugar, nos círculos cambiantes de dezenas e centenas de rostos, na sinceridade das histórias e conversas (no sertão as pessoas falam diferente, porque todos têm medo das garras da *operadora*).), o espírito se torna mais claro e fresco; Parece que a sua cabeça foi ventilada, e logo você começa a entender muito melhor o que está acontecendo com você, com o país, até com o mundo. De repente, você encontra na cela um cara estranho que lhe conta coisas que você nunca conseguiu ler em nenhum livro.

Um dia colocaram em nossa cela algo que nos espantou: um jovem oficial alto, perfil romano, cabelo louro claro cacheado, barba por fazer, uniforme inglês ... Realmente, como se tivessem feito um feitiço e trazido um homem da Normandia. oficial das tropas de desembarque. Sua entrada é quase majestosa, exatamente como se esperasse que todos nós nos levantássemos. No entanto, descobre-se que este homem não contava com a possibilidade de encontrar amigos. Já estava encarcerado há dois anos, mas estava sempre sozinho, e também para este lugar, para a *peresylka*, foi transportado para um departamento especial do «*stol ypin*», como se rodeado por um halo de mistério. E veja onde, talvez por descuido ou talvez com toda a intenção, tinha ido cair em nosso bloco comum. Ele olha ao redor, descobre o uniforme alemão do oficial da Wehrmacht, se envolve com ele ... em alemão, e temos uma luta furiosa em andamento. Se eles tivessem armas, acho que se atacariam com elas. Cinco anos se passaram desde o fim da guerra, e essa fúria mútua nos parece estranha. Desde que esse alemão está aqui, sempre houve paz entre ele e nós, russos, e quando o provocamos, foi mais por diversão.

Ninguém acreditaria nas histórias de Erik Arvid Andersen se ele não tivesse podido mostrar o cabelo esplêndido respeitado pela tesoura - um milagre no Arquipélago GULAG -, se não fosse por esse porte estranho, se não fosse pelo uso correto da Idiomas inglês, alemão e sueco. Se quisermos dar crédito a suas palavras, ele era filho de um sueco não milionário, mas multimilionário (bem, ele não estava se gabando um pouco?). E o sobrinho, por parte de mãe, do general inglês Robertson, chefe da área britânica ocupação na Alemanha. Cidadão sueco, ele se ofereceu como voluntário no

exército britânico durante a guerra e chegou a desembarcar na Normandia. E depois da guerra ele se tornou um oficial profissional do Exército Sueco. Só que as questões sociais não lhe deram um ponto de descanso, e seu zelo pelo socialismo superou a inclinação de seu pai pela riqueza. Ele acompanhou com muita simpatia a construção do socialismo soviético e, por ocasião de uma viagem de uma missão militar sueca, pôde até se convencer com seus próprios olhos do florescimento e da prosperidade desse socialismo. Banquetes foram oferecidos em homenagem à delegação, excursões às regiões verdes foram organizadas e contatos com simples cidadãos soviéticos, com belos artistas que não temeram se atrasar para o trabalho e que os ajudaram de bom grado, não foram impedidos de forma alguma. Para passar o tempo, também *tête-à-tête*. Assim, definitivamente convencido do triunfo de nossa ordem social, Erik, em seu retorno, escreveu artigos brilhantes se opondo às calúnias publicadas pela imprensa ocidental em relação ao socialismo soviético. Mas ele cavou sua própria cova com esses exageros. Precisamente naqueles anos (1947-1948), jovens ocidentais progressistas que estavam prontos para negar publicamente o Ocidente foram trazidos à luz de todos os cantos (parecia que levou apenas algumas dezenas para o Ocidente enlouquecer). Mas, enquanto isso, Erik estava servindo em Berlim Ocidental; e como sua esposa estava na Suécia, nosso marido, por causa de uma fraqueza humana perdoável, costumava ter contato regular com um jovem berlinense oriental solteiro. Foi lá que o pegaram uma noite (e o que aconteceu novamente se adapta exatamente ao ditado: “O arremessador vai tanto na fonte que finalmente quebra”. Possivelmente isso vem de muito longe, ele não ia ser o primeiro). Ele foi levado a Moscou, onde Gromyko, que uma vez tinha comido na casa do pai de Erik, onde o conheceu, fez a oferta ao nosso homem - em sinal de polida hospitalidade - que condenasse publicamente todo o capitalismo. Seu pai incluído, em troca do qual Erik poderia viver entre nós como um capitalista perfeito. No entanto, e para total espanto de Gromyko, nosso homem rejeitou a oferta com palavras raivosas e ofensivas, embora sua ação não lhe tivesse causado nenhum dano material. Não acreditando na firmeza de Erik, eles o trancaram em uma dacha perto de Moscou, onde o alimentaram como um príncipe de um conto de fadas (é verdade que nesse ínterim houve fortes “repressões”: ele não poderia escolher pessoalmente o comida; ele tinha que comer bife em vez de frango), eles tentaram persuadi-lo com obras de Marx, Engels, Lenin e Stalin e esperaram um ano para ver o resultado

positivo dessa reeducação. Mas, surpreendentemente, essa reeducação falhou, e por isso o fizeram dividir a casa com um major-general que já estava em suas costas por dois anos em um acampamento de Norilsk. Possivelmente eles pensaram que iriam diminuir a fumaça do jovem com as histórias chocantes do major-general; Mas, infelizmente, o projeto de lei não saiu, seja porque o general fez mal a sua missão ou porque não quis cumpri-la. Durante os dez meses em que estiveram juntos, ele só conseguiu ensinar um pouco de russo a Erik e confirmá-lo na repulsa que já sentia pelos atacadores azuis. No verão de 1950, Erik foi trazido de volta à presença de Vichinsky, e ele novamente recusou (jogando a consciência como o triunfo máximo contra todas as regras da existência!). Depois disso, a frase foi lida para ele por Abakumov em pessoa: vinte anos de prisão. (Para quê?) Por muito tempo ele se arrependeu de ter que brigar com aquele rude, mas o que fazer: permitir que ele volte para o Ocidente? Em absoluto. E então aconteceu que ele foi obrigado a viajar em seu próprio apartamento, que ouviu pela parede a história da garota de Moscou e que, ao amanhecer, viu através da janela a Rússia Ryazanesa de tábuas podres, cobertas de palha.

Esses dois anos fortaleceram decisivamente sua lealdade ao Ocidente. Ele acreditava cegamente no Ocidente; ele não queria ver suas fraquezas; Ele considerava os exércitos ocidentais invencíveis e seus políticos infalíveis. Ele não acreditou em nós quando lhe contamos que Stalin havia decidido alguns meses antes bloquear Berlim e que o Ocidente havia consentido. O rosto pálido de Erik chamejou de raiva quando nos divertimos às custas de Roosevelt e Churchill. Muito menos era sua dúvida de que o Ocidente não toleraria sua prisão. Simplesmente demorou pouco para que os agentes do serviço secreto da Kuibyshev *peresylka* descobrissem que ele não se afogara no Spree, mas fora preso na Rússia; então o Ocidente iria resgatá-lo ou trocá-lo. (Nesta crença na particularidade de seu próprio destino em comparação com o do resto dos internos, ele se parecia com nossos bem-intencionados Ortodoxos). Apesar de nossas tempestuosas lutas verbais, ele convidou meu amigo e eu para visitá-lo em Estocolmo se surgisse a oportunidade. (" Todo mundo nos conhece lá", disse ele mais tarde, com um sorriso triste, "meu pai detém quase toda a Corte do Rei da Suécia"). Mas, enquanto isso, o filho do bilionário não tinha nada para secar, e dei a ele uma toalha minha muito

usada. Pouco depois, ele foi retirado de sua cela para ser encaminhado para outro local.^[24]

Enquanto isso, as grandes mudanças continuaram seu curso infatigavelmente. Chegou novo, saiu velho, um a um ou em lotes, para serem transportados para qualquer lugar. O movimento parecia exteriormente tão prático, tão bem pensado e planejado, que você não conseguia acreditar em quanta loucura ele estava escondendo.

Os campos especiais foram criados em 1950, e o zelo de qualquer autoridade atrai as massas de mulheres dos campos do norte da Europa e de trás do Volga para, através da *peresylka de Sverdlovsk*, enviá-las para a Sibéria, para Taichet e para Oserlag. No entanto, já em 1950, alguém de cima tem a ideia de que seria mais confortável concentrar as mulheres não em Oserlag, mas em Dubrov lag, em Tiernikov (Mordóvia). E assim as próprias mulheres, desfrutando de todas as comodidades da viagem do GULAG, passaram de volta pela *peresylka Sverdlovsk - ilha maldita* - em sua jornada para o oeste. Em 1951, novos acampamentos especiais foram criados na região de Kemerov (Kamyshlag) ... e veja onde, é justamente neste ponto que se encontra a maior necessidade de trabalho feminino! E as infelizes mulheres passam novamente pela condenada *peresylka de Sverdlovsk*, agora na direção do acampamento Kemerov. Então começa o tempo de liberação ... mas de forma alguma para todos. E as mulheres que tiveram de cumprir a pena inteira na indulgência do tempo de Khrushchev foram novamente enviadas da Sibéria através da *peresylka de Sverdlovsk* para a *Mordóvia*. Parecia mais seguro ter todos no mesmo lugar.

Bem, afinal, dirigimos nosso próprio país; não precisamos alugar ilhas estranhas e - acostumados às amplitudes russas - não nos permitimos ter medo das grandes distâncias.

O mesmo aconteceu com muitos pobres diabos, internos normais. Como um *trabalhador honesto*, de acordo com o belo nome, Shendrik, que não suspeitava de nada de errado, passou seu tempo detido em um campo de trabalho forçado de Kuibishev. No entanto, o infortúnio já se aproximava. Uma ordem urgente - não qualquer ordem - veio a campo do Ministério do Interior, ordenando que este menino forte e alegre, com um rosto normal, fosse levado diretamente a Moscou, para a prisão número 18 (como ele poderia ter a notícia da existência de Shendrik poderia chegar aos ouvidos do referido Ministério?). Tiraram-no do campo, puseram-no na *peresylka de Kuibishev* e, daqui, sem demora, transferiram-no para

Moscou, embora não para a prisão número 18, como havia sido combinado, mas, junto com todas as outras, para a já conhecido em todos os lugares Krasnaya Presnia. (Shendrik nunca tinha ouvido falar de um número 18 - por que ele saberia - quando eles explicaram para onde o estava levando). Mas o seu infortúnio não acabou aqui: mal se passaram dois dias, quando o colocaram de volta em outro transporte, desta vez em direção ao Petchora. A natureza que se estendia na frente da janela tornou-se mais árida e sombria. E o jovem começou a sentir medo: já sabia o que o ministro tinha arranjado; Então, o que esse transporte rápido para o Norte poderia significar se não que o ministro tinha *material* ameaçador preparado contra ele ? Como se as dificuldades da viagem não fossem suficientes , a ração de pão de três dias de Shendrik foi roubada dele no caminho. Mal conseguiu subir ao colo ao chegar a Petchora, onde a recepção não foi nada agradável: faminto e sem ter recebido nada ainda, foi rapidamente enviado para trabalhar na neve molhada. E ainda, ao longo de dois dias, sua camisa ainda não havia secado, quando novamente ele foi enviado para outro lugar: para Vorkuta. Tudo indicava que o ministro havia metido em sua cabeça a ideia de acabar com Shendrik, embora seja verdade que não só com ele, mas com toda a expedição. Uma vez em Vorkuta, Shendrik passou um mês sem ser particularmente incomodado. Ele teve que trabalhar muito, como os outros, embora ainda não tivesse conseguido se recuperar de forma alguma. Mas por que discutir? Aos poucos, ele se acostumou com seu destino polar. No entanto, um dia ele foi repentinamente retirado do poço da mina, levado sem trégua para o campo para entregar os objetos do estabelecimento, e apenas uma hora depois ele estava marchando para o sul. Se isso não parecia um ato de vingança pessoal ...! Chegado a Moscou, acabou na prisão de número 18, onde passou um mês trancado em uma cela. E depois dessa vez, foi convocado por um coronel, que lhe perguntou rudemente: "Bem, onde você andou todo esse tempo?" É verdade que é técnico de montagem? » Shendrik respondeu que sim, e foi enviado diretamente para ... as ilhas paradisíacas! (Sim, também existem ilhas desta classe no Arquipélago).

Este livro em que aparecem as pessoas e seus destinos, além de suas histórias, anima muito o tempo no campo do trânsito. As velhas raposas do campo aconselham: Tu, fica quieto e em paz! Você terá suas *garantias* para comer, em troca do qual você não tem exatamente por que se deixar ser esfolado. E você pode dormir profundamente quando não há muito aperto. [25]

Deite-se e deite-se de uma refeição para a outra. Que o estômago ronca enquanto os membros ronronam agradavelmente. Somente aqueles que desfrutaram de *um trabalho geral* no campo sabem apreciar o que a *peresylka* significa para o descanso, a bênção que significa em nosso caminho. E lembre-se de outra vantagem: se você dormir durante o dia, seu tempo de prisão será menor. O que importa é que o dia passa, porque à noite você não descobre.

É claro que os senhores das prisões de trânsito sempre sabem como fazer para submeter à escravidão essa miserável força de trabalho do trânsito, seja para prestar serviços prisionais, seja para melhorar as finanças das prisões por ordem de terceiros, bom, sim. eles sabem exatamente uma coisa: que o homem foi feito para trabalhar e que o ofensor só pode ser reformado pelo trabalho.

Na mesma *peresylka* de Kotlas, antes da guerra, este trabalho não era de forma alguma mais leve do que o *trabalho geral* do campo. Num dia de inverno, seis ou sete internos exaustos tiveram que puxar um trenó trator (!) E arrastá-lo por 13 quilômetros pelo Dvina até a foz do Vycheгда. Eles afundaram na neve, desabaram e o trenó parou. Parece impossível imaginar um tormento mais duro do que este! Porém, não era esse o trabalho, mas um aquecimento para começar a trabalhar, porque na foz do Vycheгда era preciso carregar dez metros cúbicos de madeira ..., pois, com o mesmo tiro, nem um só homem a mais (demoraria um Repin; para autores recentes não há mais argumentos que os atraiam ... oh, interpretação grosseira da natureza!), Sendo arrastado de volta para a *peresylka* que serviu de seu lar. Então, o que pode assustar você em um campo! Você morde a neve antes mesmo de alcançá-la. (O chefe do pelotão era um certo Kolupaiev; e os cavalos de carga eram o eletroengenheiro Dmitriev, o tenente-coronel do serviço administrativo Beliaiev, o já conhecido nosso Vasili Vlasov ... Bem, e o resto, quem poderia encontrá-los hoje? ?)

Durante a guerra, a prisão de trânsito de Arsamas alimentava seus internos com folhas de nabo; Mas o trabalho, por outro lado, foi organizado sobre uma base sólida e duradoura: alfaiataria e fábrica de botas (para bater o feltro dos juncos com uma mistura de água quente e ácido).

No verão de 1945, aqueles trancados em células pegajosas se ofereceram para trabalhar a fim de respirar ar puro por um dia inteiro; de ser capaz de sentar-se sem ser pressionado nas cabines estáticas do banheiro (este é um meio de estimulação que muitas vezes foi esquecido!); para se

aquecer no agradável sol de agosto (eram dias de Potsdam e Hiroshima); e, finalmente, receber cem gramas a mais de pão à noite. Tudo isso definitivamente valia a pena o trabalho. Nosso local de trabalho era uma doca de carga no rio Moskva, onde as operações de descarregamento de madeira eram realizadas. Tivemos que abaixar as toras de uma pilha, arrastá-las para outras e colocá-las novamente . O gasto de forças era muito maior do que os salários recebidos em troca; no entanto, o fizemos de boa vontade.

Muitas vezes me acontece que fico vermelho por causa de uma lembrança da minha juventude. (E onde passou minha juventude senão justamente neste lugar?) Porém, quando algo nos entristece, ele também nos repreende. As ombreiras do meu oficial, descobri agora, simplesmente precisavam de dois anos balançando nos meus ombros ... e uma boa dose de ouro ou pó venenoso já havia sido derramada na abertura entre as costelas. Naquele local de desembarque, que também era como um campo, como uma área, guardada por torres de vigia que assomavam ao redor, não havia esperança de que eles nos deixassem ali por todo o *período*. No entanto, quando nos fizeram partir pela primeira vez, quando o líder da expedição vasculhava as fileiras em busca de chefes de brigada provisória, meu coração parecia querer pular do peito: Eu? A mim! Me escolha!

Eles não me escolheram. Por que eu também quero? Ele só teria conseguido continuar cometendo novas faltas vergonhosas. Oh, como é difícil ficar para trás do poder ...! Eu espero que você entenda.

Houve um tempo em que Krasnaya Presnia quase se tornou a capital do GULAG ... no sentido de que, como Moscou, você não poderia evitar, onde quer que fosse. Da mesma forma que é muito conveniente para os viajantes irem por Moscou para ir de Tashkent a Sochi, de Chernigov a Minsk, também os internos passaram pela Presnia de todos os lugares e de qualquer lugar. E, justamente nessa hora, meu destino também me levou para lá. O Presnia gemeu sob nossa sobrecarga. Um bloco adicional estava sendo construído. Apenas os trens de transporte de gado carregados com os condenados pelos serviços de segurança do Exército - que por ali passavam - desviaram de Moscou e passaram muito perto do Presnia, talvez para as locomotivas mandarem saudações com seus apitos .

No entanto, quando chegamos a Moscou para uma mudança, sempre carregamos uma passagem de trem no bolso e contamos continuar nossa jornada na direção desejada mais cedo ou mais tarde. Não foi o que aconteceu na Presnia durante o último ano da guerra, e depois, quando não só os recém-chegados, mas também os coronéis, nem mesmo os líderes do GULAG podiam prever para onde os condenados deveriam ir. Ele ainda não havia cristalizado um pedido de remessa em que pudesse confiar. Ninguém recebeu qualquer nota em que o percurso e o objetivo da viagem estivessem indicados. Na melhor das hipóteses, havia apenas uma nota nos documentos: “Vigilância severa!” “Você só será empregado em trabalhos gerais”. Os pacotes contendo os arquivos da prisão, com aquelas pastas meio rasgadas amarradas com corda de má qualidade ou presas com papel torcido, eram carregados pelo sargento da guarda até o prédio de madeira da administração penitenciária, que ficava sozinho para o lado, e jogava ali na primeira prateleira de mão, ou embaixo de qualquer mesa, em qualquer poltrona, ou mesmo no corredor (como seus protótipos empilhados em células). Cordas quebradas, conteúdo derramado e material misturado. Uma sala após a outra cheia até o topo com essa mistura de *discos*. As secretárias da repartição penitenciária, mulheres livres, preguiçosas, fartas, vestidas com roupas multicoloridas, suavam de calor, se abanavam e ainda flertavam com os guardas e funcionários da administração. Ninguém tinha o desejo, nem a força, para trazer ordem a este caos. Mas os trens, no entanto, tiveram que ser despachados ... semanalmente vários trens vermelhos! E todos os dias centenas de condenados eram enviados em caminhões para os acampamentos mais próximos. E cada *zeko* tinha que manter seu arquivo. Quem poderia trabalhar como um negro para classificar os arquivos e preparar as expedições?

Este trabalho foi confiado a alguns organizadores, se necessário a *Sutky* ^[bg] ou *polutsvietny*, ^[26] abatidos do *pridurki* estabelecido lá. Andavam livremente pelos corredores, iam daqui para lá entre as celas e a Administração, cabia a eles que seu arquivo caísse em *mau* transporte ou que se inclinassem por muito tempo, olhando os documentos, para te colocar dentro de um *bom*. . Os novos não estavam errados ao presumir que havia campos horríveis; o erro foi apenas acreditar que possivelmente existiam "bons". (Não havia campo "bom", a única coisa que podia ser melhor ou pior era a sorte no campo, e esse destino já estava decidido quando o prisioneiro chegava ao seu destino). Que o seu destino dependia

inteiramente de um condenado como você, que precisava ser pego de alguma forma para chegar a um *acordo* (por exemplo, através da banheira); a quem talvez uma *mão* deva ser alcançada (por exemplo, por meio do gerente do depósito); Mas foi pior do que se seu destino tivesse sido decidido pelos dados. Essa possibilidade invisível, fácil de perder, de ir para Naltchik em vez de Norilsk em troca de uma jaqueta de couro, para continuar nas margens do Moskva com um quilo de manteiga em vez de ser transferido para Taichet (talvez perdendo a jaqueta e manteiga por nada), foi um espinho amargo que se afundou em nossos corações cansados. Pode ser que alguém tenha realmente conseguido; que é possível que omeone também tem sido acomodados. No entanto, felizes aqueles que não tinham nada a oferecer ou que escaparam dessa opressão.

Somente aqueles que humildemente aceitam seu destino, aqueles que renunciam completamente à pretensão de confirmar suas vidas, aqueles que se curvam ao saber que é impossível saber de antemão onde encontrarão o bem ou o mal, e que, em vez disso, reconhecem que Dessa forma, você poderá dar mais facilmente uma etapa da qual um dia se arrependerá ; só um condenado que pensa assim, se livra de parte do peso de suas correntes, encontrará paz e até serenidade.

E assim os reclusos amontoaram-se nas celas enquanto nas salas de administração da prisão as impenetráveis pilhas de papel dos seus destinos se acumulavam . Mas é que os organizadores tiraram as pastas que estavam nos locais mais acessíveis. Portanto, poderia acontecer que um *zeko* tivesse que ficar dois e três meses nesta maldita Presnia, enquanto outro passasse por ela em velocidade cósmica. Devido a essas pressões e correria, devido à grande confusão que prevalecia na administração, às vezes ocorriam *mudanças de prazos*, o que também acontecia em outros locais de trânsito. Os cinquenta e oito homens eram invulneráveis diante disso, pois - para falar com Gorky - seus tempos de prisão eram *termos* escritos em letras grandes, projetados de acordo com uma Grande Incriminação; e se alguma vez parecia que seu fim se aproximava, não era possível, entretanto, dizer nada sobre o fim citado. Por outro lado, para assassinos e ladrões condenados a penas pesadas, tinha a vantagem de ter seu expediente alterado para qualquer *bytovik decadente* . E assim entraram em contato com o escolhido, tanto pessoalmente quanto por meio de um acólito, não importava. É verdade que a vítima desconhecia que um homem condenado a uma pena curta não devia falar na *peresylka*, que era melhor calar a boca,

e disse-lhe com franqueza - afinal, lhe perguntaram com tanta solicitude - que, Por exemplo, seu nome era Vassili Parfionich Yebrashkin, que era do quinto ano de 1913, natural de Semidubie, onde também residia, e que, nos termos do artigo 109, teve que cumprir o prazo de um ano por negligência. Então ele foi dormir, olhou para este Yebrashkin. Também pode ser que ele tenha ficado acordado, só que na cela não era possível ouvir sua própria voz. E com todo mundo aglomerando-se ao redor do comedouro, como ele teria a ideia de ir até o portão e pegar os nomes que eram recitados apressadamente atrás dele, os nomes daqueles que deveriam sair pelo portão? próxima expedição? Alguns nomes foram gritados mais tarde da porta para serem ouvidos dentro da cela, mas o de Yebrashkin não estava entre eles. Um *urka* esticou o pescoço e, em voz submissa, quando o nome de Yebrashkin foi falado no corredor (eles também sabem ser submissos quando necessário), disse em voz baixa: 'Vassili Parfionich, nascida em Semidubie em 1913, item 109 , um ano". E rápido, ágil e evasivo, ele já corria em busca de suas coisas. O verdadeiro Yebrashkin bocejou, deitou-se no estrado e esperou pacientemente que o buscassem no dia seguinte. Ele esperou uma semana, depois um mês , até que finalmente ousou importunar o comandante do bloco: Por que não o tiraram de lá? (Enquanto isso, gritam por todas as celas, procurando um certo Sviaga). E, quando finalmente, depois de um mês ou meio ano, eles concordam em revisar todos os arquivos, o único que resta é o do reincidente Sviaga: duplo homicídio e roubo em um armazém: dez anos ... E um *zeko* tímido que afirma ser Yebrashkin (a foto não pode ser reconhecida) é na verdade Sviaga, que deveria estar no campo de punição Ivdelag. Então ... vá em frente com ele, senão seria preciso confessar que a *peresylka* estava errada. (Não há como encontrar aquele "Yebrashkin" que transportaram para outro local, pois as listas acompanhavam a expedição. Além disso , com apenas o ano de pena ele terá acabado em qualquer local agrícola, onde trabalhará sem vigilância e eles vão deduzir pena de três dias para cada um de trabalho, isto pressupondo que não tenha saído, que já não se encontre em casa ou talvez numa nova prisão por causa de outra pena). Também havia aqueles caras extravagantes que vendiam sentenças curtas por dois quilos de manteiga. Fizeram esse cálculo: depois virão na conta e minha identidade será comprovada. E alguns fizeram bem o cálculo . ^[27]

Naquela época, quando o lugar de destino não constava dos autos dos presidiários, as prisões de trânsito tornaram-se autênticos mercados de

escravos. Os *compradores* foram muito bem recebidos nas *peresylkas*, e cada vez mais ouviam com toda a seriedade a palavra nos corredores e celas. O que aconteceu no GULAG não foi de forma alguma diferente do que estava acontecendo em todos os lugares do setor, onde não se podia esperar em silêncio o envio de pessoal do centro, para onde até era necessário enviar pessoas que escolhiam pessoal. Os nativos das ilhas GULAG estavam em extinção. E embora não valessem nem um rublo, ainda assim estavam no balanço, então era preciso cuidar pessoalmente dos novos transportes para que o plano não desse errado. Por esta razão, um *comprador* deveria possuir engenhosidade e também um bom olho para escolher, para não ser endossado por inválidos ou esbanjador. Aqueles que aceitaram os itens de acordo com os registros foram maus compradores ; mercadores conscienciosos tinham a *mercadoria* apresentada a eles em seu estado natural e nua. Foi assim que disseram, e sem sorrir: a *mercadoria*. "Bem, vamos ver, mostre-me sua mercadoria", disse ao comprador na estação de Butyrki depois de ver Ira Kalina, uma garota de dezessete anos. E então ele faria um exame completo.

Se a natureza humana muda, não é muito mais rápido do que a Terra em seu aspecto geológico. E o que os traficantes de escravos de vinte e cinco séculos atrás sentiam em termos de curiosidade, alegria e prazer em comprar ao escolher produtos femininos não era, obviamente, estranho aos oficiais do GULAG quando na prisão de Usman em 1947, Duas dúzias de homens vestidos com uniformes MVD estavam em torno de mesas cobertas com lençóis brancos (os lençóis foram puxados para destacar a importância do ato, pois sem eles parecia que faltava algo necessário), enquanto as mulheres detidas, Depois de se despirem na sala contígua, passaram descalças e nuas diante dos policiais, tendo que se virar, parar e responder às perguntas: "Mãos ao chão!" As mulheres que tentavam se refugiar na postura protetora de as estátuas da Antiguidade. (Os oficiais levavam muito a sério a escolha de concubinas para si e para as que estavam ao seu redor.)

E assim acontece que as sombras pesadas da luta de amanhã nos campos escondem do noviço em muitos aspectos as alegrias espirituais da prisão de trânsito.

Um *enviado especial* teve que ficar duas noites em nossa cela e se deitar ao meu lado. O despacho especial significava que a Administração

Central lhe havia emitido um certificado de acompanhamento declarando, por exemplo, que o homem era um construtor e que só poderia trabalhar como tal onde quer que fosse enviado. E mesmo que um enviado especial viaje no mesmo "stolypin" e esteja na mesma cela que os outros, ele não precisa ter medo: o certificado de escolta é seu passe e ele não será pego para derrubar árvores.

Havia uma expressão dura e determinada no rosto desse homem: a expressão do interno que já cumpriu grande parte de sua pena. E essa foi sua característica marcante. (Não sabia ainda que a passagem do tempo fará com que todos os nossos rostos tenham exatamente a mesma expressão, pois a expressão dura e determinada é a característica nacional dos habitantes das várias ilhas do GULAG. Pessoas com expressões suaves e submissas logo morrem nas ilhas). Este homem observou nossas primeiras tentativas de chute com um sorriso irônico; alguns cachorrinhos não são vistos de maneira diferente.

O que nos esperava em campo? Ele foi compassivo e explicou:

"Desde o primeiro momento, todos vão tentar enganar e roubar você no campo." Não confie em ninguém, exceto em você mesmo. Seja prudente, sempre tome cuidado para evitar que alguém se aproxime furtivamente com a intenção de morder. Oito anos atrás, eu vim para o campo Kargopollag tão ingenuamente quanto você. Eles nos tiraram do trem e os guardas se prepararam para nos conduzir. Eram dez quilômetros até o campo, dez quilômetros até a neve pastosa e profunda. Aproximaram-se três trenós e um homem muito alto disse-nos: "Camaradas, ponham aqui as vossas coisas! Vamos carregá-los nos trenós para nos livrar do peso!" Os guardas estão em silêncio. E em nós uma memória brota como um relâmpago: os livros não dizem sempre que as coisas dos reclusos se transportam em trenós? Bem, refletimos que o campo não é tão desumano quanto parece, basta ver como eles se preocupam conosco. E levamos nossas coisas para os trenós, que partem em seguida. Acabou-se. Nunca mais vimos nossas coisas. Nem mesmo as embalagens vazias.

"Como pode ser?" Não existe lei?

"Não faça perguntas estúpidas." Possivelmente existe uma lei: a taiga. Mas *lei* e *justiça* nunca existiram no GULAG, então a situação vai continuar. Este exemplo do que aconteceu em Kargopollag é simplesmente um símbolo do GULAG. E, além disso, você tem que se acostumar com uma coisa: ninguém trabalha por altruísmo ou por bom coração; você tem

que pagar por tudo. Se algo for oferecido a você desinteressadamente, saiba que é uma armadilha, uma provocação. E o ponto principal: cuidado com empregos *gerais*! Encontre uma maneira de evitá-los desde o primeiro dia. Quem vai aos *gerais* no primeiro dia está perdido para sempre.

"Trabalhos *gerais*?"

—Refere-se aos trabalhos fundamentais a serem realizados no campo correspondente, trabalhos nos quais se baseia a vida do campo apropriado. Oitenta por cento dos condenados vão para esse tipo de trabalho, e todos explodem, todos eles. E eu te reforço, de novo ..., para o trabalho *geral*. Neles você deixará suas últimas energias; você sempre terá fome, sempre encharcado até os ossos; você não terá sapatos; Eles vão te enganar na ração de comida, vão te enganar com as roupas; Eles o alojarão nos piores alojamentos. E ninguém vai tratá-lo quando você ficar doente. Só quem não vai para os *gerais* pode *viver* no campo . *Evite* a qualquer custo que você seja designado para os *gerais*! E isso desde o primeiro dia!

A que preço? A qualquer preço ...?

Tomei boa nota deste conselho, de forma alguma exagerado, do duro enviado especial em Krasnaya Presnya. Só que esqueci de perguntar sobre a equivalência desse preço. E quais eram seus limites.

III

As caravanas de escravos

A viagem no "stolypin" é atroz, o *corvo* resmunga , uma maldição, e a *peresylka* torna-se imediatamente um martírio ... o melhor seria ir direto para o campo com as carroças vermelhas.

Nesse caso, como sempre, os interesses do Estado coincidem com os do indivíduo. Para o Estado, também é preferível enviar os presos diretamente para o campo de trabalho e evitar as transferências, com a consequente sobrecarga do transporte público e, portanto, do *peçoal* da *peresylka*. Isso havia sido admiravelmente compreendido e resolvido no GULAG: caravanas *vermelhas* (compostas por vagões de gado vermelhos), trens de reboque e, onde não havia trilhos ou rios, caravanas a pé (os prisioneiros não tinham caballos ou camelos).

Os trens vermelhos são sempre lucrativos onde os tribunais operam em uma base móvel ou os campos de trânsito estão cheios. Com eles, um grande número de prisioneiros pode ser facilmente transportado de uma vez. Assim, dois milhões de camponeses foram transferidos nos anos 1929-1931. Assim, toda Leningrado foi arrancada de Leningrado. Durante a década de trinta serviram para a colonização de Kolyma. Todos os dias, a capital do nosso país expulsava um desses trens de gado vermelho. Os destinos eram os portos do Extremo Oriente de Sovgavan e Vanino. E cada capital de província enviou um trem vermelho para lá, embora, é claro, não todos os dias. Desta forma, em 1941 a República dos Alemães do Volga foi enviada para o Cazaquistão , e o mesmo procedeu com as outras cidades. Assim viajaram, em 1948, os filhos perdidos da Rússia, da Alemanha, da Tchecoslováquia, da Áustria, e todos que, por seus próprios meios, alcançaram a fronteira ocidental também foram recolhidos. E assim foram transportados, em 1949, para os campos especiais, os cinquenta e oito.

O "stolypin" tem que seguir uma programação trivial, enquanto os trens vermelhos circulam com ordens importantes, assinadas por importantes generais do GULAG. O "stolypin" não pode ir a nada: ele precisa de uma estação de destino - remota e pequena que seja - na qual existam pelo menos as quatro paredes de uma masmorra. Um trem vermelho pode viajar para o vazio: onde para, emerge do mar uma nova ilha do Arquipélago - o mar da estepe, o mar da taiga, qualquer mar.

Nem todos os vagões vermelhos são adequados para o transporte de prisioneiros. É necessário adaptá-los, embora não da maneira que o leitor possa imaginar, ou seja, limpando-os dos restos de carvão ou cal que transportavam antes; não isso, nem —no inverno— cobrir as juntas e colocar no fogão. (Quando a linha férrea de Kniash-Pogost a Ropcha foi concluída, antes de ser incorporada à rede ferroviária, era usada para o transporte de prisioneiros. As pessoas eram carregadas em vagões onde não havia fogões nem bancos e teve que viajar no chão coberto de neve, sem receber comida quente durante a viagem, pois o trem tinha que cobrir a viagem em menos de vinte e quatro horas. Quem conseguir viver com o pensamento por essas dezoito ou vinte e quatro horas, que faço). A transformação dos vagões consistiu no seguinte: verificar a solidez e a resistência das paredes, tejadilho e piso; colocar grades nas janelas; furar um ralo no solo e fixá-lo com uma placa de ferro; distribuir vagões planos (para sentinelas e metralhadoras) por todo o trem em intervalos regulares e apropriados; instalar escadas para subir ao telhado; estudar a localização dos refletores e garantir uma fonte de alimentação; fabricar martelos de madeira de cabo longo; atrelar um automóvel de passageiros ou, na sua falta, uma carruagem bem acondicionada e aquecida, para o chefe dos transportes, comissários especiais e guardas, bem como cozinhas... para os guardas e para os reclusos. Cumpridos esses requisitos, você pode revisar o comboio e escrever com giz nas paredes: "Armas especiais" ou, com perdão: "Mercadoria perecível". (Yevgeniga Ginsburg, em seu relato sobre o *Sétimo Carro*, nos dá uma descrição muito gráfica dos transportes vermelhos, então podemos evitar entrar em detalhes aqui).

Assim que o vagão estiver pronto, a difícil operação militar da carga deve ser empreendida. Para isso, dois princípios fundamentais essenciais devem ser levados em consideração:

- esconder da população o embarque de deportados e

- a intimidação de prisioneiros por meio do terror.

O primeiro requisito se deve ao fato de que nesses trens mil pessoas viajam (pelo menos vinte e cinco vagões), ou seja, não são aqueles pequenos grupos que sobem no “stolypin” e podem viajar à vista de todos. Claro, ninguém ignora que há prisões todos os dias e a cada hora; mas as pessoas devem ser impedidas de ficarem assustadas ao ver tantos prisioneiros *juntos*. Como esconder em Orel, em 1938, que não havia na cidade uma casa da qual alguém não tivesse sido tirado? A praça em frente à prisão estava sempre cheia de carroças com mulheres chorando, exatamente como na pintura de Surikov da execução do *strelitz*. (Bah! Quem vem com isso de novo agora? É preciso dar asas à esperança. Seria antiquado ... muito antiquado) ... No entanto, é considerado impróprio mostrar aos nossos cidadãos soviéticos que em vinte e quatro horas é possível reunir um todo embarque (naquele ano, em Orel, foi obtido). Que os jovens não vejam essas coisas. A juventude é o nosso futuro.

Por isso, é necessário agir à noite, e assim, por meses, noite após noite, as colunas negras de presos desfilam da cadeia para a estação (os *corvos* ficam na reserva, para novas prisões). Mas, de qualquer maneira, as mulheres ficam de guarda, as mulheres descobrem, e à noite, de todos os pontos da cidade, vão para a estação, e da plataforma adjacente elas perseguem o trem e sobem e descem, tropeçar nos trilhos e travessas e gritando um nome ao lado de cada carro: 'Fulano está aí ...? Está...? Está...?' E eles vão para o próximo, e então outros vêm, chamados por outros homens. "Está aí...?" E, às vezes, do carro fechado, uma voz responde: "Estou aqui ... aqui!" ou "Continue procurando, está no outro carro". Ou: «Ei, você! Minha esposa mora perto da estação, vá procurá-la, por favor ...! »

Estas cenas, indignas do nosso presente, demonstram única e exclusivamente a incapacidade dos responsáveis pelo transporte. Mas você aprende com os erros, e uma noite - e todas as noites depois - as mulheres esbarram em uma fileira de cães ferozes que rosnam e mostram os dentes.

E também em Moscou foi estabelecida a regra estrita de que o carregamento dos trens sempre ocorre à noite, seja com prisioneiros da velha "Sretenka-Peresylka" (da qual hoje eles não se lembram mais nem os detidos), como se fosse feito com remessas do Krasnaya-Presnya.

Abandonando indiferentemente a luz do sol diurno, o comboio faz uso dos sóis noturnos: refletores . Suas vantagens são que você pode ir aonde quiser: onde prisioneiros assustados se amontoam esperando a ordem de: 'Próximos cinco! Acima! Marche em direção à carroça em um ritmo acelerado! " (Só a passo acelerado, para que não vire a cabeça, para que não perceba nada, para que avance como se uma matilha o perseguisse e só tome cuidado para não tropeçar na estrada acidentada e subir levemente na carroça). Esses feixes de luz hostis e espectrais não servem apenas para iluminar, mas fazem parte da cenografia do terror, são o complemento dos gritos, das ameaças e dos disparos de coronha que caem sobre os prisioneiros; das ordens para "Sente-se!" (ou, às vezes, também, como na estação de Orel: "De joelhos!", e mil pessoas se ajoelham, como novos peregrinos), ou da correria, completamente supérflua, mas importante para o efeito do terror, com que eles são obrigados a entrar no vagão; do latido de cães; das armas com que são apontadas (rifles ou revólveres, dependendo do ano). O importante é quebrar repentinamente a vontade do prisioneiro, para que ele não pense por um momento na fuga, para que não perceba a vantagem de ter trocado as paredes de pedra da prisão pelas finas placas de madeira de um vagão de gado .

No entanto, o bom andamento da carga noturna de mil presos só pode ser garantido se o presídio começar a recolher e preparar a mercadoria na véspera da manhã, tarefa que absorve os guardas ao longo do dia, pois eles devem fiscalizá-los e separá-los com rigor. dos que ficam presos, para os quais os que vão ser transportados não voltam para as celas, mas ficam no pátio, sentados no chão. Para os presidiários, a cobrança de uma noite é apenas o fim de um dia cansativo.

Além de pegar rolagem e se submeter aos controles usuais; Além do barbear e do banho, a principal parte da preparação para o transporte é o registro. Isso não é feito pela prisão, mas pela escolta. De acordo com as instruções que regem os transportes vermelhos, e de acordo com as regras do sistema na ordem estratégico-operacional, o objetivo da busca é despir o prisioneiro de qualquer objeto que pudesse ajudá-lo a escapar. Tudo que aperta ou corta, tudo que é pó ou grão (pó de dente, açúcar, sal, fumo, chá) é tirado dele, para que ele não possa cegar o guardião com isso; todos os cordões, cordas, cintos e afins que pudessem ser usados na sua fuga (claro, também todas as tiras. Por isso cortam a prótese do coxo, que por isso tem que colocar o ombro na perna artificial e escalar para a carroça apoiada por

seus companheiros). O resto, objetos de valor e malas, são colocados no vagão de bagagem e devolvidos aos donos no final da viagem.

Por mais fraca e distante que a instrução de Moscou possa soar nos comboios Vologda e Kuibishev, a força física do comboio sobre os prisioneiros não pode ser evitada. Entretanto, aplica - se o terceiro princípio que rege as operações de transporte: privar os inimigos do povo de tudo de bom, a favor dos seus filhos, de acordo com a justiça.

"Sentado no chão!", "De joelhos!", "Tirando a roupa!" Nessas ordens, uma força inelutável é condensada. O homem nu perde a segurança, não consegue se levantar com dignidade para falar como igual a um homem vestido. A gravação começa (Kuibishev, verão de 1949). A fila nua, com as roupas nas mãos, cercada por soldados armados, que os observam com atenção. Dá a impressão de que, em vez de deportados, são pessoas que vão ser fuziladas ou levadas para as câmaras de gás. Em tais circunstâncias, o homem deixa espontaneamente de se preocupar com sua propriedade. Os guardas acentuam a grosseria, nem uma palavra com sotaque humanitário aparece em seus lábios . Este é o objetivo: intimidar, assustar. As malas são esvaziadas e uma pilha é feita com seu conteúdo. Cigarros, carteiras e outros "objetos de valor" são jogados em um barril. (E precisamente isso, o fato de não ser um cofre, nem uma cômoda, nem uma gaveta, mas um barril, é o que mais impressiona os homens nus, Deus sabe por quê. Mas de que adiantaria protestar?) Na melhor das hipóteses, os nus conseguem juntar as bugigangas espalhadas pelo chão novamente e fazer um feixe com elas ou embrulhá-las às pressas no cobertor. Algumas botas de feltro? Vamos, assine a lista. (Não são *eles* que têm de lhe dar o recibo, mas você quem deve declarar que atirou as suas botas para a pilha). E quando, no crepúsculo, o último caminhão de presos sai do pátio da prisão, os presos podem ver como os soldados da escolta se jogam no barril e, da pilha de malas, escolhem as melhores. Os guardiões então se juntam a eles, e o resto do saque é distribuído para o *pridurki* local .

Sim, eles tiveram um dia muito difícil antes de chegarem aos vagões de gado; Mas agora acabou e eles podem deitar nos bancos dos carros. Porém, a alegria é prematura. Quem pode se alegrar com tal pseudo-vagão? Mais

uma vez, o prisioneiro se sente preso nas garras, entre o frio e a fome, entre a sede e o medo, entre os criminosos e os guardas do comboio.

Se no carro há bandidos comuns - que, claro, não viajam separados dos demais -, costumam ocupar os melhores lugares, nos beliches superiores, próximos às janelas. E onde eles se instalam no inverno? Bem, é claro, ao redor do pequeno fogão, que eles mantêm firmemente sob cerco. Como o ex- Drone Minaiev lembra, ^[28] No inverno mortalmente frio de 1949, eles tinham *três baldes* de carvão em seu "vagão aquecido" para toda a jornada de Voronezh a Kotlas (leva vários dias) . Assim, os criminosos não só monopolizaram o fogão, tirando da *sala* todos os cantos onde havia um pouco de calor, mas também tiraram todas as suas agasalhos e até as perneiras. Por que ser exigente quando se trata de seus pés, não importa o quão ladrão? Estourou hoje você, que não vou estourar até amanhã. Mas onde há mais abuso é na comida. Os criminosos se encarregam de todas as rações e escolhem o melhor, tudo que lhes convém. Loshchilin relata a viagem de três dias Moscou-Perebory que ocorreu em 1937. Como foram apenas três dias, o trem não cozinhou e distribuiu comida fria. Os ladrões ficaram com o açúcar, deixando o pão e o arenque para os outros. Eles não estavam com fome. Quando tem algo quente para *agarrar* (e quem *pega* ? Os bandidos), distribuem a *balanda*, como na viagem feita em 1945, de Kishinev a Petchora, que durou três semanas. Durante o mesmo, criminosos comuns Tampeo co rejeitam o saque simples: um estoniano eles viram um dente de ouro, eles derrubaram e rasgaram com o atizador.

Para os *zekos*, uma das vantagens dos trens vermelhos é a comida quente. Os trens param em estações isoladas (sempre, para que as pessoas não saibam), e então *balanda e kasha* são distribuídos . Mas a maneira como servem comida quente deixa você sufocado. Ou colocam nos baldes de carvão (como na viagem de Kishinev), que não puderam ser limpos porque no trem a água é ainda mais apreciada que o caldo, e tem que tomar sopa com carvão, ou então passam com a *balanda* e o *kasha*; mas não há pratos para todos: apenas vinte e cinco para quarenta pessoas, e aos quarenta dizem a mesma coisa: «Depressa, depressa, temos de ir para outra carroça! Vocês não são os únicos no trem! " Como comer? Como distribuir o lixo? É impossível fazer porções iguais, então você vai a olho, sem acrescentar muito a ninguém, para que fique para os outros. (Os primeiros gritam: "Mexa bem!" Os últimos calam-se, desejando que a substância fique embaixo). Os primeiros comem, e os segundos esperam avidamente,

porque estão com fome, porque a *balanda* está esfriando e os forasteiros estão ficando cada vez mais insuportáveis: "Vamos ver se você consegue terminar!" Agora você tem que servir àqueles do segundo turno, e não precisa atendê-los nem mais nem menos, nem mais espesso nem mais claro do que os do primeiro . E meça bem, para que cada prato coma dois. Por isso é impossível aos quarenta comer à vontade: olham o gesso com olhar de lince, devorando-se com os olhos.

Os guardiões não se importam em nos aquecer, nos proteger dos criminosos, nos dar comida e bebida ... mas também não nos deixam dormir. Durante o dia, as sentinelas podem ficar de olho em todo o trem e nos trilhos - ninguém que saltou é visto. Mas quando escurece, a vigilância é mais difícil. Em todas as paradas eles batem em cada uma das tábuas do vagão com martelos de madeira de cabo muito comprido (um utensílio tipicamente gulagian), para garantir que nenhuma seja serrada. Em algumas estações, a porta é aberta repentinamente e o interior é focalizado por uma lanterna e até um refletor: "Olha!" Isso significa que você tem que se levantar, pronto para pular para onde for ordenado: para a esquerda ou para a direita. Vários soldados entram no carro com seus martelos (os outros formam um micro-círculo do lado de fora, com submetralhadoras nos braços) e sinalizam: "Todos para a esquerda!" Isso significa que os da esquerda devem permanecer deitados e os da direita pular sobre eles rapidamente, como se fossem pulgas. A única que não está pronto recebe um martelo nas costelas ou na parte de trás. Acima! Rápido! As botas dos soldados já estão no seu pobre catre e no seu lixo, jogados no chão. A luz brilha, sons de marteladas: alguma tábua solta? Sem guna. Os guardas ficam no centro, e os presos vão da esquerda para a direita, na frente deles, que os estão contando:

Um, dois, três ... Bastaria contá-los acima, que cada um levantasse a mão ..., e mais alguma coisa. Mas isso não é assustador. Não ; as coisas ficam mais rápidas, vivas e precisas se ao dizer o número te acertam com o martelo no ombro, na cabeça ou onde quer que seja. A contagem aumentou: quarenta. Agora você tem que limpar o lado esquerdo do lixo, iluminá-lo e acertar as paredes. Você rminado. Eles saem e fecham a porta. Você pode dormir até a próxima parada. (O rigor da vigilância não deve ser ridicularizado: vários escaparam dos vagões vermelhos, embora, sim, seja preciso destreza. Bateu numa prancha e, olha, alguém andou a arranhar com uma lima. Outro dia, às distribuir a sopa pela manhã, entre muitos rostos

com a barba por fazer descobrir dois bem barbeados no momento, o carro é cercado, "Vem faca!" vaidade dos mafiosos. estavam fartos de barba então Come ga a navalha que ainda tinha um deles!)

O expresso vermelho distingue-se do outro expresso grande porque, ao entrar nele, os passageiros não sabem se voltarão a desembarcar. Quando um transporte das prisões de Leningrado foi descarregado em Solimansk em 1942, todo o aterro estava coberto de cadáveres. Poucos ocupantes conseguiram sair vivos. Os transportes de prisioneiros que chegaram à colônia de Shelesnodoroshni (Kniash-Pogost) e outros pontos de encontro nos invernos de 1944-1945 e 1945-1946 , vindos das regiões libertadas - Báltico, Polônia e Alemanha - levavam um ou dois vagões de cadáveres. Isso significa que durante a viagem eles tiraram os mortos dos vivos; Mas esse não foi sempre o caso. Frequentemente, na estação Sujobesvodnaya, não se sabia, até que as carruagens fossem abertas, quantos haviam chegado vivos e quantos haviam chegado mortos. Quem não desceu com o próprio pé estava morto.

Durante o inverno, a jornada é horrível e mortal, pois os soldados do comboio tinham trabalho suficiente para vigiar e não podiam transportar carvão para vinte e cinco fogões. Embora não tenha sido uma delícia dizer viajar no calor: das quatro janelas, duas estão hermeticamente fechadas e o telhado está em brasa. Seria demais pedir aos guardas que trouxessem água para mil pessoas, quando não havia nem mesmo o suficiente para todos na "stolypin". Assim, na opinião dos presos, os melhores meses para tal transporte eram abril e setembro. Claro, há viagens que não se enquadram nos limites da temporada ideal, como a de Leningrado a Vladivostok, em 1935, que dura três meses. Mas quanto mais longa a viagem, melhor é preparada e calculada, pelo menos no que diz respeito à educação política dos soldados do comboio e à purificação das almas dos prisioneiros. Nessas viagens uma carroça é engatada para o *padrinho*, o delegado especial. Ele fez seus preparativos na prisão com bastante antecedência, e as pessoas não foram colocadas nos carros ao acaso, mas de acordo com as listas analisadas por ele. Ele indica o chefe de cada carruagem e instrui o espião correspondente. Nas longas paradas, não faltarão oportunidades para tirar um ou outro do carro, para informá-lo do que está sendo dito . Seria uma pena o delegado terminar a viagem sem prisioneiro, para o qual tira qualquer um, interroga-o e ... que curioso! Quando chega, o prisioneiro já tem uma nova sentença.

Que nojo! Droga também o expresso vermelho de gado direto ! Mesmo que eu tenha economizado cem transferências para você! Amaldiçoado mil vezes! Quem quer que o tenha montado não o esquecerá. Espero que possamos entrar em campo logo! Pior do que isso não pode ser. Ah, se pudéssemos descer agora!

O homem vive entre a esperança e a impaciência. Como se no campo os guardas fossem mais humanos, e os informantes, mais decentes! Ao contrário! Como se não fossem nos receber com as mesmas ameaças, nem nos assediar com cães! "Sentado!" Como se, quando nos tirassem daqui, não quiséssemos continuar nossa jornada ao longo de uma linha de bitola estreita, em vagões abertos! E como você transporta pessoas em vagões abertos? Como monitorar isso? Trabalho duro para o pessoal de vigilância. A solução é a seguinte: temos que bater uns nos outros, amontoar-nos e eles vão nos cobrir com uma lona, como os marinheiros do *Potiomkin* antes do tiroteio. Obrigado pela lona. (Durante o mês de outubro, Oleniov e seus companheiros ficaram um dia inteiro sem se mover no norte, em vagões abertos. A carga havia cessado , mas o motor não veio. Primeiro choveu, depois baixou a temperatura. Em *zeks* está congelaram os pingos que estavam usando). O pequeno trem balança muito, as placas laterais estalam e logo alguém cai sob as rodas . E agora um enigma: de Dundika, a ferrovia de bitola estreita percorre mais de cem quilômetros; isso está atrás do Círculo Polar; vamos ver, onde os criminosos comuns se sentam no vagão aberto? A resposta é: no centro, para que "o gado" os proteja do frio e do perigo de cair debaixo das rodas. Muito certo. Outra pergunta: o que os prisioneiros veem no final de sua jornada no trem de bitola estreita (1939)? Algum prédio? Em absoluto. Você tem que entrar em buracos? Sim senhor. E o pior é que eles já estão ocupados, que não serão para eles. Então, eles vão ter que cavar abrigos na terra? Nada disso. Quem escava no meio do inverno polar? Eles podem cavar, mas na mina, para extrair o minério. E onde eles vão morar? Viver? Ah , viva ...! Eles viverão em tendas.

Mas nem sempre precisa ser um trem de bitola estreita ... Claro que não. Vamos ver uma chegada ao destino: estação de Yertzovo, fevereiro de 1938. As carruagens abrem à noite. Fogueiras foram acesas em todo o trem , iluminando as operações de descarga, contagem, treinamento de prisioneiros na neve e recontagem. A temperatura está trinta e dois graus abaixo de zero. A remessa vem do Donbass, os prisioneiros estão na prisão desde o verão e a maioria usa sapatos ou sandálias. Eles tentam se

aproximar do fogo, mas são expulsos de lá. O fogo não é para aquecimento, mas para iluminação. Os dedos ficam rígidos. Os sapatos se enchem de neve, que nem mesmo derrete. Não há compaixão. Então a ordem é dada: "Vá! Um passo para a esquerda ... ou um passo para a direita ... "e então, sem aviso," Vá em frente! " Os cães uivam e saltam, apertando as correntes. A tão esperada ordem finalmente soou, a hora da diversão finalmente chegou . A coluna é inicializada; os guardas, em casacos de pele, e os condenados à morte, em seus trajes de verão, afundando os pés na neve virgem da estrada, a caminho de algum lugar na taiga sombria. Antes deles, nenhum traço de população. Diante deles acende-se a aurora boreal, a primeira e, certamente, a última que vêem ... Os pinheiros rangem, envoltos na geada. Com os pés congelados e os joelhos rígidos, eles caminham pela neve, praticamente descalços.

Ou a chegada a Petchora em janeiro de 1945. ("Entrada triunfal de nossas tropas em Varsóvia ...! Nossas tropas isolaram a Prússia Oriental ...!"). Uma grande extensão de neve deserta. Ao descer do carro, as pessoas têm que se sentar na neve, seis metros de profundidade. A contagem começa, eles se perdem e têm que recomeçar. Então levante-se e vá. Seis quilômetros pelo deserto nevado. O transporte também veio do Sul, e todos usam calçado de couro. Os cães estavam bem próximos da última fileira, pulando nos ombros e bufando na nuca dos que mancavam por último (nessa fileira marchavam dois padres: o velho Fyodor Floria e o jovem Victor Shipovalnikov, que mantido). O que você tem a dizer sobre o magnífico desempenho dos cães? Que eles demonstram autocontrole exemplar, resistindo à tentação de dar uma mordida.

Eles finalmente alcançam o ponto de destino. A primeira coisa, o banheiro, então ... tire a roupa! e atravessar o pátio em peles, já que o vestiário e o banheiro ficam em quartéis di stintos. No entanto, isso já é mais fácil de suportar. O pior já passou. O importante é que eles chegaram. Anoitecer. De repente, espalhou-se a notícia de que não há lugar no campo para receber os recém-chegados. Portanto, após o banho, volte a formar, conte, carregue a esteira e, sempre cercado pelos cachorros, percorra novamente os seis quilômetros, de volta ao trem. Mas durante essas horas os vagões foram deixados abertos, o que dissipou o pouco calor que havia neles. O carvão acabou antes de chegar e não há nenhum lugar para obtê-lo daqui. Passam a noite, com frio, nos vagões, e de manhã recebem peixe

seco no desjejum (quem tem sede, "mastiga a neve"), e ... novamente o mesmo caminho.

Apesar de tudo, este foi um caso de *sorte*. Porque o campo já existia, e embora hoje eu neguei a entrada, amanhã teria que abrir as portas. Dada a tendência dos trens vermelhos de parar no vácuo e escolher o nada como seu destino, o final da viagem frequentemente representa o primeiro passo na fundação de um novo campo e, portanto, muitas vezes o trem pára abruptamente. no meio da taiga, e alguém coloca uma placa em um pinheiro ^[29] que diz: «Primeiro PLO», que significa "First Field Outpost". E lá eles passam uma semana mascando arenque defumado e fazendo farinha e mingaus de neve.

Se o acampamento já existe há pelo menos duas semanas, já oferece algum conforto e comida quente. Não importa que não haja pratos; Colocam tudo numa tigela, da qual comem seis, segurando com a esquerda e comendo com a direita (não há mesa nem cadeiras). Repetição? Não; isso foi em Perebory em 1937, e é recontado por Loshchilin. Eu não me repito; GULAG é aquele que se repete.

Os novos são colocados sob a tutela de veteranos de campo, que os instruem nos usos e costumes do lugar, no local de trabalho e em como escoar o granel e trapacear. E desde a primeira manhã você tem que ir trabalhar , porque os relógios do tempo estão sempre avançando. Já se foi o tempo do *katorga* czarista de Akatui, em que os recém-chegados tinham ^[30] três dias de descanso para se recarregar.

Aos poucos a economia do Arquipélago está a florescer : novas linhas ferroviárias estão a ser colocadas e locais que até então eram apenas acessíveis por barco podem ser alcançados de comboio. Os ilhéus que ainda vivem podem nos contar como navegaram pelo Izhma em uma espécie de galeras russas, cem homens em cada, cem homens remando ao mesmo tempo. Como subir e descer o Petchora, Ussa e Ujta em barcos de pesca. E como, para chegar ao acampamento de Vorkuta, ele iria para Adsvav em barcos rebocados, e daqui para Ust-Ussa, que fica a dez dias de "caminhada", em barcaças que fervilhavam de piolhos, até o extremo que os guardas permitiam que os presos subissem um a um ao convés para sacudir as roupas, para que os piolhos caíssem na água. No entanto , o transporte

fluvial nem sempre era direto e, por vezes, os barcos tinham de ser arrastados por terra e, outras vezes, os reclusos eram acompanhados a pé.

Havia um acampamento de trânsito lá, feito de cabanas de toras e tendas. Era o nó de conexão Ust-Ussa, Pomozdino Shchelia-Yur. Naturalmente, cada um tinha sua própria gestão dos direitos da água. E um regulamento de vigilância, e seus próprios comandos e truques de cada comboio e encargos especiais para os *zekos*. Seria impossível descrever esse exotismo e preferimos nem tentar.

Os rios do Norte, o Dvina, o Obi e o Yenisei, sabem bem quando começou o transporte fluvial: durante a *liquidação dos kulaks*. Essas correntes correm em uma linha perpendicular ao Norte, e as barcaças eram grandes e espaçosas, graças às quais a rápida transferência das massas cinzentas da Rússia viva para as terras mortas do Norte foi possível. As pessoas amontoavam-se no fundo do grande casco dos fundos, onde se moviam como caranguejos em uma cesta. E acima, recortadas contra o céu como grandes penhascos, as silhuetas dos guardiões. Às vezes, a carga era transportada descoberta; às vezes era coberto com uma lona, talvez para escondê-lo, talvez por segurança, mas certamente não para protegê-lo da chuva. A jornada nas barcaças não era mais uma jornada, mas uma morte lenta. A comida mal foi distribuída e deixou de ser fornecida totalmente assim que os prisioneiros foram desembarcados na tundra, onde foram deixados à mercê da Natureza.

Em 1940 ainda existiam transportes de barcaças no Dvina (e também no Vitcheгда). AJ Oleniov fez essa jornada. Ele foi uma viagem de muitos dias, e os prisioneiros foram *em pé*, ap contestada no fundo do barco. Eles urinavam em recipientes de vidro, que eram passados de mão em mão e esvaziados pela vigia; e o sólido foi para as calças.

Ao longo de várias décadas, o transporte de barcaças no Yenisei tornou-se uma instituição. Na década de 1930, galpões abertos foram construídos em Krasnoiarsk - perto da costa - nos quais os prisioneiros esperaram dias e dias - na fria primavera siberiana - para serem embarcados. ^[31] As barcaças Yenisei tinham três porões escuros, um em cima do outro. A única luz neles era a que penetrava pelo orifício central, onde ficava a escada. Para os guardas, havia uma mesa no convés. Eles só tinham que vigiar as saídas e a água, caso alguém aparecesse na superfície. Não importa quantos gemidos e vozes eles ouviram pedindo socorro, eles nunca desceram aos porões, nem levaram os prisioneiros para passear no convés. Nos transportes de 1937-

1938 e 1944-1945 - e provavelmente também no intervalo - os presos não receberam assistência médica. Os deportados foram colocados em duas filas em cada andar: uma, com a cabeça junto à amurada, e a outra, aos pés do primeiro. Para chegar aos cubos que servem de banheiro, é preciso passar por cima das pessoas. E como nem sempre é autorizado retirá-los em tempo hábil - e é algo que exige imaginação subir o barril com os excrementos escada acima - eles transbordam, o líquido derrama no chão e cai nos andares inferiores. A *balanda* é retirada pelos mesmos prisioneiros em barris, e é distribuída atrás, na escuridão imutável - talvez hoje tenham acendido luz elétrica - suavizada pela luz trêmula de uma lanterna. Uma dessas barcaças pode levar até um mês para chegar a Dudinka. Naturalmente, a travessia pode ser feita hoje em uma semana. Por causa da restinga e de outros obstáculos à navegação, a viagem podia ser prolongada, então os suprimentos acabavam e ficava vários dias sem comida (e, como se verá, o "déficit" não era mais compensado)

O leitor inteligente pode imaginar o resto sem a ajuda do autor. Claro , os criminosos comuns ocupam o andar superior e as posições próximas à abertura , por onde toda a luz e o ar penetram. A distribuição do pão fica por conta deles e fazem como bem entendem, e quando o transporte é pesado, escondem silenciosamente as rações do rebanho. Eles matam o tempo jogando cartas, que eles próprios fazem, ^[32] e roubaram as estacas de seus companheiros de viagem, as quais procuraram em todos os cantos do navio. Quando os efeitos assim coletados mudam de mãos várias vezes, eles são enviados aos tutores. Sim, o leitor adivinhou : os guardas vão a meio caminho com os ladrões e, quando não guardam para si os objetos roubados, vendem nas docas e, em troca, mandam comida aos ladrões.

E não há resistência? Sim, embora apenas às vezes, não muitos. I aq Uí um episódio que ocorreu em uma dessas barcaças, muito grande e em condições de navegar, durante a viagem de Vladivostok a Sakhalin: Sete homens condenados pelo Artigo 58 se juntaram para morder a poeira para criminosos (*sukas*, "vagos") Os *Sukas*, que tinham cerca de oitenta anos e - como não? - estavam com sua faca, já haviam limpado toda a festa na *peresylka* "Três-Dez" de Vladivostok. Eles são águias para o registro, eles não ficam atrás dos carcereiros. Eles conhecem todos os esconderijos possíveis, apesar dos quais *algo* sempre escapa . Para aproveitar todas as possibilidades, logo após o embarque espalharam: "Quem tem dinheiro pode comprar fumo". Ao ouvir isso, Mischa Grachev tirou três rublos que

havia escondido bem. O criminoso Volodka, aliás *Tatarin*, repreendeu-o: "Você não vai pagar o imposto, patife?" E ele foi pegar o dinheiro dele. Um NCO do Exército, Pavel (sobrenome desconhecido), o empurrou. Volodka *Tatarin deu* um *soco* no meio dos olhos dele e Pavel o derrubou. Imediatamente entre vinte e trinta *sukas* pularam para a batalha, mas uma barreira defensiva se formou em torno de Grachev e Pavel. Lá estavam eles: Volodia Shpakov, ex-capitão do Exército, Seriosha Potapov, Volodia Reunov e Volodia Tretiujin, todos eles ex-NCOs, e Vasia Kravzov. E o que aconteceu? Dificilmente uma escaramuça. Talvez tenha sido a covardia intrínseca dos criminosos - que está sempre escondida por trás de exhibições de combatividade e bravata - talvez as sentinelas tenham ficado irritadas - o set aconteceu imediatamente sob a eclosão - uma de cujas missões sociais mais importantes consistia em tirar os *ladrões honestos* da *peresylka* de Alexandrovsk (aquela que Tchekhov descreve) e das obras de Sakhalin; a verdade é que os bandidos recuaram e se limitaram a ameaçá-los: "Quando desembarcarmos, vamos despedaçá-los!" (Não houve batalha ou qualquer lascada por diante. *Peresylka* de Alexandrovsk os *sukas* esperados para encontrar sérias dificuldades des: Enquanto isso, *honrado* tinha firmemente estabelecido).

Os navios que fizeram a viagem para Kolyma eram muito parecidos com barcaças de carga, mas maiores. Por mais estranho que possa parecer, alguns dos prisioneiros que foram deportados na primavera de 1938 na famosa missão *Krassin* ainda vivem. Isso deu lugar, entre o gelo da primavera, a quatro conchas: a *Dshurma*, a *Kulu*, a *Nevostroi* e a *Dnieprostroï*. Os porões escuros e frios também eram divididos em três andares, mas cada um tinha espreguiçadeiras de madeira. Nem tudo estava escuro, mas havia uma lanterna ocasional ou lamparina a óleo. Você também pode andar no convés, embora em curvas. Cada navio transportava de três a quatro mil homens. A viagem durou mais de uma semana, e o pão enviado em Vladivostok começou a crescer mofo. A ração foi reduzida de seiscentos para quatrocentos gramas. Também havia peixes, mas o que é água potável ... Bem, vamos deixar de ser maliciosos com as *dificuldades temporárias* que surgem da água. Para o resto, as travessias marítimas distinguem-se das fluviais pelas tempestades e a conseqüente vertigem. Os homens, exaustos, jazem no meio de uma asquerosa poça de vômito que tudo permeia. Durante a viagem houve um curioso interlúdio político. Os navios tiveram que cruzar o Estreito de La Pérouse, perto das ilhas do

Japão. Por esse motivo, as metralhadoras foram retiradas das pontes, os soldados da escolta foram vestidos com roupas civis, os porões foram cobertos e foi proibido subir para respirar no convés. Nos documentos de embarque constava, em Vladivostok, que não transportavam prisioneiros - Deus me livre! - mas trabalhadores devidamente contratados. Um grande número de pequenos barcos japoneses cercou o comboio, sem suspeitar de nada de anormal. Em outra viagem, em 1939, o seguinte episódio aconteceu no *Dshurma* : Alguns criminosos comuns arrombaram o armário, roubaram o que queriam e colocaram fogo no resto. E isso aconteceu muito perto da costa do Japão. Vendo fumaça *subindo* do *Dshurma*, os japoneses ofereceram sua ajuda, mas o capitão recusou e *nem mesmo permitiu que as escotilhas fossem abertas*. Quando os japoneses sumiram de vista, eles foram jogados pela borda nos cadáveres daqueles que morreram asfixiados pela fumaça. Pelo contrário, a comida, chamuscada e estragada, era entregue ao campo para alimentar os reclusos. ^[33]

Na frente de Magadan, o comboio foi pego pelo gelo. Nem mesmo o *Krassin* conseguiu *sobreviver* - ainda era inverno, muito cedo para navegar por esses mares, mas Kolyma precisava desesperadamente de mão de obra. Em 2 de maio, os prisioneiros aterrissaram no gelo, longe da costa . Aos olhos dos recém-chegados foi oferecido o panorama nada lisonjeiro do Magadan daquela época: montanhas vulcânicas áridas, nem uma árvore, nem um bosque triste, nem um pássaro, algumas cabanas de madeira insignificantes e o prédio *térreo* do *Dalstroi* . Apesar de tudo, para salvar as aparências, e como se em vez de uns sacos de ossos que iam forrar os campos de ouro de Kolyma, fossem cidadãos soviéticos, temporariamente isolados, com possibilidade de regressar a uma vida criativa, foram bem-vindos com música. A orquestra *Dalstroi* tocava marchas e valsas, enquanto os homens, emaciados e meio mortos, desfilavam no gelo em triste procissão, arrastando a bagagem que trouxeram de Moscou (aquela remessa eminentemente política quase não teve o menor contato com criminosos comum) e carregando nos ombros os que não andam, reumáticos ou amputados (nem mesmo os mutilados poderiam escapar da execução da pena).

Mas estou vendo que vou começar a me repetir, que logo vai ficar chato de escrever, e para o leitor, ler monótono, porque ele já sabe o que vem a seguir: que são carregados em caminhões, nos quais percorrem centenas de quilômetros ; que então continua a viajar a pé por mais algumas

dezenas de quilômetros; que estabelecerão novos campos de trabalho e trabalharão desde o primeiro momento, comerão peixe, farão farinha e mascarão neve. E eles vão dormir em tendas.

Sim, é verdade. Mas primeiro, em Magadan, eles serão alojados em tendas polares semelhantes e os submeterão a um exame, a fim de determinar sua utilidade para o trabalho pelo estado de seu traseiro (e eles os declararão úteis a todos). E então eles irão levá-los ao banheiro, e eles terão que tirar seus casacos de couro, seus casacos ov romanos , suas jaquetas de lã, seus ternos sob medida e suas botas de couro ou feltro (não eram *mujiques* pobres , mas altos líderes do Partido, jornalistas, diretores de empresas, administradores, funcionários públicos, professores de Economia Política que, já no início dos anos 1930, haviam aprendido a apreciar boas roupas). "E quem está assistindo tudo isso?", Perguntam os noviços, inquietos. "Bah, como se as suas coisas interessassem a alguém!", Responde o staff, ofendido "Pode entrar com toda a tranquilidade". E eles entram. Mas eles têm que ir para o outro lado e lá recebem uma blusa e calças pretas de algodão, uma jaqueta acolchoada sem bolsos e sapatos de pele de porco. (Não, não é bobo. Isso significa adeus à vida anterior, cobranças, vaidades). "E as nossas coisas?" Eles perguntam, surpresos. *Suas* coisas ficaram em casa! Qualquer *natchalnik* grita *com eles*. No campo não há nada seu. *O comunismo* reina aqui . O primeiro, vá em frente ! "

E se fosse comunismo, o que eles poderiam dizer? Afinal, eles haviam consagrado suas vidas.

Também havia transporte a cavalo e transporte a pé. Todos se lembram disso, não é? Quando, na telega de *domingo*, numa manhã de sol, foram da prisão para a delegacia. Mas e quanto a Minusinsk, em 1940? Depois de um ano sem nem mesmo deixá-los sair para andar no pátio, um dia eles foram tirados da prisão, formados em uma coluna e forçados a andar quinze milhas até Abakan. Eles não estavam acostumados a andar, respirar ao ar livre ou ver a luz do sol. Cerca de dez morreram no caminho. Nenhum grande romance será escrito sobre isso, nem mesmo um capítulo. E é que quem mora em frente ao cemitério não pode chorar por todos.

A caravana a pé é a precursora da deportação em massa por trem, o stolypin e o vagão de gado. Hoje em dia é cada vez menos frequente e ocorre apenas onde o transporte mecânico é impossível. Foi o que aconteceu com os prisioneiros durante o cerco de Leningrado. Até chegar

onde os trens vermelhos estavam esperando, era preciso cruzar o Lago Ladoga (as mulheres marcharam ao lado dos prisioneiros de guerra alemães e perseguiram nossos homens com baionetas para que seu pão não lhes fosse tirado . Qualquer um que desmaiasse era imediatamente despojado de seus e, vivo ou morto, jogado em um caminhão). Também havia transportes a pé, na década de 1930, no campo de trânsito de Kotlas: grupos de cem homens partiam diariamente para Ust- Vym (300 quilômetros) ou Chib-Yu (mais de 500). Uma vez, em 1938, um grupo de mulheres também marchava a pé. Eles faziam quinze milhas por dia. Os soldados da escolta, com dois cães, empurravam os retardatários com as coronhas dos fuzis. Supõe-se que os efeitos dos presos, da cozinha e da comida, seguiram coluna nas carruagens, o que estabelece a semelhança com as clássicas caravanas de presos do século passado. Nem faltaram os abrigos noturnos, casas em ruínas abandonadas pelos chamados *kulaks*, ou *isbas* sem portas nem janelas. A Administração Kotlas calculou as provisões para a duração teórica da viagem, para uma marcha sem incidentes, nem mais um dia (o princípio básico de todos os nossos cálculos). Se houvesse atrasos , as rações eram "esticadas", servindo aos prisioneiros uma mistura de farinha de centeio sem sal, ou nada. Nisto há um certo desvio da linha clássica.

Em 1940, o grupo de Oleniov teve que atravessar a taiga a pé, de Kniazh-Pogost a Chib-Yu, após a viagem de barco. E foi feito sem comer. As pessoas beberam água do pântano, adoeceram com disenteria e desmaiaram. Os cães rasgaram as roupas dos caídos em pedaços . No Iima, pegavam peixes com as calças e comiam crus . (E quando chegaram a uma clareira na floresta receberam a ordem: "Aqui você tem que construir a linha férrea Kotlas-Vorkuta!")

E em muitas outras partes de nosso norte da Europa, o transporte a pé continuou até que, ao longo das linhas traçadas pelos prisioneiros dos primeiros anos, os trens vermelhos começaram a rodar, cheios de deportados da segunda onda.

O transporte a pé necessita da sua técnica, que foi desenvolvida em locais de trânsito frequente. E quando, enquanto um grupo passa pelos caminhos de uma floresta Kniazh-Pogost, um prisioneiro cai de repente no chão e não pode continuar, o que fazer? Pense bem. Parar a marcha de toda a coluna? Nem se pode deixar uma sentinela ao lado de cada retardatário ou desmaiado ... Os soldados são escassos e os prisioneiros não. Então ... o

soldado fica para trás por um momento, e então ele volta para a coluna, sozinho.

Os transportes ambulantes entre Karabas e Spask tornaram-se uma rotina duradoura. Você só tinha que cobrir cerca de vinte a trinta milhas, mas eles tinham que ser feitos em um único dia, com mil homens de cada vez, muitos deles fracos. É de se esperar que muitos caiam pelo caminho, indiferentes à ameaça de morte. Atirar neles? Eles não podem conseguir mais. Não têm medo da morte, mas talvez tenham medo da bengala, da cana incansável que cai sem parar ... Olha, eles já estão se levantando! Nunca falha, está provado. Por isso, a coluna de presos não transporta apenas uma escolta de soldados armados com metralhadoras, que se mantêm a cinquenta metros de distância, mas também outro cordão de soldados que, em vez de uma espingarda, carregam uma bengala. Os que ficam para trás são espancados (como o camarada Stalin havia "profetizado"); os bastões estão chovendo e eles não têm mais forças, mas continuam caminhando e, milagrosamente, chegam ao destino. Não sabem que é a *prova da bengala*, e que quem, apesar dos golpes, não se levanta, é recolhido pelas carroças, que seguem a grande distância. Experiência da organização. Parece justificado perguntar: por que não carregá-los todos nos carrinhos? E de onde viriam as carruagens e os cavalos para tanta gente? Hoje você viaja de trator. E, além disso, quanto custa a aveia! Este sistema de transporte estava em alta nos anos 1948-1950.

Porém, na década de 1920 ainda havia muito uso de transporte a pé. Eu era muito jovem, mas lembro-me de os ter visto percorrer as ruas de Rostov. Agora percebo que a conhecida ameaça, "... o fogo vai abrir sem avisar!" Soava diferente então, porque a técnica também era diferente, e os soldados da escolta estavam armados apenas com sabre. Disseram então: "Quem der um passo para o lado será ferido com a espada!" A frase impressiona: «com sablazos»... Você já parece estar vendo como eles abrem sua cabeça.

Ainda em fevereiro de 1936, *um grupo de mujiques de barba grisalha* passou por Nizhny Novgorod, trazidos do outro lado do Volga - a "Rússia decadente" - em casacos tecidos à mão, sapatos de esparto e perneiras altas. De repente, três carros cruzam a estrada. Em um deles está Kalium, presidente da VZIK. A coluna para. Kalinin passa rapidamente. Isso não importa para ele.

Feche os olhos, caro leitor. Você não ouve o barulho das rodas? Eles são os "stolypin" que passam. Eles são os trens vermelhos. Em todas as horas do dia e da noite. Todos os dias do ano. E agora, você ouve o barulho? São as barcaças. E você também ouve o barulho dos motores dos *corvos*? Em todos os momentos, alguém é trazido e carregado. E aquele murmúrio abafado? Eles são as células da *peresylka*, que transbordam. E aquele choro? É a reclamação de quem foi roubado, estuprado, esfolado.

Revisamos todos os sistemas de transporte e descobrimos que são piores. Percorremos as cadeias de trânsito ... e não conseguimos encontrar nenhuma que fosse boa. E é vão até a última esperança de que, finalmente, as coisas vão amolecer e que no campo talvez seja melhor.

Mas não; no campo é ainda pior.

IV

De Ilha para Ilha

Mas os *zeks* também são transportados de ilha em ilha por meio de um pequeno barco solitário. Isso é chamado de comboio especial. É o meio de transporte menos opressor, parece uma viagem quase normal, mas poucos o apreciam. No entanto, na minha vida na prisão, tive a oportunidade de viajar assim três vezes .

O comboio especial é formado quando solicitado por alguma personalidade eminente. Não devemos confundi-lo com a *expedição especial*, que também é decretada nas mais altas esferas de autoridade. Normalmente, o expedicionário especial deve ingressar em um transporte comum, mesmo que isso não o impeça de fazer passeios maravilhosos (com a conseqüente diversão). Assim, Ans Bernshtein viajou, por exemplo, em uma expedição especial do Norte ao baixo Volga para ajudar nas tarefas agrícolas. Tal jornada é cheia de indignidades indizíveis, as humilhações usuais, latindo punções usuais baionetas com o rugido de sempre está sofrendo " ! A mídia virou à direita, virou à esquerda ..." você ta você Fazem você descer repentinamente na pequena estação de Sansevatka, onde é recebido por um guarda parcimonioso, só um, que nem anda de espingarda e que lhe diz com um bocejo: "Que bom! Você vai passar a noite em casa. Enquanto isso, você pode dar uma volta. Amanhã vou levá-lo ao acampamento. E Ans pega o *passeio*. Diga-me, você sabe o que significa *dar um passeio* quando você passou dez anos atrás das grades e já se despediu da vida muitas vezes? Quando o stolypin irá buscá-lo amanhã de manhã para deixá-lo no acampamento um dia e meio depois? Então ele sai em sua caminhada, parando para observar as galinhas rabiscando no jardim da estação, e como, antes de ir para casa, várias camponesas recolhem a manteiga não vendida no trem e os melões que sobraram. . Ans dá três passos, quatro ou mesmo cinco para o lado sem ouvir a voz que grita

“pare!”, Acaricia a acácia sai com dedos incrédulos e está à beira das lágrimas.

O comboio especial é uma maravilha absoluta do primeiro ao último dia. Aqui você não prova as delícias do transporte comum, não precisa colocar as mãos atrás das costas, nem sentar no chão, nem se despir ... sim, e até a peneira está dispensada. As sentinelas são corteses, até conversando com você. Agora, eles dão alguns avisos, é claro: “Se você tentar fugir, ele vai atirar em você, como sempre. Nossas pistolas estão carregadas, nós as carregamos nos bolsos. Mas é preferível viajar com tranquilidade, certo? Se você se comportar com naturalidade, ninguém perceberá que você é um condenado. (Peço expressamente que me seja permitido observar que, aqui, os interesses do indivíduo estão, como sempre, estreitamente alinhados com os do Estado!)

Naquele dia, minha vida no acampamento sofreu uma mudança repentina quando, ao toque do alvo, comecei a tarefa diária com meus dedos rígidos (o manuseio da ferramenta pesada os havia enrijecido a ponto de me impedir de esticá-los) na brigada de carpintaria e ouvi isso o capataz dirigiu-me a palavra com uma cortesia incomum: "Você não sabe? O Ministro do Interior ordenou "...

Aparentemente, eu ficaria lá enquanto os outros trabalhadores saíam da área. Logo eu estava cercado por *pridurkis*. Alguns disseram: "Eles vão te dar outra extensão." Alguns disseram: "Eles vão deixar você ir." Mas todos eles concordaram unanimemente que não seria possível para mim fugir do ministro Kruglov. Portanto, meu pensamento também começou a oscilar entre uma nova extensão e a libertação da prisão. Eu esqueci completamente que meio ano antes um cara havia legado o acampamento para nós e nos fez preencher alguns formulários do GULAG (eles começaram a fazer isso depois da guerra nos acampamentos mais próximos, e a ação ainda não havia terminado). A questão mais importante naquele questionário dizia respeito à profissão. E os presidiários, ávidos por valorizarem seu valor, anotavam os empregos mais cobiçados do GULAG: "barbeiro", "alfaiate", "padeiro" ... Lembro-me que franzi a testa e escrevi: "físico atômico". Nunca tinha sido assim, pouco antes da guerra fiz um breve curso sobre o assunto, que me permitiu listar as partículas atômicas e seus respectivos valores: então, então vá em frente e escreva! Isso aconteceu em 1946, quando houve uma grande demanda por bombas

atômicas. Mas não atribuí grande importância a esse arquivo e logo o esqueci.

Nos campos circula uma lenda um tanto mofada, nada confiável ou confirmado por ninguém: ao que parece, existem pequeninas *ilhas paradisíacas* em alguma região deste Arquipélago. Ninguém os viu e se alguém voltou deles tente guardar o segredo. Diz-se que são ilhas onde fluem leite e mel, ilhas onde um *zeko se* alimenta de pelo menos nata e ovos; Lá reina a limpeza, a temperatura é sempre amena e o trabalho é intelectual e também secreto.

Bem, depois de uma extensão devastadora e graças a ela, encontrei meus ossos em uma daquelas ilhas paradisíacas (chamada *charashki* segundo o jargão do interno). Se eu mantiver minha vida hoje, devo agradecê-la porque no campo teria sido impossível para mim sobreviver aqueles intermináveis oito anos. Agradeço também a composição deste relatório, embora não pareça ver futuro para ele.

Acabei de ser transportado para aquelas ilhas em um comboio especial; Fui de um para outro, do segundo para o terceiro e o quarto: dois guardas e eu íamos.

Às vezes, as almas dos mortos nos perseguem, zelam por nós, adivinham sem dificuldade nossos desejos mais insignificantes, enquanto não podemos nem mesmo ver ou suspeitar de sua presença incorpórea ... bem, esta mesma descrição se aplica a viajar com vigilância especial.

Você emerge no matagal do *exterior livre*, vagueia pela sala de espera, examina com um olhar ausente os edifícios que não podem mais lhe fazer mal. Aí você se senta em um "sofá" dilapidado para viajantes e ouve conversas estranhas e inconsequentes: uma mulher abandonou ou espancou seu marido, uma sogra brigou com a nora, sabe-se lá por quê, os vizinhos consomem muita eletricidade e, além disso, os sapatos não estão limpos, alguém cruzou o caminho de outro e alguém prometeu a quem um bom trabalho, mas em outra cidade, e como você faz para carregar todo o material? é uma bagatela, certo? Ao ouvir tudo o que é dito, você sente um calafrio repentino, cuja causa é a resignação: Pois você já percebeu tão claramente a verdadeira medida de todas as coisas no mundo ao seu redor! A medida de todas as fraquezas e paixões! E os pecadores ao seu redor estão proibidos dessa percepção. Só você, o incorpóreo, vive realmente, realmente; os outros, esses infelizes, pensam que estão vivos e errados.

O abismo entre nós é intransponível ! Você não pode exortá-los ou acusá-los, não pode agarrá-los pelos ombros e sacudi-los: você é espírito, miragem, e eles são corpo material.

Então, como inspirá-los? Por desaparecimento mágico ou transmissão de pensamento? Durante o sono? Irmãos...! Para que a vida foi doada a você? Por volta da meia-noite tenebrosa, as celas dos condenados à morte são abertas e alguns seres humanos com grandes almas vão para a forca. Neste exato momento, nesta mesma hora, esses seres estão viajando por todas as ferrovias do país; Depois de engolir um arenque, passam a língua amarga pelos lábios ressecados, sonhando com o prazer de esticar as pernas, do descanso depois de ir ao mictório. Em Orotukán, a terra derrete a um metro de profundidade durante o verão ... e só então é possível enterrar os restos mortais daqueles que morreram durante o inverno. Mas você tem o céu azul acima de suas cabeças e sob o sol quente o direito de determinar seu próprio destino, beber água, sentar-se abrindo as pernas, mover-se sem vigilância para onde quiser. Qual é a finalidade dos sapatos sem graxa e qual a importância da sogra? Você quer que eu revele a você agora o segredo da vida, o que é mais importante nela? Não persiga o enganoso, nem as posses, nem os títulos: que se paga com os nervos, se adquire depois de várias décadas e em uma noite o confiscam. Viva com serena superioridade antes da vida ..., não tema a miséria nem almeje a felicidade, pois as duas atitudes são iguais. A amargura não dura para sempre e a medida do prazer nunca é completa. Alegrem-se quando não tremerem de frio, quando a fome e a sede não rasgarem suas entranhas. Quando você não sente sua coluna quebrada , quando você pode andar com as duas pernas e agarrar as coisas com as duas mãos, e ver com os dois olhos e ouvir com as duas orelhas ... bem, se sim, de quem você precisa invejar? E por que? A inveja é o que mais nos tortura. Esfregue bem os olhos e aguçe o olhar, purifique o seu coração ..., e então você poderá avaliar perfeitamente aqueles que realmente te amam e querem o seu bem. Não os machuque, não fale palavras maliciosas contra eles, nem permita que as disputas o separem de um ou de outro: então, como você pode saber que este não é seu último ato antes da prisão ...? Você quer manter uma memória tão desagradável?

Mas meus guardas acariciam as culatras pretas de suas pistolas. Estamos sentados em um banco, três companheiros medidos, três amigos gentis.

Esfrego a testa, fecho os olhos e vejo, quando os abro, o mesmo sonho: gente a quem ninguém olha. Sei com certeza que esta noite ainda dormirei em uma cela e que amanhã voltarei a essa cela . O que o revisor está tentando fazer com suas pinças de piercing? "Ingressos por favor." "Pronto ... o parceiro."

As carruagens estão lotadas (bem, "lotadas" no conceito de homens *livres*; ninguém se amontoa sob os assentos ou se agacha no corredor). Fui aconselhado a me comportar com discrição. Respeito o que foi dito, ninguém conseguiu superar o meu comportamento prudente: no departamento mais próximo descubro um lugar vago junto à janela e preencho-o sem demora. Mas , infelizmente , não há lugar para guardiões neste departamento. Os dois estão na entrada e me olham afetuosamente com o lado do olho. Em Perebory, o assento à minha frente está vago, mas quando meu guarda se precipita sobre ele, ele já foi ocupado por outro; Meu novo companheiro de viagem tem um rosto de verdadeiro bovino, usa uma jaqueta de couro, um boné de couro e segura uma mala de madeira simples, mas sólida. Reconheço aquele modelo de bagagem: produto do acampamento, *feito no Arquipelago*.

"Ugh!" Lamenta o gañán. Apesar da sombra, noto que seu rosto está congestionado. Ele deve ter tido alguma disputa. O homem pega uma garrafa e diz: "Quer uma cerveja, camarada?" Sei que meu tutor está tremendo de preocupação: não posso beber álcool, é uma proibição estrita! Mas ... devemos nos comportar com discrição. Por isso respondo em tom indiferente: "Tudo bem, obrigado." (Cerveja! Cerveja! Três anos sem botar um pinga na garganta! Amanhã poderei me gabar na cela : "Bebi cerveja!"). O sujeito me entrega a garrafa e eu, estremeando, tomo um gole na ponta dos dedos. Enquanto isso, escureceu. A carroça não tem luz: misérias do pós-guerra. Na lanterna surrada acima da porta de correr, uma vela acende para iluminar quatro apartamentos: dois por trás e dois pela frente. Conversamos amigavelmente; Não é impedido pelo fato de que dificilmente nos vemos. Meu guardião quase cai, mas seus esforços são inúteis com o barulho das rodas. Tenho um postal de casa escondido no bolso; em um momento revelarei minha identidade ao interlocutor bem-humorado e implorarei a ele que a coloque em qualquer caixa de correio. Sua mala faz supor que ele também esteve em chirona. No entanto, o homem me antecipa. Quanto me custou obter esta licença! -Ele diz-. Faz dois anos que não me deixam sair. Que diabos! Um serviço de cães! " "Onde é isso?"

Você não pode conhecê-lo. Eu sou um *asmodi* com *detalhes* em azul. Você nunca viu um, viu ? " Droga mil vezes! Como isso não me ocorreu antes? Perebory é o centro do *volgolag*, e esse cara deve ter roubado a mala dos prisioneiros ... eles fizeram isso por nada, com certeza! Como nossas vidas são tecidas juntas! Dois *asmodis* em dois departamentos de trem...! Não, isso não é suficiente; talvez haja um terceiro e um quarto à espreita em qualquer lugar! Ou talvez um para cada departamento...! E então nos perguntamos quantos de nosso povo viajam em um comboio especial ...

Meu interlocutor choraminga sem parar de lamentar seu destino fatal. Então observo enigmaticamente: "E você acha que a vida é mais fácil para aqueles que você vigia, aqueles condenados a dez anos à toa e dos quais nada recebem?" Ele pega as velas instantaneamente e fica em silêncio até a manhã seguinte: Apesar da escuridão, ele já deve ter percebido que estou usando roupas estranhas, quase militares, e isso terá sentido sua falta. O diabo sabe se eu, que ele tomou por um mero soldado licenciado, não serei um agente secreto, daqueles que capturam fugitivos e me escondem sentados aqui no compartimento! Uau, e ele reclamando do acampamento em voz alta ...!

O toco da vela está morrendo, mas ainda está aceso. Lá fora, sob o estrado de bagagem, um jovem de voz amável conta ao terceiro guarda algumas coisas sobre a guerra, sobre a verdadeira, aquela que não está descrita nos livros; ele diz que serviu com engenheiros e relata fatos confiáveis e autênticos. É um grande alívio descobrir que, apesar de tudo, a verdade pode ser proclamada sem restrições e feita para chegar a qualquer ouvido estranho.

Eu também poderia ter me relacionado ... e até gostaria! Mas não ... de agora em diante, nunca mais. Os quatro anos de minha guerra parecem ter desaparecido. Já nem acredito na existência deles, nem gosto de me lembrar deles. Os dois anos *aqui*, os dois anos passados no Arquipélago foram intercalados com os quatro anos a caminhar pela frente, perante a camaradagem aí vivida. Uma cunha impulsiona as outras.

E veja o que as coisas são! As breves horas que passei entre *homens livres* foram suficientes para me fazer perceber: meus lábios estão paralisados, não perdi nada entre essa gente, me vejo como se estivesse amarrado e amordaçado. Sinto falta ... da conversa sem restrições! Tenho saudades ... de casa! Eu quero voltar para casa no Arquipélago!

De manhã, *esqueço* meu cartão-postal no convés superior. Quando a empregada limpar o carro ela vai encontrar e colocar na caixa do correio, porque, afinal, é um ser humano!

Saímos para a praça da Estação Norte. Meus guardiões mostram, mais uma vez, que são meros iniciantes; eles não sabem andar por Moscou. Eu decido em vez disso e pegamos o bonde "B". Grande comoção na parada e em toda a praça. É hora de trabalhar. Um guarda vai até o motorista e mostra sua carteira de motorista M VD. Estamos orgulhosos como representantes do posto soviético na plataforma da frente, sem ter que retirar um bilhete. Um velho intruso é rejeitado: Suba pela porta da frente, você não é um inválido!

Nós nos aproximamos de Novoslobodskaya e saímos de cima de você. Pela primeira vez, vejo a prisão de Butyrki de fora, embora seja minha quarta admissão lá; Seria muito fácil desenhar a planta do interior. Ah, ali está a parede de aparência ameaçadora delineando dois blocos enormes! Os corações dos moscovitas congelam ao ver aqueles portões de aço que se abrem lentamente. Mas abandono a necessidade moscovita sem arrependimento e quando passo pela guarita abobadada é como se estivesse voltando para casa, sorrio no primeiro pátio, pois reconheci imediatamente a porta entalhada familiar da entrada principal ..., e não desgosto dela nem um pouco que, pouco depois, me puseram de frente para a parede para disparar suas monótonas perguntas: «É o seu nome ...? Nome paterno e sobrenome? Ano de nascimento ...? » Meu nome...! Eu sou o errante das estrelas! Meu corpo está acorrentado, mas eles não têm poder sobre minha alma.

Sei que depois de várias horas de manipulações inevitáveis com meu corpo - para a gaiola, o registro, o recibo de entrega, depois preencher a ficha de admissão, desinfetar e tomar banho - serei levado para uma cela com dois compadres e um arco no centro (todas as células são idênticas) mais duas janelas e um armário com uma mesa em uma peça. Lá encontrarei alguns indivíduos que ainda me são familiares mas, sem dúvida, serão homens sagazes, interessantes, que serão amigos de mim ..., e eles me contarão coisas e eu direi a eles outras e, quando anoitecer, não vou querer dormir de forma alguma .

Nas taças de latão está gravado um nome (para que ninguém os leve de volta ao acampamento: "Bu Tiur". Sanatório Bu Tiur... é assim que o chamamos de brincadeira da última vez. Um sanatório pouco conhecido

entre os obesos. Eles vão com a barriga ao spa de emagrecimento em Kislovods k, marcham a passo de carga por percursos marcados, fazem ginástica e suam durante um mês para perder dois ou três quilos. No sanatório Bu Tiur, ao virar da esquina, qualquer um Eu poderia perder dez quilos por semana sem grande fadiga.

Foi verificado. Atua com total garantia.

Uma das descobertas que você faz na prisão é que o mundo é pequeno, mesmo muito pequeno. É claro que o número de habitantes do Arquipélago, cujas fronteiras se estendem por todo o território, é muito inferior ao da população da União. O número exato é algo insondável para nós. Presumivelmente, nunca há mais de 12 milhões *simultaneamente* nos

^[34] campos. (quando alguns mordem a poeira, as máquinas correm para cobrir as vítimas). A escassa metade deles, não mais, são prisioneiros políticos. Seis milhões...? Não é um número exagerado, semelhante ao de um pequeno país como a Suécia ou a Grécia, onde muitas pessoas se encontram. Por que deveríamos nos surpreender, então, se em cada cela de uma prisão provisória basta escutar um pouco e trocar algumas palavras com os companheiros para infalivelmente encontrar amigos comuns? (Não, não é surpreendente que D., após um ano de confinamento solitário em uma cela individual, após Sujanovka, onde Riumin quase o espancou até a morte, e após sua marcha do hospital para a cela Lubyanka, onde pousou Por fim, bastou mencionar seu nome para que o perspicaz F. o cumprimentasse com esta exclamação: "Puxa, ora! Eu te conheço!" "De onde?" D. estava alerta: Você se engana. "" Nada disso. Você é, sem a menor dúvida, o americano Alexander D., o sequestrado, conforme publicado pela falaciosa imprensa burguesa e negado pela "Tass". Aí saí e li tudo ").

Geralmente me divirto quando um novo é trazido para a cela (ele não é um novato, embora deslize *furtivamente* e atordado; ele é um *zeko* de estoque antigo). Também me diverte entrar em uma nova cela (embora eu renuncie com prazer ao resto, Deus sabe disso), fazendo um sorriso despreocupado e acenando com a mão levantada: "Olá, camaradas!" E então pergunto, enquanto jogo meu rebanho na cama, "Bem, o que houve de novo em Butyrki no ano passado ?"

Nós nos apresentamos um ao outro. Um jovem sujeito, Suvorov (artigo 58). À primeira vista você não vê nada de especial nele, mas não seja descuidado, não seja *descuidado* : na *peresylka de Krasnoiar* ele foi preso com um certo Majotkin ...

"Ficar com a pesquisa do Airman ?"

-Sim Sim. Seu nome...

-... dirige uma ilha na baía de Taimir. Ele também está atrás das grades por 58-10. Diga-me, Dudinka já foi despachado?

-Sim. Como você sabe?

Formidável. Mais um elo na história de Majotkin, um indivíduo completamente desconhecido para mim. Eu nunca o conheci e talvez nunca tenha a oportunidade de fazê-lo, mas a memória industriosa guardou tudo que sei sobre ele: Majotkin recebeu uma *década*, mas a ilha não era sem nome, como aparece em todos os mapas do mundo (claro, não é uma ilha GULAG). Ele chegou no avião *sharashka* para Bolchino, e lá não apoiou a permanência entre engenheiros, então o que ele faria, aviador, sem aviação? Então aquele paraíso de Sharashka foi dividido; Majotkin marchou até a metade de Taganrog e então pensei que o havia perdido de vista para sempre. Na outra metade, a metade de Rybinsk, disseram-me que o menino havia se oferecido para voar para o Upper North. Agora eu sei que a autorização foi realmente concedida. Embora esses dados não sejam úteis para mim, eu os anoto. E dez dias depois, estou na gaiola do banheiro (no Butyrki há esplêndidas torneiras e banheiras de gaiolas para baixar a *bania* grande) com uma certa R. Também não conheço essa R., mas isso foi remediado quando estou a vela que passou meio ano na enfermaria de Butyrki e agora está de partida para Rybinsk em Zharashka. Em três dias, quando eu chegar a Rybinsk em "caixas de correio lacradas" - onde toda a comunicação do prisioneiro com o mundo exterior é cortada - eles saberão que Majotkin está em Dudinka e lá também terão notícias de meu futuro destino. Esta é a correspondência dos prisioneiros: observar o espírito, a memória, os encontros.

E quem é aquele cara legal com óculos de concha? Ele anda pela cela, cantarolando uma balada de Schubert com uma voz agradável de barítono:

Vagabundo silencioso que sente pouca alegria

E o suspiro sempre pergunta: onde? Onde ainda?

No sopro do espírito vem a resposta:

Onde você não mora, a felicidade reina.

—Zarapkin, Sergei Romanovich.

"Deixe-me dizer que eu já o conheço." Biólogo, certo? Ele recusou a repatriação. De Berlim, hein?

"Como você sabe de tudo isso?"

"Bem, porque não?" O mundo é tão pequeno! Em 1946 eu estava com Nikolai Vladimirovich Timofeiev-Ressovski ...

... Ah, aquilo era um celular! Foi talvez o mais esplêndido de toda a minha vida na prisão! Era o mês de julho. A enigmática "ordem do Ministro do Interior" me trouxe do campo para o Butyrki. Apesar de termos chegado depois do almoço, a recepção de rotina durou onze horas devido à enorme sobrecarga de trabalho; Então, seriam três da manhã quando me exauriram das gaiolas para serem levados à cela 75. Sob duas lâmpadas deslumbrantes colocadas em ambas as abóbadas, a cela tremia em um sonho febril: da mesma forma, o ar quente de julho não estava podia entrar pelas barras com focinheira, era sufocante. As moscas zumbiam sem descanso, pousando incessantemente nos dormentes que estremeciam e esvoaçavam aqui e ali. Alguns colocaram um lenço sobre os olhos para se proteger da luz forte. Um fedor insuportável vinha da latrina, o calor acelerando a decomposição. Nossa cela, com capacidade para vinte e cinco homens, não estava excessivamente cheia : seriam oitenta no máximo. Eles estavam em fileiras estreitas nas camas à direita e à esquerda, nas plataformas extras que enchiam o corredor, e pernas brotavam por toda parte; o tradicional armário "butyrki", meia mesa meio armário, fora levado para o banheiro. Foi justamente lá que descobri um pequeno espaço livre e me estiquei. Aqueles que quisessem desabafar suas necessidades estariam pulando em mim até a manhã seguinte.

Quando o fazendeiro gritou a ordem "Levanta-te!", Toda a célula foi acionada: os grandes paletes usados como beliches foram retirados e a mesa colocada em frente à janela. Os entrevistadores logo se aproximaram para me perguntar se eu era um recém-chegado do exterior ou se vinha do acampamento. Fiquei sabendo também que duas correntes convergiram na cela : a primeira, a usual dos recém-condenados que aguardavam transferência para o campo, e uma contracorrente do campo composta exclusivamente por especialistas - físicos, químicos, matemáticos e engenheiros - que Eles ainda não sabiam para onde seria levado, embora

esperassem que fosse para algum instituto promissor de pesquisa científica. (Isso me tranquilizou: o ministro obviamente não havia proposto uma nova extensão para mim.) Pouco depois, fui abordado por um indivíduo, não velho, muito ossudo (extraordinariamente magro) e com o nariz ligeiramente curvado para baixo como o bico de um açor.

—Professor Timofeiev-Ressovski, presidente da Associação Científica na cela setenta e cinco. Nossa associação se reúne todas as manhãs após o rancho na janela da esquerda. Talvez você queira nos dar alguma comunicação científica? Sobre o que será especificamente?

Fiquei pasmo com ele em minha capa puída de oficial e um boné de pele bem ajustado (quem é preso no inverno também deve usar roupas de inverno no verão). Minhas mãos arranhadas ainda formavam dois punhos cerrados. A que tópico científico posso referir? Foi então que me lembrei de ter lido no campo, há não muito tempo, durante duas noites inteiras, um livro contrabandeado de Smith cujo conteúdo era o relatório oficial do Departamento de Defesa dos Estados Unidos sobre a primeira bomba atômica. Esse trabalho foi publicado na primavera, e talvez nenhum inquilino da cela soubesse sobre ele! Uma conjectura inútil, é claro. Então, por um capricho do destino, me tornei um físico atômico, como indicava minha documentação do GULAG.

Atrás da fazenda, a associação técnico-científica reunia-se em frente à janela esquerda, cerca de dez homens. Enviei minha declaração a eles e fui imediatamente admitido como um novo membro. Eu realmente havia esquecido muitos detalhes e outros que não havia entendido. Embora Nikolai Vladimirovich já estivesse atrás das grades por um ano e não pudesse saber nada sobre bombas atômicas, ele lutou para preencher as lacunas em meu relatório. Um maço de cigarros vazio foi minha depilação; lá escrevi com uma lousa de uso ilegal. Nikolai Vladimirovich me levou várias vezes para fazer contornos e adicionar todos os tipos de esquisitices, como se ele fosse um físico da equipe de Los Alamos.

Na verdade, ele havia trabalhado em um dos primeiros cíclotrons europeus; Ele era um biólogo e estava sem dúvida entre os mais eminentes geneticistas dos tempos modernos. Já estava preso quando Zhebrak, ignorando tal circunstância (ou talvez já a conhecendo bem) teve a audácia de escrever numa revista canadiana: «Não é justo atribuir a Biologia Russa a Lyssenko ..., porque a Biologia Russa se chama praticamente Timofeiev - Ressovski '(quando a Biologia germinou em 1948, Zhebrak foi mais tarde

obrigado a pagar sua dívida). O físico Erwin Schrödinger encontrou amplo espaço por duas vezes em seu ensaio *O que é a vida ?*, para expor as opiniões do preso Timofeiev-Ressovski.

Mas ele estava entre nós transmitindo conhecimento de todas as ciências imagináveis. Ele tinha aquela rara universalidade que os cientistas das gerações posteriores não mais acreditam ser desejável (pode ser que a concepção das coisas também tenha mudado). Seja como for, ele ficou tão enfraquecido após a detenção pré-julgamento que essas práticas não lhe agradaram. Por linha materna, ele veio de uma família nobre empobrecida da região de Kaluga, cuja propriedade ficava às margens do rio Ressa, e por meio de seu pai ele pertencia a um ramo da linhagem Stepan-Razin. Todas as suas feições denotavam o cossaco resistente ... o seu esqueleto poderoso e a estoicidade com que enfrentou o juiz de instrução, bem como a vulnerabilidade à fome que o assedia como nenhum outro.

Sua história anterior foi a seguinte: quando o médico alemão Oskar Vogt fundou um instituto de pesquisa do cérebro em Moscou em 1922, ele solicitou a ajuda de dois graduados qualificados para acompanhá-lo em seu retorno com um emprego permanente. Assim, uma autorização de viagem ilimitada foi concedida a Timofeiev-Ressovski e seu amigo Zarapkin. Apesar de terem sido privados de instrução ideológica no exterior, notáveis sucessos foram notados no campo estritamente científico, de modo que quando foram obrigados a voltar para casa em 1937 (!), Eles acharam impossível cumprir tal ordem ... a lógica mais elementar os impedia de deixar tudo estagnado ... seu trabalho, seus instrumentos, seus alunos! Talvez eles também tenham sido impedidos de pensar que agora, em sua terra natal, eles deveriam denegrir publicamente tudo o que conquistaram durante seus quinze anos na Alemanha para comprar o direito de existir (se é que se pode chamar assim). Como resultado, eles recusaram a repatriação, embora ainda fossem patriotas.

Em 1945, as tropas soviéticas chegaram a Berlin-Buch (um subúrbio ao nordeste da capital) e foram saudadas com alegria por Timofeiev-Ressovski, que entregou seu Instituto intacto. Ele havia encontrado a melhor solução : não seria necessário sair do Instituto. Vários funcionários entraram, inspecionaram as instalações e disseram: "Opa! Tudo isso deve ser embalado para envio a Moscou. "Impossível! Timofeiev exclamou em alarme. Isso estragaria tudo! Demorou anos para montar este equipamento!" «Huum, huum»... As autoridades fingiram grande surpresa. Pouco depois,

Timofeiev e Zarapkin foram presos e despachados para Moscou. Esses dois ingênuos acreditavam que o Instituto não poderia funcionar sem eles. Aqui não se trata das operações, mas sim da manutenção da lei: linhas gerais acima de tudo! Assim que chegaram à Grande Lubyanka, foi mostrado aos presos que eram traidores do (ou contra o ...?) País e cada um foi endossado por dez anos . Só faltou ao presidente da associação científica e técnica da cela 75 a coragem de se defender: nunca se enganou em parte alguma.

As pernas dos berços são muito curtas nas células "butyrki". Ninguém jamais teve a ideia - nem mesmo a Administração - de fazer os prisioneiros dormirem lá embaixo. Para fazer isso, você deve primeiro pedir ajuda ao seu vizinho, a fim de espalhar sua capa entre vocês, depois deitar no chão e rastejar para dentro. Na calçada você corre e anda, embaixo das camas você varre se talvez uma vez por mês, se precisar lavar as mãos só pode lavar à noite no banheiro, e de qualquer forma não tem sabonete aí ..., quem diz que está mentindo que você sinta seu corpo como um recipiente de Deus! No entanto, estou feliz! Lá no chão de concreto, embaixo das camas, no canil, onde está chovendo poeira e migalhas sobre você, bom ... aí eu sinto uma felicidade absoluta, sem limites! Epicuro disse com razão: "A ausência de diversidade, após o antecedente de reveses muito diversos, pode causar uma sensação agradável." O acampamento se foi - parecia estar fora de vista - para trás estavam as dez horas de trabalho, o frio, a chuva, a dor nas costas ... ah, há algo mais bonito do que ficar deitado o dia todo , dormindo, e além de receber seiscentos e cinquenta gramas de pão mais duas fazendas quentes por dia, uma panela de ingredientes variados com carne de golfinho?

Dormir ... é algo de suma importância. Ah, deite-se de bruços com as costas quentes ... e durma! Dormir não esgota energia nem oprime o coração ... mas aquele tempo que corre, aquele tempo de prisão que corre incessantemente! Quando nossas vidas são borbulhantes e fervilhantes, amaldiçoamos a necessidade de dormir oito horas sem poder tirar proveito delas. Quando estamos infelizes, louvamos quatorze horas de sono!

Mas fiquei dois meses naquela cela, dormi até o fim me recuperando de um ano perdido e adquirindo reservas para um ano futuro; enquanto isso, passei de debaixo da cama para a janela, voltei novamente, desta vez para ocupar a cama, fiz a viagem de ida e volta para as latrinas e subi nos beliches até a metade do arco. Dormi cada vez menos, absorvi o elixir vital e me senti à vontade. Bom dia a associação técnico-científica, então xadrez,

livros (são três ou quatro em circulação para oitenta homens e é preciso fazer fila), uma caminhada de vinte minutos no pátio ... um acorde em tom maior! Nós nem piscamos quando chove forte. E o principal... seres humanos, seres humanos mesmo! Nikolai Andreievich Semionov, um dos construtores da barragem de Dnieper; seu amigo de seus dias de cativo na guerra, o engenheiro FF Karpov; o cáustico e inventivo Victor Kagan, físico de profissão; o compositor e aluno do Conservatório, Volodia Klemperer; um lenhador e caçador das selvas de Viatka, tão desoladas quanto as florestas lacustres impenetráveis. E também Yevgueni Ivanovich Divnich, um pregador ortodoxo da emigração. Não se limita ao campo da Teologia, infiltra-se no do marxismo, proclama que na Europa ninguém mais leva a sério esta doutrina ..., e e, o marxista, não saio sem contemplação. Ainda há um ano eu o teria atordoado com uma dúzia de citações, meus sarcasmos o teriam feito morder a poeira! Mas nesses primeiros seis meses de encarceramento (quando aconteceu? Eu não percebi) fui dominado por tantos novos acontecimentos, perspectivas e significados que não posso mais gritar: Isso não existe! É uma invenção burguesa! Agora devo temporizar: Sim, existe. Na minha corrente de argumentação existe um elo muito fraco e qualquer um pode me silenciar como quem joga.

Enquanto isso, continuam chegando prisioneiros de guerra, sempre prisioneiros de guerra; a corrente flui da Europa e o segundo ano acabou. E mais emigrantes russos da Europa e da Manchúria. Se você está procurando alguém que conhece, você simplesmente pergunta: De que país? Você conhece Fulano ou Mengano? Você sabe disso, é claro! (Foi assim que a execução do Coronel Yasevich chegou aos meus ouvidos).

E o velho alemão, aquele alemão gordo mas exausto e doente, que uma vez fiz ele carregar minhas malas na Prússia Oriental (não se passaram duzentos anos desde então?) ... Oh, como o mundo é pequeno!

Quem poderia imaginar que eu iria encontrá-lo novamente? O velho sorri para mim. Ele também me reconheceu e por isso parece estar feliz. Ele me perdoou. Eles deram a ele dez anos. Ele não vai conseguir cumprir aquela pena ... E aquele outro alemão, grandalhão, jovem mas não muito comunicativo; Ele não quer ir às reuniões, talvez porque não saiba uma palavra em russo. Nem parece alemão pela aparência. Os criminosos o despojaram de suas vestes alemãs e agora ele está usando, em seu lugar, um casaco soviético desbotado. Ele é um famoso piloto alemão, um verdadeiro

ás da aviação. Sua primeira campanha foi a guerra do Chaco entre Bolívia e Paraguai, a segunda na Espanha, a terceira no Poloníá, a quarta o fez sobrevoar a Inglaterra e a quinta Chipre ... A sexta foi na União Soviética. Por ser um ás, deve ter aniquilado muitas crianças e mulheres do ar! Então, um criminoso de guerra, dez anos e cinco anos de mordação!

O fato de haver um fiel e teimoso na cela (por sugestão do promotor Kretov), é por si só entendido. “Vocês mesmos mereceram esta prisão opressora, seus porcos, contra-revolucionários ! A história transformará seus ossos em esterco! “E ele vai fazer o mesmo com o seu, porco!” Ele grita de volta para ele. "Não! Meu caso será analisado ... e eu serei considerado inocente! " A célula inteira irrompe em gritos e risos zombeteiros . O professor russo de cabelos grisalhos sobe descalço em uma maca e estende os dois braços sobre nós como um Cristo ressuscitado: «Meus filhos, reconciliem-se ...! Meus filhos!" Então a tempestade se volta contra ele. Seus filhos estão na floresta de Bryansk! Não somos mais filhos de ninguém! Somos apenas do GULAG...! »

Depois do jantar e do desfile noturno, a noite espreita timidamente pela janela quase entupida e as lâmpadas deslumbrantes brilham no teto . O dia separa os presos, a noite os aproxima. À noite, as disputas acabam, os acordos assinados são mantidos ou um novo acordo é negociado. Foi então que Timofeiev-Ressovski se distinguiu novamente: durante longas noites ele contava anedotas sobre a Dinamarca e a Itália , a Noruega e a Suécia. Por sua vez, os emigrantes contaram histórias sobre os Bálcãs e a França. Um estava dando uma palestra sobre Le Corbusier, outro estava explicando os hábitos das abelhas e um terceiro estava falando sobre Gogol. Nesse ínterim, estava fumegando a céu aberto! Uma fumaça densa saturou a cela, flutuando como névoa, pois o focinho da janela não o deixava escapar. Uma vez meu colega Kostia Kiula, cheio de cabelos, ojizarco, desajeitado quase a ponto de comédia, declama alguns poemas que havia escrito na prisão : eles se intitulavam ... *O primeiro pacote, Para minha esposa, Para o filho.* Na prisão, quando você não lê poesia, mas escuta, um poema escrito ali mesmo, você não liga se o poeta cuidou da métrica ou se ele combina os versos com assonâncias ou rima clássica . Essas composições são o *sangue* do Seu coração, as lágrimas da Sua esposa. Muitos choraram. ^[35]

Desde então, também procuro poetizar sobre a vida do condenado. E ali mesmo eu apresentei Yesenin, cuja leitura havia sido proibida antes da guerra. O jovem Bubnov, prisioneiro de guerra e ex-aluno, acredito, ouviu

em êxtase o palestrante e seu rosto se iluminou. Não era especialista, não vinha do Campo mas ia pela primeira vez a ele, e talvez fosse no caso dele indo ... para a morte porque não pode haver sobrevivência para um ser tão claro e honesto. Em seu deslize mortal - e também nos outros, mais vagaroso, porém - aquelas noites na cela 75 representaram uma visão direta daquele mundo magnífico que *existe* ... e existirá. No entanto, um destino fatídico permitiria que ela sonhasse com ele um ano muito justo, um ano incompleto de juventude.

O fazendeiro desceu as escadas pesadamente e, em seguida, seguiu o rosto de um diretor, vociferante: "Dormir!" Não, evidentemente e apesar dos meus estudos superiores - duas carreiras -, das minhas aulas e das minhas primeiras tentativas poéticas, acho que nunca vivi dias tão cheios, emocionantes e calmantes como os daquele verão na cela 75 ...

"Deixe-me fazer uma pergunta", digo, voltando-me para Tsarapkin. Até agora não tive notícias de um certo Deul, um jovem que aos dezesseis anos recebeu a *quinta* série (e não exatamente na escola) por *agitação anti-soviética* ...

-Como! Você conhece ele? Ele viajou em nosso transporte para Karaganda ...

- ... e desde que você encontrou um emprego em um laboratório médico e Nikolai Vladimirovich passou um tempo no *geral* ...

"Isso o enfraqueceu muito." Ele saiu mais morto do que vivo do "stolypin" para o Butyrki; agora ele está na enfermaria e recebe da Quarta Seção Especial ^[36] manteiga e até vinho ... mas será que ele conseguirá se safar? É difícil prever.

"O quarto te fez uma proposta, certo?"

-Verdade. Eles queriam saber se depois de uma estadia de seis meses em Karaganda estaríamos dispostos a reconstruir nosso Instituto no pátio .

"E você aceitou com entusiasmo, certo?"

"Ah, claro!" Nesse ínterim, reconhecemos nossos erros. Além disso, toda a instalação foi desmontada para ser acondicionada em gavetas, embora sem nos consultar. Bem, você vê! O MVD não deixa a Ciência afundar . Agora, posso cantarolar um pouco Schubert?

E Zarapkin canta, olhando melancolicamente para as janelas (os focinhos escuros e a treliça clara das janelas se refletem em seus óculos):

Do crepúsculo ao amanhecer, muitas cabeças ficam cinzentas.

Quem acreditaria? Isso não aconteceu comigo nesta longa jornada.

O sonho de Tolstoi foi realizado: os prisioneiros nunca serão forçados a participar das massas decadentes. As capelas dos presídios estão fechadas. É claro que fechadas como igrejas, não como prédios, porque será sabido que eles aproveitam para expandir conscienciosamente essas prisões. Graças a este projecto, cerca de duas mil pessoas encontram alojamento na igreja "butyrki", sendo a estadia quinzenal desse lote utilizada como medida para calcular a possível acomodação anual de cinquenta mil almas.

Quando volto pela quarta ou quinta vez ao Butyrki, e com passo firme e apressado, atravesso o pátio entre os blocos de celas para chegar à cela designada o mais rápido possível, mesmo colocando a cabeça à frente do guardião (como um cavalo que, quando fareja o aveia, galopa diligentemente em direção à casa sem a necessidade de chicote ou rédeas), esqueço de olhar para a igreja - um edifício retangular com uma torre octogonal - que fica no meio do pátio quadrado. Seus "focinhos" não estão de acordo com o padrão da técnica moderna; Não são de vidro reforçado, como acontece há muito nos edifícios centrais, mas sim de pranchas acinzentadas e apodrecidas que acentuam a categoria secundária da propriedade. O templo serve simultaneamente como uma *peresylka* para os expedientes recém-treinados dentro do Butyrki.

Mas naquela época —1945—, isso me ajudou a dar um passo imenso e importante: depois da sentença OSO fomos conduzidos à igreja (o momento certo! Não seria ruim rezar!), Fomos obrigados a subir até a primeira chão e ficamos enjaulados nas várias celas daquela sala octogonal. O do sudeste era meu.

Era uma grande cela quadrada, com duzentos homens dentro na época. Os beliches usuais eram usados para dormir, o espaço embaixo deles e o chão do corredor, um pavimento de ladrilhos. Não só os focinhos eram de segunda classe, mas também todas as restantes instalações como se, em vez de se destinarem aos filhos do GULAG, fossem para os seus enteados. Nenhum livro ou tabuleiro de xadrez era permitido neste formigueiro humano; Além disso, as tigelas de alumínio e as colheres dentadas de madeira eram recolhidas periodicamente, para que ninguém, com pressa, pudesse levá-las ao acampamento. Até as taças pareciam representar um luxo exagerado para os enteados e, portanto, desnecessário; uma vez que a água suja era engolida na chamada sopa, as tigelas tinham que ser enxaguadas para que o chá sem gosto fosse bebido. A falta de suas próprias louças era especialmente angustiante para aqueles que tiveram a fortuna

fatídica de receber um pacote de casa (pois apenas nos últimos dias antes da mudança, parentes reuniram apressadamente seus esquivos copecs para ainda enviar algo). Os familiares não podiam adivinhar esse impedimento, nem esperavam receber bons conselhos no centro de informações da penitenciária. Consequentemente, não incluíram a baixela de plástico - a única autorizada - entre os brindes, mas o vidro ou a lata. Nas outras celas, cabia ao fazendeiro que buscava e requisitava impiedosamente tudo o que havia nas latas - mel, geléia, leite condensado - e o preso teve a oportunidade de adiar esse saque; mas nas celas da igreja não havia demora possível, e se alguém quisesse levar alguma propriedade com ele, tinha que usar a concha da mão, a boca, o lenço ou o espaço sob a saia estendida da capa, o que não teria sido surpreendente em o GULAG, mas... bem no centro de Moscou! E, claro, aquele eterno «rápido! Rápido!». O carcereiro estava com pressa, como se estivesse perdendo o trem (o motivo da pressa era a vontade de provar as latas proibidas o quanto antes). Nas celas da igreja tudo era provisório, mesmo faltando aquela falsa estabilidade que, no entanto, era perceptível nas celas de detenção preventiva e supostos presos. Aqui os presos de Eros - um produto semimanufaturado preparado pelo picador de carne para o GULAG - só precisavam permanecer em um tempo de espera inevitável, os dias necessários para encontrar um pequeno espaço livre para abrigá-los em Krasnaya Presnia. Aqui só havia um privilégio: cada um podia ir e encontrar por si a estância, a *balanda* (aqui nunca havia *kacha*, mas a *balanda* era distribuída três vezes ao dia, um verdadeiro presente, porque em comparação com o mingau era mais misericordioso e frequente, aqueceu e encheu mais o estômago). Esse privilégio tinha sua explicação: na igreja não havia elevadores como os das outras prisões, e os guardas não queriam desabar elevando as caldeiras. Eram pesadas, enormes e a jornada a percorrer: primeiro atravessar o pátio e depois subir as escadas íngremes, o que significava um desperdício de energia quase insuportável... porém, preferia-se assim, porque era muito agradável passar cada vez através do pátio verde e ouvir o chilrear dos pássaros.

As células da igreja tinham sua atmosfera peculiar; ali as primeiras correntes de ar pareciam fazer-se sentir na *peresylka*, o primeiro sopro gelado do acampamento polar. Nas celas da igreja acontecia o ritual de habitação: as sentenças vão ser proferidas e não vai haver brincadeira nenhuma... acostume-se; você vai começar um novo período de sua vida...

faça um esforço para imaginá-lo e adaptar sua mente a isso, por mais difícil que seja. Essas práticas não foram fáceis para você.

Da mesma forma, a companhia não era duradoura; Isso estava longe de ser a prisão preventiva onde cada vizinho passava a ser uma espécie de parente seu. Não havia dia ou noite em que um ou mais presos não fossem retirados, de modo que havia um lixo contínuo nos beliches e no chão e, conseqüentemente, a vizinhança raramente durava mais de dois dias. Se você fosse vizinho de um vizinho com personalidade interessante, deveria questioná-lo imediatamente, antes que ele desaparecesse para a eternidade.

Foi assim que o mecânico Medvedev fugiu de mim. No início de nossa conversa, ele se lembrou de que o imperador Mikhail havia mencionado seu nome. É verdade que ele tinha sido seu co-réu, um dos primeiros a ler "o apelo ao povo russo" sem denunciar o empregador. Medvedev acreditava que era imperdoável, ele até se mostrou um pouco indignado - três anos no total, nada mais! - E isso apesar do Artigo 58, onde cinco anos são vistos como uma pena infantil. Evidentemente, o imperador foi tomado como louco porque, em termos gerais, o *critério das classes* era forçado a usar a indulgência. Mas quando eu estava prestes a descobrir qual tinha sido o papel de Medvedev no assunto, ele foi pego "com todas as suas coisas". Certas circunstâncias pareciam indicar que ele teria alta, o que alimentou os primeiros rumores sobre uma anistia staliniana que correu entre nós naquele verão: *uma anistia para ninguém*, uma anistia que nem mesmo arejou o estreito espaço sob as camas.

Meu vizinho de ninhada, um ex-membro do Conselho de Curadores, o seguiu logo depois (esses membros do Conselho, que acreditavam estar sufocando na conservadora Áustria, marcharam para a pátria de todos os proletários em 1937; lá foram condenados, sem exceção, a dez anos e todos eles encontraram o seu fim nas ilhas do Arquipélago). Um homenzinho de pele bronzeada, cabelos pretos e olhos escuros, redondos como uma cereja, como os de uma criança, tomou seu lugar; no entanto, o nariz, desordenadamente longo e largo, rompeu o todo, transformando-o em uma caricatura. Durante todo aquele dia ficamos em silêncio, deitados lado a lado, mas no seguinte, meu companheiro procurou um pretexto para me perguntar: "Para quem você me tem?" Embora seu russo fosse fluente e perfeito, peguei um certo sotaque. Hesitante, refleti: Caucasiana? Armênio? Ele tinha algo de ambos. Ele fez uma careta: 'Eu facilmente me passei por um georgiano. Meu nome era Yasha. Todos eles zombaram de mim.

Consegui arrecadar subsídios sindicais ». Então eu o examinei mais de perto. Ele realmente era um personagem cômico: um anão de rosto desproporcional e sorriso sincero. De repente meu interlocutor se endireitou, adotou uma expressão severa, estreitou as pálpebras ... e suas palavras caíram sobre mim como um sabre:

-Deixe-me apresentar-me! *Locotenent* Vladimirescu! Agente secreto do Estado-Maior Romeno!

Depois dos duzentos espões fictícios que mais ou menos desfilaram diante dos meus olhos, nunca esperei encontrar um de verdade. Eu acreditava que tal espécie não existia.

Segundo seu relato, o homem era de linhagem aristocrática. Aos três anos, já estava preparado para o serviço do Estado-Maior, e mal completou seis anos entrou no Serviço Secreto como estudante. Já adulto, escolheu a União Soviética como campo de atuação, um país - segundo ele - com alto grau de dificuldade, mas que tinha um serviço de contra-espionagem sem igual no mundo e também um sistema onde todos se suspeitavam. qual. Seu trabalho - o homem fez um balanço agora - não havia produzido um equilíbrio desfavorável. Vários anos antes da guerra, ele estava em Nikolaiev, cujos estaleiros apoiavam o jogo romeno, aparentemente. Em seguida, ele "se apresentou" na fábrica de tratores de Stalingrado, e mais tarde foi para o *uralmashzavod*.^[bh] Para obter subsídios sindicais, ele entrou no escritório de um grande gerente, fechou cuidadosamente a porta atrás de si e ... incrível! O sorriso estúpido desapareceu novamente no rosto de Vladimirescu e a expressão afiada reapareceu por momentos antes. Ponomariov! [Ele tinha outro sobrenome na malha Uraliana.] Estamos observando-o de Stalingrado. Lá você deixou seu posto (você foi um arquipélago na fábrica de tratores de Stalin) e aqui você emboscou com um nome falso. O que você prefere? A execução por seus compatriotas, ou a colaboração conosco? " Ponomariov preferia a colaboração com os romenos ... ele era realmente um pancista acostumado ao sucesso. Ele permaneceu sob a vigilância do Sr. *Locotenent* até que ele deixou o campo para encontrar os residentes alemães em Moscou; de lá, ele foi enviado para Podolsk, onde deveria seguir sua especialidade. Segundo as explicações de Vladi mirescu, os agentes treinados para as manobras diversificadas recebem uma instrução multifacetada, e, no entanto, cada um se dedica *estritamente* à sua atividade especial. Esta missão especial em relação a Vladimirescu consistia em cortar imperceptivelmente os cabos de

suspensão dos pára-quadras. Em Podolsk o *locotenente* foi saudado com alegria pelo chefe do depósito de pára-quadras (quem era? Que tipo de ser humano?) E foi trancado por uma noite - oito horas - dentro do depósito. Usando uma pequena escada, Vladimirescu alcançou o suporte dos pára-quadras, apalpou-os com cautela sem perturbá-los, procurou as múltiplas amarrações com as cordas de suspensão e, empunhando uma tesoura, cortou quatro quintos, deixando um quinto intacto que se rasgaria no ar . Foram necessários muitos anos de estudo e treinamento para agir assim esta noite. Ele finalmente conseguiu porque, de acordo com Vladimirescu, por meio dessa indústria febril, ele desativou cerca de dois mil paraquadras (um a cada quinze segundos!) "Eu apenas aniquilei uma divisão de paraquedistas soviéticos!" Ele se gabou enquanto seus olhos cereja brilhavam com satisfação maliciosa.

Após sua prisão, ele se recusou a fazer qualquer declaração; nenhuma vez ele abriu os lábios durante os oito meses de confinamento solitário em uma cela individual em Butyrki. "E ele não foi torturado?" "Não!" Sua boca se contraiu com desdém, como se tal possibilidade fosse inconcebível para um súdito não soviético. (Bata nos seus compatriotas para que os estrangeiros aprendam a temê-lo ...! Mas um espião faz parte do alvoroço, talvez devesse ser trocado por outro seu!) Um belo dia trouxeram-lhe vários jornais: a Romênia capitulou, livre-se dele! Ele permaneceu mudo (os jornais podem ser falsos). Por fim, foi levado a um confronto com o seu superior imediato, que lhe ordenou que cedesse e confessasse. Então Vladimirescu fez sua declaração com grande frieza. E ele também afirmou antes de mim que não se preocupou com isso, foi mais um episódio na sua vida como espião. Assim, um dia na cela passou lentamente. Ele nem mesmo foi levado ao tribunal, nem lhe foi concedida uma prorrogação! (O homem também não era um coelho doméstico! "Eu sou um espião profissional e serei até a morte. Serei exonerado.")

"Mas você me fez uma confissão completa", objetei. E posso me lembrar de suas características. O que poderia acontecer se nos encontrássemos na rua ...?

"Bem, se eu tiver certeza de que você não me reconheceu ... você preservará sua vida." Caso contrário, vou matá-lo ou forçá-lo a trabalhar para nós.

Não, evidentemente ele não queria hostilizar seu vizinho de beliche. Ele disse isso sem raiva, com perfeita naturalidade. Eu acreditava que ele

era capaz de atirar em mim ou me subornar sem ser movido nem um pouco.

Nesta longa crônica de condenados não encontraremos mais tais heróis. Este foi o único encontro durante meus onze anos na prisão, campo e exílio; e outros não foram capazes de informar sobre algo semelhante porque nunca souberam disso. No entanto, a julgar pelas dezenas de *quadrinhos que* circularam entre as gerações mais jovens boquiabertas, nossos *Órgãos* parecem ter se dedicado exclusivamente a captar tais assuntos. Bastava dar uma olhada nessas células da igreja para ver que estavam cheias de jovens.

Depois da guerra, era possível examinar tudo sob a lente de aumento; felizmente, eles não mais considerariam necessário fazer prisões entre os soldados. Isso significou que, de 1944 a 1945, um "partido democrático" passou para a Little Lubyanka (com jurisdição sobre essas questões).

De acordo com o levantamento correspondente, aquele partido era composto por cinquenta alunos, tinha o seu estatuto e o seu registo de filiação. O mais velho, que estava na décima série em uma faculdade de Moscou, era o "secretário-geral". Outros estudantes também foram vistos em prisões moscovitas durante o último ano da guerra. Fui preso ali com um deles, e embora ainda não fosse um dos mais velhos, eram ainda mais jovens ...

Como tudo isso tinha acontecido furtivamente! Enquanto nós - quero dizer, meus co-réus, meus companheiros - lutávamos na linha de frente, uma nova geração havia crescido aqui ! Afinal, não fazia muito tempo que vagávamos pelos claustros da universidade e nos considerávamos tão jovens, tão espertos, muito mais espertos do que qualquer outra pessoa na esfera terrestre. De repente, nos encontramos em celas com adolescentes pálidos e orgulhosos, e descobrimos, espantados, que os mais jovens e inteligentes não somos nós, mas eles! No entanto, não fiquei ofendido ou hesitei em desistir do trabalho. Olha ", parecia dizer com sua atitude," escolhemos nosso verdadeiro destino e não nos arrependemos. Eu entendi seu orgulho. Quase pensei ter percebido o brilho fraco da auréola da prisão em torno daquelas cabeças jovens tão vaidosas e despertas.

Há um mês, em outra cela de "butyrki" que parecia uma enfermaria, quando eu nem sequer havia entrado para procurar emprego, um jovem de um jovem apareceu diante de mim com a óbvia intenção de iniciar uma polêmica, quase me implorando. rosto anêmico: tinha as feições delicadas de alguns judeus e, embora fosse verão, tremia sob a capa puída. Seu nome

era Boris Gammerov. Depois de fazer algumas perguntas inúteis, ele direcionou a conversa para nossas respectivas histórias e política. Por um motivo ou outro, não me lembro qual, mencionei uma frase do presidente recém-falecido, Roosevelt, então publicada em nossos jornais, e a chamei (não se entende assim?) De mera hipocrisia.

Então o menino ergueu subitamente as sobrancelhas amareladas e a exasperação fez seus lábios lívidos se contraírem; ele parecia pronto para pular em mim.

-Por quê? Ele perguntou. Por que você não admite que um estadista pode ser um crente sincero?

E aí acabou tudo. Ele não disse mais nada. Mas o campo de onde veio esse ataque foi o mais surpreendente! Quem teria esperado ouvir tal reprovação de um sujeito nascido em 1923? Eu poderia ter respondido com algumas frases presunçosas, mas minha segurança começou a vacilar na prisão e, mais importante, estávamos experimentando, sem saber como explicá-lo, uma sensação de pureza e vitalidade alheia às convicções, e esse sentimento me delatou. Eu estava dizendo agora que minha resposta anterior não fora produto de convicção, mas de inculcação.

"Você acredita em Deus?"

"Claro," ele disse calmamente.

Naturalmente? Naturalmente ... Sim, sim. Os jovens do *Komsomol* estão morrendo por isso e, pensando bem, eles estão morrendo por isso em muitos lugares. E o NKGB caça o primeiro para vê-lo.

Apesar de sua juventude, Boris Gammerov estivera na guerra como sargento das forças anti-tanque, ele estava no comando de um pedaço dos quarenta e cinco, um "Viva a pátria". Durante esse serviço, uma bala atravessou seus pulmões, a ferida cicatrizou mal e, como resultado, ele contraiu tuberculose. Formou-se no Exército como mutilado, foi para a Universidade de Moscou e entrou na Faculdade de Biologia. Lá, duas correntes se cruzaram em seu ser: uma da vida militar e outra da vida estudantil, ainda não estagnada nem morta no final da guerra. Lá formou-se um círculo de entusiastas correligionários polemistas (embora ninguém lhes tivesse confiado tais reflexões sobre o futuro), mas, como nada escapa à visão experiente dos *Órgãos* ... *uau!* Três foram para chirona. O pai de Gammerov foi para a prisão em 1937 e foi espancado até a morte ou fuzilado; agora seu filho estava seguindo o mesmo caminho. Durante a investigação preliminar, Gammerov recitou alguns de seus poemas *em*

homenagem ao juiz (lamento não ter escrito alguns, e onde posso encontrá-los agora? Gostaria de poder transcrevê-los aqui).

Durante dois ou três meses, nossos caminhos se cruzaram várias vezes, ou seja, os de três prisioneiros e os meus: em outra cela de "butyrki" conheci Viacheslav D. Quando os jovens são detidos, há sempre um pouco de sua coragem: manteve uma atitude ferro em seu círculo e quando interrogado começou a cantar canções com grande vigor. Foi ele, entre nós dois, quem recebeu a pena mais branda: cinco anos. E, aparentemente, foi dito em segredo que o influente Pontífice tentaria resolver seu caso mais tarde.

Mais tarde, fui recebido na cela "butyrki" por Georgi In-gal, reitor do nosso grupo . Apesar da juventude, ele havia sido candidato a presidente da Sociedade de Autores. Sua pena era muito ágil, ele escrevia prosa com uma impertinência serpentina, cheia de contrastes; Se ele tivesse acrescentado um pouco de humildade política, muitos caminhos literários bombásticos e espetaculares teriam se aberto para ele . Um romance sobre Debussy estava quase pronto em sua mesa. Mas como seus primeiros sucessos não o tranquilizaram, ele fez um discurso no funeral de seu professor Yuri Tynianov condenando a perseguição lançada contra ele ... e isso lhe rendeu oito anos de campo de trabalho.

Então Gammerov juntou-se a nós e, enquanto esperávamos pelo Krasnaya Presnia, fui confrontado com seu julgamento conciliador. O confronto não foi fácil para mim. Por esses dias eu me agarrei a essa interpretação do mundo que o impede de aceitar novos fatos, capturando novas opiniões a menos que eles são fornecidos com o rótulo armazém correspondente: ele deve ser chamado a dissidência versátil *da* pequena burguesia ou, se preferir , o niilismo militante da intelectualidade em declínio. Não me lembro mais se Gammerov e Ingal vacilaram diante de Marx, mas atacaram Leon Tolstoi ... e de que ângulo! Tolstoi rejeitou a Igreja, não foi? Mas sem considerar seu papel místico e organizador! E você também rejeitou a doutrina bíblica, não é? Como se a Ciência mais moderna tivesse descoberto contradições na Bíblia! Você nem mesmo os viu nas primeiras linhas de Gênesis! Você rejeitou o estado, certo? Mas sem ele o caos segue! E ele não pregou a fusão do trabalho intelectual e corporal no homem? Isso seria um nivelamento louco de habilidades! E, finalmente, a personalidade histórica, como evidenciado pela arbitrariedade de Stalin ,

pode tornar-se onipotente, ao que Tolstói cometeu um erro ao zombar dela!
[37]

Os meninos me mostraram seus poemas e queriam ouvir alguma coisa minha, mas eu ainda não conseguia lhes ensinar nada. Eles ficaram especialmente entusiasmados com Pasternak, eles o glorificaram. Uma vez, muito tempo atrás, eu tinha lido *Minha irmã, vida*, e então aquele trabalho me deixou indiferente, parecia muito educado e sutil, e muito distante dos modos humanos simples. Agora, graças a eles, aprendi as últimas palavras do tenente Schmidt no poema de Pasternak. E isso de repente me comoveu porque reflete com precisão nossa situação:

*Por trinta anos
Eu fui inspirado pelo amor pelo país,
Não conto com a tua tolerância,
você pode se poupar de sua misericórdia.*

Gammerov e Ingal sentiram a mesma emoção: Não precisamos da sua tolerância! O *enchiqeramiento* não é um fardo para nós, pelo contrário, temos orgulho! (Mas existe realmente alguém para quem ele não representa um fardo? A jovem esposa de Ingal arranhou o divórcio alguns meses depois. E Gammerov, com sua agitação revolucionária, nem mesmo teve tempo de encontrar uma garota). Talvez encontremos aqui precisamente, nestas células, a grande verdade! Estreita é a célula, mas talvez o *mundo livre* seja ainda mais estreito ! Não é o nosso povo que, indignado e traído, jaz nos beliches e no chão?

*Cem vezes pior seria
abandonar a pátria.
Como posso me arrepender agora
de que caminho seguiu aqui?*

Os jovens presos em masmorras por motivos de artigos políticos criminosos, nunca representam a média do país, são os jovens que costumam antecipar a todos. Naquela época a grande multidão jovem agüentou isso um pouco mais, ainda mais: a "bastardia", a decepção, a indiferença, o apego à vida primaveril ..., e então ..., pode ser, a escalada amarga daquela confortável colina até um novo pico ... talvez em vinte anos! Mas os jovens prisioneiros do ano de 1945, os capturados pelo artigo 58-10, transpuseram esse abismo da indiferença com um único salto e,

erguendo a cabeça com alegria, marcharam montanha acima ... sob o machado do carrasco.

Já condenados, abatidos e afastados da vida, os estudantes moscovitas compuseram na igreja uma canção "butyrki", para ser cantada antes do crepúsculo com suas vozes ainda frescas e juvenis:

*Pegue o rancho três vezes ao dia,
cante músicas antigas ao pôr do sol
e costurar com agulhas contrabandeadas
sacos para a grande viagem.*

Não se preocupe conosco:

Assinado ... encaminhe a devastação!

*Só sabe quando? Quando vai voltar para casa
dos campos remotos da Sibéria ...?*

Meu Deus! Estamos realmente atrasados para tudo? Como tal coisa pode ter acontecido conosco ... enquanto pisotávamos lama em cabeças de ponte, nos amontoávamos em funis feitos por bombas e nos pressionávamos contra arbustos para cuidar do inimigo? Uma nova juventude realmente cresceu e explodiu nesse meio tempo? Explodiu *ali* ...? Onde não nos atrevemos a ir ... com uma educação diferente da tua?

A nossa geração volta para casa, deixa os ramos, veste o peito coberto de enfeites, orgulha-se das suas experiências de combate ... e, ao encontrar os seus irmãos mais novos, nota-os apenas uma careta de maldade: Bah, não és pequeno estúpido ...!

Terceira parte

Para fins de extermínio

Somente aqueles que comeram o mesmo prato conosco podem nos entender.

De uma carta de um ex-presidiário

O que esta terceira parte afirma conter é incomensurável. Para compreender e abarcar todo o seu sentido selvagem, teria sido necessário arrastar muitas existências pelos campos de concentração, esses mesmos campos onde podem ser contados aqueles que conseguem sobreviver a uma única frase, desde que concebidos para o EXTERMINAÇÃO.

Assim, aqueles que penetraram mais profundamente neles, aqueles que os conheceram até as últimas consequências, não poderão mais dizer, porque estão no túmulo. Ninguém pode nos revelar a ESSÊNCIA dos campos de concentração.

A magnitude desta história e desta verdade é maior do que as forças de uma única caneta. A visão que dou do Arquipélago não é a que se teria do alto de uma torre, mas apenas através de uma fresta... Mas, felizmente, os livros continuam a ser publicados e continuarão a ser publicados. Talvez nos *Contos de Kolymov*, *de Shalamov*, o leitor seja capaz de sentir mais de perto o espírito implacável do arquipélago e os limites do desespero humano. No entanto, o sabor da água do mar pode ser apreciado com um único gole ...

Os dedos da alvorada

OS dedos da alvorada , tão frequentemente mencionado por Homero e a quem os romanos chamavam de Aurora, acariciava as primeiras alvoradas do arquipélago.

Quando soubemos pela "BBC" que M. Mikhailov havia descoberto que existiam campos de concentração em nosso país já em 1921 , muitos de nós (e muitos também no Ocidente) nos perguntamos atônitos: "É possível ...? Já em 1921? »

Claro que não! Claro que Mikhailov estava errado. Em 1921, os campos de concentração já estavam em pleno funcionamento (estavam até desaparecendo). Seria muito mais justo afirmar que o Arquipélago nasceu ao som dos tiros *de canhão da Aurora*.^[bi]

Poderia ter sido diferente? Vamos refletir sobre este ponto.

Marx e Lênin não ensinaram que era preciso destruir o velho sistema burguês de repressão e substituí-lo imediatamente por *um novo, construído expressamente para esse fim*? Agora, um sistema de repressão é constituído por: o Exército (não é de estranhar que o Exército Vermelho tenha sido criado no início de 1918), a Polícia (antes mesmo de se criar o Exército a milícia), os Tribunais (criados no dia 22 Novembro de 1917) e ... prisão. Por que, ao instituir a ditadura do proletariado, se atrasaria o regime das novas prisões? Porque, novas ou velhas, as prisões são essenciais. Já nos primeiros meses após a Revolução de Outubro, Lenin exigiu "as medidas mais draconianas para restaurar a disciplina".^[1]

Que inovações pode o regime proletário trazer a este respeito? Ilyich estava tentando abrir novos caminhos. Já em dezembro de 1917, ele havia proposto a seguinte lista de penas: "confisco de todos os bens ..., prisão, envio para a frente e trabalho forçado a todos aqueles que desobedecem a

esta lei." ^[2] A ideia do motivo do Arquipélago, *o trabalho forçado*, foi assim exposta no início da Revolução de Outubro.

Mesmo estando idilicamente instalado no campo, respirando o perfume do feno recém-ceifado e com a música de abelhas nos ouvidos, Ilyich não pôde deixar de se preocupar com o futuro sistema punitivo. Assim, já naqueles dias tomou a conta e nos tranquilizou: «A repressão da minoria exploradora pela maioria dos que até ontem foram escravos assalariados é um facto relativamente simples, fácil e natural, que custará muito menos sangue e sairá para a Humanidade muito mais barato »do que os anteriores é a repressão da maioria pela minoria. ^[3]

Segundo os cálculos de Kurganov, professor de estatística agora emigrado, essa repressão interna, "relativamente tão simples", custou-nos, desde o início da Revolução de Outubro até 1959, 66 (sessenta e seis) milhões de seres humanos . Claro, não podemos garantir a autenticidade absoluta dessa figura, mas não temos nenhuma outra oficial. Assim que este último aparecer, os especialistas podem fazer uma comparação crítica.

Existem alguns outros números que seriam interessantes de comparar. Que tropas fizeram o aparato *central*

^[bj] da terrível Seção III, que se estende como uma mordalha de aço sobre toda a grande literatura russa? Em seus inícios consistia em 16 pessoas; no auge de suas atividades, 45. Uma figura ridícula para qualquer província tcheca. Ou quantos presos políticos a Revolução de Fevereiro surpreendeu naquela "Prisão Popular" que foi o regime czarista? Em algum lugar existem todas essas figuras. Provavelmente, pouco mais de cem detidos seriam encontrados em Kresty, e mais algumas centenas voltaram do confinamento na Sibéria. E quantos mais estariam sofrendo nas prisões da província ...! Seria interessante saber: quantos? Temos a figura Tambov, publicada nos apaixonados jornais locais da época. Quando a Revolução de fevereiro abriu as portas da prisão, apareceram... 7 (sete) presos políticos. Naturalmente, havia mais de quarenta províncias. (Nem é preciso dizer que de fevereiro a julho de 1917 ele não foi preso por motivos políticos, e que a partir de julho as pessoas detidas também foram contadas).

Mas aí estava precisamente o problema: o primeiro governo soviético foi uma coalizão; Apesar de tudo, parte dos comissariados do povo teve que ser entregue aos socialistas-revolucionários de esquerda, e entre eles estava, infelizmente, o dos Justícia a. Guiado por esquemas de mentalidade pequeno-burguesa podres em todos os assuntos relacionados com a liberdade pessoal, este Comissariado quase trouxe o sistema punitivo à total desordem; as sentenças eram muito brandas e o princípio progressivo do trabalho forçado quase não era usado . Em fevereiro de 1918, o presidente do Conselho de Comissários do Povo, camarada Lênin, exigiu o aumento do número de centros de detenção e a intensificação da repressão aos crimes, ^[4] e em maio do mesmo ano, passando a especificar, decidiu ^[5] que o suborno seja punido com *pelo menos* dez anos de prisão, *além* de dez anos de trabalhos forçados, ou seja, vinte no total. A princípio, essa escala pode parecer um tanto pessimista: será que daqui a vinte anos ainda teremos que recorrer ao trabalho forçado ...? Agora sabemos que o trabalho forçado era

uma medida muito ativa e que, mesmo depois de cinquenta anos, continua a gozar de enorme popularidade.

Muitos meses depois de outubro, o pessoal da prisão permaneceu o mesmo da era czarista. Apenas os *comissários* da prisão foram nomeados . Os carcereiros encorajados criaram seu *sindicato* ("Sindicato dos Funcionários da Prisão"). e estabeleceram o *princípio da escolha* na administração da prisão ... (Caso único em toda a história da Rússia!) Os prisioneiros não estavam muito atrás; Eles também tinham sua organização interna (Circular do Comissariado da Justiça de 24 de abril de 1918: os internos deveriam ser instigados, na medida do possível, à autodisciplina e ao autocontrole). Tanta liberdade entre os internos ("indisciplina anárquica"). Obviamente, não correspondia à missão da ditadura da classe progressista e dificilmente poderia ter contribuído para limpar o solo russo de insetos nocivos. (Chegou a tal ponto que as igrejas da prisão nem haviam sido fechadas, e nossos detentos, eles soviéticos, compareciam de boa vontade ao culto dominical, nem que fosse para se soltar!)

Claro, também não se tratava de desperdiçar os carcereiros czaristas; afinal, eles eram *especialistas* em uma disciplina muito importante para fins revolucionários. Portanto, era necessário "selecionar aqueles membros da administração penitenciária que não se tornaram completamente endurecidos e brutalizados pelos métodos da prisão czarista". (O que "não exatamente" significaria? E como descobrir? Verificar se eles esqueceram a caligrafia de *Deus guarde o czar?*) "... e pode ser usado para trabalhar de acordo com os novos padrões"^[6] (por exemplo, porque pronunciam claramente "ao seu comando", "é proibido", ou giram habilmente a chave na fechadura ?). Quanto aos estabelecimentos penitenciários, com suas celas, suas masmorras e seus cadeados, embora aparentemente ainda fossem os mesmos, eram apenas para um olhar superficial; na verdade, eles receberam um *novo conteúdo de classe*, um sentido altamente revolucionário.

Mas até meados de 1918, o costume dos Tribunais de inércia de condenar "à prisão" e apenas "à prisão", impedia uma renovação drástica dos métodos prisionais.

Em meados de 1918, e para ser mais preciso em 6 de julho, ocorreu um evento cujo significado nem todos entendem, um evento comumente conhecido como "esmagamento do motim dos socialistas revolucionários de esquerda". Porém, foi uma verdadeira revolução que não teve muito o que

invejar a de 25 de outubro. Em 25 de outubro foi proclamada a autoridade dos Sovietes de deputados, por isso se falava do *poder soviético*, mas durante os primeiros meses esse novo poder foi muito obscurecido pela presença em seu seio de outros partidos, além do bolchevique. Embora o governo de coalizão tenha sido formado apenas com bolcheviques de esquerda e social-revolucionários, nos Congressos de Soviets de toda a Rússia (II, III e IV) e no VZIK^[bk] eleitos neles ainda eram representantes de outros partidos socialistas (revolucionários sociais, social-democratas, anarquistas, socialistas do povo e outros). Isso deu ao VZIK a aparência doentia de um "parlamento socialista". Mas nos primeiros meses de 1918 algumas medidas drásticas começaram a ser tomadas (apoiadas pelos próprios socialistas revolucionários de esquerda), e os representantes dos outros partidos socialistas foram ou excluídos do VZIK (por decisão própria, procedimento parlamentar bastante fora do comum), ou foram impedidos de se candidatarem a membros. O último partido estranho, que ainda representava um terço do Parlamento (V Congresso dos Sovietes), era o dos social-revolucionários de esquerda. Mas finalmente chegou a hora de se livrar deles também. Em 6 de julho de 1918, todos, sem exceção, foram excluídos do VZIK e do SNK.^[b] Desta forma, a autoridade dos Sovietes de deputados (tradicionalmente chamados de soviéticos) deixou de se opor à vontade do partido bolchevique e assumiu a forma de uma nova democracia.

Só a partir dessa data histórica pode ter início uma reorganização real do antigo sistema prisional e foi criado o Arquipélago.^[7]

Quanto à natureza dessa tão esperada reorganização, ela já estava praticamente decidida há algum tempo. Em sua *Crítica ao Programa Gotha*, Marx já afirmava que o único meio de corrigir os presos era o trabalho produtivo. Tratava-se de —como Vichinski explicaria muito mais tarde— “não sobre um trabalho que seca a mente e o coração do homem”, mas sobre “aquele outro, mágico (!), Que do nada e da insignificância transforma os homens em Heróis”.^[8] Por que nosso preso não deveria cantarolar em sua cela ou folhear revistas e, em vez disso, trabalhar? Porque na República dos Sovietes não há lugar para aquela ociosidade forçada, para aquele “sitarismo compulsivo”.^[9] que só poderia existir sob um regime igualmente parasitário, por exemplo, em Schliesselburg. Tal

preguiça carcerária estaria em total contradição com os princípios do regime de trabalho da República Soviética, estabelecidos na Constituição de 10/07/1918: “Quem não trabalha, não come”. Portanto, de acordo com a nova Constituição, ou os presidiários foram instigados a trabalhar ou foram privados de alimentação.

A primeira coisa que a Seção Central P unitiva do Comissariado do Povo para a Justiça fez,^[10] criada em maio de 1918, destinava-se a enviar detidos para trabalhos forçados ("passou a organizar o trabalho produtivo"). Por isso, só foi declarado legislativamente a partir da Revolução de julho de 1918, exatamente no dia 23, quando foi publicado no "Regulamento Provisório sobre a Privação da Liberdade":^[11] *Para os privados de liberdade idônea para o trabalho, o trabalho físico será obrigatório.*

Pode-se dizer que com aquele Regulamento de 23 de julho de 1918 (dez meses após a Revolução de Outubro), surgiram os campos de concentração e nasceu o Arquipélago. (Quem pode culpar que o parto foi prematuro?)

No VII Congresso Nacional dos Soviets foi novamente esclarecida a necessidade de os reclusos realizarem trabalhos forçados (quanto ao resto, já era claro para todos antes): “O trabalho é a melhor forma de combater a influência doentia destes intermináveis Conversations entre presos, 'em que o mais conhecedor instruir os principiantes.^[12] (Ah, era disso que se tratava ...!)

Logo os subotniks comunistas apareceram,^[bm] e o NKI proclamaram que era "essencial habituar [os reclusos] ao comunismo, isto é, ao esforço coletivo".^[13] Em outras palavras, transfundir o próprio espírito dos subotniks comunistas em *campos de trabalhos forçados!*

Essa época conturbada, então, já apresentava inúmeros problemas, cuja resolução corresponderia às décadas seguintes.

No VII Congresso do Partido Comunista (março de 1919), as bases da *política de redução ao trabalho* foram incluídas no novo programa do partido. A organização definitiva dos campos de concentração em todo o território da Rússia Soviética coincidiu, assim, com os primeiros subotniks comunistas (12 de abril a 17 de maio de 1919): os decretos VZIK sobre campos de trabalhos forçados trazem dois datado de 15 de abril e 17 de

maio de 1919.^[14] Em virtude disso, acampamentos deste tipo seriam criados, a cargo dos tchecos provinciais, em *cada capital provincial* sem exceção (seja dentro dos limites da cidade, em um mosteiro ou em um rancho próximo), e também em *alguns chefes de distrito* (por enquanto, não em todos). Os acampamentos deveriam abrigar *não menos que trezentas pessoas* (cujo trabalho cobriria as despesas do pessoal penitenciário e da administração) e dependeriam dos Departamentos Punitivos Provinciais.

Os primeiros campos de trabalhos forçados agora parecem inacessíveis. Acredita-se que os detidos não contaram a ninguém nem deixaram o menor testemunho. A literatura daqueles anos, tanto novelística quanto em forma de Memórias, menciona prisões e execuções quando fala do comunismo nos anos de guerra, mas não diz uma palavra sobre os campos de trabalho. Nem mesmo nas entrelinhas, nem mesmo com mal-entendidos. É natural que Mikhailov estivesse errado. Onde estavam esses campos de trabalho? Quais eram seus nomes? Como eles se parecem ...?

Regulamento de 23 de julho de 1918 continha um erro grave (advertido por todos os advogados), e que não foi especificado nada sobre diferenciação de classes entre os detidos, no sentido de que alguns tinham de ser mais bem tratados do que outros s . Mas, em vez disso, ele estava falando sobre o regime de trabalho e, graças a isso, podemos imaginar algo. A jornada de trabalho era de 8 horas. Num primeiro desabafo, por pura experiência, ficou estabelecido que cada recluso receberia pelo seu trabalho, exceto pelo trabalho doméstico no campo (é inconcebível, a pena se recusa a escrevê-lo), 100% do que for estabelecido pelo sindicato correspondente! ! (A Constituição exigia que eles trabalhassem, mas eles também cobravam de acordo com ela, então não há nada a objetar). Claro, os valores necessários para a manutenção do campo e do pessoal da prisão eram descontados de seu salário ... Aqueles que faziam seu trabalho "conscienciosamente" podiam ter o privilégio de viver em casas particulares e se reportar ao campo apenas para cumprir sua tarefa. Aqueles que mostraram uma *dedicação especial ao trabalho* tiveram até a oportunidade de recuperar sua liberdade antes do termo. Em geral, não havia dados muito detalhados sobre o regime interno dos acampamentos, então cada um administrou a sua maneira. “Numa época em que se instalava um novo poder, e considerando que *os centros de detenção estavam superlotados* [grifo nosso], não se podia pensar no regime interno, já que o principal era

justamente desocupar os presídios”^[15]. Nós lemos isso, e é como um hieróglifo egípcio. As perguntas afluem aos nossos cérebros ... O que exatamente estava acontecendo naquelas pobres prisões? Por que causa social houve tal aglomeração? Como a palavra EVICTED deve ser interpretada? Como tiroteio ou como transferência para os campos? E o que ele quis dizer com "o regime interno não poderia ser pensado"? Será que o NKI não teve tempo de proteger o preso das arbitrariedades do patrão que lhe cabia? Só assim pode ser interpretado! Ou seja, como não havia regime prisional estabelecido, nos mesmos anos da *consciência jurídica revolucionária*,^[bn] Qualquer tirano poderia fazer o que quisesse com o prisioneiro?

Por uma estatística modesta (sempre do mesmo "Compêndio"). aprendemos que o trabalho no campo era, em grande parte, não especializado. Em 1919, apenas 2,5% dos internos trabalhavam em oficinas de artesanato, enquanto em 1920 esse número era de 10%. Sabe-se que, no final de 1918, a Seção Punitiva Central (que nome pequenino, dá arrepios só de pensar nisso!) Estava processando a criação de colônias agrícolas, e que brigadas de presos haviam sido formadas em Moscou para consertar os canos. , dutos de aquecimento e drenos de prédios nacionalizados (pelos quais os detentos vagavam por Moscou, aparentemente sem escolta, com suas chaves inglesas , seus soldados e seus canos, atravessavam corredores de prédios públicos, entravam nas casas dos grandes personagens daquela época, chamados por suas esposas por telefone ... Mas em nenhum romance, em nenhuma peça, em nenhum filme encontraremos o menor vestígio de algum deles).

Mas os campos de trabalhos forçados não foram os primeiros na RSFSR.^[bo] O leitor já terá a oportunidade de ler a expressão "campo de concentração" mais de uma vez nos julgamentos dos Tribunais (Primeira Parte, Capítulo VIII), e pode pensar que é um erro, que nós inadvertidamente usamos uma terminologia posterior. Não é assim.

Em agosto de 1918, alguns dias antes do ataque de F. Kaplan a Vladimir Ilyich Lenin, ele enviou um telegrama para Eugenia Bosch^[16] e ao Comitê Executivo da Província de Penza (incapaz de controlar a rebelião dos camponeses), no qual dizia textualmente: «Os suspeitos [não os"

culpados ", mas os *suspeitos*] serão internados em *campos de concentração* na periferia da cidade. ^[17] (Além disso, "... um terror em massa implacável reinará") ...

Este último ainda não havia sido legalmente constituído. Mas em 5 de setembro de 1918, cerca de dez dias depois daquele telegrama, o SNK publicou seu Decreto sobre o Terror Vermelho, assinado por Petrovski, Kurski e Bonch-Bruyevich. Além das indicações sobre fuzilamentos em massa, especificava claramente a necessidade de "imunizar a República Soviética contra seus inimigos de classe, isolando-os em *campos de concentração*" ^[18] .

Portanto, já sabemos de onde *veio* o termo, imediatamente aceito e confirmado, de *campo de concentração* , uma das principais expressões do século xx e que amplo futuro internacional teve pela frente! Como também sabemos quando nasceu: em agosto e setembro de 1918. Essa mesma expressão já havia sido usada antes, durante a Primeira Guerra Mundial, mas apenas se referia a prisioneiros de guerra e estrangeiros indesejáveis. Em 1918, foi utilizado pela primeira vez em relação a concidadãos. A transposição do termo é lógica: um campo de concentração de presos não é uma prisão, mas um ponto onde eles são centralizados para fins preventivos. Da mesma forma, ou seja, sem julgamento prévio, os concidadãos suspeitos serão centralizados preventivamente. Para a inteligência privilegiada de Lenin, a própria imagem do arame farpado em torno dos não condenados sugeria o termo apropriado: concentração.

E se os campos de trabalho do NKI eram classificados como *locais de confinamento comum*, os campos de concentração, por outro lado, não eram "locais comuns", mas eram administrados diretamente pela Cheka e destinavam-se *especialmente a elementos hostis e reféns*. . É verdade que depois também foram processados pelos tribunais, mas na maioria das vezes continuaram a chegar *não por condenação*, mas por *expressões de hostilidade* ^[19] . As tentativas de fuga foram punidas com um aumento de dez vezes na pena (também sem julgamento). (É apenas aquele "dez para um!", "Cem para um de nós !" Parecia muito bom então). Em outras palavras, se uma pessoa condenada a cinco anos tentasse fugir e fracassasse, sua pena era automaticamente prorrogada até 1968. Em uma segunda tentativa, ele seria baleado diretamente (é claro, essas ordens sempre foram cumpridas à risca).

Na Ucrânia, os campos de concentração foram inaugurados um pouco mais tarde, em 1920.

Mas a mente construtiva de nossa jovem justiça não descansou sobre esses louros. Pouco depois, concluiu-se que mesmo os campos de concentração, aparentemente tão orientados para as classes , eram administrados com severidade insuficiente. Em 1921, portanto, no Norte , foram criados os Campos de Destino Especial (outra palavrinha, *especial*, que também os trouxe!), SLON. O primeiro surgiu em Petrominsk, Jolmogor e perto de Arjanguels k. ^[20] Mas, aparentemente, esses lugares eram difíceis de monitorar e inadequados para uma grande concentração de prisioneiros, e os olhos das esferas mais altas repousavam nas ilhas Solovki próximas, já cultivadas, com edifícios de pedra e que, além disso, estavam a cerca de vinte a quarenta quilômetros do continente, perto o suficiente para os carcereiros e longe o suficiente para fugitivos. Como se não bastasse, isolado do continente por seis meses ... Uma noz mais difícil de quebrar do que Sakhalin!

Depois que os Solovki foram mortos, os campos de trabalho, concentração ou Destino Especial se perderam na memória popular, porque na década de 1920 eles vieram à tona: não só não estavam escondidos, mas foram colocados um a um. olhos. Usavam -nos para intimidar, orgulhavam-se deles sem reservas ... (tiveram a audácia de se orgulhar!) O Solovki acabou virando um símbolo, motivo de piada para quadros de revistas. As classes sociais desapareceram (para onde iríamos ?) E isso significou também o fim do Solovki...! A assinatura da revista *Solovki Islands*, publicada no mesmo campo, foi corajosamente autorizada em toda a União Soviética.

Mas mais fundo, mais fundo, estavam as raízes dos campos, elas simplesmente não deixaram rastros. Não sobrou ninguém para nos contar sobre o primeiro a resolver. Somente através dos testemunhos de alguns de seus sobreviventes podemos intuir certas coisas, resgatar algo ...

Naquela época, as autoridades preferiam instalar os campos em antigos mosteiros; tinham paredes sólidas intransponíveis e, acima de tudo, estavam vazias. (Total, monges não são pessoas, eles têm que ser expulsos de qualquer maneira). Então, em Moscou, havia campos de concentração nos mosteiros de Andronikov , Novospaski, Ivanov. Na *gazieta Kasnaia* em Petrogrado de 6 de setembro de 1918, lemos que o primeiro campo de concentração seria instalado "em Nijni Novgorod, em um antigo convento

... Estima-se que *a princípio* cerca de cinco mil pessoas serão enviadas para ele. " [itálico nosso].

Em Ryazan, o campo de concentração também foi instalado em um antigo convento (Nossa Senhora de Kazan). Nele estavam confinados mercadores, padres, "prisioneiros de guerra" (esse era o nome de oficiais capturados que não serviram no Exército Vermelho) e todos os tipos de pessoas indeterminadas (como o Tolstosiano I. Ye-v, em cuja opinião tivemos a oportunidade de comparecer). No campo existiam secções de tecelagem, alfaiataria, calçado, "trabalhos comuns" (em 1921 já se chamavam assim), reparação e construção na cidade. Os prisioneiros foram retirados sob escolta, mas os artesãos puderam sair sozinhos e foram alimentados nas casas onde trabalhavam. A população demonstrou grande compreensão com os *carentes* (oficialmente não eram chamados de presidiários, mas "privados de liberdade"); quando desfilavam pelas ruas, recebiam presentes (biscoitos, beterraba cozida, batata); A escolta não impediu os reclusos de aceitarem as esmolas, que depois distribuía igualmente entre si (a cada passo costumes retrógrados, ideologia reacionária). Os mais afortunados foram alojados, segundo sua especialidade, em uma empresa estatal (Ye-v estava na ferrovia), e então obtiveram um salvo-conduto que lhes permitia transitar pela cidade (embora tivessem que pernoitar no campo).

A comida era assim (1921): meio quilo de pão (mais a outra metade como recompensa para quem cumprisse o padrão de produção); água quente de manhã e à noite e ao meio-dia uma concha de sopa aguada na qual se sobrepunham alguns grãos de cereais e cascas de batata.

A vida no campo foi alterada por duas fontes de entretenimento: as denúncias dos provocadores (com suas conseqüentes prisões) e o círculo dramático e musical, com seu coro. Os concertos foram oferecidos aos vizinhos no salão do antigo círculo da nobreza, e a banda de música tocou no parque municipal. Mas isso contribuiu para a confraternização "privada" cada vez mais com o povo de Ryazan; no longo prazo, a situação tornou-se insuportável e, finalmente, as autoridades decidiram transferir os "prisioneiros de guerra" para os campos de destino especial no Norte.

Esse descompasso, essa falta de rigor nos campos era justamente pelo fato de estarem localizados dentro da área urbana. Por isso nasceram os campos especiais do Norte. (Os de concentração foram abolidos em 1922).

Este amanhecer dos campos é digno de admirar o seu iridescente com mais detalhes. Mas vamos pintar quem sabe: só temos algumas migalhas ...

Era preciso dissolver os dois "Exércitos do Trabalho" criados por Trotsky no final da guerra civil, devido ao descontentamento dos soldados ali concentrados. Depois disso, a importância dos campos na estrutura do RSFSR aumentou em vez de diminuir . No final de 1920, havia 84 acampamentos em 43 províncias.^[21] Se formos nos ater às estatísticas oficiais (embora secretas), naquela época havia 25.355 pessoas nelas, mais ou mais 24.400 "prisoneiros da guerra civil".^[22] Ambos os números, especialmente o último, podem parecer muito baixos, mas se considerarmos que a *evacuação das prisões*, o afundamento de barcaças e outros meios de aniquilação em massa nos permitiram começar a contagem novamente do zero, talvez eles respondam à realidade.

Segundo a mesma fonte, em outubro de 1923, no início dos anos felizes da NEP (e ainda bem longe do *culto à personalidade*), havia 355 acampamentos com 68.297 presos; A estes deviam ser somados 48.162 em 207 casas de correção, 16.765 em 105 casas de confinamento, 2.328 em 35 colônias agrícolas e 1.041 entre menores e enfermos.^[2,3]

Também temos outro interesse em estatística: a saturação dos campos. Na verdade, o número de presos estava aumentando a uma taxa significativamente maior do que a organização dos campos. Em 1924, havia 112 detidos em 100 lugares: em 1925, 120; em 1926, 132; em 1927, 177.^[24] Só os presos podem imaginar as condições em que vivem (espaço nas camas, bacias na sala de jantar, roupas de inverno) quando por 1 quadrado são 1,77 detidos.

Anos foram gastos pensando em soluções para a acomodação de todas essas pessoas; os politicamente não perigosos foram enviados para colônias de trabalho, casas de trabalho de reabilitação (desde 1922) casas de correção (desde 1923), casas de reclusão, casas de trabalho (desde 1924), casas de trabalho para menores; os politicamente perigosos, para prisões incomunicáveis (desde 1922), ou centros de incomunicabilidade com Destino Especial (as antigas Centrais do Czar, as futuras TON, Prisões de Destino Especial), desde 1923.

Os criadores dessas variantes as consideravam uma ousada "luta contra o fetichismo carcerário" prevalecente no mundo e característica da antiga Rússia, onde só sabiam criar prisões e mais prisões. "O governo dos czares, tendo transformado todo o país em uma enorme prisão, continuou, com uma espécie de sadismo apurado, a desenvolver seu sistema prisional".^[25]

No limiar do "período de reconstrução" (isto é, desde 1927), "o papel dos campos ... (o que achas? Agora, depois de tantas vitórias?) ... adquire *uma importância ainda maior* na luta contra os elementos. hostis, sabotadores, kulaks, agitação contra-revolucionária »...^[26]

O Arquipélago, então, não está destinado a desaparecer ; o arquipélago vai viver!

Até 1924, havia poucas colônias de trabalho no arquipélago. Naqueles anos, ao contrário, proliferaram os centros de detenção *fechados*, que a partir de agora também não diminuiriam. (No seu relatório de 1924, Krylenko exige que *Aumen você* o número de centros de isolamento com destino especial para os não - trabalhadores e trabalhadoras *especialmente perigosas* [incluindo, aparentemente, anos contaria mais tarde no mesmo Krylenko] Essa mesma fórmula sua entrará no Código de Trabalho Correccional do ano 1924).

A formação de qualquer arquipélago requer que mudanças importantes de estratos ocorram em algum lugar antes que as ilhas apareçam diante de nossos olhos em sua forma final; Também no nosso caso ocorreram movimentos e mudanças de denominação muito importantes, praticamente fora do âmbito do nosso entendimento. No início, o caos original reinou: os centros de detenção dependiam de três agências: VCHK^[bp] (ca marada Dzherzhinsky), NKVD^[bq] (camarada Petrovsky) e NKI^[br] (camarada Kurski). Imediatamente depois de outubro de 1917, o NKVD confiou esses assuntos ao GUMZ (Direção Geral dos Centros de Detenção); depois foram repassados para o GUPR (Direção-Geral do Trabalho Forçado) e, posteriormente, novamente para o GUMZ.^[27] A Diretoria de Prisões dependia do NKI (dezembro de 1917); depois a Seção Central Punitiva, em maio de 1918, que tinha uma rede de seções provinciais que podiam até organizar congressos e que foi modestamente rebatizada de Seção Central do Trabalho Corretivo (1921). Tal dispersão dificultou o caso punitivo-corretivo e Dzherzhinsky tentou alcançar a unidade de comando. By the

way, neste momento houve um evento que passou quase despercebido, a união do NKVD com o VCHK, e a partir de 16 de março de 1919 Dzherzhinsky também se tornou comissário de assuntos internos. Em 1922, ele conseguiu que todos os centros de detenção do NKI fossem transferidos para o NKVD (25 de junho de 1922),^[28] e assim o GUMZ cresceu mais e mais.

Ao mesmo tempo, houve uma reorganização do pessoal da prisão. No início era composta por forças da VOJR (Proteção Interior da República); posteriormente, do VNUS (Serviço de Interior); em 1919, eles foram unidos ao corpo do VCHK,^[29] e o chefe de seu Soviete de Guerra tornou-se o próprio Dzherzhinsky. No entanto, em 1924 ainda havia reclamações sobre as inúmeras fugas e a falta de disciplina do pessoal^[30] (foi devido provavelmente ao alcoolismo e indiferença dos carcereiros: para cobrar salário) ... Em junho de 1924, um decreto do UZIK-Sovnarkom entrou no Corpo de Guardas Escolta da disciplina militar e o recrutamento através do Comissariado das Forças Terrestres e Marítimas.^[31]

Um pouco antes, em 1922, foi criado o Escritório Central de Registros de Impressões Digitais e o Criador Central de cães de caça.

Enquanto isso, o GUMZ da URSS foi transformado em GUITU URSS (Direção Geral de Estabelecimentos Correcionais de Trabalho) e, posteriormente, em GUITL da OGPU (Direção Geral de Campos de Trabalho Correcional), e seu chefe tornou-se ao mesmo tempo comandante-chefe das Forças de Escolta da URSS.

E a tudo isso, quantas idas e vindas, quanta papelada, quantos escritórios, escadas, guardas, selos, placas ...!

Bem, desse GUITL, filho do GUMZ, nasceu o nosso GULAG.

II

O arquipélago nasce dos mares

No Mar Branco, onde as noites são claras durante seis meses por ano, a Ilha Grande Solovki emerge das águas com suas igrejas brancas emolduradas pelas paredes de pedra do Kremlin: paredes cor de ferrugem, pelos líquenes que aderem a elas ... t anto acima das cúpulas gaivotas voam pálidas boreais, gritando sem parar ...

«Parece que o pecado não poderia existir com tanta clareza ... Como se aquela natureza ainda não conhecesse o mal» ... Assim foi como Prishvin ^[32] definiu os Solovki.

As ilhas subiram do mar sem a nossa intervenção, e também sem a nossa intervenção foram cobertas por lagos repletos de peixes e povoados por perdizes, lebres e veados; mas nunca houve raposas, lobos ou outros vermes neles.

As geleiras vieram e se foram, pedras se acumularam ao redor dos lagos, e suas águas congelaram na longa noite de inverno ... O mar rugia, agitado pelo vento e coberto de icebergs; dependendo de onde, ele congelou; as luzes do norte brilharam em seus céus, e então a luz voltou novamente, e o ar ficou quente novamente, e os jovens abetos sussurraram, e os pássaros chamaram uns aos outros com seus gritos, e os jovens cervos deixaram seu berro ser ouvido ... planeta com toda a sua história universal, reinos surgiram e desapareceram, mas aqui ainda não havia animais ferozes e nenhum homem era conhecido.

Às vezes, pessoas de Novgorod desembarcavam e, assim, depois de um tempo, as ilhas eram incluídas na região de Obonezhsk . Karelians também viveu. Cinquenta anos depois da batalha de Kulikovo e quinhentos antes da GPU, os monges Savatij e Germán cruzaram as águas de madrepérola em um pequeno barco, e aquela ilha livre de vermes foi considerada sagrada. Assim nasceu o mosteiro Solovetsk. A partir de então,

as Catedrais da Assunção e da Transfiguração (foto 1 \$\$\$), a Igreja da Circuncisão no Monte Sekir (foto 2 \$\$\$), cerca de vinte igrejas mais outras vinte capelas, o eremitério del Gólgota, a ermida da Trindade, a ermida de Savatiy, a ermida de Muksalm e alguns abrigos isolados de eremitas e anacoretas em lugares remotos. Muitos foram os que contribuíram para este esplendor com o seu trabalho: primeiro, os próprios monges e, depois, os camponeses do mosteiro. Eles ligaram os lagos com dezenas de canais, e as águas começaram a fluir para o mosteiro através de tubos de madeira. Mas o mais surpreendente foi o dique de enormes rochedos que os monges construíram, não se sabe como, no Muksalm (século XIX). Logo suas terras foram cobertas por rebanhos pacíficos. Os monges gostavam de cuidar de todos os tipos de animais, fossem eles domésticos ou selvagens. E assim a terra dos Solovki acabou por ser não apenas sagrada, mas também rica ,

^[33] capaz de alimentar muitos milhares de homens. Nos pomares cresciam as famosas couves, maciças, brancas, doces, cujos caules eram conhecidos como "maçãs Solovki". Ela cultivava todos os tipos de vegetais e até rosas floresciam nas estufas . A indústria pesqueira desenvolveu-se graças à pesca de alto mar e à criação de algumas fábricas de pescado. Ao longo dos séculos, os Solovki passaram a ter seus próprios moinhos para moer o trigo, suas serrarias , seus próprios potes feitos nas olarias locais, sua fundição, seu ferreiro, sua oficina de encadernação, seu curtume, seu fábrica de carrinhos e até mesmo sua própria usina. Até tijolos achatados para edifícios e barcos irem ao mar: tudo foi feito pelos seus habitantes!

Mas não sabemos (saberemos algum dia?) De qualquer pessoa em cuja evolução social as idéias de guerra e prisão não tenham intervindo.

Idéias de guerra. É inadmissível que monges irrefletidos simplesmente vivam em uma ilha simples! A ilha fica no limite do Grande Império, e isso significa que você tem que lutar com os suecos, com os dinamarqueses, com os ingleses, e também significa que você tem que construir uma fortaleza com paredes de oito metros de largura e levantar oito torres, e fazer canhoneiras estreitas, e instalar a torre de vigia na torre sineira da catedral.

^[3,4] Idéias para a prisão. Mas de que adianta para nós... uma ilha solitária, com sólidas paredes de pedra já construídas! Encontramos o lugar ideal para confinar criminosos perigosos e já temos alguém para cuidar deles.

Continue salvando quantas almas quiser, mas ao mesmo tempo fique de olho em nossos prisioneiros!^[35]

O monge Savatij teria imaginado tudo isso, ao desembarcar na ilha sagrada ...?

Os hereges religiosos, assim como os hereges políticos, estavam presos lá. Lá Avraami Palitsyn viveu e morreu. Havia o tio de Pushkin, P. Hannibal, culpado de simpatizar com os dezembristas.^[bs] Já muito velho, Kolnichevsky, o último hetaman dos cossacos Zaporozhie (um antecessor distante de Petliura?), sofreu um longo cativeiro lá, que foi libertado por mais de cem anos.^[36]

Por outro lado, já em plena época soviética, quando o Solovki se tornara um campo, toda uma lenda surgiu em torno do mosteiro, cobrindo sua história com um manto mítico que conseguiu enganar os editores de guias turísticos e muitos relatos históricos. Ainda hoje podemos ler em alguns livros que a prisão de Solovki era um covil de tortura, que em suas masmorras havia ganchos para a strapada, chicotes e ferros em brasa ... Aliás, a menção a esses instrumentos, mais de acordo com as prisões pré-elisabetanas ou Com a Inquisição Ocidental do que com as masmorras dos mosteiros russos, devemos isso a um personagem inescrupuloso e, além disso, mal informado.

Os ex-presidiários do Solovki ainda se lembram dele: seu nome era Ivanov, e no campo ele era apelidado de "o bacilo da anti-religião". Quando era sacristão do arcebispo de Novgorod, foi preso por vender pertences da Igreja aos suecos. Ele desembarcou em Solovki em 1925 e não perdeu tempo em encontrar uma maneira de se salvar das obras gerais e da aniquilação. Ele se especializou em propaganda anti-religiosa entre presidiários e, claro, logo se tornou um colaborador do ISCH (Departamento de Informação e Instrução, como era chamado, abertamente). Mas a coisa não parou por aí: ele começou a inflar as mentes das autoridades de campo de que naqueles lugares havia tesouros enterrados pelos monges, e, assim, foi criada a Comissão de Escavação sob seu comando. Essa comissão passou muitos meses cavando, mas, infelizmente, os monges haviam jogado um jogo ruim com a intuição psicológica de nosso bacilo anti-religioso. Ninguém nunca pensou em enterrar o menor tesouro no Solovki. Assim, para sair da situação, Ivan ov se dedicou a escrutinar as fortificações, alojamentos e depósitos subterrâneos,

atribuindo-lhes o caráter de masmorras e câmaras de tortura. Naturalmente, depois de tantos séculos, nenhum vestígio de todas essas coisas poderia ser reivindicado, mas um gancho que estava lá (e que os monges costumavam pendurar carne defumada) tornou-se, é claro, a primeira prova de que em esses lugares foram infligidos o strapa. Já era mais difícil explicar por que não havia vestígios da tortura aplicada no século 19, mas o problema foi resolvido com rapidez: "Desde o século passado, o regime de Solovki havia se atenuado notavelmente." As "descobertas" do bacilo anti-religioso condiziam plenamente com o espírito da época e conseguiram consolar um pouco as autoridades desiludidas; Foram publicados nas *Ilhas Solovki* e posteriormente reimpressos na fonte tipográfica da ilha, distorcendo a realidade histórica. (O empreendimento foi duplamente oportuno, pois nos anos da Revolução o florescente mosteiro de Solovetsk era muito famoso e altamente respeitado.)

Porém, quando o poder passou para os trabalhadores, surgiu um problema: o que fazer com os monges, esses infames parasitas? Muito simples: alguns comissários socialmente habilidosos chegaram à ilha, o mosteiro foi declarado sovkho e os monges receberam a ordem de rezar menos e trabalhar mais pelos operários e camponeses. Os monges trabalhavam, e aqueles arenques de gosto surpreendente que só eles sabiam pescar, porque ninguém mais sabia onde e quando lançar as redes, acabaram na mesa do Kremlin de Moscou.

Aconteceu também que a abundância de tesouros, acumulados no mosteiro, especialmente na sacristia, fez adormecer alguns daqueles curadores e guias ideológicos: ora, em vez de passarem às mãos dos trabalhadores (*deles*) tinha aqueles tesouros ali, como um peso morto de religiões passadas? E assim, talvez não muito de acordo com o Código Penal, mas muito no espírito da expropriação de bens parasitários, o mosteiro foi incendiado (25 de maio de 1923). Os edifícios foram danificados e muitos tesouros da sacristia desapareceram, mas em particular, todos os registros de inventário foram destruídos e nunca mais foi possível determinar quantos e quais coisas desapareceram. ^[37]

Sem nem mesmo pesquisar, o que nossa consciência jurídica revolucionária nos sugere (leia o cheiro)? Quem foi o culpado pela queima dos bens do mosteiro? Os mesmos monges, claro, aquele bando de canalhas! Nesse caso, vá com eles! Para o continente! E transforme as Ilhas Solovki em Campos de Destino Especial do Norte! Os monges, com mais

de oitenta anos e alguns até centenários, imploraram de joelhos para serem autorizados a morrer em sua "terra sagrada", mas foram todos expulsos com inflexibilidade proletária. Para todos ... exceto o mais essencial: pescadores,

[38] para os conhecedores do gado de Muksalm; ao padre Metódio, que sabia colocar o repolho em sal melhor do que ninguém; ao Padre Samson, fundador, e a outros pais igualmente úteis. (Eles receberam um pequeno recanto privado dentro da fortaleza com entrada própria, a Puer ta de los Herrenques, foram batizados como comuna operária e, em consideração à sua total narcose religiosa, a igreja de San Onofre foi deixada para suas orações, localizado no cemitério).

E assim um dos ditados favoritos do prisioneiro se tornou realidade : um lugar sagrado nunca está vazio. Os sinos silenciaram, as velas e as velas se apagaram, os cantos litúrgicos e as Vésperas não ressoaram, nem se murmurou o saltério, as imagens sagradas desapareceram (ficaram na Catedral da Transfiguração), mas, em vez disso, pareciam intrépidas Chekists, vestidos com capas muito longas que iam até os calcanhares, com punhos e tranças pretas, características do Solovki, e gorros de aro preto, sem estrelas; Eles chegaram em junho de 1923 para criar um campo agreste exemplar, o orgulho da república camponesa operária.

Exatamente o que *destino especial* significava nos regulamentos ainda não estava claro . Mas para Eichmans, chefe do acampamento Solovki, eles já teriam explicado em palavras no Lubyanka. E a primeira coisa que ele fez quando chegou foi explicar para seus colaboradores mais próximos.

As histórias de Solovki provavelmente não impressionam mais um ex-presidiário hoje; talvez nem mesmo impressionem o leitor. Mas tente se colocar no lugar de um cidadão da Rússia Tchekhoviana e pós-Tchekhoviana, um cidadão do Século de Prata de nossa cultura, como veio a ser chamada a década de 10; de um cidadão provavelmente abalado pela guerra civil, mas ainda acostumado a certas alegrias da vida no comer, no vestir, no trato com os seus semelhantes ... imagine-o subitamente às portas do Solovki, no Kemperpunkt! [39] É um campo de trânsito perto de Kem, na Ilha Popov, triste, árido, sem um único arbusto, ligado ao continente por um dique. A primeira coisa que ele vê quando chega a este deserto sujo é uma companhia de quarenta (os prisioneiros foram então agrupados em

"companhias": a "equipe" ainda não havia sido descoberta). vestidos... *com sack* s... sacos vulgares! As pernas sobressaem por baixo como se fosse uma saia, e para passar a cabeça e os braços foram feitos buracos ... (Difícil de conceber, mas a engenhosidade russa vale tudo!) O novato vai se livrar dessas bolsas, enquanto Vista suas próprias roupas , mas antes mesmo de examiná-las, você verá o lendário Capitão Kurilko.

Kurilko também aparece vestido com sua longa capa Check; as mangas pretas geladas produzem um efeito estranho, como uma premonição da morte. Ele salta para um barril ou qualquer outra coisa que tenha em mãos e se dirige aos recém-chegados com uma fúria inesperada e penetrante: "Eee-eh! A-ten-cióoon! Aqui não estamos na república soviética, mas no único soviético! Eu não esqueci ! O pé de um inspetor nunca pisou no chão do Solovki ... nem nunca! Eles NÃO o enviaram aqui para corrigi-lo! Um corcunda não se corrige! A disciplina aqui é a seguinte: quando eu disser "levante-se", levante-se! Quando digo "corpo para aterrar", corpo para aterrar! As cartas para casa são escritas assim: Estou vivo, saudável, feliz, ponto final! "

Estupefato, o fidalgo de sobrenome ilustre, o intelectual universitário, o padre, o natural da Ásia Central, ouvem-no em silêncio ... Coisas para ver , Sancho ...! Enquanto isso, Kurilko, que na guerra civil transcorreu sem dor e sem glória, inscreve seu nome nos anais de todas as Rússias com aquela recepção histórica ... E a cada um de seus rugidos sua fama aumenta, e o homem cresce, ele cresce , e sua inteligência se aguça. Admirado por sua própria estampa, em êxtase ele mesmo, Kurilko começa sua instrução (pensando consigo mesmo com *schadenfreude*: Onde você ocultabais, civilmente amaldiçoado, quando lutamos contra o bolchev ? Iques, eh Você pensou talvez que eu você ia salvar na toca, hein? Bem, agora você está pronto, eles tiraram você disso, e você vai pagar a todos juntos por sua podre neutralidade! Nós, por outro lado, já saberemos como lidar com os Bo- Lcheviks, conhecemos nosso ofício !):

"Bom dia, primeira empresa de quarentena ...!" Ruim, de novo! Bom dia, primeira empresa de quarentena...! Mal! Você tem que gritar "olá" ... para ser ouvido através do estreito, para Solovki! Duzentos homens gritam, as paredes devem cair !!! Mais uma vez, bom dia, primeira empresa de quarentena!

Atento a todos gritando em vivas até se esgotarem de tanto esforço, Kurilko inicia a segunda fase do exercício, que consiste em fazer toda a

empresa correr em volta do poste.

"Levante as pernas ...!" Levante as pernas ...!

É difícil para si mesmo ... Parece um ator de tragédia, no quinto ato, antes da cena final ... E rouco de tanto rugir, expressa a essência do Solovki quase sem voz , dirigindo-se àqueles que, exaustos, caíram no chão:

"Eu vou fazer você chupar o catarro dos mortos!"

E esse é apenas o primeiro treino, destinado a quebrar o espírito dos recém-chegados. Porque mais tarde, no quartel fedorento de toras podres, vão ser mandados "dormir de lado" ... O que ainda é um privilégio, reservado para quem conseguiu subornar o chefe do pelotão e acabar na plataforma. Os demais passarão a noite em pé entre as plataformas: exceto aquele que cometeu a falta, que ficará entre a parede e o mergulho.

Tudo isso durante os gloriosos anos anteriores ao cisma e ao culto à personalidade, as deturpações e estupros, os gloriosos anos de 1923, 1925 ...
Porque , a partir de 1927, as plataformas serão ocupadas pelos urkas, ^[bt] que vai atirar seus piolhos sobre os intelectuais permanentes.

Antes da chegada do Gleb Bokov, ^{[40]_Ainda} haverá uma chance de trabalhar no campo de trânsito de Kem, e alguns vão correr ao redor do poste gritando até desmaiar: "Eu sou um parasita, não quero trabalhar e aborreço os outros!" Ainda havia tempo para que o engenheiro que tropeçou no mergulho e tombou sobre ele fosse impedido de entrar no quartel e congelado na imundície. Então a escolta grita: «Não há retardatários no jogo! A escolta dispara sem avisar! Vá em frente, marche...! » E acrescenta, fazendo ranger os parafusos: "O que você está fazendo, uma guerra de nervos ...?" No inverno os prisioneiros marcharão sobre o gelo, arrastando os barcos atrás deles para poderem cruzar as clareiras, e quando chegarem à água, ficarão amontoados no porão do navio, a tal ponto que alguns sufocarão antes de chegar a Solovki e nunca você poderá ver o mosteiro branco cercado por paredes marrons.

É quase certo que, assim que o novato chegar, ele experimentará a clássica piada de boas-vindas de Solovki em sua própria pele. Ele vai ao banheiro e se despe; o primeiro banho ou coloca o esfregão em um barril cheio de sabonete verde e com ele esfrega o noviço; a segunda, com um chute, o faz rolar para baixo em uma espécie de escorregador toscamente construído com uma tábua, ou o empurra diretamente escada abaixo; lá embaixo, atordoado, ele recebe o conteúdo de um balde d'água que é

despejado sobre ele por uma terceira banheira; finalmente, o quarto o empurra para o vestiário, onde suas "roupas" já foram atiradas de cima. (Nesta brincadeira todo o GULAG se antecipa, com o seu ritmo vital e com o valor que dá ao ser humano) ...

É assim que o recém-chegado se embebe daquele espírito reinante no Solovki, um espírito desconhecido ainda no país, mas que já está a cimentar a futura alma do Arquipélago...!

Aqui também você vê pessoas em sacos; Outros estão vestidos com suas próprias roupas, melhor ou pior preservadas, e alguns usam a capa curta característica dos Solovki, feita de tecido militar áspero, e seus bonés combinando (sinal, por outro lado, de um privilégio especial: é assim que os membros do corpo administrativo se vestem em campo). De repente, no meio de dois prisioneiros, um homem ... de fraque! Ninguém acha estranho, ninguém vira a cabeça para olhar para ele ou rir dele. (Aqui cada um veste o que tem. O infeliz foi preso no restaurante "Metropol" e aqui está ele, cumprindo pena em traje de gala).

“O sonho de muitos reclusos”: assim o descreve a revista *Solovki Islands* ^[41] roupas de uniforme. ^[42] Apenas as colônias de crianças se vestem da cabeça aos pés. As mulheres não recebem cuecas, meias, nem mesmo um lenço de cabeça. Eles te pegaram com um vestido de verão? Bem, é assim que você vai suportar o inverno subártico! Isso explica por que muitos internos permanecem com roupas de baixo dentro dos quartéis da empresa e não são obrigados a sair para trabalhar.

As roupas entregues pelo Estado são tão preciosas que no Solovki ninguém se impressiona com a seguinte cena: no meio do inverno, um prisioneiro se despe e sobe perto da fortaleza, entrega as roupas com cuidado e corre nu cerca de duzentos metros até chegar a outro grupo de pessoas, onde recebem roupas. Foi transferido da fortaleza para o ramal ferroviário de S. Filemón; ^[43] se fosse com a roupa, os guardas poderiam não devolvê-la ou trocá-la por outra pior.

Vejamos outra cena de inverno: os mesmos costumes, embora desta vez o motivo seja diferente. O lazareto do serviço de saneamento foi declarado insalubre e foi ordenado que o fumigasse e lavasse tudo com água a ferver. Mas enquanto isso, onde colocar os doentes? A fortaleza está lotada: a densidade populacional do arquipélago de Solovki é maior do que a da Bélgica. Assim, os doentes são enrolados em cobertores e deixados na

neve por três horas. Depois que o lazareto é desinfetado, eles são colocados de volta e pronto.

Não vamos esquecer que nosso recém-chegado é um filho da Idade da Prata. Ele não sabe nada sobre a Segunda Guerra Mundial ou Buchenwald. De repente, ele vê os *líderes de pelotão*, em seus mantos grossos, cumprimentando uns aos outros com perfeita postura militar, e relógios, espantado, como eles expulsar um dos quartéis dos trabalhadores com longas *dryn clubes* (e mesmo todos entender um novo verbo, *adrynar*). Ele também vê que trenós e carroças são puxados não por cavalos, mas por homens, que também têm um nome: AFDEC (Acidentalmente em Funções de Cavalo).

Mais tarde, seus companheiros de cela terão que lhe contar coisas ainda mais hediondas do que as que ele acabou de ver. Eles vão *proferir a* palavra fatal em voz baixa: *Sekir*. Mount Sekir. Nos dois andares da catedral, foram instaladas celas de castigo, equipadas de parede a parede com varas da espessura de uma mão, nas quais os internos são obrigados a permanecer sentados o dia todo. (Durante o dia ficam no chão, mas um em cima do outro, devido à superlotação). Os postes são fixados a uma altura que não é possível tocar o solo com os pés. Manter o equilíbrio entre eles é difícil, mas o prisioneiro passa o dia todo tentando não cair, pois sabe que se rolar para o chão, o guarda vai saltar sobre ele e espancá-lo até a morte. Ou ainda: amarram um homem a um tronco e o rolam escada abaixo ao longo de 356 degraus íngremes (a escada, construída pelos monges, leva ao lago; não tem patamar único, e os degraus são tão estreitos que o tronco com o homem não para nem uma vez).

Quanto aos *pólos*, não é necessário ir ao Sekir para procurá-los; abundam em qualquer cela de castigo, sempre cheia, da fortaleza. Ou, se não, eles o instalam no topo de uma rocha com bordas, na qual você também não pode se segurar. No verão conduzem aos “tocos”, ou seja, nus à mercê dos mosquitos no toco. Mas então você tem que cuidar dos punidos; Se amarrados a uma árvore, os mosquitos farão o trabalho por conta própria. Empresas inteiras também são derrubadas na neve como punição coletiva. Ou se não, introduzem o homem no atoleiro, com lama até o pescoço, e o deixam lá ... O repertório não acaba aqui: engancham o cavalo na lã de uma carruagem e amarram as patas do prisioneiro; o guardião monta em seu cavalo e o faz galopar pelas clareiras da floresta, até que os gritos e gemidos de trás parem.

O recém-chegado tem o ânimo no chão antes de iniciar sua interminável sentença de três anos no Solovki ... e o leitor contemporâneo pensa que entendeu: é o sistema de aniquilação mais óbvio, o campo da morte ... Mas não! , não é tão fácil! Nunca agimos abertamente, nem na nossa primeira zona experimental, nem nas outras, nem nas que serão as mais ambiciosas de todas. A gente sempre faz as coisas de forma ambígua, confusa, e por isso com tanto sucesso, e por isso que duram tanto ...

Porque, de repente, um belo indivíduo montado em uma cabra faz sua entrada pelos portões da fortaleza ; ele se mantém composto e ninguém ri dele. Who? Por que você está montando em uma cabra? Degtariev, ex-cowboy, ^[44]ele havia pedido um cavalo, mas cavalos são raros no Solovki, então eles deram a ele o que tinham. E pelo nome de que deferência? Por causa de seu passado de cowboy? Não, Degtariev é diretor do Viveiro Dendrográfico. Cultive árvores exóticas. Aqui no Solovki.

Este cavaleiro em uma cabra representa o lado absurdo do Solovki. O que está faltando em árvores exóticas em Solovki se os próprios pomares dos monges quase não produzem mais vegetais? Espere um minuto: árvores exóticas são necessárias em Solovki, no Círculo Polar e em toda a República Soviética, porque o mundo está se transformando e criando uma nova vida! Mas de onde você tira as sementes, o dinheiro? Aí está o cerne da questão: para as sementes do Viveiro Dendrográfico há dinheiro !: O que não há é dinheiro para alimentar os homens que derrubam árvores (a comida ainda é distribuída de acordo com o estoque, não os regulamentos) .

Também escavações arqueológicas? Sim, temos uma Comissão de Escavação trabalhando nisso. Estamos interessados em conhecer nosso passado .

Em frente à Diretoria de campo há um parterre, e nele, a figura de um simpático elefante, com um U no chapéu, ou seja, o U-SLON^[bu] (Upravlenie Solovetskij Lagueri Osobovo Naznachenia). O mesmo hieróglifo ecoa nos títulos de Solovki, que circulam como dinheiro daquele país boreal. Que bela mascarada doméstica! Tudo é tão bom aqui ... Será que o brincalhão de Kurilko só queria nos assustar? Temos até a nossa revista, *Slon* (aparece em 1924; os primeiros números são impressos à máquina e, a partir do número 9, são publicados na gráfica do mosteiro). Em 1925, *as Ilhas Solovki saíram* com 200 exemplares, e trouxeram até um suplemento, o jornal *New Solovki* (vamos acabar com o maldito passado

monástico!) .Em 1926 a assinatura foi aberta em todo o país, e a circulação aumentou; é um sucesso!^[45] Até a censura é benevolente ... Os presos (Glubokovski) escrevem versos satíricos sobre a troika da GPU ... e os versos passam! Eles são então cantados no palco do teatro Solovki diretamente sob o nariz do recém-chegado Gleb Bokiý:

*Eles nos prometeram muitos presentes,
Eles nos prometeram Bokiý, Feldman, Vul ...*

E as autoridades gostam! (É tão lisonjeiro! Você não terminou o ensino médio e já está sendo colocado na história!) Eles amam o refrão:

*Todos aqueles que nos premiaram com o Solovki
você está convidado a vir nos visitar ...
Que passem três ou cinco anos aqui ...
Eles sempre se lembrarão disso com êxtase!*

Eles riem, eles se divertem! (Quem diria que isso era uma profecia ...?)
Provando o maior atrevimento, Scepchinski, filho do general atirador, escreve o seguinte lema na entrada:

"O Solovki, para os trabalhadores e camponeses."

(Isso também era uma profecia! Mas as autoridades não gostaram; eles entenderam o duplo significado e o apagaram).

Ternos com casulas foram feitos para os membros do conjunto dramático. Casais deformados dançaram fo x-trot no palco (um símbolo do Oeste decadente), contra o fundo de uma forja vermelha triunfante, puxada na cortina (nós!)

Um mundo incrível! Obviamente, o malandro Kurilko estava brincando, é claro.

Temos também a Sociedade Solovki de Estudos Locais , que publica suas pesquisas sobre a incomparável arquitetura do século XVI ou a fauna das ilhas. Fazem-no tão escrupulosamente, com tanta dedicação à Ciência, com tanto amor modesto pelo assunto, que parece que esses seres incongruentes , esses cientistas ociosos, vieram para a ilha por paixão científica e não como prisioneiros. Não ocorreria a ninguém que já passaram pelo Lubyanka, que tremem apenas ao pensar no Monte Sekir, nos mosquitos ou na lança ... Em harmonia com seus amáveis pesquisadores, nem os animais e pássaros dos Solovki eles foram exterminados; Eles não fugiram, não estão nem mesmo assustados; em 1928, as lebres ainda olhavam com

confiança para a beira da estrada e observavam com curiosidade enquanto os prisioneiros eram conduzidos na direção de Anzer.

Como é possível que as lebres não tenham sido exterminadas? “Pequenos mamíferos e pássaros vivem aqui sem medo”, é dito ao recém-chegado, “porque há uma ordem da GPU: “ Não desperdice munição! Nem um tiro *que não seja para o prisioneiro !* »»

Então, todos aqueles sustos eram uma piada ... Mas de repente ... “Claro! Claro! ”Gritaram no meio do dia no pátio da fortaleza, amontoados até a borda, três jovens com ares de rostos dândi e morfina (o da frente dispersa os prisioneiros com um chicote). Eles atiram em um homem de roupa íntima, com membros flácidos e um rosto horrivelmente apagado; eles o arrastam pelos braços até *o sino* . Lá, sob o arco, há uma portinha. Eles o apresentam por meio dela e atiram em seu pescoço. O homem desce degraus íngremes até o fundo, onde cabem 7 ou 8 corpos. Eles então ordenam que os cadáveres sejam removidos e encarregam as mulheres (mães e esposas daqueles que fugiram para Constantinopla ou mulheres crentes que não quiseram renunciar à sua fé ou permitir que ela fosse arrancada dos filhos) para lavar os degraus.^[46]

Não poderiam ter feito isso à noite, em silêncio? Sim; mas por que o silêncio em si ? Seria um desperdício de bala ... Durante o dia e no meio da multidão adquire um sentido pedagógico. É como matar dez coelhos com uma cajadada só!

Também atiraram de outra forma: diretamente no cemitério de Onufriev, atrás do quartel das mulheres (antes uma pousada para peregrinos), e aquela estrada já era chamada de *pelotão de fuzilamento*. No inverno, era comum ver como um homem era conduzido pela neve de cueca e descalço (este último não para torturá-lo, mas para evitar o desperdício de paletó e sapatos). Com as mãos amarradas com um arame,^[47] o homem caminhava ereto, com dignidade e, segurando-o com os lábios, fumou o último cigarro de sua vida. (O oficial foi reconhecido por essa atitude. Homens que haviam passado sete anos de suas vidas na frente de batalha vieram para o campo. Quando o filho do historiador VA Potto, um garoto de 18 anos, foi questionado sobre qual era sua profissão, ele deu de ombros. ombros e respondeu: “Metralhador.” Devido à sua juventude e ao calor da guerra civil, ele não teve tempo de aprender mais nada!)

Um mundo absurdo ! Coisas assim acontecem com frequência. Muitos eventos se repetem na história, mas há alguns que são absolutamente irrepetíveis, curtos no tempo e no espaço. Este foi o nosso NEP. ^[by] É assim que os primeiros Solovki eram.

Para manter tantos milhares de homens sujeitos, havia pouquíssimos verificadores: de 20 a 40 ao todo (alguns até estavam lá para eliminar certos lapsos). No início não havia tantos presos esperados, mas Moscou governou, governou e continuou a comandar ... No primeiro semestre, em dezembro de 1923, já haviam aderido mais de 2000. E em 1928, apenas na 13ª companhia (companhia de obras gerais) havia 3.760 homens, além de tantos no 12º, e ainda mais no "17º", a vala comum ... Mas além da fortaleza, comandantes haviam sido criados: Savatyi, Filimon , o de Muksalm, o de Troitskaia, o de Zaichiki. Em 1928, havia cerca de 60 mil prisioneiros. Quantos deles foram "metralhadores", soldados de longa data? Sem falar de todo tipo de criminosos da pior espécie, que começaram a chegar em 1926 ... Como conter toda essa gente para que não se revoltem?

Só com terror! Só com o Sekir, com os postes, com os mosquitos, com os tiroteios em plena luz do dia! Mo scú envia contingentes, sem se preocupar em reforçar as tropas locais, mas também não impede seus verificadores, não os restringe com regulamentos; tudo o que for feito para manter a ordem será bem feito, e é estritamente verdade que nenhum inspetor jamais pisará nas terras dos Solovki.

Por um lado; do outro, um véu de tule com brilhantes... Começa a era da igualdade! A autovigilância dos detidos reina no Solovki! Autocuidado! Autocontrole! Os líderes da empresa, pelotão e seção são todos presidiários. E tem as atividades próprias, a diversão pessoal ...!

Quem são aqueles que vivem sob esse terror e sob essas contas? Aristocratas antiquados, militares de carreira, filósofos, cientistas, pintores, artistas, estudantes do ensino médio. ^[48] Por sua educação, pela tradição, eles são orgulhosos demais para mostrar consternação ou terror, chorar, reclamar de seu destino, nem mesmo para os amigos. É um sinal de bom tom aceitar tudo com um sorriso, até a execução. Como se aquela prisão polar sacudida pelos rugidos do mar não passasse de um pequeno mal-entendido em um dia de excursão. Eles brincam, eles zombam dos carcereiros.

Como exemplo, temos o elefante SLON impresso nos laços e estampado no canteiro de flores. Ou a cabra que serve de cavalo. E se a 7ª

empresa já se chama artística, seu chefe se chama Kunst. ^[bw] Si Berry-
Iagoda, ^[bx] é responsável pelo secador de bagas. B romas que se fazem às
custas dos tolos, dos censores ... E quantas canções! Georgiy Mikhailovich
Osorgin está lá, com sua risadinha. «Comentário vous portez vous ^[49] nesta
ilha? - À lager comme à lager » ^[por].

Essas piadas, essa flagrante independência do espírito aristocrático é o
que mais irrita os carcereiros semi-bestializados de Solovki. Chega o dia em
que Osorguin recebe ordem de ser fuzilado. E naquele mesmo dia seu
jovem urso- esporão desce ao cais ! (ele mesmo não tem ainda quarenta
anos) ... Osorguin pede aos carcereiros que não ofusquem este encontro
para sua esposa. Ele promete que não permitirá que ela fique mais de três
dias e, assim que ela for embora, eles podem atirar nele.

Nós, que rangemos os dentes ao menor infortúnio, à menor dor, de
tanto anatematizar a aristocracia, esquecemos o quanto o autocontrole pode
ir ... Três dias, da manhã à noite, Osorguin passou com sua esposa! , e nada
o deixa entrar! Ele não permitiu que uma única palavra sua sugerisse isso,
por um único momento seu tom se aprofundou, seu olhar escureceu!
Apenas em uma ocasião (a mulher ainda vive e se lembra disso), enquanto
caminhava nas margens do Lago Sviatoi, ela se virou e viu o marido
segurando a cabeça em desespero. "O que aconteceu?" "Nada". O olhar do
homem estava sereno novamente. Ela poderia ter ficado um pouco mais,
mas Osorguin implorou que ela fosse embora. O bar ainda não havia
desaparecido no horizonte, quando ele já se despia para a execução.

Bem, afinal, alguém havia concedido a eles aqueles três dias! Três dias
que, como outros casos semelhantes, mostram que o regime de Solovki
ainda não se tornou um *sistema* blindado. Parece que o *ar* de Solovki
paradoxalmente combinava em si mesmo a extrema crueldade com uma
espécie de perplexidade bem-humorada: para onde tudo isso nos leva? Que
características de Solovki lançarão as bases do grande Arco hipiélago?
Quais serão esquecidos? O povo Solovki não estava convencido da
desesperança de sua situação, de que as fornalhas de um Auschwitz polar
foram acesas e suas comportas abertas a todos os que um dia foram trazidos
para cá. (E ainda assim era!) Outra fonte de confusão era o fato de que
todas as frases eram ridiculamente curtas: quase nunca dez anos, raramente
cinco, sempre três e apenas três. Tampouco se entendia aquele jogo de gato

e rato que a lei estabelecia: agarram e soltam, agarram e soltam. Esse mal-entendido patriarcal (aonde tudo isso nos leva?) Influenciou necessariamente a atitude dos presos que serviam como guardas e provavelmente das próprias cadeias .

Porque, por mais precisos que sejam os postulados sociopolíticos constantemente reiterados, segundo os quais a única coisa que o inimigo merecia era a destruição, a destruição concreta de um homem com duas pernas, e cabelos, e olhos, e uma boca, e um pescoço , e um par de ombros, não, *que* ninguém poderia imaginar. Pode-se acreditar que as *classes* foram destruídas , mas não os *homens* que pertenciam a elas. Educado em conceitos amplos e generosos, o russo não acabava de dar seu verdadeiro sentido àquele ensinamento cruel , como se lesse tais parágrafos com óculos inadequados para sua visão. Meses e anos de terror franco se seguiram, e o russo ainda não conseguia acreditar.

As primeiras ilhas do Arquipélago também sofreram com a instabilidade daqueles anos 20, quando todo o país fazia a mesma pergunta: Ainda há algo a ser proibido? Ou, ao contrário, eles finalmente começarão a se permitir as coisas? Sim, a Rússia ainda acreditava em discursos exaltados! Apenas alguns espíritos das trevas previram quando e como o desastre aconteceria.

O fogo destrói as cúpulas, mas as paredes são eternas ... Havia uma terra arada no fim do mundo, que de repente é saqueada. Cores iridescentes nas cristas do mar agitado. Lagos silenciosos. Animais confiantes. Homens implacáveis. Os albatrozes migram para o Golfo da Biscaia no inverno, levando consigo todos os segredos da primeira ilha do Arquipélago, mas não revelam nada nas praias despreocupadas da Europa ...

Um mundo absurdo ... uma de cujas paradas de curta duração é que o campo é dirigido por oficiais brancos. Não, e sobre Kurilko não foi um acidente.

Acontece o seguinte: na fortaleza, apenas o guardião do campo de plantão é chekista. A vigilância dos portões (não existem torres de vigia), o patrulhamento das ilhas e a captura de fugitivos são confiados ao órgão de vigilância. Este, além de seus próprios membros, também possui assassinos, bolsas falsas e outros criminosos (exceto ladrões). Mas aí quem vai cuidar da organização interna, da parte administrativa? Quem nomear os líderes da

empresa e do pelotão? Nem os sacerdotes, é claro, nem os sectários, nem os nepmanos, ^[bz] ou cientistas, muito menos estudantes. (Estudante é bastante, mas usar o boné de estudante em Solovki é considerado um desafio, uma insolência, um pedido de execução.) O mais adequado para essa posição seria o ex-militar. Mas que militares, além de oficiais brancos?

E assim, sem ter concordado e provavelmente sem ter pensado muito sobre isso, chekistas e contra-revolucionários colaboram no Solovki.

Para onde foram os princípios de um e do outro? Surpreendente? Surpreendente? Só você se surpreende quem está aco stumbrado à análise de classe sociológica e não sabe contar com outros esquemas. Mas, para este analista, o mundo inteiro parecerá surpreendente, porque o ser humano e o mundo nunca entram em suas grades a priori.

Quanto aos carcereiros de Solovki, eles não se importam. Uma ordem foi emitida: autovigilância (leia-se auto-opressão) entre os detidos. Quem melhor do que os mesmos alvos para aplicá-lo?

Quanto aos eternos oficiais, como resistir à tentação de organizar a vida (opressão) no campo? Como ficar parado assistindo à falta de jeito cometida por gente inexperiente? Já falamos neste livro sobre o que um par de dragonas é capaz de fazer com o coração humano. (Espere, vai chegar a hora em que os comandantes vermelhos também irão para a prisão, quando eles também se voltarão para a autovigilância e tentarão levar o rifle ... Enquanto eles confiarem neles ...!) Quanto aos guardas brancos, com certeza eles devem ter pensado: "Bah, total, que diferença isso faz? Estamos *perdidos*, *tudo está perdido*, então ... vamos continuar a festa! » Além do mais: "Quanto pior melhor, nós o ajudaremos a construir um Solovki tão brutal como *nossa* Rússia nunca sonhou, e você verá a fama que colherá!" Ou: «Todos os nossos caíram ... bem ou, e eu? Eu sou um padre para ser enviado para arquivar contas? "

Mas não acabou aí. O grande absurdo dos Solovki era que, ao assumir a administração do campo, os oficiais brancos começaram a *lutar* com os chekistas! "Por fora, o campo é seu, mas por dentro pertence a nós que decidimos quem e onde trabalhará e para quem e para onde enviar. Não nos envolvemos com o exterior; você não entra no que está dentro daqui ».

De jeito nenhum! Se é justamente dentro da área onde o Departamento de Informação e Instrução deve ter mais informantes! Esta foi a primeira e mais temível força em campo: o ISCH. (Os responsáveis também foram escolhidos entre os próprios reclusos, o cúmulo da autovigilância !) E nada

menos do que o ISCH resolveu lutar contra o ACH, a secção administrativa da Guarda Branca! As outras seções: educacional-cultural, saúde, que teriam tanta importância no futuro em outros campos , eram aqui organismos fracos, lamentáveis. Vegetava também o setor econômico, dirigido por N. Frenkel; ele estava engajado no "comércio" com o mundo exterior, na inexistente "indústria", e os raios de sua fama ainda não estavam no horizonte . Duas forças opostas, ISCH e ACH. As coisas já estavam começando no Kemperpunkt: o poeta A. Iaroslavski, um recém-chegado, se aproximou do líder do pelotão e sussurrou algo em seu ouvido. Isto, articulando cada palavra à maneira militar, ele berrou: "Eu tenho sido um *segredo*, mas aqui estará o *manifesto*! »

O ISCH cuidava do Sekir, das celas de punição, das denúncias, dos assuntos privados dos presos; as reduções de sentenças e execuções dependiam dele, e ele era o encarregado da censura de cartas e pacotes . A ACH foi responsável pela distribuição do trabalho, movimentação intra-ilha e contingentes.

O ACH descobriu os informantes para incluí-los em uma transferência. Foram caçados: fugiram e esconderam-se nos edifícios do ISCH; Lá foram redescobertos e, após destruição das instalações do ISCH, foram arrastados para fora. [\[cinquenta\]](#)

(Foram mandados para Kondostrov, para a extração de madeira. E aí o absurdo continuou: desmascarados, editaram um jornal de parede chamado *O pomo*, no qual, com amarga ironia, continuaram a se *desmascarar* por "abanar" e coisas assim.)

Em seguida, o ISCH iniciou suas represálias contra os membros diligentes da ACH, aumentando suas sentenças ou enviando-os para o Sekir. Mas suas atividades foram prejudicadas porque, de acordo com as leis então em vigor, os *colaboradores secretos* descobertos eram considerados criminosos (art. 121 do Código Penal): a "divulgação de dados que não se destinam a ser divulgados por funcionário público", independentemente do fato O facto desta divulgação não ter sido feita por vontade própria, e independentemente do cargo que ocupava, foi considerado crime, não podendo o ISCH defender ou resgatar os seus colaboradores apanhados em flagrante. Eles te pegaram? A culpa é tua! Kondostrov adquiriu um caráter quase legal.

As "ações militares" entre o ISCH e a ACH chegaram ao auge em 1927, quando oficiais brancos invadiram o primeiro deles, arrombaram o

cofre, retiraram a lista completa dos informantes e divulgaram a todos, transformando-os em criminosos sem utilidade. Depois disso, o ACH começou a perder força; Havia cada vez menos ex-oficiais e, em vez disso, mais e mais *criminosos estavam sendo* colocados lá (por exemplo, os *Chubarovtsi*, após o *notório* julgamento dos estupradores de Leningrado), até que, finalmente, foi derrotado.

Uma nova era para os campos começou na década de 1930, e o Solovki deixou de ser o Solovki para se tornar um dos muitos "campos de trabalho correcional". A estrela negra do ideólogo daquela época, Natalio Frenkel, subiu, e sua fórmula tornou-se a primeira lei do Arquipélago:

“Temos que tirar vantagem de tudo do preso nos primeiros três meses ... Depois é inútil para nós”.

E onde estão os santos Savatij, Germán e Zosimo? E quem já pensou em morar quase no Círculo Polar, onde não há gado nem pesca, nem cultivo de trigo, nem cultivo de vegetais?

Ó mestres da destruição de uma terra florescente! Ninguém teria conseguido em tão pouco tempo, um ou dois anos, arruinando tão completa e irremediavelmente a exemplar economia monástica! Como eles conseguiram isso? Roubando e levando tudo? Ou aniquilar coisas no mesmo terreno? Pensar que, com milhares de mãos ociosas a seu serviço, não são capazes de arrancar nada da terra!

Só para os empregados livres há leite, natas, carnes frescas e aquelas famosas couves do padre Metódio; para os reclusos, só bacalhau, seco ou salgado, e uma *balanda magrinha* ^[ca] com grãos de cevada ou painço, sem batatas; ensopado ou sopa, nunca. É assim que aparece o escorbuto, e mesmo nas "empresas de escritório" ficam cobertos de pústulas, muito menos nas *gerais* ... "Contingentes de quatro" voltam dos comandantes remotos (da mesma forma, eles rastejam do cais de desembarque, de quatro).

Das ordens de pagamento que chegam de casa, podem ser usados 9 rublos por mês: há uma barraca na capela de San Germán. As embalagens, uma vez por mês, são abertas pelo ISCH e, se não os "distribuir", declaram que *não é permitido* grande parte do que *te* enviam: por exemplo, cereais. Na igreja de San Nicolás e na Catedral da Assunção sobem as plataformas: já formam quatro andares. Os da 13ª companhia também não têm muito

espaço: imagine 3.500 homens voltando do trabalho, amontoados nos portões da Catedral da Transfiguração. As filas em frente à caldeira duram horas e horas, esperando um pouco de água quente. As inspeções de sábado à noite duram até o amanhecer (como os serviços religiosos de antes) ...

No aspecto sanitário são, claro, muito rigorosos : obrigam todos a cortar o cabelo e a barbear (os padres, mais do que ninguém). Eles também cortam as saias de suas roupas compridas (principalmente as batinas), já que, aparentemente, são um refúgio para micróbios. (As damas arrastam sua capa pelo chão). No inverno, os enfermos e os idosos que não conseguem sair do catre, cobertos apenas com as roupas íntimas ou embrulhados em sacos, não têm chance de chegar ao banheiro público e acabam sendo comidos pelos piolhos. (Quando alguém morre, os outros escondem o cadáver debaixo da plataforma para guardar a razão; mas isso também não é muito conveniente para os vivos, porque os piolhos, rastejando, deixam o corpo que está esfriando e vão para os vivos aquecidos). Na fortaleza há um péssimo serviço sanitário, com um péssimo hospital, e no interior das ilhas não há absolutamente nada.

(A única exceção é a ermida da Crucificação do Gólgota, uma penitenciária de castigo, onde curam ... matando. Lá, na igreja do Gólgota, jazem morrendo, devido à fome e à tortura, sacerdotes fracos, sífilíticos, velhos inválidos e jovens. Urkas. A pedido dos próprios moribundos, e para aliviar sua própria tarefa, o médico administra estricnina aos desesperados e, no inverno, os cadáveres barbudos, em cuecas, permanecem semanas dentro da igreja. Depois são levados para o átrio encostando-os na parede para que ocupem menos espaço, por fim são apanhados e atirados ao monte Golgo (ta).^[51]

Certa vez, houve uma epidemia de tifo em Kem (1928), em que 60% dos detidos morreram, mas depois o mal se espalhou para a Isla Menor, onde no glacial "show" hall eles jaziam no andar centenas de tíficos. E centenas deles foram ao cemitério. (Para manter o controle, os gerentes anotavam o sobrenome em cada mão, e os convalescentes trocavam frases com os cadáveres, anotando o nome daqueles que tinham uma frase curta em suas próprias mãos). Em 1929, os basmaches,^[cb] transportados aos milhares, eles introduziram uma doença epidêmica; placas pretas formaram-se no corpo e o paciente morreu de forma irrecuperável. Não foi possível tratar a varíola ou a peste bubônica, como os detidos oficialmente

presumiram, porque essas duas doenças já haviam sido erradicadas da República Soviética; Chamava-se "tifo asiático" e, como não sabiam curá-lo, tratavam-no da seguinte forma: se alguém adoecia na cela, trancavam sem exceção e nada se fazia a não ser passar comida até que todos morressem.

Que interessante seria, do ponto de vista científico, constatar que naqueles anos o Arquipélago ainda não se reconhecia nos Solovki, que ainda não via neles o seu próprio espírito! E observe como, aos poucos, aquele espírito foi se revelando nele ... Mas não! Embora não houvesse ninguém com quem aprender, ninguém para seguir o exemplo e nenhum precedente para lembrar, o Arquipélago reconheceu e logo manifestou seu caráter futuro.

Muito do que está por vir já foi descoberto no Solovki! Já existia a expressão "dispensados do trabalho comum". Todos dormiam em plataformas, mas alguns já tinham berço; Grupos inteiros se aglomeraram no templo, mas em algumas celas não havia mais do que vinte homens e, em outras, apenas quatro ou cinco. Alguns já podiam observar a caravana de mulheres recém-chegadas, para escolher um companheiro (para milhares de homens eram cerca de 150 ou 200 mulheres; depois chegaram mais). Um lugar mais quente poderia ser obtido por meio do servilismo e da denúncia. Os "contra-revolucionários" (*contras*) foram expulsos das melhores posições e depois recolocados porque os criminosos não fizeram nada além de bagunçar tudo. A atmosfera do campo já se tornava irrespirável pelos contínuos boatos sinistros ... "Não confiar em ninguém" já havia se tornado a primeira lei (isso estava eliminando e esfriando o espírito generoso da Idade de Prata).

A equipe também começou a gostar da doçura do campo. Suas famílias podiam a qualquer momento exigir os serviços gratuitos de um cozinheiro, um lenhador, um cabeleireiro, uma lavadeira, uma costureira ... Eichmans mandou construir uma casa de fim de semana pré-polar. Potemkin, um ex-sargento do dragão, depois comunista, depois chechista e, finalmente, chefe de Kemperpunkt, também fez grandes coisas. Ele abriu um restaurante em Kem, com uma orquestra de músicos do Conservatório, no qual as garçonetes usavam seda. No início da década de 1930, camaradas de Moscou acostumados ao racionamento podiam ter um banquete suntuoso. Servido mesa princesa Sha jovskaia, e os preços eram simbólicos: trinta copeques; o restante foi financiado pelo campo.

Mas o Solovki não termina na fortaleza. A fortaleza é simplesmente o lugar mais privilegiado de Solovki. Nem mesmo as ermidas são os autênticos Solovki (essas ermidas onde primeiro os socialistas foram presos e depois os mandamentos do trabalho foram instalados). Não, os verdadeiros Solovki são as fazendas florestais, as terras distantes. Mais precisamente, o mais difícil agora é descobrir algo sobre esses lugares perdidos, porque DAQUI ninguém voltou. É sabido que no outono os presidiários não podiam secar; no inverno, em meio a fortes nevascas, não recebiam roupas ou sapatos; a duração da jornada de trabalho dependia da tarefa : terminava quando havia sido concluída e, se não havia sido concluída, não era dentro de casa. E novos comandos eram constantemente "inaugurados", simplesmente enviando, sem outros preparativos, centenas de homens para locais inóspitos.

Não impedir nte, aparentemente, nos primeiros anos do assédio dos trabalhadores Solovki e um trabalho extenso é necessário rajadas repentinas de fúria que ainda não haviam se tornado sistema. A economia do país ainda não estava descansando em seus esforços, nem estavam cimentando os planos futuros de cinco anos. Aparentemente, em seus primeiros anos, a SLON carecia de um plano econômico bem estabelecido, e nem mesmo se conhecia o exato esforço humano necessário para o funcionamento interno do campo. É por isso que foi tão fácil mudar repentinamente de um trabalho produtivo para um trabalho de punição, como despejar água de um buraco no gelo para outro buraco ou transportar toras de um lugar para outro e depois levá-los de volta ao ponto de partida. Havia crueldade nisso, sim, mas também algo patriarcal. Por outro lado, quando o assédio dos trabalhadores se tornou um *sistema* organizado, derramar água sobre eles no meio da geada ou expô-los nus à voracidade dos mosquitos, já era demais , um desperdício inútil das forças do carrasco.

Existem alguns números oficiais: até 1929, em toda a RSFSR, apenas 34 a 41% dos presidiários haviam sido "fisgados" para o trabalho ^[52] (e não poderia ser de outra forma, devido ao desemprego no país). Não sabemos se esse valor inclui também o trabalho agrícola, por assim dizer, doméstico, ou se é apenas "fora". De qualquer forma, esse trabalho doméstico não teria sido suficiente para manter os 60 ou 65% restantes ocupados. Naturalmente, essa ociosidade também foi sentida no Solovki. Sabe-se que no decorrer da década de 1920 houve muitos presidiários sem qualquer tipo de emprego permanente (alguns, por não ter roupa), ou com funções muito relativas.

O primeiro ano do primeiro plano de cinco anos que abalou o país inteiro, abalou também os Solovki. Por volta de 1930, o novo chefe da USLON, Nogtiev (o mesmo que na ermida de Savatyi atirou nos socialistas), informou aos civis de Kem, "em meio aos murmúrios de espanto da sala": "Sem contar as operações madeireiras da USLON, que está crescendo a uma taxa absolutamente incomum, apenas para atender aos pedidos "externos" de duas empresas, produtos no valor de 63.000 rublos foram fornecidos em 1926 ; em 1929, no valor de 2.355.000 rublos (37 vezes mais!), e em 1930, três vezes mais que no ano anterior. A construção da ferrovia Karelia-Murmansk nos rendeu, em 1926, 105.000 rublos e, em 1930, 6.000.000, ou seja, 57 vezes mais! ” ^[53]

Assim os solovki isolados de antes estavam sendo extintos, onde não se sabia como exterminar os prisioneiros. O *trabalho mágico* estava provando ser uma ajuda eficaz!

Os Solovki foram criados a partir do Kemperpunkt e, ao atingir a maturidade (final dos anos 1920), começaram a invadir o continente em um retrocesso, também a partir do Kemperpunkt. A pior coisa que poderia acontecer a um detido então seria ir para uma daquelas sedes no continente. No início, os Solovki só possuíam no continente os Boroughs de Sorok e Sumsk, propriedades ribeirinhas dos monges. Crescendo, o SLON ultrapassou os limites monásticos.

A oeste de Kem, e através dos pântanos, os reclusos começaram a construir a estrada Kem-Utja, 'até então considerada praticamente inviável'. ^[54]

No verão eles se afogaram; no inverno, eles congelavam. Os Solovki ficaram apavorados com aquela estrada e por muito tempo não houve ameaça pior para eles do que: "Você quer que eu o mande para Ukhta?!"

Assim foi a estrada Parandov de Medvejegorsk. Durante seu percurso, o Check Gashidze mandou colocar dinamite nas rochas, mandou os *kaers* ao *local*, ^[cc] e os assisti explodir pelos binóculos.

Ele conta que em dezembro de 1928, em Krasnaia Gorka (Carélia), puniram alguns presos que não haviam cumprido sua tarefa, deixando-os na floresta durante a noite; 150 homens morreram congelando dois. Esses atos eram comuns no Solovki, e não é de admirar.

Por outro lado, este outro fato é mais difícil de acreditar: em 1929, no trecho Kem-Ujta, próximo a um vilarejo chamado Kut, cerca de 100 presos

que não cumpriam o padrão de produção, FORAM QUEIMADOS VIVOS NA LAREIRA! !

O caso me foi relatado pelo recentemente falecido Professor DP Kalistov, um ex-prisioneiro do Solovki, que estava próximo ao local. Não tenho conseguido mais depoimentos que os seus (acho que ninguém vai ter mais a oportunidade de conseguir outros. E se pensarmos em todas as outras coisas que nem vamos descobrir ...!) Mas, bem pensado: Por que algumas pessoas que dinamitam os seres humanos, que os deixam congelar até a morte, também não os queimariam? Porque a técnica é mais complicada?

Aqueles que acreditam mais na impressão do que no testemunho dos homens, leia o que se segue. Ele se refere à construção de uma estrada, no mesmo ano, também pela USLON e também com presos, apenas na península de Kola:

“Durante 27 quilômetros construímos, com grande dificuldade, uma estrada de terra através do vale do rio Belyi, ao longo do Lago Vudiarv até o Monte Kukisvumchorr, cobrindo pântanos ... —cobrindo com o quê ?; a palavra luta para emergir, mas o papel se recusa a consertá-la ... —com troncos e bancos de areia e corrigindo os caprichosos relevos das encostas das montanhas ». Mais tarde, USLON construiu uma ferrovia ali mesmo. «Onze quilômetros em um único mês de inverno - (e por que em um único mês?; Por que não poderíamos esperar o verão?) - ... A tarefa parecia impossível de realizar: 300.000 metros cúbicos de terra ... - (No Círculo Polar, no inverno! Terra que? Isso é pior que granito!) -... eles tiveram que ser removidos apenas com picaretas, pás e brocas. - (Eles tinham luvas, pelo menos?) - Inúmeros obstáculos atrasaram o trabalho. Dias inteiros de três turnos iluminando a noite polar com lanternas de querosene, abrindo clareiras nos pinhais, arrancando tocos em meio a tempestades que cobriam a estrada de neve a uma altura maior que a de um homem »...^[55]

Leia isso novamente. Agora feche os olhos. E agora imagine-se, desamparado morador da cidade, leitor de Tchekhov, imagine-se repentinamente transportado para aquele inferno gelado! Você acabou de chegar do Turquestão com seu gorro, no meio daquela tempestade de neve! E para puxar tocos!

Isso aconteceu no início da década de 20, antes de qualquer "culto à personalidade", quando as raças brancas, amarelas, negras e pardas tinham

os olhos fixos em nosso país como no farol da liberdade.^[56] Naqueles anos em que divertidos casais eram cantados no palco do Solovki.

E assim, insensivelmente, com a imposição de tarefas, o propósito original daquele campo de Destino Especial solitário nas ilhas se esvaiu . E o arquipélago, nascido e desenvolvido no Solovki, começou sua vance negra por todo o país.

Surgiu um problema: o território do país tinha que se espalhar diante dele e ao mesmo tempo não ter permissão de conquistá-lo, seduzi-lo, assimilá-lo. Foi necessário criar uma cerca da animosidade soviética em torno de cada ilha do arquipélago. Os dois mundos talvez possam se cruzar, mas nunca se misturar!

O relatório de Nogtiev, "em meio aos murmúrios de espanto na sala", foi na verdade dirigido à massa trabalhadora de Kem (os termos seriam posteriormente divulgados por meio de publicações locais):

«... Devido à intensificação da luta de classes dentro da URSS ... e ao perigo de guerra ter aumentado mais do que nunca ...,^[57] os órgãos da OGPU e da USLON são obrigados a estar cada vez mais unidos à classe trabalhadora, cada vez mais vigilantes ”... A opinião pública, devidamente organizada..., deve lutar... contra os contactos entre a população civil e os reclusos , contra a ocultação de fugitivos, contra a compra de reclusos de objectos roubados ou pertencentes ao Estado ... e contra todo o tipo de boatos maliciosos sobre a USLON, espalhados por inimigos de classe ».

Quais foram esses "rumores malignos"? Que as pessoas vão para o campo à *toa!*

Havia ainda outro ponto: «É dever de todos e de cada um de nós informar prontamente»^[58] ...

População civil hedionda que faz amizade com presidiários e esconde fugitivos! É um perigo terrível. Se não acabarmos com este estado de coisas, adeus ao arquipélago! E adeus revolução!

Então, como uma medida contra esses rumores "malignos", outros rumores saudáveis e progressistas começam a circular: Apenas assassinos e estupradores são enviados para os campos! Todo fugitivo é um bandido perigoso! Tranque-se sob sete chaves, salve seus filhos, esconda seus

pertences! Capture, relate, colabore com o OGPU! E quem não colabora, diga-nos !

Conforme o arquipélago se espalhou, os vazamentos aumentaram. Obrigados a trabalhar nas operações florestais e na construção de estradas, os condenados, apesar de tudo, estavam no continente; Era terra seca, havia esperança ... Na verdade, eles sempre nutriram ideias de fuga, mesmo quando SLON era apenas uma ilha solitária. Os ingênuos esperaram pelo fim de sua sentença de três anos; os sensatos perceberam que não veriam a liberdade novamente em três ou trinta anos, e que o único meio era escapar.

Mas como escapar do Solovki? Durante seis meses do ano, o mar permanece congelado, mas não mesmo em sua totalidade, mas em partes; Além disso, há nevascas incessantes, grandes geadas, e ali reinam, além do frio intenso, do nevoeiro e da escuridão. Na primavera e grande parte do verão, devido às noites brancas, a visibilidade é extrema e não há como se esconder dos olhos dos mirantes. Só no final do verão e no outono, quando as noites estão ficando mais longas, pode surgir uma ocasião. Claro, não na fortaleza, mas nos comandantes. Lá, aqueles que tinham liberdade para se locomover e tinham tempo, construíam um barco ou uma jangada e, à noite, se afastavam (às vezes simplesmente montados em um tronco), na maioria das vezes impulsionados por a expectativa começa a bater em um navio estrangeiro. Os que estavam na ilha souberam da fuga da agitação dos guardas e do movimento dos barcos-patrolha, e um alegre mal-estar apoderou-se dos prisioneiros, como se eles próprios tivessem fugido . Eles se perguntavam em um sussurro: "Você ainda não encontrou ...?" Certamente muitos se afogaram antes de chegar a qualquer lugar. Alguém, talvez, conseguiu chegar às praias da Carélia e depois desapareceu como se a terra o tivesse engolido .

Já o famoso vôo para a Inglaterra ocorreu a partir da costa de Kem. Aquele homem valente (não sabemos o nome dele, nossa cultura é vasta!) Sabia falar inglês, mas escondeu. Ele conseguiu trabalhar como estivador em Kem, onde carregaram mais garança , e lá ele seguiu com dois ingleses. Os guardas da escolta logo perceberam sua ausência, seguraram o navio por quase uma semana e revistaram várias vezes, nunca encontrando o fugitivo. (Quando vissem a patrulha de busca avançando ao longo da costa , os mesmos tripulantes a baixariam do outro lado com a corrente da âncora, com um tubo de respiração entre os dentes.) As autoridades tiveram que pagar uma indenização enorme por segurar o navio por tanto tempo e,

finalmente, preferiram pensar que o prisioneiro havia se afogado e soltou o navio.

Então, um livro apareceu na Inglaterra; Acho até que foram várias edições. (*A ilha infernal*, de SA Malzagov).^[59]

Surpreendeu toda a Europa (devem ter pensado que o autor fugitivo estava exagerando, e os simpatizantes da Nova Sociedade devem tê-lo chamado de calúnia infame!), Porque ele contradisse abertamente o que ninguém mais sabia: que os Solovki eram um paraíso! La *Rote Fahne* ajudou a criar esta imagem ^[cd] (esperamos que seu correspondente passe algum tempo mais tarde no Arquipélago) e os álbuns Solovki espalhados pela Europa pelas embaixadas soviéticas, impressos em excelente papel e com fotografias de celas confortáveis. (Ninguémjda Suro vtzeva, um comunista nosso na Áustria, negou com indignação a calúnia brandindo um daqueles álbuns. Naquele exato momento, a irmã de seu futuro marido estava presa em Solovki e, em dois anos, ela própria iria inchar o pavilhão. de inco municados em Iaroslav).

Quer fossem calúnias ou não, não poderia continuar assim. E uma comissão VZIK, chefiada pelo camarada Solz, "a consciência do partido", viajou para ver o que realmente estava acontecendo naqueles Solovki. (Eles, é claro, não sabiam de nada ...!) Apenas que a comissão não foi além de Murmansk, e também não fez muito lá. E para a própria ilha, decidiu-se enviar - não, pedir-lhe para ir! - o grande escritor proletário Máximo Gorki, que acabava de regressar à pátria proletária. Seu testemunho seria a melhor refutação a essas calúnias hediondas!

A notícia não demorou a chegar a Solovki; O coração dos prisioneiros batia, os guardas se agitavam. Você tem que saber o que é um recluso para imaginar sua expectativa! O maior dos escritores russos, o falcão e o albatroz da revolução, estava se preparando para voar até o ninho da injustiça, da arbitrariedade e do silêncio!

Ele se encarregaria de proclamar as quatro verdades, faria com que os algozes pagassem as suas, saberia defender os indefesos! Eles esperaram por Gorki, quase, quase, como a anistia geral é esperada.

As autoridades também estavam inquietas; eles ocultavam as deformidades da melhor maneira que podiam e traziam brilho ao que podia ser ensinado. Eles enviaram contingentes aos postos avançados mais distantes para limpar a fortaleza; eles deram alta a muitos pacientes das

enfermarias e fizeram limpeza geral. Chegaram a plantar um bosque de abetos sem raízes (demorariam vários dias para secar) na entrada da colônia infantil, inaugurada há três meses; a colônia era o orgulho da USLON, lá todos se vestiam e não havia crianças com ideologias estranhas; Gorky certamente acharia muito interessante observar como os menores foram educados lá e salvos para sua futura existência no mundo socialista.

Apenas em Kem eles pecaram por falta de previsão. Na Ilha Popov, os prisioneiros carregavam o *Gleb Bokiy* em *cuecas* e embainhado em sacos quando, de repente! A comitiva de Gorky apareceu, dirigindo-se precisamente para aquele navio. Pensadores bravos, aqui estão um problema digno de vocês: uma ilha deserta, sem um único arbusto, sem nada para servir de cobertura, e de repente, a trezentos passos de distância ... o séquito de Gorky! Decida por si mesmo ... o que fazer? Onde colocar essa vergonha, esses homens seminus, em sacos? A jornada do Humanista perderia todo o significado se ele os visse. Claro, ele tentaria não dar muita atenção a esses detalhes, mas de qualquer maneira, seria necessário ajudá-lo ... Afogando-os no mar ? Eles iriam debater ... Enterrá-los? Não há tempo ... Não, só um digno filho do Arquipélago poderia ter encontrado a solução! E o capataz ordena: «Deixe o seu trabalho! Narrow ranks... more, more! Todos se sentem no chão! Fiquem sentados! ", E logo a seguir cobre-os com uma lona ..." Quem se mexer eu mato! " O ex-estivador subiu a escada e ficou cerca de uma hora admirando a paisagem antes de o navio partir, *mas não percebeu nada ...*

Isso aconteceu em 20 de junho de 1929. O famoso escritor desceu no cais Bujta Blagodeistvia. Ao lado dele estava sua nora, toda vestida de couro (boné de couro preto, jaqueta de couro curta, calça de montaria de couro e botas altas e estreitas), um símbolo vivo da OGPU, ombro a ombro com a literatura russa.

Cercado pela equipe da GPU, Gorky fez a ponte entre os corredores de alguns edifícios. As portas de todos os quartos estavam abertas, mas ele mal olhou para dentro. No posto de saúde, eles enfileiraram médicos e enfermeiras de macacão limpo em duas filas, mas ele também passou sem olhar para eles. As damas USLON então o conduziram destemidamente ao Monte Sekir. E porque não? As celas não estavam superlotadas e, acima de tudo , não havia vestígios de postes. Os bancos estavam ocupados por ladrões (já havia muitos no Solovki), todos lendo o jornal. Nenhum deles ousou se levantar e reclamar, mas eles tiveram uma ideia: todos seguraram

o diário de cabeça para baixo! Gorky se aproximou de um deles e, sem dizer uma palavra, virou o diário. Tinha notado! Eu tinha adivinhado! Significava que ele não abandonaria os miseráveis, que os defenderia!^[60]

S e depois foi para a colônia infantil. Que civilizado! Cada um no seu berço, com o seu colchão ... Os menores pareciam constrangidos, mas felizes ... E, de repente, um menino de cerca de 14 anos disse:

"Ei, Gorky, tudo o que você vê aqui é mentira." Você quer saber a verdade? Você quer que eu te diga?

O escritor assentiu. Sim, eu queria saber a verdade. (Oh, rapaz, rapaz ...! Por que esse esforço de colocar em risco a prosperidade novinha em folha do patriarca da literatura? Um palácio em Moscou, uma propriedade nos arredores) ... Todos os meninos receberam ordem de partir, e o companheiros da GPU, e por uma hora e meia o menino contava a verdade ao velho ossudo. Gorky saiu do quartel aos prantos. Uma carroça o esperava que o levaria para almoçar na dacha do chefe do acampamento. Enquanto isso, os meninos invadiram o quartel:

"Você contou a ele sobre os mosquitos?"

"Eu disse a ele."

"E quanto ao poste?"

-Também.

"E você contou a ele sobre os *afdecs*?"

"Sim, falei com ele."

"E como eles rolam escada abaixo ...?" E os sacos ...?

"E as noites na floresta ...?"

Tudo ... tudo foi dito por aquele menino amante da verdade!

Nem sabemos o nome dele.

Em 22 de junho, após ter falado com o menino, Gorky escreveu o seguinte no Livro de Assinaturas feito especialmente para esta ocasião:

«Não me sinto capaz de transmitir as minhas impressões em poucas palavras. Não quero, teria vergonha (!) Repetir o elogio trivial que merece a energia espantosa daqueles homens, astutos e incansáveis guardiões da revolução e, ao mesmo tempo, admiráveis arquitetos da cultura.^[61]

No dia 23, Gorky saiu. Assim que seu navio partiu, eles atiraram no menino. (Ó conhecedor da alma humana! Como você não poderia retirá-la?!)

Assim, sua fé na justiça é reforçada nas novas gerações.

Dizem que lá em cima, em lugares altos, o campeão da literatura recusou, não quis publicar nenhum elogio da USLON. Mas como isso é possível, Alexei Maximovich ...? Mas antes da Europa burguesa! Mas *agora, neste momento* tão difícil e perigoso ...! O regime? Vamos mudar isso, vamos mudar isso ...

E com a assinatura do *Falcão Albatross*, foi publicado e reproduzido na imprensa mundial, nossa e do Ocidente, que era um absurdo temer o Solovki, que os presos lá viviam muito bem e que foram admiravelmente alterados.

E ele desceu para a bênção grave ^[EC]
o arquipélago ... ^[62]

Quanto ao regime, o que se promete é a dívida. Eles *melhoraram*. Agora, na 11ª companhia prisional, ELE ESTAVA DE COTOVELO A COTOVELO DURANTE SEMANAS INTEIRAS. Em Solovki chegou uma comissão, mas desta vez não chefiada por Solz, mas de instrução e punição. A comissão investigou e, com a ajuda do ISCH local, percebeu que todas as crueldades do regime de Solovki foram cometidas pelos oficiais brancos (ACH) e, em geral, pelos aristocratas e, em parte, pelos estudantes (os mesmo que no século passado estavam queimando São Petersburgo). Soma-se a isso a tentativa malsucedida de evasão do ex-ministro da República do Extremo Oriente, Kojevnikov, obviamente fora de si, na companhia de Schepchinski e do vaqueiro Degtariev. Esta tentativa de evasão foi transformada em uma conspiração fantástica pelos Guardas Brancos, que, aparentemente, se preparavam para capturar um navio para fugir, e começaram a prender pessoas em um ritmo cada vez maior, embora ninguém tivesse se declarado culpado do ataque. suposta conspiração.

Eles se propuseram a alcançar 300 conspiradores e alcançaram esse número. Na noite de 15 de outubro de 1929, a Porta Santa, normalmente fechada, foi aberta para encurtar o caminho para o cemitério. Eles foram liderados por gangues durante a noite. (A passagem de cada gangue tinha como música de fundo os uivos de um cachorro, *Black*, amarrado a um poste e desesperado pela suspeita de que seu dono, Bagratun, estava ali. Os presos contaram o número de gangues guiadas por aqueles uivos Por causa do vento forte, quase não se ouviram os tiros, tanto os efeitos que tiveram nos algozes que no dia seguinte (*Preto* e todos os outros cães foram fuzilados por sua causa).

Fu Silaban lechuguinos estes três viciados em morfina, o chefe da custódia, Degtariev e ... o chefe da Seção Cultural Educacional, Uspenski. (Essa combinação pode parecer surpreendente apenas para um observador superficial. Uspenski, tinha uma biografia que poderíamos chamar de *típica*, isto é, que, embora não fosse a mais comum, condensava em si o espírito da época. Filho de um padre, Foi assim que a revolução o surpreendeu. Que futuro o esperava? Interrogações, obstáculos de todos os tipos, perseguição, exílio. E não havia como apagar isso, não havia como mudar de pai ... Mas, sim, havia um, e Uspenski o descobriu: ELE MATOU SEU PAI e declarou às autoridades que o tinha feito por ÓDIO DE AULAS! Um sentimento saudável; dificilmente podemos qualificá-lo de assassinato! Eles ditaram um veredito e uma sentença, e dentro do campo ele imediatamente assumiu a linha educacional-cultural ; Muito em breve o soltaram e já o conhecemos como chefe da KVCH (Seção Educacional-Cultural) do Solovki. O que não sabemos é se ele mesmo pediu para participar dessa execução ou se ofereceram ratificar sua posição de classe. No final daquela noite Ele foi visto lavando suas botas manchadas de sangue, uma perna levantada sobre a pia. (Na foto 19 \$\$\$, o da extrema direita; talvez ele, talvez um homônimo).

Atiraram bêbados, mirando mal, e na manhã seguinte a terra que cobria a grande cova ainda se movia.

Ao longo de outubro e parte de novembro, os condenados à morte continuaram a chegar do continente. [\[6.3\]](#)

(Pouco tempo depois, os próprios presidiários nivelaram o cemitério ao som de uma orquestra.)

Após essas execuções, houve uma mudança de autoridade na SLON. No lugar dos Eichmans puseram o Zarin, e considera-se que nos Solovki começou uma era de legalidade.

Vamos dar um exemplo do que era essa legalidade. No verão de 1930, algumas dezenas de sectários vieram ao Solovki, negando tudo que vinha do anticristo: eles não queriam possuir nenhum tipo de documento, nem passar por você , nem assinar nada, nem mesmo tocar no dinheiro. Seu chefe era um octogenário cego de barba branca, que caminhava apoiado em uma bengala retorcida. Era claro para qualquer pessoa iluminada que aqueles sectários não podiam entrar no socialismo de forma alguma , pois para isso era necessário desempenhar muitos, muitos papéis para que o melhor para eles fosse morrer. E foram enviados para Malyi Zaitzki, a

menor ilha do arquipélago de Solovki, arenosa, inóspita, sem uma única árvore, com uma casa de verão, antigamente usada pelos monges pescadores, como única construção. Eles estavam dispostos a dar-lhes comida suficiente para dois meses, mas com a condição de que *cada um* assinasse o recibo correspondente. Claro que eles recusaram. Em seguida, a incansável Ana Skripnikova retomou o assunto, que, apesar de sua juventude e da juventude do regime soviético, estava sendo detida pela quarta vez. Ana percorreu a administração, a sede da obra, e até foi ver o próprio chefe de campo, responsável pelo regime humanitário. Primeiro ela pediu que eles tivessem pena, depois a mandassem também para Malyi Zaitzki, prometendo entregar sua ração diária e manter toda a contabilidade. Aparentemente, isso não contradizia os regulamentos da área; não No entanto, eles negaram. “Mas eles não alimentam os loucos, sem exigir nenhuma assinatura deles?” Ana gritou ... Em resposta, Zarin riu, e o gerente deu de ombros: “Não sei”, disse ela, “talvez sejam ordens. de Moscou ”... (Claro que eram ordens de Moscou! Quem mais iria assumir a responsabilidade?) Então, ELES OS ENVIARAM SEM VIVER. Depois de dois meses (exatamente dois meses, porque eles tiveram que ser oferecidos para assinar os recibos dos próximos dois meses), eles foram a Malyi Zaitzki e encontraram apenas os cadáveres bicados. Eles estavam todos lá; nenhum havia fugido.

Quem vai perder tempo procurando os culpados nos anos 60 do nosso grande século?

No entanto, um pouco mais tarde, Zarin também foi rejeitado como liberal demais. (Acho que demorou dez anos).

No final da década de 1920, a aparência do campo de Solovki começou a mudar e, de um exterminador silencioso de *kaeres* condenados, tornou-se uma coisa nova (agora bem conhecida por nós): um ITL (Campo de Reeducação do Trabalho) para todos classe de presidiários. O número de "indivíduos especialmente perigosos dentro da classe trabalhadora" estava aumentando rapidamente no país, e os Solovki eram vigaristas e hooligans, ladrões experientes e pequenos ladrões. Em ondas, ladrões e prostitutas também se aglomeravam ali (quando se encontraram em Kemperpunkt, os primeiros gritaram para os segundos: "Seremos ladrões, mas não traficamos com nossos corpos!" Ao que os outros responderam com vivacidade:

"Traficamos com o que nosso e não com o que foi roubado! »). Acontece que em todo o país (os jornais, é claro, não publicaram nada disso) foi declarada guerra à prostituição; Eles foram capturados em todas as grandes cidades, e receberam três anos igualmente; muitos foram para Solovki. Em teoria, era claro que o trabalho honesto os regeneraria rapidamente, mas não se sabe por que, eles insistiam em continuar com sua profissão socialmente humilde ; No caminho, voluntários apareceram para limpar o chão do quartel de escolta e levaram os soldados embora, violando as regras do serviço de escolta. Era tão fácil para eles fazer amizade com os Guardiões e, claro, eles não o faziam de graça. No Solovki, onde havia tanta escassez de mulheres, eles se divertiram ainda melhor. Os melhores quartos foram atribuídos a eles, presentes eram trazidos para eles todos os dias, as "freiras" e outras presidiárias *Kaeres* ganhavam alguns c opecas bordando suas roupas íntimas e, no final da pena, voltavam para sua cidade mais ricas do que nunca, com uma mala cheia de roupas de seda e prontas para começar uma existência honesta.

Os ladrões organizavam jogos de cartas, enquanto os ladrões se dedicavam a dar à luz no Solovki: não havia creches nas ilhas e, graças à criatura, podiam libertar-se do trabalho durante a sua curta pena. (Anteriormente, *Kaeres* sempre evitava esse caminho.)

Em 12 de março de 1929, o primeiro grupo de menores chegou a Solovki. Então, mais e mais continuaram chegando (todos com menos de dezesseis anos). Primeiro foram alojados na colônia infantil, não muito longe da fortaleza, com as mesmas camas e colchões que mostraram a Gorky; Mas os meninos esconderam as roupas que lhes foram dadas e gritaram que não tinham o que vestir para ir trabalhar. Finalmente, eles também começaram a ser enviados para a floresta; meninos fugiram, confundiram nomes e datas, recapturados e identificados, e assim por diante ...

Com a entrada desse pessoal socialmente saudável, o setor educacional-cultural foi reforçado. Clamavam pela erradicação do analfabetismo (mas os ladrões não precisavam saber ler e escrever para distinguir o ás de paus de um ás de copas), penduravam o slogan: "O recluso também é um participante ativo na construção do socialismo!" Eles até inventaram um termo: *reforja* (eles deveriam ter inventado lá!)

Já era o mês de setembro de 1930, a convocação do Comitê Central a todos os trabalhadores, para o prolongamento da emulação do trabalho e do

trabalho de choque. Pois como os internos poderiam ser deixados de fora? (Se os cidadãos livres já estivessem se alistando em todos os lugares, não seria lógico recorrer aos presidiários em primeiro lugar?)

Daquele momento em diante, os dados que temos não vêm de pessoas vivas, mas dos livros do cientista jurídico Averbach,^[64] e, portanto, aconselhamos o leitor a dividi-los por dezesseis, por duzentos e cinquenta e seis e, em alguns casos, usar o sinal de menos.

No outono de 1930, o Estado-Maior de Solovki foi criado para emulação de mão de obra e trabalho de choque. Os agressivos reincidentes, os ladrões e os assassinos de propósito "assumiram o papel de administradores prudentes, técnicos competentes, gerentes experientes e eficientes". (G. Andreiev lembra de ser atingido no rosto, gritando: "Vamos cúbico, droga!"). Ladrões e bandidos, mal tendo lido o apelo do Comitê Central, atiraram facas e cartas de baralho e se inflamaram no nobre desejo de criar uma *comuna*. No estatuto, declaravam que aqueles que vinham das classes pobres e camponesas médias e operárias podiam integrá-lo (é preciso dizer que todos os malfeitores se inscreveram como "extrabalhadores", o lema de Schepchinski estava quase se cumprindo: "O Solovki para os operários e camponeses"), mas de modo algum os de Cinquenta e Oito.^[cf] (Chegaram a propor que todas as sentenças fossem somadas e depois divididas pelo número de membros, a fim de ter uma sentença média e, depois de cumprida, soltá-los todos juntos. Mas, apesar do espírito comunista de Os chekistas consideraram esta proposição politicamente imatura). Os slogans da Comuna de Solovki foram: "Pagaremos nossa dívida com a classe trabalhadora!", E, melhor ainda: "DE NÓS, TUDO; PARA NÓS, NADA!"^[65] Eles haviam planejado uma punição absolutamente desumana para os membros da comuna: *proibi-los* de trabalhar! (Impossível punir um ladrão mais cruelmente!)

Mas as autoridades de Solovki, menos exaltadas que os trabalhadores educacionais-culturais, não confiaram muito no entusiasmo dos ladrões e preferiram colocar em prática o princípio de Lenin: "Trabalho de choque, equipamento de choque". Com isso os membros da comunidade foram transferidos para outro alojamento separado, com camas mais macias, receberam roupas mais quentes e passaram a alimentá-los melhor (naturalmente, em nome dos outros internos). A nova situação certamente

os agradou e eles concordaram, para permanecer sempre unidos, em não expulsar ninguém da comuna.

*Os não-comedores também ficaram muito satisfeitos com a comuna e quase todos tentaram aderir a ela. Mas decidiu-se não aceitá-los e sim criar os 2º, 3º e 4º *trudcolectiv* ("comunidades de trabalho"), embora já não tantos privilégios. Mas nenhum deles aceitou os Cinquenta e Oito, embora os mais descarados hooligans se permitissem dar-lhes um sermão no jornal: "É hora de entender que o país é uma escola de trabalho!"*

Eles enviaram relatórios ao GULAG de avião. O milagre do Solovki! Mudança radical nos sentimentos dos bandidos! Toda a agressividade do submundo se transforma em trabalho de choque, emulação, em cumprimento do plano! Lá eles ficaram maravilhados e generalizaram o experimento.

E assim passaram a morar no Solovki com uma parte dos presos agrupados em *trudcoletivas*, com as quais o percentual de atuação não só aumentou, mas dobrou. (O KVCH explicou isso como uma obra e graça do *trud coletivo*, mas entendemos que era o *tujta* usual). ^[66]

A outra parte dos reclusos, "não organizada" (não alimentada, não vestida e destinada ao trabalho árduo), obviamente não cumpria as normas impostas.

Em fevereiro de 1931, na conferência da brigada de choque de Solovki, foi acordado " responder com uma intensificação da emulação socialista à nova calúnia dos capitalistas de que o trabalho forçado existe na URSS". Em março já havia 136 brigadas de choque, mas em abril tiveram que ser limpas repentinamente , pois "elementos pertencentes a classes hostis se infiltraram para provocar a decomposição dos *trudcolectivos*". (Aqui está um enigma: se os Cinquenta e Oito nem deixaram o nariz de fora, quem causou a decomposição? Você tem que entender: eles fizeram contas e *saiu o tujta*; e quando o doloroso chegou, eles procuraram alguém para pagar o pato por todos).

Nesse ínterim, eles continuaram a enviar contingentes de trabalho: Cinquenta e Oitos estavam sendo enviados da mãe-tumor dos Solovki para lugares distantes de perdição, para criar novos campos.

III

O arquipélago forma metástases

Mas o Arquipélago não cresceu sozinho, mas sim lado a lado com o resto do país. Enquanto existia o desemprego no país, as armas dos presos não eram exploradas para o trabalho, e as prisões ocorreram, não como uma mobilização trabalhista, mas como uma operação de limpeza. Mas assim que foi decidido confundir um ao outro com um grande misturador de cento e oitenta milhões; quando o plano de superindustrialização foi rejeitado e a super super-superindustrialização foi posta em prática em seu lugar; Quando já estavam previstas as repressões contra os kulaks e as massivas obras do primeiro plano quinquenal, na véspera do Ano da Grande Ruptura, mudou-se o ponto de vista sobre o Arquipélago e, com ele, tudo no Arquipélago.

Em 26 de março de 1928, o Sovnarkom (isto é, ainda sob a presidência de Rykov) estudou a política punitiva no país e o estado dos locais de detenção. Em relação à política, concluiu-se que era insuficiente. Consequentemente, foi decidido:^[67] empregam medidas rigorosas de repressão contra inimigos de classe e elementos pertencentes a classes hostis; intensificar a severidade do regime nos campos (os *socialmente instáveis*, nem mesmo condená-los). Além disso, organizar o trabalho forçado de forma que os presos não ganhassem nada e o Estado representasse uma vantagem econômica, bem como “considerava imprescindível *ampliar a capacidade* das colônias de trabalho para o futuro próximo”. Em outras palavras, ele estava propondo abertamente construir mais campos à luz dos extensos planos de prisão. (Essa mesma necessidade econômica já havia sido prevista por Trotsky, mas ele continuou a propor seus Exércitos do Trabalho com mobilização geral. Uma coisa não era melhor que a outra. Mas seja lutando contra seu eterno adversário ou cortando radicalmente qualquer possibilidade de reclamação e toda

esperança de retorno, Stalin decidiu passar os mobilizados pelo moedor de carne da prisão). Com o desaparecimento do desemprego no país, a expansão dos campos adquiriu um *significado econômico*.

Se em 1923 o número de prisioneiros em Solovki não ultrapassava três mil pessoas, em 1930 já havia cerca de cinquenta mil e mais trinta mil em Kem. A partir de 1928, o câncer de Solovki começou a se espalhar, primeiro para a Carélia, com a construção de estradas e o corte de florestas para exportação. O SLON também passou a "vender" engenheiros: mandou-os, sem escolta, trabalhar de graça em qualquer parte do Norte, e seu salário passou a aumentar os cofres do campo. Já em 1929, os *lagpunkts* SLON apareceram em todas as seções da ferrovia Murmansk - entre Lodeinoie Polie e Taibol - . Em seguida, os movimentos foram transferidos para a linha Vologod, e tão animadamente que um centro de abastecimento SLON teve que ser instalado na estação de Zvanka. Em 1930, em Lodeinoie Polie, o campo Svirlag ganhou autonomia e em Kotlas foi criado o Kotlag.

Em 1931, com um centro em Medvedjegorsk, nasceu o Belbaltlag, ^[68] que nos dois anos seguintes ele imortalizaria o arquipélago para todo o sempre e nos cinco continentes .

Enquanto isso, as células malignas se multiplicaram. Por um lado, o mar os impedia; de outro, a fronteira finlandesa, mas nada impedia a organização de um acampamento próximo a Krasnaia Vishera (1929) e, sobretudo, as estradas para o leste, passando pelo norte da Rússia , estavam abertas . Muito em breve a estrada Soroka-Kotlas se espalhou e, rastejando em direção ao Dvina do Norte, as células de campo criaram o Sevdvinlag. Fazendo a passagem, eles partiram para os Urais. Em 1931, a filial SLON para os Urais do Norte foi aberta lá , que logo deu origem aos independentes Solikamlag e Sevurallag. O campo de Berezinkov começou a construir uma grande fábrica de produtos químicos, que na época recebeu muitos aplausos. No verão de 1929, uma expedição foi enviada ao rio Chib-Yu de Solovki, sob a direção do geólogo MV Ruschinski. A expedição, composta por presos sem escolta, foi olhar para o petróleo, que já tinha sido descoberto lá na década de oitenta do século XIX , e que trabalhou. Como resultado, um campo também se formou no rio Ukhta: o Ukhtlag. Mas também não parou e logo metastatizou para o noroeste, apreendeu o Pechora e se transformou em Ujtpechlag. Logo teve os ramos do Ujta, do Inta , do Pechora e do Vorkuta, todos eles a fundação de futuros grandes

campos independentes.^[69] A colonização dessas terras do Norte, tão largas e sem estradas, tornou necessária a construção de uma ferrovia de Kotlas a Vorkuta, passando por Kniaj-Pogost e Ropcha. Isso gerou a necessidade de mais dois acampamentos independentes, já ligados à ferrovia: Svedjeldorlag, no trecho Kotlas até o rio Pechora, e Pechorlag (não confundir com o Ujtpechlag, que era industrial), do rio Pechora a Vorkuta. (É verdade que esta ferrovia teve sua construção lenta. Seu primeiro trecho, de Kniaj-Pogost a Ropcha, foi lançado em 1938 e foi totalmente concluído apenas em 1942).

E assim, centenas de novas ilhas, pequenas e médias, foram nascendo na tundra e na taiga. Ao longo do caminho, no calor da luta, uma nova organização do Arquipélago foi sendo criada: endereços de campo, seções de concentração, pontos de concentração (*Lagpunkts*, pontos de concentração isolados; K OLP, pontos de comando; GOLP, pontos de cabeça distrito, distritos de concentração também chamados "comandancias" e "subcomandancias"). As Direcções compunham as Divisões, e dentro destas estavam as Secções: 1ª, Produção; 2ª, de Administração e Distribuição; 3ª, Oper-Chequista.

(Nas teses de doutorado estava então escrito: "Diante de nós estão delineadas instituições educacionais destinadas a alguns membros indisciplinados *isolados* da sociedade sem classes."^[70] Na verdade: se as classes desaparecem, os criminosos também desaparecem. Mas é um pouco assustador, certo? Amanhã ficaremos sem aulas ... e ninguém estará envolvido? Indisciplinado *isolado* ... *Em outras* palavras, uma sociedade sem classes, mas não sem um grito).

Assim, toda a parte norte do arquipélago nasceu do Solovki. Mas não só deles! Respondendo ao grande apelo, campos de trabalho correcional e colônias surgiram em todo o vasto território de nossa terra natal. Cada região montou sua própria. Milhões de milhas de arame farpado se estendiam por todo o país, cruzando-se, cruzando-se, suas farpas brilhando alegremente ao longo dos trilhos da ferrovia; das rodovias, dos subúrbios da cidade é. E foi assim que as grades das horríveis torres dos campos se tornaram o traço mais característico de nossa paisagem, e só por uma curiosa série de circunstâncias não foram imortalizadas em nenhuma pintura ou em nenhum filme.

Como era costume desde a guerra civil, os mosteiros começaram a ser *mobilizados* intensamente, cujos edifícios eram ideais para o isolamento. O mosteiro dos Santos Boris e Gleb tornou-se um campo de trânsito em Tordj (ainda está lá); a de Valdai (nas margens do lago, em frente à futura dacha de Jdanov) tornou-se uma colônia infantil; eles transformaram o mosteiro de San Nilo, na ilha Stolbski no lago Seliger, em um campo; o mosteiro de Sarov foi erguido no ninho dos campos de Potma ... De qualquer forma, tal enumeração seria interminável. Os campos foram criados na bacia do Don; no Volga superior, médio e inferior; nos Urais do Norte e do Sul; na Transcaucásia; na Ásia Central; na Sibéria e no Extremo Oriente. É oficialmente relatado que em 1932 a área alocada para colônias de trabalho correcional rural era de 253.000 hectares na RSFSR e 56.000 hectares na URSS. ^[71] Calculando, em média, mil hectares por colônia, *verifica-se* que apenas a partir de *seljozes*, ^[cg] ou seja, os campos mais secundários e privilegiados, já eram mais de trezentos.

A resolução do ZIK e do SNK datada de 6-XI-1929 resolveu facilmente a distribuição dos prisioneiros nos diferentes campos, próximos e distantes. O anterior "isolamento severo" (que dificultava o trabalho produtivo) foi abolido e foi previsto que aqueles com pena inferior a três anos fossem para lugares *comuns* próximos, enquanto aqueles que tivessem que cumprir sentenças de três a dez anos seriam enviados para pontos distantes. ^[72] Como os Cinquenta e Oito nunca receberam menos de três anos, todos eles foram para o Norte ou para a Sibéria, para colonizá-los e perecer.

Enquanto isso, estávamos nos movendo ao ritmo do tambor ...!

No arquipélago existe a lenda de que os campos foram *inventados por Frenkel*.

Parece-me que essa história, antipatriótica e até mesmo ofensiva para as autoridades, foi suficientemente refutada nos capítulos anteriores. Embora com meios limitados, espero ter conseguido mostrar que os campos de trabalho e repressão já existiam em 1918. Não demorou um Frenkel para concluir que os prisioneiros não deveriam perder tempo em elucubrações morais ("o objetivo da política laboral corretiva soviética não é a emenda individual no sentido tradicional da palavra. ^[73] mas no trabalho), e com a

imposição de regulamentações intensivas, quase impossíveis de cumprir. Antes de qualquer Frenkel já se falava da "emenda pelo trabalho" (que, já na época de Eichman, era interpretada como "extermínio pelo trabalho").

Nem mesmo foi necessário nosso raciocínio dialético moderno para concluir que os prisioneiros podiam fazer trabalhos pesados em lugares escassamente povoados. Em 1890, o Ministério dos Transportes já havia decidido usar presidiários e deportados da região de Amur para a construção de uma ferrovia . Os internos foram simplesmente forçados; em vez disso, os reclusos *podiam* trabalhar na construção da estrada em troca de um terço ou metade da redução da pena (embora, para dizer a verdade, preferissem fugir e assim livrar-se da pena todo de uma vez). De 1896 a 1900, mais de 1.500 condenados e 2.500 pessoas confinadas trabalharam na área de Baikal. ^[74] Portanto, o sistema não era tão novo nem era baseado em idéias educacionais progressistas.

No entanto, deve-se reconhecer que Frenkel foi o nervo do Arquipélago. Ele foi uma daquelas personalidades altamente realizadas de que a História tanto precisa e espera. Parecia que os campos existiam antes de Frenkel também, mas eles ainda não haviam alcançado aquela forma final próxima à perfeição. Todo verdadeiro profeta chega precisamente no momento em que é mais necessário. Frenkel apareceu no arquipélago no início das metástases.

Natalio Aaronovich Frenkel, um turco de origem judaica, nasceu em Constantinopla. Depois de terminar os estudos no Instituto do Comércio, passou a dedicar-se à comercialização de madeira. Ele montou sua própria empresa em Mariupol e logo se tornou um milionário: "o rei da madeira do Mar Negro". Ele tinha seus próprios navios e até publicou seu próprio jornal, *Kopeika*, em Mariupol, com o objetivo de caluniar seus concorrentes. Durante a Primeira Guerra Mundial, Frenkel fez negócios obscuros de armas desconhecidos por meio de Gallipoli. Em 1916, sentindo o que estava por vir na Rússia, ainda *antes* da Revolução de fevereiro, ele transferiu suas capitais para a Turquia, e em 1917 ele próprio foi para Constantinopla.

Se ele tivesse continuado a levar a existência agri-doce de um comerciante , ele teria se poupado de muito sofrimento e não teria se tornado uma lenda. Mas não se sabe que força do destino o estava empurrando para o poder vermelho. ^[75] O boato de que nos anos de

Constantinopela se tornou membro do Serviço de Inteligência Soviético não se confirma (presume-se que por razões ideológicas, caso contrário, é difícil imaginar que necessariamente ela teria de fazê-lo).

Por outro lado, sabe-se com certeza que nos anos da NEP chegou à URSS, onde, a pedido secreto da GPU, fundou, por conta própria, uma Bolsa Negra para a compra de ouro e títulos para rublos de papel soviéticos (um precursor da GPU e da 'campanha do ouro' da Torgsin).^[ch] Os concessionários e revendedores lembram-se dos velhos tempos, confiam uns nos outros e o ouro passa para as mãos da GPU. Terminada a operação, a GPU prendeu-o em sinal de agradecimento. Até o caçador mais esperto sente falta da lebre.

No entanto, o incansável e pouco suscetível Frenkel, ainda em Lubyanka ou já a caminho do Solovki, declarou algo às autoridades. Aparentemente, encontrando-se preso nas ações, ele decidiu tentar fazer negócios lá também. Ele chegou a Solovki em 1927, mas foi imediatamente excluído dos contingentes de trabalho; Eles o alojaram em uma casa de pedra fora dos limites do mosteiro, colocaram uma ordenança a seu serviço e permitiram que ele vagasse livremente pela ilha. Já tivemos oportunidade de salientar que ele havia se tornado chefe da seção econômica (privilégio dos cidadãos livres), e foi então que apresentou sua famosa tese sobre o uso de prisioneiros nos primeiros três meses. Em 1928, nós o encontramos em Kem, à frente de uma empresa de sucesso. Por dezenas de anos, os monges empilharam peles, que estavam, inutilmente, em seus armazéns. Frenkel mandou trazê-los para Kem, mobilizou todos os curtidores e sapateiros entre os presos e começou a abastecer a famosa loja da ponte Kuznetsky com sapatos finos e artigos de couro.^[ci] (A gestão ficava a cargo da GPU, que também retirava o produto da caixa, mas as senhoras que compravam calçado desconheciam esse pormenor e é provável que também não o soubessem quando, pouco depois, também foram à parar para o Arquipélago).

Certa vez, em 1929, um avião veio de Moscou e levou Frenkel para uma entrevista com Stalin. O Melhor Amigo dos Prisioneiros (e Melhor Amigo dos Damas) conversou durante três horas com Frenkel, demonstrando o maior interesse. As palavras exatas que foram ditas durante aquela conversa nunca podem ser conhecidas, mas é claro que, no decorrer dela, Frenkel mostrou aos olhos do Pai dos Povos um quadro deslumbrante

de perspectivas para a edificação do socialismo através do esforço de os presos. Com traços firmes ele esboçou no mapa da União Soviética muito da futura geografia do Arquipélago, aquela mesma geografia que nossa dócil caneta tenta descrever para você neste livro, com o "poof poof" de sua flauta como música de fundo. interlocutor. Ao que parece, precisamente nessa ocasião Frenkel propôs seu sistema contábil abrangente por categorias (A, B, C e D), que não permitia que o chefe do campo, muito menos o interno, escapasse: quem não está destinado a trabalhos internos no mesmo acampamento (B), não é declarado doente (C), nem está confinado em uma cela de castigo (D), deve puxar o carro todos os dias de sua sentença (A). A história mundial do trabalho forçado nunca havia conhecido tamanha universalidade! Precisamente nessa ocasião, Frenkel propôs dispensar o sistema reacionário de igualitarismo na alimentação dos presidiários e traçou para todo o Arquipélago um método geral de redistribuição dos escassos alimentos, com *escala de pão e mantimentos*, ideia, aliás, sequestrado pelos esquimós, que faziam seus cachorros correrem colocando um peixe na frente deles pendurado na ponta de uma varinha. Frenkel também propôs o *parcelamento* e a remissão de parte da pena por bom trabalho. (Ele também não era original nisso, pois Chekhov já havia descoberto ambos os incentivos na prisão de Sakhalin em 1890). O primeiro terreno experimental, o grande Canal do Mar Branco, provavelmente também foi determinado ali, onde nosso empreendedor traficante logo seria designado, não como gerente de construção ou gerente de campo, mas para um posto especialmente inventado para ele, de "Chefe das obras", isto é, chefe do segurança.

Toda a energia maligna de um misantropo estava em seu rosto. Mais tarde, em um livro sobre o Belomorcanal, em seu desejo de glorificar Frenkel, um escritor soviético o descreveu assim: “Um homem muito ambicioso e de grande orgulho, para quem o principal é o poder não compartilhado. Se for necessário que o temam, ele saberá como se fazer temer. Com os engenheiros ele adota uma atitude extremamente dura, tentando humilhá-los.”^[76]

A última frase parece fundamental para o caráter e a biografia de Frenkel.

No início da construção do Canal do Báltico, ele recuperou sua liberdade, e no final foi condecorado com a Ordem de Lenin e nomeado chefe da construção do Batnlag ("linha ferroviária principal do Baikal

Amur", como era chamado em um espírito do futuro, porque na década de 1930 o Bamlag se limitou a fazer a segunda rota Transiberiana onde ainda não existe). Mas a carreira de Natalio Frenkel não termina aqui , e no próximo capítulo teremos a oportunidade de voltar a ela.

A longa história do Arquipélago, que tentamos descrever neste livro improvisado e caseiro, quase não encontrou eco na literatura impressa da União Soviética por meio século . Também aqui ocorreu a mesma curiosa coincidência, para a qual as torres dos campos nunca apareceram nos enquadramentos dos filmes ou nas paisagens dos pintores.

Mas isso não significa para os canais do Mar Branco e do Volga. Para cada um deles temos um livro à nossa disposição, e pelo menos podemos escrever este capítulo guiados por testemunhos credíveis e documentados.

Em qualquer investigação que valha a pena, antes de recorrer a qualquer fonte, suas características devem ser descritas. Vamos fazer.

Temos diante de nós um volume quase do tamanho de uma Bíblia, com um baixo-relevo do semideus gravado na capa de papelão. Intitulado *O Canal de Stalin do Mar Branco ao Báltico* , foi editado pela Gosstat (Edições Estatais) em 1934 e dedicado pelos autores ao XVII Congresso do Partido; Aparentemente, o livro amadureceu especialmente para aquele congresso. É uma continuação da *História das fábricas*, de Máximo Gorki. Seus diretores são: M. Gorki, AL Averbach e SG Firin. Este último nome é pouco conhecido nos círculos literários; Esclareçamos quem é: apesar da juventude, Simón Firin era o subchefe do GULAG. ^[77]

A história do livro é a seguinte: Em 17 de agosto de 1933, cento e vinte escritores foram convidados a fazer um *passeio de barco* no canal recém-concluído. O recluso DP Vitkovski, mestre das obras do canal, testemunhou como, no momento da fechadura do arco, todas aquelas pessoas amontoadas no convés, vestidas de ternos brancos, interrogavam os reclusos que estavam ao lado. As comportas e na presença das autoridades do canal perguntaram-lhes se gostavam do seu canal, se gostavam do seu trabalho, se consideravam que naquele local tinham sido corrigidos e se as autoridades se preocupavam o suficiente com eles. As perguntas eram muitas, mas todas desse tipo, e por toda parte, e na presença das autoridades, e apenas na hora de colocar o navio nas eclusas. Depois dessa viagem, oitenta e quatro escritores conseguiram, não se sabe como, não

intervir no trabalho da equipe de Gorki (talvez tenham escrito seus inflamados artigos e poemas em outros lugares); os outros trinta e seis escreveram a obra coletiva. Trabalharam intensamente no outono de 1933 e no inverno do mesmo ano e, finalmente, o livro viu a luz.

A obra foi editada para durar séculos, para os descendentes lerem e se maravilharem. Mas devido a uma infeliz combinação de circunstâncias, após dois ou três anos, a maioria dos líderes exaltados e fotografados nela foram desmascarados como inimigos do povo. Cai por conta própria que toda a circulação do livro foi retirada das bibliotecas e destruída. Em 1937 também foi destruída por seus proprietários, que não quiseram ser condenados por causa disso. Agora que restam muito poucos exemplares, não há esperança de uma reedição e, portanto, pesa mais do que nunca a responsabilidade de não deixar nossos concidadãos perecerem as ideias e os principais acontecimentos descritos naquele livro. Também é justo manter os nomes dos autores para a história da literatura. Bem, pelo menos estes: M. Gorki, Victor Schklovski, Vsavolod Ivanov, Vera Inber, Valentin Kataiev, Mikhail Zoshchenko, Lapin e Datsrevin, L. Nikulin, Kornelyi Zelinski, Bruno Iasenski (o capítulo "Um golpe de misericórdia ao inimigo de class »), E. Gabrilovich, A. Tijonov, Alexis Tolstoi e K. Fin n.

Gorky explica a necessidade deste livro para os presidiários que ^[78] Eles [Eles](#) construíram o canal: 'Membros do exército de construtores do canal não têm palavras suficientes para expressar os sentimentos complicados que a reeducação desperta neles; os escritores, por outro lado, os têm e é assim que os vão ajudar ». Sobre a necessidade do livro para o mesmo escritor, Gorki comenta: «Depois de conhecerem o canal, muitos escritores receberam uma carga de energia, e isso terá uma boa influência no seu trabalho ... Agora vai aparecer na literatura *que espírito que está indo para levar adiante* e vai colocar o mesmo nível de grandes ações. " (O itálico é nosso, AS - Esse nível ainda pode ser sentido hoje na literatura soviética). Pois bem, quanto à necessidade do livro para os milhões de leitores (muitos dos quais logo iriam também para o Arquipélago), isso cai por conta própria.

Como, então, nossa equipe de autores aborda o assunto? Acima de tudo, estão convencidos de que todas as sentenças são justas e de que todos os presidiários que trabalham na emissora são culpados. Mesmo a palavra "convencido" é muito fraca: é um problema que não admite discussão e nem mesmo precisa ser levantado. Para eles, isso é claro como a água. Eles

usam as muitas palavras à sua disposição para nos fazer acreditar em todas as lendas sobre os inimigos da sociedade dos anos 1930. Para eles, a palavra "sabotador" é a essência do espírito dos engenheiros. E os agrônomos que se manifestaram contra o plantio prematuro (seria possível, em meio à neve e a lama ...?) E os irrigadores que trouxeram água para a Ásia Central, tudo isso é para eles, infalivelmente, sabotadores. Em todos os capítulos do livro, esses escritores se referem à guilda da engenharia de maneira condescendente, como se fosse uma raça inferior. Na página 125, *muitos dos engenheiros russos da era czarista* são acusados de *trapaça*. Isso não é mais uma acusação individual. (Devemos entender que os engenheiros também sabotaram o czarismo?) E isso é escrito por homens, nenhum dos quais é sequer capaz de extrair uma simples raiz quadrada (o que alguns cavalos costumam fazer no circo).

Os autores repetem os rumores delirantes daqueles anos como se fossem fatos históricos irrefutáveis: que nos refeitórios das fábricas envenenam as operárias com arsênico; que se o leite é cortado nos *kolkhozes*, não é por simples descuido, mas por causa do inimigo, determinado a *matar de fome* o país (com aquelas mesmas palavras). Sempre de forma generalizada e impessoal, falam daquele malvado *kulak* genérico que *entrou em uma fábrica e atira parafusos no maquinário*. Bem, eles conhecem a alma humana, vão imaginá-la melhor do que eu: um homem é milagrosamente salvo do confinamento na tundra e foge para a cidade; Por um milagre ainda maior, ele consegue um emprego em uma fábrica quando estava prestes a morrer de fome, e então, em vez de alimentar sua família, ele transforma parafusos em máquinas!

Por outro lado, os autores não podem e não vão poupar elogios aos dirigentes do trabalho do canal, aqueles que mandam; Apesar de serem da década de 1930, são insistentemente chamados de *chekistas*, obrigando-nos a usar esse termo também. Eles se maravilham não apenas com sua inteligência, com sua força de vontade, com seu senso de organização, mas consigo mesmos como homens no mais alto sentido de si mesmos como seres excepcionais. Nesse sentido, o episódio com Jakob Rappoport é significativo. Aquele ex-aluno da Universidade de Derpt, evacuado para Voronej, tornou-se, em sua cidade adotiva, vice-diretor da República Tcheca provincial, e mais tarde vice-chefe de construção do Belmorstroi. Os autores afirmam que, enquanto inspecionavam as obras, ele não gostou da maneira como os trabalhadores manuseavam os carrinhos de mão, e ali

mesmo fez ao engenheiro uma pergunta esmagadora: "Você se lembra a que é igual o cosseno de quarenta e cinco graus?" E o engenheiro tinha vergonha, vergonha da erudição de Rappoport,^[79] e imediatamente corrigiu suas indicações de sabotagem, e a partir desse momento a movimentação das empilhadeiras atingiu um alto nível técnico. Com tais anedotas, os autores não apenas apimentam artisticamente sua exposição, mas nos elevam a alturas científicas !

E quanto mais alta a posição ocupada por um líder, mais admiração os autores a descrevem. O chefe do GULAG, Mateo Bermann,^[80] ele merece elogios apaixonados. E também é exaltada a personalidade de Lázaro Kogan, ex-anarquista, que em 1918 se dirigiu aos bolcheviques vitoriosos, demonstrando sua lealdade como chefe da Seção Especial do IX Exército; mais tarde foi subchefe das Forças OGPU, um dos organizadores do GULAG e, finalmente, chefe da construção do Belomorcanal. E, continuando, os autores não podem deixar de endossar as palavras do Camarada Kogan ao se referir ao *Comissário de Ferro*: "Camarada Iagoda, nosso chefe, nosso guia de hora em hora!" (Foi isso que mais afundou o livro!) Os ditirambos de Heinrich Iagoda e seu retrato foram até mesmo arrancados da cópia que chegou às nossas mãos, e demoramos muito para encontrar o retrato.

Além disso, o mesmo tom reinou nas brochuras da área. Por exemplo: "Na eclusa nº 3, tivemos convidados de honra (seus retratos foram pendurados em cada barraca): camaradas Kaganovich, Iagoda e Bermann. O ritmo de trabalho tornou-se mais ativo. *Lá em cima eles sorriram*, e centenas de homens no fosso também perceberam o sorriso.^[81] E nas canções oficiais:

*O próprio Iagoda nos lidera e dá palestras,
olho vigilante, mão firme.*

O entusiasmo dos autores perante o regime do país os induz ao seguinte elogio: "Aonde quer que o teu destino te leve, mesmo ao lugar mais perdido e escuro do país ..., em cada organização GPU encontrará o selo da ordem ..., precisão e responsabilidade ". Mas que organização GPU pode existir em uma parte sombria e perdida do país, senão um campo? *O campo como tocha do progresso*, esse é o nível de nossa fonte histórica.

Assim falou até mesmo seu próprio diretor. Em seu discurso no último encontro dos trabalhadores de Belomorcanal, em VIII 25-1933, na cidade de Dmitrov (eles já haviam se mudado para o Volgocanal), Gorky disse: «Desde 1928 eu tenho observado como a OGPU reeduca o povo ». (Isso significa que foi antes do Solovki, antes daquele menino ser baleado ... Mal voltou para a União Soviética, começou a observar!) E, mal contendo as lágrimas, dirigiu-se aos chekistas ali presentes: « Diabos, você nem percebe o que fez ...! » E os autores observam: "Como única resposta, as damas sorriram." (Eles sabiam O QUE haviam feito) ... E, no próprio livro, Gorky se refere à *excessiva modéstia* dos chekistas. (A aversão dos chekistas à publicidade é realmente comovente).

Os autores coletivos não são que silenciam as mortes ocorridas no Belomorcanal, isto é, não são que sigam o sistema covarde das *meias-verdades*, mas que escrevam expressamente (p. 190) que ninguém morre em construção ! (Talvez eles façam suas contas da seguinte maneira: Cem mil pessoas começaram a construir o canal, e cem mil pessoas terminaram. Isso significa que estão todas vivas. Elas apenas ignoram os contingentes devorados pela construção em dois invernos cruéis. Mas isso já pertence à esfera do cosseno dos engenheiros trapaceiros.)

Para os autores, nada pode inspirar mais do que esse trabalho na área. O trabalho forçado é para eles uma das formas mais elevadas de atividade criativa ígnea em sua plena consciência. É assim que formulam a base teórica da reeducação: “Os criminosos são fruto da vileza que antes existia; o nosso país atual, por outro lado, é belo, poderoso, *generoso*, e devemos *embelezá-lo* ainda mais »... Segundo ele , todos os deportados para o canal jamais teriam encontrado o seu caminho se os líderes não os ordenassem a unir os mares Branco e Branco. Báltico. Porque " *a matéria humana* é muito mais difícil de esculpir do que a madeira". Que termos! Que profundidade ! Quem disse isso? Bem, o próprio Gorky no livro citado, refutando "a verborragia vazia de" humanismo ". E Zoshchenko, penetrando no fundo do problema, acrescenta: «A reeducação não é simplesmente o desejo de terminar o trabalho e de se libertar [pode -se suspeitar de tal coisa, apesar de tudo?], Mas uma verdadeira reconstrução da consciência e orgulho do construtor ». Ó conhecedor da alma humana! Você já empurrou o carrinho no canal, e em cima dele pão e água?

Este valioso livro, que constitui uma glória da literatura soviética, será nosso guia para as avaliações que podemos fazer sobre o canal.

Por que o Belomorcanal foi escolhido como a primeira grande construção do Arquipélago? Stalin foi movido por necessidades econômicas ou militares urgentes? No final da história, podemos dizer com segurança que não. Ou talvez tenha sido inflamado por um nobre espírito de emulação com Pedro, o Grande, que arrastou sua frota marítima por essas partes, ou com o imperador Paulo, durante cujo reinado aquele canal foi projetado pela primeira vez? É improvável até que o Sábio soubesse de tudo isso. Stalin precisava usar os prisioneiros em *qualquer lugar* para construir alguma obra monumental que devoraria muitas armas e muitas vidas (o excedente dos *kulaks*) com a eficiência das câmaras de gás, mas muito mais baratas, e ao mesmo tempo deixaria um monumento imperecível ao seu reinado, do tipo pirâmide. Em seu amado escravo East - onde adquiriu grande parte do conhecimento que o orientaria na vida - eles tinham o hábito de construir grandes “canais”. Parece que estou observando-o estudar com amor o mapa do Norte Russo-Europeu, onde a maioria dos campos então se concentrava, e marcar com o bocal de seu cachimbo uma linha de mar a mar ...

Ao declarar a necessidade dessa construção, recai sobre o seu próprio peso que era indispensável, antes de tudo, qualificá-la de *urgente*. Porque, naqueles anos, no nosso país nada se construía que não fosse *urgente*. Se não fosse urgente, ninguém acreditaria em sua importância vital; Até os presos, que morreram esmagados pelo carrinho de mão, tiveram que acreditar nessa importância. E se não fosse urgente, os prisioneiros não morreriam e não deixariam lugar para a nova sociedade.

"O canal deve ser construído no curto prazo e ser barato?" Essa foi a ordem do camarada Stalin. (E aqueles de vocês que viveram naquela época sabem o que significava UMA ORDEM DO CAMARADA STALIN!) *Vinte meses!* Esse tempo permitiu que o Grande Condutor aos seus delinquentes construíssem o canal e se emendassem: de setembro de 1931 a abril de 1933. Nem mesmo dois anos poderia dar-lhes: tinha tanta pressa! Duzentos e vinte e seis quilômetros. Solo rochoso. Morenas com grandes blocos. Pântanos Sete eclusas na "Escadaria dos Povenets" e doze na descida para o Mar Branco. E «aquí não estamos em Dnieprostroi, onde havia *tempo e divisas*. O Belomorstroi foi confiado à OGPU, e *não um copec em moeda estrangeira!* ”

Estamos vendo cada vez mais claramente ... Então esse canal é tão necessário para Stalin e para o povo que nem mesmo um copec em moeda

estrangeira ...? Assim é! Que *cem mil* homens trabalhem simultaneamente ! Que capital melhor do que esse? E entregá-lo em vinte meses, nem mais um dia!

É aqui que você fica bravo com aqueles engenheiros sabotadores! Os engenheiros dizem: "Vamos construir em concreto". Os verificadores respondem: "Não há tempo ." Os engenheiros dizem: "É preciso muito ferro". Os chekistas respondem: "Substitua por madeira." Os engenheiros dizem: "Precisamos de tratores, guindastes, máquinas de construção!" Os chekistas respondem: "Você não vai querer nada disso, nem um copec in di visas, faça tudo à mão!"

O livro chama isso de "a ousada formulação tcheca de problemas técnicos". ^[82] Ou seja, o cosseno Rappoport ...

Estamos com tanta pressa que para este projeto boreal trouxemos pessoas de Tashkent , especialistas em hidráulica e especialistas em irrigação da Ásia Central (acabavam de ser jogados na prisão). Com eles é formado em Furkasov Alley, atrás do Grande Lubyanka, o Escritório de Designers Especiais ^[.83] (de novo a palavra preferida, *especial!*) (Aliás, o tcheco Ivanchenko perguntou ao engenheiro Djurin: "Mas por que fazer um projeto, se o Volga-Don já existe? Construa o mesmo!"

Estamos com tanta pressa que eles começam a fazer o projeto antes de estudar o terreno! Claro, expedições são enviadas à Carélia para estudar o terreno, mas nenhum construtor tem permissão para passar além da soleira do escritório, muito menos para chegar à Carélia (medidas de segurança). Telegramas vão e vêm: como é a elevação, como é o terreno?

A pressa é que os presidiários vão chegando e chegando ao futuro local, e não há quartel, nem comida, nem instrumentos, nem mesmo um plano exato ...! O que fazer? (Não há quartéis, mas sim o outono boreal já começou prematuramente ... Não há instrumentos, mas estamos bem no primeiro mês dos vinte que nos concederam) ^[84] ...

Estamos com tanta pressa que quando os engenheiros finalmente chegam, descobrem que não têm papel, nem regras, nem tachinhas (!), Nem luz no quartel: trabalham acendendo-se com lâmpadas. "Parece uma guerra civil!" Nossos autores se deliciam.

Num tom alegre de piada contam-nos ... «As mulheres chegaram com vestidos de seda e, vejam só, deram-lhes um carrinho de mão!» E também: «Todos têm a chance de se encontrar de novo em Tungud! Estudantes,

esperantistas, camaradas de armas do Exército Branco! » Os camaradas de armas do Exército Branco há muito tempo têm a oportunidade de se reencontrar no Solovki, mas também façam os estudantes e esperantistas empurrarem carrinhos de mão em Belomorstroi ... muito obrigado aos autores por esta informação! Quase explodindo de rir, eles continuam: dos campos de Krasnovodsk, de Stalinabad, de Samarcanda, eles trazem turcomanos e tadjiques vestidos com suas vestes orientais e turbantes ... e aqui eles encontram os frios Karelian! Que surpresa para os basmaches! A regra aqui é *cortar dois metros cúbicos de rocha e transportá-los em um carrinho de mão a cem metros de distância!* Mas, entretanto, a neve cai e cobre tudo, e derruba os carrinhos de mão com o seu conteúdo, desce ...

Mas falem os autores: «Nas tábuas molhadas o carrinho de mão cambaleava ... capotou» ... ^[85] "Com aquele carrinho de mão, o homem parecia um cavalo" ... ^[86] "Para encher o carrinho de mão", e nem mesmo uma pedra, só com terra congelada, "leva uma hora" ... Ou, se não, um quadro mais geral: "Em um buraco feio, coberto por uma fina camada de neve, homens e pedras se misturaram. Os homens se mexeram, tropeçaram nas pedras ... Dois a dois, a três, abaixaram-se e, envolvendo o bloco com os braços, tentaram levantá-lo. A pedra não se moveu. Então chamaram outro homem, e depois outro "... Mas é aí que a técnica do nosso glorioso século xx vem para ajudá-los :“ As *redes* são usadas para remover blocos de pedra dos buracos ; a rede é puxada com uma corda, e a corda, com uma roldana que gira um cavalo! » Ou, se não, outro sistema: use postes para alavancar. Ou, também, um dos primeiros mecanismos do Belomorstroi.

E aqueles que você chama de sabotadores? Mas eles são ótimos engenheiros! Eles os jogaram do século 20 para a Idade da Pedra e, olhe para eles, eles conseguiram!

O principal meio de transporte do Belomorstroi? O *carro*, segundo o que o livro nos diz. E também o *Vau de Belomor!* Algumas pesadas plataformas de madeira colocadas sobre quatro tocos redondos (rolos), puxados por dois cavalos, que servem para transportar pedras. Os carrinhos de mão os arrastam entre dois: nas subidas , a *prostituta* os apanha pela frente . Mas como cortar as árvores, se não houver serras ou machados? Também para isso poupa-nos a sesera: a árvore está amarrada com cordas, e grupos de homens o puxam alternadamente em diferentes direções, para *afl I ojarlo!* Sim, temos muita inteligência para tudo! E por que? Porque,

segundo os jornais e o rádio se repete a cada hora, O CANAL ESTÁ SENDO CONSTRUÍDO POR ORDEM E INICIATIVA DO CAMARADA STALIN!

Imagine um campo de batalha assim, e nele os chekistas " em suas longas capas cor de cinza ou jaquetas de couro". Apenas 37 chekistas em comparação com cem mil prisioneiros, mas todos eles os amam, e esse amor faz as pedras da Carélia rolarem. Agora eles param, o camarada Frenkel aponta para algo com a mão, o camarada Firin estala os lábios, o camarada Uspenski (o parricídio? O carrasco Solovki?) Não diz nada. O destino de milhares de pessoas acaba de ser selado para aquela noite gelada ou para todo aquele mês polar.

Essa é a grandeza dessa construção, na medida em que é realizada sem o auxílio de tecnologia moderna e sem suprimentos da nação. “Não enfrentamos o ritmo decadente do capitalismo euro-americano, mas sim o ritmo socialista!”, Proclamam os autores com orgulho. ^[87] (Na década de 1960, sabemos que isso é chamado de *grande salto em frente*). O livro exalta precisamente o atraso da técnica e habilidade artesanal. Sem guindastes? Bem, haverá! E eles fazem *torres*, guindastes de madeira e as peças essenciais de metal são derretidas . “Eles têm sua própria indústria no canal!” Nossos autores se alegram. Até rodas de carrinhos de mão são derretidas em fornos feitos por nós mesmos!

O país estava com tanta pressa em se desfazer de seu canal que nem encontrou rodas de carrinhos de mão para construção! Nenhuma fábrica em Leningrado estaria em posição de cumprir tal comissão!

Não, seria injusto comparar esta construção absurda do século 20 , este canal transcontinental feito "a *picareta, pá e carroça*", com as pirâmides egípcias, já que as pirâmides foram construídas de acordo com a técnica mais avançada da época. Em vez disso, voltamos quarenta séculos!

Assim foi feito o extermínio, pois não havia combustível para as câmaras de gás.

Seja um engenheiro nessas condições! Todos os diques são feitos de terra; os portões, feitos de madeira. A terra produz água o tempo todo. Como mexer? Os cavalos são trotados em rolos ao longo do dique. (A única coisa que Stalin e o país não economizam, além dos presos, são os cavalos: o cavalo é um animal *kulak*, e deve ser exterminado também). É muito difícil evitar que o binômio terra-madeira gere água. Mas é preciso substituir o ferro pela madeira, e o engenheiro Maslov inventa, para as

fechaduras, portões de madeira em forma de diamante. Não existe concreto armado, com o que reforçar as paredes da fechadura? Então, eles se lembram do *riadjy* usado nos tempos antigos na Rússia, estruturas de madeira com cerca de 15 m de altura, cheias de terra. Use a técnica da Idade da Pedra, mas com a responsabilidade do século 20 : se algo der errado em algum lugar, você vai pagar com a cabeça.

Iagoda, o comissário de ferro, dirige-se ao primeiro engenheiro Khrushtaliev nestes termos: 'Fui informado [pelos delatores clássicos e, além disso, por Kogan-Frenkel-Firin] que você não mostra a energia necessária ou se sente interessado em seu trabalho. Ordeno-lhe que me responda imediatamente se estiver imediatamente disposto [que estilo!] A dedicar-se seriamente ao trabalho e forçar aquele grupo de engenheiros [qual? Quem?] Que atrapalham e sabotam a trabalhar com consciência »... O que você pode responder ao chefe? Todos amam a vida ... «Reconheço a minha delicadeza criminosa ... Confesso que fui muito fraco» ...

No entanto, ele ecoa sem parar nos ouvidos: o canal está sendo construído pela ORDEM E INICIATIVA do camarada Stálin! “O rádio no barracão, no trabalho, junto com o riacho, na casa da Carélia, no caminhão, o rádio não *dorme* nem dia, *nem noc I* [imagino!], Essas bocas incontáveis máscaras negras sem olhos [bela imagem!], transmitem incansavelmente o pensamento dos chekistas de todo o país sobre as obras, repetem o que dizia o Partido ». Em outras palavras, você tem que dizer o mesmo, tem que repetir o mesmo. "Vamos disciplinar a Natureza, vamos conquistar a liberdade!" Viva a emulação socialista e o trabalho de choque! Emulação entre equipes! Emulação entre falanges (250-300 homens)! Emulação entre grupos de trabalho! Emulação entre bloqueios! Finalmente, emulação entre escolta e prisioneiros!^[88] (Em que a escolta emularia? Em melhor vigilância?).

Mas o principal suporte, claro, são os *vizinhos sociais*, ou seja, os ladrões (esses conceitos já foram fundidos no canal). Comovido, Gorky os arenga da tribuna: "Qualquer capitalista rouba mais do que todos vocês juntos!" Os *urkas* choram lisonjeados. "E grandes lágrimas brotaram dos olhos do ex-carterista."^[89] A ideia é aproveitar o *romantismo dos bandidos* para a construção . Claro que eles estão lisonjeados! Diz um ladrão da

plataforma da reunião: “Às vezes, dois dias se passavam sem que nos dessem um único pedaço de pão, mas isso não nos assustava. [Total, eles sempre podem "limpar" alguém ...] O que conta para nós é que eles falem conosco como seres humanos [o que os engenheiros não podem dizer]. As pedras que temos lá são tão duras que quebram buracos, mas não importa, nós podemos lidar com elas ”(o que eles PODEM usar? E *quem* exatamente“ pode ”?).

Essa é a teoria da classe : olhar para a nossa para obter apoio contra estranhos. O livro não diz como os líderes da equipe Belomor se alimentam, mas uma testemunha fala de Berezniki (ID T). Eles cozinhavam para eles separadamente (eram todos criminosos e recebiam rações melhores do que os militares). Então eles teriam punhos fortes e saberiam PARA QUE usá-los ...

Em *Lagpunkt* nº 2, pratos e cartões de racionamento são arrancados de suas mãos, mas isso não significa que os ladrões sejam excluídos do trabalho de choque: isso não obscurece sua face socialista ou seu impulso produtivo. A comida é entregue fria, as roupas são roubadas do varal, mas não importa, a *gente dá conta*. Em Povenets, uma *cidade disciplinar*, reinam o caos e a confusão. Pão não é cozido em Povenets, eles trazem de Kem . Na Shijnia, o padrão alimentar não é cumprido; está frio no quartel; existem piolhos; todo mundo está doente; Não importa, nós podemos lidar com isso! O canal se constrói por ordem e iniciativa ... Por toda parte há KVB, posições de luta cultural-educacional! (Assim que chega ao campo, cada golfo se torna um educador). Devemos criar uma atmosfera de combate, de alarme contínuo. De repente, qualquer noite é declarada uma *noite de ataque: um golpe para a burocracia!* Logo após o término da noite de trabalho, a cultura leducadores perambula pelas salas de comando e ataca! Há rachaduras (não do solo, das porcentagens) em Tungud? É ATACADO! É decretado o *dobro dos padrões de produtividade!* Nem mais nem menos!

[90]

No início porque sim, uma equipe realiza 852% do trabalho diurno ... entendido como você quiser! Bem, o dia de todos os registros está decretado! *Golpe mortal* para o *Stunner!* Aqui, uma equipe se alinha para receber seu prêmio: alguns cupcakes. (Por que aqueles rostos sombrios? Um momento tão desejado, mas não há satisfação) ...

Parecia que tudo estava indo bem. No verão de 1932, Iagoda inspeciona as obras e o benfeitor parece satisfeito. Mas em dezembro chega um telegrama dele : As regras não estão sendo observadas, devemos acabar

de uma vez por todas com essa *vadiagem de milhares de homens!* Os *trudcolectivos* se *arrastam* para trabalhar com bandeiras *desbotadas*. Segundo os boletins, apura-se que a cota em metros cúbicos já foi cumprida *várias vezes* , mas o canal ainda não foi concluído. Os trabalhadores negligentes, em vez de pedras e terra, enchem o *riadjy* de gelo ; na primavera, quando o gelo derrete, as armações de madeira são levadas pela água. Educadores lançam novos slogans: *La tufta* ^[91] *é a mais perigosa das armas contra-revolucionárias* (e aqueles que colocam mais tufta são precisamente eles, os malfeitores: a ideia de encher de gelo !) Outro lema: *O tuftero é um inimigo de classe*, e é confiado a Os *ladrões* encarregados de *desmascarar a fraude, controlando as entregas das equipes Kaers!* (A propósito, eles podem se premiar com o desempenho dos *kaers*). A *tujta* é uma tentativa de frustrar a política corretiva de trabalho da GPU, nem mais, nem menos! A *tujta* é uma violação da propriedade socialista, ou seja, a *tujta!* Em fevereiro de 1933, retiraram a liberdade dos engenheiros dispensados antes do termo, em razão da *tujta* encontrada .

Mas como foi possível que houvesse *tujta* em meio a tanta animação, tanto entusiasmo? Por que os detidos o trouxeram? A *tujta* foi, evidentemente, uma aposta a favor da restauração do capitalismo. Sob todo este assunto ele estava nas mãos negras dos emigrados brancos.

No início de 1933, Iagoda emitiu uma nova ordem: todas as administrações deveriam agora ser chamadas de funcionários de *setor!* 50% de sua força de trabalho iria para a construção! (Haveria pás suficientes ... ?) Funcionaria em três turnos (a noite estava quase polar!) Eles se alimentariam diretamente no local (todo frio!) O culpado de *tujta* seria julgado.

Em Janeiro, ATAQUE NA LINHA DE DIVISÃO DAS ÁGUAS! Todas as falanges, com suas cozinhas e pertences , estão concentradas em um só lugar; como faltam tendas, muitos dormem na neve; não importa. NÓS PODEMOS COM ISSO! O canal é construído por ordem e iniciativa ...

O pedido nº 1 vem de Moscou: "Até o fim da construção, *ataque constante!*" Depois da jornada de trabalho, as datilógrafas, as operárias, as lavadeiras ...

Em fevereiro, todas as visitas familiares a Belbaltla g foram canceladas , devido ao perigo de uma epidemia de tifo e para pressionar os internos.

Em abril, ataque ininterrupto de 48 horas, hooray! TRINTA MIL PESSOAS SEM DORMIR!

Em 1º de maio de 1933, Iagoda informou a seu amado Mestre que o canal estava concluído e dentro do prazo estabelecido. Em julho de 1933, Stalin, Vorochilov e Kirov fazem uma agradável viagem de barco para inspecionar o canal. Há uma fotografia em que os três estão no convés, sentados em cadeiras de vime, "brincando, rindo e fumando". (Para tudo isso, Kirov já estava condenado, mas ele não sabia).

Em agosto, os 120 escritores vieram visitar. Como não havia pessoas para atender a operação de Belomorcanal, enviaram ex *kulaks* ("reassentados especiais"); O próprio Bermann escolheu os locais para estabelecê-los.

A grande maioria dos que participaram da construção do canal foi enviada para trabalhar no canal seguinte: o Volga-Moskva. ^[92]

Mas deixemos de lado o Volume Coletivo, escrito como uma zombaria.

Por mais sombrios que os Solovki possam parecer, foi apenas quando foram enviados para terminar suas sentenças (se não suas vidas) no Belomor, os presos entenderam que a piada havia acabado e eles descobriram como ir para um campo real, algo que todos nós aprenderíamos mais tarde. pouco a pouco. Em vez do silêncio do Solovki, uma gritaria incessante, o eco ensurdecedor de vozes iradas e a agitação contínua dos educadores. Mesmo no *lagpunkt* do Diretório Belbaltlag, eles dormiam nas *vagonkas* ^[ejl] (já inventado) não quatro, mas oito homens, dois em cada plataforma, na capicúa. Em vez de edifícios de pedra monástica, alguns quartéis onde o vento soprava, ou então você está em tendas, ou diretamente na neve. E aqueles que foram enviados de Berezniki, onde também trabalharam 12 horas seguidas, acharam que aqui era mais difícil. Dias de registro. Noites de ataque. "De nós, tudo; nada para nós »... Na multidão, na confusão, ao fazer furos, muitos estavam mutilados, às vezes mortos. O rancho frio foi comido no meio das pedras. O trabalho, já sabemos em que consistia... A comida..., mas que comida poderia haver nos anos 1931-1933 ? (Skripnikova diz que mesmo na cantina de Medviejegorsk os empregados livres não recebiam outra coisa senão um líquido turvo, no qual flutuavam algumas cabeças de anchova e alguns grãos de trigo). ^[93] As roupas foram as que trouxemos ao chegar. E um único

tratamento, uma única ordem, o eterno adágio; "Venha...! Venha...! Venha...!"

Dizem que no primeiro inverno, de 1931 a 1932, morreram cem mil pessoas, tantas quantas costumavam trabalhar no canal. Por que não deveríamos acreditar? Em vez disso, esse número parece-nos mais baixo do que o real: em condições semelhantes, durante a guerra, as mortes nos campos de concentração eram em média de um por cento ao dia, e ninguém desconhecia isso. Portanto, em Belomor, cem pessoas bem poderiam ter morrido em pouco mais de três meses. E ainda faltava um verão. E outro inverno.

DP Vitkovski, um mestre construtor em Belomor, que salvou a vida de muitos graças àquela famosa *tujta*, ou seja, escrevendo obras que não haviam feito, pinta o seguinte quadro noturno:

“No final da jornada de trabalho, a obra fica repleta de cadáveres. Uma fina camada de neve está lentamente cobrindo seus rostos. Existem aqueles que se amontoam sob o carrinho de mão virado, metem as mãos nas mangas e ficam paralisados. Há quem congele com a cabeça escondida entre os joelhos. Há dois lá, costas com costas, que foram transformadas em um bloco de gelo. São jovens camponeses, os melhores trabalhadores que se pode imaginar. Eles os enviam para o canal às dezenas, milhares, e tentam garantir que pais e filhos nunca estejam juntos no campo: eles os separam. E desde o primeiro momento eles estabeleceram um padrão de produção tão exagerado que mesmo no verão não poderia ser cumprido. Não há nadi para ensiná-los, para alertá-los, eles continuam a trabalhar à sua maneira, camponesa, sem poupar esforços; assim, eles logo enfraquecem e acabam congelados, se abraçando. Trenós passam à noite para recolhê-los. Os motoristas jogam os cadáveres no trenó, com um baque surdo de madeira.

»No verão, dos cadáveres que não foram recolhidos a tempo, ficam apenas os ossos, que, junto com as pedras, vão para a betoneira. Lá estão eles agora, misturados com o concreto da última eclusa do Belomor, e lá eles permanecerão para todo o sempre. ^[94]

O Diário del Belomorstroi ficou extasiado com o facto de muitos *soldados do canal*, "esteticamente entusiasmados" com a grande obra, se dedicarem nas horas vagas (e, claro, sem receber uma ração extra de pão) a forrar as pedras com pedras. paredes do canal, apenas para embelezá-lo.

O que deveriam ter feito era gravar indelevelmente nessas pedras seis sobrenomes, os dos proeminentes ajudantes de Stalin e Iagoda, os principais

vigilantes de Belomor, seis pistoleiros: Firin, Bermann, Frenkel, Kogan, Rappoport, Djuk, carga trinta mil vidas por conta de cada um deles.

E acrescenta, aliás, o chefe das Tropas de Escolta de Belbaltlag, Brodski. E o delegado do Comitê Central no canal, Solz.

E as trinta e sete damas que estavam no canal. E aos trinta e seis escritores que louvaram o Belomor. ^[95] Não esquecendo Pogodin.

Para os turistas lerem do barco e serem atenciosos.

O ruim é que geralmente não há turistas por lá.

Como que não?

Então é isso. E nem os navios passam. Este lugar não aparece em nenhum itinerário.

Em 1966, no final deste livro, eu queria ir pessoalmente ao grande Belomor, para vê-lo com meus próprios olhos. Bem, para acompanhar aqueles cento e vinte. Impossível; não havia em quê. Tive de solicitar permissão para embarcar em um cargueiro. Mas lá eles revisam os documentos. E com meu sobrenome marcado, suspeitas surgiam imediatamente e eles se perguntavam o que eu estava procurando. Portanto, para preservar a integridade deste livro, decidi parar.

Porém, consegui me aproximar um pouco mais desses lugares. Fui primeiro a Medviejegorsk. Ainda existem muitos cones de barra daquela época e, ao lado deles, um majestoso hotel de cinco andares. Lembre-se de que estamos às portas do canal! Este ia ficar cheio de visitantes, nacionais e estrangeiros ... A verdade é que não era ninguém e acabaram por transformá-lo num internato.

Estrada para Povenets. Uma floresta raquítica, pedras a cada passo, moreias.

De Povenets chego imediatamente ao canal e o contorno por um bom tempo, tentando chegar o mais perto possível das eclusas para poder vê-las um pouco. É uma zona proibida, mas em alguns locais pode ser bem observada. As paredes das fechaduras são as mesmas de então; Eu reconheço o *riativ*. Mas as portas de diamante de Maslov foram substituídas por portas de metal e não são mais manipuladas pelo braço.

Mas por que tanto silêncio? Não há pessoas, nenhum movimento no canal ou nas eclusas. O pessoal não está fervilhando, nem se ouve a sirene

dos navios, nem se abrem os portões ... Um dia de junho, durante a semana, o que vai acontecer?

Assim, passei por cinco eclusas na "escada" de Povenchansk e, após a quinta, sentei-me na margem. Você que está impresso em todas as embalagens de cigarro; você, tão desesperadamente necessário para nosso país; você, Grande Canal ... por que está tão quieto?

Um homem com roupas civis se aproximou de mim, com os olhos checados. E eu, francamente: 'Onde posso comprar alguns peixes? E como posso descer o canal...?' » Era o chefe da guarda de bloqueio. "E por que", fico perguntando, "não há serviço de passageiros?" O homem ficou maravilhado com ela. "Como! Ela exclama. Se não pode ser! Os americanos se juntariam a nós aqui imediatamente! Houve um tempo, mas isso foi antes da guerra ... Depois da guerra, não mais. Eu insisto: "Bem, deixe-os vir." "Não, não podemos mostrar isso!" «Mas vejo que, em geral, não passam navios aqui» ... «Passam sim, mas poucos. O que acontece é que o canal não é muito profundo, apenas cinco metros. Eles pensaram em reconstruí-lo, mas com certeza farão outro ao lado, um bom desde o início.

Oh, oh, meu bom amigo, sabemos disso há muito tempo. Em 1934, logo após a entrega de toda a decoração, já existia um projeto para refazer o canal. O ponto 1 era ir mais fundo, e o ponto 2, construir uma série de eclusas oceânicas mais profundas do que as existentes e paralelas a elas. Vista-me devagar Estou com pressa! Por causa desse *prazo, por causa* dessas *regras de* produção, a profundidade estava errada e o calado foi reduzido ... Afinal, de alguma forma os trabalhadores tinham que ser alimentados, mesmo que fosse com metros cúbicos fraudulentos. (Pouco depois, eles atribuíram essa fraude aos engenheiros e deram-lhes novas sentenças de 10 anos.) Quanto à ferrovia Murmansk, decidiram deslocar um trecho de 80 km, liberando assim o trajeto. E menos ruim que eles salvaram em carrinhos. Bem, mas e o canal, para transportar o quê? E onde? Eles cortaram todas as florestas próximas, e agora o que fazer? Trazer madeira de Arjanguelsk para Leningrado? Por que, se também há compradores em Arjanguelsk e os estrangeiros já compram lá há anos? Além disso, durante seis meses do ano, se não mais, o canal fica coberto de gelo. Para que eles precisavam disso? Ah sim, por razões de guerra. Para mover a Frota de um mar para outro.

“Tão raso”, lamenta o chefe da guarda, “que nem mesmo os submarinos podem passar; Eles os colocam em barcas e, por isso, os

arrastam.

E então os cruzeiros ...? Ó anacoreta tirano, quimerista tolo! Em que ilusão você inventou tudo isso?

E que pressa ele estava correndo, droga? Quem o estava incomodando para fazer um pedido em vinte meses? Esses 250.000 poderiam ter continuado a viver. Você não suportava os esperantistas, nós sabemos, mas ... e os jovens camponeses? Quanto eles poderiam ter continuado trabalhando para você! Quantas vezes você poderia tê-los colocado no caminho da guerra para defender sua pátria, para defender Stalin!

"Foi caro ..." digo ao guardião.

"Mas foi feito em nenhum momento!" Ele responde com calma.

"Se você tivesse que carregar um carrinho de mão ...!"

Naquele dia, fiquei oito horas à beira do canal, durante as quais um barco a motor foi de Povenets a Soroki, e outro do mesmo tipo de Soroki a Povenets. Eles tinham números diferentes, e só por esse detalhe vi que não era o mesmo que estava voltando. Porque os dois estavam carregados exatamente da mesma forma: toras de pinho mofadas, adequadas apenas para lenha.

Se subtrairmos, isso nos dará zero.

E eu levo duzentos e cinquenta mil.

Imediatamente após o canal Branco-Báltico, o canal Volga-Moscova começou; Eles enviaram todos os trabalhadores para lá, e Firin como chefe de campo e Kogan como diretor de construção. (A ordem de Lenin para o Belomor foi concedida a ambos enquanto lá).

Esse canal, pelo menos, foi útil. Quanto à tradição de Belomor, ela foi gloriosamente continuada e desenvolvida lá, e graças a ela veremos ainda mais claro como o Arquipélago diferiu em seu período de metástase tempestuosa e no Solovki rançoso. Agora era chegada a hora de lembrar com saudade do silencioso e cruel Solovki. Agora eles não só precisavam de trabalho, não apenas batiam nas pedras rebeldes com um bico dentado, mas antes de arrancar a vida eles entravam no baú para requisitar a alma.

A coisa mais difícil nos canais era isso; era que, além disso, cada um era obrigado a *gorgolejar*. Desmaiados, eles tiveram que brincar de "militância" social. Com a língua endurecida pela fome, tinham que proferir

discursos que incitassem ao máximo cumprimento dos planos, à descoberta de sabotadores, ao castigo da propaganda inimiga e aos boatos espalhados pelos *kulaks* (os que espalhavam boatos nos campos eram sempre os *kulaks*). E, acima de tudo, deviam estar constantemente em guarda contra as serpentes da desconfiança, que espreitavam para se rebaixar com uma nova sentença.

Olhando agora para aqueles livros desavergonhados, onde as vidas dos reclusos nos são apresentadas com tanto entusiasmo, é difícil acreditar que foi escrito a sério e que foi lido com seriedade. (O prudente Glavlit teve o cuidado de destruir todas as cópias, e esta que obtivemos é uma das últimas.)

Nosso Virgílio agora será IL Averbach, o discípulo diligente de Vichinski.^[96]

Mesmo para fixar um parafuso simples, primeiro é preciso prestar atenção, não desviar o eixo, não colocá-lo de lado. Mas não importa o quão pouco seja inserida, a outra mão pode ser solta e aparafusada com apenas uma, assobiando baixo.

Lemos em Vichinsky: «Precisamente graças à tarefa *educativa*, o nosso ITL opõe-se basicamente às prisões burguesas, onde reina a mais crua violência».^[97] “Ao contrário do que acontece nos países burgueses, a violência assume um papel apenas secundário em nossa luta contra o crime; concentramos todos os nossos esforços em medidas material-organizacionais, culturais-ilustrativas e político-educacionais ».^[98] (Você tem que enrugar o cérebro para entender: em vez de gravetos , escala de comida mais treinamento político). E também: “... os sucessos do socialismo exercem sua magia [diz isso, magia!] Influenciam também na luta contra o crime”.

E então Averbach esclarece: o objetivo da política trabalhista corretiva soviética é “transformar *o mais vil material humano* [lembram-se dos *insetos* de Lênin? AS] em construtores sólidos, ativos e conscientes do socialismo ».^[99]

Apenas ... para doze mil e quinhentos construtores ativos e conscientes que foram libertados antes de terminarem sua sentença sobre o Belomor,

houve um quarto de milhão de material humano básico que deixou seus ossos lá ...

Mas se já em 1919, no meio da guerra civil, quando Denikin ainda era esperado em O'rel, quando Kronstadt e a revolta de Tambov ainda estavam à frente, o Oitavo Congresso do Partido decidiu substituir o sistema de punição (isso significava que ninguém mais seria punido?) pelo *sistema de ensino!*

"Da educação *para rzada*" claro agora Averbach. E preparando-se para uma resposta direta, pergunta em tom retórico: apenas COMO? Como transformar uma consciência a favor do socialismo, se quando era livre já era hostil e agora a compulsão do campo funciona como um ato de violência e só pode torná-la ainda mais hostil?

E também nos fazemos essa pergunta...!

Graças ao trabalho produtivo conscientemente projetado para atender u: mas então a resposta, deslumbrante em sua evidência vem n *objetivo elevado!* Essa é a arma para transformar qualquer consciência hostil ou indefinida. Mas acontece que isso requer "a concentração do trabalho em obras gigantescas que sacodem a imaginação com sua grandeza". (Ah, então era isso, então o Belomor foi construído para esse fim! E nós pobres tolos não percebíamos) ... Com isso você obtém "concisão, eficácia e entusiasmo na construção" . Além disso, é imprescindível que o trabalho seja feito "do zero até a sua coroação", com o qual "cada recluso [ainda vivo] sinta a ressonância política do seu trabalho pessoal e veja o interesse de toda a nação pelo seu trabalho ».

Você pode ver com que facilidade o parafuso agora entra? Um pouco tortuoso, talvez , mas já perdemos a capacidade de resistir a ele. O Pai dos Povos traça uma linha no mapa com o cano de seu cachimbo e para justificá-lo não precisa mais se preocupar: sempre aparecerá um Averbach.

Mas isso ainda não é nada! Acontece que, mesmo sem sair do campo, o preso "é educado nas mais nobres formas de trabalho socialista".

E para isso, o que é preciso? O parafuso está preso.

Crosta! Bem, apenas *emulação e travamento funcionam!* Vamos ver em que ano estamos! "Não apenas trabalho, mas trabalho heróico !" (Despacho nº 190 da OGPU).

Emulação pela bandeira vermelha circulante do Estado-Maior Central, pela da sede distrital e pela da sede da seção; emulação entre campos, emulação entre trabalhos, emulação entre equipes! «Junto com a bandeira

vermelha em circulação, são concedidos os serviços da banda, que durante dias inteiros toca para os vencedores durante o horário de trabalho e na hora da comida saborosa!» (A comida saborosa não está em lugar nenhum, mas o que há é um refletor. Ele é usado para o trabalho noturno, já que o Volgacanal é construído 24 horas por dia).^[100] Em cada equipe, há triplos para emulação. Contabilidade e resoluções! Resoluções e contabilidade ! Resultados totais do *ataque* ao dique no primeiro plano de cinco dias! No segundo plano! Todos os campos publicam um jornal comum, *La Reforja*, cujo lema é: *Vamos afundar nosso passado no fundo do canal!* Seu slogan é: “Trabalhe sem férias” . Entusiasmo geral, todos de acordo! Um trabalhador de choque progressista disse: “Naturalmente! Como você pode falar sobre férias? O Volga não tem folga; pode transbordar a qualquer dia. E que feriados o Mississippi tem ...? Agarre-o, ele é um agente dos *kulaks!* Uma das obrigações é "cuidar da saúde de cada um dos membros da comunidade". Quão humanitário! Não, é com o propósito de “diminuir o número de faltas ao trabalho”. "Não fique doente ou peça permissão!" Placas de honra. Pinturas infames. Tabelas de índice: tantos dias para entregar... Ontem tanto foi feito... Hoje, tanto... Livros de mérito. Em cada quartel, diplomas de honra, cartazes gráficos, diagramas (aquele dos preguiçosos que estarão correndo, pontuando ...!) Cada detento deve estar ciente dos planos de produção! E cada detido deve estar ciente da vida política do país! Por isso, antes de sair para o trabalho (às custas da madrugada, claro), cinco minutos de treinamento para o trabalho, e ao retornar a campo (quando as pernas não suportam), cinco minutos de treinamento político. Na hora do almoço, proibido entrar nos cantos, proibido dormir: leitura política! Se as seis condições do camarada Stalin forem divulgadas, aqui cada detido deve memorizá-las.^[101] Se o Decreto do Sovnarkom sobre demissão por absenteísmo fosse emitido , o trabalho de esclarecimento é feito aqui: quem se recusar ou fingir trabalhar encontrará , após sua libertação, o *desprezo das massas* da União Soviética. As regras são as seguintes: para obter o título de trabalhador de colisão, não só é preciso fazer méritos na produção, mas também: a) ler jornais ; b) *amar seu canal* ec) saber expressar seu significado oralmente.

E de repente, oh, milagre, oh, transfiguração e ascensão!, “O trabalhador de choque de repente deixa de sentir disciplina e de trabalhar como algo imposto de fora (isso pode ser entendido até por um cavalo),

para considerá-lo como uma *necessidade interior* ». (Mas, naturalmente ... mas é claro! No bom marxismo, liberdade não é liberdade, mas a consciência de bares!) Novas formas socialistas de incentivos: distribuição de distintivos de trabalhadores de choque. E o que você acha que aconteceu? "Entre os trabalhadores, esses crachás valem ainda *mais que a ração diária!*" Sim, mais do que a ração diária! E equipes inteiras saem para trabalhar *voluntariamente duas horas antes do turno*, e ainda permanecem lá depois que o turno termina! "

Oh brasas, oh fósforos! Você pensou que iria queimar dezenas de anos

...

Este é um trabalho de choque! A tempestade está sobre nós, mas não importa; vamos continuar trabalhando, vamos mais do que cumprir o plano do dia! Vejam a técnica a que já nos referimos no Belomor: nas encostas íngremes a empilhadeira é enganchada no gancho, mas como tirar do fundo? Ivan Niemtsev *decidiu de repente* fazer o trabalho de *cinco!* Dito e feito: ele empilhou 55 metros cúbicos de terra durante sua vez! ^[102] (Vamos fazer as contas: são 5 metros cúbicos por hora, 1 metro cúbico a cada 12 minutos ... Faça o teste com o solo mais leve que encontrar, para ver se consegue!) As condições de trabalho eram as seguintes: não tinha bombas, os poços não estavam terminados ... era preciso vencer a água com as mãos!

^[103] E quanto às mulheres? Eles levantaram pedras de 4 libras individualmente! ^[104] As lâminas foram virando, pedras voando e batendo em pernas e cabeças ... Não importa, nós podemos lidar com elas! De repente, é "água até a cintura"; de repente, "62 horas ininterruptas de trabalho", ou "durante três dias 500 homens tentaram furar a terra congelada" ... e tudo sem sucesso! Não importa, nós podemos lidar com isso!

Com nossa impetuosa pá de combate,
nós desenterramos a felicidade sob Moscou!
"Eles foram para o ataque cantando canções transbordando de alegria."
No meio de ventos gelados,
para o ataque marchemos felizes!

E aqui podemos ver os próprios trabalhadores do acidente; eles vieram para participar de uma assembleia. Ao lado, ao lado do trem, está o chefe da escolta, e lá à esquerda está outro soldado. Observe que rostos animados,

que expressão de felicidade em todos os rostos; vê-se que essas mulheres não pensam nos filhos e nem na casa; só no canal que eles amam tanto. Está muito frio; alguns usam botas de feltro; outros, feitos de couro, trazidos de casa, é claro; o segundo da esquerda da primeira linha é um ladrão; usar sapatos roubados; Que melhor ocasião para exibí-los do que uma assembléia? Aqui vemos outra montagem. Na placa está escrito: "Faremos isso em breve, bem e barato!" Agora, como conciliar as três coisas, isso cabe aos engenheiros ... Deixe-os vasculhar seus cérebros! É claro que o sorriso esquelético é destinado ao aparato fotográfico, porque na realidade essas mulheres estão muito cansadas; Não vieram fazer discursos, só esperam da assembleia uma farta refeição, só uma ... São todos rostos

^[105] simples de camponeses. No meio do corredor, um membro do sistema de autovigilância foi plantado. Renegado, a vontade que eu tinha de estar na foto! Agora vemos uma brigada de choque, perfeitamente equipada do ponto de vista técnico; Não é verdade que tudo é feito de pulmão! A acreditar nos pintores country que expõem no KVCH, a técnica do canal é a seguinte: uma escavadora, uma grua e um trator. Bem, eles funcionam?

Talvez eles estejam quebrados, é o mais provável. Enfim, no inverno não é muito confortável trabalhar lá, né?

Havia outro pequeno problema, e era que «no final da construção do Belomor, muitos artigos jubilosos começaram a aparecer nos jornais, paralisando a ação intimidadora dos acampamentos ... O caráter do Belomor estava tão distorcido que quem chegou ao canal O Volga-Moscova esperava encontrar o país de Jauja e fez *exigências incríveis* à administração " (eles não teriam exigido roupas limpas?!) Então minta o quanto quiser, mas não seja muito esperto ..." Flame on nossas cabeças a bandeira de Belomor ", declara o jornal *La Reforja*. Boa frase, disse sobriamente. E bastante claro.

Por enquanto, tanto no Belomor como no Volgacanal entenderam que «a emulação e o trabalho de choque no campo devem estar intimamente relacionados com *todo o sistema de privilégios*, para que funcionem como um estímulo ao trabalho do choque". "O principal fundamento da emulação é o *interesse material*." (Seguimos pelo caminho errado?! Viramos para o oeste em vez de para o leste? Virada de cento e oitenta graus? Provocação! Segure-se firmemente na grade, o trem continua!) E a organização é a seguinte: alimentação, quarto, vestimenta, roupa íntima e até a frequência do banho dependem dos índices de produtividade (sim, sim, quem não trabalha o suficiente pode estar esfarrapado e coberto de piolhos!), bem

como liberdade antes do termo, descanso e visitas. Por exemplo, a entrega de distintivos de "trabalhador de choque" é uma forma distintamente socialista de incentivo . Mas basta que o distintivo dê direito a uma longa entrevista em família fora de hora, e já é mais caro que a ração diária...!

"Se entre os homens livres, de acordo com a Constituição soviética, prevalece o princípio 'quem não trabalha não come ', por que abriríamos uma exceção para os presos, colocando-os em situação *privilegiada*?" (O mais difícil na instalação de um campo é evitar que se torne um local de privilégio). No Dmitlag, a escala é assim: panela disciplinar , água turva; ração disciplinar, trezentos gramas. Cem por cento de trabalho concluído dá direito a oitocentas gramas e a possibilidade de *comprar* mais *cem* gramas na cantina. E então "a submissão à disciplina começa com motivos egoístas (desejos de aumentar a ração) e então aumenta para o desejo socialista de pegar a bandeira vermelha".^[106]

Mas o principal são os fertilizantes, os fertilizantes! A sede de emulação qualifica os presos. Para que você receba dias de trabalho remunerados por várias sentenças, não só a tarefa atribuída deve ser excedida, mas também *o trabalho social deve ser realizado* . Aqueles que anteriormente eram um elemento *não trabalhador* recebem pagamentos muito ruins. 'A única coisa que ele pode fazer é fingir; Nunca será alterado! Isso terá que ficar *mais* tempo em campo para permitir o controle. " (Ele será, por exemplo, um daqueles que levam o carrinho de mão morro acima ... E se ele não estiver trabalhando em um daqueles, se apenas fingir?)

E o que os libertados prematuramente fazem? Como é que *eles fazem* ?! *Eles* ficam no canal, é claro! Eles se auto- *amarram*! Eles se apegaram demais a seu canal para poder abandoná-lo desse jeito! "O entusiasmo deles é tanto que, uma vez soltos, decidem ficar *voluntariamente* no canal nas obras de desmatamento até o final da construção!" Você pode acreditar no autor? Claro que sim. Dá para acreditar, porque colocam no passaporte um carimbo que diz: «Ele esteve nos campos da OGPU» e ninguém mais lhe dá trabalho).^[107]

Mas o que acontece...? O chilrear rouxinol quebrou e, enquanto isso, você pode ouvir o grito da verdade ... "Até os ladrões participam da emulação, apenas 60% (se os ladrões não ...!); Privilégios e recompensas são muitas vezes concedidos injustamente por presidiários ", " graduados mecanicamente "; "O limpador aparecia constantemente (!) Na lista de

trabalhadores de primeira linha e era pago por dias de trabalho na taxa máxima, enquanto o trabalhador real de acidentes não recebia nada." ^[108]
(Quer dizer, senhores educadores, que não subiram ao segundo degrau?);
"Muitos (!) Se sentem vencidos pelo desespero." ^[109]

Os trinados do rouxinol são ouvidos novamente, mas desta vez com um som metálico. Esquecemos o principal incentivo, "a implementação severa e implacável de sanções disciplinares"? Ordem da OGPU de 27-XI-1933: «Todos os ociosos e simuladores incorrigíveis serão enviados aos campos longínquos do Norte, com supressão total de privilégios. Os recalcitrantes e os instigadores serão julgados pelos tribunais da área. A menor tentativa de quebrar a disciplina de ferro será punida com a supressão de todas as vantagens e privilégios concedidos »(por exemplo, tentar se aquecer pelo fogo) ...

E, no entanto, loucamente, mais uma vez esquecemos o link principal! Dissemos tudo, exceto o principal! Ouça, ouça! "A *coletivização* é o princípio e o método da política trabalhista corretiva soviética." Porque nós precisamos '*cintos* e ntre a administração e as massas '! "Só contando com grupos coletivos é que a numerosa administração dos campos poderá transformar a consciência dos presos". "Das formas mais baixas, responsabilidade coletiva, às formas mais elevadas , um sentimento de honra, um sentimento de glória, um sentimento de coragem e heroísmo!" (Muitas vezes censuramos nossa linguagem por seu murchamento gradual com o passar dos séculos, mas não é o caso: nossa linguagem é enobrecida! Como é que os carroceiros diziam: rédeas? Agora dizem correias! Antes da garantia de solidariedade? Agora é chamado de responsabilidade coletiva!)

"O trabalho em equipe é a forma básica de reeducação" (despacho promulgado em 1933 para o Dnitlag). "Isso significa uma confiança no grupo impossível no capitalismo." (Mas é muito possível no feudalismo ... Que alguém tenha cometido alguma injustiça na aldeia? Tire todo mundo e acabe com eles! E, ainda assim, que bom ... eles confiaram no grupo!) "Isso significa espírito de i Iniciativa para reclusos em Trabalho Reeduacional! » "Isso significa *enriquecimento psicológico* da personalidade através do grupo!" (Não, mas ... que termos, que termos! Ele nos deixou sobrecarregados com essa coisa de *enriquecimento psicológico*! Como é a educação!) «Dentro do grupo o sentimento de dignidade pessoal (sim, sim!) De cada recluso, e isso o impede de se sentir moralmente deprimido. '

E veja o que as coisas são! Trinta anos depois de Averbach, também foi minha vez de dizer duas palavras sobre equipes de trabalho; bem, basta dizer como você vive lá, mas acontece que as pessoas entenderam tudo ao contrário, interpretaram tudo à sua maneira ... «A equipa de trabalho constitui a principal contribuição do comunismo para a ciência prisional a (o que é absolutamente verdadeiro , Averbach também diz que)... É um organismo coletivo que vive, trabalha, se alimenta, dorme e sofre em comum numa simbiose que lhe foi impiedosamente imposta ».

Ah, se não fosse pelas equipes de trabalho, você ainda poderia sobreviver no campo! Sem equipes, você é uma pessoa, você escolhe seu próprio curso de ação. Sem equipamento você pode, pelo menos, morrer com dignidade; mas em equipes eles só permitem morrer vilmente, rastejando. Sem o equipamento dá para se esconder do chefe, do capataz, do guarda, do guarda, aproveitar um minuto de descanso, arrastar um pouco mais fraco aqui, levantar um pouco menos peso ali. Mas das *correias de transmissão*, dos companheiros não há esconderijo, nem salvação, nem piedade. Você *não pode não querer* trabalhar, não pode preferir morrer de fome para continuar machucando a consciência de ser um prisioneiro político. Não, uma vez que você entra na zona e é pontuado, mesmo que você não trabalhe, tudo o que sua equipe produzir hoje será dividido por 26, não 25, e por sua causa, o percentual da equipe diminuirá de 123 para 119, e tudo vai da panela de disco para a panela comum, perde o direito ao pãozinho e fica com cem gramas a menos de pão. Portanto, seus camaradas ficarão de olho em você melhor do que qualquer guardião, e o punho de seu camarada fará com que você veja a razão melhor do que todos os comissários do Ministério do Interior juntos!

Esse é o *espírito de iniciativa*, essa é a *reeducação!* Esse é o *enriquecimento psicológico da personalidade por meio do grupo!*

Agora vemos tudo com muita clareza, mas, no Volgacanal, os próprios organizadores acharam uma mentira o quão sólida era aquela coleira que encontraram . Naquela época, *a equipe* era considerada secundária, e as maiores honras e recompensas iam para o *trudcolectivo* ("comunidade de trabalho"). Ainda em maio de 1934, metade dos prisioneiros Dnitlag estavam "desorganizados" porque ... eles ainda não eram aceitos nos *trudcolectivos!* Eles podem fazer parte do *trudartel*, ^[ck] e não todos: padres, sectários e crentes em geral não eram admitidos (a menos que renunciasses

à fé; nesse caso, foram testados por um mês). Eles começaram a aceitar relutantemente aqueles em Cinquenta e Oito, mas apenas aqueles cujas sentenças eram inferiores a cinco anos. A "comunidade de trabalho" tinha um presidente, um soviético e uma democracia desenfreada : as *reuniões* eram realizadas com a autorização do KVCH e apenas na presença do educador da empresa (sim, havia também as empresas ...!) Naturalmente, as comunidades eles eram mais bem alimentados do que o resto da turba; o mais eficiente poderia ter uma horta dentro da área do campo (não individualmente, mas no estilo do kolkhoz, para enriquecer o vaso comum). A comunidade era dividida em setores, e todas as horas livres que lhes restavam eram dedicadas ao monitoramento das atividades dos internos; escrever jornais de parede; para analisar a falta de disciplina. Nas reuniões da comunidade, eles passavam horas decidindo solenemente como reeducar o preguiçoso Vovka, o simulador Grishka ... A comunidade tinha o direito de expulsar seus membros e *solicitar que não tivessem folga*, mas a administração poderia da mesma forma, dissolvê-los a qualquer momento, sob a acusação de "continuar mantendo as tradições criminosas" (isto é, de não ter se integrado à vida coletiva?). Uma das coisas mais agradáveis da vida no campo eram justamente aqueles *expurgos* periódicos das comunidades; foram purgados da preguiça, indiferença, calúnia (cujos sussurros faziam o grupo parecer uma organização de espionagem mútua) e infiltração de inimigos de classe. Por exemplo, foi descoberto que um dos reclusos escondeu a sua origem *Kulak* (para a qual, em resumo, estava no campo); ele foi imediatamente expulso (não do campo, mas do grupo). (Pintores naturalistas, pintem o seguinte quadro: "Purgue no t coletivo"! Pinte aquelas cabeças raspadas, aquelas expressões ansiosas, aqueles rostos emaciados, aqueles trapos ... e pintem aqueles alto-falantes enfurecidos! Se você tem dificuldade em imaginar isso, lembre-se que algo semelhante aconteceu entre os homens livres. E na China também). E mais: «previamente, cada recluso era *informado dos objetivos e finalidades do expurgo*. Posteriormente, na presença da comunidade, cada membro do grupo coletivo apresentou seu relato.

[111]

E os *falsos funcionários de choque* também foram *desmascarados* ! E houve eleições para o conselho de cultura! E repreensões aos que pagaram mal pelo analfabetismo! E aulas de leitura e escrita: "no-we-mos-es-cla-vos, es-cla-vos-no-s-mos"... E as músicas?:

Esse reino de pedra e pântanos

no futuro, será a pátria feliz.

E também, com a caligrafia magistral do próprio Nicolás Aseiev:

Ó legiões duras que abrem o canal!

Qual é a grandeza do seu destino?

Viva em comum o momento crucial

que o colocou no caminho certo.

Ou com aqueles que eles próprios compuseram e que fluíram das profundezas de seu ser:

Nem mesmo com a lira mais maravilhosa

saberíamos como descrever nossa pátria,

aquele país tão grande e tão bonito

em que é tão bonito viver . ^[112]

Na língua do país, isso significa *chilrear*.

Oh, eles o levarão a tal extremo que você sentirá saudades do capitão Kurilko, a curta caminhada até a parede, a manifesta falta de direitos de Solovki!

Senhor! No fundo de que canal devemos enterrar esse passado?

IV

O arquipélago está petrificado

O relógio da história não parava de bater as horas.

Em janeiro de 1934, na sessão plenária do Comitê Central (certamente ele estava fazendo cálculos de quantos teriam que *d espachar*), o grande dirigente declarou que *ocorreria o desaparecimento* do estado (que era esperado quase desde 1920) através de... uma *intensificação* máxima da autoridade do Estado!

Isso era tão inesperadamente brilhante, que não podia ser coberto por nenhum cérebro mesquinho, mas Vichinsky se mostrou digno de sua posição de assistente e imediatamente continuou: "... e, portanto, *reforçando* ao máximo as instituições de trabalho corretivo!" ^[113]

Entre no socialismo, fortalecendo ao máximo as prisões! Isso não era uma piada em uma revista humorística, foi declarado pelo procurador-geral da União Soviética! Era evidente que ele estava se preparando para colocar as costuras em mais de um!

Se alguém se lembra (e certamente ninguém se lembra, porque o povo russo sempre falhou a sua memória, especialmente quando se trata de lembrar o mal) ..., se alguém se lembra, repito, entre as grandes tarefas planejadas - e não realizadas ainda hoje - no segundo plano quinquenal, era destaque o seguinte: "Erradicar toda a sobrevivência do capitalismo na consciência do povo". Então, em princípio, essa erradicação já deveria ter sido concluída em 1938. E agora, diga-me: por que meios você ia erradicar tão cedo?

"No limiar do plano de cinco anos, os centros de detenção soviéticos não apenas não perdem seu significado, mas até o reforçam." (Não fazia um ano desde que Kogan disse que os campos logo deixariam de existir! Mas é claro que ele não estava ciente da sessão plenária de janeiro.) «No momento da transição para o socialismo, o papel das instituições corretivas de

trabalho como arma da ditadura do proletariado, como órgão de repressão, como meio de coerção e de educação [a coerção já foi mencionada em primeiro lugar!] tem que aumentar e se tornar mais forte ».^[114] (Caso contrário, o que os comandantes do NKVD iriam fazer sob o socialismo? Desaparecer?)

Quem poderia culpar nossa Teoria Avançada por ser ultrapassada pela práxis? Isso estava sendo impresso em preto e branco, mas ainda não conseguíamos ler. O ano de 1937 foi publicamente previsto e justificado.

E todos os arcos e outras bugigangas foram arrancados por uma mão cabeluda. Trudcolectivos? Banir-se! Você tem que ver o que eles inventam ... autoadministração no campo! De qualquer forma, você nunca vai inventar nada melhor do que um equipamento. E de que conversas políticas eles estão falando? Esqueça isso. Os presos são mandados aqui para trabalhar, não é preciso que eles entendam. Em Utja decidiram "liquidar os últimos *vagonkas*" ... Erro político! O que eles estão tentando fazer, fazê-los dormir em camas de molas? Coloque as mesas sobre eles e deixe-os deitar aos pares! Pagamento de dias de trabalho para várias sentenças? Suprima-os, ou é que os Tribunais vão trabalhar em vão! E quem já pagou dias, cancele (ano 1937)! Existem campos onde as visitas familiares ainda são permitidas? Estritamente proibido em todos os dois! Em uma prisão eles entregaram o cadáver de um padre para ser enterrado? Mas eles ficaram loucos? Você não vê que é assim que você dá origem a manifestações anti-soviéticas? Vamos colocar os pontos nos i's: os cadáveres pertencem ao GULAG e os túmulos são segredo de estado. Cursos técnico-profissionais para detidos? Dissolva-os! Tendo estudado enquanto estavam livres. O que o Comitê Central diz que ...? Qual Comitê Central? Com a assinatura de Kalinin? Não somos a GPU, somos o NKVD. Eles terão tempo para estudar quando forem liberados. Gráficos, diagramas? Rasgue-os das paredes e dê-lhes uma camada de cal. Ou não dê nada. Que despesa é essa? Eu pago presos? Circular GUMZ de 25 de novembro de 1926 ... vinte e cinco por cento do que um trabalhador recebe conforme estabelece o sindicato correspondente? Silêncio! Divida imediatamente! Teríamos que tirar seu salário de você! Eles terão visto..., presos, e ainda por cima eles são pagos! Agradeça por não termos atirado em você. Código de Trabalho Correccional de 1933? Esqueça para sempre, que não sobrou um único espécime em qualquer campo! "Qualquer violação das disposições das Ordenações Gerais do Trabalho ... somente com a concordância do Conselho Central

dos Sindicatos." Que NÓS OUTROS vamos aos sindicatos ?! O que é o Conselho Central dos Sindicatos? Foi e não existe! Artigo 75, "Nos trabalhos mais difíceis a comida será aumentada"? Meia volta! Nos mais leves diminuirá. E menos despesas.

O Código Correccional do Trabalho , com suas centenas de artigos, desapareceu engolido pela terra, e não apenas nunca mais foi ouvido, mas por vinte e cinco anos ninguém suspeitou de sua existência.

Eles revisaram o arquipélago e descobriram que , começando com os Solovki, e ainda mais na época dos canais, todo o sistema de campos de concentração havia sofrido um enfraquecimento indesculpável. Chegara a hora de remediar esse estado de coisas.

Primeiro, a vigilância era péssima; estes não eram campos nem eram nada. As sentinelas ficavam nas torres de vigia apenas à noite; a guarda foi montada por um único homem desarmado, que poderia ser facilmente persuadido e deixado por algumas horas; na zona havia lanternas desse roseno; um único soldado acompanhou dezenas de presidiários ao trabalho. Logo, então, luzes elétricas foram instaladas e eletricitas politicamente confiáveis instalaram cabos em todas as zonas. As tropas de escolta foram militarizadas e receberam instrução militar. Os serviços obrigatórios incluíam cães policiais, com seus cuidadores, treinadores e seus próprios regulamentos. Finalmente os campos adquiriram aquele aspecto moderno que tanto nos é familiar.

Não vamos enumerar todos os pequenos detalhes do quotidiano em que teve de se reflectir esse endurecimento do regime rural. Não vamos dizer quantos buracos foram descobertos, através dos quais a liberdade ainda podia dar uma olhada no Arquipélago de vez em quando. Todos aqueles laços com o exterior foram rompidos; os buracos foram tapados com tijolos e as últimas "comissões de observação" que existiam foram eventualmente expulsas. ^[115]

As *falanges* dos campos, apesar de nelas parecerem germinar o socialismo, foram renomeadas em 1937 e denominadas *colunas*, para não as confundir com as de Franco. A 3ª seção, ^[c]

que até então levava em conta os planos de trabalho e produção, tornou-se uma entidade autônoma e dirigente, em detrimento da produção e do quadro de especialistas. Não dissolveram, é verdade, o KVCH da área, mas apenas porque por meio dela lhes era conveniente recolher denúncias e alistar informantes.

E a Cortina de Ferro cercou o Arquipélago atrás. Exceto pelos oficiais e sargentos do NKVD, ninguém conseguiu entrar e sair pelos portões de guarda do campo. E foi imposta essa ordem harmônica que os próprios presos logo aprenderam a considerar como a única ordem possível, aquela ordem que vamos descrever nesta parte do livro, essa ordem agora muito mais laboral do que "corretiva".

E foi então que o lobo mostrou os dentes! E foi aí que se abriram os abismos do Arquipélago!

VOCÊ VAI CALÇAR LATAS DE ENLATA, MAS VAI TRABALHAR JAR!

SE NÃO HÁ SUFICIENTE, NÓS COLOCAREMOS VOCÊ!

Foi também então que, tendo-os trazido para a Sibéria em trens de carga - com metralhadoras no teto a cada três vagões -, os Cinquenta e Oito foram colocados em fossos para mantê-los em um lugar seguro. Naqueles anos, mesmo antes dos disparos iniciais da Segunda Guerra Mundial, quando toda a Europa dançava *fox-trot*, no campo de trânsito de Marinski não aguentavam matar piolhos e sacudiam-nos das roupas com vassouras. Estourou uma epidemia de tifo e, em pouco tempo, 15.000 mortos, retorcidos, nus (até as cuecas haviam sido arrancadas) caíram no precipício.

Mas havia um resquício do passado, apenas um, do qual o GULAG não queria se separar: o incentivo à ralea, aos malfeitores. Mais do que antes, foram confiados os "postos de comando" no campo; mais do que antes, foram disparados contra os cinquenta e oito, permitindo-lhes roubar, espancá-los e matá-los impunemente. Os *urkas* se tornaram algo como a polícia interna do campo, as seções de assalto do campo. (Durante os anos de guerra, em muitos campos o serviço de vigilância foi abolido, e foi confiado ao *comando* composto por *sucas*, ladrões que eram ainda mais eficazes do que os guardas anteriores, já que nada os impedia de atingir o que queriam) .

Foi então que amontoaram os sofrendores da pelagra, deixando-os apodrecer. Foi então que os líderes da escolta começaram a controlar o bom funcionamento das metralhadoras, disparando contra os retardatários.

Em Kolyma - o pólo do frio e da crueldade - a mudança se deu com uma violência também polar. Em suas memórias, Iván Semionovich Karpunich-Braven (ex-comandante da 40ª Divisão e do 12º Corpo de Exército, que recentemente morreu deixando anotações inacabadas e dispersas) conta que um regime de comida, trabalho e punição foi

estabelecido em Kolyma particularmente cruel. Tamanha era a fome que reinava entre os presos que na fonte de Sazóschaya comeram o cadáver de um cavalo, que morrera há uma semana; era o mês de julho e a carniça fedia e latejava com moscas e vermes. Nas minas de Utin, eles devoraram meio barril de lubrificante, que foi usado para engraxar rodas de carrinhos de mão. Em Mylga, eles se alimentavam de líquenes, como as renas. Quando as passagens nas montanhas foram bloqueadas pela neve, a única coisa que davam para comer nas minas distantes era cem gramas de pão por pessoa, nunca substituindo o que havia perdido. Os presos que não tinham mais forças para andar eram arrastados por companheiros que ainda não haviam inchado muito. Os que ficaram para trás foram espancados com varas ou cutucados por cães. A 45 ° abaixo de zero ou eles não permitiam acender fogueiras para se aquecer (criminosos eram permitidos). O próprio Karpunich aprendeu sobre "perfuração manual a frio" com uma broca de aço de dois metros de comprimento e, em seguida, o transporte de "turfa" (terra misturada com entulho e pedregulhos) a menos 50 °, que era feito em trenós, a quem foram enganchados quatro homens (o trenó era de madeira bruta e de quinta série), um *urka* "impulsor", "responsável pelo cumprimento do plano" que caminhava ao lado e os entregava com uma clava. O fracasso do plano (? Mas o que significava o fracasso? Se de qualquer maneira, o que esses Cinquenta e oito seriam marcados em favor dos malfeitores!) Foi punido da seguinte forma em Zeldin: No inverno, desnudaram por completaram o prisioneiro dentro da galeria da mina, jogaram água fria nele e o fizeram correr assim para o campo; no verão, também completamente nu, atavam-lhe as mãos às dos outros presos a um poste comum, expondo-o, imobilizado, à voracidade dos mosquitos (o guardião era protegido por uma rede mosquiteira). Ou então, eles iriam espancá-lo com coronhas e colocá-lo em confinamento solitário.

Aqueles que lêem este pode ser objetado que não há nada de novo e eles não vêem o que ele é e a *antecedência*; que é simplesmente uma questão de abandonar os métodos estridentemente educacionais dos canais para voltar à franqueza do Solovki. Moonshine! Não estamos na presença da dialética hegeliana, Solovki-Belomor-Kolyma, tese-antítese-sim-n tese? Negação de negação, mas enriquecida!

Por exemplo, parece que no Solovki não havia *vagões da morte*. Isso foi tirado das Memórias de Karpunich. Na nascente Marisny (km 66 da estrada Sredvekansky), o líder do campo tolerou o não cumprimento da regra

estabelecida por dez dias. No décimo dia puseram o culpado em confinamento solitário, com pão e água, e o levaram para fora para enviá-lo ao trabalho. Para os que ainda não cumpriram, havia o *carrinho*, instalado sobre um trenó, espécie de caixa de 5 x 3 x 1,8 m, feita com tábuas de madeira bruta unidas por grampos. Não tinha janelas; Você entrou por uma pequena porta e lá dentro não havia um único banco. À noite tiravam os mais culpados, atordoados e quase indiferentes da cela de confinamento solitário, carregavam-nos na carroça, fechavam a porta com um enorme cadeado, e um trator levava o trenó para um lugar podre, a uns 3 ou 4 distantes milhas do campo. Alguns gritavam de dentro, mas o trator se soltava e ia embora. Depois de vinte e quatro horas, eles abririam a porta do carroção e despejariam os cadáveres, para serem varridos pela nevasca.

Em Mylga, as mulheres que não cumpriam a norma eram punidas com menos severidade. No inverno, eles eram simplesmente designados para barracas sem aquecimento (sempre tinham o recurso de correr para se aquecer), e no verão, durante a colheita, eram alojados em cabanas de palha sem proteção contra mosquitos (dos recursos de Sliozberg).

Para tudo isso, aqueles de Cinquenta e Oito tiveram seus últimos dias de folga; a jornada de verão aumentou para 14 horas; temperaturas frias de 45 ° a 50 ° abaixo de zero foram declaradas aptas para o trabalho, e somente depois de 55 ° foi permitido "cancelar" o dia. (No entanto, alguns líderes de pelotão retiraram os presos mesmo a 60 °). Nas minas de Gorny, aqueles que se recusaram a sair foram amarrados a trenós e arrastados até a morte (outro plágio de Solovki).

E além das autoridades, ainda exterminou o escorbuto.

Mas tudo isso ainda parecia pouco; o regime ainda parecia muito brando e o número de prisioneiros não estava diminuindo tão rapidamente quanto seria desejado. E assim começaram as execuções patrocinadas por Garanin, chefe do USV (Northwest Fields Directorate), verdadeiros assassinatos em massa. Às vezes com os tratores engrenados, às vezes nem isso. Muitos *lagpunkts* são famosos por esses tiroteios e pelas enormes valas comuns: Orotuk an, a fonte Poliarny Svistoplias, Annushka e até mesmo a soja *Dukcha*, mas as mais conhecidas são a mina de ouro Zolotisty (sob o comando do chefe do *lagpunkt* Petrov, os chefes da 3ª Seção Zelenkov e Anísimov, o diretor da mina (Barkálov, o chefe distrital do NKVD Búrov) e Serpantinka. Na mina Zolotisty, equipes inteiras foram eliminadas durante o dia e, em seguida, filmadas em sua totalidade (não

como um substituto para as filmagens noturnas, essas eram separadas). O chefe da Iu glag, Nicolai Andreievich Aglanov, gostava de escolher pessoalmente um time que tivesse cometido qualquer falta; mandou que o levassem para um lugar um tanto isolado e, gostando da expressão assustada dos homens, atirava neles com sua pistola, gritando de alegria. Os cadáveres não foram enterrados; Quando, no mês de maio, começaram a se decompor, trouxeram os sobreviventes do acampamento para serem enterrados; em troca, aumentaram a ração e até lhes deram álcool. Em Serpantinka, 30 a 50 pessoas foram baleadas por dia a poucos passos da cela incomunicável; depois, os cadáveres foram empilhados em trenós e um trator os carregou dali. Motoristas de trator, carregadores e coveiros viviam em barracas separadas. Depois de atirar em Garanin, eles também mataram todos eles. Havia também outro sistema: eram conduzidos à beira de um penhasco com os olhos vendados e alvejados na orelha ou na nuca. Quando Serpantinka foi fechado, eles destruíram a cela incomunicável e tudo o que ^[116] tinha a ver com o tiroteio, e encheram o penhasco de terra.

Às vezes, os tiroteios paravam momentaneamente porque o plano aurífero estava falhando e o mar congelado de Okhotsk não permitia o envio de novos contingentes de presos. (MI Kononenko esperou mais de seis meses em Serpantinka para ser baleado e acabou sendo salvo).

As segundas frases também aumentaram. Em Mylga, Gavsik os tratou artisticamente: na frente, cavaleiros cavalgavam com tochas (era noite polar), e atrás deles arrastavam presos com uma corda até a Sede Distrital do NKVD, a 30 km de distância, para serem julgados por um novo e *Xpediente*. Em outros campos, eles nem se importaram; Procuraram nos arquivos quem já havia cumprido a pena, convocaram cerca de 80 ou 100 homens de uma vez e automaticamente deram a eles mais dez anos. (RV Rets).

Praticamente não incluiu Kolyma neste livro. Kolyma é outro continente do arquipélago e merece ser descrito separadamente. Além disso, Kolyma teve "sorte" porque Varlam Shalamov, que já escreveu muito, sobreviveu lá; bem como Evguenia Güinzburg sobreviveu lá ; O. Sliozberg, N. Surovtseva, N. Grankina e outros, todos os quais escreveram suas ^[117] Memórias. Eu só me permitirei citar aqui alguns parágrafos de V. Shalamov sobre as execuções de Garanin:

«Durante muitos meses, dia e noite, na hora da convocação da lista de alvos e da retirada, foram lidas intermináveis ordens de tiro. Com um frio de 50 ° abaixo de zero, alguns músicos dentre os malditos comuns tocaram a fanfarra antes e depois da leitura de cada pedido. A luz das tochas de querosene fumegante rompia a escuridão ... O papel do cigarro em que estavam escritas as ordens estava coberto de gelo e, de vez em quando, o chefe que lia as ordens sacudia os flocos de neve do papel com a manga. ele para poder decifrar e gritar o apelido do próximo condenado ».

Desta forma, o Arquipélago encerrou o segundo plano quinquenal e, assim, entrou no socialismo.

* * *

No início da Segunda Guerra Mundial, houve uma grande agitação entre os funcionários da ilha. Num primeiro momento, as notícias que vinham da frente podiam suscitar o temor de um colapso total do Arquipélago, senão da responsabilização das autoridades perante os reclusos. A julgar pelas impressões deste último, os proprietários reagiram de duas maneiras diferentes. Alguns, mais sensatos ou mais covardes, abrandaram seus hábitos e estabeleceram relações quase amorosas com os internos, principalmente nas semanas das derrotas. Naturalmente, não se tratava de melhorar a alimentação ou o alojamento, que eles não podiam fazer. Outros, por outro lado, mais teimosos e perversos, intensificaram sua crueldade para com os Cinquenta e Oito, prometendo-lhes a morte antes de serem libertados. Na maioria dos campos, os presos nem mesmo foram notificados de que a guerra havia estourado (nosso eterno desejo de nos esconder e mentir!) Eles só descobriram no dia seguinte pelos empregados livres ou desacompanhados. Onde havia rádio (Ust-Vym, muitas partes de Kolyma), eles o suprimiram durante nossas derrotas. Naquele mesmo Ust-Vym, do nada eles proibiram de *escrever* cartas para a família (embora pudessem recebê-las), e os parentes acreditaram que todos haviam sido fuzilados. Em alguns campos (talvez sentindo a direção que a política futura tomaria) eles começaram a segregar aqueles em Cinquenta e Oito dos outros prisioneiros e a trancá-los em áreas rigorosamente vigiadas; Eles colocaram metralhadoras em todas as torres de vigia e as endereçaram nos seguintes termos. Aqui vocês são reféns! (Ah, como está viva a memória da guerra

civil! Como essas palavras dificilmente são esquecidas, como são facilmente lembradas!) Se Stalingrado cair, atiraremos em todos vocês! " Com tais perspectivas , os prisioneiros perguntaram por notícias da guerra ... Stalingrado ainda está de pé ou caiu? Em Kolyma, eles prenderam alemães, poloneses e alguns notáveis do Cinquenta e Oitavo em zonas especiais. Mas os poloneses foram libertados imediatamente (agosto de 1941).^[118]

Desde os primeiros dias da guerra, em todo o Arquipélago eles pararam de liberar os dos Cinquenta e Oito. Houve até casos de pessoas já libertadas que, no meio do caminho, tiveram que voltar. No dia 23 de junho, em Ukhta, um grupo de libertos já havia cruzado a área e aguardava o trem, quando, de repente, a escolta os fez dar ré e, ainda por cima, insultando-os: "Por sua causa a guerra começou! » Karpunich recebeu a notificação de sua libertação na manhã do dia 23 de junho, mas ainda não havia cruzado o posto de guarda quando, com uma brincadeira, foi tirado dele o papel: "Vamos ver, ensinar!" Ele *ensinou* ... e permaneceu no campo por mais cinco anos. Isso foi considerado aguardando resolução *especial*. (A guerra já tinha acabado, mas em muitos campos até proibiram ir à administração perguntar quando iam libertá-los. Isso porque, depois da guerra, durante um certo tempo faltou gente no Arquipélago, e muitas administrações locais, apesar de Moscou ter autorizado a libertação, eles emitiram suas próprias "resoluções especiais" para reter os trabalhadores. Foi assim que EM Orlova foi detida no Karlag, e por esta razão ela não chegou a tempo à cama de sua mãe moribunda).

Desde o início da guerra, a ração de alimentos nos campos também diminuiu e a cada dia que passava os produtos eram de pior qualidade. Em vez de vegetais, davam nabos como forragem e substituíam os cereais por alfarrobeiras e farelo (o Koylma era abastecido com ajuda americana e ali acontecia o contrário, às vezes aparecia pão branco). Mas essa dieta pobre resultou em tal enfraquecimento dos presos que as taxas de produção sofreram uma queda notável (5 a 10 vezes menos do que o normal) e, em alguns setores, as autoridades decidiram que era mais conveniente voltar ao trabalho. dieta pré-guerra. Muitos campos fabricavam material de guerra e os gerentes de produção às vezes conseguiam reforçar a dieta dos detidos com uma horta auxiliar. Em alguns lugares, eles até pagavam um salário de 30 rublos por mês, o que, a preços de guerra, dava para comprar menos de um quilo de batatas.

Se perguntasse a um prisioneiro dos anos de guerra qual era o seu desejo máximo e, ao mesmo tempo, absolutamente inatingível, ele responderia: "Coma pão preto até me faltar e morrer". Durante a guerra, nos campos que enterraram nada menos do que na frente de batalha, apenas aquelas mortes não foram cantadas pelos poetas. LA Komorog passou todo o inverno de 1941-1942 "embalando" cadáveres nus, dois de cada vez, em caixotes feitos de quatro tábuas e à razão de 30 caixotes por dia. (Aparentemente, o campo ficava perto de alguma cidade, portanto foi necessário "embalá-los").

Os primeiros meses se passaram e as pessoas começaram a se ajustar ao ritmo da vida naquele pano de fundo guerreiro: alguns marcharam para a frente; outros atiravam na retaguarda; ainda outros deram ordens e enxugaram os bigodes depois de comer. A mesma coisa aconteceu nos campos. Descobriu-se que os temores eram infundados, que tudo estava firme e que a máquina que havia sido ligada em 1937 continuaria a operar sem parar. Aqueles que em um ponto tentaram fazer méritos diante dos prisioneiros, agora eles se tornaram ainda mais ferozes e não havia limites ou barreiras para eles. Descobriu-se que os modos de vida previamente estabelecidos para o campo eram corretos e permaneceriam os mesmos para todo o sempre.

Na história dos campos, sete épocas diferentes afirmam ter sido as mais implacáveis. Curve-se aos anos de guerra. Bem dizem que "quem não foi preso durante a guerra não sabe o que é um campo".

Lá eles têm um *lagpunkt* de Viatlag no inverno de 1941-1942: só no quartel do Pessoal Técnico e de Engenharia e nas oficinas resta alguma vida; o resto é um cemitério de gelo. (E o que Viatlag produz é precisamente combustível para FC Perm).

Nos campos dos anos de guerra havia mais trabalho, menos comida, menos aquecimento, roupas piores, uma regulamentação mais implacável, mais vigilância. Mas isso não era tudo. Os internos nunca tiveram o direito de expressar seus protestos; agora a guerra também tirou o direito de formulá-los internamente. Qualquer malandro de dragonas que conseguisse não ir para a frente, se sentia no direito de dar um sermão acenando com o dedo: "E na frente não morre? Talvez nas cidades você não trabalhe? E em Leningrado, eles não morreram de fome? " Nem mesmo em suas consciências os prisioneiros agora poderiam objetar. Sim, na frente os cadáveres jaziam cobertos de neve. Sim, nas cidades se exauriam

trabalhando. Sim, durante o cerco de Leningrado, as rações ainda eram menos do que no campo. (E a *frente de trabalho*, onde moças solteiras das aldeias eram levadas para cortar árvores, com setecentos gramas de pão e lavar para todos os alimentos , não era melhor que qualquer campo.) Durante os anos de guerra, o tumor cancerígeno do arquipélago parecia ser (ou fingia ser) um órgão vital do corpo russo, aparentemente engajado com o resto do país no esforço de guerra, e do qual a vitória também dependia. E aquela luz iluminava, com seus reflexos enganosos, o arame farpado e a figura do camarada chefe do campo, agitando o dedo diante do rosto do preso, que, ao morrer, nem teve a opção de amaldiçoar seus algozes ...

Para os Cinquenta e Oito, os campos daqueles anos de guerra foram particularmente duros, devido à espada de Dâmocles que foi a *segunda frase*. Para não ter que ir para a frente, os chefes de acampamentos remotos e subcomandantes da floresta estavam constantemente descobrindo conspirações promovidas pela burguesia internacional, planos de insurreições armadas e projetos de fuga em massa. Peixe grande da importância de IM Moroz, chefe da Ujtpechlag, patrocinou especialmente a instrução de resumos em suas áreas . No Ujtpechlag foram condenados à morte e 20 anos "por incitação à fuga", "por sabotagem" ... E quantos foram para os quais não houve nem julgamento e cujo destino dependia apenas das estrelas! Sikorski teria provocado a ira de Stalin? Naquela mesma noite, trinta mulheres polonesas foram baleadas em Elguen.

Desde o início da guerra, muitos presos (não é propaganda, é verdade) começaram a pedir para serem mandados para o front. Eles haviam experimentado as águas lamacentas e fedorentas do campo e agora pediam para serem enviados para defender aquele mesmo sistema e morrer por ele! ("Se eu sobreviver, terminarei minha frase novamente") ... Os comunistas ortodoxos agora asseguram que foram eles que o solicitaram. Havia alguns (e também trotskistas que haviam escapado das execuções), mas não muitos: quase todos tinham se instalado em calmas baías internas no campo (com a cumplicidade dos dirigentes comunistas), onde podiam conversar, lembrar e esperar, em tanto que nas posições de vanguarda para onde teriam sido enviados em batalhões disciplinares, certamente não teriam durado mais do que três dias. Esse impulso, tão de acordo com o caráter russo, não era ideológico, mas vinha do fundo de seus corações: melhor morrer sob as estrelas do que apodrecer em um estábulo fedorento! Poder alongar-se, ser, por um curto espaço de tempo, "como os outros" um cidadão comum. Pare

de se sentir desesperadamente perdido, não viva mais no terror contínuo de uma segunda condição, esqueça por um momento aquela morte contínua e lenta. Para outros era ainda mais simples: morrer, que se veria depois ... Por enquanto estariam vestidos; eles os alimentariam; de beber; Eles os levariam de trem; eles podiam olhar pela janela; na melhor das hipóteses, nas estações, eles até trocavam algumas palavras com as meninas. E havia também algo de perdão generoso: «Você nos trata mal; em vez disso, olhe o que fazemos! »

Porém, economicamente não era conveniente para o Governo fazer todas essas transferências, tirar algumas do campo e levar para o front e depois trazer outras em seu lugar. Cada um já havia estabelecido seu ciclo de vida e morte. Às vezes, traziam para a frente algum outro criminoso que estava prestes a terminar a pena e, em ocasiões muito raras, alguns cinquenta e oito. Assim, por exemplo, Vladimir Sergueievich Gorshunov foi retirado do campo em 43 para levá-lo para o front, e quando a guerra acabou, eles o devolveram ao campo, aumentando sua pena. Essas pessoas já estavam marcadas e era muito mais fácil para os inspetores em suas unidades ficarem zangados com elas do que encontrar novos.

Com tudo isso, as autoridades do campo não desprezavam totalmente essas explosões de patriotismo. Nas operações de extração de madeira não funcionou muito bem, mas "Enviaremos mais carvão do que nos é solicitado: significará mais luz para Leningrado!" "Nossas minas protegerão os soldados que nos defendem!" Eram slogans que inflamavam o espírito. Arsenyi Farmakov, um homem equilibrado e de temperamento calmo, diz que no campo onde estava os presos trabalhavam com *entusiasmo* nas linhas de frente e ficavam ofendidos se não permitiam a coleta para os petroleiros.

[119]

E todos sabem qual foi a recompensa: depois da guerra houve anistia para desertores, bandidos e ladrões, e os de Cinquenta e Oito foram enviados para campos de destino especiais.

E quanto mais se aproximava o fim da guerra, mais cruel se tornava o regime dos Cinquenta e Oito. Isso aconteceu não apenas nos campos remotos de Kolyma, mas quase nos portões de Moscou. Em Jovryn, havia uma pequena fábrica que dependia diretamente do NKVD e cujo chefe, Mamulov, se sentia todo-poderoso porque seu irmão era o primeiro secretário de Beria. Que Mamulov fazia tudo o que queria em seu pequeno campo. As visitas familiares eram feitas por meio de uma rede dupla de

metal, como na prisão (em todos os outros campos de Moscou havia, a esse respeito, uma ampla liberdade) . Nos quartéis onde os prisioneiros dormiam, fortes luzes ardiavam permanentemente, tanto de dia como de noite; os internos eram constantemente vigiados; nas noites geladas, eles não tinham permissão para se cobrir com seus casacos, e o ordenança acordava aqueles que o faziam; nas masmorras, o chão era de concreto, e nada mais, ou seja, gelo. Mas nenhuma punição ordenada por ele lhe dava prazer se não tivesse feito previamente o nariz do prisioneiro sangrar com os punhos.

Eles também costumavam fazer inspeções noturnas nos quartéis das mulheres em seu campo (os inspetores eram, é claro, homens). Eles iriam explodir no meio da noite gritando alto: "Fiquem perto das camas!" As mulheres, seminuas , pularam, e os guardas revistaram meticulosamente nelas e em suas camas em busca de uma agulha ou de uma nota de amor. Tudo o que foi encontrado foi punido com a masmorra. O chefe da primeira seção mecânica, Shklinik, vagava pelas oficinas à noite balançando como um gorila, e bastava um dos operários fechar os olhos por um instante ou balançar um aceno para que ele jogasse um lingote de ferro nele com toda a força ou um alicate. Este foi o regime que os reclusos de Jovrin ganharam fazendo minas durante a guerra! Esta obra foi organizada por um engenheiro ali detido, cujo nome, infelizmente, ninguém se lembra, mas que um dia será descoberto. O engenheiro, que também abrira um escritório de design e projetos, era cinquenta e oito anos e pertencia àquela execrável categoria de pessoas que não renunciavam às suas convicções por nada. E você teve que aturar esse canalha! Mas nesta vida ninguém é insubstituível , e quando o trabalho de campo estava suficientemente no caminho, um belo dia Mamulov e dois guarda-costas invadiram o escritório, e ali, na presença dos funcionários (sim, na presença deles, para que Eles podiam ver, então podiam contar, para que todos soubessem!) Eles correram para o engenheiro, arrastaram-no pela barba no chão, pisotearam-no, bateram nele até sangrar e depois o mandaram para Butyrki para uma segunda sentença por expressar opiniões políticas contrárias.

Aquele simpático campito ficava a quinze minutos de trem da estação de Leningrado...!

(Os novatos, destinados aos campos perto de Moscou, agarraram-se a eles, quer tivessem ou não parentes na cidade: ainda era melhor estar lá do que se perder em um lugar distante sem volta ... Apesar de tudo, era algo como no limite da civilização ... Mas enganavam-se a si próprios, ali

comiam pior do que noutros locais, pois as autoridades do campo contavam justamente com o facto de a maior parte dos reclusos receberem comida das suas casas, nem entregar qualquer tipo de comida. cueca. Mas o pior de tudo era a incerteza, os rumores constantes de que no mínimo esperado estariam destinados a algum ponto distante, sem saber se no dia seguinte estariam no mesmo lugar) ...

* * *

Assim as ilhas do Arquipélago ficaram petrificadas, sem deixar de continuar metastatizando.

Em 1939, antes da guerra com a Finlândia, os campos do Solovki, *alma mater* do GULAG, e muito próximos ao oeste, foram transferidos pelo oceano glacial para a foz do Yenisei, e lá se fundiram no recém-criado Norilag. , que logo tinha 75.000 presos. Tamanha era a malignidade dos Solovki, que mesmo no momento de sua morte eles produziram uma última metástase ... e que metástase!

Os desertos despovoados do Cazaquistão foram conquistados para o Arquipélago nos anos anteriores à guerra. Como tentáculos de um polvo, os campos de Karaganda se espalharam , metástases ocorreram no Djezkazgan, com suas águas envenenadas por sulfatos de cobre em Mointa, em Balkhash e também no norte do Cazaquistão.

E novas formações ocorreram na província de Novosibirsk (os campos de Mar insk), na região de Krasnoiarsk (Kanski, Kraslag), em Jarkasia, em Buriat-Mongólia, no Uzbequistão, até mesmo em Gornoi-Shor,

O norte da Rússia (Ustvymlag, Nyroblag, Usolag) e os Urais (Ivdelag) não foram deixados para trás nesse sentido.

Muitos nomes estão faltando nessa lista . Bastou escrever "Usolag" para lembrar que também havia um campo no Usolie em Irkutsk.

E não havia região, seja Chelyabinsk ou Kuibichev, que não desse origem aos seus campos.

O novo método de criar campos era declarar aldeias inteiras uma zona de *concentração*, como eram, e assim se *tornarem soljoses* (por exemplo, aqueles em Kamensk, entre Kamyshin e Engels).

Pedimos perdão ao leitor pelas muitas lacunas que possam existir neste capítulo, mas não conseguimos construir mais do que uma ponte frágil sobre toda a história do Arquipélago, por falta de informação. Obviamente, não poderíamos fazer perguntas pelo rádio!

E é aqui que, no horizonte do Arquipélago, volta a brilhar a estrela roxa de Natalio Frenkel.

Entre as muitas cabeças que rolou em 1937, havia também a sua. Depois de ser chefe do Barnlag e general do NKVD, ele voltou para Lubyanka em agradecimento pelos serviços prestados . No entanto, isso não significou o colapso de suas aspirações de servir à pátria, nem que o Grão-Mestre estava disposto a dispensar seus serviços. A guerra vergonhosa e miserável com a Finlândia começou; Stalin logo percebeu que não estava pronto para isso, que não havia vias de comunicação no Norte e que, portanto, era impossível abastecer o Exército, enterrado nas neves da Carélia. Mas imediatamente ele se lembrou do industrioso Frenkel, e o conduziu à sua presença; Foi necessário construir três ferrovias na Carélia, uma principal e duas secundárias, mas tiveram que ser construídas em *três meses*, porque era uma pena que uma potência tão grande perdesse tanto tempo com uma coisinha de nada como a Finlândia, e também tinham que ser construídas em pleno inverno, sem plantas, nem depósitos materiais, nem estradas mais ou menos transitáveis ... Não parece um episódio de conto de fadas? O malvado rei ordena ao malvado feiticeiro que realize um ato absolutamente irreal e inimaginável. Da mesma forma, o líder do socialismo perguntou: "É viável?" E o mercador muito feliz respondeu: "Sim!"

Mas ele também impôs suas condições:

1. dissociá-lo completamente do GULAG e criar um novo império de concentração, um novo arquipélago autônomo, o GULJDS (Direcção-Geral dos Campos afecto à Construção de Caminhos-de-Ferro), a cuja chefia estaria;
2. disponibilizar todos os recursos do país que fossem necessários (não era o Belomor!);
3. Enquanto durar a urgência, o GULJDS também sai do socialismo, com sua contabilidade desesperadora. Frenkel não presta contas a ninguém. Ele não levanta postagens ou campos encontrados. Em seu território não há rações, nem "mesas" ou "potes". (E ainda assim foi o próprio Frenkel quem instituiu o regime da mesa e da panela. Só o gênio supera o gênio). Lá, toneladas de comida, casacos de pele, botas de feltro são descarregados na neve, os presos comem o quanto querem e

vestem o que querem. Apenas a mordida e o álcool ficarão nas mãos das autoridades e serão usados como recompensa.

O Grande Estrategista diz que concorda. E assim nasceu o GULJDS! Isso significava que o arquipélago se dividiu em dois? Pelo contrário, o Arquipélago tornou-se mais forte, multiplicou-se e espalhou-se ainda mais rapidamente pelo país.

Apesar de tudo, Frenkel não chegou a tempo com as ferrovias da Carélia: Stalin foi rápido em encerrar a guerra em um impasse. No entanto, o GULJDS cresceu e ficou mais forte. Cada vez ele recebia mais e mais pedidos (mas agora o sistema interno e a contabilidade eram como em outros campos). Eles construíram uma linha férrea ao longo da fronteira persa, outra ao longo do Volga, indo de Syzran a Stalingrado, depois o "Caminho Morto" de Salekhard a Igarka, depois o Transbaikal propriamente dito: de Taishet a Bratsk e muito mais longe.

Além disso, a ideia de Frenkel foi tão oportuna que constituiu um marco no próprio desenvolvimento do GULAG: foi então decidido dividir também o GULAG por setor económico. Como o *Sovnarkom* ^[cm] é feito de *narkomatos*, ^{[cc]_O} GULAG criou os seus próprios ministérios: Glavleslag (Direcção Geral dos Campos Madeireiros), Glavpromstroi (Direcção Geral dos Campos Industriais), GULGMP (Direcção Geral dos Campos Mineiros e Metalúrgicos).

E, de repente, a guerra. E todos aqueles ministérios GULAG foram evacuados para diferentes cidades. O GULAG foi evacuado para Ufa e o GULJDS para Viatka. A comunicação entre as cidades provinciais não era fácil na época e, ao longo da primeira metade da guerra, o GULAG parecia estar se desintegrando; Já não dirigia todo o Arquipélago, e cada distrito do mesmo recebia ordens da Direcção que tinha sido evacuada para o seu território. Frenkel teve que dirigir, de Kirov, todo o Noroeste russo (onde, além do Arquipélago, não havia muito). Mas aqueles que antecipam a queda do Império Romano estarão muito enganados: no final da guerra ele levantaria a cabeça duplamente novamente.

Frenkel não esqueceu velhos amigos. Ele nomeou Bujaltsev, diretor de seu *panfleto Kopeika* no Mariupol pré-revolucionário, para um alto cargo no GULJDS, cujos outros colaboradores haviam sido baleados ou estavam espalhados pelo mundo.

Frenkel tinha ótimas condições não apenas para a organização comercial e administrativa. Ele foi capaz de adicionar mentalmente várias colunas de números. Ele se gabou de poder se lembrar dos rostos de 40.000 presidiários, seus sobrenomes, primeiros nomes e patronímicos, por que foram presos e quantos anos de pena eles tiveram que cumprir (em seus campos, cada presidiário tinha que recitar todos esses dados assim que um alto chefe se aproximava dele) Ele sempre dispensou o engenheiro-chefe. Uma simples olhada no plano de uma estação ferroviária foi suficiente para encontrar um erro; então ele apertava na mão e jogava na cara do subordinado, dizendo: "Entenda de uma vez que você é um burro e não um designer!" Ele falou com uma voz gutural, geralmente calma; Ele era baixo em estatura e usava um chapéu cossaco azul escuro forrado de vermelho. Sempre foi visto vestindo uma túnica de estilo militar, o que demonstrava claramente que ele pertencia ao alto comando do governo e que não era um intelectual. Ele morava em um trem, como Trotsky, e visitava constantemente canteiros de obras. Aqueles que foram chamados à sua presença sentiram-se duplamente constrangidos diante das censuras e exigências do chefe. Quanto a si mesmo, nunca pôs os pés em um quartel, nunca respirou seu fedor; era apenas um trabalho exigente. Acima de tudo, gostava de telefonar para os canteiros de obras no meio da noite, para defender a lenda de que nunca dormia. (Coisa frequente, na era Est Aliniana, entre altos dignitários). Ele nunca se casou.

Eles não o prenderam novamente. Ele substituiu Kaganovich na construção geral de ferrovias e morreu em Moscou na década de 1950, com o posto de tenente-general, já velho e cheio de honras.

Às vezes acho que ele odiava este país.

V

Os pilares do arquipélago

No Extremo Oriente havia uma cidade que tinha o nome digno de TSESAREVICH.^[co] A revolução mudou para SVOBODNY.^[cp] Os cossacos de Amur que viviam lá foram expulsos e a cidade ficou deserta. Mas teve que ser repovoado de alguma forma, então foi preenchido com presidiários e guardas, e a cidade de Svobodny se tornou um campo (Bamlag).

Às vezes, os símbolos se originam da própria vida.

Os campos não são simplesmente um "lado ruim" de nossa vida pós-revolucionária. Tal era sua amplitude, que não eram um lado ou um aspecto, mas quase o centro dos acontecimentos. Em poucas coisas, nossos cinquenta anos de regime se manifestaram de forma tão consistente, até o fim.

Assim como todo ponto é a interseção de pelo menos duas linhas, todo evento se origina de pelo menos duas necessidades. Assim, o sistema de concentração se devia, por um lado, às demandas econômicas, embora estas pudessem simplesmente ter sido resolvidas com a criação do exército operário; mas a sorte teria que uma justificativa teórica também foi cruzada para a criação dos campos. As duas necessidades foram satisfeitas, fundidas, e assim nasceu o Arquipélago.

A necessidade econômica se manifestou, como sempre, voraz e abertamente. Determinado a se fortalecer no curto prazo (era questão de *tempo também*, como no Belomorcanal) pelos próprios meios, ou seja, sem nenhuma contribuição do exterior, o Estado precisava de mão de obra

1. barato e, se possível, gratuito;
2. pouco exigente, disposto a ser transferido a qualquer momento, livre de constrangimentos familiares, sem necessidade de moradia, escola ou hospital e, por algum tempo, nem mesmo cozinha e banheiro.

Esse trabalho só poderia ser obtido engolindo seus próprios filhos.

A justificativa teórica não poderia ter sido tão apodítica na correria daqueles anos, se ainda não tivesse começado no século passado. Engels chegou à conclusão de que o homem como tal não nasce com a primeira ideia de caráter moral ou com o primeiro raciocínio, mas com um trabalho casual e sem sentido; um macaco pegou uma pedra na mão e foi aí que tudo começou ... Já Marx, referindo-se a tempos menos distantes (*Crítica ao programa Gotha*), afirmava com igual certeza que a *única* forma de corrigir os criminosos era o trabalho produtivo e não meditação, introspecção, reflexões morais, arrependimento, melancolia (tudo isso eram superestruturas!) É claro que, quando falava de criminosos, Marx estava se referindo aos comuns; Nunca lhe ocorreu que seus discípulos considerassem os políticos criminosos ... Quanto a ele, em sua vida segurou uma pá, nem empurrou um carrinho de mão, nem picou carvão, nem derrubou uma árvore, e não sabemos se algum dia faria lenha ... Mas ele escreveu todas essas coisas no papel, e o papel não resistiu.

Isso veio de botões para seus discípulos: forçar os presos a trabalhar o dia todo, às vezes até 14 horas por vez, como em Kolyma, foi uma medida humanitária que contribuiu para sua regeneração. Por outro lado, trancá-los em celas, permitir que saíssem um pouco para o pátio cultivar uma pequena horta, e deixá-los ler, escrever, pensar e discutir, significava tratá-los "como gado" (dessa mesma *Crítica*).

É claro que, nos anos agitados que se seguiram a outubro, não houve tempo para tais sutilezas e, no final das contas, a coisa mais humanitária era atirar diretamente. Os que permaneceram vivos foram presos em campos, mas não para fins corretivos, mas simplesmente para torná-los inofensivos, para isolá-los.

O fato é que ainda naqueles anos havia eminências dedicadas à teoria carcerária, por exemplo, Piotr Stuchka, e nos "Princípios Orientadores do Direito Penal da RSFSR" de 1919, uma nova definição foi dada ao próprio conceito de *punição*. O castigo, afirmaram muito novidade, não foi a *vingança* (o Estado operário camponês não se vinga do agressor) nem a *expição da culpa* (não pode haver culpa individual, apenas determinismo de classe): foi uma medida de precaução para a comunidade. , uma *medida de defesa social*.

Tratando-se de uma «medida de defesa social», era lógico que tivesse de ser fuzilada («medida máxima de defesa social»). ou trancado na prisão.

Mas desta forma o significado da *alteração*, que o VIII Congresso do Partido promoveu nesse mesmo ano de 1919, empalideceu E, acima de tudo, o próprio termo era incompreensível: *Alterar o que, se não houvesse culpa?* Não se pode corrigir a si mesmo pelo determinismo de classe!

Enquanto a guerra civil terminava, os primeiros códigos soviéticos foram redigidos (1922), um "congresso de trabalhadores penitenciários" foi realizado em 1923 e em 1924 surgiram os novos "Princípios Básicos de Direito Penal", desenvolvidos em 1926 em um novo Código Penal (suspense sobre nossas cabeças por trinta e cinco anos); As novas concepções de que não há "culpa" ou "punição", mas "periculosidade social" e "defesa social" foram mantidas.

Claro, é muito mais confortável assim! Tal teoria permite que qualquer pessoa seja presa como refém ou como "indivíduo suspeito" (um telegrama de Lenin para Eugenia Bosch) e permite que aldeias inteiras sejam banidas sob o pretexto de que são perigosas (os exemplos são bem conhecidos por nós), mas você tem que ser um Ele é um excelente malabarista para montar e manter a teoria da emenda em andamento.

No entanto, havia malabaristas e havia teoria, e os campos eram justamente chamados de corretivos. E podemos citar muitas frases sobre isso.

Vichinsky: "A política penal soviética se baseia na combinação dialética (!) Dos princípios da repressão e coerção com os da convicção e reeducação." ^[120] "Todas as prisões burguesas tentam" dobrar "o agressor por meio do sofrimento físico e moral" (claro, eles querem "corrigi-lo"). "Ao contrário do castigo burguês, para nós o sofrimento dos reclusos não é um fim, mas um meio. (Bem, também há um fim e não um meio. A. S). O nosso objetivo é a reforma total, queremos que os trabalhadores conscientes saiam do campo ».

Entendido? Embora tenhamos que usar a força, *corrigimos* (também através do sofrimento!), Simplesmente não se sabe de *quê*. Mas já na próxima página:

" Diante da restrição revolucionária, os campos de trabalho corretivo localizam e tornam inofensivo o elemento criminoso da velha sociedade."

^[121]

(Sempre a velha sociedade! E em 1952, continuará a ser a velha sociedade!)

E não se fala mais em corrigir? Localizamos e tornamos inofensivos, isso é tudo? E nesse mesmo ano de 1934:

"A dupla tarefa de reprimir e educar quem pode."

PARA QUEM PODE. Portanto, a alteração não é para todos.

E os escritores de segunda categoria já citam e citam a frase feita em algum lugar: "corrija o corrigível" ... "Corrija o corrigível" ...

"E os incorrigíveis, então?" Para a vala comum?

E mesmo ao Código do Trabalho Correccional de 1924, os juristas de Vichinski reprovam, desde as alturas de 1934, "a idéia errada da emenda geral". Não diz nada sobre o *extermínio*.

Ninguém havia prometido que corrigiriam os Cinquenta e Oito.

É por isso que intitulei esta parte *para fins de extermínio*. É assim que sentimos em nossa própria pele.

E se algumas citações deram errado para os juristas, que eles levantem Stuchka de seu túmulo, tragam Vichinski e se expliquem. Eu não tenho a culpa.

Só agora, quando me sentei para escrever este livro, comecei a folhear meus predecessores, e isso graças à ajuda de algumas boas almas, porque eles não estão mais disponíveis em lugar nenhum. Porque quando vestíamos as capas manchadas do país, não sonhávamos que tais livros pudessem existir. Que todas as nossas vidas são reguladas não pela vontade do chefe cidadão, mas por algum código mítico sobre o trabalho dos prisioneiros, não só para nós nada, mas um rumor sombrio, mas até o comandante, chefe do *lagpunkt*, é Eu não acreditei nisso por nada no mundo. Aqueles livros de edição limitada para uso interno eram desconhecidos, ninguém nunca os tinha visto. Ainda haveria um único espécime preservado em um cofre de campo, ou todos eles teriam sido queimados como perigosos? Que ninguém sabia. As citações desses livros não foram postadas nos cantos cultural-educacionais, nem foram publicadas cifras: quantas horas de trabalho o dia consiste? Quantas férias mensais? Há salário? Há compensação por mutilação? Os próprios presos teriam zombado se alguém lhes fizesse essas perguntas.

Aqueles que sabiam e leram esses escritos humanitários foram nossos diplomatas. Eles agitaram aquele livrinho nas conferências! Mais estaria faltando! Só agora acabei de receber esses ingressos e ainda meus olhos se enchem de lágrimas:

—Nos "Princípios Essenciais" do ano 1919 lemos que, visto que a correção não é vingança, não deve haver nenhum elemento que cause sofrimento;

—Em 1920, era proibido contatar presidiários. (Desculpe, é difícil perguntar, mas e "ch ... la", é permitido?)

—Do Código Corretivo do Trabalho, ano 1924, artigo 49: «O regime deve ser isento de todos os sintomas causadores de sofrimento, não permitindo em nenhum caso o uso de algemas, prisão (!), Isolamento estrito, privação de alimentos, visitas a através das barras. '

Bem, isso é o suficiente; mas não há outras indicações; para os diplomatas, basta o que foi dito; quanto ao GULAG, nem precisa disso.

No Código Penal de 1926 havia o artigo 9º, que por uma dessas coincidências me chamou a atenção e que aprendi de cor:

“As medidas de defesa social não podem ter como objetivo causar sofrimento físico ou degradar a dignidade do homem, nem visar vingança ou punição”.

Era essa a coisa! Mais de uma vez tive o prazer de recitá-lo às autoridades de campo, e todos eles arregalaram os olhos de espanto. Lá havia pessoal com mais de vinte anos de serviço, prestes a se aposentar, e em sua vida não tinha ouvido falar do Artigo 9 ou tinha nas mãos o menor código.

Oh, "administração clarividente, humana e inteligente em todos os níveis", como chamou o juiz Leibovits da Alta Magistratura do Estado de Nova York na revista *Life* após sua visita ao GULAG! “Ao cumprir sua pena, o preso mantém um senso de dignidade pessoal”. É assim que ele via as coisas!

Oh, que sorte o Estado de Nova York, por ter um asno tão astuto como juiz!

Oh, estrangeiros felizes, satisfeitos, despreocupados, míopes, irresponsáveis, munidos de blocos de notas e canetas, desde os dias daqueles correspondentes em Kem que faziam perguntas aos presos na presença das autoridades do campo, quanto dano vocês nos causaram! causado em seu desejo vão de parecer compreensivo onde você não entendeu um pio!

Dignidade pessoal! Da pessoa condenada sem julgamento prévio? Aquele que senta na frente dos vagões nas estações com o fundo na lama? Aquele que raspa a terra manchada de urina com as unhas e a transporta

para o outro lado, ouvindo o chicote do vigilante cidadão assobiar sobre sua cabeça? daquelas mulheres educadas que, como uma grande honra, lavam as roupas do chefe dos cidadãos e alimentam os porcos de sua propriedade? E que ao primeiro gesto adotam posturas complacentes para não morrerem fazendo *trabalhos comuns*?

... Fogo fogo! As toras estalam e na noite de outono o vento brinca com as chamas! A área está escura; Estou sozinho perto do fogo, ainda posso trazer mais mudas de carpintaria. O lugar é privilegiado, tão privilegiado que me sinto quase livre: é uma das "ilhas do paraíso", é a *sharashka* ^[cq] de Marfino em seus tempos mais fáceis. Ninguém me olha, ninguém me manda voltar para o quartel, ninguém me joga para fora da fogueira. Coloquei meu casaco porque, apesar de tudo, devido ao vento forte, faz frio.

Enquanto isso, ela está parada há horas, imóvel, exposta ao vento ... Seus braços perto do corpo, sua cabeça baixa; às vezes ele chora, às vezes ele reclama fracamente. Às vezes, ele implora novamente em tom queixoso:

"Por favor, Cidadão Chefe ... me perdoe ...!" Perdoe-me, não vou fazer de novo ...!

O vento traz o som de sua voz até mim, como se eu a ouvisse reclamar ao meu ouvido. Em seu posto de guarda, o cidadão chefe abastece seu fogão e faz ouvidos moucos aos seus lamentos.

Este posto da guarda pertence ao campo adjacente ao nosso, cujos trabalhadores vêm à nossa área para instalar canos e consertar o antigo prédio do seminário. A menina punida está imóvel a dois passos dele e uma rede de arame farpado a separa de mim. Ela permanece abatida à luz forte de uma lanterna; o vento sacode sua saia cinza curta e esfria suas pernas e cabeça, mal protegidas por um lenço fino de verão. Hoje, ao meio-dia, quando estavam cavando, fazia calor na nossa região. E outra garota desceu ao fosso, rastejou até a estrada de Vladykin e, aproveitando que os guardas estavam nas nuvens, fugiu. O ônibus para Moscou passa na estrada e, quando perceberam isso no campo, já era tarde. O alarme foi disparado, o arrasto foi acionado, um comandante negro feroz chegou e gritou que, se o fugitivo não fosse encontrado, todo o campo ficaria privado de visitas e pacotes por um mês. E as companheiras também ficaram furiosas, e todas gritaram, sobretudo uma, os olhos faiscando de ódio: "Que a encontrem, droga! Espero que pegem uma tesoura e uau! Opa, eles a barbearam antes das fileiras!" (Ela não tinha inventado isso, é assim que punem as mulheres

no GULAG). Quanto a essa pobre garota, ela apenas suspirou e disse : "Pelo menos deixe-a vagar livremente por todos nós!" O diretor a ouviu, e agora ela está lá, punida; todos voltaram ao campo, mas ela foi deixada em posição de sentido em frente ao posto de guarda. Isso aconteceu às seis da tarde; ah ora são onze da noite. Tentou algumas vezes mexer os pés para se aquecer, mas o guarda inclinou-se, gritando com ele: "Fique quieto, b ..., senão você vai piorar!" Agora ele permanece imóvel e chora baixinho:

Com licença, Cidadão Chefe ...! Deixe-me voltar a campo, nunca mais farei isso ...! »

Mas mesmo no campo não haverá quem lhe diga: "Entre, você é uma ^[cr] santa!"

Faz tanto tempo que está aí, porque, enfim, amanhã é domingo e não tem trabalho.

Garota simples da aldeia, ingênua, sem educação ... Você está aqui talvez por causa de um simples carretel de linha. Que pensamento perigoso você expressou, irmãzinha! Eles querem que você aprenda para a vida ...

Fogo fogo...! Lutamos, tentamos adivinhar o rosto do Vitória entre as lambidas ... O vento noturno espalha canudos acesos ao redor da fogueira.

Para este fogo, e para você menina, eu prometo a você: o mundo inteiro vai ler isso. Isso aconteceu no final de 1947, ano do trigésimo aniversário da Revolução de Outubro, em Moscou, nossa grande metrópole que acabava de celebrar 800 anos de suas crueldades. Dois quilômetros da Exposição Agropecuária Pansovietic. E a menos de um quilômetro da Casa de Arte dos Servos.

* * *

Os servos ...! Muitos fizeram essa comparação quando tiveram um momento para refletir. Porque o regime de servidão e o Arquipélago não só tinham detalhes em comum, mas todo o sentido de sua estrutura era o mesmo: um sistema social para a utilização coerciva e implacável do esforço gratuito de milhões de escravos. Seis vezes por semana, e muitas vezes até sete, os habitantes do Arquipélago saíam para prestar um serviço pessoal extenuante que não lhes deixava nenhum benefício. Eles não tinham permissão para trabalhar por conta própria no quinto ou no sétimo dia e recebiam suas mesadas em provisões racionadas de acordo com as leis do campo. Da mesma forma, eram divididos em servos da gleba (grupo A) e

empregados domésticos (grupo B), que cuidavam do próprio proprietário (chefe do campo) e de sua hacienda (zona). Doente (grupo C) foi considerado aquele que não conseguia mais sair do fogão (plataforma). Houve também punições para quem cometeu alguma culpa (grupo D), mas com a diferença de que o locador, agindo em seu próprio interesse, punia com vistas a menor perda de dias de trabalho, geralmente com surras, e não havia masmorra.

Em vez disso, o chefe do campo agiu obedecendo às instruções de cima e prendeu o culpado no SHIZ (isolamento disciplinar) ou no BUR (quartel do regime estrito). Da mesma forma que o senhorio, o chefe do campo podia acolher qualquer criado na qualidade de copeiro, cozinheiro, barbeiro ou bobo (poderia até organizar um teatro de servos, se lhe ocorresse), e usar qualquer criado como governanta, concubina ou serva. Como o proprietário, o chefe do campo fazia o que queria sem qualquer escrúpulo, e seus caprichos eram a lei. (O chefe do campo de Jimkinsk, major Volkov, viu uma garota secando suas longas tranças loiras ao sol, solta depois de se lavar; não se sabe por que, isso o deixou de mau humor e ele ordenou bruscamente: "Raspe-a!" Eles a barbaram ali mesmo. Ano 1945). Quando havia uma mudança de proprietário ou chefe, todos os escravos humildemente aguardavam o ano novo, tentavam adivinhar quais seriam seus costumes e se entregavam de antemão à sua autoridade. Visto que estava além de seu poder prever os desígnios de seu senhor, o servo não pensou muito sobre o amanhã, nem o recluso. O servo não poderia casar sem a autorização de seu amo, e muito menos o recluso, que só pela misericórdia do chefe poderia juntar-se a uma mulher no campo. Da mesma forma que o servo não escolheu a sua condição de servo, não teve culpa do seu nascimento, também o recluso não o escolheu, veio também para o Arquipélago por puro destino.

A língua russa estabeleceu esse paralelo há muito tempo. As pessoas já comeram? Quantas pessoas você tem? Envie-me algumas pessoas para um trabalho! " *Gente, gente ... De quem estão falando? É assim que eles se referiam aos servos. É assim que eles se referem aos presos.* ^[122] Ninguém pensaria em falar dessa forma sobre os oficiais, os líderes. "Quantas pessoas você tem ...?" Ninguém entenderia!

"No entanto", eles podem objetar, "a semelhança com os servos não é tão grande ... Há muito mais diferenças" ...

Sim, concordamos, existem muitas outras diferenças. Mas o engraçado é que todas essas diferenças são a favor do regime de servidão! Estão todos em desvantagem em relação ao Arquipélago GULAG!

Os servos trabalhavam apenas do nascer ao pôr do sol. Os presos começam no escuro e terminam no escuro (e nem sempre terminam!). Para os servos, o domingo era santo, e todos os dias a guardar, e os dias santos, que eram muitos. Os reclusos, antes de cada domingo, estremeçam: vão conceder ou não ...? Ele nem conhece os feriados (como os feriados do Volga) ...: aqueles 1º de maio e 7 de novembro já perderam o caráter de feriado e se tornaram um martírio, devido aos registros especiais e ao regime interno (e há alguns que são colocados no calabouço de ano para ano justamente nessas datas). O Natal e a Páscoa eram verdadeiras festas para os criados, aliás, eles desconheciam o que *era a busca pessoal*, seja ao regressar do trabalho, seja de manhã, seja a meio da noite. ("Em pé ao lado da cama!"). Os servos sempre viviam na mesma *isba*, consideravam-na sua propriedade, e quando se deitavam no fogão, na maca ou no banco à noite, sabiam que ali era seu lugar, que sempre haviam dormido ali e que continuariam a dormir. O recluso, por outro lado, não sabe em que quartel estará amanhã (nem mesmo ao regressar do trabalho tem a certeza de que dormirá no mesmo lugar da noite anterior). Ele não tem "sua" plataforma, "seu" beliche. Vai para onde eles o enviam.

O servo da gleba tinha seu próprio cavalo; seu arado; seu machado; sua foice; sua roda de fiar; seu fuso ; seus potes; suas roupas. Mesmo as empregadas domésticas, Herzen diz, ^[123] eles sempre tiveram aquele trapo estranho que os membros da família herdaram após sua morte e que o proprietário quase nunca tirou deles. O recluso, por outro lado , é obrigado a entregar roupas de inverno no início da primavera e roupas de verão no início do outono; a cada inventário, eles o revisam até o fim, e qualquer trapo adicional vai encher os cofres do erário público. Ele não tem permissão para possuir uma faca ou uma tigela; e como animais de estimação, apenas piolhos. O criado, em um deles, jogou a rede e tirou peixinhos. O preso só consegue pegar alguma coisa com a colher na *balanda* que é servida na hora do almoço. O servo às vezes criava um bezerro, uma cabra ou criava galinhas. O recluso esqueceu o sabor do leite e não vê um ovo há dezenas de anos. Provavelmente, se eles o mostrassem, ele não saberia como reconhecê-lo.

Apesar de ter sofrido por sete séculos com a escravidão asiática, a Rússia quase não tinha consciência da *fome*. "Na Rússia, ninguém morreu de fome", diz o ditado. E provérbios não são criados levianamente. Os servos eram escravos, mas comiam o que era necessário. ^[124] Em vez disso, o arquipélago viveu por dezenas de anos na fome, os prisioneiros disputavam a cauda de um arenque retirado da lata de lixo. No Natal e na Páscoa, os mujiques mais magros festejavam com bacon, mas o melhor trabalhador rural só via bacon se seus parentes o enviassem em um pacote.

Os servos moravam com suas famílias. A venda ou troca de um servo, separado de sua família, era um grau extremo de barbárie, reconhecido como tal por todos, e a literatura pública russa ficava indignada com esses casos. Havia centenas, talvez milhares (embora eu não ache) de servos arrancados de suas famílias. Mas nunca milhões. O preso é separado de sua família desde o primeiro dia de prisão e, em metade dos casos, para sempre. Se o filho for preso com o pai (como no caso de Vitkovski), ou a esposa junto com o marido, eles tomam cuidado especial para não permitir que se encontrem no mesmo *lagpunkt*; se por uma dessas coincidências eles coincidem na mesma, eles serão separados o mais rápido possível. Da mesma forma, o recluso e o recluso que se juntam no campo comovidos, seja por uma afeição passageira ou por um sentimento de amor autêntico, logo serão punidos com uma cela e depois encaminhados para diferentes acampamentos. E nem mesmo as escritoras mais sentimentais, shaguinian ou Tess, deixam a menor lágrima cair em seus lenços. (Claro, eles *não sabiam*. Ou pensaram que *tinha que ser assim*).

Mas mesmo a transferência dos servos de um lugar para outro não era feita com tanta pressa a ponto de não permitir que empacotassem seus pertences, juntassem seus pertences e se movessem silenciosamente cerca de quinze ou quarenta léguas dali. Mas a notícia de que vai ser incluído em uma transferência cai sobre o preso como um balde de água fria: ele tem vinte, dez minutos só para devolver a mercadoria ao campo e partir em direção ao fim do mundo, talvez para nunca retornar. O servo raramente conhecia mais de uma transferência em sua vida e geralmente nascia e morria no mesmo lugar. Mas não existe um único indígena do Arquipélago que não tenha sido incluído em alguma transferência, e a maioria participou de cinco, sete, onze ...

Os servos podiam se dar ao luxo pagando um censo, então se distanciavam o máximo possível do maldito senhorio, se dedicavam ao

comércio, enriqueciam e levavam vidas de homens livres. Mas mesmo os presos liberados da escolta vivem na mesma área e pela manhã vão para o mesmo local de trabalho, para onde levam a coluna uns dos outros.

As empregadas domésticas eram, em sua maioria, parasitas corrompidos ("empregadas domésticas, submundo dos vilões") e viviam às custas de seus irmãos gleba, mas pelo menos não os comandavam nem tinham autoridade sobre eles. É duplamente doloroso para o preso depender de plugues corrompidos e, além disso, suportar suas provocações.

De um modo geral, o servo tinha a grande vantagem de que o senhorio não tinha escolha a não ser garantir sua integridade física: o servo custava dinheiro e seu trabalho enriquecia o senhor. Por outro lado, o líder do campo não precisa sentir pena do prisioneiro; Não custou nada a ele e ele não vai passar para os filhos. Se um morrer, eles enviarão outro para você.

Não, não há semelhança entre nossos internos e os servos daquela época. A situação deles era, devemos admitir, muito mais calma e humana. Seria talvez mais preciso comparar os habitantes do arquipélago com os servos de *fábrica* dos Urais, Altai e Nerchinsk. Ou com os colonos das aldeias Arakcheiev.^[cs] (Você pode objetar a mim que aqueles colonos também não passaram um tempo tão ruim; eles viviam em contato com a natureza, tinham suas famílias, celebravam festas . Não, a comparação mais apropriada é com a escravidão no antigo Oriente).

Podemos pensar em talvez uma, sim, apenas uma vantagem dos nossos presos sobre os servos: você chega ao Arquipélago, bem, digamos a partir dos 12 ou 15 anos, no caso de colônia de menores, mas pelo menos não de que nasce! Pelo menos você tem alguns anos de liberdade! Por outro lado, se fôssemos analisar as vantagens de uma sentença judicial com prazo determinado em comparação com a servidão vitalícia, muitas ressalvas poderiam ser feitas ... Em primeiro lugar, devemos ver se a sentença não é de *cinco duras* (25 anos); se não se enquadrar no artigo 58; se ele não for detido "até uma resolução especial"; se um segundo não for adicionado no mesmo campo; se depois de cumprir a pena não forem automaticamente enviados para o reclusão; se, uma vez livre, não o devolvam imediatamente ao campo como *reincidente* ... Sim, as reservas são tantas que nos lembramos: não houve também casos em que um fazendeiro pensou repentinamente em libertar o seu servo ...?

Por esta razão, quando na Lubyanka o «Imperador Miguel»^[ct] nos disse que os trabalhadores de Moscou estavam brincando decifrando a sigla VKP (b)^[cu] como Vtoroie Krepostonoie Pravo (Segundo Regime de Servidão [Bolchevique], que não nos pareceu engraçado, mas bastante justo).

* * *

Novos incentivos foram buscados para o esforço social. Acreditava-se que responsabilidade e entusiasmo deveriam ser conquistados juntamente com uma completa falta de interesse pessoal por parte de todos os trabalhadores. É por isso que a "grande iniciativa" dos *sábados comunistas* foi tão amplamente apoiada . Mas o que a princípio parecia ser o início de uma nova era, nada mais era do que o barulho de abnegação de uma das últimas gerações da revolução. Já em 1921 - como podemos ler nas publicações oficiais de Tambov - muitos membros do Partido tentaram fugir desses *sábados*, e foi necessário fazer com que sua participação neles fosse anotada em seus cartões. Esse ímpeto durou cerca de dez anos mais, chegando ao *konsomol*^[cv] e nós, que éramos *pioneiros* naquela época .^[cw] Finalmente, eles também foram perdidos para nós. O que fazer então ? Onde procurar incentivos? Dinheiro, trabalho por peça, bônus? Mas tudo isso cheirava a capitalismo recente, e demoraria muito e uma nova geração para que aquele cheiro parasse de irritar e fosse calmamente aceito como o "princípio socialista do interesse material".

Ele então se aprofundou no tronco da história e trouxe à tona o que Marx chamou de "coerção extraeconômica". Essa descoberta mostrou abertamente dentes no campo e no *kol jós*.

Então Frenkel apareceu e como o feiticeiro que põe veneno no caldeirão fervente, ele lançou o regime de *panela*.

Naquela época o feitiço se repetia constantemente: «Na nova ordem social não pode haver lugar nem para a disciplina do chicote, em que se baseava o regime da servidão, nem para a disciplina da fome, na qual se baseia o capitalismo. ».

Bem, o Arquipélago conseguiu combinar perfeitamente os dois.

Para isso ele só precisava de: 1) *o pote*, 2) *os equipamentos* e 3) *dois quartéis-generais* (este último não era essencial; em Vorkuta, por exemplo,

sempre havia um só quartel-general e as coisas estavam marchando).

O Arquipélago assenta nestes três suportes.

E se em vez de considerar suporta as *correias de transmissão*, o spin-lo.

Já tivemos oportunidade de nos referir ao pote. Trata-se de distribuir pão e cereal para que, para obter a ração regulamentar, nosso preso tenha que trabalhar e *suar* (enquanto nos regimes parasitários essa ração é obrigatoriamente dada até mesmo ao preso que fica de braços cruzados) . Trata-se de forçá-lo a ganhar a ração de pão *que lhe é devida* em pedaços de 100 gramas, chamando-o de *trabalhador de choque*. Mais de 100 por cento da tarefa também tinha direito a duas colheres extras (tiradas de você antes) de polenta. Conhecimento implacável da natureza humana! Esses pedaços de pão, aqueles punhados de cereal, não tinham nada a ver com a perda de energia necessária para ganhá-los. Mas devido a essa lamentável característica que carrega consigo ao longo dos séculos, o homem nunca soube dar às coisas o seu justo preço. Como o mercenário que vai ao ataque por um copo de vodca barata e deixa sua vida nele, assim o prisioneiro, em troca dessas crostas miseráveis, escorrega de um tronco e cai no riacho, ou amassa a lama para os adobes na água gelada, com os pés descalços que nunca mais pisarão em terra livre.

No entanto, o pote satânico não é todo poderoso. Nem todo mundo fica deslumbrado com isso. Da mesma forma que entre os servos se costumava dizer: "coma lama antes de partir a lenha", os presos perceberam que no campo o que mata não é a ração pequena, mas a grande. Preguiçoso, desajeitado, sem coração, bruto ! Eles rejeitam esse alimento complementar! Não querem saber nada sobre aquele pãozinho nutritivo amassado com farinha de alfarroba e água! Nem se importam em resgatar parte de sua sentença! Eles não estão interessados no quadro de honra! São insensíveis aos interesses do regime socialista e da pátria, e não querem cumprir o plano quinquenal, apesar de o plano quinquenal ter sido traçado no interesse dos trabalhadores! Eles se escondem nos cantos e fendas das minas, se espalham pelos cantos dos prédios em construção, entram em buracos fedorentos para não ir trabalhar!

Não é todo dia que há uma oportunidade de organizar um trabalho tão massivo como na pedreira perto de Iaroslavl: centenas de trabalhadores estão amontoados em um espaço relativamente pequeno, bem à vista do capataz. Assim que algum deles para de se mover, eles são detectados

imediatamente. São essas as condições ideais: ninguém ousa respirar, endireitar as costas, enxugar o suor até que baixem a bandeira, sinal combinado de descanso. Mas como agir nos outros casos?

Eles pensaram muito. E eles inventaram o *equipamento*. Foi a coisa mais lógica a fazer! Nossos populistas já queriam alcançar o socialismo pela *comuna*, e os marxistas, por meio da *coletivização*. E hoje, como ainda está escrito nos nossos jornais?: *Para os homens o essencial é o trabalho, mas só o trabalho em grupo!*

Pois é, no campo não há só trabalho, e exclusivamente trabalho em grupo! Significa, então, que o campo de concentração é o objetivo supremo da Humanidade? Lá, o *essencial* não é alcançado?

Já tivemos oportunidade de nos referir, no Capítulo III, ao papel da equipe de trabalho como fator de *enriquecimento psicológico* de seus integrantes, coerção, espionagem e *aumento da dignidade pessoal*. Como líderes de equipe, aqueles adequados para o propósito da invenção são escolhidos. Eles têm a obrigação de gerenciar seus homens na ausência das autoridades, dos guardas e da escolta, e suas armas são o pau e a fome. Shalamov diz que durante um inverno particularmente rigoroso, uma equipe perdeu todos os seus membros várias vezes seguidas, enquanto o chefe era sempre o mesmo. Em Kemerlag, todos conheciam o chefe Perelomov, que nunca usava a língua, apenas o bastão. Uma lista de nomes assim ocuparia várias páginas de nosso livro, mas não os juntei. É interessante notar que, quase sempre, esses líderes de equipe pertencem ao grupo dos criminosos, o lumpem-proletariado.

Mas existe algo a que o ser humano não se acostuma? De nossa parte, seria injusto não reconhecer que às vezes a equipe se transformava no núcleo da sociedade do Arquipélago, algo como a família dos homens livres. Eu mesmo conheci várias dessas equipes. Claro, não se tratava de equipes gerais de trabalho, nas quais, necessariamente, um tem que morrer para que os outros sobrevivam. Geralmente eram equipes de especialistas: serralheiros, encanadores, carpinteiros, eletricitas. Quanto menos numerosas fossem essas equipes (10 a 12 homens), mais se desenvolvia nelas o sentimento de cooperação e defesa mútua. ^[125]

Tal equipe deve necessariamente ter um chefe adequado, ou seja, um homem duro sem excessos, conhecedor de todas as regras morais (imorais) do GULAG, perspicaz e justo com seu povo; com sua maneira estudada de se fazer respeitar pelas autoridades, que com latidos roucos, que se calaram

alegremente; temido por todos plugados , sem perder a oportunidade de arrebatam cem gramas a mais de pão ou um par de sapatos para seus homens. Mas também com amizades entre plugs influentes, para ficar por dentro de todas as novidades e mudanças planejadas no campo. Ele deve estar bem informado sobre tudo relacionado ao trabalho, para saber para onde ir e para onde não ir, e sempre buscar as melhores condições para seus homens. E também saber quando e como falsificar os números de entrega, seja nos padrões ou no volume de produção, e defender inflexivelmente a *tujta* perante o mestre construtor, quando ele já desenha sua caneta para "cortar" os números, e sabe espalhar o carro a quem possa interessar ... Ele deve estar perfeitamente ciente de quem é o informante de sua equipe (e se ele não for muito esperto ou muito perigoso, deixe-o sozinho onde está, para que não coloque alguém pior). E, dentro da tua equipa, saiba sempre a quem torcer de relance, a quem exigir um pouco mais, a quem dar uma tarefa um pouco mais leve ... E numa equipa como esta, com um líder destes, os homens identificam-se inteiramente uns com os outros. sim e inteiramente sobrevivem ... Não há ternura, mas nenhuma queda. Trabalhei com os líderes da equipe daquele templo: Siniebriujov, Pavel Boroniuk... Seus nomes também ocupariam páginas inteiras! E é curioso notar que, na maioria dos casos, esses líderes de equipe clarividentes e sensatos eram filhos de *kulaks*.

Bem, mas o que fazer? Se instituíram a equipe como única forma de existência, que outro remédio resta? Você tem que tentar se adaptar. O trabalho nos mata, mas a única maneira de sobreviver também é por meio do trabalho. (É, claro, uma filosofia bastante discutível ... O mais correto seria dizer: "Não me ensine a morrer como quiser, deixe-me morrer como eu quero" ... O problema é que, de qualquer maneira, eles não vão deixar)

...

O líder da equipe também não tem muita escolha: se sua equipe florestal, por exemplo, não cumprir os 55 metros cúbicos de madeira estabelecidos, eles o mandam para a masmorra. E se você não quer para ir para o calabouço, que fazem trabalho aos seus homens para matá-los todos!

Quanto às *duas sedes*, passa a ser para o campo o que os dois braços da pinça: ambos, direito e esquerdo, são necessários. Dois quartéis-generais significam a bigorna e o martelo; Com eles forjam o preso até obterem o que o Estado precisa, e se o homem não resiste e se quebra, o jogam fora. E embora seja o segundo chefe de *área*, custa muito dinheiro ao Estado,

embora devido à sua falta de jeito e aos seus caprichos, muitas vezes não faz nada além de atrapalhar o processo de trabalho, apesar de tudo isso, ainda manter duas sedes, o que nos faz pensar que deve haver algum motivo. E é que dois quartéis-generais significam dois algozes em vez de um, dois algozes que se revezam e competem entre si para ver qual dos dois aperta melhor o preso.

Uma das duas sedes é responsável pela produção, materiais, instrumentos, transporte e a única coisa que não está em suas mãos é um detalhe sem importância: mão de obra. Todas as manhãs, o acompanhante traz aquele parto, e à noite ele é levado de volta ao campo (ou em turnos). Durante essas dez ou doze horas em que o recluso estiver sob as ordens da sede da produção, não é necessário educá-lo ou corrigi-lo, e se ele morrer durante o dia, nenhuma das duas sedes moverá um fio de cabelo : Os mortos são descarregados com muito mais facilidade do que um lote de tábuas queimadas ou uma lata de óleo roubada. A única coisa que interessa ao gerente de produção é que o preso trabalhe o máximo possível, para depois anotar os menores valores possíveis, pois de alguma forma as despesas ruinosas e as falhas de produção têm que ser cobertas. Lá, todos eles roubam você, desde as autoridades e o mestre construtor, até os capatazes e motoristas; os que menos são levados são os reclusos, nem mesmo para uso próprio (não têm para onde os levar), mas para a liderança do seu acampamento e para a escolta. Mas muito mais se perde por causa de uma administração descuidada e imprevista, e também porque os presos não cuidam de nada. Tudo isso gera grandes despesas, e a única maneira de cobri-las é pagando menos do que deveria pelo trabalho.

O chefe de campo se encarrega exclusivamente da força de trabalho, mas esse é o elemento essencial. Os chefes de campo sabem disso e usam isso para pressionar os chefes de produção: “Bem”, eles dizem, “onde eles vão encontrar outros trabalhadores? No meio da taiga, no deserto ou ...? » Conseqüentemente, eles tentam obter o máximo de dinheiro em troca do trabalho de seu povo; Uma parte desse dinheiro vai para os cofres do campo, e outra é usada para a manutenção da administração interna como forma de pagamento pelo esforço de guarda dos presos (para mantê-los em liberdade), para dar-lhes bebida, comida, vestir-se e sobrecarregá-los moralmente.

Como sempre em nosso sistema social pensativo, aqui dois *planos* aparentemente antagônicos se chocam de frente: o plano de produção, que

consiste em obter mais pagando menos, e o plano MVD, ou seja, trazer o máximo de dinheiro possível para o campo. . Provavelmente, para qualquer observador fora do problema, esse desejo de colocar seus próprios planos em colisão parecerá estranho, mas não é assim; Esse aparente antagonismo faz todo o sentido. Na verdade, a colisão de planos é o que mais efetivamente esmaga o homem. É um princípio que não se limita às vedações de arame do Arquipelago.

E outra coisa, também muito importante: os dois líderes nunca foram inimigos, como bem se pode pensar por suas contendas e decepções mútuas. Quando se trata de quebrar mais forte, os dois se unem intimamente. Apesar de o chefe do campo ser como um pai para os reclusos, estará sempre disposto a admitir que a culpa de ter sido mutilado é do próprio trabalhador, não da fábrica, e assinará de bom grado o ato correspondente; Ele nunca vai insistir muito para conseguir agasalhos para seus homens, e se em uma das oficinas não houver ventilação, ele não vai se preocupar mais do que o necessário porque eles instalam ... (Que não há ventilação? Bem, o que vamos Dificuldades temporárias ... Eles se divertiram melhor durante o cerco de Leningrado?) E não pode haver dúvida de que se seu colega de produção pedir, você se apressará em colocar o rude chefe da equipe na prisão, ou o operário que perdeu a pá, ou o engenheiro que não cumpriu as ordens de forma satisfatória! Em aldeias perdidas no meio da taiga, esses dois chefes são a nata da sociedade, e as esposas dos chefes se visitam. E se, apesar de tudo, continuarem a ter *problemas*, se forem *marcados* como fossas cavadas e recarregadas que nunca foram abertas, e se *constatar* a reparação de canos e máquinas que nunca tiveram o menor problema, e a substituição de postes inteiros isso vai durar mais dez anos ... tudo isso não é feito nem por sugestão da liderança do campo (que está muito certa de que o dinheiro virá do mesmo jeito), mas pelos próprios internos (chefes de equipe, capatazes), porque eles não têm outra escolha, porque os regulamentos do estado nos pintam de uma produtividade absolutamente falsa, e isso nos lembra do realismo socialista da literatura. Mas se os livros não vendidos podem ser picados para fazer macarrão, ^[cx] é muito mais difícil fazer desaparecer os vestígios de fraude de produção. Difícil mas não impossível.

Sempre com pressa, tendo que atender a intermináveis problemas o tempo todo, nem o diretor nem o mestre de obras conseguiram descobrir a fraude quando havia uma. Quanto aos capatazes recrutados de fora, isto é,

os livres, a grande maioria era analfabeta ou bêbada (ou simplesmente sentia pena dos presos (podem pensar que num dado momento também os poderiam tirar dos apuros o chefe da equipa)... E uma vez recolhida e "comida" a percentagem, quem ia tirar a dança dos reclusos? Quanto aos livros de contabilidade, era sabido que estavam sempre confusos, e estavam Demorou meses e até anos para o dia e não valia a pena descobrir a fraude quando o dinheiro já havia muito se volatilizado e quem sabe quem foram e onde estariam os culpados, o mais sensato foi, então, deixar o assunto de lado.

As autoridades trouxeram três suportes para apoiar o Arquipélago: a panela, o equipamento e as duas sedes. O terceiro e principal suporte, *tujta*, l ou trouxe prisioneiros e a própria vida.

Para o *tujta* florescer, são necessários líderes de equipe tenazes e proativos, mas ainda mais importante é ter gerentes de produção recrutados entre os próprios prisioneiros. Como era muito difícil atrair cidadãos livres para aqueles lugares perdidos, havia muitos presidiários que cumpriam as funções de capataz, que ditava as regras, planejava e, em geral, cuidava de toda a economia do campo. Alguns deles foram promovidos ao topo, tornaram-se ainda mais implacáveis que seus colegas livres, deliberadamente pisotearam seus irmãos na desgraça e foram capazes de qualquer iniquidade para fazer méritos diante de seus algozes. Por outro lado, outros mantiveram clara a memória de sua origem, o Arquipélago, e introduziram uma dose prudente de moderação na produção, uma dose prudente de *tujta* na contabilidade. Isso representava um risco para eles, não o de receber uma nova sentença (enfim, as sentenças eram longas e firmes), mas o de perder o cargo, incorrer na ira do patrão, ser encaminhado para um contingente de trabalho sob condições particularmente duras e, portanto, desaparecem do mundo dos vivos. Seu estoicismo e sabedoria eram, portanto, ainda mais louváveis, pois contribuía para tornar a vida menos difícil para seus irmãos.

Este foi, por exemplo, Vasili Grigorievich Vlasov, que já tivemos a oportunidade de conhecer durante o julgamento de Kady. ^[cy] Ao longo de sua longa sentença (ele foi preso por dezenove anos sem interrupção), ele exibiu a mesma convicção tenaz com que enfrentou a Corte, com a qual zombou de Kalinin e de seu perdão. Ao longo desses longos anos, jugo aos labores gerais, faminto, nunca se considerou um bode expiatório, mas um verdadeiro político, um "revolucionário". E quando, graças ao seu agudo

talento comercial, ascendeu a altos cargos no departamento de produção, Vlasov viu não apenas uma vantagem pessoal, mas a possibilidade de melhorar um pouco a existência de seus colegas.

Na década de 1940, em um dos quartéis-generais florestais da Ust-Vym (Ustvymlag diferia dos outros campos por ter um único quartel-general), Vlasov era responsável por definir as regras e planejar o trabalho. Tudo ali dependia dele e, no inverno, para sustentar os madeireiros, ele sempre marcava alguns metros cúbicos extras para suas equipes. Durante um inverno particularmente rigoroso, os homens mal conseguiam realizar 60% da tarefa, mas todos recebiam como se tivessem feito 125%, e graças a essas rações suplementares conseguiram sobreviver ao inverno e não se gastou um único dia. Parar de trabalhar.

No obstante, a quantidade de madeira entregue foi bem menor do que consta nos jornais, e começaram a circular boatos que chegaram à cabeça do campo. Em março, ele enviou uma comissão de contramestres para fiscalizar a floresta, e descobriu-se que haviam derrubado oito mil metros cúbicos a menos do que o declarado. O chefe ficou furioso e imediatamente convocou Vlasov; Ele ouviu com calma e respondeu: «Põe-nos, patrão, *cinco dias* para todos, são preguiçosos. Eles estavam com preguiça de ir pela floresta, há neve profunda. Nomear outra comissão, comigo como presidente. Com os outros três membros - conhecidos por ele - Vlasov, sem sair do escritório, lavrou a ata e "encontrou" a madeira que faltava. Isso acalmou o ânimo do patrão por um momento, mas em maio ele voltou à carga, pois as entregas de madeira ainda eram insuficientes e já começavam a fazer perguntas lá em cima. Vlasov apareceu diante dele novamente. De estatura baixa, mas com a arrogância de um galo lutador, desta vez nem se deu ao trabalho de negar: aliás, aqueles oito mil metros cúbicos não tinham sido derrubados. O chefe pôs as mãos na cabeça. “Como se atreve a fazer um relatório falso?” E patatín e patatán! O que, você teria preferido ir para a cadeia? Você é o primeiro responsável, e por oito mil metros cúbicos pelo menos dez anos, enfim, para um Chequista, cinco! » O chefe gritou, chutou, mas, de qualquer maneira, era tarde demais para punir Vlasov: tudo dependia dele agora. "E agora, o que vamos fazer?" Vamos esperar o degelo. O degelo chegou; as estradas estavam cobertas de pântanos, e Vlasov redigiu um relatório técnico completo explicando, em detalhes, o que havia acontecido. De acordo com aquele relatório, devidamente assinado pelo cacique e encaminhado à Diretoria, o trabalho madeireiro

havia sido executado com tanto sucesso que não bastavam oito mil metros cúbicos de toras para serem enviadas de trenó, e agora era impossível retirá-las da floresta até as estradas pantanosas. Seguiu um cálculo dos custos de uma estrada para transporte, se construída, mostrando que custaria mais do que o valor da própria madeira; Agora, esperar até o próximo inverno para retirá-la também não era solução, porque depois de passar todo o verão e outono no brejo, aquelas toras seriam praticamente inúteis e o comprador as aceitaria apenas para lenha. A Direcção aceitou sem questionar aquele relatório tão bem escrito, que pôde ser apresentado sem perder prestígio a qualquer outra comissão, e descarregou oito mil metros cúbicos de madeira.

Desta forma, aquelas árvores foram derrubadas, *comidas*, derrubadas e, mais uma vez, orgulhosamente se tornaram mais exuberantes do que nunca. Por outro lado, o estado não achou aquela madeira morta muito cara ou muito cara: apenas algumas centenas de pães adicionais daquele pão preto, amassado com farinha de alfarroba e água. Quanto aos mil toros e às cem vidas salvas, isso não teve qualquer importância para a contabilidade do Arquipélago: era um material facilmente substituível ...

É muito provável que Vlasov não tenha sido o único a usar tais truques, porque, a partir de 1947, um novo sistema de esquadrões e equipes de controle remoto foi implementado em todas as operações de registro . Os madeireiros agora formavam um único pelotão com os caminhões, e a equipe registrava não o número de toras derrubadas, mas os metros cúbicos depositados nas margens do rio por onde a madeira desceria na primavera.

Isso significou o golpe de misericórdia para a *tujta*? De jeito nenhum! A *tujta* não apenas não diminuiu, mas ampliou seu campo de ação, alimentando muito mais trabalhadores do que antes. Os leitores que não acham isso chato serão capazes de obter uma visão mais profunda sobre o assunto:

1. Cai com o peso deles que os presos não podem acompanhar a lenha rio abaixo (quem vai acompanhá-los até lá?). Por este motivo, foi estabelecido que um representante do campo entregue, na margem do rio, a madeira de todo o equipamento ao representante da transportadora, composta por freelancers . Logicamente, este último gerente deve ser exigente? Pois não! O preso que entrega a madeira pode colocar todo o *tujta de* que as equipes florestais precisam, que o transportador concorda com tudo.

2. E por que? Como os homens livres que trabalham na empresa de transporte também precisam comer, eles também têm regras fora do seu alcance. Todos os logs de fantasmas supostamente carregados também irão flutuar rio abaixo.
3. Por outro lado, o corte do rio, para o qual convergem as toras enviadas de todos os pontos da floresta, está novamente nas mãos dos reclusos, mais precisamente, nas mãos do Ustvymlag, que tem 52 ilhas espalhadas por um território de 250 x 250 quilômetros (é assim que é o nosso Arquipélago!) O encarregado da entrega das toras é tranquilo: sabe que o recluso que as recebe cuida não só da madeira, mas também da *tujta*. Em segundo lugar, para não prejudicar os campos florestais rio acima, mas sobretudo porque ele e os seus *conterrâneos* também comerão daquela *tujta*, que tem de retirar e empilhar as toras (também elas têm regras fantásticas, eles também precisam de rações de "choque"). Quem tem que suar pelos companheiros é quem manda: não basta acusar o recebimento do volume total, mas sim classificar as toras - boas e *apertadas* - por diâmetros e comprimentos. A comida de todos depende disso! (Vlasov também estava lá).
4. A próxima etapa é a serraria, onde as toras são transformadas em todos os tipos de madeira. Os trabalhadores também são internos lá. As tripulações comem de acordo com o volume de toras serradas, e as toras "fantasmas" contribuem, muito propositalmente, para aumentar suas porcentagens de rendimento.
5. Em seguida, vem o depósito do produto acabado. De acordo com a regulamentação estadual, deve conter 65% do produto bruto recebido, dessa forma 65% da *tujta* também entra de forma invisível no *armazém* (e a madeira imaginária, já "serrada", também é classificada por categorias : vigas, tábuas, tábuas, tão grossas, tão compridas) ... Os trabalhadores do armazém também comem daquela *tujta*.

Sim, mas o que acontecerá depois? O *tuj ta* já está no armazém, mas o armazém está sob custódia das Tropas de Escolta; não pode haver qualquer tipo de "perda" que não seja devidamente justificada. Quem vai responder agora pela fraude?

E é aqui que, em prol do grande *princípio* da *tujta*, entra outro grande princípio do Arquipélago: o do *elástico comprido*, isto é, a possibilidade de

esticar, de atrasar ... A *tujta* que está registada nos autos do o depósito está sendo copiado continuamente de ano para ano. Ao fazerem inventários, naquela ilha perdida do Arquipélago, os que vêm também são reclusos, também entendem. E não vão contar cada mesa uma a uma. Felizmente, a mercadoria é perecível; de tanto ficarem guardadas, algumas tábuas apodrecem, e a madeira fantasma apodrece com elas ... E se em uma delas descobrem que um gerente de armazém não teve um olhar suficientemente vigilante, então passam para outra seção e o assunto está encerrado ... Mas, entretanto, quantas pessoas fugiram daquela floresta!

Existe também outro sistema. Ao carregar vagões para um consumidor (o representante do comprador não está presente, os vagões serão então distribuídos para os pontos de destino), eles também carregam a *tujta*, ou seja, pontuam como madeira extra carregada (que também alimenta os embarcadores , Vamos anotar!) A ferrovia sela o vagão, ele não liga. Com o tempo, eles abrirão o vagão em qualquer Armavir ou Krivoi Rog e acusarão o recebimento da mercadoria real. Se a falta for moderada, não dirão nada, todas essas diferenças de volume acabarão se acumulando em algum jogo, e

que o Gosplán as explica. ^[cz] Se a falha for flagrante, o destinatário enviará uma reclamação ao Ustvymlag, mas essas reclamações são apresentadas entre milhões de outros papéis, em algum lugar são arquivadas e com o tempo são esquecidas: não podem contra o desejo humano de *viver* (Quanto a devolver a carroça de madeira, nenhum Armavir decidirá: receba o que eles derem, não há florestas no Sul).

Observe que também o Estado, especificamente o Ministério da Madeira, usa esses números "inflados" de árvores cortadas e serradas com muita seriedade para suas estatísticas oficiais. *Tujta* também é bom para o Ministério ^[126] .

Mas talvez o mais surpreendente seja o seguinte: em cada etapa do movimento da madeira, com tanto *tujta*, deveria *faltar* madeira. Por outro lado, o gerente da serraria, durante o verão consegue colocar tanto *tujta* nas operações de extração , que todo outono, nas docas dos carros alegóricos, se formam *sobras*: o que não deu tempo de tirar da água. Como não pode ficar assim no inverno, sob pena de ter que chamar um avião bombardeiro na primavera para desfazer o iceberg, aquela madeira *extra*, agora inútil, é lançada no final do outono *rio abaixo no Mar Branco*. ^[dá]

Absurdo? Surpreendente? Bem, não é o único lugar onde isso acontece. Da mesma forma, nos armazéns da Unjlag havia sempre madeira ESQUERDA, que não havia sido carregada nos vagões e que não estava mais gravada em lugar nenhum ...! E depois de um determinado armazém ter sido definitivamente fechado , eles ainda vinham por muitos anos dos *lagpunkts* vizinhos para *buscar* lenha abandonada, e queimavam lenha rachada nos fogões, que tinham custado tanto para preparar.

E todas essas armadilhas foram feitas para *sobreviver*, não para enriquecer e de forma alguma para defraudar o Estado.

Um estado não pode ser tão feroz a ponto de levar seus próprios cidadãos ao engano.

Da mesma forma, os presos costumam dizer: *graças à fraude e amonal,* ^[db] *o canal foi construído.*

O Arquipélago apoia-se nestes pilares.

VI

Eles trouxeram fascistas!

"Eles trouxeram fascistas, eles trouxeram fascistas!" Jovens presidiários de ambos os sexos gritavam com entusiasmo, correndo loucamente pelo campo, enquanto nossos dois caminhões, cada um carregado com trinta *fascistas*, avançavam para o estreito perímetro do campo Novyi Ierusalim.

Tínhamos acabado de experimentar uma das horas mais importantes de nossa existência: uma viagem de sessenta minutos de Kra snaia Presnia até aqui, o que eles chamam de transferência. Embora estivéssemos embalados como sardinhas na caixa aberta do caminhão, o nosso era o ar; nossa, velocidade; nossas, todas as cores...! Tons esquecidos do mundo exterior, bondes vermelhos, ônibus azuis, multidões heterogêneas ...! Será que todos vão perceber, enquanto correm em grupos e se apertam para entrar no veículo, o que são essas cores? E como se não bastasse, precisamente hoje todos os prédios e mastros estão enfeitados com bandeiras e flâmulas ... Nossa libertação da prisão coincide com a festa de 14 de agosto (data em que o Japão capitulou após os sete dias de guerra com a Rússia em 1945). Na estrada de Volokolamsk, o cheiro de feno recém-cortado e o frescor repuscular dos prados confundiam nossos skinheads. Aquela brisa dos prados ... quem pode beber com mais avidez do que um prisioneiro ...?! Acostumados ao cinza, apenas cinza, nossos olhos piscaram de espanto com tanto verde genuíno ... Gam merov, Ingal e eu tínhamos sido designados para o mesmo contingente, e agora, nós três sentados juntos, parecíamos estar viajando para uma dacha aconchegante. Uma viagem tão fascinante não poderia terminar em nada sombrio ...

Finalmente chegamos. Desembarcamos entorpecidos , nos espreguiçamos, olhamos ao redor ... Gostamos da área de Novyi Ierusalim. Por enquanto, não é cercada por um muro de pedra, mas apenas alguns fios de arame farpado, através dos quais toda a zona rural de Zvenigorod pode

ser vista com suas suaves ondulações cobertas por vilas verdes e cabanas. E para nós, recém-chegados, parece fazer parte desse ambiente alegre, e contemplamos a paisagem com os mesmos olhos com que a olha quem vem para descansar e desfrutar da natureza. E é bem possível que o estejamos vendo com ainda mais intensidade do que eles (nossos olhos estão acostumados às paredes lisas e nuas, às plataformas cinzentas, à escuridão da cela) ... e é por isso que nos maravilhamos com o esplendor dos vários tons de verde sob o sol poente ...

"Então vocês são fascistas ...?" Vocês são todos fascistas ...? Alguns internos que nos abordaram perguntam com esperança. E depois de ter verificado que sim, que realmente somos fascistas, eles vão embora. Eles não estão mais interessados.

(Sabe-se que eles chamam os dos Cinquenta e Oito Fascistas; esse apelido, introduzido pelos criminosos, foi imediatamente bem visto e apoiado pelas autoridades. Em uma época, os presos políticos eram chamados de *kaers* [contra- revolucionários], mas depois a palavra caiu em desuso, e um termo muito infame foi necessário).

Após a rápida viagem ao ar livre, sentimos uma agradável sensação de bem-estar; até sentimos calor. Com os nossos olhos continuamos a estudar a pequena área, com o seu pavilhão de pedra de dois pisos para os homens, o seu edifício de madeira para as mulheres e os pequenos edifícios secundários de puro carácter camponês; depois observamos as longas sombras negras de árvores e edifícios que invadem os campos, a alta chaminé da fábrica, em cujas janelas já se acendem as luzes ...

-E que tal? Parece que isso não é tão ruim, né...? Comentamos, tentando nos convencer.

Um garçom havia parado ao nosso lado e olhava para nós com um misto de desconfiança e curiosidade. Seu rosto tinha aquela expressão de animosidade que já começávamos a notar em quem se aproximava de nós. Ele estava usando um boné preto velho e, com as mãos nos bolsos, ouvia nossa conversa.

"Não é tão ruim assim ?! Ele exclamou.

Torcendo a boca, ele nos deu um olhar de desprezo novamente e sílaba:

"Você vai apodrecer aqui!"

Ele cuspiu no chão e se virou. Eu não conseguia continuar ouvindo tantas coisas estúpidas.

Nossas almas caíram aos nossos pés.

A primeira noite no campo ...! Você vai rolando, rolando, descendo a ladeira escorregadia, e você sabe que em algum lugar há uma saliência na qual você tem que se segurar, uma saliência da qual pode depender a salvação, mas você não sabe onde ela está ... E todo o pior da educação de um para emergir de novo: desconfiança, mesquinhez, egoísmo, nascidos nas filas intermináveis dos famintos, na arbitrariedade dos poderosos ... E toda aquela escória do espírito é agitada e agitada ainda mais pelas advertências perturbadoras que circulam incessantemente sobre os acampamentos: "Acima de tudo, não se envolva em trabalhos gerais..., nada além de *gerais*...! No campo você vive entre lobos, eles vão te comer vivo ...! Aqui os caídos são pisoteados, não se deixem apanhar pelos *gerais*...! ». Mas o que fazer para evitar ser pego? Para onde ir, onde se esconder? Porque você tem que dar *algo* ..., você tem que dar *algo* para alguém ..., mas o quê? E para quem? E como se faz ...?!

Ainda não passou uma hora e um dos que chegaram conosco aproxima-se, mal escondendo um grande sorriso de satisfação: acabam de o nomear construtor de zonas de engenharia. E ainda outra: permitem abrir um salão de cabeleireiro na fábrica para trabalhadores livres. E uma terceira: conheceu um conhecido, vai trabalhar no escritório de planejamento. E o coração se contrai dolorosamente, pensando: "Tudo isso é feito às suas custas ... eles vão sobreviver nos escritórios, no cabeleireiro, enquanto você está fadado a perecer ..., a perecer" ...

A zona. Duzentos degraus separam um fio do outro, mas é proibido chegar muito perto deles.

Sim, do outro lado o campo verde pode brilhar o quanto quiser, suavemente ondulante, mas aqui só há uma sala de jantar onde reina a fome, e uma adega de pedra que serve de confinamento solitário, e uma placa no fogão. - "cozinha individual" -, e o galpão onde ficam os banheiros, e o quadrado cinza do banheiro fedorento com suas tábuas podres ... E é isso. Você não pode ir a outro lugar. Quem sabe, talvez esta pequena ilha seja o último pedaço de terra em que você poderá pisar pelo resto da vida.

Nos quartos existem apenas *vagonki nus*. O *vagão ka* é uma invenção exclusiva do Arquipélago; em nenhum outro lugar do mundo existe algo assim. É constituída por quatro tábuas dispostas em dois pisos sobre dois

suportes em cruz: um ao pé e outro à cabeceira. Quando um dos dormentes se move, os outros três balançam.

Neste campo não dão colchões, nem sacos para encher. A expressão "roupas" é desconhecida dos internos de Novyi Ierusalim; não há cama, nem dão ou lavam o interior: só aquela que você veste e que cuida dela. Nem a palavra "travesseiro" é conhecida pelo contramestre, existem apenas seus próprios e apenas algumas mulheres e alguns criminosos os possuem. À noite, ao deitar na prancha, se quiser, pode tirar os sapatos, mas cuidado, seus sapatos serão roubados ! É melhor você dormir de sapatos. E o mesmo acontece com as roupas; é mais sensato dormir vestido. Quando você for trabalhar pela manhã, não deve deixar nada no quartel: o que os ladrões não quiserem será levado pelos guardas *como punição por deixar coisas espalhadas*. De manhã, vocês vão trabalhar como nômades que acampam, ainda mais limpos: vocês não deixam cinzas de fogueiras, nem ossos roídos; o alojamento é deixado vazio, vazio, como se fosse para acomodar outros. Nem mesmo a sua mesinha de cabeceira é diferente das outras: são todas iguais, nuas, sujas, brilhantes de todos aqueles corpos ...

Você também não pode trazer nada para o trabalho. Todas as manhãs você tem que recolher seus pertences e fazer fila em frente ao guarda-volumes para colocá-los em sua bolsa ou mala. Quando você voltar do trabalho, terá que entrar na fila novamente para pegar o que acha que vai precisar à noite. E não se engane, porque eles não vão deixar você se aproximar do slogan uma segunda vez.

E assim por dez anos ... Coragem!

O turno da manhã retorna ao campo às três da tarde. Os homens lavam, comem, fazem fila em frente ao slogan e imediatamente fazem a chamada para a chamada. Os presos saem para se formar em fila, e assim ficam imóveis, enquanto um guarda analfabeto, com um compensado nas mãos e mastigando um lápis, caminha entre eles com a testa franzida em um doloroso esforço intelectual, resmungando sem parar. O diretor conta, e conta novamente, e está errado novamente; A quantia dá errado ou ele se esquece de anotar os doentes e os que estão em confinamento solitário. Essa absurda perda de tempo dura uma hora, uma hora e meia, senão mais, porque o diretor passou, por acaso, duas ou três vezes, naquele momento, aos quartos vazios, enquanto os internos ficam imóveis em suas fileiras ... E quem sabe valorizar o tempo, quem até no campo deseja poder fazer algum trabalho (traço pouco desenvolvido em nossa cidade, e menos ainda entre

nossos internos), sente-se particularmente desamparado e humilhado. "Em linhas" não pode ser lido. Meus meninos, Gammerov e Ingal, ficam de olhos fechados, compondo mentalmente poesia ou prosa, ou talvez alguma letra, mas não poderão ficar assim por muito tempo, porque dão a impressão de estar dormindo e isso é ofensivo à inspeção. Você também não consegue tampar os ouvidos, então é provável que ouça todos os palavrões, piadas estúpidas e reclamações desanimadoras que os outros fazem. (Estamos em 1945. Norbert Wiener formulará as leis da cibernética; a fissão do átomo já foi obtida e, nesse ínterim, alguns intelectuais pálidos devem esperar, imóveis por horas, que um grosseiro desajeitado com o rosto vermelho ácido se decida! para terminar o seu saldo!) A lista de chamada terminou; São cinco e meia da tarde e os reclusos bem podem ir dormir (a noite anterior foi muito curta e a seguinte pode ser ainda mais curta), mas dentro de uma hora estarão a jantar ... Não há outra escolha. que esperar.

A administração de campo é tão desajeitada e preguiçosa que não tem vontade nem inteligência para acomodar os vários turnos nas várias salas. Às oito horas da noite, depois do jantar, o primeiro turno bem poderia descansar, mas há os bandidos, satisfeitos e descansados, que começam a jogar cartas em seus cobertores, gritando e inventando números teatrais. Um ladrão com feições asiáticas pula de lixo em lixo e pisando naqueles que tentam dormir neles, gritando: "Foi assim que Napoleão foi a Moscou procurar fumo!" Obtido o fumo, volta pelo mesmo caminho, pisando e pisando novamente, gritando: "Foi assim que Napoleão voltou a Paris!" Cada partida dos malfeitores foi tão inesperada, tão fora do comum, que ficamos boquiabertos. Desde as nove horas, o turno da noite sacode as liteiras, anda para cima e para baixo, arruma-se, leva as coisas para o armário ... Enfim, às dez horas, são levadas; podemos muito bem dormir agora; mas às onze horas da noite o turno da tarde volta. Agora são eles que andam para cima e para baixo, sacodem as liteiras, se lavam, vão ao armazém buscar as coisas, jantam. Talvez às onze e meia todo o campo finalmente tenha adormecido.

Mas, às quatro e quinze, uma voz cantante metálica espalha-se pelo campo e chega às quintas vizinhas adormecidas, onde os velhos ainda se lembram muito bem do repicar dos sinos do mosteiro . Talvez o sino do nosso campo seja apenas um desses, acostumado a acordar cedo com os galos e acordar os monges com seus sons para as orações matinais e o trabalho diário.

“Levante-se para o primeiro turno!” Grita o ordenança, inclinando-se para fora de uma das salas. Grogue de sono, olhos ainda colados, nem se pensa em lavar! E nem é preciso se vestir, já que você dorme de roupa. Então você vai direto para a sala de jantar. Você entra lá cambaleando de sono. Todos se acotovela e sabem bem o que querem e para onde vão: alguns, por pão; outros, para a *balanda*. Só você está vagando como se estivesse tonto em meio à fumaça do caldeirão e sob a luz fraca das lâmpadas elétricas. Por fim, recebe a ração que corresponde a você, quinhentos e cinquenta gramas de pão, um verdadeiro banquete, e uma tigela de barro com algo quente e preto. Isso é sopa, sopa de urtiga. Como trapos pretos, as folhas cozidas demais nadam em meio à água escura. Nem peixe, nem carne, nem gordura. Nem sal: quando passa do ponto, a urtiga consome todo o sal, então não põe mais nem no lixo. O tabaco será o ouro do campo, mas o sal é prata, e os cozinheiros o usam com um conta-gotas! Essa balanda de minério tigas sem sal te vira de cabeça para baixo . Por mais faminto que você esteja, não há como engolir tudo.

Agora olhe para cima. Não, não para o céu, para o teto. Seus olhos já se acostumaram com a penumbra e serão capazes de decifrar, ao longo de toda a extensão da parede, um lema escrito em grandes letras vermelhas no papel de parede:

"Quem não trabalha, não come!"

E um tremor percorrerá seu corpo ... Ó, sábios da Seção Cultural-Educacional! Como você deve ter ficado feliz em encontrar aquele lema evangélico e comunista para o refeitório do campo ! Mas no Evangelho segundo São Mateus se diz: "Quem trabalha merece ser alimentado". Mas em Deuterônômio está escrito: "Não amordace o boi debulhador."

E você só adiciona uma admiração! O boi que trilha agradece! Agora saberei que você aperta meu pescoço emaciado não por necessidade, que você me afoga não por mera ganância, mas por causa do princípio luminoso da sociedade futura! Só que não me vejo no campo, deixa quem trabalha comer. Nem vejo no campo, que quem não trabalha passa fome.

Amanhecer O céu de agosto está ficando cada vez mais pálido; apenas as estrelas mais brilhantes são agora discerníveis. Para o Sudeste, acima da fábrica à qual eles vão nos conduzir, brilham Procyon e Sirius, alfas dos Cães Maiores e Menores. Todos eles nos abandonam; até as estrelas parecem ter-se aliado aos nossos carcereiros: no céu, como na terra, os cães

mostram-nos os seus dentes ... Aqui embaixo, a matilha ladra loucamente, pula, tenta desesperadamente morder-nos . Como eles o treinaram bem para rasgar a carne humana!

Primeiro dia no campo! Não desejo isso nem ao meu pior inimigo! A cabeça está girando; Pensamentos, medos, esperanças, parecem querer explodir o cérebro... «E eu? O que será de mim? ¿ O que eles farão comigo? " Os recém-chegados recebem as tarefas mais absurdas, um mero pretexto para mantê-los ocupados até que tudo esteja organizado. O dia não tem fim ... Pega o carrinho de mão, traz de volta e a cada ida e volta o dia só se encurta cinco ou dez minutos, e você sempre tem horas infinitas pela frente para continuar se torturando: «E eu? O que eles vão fazer comigo ...? »

Percebemos perfeitamente a bobagem que é transportar o lixo de um ponto a outro do campo, procuramos conversar um pouco entre carrinho de mão e carrinho de mão ... Nos sentimos praticamente exaustos, quase sem forças ... Como podemos resistir aos oito anos que passamos permanecer? Procuramos falar sobre qualquer coisa, algo que nos faça sentir mais seguros, que nos lembre que temos uma personalidade. Ingal narra os detalhes do funeral de Tynianov, de quem se considera discípulo, e logo a seguir se inicia uma discussão entre nós sobre o romance histórico: há ou não direito de escrevê-lo? À distância e à maturidade de seu século, o autor pode se convencer tanto quanto quiser de que *compreendeu*, mas de qualquer forma não pode tê- *lo vivido*. Portanto, todo romance histórico é, mais do que tudo, ficção?

Eles estão começando a chamar os recém-chegados para distribuir as tarefas, e todos largamos os carrinhos de mão e corremos para o escritório. Poucas horas depois de estar no campo, Ingal já conseguiu fazer amizade com alguém, e agora o mandaram para a seção de contabilidade da fábrica, embora sua formação seja literária, ele está envolvido nas contas ao ridículo e no seu a vida lidou com um ábaco. Gammerov, que mesmo para salvar a própria vida não é capaz de pedir nada a ninguém ou de procurar acomodação, é chamado de "trabalhador não qualificado". Ele volta do escritório, deita-se na grama, e naquela última hora que ainda lhe resta antes de começar a ser um peão, fala comigo do poeta proibido Pavel Vasiliev, de quem eu nunca tinha ouvido falar. Quando é que estes dois rapazes tiveram tempo para ler tanto, para aprender tanto ?!

Enquanto isso, fico em dúvida e, enquanto distraidamente mordo uma haste, penso: Qual é a melhor coisa para mim? Matemática ... o Exército ...? » Não sou capaz de adotar a atitude arrogante de Boris. Houve um tempo em que fui instilado por outros ideais, mas a partir dos anos 1930, a vida começou a exigir apenas isso, empurrar e seguir em frente.

Ao entrar no escritório do diretor da fábrica, fui deixado sozinho para alisar as rugas da minha túnica sob o largo cinto do oficial (eu as tinha colocado de propósito, como se não me importasse de empurrar um carrinho de mão). O colarinho alto estava severamente abotoado.

-Oficial? O diretor notou imediatamente .

-Exatamente!

—Experiência *trabalhando com pessoas*? ^[127]

-Sim.

"O que ele ordenou?"

"Um grupo de artilharia", menti na hora (uma bateria parecia muito pouco para mim!)

O diretor me observou com uma mistura de confiança e descrença.

"E você acha que pode administrar aqui?" É difícil.

"Eu acho que eu posso!" (Eu ainda não sabia em que confusão estava me metendo. O principal era empurrar e seguir em frente!)

O diretor ficou pensativo por um momento ... (Ele estava calculando até que ponto eu poderia me tornar um goleiro e se minhas mandíbulas fossem fortes o suficiente).

-Está bem. Você será o contramestre de serviço na pedreira de argila.

Junto comigo, eles nomearam outro oficial, Nicolai Akimov, na pedreira . Nós dois saímos do escritório unidos no mesmo sentimento de alegria. Não nos demos conta - e se alguém nos tivesse dito, não teríamos acreditado - que tínhamos um simples trabalho de laçao para iniciar a sentença. Por seu rosto de camponês desprezioso, Akimov parecia um menino franco e um excelente soldado.

"Por que o diretor nos assustou?" Como não conviver com vinte homens? Não há minas aqui, não há bombardeio ... Por que não deveríamos nós, mestres, administrar?

Procurámos reavivar nos nossos corações o velho espírito das trincheiras ... Pobres de nós, cachorros inexperientes, que não percebíamos a diferença gritante que existia entre o Arquipélago e aquela frente, quanto mais difícil esta guerra de cerco do que o nosso assalto!

Qualquer idiota pode comandar o Exército, e quanto mais alta sua patente, mais sucesso terá. Enquanto um comandante de seção precisa de engenhosidade, resistência, audácia e conhecimento da alma humana, dependendo de qual marechal basta resmungar, gritar quatro vezes e saber assinar o próprio sobrenome. Todo o resto será feito por outros em seu lugar, e o mesmo plano da operação será trazido a ele do departamento de operações, feito por algum oficial desconhecido. Os soldados seguem as ordens não porque estão convencidos de que são adequadas (o oposto é frequentemente o caso), mas porque essas ordens são dadas a eles de cima através de toda uma escala de hierarquias, como se estivessem passando por uma série de máquinas, e aqueles que se recusam a cumpri-los têm a cabeça cortada.

Mas no Arquipélago o mesmo não acontece com o recluso nomeado para enviar outros reclusos. Toda aquela hierarquia de barro dourado não está atrás dele para apoiá-lo e ratificar suas ordens, e seus superiores serão os primeiros a abandoná-lo e pisoteá-lo assim que você não souber como fazer cumprir essas ordens com sua própria força, seu próprio conhecimento e compreensão. E sobre o que é isso saber? No uso dos punhos, no castigo pela fome ou no conhecimento tão profundo do Arquipélago, que a tua ordem parece ao recluso a última hipótese de lhe salvar a vida.

Você só pode enviar os presos, seus irmãos, quando o frio polar se instalar em suas veias em vez do sangue quente ...

Precisamente naqueles dias começaram a enviar para a pedreira, como trabalho árduo, um grupo de criminosos até então mantidos incomunicáveis no porão por terem tido pressa em cortar a cabeça do acampamento (eles, é claro, não tinham real intenção de cortar sua garganta, eles não eram tolos o suficiente para fazer isso; eles só queriam assustá-lo um pouco, para que eles os mandassem de volta para a Presnia. Novyi Ierusalim parecia um lugar sem futuro, onde seria difícil pegar uma mordida extra). Eles foram trazidos perto do final do meu turno. Eles se deitaram em silêncio na pedreira, descobrindo as pernas, os braços curtos e roliços, as barrigas tatuadas e proeminentes, os seios e começaram a assar-se bem para compensar as horas passadas na masmorra úmida. Aproximei-me deles em meu uniforme de oficial e muito corretamente me ofereci para começar o trabalho. O solzinho os deixara de bom humor, por isso se limitaram a dar uma gargalhada e me mandar, sabe para onde ... Fiquei indignado, tonto, e só consegui ir embora. Se ele estivesse no Exército, teria começado

ordenando "Levante-se!" mas aqui estava muito claro que se algum deles decidisse se levantar, seria apenas enfiar uma faca entre minhas costelas. Enquanto eu partia o cérebro pensando no que fazer (todos os internos observavam a cena e a qualquer momento também podiam parar de trabalhar), chegou o fim do meu turno. Só graças a essa circunstância posso hoje escrever esta pesquisa sobre o Arquipélago.

Akimov veio para me substituir. Os malfeitores continuaram a assar. Akimov falou com eles, então gritou uma ordem (talvez até "levantem-se!"). Finalmente, os ameaçou com o chefe do campo. Eles se levantaram, correram atrás dele, derrubaram-no na pedreira e esmagaram seus rins com uma barra de ferro. Akimov foi levado diretamente para o hospital da prisão distrital, encerrando assim sua carreira como contramestre, e talvez seu preservativo e sua vida. (Muito provavelmente, o diretor nos nomeou precisamente para atacar esses bandidos.)

Quanto à minha curta carreira na pedreira, ela durou alguns dias a mais do que a de Akimov e, em vez de satisfação, apenas me causou um mal-estar persistente. Às seis da manhã meu martírio começou; Entrei na zona de trabalho com o coração cheio de ódio contra a pedreira e contra o papel que eu deveria desempenhar nela.

A fábrica de prensas úmidas e a pedreira eram ligadas por uma ferrovia de bitola estreita. Sempre que a plataforma terminava e os trilhos desciam em direção à área de trabalho propriamente dita, um guincho podia ser visto disposto em uma plataforma. Esse guincho motorizado era uma das poucas maravilhas da mecanização em toda a fábrica. Por todo o caminho, da pedreira ao guincho, e depois do guincho à fábrica, os vagões de barro tinham de ser empurrados pelas pessoas. Somente nessa encosta o guincho foi removido da pedreira. A pedreira ocupava uma das extremidades da área de fabricação; era uma superfície cheia de poços, que se ramificavam como ravinas entre as quais havia montes intactos. O barro estava na superfície do solo e a videira não estava boa. Provavelmente poderia ter sido feito em profundidade, ou superficialmente, mas ninguém sabia como fazer, ninguém havia traçado um plano de exploração e tudo era dirigido pelo chefe da equipe do turno da manhã, Barinov, um jovem. Simpático e franco moscovita, cumprindo pena por um crime comum. Barinov extraiu a pedreira simplesmente onde era mais conveniente para ele, isto é, onde mais poderia ser extraído trabalhando menos. Não foi muito fundo, então as carroças não teriam que subir uma colina íngreme depois.

Na verdade, foi Barinov quem comandou aqueles dezoito ou vinte homens, todos os quais trabalharam durante meu turno na pedreira. Ele era o único verdadeiro chefe no turno; ele conhecia seus meninos, *alimentava-os*, isto é, arrumava boas rações para eles e decidia todos os dias quantos vagões despachar para que não fossem nem poucos nem muitos. Eu gostava de Barinov e, se nos tivéssemos encontrado na plataforma de alguma prisão, teríamos nos entendido muito bem. Bem, e também não teríamos entendido aqui, mas tive que me aproximar e rir juntos, quem olha, o diretor me deu ordens barulhentas, e eu não tenho ideia.

Mas minha educação como oficial me impediu! E tentei ter uma atitude severa com ele, me fazer obedecer, embora fosse claro não só para mim e para ele, mas para toda a equipe, que eu era o mesmo tipo de idiota que um instrutor distrital na hora do plantio. Barinov, por sua vez, ficou furioso porque um Torito foi colocado em cima dele e, mais de uma vez, ele me expôs habilmente para toda a equipe. O que quer que eu mandasse fazer, ele me mostrou na hora que não podia ser feito. Em vez disso, com gritos de "Mestre! Mestre!", Ele me fez correr em volta da pedreira e me pediu instruções: como tirar os trilhos antigos e colocar os novos; como consertar uma roda que se soltou do eixo; que o guincho foi danificado, ele não puxa, e agora o que fazemos; ou aonde vamos para afiar as lâminas ... Suas provocações enfraqueceram cada vez mais meu ímpeto de comando; Já estava satisfeito quando comecei a trabalhar ele mesmo deu ordens aos seus meninos (o que nem sempre foi o caso) e parou de me importunar com suas perguntas irritantes.

Então eu iria embora devagar, me esconderia de meus subordinados e superiores atrás dos grandes montes de terra, sentaria no chão e ficaria quieto. Meu espírito estava letárgico desde aqueles primeiros dias no campo. Oh, isso não era prisão! As prisões são asas. As prisões são caixas cheias de ideias. Estar com fome e discutir na prisão é simples, divertido. Mas tente passar fome, trabalhe e se cale aqui dez anos seguidos, sim, experimente! Uma lagarta de ferro já me atraía para me devorar ... Eu me sentia impotente, não sabia como, mas queria fugir para um lado. Respire. Volte para mim. Levante a cabeça e veja ...

Lá, atrás do arame farpado, do outro lado do pequeno vale, está uma colina. Acima, uma pequena aldeia, não mais do que dez casas. O sol nascente o ilumina com seus raios pálidos. Está tão perto de nós, e não tem nada a ver com o campo ...! (Embora, na verdade, também seja um campo,

mas você o esquece.) Por muito tempo não há o menor movimento; depois, uma mulher passa com um balde; um menino em raves corre pela rua. Um galo cantará, uma vaca berrará, podemos ouvir tudo claramente na pedreira. Um cuzquillo latirá, que voz amistosa, que diferente da dos nossos cães policiais!^[128]

E a cada som que sai dali, com a mesma imobilidade daquela cidade, minha alma se enche de uma quietude íntima. E eu sei muito bem: se neste momento me disseram: «Tu és livre! Mas você vai morar nesta cidade o resto de seus dias. Abandone as cidades e o mundo inteiro, seus desejos ambiciosos, suas convicções, a verdade ... Abandone tudo isso e viva nesta cidade (mas não como um kolkhozie!), Olhe para o sol todas as manhãs e ouça o galos ... concorda ...? » Ele não apenas concordaria, mas: “Senhor, mande-me uma vida assim ! Sinto que o campo não aguenta »...

Do outro lado da fábrica, que agora é invisível para mim, um trem de passageiros chacoalha pela linha Rjev. Na pedreira gritam: "O plugado!" Aqui, cada trem é um conhecido; para eles contam o tempo. O "plugado" indica um quarto para as nove, e às nove eles trarão do campo, separadamente, sem turnos, os *plugados*: funcionários de escritório e gerentes. O trem preferido é o da uma e meia, do *barman*, porque um pouco depois acaba o nosso turno e vamos comer.

Junto com os que estão plugados, ou às vezes antes - se ele sente muita falta do trabalho - eles conduzem minha superiora imediata, uma reclusa, Olga Petrovna Matronina, sob escolta especial até a fábrica. Suspiro, saio do meu esconderijo e sigo os rastros até a fábrica de prensas úmidas, para apresentar meu relatório.

Toda a olaria consiste em duas oficinas: a prensagem a seco e a prensagem úmida. Nossa pedreira funciona apenas para prensagem úmida, e o diretor de prensagem úmida é Matronina, um engenheiro de silicato. Como ela é engenheira, não sei, mas é agitada e teimosa. I é um daqueles direita - pensando inflexível, alguns dos quais sabiam nas células (também alguns em geral), mas eu não sabia Cimera cuja altura me ntenerme. Eles lhe deram 8 anos pela OSO, segundo o artigo-sigla MF, como membro da família de um tiro, e agora ele está cumprindo seus últimos meses. Certamente, durante toda a guerra não haviam libertado um único político e iam segurá-la até a famosa Resolução Especial. Mas nem isso consegue ofuscar seu estado de espírito: ela serve ao Partido, e não importa se está em liberdade ou no campo. Como tirado de um museu. Ela usa um lenço

vermelho amarrado na cabeça, só vermelho, embora ela já tenha mais de quarenta anos (nem uma única garota reclusa os usa no campo, nem uma única de Komsomol grátis). Ela não sente nenhum tipo de ressentimento pela execução do marido ou pelos oito anos que teve que ficar presa. Todas essas injustiças, segundo ela, são obra de alguns asseclas isolados de Iagoda ou Iezhos, mas como temos o camarada Beria, todas as prisões são justas. Vendo-me com uniforme de oficial soviético, assim que nos conhecemos, ele respondeu: "Aqueles que me trancaram aqui agora podem se convencer da minha ortodoxia!" Pouco antes, ela enviou uma carta a Kalinin, cujo conteúdo cita todos os que querem ou precisam ouvi-la: "Os longos anos de minha sentença não quebraram minha vontade de lutar pelo poder soviético, pela indústria soviética."

No entanto, quando Akimov veio informá-la de que os bandidos não o obedeciam, ela não se explicou àqueles *amigos socialmente próximos* como a conduta deles era prejudicial à indústria, mas o chamou à ordem: "Bem, eles devem ser forçados a isso! ! É para isso que o designaram! " E quando Akimov foi derrotado, ele não continuou a luta, mas escreveu para o campo: "Não nos mande mais esse contingente." Nem estava preocupado com o fato de que as meninas em sua oficina trabalhavam oito horas como autômatos: as oito horas ininterruptas de exatamente o mesmo, exatamente o mesmo, movimentos em cadeia. "Não podemos fazer nada", disse ele; existem setores muito mais importantes para mecanizar.

Ontem sábado espalhou-se o boato de que hoje também não nos dariam o domingo de folga (porque, aliás, não nos deram). As meninas autômato a cercavam como um bando de pássaros, cantando tristemente: "Olga Petrovna, é verdade que amanhã também não nos darão o domingo?! Já são três seguidos! Se a guerra acabar! " Ela ergueu indignada o seu perfil escuro e seco, seco indefinidamente, sob o lenço vermelho: «Meninas! O que vamos ter, se em Moscou os o bras forem parados por falta de tijolos?! » (Ou seja, ele naturalmente não tinha ideia para que obras iam os nossos tijolos, mas com o olhar interno viu uma enorme obra universal que dependia exclusivamente do trabalho daquele domingo, e as meninas tiveram a vileza de querer um dia lavar suas roupas) ...

Matronina precisava de mim para *dobrar* o número de vagões em nosso turno. Não tinha feito o menor cálculo sobre a resistência dos nossos operários, nem sobre o estado dos vagões, nem sobre a capacidade de absorção da fábrica: simplesmente exigiu: "Dobrar!" (E como poderia um

homem que não entendia uma só palavra de pedreira ou de argila conseguir isso? Só à força dos punhos) ... Não dupliquei nada, sob minha direção a produção não variava nem mesmo de carroça, e Matronina, Chamou-me impiedosamente na presença de Barinov e dos operários, sem poder captar na cabeça de uma mulher o que até o último sargento sabe: não se pode insultar um cabo na frente de um soldado. Até que um dia, reconhecendo o meu fracasso total e absoluto na pedreira, isto é, a minha incapacidade de *dirigir*, apareço perante a Matronina e, com a maior delicadeza de que sou capaz, peço-lhe:

"Olga Petrovna, eu sou um bom matemático, vou te contar rapidamente." Ouvi dizer que na oficina você precisa de um contador. Leve-me!

"Um contador?" Ela está indignada; Seu rosto enrugado escurece ainda mais, e as pontas do lenço vermelho deslizam pela nuca. Vou colocar qualquer garota no garfo; o que precisamos são *comandantes de produção*. Quantas carroças você perdeu em cada turno? Fora daqui!

E, que novíssimo Pallas Athena, com um amplo gesto de sua mão aberta me manda de volta à pedreira.

Então, depois de dois dias, o cargo de mestre da pedreira é abolido e eu sou rebaixado. Mas não simplesmente, mas cruelmente. Matronina liga para Barinov e ordena:

"Escolha este aqui e não tire os olhos dele!" Que ele despache seis vagões por turno! Que *coceira!*

E aí mesmo, com aquele uniforme de escritório de que tanto orgulho, vou cavar um pouco de argila. Barinov se diverte: ele previu minha queda.

Se eu tivesse entendido melhor o vínculo tenso escondido que une todos os eventos no campo, ontem eu poderia ter previsto qual seria o meu destino. No refeitório do Novyi Ierusalim havia uma vitrine especial para "Pessoal de Engenharia e Técnica" (PIT), onde davam comida para engenheiros, balconistas ... e sapateiros. Depois de ser nomeado mestre da pedreira e assimilar os costumes do campo, fui até aquela janela e exigi minha parte. Os cozinheiros hesitaram, disseram que eu ainda não estava na lista do PIT, mas acabaram me batendo todas as vezes, mesmo sem dizer nada, então me convenci de que estava na lista. Mas depois, ao refletir, entendi que eu era então um sujeito pouco definido na cozinha: recém-chegado, imediatamente promovido a um cargo, vestido de militar, me dando tom ... Tal personagem ainda se tornaria chefe de serviço a qualquer

dia, o efeito da administração, ao médico (tudo é possível no campo!), e aí estarão nas minhas mãos ... E apesar do fato de que, na verdade, a fábrica me colocou em julgamento e não me incluíram em nenhuma lista, a cozinha ele me alimentou apenas no caso. Mas, vinte e quatro horas antes de eu cair, quando nem a fábrica sabia de nada, a cozinha caipira já estava atenta e me bateu com a janela na cara: era um *fráier* ^[dc] barato. Nesse pequeno episódio se resume todo o espírito dos campos!

Esse desejo, tão comum no ser humano, de se distinguir pela roupa, na realidade nos revela, antes de tudo, diante dos olhares perspicazes do campo. Acreditamos que nos vestimos e, na realidade, nos despimos, mostramos o fiapo. Eu não sabia que meu uniforme militar igualou lenço vermelho de Matronina. E o olho que nunca dorme viu isso de seu esconderijo. E ele mandou me chamar. "O tenente quer falar com você, aqui, na sala ao lado."

O jovem tenente tem uns modais é muito simpático. Naquela sala confortável e limpa, somos apenas eu e ele. O sol brilha ao pôr do sol, o vento balança a cortina. Ele me oferece uma cadeira e propõe, sabe-se lá por quê, escrever minha biografia. Nenhuma proposta mais lisonjeira poderia ter sido feita ! Após a ata da investigação, na qual eu só estava coberto de lama; após a humilhação dos carros celulares e cadeias de trânsito; depois da escolta e dos carcereiros; Depois dos bandidos e plugues que se recusaram a ver em mim um ex-capitão de nosso glorioso Exército Vermelho, depois de tudo que de repente me encontro sentado a uma mesa, e sem ninguém me sacudir, sob o olhar benevolente de um bom tenente, escrevo com uma tinta que tem exatamente a espessura desejada, em um papel lindo e liso, do tipo que não está em campo, que fui capitão, que fui comandante de bateria, que tenho a medalha de tal e a partir do qual ... E só de escrevê-lo sinto como se estivesse a recuperar a minha personalidade , o meu "eu" ... (sim, o meu sujeito epistemológico "eu"! E, no entanto, tenha em conta que fui um cidadão universitário e no Exército apenas um pássaro passageiro. Imagine então como deve estar profundamente enraizado um militar de carreira exigir que ele seja respeitado !) E o tenente, depois de ler minha autobiografia, ficou completamente satisfeito: Então você é um verdadeiro cidadão soviético, certo? " Bem, claro, bem, claro, seria mais! Como é bom sair da lama e da poeira e ser um verdadeiro cidadão soviético novamente! É meio livre.

O tenente me pediu para ir ao seu escritório cinco dias depois. No entanto, durante esses cinco dias tive que me separar do uniforme, pois era um absurdo cavar o barro vestido de soldado. Então, coloquei minha túnica e calça na mala e, no armazém do campo, recebi alguns trapos remendados e desbotados que pareciam estar no lixo há um ano. Esse foi um passo importante, embora eu ainda não percebesse essa importância na época. Ainda não possuía a alma do interno, mas já começava a me cobrir com sua pele. Totalmente barbeado, faminto e assediado pelos meus inimigos, só precisei adquirir em pouco tempo seu olhar falso, desconfiado, atento aos menores detalhes ...

Com esse vestígio, voltei, cinco dias depois, para me apresentar ao delegado de operações, ainda sem entender o que ele estava tramando, mas não o encontrei lá. Ele definitivamente parou de aparecer em campo. (Ele já sabia, e nós ainda não sabíamos, que dentro de uma semana eles iriam nos dissolver, e Novyi Ierusalim, em vez de nós, traria alemães). Portanto, evitei ver o tenente.

Estávamos pensando nisso com Gammerov e Ingal: por que ela me fez escrever sua biografia aqui? Filhinhos que éramos, não percebíamos que era a primeira garra que a ave de rapina introduzia em nosso ninho! Mas foi tão claro: com o último contingente chegaram três jovens que ficam o tempo todo comentando, discutindo alguma coisa, e um deles, o moreno, gordo, ranzinza, o de bigodinho, aquele que se acomodou Na administração, verifica-se que ele não dorme à noite e passa horas sentado em sua plataforma escrevendo, escrevendo e escondendo o que escreve. Naturalmente, o que ele esconde pode ser arrancado dele, mas, para não assustá-lo, é muito mais fácil descobrir tudo pelo outro, aquele que se pavoneia de uniforme. É visto que ele é do Exército, que ele é um cidadão soviético e que ele vai ajudar a vigilância ideológica.

Zhora Ingal, cujo trabalho diurno não o cansa, decidiu efectivamente não dormir as primeiras horas da noite, para preservar a independência do seu espírito criativo. Sentado em cima da *vagonka* livre de colchão, travesseiro e cobertores, enrolado em seu paletó acolchoado e calçado (não faz calor, são noites de outono), Ingal encara o lençol com expressão concentrada, mordiscando o lápis, pernas estendidas na prancha e costas contra a parede. (A pior atitude que pode ser adotada em um campo! Mas nem ele nem nós entendemos até que ponto isso é visto e observado) ...

Mas às vezes ele cede ao simples cansaço e simplesmente escreve cartas. Sua esposa de 23 anos ainda não calçou os sapatos que usou para ir com ele neste inverno ao Conservatório e já o deixou: questionários, uma mancha no sobrenome e que ela quer viver. Ele escreve a outra mulher a quem chama de "irmãzinha", escondendo a si mesmo e a ela, que a ama ou está disposto a amá-la (mas também que a outra mulher está prestes a se casar). Ingal pode escrever assim:

«Minha querida irmãzinha! Escute com todo o seu ser os maravilhosos pressentimentos da Humanidade, Handel, Tchaikovsky, Debuss e ... Também sonhei ser um pressentimento, mas o relógio da minha vida parou »...

Ou mais simples:

Durante todos esses meses, você se tornou muito mais valioso para mim. Descobri que existem muitos homens de verdade e gostaria que seu marido também fosse um homem de verdade.

Ou também:

«Fui tateando pela vida, tropeçando, e procurando por mim mesma ... Há uma luz viva na sala e nunca vi uma escuridão mais escura. Mas só aqui eu encontrei a mim mesmo e meu destino , desta vez não nos livros. E você sabe, passarinho? Nunca me senti tão otimista como agora. Agora eu sei firmemente que não há nada na vida mais precioso do que a ideia de que você serve. Além disso, agora sei escrever, e o que devo escrever: isso é o principal ».

Enquanto isso, escreve à noite e esconde durante o dia seu romance sobre *El Campesino*, um republicano espanhol com quem esteve na cela e que admira por sua solidez camponesa. Quanto ao destino do *Camponês*, é muito simples : depois de ter perdido a guerra contra Franco, refugiou-se na União Soviética, onde acabou preso.

Ingal não é um ser caloroso, não se sente espontaneamente impelido a confiar nele (acabo de escrever essas palavras e penso: fui um ser caloroso ...?). Mas sua firmeza é exemplar. Escreva em um campo ...! Vou tentar chegar lá também, se não morrer antes. Nesse ínterim, fico vagando exausto desde meus primeiros dias como extrator de argila . Em uma serena noite de setembro, Boris e eu achamos tempo apenas para nos sentarmos um pouco em uma pilha de lixo no pátio.

Do lado de Moscou, a 60 quilômetros de distância, o céu se ilumina com salvas: é a "celebração da vitória sobre o Japão" . Mas triste e fraca é a luz das lanternas em nossa área; avermelhada e hostil a que sai das janelas da fábrica. E em uma fila misteriosa, como os anos e meses de nossa sentença, as lanternas dos postes que margeiam nossa vasta área fabril se perdem na distância .

Gammerov está com os braços em volta dos joelhos. Delgado, abalado pela tosse, recita:

Por trinta longos anos

Eu abriguei em mim o amor da minha terra.

Sua indulgência? Você pode ficar com você

Eu não espero por ela ... ^[dd]

Nem eu quero isso.

* * *

«Trouxeram fascistas! Trouxeram fascistas! », Gritaram não só em Novyi Ierusalim... No final do verão e ao longo do outono de 1945, o mesmo aconteceu em todas as ilhas do Arquipélago. Nossa chegada, a chegada dos *fascistas*, abriu caminho para a liberdade de criminosos comuns. Eles souberam da anistia já no dia 7 de julho, e desde então foram fotografados, seus certificados de liberação, seus salários na Administração, mas primeiro um mês, dependendo de onde outro, dependendo de onde um terceiro, os presos anistiados estavam consumiam atrás de seu odioso arame farpado, porque não havia ninguém para substituí-los!

NÃO HAVIA NINGUÉM PARA TROCÁ-LOS! E nós, cegos, ainda tivemos a audácia, durante toda a primavera e todo o verão, de esperar pela anistia! Stalin, *tenha piedade de nós ...!* O que "comemorar a Vitória" ...! Que, depois de nos deixar de lado na primeira anistia em julho, ia anunciar um segundo especial para políticos ... (até tinham detalhes: a anistia já está pronta, *na mesa de Stalin*, só falta a assinatura dele, mas ele está de férias O povo incorrigível esperava uma anistia autêntica, o povo incorrigível acreditava) ... Mas, e se nos perdoarem, quem irá para as minas? Quem vai sair para a floresta com serras? Quem vai assar os tijolos e construir paredes? Stalin havia conseguido criar tal sistema que, ao menor gesto magnânimo de sua parte, o país inteiro mergulharia na praga, fome, desolação e ruína.

"Eles trouxeram fascistas!" Os criminosos comuns, que sempre nos olharam com ódio ou nojo, agora o faziam quase com amor, porque íamos libertá-los. E aqueles mesmos prisioneiros que aprenderam durante seu cativeiro na Alemanha que não há nação na face da Terra mais desprezada, mais abandonada, mais estrangeira e mais inútil do que a russa, agora, saltando para solo russo dos vagões e caminhões vermelhos. Eles descobriram que mesmo no meio desta cidade proscrita eles eram a tribo mais miserável e infeliz.

Tal foi a grande anistia de Stalin, "sem igual na história do mundo". E de fato, onde o mundo viu uma anistia que não incluía os políticos!^[131]

Todos aqueles que roubaram casas saíram "limpos" ; despir os transeuntes; meninas estupradas; pervertido menor; compradores enganados; indefeso mutilado; escalfado e pescado; poligamia praticada; extorsão; suborno; todos aqueles que cometeram trapaças , calúnias, acusações falsas (bom, eles também não se envolveram; era uma precaução para o futuro); a todos os narcotraficantes, cafetões e culpados de morte por ignorância ou descuido (acabo de folhear os artigos do Código que se enquadram na anistia, não é figura de linguagem).

E então eles exigem moral e bons costumes do povo.

Cortaram pela metade as sentenças de posseiros, falsificadores de documentos e cartões de racionamento, especuladores e ladrões do Estado (Stalin já estava zangado com o bolso do Estado).

Mas nada feriu tanto ex-combatentes e ex-prisioneiros de guerra quanto o *perdão geral* concedido aos *desertores* dos anos de guerra! Todos os covardes que fogem das fileiras, que saem da frente, que não se apresentam aos postos de recrutamento, que durante longos anos viveram escondidos num poço do jardim da mãe, nas caves, entre o fogão e a parede (! sempre na casa da mãe! desertores, via de regra, não confiavam em suas esposas), sem proferir uma única palavra por anos, transformados em uma espécie de fera deformada e peluda, todos eles, pelo simples fato de sendo capturados ou aparecendo espontaneamente no dia da anistia, foram automaticamente transformados em cidadãos soviéticos sem registro anterior, limpos de qualquer mancha! (É aqui que a sabedoria do velho ditado é testada: "Fugir será feio, mas saudável" ...!)

Por outro lado, para os que não desistiram, para os que não se intimidaram, para os que enfrentaram o incêndio pelo seu país e pagaram

em cativeiro, para os que não havia perdão, assim o entendia o comandante em chefe! !

Será que os desertores trouxeram a Stalin toda uma série de boas lembranças pessoais? Será que ele se lembrava de sua própria aversão ao serviço privado, de seu lamentável alistamento no inverno de 1917? Ou talvez você pensasse que seu governo não tinha nada a temer dos covardes, apenas dos bravos? Porque mesmo do ponto de vista de Stalin parecia absurdo não perdoar os desertores: foi assim que ele ensinou ao seu povo a maneira mais segura e fácil de salvar a pele na próxima guerra. ^[132]

Em outro livro ^[de] Eu já contei a história do Dr. Zubov e sua esposa. A avó abrigou sob seu teto um desertor de passagem, que posteriormente os denunciou, pelo que cada um dos cônjuges recebeu DUAS DUAS pelo artigo 58. A Corte viu sua culpa não tanto no fato de esconder um desertor, mas ou no caráter *desinteressado* daquele ato: ele não era parente dele, então havia espírito anti-soviético! A anistia Staliniana libertou o desertor antes que se passassem três anos, quando o homem já havia esquecido aquele episódio insignificante de sua existência. Mas o destino dos Zubov foi muito diferente! Cada um deles passou seus dez anos inteiros nos campos (quatro dos quais eram *especiais*), mais quatro em confinamento (sem qualquer condenação); Se foram soltos, foi simplesmente porque levantaram todos os confinamentos, mas não cancelaram seus registros, nem então, nem aos *dezesseis*, nem mesmo aos *dezenove após* o evento, razão pela qual eles não puderam voltar para sua casa nos arredores de Moscou, para terminar os últimos dias de sua existência em paz. ^[133]

Essas são as coisas que ele teme, e aquelas coisas que ele não teme, a Lei maldosa, vingativa e irracional!

Depois da anistia, começaram a pintar, a pintar os pincéis da Seção Educacional-Cultural, e cobriram as paredes e arcos dos campos com slogans, como que em escárnio: «Em agradecimento pela mais generosa das anistias, Respondamos ao nosso partido e ao nosso Governo duplicando a produtividade.

Os anistiados foram os criminosos e os comuns, ^[df] aqueles estavam saindo, e eles tiveram que responder duplicando os políticos ... Oh, senso de humor, quando na história você iluminou nossos líderes?

Com a nossa chegada dos "fascistas", as libertações em Novyi Ierusalim começaram a acontecer diariamente. Aquelas mulheres que ainda viste na véspera na zona, feias, desalinhadas, a boca cheia de obscenidades, de repente olham para elas transformadas, lavadas, penteadas, com vestidos de bolinhas ou às riscas, tira-as sabe lá onde, o casaco debaixo do braço , saindo modestamente para a estação. Quem sabe no trem, pode-se supor a maestria com a qual sabe modular os piores insultos?

E agora os malfeitores e as *meias medidas* (seus imitadores) estão saindo pelo portão . Eles não deixam seus modos descontraídos para trás: fazem caretas, gesticulam, dançam, pulam, gritam e seus amigos gritam com eles da janela. Os guardas não os incomodam; os *urkas* têm permissão de tudo. Um deles, não desprovido de engenhosidade, põe a mala nos pés, sobe nela e, inclinando o chapéu, empurrando a aba do paletó para o lado, *apanhado* em algum campo de trânsito ou conquistado nas cartas, faz uma serenata de despedida para o campo, acompanhando-se com o bandolim. Cante, não sei que bobagem de ladrão . Riso

Os libertos ainda continuam por muito tempo pelo pequeno caminho que margeia o campo, depois pelo campo, e o arame farpado não nos obscurece a vista. Hoje, esses ladrões vão passear pelas avenidas de Moscou, talvez uma semana já faça um *príncipe* (limpar um apartamento), ou despir em uma rua à noite sua esposa, sua irmã ou sua filha.

Enquanto isso, vocês fascistas (e Matronina, outra fascista), dobrem sua produtividade.

* * *

Como resultado da anistia, havia falta de mão de obra em todos os lugares, então o pouco que restava era passado de uma posição para outra. Por um curto período, fui "jogado" da pedreira para a oficina. Lá tive a oportunidade de admirar a mecanização da Matronina. Havia algo para todos, mas quem trabalhou de forma mais surpreendente foi uma menina, uma verdadeira heroína do trabalho, embora não fosse adequado para o jornal. Seu título, seu papel na loja não tinham nome, mas ela poderia ser chamada de "a levantadora de cima". Ao lado da esteira que trazia os la drillos molhados cortados da prensa (recém amassados com argila fresca, são muito pesados) estavam duas meninas, a setter inferior e a servidora. Eles não tiveram que se curvar, apenas torcer o torso, e nem mesmo muito. Mas o setter de cima, empoleirado como uma rainha da oficina em seu

pedestal, teve que sem interrupção: abaixar-se, pegar o tijolo molhado colocado a seus pés pelo criado; levante-o até a cintura ou até mesmo os ombros sem cair; gire o busto em ângulo reto, sem variar a posição das pernas (às vezes para a direita, às vezes para a esquerda, dependendo do vagão que está sendo carregado) e arrume os tijolos em cinco prateleiras de madeira na proporção de doze por prateleira. Seus movimentos não conheceram interrupção, descanso ou mudança; eles eram executados em um ritmo rápido de ginástica e assim por diante durante as oito horas do turno, a menos que a imprensa quebrasse. Os tijolos fluíam sem parar: metade de toda a produção por turno. No andar de baixo, as garotas se revezaram, mas ela não foi substituída por ninguém em oito horas. Depois de cinco minutos desse trabalho, tanto dobrando e girando, tudo deve girar. Durante o primeiro semestre, a menina ainda sorria (era impossível falar por causa do barulho da imprensa); Talvez gostasse de se expor assim, em seu pedestal, como uma rainha da beleza, mostrando a todos, sob sua saia franzida, suas enormes pernas nuas, seus pés descalços e a agilidade de sua cintura, digna de uma dançarina.

Para esse trabalho destinaram-lhe a ração mais substancial do campo: suplemento de 300 gramas de pão (total por dia, 850) e para o jantar, além da conhecida sopa de urtiga negra, *três Stajanovianas*, ou seja, três porções mesquinhas de semolina com água, e ainda por cima tão pouco que mal cobria o fundo da tigela de barro ...

«Trabalhamos por dinheiro e tu por pão; isso não é segredo », disse-me um trabalhador livre, um mecânico imundo que viera consertar a impressora.

Era minha vez de dirigir os vagões de recepção para a sala de secagem, na companhia do maneta Punin, originário de Altai. Pareciam torres altas, instáveis, porque com dez prateleiras de doze tijolos o centro de gravidade era muito alto. E aquela monstruosidade ondulante, oscilando como uma estante cheia de livros, teve de ser puxada de uma alça de ferro ao longo de trilhos retos; monte-o em um carrinho, segure-o firmemente no topo; arraste a plataforma para baixo em outra linha reta ao longo das câmaras de secagem. Uma vez na frente da câmara correspondente, o vagão teve que ser baixado da plataforma, redirecionado e empurrado para dentro da câmara. Cada câmara era um corredor longo e estreito, ao longo das paredes das quais se estendiam dez fendas e dez placas. Era preciso empurrar rapidamente a carroça até o fundo sem que ela se movesse, mover uma

alavanca, colocar as dez prateleiras de tijolos nas dez tábuas, soltar os dez braços de ferro e voltar imediatamente com a carroça vazia. Aparentemente, toda essa invenção era alemã, do século passado (o vagão tinha sobrenome alemão), mas de acordo com os alemães não só os trilhos tinham que sustentar o vagão, mas também o solo sob eles para o motorista, enquanto aqui as tábuas estavam podres, meio quebrados, coloquei o pé e afundei. Certamente, em princípio, ventilação adequada das câmaras também seria fornecida; mas a nossa não, e enquanto eu labutava na colocação (minha perua sempre e desviada, as prateleiras são enganchadas, encaixam tijolos molhados do mal que desabei na cabeça), também engoli o fedor óxido de carbono, que irritou minha traqueia.

Portanto, não senti muito quando me mandaram de volta para a pedreira. Agora que os extratores de argila eram escassos, eles também estavam se libertando. Boris Gammerov também foi designado para a pedreira e começamos a trabalhar juntos. A regra já era conhecida: em um turno, escave, carregue e empurre seis vagões (seis metros cúbicos) de argila por pessoa até o guincho . Para dois, eram doze. Nós, com tempo seco, mal chegamos a cinco entre nós. Mas então uma garoa fina de outono começou a cair. Um dia, dois dias, três dias, sem vento, caiu sem rebote e sem parar. Não era torrencial e ninguém pensaria em interromper o trabalho ao ar livre. "Nunca chove no canteiro de obras!" Era outro lema famoso do GULAG. Mas é que em Novyi Ierusalim também não dá jaquetas acolchoadas, e debatemos e enlameados na pedreira avermelhada sob aquela garoa contínua com nossas velhas capas pela frente, que no terceiro dia já absorveram pelo menos um balde d'água. Também não nos dão calçado e estragamos o nosso último par de botas militares no barro líquido.

E l primeiro dia ainda temos vontade de brincar.

"Você não acha, Boris, que o Barão Tusenbach ^[dg] ele teria nos invejado muito agora? Tanto que sonhava em trabalhar numa olaria! Você se lembra de como disse? Trate-se e depois vá para casa dormir se rendeu ao colapso logo! Bem, eu diria que você teria uma secadora de roupas, uma cama e uma refeição quente de dois pratos ...

Mas a gente puxa duas carroças e, batendo furiosamente a pá contra a borda da próxima (o barro sai mal), já digo mais irritado:

"E me diga, por que diabos aquelas três irmãs não podiam ficar onde estavam?" Eles os levavam aos domingos com seus alunos para coletar sucata? Ele exigia um resumo das "Sagradas Escrituras" deles toda

segunda-feira?^[dh] Será que eles foram colocados como chefe de estudos de graça? Será que os enviaram pelos bairros com a campanha de alfabetização?

E depois de outro vagão:

"Se todos eles não disserem mais do que bobagens!" Trabalho Trabalho trabalho...! Bem, eles funcionam, inferno, quem os está impedindo?! Que vida linda seria...! Isso! Que vida! Eu te coloquei com cães policiais naquela vida linda, você descobriu ...!

Boris é mais fraco do que eu; Você mal consegue mover a pá com tanta argila presa a ela; Ele mal consegue erguê-lo até a beira da carroça ... Apesar de tudo, no segundo dia ele tenta nos manter no mesmo nível de Vladimir Soloviev. Também estava à frente de mim nisso: quanto Soloviev já leu! Eu, por outro lado, não uma linha, por causa de minhas obrigações em Bessel.

O que ele lembra, ele me conta, e tento me lembrar dele, mas acho que não, não tenho cabeça para isso agora.

Não, mas ainda assim, como manter a vida e ainda assim alcançar a verdade? E por que é preciso chegar ao fundo do campo para entender a própria miséria?

Ele diz:

—Vladimir Soloviev ensinou a se alegrar com a morte. Pior do que aqui, não será.

É verdade...

Carregamos o que podemos. Ok, dê-nos a razão disciplinar, o diabo leve todos eles! Matamos o dia e eles nos levam de volta ao campo. Nada agradável nos espera lá: três vezes ao dia a mesma infusão enegrecida de folhas de urtiga, sem sal, mais uma colher de polenta, um terço de litro. O pão já foi cortado para nós, eles dão 450 gramas de manhã, e ao meio-dia e à noite, nem uma migalha. E eles continuam nos alinhando na chuva para a chamada. E continuamos a dormir sobre as tábuas nuas de nossas plataformas, sem tirar as roupas molhadas, untadas de barro, e tremendo de frio, porque o quartel não é aquecido.

E no dia seguinte a mesma garoa fina continua e continua. A pedreira é transformada em pedreira, aí ficamos atolados. Não importa o quanto você segure a pá, não importa o quanto você a acerte contra a borda, a argila não sai. A cada vez, você deve estender a mão e fazer com que ele caia da pá para a carroça. Então percebemos que estamos trabalhando demais,

largamos as pás e começamos a pegar o barro que respinga sob nossos pés e a jogá-lo na carroça simplesmente com nossas mãos.

Boris tosse; em seus pulmões ainda há um fragmento de um obus de tanque alemão. Ele é magro e amarelo; o nariz, as orelhas e os ossos faciais são delineados como os de um cadáver. Eu olho para ele com atenção e me pergunto se o inverno vai acabar no campo.

Ainda tentamos fugir da realidade e superá-la com o pensamento. Mas filosofia e literatura não existem mais. Até mesmo nossos braços ficaram pesados como pás e estão pendurados. Boris propõe:

—Não, falando muitas forças vão embora. Vamos calar a boca e pensar com lucro. Por exemplo, escreva versos. Mentalmente.

Não posso deixar de estremecer: será que neste momento ainda sou capaz de escrever versos? A sombra da morte, mas também a sombra de que talento tenaz esvoaçava em sua pequena testa amarela! ^[134]

Então nos calamos e pegamos argila com as mãos. Continua a chover ... E não só não são retirados da pedreira, como chega Matronina com os olhos a brilhar (um xale escuro cobre a sua ruiva), e do alto do corte aponta com o braço para o chefe da equipa em vários pontos do a pedreira. Chega até a gente: hoje eles não retiram a equipe no final do plantão às duas horas , mas vão nos manter na pedreira até cumprirmos a norma. Então eles vão nos dar almoço e jantar juntos.

Em Moscou, as obras estão paralisadas por falta de tijolos ...

Mas a Matronina vai embora e a chuva piora. Poças avermelhadas claras estão se formando por toda parte, no barro e em nosso vagão. As hastes de nossas botas ficaram completamente avermelhadas; nossas capas estão cheias de manchas vermelhas. Nossas mãos têm cãibras de argila fria e, mesmo com elas, não podemos jogar nada na carroça. Então deixamos essa ocupação inútil, subimos na grama, sentamos, abaixamos a cabeça e erguemos a gola da capa até a nuca.

Vistas de fora, duas pedras avermelhadas no meio do campo.

Em algum lugar estão nossos colegas estudando na Sorbonas e na Oxfordos, jogando tênis nas longas férias, discutindo problemas mundiais em seus cafés de estudantes. Já estão publicados, pinturas estão expostas. Eles buscam novas formas de desfigurar o mundo insuficientemente original que os cerca. Eles se irritam com os clássicos, que têm temas e argumentos esgotados. Eles estão zangados com seus governos e com seus reacionários que não querem entender ou imitar a própria experiência

progressista dos soviéticos. Eles dão entrevistas nas estações de rádio , deliciando-se com a própria voz e explicando de maneira coquete o que *queriam* dizer em seu último ou primeiro livro. Eles expressam sua opinião com certa autoridade sobre tudo o que é divino e humano, e muito particularmente, sobre o bem-estar e a justiça suprema que reinam em nosso país . Somente quando você envelhecer, ao compor enciclopédias, ficará surpreso ao não encontrar um único nome russo digno em nossas letras; sob todas as nossas letras ...

A chuva atinge nossa nuca; um arrepio percorre nossas costas molhadas.

Nós olhamos ao redor. Caminhões capotados ou carregados pela metade. Todos eles se foram. Nem uma alma em toda a pedreira, nem em todo o campo atrás da área. Através de uma cortina cinza você pode ver nossa tão desejada pequena cidade e até mesmo os galos estão todos dentro de casa ...

Nós também coletamos as pás, para que não sejam tiradas de nós - eles estão inscritas em nosso nome - e arrastando-os como pesados carrinhos de mão, nós vamos ao redor da fábrica Matronina, para ir para nos proteger debaixo de um abrigo, onde, em torno da «Hoffmann» fornos para tijolos de fogo, meandros de galerias desertas. Há correntes de ar e está frio, mas não chove. Nós entramos na poeira, sob uma abóbada de tijolos, e nos sentamos.

Não muito longe dali, há uma grande pilha de carvão. Dois internos estão remexendo nele; eles procuram algo com animação. Quando o encontram, provam com os dentes e o colocam em um saco. Em seguida, eles se sentam e comem dois pedaços daquele algo cinza escuro.

"Ei pessoal!" O que você está comendo?

"Argila do mar." O médico não proíbe. Não faz mal nem bom. Mas se você adicionar um quilo na ração por dia, você fica farto ... Olha, aqui no carvão é muito ...

Portanto, a pedreira não atende à norma mesmo ao anoitecer. Matronina manda que fiquemos lá durante a noite. Mas todas as luzes se apagam, a área fica escura e todos são chamados para o posto de guarda. Eles mandam nos pegar pelo braço e, com escolta reforçada, em meio a latidos e insultos, nos conduzem até a sala de estar. Tudo é preto. Avançamos sem saber se pisamos sólido ou líquido, espirramos, tropeçamos, empurramos uns aos outros.

A sala de estar também é escura; apenas um fogo infernal avermelhado queima sob o fogão de "cozinha individual". E na sala de jantar, duas lâmpadas de óleo iluminam a janela de distribuição. Impossível ler o slogan, impossível distinguir na tigela a dupla porção de respingos de urtiga; nós os sugamos cegamente com nossos lábios.

E amanhã será o mesmo, e nos outros dias também: seis carroças de barro vermelho, três tigelas de lava negra. Na prisão tivemos a impressão de enfraquecer, mas aqui é muito mais rápido. Como se algo ecoasse em nossa cabeça. Essa boa fraqueza está chegando, quando é mais fácil ceder do que lutar.

No quartel a escuridão já é total. Estamos deitados com tudo molhado, principalmente liso, e parece-nos que sem tirar nada ficaremos mais aquecidos, como numa compressa.

Os olhos, arregalados, fixam o teto negro, o céu negro.

Senhor, Senhor! Sob as bombas e granadas, pedi que preservasse minha vida. Agora te pergunto: manda-me a morte ...

VII

O cotidiano dos Nativos

Aparentemente, nada mais fácil do que relatar o cotidiano, tão monótono por fora, dos indígenas do Arquipélago. Bem, também é o mais difícil. Como em toda a vida diária, é preciso contar de uma manhã para a outra, de um inverno para outro, do nascimento (chegada ao primeiro acampamento) à morte (morte). E ao mesmo tempo todas as ilhas e ilhotas.

Ninguém vai cobrir tudo isso, é claro, e ler volumes inteiros ainda será entediante.

A vida dos indígenas consiste em trabalho, trabalho, trabalho; na fome, frio e astúcia. O trabalho, para quem não soube separar os outros e se aquecer, é *um trabalho geral*, o mesmo trabalho que faz o socialismo erguer-se do chão e nos levar à clandestinidade.

As classes dessas obras *gerais* não podem ser contadas, não *podem ser enumeradas*: nossa língua secaria. Andar em um carrinho de mão ("máquina socialista, duas alças, uma roda"). Corrimãos Tran sportar. Descarregue os tijolos sem luvas (a epiderme dos dedos sai imediatamente). Transporte-nos com tijolos nas costas. Quebrando granito e carvão em pedreiras, recolhendo argila e areia. Derrube com o bico seis cúbico ^[di] de pedra de ouro e transportá-los para o guincho. Ou simplesmente cave a terra, simplesmente roa a terra (solo de granito e no inverno). Pique o carvão no subsolo. Bem ali, minérios de chumbo e cobre. Você também pode moer minério de cobre (um sabor doce na boca, o nariz corre agüilla). Impregnar travessas ferroviárias com creosoto (e todo o corpo também). Cave túneis para o trem. Cubra as trilhas com lastro. Você pode, com lama até a cintura, extrair turfa de um pântano. Os metais podem ser derretidos. Você pode cortar a grama de montes que surgem em prados inundados, com água até os joelhos. Você pode ser um cavaliço, um cocheiro (e ir na tigela de aveia do próprio cavalo; é totalmente do Estado, um saco de

grama, você não vai morrer por isso, e mesmo que morra). Em geral, nos *Seljós* você pode fazer todas as tarefas agrícolas (e não há trabalho melhor do que isso: você sempre vai tirar alguma coisa da terra).

Mas o pai de tudo isso é a nossa floresta russa, uma floresta de troncos de ouro (no sentido literal da palavra; como com essas toras você consegue ouro!) Mas a mais antiga de todas as obras do Arquipélago é derrubar árvores. Essa ocupação chama todo mundo, todo mundo cabe ali, não é negada nem aos deficientes (eles mandam os mutilados em times de três pisarem na neve de meio metro). Você é um lenhador. Neve até a cintura. O primeiro, você empurra em volta do tronco, com seu próprio corpo você derruba a árvore. Então, mal abrindo caminho pela neve, você corta todos os galhos (ainda é preciso esticá-los na neve e tentar alcançá-los com o machado). Depois de cortados, você os arrasta para o meio da neve, empilhá-los todos e queimá-los (eles só fumam, não queimam). Agora você viu o log com as medidas necessárias e empilhar as peças. A norma diária é de cinco metros cúbicos por barba; duas pessoas, dez. (Em Burepolom eram sete metros cúbicos, mas grandes tocos tiveram que ser divididos em vários pedaços). Seus braços não têm mais força para levantar o machado, suas pernas não o sustentam mais.

Durante a guerra (com o que alimentaram naqueles anos), os presos deram três semanas para derrubar árvores com *tiro a seco*.

A partir de agora, como você vai odiar aquela floresta, aquele tempero da terra exaltado em verso e prosa! Você estremecerá de repulsa ao penetrar sob as arcadas de pinheiros e bétulas! Por anos e anos, será o suficiente para você fechar os olhos para ver novamente aqueles tocos de pinheiro e os mestres que carregavam centenas de metros nas suas costas até a carroça, afundando na neve, e você caiu, e agarrou o tronco para não o deixando rolar, não esperando pegá-lo novamente daquele atoleiro de neve.

Por várias décadas, o trabalho forçado foi governado na Rússia pela Lei do Trabalho de 1869, promulgada para trabalhadores *livres*. Os empregos eram atribuídos levando-se em consideração as condições físicas e o conhecimento do preso (algo que nos parece absolutamente incrível!). A jornada de trabalho era de sete horas (!) No inverno, e no verão, doze e meia. Na terrível prisão de Akatui (Iakubovich, nos anos 90), a tarefa diária era *fácil* para todos, exceto para ele. A jornada de trabalho de verão, *incluindo caminhada*, era de oito horas, a partir de sete de outubro, e no inverno apenas seis horas. (Tudo isso antes das lutas diárias de oito horas.)

Quanto à prisão de Dostoiévski em Omsk, eles estavam de mãos dadas, como qualquer leitor pode ver facilmente! Trabalhavam quando queriam, sem pressa, e as autoridades até os vestiam com jaquetas e calças brancas ! Ele não é mais! Em nossos campos costumam dizer "usar colarinho branco" quando já é muito fácil, quando você quase não trabalha. Bem, eles usavam branco até a jaqueta! Depois da tarefa, os internos da "Casa dos Mortos" *vagaram por* muito tempo no pátio da penitenciária, para não ficarem exaustos! Aliás, a princípio a censura não deixou passar as "Notas da Casa dos Mortos" porque temia que a *facilidade* de vida retratada por Dostoiévski não separasse ninguém do crime. E Dostoiévski acrescentou várias páginas à censura, indicando que, *apesar de tudo*, a vida na prisão era difícil!) ^[135] Entre nós, apenas os plugados passeavam no domingo e ainda tinham vergonha disso. Referindo-se às "Memórias de Maria Volkonsky", Shalamov observa que a tarefa dos dezembristas em Nertchinsk era extrair e carregar três *poças por* dia. ^[dj] de minério por pessoa (quarenta e oito quilos! Se você levantar isso de uma vez!) enquanto o dele, em Kolyma, era de *oitocentos vagens!* E Shalamov acrescenta que às vezes, no verão, sua jornada de trabalho era de dezesseis horas! Dezesseis não sei, mas treze foi a vez de muitos, e na roça no Karlag, e na mata do Norte, e foram treze horas limpas, sem contar os cinco quilômetros a pé de um lado e de tantos de volta. Mas por que discutir a duração do dia? A norma contava mais, e quando uma equipe não a cumpria, apenas o acompanhante ficava dispensado na ocasião; os trabalhadores ficavam na floresta até meia-noite, sob a luz dos holofotes, para voltar ao campo às primeiras luzes da madrugada, para jantar e tomar café da manhã na mesma hora e depois voltar para a floresta. ^[136]

Mas ninguém pode dizer isso mais: todos morreram.

E aquela outra forma de aumentar a norma, mostrando que é viável: com temperaturas abaixo de 50 ° abaixo de zero, o dia foi liberado, ou seja, foi relatado que os internos não haviam ido trabalhar, mas, na realidade, o eles comandavam o mesmo, e o que deles se obtinha naqueles dias era distribuído entre os demais, aumentando assim o percentual de atuação. (O setor sanitário, sempre tão prestativo, anotou os que morreram de frio como de qualquer outra causa. Quanto aos retardatários de volta, sem condições de andar, ou de quatro com os tendões distendidos, o acompanhante Ele os

matou com um tiro, para que não escapassem enquanto voltassem para pegá-los).

E, em troca de tudo isso, como os alimentavam? Água foi colocada em um caldeirão e, no melhor dos casos, algumas batatas com casca; Ou, se não, repolho preto, folhas de beterraba, todo tipo de lixo. E também feijão de alfarroba, ou farelo; isso não é uma pena. (Em lugares onde a água era escassa, por exemplo, no acampamento Sa marka, perto de Karaganda, *balanda* era feita para uma única tigela por dia, à qual eram adicionados pequenos potes de água turva e salobra). Tudo o que vale alguma coisa desaparece sempre e à força, roubado pelas mesmas autoridades (ver Capítulo IX), pelos plugados ou pelos criminosos; os cozinheiros ficam calados, só porque são dóceis estão ali. Sim, os depósitos também dispensam gorduras, "subprodutos" da carne (quer dizer, produtos reais, não) de peixes, leguminosas, de vários cereais reais, mas é ela que chega à panela. E houve até casos, em lugares remotos, em que as autoridades apreenderam o *sal* para fazer o próprio peixe salgado. (Em 1940, na estrada de ferro Kotlas-Vorkuta, o pão e a *balanda* eram cozidos sem sal). Quanto pior é um produto, mais o prisioneiro recebe. A carne dos cavalos fajina que morriam exaustos, eles a recebiam, e embora fosse impossível mastigar, era uma festa. Iván Dobriak recorda: «Na minha época, comi golfinhos, morsas, focas e outras sujeiras marinhas! (Interrompo: também comemos carne de baleia em Moscou, no portão do Káluga). Os excrementos dos animais já não me assustavam mais, e salgueiro, líquenes e camomila eram os meus pratos preferidos "... (Isso, aparentemente, ele pegou sozinho).

Os padrões do GULAG não podem alimentar adequadamente as pessoas que trabalham treze ou mesmo dez horas abaixo de zero. E se a comida é roubada, é impossível em todos os momentos. Pue está certo, é aí que o diabólico balde Frenkel, que permite alimentar uns em detrimento de outros, é introduzido no caldeirão. Os *potes* se distinguem : os que cumprem, digamos, menos de 30% da norma (cada campo tem sua forma de cálculo), correspondem ao calabouço, ou seja, 300 gramas de pão e uma tigela de *balanda* por dia ; de 30% a 80%, o pote disciplinar: 400 gramas de pão e duas tigelas de *balanda*; de 81% a 100%, a produção da panela: 500/600 gramas de pão e três pires ; Em seguida, vêm os potes de choque, com suas diferenças, a saber: de 700 a 900 gramas de pão, mais uma porção

de cereal, ou duas porções, ou um *prato de prêmio* constituído por uma espécie de massa preta e amarga, amassada com farinha centeio e está cheio de ervilhas.

E em troca desse alimento insubstancial, incapaz de cobrir o desgaste do organismo, os músculos são queimados em um trabalho extenuante, e os produtores de choque e os stakhanovistas acabam no subsolo diante dos refratários. Bem dizem os velhos lobos do campo: *Melhor menos comida, mas para preservar a vida!* Se você tiver a sorte de poder ficar em sua plataforma *sem roupa*, receberá 600 gramas garantidos. Por outro lado, se te dão *roupas* sazonais (essa expressão já ficou famosa!) E te levam para o trabalho, aí, você já pode estar acertando o cinzel com o martelo, que com a terra congelada não dá mais que 300 .

Mas não cabe ao preso ficar na plataforma ...

Naturalmente, a comida nem sempre era tão ruim; mas os números que apresentei podem ser considerados típicos: são os do Kraslag em tempo de guerra. Ao mesmo tempo, os mineiros de Vorkuta recebiam a maior ração de todo o GULAG (esse carvão era usado para aquecer a heróica cidade de Moscou), que consistia em um quilo trezentos para 80% subterrâneo e 100% % na superfície. Enquanto no terrível, no mortal Akatui da era czarista, um dia não *útil* ("no estrado"). Eles deram duas libras e meia de pão (um quilo!) E 32 *zlotniks* de carne (133 g!) Em um dia de semana, eram três libras de pão e 48 *zlotniks* (200 g) de carne ... quase mais que nosso ração militar na frente! A *balanda* e o resto do cereal eram jogados em potes inteiros para os porcos dos guardas, e a polenta era feita de sarraceno! (Nunca a vimos no GULAG). P. Iakubovich se permitiu considerá-lo "indescritivelmente repulsivo ao paladar". Os internos de Dostoiévski nunca correram o risco de morrer de fome. Com dizer isso em sua penitenciária ("na área"). eles estavam andando gansos !! e nenhum

^[137] recluso torceu suas gargantas! Pão foi fornecido a eles à vontade e, no Natal, cada *um* recebeu *meio quilo* de carne e a quantidade de manteiga que desejava para o cereal. Em Sakhalin, os presos apegados às minas e "ao caminho" recebiam, nos meses de trabalho mais intenso, 4 quilos de pão (1 quilo e seiscentos), 400 g de carne e 250 g de semolina. E o consciencioso Chekhov ainda está investigando se essas porções eram suficientes ou se, pela má qualidade do preparo, eram escassas! Bem, se ele visse a tigela dos nossos trabalhadores, ele teria morrido na hora!

Será que fantasia eu poderia imaginar no início do século que "em trinta ou quarenta anos", não só em Sacalina, mas em todo o Arquipélago, ficariam muito felizes em receber um pão ainda mais úmido, mais sujo, menos cozidos, misturados sabe Deus que lixo, e que setecentos grammas seriam uma ração de *choque* desejada e invejada ?

Não, ainda mais! Que em toda a Rússia os kolkhozianos ainda invejassem aquela ração do prisioneiro ("se não tivermos nem isso") ...?

Mesmo nas minas de Nerchinsk, de propriedade do czar, "o esforço foi recompensado", ou seja, um suplemento foi pago por tudo o que havia sido realizado acima da tarefa oficialmente definida (sempre moderada). Por outro lado, nos nossos campos, durante a maior parte dos anos do Arquipélago, o trabalho não foi pago de todo, ou apenas o suficiente foi pago para o sabão e a pasta de dentes. Somente naqueles poucos acampamentos, e durante os curtos períodos em que, não se sabe por que, a autonomia financeira foi instituída (e o devido foi creditado entre 1/8 e 1/4 de seu salário real), os presos puderam ser comprados pão, carne e açúcar, e de repente , *ah, que maravilha !*, um pedaço de pão ficou na mesa da sala de jantar por cinco minutos sem que ninguém o pegasse.

Como nossos indígenas se vestem e se ajustam?

Todos os arquipélagos são arquipélagos: o oceano azul se espalha, coqueiros crescem e a administração da ilha não arca com as despesas de vestir os nativos: eles andam descalços e seminus. Mas ninguém poderia imaginar o nosso maldito Arquipélago sob um sol escaldante: lá as neves são eternas e eternas são as nevascas que o atingem. Portanto, aquela horda ^[138] de dez a quinze milhões de detidos ainda precisa ser vestida e vestida.

Felizmente, tendo nascido fora do Ar chipielago, eles não estão completamente nus quando chegam. Podem ficar com o que vestem (mais exatamente o que aqueles que são *socialmente próximos* lhes deixarão), limitando-se a marcá-lo como propriedade do Arquipélago, da mesma forma que uma orelha é raspada de um carneiro: cortando a saia da capa no viés, rompendo a ponta da *budionovka*, ^[dk] deixando uma janela logo acima da cabeça. Infelizmente, as roupas que usam não são eternas; Quanto ao calçado, dissolve-se numa semana com os torrões e seixos do Arquipélago.

Portanto, não há escolha a não ser vestir os indígenas, mesmo que eles não tenham como pagar.

O palco russo ainda verá isso um dia! A tela russa! O casaco em uma cor e as mangas em outra . Ou com tantas manchas que a cor original não é mais distinguível; ou a jaqueta de *fogo* (pedaços pendurados como línguas de fogo). Ou o remendo na calça em que por muito tempo ainda se lê um endereço escrito a tinta, porque esse pano tinha sido originalmente usado ^[139] para embrulhar um pacote.

Quanto aos calçados, as clássicas alpercatas russas, feitas com casca de árvore, sempre dão bons resultados, mas a desvantagem é que aqui não há boas faixas de tecido para prendê-las. Ou um pedaço de pneu amarrado diretamente ao pé descalço com arame ou cabo elétrico (a fome é um bom conselheiro!) Ou também "botas" feitas de pedaços de jaquetas velhas e cuja sola é uma camada de feltro e uma camada de borracha. ^[140] *Pela* manhã, ao ouvir que os reclusos reclamavam do frio, o director do *lagpunkt* respondeu com aquela graça do GULAG:

"Bem, meu ganso fica descalço o inverno todo e não reclama, é verdade que tem os pés vermelhos." Mas todos vocês usam alpargatas.

Para tudo isso, os rostos bronzeados dos oficiais de concentração aparecerão na tela. Seus olhos lacrimejantes, suas pálpebras avermelhadas. Seus lábios brancos, cortados, rodeados de pústulas. Suas bochechas com a barba por fazer. No auge do inverno, em um boné de verão com abas de orelha costuradas.

Eu te reconheço! São vocês, habitantes do meu Arquipélago!

Mas, não importa a duração da jornada de trabalho, os trabalhadores algum dia chegarão ao quartel.

Quartel? De acordo com a localização, apenas uma caverna escavada no solo. No Norte, mais frequentemente, *uma barraca*, sim, coberta de terra, bem ou mal coberta com tábuas. Frequentemente, em vez de luz elétrica, há lâmpadas a óleo , mas também se vêem tochas e até mechas de algodão embebidas em óleo de peixe. (Em Ust-Vym, por dois anos consecutivos eles não viram óleo, e mesmo no quartel do pessoal eles foram iluminados com óleo do armazém). Bem, sob essa luz fraca é como veremos esse mundo fora da lei.

Plataformas de dois andares; plataformas de três andares; e, como um grande luxo, *vagonki*. Normalmente, as placas estão nuas, sem nada em cima. Em algumas comarcas roubam tanto (para depois revender ou revender o que foi roubado aos trabalhadores livres) que nada do Estado é entregue, nem os presos têm nada próprio no quartel: levam suas tigelas, seus jarros (até mochilas nas costas, e é assim que cavam a terra!), aquelas que a têm enrolada no pescoço (um close-up!), ou levam para amigos plugados na tomada, cujos quartéis são vigiados. De dia, o quartel fica desabitado. À noite, seria conveniente levar a roupa de trabalho molhada para a secadora (e há uma secadora !) Mas, sem roupa, você congela. Então eles secam. Durante a noite, por causa do gelo, os chapéus ficam grudados nas paredes da loja; penteados femininos. Até as alpargatas de casca ficam escondidas sob a cabeça, para que não sejam roubadas dos pés. (Em Burepolom, durante a guerra). No meio do quartel está uma lata de gasolina, furada para fogão, e felizmente se aquece (aí o fedor de pés inunda todo o quartel), porque a lenha úmida não pode queimar. Alguns quartéis são invadidos por insetos, que nem mesmo fumigam com enxofre por quatro dias seguidos, acabam e, se no verão, os internos saem para dormir a céu aberto na área, os insetos rastejam atrás deles e lá os alcançam. Para matar os piolhos, eles fervem roupas íntimas na mesma tigela da comida.

Tudo isso só se tornou possível no século xx , e nada se compara às crônicas carcerárias do século passado, porque ninguém jamais descreveu tais coisas.

Añã ainda damos a seguinte cena: do tribunal para a cantina eles carregam o pão de um time em uma bandeja, sob a custódia de seus membros mais fortes com porretes, senão eles tiram de você, jogam fora, tiram. Vamos acrescentar como os pacotes são arrancados das mãos assim que saem da recepção. Acrescentemos o medo eterno de que a liderança suprima o dia de descanso (o que dizer dos tempos de guerra, se em Ukhta *sovjós* já os haviam tomado todos um ano antes, e no Karlag nenhum deles se lembra? 1937 a 1945!) Tudo isso, aliado à perpétua instabilidade da vida no campo. Tão logo são rumores de transferência, como a própria transferência (a prisão de Dostoiévski não conhecia transferências, as pessoas estavam cumprindo dez e vinte anos na mesma penitenciária, era uma vida diferente), como alguma misteriosa e repentina reestruturação de "tropas", como redistribuições "no interesse da produção", como o

Komissovska, como o estoque de mercadorias, como buscas noturnas repentinas nas quais você é despido e seus miseráveis pertences despedaçados; Além disso, as buscas em profundidade especiais em 1 de maio e 7 de novembro (Páscoa e Natal na prisão do século passado não sabia nada semelhante). E três vezes por mês, os mortais, os banheiros exterminadores. (Para não repetir, não vou descrevê-los aqui: Shalamov tem uma história monográfica detalhada, Dombrovski tem uma história).

E, além disso, a tua persistente, tenaz (e para um intelectual torturante) *inseparação*: tu não és uma pessoa, mas sim um membro da equipa, e tens que agir a cada hora do dia, todos os dias do ano da tua longa pena, não como Você decide, mas como convém à equipa.

E lembre-se que todos os itens acima se referem a um campo de localização fixa, com vários anos de operação. Mas algum dia alguém teve que *começar* (e quem, senão nós?): Alcance a floresta congelada e coberta de neve, cerque-se com arame farpado preso nas árvores, e quem sobreviver até o primeiro quartel verá como são esses cones para a escolta. Em novembro de 1941, perto da estação *Reshoty*, *Lagpunkt* no. 1 do Kraslag (dez anos depois, seria dezessete). Eles trouxeram 250 combatentes excluídos do Exército para levantar o moral. Eles derrubaram árvores e construíram casas de toras, mas não havia nada com que cobrir os telhados, por isso viviam ao ar livre com fogões de ferro fundido. O pão que lhes traziam estava congelado, partiam-se com o machado e distribuía-mo à mão cheia, partido, esfarelado, amassado. Além daquele pão, eles apenas lhes davam um peixe muito salgado que lhes queimava a boca, e eles aliviavam a queima comendo neve.

(Quando você se lembrar dos heróis de guerra, não os esqueça ...!)

Esta é a vida cotidiana no meu arquipélago.

* * *

Filósofos, psicólogos, médicos e escritores, poderiam ter observado em nossos campos como em nenhum outro lugar, em tamanho e quantidade, um processo particular de estreitamento do horizonte intelectual e espiritual do ser humano, um processo de rebaixamento do homem à besta e da morte para a vida. Mas os psicólogos que foram a campo, em grande parte, não estavam lá para observações: eles próprios caíram naquela torrente que mergulha o ser humano na lama e nos excrementos.

Da mesma forma que nenhum vivente pode existir sem eliminar seus resíduos, o Arquipélago não poderia continuar a fervilhar se não precipitasse seu principal resíduo: os *acercosos*.^[dl] Tudo o que o Arquipélago construiu^[141] foi espremido para fora dos músculos do acrimonioso (antes de se tornarem amargo). E aqueles sobreviventes que os reprovam por terem sido "criadores de seu próprio mal", aqueles que assumem a desonra de terem preservado suas vidas.

Entre esses sobreviventes, há alguns comunistas ortodoxos que me fazem todos os tipos de objeções elevadas: "Como eles pensam e sentem", dizem eles, os personagens de *Um Dia ...!* Não é uma meditação dolorosa no curso da História; a única coisa que os preocupa é a ração de pão e *balanda*, como se na vida não houvesse tormentos maiores que a fome! "

Oh sim, é mesmo ? Portanto, existem tormentos maiores do que a fome (aqueles do pensamento ortodoxo, suponho)? O que acontece, distintos senhores ortodoxos, é que vocês, colocados nas enfermarias ou depósitos, nunca passaram fome!

Há séculos sabemos que a fome governa o mundo! (E justamente sobre a Fome, sobre a qual o faminto necessariamente se rebelará contra os fartos, toda a Teoria Progressiva é construída). A menos que você tenha decidido voluntariamente se render à morte, todo ser humano faminto é governado pela Fome. A Fome, capaz de transformar um homem honesto em um ladrão. A fome, que obriga o ser mais desinteressado do mundo a olhar com inveja na tigela do vizinho e calcular com sofrimento quanto é o pão do companheiro. A fome, que turva o cérebro e não tolera nenhum pensamento que não seja comida, comida, comida ... Fome, que não solta sua presa à noite: os famintos veem comida em seus sonhos, pensam em comida durante a insônia. E logo para ele só haverá insônia ... Fome, que acaba tirando sua vítima até mesmo da possibilidade de ser saciada; Depois de certo tempo, o homem se torna um ralo pelo qual o alimento passa diretamente para o exterior no mesmo estado em que foi ingerido.

E há mais uma coisa que a tela russa terá de registrar: o acrimonioso guarda de pé ao lado da varanda da cozinha, esperando que o lixo passe para a lixeira. Você os verá atacar, lutar, procurar uma cabeça de peixe, um espinho, cascas de vegetais ... Você verá um homem durão morrer naquela luta. Eles então serão vistos lavando o lixo, fervendo-o e devorando-o. (E algum operador curioso poderá continuar a filmar e mostrar-nos aquelas

camponesas da Bessarábia trazidas directamente *do estrangeiro*, que, em 1947, se precipitavam para Dolinka com os resíduos já *controlados* pelas grades) ... O ecrã também nos mostra muitos ossos ainda montados sob o cobertor do hospital, morrendo de repente sem estremecer ; eles os tiram. E, em geral, como é fácil morrer um homem: ele falou e ficou em silêncio; ele caminhou e caiu. "Poof e pronto." Veremos também um guarda socialmente próximo que, no campo de Undja ou Nuksha, puxa um preso pelos pés para que ele saia para se formar com os outros. O corpo do homem cai da plataforma, sua cabeça bate no chão: ele está morto. "Explosão, carniça!" Exclama o diretor quase alegremente, e lhe dá um chute amigável. (Naqueles acampamentos, durante a guerra, não havia praticante, nem mesmo enfermeira, então também não havia doentes. Aqueles que fingiam estar doentes eram arrastados para a floresta pelos próprios companheiros, segurando-os pelos braços, e, por precaução, também carregavam cordas e uma tábua, para que fosse mais fácil transportar o cadáver de volta ao campo. Durante o trabalho ficavam sentados perto do fogo e todos, presos e escoltas, tinham interesse em sua morte logo).

O que a tela não pode capturar será descrito lentamente e em detalhes pela prosa; Ele saberá distinguir aquelas nuances no caminho para a morte chamadas escorbuto, pelagra, distrofia. O homem morde um pedaço de pão e deixa vestígios de sangue: é escorbuto. Mais tarde, seus dentes começarão a cair, suas gengivas apodrecerão, suas pernas ficarão cobertas de úlceras e seus tecidos se desfarão; seu corpo começará a cheirar como um cadáver, e suas pernas ficarão paralisadas por protuberâncias grossas. Essas pessoas não são admitidas no hospital e rastejam de quatro na área . Um rosto que adquire uma tonalidade escura e começa a descascar e uma diarreia que não pode ser controlada são sintomas de pelagra. Para combater a diarreia, alguns comem limão, três colheres de sopa por dia; Outros dizem que se você comer arenque em quantidade, será possível conservar alguns alimentos no corpo. Mas onde encontrar arenque? O paciente fica cada vez mais fraco e, quanto mais robusto ele é, mais rapidamente o processo ocorre. Chega um momento em que ele não tem mais forças para escalar sua rima, quando não consegue escalar uma pedra: ou ele deve levantar a perna com as duas mãos ou cruzar o obstáculo de quatro. A diarréia deixa o homem sem forças e sem interesse pelos outros, por si mesmo, pela vida. Eu o deixo surdo, um idiota, incapaz de chorar mesmo quando arrastado no chão amarrado a um trenó. Ele não teme mais a morte, como se deslizando

no limbo, além do bem e do mal; Ele não se lembra dos nomes de sua esposa, seus filhos, seus próprios. Às vezes, o moribundo de fome fica coberto de pústulas preto-azuladas, do tamanho de uma ervilha, com uma ponta purulenta menor que a cabeça de um alfinete; Essas pústulas invadem todo o seu corpo, rosto, braços, pernas, tronco e até os testículos. Você não pode nem tocá-los, a dor é insuportável. Os pequenos abscessos amadurecem, rebentam e expõem uma crista de pus espessa e semelhante a um verme. O paciente acaba apodrecendo em vida.

E se de repente vires que os piolhos pretos, aqueles que habitam habitualmente na cabeça, começam a invadir o rosto do teu vizinho em cena, perplexo, é sinal seguro da sua morte.

Nossa, que naturalismo! Por que contar tudo isso?

E, em suma, aqueles que não sofreram nada disso por conta própria, aqueles que executaram outros, ou lavaram suas mãos, ou que desviaram o olhar com ar inocente, agora nos diga, por que se lembrar de todos eles? essas coisas? Por que abrir velhas feridas? (SUAS feridas!)

Essa pergunta já havia sido respondida por Leão e Tolstói a Biriukov: “Como lembrar? Se estive gravemente doente e fui curado, sempre me lembrarei disso com alegria. Mas se ainda estou tão doente ou mais doente do que antes, então sim, prefiro ficar em silêncio para me enganar. Se nos lembrarmos de ontem com coragem, ajudaremos a desmascarar a violência do presente.”^[142]

Quero terminar estas páginas com o acrimonioso relato do engenheiro de NKG: Leon Nicolaievich (certamente em homenagem a Tolstói!) E.: Ele era um teórico espinhoso, que achou na forma amarga de existência o mais confortável de preservar a vida.

O que esse engenheiro faz?

Num domingo muito quente, vemos, em um canto isolado da área, um ser antropomórfico sentado na beira de um pequeno fosso no fundo do qual se acumulou uma turfa marrom. Na beira do fosso, ele arrumou cabeças de arenque, ossos de peixes, cartilagens, crostas de pão, bolas de mingau, cascas de batata crua bem lavadas e uma série de outras coisas que são difíceis de encontrar um nome para elas. Uma pequena fogueira queima um pedaço de lata e, acima dela, está suspensa uma tigela de metal, enegrecida pela fumaça, dentro da qual ferve uma lama. Parece que está pronto! O homem começa a engolir cerimoniosamente essa lava negra com uma colher de pau, e acompanha cada mordida, seja com uma casca de batata,

seja com cartilagem, seja com uma cabeça de arenque. Mastiga devagar, prestando a máxima atenção ao que faz (o erro dos comedores é que todos engolem apressadamente, sem mastigar). Seu nariz mal se distingue em meio ao pelo cinza escuro que cobre seu pescoço, queixo, bochechas. O nariz e a testa são cor de cera, com manchas acastanhadas. Seus olhos lacrimejantes piscam constantemente.

Ao perceber que alguém se aproxima, ele rapidamente reúne tudo o que havia arrumado na beira da cova, aperta a tigela contra o peito, se joga no chão e arqueia as costas como um ouriço. Eles podem empurrar, bater, sacudir o quanto quiserem: ela está bem presa ao chão e não vai largar a tigela.

NKG inicia uma conversa amigável, e o ouriço se abre um pouco. Entenda que eles não vão bater em você ou tentar agarrar sua tigela. O diálogo continua. Ambos são engenheiros (NG é geólogo; E., químico) e E. decide e explica sua teoria a G. Com base nas fórmulas químicas dos alimentos, que ainda guarda na memória, E. mostra que as substâncias nutritivas que as necessidades do corpo também podem ser encontradas nos resíduos e você só precisa superar a repulsão e usar todo o seu engenho para extraí-los de lá.

Apesar do calor, E. está com várias roupas, todas sujas. (Isso também tem seu alicerce: E. tem isso experimentalmente em uma vestimenta *também*. Suja para de reproduzir pulgas e piolhos, como se eles se enojassem. Portanto sua cueca é feita com um pano que antes tinha serviço fazer na oficina).

Tem a seguinte aparência: um capacete "budiónovka" com um preto queimado em vez de uma ponta. O próprio capacete todo amassado. Pães de feno e estopa grudaram em suas orelhas gordurosas. Nas costas e nas laterais do sobretudo pendem "setes" como línguas salientes. Patches e mais patches. Uma camada de piche de um lado. O enchimento do recheio fica pendurado por dentro, como se fossem franjas. As duas mangas estão rasgadas até o cotovelo e, quando o homem levanta os braços, parece um morcego batendo as asas. Seus sapatos em forma de barco são feitos de cola e pedaços de pneus vermelhos.

Por que ela está vestindo tantas roupas? Em primeiro lugar, o verão é curto e o inverno longo; você tem que guardar tudo isso para quando vier o frio, e onde mais senão em cima de você? E, acima de tudo, é assim que se envolve com uma camada macia, uma almofada de ar que o protege de

choques. Chutes e cassetetes são inofensivos e ele não tem hematomas . É um de seus meios de defesa. O importante é avisar com antecedência que você vai ser atingido, e ter tempo de cair no chão, erguer os joelhos para proteger a barriga, encostar o queixo no peito e envolver a cabeça com os braços enluvados . Desta forma, os golpes só atingirão superfícies macias. Agora, para se proteger de uma surra prolongada, é melhor dar a quem bate a sensação de vitória e, apesar de não sentir absolutamente nada, E. aprendeu a soltar gritos lamentáveis, como os de um porco abatido. (Em campo eles gostam muito de bater nos mais fracos, e que “eles” não se refere apenas aos guardas e chefes de equipe, mas também aos presos simples, que o fazem para se convencer de que ainda não chegaram. até o último extremo da fraqueza. O que podemos fazer, se os seres humanos não podem acreditar na sua força sem cometer crueldade?)

E. considera que escolheu um tipo de vida racional e adequado às suas forças e que, além disso, não o obriga a manchar a sua consciência: não faz mal a ninguém!

Dessa forma, ele espera sobreviver até o final de sua sentença.

A entrevista com o homem severo acabou.

* * *

Em nossa ilustre pátria, que se negou a publicar a obra de Chaadaiev por *mais de cem anos* por considerá-la reacionária demais, não se pode notar que os livros mais importantes e mais corajosos já foram lidos por seus contemporâneos e nunca foram. exerceu sua influência com o tempo sobre o pensamento das pessoas. E se escrevo este livro, é apenas por um senso de obrigação moral, porque muitas histórias e muitas memórias se acumularam em minhas mãos e não posso deixá-los perder. Duvido vê-lo impresso em qualquer lugar; Tenho poucas esperanças de que seja lido por aqueles que saíram do Arquipélago, e não acredito mais que seja capaz de explicar a verdade de nossa história enquanto algo ainda precisa ser consertado. Quando eu estava trabalhando mais plenamente em sua preparação, experimentei o maior choque da minha vida: o dragão saiu de seu covil por um momento, com uma lambida de sua língua vermelha e áspera ele varreu outro romance que eu havia acabado de escrever, como algumas outras coisas, e então se retirou, escondendo-se atrás de uma cortina. Mas mesmo agora eu ainda posso ouvir sua respiração ofegante, e eu sei que seus dentes estão apontando para meu pescoço, simplesmente

não é hora de ela pular em mim ainda. Com um coração ardente, me esforço, então, para terminar esta investigação, para que pelo menos ela possa escapar dos dentes do dragão. Enquanto Sholokhov - que há muito havia deixado de ser escritor - estava deixando o país de escritores martirizados e presos para ir receber seu Prêmio Nobel, eu tentava enganar os espiões, escondendo-me em algum lugar para ganhar tempo para minha caneta clandestina : Só que eu perguntei, só o tempo necessário para terminar este livro!

Acho que saí do assunto; o que eu queria dizer é que, entre nós, os melhores livros ficam escondidos de seus contemporâneos, e é bem possível que eu esteja repetindo alguém que, conhecendo alguma outra obra secreta, poderia abreviar a minha. Mas, mesmo assim, naqueles sete anos de frágil e clorótica liberdade, uma coisa ou outra poderia emergir à superfície do imenso mar e, à luz do mar, algum solitário nadador vislumbraria a cabeça de outro ao longe. , deixando escapar um grito rouco para chamar sua atenção. Foi assim que fiquei sabendo da existência das sessenta histórias de Shalamov e de sua investigação sobre os vigaristas.

Quero deixar claro que, para além de alguns pontos isolados, nunca houve a menor disparidade entre nós quanto à interpretação do Arquipélago. Como um todo, valorizamos todos os aspectos da existência nos campos da mesma maneira. Shalamov teve uma experiência mais longa e difícil que a minha, e reconheço respeitosamente que fui ele, e não eu, quem chegou ao fundo daquele abismo de ferocidade e desespero para o qual nos arrastou toda a nossa vida diária no campo.

No entanto, isso não me impede de levantar algumas objeções sobre os pontos em que divergimos. Um desses pontos é a seção sanitária. Shalamov fala com ódio e amargura de todas as instituições do campo (e com razão!), Exceto para o setor sanitário, para o qual ele sempre abre uma exceção favorável. Mantém - se você não acredita - a lenda de salvar a enfermagem no campo. Ele afirma que, embora todo o acampamento esteja voltado para o preso, o médico ainda é o único que pode ajudá-lo.

Mas "ser capaz de ajudar" ainda não significa "ajudar" . Também *podiam* ajudar, se quisessem, o capataz, o encarregado das normas, o balconista, o gerente do armazém, a cozinheira, o prisioneiro de serviço; mas eles fazem?

Talvez até 1932, quando o pessoal médico dos campos ainda dependia do Comissariado da Saúde, os médicos pudessem ser médicos. Mas, a partir

de 1932, todos se tornaram dependentes do GULAG, e depois se tornaram simples assistentes de algozes e coveiros. Pois do contrário - e não estou me referindo aqui a alguns casos de médicos gentis - por que manteriam uma seção no Arquipélago que não contribuiria para o plano de extermínio?

Quando o comandante e o líder da equipe derrubaram um homem rude - por se recusar a trabalhar - e o deixaram deitado no chão da masmorra, lambendo suas feridas como um cachorro; Quando o infeliz fica 48 horas sem saber e depois, por dois meses, não consegue sair da plataforma (Babich), o que faz o saneamento? Ele se recusa a fazer um auto declarando que o doente foi espancado e, além disso, se recusa a curá-lo!

E quem autoriza o confinamento na cela com a sua assinatura? A seção sanitária. [Embora, para dizer a verdade, as autoridades pouco se importassem em obter tal autorização do pessoal médico. Em um campo próximo ao rio Indiguirka, ele desempenhou as funções de «cataplasma» (praticante), como SA Chebotariov contratado gratuitamente. Ele nunca deu o seu aval a um único fim confinamento do diretor *da gpunkt*, considerando que em tal um calabouço que tinha o direito de bloquear um cão de parar de falar sobre as pessoas: o fogão era apenas o suficiente para aquecer a guarda no quarto. corredor. Bem, paciência, eles trancaram sem a sua assinatura!]

Quando ocorresse um acidente fatal por culpa de um capataz ou capataz, por falta de barreiras ou proteção, quem faria a ata segundo a qual o preso havia falecido de parada cardíaca? A seção sanitária. (Com o que deixam que tudo fique como está e que amanhã haja outro acidente pela mesma causa. Mas opor isso significaria também o campo para os médicos e auxiliares ...!)

E quando você veio para a revisão trimestral, aquela paródia de um exame médico com qualificação para o TFD , TFM, TFL e TFI (Hard, Medium, Light and Individual Physical Jobs), esses profissionais gentis fizeram muitas objeções ao cruel diretor do seção sanitária, que, por sua vez, manteve o emprego apenas porque fornecia mão de obra abundante para as tarefas difíceis?

Mas talvez a seção sanitária estivesse mostrando algo mais caridoso para com aqueles que sacrificaram uma parte de seu corpo para salvar o resto ...? Todo mundo conhece o regulamento, não é exclusividade de um único campo: presos que praticaram autoamputação, mutilação voluntária ou que causaram lesões internas ou externas por meios artificiais *não receberão atendimento médico!* A ordem vem de cima, certo; mas quem

atende? Quem decide? Os medicos. Bem não! Você amputou quatro dedos com uma cápsula explosiva? Vá sangrar onde quiser, seu cachorro sarnento! Não vamos dar um único curativo aqui no hospital. Mesmo durante a construção do Volgacanal, em meio ao entusiasmo delirante da emulação geral, não se sabe por que (?) Muitos *mostyrkas* começaram a ser produzidos . ^[dm] Mas imediatamente uma explicação foi encontrada para ele: ofensiva por parte do inimigo de classe. Curar aquela ralé ...? (Naturalmente, tudo depende da astúcia de alguém para fazer as coisas. Um *mostyrka* pode ser feito sem que seja possível provar que foi intencional. Hans Berstein queimou habilmente a mão com água fervente através de um pano, economizando A vida dele. Outra pessoa pode tirar a luva para congelar a mão dele, ou urinar na bota antes de sair para o frio. Mas, claro, você não pode prever tudo: se a gangrena estourar, é a morte certa. Às vezes, há *mostyrkas* involuntárias: as úlceras persistentes *de Babich* foram diagnosticadas com sífilis quando, na verdade, era escorbuto. Não havia lugar para fazer um exame de sangue, e o próprio Babich confirmou com alegria que ele e todos os membros da sua família sofreram sim filis. Transferiram-no para uma zona venérea, o que lhe permitiu ganhar algum tempo da morte).

Ou houve um dia em que a seção de saúde dispensou do trabalho todo mundo que estava realmente doente? Ele não estava forçando vários internos praticamente acamados a saírem da área diariamente ? O herói e historiador da cidade carcerária, Pedro Kishkin, não conseguiu interná-lo no hospital para tratar sua diarreia. Segundo o Dr. Suleimanov, não atendia às condições regulamentares , ou seja, fezes a cada meia hora e necessariamente misturadas com sangue. Então, no momento em que a coluna inteira estava formada para começar a trabalhar, Kishkin se *sentou*, arriscando-se a ser baleado. Mas a escolta provou ter um coração melhor que o do médico e mandou Kishkin para o hospital. ^[143] Pode-se objetar que o hospital era estritamente limitado ao grupo C, "pacientes hospitalizados e pessoas enfermas que podem andar", isso poderia ser uma explicação, mas em cada caso específico ainda havia crueldade, que não foi apagada pelo fato de que "outra pessoa", entretanto, se saiu bem.

Acrescente a isso os hospitais horríveis como o do acampamento nº. Nº 2 de Krivoschokov: um consultório, uma sala de serviço e uma sala comum. O serviço é uma merda, cheira em todo o hospital, mas ainda é o

menos. Aqui em cada leito tem *dois* pacientes com diarreia, e também tem no chão, entre os leitos. Os fracos fazem tudo sozinhos, na cama. Nem lençóis nem remédios (estamos em 1948-1949). A secção está a cargo de um estudante do terceiro ano de medicina (condenado nos termos do artigo 58.º); ele está desesperado, mas não pode fazer nada. As enfermeiras que alimentam os hospitalizados são jovens robustos que devoram a ração dos enfermos. Quem os colocou nesta posição vantajosa? Certamente o *compadre*. ^[DN] O aluno não tem a força para expulsá-los e defender a ração para o doente. E os médicos, também não sentiriam falta ...? ^[144]

Ou já houve um campo onde o setor sanitário prevaleceu e conseguiu que a comida fosse pelo menos digna de um ser humano ...? Nem que seja para não continuar a ver aquelas "equipas da cegueira crepuscular" que também regressavam do trabalho, numa cadeia de cegos, abraçados! Pois não. Se por milagre alguém conseguiu uma melhoria na alimentação, foi a sede da produção, para ter trabalhadores mais resistentes. Mas nunca a seção sanitária.

Ninguém culpa os médicos por isso (embora se deva reconhecer que na maioria das vezes eles não se opunham muito a essa ordem de coisas, por medo de irem eles próprios para o trabalho geral), mas não é justo que haja uma lenda da seção de saúde do benfeitor. Como todas as outras seções do campo, o sanitário era uma cria do diabo, e sangue diabólico corria em suas veias .

Seguindo sua ideia, Shalamov diz que o preso só pode contar com a ajuda do setor sanitário e que não deve esperar nada de seu trabalho. Esse trabalho é seu túmulo. "No campo a ração pequena não mata, mas a grande."

Isso é verdade: a grande parte mata. O mais robusto dos trabalhadores, após uma temporada de transporte de madeira, "chegou perto do socialismo". Então eles dão a ele "deficiência temporária", ou seja, 400 g de pão e a última panela. A maioria morre durante o inverno (por exemplo, setecentos e vinte e cinco em oitocentos). Os outros passam para "trabalhos leves" e é onde morrem.

Mas que outra solução podemos propor a Ivan Denisovich, se não o aceitam como médico, ou como paciente , se não lhe dão nem um dia sem trabalho de capa? Se você não tem instrução e tem consciência suficiente para se conectar a uma posição na área? Você tem outra solução senão

confiar nas suas próprias mãos? O centro de repouso (OP)? O *mais yrka*?
Does *baixo*?

Deixe ele mesmo nos contar. Todas essas soluções foram meditando muito, o tempo ...

O OP é como uma casa de campo. Durante décadas, os presidiários trabalharam sem saber o que é feriado e , então , como recompensa, têm o OP. Duas semanas de OP. Eles dão comida melhor lá e não obrigam a ir trabalhar fora; Eles fazem, no máximo, três ou quatro horas por dia em alguns trabalhos leves na área, como quebrar pedras, limpar o terreno ou fazer alguns reparos. Se houver mais ou menos quinhentas pessoas em um campo, eles abrem o OP para quinze. Bem, mesmo assim, se as coisas fossem feitas corretamente, ao longo de um ano, ou talvez um pouco mais, todos teriam a chance de passar por aqui. Mas no campo não há justiça, e menos do que nada, no OP. Abrem o OP de repente, como o cachorro que estala os dentes, já com a lista preparada com antecedência para três turnos, e também fecham sem avisar, nem dura seis meses. E quem lá vai são os escritães, os barbeiros, os sapateiros, os alfaiates; vamos lá, a aristocracia; Eles também adicionam alguns trabalhadores reais para salvar os formulários, dizem produtores exemplares. E o alfaiate Bere mblum ainda te culpa: «Acabei de fazer uma capa para um forasteiro e fiz o caixa do campo ganhar mil rublos; Por outro lado, seu pobre idiota, você passa o mês derrubando toras, e isso não traz nem cem rublos para o campo! Quem é o produtor aqui? Quem é o OP? » Você quebra a cabeça pensando em como fazer para ir ao OP por alguns dias, mesmo que seja só para respirar de novo, quando de repente ... bum, eles já fecharam! Não há nada para fazer. O mais chato é que não custaria nada registrar no arquivo de cada um: “ele estava no OP em tal e tal data”. Total, com todo o administrativo que eles têm...! Mas não, eles não escrevem. Porque não combina com eles. No ano que vem, eles vão reabri-lo e Beremblum será o primeiro da lista novamente, e eles vão deixar você de fora novamente. Em dez anos você terá percorrido dez campos, no décimo você ainda vai pedir para dar uma olhada no OP, uma vez na frase, para ver se as paredes estão bem pintadas, como nunca entrei , mas como você prova ...?

Não, é melhor não ter críticas negativas sobre o OP.

Outra coisa é o *mostyrka*, mutilado de tal forma que você fica vivo e inválido ao mesmo tempo. Como se costuma dizer, um minuto de resistência, um ano de batalha. Você pode quebrar uma perna e fazer com que ela se cure mal. Ou beba água salgada e inche. Ou fumar folhas de chá é contra o coração. Em vez disso, a infusão de tabaco é boa contra os pulmões. Só tens que fazer com medida, sem exagerar, para que num daqueles sal não me junte a ti acima da deficiência e vá para a sepultura. Claro, mas quem sabe onde está a medida?

Ser inválido oferece muitas vantagens: você pode conseguir um emprego no serviço de água quente ou na sapataria. Além disso, de tudo que uma pessoa inteligente pode obter com a deficiência, o principal é a *perda*. Apenas as baixas também vêm em ondas, ainda mais do que o OP. Eles montam uma comissão, examinam os deficientes e depois fazem um laudo para os mais agredidos: naquela data João Silva foi interrogado e, devido ao seu precário estado de saúde, que o impede de cumprir a pena, pedimos que seja libertado ...

“Pedimos”, nada mais! Assim, o relatório sobe e desce de forma hierárquica, é muito possível que o interessado já não pertença a este mundo; Houve muitos desses casos. Porque as autoridades não são nada estúpidas, não, e quando você recebe alta é porque sabem que você não tem mais que um mês de vida. ^[145] Ou porque há dinheiro envolvido. Por exemplo, um dos réus do caso Kalikman, que havia ficado com meio milhão, pagou 100.000 rublos e foi libertado. Não como nós, pobres babacas.

A certa altura, um livro circulou em nosso quartel que os alunos liam em voz alta em seu canto. Era a história de um jovem que de repente se vê como dono de um milhão e não sabe o que fazer com ele, sob o regime soviético, porque o dinheiro não compra nada, e quem não trabalha pode morrer de fome com mil lões e tudo . Também rimos: sim, sim, para outro com aquela história, que temos acompanhado mais de um daqueles milionários fora do campo! Provavelmente, saúde é a única coisa que não pode ser comprada com um milhão, mas liberdade e poder, e os mesmos homens com todas as suas entranhas podem ser comprados. Milionários desses, cara estão aí! O que acontece é que eles não carregam uma placa, eles não sobem nos telhados para o mundo inteiro ver.

De qualquer forma, para os Cinquenta e Oito não há perda possível. Como os campos são campos, apenas cerca de três vezes, de acordo com o

que dizem, eles passaram um mês cancelando o Ponto Décimo e então pararam. E quanto a aceitar dinheiro das mãos de um inimigo do povo, ninguém ousaria ... é colocar a própria cabeça em troca! Além disso, eles, os políticos, não têm o chaves.

"Eles, quem, Ivan Denisovich?"

"Bem, nós ...

* * *

Mas há outra *libertação antes do prazo* e ninguém pode tirar isso do prisioneiro. Essa libertação é a morte.

A morte é a principal produção do Arquipélago, produção ininterrupta que não necessita de regras ou regulamentos.

Desde o outono de 1938 até fevereiro de 1939, um dia e os *lagpunkts* de Ust Vym, 385 detidos morreram de um total de 550. Algumas equipes (como Ogurtsov) desapareceram completamente da face da terra, com príncipes e todos . No outono de 1941, a Pechorlag (ferrovia) tinha cinquenta mil prisioneiros registrados em seus registros e, na primavera de 1942, apenas dez mil. Durante esse período , *não houve uma única transferência: para* onde foram os restantes quarenta *mil* ? Escrevi "mil" em itálico e por quê? Essas figuras vieram ao meu conhecimento por puro acaso; Foram-me transmitidos por um recluso que tinha tido acesso aos autos na altura, mas é impossível ter os dados de todos os campos e em todos os anos; é impossível obter um total. No quartel dos acerosos, no centro do campo de Burepolom, em fevereiro de 1943, a mortalidade por noite era de quatro a doze internos, nunca menos. Na manhã seguinte, seus lugares foram imediatamente ocupados por outros homens agitados que sonhavam em progredir no ensopado de painço e 400 g de pão.

Os cadáveres consumidos pela pelagra (sem nádegas; mulheres, sem seios), ou apodrecidos pelo escorbuto, eram controlados na cabine que servia de necrotério ou se não a céu aberto. Raramente isso lembrava uma autópsia médica: um corte vertical do pescoço ao púbis, uma perna quebrada, a separação da caixa craniana. O mais importante era que não o legista, mas o próprio guardião, *verificasse* se o recluso estava mesmo morto ou aparentava . Para fazer isso, ele perfurou o tronco com a baioneta ou fraturou o crânio com um martelo. Em seguida, amarrou-se no dedão do pé direito uma prancheta contendo o número de seu processo penitenciário, sob o qual estava inscrito no cartório .

No início, eles enterravam as pessoas com roupas íntimas; depois, no pior, do "terceiro mandato", ^[do] cinza com sujeira. Por fim, havia uma ordem geral: enterrar os cadáveres completamente nus, para não desperdiçar cuecas e guardá-las para uso dos vivos.

Houve um tempo em que era inconcebível enterrar uma pessoa morta sem caixão em solo russo. O último dos servos, o mais miserável dos mendigos ou dos vagabundos, não poderia ficar sem um caixão. E a mesma coisa aconteceu com os condenados de Sakhalin e Akatui. Mas isso teria representado um consumo improdutivo de matéria-prima e mão de obra no Arquipélago, com perda de milhões para a comunidade. Quando, em Inta, um balconista emérito da serraria foi enterrado em um caixão de madeira, ordenaram à Seção Educacional-Cultural que lançasse o seguinte slogan: *Trabalhe bem e você também será enterrado em um caixão de madeira!*

Os cadáveres eram retirados do campo em trenó ou carroça, dependendo da época. Às vezes, por conveniência, colocavam uma gaveta para seis cadáveres ou, quando não, amarravam os braços e as pernas com cordas para não balançarem. Em seguida, eles os empilharam como toras e os cobriram com uma lona. Se houvesse explosivos, uma equipe de coveiros os usava para abrir as sepulturas; caso contrário, era necessário cavar com pás. Dependendo da aspereza do terreno, grandes valas comuns foram feitas para grupos grandes, ou rasas para apenas quatro cadáveres. (Na primavera, os últimos começavam a exalar um fedor que chegava ao campo, e então mandavam grupos de homens rudes para cavá-los mais fundo novamente).

Claro, ninguém pode nos acusar de ter usado câmaras de gás.

Em Kenguir, por exemplo, onde vivi um pouco mais de tempo livre, foi colocado um pequeno poste em cada morro, e o encarregado da Seção de Administração e Abastecimento inscreveu pessoalmente nele, com ar solene, o número dos internos enterrados sob. Mas naquele mesmo Kenguir logo se registraram atos de sabotagem: alguém começou a indicar às mães e esposas que vinham de longe onde ficava o cemitério. As mulheres iam lá para chorar, e então o coronel diretor da Steplag, camarada Chech ev, mandou derrubar todos os postes e aplinar os montes com *escavadeiras*, pois o povo não pôde apreciar sua generosidade.

Caro leitor, foi assim que enterraram seu pai, seu marido, seu irmão.

Essa é a meta final para os indígenas da Arquipela irem; aí termina sua vida diária.

Como disse Pavel Bykov:

"Enquanto não se passaram vinte e quatro horas após a morte, não pense que tudo acabou."

* * *

"Bem, Ivan Denisovich, o que sobrou no tinteiro?" Resta alguma coisa para contar em nossas vidas diárias?

"E se sobrar alguma coisa?" Mas ainda nem começamos! Para contar toda a nossa vida lá, precisaríamos de tantos anos. ^[146] O cara que se abaixa da fila para pegar uma bituca de cigarro e leva um tiro ... Inválidos que devoram batata crua na cozinha, porque depois de cozidos nunca mais vão ver o cabelo ... O chá que serve de dinheiro para comprar qualquer coisa no campo ... E o *Chifiz*: chá concentrado, cinquenta gramas por copo, e você já tem visões na cabeça. Mas isso é feito, sobretudo, pelos *urkas*: compram chá de forasteiros com dinheiro roubado ...

E em geral, como vive o preso? Contanto que você não extraia vinho da pedra, ela está pronta. Mesmo em seus sonhos, ele tem que pensar em como se arranjará amanhã. Se algo lhe ocorreu, se você descobriu uma veia ..., nem uma palavra a ninguém! Nem uma palavra, porque se seus vizinhos descobrirem, eles pisarão em você. No campo é assim: para todos não haverá, então veja que há pelo menos para você.

É assim que as coisas são, mas olha: no campo também existe amizade, como entre as pessoas. Não só a velha, a dos que condenaram juntos, ou dos que foram companheiros no exterior, mas também a daqui. Pessoas que simpatizam umas com as outras e que não têm mais segredos umas para as outras. Os camaradas que compartilham o pouco que têm e o que não têm, dividem. Exceto pela ração de comida, que é vital, tudo o mais ^[147] que eles conseguirem é cozido e comido na mesma tigela.

Algumas companhias são curtas; outros muito ... Tem aqueles que se baseiam na lealdade; outros, em engano. Entre os companheiros de quem gosta de entrar, como uma cobra, o *compadre*. É que na tigela comum, em voz baixa, tudo se diz.

O velho recl costuma reconhecer, e os ex-presidiários contam: quem comeu com você na mesma tigela vai te vender ...

Também há alguma verdade nisso.

Mas o melhor de tudo não é ter um parceiro, mas um parceiro. Uma mulher do campo, uma reclusa. *Sub casar*, como se costuma dizer. É bom para quem é jovem, de vez em quando, poder ... Depois vai se sentir melhor. Mas também é bom para o velho. Você administra alguma coisa, ganha alguma coisa, ela lava a sua camisa, traz para o quartel, coloca embaixo do travesseiro e ninguém ri nem nada: *é a lei*. Ele também vai cozinhar vocês, vocês vão sentar juntos na plataforma e comer. O velho é mesmo quem mais enche a alma, aquele casal de camponeses, mal aquecido, de granulado de absinto. Você olha para ela através do vapor que sai da tigela: seu rosto está cheio de rugas, assim como o seu. Vocês dois estão vestindo os trapos cinza do país, sujos de ferrugem, argila, cal, gesso, óleo de motor. Não faz muito tempo, você nem a conhecia, nunca pôs os pés nas terras dela; o jeito dele de falar é diferente do seu. Os filhos dele estão crescendo lá fora, e os seus também. Ela tem um marido que ficou sozinho e está namorando; o seu também ficou sozinho e também não perde tempo: eles têm oito, dez anos e todos querem viver a vida . Por outro lado, esta, sua camponesa, arrasta com você a mesma corrente. E ele não reclama.

Vivos, não somos pessoas; mortos, não somos pais ...

Alguns vêm visitar suas esposas verdadeiras. Segundo os acampamentos, segundo os chefes, eles podiam ficar com eles por vinte minutos no posto de guarda, ou às vezes podiam até passar uma ou duas noites em um barraco separado. Isso, é claro, em troca de cento e cinquenta por cento de retorno. Mas essas entrevistas só aumentaram a ferida. De que adianta tocá-la, falar com ela sobre bois perdidos se você sabe que ainda tem anos e anos de separação? Por outro lado, com a camponesa tudo é mais simples; tem mais interesses em comum: ainda temos um pote de sêmola ... Na semana que vem falam que vão dar açúcar, mas do preto, claro, não o refinado, os próprios filhos da puta ... Um dia apareceu a mulher do serralheiro Rodichev! E na noite anterior, enquanto o acariciava, seu parceiro o mordeu no pescoço! O homem praguejou. "Ele tinha que vir agora?!" E correu para a enfermaria para ter um curativo enrolado no pescoço: para dizer que estava com frio!

E que tipo de mulher existe no campo? Existem criminosos, sem-vergonha, políticos, mas a maioria são mulheres de casa, por decreto. Eles não param de colocá-los pelo Decreto, por atentarem contra o patrimônio do Estado. Com quem encheram as fábricas durante a guerra e depois ?

Com mulheres. Quem deve sustentar a família? Eles. E com o quê? A necessidade tem cara de herética. E eles se dedicam a roubar. Enchem os bolsos de natas, carregam os pãezinhos presos entre as coxas, enrolam as meias na cintura ou, melhor ainda, chegam à fábrica de pernas nuas; Lá eles sujam um par de meias e calçam, e uma vez em casa lavam e vão vender no mercado. Cada um rouba onde trabalha. Colocam, por exemplo, um carretel de linha entre os seios. Os guardas foram todos comprados; eles também têm que viver e se contentam em bater palmas. Mas é o suficiente para que apareça o serviço de vigilância, para que eles vejam todos eles, e para aquela porcaria de carretel, são dez anos! Como por traição! Existem milhares para um carretel de linha.

Cada um aproveita o que seu trabalho permite. Nastia Gurkina tinha uma boa posição nas vans de bagagem, e ela havia feito a seguinte composição do lugar, de resto absolutamente correta: o homem soviético é pesado, mesquinho, capaz de quebrar seu rosto por uma simples toalha. Então ele nem tocou nas malas soviéticas, apenas esvaziou as estrangeiras. “O estrangeiro”, disse Nastia, “nunca pensará em despachar sua bagagem a tempo e, quando ela cair, não começará a escrever uma reclamação; ele pensará: 'Que ladrões são esses russos!', e voltará para casa com tanta alegria ».

Shytariiev, um velho escriturário, deu um sermão para Nastia: “Você não tem vergonha, seu bichinho? Você não pensou na honra da Rússia? ” E ela, por sua vez, o mandava, você sabe para onde: “E você, filho de tal e tal ... por que não se preocupou com a vitória, em vez de deixar ir os senhores do partido?” (Durante a guerra, Shytariiev era administrador em um hospital; os oficiais dispensados mancharam seu carro e ele prolongou seu período de convalescença para permitir que escapassem de casa antes de voltar para o front. A coisa é séria Eles o condenaram à morte e, posteriormente, sua sentença foi comutada para dez anos no campo).

É claro que eles também trouxeram muitos pobres infelizes. Como aquela que recebeu *um centavo* por fraude: seu marido morreu no décimo quinto dia, e ela esperou até o final do mês para devolver seus cartões de racionamento, usando-os, entretanto, para ela e seus dois filhos. Os vizinhos a denunciaram por inveja. Ele cumpriu quatro anos, o quinto ano em que foi concedida anistia.

Ou coisas assim também foram vistas: durante um bombardeio, um homem perde sua esposa e filhos. Todos os cartões de racionamento estão

queimados e ele, meio louco, vagueia treze dias, até o final do mês, sem pão e sem pedir novos cartões. Eles suspeitam dele: ele deve ter mantido todas as cartas intactas! Três anos caem. Depois de um ano e meio, eles comutaram sua sentença.

-Espere espere. Ivan Denisovich...! Você vai me dizer tudo isso da próxima vez. Você estava dizendo, um parceiro? Solteiro? ... arrastando a mesma corrente e não reclamando?

VIII

A mulher no campo

Como não pensar neles já durante a instrução? Se houver algum em uma cela ao lado! Nessa mesma prisão, com esse mesmo regime interno, essa instrução insuportável, eles, tão fracos, como resistiriam ?!

Os corredores estão silenciosos; O barulho de seus passos e o farfalhar de suas roupas não podem ser distinguidos . Mas, vejam só, o guardião do Butyrki se enrosca na fechadura e, por meio minuto, podemos ficar no corredor iluminado do andar de cima ao longo das janelas; o "focinho" que os cobre deixa uma fenda embaixo. E, de repente, no jardim verdejante, num quadradinho de asfalto, vemos, em fila dupla, também esperando que a porta se abra ... tornozelos e sapatos de mulher! Só tornozelos e saltos altos! E isso produz em nós o mesmo efeito que os tímpanos wagnerianos em *Tristão e Isolda* ... É impossível ver nada acima; Além disso, o guardião já está nos fazendo entrar na cela. Avançamos pesadamente, iluminados e sombrios, enquanto imaginávamos todo o resto ... Nós os vemos celestiais e desmaiamos de tristeza ... Como eles serão ... como serão?

No entanto, eles não parecem sofrer mais do que nós; eles podem até sofrer menos. O que as mulheres recordam da investigação de seu caso ainda não me permitiu supor que se sentiram mais desmoralizadas do que nós. O Dr. NI Zubov, um ginecologista que também passou dez anos na prisão e estava constantemente observando e tratando as mulheres, afirma, é verdade, que as mulheres reagem mais cedo e com mais violência do que os homens à privação de liberdade e seu principal resultado: perda da família. Ela sofre uma ferida moral que se manifesta na maioria das vezes na interrupção de suas funções femininas vulneráveis.

Mas o que me impressiona nos relatos das mulheres sobre a investigação de seu caso é precisamente que elas foram capazes de pensar em coisas tão insignificantes do ponto de vista de um prisioneiro (mas não

de uma mulher). Nádya Surovtseva, bonita e ainda jovem, com a pressa de ir ao interrogatório, tomou medidas diversas, e sentia-se todo o tempo extremamente incômoda na sala do juiz de instrução, porque o homem que a interrogava olhava de soslaio para as suas pernas. Pode-se pensar que, enfim, dane-se ele, ela não veio aqui para acompanhá-lo ao teatro! Aquela mulher que é quase uma doutora em Filosofia (segundo o costume do Ocidente), que conhece política mais do que muitos e a pratica com paixão ... bom, aí está! Alexandra Ostretsova, isolada no Grande Lubyanka em 1943, depois me contou no campo as piadas que ela e seus companheiros costumavam fazer: se escondiam debaixo da mesa e deixavam o zelador muito assustado procurá-los por toda parte; eles untaram o rosto com beterraba e então saíram para passear; Chamados para interrogatório, eles passaram um longo tempo discutindo animadamente o que vestir, um vestido de festa ou um mais simples ... Claro que a Ostretsova era então uma diabinha mimada, e ela compartilhou seu cativo com a muito jovem Mira Uborevich. Mas, por exemplo, essa outra mulher, a agora madura e culta NIP, que passava horas afiando uma colher de alumínio em sua cela ... Para cortar sua garganta? Não, para cortar as tranças (e ela as cortou!)

Mais tarde, no pátio da prisão de trânsito de Krasnóia P resnia, sentei-me ao lado de um grupo de mulheres recentemente condenadas, tal como nós, e descobri, para minha surpresa, que eram todas menos magras, menos emaciadas, menos pálidas que nós. Geralmente, as mulheres lidam melhor com a escassez de alimentos e os sofrimentos da prisão. A fome não os enfraquece tão cedo.

Mas para todos nós, e para as mulheres em particular, a prisão ainda não é nada: as coisas boas acontecem quando chegamos ao campo. Lá será a vez dele quebrar, ou, caso contrário, você vai se dobrar e aceitar.

Porque, ao contrário do que acontece com a cadeia, o campo é mais difícil para as mulheres do que para nós. A começar pela sujeira, que já a fez sofrer muito nos postos de trânsito e nas transferências, e que continuará a fazer sofrer também no campo. Em um campo comum, a mulher que faz parte de uma equipe de trabalho vive com seus companheiros em um barracão onde nunca se sente verdadeiramente limpa: não tem como conseguir água quente (e às vezes nem fria; no *lagpunkt* n. O n° 1 de Krivoshtiekov era impossível de lavar no inverno - você só conseguia gelo, mas não havia onde derretê-lo). Você não tem meios legais para adquirir gaze ou trapos, e não vamos falar sobre lavar roupas!

Os banheiros? Sim, exatamente! Os banhos são o batismo; com eles começa a chegada ao campo (deixando de lado, é claro, o pouso na neve do vagão de gado e a jornada a ser feita com os pertences a reboque em meio aos guardas e cães) ... Precisamente no Os banheiros rurais são onde as mulheres nuas são examinadas como se fossem uma mercadoria. Haverá ou não água na banheira, mas o controle de piolhos e a depilação das axilas e púbis permitem que os cabeleireiros (membros proeminentes da aristocracia do país) vislumbrem as novas mulheres. Depois será a vez dos outros conectados. É uma tradição cujas origens remontam aos Solovki, só que ali, no alvorecer do Arquipélago, reinava uma modéstia realmente sobrenatural, e as mulheres eram observadas mais ou menos discretamente enquanto trabalhavam vestidas em trabalhos auxiliares. Mas o Arquipélago ficou petrificado e o procedimento tornou-se mais atrevido. Fedor S. e sua esposa (eles estavam destinados a se conhecerem assim!) Ria agora com a lembrança dos plugues masculinos alinhados em cada lado de um corredor estreito, e por aquele corredor eles enviaram os recém-chegados completamente nus, mas não de uma vez, mas um por um. Após o desfile, os plugados os distribuíram entre si. (As estatísticas atribuem uma mulher a

^[148] seis ou sete homens. Após os decretos das décadas de 1930 e 1940, a desproporção foi reduzida um pouco, mas não o suficiente para deixar de valorizar as mulheres, especialmente aquelas que eram atraentes). Em alguns campos, uma certa cortesia ainda era preservada e as coisas eram feitas de maneira diferente. Assim que as mulheres se instalaram em seus barracões, as plugadas apareceram; veio satisfeito, vestido com novas jaquetas com um ar de suficiência impudente (No campo, uma peça que não está rasgado ou olhares de reprovação dandyism autêntico!) veio e foi sem pressa entre *vagonki*, h aciendo sua escolha. Em seguida, eles se sentavam por um minuto, iniciavam uma conversa e convidavam a mulher para "vir visitá-los". Já os plugados não moram em barracas comuns, mas em pequenos grupos em compartimentos separados, onde possuem até fogão elétrico, frigideira, e fazem batata frita, o sonho da Humanidade! Na primeira vez, a mulher vai só para fazer uma festinha e dar uma olhada. Os impacientes começam a exigir "pagamento" imediato depois das batatas; os mais discretos, acompanhe-os de volta ao quartel e pinte um quadro do futuro. Sinta-se confortável, minha querida, assente no *zona* enquanto eles ainda oferecem a você com boas maneiras. Você terá para si a limpeza e a

lavagem, e algumas roupas decentes , e um pouco de trabalho cansativo ..., tudo isso será seu! »

Nesse sentido, a vida das mulheres no campo é considerada "menos dura". É menos difícil para ele permanecer vivo, só isso. A partir do "ódio sexual" com que certo olhar acre a mulher que ainda não desceu à lixeira, é natural considerar que é menos difícil para as mulheres sobreviver no campo porque precisam de uma ração menor e porque têm a possibilidade para obtê-lo por outros meios. Para um ser louco de fome, todo o universo é reduzido a comida.

Também é verdade que há mulheres que, pela sua própria natureza, não são muito exigentes no que diz respeito ao sexo oposto e estão dispostas, mesmo em liberdade, a entregar-se ao primeiro que vier. Eles não têm problemas no campo, todos os caminhos estão abertos para eles. Mas embora não possamos afirmar que determinado tipo humano se encaixa totalmente em um determinado artigo do Código, não acreditamos que estejamos errados em notar que a maioria dos Cinquenta e Oito não pertence a essa categoria de mulheres. Para muitos deles, dar esse passo é algo mais horrível do que a morte, e eles nunca o fazem. Outros hesitam, resistem, ficam constrangidos (ela também guarda a vergonha diante dos companheiros), e quando eles já se decidem, quando se demitem, é tarde demais: deixaram de estar listados na "bolsa" do ramo.

Porque nem todos eles são *oferecidos*.

Muitos também cedem desde o primeiro momento. A alternativa é muito cruel e não há esperança. E não são apenas as mulheres casadas, mães de família que decidem dar esse passo, mas as meninas, quase meninas. São justamente eles que, sufocados pela dureza da vida no campo, ficam mais desenfreados do que ninguém.

E se não quiser, vista a calça e a capa, transforme-se em um ser deformado, sólido por fora e fraco por dentro, e se jogue na floresta ... Você vai voltar rastejando de quatro, implorando para ser recebido ...!

Se você chegou ao campo fisicamente intacto e soube dar o *bom* passo nos primeiros dias, pode ficar tranquilo, seu futuro já está assegurado no setor sanitário, na cozinha, na administração, na oficina de costura ou na lavanderia, e Os anos que lhe restam passarão suavemente, quase, quase, como se você estivesse em liberdade. E se for transferido, chegará ao seu novo destino em plena forma, e aí também saberá como agir desde o primeiro momento. Um dos passos mais bem-sucedidos é se tornar um

servo dos patrões. Quando a IN, uma mulher grande e bonita, chegou a campo, o chefe da Seção Administrativa imediatamente atribuiu a ela o honroso dever de esfregar o chão da sede. E apesar de ter sido a esposa rica de um oficial sênior do Exército por muitos anos, IN aceitou a tarefa de bom grado, bem ciente de que tinha sido muito afortunada.

Que importa se uma vez, ainda livre, você amou alguém e quis ser fiel a ele! Que diferença faz a fidelidade de uma mulher morta? “*Quando você sair daqui, quem vai precisar de você?*” Essas são as palavras que ecoam constantemente no quartel feminino. A cada dia que passa, você fica mais duro, mais velho; Os últimos anos de sua vida de mulher estão destinados a passar vazios e sem alegria ... Não é mais razoável, então, tentar aproveitar ao menos algo desta vida, por mais monstruoso que seja?

Felizmente, em campo ninguém julga ninguém. "Todos eles fazem o mesmo aqui." Isso torna as coisas mais fáceis. E também contribui para facilitá-los, o fato de a vida ter perdido todo sentido, todo propósito.

Portanto, quem não ceder na hora terá que pensar melhor ... Enfim, será obrigado a ceder! Por mais teimosos que sejam, se forem bonitos, não vão demorar muito para desistir!

No campo de Kaluga (em Moscou), tínhamos uma garota linda e arrogante, uma tenente de fuzileiros. M. parecia uma princesa saída de um conto de fadas russo: lábios vermelhos, porte majestoso, cabelo preto como

a asa de um corvo. ^[149] Sobre ela caíram os olhos do gerente de armazém velho, sujo e gordo, Isaac Bezschader. Ela já era um ser repugnante, mas para ela, com sua beleza e agilidade, com sua vida corajosa de recentemente, deve ter sido muito mais. Ele era um velho tronco podre; ela, um choupou esguio. Ele colocou entre as sobranceiras do velho que a queria para si, e fez tanto que, finalmente, a menina se sentiu encurralada. Ele não apenas a mandou para trabalhos gerais (todos aqueles conectados trabalharam em uníssono e o ajudaram em seus propósitos), mas a expôs aos ataques do pessoal de vigilância (ele também o tinha na mão) e, finalmente, jogou a carta que ele a mandaria embora com um contingente de trabalho. Uma noite, quando todas as luzes do campo se apagaram, eu mesmo vi, na claridade esbranquiçada da neve e do céu, a silhueta de M., que escorregou do quartel das mulheres, cabeça baixa, em direção à porta do armazém. Em seguida, conseguiu uma boa posição na área.

MN, uma mulher madura, desenhista de profissão e mãe de dois filhos, havia perdido o marido na prisão e, apesar de estar no limite de suas forças

derrubando árvores na brigada feminina, não havia como fazê-la ceder. Suas pernas incharam monstruosamente; quando ela voltou do trabalho, ela rastejou no final da coluna, e a escolta a conduziu adiante com coronhas de rifle. Uma vez que eles a deixaram na área o dia todo. O cozinheiro aproveitou: "Venha comigo para o meu compartimento", disse ele. você pode comer até se fartar ». Ela o seguiu. O homem colocou diante dela uma frigideira cheia de batatas fritas de porco. Ele comeu tudo. Mas, depois de pagar, ele sentiu náuseas, voltou e as batatas se perderam. A cozinheira ficou furiosa: "Você deve ter visto, princesa!" No entanto, a partir desse momento, MN começou gradualmente a se acostumar com isso. Sua situação melhorou. Depois foi ela mesma quem, nas sessões de cinema do campo, escolheu um homem para passar a noite.

Quem espera muito corre o risco de, depois de se decidir, ter de ir ela mesma procurar homens no quartel comum (seu tempo para *ligar* terá passado!), *Escorregando* entre o *vagonki* e a repetição, como quem recita uma ladainha, «... meio quilo ... meio quilo» ... E se tiver sorte e encontrar alguém que te siga com a sua ração na mão, terá de pendurar lençóis à volta da sua *vagonka*, e aí, dentro dessa tenda improvisada (aquelas as mulheres são, de facto, conhecidas no campo como "carperas"), vão ganhar o seu pão . Se não for descoberto antes pelo diretor.

A *vagonka*, isolada por todo o tipo de trapos, é uma imagem clássica no campo. Mas também existem métodos mais simples. Por exemplo, como costumava ser praticado no *lagpunkt* nº 1 de *Krivoshtiekov* , entre 1947 e 1949 (nós conhecemos este, mas quantos havia?). Lá, bandidos, plebeus, menores, inválidos, prostitutas, mães que amamentavam, eram todos misturados ... Era só um quartel de mulheres, mas com quinhentas vagas. Era de uma sujeira indescritível , inimaginável; o abandono mais completo reinou; o cheiro era absolutamente nauseante; o *vagonki* não tinha lençol mesquinho nem cobertor. Os homens foram oficialmente proibidos de entrar, mas como não havia controle mínimo, eles entraram. E não apenas homens; 12, raptos de 13 anos também entraram, ansiosos para aprender. No início, limitaram-se a observar: não havia falsa modéstia, e seja por falta de lençóis ou de tempo, os *vagonki* nunca se *isolavam* , e como, claro, as luzes nunca se *apagavam* , tudo era feito com a maior naturalidade , à vista de todo o mundo e em vários lados simultaneamente. Uma mulher só poderia ser protegida, nesse sentido, pela decrepitude mais óbvia ou alguma malformação nojenta. Ser bonita era uma maldição; a mulher bonita sempre

teve homens sentados em seu estrado, ela estava constantemente cercada, solicitada, ameaçada, e sua única aspiração não era resistir, mas render-se com vantagem, escolher aquele cujo nome e cuja face ela soubesse como instilar respeito nos outros e protegê-la ela da multidão de admiradores que esperavam sua vez e dos raptos enlouquecidos, exasperados com tudo que viam e respiravam. Mas deveria ser defendido apenas dos homens? E talvez os únicos exasperados fossem aqueles raptos? O que dizer então das mulheres que todas as noites tinham que presenciar aquelas cenas e às quais nenhum homem jamais havia pedido? Essas mulheres também acabaram explodindo em um sentimento além de todo controle e pairaram sobre seus vizinhos mais sortudos para pegá-las.

Naquele mesmo *lagpunkt* Krivoshtiekov, as doenças venéreas não demoraram a se espalhar. Era de *conhecimento geral* que cerca de metade da população feminina já havia sido atacada, mas os homens não tiveram escolha e continuaram a desfilar pela porta do quartel. Apenas alguns, como o acordeonista Y., que tinha amigos na seção de saúde, tiveram o privilégio de consultar cada vez para si e para seus amigos a lista secreta de pacientes, para não se enganar.

E quanto à mulher em Kolyma? Lá é realmente uma raridade; lá eles disputam e os arrancam de suas mãos! É melhor ele não topor com nenhum homem na estrada, seja ele o guardião, o homem livre ou o recluso ! Em Kolyma, a palavra *tramway* foi usada pela primeira vez para designar estupro coletivo. KO conta que, certa vez, o motorista de um caminhão cheio de mulheres perdeu todas elas jogando cartas no caminho para Elguen, e para pagar a dívida saiu da estrada e entregou sua carga para alguns operários da construção. desprovido de escolta.

Que tal *trabalhar*? Ainda em uma equipe mista, a mulher goza de certas vantagens; geralmente, você consegue um trabalho menos difícil. Mas se houver apenas mulheres na equipe, que tipo de consideração haverá? Para produzir *metros cúbicos*! Agora, há acampamentos de mulheres, onde elas fazem de tudo: derrubam árvores, cavam a terra, fazem muros. Apenas as minas de cobre e tungstênio estão fechadas para eles. Quantas mulheres estão no "ponto 29" de Karlag? Um número normal, seis mil. ^[150] Quais trabalhos eles devem fazer? Elena O., por exemplo, trabalha como estivador: transporta malas de 80 a 100 quilos! Claro que a ajudam a carregá-los nos ombros e que na juventude ela foi ginasta ... (Elena Pro

kofievna Chebotarieva também passou seus dez anos inteiros como estivadora).

Nos campos femininos, reinam costumes cuja dureza não coincide com a natureza feminina: obscenidades, espancamentos e violência; caso contrário, não sobreviveu. (No entanto, o engenheiro ou Pustover-Prokhorov observa que bastava retirá-los de sua coluna e dar-lhes um emprego de empregada doméstica ou alguma outra ocupação decente para que se tornassem imediatamente dóceis e industriais. Em vez disso, todos deveriam ser temidos juntos. Esse mesmo engenheiro teve a oportunidade de observar colunas desse tipo durante as obras da segunda rota transiberiana, na década de 1930. Num dia muito quente, trezentas mulheres pediram à escolta que lhes permitisse tomar banho em um barraco cheio de água. a p RIVING LICENSE lhes foi negada. então, todos em uníssono se despiram completamente e sentaram-se para tomar sol ao longo dos trilhos, à vista de que os trens estavam passando. Enquanto havia mais do que trem Os locais, os soviéticos, aqui não era muito importante, mas a questão é que se esperava um expreso internacional, com estrangeiros, as mulheres recusaram-se a vestir-se e permaneceram placidamente reclinadas. Arme um carro de bombeiros e disperse-os com a mangueira a).

Vejamos um exemplo de trabalho *feminino* em Krivoshtiekov. Na olaria, quando termina a exploração de um setor da pedreira, as madeiras que serviram para cobrir o terreno são lançadas na grande fossa. Agora é uma questão de retirar aquelas mesmas toras pesadas e molhadas de uma profundidade de 10 ou 12 m. Como fazê-lo? Com meios mecânicos, dirá o leitor. Sim, claro. Uma equipe feminina passa dois cabos grossos embaixo de cada uma das pontas da árvore, e divididos em duas fileiras de cílios (tomando cuidado para marchar no mesmo ritmo para não derrubar a árvore e ter que recomeçar), eles estão puxando o duas extremidades do cabo, e assim eles extraem o log. Depois, entre vinte deles, carregam-no nos ombros e, encorajados pela torrente de obscenidades com que o seu acabado chefe de equipa os apresenta, levam-no para o outro lado e aí depositam. Você sugere um trator? Mas pense um pouco: onde você quer que arranjemos um trator se a cena acontecer em 1948? Um guindaste, você diz? Mas como, ele esqueceu Vichinsky ..., "a obra mágica que do nada e da insignificância transforma os homens em heróis"? Se houvesse uma grua, onde estaria a magnífica obra? Com um guindaste, essas mulheres afundariam na insignificância!

O corpo se desgasta nesse tipo de trabalho, e tudo o que é feminino na mulher, tanto os traços permanentes quanto a função mensal, desaparece depois de um tempo. Se sobreviver até o próximo check-up, a mulher que vai se despir antes dos médicos não terá mais nada a ver com aquela que as pessoas plugadas olhavam para lamber os lábios de prazer no corredor do banheiro: atemporal; ombros ossudos se projetando em um ângulo agudo; seios caídos como bolsas secas; dobras de pele vazia sobre nádegas planas; as pernas tão nuas que se forma um buraco acima dos joelhos, por onde passaria a cabeça de uma ovelha e até uma bola de futebol; uma voz grossa e áspera, e um rosto que já está assumindo o tom acobreado da pelagra. (E depois de vários meses de derrubada de árvores”, diz o ginecologista, “um órgão mais importante é baixado e descolado).

Trabalhe, aquele *mágico* ...!

Na vida não há duas coisas iguais e, quando se trata de campos, menos ainda. Nem todos estavam destinados ao mesmo futuro sem esperança. E quanto mais jovens eram, mais chances às vezes tinham. Ainda pareço olhar para Napolnaia, com seus dezenove anos, carne firme e bochechas de camponesa vermelhas. No pequeno campo moscovita em Kaluga Gate, ela era responsável pela torre do guindaste. Ele subia nele como um macaco, e às vezes subia desnecessariamente na mesma flecha, de onde gritava para toda a pedreira: "Eca!"; Ele também se comunicou em voz alta, de sua cabine, com o chefe da pedreira, com os capatazes; Eu não tinha telefone. Tudo parecia fácil, divertido, como se não fosse um campo, mas o Komsomol. Ele sorriu para todos com uma gentileza desconhecida no GULAG. Sempre lhe davam 140% da ração, a mais alta do campo, e não havia inimigo para assustá-la (bem, com exceção do *compadre*), pois o chefe da pedreira não permitiria que um único prego fosse tocado. Porém, há algo que não sei, e foi como ele conseguiu aprender a usar a grua no campo. Ela havia sido admitida abnegadamente nessa posição? De qualquer forma, ele estava cumprindo sua pena por uma trivialidade da common law. A energia jorrou de todos os poros dela, e a posição que conquistou lhe permitiu amar por inclinação e não por necessidade.

O mesmo estado de espírito reconhece a própria Sachkova, presa aos 19 anos. Mandaram-na para uma colônia agrícola, onde, aliás, a vida é sempre um pouco mais fácil, porque costuma haver mais comida. «Corria a cantar de um cortador para o outro; ele aprendeu a amarrar os feixes. Se não há outro jovem além do campo, então você tem que se divertir aqui, porque

senão onde? Em seguida, eles a levaram para a tundra perto de Norilsk, que lhe parecia uma cidade saída de um conto de fadas, como os que ela sonhara quando criança. Terminada a pena, ela decidiu ficar lá como funcionária livre. “Lembro-me de um dia, andando no meio de uma tempestade de neve, fui dominado por uma sensação de desafio alegre. Eu estava caminhando, agitando meus braços, lutando contra a tempestade e cantando ... Eu olhei para as cortinas iridescentes das luzes do norte, mergulhei na neve e olhei alto para o céu. Eu queria cantar e ser ouvido de Norilsk! Queria gritar que não fui eu quem aqueles cinco anos bateram, mas eu eles! Que cercas, plataformas e comboios não existiam mais para mim! Eu queria amar! Eu queria fazer algo pelas pessoas, para que o mal deixasse de existir na Terra! ”

Sim, muitos de nós desejamos que ...

Sachkova não conseguiu nos livrar do mal: os campos ainda existem. Mas ela teve sorte, porque, para destruir a mulher e o ser humano, não leva cinco anos: leva cinco semanas.

Esses são os dois únicos casos que posso comparar a milhares de outros, todos tristes ou sórdidos.

E, claro, onde você pode viver seu primeiro amor se, como Nina Peregud, você foi preso *aos quinze anos* (aplicando um artigo político!), Quando você ainda estava em seu oitavo ano? Como não se apaixonar pelo belo músico de *jazz* Basilio Kuzmin , que ainda recentemente, quando os dois eram livres, enlouquecia a cidade inteira e parecia tão inatingível? Nina escreve a poesia *A Branch of White Lilacs*, e ele põe música e canta para ela do lado oposto da área (eles foram separados; Basilio Kuz min mais uma vez está inacessível).

No quartel de Krivoshtiekov, as meninas também colocaram flores nos cabelos para indicar que não eram *casadas*, mas talvez também estivessem apaixonadas?

A legislação externa (externa ao GULAG) parecia favorecer o amor no campo. O decreto de 8-VII-1944 sobre a consolidação dos laços de casamento, foi acompanhado por uma resolução reservada ao Sovnarkom e um regulamento do Comissariado do Povo pela Justiça de 27-XI-1944, que estabelecia que em quant ou um cidadão soviético livre manifestou o desejo de dissolver seu casamento porque seu cônjuge estava preso (ou confinado em manicômio), o Tribunal tinha a obrigação de atender seu pedido, e até mesmo de facilitar os procedimentos, isentando-o do pagamento da certidão

de divórcio . (E, em tais casos, ninguém era legalmente obrigado a informar o ausente da referida dissolução!) Desta forma, os cidadãos foram convidados a abandonar seus cônjuges presos o mais rápido possível em desgraça, e foram obrigados a expulsá-los. seu casamento com o esquecimento. Com o que não só era tolice e anti-socialista uma mulher suspirar por seu marido afastado, se ele permanecesse livre, mas também acabou sendo ilegal. (Zoia Iakucheva foi presa como MF pelo marido; três anos depois, ele foi libertado como um importante especialista, mas não impôs a libertação de sua esposa como condição indispensável, e ela foi presa por seus *oito* comprimentos *inteiros* por ele) ...

Você tinha que esquecer que era casado , certo; Mas, ao mesmo tempo, a legislação interna do GULAG condenava os excessos do amor, como sabotagem do plano de produção. Espalhadas pelos locais de trabalho, essas mulheres sem consciência, esquecidas de suas obrigações para com o Estado e para com o GULAG, estavam dispostas a deitar-se de costas em qualquer lugar, na terra nua, em aparas de madeira, em escória de ferro, em cascalho ... e o coeficiente de produção estava despencando! E o plano de cinco anos foi interrompido! E os diretores do GULAG não coletaram seus bônus! E como se não bastasse, algumas presidiárias conceberam o nojento projeto de engravidar para que, graças a ela e valendo-se de nossas leis muito humanas, ficassem dispensadas de trabalhar vários meses, encurtando ainda mais uma pena já muito curta: a vezes cinco ou mesmo três anos. Por este motivo, o regulamento do GULAG exigia que os casais descobertos no crime de concubinato fossem separados imediatamente e que se mudassem com um contingente distante pelo menos útil dos dois. (Isso, claro, não teve nada a ver com a Saltychija, que enviou seus servos para trabalhar em aldeias remotas!)

Todo aquele romantismo foi ruim para trazer a força de vigilância. Em vez de roncar em seu posto, o vigia noturno cidadão foi obrigado a dar voltas com uma lanterna para surpreender os homens sem vergonha e seminus nas plataformas dos homens e os homens no quartel feminino. Sem falar nos apetites que isso poderia despertar em si mesmo (que diabos, o cidadão guardião também não é feito de pedra!), Ele tinha que levar a culpada até a masmorra ou passar a noite inteira doutrinando-a e explicando em que consistia o erro. de sua conduta, para então escrever um relatório (o que, na falta de ensino superior, pode ser um tormento).

Despojado de tudo o que preenche a vida de uma mulher e de qualquer ser humano (família, maternidade, grupo de amigos, trabalhos costumeiros e às vezes interessantes, obras de arte e livros para alguns), e esmagado, ainda por cima, pelo medo, Através da fome, do esquecimento e da ferocidade, a que poderia recorrer a mulher do campo senão ao amor? Uma verdadeira bênção do céu, aquele amor, amor quase platônico , porque era uma pena ir para o mato, e no quartel, à vista de todos, era inconcebível; porque o homem nem sempre tinha forças, e porque os guardiões do campo estavam à caça dos casais para trancá-los separadamente em masmorras ... Mas - contam as mulheres do campo hoje - por serem tão desencarnadas, esse amor foi muito mais profundamente espiritual, mais ardente do que na vida normal! Mulheres maduras passavam as noites sem dormir por um sorriso casual, por uma atenção fugaz ... E com que força a luz do amor brilhou na sórdida existência no campo!

N. Stoliarova descobriu a 'conspiração da felicidade' nos rostos de sua parceira, uma atriz de Moscou, e do analfabeto Osman, seu parceiro no passeio de feno. A atriz percebeu de repente que ninguém a amava como ele, nem seu marido, um diretor de cinema, nem nenhum de seus pretendentes anteriores. E por isso continuou trabalhando puxando feno, não largou empregos gerais.

Há também o risco, quase militar, quase mortal, da transferência. Um único encontro de amor surpreendido, e você teve que ir para outro campo, abandonar novamente seus afetos, a posição vantajosa, ir de novo ao desconhecido, isto é, à morte ... Não foi esse amor um amor heróico, gestado à beira do precipício, rodeado de perigos ?! Ana Lejtonen em Ortan perdeu todos os sentimentos para com seu ente querido, nos vinte minutos em que um guarda os levou para a masmorra, e o homem humildemente implorou para deixá-los tarar. Alguns foram como concubinas com aqueles ligados sem amor, e outros foram para trabalhos gerais e deixaram suas vidas lá por amor ...

Houve casos em que os guardas bagunçaram os cabelos ao surpreender positivamente mulheres idosas em tais situações , das quais nunca se poderia ter suspeitado a menor explosão. Mas essas mulheres não estavam mais procurando paixão; só sentiam necessidade de dedicar a vida a alguém, de comunicar-lhes carinho, de se privar de alimentá-los um pouco, de lavar suas roupas e consertá-las. A tigela em que comiam juntos representava para eles a aliança matrimonial. Uma dessas mulheres

explicou ao Dr. Zubov: «O que eu preciso não é dormir com ele ... Nessa vida de bestas ferozes que temos carregado por aqui insultando-se e lutando o dia todo por rações ou trapos, você pensa: para remendar a camisa, e depois cozinharemos umas batatas ... »» Mas às vezes o homem exige algo mais, é preciso conceder, e é aí que corre o risco de ser descoberto. Tia Polia, lavadeira do Hospital Undjlag, ficou viúva muito jovem e passou a vida inteira trabalhando como sacristana. Quando ela estava prestes a terminar sua frase, ela foi pega uma noite com um homem. Os médicos não deixaram o espanto: «Tia Polia! Eles exclamaram. Como é possível? Com a confiança que tínhamos em você...! E agora, coitado, eles vão mandá-lo para trabalhos gerais! " "Sim, sou culpada ..." concordou a velha, com ar arrependido. De acordo com os Evangelhos, eu sou um pecador, e de acordo com o campo, um »...

Mas, como em todo o resto do GULAG, também não havia imparcialidade para julgar amantes apanhados em flagrante delito. Se um dos dois era um empresário bem conceituado, ou se seu trabalho na área era muito importante, ele fez vista grossa ao caso de amor deles durante anos. (A enfermeira Musia Butenko, do mesmo hospital de Undjlag, estava tendo um caso com um eletricista que tinha permissão para circular livremente na área. Como os serviços deste último foram muito apreciados por todos os contratados, quando apareceu no hospital o O médico-chefe, um contratado livre, deu pessoalmente a ordem para que ambos se instalassem confortavelmente!) Por outro lado, se fossem internos sem importância ou mal considerados, a punição era executada de forma rápida e cruel.

No campo de Guldjedeés, na Mongólia (nos anos 1947-1950 nossos internos estavam construindo uma ferrovia lá), duas meninas se surpreenderam ao correr ao encontro de seus amantes ... O guarda amarrou-as a um cavalo, subiu no topo. E EU JOGO A TODOS OS GALÕES ATRAVÉS DO PASSO. ^[151] Nem mesmo o Saltychija fez tais coisas. Mas o Solov ki, sim.

Eternamente perseguidos, eternamente descobertos, eternamente separados, pareceria à primeira vista que os sindicatos no Arquipélago não podiam ser sólidos. E, no entanto, são conhecidos casos em que, mesmo separados, amantes continuaram a se escrever e, uma vez livres, casaram-se. A história de BI CH., Professor de Medicina em uma faculdade provincial, é bem conhecida. Como ela estava no campo, seus casos de amor podiam ser contados às centenas: nem uma única enfermeira escapou

dela, e mesmo outras que não estavam. Mas tudo acabou quando apareceu Z. A menina engravidou, não quis interromper a gravidez e teve um filho. BI CH. Não demorou muito para que ele recuperasse a liberdade, mas em vez de voltar para casa, ele ficou no campo trabalhando como empregado autônomo para não se separar de Z. e de seu filho. Farto de tanto esperar, um dia apareceu sua legítima esposa, decidida a levá-lo de volta para casa. BI correu para se refugiar na *zona* (único lugar a que a sua mulher não tinha acesso !), E fez-lhe saber por todos os meios à sua disposição que eram divorciados e que ele não queria saber mais nada sobre ela.

No entanto, os tutores e as chefias do Arquipélago não são os únicos que podem separar o casal. O Arquipélago está a ponto de “um mundo virado de pernas para o ar”, aquilo que normalmente consolida toda a união, o nascimento de um filho, neste caso apenas contribui para alienar os pais. Um mês antes do parto, a futura mãe é transferida para outro campo, onde existe uma maternidade onde vizinhas imperiosas gritam que não querem pagar a culpa dos pais e que também se recusam a ser detidas. Após o parto, a mãe é enviada para um acampamento próximo destinado a mães, a *mamki*.

Vamos fazer um parêntese aqui! Não podemos parar de fazer isso! Quanta auto-desprezo nessa palavra! “Não somos gente de verdade” ... A linguagem dos internos *usa* constantemente esse uso de afixos depreciativos: eles não dizem *mat* (mãe), mas *mamka*; em vez de *bolnitsa* (hospital), é *bolnich ka*; em vez de *svidanie* (entrevista), *svidanka*; em vez de *volny* (aquele que não está na prisão), *volniachka*; em vez de *djenitsia* (casar), *podjenitsia*, e neste caso a zombaria continua a mesma, embora não esteja contida no sufixo. E mesmo o prazo de vinte e cinco anos, *chetviertnaia*, é reduzido a um simples *chetvertak*, e os vinte e cinco rublos *se tornam* vinte e cinco copeques!

Com esta insistente distorção da linguagem, os reclusos procuram mostrar que nada é autêntico no Arquipélago, que tudo é fictício e da mais baixa qualidade. E que eles próprios não atribuem qualquer valor àquilo que é um bem precioso para a maioria das pessoas ; eles sabem muito bem que tanto o cuidado que dispensam na seção de saúde quanto a papelada para solicitar a redução da pena são absolutamente inúteis e são apenas uma

comédia. Ao reduzir sua sentença para vinte e cinco copeques, o preso quer mostrar que é superior até mesmo a uma sentença de prisão perpétua!

E é assim que os *mamki* vivem e trabalham em seu novo campo, esperando a hora de amamentar os índios recém-nascidos . Eles são conduzidos, sob escolta, ao local onde estão as crianças, chamado de "cidade das crianças" ou "casa de repouso". Terminada a amamentação, a mulher não tem o direito de ficar, a não ser excepcionalmente, como recompensa por “trabalho exemplar e disciplina” (não é questão de mulher ficar nessa área para sempre, é? pelo simples fato de ter um filho: eles têm que ser mandados para trabalhar onde as demandas da produção assim o exigirem!) Mas, na maioria das vezes, a mulher não retorna ao seu antigo campo , ao lado do marido , e o pai não conhece seu filho enquanto sua prisão durar. Quanto às crianças, após o desmame, elas ainda permanecem na cidade infantil por um ano (e são alimentadas exatamente como as crianças de graça, para que o corpo médico do acampamento e o pessoal de serviço também tenham a oportunidade de comer! pouco mais!) Algumas criaturas, separadas muito cedo da mãe, não toleram alimentação artificial e morrem. O restante é enviado, após o ano, para um lar infantil comum. Assim, o filho de um casal indígena sai do Arquipélago, sem perder a esperança de voltar alguns anos depois como *menor*.

Quem já teve oportunidade de observar o assunto de perto, lembra que, uma vez livre, é raro a mãe sair em busca do filho (criminosos nunca o fazem). É como se uma maldição pesasse sobre a maioria daquelas criaturas que, ao inspirarem pela primeira vez, encheram os seus frágeis pulmões com o ar maligno do Arquipélago! Outros vêm, ou mesmo antes de serem enviados para procurar uma vovó modesta (talvez até crente). E apesar do dano moral que isso representa para o Estado, sem falar no dano material, já que a permanência no hospital, a licença materna e a manutenção do filho representaram uma perda irremediável de dinheiro, o GULAG deixa marchem essas crianças.

Ao longo da guerra, e nos anos anteriores a ela, as mulheres procuravam não ter filhos, pois a maternidade só separava casais e rompia aquela união de campo instável, encontrada com tanta dificuldade, escondida com tanto arriscado e tão teimosamente ameaçado. E aqui aquela notável diferenciação entre o Arquipélago e o mundo exterior ocorreu novamente; De fato, enquanto o aborto no exterior era rigorosamente punível por lei e criava uma enormidade de dificuldades para as mulheres,

as lideranças dos acampamentos viam com bons olhos os abortos que eram constantemente realizados no hospital, considerando que para a marcha interna o campo era muito melhor assim.

Esses casos, já complicados para todas as mulheres, foram ainda mais dramáticos para as presidiárias: parir ou não parir? E o que fazer a seguir com a criança? Se o caprichoso destino que reina nos campos permitiu que uma mulher engravidasse do homem que ama, como ela pode decidir abortar? Mas dar à luz é uma separação segura, sabe-se lá quantos anos, e quem pode garantir que, depois de partir, não mais procurará outra mulher do campo? E, além disso, há outra pergunta: como a criança vai nascer? (A distrofia sofrida pelos pais freqüentemente produz débeis mentais). E quando você terminar de amamentar e ficar separada do seu filho (por longos anos na maioria dos casos), você vai cuidar bem dele, não vai deixá-lo morrer? Será possível depois levá-lo para morar com sua família? (Alguns são proibidos). E se você não tomar, estará condenado a sofrer por toda a vida ... (Para alguns, isso não é o menor problema; eles são rapidamente esquecidos).

Mulheres que contavam com a união do pai de seu filho uma vez livre, assumiram serenamente a maternidade. (E às vezes as coisas iam bem. Por exemplo, A. Glebov, sua filha mais velha, nascida em Undjl ag, agora uma bela garota de dezenove anos, e a segunda filha nascida dez anos depois, quando já haviam recuperado a liberdade). Havia também aquelas que ansiavam por experimentar as alegrias da maternidade e não tinham escolha a não ser fazê-lo no campo, uma vez que não tinham mais vida do que isso. Esse vivente que chupa o seu seio não é fictício, nem de segunda qualidade! (Lialia, uma nativa de Jarbin, deu à luz uma segunda vez apenas para poder retornar à "cidade infantil" e ver seu primeiro filho novamente. E então ela teve outro para ver os dois mais velhos novamente! seus cinco anos ele conseguiu manter todos os três, e com eles ele voltou à vida normal). Irremediavelmente humilhadas por dentro, as mulheres do campo ou se afirmaram na sua dignidade através da maternidade, e por um breve período igualaram-se às mulheres livres ... Ou então fizeram a seguinte composição do lugar: «Eu serei um recluso, certo; mas meu filho não é!» e zelosamente exigiu que o mesmo cuidado fosse dado a ele como uma criança livre. Outros, geralmente os endurecidos e os criminosos, viam a maternidade como um ano de *parênteses*, e às vezes até no meio de obter a liberação

mais cedo. Eles nem mesmo consideravam a criança como sua; eles não tinham interesse em vê-lo e nem se importavam se ele estava vivo.

Mulheres do oeste da Ucrânia, e às vezes até russas de origens modestas, insistiam em que seus filhos fossem "batizados" (estamos nos anos do pós-guerra). Houve quem mandou ocultar habilmente a cruz em algum embrulho postal enviado (no campo não teriam permitido que tal objeto contra-revolucionário passasse), enquanto outros a mandaram fazer em segredo —em troca de pão— por algum artesão do campo. Eles também ganharam uma fita para a cruz e costuraram um pequeno vestido e um chapéu. Economizaram açúcar da ração, fizeram, sabe Deus com que, uma espécie de bolo e convidaram seus amados companheiros para a cerimônia. Sempre havia uma mulher para recitar uma oração (não importava qual), o recém-nascido era imerso em água morna, o sinal da cruz era colocado sobre ela e a mãe, radiante de alegria, convidava os presentes a se sentarem ao seu redor. a mesa.

Às vezes, *mamki* com *seios* (mas nunca cinquenta e oito, que diminui seu peso) se beneficiava de uma anistia parcial ou simplesmente de uma decisão de soltura antecipada. Na maioria das vezes, essas decisões favoreciam pequenos ladrões e pequenos criminosos, que em parte contavam com essa eventualidade. E assim que essas mulheres ficaram de posse do passaporte e da passagem de trem, deixaram o filho, que não era mais necessário, no primeiro banco da estação ou em algum portal. (É preciso lembrar também que nem todos esperavam um telhado aconchegante, uma recepção calorosa na delegacia de sua cidade, uma autorização de residência e um emprego. No entanto, a partir de amanhã, eles teriam que se despedir da ração do Era mais fácil começar a viver novamente sem filhos).

Certa vez, tive que passar a noite na estação de Tashkent, não muito longe de um grupo de presidiários que acabava de ser libertado por alguma decisão especial. Seria cerca de trinta; ocuparam um canto inteiro da sala de espera e fizeram um grande alvoroço, comportando-se com aquela autoconfiança de semi-criminosos característica dos filhos do GULAG que sabem o valor da vida e desprezam todos os homens livres que encontram. Os homens jogavam cartas, enquanto as mulheres discutiam com gritos de não sei o quê. De repente, um deles deu um grito mais alto que os outros, deu um pulo, agarrou o filho pelas pernas e bateu com a cabeça dele no chão, com um ruído que ecoou maçante por toda parte. Todos os que

estavam em *liberdade* naquela sala ficaram pasmos ... Ouviu-se um grito: «Uma mãe! Como pode uma mãe fazer uma coisa dessas? »

Eles não podiam entender que ela não era uma mãe, mas sim uma *mamka*.

Todos os itens acima se referem aos campos mistos, como eram desde os primeiros anos da revolução até o fim da Segunda Guerra Mundial. Na opinião, em todos esses anos, a única prisão da instituição exclusivamente para mulheres foi a *casa de confinamento* de Novinsk (decorrente da antiga prisão feminina em Moscou). A experiência, já bastante curta, parecia não ter dado certo.

Mas quando o Mestre e Criador emergiu em segurança das ruínas, depois de uma guerra que milagrosamente não levou ao desastre, seus pensamentos começaram a girar em torno do bem-estar de seus súditos. Agora ele podia se dedicar livremente a resolver suas vidas, e para isso propôs muitas coisas úteis e de grande moralidade, entre as quais está a separação de ambos os sexos, realizada antes de tudo nas escolas e no campo. (Talvez mais tarde ele estivesse contando em estender essa experiência ao mundo dos não detidos, na China foi bem feito).

E foi assim que a grande separação entre homens e mulheres começou no arquipélago em 1946 e terminou em 1948. Homens e mulheres foram enviados para diferentes ilhas, e quando isso não foi possível, na mesma ilha conhecida de Raban o duas zonas com aquele amigo fiel que é o arame farpado. ^[152]

Mas, como acontece com muitas medições inspiradas e elaboradas com base nas previsões da Ciência, esta também teve consequências inesperadas e poderíamos até dizer contraproducentes.

A separação das mulheres causou uma diminuição acentuada no nível de sua produção. Antes, muitas delas trabalhavam como lavadeiras, enfermeiras, cozinheiras, guardiãs de caldeirões, ajudantes de armazém ou escriturárias em campos mistos; mas agora eles tiveram que abandonar todas essas posições, e os campos de mulheres ofereciam muito menos oportunidades desse tipo. Então, eles foram enviados para os 'empregos gerais', agrupados em equipes femininas, onde o trabalho era particularmente difícil. Durou a ponto de fugir dos "generais", mesmo que por um tempo, foi o equivalente a salvar sua vida. E as mulheres

começaram a perseguir a gravidez, para tentar aproveitar qualquer encontro fugaz, qualquer contato casual. A gravidez não era mais uma ameaça de separação entre os cônjuges, já que, de qualquer maneira, graças ao Decreto Sábio, todos os casais iam se separar.

E, em um ano, o número de recém-nascidos *dobrou!* (Undjlag, 1948, 300 em vez de 150). O número de mulheres detidas entretanto permaneceu o mesmo.

"Como você pretende chamar sua filha?" "Olimpíada. Fiquei grávida durante as Olimpíadas dos conjuntos vocais ». Por pura inércia, essas formas de trabalho cultural, as Olimpíadas e também as visitas de brigadas culturais masculinas aos campos de mulheres e os encontros mistos entre trabalhadores de choque, ainda sobreviveram. Também existiam hospitais mistos, agora convertidos diretamente em casas de consultas. Eles dizem que no campo de Solikamsk em 1946, o arame farpado estava preso a uma única linha de postes, com fios bem espaçados uns dos outros (e, claro, sem vigilância armada). Para os insaciáveis presos dos dois lados do arame farpado, as mulheres se posicionavam como se fossem esfregar o chão, e os homens as possuíam sem ter que entrar na zona proibida.

O Eros imortal não pode ser ignorado! Este não foi apenas um cálculo frio para se livrar do trabalho geral. Os presos sentiram que a linha de demarcação estava traçada há muito tempo e que ia petrificar, como tudo no GULAG.

Se antes da separação havia concubinato, casas de campo e até amor, agora havia simples fornicção.

Naturalmente, as autoridades não permaneceram de braços cruzados e corrigiram as previsões científicas na hora. A única linha de arame farpado era protegida, em ambos os lados, por uma antezona. Posteriormente, tendo reconhecido aquela barreira como insuficiente, foi substituída por um muro de dois metros de altura e também com uma antezona de cada lado.

Em Kenguir, até mesmo essa parede se revelou ineficaz: os noivos a pularam. E ntonces, de ambos os lados do muro, resolveram declarar no domingo trabalho comunista (não vai roubar por aquela hora para a produção, não é?, E, afinal, é muito natural dedicar seu de folga para trabalhar para melhorar as condições de vida)..., e fizeram com que construíssem dois metros no topo, quatro no total. Mas o engraçado é que os presos iam com alegria a esses domingos comunistas! Ficaram atraídos pela ideia de poderem encontrar alguém do outro lado da parede antes de se

despedirem, e de conversar um pouco, de combinar uma troca de correspondência ...

Mais tarde, esse muro atingiu cinco metros e foi espalhado arame farpado sobre ele. Em seguida, um cabo de alta tensão foi passado (que teimoso esse maldito C upido!), E finalmente, eles instalaram torres de vigia em ambos os lados. Esta parede de Kenguir foi atribuída um papel especial na história de todo o Arquipélago (parte 5, capítulo XII). Mas em outros campos (Spassk) coisas assim também foram construídas .

Você tem que imaginar a mente metódica e racional dos traficantes de escravos que acham bastante natural separar seus escravos homens de suas escravas por meio de uma cerca de arame, mas que ficariam estupefatos se lhes pedissem para usar os mesmos métodos com sua própria família. As paredes cresceram e Eros se mexeu. Não encontrando outro campo de ação, ele se refugiou muito alto, na correspondência platônica, ou muito baixo, no amor homossexual.

Cartas de amor eram enviadas pela área ou deixadas na fábrica, em locais combinados. Os nomes também foram combinados, para que, em caso de interceptação, os guardas não soubessem de quem eram e a quem se dirigiam. (O crime de correspondência passou a ser punido com prisão de campanha).

Galia Venediktova lembra que às vezes os casais só se encontravam por carta: se escreviam sem nunca se encontrar e se separavam sem nunca se encontrar. (Aqueles que já tiveram tal correspondência sabem que é doce à loucura e ao mesmo tempo cega e desesperada) ... Naquele campo Kenguir, mulheres lituanas se *casaram com* homens de seu país por cima do muro aos que nunca viram: o padre (um recluso, vestido , naturalmente, igual a todos os outros) certificou por escrito que Fulana e Mengano se uniram diante do céu até que a morte os separe. Nessa união com um prisioneiro desconhecido atrás do muro - e para os católicos a união era sagrada e insolúvel -, pareço ouvir um coro de anjos. Era como a contemplação desinteressada das estrelas celestes. Era muito alto para este século de cálculos mesquinhos e música estridente ...

Os casamentos de Kenguir também estreleram uma história incomum. O céu ouviu as orações e interveio ... (parte 5, capítulo XII).

As próprias mulheres (e os médicos que as tratam nas áreas divididas) confirmam que suportaram a separação pior do que os homens. Eles ficaram particularmente excitados e nervosos. O amor lésbico desenvolveu-

se rapidamente. Mulheres jovens e delicadas tinham olheiras e cores ruins. Os mais robustos tornaram-se "maridos". Por mais que os auxiliares separassem esses casais, eles sempre eram encontrados novamente juntos na cama. Então, uma dessas "esposas" foi expulsa do campo. Estouraram dramas apaixonados e algumas mulheres correram contra o arame farpado, sob o fogo das sentinelas.

Na divisão Karaganda da Escadinha, onde todas as mulheres tinham Cinquenta e Oito, muitas delas - de acordo com NV - esperaram com o coração batendo ser chamadas pelo comissário; e não por medo, ou por ódio, ou por desgosto pelo interrogatório político que os esperava, mas, simplesmente, ao pensar naquele homem que ia se encerrar com eles ...

Os acampamentos femininos suportaram, como os outros, todo o peso do trabalho geral. É verdade que em 1951 era formalmente proibido fazer mulheres derrubarem árvores (seria porque entramos na segunda metade do século 20 ? É improvável) ... Mas, por exemplo, os campos masculinos do Undjlag não conseguiram cumprir a tarefa atribuído a eles, e a liderança achou necessário encontrar um estimulante. Não demoraram muito para encontrar a solução ideal, a forma de os presos pagarem com seu trabalho o que não é negado na Natureza a nenhum ser vivo. Eles começaram a mandar as mulheres de volta para a floresta, sob a mesma escolta dos homens, separadas apenas por uma pista de esqui. Todo o trabalho realizado era registrado para o campo masculino, mas as mulheres também tinham a obrigação de cumprir sua regra. Um oficial superior prometeu a Liuba Berezina, "dona das florestas": "Se você impor a regra às suas mulheres, terá Belenki em seu compartimento!" Os trabalhadores mais robustos e, sobretudo, os plugados que tinham dinheiro e o colocavam sob a guarda (o salário também não dava para eles!), Penetravam, por hora e meia, em o perímetro das mulheres (até que o sentinela subornado terminasse seu relógio).

Eles tinham apenas aquela hora e meia, na floresta congelada e coberta de neve, para se encontrar (se não houvesse correspondência entre eles), para fazer sua escolha, encontrar um pequeno lugar e acasalar.

Mas por que evocar todas essas memórias? Por que agravar a ferida de quem, entretanto, viveu em Moscou, escreveu nos jornais, fez discursos, descansou em sua casa de campo e viajou para o exterior?

Por que evocar todas essas memórias, se nada mudou desde então? Como todos sabem, o escritor só tem o direito de falar sobre aquilo "que

não se repetirá" ...

IX

O conectado(Trusties)

Um dos primeiros conceitos que o recém-chegado ao Arquipélago adquire é o de *plugado*. É assim que os indígenas chamam aqueles que souberam evitar aquele destino comum que leva ao extermínio, *empregos gerais*; alguns, porque foram deixados na hora; outros, porque nunca puseram os pés neles.

Os plugados abundam no Arquipélago. Apesar de, em tese, o seu número ser estritamente limitado, na zona habitada pela percentagem do «grupo CO e na produção pela mão-de-obra, ultrapassam sempre a percentagem permitida, pois muitos são os que desejam salvar-se e os poucos a capacidade administrativa das autoridades, incapazes de tomar a administração e a direção com um número reduzido de armas.

Segundo as estatísticas do Comissariado do Povo para a Justiça, em 1933 havia 22% da população indígena afetada pela vigilância e pelo serviço doméstico no campo. Se deduzirmos desse valor os reclusos que desempenhavam funções de *autovigilância*, teríamos, em todos os sentidos, 17-18%, percentagem bastante apreciável, visto que representa um sexto; na verdade, esse número se refere apenas à *zona* conectada, mas não inclui a *produção*. Além disso, é preciso lembrar que os plugados constituíam uma aula móvel, com a qual, no decorrer de suas vidas no acampamento, ainda mais presos passaram por essa situação. E, sobretudo, entre os sobreviventes, entre aqueles que conseguiram terminar a pena, os plugados ocupam um lugar muito alto; no caso dos cinquenta e oito condenados a uma longa sentença, atrevo-me a dizer que nove décimos.

Praticamente todo preso que você parabeniza por sobreviver é um plug. Ou foi por um longo período.

Porque não devemos esquecer que os campos são campos de extermínio.

Nenhuma classificação existencial tem limites rígidos; todos os limites são graduais. Também aqui as bordas estão borradas. Em termos gerais, poderíamos dizer que todo preso que cumpre seu dever sem sair da zona da sala é um plug-in de zona. Já o trabalhador nas oficinas da zona leva uma vida notavelmente mais fácil do que o trabalhador designado para trabalhos gerais; com efeito, ele não precisa atender à concentração matinal, o que lhe permite se levantar e tomar o café da manhã mais tarde; você não precisa fazer uma longa viagem de ida e volta sob escolta até o local de trabalho; há menos severidade, menos frio, menos energia é gasta; Seu dia termina mais cedo, ele se locomove em pontos quentes , ou pelo menos ele tem acesso fácil a uma sala para se aquecer um pouco. Além disso, ele geralmente não trabalha em equipe, mas como um professor individual e, portanto, apenas seus chefes o pressionam, não seus colegas. Porém, como muitas vezes desempenha o seu trabalho a pedido pessoal dos mesmos chefes, em vez de repreensões recebe pequenos presentes, pequenos favores, por exemplo roupas ou sapatos fora de serviço. Você também tem boas chances de obter alguns extras trabalhando para outros usos de reciclagem . Em outras palavras, a oficina da zona seria o equivalente às oficinas de artesãos na propriedade de um senhor feudal. E se o chaveiro ou o carpinteiro ainda não tem o caráter de plugado muito bem definido, o sapateiro e, sobretudo , o alfaiate, pertencem sem dúvida à nata da espécie. No país, dizer "alfaiate" é como dizer "professor" na vida cotidiana. (Por outro lado, o verdadeiro título de "professor" soa como uma piada; é melhor dispensá-lo para não tornar-se objeto de ridículo. No campo, a escala de valores das profissões é exatamente o inverso da do mundo livre).

Lavadeira, auxiliar de enfermagem, esfregão, bombeiro, atendente de banheiro, gerente do caldeirão, bartender, ordenança no quartel, todos estão conectados, mas de segunda classe. Eles têm que trabalhar e, às vezes, muito. Embora nenhum deles passe fome.

Os verdadeiros pontos de venda na área são os cozinheiros; cortadores de pão; armazenistas; médicos; praticantes; cabeleireiros ; educadores da Seção Educacional-Cultural; chefe dos banheiros; gerente de padaria; gerente de armazém; chefe da recepção de encomendas; chefe de quartel, comandantes; distribuidores de tarefas; administrativo; escrivães-chefes; engenheiros de zona e de oficina. Todos estes não só estão bem alimentados, não só estão bem vestidos, não só estão isentos da obrigação de carregar fardos e destruir as costas, mas também têm poder sobre tudo o

que o ser humano necessita, ou seja, têm poder sobre os homens. Às vezes há lutas silenciosas entre grupo e grupo, há brigas, intrigas, "lutas de mulheres", umas caem e outras sobem; mas, na maioria das vezes, convivem harmoniosamente, formando um círculo hermeticamente fechado ao populacho, como uma autêntica classe privilegiada que nada tem a compartilhar porque tudo já está definitivamente distribuído e cada um ocupa o seu devido lugar. E quanto mais poderosa for essa camarilha de gente plugada no campo, mais satisfeito o chefe se sentirá, pois poderá descansar em paz nela, livrando-se das preocupações. O destino de todos os recém-chegados, de todos os transferidos, de todos os trabalhadores vulgares, está nas mãos de quem está conectado.

A espécie humana carrega consigo um espírito de casta inegavelmente restritivo, e isso explica por que os plugados *rapidamente se irritam* por terem que compartilhar seus *vagonki* com simples trabalhadores (e até por terem que dormir em *vagonki* e não em camas), terem que comer com eles na mesma mesa, despir-se nas mesmas banhos, usar roupas anteriormente suado e rasgado-los. E passam a se isolar em compartimentos para duas, quatro ou oito pessoas, onde comem alimentos selecionados e legalmente introduzem algumas coisinhas, onde discutem todos os assuntos da área, comentam todos os compromissos e decidem sobre os destinos dos homens e das equipes, sem correr o risco de que os chefes ou membros dessas equipes venham a desrespeitá-los. Durante o horário livre (tem horário livre) também não convivem com a turba e desfrutam do enorme privilégio de trocar de roupa regularmente. Sempre baseados nesse absurdo espírito de casta, procuram se diferenciar dos demais pela vestimenta, embora as possibilidades de que dispõem sejam bastante limitadas. Se camisas e jaquetas pretas predominam em um campo, eles tentarão fazer com que as azuis sejam entregues no depósito; Se todos os usarem de azul, eles os usarão de preto. Eles também estão acostumados a ter as calças estreitas do país alargadas na alfaiataria.

Os plugues de produção são, na realidade, os engenheiros ou especialistas, empreiteiros, contramestres, vendedores, planejadores, normatizadores e também balconistas, secretárias e digitadores. Eles diferem da zona plugada por terem que atender a concentração matinal e irem trabalhar na coluna com uma escolta (ou às vezes sem ela). Mas sua situação dentro de seu próprio trabalho é privilegiada; esforços físicos extenuantes não são exigidos deles. Pelo contrário, deles dependem o

trabalho, a alimentação, a vida de muitos trabalhadores. Embora tenham menos contato com a área de convivência, procuram obter os mesmos privilégios que a área aí plugada, embora nunca consigam igualar esta.

Também não há limites muito precisos aqui. Montadores, técnicos, geodésicos, mecânicos, reparadores, também fazem parte da grande família dos plugados, mas com a diferença de que não são "comandantes de produção", não participam do poder que mata, não assumem a responsabilidade pelo morte de seres humanos (na medida em que essa morte não tenha sido causada pelas técnicas de produção escolhidas ou assistidas por eles). Eles são simplesmente trabalhadores intelectuais ou mesmo moderadamente educados. Como todos os presidiários, eles bagunçam o trabalho, enganam a administração, tentam esticar por uma semana o que poderia ser feito em meio dia. Geralmente, no campo vivem quase como o resto dos trabalhadores, muitas vezes fazem parte de equipas de trabalho e só no local de trabalho têm calor e tranquilidade; Ali, trancados em seus escritórios ou em suas cabanas sem presenças estranhas, esquecem-se dos interesses do Estado e discutem suas coisas, convicções, o passado, o futuro e, mais freqüentemente, os boatos que circulam a respeito do Cinquenta e Oito (e eles tendem a ser principalmente Cinquenta e Oito!) Serão retirados dos generais.

Esses rumores são baseados em um argumento científico incontestável: socialmente estranhos são geralmente incapazes de fazer as pazes, por isso está arraigada a corrupção de classe. A maioria deles só pode ser corrigida pela sepultura . E se, apesar de tudo, há uma minoria que tem salvação, essa salvação só se consegue com o *trabalho*, mas com trabalho físico árduo (aquele que substitui as máquinas), trabalho que seria humilhante para o oficial ou guarda de campo. , mas que nos tempos antigos alcançou o milagre de transformar o macaco em homem (e que no campo, inexplicavelmente, o transforma em macaco novamente). Por esta razão, não por vingança, de forma alguma, mas apenas devido à fraca esperança de alterar os Cinquenta e Oitos nos regulamentos do GULAG é estritamente proibido (e esta proibição é constantemente renovada) confiar pessoas condenadas de acordo com Artigo 58 qualquer posição privilegiada, tanto na área de estar como na área de produção . (Ocupar cargos que têm a ver com valores materiais, é exclusivo daqueles que, quando eram livres, se dedicaram a apreender esses valores). E então seria verdade (ou será que os chefes de campo amam particularmente os Cinquenta e Oito?), Mas há um

problema, e é que todos os outros artigos juntos não fornecem nem um quinto dos especialistas que o artigo 58 fornece. Médicos e engenheiros são quase exclusivamente Cinquenta e Oito; e, além disso, os homens mais honrados e os melhores trabalhadores, no campo ou fora dele, também são sempre os Cinquenta e Oitos. E é assim que, em oposição secreta à Teoria Científica Única, os traficantes de escravos começam aos poucos a nomear Cinquenta e Oitos para posições plugadas (claro que as mais lucrativas estão sempre nas mãos do povo, pois a gestão é mais bem entendida com eles, e a honestidade excessiva seria até irritante). Sim, começam a nomeá-los, mas com cada renovação das instruções (e são constantemente renovados) e com a chegada de cada nova fiscalização (e não param de chegar), com um único gesto da mão branca, sem qualquer hesitação. ou de luto, o patrão manda todos para os *generais*. Todo o bem-estar relativo cuidadosamente construído ao longo de meses se desfaz em um dia. Mas o movimento em si não é tão cruel para esses políticos plugados quanto os rumores perpétuos que anunciam sua iminência. Esses rumores envenenam sua existência. Apenas criminosos de direito comum podem saborear seus plugues sem se preocupar. (De resto, depois de encerrada a comissão, e tendo em vista a má situação do trabalho, os engenheiros voltam aos poucos às suas posições plugadas, de onde são novamente expulsos com a chegada da próxima comissão.)

Há também aqueles que não são apenas dos Cinquenta e Oito, mas também têm uma maldição especial de Moscou impressa em sua ficha de prisão: "Exclusivamente para empregos gerais!" Muitos dos que acabaram em Kolyma em 1938 tinham essa marca. Conseguir um emprego como lavadeira ou se dedicar a secar botas de pano era um sonho inatingível para elas.

Como dizia o *Manifesto Comunista*: "A burguesia despojou-se de seu halo sagrado de todas as atividades que até então eram consideradas veneráveis e diante das quais o povo se curvava com respeito. O médico, o advogado, o padre, o poeta, o sábio tornaram-se meros empregados pagos.

[153]

Ok, mas com um salário, certo? E eles os deixam trabalhar em sua especialidade! E se eles os mandassem para *generais*? Para cortar árvores? E *sem salário*? E sem pão ...? Embora, para dizer a verdade, os médicos raramente fossem enviados aos *generais*: ficavam para atender, entre outros, às famílias dos patrões. Mas "os advogados, os padres, os poetas e

os sábios", eles faziam, eles os mandavam apodrecer nos *generais*, eles não tinham nada para fazer nas lojas.

Os *chefes da eq UIPMENT SETUP* ocuparam uma posição especial na área. Lá, eles não eram considerados conectados, mas também não podiam ser chamados de peões. Portanto, as considerações neste capítulo se aplicam a eles também.

* * *

No campo, como no calor da batalha, você não pode pensar muito: os plugues pegam na hora!

Mas agora os anos e décadas se passaram, nós sobrevivemos e nossos companheiros morreram. Começamos aos poucos a puxar o véu sobre esse mundo subumano, diante dos olhos incrédulos ou indiferentes de nossos herdeiros livres, e esse mundo só pode ser avaliado à luz da consciência humana ...

Nesse sentido, um dos problemas morais que surgem em primeiro lugar é o do plugado.

Quando tive que lançar o personagem central para um romance sobre o campo, peguei um trabalhador; Não aguentaria nenhum outro, pois só um operário é treinado para vislumbrar as verdadeiras correlações entre os diferentes aspectos do campo (da mesma forma que só um soldado de infantaria pode avaliar o peso total de uma guerra, embora, quem sabe? ora, nunca é ele quem escreve suas memórias). A escolha desta personagem e algumas afirmações algo categóricas contidas no romance, intrigaram e ofenderam certas ex-prostitutas; Agora, como eu disse antes, nove décimos dos sobreviventes estão conectados. As "*Memórias de um plugado*" (*Memórias do vivido*) de Diakov então apareceram, onde proclamaram suficientemente a arte de conseguir acomodação e a habilidade de sobreviver a qualquer custo. (Esse é o tipo de livro que deveria ter aparecido antes do meu.)

Durante aqueles poucos meses em que parecia possível *argumentar*, algo como um debate surgiu sobre o plug-in, uma espécie de declaração de sua posição no campo do ponto de vista moral. Mas em nosso país não permitem que nenhuma informação seja totalmente explicada, que nenhuma discussão abarque seu objeto em todas as suas facetas. Todos estão irremediavelmente afogados desde o nascimento, de forma que nenhum raio de luz pode iluminar a verdade nua e crua; Eles se acumulam por décadas

em uma pilha informe, cobrindo-se com poeira e perdendo força com o passar dos anos , até que finalmente todo aquele lixo deixa de despertar interesse e as pistas de seu significado são irremediavelmente perdidas. Da mesma forma, a discussão sobre o plugado foi abreviada no início, e de artigos de revistas migrou para cartas privadas.

No entanto, era preciso fazer uma distinção entre plugado e simples trabalhador (aliás, não mais radical do que a diferença que existia na realidade), e tanto melhor que isso foi feito logo no início do tratamento do assunto dos campos. Mas o artigo de V. Lashkin,^[154] Devidamente censurada, às vezes permite vislumbrar uma certa exuberância nas expressões aplicadas ao trabalho no campo (como se quisesse elogiar aquele trabalho que substitui as máquinas, aquele trabalho que transformou o macaco em homem), e por isso , apesar de ter um ponto de vista bastante justo, levantou uma onda de indignação, onda que também salpicou alguns aspectos do meu romance. "Como é possível", os ex-plugados e seus amigos intelectuais nunca antes presos protestaram, "como é possível que eles glorifiquem o trabalho braçal?" (A cena da construção em *Ivan Denisovich*). Portanto, "você vai ganhar o seu pão com o suor da sua testa" ou, em outras palavras, "você fará exatamente o que a liderança do GULAG deseja?" Pois é, nos orgulhamos justamente de ter saído do trabalho, de não ter permitido que ele nos escravizasse! ”

E quando chega a hora de responder a essas objeções, suspiro ao pensar que eles não vão me ler tão cedo ...

Parece-me que um intelectual mostra falta de nobreza quando se orgulha de nunca ter se reduzido ao trabalho físico servil porque sabia como se sentir confortável no escritório . A este respeito, os intelectuais russos do século passado teria permitido-se a mostrar o orgulho *única* se com a sua atitude *também tinha conseguido libertar seu irmão mais novo do trabalho servil*. Bem, Ivan Denisovich não tinha a possibilidade de se conectar a um escritório! E, nesse caso, o que fazer com o *irmão mais novo*? Então, o *próprio* irmão mais novo pode realizar um trabalho braçal? (Mas vamos lá, há muito tempo que permitimos isso a ele no *kolkhozy*! Nós mesmos colocamos lá! E se isso for permitido, não poderíamos permitir que ele também se interessasse por aquele trabalho? pelo menos por uma ou duas horas; pelo menos na hora do revezamento, ao verificar se o trabalho está bem feito ... Nós mesmos não tivemos prazer, quando estávamos em campo, em traçar uma linha preta no O papel "Wathman", ao deixar nossa caneta

atropelar o papel? Será que Ivan Denisovich sobreviveria dez anos amaldiçoando dia e noite seu trabalho? Teria que se enforcar no primeiro mastro que tivesse em mãos!

E aquele outro caso, dificilmente crível de Pavel Chulpeniev, que passou *sete anos* consecutivos derrubando árvores (e ainda por cima, em um campo disciplinar), poderia aquele homem ter vivido e trabalhado tanto tempo se não tivesse encontrado sentido e interesse em esse sentimento? Agora você vai ver como ele conseguiu se manter à tona: o chefe de seu *lagpunkt* se importava muito com a boa condição física de seus poucos trabalhadores permanentes (um chefe bem incomum), e além de dar-lhes um *chicote* a seu critério, apenas os eles se *lembravam* do trabalho noturno nas cozinhas. Como uma recompensa! Em outras palavras, depois de ter derrubado árvores o dia todo, Chulpeniev ainda tinha que lavar potes, encher caldeirões, limpar fornos e descascar batatas até as duas da manhã; Depois de fazer o dever de casa, ele se alimentava e ia dormir três horas sem tirar a roupa. Certa vez, também como recompensa, serviu como cortador de pão por um mês. E então um mês de folga para a automutilação (quem suspeitaria de um *registrator* como ele!) É isso. (Algumas explicações também são necessárias aqui. Durante um ano inteiro, a equipa da qual fazia parte teve um ladrão como motorista que vivia simultaneamente com dois plug-ins: a recepcionista e o gerente do armazém. Por isso sempre teve superioridade em termos de cumprimento das regras e, acima de tudo, o cavalo da equipe, *Guerchik*, comia aveia *voluntariamente* e puxava com força, porque senão os cavalos lá também recebiam aveia ... de acordo com o desempenho da equipe! E chega de falar o tempo todo "Pobres pessoas!" Às vezes também quero dizer "pobres cavalos!"). Mesmo assim, o *corte de árvores por sete anos consecutivos* é quase um feito mítico! Pois bem, como poderia alguém trabalhar assim por sete anos sem adquirir nenhuma habilidade, sem colocar o cérebro nisso, sem se interessar pelo próprio trabalho? "Contanto que eles me alimentassem", diz Chulpeniev, "eu estava disposto a trabalhar e trabalhar." Este é o russo... Ele dominou a técnica do "corte contínuo", que consiste em derrubar a primeira árvore de modo que não fique suspensa, que se encaixe bem e seja fácil de cortar em cavilhas. Todas as outras árvores são sobrepostas a elas em cruz, de modo que os ramos coincidam em uma ou duas fogueiras, sem que seja necessário arrastá-los para lá. Ele conhecia a arte de *direcionar* a queda de uma árvore para que ela atingisse o lugar

certo. E quando alguns lituanos lhe disseram que no Canadá os madeireiros apostavam que enfiariam uma estaca no chão fazendo uma tora cair sobre ela, nosso homem ficou inflamado: "Vamos ver", disse ele, "vamos tentar também!" E eles conseguiram.

Sim, essa é a natureza humana: muitas vezes nos faz cumprir, com uma espécie de animação ígnea incompreensível, uma tarefa que realmente amaldiçoamos. Eu mesmo senti aquele estranho feitiço durante os dois anos que tive que trabalhar com minhas mãos, e me entusiasmei com um trabalho sem me importar que fosse trabalho escravo, do qual nada poderia esperar. Tive essas curiosas sensações precisamente ao assentar tijolos (caso contrário, não o teria descrito no meu romance), como fundição, como carpinteiro e até ao martelar grandes pedaços de ferro fundido. Então, Ivan Denisovich também não poderia se desesperar o tempo todo com seu trabalho inelutável, para não odiá-lo constantemente? Bem, sim, acho que eles permitirão. Vão conceder, mas com a expressa condição de que não seja censura para quem está ligado, para quem nem por um momento ganhou o seu pão com o suor do rosto.

Com ou sem suor, mas o facto é que as ordens das autoridades do GULAG foram cumpridas com cuidado (caso contrário, *generais!*), E com engenhosidade, e com a aplicação de conhecimentos especializados! Os veículos importantes são justamente os elos da administração e do trabalho na área. Na hipótese de todos os reclusos terem se recusado por unanimidade a aceitar esses cargos (aqueles elos especialmente forjados), toda a cadeia de acampamentos teria sido desmontada. Porque no mundo livre nunca teriam encontrado tantos especialistas qualificados dispostos a levar, durante anos, uma vida de cães!

E então por que eles não recusaram? Por que eles não quebraram essa corrente?

As posições do plugado são as posições-chave da exploração. Alguns estabelecem os padrões, mas seus colegas contadores são mais inocentes? Outros são empreiteiros de construção, mas até que ponto a equipe técnica está isenta de qualquer culpa? Existe uma saída única que não implique obediência à superioridade e participação no sistema geral de opressão? Só o educador do Setor Educacional-Cultural ou o *compadre* merecem o inferno? E o digitador, o digitador simples, que exerce as funções da seção administrativa, isso é tão bom? Ou quando você faz cópias de pedidos? Tampouco contribui para o bem-estar dos internos ... Ah, e o inspetor não

tem datilógrafo próprio. Mas ele precisa limpar seus resumos e suas denúncias, contra os livres e presidiários que ele colocará na prisão amanhã. Ele dá para ela, porque ela digita e fica em silêncio, não vai avisar a vítima. Mas o que procurar mais? Vejamos o último do plugado, o chaveiro contramestre: quantas vezes ele teve que fazer algemas ou reforçar barras? Ou ficar no reino da carta escrita, um planejador, sim, um planejador livre de todos os pecados, ele não contribui para a exploração planejada?

Não vejo por que todo esse trabalho escravista intelectual tem que ser mais puro e nobre do que o trabalho escravo físico. Portanto, o suor de Ivan Denisovich não deve nos deixar tão indignados quanto o rasgar pacífico de canetas em um escritório de campo!

Ou se quiser, veja o meu caso: gastei metade da minha frase trabalhando em uma *sharashka*, uma daquelas ilhas paradisíacas. Estávamos separados do resto do Arquipélago; Não notamos sua existência servil; mas não pertencemos ao mesmo tipo de plugado? Nosso trabalho científico não serviu para reforçar o próprio Ministério do Interior e o sistema geral de repressão?

Tudo o que é mau no Arquipélago ou na face da Terra, não o fabricamos nós mesmos? E ainda assim nós, intelectuais, ficamos indignados com Ivan Denisovich porque ele lança tijolos! A maior parte foi colocada por nós!

No campo é mais frequente que o plug-in seja feito a censura inversa: de constituir um fardo para os trabalhadores simples, de engordar à custa do seu esforço e de sobreviver à custa da sua vida. Essas críticas são particularmente dirigidas contra os plugues de zona e na maioria das vezes não são sem fundamento. Quem está enganando Ivan Denisovich no peso do pão? Quem umedece o açúcar para torná-lo mais pesado? Quem impede que gorduras, carnes e bons cereais vão para a panela comum?

Os pontos de venda zonais encarregados de tudo o que se refere à alimentação e vestuário são selecionados de uma forma muito particular. Para ter acesso a essas posições, você precisa saber acotovelar o seu caminho, ser astuto e ter a habilidade de espalhar o carro; para ficar neles é preciso não ter coração, ser surdo à voz da consciência (e na maioria das vezes delator!) Claro que não pode ser generalizado, e eu mesmo prometo vasculhar a minha memória exemplos de plug-ins honestos e

desinteressados, eles simplesmente não permaneceram nesses empregos por muito tempo. Mas, em termos gerais, quando se trata da grande massa de pessoas prósperas da região, satisfeitas com sua sorte, pode-se ter certeza de que há mais almas corrompidas e piores intenções entre elas do que no resto da população indígena. proporção. Os patrões não designam por acaso para esses cargos todos os "ex" do seu meio, ex-integrantes da Segurança do Estado, ex-integrantes do Ministério do Interior. Claro, se o chefe do MVD do distrito eleitoral de Chajti for preso, eles não o enviarão para *derrubar* árvores, mas ele irá como despachante de tarefas para o comando Usolag lagpunkt! E se o membro do GB Boris Gugonava ("Desde aquela época eu roubei uma cruz de uma igreja nunca mais fui feliz na minha vida"), for preso, ele será enviado para a estação Reshoty como chefe de cozinha! ! Novos indivíduos logo são adicionados a esse grupo, que à primeira vista parecem ser feitos de outra pasta. O juiz de instrução russo em Krasnodon, que sob ocupação alemã investigou o caso dos membros da Jovem Guarda,

[\[156\].Ele](#)

agora era um honrado e respeitado despachante de tarefas em uma das subdivisões do Oziorlag. Sasha Sidorenko, um ex-agente de inteligência, que imediatamente caiu nas mãos dos alemães e se dedicou a trabalhar para eles, agora ocupava o cargo de gerente de depósito em Kenguir e regularmente gostava de fazer os teutões pagarem o que ele tinha que pagar. suportar para eles. Assim que começavam a adormecer, após receber a chamada, exausto da jornada de trabalho, entrava bêbado no quartel e os acordava, uivando como uma pessoa alucinada: “Alemães ... *achtung!* Eu sou seu deus! Cante em minha homenagem! (Assustados, meio adormecidos, os alemães se sentaram em suas plataformas e cantaram *Lily Marlene para ele*). E que tipo de homens devem ter sido aqueles

[\[157\]](#)

escriturários que, no final do ano, despediram Loshchillin, que tinha acabado de ser lançado, em mangas de camisa? E o sapateiro de Burepolom que, aproveitando a fome de Hans Bernstein, deu-lhe sua ração de pão em troca de um novo par de botas minhas ?

Quando estão na varanda fumando amistoso, comentando as fofocas do campo, fica difícil imaginar que tipo de gente existe entre eles!

É verdade que também podem dizer algo em sua defesa (explicar algo) ... Vejamos aqui, por exemplo, uma carta apaixonada de IF Lipai:

“A ração deles foi roubada do detido da forma mais desavergonhada e implacável, sempre, em todos os lugares e por todos os lados. Os furtos

cometidos pelos plugados para si mesmos foram ... coisa pequena, e quando eles cometeram roubos maiores, foi porque foram forçados (?). Os funcionários da Direcção, tanto livres como reclusos, e sobretudo, durante a guerra, *espremeram* os directores das Secções; Fizeram o mesmo com os directores dos *lagpunkts*, que por sua vez saquearam armazéns e cozinhas em detrimento das rações dos detidos. Os tubarões mais vorazes não eram os plugados, mas os gerenciadorees livres (Kuraguin, Poisui-shapha, Ignachenko do Sevdvinlag); Não roubavam, não, simplesmente “tiravam” dos armazéns, e não a quilos, mas a sacos e barricas. E, repito, não só para eles: tinham que distribuir. Quanto aos plugados, eles tiveram que manipular os livros de alguma forma para que não notassem lá em cima. E os recalitrantes não apenas perderam seus empregos, mas foram enviados para o campo disciplinar sob punição. E assim, pelo trabalho e graça das autoridades, o pessoal plugado se filtrou até ficar composto de covardes que temiam o trabalho físico, de canalhas e canalhas. E se em um deles se descobriu o enxágüe e foi necessário recorrer ao julgamento, quem pagava eram sempre os gerentes do depósito e os balconistas, nunca os patrões: ficavam separados, não tinham deixado recibo ...! E os testemunhos dos arguidos contra os patrões não agradaram aos comissários de instrução, que os consideraram uma provocação.

Uma pintura bastante vertical.

Natalia Milievna Anichkova, uma pessoa honesta como nenhuma outra, e que conheço bem, um bom dia se viu, por um daqueles desígnios da sorte, à frente da padaria do interior. Assim que assumiu o cargo, constatou que existia o costume de separar regularmente uma certa quantidade de pão (da ração dos presos, claro) que era enviada (claro, sem nenhum documento escrito) para fora da área, em troca de que as cozinheiras recebiam um pouco de manteiga e geleia na cantina dos trabalhadores livres. Natalia Milievna se opôs à saída do pão da área e proibiu esse costume. A partir desse momento, o pão começou a assar mal, permanecendo cru no centro; depois, os fornos nunca acabaram de aquecer e o pão não chegou a tempo; mais tarde, o armazém passou a conter a farinha e, por fim, o chefe do *lagpunkt* (o primeiro beneficiário) recusou-se a ceder um cavalo para o transporte. Após alguns dias de luta, Anichkova acabou saindo do jogo e tudo voltou ao normal.

Se for admitido que um plugger era honesto (e habilidoso) o suficiente para não participar dessa pilhagem universal, por quanto tempo ele poderia

ter suportado a tentação de não aproveitar sua situação privilegiada para obter outros tipos de benefícios, como a admissão ao casa de repouso, alimentação de enfermagem, roupas boas, lençóis limpos, um cantinho privilegiado no quartel ...? Existe, talvez (é difícil para mim imaginar!), algum santo conectado que nunca, mas nunca, estendeu a mão para qualquer um desses bens expostos sob seu próprio nariz? Se fosse assim, seus próprios colegas teriam medo dele, eles o teriam expulsado! Cada plugado foi aproveitado (indiretamente, tá ..., através de terceiros, eu admito ..., mesmo sem saber, não nego) ..., mas foi aproveitado! Em outras palavras: ele vivia às custas dos trabalhadores.

Para a obstrução de uma zona é difícil, muito difícil, ter a consciência totalmente limpa.

E, além disso, resta saber os meios que usou para subir ao seu posto. Nesses casos, o critério de idoneidade raramente é aplicado, como é o caso, por exemplo, com os médicos (ou com muitos pontos de produção). Um caminho inegável é o da deficiência, mas não é incomum que seja a proteção do *compadre*. Naturalmente, também existem meios, por assim dizer, neutros; as pessoas são acomodadas por velhos amigos da prisão ou por solidariedade de grupo (na maioria das vezes, nacionais; algumas pequenas nacionalidades praticam-na com grande sucesso e tendem a se concentrar nas tomadas; os comunistas também exercem este tipo de maçonaria e estão acostumados a distribuir entre seus membros as melhores posições).

Outra pergunta: qual tem sido a atitude do enchufado em relação aos outros, à grande massa cinzenta? Quanta arrogância existe e que grosseria! Como logo esquecemos que somos todos indígenas e que nosso poder é transitório!

E agora chegamos ao ponto fundamental: admitir que o plugado já não prejudicou seus irmãos na desgraça, alguma vez lhes foi útil? Você usou sua situação pelo menos uma vez para defender o bem comum ou apenas sempre o seu?

Quanto aos plugues de *produção*, não seria justo aplicar a censura de "engordar alguém", "sugar sangue": os trabalhadores não cobram pelo trabalho, é verdade, mas não por manterem plugados; o trabalho do plugado também não é remunerado, tudo vai para o mesmo lugar. Mas todas as outras dúvidas de ordem moral, essas ficam ... Aproveitando as vantagens, nem sempre acomodações muito limpas, orgulho e, sobretudo, a eterna

questão: o que você fez pelo bem comum, mesmo que fosse pouco , mesmo que tenha sido apenas uma vez ...? O que você fez pelo seu irmão menos afortunado?

Porque houve, eu já acredito que houve! Houve homens com a coragem de Vasili Vlasov, que hoje se lembram de todos os seus truques para o interesse comum! Se aqueles homens inteligentes e lúcidos, que souberam contornar o despotismo dos campos, que ajudaram a organizar a vida de todos para que nem todos morressem, enganando a empresa e o campo; a esses heróis do Arquipélago, que entenderam a sua função não como meio de alimentar a própria pessoa, mas como um fardo e um dever para com o gado cinzento posto à sua disposição, para aqueles que é mesmo cansativo chamá-los de "plugados"! E mais do que tudo, havia entre engenheiros. Louvado seja!

Mas para os outros não há elogios. Não há razão para colocá-los em um pedestal. Não merecem ser superiores a Ivan Denisovich, sob o pretexto de evitarem a vileza do trabalho servil e não erguerem paredes com o suor da testa. Nem valia a pena fazer demonstrações de que nós intelectuais, em geral trabalhamos, sofremos um duplo escoamento de energia: pelo próprio trabalho e pelo consumo da mente, pelas meditações-emoções que não podemos deter; e, portanto, é justo que evitemos os trabalhos gerais e os entreguemos a naturezas mais rudes (é que resta saber se realmente gastamos o dobro de energia).

Sim, para rejeitar qualquer "acomodação" no campo e deixar a força da gravidade puxar para o fundo, é preciso ter uma alma bem temperada, uma consciência cheia de luz, grande parte da convicção já expurgada e, mais seguro, receber regularmente pacotes de alimentos de casa, porque senão não seria nada mais nada menos que suicídio.

Como dizia o velho lobo do DSL com ar de grata culpa: “Se estou vivo hoje é porque naquela noite atiraram em outro em meu lugar; Se estou vivo hoje, é porque alguém sufocou em meu lugar, no porão inferior do navio; Se hoje estou vivo é porque me deram os duzentos gramas de pão que faltou aquele que morreu de fome »...

Tudo isso eu não escrevo em reprovação. Já foi acordado neste livro, e continuará a ser acordado até o fim, que todos aqueles que sofreram, todos os oprimidos, todos aqueles que foram colocados diante do dilema cruel, é melhor absorvê-los do que condená-los. Mais seguro é absolvê-los.

Mas, perdendo a si mesmo essa escolha entre a morte e a salvação, o esquecimento, não jogue a pedra naquele que se encontrava em um dilema ainda mais cruel. Também conhecemos muitos deles já neste livro. E continuaremos a nos encontrar.

O Arquipélago é um mundo sem diplomas, um mundo onde o único título é o que cada um tem de si. O preso não precisa de papel, nem mesmo para atestar seu grau de escolaridade; Cua ndo chega a um novo campo, inventa: vejam, por quem me faria passar desta vez ...?

No campo é conveniente ser praticante, cabeleireiro, acordeonista ..., e não me atrevo a continuar listando profissões ainda mais valorizadas. Nem os funileiros, vidreiros, mecânicos se divertem ... Mas ai do biólogo ou, Deus nos livre, do filósofo ... Ai do linguista ou do historiador da arte! Eles estão perdidos, eles “dão a viagem” nas obras gerais em duas semanas.

Mais de uma vez sonhei em me proclamar um praticante. Quantos escritores, quantos filólogos se salvaram no Arquipélago graças a isso! Mas nunca me decidi, nem mesmo pelo exame de verificação (sabendo o que toda pessoa letrada sabe sobre medicina, e até latim acima, teria conseguido enganar qualquer um), mas a própria ideia de dar injeções sem saber. Se a prática da Medicina se reduzisse a pós, xaropes, compressas e cataplasmas, eu teria me decidido.

Minha experiência em Novyi Ierusalim deixou claro para mim que ser um "comandante de produção" era um trabalho ignóbil. Assim que fui transferido para o meu próximo acampamento, no portão de Kaluga, dentro de Moscou, na soleira do próprio posto de guarda, menti que era *normando* (era uma palavra que ouvira pela primeira vez na vida no acampamento, e Eu não tinha ideia do que "regulamentação" poderia ser, ^[dp] mas eu esperava que tivesse algo a ver com matemática).

O motivo de eu ter dito aquela mentira precisamente no posto de guarda, e na própria soleira, foi porque o chefe do setor, o segundo-tenente Nieviedjin, um corcunda alto e sombrio, veio questionar os recém-chegados no posto de guarda, por mais tarde que fosse, pois precisava de já na manhã seguinte mandar todos eles designados para os respectivos cargos ... Um prodígio de consciência profissional! Um único olhar foi o suficiente para notar minhas calças militares enfiadas em minhas botas, minha longa capa e o desejo de serviço em meu rosto; Ele me fez algumas perguntas sobre o

regulamento (na época eu parecia ter respondido com habilidade, mas depois percebi que Nieviedjin havia me desmascarado assim que comecei a falar), e na manhã seguinte você não precisa sair da área; Ele tinha conseguido! Dois dias depois eles me chamaram de ... "Norman"? Oh não! Muito mais do que isso: fui nomeado “chefe de produção”, ou seja, mais do que despachante de tarefas, o superior de todos os chefes de equipa! De fogo em fogo ! Antes da minha chegada nem havia essa função! Que rosto de guardião fiel eu teria então! E o que Nieviedjin poderia ter feito de mim!

Mas, mais uma vez, minha carreira não prosperou; Deus teve misericórdia de mim e, na mesma semana, Nieviedjin foi expulso por roubo de materiais de construção. Era um homem muito forte, de olhar quase hipnótico, que não precisava levantar a voz para se obrigar a obedecer. Tanto por causa de sua idade (tinha mais de cinquenta anos) e por causa de sua experiência no campo e por causa de sua crueldade, ele era adequado para ser um general do NKVD (dizia-se que uma vez ele havia se tornado tenente-coronel), mas ele não podia domar sua paixão por roubo. Eles nunca o julgaram, porque ele era *de casa*; contentavam-se em dispensá-lo e, a cada vez, degradavam-no um pouco mais. E, assim, acabou perdendo para o posto de segundo-tenente. O tenente Mironov, que o substituiu, não tinha paciência didática e eu mesmo não percebia que queriam fazer de mim uma arma de contenção. Mironov não gostou de mim desde o primeiro momento; até mesmo meus relatórios enérgicos ele rejeitou com desgosto:

"Você não consegue nem escrever", ele me disse. você tem um estilo distorcido. E acrescentou, entregando-me uma folha escrita pelo capitão Pavlov: "É assim que se faz um relatório !"

«Ao analisar fenômenos isolados de diminuição do cumprimento do plano, resulta:

- »1) quantidade insuficiente de materiais de construção;
- »2) por fornecimento incompleto de instrumentos às equipes;
- »3) a insuficiente organização dos trabalhos por parte do corpo técnico;
- »4) e os regulamentos de segurança também não são observados».

O mérito do estilo era que toda a culpa recaía sobre o chefe da produção, e nenhuma no campo.

Quanto ao resto, aquele Pavlov, um ex-petroleiro (ainda usava o capacete), expressou-se oralmente o mesmo:

"Se você entende o amor, me mostre o que é o amor."

(Ele falava de um assunto que lhe era familiar; as mulheres com quem convivia não paravam de elogiá-lo; essas coisas não costumam ser guardadas em segredo no campo).

Na semana seguinte, fui vergonhosamente banido para empregos gerais, e a própria Vassia Pavlov ocupou meu lugar. Como não tinha travado nenhum combate com ele para obter aquela posição nem me opus à menor resistência à minha revogação, ele não me enviou para cavar a terra, mas sim para a equipa dos pintores de paredes.

A breve história da minha gestão, no entanto, me deu uma vantagem material: como gerente de produção, fui acomodado em uma sala especial para plug-ins, uma das duas salas privilegiadas da área. Agora Pavlov já estava morando em outro cômodo semelhante e, como na época da minha queda não havia nenhum pretendente digno para me substituir, continuei a morar lá por mais alguns meses.

E n naquela época eu só apreciava as vantagens materiais daquele quarto ao invés do *vagonki*, tinha camas normais com mesinha de cabeceira para dois (e não uma para a equipe); Durante o dia, a porta ficava trancada, para que pudéssemos deixar nossas coisas dentro; havia um fogão elétrico semilegal e, graças a ele, não havia necessidade de se espremer ao redor do grande forno comunitário no pátio. Escrava do meu corpo, oprimida e assustada, naquela época eu apreciava apenas essas coisas.

Mas hoje, dominado pela necessidade urgente de falar dos meus vizinhos daquela sala, entendo em que realmente consistiu o meu grande sucesso: nunca mais na minha vida, nem por inclinação afetiva nem perdida no labirinto das divisões sociais, me aproximei nem poderia abordar homens como o General de Aviação Beliaiev e o *Emeuvedista* ^[dq] Zinoviev, se ele não era um general, ele estava perto disso.

Agora sei que o escritor não deve ceder a sentimentos de raiva, repulsa ou desprezo. Você respondeu com raiva a alguém? Significa que você desistiu de ouvi-lo até o fim e perdeu o sistema de suas idéias. Você evitou alguém que o enojava e deixou sair um espécime humano cujas características, totalmente desconhecidas para você, são exatamente o que você precisa. Eu mesmo percebi tarde que sempre dediquei meu tempo e atenção àquelas pessoas que despertavam minha admiração e simpatia, e

dessa forma me limitei a observar a sociedade como quem observa a lua: sempre tendo antes olhos do mesmo rosto.

Mas assim como a lua, ao oscilar ligeiramente, também revela uma parte de sua face oculta ("variações"), de modo que a galeria de monstros abriu entreaberta seres humanos insuspeitos.

Desde o primeiro momento, desde a primeira concentração matinal, o recém-chegado não pôde passar despercebido pelo General de Aviação Alexandr Ivanovich Beliaiev (no terreno, todos os chamam assim, "general"). Sua silhueta destacava-se contra o fundo cinza-escuro da coluna esfarrapada, não só pela altura e porte, mas também por um admirável casaco de couro, sem dúvida de origem estrangeira, daqueles que não se veem nem nas ruas de Moscou (todos os proprietários viajam de carro) e, mais do que tudo, por causa de seu peculiar ar de *ausência*. Mesmo sem se mexer dentro da coluna, soube mostrar que não tinha nada a ver com aquele lixo do campo que enxameava ao seu redor, que à beira da morte ainda não entenderia como havia conseguido cair ali. Em posição de sentido, ele olhou para os outros, como se inspecionasse um exército invisível para nós. Quando foi dada a ordem de sair para o trabalho e o homem da guarda, ao nos contar, deu um tapa nas costas do preso que vinha fazendo cinco com uma pequena prancha, Beliaiev sempre procurou não ocupar aquele lugar. E quando, apesar de tudo, chegasse a sua vez de ficar na margem no momento de passar pelo posto de guarda, estremecia de nojo, arqueava-se e mostrava tanto desprezo pelo homem do posto de todas as costas que não o fazia ele foi encorajado a tocá-lo.

Quando ainda era chefe de produção - ou seja, um figurão - tive a oportunidade de conhecer o general nas seguintes circunstâncias: estávamos na construção, onde ele trabalhava como auxiliar de "regulamentação", e vendo quem estava fumando aproximei-me dele para pedir fogo. Pedi gentilmente permissão e fiz um movimento para inclinar-me sobre a cadeira. Com um gesto inconfundível, Beliaiev afastou o cigarro do meu, como quem foge da peste, tirou do bolso um elegante isqueiro folheado a níquel e colocou-o diante de mim. Era mais fácil para ele me deixar sujar e estragar seu isqueiro do que se curvar ali como um criado segurando o cigarro para mim. Fiquei chocado. Da mesma forma reagia a quem pedisse fogo: colocava à sua frente o seu luxuoso isqueiro, deixando-o extremamente desconfortável e afastando para sempre o desejo de voltar a falar com ele. Se alguém lhe pedisse fogo, aproveitando que ele próprio ia acender o

cigarro, Beliaiev apagou calmamente o isqueiro, baixou a tampa e colocou-o assim diante do mendigo. Desta forma, ele destacou ainda mais o imenso d de seu sacrifício. E se não houvesse outra pessoa no escritório para pedir fogo, todos os que lá desfilaram, livres ou presos, preferiam sair e procurar alguém do lado de fora do que ir até ele.

Estávamos ambos no mesmo quarto, e também nossas camas eram vizinhas. Percebi imediatamente que nojo, desdém e irritação eram quase os únicos sentimentos que sua reclusão o inspirava. Ele não só nunca pôs os pés na sala de jantar do campo ("Não sei nem para que lado ele está indo"), mas também proibiu nosso vizinho Prokhorov de trazer qualquer coisa de lá, exceto a ração de pão. Mas havia algum outro recluso em todo o Arquipélago que zombasse tão cruelmente daquele pão miserável? Beliaiev o pegou com cautela, como se fosse um sapo nojento (ele não tinha sido tocado com as mãos, carregado em bandejas de madeira?), Cortando uma camada de casca de árvore ou migalhas de todos os seis lados. Ele nunca deu aqueles seis recortes para aqueles que pediram - Prokhorov ou o velho ordenança - mas ele mesmo foi e os jogou na lata de lixo. Uma vez me atrevi a perguntar por que ele não os deu a ele. Com um altivo aceno de cabeça (seu cabelo branco era cortado rente a uma colheita, de modo que não se sabia exatamente se era um penteado ou o corte regulamentar do campo), ele respondeu: 'Uma vez, em Lubyanka, meu companheiro de celular pediu minha permissão para terminar minha sopa. Isso me enojou profundamente. Pessoas que se humilham me deixam doente!' Beliaiev recusou-se a dar pão a homens famintos, para não humilhá-los!

O general podia facilmente dar-se a todos esses ares, pois bem ao lado do nosso posto de guarda ficava a parada do trólebus nº 4. Todos os dias, à uma hora da tarde, quando voltávamos da zona de trabalho para Na sala do almoço, a esposa do general desceu do bonde, perto do posto da guarda, para trazer ao marido a garrafa térmica com o almoço quente, preparado uma hora antes na cozinha particular do general. Em dias úteis, eles não tinham permissão para se ver; um guarda entregou-lhe a garrafa térmica; mas aos domingos eles passavam meia hora juntos no posto de guarda. Dizem que sua mulher sempre saía chorando: Alexandr Ivanovich descarregou sobre ela toda a amargura acumulada durante a semana em sua alma dolorida e orgulhosa.

Beliaiev fez uma observação correta: "No campo não é possível guardar nada, objetos, comida, em uma caixa simples com um cadeado

simples. Não, a caixa tem que ser de ferro e também tem que ser aparafusada no chão! " Mas daí a conclusão veio imediatamente: "no país, em cada cem pessoas, há oitenta ladrões!" (Ele não disse "noventa e cinco" para não perder seus últimos interlocutores). «Quando voltar a ficar livre, se por acaso me encontrar *daqui* alguém que salte sobre mim para me cumprimentar, responderei: és louco; É a primeira vez na minha vida que o vejo! »

“Ah, como a vida junto me faz sofrer”, repetia continuamente (referia-se à coexistência de seis pessoas!) -. Se eu pudesse almoçar sozinho, fechado com um duplo giro da chave! " Talvez isso estivesse insinuando que tínhamos que sair da sala enquanto ele comia ...? Porque o que ele queria fazer sozinho era apenas isso, *almoçar!* Seria porque a comida deles não tinha nada a ver com a nossa, ou antes por causa daquele hábito tão arraigado em seu círculo de esconder sua abundância dos famintos?

Em vez disso, ele adorava falar conosco e, na verdade, provavelmente se sentiria muito infeliz em um quarto solitário. Mas sua conversa era unilateral: ele falava alto e com equilíbrio, sempre e apenas sobre si mesmo. "*Eles me ofereceram um outro campo, com condições de vida muito melhores (admito que os deixaram escolher) ... Eu nunca fiz uma coisa dessas ... Para mim o principal é ... Quando estive no Sudão Anglo-Egípcio*" ... Mas, depois, nada de interessante, a primeira irrelevância que lhe ocorreu para justificar aquela introdução sonora: "Quando eu estava no Sudão Anglo-Egípcio" ...

A verdade é que o homem viajou e viu muitas coisas. Ele tinha menos de cinquenta anos e ainda era robusto. Porém, algo me chamou a atenção, e foi que, sendo tenente-general da Aviação, nunca nos tinha falado uma única missão de combate, nem mesmo um simples voo.

Por outro lado, segundo ele, ele havia sido, durante a guerra, o chefe da nossa missão de compra de equipamentos aeronáuticos dos Estados Unidos. Era evidente que aquele país o havia impressionado muito e, sem dúvida, Beliayev havia usado sua viagem para comprar muitas coisas para si mesmo. O general nunca se curvou para nos explicar exatamente os motivos de estar *ali* , mas não há dúvida de que estavam intimamente ligados àquela viagem ou ao que ele comentou depois. «Otsep ^[158] - contou - insistiu que eu deveria confessar, ^[159] pe ro disse-lhe de uma vez por todas: "Deixe-me condenar duas vezes se eles quiserem, mas eu não sou culpado

de nada" "Você pode acreditar ;! Ele pode não ser culpado perante o poder: eles não o sentenciaram duas vezes, mas meio, cinco anos (até mesmo os charlatões de dezesseis anos foram punidos com mais severidade).

Enquanto eu estava ali, ouvindo e olhando para ele, fiquei pensando: Afinal ele teve que suportar ... depois que algumas mãos ásperas arrancaram suas dragonas (imagino como ele deve ter se torcido!), Depois da masmorra , dos registros, dos telefones celulares, das "mãos atrás" ..., afinal, ele ainda não se deixa contradizer na menor insignificância, muito menos nas coisas importantes (o importante nem vai ser discutido, nós somos todos indignos, exceto Zinoviev) ». Mas nunca percebi que qualquer ideia que não viesse dele fosse assimilada por sua mente; Ele foi diretamente *incapaz* de entender qualquer argumento! Ele sabia de tudo, *antes* mesmo de falarmos! I imaginar o que ele deve ter sido como antes, quando ele ainda era chefe de uma missão soviética no Ocidente! Uma esfinge brilhante e impenetrável de rosto branco, o símbolo da "nova Rússia", como éramos vistos no Ocidente. E aquele que veio te pedir alguma coisa? Aquele que se atreveu a pisar em seu escritório? Não quero nem pensar no que o esperava! Ele deve sair de lá se sentindo o último dos vermes! E, no entanto, se aquele homem pertencesse a uma família de militares antiquados ... mas, não! Esses magníficos Himalaias foram construídos por um general soviético de primeira geração. Certamente, quando jovem, durante a guerra civil, ele usava sandálias rústicas e nem sabia assinar. Como era possível que ele tivesse assimilado toda aquela presunção tão cedo ...? Sie mpre num círculo fechado, entre pessoas do mesmo mundo, até no comboio, até na praia, sempre atrás de portas que só se abrem com um passe especial ...

E os outros militares? Provavelmente, todos são parecidos. E o que aconteceria se de repente qualquer verdade qualquer, esta, por exemplo: "A soma dos ângulos de um triângulo é igual a cento e oitenta graus", fosse perigosa para a integridade de suas casas de campo, de seus postos oficiais, suas missões no exterior? Corte sua cabeça pelo simples fato de ter desenhado um triângulo! Que derrubariam os frontões triangulares dos edifícios! Que publicassem um decreto segundo o qual os ângulos só poderiam ser medidos em radianos!

E então começo a pensar ... E eu? Quem me garante que em vinte anos eu também não teria me tornado um general assim? Porque não?

Além disso, visto de perto, não há nada de errado com Alexandr Ivanovich. Ria com vontade lendo Gogol. E quando está de bom humor também nos faz rir. Seu sorriso é astuto, cheio de inteligência. No caso de eu querer cultivar ódio por ele, não poderia. A possibilidade de um dia você se tornar uma pessoa excelente não está excluída. Mas só quando você tiver sofrido. Compreendido e sofrido.

Pavel Nikolaievich Zinoviev também não frequentava a sala de jantar no campo, e também queria providenciar para que o almoço fosse trazido para ele em uma garrafa térmica. Ser deixado para trás, ser menos que Beliaiev, era uma faca cravada em seu coração. Mas as circunstâncias podiam fazer mais: Beliaiev não teve seus bens confiscados, enquanto no caso de Zinoviev houve um confisco parcial. Dinheiro, economias ... eles aparentemente haviam absorvido tudo, e agora ele só tinha um andar de luxo sobrando . E bem, ele estava nos contando sobre aquele chão! Ela falava dele com deleite, longa e contínua, saboreando cada detalhe do banheiro e imaginando o encanto que ouvir sua história deve produzir para nós. Ele até tinha um aforismo: depois dos quarenta anos, um homem *vale o que vale* seu apartamento! (Contou tudo isso na ausência de Beliaiev, porque este não o teria escutado, teria começado a falar ele mesmo, mas não de soalhos, pois se considerava um intelectual, mas mesmo que fosse a coisa do Sudão de novo). Mas, como disse Pavel Nikolaievich, minha esposa está doente e minha filha precisa trabalhar; não tem ninguém para cuidar da garrafa térmica ... Fora isso, os pacotes que traziam para ele aos domingos eram muito modestos. Ele foi forçado a suportar sua situação com o orgulho de um nobre arruinado. Não chegou a frequentar a sala de jantar, pois estava enojado com a sujeira que ali reinava e a promiscuidade da turba barulhenta, mas mandou *Prokhorov* trazer a *balanda* e o cereal, que esquentou no fogão. Ele teria cortado o pão com prazer em todos os seis lados, mas como não tinha outro pão além daquele, contentou-se em mantê-lo pacientemente acima da chama, torrando os micróbios depositados pelas mãos do cortador e de *Prokhorov* por toda a superfície. . Não ia à sala de jantar e às vezes podia até passar sem a *balanda*, mas não tinha orgulho nobre o suficiente para se abster de implorar baixinho na sala: “Não me deixa experimentar um pouco ? Faz muito tempo que não como isso »...

Em geral, ele era exageradamente suave e educado, desde que não sofresse contratempos. Suas boas maneiras se destacaram ainda mais ao lado da brusquidão desnecessária de Beliaiev. Cheio de contenção por dentro e por fora, com sua mastigação lenta, seus gestos circunspectos, ele era o verdadeiro "homem da caixa" de Tchekhov e era tão igual ao caráter tchekhoviano que nem precisava continue descrevendo. A única diferença era que, em vez de ser professor, ele era um general MVD. Que ninguém pense em ocupar o fogão um só momento durante os minutos que Pavel Nikolaievitch calculou para si mesmo! O olhar de víbora que lançou a ousadia fez com que retirasse imediatamente a panela do fogo, por medo de ser severamente repreendido. Aos domingos, nas longas listas do dia no pátio, levava comigo um livro (sempre Física, nunca Literatura) e, escondido nas costas dos outros, lia. Oh, como Pavel Nikolaievich sofreu com tal infração de disciplina! Você percebe? Eu leio *nas fileiras*, nas fileiras sagradas! Com essa atitude ratifiquei meu desafio, ostentei minha libertinagem! Zin Oviev não chamou minha atenção diretamente, mas seus olhares de desaprovação, seus gestos escandalizados, seus suspiros, seus gemidos e grunhidos eram tais, e também o espetáculo da minha leitura era tão nauseante para os outros conectados, que finalmente decidi desistir. para o meu livro e ficar uma hora ou mais como um tolo (na sala não se lia; era preciso ouvir as histórias dos outros). Um dia, uma das garotas que trabalhava na seção de contabilidade do departamento de construção chegou atrasada para o comício da manhã e, conseqüentemente, a saída da equipe de plug-in foi atrasada em cinco minutos; isso não tinha importância; simplesmente que, em vez de estar à frente da coluna, nossa equipe tinha que estar no final. Ninguém prestou a menor atenção a esse fato, nem o gerente de tarefas, nem o ordenança, nem ninguém; mas Zinoviev, vestido com sua capa, de um azul especial, com seu boné militar - por algum tempo despojado de sua estrela - profundamente encapuzado e seus óculos no nariz, recebeu o retardatário com um bufo de raiva: "Por que diabos? você está atrasado? Estamos todos esperando por causa dele! " (Ele não conseguia calar a boca! Aqueles cinco minutos o enlouqueceram ! Ele adoecera!) A garota se virou abruptamente e, com os olhos brilhando de prazer, contra-atacou: "Lambedoras de bunda! Infeliz! Chichikov!^[dr] (Por que Chichikov? Ele deve ter sido confundido com Belikov)... Cale a boca ...! » E tirar daqui e tomar daí, o resto já estava beirando a obscenidade. A garota só se deixou levar por sua língua afiada; Mas poderia se pensar que

ela estava batendo nele com uma mão invisível, porque manchas vermelhas começaram a aparecer na pele fosca do adolescente de Pavel Nikolaievich, suas orelhas incharam e ficaram roxas, e seus lábios tremeram; mas ele não disse mais uma palavra, não tentou levantar a mão para se defender. Naquele mesmo dia, falando comigo, ele se queixou amargamente: 'O que posso fazer com meu caráter tão *incorrigivelmente correto!* Minha infelicidade é que mesmo *neste lugar* não consigo abandonar o hábito da disciplina! Sou *obrigado* a fazer observações; que disciplina aqueles ao meu redor.

Ele sempre ficava nervoso na concentração matinal, tanto era a correria que corria para chegar ao trabalho. Assim que a equipe plug-and-play entrava na área de trabalho, Zinoviev batia ostensivamente em todos nós que caminhávamos devagar e quase corríamos para seu escritório. Você queria ser visto pelas autoridades? Não importava muito ... Você queria mostrar aos outros internos o quanto você estava absorvido pelo seu trabalho? Algumas dessas coisas podem ser. Mas o principal, o verdadeiro motivo, era que ele queria se afastar da multidão, sair do campo, trancar-se nas pequenas e confortáveis dependências do setor de planejamento, para ... não fazer o que Vasili Vlasov fez, para não tentar sair de equipes de trabalho, mas vagando por horas, fumando, sonhando com outra anistia e representando outra mesa, outra escrivaninha com muitos sinos, vários telefones, secretárias subservientes e visitantes disciplinados.

Sabíamos muito pouco sobre ele. Não gostava de falar do seu passado no MVD, nem dos seus diplomas, dos seus funcionários, nem da natureza do seu trabalho (a "timidez" característica dos *emevedistas!*) Mas a sua capa era - que coincidência! - daquela cor azul acinzentada descrita pelos autores da *Belomorcana I*, e não lhe ocorrera, nem mesmo no campo, desfazer os frisos azuis de sua túnica e calça. Era evidente que, em seus dois anos de permanência, ele nunca tivera a chance de enfrentar a verdadeira face do monstro, de sentir o que realmente era o abismo do Arquipélago. Naturalmente, nosso campo fora dado a ele para escolher: seu apartamento ficava a algumas paradas de bonde, em algum lugar ao lado da Praça Kaluga. E como ainda não havia acabado de se dar conta da hostilidade dos que o rodeavam, às vezes na sala se traiu sem perceber: agora provou conhecer bem Kruglov (ainda não era ministro naquela época); rezar para Frenkel; reze para Zaveniagum, todos figurões do GULAG. Uma vez ele mencionou o fato de que durante a guerra ele havia

dirigido a construção de um grande trecho da ferrovia Syzran-Saratov, ou seja, nas Guldjedes de Frenkel. O que exatamente ele quis dizer com "direto"? O engenheiro não. Então, isso significava que ele era o chefe da liderança do acampamento? Amiguinho! E de tais alturas ele rolou dolorosamente até ficar quase reduzido à condição de um mero prisioneiro. Ele estava nos termos do artigo 109, que, por um membro do MVD, significava que ele tinha *embolsado* mais de seu grau ... Porque ele era da casa, ele tinha sido enforcado por sete anos (que significava que ele tinha roubado o suficiente para justificar vinte e cinco!) A anistia Staliniana suprimiu metade do resto, e ele ainda tinha dois anos e um pouco restantes. Mas o homem sofreu, sofreu como se tivesse que expurgar dez.

A única janela em nosso quarto dava para o Parque Neskuchny e, bem perto dele, um pouco mais abaixo, as copas das árvores balançavam. Os dias e as estações do sfilaban diante dos nossos olhos, nevascas, degelos, primeiros brotos verdes ... Quando Pavel Nikolaievich não se irritava e se sentia invadido pela melancolia, ia à janela e, olhando perdido no parque, cantarolava em voz baixa, em tom agradável:

Adormeça, querida, durma profundamente ...

O passado não poderá mais despertar!

Aí está ele, uma pessoa muito boa em qualquer reunião mundana ... e quantas valas comuns cheias de prisioneiros ele deve ter deixado ao longo dos trilhos da ferrovia!

Aquele canto do Parque Neskuchny, em frente ao nosso campo, estava isolado do público por alguns morros e era praticamente invisível: os únicos olhares humanos que tiveram acesso a ele foram os nossos no suposto caso que nós outros, os presos estacionados atrás do janelas gradeadas, somos considerados seres humanos ... No dia 1º de maio, um tenente levou seu amiguinho até lá, vestido com roupas coloridas; era o melhor lugar que haviam encontrado para se esconder e não se intimidaram com a nossa presença do lado de fora da janela, como se fôssemos gatos ou cachorros. O policial rolou o amiguinho na grama, e ela também não era do tipo tímido.

Não chame o que já saiu,

não ame o que você uma vez amou ...

Em geral, nossa sala era como um modelo reduzido de toda a sociedade. O *emeuvedista* e o general administraram-nos como *quiseram* . Para usar o *infernillo* (propriedade do município), tínhamos que pedir

permissão quando não precisavam. Eles decidiam se era preciso ventilação ou não, indicavam onde deixar os sapatos e pendurar as calças; mandaram calar a boca, dormir, acordar. A poucos passos de nós, no corredor, estava a porta da grande sala comum, onde rugia a república, para onde todas as autoridades eram enviadas para fazer ... gargarejos; Por outro lado, vivíamos no reino dos privilegiados, e se quiséssemos continuar ali, tínhamos que respeitar toda a legalidade. Degradado a um pintor de paredes comum, não tinha mais o direito de abrir a boca: havia me tornado um proletário que a qualquer momento podia ser mandado para a sala comum. E o camponês Prokhorov, embora tivesse sido nomeado chefe da equipe dos plugues de produção, tinha o propósito exclusivo de usá-lo como criado; fizeram com que ele fosse buscar pão, tigelas, conversar com os guardas e auxiliares; em suma, execute todas as tarefas baixas (foi ele quem trouxe a comida aos dois generais). Então nós dois estávamos nos submetendo a ditadores porque não havia outra escolha. Mas onde estava nossa grande *intelectualidade* russa nesse ínterim e o que estava fazendo ?

Dr. Pravdin ^[ds] (um nome assim não foi inventado!), neurologista, médico de campo, tinha uns sessenta anos. A revolução, então, o surpreendeu em sua quinta década, amadurecida nos melhores anos do pensamento russo, nas tradições de retidão, honestidade e amor ao povo. O que parecia! Uma cabeça enorme e venerável encimada por uma cabeleira prateada, contra a qual os tosquiadores do campo não se atreviam a atacar (era um privilégio concedido pelo chefe da secção sanitária). Seu retrato teria agraciado a melhor revista médica do mundo! Nenhum país teria vergonha de tê-lo como Ministro da Saúde! Seu nariz grande, autoconsciente, inspirava confiança ilimitada na sagacidade de seu diagnóstico. Todos os seus movimentos eram dignos e vagarosos. Nosso médico era tão volumoso que sua humanidade transbordou da cama de solteiro de metal que havia sido atribuída a ele.

Não sei o que esse neuropatologista seria. Ele pode muito bem ser bom, mas apenas em um momento cortês e cortês, e nunca em um hospital estadual, mas em sua casa, protegido por uma folha de metal aparafusada à porta de carvalho e balançada pelo tilintar melodioso do relógio. parede, nunca se apressando para ir a qualquer lugar e subordinado apenas à sua própria consciência. Só depois disso o fizeram suportar seus bons sustos, e ele ficou apavorado pelo resto de seus dias. Não sei se ele já foi prisioneiro ou se estava prestes a levar um tiro durante a guerra civil (não haveria nada

de estranho nisso), mas mesmo sem revólver já haviam posto bastante medo em seu corpo. Bastava para ele trabalhar naqueles dispensários onde era necessário atender nove pacientes por hora, com tempo apenas de bater com o martelo no joelho de cada um, além de ser membro da VTEK (Comissão de Peritos em Medicina do Trabalho) e de uma comissão de curas de descanso, e de uma comissão de reformas, e passar horas assinando papéis e mais papéis e ainda papéis, sabendo que a cada assinatura jogavam cabeça, que já havia médicos que pagavam com sua liberdade, que outros foram ameaçados, e você continua a assinar e assinar boletins, relatórios, conclusões, estudos, análises, exames, prontuários médicos; cada assinatura era um caso de consciência, a dúvida de Hamlet: ele está caído ou não? apto para o dever ou inapto para o dever? doente ou saudável? Por um lado, os enfermos que pedem esmola; de outro, as autoridades que pressionam; e o médico, morrendo de medo, sem saber o que fazer, indeciso, assustado, arrependido ...

Mas tudo isso aconteceu quando ele ainda gozava de liberdade, e agora eram apenas boas lembranças ... Agora ele estava preso como um inimigo do povo, aterrorizado pelo juiz de instrução a tal ponto que quase morreu de ataque cardíaco (imagino quantos pessoas, toda a Faculdade de Medicina, terão arrastado com eles um estado de terror semelhante ...!) Em que se tornou o nosso neurologista? A simples visita de rotina do chefe da seção de saúde do *lagpunkt*, um velho bêbado sem a menor formação médica, o deixava em tal estado de confusão e preocupação que ele nem conseguia ler o texto em russo nos arquivos do hospital. . Suas dúvidas foram multiplicadas por dez; no campo sentia-se mais impotente do que nunca: com febre de 37,7 °, dispensar ou não dispensar? E se eles o chamarem para pedir? E ele veio nos consultar na sala. Não conseguiu ficar calmo e equilibrado por mais de vinte e quatro horas, as vinte e quatro horas que se seguiram a uma saudação do chefe do acampamento ou mesmo do último dos guardas. Durante essas vinte e quatro horas sentiu -se de certa forma seguro, mas, a partir do dia seguinte, a inquietação inexorável voltou a apoderar-se dele. Um dia, quando um contingente teve que ser transferido com pressa, eles nem tiveram tempo de preparar os banhos (e graças a Deus não os mandaram snudos sob a água gelada!). O chefe dos guardas veio ver Pravdin e o intimidou elaborar certidão comprovando que todos os reclusos transferidos foram submetidos a exame de saúde. Como sempre, Pravdin se inscreveu sem questionar, mas com que consequências! Ele entrou em

nosso quarto, caiu na cama como um homem oprimido, levando as mãos ao coração, gemendo e fazendo ouvidos moucos às nossas palavras de conforto ... Adormecemos enquanto ele fumava cigarro após cigarro e corria continuamente para o banheiro; Por fim, à meia-noite, vestiu-se e, meio louco, dirigiu-se ao posto do guardião de plantão, um *pitecantropo* analfabeto apelidado de *Retaco*, mas com uma estrela no boné, para pedir-lhe um conselho: O que ia ser dele agora? Esse crime valeria, sim ou não, uma segunda sentença de 58? Ou eles apenas enviariam para um campo distante? (Sua família, que morava em Moscou, trazia de vez em quando pacotes suculentos e ele se apegava ao nosso pequeno campo) ...

Morrendo de medo, tremendo de pavor, Pravdin perdera até a última gota de energia para tudo, inclusive para cuidar da profilaxia higiênica. Já não era capaz de exigir nada de ninguém, nem dos cozinheiros, nem dos serventes, nem da sua enfermaria. A sala de jantar estava uma bagunça, as tigelas mal eram lavadas, na própria enfermaria os cobertores eram sacudidos a cada morte de bispo; Pravdin sabia de tudo isso, mas não conseguia fazer com que ficasse limpo. A única aberração que ele dividia com o quartel-general cheio (e tem muitos campos que conhecem bem essa diversão!) Era a lavagem diária do chão dos quartos, e isso era feito à risca. O ar e a roupa de cama nunca terminavam de secar por causa do piso podre e eternamente úmido. Para tudo isso, Pravdin já tinha deixado de ser respeitado até mesmo pelo último homem acrimonioso no campo. Ao longo de sua vida na prisão, apenas aqueles que não queriam se abstiveram de roubá-lo ou enganá-lo. E graças ao fato de nos trancarmos à noite, Pravdin ainda tinha todas as suas coisas, espalhadas ao redor da cama, e sua mesinha de cabeceira não havia sido esvaziada, a mais desordenada de todo o campo, cujo conteúdo se derramava e caía no chão. aterrar continuamente.

Pravdin havia sido preso por oito anos sob os Artigos 58-10 e 58-11, por agitação política e organização, mas em sua cabeça eu descobri a ingenuidade de uma criança retardada! Em seu terceiro ano de detenção, ele ainda não havia amadurecido o suficiente para adquirir as idéias de que confessou ter se vangloriado no decorrer da investigação. Pensei que tivéssemos sido detidos temporariamente, de brincadeira, e que se preparava uma grande e generosa anistia para nos fazer saborear mais intensamente o sabor da liberdade e para provocar a nossa eterna gratidão aos *Órgãos* por aquela sábia lição. Ele acreditava na prosperidade dos

kolkhozes, na perfídia do infame plano Marshall de subjugar toda a Europa e nas intrigas dos aliados para desencadear uma terceira guerra mundial.

Lembro que um dia ele voltou iluminado, radiante, cheio de uma felicidade silenciosa e profunda, como aquela que enche o coração dos crentes que voltam de uma bela véspera. Em seu rosto gentil e cândido, seus olhos grandes, com a pálpebra inferior caída, brilhavam com uma doçura que parecia de outro mundo. Não demorou muito para que eu descobrisse que uma reunião dos plugs da zona acabara de acontecer. O chefe do acampamento, depois de gritar e insultá-los, de repente se acalmou e acabou dizendo que confiava neles e os considerava *seus fiéis ajudantes*. E Pravdin nos confessou, emocionado, que depois daquelas palavras "a pessoa fica realmente entusiasmada com o trabalho". (Em homenagem ao general, deve-se reconhecer que ele torceu a boca em um gesto de desdém).

O sobrenome do médico não mentia: Pravdin era amigo da verdade, amava a verdade! Ele a amava, sim, mas não era digno dela.

Naquela sociedade em miniatura que éramos, ele era um personagem cômico . Mas vamos passar da miniatura para o tamanho natural ... e ficaremos paralisados de horror! Quantos daqueles que compunham nossa Rússia *espiritual* se tornaram isso? E só porque tinham medo ... Pravdin, educado em um ambiente culto, dedicou toda a sua vida ao trabalho mental, sempre esteve rodeado de pessoas com desenvolvimento mental, mas resta nos perguntar: ele era um *intelectual*, ^[dt] isto é, um homem dotado de um intelecto individual?

Com o passar dos anos, comecei a refletir sobre o que exatamente aquela palavra significava, *intelligentsia*. Todos nós realmente gostamos de ser membros dela, mas nem todos nós somos. Na União Soviética, essa palavra foi totalmente deturpada. Eles começaram a aplicá-lo a todos aqueles que não trabalhavam (e têm medo de fazê-lo) com as mãos. Todos os burocratas do Partido, do Estado, do Exército e dos Sindicatos foram incluídos nele. Todos os contadores e guarda-livros, esses escravos mecânicos do débito e do crédito. Todos os trabalhadores de escritório. E, mais ainda, *todos os* professores e professores (inclusive aqueles que não valem mais que um bom manual, sem a menor ideia original sobre educação). *Todos os* médicos (incluindo aqueles que servem apenas para rabiscar registros médicos). E muito menos hesitarão em incluir todos aqueles que frequentam, mesmo de longe, redações, editoras, estúdios de

cinema, filarmônicas, sem falar daqueles que publicam suas obras, dirigem filmes ou manejam o arco de I violino.

No entanto, nenhum desses sintomas significa que uma pessoa deve necessariamente ser incluída na *intelectualidade*. Se quisermos preservar essa noção, não devemos permitir que ela se desvalorize. O intelectual não é reconhecido por sua profissão ou por suas ocupações. Uma boa educação e uma boa família também não produzem necessariamente um intelectual. O intelectual é um homem que por seus interesses e por sua vontade é atraído para o aspecto espiritual da vida de uma forma estável e permanente, e não motivado por circunstâncias externas, ou às vezes mesmo apesar delas. O intelectual é um homem cujo pensamento não é imitativo.

Em nossa caverna de monstros, Beliaiev e Zinoviev eram considerados os intelectuais indiscutíveis; Quanto ao Capataz Orachevsky e aquele estúpido Prokhorov, encarregado de suprimentos e suprimentos, eles ofenderam a sensibilidade de nossos grandes personagens, e quando eu era "Primeiro Ministro", o general e o *Emeuvedista* me abordaram para me convencer de que eu tinha Estes dois mujiques têm de ser expulsos do nosso quarto por estarem sujos, pelo hábito de se deitarem na cama com as botas calçadas e, em suma, pela falta de inteligência. (Ocorreu aos generais separar-se do mujique que os alimentava!) Mas eu gostava dos dois, eu mesmo tenho um pouco de alma de mujique e a sala era equilibrada. (Não tenho dúvidas de que mais tarde os generais recorreram a alguém para me expulsar também.)

Na verdade, Orachevsky tinha uma aparência rude, desprovida de qualquer centelha de intelectualidade. Quando se tratava de música, tudo que ele conhecia eram canções ucranianas; em sua vida ele tinha ouvido falar da pintura italiana antiga ou do francês moderno. Não sei dizer se ele gostava de livros, porque não havia no país. Ele não interferiu nas discussões sobre chás mais abstratos que surgiram em nossa sala. Os melhores monólogos de Beliaiev sobre o Sudão anglo-egípcio e Zinoviev em seu apartamento o deixaram completamente indiferente. Ele preferia passar seu tempo livre em meditações profundas, sombrias e silenciosas, com as pernas na grade da cama, os calcanhares apoiados e as solas de frente para os generais (mas ele não o fez por desafio, não, mas para conforto: alguns minutos antes da concentração, ou durante a pausa para o almoço, ou à noite, quando ainda será necessário sair, é lógico privar-se do

prazer de deitar um pouco? E tirar as botas não é tão fácil, elas seguram as bandas enroladas por baixo). Ele também ignorou as crises de masoquismo do médico. Mas de repente, depois de ficar em silêncio por uma ou duas horas, ele conseguiu pronunciar, em tom trágico, uma frase que nada tinha a ver com o que havia sido dito na sala: "Sim, é mais. mais fácil para um camelo passar pelo buraco de uma agulha do que para um cinquenta e oito passar livre. Por outro lado, quando se tratava de discutir assuntos da vida cotidiana, sobre a posse de objetos do cotidiano ou sobre que atitude adotar nesta ou naquela circunstância, entrava na conversa e, com toda a teimosia de um ucraniano, fez questão de demonstrar com veemência que as botas de feltro estragam se as pusermos ao lume para secar e que é mais prático e mais agradável usá-las durante todo o inverno sem as secar uma vez. E, claro, você pode me dizer o que aquele homem *inteligente* tinha ?

Mas, de todos nós, ele era o único que gostava muito de construção, o único que conseguia falar com interesse fora do horário de trabalho. Quando soube que os presos haviam conseguido destruir as paredes divisórias, todas no lugar, e usado a lenha como combustível, ele agarrou sua cabeça áspera com mãos ásperas e começou a balançar, como se estivesse sob o efeito da dor. . Não entendi muito bem como vocês podem ser tão vândalos! Talvez porque só estava na prisão há um ano ... Se alguém chega e diz: "Acabou de cair uma laje de concreto do oitavo andar", todos exclamam: "Não houve vítimas?", Mas Orachevski pergunta: "Não Você viu como ele se dividiu, em que direção as rachaduras foram? " (As placas foram feitas de acordo com seu projeto e ele queria saber se a estrutura estava no lugar). Em um dos dias mais frios de dezembro, capatazes e líderes de equipe se reuniram no escritório para se aquecer e contaram várias fofocas do campo. De repente, Orachevsky entrou, tirou uma luva e, triunfante, com um gesto de cautela, tirou dela, para colocá-la sobre a mesa, uma magnífica borboleta laranja-negro, entorpecida, mas viva: «Eis uma borboleta que sobreviveu a 19 °! abaixo de zero! Estava empoleirado em uma alça.

Todos nós circulamos a borboleta e paramos de falar. Nem mesmo os mais afortunados mostrariam maior vitalidade quando chegássemos ao fim de nossa frase ...!

Quanto a Orachevski, deram-lhe apenas cinco anos, por *crime facial* (exatamente como em Orwell), ou seja, por ter *sorrido*. Ele era professor em uma escola militar e uma vez, de pé na sala dos professores, mostrou a

um colega algo do jornal *Pravda* e sorriu ! O outro, o colega, foi morto pouco depois, para que ninguém soubesse do *que Orachevski havia sorrido* . Mas o sorriso tinha sido notado, e era um sacrilégio sorrir apenas enquanto folheava o órgão central do Partido! Mais tarde, Orachevsky foi desafiado a fazer uma palestra política. Ele respondeu que acataria a ordem, mas que a palestra seria feita sem *entusiasmo*. Essa foi a gota d'água que quebrou as costas do camelo!

E agora eu pergunto: qual dos dois, Pravdin ou Orachevski, está mais próximo do que um *inteligente é?*

Não quero parar de dizer algumas palavras sobre Prokhorov. Ele era um mujique grande, com um andar pesado, olhos escuros, um rosto nada atraente e que antes de sorrir, pensava nisso. Estes, no Arquipélago, eram chamados de "lobos cinzentos". Nunca teve o impulso de tirar algo para dar a outrem, de fazer o bem a alguém. Mas uma característica dele me atraiu desde o primeiro momento: ele trouxe as tigelas de Zinoviev e o pão de Beliaiev sem servidão, sem sorrisos falsos ou mesmo palavras vazias; Ele o fez com uma espécie de majestade, de severidade, como se quisesse apontar que serviço é serviço, mas que também não era criança. Para alimentar seu corpo como trabalhador, ele precisava de muita comida. Ele suportou essa situação humilhante por causa da sopa e dos cereais do general; ele sabia que era desprezado na sala e, embora não respondesse *bruscamente* , não *comandava o natsirlaj* . ^[160] Ele nos entendia a todos como se estivéssemos nus diante dele, mas ainda não era o momento de nos expressarmos. Prokhorov deu a impressão de ser feito de pedra: muitas coisas do nosso povo estão apoiadas em ombros como os dele. Ele não se apressou em sorrir para ninguém , ele parece carrancudo, mas nunca apunhalará uma faca nas costas.

Ele não era um cinquenta e oito, mas conhecia bem a vida. Por muitos anos ele foi presidente de um *soviete* rural perto de Naro-Fominsk; lá, também, você tinha que saber como lidar, e dar provas de crueldade e permanecer firme perante as autoridades. Foi assim que ele nos contou sobre sua presidência:

“Ser patriota significa sempre ir em frente. Claro, um também será o primeiro a se deparar com todos os tipos de problemas. Por exemplo, você dá uma palestra no Soviete; por mais que no campo tudo acabe sempre na

parte material, sempre haverá um barbudo que te deixa ir: "E o que é a revolução permanente?" E o que diabos eu sei! Eu lembro que na cidade as mulheres fazem permanente, é tudo que eu falo ... Mas se eu não responder nada, elas começam: "De onde tiraram esse bicho?" Aí eu respondo: "O permanente é uma daquelas revoluções assim, que dá voltas e mais voltas, vai na cidade e olha os cachos das mulheres, ou a lã dos carneiros ..." MacDonald, retifiquei o relatório que enviei às autoridades: "Camaradas", disse eu, "você fariam melhor se não pisassem demais no rabo dos cachorros de outras pessoas!"

Com o passar dos anos, conheci todos os blefes de nossa vida pública e até participei deles. Ele chamava um presidente *kolkhoz*, por exemplo, e dizia-lhe: "Para a exposição agrícola, prepare para mim uma ordenhadeira que dê algo como sessenta litros de leite por dia! Que eu ganhe a medalha de ouro!" E todos os *kolkhoz*, unindo esforços, prepararam aquela ordenhadeira e alimentaram suas vacas com proteínas e até açúcar. Todas as pessoas e todos os *kolkhoz* sabiam quanto valia esta exposição agrícola; mas lá em cima eles fingiram de idiotas; eles estavam se iludindo; seria, então, que preferissem assim ...

Quando a frente se aproximou de Naro-Fominsk, Prokhorov foi contratado para evacuar o gado soviético. Mas, pensando bem, essa medida era dirigida não tanto contra os alemães quanto contra os camponeses: seriam eles que iriam ficar na terra nua, sem animais e sem tratores. Os camponeses recusaram-se a abandonar o gado, resistiram (esperaram a liquidação definitiva dos *kolkhozes*, e assim os animais seriam deixados para eles). Prokhorov quase foi morto.

A frente estendia-se além da cidade e assim permaneceu durante todo o inverno. Sem gado, sem nada para fazer, Prokhorov juntou-se a uma bateria soviética (na Décima Quarta Guerra ele havia sido um artilheiro) e carregou munição até ser expulso. Na primavera de 1940, os soviéticos voltaram à região e Prokhorov foi novamente nomeado presidente do soviete. Agora ele tinha plenos poderes para acertar contas com seus inimigos e agir ainda mais duramente do que antes, e assim ele teria continuado a desfrutar de sua posição até hoje. Mas, estranhamente, ele não o fez. Algo estremeceu em seu coração.

A área ficou completamente destruída e o presidente recebeu cadernetas de pão que mal davam para alimentar os feridos e os mais famintos. Prokhorov ficou com pena do povo, distribuiu mais cartões do

que o solicitado, aplicou a lei dos "sete oitavos"^[du] e eles deram a ele dez anos. Eles o perdoaram por MacDonald em vista de sua educação pobre, mas ele não foi perdoado por ter pena de seus semelhantes.

Prokhorov, ike Orachevski, gostava de ficar deitado quieto por horas, as botas no parapeito da cama, olhando para o teto descalcificando. Ele só se abria quando os generais não estavam presentes. Gostei muito de algumas de suas considerações e de suas palavras:

«Qual linha é mais difícil de traçar: uma reta ou uma curva? Os instrumentos são necessários para a linha reta; por outro lado, a curva, até um bêbado pode descrevê-la com as pernas. O mesmo acontece com a linha da vida.

"Hoje o dinheiro tem *dois andares*." (Que observação precisa! Prokhorov estava se referindo aos *kolkhoz*: eles tiram seus produtos por um preço e os vendem a outro. Mas ele viu as coisas de forma ainda mais ampla: os "dois andares" do dinheiro intervêm Em muitos aspectos governam praticamente toda a nossa vida; o Estado nos paga a taxa do primeiro andar, mas devemos pagar com a taxa do segundo, o que nos obriga, por sua vez, a obter dinheiro de algum lugar com a taxa, porque, de outra forma, logo afundaremos completamente).

"O homem não é um demônio, mas não vai deixar você com vida", era outra de suas declarações.

E muitas outras coisas assim, lamento muito não tê-las guardado.

Chamei aquela sala de caverna de monstros, mas não posso chamar de monstros Prokhorov ou Orachevsky. No entanto, entre os seis, havia a maioria dos monstros, então o que eu mesmo era senão um monstro? Em minha cabeça, embora despedaçada e quebrada, ainda flutuam fragmentos de crenças confusas, esperanças delirantes, convicções imaginárias. E enquanto cumpria o segundo ano de minha pena, ainda não entendia o que o dedo do destino estava apontando; Continuei abandonando-me à primeira ideia superficial que me foi instilada pelo despachante da prisão de Presnia: "Tudo menos empregos gerais! Você tem que preservar a vida! " Minha evolução interna em direção a empregos gerais não foi fácil para mim.

Uma noite, um carro parou em frente ao posto de guarda; um guarda entrou em nossa sala e, sacudindo o general Beliayev pelo ombro, ordenou-lhe que se preparasse para partir "com suas coisas". Ele foi levado imediatamente, meio grogue do despertar abrupto. Ele ainda conseguiu nos enviar um obituário do Butyrki: 'Não desanime (obviamente pelo fato de

que ele se foi); se eu ainda estiver vivo, escrevo para você! " (Ele não escreveu para nós, mas descobrimos por outras fontes. Aparentemente, em um campo em Moscou, eles estimaram que ele representava um perigo. Eles o transferiram para Potma. Lá, ele não tinha mais garrafas térmicas com sopa caseira, e provavelmente acabou com seu costume de cortar a crosta de pão. Notícias mais tarde chegou-nos que, em Potma ele tinha caído muito baixo e que ele havia se tornado uma entrega balanda *homem* em troca de algumas colheres extra. Eu não sei se isso é verdade, como dizem no país , "Vou vendê-lo a preço de custo").

Foi assim que, sem perda de tempo, no dia seguinte ocupei o lugar do general na qualidade de assistente "norma"; Não tive tempo de aprender o ofício de pintor, mas também não aprendi as normas, contentando-me em multiplicar e dividir como quis. Esse novo trabalho me permitiu ir e vir ao canteiro de obras e passar um tempo no deck do oitavo andar de nossa casa, que ficava no telhado. Dali, muito longe, toda Moscou se revelava aos olhos do prisioneiro.

De um lado estavam as montanhas Vorobei, ainda não construídas; A futura Avenida Lenin estava apenas começando a ser delineada, e a Villa Kanachikov apareceu em seus contornos imaculados. Do outro lado estavam as cúpulas do mosteiro Novodievichi e a maior parte da "Academia Frunze", enquanto à distância, à minha frente, em um halo de névoas lilases, assomava o Kremlin, onde nossa anistia, já pronta, aguardava uma única assinatura.

Para nós, os malditos, aquele mundo de riqueza e glória era uma tentação ... Nós o tínhamos quase aos nossos pés, e ainda assim foi para sempre proibido para nós ...

Não , porém, embora eu, como qualquer novato, aspire com toda a minha liberdade, aquela cidade não me suscitou inveja ou desejo de esvoaçar por suas ruas. Todo o dano que eles nos causaram estava fermentando nela. Cidade arrogante, quanta verdade está contida neste ditado: "Moscou não acredita em lágrimas" ...!

[161]

* * *

Estaríamos conectados, ok; mas éramos da produção; A sala mais importante não era a nossa, mas igual a nós, acima de nós, onde viviam as fichas da zona e da qual mandava um triunvirato composto pelo contador

Salomonov, o gerente do armazém da Berschader e o despachante de tarefas Burstein. . Lá em cima foi onde a mudança foi decidida; Pavlov foi, por sua vez, destituído do cargo de gerente de produção e K. foi colocado em seu lugar. Um belo dia, aquele novo "primeiro-ministro" fez sua entrada em nossa sala (quanto a Pravdin, apesar de seu servilismo, pouco antes de ter sido transferido com um contingente). Para mim eu tol você Ero pouco tempo mais, logo depois que eu derramado simultaneamente normación escritório e quarto (no campo, quanto mais você downgrade, o mais ela continua ! *Vagonki*) Não Porém, durante o curto período que ainda me reservava, tive a oportunidade de observar K., que completou muito bem nossa pequena galeria de tipos, contribuindo com sua presença outra importante variedade de intelectuais pós-revolucionários.

Alexandr Fiodorovich K., 35, um empresário habilidoso e calculista (muitas vezes chamado de "um organizador brilhante"), era um manipulador (embora ele se gabasse pouco desse título, limitando-se a lidar com a régua de cálculo), condenado a dez anos Pela lei de 7 de agosto, ele já havia completado três anos, familiarizado com os campos e estava neles como se estivesse em casa. Os empregos gerais, ao que parecia, não eram uma ameaça para ele, muito menos inclinado a ter pena da multidão desajeitada, destinada precisamente para esses empregos gerais . Era um daqueles reclusos cuja actividade prejudica muito mais os seus companheiros do que os próprios senhores do Arquipélago: depois de cravar as unhas em ti, não te deixava voltar (e levava o trabalho a sério)! Ele fez um esforço para reduzir as rações (para estender o sistema de maconha), para provocar a retirada de visitas, transferências, qualquer coisa, para tirar mais proveito dos detidos. As autoridades, tanto as do campo como as da produção, só viram através de seus olhos.

Mas aqui está o interessante: você poderia dizer que todos esses procedimentos eram familiares a ele antes do campo. Porque foi assim que ele aprendeu *a treinar* no exterior, e aconteceu que seus métodos foram exatamente o que o fez subir no campo.

As semelhanças nos ajudam a conhecer pessoas, e logo percebi que K. me lembrava muito alguém. Mas quem? Claro, Leonid Z., meu colega de cela em Lubyanka! Só - detalhe curioso - não foi por causa do aspecto físico; nada disso: o outro parecia um javali, enquanto este era alto, bem proporcionado, com ar de *cavalheiro*. Mas, sobrepostos, eles deixaram escapar toda uma torrente atrás de si: aquela primeira leva de *novos*

engenheiros cuja chegada era ansiosamente aguardada, para finalmente colocar os velhos *spetz* de pé. ^[dv] e também - por que não? - acertar contas com muitos deles. E, no final, chegaram às primeiras promoções recentemente entradas de sal das faculdades! Profissionalmente, não tinham comparação com engenheiros de formação antiga, tanto em termos de amplitude de conhecimento técnico quanto de bom gosto artístico e dedicação ao trabalho. (O brilhante K. parecia um harlatão mesmo diante daquele urso Orachevsky, que, entre parênteses, ele imediatamente expulsou da sala.) Como pretendentes a uma cultura geral, eles eram completamente cômicos. (K. afirmou que sua obra favorita (!) *As Três Cores* é da época de Stendhal. ^[dw] Sem ter certeza de si mesmo quando se tratava de calcular a integral de $x^2 dx$, ele começava a discutir comigo qualquer problema de matemática elevada. Ele se lembrou de cinco ou dez frases do alemão básico aprendido na escola e as criou, venha ou não. Ele não falava uma palavra em inglês, mas insistiu em discutir a pronúncia correta de uma palavra que ouvira uma vez no restaurante. Ele também tinha um caderno de aforismos que folheava com frequência e do qual sempre extraía um para jogar na cara de seu interlocutor no momento oportuno).

De homens assim, que nunca conheceram o passado capitalista, que não teve tempo de descobrir seus defeitos, esperava-se uma pureza republicana, *nossa* intransigência soviética. Muitos deles foram designados a cargos de grande responsabilidade recém- saídos da sala de aula; Recebiam altos salários e, durante a guerra, o país os isentou de ir para o front e só exigiu que trabalhassem em sua especialidade. Em troca, eles eram patriotas, embora relutantemente se juntassem ao Partido. Como não tinha conhecido o terror das acusações de classe, não tinha medo de dar um passo em falso na hora de tomar uma decisão, e se chegasse a isso, defendia-se vigorosamente. Pela mesma razão, eles não temiam a massa trabalhadora e a empunhavam com um punho forte e cruel.

Mas de lá eles não passaram. E, se possível, tentaram limitar sua jornada de trabalho a oito horas. E depois de terminada a obra, começaram a gozar a vida: atrizes, hotéis, restaurantes, o "Metropol", o "Savoy" ... Nesse aspecto, as histórias de K. e Z. eram surpreendentemente semelhantes. K. se lembra (talvez ele o enfeite um pouco, mas o essencial é

como ele conta, não há dúvida) de qualquer domingo do verão de 1943; ele lembra, e seu rosto se ilumina, como se ele estivesse revivendo:

«A festa começa sábado à noite... Vamos jantar em "Praga". Você entende o que significa para uma mulher *ir jantar*? A mulher não dá a mínima para o café da manhã, o almoço, o dia inteiro de trabalho, só isso conta isso, o vestido, os sapatos e o jantar! Na "Praga" há escuridão, mas você pode subir até o terraço. A balastrada ... o ar da noite repleta de aromas de verão ... as ruas adormecidas, escuro ... e aqui, no lado, uma mulher vestida de *seda* (sempre enfatiza que a palavra)! A folia continua a noite toda; você não bebe nada além de champanhe...! Atrás da torre do Ministério da Defesa emerge um raios de sol cor de framboesa do sol, janelas, telhados! Nós pagamos a conta. Meu carro particular me espera na porta ; Eu pedi para ele ligar no telefone. O ar fresco da manhã entra pelas janelas abertas. Vamos para a dacha, e lá o pinhal nos espera! Você entende o que é uma floresta de pinheiros ao nascer do sol? Algumas horas de sono com as cortinas fechadas ... Às dez horas, acordando; o sol se filtra pelas grades. Na sala reina aquela deliciosa desordem do vestuário feminino. Um pequeno-almoço ligeiro (entende o que significa *luz*?) Com vinho tinto, na varanda... Depois começam a chegar amigos; o rio, tomando banho de sol, tomando banho. À noite, retorno para casa de carro. E se aquele domingo for um dia de trabalho, então por volta das onze horas, depois do café da manhã, uma visita ao escritório para dirigir um pouco ».

É possível que um dia, que ALGUM DIA possamos nos entender ...?

Ele está sentado na minha cama e conta movendo as mãos para dar mais precisão aos detalhes cativantes, e balança a cabeça no ardor da alegria que suas lembranças lhe trazem. Eu também me lembro daqueles terríveis domingos no verão de '43.

Domingo, 4 de julho. Ao amanhecer, a terra começou a tremer à nossa esquerda no Arco Kursk. E à luz do sol, cor de framboesa, pudemos ler os folhetos que nos furaram: «Renda-se! Você já teve a chance de experimentar o poder destrutivo das ofensivas alemãs mais de uma vez! "

Domingo, 11 de julho. Ao amanhecer, milhares de apitos rasgam o ar acima de nossas cabeças: é o início de nossa ofensiva na direção de Or el.

"Um café da manhã leve?" É claro que eu entendo! Significa uma *lata de carne enlatada* americana para oito pessoas na trincheira, ainda no escuro, e hooray! Pela pátria! Por Stalin!

X

Em vez de políticos

Mas naquele mundo sombrio, onde cada homem devora seu semelhante, onde a vida, a consciência de um homem são compradas por uma ração de pão mal cozido; Naquele mundo feroz, quem eram e onde estavam os *políticos*, glória e prez de todas as populações prisionais da história? Conhecemos a história da segregação, esmagamento e extermínio de políticos.

E então, quem ocupou o seu lugar no Arquipélago?

O que você quer dizer com "quem ocupou o lugar dele"? Desde então, não temos mais presos políticos. Nem poderíamos tê-los. Como poderia haver algum no reino da justiça universal? No passado, nas prisões czaristas aproveitávamos os privilégios dos políticos e isso deixava ainda mais claro para nós que era preciso acabar com eles. Simplesmente que os políticos são abolidos. Não existem e nunca haverá!

Quanto aos que cumprem pena, bem, esses são *kaers*, inimigos da revolução. Com o passar dos anos, a palavra "revolução" desapareceu; ok, eles são *inimigos do povo*, soa ainda melhor. (Se adicionarmos , com base em nossas *inundações*, ^[dx] para todos os presos ao abrigo deste artigo, e multiplicamos esse número por três, a média aproximada do número de membros da família de cada um, eLivross, vigiados, humilhados, perseguidos, teremos que admitir com surpresa que, pela primeira vez na história, o *povo* tornou-se seu *próprio inimigo* e , em vez disso, adquiriu um grande amigo: a polícia secreta.

Nos campos contam a anedota de uma boa detida que por muito tempo não entendia por que, durante seu julgamento, o promotor e o juiz a trataram como uma "milícia a cavalo" (quando disseram "contra-

revolucionária"!) [\[dy\]_Qualquer_pessoa](#) que já passou algum tempo no país e observou os internados pode acreditar nessa história.

Um alfaiate, para que a agulha não se perdesse, enfiou-a num jornal pendurado na parede e acertou Kaganovich bem no olho. Foi visto por um cliente. Artigo 58, dez anos (terrorismo).

Uma vendedora, na hora de receber a mercadoria de um atacadista, na falta de outra folha de papel, anotava o valor em um diário. A quantidade de pães de sabão caiu bem na testa do camarada Stalin. Artigo 58, dez anos.

Um motorista de trator da Estação de Máquinas Agrícolas de Znamensk forrou seu sapato velho com um folheto para as eleições para o Soviete Supremo. O faxineiro, responsável por esses folhetos, percebeu que faltava um e descobriu quem o havia levado. Propaganda contra-revolucionária, dez anos.

O gerente de um clube de campo, na companhia do vigia, foi comprar um busto do camarada Stalin. Feita a compra, surgiu um problema: como fazer? O busto era pesado e incômodo. Claro, eles poderiam tê-lo colocado em um corrimão e transportado entre eles; mas isso estaria abaixo da dignidade de um gerente de clube. Você vai administrar; devagar, sem pressa »..., disse ao vigia, e ali mesmo apressou o passo e saiu, deixando o outro sem saber o que fazer. Carrega debaixo do braço? Impossível segurá-lo ... Segurá-lo na frente? As costas não resistem ... Finalmente encontrou uma solução: amarrou um nó corrediço com o cinto no pescoço de Stalin e carregou-o no ombro pelas ruas da cidade. Não se discute mais, o caso é claro: 58-8, terrorismo, dez anos.

Um marinheiro vendeu a um inglês, como souvenir, um isqueiro "Katiuska" (um pavio inserido em um tubo com um elo para acendê-lo) por uma libra esterlina. Ataque ao prestígio da Pátria, artigo 58, dez anos.

Em um momento de raiva, um camponês tratou sua vaca como uma "puta kolkhoz "; Artigo 58, condenação.

Elochka Svirskaja cantou, em uma reunião, alguns versos que talvez insinuada *em* ... Um motim real! Artigo 58, dez anos.

Um carpinteiro *surdo-mudo* foi condenado por *propaganda* contra-revolucionária. Como você conseguiu isso? Eu estava pavimentando um clube. A grande sala estava completamente vazia; nem um cabide, nem um prego. Para trabalhar com mais conforto, ele jogou a jaqueta e o boné sobre o busto de Lenin. Alguém colocou a cabeça para fora e viu. Artigo 58, dez anos!

Na véspera da guerra, quantos eram no Volgolag, velhos camponeses analfabetos das províncias de Tula, Kaluga, Smolensko! Todos eles tinham o Artigo 58-10, ou seja, propaganda anti-soviética. E quando chegou a hora de assinar, eles colocaram uma cruz (Loshchlin conta).

Depois da guerra, fui preso com um certo Maximov, natural de Vetluga. Desde o início da guerra ele servia em uma unidade antiaérea. No inverno de 1942, o comissário político da unidade os reuniu para discutir um editorial no *Pravda* (16 de janeiro de 1942: "Vamos dar uma surra nos alemães neste inverno que eles não conseguirão se levantar na primavera !") Maximov, entre outros, foi convidado a participar. "Muito bem dito! Ele exclamou. Você tem que acertar fortemente aqueles canalhas agora com as tempestades de neve e enquanto eles não têm botas, embora nós também andemos de sapatos ! Na primavera será mais difícil para nós, com todo o material que eles têm! " Todos aplaudiram, o comissário também, como se parecesse muito bom, mas no dia seguinte foi convocado para a SMERSH e deram-lhe oito anos: "exaltação do material alemão ", artigo 58. (Em termos de instrução, Maximov não tinha feito mais de um ano na escola rural. Seu filho, um *Komsomol*, veio visitá-lo no campo. "Não diga à mãe que você está na prisão", ordenou. "Escreva a ela que ainda está no Exército." Sua esposa responde a uma seção dos Correios: "Mas todos eles deixaram sua casa! Você pode dizer por que eles estão prendendo você com precisão?" O homem com a escolta olha para Maximov, sempre com a barba por fazer, sempre abatido e meio surdo para arrancar, e Dizem-lhe : «Escreve à tua mulher que foste promovido a oficial; por isso estás detido»... Na peça, alguém zanga-se com Maximov, que nunca ouve nem compreende nada, e o insulta: «Contigo estragaram Artigo 58! »)

Enquanto os jovens se divertem no clube *kolkhoz*, o coçar das costas se desprende da parede, não sei que pôster. Os dois mais velhos são condenados ao abrigo do artigo 58 (pelo Decreto de 1935, os menores são responsáveis em matéria penal a partir dos doze anos!) Foram também entregues aos pais por os terem instigado.

Um estudante *chuvache*, A jovem de dezesseis anos ^[dz], enquanto escrevia um slogan para o quadro de avisos, cometeu um erro em russo, que não era sua língua materna. Artigo 58, cinco anos.

Na administração de um *sovjós* penduraram o seguinte slogan: "A vida ficou melhor, a vida ficou mais alegre. Stalin ». E alguém, com um lápis vermelho, acrescentou o final do dativo, o que significava que a vida havia

se tornado mais alegre para Stalin. Lá eles nem se preocuparam em encontrar o culpado. Eles colocaram toda a administração na prisão.

Hessel Bernstein, e sua esposa Beschastnaia, receberam 58-10, cinco anos ..., para uma sessão espírita caseira! (O juiz de instrução insistiu: "Confesse! Quem mais a fez dançar?")^[162]

Absurdo? Selvagem? Sem sentido? Não é simplesmente "terror como meio de persuasão". Há um provérbio russo que diz: "Mate corvos e pegas, você vai acabar matando um cisne branco." Prendendo todos, um dia você acabará pegando aquele que procura. O significado essencial do terror em massa reside precisamente nisso: o mais forte e melhor escondido acabará caindo, que nunca teria sido capturado por uma caça individual.

E quantas acusações, algumas mais estúpidas do que outras, tiveram de ser compostas para fundamentar a condenação de tal pessoa detida por acaso ou de outra apontada de altos escalões!

Grigory Efimovich Gueneralov (natural de Smolensk) é acusado de "alcoolismo por ódio ao poder soviético" (na verdade, ele bebia porque se dava mal com sua esposa): oito anos.

Irina Tuchinskaia (a namorada do filho de Sofronitsky) foi presa no caminho de volta da igreja (a intenção era prender toda a família) e foi acusada de ter estado "rezando pela morte de Stalin" (que poderia ter ouvido essa oração?). Terrorismo, 25 anos.

Alexandr Babich foi acusado de "ter agido em 1916 contra o poder soviético (!) Nas fileiras do exército turco" (na verdade, ele estava lutando como um voluntário russo na frente turca). Aliás, ele também foi acusado de ter pretendido entregar aos alemães em 1941 o quebra-gelo *Sadko* (no qual ele havia embarcado como passageiro!) Eles não puderam lhe dar menos que um tiro! (Em seguida, ele foi comutado para *cinco dólares*, ele morreu no campo).

Sergei Stepanovich Fyodorov, engenheiro de artilharia, foi acusado de "ter interrompido os projetos de jovens engenheiros para fins de sabotagem" (é que esses ativistas do Komsomol nunca encontram tempo para desenvolver seus esboços).^[163]

Ignatovski, correspondente da Academia de Ciências, foi detido em 1941 em Leningrado sob a acusação de ter sido fisgado pelos Serviços de Informação Alemães, em 1908, enquanto trabalhava na Zeiss, para cumprir a seguinte missão curiosa: não fazer espionagem durante a primeira guerra

que se aproximava (e que, obviamente, era a que interessava *aquela geração* de agentes secretos), mas reservar para *a próxima!* Por esse motivo, Ignatovski serviu fielmente ao czar durante a Primeira Guerra Mundial; depois para o poder soviético; montar a única fábrica de mecânica óptica existente no país (Gómz); foi eleito para a Academia de Ciências e, mais tarde, quando começou a Segunda Guerra Mundial, foi descoberto, capturado e fuzilado.

Quanto ao resto, na maioria dos casos, não houve necessidade de acusações fantásticas. Havia uma série de acusações padrão simples, e o juiz de instrução só precisava escolher uma ou duas, como alguém carimbando uma carta:

- difamação do Caudillo,
- atitude negativa em relação à instituição dos *k oljoses*,
- atitude negativa em relação aos empréstimos do Estado (que pessoa normal teria uma atitude positiva em relação a eles?),
- atitude negativa em relação à Constituição de Stalin,
- atitude negativa em relação a uma medida do Partido (a mais recente),
- simpatia pelo esquí Trot ,
- simpatia pelos Estados Unidos,
- etcetera, etcetera, etcetera ...

Nenhuma arte especial foi necessária para colar esses selos; era mais uma tarefa monótona. Tudo o que o juiz de instrução precisava era ter a vítima pronta. Estas vítimas foram recolhidas, de acordo com os dados comunicados previamente, por inspetores distritais, de unidades militares, de empresas de transporte, de estabelecimentos de ensino. Para que não tivessem muitas dores de cabeça, as reclamações eram muito imediatas.

Em qualquer conflito entre pessoas livres, as denúncias eram a *super arma* , o raio da morte: bastava direcionar o feixe invisível contra o inimigo, para que ele desabasse instantaneamente. Nunca falhou. Esqueci os nomes dos protagonistas de casos semelhantes, mas atrevo-me a dizer que, durante a minha estada na prisão, ouvi *muitas* histórias sobre o uso da denúncia para resolver rivalidades amorosas: o homem que se livra de um marido chato, o cônjuge que se livra de uma amante ou a amante de uma esposa, e também a amante que se vinga do homem que ela não conseguiu separar da esposa.

O rótulo mais frequentemente anexado pelos magistrados examinadores era o parágrafo 10: propaganda anti-volitiva (rebatizada de "anti-soviética"). Se um dia nossos descendentes tiverem a chance de folhear os arquivos acumulados nos arquivos dos Tribunais durante a era de Stalin, eles ficarão surpresos com o virtuosismo sobre-humano dos propagandistas anti-soviéticos. Eles planejaram fazer propaganda com uma agulha de costura simples; com um boné velho; esfregando o chão (veja abaixo) ou não lavando roupas; com sorriso ou ausência de sorriso; com um olhar muito expressivo ou com um olhar pouco expressivo; com pensamentos mudos trancados na caixa craniana; com anotações no diário íntimo; com obituários de amor; com rabiscos nas paredes do banheiro. Eles fizeram propaganda na via pública; nas estradas locais; durante um incêndio; no mercado; na cozinha; na própria casa, em volta da mesa de chá e na cama ao lado do ouvido. Só um regime invencível como o socialista poderia resistir a tal avalanche de propaganda!

No Arquipélago, costumam brincar que nem todos os artigos do Código Penal são igualmente *acessíveis*. Há quem já queira atacar a propriedade socialista, mas o problema é que não podem abordá-la. Outros estariam dispostos a desviar fundos, mas não podem se tornar contadores. Para matar você precisa de pelo menos uma faca; para a posse ilegal de uma arma, deve-se ainda tê-la adquirido; Para cometer o crime de bestialidade, é necessário possuir animais domésticos. Nem mesmo o artigo 58 é tão acessível: como você pode trair seu país de acordo com o parágrafo 1-b se você não está no Exército? Como conspirar com a burguesia mundial de acordo com o parágrafo 4 se você mora em Khanty-Mansiisk? Como atacar a indústria estadual e o transporte de acordo com o parágrafo 7, se você trabalha como barbeiro? Se nem mesmo uma autoclave medicinal insignificante está disponível para explodir (caso do engenheiro químico Chudakov, 1948, "sabotagem")?

Por outro lado, o parágrafo 10 do artigo 58 é acessível a todos: às velhas mais decrépitas e aos escolares de doze anos; dos casados e solteiros; de mulheres grávidas e virgens; dos desportistas e dos mutilados; de alcoólatras e vegetarianos; dos cegos e mutilados; de quem tem carro e de quem mendiga. Para ganhar o parágrafo 10, não faz diferença se é inverno ou verão; Domingo ou dia de trabalho; no início da manhã ou tarde da noite; seja no trabalho ou em casa; subir uma escada ou andar de metrô; no

meio da floresta ou no teatro, durante um intervalo ou contemplando um eclipse do sol.

O único parágrafo que pode ser comparado a 10, em termos de acessibilidade, é 12: o *não-relatório*, ou "sabia-não disse". Todos aqueles que acabamos de listar poderiam receber este parágrafo, e nas mesmas circunstâncias, mas o alívio é que você nem mesmo precisava abrir a boca ou pegar a caneta. O parágrafo pegou você precisamente na inércia! Quanto à pena, deram o mesmo: dez anos, mais cinco "focinheiras".

É claro que, depois da guerra, o artigo 58, parágrafo 1º - "a traição, deixou de estar entre as difíceis. Não apenas todos os prisioneiros de guerra e todos os habitantes das áreas ocupadas tinham direito a isso, mas também todos aqueles que haviam passado muito tempo evacuando as regiões ameaçadas, manifestando assim suas *intenções* de trair a pátria. (O professor de matemática Djuravski pediu três passagens de avião para sair de Leningrado: para ele, para sua esposa e para sua cunhada doente. Eles lhe deram apenas duas, sem a cunhada. Por isso, ele mandou sua esposa e cunhada, ficarem em As autoridades não souberam interpretar este ato senão como prova de que o professor aguardava a chegada dos alemães. Artigo 58, 1-a, com aplicação do artigo 19, dez anos).

Se os compararmos com o daquele infeliz alfaiate, com o da guarda do clube, com o do surdo-mudo, com o do marinheiro ou com o de Maximov, o de Vetluga, as seguintes frases parecerão plenamente merecidas:

'O estoniano Enseld, que fez uma viagem para Leningrado vindo da ainda independente Estônia. Eles confiscaram uma carta escrita em russo. De quem? Para quem é? "Eu sou um bom homem e não posso dizer isso." (A carta era de V. Chernov, endereçada a alguns parentes). Ah, seu bastardo! Então, um bom homem? Na Solovki com você...! Bem, afinal, ele tinha uma carta!

"Guirichevski." Pai de dois oficiais, foi mobilizado durante a guerra para trabalhar em uma fazenda de turfa, e lá desaprovava a sopa aguada que lhes era servida (bom, mas ele tinha criticado, certo? Ele tinha aberto a boca!). Artigo 58-10, dez anos bem merecidos. (Morreu procurando cascas de batata na lata de lixo. Num bolso imundo encontraram a foto do filho, com o peito coberto de medalhas).

—Nesterovski, professor de inglês. *Em sua própria casa*, durante o chá, ele contou à esposa e à melhor amiga dela (bem, sim, mas contou!) A fome e a miséria que reinavam na retaguarda do Volga, de onde ele acabara

de voltar. O melhor amigo *terminou* os dois: parágrafo 10 para o marido, parágrafo 12 para a esposa, dez anos cada. (E o chão? Não sei, talvez para o amigo?)

—Riabinin NI Durante nosso retiro em 1941, ele declarou abertamente e em voz alta: "Ter cantado menos que 'se você não nos tocar, não tocaremos em você, se você nos tocar, nós o destruiremos!'" Que canalha! Atirar nele não é suficiente; E ainda assim , eles deram a ele apenas dez anos!

—Os comunistas Reunov e Trotiujin começaram a agitar-se como se tivessem sido picados por uma vespa: por que demoraram tanto para convocar o congresso do Partido, se violaram os estatutos (como se fossem deles!) Dez anos para cada um.

—Faina Efimovna Epstein, perplexo com os crimes de Trotsky, perguntou durante uma reunião do Partido: "Mas por que o deixaram sair da URSS?" (Como se o Partido tivesse que lhe prestar contas! Talvez o próprio Jos é Vissarionovich estivesse segurando sua cabeça!) Por aquela pergunta absurda, ele merecidamente recebeu (e cumpriu) *três sentenças* uma após a outra (embora nenhuma os juízes ou promotores de instrução nunca conseguiram explicar-lhe em que consistiu o seu crime).

"No caso da proletária Grusha, estamos simplesmente pasmos com a magnitude de seus crimes." Ele havia trabalhado vinte e três anos em uma fábrica de vidro, sem que seus vizinhos jamais vissem ícones em sua casa. Mas, às vésperas da chegada dos alemães à sua aldeia, pendurou ícones (simplesmente deixou de ter medo, não esqueçamos que perseguiram os ícones) e, detalhe ao qual a instrução deu particular importância, segundo reclamações dos vizinhos, esfregou os solos. (No final, os alemães não chegaram). Para piorar as coisas, perto de sua casa ela pegou um lindo folheto alemão com uma gravura e colocou em um pequeno vaso de flores em sua cômoda. E, apesar de tudo isso, nossos misericordiosos tribunais, considerando a origem proletária da acusada, deram-lhe apenas oito anos no campo, mais três de privação de direitos civis. O marido, entretanto, morrera na frente. A filha estudava em uma escola profissionalizante, mas o setor de pessoal não a deixava em paz: Onde está sua mãe? " Até que, finalmente, a garota *foi envenenada*. (Grusha nunca terminou sua história além da morte de sua filha: ele chorou e foi embora).

E o que Guennadiy Sorokin, um estudante do terceiro ano do Instituto Pedagógico de Chelyabinsk, merece se publicou dois artigos de sua autoria

em uma revista literária de estudantes? O "pequeno carretel", ^[ea] dez anos.

E para ler Iesenin? É que esquecemos tudo. Amanhã dirão: «Não, engana-se, Iesenin sempre foi um poeta popular e respeitado»... Mas Iesenin foi um poeta contra-revolucionário, e os seus versos, literatura subversiva. Na Diretoria de Segurança de Ryazan, eles apresentaram a seguinte acusação contra MI Potavov: “Como você ousa ficar entusiasmado (antes da guerra) com Iesenin, quando Joseph Vissarionovich declarou que o melhor e mais talentoso dos poetas soviéticos era Maiakovski? É daí que sai o seu fundo anti-soviético! ”

E já aquele aviador civil, co-piloto de um "Douglas", é um anti-soviético declarado! Não apenas uma edição das obras completas de Iesenin lhe foi confiscada, ele não apenas relatou que na Prússia Oriental, antes de chegarmos, as pessoas viviam muito bem, mas que em uma *discussão pública*, em sua unidade, ele entrou em contradição Respeito Ehrenburg à Alemanha. (Dada a postura de Ehrenburg na época, não é difícil adivinhar que o aviador pretendia ser mais tolerante com os alemães.) ^[164] Uma discussão pública e de repente é discutida! Conselho de guerra e dez anos, mais cinco de "focinho".

Um ano antes das autoridades emitirem a ordem, IF Lipai já havia criado um *kolkhoz* em seu distrito, e *kolkhoz* absolutamente voluntário! Decida por si mesmo: poderia Ovsianikov, o delegado da GPU, tolerar tal conspiração? Eu não quero o seu bem, faça o meu mal! O *kolkhoz* foi declarado um kulak organização , e ele próprio Lipai foi preso como "Kulakado."

O trabalhador FV Chavirin referiu-se em voz alta (!) Ao testamento de Lenin durante uma reunião do Partido. É dado imaginar um crime mais hediondo? Esse é realmente um inimigo declarado! No primeiro ano de Kolyma, ele acabou perdendo os poucos dentes que lhe restavam após o treinamento.

Esses são os horríveis criminosos que emergiram do artigo 58. E, além disso, havia outros insidiosamente clandestinos. Por exemplo, Peres Herzenberg de Riga. De repente, ele se mudou para a República Socialista da Lituânia e se registrou lá como natural da *Polônia*. Agora, ele era, na realidade , um judeu letão. O mais ultrajante neste caso é esta intenção de enganar o próprio país! Em outras palavras, ele contava conosco para deixá-lo ir para a Polônia, de onde desapareceria para Israel. Espere um minuto,

meu amigo! Você não gostou de Riga? Bem, direto para o GULAG! Traidor da pátria na intenção, dez anos.

E você tem que ver como alguns se escondem ...! Em 1937 descobriram, entre os trabalhadores da fábrica "Bolchevik" (em Leningrado), ex-alunos da Escola Profissional que em 1929 assistiram a um discurso de Zinoviev. (Eles encontraram a lista de participantes, anexada à ata). Eles o esconderam por oito anos, eles se infiltraram nas fileiras do proletariado. Todos foram presos e fuzilados.

Marx disse: "O estado se mutila quando transforma um cidadão em um criminoso."^[165] E, a seguir, explicou de maneira muito comovente que o Estado deve ver em cada transgressor da lei também um homem de sangue de fogo, um soldado que defende sua pátria, um membro da comunidade, um um chefe de família "cuja existência é sagrada" e, acima de tudo, um cidadão. Mas nossos juristas não têm tempo para ler Marx, e muito menos passagens tão pouco pensadas. Quanto a Marx, se desejar, peça-lhe que leia nossos regulamentos.

Eles alegarão que essa enumeração é monstruosa? Incongruente? O que não é confiável? Que a Europa não vai acreditar?

Claro que a Europa não vai acreditar. Até que a *ponham*, ela não vai acreditar. Ele acreditou de uma vez por todas em nossas revistas brilhantes, e mais não lhe passa pela cabeça.

E quanto a nós? Há cerca de cinquenta anos, também não teríamos acreditado. Nem mesmo cem. Belinsky, Chernishevsky, eles não teriam acreditado. Mas se cavarmos um pouco mais fundo, em Pedro, o *Grande* ou antes, por que não acreditar? O que há de errado com isso vem de sempre:

Disse o carcereiro Senka: «Não mexa na minha barba! Sou servo do czar nosso senhor, portanto minhas barbas também pertencem ao czar ». Artigo 58, dado chicotadas para punição pública .

O segundo-tenente dos arcabuzeiros Juanillo Raspopin mostrou um dedo e disse: "Aqui está para você com o czar." Artigo 58, dado chicotadas para punição pública.

Disse o comerciante Blestin, em uma briga com os cossacos: "O tolo é o poderoso duque, para dar comida e bebida aos cossacos!" Artigo 58, chicoteado para punição pública.

O nobre Ivan Pashkov: «Nosso senhor czar é Santo Anastácio». O sacristão da igreja de Santo Atanásio, Nedjan, respondeu-lhe: "E por que o Czar reza a Santo Anastácio?" (Era época de Páscoa, os dois estavam bêbados). Moscou os condenou com imparcialidade: "Que o senhor seja açoitado por castigo público. Caso contrário, o sacristão é espancado. ^[166]

Pelo menos todos estão em silêncio. O que se pretende.

* * *

Antes, na Rússia, os *políticos* e a pequena burguesia eram pólos opostos. É impossível encontrar duas formas de viver e pensar mais diferentes uma da outra.

Na URSS, eles começaram a deter os pequeno-burgueses como "políticos".

E por isso os políticos são agora tão parecidos com a pequena burguesia.

Metade do arquipélago era composta por cinquenta e oito. E não havia políticos ... (Se todos os Cinquenta e Oitos fossem *políticos de verdade*, em que *banco* estariam os que estão no poder há muito tempo!)

Este artigo 58 incluía todos aqueles para os quais não era correto encontrar um artigo de direito comum. A mistura e a variedade eram ^[167] inimagináveis. Inscrever alguém na Cinquenta e Oito foi a maneira mais fácil de removê-los, de retirá-los de circulação rápida e para sempre.

E então havia apenas *parentes*, em particular as esposas «MF». Agora é muito enfatizado que as mulheres de altos funcionários foram tiradas de MF, mas o costume existia antes: assim, as famílias da nobreza e dos intelectuais renomados e do clero foram eliminadas. Ainda na década de 1950: o historiador J., por erros de princípio cometidos em seu livro, recebeu 25 anos. Mas havia algo a ser dado à mulher? "Dois duros." Mas por que deixar sua mãe de 75 anos e sua filha de 16 para trás? Eles também foram dados para não reclamar.

E os quatro estavam dispersos em vários campos, sem direito a comunicação por carta.

Os seres mais pacíficos, calmos, longe da política, mesmo analfabetos, pessoas que antes de sua prisão pensavam apenas em seus pequenos problemas diários, foram varridos pelo turbilhão de dor e morte imerecidas, ainda mais cinzentas e o covarde Cinquenta e Oito se tornou,

perdendo tudo o que restava de significado político e se tornando uma manada perdida de homens perdidos.

Mas não basta indicar *quem* constituiu o artigo 58; o importante é que sabe *o que a vida era reserv-los ada* no campo.

Desde os primeiros anos da revolução, essas pessoas foram perseguidas por todos os lados, tanto pelo regime disciplinar quanto pelas formulações dos advogados.

Tomemos, por exemplo, a Ordem VCHK nº 10 de 8 de janeiro de 1921; Por meio dela aprendemos que é proibido prender sem fundamentos sólidos um camponês e um operário, então , *pelo contrário sensu*, um intelectual pode, digamos, por antipatia. Ouçamos Krylenko no V Congresso de Trabalhadores da Justiça em 1924, e aprenderemos que: "... no que diz respeito aos condenados de classes socialmente hostis ... eles *não* podem e *não merecem* emendá-los." No início da década de 1930, somos novamente lembrados de que reduzir sentenças a elementos socialmente hostis é uma manobra oportunista da direita. Igualmente oportunista é "a concepção de que na prisão todos são iguais", de que "a partir do momento em que a sentença é ditada a luta de classes chega ao fim", de que na prisão l "o inimigo de classe começa a "emendar-se" ».

Isso significa, no conjunto, que a qualquer momento podemos prendê-lo *sem motivo*, que não vale a pena alterá-lo, que no campo reservamos para você a situação mais humilhante e acabaremos com você com a luta de classes.

Mas ei, a última coisa, como deve ser entendido? No campo e no topo dessa luta de classes? À primeira vista, parece que, de fato, todos os prisioneiros são iguais. Ei, pare, pare, essa concepção é burguesa! Por isso mesmo, a fim de agora poder atacá-los, o privilégio dos Cinquenta e Oito de ser separado dos criminosos da common law foi suprimido! (Isso foi inventado por aqueles homens que nas prisões czaristas tiveram a oportunidade de compreender a força de uma possível aliança política, de um protesto político, e o perigo que representa para o regime).

E aí precisamente temos Averbach, ele vai nos explicar: "A tática da reeducação é baseada na estratificação de classe é ..., contar com as camadas mais próximas do proletariado." (O que você quer dizer com "amigos íntimos"? Bem, os "ex-trabalhadores", isto é, os *ladrões!* Então,

para incitá-los contra os Cinquenta e Oito!) "A reeducação é impossível sem a excitação das paixões políticas "(sic).

Portanto, quando a nossa vida estava totalmente à mercê dos ladrões, não era por simples descuido dos patrões indolentes, era no cumprimento da Teoria!

“Desenvolvimento de um regime de detenção diferenciado de acordo com a classe social ..., pressão administrativa ininterrupta sobre elementos socialmente hostis”. Você, arrastando aquela frase sem fim na sua jaqueta rasgada, de cabeça baixa, consegue imaginar? Uma *pressão administrativa ininterrupta* exercida sobre ele...!

Sempre neste livro admirável, encontramos até uma enumeração de métodos a serem usados no campo para tornar a vida insustentável para os Cinquenta e Oito. Não se limita à restrição de visitas , pacotes, correspondência, direito de recurso e direito de circular (!) O campo. Formando equipamento especial também é sugerido compostos por elementos socialmente estrangeiros, *que será sujeito a condições mais difíceis* (deixe-me explicar: que ele seja roubado no cálculo do trabalho feito); a violação, por tais equipes, das normas estabelecidas, será classificada como "ofensiva do inimigo de classe". (É daí que vem todo o tiroteio coletivo em Kolyma!) Também há sugestões de melhorias concretas: não mirar nos *kulaks* e *kulakados* (ou seja, os camponeses mais detidos, que até em seus sonhos viam o cultivo da terra) para o trabalho agrícola! E também: a elementos socialmente hostis profissionalmente qualificados (ie engenheiros), não confie nenhum trabalho de responsabilidade "sem controle prévio". (Mas há alguém no campo qualificado o suficiente para controlar os engenheiros? Talvez a cavalaria leve de ladrões da Seção Educacional-Cultural, algo como os Guardas Vermelhos chineses?) Esse conselho é difícil de dar na prática, no caso de canais, porque as eclusas não se projetam, o layout não é feito sozinha, e o tom de Averbach torna-se quase implorante: Tudo bem; mas que os especialistas passem pelo menos seus primeiros seis meses no campo nos *gerais* ! (Tempo mais do que suficiente para morrer!) Então, diz ele, não vivendo em um quartel intelectual privilegiado, "eles experimentam a influência do grupo", "os contra-revolucionários percebem que as massas estão contra eles e os desprezam".

Como é simples, quando a ideologia de classe é dominada, mudar as coisas! Alguém acomodou um "ex" ou um intelectual em uma posição de

plug-in? Isso significa que "ele está reservando os empregos mais difíceis para prisioneiros de origem proletária"! Se um ex-oficial trabalha no depósito de roupas do campo e jaquetas estão faltando, ele está "negando-os conscientemente"! Se alguém disse a alguns *registros*, "os outros não poderão chegar até você", eles são um inimigo de classe! Quando um ladrão se embriaga, foge ou rouba, é explicado a ele que não é sua culpa, que o inimigo de classe o fez beber, ou o induziu a fugir, ou o levou ao roubo! (Que um intelectual induz *um ladrão a roubar* ... e isso está escrito com muita seriedade no ano de 1936!) E se o "elemento estranho" apresenta bons índices de desempenho é porque "funciona para fins de camuflagem"!

Não há saída! Trabalhe ou não, ame-nos ou não, nós te odiamos e vamos te aniquilar nas mãos de ladrões!

Piotr Nikolaievich Ptitsyn (prisioneiro em '58) suspira: 'E pensar que os verdadeiros criminosos nem mesmo são capazes de um trabalho sério! Quem se dedica ao trabalho deixando nela a vida é justamente o homem inocente. Esse é o drama: o inimigo do povo é o amigo do povo.

Mas seu sacrifício não é bem-vindo.

“Inocente!” É assim que se sente aquele político substituto deportado para os campos. Deve ser a primeira vez que tal fenômeno ocorre na história mundial das prisões: milhões de presos que sabem que são inocentes e que estão convencidos da inocência de seus companheiros, todos eles cientes de que *ninguém cometeu o mínimo culpa*. (Dostoievski na prisão, teve *um* único companheiro inocente!)

No entanto, aquelas multidões ocasionais trancadas atrás do arame farpado, não por causa da lógica de suas convicções, mas por um capricho do destino, não encontraram nenhum apoio na consciência de sua não culpa, e seria mesmo necessário ver se ainda não sentiam. mais deprimidos com o absurdo de sua situação. Mais apegados à existência anterior do que a qualquer tipo de convicção, não mostravam vocação para o sacrifício, nem unidade de pensamento, nem espírito de luta.

Uma vez na prisão, células inteiras se tornaram presas de dois ou três bandidos inteligentes. Chegaram aos campos já completamente destruídos, prontos apenas para dobrar as costas sob o cacete do divisor e do criminoso, sob o punho do chefe da equipe, capaz apenas de assimilar a filosofia (falta de união; cada um por si; todos eles se enganam) e a linguagem dos campos.

E. Olitskaia, que acabou em um campo comum em 1939, contemplou com o olhar atônito de um socialista que conhecera os Solovki e as celas de confinamento solitário, o espetáculo oferecido por aqueles Cinquenta e Oitos. Antigamente, e ela ainda se lembrava, os políticos dividiam tudo, mas agora cada um vivia e mastigava para si, e eles haviam chegado ao ponto de traficar roupas e comida!

Ana Skripnikova chamou [nós] diretamente de uma *turba política*. Ela recebeu a seguinte lição em 1925: queixou-se ao juiz de instrução que o chefe do Lubyanka arrastava seus companheiros de cela pelos cabelos. O homem *riu* e perguntou: "Ele arrastou você também?" "Não, mas sim para meus companheiros!" Em seguida, exclamou com ar imponente: "Nossa, que medo que você esteja protestando! Termine com aqueles WILD RUSSIAN INTELLIGENTSIA HEAVY! Eles são EXCEDIDOS! Pense APENAS EM SI MESMO, ou você vai se divertir muito!"

E esse era justamente um princípio básico dos malfeitores: "Eles não te esfola, não mexe!" Em 1925, o juiz de instrução de Lubyanka já tinha a filosofia do criminoso!

Assim é que à pergunta (absolutamente maluca para uma pessoa culta) de se um prisioneiro político pode roubar um prisioneiro político, nós também responderemos em tom de espanto: "E por que não?"

E ele pode *doar*? Claro que sim! Você vai ser menos do que os outros?

Quando, seguindo *Ivan Denisovich*, ingenuamente se opuseram a mim: "Mas por que os seus políticos se expressam com o vocabulário dos criminosos?", Eu respondo: "E se não houver outra linguagem que não no Arquipélago? A turba política está em posição de impor sua própria linguagem à turba criminosa?"

Se estão constantemente metendo na cabeça que são criminosos, como todo mundo, que são os mais culpados dos criminosos e que, em nosso país, os não criminosos nem conhecem a prisão ...!

Uma vez que a coluna vertebral dos Cinquenta-Oitos está quebrada, NÃO há mais políticos. Todos eles foram despejados no esgoto sujo do Arquipélago, foram enviados para morrer nos locais de trabalho, gritando incessantemente a mentira de que todo homem é inimigo do próximo!

Existe um ditado que diz: "Quando a fome bate, até o mudo recupera a voz"; mas nossos nativos não o recuperaram. Nem mesmo sob as garras da fome.

E ainda ... ainda, quão fácil teria sido salvar a si mesmo! Simplesmente por não estar tão apegado à vida, a uma vida perdida de qualquer maneira, simplesmente por estreitar as fileiras ...

Às vezes, grupos estrangeiros intactos faziam isso, por exemplo, japoneses. Em 1947, eles trouxeram para Revuchi - *um lagpunkt* disciplinar dos campos de Krasnoiarsk - cerca de quarenta oficiais japoneses, chamados de "criminosos de guerra" (embora seja difícil imaginar que crimes eles poderiam ter cometido contra nós). Estava muito frio. Eles foram enviados para derrubar árvores, um trabalho que ultrapassou as forças dos próprios russos. Eu *neguei* ^[170] não demorou muito para que ele desviasse alguns deles e, em várias ocasiões, pegasse a bandeja inteira de pão deles. Perplexos, os japoneses esperavam uma intervenção das autoridades, mas as autoridades, naturalmente, não perceberam. Em seguida, o chefe de sua equipe, o coronel Kondo, acompanhado dos dois oficiais de mais alta patente, apareceu uma tarde no escritório do chefe do campo e avisou-o (falavam russo perfeitamente) que se essas arbitrariedades não fossem eliminadas, amanhã de madrugada dois oficiais voluntários farão o harakiri. E isso foi apenas o começo. O chefe do campo (o animal de Iegorov, um ex-comissário político do regimento) percebeu imediatamente que a coisa poderia ter consequências. Por dois dias seguidos a equipe japonesa não foi levada ao trabalho, deram-lhe uma alimentação normal e, por fim, tiraram-no da disciplina.

Quão pouco é necessário para lutar e vencer! SÓ isso: não ter apego à vida, essa vida perdida de qualquer maneira.

Mas, constantemente misturados com criminosos e criminosos comuns, os nossos Cinquenta e Oito nunca tiveram a oportunidade de ficarem sozinhos: para que não pudessem se enfrentar e saber QUEM SOMOS. Quanto àquelas mentes lúcidas, aquelas bocas de fogo, aqueles corações intrépidos que poderiam ter se tornado líderes das prisões e dos campos, aqueles, reservados quase desde o início, haviam sido isolados, amordaçados, escondidos em celas especiais de confinamento solitário, filmado em porões.

* * *

No entanto, e em virtude de uma notável peculiaridade da vida, já indicada pelo taoísmo, devemos esperar até que, precisamente quando não houver

mais presos políticos, haverá verdadeiros presos.

Agora, atrevo-me a afirmar que a era soviética não só viu verdadeiros prisioneiros políticos, mas que:

1. Eles eram *mais numerosos do* que na época dos czares, e
2. Eles mostraram *maior firmeza e coragem do* que os revolucionários de antes.

À primeira vista, essas declarações podem parecer contradizer o que foi declarado acima, mas não são. Na Rússia czarista, os presos políticos gozavam de uma posição muito vantajosa, estavam no centro das atenções, com eco imediato na sociedade e na imprensa. Já tivemos ocasião de ver (parte I, cap. XII) que na Rússia Soviética a posição dos socialistas era incomparavelmente mais difícil.

Mas agora os políticos não eram compostos apenas por socialistas. Apenas, dissolvidos em uma concentração de quinze milhões, eles representavam o que alguns cubos de água no imenso oceano. Já não os víamos ou ouvíamos. Eles ficaram em silêncio. Mais mudo do que ninguém. Eles eram a própria imagem dos peixes.

O peixe, símbolo dos primeiros cristãos ... E foram precisamente os cristãos que quiseram formar o seu destacamento principal. Aos SCOs, mal - educados, incapazes de falar do alto de um pódio ou de escrever um manifesto clandestino (suas coisas, aliás, absolutamente desnecessárias para sua fé!) Preferiam ir para o campo, martírio e morte, antes negar a fé. Eles sabiam perfeitamente bem *por que* estavam ali e permaneceram inabaláveis em suas convicções. Eles foram talvez os únicos impermeáveis à linguagem e filosofia dos campos. E estes não são presos políticos? Pelo menos eles não podem ser chamados de ralé.

As mulheres eram particularmente numerosas em suas fileiras. Diz o taoísmo: "Quando a fé entra em colapso, aparecem os verdadeiros crentes." Com as ironias ilustradas sobre o clero ortodoxo, com os miados dos Komsomoles durante o serviço da Páscoa, com os apitos dos criminosos nas cadeias de trânsito, passou-nos despercebido que a pecadora Igreja Ortodoxa tinha aparecido filhas dignas do primeiro tempos do cristianismo, irmãs daqueles que foram lançados aos leões na areia.

Havia milhares de cristãos, festas e ossários, festas e ossários, mas quem pode contá-los? Eles pereceram no escuro, brilhando sua luz, como

uma vela, a poucos passos deles. Eles eram os melhores cristãos da Rússia. Os outros, os piores, ficaram com medo, negaram, se esconderam.

E isso, não está sendo *mais numeroso*? A Rússia czarista alguma vez teve tantos prisioneiros políticos? Se ele nem soubesse contar dezenas de milhares!

Mas o esmagamento de nossos políticos foi feito com tanta precisão, tão completamente sem testemunhas, que a história de qualquer um deles raramente chega aos nossos ouvidos.

Bispo Preobradjenski (traços de Tolstoi, barba branca). Prisão-exílio-campo, prisão-exílio-campo ("Grande Aryan Solit "). No final desses longos e extenuantes anos, em 1943, foi convocado para o Lubyanka (durante a viagem, os criminosos o despiram de seu chapéu cilíndrico alto), onde propuseram que participasse do Sínodo. Depois de tantos anos, ele pode muito bem se dar ao luxo de descansar da prisão! Bem, não, recuse: não é um Sínodo puro, não é uma Igreja pura. E de volta ao campo.

E de Valentin Felixovich Voino-Iasenetski (1877-1961) (Monsenhor Lucas), autor do famoso tratado *Cirurgia Purulenta*? Não há dúvida de que um dia a história de sua vida será escrita, e não cabe a nós falar sobre ele agora. Esse homem desperdiçou talento. Antes da revolução, ele ingressou na Academia de Belas Artes por competição, mas a abandonou para melhor servir à Humanidade como médico.

Nos hospitais da Primeira Guerra Mundial, ele se destacou como cirurgião oftalmologista habilidoso e, após a revolução, dirigiu uma clínica em Tashkent, famosa em toda a Ásia Central. Antes dele fez uma carreira sem sobressaltos, como a que as nossas prósperas celebridades de hoje seguiram, mas Voino-Iasenetski sentiu que esta forma de servir era insuficiente e foi ordenado sacerdote. Ele pendurou um ícone em sua sala de cirurgia e ministrou seus cursos para alunos em jaquetas e com uma cruz no peito (1921). O Patriarca Tijon teve tempo de nomeá-lo bispo de Tashkent. Na década de 1920, Voino-Iasenetski estava confinado à região de Turujansk; ele pôde retornar graças à intervenção de numerosas personalidades, mas sua cadeira e sua diocese já estavam ocupadas. Ele então se dedicou à prática da Medicina (sua insígnia dizia "Bispo Lucas"). Os doentes chegavam em massa (entre eles não poucos bolcheviques, em segredo), e o excedente de sua renda distribuía aos pobres.

É notável como eles se livraram disso. Seu segundo confinamento (para Arjanguelsk, 1930) não foi pelo artigo 58, mas por "incitação ao

assassinato" (uma história sem cabeça, segundo a qual, ele teria influenciado a esposa e a sogra do fisiologista Mikhailovsky, que Na verdade, ele havia cometido suicídio; agora privado de juízo, o homem injetou nos cadáveres soluções que impediam a decomposição, e os jornais estavam barulhentos com "o triunfo da ciência soviética " e "a ressurreição alcançada pelo homem"). Este procedimento administrativo obriga-nos a uma formulação ainda menos estrita do que é um verdadeiro prisioneiro político. O principal critério é a oposição ao regime, se não ativo, pelo menos intelectual ou moral. Quanto ao "artigo" em si, nada indica (muitos filhos de *kulaks* foram presos como ladrões, mas no campo revelaram-se verdadeiros políticos).

Confinado em Arjanguelsk, Voino-Iasenetski desenvolve um novo método de tratamento de feridas purulentas. Eles o chamam para Leningrado, e Kirov tenta convencê-lo a desligar os hábitos, após o que ele concorda em entregar o endereço de uma faculdade. Mas o teimoso bispo nem sequer concordou em publicar seu livro sem declarar , entre parênteses, sua dignidade episcopal! Assim, sem corpo docente e sem livro, chegou ao fim do seu confinamento em 1933 e regressou a Tashkent, onde foi condenado pela terceira vez ao reclamo, agora na província de Krasnoiarsk. Desde o início da guerra trabalhou em hospitais militares da Sibéria, aplicando seu método de tratamento de feridas purulentas, que lhe valeu o [\[171\]](#) Prêmio Stalin. Ele concordou em recebê-lo apenas em trajes episcopais!

E os engenheiros? Quantos deles foram eLivross e fuzilados por se recusarem a assinar confissões estúpidas e indignas? Entre todos, destaca-se, com particular brilho, Piotr Akimovich Palchinski (1875-1929), engenheiro e estudioso de notável amplitude de conhecimentos. Formado pela Escola de Minas em 1900, eminente especialista na exploração de subsolos, estudou e escreveu, como podemos ver na lista de suas obras, sobre problemas gerais de desenvolvimento econômico: flutuações de preços na indústria; exportação de carvão; equipamento e operação de portos europeus; problemas econômicos de exploração portuária; técnicas de segurança na Alemanha; concentração nas indústrias de mineração inglesas e alemãs; economia mineira; restauração e desenvolvimento da indústria de materiais de construção na URSS; formação geral de engenheiros nas escolas; além de obras da sua especialidade: descrições monográficas de certas regiões e de certos sítios (e ainda não temos a sua bibliografia completa). Como Voino-Iasenetski na Medicina, Palchinski não

teria problemas em se limitar à sua engenharia, mas assim como o primeiro não conseguia parar de se comprometer com o sacerdócio, era impossível para o segundo se abster da política. Como aluno da Escola de Minas, Palchinski fora identificado pelos gendarmes como um "líder do movimento"; em 1900, ele presidiu uma assembleia de alunos. Já engenheiro, em Irkutsk em 1905, desempenhou um papel proeminente na agitação revolucionária, e envolvido no "caso da República de Irkutsk", foi condenado a trabalhos forçados. Ele foge e parte para a Europa. Muito antes de ser um simpatizante anarquista, ele se tornou amigo de Kropotkin. Ele dedicou seus anos de emigração para se aperfeiçoar em vários ramos da engenharia, estudando técnica e economia européias, mas sem perder de vista um programa de publicações populares "destinadas a fazer os ideais anarquistas penetrarem nas massas". Foi anistiado em 1913 e ao regressar à Rússia escreveu a Kropotkin: «Como programa de actividade na Rússia proponho ... onde estiver em condições de o fazer, participar no desenvolvimento geral das forças produtivas do país e no desenvolvimento de atividades sociais autônomas no sentido mais amplo da palavra. ^[172] Desde sua primeira visita aos grandes centros da Rússia, choveram propostas para ele: oferecem-lhe a candidatura para o cargo de secretário do Comitê do Congresso das Indústrias de Mineração, propõem "brilhantes cargos de gestão no Donbass", empregos de consultor em Bancos, cursos na Escola de Minas, cargo de diretor no Departamento de Mineração. Aparentemente, na Rússia não há muitos homens tão educados com tanta dedicação ao trabalho!

E o que a sorte reserva para você? Já dissemos anteriormente (parte I, capítulo X) que durante a guerra ele foi vice-presidente do Comitê da Indústria Militar e, após a revolução de fevereiro, Subsecretário de Comércio e Indústria. Deve ter sido um dos membros mais enérgicos do distraído Governo Provisório, pois nos dias do *golpe de* Kornilov ocupou o cargo de governador militar de Petrogrado, ^[173] e nos dias de outubro o vemos dirigindo a defesa do Palácio de Inverno. Ele foi imediatamente preso na fortaleza SS. Pedro e Pablo, ele ficou quatro meses lá, é verdade que o soltaram. Em junho de 1918 foi novamente preso sem qualquer tipo de acusação, e em 6 de setembro do mesmo ano foi incluído na lista de cento e vinte e duas personalidades declaradas reféns. ("Se ... um único líder soviético for assassinado novamente, os reféns cuja lista fornecemos

abaixo serão fuzilados.” Petrogrado *Tcheco* , Presidente G. Boki, Secretário A. Ioselevich).^[174] No entanto, ele não foi baleado, e até ao final do mesmo ano ele foi libertado devido à intervenção prematura do alemão social-democrata Karl Moor (espantado ao ver que os homens que deixaram a apodrecer na cadeia). Desde 1920, Palchinski é professor da Escola de Minas, visita Kropotkin em Dmitrov, após sua morte, ocorrida pouco depois, forma um comitê para perpetuar (sem sucesso) sua memória, e muito em breve, por uma razão ou outra, eles o encarceraram novamente. Nos arquivos, há um curioso documento relativo à libertação de Palchinski após seu terceiro confinamento sob os soviéticos; É uma carta dirigida ao Tribunal Revolucionário de Moscou datada de 16 de janeiro de 1922:

Tendo em vista que no dia 18 de janeiro do corrente ano , às três horas, o consultor permanente de Gosplán, engenheiro PA Palchinski, deverá comparecer como orador do Gabinete Sul para discutir o problema da reconstrução da metalurgia Na zona sul, tema atualmente de enorme importância, a Presidência de Gosplán solicita ao Tribunal Revolucionário a libertação do camarada Palchinski no momento indicado, para que possa cumprir a missão que lhe foi confiada.

PRES. DEL GOSPLAN, KRIDJANOV S KI.^[175]

Solicite (e sem muita autoridade). E só porque a metalurgia do Sul «tem hoje uma enorme importância»... e só para «cumprir a missão que lhe foi confiada», porque, depois, deixe-os fazer o que quiserem com ela, como se quisessem levá-lo de volta para a cela!

Mas não; Permitiram-lhe trabalhar um pouco mais no restabelecimento das operações mineiras na URSS, após o que, depois de ter demonstrado admirável fortaleza na prisão, foi fuzilado, sem julgamento, em 1929.

Você tem que odiar seu próprio país, você tem que ser totalmente estranho a ele, a fim de atirar no orgulho da nação, na essência de seu conhecimento, sua energia e seu talento!

E não aconteceu a mesma coisa doze anos depois com Nicolai Ivanovich Vavilov? Vavilov não é um verdadeiro político (pela força)? Em onze meses de instrução, ele foi interrogado quatrocentas vezes. E quando ele finalmente compareceu ao Tribunal (9 de julho de 1941), ele não se considerou culpado!

E o que dizer do professor Rodionov, especialista em tecnologia hidráulica, um caso sem a menor importância internacional? Vitovski nos conta que, ao ser preso, esse homem *se recusou a* trabalhar em sua especialidade, embora essa fosse a maneira mais fácil para ele. E ele costurou botas. Não é um verdadeiro político? Técnico hidráulico do Pacífico, não se preparou para a luta, mas pelo simples facto de nos termos oposto firmemente, pelas suas convicções, à vontade dos seus carcereiros devemos considerá-lo um verdadeiro prisioneiro político; Ou o que mais está faltando? Um cartão de afiliado?

Assim como há estrelas que adquirem repentinamente um brilho incomum e se apagam após um breve resplendor, há homens que, sem a menor predisposição para a política, são capazes de produzir uma luz poderosa na prisão e perecer logo em seguida. Esses casos geralmente não chegam aos nossos ouvidos. Às vezes, uma testemunha os relata. Às vezes, permanece um papel confuso que nos permite apenas fazer conjecturas :

Iakov Efimovich Pochtar, nascido em 1887, sem partido, ^[eb] médico. Desde o início da guerra, ele estava na Base Aérea nº 45 da Frota do Mar Negro. Primeira sentença do Tribunal Militar da Base de Sebastopol (17 de novembro de 1941), cinco anos ITL. Ele ainda se safou. Mas o que acontece? Em 22 de novembro do mesmo ano, segunda frase: o pelotão de fuzilamento. E atiraram nele no dia 27 do mesmo mês. O que pode ter acontecido ao longo desses fatídicos cinco dias, entre os dias 17 e 22? Brilhou brevemente, como a estrela? Ou os juízes simplesmente ^[176] perceberam que deram a ele muito pouco?

E os trotskistas? Aqueles eram verdadeiros prisioneiros políticos , não podemos negar!

(Eles gritam comigo! Eles tocam a campanha: Mandar, mandar! Conte-nos sobre os únicos prisioneiros políticos, os comunistas inabaláveis que mesmo no campo mantiveram sua fé inalterada sem reservas ...! Ok, vamos reservar o próximo capítulo para você)

Um dia os historiadores se dedicarão a investigar a partir de que momento uma torrente de *juventude política* começou a fluir entre nós . Eu diria que foi de 1943-1944 (não me refiro aqui à juventude socialista e aos trotes Kista). Esses meninos, quase escolares (lembremos o "partido democrático" de 1944), de repente resolveram procurar uma plataforma diferente daquela que lhes foi insistentemente proposta, aquela que

praticamente puseram pelo nariz ... Que outro nome lhes pode ser dado? não o dos presos políticos?

Só que também não sabemos nada sobre eles e nunca saberemos mais.

E a Arcadyi Belinkov, que vai para a cadeia por causa de seu primeiro romance, *Feelings in draft* (1943) - claro, não editado -, e continua a escrever no campo (mas à beira da morte confia no informante Kermaier , que vale uma segunda frase), podemos negar-lhe o título de político?

Em 1950, um grupo de alunos da Escola Profissional de Mecânica de Leningrado criou um partido com um programa e estatutos. Muitos deles foram baleados. Foi contado por Aaron Levin, condenado a 25 anos. É isso, um pequeno marco na beira da estrada.

Nem é preciso dizer que nossos políticos contemporâneos precisam de muito mais firmeza e coragem do que os revolucionários que os precederam. Antigamente, para grandes ações eles davam penalidades leves e, afinal, os revolucionários não precisavam de tanta coragem; em caso de insucesso, arriscavam-se apenas a si próprios (não aos familiares) e nem sequer expunham a cabeça: o máximo que lhes podiam dar era uma pena relativamente curta.

O que significava antes da revolução colar folhetos? Diversão, nem mais nem menos, do que roubar maçãs, não iam dar nem três meses. Mas quando os cinco meninos do grupo de Vladimir Guershuni imprimem panfletos: "Nosso governo está comprometido", é necessária mais ou menos a mesma determinação dos cinco meninos do grupo de Alexandr Ulyanov para atacar o czar.

E como esse impulso nasce espontaneamente, como se inflama por si mesmo! Na cidade de Leninsk-Kuznietsk, há apenas uma escola para meninos. Já no nono ano, ^[ec] cinco meninos (Misha Bakst, chefe de sua célula Komsomol; Tolia Tarantin, também militante do Komsomol ; Velvel Reichtman, Nicolai Koniev e Iur Anikanov) perderam a despreocupação. Não chupe seus miolos ou meninas ou danças da moda, não; O que acontece é que olharam à sua volta, viram o alcoolismo e a barbárie na sua cidade, e começaram a investigar, a pesquisar nos seus manuais de história, tentando, nos seus limitados meios, relacionar-se, comparar ... Coincidindo com sua entrada no décimo ano, pouco antes das eleições para os soviets locais (1950), eles imprimem seu primeiro (e último) folheto rudimentar:

Ei, trabalhador! Estamos vivendo hoje aquela vida pela qual nossos avós, nossos pais e nossos irmãos lutaram e morreram? Trabalhamos e eles nos dão quatro putas miseráveis, e até aquelas que sentem nossa falta ... Leia e pense como é a sua vida ...

Também se limitam a pensar e, por isso mesmo, nada incitam. (Seu plano incluía um ciclo de folhetos no mesmo estilo e a confecção de um mimeógrafo caseiro).

Para colar os pasquines saíam em grupo à noite, um aplicava quatro bolinhas de migalhas de pão na parede e outro colava o papel.

No início da primavera um novo pedagogo veio até a classe onde eles estavam e propôs... preencher alguns formulários em caracteres impressos.

[177] O diretor implorou em vão para não prendê-los antes do final do ano letivo. Já resumindo, o que os meninos mais lamentaram foi perder sua própria festa de formatura. "Confesse quem dirigiu você!" (Os homens da Segurança do Estado não podiam acreditar que esses meninos simplesmente agiam de acordo com sua consciência; algo completamente implausível! Você só vive uma vez, certo? Por *que se fazer perguntas?*) Masmorra, interrogatórios noturnos, dias inteiros em pé. Sessão a portas fechadas (naturalmente!) Do Tribunal Provincial. Advogados lamentáveis, consultores populares [ed] intrigado, o promotor implícito Trutniev. Para todos, de oito a dez anos; Todos os meninos de dezessete anos para os campos especiais.

Não, o velho ditado não mente: «Procure o valente homem na prisão; ao tolo, de comissário político».

Eu escrevo para a Rússia do silêncio e, portanto, direi pouco sobre os trotskistas: são todos gente da pena, e aqueles que conseguiram sobreviver certamente já prepararam Memórias detalhadas e serão capazes de descrever seu épico dramático de forma mais completa e precisa do que eu poderia fazer isso.

S algo nly para uma visão geral.

No final da década de 1920, os trotskistas travaram uma guerra clandestina regular, usando toda a experiência dos revolucionários de antigamente, mas com a diferença de que a GPU diante deles não era tão

boba quanto a Okhrana czarista. Não sei se se prepararam para a destruição total que Stalin destinou a eles, ou se pensaram que tudo ia acabar em piadas e reconciliação. Em todo caso, eles eram pessoas corajosas. (Temo, porém, que se eles tivessem chegado ao poder, eles nos teriam arrastado para uma loucura semelhante à de Stalin). Observe que na década de 1930, quando a água estava até o pescoço, eles continuaram a considerar todo contato com os socialistas como traição e desonra; por isso isolaram-se dos outros em prisões incomunicáveis e nem sequer concordaram em transmitir a correspondência dos socialistas (consideravam-se leninistas). IN a viúva de Smirnov (que havia levado um tiro) evitava o contato com os socialistas, "para não ser vista pelos guardas" (isto é, de certa forma, pelos olhos do Partido Comunista)!

Tenho a impressão (mas não insisto) que a sua "luta" política nas condições do campo não foi desprovida de um certo tom tragicômico , devido a um excesso de vã agitação ... Nos comboios de carroções de gado que os transportavam de Moscovo a Kolyma , os trotskistas organizaram "conexões clandestinas, senhas" ... para que depois as dispersassem em diferentes campos e em diferentes equipes!

Ou, por exemplo, uma equipe do ACRT (isto é, Atividades Contra-Revolucionárias Trotskistas) ganhou honestamente sua ração de "produtor" e, de repente, sem motivo, eles são reduzidos à ração disciplinar. O que fazer? A "célula comunista escondida" examina a questão. Iniciar uma greve? Seria morder a isca. Você quer nos fazer reagir à provocação? Pois bem, iremos de cabeça erguida para trabalhar sem ração! Iremos, mas trabalharemos quanto à ação disciplinar!^[179]

Na mina Utinyi, eles estão se preparando para o 20º aniversário da Revolução de Outubro. Eles pegam trapos pretos ou pintam trapos brancos com carvão. Eles planejam comemorar o 7 de novembro agitando bandeiras negras de luto sobre todas as tendas e cantando a Internacional durante o comício matinal, de mãos dadas com força para não deixar os guardas e os soldados da escolta entrarem em suas fileiras . Cante até o fim, apesar de tudo e de todos! E depois disso, sob nenhum pretexto saia da área para trabalhar! Gritando os slogans "Abaixo o fascismo!" "Viva o leninismo!" "Viva a grande revolução socialista de outubro!"

Esse propósito une em si uma espécie de entusiasmo de partir o coração com uma infrutífera que beira o ridículo ...

De resto, já existe alguém, talvez entre eles, que foi com o *golpe*, porque no dia 6 de novembro todos são enviados para a mina de Iubilei, onde ficam isolados durante as festividades. Encerrados em suas barracas (de onde são proibidos de sair), são ouvidos cantando internacionalmente, enquanto trabalhadores iubileis se dirigem à mina. (Embora, para dizer a verdade, entre os cantores também haja dissidentes: os comunistas presos injustamente permanecem separados, não cantam a Internacional, demonstrando sua ortodoxia através do silêncio).

“Se eles nos prendem , ainda valem alguma coisa” ... Alexandr Boiárchikov consolou- se. Falsa consolação! Quem eles não tinham ...?

O maior sucesso dos trotskistas foi sua greve de fome e trabalho em toda a rede dos campos de Vorkuta. (Já tinha havido outro antes em Kolyma, que, dizem, durou cem dias: exigiram, em vez de internamento em campos, designação de residência, e *ganharam*; prometeram, suspenderam a greve, dispersaram em vários campos e aos poucos foram aniquilando-os). Os dados de que disponho sobre a greve de fome de Vorkuta são contraditórios. Coisas aconteceram, mais ou menos, assim:

A greve começou em 27 de outubro de 1936 e durou 132 dias (foram alimentados artificialmente, mas não suspenderam a greve). Houve vários casos de morte por fome. Suas demandas eram:

—Separação de presos políticos e de direito consuetudinário; ^[180]

—Jornada de trabalho de oito horas;

—Restabelecimento da razão política, ^[181] comida independente da quantidade de trabalho realizado;

- extinção da Conferência Especial (CES), anulação das suas sentenças.

Foram alimentados por sonda e depois espalharam nos campos que faltavam açúcar e manteiga "porque tudo ia para os trotskistas", procedimento digno dos bonés azuis! Em março de 1937, um telegrama chegou de Moscou: as demandas dos grevistas foram totalmente aceitas! Eles suspenderam a greve! Prisioneiros impotentes, como eles poderiam cumprir o que prometeram? Eles simplesmente foram enganados, nenhuma dessas promessas foi cumprida. (Um ocidental não acaba de acreditar, não acaba de entender que assim pode ser. E, no entanto, é a isso que se reduz toda a nossa história). E como se isso não bastasse, todos aqueles que intervieram na greve tiveram que comparecer perante as seções

operacionais da *Cheka*, onde foram acusados de continuar suas atividades contra-revolucionárias.

A grande coruja do Kremlin já contemplava sua vingança.

Logo depois disso , houve outra grande greve de fome na Mina nº 8 em Vorkuta (ou talvez tenha sido parte da anterior). Cento e setenta homens participaram dela; os nomes de alguns deles são conhecidos por nós: o líder da greve, Mikhail Shapiro, ex- trabalhador da usina de Kharkov; Dimitri Kurinevski, membro do comitê Komsomol da província de Kiev; Ivanov, ex-comandante do esquadrão da guarda costeira da frota do Báltico; Orlov-Kamenetski; Mikhail Andreievich; Polevoi-Guenkin; VV Verap, editor do jornal *La Aurora de Oriente de Tbilissi* ; Sócrates Gueverkian, secretário do Comitê Central da Armênia; Grigoryi Zolotnikov, professor de história; a esposa dele.

O núcleo da greve consistia em sessenta pessoas que haviam sido presas juntas em 1927-1928 no isolado Verjné-Uralsk. Durante seu curso, houve uma grande surpresa, agradável para os grevistas e desagradável para as autoridades: vinte *urkas*, liderados por seu chefe, aderiram à greve. (O chefe, apelidado de *Moscou*, ficou famoso no campo por ter entrado no escritório do chefe do campo à noite e se aliviado em sua mesa. Se a coisa tivesse ocorrido a um de nós, ele o faria. Eles teriam atirado ou sem mais, mas nosso *urka* foi poupado de uma ligeira reprimenda: o inimigo de classe não o incitou?) A única coisa que preocupava as autoridades era a traição daqueles vinte criminosos; em termos do "Comitê de Ação dos constituintes dos grevistas ou socialmente hostis, o chefe da seção operativa da *República Tcheca* em Vorkutlag eu disse zombeteiramente:

"Você acha que a Europa vai descobrir sobre sua greve?" Não damos a mínima para a Europa!

Eu tinha razão. Mas ele não tinha o direito de chicotear ou permitir que bandidos socialmente próximos morressem. De resto, mais ou menos no meio da greve as autoridades conseguiram irromper em suas consciências lumpem-proletárias, os criminosos fugiram e o líder *Moscou* explicou na rádio do país que os trotskistas o haviam desencaminhado.

Depois disso, o destino dos outros já estava traçado: a parede. Com a greve, eles próprios submeteram a candidatura oficial e a lista de candidatos.

Não; havia verdadeiros prisioneiros políticos. E muito. E altruísta.

Mas por que os resultados de sua oposição foram tão insignificantes? Por que eles nem mesmo deixaram algumas bolhas leves na superfície? Já o veremos. Mais tarde. [\[182\]](#)

XI

Os Legalistas

Mas já estou ouvindo um clamor indignado. A paciência dos *camaradas* acabou! Eles fecham meu livro, jogam fora, cuspem nele:

"Bem, isso é bochecha!" É uma calúnia! Onde você vai procurar seus verdadeiros políticos? De quem você está falando? Você nos cura, alguns tecnocratas, alguns alunos inteligentes ... Se os verdadeiros políticos formos *nós!* Nós, inflexíveis! Nós, os ortodoxos, os cristalinos! (Orwell os chama de *pensadores*). Nós, mesmo em campo, permanecemos fiéis à única doutrina científica que ...

A verdade é que, a julgar pela nossa Imprensa, parece que só você esteve lá. Só você sofreu. Só você tem permissão para falar. Bem à frente.

O leitor aceita o seguinte critério: "Presos políticos são aqueles que sabem *porque* estão presos e permanecem firmes em suas convicções"?

Se a resposta for sim, diremos o seguinte: nossos inflexíveis, que até no campo permaneceram fiéis ao único, etc., etc., permaneceram firmes em suas convicções, mas *não sabiam porque estavam presos!* Portanto, eles não podem ser considerados presos políticos.

Se meus critérios não funcionarem, vamos pegar o de Anna Skripnikova; Ele teve muito tempo para refletir enquanto experimentava suas cinco convicções. É o seguinte:

«Preso político é aquele que tem convicções cujo repúdio pode valer a pena a sua liberdade. Aqueles que não têm tais convicções são simplesmente uma ralé política.

Esse critério não me parece ruim. Abrange os perseguidos por suas idéias políticas de todas as idades. Abrange todos os revolucionários. Inclui também as "freiras" e o arcebispo Preobradjenski, e o engenheiro Palchinski, mas não os ortodoxos. Pois onde estão as convicções que os incitam ao repúdio?

Não há. Em outras palavras, e embora seja um tanto chato confessar, os ortodoxos, como aquele alfaiate, aquele surdo-mudo e aquele guarda de

clube, caem na categoria de vítimas impotentes que não entendem. Mas pretensioso!

Vamos ser precisos e definir o tema. Sobre quem vamos falar neste capítulo?

Talvez de todos aqueles que, apesar da prisão, dos ultrajes da investigação, do veredicto injusto e depois da existência aniquiladora nos campos, apesar de tudo que preservou sua ideologia comunista?

Não, de todo. Entre eles havia pessoas para quem essa fé comunista era algo muito profundo, às vezes a única coisa que dava sentido à pouca vida que lhes restava, mas eles:

- Eles não o usaram para tratar seus companheiros de prisão "como comunistas", não gritaram com eles nas discussões na cela ou no quartel que estavam sendo detidos "merecidamente" (mas eu sem merecimento);
- Eles não se apressaram em declarar ao cidadão chefe (e ao comissário do campo) "Eu sou um comunista", eles não usaram essa fórmula para sobreviver no campo;
- Hoje, ao falar do passado, não veem a principal arbitrariedade dos campos no facto de aí encerrarem comunistas (e os outros, serem atingidos por um raio).

Em suma, precisamente aqueles que carregavam suas convicções comunistas profundamente dentro de si, e não como objeto de ostentação. Pode-se pensar que seja um traço individual, mas não é: em geral, essas pessoas não tinham ou tinham altos cargos na liberdade, e no campo eram simples trabalhadores.

Por exemplo, vejamos o caso de Avenir Borisov, um professor rural. «Lembra-se da nossa juventude (eu, desde 1912), quando o auge da felicidade para nós era usar o fato de jungsturm de tecido verde grosso, com cinto e alça de ombro, quando não dava a mínima para o dinheiro, tudo? próprios, e *estávamos dispostos a fazer qualquer coisa, desde que nos fosse ordenado?* ^[183] Eu era membro do Komsomol desde os treze anos. Bem, quando eu mal tinha vinte e quatro anos, os *órgãos* do NKVD acusaram-me de quase todos os parágrafos do artigo 58 ». (Mais tarde saberemos também como se comporta esse homem admirável, já que é livre).

Ou Boris Mij ailovich Vinogradov, com quem tive a oportunidade de ser preso. Em sua juventude ele tinha sido um maquinista (e não por um único ano, já que alguns de nossos deputados tendem a ser pastores); Depois de se formar na Faculdade dos Trabalhadores e na Escola, trabalhou como engenheiro ferroviário (e não se tornou oficial do Partido de uma vez, como costuma acontecer); ele era um bom engenheiro (no *sharashka* ele executava os complicados cálculos gasodinâmicos da turbina de um motor a jato). A verdade é que , apesar de tudo, em 1941 foi nomeado secretário da célula comunista da Escola de Engenheiros de Transporte de Moscou. Durante os amargos dias 16 e 17 de outubro de 1941, ele tentou obter ordens, ligou por telefone, mas do outro lado ninguém atendeu ; Ele foi ver pessoalmente o que estava acontecendo e descobriu que não havia ninguém no Comitê Municipal, ou no Comitê Distrital, ou no Comitê Provincial; todos desapareceram como num passe de mágica; os escritórios estavam vazios; aparentemente, mais acima , não. De volta ao seu, ele disse: “Camaradas, todos os líderes fugiram! Mas somos comunistas e vamos nos defender com nossos próprios meios! ” E eles fazem assim. Só por isso "todos fugiram", os que fugiram colocaram- no na prisão durante oito anos, quem ficou (por "propaganda anti- soviética"). Ele era um trabalhador modesto, um amigo dedicado, e apenas em uma conversa muito íntima confessou que havia acreditado, acreditado e continuaria acreditando. Ele nunca se gabou disso.

Ou o geólogo Nicolai Kalistratovich Govorko, já "acercoso" em Vorkuta, escreveu uma *Ode a Stalin* (que se conserva até hoje), mas não para publicá-la ou obter algum privilégio dela, mas simplesmente porque ele s aliado da alma. E ele escondeu essa ode na mina! (Embora por que esconder isso?)

Alguns desses homens mantêm sua convicção até o fim. Outros (como Kovacs, um húngaro da Filadélfia que veio com trinta e nove outras famílias para criar uma "comuna" perto de Kajovka, presa em 1937), depois de ser reabilitado, recusam seu cartão do Partido. Há quem se rebele ainda antes, como outro húngaro, Szabó, comandante de um destacamento de guerrilheiros siberianos durante a guerra. Szabó, em 1937, dizia: "Se eu fosse livre neste momento, reuniria todos os meus guerrilheiros, levantaria toda a Sibéria e marcharia sobre Moscou para expulsar todo aquele bando de canalhas!"

Bem, neste capítulo não trataremos nem do primeiro nem do último (quanto ao resto, os próprios ortodoxos eliminarão os renegados de entre eles, como aqueles dois húngaros).

Tampouco examinaremos aqui os personagens anedóticos, aqueles que em sua cela fingiram ser ortodoxos para que seu informante pudesse dar um bom relato sobre eles ao juiz de instrução, como Podvarkov Jr., que em liberdade, pasquines, mas no campo de Spassk ele discutiu ruidosamente com todos os oponentes do regime, incluindo seu próprio pai, na esperança de melhorar sua sorte.

Examinaremos aqui apenas aquelas pessoas ortodoxas que exibiram sua retidão ideológica primeiro antes do juiz de instrução, depois na prisão e finalmente no campo, todos e todos, e que ainda hoje evocam o passado no campo com tais cores. .

Por um estranho fenômeno de seleção , eles não são mais trabalhadores comuns. Em geral, antes de serem presos, tais personagens ocupavam altos cargos, uma posição privilegiada e, em campo, o mais doloroso para eles era justamente serem reduzidos a nada e lutavam com mais coragem do que ninguém para subir, mesmo que apenas um pouco, acima da nulidade comum. Entre eles estão todos os magistrados, promotores, juízes e chefes de campo que, por um golpe do destino, vieram para este lado dos arrotos, e também todos os teóricos, dogmáticos e pregadores (a escritora Galina Serebriakova, B. Diakov, Aldan-Semionov ^[ee] cair neste grupo, em nenhum outro lugar).

Vamos entendê-los, sem sarcasmo. Sua queda os machucou. “Onde se come pão, caem migalhas”, era o ditado que sempre servia para justificar tudo. E de repente eles se viram caindo entre aquelas migalhas!

Prokhorov-Pustover descreve uma cena de Manzovka (um acampamento especial em Bamlag) no início de 1938. Para espanto de todos os nativos, um "contingente especial" acabara de chegar, algo inédito, que, em grande segredo, fora abrigado separadamente. . Ninguém jamais tinha visto essas roupas em suas vidas: os recém-chegados usavam casacos de couro, casacos de pele , ternos cheviot, botas e sapatos finos (no vigésimo aniversário de outubro, esse público seletivo já havia se apaixonado por roupas inacessíveis para a turba de trabalho). Por simples negligência, agora por escárnio, não receberam roupa de trabalho e, assim, vestidos, com cheviot e bezerro, foram cavar trincheiras com a lama até os joelhos. Um deles derrubou um carrinho de mão e todo o cimento que ele continha se

derramou; o líder da equipe, um *urka*, começou com ele empurrando e atacando : " *Pega com as mãos, seu desgraçado!*" O outro deu o meu grito histérico: «Como se atreve a me tratar assim! Eu sou o ex-procurador da República! " E lágrimas grossas rolaram por suas faces ... «É uma ..., que você é um promotor da República, carro ! Vou enfiar sua bunda no cimento, você vai ver como está o seu promotor! Agora você é um inimigo do povo e tem que dar o call! " (Caso contrário, o empreiteiro de obras interveio em favor do promotor).

Contem-nos um episódio semelhante, com um procurador do regime czarista num campo de concentração em 1918, e ninguém sentirá a menor pena dele: admite-se unanimemente que não eram seres humanos (vejam as penas que exigiam os réus, um, três, cinco anos!) Por outro lado, um promotor nosso, um promotor soviético, um proletário apesar de seu processo Cheviot, como ele poderia não inspirar pena? (E assim foram as penalidades que ele exigiu para seus réus: *cinco duras e máximo*).

Dizer que *doeu* é quase nada dizer. Era insuportável para eles sofrer tal golpe, tal naufrágio, por parte deles , do próprio partido, e obviamente injustamente. Porque antes do Partido eles não eram culpados de nada. ANTES DA FESTA, de nada.

Foi tão doloroso para eles que a pergunta "por que eles colocaram você ?" era proibido entre eles, era considerado hostil. A única geração de prisioneiros tão suscetível a esse respeito! Em 1945, a primeira coisa que fizemos quando chegamos a uma nova cela foi contar ao mundo a história de nossa prisão como quem conta uma piada!

É assim que essas pessoas eram. O marido de Olga Sliosberg já havia sido preso e eles vieram revistar sua casa e levá-la embora. A busca durou quatro horas, e as quatro horas que ela gastou organizando as atas do congresso dos stakhanovistas da indústria de escovas de cerdas, da qual fora secretária no dia anterior. O fato de os minutos não estarem prontos a preocupava mais do que seus filhos, que ela deixou para sempre. Mesmo o juiz de instrução que dirigiu a busca não aguentou mais e o aconselhou: "Mas vá se despedir de seus filhos!"

É assim que essas pessoas eram. Em 1938, na prisão de Kazan, Elizaveta Tsvetkova recebeu a seguinte carta de sua filha de quinze anos: «Mãe! Diga-me, escreva-me ... Você é culpado ou não ? Eu prefiro que você seja inocente; Então, não vou entrar para o Komsomol e nunca vou perdôá- los pelo que fizeram a você. Mas se você for culpado, nunca mais

escreverei para você e sempre irei odiá-lo. E a mãe fica mortificada naquela cela úmida, como um túmulo, sob a luz lívida de uma lamparina: como pode a filha viver sem o Komsomol? Como permitir que ele odiasse o poder soviético? É melhor ele me odiar ... E escreve: "Eu sou culpado ... Junte-se ao Komsomol!"

Claro que é doloroso! É insuportável para o coração humano cair sob o machado do dono e ainda não ter buscado justificativa.

Mas esse é o preço que o homem paga por ter confiado a alma que Deus lhe deu a um dogma feito pela mão do homem.

Hoje mesmo, qualquer ortodoxo confirmará que Tsvetkova agiu como deveria. Hoje será impossível convencê-los de que isso está precisamente "escandalizando esses pequeninos", que esta mãe scandalizou a filha e perverteu sua alma.

Era assim que aquelas pessoas eram: IT estava acusando sinceramente o marido; O que importa é ajudar o Partido!

Oh, como poderíamos ter pena deles se eles queriam reconhecer, pelo menos agora, como eram lamentáveis então!

Todo este capítulo poderia ter sido escrito de forma diferente, se apenas agora eles tivessem renunciado às suas concepções de ontem! Mas em vez disso, o sonho de María Danielián se tornou realidade: "Se um dia eu sair daqui, continuarei vivendo como se nada tivesse acontecido."

Fidelidade? Em Christian, isso se chama ser obstinado. Esses adeptos da teoria da evolução viram sua fidelidade a ela ao negar sua própria evolução. Como diz Nicolai Vilenchik, que esteve preso por 17 anos: "Tínhamos fé no Partido e *não estávamos errados!*" Fidelidade ou resistência?

Não, não ... Se discutiam nas suas celas, defendendo todos os atos do Governo, não era por ostentação nem por hipocrisia. As discussões ideológicas eram necessárias para que permanecessem na consciência de sua razão; caso contrário, eles podem acabar enlouquecendo.

Como poderíamos ter pena deles! Mas eles só têm olhos para ver o que sofreram, e não para ver sua própria culpa.

Eles não foram pegos antes de 1937. E depois de 1938, eles pegaram muito poucos. Por isso são chamados de "37ª ninhada", e assim poderíamos chamá-los também, mas desde que essa expressão não obscureça o quadro

geral, pois mesmo nos meses de pico não foram eles só que foram para a cadeia, mas também os habituais camponeses, operários, estudantes, engenheiros, técnicos, agrônomos, economistas e crentes simples continuaram a marchar .

A "37 isca", muito loquaz, com o Rádio e a Imprensa ao seu dispor, criou a "lenda 37", uma lenda que consiste em dois pontos:

1. Se sob o poder soviético alguma vez houve prisões , foi somente em 37, e somente em 37 deveríamos falar e ficar indignados;
2. os 37 detidos são apenas eles.

E assim o escreveram naquele ano terrível, quando prenderam os líderes comunistas mais abnegados: secretários dos comitês centrais das repúblicas federadas; para secretários de comitês provinciais; para presidentes de comitês executivos provinciais; a todos os comandantes de regiões militares, corpos de exército e divisões; marechais e generais; para promotores provinciais; para secretários de comitês distritais; para presidentes de comitês executivos ...

No início deste livro, ^[ef] já apontamos qual foi o volume das *enchentes* derramadas no Arquipélago desde duas décadas antes de 1937. Quanto tempo durou! E quantos milhões de seres existiam! Mas a futura "ninhada de 37" não abriu a boca nem levantou um dedo; tudo isso parecia normal para eles. Não sabemos em que termos o discutiriam entre si, mas vejamos em que termos PP Pos tyshev o expressou , sem saber que o mesmo destino o aguardava:

Em 1931, na conferência de oficiais de Justiça: "... mantendo em todo o seu rigor e severidade nossa política punitiva para com o inimigo de classe e os elementos desclassificados." (Esses *itens descartados* valem seu peso em ouro! Quem não pode ser classificado como um "item desclassificado"?)

Em 1932: «Entende-se que ... depois de tê-los colocado no cadinho da desculaquização ... não devemos de forma alguma esquecer que aqueles *kulaks* de ontem não baixaram moralmente as armas» ...

E também: "Acima de tudo, não archive a dica da nossa política punitiva!"

E que ponto aguçado, Pavel Petrovich! E como esse cadinho queima!

É assim que RM Gehr explica: «Enquanto prendiam desconhecidos ou desconhecidos, nem os meus amigos nem eu tínhamos a menor dúvida de que todas aquelas detenções eram justificadas (!) Mas quando começaram a prendê-los e me detiveram, quando na prisão conheci dezenas de comunistas fiéis, então »...

Em suma, eles ficaram quietos enquanto prendiam a *sociedade*. "Sua razão indignada trovejou" quando *seu consórcio* começou a cair. Stalin havia violado um tabu que parecia firmemente estabelecido e graças ao qual a vida era tão alegre.

Claro que era como ser idiota! Tanto absurdo, quase impossível de conceber! Nas masmorras, os primeiros dias foram interrogados:

"Camaradas, vocês sabem de quem foi o golpe?" Quem assumiu o poder?

E ainda muito tempo depois, já convencidos da irrevogabilidade dos acontecimentos, suspiravam e gemiam:

"Ah, se Lenin vivesse ... nada disso teria acontecido!"

(O que *isso*? Tem *essa* mesma coisa não aconteceu com os outros antes? [Ver Parte I, cap. 8-9]).

Afinal, eles eram estadistas! Eles eram marxistas iluminados, espíritos teóricos! Então, como eles passaram neste teste? Que interpretação, que sentido deram a esse acontecimento histórico que os jornais não haviam mastigado e explicado para você? (Essa é a coisa sobre eventos históricos: eles sempre caem em cima de você de forma inesperada!)

Quase arrastado por anos em uma pista falsa, foram essas as explicações que propuseram, que nos surpreendem pela profundidade:

1. É uma tarefa altamente qualificada dos Serviços Secretos Estrangeiros;
2. É sabotagem em grande escala! Os sabotadores se infiltraram no NKVD! (variante mista dos pontos 1 e 2: espões alemães entraram no NKVD);
3. eles são gerenciados por NKVDists locais.

E nos três casos: nós próprios somos os culpados, não estivemos suficientemente alertas! Stalin não sabe de nada, Stalin nem mesmo sabe dessas prisões! Assim que ele descobrir, vai aniquilar a todos e vai dar-nos a liberdade!

4. é verdade que dentro das próprias fileiras do Partido se infiltrou a mais terrível traição (e por quê?!); Os inimigos enxameiam por todo o país, e a maioria dos que estão presos aqui merece; Eles não são mais comunistas, são *contras*, e você tem que ter muito cuidado com eles na cela; na frente deles não fale muito. Só eu fui injustamente preso. Bem, talvez você também. (A esta variante pertencia, entre outros, Mejanoshin, um ex-membro do Tribunal Militar Evolucionário R. Ou seja, se eles fossem libertá-lo, quantos ele teria trancado por sua vez!);
5. Essa repressão é uma necessidade histórica para o desenvolvimento de nossa sociedade (é assim que se expressam os poucos teóricos que não perderam o controle de si mesmos, por exemplo um professor do Instituto Plekhanov de Economia Mundial. A explicação em si é correta e única Eu teria admirado quão bem e com que rapidez ele o tivesse entendido, mas as próprias leis dessa necessidade, nenhuma delas jamais explicaram, sempre se limitaram a um mesmo tom: “uma necessidade histórica de desenvolvimento”, essa expressão pode ser aplicada! para qualquer coisa, e você sempre terá razão!)

E, claro, em nenhuma das cinco variantes S talin foi culpado ! Stalin ^[184] ainda era o sol que nada pode eclipsar!

E se, de repente, alguns dos antigos membros do Partido, por exemplo Alexandr Ivanovich Iashkevich, um censor na Bielo-Rússia, começassem a murmurar em um canto da cela que Stalin não era o braço direito de Lenin, mas um cachorro, e que até que nada de bom explodisse neste país, todos se atiraram nele com os punhos erguidos e correram para denunciá-lo ao juiz de instrução.

Se há algo absolutamente inconcebível, é uma pessoa bem-intencionada que, mesmo por um momento, sonhou com a morte de Stalin!

Esse era o nível de pensamento crítico de nossos bem-intencionados ortodoxos quando foram surpreendidos no ano de 1937. E com que espírito de espírito eles teriam que comparecer ao tribunal? Para como Parsons, em Orwell's *1984* : 'Você não acredita que o Partido pode prender um inocente? Você sabe o que vou dizer a eles quando me levarem ao tribunal? "Obrigado", direi, " obrigado por me salvar antes que fosse tarde demais."

E então que saída eles encontraram para si mesmos? Que decisão eficaz o inspirou por sua teoria revolucionária? Sua decisão vale todas as suas explicações. Você julga:

Quanto mais pessoas eles trazem , mais cedo eles *entenderão seu erro* em lugares altos! Conseqüentemente, tente *dar tantos nomes quanto possível!* Tente fazer tantas afirmações fantásticas quanto possível contra inocentes! *Você não poderá prender o Partido inteiro!*

(Nem Stalin precisava dele como um todo: apenas os líderes e os veteranos!)

De todos os partidos políticos da Rússia, o comunista foi o primeiro cujos membros começaram a inventar *falsas acusações contra si próprios* , [\[185\]](#)

e também a eles cabe a prioridade desta grande invenção: dar tantos nomes quanto possível! Os revolucionários da Rússia nunca tinham ouvido falar de nada parecido antes!

O que essa teoria refletiu? A escassez de suas luzes? A destituição de seu pensamento? Meu coração me diz não, que o que surge aqui é o pânico. E toda aquela teoria era apenas uma máscara destinada a encobrir sua fraqueza. Porque eles, que há muito usurpavam o nome de revolucionários, quando olhavam para dentro, tremiam ao descobrir que não iam conseguir resistir. Essa "teoria" os dispensava da necessidade de brigar com os juízes de instrução.

Se eles tivessem entendido apenas isto: que Stalin precisava realizar aquele expurgo para rebaixar o Partido ao seu próprio nível (já que ele não teve o gênio para subir ao nível do Partido, nem mesmo no lamentável estado em que foi então)!

Claro, eles não se lembraram de que, não muito tempo atrás, eles próprios ajudaram Stalin a esmagar todo tipo de oposição, isto é, a esmagar a si mesmos. Pois Stalin deixava às suas débeis vítimas a chance de correr riscos, de se rebelar: esse jogo não deixava de lhe dar um certo prazer. Qualquer prisão de um membro do Comitê Central exigia a aprovação dos outros membros, como o tigre brincalhão havia inventado. E enquanto decorriam as sessões plenárias de simples rotina administrativa, circulava entre os presentes um papel no qual, de forma absolutamente impessoal, se indicava: chegou às nossas mãos um material que compromete João da Silva, e estão convidados a manifestar-se. acordo (ou seu desacordo!) sobre a exclusão do mesmo deste Comitê Central. (E sempre havia alguém que notava se a pessoa que estava lendo o jornal o segurava por muito tempo). Claro, todos deram sua aprovação. Foi assim que o Comitê Central do PCU (b) atirou em si mesmo. (Quanto ao resto, Stalin há muito adivinhava o quão fracos eles eram: a partir do momento em que os principais líderes do

Partido, como se tivessem direito a altos salários, suprimentos secretos, sanatórios privados, estavam na armadilha, eles não aumentaram mais. uma cabeça). E quem constituiu o conselho de guerra que julgou os marechais Tukhachevsky e Yakiz? Marechais Blücher e Iegorov! (Além de SA Turovski).

Com mais razão ainda, eles haviam esquecido (nem leram) algo tão antiquado quanto a carta que o Patriarca Tijon enviou ao Conselho dos Comissários do Povo em 26 de outubro de 1918. Apelando à clemência e à libertação dos inocentes, o firme Patriarca advertia-os: «Serás responsabilizados por todo o sangue inocente derramado (Lucas, XI, 51) e, tendo tomado a espada, morrerás à espada (Mateus, XXVI, 52) ». Mas isso parecia tão ridículo, tão impossível! Como poderiam pensar naqueles dias em que a História às vezes também conhece o castigo, uma espécie de justiça tardia e voluptuosa, só que as formas que escolhe são estranhas e os executores inesperados!

Se o jovem Tukhachevsky, ao voltar vitorioso após esmagar os camponeses famintos de Tambov, não encontrasse na estação ferroviária um novo Marusi Spiridonova que o derrubasse com uma bala na testa, esse trabalho seria feito dezesseis anos depois por um padre. falhou, nativo da Geórgia.

E se as maldições das crianças e mulheres fuziladas na Crimeia na primavera de 1821, como Voloshin nos contou , não atingiram o peito de Bela Kuhn, isso foi feito por seu camarada da Terceira Internacional.

Y Peters, Latsis, Berzin, Agranov, Prokofiev, Balitski, Artuzov, Chudnovski, Dybenko, Uborevich, Bubnov, Alafuzo, Alksnis, Ahrenschtan, Hekker, Hettis, Iegorov, Zhloba, Kovtiuk, Korkkov, Kutianakov, J. , Feldman, R. Eideman; e também Unschlicht, Ienukidze, Nevski, Steklov, Lomov, Katkyn, Kossior, Rudzutak, Guikalo, Goloded, Schlechter, Beloborodov, Piatakov e Zinoviev, todos eles merecem o pequeno açougueiro ruivo, enquanto teríamos que usar agora para investigar pacientemente em que eles contribuíram e onde eles colocaram suas assinaturas uns quinze ou vinte anos antes dele ...

Para lutar? Não, nenhum deles tentou lutar. E se você me opõe que isso era difícil nas celas de Yezhov, tudo bem, mas por que eles não começaram a briga nem um dia antes de sua prisão? Você não viu para onde a coisa estava indo? Em outras palavras, que tudo se reduziu a rezar "para que não me toque"? Por que Ordjonikidze covarde cometeu suicídio? (Ou,

se o mataram, por que ele esperou que o fizessem?) Por que Krupskaja, a fiel companheira de Lênin, não lutou? Por que ele não interveio apenas uma vez para expor publicamente a falácia, como fez aquele velho trabalhador das oficinas de Lenin em Rostov? Ele estava tão apegado à sua antiga vida? E os membros do primeiro Soviete de Deputados Operários Ivanovo-Voznesensk, durante a revolução de 1905, que fizeram acusações tão infames contra si próprios? E Shubin, presidente desse mesmo soviete, que também assinou que em 1905 não havia soviete em Ivanovo-Voznesensk? Como é possível jogar fora toda a sua vida assim?

Essas pessoas bem-intencionadas se lembram do ano de 1937 hoje, e derramaram lágrimas amargas sobre esses horrores e injustiças, mas nenhuma delas menciona as possibilidades de *luta*, de luta física que existia então e que ninguém jamais usou. Bem, e agora, menos do que nunca. Será que o enérgico Evguenyi Yevtushenko, um neto digno de seu avô e com as mesmas idéias (em sua *autobiografia* e na *represa de Bratsk*), tentará explicá-lo como a ninhada de 1937? Não, o tempo para essas discussões acabou.

Toda a grande sabedoria dos ortodoxos presos só veio para arruinar as tradições dos presos políticos. Eles se retiraram dos heterodoxos com os quais era sua vez de compartilhar celas, eles fugiram deles, os horrores da instrução que contavam uns aos outros em voz baixa, para que o não-participante não os ouvisse, ou Deus nos livre! , os Sociais Revolucionários, "sobretudo, não lhes dêem material contra o Partido!"

Na prisão de Kazan (1937), Eugenia Goltzman objetou que os internos se comunicassem de uma cela para outra batendo nas paredes: como comunista, ela não concordava com a violação das leis soviéticas! E quando o jornal foi trazido, ele insistiu que seus companheiros de prisão o lessem, não folheando, mas letra por letra!

As memórias de Eugenia Ginzburg, na sua primeira parte, fornecem-nos preciosos testemunhos sobre a isca de 37. Por exemplo, a teimosa Julia Anenkova exige da sua cela: «Não ouse zombar do guardião! *Ele representa aqui o poder soviético!* (Eh? O mundo de cabeça para baixo! Você pode imaginar se essa cena pudesse ser vista através de um olho mágico pelos revolucionários inflamados das prisões czaristas?) Ou a Komsomolka Katia Shirokova, durante a busca, pede conselho a E. Ginzburg: Aquela comunista alemã escondeu ouro no cabelo, mas a prisão é nossa, soviética. Você não acha que deve denunciá-la ao diretor? "

Por sua vez, Ekaterina Olitskaia, que foi para Kolyma na mesma carruagem nº 7 de Ginzburg (naquela carruagem quase exclusivamente mulheres comunistas), completa as saborosas memórias desta última com dois detalhes muito característicos.

Aqueles que tinham dinheiro davam para comprar cebolinhas, e Olitskaia teve que receber essas cebolinhas na carroça. Com suas tradições social-revolucionárias, nada mais lhe passou pela cabeça do que distribuí-los entre quarenta, mas imediatamente protestos irados foram levantados: "Distribuir entre aqueles que deram dinheiro!" "Não podemos alimentar mendigos!" "Não é nem o suficiente para nós!" Olitskaia foi ainda sem palavras: *Isso foi n presos políticos ...?! Eles eram comunistas da isca de 37!*

E outro episódio. Nos banheiros da Prisão de Trânsito de Sverdlovsk, essas mulheres tiveram que desfilar nuas entre duas filas de guardas. Bem, eles se consolaram. Já nas viagens seguintes eles puderam ser ouvidos cantando em coro na carroça:

*Eu não conheço outro país no mundo
onde o homem respira tão livremente...!*

E assim, com aquela concepção de vida, com aquele nível de consciência, os bem intencionados empreendem sua longa jornada para o campo. Eles, que desde o início nada entenderam sobre sua prisão, nem sobre a investigação, nem sobre o conjunto de acontecimentos, ao longo de sua viagem, por teimosia, abnegação (ou porque não têm outro meio?), Continuarão a nos proclamar Os portadores de luz e os únicos que conhecem a essência das coisas.

Eles tomaram a decisão de uma vez por todas de não perceber nada que os rodeia, de não tentar encontrar as causas de nada e, mais ainda, vão fechar os olhos para o que é mais assustador para eles, ou seja, para a atitude que os outros reclusos, os comuns, e mesmo os Cinquenta e Oito adotam para com eles (os "deskulaquizados" que sobreviveram estavam terminando seus *dois primeiros tempos difíceis*), como olhavam para aquela recém-chegada isca de 37, ainda tão seleta em suas roupas, em seus modos, em sua língua. Esses são os que ontem ainda se davam muito ares com as suas bolsas e os seus carros pessoais! Esses são aqueles quando os primers foram fornecidos em centros de distribuição reservados! Esses são os que engordaram como porcos em seus sanatórios de descanso e fornicaram em

seus spas! Enquanto nós, com a lei dos "sete oitavos", mandavam-nos dez anos ao campo por um simples repolho, por uma orelha ... E diziam com ódio: "Lá, em liberdade, *foste tu*, aqui será a *nossa vez* ».

(Mas isso não aconteceu. Os ortodoxos logo encontraram todas as boas acomodações).^[186]

E em que consiste essa alta sabedoria do bem-intencionado? Bem, nisso eles não querem renunciar a nenhuma de suas apreciações anteriores e relutam em aceitar quaisquer novas. A vida pode passar por cima deles, arrastá-los, até atropelá-los, mas eles não vão deixar que penetre em suas cabeças! Eles não admitem; é simplesmente como se não tivesse avançado para eles! E seu orgulho é precisamente isso, que eles se recusam a mudar qualquer coisa dentro de seus cérebros, que são simplesmente incapazes de julgar criticamente sua própria experiência de vida! A sua concepção do mundo não deve refletir a prisão nem o campo! A posição que tivemos, continuaremos a ter! Somos marxistas! Somos materialistas! Como vamos mudar pelo simples fato de termos acabado em uma prisão? (Vamos mudar nossa consciência porque nossa existência muda, porque essa existência de repente aparece para nós sob uma nova luz? De jeito nenhum! Existência afundando, o que não vai determinar nossa consciência! Afinal, ^[por exemplo] professamos materialismo!)

Veja como eles são perspicazes quando se trata de analisar o que aconteceu com eles! VM Zarin diz: "Sempre falei em campo: por causa de alguns imbecis (isto é, aqueles que o prenderam) não vou lutar com o poder soviético."

Esta é a sua moral inevitável: «Estou preso injustamente e, portanto, sou um dos mocinhos; Por outro lado, todos os que me rodeiam são inimigos e, se estiverem presos, será por alguma coisa ».

Eles gastam sua energia enviando seis, doze vezes por ano, todos os tipos de recursos, apelos e solicitações. Sobre o que falarão, o que escreverão lá? Claro, eles juram e perjuram a fidelidade ao Grande e ao Grande (sem isso, eles não o deixam ir). Claro, eles negam aqueles que foram baleados pela mesma causa que eles . Claro que eles imploram que ele os perdoe e os deixe voltar lá, para as alturas. E amanhã aceitarão de bom grado qualquer missão que o Partido lhes confie, mesmo que seja para liderar este mesmo campo! (E se, desse rio de instâncias, houvesse apenas

outro rio de negativas, foi porque eles não alcançaram Stalin! Ele teria entendido! Ele teria perdoado, o misericordioso!)

Quantos "presos políticos" que pedem perdão ao Governo! Outro exemplo do nível de sua mentalidade é dado pelo General Gorbatov, que acaba de publicar suas memórias: 'O Tribunal? O que você pode pedir? Alguém lhe deu ordens "... Que poder de análise! E que submissão angelical bolchevique! Alguns criminosos perguntam a Gorbatov: "E au sted, por que o trancaram?" (Aliás, é impossível para eles perguntarem a você). E Gorbatov responde: "Fui caluniado por gente má". Não, mas que análise! Que análise! E quanto à sua conduta, o general não é um Shukhov, mas um Fetiukov : ^[eh] ele vai limpar os escritórios na esperança de encontrar pedaços de pão lá. "Limpendo as mesas de migalhas, côdeas e, às vezes, até pedacinhos de pão, consegui, de certa forma, aplacar melhor minha fome." Bem, ok, apazigua. Mas Shukhov é acusado de pensar apenas na tigela de cereal e não ter consciência social; por outro lado, o General Gorbatov tem permissão de tudo, porque ele *pensa ... em gente má!* (Aliás, Shukhov também não é burro, e julga todos os acontecimentos que acontecem no país com muito mais audácia que o general).

Ou então temos VP Golitsyn, engenheiro ferroviário, filho de um médico rural. Ele passou 140 (cento e quarenta!) Dias no corredor da morte (ele teve tempo para refletir!), Depois 15 anos e depois o confinamento perpétuo. Nada mudou em meu cérebro. Ainda sou o mesmo bolchevique sem partido. O que me manteve em movimento foi a minha fé no Partido, sabendo que o dano não é feito pelo Partido ou pelo Governo, mas pela má vontade de *algumas pessoas* (que análise!) Que vêm e vão (eles nunca acabam sair)..., mas tudo o mais (!) permanece... E também fui ajudado por simples cidadãos soviéticos, que eram *muitos* em 1937-1938, tanto no NKVD (isto é, entre os funcionários públicos!) e nas prisões e os campos. Não "compadres", mas verdadeiros homens Dzherzhinsky. ^[ei] (Absolutamente incompreensível: aqueles homens de Dzherzhin esquiam, se eram tão numerosos, o que faziam contemplando a arbitrariedade de *algumas pessoas*? E eles próprios não cometeram? E, apesar disso, permaneceram vivos? veredes ...!)

Ou, se não, Boris Diakov. Ele ficou profundamente triste com a morte de Stalin (e ele estava sozinho? Todos os ortodoxos!) Parecia-lhe que toda esperança de libertação morreria com ele ...! ^[187]

Mas eles gritam comigo: é desonesto! Desonesto! Se você quiser discutir, argumente com teóricos reais! Com graduados do Red Teacher Institute!

Bem, vá em frente! Eu não terei discutido! Ou como você acha que passei meu tempo nas prisões, durante as transferências e nos campos de trânsito?

Comecei a discutir junto com eles, e pelo mesmo motivo que eles, mas, aos poucos, nossas discussões começaram a parecer um tanto frágeis. Então, passei algum tempo em silêncio, ouvindo. Finalmente, comecei a argumentar contra eles. Zakharov, o próprio Zakharov, professor de Malenkov (ele tinha muito orgulho de ter sido professor de Malenkov), o próprio grande Zakharov condescendeu em discutir comigo.

E, você vê, de todas essas discussões, algo como uma e única discussão permaneceu na minha cabeça. Como se todos aqueles talmudistas juntos fossem apenas um homem. Discussão após discussão, sei que você repetirá o mesmo argumento no mesmo ponto e com as mesmas palavras. E sempre permanecerá igualmente imperfurável ... imperforabilidade, essa é a sua mais alta qualidade! Projéteis ainda não foram inventados para perfurar cabeças de paralelepípedos! Discutir com eles é exaustivo, a menos que você saiba de antemão que tal discussão nada mais é do que uma forma de passar o tempo, uma diversão agradável.

Meu amigo Panin e eu estamos espalhados na mesa do meio de uma *stolypin*; ^[por exemplo] estamos bem acomodados, com um arenque escondido em nosso bolso; não temos sede; Podemos até tirar uma soneca. Mas em uma das estações eles colocaram ... um sábio marxista em nosso vagão! Dá até para perceber pela barba pontuda, pelos óculos. E ele não nega, ele se apresenta como um ex-professor da Academia Comunista. Inclino-nos para ele sobre a nossa mesa, assim que abre a boca percebemos: um imperforável. Já estamos há muito tempo na prisão, temos mais um longo pela frente, agradecemos uma piada: temos que descer e nos divertir um pouco! Sobrou algum espaço no compartimento, trocamos o nosso lugar com alguém; a gente aperta um pouco ...

-Bom Dia.

-Bom Dia.

"Não está muito apertado?"

-Não, não importa.

"Faz muito tempo que eles o colocaram?"

-Bastante.

-Já fica menos?

"Bem, quase o mesmo."

"Veja todas aquelas aldeias ... que miséria!" Telhados de colmo, isbas tortas ...

— Herança do regime czarista.

"Bem, já trinta anos de domínio soviético!"

"Historicamente, é um período insignificante."

"O problema é que os kolkhozianos estão morrendo de fome."

-Como você sabe? Você notou *todos* os potes?

"Pergunte a qualquer kolkhoziano, bem aqui neste compartimento ...

"Todos os encarcerados estão ressentidos." Eles não são objetivos.

"Mas, ei, eu mesmo vi kolkhozes ...

"Eles terão sido a exceção."

(Quanto a Don Pointy Beard, ele não teve nenhum problema, menos!)

"Mas pergunte aos velhos: no tempo do czar eles tinham roupas, comida e quantas festas!"

"Eu não vou te perguntar nada." É uma característica subjetiva da memória humana: todos os tempos passados foram melhores. A vaca que acabou de morrer foi a que deu mais leite! (De vez em quando até traz o seu ditado!) Quanto às festas, o nosso povo não gosta, gosta de trabalhar.

"E por que falta pão em tantas cidades?"

-Onde? Quando?

"Olha, na véspera da guerra ...

-Mentira! Precisamente às vésperas da guerra, tudo estava melhor do que nunca.

"Ei, naquela época em todas as cidades do Volga havia filas de milhares de pessoas!"

"Seria alguma dificuldade de abastecimento local." Mas provavelmente sua memória está falhando.

"Mas ele ainda está desaparecido agora!"

"Contos de velhas." Com respeito a você, colhemos entre sete mil e ^[188] oito *bilhões de poods* .

"Sim, mas feijão podre."

-Ao contrário; é sobre o sucesso da seleção.

"Mas em muitas lojas, as prateleiras estão vazias."

"Desajeitamento de seus gerentes ."

"Mas e os preços?" Eles estão no telhado. O trabalhador deve se privar de muitas coisas.

—Nosso país é o único em que os preços são fixados cientificamente.

"Isso significa que os salários são baixos."

- Os salários também são fixados em bases científicas.

—Então quer dizer que, segundo essas bases científicas, na maioria das vezes o trabalhador trabalha para o Estado de graça.

"Você não entende nada de economia política." Qual é a sua profissão?

-Engenheiro.

"Por outro lado, sou precisamente um economista." Não discuta, entre nós, o ganho de capital é algo inconcebível.

- Mas por que antes um pai de família podia alimentar sua família inteira sozinho e agora dois ou três têm que trabalhar?

—Porque antes que houvesse desemprego, a mulher não conseguia trabalho e toda a família passava fome. Além disso, o trabalho da esposa é importante para a igualdade dos sexos.

"Que merda de igualdade!" Sobre quem pesa todo o peso da casa?

"Você deve ajudar o marido."

"Mas você mesmo, estava ajudando sua esposa?"

-Eu não estou casado.

—Em outras palavras: antes cada um trabalhava durante o dia, agora, além disso, ambos devem trabalhar também à noite. As mulheres não têm mais tempo para o que é essencial: a educação dos filhos.

"Ele tem todo o tempo de que precisa." Os fundamentos da educação são fornecidos pelo jardim de infância, pela escola, pelo Komsomol.

"Sim, você tem que ver como eles são educados!" Cresçam bandidos, ladrões mesquinhos. As meninas são sem vergonha.

-De jeito nenhum! Nossa juventude tem um alto nível ideológico.

"É o que dizem os jornais, mas nossos jornais mentem."

"Eles são muito mais verdadeiros do que a burguesia." Se você lê os jornais burgueses!

"Vamos ver, vamos lê-los!"

"É totalmente desnecessário."

"Eu insisto que nossos jornais mentem."

"Eles defendem abertamente a causa do proletariado."

—Tal educação resulta em aumento do crime.

"Pelo contrário: uma descida." Mostre-me as estatísticas! (Em um país onde até mesmo o número de caudas de cordeiro é segredo de estado!)

- Outra razão para o aumento da criminalidade são nossas leis absurdas e ferozes, que sozinhas geram o crime.

"Nada disso: são leis excelentes." O melhor de toda a história da Humanidade.

" Particularmente o artigo Cinqüenta e Oito."

"Sem ele, nosso jovem estado não teria sobrevivido."

"Vamos lá, ele não é mais tão jovem!"

"Historicamente, muito jovem."

"Mas olhe ao seu redor, todas essas pessoas que estão presas!"

"Ele teve o que mereceu."

-E você?

" Fui encarcerado por engano." Assim que tudo ficar claro, eles vão me soltar.

(Aquele fenda para ele, todos deixam para ele).

-Um erro? Mas então quanto valem as suas leis?

"As leis são excelentes." O triste é quando às vezes eles não são respeitados.

“ Em todo lugar há fichas, suborno, corrupção ...

"A educação comunista deve ser intensificada."

E assim por diante. É imperturbável. Ele usa uma linguagem que não requer o mínimo esforço intelectual. Discutir com ele é o mesmo que cruzar o deserto.

A respeito dessa classe de pessoas costumam dizer: "Ele passou por todas as forjas e voltou com o cavalo sem ferrar."

E quando lemos sobre essas pessoas nos obituários: “Desapareceu tragicamente na época do culto”, é para retificar: “Desapareceu comicamente ”.

E pensar que, se seu destino pessoal tivesse tomado outro rumo, nunca saberíamos o quão seco e insignificante era esse homem. Leríamos respeitosamente seu nome nos jornais, seria ministro ou teria a ousadia de representar toda a Rússia no exterior.

Discutir com ele é inútil. Muito mais interessante é brincar com isso. Não, não é xadrez, "camaradas". Existe tal jogo. É muito simples. Acene para ele algumas vezes. Diga algo para ele com o mesmo vocabulário. Ele ficará feliz. Habitado a estar rodeado exclusivamente de inimigos, já se

cansa de mostrar os dentes e não gosta de narrar, porque tudo o que diz será sempre interpretado contra ele. Mas se ele tomar você como um dos seus, ele abrirá seu coração para você como qualquer ser humano. Ele lhe dirá que, nas estações, as pessoas passam, conversam, riem, que a vida segue seu ritmo habitual. Os governantes do Partido, Fulano e Mengano são promovidos de uma posição a outra; em vez disso, estamos aqui, vegetando ... Somos um punhado, temos que *escrever* , pedir a revisão, o perdão ...

Ou, se não, contará algo interessante. Na Academia Comunista, eles decidiram fazer um *lanche* com um colega; sentiam que havia algo forçado nele, que *não era nosso*, mas não havia jeito: seus artigos não continham erros; sua biografia era impecável. Até que um belo dia, ao encomendar alguns arquivos, oh milagre! Eles encontraram um folheto antigo escrito por aquele camarada, um folheto que o próprio Lênin segurava em suas mãos e na margem do qual ele havia escrito com o punho e a carta : economista é uma merda. “Depois , você mesmo vai entender - e aqui o nosso interlocutor sorri confiante -“ já não era difícil para nós acertar contas com aquela bagunça, com aquele simulador. Eles o expulsaram da Academia e o privaram de seus títulos .

Os vagões soltaram seu barulho monótono. Todos dormem, alguns deitados, outros sentados ... De vez em quando, um soldado da escolta passa pelo corredor e boceja.

Mais um episódio da biografia de Lenin que se perdeu para a humanidade ...

* * *

Para completar o quadro do bem-intencionado, estudaremos seu comportamento a partir de todos os pontos de vista básicos da vida no campo.

A) *Sua atitude em relação ao regime do campo e a luta dos presidiários pela defesa de seus direitos.* Visto que o regime do campo é estabelecido por nós, pelo nosso próprio poder soviético, devemos observá-lo não apenas com diligência, mas com plena consciência. Devemos respeitar o *espírito* do regime, mesmo antes de sermos orientados ou obrigados a fazê-lo pelo pessoal de segurança.

Sempre em Eugenia Guinzburg, encontramos observações espantosas: as mulheres *aprovam* que sejam reduzidas a zero (já que o regime interno o

exige)! De uma prisão incomunicável, eles são enviados para morrer em Kolyma. A explicação aí já está preparada: isso significa que eles confiam em nós, sabem que vamos trabalhar com consciência!

O que diabos de *luta* pode ser falado aqui? Lutando contra quem? Contra o *nosso*? E a luta em nome de quê? Em nome de nossa libertação pessoal? Nesse caso, você não tem que lutar, tem que pedir pelo regulamento. Por causa da queda do poder soviético? Deixe sua língua apodrecer!

Entre os internos do campo havia quem quisesse lutar, mas não podia; quem poderia, mas não quis; os que puderam e quiseram (e lutaram! Chegará a hora de falar deles), mas os ortodoxos formaram um quarto grupo: os que não quiseram, *mas que, se quisessem, também não teriam podido*. Sua vida anterior apenas os havia preparado para uma existência em um ambiente convencional e artificial. Em liberdade, sua “luta” consistia em receber e transmitir resoluções e decisões previamente aprovadas pela Superioridade, com o auxílio do telefone e da campanha elétrica. Mas no campo, onde se lutavam mano a mano, onde , desarmados, tinham que enfrentar as metralhadoras e rastejar de barriga sob as balas, ali eram apenas Hinojos Tomatovich, uns Perencejo Fulanos que não assustavam ninguém nem eram bons para nada.

E, mais ainda, aqueles bravos combatentes pelo bem da Humanidade nunca constituíram um impedimento para os crimes dos criminosos: eles não tinham nada a objetar ao monopolizarem as cozinhas e as tomadas (leia até o General Gorbátov, parece que aí) Não foi por causa de *suas* teorias que esses bandidos socialmente próximos obtiveram tanto poder no campo? Eles não se opunham a que os mais fracos fossem roubados em sua presença e se permitiam ser roubados sem resistência.

E tudo isso era rigorosamente lógico; tudo combinado, ninguém levantou a menor objeção. Mas quando chegou a hora de escrever a História e as primeiras vozes sobre a vida no campo foram ouvidas em voz baixa, o bem-intencionado olhou em volta e se sentiu ofendido . Como? Que eles, tão avant-garde, tão ideológicos, não lutaram? E eles ainda não descobriram que o culto da personalidade de Stalin existia?^[189] E não suspeitaram que o querido Lavrenti Pávlovich Beria era um ferrenho inimigo do povo?

E era preciso lançar com urgência uma versão que não estava totalmente clara, pois *havam lutado*. E todas as revistas começaram a latir em coro para o meu Ivan Denisovich! Por que você não lutou, seu filho da

puta? O *Pravda* de Moscou ^[190] chegou a culpá-lo de que os comunistas organizassem encontros clandestinos no campo, mas ele não tinha comparecido, não ia dar ouvidos aos pensadores!

Mas que invenções são essas? Que reuniões clandestinas? E para que? Para fazer a filha no fundo do bolso? E para fazer isso a quem, desde o último guardião até o próprio Stalin, tudo é puro poder soviético? Quando eles lutaram e por *que meios*?

Isso ninguém pode nos dizer.

E *o que pensavam os pensadores*, se só se permitiam repetir "tudo o que é real é racional"? E se sua única oração fosse "Não me chicoteie, Chicote do Czar"?

B) *Relações com as autoridades de campo*. Qual pode ser a atitude dos bem-intencionados para com as autoridades da área, a não ser ser os mais respeitosos e amigáveis? Os dirigentes do campo não são membros do Partido, não obedecem às ordens do Partido, são eles os culpados de que "eu" (o único inocente) tenha sido enviado para cá com uma condenação? Os ortodoxos têm plena consciência de que, se estivessem no lugar dos líderes da área, agiriam exatamente como eles.

Ultimamente, nossa mídia tem falado muito sobre Todorski, apresentando-o como um herói do campo. Diakov conta que Todorski (ex-seminarista transformado em jornalista, distinguido por Lenin e nomeado na década de 1930, não se sabe por que, diretor da Academia de Aviação Militar [?], Apesar de nunca ter sido aviador) até O chefe de compras, por cujo lado qualquer trabalhador passava sem olhar para trás, dirigiu-se a ele da seguinte forma:

"Como posso ser útil para você, Cidadão Chefe?"

Já para o chefe dos serviços de saúde, Todorski fez para ele um resumo do "Manual". ^[ek] Agora, se Todorski *pensou* dist para o "Manual" mesmo em um único ponto em que seus princípios eram, como poderia ser resumido -se exatamente Stalin? ^[191] E se ele pensava exatamente o mesmo, isso é o que se chama de "desapareceu comicamente".

Mas não basta amar as autoridades, é preciso que as autoridades te amem! Portanto, temos que explicar a eles que não há diferenças entre nós, que somos todos iguais, e que eles, por favor, procurem cuidar um pouco de nós. É por isso que os heróis de Galina Serebriakova, de Shelest, de Diakov,

de Aldan-Semionov, tão logo surja a ocasião, quer venha ou não ao caso, oportuna ou inoportunamente, na chegada do comboio ou durante controlando chips individuais, eles correm para se declarar comunistas. É a forma de solicitar um lugarzinho confortável.

Shelest até inventa a cena seguinte. Na prisão de trânsito de Kotlas, passam o rolo para preencher os cartões: "Você pertence ao partido?", Pergunta o chefe. (Para que imbecis está escrito? Onde se viu que nos arquivos da prisão consta a epígrafe "pertencente ao partido?") "Membro da PCU (b)!", Shelest se apressa em responder.

E deve-se reconhecer que os líderes, tanto os "homens de Dzherzhinsk i" quanto os de Beria, *ouvem*. E eles se acomodam. Será que havia instruções escritas, ou pelo menos orais, para acomodar convenientemente os comunistas? Porque mesmo na época das perseguições mais ferozes contra os Cinquenta e Oito, quando eles foram disparados de todas as órbitas, não se sabe por que os ex-figurões comunistas permaneceram imóveis. (Em Kraslag, por exemplo, o ex-membro do Tribunal Militar do Cáucaso-Norte Militar, Aralov, Região permaneceu como líder da equipe no pomar, o ex-brigadeiro e comandante Ivanchik, do mesmo nas *cabanas*; o ex-secretário do Comitê de Moscou, Diedkov, também manteve sua sinecura). Mas você nem precisava de instruções; um simples sentimento de solidariedade e o simples cálculo do "hoje para você, amanhã para mim", seriam incentivos suficientes para os *emeuvedistas* cuidarem de seus correligionários.

Em suma, os ortodoxos eram considerados pelas autoridades como amigos íntimos e constituíam um grupo muito privilegiado no campo. (Isso não atingiu os silenciosos comunistas da turma, que não iam o tempo todo fazer uma profissão de fé perante as autoridades).

Aldan-Semionov até escreve com franqueza: as autoridades comunistas tentam confiar os trabalhos menos difíceis aos presidiários comunistas. Diakov também não esconde: Rom, um recém-chegado, acaba de explicar ao chefe do hospital sua longa carreira bolchevique. E ele fica bem ali como decreto do hospital, uma posição altamente desejável. Ele também ordenou ao chefe de campo *n* ou *remover* uma enfermeira Todorsky.

Mas o caso mais notável é relatado por G. Shelest em suas *Notas Kolyma* : ^[192] Um chefe chefe do MVD acaba de chegar e, no recluso, Zaborski reconhece seu ex-comandante durante a guerra civil . Emoção,

Abraços, lágrimas ... Peça o que quiser, metade do meu reino é seu! Zaborski aceita "comida especial na cozinha e o pão de que precisa" (em outras palavras, ele concorda em comer a ração dos trabalhadores, porque ninguém vai estabelecer novos padrões alimentares para si), e tudo o que pede é um *Lênin* em seis tomos para ler à noite à luz de velas. Tudo está arranjado: durante o dia ele se alimenta de rações roubadas e à noite ele lê Lenin. Desta forma franca e alegre, a humildade é exaltada!

O próprio Shelest nos conta uma estranha história de um certo "politburo underground" do time (um pouco demais para um time?) Que ganha pão e tigelas de cereal fora da hora do almoço. Quer dizer, em todos os lugares temos nossos plugues? Quer dizer, nós também roubamos, hein, ideólogos?

E esse mesmo Shelest nos dá a definição definitiva:

“Alguns sobreviveram por causa de sua *força moral* (como os ortodoxos que roubavam pão e cereal. - AS), outros, graças a uma tigela adicional de mingau” (é Ivan Denisovich). ^[193]

Ok, eu concordo. Ivan Denisovich não tem amigos conectados. Mas diga-me, e as pedras? Quem construiu paredes com eles? Você deve ser?

C) *Atitude em relação ao trabalho*. Dicho abstratamente, os ortodoxos amam o trabalho (o auxiliar Eiche, no delírio tífico, só acalmava se a enfermeira lhe assegurasse que, sim, telegramas relativos ao armazenamento de grãos já haviam partido). Da mesma forma, em abstrato, aprovam o trabalho nos campos: é preciso construir o comunismo, e sem ele não se justificaria tanta batalha quanto aquela horda de prisioneiros. É por isso que lhes parece perfeitamente razoável manter os refratários, trancá-los no BUR e atirar neles em tempo de guerra. Eles consideram perfeitamente legítimo ser um entregador de empregos, líder de equipe ou qualquer outro tipo de arrieiro (nisso eles divergem de "ladrões honestos" e convergem com "vadias").

Por exemplo, Elena Nikitina, ex-secretária do comitê Komsomol em Kiev, era a chefe de uma equipe florestal. Dizem que ele assumiu a produção de sua própria equipe (formada por Fifty-Eights) e negociou com bandidos. Lucía Djaparidze (filha de um policial de Baku) comprou isenções de trabalho dele com o chocolate que recebeu em seus pacotes. Em contraste, a anarquista Tatiana Garasiova não teve permissão para deixar a floresta por três dias seguidos, até que seus membros congelaram.

Prokhorov-Pustover, também bolchevique , embora sem partido, "desmascara" colegas que não cumprem as normas de produção "propositadamente" (e reporta às autoridades, que os punem). E quando os outros o censuram: «É preciso compreender, é trabalho escravo!», Ele responde: «Curiosidades para a filosofia! Nos países capitalistas os trabalhadores lutam contra o trabalho escravo, tudo bem, mas nós, mesmo sendo escravos, trabalhamos para o estado socialista, e não para indivíduos! Entenda que esses burocratas estão no poder apenas por um momento (?): Um único gesto do povo e eles vão desaparecer. Mas o estado do povo permanece! "

É uma selva, a mentalidade de um ortodoxo. Um ser vivo nunca consegue entender isso.

Mas os bem-intencionados admitem apenas uma exceção: eles próprios . Na verdade, seria um grave erro usá-los no trabalho de campo geral, porque então seria mais difícil para eles serem preservados para seu futuro e fecundo trabalho de liderança do povo soviético; além disso, ao longo desses anos difíceis no campo, também seria difícil para eles *pensar*, isto é, repetir, um a um, em fila, que o camarada Stalin tem razão, o camarada Molotov tem razão, o camarada Beria tem razão e todos os outros camaradas do Partido.

Portanto, sob a proteção dos chefes de campo e se ajudando secretamente, fazem todo o possível para se acomodarem em posições plug-in que não requeiram conhecimentos especiais (não há nenhum deles que seja especialista em alguma coisa) e que sejam, preferencialmente, gentil, o mais longe possível do combate corpo a corpo básico. E então eles se estabeleceram em: Zajarov (professor de Malenkov), na loja de objetos pessoais; Zaborski, cujo nome já tivemos oportunidade de citar (o próprio Shelest?), Na loja de roupas; o célebre Todorski, na enfermaria; Konokotin, como praticante (embora como praticante ele não tivesse nada); Serebriakova, como enfermeira (embora como enfermeira ela não tivesse nada). Aldan-Semionov também encontrou um plug.

A biografia de Diakov no campo, a mais eloquente dos bem-intencionados, é obra de sua própria pena e digna de admiração. Na pena de cinco anos, conseguiu não se ausentar da região mais de *uma vez*, e isso por meio dia, durante o qual trabalhou *trinta minutos*, cortando galhos; e acima, o guardião se aproxima dele para dizer: "Descanse, você está exausto!" Trinta minutos em cinco anos, nem todo mundo sabe como fazer! Por

algum tempo, ele *especulou* sobre uma hérnia, depois uma fístula de hérnia, mas não por cinco anos! Para obter cargos que valham seu peso em ouro, como, por exemplo, estadista médico, bibliotecário do Setor Educacional-Cultural e consignatário de bens pessoais, e poder neles permanecer *durante todo o tempo da cadeia*, não basta ter pagou a alguém com bacon; provavelmente também é necessário ter vendido a alma ao *compadre*, ou, se não, que os veteranos da área o digam. E, acima de tudo, Diakov não é um simples plugado, mas um belicoso plugado: na primeira variante de seu romance, ^[194] antes de ficar constrangido publicamente, ^[195] muito elegantemente explica as razões pelas quais um homem inteligente deve tentar evitar o máximo possível o destino áspero do povo ("um lance de xadrez", "o roque", isto é, expor os outros a golpes em vez de si mesmo). E esse é o homem que hoje assume o papel de principal comentador da vida dos reclusos!

Ova de Galina Serebriak , por outro lado, deixa sua biografia de prisão em uma linha pontilhada prudente. Dizem que acusações sérias pesam sobre ela. Eu não fui capaz de verificar isso.

E todo esse coro de autores nos apresenta, não só a eles próprios, mas a *todos* os outros bem-intencionados que descrevem, *sempre fora do trabalho*: seja na enfermaria, seja em seus plugs. É onde eles têm suas conversas obscurantistas (um tanto alteradas a partir de então). Os autores não mentem aqui: eles simplesmente não tinham imaginação para representar aquelas cabeças de paralelepípedo dedicadas a um trabalho útil para a sociedade. (E como eles deveriam ter, se eles nunca tivessem trabalhado?)

D) *Atitude em relação à evasão*. As cabeças de paralelepípedos nunca tentam escapar pessoalmente; isso constituiria um ato de oposição ao regime, de desorganização do MVD e, portanto, um ataque ao poder soviético. Além disso, os ortodoxos sempre dispõem de um ou dois recursos ou pedem peregrinação pelas Superioridades, e uma evasão aí pode ser interpretada como um gesto de impaciência, ou pior ainda, de desconfiança em relação à Superioridade!

E, além disso, *de que serviria* uma liberdade comum e selvagem, a liberdade das pessoas, dos pássaros , *para* o bem-intencionado? Como diz sua teoria, toda verdade é concreta. E eles precisavam de liberdade apenas nas mãos do Estado, uma liberdade legal, assinada e carimbada, que lhes

devolvesse a situação e os privilégios de que gozavam antes de sua prisão. Se não ... por que eles queriam liberdade?

E se não fugiram, com mais razão condenaram todas as tentativas dos outros como autêntica sabotagem ao sistema MVD e à reconstrução econômica.

Bem, e se as evasivas são tão prejudiciais, talvez seja um dever cívico de todo comunista bem-intencionado, assim que souber de um, denunciá-lo ao camarada comissário? Não é lógico?

E pensar que entre eles havia combatentes clandestinos de outrora e gente valente da guerra civil! Mas seu dogma os transformou em uma turba política ...

E) *Atitude em relação ao resto dos Cinquenta e Oitos.* Eles nunca foram confundidos com seus companheiros de infortúnio; isso teria sido conduta indigna do Partido. Quer em segredo entre eles, ou em ampla luz (não havia perigo), os dois bem-intencionados gostavam de se opor àqueles Cinquenta e Oitos sujos; eles tentaram se purificar com a separação. Essa era precisamente a massa grosseira que lideravam quando eram livres e não tinham permissão de pronunciar uma única palavra à vontade. Agora eles compartilhavam a mesma cela e estavam em pé de igualdade, mas ainda se sentiam superiores e continuavam culpando-o. “Vocês são um bando de desgraçados”, gritaram eles, “e têm o que merecem! Quando você estava livre; a única coisa que você fez foi fingir! 'Re todos os inimigos; eles fizeram muito bem em trancá-lo! Está tudo bem feito e marchamos para uma grande vitória!” (O único erro que eles cometeram foi me trancar.)

E, com toda a seriedade, atribuíram a ausência de objeções aos seus monólogos prisionais (a administração sempre esteve do lado dos ortodoxos; os "contras" não ousaram abrir a boca por medo de uma segunda condenação), ao poder de persuasão de sua doutrina invencível! ^[196]

Os Ortodoxos contemplavam tudo o Cinquenta e Oito, com exceção de si mesmos, com manifesto desprezo e ódio de classe que seu Decálogo os comanda. "Fiquei horrorizado", escreve Diakov, "quando percebi com quem estava!" Konokotin se recusa a dar uma injeção a um Vlasovista doente (embora, como um praticante, ele fosse obrigado a fazê-lo!), Mas com entusiasmo doa sangue para um soldado da escolta. (O mesmo que seu médico contratado Barinov: "Eu sou primeiro um chechista, depois um médico". Isso é remédio! Agora entendemos por que Diakov diz que o

hospital "precisa de gente honesta": é saber quem deve receber injeções e quem não deve.

Esse ódio se traduz em atos (bem, como você pode ter enlatado o ódio da classe ? E para quê?) No relato de Shelest, o professor (provavelmente de direito comunista) Samuil Guendal não hesita em acusar de sabotagem! para a cabeça espiritual dos caucasianos apenas porque eles se recusam a sair para trabalhar!

F) *Atitude para a soplonería*. Assim como todos os caminhos levam a Roma, todos os pontos anteriores nos levaram à mesma conclusão: que aqueles espíritos mais firmes que uma rocha não podem deixar de colaborar com os melhores e mais gentis de todos. os gerentes de campo: o comissário. Na sua situação, é a forma mais eficaz de ajudar o NKVD, o estado e o Partido.

E, além disso, oferece suas vantagens; é a melhor forma de abordar as autoridades. Os serviços prestados ao *compadre* não são sem recompensa. Só com a ajuda do *compadre* você pode ficar anos em um bom outlet de área.

Em outro livro sobre os campos, dessa mesma corrente ortodoxa, ^[197] o comunista Kratov, personagem ultra-positivo que goza de todas as simpatias do autor, é guiado no campo pela seguinte filosofia: 1), o principal é sobreviver a qualquer preço, aceitando tudo; e 2), uma vez que necessariamente deve haver delatores, é sempre melhor que pessoas decentes o sejam e não canalhas.

De resto, supondo que um ortodoxo seja teimoso e não queira saber nada sobre o *compadre*, será muito difícil para ele evitar essa situação. O comissário nunca permite convidar gentilmente todos os ortodoxos a expressarem sua fé em voz alta, e muito paternalmente lhes pergunta: "Você é um *soviético*?" Os bem-intencionados não podem dizer não. Portanto, é "sim".

E já que é "sim", vamos colaborar uns com os outros, camaradas. Nada ^[198] pode impedir você.

Só hoje, ao desvirtuar toda a história dos acampamentos, os nossos bem intencionados têm vergonha de confessar que colaboraram . Nem sempre foram descobertos em flagrante, como Lisa Kotik, que deixou cair uma reclamação por escrito ... Mas os detalhes lhes escapam. Por exemplo, Diakov diz que o comissário Sokovikov gentilmente cuidou de enviar suas

cartas sem que primeiro passassem pela censura do campo, apenas que ele não explica *o que fez* para que fossem enviadas dessa forma, *qual foi o motivo* de tal amizade. Ou, se não, inventam que o comissário Iakovlev aconselhou Todorski a não se declarar abertamente comunista, mas não esclarecem por que o comissário se importou tanto com isso.

Mas é só por enquanto. A era gloriosa está próxima quando será possível sacudir e reconhecer em voz alta e firme:

-Sim! Éramos delatores e nos orgulhamos disso! ^[199]

E, afinal ... por que todo esse capítulo? Por que todo esse longo estudo e análise do bem-intencionado? Em vez disso, vamos escrever em caracteres grossos:

JANOS KADAR e WLADYSLAW GO MULKA ^[200]

Esses homens passaram por detenções injustas, torturas e longos anos na prisão.

O mundo inteiro pode ver o quanto eles aprenderam. O mundo inteiro sabe o que eles valem.

XII

Toc-Toc-Toc

A *Cheka-Guebé* (parece - me que esta é a forma ideal, breve, confortável e sonora de designar aquela instituição, tendo em conta, ao mesmo tempo, a sua evolução ao longo do tempo) que o CHKGB teria sido como um pedaço de madeira insensível , incapaz de zelar pelo seu povo, se não tivesse um olhar penetrante e um ouvido atento. Nestes últimos anos de técnica avançada, o trabalho dos olhos é realizado, em parte, por máquinas fotográficas e células fotoelétricas, e o dos ouvidos, por microfones, gravadores e aparelhos de raio laser; mas durante todo o período a que este livro se refere, praticamente os únicos olhos e ouvidos do CHKGB foram informantes .

Durante os primeiros anos da Cheka , os informantes eram funcionalmente apelidados de "colaboradores secretos" (para diferenciá-los dos colaboradores declarados e regulares). De acordo com o costume daqueles anos, sua denominação *sekrietnyie sotrudniki*, foi transformada, devidamente abreviada, em *seksotes*, e assim entrou na língua atual . Quem inventou essa palavra (sem pensar que se espalharia dessa forma; a verdade é que não foram muito previdentes), não souberam dar-lhe um ouvido desavisado e perceber em sua própria ressonância algo nojento, ainda mais vergonhoso do que o pecado do sono. Com o passar dos anos, o termo cresceu, além disso, com o sangue amarelo-amarronzado da traição, e a partir daquele momento não houve mais palavra abjeta na língua russa.

Mas essa palavra só foi usada no exterior. O Arquipélago tinha seus próprios termos: na prisão era o "delator"; no campo, o "pomo". Porém, da mesma forma que muitas palavras do Arquipélago se espalharam pelo vasto espaço da língua russa e acabaram conquistando todo o país, então "delator" tornou-se, depois de certo tempo, uma das noções mais comuns. Isso testemunha a unidade e universalidade dessa instituição que está delatando.

Qualquer pessoa que não tenha sofrido e não tenha refletido o suficiente não consegue perceber até que ponto a delação nos cerca e permeia a todos. Assim como sem o transistor não percebemos que, no meio do campo, na floresta ou em um lago, nosso corpo é constantemente atravessado por ondas de rádio.

É difícil se acostumar com aquela pergunta constante: qual de nós é o delator aqui? "Aqui" significa no nosso apartamento, no nosso quintal, na nossa oficina do relojoeiro, na nossa escola, na nossa redação, na nossa oficina, no nosso estúdio de engenharia ou mesmo na própria fábrica . Delegacia onde você trabalha. É difícil se acostumar com isso, e é um pouco nojento adquirir esse hábito, mas se você quiser viver com segurança, não tem escolha a não ser fazê-lo. É impossível descartar os informantes: outros sairão. Mas é preciso conhecê-los: às vezes, ser prudente na presença deles; outros, para se fazer passar diante de seus olhos por aquilo que você não é; e, às vezes, brigar abertamente com o pomo e, assim, diminuir a validade de tudo que ele possa dizer mais tarde contra você.

Em um capítulo à parte, dedicado à vida livre *fora* do Arquipélago, falaremos sobre a densa rede dos *Seksotes*. Muitos sentem essa densidade, mas não conseguem imaginar cada *seksote* com seu rosto, seu rosto humano simples, e isso dá à rede um caráter ainda mais enigmático e terrível do que realmente é. Agora, a *seksota* pode ser aquela vizinha simpática dela, Anna Fiodorovna, que veio pedir um pouco de fermento emprestado e depois correu avisar, no local combinado (que pode ser qualquer barraca de mercado ou farmácia) , que alguém mora em sua casa sem uma autorização de residência. Pode ser aquele bem-humorado Ivan Nikiforovich, em cuja companhia você bebeu 200 gramas de vodca e depois passou a contar que reclamava que nunca se consegue nada nas lojas, mas que, por outro lado, Funcionários do governo obtêm tudo plugado. Você não conhece os *seksotes* pessoalmente , e então você está surpreso que os *Órgãos* onipresentes aprenderam que, durante a apresentação em massa da "Canção a Stalin", você simplesmente abriu a boca sem fazer um único som! Ou que durante o desfile de 7 de novembro não deu mostras de alegria! Mas onde estão esses *olhos* penetrantes e ardentes *de seksote*? Ambos podem ser pupilas da cor do céu e os olhos lacrimejantes de um velho. Eles não precisam ter o brilho sombrio da perfídia. Não espere necessariamente ver um canalha fisicamente repulsivo na *seksote* . Ele é um homem comum,

como você e eu, com sua dose de bons sentimentos, com suas doses de maldade e inveja, e com todas as fraquezas que fazem de nós, seres humanos, presas de aranhas. Se o recrutamento dos *seksotes* fosse voluntário, se fosse feito exclusivamente com base no entusiasmo, eles nunca seriam numerosos (exceto talvez durante a década de 1920). Mas as pessoas são recrutadas embrulhando-as e aprisionando-as, e as próprias fraquezas do ser humano as entregam a esse trabalho vergonhoso. E mesmo aqueles que, com toda a sinceridade, querem arrancar de seus corpos aquela pegajosa teia de aranha, aquela segunda pele, não podem, não ... não podem!

Recrutamento é algo que se respira no próprio ar do nosso país. Você respira o fato de que o interesse do Estado está acima dos interesses pessoais. No fato de que Pavlik Morozov ^[ele] seja um herói. No fato de que a traição não é considerada uma traição, mas sim *um auxílio* ao traído. A denúncia se entrelaça com a ideologia como os fios de uma renda, pois os *Órgãos* desejam apenas uma coisa, e os recrutados também devem desejar : o avanço vitorioso de nosso país rumo ao socialismo.

O aspecto técnico do recrutamento merece os maiores elogios. Infelizmente , nossos quadros de detetive não descrevem tais procedimentos. Agentes de recrutamento trabalham em postos de propaganda pré-eleitoral, em cadeiras de marxismo-leninismo (de repente você é convocado: " Uma comissão se reuniu aí , entre") ..., em unidades do Exército (chega um agente do SMERSH e começa a convocar os soldados um a um; com alguns apenas fala sobre o tempo e a comida, mas a outros confia a missão de vigiar uns aos outros e de ativar os oficiais). Em seu minúsculo cubículo, um artesão conserta artigos de couro. O simpático homem entra: "Não dá para consertar essa fivela?", E em voz baixa: "... Agora você fecha sua oficina e sai para a rua; haverá espera pela matrícula 37-48; abra a porta diretamente e suba; o carro o levará onde você precisar. (O resto, já sabemos: "Você é um bom cidadão soviético? Bem, então você tem que *nos ajudar*"). Um workshop como esse é a base ideal para recolher reclamações dos cidadãos! E se quiser falar pessoalmente com o comissário, suba ao apartamento dos Sidorovs, 2º andar, toque a campainha três vezes, das 6:00 às 8:00 da tarde.

A poesia do recrutamento de *seksote* ainda não encontrou seu bardo! Existe uma vida visível e outra invisível. Teias de aranha estão espalhadas

por toda parte e não percebemos como, à medida que nos movemos, elas nos envolvem.

As ferramentas de recrutamento são numeradas como um conjunto de chaves: Nº 1, Nº 2 , Nº 3... Nº 1: "Você é um bom cidadão soviético?" Nº 2: Consiste em prometer ao recrutado o que ele vem tentando alcançar legalmente há anos; # 3: pressioná-lo, ameaçando-o com o que ele mais teme; No. 4: ...

Às vezes você nem precisa insistir muito; basta apertar um pouco ... Eles convocam um certo AG (que é conhecido por ser um homem sem caráter), e imediatamente dizem: "Faça uma lista de todos os seus conhecidos que nutrem sentimentos anti-soviéticos." . O homem fica atrapalhado, hesita... "Não tenho a certeza"... Mas não saltou, não deu um soco na mesa: "Como te atreves...!" (E qual de nós daria um soco? Não vamos fantasiar!) "Ah, não tem certeza? Nesse caso, faça uma lista daqueles que são verdadeiros cidadãos soviéticos. Mas você *responde*, lembre-se! Se você garantir apenas um erro, nós o *resolveremos* lá! O que acontece? Por que você não escreve? "Eu ... eu não posso garantir." Oh, você não pode? Isso significa que você *sabe que* eles são anti-soviéticos. Em seguida, escreva o que você sabe sobre eles! " E o pobre coelho, honesto e bom, treme e se sacode e se tortura, com aquela alma mole demais modelada antes da revolução. Eles foram francamente colocados entre a rocha e a dura: digam que são soviéticos ou digam que são anti-soviéticos! Ele não vê uma terceira saída.

A pedra é muito mais dura que o homem, mas também pode ser quebrada.

Na liberdade há um maior número de chaves, porque a própria vida é mais variada. Por outro lado, dentro do campo apenas os mais simples são necessários: a vida ali é simplificada, austera, os diâmetros dos parafusos são sempre os mesmos. O número 1, é claro, permanece: "Você é um verdadeiro cidadão soviético?" É adequado para os bem-intencionados, a chave nunca salta; a cabeça do parafuso cede imediatamente e começa a girar. O nº 2 também funciona muito bem, prometem tirar-te dos empregos gerais, arranjar um lugar para ti na zona , um suplemento de cereais, algum dinheiro também, pena reduzida ... Isso é vida! Cada uma dessas etapas significa conservar a vida! (Durante os anos de guerra, o *murmúrio* foi especialmente desvalorizado: o preço dos produtos aumentou; o dos homens, diminuiu. Foi traído até por um pacote de ferroada). A chave # 3 é

ainda melhor: nós o removemos do soquete! Nós o enviamos para os *generais*! Nós o transferimos para um campo disciplinar! Cada uma dessas etapas é um passo para a morte. E aquele que não responde à tentação de um pedaço extra de pão pode muito bem vacilar e implorar se se sentir empurrado para o abismo.

Isso não significa que um trabalho melhor nunca seja necessário no campo. Há ocasiões em que, querendo ou não, você tem que usar a cabeça. O major Shikin precisava de acusações contra o prisioneiro Herzenberg, um judeu. Ela tinha seus motivos para pensar que Anton, um garoto alemão inexperiente de dezessete anos, poderia ser útil para ela. Shikin convocou Anton e começou a mexer nele as sementes depositadas pelo nazismo: quão nojenta era a raça judaica e como ela derrubou a Alemanha ... Anton ficou furioso e traiu Herzenberg. (E por que, em outras circunstâncias, o comunista chechista Shikin não teria se revelado um eficiente comissário-instrutor da Gestapo?)

Ou, por exemplo, Alexandr Filipovich Stepovoi. Antes de sua prisão, ele era um soldado nas tropas do MVD, e eles o colocaram sob o artigo 58.

[201]

Não era nada ortodoxo, era um menino simples que no campo começou a se envergonhar do trabalho que fazia antes, e o escondeu com ciúme, pois não desconhecera que poderia ser perigoso ou se fosse conhecido. Como recrutá-lo? Aproveitando justamente isso: divulgaremos que você é um Chequista. Eles limpariam o fundo com sua própria bandeira apenas para recrutar! (Garante que, apesar de tudo, resistiu).

Tem aqueles que, como dizem, venta ou não, mas sopra com prazer, esses são fisgados facilmente. Outros precisam ser fisgados mais de uma vez, porque só engolem a isca. Se alguém tentar escapar argumentando que é difícil para ele reunir informações precisas, ele será explicado: 'Dê-nos o que você tem; estaremos encarregados de verificar ». "Mas se eu não tenho segurança" ... "Então isso significa que você é um inimigo de verdade?" Ou acabam explicando francamente: "Precisamos de cinco por cento de verdade, você pode adicionar o resto de sua própria fantasia." (Os Comissários Djidin).

[202]

Mas às vezes até o *compadre* está exausto , a barragem não segue nem a primeira, nem a terceira, nem a quinta. Não é frequente, mas acontece. Então você só pode fazer uma coisa: cobrir o recall e fazer a *não divulgação*. Nem a Constituição nem o Código contêm esse tipo de

compromisso e em nenhum lugar se diz que somos obrigados a assiná-lo; mas que diferença isso faz? Estamos acostumados com tudo. Como podemos recusar isso também? Nisso todos nós cedemos. (E, no entanto, se nos recusássemos a assinar, se uma vez que cruzássemos a soleira contássemos a cada uma de nossas conversas com o *compadre*, a força demoníaca da Terceira Seção desapareceria, uma vez que todos os seus segredos, e eles próprios, seriam perdidos. eles continuam graças à nossa covardia). E no arquivo do detido a menção digna está carimbada: "*Não recrute!*" É um selo de garantia: "96", ou pelo menos "84", mas levaremos muito tempo para sentir isso, supondo que não morramos antes ... Vamos nos limitar a adivinhar pelo fato de toda aquela imundície ele se afastará de nós e nunca mais se aderirá a nós!

No entanto, na maioria das vezes, as manobras de inscrição são bem-sucedidas. Eles se limitam, pura e simplesmente, à pressão; pressionam tanto que, ao se rebelarem, não valem nem súplicas nem negações.

E muito em breve, o agente recém-recrutado apresentará seu relatório.

E, na maioria das vezes, esse relatório servirá para amarrar o nó de uma nova condenação no pescoço de alguém. E a delação revela-se a forma mais eficaz de luta no campo: "você explode hoje, eu, amanhã".

Na *vida cotidiana*, durante todos os quarenta ou cinquenta anos de regime, a delação sempre foi uma ocupação completamente segura : não havia o menor risco de a sociedade descobrir, ameaçar ou punir o delator.

Mas no campo era algo diferente. O leitor se lembrará de como a Seção Administrativa de Solovki desmascarou os informantes e os despachou para a Ilha Kondostrov. Depois, várias décadas em que a instituição parecia florescer impunemente. Mas, ainda assim, dependendo de quando e onde um grupo de internos enérgicos e obstinados foi formado, que silenciosamente continuaram a tradição Solovki. Às vezes, eles espancavam (matavam) o pomo, simulando o linchamento de um ladrão pego em flagrante (para os padrões do campo, o linchamento era quase legal). Outras vezes (*lagpunkt* nº 1 da Viatlag, durante a guerra), os plug-ins de produção eram expulsos administrativamente das obras "por motivos técnicos", os informantes mais prejudiciais. Nesses casos, o comissário pouco podia fazer. Os outros informantes entenderam e ficaram apaziguados.

A princípio, nos acampamentos, eles depositaram grande esperança nos combatentes que acabavam de chegar da frente: eles iriam resolver o problema com as próprias mãos! Mas, infelizmente, esses reforços militares não demoraram a decepcionar os presos: fora do âmbito de seu exército, aqueles guerreiros, esses artilheiros, aqueles batedores, estavam murchados e não serviam mais.

Muitas vezes os sinos tocariam de novo, muitas horas, dias e semanas se passariam antes que a proibição dos delatores fosse levantada no arquipélago .

* * *

Para esse capítulo, estou faltando material. Ex-presidiários não estão muito inclinados a me dizer como foram recrutados. Então, terei que falar sobre mim.

Só depois de uma longa experiência nos campos é que dei uma olhada no meu passado e percebi como foi mesquinho e lamentável meu início como recluso. Envolvido na pele de meu oficial, acostumei-me a uma posição injustamente elevada na frente das pessoas ao meu redor e, no campo, nada mais fiz do que subir para posições das quais caí imediatamente. E me agarrei a essa pele: a túnica, a calça de montaria, a capa ... como tentei não trocá-las pela roupa de faixa country! Transportado para um novo ambiente, cometi o erro de todo novato: me destaquei em campo!

E o olho infalível do primeiro *compadre*, o Novyi Ierusalim, imediatamente me notou. Mais tarde, no Portão de Kaluga, assim que fui promovido de pintor a "assistente normativo", tirei novamente o uniforme: ah, como se deseja ser viril e belo! Além disso, eu estava morando na caverna dos monstros, e os generais ainda me passaram por isso, e de que maneira!

Eu tinha esquecido completamente a autobiografia que me fizeram escrever em Novyi Ie rusalim. Uma noite, eu estava deitado na cama, lendo um manual de Física; Zinoviev estava fritando alguma coisa e falando ao mesmo tempo; Orachevsky e Prokhorov recostaram-se, as botas no corrimão, quando de repente Senin, o chefe da guarda, entrou (claramente não era seu nome verdadeiro, mas um pseudônimo para o acampamento), e, fingindo não reparar nem no inferninho nem nas botas em primeiro plano, ele se sentou em uma das camas, participando da conversa geral.

Não gostei muito do rosto ou do olhar daquele Senin, ele tinha uma aparência muito móvel e evasiva, mas como era educado, que modos tinha! Como ele se distinguiu entre todos os nossos tutores e guardas, brutal, rude, analfabeto! Senin não era nem mais nem menos que um *estudante!* Aluno do 4º ano, só não lembro qual corpo docente. Aparentemente, ele estava muito envergonhado de seu uniforme MVD; ele temia que seus colegas o vissem na cidade com suas dragonas azuis. Quando chegasse ao trabalho, vestia o uniforme na guarita, e quando saía ia tirá-lo. (Esse é realmente um "personagem contemporâneo" para os romancistas! Tente imaginar, nos dias dos czares, um estudante progressista que ganhava a vida como diretor de uma prisão!) Pelo resto, com todos os cultos E educado como era, era fácil para ele fazer um pobre velho subir e descer escadas correndo ou mandar um preso ficar trancado na cela de castigo por três dias.

Mas, na nossa sala, gostava de falar de assuntos intelectuais, mostrar-nos que compreendia as nossas almas subtis e fazer-nos apreciar a subtileza da sua. Então, dessa vez, ele começou nos contando coisas novas sobre a cidade, depois de um novo filme, e de repente, sem ninguém perceber, ele claramente me sinalizou para sair para o corredor.

Saí perplexo. Depois de algumas frases educadas, para não chamar a atenção, Senin se levantou e foi ao meu encontro. E mandou-me ir imediatamente ao gabinete do policial por uma escada justificada onde não havia risco de encontrar ninguém. Lá estava a coruja.

Eu nunca tinha visto seu rosto. Subi com o coração pesado. O que você temia? O que todo recluso teme: uma segunda frase! Ainda não havia se passado um ano desde a investigação de meu resumo, e o simples fato de ver um comissário sentado em sua mesa fez meu corpo inteiro doer. Agora eles teriam começado a vasculhar meu arquivo novamente ... Talvez eles tenham encontrado novas páginas em meu diário ... ou talvez cartas ...

TOC Toc toc...

-Passar.

-Eu abro a porta. Um quartinho confortavelmente mobiliado, como se não estivesse em nenhum GULAG. Eles até acomodaram um sofá (talvez nossas mulheres sejam trazidas aqui) e um "Philips" em uma prateleira. Seu olhinho colorido está aceso e dele sai uma melodia suave e muito agradável, em tons baixos. Estava completamente desacostumado com aquela pureza de som e aquele tipo de música e desde o primeiro momento abrandei: algures ainda há vida! Meu Deus, estamos acostumados a considerar o que

temos aqui como uma vida, mas a vida, a verdadeira, acontece em algum lugar, *ali* ...

-Sente-se.

Sobre a mesa, um abajur com sua sombra reconfortante. Sentado à escrivaninha, em uma poltrona, a delegacia : o mesmo ar intelectual de Senin, escuro, impenetrável. Minha cadeira também é macia. Que bom tudo isso, contanto que você não comece a me acusar de alguma coisa, que não fale de pecados antigos!

Mas, não, sua voz não soa hostil. Ele me pergunta como vão as coisas, como estou me sentindo, se estou me acostumando com o campo, se estou confortável na sala com o aparelho conectado. Não, não é assim que um resumo é iniciado. (Mas onde eu já ouvi essa melodia maravilhosa antes ...?)

E agora, uma questão completamente lógica, mesmo de simples curiosidade:

"Bem, depois de tudo que você teve que viver, depois de tudo que você passou, você ainda é um verdadeiro cidadão soviético?" Ou não?

Ei? Vamos ver o que eu respondo? Vocês, nossos descendentes, nunca vão entender: o que eu respondo agora? Eu posso ouvir vocês, homens normais e livres, como vocês gritaram comigo em 1990: Mas mandem ele para ...! (Ou talvez nossos descendentes não usem mais essas expressões? Eu acredito que, na Rússia, sim! Eles te prendem, te esfolam e, acima de tudo, "cidadão soviético"! "

E, realmente, depois de passar por tantas prisões, conhecer tantas pessoas, receber informações do mundo inteiro, como poderia continuar a ser um bom soviético? Onde algo soviético foi visto para resistir a informações completas?

E se a prisão tivesse me *reeducado* tão bem quanto me *instruído*, naquele momento eu deveria ter cortado minhas perdas: "Não! E vocês podem ir todos ao mesmo ...! Eu cansei de quebrar minha cabeça por vocês ! Deixe-me descansar depois do meu trabalho! "

Mas acontece que crescemos em obediência, rapazes! Acontece quando perguntam: «Quem vota contra? Quem se abstém? ', A mão não se levanta; não há caso; Ele não se levanta pelo mundo! Mesmo um condenado, como poderia pronunciar em sua língua: "Não sou soviético"?

"Na decisão do OSO, diz-se que sou anti-soviético", evito prudentemente a pergunta.

-O urso...! Ele acenou de lado sem o menor respeito. Mas você, o que você sente ? Você ainda é um cidadão soviético? Ou ele mudou, ele está amargo?

Nossa conversa monótona, viscosa e desprezível está fora de sintonia com a melodia, fluindo pura e discretamente. Meu Deus, como pode ser bela e limpa a vida humana, mas o egoísmo dos poderosos nunca nos deixa chegar a ela...! Moniuszko? Não ... Dvorak? Nem ... Se você já cala a boca, cachorro, pelo menos vai deixar eles ouvir ...

"Por que ele deveria ser amargo?" Estou impressionado. (Sim, por quê? Dez cartas, oito anos, nem mesmo um ano por carta ... Não, não, não devemos ser "amargos", isso já cheira a segundo resumo).

"Então você é um bom soviético?" Insiste o comissário, severo, mas encorajador ao mesmo tempo.

Acima de tudo, não responda bruscamente. Acima de tudo, não me revelando como sou agora. Se eu disser a ele que sou anti-soviético, certamente ele conseguirá jogar mais cinco anos sobre mim.

"Por dentro, bem no fundo ... como você se vê?"

É assustador pensar nisso: é inverno, nevasca, e agora vou para o subártico ... E aqui em Moscou estou bem acomodado, durmo em casa, não tenho frio e até tenho lençóis. Minha esposa vem me visitar, traz pacotes ... Abandonar tudo isso? Para quê, poder ficar? E, bem, o que há de tão vergonhoso em ser "soviético"? Afinal, o sistema é socialista.

"Eu sou ... sim ... soviético."

"Ah, soviético!" Essa é outra conversa ', comemora o comissário. Portanto, agora podemos conversar como dois cidadãos soviéticos. Significa que você e eu temos a mesma ideologia, que buscamos os mesmos objetivos (apenas em salas diferentes) e sabemos como agir em conjunto. *Você nos dará sua ajuda*, e nós daremos a nossa ...

Sinto que estou começando a escorregar ... E, ainda por cima, aquela música ... Ele, enquanto isso, está amarrando loop após loop com precisão: tenho que ajudá-los a ter consciência do que está acontecendo ..., posso conseguir ouvir uma conversa casual ..., eu tenho para informar você ...

Isso eu nunca vou fazer. Sei friamente no meu interior: serei soviético ou não serei soviético, mas que te conto uma conversa política, não espere! Porém, prudência, prudência ... você tem que apagar o rastro aos poucos ...

"Isso, eu ... eu não poderia fazer isso", ele respondeu quase com pesar.

-Por quê? Meu colega em ideologia escurece.

—Porque isso ... não combina com meu personagem ... (Como posso dizer com mais delicadeza, seu desgraçado?) Porque eu ... nunca presto atenção ... estou distraído ...

Ele avisa que tenho alguma coisa com a música e desliga. Silêncio. A cálida luz do mensageiro de um mundo de bem se apaga. Agora apenas a coruja e eu estamos no spacho. Sem piadas.

Se ao menos eles conhecessem as regras do xadrez: a terceira repetição de jogadas é um empate! Mas não. Preguiçosos para tudo, não são preguiçosos para isso: cem vezes me dá o mesmo cheque, da mesma casa, cem vezes me esconde atrás do mesmo peão, e reaparto depois. Delicadeza, não tem; tempo, você tem bastante. Eu me coloquei em cheque perpétuo ao me declarar cidadão soviético. Claro, cada uma dessas cem vezes tem uma nuance diferente: outra palavra, outra entonação ...

E passa uma hora, e duas passam ... No nosso quarto já está todo mundo dormindo, mas por que se apressar? Seu trabalho é este. Como me livrar disso? Como são pesados! Você já aludiu à relocação e empregos gerais. Ele já expressou suspeitas de que eu era um inimigo declarado, apenas para voltar imediatamente a confiar que eu era um amigo declarado ...

Eu não posso desistir. E também não quero ser movido no auge do inverno. Eu me pergunto com tristeza: como tudo isso vai acabar?

De repente, ele desvia o assunto para os bandidos. Ele ouviu o diretor Senin dizer que raramente comento sobre isso, que até tive confrontos com eles. Eu animo: é uma mudança de jogo. Sim, eu os odeio. (Mas eu sei que você o adora!)

E para terminar de mexer comigo, ele pinta o seguinte quadro: minha esposa mora em Moscou. Sem marido para acompanhá-la, ela deve circular sozinha pela cidade, às vezes também à noite. Nas ruas, os transeuntes costumam ficar nus. E são esses mesmos bandidos que fogem dos campos. (Não, para aqueles de vocês que concedem anistia!) Como é possível então que eu me recuse a informar o comissário, se eu descobrir sobre as evasões que esses indivíduos estão preparando?

Afinal, malfeitores são inimigos, inimigos implacáveis, e talvez contra eles qualquer meio seja bom ... Além disso, bom ou não, agora é uma boa saída. Parece-me que...

-Posso. Que eu posso.

Você disse isso! Você disse isso, e o diabo só precisa de uma palavra! Um formulário em branco pousa suavemente na mesa, bem debaixo do meu nariz:

"Comprometimento.

»O abaixo-assinado compromete-se a apontar ao comissário do campo os planos de fuga para os presos» ...

"Mas estamos falando apenas de bandidos!"

"E quem está escapando senão os bandidos?" Além do mais, como vou escrever a palavra "bandido" em um documento oficial? Temos que usar a linguagem estabelecida. O mesmo é entendido.

"Mas isso muda completamente o significado!"

"Não, decididamente, vejo que você não é um de *nós*, e que devemos falar com você de uma *maneira diferente*." E, *não aqui*.

Oh, como soam terríveis as palavras "não aqui", quando a tempestade de neve assola lá fora, quando você é um plug e vive em uma caverna de monstros fofa ! Onde está esse "não aqui"? Em Lefortovo? E como é "diferente"? Bem, se afinal, desde que estive em campo, não houve uma única fuga, as chances são as mesmas de um meteoro cair. E mesmo que haja evasivas, quem será o idiota a comentar primeiro? Portanto, não vou descobrir nada. Portanto, não terei nada a relatar. Venha para pensar sobre isso, não é uma solução tão ruim ... Apenas ...

"Você realmente não pode ficar sem esse papel?"

"É o regulamento ."

Suspiro. Eu sento com algumas pequenas restrições mentais e assino minha escritura de venda da alma. A venda da minha alma para a salvação do meu corpo. Isso é tudo? Posso ir?

Oh não! O compromisso de "não divulgação" ainda permanece. Mas, primeiro, na mesma função:

"Você tem que escolher um pseudônimo."

Um pseudônimo ...? Ah, um *nome de batalha*! Sim, sim, sim, os informantes devem ter um nome de batalha! Meu Deus, como rolei rápido para o fundo! Ele me bateu, apesar de tudo. As peças são movidas, é o xeque-mate.

Minha cabeça está de repente completamente vazia; todo poder de invenção a abandonou. Eu, que sempre encontro nomes para dezenas de personagens, agora não consigo criar um nome de batalha. Gentilmente, ele aponta para mim:

“Bem, por exemplo, *Vetrov*.

E ao pé do compromisso assinou: *VETROV*.

Essas seis letras marcam rachaduras vergonhosas em minha memória

...

E eu que queria morrer com os homens! Ele estava disposto a morrer com os homens! Como é possível que eu tenha permanecido vivo entre os cães ...?

O comissário guarda em seu cofre o meu compromisso assinado (é a sua atuação esta noite), e gentilmente me explica que não devo ir lá, ao seu escritório, porque isso poderia levantar suspeitas. O carcereiro Senin é um confidente, e todas as informações por mês (*reclamações!*) Você tem que entregá-las discretamente a ele.

É assim que os pássaros são capturados. Começando com a ponta de uma pata.

Naquele ano, provavelmente não teria conseguido continuar. Se você não soubesse como segurar a crina, não conseguirá segurar a cauda. Depois de começar a deslizar, está escrito que você acabará caindo do cavalo.

Mesmo assim, algo me ajudou. Senin me incentivou quando o conheci: “Vamos ver? A ver?” Abro os braços num gesto de impotência: não tinha ouvido nada . Os malfeitores eram completamente estranhos para mim, eu não conseguia ter intimidade com eles ... Além do mais, com o tempo que não tinha havido evasões, de repente, como se tivessem feito de propósito, eis um ladrãozinho fugindo do nosso campo. Senin insistiu: "Então de outra coisa! De sua equipe! De seus companheiros de quarto!" “Não faço parte do meu compromisso com mais nada!”, Respondi com firmeza cada vez maior (a primavera já se aproximava de tudo isso). Ainda assim, assinar um compromisso tão limitado já foi uma pequena vitória.

Foi então que, por ordem especial do Ministério, eles me tiraram do campo para me mandar para um *sharashka*. Com isso eu estava definitivamente salvo. Nunca mais precisei contratar a *Vetrov*. Mas, até hoje, ainda tremo cada vez que me deparo com esse sobrenome ...

Oh, como é difícil, como é difícil se tornar um homem! Mesmo que você tenha estado na linha de frente, tenha sido bombardeado e tenha de pular as minas. Esse é apenas o começo do valor. Não é tudo ainda ...

Muitos anos se passaram. Eu conheci os *sharashkas*. Eu conhecia os campos especiais. Minha atitude se tornou independente; Ele me conduziu quase insolentemente; a seção operacional nunca mais me concedeu seus favores, e me acostumei a conviver com a mesma indiferença como se carimbassem em meu arquivo a menção: "Não recrute!"

Eles me mandaram para o confinamento. Passei três anos lá. Os presos já haviam começado a se dispersar, haviam libertado várias minorias étnicas, ^[em] quem ficava lá ia até marcar o comando com brincadeira. O XX Congresso acabou, e o pesadelo parecia ter acabado para sempre. Eu estava fazendo planos felizes para o meu retorno à Rússia, para quando fosse notificado de minha libertação. E de repente, um belo dia, quando eu estava saindo do pátio da escola onde lecionava, um cazaque bem vestido (à paisana) se aproximou de mim e me cumprimentou afavelmente, apressando-se em estender a mão.

"Venha, vamos conversar!" Ele indicou carinhosamente, com a cabeça, em direção à sede.

"Eu tenho que ir jantar," eu parei.

"E esta noite ele pode?"

"Não, não esta noite também." (Aproveitei minhas noites de folga para escrever um romance).

"Bem, que horas amanhã?"

Que pesado! Tive que marcar um horário para o dia seguinte. Achei que ele fosse me informar sobre o andamento do meu recurso (pouco antes de ter cometido um erro: eu havia abordado as autoridades, como fazem os ortodoxos, e, portanto, me coloquei como candidato. O GB não pôde deixar de perder tal ocasião!) Mas não foi isso. Assim que me deixou entrar, na qualidade de comissário da capital provincial, o meu interlocutor instalou-se solenemente no gabinete do chefe do distrito MVD e fechou a porta, obviamente preparando-se para uma conversa de várias horas que prometia ser ainda mais longo devido ao seu pouco conhecimento de russo. Porém, depois de uma hora, consegui entender que não era meu recurso, mas me recrutei como informante. (Aparentemente, com a libertação de um grande número de presidiários, o estoque de informantes diminuiu drasticamente.)

Achei isso engraçado e, ao mesmo tempo, irritante. Irritante, porque cada minuto do meu tempo era precioso para mim, e divertido, porque em março de 1956 aquele tipo de conversa era francamente incongruente, algo como o gesto desajeitado de deslizar a faca no prato para cortar. Procurei

explicar-lhe, de maneira amável, a inadequação de sua gestão; mas não houve caso, ele permaneceu sério como um buldogue, tentando não se soltar de sua presa. Tudo o que é apaziguamento e moderação chega às províncias com um atraso de três, cinco, dez anos; apenas o endurecimento voa com a velocidade de um raio . Ele ainda não conseguia entender o que aquele ano de 1956 prometia ser! Lembrei-lhe então de que o MGB havia sido suprimido, mas ele se apressou em me mostrar, jubiloso, que o KGB era exatamente o mesmo, com o mesmo pessoal e os mesmos objetivos.

A essa altura eu já havia adquirido uma facilidade elegante em tudo o que se referia àquela ilustre instituição.

Ele sentiu que estaria perfeitamente dentro do espírito da época enviá-lo para onde ele e todos os seus companheiros mereciam. Não temia nenhuma consequência direta para mim, não poderia haver nenhuma naquele ano memorável. E teria sido muito divertido sair dali batendo a porta!

Mas então pensei: e quanto aos meus manuscritos? Eles passam dias inteiros em minha cabana, protegidos apenas por uma fechadura fraca e um pequeno dispositivo dentro. À noite, eu os pego e escrevo. Se eu ficar chateado com o KGB, eles vão querer vingança, vão mexer nas minhas coisas em busca de algo que possa me comprometer, e se eles encontrarem os manuscritos?

Não, você tem que se separar para o bem ...

Oh meu país! Oh, meu abençoado país, onde nem mesmo nos meses de maior liberdade um homem poderia se dar ao luxo de brigar com os gendarmes ou gritar na cara deles o que pensava deles!

"É que estou gravemente doente." Meu mal não me deixa ficar atento, escutar ... Já tenho bastante problemas com o meu negócio! Vamos deixar as coisas como estão, não acha?

Desculpa triste. Triste sim, porque, assim, reconheci para eles o direito de recrutar informantes, que deveria ter negado e pisoteado com meu sarcasmo. Estava me recusando de joelhos.

Mas o maldito insolente não se mexeu! Ele ainda passou meia hora me mostrando que até um homem gravemente doente tinha que colaborar ... E finalmente, vendo que realmente não tinha nada a ver comigo , ele entendeu:

"Você tem um certificado extra?"

"Qual certificado?"

—Está tão doente ...

-Sim, eu tenho.

"Então traga."

Ele precisava justificar suas horas de trabalho! Justifique que o candidato foi bem escolhido, apenas que não sabiam que ele estava tão doente. Ele não pediu esse certificado simplesmente para lê-lo, mas para anexá-lo ao arquivo e, assim, fechá-lo.

Trouxe o certificado para ele e ficamos em paz.

Esses foram os meses mais livres em nosso país em cinquenta anos!

Sim, mas ... e quem não tinha certificado?

A habilidade de um comissário de campo é pegar a chave apropriada desde o início. Em um campo na Sibéria, eles convocam U., um nativo da região do Báltico e um bom conhecedor da língua russa (razão pela qual foi escolhido), para o "escritório do diretor". Lá ele vê um capitão desconhecido com um nariz aquilino e um olhar hipnotizante de cobra instalado atrás da mesa. "Feche bem a porta!", Ele ordena, muito sério, como se de um momento para o outro temesse a irrupção de inimigos. Enquanto isso, sob suas sobrancelhas espessas, os olhos flamejantes não param de fixar o pobre U., que já se sente a ponto de desmaiar. Claro, antes de citá-lo, o capitão já teve o cuidado de reunir todos os dados necessários sobre sua pessoa e chegou à conclusão de que nem # 1, nem # 2, nem No. 3 ou No. 4, e desde o início você terá que pegar a última chave, a mais poderosa de todas. E fica ainda alguns instantes com os olhos de fogo fixos nas pupilas límpidas e indefesas de U., sugando toda a sua vontade e levantando sobre ele, com um braço invisível, aquilo que em breve cairá sobre a sua cabeça.

O curador se diverte apenas em uma breve introdução, mas não fala no tom abstrato das aulas de formação política, mas de uma forma extremamente tensa, como se fosse explodir de um momento para outro e no mesmo lugar. "Não desconheces", diz ele, "que o mundo está dividido em dois campos, dos quais um será o vencedor e já sabemos com certeza qual o será . Você sabe o que vai ser ...? Portanto, se quiser continuar vivendo, deve quebrar todas as amarras que o prendem às costas pantanosas do capitalismo e atracar seus navios nas novas costas. Você leu *Rumo a Novas Margens* de Latsis? " Seguem-se mais algumas frases do mesmo

tipo, que pronuncia sem deixar de fixar em U. o seu olhar feroz, cheio de ameaças, depois das quais, e já tendo determinado definitivamente o número de chave a utilizar, pergunta ele em tom. de perturbar gravidade: "Como *sobre* a sua ? *família*" E, um por um, ele nomeia todos os seus membros! Conheça as idades de cada um de seus filhos! Isso significa que já foi relatado, significa que a coisa é muito séria ! "Como você entende", ela continua a hipnotizá-lo, "você e sua família são um todo. Se você der um passo errado e morrer, sua família perecerá com você. Não permitimos que *famílias de traidores* (aqui sua voz aumenta de volume) continuem a viver no ambiente soviético não corrompido! Portanto, escolha você mesmo entre os dois mundos, entre a vida e a morte. Proponho que colabore com o serviço operacional *checo*. Em caso de recusa, toda a sua família será imediatamente internada nos campos! Nosso poder é absoluto (e é verdade!) E não costumamos voltar atrás em nossas decisões (também é verdade!)! Se nós o escolhemos, você *trabalhará* para nós! "

Tudo isso caiu num instante na cabeça de U. Ele não estava preparado, não podia nem ter pensado nisso ... Ele sempre pensou que os canalhas estavam soprando, mas que lhe propuseram? O golpe é direto, sem movimentos inúteis, sem perda de tempo, e o capitão aguarda a resposta, pronto para explodir e explodir tudo ao seu redor! E você pensa: existe algo impossível para eles? Quando eles tiveram pena da família de alguém? Eles não tinham receio de "deskulaquizar" por famílias inteiras, inclusive crianças, e ainda por cima se gabavam nos jornais. O próprio U. teve a oportunidade de observar com os próprios olhos, em 1940-1941, o trabalho dos *Órgãos* nos países Bálticos, tinha ido aos pátios das prisões ver os cadáveres amontoados dos fuzilados durante o retiro. E em 1944 ouviu as emissões de Leningrado destinadas aos países bálticos, carregadas de ameaças e exalando vingança, tal como os olhos do capitão da época. Eles prometeram punir a *todos*, absolutamente todos que ajudaram o inimigo. ^[203] Por que eles deveriam ser misericordiosos agora? Toda súplica é inútil. Você tem que agir. (Mas há algo que U., vítima da lenda que cerca os *Órgãos*, ainda não entende: e é que não existe tal comunicação e interação entre as diferentes partes desse maquinário, que se hoje você se recusa a se tornar um delator, em um campo na Sibéria, uma semana depois sua família será presa. E há outra coisa que ele não entende. Não importa o quanto ele pense mal dos *Órgãos*, a realidade é ainda pior: logo chegará o tempo em que todas aquelas famílias, todas aquelas centenas de Milhares de famílias

serão enviadas juntas em confinamento perpétuo para a Sibéria, para a morte, sem verificar como o chefe se comporta no campo).

Se fosse apenas por ele, U. não teria cedido. Mas ele imaginou sua esposa e filha nas condições do campo, naqueles subúrbios onde a fornicção nem sequer era coberta com cortina e onde não havia proteção para uma mulher de menos de sessenta anos. E ele estremeceu. A chave foi bem escolhida. Qualquer outro teria escorregado; essa não.

Claro, ele ainda está tentando "jogar a borracha": tenho que pensar a respeito. Bem, nós lhe damos três dias para pensar sobre isso, mas não confira com apenas uma pessoa! SE ELE FOR DIVULGADO, NÓS ATIRAMOS Nele! (A primeira coisa que você faz é ir consultar um compatriota, o mesmo de quem será exigido seu primeiro relatório, que você fará entre vocês dois. Você também reconhece o outro que não pode se expor à família).

Durante a sua segunda visita ao capitão, U. assina a sua venda ao diabo e, imediatamente a seguir, confiam-lhe uma missão e indicam um contacto: não terá de voltar a pôr os pés neste escritório; tudo terá que ser transmitido através do Frol Riabinin conectado.

Esses oficiais de ligação espalhados pelo campo são elementos muito importantes do trabalho do comissário. Frol Riabinin tem um pequeno emprego de plug, mora em um compartimento separado e sempre tem dinheiro. Com a ajuda do comissário, ele sondou as profundezas e as tendências da vida no campo e aprendeu a se mover com facilidade no meio deles. Esses agentes de ligação são as cadeias que, entrelaçadas, formam a rede.

Frol Riabinin instrui U.: Os relatórios devem ser transmitidos em algum canto escuro ("no *nosso* trabalho, o mais importante é guardar o segredo"). Ele o introduz em seu compartimento: ("O capitão não está satisfeito com seu relatório. Deve ser escrito de forma que saia *material* contra a pessoa. Vou explicar").

E aquele animal começa a ensinar o altamente culto U., sombrio e abatido, como papel de parede de seu vizinho! Mas o ar arrependido de U. inspira Riabinin com uma iniciativa pessoal: você tem que animar um pouco aquele pobre-diabo, dar-lhe um pouco de entusiasmo! E diz, já em tom amigável: «Ei, você leva uma vida dura. Às vezes você tem vontade de comprar algo diferente da ração. O capitão quer ajudá-lo. Aqui, fique com isso! »; tira da carteira cinquenta rublos (Dê ao capitão! Quão pouco está

sujeito à contabilidade, então! Talvez sejam *eles* os únicos em todo o país!) e entrega-o a U.

E ao ver aquele sapo verde pálido sendo empurrado em sua mão, todos os feitiços do capitão-cobra repentinamente desmoronam dentro de você: toda a hipnose, todo o medo, até mesmo todo o medo por sua família; tudo o que lhe aconteceu e tudo o que isso significa se materializa naquela nota nojenta cheia de linfa verde, o clássico dinheiro de Judas. E não se perguntando mais o que será de sua família, com o mesmo gesto instintivo com que as coisas nojentas são postas de lado, U. rejeita a nota de cinquenta rublos; como Riabin em, que não entende, o coloca de volta em sua mão, U. joga desta vez no chão e se levanta, aliviado, já LIVRE dos ensinamentos de Riabinin e da assinatura entregue ao capitão, livre de todos aqueles pequenos papéis que visam obscurecer seu dever como homem. E ele sai sem pedir permissão! Ele anda pela área e as suas pernas leves o carregam: «Grátis! Livre!"

Bem, não exatamente. Com um comissário desajeitado, as coisas ainda estariam complicadas. Mas o capitão-cobra compreendeu imediatamente que o idiota do Riabinin pegara a chave errada e apagara o relevo. Os tentáculos do polvo nunca mais se aproximaram de você naquele campo. Riabinin passou por ele sem cumprimentá-lo. U. se acalmou e ficou feliz. Logo depois eles começaram a enviar pessoas para os campos especiais, e ele acabou no Steplag. Além disso, ele achava que com a transferência tudo estava acabado.

Pois não! Aparentemente, havia algo deixado em seu arquivo. Um belo dia, já em seu novo campo, U. foi convocado à presença do coronel. “Dizem que você concordou em trabalhar conosco, mas que não *merece confiança*. Talvez eles tenham explicado errado? »

Mas este coronel já não lhe inspira medo. Para piorar, entretanto, sua família, como muitas outras famílias de presidiários do Báltico, foi enviada para a Sibéria. Não havia dúvida, eles tinham que ser eliminados. Mas com que pretexto?

O coronel colocou U. nas mãos de um tenente, para que ele pudesse continuar trabalhando nele, e enquanto ele ia e vinha, prometia e ameaçava, U. pensava: qual é a forma mais forte e radical de separá-los?

Uma pessoa iluminada e cética, U. concluiu, no entanto, que somente Cristo o colocaria sob a proteção dessas pessoas. Não que fosse com seus princípios, mas não falhou. Por isso, ele mentiu: "Devo dizer-lhe

francamente: recebi uma educação cristã e, portanto, é totalmente impossível para mim trabalhar com você!"

E é isso! O tenente, que já falava havia várias horas, calou-se de repente. Ele percebeu que a carta perdida tinha vindo para ele. «Bah, pela culpa que fazemos ! Ele exclamou, maldosamente. Escreva uma recusa por escrito (novamente escrita!) Explique você mesmo. Diga do Bom Deus ».

Aparentemente, eles têm que "fechar" cada informante com um papel especial, assim como ao "abri-lo". A referência a Cristo também agradou ao tenente: nenhum superior iria censurá-lo por ter tentado ainda mais esforços.

E o leitor imparcial não descobre que estão dispersos diante de Cristo, como demônios com o sinal da cruz, com o toque do Angelus?

É por isso que nosso regime nunca será capaz de se reconciliar com o cristianismo! E os comunistas franceses estão errados ao prometer isso.

XIII

Esfolar o mesmo homem duas vezes

Depois que sua cabeça for cortada, eles podem cortá-la novamente? Você pode esfolar um homem cuja pele já foi arrancada uma segunda vez ? Pois sim!

Tudo isso é criação de nossos campos. Tudo isso foi inventado no Arquipélago. E não digam que o *trabalho em equipe* é nossa única contribuição para a ciência das prisões mundiais! *A segunda condição* , qual é? Os rios de gente que chegam ao Arquipélago não param ali o seu percurso, não se expandem livremente, mas são absorvidos pelos tubos de uma nova instrução.

Oh, bem-aventuradas aquelas tiranias implacáveis, esses regimes despóticos, essas nações bárbaras onde o homem preso não pode ser preso novamente! Onde o homem foi preso, não há onde colocá-lo de volta! Onde, ao julgá-lo, não o chamam mais perante os juízes! Onde os condenados não voltem a ser condenados!

Em vez disso, entre nós, tudo isso está feito. Como é confortável acabar com um homem esmagado, desesperadamente perdido, mergulhado no desespero com um bom machado! A moral de nossos carcereiros é: bata nos caídos! A moral dos nossos comissários é : cara nos cadáveres!

Pode-se dizer que a instrução e o processo realizados dentro do mesmo campo também nasceram no Solovki; mas lá eles se contentaram em trazer pessoas sob a torre do sino e fuzilá-los. Mais tarde, na época dos planos quinquenais e da metástase, o tiro no pescoço foi substituído por uma segunda condenação em campo.

Porque sem uma segunda (terceira, quarta) convicção, como poderiam ter mantido no fundo do Arquipélago, e ali exterminado, todos os que haviam proposto?

A regeneração de frases, como o novo crescimento dos anéis da serpente, é o modo de vida no Arquipélago. Todos e cada um dos condenados que deixam suas forças em nossos campos e congelam em nosso confinamento, sentem a ameaça negra de uma segunda sentença pesando em suas cabeças antes de terminar de expurgar a primeira. Essas penas suplementares sempre existiram nos campos, mas tornaram-se particularmente frequentes em 1937-1938 e durante os anos de guerra. (Em 1948-1949, essas sentenças foram espancadas sobre aqueles que já haviam recuperado sua liberdade; é claro que eles *tiveram permissão para escapar*, eles os escaparam, e agora eles tiveram que ser conduzidos novamente. Eles foram chamados de *reincidentes*; aqueles que nunca tinham saído do campo nem tinham nomes).

E ainda se mostraram muito generosos, uma generosidade de máquinas, quando, em 1938, aquela segunda sentença foi proferida sem uma segunda prisão, sem instrução e julgamento em campo, mas, simplesmente, convocaram os detidos por equipes à Administração e eles fizeram sinal de que haviam recebido sua nova sentença. (Por se recusar a assinar, era uma cela simples, bem como por fumar em local proibido. E ainda por cima gentilmente explicaram: "Não quer dizer que tenhamos de censurá-lo, queremos apenas que assine a notificação"). Em Kolyma, assim distribuía sentenças de dez anos; em Vorkuta foram menos duros: deram oito e cinco anos pelo OSO. E era absurdo pensar em rebelião, como se na eternidade sombria do Arquipélago houvesse alguma diferença entre oito e dezoito anos, entre o início e o fim de uma pena de dez anos! O importante é que eles não rasgaram ou destruíram seu corpo *hoje...!*

Agora vemos com clareza: a eclosão de condenações no mesmo campo em 1938 deveu-se a instruções superiores. Em lugares altos perceberam que as penas aplicadas até então eram muito leves, que a dose deveria ser aumentada (atirando mesmo quando necessário) e assim aterrorizando os demais.

Mas a outra epidemia que foi declarada durante a guerra foi aumentada e enriquecida por uma pequena chama alegre que se ergueu *de baixo*, por traços de iniciativa popular. É provável que tenham vindo de cima instruções no sentido de que durante todo o tempo da guerra as personalidades mais importantes, capazes de se tornarem núcleos de rebelião, fossem esmagadas e isoladas. E os malditos meninos locais viram imediatamente o veio que se abriu diante deles: a possibilidade de serem

salvos pela frente. Essa ideia surgiu, aparentemente, em mais de um campo, e se espalhou na velocidade da luz, pois era útil, engenhosa e salvadora. Os chekistas nos campos também estavam se preparando para erguer barricadas contra metralhadoras inimigas ... apenas com corpos estranhos.

O historiador pode representar o sopro desses anos? A frente recua; Leningrado está sitiada; os alemães estão às portas de Moscou, em Voronezh, no Volga, no sopé do Cáucaso. Na retaguarda, cada vez menos homens permanecem, todo homem saudável é malvisto. Tudo pela frente! O governo está disposto a pagar qualquer preço para impedir Hitler. E apenas os oficiais de campo (bem, e seus irmãos GB), preguiçosos, bem alimentados, de pele branca, todos continuam com seu trabalho na retaguarda e mais longe, ao norte e na Sibéria, melhor, mais calmos. Porém, convenhamos: esse bem-estar é precário. Ele vai continuar assim até que alguém exclama: E por que não ancinho todos aqueles homens jovens bochechas-rosadas, eles são tão alerta? Que não têm experiência de combate? Mas têm princípios firmes! Vamos, se fosse à Polícia, ou aos destacamentos destinados a deter os desertores, mas..., e se for para formar batalhões de oficiais? Se for para lutar em Stalingrado? No verão de 1942, eles esvaziaram academias de oficiais inteiras e colocaram alunos sem graduação em primeiro plano. Nas tropas de escolta não havia mais um único jovem saudável; estão todos no campo de batalha ... e nada, o GULAG não desabou! Bem, também não vai desabar sem comissários! (Boatos já estão circulando) ...

A isenção é a vida! A isenção dá sorte! Como manter sua isenção? A primeira ideia espontânea é: *provar que você é essencial!* Provando que, se não fosse pela diligência dos chekistas, os campos explodiriam, porque os campos são um verdadeiro caldeirão de alcatrão fervente! E isso significaria um golpe mortal em nossa gloriosa frente! É aqui, nos campos da tundra e da taiga, que os comissários de bochechas rosadas estão parando a quinta coluna, estão parando Hitler! Essa é a sua contribuição para a Vitória! Sem poupar esforços, eles conduzem instrução após instrução, elaboram ato após ato, descobrem conspiração após conspiração.

Até aquele momento, apenas os infelizes presos lutavam entre si, arrancando o pão uns dos outros da boca para sobreviver. Mas agora, os todo-poderosos chekistas também estão participando dessa luta de morte: "Você explode hoje, eu, amanhã!" Melhor que agora você morra para conseguir uma extensão para mim, seu inseto rosa nojento ...

E assim, em Ust-Vym que *apresentar* um "grupo insurgente": dezoito pessoas! Naturalmente, pretendiam desarmar todos os guardas, apreender suas armas (meia dúzia de rifles antigos) ... e depois? Pois bem, depois fica difícil conceber a amplitude de seus projetos: queriam agitar todo o Norte! Eles queriam marchar sobre Vorkutal! Em Moscou! Eles queriam se juntar a Mannerheim! E o telegrama vai e vem o telegrama, e os relatórios voam: uma conspiração importante acaba de ser desfeita! Há agitação nos campos, temem-se motins, a seção operacional precisa ser ainda mais fortalecida!

Mas o que acontece? Em cada campo, eles continuam descobrindo conspirações, conspirações e mais conspirações! E cada vez maior! E cada vez mais ambicioso! Quanta perfídia se aninha no coração daqueles acrimoniosos! Muitos fingem ser levados pelo vento, quando na verdade suas mãos magras, magras, buscam secretamente as metralhadoras! Obrigado a você, Departamento de Operações de Campo! Louvado seja você, Seção III, salvador da Pátria!

Em uma dessas III Seção (acampamentos de Djida, em Buryat-Mongólia) há uma gangue composta por Sokolov, chefe da seção, Mironenko, comissário-instrutor e os comissários delegados Kalashnikov, Sosikov e Osintsev ... Bem, o que acontece? Ficamos para trás! Todos eles têm conspirações, e nós não? Pare, claro que temos uma conspiração, e as grandes, mas qual? Pois bem, "desarme a guarda", que cai com o seu peso, e também "atravesse a fronteira", já que a fronteira está perto, e Hitler, por outro lado, está longe. Certo, com quem começamos então?

E assim como uma matilha de cães bem alimentados despedaça um pobre coelho magro e esfolado, aquela matilha azul-celeste se lançou sobre o infeliz Babich, ^[in] que uma vez ele havia participado de expedições polares, que ele havia sido um herói e que hoje ele não era nada mais do que um bruto coberto de úlceras. Foi ele quem, no início da guerra, estava prestes a entregar o quebra-gelo *Sadko* aos alemães e , portanto, é ele quem deve puxar todos os cordões da conspiração! É ele quem tem que salvar, com seu corpo moribundo de escorbuto, todo aquele bando de homens bem alimentados!

Mesmo se você for um mau cidadão soviético, ainda assim o forcaremos a fazer nossa vontade; você vai acabar rastejando aos nossos pés! » "Não lembra? Vamos *lembrar de você!* » "Você não sabe escrever? Nós *vamos te ajudar!* » Você quer pensar sobre isso? Para a masmorra ou com trezentos gramas por dia!

Outro curador tenta de forma diferente: 'Que pena ... Você, é claro, vai entender que teria sido mais sensato fazer o que lhe pedimos para fazer. Mas, infelizmente, você entenderá tarde demais, quando puder quebrá-lo entre os dedos, *como um lápis*. (Onde aprenderam a se expressar com essa riqueza de imagens? Será que inventaram por conta própria, ou talvez no manual da Chequista haja toda uma série de frases semelhantes, obra de algum poeta desconhecido?)

Agora tente Mironenko. Assim que ele é apresentado em seu escritório, Babich é atingido pelo cheiro de comida suculenta. E Mironenko o faz sentar bem perto de um *borsch de* carne fumegante e algumas almôndegas. E, *fingindo* que nem mesmo vê aquele *borshch* e aquelas almôndegas e que nem percebe que Babich os vê, ele começa muito gentilmente a oferecer muitos argumentos para aliviar sua consciência, para mostrar a ele por que ele pode e deve dar falso testemunho. Amigável lembra você:

"Na primeira vez, quando você foi preso e tentou de todas as maneiras provar sua inocência, você não teve sucesso, não é?" Porque seu destino foi definido com antecedência, mesmo antes de sua prisão. E o mesmo está acontecendo agora. O mesmo está acontecendo agora. Olha, coma seu almoço. Vamos, vamos comer enquanto está quente ... Se você não brincar, seremos bons amigos. Você nunca vai ter fome de novo, e nunca vai faltar nada ... Mas, se não ...

E Babich cedeu! A sede de vida acabou por ser mais forte do que a sede de justiça. E ele começou a escrever tudo o que foi ditado a ele. E ele caluniou vinte e quatro pessoas, das quais conhecia apenas quatro! Enquanto durou a instrução, eles o alimentaram, mas nunca o suficiente, para que ele pudesse mais uma vez especular sobre sua fome na primeira tentativa de resistência.

E quando lemos as notas que ele deixou escritas sobre sua vida pouco antes de morrer, estremecemos ao ver quão baixo, de tão alto, um homem valente pode cair! Todos nós podemos cair ...

E as vinte e quatro pessoas, que não suspeitavam de nada, foram baleadas ou condenadas a novas sentenças. Babich foi despejado em um sovkhos até o dia do julgamento; mais tarde, no julgamento, ele atuou como testemunha; então deram-lhe *mais dois dólares*, com a primeira extinção, mas ele morreu no campo antes de ter completado a segunda com dena.

Quanto à banda da III Seção de Djida ... Bom, alguém vai ter que instruir o seu caso! Alguém! Contemporâneos! Decedentes...!

Mas e voce Você acha que no campo você poderia finalmente ser honesto? Que você ia pelo menos poder reclamar em voz alta, que se a sentença for excessiva dão comida ruim, te fazem trabalhar demais? Ou talvez você tenha pensado que poderia *dizer* por que eles o condenaram? Bem, se você disse pelo menos uma dessas coisas, está feito! Você está pronto para mais *duas viagens* ! (Claro, no momento em que começa a segunda frase, a primeira se extingue, de modo que em vez de vinte anos você só terá que fazer treze, quinze ... De qualquer forma, sempre serão mais do que seu corpo pode suportar) .

Mas você tem certeza de que era burro como um peixe e, apesar disso, eles o agarraram? Bem, também é normal. O que quer que você se comporte, eles teriam captado a mesma coisa. É que eles não se agarram *a algo*, mas *a algo*. É o mesmo princípio pelo qual selecionam pessoas de *fora*. Quando a banda da III Seção se prepara para ir caçar, eles fazem uma lista com as personalidades mais relevantes da área, e então essa lista é ditada a um Babich ...

É que no campo é ainda mais difícil passar despercebido; Tudo está à vista. A única salvação para o homem é ser uma nulidade! Um zero a esquerda! Desde o primeiro momento!

E então a coisa mais fácil do mundo será pendurar qualquer acusação em você. Quando acabaram as "conspirações" (os alemães já se retiravam), a partir de 1943 , começaram a proliferar os casos de "agitação" (os "compadres", apesar de tudo, ainda não queriam ir para a frente!) No campo Burepolom, por exemplo, eles usaram o seguinte repertório:

- atividades hostis à política do PCU (b) e do governo soviético ("hostil" a quê? Quem pode entender!);
- expressão de opiniões derrotistas;
- disseminação de calúnias a respeito da situação material das classes trabalhadoras da União Soviética (você fala a verdade, e voila! Calúnia!);
- expressão do desejo (!) de restauração do regime capitalista;
- expressões de ressentimento para com o governo soviético (que! é particularmente flagrante Além de ofender você, malandro? O que eles lhe dão *dois duros*? Bem, você cumprir e cale a boca!

Um septuagenário, ex - diplomata czarista, foi acusado de agitador, por ter dito:

- que na URSS a classe trabalhadora vive mal;
- que Gorky é um péssimo escritor (!)

E não é que estejamos exagerando. Por Gorky eles foram condenados o tempo todo, é assim que ele se posicionou. Por outro lado, Skvortsov, no Loj-Chem- Lag (perto de Ust-Vým), recebeu quinze anos, e entre as acusações estava esta:

- ele contrastou o poeta proletário Maiakovski com um *certo* poeta burguês.

Isso foi afirmado nas conclusões do promotor; para os juízes foi o suficiente; eles não precisavam de mais detalhes. Mas, a partir da ata dos interrogatórios, o *certo* pode ser identificado . É sobre ... Pushkin! Claro, conseguir *três dólares* por Pushkin é fora do comum!

Depois disso, Martinson tem que agradecer aos céus por ter dito como de fato na oficina, que "toda a URSS não é mais que um *z ona*" só deu a ele dez anos.

Ou os refratários que receberam apenas *dois dólares em vez* de serem baleados. ^[204]

Mas o que era assustador nessas segundas convicções não era o número de anos em si, não era essa extensão de tempo estonteante , mas: *como* essa nova sentença seria infligida? Como eles poderiam arrastar você por outro cano mais cheio de gelo e neve?

Parece que um preso não deve se preocupar com outro confinamento! Para aquele que um dia foi arrancado da sua cama quentinha , que diferença faz deixar um quartel inóspito onde, para dormir, só há tábuas nuas? No entanto, ele se preocupa muito. No barracão existe um fogão que dá calor; no quartel distribuem a ração completa ... e de repente chega um guarda e no meio da noite puxa-o pela perna: "Vai!" Ah, como eles gostariam de poder ficar ...! Irmãos, irmãos, quanto os amei...!

A prisão de instrução de campo. Que tipo de prisão seria e como isso incitaria a confissão se não fosse muito pior do que o resto do campo? Todas essas prisões são necessariamente frias. Se não bastassem, nas celas

há pessoas de cueca. Na famosa *Treinta* de Vorkuta (damas e detentos a chamavam assim pelo seu número de telefone) uma simples cabana de tábuas além do Círculo Polar Ártico, com quarenta graus abaixo de zero, alimentava os fogões com pó de carvão, à velocidade de um balde por vinte e quatro horas. E em Vorkuta não foi por falta de combustível! Além disso, zombando, não deram fósforos e, para acender o fogo, apenas um graveto da espessura de um lápis. (Aliás, quando capturaram os fugitivos, eles foram trancados naquele *Trinta* COMPLETAMENTE NU; depois de duas semanas, os sobreviventes receberam um cobertor de verão, mas sem casaco; e, claro, sem colchão ou cobertor. Experimente, tente passar apenas uma noite assim! No quartel estava cerca de cinco graus acima de zero).

É assim que vivem os detidos os vários meses que dura a instrução! Eles já chegam exaustos por anos de fome e trabalho escravo, então agora será mais fácil poder com eles. Alimentá-los? Como decide a III Seção: em alguns lugares, 350; em outros, 300, nos *Trinta* 200 gramas de um pão viscoso como barro, um pedaço não muito maior que uma caixa de fósforos e uma *balanda* líquida uma vez ao dia .

Mas, mesmo que tenha confessado tudo, assinado tudo, mesmo que tenha desistido e se conformado em passar mais dez anos no seu querido Arquipélago, não pense que poderá aquecer tão cedo. Dos *Trinta*, eles se transferiram, aguardando julgamento, para a não menos famosa "oficina de treinamento" de Vorkuta. É uma tenda simples, comum e, além disso, quebrada. Em vez de chão, diretamente para a terra polar. O interior mede sete metros por doze, e um tambor de metal colocado no centro serve de fogão. Existe apenas um piso de paletes, e os próximos ao fogão estão sempre ocupados por bandidos. Plebeus políticos estão espalhados nas laterais ou diretamente no chão. Inclinando-se para trás, você pode ver as estrelas acima de sua cabeça. Então você pode orar para que eles me condenem logo! Que eles me imponham a pena em breve! Esse julgamento é esperado como uma libertação. (Eles dirão que o homem não pode viver na Zona Polar Ártica nessas condições, sem comer chocolate ou se embrulhar com peles. Bem, em nosso país, ele pode! Nosso homem soviético, nosso nativo do arquipélago, pode! Arnold Rappoport Ele viveu assim durante meses : a seção de aviação do tribunal provincial nunca acabou de chegar de Narian-Mar!)

De qualquer forma, há para escolher. Aqui temos, por exemplo, outra prisão de instrução, o *lagpunkt* disciplinar Orotukan, em Kolyma, no km

506 da estrada para Magadan. Winter 1937-1938. Uma aldeia de madeira e tecido, quer dizer, formada por tendas furadas, mas, sim, forradas de tábuas. O novo contingente que chega, outro grupo de vítimas designado para a investigação, antes mesmo de passar pela porta, observa que cada uma das lojas está rodeada nos seus três lados por PILHAS DE CORPOS RÍGIDOS! (Para não assustar. Simplesmente, não há outra solução: os homens morrem, mas há dois metros de neve, e abaixo, um solo eternamente congelado). Então começa a terrível espera. Nas lojas, ele espera ser transferido para a prisão de toras para receber instruções. Mas a caça foi ambiciosa demais; eles pegaram muitas lebres em toda Kolyma; os comissários-instrutores não aguentam e a maioria dos prisioneiros morrerá antes do primeiro interrogatório. Dentro das lojas, as pessoas estão lotadas; é impossível estender todo o caminho. Eles ficam deitados em seus estrados, ou no chão, por semanas e semanas. (É isso que você chama de estar amontoado?" Responde o Serpantinka. "Aqui, aqueles que vão levar um tiro esperam apenas alguns dias, é verdade, mas de pé no galpão e tão bem embalado que quando eles são *dados para beber*, isto é, quando jogam pedaços de gelo sobre a cabeça pela porta, já que não conseguem mover as mãos para pegá-los, eles os pegam com a boca). Sem banheiro, sem caminhada. Comichão por todo o corpo. Todo mundo está se coçando furiosamente, *vasculhando* dentro das calças, jaquetas, camisas, cuecas, mas sem tirar a roupa, porque está muito frio. Os piolhos brancos gordinhos são uma reminiscência de leitões bem alimentados. Quando amassados, os respingos atingem o rosto e as unhas ficam cobertas de pus.

Antes do almoço, o guarda de plantão grita da porta: "Frios, né?" "Tem". "Quem quiser ganhar ração, tire!" Eles removem os cadáveres e os depositam em uma das pilhas. E NINGUÉM SE IMPORTA EM DESCOBRIR SEUS NOMES! Basta saber quantos vivos sobram para a distribuição da ração diária: trezentos gramas de pão e uma tigela de *balanda* diária. Eles também distribuem salmão descartado devido ao controle de saúde defeituoso. É extremamente salgado. É uma sede insuportável, mas nunca há água quente; Nunca. Apenas barris de água gelada. Você tem que beber muito para matar sua sede. GSM tenta convencer seus amigos: «Não coma salmão, é a única salvação! Todas as calorias que o pão dá a você, você perde ao aquecer essa água em seu corpo! " Mas as pessoas não podem abrir mão daquele pedaço de peixe que é oferecido de graça: coma e beba de novo. E treme congelado até as

entranhas. M. nem mesmo prova, mas, em troca, está aqui hoje para nos contar sobre Orotukán.

Tão apinhados que estavam no quartel, e agora há cada vez mais espaço. Depois de Deus sabe quantas semanas eles trazem o que resta para a chamada lá fora. À luz do dia - à qual já não estavam acostumados - eles se olham: pálidos, peludos, os rostos cobertos de lêndeadas, os lábios azuis e ásperos, os olhos fundos. A lista é passada por cartões individuais. Eles respondem com uma voz quase inaudível. Os blocos que não obtêm resposta são movidos para longe. Então você sabe quem foi empilhado, aqueles que foram salvos da instrução.

Todos aqueles que estiveram em Orotukán dizem que preferem a câmara de gás ...

A instrução? Vai como o comissário quer. Com aqueles que eram de outra forma não estão aqui para contar! Como dizia o chechista operacional Komarov: "Só preciso da mão direita para assinar o protocolo" ... Quanto às torturas, bom, eram caseiras, primitivas, como apertar os dedos na porta, todas assim (faça o teste, caro amigo).

O juízo? Algum colégio de campo, isto é, um tribunal permanente anexo ao campo e dependente do tribunal provincial, como um tribunal popular distrital. O triunfo da legalidade! Há até testemunhas de que a III Seção compra uma tigela de *balanda*.

Em Burepolom, era comum que os líderes de equipe depusessem contra membros da mesma equipe. O comissário do Chuvache, Krutikov, forçou-os: "Se não, vou tirá-los do seu posto e mandá-los para Pechora!" Um desses líderes de equipe, Nicolai Rondjin (de Gorky), se apresenta e confirma que 'Bernstein disse que as máquinas de costura' Singer 'são boas e as máquinas de Podolsk não valem nada.' Mais que suficiente! Para a seção de voo do Tribunal da Província de Gorky (Presidente Bujonin, auxiliado por duas meninas do Komsomol local), isso não é suficiente? Dez anos!

Havia também em Burepolom um ferreiro chamado Anton Vasilievich Balyberdin (um vizinho, originário de Tanshai) que atuou como testemunha em todos os casos que foram instruídos no terreno. Quem quer que o encontre, deixe-o apertar sua mão leal!

Por fim, outra transferência, para outro *lagpunkt*, caso queira acertar as contas com as testemunhas do seu caso. Desta vez é uma viagem curta: cerca de quatro horas em uma carruagem ao ar livre, ao vento, em uma linha de bitola estreita.

E agora para o hospital! A não ser que você ainda esteja em posição de colocar um pé na frente do outro: nesse caso, a partir de amanhã de manhã você irá empurrar o carrinho de mão.

Viva o olhar atento dos chekistas, que nos salvou da derrota e a eles próprios da frente de batalha!

* * *

Durante a guerra (exceto nas repúblicas, onde tivemos que evacuar apressadamente) não houve muitos tiroteios; o que mais se fazia era distribuir novas sentenças: os verificadores operacionais não precisavam matar todas essas pessoas, queriam apenas revelar seus crimes. Os condenados podiam então fazer o que quisessem: trabalhar, morrer ... isso já era assunto da produção!

Por outro lado, em 1938, em lugares altos havia uma impaciência particular para atirar! Em todos os acampamentos eles foram baleados ao limite, mas a palma da mão foi levada por Kolyma (as execuções "Garanin"). e Vorkuta (o tiroteio "Kashketin").

As execuções de Kashketin estão ligadas a um nome que te faz estremecer, o de "Old Brickyard". Esse era o nome de uma estação de bitola estreita *vinte* quilômetros ao sul de Vorkuta.

Após a "vitória" da greve de fome iniciada pelos trotskistas em março de 1937 e suas consequências subsequentes, ^[eo] Moscou enviou uma "comissão Grigorovich" para investigar o caso. Para isso, eles construíram uma paliçada de toras ao sul de Ujta, no meio da taiga, não muito longe da ponte sobre o rio Ropcha, e o novo isolador chamado Ujtarka foi inaugurado. Naquele local estavam sendo investigados os casos de trotskistas pertencentes à zona sul da principal ferrovia. A própria Vorkuta era Kashketin, um membro da comissão; Lá ele fez os trotskistas passarem pela "tenda de treinamento" (onde foram açoitados !), E sem nem mesmo pressionar demais para que admitissem sua culpa, ele compôs suas "listas de Kashketin".

No inverno de 1937-1938, eles começaram a concentrar os trotskistas e detsistas no "Velho pátio de tijolos".^[205] (alguns dos quais nem mesmo haviam passado pela investigação), de vários pontos de detenção (estuário Syr-Iaga, Kochmas, Sivaia Maska, Utjarka). Alguns dos mais relevantes foram enviados a Moscou para intervir nos processos . Os outros eram 1.053 em abril de 1938. Na tundra, não muito longe da ferrovia, havia um galpão antigo, longo e estreito. Lá eles instalaram os grevistas e, logo em seguida, para lidar com a população cada vez maior, montaram ao lado duas velhas tendas quebradas que nem se deram ao trabalho de se alinhar com pranchas, para 250 pessoas cada. Suas condições de vida podem ser adivinhadas em Orotukán. No meio desta oficina, medindo 20 m por 6 m, havia uma lata de gasolina em vez de um fogão, alimentado à taxa de um balde diário de carvão; como suplemento de combustível, usavam piolhos. A tela estava coberta por uma espessa camada de gelo. Nem todos se encaixaram nas plataformas; eles deitaram ou caminharam um por um. Ele distribuiu trezentos gramas de pão e uma tigela de *balanda por* dia para cada um. Às vezes, não todo dia, um pedaço de bacalhau. Não havia água, pedaços de gelo eram distribuídos como rações alimentares. Naturalmente, eles nunca se lavavam e não havia banhos. O corpo estava coberto de manchas de escorbuto.

Mas o que tornava este lugar ainda mais difícil do que Orotukán para os trotskistas foi que eles trouxeram para suas tendas uma "seção de assalto", malfeitores, incluindo assassinos condenados à morte . Eles foram instruídos a esmagar esses políticos desonestos e que, em troca, eles, os criminosos, iriam suavizar o regime. Os malfeitores aceitaram de bom grado um trabalho tão agradável e tão profundamente em seus espíritos .

Eles foram chamados de "responsáveis" (o apelido de um deles, Moroz,^[ep] desceu até nós) e "vice-responsáveis", eles estavam armados com paus, espancavam aqueles ex-comunistas e os faziam sofrer todas as misérias que passavam : sentavam-se neles como cavalos, aliviavam-se por dentro os pertences de alguns deles e depois queimou-os no fogão. Em uma das lojas, os políticos se lançaram sobre os criminosos, querendo matá-los, começaram a gritar e, de fora, a escolta abriu fogo contra a loja em defesa daqueles que eram próximos socialmente.

Essas misérias infligidas a eles pelos criminosos contribuíram muito para quebrar a união e a vontade dos grevistas do dia anterior .

E assim, na «Antiga Alvenaria», em abrigos congelados e quebrados, num miserável fogão que nem sequer dava calor, extinguiram-se os últimos fogos revolucionários que tantas crueldades e tantas reestruturações originaram em duas longas décadas.

E parecia que a tradição da luta política russa também vivia ali seus últimos dias.

Porém, com aquela capacidade de espera tão característica do ser humano, os prisioneiros do “Velho Tijolo” estavam confiantes de que seriam encaminhados para um novo campo. Eles estavam sofrendo ali há vários meses, tornou-se insuportável. E, de fato, nas primeiras horas da manhã do dia 22 de abril (não há certeza absoluta quanto à data; se for exato, era o aniversário do nascimento de Lênin) começaram a reunir cerca de 200 homens para sua transferência. Os designados receberam suas malas, que foram colocadas em grandes trenós. A escolta conduziu a coluna para o leste e para a tundra, onde não havia aldeia próxima; como apenas Salekhard, muito longe. Os bandidos iam atrás, nos trenós, com as bagagens. Só um detalhe chamou a atenção de quem os viu partir, foi que caiu um saco dos trenós, depois outro, e ninguém se deu ao trabalho de apanhá-los.

A coluna marchava em ritmo acelerado: uma nova vida os esperava, uma nova atividade, talvez exaustiva, mas que não poderia ser pior do que aquela espera. Os trenós mais lentos ficaram para trás. E a escolta também começou a ficar para trás: ele não estava mais à frente nem ao lado, apenas atrás. Bem, a fraqueza da escolta também é um bom sinal. O sol estava brilhando.

E de repente, na coluna negra em marcha, não se sabe de onde, da alvura deslumbrante da neve, surgiu uma pesada metralhadora. Aos presos caiu o DESEMBALAR, outros ficaram de pé e ninguém entendeu nada.

A morte veio vestida com um manto de sol e neve, inocente, misericordiosa.

Era uma variação do tema da guerra em preparação. De suas trincheiras temporárias na neve, envoltos em seus mantos polares, os assassinos (a maioria deles são considerados georgianos) correram para a estrada e liquidaram com seus Colts aqueles que ainda estavam vivos. Não muito longe dali, haviam preparado grandes sepulturas, para as quais os criminosos, que entretanto se aproximavam, arrastavam os cadáveres. Os pertences dos mortos foram queimados, para grande desgosto dos bandidos.

Nos dias 23 e 24 de abril, mais setecentas e sessenta pessoas foram executadas no mesmo local e da mesma forma. Noventa e três presidiários foram devolvidos a Vorkuta. Eles eram criminosos e, aparentemente, informantes provocadores também. ^[206]

Esses foram os principais tiroteios em Kashketin. ^[207]

Porém, de alguns comandos remotos, os contingentes condenados à morte não chegaram a tempo e continuaram a chegar em grupos de cinco a dez homens. Um destacamento de assassinos os recebeu na estação Ladrillar e os levou a uma velha sauna, que por dentro era forrada com três ou quatro camadas de cobertores. Lá, eles receberam ordem de se despir na neve e entrar nus na cabana, onde foram mortos a tiros. Assim, em um mês e meio mataram cerca de duzentas pessoas. Seus cadáveres foram queimados na estepe.

O galpão da «Velha Brickyard» e de Ukhtarka também foram queimados. (Quanto à cabana 'sauna', eles a colocaram em uma plataforma ferroviária, transportaram até o quilômetro 308 da bitola estreita mencionada e jogaram lá. Lá meu amigo poderia examiná-la. O interior da cabana estava todo coberto de sangue, e suas paredes, perfuradas como uma peneira).

Aliás, as execuções dos trotskistas não terminaram aí. P oco gradualmente veio a reunir cerca de mais trinta que haviam acontecido com eles, e atirou não muito longe dos *Trinta*. Mas outros já o fizeram. Porque naquele primeiro destacamento de assassinos, esses comissários, esses homens de escolta e aqueles criminosos que haviam participado das execuções de Kashketin logo foram também fuzilados como testemunhas.

Em 1938, Kashketin foi condecorado com a Ordem de Lenin "por serviços especiais ao Partido e ao Governo". Um ano depois, ele foi baleado em Lefort ovo.

Dizer que foi a primeira vez que algo assim aconteceu na história não seria verdade.

AB conta como ele correu em Adak (um *lagpunkt* no rio Pechora). Os adversários foram convocados à noite, "com pertences", para uma transferência; eles os fizeram sair da área. Lá estava o pequeno prédio da III Seção. As vítimas foram levadas uma a uma para uma sala onde soldados "Vojza" foram atirados contra elas. Algo macio foi colocado em suas bocas e suas mãos foram amarradas atrás deles com cordas. Em seguida, foram

levados para o pátio, onde carroções os aguardavam, prontos para partir. Em cada um deles colocaram cinco ou sete homens assim amarrados e os transportaram para a "Colina", isto é, para o cemitério do campo, onde foram lançados em grandes fossas já preparadas e ali foram enterrados vivos. Não por sadismo, não. Simplesmente, todo mundo sabe que corpos vivos são muito mais fáceis de manusear, transportar, levantar do que cadáveres.

Esse trabalho continuou em Adak por muitas noites seguidas.

Conseguiu-se assim a unidade político-moral do nosso Partido.

XIV

Mude o destino!

Defender-se nesse mundo selvagem é impossível. Fazer greve é suicídio. Fazer greve de fome é inútil.

Quanto à morte, sempre haverá tempo.

O que resta para o preso fazer? Escapar! *Mude o destino!* (Os presidiários também chamam a evasão de "o promotor verde". Ele é o único promotor popular na área. Como outros promotores, ele deixa muitos casos sem solução e, às vezes, quando os resolve, é para pior, mas às vezes, também concede liberação incondicional. ^[eq] Esse promotor é a floresta, a floresta verde com seus arbustos e seu tapete de grama).

De acordo com Chekhov, se um prisioneiro não é um filósofo, isto é, um homem capaz de ficar à vontade em qualquer circunstância (em outras palavras, um homem capaz de se refugiar em si mesmo), ele *não* pode e *não* deve querer escapar!

Você não deve desejar! Esse é o imperativo de uma alma livre. Claro, os indígenas do Arquipélago não são assim; eles são muito mais dóceis; mas mesmo entre eles há sempre aqueles que planejam escapar ou estão prestes a escapar. E as constantes tentativas em um ponto ou outro, mesmo quando falham, são a melhor prova de que a energia ainda não abandonou completamente os prisioneiros.

Vejamos uma zona aqui. Está bem protegida: a paliçada é sólida, a antezona é segura e as torres de vigia estão dispostas de forma que todos os pontos do recinto estejam sob seu olhar e sob seu fogo. Mas de repente você tem uma coragem desesperada de pensar que precisamente aqui, neste pedaço de terra cercado, você está destinado a morrer! E por que não tentar a sorte? Por que não dar aquele salto que pode mudar seu destino? Esse impulso, às vezes cego, é mais forte no início da pena, durante o primeiro ano, aquele primeiro ano que geralmente é decisivo para o futuro e a

personalidade do prisioneiro. Então, com o tempo, esse impulso enfraquece, o prisioneiro não tem mais tanta certeza de que seu lugar é realmente fora de *lá*, os laços que o prendiam ao mundo livre se afrouxam, o fogo que queimava a alma vira cinzas, e ele termina abaixando humildemente a cabeça sob os arreios do campo.

Evasões, ao que parece, ocorreram algumas durante todo o tempo dos campos. Encontrei alguns dados por acaso: só durante o mês de março de 1930, 1.328 pessoas fugiram dos centros de detenção da RSFSR. ^[208] (E como isso passa despercebido na nossa sociedade, ninguém diz uma palavra!)

Devido ao enorme desenvolvimento do Arquipélago, a partir de 1937, e especialmente durante os anos de guerra, quando todos os soldados adequados eram enviados para a frente, era cada vez mais difícil encontrar pessoas para a escolta; nem mesmo a invenção diabólica da autovigilância sempre produziu resultados adequados. Ao mesmo tempo, tratava-se de obter o maior benefício económico e produtividade do campo, o que obrigava, sobretudo no trabalho florestal, a alargar as quintas e a enviar contingentes e mais contingentes para locais perdidos sob a vigilância de uma escolta que cada vez que se tornou mais fantasmagórico e mais simbólico.

Já em 1939, alguns subcomandantes do campo Ust-Vym tinham, em vez de paliçadas, uma pequena cerca ou um par de fios trançados, e à noite não havia *absolutamente nenhuma* iluminação, o que significa que assim que escureceu, não havia nada para impedir os presos. Para conduzi-los a trabalhar na floresta, mesmo no *lagpunkt disciplinar*, daquele campo, jogava um único soldado por time. Naturalmente, ele não conseguia ficar de olho em todos. Como resultado, no verão de 1939, *setenta* detidos escaparam de lá (um deles até escapou duas vezes no mesmo dia, uma antes e outra depois do almoço!); no entanto, desses fugitivos, *sessenta* voltaram por conta própria. Os outros nunca foram ouvidos.

Mas essas são regiões perdidas na distância. Em Moscou, eu mesmo testemunhei três fugas extremamente simples: um jovem ladrão fugiu no meio do dia do campo do Portal Kaluga por um buraco na cerca do canteiro de obras (e com a arrogância de todos eles, os dois! dias ele enviou um cartão postal para o acampamento dizendo que estava indo para Sochi e dizer olá ao diretor do acampamento!); uma menina fugiu do pequeno campo de Marfino, perto do Jardim Botânico (já tive a oportunidade de

falar sobre isso) e um jovem comum fugiu do mesmo campo pegando um ônibus que ia ao centro. A verdade é que o deixaram absolutamente sem escolta: incitado contra nós, o MGB perdeu o prisioneiro comum com grande indiferença.

Certamente no GULAG eles teriam feito as contas e concluído que era muito mais barato para eles perder uma pequena porcentagem de presos anualmente do que instituir uma guarda realmente severa em cada uma das milhares de ilhas do arquipélago.

Além disso, as autoridades também possuíam certas correntes invisíveis que mantinham solidamente os indígenas onde estavam.

Dessas cadeias, a mais sólida era o desânimo geral que reinava entre todos os presidiários e sua completa resignação à condição de escravos. Tanto os Cinquenta e Oito como os "comuns" eram pais quase inteiramente trabalhadores, capazes de demonstrar grandes virtudes apenas dentro dos cânones da lei, por ordem e com a aprovação das autoridades. E mesmo agora, quando foram condenados a cinco, dez anos, ainda parecia inconcebível para eles que um homem (muito menos um grupo de homens, Deus me livre!) se levantasse em defesa de sua liberdade, se opondo ao estado (*seu próprio* Estado!), o NKVD, a Polícia, os guardas, os cachorros ... E mesmo que conseguissem escapar, como poderiam conviver com documentos falsos, sob nome falso, se em cada esquina havia controle de papéis e de cada porta olhos suspeitos te observavam? Então, em linhas gerais, o espírito que reinava nos campos era o seguinte: o que você está fazendo aí, olhando, com seus rifles? Como se vocês todos quisessem ir para casa, não vamos fugir de qualquer maneira! Não somos criminosos, por que devemos fugir? Se de qualquer forma, dentro de um ano ou mais eles nos libertarão (anistia!) K. Strajovich nos diz que em 1942, enquanto eles estavam sendo transferidos para Uglich, seu comboio foi bombardeado várias vezes. A escolta se dispersou, mas os presos não se mexeram, aguardando o retorno dos guardas. E contarão muitos casos, como o do contador do trecho Ortaús del Karlag: o mandaram entregar uma balança a uns 40 quilômetros de distância, com um único homem como escolta. No caminho de volta, ele não só teve que trazer seu guarda bêbado na carroça, mas também ter um cuidado especial com sua espingarda, para que aquele idiota não fosse processado por perda.

Outra rede era a "acercoseria", a fome no campo. Embora às vezes, movidos justamente por aquela fome, os prisioneiros desesperados se

jogassem na taiga, confiantes de que apesar de tudo eles poderiam encontrar mais comida lá do que no campo, a fome também os debilitou em tal medida, que não lhes permitia ir para longe, nem recolher mantimentos para a estrada.

E havia mais uma cadeia : a ameaça de uma nova penalidade. Por evasão, os políticos receberam mais *dois dólares* para o seu próprio artigo 58 (aos poucos ficou estabelecido que o melhor era aplicar o 58-14, sabotagem contra-revolucionária). Para os ladrões, certamente, eram apenas 82 (evasão simples) e apenas dois anos, mas até 1947 não recebiam mais por furto e furto, portanto eram também valores da mesma ordem. Além disso, no campo se sentiam "em casa", não passavam fome, não trabalhavam; o que lhes convinha mesmo era ficar e cumprir a pena, tanto mais que a qualquer momento podiam obter privilégios ou anistia. Para os ladrões, a evasão era o exercício exigido por um corpo saudável e bem nutrido, e uma explosão de avidez paciente: para festejar, roubar, beber, estuprar, se pavonear. As únicas evasões sérias eram as de bandidos e assassinos de longa data.

(Os ladrões gostam muito de se gabar de evasões imaginárias ou de enfeitar prodigamente as que fizeram. Eles vão lhe dizer, por exemplo, que a "Índia" (o quartel dos ladrões) recebeu uma flâmula como prêmio pela melhor preparação para o inverno, até um belo aterro elevado ao redor do quartel, quando na verdade toda aquela terra amontoada sob o nariz das autoridades veio de um túnel que eles estavam cavando para escapar. Não acredite neles! Uma "Índia" inteira não escapará, nem você cave muito; dê-lhes procedimentos mais descansados e ágeis, e nem mesmo as autoridades são tão estúpidas a ponto de não olhar de onde vêm as terras. O ladrão Korzinkin, com dez condenações, comandante de confiança do diretor do campo, certamente escapou devidamente vestido, e certamente posado como assistente do promotor; mas, além disso, devo acrescentar que ele passou a noite na mesma isba como delegado especial para a captura de fugitivos (essa posição existe) e que, enquanto o outro dormia, ele roubou seu uniforme, sua arma e até seu cachorro, depois se passando por um Cheque. Bem, isso já é uma mentira. Os malfeitores, em suas fantasias e em suas histórias, devem ser sempre mais heróicos do que realmente são.

Outra coisa que segurava os internos não era a paliçada, mas, ao contrário, a ausência de escolta. Aqueles que eram menos vigiados , aqueles que tinham o pequeno privilégio de poder ir e vir do trabalho sem a

baioneta constante apontada às suas costas, aqueles que ocasionalmente se permitiam pular para a cidade livre mais próxima, apreciaram muito essa vantagem. E depois de uma tentativa de evasão, foi levado embora.

A própria geografia do Arquipélago acabou por ser uma enorme parede à prova de fugas: a tundra e a taiga, imensos desertos de neve ou areia ... Kolyma não é uma ilha, mas pior ainda, é uma extensão de terra totalmente isolada. Para onde fugir de Kolyma? Lá, se eles fogem, é apenas por desespero. É verdade que houve um tempo em que os Yakuts os tratavam amigavelmente e os ajudavam: "Nove sóis, vou levá-los a Khabarovsk." E eles ainda eram carregados em seus trenós de renas. Mais tarde, porém, os criminosos fugitivos começaram a saquear os Yakuts, e eles mudaram de atitude em relação aos presos, começaram a denunciá-los.

A hostilidade das populações vizinhas, instigada pelas autoridades, acabou se tornando o maior obstáculo às evasões. As autoridades não economizaram nas recompensas pelas capturas (no caminho, foi educação política). E, aos poucos, as cidades vizinhas ao GULAG foram se acostumando com o fato de que a captura de um fugitivo significava uma festa, um negócio: algo como uma boa caça ou a descoberta de uma pepita de ouro. Os Tunguses, os Kamis, os Cazaques cobraram farinha e chá, enquanto nas áreas mais densamente povoadas, por exemplo na região do Volga em torno dos campos Burepolom e Undja, eles pagaram, para cada prisioneiro capturado, dois *puds* de farinha, oito metros de tecido e vários quilos de arenque. Como durante a guerra não havia outra forma de se obter arenque, os habitantes dessas regiões acabaram batizando os fugitivos com o nome de *arenque*. Por exemplo, na aldeia de Sherstkik, assim que viam um estranho aparecer, as crianças corriam gritando: "Mamãe, mamãe, um arenque!"

E quanto aos geólogos ? Pioneiros das terras desoladas do norte, heróis selvagens barbudos e personagens 'bobos' de Jack London! Pois o fugitivo não tem muito a esperar de nossos geólogos soviéticos; é melhor ele ficar longe de sua fogueira. O engenheiro Abrosimov, preso com a *enchente* do "partido industrial" e condenado a *dois dólares*, fugiu em 1933 do campo de Nivargués. Por vinte e um dias seguidos ele vagou pela taiga, e como ficou satisfeito quando encontrou um grupo de geólogos! Mas eles o levaram para a cidade mais próxima e o entregaram ao presidente do Comitê de Trabalhadores. (Você também tem que se colocar no lugar dos geólogos: eles também não estão sozinhos e têm medo de serem denunciados um pelo

outro. E se o fugitivo for realmente um criminoso, um assassino? E se ele cortar todos eles à noite?)

Se o pegarem morto, podem despejar o corpo perto da sala de jantar do campo e deixá-lo ali por vários dias, com sua ferida aberta purulenta, para que os presos possam apreciar melhor sua *balanda* aquosa. Se ele for capturado vivo, talvez o coloquem ao lado do posto de guarda e, quando a coluna começar a funcionar, joguem os cães sobre ele. (Os cães sabem, como ordenado, matar um homem, mordê-lo ou simplesmente rasgar suas roupas nuas.) Ou bi en, na secção educativo-cultural, será feito um cartaz que diz: «Eu tentei fugir, mas os cães me capturaram», vão pendurá-lo no pescoço e vão mandá-lo ir por todo o campo assim.

Se eles baterem em você, o farão até que seus rins se soltem. Se colocarem algemas nele, já deixam as articulações do pulso dormentes *para o resto de seus dias* (G. Sorokin, Ivdelag). Se o prenderem na masmorra, já que ele não sai sem tuberculose. (Niroblag, Baranov, fuga de 1944. Após os golpes da escolta, cuspiu sangue e, três anos depois, teve que retirar o pulmão esquerdo).^[209]

Aliás, espancar e matar o fugitivo é, no Arquipélago, a principal forma de combate às evasões.^[210] Às vezes, se passa muito tempo sem evasão, alguns até são inventados. Um belo dia em 1952, nas minas de ouro de Debin (Kolyma), um grupo de presidiários recebeu permissão para ir colher frutas silvestres. Três deles foram perdidos na floresta, e eles estavam desaparecidos . O tenente Piotr Lomaga, diretor do campo, enviou seus algozes atrás deles. Eles jogaram os cães nos três homens, que estavam dormindo, depois os mataram a tiros, depois esmagaram suas cabeças com coronhas de rifle, até que foram reduzidas a uma massa, da qual pedaços de massa cerebral emergiram, e, nesse estado, Eles foram levados em uma carroça para o campo. Lá, o cavalo foi substituído por quatro internos, que desfilaram a carroça antes que seus companheiros se enfileirassem. “Isso vai acontecer com todos vocês!” Declarou Lomaga.

E quem terá o desespero de não desistir de tudo isso? E ir! E chega! Mas ... *chegar* onde? No final da fuga, quando o fugitivo atinge o tão esperado objetivo, quem terá a coragem de acolhê-lo, escondê-lo, hospedá-lo? Apenas um covil bem preparado aguarda os malfeitores do lado de fora; Para nós Cinquenta e Oitos, este tipo de alojamento é considerado *local*, é

quase uma organização clandestina. Muitas são as barreiras e preços que impedem a evasão.

Mas às vezes acontece que um coração desesperado não pesa os prós e os contras. De repente ele vê um rio, um tronco no rio e, sem pensar, pula... e deixa velejar! Viacheslav Biezrodny, recém-saído do hospital, ainda muito fraco, fugiu do acampamento Olchan em duas toras amarradas, descendo o rio Indiguirka, para o Oceano Glacial! Para onde ele estava indo? O que eu esperava? Não foi mais capturado, mas apanhado em alto mar e devolvido de trenó ao mesmo hospital em Olchan.

E se alguém não voltou a campo por iniciativa própria, ou foi capturado meio morto, ou *trouxe um* cadáver, isso ainda não significa que ele conseguiu fugir. Talvez ele só tivesse trocado a morte lenta do escravo no campo pela morte livre do animal na floresta.

Enquanto os fugitivos, em vez de fugirem, rastejarem e depois voltarem por sua própria vontade, pode-se dizer que eles até mesmo fazem um favor aos comissários de campo, que facilmente lhes *enganam* uma segunda sentença. E quando, por um motivo ou outro, passa muito tempo sem fugas, eles são provocados: algum delator é encarregado de organizar um grupo "de fuga", e aí todos são presos.

Mas o homem que foge seriamente logo se torna muito perigoso. Para enganar os cães, alguns atearam fogo na taiga atrás deles e queimaram por semanas por dezenas de quilômetros. Em 1949, num prado perto de um sovjós em Vesliana, um fugitivo foi capturado carregando carne humana na mochila: no caminho matou um homem - um pintor sem escolta, cumprindo pena de cinco anos - e cortou alguns pedaços do cadáver, que ainda não teve tempo de assar.

Na primavera de 1947, em Kolyma, não muito longe de Elguen, dois soldados da escolta lideravam uma coluna de detidos. De repente, sem dizer uma palavra, um ou mais dos internos atacaram habilmente seus guardas sozinhos, desarmaram-nos e mataram-nos a tiros. (Seu nome não chegou até nós, mas depois soube que ele era um ex-oficial. Raro e belo exemplo de um lutador de ontem que não perdera a coragem em campo!) O bravo homem declarou à coluna que Ele estava em liberdade, mas os detidos entraram em pânico: ninguém o seguia, todos se sentavam no chão e esperavam pacientemente a chegada de uma nova escolta. O ex-oficial tentou embaracá-los, mas sem sucesso. Ele então pegou uma arma (trinta e dois cartuchos: "Trinta e um para eles!"). e deixado sozinho. Ele ainda

matou e feriu vários dos homens acusados de persegui-lo e cometeu suicídio com o cartucho número trinta e dois. Sem dúvida, o Arquipélago teria afundado se todos os ex-combatentes o tivessem feito.

No Kraslag, um veterano de guerra, um herói de Jaljingol, avançou com um machado sobre um homem da escolta, nocauteou-o, apreendeu seu rifle e trinta cartuchos. Eles jogaram uma mochila atrás dele, e o fugitivo matou dois cães e feriu o que os conduzia. Os soldados que o capturaram não atiraram apenas nele: cegos de raiva, para se vingarem e vingarem os cães, crivaram o cadáver com baionetas e deixaram-no durante uma semana inteira junto ao posto de guarda.

Em 1951, naquele mesmo Kraslag, cerca de dez homens cumprindo longas penas foram escoltados por quatro soldados da guarda armada. De repente, os presos pularam sobre eles, os reduziram, tiraram suas metralhadoras, vestiram seus uniformes (mas eles pouparam suas vidas! Muitas vezes os oprimidos são mais magnânimos que os opressores) e quatro deles "escoltados »Seus camaradas da ferrovia. Havia vagões vazios esperando por um carregamento de madeira. A falsa escolta chegou à locomotiva, derrubou os motoristas e (um dos fugitivos era motorista) lançou o comboio a todo vapor em direção à estação Reshoty, entroncamento com a linha principal da Transiberiana. Mas eles tiveram que viajar cerca de quarenta milhas. Nesse ínterim já haviam dado o alerta (começando pelos soldados poupados) e várias vezes tiveram que atirar do trem em movimento contra pelotões da guarda. Finalmente, alguns quilômetros antes de Reshoty, eles conseguiram colocar minas na pista e um batalhão da guarda tomou posições. Todos os fugitivos morreram no combate desigual.

Em geral, evasivas *silenciosas* terminavam melhor. Houve alguns extraordinários. Claro, raramente temos a oportunidade de ouvir sua história: seus protagonistas não dão entrevistas, mudam de nome e se escondem. E se Kuzikov-Skachinski, que conseguiu escapar em 1942, nos conta hoje sobre sua fuga, é porque foi descoberta em 1959: dezessete anos depois!^[211]

Da mesma forma, se ouvimos falar da fuga de Zinaida Iakovlena Povaliaieva, é porque, afinal, ela falhou. Ela havia sido condenada por permanecer em seu cargo de professora durante a ocupação alemã. Mas, não sendo presa imediatamente após a chegada das tropas soviéticas, ela teve tempo de se casar com um aviador. De repente, ela é presa e enviada

para a Mina de Vorkut nº 8 a. Através da cozinha chinesa ela conseguiu entrar em contato com o mundo exterior e com seu marido, um aviador civil, que conseguiu combinar um vôo para Vorkuta. No dia combinado Zina foi aos banheiros, na área de trabalho; ali ela tirou a roupa do campo e desfez os rolos que escondia debaixo do lenço. Seu marido estava esperando por ela na área de trabalho. Soldados montavam guarda ao lado dos barcos que cruzavam o rio, mas nenhum prestou atenção à jovem de cabelos encaracolados andando de braço dado com um aviador. Eles partiram no avião. Zina viveu um ano com documentação falsa. Mas ele não se segurou. Ele queria ver sua mãe novamente, e ela estava sob vigilância. Na investigação do resumo, Zina conseguiu inventar a história de que havia escapado em um vagão de carvão. Ninguém soube da intervenção do marido.

Em 1949, Ianis L. caminhou de um campo em Perm para a Letônia, falando mal russo e lutando para se fazer entender. O jogo em si foi uma brisa: ele ganhou impulso, derrubou a cerca frágil e se viu do outro lado. Mas, uma vez na floresta pantanosa (ele usava alpercatas), teve que passar dias inteiros comendo exclusivamente frutas vermelhas. Uma vez em uma cidade, ele roubou uma vaca, levou-a para a floresta e a picou lá. Ele recuperou um pouco de força com a carne, e com o couro ele fez calçado. Em outro lugar, ele roubou o casaco de pele de carneiro de um camponês (o fugitivo contra o qual a população é hostil torna-se, por sua vez, queira ou não, seu inimigo). Em centros lotados, ele se fez passar por um letão mobilizado que havia perdido seus documentos. E apesar do fato de que naquele ano os salvo-condutos ainda estavam sendo completamente revistos, ele conseguiu chegar a Leningrado, que ele não conhecia, encontrar a estação de Varsóvia lá sem dizer uma palavra, ainda caminhar quatro quilômetros nos trilhos e lá ele entrou em um trem em movimento. (Mas havia algo sobre o qual L não duvidava: na Letônia eles não teriam medo de esconder. E isso deu sentido à sua evasão).

Uma fuga como a de L. requer a agilidade, tenacidade e astúcia de um camponês. Mas pode escapar um homem da cidade e, para piorar, um velho condenado a cinco anos por ter contado uma piada? Acontece que sim, ele pode fazer isso, quando para ele representa uma morte ainda mais segura ficar naquele pequeno e "duro" acampamento de criminosos comuns, entre Moscou e Gorky, onde desde 1941 eles fabricam balas de canhão. Cinco anos é uma "sentença de criança", mas nosso curinga não teria durado cinco

meses, forçado a trabalhar sem comer. Foi uma fuga desesperada, em um impulso tão breve que, se tivesse pensado nisso por mais meio minuto, não teria tido ânimo nem força para tentar. O comboio de plantão chega ao campo carregado de projéteis. O sargento da escolta percorre toda a extensão do trem, e um ferroviário o segue a alguns vagões; o sargento abre as portas de cada carruagem, uma após uma, para se certificar de que não há ninguém dentro; então ele os fecha e a ferrovia os sela. E o pobre menino

[212]

faminto entra numa das carroças, atrás do sargento, que acaba de passar, e à frente do ferroviário, que se aproxima; É difícil para ele subir, é difícil para ele deslizar a porta sem fazer barulho; tudo isso é absurdo; é um fracasso certo; você já está se arrependendo do que acabou de fazer. Ele está lá, trancado, com o coração batendo forte: de um momento para o outro o sargento vai voltar e derrubá-lo; a ferrovia irá denunciá-lo; Alguém está se aproximando, batendo na porta ... mas ele simplesmente colocou o lacre! (E eu acho, será que esse ferroviário era um homem decente? O que ele viu e não viu?) O comboio sai da área e segue para o front. O fugitivo não fez preparativos, não está carregando um pedaço de pão; três dias e três noites naquela masmorra itinerante em que ele se trancou por sua própria vontade, é a morte certa; nunca chegará à frente; e, quanto ao resto, não é na frente aonde você quer chegar. O que fazer? Como se salvar agora? Ele vê que as caixas de projéteis estão cercadas por fitas de metal. Com as pobres mãos nuas, arranca uma delas e a usa para serrar o piso de madeira da carroça, em um local sem gavetas. É um trabalho impossível para um velho? E morrer, é possível? Deixar que descubram, que capturem, é possível? As gavetas também possuem puxadores de corda para poder transportá-las. O velho corta e faz alças do mesmo estilo, porém mais compridas, e fixa-as de modo que fiquem penduradas sob a carroça pela abertura feita no chão. Está esgotado; suas mãos ensanguentadas mal lhe obedecem ... Como essa piadinha custou caro para ele! Ele não espera que cheguem a uma estação: com o trem a todo vapor, ele desliza pela abertura e coloca as duas pernas em uma das alças (em direção à cauda do trem) e os ombros na outra. O trem anda e o fugitivo fica pendurado, balançando, sob o assoalho do vagão. A certa altura, o trem desacelera: o homem se decide e deixa cair as pernas, que segundos depois arrastam todo o seu corpo para trás. Número mortal, número do circo, mas e se sua ausência já foi notada na área? Talvez já tenham mandado um telegrama, e isso significa que vão mandar parar o trem, que vão revistar os vagões...! Acima de tudo, não arqueie, não

balance ... O homem gruda nos dormentes. Com os olhos fechados, ele se prepara para morrer. A batida mais apressada das rodas das últimas carruagens e, de repente ... silêncio! O fugitivo abre os olhos, vira-se para o lado e vê apenas a luz vermelha do carro em movimento. É liberdade!

Mas ele ainda não alcançou a salvação. Liberdade é liberdade, mas ele não tem documentos nem dinheiro, usa trapos do campo. O que será dele? Com o corpo esmagado, as roupas destruídas, ele rasteja como pode até uma estação e lá se mistura com um comboio que acaba de chegar de Leningrado, com alguns evacuados meio mortos que são obrigados a andar segurando-os pelas axilas e os que servem algo quente na estação. Nem mesmo isso o teria salvado; mas ele descobre no comboio um amigo cujo passado ele conhece bem e apreende seus documentos. Todos são enviados para as proximidades de Saratov, e por vários anos, até o período do pós-guerra, ele viveu lá em uma granja. Mais tarde, porém, ele sente saudades da filha e sai em busca dela. Ele a procura em Nalchik, em Armavir, e a encontra em Uzhgorod. Ela, entretanto, se casou com um guarda de fronteira; ele considerava seu pai felizmente morto, e agora ouve sua história com uma mistura de terror e nojo. Devotada piedosamente aos seus deveres cívicos, ela, no entanto, preservou vergonhosos resquícios de tradições familiares e não denuncia o pai, contente em colocá-lo na rua. O velho não tem mais ninguém no mundo e começa a levar uma existência sem sentido, vagando de cidade em cidade. Ele se vicia em drogas e um dia, em Baku, depois de ter fumado uma dose excessiva de maconha, é pego por membros do Ministério da Saúde. Sob o efeito da droga, ele dá seu nome verdadeiro, e então , já acordado, aquele sob o qual se esconde. É um hospital nosso, um hospital soviético, e não podem curar ninguém sem terem previamente estabelecido a sua identidade: chamam um camarada da Segurança do Estado, e em 1952, dez anos após a sua fuga, o velho é condenado a vinte e cinco anos. (Graças a isso ele teve a sorte de poder contar sua história nas masmorras, e assim agora entrar na História).

Às vezes, a vida que o fugitivo leva depois é mais dramática do que a própria fuga. Foi o que aconteceu com Sergei Andreievich Chebotariov, que já tive oportunidade de mencionar várias vezes neste livro. Empregado desde 1914 nas ferrovias da China Oriental, ele pertencia, desde fevereiro de 1917, ao partido bolchevique. Em 1929 ele foi preso pelos chineses durante o conflito da Ferrovia Oriental, e em 1931 ele retornou à metrópole com sua esposa, Elena Prokofievan, e seus dois filhos, Guenadi e Victor. A

partir desse momento, tudo se desenvolveu como deveria: após alguns dias, ele foi preso, sua esposa enlouqueceu e seus filhos foram mandados para dois orfanatos *diferentes*, onde mudaram de sobrenome e nome contra a vontade patronímico, apesar de ambos se lembrarem perfeitamente dos reais e fazerem o possível para resistir. Devido à sua inexperiência, a Troika da OGPU para o Extremo Oriente condenou Chebotariov a apenas três anos, mas logo ele foi novamente apreendido, torturado e condenado, desta vez, a dez anos, sem direito a correspondência (o que ele iria fazer? pode dizer agora em suas cartas?) e até com guarda reforçada em feriados revolucionários. Esse endurecimento das regras da prisão acabou sendo uma ajuda inesperada para ele. A partir de 1934 foi enviado para trabalhar em Karlag, na construção da estrada para Monty; para a festa de 1º de maio de 1936, ele foi trancado com outros internos em um isolador penitenciário e colocado lá um homem *livre* que gozava dos mesmos direitos, um certo autônomo Vasilievich Chupin. Ele estaria bêbado ou não, mas o fato é que Chebotariov conseguiu roubar uma autorização de viagem emitida pelo soviete rural por três meses, que já estava vencida há seis meses. Como você pode entender, esse papel o forçou a escapar! Já no dia 8 de maio, ele escapou do acampamento Mointy, vestido de homem livre da cabeça aos pés, sem um único pano em cima do campo e com duas garrafas de meio litro nos bolsos como bêbados carregam: só que não era vodca mas água. Através primeiro a estepe salina. Duas vezes consecutivas ele caiu nas mãos dos *cazaques* que iriam trabalhar na construção da ferrovia, mas como ele conhece um pouco da língua deles, "brinquei com seus sentimentos religiosos e eles me deixaram ir". ^[213] Ele está detido em um dos postos de operações Karlag, na extremidade oeste do Lago Balkhash. Eles retêm seus papéis e o fazem recitar de memória todos os fatos ali mencionados sobre ele e seus familiares: as respostas do f também Chupin são todas exatas. E aqui o acaso intervém novamente (onde ele não intervém, provavelmente, é quando você é pego). Entra o comandante do posto e Chupin o antecipa: «Cara, Nicolás! Veja onde! Você não me reconhece?" Tudo depende de uma fração de segundo, de algumas rugas no rosto, de duas memórias visuais que se confrontam: (Eu te reconheci, mas estou perdido se me reconheceres!) «Não». Mas como, se fôssemos juntos de trem! Seu nome é Naidionov, você estava contando como conheceu Olga na estação de Sverdlovsk, *pegou* o mesmo compartimento e de lá saiu para se casar. Tudo é verdade; Naidionov se rende às evidências; eles fumam um cigarro juntos

e soltam o fugitivo. (Oh, boné azul! Não é em vão que te ensinam a ficar quieto! Você tem que ignorar aquela doença humana que é a necessidade de se abrir às vezes. Ele havia dito tudo isso, sim, mas não no trem, mas no desapego de Karlag Reflorestamento, há exatamente um ano, ele contara repentinamente aos presos, porque sim, e ele não ia se lembrar da aparência de todos os que o ouviam. Mas ele também deve gostar de contar essa história no trem, e mais de uma vez; a anedota emprestou-se, e Chebotariov jogou essa carta com ousadia!) Muito feliz, Chupin continuou seu caminho e pegou a estrada que leva à estação Chu, contornando o lago, rumo ao sul. Ele caminhava, principalmente à noite; assim que visse os faróis dos carros, ele se esconderia entre os juncos, e ali passaria seus dias (há uma selva de juncos). Os agentes operacionais eram vistos cada vez com menos frequência: o Arquipélago ainda não tinha metastizado naquela região. ^[214] Ele carregava pão e açúcar, que tentava esticar o máximo possível, mas caminhou cinco dias e cinco noites sem uma gota d'água. Depois de mais ou menos duzentos quilômetros, ele chegou à estação e pegou o trem.

Daquele momento em diante, começaram os anos de vida *livre* para ele ... Não, de uma vida acuada, porque não podia correr o risco de se instalar bem ou de ficar muito tempo no mesmo lugar. No ano da sua fuga, conheceu o seu amigo do campo no parque municipal de Frunze , mas foi apenas um segundo: todos estavam felizes, divertiam-se, havia música e mulheres, e o *compadre* não teve tempo de o reconhecer. . Ele teve de desistir do emprego que encontrara (o contador-chefe fez-lhe algumas perguntas e adivinhou os motivos da saída, mas ele também era um ex-Solvkian) e continuar sua jornada. No início, Chebotariov não quis arriscar em procurar sua família, mas depois descobriu um método. Escreveu ao seu primo que vivia em Uf: «Onde estão a Lena e os seus filhos ?; adivinhe quem está escrevendo para você, mas por enquanto, não diga nada a ela »; remetente, um certo Chupin, numa certa estação de Zirabulak... O primo respondeu: «As crianças estão perdidas; sua esposa está em Novosibirsk. ' Chebotariov então pediu-lhe que fosse a Novosibirsk e contasse à sua esposa, mas apenas quando eles estivessem sozinhos, que seu marido havia dado sinais de vida e queria enviar-lhe dinheiro. O primo fez a viagem e então a própria esposa de Chebotariov escreveu-lhe dizendo que havia passado um período em um hospital psiquiátrico, que perdera o passaporte e que atualmente cumpria três meses de prisão domiciliar; portanto, eles não permitiram que ele recebesse dinheiro. Seu coração parou de bater: ele

precisava ir vê-la! E mandou-lhe um telegrama um tanto absurdo: venha me esperar na estação, número do trem, número do carro ... Nosso coração está indefeso contra os sentimentos, mas graças a Deus, também está acessível aos palpites ! Uma vez instalados no trem, eles não o deixaram sozinho a ponto de ele descer duas estações antes de Novosibirsk e pegar carona pelo resto da viagem. Ele deixa suas coisas no armário e corre feito louco para a casa de sua esposa. Ele bate na porta, que se abre sozinha: não há ninguém. (Primeira coincidência hostil: o senhorio de sua esposa, que estava de guarda 24 horas para avisá-lo de que o haviam armado, saíra naquele minuto para buscar água!) Chebotariov entra: sua esposa não está lá, mas na cama um Chequista roncando placidamente, coberto com sua capa. (Em segundo lugar, coincidência favorável!) Chebotariov foge; ao descer as escadas, ele é interceptado pelo senhorio de sua esposa, um ex-colega da Ferrovia Oriental que conseguiu se salvar. Explica que o genro é agente operacional, que ele mesmo trouxe o telegrama para casa e esfregou nas narinas da mulher: Olha, seu marido safado vem se colocar nas nossas mãos! Foram esperá-lo na chegada do trem e não o encontraram; o segundo agente havia partido e ele se deitou para descansar. No entanto, Chebotariov consegue avisar sua esposa para ir encontrá-lo; os dois pedem carona por alguns quilômetros e, algumas estações adiante, pegam o trem para o Uzbequistão. E em Leninabad eles se casaram novamente ...! Em outras palavras, sem se divorciar de Chebotariov, ela se casou com Chupin. No entanto, eles não ousaram viver juntos. Eles fizeram investigações em todos os lugares - em seu nome - para descobrir o paradeiro de seus filhos, mas todos não tiveram sucesso. Assim viveram separados, acudados, até a guerra. Em 1941, Chupin foi mobilizado como operador de rádio para a 61ª Divisão de Cavalaria. Um dia, ele teve a imprudência de designar cigarros e fósforos por seus nomes chineses, só para brincar. Agora diga em que país normal o fato de saber duas ou três palavras em uma língua estrangeira desperta suspeitas! Bem, no nosso foi instantâneo: os informantes estavam lá ! E uma hora depois, o instrutor político Sokolov, comissário do 219º Regimento de Cavalaria, já procedia ao interrogatório: "De onde você conhece chinês?" Chupin: "Apenas essas duas palavras." "Será que ele trabalhou nas Ferrovias do Leste da China ?" (Trabalhar no exterior é um pecado grave!) O comissário colocou dois delatores ao seu lado, que também não conseguiram extrair nada dele. Enfim, e para ficar mais calmo, o prenderam, art. 58-10, por:

- duvidar da veracidade dos diários oficiais;
- afirmam que a técnica alemã era superior à nossa.

(Como se ninguém pudesse ver com os próprios olhos!)

Do fogo às brasas! Tribunal. TIROTEIO! Chebotariov já estava tão farto de morar em sua amada pátria, que NÃO APRESENTOU UM APELO DE GRAÇA. Mas o estado precisava de mão de obra, então eles finalmente deram a ele dez anos e cinco mordada. De novo "em casa" ... No total, com diminuição do luto, passou *nove* anos.

E agora outro incidente. Um dia, no campo, um interno, NF, chamou-o à parte e perguntou-lhe em voz baixa: "Qual é o seu nome?" "Autonomous Vasilievich". "E de onde és?" "Da província de Tyumen." Que distrito ... que cidade? Chebotariov-Chupin respondeu a tudo como correspondia e em resposta ouviu: «Tudo é mentira. Com o Autônomo Chupin trabalhei cinco anos na mesma locomotiva e o conheço como se ele fosse eu. Não foi você, por acaso, quem roubou seus documentos em maio de 1936? " Que minas escondidas ainda aguardam um fugitivo ! Em que romancista que inventou tal encontro você poderia acreditar? Naquela época, Chebotariov estava voltando a amar a vida e apertou a mão daquele bom homem quando ele lhe disse: "Não se preocupe, não irei com meu *amigo* , *não* sou um *cachorro!*"

Assim, Chebotariov cumpriu sua segunda sentença como Chupin. Mas, infelizmente, seu último campo acabou sendo ultrassecreto, pertencendo ao grupo dos envolvidos nas obras de bases atômicas que incluíam Moscow-10, Tura-38, Sverdlovsk-39, Chelyabinsk-40. Trabalhavam no enriquecimento de urânio e radiominerais, a construção da base era feita de acordo com os planos de Kurchatov, o diretor das obras, tenente-general Tkachenko, dependia apenas de Stalin e Beria . Todos os presos foram obrigados a renovar seu compromisso de "não divulgação" a cada três meses. Mas isso não teria sido nada se, além disso, os detidos libertados não tivessem sido proibidos de regressar às suas casas. Em setembro de 1950, um grande grupo desses "libertos" foi enviado ... para Kolyma! Só lá eles foram deixados sem escolta, declarando-os *um contingente especial particularmente perigoso!* Perigoso porque eles ajudaram a fazer a bomba atômica! (Como relacionar tudo isso? Se isso levasse capítulos e mais capítulos!) E assim eles dispersaram dezenas de milhares por Kolyma!

(Folheie a Constituição, folheie os Códigos ... Onde está escrito algo sobre "contingentes especiais"?)

No entanto, pelo menos agora ele poderia se reunir com sua esposa! E, de fato, ela foi para as minas Maldiak. Eles continuaram fazendo perguntas sobre seus filhos. As respostas ainda eram "Não". "Local desconhecido".

Quando Stalin faleceu, os dois velhos deixaram Kolyma e foram aquecer seus ossos no Cáucaso. A atmosfera estava se dissipando, embora muito lentamente. Em 1959, seu filho Victor, um chaveiro em Kiev, decidiu se livrar de seu odiado sobrenome e se declarar filho do inimigo do povo Chebotariov! E um ano depois seus pais o encontraram! Portanto, o problema do pai era se tornar o próprio Chebotariov novamente (reabilitado *três* vezes, ele não precisava mais responder por sua fuga). Assim, ele declarou sua verdadeira identidade e suas impressões digitais foram enviadas a Moscou para verificação. O velho só se tranquilizou quando os três estavam de posse dos passaportes emitidos em nome de Chebotariov e quando sua nora também se tornou Chebotariova. Só depois de mais alguns anos ele me escreve que já se arrependem de ter encontrado Victor: ele trata o pai como um criminoso, culpa-o por todos os seus infortúnios e despreza os certificados de reabilitação: "Pura farsa!" Ele diz. ^[215] Quanto ao filho mais velho, Guenadi, ele desapareceu definitivamente .

As histórias que acabei de contar mostram que mesmo uma fuga bem-sucedida não termina em liberdade, mas apenas em uma existência constantemente oprimida e ameaçada. Houve candidatos à evasão que entenderam isso: os do campo que tiveram tempo de se desvincular politicamente de sua pátria, e os que viviam segundo o tolo e analfabeto princípio de *apenas viver!* E não foram poucos os que se propuseram a mudar para o Ocidente, que consideravam a única saída completa.

Essas fugas já são mais difíceis de contar. Aqueles que não chegaram agora descansam na terra úmida. Aqueles que foram capturados estão em silêncio. Quanto aos que conseguiram fugir, talvez o tenham contado no Ocidente, ou talvez também estejam calados por medo de prejudicar outras pessoas que aqui ficaram. A certa altura, houve rumores de que sete detentos haviam apreendido um avião na Península de Chukotka e voado para o Alasca. No entanto, acho que deve ter sido simplesmente uma tentativa malsucedida.

Todos esses casos permanecerão no escuro por muito tempo; envelhecerão e perderão o sentido, assim como este manuscrito, como tudo

de verdade que se escreve em nosso país.

Eu conheço tal caso, e novamente a memória humana não reteve o nome do heróico fugitivo. Ele era um engenheiro mecânico, natural de Odessa, e no Exército alcançou a patente de capitão. O fim da guerra o pegou na Áustria, e ele permaneceu em Viena servindo nas tropas de ocupação. Em 1948 ele foi preso em decorrência de uma denúncia e, nos termos do artigo 58, impuseram-lhe 25 anos, pena que então se tornara de rigueur. Ele foi enviado para a Sibéria, para um *lagpunkt* localizado a trezentos quilômetros de Taishet, ou seja, muito longe dos trilhos transiberianos. O trabalho na floresta logo o "aproximou", mas ele ainda tinha a vontade de lutar por sua vida, bem como uma memória duradoura de Viena. E de lá, DE LÁ!, ele conseguiu chegar a Viena. É incrível!

O setor de derrubada de árvores era delimitado por uma trilha na mata protegida por pequenas torres de vigia. No dia marcado, nosso homem trouxe sua ração de pão para o trabalho. Uma vez lá, ele derrubou um pinheiro frondoso, que cruzou o caminho e rastejou sob os galhos até o topo. O pinheiro não se estendia por toda a largura do caminho, mas ele conseguiu rastejar um pouco mais e saiu sem ser visto. Ele carregou seu machado com ele. Era verão. Ele abriu caminho através da taiga, caminhando por entre as árvores derrubadas pela tempestade; Foi extremamente difícil, mas em troca ele passou um mês inteiro sem encontrar uma alma. Amarrou as mangas e a gola da camisa, e com aquela rede improvisada apanhou peixes, que comia crus. Ele coletou nozes de cedro, cogumelos e frutas vermelhas. Meio morto, porém, ele conseguiu alcançar os trilhos da Transiberiana e adormeceu feliz entre algumas pilhas de feno. Ele foi acordado por vozes: puxavam feno com garfos e ele fora descoberto. Exausto, ele não tinha mais vontade de lutar ou fugir. "Tudo bem", disse ele. prenda-me, entregue-me, sou um fugitivo. Era o sinaleiro e sua esposa. O marido disse: "Cara, nós somos russos!" «Ficas aqui ainda, para que não te vejam». E eles foram embora. Mas o fugitivo não acreditou neles: eram cidadãos soviéticos; eles tinham que denunciar ...! Então ele rastejou de quatro para a floresta. De lá ele estava guardando o local e viu o guarda voltar com roupas e comida. Ao cair da noite, o fugitivo começou a seguir a trilha e, chegando a um lado da ferrovia no meio da floresta, embarcou em um trem de carga; na manhã seguinte, ele saltou do trem e voltou para a floresta, onde ficou o dia inteiro. Foi assim que avançou noite após noite, e quando recuperou um pouco as forças, começou a descer a

cada parada também: ficava esperando, escondido na vegetação rasteira, ou ia na frente do trem e o embarcaria a todo vapor. Corria dezenas de vezes o risco de perder um braço, uma perna, a cabeça. (Assim ele expurgou alguns gestos leves com a palavra de seu reclamante) ... Mas um dia, perto dos Urais, ele traiu seus princípios e adormeceu em uma carroça aberta carregada de toras. Um chute, o facho de uma lanterna na cara: "Documentação!" Levantando-se, ele tirou o guarda da carroça e saltou para o outro lado, onde caiu ... na cabeça do *outro* guarda! Ele também derrubou este e conseguiu se esgueirar sob os outros trens. Ele começou novamente a alguma distância da estação. Ele decidiu fazer um desvio para não passar pelo centro de Sverdlovsk; no subúrbio ele conseguia roubar, em um bazar, pegava roupas, vestia três ternos, um em cima do outro, e também se abastecia de comida. Em uma das seguintes estações, ele vendeu um dos ternos e comprou uma passagem Chelyabinsk-Orsk-Ásia Central. Não, se ele soubesse muito bem para onde queria ir, para Viena! Mas ele teria que esperar um pouco para repor os fundos e eles parariam de procurá-lo. No mercado ele conheceu um turcomano, presidente do kolkhoz, que o contratou em sua fazenda sem exigir documentos. E suas mãos souberam justificar seu título de mecânico, pois ele colocou todas as máquinas do kolkhoz em condições. Alguns meses depois, ele se despediu, foi pago e partiu de trem para Krasnovodsk na linha paralela à fronteira. Depois de Maria, uma patrulha apareceu para verificar os documentos. Nosso mecânico foi até a ponta do carro, abriu a porta e pendurou na janela de serviço (o vidro era pintado de branco; não podiam vê-lo de dentro); apenas a ponta de um dos pés permaneceu apoiada no degrau para servir de apoio e garantir seu retorno. A patrulha não percebeu aquela ponta de sapato no batente da porta no canto e foi para o próximo carro. Assim ele superou o momento terrível! Depois de cruzar com sucesso o Mar Cáspio, ele pegou o trem Baku-Shepetovka e de lá foi para os Cárpatos. Para cruzar a fronteira, procurou um local isolado, íngreme e com vegetação onde pudesse atravessar sem ser visto, mas foi interceptado pelo guarda da fronteira ! Tantos sacrifícios, tanto sofrimento, tanto engenho, tantos esforços do campo siberiano, daquele primeiro pinheiro abatido, para que a poucos passos da meta tudo desabasse ...! E da mesma forma que entre os galpões de Taishet sua força o abandonou , e incapaz de resistir, incapaz de continuar mentindo, ele só pôde gritar com a fúria do desespero: 'Peguem-me, algozes! Pegue-me, a força é sua! » "Quem é?" Um fugitivo! Um

fugitivo do campo! Pegue-me! " Mas os encaracolados guarda-costas se comportaram de maneira estranha: vendaram-no, levaram-no para uma caverna, lá tiraram a venda, continuaram a interrogá-lo ... e, de repente, tudo ficou claro! Eles eram amigos! Flaggers!^[er] (Puaf! Puaf!, leitores educados roncam em minhas narinas: "Que personagens ele escolhe, se os flaggers são *amigos!* Deve ter sido uma boa peça!" E agora é a minha vez Encolho os ombros: pinto-o como era. Como fez a fuga. Como o campo o modelou. Porque devo dizer uma coisa: essas pessoas nos campos vivem de acordo com o princípio imundo de que "a existência determina consciência", e não com o que dizem os jornais. Para um homem do campo, são os amigos que sofreram com ele, e os inimigos, os que lhe jogam os cães! Subdesenvolvimento ideológico!) Eles se abraçaram! Naquela época, os sinalizadores ainda tinham pontos estratégicos para cruzar a fronteira, e um deles passou sem dificuldade.

Então ele voltou para Viena! Mas desta vez para o setor americano. E ali, obedecendo a esse mesmo princípio materialista, sem conseguir esquecer seu sangrento campo de extermínio, não procurou trabalho como engenheiro mecânico, mas foi diretamente às autoridades americanas para descarregar seu coração. E ele começou a trabalhar para eles na primeira coisa que lhe foi oferecida.

Mas o homem é feito assim: quando o perigo recuar, baixe a guarda. Ele questionou que deveria mandar dinheiro para seus pais em Odessa e, para isso, teve que trocar dólares por dinheiro soviético. Um comerciante judeu o convidou para realizar a operação em sua casa, localizada na área soviética de Viena. As pessoas estavam constantemente passando de uma área para outra, mesmo sem distingui-las bem. Mas era proibido para ele! Ele cruzou a área ... e foi pego no apartamento do doleiro.

É uma daquelas histórias russas típicas de uma sucessão impressionante de esforços sobre-humanos, que acabam naufragando em um copo de vodca.

Condenado à morte, ele contou toda a sua história a Anikin, outro oficial e engenheiro, em uma cela da prisão soviética em Berlim. A essa altura, esse Anikin já havia sido capturado pelos alemães, estava prestes a morrer em Buchenwald, foi libertado pelos americanos e posteriormente repatriado para a zona soviética, onde foi temporariamente deixado para ajudar no desmantelamento das fábricas. ; mais tarde, ele fugiu para a República Federal da Alemanha e trabalhou na construção de uma usina

hidrelétrica perto de Munique; Foi ali que uma noite agentes da contra-espionagem soviética o sequestraram, cegando-o no meio da rua com os faróis de um carro, onde o colocaram. E tudo isso para quê? Ouvir a história de um engenheiro de Odessa e depois contá-la para nós? Tentar duas vezes depois, em Ekibastuz, uma fuga que falhou? (Voltaremos a falar sobre ele na quinta parte). Para que acabem matando ele em uma fábrica de gesso disciplinar?

Que predestinação! O que vira o destino! Como é possível distinguir o significado de uma vida humana isolada?

Ainda não falamos sobre fugas em grupo, que também foram numerosas. Dizem que, em 1956, em um pequeno campo perto de Monchegorsk, todos os prisioneiros escaparam.

A história de todas as evasões do Arquipélago constituiria uma lista gigantesca, impossível até de folhear ... Mesmo quem quisesse escrever um livro dedicado exclusivamente a eles, acabaria por ter pena de si e do leitor, deixando centenas e centenas de casos sem mencionar.

XV

SHIZO, BUR, ZUR

Entre as numerosas e extraordinárias abolições que o nascimento de um novo mundo nos trouxe : abolição da exploração; abolição das colônias; abolição do serviço militar obrigatório; abolição da diplomacia secreta; de compromissos e transferências secretas; da Polícia Secreta; Do catecismo obrigatório e de muitas outras abolições , todas igualmente maravilhosas, a abolição das prisões nunca foi mencionada, de fato (em vez de derrubar os muros, eles os infundiram com um "novo conteúdo de classe"). Mas sim, claro, a abolição das *celas*, a crueldade ou procedimento de tortura que só poderia ter sido concebido na mente deformada pelo ódio dos carcereiros burgueses. O ITK-1924 (Código de Reeducação do Trabalho de 1924) continuou a admitir, é verdade, o confinamento solitário, em uma cela, de presidiários que tinham crimes particularmente graves em seu crédito, mas advertindo que nada dentro deve lembrar para a masmorra: tinha que ser seca, limpa e provida do necessário para dormir.

Por outro lado, hoje não só os carcereiros, mas até os próprios detidos considerariam um absurdo que não houvesse celas, que fossem proibidos.

O ITK-1933, que esteve "em vigor" (em repouso) até a década de 1960, foi ainda mais longe: proibiu até o isolamento na cela!

Mas não porque os tempos tivessem se tornado mais amenos, mas porque a experiência já havia desenvolvido outra escala de punições internas, onde não era a solidão que revirava o estômago, mas, ao contrário, o "coletivo". Sem falar que, além disso, os punidos tinham que continuar trabalhando. Eles eram:

as RUR (Roty Usilienovo Rezhima) "empresas de regime intensivo", que mais tarde foram substituídas por

BUR (Baraki Usilienovo rezhima) 'regime intensivo de quartel "brigadas disciplinares, p ou

as ZUR (Zony Usilienovo Rezhima) "zonas de regime intensivo", *lagpunkts* disciplinares.

Mais tarde, eles foram adicionados gradualmente (não, por favor, sem masmorras!)

os «isoladores disciplinares» SHIZO (SHtrafnyie IZOliatori), celas de confinamento solitário .

Porque, afinal, se não sobra nada para assustar um preso, se não há mais nenhuma outra forma de punição complementar, como obrigá-lo a se submeter ao regime?

Além disso, onde colocar os fugitivos capturados?

Por que SHIZO vai parar ? Para qualquer coisa: por ter desagradado o patrão; por ter recebido mal; por não se levantar na hora; por não ter ido dormir na hora; por estar atrasado para a fiscalização; por ter trilhado o caminho reservado às autoridades; por não estar vestido adequadamente; por ter fumado onde não corresponde; para manter objetos extras no quartel; por tudo isso, um dia, três dias, cinco dias. Por não ter cumprido a regra, por ter sido flagrado com mulher, são cinco, sete, dez dias. Para *refratários*, quinze dias. E embora a lei (que lei?) Não permitisse que fosse infligida por mais de quinze dias (o ITK nem mesmo permitia!) Aquele acordeão foi esticado até um ano inteiro. Em 1932, no Dmitlag (e Averbach diz isso, são letras escritas!) Para a automutilação (*mostyrka*) eles deram *um ano* de SHIZO. Se, além disso, nos lembrarmos que o *mostyrka* não *sarou* , descobrimos que um homem ferido e doente foi enviado para apodrecer na masmorra por um ano inteiro.

Quais virtudes são exigidas de um SHIZO? Deve ser: a), frio ; b), molhado; c), escuro; d), que está morrendo de fome. Para isso, carece de aquecimento (Lipai: nem mesmo trinta graus abaixo de zero), nenhum vidro é colocado na janela durante o inverno, as paredes podem ficar úmidas (ou as masmorras são construídas diretamente no solo úmido). As janelas são insignificantes ou não existem (é a mais frequente). Para comer, dão *ração a Stalin*, ou seja, 300 g de pão por dia; como *quente*, uma tigela de *balanda*, sem nada dentro, o terceiro, sexto e nono dias da prisão. E mesmo em Vorkuta-Vom deram apenas 200 g de pão, e tão *quente*, no terceiro dia, um pedaço de peixe cru. Entre esses dois extremos, todas as masmorras se movem.

Existe a ideia um tanto ingênua de que uma masmorra deve necessariamente se assemelhar a uma cela, com telhado, paredes, porta e cadeado. Nada disso! Em Kuranaj-Sala, com um frio de cinquenta graus abaixo de zero, a masmorra era uma gaiola simples de toras sem musgo. (O médico livre Andreiev: «Como MEDI CO, afirmo que neste calabouço VOCÊ PODE estar!»). Vamos dar um salto para o outro extremo do Arquipélago: novamente em Vorkuta-Vom, em 1937, a masmorra dos refratários era uma gaiola *sem tecto* e também um *simples fosso*. Arnold Rappoport viveu, como Diógenes em seu barril, preso naquela vala (para se proteger da chuva eles espalharam um pano). A comida era dada a eles da seguinte forma: um guarda apareceu com as rações de pão e gritou aos que estavam na gaiola: "Venham buscar o pão!" Mas assim que eles estavam enfiando o nariz para fora da gaiola, o vigia, de sua posição privilegiada, apontou seu rifle para eles: "Afastem-se ou eu atiro!" O ordenança estranhou: «Como, não queres nem o pão? Bom, vou embora". Para os que estavam no fosso, eles simplesmente jogavam o pão e o peixe de cima, sobre o barro levado pelas chuvas.

No campo de Mariinsk (como em muitos outros, é claro), as paredes da masmorra estavam cobertas de neve; no entanto, os presos não tinham permissão para permanecer lá em seus trapos de país. Não, eles ERAM INNER R OPA. A cada meia hora, o diretor abria o olho mágico entreaberto e avisava IV Shved: "Vamos lá, você não vai agüentar, você vai morrer!" É melhor você descer das árvores! " "Você está certo," Shved finalmente decidiu, "Eu estourarei aqui antes" ... E ele foi para a floresta. E n doze anos e meio terminou campo com 148 dias de prisão. Eles o puniram por tudo! Por se recusarem a agir como ordenança na *Índia* (quartel da raça), eles impuseram seis meses de campo disciplinar. Por se recusar a passar de um próspero comando agrícola para o trabalho florestal, foi julgado uma segunda vez pela contra-revolução econômica, artigo 58-14, e uma nova dose de dez anos foi imposta a ele. Se o criminoso não quiser ir para o campo disciplinar, ele pode bater na cabeça do guarda-costas, tirar a arma de suas mãos e não será transferido. Mas o detido político pacífico não tem saída: eles vão dobrá-lo de qualquer maneira! Em 1938, os criminosos detidos em KoIyma desfrutavam de masmorras aquecidas, o completo oposto dos Cinquenta-Oitos.

Eles costumam ficar mais tempo no BUR. O preso pode ficar lá um, dois, seis meses, um ano, muitas vezes até sem limite de tempo, só porque o considera perigoso. Se você foi colocado na lista negra uma vez, então você vai para o BUR apenas no caso: para cada festa de maio e outubro, ou sempre que houver uma fuga, ou sempre que algum evento incomum ocorrer no campo .

O BUR pode ser um simples quartel como os outros, separados por arame farpado, cujos habitantes são designados para os trabalhos mais difíceis e desagradáveis do campo, ou pode ser um cárcere de pedra no meio do campo, com todos os atributos de uma verdadeira prisão: espancamentos (gostam de infligir-lhes um tijolo numa bota de feltro, para não deixar vestígios), cadeados, ferrolhos, vigias, chão de cimento nas celas e uma masmorra especial dentro do BUR.

Assim era exatamente o BUR de Ekibastuz (caso contrário, havia também um BUR do primeiro tipo). Os internos ficavam em celas desprovidas de plataformas e dormiam no chão, por cima de seus paletós e sobretudos. Uma cobertura de zinco ocultava completamente uma pequena janela no telhado; tinha dois buracos minúsculos feitos com um prego, mas no inverno a neve os cobria e a escuridão era total. Durante o dia eles não acenderam a lâmpada, então o dia estava mais escuro que a noite. Nunca foi ao ar. Por *seis meses consecutivos* (1950), seus ocupantes não podiam andar uma vez. Portanto, nosso BUR lembrava mais uma prisão implacável; Não sei o que sobrou do campo de concentração. Todas as necessidades eram atendidas na mesma cela, sem ir ao banheiro. Mergulhar e esvaziá-lo foi uma verdadeira festa para os reclusos de serviço: enfim, uma lufada de ar fresco! E não falemos dos banheiros: um acontecimento e tanto! A cela estava superlotada, cheia, mal havia espaço para deitar; Sem mencionar o afrouxamento das pernas. E com o seguinte regime por seis meses: *lenço* (água pura), seiscentos gramas de pão, nem uma pitada de fumo. Se a família de qualquer um dos detidos enviava um pacote enquanto ele estava no BUR, os mantimentos perecíveis eram "desreconhecidos" nas atas (eram retidos pelos ordenanças ou revendidos para aqueles conectados pela metade do preço) e o restante era enviado ao slogan, onde permaneceu meses. (Quando depois do confinamento os homens foram mandados para o trabalho, eles já se *mexiam*, agora, pelo menos para evitar voltar lá!)

Nesse ar viciado e nessa imobilidade os prisioneiros foram consumidos; acima de tudo, os criminosos ativos e nervosos. (Os

criminosos que iam para Ekibastuz também eram considerados Cinquenta e Oitos e para eles não havia privilégios de qualquer espécie). A atividade mais popular entre os prisioneiros do BUR era engolir a colher de alumínio que recebiam no almoço. Quem engolia, mandava-o fazer radiografias, e quando se convenciam de que, de fato, ele não estava mentindo, de que estava com a colher dentro, o transferiram para o hospital e abriram seu estômago. Lioshka Karnóuji engoliu três vezes, seu estômago mal saiu. Kolka Salopaiev preferiu sair "doido": enforcou-se à noite, mas, conforme combinado, seus companheiros de cela o "viram" e correram para levá-lo para baixo, após o que ele foi levado ao hospital.^[pt] Outro infectou um fio em sua boca, passando-o entre os dentes, enfiou a linha em uma agulha e enfiou na perna sob a pele. Infecção! Hospital! Depois, gangrena ou não gangrena, qualquer coisa pra sair daí!

Mas em um esforço para obter o retorno de todas essas pessoas, seus mestres foram forçados a abrigá-los em áreas disciplinares separadas: o ZUR. Para começar, no ZUR a comida é pior; meses podem passar sem prato principal, apenas a ração de pão, e, além disso, diminuir. Mesmo no inverno, há uma janela quebrada nos banheiros; cabeleireiros, vestidos com calças e jaquetas acolchoadas, fazem a barba de homens nus. Pode não haver refeitório, nem distribuem a *balanda* no quartel: os presos devem ir esperá-la ao lado da cozinha e transportá-la gelada para o quartel, onde a comem já congelada. Pessoas morrem em massa; a enfermaria estava cheia de moribundos.

A mera lista de áreas disciplinares constituiria uma investigação histórica, e ainda mais por não ser fácil estabelecê-la, os rostos estão se apagando.

Nas áreas disciplinares, foram realizados trabalhos como estes: ceifar feno a mais de 35 km da área; os prisioneiros viviam em cabanas de palha, que deixavam a chuva passar, e cortavam a grama em pântanos, com água até os joelhos. (Os soldados benevolentes permitiam colher bagas; os que não eram, fuzilavam e matavam, mas recolhiam as mesmas: estavam com fome!) Preparação da forragem para ensilagem - nesses mesmos locais pantanosos -, sem qualquer proteção contra as nuvens de mosquitos. (Rosto e pescoço devorados, cobertos de crostas, pálpebras inchadas, quase cegas). Extração de turfa ao longo do rio Vycheгда: no inverno, a camada de lodo

congelado deve ser quebrada batendo-se com um martelo pesado; a turfa extraída do fundo é transportada em trenós puxados pelos próprios presos (o campo cuidava dos cavalos) um quilômetro morro acima. Trabalho de limpeza ("lagpunkt terrero" em Vorkuta). Pois bem, o habitual trabalho disciplinar: as pedreiras de cal e a calcinação do minério. E as pedreiras. Seria impossível listar todos eles. O mais difícil de todos os trabalhos difíceis, o mais insuportável de todos os trabalhos insuportáveis, era o trabalho disciplinar. Cada campo tinha seu próprio.

Crentes, teimosos e malfeitores (sim, malfeitores; um grande sistema de educação falhou aqui por causa da irritabilidade dos educadores!). Havia quartéis inteiros de "freiras" que se recusaram a comparecer. trabalhar para o diabo. (Na área disciplinar "sob escolta" de Pechora Sovjós, eles foram trancados em masmorras com água até os joelhos. No outono de 1941 eles receberam 58-14 e fuzilaram todos eles). Eles enviaram um padre para lá, o padre Victor Shipovalnikov, "para propaganda religiosa" (ele havia celebrado a missa da meia-noite para cinco enfermeiras na Páscoa). Eles enviaram engenheiros atrevidos e outros intelectuais impertinentes para lá. Eles enviaram os fugitivos que haviam conseguido recapturar e, com profunda dor em seus corações, também aqueles que eram *socialmente próximos a eles* que se recusavam terminantemente a comungar com a ideologia proletária. (Devido ao enorme esforço intelectual envolvido na classificação dos presidiários, não devemos culpar as autoridades por alguns casos de confusão involuntária: por exemplo, de Karabas enviaram duas carroças de mulheres, uma delas com crentes que iam cuidar dos filhos de um Uma cidade infantil, e outra com ladrões e sífilíticos com destino a Konspai, o setor disciplinar de Dolinka. Mas eles ficaram confusos quando indicaram o carrinho para cada um, e os ladrões e sífilíticos saíram para cuidar das crianças e as "freiras" para o campo disciplinar Depois, claro, eles perceberam , mas já deixaram estar).

Muitos foram ao disciplinador por se recusarem a *soprar*. A maioria deles deixou suas vidas lá; Eles não poderão mais nos dizer, e com mais razão seus assassinos, os agentes operacionais, terão de ficar calados. Para lá foi enviado o agrônomo Grigoriev, que conseguiu sobreviver. E também Elmar Nugis, editor de uma revista agrícola da Estônia.

Também havia histórias de saias. Não é possível julgá-los com o devido conhecimento de causa e rigor, pois sempre há algum elemento íntimo que nos é desconhecido. Enfim, lá se vai a história de Irene Naguel,

como ela mesma conta. Trabalhava no sovkho de Ukhta como digitadora para a Seção Administrativa, ou seja, em uma tomada muito confortável. Mulher de presença agradável, alta e de boa postura, usava longas tranças amarradas na cabeça e, em parte para maior conforto, sempre usava calças largas e bufantes e um anoraque. Qualquer pessoa que já esteve em um campo saberá o que isso representou ! Um agente operacional, o Alferes Sidorenko, manifestou o desejo de conhecê-la mais de perto, ao que Naguel respondeu: “Primeiro, seria beijado pelo último dos *urkas!* Você não tem vergonha, com uma criança chorando na sala ao lado?! ” Rejeitado com um empurrão, o vice-comissário mudou de expressão e disse: 'Mas você achou que eu gostava dele? Tudo que eu queria fazer era *tentar!* Então você vai *colaborar* conosco! " Ela se recusou e foi enviada para um *lagpunkt* disciplinar.

Essas são as impressões que Naguel reuniu em sua primeira noite naquele lugar: o quartel das mulheres abriga criminosos e "freiras"^[216]. Cinco meninas estão enroladas em lençóis: enquanto jogavam cartas na véspera, os ladrões perderam tudo o *que* vestiam: obrigaram-nos a tirar e entregar. De repente, entra um bando de bandidos, de cueca e chapéu de feltro: trazem um violão, e começam a cantar algo que deve ser uma serenata. De repente, outros desonestos e irritados entraram . Eles agarram uma garota deles, jogam-na no chão, batem nela com um banco de madeira, pisam nela. Ela grita, mas chega um momento em que ela nem consegue mais gritar. Todos ficam sentados, não apenas sem intervir, mas até fingindo não ver nada. Mais tarde, um enfermeiro entra. Quem bateu em você? "Eu caí da plataforma", responde o espancado. Naquela mesma noite, os criminosos jogam entre si e perdem a própria Naguel, mas o *cachorro* Vaska el Tuerto a salva ; Ela vai avisar o chefe , que a leva para dormir no posto da guarda.

Comandantes disciplinares (como Parma del Nyroblag, nas profundezas da taiga, por exemplo) muitas vezes também eram disciplinares para os soldados da escolta e para o pessoal de vigilância: eles mandavam aqueles que cometeram um erro lá ou, se não, eles os substituíram pela autovigilância.

Se em si não há lei ou justiça nos campos comuns, há menos ainda nos campos disciplinares. Aqui os criminosos são mestres e senhores, eles *carregam* facas abertamente (*lagpunkt* "Terrero" de Vorkuta, 1946), e até

mesmo os guardas às vezes precisam escapar e se refugiar fora da área. E ainda é quando Cinquenta e Oitos são a maioria.

No campo disciplinar Djantui, perto do Baú , os criminosos, por brincadeira, atearam fogo a dois quartéis, suprimiram o preparo da comida, expulsaram os cozinheiros, esfaquearam dois oficiais; os demais policiais, mesmo sob ameaça de degradação, recusaram-se a entrar na área.

Em casos semelhantes, as autoridades são salvas graças a desacordos internos entre os próprios criminosos; em Djantui, por exemplo, eles nomearam um comandante de *cães* ^[et.] que eles trouxeram com urgência de outro partido com todos os seus capangas. Já na primeira noite, três ladrões foram massacrados e a atmosfera começou a clarear.

O ditado vai bem: um ladrão se perde por outro ladrão. Depois de terem multiplicado esses amigos socialmente próximos, segundo a Teoria Progressista , além de qualquer medida, até se afogarem, os padres do Arquipélago não encontraram outra forma que dividi-los e jogá-los no matadouro uns contra os outros. (A guerra entre ladrões e *vadias*, que abalou o Arquipélago nos anos do pós - guerra).

É claro que, apesar dessa aparente liberdade, para os criminosos o campo disciplinar também não era um mar de rosas e toda a sua exuberância nada mais era do que uma tentativa de sair dali. Como todos os parasitas, era melhor para eles viver entre seres para sugar. Eles até tiveram seus dedos amputados para não irem para um campo disciplinar, como a famosa fábrica de cal de Vorkuta. (Durante o período pós-guerra, alguns infratores reincidentes foram carimbados diretamente na sentença do Tribunal: "Com prisão na fábrica de cal em Vorkuta." Eles já estavam apertando os parafusos de cima!)

Lá, cada um tinha sua faca. *Cadelas* e criminosos cortam suas gargantas diariamente. O cozinheiro (*cachorro*) servia a seu critério: um grosso, outro líquido , outro com a concha na testa. O distribuidor de trabalho compassou com uma barra de treliça e com um único golpe sibilante, ele deixou um homem morto no local. Os *cachorros* mantinham meninos para satisfazer sua homossexualidade. Eram três bar racons com cem homens cada: as *cadelas*, os ladrões e o "fráier". Os "fráier" - não criminosos - eram os únicos que trabalhavam: extraíam cal de fossas próximas ao campo; depois, com alguns corrimãos, subiriam até o topo de uma rocha, de onde iriam apressar-se pelos reboques, cuidando para deixar

a saída de fumaça dentro; uma vez calcinados, extraíam a cal ardente em meio à fumaça, fuligem e pó de cal.

Nos campos de Djida, o distrito de Baiangol é famoso . No *lagpunkt* disciplinar de Kraslag, Revúchiy, eles enviaram, antes mesmo de qualquer disciplina, um "núcleo de trabalho", composto por cerca de 150 trabalhadores corpulentos que não eram culpados de nada. (Disciplinares ou não disciplinares , mas de cima exigem o cumprimento do plano! E assim os trabalhadores simples acabam no trabalho disciplinar!) Só mais tarde mandaram os infratores e Cinquenta e Oitos condenados a longas penas: os *pesos pesados*. Os próprios *urkas* começavam a temer aqueles *homens pesados*, porque com a pena de 25 anos e nas condições do pós-guerra, não corriam o risco de ter sua pena aumentada por matar um criminoso: isso não era mais considerado (como em a idade dos canais) uma ofensiva do inimigo de classe.

Em Revúchiy, a jornada de trabalho era, em princípio, de onze horas, passavam a quinze se contarmos a jornada a pé (5 ou 6 km) de ida e volta para a floresta. Eles acertaram o alvo às 4h30 da manhã, e voltaram à área entre 7 e 8 da tarde. Eles estavam se aproximando rapidamente e, portanto, também apareceram refratários. Quando todos saíram para o trabalho, eles alinharam as pessoas refratárias e o entregador selecionou aquelas que ele enviou "como complemento". Estas , com alpargatas de corda ("calçados sazonais", sessenta abaixo de zero) e jaquetas perfuradas, foram empurradas para fora da área. Então eles soltaram meia dúzia de mastins: "Para eles!" Os cachorros morderam, arranharam e arrastaram os refratários no chão até serem chamados de volta. Mais tarde, um chinês chegou com uma carroça basculante puxada por um boi, os refratários foram carregados nela, a carroça saiu e do alto de uma colina despejou seu conteúdo em um buraco. Lá embaixo estava a líder da equipe Liosha Sloboda, que os espancou com uma vara até você se levantar e começar a trabalhar para ele. Esse trabalho foi escrito para sua equipe, e os espancados receberam 300 gramas de pão, a ração de uma cela. (O inventor deste sistema em camadas foi um verdadeiro Stalin em miniatura!)

Galina Iosifovna Serebriakova, por que você não escreve sobre isso? Por que no campo seus personagens não fazem nada, não trabalham em lugar nenhum e só falam sobre Lenin e Stalin? Para um simples 58º trabalhador, sobreviver em tal campo disciplinar é quase impossível.

No subcomando disciplinar do Sevdjedorlag (comandante, coronel Kliuchkin), nos anos 1946-1947, havia canibalismo: homens eram mortos para assar suas cartas e comê-las.

Isso aconteceu logo após a gloriosa vitória histórico-universal de nosso povo.

Ei, Coronel Kliuchkin! Onde você mandou construir a casa para sua aposentadoria?

XVI

O socialmente próximo

Junte-se a você também, ó minha frágil caneta , no concerto de louvor a esta tribo! Eles foram cantados como piratas, como obstruidores, como vagabundos, como fugitivos forçados. Eles foram cantados como bandidos nobres, de Robin Hood a opereta; Foi-nos garantido que eles têm um coração mole, que saqueiam os ricos e distribuem aos pobres. Oh, companheiros sublimes de Karl Moor! Oh, Chelkach, ^[eu] rebelde romântico! Oh, Benia Krik! ^[ev] Ó vagabundos e trovadores de Odessa!

Pe ro A literatura de todo o mundo não exaltou os mafiosos? Não vamos culpar François Villon, mas nem Hugo nem Balzac evitaram esse caminho, e o que o próprio Pushkin celebrou nos ciganos foi a maré delinquente. (E quanto a Byron?) Mas eles nunca os elogiaram por tanto tempo, de forma unânime e consistente como na literatura soviética! (Havia Razões Teóricas Altas para isso, não eram apenas Gorki e Makarenko). Leonid Utiosov gritou alto do palco, e uma platéia entusiasmada e atônita respondeu gritando em conjunto. E em que jargão, senão o do submundo, estavam se expressando aqueles marinheiros dos mares Negro e Báltico, os *irmãos mais novos* de Vishnevski e Pogodin? Somente com a linguagem dos malfeitores suas expressões adquiriram graça . Quantos tremeram de sagrada emoção quando pintamos os bandidos, com seu negativismo vital e desenfreado no início e sua reabilitação dialética no final! Mayakovsky são (e depois dele Shostakovich, com seu *balé Miss e malandro*), Leonov, Selvinski, Vera Inber, não iria terminar. Em uma época em que a literatura secava por falta de um herói positivo, esse culto aos criminosos acabou se revelando uma doença contagiosa. Mesmo um escritor como Victor Nekrasov, longe da linha oficial, não encontrou ninguém melhor do que o malfeitor Chumak para personificar o heroísmo russo (*nas trincheiras de*

Stalingrado). Até Tatiana Iesenina (*Djenia, milagre do século XX*), cedendo à mesma hipnose, nos presenteou com a figura "inocente" de Venka Caballo de Copas! Talvez só Tendriakov, com sua capacidade de observar o mundo sem preconceitos, nos pintou de bandido pela primeira vez sem babar de entusiasmo (*Três, sete, ás*) mostrando-nos toda sua baixezinha espiritual. Aldan-Semionov estava, aparentemente, ele mesmo em um campo, mas seu *Baixo-relevo sobre as rochas* é uma mera história: ele inventa como, influenciado pelo comunista Petrakov, a quem todos os bandidos respeitam porque ele conheceu pessoalmente Lenin e participou do esmagando Kolchak (motivação absolutamente lendária dos tempos de Averbach), o ladrão Sashka Alexandrov forma uma equipe de homens endurecidos, e não só não ganha a *vida deles* (como de fato fazia!, como Aldan-Semionov sabe!), mas que, ele ainda se preocupava com sua comida! e, para isso, ele ganha dinheiro com cartas gratuitas para empreiteiros! Como se todo mundo não precisasse do dinheiro das drogas! Que história absurda para os nossos anos sessenta, que fedor de naftalina!

Aconteceu no campo Kaluga Gate. Em uma noite de verão de 1946, um criminoso se jogou de cara no parapeito de uma janela do segundo andar e, um após o outro, começou a cantar todo o seu repertório de canções truhanescas em plena voz. Eles cruzaram o posto de guarda e o arame farpado sem a menor dificuldade, podiam ser ouvidos na calçada do Paseo de Kaluga, no ponto do ônibus elétrico e no parque Neskuchni. Eles celebraram a 'vida boa', os assassinatos, os roubos, a pilhagem. E não só não havia um zelador, educador ou tutor para detê-lo, como ninguém pensava em fazer a menor observação. Devemos, portanto, pensar que a propaganda do crime não estava em conflito com o nosso regime social, não representava qualquer ameaça para ele. Enquanto isso, sentado em um canto da área, pensei: e se agora me ocorresse subir ao segundo andar e, da mesma janela e com uma voz igualmente rouca, cantar algo sobre o destino do prisioneiro de guerra, o estilo de *Cadê, Cadê?*, que ouvira no serviço da contra-espionagem da linha de frente, ou se ali mesmo compôs algo sobre o destino do simples soldado, humilhado e pisoteado por seus superiores? A confusão que se seguiria! Como todos eles correriam! Eles trariam imediatamente a escada de incêndio para me derrubar, eles não esperariam para se virar! Eles me colocariam uma mordaca, amarrariam minhas mãos, "enrolariam" outra frase! Em vez disso, o bandido canta, os moscovitas livres o ouvem, e parece que é assim que deve ser ...

Tudo isso ocorreu aos poucos, *historicamente*, como se costuma dizer entre nós. Na Rússia antiga, havia (e ainda existe no Ocidente) uma concepção errônea de bandidos como irreformáveis, como criminosos permanentes ("o núcleo da criminalidade"). É por isso que os presos políticos foram separados deles durante as transferências e nas próprias prisões. Por isso, o governo, como testemunha P. Iakubovich, violou suas liberdades e sua autoridade no mundo dos presos, proibiu-lhes o acesso a escritórios de representação e a cargos lucrativos, abertamente do lado dos demais condenados. "Milhares deles desapareceram para sempre na Ilha Sakhalin." A Rússia antiga tinha apenas uma fórmula para a repetição de criminosos: "Curve seus pescoços sob o jugo de ferro da lei !" (Urusov). Assim, em 1914, os ladrões não eram os donos, nem no país nem nas prisões russas.

Mas as correntes caíram, a liberdade brilhou. Com a deserção de milhões de homens em 1917, depois com a guerra civil, as paixões humanas se descontrolaram e de forma alguma as cérvices quiseram se dobrar sob o jugo; por outro lado, foi-lhes declarado que não era necessário. Eles acharam muito útil e divertido serem inimigos da propriedade privada e, portanto, uma força revolucionária; tinha de ser integrado nas fileiras do proletariado, não ofereceria nenhuma dificuldade. Para tudo isso, o alívio foi crescendo em números sem precedentes, com os órfãos da guerra civil, crianças abandonadas que sobreviviam apenas do crime. Aqueceram junto aos canos de asfalto do NEP e deram os primeiros passos cortando as alças das malas de senhora e retirando as malas dos compartimentos do comboio por meio de ganchos que inseriam nas janelas. Agora, vamos raciocinar socialmente: O culpado é os *meios*, não é? Portanto, vamos reeducar esses *lumpens* saudáveis e apresentá-los ao regime da existência consciente! Assim foram criadas as primeiras comunas, as primeiras colônias e o *Caminho a la Vida* foi filmado . (Mas se esqueceram de um detalhe: as crianças abandonadas ainda não eram *bandidas da lei*, e a reabilitação das crianças não significava nada: nem todas tiveram tempo de se estragar).

Agora, depois de quarenta anos, vamos olhar para trás e perguntar, intrigados : quem reeducou quem? Os *Chekistas* para os *Urkas* ou os *Urkas* para os *Chequistas* ? Um *urka* que se converte ao chekismo se torna uma *vadia*, os outros *urkas* o esfaqueam. Mas o chequista que assimila a psicologia do *urka* será um *eficiente* comissário e instrutor dos anos trinta e

quarenta ou um *obstinado* chefe de campo, será bem visto por seus superiores, subirá rapidamente.

E essa psicologia *urka* é muito simples, muito fácil de assimilar:

1. Quero viver e curtir, dos outros eu conheço ...!
2. O mais forte está certo.
3. Não mexa, não mexa. (Ou seja: enquanto eles não tocarem em você, não saia em defesa dos vencidos. Espere a sua vez).

Acerte os inimigos domados um por um! Essa regra parece muito familiar. Isso é o que Hitler fez. Foi isso que Stalin fez.

Nenhum espaço que foi dado a Sheinin pode com a "fonte original" dos mafiosos, sua palavra "honra"! Você acredita nisso e eles são puros Quixotes e patriotas. Mas você topa com uma dessas cartas na cela ou no carro da cela ...

Chega de mentiras, penas de mercenário ! Você só assistiu os bandidos do lado de um navio ou da mesa do juiz de instrução! Você nunca os conheceu quando estava indefeso!

Os *Urkas* não são Robin Hood. Quando você tem que roubar de um homem próximo, eles roubam de um homem próximo . Quando suas últimas meias precisam ser arrancadas de um homem que está congelando, eles as arrancam sem mais delongas. Seu grande lema é: "Você morre hoje, eu, amanhã!"

Mas, talvez, seja verdade que eles são patriotas? Por que eles não roubam o estado? Por que não vasculhar as vilas *especiais*? Por que os longos carros pretos não param? Por que eles esperam encontrar o vencedor de Kolchak com eles? Não, simplesmente porque carros e vilas são bem defendidos. Porque o armazém e os armazéns estão sob a égide da lei. Porque o realista Stalin entendeu, há muito tempo, que todas essas histórias de reeducação de bandidos são apenas palavras sonoras. E ele canalizou sua energia em outra direção: contra os cidadãos de seu próprio país.

Estas foram as leis durante trinta anos (até 1947): por fraude, peculato, roubo do Estado, roubo do Tesouro Nacional? Por uma gaveta tirada de um armazém, três batatas por um kolkhoz? Dez anos! (E vinte de 1947!); Por roubo de *graça*? Por saqueio de apartamento, por levar no caminhão tudo o que uma família conseguiu recolher durante toda a sua vida?; Se não houve homicídio, *até um ano*, às vezes 6 meses!

A indulgência é o que multiplica os ladrões.

Por meio dessas leis, o poder taliniano disse claramente aos *urkas*: roubem onde quiserem, menos eu! Roube indivíduos! No geral, a propriedade privada é um arrote do passado (enquanto propriedade pessoal ^[ew] é a esperança do futuro) ...

E os *urkas* entenderam. Tão intrépidos em suas canções e suas histórias, eles foram roubar onde era difícil, perigoso, onde jogaram suas cabeças? Não homem! Ansiosos e covardes, eles obedientemente se dirigiram para onde foram instruídos: desmontando punhos indefesos, saqueando pisos desprotegidos ...

Anos 20, 30, 40, 50 ... Quem não se lembra daquela ameaça suspensa na cabeça de todo cidadão: não saia à noite; não volte tarde; não use relógio; não tem dinheiro com você; não deixe o chão vazio? Travas, venezianas, cachorros ... (Os comediantes que não foram roubados em seus dias ironizam hoje os fiéis cães de guarda) ... ^[217]

Quantas vítimas sabem que a Polícia nem se deu ao trabalho de procurar os ladrões, nem abriu um dossier para não estragar as estatísticas!

Por que tanto trabalho para capturá-lo, se cairão apenas seis meses, dos quais três serão descontados? E eles vão mesmo levá-lo ao tribunal? São os promotores ^[218] "reduzem o crime" (como exige cada congresso) pelo curioso procedimento de arquivamento do assunto, especialmente se muitos acusados são esperados.

Por fim, certamente haverá redução das penas e, claro, justamente para os criminosos. Portanto, sejam testemunhas cuidadosas, vocês todos estarão de volta em breve e uma facada na testemunha!

Conclusão: se você vir que seu vizinho é atirado pela janela, sua carteira é roubada, sua mala é aberta, feche os olhos, passe! Você não viu nada!

É assim que os ladrões nos educam ... assim como as leis!

Em setembro de 1955, a *Literaturnaia Gazieta* (que fala com ousadia de muitas coisas, menos literatura) derramou, em longa reportagem, abundantes lágrimas de crocodilo: uma noite, numa rua de Moscou, um homem foi morto, longa e escandalosamente, sob as janelas de duas famílias. Posteriormente, foi esclarecido que ambas as famílias (a nossa, soviética!) haviam acordado com o barulho, olhado pela janela, mas não saíram para ajudar: as mulheres não haviam deixado seus maridos. E outro

inquilino (talvez ele também tivesse acordado então? Se alguma coisa, isso não foi mencionado), um membro do Partido desde 1916, um coronel aposentado (e obviamente entediado com a inatividade) assumiu suas funções de promotor. Ele começou a visitar tribunais e redações exigindo que essas duas famílias fossem levadas à Justiça por *cumplicidade* em homicídios. O jornalista também trovejou: o crime não está previsto em nenhum artigo do Código, mas é uma pena, uma pena!

Sim, uma pena, mas para quem? Como é costume em nossa impressora pré-fabricada, o artigo dizia tudo, exceto o essencial. Menos o seguinte:

1) A anistia "Voročil ov" de 27 de março de 1953, inundou o país inteiro com uma onda de assassinos, bandidos e ladrões, que tiveram dificuldade em recuperar o atraso após a guerra. (Perdoar um ladrão é arruinar um homem honesto.)

2) Existe no Código Penal (desde 1926) ^[ex] o absurdo artigo 139 sobre o "limite da legítima defesa", segundo o qual você não tem o direito de sacar a faca antes que o criminoso o tenha levantado, nem de esfaqueá-lo antes que ele o esfaqueie ele. Caso contrário, eles irão julgá-lo! (Mas não há artigo em nossa legislação que estabeleça que o pior assassino é aquele que ataca os fracos!) Esse medo de ultrapassar o limite da legítima defesa leva ao enfraquecimento total de nosso caráter nacional. Na saída do cinema, um golfo começou a espancar Zakharov, um soldado do Exército Vermelho. Ele pegou uma faca e matou o atacante. Eles deram a ele dez anos, assim como por simples assassinato! "Mas o que ele deveria ter feito?" Zakharov ficou pasmo. O promotor Artsichevski respondeu: "Você deveria ter fugido."

Bem, QUEM levanta abismos?

3) Pelo Código Penal, o Estado proíbe os cidadãos de portar armas de fogo ou facas, mas *não assume* a proteção deles ! O Estado deixa os seus cidadãos à mercê dos bandidos, e através da imprensa ousa incitar a sociedade a "resistir" a esses bandidos! Resistir *com o quê?* Com guarda-chuva? Com rolo de massa? Primeiro eles multiplicaram os bandidos e depois começaram a se organizar contra eles, vigilantes das "milícias populares" que, agindo *fora da lei*, às vezes se transformam em gangues. E, no entanto, como teria sido fácil desde o primeiro momento "dobrar o pescoço sob o jugo da lei"! Mas, novamente, temos a Única Doutrina Científica envolvida!

O que teria acontecido se aquelas mulheres tivessem deixado seus maridos e elas tivessem partido com gravetos? Os bandidos os teriam

matado, provavelmente. Ou, se não, eles teriam matado os bandidos e ido para a prisão por ultrapassar a defesa legítima. Em ambos os casos, o coronel aposentado poderia saborear o acontecimento durante a caminhada matinal de seu cachorro.

Por outro lado, a maneira autêntica de fazer as coisas por si próprios, como a vemos no filme francês *The Pier of Mists*, onde alguns trabalhadores, sem avisar as autoridades, prendem os ladrões por conta própria e os punem também. Por conta própria, não teria sido interpretado entre nós como insubordinação? Esse clima pode existir entre nós e esse filme poderia ser filmado?

Mas isso não é tudo! Há ainda outra característica importante de nossa vida pública que favorece ladrões e bandidos: O MEDO DE PUBLICITAR. Nossos jornais estão cheios de notícias, que não interessam a ninguém, sobre as vitórias na frente da produção, mas nunca encontraremos notícias de julgamentos ou notícias de crimes. (É que, segundo a Teoria Progressiva, o crime é o resultado da divisão em classes; como aqui não há classes, também não há crime e, portanto, não pode ser citado nos jornais. Não forneceremos dados para a imprensa americana para afirmar que em matéria de crime estamos no mesmo nível deles!) Quando no Ocidente é cometido um homicídio, as fotos do criminoso enchem as paredes dos prédios, olham para os fregueses do balcão dos bares, de as janelas dos bondes, e o criminoso se sente como um rato corroído. Se o mais cínico dos assassinatos é cometido entre nós, a imprensa se cala, não há retratos, o criminoso foge para outra província a cem quilômetros de distância e vive pacificamente. E o Ministro do Interior não tem que se justificar perante um Parlamento ou explicar porque o criminoso ainda não foi encontrado: ninguém sabe nada sobre o acontecimento, exceto os habitantes daquela pequena cidade. Se eles encontrarem, tudo bem, se não, também. Afinal, um assassino não é um emigrante clandestino, não é tão perigoso (para o Estado) a ponto de dar ordem de busca e captura.

Com o crime acontece como com a malária: já foi denunciado que já foi erradicado, e a partir de agora não é mais permitido prescrever tratamento ou diagnosticar.

Naturalmente, tanto o Tribunal como a Polícia querem *encerrar o processo*, mas isso conduz a um formalismo que serve ainda mais os interesses dos verdadeiros assassinos e bandidos: acusam *qualquer um* do crime não resolvido, o primeiro que apanham; na maioria das vezes, vários

crimes são *enforcados* em alguém que já possui um. Basta lembrar o caso de Pyotr Kizilov, ^[219] condenado sem provas a ser baleado duas vezes (!) Por um assassinato que NÃO cometeu, ou o outro caso (semelhante) de Alekseintsev. ^[220] Se a carta do advogado Popov (no caso Kizilov) tivesse chegado ao *Times* em vez de ao *Izvestia*, isso teria terminado com a remoção total da Chancelaria Real ou com uma crise ministerial. Por outro lado, aqui, depois de quatro meses, o Comitê Provincial do Partido se reuniu (ao santo do que o Comitê Provincial? O Tribunal responde a ele?) E dada a "juventude e inexperiência" do juiz de instrução (nesse caso, por que confiam o destino de um homem a essas pessoas?) e de "sua participação na guerra patriótica" (que é para os EUA, não levaram muito em conta na época dele!) para alguns, eles registraram uma observação em seu registro de serviço e outros se contentaram em ameaçá-los com o dedo. Quanto ao carrasco principal, Iakovenko, culpado de ter recorrido à *tortura* (e isso aconteceu depois do 20º Congresso!), Ainda tivemos que esperar um ano e meio antes que eles aparentemente sentissem trêz, mas sendo de casa, tendo agido de acordo com os regulamentos, executado ordens, eles realmente serão expurgados? Por que tanta crueldade? Quanto ao advogado Pop ov, esse terá de ser resolvido para lhe tornar impossível a vida na capital: que aprenda o princípio patife e pan-soviético: "Não [surte], não se mexa"!

Assim, quem intervém contra a injustiça ainda vai se arrepender trêz vezes, oito vezes por tê-lo feito. Desta forma, o sistema punitivo torna-se um estímulo para os criminosos e, há dezenas de anos, proliferou como um molde invasor por todo o país, nas prisões e no campo.

* * *

E tudo é iluminado pela alta e santificadora Teoria . Nossos letrados, e não os menores, decidiram que os criminosos eram nossos aliados para a construção do comunismo. O mesmo foi exposto nos manuais da política reeducacional-trabalhista soviética (existiam, foram publicados!), Nas teses e nos artigos científicos sobre a concentração e, mais efetivamente, nos regulamentos que serviam de base aos oficiais dos campos. Tudo isso se deduz da única Teoria Científica que explica toda a multiforme vida da Humanidade pela luta de classes e somente por ela.

Estes são os argumentos apresentados: os criminosos profissionais não podem, em nenhum aspecto, ser confundidos com elementos capitalistas (isto é, engenheiros, estudantes, agrônomos e freiras); os últimos são permanentemente hostis à ditadura do proletariado, enquanto os primeiros são *apenas* (!) politicamente instáveis. (Um atirador de aluguel só é politicamente instável, essa é sua única falha!) O *lumpem* não é um proprietário; portanto, ele não pode se aliar com seus inimigos de classe; vão preferir fazê-lo com o proletariado (espere sentado!) Por isso, na terminologia oficial do GULAG, eles os batizaram *de amigos socialmente próximos* (diga-me com quem vocês andam)...; por essa razão, nos regulamentos eles repetiam continuamente : *dê confiança aos criminosos reincidentes* !; Por isso, foi ordenado através da Seção Educacional-Cultural, explicar insistentemente aos criminosos a identidade de seus interesses de classe com os de todos os trabalhadores, para formar neles “uma atitude de hostilidade desdenhosa para com os *kulak* e contra-revolucionários”. (Você se lembra de Averbach: “Ele te ensinou a roubar; só você não teria feito isso!”?) E de “*usar* essa disposição de espírito” (Você se lembra: “É preciso fomentar a luta de classes no campo? ! »?).

G. Minaiev, um ladrão *que bagunçou o tapete* , ^[221] *escreveu-* me uma carta na *Literaturnaia Gazieta* : ^[222] «... até me orgulhava de pensar que, apesar de ser ladrão, não era traidor nem renegado. Não perderam nenhuma oportunidade de tentar fazer-nos entender, ladrões, que ainda éramos recuperáveis para o país e que, embora pródigos, ainda éramos crianças. Por outro lado, para os “fascistas” não há lugar na Terra! »

E isso também foi fundamentado em teoria: é preciso estudar e usar as *melhores qualidades* dos criminosos. Você gosta do romântico? Depois, "cercar as ordens das autoridades de campo com um halo de romantismo". Eles tendem ao heroísmo? Ofereça-lhes o heroísmo do trabalho! (... Vai ser preciso ver se eles aceitam!) Eles se entusiasmam facilmente? Deixe-os entusiasmados com a emulação! (Para quem conhece os campos e os bandidos, é difícil acreditar que todas essas prescrições não tenham sido vendidas pelos deficientes mentais). Eles são vaidosos? Você gosta de ser visto? Portanto, sua vaidade terá que ser satisfeita com elogios, honras e premiando-lhes posições de liderança! Especialmente os *palheiros*, ^[ei] para que eles possam usar , em benefício do campo, o prestígio que adquiriram

aos olhos de outros criminosos! (Assim diz a monografia de Averbach: o prestígio dos *palheiros!*)

Quando essa teoria harmoniosa desceu para pousar no Arquipélago, o resultado foi o seguinte: os criminosos mais resolutos e endurecidos foram investidos de poder ilimitado nas ilhas, nos *lagpunkts* e comandantes. Um poder sobre a população de seu país, sobre os camponeses, burgueses e intelectuais, que em suas vidas sonharam ter, que nunca tiveram em nenhum momento e em nenhum governo, e que agora transformava todos em seus escravos. Qual bandido, então, se recusaria a exercer tais prerrogativas? Os *ladroes centrais*, bandidos de primeira categoria, eram os mestres absolutos dos *lagpunkts*. Eles viviam em "cabines" ou tendas separadas na companhia de suas esposas de plantão (ou os mais atraentes de seus súditos eram aprovados um após o outro, os intelectuais da Cinquenta e Oito e os alunos do Jov Encounter deram uma variedade agradável ao seu cardápio No Norilag, Chavdarov testemunhou como uma prostituta propôs ao criminoso de seu homem: "Devo convidá-la para uma mulher kolkhoz? Dezesseis anéis! Você quer?" Ela era uma camponesa, trazida para o Norte por dez anos por um quilo de grãos Ocorreu-lhe resistir, mas o outro a agarrou logo: "Estou te matando! Vou ser menos do que você? Bem, estou deitada sob ele!"). Eles tinham seus "seis", servos escolhidos entre os trabalhadores, para esvaziar seus mictórios. Eles cozida separadamente para se com o pouco de carne e pouca gordura destinado ao fundo comum. Os capangas menos graduados cumpriam *funções diretivas* como negociantes de tarefas, assistentes de intendente, comandantes; pela manhã, armados com paus, eles se postavam do lado de fora de uma tenda para dois e ordenavam: "Fora sem fim!" Os de menor ralea eram usados para atingir os refratários, ou seja, aqueles que não tinham mais força para engatinhar para o trabalho. (O chefe da península Taimyr iria dirigir para o trabalho e se deliciar em assistir os *Urkas* derrotarem os Cinquenta e Oitos.) Por fim, os criminosos *gorgolejantes* lavaram o pescoço e se tornaram *educadores*. Eles fizeram discursos, deram aulas de moral a Cinquenta e Oito, viveram do que foi roubado e conseguiram sua liberdade cedo. Em Belomorcanal, um daqueles educadores socialmente próximos, sem entender nada de obras públicas, tinha o direito de anular as disposições técnicas adotadas por um chefe de obras socialmente hostil.

E não foi só a passagem da teoria à prática, mas a harmonia também foi garantida no dia a dia. Os criminosos ficaram felizes e as autoridades

calmas: pouparam-se de espancar e gritar, resolver problemas e até aparecer no local. E para o próprio sistema de opressão era muito melhor assim: os criminosos o faziam com maior cinismo, maior ferocidade e sem o menor medo de ter que responder por ele perante a lei.

Mas mesmo onde não colocaram ladrões de autoridades, eles continuaram a privilegiá-los, pela mesma teoria de classe. Para os bandidos saírem da sala de estar, foi o maior sacrifício que se poderia pedir deles. No local de trabalho, eles podiam fazer o que quisessem: deitar, fumar, contar histórias de criminosos (vitórias, fugas, heroísmo), tomar sol no verão e se aquecer no inverno. A escolta nunca tocou em seus fogos, enquanto os dos Cinquenta e Oitos os pisotearam e espalharam. Quanto às *cúbicas* (de madeira, de terra, de carvão), elas foram posteriormente apontadas por esses mesmos Cinquenta e Oitos.^[223] E, além disso, chegaram a levá-los a congressos de trabalhadores do choque e reuniões de reincidentes (Dmitlag, Belomorcanal).

Uma daquelas putas, Beregovaia, cujo nome se encontra nos gloriosos anais do Volgocanal, foi o flagelo de todas as casas de reclusão em que acabou, ela armou rixas em todas as delegacias. Se alguma vez lhe ocorresse trabalhar por capricho, ele destruiria tudo o que havia feito. Em julho de 1933, ela foi enviada a Dmitlag com um rosário de convicções. Em seguida, vem um capítulo de pura lenda: ele entra na *Índia* e fica surpreso (que o espanto é a única coisa credível) por não ouvir obscenidades ou ver cartas jogadas. Aparentemente, eles se apressam em explicar a ele que os criminosos aqui são cativados por seu trabalho. Ele imediatamente decide ir para a clareira e até funciona "bem" (leia-se: as *cúbicas* de outra pessoa estão apontando para ele, basta olhar para aquela cara!) Segue-se um capítulo de verdade: em outubro (quando começa o frio) ele vai ver o médico e Sem adoecer, ela pede a ele (com uma adaga na manga?) Por alguns dias para se recuperar. O médico concorda de bom grado (! ... Ele sempre tem muitos lugares). Além disso, a distribuidora de obras, Poliakova, era uma velha amiga de Beregovaia, e por iniciativa própria ela acrescentou mais duas semanas para ficar olhando as unhas, marcando falsos inícios (ou seja, continuaram anotando *cúbicos* por conta do pé) . E foi lá onde, admirado pela boa vida do distribuidor, Beregovaia decidiu *trancar* a si mesma. No dia em que Poliakova a acordou para ir ao comício matinal, ela declarou que não pretende ir cavar na terra antes de desmascarar as maquinações de Poliakova com viagens de trabalho,

desempenho e rações de pão (gratidão não foi é forte). Ela conseguiu uma entrevista com o comissário (os criminosos não temem os comissários, nenhuma segunda sentença os ameaça, mas deixe um "contra-revolucionário" tentar se recusar a sair assim!), E foi imediatamente nomeada chefe de uma equipe masculina "atrasada" "(Pelo que parece, ele prometia esmagar os rostos daqueles acrimoniosos); mais tarde ela foi distribuidora em vez da Poliakova; depois, como educadora no quartel feminino (aquela boca suja, ladra, ladra!) e finalmente, como diretora de um setor de construção (ou seja, já dava ordens aos engenheiros!) E em todas as homenagens Dmitlag apresentava aquela *vadia de dentes afiados*, com uma jaqueta de couro e uma bolsa (penteada de alguém). Mãos acostumadas a bater em homens, olhos de bruxa ... porque ela é glorificada por Averbach!

É assim que o caminho é fácil para os criminosos no GULAG. Um pequeno escândalo, uma acusação ..., e eles se tornam mestres e senhores, se despedaçam e pisam sem ter que responder a ninguém!

Você pode objetar que apenas as *cadelas* aceitam esses papéis, enquanto os "ladrões honestos" continuam a observar a lei do submundo. Mas eu, pessoalmente, nas tantas ocasiões que tive de me observar, nunca percebi que um rebanho era mais nobre que o outro. Foram os ladrões honestos que arrancaram os dentes de ouro dos estonianos com um atizador. Foram eles que afogaram os lituanos nas latrinas porque se recusaram a entregar os seus pacotes (Kraslag, 1941). Aqueles que saquearam os condenados à morte. Aqueles que acabam de matar um companheiro de cela, o primeiro que pegam, para iniciar uma nova investigação e um novo julgamento, para passar o inverno quente ou sair do campo agreste que lhes foi atribuído. E não falemos de ninharias como tirar alguém e tirar os sapatos na neve ou roubar sua ração de pão.

Não, nem a pedra dá frutos nem o ladrão dá qualquer bem!

Os teóricos do GULAG ficaram indignados: no campo, os *kulaks* nem mesmo consideram os ladrões como verdadeiros seres humanos (manifestando assim, diziam, a bestialidade interior).

Mas como considerá-los seres humanos, se eles arrancam seu coração para sugá-lo? Todas as suas "liberdades românticas" são liberdades do vampiro.

[224]

* * *

Mas já chega! Vamos falar também a favor dos criminosos. Sim, eles têm um "código original" e uma concepção original de honra. É claro que sua originalidade não consiste em ser patriotas, como gostariam nossos administradores e literatos, mas em ser materialistas consistentes e piratas declarados. E por mais que a ditadura do proletariado os mimasse, eles nunca a respeitaram por um momento.

É uma tribo que veio à terra para VIVER! Agora, uma vez que o tempo que passam na prisão é quase tão longo quanto o tempo que passam fora dela, eles querem colher as flores da vida lá também, e se importam com o que é essa prisão e para que que outros sofram com isso! Eles são rebeldes e aproveitam os frutos dessa rebelião. Por que eles deveriam se preocupar com aqueles que abaixam suas cabeças e morrem escravos? Têm fome? Bem, eles destroem tudo o que vêem comestível e saboroso. Eles estão com sede? Bem, eles vendem para a escolta o que roubaram dos vizinhos, por vodca. Você quer dormir confortavelmente? Bem, com todo o seu ar de bandidos, eles consideram totalmente honroso transportar seu travesseiro e cobertor para todos os lugares, ou melhor, sua colcha (além disso, é onde fica melhor uma faca). Eles amam o sol, e não podem mais ir às praias do Mar Negro, assam nos telhados dos prédios em construção, nas pedreiras, na entrada dos poços das minas (vá para o subsolo! quem é o mais burro!) Eles têm músculos soberbamente crescidos, formando bolas. Eles confiam sua pele bronzeada a tatuagens, com as quais veem constantemente satisfeitas suas necessidades artísticas, eróticas e até morais, podem contemplar o amor nos outros em seios, barrigas e costas, águias poderosas empoleiradas em uma rocha ou voando no céu, sol com raios em todas as direções, homens e mulheres acasalados, bem como os órgãos separados de seu leite; de repente, ao lado do coração, a Stalin ou Lênin, ou os dois ao mesmo tempo (mas isso tem o mesmo valor que a cruzinha que pendura de seu pescoço) . Às vezes riem com um maquinista que põe carvão no mesmo cu, ou com um macaco que se masturba. E eles vão ler uma sobre as outras inscrições que não são menos queridas pelos parentes: «Os baratos a» ... (soa vitorioso, como «Yo, el re y Asurbanipal») ..., ou, na barriga de uma de suas filhas : «A minha vida para sempre ...!» E até uma moral modesta num braço que já enfiou uma faca entre as costelas mais de dez vezes: "Lembre-se do que sua mãe disse!" "Lembro-me das carícias, lembro-me da minha mãe!" (Os criminosos professam o culto à mãe, mas de forma formal, sem cumprir seus mandamentos).

Para valorizar ainda mais seu estoque precário, eles são viciados em drogas. A mais acessível de todas é a maconha (extraída do cânhamo); Eles a chamam de *plantinha* e enrolam cigarros com ela. Eles comemoram, com gratidão, em suas canções:

Ah, plantinha, plantinha, erva de Deus

[225]

consolo de todos os shirmaches ...

Eles certamente não reconhecem a instituição da propriedade privada na Terra, que efetivamente os separa da burguesia e dos comunistas que possuem dachas e automóveis. Eles assumem tudo o que encontram ao longo de sua existência (desde que não apresente muitos riscos). Mesmo quando nada lhes falta, tendem a agarrar o que é estranho porque, para um ladrão, todo bocado que não é roubado é insípido. Eles usam roupas roubadas enquanto são novas e, quando se cansam delas, jogam cartas. Eles passam noites inteiras brincando, uma atividade que lhes dá as sensações mais fortes de sua existência: nisso eles superam em muito os nobres russos dos séculos passados. Eles podem jogar *um olho* (aquele que perde, eles arrancam isso ali mesmo) ou a *sua própria pessoa* (para ser usado contra a natureza). Quando perdem tudo, declaram "procurar" na cela, no navio ou no quartel, encontram outra coisa e o jogo continua.

Então os criminosos detestam o trabalho. Mas por que deveriam amar, se não precisam para comer, beber ou se vestir? É claro que isso os impede de se identificarem com a classe trabalhadora (mas será que a própria classe trabalhadora tanto ama o trabalho? Será que se eles estão lutando é apenas pelo dinheiro miserável, porque não têm outro meio de ganhá-lo?) Os criminosos não só Eles são incapazes de "entusiasmar-se com o trabalho", mas o consideram nojento e sabem como demonstrá-lo de uma forma altamente teatral. Por exemplo, quando em um comando agrícola eles são forçados a deixar a área para ir colher aveia, eles não se contentam em simplesmente sentar para descansar, mas também irão recolher todos os ancinhos e garfos, colocá-los no fogo e se aquecer ao lado deles. fogueira. (Vamos ver, capataz socialmente hostil, você decide o que fazer ...!)

Tentaram fazê-los lutar pela pátria, mas sem sucesso: para eles a pátria é o mundo inteiro. Os *urkas* mobilizados *partiriam* em comboios militares e cantariam, balançando:

Nossa causa é justa!
Nossa causa é caolho!
Por que todo mundo está correndo?
Me diga por quê!

Então eles roubariam qualquer coisa, os prendiam e os mandavam de volta para sua amada prisão nos fundos. Mesmo quando os trotskistas sobreviventes fizeram pedidos para ir do campo para a frente, os *Urkas* nunca. No entanto, conforme o Exército se aproximava da Europa e o cheiro de troféus de guerra começava a ser percebido, eles se apressaram em se vestir de uniforme e marcharam para saquear as forças de campo (eles chamam isso de "Quinto Frente Ucrâniano", brincando)

Mas (e nisso eles são muito mais firmes do que os Cinquenta e Oitos) nenhum daqueles *Djenka Djogol*, ou *Vaska Kishkenia*, que *torce* a boca pronuncia a palavra sagrada "ladrão" com veneração, nenhum deles jamais ajudará *a fortalecer a prisão*: cravar estacas, estender o arame farpado, cavar a área frontal, renovar o posto de guarda, consertar a iluminação da área. Nisso está a honra do bandido. A prisão foi criada contra sua liberdade e ele não pode trabalhar para a prisão! (Quanto ao resto, ele sabe que por sua recusa não lhe darão o Artigo 58, enquanto o infeliz inimigo do povo seria enforcado imediatamente por sabotagem contra-revolucionária. É a impunidade que torna os criminosos imprudentes, como um gato escaldado, de fugas de água fria).

Ver um criminoso de jornal na mão é absolutamente impossível, pois decidiram de uma vez por todas que a política é uma perda de tempo que nada tem a ver com a vida real. Eles também não lêem livros, ou muito ocasionalmente. Mas eles adoram a literatura oral, e o narrador que depois do toque de recolher sabe *enrolar* para *eles romances*, será sempre respeitado e bem alimentado com os frutos de sua presa (como todos os narradores e bardos nos povos primitivos). Esses romances são uma mistura fantástica e bastante uniforme de literatura barata sobre o grande mundo (necessariamente o grande mundo!), Com uma abundância de viscondes, condes e marqueses, e de lendas do submundo, com seu auto-elogio, seu próprio jargão e concepções peculiares de a «boa vida», que o herói acaba sempre por alcançar: a condessa deita-se no seu «berço», só fuma cigarros

«Kazbek», usa uma «cebola» (relógio) e os seus andaimes (sapatos) estão sempre lá brilhante.

O Nicolai Pogodin foi mandado, em comissão, para a Belo Morcanal, ele fez uma despesa, e não pouco, em nome do contribuinte, mas não viu nada, não entendeu nada dos bandidos, inventou tudo. Mas como em toda a nossa literatura, durante quarenta anos, não houve nada sobre os campos, exceto sua obra (e depois, filme), teremos que comentar sobre isso aqui.

A pobreza de seus engenheiros presos, que bebem das palavras de seus educadores e aprendem de seus lábios o que é a vida, nem merece comentários. Mas vamos falar sobre seus *aristocratas*, os criminosos. Pogodin, assim, conseguiu não notar neles nem mesmo aquele traço simples, que *por lei* eles *tiram dos mais fortes* e não roubam de seus bolsos. Tudo de eles, sem exceção, como raterillos tintas, batedores de carteira e apresenta -os no trabalho a ser feito pes ado, mais de uma dúzia de vezes. Seus *urkas* até roubam uns aos outros (totalmente absurdo: roubam só os *fráiers*, e dá tudo para o *idiota*). Pogodin também não entendia (ou não queria entender) os verdadeiros estímulos do trabalho no campo: a fome, os golpes, a responsabilidade coletiva da equipe. Ele nem mesmo descobriu quem no campo é "camarada" e quem é "cidadão". Ele se apegou a apenas uma coisa: a "proximidade social" dos criminosos (que foi apontada na direção do canal em Med vezhka, se não Gorky, em Moscou) e começou a nos mostrar a *reeducação* dos bandidos. E o resultado foi uma calúnia contra eles, tanto que até eu tenho vontade de tomar sua defesa.

Os criminosos são muito mais espertos do que Pogodin (e Sheinin) os pinta, eles nunca seriam comprados por uma *reeducação* tão barata, simplesmente porque sua visão de mundo está mais próxima da vida, mais coerente do que a de seus carcereiros e é completamente isento de todos os elementos idealistas! Porque todas aquelas declamações para que seres famintos trabalhem e morram ao pé do desfiladeiro são puro idealismo. E se em uma conversa com o cidadão principal ou com um correspondente da imprensa de Moscou, ou em alguma manifestação estúpida seus olhos se encham de lágrimas e suas vozes tremem, é simples teatro obter algum privilégio ou redução de pena, Naquele exato momento, por dentro, o criminoso está morrendo de rir! Os bandidos sabem muito bem para apreciar uma piada (ao contrário dos escritores do capítulo). É impossível para o *cão* Mitia entrar na cela RUR sozinho e desarmado, e para o *idiota* local, Kostia, se esconder dele debaixo das plataformas! Kostia, é claro, tem

uma faca pronta, e se ela não tiver uma, ela se lançará sobre ele para estrangulá-lo, e um deles cairá morto. Aqui é o contrário: não é uma piada, mas Pogodin pinta uma farsa vulgar. A história da *reeducação* de Sonia (por quê? Que motivo o fez pegar o carrinho de mão?) Parece terrivelmente falsa, assim como a de Kostia. E os dois ladrões que passam a escolta (isso pode ser *comum*, mas nunca *criminoso*)! E emulação de trabalho entre equipes, totalmente impossível para *urkas* inteligentes e cínicos (já que não *tá* brincando)! E a nota mais falsa e dissonante de todas: os malfeitores pedem regras para construir uma comuna!

Essas pessoas não podiam ser caluniadas com mais crueldade ou parecer mais estúpidas: criminosos exigindo um regulamento! Eles conhecem perfeitamente suas regras, desde o primeiro roubo até a última facada na carótida. Eles sabem quando atingir um homem caído, quando atacar cinco contra um, quando atacar um homem adormecido. Para sua comuna, *eles* têm regras muito antes do "Manifesto Comunista".

A vossa comuna, ou mais precisamente o vosso mundo, é um mundo à parte dentro do nosso, e as severas leis que durante séculos garantiram a sua força não dependem de forma alguma da nossa legislação *fráier*, nem mesmo dos congressos do Partido. Eles têm suas próprias regras hierárquicas, pelas quais seus *pijamas* não precisam ser eleitos, mas ao entrar na cela ou área já estão vestidos com a coroa do poder e são imediatamente reconhecidos como chefes. Esses *montes de feno* às vezes têm uma inteligência privilegiada e sempre uma compreensão clara da visão de mundo dos ladrões, bem como alguns roubos e mortes por trás deles. Possui tribunais próprios ("regulamentos"), baseados no código de "honra" e na tradição dos bandidos. As sentenças desses tribunais são implacáveis e inexoravelmente executadas, mesmo que o condenado esteja em outra área, a cem léguas de distância. (Os modos como realizam a execução são inusitados: por exemplo, todos saltam, por sua vez, das plataformas superiores, para um homem deitado no chão, até que a sua caixa torácica seja enterrada).

Aqueles que não são criminosos são chamados de *fráiers*. O mundo dos *fráiers* significa o mundo dos homens em geral, de todos os homens normais, e precisamente aquele mundo dos homens em geral, esse *nosso* mundo, com sua moral, seus costumes de vida e seu modo de se comportar. É o que os criminosos mais odeiam, o que mais zombam e o que mais opõem ao seu próprio meio anti-social.

Não, não foi a *reeducação* que começou a quebrar a espinha dorsal do mundo do crime (a *reeducação* só os ajudou a voltar a novas depredações mais cedo), mas sim quando, nos anos 1950, ignorou a luta de classes e a Por parentesco social, Stalin ordenou que os ladrões fossem colocados em "isoladores", em celas de confinamento solitário, e até mesmo para construir novas prisões para eles (os ladrões os chamavam de *seladores*).

Nessas *costureiras* ou *máquinas funerárias*, os ladrões não demoravam muito para murchar, esfarelar e morrer. Porque um parasita não pode viver na solidão. Você precisa viver em *cima de alguém*, apegado a ele.

XVII

Menores

Quantas faces tem o Arquipélago, quantas caretas! Para onde quer que você olhe, não há muito o que admirar! Mas talvez o perfil mais nojento seja apresentado pela boca grande que engole menores, o *malolietki*.

O *malolietki* nada tem a ver com crianças abandonadas, os *besprizorniki*, aquele viveiro de ladrões cobertos de trapos cinzentos que se aqueciam ao lado dos caldeirões de alcatrão e sem os quais é impossível representar a vida urbana dos anos vinte. Nas colônias de crianças delinqüentes (desde 1920 havia um dependente do Comissariado do Povo para a Educação Nacional; seria interessante saber em que situação se encontrava a delinqüência infantil antes da Revolução), nas casas de trabalho para menores (existiam de 1921 a 1930, Eles receberam grades, um ferrolho e uma guarda de tal forma que se fôssemos obedecer à velha terminologia burguesa iríamos necessariamente chamá-los de cales) e desde 1924 também nas "comunidades de trabalho" da OGPU, eles abrigavam aqueles *besprizorniki* reunidos na rua, mas nunca filhos de famílias. Ficaram órfãos da guerra civil, da fome, da execução ou do desaparecimento de seus pais no front, e a justiça da época tentava realmente afastá-los daquela universidade do crime que era a rua, integrá-los a uma vida civil normal. Nas comunidades de trabalho, eles começaram a ensinar-lhes ofícios de oficinas e fábricas; nas condições de desemprego daqueles anos, era uma posição vantajosa, e muitos raptos aprenderam de boa vontade. A partir de 1930, o Comissariado da Justiça agregou à sua rede de estabelecimentos algumas escolas profissionais especiais, a FZU, para menores em cumprimento de pena. Os jovens infratores tinham que trabalhar de quatro a seis horas por dia, pelo que recebiam o salário estabelecido pelo Código do Trabalho Soviético, e no resto do tempo estudavam ou se divertiam. Se eles tivessem continuado assim, talvez as coisas tivessem se resolvido.

Mas de onde vieram as crianças delinquentes? Vieram do artigo 12 do Código Penal de 1926, que permitia condenar crianças de DOZE ANOS por furto, estupro, lesões e homicídio (o artigo 58 também estava implicitamente incluído), mas condená-las com moderação, não "até o carretel inteiro" como adultos. Essa já era a primeira cátedra do Arquipélago para os futuros *Maldietki*, mas ainda não era a grande porta.

Não vamos parar de olhar para este número interessante: em 1927, os presos com idades entre dezesseis (os mais jovens, aparentemente, não são contados) a vinte e quatro anos constituíam 48% da população carcerária total. ^[226] Significa, pois, que quase *metade* do arquipélago era constituída por jovens que a Revolução de Outubro surpreendera entre os *seis e os catorze anos!* Dez anos depois da revolução vitoriosa, esses meninos e meninas se viram na prisão, formando, aliás, *metade de* sua população! Isso não condiz muito com a luta contra as sobrevivências da consciência burguesa herdada do antigo regime, mas os números cantam. E mostramos que o Arquipélago nunca foi desprovido de juventude.

Mas o *quão* jovem ele seria foi decidido em 1935. Naquele ano, o Grande Malfeitor deixou novamente sua marca de dedo no barro maleável da História. Em meio a feitos como o expurgo do indelicado Len e o expurgo de seu próprio partido, ele arrumou tempo para lembrar dos filhos, daquelas crianças que tanto amava, de quem era o melhor amigo e em cuja companhia não perdia a oportunidade de ser fotografado. E quando ele não conseguia pensar em nenhuma outra maneira de trazer aqueles patifes perversos, aqueles filhos de chefs que proliferavam dia a dia e que cada vez mais transgrediam a legalidade socialista, ele governou e ordenou que a partir dos doze anos de idade (sua amada filha estava se aproximando naquela idade, e ele mesmo podia perceber tangivelmente o que isso representava) foi condenado A TODO O CARRETEL! Ou seja, “com aplicação de todas as penas previstas em lei”, conforme esclarecido pelo decreto do Comitê Executivo Central e do *Sovnark om* de 7 de abril de 1935 (ou seja, incluindo também a execução).

Ignorante, naqueles anos prestamos pouca atenção aos decretos. Em vez disso, nos dedicamos a contemplar os retratos de Stalin com uma menina de cabelos escuros nos braços ... Muito menos os próprios jovens de 12 anos os liam . Mas os decretos continuaram saindo. Decreto de 10-XII-40: a partir dos doze anos, julgar também por “colocar vários objetos nos trilhos da ferrovia” (claro, treinamento de jovens terroristas). Decreto 31-

V-41: para todos os crimes não previstos no artigo 12.º, juiz a partir dos quatorze anos.

De repente, surge um pequeno incômodo: começa a Guerra Patriótica. Mas a Lei é a Lei! E em 7 de julho de 1941, quatro dias depois do discurso aterrorizado de Stalin, enquanto os tanques alemães avançavam sobre Leningrado, Smolenko e Kiev, um novo decreto do Presidium do Soviete Supremo foi promulgado; É difícil decidir por que é mais interessante para nós hoje, se por causa de seu academicismo despreocupado, que mostra os problemas muito importantes com os quais o poder estava lidando naqueles dias febris, ou por seu próprio conteúdo. Acontece que o procurador-geral da URSS (Vichinski?) Havia denunciado ao Soviete Supremo do Tribunal Supremo (isto é, que o próprio Benfeitor tinha conhecimento daquele processo), devido à aplicação judicial incorreta do decreto de 1935: verifica-se que eles condenaram as criaturinhas apenas por crimes *maliciosos*. Mas era uma suavidade intolerável! E no calor da guerra, o Presidium esclarece-nos: tal interpretação não corresponde ao texto da lei, introduz limitações não previstas por ela ...! E de acordo com o Ministério Público, é explicado ao STF que deve condenar as crianças, com aplicação de todas as penas previstas em lei (ou seja, "a toda a bobina"), também nos casos em que tenham cometido o crime não intencionalmente, mas de forma *imprudente*!

Assim se faz! Talvez em toda a história mundial ninguém tenha chegado tão perto da solução final para o problema das crianças! A partir dos 12 anos por imprudência e incluindo execução!^[227] Só então todas as tocas dos ratos predadores foram cobertas e as orelhas dos kolkhoz protegidas! Agora, finalmente, os celeiros deveriam ser preenchidos e a vida florescer, e as crianças cruéis desde o nascimento deveriam estar no longo caminho da correção!

E nenhum dos promotores do partido vacilou, eles também eram pais de crianças assim: assinavam os mandados de prisão sem dificuldade! E nenhum dos juízes do partido estremeceu: com olhos serenos condenavam as criaturinhas a três, cinco, oito e dez anos de campos comuns!

Para arrancar espigas de milho, eles não deram a esses pequeninos menos de oito anos!

Para encher o bolso de batatas (um bolso da calça de uma criança!), Também oito anos!

Pepinos não eram tão caros. Sasha Blojin, por dez pepinos do jardim kolkhoz , recebeu apenas 5 anos.

Em Chinguirlaus, província de Kustanai, Lida, uma rapariga faminta, de 14 anos, foi apanhar na rua, misturada com pó, um fio de grão que se espalhava atrás de um camião (em todo o caso condene ou perca-se) . Pois bem, só a condenaram a *três* anos, pela circunstância atenuante de que, embora tivesse roubado bens socialistas, não o fez directamente do campo ou de um celeiro. Talvez outra circunstância que tenha contribuído para amenizar a pena foi o fato de, naquele mesmo ano (1948), o STF, apesar de tudo, ter esclarecido que se a apropriação tinha carácter de travessura infantil (pequeno furto de maçãs em um jardim) não era para ser condenado. Por analogia, a Corte deve ter decidido que poderia ser um pouco mais brando também. ^[ez] (Mas deduzimos, pelo *contrário sensu*, que entre 1935 e 1948 foram *condenados* por roubo de maçãs).

Muitos foram condenados por terem fugido do FZU. É verdade que por isso impuseram apenas seis meses. Nos campos, eles eram jocosamente chamados de "condenados à morte". Mas, piada ou não, vamos dar uma olhada nesta cena com "condenados à morte" em um campo no Extremo Oriente: eles foram encarregados de transportar os excrementos para fora da latrina. Um carrinho sobre duas rodas enormes e, no topo, um enorme barril cheio de um líquido fétido. Os "condenados à morte" são enganchados em grupo aos postes do veículo, enquanto outros empurram para trás e pelas laterais (a cada oscilação , o conteúdo do barril espirra-lhes profusamente), enquanto *cães* com bochechas e ternos vermelhos cheviot, eles riem alto e empurram as criaturinhas para frente com seus porretes. Durante a transferência de barco de Vladivostok para Sakhalin (1949), a *per flush*, sob ameaça de sua faca, *elas se aproveitaram* desses pequeninos. Então, às vezes, seis meses são suficientes.

Quando aquelas criaturas de doze anos começaram a cruzar, na prisão, o limiar da cela adulta, igualado aos adultos como cidadãos plenos, correspondido em sentenças incríveis, quase tão longas quanto suas vidas anteriores inteiras, correspondido Na ração de pão, na tigela de *balanda*, no oco das plataformas, a velha expressão da reeducação comunista "menores " começou a perder força, esmaeceu, e o próprio GULAG deu origem ao sonoro termo que Parece tão atrevido em russo: *malolietka*. E com amargo orgulho também o usaram, referindo-se a si próprios, aqueles amargos

cidadãos que, embora ainda não fossem da sua pátria, já eram cidadãos do Arquipélago!

Assim foi como precoce e estranho o seu amadurecimento, assim se tornaram homens e mulheres, cruzando as portas de uma prisão!

Sobre aquelas cabecinhas de doze, de catorze anos, caiu um regime que os homens já feitos e certos não podiam suportar. Mas em virtude das leis da juventude, esses jovens não se deixaram esmagar por ele, mas sim foram absorvidos, adaptaram-se a ele. Assim como em tenra idade não há dificuldade em aprender novas línguas e assimilar novos costumes, da mesma forma que as crianças pegaram na *mosca* tanto a língua do Arquipélago (que é a língua dos bandidos), quanto sua filosofia (E de quem é essa filosofia?).

Daquela vida extraíram o mais desumano, toda a sua seiva envenenada e purulenta, e o fizeram de forma tão simples que se poderia pensar que era esse mesmo líquido, e não o leite materno, que haviam amamentado quando ainda eram filhos de tit.

Eles ficaram tão rapidamente absorvidos na vida do país (nem mesmo depois de semanas, mas dias), que parecia que esta vida não os surpreendia, que não tinha nada de novo para eles, que era a continuação natural de sua vida de ontem quando eles estavam em liberdade.

Aliás, em liberdade também não cresceu em algodões: não eram filhos de pais ricos e poderosos que colhiam espigas de milho, enchiam os bolsos de batatas, chegavam atrasados à oficina e fugiam do FZU. Os *Malolietki* eram filhos de trabalhadores. Mesmo em liberdade, eles compreenderam perfeitamente que a vida se baseia na injustiça. Mas nem tudo foi apresentado a eles em sua nudez crua; algumas coisas foram escondidas com um véu discreto; outros foram suavizados pelas palavras amorosas da mãe. Mas, no Arquipélago, os mais pequenos viam o mundo como ele aparece aos olhos dos quadrúpedes: Só a força é a lei! Só o predador tem o direito de viver! Também nós, adultos, vemos o Arquipélago desta forma, mas temos a possibilidade de nos opormos à nossa experiência, às nossas reflexões, aos nossos ideais e a tudo o que lemos até então! Em vez disso, as crianças são assimiladas pelo poder divino de assimilação que a infância possui. E em poucos *dias* tornam-se bestas, ou ainda piores do que bestas, por falta de noção ética (afundando o olhar nos olhos enormes e doces de um cavalo, acariciando as orelhas abaixadas de um cão culpado, como

negar? senso de ética?) E a *malolietka* aprende: se há dentes mais fracos que os seus, arranca o pedaço que estão mordendo: é seu!

Existem duas maneiras básicas de *manter* os *Malolietki* no Arquipélago: em colônias infantis separadas (principalmente para menores de quinze anos), e as mais velhas, em campos mistos, na maioria das vezes na companhia de inválidos e mulheres.

Os dois sistemas garantem o desenvolvimento de um mal animal neles igualmente e nenhum deles livra os pequenos de crescerem no espírito dos ideais dos bandidos.

Vamos conhecer Iura Iermolov. Ele diz que desde os doze anos (em 1942), viu muitos engodos, roubos e chantagens ao seu redor, e por isso fez sua composição de lugar: *só quem tem medo não rouba nem trapaceia*. Mas não quero ter medo de nada! Quer dizer, vou roubar, trapacear e viver bem. No entanto, por um tempo sua vida tomou outro rumo. Ele ficou entusiasmado na escola com o espírito dos exemplos ilustres. Mas vindo para penetrar no Pai Amado (laureados e ministros afirmam que isso estava além das possibilidades humanas!), Aos quatorze anos escreveu um panfleto: “Abaixo Stalin! Viva Lenin!

Em tonces, ele foi pego, ele foi espancado, ele foi dada a 58-10 e trancada com *malolietki* comum. E Iura Iermolov não perdeu tempo em assimilar a lei dos ladrões. A espiral de sua existência estava enrolando mais e mais, e aos quatorze anos ele estava cumprindo sua "negação da negação": ele havia retornado à concepção do crime como o mais alto e melhor na vida.

E o que você encontrou na colônia infantil? «Ainda mais injustiças do que na vida normal. A gestão e os vigilantes vivem à custa do Estado, abrigando-se atrás do sistema educacional. Parte da ração das crianças vai direto da cozinha para o estômago das educadoras. Crianças são espancadas com botas, amedrontadas para que sejam obedientes e silenciosas. (Aqui corresponde explicar que a ração dos mais jovens não é a ração normal dos campos. Tendo-os condenado a longos anos de prisão, isso não significa que o Governo deixe de ser humanitário e não se esqueça que essas mesmas crianças são os futuros senhores do país. comum ismo. portanto, está previsto em sua ração um suplemento de leite, manteiga e carne de verdade. Como eles poderiam resistir aos *educadores* tentados a colocar sua colher na panela pequena? e como fazem esses pequenos calados Se não estiver de

brincadeira ? Algum dia, um daqueles *malolietki* pode nos contar uma história ainda mais sombria do que *Oliver Twist!*)

Quando as injustiças estão na ordem do dia, a única resposta é: você também comete injustiças! E essa dedução, a mais simples de todas, rege por muito tempo (senão para sempre) a vida dessas crianças!

Mas, característica interessante, ao iniciar a batalha contra as crueldades da vida, os menores não lutam entre si. Eles não são considerados inimigos! Eles entram coletivamente nessa batalha como um exército! Primeiras erupções de socialismo? Influência dos educadores? Bah, pare de brincar! É por isso que a lei do submundo desce sobre eles! Os ladrões também andam todos juntos, são disciplinados, têm líderes! E essas crianças são seus aprendizes, eles assimilam as lições sagradas dos mais velhos!

Oh, claro que eles os educam intensamente! Educadores de três e quatro estrelas chegam para fazer discursos sobre a Grande Guerra Patriótica, sobre a façanha imortal de nosso povo, sobre atrocidades fascistas, sobre o quanto nosso grande Stalin ama as crianças, sobre como o homem soviético deveria ser. Mas a Teoria Científica da Sociedade, baseada apenas na economia e nunca tendo a menor noção de psicologia, ignora até mesmo aquela lei simples segundo a qual tudo o que se repete cinco e seis vezes acaba gerando desconfiança e, além disso, desgosto. Os pequenos só sentem nojo do que tentaram inculcar neles, primeiro os professores da escola e agora os educadores que roubam na cozinha. (E até o discurso patriótico de um oficial da linha de frente: "Rapazes! A vocês foi confiada a tarefa de descosturar paraquedas. É uma seda caríssima, propriedade da Pátria. Trate-a com cuidado!", Não tem sucesso. corrida para ir além do planejado, e depois da ração suplementar de cereais, os pequenos acabam cortando a seda em pedaços e estragando tudo (aconteceu em Krivoshtiekovo). E de todas essas sementes só brotam nelas a do ódio, da hostilidade para com os Cinquenta e Oito, da superioridade sobre os inimigos do povo.

Isso irá servi-los mais tarde, no bem comum. No momento, não há inimigos do povo entre eles. Iura Iermolov é uma *malolietka* como as outras, já faz muito tempo que ela mudou sua estúpida lei política por uma lei penal sensata. Ninguém consegue parar de cozinhar neste guisado! Nenhuma criança pode manter uma personalidade diferenciada: será pisoteada, destruída, desmembrada se num primeiro momento não se

proclamar aprendiz de criminoso! E *todos* eles fazem aquele juramento inevitável ... (Leitor! Coloque SEUS filhos aí) ...

Quem são os inimigos dos *Malolietki* nas colônias infantis? Os guardas e os educadores. Bem, lute contra eles!

Esses pequeninos conhecem perfeitamente sua própria força. Sua principal arma é a unidade, a segunda é a impunidade. Eles foram trazidos de fora pela lei dos adultos, mas aqui, no Arquipélago, eles são protegidos por um tabu sagrado. «L a leche, patrão! Leve o leite!», Eles gritam em coro, batendo nas portas de suas celas, quebrando as paletes, quebrando as janelas ... Se tudo isso foi feito por adultos, que seria imediatamente processado por rebelião armada ou sabotagem econômica, mas que é por isso que nada os ameaça! O leite é trazido para você imediatamente!

Ou, por exemplo, aquela coluna de crianças que atravessa a cidade sob forte escolta, até parece que tem vergonha de guardar algumas crianças tão seriamente. Mas e quanto a isso! Eles estavam em conluio: um apito, e aqueles que querem correr em todas as direções! O que a escolta pode fazer? Atire? Qual deles? E contra crianças ...? Com isso terminam todas as sentenças: são cento e cinquenta anos que o Estado escapou repentinamente. O que você não gosta de fazer papel de bobo? Bem, não pare, crianças!

O futuro romancista (aquele que passou a infância entre *Malolietki*) nos contará suas inúmeras façanhas, as coisas ultrajantes que fizeram nas colônias, as peças que fizeram, em vingança, contra os educadores. Apesar da aparente severidade de suas sentenças e do regime interno, a impunidade desenvolveu neles uma grande audácia.

Aqui, eles próprios relatam uma de suas façanhas. Conhecendo sua forma usual de agir, ele me parece muito confiável. Um grupo de crianças assustadas com rostos alterados vai até a enfermeira do bairro e implora que ela vá ver um de seus companheiros que acaba de ficar gravemente doente. Esquecendo toda a prudência, ela vai rapidamente, na companhia deles, para a espaçosa cela, onde estão alojados cerca de quarenta meninos. E aí começa um trabalho de formigas: umas seguram a porta e garantem sua defesa, enquanto outras, com dez mãos, arrancam tudo da enfermeira, jogam-na no chão, sentam-se em suas mãos e pés, e por sua vez, cada um de acordo com seus talentos, eles a estupram, beijam, mordem. E ninguém pode atirar neles, e ninguém irá salvar a enfermeira até que eles próprios a libertem, indignados e chorosos.

O interesse pelo corpo feminino é despertado desde cedo entre os meninos, e nas células dos *Malolietki* é ainda mais *inflamado* por contos arrogantes e *picantes*. Portanto, eles não perdem a oportunidade de desabafar. Aqui está um episódio. Em plena luz do dia e à vista de todo o mundo, na área de Krivoshtiekov (*lagpunkt* nº 1), quatro meninos estão sentados e discutindo acaloradamente com Liuba sobre uma *malolietka* como eles, que trabalha na encadernação. A certa altura, ela faz uma objeção severa a eles, e os quatro meninos pulam, agarram-na pelos pés e mantêm sua cabeça baixa, de modo que a menina fica em uma posição absolutamente indefesa, com as mãos apoiadas uma na outra. O chão e sua saia caíndo sobre sua cabeça. Os quatro moleques a mantêm assim por muito tempo, enquanto com as mãos livres a acariciam à vontade. Em seguida, eles a baixam, sem procurar. Qual é a reação de Liuba? Acertalhes? Fugir? Não. Eles se sentam como antes, e a discussão continua.

São adolescentes na casa dos 16 anos e a área pertence a um campo misto de adultos. (Nessa mesma zona fica aquele quartel de quinhentas mulheres, onde as uniões são feitas à vista do mundo e onde os pequenos se frequentam como se fossem adultos).

Nas colônias das crianças, as crianças trabalham quatro horas e dedicam outras quatro ao estudo (caso contrário, todo este estudo é puro *tujta*). Uma vez transferidos para um acampamento de adultos, eles terão que trabalhar um turno de dez horas, apenas com padrões de trabalho reduzidos, enquanto os padrões de alimentação serão calculados como para adultos. São seguidos por volta dos dezesseis anos, mas a má nutrição e o mau desenvolvimento no campo, e antes disso, dão-lhes, nessa idade, a aparência de crianças fracas, atrasadas em sua estatura, em sua inteligência e em seus interesses. Dependendo do tipo de trabalho que lhes é confiado, ora os têm em equipas separadas, ora os integram em equipas comuns com pessoas com deficiência. Lá, eles são obrigados a "aliviar o trabalho físico", que é simplesmente trabalho infantil indígena.

Depois da colônia infantil, sua vida muda fundamentalmente. A Ração das Crianças, cobiçada pelos Guardiões, não existe mais, e os Guardiões não são mais o principal inimigo. Novos personagens aparecem. Anciãos nos quais se pode testar a própria força. Mulheres nas quais se pode provar sua masculinidade. E também verdadeiros ladrões de carne e osso, setor de assalto do campo, que com suas cabeças imponentes aceitam de bom grado

presidir a formação mental dos pequeninos e treiná-los para o roubo. Aprender com eles é tentador; não aprender, impossível.

Talvez o termo "ladrão" soe um pouco reprovador para um leitor *livre* ... Então ele não entendeu nada! No submundo, essa palavra é pronunciada como "cavaleiro" entre os nobres, e talvez ainda mais fortemente, e não em voz alta, mas inferior, como um termo sagrado. Tornar-se um ladrão digno desse nome um dia é o *sonho de ouro do malolietka*, o motor que move toda a sua corte. Mesmo o mais independente deles

Adolescente meditando sobre seu futuro ^[fg]

Não consegui encontrar um destino melhor.

Uma vez, na prisão de trânsito de Ivanov, tive que passar a noite na cela desses menores. Meu vizinho no palco era um menino magrelo de mais de quinze anos, acho que se chamava Slava. Pareceu-me que ele *cumpria* todo o ritual da *malolietka* com uma espécie de relutância, como se já tivesse crescido demais para isso ou o entediado. Esse menino, pensei, ainda não está perdido; Ele é mais inteligente do que os outros e logo estará longe deles. Começamos a conversar. O menino era de Kiev, um de seus pais morrera; o outro o abandonou. Slava começou a roubar antes da guerra, por volta dos nove anos ele continuou a roubar "quando os nossos voltaram" depois da guerra, e ele me explicou - com um sorriso pensativo e triste, precoce demais para seus quinze anos - que no futuro, ele pretendia viver exclusivamente de roubo. "Você entende", ele me disse com muita razão, "a profissão de um trabalhador não fornece mais do que pão e água. Tive uma *infância* péssima e agora quero viver bem ». "E o que você estava fazendo sob os alemães?", Perguntei, preenchendo os dois anos que ele havia perdido, os da ocupação de Kiev. O menino balançou a cabeça: 'Sob os alemães, trabalhei. O que você acha, que com eles você poderia roubar? Eles atiraram em você na hora! "

Nos acampamentos de adultos, os menores mantêm o traço característico de seu comportamento, coesão no ataque e coesão na defesa. Isso os torna fortes e os liberta de todos os tipos de limitações. Em sua consciência não há instrumento de controle que separe o que é permitido do que não é e, claro, nem a menor noção do bem e do mal. Para eles, o bem é o que desejam, o mal que os incomoda. E se assimilam de imediato aquele jeito insolente e desavergonhado de se comportar, é porque esse é o melhor comportamento a se assumir em campo. Onde a força é inútil, eles recorrem

à astúcia e ao engano. O *malolietka* pode adotar um ar de santo, fica comovido ao vê-lo às lágrimas, enquanto seus camaradas esvaziam seu paletó por trás. Sua horda rancorosa se vingará de quem quiser, e para não ter problemas com eles, ninguém vem em socorro da vítima. O objetivo é coberto, os inimigos são desunidos e os *Malolietki* são lançados em matilha. E eles são invencíveis! São tantos para cair sobre você, que você não tem tempo para distingui-los, reconhecê-los, lembrá-los. Eles não alcançam os braços e as pernas para se defender deles.

H. I. Suzi relata algumas imagens do *lagpunkt* nº 2 (disciplinar) de Krivoshtiekov, no Novosiblag. Eles vivem em enormes cabanas semi-subterrâneas (capacidade aproximada de 500 pessoas), cavadas no solo a uma profundidade de um metro e meio. As autoridades não interferem em nada na vida da área (sem slogans, sem conferências). Hampones e *malolietki* impõem a lei. Eles dificilmente mandam para o trabalho (e dificilmente se alimentam). Em vez disso, há muito tempo.

Naquele momento, uma equipe passa acompanhando sua cesta de pães. As crianças iniciam uma luta simulada entre si, empurram-se e viram o cesto. Os presos correm para pegar rações do chão. De vinte, eles só conseguem pegar quatorze. Do *Malolietki* que "lutou" não resta um traço.

A sala de jantar daquele *lagpunkt* é um deck totalmente inadequado para o inverno siberiano. O pão e a *balanda* têm de ser carregados cerca de cento e cinquenta metros na neve, da cozinha à cabana. Para velhos inválidos, é uma aventura difícil e perigosa. Eles escondem o pão no peito, sob as camisas e, com as mãos congeladas e trêmulas, agarram a tigela. De repente, com a velocidade de um relâmpago, aparecem dois ou três daqueles demônios, não se sabe onde, derrubam o velho, sentem-no com seis mãos e desaparecem com a mesma velocidade com que apareceram. O pão voou, a *balanda* foi derramada, a tigela vazia foi jogada fora, o velho lutou para se levantar. (E os outros presos que viram toda essa pressa para fugir do lugar perigoso para colocar seu próprio pão com segurança.) Quanto mais fraca a vítima, mais implacáveis são os *Malolietki*. Por exemplo, um velho completamente debilitado tem seu pão roubado abertamente, arrancado diretamente de suas mãos ... O velho chora, implora que seja devolvido: "Vou morrer de fome!" "Você vai explodir logo de qualquer maneira, que diferença isso faz!" Ou concordam em assaltar os inválidos em um recinto vazio e gelado, bem em frente à cozinha, por onde passam muitas pessoas. Eles viram a vítima, sentam-se sobre suas mãos,

seus pés, sua cabeça, vasculham todos os seus bolsos, pegam o fumo, o dinheiro e desaparecem.

Martinson, um letão alto e forte, aparece de forma imprudente na área usando botas de couro marrom (pertenceram a um piloto inglês) amarradas com cadarços até o topo da panturrilha. Ele não os tira nem mesmo à noite. E ele caminha tranquilo, confiante em sua força. Mas eles o observam, e basta que ele se deite um pouco na plataforma da sala de jantar para que uma horda se atinja de repente sobre ele, desapareça tão rapidamente quanto ele apareceu, e as botas desapareçam. Todos os cadarços foram cortados, as botas arrancadas! Procure por eles? Bah, para quê?! Por meio de um ordenador (!) As botas são imediatamente enviadas para fora da área e vendidas por um preço alto. (O que os *Malolietki* não mandam para fora da área! Cada vez que as autoridades do campo, com pena de seus jovens, dão a eles algo um pouco melhor para vestir ou vestir ou alguns restos tristes de um colchão rasgado dos Cinquenta e Oito, tudo isso em poucos dias se transforma em fumo, e as crianças voltam a usar trapos e dormir nas tábuas nuas das plataformas).

Para o imprudente homem livre que entrou na zona com seu cachorro, um momento de distração será suficiente para que à noite ele possa comprar a pele daquele cachorro fora da zona: em menos de um galo canta, o animal foi atraído, abatido, esfolado e ensopado.

Nada mais bonito do que roubo e banditismo! Eles se divertem e se alimentam. Mas um corpo jovem também precisa simplesmente soltar as pernas, brincar para brincar, correr sem rumo. Se você lhes der martelos para fazer gavetas, eles ficarão felizes em manejá-los e cravar pregos (até mesmo meninas) nas primeiras coisas que têm em mãos: mesas, paredes, troncos de árvores. Eles não param de lutar entre si, e não apenas para virar cestas de pão, mas realmente lutam e perseguem uns aos outros pelas plataformas e corredores. E não se importam em pisar em pernas ou em objetos, fazer cair coisas, sujar, acordar, doer: estão brincando!

Todas as crianças são turbulentas, mas na vida normal, apesar de tudo, existem pais (não mais do que nos nossos tempos, "apesar de tudo"), existem formas de detê-los, de os limitar, de os impressionar, de os punir ou enviá-los para outro lugar, tudo impossível no campo. Influenciá-los de alguma forma por meio do raciocínio é absolutamente impossível; a palavra humana não foi criada para essa espécie, seus ouvidos não deixam entrar nada que seja inútil para eles. Quando idosos irritados tentam impedi-los

colocando as mãos sobre eles, eles os bombardeiam com objetos pesados. Tudo é divertido para eles! Agarrar a camisa de um inválido, por exemplo, e brincar com ela para passá-la de mão em mão, obrigando-o a correr atrás como se fosse outra criança. O que foi ofendido, foi embora? Bem, você não verá mais isso! Eles vão vender fora da área, vão trocar por fumo. (Aí eles se aproximam dele, inocentes: "Vovô, dá fogo pra gente! Tudo bem, não fique bravo! Por que você saiu? Você ia continuar brincando!"

Para adultos, pais e avós, esses jogos violentos dos *Malolietki* em um campo onde as pessoas vivem tão estreitamente podem ser mais dolorosos e ultrajantes do que seu banditismo e sua voracidade faminta. É muito humilhante para um homem de certa idade ser reduzido ao mesmo nível que aqueles pirralhos, mesmo que ao mesmo nível! Não; entregue à vontade.

Os *malolie TKI* agem sem malícia, para não ofender, não finjam; não, apenas que consideram que *o ser humano* é apenas ele mesmo e os ladrões de peso. É assim que eles os fazem entender o mundo, e eles se apegam a isso. Vejam-nos no momento da cessação do trabalho: precipitam-se para o meio da coluna de reclusos adultos que morreram de cansaço, quebrantados, que mal conseguem ficar de pé, absorvidos numa espécie de sono ou nas suas memórias! Se as crianças empurram, não é porque querem estar na primeira fila; isso não faria nada a eles, mas apenas por diversão. Eles discutem ruidosamente, a cada momento que invocam o nome de Pushkin em vão ("Pushkin o levou embora", "Pushkin o engoliu"), eles blasfemam em nome de Deus, Cristo e a Virgem, lançando as piores obscenidades sobre todos os tipos de desvios sexuais sem se sentir nem um pouco constrangido com a presença de velhas, muito menos de jovens. Nesse curto espaço de tempo no campo, eles conseguiram se livrar dos obstáculos da sociedade como ninguém . Durante as intermináveis chamadas na área, os pirralhos perseguem uns aos outros, se lançam contra a multidão de presos, fazendo com que eles tropecem e caiam uns em cima dos outros ("Ei, você, o que está fazendo parado no meio!"), ou então eles correm ao redor de um homem como se ele fosse uma árvore, com a vantagem de que um homem pode ser empurrado, puxado, feito cair.

Isso já é intolerável em condições normais, mas quando a vida de um homem é destruída, quando ele foi lançado em um buraco sem saída para aniquilá-lo, quando a morte por inanição já está tomando conta de seu corpo e em seus olhos só há escuridão, Você não pode se elevar acima de si mesmo e sentir simpatia pelos jovens que jogam com tanta franqueza em

um lugar tão sinistro. Não, aqueles marmanjos exaustos de cansaço e sofrimento são invadidos pela raiva e gritam com eles: «Que a praga vos leve embora, filhotes de cobra ...! Carniça, cães sarnentos ...! Eu queria que você explodisse ...! Eu iria estrangular você com minhas próprias mãos ...! Bestas piores que fascistas ...! Você foi enviado para nos aniquilar! " (E há tal peso nessas exclamações, que se as palavras pudessem matar, todos aqueles pirralhos já estariam mortos!) Sim, parece mesmo que eles os libertaram de propósito, porque, mesmo pensando nisso, as autoridades da área não poderiam ter inventado pior flagelo! (Da mesma forma que em um bom jogo de xadrez as combinações de repente começam a emergir espontaneamente, dando a sensação de terem sido pensadas com antecedência, o mesmo acontece com muitos sucessos de nosso sistema em seu esforço para aniquilar os seres humanos). E acaba se convencendo de que os diabinhos da mitologia cristã devem ser assim, exatamente iguais!

Tanto mais que o seu entretenimento principal e o seu símbolo, um símbolo permanente que utilizam como gesto de saudação e ameaça, são *os chifres*: os dedos indicador e principal separados, como dois pequenos chifres móveis e chifres de impacto . Mas esses chifres pequenos não são para forçar; estão cegos, porque sempre apontam para os olhos. É tirado de ladrões adultos, para quem representa uma séria ameaça: "Eu arranco seus olhos, carniça!" Para os *Malolietki* é a diversão *preferida* : sem avisar, diante dos olhos de um velho aparecem de repente, emergindo de onde, que é a cabeça de uma serpente, dois chifres, dois dedos avançando, aproximando-se do olhos, eles vão apertar! O velho recua, eles, por muito tempo , dão-lhe um empurrãozinho de frente, enquanto outro moleque deita atrás dele a seus pés e o homem desaba, estatelado, a cabeça no chão, sob o riso alegre das crianças. E nenhum deles vai te ajudar a se levantar! Quanto ao resto, nem mesmo lhes ocorre que fizeram algo errado, é divertido. E não há como se livrar desses demônios! Enquanto tenta levantar o corpo dolorido, o velho murmura com raiva: "Se eu tivesse uma metralhadora ... derrubaria todos sem piedade!"

O velho Z. os odiava intensamente. “De qualquer forma, eles estão podres”, disse ele, “é uma praga que atinge as pessoas. Devem ser aniquilados aos poucos! » E ele inventou um sistema: secretamente pegue um desses, jogue-o no chão e apoie o joelho no peito até ouvir o rangido de suas costelas, mas não até o fim, mas solte nesse ponto. Um menino assim, disse Z., não viverá muito. Mas nenhum médico jamais descobrirá o que é.

E Z. já havia enviado alguns para o outro mundo através desse sistema, até que ele próprio acabou espancado até a morte.

Ódio gera ódio! As águas negras do ódio espalharam-se rapidamente sobre uma superfície plana. É mais fácil para eles do que voar contra aqueles que desde o alto condenaram jovens e velhos à escravidão!

E assim, graças à ação conjunta da lei de Stalin, educação GULAG e fermento criminal, inveterados pequenos fascistas estavam se formando. Nenhum sistema melhor poderia ter sido criado para transformar uma criatura em uma besta! Eles não poderiam ter empurrado todos os vícios do campo para um estreito seio infantil mais densa e rapidamente!

Mesmo quando não custava nada amolecer a alma de uma criança, os padrões não o toleravam: não era o objetivo da educação *que* ministravam! Um menino pediu insistentemente para ser transferido do *lagpunkt* nº 1 para o nº 2 do próprio Krivoshtiekov, para se juntar ao pai, que estava preso no segundo. Eu não permito isso n (é que o regulamento exige separado). O menino não teve escolha a não ser se esconder em um barril e assim chegar a *Lagpunkt* nº 2, onde por algum tempo viveu clandestinamente com seu pai. Nesse ínterim, houve um grande alvoroço, pensaram que ele tinha escapado e estavam cutucando todas as fossas com uma estaca para o caso de ele se afogar.

O difícil é começar. Aos 15 anos, Volodya Sneguiriov achou que ir para a cadeia era um pouco incomum. Mas depois, entre as suas seis condenações, passou quase um *século* (deram-lhe 25 anos duas vezes), passou centenas de dias no BUR e nas prisões (os seus jovens pulmões contraíram tuberculose) e durante sete anos foi procurado em toda a União Soviética. É que depois eu já estava bem no caminho do crime. (Atualmente, com apenas um pulmão e sete costelas a menos, ele é um inválido do segundo grupo.)

Vitia Koptiaiev está na prisão *ininterrupta* desde os 12 anos. Ele foi condenado *catorze* vezes, das quais nove por evasão. " Eu ainda não fui legalmente livre." Iura Iermolov, após sua libertação encontrou um emprego, mas foi demitida porque era mais importante dá-lo a um soldado desmobilizado. Ele não teve escolha a não ser "começar uma turnê". E uma nova convicção.

As imortais leis *stalinianas* sobre os *Malolietki* vigoraram por vinte anos (até o decreto de 24 de abril de 1954, um pouco mais benigno: libertou aquelas crianças que haviam cumprido mais de um terço de sua pena; mas

desde a *primeira* pena! E se houvesse quatorze?). Eles colheram vinte safras. Vinte eras trilharam o caminho do crime e da depravação.

Quem se atreve a manchar a memória do nosso Grande Corifeo?

* * *

Há crianças tão espertas que conseguem *pegar* arte. 58 em uma idade muito jovem. Heliy Pavlov, por exemplo, o recebeu aos doze anos (de 1943 a 1949, ele estava em uma colônia em Zakovsk). Em '58, não *havia limite de idade!* Mesmo nas conferências de popularização legal (Tallinn, 1945), eles disseram isso abertamente. A Dra. Usma conheceu um menino de seis anos detido em uma colônia infantil para trabalhar. 58. Isso é um recorde!

Às vezes, por que dirão, a prisão da criatura era adiada para mais tarde, mas, de qualquer forma, sempre acabava chegando ao mercado. Vera Inchik, filha de uma faxineira, soube, junto com outras duas meninas, todas com quatorze anos, que crianças pequenas morriam durante a *deskulakização*. Os três decidiram ("como os revolucionários de antes"), levantar um protesto; Eles escreveram de sua própria mão em folhas arrancadas do caderno escolar e foram colá-las nas paredes do mercado, esperando uma reação imediata de indignação geral. A filha de um médico ou, ao que parece, foi presa no local. Quanto à filha da faxineira, eles se contentaram em escrever o nome dela em algum lugar. Mas chegou o ano de 1937 e ela foi presa "por espionagem a favor da Polônia".

Onde, senão neste capítulo, devemos também nos lembrar das crianças que ficaram órfãs pela prisão de seus pais?

Os filhos de mulheres de uma comuna religiosa perto de Josta ainda podem ser considerados sortudos. Quando suas mães foram enviadas para o Solovki em 1929, eles permitiram que as crianças permanecessem em suas casas. Os pequenos cuidavam eles próprios dos pomares e das árvores frutíferas, ordenhavam as cabras, trabalhavam na escola de forma exemplar e enviavam as notas aos Solovki, garantindo-lhes que estavam dispostos a sofrer por Deus como suas mães. (Decorre de seu peso que o Partido não demorou muito para lhes oferecer essa oportunidade).

A julgar pelo regulamento que ordenava a separação de pais e filhos em confinamento, quantos desses *maloliet ki* haveria já na década de 1920 (lembra daqueles 48%)? E quem vai nos contar seu destino ...?

Caso Galia Venediktova. Seu pai era um tipógrafo de Petrogrado; sua mãe, uma lingerie polonesa. Galia lembra muito bem seu sexto aniversário

(1933), comemorado em grande homenagem. Na manhã seguinte, ao acordar, nem pai nem mãe; em seu lugar, um soldado desconhecido que vira os livros. Para falar a verdade, mamãe foi devolvida a ela depois de um mês: mulheres e crianças viajam livremente para Tobolsk, apenas homens vão sob escolta. Eles viveram juntos por menos de três anos; depois disso, o pai foi baleado e a mãe morreu na prisão um mês depois. A Gália foi recolhida e enviada para um orfanato em um mosteiro perto de Tobolsk. Ali os costumes eram tais que as meninas viviam em constante terror de serem estupradas. Então ela foi transferida para um orfanato da cidade. O diretor incutiu nelas: "Vocês são filhas dos inimigos do povo, e ainda por cima eles vestem e alimentam vocês!" (Você tem que ver como essa ditadura do proletariado proletário é branda !) A Gália tornou-se como um filhote. Aos onze anos já comparecia para o seu primeiro interrogatório *político*. Posteriormente, deram-lhe *cinco dólares*, que, de outra forma, ele não cumpriu integralmente. Na casa dos quarenta, ela mora, sozinha, além do Círculo Polar , e escreve: "Minha vida acabou com a prisão de meu pai. No momento, ainda o amo tanto que fico com medo de pensar nisso. Era outro mundo e a minha alma está doente de amor por ele »... Svetlana Sedova também lembra:« Jamais poderei esquecer aquele dia em que levaram todas as nossas coisas para a rua e me colocaram em cima sob uma chuva torrencial. Desde os seis anos sou "filha de um traidor do país" e não pode haver nada mais assustador na vida.

Eles foram colocados em hospícios do NKVD, em casas ESPECIAIS. A maioria deles teve o sobrenome alterado, principalmente se o tivessem ilustres. (Iura Bukharin só descobriu seu nome verdadeiro em 1956. Bem, e Chebotariov, parece que ele não era tão ilustre?) As crianças cresceram ali perfeitamente purificadas da sujeira de seus pais. Rosa Kovacs, nascida na Filadélfia e trazida para este país desde muito jovem por seu pai comunista, depois de ter passado pelos hospícios do NKVD, foi surpreendida pelo fim da guerra na zona americana da Alemanha. (O que o destino leva!) E o que aconteceu? Ele retornou à sua terra natal soviética para cumprir seus vinte e cinco anos.

Mesmo um olhar superficial percebe esta particularidade: também é tempo de os filhos aterrarem naquela Terra da Promessa que é o Arquipélago, por vezes ao mesmo tempo que os pais. Por exemplo, Nina Peregud, uma aluna da oitava série. Em novembro de 1941, eles vieram prender seu pai. Registro. De repente Nina lembrou-se de que no fogão

havia um papel amassado, mas ainda não queimado, com um dístico dela. Para ter deixado lá, mas com os nervos decidiu quebrá-lo. Ela enfiou a mão no fogão, mas um policial meio adormecido a viu e pegou o papel dela. E uma horrenda propaganda subversiva escrita apareceu diante dos olhos dos chekistas :

*O pardal saiu do ninho.
Eu ouço um cuco distante.
Hoje Smolensk está perdido,
e então será Moscou.*

E manifestou o desejo:

*Destrua nossa escola,>
Estou farto de estudar!*

Claro, aqueles adultos sérios, dedicados a salvar a pátria na parte traseira de Tambov, aqueles cavalheiros com corações em chamas e mãos limpas, deviam dismantelar esse perigo mortal. ^[228] Nina foi presa. Para a instrução, confiscaram seus cadernos escolares do 6º ano e uma fotografia contra - revolucionária: vista da destruída igreja de Santa Bárbara. “Do que seu pai estava falando?” Indagaram os cavaleiros de coração ardente. Nina apenas chorou. Eles a condenaram a cinco anos, mais três anos de privação de direitos cívicos (embora não houvesse necessidade de privá-la: ela ainda não tinha direitos cívicos).

No campo, naturalmente, eles a separaram de seu pai. Ela foi atormentada por um ramo de lilases brancos: e enquanto isso suas amigas se examinavam! Nina sofreu como se supõe que um criminoso em estado de emenda deve sofrer: o que fez Zoia Kosmodemianskaia, na minha idade, e como sou má! Os comissários pressionaram esta tecla: «Bem, ainda há tempo para alcançá-lo. Ajude-nos! ”

Ó corruptores de jovens almas! Com que paz você encerrará sua existência! Ninguém te obrigará a se levantar e confessar, envergonhada e

gaguejando, com que imundície inundaste as almas!

Já Zoia Leschova conseguiu superar toda a família. Foi assim. Pai, mãe, avô, avó e irmãos adolescentes foram espalhados em campos distantes por causa de sua fé em Deus. Zoia tinha apenas dez anos. Eles a colocaram em um orfanato na província de Ivanovski. Lá ele declarou que nunca removeria a cruz que sua mãe tinha pendurado em seu pescoço no momento da separação. E ele apertou o nó, para que não viessem tirar enquanto ele dormia. A luta foi longa, Zoia estava exasperada: "Você pode me afogar, você vai tirá-la de mim morta!" E então, como "não educável", mandaram-na para um orfanato *para mulheres subnacionais!* Havia a escória, seu estilo *malolietki* pior ainda do que o descrito neste capítulo. Zoia foi inflexível: nem aí ela aprendeu a roubar e xingar. «Uma mulher tão santa como a minha mãe não pode ter uma filha criminosa. É melhor ser político, como toda a família.

E virou política! Quanto mais os educadores e o rádio cantavam para Stalin, mais claramente Zoia adivinhava nele quem era o responsável por todos os infortúnios. E ela, tendo resistido aos criminosos, começou a arrastá-los atrás dela ! No pátio havia uma estátua de gesso de Stalin, do tipo padrão. De repente, todos os tipos de inscrições zombeteiras e obscenas começaram a aparecer nele. (Os *Malolietki* adoram esportes, o importante é canalizá-los bem). O governo estava repintando a estátua, montando guarda, até reportando ao MGB, mas as inscrições continuavam aparecendo e as crianças morriam de rir. Finalmente, uma manhã, eles encontraram a cabeça da estátua tombada e virada de cabeça para baixo com o interior oco cheio de excrementos.

Terrorismo! Chegam as damas, começam os interrogatórios e as ameaças: «Entrega-nos ao bando dos terroristas; caso contrário, ele *atirará em todos vocês !* » (E, afinal, o que seria extraordinário? Olhe só para você, atire em cento e meia crianças! Se o Grande tivesse descoberto, ele mesmo teria dado a ordem).

Não se sabe se as crianças teriam se mantido firmes ou cedido. O fato é que Zoia Lechova afirmou:

"Eu fiz tudo sozinho." Para que mais serve a cabeça do papai?

Bem, eles a colocaram em julgamento. E a condenaram à *pena máxima*, sem brincadeira. Mas, tendo em vista a inadmissível humanidade da lei sobre a substituição da pena de morte (1950), a execução de uma

menina de quatorze anos não parece adequada. Portanto, deram-lhe dez anos (milagre eles não tinham vinte e cinco!). Até a idade de dezoito anos ele esteve em campos comuns; depois, em campos especiais. Sua franqueza e o fato de que ele não mediu palavras valeram-lhe uma segunda e aparentemente uma terceira convicção também.

Os pais e irmãos de Zoia já haviam partido, mas ela ainda estava na prisão.

Viva nossa tolerância religiosa!

Viva os filhos donos do comunismo!

Que seja conhecido o país que ama seus filhos tanto quanto nós amamos os nossos!

XVIII

As musas no GULAG

Costuma-se dizer que tudo é possível no GULAG. A mais negra baixeza, a traição mais insuspeitada, o encontro mais inesperado, o amor à beira do precipício ... tudo é possível. Mas se, com os olhos brilhantes de entusiasmo, vierem dizer-lhe que alguém foi reeducado com meios oficiais pela KVCH, responda-lhes sem hesitação: são histórias!

No GULAG todos são reeducados; eles se reeducam por influência mútua e forçados pelas circunstâncias; eles são reeducados das mais diversas formas e com os resultados mais opostos, mas nenhum *malolietka*, muito menos um adulto, foi reeducado pelo KVCH.

No entanto, para que os nossos campos não se parecessem com "antros de perdição, comunidades de banditismo, viveiros de reincidentes e transmissores de imoralidade" (que eram as prisões czaristas) colocaram uma secção educacional-cultural: o KVCH.

Porque, como uma das autoridades do GULAG de outrora, I. Apeter, disse: «À construção penitenciária dos países capitalistas, o proletariado da URSS se opõe à sua própria construção *cultural* (e não aos seus acampamentos, AS). Os estabelecimentos onde o Estado proletário põe em prática a privação de liberdade ... podem ser chamados prisões ou qualquer outra coisa, *não é uma questão de terminologia*. O que posso dizer é que são lugares onde a vida não se extermina, antes floresce e brota »... ^[229]

Não sei como Apeter acabou. Acho muito provável que o pescoço dele tenha sido torcido nos mesmos lugares onde a vida brota. Mas não é uma questão de terminologia. O leitor entendeu o que era o principal em nossos campos? A edificação *cultural*.

A necessidade criou o órgão e o multiplicou até que seus tentáculos alcançassem a última ilha. Na década de 1920 foram denominados PVCH (seções político-educacionais), e a partir da década de 1930 foram

transformados em KVCH. Eles deveriam substituir os capelães e os serviços religiosos das antigas prisões.

Eles foram assim constituídos. O chefe do KVCH era um homem livre, com direitos de vice-chefe de campo. Ele selecionou seus educadores (ao ritmo de um educador para 250 alunos) necessariamente das "camadas próximas ao proletariado", de modo que os intelectuais (pequena burguesia) não o serviram (era melhor que eles manejassem a picareta e a pá). Assim, eles recrutaram ladrões com duas ou três sentenças, bem como educadores, assim como vigaristas, posseiros e ladrões . Então, um daqueles jovens bem tratados, condenado a cinco anos por estupro em circunstâncias atenuantes, enrolou seu diário, colocou-o debaixo do braço e foi ao quartel Cinquenta e Oito para dar-lhes uma palestra sobre "A importância de de mão de obra no processo de alteração ". Os educadores estão em melhor posição do que ninguém para conhecer essa importância, porque eles próprios "se isentam do trabalho produtivo". Os *militantes do KVCH* estavam reunidos nessas mesmas camadas socialmente próximas , mas esses militantes não estavam isentos do trabalho (o melhor que podiam esperar era derrubar, com o tempo, um dos educadores e ocupar o seu lugar, que criou uma atmosfera particularmente amigável no KVCH). O educador deve comparecer, pela manhã, à saída dos internos para o trabalho; então inspecione a cozinha (onde eles vão alimentá-lo bem), e então, bem, você pode ir dormir um pouco mais no seu compartimento. Você não deve mexer com a *palha*, primeiro porque é perigosa, segundo porque chegará um momento em que "a disciplina criminal se transforma em disciplina de trabalho", e então a *palha* levará as equipes de choque ao ataque. Por enquanto, deixe-os também descansar após uma noite sem dormir jogando cartas. Mas toda a atividade do educador é pautada por um princípio básico: o trabalho educativo-cultural no campo não é simplesmente a difusão da cultura e da instrução entre os «infelizes», mas é um trabalho produtivo-cultural de ponta afiada (Sem pontas afiadas não podemos!) É dirigido contra ... bem, o leitor já adivinhou: contra os Cinquenta e Oitos. Infelizmente, o KVCH "não tem o direito de prender por si só (sim, uma séria limitação de suas possibilidades culturais!) Mas pode solicitá-lo à administração" (que não vai deixar de acessar!) Além disso, o educador "apresenta informa sistematicamente sobre o *estado de espírito* dos detidos ". (Bom entendimento, poucas palavras. Vemos aqui como o setor educativo-cultural

se transforma delicadamente em setor *operchequista*, embora o regulamento não o chame assim).

No entanto, observamos que, de tantas citações, escorregamos gramaticalmente para o presente. Teremos que decepcionar o leitor, ressaltando que se trata da década de 1930, os melhores anos do KVCH, os anos em que se construía uma sociedade sem classes no país e ainda não havia ocorrido o assustador surto de classes. luta de classes que surgiu assim que foi concluída a construção. Naqueles anos gloriosos, o KVCH também ostentava vários apêndices: conselhos culturais dos privados de liberdade; comissões de divulgação de cultura e ensino; comissões sanitárias; equipe de equipes de choque; postos de controle para a implementação do plano de financiamento industrial ... Em suma, como disse o camarada Solz (curador do Belomorcanal e presidente da comissão do Comitê Executivo Central para anistias individuais): «Mesmo na prisão, o detido deve viver a vida do país ». (O amargo inimigo do povo, Solz, recebeu um castigo bem merecido da corte do proletariado ..., desculpe ..., o lutador incansável pela grande causa, camarada Solz, foi caluniado e morreu durante os anos de culto ..., desculpe ..., durante o curto época do insignificante fenômeno do culto) ...

E quantas facetas teve o trabalho, quantos aspectos diferentes! Como a própria vida. Organização da emulação. Organização do trabalho de choque. Lute pelo plano de financiamento industrial. Lute pela disciplina de trabalho. Assalto para liquidação de dívidas. Campanhas culturais. Coletas voluntárias para construção de aeronaves. Assinatura de obrigações do Estado. *Subotniki* para fortalecer a capacidade de defesa do país. Desmascaramento de pseudo-trabalhadores de choque. Conversas com o refratário. Liquidação do analfabetismo (só compareceram com relutância). Formação profissional para detidos das classes proletárias (todos os criminosos queriam aprender a profissão de motorista: era liberdade!) Sem falar nas emocionantes conversas sobre a inviolabilidade da propriedade socialista e nas sessões de leitura de jornais, e as noites de perguntas e respostas, e os "cantos vermelhos" em cada barracão, e os diagramas de execução do plano e os números planejados ... E que cartazes! Que slogans!

Naqueles tempos felizes, as Musas alçavam-se sobre os abismos escuros do Arquipélago e, acima de tudo, a primeira e mais alta delas, Polimnia, musa dos hinos (e dos slogans).

Ilustre brigada, honras e glória!

Trabalho de choque, haverá uma recompensa!

Ou senão:

*Trabalho duro, trabalho duro
em sua casa sua família espera por você!*

(Isso é psicologia mesmo! Porque o que essas palavras contêm? A primeira coisa, quem esqueceu a família, fica perturbado, lembra. A segunda, quem se preocupa demais, tranquiliza: a família existe, Eles não a prenderam. E a terceira coisa : sua família precisa de você, mas não só *assim*, eles precisam de você apenas através do trabalho tenaz no campo). E finalmente:

"Vamos nos juntar à campanha de choque em homenagem ao 17º aniversário de outubro!"

Vamos ver, quem seria capaz de resistir a isso ou?

E a obra de arte dramática sobre questões políticas atuais (algo da musa Talía também!)? Por exemplo: o serviço Red Calendar! ^[fb] O diário vivo!, os processos encenados! Declaração sobre o tema da sessão plenária do Comitê Central de setembro de 1930! O *esquete* musical “*Marcha dos artigos do Código Penal*” (58 representado por uma bruxa manca)! Quanto isso enfeitou a existência dos presos, quanto os ajudou a tender para a luz!

E os animadores do KVCH? Nem devemos esquecer a propagação do ateísmo! Círculos coral e musical (sob a égide da musa Euterpe). E brigadas de propaganda cantando latrinas como esta:

*Trabalhadores de choque, seguindo seus carrinhos de mão,
lentamente eles se apressam ...*

Que autocrítica corajosa! Eles nem poupam trabalhadores de choque! Basta que uma brigada destes chegue a um setor de trabalho disciplinar e ofereça um concerto,

*Ouçã Volga do meu amor,
se ao lado do prisioneiro em seu trabalho
dia e noite vigia um chequista,
é porque nosso trabalhador
tem um punho de ferro
e porque o OGPU ^[230] é comunista!*

para que, como num passe de mágica, todos os punidos, e principalmente os reincidentes, joguem as cartas e vão trabalhar.

Também se fazia o seguinte: um grupo formado pelos melhores chocadores visitava a RUR ou o SHIZO, acompanhado por uma brigada de propaganda. Os trabalhadores da colisão começaram por censurar o refratário por sua atitude, *explicando as vantagens* oferecidas pelo cumprimento das regras (melhor alimentação). Depois, a brigada de propaganda cantou:

*A luta se espalha em mares e céus
e entretanto o Mosvolgocanal
Vença a neve e o gelo!*

E também, francamente:

*Se você quer embelezar sua existência,
se você quiser comer e beber,
as pedras terão que quebrar!*

Depois, todos os que o desejarem são convidados, não apenas para trabalhar, mas para se deslocarem do quartel disciplinar para o quartel do *choque*, onde receberão Comida! Que sucesso para a arte! (As brigadas de propaganda, exceto a central, estão isentas de trabalho. Recebem ração suplementar de cereais no dia da actuação).

E as formas mais delicadas de trabalhar? Por exemplo, “com a ajuda dos próprios presidiários, é feito o combate à uniformidade salarial”. Vamos apenas pensar um pouco sobre o sentido profundo que isso contém! Significa que em uma assembléia da equipe um detento se levanta e declara: não lhe dão ração completa, que ele trabalhou mal; Melhor passar 200 gramas para mim.

Ou os tribunais dos camaradas? (Nos primeiros dias após a revolução eles eram chamados de "tribunais morais da camaradagem", e eles sabiam sobre jogos de azar, brigas, roubos ... mas isso é trabalho para um tribunal? Além disso, a palavra "moral" cheirava a burguesia , eles o excluíram). A partir do período de reconstrução (1928), os tribunais passaram a ouvir casos de absentéismo, simulação, uso indevido de material, produção defeituosa, quebra de instrumentos de trabalho. E sempre que um elemento socialmente estranho (mas apenas assassinos, brutamontes , estelionatários e subornos) não pudesse se infiltrar entre os componentes desses tribunais , eles exigiam em suas sentenças ao chefe do campo a supressão de visitas,

pacotes, pagamento de jornadas de trabalho , a liberação é provisória e a transferência do incorrigível. Quão razoáveis e justas foram essas medidas e como foi benéfico que a iniciativa para sua implementação viesse dos próprios detidos! (Claro, às vezes também surgiam dificuldades. Como quando um ex- *kulak* foi julgado , e ele declarou: “Este tribunal é para camaradas, mas eu não sou um camarada para você, sou um *kulak* ... Então você não tem direito! julgue-me! "Confusão geral. Consultaram a Secção de Educação Política da GUITL e a partir daí responderam que deviam julgá-lo. Claro, sem hesitação!)

Qual é a base de todo o trabalho educativo-cultural da área? “*Não deixe o preso sozinho depois do trabalho*, para evitar recaídas em suas tendências criminosas anteriores ” (sim, por exemplo, para que os Cinquenta e Oitos não pensem em política). O importante é “que o detido nunca escape da ação educativa”.

Nisso, os modernos meios técnicos, nomeadamente as colunas em cada posto e em cada quartel, são de grande ajuda! Eles nunca devem ficar em silêncio! De forma sistemática e permanente, desde a hora de levantar até o toque de recolher, devem explicar aos detidos como aproximar o momento de sua soltura, informando a cada sessenta minutos sobre o andamento dos trabalhos, sobre as equipes adiantadas e atrasadas, denunciando elementos perturbadores. A seguinte fórmula original também pode ser recomendada: transmitir uma conversa com um refrator ou outra pessoa menos responsável por rádio .

E, além disso, a Imprensa, claro, a Imprensa, a arma mais afiada do nosso partido. Aqui você tem a prova tangível de que em nosso país existe liberdade de imprensa: a existência da imprensa mesmo em locais de detenção! Como você ouve! Em que outro país é possível que os presos tenham sua própria imprensa?

Os diários podem ser manuscritos e murais, ou de grande circulação; em ambos os casos conta com intrépidos *correspondentes de campo* que denunciam os defeitos (dos detidos), e a Superioridade acolhe com agrado esta autocrítica. Até que ponto a Superiority aprecia sua imprensa livre pode ser vista na Agenda No. 434 de Dmitlag: "A vasta maioria das observações permanece sem importância." Os jornais também publicam fotos de trabalhadores em acidentes. Os jornais indicam. Os jornais descobrem. Os jornais documentam a ofensiva do inimigo de classe, para assim poder feri-lo com mais precisão. (O jornal é o melhor contribuidor

para o serviço operacional tcheco!) E, em geral, os jornais refletem a vida do campo como ela é e constituem um testemunho inestimável para a posteridade.

Por exemplo, o jornal da prisão de Arjanguelsk retrata a abundância e a prosperidade que reina entre os detidos em 1931 : «cuspidas, cinzeiros, oleados sobre as mesas, aparelhos de rádio ligados a altifalantes, retratos dos líderes e paredes estofado com slogans que definem com precisão a linha geral do Partido ... Os privados de liberdade aproveitam esses *frutos merecidos* ! »

Frutas preciosas, aliás! E como tudo isso influenciou a vida das pessoas privadas de liberdade? Seis meses depois, lemos no mesmo jornal: “Todos foram trabalhar em uníssono e com energia ... Melhorou a execução do plano de financiamento industrial. A comida diminuiu e piorou.

Bem, não é nada ... Estou dizendo que não é nada! O último pode ser [\[231\]](#)remediado.

Para onde, para onde foi tudo isso? Oh, quão fugaz é tudo que é belo e perfeito nesta terra! Um sistema de educação carrossel tão intenso, ativo e otimista emergiu das próprias fundações da Doutrina Progressiva, um sistema que nos prometia em poucos anos o desaparecimento radical em nosso país de todos os criminosos (que se acreditava, muito particularmente [\[fc\]](#) em 30 de novembro de 1934)! E o que aconteceu com ele? De repente começou um período glacial (claro que muito necessário, absolutamente indispensável!), E as pétalas dessas iniciativas tenras voaram . Para onde foram o trabalho de choque e a emulação socialista? E os diários de campo? E os roubos, cobranças, assinaturas e sábados comunistas? Conselhos culturais e tribunais de camaradas? ; Liquidação do analfabetismo e cursos de aprendizagem? Mas por que falar de tudo isso, se até os alto-falantes e os retratos dos patrões foram retirados das áreas! (E não é como se eles colocassem escarradeiras em vez disso.) Como a vida dos detidos tornou-se subitamente monótona ! Como regrediu repentinamente dezenas de anos, privado dos principais ganhos da prisão revolucionária! (Mas não estamos tentando fazer objeção a isso: aquelas medidas adotadas pelo Partido vieram na hora certa e foram mais do que necessárias).

Ao mesmo tempo, o vôo poético dos slogans deixou de ser apreciado e eles foram reduzidos à sua expressão mais simples: vamos cumprir, vamos superar! Naturalmente, a educação estética, o bater das musas não era diretamente proibido, mas suas possibilidades eram notavelmente reduzidas. Tomemos, por exemplo, uma das áreas de Vorkuta. O inverno de nove meses está terminando, uma espécie de verão fictício e lamentável de três meses está chegando. O chefe do KVCH sofre com a aparência de sujeira e miséria que a região oferece. Nessas condições, o criminoso não pode refletir seriamente sobre a perfeição de nosso regime, do qual ele mesmo quis se excluir. E o KVCH proclama um certo número *de domingos de trabalho*. Durante as horas de folga, os reclusos fazem (com grande prazer) "camas", mas não com flores, porque ali nada cresce, mas sim colocam sobre pequenos montes de terra nua, punhados de musgo, líquen, cacos de vidro, seixos, é coria e resíduo de tijolo. Esses "maciços" são então cercados por minúsculas cercas feitas de ripas de estuque. Não era tão bonito quanto no Parque Gorky de Moscou, mas o KVCH está feliz com ele! Você objetará que em dois meses as chuvas começarão e tudo será levado pela água. Bem, sim, e daí? No próximo ano começaremos de novo.

Ou no que se tornaram as negociações políticas? Um *conferencista* de Sujobezvodnoie chega ao *lagpunkt* nº 5 do Undjlag (já somos 1952). Depois do trabalho, os presos são conduzidos à conferência. O camarada, para dizer a verdade, não vai além da escola primária, mas dá, politicamente muito acertadamente, uma palestra muito necessária e atual: "A luta dos patriotas gregos". Os internos estão sentados sonolentos, tentando se esconder um atrás do outro, sem demonstrar interesse. O conferencista relata as sinistras perseguições aos patriotas e que um grupo de mulheres gregas desesperadas escreveu uma carta ao camarada Stalin. A palestra termina e Sheremeta, uma boa mulher de Lvov, simples mas astuta, se levanta: "Chefe Cidadã", ela pergunta, "diga-me, e nós, para quem poderíamos escrever ... ?!" E com isso, a influência positiva da conferência é reduzida a zero!

As formas de trabalho corretivo e educativo que subsistem no KVCH são: em cada solicitação de superioridade de um preso, acrescentar uma nota referente ao seu trabalho e sua conduta; distribuir no quartel as cartas perdidas pela censura; recolher diários e escondê-los para evitar que os reclusos enrolem cigarros com o jornal; cerca de três vezes por ano oferecem um concerto amador; conseguir tecidos e cores para os pintores

decorarem a área e pintar quadros para os quartos dos chefes; bem, e também ajude um pouco o comissário; mas isso não é oficial.

Depois de tudo isso, não é de estranhar que entre os comandantes do KVCH seja difícil encontrar líderes cheios de ardor e iniciativa, que a maioria seja bastante simples, apática.

Ah sim, outro trabalho importante: *cuidar das caixas de correio!* De vez em quando, abra-os, limpe-os por dentro e feche-os novamente. São caixas de correio de tamanho médio, pintadas de marrom e bem visíveis em algum lugar da área. Acima estão escritos: "Ao Soviete Supremo da URSS", "Ao Conselho de Ministros da URSS", "Ao Ministro do Interior", "Ao Procurador-Geral" ...

Vá em frente, escreva, temos liberdade de expressão! Em seguida, decidiremos o que enviar e para onde. Existem camaradas especialmente dedicados a ler essas coisas!

* * *

O que eles colocam nessas caixas de correio? *Perdão?*

Não só isso. Às vezes também reclamações (de iniciantes), você já notará o KVCH que eles não são para Moscou, mas para o escritório ao lado. E que mais? O leitor nunca vai adivinhar! Eles depositam... invenções! Invenções muito importantes que vão revolucionar toda a técnica contemporânea e que, claro, vão permitir ao seu autor sair do campo.

Entre os homens comuns e normais, há muito mais inventores (e poetas) do que poderíamos pensar. E nos campos são vinte vezes mais. De alguma forma você tem que sair daí! E a invenção é uma forma de evasão que não apresenta riscos de bala ou espancamento.

Na concentração matinal, no check-up noturno, carregando carrinhos ou manejando a picareta, aqueles padres da musa Urânia (não encontro mais adequado) franzem a testa e inventam intensamente algo capaz de atrair a atenção do Governo e despertar sua ganância. .

Por exemplo, o operador de rádio Lebediev, do campo de Jovrino. Agora que acaba de receber uma resposta de rejeição, você não tem nada a esconder e confessa que descobriu um desvio da agulha magnética sob o efeito do cheiro de alho. Disto ele deduziu um método de modulação pelo odor de vibrações de alta frequência, com a conseqüente possibilidade de transmitir odores a longas distâncias por este procedimento. No entanto, os

círculos governamentais não encontraram nenhuma vantagem militar no projeto e não mostraram o menor interesse nele. Portanto, um fracasso. Ou você continua trabalhando como antes ou consegue fazer algo melhor!

Porém, há casos (muito raros aliás) em que, de repente, um daqueles inventores é levado embora, você não sabe para onde. Ele, é claro, não diz nada, não dá nenhuma explicação, para não estragar tudo, e no campo ninguém pode adivinhar por que exatamente ele, e onde. Alguns desaparecem para sempre; outros voltam depois de algum tempo. (E também não contam nada, por medo de serem ridicularizados. Ou enfeitam e confundem. Está no ... caráter dos internos: gostam de se dar crédito em suas histórias).

Mas eu, que estive nas ilhas paradisíacas, tive a oportunidade de dar uma olhada na outra ponta do fio, *onde* essas invenções chegam e como são lidas. Aqui, devo me permitir oferecer um pouco de diversão ao leitor paciente deste pequeno livro alegre.

Um certo Trushliakov, ex-oficial soviético, ferido em Sebastopol, feito prisioneiro e levado para Auschwitz, acontecimentos que o deixaram, diríamos, um tanto aborrecido, ainda assim conseguiu propor do campo onde estava preso algo interessante o suficiente para ser transferido para um instituto de pesquisa científica para detidos (ou seja, um *sharashka*). Lá ele se revelou uma verdadeira fonte de invenções, e assim que a administração rejeitou uma, já estava apresentando a seguinte. E embora nenhuma de suas invenções jamais tenha chegado ao estágio de cálculos, o homem tinha um ar tão inspirado, tão importante, falava tão pouco e tinha um olhar tão expressivo, que não só ninguém ousava suspeitar que tudo isso era uma farsa, mas um de meus amigos, um engenheiro muito sério, insistiu que, devido à profundidade de suas idéias, Trushliakov era o Newton do século xx. Para falar a verdade, não tinha seguido todas as suas invenções, mas um belo dia foi-lhe confiada a tarefa de criar e fabricar o *absorvedor de radar* que ele próprio tinha proposto. Ele exigiu um assistente para resolver os problemas de alta matemática e eles me enviaram. Trushliakov colocou as coisas da seguinte maneira:

Para não devolver as ondas do radar, o avião ou o tanque deve estar coberto por um determinado material multicamadas (que material era esse exatamente, Trushliakov não me informou: ou ainda não havia decidido ou esse era o grande segredo do inventor) A onda eletromagnética deve perder toda a sua energia no curso das múltiplas refrações e reflexos para frente e

para trás nos limites dessas camadas. Agora, eu, ignorando as propriedades do material, mas usando as leis da óptica geométrica, ou por qualquer outro meio ao meu alcance, tinha que mostrar que as coisas iriam acontecer exatamente como Trushliakov previra, e, além disso, tive que estabelecer qual era o número ideal de camadas!

Claro, eu não pude fazer nada! Tampouco Trushliakov fez nada. Assim terminou nossa associação criativa.

Pouco depois, na minha qualidade de bibliotecário (também exerci essas funções lá), recebi de Trushliakov a ordem de solicitar um empréstimo entre bibliotecas da Biblioteca Lenin em Moscou. Sem a menor indicação de autores ou editores, ele perguntou "algo sobre a técnica da viagem interplanetária".

Ainda estávamos em 1947, e a Biblioteca Lenin, além de Júlio Verne, tinha pouco a oferecer a ele. (Naquela época, pouca atenção era dada a Tsiolkovski.) Após sua tentativa malsucedida de preparar um vôo lunar, Trushliakov foi lançado no abismo, isto é, nos campos.

Enquanto isso, cartas e mais cartas vieram dos campos. Tive que atuar como tradutor ao lado de um grupo de engenheiros que revisou todas as declarações de invenção e pedidos de patentes dos campos. Eles precisavam dos meus serviços porque, nos anos 1946-1947, boa parte desses documentos veio em alemão.

Mas não eram pedidos! Nem foram escritos espontaneamente. Eram páginas arrancadas de prisioneiros de guerra por pressão e ameaças.

Estava claro que eles não seriam capazes de proteger aqueles alemães para sempre; Às três, ou às cinco, mas um dia eles teriam que mandá-los de volta *nach der Heimat*.^[gd] Foi conveniente, então, extrair deles durante aqueles anos tudo o que pudesse beneficiar nosso país. Para obter até mesmo um reflexo pálido das patentes que haviam sido deixadas nas áreas ocidentais.

Não foi difícil para mim imaginar como eles procederam! Os empreendedores alemães, que não suspeitavam de nada, foram obrigados a relatar seus estudos, trabalho e deveres. Posteriormente, a III Seção Operacional Chequista (não poderia ser outra) foi convocando, um a um, todos os técnicos e engenheiros. Primeiro, com a maior deferência (bajulavam os alemães), questionavam-nos sobre a natureza de seu trabalho na Alemanha antes da guerra (e já estavam começando a pensar que um emprego privilegiado os esperava em vez do campo). Eles foram então

forçados a assinar um compromisso de não divulgação (e para um alemão, a palavra *verboten* ^[fé] é sagrada). Em última análise, eles exigiram que revelassem todas as peculiaridades interessantes de sua indústria, bem como quaisquer inovações técnicas importantes que empregassem. Então, tarde demais, os alemães perceberam a armadilha em que haviam caído ao se gabarem de sua situação anterior. Agora era -lhes impossível *não escrever nada*: ameaçavam nunca mais deixá-los voltar ao seu país (e, naqueles anos, tal ameaça era muito viável).

Portanto, eles não tiveram escolha senão escrever ... A única coisa que os salvou de revelar segredos importantes foi que os comissários incultos não podiam inserir o conteúdo de seus relatórios, e apenas os apreciavam pelo número de páginas. Ao examiná-los, dificilmente conseguimos extrair algo de interessante: ou eram contraditórios, ou eram muito palavões e pulavam o essencial, ou descreviam com toda a seriedade "avanços" já conhecidos por nossos avós.

Quanto às cartas escritas em russo ... como às vezes cheiravam a servilismo! Outra cena fácil de imaginar: ali no campo, em um miserável domingo de talentos, os autores dessas propostas, guardando-se cuidadosamente da curiosidade dos vizinhos, certamente mentiram que estavam escrevendo um *perdão*. Seu vil cérebro não podia imaginar que sua caligrafia, enviada em nome de altas instituições, não fosse ser lida por uma superioridade preguiçosa e cansada, mas por outros simples presidiários.

E assim desdobramos uma proposta muito elaborada em dezesseis grandes páginas (ele estava implorando por papel no KVCH!): 1. "Uso de raios infravermelhos na vigilância de áreas de detidos"; 2. "utilização de fotoelementos na contagem de visitas de campo através do posto de guarda". E o filho da puta acompanha esboços e todo tipo de explicações técnicas! Com o seguinte preâmbulo:

Caro José Visarionovich:

Embora condenado por meus crimes nos termos do artigo 58 a uma longa pena de prisão, mesmo aqui eu permaneço fiel ao meu amado poder soviético e desejo ajudá-lo a vigiar, da forma mais eficaz possível, os ferozes inimigos do povo que cercar. Se eu for convocado para fora de campo e os meios necessários forem fornecidos, prometo instalar o seguinte sistema: ...

Que "prisioneiro político"! A escrita passa de mão em mão acompanhada das correspondentes exclamações e obscenidades (aqui somos como uma família). Um de nós senta para escrever a crítica: o projeto é tecnicamente incorreto ..., não leva em conta ..., não prevê ..., não

é lucrativo ..., não é seguro ..., pode levar não a um reforço, mas a um enfraquecimento de vigilância nos campos ...

O que você está sonhando hoje em seu campo distante, maldito Judas? É assim que você explode, lixo!

Aqui temos um pacote da Vorkuta. O autor lamenta que os americanos já tenham a bomba atômica e nosso país ainda não. Diz que lá, em Vorkuta, pensa muito nisso e que do outro lado do arame farpado quer poder ajudar o Partido e o Governo. Portanto, dê um título ao seu projeto:

RAIA^[ff] - *Desintegração do núcleo atômico*

Mas aquele projeto (já ouvimos essa música antes!) Não pôde ser concretizado devido à ausência de bibliografia técnica no Vorkutlag (como se houvesse uma literária!) E aquele selvagem pede isso no momento em que o mandam nem mais nem menos que *a regulação do decaimento radioativo*, após o que se compromete a concluir seu projeto RAIA em um curto período de tempo.

Nós nos contorcemos de tanto rir em nossas mesas, e chegamos quase simultaneamente ao mesmo verso:

*Aquele cara da RAIA
cruzou a linha ...!*

Ao mesmo tempo, verdadeiros sábios se exauriam e pereciam nos campos, mas a superioridade de nosso amado Ministério não tinha a menor pressa em descobri-los ou em encontrar uma aplicação mais adequada para seus talentos.

Ao longo de sua frase, Alexandr Leonidovich Chizhevski nunca foi encontrado em nenhum *sharashka*. Mesmo antes de sua prisão, ele não era bem visto neste país porque relacionou as revoluções sociais e os processos biológicos à atividade solar. Seus interesses eram incomuns, os problemas que levantava eram fora do comum, não podiam ser catalogados confortavelmente no armário de ciências e, acima de tudo, não havia como usá-los para fins militares ou industriais. Agora que ele está morto, artigos são publicados em sua homenagem: Chizhevski descobriu que sob a influência de tempestades magnéticas o número de infartos do miocárdio aumentou (dezesseis vezes); previu o início de epidemias de gripe; estudaram um método de diagnóstico precoce de câncer por meio da sedimentação de eritrócitos; formulou a hipótese da radiação solar Z.

Korolev, o pai da cosmonáutica soviética, estava, é verdade, em um *sharashka*, mas apenas como especialista em aviação. As autoridades não permitiam que ele lidasse com foguetes, e ele tinha que fazer isso à noite em segredo.

(Não sabemos se um *sharashka* ou morte aguardava L. Landau em algum campo distante. Quando, com uma costela quebrada, ele já havia confessado ser um espião alemão, foi salvo pela intervenção de P. Kapitsa).

Constantín Ivanovich Strajovich, nosso grande especialista em aerodinâmica e espírito científico extraordinariamente versátil, depois de um período na prisão de Leningrado chegou ao campo de Uglich, onde teve que ir trabalhar nos banhos. Com aquela risada franca como a de uma criança que surpreendentemente soube preservar ao longo dos seus *dois anos*, agora nos conta que, depois de passar vários meses na cela dos condenados à morte, ainda sofria de diarreia distrófica no campo. Ele então foi designado para vigiar a porta da sala de ensaboar quando os times femininos estavam sendo lavados (para enfrentar os homens eles colocavam indivíduos mais robustos do que ele). Sua missão consistia em não permitir que mulheres entrassem no quarto se não estivessem completamente nuas e de mãos vazias, e obrigá-las a entregar todas as roupas para a desinfecção, principalmente a calcinha e o conjunto, que o serviço de saúde via. a principal ameaça de proliferação de piolhos; mas as mulheres se esforçavam justamente para não entregar essas coisas e tentavam entrar no banheiro com elas. Quanto à aparência física de Strajovich, é a seguinte: a barba de Lord Kelvin, uma sobrancelha como um penhasco, duas vezes mais alta do que o normal: nem poderia ser chamada de sobrancelha. As mulheres imploravam, insultavam, zangavam-se, brincavam, convidavam-no a segui-las até um canto sobre uma pilha de ripas ... Nada a fazer, ele era inflexível! Então, de forma unânime e furiosa, eles o apelidaram de *Impotente*. E de repente aquele *Impotente foi levado embora*, ninguém sabe para onde, nem mais nem menos que para dirigir o primeiro projeto de motor a jato em nosso país.

Mas aqueles que os deixam morrer em empregos gerais, não sabemos nada sobre esses ...

E aqueles que foram presos e exterminados no momento culminante de uma descoberta científica (como, por exemplo, Nicolai Mikhailovich Orlov, que já havia planejado um método para a preservação de longo prazo de

produtos alimentícios em 1936), desses também, como vamos saber? Pois bem, toda descoberta foi *encerrada* após a prisão de seu autor.

* * *

Na atmosfera rarefeita e fedorenta do campo, a luz KVCH às vezes acende forte e acende, às vezes desbota até ficar quase invisível. Mas mesmo essa última chama miserável atrai humanos de diferentes quartéis em várias equipes. Há quem venha com uma ideia bem definida: arrancar algumas folhas de um livro ou jornal para enrolar cigarros; obter papel para um *perdão*; pegar tinta (não é permitido no quartel, e aqui também fica trancado: a tinta não serve para forjar selos?). Alguns vêm simplesmente para se exhibir: olha como sou culta! Outros, entediados com os companheiros, querem conhecer gente nova, conversar um pouco sobre outras coisas, mudar o ambiente. Há quem venha ouvir e depois vá com o golpe ao *compadre*. Mas há outros que vêm, nem sabem por quê ... O que é que os atrai a este lugar, cansados como estão, para passar uma noite de meia hora, em vez de aproveitar para dar um descanso no palco à sua ferida ossos?

Essas visitas periódicas ao KVCH derramam imperceptivelmente uma certa dose de frescor na alma, e embora se encontrem aqui seres famintos exatamente iguais aos que permanecem no quartel, pelo menos não se fala em ração de pão, nem da tigela de cereal, nem das regras. Não se fala sobre o que constitui a trama do campo, e com isso só a alma se liberta e o espírito descansa. Fala-se de um passado fabuloso que, segundo todos os relatos, aqueles seres cinzentos, famintos e maltrapilhos nunca estiveram em posição de conhecer. A vida livre e móvel, cheia de felicidade indescritível, é contada daqueles sortudos que de alguma forma conseguiram escapar da prisão. Também se fala de arte , e às vezes com que paixão!

É como se no meio do redemoinho de poderes infernais alguém tivesse traçado um círculo de luz no chão, uma luz fraca que vai se apagando de um momento para o outro, mas enquanto isso parece a você que dentro do círculo você está a salvo Satan.

Bem, e alguns terão que dedilhar o violão. E outro que canta em voz baixa, coisa bem diferente do que é permitido em público. E você estremece: a vida existe sim, existe mesmo! E você se sente feliz, e olha em volta tentando expressar algo para alguém também!

Bem, fale, mas com cuidado. Ei, mas dá um beliscão se topar, por exemplo, com Liova G. Ele é inventor (não concluiu o curso de engenheiro automotivo, estava prestes a aumentar significativamente o desempenho do motor, mas seus papéis foram confiscados no momento do registro). E ele também é ator: juntos montamos *A petição por uma mão de Chekhov*. E, além disso, filósofo: exponha cada ideia! “Eu”, diz ele, “não me preocupo com as gerações futuras: elas mesmas cavam seu próprio solo. Eu me agarro à vida... assim!” E mostra as unhas cravadas na madeira da mesa. Acredita em grandes ideais? É como falar em um telefone que teve as cordas puxadas! A história nada mais é do que uma sucessão incoerente de eventos. Devolva meu rabo! A ameoba é mais perfeita que o homem; suas funções são mais simples”... Ficamos fascinados ao ouvi-lo: ele explicará detalhadamente por que não apoia Leão Tolstói e, em vez disso, adora Ehrenburg e Alexandr ou Green. Ele também é um garçom afável, que não repugna o trabalho duro, por exemplo, furar paredes com uma furadeira (verdade isso em uma equipe que tem 140% dos segurados). Seu pai foi preso e morreu em 1937, mas ele mesmo é um *homem comum*, eles o condenaram por falsificar livros de pão; no entanto, ele fica com vergonha de confessar seu artigo de trapaça e está sempre perto de Cinquenta e Oitos. Tudo isso é muito bom sim, mas aqui começam os julgamentos em campo, e o Liova G., aquele menino muito simpático, tão interessante, tão “apegado à vida”, atua como testemunha de acusação. ^[232] Você tem sorte se não disse muito a ele!

Se existem tipos originais no campo (e eles nunca faltam!), Seu caminho os levará invariavelmente ao KVCH; eles não serão capazes de parar de mostrar lá.

Aqui temos Aristide Ivanovich d'Auvatour, o típico original, nascido em Petersburgo, de origem franco-romena, especialista em filologia clássica, solteiro ao longo da vida. Eles o arrancaram de César e Heródoto, como quem arranca um gato de seu pedaço de peixe, e o trancaram no campo. Sua alma ainda está cheia de textos para serem interpretados e ele está na área como num sonho. Teria sucumbido na primeira semana se os médicos não o tivessem acolhido, confiando-lhe o invejado trabalho de encarregado das estatísticas médicas; além disso, cerca de duas vezes por mês, e com grande benefício para os praticantes de campo recém-promovidos, eles contrataram d'Auvatour para ensiná-los. Em um campo, aulas de latim! Aristide Ivanovich está diante de um minúsculo quadro-

negro e brilha como durante seus anos mais felizes como professor universitário. Ele escreve estranhas colunas de declínios que nunca fizeram mal aos olhos dos nativos, e o barulho do giz faz seu coração bater de alegria. Está tão bem, tão pacificamente resolvido ...! Mas a tempestade se prepara: o chefe do campo percebe nele um ser de uma espécie muito rara, uma pessoa honesta. E ele nomeia seu chefe do forno de pão. O trabalho mais precioso da área! Chefe da fornalha, chefe da vida! O caminho para esse posto é repleto de corpos e almas de presidiários, mas poucos conseguiram! Neste caso, ele aparece caído do céu, mas d'Auvatour se sente esmagado! Por uma semana ele vem e vai como um condenado à morte, antes mesmo de assumir o forno. Ele implora ao chefe do campo que o *perdoe* e permita que ele continue vivendo como sempre foi, com seu espírito livre e seus declínios de latim. Finalmente o indulto chega : o bandido de plantão é nomeado chefe da fornalha.

Ou se não, este outro original: sempre no KVCH depois do trabalho, onde mais estará? Uma cabeça enorme com traços pronunciados, feita para maquiagem, bem visível de longe. Um Pobl junta sobrancelhas particularmente expressivas. E uma expressão sempre trágica. De um canto da sala, ele observa, abatido, nossos lamentáveis ensaios. É sobre Camille Leopoldovich Gontoir. Nos primeiros anos da Revolução, ele veio da Bélgica para Petrogrado para criar o Novo Teatro, o teatro do futuro. Quem então seria capaz de prever de onde viria esse futuro e como eles iriam colocar diretores de teatro na prisão? Gontoir passou as duas guerras mundiais lutando contra os alemães: a primeira , no Ocidente; a segunda, no Oriente. E agora eles bateram nele *dois dólares* por traição ... O quê ...? Quando...?

Mas, naturalmente, os homens mais notáveis no KVCH são os pintores. Eles são os mestres aqui. Se houver uma sala separada, será para eles. Se alguém está dispensado de empregos gerais permanentes, serão apenas eles. De todos os servidores das musas, só eles criam verdadeiros valores, que podem ser sentidos com os dedos, pendurados na parede, vendidos por dinheiro. Claro, que os temas que pintam não saem de seus cérebros, mas ninguém exige muito deles. Pode algo bom vir do cérebro de um cinquenta e oito? Limitam-se a fazer ampliações de postais, uns com a ajuda da grelha, outros sem. No fundo da tundra e da taiga você não encontrará mercadoria estética melhor do que esta; olha, nós cuidaremos de encontrar um lugar para você ... Mesmo que você não goste na primeira

tentativa. Uma brigada da VOJR, Vypirailo, chega e fica em frente a uma cópia de Deúl, *O Triunfo de Nero*.

"O que é isso?" Um namorado em um carro alegórico? E por que ele está tão triste ...? —Mas ele leva do mesmo jeito.

Os pintores também pintam tapeçarias com belas mulheres navegando em gôndolas, cisnes, pôr do sol e castelos, todos muito populares entre os colegas oficiais. Os que não são burros também pintam secretamente pequenas tapeçarias para seu benefício, e vão a meio caminho com os guardas, que as vendem no mercado externo, onde há boa procura. Em termos gerais, um pintor no campo pode viver.

Para escultores, é mais difícil. As esculturas não parecem tão bonitas para os oficiais MVD; nem é algo que estão acostumados a ter em casa; tomam o lugar de um móvel e, além disso, se tropeçar neles, partem-se. Portanto, os escultores têm pouco trabalho na área e geralmente o alternam com a pintura, como Nedov.

Mesmo assim, o Major Bakaiev pode entrar e ver a estatueta de uma mãe:

"Você, o que você fez, uma mãe chorando?" Em nosso país, as mães não choram! - e estende a mão para rasgar a figura em pedaços.

Volodia Klempner, um jovem compositor, filho de um importante advogado, e também, na terminologia da área, uma *galinha não depenada*, trouxera seu próprio piano de cauda para o campo de Beskudnikov, em torno de Moscou (um caso sem precedentes nos anais do Arquipélago). Ele alegou como pretexto que pretendia reforçar o trabalho cultural entre as massas, mas o que realmente lhe interessava era continuar compondo. Ele sempre carregava a chave para o palco com ele e tocava à luz de velas após o toque de recolher (eles apagavam as luzes). Um dia, quando ele estava compondo uma nova sonata, uma voz atrás dele o fez estremecer:

"Sua música cheira a gri-lle-tes!"

Klempner deu um pulo. Da parede, onde ele se posicionou silenciosamente, um major, chefe do campo, um velho Chequista, avançava agora em direção à vela, e sua gigantesca sombra negra crescia atrás dele. Agora o major entendia por que aquele impostor trouxera seu piano! Aproximou-se, pegou a partitura e, sem uma palavra, com ar sombrio, começou a queimá-la na chama da vela

-Mas isso faz?! O jovem compositor não parava de exclamar.

"Sua música, você sabe *onde ...!*" O homem mais velho especificou ainda mais claramente, por meio de lábios tensos.

A cinza saiu do papel e caiu suavemente sobre as teclas.

O velho chechista não se enganava: a sonata era realmente dedicada ao ^[233] campo.

Se um poeta aparece em campo, ele está autorizado a escrever legendas sob as caricaturas dos detidos e compor versos atacando os infratores da disciplina.

Não pode haver outros temas nem para o poeta nem para o compositor. Tampouco podem fazer para seus chefes nada que seja palpável, prático, que possa ser agarrado com as mãos.

Quanto aos prosaicos, nunca houve e nunca haverá nos campos, pela simples razão de que essa espécie não deveria existir.

"Quando a prosa russa foi para o campo" ... escreve Slutski. Se foi! Mas ele não voltou.

Jamais poderemos fazer um julgamento sobre a magnitude do que aconteceu, sobre o número de desaparecidos e o nível que poderia ter sido alcançado. Ninguém jamais nos contará sobre os cadernos queimados às pressas antes de um movimento, nem sobre os fragmentos prontos, nem sobre os projetos ambiciosos que se aninhavam nas cabeças e que, junto com as cabeças, foram jogados na vala coletiva congelada. Os versos podem pelo menos ser sussurrados ao ouvido, podem ser retidos na memória e retransmitidos (os próprios versos ou a sua memória), mas a prosa não se conta, custa mais sobreviver, ocupa muito espaço, não é muito ágil, é muito amarrado ao papel para poder passar por todas as tribulações do Arquipélago. Quem pode decidir *escrever* na área? A. Belinkov, por exemplo, sim; o *compadre a pegou* e eles lhe deram 25 anos de recuperação. MINHA Kalinina não era escritora, mas sim e escrevia num caderninho os acontecimentos mais marcantes da vida no campo, "caso ajude alguém". Mas ela acabou no escritório do comissário, e ela, na masmorra (e ela ainda se safou). Vladimir Sergueievich G., liberado da escolta, passou quatro meses escrevendo uma crônica do acampamento, escondido em um canto fora da área. Mas em um momento de perigo ele escondeu seus papéis no subsolo, então eles o tiraram de lá para sempre, e é por isso que eles ainda estão no subsolo. Dentro da zona você não pode;

fora da zona você também não pode. Pois bem, onde? Apenas dentro da cabeça; mas é assim que os versos são escritos, não a prosa.

Quantos de nós, alunos de Clio e Calliope, morremos? Impossível extrapolar a partir do pequeno número de sobreviventes, pois nem tivemos chance de sair com vida (quando eu mesmo, por exemplo, lembro como foi minha existência no campo, vejo claramente que ou deveria ter morrido, ou então, tendo-me adaptado de tal forma que toda a necessidade de escrever teria desaparecido. Fui salvo por uma circunstância fortuita: a matemática. Como esse fator pode entrar nos cálculos?).

Tudo o que se chama nossa prosa dos anos trinta nada mais é do que a espuma de um lago que desapareceu no subsolo. É espuma, e não prosa, porque livrou-se de tudo o que era essencial naquelas décadas. Nossos melhores escritores reprimiram o que havia de mais nobre neles e deram as costas à verdade: e somente por causa disso foram salvos e seus livros com eles. Quanto aos que não puderam abdicar da profundidade, da individualidade e da retidão, aqueles tiveram que deixar suas vidas irremediavelmente ao longo dessas décadas: a maioria, no campo; alguns por imprudência desesperada nas linhas de frente.

Assim, os prosaicos dos filósofos foram para a clandestinidade. Os escritores de prosa históricos. Os escritores de prosa lírica. Escritores de prosa impressionistas. Os escritores de prosa bem-humorados.

E, no entanto, precisamente o Arquipélago ofereceu uma oportunidade única e excepcional para a nossa literatura, e talvez até para o mundo. No século xx, uma escravidão sem precedentes abriu uma veia fértil, embora fatal, para os escritores. [\[2.3.4\]](#)

Milhões de intelectuais russos foram levados às pressas para lá, não para uma excursão, mas para serem esmagados, para morrer, para terminar seus dias sem esperança de retorno. Pela primeira vez na história, tantos homens instruídos, maduros e culturalmente ricos se encontraram, não no pensamento, mas na verdade e para sempre, na pele do escravo, do prisioneiro, do lenhador e do mineiro. Assim, pela primeira vez na história (em uma escala tão grande), as experiências das camadas superiores e inferiores da sociedade se *fundiram*. Foi então que derreteu uma partição muito importante do passado, que parecia transparente, mas na verdade era impenetrável e impedia os superiores de entender os inferiores: COMPAIXÃO. A compaixão moveu os reformadores bem-intencionados do passado (todos os iluminados) e ao mesmo tempo os cegou.

Atormentados pelo remorso de não compartilhar a desgraça alheia, eles se sentiram compelidos a denunciar as injustiças de três maneiras, mas, ao fazê-lo, deixaram de examinar em profundidade a natureza humana dos superiores, inferiores, de todos.

Só os intelectuais presos no Arquipélago foram finalmente libertados desse remorso: eles participaram plenamente da desgraça do povo! Só então o russo educado poderia pintar o servo camponês *por dentro*, já que ele próprio se tornara um servo!

Mas agora ele não tinha papel, nem lápis, nem tempo, nem dedos dóceis. Mas agora os guardas vasculhavam suas coisas, inspecionando a entrada e a saída de seu aparelho digestivo, e os comissários sondavam sua alma.

As experiências das camadas superior e inferior se fundiram, mas todos os portadores da experiência fundida pereceram ...

E assim, desde o seu nascimento, uma filosofia e uma literatura nunca vistas foram enterradas sob a crosta de ferro do Arquipélago.

* * *

De todos os patronos do KVCH, o mais numeroso são os participantes de programas amadores. Esta atividade de dirigir as performances amadoras ainda é exclusiva do decrépito KVCH, como o era para o florescente KVCH.^[235] Em cada uma das ilhas, a atividade dos torcedores aparecia e desaparecia, mas não seguindo o ritmo regular das marés, mas de forma convulsiva, por motivos desconhecidos dos presidiários e conhecidos das autoridades; talvez porque o chefe do KVCH tivesse que colocar algo em seu relatório duas vezes por ano, talvez porque esperassem visitas importantes.

Nos acampamentos distantes, isso era feito da seguinte forma: o chefe do KVCH (que raramente era visto na área, tudo era tratado pelo presidiário "educador"). Ele chamou um acordeonista e ordenou-lhe:

"Vamos ver se você consegue organizar um coro."^[236] E esteja pronto em um mês!

"Mas, Cidadão Chefe, não consigo ler as notas!"

"E para que diabos você precisa de notas?" Você toca uma música que todos conhecem, e outros que cantam.

E começam a procurar vozes (às vezes tiram vantagem e também recrutam atores para o círculo dramático). Onde ensaiar? A sala KVCH é muito pequena, exigiria algo mais espaçoso; mas é claro que não há uma sala do clube. Normalmente, nesses casos, eles usam os refeitórios rurais, que sempre *cheiram a* fumaça de *balanda*, vegetais podres e bacalhau cozido. De um lado da sala de jantar fica a cozinha e, do outro, um palco permanente ou temporário. É aqui que, depois do jantar, o coro e o círculo de teatro se encontram.

O que leva os presos a tais atividades de passatempo? Bem, talvez entre meio mil pessoas na área, haja três ou quatro verdadeiros fãs de canto; Ok, mas daí para um coro? Pois é, justamente o encontro no coral é sua principal atração em ambientes mistos! A. Suzi, que foi nomeada diretora do coro, ficou surpresa ao ver como ele crescia e crescia incessantemente, a tal ponto que era impossível aprender uma música até o final, já que novos membros estavam derramando a cada momento; as vozes eram nulas, nunca haviam cantado na vida, mas todos demonstravam tanta vontade de entrar no coro que seria cruel rejeitá-los, não ceder àquela inclinação nascente pela arte. No entanto, durante os ensaios reais, o número de cantores diminuiu acentuadamente. (Acontece que aqueles que participaram das atividades artísticas foram autorizados a circular pela área até duas horas após o toque de recolher, para ir ao ensaio e voltar mais tarde, e essas duas horas foram utilizadas para o seu próprio negócio!)

Casos como esse também poderiam ocorrer facilmente: pouco antes do concerto, o único contrabaixo do coro era transferido para outro campo (as transferências contingentes não dependiam da mesma seção que organizava os shows); Quanto ao diretor do coro (aquela mesma Suzi), o chefe do KVCH o chamou e disse:

—Agradecemos muito seu esforço, mas não podemos deixá-lo tocar no concerto, porque um Fifty-Eight não tem o direito de reger um coro. Então vá em busca de um substituto: total, mexa as mãos, não é a mesma coisa que ter voz, você vai encontrar alguém.

Para alguns, o coro e a roda dramática não eram apenas um ponto de encontro, mas uma espécie de simulação da vida, ou talvez nem mesmo uma simulação, mas talvez uma lembrança de que a vida existiu, de que algures existiu ... Trazem Do depósito um papel pardo áspero, de um saco de grãos, e eles distribuem para cada um copiar sua caligrafia. O rito secreto do teatro! E a própria distribuição de papéis! E as considerações de quem

vai beijar quem por exigências do trabalho! E as roupas que eles terão que vestir! E como vão se maquiar! E que aparência interessante eles vão ter! Na noite da apresentação, eles poderão se contemplar em um espelho real e se ver com roupas de verdadeiras pessoas livres e com as bochechas rosadas.

É muito interessante sonhar com tudo isso, mas ... meu Deus, as obras! O que funciona! Essas seleções especiais estampadas " *Somente* dentro do GULAG"! Por que "apenas"? Lá não diz "também" no GULAG, mas "apenas" no GULAG ...! Quer dizer que é uma merda que nem querem lá fora, então vem para o GULAG! São os autores mais estúpidos e talentosos que encontraram lugar para as suas peças mais infames e absurdas! E se alguém por acaso fizer um pequeno trabalho de Tchekhov ou algo assim, onde encontrará o texto? Nem mesmo as pessoas livres de toda a cidade o têm, e na biblioteca do interior só há Gorky, e ainda por cima rasgaram lençóis para enrolar cigarros.

Nicolai Davidenkov, professor de literatura, organiza o círculo dramático no campo Krivoshtiekov. Ele consegue, ninguém sabe de onde, um pequeno trabalho incomum, um tanto patriótico sobre Napoleão em Moscou (provavelmente no estilo das proclamações de Rostopchin), os jornais são distribuídos e os ensaios começam com grande entusiasmo. Aparentemente, tudo está indo bem. O papel central é desempenhado por Zina, ex- mestre, condenado por ter permanecido em território ocupado. Aja bem, o diretor está feliz. De repente, em um dos ensaios, irrompe um escândalo: as outras mulheres se recusam a deixar Zina desempenhar o primeiro papel. Isso geralmente acontece em todas as peças, e um diretor geralmente pode descobrir. Mas aqui as mulheres gritam: "Ela é uma personagem patriótica e estava ... com os alemães em território ocupado! Sai daqui, cobra! Saia daqui, s ... Alemão, antes que a gente esmague você! Essas mulheres são socialmente próximas, ou talvez até 58, mas com um parágrafo diferente de traição. Foi ideia deles? A Seção III sugeriu isso? Em todo caso, o diretor tem 58 anos e não pode defender a atriz... E Zina sai aos prantos .

O leitor provavelmente simpatiza com o diretor. Pense que o círculo do drama está em um beco sem saída, porque quem vai desempenhar o papel principal agora? Haverá tempo para você aprender? Mas não há becos sem saída para os verificadores na seção operacional! Eles empacotaram, eles escorregaram! Dois dias depois, o próprio Davidenkov foi levado,

algemado, por ter tentado mandar algo escrito para fora da área (outra crônica?); haverá uma nova instrução e um novo julgamento . ^[237]

Chega de procurar o papel principal!

Napoleão não será ridicularizado novamente, nem o patriotismo russo será exaltado novamente! Não haverá jogo. Nenhum refrão. Nenhum concerto. As atividades amadoras diminuem. As noites na sala de jantar e os casos de amor terminam. Até a próxima maré alta.

Essa é a convulsiva existência de grupos amadores. Ou às vezes tudo já foi ensaiado, nenhum dos participantes foi transferido, nem ninguém foi preso pouco antes do concerto, mas o chefe do KVCH, Major Potapov (sevzheldorlag) assiste ao programa e lê: *Duda*, de Glinka.

-O que, o que? *Dúvida?* Sem dúvida! Não, não, não, de jeito nenhum!
- E risca com a própria mão.

Eu tinha ouvido falar de recitar minha peça favorita, o famoso monólogo Chatski. *Quem são os juízes?* ^[fg] Costumava recitá-lo desde a infância, apreciei-o exclusivamente do ponto de vista declamatório, e nunca me ocorreu pensar em sua atualidade. Nesse caso, o título do monólogo nunca foi escrito no programa para riscá-lo depois: o chefe do KVCH, que viera a um dos ensaios, já deu um pulo ao ouvir o verso:

Em direção à vida livre, seu ódio é imparável.

E quando eu recitei:

Diga-nos onde estão os pais do país.

Esses são talvez o roubo enriquecido?

Ele começou a chutar e gesticular para que eu desaparecesse imediatamente do palco.

Na minha juventude eu estava prestes a ser ator, só a fragilidade da minha garganta me impedia. Agora, em campo, intervinha incessantemente em espetáculos, desejava me refrescar um pouco naquele esquecimento curto e incerto, ver de perto rostos femininos excitados pela atuação, e quando soube que no GULAG existiam companhias teatrais compostas por presidiárias e dispensadas De empregos gerais (verdadeiros teatros de servos!), Comecei a sonhar com a possibilidade de entrar para uma daquelas empresas e assim me poupar e respirar um pouco.

Teatros de servos existiam em todas as províncias do UITLEK, e em Moscou havia até mais de um. O mais famoso de todos era o teatro de servos do coronel Mamulov. Mamulov zelosamente tentou reter todos os atores famosos que passaram pela prisão de Krasnaia Presnia. Seus agentes também estavam rondando as outras prisões de trânsito. Conseguiu assim reunir uma importante companhia teatral e esboçar outra para ópera. Era o orgulho do fazendeiro: "Tenho teatro melhor que o do vizinho!" O campo E l Beskudnikov também tinha um teatro, mas não chegava nem perto da altura do outro. Os traficantes de escravos levavam seus artistas para as casas uns dos outros, para se exibirem. Em um desses shows, Mikhail Grinwald esqueceu em que tom deveria acompanhar a cantora. Mamulov o manteve trancado por dez dias em uma masmorra fria, onde Grinwald adoeceu.

Esses teatros de servos existiam em Vorkuta, em Norilsk, em Solikamsk, em todas as grandes ilhas do GULAG. Acabaram sendo quase teatros municipais, quando não acadêmicos, oferecendo shows para a população gratuita em prédios municipais. Nas primeiras filas, os diretores locais do MVD, acompanhados por suas esposas, ocuparam seus lugares com um gesto altivo e olharam para seus escravos com curiosidade e desprezo. A escolta, com suas submetralhadoras, sentou-se nos bastidores e nos camarotes. Após o show os artistas permaneceram até que o público terminasse de aplaudir, após o que foram levados de volta ao campo, e culpados de alguma coisa, para a masmorra. Às vezes, eles nem tinham tempo para aproveitar os aplausos. No teatro Magadan, Nikishekv, chefe do Dalstroj, interrompeu Vadim Kozyn, um cantor conhecido na época: "Tudo bem, Kozyn, chega de reverências, vá até você!" (Kozyn tentou se enforcar, mas foi arrancado do nó.)

No pós-guerra, nomes conhecidos de artistas desfilaram pelo Arquipélago: além de Kozyn, as atrizes de cinema Tokarskaia, Okunievskaia, Zoia Fiedorova. Fala-se muito no arquipélago da prisão de Ruslanova; Rumores contraditórios circularam sobre as cadeias de trânsito pelas quais ela havia passado e o campo para o qual fora designada. Alegaram que em Kolyma ele se recusou a cantar e que trabalhava na lavanderia. Não sei.

O tenor Pechovski, o ídolo de Leningrado, ficou surpreso com a ocupação de sua dacha em Luga, e com os alemães deu recitais nos países bálticos. (Sua esposa, uma pianista, imediatamente presa em Leningrado,

morreu em um campo de Rybinsk.) Após a guerra, Pechovsky foi condenado a dez anos por traição e foi para o Pechdjeldorlag. O chefe do acampamento o tratou como uma celebridade: uma casa separada, com dois ordenanças a seu serviço, uma ração de comida que incluía manteiga, ovos crus e porto quente. As mulheres das autoridades do campo o convidaram para almoçar em suas casas. Fizeram-no cantar ali, mas, pelo que dizem, um dia se rebelou: "Eu canto para o povo", declarou, "não para os chequistas!" Depois disso, ele foi para o campo especial Minlag. (No final de sua frase, ele nunca mais viveu de acordo com seus recitais anteriores em Leningrado.)

O famoso pianista Vsevolod Topilin não foi perdoado quando eles levantaram as "Milícias do Povo de Moscou" e o atiraram com um rifle Modelo 1866 na Batalha de Viazma.^[238] Durante seu cativeiro, ele foi lamentado por um major alemão, amante da música e comandante do campo. Ele conseguiu papéis de "showbeiter", o que lhe permitiu viver de recitais. Pelo que, logicamente, depois da guerra, deram-lhe os habituais *dois dólares*. (Depois do campo, ele não voltou ao auge dos considerandos anteriores).

O Coro e Conjunto de Dança UITLK de Moscou, que passava a maior parte do tempo em turnê oferecendo shows nos campos, e cuja residência permanente era Matroskaia Tishyna, foi momentaneamente transferido para nosso pequeno acampamento em Kaluga Gate. Que sorte! Agora vou poder conhecê-los, agora vou tentar entrar no grupo deles!

Que sensação estranha assistir a uma apresentação de atores profissionais presos na sala de jantar de um acampamento! Risos, sorrisos, canções, vestidos brancos, sobrecasacas pretas ... Sim, mas ... há quantos anos estão condenados? Em virtude de quais artigos? A atriz principal será uma ladra? Ou o item "acessível"? E o primeiro ator, é por suborno? Ou "sete oitavos"? Um ator comum só reencarna uma vez: em seu personagem. Mas aqui há um jogo duplo, uma dupla reencarnação: primeiro para se representar como um ator livre, e depois para representar o personagem. E aquele peso da prisão, aquela consciência de que você é um servo, de que amanhã o chefe dos cidadãos, por má atuação ou relacionamento com outra serva atriz, pode mandar você para a masmorra, para derrubar árvores ou para Kolyma, a dez mil léguas de distância, de que forma deve agregar àquele outro peso que o ator recluso partilha com os atores livres: a

obrigação de exprimir, à custa da garganta e dos pulmões, o mais absoluto vazio dramático, a mais mecânica propaganda de ideias sem vida!

A primeira atriz do grupo, Nina B., fez cinco anos aos 58-10. Não demorou muito para que descobríssemos um amigo comum, aquele que havia sido nosso professor de História da Arte na Faculdade de Filosofia e Letras de Moscou. Ela era muito jovem, não havia terminado seus estudos. Abusando dos seus direitos de atriz, tornou-se feia com os cosméticos e aquelas ombreiras horríveis que na época também tornavam feias todas as mulheres livres, na medida em que as indígenas escapavam daquele destino e desenvolviam os ombros apenas à força de levantar cargas.

Como toda *prima donna*, Nina tinha um amante no conjunto (um dançarino do "Teatro Bolshoi"), mas também tinha um pai espiritual, O svald Glazunov (Glaznek), um dos atores mais antigos da trupe Vajtangov. Ele e sua esposa foram surpreendidos (talvez voluntariamente) pelos alemães em sua dacha perto de Istra. Durante os anos de guerra, eles estiveram em sua pequena pátria, em Riga, atuando no teatro letão. A chegada de nosso povo rendeu-lhes dez anos por traição contra sua grande pátria. E agora eles estavam naquele conjunto.

Isolde Vikentievna Glazunova estava envelhecendo e já tinha dificuldade para dançar. Só uma vez tivemos a oportunidade de vê-la se apresentar: ela estava realizando uma dança incomum para aquela época, eu diria que é impressionista, mas tenho medo de chocar os conhecedores. Vestida com um terno fechado, escuro e prata, ela dançou no meio do palco na escuridão. Essa dança está gravada na minha memória. Muitas de nossas danças modernas são simplesmente uma exibição do corpo feminino, e quase nada mais. Mas essa era uma espécie de vocação espiritual mística, e era percebida nela como um ec ou da fé que IV tinha na transmigração das almas.

E alguns dias depois, de repente, por trás, como as transferências no Arquipélago estão sempre preparadas, Isolde Vikentievna foi arrancada do lado do marido, incluída em um contingente, precipitada no desconhecido.

Desmembrar famílias de servos, vendendo marido e mulher separadamente, é considerado crueldade e barbárie pelos senhores feudais do passado. E o que Nekrasov, Turgenev, Leskov, todos eles, disseram a eles sobre isso! Por outro lado, não há crueldade entre nós, mas uma medida bastante razoável: a despesa com alimentação da velha não se justificava, ela ocupava um lugar improdutivo.

No dia em que sua esposa foi levada, Osvald veio nos ver em nosso quarto (o dos "monstros"), com os olhos perdidos, apoiado no ombro de sua frágil filha adotiva, como se apenas ela ainda o segurasse. Ele estava meio chateado, podia-se temer que ele tentasse matá-lo. Ficou muito tempo calado, com a cabeça baixa, e então, aos poucos, começou a falar, a relembrar toda a sua vida: havia criado dois teatros, nem ele sabia por quê ... Durante anos havia deixado a mulher sozinha. pelo amor à arte ... Naquele momento ele desejou ter vivido toda a sua vida de uma forma diferente ...

Parece-me que continuo a ver aquele grupo escultórico formado pelo velho, puxando para ele a rapariga pela nuca, e ela, imóvel, olhando-o por cima do braço cheia de compaixão e tentando não chorar.

Mas, claro, a velha não justificou sua razão ...

Apesar de todos os meus esforços, não consegui entrar naquele conjunto. Em pouco tempo eles deixaram o Portão Kaluga e eu os perdi de vista. Um ano depois, em Butyrki, soube que o caminhão que os levava ao show de plantão havia sido atropelado por um trem . Não sei se Glazunov estava com eles. Quanto a mim, pude me convencer mais uma vez de que os caminhos do Senhor são inescrutáveis. Que nunca sabemos o que queremos. Quantas vezes na minha vida lutei para conseguir coisas de que não precisava, quantas vezes me desesperei com fracassos que na verdade foram sucessos!

Continuei então com meu discreto trabalho amador no Portão Kaluga, na companhia de Aniechka Breslavskaia, Shuroshka Ostrietsova e Liova G. Antes de nos separarmos e nos dispersarmos, montamos algumas coisas. Hoje lembro da minha participação naquela atividade amadora como uma fraqueza de espírito, como uma humilhação. O insignificante tenente Mironov, não encontrando outro entretenimento em Moscou, poderia voltar ao campo embriagado em uma noite de domingo e pedir: "Quero um show em dez minutos!" Os artistas foram tirados da cama, aqueles que gostavam de cozer comida ruim na panela do fogão, e logo depois, no palco bem iluminado e na frente de uma sala vazia onde apenas o tenente arrogante e estúpido mais três foram encontrados. ordenanças, cantamos, dançamos e tocamos.

XIX

Os zekos ^[fb] como nação

(*Estudo etnográfico de Candido Bobaliconovich*)

Assumindo que não haja obstáculos, pretendemos fazer uma importante descoberta científica neste ensaio.

Ao desenvolver nossa hipótese, não queremos, de forma alguma, contradizer a Doutrina Progressiva. O autor dessas linhas, intrigado com a natureza enigmática da tribo indígena que povoa o Arquipélago, empreendeu uma longa viagem de estudos por aquelas latitudes e conseguiu reunir abundante material.

Como resultado, agora é fácil para nós provar que os *Zeks* do Arquipélago constituem uma *classe* social. Na verdade, esse importante grupo humano (de muitos milhões de seres) tem a mesma relação (comum a todos) com a *produção* (isto é, de submissão a ela, de apego a ela e sem o menor direito de dirigi-la). Também tem a mesma relação com a *distribuição dos produtos* do trabalho (a saber: nenhum tipo de relação; recebe apenas uma fração ridícula do que é produzido, o que é estritamente necessário para mal prover a sua subsistência). Para tudo isso, seu trabalho não é insignificante, mas constitui um dos pilares de toda a economia do Estado. ^[239]

Mas, para nosso próprio bem, esses resultados são poucos.

Seria muito mais sensacional provar que essas criaturas degradadas (no passado, sem dúvida os homens) pertencem a *outro tipo* biológico, diferente do *Homo sapiens* . ^[240] No entanto, nosso argumento a este respeito ainda não foi suficientemente elaborado. Vamos nos limitar aqui a sugerir algumas coisas ao leitor. Imagine um homem que repentinamente e contra a sua vontade, mas inelutavelmente e sem esperança de retorno, teve que

passar à condição de urso ou texugo (não falemos do lobo, já muito mimado por tantas metáforas), e descobrirá que ele resiste fisicamente (se ele chutar o pé no local, não haverá mais dúvidas). Poderia tal homem, vivendo entre texugos, ainda ser um homem? Nós acreditamos que não; o mais provável é que acabe por se transformar em texugo: ficará coberto de pêlos, terá o focinho alongado e não precisará mais cozinhar: poderá comê-lo cru.

Agora pense que o ambiente insular difere tão violentamente do ambiente habitual do homem e o coloca tão fortemente diante da alternativa de se adaptar imediatamente ou perecer imediatamente, que seu caráter sofre de uma forma muito mais decisiva do que pela ação de um ambiente nacional. ou estranho social. Esse fenômeno só pode ser comparado à integração do homem ao mundo animal.

Mas vamos deixar isso para um trabalho futuro. Por agora, vai propor uma missão mais limitada: para demonstrar que *zeks* constituem uma *nac ion* distinta e particular.

Por que, na vida comum, as classes não constituem nações dentro da nação? Porque, territorialmente falando, vivem intercalados com outras classes, convivem com eles nas ruas, lojas, trens e barcos , em shows e salões de festas, conversam com eles e trocam ideias no boca a boca ou na imprensa. Por outro lado, os *zeks* vivem completamente isolados no seu Arquipélago, apenas frequentam uns aos outros (a maioria nem sequer vê os seus patronos livres e , ao vê-los, só ouvem ordens e insultos). Essa dessocialização é ainda agravada pelo fato de que para a maioria deles não havia possibilidades definidas de abandonar esse estado antes da morte; Em outras palavras, eles nunca poderão ascender a classes sociais mais altas.

Quem entre nós não estudou no colégio a única e conhecida definição científica de nação, formulada pelo camarada Stalin? "A nação é uma comunidade historicamente constituída (mas nem racial nem tribal) de homens que possuem um território comum, uma língua comum, uma vida econômica comum e uma estrutura psíquica comum que se manifesta em uma cultura comum." Pois bem, os indígenas do Arquipélago cumprem plenamente todas essas condições, e muitas mais! (A observação brilhante do camarada Stalin de que a comunidade tribo-racial não é indispensável é particularmente útil para nós!)

Nossos povos indígenas ocupam um *território comum* perfeitamente definido (embora fragmentado em ilhas, mas no Pacífico isso não nos surpreende em nada) em que nenhum outro povo vive. Seu *tipo de vida*

econômica surpreende pela uniformidade: sua descrição exaustiva cabe em duas páginas datilografadas (sistema de maconha e *norma* contábil *sobre* como transferir o salário fictício dos *zeks* para a manutenção da área, da guarda, da gestão o Arquipélago e o Estado). Se na economia devemos incluir também o *modo de vida cotidiano*, veremos que este último é em tal medida uniforme em todo o Arquipélago (e em mais lado nenhum!), Que os *Zeks*, se deslocavam de ilha em ilha, não eles não se espantam com nada ou fazem perguntas estúpidas, mas desde o início já sabem como se comportar em sua nova casa ("alimente-se cientificamente, roube como você sabe"). Eles comem *alimentos* que ninguém mais come na Terra, se *vestem* como ninguém, e até seus *horários* são os mesmos em todas as ilhas e obrigatórios para cada *zeco*. (Que etnógrafo pode nos indicar outra nação cujos habitantes comem, se vestem e passam o tempo da mesma forma?)

Quanto à expressão *cultura* comum contida na definição científica de nação, ela não é suficientemente explícita. Não podemos exigir que os *zeks* tenham ciência ou letras em comum, pelo simples motivo de *não terem escrita* (mas isso acontece com quase todos os índios da ilha; com a maioria, por falta de cultura; com os *Zekos*, por excesso censura). Em vez disso, esperamos mais do que demonstrar em nosso ensaio a comunidade da *psicologia* dos *Zekos*, a uniformidade de seu *comportamento* e até mesmo a unidade de suas *visões filosóficas*, coisas com as quais outras pessoas podem apenas sonhar, e que também não o são. especificado na definição científica de nação. A primeira coisa que impressiona o pesquisador nos *zeks* é um *personagem popular* claramente definido. Eles têm seu próprio folclore e seus próprios heróis. E, finalmente, eles também estão relacionados a outro setor cultural, inextricavelmente ligado ao *idioma*, e que só poderíamos descrever de maneira muito grosseira com o termo pálido de *tacos*. É uma forma particular de expressar emoções, mais importante até do que todo o resto da língua, pois oferece aos *zeks* a possibilidade de se comunicarem de uma forma mais enérgica e breve do

que a permitida pelos meios linguísticos comuns. ^[241] O estado psicológico permanente em que os *zeks* se encontram é melhor descarregado e encontra sua expressão mais adequada precisamente em sua ampla e hierárquica gama de *tacos*. Por essa razão, todo o resto da linguagem vai, por assim dizer, para segundo plano. Mas também nele observamos uma incrível semelhança de expressões, uma lógica linguística única e única, de Kolyma à Moldávia.

Se não for estudada especialmente, a língua dos povos indígenas do Arquipélago é tão incompreensível para o estrangeiro como qualquer outra língua estrangeira. (Vejam, por exemplo, se o leitor consegue entender expressões como estas:

- Pétala de Desenv aina !;
- ainda presa;
- passe a linguixa;
- cole lâmpadas de rua;
- Galo a pau, pescoços de caranguejo à parte!)

Tudo o que foi dito permite afirmar categoricamente que a condição de indígena no Arquipélago constitui uma nacionalidade particular que anula a cidadania anterior do indivíduo.

Antecipamos a seguinte objeção: mas como pode ser sobre um povo se não se reproduz pelo sistema comum de procriação? (Aliás, a única definição científica de nação não estabelece essa condição!) É verdade, ela é reproduzida pelo procedimento técnico de *detenção* (embora, por um estranho capricho, entregue seus próprios descendentes aos povos vizinhos) . Mas as galinhas não são criadas em incubadoras? E não é por isso que paramos de considerá- las galinhas quando comemos sua carne!

Mas mesmo que haja alguma dúvida sobre como os *zeks começaram sua existência*, a maneira como *terminaram* é indiscutível. Eles morrem como todo mundo, apenas em um número muito maior e muito antes. E o ritual de seu funeral é sinistro, mesquinho e cruel.

Digamos duas palavras sobre o *próprio* termo *zeko*. Até 1934, a designação oficial era *privada de liberdade* (*lishonnyie svobody*), abreviada como *l / s*, mas nenhuma evidência foi preservada de que os nativos se autodenominavam *elleses*. A partir de 1934, essa expressão foi substituída por " *reclusos* " (*zakliuchonnyie*). Lembremos que o Arquipélago já começava a petrificar; a terminologia oficial também estava sendo adaptada às necessidades do momento, e não podia permitir que na definição de indígena houvesse mais *liberdade do* que prisão! Resumindo, eles começaram a escrever *z / k* (*ze-ka*) para o singular *ez / kz / k* (*ze-ka ze-ka*) para o plural. Abreviaturas aquelas que os tutores dos indígenas pronunciavam com muita frequência, que todos ouviam e com as quais todos se acostumaram. Porém, aquela palavra de origem oficial, filha digna

de uma época morta e analfabeta, não só não podia ser declinada, como nem mesmo admitia o plural. Os ouvidos sensíveis dos sábios indígenas não se conformaram com isso, e logo, em tom de zombaria, começaram a modificá-lo à sua maneira de várias maneiras dependendo do lugar: em alguns lugares diziam "Zajar Kuzmich"; em Norilsk era Zapoliarnyie Kom somoltsy '(komsomoles polares); na Carélia eles diziam *zak* (a forma etimologicamente correta), em Inta era *zyk* . Pessoalmente, sempre ouvi ^[242] *zeko* . Em todos esses casos, a palavra ganha vida e já começa a declinar, no singular e no plural. (Embora Shalamov insista que Kolyma continuou a usar *ze-ka* nas conversas. Só podemos lamentar que, no frio, os ouvidos de Kolyma tenham congelado).

* * *

O *clima* do Arquipélago é sempre polar, mesmo que a ilha tenha se perdido nos mares do sul. O clima do Arquipélago é DOZE MESES DE INVERNO, EO RESTO, VERÃO. O próprio ar queima e perfura, e não apenas por causa do frio congelante, não apenas por causa da Natureza.

Mesmo no verão, os *ze kos* estão vestidos com a armadura cinza suave de suas jaquetas acolchoadas. Essas roupas e os crânios masculinos totalmente raspados lhes dão absoluta uniformidade na *aparência externa*: são todos sombrios, impessoais. E por menor que seja a observação, também ficamos maravilhados com a uniformidade de expressão que pode ser lida em todos os rostos: sempre alerta, desprovido de bondade, sem o menor sinal de benevolência, inclinado à aspereza, senão à crueldade. Essas expressões são tales, que se pode pensar que todas as derreteram naquele cobre vermelho escuro áspero (os *zeks aparentemente* pertencem à raça indígena) que já não conserva nada corporal e que lhes permite enfrentar os ventos contrários perpetuamente, esperando, além disso , a cada passo ser mordido pela esquerda ou pela direita. Também pode ser notado que enquanto o *zeko* está ativo, trabalhando ou lutando, seus ombros estão eretos e seu peito está pronto para superar qualquer resistência, mas assim que ele está inativo, sozinho e profundo em seus reflexos, seu pescoço afrouxa sob o peso. da cabeça e os ombros e costas imediatamente formam uma curva pronunciada. A posição mais natural a ser adotada pelos braços livres é cruzar as costas na altura dos pulsos, se estiver caminhando, ou simplesmente desligar, se estiver sentado. À medida que ele se aproxima de

você, homem livre - e, portanto, possível chefe - aquela atitude bruta e curvada se tornará ainda mais pronunciada. Ele tentará não olhar para o seu rosto, mantendo os olhos fixos no chão, mas se você não tiver escolha a não ser olhar para cima, ficará impressionado com seu olhar estúpido e obtuso, embora disposto a cumprir suas ordens. (Mas, não confie: não os cumprirá). Se lhe ordenar que tire o gorro (ou se lhe ocorrer), a sua cabeça raspada causará uma impressão desagradável do ponto de vista antropológico, devido às suas saliências, depressões e assimetrias claramente degenerativas.

Em sua conversa com você, ele será lacônico; Ele vai falar com você com uma voz monótona e em um tom monotonamente obtuso, ou com servilismo, se houver algo a pedir dele. Mas se você tivesse a oportunidade de escutar os nativos, quando eles estão entre eles, provavelmente nunca esqueceria aquela fala peculiar, que empurravam ruidosamente, zombando maliciosamente, exigentes e desprovidos do menor sentimento. Essa forma de falar está tão arraigada neles que mesmo quando um indígena fica sozinho com uma indígena (o que, aliás, as leis da ilha proíbem severamente), é difícil imaginar que consigam dispensar esse tom. Muito provavelmente, com ela ele também se expressa nesses termos imperiosos e cortantes, e é impossível imaginar um *Zeko* falando palavras de ternura. Claro, uma grande energia não pode ser negada à fala dos *zeks* , em parte porque é radicalmente desprovida de subseções e redundâncias como "permita-me", "por favor", "não havia mais", bem como qualquer pronome ou interjeição supérfluo. A fala *do zeko* vai direto ao ponto, como o mesmo *zeko* que ataca o vento polar. Quando fala, dá a impressão de estar batendo no outro, de bater nele com as palavras. Da mesma forma que o lutador experiente tenta nocautear o oponente com o primeiro golpe, o *zeko* se esforça para desarmar seu interlocutor, cortá-lo, até deixá-lo rouco na primeira frase. E qualquer pergunta respondida será rejeitada de imediato.

Hoje pode acontecer ao leitor que, devido a circunstâncias imprevistas, tenha de enfrentar essa agressão verbal. Por exemplo, em um dia de vento forte, seu vizinho no ponto de ônibus joga nele pilhas de cinzas em chamas, correndo o risco de queimar seu casaco novo. Você já se sacudiu ostensivamente uma vez, ele segue. Você diz a ele:

"Ei, camarada, você poderia ter um pouco mais de cuidado com o seu cigarro, não é ...?"

O homem não apenas não se desculpa ou tenta afastar o cigarro, mas late brevemente:

"O que há de errado, você não tem seguro?"

E enquanto você busca desesperadamente uma resposta para isso (não é tão fácil!), Ele já entrou no ônibus antes de você. Pois é, isso é exatamente o que está na moda entre os indígenas do Arquipélago!

Além dos muitos e variados insultos diretos, os *zeks* também *aparentemente* têm um arsenal de frases definidas que cortam qualquer tentativa de intervenção ou qualquer observação sensata por um estranho. A expressão é no estilo de:

"Não provoque, ninguém lhe deu uma vela neste funeral!"

Ou senão:

"Eles não [esfola você], não se mexa!" (Colocamos entre colchetes um análogo fonético de outra palavra, grosseiro, cujo uso também dá ao segundo verbo da frase um significado extremamente obsceno.)

Esses cortes são particularmente irresistíveis na boca das mulheres, pois são elas que mais profusamente baseiam suas metáforas em imagens eróticas. Lamentamos que os cânones dos bons costumes não nos permitam ilustrar este ensaio com alguns exemplos. Só ousaremos dar mais uma amostra da velocidade e agudeza da língua dos *zekos*. Um certo homem indígena chamado Glik havia sido transferido de uma ilha comum para outra especial onde havia um instituto de pesquisa científica (alguns povos indígenas têm faculdades naturais tão desenvolvidas que até servem para trabalhos científicos), mas por alguma razão pessoal, ele estava insatisfeito com suas novas e posição privilegiada e queria voltar à ilha de antes. Eles o convocaram para comparecer a uma comissão muito importante, cujos membros usavam grandes estrelas em suas dragonas. Lá eles declararam ...

"Na sua qualidade de engenheiro operador de rádio, desejamos contratá-lo ...

Ele não os deixou terminar a frase: "... até onde você sabe." Ele interrompeu abruptamente:

"Empregar-me?" Então, devo descer de quatro ...?

E ele começou o gesto de desabotoar as calças, como se se preparasse para se colocar na posição indicada. Naturalmente, a comissão ficou em silêncio e não houve mais conversa ou tentativa de persuasão. Glik foi transferido imediatamente.

É curioso notar que os indígenas do Arquipélago estão perfeitamente cientes do interesse que despertam entre antropólogos e etnógrafos, e isso é motivo de orgulho para eles, o que os faz sentir-se mais importantes aos seus próprios olhos. Entre eles, é bem conhecida, e frequentemente relacionada, uma lenda-piada de um certo etnógrafo sábio, *aparentemente* um antecessor nosso, que passou a vida estudando as espécies de *Zeka* e publicou uma volumosa dissertação em dois volumes, no que chegou à conclusão definitiva de que *o prisioneiro é preguiçoso, voraz e astuto* (aqui, uma risada satisfeita do narrador e de sua audiência, como se se admirassem de fora). Mas, aparentemente, em breve *prenderam* também o professor (um final muito desagradável, mas inocentes não estão trancados aqui, então haveria alguma coisa). E, assim, abalado nas transferências, e *aproximando* -se dos *generais*, o professor entendeu seu erro e reconheceu que na realidade o prisioneiro é *vibrante, fino e transparente* (descrição muito exata, e novamente um tanto lisonjeira. Todos riem de novo) .

Já dissemos que falta escrita aos *zeks* . Mas o exemplo pessoal dos antigos ilhéus, a tradição oral e o folclore elaboraram e transmitiram aos novatos todo um *código de boa conduta zeko*, os mandamentos fundamentais para a atitude a adoptar em relação ao trabalho, aos patrões, aos patrões. os outros *zeks* e um eu mesmo . Todo esse código montado, integrado, executado na estrutura moral dos indígenas, é exatamente o que chamamos de *tipo zeko nacional*. Sua marca está profunda e para sempre gravada no homem. E embora anos depois esteja fora do Arquipélago, a primeira coisa que reconheceremos nele será o *Zeko*, e só mais tarde o russo, o tártaro ou o polonês.

Tentaremos agora estudar em detalhes os traços que constituem o carácter popular, a psicologia da vida e a ética normativa da nação *Zeka*.

Atitude em relação ao trabalho oficial. Os *zeks* têm a ideia absolutamente errada de que o único objetivo do trabalho é sugar a vida inteira; portanto, sua única esperança de salvação é trabalhar sem se entregar ao trabalho. Os *zeks* sabem muito bem que “todo o trabalho não vai dar certo” (ou seja, não tente nunca terminar a sua tarefa pressa em sentar e relaxar, pois você sente, vai lhe dar outra tarefa no local). *O trabalho adora tolos.*

Sim, mas ... o que fazer? Recusando-se abertamente a trabalhar? Não há nada pior! Está indo para a masmorra ou morrendo de fome. Então não

há escolha senão ir trabalhar, mas não *suar*, mas "demorar"; não *lutar*, mas *vadiar*, *candon gear* (isto é, não trabalhar da mesma forma). Os indígenas nunca se recusam franca e abertamente a cumprir uma ordem; seria sua queda. Mas *estique a borracha*. "Esticando a borracha" é uma das principais noções e expressões do Arquipélago, a grande invenção salvadora dos *Zeks* (posteriormente copiada em grande escala pelos trabalhadores livres). O *Zeko* escuta atentamente todas as ordens que lhe são dadas e acena com movimentos afirmativos da cabeça, após o que se retira para cumpri-las. Mas ele não cumpre! Na maioria das vezes, ele nem tenta.

Isso deixa os voluntários e infatigáveis gerentes de produção desesperados. Obviamente, há vontade de dar um soco na cara daquele animal estúpido coberto de trapos: não te falaram em russo? Então por que você não entende? (Bem, esse é precisamente o cerne da questão: os povos indígenas não entendem bem o russo! Muitas de nossas expressões atuais, como, por exemplo, "honra do trabalhador", "disciplina consciente", não têm nem mesmo um equivalente em seus muito pobres língua). Porém, basta que o patrão volte à carga para que o *zeko* se curve mansamente aos insultos e comece a trabalhar. O coração do patrão se amolece um pouco, ele se afasta novamente para cumprir suas muitas e muito importantes funções gerenciais, e mal se perdeu de vista, o *zeko se senta* novamente e cruza os braços (desde que não *mexa* o nariz diante do nariz. punho do chefe da equipa, ou que não está hoje ameaçado de o privar da sua ração de pão ou, pelo contrário, que não lhe foi prometido algum tipo de recompensa). É difícil para nós, pessoas normais, entender essa psicologia, mas é.

Que não entende? Pelo contrário, ele entende mais do que qualquer pessoa, e seu entendimento é perfeitamente adaptado às circunstâncias. Isso espera? O trabalho não vai ser feito sozinho, o patrão vai voltar e vai ficar pior, né? Bem, espere o seguinte: provavelmente hoje, o chefe não aparecerá lá pela terceira vez. E amanhã, um dos dois ainda pode ter morrido. Talvez esta noite o *zeko* seja transferido com um contingente, ou designado para outra equipa, ou internado no hospital, ou colocado na prisão, e então toda a sua parte no trabalho será creditada a outro? Ou se não, amanhã pode acontecer que dentro da mesma equipa tenha um trabalho diferente, ou que o próprio patrão cancele a encomenda, o que acaba por descobrir que o que aconteceu ontem teve que ser feito, ou teve que ser

feito de outra forma. Numerosos casos como esse fizeram os *zeks* assimilarem solidamente que *você não faz hoje o que pode fazer amanhã*. O *zeko* tem medo de queimar uma caloria extra onde pode economizar (a noção de calorias existe e é muito popular entre os indígenas). Quando se falam, os *zeks* dizem abertamente: "*o cavalo que puxa é o que recebe as chibatadas*" (o que não puxa torna-se inútil). Em termos gerais, o *zeko* funciona apenas *para chegar à noite*.

(Aqui, nossa honestidade científica nos força a reconhecer uma certa falha em nosso raciocínio. Em primeiro lugar, porque a lei do campo - "o cavalo que puxa é aquele que recebe as chibatadas" - acaba sendo ao mesmo tempo um antigo provérbio russo. em Dahl ^[243] outra expressão tipicamente zekiana: "*ele vive seu dia enquanto espera a noite*." Tal coincidência desperta em nós um turbilhão de ideias: Teoria dos benefícios? Teoria dos argumentos da imigração? Escola mitológica? Continuando com essas comparações perigosas, entre os provérbios russos gestados durante a época da servidão e já decantados no século 19, encontramos o seguinte:

- Não trabalhe, não fuja do trabalho (incrível! É exatamente o começo da *longa borracha* no campo !)
- Deixe Deus saber de tudo e não faça nada!
- Para o mestre, trabalhar não tem fim.
- Cavalo espirituoso não envelhece.
- Eles dão uma crosta e fazem você lutar a semana inteira. (É uma reminiscência da teoria Zekiana, segundo a qual mesmo uma grande parte não compensa o esforço despendido no trabalho.)

Como é possível? Será que depois de todas as datas marcantes de nossas reformas libertadoras, do iluminismo, das revoluções e do socialismo, o mujik servo da *Catalunha* e o *zeko* de Stalin, apesar da radical diversidade de sua condição social, estreito as mãos calejadas ...? Não, não pode ser!

(Aqui nossa bolsa é cortada e voltamos ao nosso ensaio).

A atitude *de Zeko* em relação ao trabalho deriva de sua *atitude em relação às autoridades*. Aparentemente, ele é muito dócil; um dos mandamentos *do zeko* é precisamente "nunca discuta com autoridade". Aparentemente ele também tem muito medo dele, dobra a espinha quando o chefe o insulta ou simplesmente quando ele está ao seu lado. Mas na

realidade é um cálculo muito simples: evite punições inúteis. Para dizer a verdade, o *zeko* despreza profundamente as autoridades, tanto as do campo como as da produção, mas não o mostra para não sofrer as consequências . Quando a multidão se dispersa, depois de ter ouvido relatos, sermões e reprimendas, os *zeks* riem baixinho entre si: *dizem, vamos esquecer!* Em seus *corações* , os *zeks* se consideram superiores a seus chefes , tanto culturalmente quanto profissionalmente, e até mesmo humanamente. *É certo que* muitas vezes é esse o caso, mas em sua suficiência cega, os *zeks* esquecem que a administração da ilha tem, por outro lado, uma superioridade permanente sobre os povos indígenas em termos de *ideologia*. Por isso, a ideia ingênua que os *zeks têm* das autoridades é totalmente inconsistente : *aqui eu governo, aqui a lei sou eu*, e assim por diante.

E aqui nos é oferecida uma possibilidade imbatível de traçar a linha de demarcação entre a antiga servidão e o estado atual dos indígenas. O *muji* que não amava seu mestre, zombava dele, mas estava acostumado a sentir algo superior em sua pessoa, o que explica a abundância de *Savelich* e *Firs*, ^[fi] escravos abnegados. Pois essa escravidão interna é o que acabou de uma vez por todas. Entre as dezenas de milhões de *zecos*, é impossível imaginar um único que tenha adorado sinceramente seu chefe.

Outro traço nacional importante que distingue os *zeks* de nossos compatriotas comuns, *caro* leitor, é que os *zeks* não aspiram a elogios, diplomas ou lista de honra (a menos que estejam diretamente ligados a alimentos suplementares). Tudo o que no país é descrito como glória do trabalhador, para os *zecos*, por sua mente obtusa, soa vazio. Isso os torna ainda mais independentes de seus responsáveis, por não ter que agradá-los.

Em geral, toda a *escala de valores* se inverte entre os *Zecos*, mas isso não deve nos surpreender se considerarmos que para os selvagens sempre foi assim: eles são capazes de dar um porco em troca de um pequeno espelho, ou uma cesta de cocos por um colar de vidro. Tudo o que é mais importante para você e para mim, *caro* leitor, como valores ideológicos, espírito de sacrifício e vontade de trabalhar abnegadamente para construir o futuro, entre os *zeks* não só não *existe* , mas não tem o mínimo valor. Basta dizer que *os zeks são totalmente desprovidos de senso patriótico*, que não sentem a menor afeição por suas ilhas natais. Vamos apenas lembrar as palavras de uma de suas canções populares:

*Maldito seja, Kolyma ...
Que planeta eles inventaram!*

Por isso, não é estranho vê-los empreenderem expedições distantes e arriscadas em busca da felicidade, que popularmente chamam de *fugas*.

O mais valorizado por *Zekos*, que ocupa o primeiro lugar na sua escala de valores, é a ração de pão, l to *paika*, como os chamam, constituída por um pedaço de pão preto com impurezas, malcozido e tu e eu não comeria por nada no mundo. E quanto maior e mais pesado aquele *paika*, mais valioso ele é para eles. Aqueles que tiveram a oportunidade de observar os *zeks* avidamente atacar sua ração matinal e devorá-la sem deixar uma migalha dificilmente conseguirão esquecer aquela cena feia. Em segundo lugar, apreciam o tabaco, que pode ser *maiorca* (picada de baixa qualidade) ou *samosad* (lúcio duro feito clandestinamente pelo próprio produtor); É impressionante a incrível arbitrariedade das equivalências de troca, que não guardam a menor relação com a quantidade de trabalho socialmente útil depositado em cada um dos artigos. E é ainda mais monstruoso se tivermos em conta que a *Maiorca* os serve de certa forma como moeda universal (as ilhas não têm sistema monetário). O terceiro lugar é ocupado pela *balanda* (sopa da ilha sem gorduras, sem carne, sem cereais e sem vegetais, segundo o costume indígena). Talvez nem mesmo o desfile dos regimentos de guarda, ostentando seus uniformes resplandecentes, carregando armas e marcando o ritmo, impressionasse o espectador tanto quanto uma equipe de *zeks* entrando na sala de jantar na hora do jantar em busca de seu *balanda*: caveiras raspadas, chapéus absurdos, trapos amarrados com cordas, rostos mesquinhos e tortos (de onde vêm esses nervos e aquela força de *balanda*?) e o barulho de vinte e cinco pares de sapatos, botas de borracha, de alpercatas de casca de árvore: tup-tup, tup-tup, *vem a comida, patrão!* Estranhos, afastem-se! Naquele momento, os 25 rostos em frente à comida refletem fielmente o *caráter nacional de Zeko*.

Notamos que, quando falamos do povo *Zeko*, é quase impossível representarmos indivíduos, rostos ou nomes isolados. Mas isso não é um defeito do nosso método, mas antes reflete o *modo de vida gregário* que leva esta estranha nação, que renunciou à vida familiar, tão comum entre os outros povos, além de deixar descendentes (estão convencidos de que sua espécie será reproduzida por outros meios).

Não sabemos muito bem se aquele sistema coletivo original que reina no Arquipélago ainda é herança da sociedade primitiva ou já é a aurora do futuro. Provavelmente do futuro.

O próximo valor na escala *zeka* é dormir. O homem normal ficará surpreso ao ver o quanto um *Zeko* pode dormir e em que várias circunstâncias. *Nem é preciso* dizer que os *zeks* desconhecem a insônia, nunca recorrem a soníferos, dormem a noite inteira de uma só vez e se, por uma dessas coincidências, tiram um dia de folga, também o passam dormindo. Foi estabelecido de forma confiável que eles podem adormecer sentados ao lado de alguns carrinhos vazios esperando para serem carregados; durante a concentração matinal, ficar de pé com as pernas abertas ou mesmo caminhando sob escolta até o local de trabalho, embora não sejam todos: alguns caem e acordam. Eles baseiam sua conduta no fato de que, dormindo, a *sentença* é expurgada antes. Além disso, *a noite é para dormir e o dia para descansar* .^[244]

Voltando à pintura da brigada que chuta com os pés para servir a sua "legítima" (como a chamam) *balanda*, vemos nela a expressão de um dos traços nacionais mais importantes do povo *zeko*: a *pressão vital* (que Não está em contradição com a sua tendência para adormecer a qualquer momento: se adormecem, é precisamente para ter a força que lhes permite exercer essa pressão). Essa pressão está no sentido literal da palavra, isto é, física, na reta final pouco antes de chegar à linha de chegada (comida, fogão, secadora, abrigo da chuva) quando o *zeko* não tem receio de empurrar solte seu vizinho no meio do barulho e faça-o cair; quando dois *zeks* têm que levantar uma tora, os dois *caminham* para o lado do dossel, de modo que o lado da base toque o vizinho. Essa pressão também pode ser entendida em um sentido mais geral, por exemplo, pressão para ocupar uma posição mais vantajosa. Nas condições cruéis que reinam nas ilhas (condições tão semelhantes às que governam o mundo animal que podemos aplicar com calma a *luta pela vida*^[fj] de Darwin), muitas vezes a própria vida depende do sucesso ou do fracasso na luta por uma boa posição, e os indígenas não conhecem nenhum princípio moral que os impeça de seguir seu caminho às custas dos outros. Isso é o que eles declaram abertamente: *Minha consciência? Foi arquivado em meu arquivo*. Quando se trata de decisões importantes, eles se apegam ao conhecido lema do Arquipélago: *em vez de enrugar do que enrugam*.

Mas a pressão só pode ter sucesso se for acompanhada pela *astúcia*,^[245] pela capacidade de superar as dificuldades mais intransponíveis. O *zeko* deve exibir essa qualidade a cada passo e com os motivos mais fúteis; por exemplo, para salvar seus miseráveis pertences: sua tigela amassada ou uma peça fedorenta, ou sua colher de pau, ou sua agulha de trabalho. Porém, quando se trata da luta por uma posição importante na hierarquia da ilha, essa astúcia deve ser mais afiada, mais apurada, mais calculada. Apenas um exemplo, para não sobrecarregar a presente investigação: um certo *Zeko* conseguiu ocupar o importante cargo de chefe de oficinas na administração de um campo. Algumas das obras que levavam a correr bem, outras nem tanto, mas a sua posição até dependia disso, mas da *embalagem* que ele exibia. Por exemplo, alguns oficiais MVD entram em seu escritório e observam alguns cones de argila em sua mesa.

-O que é isso? Eles perguntaram.

"Eles são cones Segghers."

-Para que servem?

—Para medir a temperatura nos fornos.

"Aa-ah ...!" Diz o patrão com respeito, e pensa: "Tive um bom olho para colocar aquele engenheiro aqui", quando a verdade é que a fusão daqueles cones não indica absolutamente nada porque não são feitos de barro normal, mas de qualquer. Quando os cones estiverem bem visíveis, um complicado dispositivo ótico aparecerá na sua mesa ... sem lentes (onde encontrar lentes no Arquipélago?). E todos estão de boca aberta novamente.

A cabeça do *zeko* deve estar permanentemente ocupada em tais invenções.

O *zeko* deve apresentar um *comportamento flexível* de acordo com as circunstâncias e a psicologia de seu adversário: desde o trabalho brutal do punho ou da garganta, até a simulação mais refinada; da mais evidente impudência à mais religiosa fidelidade a uma palavra dita sem testemunhas e que aparentemente nada tem de obrigatório. (Não se sabe porque, todos cumprem fielmente as obrigações contraídas em segredo por ocasião dos subornos e são extremamente pacientes e conscienciosos na hora de cumprir ordens particulares. Quando observamos um maravilhoso trabalho insular, talhado e incrustado, como só se pode admirar no Museu Ostankino, vai ser difícil acreditar que veio das mesmas mãos que deram ao contramestre um trabalho tão mal executado, que ele aponta com uma estaca para que não se desfaça).

Essa mesma flexibilidade se reflete na conhecida regra dos *zekos*: *dar, receber; eles batem em você, corra*.

Para os ilhéus, uma condição fundamental para o sucesso na luta pela vida é a *dissimulação*. Seu caráter e suas intenções são tão ocultos que um patrono iniciante terá a impressão de que os *zeks* se curvam como juncos, com o vento e com a bota. ^[246] (Só mais tarde verá amargamente como são falsos e hipócritas estes ilhéus). A dissimulação é possivelmente a principal característica da tribo Zeka. O *zeko* deve esconder suas intenções e ações de seus chefes, bem como dos guardas, do líder da equipe e dos chamados "delatores". ^[247] Você deve ocultar seus sucessos para que eles não prejudiquem seu terreno. Você deve esconder seus planos, seus cálculos, suas esperanças, esteja você se preparando para uma longa "fuga" ou tenha encontrado um lugar para juntar fichas para o seu colchão. A vida do *zeko* é feita de tal forma que, sinceramente, ele sempre significa perder ... Uma pessoa indígena quem eu uma vez convidado para Maiorca , explicou-me como este (transcrevo suas palavras devidamente traduzido): «Você diz a alguém que você encontrou um canto onde é quente E eles não veem você , e lá vão todos, e o capataz acaba descobrindo. Você diz a outro que enviou ^[248] uma carta por meio de um agente livre, e todos vão começar a lhe dar ordens, e no final vão pegá-lo com as cartas em cima. E se o gerente da loja de roupas prometeu trocar sua camisa rasgada, não diga a ninguém antes ^[249] que ele a troque, e depois também: não queime, ainda pode ser útil. Ao longo dos anos, o *zeko* é aco stumbra ambos escondem tudo o que já não custa esforço: que tão natural compartilhar seus sentimentos desejo morreu nele. (Talvez essa dissimulação deva ser considerada como uma espécie de reação defensiva do *zeko* contra a *dissimulação geral* que o cerca. Porque também escondem dele qualquer informação sobre seu destino por todos os meios).

A dissimulação do *zeko* provém de sua *desconfiança*: o *zeko* desconfia de todos ao seu redor. Atos aparentemente desinteressados são especialmente suspeitos dele . A *lei da taiga*, portanto , formula o imperativo supremo das relações humanas. (Com efeito, nas ilhas do Arquipélago existem grandes áreas de taiga).

O índio que reúne e manifesta mais plenamente essas qualidades tribais, pressão da vida, falta de compaixão, astúcia, dissimulação e

desconfiança, chama-se e é chamado pelos outros de *filho de GULAG*. Entre eles, esse título se parece mais ou menos com o de cidadão honorário, e só é adquirido após longos anos de vida na ilha.

O filho do GULAG considera-se impenetrável, mas está convicto de que penetra profundamente em todos os que o rodeiam, dois metros abaixo, como dizem. Talvez seja verdade, mas nisso vemos precisamente que os *zekos*, mesmo os mais perspicazes, têm um horizonte limitado, *míope*. Apesar de saberem julgar os outros com muito bom senso e calcular com precisão suas atividades para as próximas horas, os *zeks* comuns, e mesmo os filhos do GULAG, não são capazes de pensar em termos abstratos, nem de cobrir com os fenômenos de ordem geral, e nem mesmo para falar do futuro. Até a futura gramática é pouco usada na língua deles: quando a aplicam referindo-se ao amanhã, já está com uma certa nuance condicional; com mais cautela ainda acostuada com os dias da semana atual, e nunca, mas o que nunca é dito, ele vai ouvir você em um *zeko* pronunciar esta frase: "Na próxima primavera eu vou" ... porque todos sabem perfeitamente que todaví to você tem que terminar o inverno vivo, e que qualquer circunstância do dia pode transportá-lo de ilha em ilha. Não, eles têm razão quando dizem "para mim, um dia é um século"!

Os filhos do GULAG são os principais portadores da tradição e do que se chamou de *mandamentos do zeko*. Esses mandamentos podem variar, dependendo das ilhas, em seu número e em sua formulação exata, e sua sistematização seria uma investigação autônoma emocionante. Eles certamente não têm nada a ver com o Cristianismo. (Os *zeks* não são apenas ateus, mas para eles nada é sagrado; eles estão sempre determinados a rebaixar e ridicularizar tudo o que é um pouco alto. Isso também se reflete em sua linguagem). Mas, como afirmam os filhos do GULAG, quem cumpre esses mandamentos não perecerá no Arquipélago.

Existem mandamentos como: você *não* deve *soprar* (como entender? Devem ser considerações de higiene); *não lamberá as tigelas*, isto é, não se rebaixará ao lixo, que para eles significa morte rápida e segura; *você não vai implorar*, e muitos outros.

É interessante o mandamento de *não meter o nariz na tigela de outra pessoa*. Poderíamos dizer que é uma conquista importante do pensamento zekiano: com efeito, é o princípio da liberdade negativa, o "*minha casa é meu castelo*" ^[fk] ao contrário, e mais do que isso, já que não estamos falando da tigela própria, mas da do vizinho (embora a própria seja entendida).

Conhecendo as condições de vida dos indígenas, devemos entender a palavra "tigela" em um sentido amplo, não apenas como um recipiente amassado e enegrecido pela fuligem, e nem mesmo como a mistura pouco apetitosa nele contida, mas como todos os meios de buscar alimento, todos os procedimentos utilizados na luta pela existência e, mais ainda, como *alma* do *zeko*. Resumindo: deixe-me viver como eu quero e você viverá como quiser; esse é o significado desse mandamento. O duro e cruel filho do GULAG está comprometido com este preceito a não desperdiçar sua força e sua pressão vital em satisfazer uma curiosidade fútil (mas ao mesmo tempo ele se liberta de toda obrigação moral: você já pode estar a dois passos de mim e estourar, que Não me importo. Lei cruel, mas muito mais humana do que a dos «urkas», alguns canibais insulares: «Você morre hoje, eu, amanhã.» O urka-canibal não é de forma alguma indiferente ao seu Pelo contrário, apressará a sua morte para atrasar a sua ou, às vezes, simplesmente para se divertir ou por curiosidade, para contemplá-la).

E, finalmente, há um mandamento composto: *você não vai acreditar, não vai temer, não vai pedir!* Nesse mandamento, de forma muito clara, quase escultural, se expressa o caráter nacional comum a todos os *zekos*.

Como seria possível governar (em liberdade) um povo completamente penetrado por um mandamento tão orgulhoso? Só de pensar nisso é assustador...!

Esse mandamento nos leva, desde a análise do comportamento dos *zeks* na vida cotidiana, até a de sua essência psicológica.

A primeira coisa que nos impressiona num filho de GULAG, e que à medida que o vamos conhecendo vamos notando cada vez mais, é o seu *equilíbrio espiritual*, a sua estabilidade psíquica.

É interessante observar a concepção filosófica que o *zeko* tem do seu lugar no Universo. Ao contrário do inglês ou do francês, que durante toda a vida se orgulha de ter nascido inglês ou francês, o *Zeko* não tem muito de sua nacionalidade; Ao contrário, ele o concebe como um teste cruel, mas um teste que deseja suportar com dignidade. Os *zeks* até cultivam um mito segundo o qual existiriam em algum lugar "portas do Arquipélago" (compare com as colunas de Hércules na antiguidade) com a seguinte inscrição na entrada: "Não desanime!", E esta outra a na saída: "Não fique muito feliz!" E essas inscrições, *acrescentam* os *zekos*, são visíveis apenas para pessoas inteligentes; tolos não os veem. Muitas vezes, esse mito se expressa em uma regra simples: *quem entrar, não se aflija; quem quer que*

saia, não seja feliz. Essa é a chave que nos permite compreender as visões do *Zeko* sobre a vida, o Arquipélago e tudo o que o rodeia. E essa mesma filosofia é a base dessa estabilidade psíquica do *zeko* de que falamos. Por mais negras que sejam as nuvens que pairam sobre ele, apenas o ouviremos murmurar, franzindo a testa para o rosto áspero e curtido: *do fundo da mina não passarei.*

Ou se não, consolam-se: *há coisas piores!* E, de fato, nos tormentos maiores da fome, do frio e da tristeza, a convicção de que *poderia ser pior* os sustenta e conforta.

O *Zeko* está sempre *preparado para o PIOR*; Sua vida é tal que ele vive permanentemente esperando o golpe do destino. Em vez disso, qualquer alívio temporário de seus males é interpretado por ele como uma inadvertência, um erro. Nesta espera constante do infortúnio, *forja-se* a alma dura do *zeko*, impassível perante o seu próprio destino e sem misericórdia perante o destino dos outros.

Raramente são os momentos em que o *zeko* perde esse equilíbrio, tanto para o lado claro quanto para o lado escuro, tanto para a alegria quanto para o desespero.

É admiravelmente expresso por Taras Shevchenko, que passou um breve período nas ilhas, mesmo em tempos pré-históricos: “Cheguei a um ponto em que já não sinto alegria nem remorso. Em vez disso, sou dominado por uma calma moral que beira o sangue frio dos peixes. É possível que infortúnios ininterruptos possam transformar a alma humana a esse ponto?”^[250]

Sim. É possível. *Um estado constante de indiferença* é a arma indispensável que permitirá ao *zeko* enfrentar aqueles longos anos de existência taciturna nas ilhas. Se no primeiro ano no Arquipélago não atingir esse estado de apatia monótona, muito provavelmente morrerá. Se chegar lá, ele sobreviverá. Resumindo: quem não explode se acostuma.

No *zeko*, todos os sentimentos são embotados; o sistema nervoso, entorpecido. Indiferente aos próprios infortúnios e mesmo aos castigos infligidos pelos tutores de sua tribo, mesmo quase - quase à própria existência, é natural que também não simpatize com os infortúnios alheios. Um grito de dor, ou os soluços de uma mulher, mal o fazem virar a cabeça, suas reações foram tão maçantes. Frequentemente, os *zeks* são implacáveis com novatos inexperientes que zombam de sua falta de jeito e infortúnios, mas não devemos julgar severamente o porquê: eles não fazem o mal, mas

simplesmente porque a compaixão atrofiou completamente sobre eles apenas eles percebem o aspecto cômico do evento.

A concepção predominante do mundo entre eles é o *fatalismo*. É uma característica universal e profundamente enraizada entre os *zekos*. Isso se explica por sua posição como escravos, por sua absoluta ignorância do que vai acontecer com eles no futuro próximo e por sua incapacidade prática de influenciar os acontecimentos. O fatalismo é até indispensável para o *zeko*, pois o reafirma em seu equilíbrio espiritual. O filho do GULAG acredita que o caminho mais seguro é indo até o destino. O futuro é um mistério para ele, e sem entender muito de seus fatores, nem ser capaz de imaginar o que pode acontecer com ele nas voltas e reviravoltas da vida, o melhor é não tentar alcançar nada com demasiada insistência ou recusar qualquer coisa com desculpa. teimosia, mesmo que seja uma transferência para outro quartel, outra equipe ou outro campo. Talvez seja melhor, talvez pior; Em qualquer caso, você não terá que se censurar: você não terá buscado o mal para si mesmo! E assim preserva o *zeko* que Valio sente tanto de destemor, cai em agitação sem sentido ou subserviência.

Com um destino tão sombrio, todos os tipos de *superstições* nascem entre os *zeks*. Um deles está intimamente ligado ao fatalismo: se você se preocupa muito com sua instalação e seu conforto, você certamente irá se *queimar em uma transferência*. ^[251]

O fatalismo se estende entre eles não apenas ao seu destino pessoal, mas a tudo o que acontece em geral. Nunca pode ocorrer a eles que o *curso geral* dos eventos pode ser alterado. Têm a ideia de que o Arquipélago *sempre* existiu e que antes era ainda pior.

Mas a *reviravolta* psicológica mais interessante é que os *zeks* concebem seu estado de indiferença às condições miseráveis que os cercam como um triunfo de seu *amor pela vida*. Basta que a sucessão de infortúnios seja um pouco mais espaçada, que os golpes do destino se enfraqueçam um pouco, e ao *zeko* ele expresse sua *satisfação pela vida* e seu orgulho pela maneira de *lidar* com as coisas. Talvez o leitor ache mais fácil se convencer desse traço paradoxal se citarmos Tchekhov. Em seu relato *no exílio*, o alfinete Simon *Judicious* exp RESA e este sentimento:

«Cheguei a poder dormir nua no chão e comer erva... *E Deus conceda esta vida a todos!* (O itálico é nosso). Não preciso de nada, não tenho medo de nada e me considero o homem mais rico e livre do mundo.

Essas palavras incríveis ainda ressoam em nossos ouvidos; Mais de uma vez tivemos a oportunidade de ouvi-los dos *zeks* do Arquipélago (e nos

perguntamos, maravilhados, onde Chekhov os pescaria!): “Que Deus conceda a todos esta vida”. O que tem isso ?!

Até agora falamos sobre os aspectos positivos do caráter dos *zekos*. Mas também não devemos ignorar suas características negativas, aquelas pungentes fraquezas nacionais que são uma exceção ou em contradição com o que precede.

Quanto mais destemidos, mais absoluta a descrença desse povo aparentemente ateu (eles zombam abertamente, por exemplo, do preceito evangélico "Não julgue e não será julgado", consideram que o processo não depende disso), mais fácil cairão presa de acessos febris de credulidade. A seguinte distinção poderia ser feita: até onde os olhos podem ver, o *zeko* duvida de tudo; mas além de seu horizonte limitado, desprovido de visão abstrata e sentido histórico, acredita, com a ingenuidade dos povos primitivos, em qualquer rumor distante, em milagres indígenas.

Um exemplo antigo dessa *credulidade* indígena são as esperanças que eles fundaram com a chegada de Gorki, ao Solovki. Mas nem mesmo precisamos voltar tão longe. Existe uma religião constante e quase universal no Arquipélago: a fé na chamada *Anistia*. É difícil explicar do que se trata. Não é, como o leitor pode pensar, o nome de uma divindade feminina, mas sim algo comparável à Segunda Vinda de Cristo entre os povos cristãos; É o clarão repentino de uma luz tão intensa que todo o gelo do Arquipélago se derrete e as próprias ilhas se liquefazem, enquanto todos os povos indígenas, transportados em ondas quentes, irão para regiões ensolaradas, onde irão imediatamente braços para seus entes queridos. Talvez se trate da fé, um tanto transformada, no Reino de Deus na Terra. Essa fé, nunca confirmada por nenhum milagre real, é, no entanto, muito insistente e tenaz. Assim como os outros povos associam seus importantes ritos aos solstícios de inverno e verão, da mesma forma os *Zek* esperam mística e infrutiferamente os primeiros dias de novembro e maio. ^[fi] Basta que as brisas comecem a soprar para o sul no arquipélago, então eles dizem baixinho uns aos outros: "A anistia é certa!, já está começando!" Se vierem os ventos gelados do norte, os *zeks* se aquecerão pressionando os dedos entorpecidos, esfregando as orelhas, chutando o chão e se *consolando*: “Essa é a Anistia em breve. Se não, vamos congelar tudo em ... (aqui um termo irreproduzível). Desta vez, vai! »

Toda religião é prejudicial. Esta é uma verdade há muito estabelecida e aqui temos a oportunidade de verificá-la mais uma vez. A fé na Anistia enfraquece sobremaneira os indígenas, mergulha-os num estado de devaneio que não lhes é habitual e produz entre eles, em certos momentos, verdadeiras epidemias durante as quais o trabalho que o Estado deles exige, urgente e necessário, é Ele literalmente cai de suas mãos. O efeito é praticamente igual ao produzido pelos sinistros rumores opostos, de "transferências" . Mas para o bom andamento do trabalho diário, é muito melhor que os indígenas não estejam sujeitos a flutuações emocionais.

Os *zeks* têm outra fraqueza nacional, incompreensivelmente arraigada neles, apesar de todo o seu modo de vida, e é uma *sede secreta de justiça*.

Este estranho sentimento também foi observado por Chekhov numa ilha, certamente de outro arquipélago totalmente diferente: “Por mais depravado, por mais injusto que seja um condenado, ele continuará a amar a justiça acima de tudo, e se ela não existir entre os homens colocado acima dele, a cada ano que passa, o prisioneiro afundará mais e mais na exasperação e na desconfiança extrema ».

Embora as observações de Chekhov não se refiram de forma alguma ao nosso caso, elas não param de nos surpreender por sua exatidão.

A partir do momento em que os *zeks* chegam ao Arquipélago, cada dia e hora que passam ali torna-se para eles uma cadeia ininterrupta de injustiças; Nesse ambiente, eles próprios cometem injustiça após injustiça , e pode-se acreditar que devem se acostumar com isso e aceitá-la como uma norma universal de existência. No entanto, este não é o caso. Cada injustiça dos mais velhos de sua tribo ou de seus tutores continua a machucá-los e machucá-los como no primeiro dia. (Enquanto a injustiça cometida de baixo para cima provoca neles gargalhadas de aprovação). E em seu folclore eles continuamente criam lendas não apenas de atos de justiça, mas, exagerando esse sentimento, de *magnanimidade* injustificada . Em particular, foi assim que o mito da magnanimidade mostrado para com F. Kaplan nasceu e sobreviveu por dezenas de anos no Arquipélago: corria o boato de que ela não foi baleada, mas que cumpria prisão perpétua em diferentes prisões, e houve até n numerosas testemunhas que viajaram com sua empresa durante uma transferência ou que receberam um livro dele na biblioteca Butyrki. ^[252]

Questiona- se: de que serve este mito absurdo para os *zeks* ? Apenas como um caso extremo de uma magnanimidade exorbitante na qual desejam acreditar e que em pensamento podem aplicar a si mesmos.

Existem também casos conhecidos em que um *zeko* se apegou ao trabalho (AS Bratchikov: "Estou orgulhoso do que minhas mãos fizeram"), ou pelo menos não teve ódio (*zeks* de origem alemã); Mas esses casos são tão excepcionais que não vamos apresentá-los como uma característica nacional, nem mesmo *bizarra, do povo Zeko*.

Não considere contraditório o traço de dissimulação que mencionamos antes, com aquela outra característica dos indígenas: a tendência *a falar do passado*. Em todas as outras cidades, é um costume dos velhos; as pessoas de meia-idade odeiam e até temem falar do passado (principalmente as mulheres, principalmente as que respondem a questionários e, afinal, todos). Em vez disso, *zeks* é cond UCEN nesse aspecto como uma nação composta exclusivamente por idosos. (Em outro aspecto, ao colocá-los como *educadores*, *eles os têm* como uma nação composta exclusivamente por crianças.) É impossível arrancar-lhes uma palavra sobre os segredinhos do seu cotidiano (onde reaquecer a *balanda*, como arranjar tabaco), mas quando se trata do passado vão contar-lhe absolutamente tudo, sem deixarem detalhes: como viveram antes do Arquipélago e com quem viveram, e como eles *vieram parar aqui*. Eles são capazes de ouvir a história de como os outros "vieram aqui" por horas, e essas histórias monótonas não os aborrecem nem um pouco. E quanto mais fortuito, superficial e fugaz é o encontro entre dois *zeks* (por exemplo, passar uma noite juntos numa chamada «peresyłka»), ^[fm] muito mais extensivamente e em detalhes, suas respectivas histórias serão contadas.

É interessante fazer aqui a comparação com uma observação de Dostoiévski. O escritor nota que cada deportado tinha a história de sua chegada à "Casa dos Mortos" gravada dolorosamente dentro dele e que naquele ambiente não era bem visto falar sobre essas coisas. E é compreensível: aqueles homens estavam ali por terem cometido um *crime*, cuja memória lhes deu ressonâncias dolorosas.

Mas, em vez disso, o *zeko* chega ao Arquipélago por meio de um truque inexplicável do destino ou de uma disputa cruel de circunstâncias vingativas, e em nove entre dez casos ele não se sente culpado do menor "crime"; Por isso, no Arquipélago não há história mais interessante e susceptível de despertar a simpatia do público do que "*como vim parar aqui*".

As abundantes histórias que os *zeks* contam sobre seu passado para animar as noites em seus quartéis, também têm outro propósito e outro

significado. Assim como o presente e o futuro dos *zeks* são *instáveis*, seu passado é firme e imutável, aquele passado que ninguém pode tirar deles; além disso, cada um deles foi em sua vida anterior algo mais do que é agora (pois você não pode encontrar nada menor do que um *zeko*; todo último vagabundo bêbado tem o direito, fora do Arquipélago, de ser chamado de *camarada*) E é por isso que o amor próprio *do zeko* reconquista na memória os picos de cujas alturas a vida o precipitou. ^[253] Além disso, essas memórias são sempre muito *adornadas* , acrescentam (mas de forma muito plausível) episódios inventados, para que o *zeko* que narra (e, aliás, também o seu público) sinta o renascer dentro dele. *confiança em si mesmo*.

Existe outra maneira de reforçar essa confiança, que são os incontáveis *contos populares* sobre as façanhas do povo *Zeko*. São histórias bastante grosseiras que nos lembram as lendas de soldados da época de Nicolau I (quando os soldados foram recrutados por 25 anos). Eles vão te contar, por exemplo, como um *zeko* foi *quebrar* lenha para a cozinha de um *chefão* , e eis que a própria filha do chefe aparece no galpão e se joga em volta do pescoço dele! Ou, se não, aquela outra história sobre o astuto ordenança que furtivamente colocou um cano de drenagem no chão do escritório de pacotes e sempre tinha um recipiente escondido no orifício de saída. (Às vezes as garrafas de vodka vêm nas embalagens de fora , mas como no Arquipélago tem uma lei de proibição, tem que fazer ficha e esvaziar no chão - aliás não tem - e assim a portaria recolhia o álcool em seu recipiente e vivia permanentemente bêbado).

Em *linhas* gerais, os *zeks* apreciam e gostam de *humor*, o que atesta a saúde mental dos indígenas que souberam não morrer no primeiro ano. Eles presumem que "nem chorar traz perdão, nem rir custa dinheiro". O humor é seu aliado constante, sem o qual, talvez, a vida no Arquipélago seria absolutamente impossível. Até nos tacos, o que eles apreciam é o humor: as maldições mais espirituosas são as que mais convencem. Em cada uma de suas respostas, em cada um de seus julgamentos, há sempre um pouco, por menor que seja, de humor. Se você perguntar a um *zeko* há quanto tempo ele está no arquipélago, ele não responderá "cinco anos", mas:

"Estou na sombra há cinco de janeiro."

(Por alguma razão obscura, eles associam sua permanência no Arquipélago com a *sombra*, embora sua vida seja passada principalmente ao ar livre).

"Ei, é difícil para você?" Você pergunta.

Responda:

"Apenas os primeiros dez anos."

Você sente pena de ter que suportar um clima tão severo:

“Sim”, diz ele, “o tempo está ruim, mas a empresa é boa.

Ou se não, quando falam de alguém que saiu do Arquipélago:

"Eles deram a ele três, ele fez cinco e o soltaram antes do prazo."

E quando os viajantes com contas de quarto de século começaram a chegar:

"Agora eles garantem vinte e cinco anos de vida!"

Em relação ao Arquipélago, eles dizem:

- Quem não foi, será; quem foi, não vai esquecer.

(Aqui percebemos uma generalização abusiva: porque nem você nem eu, caro leitor, pretendemos ir para lá, não é?)

E sempre que os nativos ouvem um pedido *para adicionar* (mesmo um pouco de água quente ao jarro), todos gritam em coro:

" O promotor irá *adicionar* você !"

(Em geral, os *zeks* mostram uma animosidade incompreensível para com os promotores. É muito comum , por exemplo, ouvir esta expressão injusta no Arquipélago:

"O promotor, que animal!"

Além da rima, não vemos nenhum significado na frase. E aí, com grande pesar, devemos observar um caso de ruptura das relações associativas e causais, cuja presença coloca o nível mental dos *zeks* abaixo do nível humano médio. Voltaremos a isso).

Vamos ver mais exemplos de suas piadas engraçadas e inofensivas.

"Durma que dorme, e nunca há tempo para descansar!"

"Se você não bebe água, de onde vai buscar forças?"

E no final da odiosa jornada de trabalho (quando todos esperam ser substituídos), a piada obrigatória:

"Que pena, precisamente agora que o trabalho estava começando a ser iniciado ...!"

De manhã, em vez de começarem a trabalhar, eles andam dizendo:

"Que venha logo a noite, para que amanhã (!) Possamos voltar ao trabalho!"

É aqui que notamos *quebras no raciocínio lógico*. Veja, por exemplo, aquela famosa expressão dos povos indígenas:

"Essa floresta não será plantada por nós, e também iremos derrubá-la."

Mas se formos raciocinar assim, as madeiras também não plantaram as florestas e, no entanto, estão derrubando-as com muito sucesso! É, portanto, um infantilismo típico do pensamento indígena, um tipo peculiar de dadaísmo.

Ou também (na época do Belomorcanal):

"Deixe o urso trabalhar!"

Mas, falando sério, alguém pode imaginar um urso construindo o grande canal? A questão do trabalho dos ursos já foi suficientemente elucidada nos trabalhos de IA Krylov.^[fn] Se houvesse a menor possibilidade de usar um urso em um trabalho racional, não se engane que eles teriam feito nas últimas décadas e que já haverá equipes de ursos e *lagpunkts de urso* .

Para falar a verdade, os indígenas também têm outra fórmula paralela em relação aos ursos, muito injusta, mas bastante arraigada.

"O chefe é um urso."

Não podemos entender que associação de idéias poderia engendrar tal expressão. Não gostaríamos de pensar tão mal dos indígenas, de confrontar as duas expressões e tirar alguma conclusão ...

Voltemos agora para *a linguagem Zeko*, que apresenta alguns problemas muito difíceis para nós desde o início.

Deixando de lado o fato de que qualquer investigação de uma língua recém-descoberta sempre requer um livro separado e um estudo científico especial, neste caso nos deparamos com uma série de dificuldades específicas.

Um deles é a união aglomerativa de língua e tacos, que já tivemos oportunidade de referir. Separar esses dois elementos não está ao alcance de ninguém (porque você não pode dividir um corpo vivo!),^[254] e no sentido de reproduzi-los tal como se encontram numa publicação científica, somos impedidos pela preocupação com a nossa juventude.

Outra dificuldade é a necessidade de distinguir entre o que é propriamente a linguagem do povo *Zeko* e o que é a linguagem da tribo dos canibais (também chamados de "bandidos" ou "urkas"). que mora com ele. A linguagem da tribo dos canibais é um ramo completamente separado da árvore filológica, que não possui nenhum outro semelhante ou relacionado.

Este assunto merece um estudo separado, e aqui o vocabulário incompreensível dos canibais (por exemplo, *Sellito* no lugar, lenço *canto* por mala, *cebolas* por relógio) apenas contribuem para emaranhar. Mas a dificuldade reside no fato de que outros elementos do léxico canibal são assimilados pela linguagem dos *zeks* e a enriquecem com imagens:

apito; escurecer; escuridão fundida; afiado; cebolinha; Cor; semi-colorido; abobrinha; muleta; pavio; seis; aço; negação; carpera; bacilos; arreo

e muitos outros e muitos mais ...

A um grande número dessas palavras não se pode negar precisão e riqueza de imagem, e devemos até saber que algumas delas são inteligíveis. Eles são coroados pela exclamação *na tsirlaj*. Só pode ser traduzido para o russo por meio de uma descrição complexa. Correr ou dar algo *na tsirlaj* significa, ao mesmo tempo, na ponta dos pés, na mosca e com fervor sincero, tudo ao mesmo tempo.

Parece-nos mesmo que esta expressão está em falta no russo moderno, especialmente porque tal forma de agir é muito comum na vida.

Mas essa preocupação já é supérflua. O autor destas linhas, depois de ter cumprido a sua longa missão científica no Arquipélago, estava muito preocupado em voltar a lecionar no Instituto de Etnografia, isto é, não apenas do ponto de vista da secção de pessoal, em vez disso, ele se perguntou se em todo aquele tempo ele não tinha ficado um pouco atrás da língua russa atual e se seus alunos podiam entendê-la bem. E o que não poderia ser seu espanto e alegria quando, da boca dos alunos do primeiro ano, ouviu as mesmas expressões a que seus ouvidos se acostumaram no Arquipélago e que até agora tanto precisavam da língua russa: «sobre a marcha»; "todo o caminho"; "Para o novo"; "Depescar"; "Fráier"; "Tolo de orelha fria"; «É costurado com os garçons», e muitos, muitos mais!

Isso mostra a grande energia da língua *Zeka*, que permite que ela se infiltre inexplicavelmente em nosso país e, antes de tudo, na língua da juventude. Isso nos permite esperar que em um futuro próximo esse processo ocorra de forma ainda mais comum, e que todas as palavras listadas acima passem para o idioma russo e talvez constituam sua decoração.

Mas com isso, o trabalho do pesquisador fica ainda mais difícil: hoje separar a língua russa da língua *zeka*!

Por fim, nossa consciência profissional nos impede de ignorar uma quarta dificuldade: uma influência primária, mais ou menos pré-histórica,

da língua russa sobre a língua *zeka*, e mesmo sobre a dos canibais (tal influência não se observa mais hoje). De que outra forma explicar o fato de que em Dahl encontramos tantas expressões análogas às especificamente insulares?

- *morar em lei* (Kostormá), no sentido de morar com a esposa (no Arquipélago dizem: *morar com ela em direito*);
- *pescar* (Ufa) é tirar algo *do bolso de alguém* (no Arquipélago dizem que *pescar*);
- *aproximar-se* significa empobrecer, perder peso (compare com *aproximação*);

ou compare o ditado que Dahl cita:

“*Sopa é uma boa pessoa*”, com toda uma série de expressões insulares: o frio é “*boa pessoa*” (se não fizer muito); a fogueira é uma “*boa pessoa*” e assim por diante.

Também encontramos em Dahl ^[255] “*não captura ratos*”. E já na época de PF Iakubovich “*vadia*” era sinônimo de espiã.

E aquelas outras belas expressões dos nativos, como *apoiar os chifres* (fala-se de todo trabalho feito com tenacidade e, em geral, de todas as manifestações de determinação, de insistência para dizer a última palavra), *fazer cair os chifres*, *ordenar os chifres do diabo*, restauram para nós o antigo sentido russo e eslavo da palavra *chifres* (presunção, altivez, arrogância), em oposição ao sentido importado, traduzido do francês “*trair alguém*” (como infidelidade da mulher), que entre o povo a cidade não criou raízes e que os próprios intelectuais teriam esquecido há muito se não tivessem mediado o duelo de Pushkin. ^[para]

Todas essas dificuldades nos obrigam por ora a deixar a parte linguística de nosso ensaio para depois.

Para concluir, algumas considerações pessoais. No início desta pesquisa, os *zeks evitaram* o autor deste artigo: eles perceberam que o interrogatório foi feito em nome do *compadre* (seu protetor espiritualmente mais próximo, e com quem, no entanto, eles são ingratos e injustos, como caso contrário, com todos os seus protetores). Depois de se convencerem de que não era

assim, e adoçados por sucessivos convites para ir a *Maiorca* (outras classes não fumam), passaram a tratá-lo com grande benevolência, manifestando assim a franqueza de sua alma. Inclusive, muito gentilmente, começaram a chamar o autor, em alguns lugares, de "Finojo Tomatovich", e em outros de "Cándido Bobalinovich". Devo dizer que, no Arquipélago, não se usam patrónimos, portanto esse tratamento não é destituído de uma certa nuance ligeiramente humorística. O que, ao mesmo tempo, revelou como o significado dessa obra era inacessível para seu intelecto.

Por sua vez, o autor considera que a presente investigação foi um sucesso, que sua hipótese foi plenamente demonstrada e que ele descobriu, em meados do século xx, uma nova nação completamente desconhecida para o resto do mundo e cujo volume étnico inclui muitos milhões de indivíduos.

XX

Serviço de cães

Não intitulamos este capítulo dessa forma em termos de ofensa deliberada, mas apenas porque as tradições do campo nos obrigam a fazê-lo. Se pensarmos bem, eles próprios escolheram esse destino. Por um lado, seu comércio é o mesmo dos cães de guarda; de outro, seu trabalho está vinculado aos cães. Não é mesmo uma regulamentação especial para o trabalho com os cães, e nada menos que um funcionário da Comissão inspecionou o *trabalho* de cada cão para desenvolver nele um *bue na ferocidade*. E se a manutenção anual de um cachorrinho custa às pessoas onze mil rublos daqueles antes de Khrushchev (a alimentação dos pastores de ovelhas é mais nutritiva do que a dos prisioneiros),^[256] Quanto custará a manutenção de cada oficial?

Além disso, ao longo deste livro, encontramos um problema: como chamá-los? "As autoridades", "os patrões", "superioridade" são termos muito genéricos, também se aplicam fora do campo, em todo o país, e também são amplamente vistos. É o mesmo com "os mestres". "Gerentes de campo" é uma expressão composta que revela nosso desamparo. Chamá-los então, pura e simplesmente, como são chamados nos campos? Pareceria muito grosseiro, um insulto. Um termo muito no espírito da linguagem seria *concentracioneros*: distingue-se de "concentração" como "carcereiro" e de "prisioneiro"; e designa clara e univocamente aqueles que administram e dirigem um campo de concentração. Depois de pedir desculpas ao leitor exigente pelo neologismo (o que realmente não é, já que a linguagem tem uma caixa vazia para isso, vamos usá-lo aqui de vez em quando).

Neste capítulo, então, lidaremos com concentradores (e carcereiros também). Poderíamos começar com os generais; Seria ótimo, mas não temos documentação suficiente. Era impossível para nós, vermes e escravos, saber alguma coisa sobre eles, ou mesmo vê-los de perto. E

quando os vimos, ficamos deslumbrados com o brilho do ouro e não podíamos mais distinguir mais nada.

Portanto, nada sabemos sobre os sucessivos diretores do GULAG, aqueles reis do Arquipélago. E se uma foto de Berman ou uma citação de Apeter cair em nossas mãos, nós as colocamos no local. Portanto, sabemos sobre os 'tiroteios de Garanin', mas não sabemos sobre o próprio Garanin. Só sabemos que ele não se contentava em assinar papéis: quando andava pelo campo, não desdenhava de atirar no próprio Mauser quando um olhar lhe fazia mal. Ou escrevemos sobre Kashketin, mas nunca vimos a cara daquela Kashketin (e graças a Deus!). Conseguimos reunir alguns relatórios de Frenkel, mas do falecido Zaveniagin, não. Eles não o jogaram na mesma cova que a companhia Yezhov-Beria; É celebrado por nossos jornalistas: "o lendário construtor de Norilsk". Vai-se acabar pensando que foi ele mesmo quem colocou as pedras! Mas, a julgar pelo fato de que Beria o amava muito de cima e de que o chechista Zinoviev falava bem dele de baixo, ele deve ter sido uma fera cuidadosa. Bem, se não, eles não teriam construído Norilsk para ele também. De Antonov, chefe do campo Ienisei, obrigado

^[257] que o engenheiro Pobozhiy escreveu. Aconselhamos a todos que leiam esta pequena cena, o desembarque dos barcos no rio Taz. No coração da tundra, onde a ferrovia ainda não chegou (chegará?), As formigas egípcias arrastam motores pela neve; e no topo de uma colina está Antonov, que contempla e fixa um prazo para a alta. Chegou de avião, agora vai de avião, sua comitiva é devotada a ele (Napoleão é assim pouco a seu lado), enquanto seu cozinheiro pessoal o serve em uma mesa dobrável, entre o gelo polar, tomates e pickles frescos. E ele não convida ninguém, filho da puta, bota tudo na barriga!

Neste capítulo, portanto, poderemos falar de coronéis abaixo. Diremos algumas palavras sobre os oficiais, depois iremos aos sargentos, faremos alusão à escolta armada, e teremos muitos. Quem já viu mais, escreva mais. Essa é a nossa limitação: seja na prisão ou no campo, a única coisa que te interessa no caráter dos Guardiões é saber evitar suas ameaças e aproveitar suas fragilidades. Além disso, você não tem vontade de conhecê-los mais de perto, eles não merecem a sua atenção. Você sofre, outros sofrem presos injustamente, e ao lado de toda essa dor que não cabe em seus braços abertos, o que você se importa com esses seres obtusos que agem como cães? O que mais seus interesses mesquinhos, inclinações baixas, sucessos ou fracassos em sua carreira lhe proporcionam?

E agora você percebe, tarde, que não os observou o suficiente.

Não falemos mais de talento (será que um homem apto até para alguma atividade útil poderia se tornar guardião de campo ou prisão ?), Mas perguntemo-nos: pode um concentrador em geral ser uma boa pessoa? Que sistema de seleção moral a vida prepara para eles? A primeira seleção ocorre por meio do alistamento nas tropas MVD , nas escolas MVD ou em seus cursos de oficial. Todo homem que possui um brilho muito tênue de educação moral, cuja consciência tem um mínimo de retidão, que distingue, por mais rudimentar que seja, o bem do mal, lutará instintivamente e por todos os meios para não aumentar aquela legião sinistra. Mas suponha que você não tenha conseguido. Depois vem a segunda seleção: durante o período de aprendizagem, e no início de seu serviço, os superiores os estudam e eliminam de suas fileiras todos aqueles que em vez de vontade e firmeza (crueldade e dureza) mostram brandura (bondade). E então, durante anos, ocorre a terceira seleção: aqueles que não imaginavam para onde estavam indo ou o que os aguardava, compreenderam e ficam horrorizados. Sendo um instrumento permanente de violência, participando permanentemente do mal, que não se consegue por qualquer pessoa, e nem desde a primeira tentativa! Você atropela a vida dos outros, mas há algo em você que se estende, se estende, no final se quebra e não pode mais continuar! E com muito atraso, mas mesmo assim as pessoas começam a fugir: alegam doença, procuram atestados médicos, vão para salários mais baixos, abandonam as dragonas, qualquer coisa, só para sair, sair, sair!

E os dias, então, eles se acostumaram com isso? Os outros, então, se acostumaram com isso, e seu destino já parece normal para eles. E, claro, útil. E até mesmo honrado. E há quem nem precise se acostumar: foram assim desde o início.

Graças a essa seleção , podemos concluir que, entre os concentradores, a proporção de pessoas cruéis e implacáveis é significativamente maior do que em qualquer outro grupo da população tomada ao acaso. E quanto mais tempo, mais ininterrupto e mais marcante alguém for visto nos *Órgãos*, mais provável será que seja um canalha.

Não é que nos esqueçamos das palavras elevadas de Dzherzhinsky: "Se há alguém entre vocês que se tornou sensível, cujo coração não pode tratar com atenção e solicitude os que estão reclusos, deixe-o deixar nossas fileiras!" Mas não podemos ajustá-los à realidade. A quem se destinavam? E em que medida foram pronunciados com seriedade, se Kossyrev foi

defendido nesse ínterim (Parte I, Capítulo VIII)? E quem os ouviu? Nem o "terror como meio de persuasão", nem as detenções com base em "elementos suspeitos", nem as execuções de reféns, nem os primeiros campos de concentração quinze anos antes de Hitler, conseguem dar-nos a sensação destes corações sensíveis, daqueles cavaleiros sem medo e sem mancha! E se houve aqueles que deixaram os *Corpos espontaneamente* naqueles anos, foram precisamente aqueles que Dzherzhinsky convidou a ficar, aqueles que não conseguiram se endurecer. Por outro lado, aqueles que enrijeceram, ou já foram, aqueles que ficaram. (Bem, e pode ser que em outra ocasião o conselho tenha sido revertido, só que a citação não foi preservada).

Como essas frases fixas grudam em nós, que adotamos sem as ter meditado ou controlado! *Uma velha Cheki sta!* Quem não teve oportunidade de ouvir aquelas palavras ditas pausadamente, em sinal de respeito? Quando você quer distinguir um verdadeiro concentrador de um inexperiente, agitado, barulhento, mas sem dentes de buldogue, você diz para si mesmo: "O chefe ali é um Cheque antigo !" (Por exemplo, como o homem mais velho que queimou a pontuação de Klempner). As mesmas damas lançaram essa expressão e a repetimos sem pensar. "Um velho chequista" pelo menos significa que ele se saiu bem com Iagoda, Iezhov e Beria, que agradou a todos. Mas não vamos enrolar falando sobre "Chekistas em geral". Dedicaremos um capítulo aos próprios verificadores, de direção gendarme-instrucional-operacional. Mas os concentracioneros só gostam de se chamar chequistas, só tentam ser um, quando antes não eram e vinham aqui para descansar; descansar, porque nos campos nem os nervos se desgastam nem a saúde é destruída; é um trabalho que não requer a mesma pressão ativa e maléfica, nem a mesma inteligência. No CHKGB você tem que estar afiado e acertar exatamente no olho, enquanto no MVD basta ser desajeitado e não errar a bola.

Embora nos machuque muito, não vamos tentar explicar aqui porque o slogan de "operariação e comunicação do pessoal do acampamento", ^[258] felizmente posta em prática, não criou esta pulsante benevolência Dzherzhinsky no arquipélago. Desde os primeiros anos da revolução havia cursos organizados pelo Serviço Punitivo Central e pelos Serviços Punitivos Provinciais, que preparavam pessoal administrativo subordinado (isto é, guardas) para campos e prisões "sem sair da produção" (isto é, trabalhando agora em prisões e campos). Em 1925, apenas 6% do pessoal czarista

permanecia nas prisões (como devem ser complacentes!). Quanto aos gerentes intermediários dos campos, antes dessa data eram cem por cento soviéticos. Continuaram a estudar: a princípio nas Faculdades de *Direito* do Comissariado do Povo para a Instrução Pública (sim, de Instrução! E de Direito, não de ilegalidade!), E a partir de 1931 nas secções de reeducação por obra dos Institutos de Direito do Comissariado da Justiça, Moscou, Leningrado , Kazan, Saratov e Irkutsk. 70% dos trabalhadores se formaram lá e meus 70% de comunistas! Começando em 1928, um decreto do *Sovnarkom*, endossado pelo sempre obediente Comitê Executivo Central, expandiu ainda mais os poderes disciplinares desses chefes trabalhistas e

^[259] comunizados. mas quem sabe por quê, a benevolência não foi vista! Milhões de pessoas mais foram vítimas deles do que dos fascistas, e não prisioneiros de guerra, nem povos subjugados, mas seus próprios compatriotas, em sua própria pátria!

Quem poderá nos explicar isso? Nós desistimos ...

A semelhança de caminhos na vida e a semelhança de posição, podem engendrar semelhança de personagens? Em geral, não. Em pessoas de certo caráter e inteligência curta, não: elas tomam suas próprias decisões e têm peculiaridades, às vezes muito inesperadas. Mas em concentradores, que passaram por uma seleção negativa rigorosa - moral e intelectual - a semelhança de personagens é surpreendente, e provavelmente não levará muito tempo para descobrir os traços fundamentais que todos eles têm em comum.

Arrogância. Ele vive em uma ilha separada do resto do mundo, seus laços com o distante poder externo são fracos, e nessa ilha ele é indiscutivelmente o número um; mantém todos os presidiários e cidadãos livres em um estado de humilhante submissão. Ele é quem usa a estrela mais volumosa em suas dragonas . Seu poder não tem limites e não conhece erros: quem reclama, está sempre errado (esmagado). Tem a melhor casa da ilha. O melhor meio de transporte. Os concentradores imediatamente abaixo também desfrutam de grandes prerrogativas. Agora, uma vez que toda a sua existência anterior não semeou neles o menor lampejo de espírito crítico, eles não podem se ver como outra coisa senão pertencer a uma raça separada, uma raça de chefes natos. Pelo fato de ninguém estar em condições de resistir a eles, deduzem que governam com sabedoria, que isso se deve ao seu talento ("organizador"). Cada dia que passa, cada circunstância do dia-a-dia dá-lhes a oportunidade de contemplar sua

superioridade ostensiva: as pessoas se levantam atrás delas, ficam em posição de sentido, saúdam-nas; quando chama alguém, esse alguém não vem andando, mas correndo; quando emitem uma ordem, não saem para cumpri-la, mas correm. E se ele sai para o portão (Bamlag, Dukelski) para ver a coluna de seus trabalhadores desalinhados marchando, ladeados por cachorros, o próprio fazendeiro usa um terno de verão branco como a neve. E se lhes ocorrer (Undjlag) vão inspecionar o trabalho na plantação de batata a cavalo, onde algumas mulheres vestidas de preto ficam presas na lama até a barriga tentando desenterrar os tubérculos (não haverá tempo para transportá-los de qualquer maneira , e na primavera ele terá que enterrá-los novamente como composto), eles, em suas botas brilhantes e uniformes de lã impecáveis, cavaleiros elegantes, cavalgam diante de seus escravos como verdadeiros deuses olímpicos .

A suficiência sempre e obrigatoriamente gera *estupidez*. Quem é divinizado em vida já sabe tudo, não precisa ler nem estudar, e ninguém pode comunicar nada digno de reflexão. Entre os oficiais de Sakhalin, Chekhov encontrou pessoas inteligentes, ativas e com inclinações científicas que estudaram profundamente a região e seus costumes, escreveram pesquisas geográficas e etnográficas, mas não é possível conceber em todo o Arquipélago um único concentrador como este! ! E se Kudlaty (chefe de um dos comandantes do Ustuymlag) decidir que 100% de cumprimento das regras estáveis ainda não é 100%, mas que a tarefa indicada por ele deve ser cumprida (porque é o que lhe ocorre) e caso contrário, todos irão para a ação disciplinar, não haverá ninguém para mudar de ideia. Tendo atingido 100%, todos recebem uma ração disciplinar. No escritório de Kudlaty, todos os tomos de Lenin estão empilhados; convoca VG Vlasov e lhe dá um sermão: «Está vendo? Ela mostra a ele. Aqui está a tribo de Lenin sobre como tratar parasitas. (Por "parasitas" ele quer dizer os presos que trabalham apenas 100%, e pelo próprio "proletariado". As duas coisas se encaixam perfeitamente em seu cérebro: esta é minha fazenda e eu sou um proletário).

Bem, os antigos proprietários de terras tiveram outra formação: muitos haviam estudado em Petersburgo, alguns até em Göttingen. De repente, um Aksakov, um Radischev, um Turgenev emergiu entre eles. Mas ninguém saiu de entre nós concentradores, nem ninguém . E, acima de tudo, os proprietários de terras ou administravam eles próprios seus bens, ou pelo menos entendiam algo de sua administração. Mas os arrogantes oficiais do

MVD, favorecidos com todos os tipos de privilégios estatais, não estão nem mesmo em posição de dirigir uma empresa econômica. Eles são muito preguiçosos e desajeitados. E eles envolvem sua preguiça em uma névoa de severidade e mistério. O resultado é que o estado ^[260] é obrigado a manter, paralelamente à sua hierarquia de dragões de ouro, outro igual de trustes e empresas. ^[261]

Poder absoluto. Despotismo. A este respeito, os concentracioneros conseguiram para igualar ou superar os piores plantadores das séculos XVIII e XIX. Existem inúmeros exemplos de disposições absurdas cujo único propósito é demonstrar seu poder. Quanto mais avançamos em direção à Sibéria ou ao Norte, mais frequente é, mas olhe para Khimki nos próprios portões de Moscou (agora é Moscou) : em 1º de maio, o Comandante Volkov avisa que os *Zeks* não estão felizes, e ele ordena: "Vamos nos divertir, pessoal! Quem vê chato, para a masmorra!" E para animar os engenheiros, ele envia alguns ladrões de terceira frase para cantar músicas verdes. Eles dirão que não é despotismo, mas uma medida política; está bem. Um novo contingente acaba de chegar ao mesmo campo. Um recém-chegado, Ivanovski, apresenta-se como dançarino do "Bolshoi". "O que? Um artista?! Volkov se enfurece. Vinte dias em uma masmorra! Vá falar com o chefe do SHIZO você mesmo!" Depois de um tempo, ele liga para o celular: "O artista está aí?" "Sim". Ele se apresentou? "Sim". "Bem, deixe-o ir, vou nomeá-lo vice-comandante!" (É esse mesmo Volkov - já o confirmamos - que fez uma rapariga se barbear só por ter um cabelo bonito).

O cirurgião Fuster, um espanhol, incorrera no desagrado do chefe do *lagpunkt*. "Mande-o para a pedreira!" Dito e feito. Logo depois que o próprio patrão adoece e você tem que operar. Há mais cirurgias e ele poderia ir para um hospital central, mas não, ele apenas confia em Fuster. Traga Fuster da pedreira! Você vai me operar! (Mas morreu na mesa).

Outro chefe acha a seguinte diversão: descobre-se que z / k Kazak, engenheiro geólogo, tem voz de tenor e antes da revolução estudou em Petersburgo com o italiano Repetto. E o chefe do campo descobre que ele também tem voz. São os anos 1941, 1942, em algum lugar há guerra sim, mas nosso patrão está bem protegido e tem aulas de canto com seu servo. Ele está se deteriorando dia após dia, ele está "se aproximando", ele tenta saber o paradeiro de sua esposa. E sua esposa, PO Kazak, desde seu

confinamento, está procurando por seu marido através do GULAG. Os pedidos são recolhidos nas mãos do chefe; Ele agora poderia colocar marido e mulher em contato, mas não o faz. Por quê? Ele "tranquiliza" Kazak, dizendo-lhe que sua esposa está ... confinada, mas vive bem (professora do ensino médio, trabalha como faxineira, depois em um *k oljós*). E continue tendo aulas de canto. Em 1943, quando Kazak está praticamente morrendo, o patrão o perdoa, ajuda a dispensá-lo e o deixa morrer com sua esposa. (Bem, ele não era um chefe tão ruim, afinal!)

Todas as cabeças dos campos consid eram *vale* o seu. Para eles, seu campo não faz parte de um sistema estadual, mas sim uma propriedade que lhes foi entregue exclusivamente durante o tempo em que permanecerem no cargo. Daí sua arbitrariedade com os inferiores e sua vanglória perante os outros . Um chefe de *lagpunkt* em Kenguir: "Eu tenho um professor trabalhando nos banheiros!" Mas o capitão Stadnikov, chefe de outro *lagpunkt*, o interrompe pela *raiz* : "Bem, eu tenho um acadêmico para esvaziar os mergulhos!"

Ganância, *ganância*. É a característica mais universal entre os concentradores. Nem todos são obtusos, nem todos são déspotas, mas para se enriquecerem às custas do trabalho gratuito dos *zeks* e da propriedade do Estado, todos lidam sem exceção, sejam eles os grandes chefes do lugar, sejam eles subordinados. Não apenas eu, mas nenhum dos meus amigos, nenhum dos ex-presidiários que me escrevem, consegue se lembrar de um único concentrador desinteressado.

Nenhuma de suas inúmeras vantagens e privilégios legais podem suprimir sua ganância insaciável. Nem os altos salários (duplo ou triplo salário «para destino polar», «à distância», «para riscos»), nem os bônus (previstos para os quadros dirigentes dos campos pelo artigo 79º do Código Correctivo do Trabalho de 1933, o mesmo que não impediu os detidos de fixar jornada de trabalho de doze horas, sem descanso aos domingos), nem o cálculo excepcionalmente vantajoso da antiguidade (no Norte, onde se encontra metade do Arquipélago, calcula-se um ano de trabalho por dois, e para "militar" apenas vinte anos de serviço completo são necessários. Para que um oficial MVD que concluiu a escola especial aos vinte e dois anos possa se aposentar com pagamento integral para ir morar em Sochi trinta e dois anos!)

Pois não! Qualquer forma, esqualida ou abundante, pela qual serviços, mercadorias ou objetos gratuitos possam chegar até você, será sempre

utilizada por cada concentrador com as mãos e a boca ocupadas! Já no Solovki, os patrões começaram a prender presidiários para seus serviços pessoais, como cozinheiros, lavadeiras, cavaleiros, lenhadores. Desde então, esta prática vantajosa nunca caiu em desuso (nem foi proibida de cima) e os concentradores até escolheram jardineiros, vaqueiras ou tutores para seus filhos. Nos anos extras, há um tridente gritando sobre igualdade e socialismo, por exemplo, em 1933, no Bamlag qualquer empregado livre, em troca de um modesto pagamento ao banco do campo, podia obter servidão doméstica entre os internos. Em Kniazh-Pogost, a velha Maria Utkina cuidava da vaca do chefe do campo e recebia como pagamento um *copo* de leite por dia. E de acordo com os costumes do GULAG, ainda era muito. (Ainda mais de acordo com os costumes do GULAG, teria sido que esta vaca não pertencia ao chefe, mas era "para melhorar a alimentação dos enfermos", mas que o leite ficava com o chefe).

Quem tinha a possibilidade de comer ou beber à custa da ração dos detidos não deixou de o fazer. E não eram apenas copos, mas barris e sacos ! O amigo leitor releu a carta de Lipai no capítulo IX; é claramente o grito de um ex-gerente de depósito. Porque não foi a fome, nem a necessidade, nem a miséria que levou aqueles Kuragin, Poisushapka e Ignachenko a saquearem os armazéns, mas simplesmente: porque não aproveitar os dóceis, indefesos e mortos escravos de com fome? E ainda mais em tempo de guerra, quando todos roubam? Se você não fizer isso também, os outros vão rir de você! (Deixou de destacar como característica especial a deslealdade para com os surpresos plugados ao déficit). Os de Kolyma também se lembram: quem roubava algo destinado à panela comum dos presos, mesmo que fosse o chefe do campo, chefe da disciplina, chefe do KVCH, empregados livres, guardas de serviço, todos o fizeram! necessariamente! Até as sentinelas na entrada levaram chá com açúcar para o posto de guarda! Mesmo que seja uma colher de chá de açúcar, mas algo tinha que ser comido às custas de detido! Isso é tirar de uma pessoa que está morrendo, tem um gosto melhor ...

Melhor não lembrar os chefes do KVCH, eles são hilários. Eles roubam, eles roubam, mas para os pobres (em uma escala maior, eles não são permitidos). Por exemplo, o chefe do KVCH liga para o gerente do depósito e lhe entrega um pacote: umas velhas calças acolchoadas embrulhadas em um *Pravda*. "Aqui", diz ele, "você vai me trazer alguns novos." No Portão de Kaluga, nos anos 1945, 1946, o chefe do KVCH

levou para casa um pequeno feixe de lenha que os presos coletavam no canteiro de obras todos os dias. (E então ele teve que cruzar toda Moscou de ônibus, com sua capa e o pacote de lenha ... Não é vida também).

Não basta aos senhores do campo que eles próprios e as suas famílias sejam vestidos e calçados pelos artesãos do campo. (Até a fantasia de 'pomba da paz' para a esposa obesa do chefe *lagpunkt* que tinha que ir a um baile de máscaras foi feita para ela nas oficinas do campo). Não é suficiente para eles fazerem móveis e qualquer objeto doméstico lá. Não é suficiente para eles encontrarem pistas ali mesmo (para caçar furtivamente nos parques nacionais locais). Não basta para eles que seus porcos sejam alimentados na cozinha do campo. Nada é suficiente para eles! Nisso eles diferem dos antigos proprietários de terras: seu poder não é vitalício nem hereditário. É por isso que os proprietários não precisavam roubar de si próprios, enquanto os chefes do campo só pensam numa coisa: como roubar alguma coisa da própria fazenda.

Se poupo nos exemplos, é só para não sobrecarregar a exposição. O sombrio corcunda Nevedjin nunca deixou nosso campo no Portão Kaluga de mãos vazias: ele estava vestido com sua longa capa de oficial e carregava um barril de óleo de linhaça, ou vidro, ou massa, tudo em quantidade. juntos, mil vezes maiores do que as necessidades de uma única família. Quanto ao capitão barrigudo que dirigia o 15º *lagpunkt* na avenida *Kotelnicheskaya*, ele vinha ao país todas as semanas de carro para obter óleo de linhaça e massa de vidraceiro (que no pós-guerra Moscou vendia por ouro). E tudo o que antes lhes era roubado na área de produção por esses mesmos reclusos condenados a dez anos por um feixe de palha ou um punhado de pregos! Nós, russos, somos *reeducados há muito tempo*, estamos em casa e essas coisas só nos fazem rir. Mas e os prisioneiros alemães no campo de Rostov, o que eles devem ter pensado? À noite, seu chefe ordenou que roubassem materiais de construção para as casas que ele e outros chefes estavam construindo. Como poderiam concebê-lo os alemães sérios e dóceis, se soubessem que pelo roubo de uma panela de batatas aquele mesmo patrão as mandou ao Tribunal, que lhes deu 10 e 25 anos? Eles encontraram uma saída: foram ao seu intérprete S., e deram-lhe um documento de apoio: uma declaração de que naquele dia e naquela hora se iriam roubar por ordem superior (estavam a construir edifícios ferroviários que, devido à contínua remoção do cimento, estavam a descansar quase diretamente na areia).

Vá visitar em Ekibastuz a casa do diretor da Administração Mineira, DM Matveiev (na Administração Mineira deve-se à redução do GULAG, era chefe do campo de Ekibastuz desde 1952). Está repleto de pinturas, esculturas e outros objetos feitos pelas mãos não pagas dos *zekos*.

Concupiscência. Isso vai para as pessoas, claro, depende da fisiologia, mas o cargo de chefe de campo e todas as atribuições inerentes ao cargo abriam um amplo campo para inclinações harenísticas. Sempre que uma jovem agradável aparecia no campo Burepolom, Grinberg, o chefe do campo, a reclamava para si. (E que outra saída havia para ela, exceto a morte?) Em Kochemas, o chefe do campo, Podlesny, era um grande fã das buscas noturnas nos quartéis femininos (o mesmo que vimos em Jovzino). Ele mesmo arrancou os cobertores deles, sob o pretexto de procurar homens escondidos. Ele tinha uma mulher que era uma beleza e, ao mesmo tempo, três amantes entre os contemplativos. (Um dia, depois de matar um deles em um acesso de ciúme, ele atirou em si mesmo.) Filimonov, chefe do KVO de todo o Dmitlag, foi demitido "por corrupção de costumes" e enviado para a reforma (com a mesma posição) no Bamlag. Lá ele continuou a beber e fornicar em grande escala e fez de sua concubina de *direito comum* a cabeça do KV CH! (Seu filho se juntou a bandidos e logo foi condenado por seu banditismo).

Mal, crueldade. Não havia obstáculos, de natureza prática ou moral, que pudessem reprimir tais qualidades. O poder ilimitado nas mãos de pessoas limitadas sempre leva à crueldade. (Não fazemos comparação aqui com os vícios dos senhores feudais por mero capricho. A semelhança que existe entre um e outro mostra, infelizmente, que a natureza dos nossos compatriotas não mudou minimamente em duzentos anos: ao mesmo tempo! poder, mesmos vícios!)

Como um fazendeiro selvagem, Tatiana Merkulova, uma verdadeira tigresa, cavalgava no meio de seus escravos (*lagpunkt* nº 13 do Undjlag, seção florestal feminina). Pronman lembra que o comandante Gromov estava doente no dia em que não trancou alguns no BUR. O capitão Medvedev (Ustvymlag Camp No. 3) passou várias horas por dia pessoalmente em uma torre, observando os homens que entravam no quartel feminino e os trancavam. Ele gostava de ter o isolador sempre bem embalado. Se as células do isolador não estivessem supercompletas, a vida parecia monótona. À noite, ele gostava de treinar os internos para fazer discursos do tipo 'Sua sorte está lançada! Você nunca vai recuperar a

liberdade, diga adeus a ela! " No mesmo Ustvymlag, o chefe do *lagpunkt* Minakov (ex-vice-diretor da prisão de Krasnodar, que, após ter cumprido uma pena de dois anos por abuso de poder, voltou ao partido) puxou ele mesmo dos pés à refratário para fazê-los cair dos paletes; Entre eles havia alguns bandidos que começaram a resistir, a empunhar pranchas ... Depois mandou retirar o vidro duplo de todas as janelas do quartel (com vinte e cinco graus abaixo de zero) e deitar dentro baldes de água pelas aberturas.

Todos sabiam (assim como os nativos) que "*o telégrafo não vem aqui!*" Uma crueldade distorcida, que eles chamam de sadismo, também se desenvolveu nos traficantes de escravos. Um contingente recém-chegado está alinhado na frente de Schulman, chefe da seção especial Burepolom. Ele sabe que todos são destinados a empregos gerais, mas não quer se privar do prazer de perguntar: "Existem engenheiros? Levante sua mão! " Cerca de dez mãos estão levantadas em rostos iluminados pela esperança. Ahaha...! Talvez também haja professores? Muito bem, eles vão trazer *lápiz para você em breve!* " E eles trazem ... bicos . O chefe da colônia de prisão de Vilnius, Tenente Karev, descobre entre os recém-chegados o Segundo Tenente Belski (ele ainda usa botas e usa um uniforme de oficial surrado). Não faz muito tempo, aquele homem era oficial soviético, assim como Karev, e usava as mesmas dragonas. E que? Karev simpatiza ao ver aquele uniforme surrado? Ou pelo menos permanecer indiferente? Não, o desejo de humilhar é seletivo! E ele ordena que seja designado (como está, sem trocar o uniforme por roupas de faixa) para transportar o esterco para os pomares. Quando altos funcionários lituanos da UITL vieram usar os banheiros daquela colônia, eles se deitaram nas tábuas e se ensaboaram não por simples detentos, mas por Cinquenta e Oito.

Quanto ao resto , olhe para a cara deles, eles ainda estão entre nós, não é difícil encontrá-los no trem (claro, na primeira classe), ou no avião. Eles usam uma coroa de louros na lapela, uma coroa que coroa sabe-se lá o quê. As dragonas, para falar a verdade, não são mais azuis (têm vergonha), mas têm uma pequena fita azul, ou vermelha, ou roxa. Seus rostos exibem uma máscara de crueldade petrificada e sua expressão é eternamente sombria, descontente. Aparentemente, tudo está indo muito bem para eles, mas qual é a causa dessa eterna expressão de descontentamento? Parece que você está perdendo algo ainda melhor? Ou será que Deus sempre deixa canalhas assim, por suas maldades? Nas carruagens de primeira classe dos trens Vologda, Arjanguelsk e Ural, há uma grande porcentagem de seus *militares*

. Torres de campos desbotadas aparecem e desaparecem pelas janelas. "Sua empresa?", Pergunta o vizinho. O militar acena com a cabeça, com satisfação, até com orgulho: "Sim". "Você vai lá?" "Sim". E sua esposa também trabalha? Ele cobra noventa. E eu duzentos e cinquenta (um comandante). Dois filhos. Não é como jogar a casa pela janela ». Ou este outro, mesmo com os modos da cidade, é um companheiro de trem muito legal. Os campos de um kolkhoz passam pela janela. Nosso interlocutor explica: "Ultimamente, as coisas melhoraram muito na agricultura. Agora eles *semeiam o que querem*. (E quando os homens saíram de suas cavernas para ir semear em uma clareira na floresta, eles já não estavam semeando "o que queriam"?)

Em 1962 eu tinha para passar primeiro Sibéria como um homem livre, e quais são as coisas que eu tinha de jogar a revista um jovem *enmevedista* rec escola IEN graduação Tavda, que foi destinado para o centro de reciclagem em Irkutsk. Fingi ser um simpatizante bobo e ele me contou como eles praticavam nos campos e como esses detentos podiam ser atrevidos, insensíveis e incorrigíveis. Seu rosto ainda não havia endurecido com aquela expressão de crueldade permanente, mas ele me mostrou uma foto de fim de ano da terceira turma de Tavda, na qual apareceram não apenas jovens, mas também velhos guardas de campo completando o treinamento (em formação, espionagem, concentração e marxismo-leninismo), mais para a reforma do que para o serviço. Bem, apesar de ter voltado de muitas coisas, fiquei atordoado. Como a escuridão da alma se reflete no rosto ! Com que arte sabem eles selecioná-los dentre a Humanidade!

No campo de prisioneiros de guerra de Ajtma (Stoma) ocorreu o seguinte episódio: uma enfermeira russa foi encontrada tendo relações com um prisioneiro alemão. Bem, eles não apenas a expulsaram de sua boa sociedade, oh não! Para essa mulher, que usava dragonas de oficial russo, eles construíram um estande de tábuas com vazamento (não olharam para as despesas). Eles a mantiveram lá por uma semana, e todos os funcionários que iam "trabalhar" ou saíam atiravam pedras na garita, gritavam "f ... alemão!" e cuspir.

É assim que eles selecionam seu pessoal.

Deixemos para a história alguns nomes de executores de concentração de Kolyma, cujo poder e inventividade eram ilimitados (final dos anos 1930): Pavlov, V ishnevetski, Gakaiev, Zhukov, Komarov, Kudriashev,

Logovinenko, Merinov, Nikishov, Reznikov , Titov, Vasili «Durovoi». Mencionaremos também Svietlichni, o famoso torturador de Norilsk; muitas mortes cobram dos *zeks* por sua conta.

Alguns outros monstros como Chechev (rebaixado do Ministério do Interior de um dos países bálticos para chefe da Escadinha) já serão contados; Tarasenko (chefe do Usolag); Korotitsyn e Didorenko, do Kargopolag; o feroz Barabanov (chefe do Pechorlag após a guerra); Smirnov (chefe de disciplina do Pechdjeldorlag); Major Chepiga (chefe de disciplina do Vorkutlag). A mera enumeração desses nomes famosos encheria páginas e páginas. Minha caneta solitária não está em condições de mencioná-los todos. Além disso, eles ainda estão no poder. Até agora, não me designaram um escritório para reunir toda essa documentação nem me convidaram para falar a todo o país pelo rádio.

Mais uma palavra sobre Mamulov e chega. É o mesmo Mamulov de Jovrino, cujo irmão era chefe do secretariado de Beria. Quando o nosso libertou metade da Alemanha, muitos *Enmevedistas* de alto escalão correram para lá, incluindo Mamulov, que começou a despachar comboios inteiros de vagões lacrados com destino à estação de Jovrino. Os vagões eram trazidos para a área para que os ferroviários livres não descobrissem (oficialmente eram "bens de capital" para a fábrica); quem os descarregava eram os reclusos: não faziam cerimônias com eles! Uma confusão de tudo que um ladrão de piso carregaria às pressas fora empilhada nessas carruagens : lustres arrancados do teto, museu e móveis domésticos, jogos de porcelana embrulhados a esmo em toalhas de mesa amassadas, utensílios vestidos de cozinha, de festa e de rua, roupa íntima masculina e feminina, franjas coloridas, cartolas e até bengalas! Aqui tudo isso era agora cuidadosamente revisto, e o que era inteiro era levado para o chão, distribuído entre amigos. Mamulov da Alemanha também trouxe um estacionamento inteiro como troféu, e até deu ao seu filho de 12 anos (da idade de um *Malolietka*) um "Opel-Kadett". Durante muitos meses, a alfaiataria e a sapataria ocuparam-se consertando todo aquele butim. Quanto ao resto, Mamulov tinha mais de uma casa em Moscou e sustentava mais de uma esposa. Mas seu apartamento preferido era aquele perto da cidade, perto do campo, que o próprio Lavrentyi Pavlovich costumava visitar. Trouxeram um verdadeiro coro cigano de Moscou e até admitiram nessas orgias dois internos: o violonista Fetisov e a dançarina folclórica Malinin (dos Coros e Danças do Exército Vermelho), após avisá-los que se

contassem uma só palavra de tudo aquilo eles veriam o que os esperava. Era Mamulov: uma vez, voltando de uma pescaria, arrastaram o barco pelo jardim de um velho e esmagaram tudo. Parecia que o vovô estava resmungando. Como compensar? Bem, Mamulov deu um soco tão forte que o deixou ofegante , sangrando de bruços no chão. Eles comem meu pão e me batem ...

[262]

Mas tenho a impressão de que minha história está ficando monótona. Eu me repito, talvez? Ou talvez tudo isso já lemos e relemos ...?

Eles respondem a mim! Eles respondem a mim! Sim, houve casos isolados ... Mas, sobretudo, sob Beria ... E por que não dá exemplos luminosos? Vamos, descreva os mocinhos! Mostre-nos aqueles que foram pais de verdade para nós!

Bem, não, quem quer que os tenha visto mostre-os. Eu não os vi. Raciocinando em geral, já deduzi que um gerente de campo *não pode ser bom*: ou bate no pescoço ou é expulso.

Porque, tudo bem, vamos admitir por um momento que um concentrador se propõe a fazer o bem e transformar o regime bestial de seu campo em um regime humano. Eles permitiriam? Eles aceitariam isso? Eles tolerariam isso? É como deixar um samovar ao ar livre e esperar que aqueça!

Estou disposto a admitir: os "mocinhos" são aqueles que ainda não conseguiram escapar, aqueles que não puderam sair, mas que farão mais cedo ou mais tarde. Por exemplo: M. Guerasimov, diretor de uma fábrica de calçados em Moscou, teve seu cartão do Partido retirado, mas sem expulsá-lo (essa fórmula também existia). Enquanto isso, o que fazer com isso? Eles o enviaram de um concentrador para Ustvym. Segundo dizem, seu trabalho lhe custou horrores, ele foi gentil com os presos, e depois de cinco meses conseguiu se dissociar de tudo isso e foi embora. Nisso posso acreditar: que durante esses cinco meses foi bom. Ou aquele chefe do campo de Ortau, chamado Smeshko, em 1944, que eles dizem que também não era ruim: ele também fazia o possível para ir embora. No Usvitlag, em 1946, havia um chefe de seção, o ex-aviador Morozov, que tratava bem os prisioneiros; mas, por outro lado, seus colegas o tratavam mal. Ou o capitão Siverkin, por exemplo: dizem que ele era bom em Nyroblag. E o que aconteceu? Eles o enviaram para Parma, para um comando disciplinar. Lá ele tinha duas ocupações: beber e ouvir rádio ocidental, que naquele canto pouco interferia (1952). Bem, aquele mesmo vizinho de compartimento meu , o graduado da

Tavda, ainda não era um menino mau; Há vinte e quatro horas, um garçom que não tinha passagem estava parado no corredor e disse: «Que tal apertarmos um pouco e abrirmos espaço para ele? Durma um pouco. Mas deixe-o ser o chefe da área por um único ano, e ele vai reagir de forma bem diferente, ele irá para o revisor: "Imediatamente chute aquele indivíduo que viaja sem passagem!" É verdade ou não?

Bem , para falar a verdade, confesso ter conhecido também um excelente *enmevedista*, certamente não um concentrador, mas sim um carcereiro, o tenente-coronel Tsukanov. Por um breve período foi chefe da prisão especial de Marfino. E não só eu, todos os usos recl do lugar o reconhecem: ninguém o viu errar e todos o viram fazer bem. Assim que pudesse reverter o regulamento em favor dos presidiários, ele não parava de fazer isso. Assim que conseguiu suavizar o regime, ele o fez sem falhar. E que? Eles transferiram nossa prisão especial para uma categoria mais severa e o removeram. Ele não era jovem, havia servido no MVD por muito tempo. Não sei como. Mistério.

E Arnold Rappoport também me garantiu que o coronel Maltsev Engineers, Mikhail Mitrofanovich, chefe do orkutlag V de 1943 a 1947 (tanto na produção quanto no próprio campo), era uma boa pessoa. Na presença de verificadores, ele apertava a mão dos engenheiros detidos, falava com eles sobre você e os chamava pelo nome e pelo patronímico. Ele odiava verificadores profissionais e ignorou o chefe da seção política, o coronel Kujtikov. Quando foi promovido a policial graduado, comissário geral do terceiro grau, não aceitou (será possível?): "Sou de Engenheiros". E ele conseguiu se tornar um general de brigada normal. Rappoport afirma que durante os anos de seu comando não houve uma única acusação no campo (e ainda assim foram os anos de guerra, a época mais auspiciosa). Sua esposa era promotora da cidade de Vorkuta e paralisou a invocação dos comissários de campo. Este é um testemunho muito importante, desde que Rappoport não tenha incorrido em exageros inadvertidos, devido à posição privilegiada de engenheiro que ocupava à época. Só que é difícil para mim terminar de acreditar: se for esse o caso, como é que eles não expulsaram aquele Maltsev? Se ele tivesse que ficar no caminho de todos! Esperançosamente, algum dia alguém estabelecerá a verdade. (Ao comandar uma divisão de sapadores em Stalingrado, Maltsev teve a coragem de fazer um comandante de regimento parecer como antes das

fileiras e atirar nele com as próprias mãos. Ele foi enviado a Vorkuta como punição, mas não por isso, não sei. O que mais).

Neste e em outros casos semelhantes, a memória e as experiências pessoais às vezes deformam as memórias. Quando falam de *gente boa*, gostaria de perguntar: Bom para quem? Com todos?

E os ex-combatentes não eram o melhor alívio para os velhos *enmevedistas*, longe disso. Chulpeniov testemunha que, longe de melhorar, as coisas pioraram quando um velho lobo do campo foi substituído (no final da guerra) por um ex-combatente ferido, como, por exemplo, o comissário regimental Yegorov. Não entendiam nada da vida no campo, tomaram disposições ligeiramente superficiais e foram embriagar-se com prostitutas fora da zona, deixando o país à mercê dos canalhas mais tarados.

No entanto, aqueles que fazem mais barulho são os "bons verificadores" nos campos (que são os ortodoxos bem-intencionados), eles não se referem a "bom" t como o entendemos: não para aqueles que tentaram criar uma atmosfera geral de humanidade para todos, à custa de deixar os regulamentos do GULAG, mas aqueles que cumpriam escrupulosamente todas as instruções do cão, atormentavam e matavam os reclusos comuns, mas favoreciam os ex-comunistas. (Que visão ampla, a dos bem intencionados! Herdeiros sempre da cultura universal da Humanidade ...!)

"Bom" desses, claro que havia, e vários. Kudlatiy, por exemplo, com seus livros sobre Lenin, onde ele não estava? Diakov fala de outro, vejam que detalhe: um chefe de campo, durante uma viagem a Moscou, foi visitar a família de um "ortodoxo" confinado em seu estabelecimento e, assim que voltou, voltou ao cumprimento de todas as suas obrigações. cães. O General Gorbatov também se lembra de um "cara bom" em Kolyma: "Eles tendem a nos ver como uma espécie de monstros, mas essa opinião é errada. Também temos o prazer de comunicar uma boa notícia a um ente querido ». (Apenas a carta em que a esposa de Gorbatov anunciava que seu caso seria revisado estava cheia de marcas de censura. Por que eles se privariam do prazer de comunicar algo agradável? No entanto, Gorbatov não vê nisso nenhuma contradição: a superioridade afirma, o general do Exército acredita nisso) ... Mas o que preocupava aquele "bom" cão Kolyma era que Gorbatov fosse contar em lugares altos a arbitrariedade que reinava em seu campo. Daí aquela conversa agradável, com seu final: "Cuidado nas conversas". (E Gorbatov ainda não entendeu nada) ...

[263].
Ou então, escreve Levkovich no *Izvestia* um artigo, como se costuma dizer, apaixonado —em cristão, feito sob encomenda—, em que afirma ter encontrado nos campos mais de um bom, inteligente, severo, cansado, triste, etc. Chechista, e que um certo Kapustin Em Djambul, ele estava tentando conseguir empregos para as esposas confinadas de comunistas, para os quais teve que se matar. Aqui estamos todos loucos! O comandante tem a *obrigação* de garantir emprego aos reclusos, mesmo recorrendo à força. E se ele atirou em si mesmo, seria por roubar a conta ou por uma saia. Quanto ao órgão central do ex-VZIK (o mesmo que ratificou todas as crueldades do GULAG), o que se pretende demonstrar é o seguinte: considerando e considerando que existiram bons negociantes de escravos, a escravidão nunca existiu ...

Sim! Outro "bom": Matveiev, nosso tenente-coronel de Ekibastuz. Quando Stalin estava mostrando os dentes e rosnando, mas papai morreu, Beria caiu e ele se tornou o maior dos liberais, o pai dos presidiários. Até que os ventos mudem. (Mas ele secretamente deu instruções ao líder da equipe Alexandrov: "Quem não obedecer, quebre sua cara; nada vai acontecer com ele, palavra!")

Não, outros com aquelas "guloseimas"! Eles valem pouco. Para nós, eles só se tornam bons quando são colocados no campo.

E alguns foram colocados. Só que eles estavam sendo julgados por OUTRA coisa.

* * *

O pessoal da guarda do campo é considerado comandante subordinado do MVD. Eles são os sargentos do GULAG e sua tarefa é agrupar e policiar . Eles também estão na escada GULAG, só que mais abaixo. É por isso que têm menos direitos e, ao mesmo tempo, têm de contribuir com mais frequência. É claro que o fazem sem questionar e, quando é necessário bater em alguém no isolador disciplinar ou na ala dos guardas, o fazem bravamente três contra um até ficarem sem sentido. Ano após ano eles se endurecem no trabalho e não revelam o menor traço de simpatia para com os prisioneiros encharcados, congelados, famintos, cansados e moribundos . Diante deles, os detidos estão tão desprovidos de direitos e defesas quanto perante as altas autoridades, com as quais podem ser esmagados, se sentem uma pessoa importante. E descarregar a raiva, exercer crueldade, eles não

colocam barreiras nisso. E quando você bate impunemente, depois de começar, não tem mais vontade de parar. A arbitrariedade se exacerba, e você já se sente tão mal, que até se assusta. Os guardas imitam de bom grado seus oficiais, tanto em sua conduta quanto em seu caráter, mas não usam aquele ouro em suas dragonas; suas capas estão sujas; eles andam a pé; eles não são presos como servos; eles cavam seus próprios jardins, cuidam eles próprios de seus animais. Bem, claro, *puxando* um *zeko* por algumas horas, para fazer lenha ou esfregar o chão, você pode fazer isso, mas com moderação. Como é proibido recorrer a quem trabalha, recorrem a quem descansa. (Berezniki, 1930: Tabaterov acaba de ir para a cama após doze horas de trabalho noturno ininterrupto, mas parece ordenado e o lembra para que ele possa ir trabalhar em casa. E deixe-o tentar recusar!) Os auxiliares não são *patrões*; Apesar de tudo, o campo não é sua fazenda, mas um trabalho, por isso não têm essa arrogância ou tamanho no exercício do poder. Eles também são limitados no roubo. Grave injustiça: os patrões, que já têm muito dinheiro, podem levar muito; por outro lado, o pessoal de segurança, que tem muito menos, também pode carregar menos. No armazém, eles não lhe darão mais sacos cheios, nem que sejam sacos pequenos. (Lembro-me, como se fosse ontem, do sargento Kiseliev, com seus traços duros e cabelos louros; ele entra na administração (1945) e ordena: 'Nem um grama de gordura para a cozinha do z / k! Só pela lib res! '(As gorduras eram raras). Como único privilégio, receber a sua ração gorda) ... Para mandar fazer alguma coisa para elas na oficina de costura, tinha que pedir autorização ao patrão e revezar. Bem, na área de trabalho, você podia pedir a um preso para soldar, forjar, afiar, polir uma coisinha, mas nem sempre era fácil levar algo maior que um banquinho com você. Essa limitação no roubo ofendeu dolorosamente os guardas e, mais do que qualquer outra coisa, suas esposas, por isso houve muito ressentimento contra os patrões, uma grande amargura pela injustiça deste mundo. E nos seios dos guardas apareciam, não direi cordas sensíveis, mas havia deficiências, vazias, nas quais o gemido do ser humano encontrava eco. E alguns *guardas* menores podem ser capazes de falar com simpatia aos *zekos*. Não que seja comum, mas também não é tão raro. Em qualquer caso, entre os guardas de campo e os da prisão, uma pessoa pode ser encontrada, e cada recluso encontrou mais de um em seu caminho. Entre os oficiais, por outro lado, é quase impossível.

Na verdade, é a lei da relação inversa entre posição social e qualidades humanas.

Pessoal de segurança real é aquele com quinze ou vinte anos de serviço no campo. Aquele que, uma vez instalado nessas distâncias malditas e remotas, nunca mais os deixará. Os regulamentos foram colocados em suas cabeças de uma vez por todas, e eles não precisam mais ler ou aprender nada na vida; basta ouvir o primeiro programa de rádio de Moscou. Eles representam para nós a face obtusa, inexpressiva, insensível e inexorável do GULAG.

Somente durante os anos de guerra a composição da equipe de vigilância foi alterada e turva. Em sua pressa, as autoridades militares dispensaram seu serviço impecável e levaram muitos para o front; em vez disso, soldados recém-chegados do hospital apareceram. Esses ainda eram selecionados: eles escolheram os mais cruéis e obtusos. Mas também vieram velhos, mobilizados diretamente de suas casas para o campo. E entre esses, os grisalhos, havia gente muito gentil, sem precauções: falavam gentilmente, procuravam de qualquer maneira, não confiscaram nada e ainda faziam piadas. Eles nunca escreveram reclamações ou relatórios para a masmorra. Mas assim que a guerra acabou, eles se desmobilizaram imediatamente e nunca mais foram vistos.

Tampouco eram guardas regulares (também de guerra) como o estudante Senin, de quem já tive ocasião de falar, e outro que tínhamos no Portão de Kaluga: um judeu de meia-idade, de aparência completamente civil, muito calmo, nada «percevejo», que nunca fez mal a ninguém. Era tão frouxo que um dia ousei perguntar-lhe: "Diga-me, o que você foi na sua vida civil?" Ele não se ofendeu, olhou para mim com seus olhos serenos e respondeu em voz baixa: "Comerciante".^[fp] Antes de nosso acampamento, durante a guerra, ele havia servido em Podolsk, onde, como ele contou, treze ou quatorze pessoas morriam de fome por dia (já há vinte mil mortos!) Aparentemente, a guerra havia passado nas "tropas" do NKVD e agora cabia a ele descobrir como não se demorar nelas.

Por outro lado, a brigada Tkach, subchefe de disciplina e terror do campo de Ekibastuz, prestou-lhe o serviço de vigilância como uma luva, como se desde a mais tenra infância não tivesse feito mais nada, como se tivesse nascido com o GULAG. Seu rosto parecia petrificado em uma expressão do mal sob o topete preto. Era assustador apenas estar em sua presença ou topar com ele em alguma trilha do país; nunca aconteceu sem

causar dano: mandar de volta, forçar o trabalho, tirar algo, assustar, punir, prender. Mesmo à noite, depois do toque de recolher, quando o quartel estava trancado - mas no verão as janelas gradeadas ficavam abertas -, Tkach se esgueirava para cima deles, ouvia, depois se inclinava para fora, e todos pularam quando ele se encostou neles. no parapeito da janela, como um pássaro noturno negro, anunciava os castigos através da lama : por não dormir, por conversar, por usar objetos proibidos.

E um belo dia, Tkach desapareceu para sempre. E por todo o campo se espalhou o boato (não pudemos verificar exatamente, mas esses boatos insistentes muitas vezes são verdadeiros) de que ele havia sido desmascarado como um carrasco fascista nos territórios ocupados, preso e condenado a *cinco dólares*. Foi no ano de 1952.

Agora, como é possível explicar que um carrasco fascista (em nenhum caso com mais de três anos de serviço) pudesse ser, sete anos após a guerra, altamente conceituado no MVD?

Ei?

* * *

"A escolta abre fogo sem aviso!" Nesse feitiço, todo o estatuto da escolta está contido, ^[264] Seu poder sobre nós além de todas as leis.

I ven em tempo de paz, o serviço de escolta é comparável ao da frente. A escolta não tem medo de nenhuma investigação nem presta contas a ninguém. Todo mundo que atira tem razão. Quem cai morto é culpado de querer fugir ou de ter cruzado a zona de segurança.

Aqui você tem dois assassinatos cometidos em um *lagpunkt* em Ortau (multiplique pelo número de *lagpunkts*). Um soldado liderava um grupo, um prisioneiro dispensado de escolta aproximou-se deles e começou a caminhar ao lado de seu amiguinho. Sai daí! "E o que isso te incomoda?" Atire. Morto. Paródia de julgamento, o soldado é absolvido, ferido no desempenho de suas funções.

Outro soldado, no posto de guarda, é abordado por um recluso com a folha de dispensa em mãos (será libertado amanhã): «Deixa-me ir num instante à lavanderia (é fora da zona), é um segundo!" "Não se pode". "Mas eu estarei livre amanhã, estúpido!" Eu mato ele. Não houve nem mesmo um julgamento.

E como é fácil, no calor do trabalho, não notar aquelas marcas gravadas nas árvores que indicam a linha imaginária que não deve ser cruzada, um cordão de floresta em vez de arame farpado! Soloviev (um ex-tenente do Exército) acaba de derrubar um pinheiro e, andando de costas, está cortando seus galhos. Ele tem olhos apenas para sua árvore derrubada. Mas a escolta, "um lobo de Tanshai", espera com os olhos apertados; não vai dar uma voz de "Cuidado!". Ele apenas espera. E eis que Soloviev, inadvertidamente, cruzou a fronteira da zona e continua a retroceder ao longo do tronco. Um tiro! A bala é explosiva, o pulmão explode. Soloviev morre e o lobo Tanshai recebe uma recompensa de cem rublos. (Os "lobos de Tanshai" são os habitantes do condado de Tanshai, perto de Burepolom, que durante a guerra todos entraram no VOJRA, para ficar perto de suas casas e não ir para a frente. É esse mesmo condado de Tanshai onde o crianças gritaram: "Mãe, um *arenque está* chegando !")

Essa relação escolta-detento que não admite a menor objeção, é o direito permanente que a escolta tem de usar a bala em vez da palavra, não pode deixar de influenciar o caráter dos oficiais da VOJRA e dos próprios vojristas. A vida dos detidos é entregue ao seu poder não durante vinte e quatro horas por dia, é verdade, mas sim profunda e totalmente. Aos olhos deles, os indígenas não são seres humanos, mas bonecos preguiçosos dotados de movimento, que tiveram a sorte de contar, que os acompanham no trabalho e de volta ao campo o mais rápido possível, e trabalham o máximo possível.

Mas onde a arbitrariedade atingiu o seu máximo foi nos oficiais da VOJRA. Nesses jovens tenentes havia uma convicção furiosa de seu poder absoluto sobre o sul humano. Uns se limitavam à ocorrência (Tenente Chorny, no Nyroblag), outros se deliciavam com sua crueldade e até a estendiam aos seus soldados (Tenente Samutin, ali mesmo), e havia, finalmente, que não reconheciam limites para sua onipotência. Nevski, comandante da VOJRA de Ustvyim *lag punkt* no.3, descobriu que seu cachorro estava desaparecido, não um cão policial, mas seu amado cachorrinho de colo. Ele foi procurá-lo - naturalmente - na área e por acaso surpreendeu cinco indígenas que esfolavam o cadáver. Ele sacou seu revólver e, sem dizer uma palavra, matou um deles ali mesmo. (O caso não teve qualquer tipo de consequência administrativa, exceto o confinamento dos outros quatro em isolador disciplinar).

Em 1938, nas margens do rio Visser, no sopé dos Urais, ocorreu um incêndio florestal; Com a velocidade de um furacão, dois *lagpunkts* foram engolfados pelas chamas . O que fazer com os prisioneiros? Você tinha que decidir em questão de minutos, não havia tempo para pedir instruções. A escolta não os deixou sair e todos queimaram . Mais seguro assim. Porque se eles os deixassem sair e fugissem, eles processariam a escolta.

O serviço VOJRA impunha apenas uma limitação ao ímpeto ardente de seus oficiais: a unidade básica era o trecho e ali morria toda a onipotência, com faixas de duas estrelas. O aumento na divisão não fez nada além de se afastar do poder real em uma seção, era um beco sem saída.

Por essa razão, os vojristas mais enérgicos e ambiciosos tentaram se mover para o serviço interno do MVD e se mover para cima e para baixo . Algumas biografias famosas do GULAG se enquadram precisamente nessa categoria. O mencionado Antonov, mestre e senhor do "tapume" polar, veio dos oficiais do VOJRA, e todo o seu treinamento foi limitado a quatro anos.

Não há dúvida de que o Ministério atribuiu grande importância à seleção da escolta armada do MVD e que os comissariados militares tinham instruções secretas a respeito. Os comissariados militares fazem muito trabalho secreto, não temos prevenção para eles. Por isso, por exemplo, eles abandonaram tão categoricamente a ideia de tropas territoriais nos anos vinte (projeto Frunze) e até mesmo o contrário, um esforço excepcional para enviar recrutas tão longe quanto possível de sua terra natal (georgianos para Estônia , Letões para o Cáucaso)? Porque as tropas têm que ser estranhas à população local, se possível até pela raça (como foi verificado em Novocherkask, em 1962).^[fq] Da mesma forma, ao recrutar tropas de escolta, os tártaros e outras minorias nacionais ganhavam deliberadamente a preponderância: sua pouca educação, sua escassa informação representavam um verdadeiro tesouro para o Estado, uma verdadeira força.

Mas o recrutamento científico e o treinamento dessas tropas só começaram com os Campos Especiais, no final dos anos 1940 e início dos anos 1950. A partir desse momento, só passaram a admitir meninos de dezenove anos, que foram imediatamente submetidos a severas instruções ideológicas. (Faremos referência a este tipo de escolta separadamente mais tarde).

Antes, parecia que o GULAG não tinha tempo para lidar com essas coisas. E, além disso, nosso povo, embora socialista, ainda não estava suficientemente desenvolvido para realizar aquela crueldade tenaz, tão

necessária, se queremos ter um guarda de campanha digno desse nome. A equipe da VOJRA costumava ser heterogênea e não representava aquela parede de terror que havia projetado. Foi particularmente enfraquecido durante os anos da guerra russo-germânica: o jovem mais bem treinado ("de boa ferocidade"). tiveram de ser entregues à frente e, em vez disso, chegaram ao VOJRA reservistas fracos, impróprios para o serviço ativo devido à sua saúde e devido à sua ferocidade, absolutamente inadequados para o GULAG (não foram educados nos anos adequados). Durante os piores anos da guerra, quando a fome mais implacável reinava nos campos, este enfraquecimento do VOJRA (onde se manifestou, porque não era o caso em todo o lado) contribuiu, pelo menos em parte, para aliviar o existência dos detidos.

Nina Samshel lembra ao pai que em 1942, já maduro, ele foi mobilizado e enviado como guardião a um campo na província de Arjanguelsk. Sua família se juntou a ele. "Em casa, meu pai nos falou com amargura sobre a vida no campo e sobre as boas pessoas que lá vivem. Quando chegava a sua vez de ficar de olho apenas em uma equipe de camponeses (as condições de guerra também! Um único soldado para uma equipe inteira, não é um alívio?), Muitas vezes eu ia vê-lo e ele me deixava falar com ele. Os detidos. Todos o respeitavam muito: ele nunca era rude com eles, permitia que fossem aonde pedissem, por exemplo, até o armazém, e nunca faltou nenhum. Disseram-me: "Ah, se todos os acompanhantes fossem como o seu pai ...!" Ele sabia que muitos dos que estavam lá eram inocentes ^[265] e isso o indignava, mas ele só podia expressar em casa: em seu setor era impossível; por dizer coisas assim que processaram ». Assim que a guerra acabou, ele se desmobilizou.

Mas também não podemos julgar todo o VOJRA do tempo de guerra para Samshel. Prova disso é como acabou: em 1947 mudaram para o artigo 58! Teve alta, morrendo, em 1950, faleceu em casa cinco meses depois.

Depois da guerra, essa escolta relaxada ainda continuou em suas funções por mais alguns anos, e muitos Vojristas adquiriram o hábito, ao falar de seu serviço , de usar também o termo "frase": "Quando minha frase acabar" ... Eles perceberam como o trabalho deles era vergonhoso, sobre o qual nem dá para falar em casa. Sempre em Ortau, um soldado roubou propositalmente algo do KVCH, foi imediatamente rebaixado, processado e anistiado , e os outros soldados o invejaram: "Boa ideia! Tem que ver!

N. Stolariova lembra de um soldado que a parou quando ela tentava escapar; ela não a denunciou e não foi punida. Outro atirou em si mesmo por amor a um preso que acabara de ser roubado. Antes de medidas genuinamente rigorosas serem introduzidas, era comum nos acampamentos femininos que relacionamentos amigáveis, afetuosos e até íntimos se desenvolvessem entre as mulheres e os homens da escolta. Nem mesmo nosso grande Estado poderia esmagar a bondade e o amor por toda parte!

Os jovens reforços dos anos do pós-guerra também não saíram, na primeira tentativa, o que o GULAG esperava. Quando Vladilen Zadorny se rebelou na guarda armada do Niroblag (voltaremos a falar sobre ele), seus colegas consideraram sua resistência com grande simpatia.

Na história da vigilância de campos, a *autovigilância* ocupa um lugar muito particular. Quanto mais cedo os primeiros anos da revolução, *auto custódia* foi proclamada a ser um dever de prisioneiros soviéticos. Foi aplicado com sucesso no Solovki e em grande escala no Belomorcanal e no Volgocanal: qualquer amigo socialmente próximo que não quisesse empurrar um carrinho de mão poderia brandir uma espingarda contra seus companheiros.

N ou digamos que fosse um plano diabólico projetado especialmente para as pessoas moralmente corruptas. Como sempre no meio século de nossa história contemporânea, a elevada e luminosa teoria e a rastejante baixeza moral se entrelaçam com toda naturalidade e se transformam uma na outra com a maior simplicidade do mundo. Mas, pelas histórias dos velhos *zeks*, aprendemos que os auto-observadores eram cruéis com seus irmãos, que tentavam obedecer e permanecer em suas posições caninas e que às vezes acertavam contas antigas com um tiro.

Quanto ao resto, isso é afirmado até mesmo na bibliografia jurídica: "Em muitos casos, os privados de liberdade cumprem suas obrigações na custódia da colônia e na manutenção da ordem *melhor do* que os guardas regulares."^[266]

Não, mas diga-me ... há algo ruim que não pode ser ensinado ao povo? Para o povo? Para a humanidade?

Essa citação é dos anos 30, mas Zadorny a confirma no final dos anos 40: os auto-vigilantes eram ferozes com seus camaradas, em busca de um pretexto formal para atirar para matar. Para tudo isso, em Parma, o comando disciplinar do Nyroblag, havia apenas Cinquenta e Oitos, e a autovigilância também foi recrutada entre Cinquenta e Oitos! Prisioneiros políticos...

Vladilen fala sobre um desses auto-vigilantes, Kuzma, um ex-motorista, um jovem de vinte e poucos anos. Em 1949, eles lhe deram *dois dólares* por 58-10. Como sobreviver? Ele não havia encontrado outra maneira. Em 1952, quando Vladilen o conheceu, ele já era um membro da autovigilância. Sua situação o atormentava, ele dizia que não suportaria aquele peso - a espingarda - muitas vezes parava de carregá-la quando ia ao serviço de escolta. À noite ele chorou, chamando-se de canalha e traidor, e até tentou se matar. Ele tinha uma testa alta, um rosto nervoso. Ele amava poesia e foi para a taiga com Vladilen para ler versos. E então ele voltou para sua espingarda ...

Ele também conheceu um auto-vigilante como Alexandr Lunin, agora mais velho, com uma coroa de pelos brancos em volta da testa, um sorriso aberto e cordial. Durante a guerra ele foi tenente de infantaria e, mais tarde, presidente de um kolkhoz. Deram-lhe dez anos (com um artigo comum) por não ter entregue ao Comité Regional o que este exigia e, em vez disso, tê-lo distribuído entre os colkhozianos, por sua própria iniciativa. Você pode ver que tipo de homem ele era: seu vizinho em vez de si mesmo! Bem, em Nyroblag ele entrou em autovigilância e até conseguiu uma redução de sentença do chefe do *lagpunkt*, Promezhu tochnaia.

Os limites do ser humano! Por mais que eles surpreendam você, você nunca os abraçará ...

XXI

Em torno dos campos

Da mesma forma que um pedaço de carne podre não só cheira mal na superfície, mas também é circundado por uma base molecular de fedor, cada ilha do Arquipélago cria e mantém uma zona fedorenta ao seu redor. Esta área, maior que o próprio Arquipélago, é uma área de divisão, de transmissão entre a área reduzida de cada ilha em particular e a Grande Área que constitui todo o país.

Tudo o que pode nascer do mais contagioso do Arquipélago, em termos de relações humanas, costumes, ideias e linguagem, por efeito da lei universal da permeabilidade das membranas vegetais e animais, é primeiro infiltrado nessa zona de transmissão, para mais tarde se espalhou para o resto do país. Precisamente aqui, na zona de transmissão, é onde se selecionam espontaneamente os elementos da ideologia e da *cultura* dos campos dignos de serem integrados na cultura comum do Estado. E quando os corredores do prédio recém-construído da Universidade de Moscou ressoarem expressões concentradoras, ou quando uma mulher moderna da capital julgar a vida, típica do GULAG, não se surpreenda: ela veio aqui por aquela região de transmissão, daquele mundo que cerca os campos.

Enquanto as autoridades tentavam (ou talvez nem tentassem) reeducar os detidos por meio de slogans, seções educacionais-culturais, censura postal e policiais, os detidos reeducavam todo o país com muito mais eficiência por meio da mediação daquele mundo que cercava o Campos. Depois de ter começado por subjugar o Arquipélago, a filosofia dos bandidos não teve dificuldade em prosseguir e apoderar-se do mercado ideológico nacional, vazio por falta de uma ideologia mais forte. A autoconfiança dos campos, a crueldade das relações humanas, a couraça da insensibilidade nos corações, a hostilidade para com qualquer trabalho bem

feito, tudo isso não demorou a subjugar o universo concentracional e a partir daí teve um impacto profundo no *mundo livre*.

É assim que o Arquipélago da União Soviética se vinga de sua criação. É assim que nenhuma de nossas crueldades fica impune.

É assim que sempre se paga para buscar o barato.

* * *

Enumerar todas essas cidades, vilas e aldeias seria quase como transliterar a geografia do Arquipélago. Nem uma única área do campo pode subsistir independentemente, deve haver necessariamente uma aldeia de homens livres ao lado dela. Às vezes, aquela cidade, nascida nas proximidades de algum campo florestal temporário, vai durar alguns anos e desaparecer junto com o campo. Às vezes, ele criará raízes, receberá um nome, soviete rural, rodovia e permanecerá lá para sempre. E às vezes essas aldeias se desenvolvem em cidades famosas, como Magadan, Dúdinka, Igarka, Temir-Tau, Baljash, Djezkazgan, Angrén, Taishet, Bratsk, Sovgavan. Esses assentamentos infestam não apenas lugares perdidos, mas às vezes o próprio tronco da Rússia, a vizinhança das minas de Donetsk e Tula, a vizinhança das minas de turfa, a periferia de colônias agrícolas. Às vezes, regiões inteiras, como Tanshai, são poluídas e integradas ao mundo da concentração. E quando o campo é injetado no corpo de uma grande cidade, mesmo a própria Moscou, também há um mundo de concentração ao seu redor, mas não mais concentrado em uma cidade especial, mas formado por aquelas pessoas que saem dela todas as noites de trólebus ou ônibus e que voltam a ele todas as manhãs (nesse caso, o contágio para o exterior ocorre de forma acelerada).

Há também um outro caso, o de pequenas cidades como Kizel (no ramo mineração e metalúrgica da linha de Perm); Nasceram antes de todo o Arquipélago e de repente foram rodeados por inúmeros campos, tornando-se uma das capitais provinciais do GULAG. Essas cidades respiram o ar dos campos que as cercam: oficiais, concentradores e soldados da escolta percorrem suas ruas, a pé ou de carro, em grandes grupos, como ocupantes; o centro mais importante da cidade é a direção dos campos; a rede telefônica não é da cidade, mas dos campos; as rotas de ônibus levam todos do centro aos campos; todos os habitantes vivem graças aos campos.

Das capitais de província do Arquipélago, a mais importante é Karaganda. Foi fundado e habitado por presidiários e ex-detentos, a tal

ponto que um ex-presidiário não pode sair para a rua sem encontrar um conhecido a cada passo. É o lar de vários endereços de campo. E ele tem *lagpunkts* espalhados ao seu redor como a areia do mar.

Quem habita este mundo de concentração? 1) a população autóctone (pode não haver); 2) o VOJRA, guarda militarizado; 3) oficiais de campo e suas famílias; 4) os guardas e seus familiares (os guardas, ao contrário do guarda-costas, sempre moram com seus familiares, mesmo quando são listados como cumpridores do serviço militar); 5) ex-presidiários (liberados desse *lagpunk* ou de outro próximo) ^[267]; 6) vários párias, nomeadamente aqueles sujeitos a repressão parcial, portadores de passaportes "impuros" (tanto eles como os ex-reclusos não vivem aqui de boa vontade, mas por causa de uma maldição; se aquele lugar não foi impostas diretamente, como acontece com os confinados, em qualquer outro lugar custaria muito mais encontrar casa e trabalho, e quem sabe se eles permitiriam que ali vivessem); 7) gerentes da empresa. Eles são altos funcionários, alguns por cidade (também pode não haver nenhum); 8) *Votniashki* propriamente dito: pessoas casuais ou *atraídas* à força, todos os tipos de rebeldes, perdidas e amantes do dinheiro fácil. É que nesses lugares perdidos você pode trabalhar três vezes pior do que na metrópole e receber quatro vezes mais: pela situação polar, pelo afastamento, pelo desconforto, sem falar que atribuem a si próprios o trabalho dos detidos. A isto deve ser adicionado que muitos deles estão lá para recrutamento ou contrato, e além disso recebem bônus de viagem. Para quem sabe garimpar ouro na papelada da indústria estatal, o mundo da concentração é um verdadeiro Klondyke. Aqui vêm eles com falsos diplomas, aqui se encontram aventureiros, canalhas, meios de subsistência. Aqui é vantajoso para quem precisa da cabeça de outra pessoa gratuitamente: (os geólogos isolados estudarão o terreno para um geólogo semianalfabeto, farão as verificações, tirarão as conclusões e ele só terá que ler sua tese na metrópole). Aqui acabam os maltratados pela sorte e os bêbados perdidos. Aqui vêm eles depois de um fracasso familiar, ou para fugir da pensão alimentícia. Existem também jovens egressos de escolas técnicas superiores que não souberam se acomodar melhor no momento da distribuição dos cargos. Só que estes, assim que põem os pés no local, já estão fazendo o impossível para voltar à civilização, e quem não conseguir no primeiro ano, conseguirá o segundo, sem dúvida. Também existe uma categoria completamente diferente entre os livres: os idosos que vivem naquele mundo há muitos anos e que se aclimataram tanto que não

sentem mais a necessidade de um ambiente mais benigno. Se fecham o campo , ou as autoridades param de pagar o que pedem, saem dali, mas invariavelmente, para a periferia de outro campo; eles não podem viver de outra forma. Foi o caso de Vasili Aksentievich Frolov, inveterado bêbado, vigarista e "renomado mestre fundidor"; Você poderia dizer muito sobre esse personagem, mas já o descrevi em outro trabalho. Sem nenhum diploma e tendo bebido o último de seu mestrado, ele ganhou nada menos do que 5.000 rublos pré-Khrushchev por mês.

Em seu *sentido* mais *amplo* , a palavra *volniashka* designa qualquer pessoa em liberdade, ou seja, qualquer cidadão da União Soviética que ainda não foi para a prisão ou que já foi libertado dela. Mas é mais frequente no Arquipélago que esta palavra seja utilizada em sentido restrito, isto é , para designar um cidadão livre que produz com detidos numa zona de trabalho. Por esta razão, aqueles nos grupos 1, 5 e 6 que vêm trabalhar do exterior também são chamados de *volniashka*.

O *volniashka* desempenha as funções de empreiteiro, capataz, capataz, contramestre, gerente de depósito, "regulador".

Eles também são contratados para tarefas em que o uso de presos dificultaria o trabalho da escolta: motoristas, carroceiros, despachantes, motoristas de tratores, escavadeiras, tratores, instaladores de linhas elétricas, encarregados do aquecimento noturno.

Esses homens livres de segunda categoria, simples trabalhadores como os presos, logo se tornaram nossos amigos e cometeram todos os pecados proibidos pelo regime dos campos e pelo Código Penal: jogavam de boa vontade as cartas dos presos nas caixas de correio. *Livres* da aldeia, vendiam todos os tipos de objetos que os presos haviam furtado no acampamento no mercado local, ficavam com o dinheiro e, em troca, traziam algo para matar a fome; junto com os presos, também roubaram o Estado no trabalho; eles trouxeram vodka para a área de produção. Quando a busca foi severa, colocaram garrafas com tampa lacrada no tanque de gasolina dos caminhões. ^[268]

E quando foi possível perceber o trabalho dos detidos em detrimento dos livres (os capatazes e capatazes não desdenharam de apontá-lo também para si mesmos), o fizeram religiosamente. Com efeito, o trabalho registado na conta de um recluso é trabalho perdido: não paga , dá-lhe um pouco mais de pão e já está. Portanto, em tempos em que os cartões de racionamento não eram exigidos, fazia sentido indicar ao preso o que era estritamente

necessário para não criar problemas e anotar o restante às custas do cidadão livre. A *v olniashka* cobrou esse trabalho, ela usou o dinheiro para si e trouxe comida para seus internos. ^[269]

Em termos gerais, portanto, as relações entre prisioneiros e *Volniashkas* não podiam ser consideradas hostis, mas sim cordiais . Além disso, aqueles homens acabados, bêbados e arruinados eram sensíveis à dor de seus semelhantes, podiam simpatizar com a desgraça de um homem injustamente preso. Aquilo para o qual oficiais, guardas e soldados fechavam os olhos por exigência profissional, era claramente visível aos olhos de uma pessoa sem preconceito.

Mais complicadas eram as relações dos internos com capatazes e capatazes. Como “comandantes de produção”, eles tinham o dever de pressionar e perseguir os detidos. Mas também eram responsáveis pelo bom andamento do trabalho, o que nem sempre era possível quando se tinha relações ruins com os internos. Nem tudo se consegue com golpes e fome; Há coisas que devem ser alcançadas pelo bem, por mútuo acordo, por inclinação e intuição. Os únicos capatazes que tiveram sucesso em seu trabalho foram aqueles que se davam aos chefes de equipe e aos melhores detidos. Porque, em geral, esses capatazes não estavam mais bêbados, preguiçosos e intoxicados pelo uso constante de trabalho escravo, mas também eram soberanos ignorantes que ou não entendiam nada sobre seu trabalho ou entendiam tudo ao contrário, então que dependia ainda mais dos líderes de equipe.

Você tem que ver como os destinos russos às vezes estão interligados aqui ! Por exemplo, em uma véspera de festa, o capataz carpinteiro Fyodor Ivanovich Muravliov aparece completamente bêbado e ataca Sinebriújov, chefe da equipe de pintores largos, um excelente professor, sério, firme, há dez anos preso:

-E que? Você ainda está preso, filho do *kulak*? Seu pai não fez nada além de arar a terra e comprar vacas. Ele iria levá-los para o paraíso? E onde ele está agora? Ele morreu confinado? E ele colocou você dentro? Não, meu pai era muito mais inteligente! Ele bebia de tudo desde menino, na isba de quatro cantos, o *kolkhoz* não dava uma galinha, porque ele não tinha. Bem, veja você, logo de cara ele o nomeia capataz! E eu estou atrás dele: eu bebo vodka e vivo feliz ...

E descobriu-se que ele estava certo: Si Niebryukhov, após sua condenação, teve de ir para o confinamento, enquanto Muravliov era

presidente da célula local do Partido no setor de construção.

Embora, para falar a verdade, o chefe da empreiteira Buslov, não soubesse mais como se livrar daquele capataz presidente de célula! (Mas era impossível desfazer-se; são contratados não pelo empreiteiro, mas pelo setor de pessoal, que, por afinidade, muitas vezes seleciona preguiçosos ou idiotas.) O empreiteiro é responsável, do seu próprio bolso, por todos os materiais e fundos para o pagamento das remunerações; Mas Muravliov, por ignorância ou por franqueza (ele não é uma pessoa ruim, de jeito nenhum, e os líderes de equipe sempre *apreciam isso*), esbanja esses fundos, assina relatórios levemente (eles são escritos pelos mesmos líderes de equipe), aceita um trabalho mal executado que deve ser desfeito e feito novamente. E Buslov gostaria de trocar esse capataz por um dos engenheiros reclusos que administra o pico, mas como medida de segurança, a seção de pessoal não permite.

"Bem, vamos ver, diga-me: quanto tempo são os feixes que você tem agora no local?"

Muravliov solta um longo suspiro:

—Neste momento você me comprometeu a te dizer exatamente ...

E quanto mais Muravliov estava bêbado, mais descaradamente ele se dirigia ao empreiteiro. Este decidiu então iniciar um cerco documental, passando a enviar-lhe todas as encomendas por ofício (arquivando cuidadosamente a cópia). Essas ordens, é claro, não foram cumpridas e um arquivo ameaçador cresceu. Mas o presidente da célula também não perdeu a cabeça: pegava meia página de um caderno, todo amassado, e, depois de meia hora de duro sofrimento, conseguia desenhar torto:

“Deixo o seu conhecimento que todos os mecanismos que existem para o trabalho da carpintaria estão decompostos, ou seja, estão em mau estado e, essencialmente, não funcionam.”

O contratante já é outro grau de autoridade trabalhista; é uma ameaça constante e um inimigo permanente para os presidiários. O empreiteiro não mantém mais relações amigáveis ou negocia com líderes de equipe. *Corte* seus relatórios, descubra sua *tujta* (na medida em que suas luzes alcancem) e você sempre pode punir um líder de equipe e qualquer interno por meio das autoridades do campo:

«À cabeça do camarada tenente *lagpunkt* ...

»Solicito que o chefe da equipe de mistura de concreto z / k Zozulia e o capataz z / k Orachevski sejam punidos com a maior severidade (de preferência na prisão, mas deixando o trabalho) por terem extraído lajes mais grossas do que deveriam, com as quais produzido uso excessivo de concreto.

»Ele informa ao mesmo tempo que hoje, ao se dirigir a mim sobre a inscrição da carga de trabalho nas folhas de relatório, o líder da equipe z / k Alekseiiev se dirigiu ao camarada capataz de forma abusiva. Tumarkin, chamando-o de *burro*. Tal conduta de z / k Alekseiiev, um atentado à autoridade dos assalariados livres, parece

extremamente indesejável e até perigosa, pelo que solicito que sejam tomadas as medidas mais drásticas a este respeito, sem excluir a transferência do culpado.

»Primeiro empreiteiro de Buslov».

Se necessário, este Tumarkin também era chamado de burro pelo próprio Buslov, mas pelo que valia, um líder de equipe solitário merecia a transferência.

Não passava um dia sem que Buslov enviasse notas tão pequenas às autoridades do campo. Ele viu as punições como o maior incentivo para melhorar a qualidade do trabalho. Buslov era um daqueles gerentes de produção acostumados com o sistema GULAG há anos e sabia como funcionar perfeitamente dentro dele. Ele declarou isso abertamente durante as reuniões: "Tenho vasta experiência em trabalhar com ze-ka ze-ka e não tenho medo de suas ameaças de me matar e, você entende, com um tijolo." Mas o entristecia que as gerações atuais do GULAG não fossem as mesmas de antes. As pessoas que foram para lá depois da guerra, depois da Europa, foram mais desrespeitosas. "Por outro lado, em 1937, trabalhar, entendeu-me, era um verdadeiro prazer. Dizendo a ele que, quando um funcionário livre entrava, o ze-ka ze-ka se levantava imediatamente. Buslov sabia como enganar os detidos, como mandá-los para lugares perigosos; Ele não se importava com sua força, ou seu estômago, muito menos com seu amor-próprio. Com o nariz pronunciado, as pernas compridas, as botas amarelas *fabricadas nos EUA*, um presente do UNRRA aos necessitados cidadãos soviéticos, ele entrava e passava incessantemente pelo chão da obra, sabendo que senão os ze-ka ze-ka, aqueles Seres sujos e preguiçosos, eles aproveitavam cada canto e recanto para sentar, deitar, deitar, se aquecer, procurar piolhos e até fornicar, no meio do curto dia de trabalho de dez horas, enquanto os líderes de equipe se amontoavam no espaço de regras para escrever *tujta* em relatórios.

E de todos os capatazes, apenas um contava, em parte, com sua confiança: Fyodor Vasilievich Gorchkov. Era um velhinho frágil, com grandes bigodes brancos, que conhecia bem todos os detalhes da construção; Ele era muito hábil no seu trabalho e também no dos outros e, acima de tudo, uma característica rara em um *Volniashka*, ele se interessava sinceramente pelo andamento da obra: não por causa do bolso, como Buslov (ele mantinha o primo? por encomenda ou parabéns?), mas que veio de dentro, como se aquele enorme edifício se construísse para si e quisesse que fosse o melhor do mundo. Ele bebia moderadamente, nunca perdendo de vista seu trabalho. Mas ele também tinha uma falha grave, era que ele

não se adaptou ao Arquipélago, não sabia como manter os prisioneiros no terror. Ele também andava pelo canteiro de obras mas, ao contrário de Buslov, não bisbilhotava, não tentava surpreender ao ver quem fazia trampa, mas gostava de sentar-se nas vigas com os carpinteiros, conversar com os pedreiros, passar um tempo com os estucadores ao lado de seus tonéis. Às vezes ele convidava os detidos para comer doces, para nós era incomum. Ele não conseguia se livrar do emprego mesmo na velhice: cortar vidro. Ele sempre carregava seu diamante no bolso e, assim que alguém cortava vidro em sua presença, ele começava a reclamar que estava fazendo isso errado, afastava os vidreiros e começava a se cortar. Depois que Buslov partiu para Sochi por um mês, Fyodor Vasilievich o substituiu, mas ele se recusou terminantemente a se acomodar em seu escritório e permaneceu como de costume na sala dos capatazes.

Durante todo o inverno, Fyodor Vasilievich usou um casaco curto, com pregas na cintura à moda russa antiga ; a gola estava puída, mas o tecido estava perfeitamente preservado. Um dia falamos sobre aquele casaco; Descobriu-se que Gorchkov o usava continuamente por trinta e um anos, e antes disso seu pai o usava durante vários anos nas férias; assim, ficamos sabendo que seu pai, Vasili Gorchkov, havia sido *capataz de obras públicas*. E então entendemos por que Fyodor Vasilievich amava tanto a pedra, a madeira, o vidro e as pinturas: desde criança crescera na construção. Mas apesar do fato de que costumavam ser chamados de "encarregados de obras públicas" e não agora, eles eram verdadeiros funcionários públicos agora. Antes, eles eram artistas.

Mesmo agora, Fyodor Vasilievich continuou a elogiar os velhos tempos:

"O que é um empreiteiro hoje?" Você não tem o direito de trocar um centavo de jogo para jogo. Antigamente, vinha o capataz no sábado: «O quê, rapazes? *Antes* ou *depois* do banho ? Eles falam: "Depois, vovô, depois!" "Bem, aqui você tem dinheiro para o banheiro e de lá para a taberna ." E depois do banho os meninos vêm aos montes, e ele já os espera na taberna com vodca, tapas, um samovar ... Depois disso, quem se atreverá a trabalhar mal na segunda-feira?

Hoje, tudo isso nos foi nomeado e explicado: era o antigo sistema sugador de sangue, exploração desavergonhada do trabalho alheio, uso dos instintos mais baixos do ser humano. E a vodca com tapas não compensou o que a operária teve de suar na semana seguinte ...

Por outro lado, o pedaço de pão , aquele pedaço de pão mal passado que mãos indiferentes jogam nele pela janela da cozinha, isso compensa ...?

* * *

Pois todas essas oito categorias de habitantes livres estão aglomeradas e espremidas na pequena área que circunda o campo: do campo à floresta, do campo ao pântano, do campo à mina ... Oito categorias diferentes, oito graus diferentes, oito classes diferentes, e todos eles têm que viver juntos naquela pequena aldeia miserável e fedorenta, eles são todos "camaradas", e todos eles mandam seus filhos para a mesma escola .

Camaradas são tais que dois ou três magnatas locais governam sobre os outros, como santos em sua nuvem (em Ekibastuz eles são *Jishchiuk e Karashchiuk*, ^[fr.] diretor e engenheiro-chefe do fundo, respectivamente. Note que os nomes são autênticos, eu não os inventei!) Abaixo, severamente segregados, respeitando estritamente as castas, seguem o chefe do campo, o comandante da escolta, os demais executivos do trust, os oficiais do campo; os oficiais da escolta; em algum lugar está o diretor da "Oferta de Trabalho" e em outro lugar o diretor da escola (mas não os professores). Quanto mais alto, quanto mais zelosamente respeitadas essas barreiras de castas, mais importância se dá a quem comadr e pode ir para a casa de outro para mascar sementes de girassol (não são duquesas, não são condessas, pelo maior cuidado que tomam! em não se abaixar!) Oh, que desespero, viver neste mundo mesquinho, longe de outras famílias de alto escalão que habitam a cidade é confortável e espaçoso! Todo mundo conhece uma delas aqui, ela não consegue nem ir ao cinema sem se enquadrar na categoria e, claro, muito menos na loja (ainda mais porque o melhor e mais fresco é entregue em casa). É até errado criar um leitão em casa: que humilhação, para dona Fulana, alimentá-lo com as próprias mãos! (Daí a necessidade de trazer servidão do campo). E nas poucas enfermarias do hospital, como é difícil escapar dos trapos e da sujeira e descansar entre os vizinhos como Deus planejou! E os queridos filhos da alma que devem ser enviados à escola para compartilhar o banco, quem sabe com quem!

Mas lá embaixo essas demarcações logo perdem sua rigidez e importância, não há mais o gosto meticuloso de controlá-las: em baixo as categorias se misturam inevitavelmente, se esfregam, compram, vendem, correm para ocupar seu lugar na fila, brigam entre si. Presentes de árvore de

Natal na festa do Sindicato, eles se sentam lado a lado no cinema, e bons cidadãos soviéticos são confundidos com indivíduos indignos desse nome.

Os centros espirituais dessas cidades são, em primeiro lugar, a cantina principal, situada em alguns quartéis semi-dilapidados, junto aos quais estão estacionados os caminhões, onde se ouvem canções desafinadas e das quais se espalham pela cidade bêbadas fazendo sons entre sons. arrotos; e em segundo lugar, rodeado pelas mesmas poças e lama, a sede do clube, com o chão lamacento coberto de cascas de girassol, com um quadro de avisos do ano passado entupido de moscas, com a tagarelice incessante do alto-falante acima da porta, com palavrões obscenos durante a dança e brigas de faca depois do cinema. Aqui é costume o “não volte tarde”, e o mais seguro, ao ir ao baile com uma menina, é enfiar a ferradura na luva. (Bem, as meninas por aqui também são tais que algumas delas são capazes de fazer sete homens grandes morderem a poeira!)

O clube de outrora é um espinho no coração dos oficiais. É absolutamente impossível, cai por causa do peso, que vão dançar num tal clube e no meio de tal público. Quem a frequenta, com licença, são os soldados da escolta. Mas o infortúnio é que as jovens esposas dos oficiais sem filhos também são atraídas para aquele lugar, e sem seus maridos. E, claro, eles acabam dançando com soldados. Soldados simples abraçam a cintura das esposas dos oficiais! Como exigir obediência incondicional no dia seguinte ? Se for descoberto que eles estão em pé de igualdade e, portanto, não há exército para resistir! Incapazes de impedir suas mulheres de irem aos bailes, os oficiais tentam manter o local pelo menos fora dos limites dos soldados (abraço para abraçar, a menos que algum *volniashka* sujo o *faça!*) Mas, claro, isso seria uma rachadura na formação política harmoniosa do soldado, segundo a qual na União Soviética somos todos iguais e cidadãos afortunados, enquanto nossos inimigos estão do outro lado do arame farpado.

Muitas tensões como essa estão fermentando profundamente no mundo da concentração. Tendo de conviver com inimigos da ordem e da lei todos os dias, os cidadãos soviéticos honestos não pararão de culpá- los e colocá-los em seus lugares, especialmente quando se trata de conseguir um quarto em um novo quartel. E também os guardas, vestindo um uniforme do MVD, fingindo estar acima dos simples cidadãos livres. Nunca faltam mulheres a quem todos censuram por serem a salvação de homens solitários. Outros decidiram possuir um homem permanente. Eles postam-se

em frente ao posto de guarda quando sabem que vai haver soltura, e agarram os estranhos pela manga: «Venha para a minha casa, tenho um canto sossegado, não vai sentir frio. Vou te comprar um terno! Bem, para onde você está indo? Se eles o colocarem de novo! »

Para tudo isso, a cidade tem sua própria vigilância operacional, seu próprio *compadre*, seus próprios informantes, e eles estão investigando : quem aceita cartas de presidiários, quem vendeu uniforme de concentração atrás do quartel.

E, é claro, menos do que em qualquer outro lugar da União Soviética existe no mundo da concentração o sentimento de Estado de Direito e de que minha casa é meu castelo. Alguns têm anotações no passaporte; outros não têm passaporte; há aqueles que foram presos; Outros são membros da família, e a verdade é que todos aqueles cidadãos independentes e desacompanhados obedecem ainda mais do que os reclusos ao comando do homem com a espingarda, ainda mais submissos ao homem com a arma. Ao vê-lo, não levantam a cabeça orgulhosa: "Você não tem direito!", Mas se encolhem e se curvam, para ver se passam despercebidos.

E aquela sensação do poder absoluto da baioneta e das ondas uniformes com total segurança sobre as imensidades do Arquipélago com todo o universo que o rodeia, é comunicada de tal forma a todos os que pisam naquelas terras, que P ..., cidadão livre que voou com sua filha pequena, na linha de Krasnoiarsk para visitar seu marido no campo, a pedido dos oficiais do MVD no avião, deixe-os tocá-la, revistá-la e despir a menina (desde então dia, a menina chorava constantemente ao ver os Blues).

Mas se alguém vier nos dizer agora que não há lugar mais triste do que o campo e que o mundo da concentração é um esgoto, responderemos: de quem.

Por exemplo, o Yakut Kolodeznikov foi condenado em 1932 a três anos por ter levado uma rena estrangeira para a taiga e, devido à lei do deslocamento ponderado, foi enviado de sua Kolyma natal para os arredores de Leningrado. Ele cumpriu a pena, esteve até na própria Leningrado, trouxe para sua família tecidos de cores vivas, mas, mesmo assim , passou muitos anos reclamando para seus conterrâneos e presidiários trazidos de Leningrado:

"Oh, como isso é chato!" Oh, como é ruim ...!

XXII

Nós construimos

Depois de tudo o que acabamos de dizer sobre os campos, a questão surge por si só: bem, vamos ver! Esse trabalho dos presos era suposto, sim ou não, um benefício para o Estado? E se não supôs, valia a pena montar todo este galpão do arquipélago?

No mesmo acampamento, havia os dois pontos de vista entre os internos e gostávamos de discuti-los.

Naturalmente, se quisermos acreditar nos senhores da guerra, não há nada a discutir. O camarada Molotov, em seu segundo dia no Estado, declarou ao VI Congresso dos Soviets da URSS, referindo-se ao uso da mão de obra dos detidos: “Já o fizemos antes, fazemos agora e continuaremos a fazê-lo no futuro. É vantajoso para a sociedade. É benéfico para criminosos.

Observe que é vantajoso, não para o Governo, mas para toda a sociedade . E para os criminosos, é benéfico. E continuaremos a fazê-lo no futuro. Que discussão existe?

Quanto ao mais, toda a estrutura da política de Stalin, quando as obras foram inicialmente planejadas, e só depois o número de criminosos necessários para executá-las, confirma que o Governo não parecia ter dúvidas sobre as vantagens econômicas dos campos. A economia precedeu a justiça.

Mas é claro que o problema colocado requer esclarecimentos e distinções:

- Os campos são justificados a nível político e social?
- Eles são justificados economicamente?

"Eles são lucrativos?" (Apesar da aparente semelhança entre as duas últimas perguntas, há uma diferença.)

Não é difícil responder à primeira pergunta: para os objetivos de Stalin , os campos eram o lugar ideal para pastorear milhões de seres humanos,

para criar medo. Então, politicamente, eles eram justificados. Da mesma forma, os campos eram materialmente convenientes para um grande grupo social: o dos incontáveis oficiais de concentração. Os campos forneciam-lhes "serviço militar" na retaguarda segura, rações especiais, altos recursos, uniformes, casas, uma situação social. Da mesma forma, nuvens de guardas e guardas robustos que dormiam em seus pontos de vista foram abrigados ali (ao mesmo tempo, quando jovens de treze anos foram enviados à força para escolas profissionais). Todos esses parasitas apoiaram com todas as suas forças o Arquipélago, ninho da exploração escrava. Eles temiam uma anistia geral como cólera mórbida.

Mas já entendemos que nos campos não se encontravam apenas os heterodoxos, aqueles que se desviavam do caminho gregário traçado por Stalin.

O recrutamento para os campos evidentemente excedeu as necessidades políticas, excedeu os objetivos do terror e foi determinado (talvez apenas no cérebro de Stalin) por projetos econômicos. Não saímos da crise e do desemprego dos anos 1920 graças aos campos (e confinamento)? Um papa mártir de 1930, não mais inventado para cavar canais para campos sonolentos, mas campos projetados apressadamente. E a atividade dos Tribunais era regida, não pelo número de "criminosos autênticos" (ou mesmo "elementos suspeitos"), mas pelas demandas das organizações econômicas. Desde que o Belomorcanal começou a ser construído, ficou claro que os *zeks* Solovki não seriam suficientes, e descobriu-se que para os Cinquenta e Oito três anos eram muito poucos, que não eram econômicos, e que eles deveriam ser condenados por dois planos de cinco anos de primeira intenção.

Em que sentido os campos seriam economicamente vantajosos, Thomas More, o bisavô do socialismo, já havia previsto em sua *Utopia*. Pelos trabalhos humilhantes e particularmente dolorosos, que ninguém vai querer fazer sob o socialismo, é isso que os *zeks* farão. Para trabalhar em lugares selvagens e perdidos, onde muitos anos terão que se passar antes que casas, escolas, hospitais e lojas sejam construídas. Para trabalhos de picareta e pá no século xx. Para dar impulso às construções monumentais do socialismo sem ainda ter apoio financeiro.

No grande Belomorcanal, um automóvel simples era uma *visão rara*. Tudo foi feito, como se costuma dizer no campo, "a vapor de peido".

No ainda maior Volga canal (sete vezes maior que o Belomor pelo volume de obras, comparável aos canais do Panamá e Suez), 128 km de comprimento foram escavados a uma profundidade de mais de 5 m, com uma largura de superfície de 85 m, e praticamente tudo com picareta, pá e carrinho. ^[270] O que viria a ser o fundo do "Mar de Rybinsk" estava coberto por densas florestas. Todos foram abatidos à mão, nunca se viu ali a sombra de uma serra mecânica, enquanto para queimar os galhos e escovar utilizaram-se totalmente inválidos.

Quem, senão os presos, iria derrubar árvores por dez horas seguidas, e até viajar sete quilômetros no escuro para a floresta e tantos de volta, a trinta graus abaixo de zero, e sem ter mais dias de folga durante o ano? do que 1º de maio e 7 de novembro (Volgolag, 1937)?

Quem, senão os nativos, arrancaria as raízes das árvores no meio do inverno, carregaria nas costas as caixas com o mineral extraído nas pedreiras de Kolyma, arrastaria entre duas as toras derrubadas a um quilômetro do rio Koin (afluente do Vym) pegando carona em um pequeno trenó (para que a gola não os machucasse, embrulhando-a com peças de roupa velha e passando-a sobre o ombro)?

Certamente - de acordo com o jornalista oficial I. Zhukov ^[271] - da mesma forma que os Komsomoles construíram a cidade de Komsomolsk-Amur (1932): caíram sem machados, não tinham ferraria, não lhes deram pão e morreram de escorbuto. E fica empolgado: ah, quanto heroísmo a gente mostra! Mas não seria melhor ficar indignado? Como é possível amar tão pouco seu próprio povo para mandá-lo construir nessas condições? Bem, por que ficar indignado? Nós sabemos que tipo de "Komsomoles" ^[272] construiu Komsomolsk. Agora eles escrevem que aqueles "Komsomoles" também fundaram Magadan.

E quem iria descer às minas de Djezkazgansk para perfurar a seco por doze horas seguidas? Os homens trabalham sem máscara no meio de uma nuvem de pó de sílica e, após quatro meses, são enviados para morrer com silicose irreversível. Quem iria descer em poços de queda de rochas não reforçados, sem proteção contra inundações, em elevadores sem sapatas de freio? Quem foram os únicos trabalhadores do século 20 que não precisaram gastar em técnicas de segurança desastrosas?

E depois disso, como dizer que os campos não eram economicamente vantajosos?

Leia, leia sobre o *Caminho Morto* de Poboziy ^[273] aquela cena do desembarque e desembarque do lãnceton é no rio Taz, aquela Ilíada polar da era Staliniana : na tundra selvagem nunca pisoteada por pés humanos, algumas formigas presas, guardadas por uma escolta de formigas , eles transportam milhares de toras recém-desembarcadas, constroem docas, colocam ferrovias e entram nas locomotivas e vagões da tundra condenados a nunca mais sair por conta própria. Eles dormem cinco horas por dia ao ar livre, rodeados por placas com a inscrição "zona".

Ele mesmo descreve a seguir como os detidos possuem uma linha telefônica no meio da tundra: vivem em cabanas feitas de galhos e musgo, os mosquitos devoram seus corpos indefesos, suas roupas nunca acabam de secar com a água dos pântanos, e não Vamos falar sobre calçados. O caminho deles foi traçado de qualquer maneira (e está condenado a ser refeito), não há floresta por perto para cortar árvores para os postes e os presos têm que desaparecer por dois ou três dias (!) Para pegar as toras que depois carregam os ombros.

Não houve um segundo Poboziy para contar como, antes da guerra, outra linha ferroviária foi construída: Kotlas-Vorkuta, sob cada uma de cujas travessas permaneceram duas cabeças. E por que ir tão longe? Como, antes daquela ferrovia, eles abriram um simples aceiro na floresta impenetrável: braços sem carne, machados cegos e baionetas ociosas?

Quem teria feito tudo isso sem os presos? E então como é que os campos não eram vantajosos?

Os campos eram uma vantagem extraordinária pela docilidade da mão-de-obra escrava e seu baixo custo, ou ainda mais, pela sua gratuidade, porque para comprar um escravo antigamente, apesar de tudo era preciso pagar, mais para comprar um preso, ninguém pagaria um centavo.

I ven em conferências pós-guerra foram realizadas nos campos, os proprietários de escravos industriais reconheceu que "zk zk tinha desempenhado um papel importante na retaguarda luta pela vitória."

Mas nenhuma laje de mármore jamais terminará, no lugar onde repousam seus ossos, seus nomes esquecidos.

O quão insubstituíveis os campos eram ficou claro nos anos de Khrushchev, quando as campanhas laboriosas e barulhentas do Komsomol pela selva e pelas obras da Sibéria.

Mas outra coisa é a *lucratividade*. Os olhos do estado haviam desaparecido muito depois disso. Os *Regulamentos de 1921 para Locais de*

Detenção já se preocupavam em estabelecer que "os custos resultantes da manutenção dos locais de detenção devem ser, tanto quanto possível, cobertos pelo trabalho dos detidos". A partir de 1922, e apesar de sua natureza operária-camponesa, alguns comitês executivos locais manifestaram "tendências ao comercialismo apolítico", ou seja, não só tentaram equilibrar os custos dos locais de detenção, mas também tentaram extrair deles *benefícios* para o orçamento local, alcançar autofinanciamento com excedente. A rentabilidade dos locais de detenção também era uma exigência do Código de Reeducação do Trabalho de 1924. Em 1928, nas primeiras Jornadas Nacionais dos Trabalhadores Prisionais, muita ênfase foi colocada na necessidade de «retornar ao Estado, através de todos a rede de empresas dependentes dos locais de detenção , o montante das despesas efectuadas pelo Estado a favor dos locais de detenção ”.

Queria muito ter campos pequenos e que saíssem de graça! A partir de 1929, todos os estabelecimentos de reeducação trabalhista do país foram incluídos no plano econômico nacional. E em 1o de janeiro de 1931, foi decidido que todos os campos e todas as colônias penitenciárias da RSFSR e da Ucrânia iriam para o autofinanciamento total.

E o que aconteceu? Sucesso imediato, é claro! Em 1932 os juristas declararam triunfantemente: «Os custos de manutenção dos estabelecimentos de reeducação pelo trabalho *diminuem* (podemos acreditar), ao passo que as condições de vida dos privados de liberdade *melhoram ano após ano (?)*» ^[274] .

Teríamos ficado surpreendidos, teríamos investigado como é possível, como o fizeram, se não tivéssemos experienciado na nossa própria pele como as condições de vida estavam a melhorar ...

Bem, se pensarmos sobre isso, o que há de extraordinário nisso? Do que se trata? Equilibrando as despesas da fazenda com sua renda? As despesas, como acabamos de ler, diminuem. Quando se trata de aumentar a receita, é ainda mais simples. Os presos devem ser apertados mais! Se durante o período Solovkiano do Arquipélago o trabalho forçado teve uma redução oficial de 40% (presumia-se, não sei porquê, que o trabalho forçado era menos produtivo), a partir do Belomorcanal, após ter introduzido a «escama estomacal! “Os cérebros do GULAG descobriram que era o contrário, que o trabalho forçado por fome era o mais produtivo do mundo! Quando a gerência de campo ucraniana recebeu a ordem de mudar para o sistema de autofinanciamento (1931), decidiu imediatamente aumentar a

produção no novo exercício fiscal, em comparação com os anos anteriores, nem mais nem menos do que 242%. (Duzentos e quarenta e dois por cento!), Ou seja, aumentá-lo de uma vez em três vezes e meia e sem nenhuma mecanização!^[275] (E como calcularam cientificamente tudo: duzentos e quarenta e ainda por cima dois por cento! Uma coisa que os camaradas não sabiam: que se chama *o grande salto à frente sob três bandeiras vermelhas*).

Como o GULAG sabia quais ventos sopravam! Nesse exato momento, as seis condições imortais do camarada Stalin apareceram, e entre elas estava precisamente o autofinanciamento. Bem, já temos isso, já temos! Outra condição: o uso de especialistas. Bah!, Para nós é a coisa mais simples do mundo: vamos ver, tire os engenheiros da obra geral!, Ligue-os na produção! (Para os *intelectuais* técnicos, o início da década de 1930 foi o período mais privilegiado: eles praticamente nunca vegetaram em empregos gerais, e mesmo os recém-chegados foram designados para ocupações de sua especialidade. Antes disso, na década de 1920, os técnicos E engenheiros pereciam inutilmente em empregos gerais, porque não havia uso de seu lento talento e conhecimento. Depois disso, de 1937 até a década de 1950, a lucratividade e as históricas Seis Condições caíram no esquecimento, historicamente tornou-se A Vigilância Revolucionária foi primordial , e após a infiltração, um por um, de engenheiros a plug-ins, houve ondas de expulsões dos generais). E, aliás, é muito mais barato ter um preso como engenheiro do que um livre: não é preciso pagar-lhe salário! Mais uma vez lucro, mais uma vez lucratividade! Mais uma vez arrasou o camarada Stalin!

Então a coisa veio de longe, e eu sabia para onde ia: ter Arquipelago livre!

Mas por mais que tentassem, por mais desesperados que estivessem, por mais que quebrassem as unhas nas pedras, por mais que passassem as contas vinte vezes , e as raspassem até fazer buracos no papel, nunca havia lucratividade no mercado! Arquipelago, nem nunca haverá! Entradas e saídas nunca serão equilibradas, e nosso jovem estado operário-camponês (assim como o estado maduro de todo o povo) está condenado a continuar a carregar aquele saco sujo e manchado de sangue sobre os ombros!

Isso se deve às seguintes causas: essencialmente e em primeiro lugar, à inconsciência dos detidos, à negligência daqueles escravos obtusos. Não apenas a abnegação socialista não é obtida deles, mas eles nem mesmo

manifestam um simples interesse capitalista. Eles não têm outra preocupação senão quebrar o sapato para se livrar do trabalho, quebrar o guincho, torcer o volante, quebrar a pá, afundar o balde, só para ter um pretexto para sentar e fumar um cigarro. Tudo o que os detidos fazem para seu amado estado é descoberto e um lixo flagrante: tijolos podem ser quebrados à mão, lascas de tinta, estuque caem, postes desabam, mesas dançam, pernas quebram, as maçanetas saem. Negligência e erros por toda parte. A cada momento é preciso arrancar a tampa já pregada, cavar a vala já preenchida novamente, martelar a parede rebocada. Em 1950, um modelo recente de turbina sueca foi trazido para o Steplag. Veio embalado em uma caixa feita de toras, que parecia uma casinha. Era inverno, estava frio, e não ocorreu aos malditos *zeks entrar* naquela embalagem, entre as toras e a turbina, e acender um pouco de fogo para se aquecer? A solda de prata nas lâminas derreteu e toda a turbina teve que ser jogada fora. Tinha custado incríveis três milhões e setecentos mil. Aí está a sua famosa lucratividade!

Ao trabalhar com reclusos - e esta é a segunda causa - parece que os trabalhadores livres também não exigem nada, como se não construíssem para eles próprios, mas para o gato, e ainda por cima roubam em quantidades industriais. (Eles estavam construindo um prédio de apartamentos, e os funcionários livres haviam roubado algumas banheiras, que eram numeradas: uma por andar. Como entregar o prédio agora? O empreiteiro, claro, não pode confessar a verdade; ele recebe solenemente a encomenda de recepção e o faz visitar a primeira ala do edifício, tomando cuidado para entrar em cada banheiro, para mostrar cada banheira. Em seguida, ele conduz a comissão para a segunda ala, depois para a terceira, sem pressa, devagar; e sem parar entrar em todos os banheiros. Enquanto isso, os *astutos* e habilidosos *Zekos*, sob a direção do experiente capataz encanador, arrancam as banheiras do chão da primeira ala, arrastam-nas na ponta dos pés pelo sótão até a quarta ala, e lá eles põem a toda velocidade antes que a comissão apareça. E aqueles que acabaram, então vão reclamar ...! É para um filme em quadrinhos, só eles iriam censurá-lo: nada de engraçado acontece em nosso país; diverta-se eles só acontecem no Ocidente!)

A terceira causa é a falta de independência dos detidos, sua impossibilidade de viver sem guardas, sem administração de campo, sem militares, sem área com mirantes, sem setores de Planejamento e Produção,

Administração e Intervenção, Chequista-Operacional e Educacional - Cultural; sem concentração são superiores autoridades , até atingir o próprio GULAG; sem censura, sem SHIZO, sem BUR, sem plug-ins, sem armazéns e depósitos; sua incapacidade de se movimentar sem escolta e sem cães. Por isso, para cada preso que trabalha, o Estado tem que sustentar pelo menos um tutor (e o tutor tem família!) E ainda bem que é assim, porque senão de que viveriam esses tutores?

E, além disso, os sábios engenheiros estão determinados a buscar uma quarta causa: segundo eles, a necessidade de instalar uma área a cada etapa, para reforçar a escolta e formar destacamentos adicionais, limita sua capacidade de manobras técnicas - como, por exemplo , quando o desembarque no rio Taz - motivo pelo qual - afirmam - tudo é feito fora do prazo e é mais caro. Mas essa é uma razão *obj etiva*, ^[fs] uma desculpa. Convoque-os para o escritório do Partido, vista-os bem e essa causa desaparecerá. Deixe-os vasculhar seus cérebros, procurar soluções.

E ainda por cima, além dessas causas, há os inadvertidos naturais e muito desculpáveis da própria superioridade . Como disse o camarada Lênin, só quem não faz nada nunca está errado.

Por exemplo, por mais que se planejem as roças, sabe-se lá por quê, quase nunca caem no verão, mas sempre no outono e no inverno, quando o solo está congelado ou lamacento.

Ou, na mina Shturmovoi em Kolyma, em março de 1938, quinhentos homens estavam estacionados na nascente de Saroschiy para cavar fossos de oito a dez metros de profundidade em um solo eternamente congelado. Isso foi feito (mais da metade dos internos deixaram suas peles lá). Em seguida, eles tiveram que continuar com a dinamite, mas mudaram de ideia: o conteúdo de metal era muito baixo. Eles abandonaram. Em maio os poços ficaram cheios de água, todo o trabalho foi perdido. Mas dois anos depois, novamente em março, no meio das geadas de Kolyma, eles concordaram: devemos fazer poços! Esse mesmo lugar! Urgente! Não poupando homens!

E, claro, essas coisas são despesas supérfluas ...

Ou então, no rio Sujon, perto do pequeno vilarejo de Opoki, os detidos carregaram toneladas de terra e construíram uma barragem. Na primeira enchente do rio, ele foi levado embora. Um emprego perdido.

Ou o que aconteceu no centro florestal de Talaga, dependente da liderança de Arjanguelsk. Eles planejavam produzir móveis, mas se esqueceram de planejar o fornecimento de madeira para fazê-los. O plano é

o plano, deve ser cumprido! Talaga foi forçada a ter equipes especiais pescando novamente toras "danificadas", isto é, ficando para trás das partes flutuantes rio abaixo. Não chegou. Em seguida, eles começaram a apreender e saquear jangadas inteiras. Mas é claro, essa madeira teria mais alguém no plano e agora eles estariam faltando. E Talaga não pode cobrar dos meninos pela produção: afinal, é pirataria! Autofinanciar nessas condições ...

Ou, se não, quando em Ustvymlag, em 1943, quiseram superar o plano de flotação individual (para toras soltas); eles apertaram a madeira, tiraram os válidos e os inválidos e juntaram-se a eles muitas toras no cais, duzentos mil metros cúbicos. Não houve tempo para tirá-los de lá, o inverno chegou e eles ficaram presos no gelo. Agora, um pouco mais abaixo está a ponte ferroviária; Se na primavera essa massa não se desintegrar, mas cair como um bloco, a ponte será arrastada; muitas vezes uma bagunça, o chefe terá que comparecer ao tribunal. Assim, dinamite teve que ser encomendada por vagões inteiros, mergulhados no meio do inverno até o fundo do rio, explodiu a superfície congelada, rolou as toras para a costa o mais rápido possível e lá as queimou (porque na primavera elas não serão mais usadas para a serraria) Esse trabalho manteve um *lagpunkt* inteiro ocupado , duzentos homens. Para trabalhar na água gelada, eles receberam bacon. Mas nenhuma operação se justificava com faturas, porque tudo era trabalho supérfluo. Sem falar nas toras queimadas, também pura perda. Que lucratividade ...

Todo o campo de Pechdjeldorlag estava construindo a ferrovia para Vorkuta, da maneira mais sinuosa que podia. Uma vez terminado, eles começaram a endireitar. Por causa de quem? E quanto à ferrovia Lalsk-Piniug (no rio Luza), que a princípio se pensou que levaria a Syktyvkar? Em 1938 concentraram-se ali grandes campos , construíram -se quarenta e cinco quilômetros de via, depois foram abandonados ... Todo o trabalho em vão.

Bem, bem, esses pequenos erros são inevitáveis em qualquer trabalho. Nenhum líder está imunizado contra eles.

E toda aquela estrada Salekhard-Igarka, que começou a ser construída em 1949, também era inútil, não havia nada para transportar lá. E eles também a abandonaram. Claro, foi um erro, mas ... ousado dizer QUEM? Sim, o mesmo ...

Às vezes eles apertam tanto com esse autofinanciamento, que o chefe da área não sabe mais onde conseguir, como fazer face às despesas. Depois

da guerra, o Campo de Inválidos de Kachka perto de Krasnoiarsk (1.500 inválidos!) Também recebeu ordens de se financiar: para fazer móveis! Pois esses inválidos derrubavam árvores com serras de carpinteiro (como não era um campo florestal, não tinham serras mecânicas planejadas) e arrastavam para o campo com vacas (também não tinham meio de transporte, mas tinham leite). O preço de custo de uma poltrona era 800 rublos , enquanto o preço de venda era... 600! Nessas condições, as autoridades rurais tinham interesse em declarar o maior número possível de deficientes físicos inaptos para o trabalho, ou então fazê-los parecer doentes e não enviá-los para trabalhar fora da área, com o que passariam imediatamente do autofinanciamento deficiente para orçamento do estado descansado.

Por todas estas razões, o Arquipélago não só não é rentável, como o país ainda tem que pagar uma boa alta pelo prazer de o ter .

Há algo mais que complica ainda mais a vida econômica do Arquipélago. Esse grande autofinanciamento do socialismo é necessário do Estado, o GULAG precisa, mas o chefe de cada campo em particular não dá a mínima: bem, eles vão repreender um pouco; bem, eles darão uma pitada de prêmio (mas pagarão o mesmo). Por outro lado, a principal renda, o grande conforto e o maior prazer para cada chefe do campo são em ter sua economia privada, em morar em sua pequena e confortável hacienda, em sua fazenda. Tanto no Exército Vermelho quanto entre os oficiais do MVD virou moda, e não de brincadeira, mas sério, o termo antigo, respeitoso, orgulhoso e agradável *que adoro*. Assim como havia apenas um Mestre para todo o país, o comandante de cada subdivisão tinha que ser o Mestre também.

Mas devido ao pente cruel dos grupos ABCD que o impiedoso Frenkel afundou para sempre na juba do GULAG, o senhor teve que equilibrar para deslizar sub - repticiamente entre os dentes a quantidade de trabalhadores de que precisava para o bom funcionamento de sua fazenda. Onde quer que o pessoal do GULAG visse um único alfaiate, eles tinham que descobrir como montar uma oficina de costura inteira; onde apenas um sapateiro fosse o responsável, uma pequena fábrica de calçados tinha que ser organizada ... E quantos mais artesãos, todos tão úteis, você gostaria de ter para seu uso exclusivo! Por que, por exemplo, não montar estufas e servir vegetais frescos o ano todo na mesa dos oficiais? Mesmo um chefe razoável

às vezes deseja poder organizar uma fazenda paralela para alimentar melhor os mesmos prisioneiros; Isso beneficiaria o mestre, pois os internos iriam mais do que recompensá-lo com um trabalho melhor. Mas onde conseguir homens para isso? Bom, tinha uma solução: cobrar um pouco mais dos presos trabalhadores, enganar um pouco o GULAG, e um pouco mais para o chefe de produção. Para trabalhos de grande escala na área (por exemplo, algumas grandes construções), os detidos poderiam ser forçados a trabalhar no domingo ou à noite, após seu dia de trabalho (de 10 horas). Para os empregos permanentes, os valores de produção das equipes foram inflados: os trabalhadores que permaneceram na área foram contabilizados como saindo com suas respectivas equipes, cujos chefes tiveram que trazer seu *percentual*, ou seja, sua parte proporcional do trabalho realizado, subtraída aos demais trabalhadores (que mesmo sem isso não cumpriam a norma). Os presos trabalharam mais, comeram menos, mas as finanças privadas aumentaram e a vida tornou-se mais agradável e menos monótona para os camaradas oficiais.

Em alguns campos, o chefe tinha espírito de iniciativa, e se encontrasse um engenheiro dotado de fantasia, um poderoso *serviço de intendente* poderia surgir na área, já com a papelada em ordem, com equipe própria e que concordasse em servir em tarefas industriais. O que não fez foi se integrar ao fornecimento planejado de maquinário e matéria-prima e, como não tinha nada, teve que fabricar tudo.

Contaremos aqui como funcionava um desses serviços de intendente, o do campo de Kenguir. Sua alfaiataria, pele, encadernação, carpintaria e outras oficinas semelhantes, não as mencionaremos; não foi nada. O contramestre Kenguir tinha sua própria fundição, sua própria serralheria e até mesmo - em meados do século 20 - construía suas próprias máquinas de perfuração e afiação à mão! O torno deles, certamente, eles não conseguiram fazer, mas lá eles usaram a *facilidade de concentração emprestada*: eles roubaram em plena luz do dia da área de produção.

Eles procederam assim: um caminhão se aproximou do campo; quem estava dentro esperou que o chefe da oficina saísse e então toda a equipe pulou no guincho, carregou no caminhão, ele cruzou o posto de guarda sem dificuldade (os soldados da guarda eram do mesmo MVD, foram avisados) e rapidamente introduziu o torno no campo, onde nenhum cidadão livre tem acesso. E é isso! O que se pode exigir de alguns indígenas responsáveis e obtusos? O chefe da oficina atira sapos e cobras - onde está o torno? eles

não sabem de nada: havia um torno? Nós não vimos isso. As principais ferramentas chegavam ao campo da mesma forma, só que com mais facilidade, no bolso ou sob a saia.

Em uma ocasião, a prefeitura foi responsável por lançar tampas de esgoto para a fábrica de enriquecimento mineral Kenguir. Tudo estava indo bem, mas de repente ele ficou sem ferro. Bem, onde você consegue isso agora? Bem, *ali* mesmo, naquela mesma fábrica! Os presos foram encarregados de roubar magníficos suportes de ferro fundido de fabricação inglesa (ainda da concessão pré-revolucionária), derretê-los no campo e devolvê-los à fábrica em forma de tampas de esgoto, pelas quais o campo cobrava dinheiro. .

O leitor agora entenderá como um intendente tão ativo contribuiu para a lucratividade e, em geral, para toda a economia do país.

E o que foi que não se comprometeu a fazer aquele contramestre! Nem mesmo Krupp teria ousado. Eles começaram a fazer grandes canos de lama para esgotos. Um moinho de vento. Cortadores de palha. Cadeados Bombas d'água. Eles consertaram moedores de carne. E correias de transmissão. E autoclaves para o hospital. E eles afiaram os bits. O que não se faz quando não há outra saída? A fome aguça as ideias. Se eles disserem “não sabemos, não podemos”, no dia seguinte são encaminhados para trabalhar fora da área. Mas no final era muito melhor: nada de comícios matinais, nada de marchas escoltadas, um trabalho mais tranquilo e, além disso, você poderia fazer algumas coisas sozinho. A enfermaria pagava os pedidos com alguns dias de "baixa por doença"; a cozinha, com “suplementos”; Havia quem pagasse com fumo, e a superioridade era capaz até de dar pão extra (do Estado).

Divertido e interessante ao mesmo tempo. Para os engenheiros, era uma dor de cabeça perpétua: com o quê? Como? Às vezes, um pedaço de ferro encontrado no lixo pode mudar completamente todo o projeto da coisa. Eles haviam feito um moinho, mas não conseguiram encontrar a fonte para fazê-lo girar com o vento. Eles tiveram que amarrar duas cordas e instruir dois internos: assim que o vento mudar, você corre, agarra as cordas e gira as lâminas. Eles fizeram seus próprios tijolos: uma mulher cortou a faixa de argila com arame do tamanho de futuros tijolos; então, avançaram em uma esteira que a própria mulher teve que colocar em movimento. Mas com o quê? Ele estava com as duas mãos ocupadas. Ó inventividade imortal dos astutos *zekos!* Eles conceberam dois tipos de

bastões solidamente fixados à pélvis do trabalhador, e enquanto o trabalhador cortava os tijolos com as mãos, com movimentos laterais fortes e frequentes da pelve, avançava na esteira. Pena que não temos fotos para mostrar ao leitor!

Enquanto isso, o escudeiro Kenguir chegou à conclusão definitiva de que não havia nada no mundo que não pudesse ser feito por seu intendente. E um belo dia ligou para o engenheiro-chefe e ordenou-lhe que começasse imediatamente a fazer vidro para vidros e jarras! Como o vidro é feito? Os meninos não faziam ideia. Olharam um volume de um dicionário enciclopédico que havia ficado lá: só colocava generalidades, a receita não veio. De qualquer forma, eles pediram refrigerante, encontraram areia de quartzo em algum lugar. Mas, acima de tudo, pediram aos companheiros que trouxessem o máximo de cacos de vidro das obras da "cidade nova": ali quebrou muito. Eles colocaram tudo isso em uma fornalha, eles derreteram, eles misturaram, eles esticaram ... e eles conseguiram placas de vidro! Apenas uma extremidade tinha um centímetro de espessura e a outra apenas dois milímetros. Através de um vidro como aquele você não conseguia nem reconhecer seu melhor amigo. Para tudo isso, aproximava-se a hora de apresentar a produção ao diretor. O *zeko* vive de dia: viva hoje, que amanhã se verá. Roubaram alguns vidros cortados da fábrica, levaram ao contramestre, mostraram ao diretor do acampamento. O homem ficou satisfeito: "Ótimo, eles parecem reais! Inicie a produção em série." "Não podemos fabricar mais, Diretor Cidadão." "E por que?" "Veja, o molibdênio necessariamente entra na composição do vidro das janelas. Comemos um pouco, mas acabamos. E eles não podem conseguir em algum lugar? "De onde vamos conseguir isso?" "Pena! E os jarros, podem ser feitos sem o molibdênio es e? " "Jarras, talvez" ... "Bem, vá em frente." Mas todos os potes saíram tortos e, por alguma razão obscura, eles se quebraram inesperadamente por conta própria. Um enfermeiro pegou uma dessas jarras para receber o leite e ficou com a alça na mão: todo o leite derramado. "Ah, desgraçados", gritou ele, "sabotadores, fascistas, deviam todos levar um tiro!"

Quando na rua Ogariev em Moscou, para construir novos edifícios, eles demoliram algumas casas antigas de mais de um século, não apenas não derrubaram as vigas de madeira; Eles não simplesmente não eram vendidos como lenha, mas os usavam para trabalhos de carpintaria! Era madeira pura do Sonic! Assim era a seca nos dias de nossos avós.

Estamos sempre com pressa, nunca há tempo. E além disso, você tem que esperar as vigas secarem ? No Portão de Kaluga, nós os untamos com os mais recentes anti-sépticos, mas eles apodreceram da mesma forma; estavam cobertos de fungos a tal velocidade que, antes de entregar o prédio, já era preciso levantar os pisos e trocá-los na hora.

Daqui a cem anos, tudo o que nós detentos construímos - bem, e todo o país - com certeza não vai soar como aquelas vigas da Rua Ogariev.

No dia em que a URSS lançou com grande alarido seu primeiro satélite artificial, em frente à minha janela, em Riazza havia dois pares de mulheres *livres*, vestidas com velhos casacos *zako* e calças acolchoadas, que ergueram a mistura *em cabides até o dia 4. th chão*.

"É verdade, é verdade", objetarão eles. Mas você não vai negar que, *apesar de tudo, gira!*

"Não, não podemos negar isso, que diabos!" Gire, gire!

Seria apropriado concluir este capítulo com a longa lista de trabalhos realizados pelos internos, mesmo que apenas desde o primeiro plano quinquenal de Stalin até Khrushchev. Mas, é claro, não estou em posição de redigi-lo. Eu só posso iniciá-lo, para que aqueles que desejam continuar e concluí-lo:

- Belomorcanal (~ 1932), Volgocanal (~ 1936), Volga-Don (~ 1952);
- FC Kotlas-Vorkuta, com filial em Salekhard;
- fc Rikasija-Molotovsk; ^[276]
- fc Salejard-Igarka (abandonado);
- fc Lalsk-Piniug (descartado);
- fc Karaganda-Mointy-Baljash (1936);
- fc pela margem direita do Volga;
- fc paralelo às nossas fronteiras com a Pérsia e a Finlândia;
- fc segunda via da Transiberiana (1933-1935), aproximadamente 4000 km;
- fc Taishet-Lena (início de BAM);
- fc Komsomolsk'-Sov. Gavan;
- fc em Sajalín, da estação Pobedino à rede japonesa;
- fc para Ulan-Bator ^[277] e estradas na M ongólia;
- Rodovia Moscou-Minsk (1937-1938);

- Rodovia Nogaievo-Atka-Nera;
- construção da central hidrelétrica Kuibishev;
- construção da central hidroelétrica de baixo Tuloma (perto de Murmansk);
- construção da central hidroelétrica Ust-Kamenogorsk;
- construção de fundições de cobre em Balkhash (~ 1934-1935);
- construção do complexo de papel Solikams;
- construção do complexo químico de Berezniki;
- construção do complexo metalúrgico Magnitogorsk (parcial);
- construção do complexo metalúrgico de Kuznetsk (parcial);
- construção de fábricas, fornos Martin;
- construção da Universidade Estadual de Lomonosov, Moscou (1950-1953, parcial);
- construção da cidade de Komsomolsk-Amur;
- edifício da cidade de Sov. Ga van;
- construção da cidade de Magadan;
- construção da cidade de Norilsk;
- construção da cidade de Dúdinka;
- edifício da cidade de Vorkuta;
- construção da cidade de Molotovsk (Severodvinsk) a partir de 1935;
- construção da cidade de Dubna;
- construção do porto de Najodka;
- Oleoduto Sakhalin-continente;
- construção de quase todos os centros da indústria nuclear;
- extração de elementos radioativos (urânio e rádio perto de Chelyabinsk, Sverdlovsk, Tura);
- trabalho em fábricas de tratamento e enriquecimento (1945-1948);
- extração de rádio no Ujta; refino de petróleo no Ujta, produção de água pesada;
- extração de carvão na bacia de Pechora, Kuznetsk, nos depósitos de Karaganda, Suchán, etc.;
- Extração de minerais em Djezkazgán, no sul da Sibéria, Mongólia Buriat-in Shoria em Khakassia, na Península de Kola;
- mineração de ouro em Kolyma, na Península de Chukolski, em Yakutia, na Ilha Vaigach, em Maikain (região de Baian-Aúl);
- extração de espargos na Península de Kola (desde 1930);
- Mineração de fluorita em Amderma (desde 1936);

- extração de metais raros (depósito "Stalin" na província de Akmolinsk) (até os anos 1950);
- *uso de madeira* para exportação e consumo interno. Todo o norte da Rússia e Sibéria. Listar todos os campos da floresta está além de nossas forças; é meio arquipélago. Os primeiros nomes bastarão para nos convencer: campos ao longo do rio Koin; ao longo de todo o Ufriuga, que deságua no Dvina; ao longo de todo o Nem, um afluente do Vycheгда (eLivross alemães); nas margens do Vycheгда, perto de Riabovo; na Dvina do Norte, perto de Cherevkovo; no Maly Dvina do Norte, perto de Aristovo ...

E é possível escrever essa lista ...? Em que mapa, ou em que memória, foram preservados os nomes daqueles milhares e milhares de campos florestais provisórios, instalados por um, dois, três anos, tempo necessário para que toda a floresta circundante seja destruída e depois liquidada definitivamente? E por que apenas silvicultores? O que podemos dizer da lista completa de todos os ilhéus do Arquipélago que em algum momento surgiram à tona, acampamentos famosos que duraram dezenas de anos e pontos de montagem móveis que seguiram o roteiro da construção de estradas, poderosos centros de detenção e campos de trânsito feitos de lona e estacas? Quem poderia apontar nesse mapa também os KPZs? E também as prisões de cada cidade (e em cada uma eram várias)? E acima de tudo as colônias agrícolas com suas subcomandancias de agricultura e pecuária? E as pequenas colônias industriais que enxamearam as cidades? Nesse sentido, Moscou e Leningrado deveriam ser separados em uma escala maior . (Não esquecendo um *lagpunkt* a quinhentos metros do Kremlin, quando começaram a construir o Palácio dos Soviotes). Além disso, o Arquipélago dos anos 1920 era uma coisa, o Arquipélago dos anos 1950 era outra, em pontos totalmente diferentes. Como representar esse movimento no tempo? Quantos mapas você precisa? E o Nyroblag, o Ustvymlag, os campos de Solikamsk ou Potma devem ser listados como províncias totalmente sombreadas, mas quem entre nós cruzou suas fronteiras?

Apesar de tudo, esperamos ver esse mapa um dia.

- Remessa de madeira na Carélia (até 1930. Após apelos da imprensa inglesa de que a madeira carregada pelos internos não era aceita, os

zeks foram imediatamente dispensados e enviados para o interior da Carélia);

- abastecimento de frente durante a guerra (minas, granadas, suas respectivas embalagens, confecção de uniformes);
- construção de fazendas estatais na Sibéria e no Cazaquistão ...

E mesmo deixando de lado toda a década de 1920 e a produção das casas de reclusão, casas de correção, casas de reeducação pelo trabalho, em que trabalharam *centenas de centenas de pessoas* , o que fabricaram durante um *quarto de século* (1929-1953)? *colônias industriais*, que não faltam em nosso país em todas as cidades que delas se orgulham?

E nossas colônias agrícolas, centenas e centenas delas, o que elas produziram?

É mais fácil listar as atividades que os presidiários nunca realizaram: fazer embutidos e confeitaria.

Quarta parte

Espinhos de alma e arame

Vou te declarar um mistério: nem todos dormiremos, mas todos seremos transformados.

I CORINTHIANS, 15-51.

I

Elevação

E os anos passam ...

"Inverno-verão, inverno-verão", cantarolam jocosamente nos campos, mas não é assim: o outono é longo; inverno, sem fim; a primavera, calma; só o verão é curto. O verão é muito curto no arquipélago.

Só um ano ... Meu Deus, quanto tempo faz! Mesmo em um único ano, quanto tempo você tem para pensar! Pelo menos trezentas e trinta vezes você terá se espremido no rali matinal, na lama sob a garoa, ou açoitado pela tempestade de neve, ou no ar parado e congelado. Pelo menos trezentas e trinta vezes você terá repetido um trabalho tedioso, com a cabeça vazia. Trezentas e trinta vezes você terá estremecido, encharcado e congelado depois do trabalho, esperando que a última sentinela do ponto de vista mais distante se junte à escolta. E foi embora. E volta. E quando você dobra mais de setecentos e trinta tigelas de *balanda*, mais de setecentos e trinta tigelas de cereal. E deitado na sua cama, ao adormecer e ao acordar. Nem o rádio nem os livros poderão distraí-lo, não há nenhum, graças a Deus.

Isso é apenas um ano. E são dez. Eles têm vinte e cinco ...

E, finalmente, quando for levado para a enfermaria, no último grau de fome, você terá tempo para *pensar lá também*.

Pensar! Tente deixar algo claro sobre o seu infortúnio!

As almas e os cérebros dos detidos podem permanecer inativos por todo esse tempo sem fim? Vistos de longe e em massa, parecem muitos piolhos, mas não são os reis da criação? Você não recebeu uma centelha divina em seus dias? O que aconteceu com ela agora?

Durante séculos considerou-se que a *sentença* era dada ao infrator para dar-lhe tempo para meditar sobre seu crime, torturar-se, arrepender-se e, assim, corrigir-se gradativamente.

Mas o Arquipélago GULAG não conhece arrependimentos! De cem indígenas, cinco são bandidos; suas más ações não os mantêm acordados; pelo contrário, eles são sua marca registrada de glória, e a única coisa que aspiram é ser mais hábeis e ousados no futuro. Outros cinco *tiraram* muitas coisas, mas não das pessoas: hoje em dia é possível roubar em grande escala só do Estado, que por sua vez desperdiça sem rima ou razão o patrimônio do povo. O que então esse indivíduo pode se arrepender? No mínimo, se ele não tivesse levado mais, ter distribuído com quem se correspondia e ter sido libertado. Outros 85 indígenas não têm absolutamente nada pelo que se censurar. O que eles se arrependeriam? Eles pensaram o que pensaram? (Aliás, eles o esmagam e atordoam tanto que alguns até acabam se arrependendo: como sou pervertido ...! Lembremos do desespero de Nina Peregud por ser indigna de Zoia Kosmodemianskaia). De ter se rendido ao inimigo quando não havia outra escolha? De ter aceitado um emprego durante a ocupação alemã, em vez de passar fome? (Aliás, eles confundem tanto o que é permitido e proibido que alguns ficam atormentados: eu teria morrido antes de comer aquele pão). De ter colhido algo entre as colheitas para alimentar seus filhos, enquanto trabalhava de graça no kolkhoz? De ter tirado algo da fábrica com o mesmo propósito?

Não, não apenas você não se arrepende, mas seus olhos refletem uma consciência tão pura quanto um lago na montanha. (E os teus olhos, purificados pelo sofrimento, descobrem invariavelmente o mais ligeiro vestígio de impureza no olhar dos outros: por exemplo, reconhecem infalivelmente os delatores. O CHKGB não sabe que possuímos essa visão com os olhos da verdade, e é essa a nossa "arma segredo", contra o qual o GB não pode lutar).

Era esse sentimento geral de nossa inocência que nos diferenciava fundamentalmente dos condenados de Dostoiévski, dos condenados de P. Iak Ubovich. Lá, a consciência de uma proibição especial; aqui, o claro entendimento de que qualquer pessoa e a qualquer momento poderia ser presa como nós antes, e que o arame farpado nada mais era do que uma barreira convencional. Lá, a maioria estava perfeitamente ciente da culpa pessoal; tivemos a sensação de uma espécie de calamidade que se abateu sobre milhões de nós.

Mas uma calamidade não é condenação. Deve ser superado.

Não era por causa da incrível escassez de suicídios no campo? Em geral, eram muito poucos, embora cada interno provavelmente se lembre de um caso de suicídio. Mas ele com certeza se lembra de muitos outros casos de evasão. Evasões sim, eram mais que suicídios! (Os defensores zelosos do realismo socialista podem me parabenizar: estou decididamente na linha otimista.) E as automutilações também foram mais frequentes, mas também são uma prova de amor pela vida; eles são um cálculo simples: sacrifique a parte para salvar o todo. Acho até que, estatisticamente falando, a taxa de suicídio no campo foi menor do que na vida normal. Mas, é claro, não estou em posição de verificar isso.

Bem, sim, Skripnikova lembra que em 1931, em Medviezhgorsk, um homem na casa dos trinta se enforcou no guarda-roupa feminino no mesmo dia em que foi lançado. Quem sabe! Talvez por desgosto pela vida *livre* naquela época? (Dois anos antes que sua esposa o tivesse deixado, mas naquela época ele não se enforcou). Ou o engenheiro Voro nov, que se enforcou no clube de campo central de Burepolom. Aramovich, um oficial do Partido Comunista, enforcou-se em 1947 no sótão da fábrica de máquinas Kniazh-Pogost. No Kraslag, durante a guerra, os lituanos, cuja vida anterior não os tinha preparado para a nossa crueldade, chegaram a tal ponto de desespero que marcharam na escolta para serem fuzilados. Em 1949, em uma cela de prisão preventiva em Vladimir de Volynsk, um garçom sobrecarregado pela instrução já havia se enforcado, mas foi levado por Borniuk. No Portão de Kaluga, um ex-oficial letão internado na enfermaria conseguiu se esgueirar pela escada que levava aos andares superiores, ainda em construção. Uma enfermeira reclusa encontrou-o desaparecido, correu para alcançá-lo, mas só conseguiu no sexto andar, na varanda sem grade. Ela o agarrou pelo manto, mas ele se desprende do manto, e de cueca saltou para o vazio ... Com a velocidade de um relâmpago, um clarão branco iluminou a visão dos transeuntes da rua Bolshaya Káluzhskaia, numerosos naquele sol dia de verão. A comunista alemã Einmy, ao saber da morte do marido, deixou o quartel despida no meio do inverno para pegar uma pneumonia. No TON de Vladimir, o inglês Kelly realizou a façanha de abrir as veias com a porta de sua cela aberta e um guarda na soleira.^[1]

Repito, histórias desse tipo não são raras; entretanto, em relação às dezenas de milhões de detidos, sempre serão poucos. Mesmo a partir desses poucos exemplos, vemos que uma grande porcentagem dos suicídios são

cometidos por estrangeiros, ocidentais. Para eles, encontrar-se repentinamente no Arquipélago foi um golpe mais devastador do que para nós, e por isso decidiram pôr fim à vida. Também os bem-intencionados (embora não os obstinados). E é lógico: em sua cabeça devia haver uma bagunça tão grande que doía sem parar. Como agüentar? (Zosia Zaleskaia, uma nobre polonesa, que havia dado toda a sua vida à "causa do comunismo", trabalhando no Serviço Secreto Soviético, tentou suicídio três vezes seguidas durante o exercício: ela se enforcou, eles a levaram para baixo, ela ia para cortando as veias, eles a impediram; ela pulou em uma janela do sétimo andar, o sonolento juiz de instrução teve tempo de segurá-la pelo vestido. A salvaram três vezes para atirar nela depois).

E, em geral, qual é o verdadeiro significado do suicídio? Por exemplo, Hans Bernstein insiste que os homens-bomba não são covardes, longe disso; que o suicídio requer grande força de vontade. Ele mesmo, com algumas bandagens, fez uma corda e tentou se enforçar encolhendo as pernas. Mas assim que círculos verdes começaram a dançar diante de seus olhos, assim que seus ouvidos começaram a zumbir, ele instintivamente colocou os pés no chão. Finalmente, depois de várias tentativas, sua corda se quebrou e ele estava feliz por estar vivo.

Eu não discuto; talvez até no mais extremo desespero o assassinato exija um certo esforço de vontade. Durante muitos anos, não ousaria dar uma opinião. Toda a minha vida fui persuadido de que, em nenhuma circunstância, pensaria em suicídio. Mas recentemente eu tive que passar por alguns meses muito sombrios: parecia-me que todo o trabalho da minha vida seria destruído, especialmente se eu continuasse vivo. E me lembro muito bem daquela repulsa pela vida, daqueles momentos em que sentia que morrer era muito mais fácil do que viver. Parece-me que em tal estado requer mais força de vontade para continuar vivendo do que para morrer. Mas isso provavelmente depende do indivíduo e das circunstâncias. É por isso que também existem duas opiniões opostas sobre o assunto.

Seria muito dramático imaginar que de repente aqueles milhões de seres, gratuitamente humilhados, terminassem todos os seus dias para se vingar duas vezes do Governo: em primeiro lugar, provando a sua inocência e, sobretudo, privando-os do trabalho gratuito. O governo teria abrandado? Ele teve pena de seus súditos? Eu duvido. Stalin não teria parado por tão pouco e prendido mais vinte milhões.

Mas nada disso aconteceu! Os detidos morreram às centenas de milhares, aos milhões, reduzidos ao extremo, mas não por isso cometeram suicídio. Condenam você a uma existência monstruosa, ao aniquilamento pela fome, a um trabalho além de suas forças, eles não se suicidaram!

E, depois de pensar nisso, cheguei a uma conclusão que parecia bastante sólida: quem se suicida é sempre um homem derrotado, um homem acuado, que falhou na vida e que não tem mais vontade de continuar lutando. E se aqueles milhões de seres miseráveis e indefesos não se suicidaram, foi porque foram dominados por algum sentimento invencível, por alguma ideia forte.

Era a sensação de que a razão estava do seu lado. Era a consciência de uma desgraça nacional, semelhante às invasões tártaras.

Mas se ele não tem nada do que se arrepender, no que o preso pensa constantemente? "A prisão e o alforje ensinam a pensar." Eles vão ensinar a pensar, ok. Mas em quê?

Isso já aconteceu com muitos, não apenas comigo. O primeiro céu da nossa prisão estava carregado de nuvens negras e colunas negras de fumaça, era o céu de Pompéia, o céu do Juízo Final, porque o preso não era qualquer um, mas eu, o centro deste mundo.

O último céu em nossa prisão era infinitamente alto, infinitamente puro, um azul quase branco.

No início, todos (exceto os crentes) reagiram da mesma forma: colocamos as mãos na cabeça para pentear os cabelos ..., mas raspamos! Como poderíamos? Como não percebemos? Não avisamos nossos denunciadores, nossos inimigos! (Ah, como os odiamos agora, como queremos nos vingar deles!) Como temos sido imprudentes, como temos sido cegos! Quantos erros cometemos! O que fazer para corrigi-los? Você tem que corrigi-los imediatamente, você tem que escrever ... você tem que dizer ... você tem que transmitir ...

Mas não, você não precisa fazer nada. Nada pode nos salvar. Quando chegar a hora, assinaremos o Artigo 206; quando chegar a hora, o Tribunal anunciará sua decisão para nós ou, na ausência do Tribunal, ele comunicará a decisão do OSO.

Então começa a era das transferências. E enquanto pensamos no campo que nos espera, gostamos de lembrar o nosso passado: como

vivemos bem (mesmo se realmente vivemos mal)! Mas quantas possibilidades perdidas, quantas flores não colhidas ...! Serei capaz de recuperar o tempo perdido? Se eu apenas chegar ao final da minha frase vivo , que diferente, que inteligente vou viver! O dia da futura *libertação* brilha como um sol nascente!

E concluímos: temos que agüentar até aquele dia! Segure a qualquer preço!

"A qualquer preço" é apenas uma expressão que usamos todos os dias por hábito.

Mas as palavras aqui assumem todo o seu significado e constituem uma promessa terrível: sobreviver *a qualquer custo!*

E quem quer que faça essa promessa, sem piscar para as grandes labaredas cor de sangue que de repente emitem essas palavras, que acaba de colocar sua própria miséria acima da de todos os outros, acima de todo o Universo.

É a grande bifurcação na vida de concentração. É aqui que as estradas se separam, uma à esquerda, outra à direita; um vai ganhar altura, o outro vai afundar cada vez mais. Se você seguir o da direita, perderá sua vida; Se você pegar o da esquerda, perderá a consciência.

A auto-ordem para "sobreviver!" é a reação natural do vivente. Quem não quer sobreviver? Quem não tem o direito de sobreviver? Concentração de todas as forças do nosso corpo! Ordem para todas as células: sobreviver! Um impulso poderoso invade a caixa torácica, um halo elétrico envolve o coração para impedir que ele pare. Além do círculo polar, no meio de uma tempestade de neve, trinta prisioneiros exaustos, mas resistentes, são conduzidos aos banhos, a cinco quilômetros de distância. Estes banhos não merecem o menor comentário favorável: são lavados em cinco lotes em grupos de seis, com a porta aberta para o exterior, enquanto os outros quatro lotes esperam do lado de fora, ao ar frio, antes e depois do banho, porque quem eles terminaram, não podem ser mandados de volta ao campo sem escolta. E não só ninguém pega pneumonia, como nem pega resfriado. (Um velho lavou-se assim durante dez anos; foi sentenciado entre os cinquenta e os sessenta anos. Mas a libertação vem, ele vai para casa. E entre o calor e os mimos ele é consumido em um mês! Ele suspendeu a ordem de «Sobreviver») ...

Mas "sobreviver" ainda não significa necessariamente "a qualquer custo". "A qualquer preço" significa: ao preço de outra pessoa.

Não se engane: naquela grande bifurcação do campo, naquele ponto que separa as almas, não há uma maioria que acerta. Infelizmente, não há muitos! Mas, felizmente, também não são exceções: muitos são os que optam por esse caminho. Só que eles não o proclamam aos quatro ventos, é preciso prestar atenção neles. Dezenas de vezes eles tiveram uma escolha, mas sempre sabiam o que fazer.

Arnold Suiz estava com quase 50 anos quando entrou em campo. Ele nunca foi um crente, mas sempre teve uma existência profundamente honesta, não conhecia outra e não mudou sua maneira de ser no campo. Ele era "ocidental" e, portanto, duplamente desajustado; ele cometeu muitos erros; ele estava constantemente em situações difíceis; aprendeu sobre as tarefas gerais e a área disciplinar; no entanto, ele sobreviveu, e sobreviveu assim que havia chegado ao campo. Eu o conheci no começo, eu o conheci depois, e posso atestar isso. É claro que em campo três circunstâncias favoráveis o acompanharam: foi declarado inválido, durante vários anos recebeu pacotes e, graças ao seu talento musical, pôde melhorar um pouco suas condições de vida participando de atividades artísticas amadoras. Mas essas três circunstâncias só podem explicar por que ele foi deixado vivo. Se não tivessem sido dados, ele teria morrido, mas não teria mudado. (E aqueles que morreram, talvez tenham morrido precisamente porque não mudaram?)

E Tarashkevich, um homem simples e sem malícia, lembra: “Muitos detidos estavam dispostos a engatinhar por um pedaço de pão ou uma boca cheia de mordidas. Eu ia chegando perto, mas minha alma estava limpa: o que era branco, sempre chamei de branco ».

O fato de que a prisão regenera profundamente o homem, já o sabemos há muitos séculos. São inúmeros os exemplos a esse respeito, como Silvio Pellico: ele passou oito anos envolvido, e de um carbonariano impetuoso se tornou um católico submisso.^[2] Na Rússia, Dostoiévski é sempre citado. E Pisarev? O que restou de seu espírito revolucionário após a fortaleza da SS. Pedro e Pablo? (Será bom ou ruim para a revolução, mas essas mudanças sempre tendem a um aprofundamento da alma. “A falta de oxigênio acaba sufocando a consciência”, escreveu Ibsen).^[3] Ei, não! Não é tão fácil! Antes eu diria o contrário! Por exemplo, o general Gorbátov, acostumado à guerra desde jovem, com uma carreira brilhante no Exército, não teve muito tempo para pensar. Mas eles o colocaram na prisão, e que bom ... vários episódios

de sua vida começaram a reaparecer em sua memória: aquele homem inocente que ele acusara de ser um espião, e aquele polonês em quem ele havia atirado por engano ... ^[4] (Em que outra ocasião ele teria se lembrado de tudo isso? Uma vez que ele está reabilitado, ele não lembra mais tanto!)

Muito se tem escrito sobre essas transformações morais dos detidos, eles até entraram na teoria da prisão. Antes da revolução, Luchenetsky escreveu no *Mensageiro da Prisão*: “A escuridão torna o homem mais sensível à luz; a inatividade forçada desperta nele o desejo de viver, de se mover, de trabalhar ; o silêncio o induz a refletir seriamente sobre seu próprio “eu”, sobre as circunstâncias que o cercam, sobre seu passado e presente, e a pensar sobre seu futuro ».

Nossos homens iluminados, que não haviam estado na prisão, sentiam apenas pelos detidos uma compaixão natural de fora; por outro lado, Dostoiévski, que havia sido, era um defensor fervoroso de punições! Merece que pensemos nisso.

«Liberdade, podridão; cativo, ensine », também diz o ditado.

Mas Pellico e Luchenetski falou sobre a *prisão*. Quando Dostoiévski exigiu punição, ele se referiu à prisão. O cativo ensina, sim, mas *que tipo* de cativo?

O *campo* ...?

Aqui, a verdade, fica a dúvida.

Claro, em comparação com a prisão, nosso acampamento é venenoso e prejudicial.

D desde então, eles não estão pensando em nossas almas quando arquipélago hipertrofiado. Mas, apesar de tudo, não há realmente esperança de não desabar no campo?

Além disso, é realmente impossível no campo obter uma elevação da alma?

EK, nascido quase em 1940, era um daqueles meninos que, já na época de Khrushchev, se reuniam na Praça Maiakovski para ler poemas e todos acabavam no carro do celular. Do campo, campo da Potma, escreve à namorada: «Aqui há menos agitação e menos frivolidade ... Percebo que estou a transformar... Aqui se ouve aquela voz que te atinge no fundo, e que, antes, entre confortos e vaidades, foi abafado pelo barulho lá fora.

Em 1946, no *lagpunkt* Samarka, um grupo de intelectuais se aproxima do limite da morte, exaustos de fome, de frio, de trabalho sobre-humano, sem nem mesmo ter onde dormir porque os quartéis semienterrados ainda

não foram construídos. Eles roubam? Para doar? Eles reclamam da vida perdida? Não! Sentindo que a morte se aproxima, que não é mais uma questão de semanas, mas de dias, então eles passam suas últimas noites sem dormir sentados sob o abrigo de uma parede: Timofeiev-Ressovski forma um "seminário" com eles, e eles se apressam a comunicar um ao outro o que fazem. que cada um sabe e os outros ignoram, suas últimas palestras são dadas. Padre Saveliy, "da boa morte"; um padre da Academia de Teologia, na patrística; um católico oriental, alguns dogmáticos e cânones; um especialista em energia, dos princípios da energia do futuro; um economista (de Leningrado), sobre como, por falta de novas idéias, as bases da economia soviética não puderam ser construídas; quanto a Timofeiev-Ressovski, ele explica os princípios da microfísica. Em cada sessão faltam participantes: já estão na morgue.

Pois quem está às portas da morte pode continuar interessado em tudo isso, é um intelectual!

Desculpe ... Você ama a vida? Tu, sim, tu, que exclama, murmura e dança: «Amo a vida! Viva a Vida!" Você ama ela? Muito bem, continue amando-a! O dos campos também! Também é vida!

*Onde há paz e calma
você pode elevar sua alma ...*

Você não entendeu nada. É exatamente onde você vai apodrecer.

Esse caminho que escolhemos tem voltas e mais voltas. Você vai nos levar para a montanha? Ou para o céu? Vamos segui-lo, vamos levar nossos tropeços.

O dia da libertação ... O que ele pode nos oferecer depois de tantos anos? Teremos nos transformado irreconhecíveis, e nossos entes queridos também, e os lugares que já foram nossos parecerão tão estranhos quanto os antípodas. Depois de um certo tempo, o próprio pensamento de liberdade acaba se tornando um pensamento forçado. Ficcional. Estrangeiro.

O dia da "libertação"! Como se a liberdade existisse neste país! Ou como se alguém que não liberou anteriormente sua alma pudesse ser libertado!

As pedras rolam sob nossos pés. Eles caem no passado. É a poeira do passado.

Estamos subindo.

Se na prisão é bom *pensar*, também não é mau no campo. Acima de tudo, porque não existem *assembleias*. Por dez anos eles o isentam de todos os tipos de assembleias! Não é tão vivificante quanto o ar puro da montanha? A única coisa que os concentradores precisam de você é seu corpo e seu trabalho, até a exaustão e talvez a morte, mas seu mundo interior não se importa. Eles não pretendem estragar seu cérebro e torná-lo imóvel.^[5] E isso produz uma sensação de liberdade ainda maior do que a liberdade das pernas para correr para onde quiserem.

Ninguém quer fazer com que você exija sua admissão ao Partido. Ninguém tenta obter cotas para associações *voluntárias*. Não há sindicatos que "defendam" você como o defensor público. Não há montagens para discutir problemas de produção. Eles não podem escolher você para qualquer posição. Não se pode confiar em você nenhuma responsabilidade. E acima de tudo, ninguém o obrigará a fazer propaganda. Nem para ouvir o que os outros fazem. Não gritar quando mandado: «Exigimos...! Não vamos permitir...!» » Nem ir à assembleia de voto para votar secreta e livremente no único candidato. Eles não exigem compromissos socialistas.

^[Et] Nem faça sua autocrítica. Nem escrever artigos para o quadro de avisos. Nem deixe você entrevistar o correspondente da província.

Não é um cérebro livre um privilégio da vida no arquipélago?

E mais uma liberdade: ninguém poderá privá-lo de sua família ou de sua propriedade, porque já os privou. O que você não tem, nem o próprio Deus poderá tirar de você. É uma liberdade fundamental.

É bom pensar em campo. O mais fútil dos pretextos dá origem a longas e sérias meditações. Pela primeira vez na vida, não houve ninguém por três anos, eles fazem filmes no país. O filme acaba sendo uma comédia de esportes barata, *The First Glove*. Um rolo. Mas, da tela, o espectador é insistentemente instilado com a seguinte moral:

"O que importa é o resultado, e o resultado não o favorece."

Eles riem na tela. Eles também riem na sala. Você sai piscando para o pátio do campo, inundado de sol, e vira aquela frase em sua cabeça. Você

continua meditando sobre isso antes de adormecer em sua *vagonka*. E na segunda-feira, no rali da manhã a. Você tem todo o tempo que quiser para pensar nela, quando mais você poderia ter prestado tanta atenção nela? E aos poucos a clareza vai se tornando em sua mente.

Não é nenhuma piada. É um pensamento contagiante. Ele está enraizado em nossa terra natal há muito tempo, mas ainda está sendo esmagado continuamente. A noção de que só se preocupam sobre o resultado material é tão difundida entre nós, que, quando, por exemplo, afirmam que uma Tujachevski um Yagoda ou Zinoviev foram traidores vendidos para o e nemigo, a única consegue ser pessoas espantados: "*Se não fosse você não faltou nada!* »

Esse é realmente um nível moral! Essa é realmente uma escala de valores! "Não faltou nada!" Pois ele tinha mais de vinte ternos para encher a barriga, mais duas fazendas e um carro, e um avião, e ele era famoso. Não faltou nada !! Milhões de nossos concidadãos sequer conseguem conceber que um homem (não me refiro especificamente a esses três) seja movido por outra coisa que não a ganância.

Até então o nosso povo assimilou e fez sua a fórmula "o que conta é o resultado"!

De onde veio isso?

Tudo começou com a glória de nossas bandeiras e a chamada "honra de nosso país". Estávamos esmagando, subjugando, desmembrando todos os nossos vizinhos, conquistando territórios , e na nossa pátria afirmava-se: "o que importa é o resultado".

Também vem de nossos famosos empresários, os Demidovs, os Kabanij, os Tsybukin. Eles enriqueceram sem se preocupar com as cabeças que tiveram de pisar para isso, e nosso povo, antes piedoso e justo, estava cada vez mais convencido de que "o que importa é o resultado".

Por fim, chega até nós de socialistas de todos os tipos e, acima de tudo, da mais nova, infalível e impaciente Teoria, que consiste apenas nisso: "o que importa é o resultado". O que importa é organizar uma partida de combate! Tomar o poder! Espere! Livre-se dos inimigos! Sucesso no setor siderúrgico! Lance foguetes!

E o que importa se para conseguir essa indústria e esses foguetes tivemos que sacrificar nosso modo de vida, a unidade de nossa família, a integridade de nosso espírito nacional e a alma de nossas planícies, florestas e rios! Que mais dá! O que importa é o resultado!

Mas sou eu ntira! Há anos que estamos desmoronando naquela prisão que é a União Soviética. Todos esses anos temos crescido em círculos amplos e lentos na compreensão da vida. E daquelas alturas podemos ver claramente: o que importa não é o resultado! Não é o resultado, mas o ESPÍRITO! Não o que foi feito, mas *como* foi feito. Não o que foi obtido, mas a que preço.

Bem, e para nós, presos, se é o resultado que importa, então "Sobreviver a Qualquer Coisa" também é verdade . Quer dizer: tornar-se delator, trair os companheiros, e graças a isso se estabelecer bem e até conseguir uma redução de pena. À luz da Teoria do Infalível, é óbvio que não há nada de errado com ela: agindo assim, o resultado estará a nosso favor , e o que importa é o resultado.

Ninguém contesta, é bom ter o resultado. Mas não ao custo de perder todas as características humanas.

Se é o resultado que importa, você deve dedicar todas as suas forças e todos os seus pensamentos para se livrar dos *generais*. Você tem que dobrar sua coluna, se esmagar, se humilhar, mas permanecer conectado. E assim sobreviver.

Mas se é a essência que conta, então você tem que se contentar com os *generais*. Com os trapos. Com mãos esfoladas. Com a menor e a pior peça. Talvez com a morte. Mas enquanto você estiver vivo, endireite com orgulho suas costas doloridas. E então, quando você parar de temer ameaças e buscar recompensas, você se tornará o elemento mais perigoso para o olhar predatório de seus mestres. Bem, eles não saberão mais o que comprar para você.

Você até começa a gostar de transportar carrinhos carregados de entulho (sim, mas não pedras!), E de conversar com seu parceiro sobre a influência do cinema na literatura. Você começa a gostar de sentar por um momento no tanque vazio e enrolar um cigarro próximo à parede que acabou de erguer. E você ficará orgulhoso quando o encarregado der uma olhada em seu trabalho e comentar:

" Você pegou ?" É muito simples!

Você não precisa dessa parede para nada, nem acha que ela pode contribuir em nada para o futuro bem-estar da Humanidade; no entanto, seu miserável escravo esfarrapado, contemplando o que acabou de sair de suas próprias mãos, você sorri para si mesmo.

Galia Venediktova, filha de um anarquista, trabalhava como enfermeira no dispensário, mas quando percebeu que não *curavam*, que era apenas conforto pessoal, por pura teimosia marchou até os *generais* e pegou na picareta e na pá. E ele garante que essa foi sua salvação moral.

O homem bom, mesmo pão dormido o beneficia, enquanto o mau, nem mesmo a carne alimenta.

(Sim, será verdade, mas ... e quando não houver nem pão dormido ...?)

E se você já decidiu abandonar esse objetivo, "sobreviver a qualquer custo" e ir para o mundo tranquilo e simples, o cativo começará a transformar seu antigo personagem de maneiras incríveis. E isso vai transformá-lo em uma direção inesperada para você.

À primeira vista, parece que sentimentos negativos devem surgir no homem aqui, confusão do homem que caiu na armadilha, ódio de tudo e de todos, irritação, nervosismo. ^[6] Mas, sem você perceber, com o passar do tempo, o cativo dá origem a sentimentos completamente opostos.

Antes você era rude e impaciente, você estava sempre com pressa, nunca tinha tempo para nada. Agora você tem mais do que suficiente, você está saturado de tempo, meses e anos, atrás de você e adiante, e como um fluido benéfico e reconfortante, a paciência corre em suas veias.

Você está subindo ...

Antes você não perdoava nada a ninguém; suas condenações foram tão implacáveis quanto seu elogio foi excessivo; Hoje você não faz mais julgamentos categóricos, porque aprendeu a olhar com doçura e compreensão. Você conhece a medida de suas fraquezas e pode compreender as dos outros. E admiro a força dos outros. E tente imitá-lo.

Pedras deslizam sob nossos pés. Estamos crescendo ... Com o passar dos anos, o autocontrole envolve seu coração e toda a sua pele como uma casca protetora. Você não tem pressa em perguntar, não tem pressa em responder; sua língua perdeu sua propriedade elástica de vibrar ao menor contexto. Seus olhos não brilham mais de alegria com o anúncio de boas novas, nem se escurecem de tristeza.

Porque ainda temos que verificar se isso será verdade. E resta saber o que é alegria e o que é miséria.

Esta é agora a regra da sua vida: não seja feliz quando encontrar, não chore quando perder.

Sua alma, ressecada ontem, foi irrigada com o sofrimento. Mesmo que você não tenha aprendido a amar o próximo, como o cristianismo ensina, pelo menos está aprendendo a amar o próximo.

Para aqueles que estão perto de você pelo espírito, que compartilham do seu cativeiro. Quantos de nós reconhecemos que precisamente no cativeiro aprendemos o que era a verdadeira amizade!

E aqueles que estão perto de você pelo sangue, que te cercaram em sua vida anterior e te amaram enquanto você os tiranizou ...

Aqui você tem uma direção benéfica e inesgotável para seus pensamentos: faça um exame de como tem sido sua vida. Lembre-se de quão ruim e vergonhoso você fez e pense se você não pudesse evitar agora ...

É verdade, eles o colocaram aqui por nada, perante o Estado e suas leis, você não tem nada do que se arrepender.

Mas e quanto à sua consciência? Mas e esta ou aquela outra pessoa?

(...) Depois de uma operação, deitado na sala de cirurgia do hospital de campanha. Não consigo me mexer, tenho frio e calor, mas não estou delirando e agradeço ao Dr. Boris Nikolaievich Kornfeld, sentado ao lado da minha cama, que não para de falar comigo. Eles desligaram a luz, então isso não me incomoda. Apenas ele e eu estamos na sala.

Ele me conta, em detalhes e com paixão, a história de sua conversão do judaísmo ao cristianismo. Este homem culto deve sua conversão a um companheiro de cela, um velho bondoso no estilo de Platão Karataiev. Estou surpreso com sua profunda convicção do verso, o ardor de suas palavras.

A gente sabe muito pouco, ele não é meu médico, mas você vê que ele não tem outra pessoa com quem se abrigar. É um homem calmo e afável, não vejo nada de mau nele, nem me falaram nada de mau a seu respeito. E, no entanto, algo me avisa: Kornfeld vive há dois meses sem sair do quartel do hospital, tranca-se no trabalho e evita andar no campo.

Isso porque ele tem medo de ser massacrado. Em nosso campo, não faz muito tempo, essa nova moda surgiu: cortar a garganta de informantes. Como se fizesse mais de um tremer! Mas quem pode garantir que apenas informantes sejam abatidos? Um foi decapitado abertamente para acertar contas pessoais baixas. Então, o confinamento de Kornfeld no hospital ainda não indica que ele é um delator.

É tarde. Todo o hospital dorme. Kornfeld termina sua história assim:

"E, em geral, você sabe, cheguei à convicção de que nesta vida nenhum castigo nos atinge sem que o tenhamos merecido." Aparentemente, pode vir a nós por algo diferente do que realmente cometemos, mas se olharmos para trás em nossas vidas e pensarmos com cuidado, sempre acabaremos descobrindo aquela culpa pela qual estamos pagando agora.

Não consigo distinguir bem o rosto dele. A janela permite apenas alguns reflexos dispersos da área; a porta do corredor se destaca na escuridão como uma luz elétrica amarela. Mas há tanta certeza mística em sua voz que estremeço.

São as últimas palavras de Boris Kornfeld. Ele se afasta no silêncio do corredor noturno em direção a um quarto vizinho, onde se deita. Todos estão dormindo agora, não há ninguém com quem eu possa falar. Eu também adormeço.

Na manhã seguinte, sou acordado por corridas e um forte ruído de passos no corredor: são as enfermeiras carregando o corpo de Kornfeld para a sala de cirurgia. Durante o sono, recebeu oito marteladas no crânio (aqui se costuma matar imediatamente após o alvo, quando o quartel já está aberto, mas ninguém ainda se levantou). Ele morre na mesa de operação sem recuperar a consciência.

E assim, as palavras proféticas de Kornfeld foram as últimas que ele falou na Terra. Eles foram endereçados a mim e eu os recebi como um legado. Não se pode livrar-se de tal legado com um simples encolher de ombros ...

Mas naquela época eu mesmo havia chegado a uma conclusão semelhante.

Eu estaria inclinado a dar às palavras de Kornfeld o valor de uma lei universal da vida. Mas é aqui que nos enredamos. Deve-se admitir que os punidos com ainda mais crueldade do que na prisão, os fuzilados, os queimados vivos, eram monstros (porém, são os inocentes os mais zelosamente executados). E o que dizer então de nossos algozes manifestos? Por que o destino não os pune? Por que eles prosperam?

(A única solução seria admitir que o significado de nossa vida terrena não consiste na prosperidade, como estamos acostumados a considerar, mas no desenvolvimento da alma. *Este* ponto de vista, nossos carrascos sofrer o pior dos castigos: tornam-se os porcos saem da humanidade para baixo. Desse ponto de vista, os castigos chegam àqueles cujo desenvolvimento ele PROMETE).

Mas há algo convincente nas últimas palavras de Kornfeld, algo que eu aceito plenamente *para mim*. E muitos outros aceitarão por si próprios.

No sétimo ano de prisão, já havia analisado minha vida o suficiente para entender por que o que estava acontecendo comigo: prisão e, aliás, um tumor maligno. E ele não murmuraria se até mesmo esta punição fosse considerada insuficiente.

Punição? Mas de quem?

Vamos ver, pensar bem, *de quem?*

Ainda permaneci muito tempo naquela mesma sala de pós-operatório de onde Kornfeld viera ao encontro da morte, sempre sozinho, e nas noites em que não dormia podia reviver toda a minha vida e ficar maravilhado com suas complexidades. Como é costume no campo, formulei meus pensamentos em versos para que pudesse me lembrar deles. O melhor será recolhê-los agora, como foram compostos naquele travesseiro doentio, enquanto, atrás das janelas, o campo de condenados estremecia após um motim.

*Quando foi isso com mãos fúteis
Eu espalhei Suas sementes ao vento,
Eu, cuja alma foi aberta para a vida
na paz de seus templos límpidos?
Eu estava cego pela ciência e pelos livros,
jogou faíscas na minha carranca arrogante,
Pensei ter descoberto o Segredo!
Eu pensei que tinha dominado o destino!
Sangue rápido em minhas veias ferveu
sussurrando promessas iridescentes,
enquanto lentamente e sem ruído caiu
de fé a coluna em meu peito.
Mas agora que vejo o que aconteceu
no ser e no não ser, hesitantemente,
tantas vezes caído e levantado,
Agradeço minha vida, no entanto.
Não é minha razão, não é meu desejo
eles iluminaram suas voltas e reviravoltas.
Era a luz do Supremo Sentido
que me foi explicado mais tarde.
E hoje, para matar minha sede avidamente,*

*Eu me curvo sobre a fonte de águas vivas ...
Deus do Universo, eu acredito de novo!
Eu te neguei e você continuou comigo!*

Conforme me inclinei sobre meu passado assim, percebi que em toda minha vida consciente nunca havia me entendido ou minhas aspirações. Por muito tempo considerei minha queda como uma coisa boa, e continuei me jogando na direção oposta ao que era realmente necessário. Mas da mesma forma que as ondas derrubam o nadador inexperiente para jogá-lo na praia, os golpes dolorosos do destino me depositavam cada vez em solo firme. E só com esse preço eu poderia seguir o caminho que sempre quis.

Com minhas costas curvadas, quase quebradas, consegui tirar de meus anos de prisão a experiência de *como* um homem se torna mau e *como* se torna bom. Intoxicado pelos sucessos de minha juventude, me sentia infalível e, por isso mesmo, cruel. Abusando do meu poder, matei e estupro. Em meus piores momentos de maldade, estava convencido de que estava indo bem, apoiado em argumentos lógicos. Foi no estrado apodrecido da prisão que pela primeira vez senti um lampejo de bem vibrar em mim. Aos poucos fui compreendendo que a fronteira que separa o bem do mal não passa entre estados, nem entre classes sociais, nem entre partidos, mas atravessa todo coração humano e todo coração humano. Essa fronteira é móvel, ela oscila dentro de nós ao longo dos anos. Mesmo em um coração invadido pelo mal, há sempre um pequeno bastião do bem. Inc luso nos corações mais generosos, sempre um canto mau para arrancar escondido.

E então eu entendi a verdade de todas as religiões do mundo: elas lutam *contra o mal dentro do homem* (dentro de cada homem). É impossível erradicar completamente o mal do mundo, mas ele pode ser reduzido dentro de cada homem individualmente.

E então compreendi a mentira de todas as revoluções da história: limitam-se a suprimir os *agentes* do mal que lhes são contemporâneos (e sem distinguir com pressa, também os agentes do bem), mas o próprio mal, e acrescido, eles o coletam como herança.

Nota a favor do século *xx*: o julgamento de Nuremberg pretendia matar a própria má ideia, e muito pouco às pessoas contaminadas por ela (claro que não é um crédito para Stalin; ele teria preferido menos explicar e

mais atirar). Se para o século 21 a Humanidade não se explodiu ou se sufocou, talvez essa direção acabe triunfando ...?

É que, se não triunfar, toda a história da Humanidade terá sido apenas um simples pensar sobre a mesma coisa, sem o menor sentido. Para onde vamos então e para quê? Atingindo o inimigo com uma clava, o homem das cavernas já sabia fazer!

"Conhece-te a ti mesmo!" Não há nada que estimule tanto o despertar do espírito de compreensão em nós quanto as dolorosas reflexões sobre nossas próprias faltas, fracassos e erros. Depois de muitos anos pensando nessas idéias, quando me falam da insensibilidade de nossos altos funcionários ou da crueldade de nossos algozes, lembro-me de mim mesmo nas dragonas do capitão, conduzindo minha bateria pela Prússia Oriental, envolto em chamas, e eu pergunto:

" E talvez *nós* eram melhores?

Quando na minha presença eles comentam amargamente sobre a falta de caráter do Ocidente, sua miopia política, suas divisões internas, sua indecisão, eu me lembro:

- E nós, antes de passarmos pelo Arquipélago, éramos mais firmes? Com ideias mais claras?

É por isso que olho para trás, para os anos de minha reclusão, e digo, para o espanto das pessoas ao meu redor:

"ABENÇOE VOCÊ, PRISÃO!"

Leo Tolstoy estava certo quando *sonhou* em ser jogado na prisão. Em um ponto, aquele gigante começou a secar. A prisão era realmente necessária para ele, como uma chuva torrencial em tempos de seca!

Todos os escritores que lidaram com a prisão sem saber, sentiram-se compelidos a expressar sua compaixão pelos detidos e a amaldiçoar a própria prisão. Eu, que fiquei nela por tempo suficiente , cultivei minha alma lá e digo sem rodeios:

"ABENÇOE VOCÊ, PRISÃO, por ter cruzado meu caminho!"

(Mas dos túmulos eles me respondem: "Como você fala bem, você que saiu vivo!")

II

Ou corrupção?

Mas eles me interrompem: Que ele está falando de *outra coisa!* Você está voltando para nós com a prisão! Mas estamos lidando com os *campos!*

Bem, acho que ele também estava falando sobre os campos. Mas tudo bem, eu calo a boca. Eu dou lugar às reflexões opostas. Muitos sobreviventes irão objetar a mim que eles nunca notaram a menor "elevação", que eles são contos exagerados, e sim corrupção, a cada passo.

O mais importante e insistente dos meus oponentes (porque ele já tem tudo isso escrito) é Shalamov:

“Nas condições que prevalecem no campo, um homem não pode permanecer um homem; os campos não foram criados para isso.

«Todos os sentimentos humanos, o amor, a amizade, a inveja, a generosidade, a misericórdia, a ambição, a honestidade, nos abandonaram juntamente com a carne dos nossos músculos... Não tínhamos orgulho nem auto-estima, e o ciúme e a paixão pareciam conceitos para nós. de outro planeta ... Restava apenas o rancor, o mais tenaz dos sentimentos humanos.

"Nós entendemos que a verdade e a mentira são irmãs gêmeas."

“A amizade não nasce na miséria ou na desgraça. Se a amizade surge entre homens, é porque as condições de vida não são suficientemente difíceis. Se alguma vez a miséria e a desgraça uniram os homens, é porque não eram extremos. Se um luto pode ser compartilhado com amigos, não é profundo e agudo o suficiente.

Uma única distinção admitirá aqui Shalamov: a elevação, o aprofundamento, o desenvolvimento do homem podem ser possíveis na *prisão*. Mas

«... O campo é uma escola de vida total e irremediavelmente negativa. Ninguém obterá nada de necessário ou útil com isso. O recluso aprende a bajular, a mentir, a cometer pequenas e grandes trivialidades ... Ao voltar para casa, descobre que não só não melhorou no campo, mas que seus interesses se tornaram mesquinhos, pobres,

[7]

rudes .

Também E. Guinsburg concorda com esta distinção: “a prisão criou homens; o campo os corrompeu.

Bem, a que podemos objetar?

Na prisão (incomunicável ou não), o homem fica sozinho com sua desgraça. Este infortúnio é uma montanha, mas o homem deve fazê-lo caber

em si mesmo, assimilá-lo, compreendê-lo, transformá-lo em si mesmo e nela se transformar. Esse supremo esforço moral sempre enobreceu a todos.

[8]

O duelo com os anos e as paredes é uma árdua obra do espírito e um caminho para a elevação (desde que vencido). Se você compartilhar esses anos com um parceiro, você não precisa morrer para que ele viva, nem ele precisa morrer para você sobreviver. Você tem a possibilidade não de entrar em uma luta, mas de se ajudar e se sustentar.

Mas no campo, essa possibilidade não parece existir. O pão não é distribuído em pedaços iguais, mas sim empilhado: curve-se! Derrube os seus vizinhos! Arranque o pão das mãos deles! A ração é calculada de forma que para cada sobrevivente toque um morto, senão dois. O pão está pendurado no alto de um pinheiro, derrube-o! O pão está escondido no fundo da mina, desce e pega! Você está em condições de pensar na sua desgraça, no passado, no futuro, na Humanidade, em Deus? Sua cabeça está cheia de cálculos precipitados, que neste momento escondem o céu de você e não valerão nada amanhã. *Você odeia o trabalho*, seu principal inimigo.

Você odeia aqueles ao seu redor, seus rivais na vida e na morte. ^{[9]A} *inveja o atormenta*, a preocupação de que em algum lugar, nas suas costas, estejam distribuindo o pão que deveria ter tocado em você; que em algum lugar, atrás de uma parede, eles estão tirando da panela a batata que poderia ter ido parar na sua tigela.

A vida no campo é constituída de tal forma que a inveja corrói constantemente a alma, mesmo os mais protegidos dela. Até as *convicções e libertações são invejadas*. Por exemplo, em 1945, os Cinquenta e Oitos acompanharam os comuns (libertados pela anistia de Stalin) até o portão. Que sentimento sentimos? Alegria em vê-los voltar para suas casas? Não, inveja: era injusto que eles fossem libertados e não nós! V. Vlasov, condenado a vinte anos, calou-se nos dez primeiros: quem não *expurga dois duros*? Mas em 1947-1948, muitos começaram a recuperar sua liberdade, e a inveja e os nervos o derrubaram: por que lhe deram vinte? Eu senti aquela segunda década como uma ofensa pessoal. (Nunca perguntei, mas suponho que ele se acalmou um pouco ao ver que os que haviam partido iam voltando aos poucos como *repetidores*). Então, em 1955-1956, eles libertaram os Cinquenta e Oitos em massa; em vez disso, os bens comuns permanecem no campo. O que eles sentem? A alegria de ver que a justiça finalmente foi feita, que depois de quarenta anos de perseguição contínua

eles tiveram pena do infeliz Artigo? Não, a *inveja* domina (em 1963 recebi muitas cartas desse tipo): eles libertaram "inimigos que não se comparam a nós, os criminosos", e nos deixaram lá dentro! Por quê?

Além disso, você é constantemente oprimido pelo *medo*: medo de perder o nível miserável em que se mantém, medo de perder o emprego, que ainda não é o mais difícil, medo de queimar numa transferência, de ir parar na área de Regime disciplinar. Além disso, eles batem em você se você for o mais fraco de todos, ou em quem estiver mais fraco. Isso não é corrupção? A. Rubailo, um velho recluso, chama essa rápida degradação do ser humano sob pressão externa de "*micose da alma*".

Dominado pelo ressentimento e febrilmente entregue a cálculos mesquinhos, quando e como você se levantará ?

Muito antes de nossos campos de concentração, Chekhov já havia observado e chamado a atenção para a corrupção em Sakhalin. Disse bem que os vícios dos detidos se deviam a sua sujeição, sua escravidão, terror e fome contínua. Esses vícios eram hipocrisia, astúcia, covardia, covardia, traição, roubo. O preso sabe por experiência que o engano é a arma mais certa na luta pela existência:

E não temos tudo isso, multiplicado por dez? Portanto , não se trata de argumentar, de insistir em uma suposta elevação da alma no campo, mas de descrever centenas, milhares de casos de depravação autêntica. Para trazer exemplos de que ninguém resiste à filosofia expressa por Iashka, negociante de lição de casa em Djezkazgan: "Quanto mais tarefas você faz aos outros, mais eles o respeitarão." De contando como soldados recentemente trouxe de frente (Kraslag, 1942), assim que tinha respirado no ar do submundo, eles também começaram a *marisco*, para *aliviar* os lituans , para recuperar a força com base em suas disposições e pertences, e vocês que estão apodrecendo , você é verde. Para lembrar como até mesmo combatentes do exército de Vlasov foram para o submundo, convencidos de que era a única maneira de sobreviver no campo. Ou aquele professor de literatura que se tornou um "idiota" de ladrões. Perguntar o quão contagiosa é a ideologia dos campos, por exemplo, com o caso de Chulpeniov. Chulpeniov suportou sete anos de corte de madeira nos generais, tornou-se um excelente lenhador, mas acabou no hospital com uma perna quebrada e, ao sair, foi convidado a trabalhar como negociante de tarefas domésticas . Ele não tinha necessidade de aceitar; Os dois anos e meio que lhe restavam poderia ter passado perfeitamente a derrubar árvores, as autoridades levaram-no na

palma das mãos, mas como resistir à tentação? A filosofia do campo não diz: "Dê, leve!"; E Chulpeniov tornou-se um distribuidor de atribuições, apenas por seis meses, mas os mais sombrios, mais inquietos e infelizes seis meses de toda a sua sentença. (Ele está apagado há muito tempo e conta os pinheiros, com um sorriso bem-humorado, mas os homens que morreram por causa dele, como aquele capitão letão de quase dois metros de altura que talvez não fosse o único, são um pedra que tem na consciência).

Até que ponto as almas dos prisioneiros podem ser cobertas com "micose" quando são conscientemente mexidas umas contra as outras! No Undjlag em 1950, Moiseievaite, tendo perdido o juízo (mas ainda assim conduzida para o trabalho pela escolta), sem perceber a fronteira, foi "para a casa da mãe". Eles a prenderam, amarraram a um poste próximo ao posto da guarda e anunciaram que "por tentativa de evasão" todo o campo seria privado do próximo domingo (prática usual). Bem, as equipes que voltavam do trabalho estavam cuspiendo nele; alguns até batiam nela: "Por sua causa, bastardo, eles tiram o domingo de nós!" Moiseievaite sorria beatificamente.

E quanta corrupção introduz aquela "autocuidado" democrática e progressiva (entre nós, *autovigilância*) proclamada já em 1918! Um dos principais canais de depravação é este: fisgar um preso para autovigilância. Você caiu, foi punido, foi arrancado da sua vida, mas você quer não estar no fundo de tudo? Você gostaria de ainda poder dominar alguém com um rifle na mão? Seu próprio irmão? Bem, aqui, pegue! E se ele fugir, atire! Até vamos chamá-lo de *camarada*, vamos até dar-lhe uma ração militar.

E o homem está orgulhoso. E ele servilmente fica em posição de sentido. E atire. E ele se mostra ainda mais implacável do que os guardiões livres (adivinha o enigma: é realmente a fé do carvoeiro na "autogestão"? Ou é a exploração fria e desdenhosa dos sentimentos humanos mais baixos?).

E não se trata apenas de autovigilância: há também autocontrole e autorrepressão; na década de 1930, todos, até mesmo os chefes do *lagpunkt*, eram *reclusos*. Até os diretores de transporte. Até os diretores de produção. (E como poderia ser diferente, se havia apenas trinta e sete damas para cem mil internos no Belomorcanal?) Até os *comissários*, eles também eram internos! Não havia mais "autogestão": instruindo-se sumariamente! Recrute delatores contra eles próprios!

Sim Sim. Mas não examinarei esses inúmeros casos de corrupção aqui. São conhecidos de todos, já os descreveram e continuarão a fazê-lo. Basta-

me reconhecê-los. Eles são o comum e o ordinário, eles representam a lei geral.

Por que repetir cada casa que esfria no inverno? Mais surpreendente é notar que há casas que, mesmo em um clima glacial, retêm calor.

Shalamov diz que todos aqueles que passaram pelo campo, saem de lá espiritualmente empobrecidos. Mas eu, em vez disso, um velho *zeko* que lembro ou encontro, um *zeko* que acaba por ser uma personalidade.

E o próprio Shalamov escreve em outro lugar: eles não esperam que eu traia os outros! Eles não esperam que eu me torne um líder de equipe, para fazer os outros trabalharem!

Mas e por quê, Varlam Tijonovich? Por que você não deveria de repente se tornar um delator ou líder de equipe, se ninguém consegue parar de rolar pela ladeira da corrupção, se a verdade e as mentiras são irmãs gêmeas? Então ele poderia segurar um galho? Você conseguiu acertar uma pedra e parar de escorregar? Talvez, quem sabe, o ressentimento não seja o sentimento mais tenaz? Sua própria personalidade e sua poesia não negam sua própria concepção?^[10]

E como os verdadeiros crentes conseguem manter sua integridade no campo (já os mencionamos mais de uma vez)? Ao longo deste livro, já observamos sua marcha constante pelo Arquipélago, como uma procissão silenciosa com velas invisíveis. Eles caem como se estivessem sendo varridos por metralhadoras, mas outros vêm para tomar seu lugar e a marcha continua. Uma firmeza desconhecida no século 20! E sem ostentação, sem teatralidade. Alguma avó Dusia Schmil, por exemplo, uma velha calma, de rosto redondo, totalmente analfabeta. Ela é desafiada pela escolta:

"Schmil!" Artigo!

Ela responde amavelmente, gentilmente:

"Mas que perguntas, garoto?" Lá está tudo escrito; Não me lembro mais de todos. (Tem um monte de parágrafos de 58).

-Pena?!

Vovó Dusia suspira. Não é para irritar o soldado que ele responde de forma tão incoerente. Ele está ingenuamente pensando sobre a questão: o que ele condena? Mas é dado ao homem saber que condenação ...?

"Que condenação ...!" Enquanto Deus não perdoar meus pecados, bem aqui estarei.

"Você vai ser um tolo!" O soldado ri. Eles deram a você quinze anos e você vai ter que engoli-los todos, e talvez mais!

Mas dois anos e meio se passam, ele não escreve súplicas a ninguém, e de repente chega um pedaço de papel: ordem de liberação!

Como não ter inveja dessas pessoas? As condições eram mais favoráveis para eles? Duvido! É sabido que as "freiras" eram sistematicamente colocadas em *lagpunkts* disciplinares na companhia de prostitutas e criminosos. E ainda assim, quem entre os crentes se corrompeu? Morrendo, eles morreram, mas foram corrompidos?

E como explicar que algumas pessoas hesitantes se voltaram para a fé exatamente no campo? Essa fé o fortaleceu e permitiu que você sobrevivesse sem ser corrompido?

E muitos mais, isolados, despercebidos, vivem sua decisiva experiência em campo e não falham na eleição. São eles que conseguem perceber que não sofrem mais, que os outros têm uma vida ainda mais dura, eles têm ainda pior .

E todos aqueles que, apesar das ameaças de uma zona disciplinar e de uma nova condenação, se recusaram a ser informantes?

De que outra forma explicar a personalidade de Gregorio Ivanovich Grigoriev, um engenheiro agrônomo? Esse sábio foi voluntário em 1941, quando comandava as milícias populares. Então, você sabe: feito prisioneiro em Viazma. Ele passou o resto da guerra em um acampamento alemão. Então, você sabe, o nosso o prendeu. Dois difíceis. Eu o conheci no inverno, no trabalho geral em Ekibastuz. Seus olhos grandes e calmos irradiavam uma retidão sem limites. Aquele homem nunca soube dobrar-se, nem dobrou-se no campo, apesar de em seus dez anos ter trabalhado apenas dois em sua especialidade e praticamente durante toda a pena não receber pacotes. De toda parte, instilaram nele a filosofia dos campos e a corrupção moral, mas ele não foi capaz de assimilá-los. Nos campos de Kemerov (Antibés), o comissário fez tudo o que pôde para recrutá-lo. Grigoriev respondeu-lhe com toda a sinceridade: ' *Odeio* falar com você. Não se preocupe, você não terá falta de voluntários! " "Você vai voltar de quatro, lixo!" "Antes de me enforcar no primeiro galho!" E eles o mandaram para o disciplinar. Lá estava ele seis meses. Mas e se ele cometeu *erros* ainda mais imperdoáveis: designado para um comando agrícola, rejeitou o cargo de chefe de equipe que lhe era oferecido como engenheiro agrônomo e começou a capinar e colher com dedicação. Mais estúpido ainda: na pedreira de Ekibastuz recusou-se a ocupar o posto de controle só porque teria de apontar a *tujta* para os operários, da qual, em um momento de

lucidez, teria que responder (se é que ia responder! o caso!) o capataz livre, permanentemente bêbado. E ele foi quebrar pedras! Sua honestidade era tão fantástica, monstruosa, que quando foi enviado para colher batatas com sua equipe, ele foi o único que não roubou nenhuma. Depois de ser designado para a equipe privilegiada da oficina mecânica para administrar a estação de bombeamento, ele deixou o emprego por se recusar a lavar as meias do empreiteiro, Treivisch, um solteiro livre. [Seus companheiros tentaram convencê-lo: "Mas você não se importa com um trabalho ou outro?" Bem, não, ele não se importou! Quantas vezes ele escolheu o caminho mais difícil e mais difícil, só para não vender sua alma! E ele não vendeu, sou testemunha! E mais ainda: graças à extraordinária influência da sua alma límpida e imaculada no seu corpo (hoje já ninguém acredita, ninguém entende esse tipo de influência), o corpo já não era tão jovem (tinha cerca de 50 anos) de Gregorio Ivanovich era fortalecido no campo; seu antigo reumatismo articular desapareceu completamente e depois de passar o tifo, sua saúde ficou esplêndida: no inverno ele era embrulhado em sacos de papel onde havia feito furos para a cabeça e os braços, e nunca pegou um resfriado!]

Não deveríamos antes dizer que nenhum campo pode corromper quem tem um núcleo firme, e não aquela triste ideologia de "o homem foi criado para a felicidade" que se despedaça ao primeiro golpe do capataz?

Aqueles que antes do campo não tinham a menor integridade moral, a menor educação espiritual, estão corrompidos no campo. (Este não é um caso de laboratório, em absoluto, nosso glorioso meio século produziu milhões e milhões de tais indivíduos.)

No campo, aqueles que já estavam corrompidos antes ou estavam predispostos a isso estão corrompidos. Porque também se é depravado em liberdade, às vezes mais do que qualquer recluso.

Não era aquele oficial da escolta que amarrou Moiseievaíta mais depravado do que os internos que cuspiram nele?

E já agora: todos os membros de cada equipa cuspiram nele, ou apenas alguns? Certamente o segundo.

Tatiana Falicke escreve: "A observação de pessoas me convenceu de que ninguém pode se tornar um canalha no campo se não for mais um canalha."

Se um homem está profundamente corrompido no campo, não significa necessariamente que ele se tenha pervertido ali, mas talvez que sua

verdadeira natureza finalmente teve a chance de se revelar, e que se ele não era um canalha antes, era simplesmente porque não precisava ser.

MA Voichenko considera que: “No campo, a existência não determinava a consciência, muito pelo contrário: dependia da consciência e da fé irreversível no ser humano para se tornar um animal ou permanecer um homem”.

Declaração concisa e inequívoca. E ele não é o único que pensa assim. O pintor Ivashev Musatov demonstra apaixonadamente o mesmo.

Sim, a corrupção nos campos era maciça, mas não só porque os campos eram horríveis, mas porque nós, soviéticos, pisamos no solo do Arquipélago espiritualmente desarmados, há muito maduros para aquela corrupção, já tocados por ela há muito tempo. antes de nossa prisão, e por isso mesmo, tanto na boca dos antigos presidiários quando explicaram "como viver no campo".

Mas como viver (e como morrer)? Devemos saber agora, sem a necessidade de nenhum campo!

E quem sabe, Varlam Tijonov ich, talvez em geral, a amizade também nasce na miséria e na desgraça, e mesmo na desgraça extrema, só que não entre seres tão secos e maus como os educação do nosso tempo?

E se a corrupção é realmente tão inevitável , por que Olga Lvovna Sliozberg não deixou sua amiga meio congelada em um caminho na floresta, mas em vez disso ficou ao seu lado até a morte quase certa e salvou-a? Pode haver miséria mais extrema?

E se a corrupção é tão inelutável, de onde vem um Vasili Methodievich Iakoveeko? *Cumpriu* duas sentenças, acabara de ser libertado e ficara como *volniashka* em Vorkuta, mal aprendera a andar pelo mundo sem escolta, estava construindo o primeiro ninho. O ano é 1949. Em Vorkuta de repente começam a colocar ex-reclusos, a dar-lhes novas sentenças ... Psicose das prisões! Pânico entre os libertos! Como se salvar? Como passar despercebido? Mas ID Grodzenski, um amigo de Iakovenko do mesmo campo de Vorkuta, está sendo " fechado" durante o exercício, não há ninguém para lhe trazer os pacotes. Bem, Iakovenko os pega sem medo: se vocês quiserem, cachorros, ponham-me também!

E *aquele*, por que não estava corrompido?

E por que *nenhum* sobrevivente deixa de se lembrar daquele outro que estendeu a mão para ele no campo e o salvou em um momento de dificuldade?

Sim, os campos foram projetados e feitos para a corrupção. Mas isso não significa que eles conseguiram esmagar a *todos*.

Da mesma forma que na Natureza um processo de oxidação não pode ocorrer sem redução (enquanto um elemento é oxidado, outro ao mesmo tempo é reduzido), então no campo (como, caso contrário, em toda a vida) não há corrupção sem elevação. Eles marcham em conjunto.

Na próxima parte, espero ainda mostrar como em outros campos, nas Especiais, a partir de certo ponto, um *campo de forças* diferente foi criado : o processo de corrupção foi seriamente prejudicado, enquanto o processo de elevação tornou-se atraente até para os canalhas do campo.

Bem, sim, mas e a *alteração*? ¿ Onde alteramos? (A "emenda" é um conceito sócio-estatal e não coincide com a elevação). Todos os sistemas jurídicos do mundo, não só o nosso, sonham que o infrator não se limite a cumprir a pena, mas também que seja corrigido, ou seja, que não seja visto novamente no banco dos réus , acima de tudo, sob o mesmo artigo. [\[onze\]](#)

Dostoiévski exclama: "Quem e quando a prisão o corrigiu?"

Além disso, a legislação russa pós-reforma propôs o ideal da emenda (toda *Sakhalin* de Chekhov é baseada nesse ideal). Mas eles fizeram isso com sucesso?

P. Iakubovich pensava muito a respeito e escreve: o regime de terror da prisão apenas "repara" aqueles que não foram pervertidos, ou seja, aqueles que não precisaram de confinamento para não reincidir. Quanto ao corrupto, este regime só consegue corromper ainda mais, obrigando-o a usar astúcia, a hipocrisia, para tentar não deixar vestígios.

E o que dizer então de nossos campos de concentração? Os teóricos da ciência prisional (*Gefängniskunde*) sempre consideraram que a detenção não deveria levar ao desespero total, mas que era necessário deixar um espírito e uma saída. O leitor já deve ter visto que nossos campos conduzem exclusiva e precisamente ao desespero total.

Chekhov disse bem: "Para a emenda, o principal é mergulhar em si mesmo." Mas esse aprofundamento é exatamente o que os organizadores de nossos acampamentos mais temiam! Os quartéis comuns, as equipes, os coletivos de trabalho foram criados justamente para dispersar, destruir esse aprofundamento íntimo e perigoso.

Que alteração pode haver em nossos campos ?! Só corrupção: assimilação da moral dos ladrões, dos costumes de concentração cruel como a lei da vida ("lugares criminogênicos", na linguagem dos criminosos, escolas do crime).

Depois de uma longa frase, IG Pisarev foi examinado em 1963: «O pior é que sai de lá com os nervos destruídos para sempre e a saúde irreparavelmente danificada pela desnutrição e este assédio contínuo. Aqui as pessoas são irremediavelmente mimadas. Um homem que antes do julgamento costumava tratar até os cavalos de você, agora sai parecendo uma cara grande. Se você passar sete anos dizendo a um homem que ele é um porco, ele acabará rosnando como um porco ...! Somente o primeiro ano corrige o ofensor; o seguinte o endurece: ele acaba se adaptando às circunstâncias e pronto . Por sua duração e rigor, a lei pune mais a família do que o acusado.

Outra carta: "É doloroso e terrível, sem ter visto nada nem feito nada na vida, abandoná-lo assim, sabendo que ninguém se preocupa com você, mas provavelmente sua mãe, que não se cansará de esperar por você a vida inteira".

Alexandr Kuzmich K., que pensou muito sobre isso, escreveu-me em 1963:

«A minha pena de morte foi comutada para 20 anos de prisão, mas, palavra de honra, não considero um favor ou ... Vivi em primeira mão esses "erros", como gostam de os chamar agora: são do mesmo calibre de Maidanek e Auschwitz. Como distinguir a lama da verdade? O assassino do educador? A lei da arbitrariedade? Para o carrasco do patriota? Se o criam, se passa de tenente a comandante, se leva no boné uma insígnia muito parecida com a que existia antes de 1917...! Como posso, depois de dezoito anos de confinamento, entender algo de todos esses acontecimentos? Tenho inveja de vocês, que são educados e têm a mente ágil e não precisam quebrar muito a cabeça para saber como agir e se adaptar, o *que, para falar a verdade, nem tenho vontade* ».

Que bem falado: "*Não estou com vontade*"! Se ele revelar esses sentimentos, ele está corroído ...? Mas, nesse caso, isso é corrigido aos olhos do Estado? De maneira nenhuma. Para o Estado está simplesmente perdido, é preciso ver a que conclusões chega: nenhuma diferença com Auschwitz, nenhuma diferença entre as insígnias ...

Essa "emenda" que o Estado teria gostado (?) Nunca se concretiza nos campos. Os "graduados" nos campos só aprendem a hipocrisia, a *fingir* que repararam, e o cinismo perante as exortações do Estado, as suas leis e as suas promessas.

E quando um homem não tem nada a *reparar*? Se ele não é um criminoso? Se você foi preso por orar a Deus, ou por expressar uma opinião

independente, ou por ter sido feito prisioneiro, ou pelo pai, ou simplesmente para alcançar a figura, com o que os campos podem contribuir?

Um inspetor de prisão em Sakhalin disse a Chekhov: 'Se no final do dia há quinze ou vinte homens decentes em cem presidiários, devemos isso não tanto aos nossos métodos de prisão, mas aos tribunais russos, que mandam tantos elementos para a prisão. ou bem, com certeza.

Pois bem, esse será o nosso julgamento do Arquipélago, desde que aumentemos o número de inocentes que nele entram, digamos, para oitenta por cento, mas sem esquecer que nos nossos domínios o coeficiente de corrupção também aumentou .

Se agora nos referirmos, não mais a uma máquina para moer a carne de milhões de indesejáveis, não mais a um poço de lixo onde eles despejam impiedosamente seu próprio povo, mas a um sistema correcional verdadeiramente sério, nos deparamos aqui com um problema complicado . : Como podem ser aplicadas punições uniformes pelo mesmo Código Penal? Pois, aparentemente, as *mesmas* penalidades para pessoas *diferentes*, algumas mais justas, outras mais corruptas, algumas mais refinadas, outras mais grosseiras, mais educadas ou menos, são na realidade penalidades completamente *desiguais*. (Veja várias passagens da *Casa dos Mortos* de Dostoiévski).

Os ingleses entenderam isso, e atualmente fala-se entre eles (não sei até que ponto o estão colocando em prática) que a pena deve corresponder não só ao crime, mas também à personalidade de cada infrator.

Por exemplo, a perda comum de liberdade exterior é menos dura para um homem com uma vida interior intensa do que para um menos evoluído, com predominância de atividades corporais. Este último "necessita mais de impressões externas, seus instintos o empurram com mais violência para a liberdade" (Iakubovich). O primeiro suporta melhor o confinamento solitário, especialmente se eles têm livros. (Oh, como alguns de nós ansiamos por aquele tipo de reclusão em vez do campo! O corpo é oprimido, mas quanto espaço para a inteligência e a alma! Nicolai Morozov não se distinguiu em nada de especial, nem antes nem, o quê É ainda mais surpreendente depois de seu confinamento. Mas mergulhar em si mesmo na prisão permitiu-lhe conceber a estrutura planetária do átomo e as diferentes cargas do núcleo e dos elétrons dez anos antes de Rutherford! Só *nós* , não

só fornecemos livros , papel e lápis, mas retiramos o que tínhamos). O segundo pode não suportar nem mesmo um ano de reclusão solitária: terá murchado, consumido. Alguém, qualquer um, desde que tenhamos gente! Para o primeiro, uma empresa raivosa é pior do que a solidão. Por outro lado, o campo (onde se alimentam mesmo um pouco) é bem mais tolerado pelo segundo, com seu quartel de quatrocentas pessoas, onde todo mundo grita, berra besteira, joga cartas e dominó, ri alto ou ronca e, como se isso não bastasse, tudo isso dominado pelo barulho incessante de um rádio projetado para os deficientes mentais. (Os campos onde estive internado foram *punidos* com a supressão da rádio. Foi a minha salvação!)

Desse modo, justamente o sistema de campos de concentração, com a imposição de trabalho físico excessivo e a convivência compulsória com uma multidão barulhenta e degradante, foi muito mais eficaz do que a prisão na destruição de intelectuais. Foram justamente os intelectuais que ele consumiu rápida e completamente.

III

Liberdade amordaçada

Mas mesmo quando o essencial sobre o Arquipélago GULAG tiver sido escrito, lido e compreendido, será que eles também compreenderão o que *foi a nossa liberdade?* Será que vão entender o que foi este país, que durante dezenas de anos abrigou o Arquipélago dentro dele?

Tive de carregar dentro de mim um tumor do tamanho do punho de um homem. Aquele tumor tinha inchado e desfigurado a minha barriga, impedido de comer, dormir, fazer-se sentir constantemente (apesar de não atingir meio por cento do meu corpo, enquanto o Arquipélago era cerca de 8 por cento do país) . Mas o mais assustador nesse tumor não era que comprimisse e empurrasse órgãos vizinhos: o pior é que secretava veneno e intoxicava o corpo inteiro.

Da mesma forma, nosso país foi gradualmente embriagado com os venenos do Arquipélago, e só Deus sabe se algum dia os eliminará.

Saberemos, *ousaremos* um dia descrever toda a vergonha em que vivemos (que, de outra forma, pouco difere da de hoje)? E se não revelarmos essa ignomínia em toda a sua magnitude, tudo o que escrevemos é mentira. É por isso que estimo que nas décadas de 1930, 1940 e 1950 *não tínhamos literatura*. Porque sem *toda* a verdade, não é literatura. Hoje em dia, mostram-nos essa ignomínia na medida em que a moda o permite, implicando uma frase de duplo sentido, uma sugestão, uma nuance.

E novamente uma mentira sai.

Não é o objetivo deste livro, mas tentaremos listar resumidamente os aspectos de nossa vida *livre* que foram determinados pela vizinhança do Arquipélago ou que compartilhavam o mesmo estilo com ele.

1) MEDO CONSTANTE. Como o leitor já deve ter avisado , nem 35, nem 37, nem 49 esgotam a lista de incursões pelo Arquipélago. Havia ataques *o tempo todo*. Assim como não passa um minuto sem uma morte ou

nascimento, também não passa um minuto sem uma prisão. Às vezes caía muito perto de você; às vezes parecia mais distante; às vezes você se enganava pensando que nada o ameaçava; Às vezes, você mesmo se tornava um carrasco, e então a ameaça enfraquecia, mas todo cidadão adulto deste país, do homem de Kolkhoz ao membro do Politburo, sabia que uma palavra ou gesto imprudente bastava para ser irremediavelmente mergulhado no abismo.

Tal como no Arquipélago, antes de se abrir o precipício (mortal) da obra geral, antes de cada habitante se abrir o precipício (mortal) do Arquipélago, antes de se abrir o precipício (mortal) do Arquipélago. Na aparência, o país é muito maior do que seu arquipélago, mas, apesar disso, todo ele e cada um de seus habitantes parecem estar suspensos acima de suas mandíbulas abertas.

O medo nem sempre foi o medo da prisão . Houve também etapas intermediárias: expurgo, fiscalização, preenchimento de questionários (habitual ou extraordinário), demissão, privação de autorização de residência, afastamento ou reclusão. ^[12] Os questionários foram redigidos de forma tão detalhada e insidiosa que a maioria dos habitantes se sentiu culpada por alguma coisa e sofreu o indizível quando chegou a hora de preenchê-los. Aqueles que já haviam dado informações falsas sobre sua vida, deveriam ter cuidado para não se enredar mais tarde. Mas o perigo poderia surgir no momento mais inesperado: Igor, o filho de Vlasov de Kadyi, costumava dizer que seu pai havia falecido. Assim, ele já havia entrado em uma Academia Militar. De repente, eles o convocam: a fim de apresentar a certidão de óbito do pai em três dias. Corrija-os como você puder!

Este medo geral levou ao sentimento correto de própria insignificância e ausência de todos os *direitos*. Em 1938, Natasha Anichkova soube que o homem que amava (eles viviam juntos sem serem casados) acabara de ser preso em Orel. Ele foi lá. A imensa praça em frente à prisão estava lotada de carroças com camponesas em alpercatas e paletós , os braços carregados de pacotes que eram sistematicamente rejeitados. Ele apareceu na janela da terrível prisão: “Quem é você?” Eles perguntaram severamente. Eles ouviram. "Ora, olhe, camarada moscovita, vou lhe dar um *conselho*: vá embora , porque esta noite eles *virão atrás de você!*" Um estrangeiro não entenderia nada: por que, em vez de responder a uma pergunta, o chekista vai dar um conselho que não foi solicitado? E que direito ele tem de exigir

que um cidadão livre abandone imediatamente a cidade? E quem são os que *virão* buscá-lo e por quê? Mas que cidadão soviético mentiria que não entende ou que o caso é implausível? Depois desses conselhos, vamos ver quem se atreve a ficar em uma cidade desconhecida !

NI Mandelshtam observa com razão: nossa vida é tão impregnada de prisão, que mesmo "pegos", "dentro", "fora", "liberados", mesmo sem contexto, eles se espalham entre nós em um único sentido!

Despreocupado é um sentimento que nossos concidadãos nunca conheceram.

2) SUPORTE. Se houvesse a possibilidade de mudar facilmente de residência, se você pudesse deixar o lugar que se tornou perigoso, e assim se livrar do medo e reviver, as pessoas agiriam com mais ousadia, se permitiriam assumir mais riscos. Mas, por muitas décadas, estivemos acorrentados pela lei que não permitia que nenhum trabalhador deixasse o emprego voluntariamente. Além disso, estávamos todos vinculados a um lugar pela autorização de residência. E também para moradias que não puderam ser vendidas, trocadas ou alugadas. Portanto, era preciso uma audácia inédita para protestar onde você morava ou trabalhava.

3) DISSIMULAÇÃO, DISSIMULAÇÃO NZA. Esses sentimentos substituíram a franca simpatia e hospitalidade de outrora (que ainda não havia desaparecido na década de 1920). Eram a defesa natural de cada família e de cada indivíduo, tanto mais que ninguém podia se despedir, ir para outro lugar, para que cada ninharia fosse estudada e espionada durante anos. A dissimulação do cidadão soviético não é um capricho, é uma necessidade, embora possa parecer ao estrangeiro que às vezes adquire proporções sobre-humanas.

O ex-oficial czarista KU nunca esteve na prisão e deve sua salvação apenas ao fato de que, ao se casar, não contou à *esposa* sobre seu passado . Quando seu irmão NU foi preso, sua esposa escondeu a prisão *do pai e da irmã* para que eles não escapassem da armadilha. Aproveitando o fato de que naquela época moravam em cidades diferentes, ela preferiu contar à própria família, e a todos (e continua fingindo por muitos anos) que seu marido a havia abandonado! esses são os segredos de uma única família , contados agora, aos trinta. E que lar nas cidades não os tinha?

Em 1949 foi preso o pai de um colega de classe do aluno VI. Em casos semelhantes, todos imediatamente lhe deram as costas, o que era considerado normal, mas VI não o fez; pior ainda, ele expressou

abertamente sua simpatia pela jovem, tentando ajudá-la. Desconcertada, assustada com tal atitude inusitada, a menina recusou sua ajuda e amizade e mentiu para ele afirmando que não acreditava na sinceridade de seu pai preso, que, sem dúvida, havia escondido o crime de sua própria família durante toda a vida. (As coisas não ficaram claras até a época de Khrushchev: a garota então acreditava que VI era um delator ou membro de alguma organização anti-soviética em busca de descontentes.)

Essa desconfiança mútua generalizada aprofundou a vala comum da escravidão. Assim que alguém ousou se expressar com franqueza, todos recuaram: "Provocação!" Desta forma, qualquer protesto sincero que surgisse foi condenado ao isolamento e incompreensão.

4) **IGNORÂNCIA GERAL.** Escondendo-nos uns dos outros, desconfiados e desconfiados, nós próprios ajudamos a estabelecer aquela *ausência absoluta de informação e publicidade, que é a causa fundamental* de todos os nossos males, tanto dos milhões de detenções como da sua aprovação massiva. Sem nos comunicarmos nada, sem gritarmos, sem gemermos e sem nos sabermos nada, rendemo-nos aos jornais e avaliadores oficiais. Todos os dias eles surgiam com algo sensacional, como, por exemplo, a foto de um descarrilamento (devido a sabotagem) que ocorreu em algum lugar a cinco mil quilômetros de distância. Mas o que era essencial para nós sabermos, o que havia acontecido naquela manhã em nossa escada, não havia como descobrir.

Você pode ser um verdadeiro cidadão quando não sabe nada sobre a vida ao seu redor? Descobrimos quando caímos nessa, mas já era tarde demais.

5) **PUFFERING**, desenvolvido a um grau difícil de imaginar. Centenas de milhares de agentes operacionais, seja em seus próprios escritórios, em unidades aparentemente inofensivas em prédios públicos ou em apartamentos clandestinos, sem economizar papel e seu tempo ocioso, recrutados e convocados incansavelmente para entregar reclamações aos um número tão exagerado de informantes que não tinha nada a ver com suas necessidades de informação. Até tentaram recrutar gente obviamente inútil, que não lhes convinha, sabendo que iam recusar, como, por exemplo, Nikitina, uma viúva crente de um pastor protestante que morreu no campo. No entanto, eles a mantiveram de pé por muitas horas, questionando-a, detendo-a e reduzindo sua condição de trabalho na fábrica. Um dos objetivos desse recrutamento em massa era, é claro, que cada cidadão

sentisse o sopro dos serviços de informação sobre ele. Que em cada reunião, em cada grupo de trabalho, em cada casa, havia um delator ou, pelo menos, todos temiam que houvesse.

Vou arriscar uma avaliação aproximada: um em cada quatro ou cinco moradores de uma cidade, pelo menos uma vez na vida, foi convidado a se tornar delator. Se não mais. *Recentemente*, tenho feito verificações entre grupos de ex-detidos e também entre os *Volniashkas de longa data*: retomei a conversa quando eles estavam nos recrutando. Pela primeira vez se virou para fora que várias pessoas sentadas alrededor r da mesa, *tudo* tinha proposto no seu dia.

NI Mandelshtam observa acertadamente que, além de enfraquecer o contato entre as pessoas, isso perseguia outro objetivo: os recrutas, temerosos de serem expostos publicamente, estariam interessados na estabilidade do regime.

A dissimulação espalhou seus tentáculos frios pela população, escorregou entre os colegas de trabalho, entre os velhos amigos, entre os alunos, entre os soldados, entre os vizinhos, entre os adolescentes e até nas antessalas do NKVD, entre as esposas que trouxeram pacotes.

6) TRAIÇÃO COMO FORMA DE VIDA. De tanto medo por anos por si e por sua família, o homem se torna um vassalo do medo, e a traição contínua acaba sendo o modo de vida menos perigoso.

O grau mais inofensivo da traição, mas, por outro lado, o mais difundido, não consiste em magoar expressamente ninguém, mas em ignorar aquele que morre ao seu lado, em não ajudá-lo, em virar o rosto, em encolher. Seu vizinho, seu colega de trabalho, seu melhor amigo acabou de ser preso? Bem, cala a boca, finges que não descobriste nada (não podes perder aquele bom emprego que tanto difícil arranjar!) Na assembleia geral anunciaram que o desaparecido ontem era um inimigo ferrenho do povo, e tu que tens Depois de vinte anos curvado sobre a mesma mesa com ele, você deve agora mostrar com seu nobre silêncio (quando não com um pedido!) Que você não tem nada a ver com seus crimes (aquele sacrifício que você tem que fazer por sua querida família, por seus parentes! Que direito você tem de não se preocupar com eles?) Mas o homem preso deixou esposa, filhos, mãe ... Será que você poderia ajudá-los? Não, não, é perigoso: é sobre a esposa *do inimigo*, e a mãe do inimigo, e os filhos do inimigo (quando os seus ainda carecem de muitos anos de estudo).

Após a prisão do engenheiro Palchinski, sua esposa Nina escreveu à viúva de Kropotkin: “Meu tostão acabou, ninguém me ajudou em nada, todos me evitam, estão com medo ... Agora entendi o que são os amigos. Existem muito poucas exceções.”^[13]

O corretivo também é um inimigo! O cúmplice, outro inimigo. E quem mantém amizade também é inimigo. O maldito telefone da família fica mudo. Seu e-mail foi interrompido. Na rua eles não são reconhecidos, não são cumprimentados, não são cumprimentados. Além disso, eles não são convidados ou emprestados dinheiro. E no meio da cidade grande, essas pessoas são como no deserto.

Isso é exatamente o que Stalin queria! E você tem que ver como ele estala os lábios por baixo do bigode!

O acadêmico Sergei Vavilov, após o assassinato de seu eminente irmão, aceitou o cargo de presidente da Academia. (Outra invenção, em uma zombaria do curinga bigodudo: era sua maneira de sondar corações.) AN Tolstoi, um conde soviético, não só não se importava muito em visitar a família de seu irmão detido, como nem mesmo gastava um centavo com eles. Leonid Leonov proibiu sua esposa, nascida Sabashnikova, de ir para a família de seu irmão preso, SM Sabashnikov. E quanto ao lendário Dimitrov, o leão que rugiu do julgamento de Leipzig, ele recuou, parou de salvar seus amigos Popov e Tanev, os traiu quando, depois de serem libertados pelo Tribunal Fascista, foram condenados em solo soviético a quinze anos "por ataque contra o camarada Dimitrov "(eles estavam sendo realizados no Kraslag).

Já se sabe em que condições ficaram as famílias dos presos. Lembre-se de VI Kaveshán, de Kaluga: após a prisão de meu pai, todos fugiram de nós como pessoas atormentadas, eu mesmo tive que abandonar a escola, *fui perseguido pelos meninos* (traidores em formação! Executores às centenas!), E eu mãe foi demitida do trabalho. Fomos reduzidos a implorar.

Em 1937, os policiais estavam levando a esposa e os filhos de um moscovita preso para a delegacia para confinamento. De repente, ao cruzar a estação, uma das crianças (um ou dois anos) desapareceu. Por mais que tentassem, a polícia não conseguiu encontrá-lo e a família foi para o exílio sem o menino. Este, ao que parece, escorregou sob o pano vermelho que envolvia o pedestal de um enorme busto de Stalin e ali permaneceu imóvel

enquanto durou o perigo. Então ele foi para casa, mas a porta estava selada. Ele foi para os vizinhos, para os conhecidos, para os amigos de mamãe e papai, mas não só ninguém da família o acolheu, como nem sequer o deixaram pernoitar ! E ele teve que se render a um lar infantil! Contemporâneos! Caros cidadãos! Você reconhece seu focinho?

E tudo isso - ficar fora do caminho - é apenas o primeiro elo da traição, o mais benigno. Mas quantos degraus mais tentadores havia e quantas pessoas desceram sobre eles!

Aqueles que despediram a mãe de Kaveshan de seu emprego não apenas se destacaram! Eles já fizeram sua parte! E aqueles que, por orientação do comissário, mandaram Nikitina como peão para se tornar delator? E aqueles editores que se apressaram em riscar o nome do escritor preso no dia anterior?

Marechal Blucher, esse é o símbolo daquela época. Ele estava no papel da presidência da corte marcial que condenou Tukhachevsky (caso contrário, este teria feito o mesmo). Resultado: atiraram em Tukhachevsky, depois fizeram o mesmo com Blücher. Ou os famosos professores de medicina, Vinogradov e Shedeshevski. Lembramos como eles caíram em 1952, vítimas de uma denúncia criminal; O que não lembramos é que em 1936 eles próprios haviam assinado uma ação não menos criminal contra seus colegas Pletniov e Levin. (Nossa Testa Coroada treinou com as almas de seus súditos) ...

As pessoas viviam no *campo de força da* denúncia e usavam seus melhores argumentos na justificação. Em 1937, um casal aguardava prisão, pois a mulher havia chegado da Polônia. E decidiram de comum acordo que, antes da chegada da polícia, o marido iria denunciar a esposa. Ela foi presa e, em vez disso, ele se "purificou" aos olhos do NKVD e foi solto. Sempre naquele glorioso ano de 1937, um ex-condenado político da época dos czares, Adolf Mezhov, ao marchar para a prisão disse à sua amada filha única, Elizabeth: «Demos a vida pelo poder soviético, não deixe ninguém ser aproveite seu ressentimento! Junte-se ao Komsomol! » Na sentença, Mezhov não foi proibido de se corresponder com sua filha, mas o Komsomol exigiu que ele se abstinésse dela, e a jovem, dócil à vontade de seu pai, negou seu pai.

Cuantísimos foi então *renegado* bem, ou público ou através da imprensa! "Eu, fulano de tal, desde aquela data nego meu pai e minha mãe como inimigos do povo soviético ." Por esse preço, a vida foi comprada.

Para quem não morava naquela época (ou não mora na China) é quase impossível entender e perdoar. Nas sociedades humanas comuns, um homem vive seus sessenta anos sem nunca ser amarrado por tal dilema, ele está persuadido de sua própria honestidade, assim como aqueles que farão o discurso fúnebre sobre seu túmulo. Ele abandona a vida sem sequer suspeitar em que abismo do mal ele pode cair.

Essa enorme micose da alma não se espalhou para toda a sociedade em um instante. Durante a década de 1920 e início de 1930, muitos ainda mantinham o espírito e as concepções de sociedade anteriores: ajudar os necessitados, interceder pelos necessitados. Em 1933, Nicolai Vavilov e Meister ainda defendiam abertamente todos os colaboradores do Instituto Nacional de Botânica que haviam sido presos. Deve haver um período mínimo de corrupção antes que o grande Aparelho não possa com um povo. Este período também é determinado pela idade dos rebeldes que ainda não envelheceram. Para a Rússia, foram necessários vinte anos. Quando os países bálticos começaram a sofrer prisões em massa em 1949, apenas cinco ou seis anos se passaram, muito poucos, e as famílias que foram vítimas das autoridades encontraram apoio em todos os lugares. (Aliás, havia um motivo complementar que aumentou a resistência desses países: a perseguição social assumiu a aparência de opressão nacional e, nesses casos, as pessoas estão sempre mais firmes na defesa).

Quanto ao Arquipélago, recusámos conceder a coroa suprema ao ano de 1937. Mas aqui, *em liberdade*, teremos de o cingir sobre a corrosiva coroa da traição: é preciso confessar que precisamente em 1937 a alma do nosso *a liberdade* e a corrupção a cobriam inteiramente.

Mas mesmo isso não significou o fim de nossa sociedade. (Como vemos hoje, nossa sociedade nunca chegou ao fim, um fio vivo da Rússia continuou, ela sobreviveu a tempos melhores, até 1956, e mais ainda hoje não vai morrer). A resistência não se manifestou abertamente, não serviu de adorno a este tempo de degradação geral, mas, mesmo assim, suas veias quentes imperceptíveis pulsavam, pulsavam, pulsavam, pulsavam.

Naquela época terrível, quando em uma solidão angustiada se queimaram as fotografias mais queridas, as cartas mais pessoais, os diários íntimos; Quando o menor papel amarelado escondido no armário da família de repente pegou fogo como a flor fatal da desgraça e gritou para ser jogado no fogão, que coragem foi necessária para passar milhares e milhares de noites sem queimar e preservar o arquivos de malditos (como Florensky) ou

notórios heterodoxos (como o filósofo Fyodorov)! E quão subversivamente anti-soviético e sedicioso deve parecer o romance *Sophia Petrovna* de Lidia Chukovskaya ! Foi guardado por Isidore Glikin, que, sentindo sua morte, rastejou através de Leningrado sitiada para entregá-lo a sua irmã, salvando assim o romance.

Qualquer ato de resistência ao Poder exigia uma coragem absolutamente desproporcional à importância do próprio ato. Era menos perigoso ter dinamite em casa, na época de Alexandre II, do que abrigar o órfão de um inimigo do povo na época de Stalin; e, no entanto, quantas dessas crianças foram protegidas e salvas (que eles próprios contem)! E também havia ajuda secreta para as famílias. E alguém estava lá para substituir a esposa de um detento na desesperada fila de três dias e três noites para que ela pudesse se aquecer e dormir um pouco. E houve aqueles que foram, com o coração batendo, avisar que haviam armado uma emboscada no chão e não havia necessidade de voltar. Ou a pessoa que abrigou um fugitivo em sua casa, embora ele próprio não tenha dormido a noite toda.

Já mencionamos aqueles que não ousaram votar a favor da pena de morte para o Partido Industrial. E houve quem marchasse ao Arquipélago para defender os seus colegas sombrios e ignorados. Tal pai, tal filho: aquele filho de Rozhauski , Ivan, também sofreu por ter defendido seu colega Kopelev. Durante uma reunião da célula Leningrad Detguiz Party (Children's Literature Editions), MM Meisner levantou-se para defender os "sabotadores da literatura infantil "; claro, ele foi imediatamente expulso e preso. Ele sabia a que estava se expondo!^[14] Em 1941, em Ryazan, um jovem funcionário da censura militar rasgou uma carta comprometedor de um soldado que ela nem conhecia, mas alguém a viu atirar os pedaços de papel na cesta; a carta foi recomposta, e eles a *entregaram* a ela. Ele se sacrificou por um estranho distante! (E eu só descobri morando em Ryazan. Mas quantos casos como esse ninguém descobriu ...?)

É muito confortável dizer hoje que a prisão foi um sorteio (Ehrenburg). A loteria foi, mas o número ímpar foi marcado. Eles fizeram incursões, de acordo com números que põem antemão, tudo bem, mas de claro, qualquer um que ousasse *ao público tradict* foi embarcado no local. Portanto, acabou sendo uma *seleção de almas* e não uma loteria! A ousadia caiu sob o machado, foram mandados para o Arquipélago, e nada vinha para obscurecer o quadro plácido da submissão uniforme dos *livres*. Os melhores

e mais puros não podiam continuar a fazer parte dessa sociedade, que sem eles se deteriorava cada vez mais. Essas marchas silenciosas passaram quase despercebidas. E, no entanto, com eles a alma do povo estava morrendo.

7) CORRUPÇÃO. Em uma atmosfera em que o medo e a traição reinaram por muitos anos, quem é salvo só é salvo externamente, corporalmente. O que quer que você tenha dentro, apodrece.

Foi assim que milhões de pessoas concordaram em se tornar delatores. Vejamos: se em trinta e cinco anos (até 1953) estiveram no Arquipélago, contando os nossos, uns quarenta ou cinquenta milhões (e é uma estimativa modesta, é apenas três ou quatro vezes a população do GULAG, quando durante a guerra morreu pacificamente *um por cento ao dia*), pelo menos uma condenação em três, ou mesmo em cinco, foi por queixa, havendo também quem serviu de testemunha. Bem, aqueles assassinos do tinteiro ainda estão conosco. Alguns colocam seu vizinho por medo, e ainda é o primeiro é calón; Outros o faziam por ganância, e houve (eram os mais novos, mas hoje já estão à beira da aposentadoria) que traíram com entusiasmo, traíram com dedicação, às vezes até abertamente: é que se considerava expor um inimigo heroísmo de classe! Todas essas pessoas ainda estão entre nós, e na maioria das vezes prósperas, e ainda nos emocionamos por serem "simples e bons cidadãos soviéticos".

O câncer da alma progride secretamente e ataca exatamente a parte em que deve surgir a gratidão. Fedor Peregud deu as boas-vindas, abrigou e alimentou Misha Ivanov; ela não tinha onde trabalhar, ele conseguiu um emprego para ela na oficina de carroções de Tambov e ensinou-lhe o ofício; ele não tinha onde morar, ele o acomodou em sua própria casa, como um membro da família. E Mikhail Dmitrievich Ivanov relatou ao NKVD que Fedor Peregud, durante um almoço em família, havia elogiado a técnica alemã! (Você tem que conhecer Fedor Peregud: ele era mecânico, mecânico, radiotelista, encanador, relojoeiro, óptico, fundidor, modelista, marceneiro, até vinte ofícios. No campo ele havia aberto uma oficina de mecânica de precisão; após amputação de uma perna, ele fez uma prótese). Vieram levar Peregud embora, levaram a filha de quatorze anos no caminho, e tudo isso às custas do MD Ivanov! Ele veio para o julgamento negro: isto é, a decomposição da alma às vezes se reflete no rosto. Pouco depois deixou a oficina e passou a servir abertamente no GB, de onde foi demitido como inútil, encaminhando-o para o Corpo de Bombeiros.

Em uma sociedade corrupta, a ingratidão é um sentimento comum e comum que quase não chama mais a atenção. Após a prisão do seletor VS Markin, o agrônomo A. A. Soloviev friamente se apropriou da variedade de trigo "taiga 49", que Markin havia alcançado.^[15] Quando o instituto de cultura budista foi aniquilado (todos os seus membros proeminentes presos) e seu diretor morreu, o acadêmico Scherbatski, um discípulo deste último, Kalianov, foi ver a viúva e a convenceu a lhe dar todos os livros e papéis do falecido; "Caso contrário, haverá problemas: o Instituto Cultural Budista acabou por ser um centro de espionagem ." Outrora proprietário de todos os seus manuscritos, publicou parte deles (bem como uma obra de Vostrikov), em seu próprio nome, e assim tornou-se famoso.

Muitas reputações científicas em Moscou e Leningrado foram construídas da mesma maneira, com base em sangue e ossos. *A ingratidão dos discípulos*, que deixou uma marca negra em nossa Ciência e Técnica dos anos trinta e quarenta, tinha uma explicação muito lógica: a ciência havia passado das mãos de verdadeiros cientistas e engenheiros para as de carreiristas ignorantes e gananciosos. .

Hoje em dia eles são impossíveis de detectar, impossível listar todas aquelas obras plagiadas, todas aquelas invenções roubadas. E as casas obtidas com a prisão de seus ocupantes? E seus pertences roubados ? Durante a guerra, esse traço bestial não se manifestou como uma característica quase geral? Se alguém estava grogue de dor profunda, ou teve sua casa bombardeada, ou incendiada, ou evacuada, no mesmo instante seus vizinhos, estes simples e bons cidadãos soviéticos, eles não atacaram como aves de rapina seus pertences?

Os tipos de corrupção são muito variados e não estamos em posição de abordá-los todos neste capítulo. A vida coletiva da sociedade consistia no triunfo dos traidores, no sucesso dos incapazes, enquanto tudo o que era melhor e mais puro se despedaçava sob a faca. Quem poderá se referir a mim, mesmo que seja *um único caso* em todo o país, nas décadas de 1930 a 1950, em que um indivíduo íntegro derrotou, esmagou, desmascarou, expulsou um miserável conspirador? Afirmo que tal caso é impossível, pois é impossível que uma cachoeira "caia" para cima, mesmo a título de exceção. É que um homem íntegro nunca se dirigirá ao GB, enquanto o canalha sempre o tem em mãos. E o GB não vai parar antes de ninguém, se não parar até mesmo Nicolai Vavilov. Por que então a cachoeira deveria "cair" para cima?

Aquele triunfo fácil dos canalhas sobre os homens bissexuais fedia como um esgoto preto e fétido nas capitais apinhadas, mas seus eflúvios alcançaram lá em cima, nos domínios das honradas tempestades árticas, nas estações polares, um mito favorito dos Anos 30, onde se esperaria ver os gigantes loiros de Jack London fumando cachimbo da paz. Na estação polar da Ilha Domashni (Northland) havia apenas três homens: o chefe da estação, Alexandr Pavlovich Babich, um velho lobo polar sem partido; o peão Eriomin, o único membro do Partido, então secretário da célula da estação (!), e o meteorologista Goriachenko, membro do Komsomol, então secretário da célula do Komsomol (!), decidiram derrubar seu chefe para tomar o seu lugar. Goriachenko vasculha os papéis pessoais de Babich, rouba documentos, ameaça ... De acordo com Jack London, caberia aos dois simplesmente afundar aquele canalha sob o gelo. Mas não, o que eles fazem é enviar um telegrama para Papanin, diretor da Gran Vía Marítima del Norte, informando-o da necessidade de substituir Goriachenko. O secretário Eriomin assina o telegrama, mas imediatamente se arrepende, confessa sua culpa ao Komsomol e, juntos, enviam a Papanin, como membros do Partido, outro telegrama de conteúdo contrário. Decisão de Papanin: a equipe se desintegrou, traga-os para o continente. O quebra-gelo *Sadko está vindo* buscá-los . Uma vez a bordo, o secretário do Komsomol não perde tempo e entrega o material ao comissário do barco, que passa a prender Babich imediatamente (acusação principal: ele queria ... entregar aos alemães o quebra-gelo *Sadko*, o mesmo em que estão agora! todos navegando!) Assim que tocam o porto, Babich é levado para a Prisão Preventiva. (Imagine , por um momento, que o comissário do navio é um homem decente e razoável, convocando Babich, ouve a outra parte também. Mas isso significaria revelar o segredo da denúncia a um possível inimigo! E Goriachenko, por meio de Papanin, teria enlouquecido o próprio comissário. O sistema nunca falha.

É claro que alguns indivíduos isolados que não foram criados desde a infância em grupos pioneiros ou células de Komsomole ainda mantêm uma alma pura. Um dia, em uma delegacia em Siberia, um jovem corpulento com uniforme de soldado, vendo uma coluna de prisioneiros passar, correu para comprar vários maços de cigarros e não parou até convencer os guarda-costas a distribuí-los entre os internos. (Episódios mais semelhantes são descritos em outras partes deste livro .) Mas com certeza aquele soldado não estava de serviço, ele estaria de licença e não teria o secretário da célula

do Komsomol de sua unidade ao seu lado. Em sua unidade ele não teria se decidido, ele teria passado um momento ruim. Bem, quem sabe se mesmo aqui ele não teve problemas com o comando depois.

8) A MENTIRA COMO FORMA DE EXISTÊNCIA. Tendo cedido ao medo ou sendo contaminado pela ganância e inveja, as pessoas, entretanto, não podem se tornar tolas tão rapidamente. Suas almas estão turvas, mas sua inteligência ainda é bastante lúcida. Eles não podem acreditar que todo o gênio do mundo de repente se concentrou em uma única cabeça com uma testa estreita e afundada! Não podem estar igualmente convencidos de que todos eles se tornaram repentinamente aqueles seres estúpidos e brutalizados, como são constantemente representados no cinema, como se ouvem no rádio, como são lidos nos jornais! Nada os obriga a responder toda a verdade, mas também não podem calar a boca! Eles têm que *falar*, e o que podem dizer senão mentiras? Devem bater palmas freneticamente, basta: a sinceridade é o que menos importa!

E quando lemos a seguinte mensagem, dirigida pelo corpo docente do ensino superior ao camarada Stalin:

[16]

“Ao aumentar nossa vigilância revolucionária, ajudaremos nosso glorioso Serviço de Informação, liderado pelo fiel Leninista, o Comissário do Povo Estaliniano Nicolai Ivanovich Yezhov, a limpar permanentemente nossas instituições de ensino superior e todo o nosso país de resíduos trotskistas-bukharinianos e outro lixo contra-revolucionário.”

Não vamos tomar toda essa assembléia de mil pessoas por tantos idiotas, mas apenas por mentirosos covardes, conformando-se até com a própria prisão amanhã.

A mentira constante, como a traição, torna-se a única maneira de viver com segurança. O menor movimento da língua pode ser ouvido por alguém, a menor expressão no rosto, observada por alguém. Portanto, cada palavra, sem necessariamente ter que ser uma mentira declarada, deve pelo menos não contradizer a mentira geral. Há toda uma gama de frases cunhadas, de insultos factuais, de fórmulas prontas, e não pode haver um disco urso, nem um artigo, nem um livro, seja científico, crítico, ou ditado "literário", que não os utilize. No mais científico dos textos sempre será necessário apoiar alguma falsa autoridade ou alguma falsa prioridade, e insultar alguém por ter dito a verdade; sem essas mentiras nem mesmo um trabalho acadêmico virá à luz. E o que dizer então daqueles comícios barulhentos, daquelas assembléias baratas nos intervalos, onde você tem que votar contra a sua própria opinião, fingir que está feliz com o que realmente te incomoda (um

novo empréstimo, uma redução nas taxas de produção , uma doação para uma coluna de tanque, o compromisso de trabalhar no domingo ou de enviar seus filhos para ajudar os kolkhozianos) ou para expressar uma raiva veemente quando você realmente não se sente nem um pouco preocupado (como impalpável, invisível violência nas Índias Ocidentais ou no Paraguai)?

Tenno, envergonhado, lembrou na prisão como duas semanas antes de sua prisão deu uma palestra para os marinheiros: "A Constituição Staliniana é a mais democrática do mundo" (claro, nenhuma palavra honestamente).

Não há homem que publicou uma única página e não mentiu. Não há homem que tenha subido à tribuna e ainda não tenha mentido. Não há homem que se aproxime do microfone e não tenha mentido.

E se apenas a coisa permanecesse lá! E assim por diante: toda conversa com superioridade, toda conversa na seção de pessoal, toda conversa com outro soviético em geral exige uma mentira, às vezes flagrante, às vezes circunspecta, às vezes aprovando com condescendência. E se, sozinho, o idiota do seu interlocutor lhe disser que vamos voltar ao Volga para armar uma armadilha para Hitler, ou que o besouro do Colorado é atirado em nós pelos americanos de alguns aviões, diga sim! acima de tudo, diga sim! Um simples aceno de cabeça que não vai para cima e para baixo pode custar uma viagem ao Arquipélago (lembre-se da prisão de Chulpeniov, parte I, capítulo VII).

E mesmo isso não é tudo! Porque seus filhos crescem! Se tiverem idade suficiente, você e sua esposa não podem dizer abertamente o que pensam na presença deles: estão sendo educados para Pavlitos Morozov e não hesitarão em repetir esse feito. E se eles ainda são jovens, você deve decidir como educá-los: se lhes apresentará a mentira como verdade desde o início (para que seja *mais fácil* para eles viverem) e, nesse caso, continuar sempre mentindo para eles também; Ou se não, diga-lhes a verdade, mas sempre com o medo de que falem a língua, se traem, e então você tem que instilar neles imediatamente que a verdade é mortal, que fora de casa você tem que mentir, apenas mentir, como eles fazem Papai e mamãe.

O dilema é tanto que tira o desejo de ter filhos.

A mentira como fundamento constante da vida. Uma jovem professora de Literatura, AK, vem de Moscou para um corpo docente provinciano, uma mulher inteligente que *entende* tudo, mas com um questionário impecável e um doutorado novinho em folha. Em seu assunto central, AK

conhece um único aluno membro do Partido e conclui que ela é o informante aqui (que deve necessariamente haver um informante na classe, AK não tem dúvidas sobre isso). E resolve fingir carinho e simpatia por aquele aluno (aliás, na tática do Arquipélago, é um erro grosseiro: pelo contrário, tens de quebrar algumas suspensões, e aí qualquer reclamação dela será vingança pessoal). Eles até se reúnem fora da Faculdade, trocam fotos (o aluno carrega a foto de AK na pasta da festa), cartas carinhosas são escritas durante as férias. E cada aula é ministrada por AK, adaptando-se às eventuais apreciações de seu aluno de festa. Após quatro anos desta humilhante comédia, a menina termina seus estudos e AK não precisa mais se preocupar com suas reações. Por ocasião de sua primeira visita, AK a recebe francamente mal; A estudante insatisfeita exige que cartas e fotografias sejam devolvidas a ela, exclamando (o mais triste e engraçado é que ela provavelmente nem foi delatora): 'Se eu terminar meu doutorado, nunca vou me apegar a uma faculdade triste, como vocês! Você tem que ver como eram as aulas, uma música! "

Assim foi! De tanto empobrecimento, branqueamento, corte tudo ao critério de um delator, AK havia destruído aulas que era capaz de dar de forma brilhante.

Como disse um de nossos poetas com grande graça, o que tínhamos não era um culto à personalidade, mas um culto à dupla personalidade.

Claro, aqui também devemos distinguir graus: há a mentira compulsória, defensiva, e há a mentira de choque, passional, em que os escritores se distinguiram particularmente, aquela mentira que em 1937 (!) Fez Shaguinian escrever, em tons comoventes , que a era do socialismo havia transformado inclusive a investigação das acusações: segundo os juízes de instrução, agora os réus estão *ansiosos para colaborar com eles* e contam tudo o que precisam sobre si mesmos e sobre os outros.

Essa mentira nos afastou tanto da sociedade normal que é até difícil de avaliar: nenhuma placa de sinalização aparece em sua névoa cinza compacta. De repente, ao analisar as notas, você percebe que o livro de Iakubovich *No mundo das reprimendas* foi publicado (ainda que sob pseudônimo) *ao mesmo tempo* em que seu autor estava saindo da prisão e entrando em confinamento. ^[17] Imagine, imagine algo assim agora! Por algum milagre conseguiu para passar minha tardia e tímida *Iv án Denisovich*, mas depois baixou as barreiras, correu solidamente fechaduras, e não está mais presente, mas o que aconteceu trinta a cinquenta anos atrás,

é proibido a gravação! E seremos capazes de lê-lo pelo resto de nossas vidas? Estamos destinados a morrer assim, mentindo e mentindo.

E, por falar nisso, mesmo que nos oferecessem saber a verdade, resta saber se o *livre* iria querer saber! IG Oxman voltou do campo em 1948 e não foi preso novamente; viveu em Moscou. Amigos e conhecidos não o abandonaram, deram-lhe ajuda. A única coisa que eles não queriam era ouvir suas histórias do campo! Porque, sabendo *disso*, como continuar vivendo?

Depois da guerra, a música *Você não ouve o barulho da cidade* ficou muito popular. Até a cantora mais medíocre recebeu aplausos frenéticos com ela. A Direcção de Pensamentos e Sentimentos não percebeu de imediato, e venha transmitir pela rádio! Venha autorizar no palco! E se russo, popular e tal. Então eles caíram e proibiram. É que a carta falava de um cativo para toda a vida, de corações separados. Vê-se que apesar de tudo, a necessidade de arrependimento ainda bateu fundo, e o povo, apodrecido pela mentira, poderia pelo menos aplaudir com toda a alma aquela velha canção.

9) CRUELDADE. E como poderia subsistir a bondade em meio a todas as qualidades que acabamos de ver? Como preservar a misericórdia rejeitando os braços estendidos dos náufragos? Uma vez manchado de sangue, você continua cada vez mais cruel. Também crueldade ("crueldade de classe"). foi exaltado, instilado, e você acabou duvidando de onde realmente está essa divisão entre o bem e o mal. E se, além disso, ridicularizaram a bondade, ridicularizaram a compaixão, ridicularizaram a misericórdia, como podemos deter alguém que já provou o sangue?

Um correspondente anônimo meu (de Arbat, 15) pergunta sobre "as raízes da crueldade" inerentes a "certos soviéticos". Por que quanto mais indefesa uma pessoa está em seu poder, mais cruel ela se manifesta?

E dá um exemplo que, aparentemente, não é o principal, mas que reproduzimos aqui mesmo assim.

Inverno de 1943-1944, estação de Chelyabinsk, um galpão ao lado do slogan. Vinte e cinco abaixo de zero. Sob o galpão, um piso de concreto coberto de neve foi soprado pelo vento, grudado, endurecido por passos. Na janela do guarda-volumes, uma mulher de blusa de trabalho e, ao lado, um guarda robusto e bem alimentado com seu casaco forrado. Eles flertam meio de brincadeira, alheios ao ambiente. Enquanto isso, no chão jazem vários homens vestidos com roupas de algodão e trapos cor de terra, que se

os classificarmos como "velhos", seríamos embelezadores demais. São meninos, exaustos, inchados, os lábios cobertos de crostas. Um deles aparentemente está com febre: encosta o peito nu na neve e geme. O narrador se aproximou para perguntar; Descobriu-se que um havia terminado a pena em campo, outro havia sido dispensado, mas quando foram soltos tiveram seus papéis preenchidos incorretamente e agora não querem dar-lhes passagem para voltarem para casa. Quanto ao retorno ao campo, eles não têm forças: a diarreia os exauriu. Então o narrador começou a partir um pedaço de pão para cada um. Com isso, o guarda interrompeu a animada conversa e disse em tom ameaçador: «O que, senhora, te encontraste parente? É melhor você sair daqui, eles vão morrer sem a sua ajuda. Ela pensou: ele é muito capaz de foder e, de cara, de me colocar na cadeia também (e é verdade, por que não?). E ele foi embora. Como tudo isso é característico de nossa sociedade! O que a mulher pensou e como ela saiu. E aquele guarda implacável, e a mulher implacável de blusa, e aquele caixa que não quis dar passagem, e aquela enfermeira que não os internou no hospital municipal, e aquele funcionário estúpido que entregou os documentos no campo.

A vida se tornou violenta e eles não chamarão mais o prisioneiro de "pobre coitado", como nos dias de Dostoiévski e Tchekhov, nem que seja de "carniça". E m 1918, a escola Magadan atirou pedras em uma coluna de detenção que percorria a cidade (lembre-se de Surovtseva).

Você já conhecia nosso país antes, conhece algum outro país hoje com tantas histórias de ódio e de partir o coração de famílias ou apartamentos ? Cada leitor será capaz de contar alguns, vamos mencionar um ou dois.

Vera Krasutskaia, cujo marido foi preso e morreu em 1938, morava em um apartamento comunitário ^[fu] da Dolomanov Street em Rostov. Sua vizinha Anna Stolberg sabia disso, e por dezoito anos!, De 1938 a 1956, ele se deleitou com seu poder, torturando-a com ameaças: na cozinha, ou ao passar por ela no corredor, ele assobiava no ouvido de Krasutskaia: 'Enquanto Eu quero, continuar vivendo, mas assim que eu quiser, o *carro* virá para você ». Só em 1956 Krasutskaia decidiu apresentar uma queixa ao promotor. O Stolberg não a incomodou mais, mas eles continuaram morando juntos no mesmo andar.

Em 1950, após a prisão de Nicolai Iakovlievich Semionov na cidade de Liubim, a primeira coisa que sua esposa fez foi expulsar a mãe, Maria Ilinichna Semionova, que vivia com eles no meio do inverno. Vá embora,

velha bruxa! Seu filho é um inimigo do povo! " (Depois de seis anos, quando o marido voltou do campo, ela também o jogou na rua, de cueca, no meio da noite, com a ajuda de sua filha adulta Nádia. Nádia se esforçava tanto para ajudar sua mãe porque ela precisava daquele lugar para *seu próprio* marido. E jogando as calças na cara dele, ela gritou: "Saia, seu

^[18] velho bastardo!") Enquanto isso, a mãe tinha ido morar em Iaroslavl, na casa de sua outra filha, Anna, casada, mas sem filhos. A filha e o genro logo se cansaram dela. O genro, Vasili Fiodorovich Metiolkin, era bombardeiro de profissão ou, nos dias em que não estava de serviço, segurava o rosto da sogra com as duas mãos, apertando-o com força para que ela não pudesse virar a cabeça e adorava cuspir tudo na cara dela. pode acumular saliva, tentando atingir principalmente os olhos e a boca. Quando estava mais zangado, abria a braguilha, tirava o membro e enfiava-o na cara da velha, ordenava: "Toma, chupa e morre!" Então a mulher explicou ao irmão que acabava de voltar: "Cara , quando o Vasia bebeu demais ... O que você pode exigir de um homem bêbado?" Um pouco mais tarde, para conseguir uma nova casa ("precisamos de banheiro, minha mãe idosa não tem onde se lavar. Na idade dela não vamos mandá-la para o banheiro público !"). eles começaram a tratá-la melhor. Depois de conseguir um apartamento para ela, encheram os quartos de cômodas e cômodas, e a mãe foi colocada em um vão de 35 cm entre o armário e a parede, para que ficasse ali sem mostrar o nariz. Nicolai Iakovlevich, que morava na casa de seu filho, arriscou mudar sua mãe para lá sem pedir permissão. O neto entrou. A avó caiu de joelhos diante dele: "Vovochka! Você não vai me expulsar?" O neto fez uma careta: "Tudo bem, viva, desde que eu não me case." Tampouco seria errado contar o que aconteceu com a neta: Nádia (Nadiejda Nicolaievna Topnikova), entretanto, havia concluído filologia e história no instituto pedagógico de Iaroslavl, havia se inscrito no Partido e foi nomeada diretora do jornal local de Neia, na província de Kostromá. Também poetisa, e em 1961, ainda em Liubim, pautou seu comportamento nos seguintes versos:

Se você tem que lutar, lutar seriamente.

Meu pai? Um chute para ele também!

A moral? Quantas invenções do povo!

Não a conheço nem quero saber!

Qualquer passo na vida

frio calculado será!

Mas a célula do Partido começou a exigir que ele "normalizasse" suas relações com o pai, e de repente ele começou a escrever para ele. Encantado, o pai respondeu com uma carta perdoadando-lhe tudo, que ela se apressou em mostrar na cela do Partido, onde colocaram uma pequena cruz. Desde então, limitou-se a felicitá-lo pelas grandes festividades de maio e novembro.

Nessa tragédia existem sete personagens. É uma pequena amostra de nossa vida GRATUITA.

Em famílias um pouco mais educadas, o parente liberado não é jogado fora de cuecas. Mas seus constituintes têm vergonha dele, irritados com suas idéias amargas e "distorcidas".

E poderíamos continuar a enumerar. Poderíamos mencionar o

10) PSICOLOGIA DO ESCRAVO. O mesmo desafortunado Babich, em instância ao Ministério Público: "Entendo que a guerra impôs aos órgãos do Estado obrigações mais importantes do que o exame dos processos judiciais de particulares".

E ainda mais.

Mas com o que foi dito, deve-se reconhecer que se Stalin não encontrou tudo isso sozinho, se ele elaborou para nós ponto por ponto, então ele foi um gênio!

E naquele universo amargo e pestilento, onde apenas os algozes e os mais manifestos traidores prosperaram; onde o restante das pessoas honestas se entregava à bebida, sem força de vontade para mais nada; onde os corpos dos jovens se bronzeavam ao sol enquanto suas almas apodreciam; onde todas as noites a mão verde-acinzentada tateava, agarrava a pele de alguém e o colocava em uma gaiola, naquele universo vagavam milhões de mulheres alucinadas e perdidas cujo marido, filho, pai haviam sido tirados delas para o Arquipélago. Eles eram os mais apavorados de todos, tinham medo das placas de metal, das portas dos escritórios, dos telefonemas, das batidas na porta; temiam o carteiro, a leiteira e o encanador. E assim que eles saíssem, qualquer um poderia expulsá-los de casa, do trabalho, da cidade.

Às vezes, eles ingenuamente confiavam que "nenhum direito de correspondência" deveria ser interpretado literalmente, e que depois de dez

[19]
anos Ele escreveria para eles. Eles fizeram fila em frente às prisões. Eles estavam se movendo de algum lugar a cem quilômetros de distância, onde, disseram, aceitavam presentes de comida. Às vezes, eles morriam antes de seu prisioneiro. Às vezes, um pacote era devolvido a eles informando que "o destinatário morreu na enfermaria" e, assim, eles sabiam a data de sua morte. Às vezes, como Olga Chavchavadze, vinham à Sibéria depositar na sepultura do marido um punhado de sua terra natal, mas ninguém mais sabia dizer-lhes sob qual dos montes foi encontrado, na companhia de três outros. Às vezes, como Zelma Zhugur, eles escreviam cartas insultuosas a algum Vorochilov, sem se lembrar que a consciência de Vorochilov morrera muito antes dele. [vinte]

E aquelas mulheres tinham filhos que iam crescendo, e para cada uma delas essa data se aproximava quando o pai tinha que necessariamente voltar, antes que fosse tarde demais, mas ele não voltaria ...

Um triângulo de papel quadriculado rasgado de um caderno escolar. A escrita acontece em vermelho e em azul; provavelmente a mão da criança deixou cair o lápis, descansou e depois o pegou novamente pela outra ponta. Letras tortas e desajeitadas, às vezes com espaços entre as palavras:

«Olá papai e esqueci como vou escrever logo irei para a escola depois do inverno e voltarei logo porque somos ruins não temos papai mamãe diz ou que você está em comissão ou que está doente e o que você está esperando para escapar do hospital olhe Oleshka escapou Do hospital de camisa, mamãe vai costurar uma calça nova pra você, vou te dar meu sinturon, não importa que os meninos tenham medo de mim. e eu estava delirando (= delirando) Eu queria morrer junto com minha mãe, mas minha mãe não queria o bem e eu também não queria e meus dedos doem o suficiente para escrever te mando muitos beijos

Igor 6 e meio quebrado

Já aprendi a escrever nos envelopes até que minha mãe chega do trabalho e mando a carta para a caixa de correio.

Manolis Glezos, "em um discurso brilhante e apaixonado", contou aos escritores de Moscou sobre o sofrimento de seus camaradas que são consumidos nas prisões da Grécia.

- «Eu entendo que minhas palavras fizeram estremecer seus corações. Mas eu fiz de propósito. Quero que seus corações se contraíam ao pensar naqueles que sofrem no cativeiro. Levante sua voz pela libertação dos patriotas gregos! " [vinte e um]

E aquelas velhas raposas, claro, que o pegaram! Que horror, na Grécia uma dúzia e meia de prisioneiros são consumidos ! Talvez o próprio Manolis não tenha entendido a vergonha de seu apelo, ou talvez na Grécia não haja como dizer:

“A caridade bem compreendida começa em casa”.

Estátuas são encontradas em várias partes de nosso país: um guarda de gesso com um cachorro inclinado para a frente, pronto para atacar alguém. Em Tashkent, pelo menos fica em frente à escola do NKVD, mas em Ryazan atua como um símbolo da cidade: é o único monumento que se vê ao chegar de Mikhailov.

E não estremecemos de nojo, estamos habituados a isso, aquelas silhuetas que chicoteiam os cães contra as pessoas parecem muito naturais.

Contra nos.

IV

Algumas vidas

Pulverizei a vida de todos os presos que menciono neste livro, para os submeter ao plano da obra: o retrato do Arquipélago. Desisti das biografias: seria monótono demais, é assim que se escreve e se escreve, fazendo o download da pesquisa do autor para o leitor.

Mas é precisamente por isso que acredito que agora posso me permitir rastrear inteiramente algumas das vidas de prisioneiros.

1. ANNA PETROVNA SKRIPNIKOVA

Filha única de um simples operário de Maikop, nasceu em 1896. Como já sabemos pela história do Partido, durante o maldito regime czarista todo o acesso à educação era proibido e ela foi condenada a uma existência miserável como escrava. Foi, de fato, o que aconteceu com ele, mas já depois da revolução. Enquanto isso, ele se matriculou no instituto Maikop.

Anna era uma garota robusta com uma cabeça grande. Um colega de escola a retratou apenas com círculos: a cabeça, uma bola; testa redonda, olhos redondos e eternamente perplexos; os lóbulos das orelhas, presos às bochechas, formando uma única circunferência com eles. Ombros redondos. E toda a sua figura, um círculo.

Ann começou a refletir cedo demais. No terceiro ano do ensino médio, ele pediu permissão ao professor para ler Dobroliubov e Dostoiévski na biblioteca do colégio. O professor ficou indignado: "É muito cedo para você!" "Bem, se você não quiser, vou à biblioteca municipal." Aos treze anos, ele "se emancipou de Deus", ele parou de acreditar. Aos quinze anos, ela lia os Padres da Igreja assiduamente com o único propósito de contradizer furiosamente o padre nas aulas de religião, para o deleite de

todos os seus companheiros. No entanto, a firmeza do *raskolniki*^[fz] serviu de modelo supremo para ele, e ele decidiu que era melhor morrer do que permitir que sua alma se dobrasse.

Ninguém o impediu de receber a medalha de ouro que ele merecia.^[22] Em 1917 (a melhor época para estudar!) Ela foi para Moscou e matriculou-se nos cursos superiores femininos de Chaplyguin no departamento de Filosofia e Psicologia. Sua medalha de ouro lhe valeu uma bolsa da Duma, que foi paga a ele até o golpe de outubro. Este departamento formou professores de Lógica e Psicologia para os institutos. Ao longo de 1918, ganhando a vida com aulas particulares, dedicou-se à psicanálise. Aparentemente ela ainda era ateia, mas, não ou não, ela sentia em sua alma
*... Fume o altar vivo da criação,
imóvel em rosas de fogo.*

Ela teve tempo de se inclinar para a filosofia poética de Giordano Bruno e Tiutchev, e houve até um momento em que se considerou católica oriental. Ela mudou insaciavelmente de fé, talvez com mais frequência do que o vestido (não havia moda, e ela também não prestava muita atenção a isso). Além disso, era considerado um socialista e o sangue das rebeliões e da guerra civil, como inevitável. Mas ele não conseguia aceitar o terror. Democracia, sim; atrocidades, não! Mãos manchadas de sangue, talvez; Mas não enlameado! "

No final de 1918 teve que deixar os cursos (bem, e continuariam?), E com grandes dificuldades conseguiu reunir-se com seus pais em Maiko p, onde a fome ainda não era tão sentida. Enquanto isso, em sua cidade natal já haviam criado um instituto de educação popular para jovens e adultos, e Anna foi nomeada nem mais nem menos professora interina de Lógica, Filosofia e Psicologia. Ele gozava de grande prestígio entre os alunos.

Enquanto isso, os brancos viveram seus últimos dias em Maikop. Um general de 45 anos estava tentando convencê-la a fugir com ele. «General, saia da sua parada! Saia antes que eles o ponham na cadeia! " Naqueles mesmos dias, durante uma noite de professores, entre amigos íntimos, um professor de história propôs um brinde "ao grande Exército Vermelho". Anna recusou: "Nem pensar!" Conhecendo suas convicções esquerdistas, seus amigos arregalaram os olhos. "A questão é", ela previu, " assumindo as estrelas eternas ... haverá mais e mais execuções."

Ele tinha a sensação de que essa guerra estava tirando tudo de melhor e apenas os oportunistas sobreviveram. Já sentia que se aproximava a hora do heroísmo, só que ainda não sabia de que maneira.

Poucos dias depois, os Reds entraram em Maikop. E os poucos mais eles convocaram uma assembléia de intelectuais da cidade. O chefe da Seção Especial do Quinto Exército, um certo Losev, tomou posição e em termos esmagadores (quase obscenos) começou a insultar a " *intelectualidade* podre ": "O que você acha? Você nada entre duas águas? Você estava esperando eu te convidar? E por que vocês não se apresentaram? " Cada vez mais ultrajante, ele sacou o revólver do coldre e, voltando-se para ele, gritou: "E toda a sua cultura está podre! Vamos destruir tudo e construir um novo! E quem ficar no caminho, nós sairemos do caminho! " ^[23] Após o que ele perguntou: "Quem está envolvido?"

Um silêncio de morte reinou na sala. Nenhuma palmas ressoou e nenhuma mão se levantou. (A sala ficou em silêncio de susto, mas o susto não veio depois do ensaio anterior: as pessoas não sabiam que o aplauso era obrigatório).

Losev provavelmente não estava contando com alguém decidindo intervir; mas Anna se levantou: "Eu!" "Seu? Bem, sobe, sobe ». Anna atravessou a sala e entrou no palco. Uma mulher de 25 anos, robusta, com o rosto redondo e regular e vermelho, de sólida natureza russa (recebia apenas 50 gramas de pão por dia, mas seu pai tinha uma horta bem abastecida). Suas longas e grossas tranças loiras chegavam aos joelhos, mas sendo uma professora titular, ela não poderia carregá-las assim, e ela envolveria uma segunda cabeça com elas. Ele respondeu em voz alta a:

"Ouvimos seu discurso analfabeto." Você nos convocou aqui, mas sem nos avisar que era o enterro da grande cultura russa! Esperávamos encontrar um embaixador da cultura e vimos apenas um coveiro. Melhor que ele tivesse acabado de nos insultar do que o que ele disse hoje! Devemos entender que você fala em nome do poder soviético?

"Sim", Losev confirmou com orgulho, já intrigado.

"Bem, se o poder soviético continuar a ter bandidos como você como representantes, isso não vai durar muito!"

Anna terminou, e a sala irrompeu em aplausos estrondosos (todos juntos ainda não tinham medo). Aí a assembléia terminou. Losev não encontrou mais nada a dizer. Todos se aproximaram de Anna, amontoaram-se em torno dela, apertaram sua mão, sussurraram em seu ouvido: "Você

está perdida, eles vão prendê-la. Mas obrigado, obrigado! Estamos orgulhosos de você, mas você está perdido! O que ele fez, Anna?

As damas já estavam esperando por ela em sua casa. «Camarada professor! Como você vive mal, uma mesa, duas cadeiras e uma cama, não há lugar para se registrar! Nunca tivemos que prender pessoas como você. E seu pai é um trabalhador. Como é possível que com tanta pobreza você tenha ficado do lado da burguesia? " A Cheka ainda não havia sido instalada e Anna foi conduzida para uma sala ao lado da Filial Especial, onde um coronel branco, o Barão Bilderling, já estava detido. (Anna assistiu aos seus interrogatórios e ao seu final, e mais tarde disse à sua esposa: "Ele morreu com honra, pode ter orgulho dele!")

Ela foi levada para interrogatório ao quarto onde Losev dormia e trabalhava. Quando ela entrou, ele estava coçando o peito sentado na cama desarrumada, de calça e camisa desabotoada. Anna ordenou imediatamente ao homem da escolta: "Leve-me de volta!" Losev fez uma careta: "Ok, agora eu me lavo e coloco as luvas brancas de fazer a revolução!"

Durante uma semana inteira, ela esperou em êxtase ser condenada à morte. Hoje Skripnikova ainda se lembra daquela semana como a mais brilhante de sua vida. Se você entender bem essas palavras, pode acreditar muito bem. É esse êxtase que invade a alma em recompensa por ter renunciado a toda esperança de salvação possível, rendendo-se inteiramente ao heroísmo. (O amor pela vida destrói esse êxtase).

Anna ainda não sabia que a intelectualidade da cidade havia apresentado uma carta pedindo seu perdão. (No final dos anos vinte já não teria funcionado, no início dos trinta ninguém ousaria). Durante os interrogatórios, Losev começou a ser conciliador:

"Veja se conquistei cidades, mas nunca vi uma louca como você!" Há um estado de sítio, todo o poder está em minhas mãos e você me trata como um coveiro da cultura russa! Ok, ok, nós dois ficamos com calor ... Derrube o "bandido" e o "golfo".

-Não. Eu ainda penso o mesmo de você.

- Todo dia sagrado eles vêm interceder por você. Eles não me deixam sozinho por um minuto. Com a lua de mel do poder soviético, vou ter que deixar você ir ...

E eles a soltaram. Não porque considerassem sua intervenção inofensiva, mas porque ela era filha de um trabalhador. A filha de um médico não teria sido perdoada. ^[24]

Assim começou Skripnikova sua carreira na prisão .

Em 1922, eles a colocaram na Krasnodar Cheka, onde a mantiveram por oito meses "por amizade com um elemento suspeito". Em que a prisão havia uma epidemia de tifo, a promiscuidade; a ração era de 50 g de pão por dia e ainda com impurezas. Ela viu uma criança morrendo de fome nos braços de seu vizinho, e então ela jurou que com tal socialismo ela nunca teria filhos, que ela nunca sucumbiria à tentação da maternidade.

Essa promessa foi cumprida. Ela permaneceu solteira por toda a vida, e seu destino, sua inflexibilidade, teve a oportunidade de mandá-la para a prisão mais de uma vez.

A chamada paz estava começando. Em 1923 ele foi a Moscou para se matricular na Faculdade de Psicologia da Universidade Estadual. Ao preencher o questionário, ele escreveu: "não é marxista". Os registradores aconselharam-na com benevolência: 'Não seja louca! Como você descobriu isso? Diga que sim, você é um marxista, e então pense o que quiser! " "Mas não quero enganar o poder soviético: simplesmente nunca li Marx." "Bem, porque não!" "Não. No mínimo, quando estudei profundamente o marxismo e se o aceito "... Enquanto isso, ele foi dar aulas em uma escola para os subnormais.

Em 1925, o marido de uma amiga íntima dela, uma social-revolucionária, fugiu da prisão. Para forçá-lo a voltar, a GPU levou sua esposa e sua amiga, Anna, como reféns (reféns no meio da NEP!). Com o mesmo rosto redondo e corpulento, as tranças até os joelhos, a jovem adentrou uma cela na Lubyanka. (Foi lá que o juiz de instrução lhe ensinou que "todas essas bobagens da *intelligentsia* estão fora de moda ... *pense em você!*) Dessa vez ela ficou apenas um mês na prisão.

Em 1927, por ter participado de uma sociedade musical de professores e trabalhadores, conceituada pelas autoridades como foco de possíveis livres-pensadores, Anna foi presa pela *quarta vez*. Eles deram a ele cinco anos que ele passou no Solovki e no Belomorcanal.

A partir de 1932, eles a deixaram sozinha por muito tempo; aparentemente ela também levava uma vida mais prudente. N ou no entanto, a partir de 1948 começaram a dispensar suas colocações. Em 1950, a Faculdade de Psicologia devolveu sua tese aceita ("Concepções psicológicas de Dobroliubov"), com o fundamento de que em 1927 havia sido condenada pelo artigo 58! E n aqueles tempos difíceis para Anna (desgastando quatro anos correndo sem trabalho) estendeu a mão ... GB!

Um delegado do MGB central, visitando Vladikavkaz, um certo Lisov (mas se for Losev! Ele está vivo? E que pouca diferença nas cartas ! Só que agora ele não levanta a cabeça como um alce, mas sorratamente como a raposa) [\[fw\]](#)

propôs que ele *colaborasse* com eles, em troca, eles iriam encontrar um emprego para ele e permitir que ele lesse sua tese. Ela recusou com altivez. Então, nem curtos nem preguiçosos, fabricam um documento de acusação segundo o qual onze anos antes (!), Em 1941, ela havia dito:

- que estávamos mal preparados para a guerra (estávamos bem?);
- que as tropas alemãs acamparam em nossa fronteira e nós lhes fornecemos trigo (não é verdade?)

Desta vez, deram-lhe dez anos e ele foi para os Campos Especiais, primeiro para Dubrovlag, na Mordóvia, e depois para Kamyshlag, estação de Suslov, no distrito de Kemerov.

Diante daquela parede impenetrável, ocorreu-lhe enviar reclamações nem mais nem menos que ... a ONU! Durante a vida de Stalin, ele enviou três. Não foi só um truque, não! Esses colóquios imaginários com a ONU realmente aliviaram sua alma sempre fervilhante. Durante todos aqueles anos de canibalismo, eu realmente não vi outra luz no mundo. Nessas denúncias, ela atacou a monstruosa arbitrariedade que reinava na URSS e pediu à ONU que interviesse junto ao governo soviético, fosse para que seu caso fosse revisado ou para ser fuzilada, já que não poderia continuar vivendo sob tal terror. Os envelopes eram endereçados com a menção "pessoal" a várias personalidades do governo e, no interior, um pedido para transmitir à ONU.

No Dubrovlag, ela foi convocada por um conselho de chefes enfurecidos:

"Como você ousa escrever para a ONU?"

Skripnikova os encarou como sempre, ereto, corpulento, majestoso:

—Nem o Código Penal, nem a Lei de Processo Penal, nem a Constituição a proíbem. Por outro lado, não deve abrir cartas dirigidas a um membro do Governo a título pessoal!

Em 1956, o Soviete Supremo enviou uma comissão de "dispensa" a Dubrovlag, cuja única missão era libertar o maior número possível de prisioneiros no menor tempo possível. Houve um pequeno procedimento, no qual o *zeko* teve que proferir algumas palavras de arrependimento,

manter a cabeça baixa por um momento. Mas não, Anna Skripnikova não era uma dessas! Sua libertação pessoal não foi nada em face da justiça universal! Como ele poderia aceitar o perdão se não era culpado?

"Não fique muito feliz", declarou ele à comissão. Mais cedo ou mais tarde, todos os agentes do terror de Stalin terão que responder ao povo. Não sei quem você era pessoalmente nos dias de Stalin, cidadão coronel, mas se você agiu como um agente do terror, também vai sentar no banco dos réus.

Os membros da comissão ficaram vermelhos de raiva, gritaram alto que em sua pessoa estão insultando o Soviete Supremo, que iriam se lembrar, que julgariam sua sentença de sino a sino.

E, de fato, seus sonhos quiméricos de justiça lhe valeram mais três anos de prisão.

Ele continuou a escrever para a ONU de tempos em tempos do Kamyshlag (ele enviou ao longo de sete anos, até 1959, um total de oitenta petições em todos os lugares). Por causa dessas cartas, em 1958 ela foi enviada para a prisão política de Vladimir por um ano. Lá havia um regulamento: a cada dez dias era admitido um pedido em qualquer órgão e, em seis meses, mandava dezoito dali, dos quais doze para a ONU.

E ele conseguiu! Não a execução, mas a revisão de suas causas de 1927 e 1952! "Que quer? Ele declarou ao juiz de instrução. As petições à ONU são a única maneira de romper o muro de pedra da burocracia soviética e fazer-se ouvir por um Themis surdo.

O juiz de instrução pularia, batia em seu peito.

"Que todos os agentes do terror de Stalin, como você chama, não sei por que (!) O culto da personalidade, têm que responder ao povo?" Mas, por exemplo eu, o que devo responder? Que outra política ele poderia ter seguido então? Eu confiava totalmente em Stalin e não sabia de nada!

Mas Anna acabou com isso:

"Não, não, ele não vai sair desse jeito!" Todo crime tem sua responsabilidade ! Se não, quem responderia pelos milhões de vítimas inocentes? Pela flor da nação, flor do Partido? O falecido Stalin? O tiro Beria? E em vez disso você fará sua carreira política?

(Enquanto isso, sua pressão arterial estava se aproximando do limite fatal; ela só precisava fechar os olhos e cairia em uma vertigem.)

E eles teriam ficado com ela mais feliz, mas em 1959 teria sido grotesco!

Nos anos que se seguiram (ainda vive) dedicou-se a interceder pelos amigos dos campos que ainda estavam presos, confinados ou com antecedentes. Alguns foram removidos, outros reabilitados. Ele também sai em defesa de seus concidadãos. As autoridades municipais temem sua caneta e seus envelopes para Moscou, às vezes cedem em alguma coisa.

Se todos tivessem demonstrado um quarto da intransigência de Anna Skripnikova, outro teria sido a história da Rússia.

2. STEPAN VASILIEVICH LOSCHILIN

Ele nasceu em 1908 na região central do Volga, filho de um operário da indústria papelreira. Que ele ficou órfão em 1921 em tempos de fome. Não era como se pode chamar um menino inteligente, apesar do que, aos dezessete já estava no Komsomol e aos dezoito entrou para uma escola de jovens camponeses, que terminou aos vinte e um. Naquela época foram enviados para requisitar os grãos e, em 1930, ele interveio na deskulaquização de sua cidade natal. No entanto, ele não ficou para construir o kolkhoz, mas "obteve permissão" do soviete rural e foi com ele para Moscou. Lá, com muito esforço, conseguiu um emprego de ... pedreiro (era a época da greve, já naquela época todo mundo vinha para Moscou). Um ano depois foi para o exército, foi aceito como candidato, depois como membro do Partido. Desmobilizado no final de 1932, ele voltou a Moscou, mas não queria mais continuar como operário e pediu ao comitê do condado do Partido que o encaminhasse como aprendiz para uma fábrica. Mas, aparentemente, ele deve ter sido um comunista um tanto estúpido, porque até isso lhe foi negado, e em troca sugeriram que ele se juntasse à Polícia.

Mas desta vez ele recusou. Se não tivéssemos, não estaríamos escrevendo esta biografia. Mas o fato é que ele recusou.

Ele era jovem, tinha vergonha diante das meninas de trabalhar como operário, de não ter um ofício. Mas não havia onde aprender. E ele voltou a entrar na fábrica do Calibre como operário. Lá, em uma assembléia do Partido, ele abertamente interveio em defesa de um trabalhador que, aparentemente, o Partido já havia designado para o expurgo. Esse trabalhador foi excluído, conforme planejado, e Loschilin começou a assediá-lo. Na residência onde vivia, as taxas do Partido que arrecadava foram-lhe roubadas e, como o seu salário de 93 rublos não lhe permitia substituí-los, excluíram-no do Partido e ameaçaram levá-lo a tribunal (é a

perda das taxas do Festa?) Profundamente abatido, Loschilin faltou ao trabalho um dia. Ele foi dispensado por "ausência injustificada". Com esse *currículo*, ele não conseguiu encontrar outro emprego por muito tempo. O juiz de instrução o estava incomodando, então ele o deixou sozinho. Loschilin aguardou o julgamento, mas o julgamento não veio. De repente veio a condenação e a rebelião: seis meses de trabalho correcional ^[fx] com desconto de 25%, a ser preenchido por meio da Secretaria Municipal de Obras Correcional (BITR).

Em setembro de 1937, Loschilin foi à cantina da estação de Kiev em plena luz do dia (o que sabemos sobre o nosso destino? Se ele tivesse ficado com fome por mais quinze minutos, ou se tivesse ido a outra cantina) ... jovem, em uniforme do NKVD. (Mulher, isso é trabalho para você?) Talvez nosso homem estivesse parecendo perplexo ou como se estivesse procurando algo? Ele não sabe disso. "O que você está procurando", ela perguntou, "onde você está indo?" "Para a cantina." Ele apontou para uma porta: "Entre aqui!" Loschilin, é claro, obedeceu. (Se tivessem contado a um inglês!) Era o local da Seção Especial. Havia um funcionário à mesa. A mulher disse: "Parei para a ronda na estação." E ele foi embora; Loschilin nunca mais a viu (e nunca mais teremos notícias dela) ... O oficial, sem lhe oferecer um assento, começou a interrogá-lo. Ele tirou toda a documentação e mandou para a sala dos detidos. Já estavam ali dois homens e, como contou Loschilin, "desta vez não pedi licença (!) E sentei-me ao lado deles numa cadeira que estava livre". Os três ficaram em silêncio por um longo tempo. Então, alguns policiais vieram procurá-los e os levaram para a prisão preventiva. Um policial ordenou que todo o dinheiro fosse entregue a ele, porque na cela "iam levar embora de qualquer maneira" (que paralelo entre a polícia e os criminosos !) Loschilin mentiu que não o tinha. Eles o revistaram e levaram o dinheiro para sempre. Em vez disso, eles devolveram o tabaco. Ele entrou em sua primeira cela com dois pacotes de picadas e os colocou sobre a mesa. Claro, ninguém tinha nada para fumar.

Apenas uma vez ele foi levado perante o juiz de instrução. Ele perguntou se ele não estava envolvido em roubo. (Foi um salva-vidas! Ter dito "sim, me dedico, mas até agora nunca fui pego!" E acima de tudo, eles o teriam expulsado de Moscou). Mas Loschilin respondeu com altivez: "Vivo do meu próprio trabalho." E o juiz de instrução não o acusou de mais nada, e aí terminou a investigação e não houve julgamento!

Eles foram mantidos em prisão preventiva por dez dias, até que uma noite foram todos levados para a delegacia de polícia de Moscou na rua Petrovka. Lá eles já estavam apertados, sem ar, amontoados. A lei foi imposta pelos bandidos, eles tiraram as roupas dos outros, eles as perderam no jogo. Lá Loschilin foi surpreendido pela primeira vez por "sua audição estranha , sua maneira de sublinhar uma superioridade incompreensível." Uma noite eles foram transferidos para a prisão de trânsito da rua Stretenka (era onde ficava antes de Krasnaia Presnia!) Lá eles eram ainda mais estreitos: sentavam-se um a um no chão ou nas plataformas. Os semi-vestidos (de bandidos) já estavam vestidos pela Polícia: com alpargatas e uniformes velhos da própria Polícia.

Entre os companheiros de viagem de Loschilin havia também muitos outros que *não foram acusados de nada*, nem compareceram a nenhum tribunal, e que, no entanto, foram transportados junto com os condenados. Eles foram trazidos para Perebory, onde um token foi feito , e só então Loschilin descobriu seu artigo: PES, Socially Dangerous Element, Four Years. (Até hoje ele não entende bem: se meu pai é trabalhador, e eu também sou trabalhador, por que ESP? *Outra coisa* que eu teria me dedicado ao comércio) ...

Volgolag. Corte de árvores. Turno de dez horas, sem feriado, exceto outubro e maio (isso foi *três* anos antes da guerra!) Na sequência de um acidente, Loschilin quebrou a perna: intervenção, quatro meses no hospital , três de muletas. E então novamente para cortar árvores. Assim, ele purgou seus quatro anos. A guerra já havia começado, mas como não era considerado artigo 58, ele foi solto no outono de 1941. No mesmo dia da partida, seu paletó foi roubado, registrado em sua carteira. O que chegou a implorar o plugou na retirada daquele casaco maldito, mas não teve jeito! Eles não tiveram pena! Eles o deduziram de seu "dinheiro de liberação", além de dobrar seu valor (e de acordo com o sorteio oficial, aquele tesouro acolchoado desalinhado é muito caro!), E em um dia frio de outono eles o soltaram em uma camisa de algodão e quase nenhum dinheiro, pão e arenque para a estrada. As sentinelas o revistaram na saída e desejaram-lhe uma boa viagem.

Foi assim que foi lixado no dia da sua libertação, assim como no dia da sua prisão ...

Quando o chefe da administração preencheu os papéis, Loschilin conseguiu ler de cabeça para baixo o que dizia seu *arquivo*. Dizia: "Parou

para a rodada na estação" ...

Ele veio para Sursk, sua cidade natal . Por motivo de doença, foi dispensado do serviço militar. Bem, também foi ruim! No outono de 1942, pelo despacho número 336 do Comissariado do Povo para a Defesa, todos os homens em idade militar aptos para o trabalho físico foram mobilizados. Loschilin foi para o *destacamento de trabalho do* contramestre da guarnição de Ulyanovsk . Que tipo de distanciamento era esse e como foi conceituado, podemos deduzir do fato de que havia muitos jovens lá da Ucrânia Ocidental que eles haviam administrado ou mobilizado antes de começar a guerra, mas que eles não mandaram para o front porque não eram considerados confiáveis. Loschilin se viu então em uma das variantes do arquipélago, um acampamento militar sem escolta, também calculado para o extermínio por exaustão.

Jornada de dez horas. Nos quartéis, plataformas de dois andares sem lençóis, cobertores ou colchões (quando iam para o trabalho, o quartel estava desabitado). Eles trabalhavam e usavam suas próprias roupas, as mesmas que usavam quando foram retiradas de casa. Cueca própria também, sem banhos ou mudanças. Pagavam-lhes um salário reduzido, do qual deduziam o pão (600 gramas), a comida (péssima, dois pratos duas vezes ao dia) e até as alpargatas, uma vez que recebiam.

Dos membros do destacamento, um era comandante, outro gerente, mas eles não tinham poder. Tudo foi carregado por M. Zheltov, chefe do escritório de construção e reparos. Ele era uma carriça que fazia e desfazia. Por sua disposição, qualquer pessoa poderia ser privada de comida e pão por vinte e quatro ou quarenta e oito horas. ("Que lei é essa?", Perguntou-se Loschilin. "Nem mesmo aconteceu nos campos!"). E ainda, soldados feridos ou convalescentes da frente também entraram naquele destacamento. Havia um médico, uma mulher. Ele tinha o direito de emitir lençóis de enfermagem, mas Zheltov proibiu; ela tinha medo dele e chorava, não escondendo as lágrimas do desapego. (Isso é para ser GRÁTIS! Essa é a nossa liberdade!) Eles estavam cobertos de piolhos, e as plataformas, de queixos .

Bem, não era um campo, nossa! Pode ser reivindicado! E eles reclamaram. Eles escreveram para o jornal regional, para o Comitê do Partido. Ninguém respondeu. Só a Secretaria de Saúde dava sinal de vida: desinfetava minuciosamente, instalava banheiros, dava a todos, por conta do salário (!), Troca de cueca, colchão e roupa de cama.

Durante o inverno de 1944-1945, quando Loschilin iniciou seu terceiro ano consecutivo no destacamento, seus próprios sapatos finalmente quebraram e ele não foi trabalhar. Foi processado imediatamente conforme o Decreto por faltas injustificadas: três meses de trabalho correcional no mesmo destacamento, com retenção de 25%.

Nos dias úmidos de primavera, Loschilin não conseguia mais andar nem com alpa rgatas, e novamente se recusou a trabalhar. Eles o julgaram de novo (contando todas as rebeliões, já era pela quarta vez!) Na sala do quartel, a sentença era: três meses de privação de liberdade.

Mas ... eles não o prenderam! Porque não cabia ao Estado cuidar dele! Porque nenhuma privação de liberdade poderia ser pior do que essa força-tarefa!

Era março de 1945. E as coisas teriam permanecido como estavam se Loschilin não tivesse pensado em escrever para a administração da guarnição, reclamando que Zheltov havia prometido dar a cada um um par de botas militares, mas não Ele os entregou (e se essa carta foi escrita por ele mesmo, foi porque *as* petições *coletivas* foram severamente proibidas, por serem contrárias ao espírito do socialismo; por uma carta coletiva eles poderiam até dar o artigo 58).

E Loschilin foi convocado para a seção de pessoal: "Devolva a roupa de trabalho!" E tudo o que trabalhador silencioso tinha recebido em três anos - um *aventall t rabajo*- ele tirou-o e colocou -o silenciosamente no chão. Havia um guarda bem ali, que trouxera a Intendência. Loschilin foi levado para a delegacia e, à noite, para a prisão; Mas o gerente encontrou algo nos papéis que não estava em ordem e se recusou a entrar, então o guarda teve que levá-lo de volta à delegacia.

A estrada passou bem em frente ao quartel de seu destacamento. O guarda apontou para ele com a mão:

"Vá em frente, vá descansar." De qualquer forma, você não vai escapar. Espere por mim um dia desses.

Estava terminando em abril de 1945. As lendárias divisões já estavam se aproximando do Elba e dos arredores de Berlim. Todos os dias o país rugia com salvas, e o céu estava tingido de vermelhos, verdes e dourados! Em 24 de abril, Loschilin foi levado para a Prisão Provincial de Ulyanovsk . Sua cela estava tão abarrotada como em 37. Quinhentos gramas de pão e sopa de nabo (se algum dia chegou a ser batatas, eram pequenas, com casca e mal lavadas). Ele passou o dia 9 de maio na cela (por vários dias não

souberam do fim da guerra). Assim como Loschilin deu as boas-vindas à guerra atrás das grades, ele a descartou.

Depois do Dia da Vitória, os *ukazniki* (ou seja, os condenados por ausência do trabalho, atrasos e até pequenos furtos na produção) foram enviados para uma colônia. Houve trabalho de limpeza, um canteiro de obras, as barcaças foram descarregadas. *Alimentavam-se* mal, o *lagpunkt* era novo, já não havia médico, mas não enfermeira. Loschilin pegou um resfriado, desenvolveu ciática, mas apesar disso continuaram mandando-o para o trabalho. Ele estava *se aproximando*, com as pernas inchadas, febre constante, e mandavam a mesma coisa.

Em 7 de julho de 1945, a famosa anistia de Stalin foi cancelada. Mas Loschilin não conseguiu sua libertação: em 24 de julho sua sentença de três meses expirou, e só então ele foi solto.

"Não importa", diz Loschilin; Ainda sou um bolchevique no fundo da minha alma. Quando eu morrer, considere-me um comunista.

Você está de brincadeira? Talvez não.

No momento não tenho material para encerrar este capítulo como gostaria, ou seja, apontar as surpreendentes interferências entre os destinos russos e as leis do Arquipélago. E também não tenho esperança de ter mais tempo, sem pressa ou perigo, para reformular este livro e adicionar as vidas que faltam a ele.

Creio que aqui a história da vida, as perseguições de concentração nas prisões e a morte do Padre Pablo A. Florenski, talvez uma das personalidades mais extraordinárias irremediavelmente engolidas pelo Arquipélago, teria sido muito oportuna. Pessoas competentes afirmam que ele foi um sábio absolutamente excepcional para o século xx, dominando uma ampla variedade de disciplinas em nível profissional. Matemático de formação, passou por profundas convulsões religiosas na juventude e foi ordenado sacerdote. Seu livro daqueles anos, *Coluna e Fundação da Verdade*, está apenas começando a ser devidamente apreciado hoje. Ele deixou inúmeras obras matemáticas (teoremas topológicos comprovados muito mais tarde no Ocidente), histórico-artística (em ícones russos, em autos sacramentais), filosófico-religiosas (seu arquivo foi preservado em essência, permanece inédito, não tive acesso a ele). Depois da revolução, ele foi professor na Faculdade de Eletrotécnica (dava aulas de batina). Em

1927, ele formulou ideias que anteciparam as de Wiener. Em 1932, ele publicou na revista "Reconstruction and Socialist Science" um artigo sobre máquinas de solução de problemas, muito no espírito da cibernética. Pouco depois, eles o prenderam. Sei de suas vicissitudes na prisão apenas por alguns pontos que escrevo aqui para fins de inventário: confinamento na Sibéria (onde ele escreveu obras que publicou sob um nome emprestado nas publicações da seção siberiana da Academia de Ciências), Solovki, após sua liquidação o Grande Norte, de acordo com certos relatórios Kolyma. Mesmo lá, ele estudou a flora e os minerais (além de seu trabalho de picareta e pá). Não se sabe o lugar nem a data de sua morte no acampamento. De acordo com alguns rumores, ele foi baleado durante a guerra.

Tive a firme intenção de relatar aqui a vida de Valentin I. Komov, do partido Efremov, meu colega do campo de Ekibastuz nos anos 1950-1952, mas não me lembro dele o suficiente, precisaria de mais detalhes. Em 1929, com a idade de dezessete anos, ele assassinou o presidente de seu soviete rural e fugiu. Depois disso, a única maneira de sobreviver escondido era o roubo. Ele foi preso várias vezes, mas sempre por roubo. Em 1941 foi lançado. Durante a ocupação ele foi deportado para a Alemanha, mas você acha que ele colaborou com eles? Não, ele tentou fugir duas vezes, o que foi conquistado por Buchenwald, de onde os aliados o tiraram. E você acha que ele ficou no Ocidente? Nenhum: sob o seu nome verdadeiro ("a Pátria perdoou-te, a Pátria reclama-te!"). Ele voltou para sua cidade natal, se casou, trabalhou no kolkhoz. Em 1946 foi apreendido como artigo 58 para o caso de 1929. Foi lançado em 1955. Se tivesse sido possível desenvolver esta biografia em detalhes, ela teria nos explicado muitas coisas sobre os destinos russos naquelas décadas. Além disso, Komov era um típico líder de equipe em campo, um "filho do GULAG". (Mesmo no campo político ele ousou perguntar ao chefe, quando a lista de chamada estava sendo feita: "Por que o regime em nosso campo é fascista?")

Finalmente, para este capítulo, a história de um socialista proeminente (por suas qualidades pessoais, pela firmeza de suas convicções) teria sido útil para este capítulo, mostrando suas múltiplas e longas penalidades de acordo com as peças do "Grande Solitário".

Ou, se não, talvez a biografia de um *emevedista da montanha*, como Garanin, ou Zaveniagin, ou alguém menos conhecido, tivesse sido apropriada.

Mas tudo isso, aparentemente, ainda não me deu destino para fazê-lo.
Ao descontinuar este livro no início de 1967,^[25] Não espero ter a
oportunidade de um dia voltar ao tema Arquipélago.
Bem, chega, estou com ele há vinte anos.

Quinta parte

O presidio

*Da Sibéria das prisões, das algemas, faremos uma Sibéria
soviética e socialista!*

S TALIN

I

Os condenados

Uma revolução geralmente é desanimada de forma implacável. Ele é rápido em desistir de muitas coisas. Por exemplo, para a palavra *presidio*. No entanto, é uma boa palavra, seria, não como uma malha de sete DOPR, não como uma ITL escorregadia. A palavra *presidio* cai do tribunal como uma guilhotina mal travada, e já no tribunal a espinha dorsal do condenado se quebra, corta todas as esperanças. A palavra “condenados” é tão terrível que os outros detidos, os não-condenados, pensam entre si : lá estarão os algozes! (É uma propriedade covarde e salvadora do homem: imaginar que você não é o pior de todos, e que sua situação não é a pior. Os presos carregam *números*! Então eles são miseráveis! Eles vão enforcá-los ...! Espere, também vai chegar até você!)

Stalin gostava muito de palavras antigas, ele lembrava que com elas os estados podem durar séculos. Sem qualquer necessidade proletária, ele reenxertou o "oficial", "general", "diretor ", "supremo" imprudentemente podado . E vinte e seis anos depois que a revolução de fevereiro aboliu a prisão. Stalin o reintroduziu. Foi em abril de 1943, quando Stalin sentiu que aparentemente estava começando a sair do buraco. Os primeiros frutos civis da vitória popular em Stalingrado foram: o Decreto para a militarização das ferrovias (formar um conselho de guerra para raptos e mulheres), e, no dia seguinte (17 de abril), o Decreto para a introdução da prisão e força. (A força também é uma boa e velha instituição, que não é pif-paf com a pistolita, a força estica a morte e permite mostrá-la detalhadamente a uma grande multidão de cada vez). Todas as vitórias subsequentes foram abastecer a prisão e a força com o seu contingente de condenados, primeiro do Kuban e do Don, depois da margem esquerda do Dnieper, de Kursk, Orel, Esmolensco. Depois que o exército chegou aos tribunais, alguns

foram publicamente enforcados no local, outros foram enviados para os *lagpunkts* recém-criados da prisão .

O primeiro de todos foi, ao que parece, o do meu 17 em Vorkuta (logo havia também em Norilsk e em Dzhezkazgan). O objetivo mal foi escondido: os condenados estavam sendo mortos. Foi uma morte confessadamente, só que, na tradição do GULAG, prolongou-se no tempo, para que os condenados sofressem mais e antes de morrerem ainda trabalhavam um pouco.

Eles foram alojados em "tendas" de sete metros por vinte, comuns no Norte. Revestidas com tábuas e cobertas com serragem, essas tendas foram convertidas em quartéis leves. 80 pessoas entraram em uma dessas *lojas* em *vagonkas*,^[fy] 100 em paletes contínuas. Presos, eles colocam duzentos.

Mas não era superlotação! Foi apenas o uso racional do edifício . Para os internos, estabeleceram uma jornada de doze horas em dois turnos e sem feriados, de forma que sempre houvesse cem trabalhando, cem no quartel.

No trabalho eram cercados por uma escolta de cães, quem queriam batia neles, cutucavam com submetralhadoras. No caminho para a área, eles podiam disparar por capricho uma saraivada de tiros contra sua coluna, e ninguém exigia dos soldados a responsabilidade pelos mortos. Era fácil distinguir a coluna exausta de condenados à distância de uma de presos comuns, tão perdidos que caminhavam com tanto esforço.

Suas doze horas de trabalho foram medidas sem descontos. (Na escultura manual em pedra de morrillos, sob as nevascas polares de Norilsk, eles recebiam 10 minutos duas vezes por dia para se aquecer) . E suas doze horas de descanso foram usadas da forma mais absurda possível . Por conta dessas doze horas, foram conduzidos de área em área, feitos sob medida, revistados. Na sala de estar, eles foram imediatamente levados para sua tenda nunca ventilada - um barracão sem janelas - e trancados lá dentro. No inverno havia um ar espesso, fedorento, úmido e acre que uma pessoa não acostumada não conseguia resistir por dois minutos. A área de convivência era ainda menos acessível aos internos do que a área de trabalho. Nem o banheiro, nem a sala de jantar, nem a enfermaria podiam ir. Para tudo havia o mergulho ou a janela. Assim foi a prisão de Stalin de 1943-1944: uma combinação do pior do campo de concentração com o pior da prisão.^[1]

Nas 12 horas de *descanso*, entrou também a lista de chamada da manhã e da noite, não apenas contando cabeças, como acontece com os

presos comuns, mas detalhada, nome por nome, em que cada um dos cem presos devia dois vezes ao dia para proclamar sem hesitação seu *número*, seu odiado sobrenome, nome, patronímico, ano e local de nascimento, artigo, sentença, quem o emitiu e fim da sentença; enquanto os outros noventa e nove tinham de ouvir tudo isso duas vezes por dia e ficar desconsolados. Nessas mesmas doze horas, duas entregas de comida também entraram: as tigelas foram distribuídas pela janela, as tigelas foram recolhidas pela janela. Nenhum recluso tinha permissão para trabalhar na cozinha, nem carregar as panelas de comida. Todo o serviço era formado por bandidos e, quanto mais flagrantemente, quanto mais implacavelmente roubavam os condenados condenados, melhor viviam e mais satisfeitos os senhores da prisão ficavam: aqui, como sempre em nome de Cinquenta e Oito, ^[fz] os interesses do NKVD coincidiram ^[ga] e ladrões.

Mas, como os documentos não deveriam ser guardados para a história, os condenados também morreram de fome, segundo os jornais eles foram jogados como miseráveis, e aqui, além disso, roubados em acessórios roubados, "mineiros" e "prêmios". E tudo isso envolvia longos procedimentos através da janela, chamando cada sobrenome e trocando tigelas por saltos. E quando puderam finalmente deitar nas plataformas e dormir, a janela foi aberta novamente, e novamente eles foram chamados de sobrenomes, e a entrega desses mesmos cheques começou para o dia seguinte (os presos simples não cuidavam dos saltos, o líder da equipe os receberia e os entregaria na cozinha).

Portanto, após doze horas de descanso na cela, eles mal tiveram quatro horas de sono reparador.

Além disso, é claro, os condenados não cobraram absolutamente nada, não tinham o direito de receber encomendas ou cartas (em suas cabeças zunidas e atordoadas, sua antiga *liberdade* deveria ser extinta, e nada do mundo permaneceu na noite polar indistinta, exceto sua trabalho e este barracão).

Por tudo isso, os internos responderam bem ao tratamento e morreram rapidamente.

O primeiro *alfabeto* de Vorkuta (28 letras, cada letra com números de um a mil), os primeiros 28 mil prisioneiros de Vorkuta, todos sucumbiram em um ano.

O estranho é que não acontece há um mês. ^[dois]

Em Norilsk, na 25ª fábrica de cobalto, um comboio entrou na área para carregar minério, e os presidiários se jogaram sob o trem, para acabar com tudo isso antes. Duas dúzias de homens desesperados fugiram para a tundra. Eles os descobriram com aviões, eles os metralharam e então os empilharam mortos na frente do portal.

Na mina de Vorkuta nº 2, havia um prisioneiro *lagpunkt* de mulheres. As mulheres usavam números nas costas e no lenço de cabeça. Eles trabalharam em todos os trabalhos clandestinos e até, e até ... eles excederam o plano ...!

Mas já estou ouvindo meus contemporâneos e compatriotas gritarem indignados comigo: pare! *Quem se atreve a falar conosco?* Sim! Eles começaram a exterminá-los, e muito bem! Se fossem os traidores, os *polizei*, os burgomestres! Eles mereceram! Você não vai sentir pena deles?! (Neste caso, como sabemos, a *crítica* sai do quadro literário e passa para a competência dos *órgãos*). E essas mulheres, se forem *peles alemãs!* *Vozes femininas* gritam comigo. (Não estou exagerando? Ou não eram nossas mulheres que chamavam outras mulheres de nossa *pele*?)

O mais fácil para mim seria responder como agora, *condenando o culto*. Contagem de algumas sentenças de prisão excepcionais (por exemplo, daqueles três voluntários do Komsomol^[gb] que em seus bombardeiros leves estavam com medo de lançar suas bombas no alvo, eles jogaram no meio do campo, voltaram sãos e salvos e relataram que haviam completado a missão. Mas depois uma delas foi atormentada por sua consciência Komsomola, ela contou ao chefe do Komsomol de sua unidade de aviação, outra garota, esta, é claro, para a Seção Especial, e as três meninas receberam 20 anos de prisão cada uma). Exclame: veja o que os honestos cidadãos soviéticos puniram a arbitrariedade de Stalin! E então fico indignado, não com a arbitrariedade em si, mas com os erros fatais cometidos com os Komsomoles e os comunistas, agora corrigidos com alegria.

No entanto, seria indigno não abordar o problema em toda a sua profundidade.

Primeiro a das mulheres, como sabemos, atualmente liberadas. Não de trabalho duplo, é claro, mas de casamento canônico, o jugo das convenções sociais e kabanijas.^[gc] Mas o quê? Não é um Kabanija muito pior o que organizamos para você, se incriminarmos a livre disposição de seu corpo e

de sua pessoa como antipatriotismo e como uma ofensa criminal? Não é toda literatura universal (antes de Stalin) que cantou de amor livre de limitações nacionais, da vontade de generais e diplomatas? Por outro lado, também aceitamos o critério de Stalin: sem um decreto do Praesidium do Soviete Supremo, não se rendam. Seu corpo é antes de tudo patrimônio do Estado.

Em primeiro lugar, quantos anos eles tinham quando enfrentaram o inimigo, não em combate, mas na cama? Certamente não mais de trinta anos e, se você me apressar, vinte e cinco. Assim, desde as primeiras impressões da infância, eles foram educados *depois de* outubro, em escolas soviéticas e na ideologia soviética! Então ficamos com raiva do fruto de nossas mãos? Algumas meninas ficaram com o que cansamos de gritar há quinze anos, que não existe país, que a nação é uma invenção reacionária . Outros se cansaram da monotonia puritana de nossas reuniões, comícios, manifestações, filmes sem beijos, danças sem abraços. Outros foram conquistados pela bondade, bravura, aqueles detalhes da aparência externa do homem e aqueles sinais externos de namoro que ninguém havia ensinado aos cavaleiros de nossos planos de cinco anos ou aos camaradas comandantes do exército de Frunze. Outros estavam simplesmente com fome, sim, com uma fome primitiva, ou seja, não tinham o que comer. E ainda outros , talvez, não vissem outra maneira de salvar a si próprios ou suas famílias, de não se separar deles.

Na cidade de Starodub, província de Bryansk, onde estava seguindo os passos do inimigo em retirada, fui informado que uma guarnição húngara ficou estacionada ali por um longo tempo para defender a cidade dos guerrilheiros. Aí veio a ordem de removê-la, e dezenas de mulheres locais perderam toda a vergonha, dirigiram-se à delegacia e, quando despediram os ocupantes, gritaram (acrescentou um sapateiro gua filho) "não despediram os maridos para a guerra".

O Tribunal chegou a Starodub dias depois. Certamente ele não iria parar de atender às reclamações. E ele enviaria uma das mulheres chorando de Starodub para a Mina nº 2 em Vorkuta.

Mas quem é o culpado? Quem ? Aquelas mulheres? Ou nós, todos nós, compatriotas e contemporâneos? Como seríamos , que nossas mulheres saíssem com os ocupantes? Não é uma das inúmeras contas que pagamos, pagamos e continuaremos a pagar por muito tempo em nosso caminho,

escolhidas de forma imprudente, viajadas a esmo, independentemente de sinistros, sem vislumbrar o futuro?

Todas essas mulheres e meninas, talvez, teria sido conveniente submetê-las a repreensão moral (mas ouvindo-as também), talvez tivesse sido conveniente zombar delas, mas mandá-las para a prisão por isso? Para um monte polar?

"Bem, Stalin os enviou!" Beria!

Não, com licença! Aqueles que os enviaram, os tiveram e os acabaram, agora estão nos conselhos de pensão cívica e cuidam de nossa moralidade pública posterior. E todos nós? Ouvimos "peles alemãs" e balançamos a cabeça conscientemente. O fato de ainda hoje considerarmos todas essas mulheres culpadas é muito mais perigoso para nós do que até mesmo o fato de elas terem sido *fisgadas* em seus dias.

"Ok, mas os homens foram por alguma coisa?! Eles são traidores da pátria e traidores sociais.

Também aqui eu poderia escorregar. Eu podia me lembrar (e é verdade) que os principais criminosos, é claro, não ficaram parados esperando nossos tribunais e nossa força. Eles fugiram para o oeste o melhor que puderam e muitos escaparam. Por outro lado, nossa justiça vingativa completou os números estabelecidos com o lixo (as reclamações dos vizinhos ajudaram muito): alguns alemães pararam na casa de fulano, por que esse carinho? Mengano em seu trenó puxava feno para os alemães, ^[4] colaboração direta com o inimigo.

Assim ele poderia evitar o problema, culpar o *culto novamente*: havia excessos, agora estão corrigidos. Tudo normal. Mas já que começamos, vamos seguir em frente.

E os professores? Aqueles professores que nosso Exército, em seu pânico disperso, abandonou com suas escolas e seus alunos, por um ano, ou dois, ou três. Porque os prefeitos eram burros, os generais eram ruins, o que os professores tinham que fazer agora? Ensinar crianças ou não ensinar? E o que as crianças deveriam fazer, não os de quinze anos que podiam ganhar a vida ou ir com os guerrilheiros, mas os pequenos? ¿Estudar, ou viver de dois a três anos de burros em expiação dos erros do comandante em chefe? Meu pai não me deu chapéu, porque meus ouvidos congelam, né ...?

Esse problema, não sei por que, não surgiu na Dinamarca, nem na Noruega, nem na Bélgica, nem na França. Lá não foi estimado que, facilmente entregue ao poder alemão por seus governantes incompetentes

ou pela força de circunstâncias adversas, o povo deveria agora deixar de viver. Escolas, ferrovias e prefeituras funcionavam lá.

Mas alguém (é claro, eles!) Está com a mente virada de cabeça para baixo. Porque aqui os professores das escolas receberam cartas furtivas de partidários: «Não ensine! Você vai pagar caro!» E trabalhar nas ferrovias tornou-se colaboração com o inimigo. E já a Câmara Municipal, uma traição sem precedentes e inexpiável.

Todos sabem que uma criança que desistiu pode não voltar a estudar mais tarde. Em outras palavras, se o Grande Estrategista de todos os tempos e nações estragou, enquanto o fio, deveria crescer ou secar? Nesse ínterim, as crianças devem ser ensinadas ou não?

Claro, isso tem um preço. Das escolas teremos que tirar os retratos com bigodes, e talvez pendurar os retratos com bigodes. A árvore não será mais o Ano Novo, mas o Natal, e nesta data (e algum outro aniversário imperial em vez de outubro) o diretor terá que fazer um discurso em louvor à vida nova e maravilhosa, quando na realidade é mau. Mas também antes, discursos eram feitos em louvor à vida maravilhosa, e também era ruim.

Na verdade, fingir e mentir para as crianças tinham que ser feito muito mais antes: porque a falsidade tinha tido tempo para se estabelecer e se infiltrar nos programas graças ao trabalho metódico de pedagogos e inspetores. Em cada lição, vindo ou não, estudando a constituição do verme ou as frases conjuntivas, era obrigatório chutar Deus (mesmo que você mesmo acredite Nele); Não devemos esquecer de elogiar nossa liberdade ilimitada (mesmo que você não tenha dormido esperando a batida noturna na porta); se você leu Turgenev em voz alta ou atravessou o Dnieper com o ponteiro, você teve que amaldiçoar a miséria do passado e refletir sobre a abundância presente (quando diante de seus olhos e dos de crianças, aldeias inteiras morreram de fome muito antes da guerra, e com um cartão de criança nas cidades deram trezentos gramas).

E tudo isso não era considerado pecado, nem contra a verdade, nem contra a alma infantil, nem contra o Espírito Santo.

Por outro lado, agora, sob o regime provisório e improvisado dos ocupantes, era preciso mentir muito menos, mas em outro sentido, em outro sentido! E por isso a voz da pátria e o lápis da comissão distrital subterrânea proibiam a língua materna, a geografia, a aritmética e as ciências naturais. Vinte anos de prisão por este trabalho!

Compatriotas, digam sim! Veja como são levados com cães para um quartel com um mergulho. Atire pedras neles: deram aula para seus filhos.

Mas os compatriotas (especialmente aposentados de ministérios privilegiados, pessoas corajosas e preguiçosas, aposentados aos quarenta e cinco) estão com os punhos erguidos: *quem estou defendendo?* Para os burgomestres? Para prefeitos? ¿ O *Polizei*? Para os intérpretes? Todos os tipos de canalhas e canalhas?

Bem, vamos, vamos descer, vamos continuar descendo. Nós acumulamos lenha demais por ter pessoas como gravetos. De qualquer forma, o futuro nos obrigará a refletir sobre os porquês.

Começamos a tocar, começamos a cantar "Essa raiva generosa" ... e como nossos cabelos não ficam em pé? Nosso patriotismo natural - proibido, zombado, fuzilado e amaldiçoado - foi repentinamente autorizado, fomentado e até exaltado como um *santo*, e como não poderíamos todos os russos crescer, unir nossos corações agradecidos e entusiasmados e com nossa generosidade inata para perdoar, são, nossos algozes indígenas antes do avanço dos algozes estrangeiros? Em vez disso, mais tarde, afogando as dúvidas veladas e a própria generosidade apressada, para amaldiçoar ainda mais unânime e duramente os *traidores*, essas pessoas rancorosas, tão obviamente piores do que nós?

A Rússia durou onze séculos, eles tiveram muitos inimigos, muitas guerras que travaram. Mas houve muitos traidores na Rússia? Será que *multidões* de traidores sair dela? Parece que não. Parece que mesmo os inimigos nunca acusaram o personagem russo de ser traiçoeiro, traidor ou desleal. E tudo isso sob um regime hostil aos trabalhadores.

Mas a mais bela das guerras estourou sob o mais belo dos regimes, e de repente nosso povo revelou dezenas e centenas de milhares de *traidores*.

De onde eles vieram? Por quê?

Talvez as brasas da guerra civil tivessem sido reacendidas? O branco permanece? Não! Já mencionamos acima que muitos emigrados brancos (incluindo o arqui-mal Denikin) se aliaram à Rússia Soviética e contra Hitler. Eles tinham liberdade de escolha e escolheram isso. ^[5]

Em vez disso, essas dezenas e centenas de milhares - os *polizei* e as unidades de punição, os prefeitos e os intérpretes - todos vieram de cidadãos soviéticos. E muitos deles eram jovens, também crescidos depois de outubro.

O que foi que os forçou ...? E quem são eles?

Pois eles eram acima de tudo aqueles por cujas famílias e por cujo povo as lagartas dos anos 20 e 30 passaram. Aqueles que em nossos esgotos sombrios perderam pais, parentes, entes queridos. Ou que eles próprios estavam se afogando e cutucando campos e confinamentos, se afogando e cutucando. Cujo pé ficou frio e chutou o suficiente nas caudas da janela do *pacote*. E aqueles a quem essas décadas cruéis cortaram, destruíram o acesso ao que é mais caro à terra: à própria terra, certamente prometida pelo grande decreto e pela qual o sangue teve que ser derramado na Guerra Civil. (Outra coisa são os maiores recreativos dos oficiais do Exército Soviético, ou as propriedades cercadas nos arredores de Moscou: isso é para nós, isso é permitido). E mais alguns foram apanhados "por aparar espiguetas". E outro foi privado do direito de residir onde quisesse. Ou o direito de exercer sua amada profissão de toda a vida (perseguimos todas as profissões com fanatismo, mas isso já foi esquecido).

De tudo isso é dito agora (e especialmente, os propagandistas, e ainda mais, os exaltados de *Oktiabr*, ^[gd] franzindo os lábios com desdém: "ressentidos contra o poder soviético", "ex-represálias", "ex-filhinhos de *kulak*", "eles guardavam um rancor negro contra o regime soviético").

Um diz, outro acena com a cabeça. Como se ele tivesse explicado algo. Como se um poder popular tivesse o direito de criar ressentimento em seus súditos. Como se fosse o vício originário, a principal praga: ressentido ... rancoroso ...

E ninguém vai gritar: espere! Vamos ver aqui! Afinal, para você, a existência acaba ou a consciência não a determina? Ou só o determina quando lhe convém? E quando não é apropriado, isso não o determina?

Eles também sabem dizer aqui, com uma ligeira sombra no semblante: "sim, alguns erros foram cometidos". E é sempre inocentemente ascendente impessoal: eles *foram cometidos*, mas quem não sabe. Quase como se fossem *cometidos pelos* trabalhadores, estivadores ou kolkhozianos. Ninguém tem coragem de especificar: ele cometeu o *casamento*! Eles comprometeram a vida e líderes irresponsáveis ! E quem mais, exceto aqueles no poder, poderia "cometê-los"? Culpar apenas Stalin? Cara, você tem que ter senso de humor. Stalin se comprometeu, mas e você, onde você estava, os milhões de guias?

De resto, mesmo esses erros se diluíram diante de nossos olhos em uma mancha nebulosa, confusa, borrada, e não são mais considerados fruto da estupidez, fanatismo e perversidade, mas apenas o erro que os

comunistas enchiuera comunistas. Mas que 15-17 milhões de camponeses foram arruinados, enviados ao extermínio, dispersos por todo o país, sem o direito de lembrar e nomear seus pais, porque isso parece não ser tão errado. E todas as enchentes de esgoto, examinadas no início deste livro, também parecem não estar tão erradas. E que não estávamos preparados para a guerra com Hitler, que rimos orgulhosamente, que retrocedemos embaraçosamente, mudando slogans na hora, e que apenas Ivan e pela Santa Rússia detiveram o emman no Volga, pois este não é mais um fracasso, mas quase o principal mérito de Stalin.

Em dois meses entregamos ao inimigo quase um terço da nossa população, com todas essas famílias meio exterminadas, com campos de concentração de muitos milhares de pessoas, que se dispersaram assim que a guarda fugiu, com as prisões da Ucrânia e do Báltico, onde os tiros de tiro Fifty-Eights ainda fumegavam.

Enquanto tivemos forças, oprimimos todos esses infelizes, os perseguimos, não lhes demos trabalho, os expulsamos de suas casas, os fizemos explodir. Assim que nossa fraqueza foi revelada, exigimos que esquecessem imediatamente todo o mal que lhes foi feito, que se esquecessem dos pais e dos filhos famintos de casa, que se esquecessem do tiro, que esquecessem a miséria e nossa ingrata a eles, que se esquecem dos interrogatórios e torturas do NKVD, que se esquecem da fome nos campos de concentração, e que vão imediatamente para a clandestinidade com os guerrilheiros, e que defendem o país com risco de vida. (Mas não devemos mudar a *nós mesmos!* E ninguém deu a eles a menor esperança de que, quando voltássemos, os trataríamos de forma diferente do que perseguindo, assediando, colocando-os na prisão e atirando neles novamente!)

Então, qual é a coisa incrível? Que muita gente ficará feliz com a chegada dos alemães? Ou ainda muito pouco? (Especialmente porque até os alemães às vezes vinham fazer justiça - por exemplo, com os delatores do período soviético - como quando atiraram no diácono da igreja de San Nicolás del Río em Kiev, e houve mais de um desses casos).

E os crentes? Vinte anos consecutivos eles estavam perseguindo a fé e fechando igrejas. Os alemães chegaram e começaram a abrir igrejas. (Nossos depois que os alemães não ousaram fechá-los de uma vez). Em Rostov-on-Don, por exemplo, a cerimônia de abertura das igrejas causou júbilo geral, uma grande concentração de multidões. Mas o que eles deveriam estar xingando os alemães por isso, certo?

Em Rostov precisamente nos primeiros dias da guerra o engenheiro Alexandr Petróvich Mv foi preso, ele morreu na prisão durante a investigação, sua esposa passou vários meses tremendo, à espera de sua própria prisão . E só com a chegada dos alemães foi dormir com calma: "Agora pelo menos posso dormir!" Bem, não, ele teve que orar pelo retorno de seus algozes.

Em maio de 1943, sob o comando dos alemães, em Vinnitsa, no parque da rua Podlésnaya (que no início de 1939 o soviete municipal havia cercado por uma cerca alta e declarado "zona proibida do Comissariado de Defesa"), casualmente começaram a cavando sepulturas, agora completamente obliteradas, cobertas por grama espessa. E eles encontraram 39 valas comuns de 3,5 metros de profundidade, medindo 3 x 4 m. Em cada sepultura encontraram primeiro uma capa com as vestimentas externas das vítimas, depois os cadáveres, colocados na capicúa. Suas mãos estavam amarradas com cordas e todos haviam sido baleados com pistolas de pequeno calibre na nuca. Aparentemente, eles foram baleados na prisão e depois trazidos à noite para serem enterrados. Pela documentação de alguns que haviam sido preservados, eles reconheceram aqueles que haviam sido condenados em 1933 "a 20 anos sem direito a correspondência ". Então mais. Em junho, eles começaram a cavar perto do cemitério ortodoxo, em frente à clínica Pirógov, e encontraram outras 42 sepulturas. Mais tarde, o "Parque Gorky de cultura e relaxamento" e, nas atrações, "a sala do riso", os desportos e as pistas de dança, descobriram mais 14 sepulturas. No total, em 95 valas comuns, 9.439 corpos. E isso apenas em Vinnitsa, onde foram descobertos por acaso. E nas outras cidades, quantas foram escondidas? E a população, depois de ver esses cadáveres, deveria ter desejado se juntar a partidários?

Talvez seja justo para admitir finalmente que, se *nós* nos prejudicar quando nos pisam e tudo o que amamos, que também fere aqueles que pisam *nós*? É justo admitir finalmente que aqueles que exterminamos têm o direito de nos odiar? Ou não, eles não têm direito? Eles deveriam morrer com gratidão?

Atribuimos a esses *potizei* e burgomestres uma espécie de mal pessoal, quase inato, mas esse mal foi semeado por nós, eles são os nossos "resíduos da produção". Como, como Krylenko disse isso? "Consideramos cada crime um produto do sistema social correspondente".^[6] Do seu sistema, camaradas! Você tem que se lembrar de sua própria teoria!

E não esqueçamos também que entre os nossos compatriotas que empunharam a espada e discursaram contra nós, havia os totalmente desinteressados, de quem nenhuma propriedade foi confiscada (eles não tinham nada) e que não estavam em nenhum campo de concentração. Nem mesmo ninguém de sua família, mas que durante anos se afogou em todo o nosso organismo, no desprezo pelo indivíduo; com a perseguição por opiniões; com aquela musiquinha zombeteira:

“Onde o homem respira tão livremente”;

com aquelas reverências piedosas ao Caudillo; com aquele tremor de lápis: Corro para assinar o empréstimo! Com os aplausos que se transformam em ovação! Podemos admitir que *essas* pessoas normais estavam ofegantes em nossa pestilência? (Na instrução acusam o padre Fedor Floria: como sob os romenos ele ousara contar aos vilões de Stalin? Ele respondeu: "E o que mais eu poderia contar sobre vocês? O que eu sabia, eu disse isso. O que aconteceu, Foi o que eu falei. "Por outro lado, nós: mentimos, fingimos e morremos, desde que seja para o nosso benefício! Mas isso parece deixar de ser materialismo, certo?)

Aconteceu que em setembro de 1941, antes de eu partir para o Exército, na cidade de Morozovsk, assumida pelos alemães no ano seguinte, minha esposa e eu, jovens professores iniciantes, alugamos um quarto que dava para o mesmo pátio dos outros inquilinos. , um casamento sem filhos, os Bronevitskis. O engenheiro Nicolai Gerasimovich Bronevitski, na casa dos 60 anos, era um típico intelectual Tchekhov, muito simpático, quieto, inteligente. Agora quero me lembrar de seu rosto alongado, e o tempo todo fico imaginando algumas pinças, embora talvez não houvesse nenhuma. Ainda mais quieta e suave era sua esposa, sem brilho, com cabelos cor de linho engomados, 25 anos mais jovem que o marido, mas cujo comportamento não era mais jovem. Gostávamos deles, provavelmente eles também gostavam de nós, especialmente em contraste com a família gananciosa de proprietários.

À noite, nós quatro nos sentávamos nos degraus da varanda. Eram noites calmas e quentes de luar, ainda não dilaceradas pelo ronco dos aviões e pelas explosões de bombas, mas para nós o alarme sobre o avanço alemão cresceu como nuvens invisíveis, mas sufocantes, no céu branco em direção à menina indefesa. Lua. A cada dia, mais e mais trens paravam na estação a caminho de Stalingrado. Os fugitivos encheram o mercado da cidade de

rumores, de terrores, com notas fáceis de cem dólares tiradas de qualquer bolso, ^[ge] e eles continuaram sua jornada. Nomearam cidades rendidas que os Informburó ainda calaram muito tempo depois, temerosos da verdade para o povo. (Destas cidades, Bronevitsky não disse "entregue", mas "levado").

Sentávamos nos degraus e conversávamos. Nós jovens éramos cheios de vida e preocupados com a vida, mas não sabíamos o que dizer sobre ela, na verdade, nada mais inteligente do que o que diziam os jornais. É por isso que nos sentíamos confortáveis com os Bronevitskis: tudo o que pensávamos que dizíamos, e não percebíamos a diferença de percepção.

Por outro lado, eles provavelmente examinaram com espanto em nós duas ovelhas. Tínhamos acabado de viver os anos trinta e como se não os tivéssemos vivido. Eles nos perguntaram o que nós lembramos de 39, 38. O que seria! A biblioteca universitária, os exames, as divertidas excursões esportivas, as danças, os shows amadores e, claro, o amor, é a era do amor. E seus professores, não é o *ench iqueraban* naquela época? Sim, é verdade, dois ou três foram presos, aparentemente. Eles foram substituídos pelos anexos. E os alunos não foram fisgados? Lembramos: sim, é verdade, eles fizeram alguns dos cursos superiores. "Bom e que...?" "Nada, mestres da dança ." «E de seus parentes, nnoo ... eles tocaram em algum deles ...?» "Pois não"...

É terrível e quero me lembrar disso com mais precisão. Mas foi exatamente isso. E é ainda mais terrível porque eu não era exatamente um dos jovens dançarinos de esportes, nem um dos maníacos envolvidos em sua ciência e suas fórmulas. Eu estava profundamente interessado em política - desde os dez anos, como um pirralho, eu não acreditava mais em Vychinski e fiquei surpreso com a astúcia dos famosos processos judiciais - mas nada sugeria que eu *continuasse, relatando* aqueles minúsculos julgamentos de Moscou (eles pareciam grandiosos) com o avanço do enorme rolo de pressão em todo o país (o número de suas vítimas parecia não ser percebido). Eu havia passado minha infância em filas de pão, de leite, de grãos (carne, aí n vi), mas não conseguia me relacionar com a falta de pão significava a ruína do país e *pelo que* havia acontecido. É porque para nós havia uma outra fórmula: «dificuldades temporárias». Na nossa grande cidade, todas as noites eles paravam, paravam, paravam, mas à noite eu não andava pelas ruas. E durante o dia as famílias dos detidos não

levantaram bandeiras negras e meus colegas não falaram nada sobre os pais desaparecidos.

E nos jornais tudo parecia tão calmo e sereno.

E um jovem deseja muito aceitar que tudo está bem.

Agora entendo como foi perigoso para os Bronevitski nos contar qualquer coisa. Mas algo nos descobriu, o velho engenheiro, caído sob um dos golpes mais difíceis da GPU. Ele perdeu a saúde nas prisões, conheceu mais de uma prisão e mais de um campo de concentração, mas com uma explosão de paixão nos contou apenas sobre o primeiro Dzhezkazgan: sobre a água envenenada pelo cobre; do ar envenenado; das mortes; da inutilidade das reclamações a Moscou. Mesmo aquela palavra, Dzhez-kazgán , arranhou a pele como uma lixa, assim como suas histórias implacáveis. (E daí? Aquele Dzhez-kaz-gán mexeu menos em nossa concepção do mundo? Não, claro. Não é aqui ao lado. Eles não fazem isso conosco. Você não pode comentar isso com ninguém. Melhor não pensar . Melhor esquecer).

Lá, em Dzhezkazgan, quando Bronovitsky foi dispensado de escolta, sua atual esposa, ainda solteira, veio ao seu encontro. Lá, à sombra do arame farpado, eles se casaram. E no início da guerra eles se encontraram, por milagre , em liberdade, em Morozovsk, com passaportes marcados, é claro. Ele trabalhava em um escritório de construção, ela trabalhava como administrativo.

Então fui para o exército, minha esposa deixou Morozovsk. A cidade estava ocupada. Mais tarde ele foi solto. E um dia a minha mulher escreveu-me à frente: «Imagine, dizem que em Morozovsk, sob os alemães, Bronevitsky era burgomestre! Que nojo!» E eu também fiquei pasmo e pensei: "Que desgraçado!"

Mas mais anos se passaram. Em algum estrado escuro da prisão, folheando a memória , lembrei-me de Bronevitsky. E não encontrei mais em mim mesmo a leveza juvenil para condená-lo. Eles o privaram injustamente do trabalho e, em seguida, deram-lhe empregos indignos; eles o trancaram, torturaram, espancaram, deixaram passar fome, cuspiram em seu rosto, e quanto a ele? Ele deve acreditar que tudo isso é progressivo e que sua própria vida, física e espiritual, e a vida de seus parentes, e a vida destruída de todas as pessoas, não têm importância?

Depois do fiapo de névoa do «culto à personalidade» que eles lançaram sobre nós, e depois das camadas do tempo em que mudamos (e de camada em camada ele quebra e desvia o raio), agora vemos os anos 1930 e

nós mesmos deslocados e sob um aspecto diferente do que realmente possuíam. Essa deificação de Stalin e essa fé em tudo, sem dúvida sim e sem limites, não eram patrimônio absoluto de todo o povo, mas apenas do partido; do komsomol; da juventude estudantil das cidades; o *substituto* da intelectualidade (colocado no lugar dos exterminados e dispersos); e em parte, da pequena burguesia das cidades (classe trabalhadora), ^[Z] em cuja casa os alto-falantes da transmissão não foram desligados desde os sinos matinais da torre Spásskaya até a Midnight Internationale, para quem a voz de Levitan se tornou a voz da consciência. (Digo "em parte" porque os decretos da indústria com cerca de "vinte minutos de atraso" e não poder mudar de fábrica também não eram para empolgar ninguém). No entanto, também havia uma minoria nas cidades, e não tão pequena, em todo caso vários milhões, que desgostosa desligava o garfo do alto-falante sempre que ousava; que em cada página de cada jornal eu via apenas uma mentira espalhada por todas as colunas; e o dia da votação foi para esses milhões um dia de sofrimento e humilhação. Para esta minoria, a ditadura que aqui existia não era proletária, nem popular, nem (para quem exactamente se lembrava do significado original do termo) soviética, mas sim uma ditadura usurpadora de outra minoria, que de modo algum era a elite do espírito. .

A humanidade está quase privada de um conhecimento não emocional e sem sentido. No que o homem vê como algo ruim, ele dificilmente consegue distinguir as coisas boas também. Nem tudo - tudo estava imundo em nossas vidas, nem todas as palavras nos jornais eram uma mentira, mas essa minoria acuada, perseguida e cercada de delatores, tinha a vida do país um lixão em sua totalidade, e as colunas dos jornais, como uma mentira em sua totalidade. Lembremos que naquela época não havia transmissões ocidentais em russo (e ridiculamente poucos receptores), que a única informação que poderia ser obtida vinha *apenas* de nossa Imprensa e Rádio oficiais, que precisamente os Bronevitskis e similares provaram ser uma mentira ineficaz e irritante ou silenciando covardemente. E tudo o que se escreveu no exterior, tanto o fim inevitável do mundo ocidental em 1930, quanto a traição dos socialistas ocidentais, como a revolta unânime de toda a Espanha contra Franco (e em 1942 os traiçoeiros A aspiração de Nehru à liberdade para a Índia - é claro, enfraqueceu o Império Britânico aliado - também resolveu ser uma mentira. A furiosa e carregada propaganda pelo sistema de "quem não está conosco, está contra nós" nunca diferenciou as

posições de María Spiridónova^[gf] e Nicolau II, de Léon Blum e Hitler, do Parlamento inglês e do Reichstag alemão. Então, por que Bronevitsky deveria distinguir e destacar como verdadeiras as, à primeira vista incríveis, histórias de incêndios de livros nas praças alemãs e da ressurreição, de uma alegada antiga selvajaria teutônica (não esqueçamos que a selvajaria dos teutões já havia a propaganda czarista na guerra mundial mentiu por si mesma), e no nazismo alemão (insultado quase nos mesmos termos - isto é, extremos - como anteriormente Poincaré, Pilsduski e os conservadores ingleses) para reconhecer um quadrúpede digno daquele que já carregava um quarto de sig, o real e fisicamente sufocante, envenenando e se dilacerando, e o arquipélago, a cidade russa e o campo russo? E toda a oscilação jornalística dos hitleristas - em breves encontros amigáveis de nossas boas sentinelas na ímpia Polônia, e toda a onda de simpatia jornalística por esses bravos lutadores contra os banqueiros anglo-franceses e discursos de página inteira de Hitler de *O Pravda*, como depois, numa única manhã (a segunda manhã de guerra), uma explosão de manchetes que toda a Europa geme sob sua bota - só confirmou a inconstância da mentira de nossa imprensa e não conseguiu de forma alguma convencer Bronevitsky que havia algozes na terra comparáveis aos nossos - que ele conhecia com certeza. E se agora, para ter mais confiança, eles colocaram o boletim de notícias da BBC diante dele todos os dias, o máximo que poderiam tê-lo convencido é que Hitler era o perigo número dois para a Rússia, mas de forma alguma, com Stalin, o número um. Mas a BBC não divulgou boletins; e o Informburado desde o mesmo dia do seu nascimento gozou de tanto crédito como o TASS; e os rumores trazidos pelos evacuados também não eram de primeira mão (eles não vinham da Alemanha, nem das áreas ocupadas, nem uma única testemunha viva havia ainda sido vista lá); Por outro lado, em primeira mão, houve apenas o acampamento Dzhezkazgan, e o ano 37, e a fome de 32, e o exílio dos "kúlaks",^[gg] e a destruição das igrejas. E à medida que o exército alemão se aproximava, Bronevitsky (e dezenas de milhares de outros solitários como ele) sentiu que sua hora se aproximava, esta hora única e irrepetível, que por vinte anos eles já haviam parado de esperar e que só pode ser a vez de um o homem uma vez, dada a brevidade da nossa vida em relação à lentidão das mutações históricas: o momento em que ele (eles) puderam declarar seu desacordo com o que aconteceu, o que aconteceu, o que foi

assobiado, o que foi pisoteado no país, e de alguma forma ainda completamente desconhecida, misteriosa, para ser útil ao país moribundo, para ser útil para a ressurreição das forças sociais russas, sejam elas quais forem. Sim, Bronevitsky não tinha esquecido nada nem perdoado nada. E de forma alguma poderia ter para *ele* que o governo tivesse azotado a Rússia, o kolkhoz trouxe miséria, degeneração moral e agora uma derrota militar esmagadora. E ele estava desesperado para ver ovelhas como nós, e não ser capaz de nos convencer. Ele estava esperando por *alguém*, qualquer um, desde que substituísse o regime stalinista! (Uma reação psicológica muito comum: qualquer coisa antes do nojo de agora! Você consegue imaginar alguém no mundo pior que o *nosso*? Caso contrário, era a região do Don, e havia metade do em desta forma, a população espera que os alemães). E assim, tendo passado toda a sua vida como entidade apolítica, Bronevitsky, aos sessenta anos, decidiu entrar na política.

Ele concordou em assumir o Conselho Municipal de Morozovsk ...

E uma vez lá, eu acho, ele logo viu em que problemas ele se meteu: que a Rússia era ainda mais desprezível e nojenta para os recém-chegados do que para os recém-chegados. Que apenas o sangue da Rússia precisava do vampiro, o corpo para apodrecer. Não seriam as forças sociais russas que liderariam o novo burgomestre, mas auxiliares da polícia alemã. Porém, ele já estava no caminho certo e só restava, bom ou ruim, seguir em frente. Tendo se livrado de alguns algozes, ajude outros. E aquela ideia patriótica, que ele imaginava oposta à ideia soviética, de repente a reconheceu junto com a soviética: incompreensivelmente, da minoria que a guardava, como se por uma peneira, ela passou para a maioria. Foi esquecido como eles atiraram nela e como zombaram dela, e descobriu-se que ela já era o tronco principal da árvore de outra pessoa.

Deve ter sido assustador, exasperante para ele (eles). O desfiladeiro se estreitou e só os deixou para a morte ou para a prisão.

Claro, nem todos eles eram Bronevitskis. Claro, este breve banquete dos condenados também voou multidões de corvos, amantes do poder e do sangue. Mas para onde eles não voam! Isso também se adequou maravilhosamente ao NKVD. Destes estava Mamulov e o Antonov de Dúdinka, e qualquer Poy-suy-shapka, a maioria dos executores nojentos impossíveis. E eles mandam por aí por anos e anos, e exterminam pessoas às centenas. Ou logo conheceremos o diretor Tkach: ele conseguiu servir aqui e ali.

Depois de falar sobre a cidade, não esqueçamos o campo. Os liberais de hoje freqüentemente acusam o campo de simplicidade política e conservadorismo. Mas o campo do pré-guerra era tudo, esmagadoramente tudo, são, incomparavelmente mais são do que a cidade, não compartilhava da divinização do pequeno pai Stalin (e menos da revolução mundial). Simplesmente tinha uma cabeça normal demais e lembrava-se bem de como havia prometido a terra e como ela havia sido removida; como ele vivia, comia e se vestia antes do kolkhoz e sob o kolkhoz; como o bezerro, as ovelhas e até a galinha foram tirados das fazendas ; como eles ultrajaram e profanaram as igrejas. Naquele ano, o rádio ainda não estava cheio de isbás, os jornais eram lidos por algum estudioso e não em cada cidade, e todas aquelas Chang-tso-lines, Mac-Donalds ou Hitler eram fantoches estranhos, iguais e inúteis para o campo russo .

Em uma cidade da província de Ryazan, em 3 de julho de 1941, os camponeses haviam se reunido perto da ferraria e ouviam o discurso de Stalin pelo alto-falante. E assim que o pai constrangido e quase choroso, até então tão férreo e tão inflexível às lágrimas do camponês russo, cuspiu: "Irmãos e irmãs ...!", Um mujik respondeu à boca de papel preto:

"Sim, uh, p ... a?" Bem , *aqui!* E mostrou ao alto-falante o gesto rude preferido na Rússia, quando eles dobram o braço no cotovelo e o sacodem.

E os camponeses desataram a rir.

Se perguntarmos por todas as cidades e todas as testemunhas, de dez mil casos como esse descobriríamos, mais grosseiro e tudo.

Esta era a posição do acampamento russo no início da guerra e, portanto, também daqueles reservistas que bebiam seu último meio litro na estação e dançavam na poeira com seus parentes. E a isso veio uma derrota como não era lembrada na Rússia, e imensas extensões camponesas, até as capitais e até o Volga, e muitos milhões de camponeses foram repentinamente deixados de fora do poder kolkhoziano, e - bastante mentiras e retoques história! - descobriu-se que as repúblicas queriam apenas a independência!, o campo, apenas para se livrar dos kolkhozy!, dos trabalhadores, para se livrar dos decretos dos escravos! E se os invasores não tivessem sido tão desesperadamente estúpidos e arrogantes, se não tivessem mantido a confortável administração kolkhoz para sua Granalemania, se a barbárie de transformar a Rússia em uma colônia não tivesse ocorrido a eles, a ideia nacional não teria voltado onde eles não pararam. para sufocá-lo, e dificilmente teríamos que comemorar o 25º

aniversário do comunismo na Rússia. (E dos partisans, alguém ainda terá que nos contar como os camponeses ocupados foram lá quase de boa vontade. Como a princípio eles se armaram contra os partisans, para não lhes dar o trigo e o gado).

Quem se lembra do grande êxodo da população do Cáucaso do Norte em janeiro de 1943 e quem vai citar algo semelhante na história mundial? Que uma população, e mais rural, saísse em massa com o inimigo derrotado, com forasteiros, só para não ficar sob *seus* vencedores! Colunas, colunas, colunas, nas geadas cruéis de janeiro com nevascas!

Pois bem, é aí que se deve procurar as raízes sociais dessas centenas de milhares de voluntários que até na monstruosidade de Hitler, desesperados, vestiram o uniforme do inimigo. Chegou a hora de explicar novamente sobre os *Vlasovistas*. Na 1ª parte deste livro, o leitor ainda não estava pronto para aceitar toda a verdade (bom, e tudo, também não a tenho, serão feitas investigações especiais, para mim este assunto é lateral). Ali, no início, quando o leitor não tinha percorrido toda a prisão Via-sacra conosco, apenas um sinal de atenção foi colocado sobre ele, um convite a *pensar*. Agora, depois de todas as transferências, prisões, trabalhos florestais e lixões no campo de concentração, talvez o leitor concorde um pouco mais. Na Parte 1, falei daqueles *Vlasovistas* que pegaram em armas por desespero, por causa da fome nos campos de prisioneiros, porque não viam outra saída. (Embora também seja para pensar sobre isso: os alemães começaram a usar prisioneiros de guerra russos em seu exército apenas para serviços auxiliares e de retaguarda, e esta parecia a melhor saída para o que apenas foi *salvo*, por que, então, eles pegaram em armas e eles estavam enfrentando o Exército Vermelho?) Agora, por outro lado, não há mais para onde adiar, e devemos falar também daqueles que, mesmo antes de 1941, apenas sonhavam em pegar em armas e *matar* esses comissários, damas e coletivizadores vermelho? Lembrem, em Lênin: “Uma classe oprimida que não almejava aprender a manejar armas, a ter armas, só merecia ser tratada como escrava” (4ª ed., Vol. 23, p. 85). Bem, para nosso orgulho, a guerra germano-soviética mostrou que não somos tão escravos como toda a historiografia liberal cuspiu em nós: não eram escravos que procuravam um sabre para cortar a cabeça do padre Stalin (assim como não eram escravos que para *este* lado eles se endireitaram sob o capô do Exército Vermelho: esta forma complicada de liberdade breve era impossível de prever sociologicamente).

Esses homens, que haviam sofrido 24 anos de felicidade comunista na própria carne, já em 1941 sabiam o que ninguém mais no mundo sabia : que em todo o planeta e em toda a história não existiu um regime mais perverso e sangrento. ao mesmo tempo, mais astuciosamente hipócrita do que o bolchevique, que se autodenomina "Soviete". Que nem pelo número de vítimas, nem pelos arraigados em longos anos, nem pela amplitude de seus objetivos, nem pelo totalitarismo nivelador absoluto, pode ser comparado a qualquer outro regime na terra, nem mesmo o imitador de Hitler, que não seja aquele datas tinham todo o Oeste ofuscado. Bem, era chegada a hora, esses homens viam as armas na ponta dos dedos e, caso se contivessem, permitissem que o bolchevismo sobrevivesse à sua hora letal, se consolidasse novamente em sua cruel opressão e só então empreendesse A luta contra ela (que até hoje não foi travada em quase nenhum lugar do mundo)? Não, o natural era repetir a manobra do próprio bolchevismo: assim como ele cravou os dentes no corpo da Rússia, debilitado pela Primeira Guerra Mundial, também dá-lo em um momento análogo ao da segunda.

Mesmo na guerra soviético-finlandesa de 1939, o pequeno desejo de lutar que tínhamos se tornou evidente. BG Bázhanov, ex-secretário do Politburo e do Orgbur ou PC (b), colaborador imediato de Stalin, tentou usar a seguinte disposição : virar os soldados vermelhos presos, sob o comando de oficiais russos emigrados, contra a frente soviética, para não parar lutar, mas para convencer. O experimento foi interrompido com a súbita capitulação da Finlândia.

Quando a guerra germano-soviética começou, 10 anos após a mortal coletivização, 8 anos após a grande fome na Ucrânia (*seis milhões de mortos*, e nem mesmo percebido pela vizinha Europa), 4 anos após o coven do NKVD, um ano depois das leis-grilhões do setor, e tudo isso tendo campos de concentração com quinze milhões de pessoas no país, e com a memória ainda clara de toda a população madura da vida antes da revolução, o movimento Era natural que as pessoas dessem um suspiro de alívio e se libertassem, seu sentimento natural era de nojo para com as autoridades. E não foi o «apanhado de surpresa», nem «a superioridade numérica na aviação e nos tanques» (aliás, de todas as superioridades numéricas que tinha o Exército de Trabalhadores Camponeses Vermelhos) que tão facilmente fechou bolsos catastróficos de 300.000 (Bialystok, Esmolensco), e até 650.000 homens armados (Bryansk, Kiev), derrubaram

frentes inteiras e lançaram uma retirada tão precipitada e profunda como a Rússia não conheceu em todos os seus mil anos, e provavelmente nenhum país em qualquer guerra. mas a paralisia instantânea das autoridades insignificantes, de quem seus súditos se retiraram como de um cadáver pendurado. (Os comitês locais e municipais desapareceram em cinco minutos e Stalin ficou com água até o pescoço). E em 1941 esse choque poderia ter chegado ao fim (em dezembro de 1941, 60 milhões de soviéticos, de um total de 150, já estavam fora do poder de Stalin). Não foi em vão que estremeceu a ordem stalinista da época (0019, 16-VII-41): «Em todas as (!) Frentes são numerosos (!) Elementos que fogem mesmo ao encontro do inimigo (!) E ao primeiro contacto com ele eles jogam suas armas no chão. (No saco de Bialystok, no início de julho de 1941, para 340.000 prisioneiros havia 20.000 transeuntes!) A situação parecia tão desesperadora para Stalin que em outubro de 1941 ele propôs telegraficamente a Churchill que desembarcasse em território soviético. 30 divisões britânicas , que comunista nunca ficara tão desanimado! O mesmo se deu com os espíritos: em 22 de agosto de 1941, o comandante do 436º Regimento de Fuzileiros, Major Kononov, declarou abertamente a seu regimento que se dirigiam aos alemães para se juntar ao Exército de Libertação para derrubar Stalin, e convidou quem quisesse segui-lo. Não só ele não encontrou resistência, mas *todo o regimento o seguiu !* E durante três semanas Kononov se formou *além de* um regimento de voluntários cossacos (ele próprio era o Don Cossack). Quando ele veio a um campo de prisioneiros perto de Moghiliov para recrutar candidatos, dos 5.000 prisioneiros que havia, 4.000 imediatamente expressaram seu desejo de segui-lo, mas ele não pôde levá-los embora. Em um campo perto de Tilsitt naquele mesmo ano, *metade* dos prisioneiros soviéticos - 12.000 homens - assinaram uma declaração de que chegara a hora de *transformar a guerra em guerra civil*. Não esqueçamos também o movimento popular em Lokot em Bryansk: um governo russo autônomo foi criado antes mesmo da chegada dos alemães e, independentemente deles, uma província estável e próspera de 8 condados, mais de um milhão de habitantes. As demandas dos Lokotianos eram muito claras: governo nacional russo, autogoverno russo em todas as regiões ocupadas, declaração de independência da Rússia em suas fronteiras em 1938 e criação de um exército de libertação sob o comando russo. E um grupo de jovens de Leningrado, mais de 1000 pessoas (o estudante Rutchenko) foram para o bosque perto de Gatchina, para

esperar os alemães e lutar contra o regime stalinista (mas os alemães os mandaram para a retaguarda, como motoristas e meninos da cozinha). Os povos do Don receberam os alemães com pão e sal.^[gb] Para a população da URSS, antes de 1941, era muito claro: a chegada de um exército estrangeiro, ou seja, a derrubada do regime comunista, não poderia haver outro significado para nós nesta chegada. Esperávamos um programa político, a libertação do bolchevismo.

É que a partir daqui - através da propaganda soviética ensurdecedor, através do grosso dos exércitos de Hitler - que poderia ser acreditava que os aliados ocidentais haviam entrado nesta guerra não para a liberdade em geral, mas apenas para *sua* liberdade Europeia? ocidental, *apenas* contra o nazismo, para tirar vantagem das tropas soviéticas e da sanseaca? Não era muito mais natural acreditar que os Aliados eram fiéis ao próprio *princípio* da liberdade e não nos abandonariam sob uma tirania muito pior ...? É verdade que precisamente aqueles aliados, pelos quais também morremos na Primeira Guerra Mundial, já então abandonaram nosso exército na derrota, apressando-se em retornar ao seu bem-estar. Mas a experiência é cruel demais para ser assimilada com o coração.

Tendo aprendido, motivadamente, a não acreditar *em nada* na propaganda soviética, naturalmente não acreditamos nessas fábulas que falavam do projeto dos nazistas de transformar a Rússia em colônia e nós, escravos dos alemães. Poderíamos imaginar isso no século xx, era impossível acreditar sem ter realmente experimentado em primeira mão. Ainda em 1942, a formação russa Osintorf atraiu mais voluntários do que a unidade em desenvolvimento poderia admitir, e na região de Esmolensco e na Bielo-Rússia, para a autoproteção dos camponeses contra os guerrilheiros, liderados por Moscou, um ' milícia popular voluntária de *cem mil* homens (os alemães ficaram assustados e a baniram). Ainda na primavera de 1943, Vlasov encontrou entusiasmo geral em suas duas viagens de propaganda, a Esmolensco e Pskov. Mesmo assim a população esperava: quando haverá um governo independente nosso e um exército independente nosso? Tenho um testemunho do distrito de Novorzhev, na província de Pskov, de como a população camponesa simpatizava com a unidade Vlasovist ali estacionada: aquela unidade não saqueava, não se revoltava, usava o velho uniforme russo, ajudava na colheita, era considerada uma potência russa não pertencente a Kolkhoz. Voluntários vieram se inscrever para ele, da população civil (assim como se

inscreveram para Voskobónikov em Lokot), há algo a refletir: por que precisar? Desta vez não é de um campo de prisioneiros! Mas os alemães *proibiram* os Vlasovistas de aceitar reforços (juntar-se à *polizei*). Ainda em março de 1943, em um campo de prisioneiros não muito longe de Kharkov, folhetos sobre o (suposto) movimento de Vlasov foram lidos e 730 *oficiais* assinaram um pedido de adesão ao Exército de Libertação da Rússia, isso com a experiência de dois anos inteiros de! guerra, muitos deles heróis da batalha de Stalingrado, entre eles comandantes de divisão, comissários de regimento! E também naquele campo comiam muito bem, não era o desespero da fome que os fazia assinar. (Mas típico do fechamento alemão: de 730 signatários, 722, até o final da guerra eles nunca foram liberados ou incorporados ao serviço). Mesmo em 1943, após a retirada do exército alemão, dezenas de milhares de refugiados estavam sendo arrastados das províncias soviéticas em longas colunas, apenas para evitar permanecer sob o comunismo.

Ousarei dizer: e o nosso povo não teria valido nada, teria sido um povo de escravos se não houvesse remédio, se nesta guerra tivessem perdido a oportunidade de brandir a espingarda, mesmo de longe, contra o governo stalinista, se tivesse parado mesmo que levantasse o punho e desferisse um golpe contra o *Pai dos Povos*. Os alemães tinham uma conspiração de generais, e nós? Nossas classes altas, nossos generais, eram (e ainda são) insignificantes, podres pela ideologia oficial e pela ganância, e não preservavam o espírito nacional, como é o caso em outros países. E apenas as classes *b ajas*, soldado-camponês-cossaco, levantaram as mãos e espancaram. Eram todos classes *inferiores*, havia evanescentemente pouca participação da velha nobreza retornada da emigração, ou das velhas camadas ricas, ou da intelectualidade. E se eles tivessem dado liberdade de ação a este movimento, como começou a correr desde as primeiras semanas da guerra, teria sido uma espécie de nova rebelião de Pugachev: ^[gi] pela amplitude e nível social das camadas atingidas, pelo sustento da população, pela participação dos cossacos, pelo objetivo - acertar contas com os jovens malvados - pela espontaneidade de seu impulso e do fraqueza de seus controles. Em todo caso, esse movimento foi muito mais *popular*, entre as pessoas comuns, do que todo o "movimento de libertação" intelectual do início do século XX a fevereiro de 1917, com seus objetivos pseudo-populares e seus frutos bolcheviques. Mas o destino não queria que ele se

desenvolvesse, mas que morresse na ignomínia com o rótulo: *traição* à nossa pátria sagrada!

Perdemos o gosto pela explicação sociológica dos acontecimentos, e a usamos como uma plataforma giratória, conforme o caso. E o pacto de amizade com Ribbentrop e Hitler? E a fanfarronice de Molotov e Vorochilov antes da guerra? E depois a incrível incompetência, o despreparo, o descuido (e a fuga covarde do governo de Moscou), e o meio milhão de homens em cada bolsa, *não é traição?* E com maiores consequências? Então, por que tomamos tanto cuidado bom de *estes* traidores em seus apartamentos em Granovsky Street?

Oh, muito tempo! Longo! Longo é o banco no qual *todos* os algozes e *todos* os traidores de nosso povo teriam que sentar, se fossem impedidos de seus próprios ... e até dos seus ...

O incômodo aqui não é respondido. Está silenciado. Em vez disso, eles vão gritar isso para nós:

"Mas *o começo!*" Mas o começo! Um russo tem o direito, para alcançar seus objetivos políticos, por mais dignos que pareçam, de se apoiar no braço do imperialismo alemão ...?! E acima na hora de uma guerra implacável contra ele?

É verdade que é a questão-chave: para propósitos que parecem respeitáveis para você, você pode aceitar o apoio do imperialismo alemão na guerra contra a Rússia?

Todos juntos hoje vão exclamar: não! Não! Não!

Mas de onde, então, vem o vagão selado alemão da Suíça para a Suécia, parando e abastecendo (como descobrimos agora) em Berlim? Toda a imprensa, dos mencheviques aos democratas constitucionais, gritou: não! Não! Mas os bolcheviques deixaram claro que sim, era possível, que era até ridículo culpá-los. Bem, não era apenas a carroça. E no verão de 1918, quantas carroças os bolcheviques não conseguiram tirar da Rússia - com comida, com ouro - tudo pela vontade de William! *Transforme a guerra em guerra civil*, Lenin disse isso antes dos Vlasovistas.

"Mas *o fim!*" Mas com que propósito isso foi feito ?!

Isso, para que fins? E onde estão essas pontas agora?

"Bom, mas aquele era o Guillermo!" O Kaiser! Kaisercillo! Ele não era um Hitler! E na Rússia, que governo havia? Provisório...

Observe que no calor da guerra, não escrevemos nada além de "feroz" e "sanguinário" sobre o Kaiser, sobre os soldados do Kaiser, gritamos

irresponsavelmente que as crianças tinham suas cabeças esmagadas contra pedras. Mas tudo bem, que seja o Kaiser. Agora que o Governo Provisório também: não tinha tcheco, não atirou no pescoço, não meteu em campos de concentração, não se confinou em koljos , não te enojou à força de mentiras. Nem o governo provisório era o governo stalinista.

Na proporção.

Não que alguém tivesse pena da morte de prisioneiros alfabetos, mas a guerra simplesmente acabara, não era mais preciso intimidar, novos *polizei* não podiam mais surgir, faltava mão de obra e na prisão morriam inutilmente. De forma que em 1945 os quartéis da prisão deixaram de ser celas, as portas foram abertas durante o dia, os mergulhos os levaram ao banheiro, os presos tiveram o direito de irem por conta própria para a enfermaria e para a sala de jantar Eles trotaram - para mantê-los em forma. Eles também removeram os bandidos que roubavam os condenados e colocaram os próprios condenados em serviço. Posteriormente, também autorizaram cartas, duas por ano.

Nos anos 1946-1947 a fronteira entre a prisão e o campo de concentração começou a confundir-se um pouco, os gestores politicamente inescrupulosos, perseguindo o plano de produção, começaram (pelo menos em Vorkuta) a transferir os bons especialistas-condenados para os *lagpunkts* ordinário, onde não sobrou nada para o recluso, exceto o seu número, e a peonagem, dos *lagpunkts* da ITL para colocá-los nos reclusos, como reforço.

E assim a ideia staliniana de ressuscitar o presidium teria sido detestada pelos estúpidos administradores , se em 1948 Stalin não tivesse outra ideia: a de separar todos os povos indígenas do GULAG, de isolar os criminosos e os associados sociais comuns do Cinquenta e Oitos socialmente irremediável.

Tudo isso fazia parte do projeto ainda maior de Consolidação da Traseira (pelo nome vê-se que Stalin se preparava para uma quase guerra).

CAMPOS ESPECIAIS foram criados ^[8] com regulamentos especiais: um pouco mais suave do que a primeira prisão, mas mais difícil do que os campos comuns.

Para distingui-los, inventaram dar a esses campos não o nome da localidade, mas nomes poéticos-fantásticos. Eles desenvolveram o Gorlag

(Montanlag) em Norilsk, o Berlag (Playalag) em Kolyma, o Minlag (Mineral) no Inta, o Rechlag (Ríolag) no Pechora, o Dubrovlag (Encinlag) em Potma, o Ozerlag (Lagunalag) em Taishet, o Steplag (Esteplag), Peschanlag (Dunaslag) e Luglag (Vallelag) no Cazaquistão, o Kamyshlag (Juncoslag) na província de Kemerovo.

Rumores negros se espalharam pelos campos da ITL de que Cinquenta e Oito seriam enviados para Campos de Extermínio Especiais. (Nem os executores, nem as vítimas, naturalmente pensaram que uma nova sentença poderia ser necessária para isso).

Os URCHes entraram na efervescência ^[9] e os verificadores de seções operacionais. Listas misteriosas foram feitas e levadas a algum lugar para fins de conformidade. Mais tarde, longos comboios vermelhos foram elaborados, companhias de bravas tropas de escolta se aproximaram com suas dragonas vermelhas, suas submetralhadoras, seus cães e seus martelos, e os inimigos do povo, mencionados na lista, foram inexoravelmente e sem desculpas arrancados de seus quartéis quentes em um transferência distante.

Mas eles não estavam convocando os Cinquenta e Oito inteiros. Só mais tarde, ligando os pontos, os detidos entenderam quem haviam deixado com os comuns nas ilhas ITL: deixaram o 58-10 limpo, ou seja, a *simples* propaganda anti-soviética, isto é, solitária, não dirigida a ninguém, alheia a nada. morrer, desinteressados (e embora fosse quase impossível imaginar tais propagandistas, havia milhões registrados e deixados nas antigas ilhas GULAG). Se em vez propagandistas eram dois ou três, se eles eram menos propensos a ouvir uns aos outros, para falar ou para coro forma, tinha o *religamento* do 58-11, "grupo de parágrafo" e como uma semente de anti - organizações soviéticas marcharam agora os Campos Especiais. Naturalmente, os traidores da pátria (58-1-aeb), os nacionalistas e separatistas burgueses (58-2), os agentes da burguesia mundial (58-4), os espiões (58-6), os diversionistas (58-7), terroristas (58-8), sabotadores (58-9) e sabotadores econômicos (58-14). Aqui também se encaixam confortavelmente os prisioneiros alemães japoneses (minLag) e (Ozerlag) que projetamos retidos mesmo depois de 1948.

Por outro lado, os campos ITL ficaram com os não reclamantes (58-12) e os ajudantes inimigos (58-3). Ao contrário, os condenados, condenados justamente por ajudar o inimigo, agora vão para os Campos Especiais como todo mundo.

A separação foi ainda mais sensata do que a descrevemos. Por algumas outras peculiaridades incompreensíveis, os traidores foram condenados a vinte e cinco anos (Unzhlag) , agora até *lagpunkts* inteiros com apenas Cinquenta e Oito, incluindo vlasovistas e polizeis: não especial, sem números, mas regime cruel (por exemplo, Krásnaya Glinka na curva de Samara do Volga; o acampamento de Tuim no distrito de Shira de Jakassia; no sul de Sakhalin). Esses campos eram difíceis e não eram mais fáceis de se viver do que nos Especiais.

E para que, uma vez realizada, a Grande Desagregação do Arquipélago não voltasse à mescla, ficou estabelecido desde 1949 que cada indígena recém-retirado receberia, além de sua convicção, também uma resolução (da Segurança do Estado Provincial e do Ministério Público) em seu processo penitenciário: em quais campos esse menino será mantido permanentemente.

Assim, como o grão, que morre para que nasça a planta, o grão da prisão staliniana germinou nos Campos Especiais.

Os comboios vermelhos, cruzando a Pátria e o Arquipélago, trouxeram o *novo contingente*.

E no Inta eles pensaram, e eles simplesmente passaram aquele rebanho de um portão para outro.

Chekhov reclamou que não tínhamos "uma definição legal do que é a prisão e para que é necessária".

Bem, ainda era o século 19 esclarecido ! Em contraste, em meados do homem das cavernas do século 20 , nem precisávamos entender ou definir. O Padrazo assim decidiu, já que está tudo definido.

E balançamos a cabeça em silêncio, com ar de compreensão.

II

O vento da revolução

No início da minha frase, nunca teria acreditado, esmagado pela sua duração sem fim e abatido pelo meu primeiro contacto com o mundo do Arquipélago, que aos poucos a minha alma se endireitaria; que com o passar dos anos, escalando, sem eu mesmo perceber, o cume invisível do Arquipélago, como o Mauna-Loa do Havaí, dali eu olharia com calma os horizontes do Arquipélago, e até o mar incerto me atrairia com seu brilho.

A parte do meio da minha sentença foi passada em uma ilha dourada, onde os detidos receberam comida, bebida e foram mantidos aquecidos e limpos. Em troca, não exigiam muito: sentar-se doze horas em uma mesa e agradar à superioridade.

Mas de repente eu tinha perdido o gosto de me apegar a esses produtos ...! Ele já sentia um novo significado para a vida na prisão. Olhando para trás, agora achei lamentável o conselho do chamado especial de Krásnaya Presnia: "Livre-se dos *generais* a qualquer custo". O preço que pagamos parecia excessivo para mim.

A prisão liberou em mim a faculdade de escrever, e a essa paixão dediquei todo o meu tempo; trabalho para o Estado que descaradamente deixei de lado. Mais necessário do que a manteiga e o açúcar ali, me endireitei.

E vários de nós foram "endireitados" em uma transferência para um acampamento especial.

Demoraram muito: três meses (com as carroças no século 19 demorava menos). Essa viagem foi tão longa que se tornou quase um período da minha vida; Parece-me que durante esta viagem a minha personagem e as minhas opiniões mudaram.

Tínhamos que fazer uma jornada animada, alegre e significativa. Uma brisa fresca e revigorante acariciou nossos rostos: o vento da prisão e da

liberdade. De toda parte vinham homens e histórias que nos convenceram de que a razão estava do nosso lado, do nosso! , e não dos juízes e carcereiros.

A família Butyrki acolheu-nos com os gritos comoventes de uma mulher de uma janela, seguramente uma célula individual: «Socorro! Socorro! Assassinos! Assassinos! E o grito foi abafado pela mão de algum guarda.

Na "estação" de Butyrki, nos misturamos com novatos, malucos do ano 49. Todos eles tinham frases hilárias, não as habituais *duas duras*, mas *cinco*. Quando nas inúmeras listas de chamadas eles tiveram que responder ao final da frase , parecia uma piada: "Outubro de mil novecentos e setenta e quatro!" "Fevereiro de mil novecentos e setenta e cinco!" Estar na prisão por tanto tempo parecia impossível. Teve que ser feito com um alicate para cortar o arame farpado.

Essas mesmas sentenças de 25 anos estavam criando uma nova qualidade no mundo dos detidos. O regime atirou em nós o máximo que pôde. Agora os detidos tinham a palavra - uma palavra livre, não mais opressão, sem ameaças - aquela mesma palavra que não tínhamos em toda a nossa vida e que é tão essencial esclarecer e unir.

Já estávamos no *stolypin* ^[gjl] quando ouvimos do alto-falante da estação de Kazan sobre o início da Guerra da Coréia. Tendo penetrado 10 quilômetros na primeira manhã na sólida linha defensiva sul-coreana, os norte-coreanos alegaram que os haviam atacado. O mais estúpido dos ex-combatentes poderia entender que atacou justamente aquele que avançou no primeiro dia.

Esta Guerra da Coréia também nos encorajou. Rebeldes, pedimos tempestades! É que sem tempestade, é que sem tempestade, é que sem tempestade fomos condenados a uma morte lenta ...

Depois de Ryazan, o sol vermelho do amanhecer batia tão forte pelas janelas cegas do "zak-car" que a jovem escolta no corredor, em frente ao nosso portão, semicerrou os olhos. Ela era uma acompanhante como outra qualquer: tinha pressionado umas quinze pessoas por departamento, ela dava arenque salgado, mas é verdade, ela trazia água e nos deixava ir ao banheiro amanhã e à tarde, não teríamos nada que discutir com ela, se aquele menino Eu não teria deixado escapar imprudentemente, mesmo sem malícia, que éramos inimigos do povo.

E aquele que estava armado! Do nosso compartimento e do vizinho eles começaram a soltar:

"Somos inimigos do povo, mas por que não há nada para atrair o kolkhoz?"

"Você também é da aldeia, pode ver em seu rosto, mas por que está se alistando novamente no exército, como um cão de guarda, e não trabalhando na terra novamente?"

«Se somos inimigos, porque repintas os caminhões? Você nos esclarece!

"Nossa, garotinho! Tive dois como você, eles não voltaram da guerra, e eu sou o inimigo, hein?"

Já faz muito, muito tempo que nada parecido com isso saiu entre os nossos bares! Gritamos as coisas mais simples, visíveis demais para refutar.

O envergonhado jovem foi abordado por um sargento realistado, mas não levou ninguém para a cela, não começou a escrever sobrenomes, mas tentou ajudar seu soldado a se defender. E nisso também acreditávamos estar vendo sinais de novos tempos - embora o que seria de novo em 1950! - não, sinais das novas relações no mundo prisional que se formaram com as novas convicções e os novos campos políticos.

Nossa discussão começou a assumir a aparência de uma verdadeira troca de argumentos. Os meninos nos examinavam e não ousavam mais chamar ninguém deste compartimento ou do vizinho inimigo do povo. Eles tentaram se opor a algo dos jornais, da formação política, mas não com a mente, mas com os ouvidos, perceberam que suas sentenças soavam falsas.

Olhem, meninos! Olhe pela janela! Eles saltaram do nosso lado. Veja aonde a Rússia chegou! "

E fora de um país tão coberto de palha podre, tão dilapidado, tão esfarrapado, tão ingrato (linha Ruzayevka, nenhum estrangeiro passa) que, se Gêngis-Khan o tivesse visto tão sujo, nunca teria saído para conquistá-lo.

Na tranquila estação de Torbéyev, um velho de alpargatas passou pela plataforma. Uma velha camponesa parou em frente à nossa janela com o vidro abaixado e, através da grade e depois da grade interna, ela ficou imóvel por um longo tempo olhando para nós, amontoados na plataforma acima. Ele olhou com aquele olhar eterno, com o qual sempre olhou para os "miseráveis " do nosso povo. Lágrimas correram por suas bochechas. Era assim que ela ficava de pé, curvada, e era assim que ela parecia, como se

seu filho estivesse deitado entre nós. "Você não pode olhar para isso, avó", um acompanhante disse a ela sem rodeios. Nem ele virou a cabeça. E ao lado dela estava uma menina de cerca de dez anos com pequenas faixas brancas em suas tranças. Ela parecia muito séria, até triste demais para a idade, com os olhos muito, muito abertos e sem piscar. Ele parecia de uma maneira que, eu acho, ele nos retratou para todo o sempre. O comboio arrancou suavemente, a velha ergueu os dedos pretos e ritmicamente, sem pressa, fez o sinal da cruz por cima de nós.

E em outra estação, uma jovem com um vestido de bolinhas, muito extrovertida e não muito assustada, aproximou-se de nossa janela até tocá-la e começou a perguntar animadamente que artigos tínhamos e quais convicções. "Afaste-se", rugiu a escolta na plataforma para ele. O que você vai fazer comigo? Se eu for um desses também! Aqui, é melhor você passar um maço de cigarros para os meninos!" E ela tirou um maço da bolsa. (Já tínhamos adivinhado, a rapariga já tinha *estado* lá . Quantos deles, que andavam igualmente livres, já tinham passado pela escola do Arquipélago!) "Afasta-te ou te paro!", Saltou do carro o vice-chefe da carroça. guarda de tiro. Ela olhou para sua testa reengajada: "Vá para m ...!" Ele nos encorajou: "Mande-os para os m... meninos!" E ele foi embora com dignidade.

É assim que viajamos, e não acho que a escolta se sentisse como uma acompanhante popular. Viajamos, e a cada vez nos tornamos mais e mais na nossa razão, e que toda a Rússia está conosco, e que está chegando a hora de acabar, de acabar com este estabelecimento.

Na prisão de trânsito de Kuibychev, onde passamos mais de um mês *virando o sol* , também fomos surpreendidos por milagres. Das janelas da cela vizinha, ouvimos de repente gritos histéricos e desesperados dos bandidos (até os gemidos são altos e desagradáveis): «Socorro! Socorro! Os fascistas nos venceram! Os fascistas!

Essa foi a maravilha! " Fascistas" batendo em bandidos? Antes era sempre o contrário.

Mas logo eles vão redistribuir a célula, e nós descobriremos: no momento ainda não é de se admirar. Ele é apenas a primeira andorinha: Pavel Boroniuk, peito como uma roda de moinho, braços como troncos, sempre pronto para um aperto de mão ou um golpe, nariz aquilino escuro, mais parecido com um georgiano que um ucraniano. Ele é um oficial da linha de frente, com uma metralhadora antiaérea que duela com três "Messers"; Ele foi apresentado como Herói da União Soviética , eliminado

pela Seção Especial; Mandaram-no para o batalhão disciplinar, ele voltou condecorado; agora ele tem *dois duros*, com as vezes, "sentença para crianças".

Ele já tinha visto os bandidos na viagem da prisão de Novograd -Volynski e já havia lutado contra eles. Aqui, na cela vizinha, ele estava sentado na plataforma acima e jogando xadrez em silêncio. A célula inteira era Cinquenta e Oito, mas a administração colocou dois bandidos. Fumar ^[gk] arrogantemente «Belomor», e enquanto ia para limpar seu lugar *legal* na plataforma ao lado da janela, Fixatyi brincou: "Meu coração me disse isso, de novo com bandidos!" O ingênuo Veliev, que ainda não tinha visto bandidos de verdade, queria animá-lo: "Não, cara, Cinquenta e Oito. E você?" "Eu desfalco, erudito!" Depois de jogar fora dois, os bandidos jogaram suas malas em seus assentos de advocacia e começaram a circular pela cela para verificar as malas dos outros e procurar comida. E Cinquenta e Oito - não, ainda não é novo! - o preso resistiu. Sessenta homens esperaram submissamente que eles fossem abordados e roubados. Há algo de encantador nessa imprudência dos bandidos, que não admitem encontrar resistência. (Bem, e o cálculo de que as autoridades estão sempre do seu lado). Boroniuk ainda estava, à primeira vista, movendo as fichas, mas seus grandes olhos já estavam girando para ver como ele lutaria. Quando um dos bandidos ficou na frente dele, com a perna balançando, ele bateu a bota no nariz com toda a força, ele pulou, agarrou a cobertura sólida do mergulho e derrubou o segundo valentão com a cobertura na cabeça. E assim ele começou a espancá-los, um após o outro, com esta tampa até que se despedaçasse, mas as tábuas eram sustentadas por uma cruz de ferro. As gaivotas começaram a sentir pena de si mesmas, mas não se pode negar que também havia humor nos seus gritos, o lado engraçado não lhes escapou: «Mas o que é que vocês estão fazendo? Você acertou com a *cruz!* " "Se você é forte, por que mexe com as *peessoas?*" Porém, conhecendo-os, Boroniuk continuou batendo neles e então um dos bandidos começou a gritar pela janela: "Socorro! Os fascistas nos venceram! "

O submundo não esqueceu, a tal ponto que Boroniuk foi ameaçado várias vezes depois: '*Você cheira a morte! Vamos viajar juntos!* " Mas eu não ataquei mais.

E com as *sukas* ^[gl] nossa célula também teve seu choque. Estávamos na caminhada, que também servia para *se aliviar*, o zelador mandou um *suka*

para tirar a nossa do banheiro, ele nos expulsou, mas sua arrogância (diante de "políticos"!) Indignou o jovem, nervoso, recentemente condenou Volodya Gershuni, que começou a repreender a suka, e derrubou o menino com um soco. Antes dos Cinquenta e Oito teria engolido isso, mas agora Maxim, o azerbaijani (que havia matado o presidente de seu kolkhoz) atirou uma pedra no *suka* e Boroniuk o acertou no queixo; aquele esfaqueou Boroniuk (os guardiões assistentes carregam facas, isso não surpreende ninguém aqui) e fugiu sob a proteção do guarda, Boroniuk atrás dele. Então, eles rapidamente nos levaram de volta à nossa cela, e os agentes penitenciários vieram descobrir *quem* e nos assustar com novas condenações por banditismo (os emuevedistas sempre cuidando de suas queridas *sukas*). Boroniuk se iluminou e avançou: "Já bati nesses canalhas e continuarei batendo neles enquanto viver!" O *compadre* ^[gm] da prisão avisou que nós, contra-revolucionários, não tínhamos nada do que nos orgulhar e que era mais seguro ficar calado. Então pulou Volodya Gershuni, quase um menino, preso no primeiro ano, não homônimo, mas sobrinho do famoso Gershuni, chefe de um grupo de combate social-revolucionário: «Não tentem nos chamar contra os revolucionários! Ele rugiu para o compadre. Isso já aconteceu. Agora somos revo-lu-cionários de novo! Mas contra o regime soviético! »

Oh, que diversão! Para onde viemos! E o compadre da prisão apenas torce o nariz e franze a testa, engole tudo. Ninguém é levado para a masmorra, os guardas-oficiais partem sem glória.

Para poder viver assim na prisão? Lutar? Defender-se? Diga em voz alta o que pensa? Quantos anos estamos segurando ! É fácil bater em uma pessoa que chora! Choramos e foi assim que eles nos bateram.

Agora, nesses novos campos lendários onde eles nos conduzem, onde carregam números, como nos nazistas, mas onde, afinal, só haverá políticos, limpos de gosma comum, o que exatamente uma vida como esta começa aí? Volodia Gershuni, de olhos negros, com um rosto branco fosco afiado, diz esperançoso: "Vamos chegar ao campo e lá veremos a *quem nos juntar*." Criança! Você está pensando seriamente que vai encontrar lá um show animado e enraizado de festas, debates, programas, compromissos clandestinos? "Com quem sair!" Como se tivéssemos escolha! Como se quem fez a lista dos detidos e quem selecionou os transferidos não tivesse resolvido para nós .

Em nossa cela muito longa - um velho estábulo, onde em vez de duas fileiras de manjedouras eles montaram duas plataformas contínuas de dois andares, no corredor algumas colunas de estacas tortas seguram o teto antigo para que ele não caia, e as janelas no As paredes compridas também são típicas de um estábulo, para não jogar palha fora das manjedouras (e até estas janelas estão amordaçadas) - na nossa cela são cerca de 120 pessoas, e tu encontras de tudo. Mais da metade são do Báltico, pessoas sem educação, simples camponeses: no Báltico eles passam pelo segundo expurgo, enchiqueran e confinam todos aqueles que não querem ir voluntariamente aos kolkhozes, ou suspeita-se que não o façam. Além disso, há alguns ucranianos ocidentais, guerrilheiros da OUN,^[10] ou pessoas que os abrigaram uma noite ou os alimentaram uma vez. Depois da Federação Soviética Russa, poucos novatos, bastante *repetidores*. Bem, é claro, uma série de estrangeiros.

Somos todos levados para os mesmos campos (descobrimos no gerenciador de tarefas: Steplag). Eu olho para aqueles que compartilham minha sorte e tento meditar sobre eles.

Tenho os estonianos e os lituanos particularmente próximos do meu coração. Embora eu esteja aqui com eles em pé de igualdade, estou tão envergonhado deles como se os tivesse jogado na prisão. Incorruptos, trabalhadores, fiéis à palavra, contidos, por que eles também foram arrastados para o triturador sob as mesmas lâminas? Eles não incomodavam ninguém, viviam em paz, mais abastados e honestos do que nós, e agora são os culpados do nosso apetite, são os culpados por estarem perto e cobrindo o mar para nós.

"É uma pena ser russo!", Exclamou Herzen quando sufocávamos a Polônia. Duplamente envergonhado, agora me sinto diante desses povos pacíficos e indefesos.

Em relação aos letões, tenho sentimentos mais complexos. Veja como voltar É que tudo isso eles semearam.

E os ucranianos? Faz muito tempo que não dizemos "nacionalistas ucranianos", dizemos apenas "benderistas", e esta palavra tornou-se tão insultuosa que não ocorre a ninguém chegar ao fundo da questão. (Dizemos também "bandidos", por causa daquela regra bem assimilada de que quem mata por nós é um "p artesão", e todo aquele que nos mata, um "bandido", a começar pelos camponeses Tambov em 1921).

Mas o ponto principal é que houve um tempo, o período de Kiev, em que formamos um único povo, mas desde então ele foi quebrado e, por séculos, nossas vidas, costumes e línguas foram separados e distantes. A chamada "reunificação" foi uma tentativa muito difícil, embora talvez sincera, por parte de alguns de retornar à antiga irmandade. Mas nós usamos mal os três séculos desde então. Não havia personalidades na Rússia que não meditassem sobre como unir completamente ucranianos e russos, sobre como preencher a lacuna entre eles. (E se não houvesse corte, os comitês ucranianos não teriam sido formados na primavera de 1917 e depois na Rada).

Os bolcheviques, antes de chegar ao poder, viram o assunto sem complicações. No *Pravda* de 7 de junho de 1917, Lenin escreveu: "Consideramos a Ucrânia e as outras regiões não russas como anexadas pelo czar e pelos capitalistas russos". Foi criado quando já existia a Rada Central. E em 2 de novembro de 1917, a "Declaração dos Direitos dos Povos da Rússia" foi aprovada, e não seria uma piada? Não seria enganoso se declarássemos que os povos da Rússia têm direito à autodeterminação até a separação inclusivo? Seis meses depois, o governo soviético *pediu* à Alemanha do Kaiser que desse seu apoio à Rússia Soviética para concluir a paz e determinar fronteiras exatas com a Ucrânia, e em 14 de junho de 1918 Lenin assinou essa paz com Hetman Skoropadski. Ao fazer isso, ele mostrou que estava totalmente satisfeito com a separação da Ucrânia, mesmo que a Ucrânia tivesse que ser monárquica!

Mas é raro. Assim que os alemães caíram diante da Entente (que não poderia ter a menor influência sobre *os princípios* de nossas relações com a Ucrânia!), E depois deles caiu o Hetman, passamos a ser mais fortes que Petliura (outro insulto: "petliuristas". E ainda assim eram ucranianos, das cidades e do campo, que queriam viver sem nós), imediatamente cruzamos a fronteira que havíamos aceitado e impusemos nosso regime aos nossos irmãos de sangue. É verdade, até 15-20 anos depois estávamos intensa e até insistentemente brincando com a língua deles e dizendo aos irmãos que eles eram completamente independentes e podiam se separar de nós quando quisessem. Mas assim que quiseram fazer isso no final da guerra, nós os chamamos de "benderistas", começaram a caçá-los, torturá-los, executá-los e mandá-los para os campos de concentração. (Mas os 'dobradores', como os 'petliuristas', são sempre os mesmos ucranianos que não querem dominação estrangeira. Ao saber que Hitler não estava lhes trazendo a

liberdade que prometeu, eles também lutaram contra Hitler durante a guerra, mas isso para nós ficamos calados, isso não nos convém, como o levante de Varsóvia em 1944).

Por que ficamos tão zangados com o nacionalismo ucraniano, com o desejo de nossos irmãos de falar e educar seus filhos e escrever sinais em sua língua? Até Mikhail Bulgakov (em "The White Guard"). ele se permitiu ser dominado por um sentimento errado. Já que não nos fundimos até o fim, já que somos diferentes em algo (basta que *eles*, a minoria, percebam!), É muito triste! Mas já que este é o caso, já que a ocasião se perdeu, e mais do que qualquer coisa nas décadas de 1930 e 1940 - quando se tornou mais aguda não sob o czar, mas *depois* do czar! - por que isso nos irrita tanto seu desejo de se separar?, de ficar com as praias de Odessa?, com o fruto de Cherkassy?

Dói-me escrever sobre isto: o ucraniano e o russo estão juntos no meu sangue, no meu coração e na minha mente. Mas minha longa experiência de contato amigável com ucranianos em campos de concentração revelou-me como eles são sensibilizados. Nossa geração terá que pagar pelos erros das anteriores.

Dê um soco e grite "meu!" é a maneira mais simples. É incomparavelmente mais difícil pronunciar: "Quem quiser viver, viva!" Você pode no final do século XX vir no mundo imaginário em que o nosso último imperador inepto caiu. Por incrível que pareça, as previsões da Teoria Avançada de que o nacionalismo está desaparecendo não se concretizaram. No século do átomo e da cibernética - por que será? - ela floresceu. E está chegando a hora de pagar todas as contas da autodeterminação, da independência, e de pagá-las nós mesmos, sem esperar que nos queimem em fogueiras, nos afoguem nos rios e cortem nossas cabeças. Que somos uma grande nação, devemos demonstrar não pela vastidão do território, não pelo número de povos subjugados, mas pela grandeza de nossas ações. E pela profundidade com que lavramos as terras que ficarão depois de subtrair aquelas que não querem viver conosco.

Com a Ucrânia, será extremamente doloroso. Mas você tem que cuidar da tensão que existe agora. Se não foi corrigido ao longo dos séculos, cabe a nós sermos razoáveis. Nosso dever é deixar a decisão para eles - federalistas ou separatistas, quem convence quem. Não ceder é tolice e cruel. E quanto mais moderados, mais tolerantes, quanto mais

compreensivos formos agora, maiores serão as esperanças de restaurar a unidade no futuro.

Deixe-os viver, deixe-os tentar. Eles logo perceberão que nem todos os problemas são resolvidos pela separação. ^[onze]

Por alguma razão, ficamos muitos dias neste longo bloco de celas, eles não nos mandaram apenas para a nossa Escada. Também não temos pressa: estamos confortáveis aqui, só podemos estar pior lá.

Sem notícias eles não deixam: todo dia trazem um jornal da metade do tamanho, tenho que ler em voz alta para o celular, e leio *com expressão*, tem algo a expressar.

Hoje são exatamente dez anos desde a *libertação* da Estônia, Letônia e Lituânia. Alguns entendem russo, traduzem para os outros (faço uma pausa), e uivam, literalmente uivam de todas as plataformas, cada vez mais alto, quando ouvem que liberdade e prosperidade reinam em seu país pela primeira vez na história. Depois de cada um desses bálticos (e em toda a cadeia de trânsito, eles são um terço) uma casa foi arruinada, e graças a Deus se também a família, porque dependendo de quando, a família está em outro comboio a caminho da Sibéria .

Mas, mais do que tudo, é claro, eles levaram as notícias da Coreia para a prisão. O *Blitzkrieg* Stalin falhou. Os voluntários da ONU estavam a caminho. Tivemos a Coréia pela Espanha da Terceira Guerra Mundial. (E provavelmente, como um ensaio, Stalin também havia pensado nisso). Esses soldados da ONU estavam torcendo especialmente por nós: esta bandeira! Quem não vai unificar? Premonição do futuro unido à humanidade!

Tão nauseante era tudo que não conseguíamos superar nossa náusea. Não poderíamos desejar assim, estabelecer assim: pereçamos, mas que se salvem aqueles que agora desde o seu bem-estar vejam com indiferença como perecemos. Não, ansiamos por uma tempestade!

Eles ficarão surpresos: que estado de espírito cínico e desesperado ? E você não conseguia pensar nas calamidades que uma guerra traria para a vasta população *livre* ? "Mas a população livre nem pensava em nós!" Então você poderia *querer* uma guerra mundial? E dando sentenças para todas essas pessoas em 1950 até meados dos anos setenta, o que mais eles os *deixaram querer*, exceto uma guerra mundial?

Parece absurdo para mim, lembrar agora essas falsas e perniciosas esperanças de nossa época. A aniquilação nuclear geral não é solução para ninguém. E sem ser nuclear: qualquer guerra externa só serve como justificativa para a tirania interna, ela a reforça. Mas minha história seria falsificada se eu não contasse a verdade: o que sentimos naquele verão.

Assim como a geração de Romain Roll e toda a sua juventude foram oprimidos pela espera constante pela guerra, nossa geração de detidos foi oprimida por sua ausência, e somente esta será toda a verdade do espírito dos campos políticos especiais. É a isso que eles nos reduziram. A guerra mundial pode nos trazer ou uma morte acelerada (tiros dos mirantes, envenenamento por pão com bacilos, como fizeram os alemães), ou, afinal, liberdade. Em ambos os casos, uma liberação muito mais próxima do final da concessão em 1975.

Este foi o cálculo de Petia Pv. Petia Pv foi a última pessoa viva a chegar da Europa em nossa cela. Imediatamente após a guerra, todas as células foram embaladas com esses russos, que voltaram da Europa. Mas aqueles que vêm há muito tempo estão nos campos de concentração ou já estão no subsolo, os outros desistem, não voltam, porque de onde vem isso? Ele voltou voluntariamente à pátria em novembro de 1949, quando as pessoas normais não mais voltaram.

A guerra o pegou perto de Kharkov, como estudante em uma escola profissional, onde foi mobilizado à força. Também pela força, os alemães o levaram, ainda adolescente, para a Alemanha. Lá foi "ost-arbeiter" até o fim da guerra, lá se formou sua psicologia : é preciso tentar viver com facilidade e não trabalhar, pois são obrigados desde a infância. No Ocidente, aproveitando a boa fé européia e a falta de controle de fronteiras, a Pv levou carros franceses para a Itália, italianos para França e os vendeu com desconto. Porém, na França eles acabaram descobrindo e prendendo-o. Em seguida, ele escreveu à embaixada soviética que queria voltar para sua amada pátria. Pv foi feita a seguinte composição de local: a prisão francesa terá que cumpri-la até o último dia , podendo desistir de até dez anos. Por outro lado, na União Soviética, por traição eles darão vinte e cinco, mas as primeiras gotas da terceira guerra mundial já estão caindo; a União não durará três anos, então é mais vantajoso ir para a prisão soviética. Os comparsas da embaixada apareceram imediatamente e seguraram Petia Pv em seus corações. As autoridades francesas cederam de boa vontade ao ladrão. ^[12] Na Embaixada reuniram-se cerca de trinta, como ele ou

semelhante . Foram transportados de barco, com todo o conforto, para Murmansk, liberados para passear pela cidade e, em vinte e quatro horas, um por um, caçaram todos.

Agora, na cela, Petya servia como imprensa ocidental (ele havia lido cuidadosamente o julgamento de Kravchenko), o teatro (com suas bochechas e lábios ele interpretava habilmente a música ocidental) e o cinema (ele nos contava e transmitia filmes de faroeste por gestos).

Quanta liberdade havia no trânsito de Kuibychev! As celas às vezes eram encontradas no pátio comum. Com grupos cruzando o pátio, você poderia falar através de focinhos. Ao ir ao banheiro, podia-se aproximar das janelas abertas (com grades, mas sem focinhos) do quartel da família, onde havia mulheres com muitos filhos (isto é, sempre enviadas dos mesmos países bálticos e da Ucrânia Ocidental para o confinamento). E entre os dois estábulos havia uma fenda, o chamado "telefone", havia um voluntário deitado o dia todo de cada lado, comentando as notícias.

Todas essas liberdades nos incomodavam ainda mais, cada vez que sentíamos a terra mais firme sob nossos pés, e sob os de nossos carcereiros parecia que estava começando a queimar. E enquanto caminhávamos pelo pátio, olhamos para o céu branco e quente de julho. Não teríamos ficado surpresos, ou nem um pouco assustados, se uma ponta de lança de bombardeiros estrangeiros tivesse disparado pelo céu. Nossa vida não era mais vida.

Quem veio ao nosso encontro, da prisão de trânsito de Karabás, trouxe a notícia de que já havia panfletos pendurados: "Chega de aguentar!" Acordamos um ao outro com essas coisas e, numa noite quente em Omsk, quando - carne cozida demais e suada - éramos amassados e amontoados em uma van de celular, gritávamos com os guardas da parte de trás: 'Espere, c ...! Truman vai te dar! Ele vai jogar uma bomba atômica na sua cabeça! " E os guardas ficaram em silêncio de medo. Eles também sentiram nossa energia crescer e, ao que parecia, nossa razão. E ansiamos tanto pela verdade que não nos arrependemos de ter sido queimados sob a mesma bomba que nossos algozes. Estávamos naquele estado extremo em que não havia nada a perder.

Se isso não for revelado, o quadro do Arquipélago dos anos 1950 não ficará completo.

A penalidade de Omsk, que Dostoi evski conhecia , não é um trânsito GULAG qualquer, montado com pranchas às pressas. É uma tremenda

prisão do tempo de Catalina, especialmente seus porões. Não há melhor cenário para um filme do que uma cela neste porão. A janela quadrada é o topo de um poço inclinado, lá em cima, onde sobe até a superfície da terra. Pelos três metros de profundidade deste buraco você pode ver quais paredes existem aqui. Não há nem teto na cela, mas as abóbadas cruzadas pendem como pedras. E uma parede está molhada: a água vaza do chão, atinge o chão. De manhã e à noite é escuro, em plena luz do dia, crepúsculo. Não há ratos, mas você parece sentir o cheiro deles. E embora os cofres alcancem tão baixo que em alguns lugares você os toca com a mão, os guardas conseguiram construir paletes de dois andares mesmo aqui, o de baixo fica logo acima do solo, na altura do tornozelo.

Esta prisão parece ser para erradicar aquelas vagas premonições de rebelião que cresceram em nós na descontraída prisão de Kuibychev. Pois não! À noite, sob uma lâmpada de cerca de quinze watts, tão fraca quanto uma vela, o velho Drozdov, calvo, de rosto afilado, majordor da Catedral de Odessa, está bem no fundo do poço da janela e com uma voz fraca, mas com a sensação de uma vida terminando, ele canta uma velha canção revolucionária:

*Dark é a noite, como a alma de um tirano
como trair
Mais negro do que esta noite, sobe na névoa
A maior parte da prisão !*

Apenas cante para nós, mas aqui, mesmo se você gritar, eles também não irão ouvi-lo. Enquanto ele canta, uma noz pontiaguda corre sob o bronze ressecado de seu pescoço. Ele canta e estremece, lembra e faz desfilar dentro de si várias décadas da vida russa. E seu tremor é comunicado a nós:

*A prisão está tranquila, mas não é um cemitério.
E você, tenha cuidado, Guardião!*

Nesta prisão, esta música! (Shostakovich, antes de sua Décima Primeira Sinfonia, teria sentido falta de ouvir essa música *aqui!* Ou a teria deixado sozinha, ou teria dado a ela seu significado atual, não o morto). Todos de acordo. Tudo de acordo com o que espera nossa geração de detentos.

Então deitamos para dormir nesta escuridão amarela e úmida. Let 's ver quem nós *longa Ra Un novelón?*

E uma voz soa, a de Ivan Alexeyevich Spassky, como a voz reunida de todos os personagens de Dostoiévski. Esta voz está perturbada, afogada, nunca fica calma, a cada momento parece que pode transformar-se em lágrimas, em grito de dor. A primitiva novelucha de Breshko-Breshkovski como *a Madona vermelha*, soa como a Canção de Roland contada por essa voz, imbuída de fé, sofrimento e ódio. E que seja verdade, é pura invenção, a história de Vít tor Voronin está gravada na nossa memória como uma epopeia, o seu estágio a pé de cento e cinquenta quilómetros rumo a Toledo e o levantamento do cerco do Alcázar.

Bem, e a vida do próprio Spasski não teria sido o pior romance. Quando adolescente, ele participou da Marcha do Gelo.^[gn] Ele lutou a guerra civil inteira. Ele emigrou para a Itália. Ele terminou uma escola de *balé* russo no exterior, acho que a de Karsávina, e uma das condessas russas lhe ensinou marcenaria (mais tarde, no campo de concentração, ele nos surpreendeu fazendo uma ferramenta em miniatura e fazendo móveis tão leves para as autoridades e bem, com linhas curvas harmoniosas, que se abriam. Claro, para fazer uma mesa era um mês). Com o *balé* viajou por toda a Europa. Ele foi o operador do noticiário de cinema italiano durante a guerra na Espanha. Como comandante do exército italiano, sob o nome ligeiramente alterado de Giovanni Paschi, comandou um batalhão e, no verão de 1942, voltou a esse mesmo Don. Lá, seu batalhão logo foi cercado, embora os russos ainda estivessem em retirada. Spassky pensou em lutar até a morte, mas os meninos italianos que formavam o batalhão começaram a chorar: eles queriam viver! O comandante Paschi hesitou e ergueu uma bandeira branca. Ele mesmo poderia ter se matado, mas agora estava curioso para saber um pouco sobre os soviéticos. Ele teria passado por uma estadia normal de prisioneiro e depois de quatro anos ele estaria na Itália, mas sua alma russa não resistiu a ele, ele iniciou uma conversa com os oficiais que o capturaram. Erro fatal! Se você tem a infelicidade de ser russo, esconda-o como uma doença ruim; do contrário, será difícil! Eles o tiveram pela primeira vez por um ano em Lubyanka. Depois, três anos em um campo de concentração internacional em Kharkov (espanhol, italiano, japonês, também havia um assim). E quando quatro anos se passaram, sem contar esses quatro, eles desligaram mais vinte e cinco. Já são vinte e cinco! No campo de prisioneiros, pouco iria durar.

A prisão de Omsk, e depois a prisão de Pavlodar, nos acolheram porque nessas cidades - grande negligência! - até agora não havia cadeias

de trânsito especializadas. Em Pavlodar até - que pena! - não havia nem van, e da estação à prisão, muitos quarteirões, nos levaram em coluna, sem atropelar a população - como era feito antes da revolução e na primeira década depois dela-. Nos bairros por onde atravessamos as ruas ainda não estavam asfaltadas, nem havia água encanada, as casas térreas estavam enterradas na areia cinzenta. A cidade propriamente dita começou com a prisão de pedra branca de dois andares.

Mas, no século 20, essa prisão não instigava mais medo, mas um sentimento de tranquilidade, não medo, mas risos. Um extenso pátio pacífico, no qual uma grama raquílica cresce em alguns lugares, e familiarmente dividido por uma pequena cerca em compartimentos para a caminhada. As janelas das celas do primeiro andar são atravessadas por algumas grades grossas, não são cobertas por focinheiras, fique no banco e estude a paisagem! Logo abaixo, sob seus pés, entre o muro da prisão e a cerca externa, de vez em quando, alarmado por alguma coisa, um cachorro enorme corre, arrastando sua corrente, e dá alguns latidos profundos. Mas ele também não tem nada parecido com um prisioneiro, ele não é assustador, não é um mastim treinado contra as pessoas, ele é branco-amarelado, peludo, parece um cão caipira (existe uma raça de cachorro no Cazaquistão), e aparentemente, já é muito antigo. Parece um daqueles amáveis velhinhos guardiães dos campos de concentração, que foram transferidos do exército para cá e que, sem dissimulação, pesaram seu serviço de guarda de cães.

Além da parede, pode-se ver imediatamente uma rua e uma cantina com cerveja, e todos aqueles que passam, ou que estão desempregados - ou trouxeram um pacote para a cadeia, ou estão esperando a embalagem ser devolvida. E além das casas, blocos dessas casas de um andar, e uma curva no Irtysh, e até mesmo as planícies na outra margem.

Uma jovem animada, que acabava de voltar do posto da guarda o cesto vazio do que trouxera para algum prisioneiro, ergueu a cabeça, viu-nos à janela com os nossos gestos de saudação, mas não o deixou ver. Com passinhos recatados, ela caminhou com dignidade pela esquina da cervejaria, para que não a vissem do posto de guarda, e ali ela de repente se transformou de repente, largou o cesto, ela nos sacode, nos sacode os dois braços erguidos, sorriso! Depois, com voltas rápidas com o dedo, indica: «Escreve, escreve mensagens!», E, com um arco voador: «Atira, atira-me!»,

E, na direcção da cidade: «Eu te levo, Eu os entregarei! » E abriu os braços: «O que mais? O que mais posso fazer? Amigos!"

Ele era tão sincero, tão efusivo, era tão pouco parecido com a nossa *liberdade* amordaçada , *com os* nossos cidadãos esmagados ! O que está acontecendo?! Chegaram momentos como este? Ou é apenas no Cazaquistão? É que aqui a metade está em confinamento ...

Boa, menina corajosa! Quão cedo você estudou, quão bem assimilou a ciência da prisão! Que sorte (não são lágrimas, aqui no canto do olho?) Que ainda haja lágrimas como você ...! Aceite nossos cumprimentos, estranho! Oh, se todo o nosso povo fosse assim! O que eles iam atrapalhar ele! Os malditos dentes teriam ficado presos!

Claro, tínhamos pedaços meus em nossa pele de carneiro . E pedaços de papel. E você poderia perfeitamente separar um pedaço de gesso da parede, amarrar a mensagem com um fio e jogá-la nela. Mas não tínhamos absolutamente nada a pedir a ele em Pavlodar! E nós apenas a saudamos com gestos de agradecimento.

Eles nos levaram para o deserto. Até mesmo o desprezioso camponês Pavlodar logo será lembrado como uma capital brilhante.

Agora fomos assumidos pela escolta Steplag (mas felizmente não da seção Dzhez-kaz-gán; durante todo o caminho estávamos planejando o destino para evitar cair nas minas de cobre). Caminhões com laterais levantadas e barras na frente da caixa foram trazidos para nos encontrar, para proteger os soldados de nós como feras. Eles nos sentaram espremidos no chão do camarote, com as pernas curvadas, olhando para trás, para a marcha, e nessa posição nos espancaram através de buracos e buracos por oito horas. Os soldados se posicionaram no teto da cabine, e por todo o caminho tinham os canos das submetralhadoras apontados contra nossas costas.

Nas cabines dos caminhões estavam tenentes, sargentos e, na nossa, a esposa de um dos oficiais com uma garotinha de cerca de seis anos. Nas paradas, a garota pulou para fora, correu pela grama da campina, colheu flores e gritou alto com mamãe. Ela não se intimidou nem um pouco com as submetralhadoras, ou os cachorros, ou as cabeças grotescas dos detidos que surgiam das bordas do caminhão, nosso mundo aterrorizante não obscurecia o prado e as flores, nem ela olhava para um por curiosidade. só uma vez ... Lembrei-me então do filho de um esquadrão da prisão especial de Zagorsk. Seu jogo favorito era: forçar dois meninos da vizinhança a colocarem as

mãos atrás das costas (ele amarrou as mãos) e andar pelo caminho, enquanto ele foi para o lado e os guardou.

Como os pais vivem, as crianças brincam ...

Cruzamos o Irtysh. Viajamos muito por várzeas, depois por uma estepe muito plana. Os vapores do Irtysh, o frescor da noite na estepe, o cheiro de absinto nos envolveram durante os minutos de paralisação, quando as nuvens de poeira cinza-claro levantadas pelas rodas se assentaram. Cobertos generosamente com esse pó, olhamos para trás (era proibido virar a cabeça), silenciosos (era proibido falar), e pensávamos no campo para o qual íamos, com um nome exótico complicado. Tínhamos lido isso em nossos "arquivos" do convés superior do stolypin, virado para baixo, EKIBASTUZ, mas ninguém conseguia imaginar onde isso caía no mapa, e apenas o tenente-coronel Oleg Ivanov se lembrava de que eram minas de carvão. Até tivemos a impressão de que não ficava longe da fronteira chinesa (e alguns ficaram contentes com isso, não se acostumaram com a ideia de que a China é ainda pior do que aqui). O capitão da fragata Burkovski (novato e 25 anos, ele ainda estava mal-humorado com todo mundo, ele era um comunista e maluco por engano, por outro lado eles eram inimigos do povo; só estava comigo porque ele era um ex - oficial soviético e não tinha sido um prisioneiro). Lembrou-se de algo esquecido sobre os cursos universitários: na véspera do equinócio de outono traçamos no solo a linha do meio-dia, no dia 23 de setembro subtraímos a altura do sol de noventa e teremos nossa latitude geográfica. É sempre um conforto, embora não haja como saber a duração.

Eles nos levaram e nos carregaram. Ficou escuro. Do céu negro estrelado, agora estava claro que eles estavam nos levando para o sul-sudoeste.

À luz dos faróis dos caminhões atrás, fragmentos da nuvem de poeira dançavam, erguidos sobre a estrada inteira, mas visíveis apenas pelos faróis. Uma estranha miragem surgiu: o mundo inteiro estava preto, o mundo inteiro balançava, e apenas essas partículas de poeira brilhavam , giravam e desenhavam imagens hostis do futuro.

Para que fim do mundo? Para que canto perdido eles estavam nos levando, para onde teríamos que fazer nossa revolução?

Nossas pernas curvadas estavam tão dormentes que não pareciam mais nossas. Foi apenas por volta da meia-noite que chegamos ao campo de concentração, cercado por uma cerca alta de madeira, iluminada na estepe

negra e perto da cidade negra adormecida pela eletricidade brilhante da guarita e ao redor da área.

Depois de passar por nós novamente, listar arquivo por arquivo - «... março de mil novecentos e setenta e cinco!» - durante o quarto de século que restou, eles nos conduziram para trás do altíssimo portão duplo.

O campo dormia, mas todas as janelas de todos os quartéis brilhavam intensamente, como se tudo ali transbordasse de vida. Luz noturna, ou seja, regime prisional. As portas do quartel estavam fechadas por fora com pesados cadeados. Nos retângulos das janelas iluminadas, barras pretas eram

O *subfurriel* que veio ao nosso encontro estava coberto de trapos com seu *número*.

Você leu nos jornais que nos campos fascistas as pessoas usavam *números*?

III

Correntes, correntes ...

Mas nosso ímpeto, nossas esperanças agourentas, logo foram esmagadas. O vento da mudança soprava apenas nas correntes de ar: nos trânsitos. Por outro lado, aqui, atrás das altas paliçadas dos Campos Especiais, não chegou. E embora os acampamentos fossem compostos apenas por políticos, nenhuma carta subversiva foi pendurada nos postes.

Dizem que no Minlag os ferreiros se recusaram a forjar grades para as janelas dos quartéis. Glória a eles, até agora desconhecidos! Eles eram homens. Eles os colocaram no BUR.^[ir] Eles forjaram barras para o Minlag em Kotlas. E ninguém apoiou os ferreiros.

Os Campos Especiais começaram com a mesma submissão silenciosa e até servil que três décadas de ITL haviam gerado.

O contingente enviado do Grande Norte não teve a oportunidade de se alegrar com o sol do Cazaquistão. Na estação de Novorúdnoie, eles pularam de seus vagões vermelhos para uma terra que também era avermelhada. Foi aquele cobre de Dzhezkazgan, cuja extração os pulmões de ninguém não resistiram por mais de quatro meses. Bem aqui, com o primeiro a ficar aquém, os orgulhosos guardiões demonstraram sua nova arma: *algemas*, não utilizadas na ITL, algemas niqueladas brilhantes, cuja produção industrial foi organizada na União Soviética para o trigésimo aniversário de a revolução de outubro. (Em alguma fábrica seriam feitas por operários de bigode grisalho, os modelos proletários de nossa literatura. Por que Stalin e Beria não as fariam pessoalmente?) Essas algemas tinham a peculiaridade de poderem ser apertadas mais ou menos: tinham uma placa de metal serrilhada. Quando foram colocados, eles os apertaram contra o joelho do guardião de forma que o número máximo de dentes entrasse no fechamento e causassem mais danos. Com o que as algemas, de uma fechadura, de ação preventiva, se transformaram em um instrumento de tortura: apertavam os

pulsos, com dor aguda permanente. Eles mantiveram você assim por horas, com as mãos atrás das costas, retorcidas. Além disso, foi desenvolvido um método especialmente desenvolvido para apertar as algemas em quatro dedos, que causava uma forte dor nas articulações dos dedos.

No Berlag usavam algemas com delírio: para qualquer coisa, para não tirar o chapéu na frente de um guarda. Eles colocam as algemas em você (mãos atrás de você) e colocam você na frente do posto de guarda. Os braços se enrijeceram, adormeceram e os adultos gritaram: «Cidadão chefe, não vou mais fazer isso! Tire minhas algemas! (Havia mesmo ordem ali, no Berlag: não só iam na fila para a sala de jantar, mas se aproximavam da mesa em formação, todos se sentavam, todos colocavam a colher na *balanda*, todos se levantavam e saíam).

Não custou nada a ninguém deslizar: “Crie campos especiais! Comunique o projeto de regime para essa data!” Mas mais de um carcelologista diligente (e psicólogos, e conhecedores da vida de concentração) teve que pensar ponto por ponto: o que mais pode estragar aquele aborrecimento? O que mais pode ser carregado sobre eles, que desabam? O que pode ser ainda mais difícil do que a vida já nada lisonjeira do recluso indígena? Ao passar do ITL para os Campos Especiais, esses vermes devem sentir imediatamente a severidade e aspereza, mas antes, alguém tinha que ter elaborado em detalhes!

Claro, eles fortaleceram as medidas de vigilância. Em todos os Campos Especiais as linhas de zona foram fortificadas ademais, mais arame farpado foi colocado e também espirais Bruno foram plantadas nas antezonas. Na estrada seguida pelas colunas de trabalhadores, em todos os cruzamentos e curvas importantes, metralhadoras foram instaladas antecipadamente e seus criados posicionados.

Em cada *lagpunkt* havia uma prisão de pedra, a BUR.^[13] Os presos no BUR foram obrigados a tirar as jaquetas: o tormento do frio era uma peculiaridade importante do BUR. Mas cada quartel também passou a ser uma prisão, já que as janelas eram todas gradeadas, à noite entrava um mergulho e as portas eram trancadas. E além disso, em cada zona existiam um ou dois quartéis disciplinares, com vigilância reforçada, com uma pequena *zona* própria dentro da zona; foram encerrados imediatamente após a chegada dos detidos do trabalho, segundo o modelo da primeira prisão. (Esses eram os BURs propriamente ditos, mas os *chamávamos de regimkas*).

Em seguida, aproveitaram a valiosa experiência de Hitler com os números sem qualquer ocultação: substituindo o sobrenome do preso, o "eu" do prisioneiro, a personalidade do preso, por um número, de modo que eles não se distinguissem mais por toda a sua individualidade humana. mas apenas por uma unidade de mais ou menos em uma série uniforme. E essa medida pode se tornar opressora, mas somente se for realizada de forma muito consistente, sem concessões. Isso foi tentado. Todo recém-chegado, após "tocar o piano" na seção especial do campo (ou seja, após deixar impressões digitais, como era feito nas prisões, mas não nos ITLs), colocava uma pequena corda com uma corda em volta do pescoço. pequena placa. Seu número estava escrito em uma lousa, como "U-262", e neste traje ele foi retratado pelo fotógrafo da seção especial. (Todas essas fotos ainda precisam ser preservadas em algum lugar! Ainda as veremos!)

A etiqueta do pescoço do preso foi removida (claro, não é um cachorro), e em troca eles deram a ele quatro (em alguns outros campos, três) panos de 8 por 15 centímetros. Esses panos deviam ser costurados em locais não uniformemente estabelecidos em todos os campos, mas geralmente nas costas, no peito, na testa no chapéu e também no braço ou na perna . ^[14] Nas roupas acolchoadas, nesses locais estabelecidos uma tara era feita de antemão - nas oficinas do campo havia alfaiates dedicados exclusivamente a estragar roupas novas -: no tecido da fábrica era cortado um pequeno quadrado , revelando o enchimento por baixo . Isso foi feito para que o preso não pudesse, durante a fuga, arrancar os números e fingir que estava livre. Em outros campos, eles tornaram tudo ainda mais simples: o número corroído nas roupas com cloreto de cal.

Os guardas foram obrigados a ligar para os internos apenas pelo número, e não saber ou lembrar seus sobrenomes. E teria sido muito chato se eles tivessem resistido. Mas não resistiram (o russo não é alemão), e já no primeiro ano começaram a falhar e a chamar alguns pelo sobrenome, e depois cada vez mais. Para comodidade dos guardas, uma placa de madeira era pregada na *vagonka* antes de cada maca, e nela o número de quem dormia ali. Desse modo, mesmo sem ver o número do paciente, o auxiliar sempre poderia questioná-lo e, na sua ausência, saber quem estava em desordem em seu berço. Este campo de atividade muito útil também foi aberto aos guardas: ou para puxar o ferrolho em silêncio, e furtivamente entrar no barramento *antes* do alvo e anotar o número daqueles que haviam subido antes da hora, ou para invadir o quartel *apenas* no momento do alvo

e apontar para aqueles que ainda não foram levantados. Em ambos os casos, a prisão podia ser dada imediatamente, mas nos Campos Especiais era mais para exigir *escritos explicativos* - isso com a proibição de ter tinta e canetas e sem fornecimento de papel. O longo, pesado e cansativo sistema de escritos explicativos não foi uma invenção ruim, especialmente porque o regime de concentração não carecia de mocassins pagos e de tempo a perder. Eles não apenas puniram você na hora, mas exigiram uma explicação por escrito: por que sua cama estava malfeita; como você deixou sua placa pendurada torta; por que o número em sua jaqueta ficou sujo e por que você não o colocou na ordem correta; por que você foi visto com um cigarro no quartel; por que você não tirou o chapéu na frente de um

^[15] ordenança. A profundidade dessas perguntas tornou sua resposta escrita talvez ainda mais trabalhosa para os instruídos do que para os analfabetos. Mas a recusa em escrever a carta aumentou a punição! A carta foi elaborada, pela sua apresentação e pelo seu tratamento respeitoso para com os Funcionários do Regime, foi levada à guarda do quartel, a seguir foi lida pelo Vice-Chefe do Regime, ou pelo Chefe do Regime, e também foi anotada por escrito, a punição indicada.

Da mesma forma, nos documentos da equipe de trabalho, os números deveriam ser colocados antes dos sobrenomes. Em vez de sobrenomes? Mas desistir dos sobrenomes foi assustador! Apesar de tudo, o sobrenome é um final seguro, com o sobrenome um homem é pego para sempre, em vez do número é um golpe, ele foi e voou. Se ao menos esses números tivessem sido queimados ou tatuados no próprio homem! Mas não havia tempo para isso. Mesmo se pudessem, não teria custado nada e pouco estava faltando.

E outra coisa que derrubou a opressão dos números foi que não vivíamos em celas isoladas, não ouvíamos apenas os guardas, mas também uns aos outros. E uns para os outros, os detidos não só nunca eram nomeados por número, mas nem mesmo eram *notados* (embora à primeira vista, como não se notasse esses trapos berrantes branco sobre preto? Quando muitos de nós nos reunimos, em formação, para a contagem, a abundância de números saltou aos olhos, como uma tabela de logaritmos, mas apenas para olhar de fora), eles não os perceberam ao ponto, que nunca sabiam qual número ou os amigos ou companheiros mais próximos tinham, apenas eles se lembraram dos seus. (Entre os plugados havia pegadas verdes que tomavam muito cuidado em costurar seus números de maneira cuidadosa e até paqueradora, com as bordas viradas para dentro, com

pontos minúsculos, que ficaria *bem*. Pelotileo eterno! Meus amigos e eu, pelo contrário, tentamos isso os números nos tornaram o mais feios possível).

O regime dos Campos Especiais foi calculado para o sigilo total: que daqui ninguém reclamaria com ninguém, ninguém jamais se libertaria, ninguém escaparia para lugar nenhum (nem Oswenzym nem Katyn haviam ensinado coisa alguma aos mestres). É por isso que os primeiros Campos Especiais são campos com varas. Na maioria das vezes, eles não eram usados pelos guardas (eles estavam com as algemas!), Mas por reclusos de confiança - comandantes e líderes de equipe - mas eles podiam bater em qualquer coisa que quisessem e com a total aprovação das autoridades. Em Dzehzkazgán, antes da chamada de formação, os entregadores com estacas ficavam em frente ao portão do quartel e gritavam como nos velhos tempos: "Saia e *não haja último!*" (O leitor já deve ter entendido porque, se houvesse o *último*, era como se não houvesse mais imediatamente).^[16] Pela mesma razão, as autoridades não se arrependeram muito se, por exemplo, uma transferência de inverno de Karabás para Spassk - 200 homens - congelou no caminho, os sobreviventes lotaram todos os quartos e corredores da enfermaria, apodreceram em vida com um fedor insuportável e o Dr. Kolsnikov amputou dezenas de braços, pernas e narizes.^[17] O sigilo era tão seguro que o famoso líder do regime de Spassk, o capitão Vorobiov, e seus capangas "puniram" uma dançarina húngara na prisão, depois com algemas, e a estupraram algemada.

O esquema foi projetado para entrar em detalhes meticulosos. Por exemplo, era proibido ter qualquer fotografia, não só sua (fuga!) Mas também de familiares . Eles os levaram e os destruíram. A superiora do quartel feminino de Spassk, uma mulher mais velha, uma professora, colocou um retrato de Tchaikovsky em sua mesinha, o diretor confiscou-o e deu-lhe três dias de prisão. "Mas é o retrato de Tchaikovsky!" "Não sei quem é, mas as mulheres da área não querem retratos de homens." Em Kenguir era permitido receber sêmola nas embalagens (por que não recebê-la?), Mas ao mesmo tempo era estritamente proibido cozinhá-la, e se um preso as estivesse compondo em algum lugar sobre dois tijolos, o carcereiro virava a tigela com o pé e obrigou o culpado a apagar o fogo com as mãos. (É verdade que depois construíram um pequeno galpão de cozinha, mas

depois de dois meses demoliram a cozinha e alojaram os porcos dos oficiais e o cavalo do comissário Beliáiev).

No entanto, ao introduzir várias novidades no esquema, os proprietários não esqueceram os bons resultados do ITL. No Ozerlag, o capitão Mishin, chefe da *la gpunkt*, amarrou os refratários a um trenó e os arrastou para o trabalho.

Portanto, no geral, o regime era tão satisfatório que os ex- *condenados* originais agora eram mantidos nos campos especiais nas mesmas condições que os outros, nas mesmas áreas, e eram apenas distinguidos por outras letras nos emblemas numéricos. (Bem, exceto que na ausência de quartéis, como em Spassk, eles foram designados como galpões de casas e estábulos).

E assim os Campos Especiais, não oficialmente chamados de “prisão”, tornaram-se seus sucessores e herdeiros, fundindo-se com ele.

Para os Acampamentos Especiais, foi escolhido o trabalho mais árduo da região em que estavam localizados. Como bem assinalou Chekhov: “Na sociedade e em parte na literatura, formou-se a opinião de que a verdadeira prisão, a mais rude e a mais desonrosa, só pode ser nas minas. Se em *Mulheres russas* de Nekrasov o protagonista... tivesse se dedicado a pescar para a prisão ou derrubar árvores, muitos leitores teriam ficado insatisfeitos”. (Só, Anton Pávlovich, por que essa depreciação da extração de madeira? A extração de madeira, nada, está indo bem). As primeiras seções da Steplag, da qual ele começou, eram todas minas de cobre (1ª e 2ª seção: Rudnik, 3ª: Kenguir, 4ª: Dzhezkazgán). Foi perfurado a seco, e a poeira mineral rapidamente causou silicose e tuberculose. ^[18] Os presos afetados foram enviados para morrer no famoso Spassk (não muito longe de Karaganda), o "inválido nacional" dos Campos Especiais.

Spassk até merece uma menção separada.

Para Spassk eles estavam enviando inválidos, inválidos acabados, que eles já haviam desistido de usar em seus campos. Mas incrível! Entrando na área salubre de Spassk, os inválidos de repente se tornaram produtores úteis. Para o coronel Chechev, chefe de toda a Steplag, o campo de concentração de Spassk era um dos favoritos. Chegando aqui de Karaganda de avião, depois de ter limpado as botas na guarita, este homem atarracado e malvado vagou pela área, notando quem ainda não estava trabalhando. Gostava de repetir: «Inválidos, em todos os Spassk só tenho um: faltam as duas pernas. Mas mesmo aquele tem um trabalho fácil: ele é um

mensageiro. " Os de uma perna só eram usados no trabalho sentado: rachar pedras para fazer cascalho, selecionar a lasca. Nem muletas, nem mesmo o uso de um braço só eram obstáculos para trabalhar em Spassk. Foi Chechev quem inventou isso: colocar quatro mutilados (dois com a mão direita e dois com a esquerda) para carregar os corrimãos. Foi no governo de Chechev que se inventou o torneamento da oficina mecânica à mão quando não havia energia. Foi para Chéchev que gostou de ter "seu professor" e autorizou o biofísico Chizhevski a cavalgar em Spassk um *laboratório* (com mesas vazias). Mas quando Chizhevski, com os materiais de sucata mais recentes, desenvolveu uma máscara de silicose para os mineiros de Dzhezkazgan, Chechev não deu o sinal verde para a produção. Eles trabalham sem máscaras e não há mais o que falar. Bem, a equipe tem que ser renovada.

No final de 1948, havia cerca de 15.000 presidiários de ambos os sexos em Spassk. Era uma área imensa, sua paliçada subia colinas e descia ravinas, e os mirantes nos cantos não se viam. Aos poucos foram sendo realizados trabalhos de autofinamento: os presos construíram muros internos e isolaram a área feminina, a área de trabalho, a área puramente desabilitada (portanto, era mais incômodo para a comunicação entre as presidiárias e mais confortável para os patrões). Seis mil pessoas foram trabalhar em um píer a 12 quilômetros de distância. Como ainda eram inválidos, demoraram mais de duas horas para chegar lá e mais de duas horas para voltar. A isso deve ser *adicionado* um dia de 11 horas. (Poucos permaneceram nesse trabalho por mais de dois meses). O próximo trabalho importante foram as pedreiras, elas foram encontradas nas próprias áreas (seus próprios minerais na ilha!), Tanto de homem como de mulher. Na área dos homens, a pedreira ficava em uma colina. Ali, depois de horas de trabalho, sopravam a pedra com dinamite e, durante o dia, os inválidos quebravam as pedras com martelos. Na área das mulheres não usaram dinamite, cavaram até a camada pontiaguda e quebraram a pedra com grandes martelos. Seus martelos, é claro, saltavam das alças e os novos se quebravam e, para caberem, precisavam ser enviados para outra área. Apesar de tudo, a *norma* era exigida de cada mulher : 0,9 metro cúbico por dia, e como não podiam cumpri-la, passaram muito tempo em uma razão disciplinar - 400 gramas - até que os homens as ensinaram a passar, antes desde a entrega, a pedra das pilhas velhas às novas. Lembremos que todo esse trabalho foi realizado não só por inválidos e não só sem máquina, mas

também no rigoroso inverno da estepe (até 30-35 ° abaixo de zero com vestiscas) e também *com roupas de verão*, pois as *não trabalhadores* (isto é, inválidos) não recebem roupas quentes para o inverno. Pr lembra como nessas geadas, quase nus, eles labutam sobre uma pedra com um grande martelo. A utilidade desse trabalho para a Nação ficará especialmente evidente se acrescentarmos que a pedra da pedreira das mulheres, por algum motivo, foi declarada inútil para a construção, e um dia um certo chefe ou ordenou que as mulheres jogassem novamente toda a pedreira na pedreira. a pedra que extraíram em um ano, cobriram com terra e plantaram um parque (até o parque, claro, a coisa não chegou). Na área dos homens, a pedra estava boa, e seu transporte até o canteiro de obras era feito assim: após a chamada toda a coluna (cerca de oito mil de uma vez, todos os que ainda estavam vivos naquele dia) era levada para a montanha, e eles foram autorizados a voltar apenas com pedras. Num feriado esta caminhada para inválidos foi organizada duas vezes: de manhã e à tarde.

Depois vieram os seguintes empregos: autootapiado; construção de uma cidade para concentradores e acompanhantes (casas, clube, banheiro, escola); Eu trabalho nos campos e pomares.

O que foi recolhido nesses jardins também era gratuito; os internos recebiam apenas folhas de beterraba: traziam em caminhões, despejavam em pilhas perto da cozinha, onde ficavam molhadas, apodreciam e de lá as cozinheiras levavam com buracos para os caldeirões. (Não te lembrás um pouco da alimentação do gado doméstico ...?) Com estas folhas cozinhava-se a *balanda* diária, à qual se acrescentava uma colher de polenta por dia. Cena agrícola em Spassk: cerca de cinquenta prisioneiros, concordam , todos se jogaram em um daqueles pomares, caíram e roeram as verduras dos canteiros. O guarda veio correndo, bate neles com paus, eles continuam mentindo e roendo.

Pão, deram 550 aos não trabalhadores com deficiência, 650 aos trabalhadores .

Spassk também não sabia dos remédios (onde conseguir para esse bando! E eles vão dar a mesma coisa), nem da roupa de cama. Em alguns quartéis, as *vagonkas* se reuniam e, nas placas emparelhadas, não duas, mas quatro, bem embaladas.

Sim, outro trabalho! Todos os dias, 110-120 homens saíam para cavar sepulturas. Dois "Studebakers" carregavam os cadáveres em treliças com braços e pernas de fora. Mesmo nos melhores meses, no verão de 1949,

morriam cerca de 60-70 pessoas por dia e, no inverno, não eram menos de cem (os estonianos que trabalhavam no depósito são contados).

(Em outros Acampamentos Especiais não havia tal mortalidade, e eles se alimentavam melhor, mas o trabalho também era mais difícil, não eram inválidos, isso vai ser balanceado pelo próprio leitor).

Tudo isso aconteceu em 1949 (1949), trinta e dois anos após a revolução de outubro, quatro anos após o fim da guerra e suas severas demandas, três anos após a conclusão do processo Nürenberg, quando toda a humanidade soube dos horrores dos campos de concentração nazistas e deu um suspiro de alívio: "Isso não se repetirá ...!"^[19]

Se a todo este regime acrescentarmos ainda que com a transferência para um Campo Especial praticamente todo o contacto com o exterior é interrompido, com a esposa, que te esperava e com as tuas cartas, com os filhos, de quem te tornaste um mito (Duas cartas por ano, mas não saíam nem essas, em que você tinha colocado o melhor e as principais coisas acumuladas em meses). Quem vai verificar os censitários, colaboradores do MGB? Muitas vezes, economizavam trabalho: queimavam parte das cartas, para não se dar ao trabalho de verificá-las. E o fato de sua carta não ter chegado, você sempre pode culpar o correio. Em Spassk, uma vez, detentos foram chamados para consertar o fogão na censura, e lá descobriram centenas de cartas não enviadas, mas ainda a serem queimadas: os recenseadores esqueceram de incendiá-las. Como era o clima nos Campos Especiais: os fumantes, além disso, tinham medo de contar aos amigos! Porque os Emegebistas podiam dar-lhes um exemplo ... (Estes recenseadores do MGB, que para seu conforto queimaram as *almas* dos prisioneiros, eram mais humanos do que aqueles SS que recolhiam a pele e o cabelo dos mortos?) E já visitas de familiares Nos Campos Especiais não havia menção a isso: a direção do campo estava em código e ninguém tinha permissão para vir.

Ainda que acrescentemos que a questão de Hemingway, *tendo* ou *não tendo*, angustiado como surgiu em campos especiais, desde o dia de sua criação foi solidamente resolvida no sentido de *não ter*. Não ter dinheiro nem receber salário (na ITL você ainda podia ganhar uns centavos, aqui não é uma cadela). Não ter sapatos ou roupas sobressalentes, nada para vestir por baixo da roupa de trabalho, nada para trocar, abrigo, secar. A roupa

íntima (e que roupa íntima! Duvido que os mendigos de Hemingway concordassem em vesti-la) eram trocadas duas vezes por mês, as agasalhos e calçados duas vezes por ano: o dia estava mais claro. (Não nos primeiros dias do acampamento, mas depois, inventaram o slogan para sempre, até o dia da "soltura", e era considerado um crime grave não entregar ali nenhuma de suas vestimentas: era preparação para a fuga, masmorra, em processamento). Não ter mantimentos na mesinha de cabeceira (mas fazer fila pela manhã no armazém para entregá-los, à noite para buscá-los: outro bom sistema para ocupar as meias horas da manhã e da noite ainda livres para a mente). Não ter nada escrito à mão, não ter tinta, ou tinta ou lápis de cor, não ter papel branco em maior quantidade que um caderno escolar. No final, também não tendo livros. (Em Spassk retiraram seus próprios livros ao entrar no campo. No nosso, o primeiro permitiu que tivéssemos um ou dois, mas um dia saiu uma ordem muito sábia: inscrevam todos os seus próprios livros na Seção Educacional-Cultural, coloque na primeira folha: « Steplag. Lagpunkt No. »... Todos os livros não lacrados serão doravante confiscados como ilegais; em vez disso, os livros lacrados serão considerados da biblioteca e não pertencerão mais ao seu proprietário).

Se lembrarmos também que nos Campos Especiais as buscas eram feitas com mais insistência e frequência do que nos ITLs (busca diária meticulosa na saída e na entrada; buscas sistemáticas nos quartéis, levantamento do chão, rasgamento das grades dos fogões, quebra o piso de parquet das varandas e, no topo, registros tipo prisão, de despir, apalpar, descosturar forros, solas). Com o tempo, eles começaram a cortar toda a grama da área, até a última lâmina ("para não esconder armas na grama"). Que os dias de folga eram ocupados com trabalhos domésticos na região.

Levando tudo isso em consideração, não surpreenderá mais ninguém que carregar *números* não seja de forma alguma a maneira mais sensível ou dolorosa de humilhar o detido. Quando Ivan Denisovich diz que "os números não pesam", não é de forma alguma uma perda do senso de dignidade (como censuravam os críticos orgulhosos, que eles próprios nunca carregaram números, nem morreram de fome), é simplesmente bom senso. Os números não eram para nós um aborrecimento psicológico ou moral (como calcularam os mestres do GULAG), mas um aborrecimento prático: que sob pena de masmorra alguém teria de passar o tempo costurando uma borda rasgada, tendo as figuras repintadas pelos pintores, e

trapos destruídos na obra, troque-os inteiros, retire de um lugar ou novas peças.

Para quem os números foram de fato a mais diabólica das ocorrências aqui, foi para os prosélitos intransigentes de algumas seitas. Havia mulheres em um grupo de concentração de mulheres perto da estação Suslovo (Kamy shlag), em geral, presas pela fé eram uma em cada três. É predito diretamente pelo Apocalipse:

13, 16: ... e tinha ... uma marca (em reformulação) impressa em sua mão direita e na testa.

E essas mulheres se recusaram a usar números! O selo de Satanás! Eles também não consentiram em dar sua assinatura (também a Satanás) para o uniforme oficial. A administração do campo (chefe da seção, General Grigoriev, chefe do *lagpunkt*, Major Bogush) mostrou a firmeza necessária: ordenou que essas mulheres se *despisessem* até que estivessem *combinadas*, *para tirá-las* dos sapatos (eram todas guardas do konsomol), para que o inverno ajudasse forçar os fanáticos tolos a aceitar o uniforme oficial e costurar os números. Mas mesmo na geada, as mulheres andavam pela área descalças e combinadas, em vez de entregar suas almas a Satanás!

E diante desse espírito (claro, reacionário, nós educamos gente, não íamos colocar tantos erros, no total, usar alguns números!), A administração se rendeu, devolveu as roupas aos crentes, e eles vestiram sem números ! (Helena Ivanovna Usova passou os 10 anos inteiros assim com suas próprias roupas, suas roupas gastaram , caíram de seus ombros, mas a administração não podia dar a ela nada oficial sem um recibo!)

Outro incômodo com os números era que, por serem tão grandes, eram facilmente lidos pela escolta. A escolta sempre nos via à distância, a exata para apontar a submetralhadora e atirar, é claro que não conheciam nenhum de nós pelo tiro e, vestidos iguais, não nos distinguiam senão pelos números. Assim, em vez disso, notaram quem estava conversando na coluna, ou passou de fileira em fileira, ou não trouxe as mãos de volta, ou pegou algo do chão; e bastou com um relatório do chefe da escolta ao campo para que o culpado aguardasse a masmorra.

A escolta foi mais uma das forças que espremeu o pássaro da nossa vida até se tornar um bago. Essas "dragonas vermelhas", soldados regulares, essas criancinhas com metralhadoras eram ainda uma força obtusa, que não raciocinava, que nada sabia de nós, que nunca aceitava explicações.

Nada poderia vir de nós para eles, deles para nós gritos, cães latindo, sons de raios e balas. E eles estavam sempre certos, nunca nós.

Em Ekibastuz, na linha férrea, onde não há área, mas um cordão, um prisioneiro, dentro da linha autorizada, deu alguns passos para tirar o pão da jaqueta que havia jogado, mas a escolta ergueu a arma e o matou. E, claro, ele estava certo. E ele só poderia receber agradecimentos. E é claro que ele não se arrepende nem agora. Quanto a nós, não expressamos indignação. E, claro, não escrevemos a ninguém (e eles também não teriam denunciado a nossa reclamação).

Em 19 de janeiro de 1951, nossa coluna de quinhentos homens se aproximou de seu alvo, as oficinas de conserto de automóveis. De um lado ficava a área e não havia mais soldados. Eles estavam prestes a nos deixar passar pelo portão. De repente, o recluso Maloy - na verdade um jovem alto e atarracado - ^[gp] para nenhuma razão, ele rompeu com a coluna, e, como se cuidadosamente, ele se dirigiu ao chefe da escolta. Ele deu a impressão de que não estava em seu juízo perfeito, que não entendia o que estava fazendo. Ele não ergueu a mão, não fez um único gesto ameaçador, apenas foi lá pensativamente. O chefe da escolta, um oficial presunçoso e feio, se assustou e correu para trás, fugindo de Maloy, gritando alguma coisa e não conseguindo sacar a arma. Contra Maloy se destacou, rapidamente um sargento com uma submetralhadora, e a vários passos de distância, disparou um tiro no peito e na barriga, também recuando lentamente. E Maloy, antes de cair, ainda continuou seu movimento vagaroso por alguns passos, enquanto de suas costas, atrás das balas invisíveis, pedaços visíveis de algodão saíam da jaqueta. Mas embora Maloy tenha caído e nós, o resto da coluna, não tivéssemos nos movido, o chefe da escolta estava tão assustado que gritou para seus soldados, dando a ordem de atirar, e de todos os lados as metralhadoras chocalharam, disparando um pouco. Acima de nossas cabeças soou uma metralhadora, colocada em posição avançada, e muitas vezes, cada uma mais histérica, gritaram para nós: «Ponha-se no chão! Para a terra! Para a terra!» E as balas foram cada vez mais baixas, até o arame farpado na área. Nós, meio mil, não nos atiramos sobre os soldados, não os desarmamos, mas todos caímos no chão, e ali, nossos rostos na neve, em uma postura vergonhosa e indefesa, nesta manhã de epifania passamos mais de um quarto de horas jazendo como ovelhas; Não teria custado nada matar a todos nós, e eles não teriam respondido de forma alguma: tentativa de motim!

É assim que éramos escravos reprimidos lamentáveis no primeiro e segundo anos dos Campos Especiais, e sobre esse período já foi dito o suficiente em *Ivan Denisovich*.

Como foi isso Por que muitos milhares desse gado, Cinquenta e Oito, mas afinal, Deus , *prisioneiros políticos* - mas agora, uma vez separados, uma vez segregados, uma vez reunidos, eles poderiam ser políticos? Eles se comportaram tão mal? Tão submissa?

A verdade é que esses campos não poderiam *começar de* outra maneira. Tanto os oprimidos quanto os opressores vieram dos campos da ITL, e ambos tinham décadas de tradição de senhores e escravos por trás deles. O modo de vida e o modo de raciocinar moviam-se junto com as pessoas, alimentavam-nas e mantinham-se umas nas outras, pois chegavam por centenas do mesmo setor de concentração. Trouxeram ao seu destino a convicção, que instilaram em todos nós, de que no mundo da concentração o homem é para o homem um rato e um canibal, e não pode ser diferente. Eles trouxeram um interesse exclusivamente em sua própria sorte e um completo desprezo pela sorte comum. Eles vieram prontos para uma luta implacável para assumir as chefias de equipe, com as posições privilegiadas na cozinha, na máquina de cortar pão, nos slogans, na administração e na Seção Educacional-Cultural.

Mas quando um homem isolado vai para um novo destino, em seus cálculos para *se localizar* ali, ele só pode contar com o acaso e com sua própria falta de escrúpulos. Por outro lado, quando em uma longa viagem transportam duas a três quatro semanas no mesmo vagão, lavam nos mesmos trânsitos, conduzem nas mesmas fileiras homens que já colidiram de frente, que já tiveram oportunidade de apreciar alguns em outras, o punho do chefe de equipe, e a arte de fazer o chumbo aos superiores, e de levar a mordida pelas costas, e a de sisar *desviando* os trabalhadores - quando estes se transferem para um já organizado *novelo* de tampões -, O lógico não é que se entreguem a meditações libertárias, mas sim que passam por unanimidade o bastão da escravidão, que concordam em como vão conquistar as posições-chave no novo campo, separando os plugados de outros campos. Quanto aos trabalhadores comuns, eles concordam em como tentarão, no novo local, formar uma boa equipe e cair sob o comando de um mau chefe .

E todos esses homens se esqueceram irremediavelmente não só de que cada um deles é uma pessoa, e carrega em si a chama de Deus, e é capaz de

um destino superior, mas até esqueceram que as costas também podem ser desdobradas, que a simples liberdade é um direito do homem tanto quanto o ar, que todos eles são chamados de *presos políticos*, e agora eles vão ficar juntos.

É verdade que havia alguns bandidos, apesar de tudo, entre eles: desesperados por não conseguir impedir a fuga de seus favoritos (o artigo 82 do CP permitia escapar apenas até dois anos, quando os ladrões já tinham dezenas e Centenas acrescentaram, por que não fugiriam , se ninguém os impedisse?) As autoridades decidiram entregar-lhes a evasão 58-14, ou seja, sabotagem econômica.

Desses bandidos, muito poucos foram para os Campos Especiais, um punhado a cada transferência, mas, de acordo com seu código, o suficiente para se comportar de maneira insolente, desavergonhada, andando por aí como comandantes com porretes (como aqueles dois azerbaijanos de Spassk, esfaqueados depois) e Ajude os plugados a levantar nas novas ilhas do Arquipélago sempre a mesma bandeira negra dos submissos e covardes campos da morte para trabalhar.

O campo de Ekibastuz foi criado um ano antes de nossa chegada, em 1949, e tudo aqui tinha a forma acima, como as mentes dos presidiários e das autoridades haviam mencionado. Havia um comandante, um subcomandante e superiores de quartel, que com punhos, que denunciando, saqueavam seus súditos. Havia um barracão separado para serem plugados, onde nos beliches e com uma xícara de chá decidiam amigavelmente sobre o destino de todas as obras e equipamentos. Havia (graças ao arranjo especial dos quartéis finlandeses) *cabines* separadas em cada quartel, ocupando, por ordem de classificação, um ou dois reclusos privilegiados. E os trabalhadores em casa batiam nas costas, os chefes de equipe davam socos, os enfermeiros chicoteavam. E havia dois cozinheiros descarados e gordinhos . E todos os slogans foram entregues a ele pelos orgulhosos caucasianos. E as posições de gerente foram conquistadas por um grupo de canalhas, todos listados como engenheiros. E, a partir de um ano atrás com as barracas de c ampaña, o campo já tinha sua prisão de pedra, embora ainda inacabada e, portanto, muito sobrecarregada: com a ordem já emitida, você teve que esperar sua vez de chegar à prisão por um mês e dois - Pura ilegalidade! Volte para a masmorra! - (caí na masmorra , e no final não era a minha vez).

É verdade que, durante aquele ano, os bandidos já haviam murchado um pouco (antes, as *sukas*, já que não desprezavam os trabalhos de concentração). De alguma forma, eles já haviam percebido que não tinham tamanho : não havia jovens delinquentes, novos recrutas, ninguém corria por aí. Algo estava errado com eles. O comandante Maguerán, quando o chefe do regime o apresentou ao campo, ainda tentava olhar com bravura taciturna; mas a insegurança já o havia dominado , e logo sua estrela cairia ignominiosamente.

Nosso grupo, como qualquer outro que chegou, já foi atacado no primeiro banheiro da recepção. Os banhistas, os barbeiros e os encarregados das tarefas eram todos sabidos e todos caíam no mesmo em quem tentasse, ainda que timidamente, protestar contra a roupa de baixo rasgada, ou a água fria, ou como era feita a desinfecção. Era o que esperavam e atacaram em matilhas, como cachorros, propositalmente, gritando bem alto: “Este não é o trânsito de Kuibychev!” E enfiando os punhos grossos sob o nariz. (É psicologicamente muito correto. Um homem nu é dez vezes mais indefeso contra outras roupas. E se um novo partido levar um bom susto no primeiro banho, já estará mortificado por toda a sua permanência no campo).

Esse mesmo aluno Volodia Gershuni, que planejava, no campo, orientar-se para ver "com quem sair", foi colocado desde o primeiro dia para reforçar o campo: cavar um buraco para um poste. Ele estava fraco e não conseguia lidar com a norma. Subfurriel Baturin, um *suka*, que também estava se acalmando, mas ainda não completamente apaziguado, chamou-o de *pirata* e o atingiu no rosto. Gershuni largou a picareta e se afastou do buraco. Ele foi até o quartel-general e declarou: "tranque-me, não vou mais trabalhar enquanto seus piratas batem nas pessoas" (a coisa do "pirata" o incomodava principalmente, por falta de hábito). Não se recusaram a trancafiá-lo, ele ficou 18 dias preso em dois lotes (é feito assim: primeiro eles escrevem 5 ou 10 dias, depois no final não o largam, esperam que o preso comece a protestar e a insultar; é aí que o *colocam* "Legalmente" uma nova sentença de prisão). Depois de estar na prisão, deram-lhe, por aborrecimento, dois meses de BUR: ou seja, para continuar na mesma prisão, mas comer pão quente como trabalhava e ir para a fábrica de cal. Vendo que afundava cada vez mais, Gershuni agora tentava se salvar através da Seção Sanitária, ainda não conhecia sua gerente Madame Dubínskaya. Ele supôs que deixaria seus pés chatos e se isentaria das longas marchas até a fábrica de cal. Mas eles se recusaram a levá-lo para a Seção

de Saúde: o BUR em Ekibastuz não precisava de uma consulta médica. Para chegar lá apesar de tudo, Gershuni, depois de ouvir muitas versões de como protestar, na hora da formação ficou de cueca no palanque. Os guardas "Polundra" (um ex-marinheiro um tanto tocado) e Konéntsov tiraram-no pelos pés da plataforma e como ele estava, de cueca, arrastaram-no para se formar. Eles o arrastavam e ele se segurava em algumas pedras que ali estavam, preparadas para o trabalho, para se conter. Gershuni já estava feliz com a fábrica e apenas gritou "Deixa eu colocar minhas calças!" Mas eles continuaram o arrastando. No corpo da guarda, segurando toda a formação de quatro mil homens, esse garoto fraco gritava: 'Gestapo! Fascistas!' "E ele debateu, ele não se deixaria ser algemado. Mas Polundra e Konéntsov conseguiram abaixar sua cabeça no chão, colocar as algemas nele e agora o empurram para frente. Nem eles, nem o chefe do regime, tenente Machekhovsky, tinham vergonha, quem tinha vergonha era o próprio Gershuni: como ele ia atravessar a cidade inteira de cueca. E ele se recusou a andar! Próximo a ele estava uma escolta de casinha de cachorro chatillo. Ficou gravado na memória de Volodya como ele murmurou baixinho: "Cara, não se preocupe, entre na coluna. Você vai se sentar perto do fogo, como vai trabalhar? » E ele estava agarrado com força ao seu cachorro, que estava saindo do controle para alcançar a garganta de Volódia, ele estava vendo que aquele jovem resistia às dragonas azuis! Tiraram Volodya da formação e o trouxeram de volta ao BUR. As mãos algemadas atrás de suas costas doíam cada vez mais, e o auxiliar cazaque o segurou pelo pescoço e deu-lhe uma joelhada na boca do estômago. Aí jogaram no chão, e alguém disse em tom profissional: "Enfia de tal maneira que ...!" Eles começaram a espancá-lo com as botas, também acertando-o nas têmporas, até que desmaiou. Dois dias depois, eles o convocaram ao comissário e entraram com uma ação contra ele por intenções *terroristas*: é claro que, enquanto o arrastavam, ele segurava as pedras! Para que?

Em outra formação o Tverdojleb também resistia a andar, tinha até declarado greve de fome, não vou trabalhar para Satanás! Desconsiderando sua fome e sua greve, também o arrastaram à força, apenas de um quartel normal, e Tverdojleb conseguiu quebrar vidros. O vidro quebrado ecoou bem alto para baixo da *linha*, com tristeza que acompanha a contagem dos revendedores de tarefas e enfermeiros.

Acompanhando o tom chato e uniforme dos nossos dias, semanas, meses, anos.

E nenhum alívio foi antecipado. Nenhum alívio foi previsto no plano MVD quando esses campos foram criados.

Nós, um quarto de cem estreantes, a maioria ucranianos ocidentais, reunimo- nos na mesma equipa e conseguimos convencer os entregadores a ter o mesmo Pável Boroniuk como chefe de equipa ou um de nós . Nossa equipe revelou-se dócil, trabalhadora (os ucranianos ocidentais, que tinham acabado de chegar da terra, ainda não tinham sido coletivizados, não precisávamos pressioná-los, pelo menos, para retê-los!) Fomos trabalhadores por alguns dias, mas logo descobrimos outros mestres pedreiros eles se comprometeram a aprender, então nos tornamos uma equipe de pedreiros. Éramos bons nisso. Os patrões perceberam e nos tiraram do trabalho - construir casas para gente livre - eles nos deixaram na área. Eles mostraram ao líder da equipe a pilha de pedras em frente ao BUR, as mesmas que Gershuni estava segurando, eles prometeram que trariam pedras da pedreira sem interrupção. E explicaram que no BUR havia apenas meio BUR, que agora tínhamos que somar outra metade igual, e que nossa equipe faria isso.

Então, para nossa vergonha, começamos a construir uma prisão para nós mesmos.

Foi um outono longo e seco, em todo o mês de setembro e em meados de outubro nem uma gota de chuva caía. De manhã era calmo, aí o vento aumentava, por volta do meio-dia aumentava, à noite voltava a acalmar. Às vezes esse vento soprava o tempo todo, penetrando, comovente, e nos fazia sentir com especial intensidade essa estepe plana de partir o coração que se abria até nós desde os andaimes do BUR: nem a cidade com os primeiros edifícios da fábrica, nem os quartéis A escolta militar, e menos ainda nossa área ainda de arame farpado, nos cobriu o ilimitado, o infinito, a planície total e o desespero dessa estepe, por onde apenas a primeira fileira de postes telefônicos mal despídos marchava para o Nordeste, em direção a Paviodar. Às vezes o vento ficava violento de repente, em uma hora trazia frio da Sibéria, nos obrigava a vestir as jaquetas e também nos acertava no rosto com areia grossa e pedrinhas que varria a estepe. Pois bem, que remédio, teremos de repetir a poesia que escrevi então, na obra do BUR.

O PEDREIRO

*Eu sou pedreiro. Como naquela poesia,
Eu sou de pedra branca levantando uma prisão.
Mas ao meu redor não é como eu disse:*

*Lá em cima, observe um falcão
e só o vento vem da estepe
em vez de, como lá, a voz do transeunte
Eu queria saber: você constrói, para quem?
Eles já têm armas, cachorros, o arame,
parece pouco para eles, eles também devem fazer
sua prisão na prisão, ao quadrado ...
Eu tenho um apartamento. Funciona bem
e o trabalho me absorve completamente.
O comandante estava lá, algo estava errado
e prometeu nos trancar primeiro.
Se ao menos fosse isso! A conversa, total,
o vento leva, mais seguro
que entre outros nomes, eu também acho,
que há uma mancha no meu arquivo
que devo ter uma dica pendente ...
Eles cantam em coro espátulas e martelos,
as paredes crescem de acordo com o plano.
Nós brincamos, jogando um cigarro
Eles nos darão um suplemento de mingau e pão;
mas entre o andaime as seteiras abrem
de células onde logo outras sofrerão.
Se seu único link é a estrada,
e o tópico recém-instalado!
Meu Deus, que covardes nós somos!
Meu Deus , que humilhação!*

Sim, humilhação! Não só porque, temendo as ameaças do Major Maximenko, colocamos as pedras entrelaçadas e o cimento preciso, para que os futuros prisioneiros não pudessem destruir facilmente esta parede. Mas porque de fato , embora não cumpramos nem cem por cento com a norma, a equipe que construiu a prisão recebeu *suplementos suplementares*, e nós não os jogamos na cara do homem mais velho, mas os comemos. E nosso colega Volodya Gershuni foi confinado na ala de prontidão do BUR. E Iván Spasski, sem nenhum crime, por causa de alguma cruzinha desconhecida que teria no arquivo, já estava na *regimka*. E de nós mesmos, mais de um conheceria dentro desse mesmo BUR, essas mesmas células

que com tanto cuidado , tão seguras que construímos. E durante o trabalho em si, à medida que rapidamente manuseamos nossa argamassa e pedras, disparos de repente ecoaram na estepe. Logo uma van da celul ar se aproximou da guarita de campo, perto de nós (as verdadeiras, como nas cidades, faziam parte da equipe da unidade de escolta, só que em seus flancos não pintavam para os pares. Beba champanhe soviético '). Eles retiraram quatro da van, espancados até a morte, ensanguentados; dois estavam tropeçando, um estava sendo arrastado; apenas o primeiro, Ivan Vorobiov, caminhava ereto e desafiador.

Então, eles conduziram os fugitivos sob nossos pés, sob nosso andaime, e os colocaram na asa pronta do BUR.

E nós, colocando pedras ...

Uma evasão ! Que coragem temerária! Sem roupas comuns, sem comida, de mãos vazias, atravessasse a área sob fogo e escape, escape para a estepe aberta, nua, seca e sem fim! Não foi nem uma tentativa, foi uma forma orgulhosa de suicídio. E tudo isso foi a resistência dos mais fortes e corajosos de nós!

E nós ... colocando pedras.

E comentando. Já era o segundo vazamento em um mês. O primeiro também falhou, mas aquele era bobo. Vasili Briujin (apelidado de "Blücher"), o engenheiro Mutianov e outro, um ex-oficial polonês, cavaram um buraco de um metro cúbico sob o navio em que trabalhavam nas oficinas de máquinas, entraram com um suprimento de alimentos e coberto. Eles ingenuamente calcularam que à noite, como de costume, retirariam a vigilância da zona de trabalho e sairiam e partiriam. Mas faltavam três para a contagem e a cerca ao redor estava completa, então eles deixaram a vigilância por vários dias. Durante esse tempo, ainda havia gente lá em cima, até trouxeram um cachorro, e as pessoas do esconderijo traziam uma bola de algodão com gasolina até a abertura, para tirar o cheiro do cachorro. Ficaram três dias sentados sem falar, sem se mexer, com os braços e as pernas entrelaçados, amontoados , porque eram três num metro cúbico, no final não resistiram e foram embora.

As equipes chegam na área e contam como o grupo de Vorobiov escapou: invadiram a área com um caminhão.

Outra semana. Colocamos pedras. A segunda ala do BUR já é muito clara : aqui vão ter celas bonitas, aqui celas individuais, aqui portinhas, já arrumamos muita pedra em um pequeno espaço, mas eles seguem e vão

trazendo da pedreira: não custa dinheiro, as mãos não servem para nada aqui e ali, só o cimento é do Estado.

Uma semana se passa, tempo suficiente para quatro mil presos entenderem que escapar é uma loucura, que não dá nada. E outro dia, igualmente ensolarado, de novo som de tiros na estepe: uma fuga !!! Se parecer uma epidemia: ponha de novo o camião da escolta e traga dois (o terceiro morreu ali mesmo). Esses dois - Batanov e um pequenino, jovem - são carregados, ensanguentados, à nossa frente, sob nosso andaime, até a asa já construída, onde são colados novamente, jogados despidos no chão de pedra e não alimentados ou alimentados. de beber. Como você se sente, escravo, olhando para isso, arrasado e orgulhoso? É realmente apenas a alegria covarde de que eles não me pegaram, não me bateram, não me condenaram?

"Rápido, você tem que terminar a ala esquerda rápido!", Grita o corpulento major Maximenko.

Nós construímos. À noite, eles vão nos dar um suplemento de mingau.

O capitão Burkovski carrega morteiro. Tudo o que se constrói, tudo é para o bem do país.

À noite contam: Batánov também fugiu desde o início com um caminhão. Eles batem nas rodas.

Mas agora vocês compreenderam, escravos, que fugir é suicídio, que ninguém se afastará mais de um quilômetro, que seu destino é trabalhar e morrer ?!

Não se passaram cinco dias e ninguém ouviu disparos de arma de fogo, mas como se todo o céu fosse feito de folha de metal e tivesse sido atingido por um enorme malho, esta é a novidade: vazamento !! Novamente um vazamento !!! E desta vez com sucesso!

A fuga no domingo, 17 de setembro, foi realizada de forma tão limpa que a contagem da noite passa sem problemas e os guardas ficam com a conta. Só na manhã do dia 18 algo começa a faltar a eles, eles rompem a formação e montam uma recontagem geral . Várias contagens globais na linha, depois contagens de barracas, depois contagens de equipes, depois uma lista de chamada para fichas, esses cães só sabem *contar* dinheiro na hora de coletar. Cada vez que obtêm um resultado diferente! Até agora não sabem: *quantos* fugiram? *Quem* exatamente? Quando? Onde? Com o quê?

A noite de segunda está chegando, eles não nos dão o almoço (eles também trouxeram os cozinheiros da cozinha para a fila, para contá-los!),

Mas nós não pesamos nada, como estamos contentes! Qualquer fuga com sorte será um pesar para vocês e uma alegria para nós, senhores cães! Bem, nós escapamos! (E, olhando nos olhos dos chefes, todos nós pensamos secretamente: Espero que eles não os entendam! Espero que eles não os entendam!)

Além disso, eles não nos levam para trabalhar, e segunda-feira acontece para nós como um segundo dia de folga. (Ufa que os meninos foram não *atirou* no sábado! Levou em conta a chafarnos não aos domingos!)

Mas quem são eles? Quem são eles?

Na segunda-feira à noite, a notícia se espalhou: era Georgi Tenno com Kolka Zhdanok.

Continuamos subindo pelas paredes da prisão. Já colocamos as vergas das portas, já fechamos as janelinhas de cima, já estamos deixando os buracos para as vigas.

Três dias desde a fuga. Sete. Dez. Quinze.

Sem novidades!

Eles escaparam !!

IV

Por que saímos?

Entre meus leitores, há um historiador marxista instruído. Depois de folhear sua poltrona macia até esta passagem, sobre como construímos o BUR, ele tira os óculos e bate no livro com algo plano, como uma régua, e acena com a cabeça:

-Isso Isso. Eu acredito nisso Mas isso de um vento de revolução, vamos! Você não poderia ter revolução nenhuma, porque para isso você precisa de condições históricas . Por outro lado, você vê: eles reuniram alguns milhares dos chamados "políticos", e o quê? Privado de aparência humana, de dignidade, de família, de liberdade, de roupa, de comida, tu o quê? Como não te levantaste?

"Acabamos de ganhar a razão." Por exemplo, estávamos construindo uma prisão.

-Isso está bem. É o que você deve fazer! É para o bem das pessoas. É a única solução correta. Mas não se chame de revolucionários, meus amigos! Para a revolução você tem que estar ligado à única classe à frente de ...

"Mas não éramos todos trabalhadores?"

"Isso não importa." É uma objeção factual. O que é chamado de ne-cessi-ty histórica, você sabe?

Cara, eu acho que sim. Sério, acho que sim. Acredito que, se os campos de concentração de muitos milhões de pessoas duram quarenta anos, essa é precisamente uma necessidade histórica. São muitos milhões e muitos anos para poderem explicar por um capricho de Stalin, por algumas intrigas de Beria, pela credulidade e ingenuidade do partido governante, permanentemente iluminado pelos raios da Teoria Avançada. Mas não vou alegar *essa* necessidade ao meu oponente. Ele vai sorrir para mim gentilmente e me dizer que estamos falando de outra coisa, que estou dando voltas.

E ele vê que estou confuso, que realmente não cuido da necessidade histórica, e esclarece:

"Veja como os revolucionários foram e varreram o czarismo com suas vassouras." Muito simples. Mas o que o czar Colasillo teria tentado espremer seus revolucionários dessa maneira? Que ele tentou pendurar números neles! O que foi tentado ...

-É verdade. Ele não tentou. Ele não tentou, e só por isso ele foi sobrevivido por aqueles que tentaram depois dele.

"Mas *eu não pude* tentar!" Não podia!

Talvez também seja verdade: não é que eu não quisesse, não poderia.

De acordo com a interpretação demo-liberal (e muito menos socialista) admitida, toda a história da Rússia é uma sucessão de tiranias. Tirania dos tártaros. Tirania dos príncipes moscovitas. Cinco séculos de despotismo nacional de tipo oriental e escravidão aberta consolidada (nem A sambleas de la Tierra,^[gg] nem camponês "mir",^[gr] nem cossaco ou liberdades camponesas no Norte). Seja Ivan, *o Terrível*, ou Alexis, *o Desonesto*, ou Pedro, *o Cruel*, ou Catarina, *a Aveludada*, até a Guerra da Crimeia, todos os czares só sabiam fazer uma coisa: *esmagar*. Esmague seus assuntos como baratas, como vermes. Confinado na prisão? Bem, eles o marcavam pura e simplesmente em seu corpo, com um ferro de passar, as letras «CK»^[gs] e o acorrentou ao carrinho de mão. O regime subjugou seus súditos, era muito sólido. Revoltas e revoltas eram invariavelmente esmagadas.

Eh eh! Foram esmagados, mas com desconto! Eles se achataram, mas não em nosso sentido técnico. Começando com a guerra napoleônica (na volta da Europa), o primeiro vento soprou na opinião russa. E isso bastou para o czar contar com ela. Por exemplo, os *soldados* que se formaram na praça deembrista,^[gt] Ninguém foi atirado com a corda no pescoço? Ninguém foi baleado? Mas se isso acontecesse *aqui*, alguém estaria vivo? Nem Pushkin nem Lermontov podiam ser enforcados apenas com *dois duros*, era preciso procurar caminhos indiretos. "Onde você estaria em 14 de dezembro em Petersburgo?", Perguntei a Nicholas I a Pushkin. Pushkin respondeu sinceramente: "Na Praça do Senado". E é por isso que ele foi ... liberado para casa! Por outro lado, tendo experimentado na carne própria do trabalho em cadeia judicial, entendemos perfeitamente o que valia a

resposta de Pushkin: a arte. 58, inciso 2.º, insurreição armada, no melhor dos casos de acordo com o art. 19 (intenção), e se não for execução, certamente não será inferior a *dois dólares*. E os Pushkins receberam as sentenças na íntegra, foram para os campos e morreram (Gumiliov nem precisou viajar para o campo, foi despachado no próprio porão).

A Guerra da Crimeia - para a Rússia, a mais sortuda de todas as guerras! - não trouxe apenas a libertação dos servos e as reformas de Alexandre II. Ao mesmo tempo, a maior força, *a opinião pública*, nasceu na Rússia !

Externamente, a prisão siberiana ainda estava infeccionada e até se expandindo; à primeira vista, cadeias de trânsito foram organizadas, *contingentes* foram enviados, tribunais deliberados. Mas o que é isso? Deliberaram-deliberaram, mas Vera Zasúlich, que atirou na cabeça da Polícia urbana (!), Está absolvido ... ??

Sete vezes eles atacaram o próprio Alexandre II (Karakózov; Soloviov; perto de Alexandrovsk; na entrada de Kursk; a bomba Jalturin; a mina de Tetiorka; Grinevitski). Alexandre II, com um olhar assustado, caminhou (aliás, sem escolta) por Petersburgo "como um animal encurralado" (testemunho de Leão Tolstói, ele encontrou o czar na escada de uma casa particular).^[21] E daí? Arruinou e baniu meio Petersburgo, como fizeram depois de Kirov? Nah, isso nunca teria ocorrido a ele. Ele empregou terror profilático em massa? Terror geral, como em 1918? Você fez *reféns*? Nem esses conceitos existiam. Você prendeu *suspeitos*? Não, como eu poderia fazer uma coisa dessas ...?! Ele executou milhares? Eles executaram cinco pessoas. Eles não condenaram, em todo esse tempo, nem mesmo trezentos. (E se houvesse *apenas um* ataque a Stalin, quantos milhões de vidas isso teria nos custado?)

Em 1891, escreve o bolchevique Olminski, ele era *o único prisioneiro político* em toda a *prisão de Kresty*. Transferido para Moscou, ele foi mais uma vez o único no Taganka. Só em Butyrki, antes de viajar para a Sibéria, vários se reuniram...!

A cada ano de ilustração e de literatura livre, o invisível, mas para os czares, crescia a terrível opinião pública, os czares não seguravam mais nem as rédeas nem a crina, e Nicolau II tinha de agarrar-se à garupa e à cauda. .

É verdade que devido à inércia absorvente da dinastia, ela não entendeu as demandas do século e não teve coragem de agir. No século dos aviões e da eletricidade, ele ainda não tinha sentimento público, ainda tinha a Rússia como seu rico e variado domínio, para arrecadar tributos, criar cavalos, mobilizar soldados e lutar de vez em quando com seu irmão-autocrata Hohenzollern. Mas nem ele, nem todos os seus ministros tiveram a decisão de lutar por seu poder. Eles não esmagaram mais, apenas apertaram um pouco e se soltaram. Estavam o tempo todo virando a cabeça e ouvindo: o que dirá a opinião pública? Eles perseguiram os revolucionários apenas o tempo suficiente para que se conhecessem nas prisões, ficassem cegos, criassem um halo para eles. Nós agora, tendo a escala exata para medir as proporções, podemos afirmar sem medo de nos enganar que o governo czarista não perseguiu, mas *mimaram* cuidadosamente os revolucionários, para sua própria perdição. A indecisão, as meias medidas, a fraqueza do governo czarista são muito claros para quem já viveu um sistema judicial *perfeito*.

Vamos rever até a conhecida biografia de Lenin. Na primavera de 1887, seu irmão mais velho foi executado por atentar contra Alexandre III.

[22]

Assim como o irmão de Karakózov: irmão de um regicida. E que? Naquele mesmo ano, no outono, Vladimir Ulyanov ingressou na Universidade Imperial de Kazan e, ainda por cima, na Faculdade de Direito! Não é incrível?

É verdade que nesse mesmo curso, Vladimir Ulyanov foi expulso da Universidade. Mas ele foi expulso por organizar uma assembleia estudantil antigovernamental. Então, o irmão mais novo de um regicídio instigou os alunos à insubordinação? O que eles teriam dado a ele aqui? Sem hesitação, execução! (Os vinte e cinco e os dez já se reuniram!) Em vez disso, ele é expulso da Universidade. Que crueldade! E, além disso, eles o confinam ...

em Sa jalín? [23] Não, para a fazenda de sua família em Kokúshkino, onde ele vai passar o verão de qualquer maneira. Você quer trabalhar, eles te dão a possibilidade de ... derrubar árvores na taiga? Não, para fazer estágio em Samara, participando no caminho, em círculos ilegais. Depois disso, faça um exame gratuito na Universidade de Petersburgo. (E o teste, o quê? O que a seção especial está olhando?)

E eis que, poucos anos depois, esse mesmo jovem revolucionário é preso por fundar na capital o "Sindicato da Luta pela Libertação" - nada

menos! - repetidamente fazendo discursos "subversivos" aos trabalhadores, escrevendo folhetos. Eles o torturaram, o mataram de fome? Não, eles criaram condições ideais para o trabalho intelectual. Na prisão preventiva em Petersburgo, onde passou um ano e onde lhe foram entregues as dezenas de livros que pediu, escreveu a maior parte do *Desenvolvimento do capitalismo na Rússia* e também enviou - legalmente, através do Ministério Público! - o seu *E estudos econômicos* para a revista marxista *Novoye Slovo*. Na prisão deram-lhe almoço pago de acordo com a dieta prescrita, leite, água mineral da farmácia, pacotes três vezes por semana de casa. (Da mesma forma, Trotsky, na fortaleza da SS. Pedro e Paulo, conseguiu colocar por escrito seu primeiro esboço da teoria da revolução permanente).

Mas eles iriam atirar nele mais tarde por condenação pela Troika? Não, eles nem lhe deram prisão, eles o confinaram. Em Iakutia, pelo resto da vida? Não, na região muito fértil de Minús insk, e por três anos. Eles o levaram algemado em uma *carroça zak*? Nem falar! Ele viaja como um passageiro comum, ele ainda está viajando livremente por três dias em Petersburgo, depois também em Moscou, é claro, ele tem que deixar provisões conspiratórias, com ligações futuras, organizar uma reunião dos revolucionários que permaneceram. Ele também está autorizado a viajar para o confinamento por conta própria, ou seja, juntamente com os passageiros livres, sem custódia; Nem uma única prisão de trânsito em toda a viagem à Sibéria, nem, é claro, na viagem de volta, Lênin jamais foi visto. Aí em Krasnoiarsk ele ainda precisa trabalhar alguns meses na biblioteca, para terminar o *Desenvolvimento do Capitalismo*, e este livro, escrito por um presidiário, sai impresso sem nenhuma dificuldade da censura (vamos ver, compare conosco aqui!) Mas por que você mora em uma cidade perdida, se não consegue encontrar um emprego? Bem, ele pediu manutenção ao estado, eles lhe pagam acima de suas necessidades. As condições não poderiam ser criadas mais favoráveis do que Lenin em seu único confinamento. Com o extraordinário preço barato, comida saudável, abundância de carne (um carneiro por semana), leite, vegetais, prazer irrestrito de caça (você está infeliz com seu cachorro, eles planejam seriamente mandar um cachorro de Petersburgo para você, os mosquitos picam você durante a caça, cuida de luvas de pelica) as doenças intestinais e outras da juventude se curaram, engordou rápido. Sem obrigações, trabalho, compromissos, nem mesmo as mulheres de sua família se esforçam: por dois rublos e meio por mês, uma camponesa de 15 anos fazia

todo o trabalho doméstico para eles. Lenin não precisava de renda literária, ele rejeitou as ofertas de Petersburgo para um emprego literário remunerado: ele publicou e escreveu apenas o que poderia lhe dar fama literária.

Ele cumpriu o encarceramento (também poderia ter "fugido" sem a menor dificuldade, por prudência não o fez). Foi renovado automaticamente? Eles o tornaram perpétuo? Ora, teria sido ilegal. Ele tem permissão para residir em Pskov, a única coisa que ele não pode é ir para a capital. Mas ele vai para Riga, para Smolensk. Eles não o seguem. Assim, com seu amigo (Martov), ele leva uma cesta de literatura clandestina para a capital e a leva por meio de Tsársko, ou seja, Seló, onde há um controle particularmente forte (isto é, ele e Martov eram muito espertos). Em Petersburgo, eles o prendem. Certamente, o cesto já não o leva, há uma carta em tinta simpática, não divulgada, a Plekhanov, que contém todo o plano de fundação do *Iskra*; mas os gendarmes não se dão tanto trabalho; eles estão detidos por três semanas e a carta em suas mãos não foi revelada.

E como todo esse abandono ilegal de Pskov termina? Com vinte anos de prisão, como aqui? Não, com essas três semanas de prisão! Depois disso, eles o libertaram completamente, que ele viajasse para a Rússia, para preparar os centros de radiodifusão do *Iskra*, então também no exterior, para organizar a própria edição ("a Polícia não vê inconveniente" em emitir-lhe um passaporte!)

E isso não é tudo! Já desde a emigração ele mandará para a Rússia, para uma enciclopédia (*Granat*), um artigo sobre Marx! E aqui eles vão publicar.^[24] E não foi só isso!

Finalmente, ele realiza atividades subversivas de uma aldeia au striaco na mesma fronteira com a Rússia, e eles não mandam alguns jovens do segredo para roubá-lo e trazê-lo de volta vivo. Quando não custaria nada.

E assim se pode acompanhar a fraqueza e indecisão das perseguições czaristas sobre qualquer um dos principais social-democratas.^[gu] (e sobre Stalin muito especialmente, mas aí temos suspeitas de outro tipo). Por exemplo, Kamenev, em uma busca em Moscou em 1904, teve "correspondência comprometedor" confiscada. No interrogatório, ele se recusa a dar qualquer explicação. E é isso. E eles o confinam ... ao local de residência de seus pais.

Certamente, os social-revolucionários foram perseguidos de forma mais dura. Mas que resistência? Gershuni (preso em 1903) cometeu poucos atos criminosos ? Ou Savinkov (em 1906)? Eles haviam dirigido o assassinato das personalidades mais importantes do império. Mas eles não foram executados. Em seguida, deixaram escapar Maria Spiridónova, que matara o general Lixzhenkovski, o pacificador da revolta camponesa de Tambov: eles também não decidiram executá-la, mas a mandaram para a prisão.^[25] E se aqui em 1921 uma estudante de quinze anos tivesse atirado no destruidor da revolta camponesa (também!) Em Tambov ! Quantos *milhares* de colegiais e intelectuais não teriam atirado em flagrante sem julgamento, na onda de terror vermelho "em retaliação"?

Por um motim na frota (em Sveaborg), tiroteios? Não, confinamento.

E como puniram os alunos (por uma grande manifestação em Petersburgo em 1901), Ivanov-Razúmnik lembra: na prisão de Petersburgo, ela parece uma estudante alegre e merecedora: risos, canto em coro, liberdade de movimento de cela em cela. Ivanov-Razúmnik ainda teve a ousadia de pedir ao chefe do presídio permissão para sair para ver a representação do Teatro Artístico que estava em turnê (perdeu o ingresso!) E foi então condenado a "confinamento", por sua escolha em Simferopol, e estava viajando por toda a Crimeia com uma mochila.

Ariadna Ty rkova escreve na mesma época: "Fomos acusados e o regime não era severo." Os policiais do gendarmes ofereceram-lhes almoços no melhor restaurante, "Dodon". Segundo o incansável pesquisador Búrtsev, "as prisões de Petersburgo eram muito mais humanas do que as europeias".

A Leonid Andreyev, por escrever um apelo aos trabalhadores de Moscou para levantarem uma insurreição armada (!) Para a derrubada (!) Da autocracia ... eles o mantiveram em uma cela por 15 dias ultrajantes! (Eles pareciam poucos para ele, e ele acrescentou: três semanas). Aqui estão algumas anotações de seu diário daqueles dias:^[26]

Célula individual! Bem, não é tão ruim. Eu faço minha cama, trago o banquinho, o abajur, coloco os cigarros, uma pêra ... Lee, eu como a pêra, igual em casa ... é feliz. Apenas feliz. "Senhor! Ei, senhor! "O ordenança chama por ele. Muitos livros. Ingressos de células vizinhas.

No geral, Andreyev reconheceu que, em termos de instalações e alimentos, a vida na cela era melhor do que a que ele levava como

estudante.

Nessa época, Gorky escreveu no bastião de Trubetskoy, *Os Filhos do Sol*.

Os líderes bolcheviques publicaram uma conversa interna bastante flagrante na forma do volume 41 da enciclopédia *Grana t: Builders of the URSS and the October Revolution. Autobiografias e biografias*. Quem o lê fica espantado, comparando com as nossas proporções, como impunemente se dedicaram ao trabalho revolucionário. E, em particular, como eram favoráveis as condições de sua permanência na prisão. Por exemplo, Krasin: "Sua estada no Taganka sempre foi lembrada com carinho. Depois dos primeiros interrogatórios, os gendarmes o deixaram sozinho (e isso? - A. S). e dedicou todo o seu tempo livre no trabalho voluntário ao trabalho mais tenaz: aprendeu a língua alemã, leu todas as obras de Schiller e Goethe em sua versão original, conheceu Schopenhauer e Kant, estudou a lógica de Mill, a psicologia de Wundt »... e assim por diante. . Para o confinamento, Krasin escolhe Irkutsk, ou seja, a capital da Sibéria, sua cidade mais culta.

Radek na prisão de Varsóvia, 1906, «Passei seis meses, diverti-me muito, estudando russo, lendo Lenin, Plekhanov, Marx, na prisão escrevi o meu primeiro artigo (sobre o movimento sindical) ... e fiquei muito orgulhoso quando o recebi (na prisão) a edição da revista Kautsky com o meu artigo ».

Ou, pelo contrário, Semashko: "a prisão (Moscou, 1895) foi extraordinariamente dolorosa": depois de três meses de prisão, ele foi perdido por três anos ... em sua cidade natal, Ielets!

Toda a fama da "terrível Bastilha Russa" foi criada no exterior justamente por aqueles amolecidos na prisão, como Parvus, com suas memórias bombásticas e sentimentais, um tanto retocadas, em vingança ao czarismo.

Essa mesma linha também pode ser seguida em personagens secundários, em milhares de biografias individuais.

Por exemplo, tenho em mãos uma enciclopédia, é verdade que literária, e também antiga (de 1932), "com erros". Enquanto esses "erros" não forem removidos, eu pego a letra "K" aleatoriamente.

Karpenko-Karyi. Secretário da Polícia Urbana (!) De Elizavetgrad, forneceu passaportes aos revolucionários! (Para nós, vamos traduzir para nossa própria língua: um funcionário do escritório de passaportes forneceu passaportes para uma organização clandestina!) É por isso que ele foi ...

enforcado? Não, confinado por... 5 (cinco) anos... na própria fazenda! Ou seja, em sua casa de campo. Ele se tornou um escritor.

Kirilov VT participou do movimento revolucionário dos marinheiros do Mar Negro. Tiro? Prisão perpétua? Não, três anos de confinamento em Ust-Sysolsk. Ele se tornou um escritor.

Kasatkin IM Enquanto estava na prisão, ele escreveu histórias e os jornais as publicaram! (Aqui eles não publicarão você mesmo depois de cumprir a pena).

Karpov, Ievtíjiy. Após dois (!) Confinamentos, foi-lhe confiada a direção do Teatro Imperial Alexandrinsky e do Teatro Suvorin. (Aqui, em primeiro lugar, não lhe teriam dado uma autorização de residência na capital e, em segundo lugar, a secção especial não o teria aceitado nem mesmo como promotor).

Krzizanovski, em meio à reação de Stolypin, voltou do confinamento e (sem deixar de fazer parte do Comitê Central clandestino), sem encontrar obstáculos, tornou-se engenheiro. (Aqui ele ficaria feliz em se estabelecer como trabalhador de chapas metálicas!)

Embora Krylenko não tenha sido incluído na «Enciclopédia Literária», por estarmos com a letra «K», será justo mencioná-lo. Apesar de toda a sua efervescência revolucionária, três vezes ele "evitou alegremente a prisão",

^[27] e detido seis vezes, ele cumpriu *pena de 14 meses*. Em 1907 (isto é, também em plena reação), acusaram-no de propaganda entre as tropas e de fazer parte de uma organização militar; e o Conselho de Guerra (!) o absolve! Em 1915 "por evitar o serviço militar" (é oficial e o país está em guerra!) Este futuro comandante-em-chefe (e assassino de outro comandante-chefe) é punido ... enviando-o para uma unidade de linha (nada disciplinar) ! (É assim que o governo czarista pensava em derrotar os alemães e ao mesmo tempo extinguir a revolução) ... E assim, sob suas asas de promotor, não separado em seus dias, eles desfilaram por quinze anos condenados em tantos julgamentos por sua bala no pescoço.

E sob a mesma «reacção de Stolypin», o governador de Kutaisi VA Staroselski, que entregou directamente aos revolucionários passaportes e armas, entregou-lhes os planos da Polícia e das tropas do governo, parece que escapou com duas semanas de prisão.

^[28]
Que quem tem imaginação traduza para a nossa língua!

No mesmo período de "reação", a revista filosófica e sócio-política dos bolcheviques, *Mysl*, apareceu *legalmente*. E o "reacionário" *Veji* escreve abertamente: "a autocracia antiquada", "o mal do despotismo e da escravidão". Que nada, vá em frente, aqui é permitido!

Depois, houve gravidades intoleráveis. O fotógrafo de Yalta, VK Ianovski, desenhou as fotos dos marinheiros Ochakov e as exibiu na vitrine de sua loja (ah, como se um episódio da repressão Novocherskassk estivesse agora sendo exibido na Kuznetski Most).^[gv] E o que o prefeito de Yalta fez? Devido à proximidade de Livadia^[gw] foi especialmente cruel: em primeiro lugar, ele gritou com Ianovski! Em segundo lugar, destruiu ... não o estúdio fotográfico de Ianovski, não, e nem mesmo o desenho da execução, mas uma cópia do desenho. (Dirão: que habilidade de Ianovski. Mas notemos que o prefeito também não ordenou que a janela fosse quebrada na sua frente). Terceiro, Ianovski recebeu uma punição severa: continuar morando em Yalta, mas não aparecer na rua ... na esteira da família imperial.

Búrtsev, em um r revista emigrado, estava até caluniando a vida íntima do czar. Quando voltou para sua terra natal (1914, exaltação patriótica), foi baleado? Menos de um ano de prisão com privilégios para receber livros e escrever.

Eles deixaram o machado atacar sem obstáculos. E o ha cha acabou derrubando a árvore.

Quando Tukhachevsky foi, como se costuma dizer, "retaliado",^[gx] não só destruíram e encheram toda a família (nem menciono que expulsaram a filha da universidade), mas também prenderam seus dois irmãos com suas esposas, suas quatro irmãs com seus maridos e todos os seus sobrinhos e as sobrinhas os dispersaram em diferentes inclusões e mudaram seus sobrenomes para Tomashevski, Rostov, etc. Sua esposa foi baleada em um campo de concentração no Cazaquistão, sua mãe estava mendigando nas ruas de Astrakhan e morreu.^[29] E o mesmo pode ser repetido para as famílias de centenas de outros notórios executados. Isso realmente está perseguindo.

A principal peculiaridade das perseguições (não perseguições) na era czarista foi talvez precisamente o fato de que nada aconteceu aos parentes de um revolucionário. Natalia Sedova (esposa de Trotsky) em 1907 retorna

silenciosamente à Rússia, quando Trotsky é um criminoso condenado. Qualquer membro da família Ulyanov (quase todos os quais também foram detidos em momentos diferentes) recebe gratuitamente autorização para ir para o exterior a qualquer momento. Quando Lenin foi considerado um "criminoso procurado" por seus apelos por um levante armado, sua irmã Anne transferiu dinheiro para ele regular e legalmente para Paris, para sua conta no *Credit Lyonnais*. Tanto a mãe de Lenin quanto a mãe de Krúpskaya passaram suas vidas inteiras coletando altas pensões do Estado para o cargo de alto funcionário ou oficial de seus falecidos maridos. E seria inconcebível que tivessem sido perturbados.

Foi nessas condições que Tolstói chegou à convicção de que a liberdade política não é necessária, mas que apenas a perfeição moral é necessária .

Claro, quem já tem não precisa de liberdade. Até nós o admitiremos: afinal, nem tudo é uma questão de liberdade política, claro! O fim do desenvolvimento da Humanidade não está na liberdade muda. E nem mesmo numa organização política adequada da sociedade, é claro! Claro que é uma questão de fundamentos morais da sociedade! Só isso é *o fim*, mas e o começo? Mas e o primeiro passo? Iásnaya Polyana ^[gy] era então um centro aberto de pensamento. Mas eles o teriam isolado, como o apartamento de Akhmatova em Leningrado, quando pedissem a cada pessoa que entrasse um passaporte, mas teriam apertado os parafusos em nós como sob Stalin, quando três pessoas vêm vocês se encontrarem sob o mesmo teto, e até mesmo Tolstói! Eu teria clamado por liberdade política!

Na época mais aterrorizante do terror Stolypin, o diário liberal *Russ*, na primeira página, imprimiu sem obstruções em letras grandes: 'Cinco execuções ...! Vinte execuções em Kherson!' Tolstói soluçou, disse que era impossível continuar vivendo, que *não conseguia imaginar nada mais horrível* . ^[30]

Aqui está a lista de *Byloie* mencionada : 950 execuções em 6 meses. ^[31]

Vamos pegar esse número de *Byloie*. Observe que ela saiu (fevereiro de 1907) dentro de oito meses (19 de agosto de 1906 - 19 de abril de 1907) da "justiça militar" de Stolypin, e que foi redigida de acordo com dados impressos do próprio s Agências telegráficas russas. Uau, como se em Moscou em 1937 os jornais publicassem as listas dos executados, um boletim global saiu e o NKVD o considerou vegetariano.

Em segundo lugar, este período de oito meses de "justiça militar", que não foi repetido na Rússia antes ou depois, não poderia ser continuado porque a Duma de Estado "impotente" e "submissa"^[gz] não sancionou esta justiça (Stolypin nem se atreveu a debatê-la na Duma).

Terceiro, como motivo desta «justiça militar», argumentou-se que nos últimos seis meses houve «inúmeros homicídios de policiais por motivos políticos», numerosos assaltos a funcionários públicos,^[32] uma explosão na Ilha Aptékarski; e "se o estado não reprime atos terroristas, a razão de ser da ordem do estado está perdida." E o ministério Stolypin, impaciente e ressentido contra os tribunais do júri com suas digressões morosas, com seus advogados poderosos sem restrições à sua atividade (eles não eram nossos tribunais provinciais ou nossos tribunais territoriais, obedientes ao menor telefonema), luta para conter o revolucionários (e simplesmente bandidos, que vinham atirar nas janelas dos trens de passageiros, para matar os transeuntes por três a cinco rublos) por meio de uma corte marcial taciturna. (By the way, com as seguintes limitações: a corte marcial pode ser realizada *unicamente* em uma localidade onde o estado de sítio ou de emergência foi declarado, que atende *exclusivamente* imediatamente após o crime, não mais do que vinte e quatro horas mais tarde, e para casos de *flagrante delicto*).

Se os contemporâneos estivessem tão surpresos e indignados, seria que para a Rússia isso era incomum!

Na situação de 1906-7, vemos claramente que a culpa pelo "terror Stolypin" deve ser compartilhada com o Ministério também pelos terroristas revolucionários.

Cem anos depois do nascimento do terror revolucionário russo, podemos afirmar sem hesitação que esta ideia terrorista, estes atos, foram um erro cruel dos revolucionários, foram uma desgraça para a Rússia e não trouxeram nada além de confusão, infortúnio e inúmeras vítimas. .

Vamos virar algumas páginas dessa mesma edição de *Byloie*.^[33] Aqui está uma das proclamações iniciais de 1862, da qual tudo veio:

O que nós queremos? O bom, a felicidade da Rússia. Obter uma vida nova, uma vida melhor, *é impossível sem vítimas* porque *não temos tempo a perder, precisamos de uma reforma rápida e rápida!* »

Que maneira errada! Benfeitores, eles não tinham tempo a perder, por isso autorizaram a aproximar a prosperidade geral através das *vítimas* (mas

não *elas*, mas *outros*)! Eles não tinham tempo a perder e agora nós, seus tataranetos, 105 anos depois, não estamos no mesmo ponto (a libertação dos camponeses), mas muito mais atrás. Vamos enfrentá-lo, os terroristas eram uma boa combinação para a corte marcial de Stolypin.

Para nós, a diferença abismal entre a época de Stolypin e a de Stalin é que, em nossos dias, as atrocidades eram unilaterais: cortavam a cabeça apenas por um suspiro no peito, ou mesmo por menos de um suspiro. ^[3.4]

"Nada mais horrível", exclama To Istoi? Mas é tão fácil imaginar algo mais horrível. Mais horrível é quando é executado não de vez em quando em alguma cidade conhecida por todos, mas em *toda parte e todos os dias*, e não por grupos de vinte, mas de duzentos, mas os jornais não falam disso em letras grandes ou em letras miúdas, se não escreverem, "a vida é melhor, a vida é mais alegre". ^[ele tem]

Eles quebram a sua cara, eles falam: é isso.

Bem, não, não foi! Não muito menos, e mesmo assim o Estado russo era considerado o mais opressor da Europa.

Os anos 20 e 30 de nosso século aprofundaram a ideia de *compreensão* do homem . Essa poeira terrestre, essa terra seca que parecia aos nossos ancestrais comprimida ao máximo, os físicos agora a explicam como uma peneira de buracos. Uma pelota no meio de cem metros vazios, este é o modelo do átomo. Uma monstruosa "densidade nuclear" foi descoberta: coletando esses núcleos-pelotas, de suas esferas de cem metros . Um dedal desta densidade pesa o que uma locomotiva terrestre nossa. Mas mesmo essa densidade ainda lembra muito para baixo: por causa dos prótons, os núcleos não podem ser pressionados adequadamente. Por outro lado, se pressionarmos apenas os nêutrons, um selo postal dessa «densidade de nêutrons» pesará 5 milhões de toneladas!

Bem, *assim*, e sem contar nem mesmo com as últimas descobertas da física, é assim que nos pressionaram!

Pela boca de Stalin, o país foi ordenado a *renunciar à misericórdia de* uma vez por todas ! E "misericórdia" é definida por Dahl ^[hb] como "bondade de coração, seu caráter caridoso, indulgência, inclinação para o bem comum." Foi a isso que fomos convidados a renunciar e apressamo-nos a renunciar à inclinação para o bem comum! Cada um de nós se contenta com seu próprio alimentador.

A opinião pública russa, no início do século, era uma força maravilhosa, constituía a atmosfera de liberdade. O czarismo foi derrotado não quando perseguiram Kolchak, não quando a Petrogrado da revolução de fevereiro estava fervendo, mas muito antes! Ele já estava irremediavelmente destruído quando foi estabelecido na literatura russa que apresentar um gendarme ou um homem urbano, mesmo com um toque de simpatia, era um grande negócio. Quando não apenas apertando suas mãos, não apenas sendo seus amigos, não apenas dizendo adeus a eles na rua, mas até mesmo escovando a manga deles na calçada parecia uma pena!

Por outro lado, os algozes agora, quando estão sem trabalho - ou também por comissão de serviços - dirigem ... literatura e cultura. Mandam que eles glorificam -los como heróis lendários. E isso aqui se chama ... patriotismo!

Opinião pública! Não sei como os sociólogos o definem, mas é claro para mim que ele só pode se formar a partir da interação de opiniões individuais, expressas livremente e totalmente independentes da opinião do Governo ou dos partidos.

E enquanto não é nenhuma no país uma opinião pública independente, não há *nenhuma* gara NTIA que todo o extermínio livre de muitos milhões de pessoas não voltar a repetir que não começam qualquer noite, toda noite, esta noite, o primeiro que segue hoje. A Doutrina Avançada, como vimos, não nos preservou dessa morbidade.

Mas vejo que meu interlocutor torce o rosto, me acena, gesticula: antes de mais nada, *o inimigo pode ouvi-lo!* E em segundo lugar, por que expandir tanto? A questão era muito mais concreta: não por que eles nos detiveram, nem por que aqueles que foram *libertados* toleraram essa arbitrariedade . Como se sabe, eles *fizeram tudo o que não suspeito*, eles *simplesmente acreditava* (o partido) ^[35] que se eles deportarem nações inteiras em 24 horas, as nações serão culpadas. O problema é outro: por que já no campo, onde as *suspeitas* já podiam entrar em nós , por que *ali* estávamos morrendo de fome, sofrendo e sem lutar? Eles, que não estavam escoltados, que tinham braços e pernas livres, não podiam ser obrigados a lutar: como iam sacrificar sua família, sua situação, seu salário, seus honorários. Porém, agora publicam reflexões críticas e *nos* censuram por que *nós*, quando não tínhamos nada a perder, nos agarramos à ração de pão e não lutamos.

Bem, é para onde estou indo também. A razão pela qual sofremos *nos campos* é precisamente porque não havia opinião pública *em geral*.

Pois, vejamos, o que significa um detido para resistir ao regime a que o sujeitaram? Obviamente, o seguinte:

1. Protesto.
2. Greve de fome.
3. Evasão.
4. Motim.

Pois bem, como o defunto gostava de se exprimir, *é claro para todos* (e se não for, pode-se fazer compreender) que as duas primeiras formas são eficazes (e os carcereiros as temem) *exclusivamente* por causa da opinião pública! Sem isso, eles riem de nossos protestos e greves de fome!

É muito espetacular: diante das autoridades da prisão, rasgando sua camisa, como fez Dzerzhinski, e cumprindo assim suas demandas. Mas só se houver opinião pública. Porque senão, mordança na boca, e ainda vai ter que pagar a camisa do uniforme!

Lembremos até o caso mais famoso da prisão de Kariysk no final do século passado. Eles anunciaram aos presos políticos que agora estão sujeitos a castigos corporais. Nadezhda Segueda (ela deu um tapa no comandante ... para forçá-lo a pedir aposentadoria!) Deve ser açoitado primeiro. Ele se envenena e morre, desde que não sofra a humilhação do chicote! Depois dela, mais três mulheres são envenenadas e morrem! No quartel masculino, 14 voluntários cometem suicídio, mas nem todos

^[36] conseguem. Como resultado, os castigos corporais são totalmente e para sempre abolidos! O cálculo dos presos políticos era para assustar as autoridades penitenciárias. Porque a notícia da tragédia de Kariysk chegaria à Rússia, ao mundo inteiro.

Mas se medirmos esse caso com nossos padrões, apenas derramaremos lágrimas de desprezo. Bater em um comandante livre? E ainda por cima, o que não te fez mal? E o que há de tão horrível em pegar um pouco na bunda? Mas em vez disso, você fica vivo! E por que os amigos também são envenenados? E por que também 14 homens? Se a vida nos é dada apenas uma vez! E o que importa é o resultado! Eles te dão comida, bebida, por

que você vai dizer adeus à vida? E talvez saia a anistia, quem sabe eles vão botar a jornada de trabalho passar?

Sim, *daquela* altura da prisão nós atiramos. Tão baixo que caímos.

Mas também, como nossos carcereiros cresceram ! Não, eles não são os boobies Kariysk! Mesmo se tivéssemos nos levantado agora - as 4 mulheres e os 14 homens - eles teriam atirado em todos nós antes de receber o veneno. (Além disso, e onde você pode conseguir veneno em uma prisão soviética?) E se alguém tivesse conseguido se envenenar, isso apenas teria tornado a tarefa mais fácil para as autoridades. E para os outros, teria sido apenas um bom motivo para lhes dar uma rodada de palmadas por não reclamarem. E claro, a notícia do ocorrido nem teria passado da área.

Aí está, essa é a sua força: a notícia não teria acontecido! Ou se tivesse, teria sido uma distância curta, surdo, sem confirmação nos jornais, farejado pelos informantes, igual a nada. Indignação na opinião pública, não teria havido! E então o que temer? Por que então ignorar nossos *protestos*? Você quer se envenenar? Adiante.

Quanto à ineficácia de nossas *greves de fome*, ela foi suficientemente ilustrada na Parte I.

E as *evasivas*? A história preservou para nós o relato de várias fugas graves das prisões czaristas. Todas essas evasivas, note-se, foram dirigidas e realizadas *desde o exterior*, por outros revolucionários, companheiros de partido dos fugitivos, e também nos detalhes, com a ajuda de muitos simpatizantes. Tanto na evasão em si quanto no subsequente encobrimento e transporte dos fugitivos, muitas pessoas participaram ("Isso!" O historiador-marxista me pegou. "Porque a população estava do lado dos revolucionários , e o futuro estava dele! "" E talvez também - objetarei modestamente - porque foi um jogo alegre e impunemente? Agitar um lenço na janela, deixar o fugitivo passar a noite em seu quarto, se maquiar? Por essas coisas eles não processaram. Pio tr Lávrov escapou do confinamento , Pois bem, o governador civil de Vologdá (Jominski) ... civilmente concedeu à sua esposa autorização de saída, para que ela pudesse ir atrás do amante ... Até por fazerem passaportes falsos, eles o confinavam em seu próprio patrimônio. As pessoas *não* tinham *medo* , ¿ você sabe por experiência própria o que é isso? pela propósito, como se que não *foi* ...? " " Cara, você sabe, era uma *loteria* ") ...

Aliás, também há testemunhos de outro tipo. Fomos todos obrigados a ler a *mãe* de Gorky na escola , e talvez alguns de vocês se lembrem das

condições na prisão de Nizhny-Novgorod: os guardas têm pistolas enferrujadas, eles as usam para pregar pregos na parede, não há o menor Dificuldade em encostar uma escada na parede da prisão e sair silenciosamente. E o oficial de polícia Ratáyev escreve o seguinte: “O confinamento existia apenas no papel. A prisão não existia. Sob o regime prisional da época, um revolucionário, encarcerado, continuou desimpedido com sua atividade anterior ... O comitê revolucionário de Kiev, completamente trancado na prisão de Kiev, liderou uma greve na cidade e apelou”^[37].

Não tenho acesso agora aos dados de como guardavam os principais recintos da prisão czarista, mas de tais evasões desesperadas, com probabilidades de um contra cem mil, como havia de nossa prisão, não ouvi falar lá. Aparentemente, os reclusos não tinham necessidade de correr riscos: uma morte súbita de fome no trabalho pesado não os esperava, um aumento imerecido da pena não os esperava; na segunda metade da pena eles tiveram que cumprir o confinamento, e a fuga foi adiada até então.

Por outro lado, o confinamento czarista não escapou, portanto, apenas aquele que não quis. Vê-se que as aparições na Polícia eram espaçadas, a vigilância fraca, as barreiras não existiam; Nem nosso vínculo diário, quase policial, com o local de trabalho existia; havia dinheiro (ou eles podiam mandar), os locais de confinamento não ficavam muito longe dos grandes rios e estradas; e ainda, quem ajudou um fugitivo não foi exposto a nada, nem o próprio fugitivo esperava um tiro em caso de captura, nem espancamento, nem vinte anos de prisão, como nós. A pessoa capturada normalmente era devolvida ao seu local de origem com a mesma frase. E foi isso. Um jogo que não teve perdas. O voo de Fastenko para o exterior (parte I, cap. 5) é típico dessas empresas. Mas talvez ainda mais típico seja a fuga do anarquista da região de Turujansk. AP Ulanovski. Durante sua fuga em Kiev, bastou-lhe entrar na sala de leitura de um aluno e perguntar *Qual é o progresso* de Mikhailovsky, para que os alunos lhe dessem comida, acomodação para pernoitar e dinheiro para a passagem. Ele escapou para o exterior assim: simplesmente escalou a prancha de um navio estrangeiro - não havia patrulha MVD vigiando! - e começou a se aquecer na caldeira. Mas ainda mais surpreendente: durante a guerra de 14, ele voltou voluntariamente para a Rússia e confinamento em Turujansk! Espião estrangeiro? Atire? Diga quem o recrutou, seu bastardo? Não. Juiz da decisão de paz: por três anos de ausência no exterior, ou multa de 3 rublos,

ou 1 dia de prisão! Três rublos era muito dinheiro e Ulanovsky preferia 1 dia de prisão.

Começando com as evasões do Solovki, em um frágil barquinho à beira-mar ou em um porão com toras, e terminando com os empurrões sacrificados, loucos e desesperados nos campos dos últimos anos de Stalin (vários capítulos são dedicados posteriormente), nossas fugas foram companhias de titãs, mas de titãs condenados. Tanta coragem, tanta engenhosidade, tanta vontade nunca foi investida nas evasões antes da revolução. Mas aqui os vazamentos quase sempre deram certo, e os nossos quase nunca.

"Porque suas evasivas, em sua essência sociológica, eram reacionárias ...!"

O impulso de um homem para deixar de ser um escravo e um animal de carga é realmente reacionário ...?

Erraram porque o sucesso de uma fuga, em seus estágios posteriores, depende da atitude da população. E nossa população *temia* ajudar os fugitivos ou até mesmo *vendê-los*, *por* ganância ou convicção. O que a opinião pública faz!

E quanto aos motins na prisão, como três, cinco, oito mil homens, a história de nossas três revoluções não os conhecia de todo.

Nós fazemos.

Mas por causa dessa mesma maldição, nossos maiores esforços e sacrifícios trouxeram apenas os resultados mais insignificantes .

Porque a sociedade não estava pronta. Porque sem opinião pública um motim, mesmo em um grande campo de concentração, não tem como se desenvolver.

Portanto, à pergunta "Por que nos permitimos?", É hora de responder: é que não nos permitimos ! Você vai ler que não partimos de forma alguma.

Nos campos especiais, hasteamos a bandeira dos presos *políticos* e nos tornamos eles!

V

Poesia sob a laje, verdade sob a pedra

No início do meu campo de concentração eu queria muito fugir dos empregos gerais, mas não sabia. Ao chegar a Ekibastuz em meu sexto ano de detenção, decidi, pelo contrário, purificar minha mente desde o início de todo tipo de suposições, intrigas e combinações, que não permitem que ela trate de nada mais profundamente. E é por isso que não queria prolongar temporariamente uma existência de bracer, como fazem as pessoas educadas à força, sempre à espera da sorte para lhes trazer algum plug, mas aqui, na prisão, resolvi aprender um ofício manual. Na equipe de Boroniuk, nós (Oleg Ivanov e eu) encontramos esta profissão: pedreiro. E em uma das voltas que a vida dá, eu também fui fundição.

A princípio tive hesitações e dúvidas: seria a coisa certa a fazer? Eu resistiria? Desajustados cabeçudos, até o mesmo trabalho nos custou mais do que nossos companheiros de equipe. Mas apenas a partir do dia em que afundei conscientemente e o senti firmemente sob os pés - aquele fundo geral, duro e pedregoso - os anos mais importantes da minha vida começaram, moldando os traços definidores do meu caráter. Agora, por mais que minha vida mude para cima e para baixo, continuo fiel às opiniões e costumes ali elaborados.

E uma cabeça purificada de gosma, ele precisava porque já fazia um poema há dois anos . Isso me satisfez muito, ajudando-me a não perceber o que estavam fazendo com meu corpo. Às vezes em uma coluna abatida, sob os gritos da escolta, ele sentia um influxo de versos e imagens tal que parecia que estava flutuando no ar acima da coluna: rapidamente ali, para o *objetivo*, e mirar em algum canto! Em minutos como este, eu estava livre e feliz.

[38]

Mas como *escrever* em um campo especial? Korolenko diz que escreveu mesmo na prisão,^[hc] mas que ordem eles eram! Escreveu com lápis (e por que não tirou, ao torcer as bainhas das roupas?) Passou nos cabelos cacheados (e por que não foram raspados?), Escreveu apesar do barulho (quem agradeceu! porque ele tinha um lugar para sentar e esticar as pernas!) E além disso, havia tanta liberdade que aqueles manuscritos conseguiram mantê-los e enviá-los (isso é o que menos se entende hoje em dia!)

Você não vai escrever assim aqui, nem mesmo no campo! (Até mesmo preparar sobrenomes para um futuro romance era muito perigoso - a lista de uma organização? - Então ele escreveu apenas sua raiz como substantivo ou transformou-a em um adjetivo.) A memória é o único cache onde você pode salvar o que foi escrito, onde você pode passar por registros e transferências. A princípio acreditei pouco nas possibilidades da memória e por isso decidi escrever em verso. Era, claro, violar o gênero. Mais tarde, descobri que a prosa também atinge as profundezas secretas do que temos em mente. Livre do peso do conhecimento grogue e inútil, a memória do detento é surpreendente em sua capacidade e pode ser expandida cada vez mais. Acreditamos pouco na nossa memória!

Mas antes de se lembrar de algo, você tem que escrever e polir no papel. Pode-se ter lápis e papel branco no campo, mas não pode ser *escrito* (a menos que seja uma ode a Stalin).^[39] E se você não se plugou na enfermaria ou não chupou o Educacional-Cultural, todas as manhãs e todas as noites você tem que passar por uma busca no posto da guarda. Decidi escrever em pequenos fragmentos de 12 a 20 linhas, e depois de lapidá-los, aprendê-los e queimá-los. Tomei a firme decisão de não confiar em mim mesma para simplesmente rasgar o papel.

Por outro lado, nas prisões toda a composição e retoque dos versos tinham que ser feitos de memória. Depois, quebrava pedaços de fósforos, na minha cigareira os alinhava em duas fileiras - dez unidades e dez dezenas - e, recitando os versos internamente, a cada linha movia um fósforo para um lado. Tendo movido dez unidades, ele moveu dez. (Mas mesmo esse trabalho tinha que ser feito com muito cuidado: mesmo essas inocentes varetas móveis, se acompanhadas de lábios murmurantes ou com uma expressão facial especial, podiam inspirar suspeitas nos informantes. Tentei me mexer fingindo estar distraído). Cada linha número cinquenta e número

com ele se lembrava deles especialmente, como controles. Uma vez por mês ele recitava tudo que estava escrito. Se ao fazê-lo nos números cinquenta ou cem outra linha se juntasse a mim, repetia sem parar, até capturar os fugitivos que me escaparam.

Na prisão de trânsito de Kuibychev, vi como alguns católicos (lituanos) se dedicavam à fabricação de rosários artesanais. Fizeram com pão úmido e depois amassaram, pintaram (preto, com borracha queimada, branco, com pasta de dente, vermelho, com mercromina), foram enfiados molhados em fios retorcidos e ensaboados e deixados para secar na janela. Eu me juntei ao grupo dele e disse que também queria rezar o rosário, mas que na minha religião especial eu tinha que ter cem contas na roda (e depois entendi que vinte é o suficiente, e é ainda mais confortável, e eu mesmo fiz feito de cortiça), cada décimo não deveria ser redondo, mas cúbico, e também aquele que fazia cinqüenta e aquele que fazia cem deveriam ser distinguidos pelo toque. Os lituanos ficaram maravilhados com o meu fervor religioso (o mais devoto deles não ultrapassava as quarenta contas), mas com sincera cordialidade ajudaram-me a fazer um rosário destas, fazendo a centésima conta em forma de coração vermelho escuro. Desse presente maravilhoso nunca mais me separei, passei e senti dentro da minha larga luva de inverno, no treino, no caminho, em todas as filas, podia ser feito em pé e o frio não incomodava. E através dos discos também o passou na luva enluvada, onde não foi sentido. Os guardas o encontraram várias vezes, mas pensaram que era para orar e me devolveram. Até o final da minha frase (quando já tinha colecionado doze mil versos), e mesmo depois no confinamento, este rosário me ajudou a escrever e lembrar.

Mas isso nem mesmo é tão simples. Quanto mais você começa a escrever, mais dias de cada mês você come as repetições. Mas o pior dessas repetições é que você se acostuma com o que está escrito, você deixa de perceber o bom e o ruim. O primeiro texto, já aprovado por você às pressas, para queimar o papel o quanto antes, é definitivo. Você não pode se dar ao luxo de deixá-lo dormir por vários anos, esquecê-lo e então vê-lo com olhos novos e críticos. É por isso que você não consegue escrever bem.

E com as peças para queimar você não poderia se divertir. Três vezes me pegaram com eles, e a única coisa que me salvou foi que as palavras mais perigosas eu nunca confiei ao jornal, mas as substituí por hífen. Uma vez eu estava deitado na grama longe de todos, perto demais da área (para mais silêncio), e escrevi, escondendo meu papel com um livro. O guarda

mais velho do *Tártaro* se aproximou de mim e teve tempo de perceber que não estava lendo, mas escrevendo.

-A ver! Exigiu o deslize. Eu me levantei, congelando, e entreguei o papel a ele. Ele colocou:

*Nosso sempre inteiro
Ele será devolvido para nós.
De Ost erode a Bródnitsa
—Cinco dias a pé—
Eles [nos acompanharam]*

Se "eles escoltaram" e "Tártaros" os tivessem escrito por completo, eu teria levado o *Tártaro* ao comissário e eles teriam me descoberto. Mas os scripts eram silenciosos:

Nós --- t ---

Cada um pensa no seu. Fiquei com medo pelo poema, mas ele acreditou que estava traçando um mapa da área e preparando um vazamento. Mesmo assim, leu e releu o que encontrou, franzindo a testa. O que mais fez seu cérebro funcionar foram os "cinco dias". Não me ocorreu em que associação eles poderiam ser entendidos! *Cinco dias* era uma locução comum nos campos, era assim que as ordens de prisão eram ditadas.

"Cinco dias para quem?" Quem é ele sobre? Ele perguntou, carrancudo.

Mal consegui convencê-lo (graças aos nomes Osterode e Bródnitsa) de que estava se lembrando de um poema de alguém da linha de frente, mas ele não conseguia se lembrar de todas as palavras.

"E do que você quer se lembrar?" Não é ordenado lembrar! Ele me avisou mal-humorado. Ao se deitar aqui novamente, você verá ...!

Agora você conta, e parece uma coisa pequena. Mas então para um escravo insignificante, para mim, foi um grande revés: fui privado de poder

deitar longe do barulho, e se o *Tártaro* me pegasse de novo com outro verso, eles eram bem capazes de abrir meu resumo e reforçar a vigilância.

E eu não conseguia parar de escrever ...!

Mais uma vez, traí meu hábito, escrevi de uma vez na peça cerca de sessenta linhas de uma peça, ^[40] e aquela folhinha que eu não sabia guardar na entrada do campo. Certamente, havia muitas palavras puladas nela também. O diretor, um menino simples de nariz largo, examinou o saque com espanto:

-Uma carta? -Eu pergunto.

(Uma carta levada ao alvo significava apenas uma masmorra. Mas a "carta" teria sido curiosa, se tivesse sido entregue ao comissário!)

"É para atividades", fiz uma careta para ele. Estou me lembrando de um pequeno trabalho. Quando colocarmos, venha ver.

O garçom olhou para aquele papel, olhou para mim, disse:

"Mais velho, mas don-rrro!"

E ele quebrou minha folha em duas, em quatro, em oito. Fiquei com medo que ele fosse jogar no chão: as peças ainda eram grandes, aqui, em frente à guarita, podiam chamar a atenção de algum patrão à espreita, ali estava o próprio chefe do regime, Mac Hekhovski, a poucos passos de distância, olhando para o registro. Mas é claro que eles tinham uma ordem de não sujar antes da entrada, para não terem que limpar eles mesmos, e os pedaços quebrados foram colocados pelo guardião em minhas próprias mãos, como em uma urna. Passei pelo portal e corri para jogá-los no fogão.

E na terceira vez tive que queimar um extenso fragmento de um poema, mas, trabalhando na construção do BUR, não consegui me conter e também escrevi *O pedreiro*. Portanto, não saímos da área e, portanto, cada um de nós não era revistado diariamente. *O pedreiro* já *tinha* três dias e, no escuro, pouco antes da contagem da noite, saí para recitá-lo uma última vez e imediatamente queimei. Procurava o silêncio e a solidão, por isso fui até a área, e não me ocorreu pensar que era perto do local onde, recentemente, Tenno tinha passado por baixo do arame farpado. Mas o diretor, aparentemente, estava à espreita em uma emboscada, imediatamente agarrou-me e levou-me, no escuro, para o BUR. Através da escuridão, eu enruguei meu *Alba NIL* e joguei atrás de mim. O vento soprava e o diretor não ouviu o papel amassar e farfalhar.

Mas quem também carregava o fragmento do poema o havia esquecido completamente. No BUR me revistaram e me encontraram, felizmente, um

fragmento, senão criminoso, na frente (das *Noites Prussianas*).

O chefe do turno, um sargento-mor totalmente treinado, leu para ele.

-O que é?

"Tvardovski!" Eu respondi com firmeza. *Vasili Tiorkin*. ^[hd] (é assim que ^[ele] nossos caminhos se cruzaram com Tvardovski pela primeira vez!)

"Tvardo-ovski!" O sargento repetiu respeitosamente. E para que você quer isso?

"Se não houver livros." Vamos ver se me lembro, vou ler de vez em quando.

Eles confiscaram minhas armas - meia lâmina de barbear - mas o poema foi devolvido para mim, e eles teriam me libertado, e eu ainda teria corrido para encontrar o *maçom*. Mas nesse ínterim já haviam feito a contagem e não dava para andar na área, então o próprio diretor me levou para o quartel e me trancou nele.

Dormi mal naquela noite. Lá fora, um vento tempestuoso havia aumentado. Para onde a bola poderia ser levada agora com meu *Mason*? Apesar de todos os hífen substituindo as palavras, o significado do todo era claro. E pelo texto também ficou claro que o autor trabalhou na equipe que construiu o BUR. E já entre os ucranianos ocidentais, me encontrar foi fácil.

E assim todo o meu trabalho literário de muitos anos - já feito, e principalmente o que fazer - agora tudo tropeçando na área ou na estepe em uma bolinha de papel indefesa. Quanto a mim, eu orei. Quando as coisas dão errado, não temos vergonha de Deus. Temos vergonha Dele quando as coisas vão bem para nós.

De manhã com o alvo, às cinco horas, sufocado pelo vento, fui até aquele local. Até pequenos seixos foram pegos pelo vento e jogados no meu rosto. Nem valia a pena pesquisar! Dali, o vento soprava na direção do quartel de comando, depois para o quartel do regime (onde também passam os guardas e depois os guardas passam o tempo todo e há muito arame trançado), depois da área, para a rua da cidade. Uma hora antes do amanhecer, eu estava agachado, sem sucesso. E eu já estava desesperado. Mas quando amanheceu, a bola ficou branca a três passos de onde eu a havia deixado cair! O vento o empurrou para o lado e o prendeu entre algumas tábuas que haviam sido atiradas.

Ainda hoje considero um milagre.

Então ele escreveu. No inverno, na sala de aquecimento, na primavera e no verão, no andaime, na mesma obra: no intervalo entre duas tiras de argamassa ele colocava um papel sobre os tijolos e com um lápis (escondido dos colegas) Anotei os versículos que me ocorreram enquanto eles esvaziavam os guias anteriores. Vivi como num sonho , na sala de jantar sentei-me diante da sagrada *balanda* ^[hf] e nem sempre sentia o gosto dele, não ouvia os que estavam ao meu redor: o tempo todo andava com meus versos, alinhando-os como os tijolos da parede. Eles me revistaram, me disseram, me levaram em coluna pela estepe, mas eu estava vendo o palco da minha peça, a cor da cortina, a disposição dos móveis, os pontos luminosos dos projetores, cada movimento do ator.

Os companheiros afundaram o arame farpado com um caminhão, se arrastaram por baixo dele, passaram por cima dele quando a nevasca formou uma duna, mas para mim era como se não houvesse arame farpado, eu estava o tempo todo em minha longa e distante fuga, apenas os guardiões eles não conseguiam descobrir contando cabeças.

Ele também entendeu que ele não era o único deles que participou de um grande mistério, que este mistério, em outras caixas torácicas igualmente isolados, foi secretamente amadurecimento nas ilhas espalhadas do Arquipélago, por algum ano futuro, talvez depois da nossa morte. , descobrir e fundir-se na futura literatura russa.

(Em 1956 no Samisdat, ^[hg] que já existia então, li a primeira coletânea de versos de Varlam Shalámov, e comecei a tremer, como a partir do encontro com um irmão:

*Eu já sei que não é um jogo
Eles vão me matar. Mas nem mesmo antes da morte
como Arquimedes, vou querer entregar ao fogo
nem abandonar meu lápis e caderno.*

Ele também estava escrevendo na área! Escondendo-se de todos, com o mesmo grito solitário e silencioso para a escuridão:

*Eu só guardo a memória
de fileiras de ossários
onde eu teria ido nu
de não ter me prometido*

*conte, cante, chore tudo
a todo custo, a qualquer preço
e se na vida de um falecido
haveria um começo ...*

Quantos de nós éramos então ? Acredito que muitos mais do que viemos à luz nestes anos de trégua. Nem todos poderiam sobreviver. Alguém enterraria uma garrafa com papéis, mas sem contar a ninguém o lugar. Outro os daria para guardar, mas a mãos negligentes ou, ao contrário, prudentes demais. E haveria aqueles que simplesmente não teriam tempo de apontar isso.

E mesmo na ilha de Ekibastuz, como é que íamos nos reconhecer, encorajar uns aos outros, ajudar uns aos outros? Se nos escondermos como lobos de todos e, portanto, uns dos outros também. Mesmo assim, em Ekibastuz tive a oportunidade de conhecer alguns.

Inesperadamente eu conheci, por meio de alguns batistas, ^[hh] para um poeta espiritual, Anatoliy Vasílievich Silin. Ele tinha mais de quarenta anos. Seu rosto não tinha nada para destacar. Seu cabelo nu e sua barba raspada eram ruivos, assim como suas sobrancelhas. Ele geralmente era gentil com todos, acomodando, mas reservado. Foi só quando nos tornamos realmente honestos, e aos domingos de folga eles começaram a andar pela área juntos por horas, e ele leu para mim seus longos poemas espirituais (ele os escreveu bem aqui no campo de concentração, assim como eu), eu Fiquei espantado pela enésima vez com a forma como almas extraordinárias enganosamente comuns podem se esconder sob seu disfarce .

Ex-sem-teto, criado na inclusividade, ateu, sendo prisioneiro dos alemães, livros religiosos caíram em suas mãos, o que o cativou. Daquele dia em diante, ele se tornou não apenas um crente, mas um filósofo e teólogo! E já que precisamente "desde aquele dia" esteve ininterruptamente na prisão ou no campo de concentração, todo este caminho teológico teve que percorrer sozinho, redescobrimo por si mesmo o que já havia sido descoberto antes dele, talvez se perdendo: sem livros , sem conselheiros teve "desde aquele dia." Agora trabalhava como operário no trabalho de compensação, lutava para cumprir a regra impossível, voltava com os joelhos dobrados e as mãos trêmulas, mas dia e noite os inhames de seus poemas, todos os quatro, palpitavam em sua cabeça. pés e rima livre,

composta inteiramente de memória. Acho que a essa altura você já deve conhecer seus bons vinte mil versos. Ele também os considerava apenas como uma técnica: um meio de lembrar e transmitir aos outros.

Sua visão de mundo a embelezou e suavizou enormemente sua percepção do Palácio da Natureza. Ele exclamou, agachando-se sobre uma grama solta que crescia ilegalmente em nossa área árida:

"Quão bela é a grama da terra!" Mas até ela foi dada ao homem pelo Fabricante de Tapetes. Então, quão mais bonitos devemos ser!

"E então que tal 'não ame o mundo ou o que o mundo contém'? (Os batistas repetiam isso com freqüência).

Ele estava sorrindo, como se desculpando. Com este sorriso, ele soube reconciliar :

"Mas mesmo no amor carnal terreno, nossa tendência superior para a Unidade se manifesta!"

A teodicéia, ou seja, a justificativa de por que deve haver mal no mundo, foi formulada da seguinte forma:

*Se o Espírito consentir
imperfeição, ser perfeito
e em nossas almas, sofrendo,
quer que eles tenham o efeito
deixe-nos saber o preço da glória.*

.....
*Difícil é a lei, mas apenas
então é acessível
para pequenos mortais
o outro mundo imperecível.*

Os sofrimentos de Cristo em sua carne humana, ele corajosamente explicou não só pela necessidade de redimir os pecados dos homens, mas também pelo desejo de Deus de *sentir* sofrimentos terrestres. Silin corajosamente afirmou:

"Esses sofrimentos sim , Deus os *conheceu desde sempre*, mas nunca os *sentiu!*"

Da mesma forma sobre o Anticristo, que

*A inclinação para a Luz
da alma livre dos homens
desviou-a de seu caminho,
ele o limitou com a luz do século.*

Silin encontrou novas palavras humanas:

*A mesma gloria que eu tive
o grande anjo rejeitou.
Como os homens não sofreram
e nele a felicidade do amor
sem aflição, não era completo.*

Pensando tão livremente, Silin encontrou em seu amplo coração um abrigo para todas as nuances do Cristianismo :

*... sua essência é
que dentro dos ensinamentos
particular é cada gênio.*

Sobre a cola aquecida dos materialistas, como o espírito poderia criar a matéria, Silin apenas sorriu:

"Eles não querem refletir sobre como a matéria grosseira poderia ter criado o Espírito." Nessa ordem, não é um milagre? Se fosse um milagre ainda maior!

Meu cérebro estava transbordando de meus próprios versos, e só consegui esconder essas migalhas dos poemas que ouvi de Silin, temendo que ele mesmo não conseguisse guardar nada. Num dos poemas, o seu protagonista preferido, com nome da Grécia Antiga (esqueci-me), fez um discurso imaginário perante a assembleia das Nações Unidas, um programa espiritual para toda a Humanidade. Com quatro números pendurados, escravo exausto e condenado, este poeta tinha mais no peito a dizer aos

vivos do que todo o rebanho de profissionais das revistas, editoras, rádio, que ninguém precisa deles a não ser eles próprios.

Antes da guerra, Anatoliy Vasíl Ievich havia concluído o curso de pedagogia na Faculdade de Letras. Agora ele tinha, como eu, cerca de três anos até a "liberação" para o confinamento. Seu único ofício era ensinar literatura na escola. Parecia improvável que nós, ex-detentos, pudéssemos pisar em uma escola. Mas e se ...?

"Como vou ensinar mentiras às crianças?" Vou contar às crianças a verdade sobre Deus, sobre a vida do Espírito.

"Mas eles vão despedi-lo depois da primeira aula!"

Silin baixou a cabeça e respondeu suavemente:

"Bom o."

E estava claro que ele nem mesmo discutia. Ele não iria enlouquecer segurando as aulas em vez de uma picareta.

Com pena e admiração, olhei para aquele ruivo sem brilho, que não conhecia pais, não conhecia professores, para quem toda a sua vida tinha sido tão difícil quanto mover a terra pedregosa de Ekibastuz com sua pá.

Com os batistas, Silin comia da mesma tigela, distribuía pão e rancho. Claro, ele precisava de uma audiência agradecida, com alguém que ele tivesse que encontrar para ler, discutir o Evangelho e esconder o próprio livrinho. Mas ou ele não procurou os ortodoxos (suspeitando que eles poderiam rejeitá-lo por suas heresias), ou não os encontrou: em nosso campo, além dos ucranianos ocidentais, eles eram poucos ou não se destacavam pela consistência de sua conduta. Por outro lado, os batistas pareciam respeitar Silin, eles o ouviam, até o incluíam em sua congregação, mas mesmo assim não gostavam de tudo que era herético nele, aos poucos esperavam torná-lo seu. Silin se perdeu quando ela falou comigo na presença deles, ela se soltou quando eles não estavam lá. Foi difícil para ele cortar-se à medida da sua fé, e que a sua fé é muito firme, pura, ardente, ajudou-os a suportar a prisão sem hesitação e sem se destruir espiritualmente. Todos são honestos, mansos, trabalhadores, compreensivos e fiéis a Cristo.

É exatamente por isso que eles estão sendo exterminados de forma tão cruel. Nos anos 1948-1950, *apenas* porque pertenciam a uma congregação batista, muitas centenas deles receberam 25 anos de reclusão e foram enviados para os campos especiais (uma *congregação* é uma *organização*!)

[\[41\]](#)

No campo não é como na rua. Lá fora, cada um tenta de forma imprudente se destacar e se expressar externamente. É mais fácil ver o que cada um pretende. Na reclusão, ao contrário, todos são despersonalizados: a mesma pele, a mesma barba por fazer, o mesmo chapéu, a mesma jaqueta. A expressão espiritual é obscurecida pelos ventos, o sol, a sujeira, o trabalho pesado. Para distinguir, por trás de uma aparência despersonalizada e degradada, a luz de uma alma, é preciso adquirir o hábito.

Mas as pequenas luzes do espírito tendem involuntariamente, abrem caminho umas para as outras. Acontece que inconscientemente estão conhecendo e encontrando os semelhantes.

A maneira mais rápida e fácil de conhecer uma pessoa é saber até mesmo um pedaço de sua biografia. Digamos que alguns escavadores trabalhem na porta ao lado. Uma neve espessa e macia começou a cair. Porque logo eles vão tocar a parada, ou seja o que for, toda a equipe entrou na portaria. Mas um permaneceu parado ali. Na beira da trincheira, ele se encostou na pá e está completamente imóvel, como se estivesse confortável assim, como uma estátua. E como uma estátua, a neve cobre sua cabeça, ombros, braços. Você é indiferente? Ou mesmo legal? Olhe através deste formigamento de flocos, para a área, para a estepe branca. Ele tem ossos largos, ombros largos, rosto largo coberto por uma barba rala e dura. É sempre calmo, lento, muito calmo. Ele ficou para olhar o mundo e pensar. Não está aqui.

Não o conheço, mas seu amigo Redkin me contou sobre ele. Este homem é um tolstoiano. Ele cresceu com a velha convicção de que não se deve matar (nem mesmo em nome da Doutrina Avançada!), E é por isso que não se deve portar armas. Em 1941, eles o mobilizaram. Ele largou a arma e perto de Kushka, para onde havia sido enviado, cruzou a fronteira com o Afeganistão. Não havia alemães lá, nem eram esperados, e ele teria servido em silêncio durante toda a guerra, sem disparar um único tiro contra qualquer coisa viva, mas mesmo arrastar aquele pedaço de madeira nas costas era repugnante para suas convicções. Ele calculou que os afegãos respeitariam seu direito de não matar pessoas e deixá-lo passar para a tolerante Índia. Mas o governo afegão se mostrou oportunista, como todos os governos. Ele temeu a ira de seu poderoso vizinho e acorrentou o fugitivo em Cangas. E da mesma forma, nas cangas apertando as pernas, sem se mexer, passou três anos na prisão, esperando quem venceria. Os

soviéticos venceram e os afegãos devolveram o desertor de forma prestativa. E só a partir de então sua *frase* atual começou a ser contada .

E aqui ele está imóvel sob a neve, como uma parte desta natureza. O Estado trouxe isso ao mundo? Bem, por que o Estado tomou a decisão de como viver?

Ter Leão Tolstói como compatriota parece-nos muito bom. Imprima um selo. (Você também pode obter um nos correios). E trazer estrangeiros para Yásnaya Polyana. E teremos o prazer de lançar discursos sobre como ele se opôs ao czarismo e como foi excomungado (o palestrante até balançará a voz). Mas se alguns, uh, russos, levaram Tolstoi a sério, se um verdadeiro Tolstoi cresceu aqui, tome cuidado! Não seja pego por nossas lagartas !!

... Às vezes, no canteiro de obras, você corre para pedir a um capataz recluso sua régua de dobramento, você tem que medir o que levantamos. Ele aprecia muito este medidor, e ele não conhece você de jeito nenhum, existem muitas equipes aqui, mas por alguma razão ele irá imediatamente estender seu tesouro ou (em conceitos baseados na concentração é simplesmente idiota!) E quando, além disso , você devolve a ele, ele ainda será muito grato a você. Como pode aquele melro branco estar no campo do capataz? Ele tem sotaque. Oh, parece que ele é polonês, seu nome é Iuri Wengerski. Você ainda vai ouvir sobre ele.

... Às vezes você anda na coluna, o que você teria que fazer é passar as contas do rosário na luva ou pensar nos seguintes versos, mas você teve um parceiro muito interessante na fila: eles enviaram uma nova equipe ao nosso objetivo. Um simpático intelectual judeu mais velho com uma expressão inteligente e irônica. Seu sobrenome é Masamed, ele estudou na universidade ... qual, qual? de Bucareste, na cadeira de biopsicologia. Aliás, tem entre outras as especificidades de um fisionomista, grafólogo. Além de tudo isso, ele é um iogue e está disposto a iniciar um curso de Hatha-ioga com você amanhã. (Mas que pena: ainda faltam poucos anos nesta Universidade! Estou me afogando! Não tenho tempo para cobrir tudo!)

Mais tarde ainda o notarei nas áreas de trabalho e de moradia. Seus compatriotas lhe ofereceram uma acomodação no escritório, ele não foi: ele se preocupa em mostrar que também um judeu pode trabalhar perfeitamente nos generais. E aos cinquenta anos, ele se debate lentamente com a enxada. É verdade que, como bom iogue, ele domina o corpo: a dez graus centígrados tira a roupa e pede aos companheiros que o regem com a

mangueira. Ele não come como todos nós - põe aquele mingau na boca o mais rápido possível - sem ou, virando-se, com concentração, lentamente, em pequenas mordidas, com uma colher de chá especial. ^[42]

... Isso acontece no caminho mais de uma vez, para fazer uma nova amizade interessante. Mas via de regra, na coluna você não pode se dar ao luxo de muitos luxos: a escolta grita, os vizinhos assobiam ("É sua culpa que somos ...!"), Vamos trabalhar de má vontade, saímos do trabalho com muita pressa, e isso também te dá o vento nas colinas. E de repente ... bem, esse já é um caso totalmente ATÍPICO, como dizem os social-realistas. Um caso, é claro, fora do comum.

No final da fila está um homenzinho com uma grande barba negra (a última vez que foi detido com ela e é assim que foi retratado na foto, por isso não foi festejado no campo). Ele caminha com ânimo, com dignidade e carrega debaixo do braço um rolo embrulhado de papel whatman. É sua invenção ou descoberta, alguma inovação, da qual você se orgulha. Ele desenhou na área de produção, levou para mostrar para alguém do campo, agora leva de volta ao trabalho. E de repente o vento cruel arranca o pergaminho de debaixo do braço e o faz rolar para fora da coluna. O movimento natural de Arnold Rappoport (o leitor já o conhece) é dar um primeiro passo, um segundo, um terceiro pelo roll - mas o roll continua rolando, entre duas escoltas, já do outro lado da cerca! - lá Rappoport deve parar, é só aquele "um passo à direita, um passo à esquerda ... sem avisar!", mas aí está o papel! - Rappoport corre atrás dele, agachado, com os braços estendidos para a frente - "o mal está levando sua ideia técnica!" "Arnold estende as mãos, os dedos como ancinhos." Bárbaro! Não toque nos meus designs! A coluna viu, hesitou e parou por si mesma. Submetralhadoras apontando, parafusos clicando ...! No momento tudo é típico, mas aqui começa o atípico: não há idiota! Ninguém atira! Os bárbaros entenderam que não é uma fuga! Mesmo em seus cérebros confusos, esta imagem conseguiu penetrar: um autor que corre atrás de sua criação que foge! Depois de correr mais quinze passos para o outro lado da escolta, Rappoport pega o rolo, se levanta e muito feliz retorna às fileiras. Volte, do outro mundo ...

Embora Rappoport tenha tido muito mais que a norma de concentração média (depois de uma frase curta e depois de *dois duros* deram-lhe confinamento, e agora novamente *dois duros*), *ele* está vivo, ativo, seus olhos brilham, olhos que embora sempre felizes, foram feitos para o

sofrimento, olhos muito expressivos. Ele se gaba de que os anos na prisão não o envelheceram em nada, não o destruíram. Claro que, como engenheiro, você sempre trabalha em algum ponto de produção, então já pode se exhibir. Ele leva seu trabalho a sério, mas ainda mais desenvolve ideias criativas para sua alma.

É esse caráter amplo que eu gostaria de abordar tudo. Houve um tempo em que pensei em escrever um livro como o meu agora, tudo sobre campos de concentração, mas não conseguia me decidir. Todos os seus amigos riram de outra de suas obras : Arnold vem compondo um vademecum técnico universal há vários anos, que cobrirá todos os ramos da ciência e tecnologia contemporâneas (desde os tipos de válvulas de rádio até o peso médio do elefante) e que deve ser ... de bolso. Alec curado por essas risadas, outra de suas obras favoritas Rappoport me mostra secretamente. É um caderno com capa de borracha preta, um tratado *Sobre o Amor*. Novo, porque Stendhal's não o satisfaz de forma alguma. No momento, são apenas notas soltas e desconectadas. Mas para um homem que passou metade da vida em campos de concentração, que coisa casta! Aqui estão algumas ^[43] passagens:

- Possuir uma mulher que não é amada é infeliz, mas dos destituídos de corpo e espírito. E pensar que os homens se gabam disso como uma "vitória"!
- A posse não preparada pelo desenvolvimento orgânico de um sentimento não traz alegria, mas vergonha, repulsa. Os homens do nosso século, que dedicam toda a sua energia ao dinheiro, ao trabalho, ao poder, perderam o gene do amor supremo. Pelo contrário, para o instinto feminino infalível, a posse é apenas o primeiro passo para a intimidade autêntica. Só depois dela a mulher tomou o homem por parente e começou a dizer "você" para ele. Mesmo uma mulher que se entrega casualmente experimenta um influxo de ternura agradecida.
- O ciúme é o orgulho ferido. O amor autêntico, privado de resposta, não produz ciúme, mas morre, torna-se ossificado.
- Como ciência, arte e religião, o amor também é um meio de *conhecer* o universo.

Ao reunir esses interesses opostos, Arnold Lvovich também conhece uma variedade de pessoas. Ele me apresenta a um homem por quem eu teria

passado sem perceber: à primeira vista, um mero " mesquinho" condenado à morte por distrofia; as clavículas, sob a jaqueta de concentração desabotoada, sobressaem como as de um cadáver. Sendo tão alto, sua magreza é especialmente impressionante. Ele já está escuro o suficiente, e agora sua cabeça raspada foi bronzeada pelo sol do Cazaquistão. Ele ainda está engatinhando pela área, ainda segurando o corrimão para não cair. Ele é grego e também poeta! Outro! Ele tem um livro de versos, em grego moderno, publicado em Atenas. Mas como ele não é um prisioneiro de Atenas, mas sim um soviético (e cidadão soviético), nossos jornais não derramam lágrimas por ele.

Ele está na meia-idade, mas já está morrendo. Tento desajeitadamente e desajeitadamente distraí-lo dessas idéias. Ele sorri sabiamente e não no melhor russo, ele me explicou que o que assusta a morte não é a própria morte, mas apenas a preparação moral para ela. Ele já *teve* medo, amargura e pena, já chorou tudo o que tinha para chorar, e acontece que já sofreu por completo sua morte inevitável e está preparado. Tudo o que resta é que seu corpo acabe de morrer.

Quantos poetas existem entre o povo! É maravilhoso! (Às vezes até me deixa perplexo.) Este grego espera a morte, enquanto esses dois jovens estão apenas esperando o fim de sua pena e sua futura fama literária. Eles são poetas declarados, não o escondem. Eles têm algo brilhante e limpo em comum. Ambos são alunos, com a corrida para terminar. Kolia Borovíkov é um apoiador de Písarev (e, portanto, um inimigo de Pushkin), trabalha como médico na enfermaria. Yúrochka Kiréyev, de Tver, é um apoiador de Blok e se escreve imitando Blok; trabalha fora da área, no escritório das oficinas mecânicas. Seus amigos (e que amigos! Vinte anos mais velhos e pais) riem dele, porque em um campo da ITL, no Norte, uma romena acessível a todos se ofereceu, mas ele não a entendeu e escreveu sonetos. . Quando você olha para o rostinho limpo dela, não dá para acreditar. A maldição da virgindade juvenil, agora arrastada para campos de concentração!

(...) Você olha para algumas pessoas, outras olham para você. No quartel bagunçado, onde moram quatrocentos homens, venham, venham e durmam, depois do jantar e durante os enfadonhos relatos noturnos, li o segundo volume do dicionário de Dahl, o único livro que consegui guardar até Ekibastuz, e que tenho aqui teve que desgrçar com o selo: «Steplag. SEC ". Nunca folheio, porque o rabo à noite mal me dá meia página para

ler. Então, estou sentado ou andando na contagem, olhando para o mesmo lugar no livro. Estou acostumada a que todo mundo novo pergunte o que é esse livro gordo e se pergunte por que diabos o li. A leitura menos perigosa, respondo com uma piada. Não *vou colocar nu eva conviction* " ^[44] .

Mas também conheço muitas pessoas interessantes sobre este livro. De repente, um homenzinho se aproxima de mim, parecido com um galo, com nariz insolente, olhar sarcástico e zombeteiro e diz, com sotaque olga:

"Posso perguntar que livro é este?"

Palavra após palavra, e então domingo após domingo, mês após mês, neste homem um micromundo se abre diante de mim no qual a história de meu país em meio século está densamente coletada. O próprio Vasili Grigóri evich Vlasov (esse mesmo, do processo Kadiy, que já completou 14 anos na casa dos vinte) se considera economista e político, e não tem ideia de que seja um artista da palavra, apenas que é oral. Ele fala sobre a colheita do feno, a loja do comerciante (onde trabalhou quando criança), sua unidade vermelha, a velha hacienda, o carrasco de Gubdesertir ou a mulher insaciável do subúrbio, tudo que foi colocado em mim à frente, pregado, e fui assimilado tão solidamente como se eu próprio o tivesse vivido . Eles querem apontar isso na hora, mas quem está mirando em nada! Gostaria de me lembrar disso palavra por palavra dez anos depois, mas quem se lembra...!

Percebo que ele está me olhando com o canto do olho, para mim e para o meu livro, mas um jovem magro e esguio, de nariz reto, não ousa se aproximar , educado como não se costuma ser aqui, mesmo tímido. Nós também nos apresentamos. Ele fala em voz baixa e modesta, tem dificuldade em encontrar palavras em russo e comete erros hilariantes, que se faz perdoar com um sorriso . Acontece que ele é húngaro, seu nome é Janos Rozsas. Mostro a ele o dicionário de Dahl e ele acena com a cabeça, o rosto ressequido pela exaustão da concentração: "Sim, sim, você tem que desviar sua atenção para coisas estrangeiras, não apenas pensar em comida." Ela tem apenas vinte e cinco anos, mas suas bochechas não têm as cores da juventude; a pele fina e seca, bronzeada pelos ventos, parece estar colocada diretamente sobre os ossos longos e estreitos do crânio. As articulações doem, reumatismo agudo, apanhado ao cortar árvores no Norte.

Aqui no campo estão dois ou três compatriotas dele, mas esperam a mesma coisa o dia todo: como sobreviver, como se cansar? Por outro lado, Janos come sem reclamar do que o chefe da equipe lhe diz e, meio faminto,

não se permite procurar mais nada. Ele parece, ei, ele quer entender. Entender que...? Ele quer *nos* entender , russos!

"Meu caso pessoal ficou cinza quando conheci pessoas aqui." Estou extremamente chocado. Amavam seu povo e é por isso que estão na prisão. Mas eu acho, é bagunça da guerra, ok? (Isso foi perguntado em 1951! Se até agora é por causa da guerra, não será por causa do décimo quarto ...?)

Em 1944, quando o *nosso* o apanhou na Hungria, tinha 18 anos (e não estava no Exército). "Então, eu ainda não tinha entendido as pessoas certas ou erradas", ele sorri. Para mim, as pessoas não se beneficiaram, não sofreram nenhum dano. A investigação foi instruída assim: o juiz de instrução não entendia uma palavra de húngaro, nem Janos de russo. Às vezes, péssimos intérpretes vinham dos Cárpatos. Janos assinou 16 páginas de minutos sem entender o que eles disseram. E da mesma forma, quando um policial desconhecido lia algo para ele em um pedaço de papel, ele não entendia por muito tempo que essa era a sentença de OSO.^[45] E mandaram-no para o norte, para derrubar árvores, de onde *se aproximava*^[oi] e fui para a enfermaria.

Até então, a Rússia sempre se apresentou a ele do mesmo lado, o da posição sentada, mas agora se voltou para ele de outro. Na enfermaria do *Symsk lagpunkt*, perto de Solikamsk, estava a enfermeira Dusia, de 45 anos. Era uma pena comum, passe fora, de 5 anos. Ele via seu trabalho não em prosperar para si mesmo e terminar sua sentença (como está muito na moda aqui , mas Janos, com seu olhar rosado, não sabia), mas em curar esses moribundos e sem esperança e inúteis. Mas com o que a enfermaria deu, eles não poderiam ser salvos. E a enfermeira Dusia trocou sua ração matinal de 300 gramas de pão por meio litro de leite na aldeia , e com esse leite alimentou Janos (e antes dele, ou de outra pessoa) até o trazer de volta à vida.^[46] Por essa tia Dusia Janos se apaixonou por nosso país e por todos nós. E ele começou a estudar assiduamente no campo a língua de seus carcereiros, a grande e poderosa língua russa. Ele passou 9 anos em nossos campos de concentração, ele só viu a Rússia em vagões de prisão, em pequenas reproduções de cartões-postais e no campo de concentração. Pu es se apaixonou por ela.

Janos foi uma daquelas pessoas que se dá cada vez menos no nosso século: na sua infância não teve outra paixão senão a leitura. Essa mesma inclinação permaneceu com ele quando ficou mais velho, e até mesmo no

campo de concentração. Tanto antes nos campos do Norte, como agora no especial Ekibastuz, nunca perdi a oportunidade de obter e ler novos livros. Quando o conheci, ele já conhecia e amava Pushkin, Nekrasov, Gogol, expliquei a Griboyedov, mas mais do que qualquer pessoa, quase mais do que Petoefi e Arany, ele gostava de Lermontov, que leu pela primeira vez *como prisioneiro*, recentemente. ^[47] Janos envolveu-se especialmente com Mtsyri: ^[bj] apenas como um prisioneiro, tão jovem e tão condenado. Daí ele tirou muita coisa da memória e, andando ano após ano com as mãos atrás das costas em uma coluna estrangeira por uma terra estranha, estava murmurando para si mesmo na língua deles:

*E então eu poderia alcançar
Que talvez nunca esteja em casa
Eu poderia voltar.*

Gentil, atencioso, com olhos azuis-claros indefesos, aquele era Janos Rozsas em nosso campo implacável. Ele se sentava na minha *vagonka*, ligeiramente, bem na beirada, como se meu saco de serragem pudesse ficar mais sujo do que estava, ou esmagar com o peso, e dizia intimamente, suavemente:

"A quem expresso minhas esperanças secretas ...?"

E ele nunca reclamou de nada. ^[48]

Entre os prisioneiros, você se move como num campo minado, com os raios da intuição você retrata cada um para não voar pelos ares. E mesmo com essa prudência geral, quantas pessoas poéticas descobri numa caixinha de cabeça raspada, sob a jaqueta preta do "zk"!

E quantos se reprimiram para não se descobrirem?

E quantas, mil vezes mais, não encontrei? E quantos você já se afogou em todas essas décadas, maldito Leviatã !?

Havia também em Ekibastuz um centro de contato cultural oficial, embora muito perigoso, a Seção Educacional-Cultural, onde colocavam selos pretos nos livros e renovavam os números.

Uma figura importante e muito pitoresca em nosso SEC foi o pintor e, no passado, arqui-diácono e quase quase secretário particular do patriarca Vladimir Rudchuk. Há algures nas regras de concentração o seguinte ponto, ainda não revogado: não barbear os eclesiásticos.^[bk] É claro que ninguém faz esse público ponto, e os sacerdotes que ignorá-lo, fazer a barba-los. Mas Rudchuk conhecia seus direitos e mantinha os cabelos castanhos ondulados, um pouco mais longos do que o normal para um homem. Ele cuidou dele, como em geral sua aparência. Ele era bonito, alto, esguio, com uma voz grave agradável, podia-se imaginá-lo perfeitamente em um escritório solene em uma imensa catedral. O mordomo Drosdov, que estava comigo, reconheceu imediatamente o arqui-diácono: ele oficiava na catedral de Odessa.

Mas sua aparência e sua vida eram as de um homem de outro mundo que não o dos prisioneiros. Ele pertencia àquelas personalidades duvidosas que entraram ou entraram na Igreja Ortodoxa assim que a liminar foi retirada; eles fizeram o possível para desacreditá-la. Além disso, a história de como Rudchuk foi para a prisão não era clara, não sei por que ele estava mostrando uma foto sua (incompreensivelmente não confiscada) em uma rua de Nova York com o emigrado metropolitano Anastasio. No campo, ele morava em uma *cabana* separada. Depois de voltar do treinamento matinal, onde ele desdenhosamente pintou números em nossos chapéus, casacos e calças, passei o dia preguiçosamente, às vezes fazendo cópias um tanto grosseiras de pinturas vulgares. Ele tinha livremente um grosso volume de reproduções da galeria Tretyakov, para as quais eu apareci lá: eu queria ver, talvez pela última vez na minha vida. Ele recebeu e no campo *Vestnik Moskvóvskoy Patriárjii* (Mensagem patriarcado de Moscou) e às vezes argumentou grandiosamente de protomártires ou detalhes litúrgicos, mas todos fictícios, insinceramente. Ele também tinha um violão, e só isso era sincero, acompanhando-se, cantava agradavelmente:

O vagabundo cruzou o Baikal ...

e ele equilibrava o corpo, para terminar de mostrar como o nimbo triste do condenado o envolvia.

Quanto melhor a pessoa vive no campo, mais refinada ela sofre ...

Fui então prudente ao poder vinte e três, não me aproximei mais de Rudchuk, não lhe contei *nada* sobre mim e , assim, escapei de seu olhar

penetrante como um verme inofensivo e insignificante. O olhar de Rudchuk era o olhar da MGB.

Bem, em geral, que velho recluso não entende que a SEC está sempre saturada de informantes e é a menos adequada, à primeira vista, para conhecer e lidar com pessoas? Sim, em campos ITL comuns, a SEC atraiu porque ali se encontravam homens e mulheres. Mas, na prisão, por que pisar nela?

Descobriu-se que mesmo o delator da SEC condenado pode ser usado para a liberdade! Foi-me ensinado por Gueorgui Terno, Piotr Kishkin e Zhenia Nikishin.

Foi na SEC que conheci o Tenno, lembro-me muito bem desse breve e único encontro, porque me lembro do próprio Tenno. Ele era um homem magro, alto e de aparência esportiva. Não se sabe por que, então sua túnica e calças de marinheiro ainda não haviam sido rasgadas dele (ele ainda usava suas próprias roupas no último mês). E embora ele usasse o número CX-520 aqui e ali em vez de dragonas de fragata, mesmo agora teria sido o suficiente para ele se mover da costa para o navio para ter toda a aparência de um oficial da marinha . Conforme ele se movia, seus braços ficavam expostos ao topo de seus pulsos, cobertos por uma penugem loira, e em um ele tinha uma tatuagem em torno de uma âncora "Liberty", e no outro "Faça ou morra".^[49] Nem Tenno conseguiu fechar, nem desfigurar seus olhos, para encobrir a bizarrice e nitidez. Ele também não conseguiu esconder o sorriso que iluminou seus lábios grossos. (Eu ainda não sabia: seu sorriso significava que o plano de fuga já estava maduro!)

Este é o campo de concentração! Um campo minado! Tenno e eu estávamos aqui e não aqui: eu nas estradas da Rússia Oriental, ele em sua futura fuga em serviço, ambos carregávamos uma carga de projetos secretos, mas nenhuma faísca deveria pular entre nossas mãos quando os apertamos, entre nossos olhos ao trocar palavras superficiais! Aí falamos umas frases sem importância, mergulhei no jornal e ele começou a falar de atividades artísticas com Tumarenko, um presidiário, com pena de 15 anos, mas apesar de todo o diretor da SEC, um homem bastante complicado , com várias facetas que parecia adivinhar, mas não tive a oportunidade de verificar.

Sim, parece uma piada! Na SEC penitenciária também havia um círculo de atividades artísticas, ou melhor, estava sendo criado! Esse círculo não tinha nenhuma das vantagens dos ITLs, privilégio zero , que só poderia

ser frequentado pelos entusiastas mais incorrigíveis. Destes, descobriu-se que era Tenno, embora por sua aparência se pudesse ter uma opinião melhor sobre ele. *Mais ainda* : desde o primeiro dia de sua chegada aqui, em Ekibastuz, ele estava na *regimka* , e a partir daí pediu permissão para a SEC! A superioridade considerou isso como um sinal de emenda que estava começando, e autorizou-o a ir ...

Em contraste, Petia Kishkin não era ativista da SEC, mas era o homem mais famoso da área. Todo o campo de Ekibastuz o conhecia. Eu estava orgulhoso do *gol para* onde estava indo, aí você não estava entediado. Kishkin era uma espécie de idiota da aldeia, mas não era idiota; ele se fez de bobo, mas dissemos: "Kishkin é o mais inteligente de todos!" Ele era um idiota como o irmão mais novo Ivan da história. ^[hl] Kishkin era um personagem muito local, muito russo: para os poderosos e maus dizerem as verdades na cara deles, para mostrarem às pessoas o que são, e tudo isso sob uma aparência inofensiva e boba.

Um de seus atos favoritos foi vestir uma espécie de colete de palhaço verde e pegar tigelas sujas das mesas. Isso em si já era uma demonstração: o homem mais popular do campo recolhe tigelas para não estourar de fome. E a segunda coisa que ele queria era que, quando recolhia tigelas, com caretas e contorções, sempre no centro das atenções, estivesse andando entre os trabalhadores semeando ideias sediciosas.

Assim, de repente ele pega da mesa uma tigela com o mingau ainda intacto, enquanto a operadora fica apenas com a *balanda*. O trabalhador estremece, agarra-se à tigela e Kishkin abre um sorriso (seu rosto era redondo, mas com uma ponta de dureza):

"Enquanto o *mingau* não tocar em você , você não estará lá de jeito nenhum."

E ele vai embora com uma pilha de tigelas, dançando.

Mas hoje, não só neste time os meninos vão comentar a nova piada de Kishkin.

Ele se inclina sobre a mesa novamente, e todos se voltam para ele de suas tigelas. Revirando os olhos, como um gato de brinquedo, parecendo completamente bobo, Kishkin pergunta:

"Rapazes!" Se o pai for estúpido e a mãe uma prostituta, os filhos serão comidos ou terão fome?

E sem esperar a resposta, óbvia demais, ele aponta o dedo para a mesa com espinhas de peixe:

—Sete e oito bilhões de *puds* ^[hm] por ano, dívida por duzentos milhões!

E ele foge. Mas que ideia simples! Como isso não nos ocorreu antes? Há muito que se informa que coletamos oito bilhões de poods de grãos por ano, ou seja, que o pão toca um dia, mesmo contando as crianças, dois quilos. Por outro lado, nós, homens adultos, estamos cavando a terra o dia todo, e onde eles estão?

Kishkin multiplica as formas. Às vezes, a mesma ideia começa do outro lado, com uma "palestra sobre a composição do pão". Os momentos em que a coluna fica parada, em frente à guarda do campo ou da obra, e é possível falar, ele os usa para discursos. Um de seus constantes slogans: "Desenvolva seus rostos!" "Estou andando pela área, pessoal, e vejo: todo mundo tem rostos tão subdesenvolvidos. Eles só pensam no prato de mingau, nada mais.

Ou então, inesperadamente, sem ir direto ao ponto nem dar explicações, grita diante da multidão de prisioneiros: "Dardanel! Feroz!" Parece não fazer sentido. Mas ele berra sem parar, e de repente todos começam a entender *quem é* esse Dardanel, e ele já parece tão engraçado e bem-sucedido, que um bigode sinistro começa a ser visto naquele rosto: *Dardanel!*

Tentando, por sua vez, ridicularizar Kishkin, um chefe lhe pergunta em voz alta perto da casa da guarda: «Por que você está tão careca, Kishkin? De tanto sacudi-lo?» Sem pensar por um minuto, Kishkin responde diante de toda a multidão: "O quê, Lenin também estava sacudindo, hein?"

Ou Kishkin anda pela sala de jantar e anuncia que hoje, depois de recolher as tigelas, ele dará aulas de Charleston ao endurecido.

Que maravilha, eles trouxeram o cinema! E à noite naquela mesma sala de jantar, sem biombo, sem mais na parede branca, eles projetam. As pessoas se reuniram, que não cabem um alfinete, sentam-se nos bancos, e nas mesas, e entre os bancos, e uns em cima dos outros. Mas eles ainda não projetaram uma parte, eles param. O feixe vazio de luz branca se inclina contra a parede e vemos: vários guardas chegaram, estão escolhendo um lugar para ficarem confortáveis. Eles designam um banco e mandam todos os prisioneiros sentados nele que o esvaziem. Esses estão decididos a não se levantar, é porque não vêem filmes há vários anos, eles têm muita vontade! As vozes dos guardas ficam mais severas, alguns dizem: "Vamos ver, anote o número deles!" Acabou tudo, teremos que ceder. E de repente em toda a sala escura ressoa a voz maliciosa, irônica e conhecida de Kishkin:

"Cara, é verdade, meninos, os guardas não têm para onde ver filmes, vamos embora!"

Riso geral. Oh risada, oh força! Todo o poder pertence aos guardiões, mas eles, sem anotar os números, recuam com o rabo entre as pernas.

"Onde está Kishkin?" Eles gritam.

Mas Kishkin não dá mais um sinal de vida, não existe tal Kishkin! Os guardiões vão embora, o cinema continua.

No dia seguinte, eles convocam Kishkin para o chefe do regime. Opa, vão cair cinco dias! Não, ele está de volta, sorria. Ele escreveu uma declaração de defesa: "Durante uma *discussão* entre os guardas e os detidos por assentos no cinema, convidei os detidos a cederem o lugar, conforme ordenado, e irem embora". Por que mandá-lo para a masmorra?

Aquela paixão absurda dos prisioneiros por espetáculos, quando são capazes de esquecer-se de si, de sua desgraça, de sua humilhação, por um pedaço de filme ou representação em que pintarão tudo de maravilhoso, zombeteiro, Kishkin também tem um gosto ridículo. use-o. Antes de um concerto ou cinema destes sempre se reúne um rebanho que deseja assistir.

Mas hoje estão muito tempo sem abrir a porta, aguardam o chefe da guarda, para que ele deixe entrar os melhores times na ordem da lista. Eles esperam e estão amontoados há meia hora, esmagando as costelas um do outro. Kishkin, atrás da multidão, tira os sapatos, com a ajuda do vizinho, pula nos ombros do último e, descalço, corre habilmente de ombro a ombro, de ombro a ombro, por toda a multidão até a porta desejada! Ele bate nela, contorcendo-se e mostrando com todo seu corpinho rechonchudo o quanto quer entrar! E com a mesma rapidez, de ombro a ombro, ele se vira e salta para baixo. No início, as pessoas riem. Mas, ao mesmo tempo, ele também tem vergonha: é verdade, estamos aqui como ovelhas. Veja você! Pelo que eles dão!

E eles vão embora. Quando o auxiliar chega com a lista, quase não tem ninguém para deixar entrar, ninguém para empurrar, para ir buscar as pessoas com um pau.

Mais uma vez, na espaçosa sala de jantar começa um concerto. Eles estão todos sentados. Kishkin não boicota o concerto, de forma alguma. Ele está aqui, de colete verde, leva cadeiras, ajuda a fechar a cortina. Cada uma de suas aparições provocou aplausos e aprovação na sala. De repente, ele corre pelo palco, como se estivesse sendo perseguido, e acenando com a mão em aviso, grita: "Dardanel! Feroz!" Riso Mas alguém se divertiu: a

cortina está fechada, o palco está tão vazio e não há ninguém. Kishkin imediatamente entra em cena. Eles riem dele, mas imediatamente se calam: sua aparência não é apenas cômica, mas frenética, seus olhos dilatados, dá medo vê-lo. Recite em ucraniano, tremendo, com olhares assustados para os lados:

*Eu vejo como os gendarmes atiram,
Cadáveres caem, sangue corre
E o filho morto jaz ao lado do pai ...*

Isso é para os ucranianos, que ocupam metade da sala! Trazido recentemente das regiões rebeldes, era como sal em uma ferida recente! Eles uivaram! Um ordenança já foi jogado no palco por Kishkin. Mas o rosto trágico de Kishkin de repente se transformou em um sorriso de palhaço. Já em russo, ele gritou:

"É de quando eu estava na quarta série, eles nos fizeram aprender um verso sobre o nono de janeiro!"^[hn]

E ele saiu correndo do palco, mancando grotescamente.

Em vez disso, Zhenia Nikishin era um menino simples, agradável e amigável com um rosto sardento e franco. (Havia muitos jovens assim nas cidades, antes de sua destruição. Agora as expressões hostis predominam lá). Zhenia tinha voz, gostava de cantar para as amigas do quartel e do palco também.

E um belo dia foi anunciado:

-*Só tu*. Música de Mokrousov, letra de Isakov ski. Zhenia Nikishin se apresenta acompanhando na guitarra.

Uma melodia simples e triste saiu do violão. E Zhenia, diante do grande salão, começou a cantar intimamente, trazendo à tona nossa ternura ainda não seca, ainda não resfriada:

*Só você !
Ninguém mais que tu!
É você quem, não me importo mais!*

Só tu! O longo e enfadonho slogan acima do palco sobre o plano de produção empalideceu. Na escuridão acinzentada da sala, os anos do campo de concentração , os muitos passados, os muitos por passar , se dissiparam . Só tu! Não nossa suposta culpa diante do poder, nem nossas contas com ele. E não os nossos cuidados de lobo ... Só você ...!

*Eu me lembrarei de você
Onde quer que eu esteja
Mulherzinha, eu nunca vou te esquecer!*

A música era sobre uma ausência infinita. Pela falta de notícias. De se perder. Como foi oportuno! Mas nada propriamente da prisão. E tudo também pode ser atribuído à longa guerra.

E para mim, poetisa clandestina, o meu instinto falhou: não percebi então que do palco ressoavam do palco versos de outro poeta clandestino (mas quantos eram?!), Só que mais flexíveis que eu, mais adaptados à publicidade.

O que ele estava arriscando? Que a pontuação exigia dele no campo, que verificassem Isakovsky e Mokrousov? Direi que me lembrei de cor.

Cerca de dois mil homens estariam sentados ou em pé na escuridão azul. Eles estavam imóveis e silenciosos, como se não houvesse ninguém. Endurecidos, cruéis, duros, eles se viram dominados pelo coração. Acontece que as lágrimas ainda corriam, eles ainda sabiam o caminho.

*Só tu!
Ninguém mais que tu!
É você quem, não me importo mais!*

VI

Um fugitivo convicto

Quando Gueorgui Pavlovich Tenno conta agora evasões passadas - as suas, ou de colegas, ou que só conhece por ouvir dizer - das mais irreduzíveis e tenazes, de Ivan Vorobiov, Mikhail Jaidárov, Grigori Kudla, Hafiz Hafízov, diz elogiando: «¡ Ele era um fugitivo *convicto!* "

Um fugitivo convicto! Ele é aquele que não duvida por um segundo que um homem não pode viver atrás das grades! Nem na saída mais confortável, nem na administração, nem na SEC, nem no cortador de pão! Aquele que, ao cair prisioneiro, passa todo o dia pensando em fugir e sonha em fugir à noite. Aquele que *assinou para* ser intransigente , e todos os seus atos os subordina a uma coisa: evasão! Aquele que não passa um único dia no campo de concentração assim: ou está se preparando para fugir, ou está fugindo, ou foi pego, espancado até a morte e está sendo punido na prisão do campo .

Um fugitivo convicto! Ele é quem sabe o que está em jogo. Aquele que viu os cadáveres de fugitivos fuzilados, que são expostos como exemplo para a formação. Aquele que também viu aqueles que foram trazidos vivos, com toda a sua pele roxa, tossindo o sangue, carregados pelo quartel e forçados a gritar: “Reclusos! Olha o que aconteceu comigo! O mesmo vai acontecer com você! " Aquele que sabe disso na maioria das vezes, o cadáver de um fugitivo pesa muito para trazê-lo de volta ao campo. E é por isso que só a cabeça fica na mochila, ou (segundo o regulamento é mais seguro) também a mão direita, cortada no cotovelo, para que a seção especial possa verificar as impressões digitais e dispensar o homem .

Um fugitivo convicto! É contra quem eles colocam grades nas janelas; contra aqueles que cercam a área com dezenas de arames farpados, constroem gazebos, cercas, muros, colocam postos secretos, emboscadas, alimentam cães cinzentos com carne vermelha.

Fugitivo convicto é também aquele que rejeita as censuras debilitantes dos covardes camponeses: por causa dos fugitivos, outros passarão por momentos piores! Eles vão fortalecer o regime! Dez vezes por conta! O balanda claro! Aquele que despreza os murmúrios dos outros presos não só sobre a renúncia ("você pode morar no campo também, principalmente se mandam pacotes"), mas até sobre os protestos, as greves de fome, porque isso não é luta, mas ilusão. De todos os meios de luta, veja um, acredite em um, sirva a um: a evasão!

Ele simplesmente não pode ser de outra forma! Foi criado assim. Assim como um pássaro não é livre para desistir de sua migração sazonal, um fugitivo convicto não pode parar de fugir.

Nos intervalos entre duas fugas malsucedidas, Gueorgui Tenno foi questionado por seus companheiros submissos: 'E o que você perdeu? Por que você está fugindo? O que você vai encontrar lá fora, especialmente quando as coisas são como são? " O que você quer dizer? Tenno ficou surpreso. Liberdade! Estar um dia na taiga e não acorrentado, bom, isso é liberdade! ”

Prisioneiros como ele, como Vorobiov, o GULAG e os Órgãos não os conheciam na *meia-idade*, a idade dos coelhos. Seus detidos foram encontrados apenas nos primeiros dias, e somente depois da guerra.

Este é Tenno . Em cada novo campo (e eles o moviam com frequência), ele ficava deprimido, triste, até que bolou um plano de fuga. Por outro lado, quando o plano aparecesse, Tenno o iluminaria por inteiro e um sorriso triunfaria em seus lábios.

E quando, lembra ele , deu início à revisão geral dos prontuários e das reabilitações, desanimou-se: sentiu que a esperança na reabilitação minava sua vontade de escapar.

Sua vida complicada não se encaixa neste livro. Mas ele tem a veia de um fugitivo desde o nascimento. Quando criança, ele fugiu de um colégio interno em Bryansk "para a América", isto é, em um barco no rio Desnia; desde a noite de Pyatigorsk, no inverno, ele esgueirou-se pelas grades da porta de cueca e foi para a casa da avó. E o que é original: em sua vida as veias marítimas e circenses se cruzam. Estudou na escola da Marinha, foi marinheiro de quebra-gelo, contramestre de vagabundo, navegador de frota mercante. Ele terminou o Instituto Militar de Línguas Estrangeiras, passou a

guerra na Frota do Norte, viajou como oficial de ligação em navios de escolta ingleses para a Islândia e a Inglaterra. Mas também desde criança que se dedicou à acrobacia, se apresentou em circos sob o NEP ^[ho] e depois nos intervalos entre os embarques ; Eu era um treinador em um nível alto; ele executou vários "mnemônicos", de "retenção" de uma infinidade de números e palavras, de "adivinhação" do pensamento à distância. Também o circo e a vida no porto o levaram a um leve contato com o mundo subterrâneo: algo de sua linguagem, sua sede de aventura, seu humor, sua ousadia. Depois de compartilhar várias células com bandidos, ele continua e aprende coisas com eles. Tudo isso também será útil para um fugitivo convicto.

Toda a experiência do homem se acumula no homem, e assim surgimos.

Em 1948 ele foi desmobilizado repentinamente. Isso já era um sinal do outro mundo (ele conhece línguas, navegou num navio inglês, é estoniano para tudo isso, certamente de Petersburgo), mas todos nós nutrimos esperanças pelo melhor. Na vigília de Natal desse mesmo ano, em Riga, onde o Natal ainda é tão marcante, tão festivo, foi detido e levado para uma cave na Rua Amatu, junto ao conservatório. Ao entrar na sua primeira cela, não se deteve e sem motivo, explicou ao indiferente e silencioso guardião: «A esta mesma hora a minha mulher e eu tínhamos bilhetes para o *Conde de Monte Cristo*. Ele lutou por sua liberdade, eu também lutarei.

Mas ainda era muito cedo para lutar. É que sempre somos dominados por suposições sobre *um erro*. Para a cadeia? Por quê? Não pode ser! *Eles vão esclarecer tudo!* Antes de sua transferência para Moscou, ele foi deliberadamente acalmado (isso é feito para maior segurança do transporte), o chefe da contra-espionagem, Coronel Morschinin, até mesmo veio vê-lo na estação, apertou sua mão: "Vá com calma!" Com a escolta especial havia quatro pessoas, e elas estavam em um compartimento só para eles em um vagão-leito. O comandante e o tenente, após comentarem sobre como fariam um bom reveillon em Moscou (talvez seja para esse tipo de viagens que tenham sido inventadas escoltas especiais?), Deitaram nos beliches superiores e, aparentemente, eles adormeceram. No outro abaixo, um sargento deitou-se. Ele se movia sempre que o detido abria os olhos. Luz, apenas o azul acima estava queimando. Sob sua cabeça, Tenno tinha a primeira e última entrega apressada de sua esposa: uma mecha de cabelo e uma barra de chocolate. Ele estava deitado e pensando. O carro sacudiu

agradavelmente. Com qualquer significado e qualquer previsão, somos livres para preencher esse som. Tenno o encheu de esperança: "Tudo ficará claro." E é por isso que ele não fez projetos de fuga sérios. Ele estava apenas calculando como isso poderia ser feito. (Mais tarde, ele se lembrará daquela noite mais de uma vez e só estalará a língua em pena. A fuga nunca será tão fácil, a liberdade nunca estará tão perto!)

Duas vezes durante a noite, Tenno foi ao banheiro pelo corredor noturno vazio, o sargento foi com ele. A pistola pendurada em um freio comprido, como é costume na Marinha. Junto com o detido, ele entrou no próprio banheiro. Conhecendo judô e luta livre, não custou nada *rolar por aqui*, tirar a arma dele, mandar ele calar a boca e sair quieto parando.

Na segunda vez, o sargento teve medo de entrar pela abertura, ele ficou atrás da porta. Mas a porta estava fechada, você podia ficar o tempo que quisesse. Ele poderia quebrar o vidro, pular na pista. A noite! O trem não ia rápido, era o ano 48, parava muito. Claro que era inverno, Tenno estava sem casaco e tinha apenas cinco rublos, mas seu relógio ainda não tinha sido tirado dele.

O luxo da escolta especial terminou em Moscou na estação. Esperaram que todos os passageiros saíssem do carro, e uma brigada com dragonas azuis entrou, do carro celular: "Onde ele está?"

Recepção, insônia, *caixas, caixas*. ^[cv] demanda Naive a ser apresentado o mais rápido possível antes que o juiz de instrução. O ordenança bocejou: "Espere, você vai se fartar."

Finalmente, o juiz de instrução. Vamos ver, conte suas atividades criminosas. "Eu não sou culpado de nada!" "O único que não é culpado de nada é o Papa Pio."

Na cela, só ele e um informante. Isso deixa claro: bem, o que havia realmente? Alguns interrogatórios, e tudo é claro : eles não pretendem esclarecer as coisas, não vão liberá-lo. Quer dizer, fuja!

A fama mundial da prisão de Lefórtovo não intimida Tenno. Talvez seja como o novato da frente, que, não tendo passado por nada, não tem medo de nada? O plano de fuga é sugerido a ele pelo juiz de instrução, Anatoliy Levshín. Ele sugere isso tornando-se cruel, malévolo.

Pessoas e povos têm medidas diferentes. Quantos milhões sofreram golpes entre essas paredes, sem nem chamar de "tortura"! Mas, para Tenno, a consciência de que pode ser derrotado impunemente é insuportável. É uma humilhação, e melhor do que não estar vivo. E quando Levshín, após

ameaças verbais, se aproxima dele pela primeira vez, ele levanta a mão, Tenno se levanta e responde com um tremor de raiva: “Olha, estou acabado de qualquer maneira! Mas um ou dois *olhos* eu os *tiro*! Eu sou capaz disso!”

E o juiz de instrução recua. Essa troca de olho bom pela vida perdida do prisioneiro não lhe convém. Agora drene Tenno com masmorras, para derrubá-lo. Em seguida, ele encena a comédia de que a mulher que grita de dor no escritório ao lado é a esposa de Tenno e que, se ela não confessar, eles vão torturá-la ainda mais.

Mais uma vez, ele não calculou quem encontrou! Assim como o soco, nem mesmo o questionamento de sua esposa resistiu a Tenno. Estava cada vez mais claro para o detido que esse juiz de instrução teria de ser morto. Entrou no plano de fuga! O comandante Levshín também usava uniforme da Marinha, também era alto, também era loiro. Para o porteiro de despacho, Tenno bem poderia passar por Levshín. Era verdade que ele tinha o rosto cheio e rosado, ao passo que Tenno perdera peso. (Para um detento não é fácil se ver no espelho. Mesmo que você peça para ir ao banheiro durante o interrogatório, lá o espelho é coberto por uma cortina preta. Só se houver sorte, um movimento, você puxa a cortina e, oh, que abatido e pálido! Que pena de si mesmo!)

Enquanto isso, o pomo inútil foi removido da cela. Tenno investiga sua cama livre. A barra transversal de metal em seu ponto de soldagem com a perna do leito está enferrujada, a ferrugem consumiu parte da espessura, a solda não se mantém bem. O comprimento da barra é de cerca de três pés. Como conseguir isso?

A primeira coisa é ... cultivar uma contagem rítmica dos segundos. Calcule então, guarda a guarda, qual é o intervalo entre um olhar pelo olho mágico e o outro (claro, qual dos guardas está de plantão, você tem que imaginar como se estivesse andando livremente pelo corredor). O intervalo varia de quarenta e cinco segundos a sessenta e cinco segundos.

Em um desses intervalos, um esforço!, E a barra quebra do lado enferrujado. O segundo é completo, será mais difícil quebrá-lo. Você tem que andar nele com os dois pés, mas ele ressoará no chão. Aí no intervalo você tem que ter tempo para: colocar o travesseiro no chão de concreto, deitar, quebrar, o travesseiro no lugar, e a cama, por enquanto, na própria cama. E todo o tempo conta segundos.

Quebrado. Feito!

Mas não é uma solução: eles vão entrar, vão encontrar, você vai morrer nas masmorras. Vinte dias em uma masmorra e você fica sem forças não apenas para escapar, mas você nem mesmo se defenderá do juiz investigador. Então lhe ocorre: fazer um buraco no colchão com as unhas. Pegue um pouco de lã de dentro. Com a lã embrulhe as pontas da barra e coloque-a no seu lugar anterior. Conte os segundos! Já está pronto!

Mas não é por muito tempo. A cada dez dias há um banheiro e, durante o banheiro, procuro na cela. Você pode ver o quebrado. Então você tem que agir mais rápido. Como levar a barra ao interrogatório ...? Quando eles saem da prisão, eles não se registram. Eles só o sentem quando você retorna do interrogatório, e ainda apenas as laterais e o peito, onde há bolsos. Procuram lâminas de barbear, temem suicídios.

Tenho veste a camiseta clássica por baixo da jaqueta de marinheiro, aquecendo o corpo e o espírito. "Marinheiro, para o mar ...!" Pediu ao guardião uma agulha (no final do dia dão), para costurar botões de pão. Ele desabotoou a túnica, desabotoou a calça, tirou a ponta da camisa e costurou um pedacinho dobrado em si mesmo: acabou sendo uma espécie de bolsinho (para a ponta da barra). Ele já havia rasgado um pedaço de barbante de sua cueca boxer. Agora, fingindo que estava costurando um botão para o guerreiro, ele amarrou esse cordão nas costas da camisa no peito: será a alça que terá a barra certa.

Agora a camisa é colocada com a frente para trás, e dia após dia começa o treinamento. A barra é colocada nas costas, por baixo da camisa: é passada pela alça superior e repousa no bolso inferior. A extremidade superior da barra cai até o nível dos ombros, abaixo do pescoço do guerreiro. O treinamento consiste em conseguir, entre um olhar e outro olhar: alcançar a nuca, agarrar a barra pela ponta, dobrar o tronco para trás, endireitá-lo para frente, como uma corda de arco, enquanto puxa a barra para fora, e dar um golpe forte na cabeça do juiz de instrução. E novamente tudo no seu lugar! Relance. O detido está folheando um livro.

O movimento estava vindo cada vez mais rápido, a barra já sibilando no ar. Mesmo que o golpe não fosse fatal, o juiz de instrução cairia inconsciente. Se vocês também colocaram minha esposa na prisão, não sinto pena de nenhum de vocês!

Além disso, são preparados dois tampões de lã, sempre a partir do mesmo colchão. Eles podem ser colocados na boca atrás dos dentes e assim fazer um rosto redondo.

Claro, você também tem que se barbear naquele dia, e eles fazem a barba com lâminas de barbear uma vez por semana. Portanto, a data não importa.

E como dar cores ao rosto? Mancha um pouco as bochechas de sangue. *Seu sangue.*

Um fugitivo não pode ver e ouvir "só porque", como outras pessoas. Ele deve ver e ouvir com seu objetivo de fuga particular. E não deixe nenhum detalhe sem dar sua interpretação. Quer o levem para o interrogatório, para a caminhada, para o banheiro, seus pés contam passos, seus pés contam passos (não é tudo o que será necessário, mas eles contam). Seu tronco registra as voltas; os olhos de sua cabeça, que é ordenada a ser abaixada, examinam o chão - o que é , se está inteiro -, dão a volta o mais que podem, e observam todas as portas, duplas, comuns, que têm uma maçaneta, cujo cadeado , para que lado eles abrem; a cabeça valoriza a finalidade de cada porta; os ouvidos ouvem e conectam os pontos; este som já me alcançou enquanto na cela, e indica tal coisa.

O famoso edifício em forma de K em Lefórtovo: vão central entre todos os pisos, galerias de metal, guarda regulando o trânsito com bandeirinhas. Vou para a ala de despacho. Eles interrogam vários simultaneamente. Melhor! Estude o layout de todos os corredores e portas na ala dos escritórios. Como os juízes investigadores chegam do exterior? Passando em frente a esta porta com uma janela quadrada. A principal verificação de sua documentação, é claro, não está aqui, mas no posto de guarda externo, mas aqui também eles são apontados ou observados de alguma forma. Agora um desce e fala para alguém de cima: "Até logo, vou para o Ministério!" Ótimo, essa frase será útil até mesmo na corrida .

Como eles vão para o posto de guarda, isso terá que ser adivinhado, vão na direção certa sem hesitar. Mas certamente há um caminho na neve. Ou o asfalto deve ser mais escuro e sujo. E como eles passam pelo posto de guarda? ¿Ens Enan seu cartão? Ou eles a deixaram na entrada e agora dizem o sobrenome dela e vão buscá-la? Ou você conhece todo mundo e dizer o sobrenome vai ser um erro, você só precisa entrar em contato?

Muitas coisas podem ser respondidas se você não olhar para as perguntas estúpidas do juiz de instrução, mas observá-lo bem. Para apontar o lápis, ele tira uma lâmina de barbear de um cartão em seu bolso superior. Você pergunta imediatamente:

"Esse não é o passe." Então, a passagem está na entrada?

"A carteira se parece muito com uma carteira de motorista." Então você vem de carro? Então você também levará as chaves? Você vai deixar o carro na frente do portão da prisão? Aqui mesmo, sem sair do escritório, você terá que ler o número da carteira de habilitação, para não se perder lá.

Eles não têm guarda-roupa. A capa e o boné do marinheiro estão pendurados aqui no escritório. Melhor.

Não se esqueça, você não precisa deixar um assunto importante, e tudo tem que caber em 4-5 minutos. Quando ele já está no chão, abatido:

1. Tire a túnica, coloque a mais nova e com dragonas.
2. Tire os cadarços e amarre os sapatos que caem, isso vai demorar.
3. Coloque a lâmina de barbear em um orifício especialmente preparado no calcanhar (se você for pego e jogado no primeiro campo, corte as veias ali mesmo).
4. Verifique todos os documentos, leve os necessários.
5. Lembre-se do número do carro, encontre as chaves.
6. Em sua carteira grossa, coloque seu próprio arquivo judicial, leve-o embora.
7. Tire o relógio.
8. Cubra as bochechas do batom com sangue.
9. Arraste seu corpo atrás da escrivaninha ou da porta, para que aqueles que possam entrar pensem que ele saiu e não o perseguam.
10. Enrole a lã em tampões, coloque-os sob as bochechas.
11. Vista seu casaco e chapéu.
12. Puxe os fios do switch. Se depois de algum tempo alguém entrar, ficar escuro, ele gira o interruptor, vê que a lâmpada está queimada, então o juiz de instrução foi para outro escritório. Mas mesmo que eles troquem a lâmpada, vai demorar um pouco até que eles assumam.

Então havia 12 coisas a fazer, a décima terceira é a própria fuga ... Tudo isso tem que ser feito em um interrogatório noturno. O ruim será se a carteira de motorista não for. Então ele vai e vem no ônibus dos magistrados de instrução (eles os colocam especialmente, no meio da noite!), E os outros magistrados de instrução vão achar estranho que Levshín, sem esperar 4-5 da manhã, vá no meio da noite a pé.

E outra coisa: ao passar pela janela quadrada, você terá que levar um lenço ao rosto, como se assoasse o nariz; e ao mesmo tempo desviar seu olhar para o relógio; e para acalmar o vigia grite: "Perov! (é amigo dele) Vou para o Ministério! Falaremos amanhã! "

Claro, há muito poucas oportunidades, no momento elas parecem 3-5 em cem. É quase impossível, completamente desconhecido, o posto de guarda externo. Mas é melhor do que morrer aqui como escravo! Mas é melhor do que enfraquecer até ser pisoteado! A lâmina de barbear vai ficar no calcanhar!

E para um interrogatório noturno, logo após se barbear, Tenno foi com a barra de ferro nas costas. O juiz de instrução interrogou, insultou, ameaçou, mas Tenno olhou para ele e ficou pasmo : como não sente que as suas horas estão contadas?

Era meio-dia da noite. Tenno planejava ficar até cerca das duas da manhã. Neste momento, alguns juizes de investigação já estão começando a sair, marcando uma "noite curta".

Então você tem que pegar o momento: ou o juiz de instrução traz folhas de atas para a assinatura, como sempre faz, de repente simula uma tontura, joga as folhas no chão, faz com que ele se curve por um segundo e ... Ou sem nenhuma minutos, cambaleando e dizendo que está tonto, pedindo água. Ele vai trazer um jarro esmaltado (fica com o copo para si), beber e deixar cair, ao mesmo tempo que leva a mão direita à nuca, será natural, como se estivesse tonto. O juiz de instrução não para de se abaixar para olhar o frasco caído e ...

O coração bateu. Era a véspera de uma festa. Ou véspera da morte.

Mas tudo acabou de forma diferente. Por volta da meia-noite, outro juiz de instrução entrou correndo e sussurrou no ouvido de Levshin. Isso nunca tinha acontecido antes. Levshín foi apressado, apertou a campainha chamando o guarda para ir buscar o detido.

E está tudo acabado ... Tenno voltou para sua cela, colocou a barra no lugar.

De novo o juiz de instrução o chamou de barba (não adiantava nem pegar a ordem).

Em seguida, um interrogatório diurno. E algo estranho aconteceu: o juiz de instrução não rugiu, desanimou com a previsão de que dariam de 5 a 7 anos, não era tão grave. E o que quer que fosse, não havia mais ódio suficiente para rachar sua cabeça. Descobriu-se que Tenno não tinha ódio estável.

A onda de ânimo passou. Parecia que as chances eram muito baixas, então você não joga.

O humor de um fugitivo é ainda mais variável, talvez, do que o de um ator.

E todos os longos preparativos foram perdidos ...

Mas um fugitivo também deve estar preparado para isso. Já tinha golpeado o ar cem vezes com a barra, já tinha matado uma centena de juízes de instrução.

Ele havia vivido toda a sua fuga dez vezes em detalhes, no escritório, em frente à janela quadrada, para o posto de guarda atrás dele! Ele já estava exausto com essa evasão, e ainda assim ele nem mesmo começou.

Eles logo mudaram o juiz de instrução, transferindo-o para o Lubyanka. Aqui Tenno não preparou a evasão (o progresso do resumo parecia mais encorajador, e não havia determinação para escapar), mas ele estava assistindo teimosamente e formando um plano de treinamento.

Fugir do Lubyanka? Mas é mesmo possível ...? Bem, se você pensar bem, pode até ser mais fácil do que Lefórtovo. Logo você começa a se orientar nesses corredores muito longos que o levam ao interrogatório. Às vezes, nos corredores, você encontra placas: "Saída # 2," Saída # 3. (Você lamenta ter sido tão descuidado em liberdade, não ter observado a Lubyanka de fora, onde cada saída cai). É precisamente aqui que se encontra a instalação, que não é o território da prisão, mas sim o Ministério, onde existe uma multidão de juízes de instrução e outros funcionários, que as sentinelas não podem conhecer pessoalmente. Portanto, a entrada e a saída são feitas com passe estrito, e o passe é mantido pelo juiz de instrução em seu bolso. E se você não conhece pessoalmente o juiz de instrução, não é mais tão importante se parecer exatamente com ele, basta que seja aproximadamente. O novo juiz de instrução não usa mais uniforme da Marinha, mas cáqui. Então ele teria que colocar seu uniforme. Não haverá barra, mas com determinação ... No gabinete do juiz de instrução existem muitos objetos contundentes, por exemplo o peso de papel de mármore. E não é obrigatório matar ele também, você nocauteia por dez minutos, e você está fora!

Mas esperanças vaporosas de alguma clemência e razão privam a vontade de Tenno de clareza. Só no Butyrki é que o peso o deixa: em uma papelada do OSO, ele é notificado sobre 25 anos de campos de concentração. Ele assina e sente como isso o alivia, surge um sorriso, como suas pernas o carregam com leveza até a cela dos vinte e cinco anos. Esta condenação o liberta da humilhação, do apaziguamento, da submissão, do

servilismo, dos miseráveis prometidos cinco e sete anos: vinte e cinco, a mãe que ... ??? Bem, não vou mais receber nada de você, ou seja, para escapar !!

Ou morte. Mas a morte é pior do que um quarto de século de escravidão? Se ao menos o tamboril se descasque após a convicção, o simples descascar, quem se importa? Bem, Tenno sofre isso como uma ofensa, como uma cusparada na cara.

Agora, para encontrar parceiros. E estudar a história de outras evasões. É que ninguém jamais escapou?

Quantas vezes já cruzamos, seguindo a guarda, aquelas divisórias que dividem os corredores de Butyrki, e quantos de nós notamos o que Tenno vê imediatamente? Nas portas, as fechaduras são duplas, mas o guarda abre apenas uma e a divisória cede. A segunda fechadura, portanto, não funciona no momento: são três hastes que podem sair da parede e entrar pela porta de ferro.

Na cela cada um procura o seu; Tenno, histórias de fugas e participantes delas. Em Cuentra até quem esteve em uma zapatiesta com essas três hastes: Manuel García. Aconteceu alguns meses antes. Os presos de uma cela foram ao banheiro, prenderam o guarda (contrariando o regulamento, ele estava sozinho, é que faz anos e anos sem que nada acontecesse, estão acostumados à submissão!), Tiraram a roupa dele, amarraram, largaram no banheiro, um detento vestiu seu uniforme. Os meninos pegaram as chaves, correram para abrir todas as celas do corredor (e naquele mesmo corredor também foram condenados à morte, foi ótimo para eles!) Começaram a gritar, se animando, chamando para irem libertar os outros corredores e apreenderem todos a prisão. Eles esqueceram a prudência! Em vez de preparar silenciosamente cela por cela para que todos saíssem correndo e só deixassem aquele disfarçado de diretor caminhar pelo corredor, todos começaram a sair para o corredor e fazer barulho. Com o barulho, olhou pelo olho mágico da divisória (estão instalados nos dois lados) o guarda do corredor vizinho e apertou o botão de alarme. Com este alarme de uma estação central todas as segundas fechaduras das divisórias são movidas, e não há chaves para elas nas mãos dos guardas. O corredor amotinado foi bloqueado. Eles trouxeram uma multidão de guardas; Eles ficaram na rua, fizeram todos os amotinados passarem um por um e os espancaram até a morte; Eles encontraram os iniciadores e os levaram

embora. Eles já tinham *cinco dólares* cada . Eles repetiram a frase? Eles atiraram neles?

Transferência para o campo de concentração. O “canil” familiar aos detidos na estação de Kazan, claro, longe dos locais frequentados. Aqui eles trazem vans celulares, aqui eles carregam o "vagão zak"^[hq] antes de atrelá-los aos trens. Soldados tensos escoltam para os lados. Cães lutando para pular em sua garganta. Uma voz de comando: “Escolta, pronto!” E o clique mortal dos parafusos. Não há piadas aqui. Da mesma forma, com os cães, eles conduzem nas trilhas. Começar a correr? Quanto mais o cachorro corre.

(Mas para um fugitivo convicto, sempre transferido por fugas de campo em campo e de prisão em prisão, muitas dessas estações e passeios ao longo das trilhas ainda estão por ver. Também haverá eles sem cães. Brinque com o coxo, o doente, arraste você Com a dificuldade de quase conseguir puxar o paletó e o paletó atrás de você, a escolta ficará mais tranquila. E se houver muitos comboios nos trilhos, como você consegue zigzaguear entre eles! Ou seja: largue a bagagem, se curve e Bata embaixo dos vagões! Mas quando você já tiver se curvado, você vai ver lá, do outro lado do trem, andando nas botas de um guardião adicional ... Tudo está planejado. E você só tem que fingir que caiu de fraqueza e por isso se libertou bagagem. Se a sorte caísse por um trem que passava a toda velocidade! Atravesse na frente da locomotiva, nenhum soldado iria segui-lo! Você arrisca pela liberdade, mas ele? E daqui para deixe o trem passar, pegue um galgo! Mas para isso você precisa de um sorte dupla: um trem na hora certa e escorregar sob as rodas).

Da prisão de trânsito Kuibyshev eles são levados em caminhões abertos, eles recolhem uma grande remessa *vermelha*.^[hr] Na prisão de trânsito, de um pequeno ladrão local que "respeita os fugitivos" Tenno recebe dois endereços na cidade, onde pode pedir o primeiro socorro. Ele comunica essas instruções a dois outros voluntários para a fuga, e eles concordam: que os três tentem sentar na última fila, e quando o caminhão freia em uma curva (não em uma van ou nas laterais de Tenno vieram da estação no escuro van celular, eles notaram bem aquela curva, embora você não a reconheça com os olhos) pulando os três ao mesmo tempo! Direita, esquerda e volta! Acima dos soldados, até derrubando-os! Eles vão atirar, mas os três não serão atingidos. Bem, eles vão mesmo? Tem gente nas ruas. Eles vão perseguir? Não, eles não podem deixar os outros no caminhão.

Então eles vão gritar, eles vão atirar no ar. Pare, as pessoas podem fazer isso, nosso povo soviético, transeuntes. Assuste-os, faça parecer que tem uma faca na sua mão! (Não existe).

Os três manobram pela caixa registradora e conseguem não embarcar antes de escurecer, para que fiquem com o último caminhão. E chega o último, mas... não um “três toneladas” com bordas baixas, como todos os anteriores, mas um “Studebaker” com bordas levantadas. Mesmo Tenno, quando se senta, sua coroa está abaixo da borda. O “Studebaker” funciona rápido. A vez! Tenno se vira para seus companheiros, há medo em seus rostos. Não, eles não vão pular. Não, eles não são fugitivos convencidos. (Mas e você, está tão convencido ...?)

No escuro, com lanternas, sob uma mistura de latidos, uivos, palavrões e estalidos de ferrolhos, o embarque se dá em vagões de gado. Lá Tenno tem uma falha: ele não pode examinar sua carroça de fora (um fugitivo convicto tem que ver tudo a tempo, ele não tem permissão para deixar nada!)

Nas paradas, eles batem apreensivamente nas carroças com martelos. Eles acertam todas as tábuas. Esta é temem o quê? Isso *asierren* a mesa. Então você tem que ver!

Eles (os ladrões) têm até um pedaço de lâmina afiada. Eles decidiram cortar a tábua do piso sob o beliche de baixo. E quando o trem desacelerar, saia do gancho pela abertura, caia nos trilhos, espere o trem passar. Claro, quem sabe diz que no final de um trem de gado para detentos costuma haver uma *draga*: um ancinho de metal, seus dentes correm bem perto dos dormentes, engancham o corpo do fugitivo, arrastam-no entre os dormentes, e o fugitivo morre Então.

A noite toda, revezando-se sob o beliche, segurando o buraco de alguns centímetros com um pano, eles cortaram a tábua da parede. É difícil. Mesmo assim, eles conseguem fazer o primeiro corte. A mesa começou a ceder um pouco. Dobrando, de manhã eles veem mais tábuas, brancas, sem lixar, atrás da carroça. Por que branco? Vamos, descobri que sua carroça foi colocada em cima de uma torre de vigia. Aqui, acima do corte, há uma sentinela. A tábua não pode ser serrada.

As fugas de prisioneiros, como qualquer atividade humana, têm sua história, têm sua teoria. Não faz mal conhecê-los antes de entrar no assunto

sozinho.

A história é o passado escapa. Em relação à sua técnica, a seção de operações tcheca não publica brochuras populares, ela guarda a experiência para si mesma. Você pode aprender a história com outros fugitivos, presos. Sua experiência é inestimável, sangrenta, dolorosa, o que lhes custa pouco na vida. Mas questionar em detalhes, passo a passo, um fugitivo e um terceiro e um quinto sobre suas fugas, não é uma piadinha inocente, é muito perigoso. Não é muito mais seguro do que imaginar: quem sabe como posso ingressar em uma organização clandestina? Suas longas histórias também podem ser ouvidas por informantes. E, sobretudo, os próprios relatores, quando eram torturados após a captura, e a escolha era vida ou morte, podiam vacilar, alistar-se e agora tornar-se cabo e não companheiro. Uma das principais tarefas dos *compadres* ^[hs] é determinar de antemão quem simpatiza com as evasões, quem se interessa por elas e, antecipando o fugitivo deslocado, deixa uma marca no seu processo, e ele já está em uma equipe com um regime reforçado, onde será muito mais difícil fugir.

Mas de prisão em prisão, de campo em campo, Tenno interroga ardentemente os fugitivos. Ele foge, eles o capturam, e nas prisões dos campos ele encontra precisamente os fugitivos, e lá ele os pergunta. (Mesmo assim, ele comete erros. Stepan X, um fugitivo heróico, vende-o ao comissário de Kenguir, Beliáiev, e ele repetirá todas as suas perguntas a Tenno).

Quanto à teoria das evasões, é muito simples: como você pode. Você escapou, então você conhece a teoria. Você foi pego, então ainda precisa aprender. Quanto ao ABC, aí vai: você pode fugir da área de trabalho e da área de estar. Nas áreas de trabalho é mais fácil: são muitas, a vigilância não é tão organizada ali, e o fugitivo costuma ter ferramentas. Você pode fugir sozinho, é mais difícil, mas ninguém vai te vender. Você pode fugir entre vários, mas tudo depende se você é bem combinado ou não. A teoria também diz que você precisa saber geografia até ter o mapa queimado entre os olhos. E no campo, um mapa que você não verá. (Aliás, os ladrões não sabem absolutamente geografia, o Norte para eles é aquela cadeia de trânsito onde fez frio da última vez). Diz ainda que é necessário conhecer a população em que ocorrerá a evasão. E há um postulado metodológico: você tem que estar constantemente preparando a fuga *conforme o planejado*, mas a qualquer momento estar pronto para fugir de uma forma completamente diferente, *para a qual ela salta*.

Aqui está um exemplo do que você entende por "pular para". Um belo dia, em Kenguir, eles tiraram toda a *regimka* da prisão para fazer adobe. De repente, estourou uma tempestade de areia, como no Cazaquistão: tudo escurece, o sol se põe, punhados de poeira e pedrinhas batem dolorosamente no rosto, não dá para ficar de olhos abertos. Ninguém estava pronto para fugir tão de repente, mas Nicolai Krykov correu para a área, jogou sua pele de carneiro por cima do arame, escalou, arranhando tudo, para o outro lado e desapareceu. A tempestade passou. Através da pele de carneiro no arame eles entenderam que ele havia escapado. Eles enviaram perseguidores a cavalo: cavaleiros conduzindo cães na coleira. Mas a fria tempestade havia varrido completamente qualquer vestígio. Krykov é, mas a perseguição aconteceu escondido em uma pilha de lixo. Mas no dia seguinte ele teve que partir! E os carros enviados pela estepe o encontraram.

O primeiro acampamento de Tenno foi Novorúdnoye, perto de Dzherzkazgán. Esse é o principal daqueles lugares onde você está condenado a morrer? Bem, é aqui que você tem que escapar! Ao redor tudo é deserto, dependendo de onde há salinas e dunas, dependendo de onde é sustentado por grama ou plantas espinhosas. Algumas áreas desta estepe são administradas por nômades cazaques com seus rebanhos, em outras não há ninguém. Não há rios, encontrar um poço é quase impossível. A melhor época para fugas é abril e maio, em alguns lugares ainda há poças de neve derretida. Mas os guardiões sabem disso perfeitamente bem. Nesse momento, o cadastro de quem vai trabalhar é mais rigoroso, não podendo retirar um pedaço de pão, ou um pedaço de pão a mais.

Naquele outono de 1949, três fugitivos - Slobodianiuk, Bazichenzo e Kozhin - aventuraram-se para o sul: planejavam ir ao longo do rio Sara-Su até Kzyl-Ordá. Mas o rio secou completamente. Eles foram capturados à beira de morrer de sede.

Ensinado por sua experiência, Tenno decidiu que não escaparia no outono. Ele vai conscienciosamente à SEC, não é um fugitivo, não é um rebelde, é um daqueles presos razoáveis que esperam fazer as *pazes*, ao final de sua pena de 25 anos. Ele ajuda onde pode, promete atividades artísticas, acrobacias, mnemônicos e, por enquanto, depois de folhear tudo na SEC, encontra um mapa bastante ruim do Cazaquistão, que o comissário negligenciou. Opa. Há uma velha estrada de caravanas para Dzhusaly, trezentos e cinquenta quilômetros, um poço pode cair. E ao norte até Ishim há quatrocentos, possivelmente há pastagens. Por outro lado, até o lago

Balkhash há quinhentos quilômetros de puro deserto, o de Betpak-Dala. Mas nessa direção não é provável que eles o perseguam.

Essas são as distâncias. Esta é a escolha ...

Em que não pensará um fugitivo astuto! Às vezes chega o caminhão do saneamento ao campo, com cisterna e cano. A boca do tubo é larga, Tenno poderia perfeitamente entrar por ela, entrar no tanque de pé, dobrando as costas, e depois disso o motorista ia recolhendo excrementos líquidos, mas não até o topo. Você estará excretado, pelo caminho poderá cair, afundar, se afogar, mas isso não parece a Tenno tão nojento quanto ser um escravo cumprindo sua pena. É verificado: estou pronto? Pronto. E o motorista? É uma frase curta, com passe no exterior, comum. Tenno joga um cigarro com ele e o estuda. Não, ele não é o homem certo. Ase não jogará o passe para ajudar outra pessoa. Ele tem a psicologia dos campos da reeducação pelo trabalho: quem ajuda o outro é estúpido.

Durante aquele inverno, Tenno traça um plano e escolhe quatro companheiros. Mas embora, de acordo com a teoria, os preparativos do paciente ocorram conforme o planejado, uma vez que ele é inadvertidamente levado para um alvo recém-aberto, a pedreira. Será entre colinas, do campo você não pode ver. Ainda não há mirantes, nenhuma área: eles dirigiram em algumas estacas, colocaram vários fios de arame farpado. Em um lugar o fio é interrompido, é o "portal". Seis soldados caminham pelo lado de fora da área, nada os levanta acima do solo.

E mais além está a estepe de abril, com grama verde ainda fresca e tulipas queimando, tulipas! O coração de um fugitivo não suporta essas tulipas e o ar de abril! Talvez seja esta a ocasião ...? Enquanto você não suspeita de você, enquanto você ainda não está na *regimka*, agora é a hora de escapar!

Naquela época Tenno já conhecia muita gente no campo e agora rapidamente reuniu uma brigadilha de quatro: Misha Khaidorov (estava na Marinha soviética na Coreia do Norte, escapou do Conselho de Guerra cruzando o paralelo 38; para não estragar as relações estáveis de boa vizinhança na Coreia, os americanos devolveram, *cinco duras*); Jazdik, um motorista polonês do exército de Anders (expõe expressivamente sua biografia para seus dois sapatos incompatíveis: "sapatos, um de Hitler, um de Stalin"); e um ferroviário de Kuibyshev, Serguei.

Nessas, chegou um caminhão com verdadeiros postes para a futura área e rolos de arame farpado , apenas para a parada do almoço. A

brigadilha Tenno, amante de trabalhos forçados e especialmente afeiçoada a fortificar a área, ofereceu-se para descarregar o caminhão durante a parada. Eles subiram na caixa. Mas como ele era alto apesar de tudo, eles mal se moviam e pensavam. O motorista deu um passo para o lado. Todos os internos estavam deitados, tomando banho de sol.

Estamos fugindo ou não? Não carregamos nada: nenhuma faca, nenhum equipamento, nenhuma comida, nenhum projeto. Bem, se for de caminhão, Tenno sabe pelo pequeno mapa: voar para Dzhezdy e depois para Ulutau. Os meninos estavam animados: a ocasião! A ocasião!

Daqui ao "portal" é uma descida. E imediatamente a estrada se torce atrás de uma colina. Se sair rápido, eles não atirarão mais em você. E as sentinelas não saem de seus postos!

Eles descarregaram, a parada ainda não havia terminado. Jazdik iria dirigir. Ele saltou, mexeu em algo no caminhão, os outros três preguiçosamente deitaram no fundo da caixa, talvez nem todos os sentinelas tenham visto onde eles haviam chegado. Jazdik trouxe o driver: não te divertimos com o download, para ver se você convida tabaco. Eles se iluminaram. Bem, vá em frente! O motorista estava sentado na cabine, mas que raiva, não há como o motor pegar. (Os três na caixa não sabem sobre o plano de Jazdik, eles acham que tudo falhou). Jazdik se oferece para girar a manivela. Não começa, o mesmo. Jazdik já está cansado, ele propõe ao motorista que eles mudem de lugar. Agora Jazdik está na cabine. E a primeira vez que a motocicleta deu partida! E o caminhão desceu em direção à sentinela do portal! (Mais tarde Jazdik disse: para o motorista ele havia fechado a válvula de combustível, e para si mesmo ele conseguiu abri-la). O motorista não engrenou, ele pensou que Jazdik iria parar. Mas o caminhão passou veloz pelo "portal".

Duas vezes "Pare!" O caminhão corre. Tiros de sentinela, primeiro no ar, parecem muito com um bug. Talvez a caminhonete também. Os fugitivos não sabem, estão mentindo. Uma curva. Atrás da colina, fora de alcance! Os três na caixa ainda não colocaram a cabeça para fora. Tremendo, velocidade. E de repente uma parada, e Jazdik grita em desespero: ele pegou o caminho errado! Eles estão em frente ao portal da mina, com sua área e seus mirantes.

Tiros. A escolta vem correndo. Os fugitivos caem no chão, imóveis, e cobrem a cabeça com os braços. Os soldados os chutam e tentam acertá-los na cabeça, na orelha, na têmpora e de cima na espinha.

A regra salva por toda a Humanidade, “Quem está no chão não pode ser derrotado”, não funciona na prisão de Stalin! Aqui mesmo quem está no chão é atingido! Quem está de pé leva um tiro!

Mas o questionamento revela que *não houve vazamento!* Sim! Os meninos contam que estavam cochilando dentro do caminhão, o caminhão deu partida, logo se ouviram tiros, já era tarde para pular, podiam botar um tiro. E Jazdik? Inexperiente, ele não conseguia controlar o caminhão. Mas ele não foi para a estepe, mas para a mina vizinha .

Então, tudo foi em poucos golpes.

No entanto, a fuga *conforme planejado* ainda prepara o mesmo. Uma bússola é feita: uma pequena caixa de plástico, os losangos são marcados. Um pedaço magnetizado de agulha de tricô é preso a uma bóia de madeira. Agora eles derramam água. E aí está a bússola. Será confortável jogar água potável na câmara de um caminhão e, ao correr, carregue-a como uma capa enrolada. Todas essas coisas (e também suprimentos, e também roupas) são gradualmente trazidas para a DOK (Fábrica Combinada de Madeira) de onde planejam escapar, e lá a escondem em uma vala perto da serraria. Um caminhoneiro gratuito vende uma câmera para eles. Cheio de água, também está na vala. Às vezes chega um comboio à noite, então eles deixam descarregadores para pernoitar na área de trabalho. É quando você tem que fugir. Alguém *livre*, em troca de um lençol de prisão trazido da região (nossos preços!) Já cortou os dois arames inferiores da cerca em frente à serraria, e se aproximava a noite do descarregamento das toras! No entanto, havia um prisioneiro, um cazaque, que os observava, descobriu seu esconderijo e os denunciou.

Prisão, espancamento, interrogatórios. Para Tenno, existem muitas "coincidências" que lembram fugas. Quando eles são enviados para a prisão de Kenguir, e Tenno está de frente para a parede, com as mãos para trás, o chefe da SEC, um capitão passa, se posiciona diante de Termo e exclama:

"Uau!" Opa! E vocês que se dedicaram às atividades!

O que mais o surpreende é que entre alguns fugitivos haja um portador da cultura da concentração. No dia do show deram para ele uma porção extra de mingau e ele ia fugir! O que mais ele queria ...?

Em 9 de maio de 1950, no quinto aniversário da Vitória, o ex-lutador da Marinha Tenno entrou em uma cela na famosa prisão Kenguir. Na cela quase escura com uma janelinha em cima não há ar, mas há muitos percevejos, todas as paredes estão cobertas com o sangue dos esmagados.

Naquele verão, com temperaturas de 40-50 graus, todos vão para a cama nus. É um pouco mais fresco embaixo das plataformas, mas à noite dois saem gritando: foram migalhas picadas.

Na prisão de Kenguir existe uma sociedade escolhida, trazida de vários campos de concentração. Em cada célula, evasores experientes, uma variedade rara de ases. Tenno finalmente parou com fugitivos convencidos!

Aqui está, entre outros, Ivan Vorobiov, um capitão, Herói da União Soviética. Durante a guerra, ele foi partidário na região de Pskov. Ele é um homem ácido, inacessível ao desânimo. Você já escapou frustrado e terá mais. Infelizmente, ele não consegue adotar o tom de prisão, aquele malandro que ajuda um fugitivo. Ele mantém sua franqueza militar, tem um chefe de estado-maior, eles desenham um mapa dos arredores e se consultam abertamente nas plataformas. Ele não consegue se adaptar à dissimulação e à concentração astuta, e é sempre vendido por informantes.

Havia um plano passando por suas cabeças: pegar um atendente durante a entrega do jantar, mesmo que ele viesse sozinho. Com suas chaves, abra todas as células. Jogue-se para fora da prisão, aproveite. Então, depois de abrir a porta da prisão, todos eles se jogaram na guarita do campo. Pegar os sentinelas *de colarinho* ye área ncontrarse depois de cair escuridão. Eles começaram a levá-los para trabalhar em um grupo de casas - surgiu o plano de rastejar pelos canos de esgoto.

Mas os planos não deram certo. Naquele mesmo verão, toda esta sociedade escolhida foi algemada e levada, sabe Deus por quê, a Spassk. Lá, eles foram colocados em um quartel separado com vigilância. Na quarta noite, os convictos fugitivos arrancaram as grades de uma janela, foram às oficinas, ali mataram silenciosamente um cachorro e tiveram que passar pelo telhado até a imensa área comum. Mas o telhado de ferro começou a se dobrar sob seus pés e, no silêncio da noite, ecoou como um trovão. Os guardas deram o alarme. No entanto, quando chegaram ao barracão, todos dormiam pacificamente e o portão estava no lugar. Os guardas sonharam.

Não é o seu destino, não é o seu destino ficar no mesmo lugar por muito tempo! Fugitivos convictos, como holandeses errantes, ele segue e continua a empurrar seu destino inquieto. E se eles não escaparam, eles são levados embora. Agora toda essa gangue alegre é transferida, algemada, para a prisão de Ekibastuz. Lá eles adicionam seus próprios fugitivos fracassados: Briujin e Mutiánov.

Como culpados, como regime , são levados para a fábrica de cal. Eles descarregam caminhões de cal virgem com o vento, e ela se espalha em seus olhos, em suas bocas, em suas traquéias. Ao descarregar os fornos, seus corpos suados e nus são cobertos com pó de cal apagado. Esse envenenamento diário , inventado para sua correção, apenas os incita a se apressar com a evasão.

O plano sai sozinho: trazem a cal em caminhões, depois têm que fugir de caminhão. Quebre a área, aqui ainda é só arame. Pegue um caminhão com o tanque tão cheio quanto possível. Há um motorista experiente entre os fugitivos: Kolia Zhdanok, o parceiro de Tenno na fuga fracassada da serraria. Combinado: ele vai dirigir o caminhão. Concordo, mas Vorobiov é muito determinado, muito homem de ação para se entregar às mãos de outra pessoa. E quando eles acabam com o caminhão (para o motorista na cabine, foi levantado por dois lados fugitivos com facas, e o motorista pálido não lhe tocou nenhuma escolha a não ser sentar no meio e participar involuntariamente da evasão), o lugar O motorista é ocupado por Vorobiov.

Minutos contados! Todo mundo tem que pular na caixa e ir embora. Tenno implora: "Ivan, saia!" Mas Ivan Vorobiov não pode deixar seu site! Não confiando em sua experiência, Tenno e Zhdanok permanecem por perto. Fugitivos agora são apenas três: Vorobiov, Salopáiev e Martirosov. De repente, como que saindo do subsolo, vem correndo o Redkin, aquele matemático, intelectual, excêntrico, não é fugitivo, tá na *regimka* para outra coisa. Mas agora ele estava perto, ele percebeu, ele entendeu e carregando um pedaço na mão, por algum motivo, não de pão, mas de sabão, ele salta para a caixa:

"Você foge?" Eu estou indo com você!

(Como entrar em um ônibus: "Você está indo para Razgulay?")

Virando devagarinho, o caminhão ia de tal forma que os primeiros fios rompiam com o para-choque, os próximos tocavam no motor, na cabine. Na antezona passa entre dois postes, mas na linha principal da zona será necessário derrubar postes, pois estão dispostos em damas. E o caminhão, em primeira marcha, estava caindo em um poste!

A escolta nos mirantes continua de pé: poucos dias antes houve um caso em outro objetivo, que um motorista bêbado derrubou um poste na área proibida. Este também está bêbado ...? Os soldados pensam isso por quinze segundos. Mas durante esse tempo o mastro é derrubado, o caminhão anda em segunda marcha e, sem furar os pneus, sai pela cerca.

Agora, para atirar! Mas atirar não pode ser: para proteger os soldados das nevascas do Cazaquistão, eles cobriram seus pontos de vista com tábuas do lado de fora. Eles podem atirar apenas na área e transversalmente. O caminhão agora está invisível para eles e atravessa a estepe, levantando uma nuvem de poeira. Os pontos de vista, indefesos, disparam para o alto.

As estradas são todas livres, a estepe é plana, em cinco minutos o caminhão de Vorobiov teria se perdido no horizonte! Mas por *acaso* o carro celular da escolta chega à garagem para inspeção. Reúna as pessoas rapidamente e comece depois de Vorobiov. E a fuga acabou ... em vinte minutos. Os fugitivos espancados, e com eles o matemático Redkin, sentindo com toda a sua boca sangrenta aquele líquido quente e salgado da liberdade, caminham, cambaleando, em direção à prisão do país. [\[cinquenta\]](#)

No entanto, o boato corre em todo o campo: eles se divertiram muito! Eles foram pegos por acaso! E cerca de dez dias depois, Batánov, um ex-estudante de aviação, com dois amigos repete a manobra: em outro alvo, eles rompem a área de arame farpado e escapam. Mas eles escapam pelo caminho errado: na pressa eles se perderam e acabam sob o fogo do ponto de vista da fábrica de cal. Um pneu furado, o caminhão para. Soldados com metralhadoras o cercam: "Saia!" Temos que sair ou temos que esperar que eles tirem você para tirar sua pele? Um dos três, Paséchnik, cumpriu a ordem, desceu do caminhão e foi instantaneamente apanhado por furiosos projéteis.

Em pouco mais de um mês, já existem três fugas em Ekibastuz, e Tenno não escapou! Ele se desespera. Uma emulação de ciúme o corrói. De fora você pode ver todos os erros e sempre parece que você teria feito melhor. Por exemplo, se Zhdanok estivesse ao volante e não Vorobiov, pensa Tenno, eles poderiam até ter conseguido fugir da van do celular. O caminhão de Vorobiov ainda estava parando quando Tenno e Zhdanok já se sentaram para discutir como fugiriam.

Zhdanok é escuro, baixo, muito comovente, *rígido*. Ele tem 26 anos, é bielorrusso, de lá foi levado para a Alemanha, onde trabalhava como motorista. A condenação também tem *cinco dólares*. Quando ele é encorajado, ele é tão enérgico que se entrega inteiramente ao trabalho, ao impulso, à luta, à fuga. Claro, ele não tem sangue frio, mas Tenno sim.

Tudo lhes diz: fujam dessa mesma fábrica de cal. Se não for com um caminhão, leve-o atrás da área. Mas antes que este projeto seja descarrilhado pelo guarda-costas ou o comissário, o líder da equipe dos oficiais

disciplinares, Lioshka, *a Cigana* (Navrúsov), um *cão* magro mas em pânico que matou dezenas de dezenas em sua vida concentrada. pessoas (ele matava facilmente por um maço, até mesmo um maço de cigarros), chama Tenno de lado e diz a ele:

"Eu mesmo fugi e gosto de fugitivos." Olha, meu corpo está costurado a balas, é de um vazamento na taiga. Eu sei que você também queria fugir com Vorobiov. Mas não fuja da área de trabalho: aqui respondo, vão colocar um pacote em mim.

Então ele gosta de fugitivos, mas é ele primeiro. Lioshka, *a Cigana*, está feliz com sua vida de "vadia" e não vai deixar que estraguem tudo. Este é o "amor à liberdade" de um bandido.

Ou talvez seja verdade que as evasivas de Ekibastuz já estão se tornando monótonas? Todos fogem das áreas de trabalho, ninguém da sala. Tentar ver? A sala de estar, por enquanto, também é feita de arame farpado, no momento também não há paliçada.

Um dia, na fábrica de cal, os cabos elétricos da betoneira quebraram. Eles chamaram um eletricista grátis. Tenno o ajuda com o colapso, enquanto Zhdanok rouba seu cutter do bolso. O eletricista percebe: minha tesoura! Reportar ao guarda? Não, eles vão condená-lo por negligência. Ele implora aos bandidos: devolvam-me! Os golfos dizem que não o tocaram.

Bem ali, na fábrica de cal, os fugitivos faziam para si duas facas: com cinzel cortavam com pá, na forja afiavam, temperavam, em formas de barro derretiam cabos de latão. O de Tenno é "turco": não só servirá como uma faca, mas com seu brilho e curvatura é assustador, o que é ainda mais importante. É que eles não pretendem matar, apenas assustar.

Tanto a tesoura como as facas eram passadas para a área da sala por baixo das cuecas, nos tornozelos, eram colocadas sob a fundação do quartel.

A chave primária para a evasão deve ser novamente a SEC. Enquanto as armas estão sendo preparadas e entregues, Tenno por enquanto declara que ele e Zhdanok querem atuar no concerto de atividades (em Ekibastuz ainda não houve, será o primeiro, e as autoridades estão apressando-se impacientemente: eles precisam da pequena cruz em a lista de atividades que os distraem da subversão, e eles também vão se divertir ao ver como depois de onze horas de trabalhos forçados, os presos fazem graça no palco). E assim Tenno e Zhdanok foram autorizados a deixar o quartel do regime depois que ele foi fechado, quando toda a área ainda está cheia de vida e movimento por duas horas. Eles percorrem a região desconhecida de

Ekibastuz, observam como e quando o guarda é substituído nos mirantes, de onde é mais fácil rastejar até o arame farpado. Na própria SEC, Tenno lê atentamente o jornal provincial Pavlodar, tenta lembrar os nomes dos distritos, sovjoses, kolkhozes, os nomes de seus presidentes, secretários e todo tipo de produtores exemplares. ^[ht] Em seguida, ele declara que vão representar uma farsa e para isso precisam de sua roupa civil do slogan e do portfólio de alguém. (Um portfólio em uma fuga, que é fora do comum! Imediatamente parece um chefe!) Eles autorizam. Tenno ainda está vestindo sua túnica de marinheiro, agora ele também está vestindo sua roupa islandesa, uma lembrança de sua missão de escolta. Zhdanok tira um cinza belga da mala de um amigo, tão elegante que chega a ser estranho vê-lo em um campo de concentração. Um letão tem entre suas coisas uma carteira. Eles pegam. E bonés reais em vez dos chapéus dos campos de concentração.

Mas a farsa precisa de tantos ensaios que não há tempo nem até o toque de recolher geral. É por isso que uma noite, e depois outra, Tenno e Zhdanok não voltam ao quartel do regime, ficam para dormir naquele onde está a SEC, para acostumar os guardas do *regimka*. (É que na fuga você tem que ganhar pelo menos uma noite!)

Quando é a melhor hora para fugir? A contagem da noite. Quando há fila do lado de fora do quartel, todos os guardas ficam ocupados contando gente, e os internos olhando para a porta, com vontade de dormir, ninguém cuida do resto da área. Os dias estão ficando mais curtos e você tem que adivinhar um em que a contagem já cai após o pôr do sol, no crepúsculo, mas ainda *antes de* os cães serem colocados na área. Você tem que pegar esses apenas cinco a dez minutos, porque sair com os cachorros é impossível.

Eles escolheram domingo, 17 de setembro. É uma sensação boa, este domingo não será um dia de trabalho, você pode reunir forças para a noite, faça os últimos preparativos sem pressa.

A última noite antes da fuga! Vais dormir muito? Pensamentos, pensamentos ... E estarei vivo amanhã a esta hora ...? Talvez não. Bem, mas e no campo? A morte prolongada do homem acrimonioso no aterro ...? Não, não permitindo nem mesmo que você se familiarize com a ideia de que é um prisioneiro.

A pergunta é assim: Você está disposto a morrer? Eu estou. Em seguida, para escapar também.

Um domingo ensolarado. Com a história do sainete, eles deixaram os dois saírem da *regimka* o dia todo. De repente, na SEC, uma carta de sua mãe para Tenno! Sim, apenas naquele dia . De quantas dessas coincidências os detidos podem se lembrar ...? Carta triste, mas talvez incite: a mulher ainda está na prisão, ainda não chegou ao campo de concentração. E a cunhada exige que o irmão corte qualquer relação com um traidor do país.

Os fugitivos vão muito mal quando se trata de comida: no *regimka* eles são *consistentes* , ficar com pão levantaria suspeitas. Mas eles se movem rapidamente, roubando um caminhão na aldeia. Porém, de mamãe naquele mesmo dia chega um pacote, a bênção materna para a fuga. Glicose em comprimidos, macarrão, flocos de aveia, tudo isso no portfólio. Cigarros, que mudam para mordida. E leve um pacote para a seção de saúde, para o médico. Com o qual Zhdanok já está listado na lista de lançados para hoje. Pelo seguinte. Tenno vai para a SEC: meu Zhdanok me deixou doente, esta noite não poderemos ensaiar, não iremos. E na *regimka* ao *diretor* e Lioshka, *a cigana*: esta noite estamos ensaiando, não iremos ao quartel. Portanto, eles não vão esperar por você em um lugar ou outro.

Depois tens de arranjar uma "Katiusha", um pavio mais leve, ao ar livre funciona melhor que fósforos. Também tens de fazer uma última visita a Hafiz, no quartel dele. Um fugitivo experiente, o tártaro Hafiz teve que participar da fuga com eles. Mas então ele pensou que estava muito velho e, em tal fuga, seria um fardo inútil. Agora ele é a única pessoa no campo que sabe de sua fuga. Ele está sentado de pernas cruzadas em seu beliche. Ele sussurra: "Boa sorte para você! Vou rezar por você! " Ele também sussurra algo em tártaro e passa as mãos em seus rostos.

Tenno em Ekibastuz também tem um ex-companheiro de cela de Lubyanka, Ivan Koverchenko. Ele não sabe sobre a fuga, mas é um bom parceiro. Ele está conectado , ele mora em uma cabana separada; ali os fugitivos guardam todas as suas coisas *para o sainete*. O que é mais natural hoje do que ferver com ela a sêmola que chegou na parca remessa de mamãe. *Chifir* também é preparado . ^[hu] Eles se ^{acomodam} em um banquinho , dois deles curtindo o futuro, e o anfitrião, simplesmente tendo um bom domingo, quando de repente veem pela janela como um caixão maltrapilho é carregado da guarita para o depósito.

É por Paséchnik, morto a tiros há alguns dias.

"Sim", seu Koverchenko spira, "a evasão é inútil ...

(Se supera...!)

Koverchenko se levanta intuitivamente, pega sua pasta cheia nas mãos, caminha pela cabine com ar importante e declara severamente:

"A furadeira sabe tudo!" Você prepara uma fuga!

É piada. Ele decidiu brincar de juiz de instrução ... Vá com a piadinha.

(Ou talvez seja uma alusão discreta: estou imaginando, amigos. Mas não aconselho!?)

Quando Koverchenko sai, os fugitivos colocam seus ternos sob as roupas que vestem. Eles também descolam todos os seus números e os deixam apenas presos, para que possam ser arrancados. As tampas sem números, para a carteira.

Domingo está terminando. O sol dourado se põe. O alto e fleumático Tenno e o baixinho nervoso Zhdanok também jogam o casaco nos ombros, pegam a bolsa (na área eles já se acostumaram com aquele jeito de palhaço que eles têm) e vão para a passarela: entre dois quartéis, na grama, próximo à área, bem em frente a um mirador. Os outros dois mirantes são protegidos pelo quartel. Apenas esta única sentinela está diante deles. Abrem o casaco, deitam-se por cima e jogam xadrez, para que a sentinela se habitue.

Anoitecer. O sinal de contagem. Os internos estão saindo e se encaminhando para o quartel. Já é crepúsculo, e do ponto de vista da sentinela não deve distinguir se dois estiveram deitados na grama. O alívio está vindo para ele, ele não está mais tão atento. Com uma sentinela que já existe há muito tempo, é sempre mais fácil capotar.

Eles decidiram cortar a cerca não ali no meio, mas no sopé do mirante, bem juntos. O sentinela certamente olhará mais atrás da área do que embaixo de seu próprio nariz.

Suas cabeças quase repousam na grama, e também está escuro, eles não veem o caminho que agora seguirão. Mas já é bem pensado com antecedência: logo atrás da área eles cavaram uma trincheira para um poste, poderão se esconder por um momento lá dentro; além, há montes de escória; e passa a estrada que vai das casas dos guardiões à aldeia.

O plano é o seguinte: imediatamente na aldeia pegue um caminhão. Pare, diga ao motorista: você quer ganhar umas putas? Temos que trazer duas caixas de vodka do velho Ekibastuz para cá. Qual caminhoneiro não vai querer beber!? Pechincha: meio litro para você? Um litro? Ok, atire, mas nenhuma palavra! E depois no caminho, sentado com ele na cabana, segurando-o, indo para a estepe, deixando-o amarrado ali. Aproveite a noite

para chegar ao Irtysh, deixe o caminhão lá, atravesse o Irtysh em um barco e siga para Omsk.

Escurece um pouco mais. Nos mirantes eles ligaram os refletores, eles brilham por toda a área, mas os fugitivos estão, por enquanto, na sombra. Este é o momento ! Em breve será o alívio, eles vão trazer e colocar os cachorros para passar a noite.

No quartel as lâmpadas já estão acesas, dá para ver como os presos entram depois da contagem. Está tudo bem no quartel?

Calor, conforto ... Por outro lado, eles vão costurar você com a leta metral , e é uma pena que ela esteja caída no chão.

Espero que sob o gazebo eu não tussa, não limpo a garganta.

Bem, cuidado, cães de guarda! Seu objetivo é segurar, o nosso é escapar!

O resto é melhor contado pelo próprio Tenno.

VII

O gatinho branco

(História de Gueor gui Tenno)

Sou mais velho que Kolia, cabe a mim ir primeiro. A faca na bainha na cintura, a tesoura na mão. Quando eu cortar a antezona, você me alcança! "

Rasteje com os cotovelos. Você quer se esmagar no chão. Eu olho para a sentinela em o? Olhar para ele é ver a ameaça ou mesmo atrair seu olhar com o meu. Eu quero olhar! Não, não vou.

Mais perto do ponto de vista. Mais perto da morte. Espero uma explosão nas costas. Agora ele vai começar a chacoalhar ... Ou talvez ele esteja me olhando com um ar maravilhoso, ele espera zombeteiro, quer me deixar trabalhar um pouco mais ...?

Existe a antezona. Eu me viro e me estico ao longo dela. Cortei o primeiro fio. Liberado da tensão, o fio cortado estala! Agora uma explosão ...? Não. Talvez eu seja o único que ouve esse barulho. Mas como é forte! Cortei o segundo fio. Cortei o terceiro. Eu passo uma perna, outra. Minhas calças ficaram presas nas farpas do fio cortado, que caiu no chão. Eu me solto.

Eu rastejo os metros de terra cultivada. Atrás, eu ouço esfregar. É Kolia, mas por que tanto barulho? Ah, é o portfólio que está arrastando no chão.

Existem os galhos da cerca principal. Eles vão transversalmente. Cortei vários. Agora vem a espiral de Bruno. Eu o corto em dois lugares, faço o meu caminho. Cortei os fios da cerca principal. Certamente quase não respiramos. Não atira. Você vai se lembrar de sua casa? Ou você vai dançar hoje?

Eu coloco meu corpo do outro lado da zona externa. E há outra espiral de Bruno. Eu me enredo nele . Eu cortei. Não se esqueça nem se prenda:

aqui também deve haver fios externos inclinados. Aí estão. Eu os cortei.

Agora eu rastejo para dentro do buraco O buraco não nos enganou, aqui está. Eu atravesso. Kolia entra. Nós respiramos. Rápido, vamos em frente! O alívio está para chegar, os cães estão para ser trazidos.

Saímos do buraco, rastejamos em direção às pequenas pilhas de escória. Ainda não decidimos virar nossas cabeças. Kolia queima para correr! Ele fica de quatro. Eu paro.

Rastejamos pela primeira fileira de escórias. Coloquei a tesoura sob uma pedra.

Este é o caminho. Perto dele nos levantamos.

Eles não atiram.

Andamos gingando um pouco, sem pressa, agora é a hora de mostrar que estamos dispensados de ser acompanhantes, seu bar com fica aqui perto. Arrancamos os números do peito, dos joelhos e, de repente, no escuro, dois vêm ao nosso encontro. Eles vão do quartel para a cidade. Eles são soldados. E ainda carregamos os números nas costas! Eu digo em voz alta:

"Vaidade!" E se bebêssemos meio litro?

Caminhamos devagar, não ainda no caminho em si, mas em direção a ele. Vamos devagar para que eles passem antes, mas direto para os soldados, e não escondemos nossos rostos. Eles passam a dois metros de nós. Para não lhes dar as costas, até ficamos assim. Eles vão, discutem suas coisas e nós arrancamos os números das costas uns dos outros!

Você não percebeu ...?! Nós somos livres?! Agora vamos à cidade buscar um caminhão.

Mas o que acontece?? Um foguete sobe pelo campo! Outro! Outro! ...

Eles nos descobriram! Agora eles vão nos assombrar! A correr!

E não ousamos continuar observando, pensando e refletindo, todo nosso magnífico plano já está quebrado. Fomos para a estepe, só para fugir do campo! Nós nos afogamos, tropeçamos em terreno irregular, caímos, nos levantamos e os foguetes disparam! De evasões anteriores, imaginamos: agora eles vão lançar perseguidores a cavalo com cães na coleira, em todas as direções da estepe. E todos os nossos ferrões preciosos jogamos em ^[51] nossas trilhas e saltamos grande.

Agora você tem que evitar a cidade fazendo um longo desvio pela estepe. Isso exige muito tempo e trabalho. Kolia começa a duvidar se estou bem. De raiva.

Mas existe o dique da ferrovia para Pavlodar. Alegria. Do aterro Ekibastuz ele nos surpreende com seus fogos espalhados e parece maior do que nunca.

Pegamos uma vara. Segurando-o, fomos um no trilho, outro ou outro. Um trem vai passar, os cachorros não poderão nos levar nos trilhos.

Caminhamos assim por trezentos metros, depois em saltos e entramos na estepe.

E é quando respiramos com facilidade, de maneira bem diferente! Eles queriam cantar, gritar r! Nos abraçamos. Nós realmente somos livres! E que estima por nós mesmos, da qual decidimos fugir, conseguimos e enganamos o bando.

E embora todas as dificuldades da fuga estivessem apenas começando, a sensação era de que o principal já estava feito.

Céu limpo. Escuro e cheio de estrelas, pois do campo nunca é visto pelas lanternas. Pela estrela polar fomos para o norte-nordeste. Então, puxaremos para a direita e estaremos no Irtysh. Tente ir o mais longe possível durante a primeira noite. Isso aumenta ao quadrado o círculo que os perseguidores devem controlar. Lembrando canções animadas de marchas em diferentes idiomas, caminhávamos rápido, a cerca de oito quilômetros por hora. Mas, depois de passar muitos meses na prisão, descobrimos que nossas pernas não estão acostumadas a andar e ficam cansadas. (Tínhamos previsto isso, mas planejávamos ir de caminhão!) Começamos a deitar, apoiando as pernas no alto em forma de pirâmide. E voltamos a andar. E nos deitamos novamente.

Que estranho que demore tanto para o brilho de Ekibastuz atrás de nós desaparecer. Já estamos caminhando há várias horas e ele ainda está no céu.

Mas a noite está acabando, o Leste está clareando. Durante o dia, pela estepe plana aberta, não só não dá para andar, sem ou é mesmo difícil esconder: não tem arbusto, não tem capim alto bom, e vai até nos procurar de avião, né? E com as facas cavamos um pequeno buraco (o chão é duro, pedregoso, difícil de cavar: cerca de meio metro de largura, cerca de trinta centímetros de profundidade), entramos numa capicúa, nos cobrimos com um shortinho amarelado espinhoso. Agora seria a hora de dormir, de recuperar as forças! Mas impossível adormecer. Aquele repouso diurno impotente por mais de doze horas é muito mais cansativo do que qualquer caminhada. Pensamentos, pensamentos ... O sol quente de setembro fere, mas não temos nada para beber, nem vamos ter nada. Violamos a lei da

evasão no Cazaquistão: é preciso fugir na primavera e não no outono ... Mas estávamos pensando em ir de caminhão ... Enfraquecemos das cinco da manhã às oito da noite! Nossos corpos ficam dormentes, mas não podemos mudar de posição: se nos levantarmos e empurrarmos os baixinhos, um cavaleiro pode nos ver de longe. Com dois naipes cada, morremos de calor. Aguentar.

E só quando cai a escuridão é que chega a hora do fugitivo.

Nos levantamos. Mas é difícil ficar de pé, suas pernas doem. Caminhamos lentamente, tentando nos soltar. Pouca força: o dia todo comemos macarrão cru, engolimos comprimidos de glicose. Estamos com sede.

Mesmo nas sombras da noite de hoje, temos que estar cientes de uma emboscada: é claro, eles o transmitiram por rádio em todos os lugares, lançaram carros em todas as direções e Omsk mais do que qualquer outro. É curioso: como e quando encontraram nossos casacos no chão, com o xadrez? Pelos números saberão imediatamente que somos nós, não será necessário listar o arquivo. ^[52]

Não dirigimos a mais de quatro quilômetros por hora. As pernas doem. Deitamo-nos com frequência para descansar. Beba, beba! A noite toda não teremos percorrido mais de vinte quilômetros. E novamente devemos encontrar um lugar para nos esconder e deitar para a tempestade diurna.

Eles se parecem com casas. Nós nos aproximamos furtivamente. Mas eles são, inesperadamente na estepe, grandes rochas. Não haverá água em suas fendas? Não ... Debaixo de uma das pedras há uma rachadura. Os chacais devem ter aberto. É difícil entrar. E se ele entrar em colapso? Ele vai esmagá-lo como um inseto e, além disso, você não morrerá imediatamente. Já está legal. Até de manhã não dormimos. E durante o dia também não dormimos. Pegamos as facas, afiamo-las contra a pedra: foram cortadas ao cavar o buraco da última parada.

No meio do dia, ouvimos o barulho de rodas. Ruim, estamos perto de uma estrada. Bem ao nosso lado, um cazaque passou. Ele estava murmurando algo. Pular, pegar, talvez carregar água? Mas como podemos pegá-lo sem antes observar o terreno? Talvez as pessoas possam nos ver?

Os perseguidores não passarão por esta mesma estrada. Saímos com cautela, olhamos do chão. A cem metros de distância existe um edifício em ruínas. Nós rastejamos até lá. Ninguém. Um poço !! Não, cheio de entulho. Em um canto há palha que foi destruída. Nós deitamos aqui? Comprovante.

O sono não vem. Opa, as pulgas nos picam! Pulgas !! E como são gordas e quantas são! O blazer belga cinza claro da Kolia é preto com pulgas. Nós nos sacudimos, nos limpamos. Rastejamos de volta para a fenda dos chacais.

O tempo está nos deixando, as forças estão nos deixando, mas não estamos nos movendo.

Ao anoitecer nos levantamos. Muito fraco. Nossa sede nos atormenta. Decidimos levar ainda mais à direita, para partir o mais rápido possível para o Irtysh. A noite está clara, o céu está negro e estrelado. Das constelações de Pégaso e Perseu, o contorno de um touro é traçado até mim, com a cabeça baixa e movendo-se decisivamente para a frente, encorajando-nos. Nós também avançamos.

De repente, foguetes sobem na nossa frente ! Já os temos à nossa frente! Nós ficamos onde estamos. Vemos um aterro. O caminho de ferro. Eles não disparam mais foguetes, mas ao longo dos trilhos um refletor se acende, seu feixe varre os dois lados. É uma rodovia que fiscaliza a estepe. Agora eles vão nos ver, e está tudo acabado ... Desamparo estúpido: deitado sob o raio e esperando para ser visto.

Passem, eles não nos viram. Nós ficamos de pé. Não podemos correr, mas saímos correndo do barranco. O céu está nublado rapidamente e nós, com tudo isso nos jogando de um lado para o outro, perdemos o bom caminho. Agora vamos quase ao tuntún. Percorremos alguns quilômetros e talvez sejam um desvio inútil.

Uma noite perdida ...! Amanhecer novamente. Voltamos a ficar sem dinheiro. Cavando um buraco, mas minha faca turca sumiu! Devo ter perdido o controle quando estava deitado ou quando fugi abruptamente do barranco. Que desastre! O que um fugitivo fará sem uma faca? Cavamos um buraco com o de Kolia.

Uma coisa boa foi e: estava previsto que morreria aos trinta e oito anos. É difícil para um marinheiro não ser supersticioso. Mas na manhã de 20 de setembro, que está chegando, é meu aniversário. Hoje estou com trinta e nove. A previsão não me preocupa mais. Eu vou ficar vivo!

E novamente estamos deitados em um buraco, sem movimento, sem água ... Se pudessemos dormir! Nós não dormimos. Eu gostaria que chovesse! Limpa. Mau. O *terceiro* dia da fuga acaba , ainda não vimos uma gota d'água, engolimos cinco tabletes de glicose por dia . E fizemos pouco progresso, talvez um terço do caminho para o Irtysh. Por outro lado,

amigos, lá no campo, estão felizes por nós, que o promotor verde nos tenha libertado ...

Anoitecer. Estrelas Rumo Nordeste. Nos andamos. De repente, ouvimos um grito ao longe: "Va-va-va-va!" O que é isso? Segundo a história do experiente fugitivo Kudla, é assim que os cazaques afugentam os lobos de suas ovelhas.

Uma ovelha! Se tivéssemos uma ovelha! Nós fomos salvos. Em liberdade, nunca teríamos pensado em beber sangue. Aqui, eu gostaria que houvesse!

Nós avançamos furtivamente. Arrastando. Edifícios Não vemos o bem. Entrar na casa é perigoso, encontraríamos gente, seria deixar um rastro. Rastejamos em direção a um redil de adobe. Sim, foi um cazaque que gritou para assustar os lobos. Entramos na dobra, onde a parede é mais baixa, tenho a faca entre os dentes. Trailing, caça as ovelhas. Eu ouço um, está respirando na porta ao lado. Mas eles escapam de nós, eles escapam de nós! Nós nos aproximamos novamente de lados diferentes. Como pegá-lo com uma perna? Eles correm! (Mais tarde, chegará o tempo em que eles me explicarão onde foi o erro. Nós rastejamos, e as ovelhas nos tomam por animais. Elas deveriam ter se aproximado em pé, no caminho do mestre, e as ovelhas teriam sido facilmente apanhadas).

A mulher cazaque percebe algo estranho, se aproxima, olha para a escuridão. Não carrega fogo, mas recolhe torrões, atira-os e dá a Kolia. Ele está vindo direto para mim, ele está pisando em mim! Ele me viu ou me sentiu, ele grita "Shai tan! Shaitan!"^[hv] e ela corre de nós, nós dela, pulamos o muro e deitamos. Vozes masculinas. Acalme-se. Aparentemente, dizem que a mulher sonhou.

Falha. Bem, continuamos.

A silhueta de um cavalo. Que bonito! Nós poderíamos usar isso. Nos aproximamos. Ele fica parado. Damos tapinhas no pescoço dele, colocamos uma coleira nele. Eu montei em Zhdanok, mas eu mesmo não consigo me levantar, fiquei muito fraco. Eu me engancho com as mãos, puxo minha barriga, mas não consigo colocar minha perna para o outro lado. O cavalo se vira. Ele foge de mim, sai galopando com Zhdanok, o joga. Felizmente a alça permaneceu em sua mão, não deixamos nenhum vestígio, o shaitan responderá a tudo.

O cavalo feliz nos exauriu . É ainda mais difícil andar. E no topo vem a terra arada, sulcos. Nós tropeçamos, arrastamos nossos pés. Mas, em parte,

é bom: onde tem fazenda, tem gente, e onde tem gente, tem água.

Nós marchamos, nós caminhamos, não podemos com nossa alma. Silhuetas novamente. Voltar para deitar e engatinhar. Monte de feno! Ótimo! Pradarias? O Irtysh estará próximo? (Oh, quão longe ainda) ... Com nossas últimas forças subimos no topo, nos enterramos.

Agora é quando dormimos o dia todo! Contando com a noite insone antes do vôo, já perdemos cinco noites sem dormir.

Acordamos no final do dia, ouvimos um trator. Com prudência, afastamos o feno, esticamos um pouco a cabeça. Dois tratores se aproximaram. Um pequeno é ba. Está ficando escuro.

Idéia! O trator tem água no radiador! Quando os tratoristas vão dormir, nós bebemos.

Ficou escuro. *Quatro* dias se passaram desde a fuga. Rastejamos em direção aos tratores.

Felizmente, não há cachorro. Em silêncio, alcançamos a torneira, engolimos. Não, a água tem óleo. Nós cuspimos, não podemos beber.

Aqui eles têm de tudo, água e comida. Bata já à porta, peça o amor de Deus: «Irmãos! Boa gente! Ajude-nos! Somos prisioneiros, escapamos da prisão ! " Como no século 19 : potes com mingaus, pano e moedas de cobre foram trazidos nas trilhas da taiga.

As camponesas me deram pão.

Os garçons distribuía picadas.

Tua tia! Esses tempos já passaram. Eles vão te vender. Ou eles vão te vender convencidos , ou para se salvarem. Porque, por *cumplicidade*, eles podem investir cinco dólares também. No século passado, não lhes ocorrera condenar politicamente o pão e a água.

E continuamos mancando. Mancamos a noite toda. Esperamos pelo Irtysh, vigiamos qualquer sinal do rio. Mas não existe tal. Nos obrigamos a caminhar, sem misericórdia. De manhã, outro palheiro aparece. Ainda mais trabalhoso do que ontem, seguimos. Adormecemos. Algo é algo.

Acordamos ao anoitecer. Por quanto tempo uma pessoa pode resistir ? Já são *cinco* dias de fuga. Não muito longe, vemos uma yurt, ^[hw] perto dela um galpão. Nós rastejamos lá. Encontramos magara. ^[hx] Enchemos nossa carteira, tentamos mastigar, mas não podemos engolir: nossas bocas estão muito secas. De repente, vemos um enorme samovar próximo à yurt, cabem

dois baldes. Nós rastejamos até ele. Abrimos a torneira, está vazia, droga! Quando o viramos, tomamos alguns drinques todos os dias.

E novamente para andar. Estamos caminhando e caindo. Em terra, você respira melhor. Não podemos mais nos levantar de costas. Para levantar, primeiro temos que ficar de barriga para baixo. Então fique de quatro. Então, cambaleando sobre nossos pés. E nós já ofegamos. Perdemos tanto peso que nossa barriga parece ter grudado na coluna. Quando a manhã chega, fazemos cerca de duzentos metros de uma vez, não mais. E nos deitamos.

De manhã, nem encontramos um palheiro. Uma toca em uma colina, cavada por algum animal. Ficamos dentro de casa o dia todo, mas não conseguíamos dormir; Estava mais frio naquele dia e a terra estava fria. Ou nosso sangue não está mais esquentando? Tentamos mastigar macarrão.

E de repente eu vejo: estamos isolados! Epaulet é vermelha! Eles estão nos cercando! Zhdanok me puxa: são visões suas, é uma manada de cavalos.

Sim, uma alucinação. Vamos deitar novamente. O dia ainda não acabou. De repente, um chacal veio à sua toca. Colocamos macarrão nele e rastejamos para fora do caminho para ele entrar, matá-lo e comê-lo. Mas ele não os queria. Se foi.

Daqui, de um lado, há uma descida, descendo algumas salinas de um lago seco, e na outra margem uma yurt, pode-se ver a fumaça.

Passaram-se seis dias, já estamos no limite: parecia-me ver gu aries, a língua não balança na boca, urinamos pouco e com sangue. Não! Esta noite você tem que conseguir comida e água o que for! Vamos lá, para a yurt. E se eles nos negarem, nós o tomaremos à força. Lembrei-me: o velho fugitivo Grigori Kudla tinha uma palavra combinada: *mahmadera!* (Significa: as negociações acabaram, para roubar!) Então também concordamos com Kolia: eu direi "majmadera!"

No escuro, chegamos sorrateiramente à yurt. Um poço! Mas não há cubo. Não muito longe, há uma amarração, com um cavalo selado. Nós olhamos pela fresta da porta. Dentro, com uma lâmpada borboleta, há um cazaque e um cazaque, crianças. Nós chamamos. Nós entramos. Eu digo "Salara!" E, enquanto isso, tenho círculos diante dos olhos, espero que não caiam. No TERIOR existe (ainda mais baixa do que as nossas modernas mesas de centro) mesa baixa redonda para borrego assado. Em volta da yurt, alguns bancos forrados com feltro. Um grande baú engomado.

O cazaque murmurou algo em resposta, ele olhou de soslaio, ele não está à vontade. Para me dar importância (e também para conservar minhas forças) me sento, coloco meu portfólio sobre a mesa. 'Eu sou o chefe de uma expedição de prospecção geológica, este é o meu motorista. O carro ficou na estepe, com gente dentro, cerca de cinco a seis quilômetros: o radiador estourou, não tem água. E nós mesmos não comemos há três dias, estamos com fome. Dê-nos comida e bebida, Aksakal. E para ver o que podemos fazer?

Mas o cazaque aperta os olhos, não nos convida para comer ou beber. Pergunta: "E qual é o sobrenome, chefe?"

Eu tinha tudo planejado, mas minha cabeça zumba, eu esqueci. Eu respondo: «Ivanov. (Estúpido, é claro). Bem, venda-me suprimentos, Aksakal! " "Não. Vá para o vizinho ». "Está longe?" "Dois quilômetros".

Eu continuo sentada com um ar majestoso, mas enquanto Kolia não consegue resistir, ela pega um biscoito da mesa e tenta mastigá-lo, mas você pode ver que ela é péssima nisso. E de repente o cazaque pega uma guia - uma alça curta e uma longa tira de couro trançado - e a segura contra Zhdanok. Eu me levanto: "Nossa! Essa é a sua hospitalidade! " O cazaque, com o cabo da guia, empurra Zhdanok nas costas e o joga para fora da yurt. Eu ordeno: "Majmadera!" Pego a faca e digo ao cazaque: «Para o canto! Mentindo!" O cazaque ataca atrás da cortina. Estou atrás dele: talvez ele tenha uma arma de caça aí, ele vai atirar? Mas ele se joga na cama e grita: 'Fique com tudo! Não direi nada!" Que bastardo você é! Por que eu quero o seu "tudo"? Por que você não me deu o pouco que eu pedi antes?

Para Kolia: "Cadastre-se!" Eu mesmo estou com a faca na porta. O cazaque grita, as crianças choram. Diga a sua esposa: não faremos mal a ninguém. Queremos comida. Carne, bar? " "Iok!" Abra seus braços. Mas Kolia está bisbilhotando a yurt e já trouxe cordeiro curado da despensa. "Bem, o que você estava mentindo?" Kolia também traz uma bacia, dentro dela há tejerings - tiras de massa fervida em óleo. Nessas eu percebo: na mesa, nas tigelas, há kumis!

Nós bebemos e temos Kolya e eu. Cada bebida é como voltar à vida! Que bebida! Nossas cabeças estão girando, mas a embriaguez dá uma sensação de leveza, adiciona força. Kolia gosta da coisa. Dê-me dinheiro. São vinte e oito rublos. Em algum esconderijo, haverá muito mais. Colocamos a carne seca em um saco, em outro colocamos tricô, biscoito, alguns doces, berlangos sujos. Kolia também traz uma panela com

torreznos de cordeiro. Uma faca! É disso que precisamos. Tentamos não esquecer de nada: colheres de pau, sal. Estou pegando um saco. Eu volto, pego um balde d'água. Pego um cobertor, o freio sobressalente, a guia. (Ele resmunga, não gosta: ele mesmo terá que nos alcançar).

"Olhe", digo ao cazaque, "aprenda, lembre-se: você precisa ser mais gentil com seus convidados!" Por um balde d'água e uma dúzia de tecelões, teríamos sido gratos a você por toda a vida. Boas pessoas que não tocamos. Último aviso: fique quieto, não se mexa! Não estamos sozinhos aqui. Deixo Kolia do lado de fora da porta e carrego o saque para o cavalo. Em princípio, você tem que se apressar, mas eu reflito com calma. Levei o cavalo para o poço, dei de beber. Um bom trote também o espera: caminhar a noite toda com carga dupla. Eu bebi do poço também. E Kolia bebeu. Em estes gansos que se aproximavam. Kolia tem um fraco por aves. Ele diz: 'Devemos também ter alguns gansos? Devemos torcer seus pescoços?' - «Há muito barulho. Não perca tempo". Baixei os estribos, apertei a barriga. Atrás da cadeira, Zhdanok largou o cobertor e sentou-se no meio-fio do poço. Em sua mão ele pegou o balde de água. Colocamos os dois sacos amarrados de cada lado do cavalo. Eu na cadeira. E através das estrelas fomos para o leste, para enganar os perseguidores.

O cavalo não gosta de ser montado por dois estranhos, tenta se virar para a casa, torce o pescoço. Bem, eu peguei o jeito. Março em bom ritmo. De um lado, há luzes. Fazemos um desvio. Kolia cantarola em meu ouvido:

Que lindo é galopar, que prazer respirar se o vaqueiro tem um bom cavalo!

"Além disso", diz ele, "vi um passaporte para ele". ^[hz] «Por que você não pegou? Um passaporte sempre pode ajudar. Mesmo que seja para ensinar tapas de longe».

No caminho, sem descer do cavalo, ficamos o tempo todo bebendo água, comendo alguma coisa. Um espírito totalmente diferente! Agora, esta noite para escapar mais longe!

De repente, ouvimos pássaros cantando. Um lago. Circundá-lo é um longo caminho, muito longo. Kolia desmontou e conduziu o cavalo por um vau lamacento. Nós passamos. Mas uau! Não há cobertor. Terá escorregado ... *Deixamos a marca ...*

Isso é muito ruim. Do cazaque, em todos os sentidos, há muitos caminhos, mas do cobertor encontrado, se este ponto for adicionado à yurt

do cazaque, a direção que estamos tomando será clara. Vire-se, procure por ela? Não há tempo. Bem, eles vão entender que estamos indo para o norte de qualquer maneira.

Nós paramos. Eu seguro o cavalo pelo freio. Comemos-bebemos, comemos e bebemos sem parar. Só nos resta água no fundo do balde, estamos maravilhados também.

Rumo ao norte. No trote o cavalo não chega, mas chega a passo acelerado, cerca de oito a dez quilômetros por hora. Se em seis noites avançamos cento e cinquenta quilômetros, nesta será mais setenta. Se não tivéssemos zigzagueado, já estaríamos no Irtysh.

Amanhecer Mas não há abrigo. Nós seguimos em frente. Já está ficando perigoso. Então vimos uma cavidade profunda, como uma vala. Descemos lá com cavalo e tudo, comemos e bebemos mais. P ronto ouviu falar de nós passarmos uma motocicleta. Mau negócio, significa que existe um caminho. Você tem que se esconder melhor. Nós saímos, damos uma ^[53]olhada. Relativamente perto está uma aldeia morta e abandonada. Fomos para lá. Nós descarregar dentro de três paredes de uma casa em ruínas. Eu tranquei as patas dianteiras do cavalo, deixei-o pastar.

Mas não houve sonho naquele dia: com o cazaque e o cobertor, *deixamos nossa marca.*

A noite. *Sete* dias. O cavalo anda à distância. Vamos procurá-lo , mas ele pula, foge; Kolia o agarrou pela crina, arrastou-o, ele caiu. Suas patas dianteiras foram destravadas e agora não há como segurá-lo. Passamos três horas caçando ele, ficamos exaustos, encurralamos ele nas ruínas, jogando-lhe um laço feito de coleira, mas ele não se deixou. Estávamos mordendo os lábios de pena, mas tínhamos que parar. Ficamos com o freio e o chicote.

Comemos, bebemos a última água. Carregamos os sacos de provisões, o balde vazio. Em marcha. Hoje existem forças.

A manhã seguinte, ele nos pegou de tal modo que tivemos que esconder no mato e não muito longe de um caminho. Site ruim, você pode nos ver. Um carro passou barulhento. Nós também não dormimos naquele dia.

Ao final do *oitavo* dia, estávamos de volta ao nosso caminho.

Caminhamos um pouco e, de repente, sentimos terra fofa sob nossos pés: aqui ela foi arada. Continuamos: faróis de carros nas estradas. Cuidado!

Entre nuvens, a lua nova. Outra aldeia cazaque morta, em ruínas. Mais longe, as pequenas luzes de uma aldeia, e de lá vem uma canção russa:

Agora solte os cavalos ...!

Colocamos os sacos entre as ruínas e com o balde e a pasta fomos para a aldeia. As facas nos tornozelos. Lá está a primeira casa, há um leitão que rosna. Teríamos encontrado você na estepe...! Um jovem de bicicleta vem ao meu encontro. "Ei, querida, aí está o caminhão, carregamos grãos, onde haveria água para despejar o radiador?" O menino desceu, nos acompanhou, nos ensinou. Na paliçada tem um balde, vê-se que o gado bebe ali . Enchemos o balde, tomamos sem beber. Nós nos separamos do menino, depois nos sentamos e bebemos, bebemos. Bebemos meio balde de uma vez (estávamos com muita sede hoje, porque estávamos fartos).

Parece que ficou legal. E sob os pés, é grama de verdade. Deve haver um rio! Você tem que procurar o rio. Vamos, nós procuramos. Grama alta, arbustos. Salgueiros! Eles estão sempre perto da água. Juncos! E água...!! Provavelmente uma enseada no Irtysh. Bem, agora salpique, lave-se! Juncos dois metros! Patos sobem sob nossos pés. Que delícia! Aqui saberemos como nos desdobrar!

E foi então que, pela primeira vez em oito dias, nosso intestino descobriu que funcionava. Depois de oito dias de inatividade, que tormento! Então, certamente deve ser uma entrega ...

Em seguida, de volta à cidade abandonada. Fizemos uma fogueira ali entre umas paredes, cozinhamos o charque de cordeiro. Devemos aproveitar a noite para seguir em frente, mas queremos comer e comer, de forma insaciável. Comemos tanto que é difícil nos mover. E, satisfeitos, fomos procurar o Irtysh. O que não acontecia há oito dias agora aconteceu em uma bifurcação: uma discussão. Eu digo à direita, Zhdanok à esquerda. Desconfio com certeza que está certo, mas ele não quer me ouvir. Outro perigo que persegue os fugitivos: a disputa. Em uma fuga, deve haver necessariamente um com voto de qualidade. Se não, um mau negócio. Para insistir no meu negócio, vou para a direita. Ando cem metros, não ouço passos atrás. Pes adumbre. É que a separação é fatal. Sento-me ao pé de um palheiro, olho para trás ... Kolia está chegando! Eu o abraço. Vamos juntos, como se nada tivesse acontecido.

Mais esfrega, mais fria. Estamos nos aproximando de um corte. Lá embaixo ele espirra, murmura e respira o Irtysh em nós com alegria ... Não podemos caber com alegria!

Encontramos um palheiro e entramos. Ei, cachorros, onde vocês estão procurando por nós? Estamos aqui! E adormecemos profundamente.

E... um tiro nos acordou! E um cachorro latiu ao lado dele ...!

Como? E isso é tudo ? E já é o fim da liberdade ...?

Calma, não respiramos. Um homem passa. Com um cachorro. Um caçador...! Adormecemos ainda mais profundamente, durante todo o dia. E assim passamos nosso *nono* dia.

No escuro, partimos ao longo do rio. Deixamos a marca há três dias. Agora, o bando nos procura apenas perto do Irtysh. É claro para eles que estamos procurando água. Caminhando ao longo da costa, é fácil cair em uma emboscada. E é incômodo andar assim, tem que contornar curvas, penhascos , juncos. Precisamos de um barco!

Uma luz, uma casinha na praia. Um barulho de remos, depois silêncio. Nós nos escondemos e esperamos muito tempo.

A luz se apaga. Descemos em silêncio. Ali está o barco. E alguns remos. Magnífico! (É que o proprietário poderia muito bem levá-los para casa). Marinheiro, para o mar! Estou no meu elemento! Silencioso no início, sem respingos. Saímos para o centro do rio, bato nos remos.

Descemos Irtysh e, ao nos encontrar, saindo de uma curva, vem um vapor luminoso. Quantas luzes! Todas as janelas brilham, todo o navio ressoa com a música de dança. Alguns felizes passageiros livres, sem entender sua felicidade e sem sequer perceber sua liberdade, caminham no convés, estão sentados no restaurante. E como é confortável em suas cabines ...!

Assim, descemos mais de vinte quilômetros. As provisões já estão se esgotando. Enquanto ainda está escuro, faríamos bem em renová-los. Ouvimos galos, chegamos à margem e subimos em silêncio. Uma pequena casa. Não há cachorro. Um estábulo. Uma vaca com um bezerro. Galinhas Zhdanok gosta de pássaros, mas eu digo: pegamos o bezerro. Nós desamarramos. Zhdanok o leva para o barco, eu no sentido mais literal apago os rastros: se não, *a matilha* terá a prova de que descemos o rio de barco.

O bezerro desceu calmamente para a margem, mas não queria entrar no barco, resistiu. Mal conseguimos entre nós dois levantá-lo, colocá-lo na cama. Zhdanok sentou-se nele, segurou-o com seu peso, comecei a remar: z harpa, vamos matá-lo lá. Mas foi um erro pegá-lo vivo! O bezerro começou

a se levantar, jogou Zhdanok e já havia pulado na água com as patas dianteiras.

Zafarrancho de combate! Zhdanok apóia o bezerro por trás, eu apóio Zhdanok, todos nós nos inclinamos para um lado e a água entra pela beirada. Só precisávamos nos afogar no Irtysh! Mesmo assim, içamos o bezerro! Mas o barco afunda muito na água, você tem que saltar fora. Mas primeiro você ainda tem que matar o bezerro! Pego a faca e tento cortar um tendão do colo do útero, tem um local adequado ali. Mas ou não consigo encontrar, ou a faca não corta, não tem como. O bezerro treme, tenta fugir, se assusta e eu também estou com medo. Tento cortar sua garganta, mas também não sai . Muge, chute, pule do barco ou nos afunde! Ele quer viver! Mas também queremos viver!

Eu o machuquei e não posso matá-lo. Agite, empurre o barco, o próprio tolo, que nos afunda! E porque ele é tão estúpido e teimoso, um gato mortal me agarra em sua direção , como meu maior inimigo, e eu furiosamente, desordenadamente começo a esfaqueá-lo e esfaqueá-lo!^[54] Seu sangue flui, nos mancha. O bezerro berra com toda a força, chutando desesperadamente. Zhdanok aperta seu focinho, o barco balança e eu continuo apunhalando-o e apunhalando-o. E pensar que antes eu sentia pena de um ratinho, de um bicho! Mas agora a coisa não é ter pena: ou dele, ou de nós!

Por fim, ele parou. Começamos a esvaziar a água com pressa, com o balde e as latas, a quatro mãos. E remar.

A corrente nos arrastou para uma distração. À frente, uma ilha. Bom lugar para se esconder, vai amanhecer em breve. Colocamos o barco entre uns juncos, bem escondido. Arrastamos o bezerro e todos os nossos pertences para a praia , o barco ainda coberto de juncos no topo. Não foi fácil escalar a panturrilha pelas pernas até a encosta íngreme. Mas ali, grama na altura da cintura e floresta. Conto de fadas! Já estamos no deserto há vários anos. Esquecemos o que são a floresta, a grama, os rios ...

Amanhecer E parece que o bezerro está com o rosto ofendido. Mas graças a ele, meu amigo, agora podemos morar na ilha. Afiamos a faca com um pedaço de cal da «Katiusha». Nunca tive a chance de esfolar animais, mas aprendo. Abro no canal, separo a pele, tiro os intestinos. Nas profundezas da floresta construímos uma fogueira e começamos a cozinhar a carne com aveia em flocos. Um cubo inteiro.

Um banquete! O principal é que estamos calmos . Tranquilidade em uma ilha. A ilha nos protege de pessoas más . Entre as pessoas também há os bons, mas não sei o que eles têm que os fugitivos não costumam encontrar, mas todos os ruins.

Um dia quente e ensolarado. Não precisamos de Agaz para estacionar em uma cova de chacal. A grama é espessa, succulenta. Quem o pisa todos os dias não sabe o que vale, o que é se jogar em cima do peito, afundar o rosto.

Visitamos a ilha. Está coberto de roseiras e as bagas já estão maduras. Nós os comemos sem parar. E de novo comemos ensopado. E cozinhamos carne novamente. Fazemos mingau com os rins.

Estamos de bom humor. Lembramo-nos do nosso difícil caminho e não faltam motivos para rir. E como eles esperam nosso sainete ali. Como eles nos amaldiçoam, como eles se reportam à Diretoria. Imaginamos seus rostos. Nós rimos ...!

Em um grosso tronco, depois de retirar a casca, gravamos com um arame em brasa: "Aqui, a caminho da liberdade, em outubro de 1950, os homens se refugiaram, injustamente condenados à prisão perpétua". Não importa deixar pegadas. Nestes andurriales não vai ajudar os perseguidores, ao invés disso, um dia as pessoas vão ler.

Decidimos não nos apressar. Tudo o que procurávamos quando fugimos, já temos: liberdade! (Quando chegarmos a Omsk ou Moscou dificilmente teremos mais). Dias de sol ainda quentes, ar puro, vegetação, descanso. E carne à vontade. O que falta é pão, temos muita saudade.

E assim vivemos na ilha por quase uma semana: do *décimo* dia ao início do *décimo sexto* . No mais denso, construímos uma cabana seca. À noite faz frio até dentro dela, é verdade, mas a gente volta a dormir durante o dia. Todos esses dias o sol brilha sobre nós. Bebemos muito, tentamos nos abastecer como camelos. Estamos sentados placidamente e por entre os galhos observamos a vida por muito tempo ali, na praia. Caminhões circulam por lá. Lá eles cortam a grama, segunda colheita. Ninguém vem aqui para olhar.

De repente, um dia, quando estávamos cochilando na grama no último sol, ouvimos o golpe de machado na ilha. Sentamo-nos e vemos: aqui perto está um homem a cortar ramos, que se aproxima lentamente de nós.

Em quinze dias deixei crescer a barba, um ruivo horrível, não tenho com que me barbear, a típica fugitiva . Por outro lado, Zhdanok não cultivava

nada, é como um jovem. Por isso finjo que estou dormindo e mando-o até ele, sem esperar que ele nos descubra, que chame uma fogueira, diga que somos turistas de Omsk, descubra de onde ele é. E se alguma coisa acontecer, esteja pronto.

Ko lia veio conversar. Eles se iluminaram. Era um cazaque, do vizinho kolkhoz. Então vemos: ele foi ao longo da margem, entrou no barco e sem pegar nos galhos que havia cortado, começou a remar.

Que significa isso? Você está com pressa de nos reportar ? (Ou talvez o contrário, você ficou com medo? Que a gente denuncia, é que pra fazer lenha na mata eles também condenam. É assim que a gente vive, que todo mundo tem medo de todo mundo). O que você disse sobre nós? «Que somos montanhistas». Não sei se ri ou fico com raiva, Zhdanok sempre tem que estragar. «Eu disse turistas! Que montanhistas haverá no meio da estepe?! " "

Não, não se trata de ficar aqui! A boa vida acabou. Transportamos tudo até o barco e zarpamos. Mesmo que seja de dia, você tem que sair o mais rápido possível . Kolia esticou-se no fundo do barco, não dá para vê-lo, uma pessoa está saindo de fora. Remando, ficando no centro do Irtysh.

Um problema é comprar pão. Outra é que chegamos a lugares povoados e preciso fazer a barba o que for preciso. Em Omsk pretendemos vender um dos ternos, subir várias estações adiante e ir de trem.

Antes do anoitecer chegamos na casa de um farol, subimos. Há uma mulher sozinha. Ela está assustada, confusa: "Agora vou ligar para o meu marido!" E saiu. Eu atrás dela, observando. De repente, da casinha Zhdanok me chama nervoso: "Zhora!" (Eles te enforcam aí, você tem uma língua mais comprida ... Não combinamos que eu sou Victor Alexandrovich?) »Eu volto. Dois homens, um deles com uma espingarda de caça. "Quem é Você?" « Turistas, de Omsk. Queremos comprar suprimentos. (E, para eliminar suspeitas) Mas vamos entrar na casa, por que você recebe tanto? » E com efeito, eles relaxam: "Não temos nada. Talvez no sovkhoz. Dois quilômetros abaixo.

Voltamos para o barco e descemos mais vinte . Noite de lua. Escalamos a escarpa. Uma pequena casa. Não tem luz. Nós chamamos. Um cazaque aparece. E ele é a primeira pessoa a nos vender meio pão, um quarto de saco de batatas. Também compramos agulha e linha (provavelmente imprudentes). T lso pedimos uma lâmina de barbear, mas ele não se barbeia, não cresce ele. Em suma, a primeira pessoa boa. Nós nos

alegramos e perguntamos se eles não tinham peixe. A mulher se levanta, traz dois peixinhos e diz: "Sincronize o dinheiro." Já é mais do que a gente esperava, ele dá pra gente sem pagar! Uau, eles são certamente boas pessoas! Coloco os peixes no saco, tiro de novo. "Cinco dinheiro, cinco rublos", explica o marido. Ah, vamos terminar! Não, nós não os guardamos, muito caros.

Viajamos o resto da noite. Para no dia seguinte, *décimo sétimo* dia de evasão arbustos esconder o barco, dormimos no feno. Também o *décimo oitavo e décimo nono* dias, tentando não conhecer pessoas. Temos de tudo: água, fogo, carne, batata, sal, um balde. Na margem direita íngreme, existem florestas decíduas; à esquerda, prados, muito feno. Durante o dia acendemos uma fogueira nos arbustos, preparamos um ensopado, dormimos.

Mas logo estaremos em Omsk, e será inevitável sairmos *em público*; então você precisa de uma lâmina de barbear. Uma situação grotesca: sem lâmina de barbear ou tesoura não há maneira humana de se livrar da caixa de cabelo. Não que eu tenha puxado cabelo por cabelo.

Em uma noite de luar, vimos uma grande elevação sobre o Irtysh. Pensamos numa fortaleza? Desde a época da conquista? Subimos para ver. E ao luar vimos uma misteriosa cidade morta de casas de adobe. Também, com certeza, no início dos anos trinta ... O que queimava era queimado, o adobe era demolido, dependendo de quem se prendia às caudas dos cavalos. Turistas não vêm aqui ...

Não choveu nenhuma vez nessas duas semanas. Mas as noites já ficaram muito frias. Para acelerar, remava principalmente, enquanto Zhdanok ficava sentado na popa congelando. E na *vigésima* noite ele começou a nos pedir para acender uma fogueira e aquecer água. Eu o colocaria para remar, mas ele tremia de frio e pediu apenas uma fogueira.

Esta fogueira não poderia ser negada por um companheiro em fuga, Kolia teve que se entender e renunciar a si mesmo. Mas Zhdanok tinha isso, que ele não conseguia lutar contra seu desejo: como então ele pegou o biscoito da mesa; ou como os pássaros o tentaram.

Ele tremeu e pediu uma fogueira. Mas ao longo do Irtysh eles devem estar nos perseguindo por toda parte. O incrível é que nem uma vez nos cruzamos com a escolta. Que nas noites de luar no meio do Irtysh eles não nos notaram e nos pararam.

Então vimos uma pequena luz na margem alta. Kolia começou a pedir, em vez do fogo, que entrássemos e nos aquecêssemos. Era ainda mais perigoso. Não consegui acessar. Sofrer tanto, avançar tanto e total para quê? Mas ele não podia negar, talvez ele estivesse doente. E ele mesmo não renunciou.

À luz de uma borboleta, um cazaque e um Ka Zaja dormiam no chão . Eles pularam de pé, estavam assustados. Explico: «Um colega fez-me mal aqui, vamos aquecer. Estamos de plantão, do Serviço de Trigo. Eles passaram por nós de barco daquele lado. O cazaque diz: "Deite-se". Foi Kolya estava em uma espécie de tapete, eu também estava a esconder. É a primeira vez em todo o vôo que dormimos sob o teto, mas me dói. Não durmo mais, não consigo nem deitar. Sentindo que nos traímos , que entramos voluntariamente na boca do lobo.

O velho saiu de cueca (senão eu teria ido atrás dele) e faz muito tempo que não volta. Eu ouço: atrás da cortina, eles estão sussurrando em cazaque. Eles são jovens. Pergunto: «Quem és? ¿Ba lizadores? " "Não, nós somos a fazenda de gado Abai, a primeira da república." Bem, que site nós escolhemos, pior impossível! Onde há sovjós, há poder e polícia. E ainda por cima, o primeiro da república! Então eles se aplicam ...

Aperto a mão de Koli para : «Vou para o barco, venha atrás. Com a carteira ». Em voz alta, digo: "As provisões, ficamos na margem." Eu saio para o corredor. Empurro a porta para fora, está fechada. Agora mesmo. Eu volto, dou um alarme para Kolia e novamente para a porta. Mau carpinteiro forrou, tem uma tábua menor embaixo, coloco a mão lá dentro e fico me esticando um pouco ... Olha só, fixaram por fora com uma estaca. Eu a fiz cair.

Eu saio. Rápido para a costa. O barco está no lugar. Eu fico na lua esperando. Mas Kolia não aparece. Nossa, cara! Em outras palavras, ele não tem vontade de se levantar. Está esquentando mais um minuto. Ou eles o pegaram. Você tem que ir resgatá-lo.

Eu volto a subir a ravina. Quatro homens vêm da casa em minha direção, incluindo Zhdanok. Eles vão muito próximos (ou eles seguram?). Ele grita: "Zhora! ("Zhora" de novo!) Venha aqui! Eles pedem a documentação! " Mas a carteira na mão, como eu mandei, ele não está com ela.

Aproximo-me. Um novo, com sotaque cazaque, me pergunta: "Sua documentação !" Eu me mantenho o mais calmo que posso: "E quem é

ocô?" "Eu sou o comandante." Bem, eu digo encorajadoramente, vamos. Verificar a documentação é sempre bom. Lá, na casa, vai ter mais luz. Vamos para casa

Lentamente levanto a minha pasta do chão, aproximo-me da borboleta, medo a melhor forma de derrubá-la e sair, enquanto a divirto: «A documentação, sempre isso, claro. Verifique a documentação, você precisa. Vigilância nunca é demais. No S erviço de Trigo tínhamos uma caixa »... já estou com a mão na fechadura para abrir a carteira. Eles se aglomeraram ao meu redor. Boom-ba! Dou o comandante com o ombro para a esquerda, ele no velho, os dois no chão. Para o jovem, um direto no queixo com a direita. Gritos, gritos! Eu: "Majmaderal", e pulo com a carteira por uma porta, pela outra. Nestes, Kolia grita comigo do corredor: «Zhora! Eles me seguram! Ele agarrou o batente da porta e eles o puxaram para dentro. Dou um puxão no braço dele, não consigo tirar. Então me inclinei contra a moldura com o pé e puxei com tanta força que Kolia passou por cima de mim e eu também caí. Dois estavam em mim instantaneamente. Ainda não entendo como saí de debaixo deles. Nosso precioso carter ficou lá. Corri direto para o barranco, já pulando! Por trás, em russo: 'Acerte-o com o machado! Com o machado! Com certeza é para assustar, caso contrário, diriam isso no Cazaquistão. Eu sinto que eles estão prestes a me alcançar com as mãos. Eu tropeço, estou caindo! Kolia já está na frente do barco. Grito.

Que bom que eles não tinham uma espingarda. Empurrei o barco até que a água chegasse aos meus joelhos e pulei para dentro. Os cazaques não decidem entrar na água, eles correm ao longo da costa: "blá-blá-blá!" Eu grito com eles: " O quê? Seus porcos nos pegaram? "

Que bom que eles não tinham uma espingarda. Eu dirigi o barco rio abaixo. Eles gritam, correm ao longo da costa, mas um pequeno afluente corta seu caminho. Tirei minhas duas calças, a marinha e a de terno, anoto, não dá para acreditar. O que, Kolia? Já aquecemos? " Não disse nada...

É claro que Irtysh agora terá que dizer adeus. Ao amanhecer, será uma questão de descer até a costa e chegar a Omsk de *carona*. Bem, não é mais tão longe.

A "Katiusha" e o sal permaneceram no carroceiro . E onde você consegue uma lâmina de barbear, não estou dizendo seca? Lá na praia está um barco, uma casinha. Aparentemente, é um farol. Desembarcamos,

chamamos. Eles não acendem a luz. Uma voz masculina profunda: "Quem é?" «Vamos aquecer! Logo nos afogamos, nosso barco virou ». Eles ficam bagunçando um pouco, depois abrem a porta. No corredor, na penumbra, há um velho russo robusto ao lado da porta, nas duas mãos ele tem um machado levantado. Ele vai rebaixá-la no primeiro, não haverá ninguém para impedi-lo! "Não tenha medo", eu o convenço. Viemos de Omsk. Estávamos de serviço no Abai Sovkhoz. Queríamos chegar de barco à cabeceira do distrito, lá em baixo, mas por cima de ti há um barranco e puseram algumas redes, descuidamos e virámos ». Ele ainda nos olha com desconfiança, não abaixa o machado. Onde o vi, em que quadro? Um velho lendário, cabelos brancos, barba branca. Por fim, ele respondeu: "O que é isso, então, para Zhelesianka?" Cara , ótimo, descobrimos onde estamos. Claro, para Zhelesianka. Mas o ruim é que nossa carteira entrou em colapso e havia 150 rublos de dinheiro lá. Compramos carne no sovjós, mas agora não somos mais carne. Talvez ele queira comprar de nós? " ZHD anok fui para a carne. O velho me deixou entrar na sala, há uma lamparina a petróleo, na parede uma arma de caça. "Agora vamos verificar a sua documentação:" Procuo falar com indiferença: "Sempre levamos a documentação conosco, ainda bem que está no bolso de cima, não molhou. Sou Stoliarov, Víctor Alexandrovich, delegado da Direcção Provincial da Pecuária ». Agora você precisa tomar rapidamente a iniciativa. "E quem é você?" "O farol." "E como se chama?" Nesses chegou Kolia e o velho não falou mais em documentação. Ele disse que não tinha dinheiro para comprar carne, mas que poderia fazer chá para nós.

Ficamos em sua casa por uma hora. Ele aqueceu chá com batatas fritas, deu-nos pão e até cortou bacon. Conversamos sobre como o Irtysh é navegável, por quanto compramos o barco, onde vendê-lo. Ele falou mais. Ele estava olhando para nós com um olhar velho e inteligente de simpatia, e parecia que ele entendia tudo, um homem de verdade. Eu até queria descobri-lo. Mas não teria sido útil para nós: ele obviamente não tinha ferramentas de barbear, sua barba crescia como tudo cresce na floresta. E para ele, era mais seguro não saber nada, senão era "sabia e não disse".

Deixamos para ele vitela nossa, ele nos deu fósforos, veio nos acompanhar e explicou onde devíamos chegar perto de que lado. Partimos e começamos a remar rápido, para chegar o mais rápido possível nesta última noite. Eles estão nos capturando na margem direita, agora estamos ficando mais perto da esquerda. A lua cobre nossa costa, mas o céu está claro, e

vemos que ao longo da margem direita, falésia e arborizada, outro barco está descendo até a beira da corrente, só que o nosso está indo mais rápido.

Não é um grupo de operações ...? Navegamos em paralelo. Decidi ser atrevido, apertei meus remos, me aproximei. Compatriota! Onde você vai?" Para Omsk. (E de onde você vem? "" De Pavlodar. "" Para onde? "" Para sempre, para ficar. "

Para um agente de operações, seu sotaque do Volga é simples demais, ele responde de boa vontade, aparentemente até feliz com o encontro. Ele tem sua esposa dormindo no barco, ele mata a noite batendo nos remos. Eu olho: não é um barco, parece um carro, todo cheio de lixo, fardos por toda parte.

Eu reflito rapidamente. Na nossa última noite, nas nossas últimas horas no rio, que encontro! Se ele se mudar, significa que eles têm os suprimentos aqui, o dinheiro, os passaportes, as roupas e até a navalha . E ninguém em lugar nenhum sentirá falta deles. Ele vai sozinho, somos dois, a mulher não conta. Vou com o passaporte dela, Kolia vai se arrumar, passar pela mulher: cara baixinha, sem pelos, vamos colocar os formulários. Em algum lugar, é claro, eles também terão uma mala, para nos fazer parecer viajantes. E qualquer caminhoneiro esta manhã nos levará a Omsk.

Quem não foi roubado pelos rios russos? Puta sortuda, que remédio nós temos? Depois de deixar a pegada no rio, é nossa única e última chance. É uma pena tirar o que é dele de um trabalhador, mas quem sentiu pena de nós? Ou quem vai ficar com isso?

Tudo isso em um instante, na minha cabeça e na de Zhdanok. E eu apenas pergunto baixinho: "Mm-m?" E ele baixinho: «Majmader a».

Aproximo-me cada vez mais e já desviei o seu barco para a margem íngreme, para a floresta negra, apresso-me a cortá-lo antes de uma curva do rio, aí talvez a floresta acabe. Eu mudo minha voz para um chefe e ordeno:

-Atenção! Somos um grupo de operações do Ministério do Interior. Aproxime-se da costa. Verificando documentos!

O remador largou os remos: ou estava tonto, ou talvez até alegre: não são bandidos, são um grupo de operações.

“Claro”, diz ele, “você pode verificá-los aqui na água.

"Se for enviado para a costa, vá para a costa!" E com pressa.

Aproximaram-se. Estamos quase de ponta a ponta. Nós pulamos, ele caminha pesadamente sobre os carços, vemos que ele está mancando. A mulher acordou: " O quê, é um longo caminho?" O marido me dá seu

passaporte. "E o registro militar?" «Sou inválido, de uma ferida, estou isento. Aqui está o certificado »... vejo: algo metálico brilha na proa do seu navio, um machado. Eu sinalizo para Kolia: confisque. Kol ia se lançou com muita força e agarrou o machado. A mulher começou a uivar, ela percebeu. Eu, severamente: «Que gritos são esses? Para calar a boca. Estamos procurando por alguns fugitivos. Criminosos. E um machado também é uma arma. Eles se acalmaram um pouco.

Eu dou uma ordem para Ko lia:

-Tenente! Comece o trabalho. O capitão Vorobiov deve estar lá.

(Tanto o grau quanto o sobrenome me vieram sozinhos, pelo seguinte: nosso amigo, o capitão Vorobiov, o fugitivo, ficou hospedado no BUR de Ekibastuz.)

Kolia entendeu: vá procurar, se não houver ninguém, se você pode atuar. E ele subiu correndo. Enquanto isso, questiono e observo. O detido me ajudou a acender seus próprios fósforos. Eu leio passaportes e certificações. A idade também concorda, o inválido não chega aos quarenta. Ele trabalhou como um farol. Agora eles venderam a casa, a vaca. (Todo o dinheiro, claro, eles carregam). Eles vão buscar sorte. O dia não bastava para eles, iam à noite.

É uma ocasião excepcional, uma ocasião como poucos, precisamente porque ninguém vai sentir falta deles. Mas o que nós queremos? Precisamos de suas vidas? Não, eu não matei pessoas nem quero. Ao juiz de instrução ou ao comissário, quando me torturam, sim, mas não posso levantar a mão contra simples operários. Pegar é o seu dinheiro? Apenas uma pequena parte. Bem, quão pequeno? Por duas passagens para Moscou. E comida. E também algum lixo. Não vai arruiná-los. E se não levarmos sua documentação ou seu barco, e concordarmos que eles não denunciem? Difícil de acreditar. E o que vamos fazer sem documentação?

E se tirarmos a documentação deles, eles não têm mais nada a relatar. E para que não denunciem, tem que amarrá-los aqui. Amarre-os de modo que tenhamos dois ou três dias pela frente.

Mas então, isso significa simplesmente ...?

Kolia tenha retornado, ela sinalizou para mim que tudo está em cima ordem. Espere por mim "mahmadera!" O que fazer?

Ekibastuz aparece diante de meus olhos com seu escravo, a vida na prisão.

E lá vamos voltar ...? Nós realmente não temos o direito de ...?

E de repente, de repente, algo muito leve roçou minhas pernas. Eu olhei: algo pequeno, branco. Eu me curvo, vejo: é um gatinho branco. Ele saltou do barco, o rabo erguido, ele ronrona e se esfrega nas minhas pernas.

Você não conhece meus pensamentos.

E com esse contato de um gatinho senti que minha vontade havia sido quebrada. Esticada ao máximo por vinte dias, desde o momento em que passou sob o arame farpado, parecia ter se encurtado. Senti que Kolia me contou agora o que ela me disse, ela não poderia apenas tirar suas vidas, sem ou mesmo suas economias ganhas com seu trabalho.

Preservando a gravidade:

"Espere aqui, agora vamos esclarecer tudo!"

Subimos a escarpa, tenho sua documentação em mãos. Digo a Kolia o que penso.

Ele está em silêncio. Ele não está satisfeito, mas está em silêncio.

Esta é a forma como as coisas são: *eles* podem tirar a liberdade de ninguém, e eles não têm escrúpulos de consciência. Se ao invés essa liberdade que nos pertence, queremos recuperá-la, eles exigem em troca a nossa vida e a vida de todos que encontramos ao longo do caminho .

Eles podem fazer tudo e nós não. É por isso que eles são mais fortes do que nós. Sem ter concordado, descemos. Ao lado do barco está o coxo. "Onde está a mulher?" "Ele estava com medo, ele foi para a floresta."

"Tenha sua documentação." Eles podem continuar viajando.

Agradeça. Grite para a floresta:

-Loam! Volte! Eles são boas pessoas. Vamos.

Nós nos separamos da costa. Eu remo rapidamente. O operador coxo percebe e grita comigo:

"Camarada chefe!" Ontem vimos dois, iguais a bandidos. Se soubéssemos , os teríamos impedido, seus desgraçados!

"O quê, você sentiu pena deles?" Pergunta Kolia.

Calo-me.

Desde aquela noite - de entrar para nos aquecer, ou do gatinho branco - toda a nossa fuga foi interrompida. Havíamos perdido algo: confiança? Reflexos? Capacidade de raciocinar? Unanimidade nas decisões? Aqui, um pouco antes do Omsk, começamos a cometer erros e jogar todos para o seu lado. E fugitivos assim não vão longe.

Ao amanhecer, saímos do barco. Dormimos o dia todo em um palheiro, mas com choques. Ficou escuro. Existe fome. Seria preciso cozinhar carne, mas perdemos o balde no retiro. Eu decido fritar. Encontramos um assento de trator, será a nossa frigideira. As batatas, vamos assá-las.

Ao lado dela estava uma cabana de feno alta , os ceifeiros a tinham deixado. Na confusão que hoje me sobreveio, não sei por que decido que será bom acender o fogo dentro da cabana: não o verão de lado nenhum. Kolia não quer jantar: "Vamos em frente!" Discordo, a coisa não vai.

Apesar de tudo acendi a fogueira da cabana, mas coloquei mais. E a cabana toda iluminada, mal consegui sair. O fogo foi transferido para o palheiro, o palheiro foi aceso, o mesmo em que havíamos passado o dia. De repente, senti pena deste feno fedorento , bom para nós. Comecei a espalhar, a rolar no chão, tentando apagar, para que o fogo não continuasse. Kolia está sentada ao lado, emburrada, não adianta.

Que *marca* eu deixei! Que chama! É visto a muitos quilômetros de distância. Além disso, isso é *sabotagem*. Pela fuga, eles nos darão os mesmos cinco dólares que já temos. Mas, para "sabotar" o feno kolkhoz, pode até ser a *máxima*, se os atingir.

E acima de tudo, a cada erro aumenta a possibilidade de um novo erro, você perde a confiança, a apreciação da situação.

A cabana ardeu, mas as batatas assaram. Cinza em vez de sal. Nós comemos.

Nós íamos à noite. Nós cercamos uma grande cidade. Encontramos uma pá. Pegamos apenas no caso. Aproximamo-nos do Irtysh. E uma entrada nos isolou . Faça um desvio novamente? Pena. Procuramos e encontramos um barco sem remos. É a mesma coisa, o remo será um remo. Atravessamos a enseada. Amarrei uma alça na presilha e coloquei atrás das costas, de modo que a alça ficasse para cima como o cano de uma luneta. No escuro, parecemos caçadores.

Daqui a pouco encontramos alguém, ao lado. Ele: "Petró!" "Você errou, não é Petró!"

Caminhamos a noite toda. Dormimos em um palheiro novamente. Fomos acordados pela sirene de um navio. Estamos atentos : não muito longe existe um cais. Caminhões com melancias vão até ele. É perto de Omsk, está perto de Omsk, está perto de Omsk. É hora de fazer a barba e ganhar dinheiro.

Kolia me deixa tonto: “Agora estamos perdidos. Por que fugir se você vai ter pena deles mais tarde ? Nosso destino estava sendo decidido e você teve pena de si mesmo. Agora estamos perdidos.

É certo. Agora parece tão absurdo: não tem como fazer a barba, não tem dinheiro, mas tínhamos as duas coisas nas mãos e não pegamos. Foi preciso passar tantos anos se preparando para fugir, para mostrar tanta astúcia, para rastejar sob o arame farpado e esperar uma explosão nas costas, para ficar seis dias sem beber água, duas semanas cruzando o deserto, para não pegar o que estava em suas mãos! Como vou entrar em Omsk sem me barbear? Com que dinheiro continuaremos nossa jornada de Omsk...? Passamos o dia deitados no palheiro. Não podemos dormir, naturalmente. Por volta das cinco horas da tarde, Zhdanok diz: "Venha agora, vamos dar uma olhada com luz." Eu: "De jeito nenhum!" Ele: «Mas em breve terá passado um mês! Você é tímido! Eu saio e vou sozinho ». Eu o ameacei: "Olha, eu também tenho a faca para você!" Mas é claro, não vou acertar.

Cale a boca, ele fica na cama. De repente, ele cai do palheiro e vai embora. O que fazer? Separar-nos assim para os bons momentos? Eu pulo também, vou atrás. Marchamos em plena luz do dia, ao longo de um caminho ao longo do Irtysh. Sentamos atrás de um palheiro, deliberamos: se encontrarmos alguém agora, não podemos mais deixá-lo ir, para que não dê a gorjeta antes de escurecer . Kolia saiu imprudentemente - para ver se o caminho estava livre - e um carregador o viu. Teve que ser chamado: "Aproxime-se, amigo, vamos fumar um cigarro com dor!" "Que pena você tem?" «Bem, o meu cunhado e eu íamos aqui de licença de barco, sou de Omsk, ele é dos estaleiros de Pavlodar, é carpinteiro, porque à noite o nosso barco foi desamarrado e ele saiu, ficámos com o que tínhamos em a costa. E você quem é?" "Eu sou um farol." Você não viu nosso barco em lugar nenhum? Talvez entre os juncos ? " "Não". E onde está sua postagem? Olhe ali. Aponte para uma pequena casa. Bem, vamos para sua casa, vamos cozinhar carne. E no caminho faço a barba.

Vamos. Mas a casinha acabou pertencendo a outro farol, nosso vizinho, e a nossa fica a uns trezentos metros de distância. Mais uma vez, ele não está sozinho. Assim que entramos na casa, o vizinho chega de bicicleta com uma arma de caça. Ele olha para minha barba, faz perguntas sobre a vida em Omsk. Para mim, um presidiário, pergunte-me sobre a vida em liberdade! Estou inventando algo ao acaso, que o chão é ruim, os

mantimentos são ruins, outras mercadorias são ruins, no sentido de que é difícil para você estar errado. Ele faz beicinho, argumenta, parece que ele é da festa. Kolia faz uma sopa, temos que comer bem, talvez até Omsk não tenhamos chance de novo.

Um período agonizante até escurecer. Nem um nem outro podem ser abandonados. E se vier um terceiro? Mas agora os dois estão se preparando para ir acender as luzes. Oferecemos nossa ajuda. O partido da festa recusa: «Só tenho que acender duas luzes, depois tenho de ir à cidade, trazer lenha para a família. Mas primeiro voltarei aqui. Faço um sinal para Kolia: não tire os olhos da festa, se acontecer alguma coisa, para os arbustos. Eu aponto um ponto de encontro. Eu vou com o nosso. Do navio, examino a configuração do terreno, pergunto quais são as distâncias até onde. Voltamos ao mesmo tempo que o vizinho. Isso nos tranquiliza: ele não teve tempo de dar o golpe. Depois de um tempo, ele realmente passou pela casa com seu carrinho de lenha. Mas ele não continua, ele se senta para provar a sopa de Kolia. Não se vá. Vamos ver o que fazemos Segure os dois? Um na adega, o outro na cama ...? Vocês dois têm documentação, aquele também é bicicleta e o outro é pompadour? Essa é a vida de um fugitivo, simples hospitalidade não chega, ainda por cima tem que se retirar à força ...

De repente, um barulho de barris. Eu olho pela janela, três estão vindo de barco, já são cinco contra dois. Meu anfitrião sai, imediatamente voltei para buscar latas. Diz: 'O capataz trouxe azeite. Que estranho que ele tenha vindo, hoje é domingo.

Domingo! Tínhamos esquecido de contar os dias da semana, para nós não era isso que os distinguiu. Numa noite de domingo, fugimos. Então vá, está apenas três semanas fugindo! O que haverá no campo ...? O bando já deve ter desistido de nos pegar. Em três semanas, se tivéssemos fugido de caminhão, já poderíamos estar estabelecidos na Carélia ou na Bielo-Rússia, ter passaporte, trabalhar. E, com sorte, mais a oeste e tudo mais ... E que pena seria desistir agora, depois de três semanas!

"O que, Kolia, já nos cansamos de comer, agora se comemos uma merda?" Fomos até o mato e de lá observamos: nosso anfitrião tirou óleo do barco recém-chegado, ali o vizinho do grupo também se aproximou. Eles falam sobre alguma coisa, mas não os ouvimos.

Vão-se. Estou mandando Kolia para casa rapidamente, para não dar tempo aos faróis de falarem sozinhos sobre nós. Eu mesmo vou silenciosamente para o barco do proprietário. Para não fazer barulho com a

corrente, me empurro e puxo a própria estaca. Calculo o tempo: se o capataz dos faróis foi nos informar, tem sete quilômetros até a cidade, portanto, cerca de quarenta minutos. Se as dragonas vermelhas estão na cidade, elas têm que ir andando e chegar de caminhão, leva mais quinze minutos.

Vou para casa. O vizinho ainda não sai, ele nos diverte batendo papo. É muito raro. Então será necessário pegar os dois ao mesmo tempo. "O que, Kolia, vamos nos lavar antes de dormir?" (Você tem que concordar). Mal saímos, no silêncio ouvimos passos de botas. Agachamo-nos e sobre o céu mais claro (a lua ainda não se solidificou) vemos homens destacados que correm em volta dos arbustos, para rodear a casinha.

Sussurro para Kolia: "Para o barco!" Corro em direção ao rio, rolando ladeira abaixo, caio e já estou ao lado do barco. É vida ou morte, uma questão de segundos, e Kolia não vem! Onde, onde será? E eu não posso desistir.

Por fim, seguindo a costa, ele vem correndo em minha direção no escuro. Kolia, é você? Flare! Um tiro à queima-roupa! Com uma cambalhota, os braços à frente, pulo para dentro do barco. A metralhadora explodiu da escarpa. Eles gritam: "Já terminamos um". Eles se agacham: "Machucado?" Eu gemo. Eles me levam para fora, eles me levam. Eu manco (se você está quebrado, eles vão te bater menos). No escuro, deixo cair duas facas na grama.

Acima das dragonas vermelhas pergunte-me meu sobrenome. "St oliarov". (Talvez eu ainda saia de problemas. Tão pouca vontade de dizer meu sobrenome, é o fim da liberdade!) Eles me bateram na cara: "Sobrenome!" "Stoliarov". Eles me entram na isba, me despem até a cintura, amarram minhas mãos atrás das costas com um arame, me pregam. Baionetas são pressionadas contra minha barriga. Por baixo corre um fluxo de sangue. Um policial, o tenente Sabotázhnikov, aquele que me pegou, enfia o revólver na minha cara, vejo que ele está armado. "Sobrenome!" Bah, é inútil resistir. Eu te digo. "Onde está o outro?" Ele sacode o revólver, as baionetas avançam ainda mais: "Onde está a outra?" Fico feliz por Kolia e repito: "Estávamos juntos, eles devem tê-lo matado."

Veio um comissário com uma pequena borda azul, um cazaque. Ele me empurrou amarrado à cama, deixou-me deitar e começou a me bater ritmicamente no rosto, mão direita, esquerda, direita, esquerda, como quem está nadando. Com cada tapa minha cabeça bate na parede. "Onde estão as

armas?" Que armamento? "Você tinha uma espingarda, eles viram você à noite." É aquele caçador noturno, eles também nos venderam ... "Se fosse uma pá, não uma espingarda!" Ele não acredita, ele bate. De repente me senti muito confortável, é que havia perdido a consciência. Quando ele voltou para mim: "Olha, se um de nós se machucar, vamos acabar com você na hora!"

(Como se sentissem: Kolia tinha mesmo uma espingarda! Foi esclarecido mais tarde: quando eu disse a Kolia "para o barco!", Ele começou a correr na direção oposta, para o mato. Explicou que não tinha entendido ... Agora, ele tinha tentado o dia todo para fugir, e agora ele conseguiu. E ele se lembrou da bicicleta. Ouvindo os tiros, ele se jogou para longe do rio e rastejou de volta de onde tínhamos vindo. Já estava completamente escuro, e enquanto tudo O bando se juntou em volta de mim, ele se levantou e começou a correr. Ele correu e chorou, ele pensou que eles tinham me matado. Então ele foi até aquela segunda casinha, a casa do vizinho. Ele chutou a janela e começou a procurar a espingarda. Ele o encontrou tateando na parede, junto com um saco de cartuchos. Ele o carregava. A ideia, ele diz, era: "Vingar-se? Devo atirar neles para Zhora?" Mas ele mudou de ideia. Ele encontrou a bicicleta, ele encontrou um machado. De dentro ele abriu a porta com um machado, colocou sal em sua bolsa [parecia a coisa mais importante para ele, ou não teria tempo para pensar], e foi primeiro pela estrada local, depois pelo meio da cidade, à frente dos soldados. Eles nem pensaram nisso.)

Quanto a mim, puseram-me amarrado a uma carroça, dois soldados sentaram-se em cima de mim e assim me levaram para o sovkhos, a cerca de dois quilômetros de distância. Havia o telefone pelo qual o patrulheiro (ele estava no barco com o capataz dos faróis) ligou para as dragonas vermelhas. Por isso chegaram tão cedo, no telefone, eu não contava com isso.

Com este ranger, aqui ocorreu uma pequena cena que parece desagradável de contar, mas que para um capturado é característica: ele precisava urinar, e alguém teve que me ajudar a fazer isso, me ajudar muito intimamente, porque suas mãos estavam amarradas nas costas. Para que os soldados não tivessem que se humilhar, o guarda-florestal recebeu ordem de sair comigo. No escuro, afastamo-nos alguns passos dos soldados e ele, ajudando-me, pediu-me perdão pela sua traição: "É pela posição que tenho. Não pude fazer mais nada.

Não responda. Quem pode ser juiz nisso? Eles nos venderam com e sem cobrança. Eles nos venderam a todos que encontramos na estrada, exceto aquele venerável velho de barba branca.

Em uma isba de frente para a estrada, estou sentado, nu da cintura para cima, amarrado. Tenho muita sede, não me dão água. As dragonas vermelhas me olham mal, cada uma procurando uma chance de me acertar com a coronha. Mas aqui eles não vão mais me matar tão facilmente: eles podem matar quando há poucos, quando não há testemunhas. (Você pode entender sua raiva de mim. Quantos dias eles passaram sem parar varrendo juncos na água e comendo apenas comida enlatada, sem nada quente).

A família inteira está na isba. As crianças pequenas olham para mim com curiosidade, mas têm medo de se aproximar, até tremem. O tenente da polícia está sentado, bebendo vodca com o dono da casa, ele está feliz com o sucesso e a recompensa que vão lhe dar. "Você sabe quem é? Ele se gaba para o proprietário. Ele é um coronel, um famoso espião americano, um bandido conhecido. Ele estava fugindo para a embaixada americana. No caminho, eles mataram homens e os comeram.

Talvez ele até acredite nisso. Esses são os boatos que o MVD espalhou sobre nós para que fosse mais fácil nos capturar, para que todos nos denunciássemos. A vantagem de poder, armas e velocidade de movimento não é suficiente para eles, eles também precisam ajudar com a calúnia.

(E enquanto isso na estrada, em frente à nossa isba, Zhdanok passa como se estivesse de bicicleta com a espingarda nas costas. Ele vê uma isba iluminada, na varanda alguns soldados fumando, barulhentos, na janela para mim, Nu. E segue pedalando em direção a Omsk. Por outro lado, onde me pegaram haverá soldados mentindo a noite toda, e pela manhã vasculharão os arbustos. Ninguém sabe ainda que a bicicleta e a espingarda do farol vizinho desapareceram, com certeza ele também terá vindo para beber e se exhibir).

Depois de saborear sua façanha, inédita nas categorias locais, o tenente da polícia ordenou que eu me mudasse para a cidade.

De novo me jogam no carro, me levam até a KPZ (Cela de Detenção Preventiva, onde não tem! Em todos os soviéticos municipais). Dois soldados com metralhadoras no corredor, dois embaixo da janela! Um coronel América não espia! Eles desamarraram minhas mãos, mas me dizem para deitar no chão no centro, para não chegar perto de nenhuma parede. Assim, com meu tronco nu no chão, passo a noite de outubro.

De manhã chega um capitão, que me examina com os olhos. Ele me jogou meu guerreiro (minhas outras coisas já foram trocadas por álcool). Em voz baixa e olhando para a porta, ele me faz uma pergunta estranha:

"Como você me conhece?"

"Eu não o conheço."

"Mas como você sabia que a busca está sendo conduzida pelo capitão Vorobiov?" Você sabe, você bastardo, em que situação você me colocar?

É o Vorobiov! E capitão! Lá, à noite, quando passamos por um grupo de operações, nomeei o capitão Vorobiov, a operadora que perdoei denunciou tudo cuidadosamente. E agora o capitão está com problemas! Se o chefe da busca está aliado ao fugitivo, não admira que tenham passado três semanas sem conseguir pegá-lo ...!

Aí vem um bando de policiais, gritam comigo, também me perguntam sobre Vorobiov. Eu digo que é uma coincidência.

Eles amarraram minhas mãos novamente com fio, tiraram meus sapatos, e durante o dia eles me levaram pela cidade. Ao meu redor, cerca de vinte soldados. A cidade toda saiu para me ver, as mulheres balançam a cabeça, os chiquillería correm atrás, gritam:

"Um ban dido!" Eles o levam para atirar!

O arame corta meus pulsos, meus sapatos caem a cada passo, mas mantenho minha cabeça erguida e olho abertamente, com orgulho para as pessoas, que veem que sou um homem honesto.

É que eles me acompanharam em um plano de exposição, para lembrar essas mulheres e crianças (elas estarão contando lendas por vinte anos). Na saída da cidade eles me empurram para uma simples caixa vazia de um caminhão, com tábuas velhas e lascadas. Cinco soldados estão sentados encostados na cabana, para não tirar os olhos de mim.

E todos os quilômetros que nos alegraram tanto, todos os quilômetros que nos separaram do campo de concentração, agora tenho que fazer de volta. Com os desvios que a rodovia dá, serão meio mil. Eles colocaram algemas em minhas mãos, desafiados ao limite. Mãos atrás de mim, e não tenho nada com que proteger meu rosto. Estou mentindo não como pessoa, mas como um tronco. Bem, é assim que eles nos punem.

E a pista fica cada vez pior: está chovendo, está chovendo, e o caminhão está caindo de buraco em buraco. A cada salto, minha cabeça me arrasta, meu rosto atravessa o fundo da caixa, me arranha, estilhaços me espetam. As mãos, já não ajudando o rosto, mas cortando-se,

principalmente ao tremer, as algemas parecem serrar meus pulsos. Tento de joelhos chegar à beirada e me sentar. Em vão! Não tenho o que suportar e, ao primeiro choque forte, caio no chão e rastejo o máximo que posso. Às vezes, ele o atira e bate contra as tábuas de tal maneira que parece que suas entranhas estão se espalhando. Nas costas impossível: arrancar os pulsos. Eu deito de lado: ruim. Eu rolo na barriga: ruim. Tento dobrar meu pescoço e assim levantar minha cabeça, protegê-la de golpes. Mas meu pescoço fica cansado, minha cabeça cai e eu enfrento as tábuas.

E cinco soldados contemplam indiferentemente o meu martírio. Esta jornada fará parte do seu treinamento espiritual.

O tenente Iákovlev, que viaja na cabine, espreita a caixa nas paradas e ri: "O quê, ele não escapou?" Le pi do eu deixo minhas necessidades fazerem, ele ri: "Bem, faça-os nas calças, quem está te impedindo?!" Peço que me tirem as algemas, ele ri: «O rapaz com quem cruzaste a zona não te tocou. Nessa hora você já estava no outro bairro.

No dia anterior eu estava feliz por ter sido espancado, mas "não merecido". Claro: por que estragar seus punhos, se tudo vai ser feito na caçamba do caminhão? No meu corpo não havia um lugar saudável para lacerar. Minhas mãos parecem estar cortando-os. Minha cabeça explode de dor. O rosto machucado, todo coberto com lascas das tábuas, a pele rasgada.

[55]

Viajamos o dia todo e a maior parte da noite.

Quando parei de lutar com a caixa, e agora totalmente insensível, estava batendo com a cabeça nas tábuas, um dos soldados não resistiu, colocou um saco embaixo da minha cabeça, secretamente afrouxou as algemas e se abaixou, sussurrou para mim: "Anime-se, estaremos aqui em breve, espere um pouco." De onde veio isso para esse garoto? Quem o educaria? Podemos jurar que não foi Máximo Gorki nem o comissário político de sua empresa.

Ekibastuz. Atiradores posicionados em círculo. "Sal!" Eu não posso levantar. (Bem, se eu tivesse me levantado, eles teriam sido capazes de me receber *na rua*.) Eles desceram pela borda e me arrastaram para o chão. Os guardas também se aproximaram, para ver, para se regozijar. "Seu agressor!", Grita um.

Eles me arrastaram pela guarita e para a prisão. Eles me colocaram não em uma única, mas diretamente em uma cela, para que os fãs da liberdade pudessem olhar para mim.

Na cela, solícitos, levantaram-me nos braços e colocaram-me no beliche de cima. A única coisa, eles não tinham nada para comer até a ração da manhã.

Nesse ínterim, Kolia continuou seu caminho para Omsk naquela noite. A cada carro, vendo os faróis, ele desviava sua bicicleta para a estepe e ficava ali deitado. Então, em uma fazenda solitária, ele entrou no galinheiro e satisfez seu desejo de fuga: torceu o pescoço de três galinhas, colocou-as no saco. Quando o resto começou a cacarejar, ele saiu correndo e continuou andando.

Essa insegurança que nos fez hesitar depois de nossos graves erros, agora, depois da minha captura, tomou conta de Kolia ainda mais. Instável, sensível, ele já fugia do desespero, incapaz de ver com clareza o que deveria ser feito. Ele não conseguia perceber o mais simples: que o desaparecimento da bicicleta e da espingarda, naturalmente, já havia sido descoberto, e eles não mais o camuflavam, pelo contrário, deviam ser abandonados desde a manhã como acusadores demais; e que ele deveria se aproximar de Omsk não por este lado e não pela estrada, mas cercando a cidade de longe, por lotes e terrenos baldios. A bicicleta e a espingarda tinham que ser vendidas o mais rápido possível, e assim ele teria dinheiro. Em troca, ele passou metade do dia sentado nos arbustos perto do Irtysh, mas novamente ele não pôde esperar pela noite e saiu em trilhas ao longo do rio. Pode ser muito bem que a rádio local já tenha transmitido seus endereços, na Sibéria eles não são tão desafiadores com isso como na parte europeia.

Ele se aproximou de uma choupana, entrou. Lá dentro estava uma velha e sua filha, na casa dos trinta. E também havia um rádio. Por uma chance incrível, uma voz cantou:

*Um prisioneiro fugiu de Sakhalin
através de voltas e reviravoltas na floresta ...*

Kolia ficou comovido, as lágrimas surgiram em seus olhos. "O que há de errado com você?", Perguntaram as mulheres. Sua compaixão já fez Kolia chorar francamente. Eles vieram para confortá-lo. Ele explicou: "Estou sozinho. Todos eles me deixaram. "Bem, case-se", disse a velha , brincando, meio séria. O meu também é solteiro. Kolia amoleceu ainda mais, começou a olhar para a noiva. Isso foi para o prático: "Dinheiro para

vodka, você tem?" Kolia tirou seus últimos rublos, ela não chegou. Bem, vou acrescentar mais tarde. Se foi. "Sim! Kolia lembrou. Se já cacei perdizes. Venha, sogra, veja se prepara um jantar de festa ». A velha pegou: "Mas são galinhas!" "Talvez eu tenha ficado confuso no escuro quando atirei neles." "E por que eles têm pescoços torcidos ...?"

Colia pede um cigarro, a velha pede dinheiro ao namorado por mordida. Kolia tirou o boné, a velha assustou-se: «Não és prisioneira com a cabeça calva? Saia enquanto pode. Se não, minha filha virá, nós te entregaremos! »

E ele se volta para Kolia o tempo todo: por que nós no Irtysh tivemos misericórdia dos livres, mas os livres não têm misericórdia de nós? Pegou um paletó "Moskvich" da parede (havia esfriado do lado de fora e ele estava vestindo apenas o terno) e vestiu, do tamanho dele. A vi eja grita: "Vou entregar você para a polícia!" Kolia olha pela janela: a filha vem e com ela uma bicicleta. Ele já deu o golpe!

Em outras palavras, «Mahmadera! Pegou a espingarda e a velha: «Para a esquina! Deitar!" Ele parou junto à parede, deixou os dois entrarem e ordenou: "Subam no chão!" E ao homem: «Vais dar-me as tuas botas de casamento! Tire-os um por um! " Com a espingarda apontada, ele tirou as botas, Kolia as calçou, antes de atirar nos sapatos rasgados do campo de concentração, e ameaçou que se alguém fosse atrás dele, ele atiraria nele.

E ele foi de bicicleta. Mas o homem o perseguiu em seu. Kolia saltou para o chão, a espingarda apontada: Pare! Largue a bicicleta! Recuar!" Ele o empurrou, se aproximou, quebrou os raios, empurrou uma câmera para ele com a faca e saiu.

Em pouco tempo ele pegou a estrada. Na frente dele, Omsk. Lá estava, tudo bem. Já existe uma parada de ônibus aqui. Nos pomares, algumas mulheres cavando batatas. Uma motocicleta o atingiu atrás, dentro de três trabalhadores vestindo pele de carneiro. Pouco depois de segui-lo, ele de repente ultrapassou Kolia e o jogou com o sidecar. Eles pularam da motocicleta, caíram sobre Zhdanok e começaram a acertá-lo com uma pistola.

As mulheres do pomar os repreendiam: "Por que você bate nele? O que ele fez com você?! »

E , de fato, o *que ele fez com eles ...?*

Mas não está ao alcance das pessoas que fizeram o que a quem e continuarão a fazê-lo. Sob o casaco, descobriu-se que os três usavam

uniformes militares (seu grupo de operações guardava a entrada da cidade dia após dia). E as mulheres foram respondidas: "Ele é um assassino." O mais simples. E as mulheres, confiando na Lei, voltaram às suas batatas.

Quanto ao grupo de operações, a primeira coisa que perguntou ao fugitivo sem-teto foi se ele tinha algum dinheiro. Kolia disse sinceramente não. Eles começaram a procurá-lo e em um dos bolsos de seu recém-adquirido "Moskvich" encontraram 50 rublos. Eles os tiraram, se aproximaram de uma sala de jantar pública, passaram-nos comendo e bebendo. A propósito, eles também alimentaram Kolia.

Então foram *furar dois* na cadeia por muito pouco tempo, o julgamento foi somente em julho do próximo ano. Durante nove meses, passamos fome na prisão do interior, de vez em quando eles nos levavam para dar aulas. O chefe do regime Machekhovsky e o comissário, tenente Weinstein, o usaram. A investigação procurou averiguar: quem entre os reclusos nos ajudou, quem dos livres, "aliado de nós", apagou a luz na hora do voo? (Claro que não fomos explicar que o plano era diferente e que o apagão só nos atrapalhou). Onde é que tínhamos a casa segura em Omsk? Por qual fronteira planejamos continuar fugindo? (Eles não podiam admitir que alguém quisesse ficar em sua terra natal). "Fugimos para Moscou, para o Comitê Central, para contar a eles sobre as prisões criminais, só isso!" Eles não acreditam nisso.

Sem ter conseguido arrancar de nós nada de "interessante", penduraram o buquê usual do fugitivo: 58-14 (sabotagem contra-revolucionária); 59-3 (banditismo); Decreto "quatro sextos", artigo "um e dois" (roubo cometido por gangue de ladrões); o mesmo decreto, artigo "dois a dois" (roubo acompanhado de violência perigosa para a vida das pessoas); Artigo 182 (fabricação e posse de faca).

Mas toda essa cadeia impressionante de correntes não nos ameaçava com correntes mais pesadas do que as que já carregávamos. A punição judicial, que por muito tempo ultrapassou todos os limites razoáveis, prometeu-nos para esses artigos os mesmos vinte e cinco anos que caberia a um Batista por sua oração, e que já tínhamos sem nenhum vazamento. A única coisa que a partir de agora, ao rolarmos, teremos que dizer "fim de frase" não em 1973, mas em 1975. Como se em 1951 essa diferença tivesse a menor importância para nós!

Só um retorno ameaçador deu a instrução, quando prometeram nos acusar de *subversão* econômica. Essa palavrinha inocente era mais perigosa do que a banal "sabotagem, banditismo, ladrões, roubo". Essa palavra conferia o direito à pena de morte, introduzida um ano antes.

E éramos subvertidos por termos *subvertido* a economia do estado popular. Como os instrutores explicaram, 102.000 rublos foram gastos em nossa pesca; alguns objetivos de trabalho ficaram desempregados por vários dias (não retiraram os internos, pois seu guarda-costas foi mobilizado na perseguição); 23 caminhões com soldados percorreram as estepes dia e noite e em três semanas ultrapassaram sua cota anual de gasolina; As forças-tarefa foram enviadas para todas as cidades vizinhas; Um mandado de busca e prisão foi emitido em toda a União e 400 fotos minhas e 400 de Kolia foram enviadas para todo o país. Ouvimos toda essa relação com orgulho ...

Então, eles nos sentenciaram a vinte e cinco.

Quando o leitor está com este livro em mãos, é possível que essas frases ainda não tenham passado ... ^[56]

Além disso, após a fuga de Tenno, eles suprimiram as atividades artísticas da SEC por um ano (por causa do maldito sainete).

Porque cultura, tudo bem. Mas a cultura deve servir à opressão, não à liberdade.

VIII

Evasões com moral e evasões com engenharia

Com as evasões dos campos comuns da ITL, senão, digamos, para Viena ou o Estreito de Behring, os chefes e regulamentos do GULAG tinham, até certo ponto, sido conformados. Eles os consideravam um fenômeno espontâneo, como uma perda inevitável em uma fazenda muito extensa: assim como quando parte do gado morre, parte das toras flutuantes vai para o fundo, parte dos tijolos se quebra.

Era diferente nos Campos Especiais. Cumprindo um desejo expresso do Pai dos Povos, equiparam estes acampamentos com uma escolta dez vezes mais numerosa e com um armamento dez vezes melhorado, ao nível de uma infantaria motorizada moderna (são esses contingentes que não devem ser desarmados ou desarmados mais total). Aqui eles não tinham mais amigos *sociais* cuja fuga não foi uma grande perda. Não havia mais motivos ruins aqui, de que há poucas sentinelas ou que suas armas estão desatualizadas. Desde a fundação dos Campos Especiais, estava bem estabelecido em seus regulamentos que evasões desses campos *não poderiam existir*, já que cada fuga de um detido dali era o mesmo que a travessia da fronteira por um espião importante, era um mancha política na administração do campo e no comando das tropas de escolta.

Mas precisamente a partir desse momento os Cinquenta e Oitos passaram a receber, todos igualmente, não *dois duros*, mas *cinco*, isto é, o teto do código penal. Assim, o endurecimento indiscriminado e insensato levou a penitência ao pecado: assim como os assassinos não mais se impediram de cometer novos assassinatos (a cada vez que seus dois núcleos duros só se renovavam um pouco), da mesma forma o código penal nada impedia. e políticos para escapar.

E as pessoas que foram enviadas para esses campos não eram mais aquelas que ponderavam como justificar à luz da Teoria Única e Verdadeira

a arbitrariedade das autoridades de concentração, mas eram garotos fortes e saudáveis, que haviam lutado toda a guerra, cujos dedos ainda estavam eles não haviam se desdobrado bem após o gatilho. Gueorgui Tenno, Iván Verdriv, Vasili Briujin, seus companheiros e muitos outros como eles, mesmo desarmados, serão dignos do equipamento motorizado das novas unidades de escolta regular.

E embora as evasões nos Campos Especiais fossem menos numerosas do que nos ITLs (os Campos Especiais também duravam menos anos), essas evasões eram mais cruéis, mais severas, mais irreversíveis, mais desesperadas e, portanto, mais gloriosas.

Suas histórias nos ajudarão a entender se nosso povo foi tão sofredor e dócil naqueles anos. Aqui estão alguns.

Um foi um ano antes de Tenno e serviu de modelo para ele. Em setembro de 1949, dois condenados fugiram da Primeira Seção do Steplag (Rudnik, Dzhezkazgan): Grigori Kudla, um velho ucraniano rechonchudo, sereno, judicioso (mas quando o caso chegou, ele tinha o temperamento de um cossaco, até os bandidos o temiam) e Ivan Dúshechkin, um bielorrusso tranquilo com cerca de trinta anos. Na mina onde trabalharam, encontraram em uma antiga galeria uma fossa coberta, que terminava no topo em uma grade. Eles eram descarregados durante o turno da noite e, nesse ínterim, traziam pão seco, facas e uma bolsa de água quente roubada da enfermaria para a panela. Na noite da fuga, já na mina, declararam separadamente ao chefe da equipe que não estavam bem, não podiam trabalhar e iriam se deitar por um tempo. À noite não há guardas no subsolo , o líder da equipe é o senhor e mestre, mas ele tem que ter cuidado, pois também podem encontrá-lo com o pescoço quebrado. Os fugitivos colocaram água na bolsa, pegaram suas provisões e escalaram a cova. Eles destrancaram o portão e rastejaram para longe. A saída caiu perto dos mirantes, mas fora da área. Eles marcharam despercebidos.

De Dzhezkazgán eles seguiram para o noroeste pelo deserto. Durante o dia ficavam deitados, caminhavam à noite. Eles não encontraram água em lugar nenhum e, após uma semana, Dúshechkin não queria mais se levantar; Kudla o pôs de pé, esperando que houvesse colinas adiante, talvez água. Eles mal conseguiram, mas lá nos vales havia lama, não água. E Dúshechkin disse: 'De qualquer forma, não irei além daqui. Você *me isolou* e bebeu meu sangue! "

Moralistas! Qual é a boa decisão? Kudla também tem círculos diante dos olhos. É claro que Dúshechkin vai morrer, então por que Kudla também tem que morrer ...? Mas se depois de algum tempo ele encontrar água, *como vai se lembrar de Dúshechkin por toda a vida ...?* Kudla decidiu: vou continuar um pouco mais, se voltar sem água pela manhã, vou livrá-lo de seus sofrimentos, não morramos os dois. Ele se aproximou de um monte, viu uma fenda de didura e, como nos romances mais improváveis, água nela! Kudla rolou e deitou-se, bebeu, bebeu! (Só de manhã ele viu girinos, algas). Com a bolsa cheia, ele voltou para Dúshechkin: "Eu trouxe água, água!" Dúshechkin não acreditava, bebia e ainda não acreditava (durante essas horas já lhe parecia que bebia mais de uma vez) ... Vinham o melhor que podiam àquela fenda e ficavam lá para beber.

Depois da sede, eles ficaram com fome. Mas na noite seguinte eles cruzaram um desfiladeiro e desceram para o vale prometido: um rio, grama, arbustos, cavalos, vida. Na escuridão, Kudla rastejou até os cavalos e matou um. Eles beberam seu sangue diretamente das feridas. (Apoiadores da *paz!* Naquele ano vocês se reuniram em ruidosos congressos em Viena ou Estocolmo e bebiam seus coquetéis com um canudo. Não passou pela sua cabeça que os compatriotas do versificador Tikhonov e do jornalista Ehrenburg chupavam carcaças de cavalos? Não te explicaram que é assim que os soviéticos entendem a *paz?*)

A carne do cavalo estava assada em fogueiras, eles estavam comendo há muito tempo e caminhando. Amangueldy del Turay o cercou, mas em uma rodovia alguns cazaques de um caminhão que passava pediam sua documentação e ameaçaram entregá-la à polícia.

Mais tarde, eles freqüentemente encontravam riachos e lagos. Novamente Kudla pegou e matou um cordeiro. Eles já estavam fugindo há *um mês* ! Outubro estava terminando, estava começando a esfriar. No primeiro arvoredado encontraram uma cabana de terra e instalaram-se lá dentro: não podiam decidir sair de locais tão férteis. Nessa parada, no fato de que sua pátria não os chamava, não lhes prometia uma vida mais sossegada, havia a perda, a falta de objetivos de sua fuga.

À noite faziam incursões ao povoado vizinho, uma vez que furtavam uma panela, novamente, quebrando o trinco de um galpão, farinha, sal, machado, pratos. (O fugitivo , como o guerrilheiro, no meio da vida pacífica de todos, inevitavelmente logo se torna um ladrão) ... Em outra ocasião, uma vaca foi retirada da aldeia e morta na floresta. Mas nestes

nevou, e para não deixar rastros, eles tiveram que ficar na cabana sem olhar para fora. Assim que Kudla saiu em busca de lenha, o guarda florestal o viu e começou a atirar. Vocês são os ladrões? Você roubou a vaca? " Perto da cabana, eles encontraram vestígios de sangue. Eles os trouxeram para a cidade, os trancaram com uma chave. As pessoas gritavam: mate-os agora mesmo sem piedade! Mas o juiz de instrução distrital veio com um formulário de busca e captura e anunciou aos moradores: "Bravo! Você não pegou ladrões, mas bandidos políticos importantes ! "

E tudo virou de cabeça para baixo. Ninguém mais gritou. O dono da vaca - descobriu-se que era um tchetcheno - trouxe pão, carne de cordeiro e até dinheiro que os tchetchenos haviam coletado para os detidos. "Cara", ele disse, "você teria vindo, você teria dito quem você é, eu mesmo teria lhe dado tudo ...!" (Disso não há dúvida, todos os chechenos são assim). E Kudla começou a chorar. Depois de tantos anos de crueldade, o coração não consegue resistir à compaixão.

Os detidos foram levados para Kustanai, lá na Cela de Detenção Preventiva da esquadra não só levaram (para si) todas as provisões dos chechenos, mas *também não lhes deram nada para comer!* (E Korneichuk não contou a vocês sobre isso em um dos Congressos de Paz?) Antes de colocá-los no trem, na plataforma Kustanai eles foram colocados de joelhos, as mãos algemadas nas costas. Então eles os tinham, à vista de todos.

Se fosse em uma plataforma em Moscou, Leningrado, Kiev, qualquer cidade sossegada, diante desse velho de cabelos brancos, ajoelhado e acorrentado, como se saísse de um quadro de Repin, todos teriam passado sem perceber e sem olhar para trás. chefe, dos colaboradores dos editoriais literários aos cineastas de vanguarda, passando pelos professores de humanidades e os oficiais do Exército , quanto mais os dirigentes sindicais ou do Partido. E todos os cidadãos simples, aqueles que nada se destacam, aqueles que não ocupam cargos, também teriam feito o possível para passar sem notá-los, para que a escolta não lhes perguntasse e apontasse seu sobrenome: porque você tem uma autorização de residência em Moscou, Existem boas lojas em Moscou, você não pode se expor ... (E você ainda pode entender isso em 1949, mas teria sido diferente em 1965? Ou nossos jovens iluminados teriam parado para defender um velho da escolta? cabelos brancos, algemado e de joelhos?)

Mas o povo de Kustanai tinha pouco a perder, lá estavam todos amaldiçoados, marcados ou confinados. Eles começaram a correr em volta dos detidos, jogando-lhes mordidas, cigarros e pão. As bonecas Kudla foram acorrentadas às costas, e se abaixaram para morder o pão moído, mas um guarda *tirou o pão da boca de um chute*. Kudla rolou, rastejou novamente para morder, o guarda agarrou seu pão novamente. (Vocês cineastas de vanguarda, que filmam "velhos e velhos" com segurança! Talvez vocês se lembrem da cena com esse velho também?) A cidade começou a se aproximar e a se revoltar: "Solte-os! Deixe-os!" Um posto de controle da polícia chegou. O posto de controle era mais forte do que a cidade e o espalhava.

Um trem se aproximou e os fugitivos foram carregados para a prisão Kenguir.

Os vazamentos no Cazaquistão são monótonos, assim como aquela estepe é monótona. Mas nesta monotonia, talvez o essencial seja melhor compreendido?

Também de uma mina, também de Dzhezkazgán, mas em 1951, através de um antigo fosso três pessoas vieram à tona à noite e passaram três noites caminhando. Já estavam ficando com muita sede, e quando descobriram um grupo de iurts cazaques, dois deles propuseram entrar e pedir uma bebida aos cazaques, mas o terceiro, Stepan X, recusou e ficou observando de um outeiro. Ele viu seus companheiros entrarem na yurt e saírem correndo novamente, perseguidos por um bando de cazaques, e serem pegos no local. Ste pán, magro, baixo, marchou pelos vales e continuou sua fuga sozinho, sem nada consigo, exceto uma faca. Ele tentou ir para o noroeste, mas sempre se desgarrou, evitando os homens, preferindo feras selvagens. Ele cortava uma cana, e se dedicava a caçar gerbos: ele jogava a cana de longe, quando eles assobiavam nas patas traseiras na frente de suas tocas, e assim ele os matava. Seu sangue, ele tentou sugar, e os corpos foram assados em uma fogueira de chaparros secos.

Mas foi sua fogueira que o denunciou. Assim que Stepan percebeu que um cavaleiro em um grande tafetá vermelho estava se aproximando dele, ele mal teve tempo de cobrir seu espeto com uns curtos, para que o cazaque não entendesse que tipo de comida era aquela. O cazaque se

aproximou, perguntou quem ele era e de onde vinha. S tepan explicou que trabalhava na mina de manganês Dzhezdy (gente livre também trabalhava lá), e foi para o sovjós onde estava sua esposa, a cerca de cento e cinquenta quilômetros daqui. O cazaque perguntou como o sovkhos era chamado. Stepan escolheu o mais provável: "Sovjos Stalin". Filho das estepes! Você teria seguido o seu caminho! O que aquele bastardo fez com você? Não! o cazaque disse ameaçadoramente: "Você esteve na prisão! Vem comigo! " Stepan aproveitou a deixa e marchou em seu caminho. O cazaque continuou ao seu lado, ordenando-lhe que o seguisse. Então ele se afastava, acenava com os braços, chamava os seus. Mas a estepe estava deserta. Filho das estepes! Terias deixado estar, não vês que com um simples pau ele atravessa a estepe centenas de léguas, sem comida, se é que vai morrer igual! Ou você precisa do quilo de chá?

Nesta semana, vivido como animais selvagens, Stepan já havia se acostumado com os sussurros e assobios do deserto. De repente, ele ouviu um novo sibilo no ar e mais do que compreensão, ele sentiu o perigo com seu interior animal; saltou para o lado. Isso o salvou! Acontece que o cazaque havia amarrado o nó, mas Stepan escapuliu.

Cace o bípede! Um homem ou um quilo de chá! O cazaque pegou no laço, com julgamentos, Stepan continuou caminhando, refletindo e agora tentando não tirar os olhos do cazaque. Ele se aproximou, preparou o laço e jogou-o para trás. Mas assim que o jogou fora, Stepan se lançou em sua direção e com um golpe na cabeça ele o jogou do cavalo. (Forças que ele mal tinha, mas a vida estava indo para ele). "Pegue seu prêmio, babai!" Sem deixar que ele levantasse, Stepan começou a espancá-lo com toda a sua raiva, como uma besta rasga outra com suas presas. Mas vendo sangue, ele parou. Ele tirou do cazaque seu lazo e seu chicote e içou-se para o cavalo. E no cavalo havia também um alforje com provisões.

Sua fuga durou muitos mais dias, como duas semanas, mas Stepan sempre evitava cuidadosamente seus maiores inimigos: os homens, seus compatriotas. E ele desceu do cavalo e nadou através de um rio (sem saber nadar! E ele fez para si uma jangada de juncos, sem saber também, é claro), e havia caçado e fugido no escuro de algum animal grande, talvez um urso. E uma vez que estava tão exausto de si mesmo , com fome, cansaço, vontade de comer comida quente, ele decidiu ir a uma tenda solitária e pedir alguma coisa. Diante da yurt havia um pequeno curral cercado de adobes, e tarde demais, já se aproximando da parede, Stepan viu ali dois cavalos

selados e um jovem cazaque saindo para recebê-lo em um guerreiro, com condecorações, em calções de montaria. Não havia mais como fugir e Stepan percebeu que estava perdido. Mas esse cazaque veio para se aliviar. Ele estava muito bêbado e ficou feliz em ver Stepan, como se não percebesse sua aparência despedaçada e não mais humana. "Entre, entre, você será convidado!" Na yurt estavam sentados o pai idoso e outro jovem cazaque idêntico com condecorações: eram dois irmãos, ex-combatentes, hoje com cargos importantes em Alm a-Ata, que vieram prestar homenagem ao pai (no kolkhoz levaram dois cavalos e eles galoparam para a yurt). Esses garotos tinham experimentado a guerra e por isso eram gente, e também estavam muito bêbados, e eram dominados pela afabilidade da embriaguez (aquela mesma afabilidade que Grande Stalin tentou arrancar, mas não acabou). E para eles foi uma alegria que outra pessoa apareceu no banquete, mesmo que fosse apenas um simples mineiro a caminho de Orsk, onde sua esposa estava para dar à luz. Eles não pediram a documentação dele, mas em vez disso lhe deram comida, bebida e o colocaram para dormir. Essas coisas também acontecem ... (O álcool sempre faz mal ao homem? E quando ele descobrir o que há de melhor nele?)

Stepan acordou antes de seus anfitriões. Temendo, apesar de tudo, uma armadilha, ele saiu. Não, os dois cavalos estavam no lugar e em um deles ele agora podia marchar. Mas ele também não podia machucar gente boa e saiu a pé.

Ele caminhou por mais alguns dias e os carros começaram a passar por ele. Cada vez ele conseguiu escapar deles dando um passo para o lado. E ele veio para a ferrovia, e andando por ela, naquela mesma noite ele se aproximou da estação Orsk. Ele teve que pegar o trem! Ele havia vencido! Ele havia realizado um milagre: com uma faca e um pedaço de pau feito em casa, ele havia cruzado um vasto deserto sozinho, e agora estava enfrentando o objetivo.

Mas à luz das luzes da rua, ele viu soldados patrulhando os trilhos da estação. Então ele foi a pé ao longo da ferrovia em uma estrada secundária. Não se escondeu nem de manhã: já estava na Rússia, em sua terra natal! Um carro vinha ao seu encontro, levantando poeira e, pela primeira vez, Stepan não fugiu dele. Mas do primeiro carro nacional saltou uma guarda nacional: «Quem és? Vamos ver a documentação». Stepan explicou: motorista de trator procurando trabalho. Aconteceu que o diretor do

kolkhoz também estava lá: «Deixe-o sozinho, com a falta que me fazem tratoristas! Em campo, para ver quem tem documentação! " "

Eles passaram um dia inteiro indo daqui para lá, barganhando, bebendo e comendo, mas ao anoitecer Stepan não resistiu e correu para a floresta, que ficava a cerca de duzentos metros de distância. Mas o guarda foi esperto: um tiro! De outros! Ele teve que parar. Eles amarraram.

Pro bablemente seu rastro estava perdido e tinha que estar morto, e os soldados em Orsk completamente guardados porque o guarda estava prestes a soltá-lo, e o MVD do distrito estava no princípio imensamente prestativo com ele, ele foi convidado para um chá com sanduíches Llos Cigarros "kazbek", o patrão o questionou pessoalmente (aqueles espíões, todo mundo sabe, talvez amanhã o levem a Moscou, ele é capaz de reclamar) e só de você. Onde está seu transmissor? Que serviços secretos o enviaram aqui? " *Serviços secretos?* Stepan ficou pasmo. Nunca trabalhei nos serviços, pelo menos nas minas.

Mas essa fuga terminou pior do que em sanduíches e pior ainda do que a captura de um corpo. De volta ao campo, eles o espancaram longa e impiedosamente. E, exausto e abatido, Stepan X caiu abaixo de seu estado anterior: ele deu sua *assinatura* ao comissário de Kenguir, Beliayev, para ajudar a revelar fugitivos. Tornou-se uma espécie de reivindicação. Toda essa fuga, na prisão de Kenguir, contou detalhadamente au não, a outro colega de cela, esperando uma reação. Se ele reagisse, se mostrasse desejo de repetir, Stepan X informaria o comissário.

Esses traços de crueldade que se manifestam em cada fuga difícil foram concentrados e condensados em uma fuga sem sentido e sangrenta, também de Dzhezkazgan, também no verão de 1951.

Seis lutadores, iniciando uma fuga noturna da mina, mataram um sétimo, que eles acreditavam ser um delator. Então, por um fosso, eles subiram para a estepe. Esses seis detidos eram pessoas de caráter muito diferente, por isso, desde o início, eles não queriam marchar juntos. Tinha sido a coisa certa a fazer, se eles tivessem um plano sensato.

Mas um deles foi imediatamente para o povoado dos soltos, ali mesmo, ao lado do campo, e bateu na janela do amigo. Ele não planejava se esconder na casa dela, esperando sob as tábuas do assoalho ou no sótão (o que teria sido muito razoável), mas passar um breve e doce tempo com ela

(reconhecemos rapidamente o caminho do Golfo). Ele esteve com ela uma noite e um dia, na tarde seguinte vestiu o terno do ex-marido dela e foi com ela ao clube, ver um filme. Os guardas de campo o reconheceram e o prenderam na hora.

Mais dois, alguns georgianos, foram tontos e presunçosos até a estação e marcharam de trem para Karaganda. Mas de Dzhezkazgan, exceto pelos caminhos dos pastores e pelos fugitivos, não há outra comunicação com o mundo exterior que precisamente para Karaganda e precisamente de trem. E ao longo dessa ferrovia existem campos de concentração, e em cada estação, postos de operações. Assim, antes de chegarem a Karaganda, eles também prenderam os dois.

Os três restantes marcharam em direção ao sudoeste, pela estrada mais difícil. Não há pessoas lá, mas também não há água. O idoso ucraniano Prokopenko, um ex-combatente, que tinha um mapa, convenceu-os a escolher essa direção e disse-lhes que a água iria encontrá-la. Seus companheiros eram um atormentado tártaro da Criméia e um ladrão esquelético passado para os cães. Eles ficaram sem comida ou água por quatro dias. Incapazes de aguentar mais, o tártaro e o ladrão disseram a Prokopenko: "Decidimos acabar com você". Ele não entendeu: como é isso? Você quer separar? » Não, *termine você*. Nem todos vamos chegar. Prokopenko começou a pedir misericórdia. Ele arrancou o chapéu, tirou uma foto de sua esposa e filhos de dentro, na esperança de movê-los. "Homem! Homem! Se tivermos saído juntos para a liberdade! Vou te guiar! Logo deve haver um poço! Deve haver água à força! Aguarde! Tenha piedade! "

Mas eles o apunhalaram, na esperança de ficar satisfeito com seu sangue. Abriram as veias, mas o sangue não correu, coagulou ali mesmo ...!

Também é uma cena. Dois homens na estepe em uma terceira. O sangue não correu ...

Olhando-se como lobos, porque agora um dos dois tinha que cair, seguiram caminhando, na direção que o "papai" havia indicado, e *depois de duas horas* encontraram um poço ...!

Mas no dia seguinte eles foram vistos de um avião e capturados.

No interrogatório, eles confessaram, descobriram no campo de concentração, e lá foi decidido *cortar* os dois por Prokopenko. Mas eles foram mantidos em uma cela separada e levados a julgamento em outro lugar.

Como se acreditasse que depende da estrela sob a qual a fuga começou. Tão meticulosa e exaustivamente quanto tudo às vezes é calculado, mas no momento certo ocorre um blecaute na área e eles não conseguem pegar o caminhão. Por outro lado, outra fuga começa com pressa, mas as circunstâncias vêm que nem feito de propósito.

No verão de 1948, sempre na mesma 1ª Seção de Dzhezkazgán (então ainda não era um Campo Especial), um caminhão basculante foi estacionado um dia para carregar areia em uma área arenosa distante e trazê-la para a brigadilha da argamassa. A área arenosa não era *alvo*, ou seja, não tinha vigilância e os carregadores também tinham que ser levados no caminhão: três condenados, um a *dois duros*, os outros *cinco*. A escolta era um cabo e dois soldados, o motorista um comum isento de escolta. A ocasião! Mas é preciso saber a ocasião para agarrá-la tão repentinamente quanto ela chega. Eles tiveram que se decidir - e concordar - diante da visão e audição dos soldados da escolta, que ficaram ao seu lado enquanto carregavam a areia. As biografias dos três eram as mesmas, como eram então milhões: primeiro a frente, depois os campos de prisioneiros alemães, fugas deles, capturas, campos disciplinares, libertação no fim da guerra e em gratidão por tudo, para a sua própria prisão. E por que não fugir agora em seu próprio país, se ousaram na Alemanha ? Eles carregaram. O cabo sentou-se na cabine. Os dois soldados com submetralhadoras estavam sentados na frente do caminhão basculante, de costas para a cabine e com as armas apontadas para os prisioneiros, sentados na areia na traseira do caminhão basculante. Assim que saíram da areia, a um sinal jogaram areia nos olhos dos soldados e se atiraram sobre eles. As submetralhadoras foram tiradas deles e o cabo foi atirado inconsciente pela janela da cabine. O caminhão parou, com o motorista em pânico. Disseram-lhe: «Não tenhas medo, não te vamos fazer nada, tu não és um cão! Baixar!» O motor deu a partida e a areia, a areia preciosa, mais valiosa que o ouro, aquela que os havia libertado, caiu na estrada.

E aqui , como em quase todas as evasivas - que a história não esqueça! - os escravos revelaram-se mais nobres que os seus guardiães: não foram mortos, não os espancaram, apenas receberam ordem de se despir, tirar os sapatos e deixá-los em liberdade descalço e de cueca. "E você, motorista, com quem vai?" "Bem, com você, vamos ver quem", decidiu o motorista.

Para enganar os soldados descalços (o preço da misericórdia!) Eles marcharam primeiro para o oeste (a estepe é plana, vá aonde quiser), ali um

se disfarçou de cabo, os outros dois de soldado, e caíram para o Norte. Todo armado, o motorista com passe, sem suspeita! No entanto, quando encontraram linhas telefônicas, eles as interromperam para cortar a comunicação. (Eles foram puxados para baixo, para trazê-los mais perto, com uma corda com uma pedra presa, que jogaram por cima, e depois os quebraram com um gancho). Tempo foi perdido, mas mais foi ganho. Eles rolaram a toda velocidade o dia todo, até que o hodômetro aumentou cerca de trezentos e o gás caiu para zero. Eles começaram a notar os carros pelos quais passavam. Um "Pobeda". Eles pararam. "Com licença, camarada, mas estamos de plantão, vamos verificar sua documentação." Descobriu-se que eles eram chefes! Chefes do partido distrital, que vão para controlar, ou para encorajar seus kolkhozy, ou simplesmente para comer cordeiro. Vamos ver, saia! Despir-se! " Os patrões imploram para não serem fuzilados. Levam-nos para a estepe de cueca, amarram-nos, tiram a documentação, o dinheiro, os fatos, vão para o Pobeda. (Enquanto isso, os soldados despedidos de manhã só chegavam à mina mais próxima ao entardecer, dali do mirante: "Não se aproxime!" "Mas nós somos amigos!" "Que amigos, com vestidinho!"

O Pobeda não tinha tanque cheio. Percorreram cerca de duzentos quilômetros e acabou, o tambor também. Já estava anoitecendo. Viram alguns cavalos pastando e conseguiram capturá-los sem freio, cavalgaram sem sela, galoparam. Mas o cocheiro caiu do cavalo e machucou a perna. Eles sugeriram montar um segundo cavalo. Ele recusou: "Não tenham medo, meninos, eu não estou *delatando!*" Eles deixaram dinheiro para ele, a carteira de motorista do Pobeda e foram embora. Este motorista foi o último a vê-los, desde então ninguém! E eles nunca foram trazidos para o campo de concentração. Assim, os cinco duros e os dois sem troco foram deixados pelos meninos no cofre da seção especial. O *promotor verde* gosta do valente!

E o motorista, de fato, não delatou. Ele se estabeleceu em um kolkhoz perto de Petropavlovsk e viveu calmamente por quatro anos. Mas ele perdeu seu amor pela arte. Ele tocou bem acordeão, tocou em seu clube kolkhoz, depois foi para uma competição amadora local, depois para a provincial. Ele próprio já estava começando a esquecer sua vida passada, mas da audiência foi reconhecido por um dos guardiões de Dzhezkazgán, e imediatamente foi pego nos bastidores, desta vez ele foi enforcado por 25 anos pelo artigo 58. Eles o devolveram a Dzhezkazgán.

Uma categoria especial de evasões são aquelas que não começam com um acesso de desespero, mas com um cálculo técnico e algumas mãos de ouro.

Em Kenguir, uma fuga famosa foi planejada em um vagão de trem. Um dos alvos era constantemente trazido para descarregar trens de carga com cimento, com amianto. Eles foram descarregados na área e marcharam vazios. Bem, cinco prisioneiros prepararam uma fuga assim: fizeram uma parede falsa de um vagão de carga Pullman, que também dobrava nas juntas como uma tela, de modo que quando se aproximavam do carro, parecia uma simples prancha larga, confortável para carrinhos de mão inferiores. O plano era: enquanto a carroça está sendo descarregada, seus donos são os internos; entrar no dispositivo no vagão, implantá-lo lá; fixe-o na parede real usando travas; coloque todos os cinco de costas para a parede e com puxadores de corda levante e coloque a parede. O carro todo está cheio de poeira de amianto, ela também. A diferença na profundidade do carro não é visível a olho nu. Mas há uma complicação com o cálculo do tempo, é necessário que a mercadoria esteja livre para marchar enquanto os presos ainda estão no objetivo: impossível embarcar com antecedência, tem que ter certeza de que serão levados imediatamente. Então, no último minuto, eles se atiraram com facas e suprimentos, mas de repente um dos lutadores atingiu uma agulha com o pé e quebrou a perna. Isso os reteve, e eles não tiveram tempo de terminar a montagem antes que o comboio fosse verificado pela escolta. Assim, eles os descobriram. Nesta fuga houve um julgamento.^[57]

A mesma ideia, mas em uma fuga individual, foi aplicada pelo aluno-piloto Batánov. Na serraria de Ekibastuz, as molduras das portas foram fabricadas e enviadas para os diferentes locais. Mas a madeireira trabalhava 24 horas por dia, e a escolta nunca saía dos mirantes. Por outro lado, havia apenas escolta diurna nas obras. Com a ajuda de seus amigos, Batánov foi embalado com pranchas em uma moldura, carregado em um caminhão e descarregado em um canteiro de obras. Na serraria, eles emaranharam a conta entre turno e turno, de modo que naquela noite eles não perderam . Na peça, ele se livrou da caixa, saiu e saiu. No entanto, naquela mesma noite, eles o pegaram na estrada para Pavlodar. (Esse vazamento deles foi um ano depois do de um caminhão, quando teve um pneu furado.)

Em Ekibastuz, devido às evasivas que foram feitas e falharam no início; pelos eventos que já queimavam o solo na área; ^[58] e por anotações sábias na seção de operações; e pelos recalcitrantes e outros rebeldes de todos os tipos, a Brigada de Regime Reforçado estava crescendo e crescendo. Já não cabia nas duas alas de pedra da prisão e na Regimka (Quartel nº 2, perto do comando). Eles habilitaram outro Regimka, especialmente para os ucranianos.

Com cada nova fuga e com cada evento rebelde, o regime nos três regimkas endureceu. (Para a história do submundo, vamos escrever: as *cadelas* do Ekibastuz BUR resmungavam: "Bastardos! Temos que impedir as fugas. Com a das vossas fugas não nos deixarão viver com o regime ... Por essas coisas no campo pessoas comuns rasgam o rosto ". Ou seja, eles disseram o que as autoridades estavam interessadas em dizer).

No verão de 1951, Regimka-barrack 8 decidiu fugir completamente. Estava a cerca de trinta metros da área e decidi abrir um túnel. Mas tudo isso era de domínio público, os ucranianos discutiam quase abertamente entre si: eles acreditavam que um guerrilheiro não podia ser um delator, mas havia delatores. E eles cavaram apenas alguns metros lineares, quando foram vendidos.

Os chefes do regimka-barrack 2 ficaram muito zangados com todo esse acontecimento barulhento, não porque temessem represálias, como os *cães*, mas porque também estavam os mesmos a trinta metros da área, e já antes do barracão 8 haviam começado uma túnel de alta classe. Agora eles temiam que, se a mesma ideia tivesse sido dada por ambos os regimkas, ele também poderia entendê-la e verificar o *pacote*. Porém, mais assustados com as evasões de caminhão, os mestres de Ekibastuz se propuseram como objetivo principal cercar todos os alvos e a área da sala com um fosso de um metro de profundidade, no qual qualquer carro cairia na saída. Como na Idade Média, as paredes não bastavam, um fosso também era necessário. Uma escavadeira estava agora cortando esses poços de maneira precisa e limpa, um após o outro, em torno de todos os alvos.

Regimka-barrack 2 era uma pequena área, cercada por arame farpado, dentro da grande área de Ekibastuz. Seu portão estava permanentemente trancado. Exceto pelo tempo que passou na fábrica de cal, a regimka teve permissão para vagar em seu minúsculo pátio perto do quartel por apenas vinte minutos. No restante do tempo, os regimentos ficavam trancados em seus quartéis, cruzando a área geral apenas para ir ao trabalho e retornar.

Eles nunca tinham permissão para entrar na sala de jantar geral, sua comida era trazida a eles em potes.

Considerando sua fábrica de cal como uma ocasião para se deitar ao sol e respirar ar fresco, a regimka nunca demonstrou muito zelo em retirar cal tóxico com uma pá . E quando no final de agosto de 1951 ocorreu até um assassinato (o Golfo de Aspanov matou com uma barra de ferro Anikin, um fugitivo que cruzou a cerca de arame pela duna de neve acumulada por uma nevasca, mas capturado no dia seguinte, por que estava no regimka. Ele é discutido na Parte III, Capítulo 14), a empresa recusou-se a continuar aceitando esses "trabalhadores", e durante o mês de setembro eles não levaram o regimka a lugar nenhum; ele vivia, de fato, em regime puramente prisional.

Havia muitos "fugitivos convictos" ali, e no verão um grupo seguro começou a se formar, cada um mais indomável, para uma fuga de 12 pessoas (Mohammed Hadzhiev, líder dos muçulmanos de Ekibastuz; Vasili Kustárnikov; Vasili Briujin; Valentin Ryzhkov; Mutiáno v; um oficial polonês, apaixonado por túneis e outros). Eles eram todos iguais lá, mas Stepan Konoválov, um cossaco do Kuban, era mesmo assim o principal. Fizeram um juramento: quem não dissesse uma única palavra a ninguém, aquela estava *acabada*, tinha que suicidar-se e ou outros o esfaqueariam.

A essa altura, a área de Ekibastuz já havia sido cercada por uma paliçada contínua de quatro metros de altura. Ao longo dela corria a antezona esculpida de quatro metros de largura e atrás dela estava marcada uma faixa proibida de quinze metros, terminando na trincheira de um metro de profundidade. Decidiu-se passar toda essa linha de defesa com um túnel, mas com tanta certeza que não havia como descobri-lo antes do tempo.

A primeira investigação mostrou que a fundação era baixa, que o espaço entre o parquete e o solo era tão pequeno que não haveria lugar para colocar a terra que seria removida. Parecia intransponível. Portanto, não fuja ...? E alguém propôs: em vez do sótão é amplo, vamos elevar a terra ao sótão ! Parecia impossível. Subir ao sótão muitas dezenas de metros cúbicos de terra que passam pelo espaço guardado e controlado da sala, levantando-as todos os dias, todas as horas, e ainda por cima sem espalhar uma só pitada, não se pode deixar vestígios!

Mas quando descobriram como fazer isso, eles pularam de alegria e a fuga foi finalmente decidida. A decisão veio com a escolha do setor, ou seja, da sala. Esse quartel finlandês foi calculado para uso livre, tinha sido

montado dentro da zona por engano, em todo o campo não havia outro igual: tinha quartos pequenos, que não cabiam sete beliches, como todo lugar, mas três, ou seja, para doze pessoas. Uma dessas seções, em que vários de seu grupo já viviam, o adotou. De várias maneiras, mudando-se voluntariamente e rindo e brincando com quem estava no caminho ("você ronca, em vez disso ... muito"), acabaram passando estranhos para outras seções, trazendo as suas.

Quanto mais isolavam a regimka da área, quanto mais oprimiam e puniam seus habitantes, maior era sua autoridade moral no campo. Uma comissão regimka tinha força de lei para o campo, e agora o que precisavam de instrumentos, mandaram, em algum objetivo foi fabricado, passaram pelo registro da entrada do campo com risco, e com segundo risco eles é transmitido ao regimka (na sopa, com pão ou com remédios).

Facas e pedras de amolar foram encomendadas e recebidas em primeiro lugar. Em seguida, pregos, parafusos, massa, cimento, cal, fio elétrico, isoladores de porcelana. Com as facas, eles cortaram cuidadosamente o sulco de três tábuas do assoalho, retiraram um pedestal que as prendia, tiraram os pregos das pontas dessas tábuas perto da parede e os pregos que as prendiam à tábua no meio da sala. As três tábuas soltas eram unidas em uma tampa por uma ripa transversal embaixo, e o prego principal dessa ripa era pregado de cima para baixo. Sua larga cabeça estava coberta com massa colorida do solo e polvilhada com pó. A tampa foi ao chão com muita força, não havia onde agarrá-la e nem uma vez um machado foi inserido nas fendas. Eles o ergueram assim: o pedestal foi removido, um arame foi enrolado em volta da cabeça larga do prego e foi puxado. A cada mudança de turno, as escavadeiras removiam e substituíam o pedestal. Todos os dias "esfregavam o chão": molhavam as tábuas com água, para que inchassem e não tivessem buracos, fendas. Esse *problema de entrada* era um dos principais. Em geral, a seção dos escavadores sempre foi mantida especialmente limpa, em uma ordem exemplar. Ninguém deitava na vagonka calçado, ninguém fumava, os objetos não estavam espalhados, não havia migalhas na mesinha de cabeceira. Qualquer inspeção parou aqui menos do que em qualquer outro lugar. "Curioso!" E assim foi.

O segundo problema era o do *elevador*, do andar para o loft. No setor dos escavadores, como em todos eles, havia um forno de alvenaria. Entre ele e a parede havia um espaço estreito, onde dificilmente uma pessoa

poderia caber. A ideia era que esse espaço tivesse que ser *coberto*, transformado de uma sala em um local de trabalho. Em uma das seções vazias eles desmontaram completamente, sem restos, uma liteira. Com essas tábuas taparam o buraco com tijolos, cobriram imediatamente os buracos com telhas, rebocaram e caiaram da cor do forno. Será que o serviço do regime se lembra em qual dos vinte cômodos do quartel o forno ficava em contato com a parede e em que se projetava um pouco? E ele também perdeu o desaparecimento de uma ninhada. Só o xale molhado poderia ter sido notado pela vigilância durante um ou dois dias, mas para fazer isso era preciso dar a volta no forno e espiar por trás de um beliche, e era uma seção modelo! E mesmo que tenha sido descoberto, ainda não significava a ruptura do túnel, era simplesmente uma obra de embelezamento do troço : o buraco sempre cheio de poeira tornava-o feio!

Só depois de secados o rebozo e a cal é que perfuraram com facas o chão e o tecto do buraco agora alvenado, colocaram no seu interior uma escada, sempre montada com a mesma liteira desfiada, e assim o porão foi unido ao amplo sótão. Foi uma *mina*, protegida do olhar do guarda, e a primeira mina em muitos anos que aqueles jovens fortes quiseram trabalhar até a morte!

É possível no campo de concentração um trabalho que se baseie nas suas esperanças, que tire toda a sua alma, que tire o seu sono? Sim, e só este: o emprego da evasão !!

O próximo problema era cavar. Cavar com facas e afiá-las, isso é claro, mas há muito mais dificuldades. São os *cálculos geodésicos* (engenheiro Mutiánov): explorando até ter certeza, mas não mais do que o necessário; traçar a linha pelo caminho mais curto; determinar a seção ideal do túnel; saiba sempre onde está e determine exatamente por onde começar. São a *organização de turnos*: cavando o máximo de horas por dia, mas não se revezando com muita frequência, e estando sempre impecável, integralmente, nas inspeções matinais e noturnas. São as *roupas de trabalho*, e o vau, não dá para subir todo sujo de barro! Eles são a *iluminação*: como cavar um túnel de 60 metros no escuro? Eles colocaram um barbante sob as tábuas do piso e dentro do túnel (vista-se para conectá-lo sem serem notados!). Estes são os *sinais*: como avisar os senhores da guerra no túnel distante se eles de repente vierem ao quartel? Ou como podem fazer saber sem que percebam que têm de partir com urgência?

Mas na severidade do regime estava também sua fraqueza. Os guardas não podiam se aproximar e entrar no bar sem serem notados: tinham que seguir sempre o mesmo caminho entre o arame farpado até o portão, abrir o cadeado que estava pendurado nele, depois ir ao quartel e abrir o cadeado da porta, tropejar com a barra e tudo isso podia ser facilmente observado da janela, é verdade não da seção dos escavadores, mas de uma "cabana" vazia na entrada. A única coisa é que você tinha que ter um observador lá. Os sinais para a mina eram feitos com luz: ele piscou duas vezes - cuidado, prepare-se para partir; ele piscou várias vezes - para *trás!* alerta! para fora e rápido!

Quando desceram para o porão, se despiram completamente, todas as roupas foram colocadas embaixo do travesseiro, embaixo do colchão. Depois da escotilha, eles passaram por uma abertura estreita, atrás da qual era impossível imaginar uma *câmara* alargada, na qual uma lâmpada queimava permanentemente e eram as jaquetas e as calças de trabalho. Por outro lado, outros quatro, sujos e nus (o turno anterior), subiam as escadas e se lavavam com cuidado (o barro endurecia em pequenas bolas nos pelos do corpo, tinha que ser encharcado ou puxado junto com os cabelos).

Todas essas obras já estavam sendo realizadas quando foi descoberto o abandonado túnel do regimka-barrack 8. Não só o rancor, mas a ofensa sentida pelos criadores por sua ideia é facilmente compreendida! No entanto, tudo aconteceu de forma feliz.

No início de setembro, depois de quase um ano na prisão, Tenno e Zhdanok foram transferidos (de volta) para este mesmo regimka. Assim que recuperou o fôlego, Tenno começou a se mexer: a fuga precisava ser preparada! Mas ninguém na regimka, nem mesmo os fugitivos mais convictos e imprudentes, deu ouvidos a suas censuras de que o melhor momento para fugas estava passando, de que não se podia ficar ocioso! (Os escavadores fizeram três turnos de quatro homens e não precisaram do décimo terceiro.) Então Tenno propôs diretamente um túnel para eles! Mas eles responderam que já tinham pensado nisso, mas o terreno era muito baixo. (Claro que foi cruel: olhar para o rosto de fogo de um fugitivo comprovado e balançar a cabeça com relutância, como proibir um cão treinado e inteligente de caçar.) No entanto, Tenno conhecia esses meninos muito bem para acreditar em sua indiferença geral. Não, eles poderiam ter *todo* Echad ou perder como um tempo!

E ele e Zhdanok os sujeitaram a uma vigilância zelosa e cúmplice, como os guardas foram incapazes de fazer. Ele observou: os meninos costumam ir fumar sempre na mesma casinha da entrada, e sempre um a um, sem companhia. Durante o dia a porta de seu setor costuma ser fechada com um gancho, se você chamar eles não vão abrir na hora, e sempre há vários dormindo profundamente, como se não tivessem o suficiente com a noite. Ou Vaska Briujin sai da pia todo molhado. O que aconteceu com você? Bem, eu decidi me lavar.

Eles estão cavando, é claro que estão cavando! Mais onde? E por que eles estão em silêncio ...? Tenno foi a um, ao outro e *comprou*: “É imprudente, cara, tá cavando demais à primeira vista! Enquanto eu perceber, nada, mas e se ele for um delator? ”

Por fim, eles se reuniram em *assembléia* e decidiram aceitar Tenno com um merecido A. Eles sugeriram que ele examinasse a sala e encontrasse as impressões. Tenno olhou em volta, farejou todas as tábuas no chão e nas paredes e não conseguiu encontrar! Para sua grande admiração e dos meninos! Tremendo de alegria, ele rastejou sob o chão para trabalhar *sozinho!*

O deslocamento subterrâneo foi assim distribuído: um, deitado, cavou o solo da galeria; outro, aninhado atrás dele, estava colocando a terra separada em pequenos sacos de lon a especialmente feitos; um terceiro, também arrastando, puxava essas sacolas (pelas alças) até a entrada do túnel, depois pelo subsolo até a mina, e prendia as sacolas uma a uma em um gancho baixado do sótão. O quarto ficava no sótão. Jogou as sacolas vazias no chão, levantou as cheias, distribuiu, caminhando silenciosamente, por todo o sótão e despejou em camada não muito alta; na mudança de turno, todo esse terreno estava coberto de escória, da qual havia muitas no sótão. Então, no mesmo turno, eles se alternavam, mas nem sempre, porque nem todos podiam fazer o mais difícil, simplesmente trabalhos exaustivos bem e rapidamente: cavar e arrastar.

Eles arrastaram primeiro dois, depois quatro sacos de cada vez, para os quais os cozinheiros *sopraram* uma bandeja de madeira, arrastaram-na com a flange e os sacos na bandeja. O freio foi para trás do pescoço e depois passou pelas axilas. Esfregava o pescoço, machucava os ombros, lacerava os joelhos, depois de uma viagem ficava encharcado, depois de um turno inteiro tinha que ir para o outro bairro. Você teve que cavar em uma posição muito desconfortável. Eles tinham uma pá de cabo curto, que afiavam todos

os dias. Com ele, era necessário cortar fendas verticais no fundo da pá, depois meio deitado, apoiando as costas na terra removida, fazendo cair torrões e jogando-os sobre você.

A terra era pedregosa ou argila compacta. As pedras maiores tiveram que ser contornadas ao redor deles, tornando o túnel sinuoso. Nas oito a dez horas de um turno, eles não podiam avançar mais de dois metros de comprimento, às vezes até menos de um

O mais pesado era a falta de ar no túnel: vertigens, desmaios, tonturas. Há também foi resolver o *problema da ventilação* Ele poderia perfurar única aberturas até -in trecho mais perigoso, continuamente vigilada- perto da área. Mas sem eles não havia ninguém para respirar. Eles pediram uma placa de aço em forma de hélice, eles a fixaram com um mastro atravessado, algo semelhante a uma braçadeira saiu. Assim, eles trouxeram a primeira abertura estreita para a luz do dia. Um tiro foi definido, ficou mais fácil respirar. (Quando o túnel já estava atrás da paliçada, fora do campo, fizeram outro).

Eles compartilhavam constantemente seus conhecimentos: a melhor forma de fazer esse trabalho. Eles contaram o que haviam avançado.

A galeria ou túnel mergulhou sob as fundações, então desviou da reta apenas por pedras ou escavações imprecisas. Tinha meio metro de largura, noventa metros de altura e uma abóbada de berço. Seu teto, segundo os cálculos, ia da superfície a um metro e trinta e quarenta. Os lados do túnel foram reforçados com tábuas colocadas através dele; À medida que avançavam, o cabo foi alongado e novas lâmpadas foram instaladas a cada vez.

Visto de longe, era um metro, um medidor de concentração...!

O túnel já tinha dezenas de metros, eles já estavam cavando atrás da área. Acima de suas cabeças, podiam ouvir claramente os passos da guarda que passava, podiam ouvir os latidos e gritos intermitentes dos cães.

E de repente ... e de repente um dia, após a inspeção matinal, quando o turno diurno ainda não havia caído e (como regra estrita dos fugitivos) não havia nada comprometedor lá fora, eles viram um grupo de guardas se dirigindo ao quartel, chefiado pelo pequeno e nervoso tenente Machekhovsky, chefe do regime. Os corações em fuga deram uma guinada: você nos notou? Vendido? Ou eles checam aleatoriamente?

Um pedido soou:

"Colete objetos pessoais!" Saia do quartel até o fim!

O pedido é executado. Todos os internos estão do lado de fora, sentados no calçadão em seus sacos. De dentro do quartel, ouve-se um rugido contínuo: as tábuas do beliche estão sendo puxadas. Machekhovsky grita: "Traga as ferramentas aqui!" E os guardas carregam pés de cabra e machados para dentro. Você pode ouvir o rangido laborioso das tábuas rasgadas.

Este é o destino dos fugitivos! Tanta inteligência, tanto trabalho, tanta esperança, tanta alegria, e tudo não justo ou em vão, mas mais uma vez celas de castigo, espancamentos, interrogatórios, novas sentenças ...

Porém! Nem Machekhovsky nem nenhum dos guardas sai correndo com uma alegria cruel, agitando os braços. Eles saem suados, limpando a sujeira e a poeira, ofegantes, enojados por terem lutado em vão. "Aproxime-se um por um!" Eles pedem desapontados. Inicie um registro de efeitos pessoais. Os internos voltam para o quartel. Que barbaridade! Em vários locais (onde as placas estavam mal fixadas ou claramente rachadas), o piso é elevado.

Nos trechos tudo é jogado lá fora, até derrubaram os beliches, de raiva. Apenas na seção *curiosa* eles não tocaram em nada!

Os não iniciados na evasão estão furiosos:

"O que está coçando agora, os cachorros?!" O que eles estão procurando?

Por outro lado, os fugitivos agora entendem como foi sábio não deixar pilhas de terra sob o parquete: agora poderiam tê-las visto pelas aberturas. Por outro lado, nem subiram ao sótão: se do sótão só se pode voar com asas! De resto, até no sótão está tudo cuidadosamente coberto com escória.

Os cachorros não cheiram, eles não cheiram! Oh, que alegria! Se você trabalhar duro, se você se cuidar severamente, não pode deixar de dar frutos. Agora vamos terminar! São seis ou oito metros até o fosso que cerca o campo. (Os últimos metros devem ser cavados com especial precisão, para chegar ao fundo da cova, nem mais baixo nem mais alto).

E o que vai acontecer a seguir? Konoválov, Mutov, Hadzhfev e Tenno já haviam traçado um plano, aceito por todos os dezesseis. A fuga à noite, por volta das dez horas, quando termina a contagem vespertina em todo o campo, os guardas foram para as suas casas ou para o quartel de comando, mudou a guarda dos miradouros, todos os revezamentos passaram.

Para o túnel, um após o outro, deixe todo mundo descer. O último avistou a área da "pequena cabana"; em seguida, o penúltimo e ele prega a

parte removível do pedestal às tábuas da escotilha, de modo que, quando eles o baixarem novamente, o pedestal também seja colocado no lugar. O prego de cabeça larga está totalmente inserido e também as travas são montadas na parte inferior para manter a escotilha fixa no lugar, mesmo se for puxada para cima.

E outra coisa: antes da evasão, retire a grade de uma das janelas do corredor. Ao descobrir na fiscalização de rotina a falta de dezesseis pessoas, os guardas não entenderão imediatamente que é um túnel e uma fuga, mas se lançarão a vasculhar a área, pensarão: o regime foi acertar contas com o informantes. Eles também olharão no outro *lagpunkt*: talvez tenham escalado a parede e chegado lá. Trabalho limpo! O túnel impossível de encontrar, sob a janela não há pegadas, dezesseis homens que levaram os anjinhos ao céu!

Saia para o fosso de contorno, então no fundo do fosso rasteje um por um para se afastar do mirante (a saída do túnel caiu muito perto dele); também um por um sai na estrada; entre cada quatro paradas, para não levantar suspeitas e ter tempo de ver o que vai acontecer. (O último toma outro cuidado: fecha a saída da mina *do lado de fora* com uma tampa de madeira embebida em barro, preparada com antecedência, esmaga com o corpo contra o buraco, cobre com terra! o fosso você pode descobrir trilhas do túnel pela manhã).

A aldeia, cruzando-a em grupos, brincando em voz alta. A qualquer tentativa de prisão, resistam todos juntos, com facas incluídas.

Ponto de encontro geral: próximo à passagem de nível, por onde passam muitos caminhões. O desfiladeiro é elevado com um aterro acima do nível da estrada, todos eles estão no terreno próximo e não são vistos. Essa passagem de nível é ruim (eles a atravessaram para ir trabalhar, eles a viram), as tábuas são colocadas de qualquer forma, os caminhões com carvão e vazios passam por ela vagarosamente. Dois devem levantar os braços, parar um caminhão logo após a passagem de nível, aproximar-se da cabine um de cada lado. Peça uma carona. À noite, o motorista provavelmente está sozinho. No local, puxando as facas, pegando o motorista de surpresa, sentando-o no meio, Vallka Ryzhkov fica atrás do volante e avança para Pavlodar! Cento e trinta ou cento e quarenta quilômetros podem ser percorridos em poucas horas. Antes de chegar ao pontão, vire rio acima (quando estavam trazendo aqui, os olhos podiam ver alguma coisa), ali no mato, deixe o motorista amarrado, abandone o

caminhão, atravessasse o Irtysh em um barco, separe em grupos e ali cada um! É justamente a hora em que eles armazenam grãos, todas as estradas estão cheias de caminhões.

As obras deveriam terminar no dia 6 de outubro. Dois dias antes, em 4 de outubro, dois participantes foram levados em uma transferência: Tenno e Volodka Krivoshein, uma ladra. Eles queriam fazer um *mostyrka*, para se automutilar, enquanto pudessem ficar a qualquer custo, mas o comissário prometeu que os levaria algemados, pois eles estavam morrendo. Eles decidiram que persistência demais levantaria suspeitas. Sacrificando-se pelos amigos, eles se submeteram.

Assim, Tenno não aproveitou sua insistência para entrar no grupo. Ele não era o décimo terceiro, mas apresentado por ele, protegido por ele, o muito confuso e inquieto Zhdanok. Em tempos difíceis, Stepan Konoválov e seus amigos cederam e confiaram em Tenno.

Eles terminaram de cavar, saíram para onde disseram, Mutianov não estava errado. Mas nevou, eles deixaram até secar.

Na noite de 9 de outubro, eles fizeram tudo exatamente como planejado. Os quatro primeiros se saíram bem: Konovlov, Ryzhkov, Mutianov e aquele polonês, seu companheiro constante em evasivas laboriosas.

E então o infeliz pequeno Kolia Zhdanok apareceu na cova. Não por causa dele, é claro, eles ouviram passos se aproximando do andar de cima. Mas ele deveria ter se dominado, ficar lá, esperar escondido e, quando eles tivessem passado, continuar engatinhando. Mas ele enfiou a cabeça por excesso de nervosismo. Ele queria *olhar*: ver quem estava chegando.

O piolho mais leve pega o pente primeiro. Mas esse pequeno piolho bobo perdeu um grupo de fugitivos de uma rara compreensão e força na tentativa: quatorze longas e complicadas vidas que se cruzaram nesta fuga. Em cada uma de suas vidas, o vôo teve uma importância especial, própria, que deu sentido ao seu passado e ao seu futuro, outras pessoas dependeram de cada um, mulheres, crianças, e também os nascituros. Mas o pequeno piolho ergueu a cabeça e tudo foi para o inferno.

O que estava chegando era o subchefe da escolta; ele viu o piolho, gritou, disparou. E os guardiões, indignos deste projeto, sem o terem penetrado, foram os grandes heróis. E meu leitor, o historiador-marxista, batendo no livro com sua pequena régua, deixa-me cair com condescendência:

"Sim-ii ... Mas por que você não fugiu ...?" Por que você não se rebelou ...?

E todos os fugitivos, já dentro do túnel, já torcendo a grade, já tendo pregado o pedestal na rampa, agora engatinham para trás, para trás, para trás!

Quem veio e conhece o fundo desse desespero abandonado? Deste desprezo pelos próprios esforços?

Eles voltaram, apagaram a luz do túnel, empurraram a grade do corredor de volta para seus buracos.

Logo toda a regimka estava lotada de oficiais de campo, oficiais da divisão de escolta, soldados, guardas. A lista de chamada do arquivo começou e todos foram transferidos para a prisão de pedra.

Mas o túnel da seção, eles não encontraram! (Por quanto tempo ele estaria procurando, se tudo tivesse corrido conforme o planejado?!) Perto do lugar onde Zhdanok havia se *esgueirado*, encontraram um buraco meio coberto. Mas mesmo quando chegou ao quartel pelo túnel, era impossível entender para onde as pessoas estavam indo e onde haviam colocado a terra.

A única coisa que faltava na seção *curiosa* eram quatro homens, e os oito restantes agora estavam abalados sem piedade: a maneira mais fácil para alguns tolos astutos chegarem à verdade.

E agora, por que manter isso em segredo ...?

Excursões por toda a guarnição e guardas foram organizadas posteriormente para este túnel. O major Maximenko, o chefe barrigudo do campo de Ekibastuz, então se gabou no Diretório para outros chefes de seções de concentração:

"Eu tinha um túnel, uau!" O metrô! Mas nós ... Nossa vigilância ...

Mas era só o piolho ...

O alarme dado também não deu aos quatro que saíram a opção de chegar à passagem de nível. O plano falhou! Eles escalaram a paliçada de uma área de trabalho do outro lado da estrada, cruzaram a área, escalaram novamente e entraram na estepe. Não ousaram ficar na aldeia para esperar um caminhão, porque a aldeia já estava cheia de pat rullas.

Como Tenno há um ano, eles perderam rapidamente a velocidade e as chances de marchar.

Eles foram para o sudeste, em direção a Semipalatinsk. Mas eles não tinham provisões para a viagem a pé; sem forças: os últimos dias foram exaustivos para terminar o túnel.

No quinto dia da fuga, eles entraram em uma tenda e pediram comida aos cazaques. Como se pode presumir, eles se recusaram e as pessoas que pediram comida foram baleadas com um rifle de caça. (E isso entra nas tradições de uma aldeia de pastores das estepes? E se não entrar, de onde vem a tradição ...?)

Stepan Konoválov avançou com sua faca contra a espingarda, feriu o cazaque, pegou a espingarda e os suprimentos dele. Eles continuaram andando. Mas os cazaques seguiram sua trilha a cavalo, descobriram-nos já perto do Irtysh, alertaram um grupo de operações.

Depois foram cercados, espancados até saírem de um lugar são, o resto, tudo se sabe, tudo ...

Se agora você pode apontar-me as evasões de revolucionários russos do 19^o ou 20^o século com *tais* dificuldades, com tal falta de um apoio externo, de tal ambiente hostil, com tais punições cruéis para os capturados, deixá-los nomeá-los!

E depois disso, que digam que não lutamos.

IX

As crianças pequenas com metralhadoras

Éramos protegidos por homens de mantos longos e casacos pretos. Éramos protegidos por soldados do Exército Vermelho. Éramos protegidos por autoprotetores. Velhos reservistas nos protegiam. Por fim chegaram rapazes robustos, nascidos do primeiro plano quinquenal, sem ter visto a guerra, pegaram submetralhadoras novinhas e começaram a nos guardar.

Todos os dias caminhamos duas vezes por hora, unidos por um laço mortal silencioso: qualquer um deles é livre para matar qualquer um de nós. Todas as manhãs, nós no caminho, eles fora do caminho, nós rastejamos cansados, não querendo ir a lugar nenhum, nem eles, nem nós. Todas as noites nos apressamos em espíritos: nós para nosso rebanho, eles para o deles. E como não temos uma *casa* adequada, essas canetas fazem de nós um lar.

Andamos por aí e não olhamos seus casacos de pele, suas metralhadoras, para que os queremos? Eles caminham e o tempo todo olham para nossas fileiras pretas. O regulamento manda que eles fiquem olhando para nós o tempo todo, são as ordens deles, isso é o serviço deles. Eles têm que interromper qualquer movimento ou passo nosso com um único tiro.

O que deveríamos ter para eles, com nossos casacos pretos, com nossos gorros de pele Stalin cinza, com nossas botas de feltro feias, de terceiro período, remendadas para cima e nas costas para remendar, e todas gastas com remendos de números, como você pode? fazer com pessoas reais?

Surpreso que nossa aparência seja uma droga? Se é para isso que nossa aparência é calculada. Os habitantes livres da cidade, especialmente os alunos e os professores, olham de soslaio dos caminhos das calçadas de nossas colunas, guiados pela estrada larga. Eles nos dizem: eles têm muito

medo de que nós, a emanção do fascismo, nos lançemos repentinamente em todas as direções, alcancemos a polícia e corramos para roubar, estuprar, queimar, matar. Certamente, apenas esses desejos são acessíveis a seres de aspecto tão bestial. E a escolta protege os habitantes da cidade dessas feras. A nobre escolta. No clube, construído por nós, o sargento-acompanhante pode muito bem se sentir um cavaleiro errante quando leva o professor para dançar.

Essas criancinhas ficam o tempo todo nos olhando, nos cercando e nos pontos de vista, mas não lhes deixam saber nada sobre nós, só lhes dão um direito: falar sparar sem prévio aviso!

Ah, se à noite vinham nos ver em nosso quartel, se sentavam em nossos beliches e ouviam: por que esse velho está aqui, por que aquele velho? Esses vigias seriam esvaziados, essas submetralhadoras não disparariam.

Mas toda a astúcia e força do sistema é que nosso vínculo mortal é baseado na ignorância. Sua compaixão por nós é punida como traição, seu desejo de falar conosco como uma violação do juramento sagrado. E por que falar conosco, se o comissário político virá no horário indicado na tabela e vai conversar com eles, sobre a face política e moral dos inimigos do povo que eles protegem. Explique com fios de cabelo e sinais e reiterações o quanto são nocivos e que peso esses fantoches representam para o Estado. (É ainda mais tentador ver como eles estão se saindo como um alvo móvel.) Ele terá algumas pastas debaixo do braço e dirá que alguns arquivos foram deixados para ele na seção especial do acampamento por uma noite. Neles, ele lerá papéis datilografados com sequências de delitos, para os quais todos os fornos de Auschwitz são poucos, e os atribuirá àquele electricista que estava fixando a luz no mastro, ou àquele carpinteiro que os companheiros Fulano de Tal e Mengano tinham. a imprudência de querer pedir uma mesa de cabeceira.

O comissário político nunca ficará confuso, nunca ficará confuso. Jamais dirá aos jovens que também existem pessoas ali só por acreditarem em Deus, por sede de justiça e por amor à verdade. E também por nada.

Toda a força do sistema é que o homem não pode simplesmente falar com o homem, mas apenas por meio do oficial e do comissário político.

Toda a força desses jovens está em sua ignorância.

Toda a força dos campos de concentração está nesses jovens. Aqueles com dragonas vermelhas. Os vigias assassinos e os captos fugitivos.

Essa foi uma daquelas conversas políticas, como lembra um soldado da época (Nyroblag): “O tenente Samuti n tem ombros estreitos, é comprido, a cabeça esmagada pelas têmporas. Lembre-se de uma cobra. Loira, quase sem sobrancelhas. Sabemos disso antes de ele atirar pessoalmente. Agora, nas aulas de treinamento político, ele lê monotonamente: “Os inimigos do povo que você guarda são os próprios fascistas, o pior canalha. Personificamos a força e a espada vingadora da Pátria e devemos ser firmes. Sem sentimentalismo, sem compaixão. ’

E é assim que se formam aqueles jovens que tentam chutar um fugitivo caído bem na cabeça. Aqueles que arrancam pão de um velho de cabelos grisalhos algemado com o pé. Quem vê com indiferença um fugitivo acorrentado bater nas tábuas estilhaçadas do caminhão - seu rosto sangra, sua cabeça está rachando, olham para ele com indiferença. Claro: eles são a espada vingadora da Pátria, e ele, dizem, é um espião americano.

Após a morte de Stalin, já confinado para sempre, ele foi hospitalizado em uma clínica comum em Tashkent, para pessoas *livres*. De repente, ouço: um jovem uzbeque, um homem doente, conta aos vizinhos sobre seu serviço *militar*. Sua unidade protegia carrascos e degenerados. O uzbeque confessou que os soldados-escolta também estavam morrendo de fome e zangados porque os presos, como os mineiros, receberam uma ração (em troca de 120%, é claro) apenas ligeiramente inferior ao que ganhavam como soldados . E também os irritava que eles, a escolta, tivessem que congelar no inverno nos mirantes (é claro com um casaco de pele até os calcanhares), enquanto os inimigos do povo, ao entrar na área, diziam eles, desapareciam por todo o lugar. o dia em quartos quentes (até do ponto de vista eu pude ver que não) e lá eles dormiram o dia todo (ele imaginou seriamente que o estado era muito benigno com seus inimigos).

Uma ocasião interessante! Dê uma olhada nos Acampamentos Especiais com os olhos da escolta! Comecei a perguntar que tipo de répteis eram e se meu uzbeque falara com eles pessoalmente. E foi então que ele me disse que sabia tudo isso sobre comissários políticos, que até liam seus "arquivos" no treinamento político. E aquela sua raiva indiscriminada de que os presos dormiam o dia todo , também, é claro, o dominou não sem o aceno dos oficiais.

Ai de vocês, que vão escandalizar estes pequeninos ...! Melhor você não ter nascido ...!

O uzbeque também disse que um soldado do MVD cobra 230 rublos por mês (12 vezes mais do que um do exército! Por que tanta generosidade? Talvez o serviço deles seja 12 vezes mais difícil?), E depois do Círculo Polar, mesmo até 400 rublos, e que no serviço obrigatório e sem despesas.

Ele também contou vários casos. Por exemplo, um colega seu estava guardando, e parecia-lhe que alguém da coluna *queria* fugir. Ele puxou o gatilho e em uma explosão matou *cinco* presidiários. Como todos os outros soldados posteriormente declararam que a coluna estava marchando em ordem, ele sofreu severa punição : por cinco mortes, foi preso por quinze dias (na sala quente da polícia, é claro).

E tais casos, quem não os conhece, quem não os contará entre os indígenas do Arquipélago ...! Quantas testemunhamos nas ITLs: em empregos onde não há zona, mas sim uma linha de proibição invisível, soa um tiro e um prisioneiro cai morto; eles dizem que a linha passou. Talvez nem tenha passado, a linha está invisível e agora ninguém mais vai se aproximar para conferir, para não cair para o lado . Nem uma comissão virá verificar onde estão os pés do morto. Ou talvez já o tenha passado: é o soldado que pode estar ciente da linha invisível, o prisioneiro está trabalhando. O preso que ganha a bala é justamente aquele que trabalha mais honestamente, aquele que mais absorve o trabalho. Na estação Novochunka (Ozerlag) na roçadeira de feno, ele viu um a dois três passos a mais de feno, não resistiu, para ver se eu arrancava para o feixe, bala! E o soldado, licença de um mês!

Ou também acontece que justamente esse soldado tem rancor desse preso (ele não cumpriu uma ordem, ou um pedido), e então o tiro é de vingança. Às vezes, de má-fé: o próprio soldado ordena ao recluso que pegue e traga algo atrás da linha. E quando ele está confiante, ele atira. Você pode jogar um cigarro aí: pega, fume! O preso vai lá para fumar, ele é, portanto, um ser desprezível.

Por que eles atiram? Nem sempre pode ser compreendido. Por exemplo, em Kenguir, em uma área movimentada, durante o dia, onde a fuga não é possível, a jovem Lidia, uma ucraniana ocidental, os fez trabalhar para lavar algumas meias e pendurá-las para secar no arame farpado. antezona. Ele mirou da vigia e a matou instantaneamente. (Disseram vagamente que mais tarde ele também quis se suicidar).

Por quê! Um homem com um rifle! O poder descontrolado de um homem, de matar ou não matar outro!

E aqui, ainda por cima, é vantajoso! A superioridade está sempre do seu lado. Eles nunca punem por matar. Ao contrário, eles elogiam, recompensam e quanto mais cedo você carrega, ainda no meio da primeira etapa, quanto maior sua vigilância revolucionária, maior o prêmio! Salário de um mês. Deixe por um mês. (Pois bem, coloque-se na situação do Comando: se a divisão não justifica casos de vigilância revolucionária, que divisão é essa? Que tipo de comando tem? Ou os presos são tão submissos que a escolta tem que ser reduzida? O sistema de custódia, uma vez criado, *exige mortes!*) E entre os soldados há até um espírito de competição: você matou e com o prêmio você comprou manteiga. Bem, eu também vou matar e comprar manteiga. O que você tem que ir para casa, para esfregar a garota? Atire em um daqueles seres cinzentos e demore um mês.

Todos esses casos nós conhecíamos bem no ITL. Mas nos Campos Especiais as novidades surgiram: disparar, sem mais delongas, para as fileiras, como o camarada daquele uzbeque. Como no Ozerlag no posto de guarda em 8 de setembro de 1952. Ou dos mirantes na área.

Então foi assim que eles os prepararam. É o trabalho dos comissários políticos.

Em maio de 1953, em Kenguir, essas criancinhas com submetralhadoras abriram fogo repentino e sem qualquer justificativa em uma coluna já voltaram a campo e aguardavam entrada. Foram 16 feridos, mas se fossem feridos! Atiraram com balas explosivas, há muito proibidas por todas as convenções capitalistas e socialistas. As balas saíram do corpo em forma de funil, destruindo intestinos, mandíbulas, esmagando membros.

Por que a escolta dos Campos Especiais foi equipada com balas precisamente *explosivas*? Quem aprovou? Nunca saberemos ...

No entanto, como o mundo da custódia se ofendeu quando leu em meu romance que os prisioneiros os chamavam de "touro", e agora isso se repetia para o mundo inteiro! Não, os prisioneiros deveriam amá-los e chamá-los de anjos da guarda!

E uma dessas crianças - certamente uma das melhores - não se ofendeu, mas quer falar em defesa da verdade. É Vladilén Zadorniy, do quinto dia de 1933, que serviu no VSO (Tropas de escolta armada) do MVD em Nyroblag dos dezoito aos vinte anos. Ele me escreveu várias cartas.

“Os jovens não foram sozinhos, foram recrutados pelo Exército. O Exército os repassou ao MVD. Os rapazes foram ensinados a atirar e montar guarda. Os meninos congelavam e choravam à noite, para que diabos eles queriam Nyroblags com todo o seu conteúdo! Os muitos não têm culpa, eram soldados, serviam ao país, e embora neste serviço absurdo e terrível não tivessem entendido tudo (e o que *entenderam* ...? Ou tudo ou nada. AS), juraram a bandeira, seu serviço não foi fácil.

É sincero, vai para o grande o. Há algo em que pensar. Eles cercaram aqueles pequenos com uma estaca: Juramento! Sirva o país! Vocês são soldados!

Mas também: fraco tinha que ser sua base moral, eles não deveriam ter, se ele não resistisse ao juramento e à formação política. Nem todas as gerações ou todos os povos podem ser jovens forjados a partir deles.

Não é o problema fundamental do século xx: se é lícito seguir ordens, confiando a própria consciência aos critérios dos outros? É lícito não ter uma concepção adequada do bem e do mal e removê-la gradualmente dos regulamentos impressos e das ordens orais dos superiores? O juramento! Esses encantamentos solenes, pronunciados com voz trêmula e, pelo seu significado, destinados a defender o povo contra os malfeitores, quão fácil é colocá-los a serviço dos malfeitores e contra o povo!

Lembremo-nos do que Vasili Vlasov pretendia dizer ao seu carrasco, ainda em 1937: só você! *Só você é o culpado por matar pessoas! Você só suportará minha morte e viverá com esse peso !* Se não houvesse algozes, não haveria execuções!

Se não houvesse tropas de escolta, não haveria campos de concentração!

Naturalmente, nem os contemporâneos nem a história deixarão de avaliar os graus de culpa. Naturalmente, todos entendem que seus oficiais são os mais culpados; seus comissários políticos, ainda mais; aqueles que redigiram os regulamentos e ordens, ainda mais; e aquele que os elaborou, mais do que ninguém. ^[59]

Mas quem atirou, quem tinha as metralhadoras apontadas, apesar de tudo não foram *esses*, mas os jovens! Mas chutaram mentirosos na cabeça, apesar de todos os jovens...! Vladilén também escreve:

«Eles nos colocaram em nossas cabeças, eles nos fizeram estudar de cor o USO-43-ss - Regulamento ^[60]

ultrassecreto de escolta armada de 1943 -, um regulamento cruel e ameaçador. E o juramento. E a vigilância dos comissários e vice-comissários. Chivatería, reclamações. *Arquivos sobre os próprios soldados ... Separados pela paliçada e pelo arame farpado, os homens de jaleco e os homens de capa também foram presos, uns por vinte e cinco anos, outros por três*”.

É muito sabido que os militares também foram condenados, embora não por um tribunal militar, mas pelo Comissário de Defesa. Mas *igualmente*, não de qualquer maneira! Porque homens de capas disparavam perfeitamente suas submetralhadoras contra homens de casacos, até mesmo contra multidões, como logo teremos oportunidade de ver.

Vladilén continua a explicar:

"Havia meninos de todos os tipos. Houve realizadores obtusos, que odiavam cegamente os presos. A propósito, os recrutas das minorias nacionais estavam com muito ciúme: Bashkiros, Buryats, Iakutos. Depois havia os indiferentes, eles eram a maioria. Eles realizaram seu serviço sem entrar em nada e sem protestar. O que eles mais gostaram foi rasgar as páginas do calendário e a hora em que a correspondência foi entregue. E finalmente havia bons meninos, que simpatizavam com os internos, como pessoas em desgraça. E a maioria de nós entendeu que nosso serviço era malvisto entre as pessoas. Quando saímos de licença, não usamos uniforme.

A melhor defesa da ideia de Vladilén é sua própria história. Embora como ele, certamente eram contados.

Ele foi admitido nas tropas de escolta por causa de uma supervisão da seção especial preguiçosa. Seu padraço, o velho dirigente sindical Voynino, foi preso em 1937, sua mãe, por ele, foi expulsa do partido. Por outro lado, seu pai, comissário de brigada da Cheka, membro do partido desde 1917, foi rápido em negar sua ex-mulher e, no caminho, seu filho (foi assim que ele guardou seu cartão do partido, mas o diamante do NKVD fez ele o

^[61] perdeu. A mãe estava lavando sua mancha doando sangue durante a guerra. (É ou nada, seu sangue foi aceito por membros e não membros do partido). O menino "odiava bonés azuis desde criança, e agora eles colocam um em mim ... Muito forte foi a impressão que deixei na minha memória de infância a noite terrível em que homens com o uniforme de meu pai mexiam rudemente em meu berço".

"Não fui um bom soldado de escolta: comecei a conversar com os presidiários, cumpri suas atribuições. Eu deixava a espingarda no fogo e ia comprar alguma coisa para eles na cantina ou mandava cartas. Eu acredito que nos *lagpunkts Promezhútochnaya*, Mysakort, Parma, eles terão se lembrado do soldado Volodya. O chefe da equipa de reclusos disse-me um dia: "Olha o povo, escuta as suas dores, aí tu vais compreender ..." Mas mesmo sem isso vi em cada um dos políticos um avô, um tio, uma tia ... superiores, ele simplesmente os odiava. Ele murmurou, fiquei indignado, disse aos companheiros: "Estes são os verdadeiros inimigos do povo!" Por isso, por insubordinação ("sabotagem"), pelos contatos com os internos, iniciaram um resumo sobre mim ... O magricela Samutin me deu um tapa no rosto, me bateu com o peso de papel nos dedos, por não ter assinado a confissão sobre as cartas dos internos. Aquele porco teria que ser feito em mapa, eu tenho classe dois de boxe, eu indiquei um peso de trinta quilos, mas dois guardas pendurados em meus braços ... Porém, a instrução teve outros problemas: tudo começou a oscilar em 53 no MVD. Eles não me deram uma condenação, eles me deram um passaporte marcado, art. 47-d: "Expulso dos órgãos do MVD por extrema indisciplina e contínuas violações das portarias MVD". E da sala da divisão Polícia me expulsaram, espancaram até a morte, sorvete, para ir para casa ... O líder Arsen, que havia saído, está cuidando de mim no caminho.

E imagine que um *oficial de escolta* gostaria de ter compaixão pelos detidos. Ele só poderia ter feito isso antes e por meio dos soldados. Portanto, com a raiva geral, teria sido impossível para ele e, além disso, ele teria "dado problemas". Além do fato de que o denunciaram na hora.

O sistema!

X

Quando a terra queima na zona

Não, o surpreendente não é que não tenha havido tumultos e revoltas nos campos de concentração, o surpreendente é que *apesar de tudo* que já aconteceu.

Como tudo o que é indesejável em nossa história, ou seja, três quartos do que realmente aconteceu, esses motins também foram cuidadosamente apagados, recortados, encobertos, seus participantes aniquilados, suas testemunhas distantes e amedrontadas, os relatos de seus repressores queimados ou salvos. Depois de vinte portas de cofres, essas revoltas se tornaram um mito, quando quinze anos se passaram para alguns, apenas dez anos para outros. (Será que vamos nos surpreender quando eles nos disserem: não houve nem Cristo, nem Buda, nem Maomé? São milênios) ...

Quando não preocupe mais ninguém vivo, eles darão aos historiadores acesso ao que resta dos papéis, os arqueólogos darão uma pá, eles queimarão algo no laboratório, e as datas, lugares, silhuetas dessas revoltas e os sobrenomes de seus líderes sairão.

Há também os primeiros surtos, como o de Retiunin, em janeiro de 1942 no comando Osh-Kuriá perto de Ust-Usá. Dizem que Retiunin era um empregado livre, quase ... quase o chefe daquele comando. Ganhou Cinquenta e Oitos e socialmente danoso (7-35), reuniu algumas centenas de voluntários, desarmou a escolta de guardas-comuns e foi com os cavalos para as florestas, como guerrilheiros. Eles os estavam matando aos poucos. Ainda na primavera de 1945 estavam presos pelo "caso Retiunin", até mesmo pessoas que nada tinham a ver com isso.

Talvez então saibamos - não, não seremos mais nós - do lendário levante de 1948 no local 501, isto é, na construção da ferrovia Sivaya Maska-Salejard. É lendário porque em todos os campos é falado em sussurros e ninguém sabe exatamente o quê. É lendário por ter explodido

não nos Campos Especiais, onde os espíritos e o terreno certo foram colocados, mas nos ITLs, onde as pessoas foram separadas por informantes, esmagadas por bandidos, onde até seu direito de ser foi pisoteado. *presos políticos*, onde nem cabia na cabeça que um motim na prisão era possível.

Pelo que dizem, tudo foi feito por ex (apenas!) Combatentes. Não poderia ser de outra forma. Sem eles, Cinquenta e Oito era um rebanho sem sangue e sem fé. Mas esses meninos (quase nenhum tinha mais de trinta anos) eram oficiais e soldados de nosso exército de combate; e eles eram os mesmos, mas na forma de ex-prisioneiros; e entre esses prisioneiros, aqueles que lutaram com Vlasov, ou com Krasnov, ou em unidades nacionais; lá eles lutaram entre si, mas aqui eles estavam unidos sob o mesmo jugo. Este jovem, que passou por todas as frentes da guerra mundial, que dominou perfeitamente as táticas modernas de combate, camuflagem e exploração, este jovem, digo eu, onde não se dispersaram um a um, ainda retinha em 1948 toda a inércia da guerra e de sua crença em si mesma, e não conseguia entender por que esses meninos, por batalhões inteiros, tinham que morrer submissos. Até a evasão era um paliativo vergonhoso para eles, quase uma deserção isolada, em vez de lutarem todos juntos.

Tudo foi planejado e iniciado em uma das equipes. Dizem que o ex-coronel Vóronin (ou Vóronov), um caolho, estava na cabeça. Eles também nomeiam o Tenente Blindado Sakurenko. A equipa matou a sua escolta (a escolta da altura, pelo contrário, não era composta por soldados reais, mas sim reservistas). Então eles foram libertar outro time, outro time. Eles invadiram o quartel da escolta e seu próprio acampamento do lado de fora: eles retiraram as sentinelas dos vigias e abriram a área. (Lá a cisão forçada ocorreu imediatamente: o portal foi aberto, mas a maioria dos internos não o atravessou. Foram sentenças curtas, não os levaram à revolta. Foram dez anos, até quinze pelos decretos "Sete oitavos" e "quatro sextos", mas não os levava em conta para receber o artigo 58. Havia também Cinquenta e Oito, mas daqueles que preferiram morrer lealmente de joelhos, tudo menos em pé. E os que correram Eles não necessariamente passaram pelo portal para ajudar os desordeiros: os golfos também fugiram de boa vontade para saquear os assentamentos livres).

Agora armados em nome da escolta (posteriormente enterrados no cemitério de Kochmás), os rebeldes foram e levaram o *lagpunkt* vizinho. Com suas forças reunidas, eles decidiram atacar a cidade de Vorkuta! Foram

apenas 60 quilômetros. Mas e quanto a! Os paraquedistas baixaram como se fossem pousar e ficaram entre eles e Vorkuta. E eles estavam metralhando e dispersando os combatentes rebeldes em vôo baixo.

Posteriormente foram julgados, fuzilados e entregues sentenças de 25 e 10. (Aliás, eles "atualizaram" as sentenças para muitos dos que não participaram da operação, mas permaneceram na área).

Militarmente, seu levante, é claro, foi uma empreitada desesperada. Mas quem vai dizer que foi mais *esperançoso* consumir e morrer lentamente?

Logo depois que os Campos Especiais foram criados, a maioria dos Cinquenta e Oitos foi levada para lá. E que?

Em 1949, no Berlag, na seção de concentração de Nijniy Aturiaj, começou de forma semelhante: eles desarmaram a escolta ; eles levaram 6 ou 8 metralhadoras; invadiram o campo pelo lado de fora, entregaram a guarda, cortaram o telefone; eles abriram o campo. Agora continha apenas pessoas numeradas, marcadas, condenadas e desesperançadas. E que?

Os prisioneiros não cruzaram o portal ...

Aqueles que começaram tudo, e não tinham nada a perder, transformaram o tumulto em fuga: eles seguiram na direção de Mylga como um grupo. Em Elguen-Toskán, tropas e tanques fecharam seu caminho (o general Semiónov comandou a operação).

Eles mataram todos eles. ^[62]

Pergunte a charada: qual é o mais rápido do mundo? E ele responde: pensamento!

Sim e não. O pensamento também pode ser lento, oh quão lento! Lenta e laboriosamente, o homem, as pessoas, a sociedade percebem o que lhes aconteceu. De sua situação real.

Ao concentrar os Cinquenta e Oitos em campos especiais, Stalin quase se divertiu com sua força. Antes, eles não podiam estar mais seguros, mas ele queria ser ainda mais inteligente, fazer ainda melhor. Ele pensou que seria mais terrível assim. Mas saiu ao contrário.

Todo o sistema de opressão desenvolvido em sua época baseava-se na *desunião* dos descontentes; por não se olharem nos olhos, não contaram quantos eram; em convencer a todos, incluindo os próprios descontentes,

que não havia descontentamento, que havia apenas alguns vilões de alma negra, isolados e condenados.

Mas nos Campos Especiais os descontentes foram encontrados em massas de muitos milhares de homens. E eles foram contados. E eles perceberam que não tinham uma alma negra, mas uma concepção de vida superior à de seus carcereiros; do que a de seus traidores; do que a dos teóricos que explicaram por que eles *deveriam* apodrecer em um campo de concentração.

No início, quase ninguém percebeu essa novidade dos Campos Especiais. Exteriormente, tudo corria como extensão do ITL. A única coisa, que os bandidos, o principal suporte do regime de concentração e dos patrões, murcharam rapidamente. Mas a crueldade dos guardas e a maior área de superfície do BUR pareciam compensar essa perda.

No entanto, aconteceu o seguinte: os golfos murcharam e não houve mais roubos no campo. Descobriu-se que a ração de pão poderia ser deixada na mesa de cabeceira. Não coloque os sapatos embaixo da cabeceira da cama à noite, mas jogue-os no chão, e pela manhã eles estariam lá. O frasco de tabaco pode ser deixado na mesa de cabeceira, em vez de esfregá-lo durante a noite no bolso sob a lateral.

Eles parecem bagatelas? Não, é enorme! Os roubos acabaram e os homens começaram a olhar para os vizinhos sem suspeitas e simpatia. Uau, gente, talvez sejamos realmente assim ... *políticos* ...?

E se formos políticos, então também podemos falar com um pouco mais de liberdade, entre dois beliches e no fogo da equipe. Cara, dá uma olhada, claro, para ver quem você tem ao seu lado. Mas no final das contas, que eles estão malditos, que eles começam um resumo, se eu já tenho cinco dólares, o que mais eles podem iniciar?

Toda a velha psicologia da concentração começa a morrer: você morre hoje, eu amanhã; você nunca alcançará justiça de qualquer maneira; assim tem sido, assim será ... E por que você não vai conseguir ...? Por que pode ser "?

Na equipe, as conversas começam em voz baixa que não é sobre a ração de pão ou mingau, mas sobre coisas que você nem vai ouvir lá fora, e cada vez mais livremente! Cada vez mais livremente! Cada vez mais livremente! E o chefe da tripulação perde repentinamente a sensação de onipotência de seu punho. Em alguns líderes de equipe, o punho para de subir completamente; em outros, ele o faz de maneira mais ampla, mais

leve. O próprio líder da equipe, sem tirar uma arma, passa a poder sentar um pouco para ouvir, conversar um pouco. E os de sua equipe passam a vê-lo como um parceiro: se ele também for um *de nós*.

Líderes de equipe chegam à Seção de Planejamento e Produção, à administração, e por meio de dezenas de pequenos problemas - quem cortar ou não cortar a ração, quem destacar e onde - os plugados também sentem isso por meio deles. novo ar, essa auréola de seriedade, de responsabilidade, de um novo significado desconhecido.

E os conectados - embora nem todos, longe disso, sejam contagiosos no momento. Chegando aqui com tanta vontade de tomar posse, agora estão detidos, e por que não deveriam viver tão bem quanto nos ITLs: trancar-se na barraca, fritar batata com bacon, morar um com o outro, separados dos trabalhadores? Pois não! Acontece que isso não é o principal. Como e o que é então ...? É inconveniente gabar-se de vergonha, como no ITL, gabar-se de viver às custas dos outros. E os que estão conectados são amigos entre os trabalhadores e, estendendo no chão seus casacos novos em folha ao lado dos sujos, de boa vontade passam o domingo deitados conversando.

E a classificação principal dos homens acaba por não ser tão rude como nas ITLs - plugados e operários, comuns e cinquenta e oito - mas muito mais complicada e interessante: nacionalidades, grupos religiosos, pessoas experientes, pessoas educadas.

A superioridade ainda levará tempo para entender e perceber algo. Mas os peões não carregam mais bengala e nem rugem como antes. Eles se dirigem aos líderes da equipe de *maneira amigável* : Ok, Komov, é hora de sair para treinar. (Não é que a *alma* dos entregadores tenha mudado , mas que algo novo, perturbador, é palpável no ar).

Mas tudo isso é *lento*. Essas mudanças levam meses, meses e meses. Eles são mais lentos do que os sazonais. Eles não afetam todos os líderes de equipe, todos aqueles que estão conectados, mas apenas aqueles que preservaram no sótão e sob as cinzas algumas brasas de consciência e camaradagem. Mas quem gosta de continuar sendo um canalha permanece tão livre. Ainda não houve uma mudança drástica de consciência, uma sacudida, um heroísmo . O país ainda é tão país quanto antes, estamos todos oprimidos e desamparados, e a única coisa que nos resta, se é que resta, é rastejar por baixo do arame farpado e fugir para a estepe, enquanto eles nos irrigam com metralhadoras e nos assediam com cães.

Idéia ousada, idéia destemida, idéia passo: e como podemos ter certeza de que não fugimos *deles*, mas *eles de nós*?

Bastou *fazer* essa pergunta, para uns poucos chegarem e perguntarem, para alguns outros ouvirem, para que acabasse o tempo das fugas no campo. E o tempo dos motins começará.

Mas começar, como? Por onde começar? Se somos vermelhos aqui, se estamos envoltos em tentáculos, se não temos liberdade de ação, por onde começamos?

A coisa mais simples da vida nem sempre é a mais simples. Parece que mesmo no ITL ocorreu a alguns que os informantes tinham que ser mortos. Eu até lá às vezes me organizava: rolar uma pilha de toras e derrubar um informante na enchente. Bem, não foi tão difícil entender aqui também quais tentáculos começar a cortar.

À primeira vista, todos entenderam. E ninguém entendeu. PR sobre um suicídio. No regimka "quartel dois", encontraram um que se enforcou. (Todas as etapas do processo começo a explicar por Ekibastuz. Mas é característico: nos outros Acampamentos Especiais todas as etapas eram *iguais!*) As autoridades não choraram muito: tiraram-no e levaram-no para o aterro.

Mas um boato corre pela equipe: se ele foi um delator, não se enforcou. *Eles desligaram*.

Um aviso.

Há muitos canalhas no campo, mas o mais farto, rude, atrevido de todos é o gerente da sala de jantar, Timofei S ... ^[63] Seus guarda-costas são cozinheiros jovens e gordos, além dos quais ele recebe servos de um executor de limpeza. Ele próprio e aquele esquadrão espancaram os prisioneiros com punhos e paus. E entre outros um dia, por nada, ele acertou um pequeno "menino" moreno. Mas aquele garoto, agora, no Campo Especial, não é mais apenas um garoto, mas um muçulmano. E não faltam muçulmanos no campo. Eles não são apenas algumas gaivotas. Antes do pôr do sol, eles podem ser vistos na parte leste da área (no ITL eles teriam rido, não aqui) orando, levantando os braços ou pressionando a testa contra o chão. Eles têm seus mais velhos, no novo ambiente eles terão até alguns conselhos. E sua decisão é: vingança!

Certo domingo de manhã, a vítima e com ela um homem de meia-idade entraram no barracão do plugado, enquanto ainda estavam reclinados na cama, entraram no quarto onde está S ... e duas facas esfaquearam rapidamente o gordo .

Mas como tudo isso ainda é imaturo! Eles não tentam cobrir o rosto ou fugir. Diretamente do cadáver, com facas ensanguentadas, tranquilizados pelo dever cumprido, vão à sala dos guardas para se renderem . Eles vão julgá-los.

Todas essas são buscas tateantes. Tudo isso, se você me apressar, pode até acontecer em um ITL. Mas o pensamento cívico vai além: não está aí o elo principal, pelo qual a corrente deve ser quebrada?

"Mate o pomo!" Esse é o link! Uma faca no peito do pomo! Faça facas e esfaquee informantes, aí está!

Agora, enquanto escrevo este capítulo, fileiras de livros humanitários olham para mim de suas prateleiras e, com o brilho opaco de suas costas gastas, eles piscam de novo para mim , como estrelas através das nuvens: nada pode ser obtido no mundo a propósito! violência! Ao empunhar a espada, a faca, o rifle, logo nos colocaremos no mesmo nível de nossos algozes e opressores. E não haverá fim ... Não haverá fim ... Aqui, sentado à mesa, quentinho e limpo, concordo plenamente.

Mas você deve ter recebido vinte e cinco anos à toa, apostou quatro números, sempre teve as mãos para trás, foi revistado de manhã e à noite, desmaiou no trabalho, foi arrastado pelos BURs para denúncias, foi irreversivelmente abalroado para o interior, para que dali, de dentro daquele fosso, todos os discursos dos grandes humanistas pareçam a tagarelice dos livres fartos de comer.

Não haverá fim ...! Mas haverá pelo menos um *começo*? Haverá um raio de luz em nossa vida ou não?

E se não, a conclusão a que chegaram os subjugados: *os bons comem alface, os seios ruins.*

Que delatores também são pessoas ...? Uma dar os guardas pelos quartéis e ler uma ordem para a nossa lição para o todo Pechlag: nos *lagpunkt* femininos tais, duas meninas (pelo ano de nascimento como os jovens foram vistos) levou anti - fala soviéticos. O tribunal é composto por... Execução!

Para essas moças que cochichavam no beliche, que já estavam na coleira há dez anos, que tipo de puta as vendeu, também de coleira ?! Quem

são os informantes ?!

Não houve dúvidas. Mesmo assim, os primeiros golpes não foram fáceis.

Nos outros lugares não sei (começaram a esfaquear *em todos* os Campos Especiais, até em Spassk, para inválidos!), Mas no nosso começou com a chegada de alguns transferidos de Dubovka, principalmente de ucranianos ocidentais, de o OUN ^[ib] Por todo esse movimento eles fizeram muito em todos os lugares, foram eles que fizeram a bola rolar. O movimento de Dubovka nos trouxe o bacilo da rebelião.

Garotos jovens e fortes, recém -saídos do caminho da guerrilha, olharam para Dubovka ao redor, ficaram horrorizados com aquela letargia e submissão e pegaram a faca.

Em Dubovka, isso logo terminou em motim, fogo e dissolução. Mas os mestres do campo, presunçosos , cegos (não encontravam resistência há trinta anos, haviam perdido o hábito), nem mesmo se preocuparam em separar de nós os rebeldes recém-trazidos. Eles foram soltos em todo o campo, espalhados pelas equipes. Foi um truque do ITL: a desintegração, ali, abafou os protestos. Mas em nosso ambiente, que já começava a se purificar, a desintegração só ajudou a acender a chama na massa.

Os recém-chegados saíram para trabalhar com seus equipamentos, mas não abordaram o trabalho, ou apenas se exibiram; eles se deitavam ao sol (era apenas verão!) e conversavam baixinho. Vistos de fora, em momentos como este, eles se pareciam muito com criminosos , especialmente porque eram tão jovens, bem alimentados e vigorosos.

E a *lei* também estava tomando forma , mas uma lei nova e surpreendente: "Que morra hoje à noite aquele que não tem a consciência limpa!"

Agora os assassinatos se tornaram mais frequentes do que as evasões em seu auge. Eles foram realizados com segurança e anonimato : ninguém iria se entregar com uma faca ensanguentada; a si mesmo e a faca foram guardados para outra hora. No horário preferido - cinco da manhã, quando o solitário quartel do carcereiro abriu, eles ainda estavam a caminho para abrir o próximo, e a maioria dos presos ainda estava dormindo - alguns vingadores mascarados entravam silenciosamente na seção designada, se aproximavam do beliche designado. e eles inexoravelmente mataram o traidor já acordado e gritando como um porco, ou mesmo sem acordar. Eles verificaram que ele estava bem morto e saíram com o trabalho concluído.

Eles usavam máscaras e os números não eram vistos, arrancados ou cobertos. Mas mesmo que os vizinhos do morto os reconhecessem pelo gesto, não só não tinham pressa em ir declarar espontaneamente, mas também nos interrogatórios, antes mesmo de as ameaças dos *compadres* já não desistirem, não os tiraram de « não, não, não sei nada, não vi nada ». E não era mais simplesmente a velha regra, bem assimilada por todos os oprimidos: "falar vale uma trompa, e o silêncio vale um ducado". Tratava-se de salvar vidas! Porque *quem quer que ele nomeasse* seria morto às cinco da manhã seguinte, e os favores do comissário não o ajudariam em nada.

E, vejam só, os assassinatos (embora não houvesse mais de uma dúzia) tornaram - se *a norma*, tornaram - se um fenômeno comum. Os presos foram se lavar, receber a ração matinal e perguntaram: você matou alguém hoje? Neste esporte macabro, o gongo subterrâneo da justiça soou aos ouvidos dos prisioneiros.

Foi feito em total sigilo . Alguém (reconhecido como uma autoridade) em algum lugar simplesmente nomeado: *este!* Não era da conta deles quem mataria, em que dia, onde arranjariam as facas. Por outro lado, os *executores*, que estavam encarregados de tudo isso, não conheciam os juízes cuja pena deviam cumprir.

E há que reconhecer - com a não verificação documental da delação! - que este tribunal informal, ilegal e invisível julgou muito mais acertadamente, com muito menos erros, do que todos os juízes, troikas, conselhos de guerra e OSO que conhecemos.

A *rajaduría*, como a chamávamos, funcionou tão bem que se estendeu até o dia, tornou-se quase pública. Um "chefe do quartel" baixo e marcado pela cicatriz, um ex-figurão do NKVD em Rostov, um canalha bem conhecido, foi morto em um dia de domingo na sala de "mergulho". Os costumes tornaram-se tão cruéis que havia multidões: para ver o cadáver ensanguentado.

Outro dia perseguindo o traidor que *vendeu* o túnel sob regimka-barrack 8 (as autoridades, percebendo isso, pegaram os diretores de Dubovka lá, mas a rachadura já estava funcionando perfeitamente sem eles), os vingadores correram com facas Em plena luz do dia na área, o delator, fugindo deles, entrou no quartel do comando, lá o seguiram, ele foi até a sala do chefe da seção de concentração, o barrigudo Major Maximenko, lá o seguiram também. Naquele momento, o barbeiro do campo raspava o ancião em sua cadeira. O mais velho, conforme exigido

pelo regulamento do campo, estava desarmado, pois não era permitido entrar na área com armas. Vendo os assassinos com facas, o homem mais velho apavorado deu um pulo e começou a implorar por misericórdia, percebendo que agora eles iriam matá-lo. Aliviado, viu o pomo sendo apunhalado diante de seus olhos. (Ninguém tentou atacar o major. A regra do movimento que estava começando era matar apenas os informantes, os guardas e os oficiais, e deixá-los). Mesmo assim, o major saltou da janela, sem terminar de se barbear, com o guardanapo branco, e correu para a guarita, gritando como um condenado: “Vigia, atira! Cuidado, atire! ” Mas o miradouro não disparou ...

Houve um caso em que o informante não estava bem morto, ele fugiu e se refugiou, morto a facadas, na enfermaria. Lá eles o operaram, eles o enfaixaram. Mas se até mesmo um homem mais velho tivesse medo de facas, a enfermaria poderia salvar um delator? Depois de dois ou três dias, eles acabaram com ele na cama do hospital ...

De cinco mil homens eles não teriam matado mais de uma dúzia, mas a cada estocada os tentáculos que nos envolviam caíam, que nos agarraram. Eles tinham ares incríveis! Exteriormente, parecia que ainda éramos prisioneiros como antes no campo, mas na realidade éramos *livres*, livres, porque pela primeira vez em toda a nossa vida, até onde a nossa memória alcançava, dizíamos abertamente, em voz alta, tudo o que pensávamos ! Quem não passou por essa transformação não pode imaginar !

E os informantes não explodiram ...

Até então, a Seção de Operações poderia deixar quem quisesse na área durante o dia, tê-lo ali por horas e horas: para receber reclamações? Para dar a ele novas missões? Para obter os nomes dos prisioneiros fora do comum, que ainda não tinham feito nada, mas podiam fazer? Suspeita de ser o centro de resistência futura?

E à noite a equipe voltava e perguntava ao parceiro: "O que é que eles chamaram você?" E sempre, rezando falando a verdade, rezando descaradamente fingindo , o homem respondia: «Nada, andam me mostrando fotos» ...

De fato, nos anos do pós-guerra, muitos presos viram fotos de pessoas que eles poderiam ter encontrado durante a guerra para identificação . Mas eles não podiam, e não era essa a intenção, ensiná-los *a todos*. Em vez disso, todos se desculparam: amigos e traidores. A suspeita foi plantada entre nós e obrigou cada um a fechar a boca.

Em vez disso, agora a atmosfera estava livre de suspeitas ! Agora, mesmo que os operativos ordenassem que alguém saísse das fileiras, *elas não ficariam!* Surpreendente! Inédito em todos os anos de existência da Cheka-GPU-MVD! O convocado não se aproximou com o coração batendo, ele não correu com uma carinha de bolinha, mas orgulhoso (toda a equipe estava olhando para ele!) Ele se recusou a ir! Uma escala invisível balançou no ar acima das fileiras. Em um de seus discos estavam empilhados todos os fantasmas conhecidos: delegacias de polícia , punhos, paus, insônia, celas em pé, celas frias e úmidas, ratos, percevejos, tribunais, segunda e terceira sentenças. Mas tudo isso não era no momento, era um moinho de ossos que não conseguia engoli-los todos de uma vez e moê-los em um dia. E depois de passar por isso, as pessoas, mal do que mal, foram deixadas com vida, afinal todos que estavam aqui passaram por isso.

No outro prato havia apenas uma faca, mas essa faca era destinada a você, como você faria! Ele estava mirando no seu próprio peito , e Deus não sabe quando, mas amanhã de madrugada, e todas as forças do Chechagébé não puderam te salvar dele! Não foi nem longo, apenas o suficiente para chegar profundamente entre suas costelas. Não tinha nem cabo, um pouco de fita isolante em volta da parte romba, só o suficiente para dar uma boa fricção, para que a faca não escorregasse da sua mão!

E essa ameaça mortal poderia fazer mais! Ele deu a todos os fracos forças para arrancar as sanguessugas e passar por eles, com o resto da equipe. (Ele também deu uma boa justificativa depois: nós já teríamos ficado, chefe cidadão! Mas tínhamos medo da faca ... Ela não te ameaça, nem imagina) ...

Mais ainda. Eles não apenas pararam de atender aos telefonemas dos comissários e outros chefes do campo, mas também tiveram medo de jogar qualquer envelope, qualquer folha rabiscada, na caixa de correio pendurada na área, ou nas caixas de recursos para organizações de alta. Antes de enviar uma carta ou instância, perguntariam a alguém: «Aqui, leia, para ver que não é uma reclamação. Iremos juntos e expulsá-la.

E agora é quando a superioridade ficou cega e surda!

Aparentemente, o ancião barrigudo e seu ajudante capitão Prokofiev, também barrigudo, e todos os guardas, caminharam livremente pela área , onde nada os ameaçava, moveram-se entre nós, olharam para nós, mas não viram nada! Porque sem reclamar, um homem fardado não pode ver nem ouvir nada: quando se aproximam, ficam calados, dão meia-volta,

escondem-se, vão embora ... algures, ali ao lado, estavam consumidos pela vontade de vender os seus melhores confidentes aos seus companheiros Mas nenhum deles fez nem mesmo um sinal disfarçado.

Aquele famoso sistema de informantes, no qual a aura dos todopoderosos *Órgãos* oniscientes havia se baseado exclusivamente por décadas, deixou de funcionar .

Aparentemente, as mesmas equipes foram para os mesmos trabalhos (bem, nós também concordamos em resistir à escolta, não deixá-lo mudar de linha, contar uns aos outros enquanto caminhávamos, e conseguimos! Não há mais informantes entre nós, porque também os soldados têm menos força). Eles trabalharam honestamente para realizar o plano. Eles voltaram e deixaram que os guardas os revistassem, como antes, embora as facas nunca os encontrassem !) Mas, na realidade, as equipes, formadas artificialmente pela administração, não uniam mais o povo, mas agrupamentos humanos muito diferentes e, acima de tudo, nacionalidades. Fora do alcance dos informantes, centros nacionais nasceram e se fortaleceram: ucraniano, muçulmano unido , estoniano, lituano. Ninguém os havia escolhido, mas eles foram formados com tal justiça, pela idade, experiência, sofrimento passado, que sua autoridade dentro de sua nacionalidade não foi contestada. Aparentemente, surgiu também um órgão consultivo conjunto, uma espécie de "soviete de nacionalidades".^[64]

As equipes continuavam iguais e em igual número, mas algo estranho: em campo começaram a *faltar líderes de equipe!* Inédito no GULAG! No início, seu declínio foi natural: um foi para a cama na enfermaria, outro foi para as oficinas e chegou a hora de outro ser liberado. Mas os chefes sempre tinham uma multidão de carreiristas de reserva, ansiosos para conseguir uma vaga de chefe de equipe para o bacon, para uma camisa. Agora, por outro lado, não só não havia voluntários, mas havia chefes de equipe que todos os dias atordoavam a Seção de Planejamento e Produção, pedindo que fossem retirados o mais rápido possível.

Houve um tempo em que os velhos métodos de líderes de equipe - expulsar o trabalhador para outro bairro - não funcionavam mais, e inventar novos não estava ao alcance de todos. E logo os chefes de equipe ficaram tão mal que o encarregado veio a uma seção da equipe para fumar um cigarro, para conversar um pouco, e começou a perguntar: «Cara, como você vai continuar sem chefe? equipe, não pode ser! Olha, escolha qualquer um de vocês, vamos nomeá-lo no momento! "

Isso começou especialmente quando os líderes da equipe começaram a *fugir para o BUR*, para se esconder na prisão de pedra! Não apenas eles, mas também capatazes sem alma, como Adaskin; informantes prestes a serem descobertos, ou que se sentiam os próximos na lista, de repente estremeceram e *fugiram!* Até ontem eles foram corajosos entre o povo, até ontem eles se comportaram e falavam como se estivessem comemorando o que estava acontecendo (agora você tenta falar entre os presos de uma maneira diferente!), Até ontem à noite eles tinham dormido no quartel de todos (Quem sabe se eles dormiram ou passaram a noite tensos, dispostos a se defender, e juraram para si mesmos que essa era a última noite), e hoje desapareceram! E o ordenança é enviado: Coisas de fulano, leve-as ao BUR.

Foi um novo momento na vida do Acampamento Especial, de um para o outro um tanto sinistro! Em outras palavras, nós não fugimos, *eles fugiram*, nos purificando de sua presença! Uma época sem precedentes, impossível na terra: quem não tem a consciência limpa não pode ir para a cama em paz! A expiação não chega a ele no outro mundo, não perante o tribunal da história, mas uma expiação tangível e viva levanta uma faca sobre ele ao amanhecer. Isso só pode ser inventado em um conto de fadas: a terra da região, sob os pés dos homenageados, é macia e quente, mas sob os pés dos traidores ela fura e queima! É desejá-lo para o espaço sideral, para a zona, para nossa *liberdade*, que nunca viu nada parecido, nem pode ver.

A sombria pedra BUR, já ampliada, acabada, com suas janelas, seus "focinhos" cobrindo -as, úmidas, frias e escuras, rodeadas por uma forte paliçada de quarenta e uma contra uma tábua, a BUR, tão carinhosamente preparada pelos mestres Do acampamento para os refratários, para os fugitivos, para os teimosos, para os manifestantes, para os bravos, de repente tornou-se um lar de retiro para delatores, traidores e assassinos!

Não se pode negar a engenhosidade ao primeiro a quem lhe ocorreu fugir com as damas e em pagamento de seus extensos e leais serviços, para pedir-lhes que o protegessem da ira popular no saco de pedra. Que queriam uma prisão mais segura, que não fugiram *da* prisão, mas *para a* prisão, consentir voluntariamente em deixar de respirar ar puro, em deixar de ver a luz do sol, parece-me que o H istoria não nos deixou exemplos!

Os gerifaltes e comissários ficaram com pena dos primeiros, deram as boas-vindas: seu povo apesar de tudo. Eles os equiparam com a melhor cela do BUR (as piadas do campo chamavam de *reserva*), forneceram colchões,

ordenaram que esquentassem mais e estabeleceram uma caminhada de uma hora.

Mas depois do primeiro, outros estavam chegando, com menos recursos, mas igualmente ansiosos para viver. (Alguns tentaram manter a cara mesmo durante a fuga: quem sabe, talvez tenhamos que voltar e viver entre os prisioneiros? O arqui-diácono Rudchuk fugiu para o BUR com uma paripe: após o toque de recolher os guardas entraram no quartel, eles representavam os Rudchuk foi "preso" e levado embora, mas logo o campo soube com absoluta certeza que o orgulhoso arqui-diácono, apaixonado por pincel e violão, também estava naquela mesma estreita "preserva"). Já passou das dez, quinze, vinte! (Eles também eram chamados de "equipe Machekhovsky", em homenagem ao sobrenome do chefe do regime). Uma nova célula deve ser instalada, reduzindo a superfície produtiva do BUR.

No entanto, os informantes são úteis e necessários apenas enquanto estiverem envolvidos na massa e enquanto não forem descobertos. Um pomo descoberto não vale mais nada, não tem mais utilidade neste campo. E agora é preciso mantê-lo e alimentá-lo gratuitamente no BUR, sem trabalhar na produção, sem justificativa. Não, mesmo a caridade MVD tem que ter limites!

E o influxo daqueles que imploravam por salvação foi interrompido. Aqueles que se atrasaram tiveram que ficar sob a pele de carneiro e esperar pelo punhal.

A traição agrada, o traidor fica furioso.

O que preocupava as autoridades eram as contra-medidas, como deter o movimento ameaçador no campo e quebrá-lo. A primeira coisa a que estavam acostumados e a que se apegavam era escrever ordens.

Os senhores de nossos corpos e almas de forma alguma queriam reconhecer que nosso movimento era político. Em ordens furiosas (os guardas percorreram os quartéis e os leram) o que começou foi o *banditismo*. Assim ficou mais simples, mais compreensível, mais familiar, aparentemente. Já faz tanto tempo que bandidos foram enviados aqui sob a bandeira de "políticos"? Por enquanto, os políticos - pela primeira vez políticos! - tornaram-se "bandidos".

Foi declarado em tom incerto que esses bandidos seriam descobertos (no momento nenhum) e (ainda mais inseguro) fuzilados. As ordens também apelavam à massa dos detidos: para *condenar* os bandidos e *combatê-los*...!

Os detidos ouviram e saíram rindo de si mesmos. No fato de que os dirigentes do regime tinham medo de chamar o político de político (apesar do fato de que todo processo agora consistiu em inventar "política" onde não havia), sentimos sua fraqueza.

E era uma fraqueza! Chamar o movimento de banditismo era, por sua vez, um subterfúgio: assim, a administração da concentração não incorria em responsabilidades, pois havia tolerado um movimento político no campo. Esta vantagem e esta necessidade estendiam-se também mais alto: às direcções provinciais do MVD, às direcções dos campos de concentração, ao GULAG, ao próprio Ministério. Um sistema que está constantemente com medo de informações gosta de se enganar. Se eles tivessem matado guardas ou oficiais do regime, teria sido difícil para eles evitar o artigo 58-8 - terrorismo -, mas também teriam a possibilidade fácil de atirar. Em vez disso, agora tinham a tentadora possibilidade de colorir o que acontecia nos Campos Especiais com a cor *da guerra canina*, que naquele momento abalava o ITL e que fora provocada pelas próprias autoridades do GULAG.^[65]

Assim, eles se justificaram. Mas também se privaram do direito de atirar em assassinos no campo, ou seja, da possibilidade de tomar contra-medidas eficazes. E eles não podiam se opor ao movimento crescente.

As ordens não surtiram efeito. A massa detida não começou a *condenar* e *lutar* no lugar de seus senhores. E a próxima medida foi: colocar todo o campo sob um regime disciplinar! Isso significava que todo o nosso tempo livre, exceto o que passávamos no trabalho, e todo o domingo, passávamos a sete chaves, como na prisão, usar os mergulhos e até comer comida no quartel. Começaram a distribuir a *balanda* e o mingau em grandes barris espalhados pelo quartel, enquanto a sala de jantar estava vazia.

Este regime foi doloroso, mas não durou muito. Na produção começamos a trabalhar com tanta pachorra que a carvoeira deu um grito. E acima de tudo, constituía uma sobrecarga extra para os atendentes, que agora tinham que ficar correndo o tempo todo com as chaves: ora deixar sair o pedido e deixar voltar com os mergulhos, ora distribuir a comida, ora grupos de escolta até a seção sanitária, agora de volta ao quartel.

O objetivo das autoridades era que passássemos por momentos difíceis, ficássemos indignados com os assassinatos e entregássemos os assassinos. Mas todos decidimos sofrer, para resistir, valeu a pena! Havia

outro propósito: que o quartel não fosse aberto, para que os assassinos de outro quartel não pudessem entrar, porque encontrá-los dentro parecia mais fácil. Mas, vejam só, outro assassinato ocorreu, e novamente ninguém "tinha visto nada" ou "sabia de nada". Então eles colocaram sua cabeça para baixo no trabalho, contra isso os quartéis fechados não eram mais uma defesa.

Eles cancelaram o regime disciplinar. Em vez dele, eles planejaram que construíssemos "a grande muralha da China". Era uma parede de dois tijolos de espessura e cerca de quatro metros de altura, que ergueram no meio da área, de parte a parte, para separar o campo em duas metades, mas por enquanto deixando um degrau. (A ideia era a mesma em todos os Campos Especiais. Essa compartimentação de grandes áreas em pequenas ocorreu em muitos outros lugares). Como a empresa não ia custear esta obra - para ela era inútil - todo o seu peso - tanto a preparação dos adobes, como a sua secagem, bem como o seu transporte até ao local, bem como a própria construção - ficou a cargo de nós, aos nossos domingos e noites (verão, claro) após nosso retorno do trabalho. Ficamos muito bravos com aquele muro, entendemos que as autoridades estavam preparando um, mas tinha que ser erguido. Ainda tínhamos muito pouca libertação: nossas cabeças e bocas, mas dos ombros para baixo ainda estávamos mergulhados no pântano da escravidão.

Todas essas medidas - ameaças de ordens, regime disciplinar, muro - foram rudes, muito típicas da mentalidade carcerária. Mas o que acontece? De repente, sem mais nem menos, eles convocam uma equipe, outra, outra, para a sala do fotógrafo, e os retratam, também com educação, não com o colar de números no peito, não com a cabeça assim Incline, mas sente-se da maneira que for mais confortável, veja como quiser. E por uma frase "temerária" do chefe da Seção Educacional-Cultural, os trabalhadores aprendem que "retratam para documentos".

Mas quais documentos? Que documentação um preso pode ter ...? Há esperança entre os crédulos: talvez o que eles estejam preparando sejam passes para isenções de escolta? Ou talvez...? Ou talvez...

Outro dia é um carcereiro que volta da licença e conta em voz alta para outro (mas na frente dos internos) que no caminho viu trens inteiros de libertos, com placas, com galhos verdes, voltam para casa.

Senhor, como seu coração bate! Mas se for mais do que tempo! Se é onde deveria ter começado depois da guerra! Isso realmente começou?

Dizem que alguém recebeu uma carta de sua casa: seus vizinhos se libertaram, já estão em casa!

De repente, eles convocam uma das equipes fotografadas diante de uma comissão. Vá passando um por um. Atrás de uma toalha de mesa vermelha, sob o retrato de Stalin, estão os nossos do campo, mas não só eles: são dois estranhos, um cazaque, outro russo, eles nunca estiveram aqui. São sérios, mas com alegria, preenchem um formulário: sobrenome, nome, patronímico, data de nascimento, local de nascimento, mas depois, em vez do usual artigo, frase, fim de frase, diz: estado civil, Detalhe da situação familiar, esposa, pais, se tem filhos, com que idade, onde moram, juntos ou separados. E tudo isso é apontado ...! (Agora um, agora outro membro da comissão lembra o secretário: escreva isso também, isso também!)

Perguntas estranhas, dolorosas e agradáveis! Mesmo os mais endurecidos eles trazem gratidão e até vontade de chorar! Ele só ouve latidos sincopados há anos e anos: artigo? pena? Ditado por? E de repente ele vê alguns policiais sentados sem qualquer raiva, formais, humanos, que lentamente, com simpatia - sim, com simpatia - lhe perguntam sobre o que ele tem tão fundo que ele mesmo tem medo de tocar, às vezes tu vais falar umas frases para o teu vizinho no beliche, ou nem isso ... E esses oficiais (já te esqueceste ou perdoas que este mesmo tenente, no último dia 2 de outubro, ^[ic] você mesmo tirou e quebrou sua foto de família) ... esses policiais, sabendo que sua esposa se casou com outro, e que seu pai já está muito doente, não espera ver o filho de novo Eles apenas estalam a língua em contrição, olham um para o outro, balançam a cabeça.

Se não são tão ruins, também são gente, é trabalho deles que é assim ... E, depois de anotar tudo , fazem a cada um a última pergunta:

"Bem, onde você gostaria de *morar* ...?" Lá onde seus pais, ou onde você morou antes ...?

-Como? Os olhos do prisioneiro se arregalam. Eu ... no quartel sete ...

"Já sabemos disso!" Riam dos oficiais. Perguntamos onde *você gostaria de* morar. Suponha, para um caso, que você foi liberado, para qual local você teria que fazer a documentação?

E o universo inteiro começa a girar diante dos olhos do detido, cacos de sol, raios de arco-íris ... Com a cabeça ele entende que isso é um sonho, um conto de fadas, que não pode ser, que a sentença é de vinte e cinco ou dez, que nada mudou, que tudo está enlameado de barro e aí voltará amanhã

... mas vários oficiais, dois mais velhos, sentados, sem pressa, insistiram em amigos:

"Bem, onde, onde?" Dê um site.

E com o coração batendo forte, em meio a ondas calorosas de gratidão, como um menino, ficando vermelho, dizendo o nome de uma menina, ele entrega o segredo de seu coração: onde gostaria de passar o resto de seus dias em paz, se não fosse um arqui-mal recluso com quatro números.

E eles apontam! E eles pedem que o próximo entre. Enquanto isso, o primeiro pula para o corredor com os meninos e eles contam como foi.

Uma a uma, as equipes vão entrando e respondendo as perguntas dos amistosos oficiais. E entre cinquenta, apenas um dirá com uma risada:

"Está tudo bem aqui na Sibéria, só que faz calor." Poderia estar atrás do círculo polar?

O bem:

Escreve: Nasci no campo, vou morrer no campo, não sei de lugar melhor.

Repetiram o número com duas ou três equipes (em campo são duzentas). O campo ficou agitado por alguns dias, havia o que discutir! Embora eu não ache que ele acreditou nem um pouco, esses tempos passaram, esses tempos passaram! Mas a comissão não se reunia mais. Fotografar era barato: eles tiravam fotos com câmeras vazias. Mas para tantas pessoas sentadas ali, fazendo perguntas amorosas a esses canalhas, faltava-lhes paciência. Bem, se eles perdessem, sua montagem inescrupulosa não funcionaria mais.

(Mas notemos: que sucesso! Em 1949, foram criados campos com um regime feroz - claro, para a eternidade. E já em 1951 os mestres foram obrigados a dar aquele show de bochechas. Que maior admissão de sucesso? Por que o ITL nunca teve que fazer essas comédias?)

E as facas brilharam novamente.

E os mestres decidiram *agarrar*. Sem informantes, eles não sabiam ao certo quem procuravam, mas ainda assim, tinham algumas suspeitas e deduções (e talvez alguns deles conseguissem secretamente receber reclamações).

Dois guardas entram em um quartel, depois do trabalho, um dia todos os dias, e dizem: "Pega, vamos embora."

Mas o prisioneiro olha para seus companheiros e diz:

-Não vou.

E realmente! E n esse *aperto* simples e comum , ou prisão, a que nunca resistimos, viemos a tomar como o curso do destino, verifica - se que existe esta possibilidade: Não vou! Nossas cabeças libertadas agora entendidas!

"O que você quer dizer com não vai?" Os ordenanças aumentaram o tom.

"Bem, eu não vou!" O recluso respondeu com firmeza. Estou bem aqui agora.

"E para onde ele tem que ir ...?" E por que ele vai ter que ir ...? Não vamos dar a você ...! Não vamos dar a você ...! Lado de fora! Eles começaram a gritar de todos os lugares.

Os guardas se viraram, se viraram e foram embora.

Eles tentaram outro quartel, era o mesmo.

E os lobos entenderam que não éramos mais os cordeiros de antes. Que agora eles tinham que nos pegar de surpresa, ou na guarita, ou um destacamento inteiro contra um. Mas isso fora da multidão eles não nos tirariam mais.

E nós, libertos da praga, redimidos de espões e bisbilhoteiros, olhamos um para o outro e vimos claramente que éramos milhares! que éramos *prisioneiros políticos!* que já *resistíamos!*

Quão sabiamente foi o elo a ser cortado para quebrar a corrente escolhida, os informantes! Os delatores e traidores! Nosso próprio irmão foi quem não nos deixou viver. Quanto aos sacrifícios pagãos, seu sangue foi derramado para nos libertar da maldição que pesava sobre nós.

A revolução estava amadurecendo. Seu pequeno vento, que parecia ter diminuído, entrou agora em nossos pulmões como um furacão!

XI

Nós tateamos as correntes

Agora, quando entre nós e nossos carcereiros uma vala não havia mais sido cavada, mas se aprofundou e se transformou em um abismo, estávamos cada um em sua margem, medindo-se com os olhos; e agora que...?

Naturalmente, que estávamos "de pé" é um ditado. *Fomos* trabalhar todos os dias com os nossos *renovados* chefes de equipa (quer escolhidos em segredo, depois de os convencer de que deviam prestar este serviço à causa comum, ou os mesmos velhos, mas irreconhecíveis, simpáticos, atenciosos), chegámos a tempo. Na formação cumprimos, não havia refratários, e trouxemos bons resultados da área de produção, para que, à primeira vista, os donos do campo ficassem felizes conosco. E nós também poderíamos ser felizes com eles: eles haviam perdido totalmente o hábito de gritar conosco, de nos ameaçar, não nos deixavam mais tontos com masmorras de besteira, e não perceberam que tínhamos parado de tirar os bonés na frente deles. O Major Maximenko na hora do treino matinal ainda estava de cama, mas à tarde gostava de sair para ver as colunas, chegando ao posto da guarda, e enquanto eles estavam lá, largava a piada. Ele olhou para nós com a benevolência cansada com que algum latifundiário ucraniano, lá no Tauride, podia examinar seus inúmeros rebanhos vindos da estepe. Eles até começaram a nos dar filmes de um domingo para o outro. E eles apenas nos injetaram como antes com a construção da "Grande Muralha da China".

Mas, apesar de tudo, nós e eles estávamos pensando tensos: e agora? Não poderia ser assim: não era suficiente para nós e não era suficiente para eles. Alguém teve que descarregar o golpe.

Mas o que podemos esperar? Já *falávamos em voz alta*, sem medo, tudo o que nos ocorria, tudo o que havíamos acumulado (gozar da liberdade de expressão até nesta área, mesmo nesta altura da vida, que fofo foi!) Mas

será que podemos esperar estender essa liberdade depois da zona ou sair ai com ela? Não Claro. Então, que outras demandas *políticas* poderíamos fazer? Não podíamos nem pensar neles! Não vamos dizer que foram impossíveis e desesperadores, é que nem sequer pensamos neles! Em nosso campo, não podíamos exigir que todo o país se transformasse, nem que desistisse dos campos de concentração: eles teriam jogado bombas contra nós de aviões.

Teria sido natural para nós exigir que eles revisassem nossos *arquivos*, que removesses nossas condenações injustas, proferidas em vão. Mas isso também parecia desesperador para nós. Naquela atmosfera geral de terror que se adensava pelo país, grande parte de nossos processos e nossas convicções pareciam aos juízes totalmente justificados, e talvez até nos tivessem convencido! E aí a revisão dos arquivos não é uma coisa tangível, a multidão não percebe, com a revisão é assim que seríamos mais facilmente enganados: prometendo, atrasando, vindo uma comissão, depois outra, pode durar anos. E se pelo menos um deles for repentinamente declarado solto e levado embora, então vá e verifique se não é para ser fuzilado, se não está em outra prisão, se não é para uma nova sentença!

Bem, a *Comissão* já não tinha nos mostrado como essa comédia poderia ser encenada? Sem crítica nem nada, iam mandar-nos a todos para casa ... O que todos concordávamos, e não havia dúvida, era suprimir o mais humilhante: que à noite não fechavam o quartel e retiravam os mergulhos ; para suprimir os números; que nosso trabalho não era totalmente gratuito; que nos autorizará n 12 cartas por ano. (Mas tudo isso, tudo, e até 24 cartas por ano, já tínhamos na ITL, e você poderia morar lá?)

Por outro lado, ao reivindicar a jornada de 8 horas, não houve sequer unanimidade ... Estávamos tão desacostumados com a liberdade que nem parecíamos querer ...

Os *caminhos* também foram discutidos : como levantá-lo? o que fazer? Era claro que sem armas não poderíamos fazer nada contra um Exército moderno, pois nosso caminho não era a rebelião armada, mas sim o ataque. Durante isso, poderíamos, por exemplo, arrancar nós mesmos os números.

Mas o sangue que corria em nossas veias ainda era de servos, de escravos. Tirarmo-nos todos juntos, os cães em grande número, parecia-nos um passo tão temerário, tão desavergonhado, tão irreversível como, digamos, sair à rua com metralhadoras. Quanto à palavra "greve", nos parecia tão terrível que buscamos apoio na greve de fome: se a

começássemos junto com uma greve de fome, nosso direito moral de não trabalhar parecia aumentar . Ainda parecia que tínhamos alguns direitos sobre a greve de fome, mas apenas fazer greve? Aqui, crescemos geração após geração, tendo a palavra arqui-perigosa e contra-revolucionária "ataque" no mesmo nível que " Entente, Denikin, sabotagem, kulak, Hitler".

Assim, planejando voluntariamente uma greve de fome totalmente desnecessária, partimos para deliberadamente minar nossa força física na luta. (Felizmente, depois de nós nem um único campo, pelo que eu sei, ele repetiu esse erro de Ekibastuz.)

Também estávamos preparando os detalhes dessa possível greve de fome. O regime disciplinar que eles recentemente aplicaram a nós nos ensinou que, em resposta, eles naturalmente nos trancariam em quartéis. Como nos comunicaríamos uns com os outros? Como trocar resoluções sobre o curso posterior da greve? Alguém teve que inventar e unificar um sistema de sinais entre os quartéis, e de qual janela para qual janela eles seriam visíveis e dados.

Tudo isso foi falado aqui e ali, em um pequeno grupo e em outro, era visto como algo inevitável e desejável, mas, ao mesmo tempo, por falta de hábito, como algo impossível. Não podíamos imaginar aquele dia em que finalmente nos encontraríamos, concordaríamos, tomaríamos uma decisão e ...

Mas nossos carcereiros, abertamente organizados em escala militar, mais acostumados a agir e com menos a perder com a ação do que com a inação, atacaram antes de nós.

E então a bola rolou ...

Com paz e tranquilidade celebramos em nossos beliches habituais, em nossas equipes habituais, quartéis, seções e esquinas o ano novo de 1952. E no domingo, 6 de janeiro, véspera de Natal ortodoxa, quando os ucranianos ocidentais se preparavam para celebrá-lo em grande estilo, para assar seu doce mel, rápido até a estrela aparecer e então cantar canções de natal, pela manhã após a contagem nos trancaram e não abriram mais.

Ninguém esperava isso! Eles o prepararam secretamente, traiçoeiramente! Pelas janelas, vimos que cerca de cem presos com todos os seus pertences estavam sendo retirados do quartel vizinho e levados para a guarita.

Uma transferência ...?

Agora venha aqui. Guardiões. Oficiais com fichas. E pelas fichas que eles estão pagando. Saia com todas as suas coisas ... e com os colchões como estão, cheios!

Nossa, é isso! Uma redistribuição! Eles colocaram um posto de controle na brecha da muralha da China. Amanhã será coberto. E eles nos tiram e levam centenas de nós, com bolsas e colchões, como refugiados de algum incêndio, para dar a volta no campo e, por outro posto de guarda, para a outra área. Por outro lado, outros vêm ao nosso encontro dessa área.

Todas as cabeças estão passando: quem eles levaram? Quem eles deixaram? Como entender o significado de redistribuição? E logo a ideia dos mestres está surgindo: da metade (*lagpunkt 2*) eles deixaram apenas os ucranianos, cerca de dois mil. Na metade para onde eles nos trouxeram, que será *lagpunkt 1*, haverá cerca de três mil de todas as outras nacionalidades : russos, estonianos, lituanos, letões, tártaros, caucasianos, georgianos, armênios, judeus, poloneses, moldavos, alemães e todos os tipos de pessoas casuais, reunidas nos campos de batalha da Europa e da Ásia. Um e indivisível, também. (É curioso. A mente do MVD, que deveria ser iluminada pela doutrina socialista e internacionalista, segue o mesmo velho caminho de divisão por nacionalidades).

Os times antigos são desmontados, os novos são montados, eles vão para objetivos diferentes, vão morar em outros quartéis com isso , uma bagunça! Antes de esclarecermos, não será um domingo, mas uma semana inteira. Muitos laços se quebraram, muitas pessoas se misturaram, e a greve, que parecia tão madura, foi cortada ... Eles acertaram!

No *lagpunkt* dos ucranianos toda a enfermaria, a sala de jantar e o clube foram dados. No nosso, em troca, o BUR. Os ucranianos, os Benderistas, os rebeldes mais perigosos, foram separados do BUR. Para que?

Logo descobrimos o porquê. Há um boato crível no campo (vem dos meninos que levam a balanda para o BUR) de que os informantes, em sua "reserva", se animaram: prendem os suspeitos com eles (pegaram dois ou três aqui lá), e os informantes torturam na cela, afogam, espancam, obrigam a cantar, a dar sobrenomes! *Quem mata ??* Agora é quando todo o propósito é descoberto: *tortura!* Não a própria matilha é torturada (possivelmente eles não receberam permissão, pode haver problemas), mas eles a confiam aos informantes: procure seus assassinos! Coragem, você não precisa injetá-los. E então eles justificam o pão que comem, esses parasitas. É por isso que

afastaram os benderistas do BUR, para que não o ataquem. Eles confiam mais em nós: somos pessoas submissas e vindos de muitos lugares, não vamos concordar. Os desordeiros estão lá. E a parede mede quatro metros.

Mas quantos historiadores profundos escreveram livros inteligentes, e essa misteriosa ignição das almas humanas, esse misterioso início de explosões sociais, não aprenderam a predizê-lo, ou mesmo a explicá-lo depois!

Tem hora que você está colocando estopa acesa embaixo de uma tora e nada, não acende. Mas uma faísca salta da chaminé e toda a aldeia arde.

Nossos três mil não tinham se preparado para nada, não estavam prontos para nada, mas à noite voltavam do trabalho e, de repente, no barracão ao lado do BUR começaram a desmontar seus beliches, a arrancar travessas e suportes do assoalho e na escuridão (havia um lugar semi-escuro de um lado do BUR), eles correram para afundar a cerca sólida em volta da prisão do campo com essas tábuas. Não tinham machados nem barras de ferro, porque não tem na região, enfim, talvez pegassem emprestado um ou dois das oficinas.

As batidas soaram como se uma boa equipe de carpinteiros estivesse trabalhando, as primeiras pranchas cederam, depois começaram a separá-las e o estalar dos pregos de dez centímetros ecoou pela área. Parecia que não era hora de trabalhar carpinteiros mas, apesar de tudo, os ruídos eram trabalhosos e demorou a notá-los nos miradouros, e nos serventes, e nos operários dos outros quartéis. A vida da tarde continuou seu curso: algumas equipes foram jantar, outras voltaram, uma foi para a enfermaria, outra para o guarda-volumes, outra para pegar um pacote.

Mas apesar de tudo, os guardas ficaram alarmados, foram para o BUR, para aquela parede sombria onde as coisas ferviam, foram chamuscados e voltaram, para o quartel de comando! Alguém com uma vara também perseguiu um ordenança. E para completar a música, outra pessoa, com pedras ou um pedaço de pau, começou a quebrar as janelas do quartel de comando. Sonora, feliz, ameaçadoramente as janelas dos patrões estavam se quebrando!

Porém, a ideia dos meninos não era levantar levante, nem mesmo tirar o BUR, não foi fácil, mas foi ensopar a cela dos informantes pela janela e botar fogo nela, que aprendam! Uma dúzia de homens entrou na lacuna da cerca BUR para isso. Agitação: que cela é, e se for esta janela, e se

destravar o cano, me passe o balde, mas do ponto de vista metralhadoras começaram a chacoalhar, e não conseguiram botar fogo nela.

Eram os guardas e o líder do regime Machekhovsky, quando ele fugiu da área (Machekhovsky também foi perseguido com uma faca, ele correu pelo galpão da oficina até o mirante na esquina gritando: "Vigia, não atire! Amigos!" , e escalou a antezona), ^[66] I você que notificou a divisão de escolta. Dali (onde poderíamos saber os sobrenomes dos comandantes?) Mandaram por telefone aos mirantes dos ângulos que abrissem fogo de metralhadora contra três mil pessoas desarmadas, que ainda nada sabiam do ocorrido. (Nossa equipe, por exemplo, estava na sala de jantar, e toda aquela salada de caça, ficamos maravilhados, ouvimos lá).

Por uma ironia do destino que aconteceu no dia 22, ou pelo calendário antigo, no dia 9 de janeiro, dia que até aquele ano ficou marcado no calendário como dia de luto em homenagem ao *Domingo Sangrento*. ^[id] Por outro lado, tivemos uma terça-feira sangrenta e muito mais confortável para os algozes do que em Petersburgo: não era uma praça, mas a estepe, e não ^[67] havia testemunhas, nem jornalistas, nem estrangeiros.

No escuro, eles começaram a metralhar a área ao acaso. É verdade que eles não atiraram por muito tempo, a maioria das balas, talvez, passou alto, mas houve algumas que pousaram. E de quantos um homem precisa? As balas atravessaram as finas paredes do quartel e feriram, como sempre acontece, não quem roubou a prisão, mas outros que nada tiveram a ver com isso. Mas agora eles tinham que *esconder* essas feridas , não ir para a enfermaria, para serem curados como cães: por causa das feridas eles podiam ser considerados amotinados, eles tinham que arrancar alguém da massa uniforme! No barracão 9, um velho pacífico foi morto em seu beliche, terminando sua sentença de dez anos: no mês seguinte foi solto; seus filhos mais velhos serviram no mesmo exército que nos tirou dos pontos de vista.

Os agressores saíram do pátio da prisão e correram para o quartel (ainda tinham que remontar os beliches, para não dar pistas). E muitos outros também deduziram dos tiros que era preciso ficar dentro do quartel. Mas outros, ao contrário, saíram, em alvoroço, e correram daqui para lá na área, tentando entender o quê e o quê.

Guardas, naquela época , não havia nem um na área. O quartel de comando, vazio de oficiais, abriu-se sinistramente através do vidro

quebrado. Os pontos de vista estavam em silêncio. A área estava vagando curiosa e em busca de certas notícias.

E neles o portal de nosso *lagpunkt* foi *totalmente* aberto , e os soldados de nossa escolta entraram em formação, tendo suas submetralhadoras na frente deles e disparando rajadas aleatórias. Assim, eles se espalharam em todas as direções, e atrás deles vieram os guardas furiosos, com tubos de ferro, com cassetetes, com tudo.

Eles atacaram todos os quartéis em ondas, limpando a área. Em seguida, as submetralhadoras silenciaram, pararam e os guardas avançaram, capturaram os escondidos, feridos ou ainda saudáveis, e espancaram-nos sem piedade.

Só descobrimos depois, porque a princípio só ouvimos muitos tiros na área, mas na penumbra não vimos nem entendemos nada.

Na entrada do nosso quartel organizou-se um tumulto fatídico: os presos lutaram para entrar o mais rápido possível, e por isso ninguém podia entrar (não que as tábuas das paredes do quartel salvassem das balas, mas dentro de um já se detinha ser amotinado). Lá, na varanda, eu também estava. Lembro-me muito bem do meu estado de espírito: uma indiferença enojada pelo que poderia acontecer comigo, uma indiferença instantânea pela salvação ou não salvação. Droga, vamos ver o que fizemos com você! Por que somos culpados até a sepultura antes de você por termos nascido nesta terra miserável, e devemos apodrecer para sempre em suas prisões? Todo o nojo desta prisão encheu meu peito de tranquilidade e nojo. Mesmo meu medo constante do poema e da peça dentro de mim, que ainda não estavam escritos em lugar nenhum, não me conteve. E diante da morte que já se aproximava de nós, vestida de mantos, na área, não pressionei a porta em nada. Esse era o sentimento principal na prisão, tínhamos chegado a tal ponto.

A porta se abriu e o último de nós entrou . E foi então que, amplificados pelo quartel, começaram os tiros. Três balas foram enviadas para a porta atrás de nós, e eles entraram juntos no batente. Um quarto era mais alto e deixou um pequeno orifício redondo no vidro da porta em meio a fendas muito finas.

Os perseguidores não entraram no quartel depois de nós. Eles nos trancaram. Eles capturaram e espancaram aqueles que não conseguiram se refugiar em um quartel. Haveria algumas dezenas de feridos e espancados até a morte, alguns esconderam e esconderam suas feridas, outros foram

para a enfermaria por enquanto; seu futuro destino era a prisão e um resumo por sua participação em um motim.

Mas tudo isso aprendemos depois. À noite, o quartel foi fechado; Na manhã seguinte, 23 de janeiro, os vários quartéis não puderam se reunir na sala de jantar e conversar. E alguns barracões iludidos, nos quais manifestamente não havia vítimas, sem notícias de quaisquer mortes, começaram a trabalhar. Entre eles estava o nosso.

Sáímos, mas ninguém foi levado para fora do portão do campo atrás de nós: a fila estava vazia, não havia formação. Eles nos enganaram!

Trabalhamos com um gosto ruim na boca naquele dia em nossas oficinas. Os meninos caminharam de um lugar para outro, sentaram-se e discutiram o que aconteceu ontem; E por quanto tempo vamos estar aqui trabalhando como ovelhas e aguentando tudo. Mas é possível não *agüentar*?, objetaram prisioneiros com mais anos de chiqueiro, curvados para sempre. Tem não alguém que nunca foi colocado através do aro? (Essa era a filosofia da ninhada de 37).

Quando voltamos do trabalho no escuro, a área *lagpunkt* estava deserta novamente. Mas alguns links passavam por baixo das janelas dos outros quartéis. Trouxeram notícias: o nono, onde haviam havido dois mortos e três feridos, e o quartel vizinho ainda não tinha funcionado hoje. Os mestres estavam contando a eles sobre nós e esperavam que eles aparecessem amanhã também. Mas já está claro: de manhã também não íamos sair.

Jogamos várias mensagens desse tenor pela parede, para os ucranianos, para nos apoiar.

A greve de fome, sem preparação, sem sequer planejar como Deus pretendia, começou por si mesma, sem centro, sem sistema de comunicação.

Mais tarde, em outros campos, onde assumiram o armazém, mas não foram trabalhar, tudo saiu mais inteligente. No nosso, se não foi inteligente, pelo menos foi impressionante: três mil homens rejeitando pão e trabalho ao mesmo tempo.

De manhã, nenhuma equipe enviou um homem ao cortador de pão. Nenhuma equipe foi à sala de jantar para comer a balanda e o mingau já preparado. Os guardas não entenderam nada: pela segunda, pela terceira, pela quarta vez entraram animadamente no quartel para nos chamar, depois ameaçando nos expulsar, depois baixinho para nos convidar: por enquanto apenas para a sala de jantar para o pão, o treino não foi mais falado.

Mas não foi ninguém. Estavam todos deitados, vestidos, calçados e calados. Só os chefes de equipe tiveram (naquele ano quente eu fui chefe de equipe) que responder alguma coisa, porque os guardas falavam tudo para a gente. Também estávamos deitados e murmurando da cabeça:

"É inútil, patrão ...

E essa insubmissão silenciosa e unânime ao poder - a um poder que nunca perdoou nada - essa insubordinação teimosa, prolongada no tempo, parecia mais terrível do que correr e gritar sob as balas.

Finalmente, as exortações terminaram e o quartel foi fechado.

Nos dias seguintes, só saíam os ordenanças do quartel: faziam os mergulhos, traziam água potável e carvão. Somente os internados na enfermaria foram dispensados pela comunidade em greve de fome. E apenas médicos e enfermeiras estavam autorizados a trabalhar. A cozinha cozinhou uma vez, jogou fora, cozinhou outra, jogou de novo e parou de cozinhar. Os plugados, no primeiro dia, aparentemente, eles foram às autoridades, explicaram que não podiam de forma alguma, e foram embora.

E os mestres não podiam mais nos ver e olhar para a alma. Uma cova foi cavada entre traficantes de escravos e escravos!

Nestes três dias de nossas vidas nenhum dos participantes jamais os esquecerá. Não vimos nossos companheiros nos outros quartéis e não vimos os cadáveres enterrados neles expostos. Mas estávamos todos ligados por uma corrente de ferro na área deserta do campo.

Fizeram greve de fome, não pessoas fartas de estoques de gorduras sob a pele, mas seres emaciados, exaustos, depois de muitos anos passando fome todos os dias, que mal haviam alcançado um certo equilíbrio em seu corpo, do que com a privação cem gramas de pão já estavam perturbados. E os mais próximos pararam de comer como todo mundo, embora três dias de fome pudessem derrubá-los irreversivelmente. A comida que recusávamos, que sempre tínhamos por uma ninharia, agora em nosso sono agitado e faminto parecia-nos um mar de abundância.

Homens educados por décadas na lei da selva haviam feito greve de fome : "Você morre hoje, eu amanhã!" E agora eles foram transfigurados, eles tinham saído de seu pântano fedorento, e eles consentiram que todos morressem hoje em vez de continuar vivendo assim amanhã.

Nas salas do quartel, uma relação solenemente amigável foi estabelecida entre os homens. Os restos de comida que alguém tivesse deixado, principalmente os que tinham um pacote, eram agora levados para

um lugar comum, sobre um pano estendido, e então por decisão comum da seção distribuía uma parte, outra ficava para amanhã. (No depósito de objetos pessoais, alguns ainda podem ter muita comida deixada em suas embalagens, mas em primeiro lugar, no guarda-volumes, cruzando a área, você não pode ir e , em segundo lugar, nem todos teriam ficado felizes em trazer aqui seus restos: pensaram que se recuperariam depois da greve de fome. Por isso a greve foi uma prova desigual, como qualquer prisão geralmente é, e o valor real foi mostrado por quem não tinha nada na reserva e nenhuma esperança de se recuperar depois). E se tinha sêmola, ferviam no fogão e distribuía à colher. Para tornar o fogo mais vivo, eles quebraram as tábuas do beliche. O beliche do estado seria uma pena, quando sua própria vida não duraria até amanhã!

O que os mestres fariam, ninguém poderia prever. Esperávamos até que disparos de metralhadoras fossem reabertos das plataformas de observação acima do quartel. Menos do que tudo, esperávamos concessões. Nunca em toda a vida havíamos arrancado nada deles, e nosso golpe teve o sabor amargo do desespero.

Mas havia algo nesse desespero que me deixou feliz. Havíamos dado um passo inútil, tolo, ia acabar mal, bom, muito bom! Nossos estômagos morreram de fome, nossos corações afundaram, mas outra misteriosa necessidade de ordem superior estava sendo satisfeita. Durante esses longos dias, essas longas noites de fome, três mil homens meditaram entre si sobre suas três mil sentenças, sobre suas três mil famílias ou suas faltas, sobre o que havia acontecido com cada um, o que iria acontecer, e embora Em tamanha abundância de costelas, os sentimentos tinham que se inclinar em mais de uma direção, alguns se arrependiam e se desesperariam, mas a maioria tendia a pensar: muito bem! Que eles chinchen! Vai dar errado, então deixe dar errado!

É outra lei que deve ser estudada, a lei da eclosão geral do sentimento de massa, contra toda razão. Esse sentimento foi claramente sentido em mim. Eu só tenho um ano de pena restante . Parecia que eu deveria me arrepender, lamentar ter entrado nessa confusão, da qual seria difícil sair sem uma nova convicção. E, no entanto, não me arrependi de nada. Fodam-se todos, me dêem uma segunda frase, se quiserem ...!

O dia seguinte, vimos através das janelas um grupo de oficiais que dirigem de quartel para quartel. Um destacamento de ordenanças abriu a

porta, percorreu os corredores e, espiando os quartos, gritou (de outra forma, baixinho, não como antes, bem alto): «Líderes de equipa! Saia! »

Uma discussão começou entre nós. Não foram os patrões que decidiram, mas as equipas. Você foi de uma seção para outra, você consultou. Nossa posição era ambígua: os delatores haviam sido erradicados de entre nós, mas alguns suspeitos permaneceram, havia mesmo, como o esquivo e autoconfiante Mikhail Generlov, líder da equipa da oficina automotiva. Bem, só quem conhecia a vida já suspeitava que muitos grevistas de hoje, que estavam famintos por liberdade, *delatariam* amanhã para garantir uma escravidão pacífica. Por isso, quem liderou a greve (houve, é claro) não se manifestou, não se destacou da clandestinidade. Eles não assumiram o poder abertamente e, em vez disso, os líderes de equipa renunciaram abertamente ao deles. Por isso parecia que íamos atacar assim para o bem, sem qualquer direção.

Finalmente, invisivelmente, em algum lugar uma decisão foi tomada. Nós, chefes de equipa, seis e sete homens, saímos ao corredor para ver a Superioridade que esperava pacientemente por nós (era justamente o corredor daquele quartel dois, até recentemente *regimka*, de onde começava o túnel do metrô, e sua entrada Tudo começou a poucos metros do nosso encontro). Encostamos nas paredes, baixamos os olhos e ficamos parados, como se fôssemos feitos de pedra. Baixamos os olhos porque olhar os mestres com olhar cobístico já não queria ninguém, e com olhar rebelde não teria sido razoável. Nós nos comportamos como bandidos impenitentes apresentados ao conselho disciplinar : em posturas desleixadas, mãos nos bolsos, cabeças inclinadas e inclinadas, incultos, teimosos, casos sem esperança.

Por outro lado, de ambos os corredores uma multidão de presos se aproximou do corredor e, escondidos atrás dos que estavam na frente, os que estavam atrás gritaram tudo o que queriam: nossas demandas e nossas respostas.

Mas os oficiais com bordas azuis nas dragonas (entre os conhecidos também havia alguns novos, que nunca tínhamos visto) formalmente apenas viam os chefes de equipa e falavam com eles. Eles se dirigiram a nós em um tom comedido. Eles não tentaram mais nos intimidar, mas também não condescenderam em falar conosco como iguais. Eles vieram dizer que no nosso próprio interesse devemos parar a greve e a fome. Nesse caso, receberíamos não só a ração de hoje, mas também - sem precedentes no

GULAG! - a razão de ontem. (Como estavam acostumados com o fato de que sempre se podia comprar um homem faminto!) Nada foi dito sobre punições ou nossas exigências, como se elas não existissem.

Os guardas estavam de cada lado, as mãos direitas nos bolsos.

Do corredor eles gritaram:

"Processem os culpados do tiroteio!"

"Desatarraxar o quartel!"

"Tire os números!"

Em outros quartéis, eles exigiram outra coisa : revisão das sentenças do OSO em julgamento público.

Nós, entretanto, continuamos como hooligans diante do diretor: vamos ver quando ele nos deixa em paz.

Os mestres partiram e o quartel voltou a fechar.

Embora a fome começasse a dominar alguns , as suas cabeças estavam confusas, pesadas, no quartel nem uma só voz sugeria que cedessem. Ninguém se arrependeu de nada em voz alta.

Adivinhamos o quão alto a notícia de nosso motim havia chegado. No Home Office, é claro , eles já sabiam ou iriam descobrir hoje, mas e quanto a *Whiskers*? Foi tão difícil para aquele açougueiro atirar em todos nós, os cinco mil que éramos.

Ao anoitecer ouvimos o motor de um avião em algum lugar próximo, e que havia nuvens e más condições de voo . Imaginamos que alguém de posição ainda mais elevada havia chegado.

Um zeko despedido, filho do GULAG, Nikolai Jlebunov, amigo das nossas equipas, mas agora, depois de dezanove anos como chiqueiro, colocou algo na cozinha, caminhou pela zona naquele dia , encontrou a oportunidade e ousou trazer e jogue um saco com cerca de nove quilos de painço pela janela. Eles foram distribuídos entre as sete equipes e depois fervidos à noite, para que o guarda não nos surpreendesse.

Khlebunov deu-nos uma triste notícia: atrás da muralha da *China*, o 2º *lagpunkt*, o ucraniano, não nos apoiava. Ontem e hoje eles foram trabalhar normalmente. Não havia dúvida de que receberam nossas mensagens e ouviram nossos dois dias de silêncio, do alto da grua na obra viram nosso *lagpunkt* por dois dias, desertos, desde a noite do tiroteio, não estavam em marcha com nossas colunas . E ainda assim eles não nos apoiaram...! (Como soubemos depois, seus dirigentes, meninos, ainda inexperientes na política real , consideravam que a Ucrânia tinha um destino separado,

diferente do dos moscovitas. Tendo começado com tanta energia, agora nos deixam em apuros). Portanto, não éramos cinco mil, mas apenas três.

E uma segunda noite, e uma terceira manhã, e um terceiro dia, a fome estava rasgando nossos estômagos.

Mas quando os ainda mais numerosos verificadores chamaram os chefes das equipes de volta ao salão na terceira manhã, e nos apresentamos novamente, relutantes, impenetráveis, com uma cara de nojo, a decisão geral foi: não ceder! A inércia da luta já se manifestava em nós.

E os mestres apenas adicionaram força para nós. O gerifalte recém-chegado falou assim:

—A direção do campo de concentração de Peschany *implora aos detidos que levem comida*. A gerência aceitará todas as reclamações. Ele determinará e eliminará as causas do *conflito* entre a administração e os detidos.

O que ouvimos é verdade? Eles *imploram que levemos comida!* E nem uma palavra sobre trabalho. Nós invadimos a prisão, vidros quebrados e papéis de fa , perseguimos os guardas com facas, e agora descobrimos que não é um motim, mas um *conflito entre!* *Entre* partes iguais, a administração e os reclusos!

Bastava que estivéssemos dois dias e duas noites juntos para que nossos traficantes de escravos mudassem de tom, e de que maneira! Em toda a nossa vida, não apenas na prisão, mas na liberdade, como membros do sindicato, nunca ouvimos discursos tão melífluos dos mestres!

No entanto, viramos em silêncio: ninguém poderia decidir *aqui*. E prometa uma decisão, ninguém poderia. Os chefes de equipe saíram sem levantar a cabeça, sem se virar, embora o chefe do *lagpunkt* nos chamasse pelo sobrenome.

Essa foi a nossa resposta.

E o quartel foi fechado.

Por fora, parecia aos mestres o mesmo mudo e irreduzível. Mas, por dentro, uma discussão turbulenta começou nas seções. Muito forte era a tentação! A suavidade do tom comoveu os internos mais do que qualquer ameaça. Vozes surgiram: vamos acreditar. E realmente, o que mais poderíamos conseguir agora ...?

Estávamos cansados! Queríamos comer! Aquela lei misteriosa que havia fundido nossos sentimentos e os erguido, agora, em um tremor de asas, começou a baixar.

Mas foram abertas algumas portas que haviam sido seladas por décadas, que permaneceram em silêncio por toda a vida, e teriam permanecido em silêncio até o túmulo. Eles foram ouvidos, é claro, por informantes sobreviventes também. Esses apelos de uma voz vibrante, recuperados por alguns minutos (em nosso quarto, era o de Dmitri Panin), tiveram depois de se purgar com uma nova frase, com uma corda em volta de sua garganta que tremia de liberdade. Não importava, as cordas vocais fizeram pela primeira vez o que foram criadas para fazer.

Desistir agora? É se render por palavra de honra. Palavra de honra de quem? Dos carcereiros, da matilha do campo. Já que as prisões são prisões e os campos são acampamentos, quando é que eles cumpriram a palavra, pelo menos uma vez?

O lodo foi retirado já posto de sofrimentos, ofensas, humilhações. Pela primeira vez estávamos no caminho certo e agora cedemos? Pela primeira vez nos sentimos como pessoas e desistimos na primeira tentativa? Um ar alegre e cruel soprou sobre nós e nos fez estremecer: continue! Segue! Eles ainda vão falar conosco de outra maneira! Eles vão ceder! (Mas quando e em que eles poderiam acreditar? Isso não estava claro de qualquer maneira. Tal é o destino dos oprimidos: um dia ou outro eles terão que *acreditar e ceder*) ...

E parecia que mais uma vez as asas da águia bateram, a águia do nosso sentimento unido de duzentos homens! Novamente ele subiu!

Por outro lado, vamos para a cama, poupando forças, procurando mover-nos o mínimo possível e não falar de ninharias. Tínhamos o suficiente para pensar.

As últimas migalhas há muito haviam sido acabadas no quartel. Ninguém mais ferveu ou distribuiu nada. No silêncio geral e na imobilidade, só se ouviam as vozes dos jovens vigias, grudados nas janelas: eles nos contavam todos os deslocamentos ocorridos na área. Nós admirado este jovem de vinte anos de idade, seu espírito radiante, apesar da fome, sua decisão de morrer no limiar de uma vida ainda para começar, em vez de desistir. Tínhamos inveja deles porque em nossas cabeças a verdade havia penetrado tarde, e as vértebras das costas já estavam se fechando em um arco inclinado.

Acho que agora posso nomear Janek Baranovski, Volodya Trofimov e o mecânico Bogdan.

E de repente, pouco antes da terceira noite, quando o oeste estava clareando e o sol se pondo apareceu, os vigias gritaram com rancor feroz:

"Cabana nove ...!" Nove desistiu ...! O nove vai para a sala de jantar ...!

Todos nós pulamos. Dos quartos do outro lado, eles vieram correndo para cá. Através das grades, das plataformas superior e inferior dos beliches, de quatro ou sobre os ombros uma da outra, assistíamos, imóveis, aquela triste procissão.

Duzentas e cinquenta silhuetas lamentáveis, já negras e ainda mais negras contra o sol, rastejavam diagonalmente pela área em uma linha longa, submissa e humilhada. Eles caminhavam, passando um após o outro diante do sol, em uma corrente esticada, incerta, sem fim, como se os que estavam atrás lamentassem que os que estavam na frente tivessem ido embora e não quisessem segui-los. Alguns, os mais debilitados, eram conduzidos pelo braço ou pela mão e, com seu andar instável, pareciam uma multidão de guias guias conduzindo uma multidão de cegos. Além disso, muitos carregavam pequenas tigelas ou potes nas mãos; e esta baixela de concentração patética, apanhada contando com uma ceia grande demais para engolir com o estômago embrulhado, esta baixela estendida à sua frente como mendigos de esmola, era especialmente dolorosa, especialmente escrava, e especialmente tenra.

Tive vontade de chorar. Inclinei a cabeça para enxugar as lágrimas e as vi nos olhos dos companheiros também.

A palavra do quartel nove foi decisiva. Foi lá que os mortos ficaram expostos durante quatro dias, desde a noite de terça-feira.

Foram para a sala de jantar e descobriram que, pelo pão e o mingau, decidiram perdoar os assassinos.

O Barracão nove era um barracão faminto. Havia apenas times de braceros, poucos pacotes recebidos. Havia muitos íntimos. Talvez eles tivessem se rendido para que não houvesse ainda mais mortes ...?

Afastamo-nos das janelas em silêncio.

E então eu entendi o que é o orgulho polonês, quais foram suas revoltas desesperadas. Esse mesmo engenheiro polonês, Juri Wengerski, estava agora em nossa equipe. Ele estava terminando o último de seus dez anos. Mesmo quando ele era capataz, ninguém nunca o tinha ouvido desafinado. Ele sempre foi quieto, educado, gentil.

Mas agora seu semblante mudou. Com raiva, com desprezo, com sofrimento, ele desviou o olhar deste desfile de esmolas , ele se levantou e com uma voz alta e raivosa, ele gritou:

-Chefe de equipe! Não me acorde para o jantar! Não irei! Ele subiu em seu beliche, virou o rosto para a parede e não se levantou. Fomos comer à noite, mas ele não se levantou! Ele não recebia pacotes, estava sozinho , nunca se cansava e não se levantava. A visão do mingau fumegante não poderia obscurecer a desencarnada Liberdade!

Se todos nós tivéssemos sido tão orgulhosos e firmes, que tirano teria resistido?

No dia seguinte, 27 de janeiro, era domingo. E eles não nos levaram para trabalhar, para nos recuperar (embora os mestres, naturalmente, estivessem furiosos com o plano), mas apenas nos alimentaram, nos deram o pão dos últimos dias e nos deixaram vagar pela região. Caminhamos todos de quartel em quartel, contando como cada um passou esses dias, e todos sentimos os parabéns, como se tivéssemos vencido e não perdido. Bem, e os amáveis mestres nos prometeram mais uma vez que todos os pedidos *legais* (mas atenção: quem sabia e quem determinaria o que era legal ...?) Seriam honrados.

Enquanto isso, um detalhe fatal: uma certa Volodka Ponomariov, uma "vadia", que estava conosco todos os dias da greve, que tinha ouvido muitos discursos e visto muitos olhos, *fugiu para o posto de guarda*. Em outras palavras, ele correu para nos trair e se salvar da faca atrás da área.

Nessa fuga de Ponomariov, toda a essência do mundo subterrâneo me foi revelada. Seu chamado código de honra se resume a obrigações mútuas dentro de sua casta. Mas apanhados no redemoinho da revolução, eles sempre falharão. Eles não podem entender nenhum princípio, apenas força.

Você pode imaginar que eles estavam preparando a prisão dos líderes. Mas eles declararam o contrário, que encomendas de Karagand , Alma-Ata e Moscou tinham vindo e investigariam. Na geada ainda branca eles colocaram uma mesa no meio do campo em fila, alguns gerifaltes em casacos de pele branca e botas de feltro sentaram-se, e convidaram as pessoas a se aproximarem com os pedidos. Muitos foram, falaram. Foi marcado.

Na terça-feira após o toque de recolher, os líderes da equipe foram reunidos "para a apresentação de petições". Na verdade, essa conferência foi mais uma base, uma forma de investigação policial: eles sabiam a que distância os detidos haviam ido e os deixavam falar, então pararam com segurança.

Este era meu último dia como líder de equipe: meu tumor abandonado crescia rapidamente, a operação que eu havia demorado muito tempo, por um momento em que, em termos de concentração, "daria certo". Em janeiro, e principalmente nos dias decisivos da greve de fome, o tumor decidiu para mim que agora estava bem e crescia quase hora a hora. Assim que o quartel foi aberto, fui ao médico e eles me chamaram para uma cirurgia. Agora me arrastei para esta última reunião.

Aconteceu no corredor do banheiro, uma sala espaçosa. Ao longo das cadeiras de barbeiro colocaram uma mesa comprida, onde estava sentado um coronel do MVD, vários tenentes-coronéis, outros de patente inferior e os nossos chefes de campo se perderam na segunda fila, atrás deles. . Também ali, atrás dele, as estenógrafas se sentaram: passaram todo o encontro fazendo anotações e, na primeira fila, repetiam os sobrenomes de todos os que intervinham.

Destacou-se um tenente-coronel da Seção Especial ou dos Órgãos, um malandro muito veloz, inteligente, astuto, de cabeça alta e estreita, que devido àquela vivacidade de pensamento e àquela estreiteza do rosto parecia absolutamente não pertencer àquele é. youpid bando de funcionários.

Os líderes da equipe falaram com relutância, quase forçando-os a sair das fileiras estreitas, a subir. Assim que começaram a falar alguma coisa, eles os interromperam, convidaram-nos a explicar: por que matam *gente*? E quais foram os objetivos da greve? E se o infeliz líder da equipe tentasse responder alguma coisa a essas perguntas, por que eles matam e quais demandas, todos eles iriam imediatamente pular sobre ele : e *como* ele sabe? Então, você já teve *contato* com os bandidos? Bem, identifique-os !!

Com esta nobreza e em condições de absoluta igualdade descobriram a "legalidade" das nossas reivindicações ...

Quem tentou cortar os alto-falantes em especial foi o tenente-coronel canalha, aquele de cabeça comprida, língua de fora e que gozava do privilégio da impunidade sobre nós. Com interrupções bruscas destruiu

todas as intervenções, e começava a reinar um tom em que nos acusavam de tudo e nos justificávamos.

Tudo me pressionava, eu era impelido a pará-lo. Tomei a palavra, disse meu sobrenome (repetiram como eco para a estenógrafa). Levantei-me do banco sabendo que, daqueles reunidos aqui, era difícil para alguém puxar uma frase terminada gramaticalmente antes de mim . Mas uma coisa não estava clara para ele: o que ele poderia dizer a eles? Tudo o que está escrito aqui, nestas páginas, tudo o que passamos e pensamos em todos os anos de prisão e em todos os dias de greve, contar-lhes era o mesmo que contar aos orangotangos. Eles ainda estavam listados como russos e ainda podiam entender frases simples em russo, como "Você consegue?" ou "você dá sua permissão?" Mas quando eles estavam sentados assim, em uma longa mesa, lado a lado, exibindo seus rostos igualmente obtusos, brancos, gordurosos e satisfeitos , era muito claro que eles já haviam degenerado em um tipo biológico separado, e a última comunicação verbal entre nós estava sendo cortado de forma irreversível, apenas a balística permaneceu.

Só aquele com a cabeça alongada ainda não tinha se transformado em orangotango, ele podia ouvir e entender perfeitamente. Assim que abri minha boca, ele tentou me atordoar. Uma troca de instantâneos de réplica começou antes da atenção geral:

"E onde ele trabalha?"

(Que diferença faz onde eu trabalho!)

"Nas oficinas mecânicas!" - Soltei o ombro e continuo ainda mais rápido com o que estava fazendo.

"Onde eles fazem as *facas*?" Ele me bate de frente.

"Não", bati nele, "onde consertam *escavadeiras ambulantes!*" (Eu nem sei de onde vêm as ideias rápidas e claras).

E continuo avançando novamente, para acostumá-los acima de tudo a ficar em silêncio e ouvir.

Mas o coronel se agacha atrás da mesa e de repente pula para me morder de baixo para cima:

"Os *bandidos* delegaram você aqui ?"

"Não, você me convidou !" Eu triunfantemente acerto o grande corte e continuo, continuo com meu discurso.

Pule mais algumas vezes e cale-se completamente, derrotado. Ganhei.

Eu ganhei, mas para quê? Um ano! Eu tenho um ano restante e isso me inibe. Não ousarei dizer a eles o que eles merecem. Ele poderia fazer um

discurso imortal hoje, mas ficaria isolado amanhã. E eu pronunciaria igual, mas se me transmitissem para o mundo inteiro! Não, o auditório é muito pequeno.

E não estou lhe dizendo que nossos campos de concentração são de modelo fascista e um sinal da degeneração do regime. Acabei de passar enxofre sob seus narizes abertos. Ouvi dizer que o comandante das tropas de escolta está sentado aqui, e agora lamento o comportamento vergonhoso dos soldados, indignos dos *guerreiros soviéticos*, quando ajudam a roubar na produção, e também rudes, e também assassinos. Então pinto os guardas do campo como uma gangue de ladrões, forçando os presos a roubar para eles no canteiro de obras (e isso mesmo, só começa com os policiais sentados aqui). E que efeito anti-pedagógico isso tem sobre os detidos ávidos por fazer as pazes!

Nem gosto da minha fala, a única vantagem é ganhar tempo.

No silêncio conquistado o líder da equipe T. levanta-se e lentamente, quase gaguejando, seja de forte emoção ou desde o nascimento, diz:

—Eu dizia que sim ... quando outros internos diziam ... que vivemos ... como cachorros ...

O tenente-coronel da presidência está de guarda. T. está amassando o chapéu na mão, um condenado barbeado, feio e com o rosto endurecido, deformado pela dificuldade em encontrar as palavras exatas ...

-... Mas agora vejo que me enganei.

O tenente-coronel se acalma.

"Vivemos muito pior do que cachorros!" T. termina forte e rápido, e todos os líderes de equipe sentados ficam tensos. Um cachorro tem um número na coleira, nós quatro. Eles dão carne para cachorro e nós temos ossos de peixe. Não coloque um cachorro na masmorra! Um cachorro não leva um tiro da vigia! Um cachorro não tem *vinte e cinco anos!*

Agora você pode interrompê-lo, ele disse o essencial.

Cherongorov se levanta, se apresenta como um ex-herói da União Soviética, outro líder de equipe sobe, eles falam com bravura, com ardor. Na presidência repetem com insistência e sublinham os apelidos.

Talvez tudo isso vá para nossa ruína, meninos ... Ou talvez apenas com essas cabeçada a gente consiga derrubar a maldita parede.

O encontro termina empatado .

Por vários dias, há paz. A comissão não está mais visível, e no *lagpunkt* tudo acontece como se nada tivesse acontecido aqui.

A escolta me leva até a enfermaria do *lagpunkt* ucraniano. Eu sou o primeiro a ser levado para lá depois da greve, o primeiro mensageiro. O cirurgião Ianchenko, que vai me operar, me chama para fazer um exame, mas suas perguntas e minhas respostas não tratam do tumor. Você não está prestando atenção ao meu tumor, e estou feliz por ter um médico tão confiável. Ele me pergunta cada vez mais. Seu rosto está sombrio com nosso sofrimento comum.

Quão diferente consideramos a mesma coisa, mas em circunstâncias diferentes! Este mesmo tumor, aparentemente cancerígeno, que golpe teria sido em liberdade, quantas preocupações, lágrimas de família! Por outro lado, quando cabeças pulam das toras com tanta facilidade, esse mesmo tumor é só um pretexto para chegar ao hospital, nem penso muito nisso.

Estou na enfermaria rodeado de feridos e aleijados daquela noite sangrenta. Há aqueles em que os guardas os espancaram até crua, *eles não têm nada em que deitar*, toda a pele levantada. Um ordenança alto era especialmente cruel, golpeando com um cano de ferro. (A memória, a memória! Não consigo lembrar o sobrenome dele). Alguns já morreram das feridas.

Mas as notícias voam uma após a outra: no *lagpunkt* "russo" as represálias começaram. Quarenta homens foram presos. Temendo um novo motim, eles fizeram assim: até o último dia tudo era gentileza, pois até então, podia-se pensar que os mestres estavam investigando qual deles era o culpado. Somente no dia marcado, quando as equipes já estavam passando pelo portal, é que perceberam que estavam acompanhadas por uma dupla e tripla escolta. A ideia era levar as vítimas de tal forma que não nos ajudássemos, nem as paredes do quartel ou as obras a nós. Depois de remover as colunas do campo e espalhá-las pela estepe, mas antes que alguém chegasse ao seu destino, os líderes da escolta deram a ordem: "Pare! Arma em antecipação! Pronto! Presos, sentem-se! Conto até três, abro o fogo, sente-se! Todos sentados!

E novamente, como quando o teste de tornassol do ano passado, escravos desamparados e iludidos são presos na neve. E então o oficial desdobrava um pedaço de papel e lia os nomes e números daqueles que tiveram que se levantar e deixar a cerca do rebanho indefeso. E uma escolta separada já estava levando aquele pequeno grupo de alguns desordeiros de volta ao campo, ou o caminhão da celulose viria buscá-los. Quanto ao

rebanho, livre de fermentos apodrecidos, eles o apanhavam e levavam para o trabalho.

Portanto, nossos educadores deixaram claro para nós se algum dia poderiam acreditar em algo.

Pessoas foram levadas para a prisão também da área do *lagpunkt*, Wild desert a day. E aquele muro de quatro metros de altura, que não conseguiu escalar o ataque, foi facilmente contornado pelas prisões, que *grassaram* no *lagpunkt* ucraniano. Um dia antes da operação que eu havia indicado, eles prenderam o cirurgião Ianch Enko, ele também foi para a prisão.

As prisões ou transferências - era difícil distinguir entre elas - continuaram sem os cuidados do primeiro dia. Pequenos grupos de vinte ou trinta homens estavam sendo enviados a algum lugar. E de repente, em 19 de fevereiro, uma enorme transferência começou a se reunir, de cerca de setecentos homens. Uma transferência em regime especial: os transferidos, saindo do campo, eram algemados. Vingança do destino! Os ucranianos, que foram tão cuidadosos em ajudar os moscovitas, fizeram essa transferência em números ainda maiores do que nós.

É verdade que, pouco antes de partirem, eles saudaram nosso ataque derrotado. O novo complexo madeireiro, também construído por algum motivo misterioso, em madeira (no Cazaquistão, onde não existem florestas, e em vez disso existem muitas pedras!), Por causas indeterminadas (eu sei com certeza, foi a causa) pegou fogo em vários lugares ao mesmo tempo, e em duas horas três milhões de rublos queimados. Para os que estavam sendo baleados, era como o enterro do Viking: o antigo costume escandinavo de queimar seu navio junto com o herói.

Estou no pós-operatório. Estou sozinho no quarto: é um penhasco tão alto que ninguém está internado, a enfermaria está fechada. Atrás do meu quarto, o último do quartel, fica o barraco do armazém, onde não sei quantos dias está o assassinado Dr. Kornfeld, que ninguém teve tempo de enterrar. (De manhã e à noite o ordenança, chegando ao fim da contagem, fica em frente ao meu quarto e, para simplificar a contagem, leva um gesto da minha mão ao depósito e ao meu quarto: "e dois *aqui*." E ele escreve em seu pequeno quadro).

Pável Boroniuk, também convocado para a grande transferência, esgueira-se por todos os laços e vem dar-me um abraço de despedida. Não apenas nosso campo, todo o universo mundial parece estar tremendo sob o

ataque da tempestade. Isso nos abala, e não percebemos que depois da zona a calma chicha continua, como antes. Sentimo-nos dançando em ondas grandes e algo afundando sob nossos pés, e se um dia nos vermos novamente, será em um país totalmente diferente. Mas por precaução, adeus, amigo! Adeus amigos!

Um ano enfadonho e enfadonho se estendeu, meu último ano em Ekibastuz e o de Stalin no arquipélago. Apenas alguns, depois de passar um tempo na prisão e não encontrarem evidências contra eles, foram devolvidos à área. Por outro lado, muitos, que nesses anos conhecíamos e aprendemos a estimar, foram levados: alguns, a um novo resumo e julgamento; outros, ao isolamento devido a um registro indelével no arquivo (embora o detido já tivesse se tornado um anjo); para outros ainda, para as minas Dzhezkazgan; e houve até um grupo de "idiotas psíquicos", eles colocaram Kishkin, o curinga, e os médicos conseguiram tirar o jovem Volodya Gershuni.

Em sua substituição, os informantes emergiram da "reserva", um a um: a princípio com medo, olhando em volta, depois com cada vez mais atrevimento. O "cachorro vendido" Volodka Ponomariov voltou à área, e de um simples torneiro tornou-se o encarregado da encomenda. A distribuição das preciosas migalhas, recolhidas por famílias carentes, o velho chechista Maximenko confiado a um ladrão inveterado!

Os comissários mais uma vez convocaram aos seus escritórios quem eles queriam e quanto eles queriam. Foi uma primavera sufocante. Aqueles que se destacaram o mínimo tentaram se esquivar e passar despercebidos. Não voltei à posição de líder da equipe (havia o suficiente de novo), mas me tornei um peão na fundição. Naquele ano, deu muito trabalho, pelo seguinte motivo. Como única concessão depois de atropelar todos os nossos pedidos e esperanças, a Direcção de Campo concedeu-nos o *autofinanciamento*, ou seja, um sistema pelo qual o trabalho que fizemos não desapareceu pura e simplesmente nas mandíbulas insaciáveis do GULAG, mas foi valorizado, e 45% dele foi estimado nosso *salário* (o restante foi para o Estado). Desse "salário" o campo ficava com 70% para a manutenção da escolta, cães, arame farpado, BUR, comissários, regime, censura e funcionários educacionais - todos dos quais não poderíamos viver sem - mas trinta a dez Para cem restantes, no entanto, eles os anotaram na conta corrente do detido, e embora não todo esse dinheiro, mas parte dele (

se você não tivesse penalidades, atrasos, se você não tivesse sido insolente, decepcionou os patrões) poderia ser convertido , por pedidos mensais, em uma nova moeda de concentração, os *títulos*, e esses títulos poderiam ser gastos. E o sistema foi montado de tal forma que quanto mais você suava e sangrava, mais perto chegava dos trinta por cento, e se você não se irritasse o suficiente, todo o seu trabalho ia para o campo e você ficava com o desejo.

E a maioria - ah, essa *maior parte* da nossa história, principalmente quando eles preparam com os *sacos!* - a maioria ficou muito satisfeita com essa *concessão* dos mestres e agora deixou a saúde no trabalho, só pra comprar na cantina leite condensado, margarina, balas nojentas e um segundo jantar na sala de jantar "comercial". E como o trabalho realizado era contabilizado por equipes, mesmo quem não quisesse abrir mão da saúde pela margarina teve que deixá-la para que seus colegas pudessem ganhar dinheiro.

Eles também traziam filmes para a área com muito mais frequência do que antes . Como sempre nos campos de concentração, nas aldeias, nos assentamentos perdidos, desprezando o espectador, não anunciavam o título com antecedência: um porco não é anunciado com antecedência o que vai ser jogado na banheira. E de qualquer maneira os presos - eram realmente os mesmos que fizeram greve de fome tão heroicamente neste inverno?! - se amontoaram, assaltaram os assentos uma hora antes de as cortinas das janelas serem fechadas, sem se preocupar nem um pouco nada sobre se o filme valeu a pena.

Pão e circo...! Tão velho que fica difícil repetir ...

As pessoas não podiam ser culpadas por quererem se satisfazer depois de tantos anos de fome. Mas enquanto nos saciamos aqui, aqueles de nossos companheiros que tiveram a ideia de lutar, ou que nos dias de janeiro gritaram no quartel "não vamos nos render!", Ou que nem mesmo entraram em nada, os Eles estavam processando em algum lugar, alguns foram baleados, outros foram levados com novas sentenças para isoladores fechados, ainda outros foram perseguidos com novos e novos resumos, eles foram colocados para impressioná-los em celas cobertas com cruces de prisioneiros no corredor da morte, e algum réptil mais velho, entrando em sua cela, sorriu generosamente: 'Ah, Panin! Eu já me lembro dele. Você tem um *arquivo* conosco, sim! Vamos *formalizar!* »

Uma palavra magnífica, formalize! Pode-se ser formalizado para o outro bairro, ou pode ser formalizado um dia de prisão, ou a entrega de calça usada, pode ser formalizado também . Mas a porta se fechou, o réptil saiu com um sorriso enigmático, e você adivinha uma charada, passa um mês sem dormir, dá-se um mês com a cabeça nas pedras: o que exatamente eles querem para te formalizar ...?

Isso é fácil de dizer.

Um belo dia, uma transferência de cerca de vinte outros homens foi recolhida em Ekibastuz. Um movimento raro. Eles foram apanhados sem pressa, sem severidade, sem isolamento, quase como se pegassem para soltar. Mas nenhum deles estava chegando ao fim da frase. E não havia um único interno maldito entre eles, do tipo que os mestres mortificam com masmorras e regimkas, não, eram todos *bons* internos , bem conceituados por sua superioridade: aquele mesmo esquivo e desavergonhado líder dos altos são automóveis, Mikhail Mikhailovich Geñeralov, e o líder da equipe mecânica, o astuciosamente ingênuo Bielousov, e o engenheiro-tecnólogo Gultiáyev, e o muito ortodoxo engenheiro de Moscou Leonid Raikov, circunspecto, com aparência de um estadista; e o bom companheiro mais simpático, o torneiro Zheñka Miliúkov, com o rosto de uma lua brilhante; e outro torneiro, o georgiano Kokki Kocherava, grande amante da justiça, muito eloqüente na denúncia de abusos à multidão.

Para onde os estavam levando? Pela composição , ficou claro que não era o disciplinador. Mas se eles te levarem a um bom lugar! Mas se eles vão isentar você do lençol! ”, Disseram. No entanto, nenhum deles mostrou o menor sinal de alegria. Eles balançaram a cabeça tristemente, recolhendo relutantemente suas coisas, quase prontos, ao que parecia, para deixá-los aqui. Eles pareciam humilhados, inquietos. Será que eles gostaram tanto do inquieto Ekibastuz? Eles até se despediram com lábios que pareciam sem vida, entonações que soavam falsas.

Eles foram levados embora.

Mas não tivemos tempo de esquecê-los. Depois de três semanas, um boato: eles os trouxeram de volta! De volta? Sim para todos? Sim ... Só que ficaram no quartel do comando e não querem voltar cada um para o seu.

Só faltou este pequeno detalhe para completar a greve dos três mil de Ekibastuz: a greve dos traidores ...! Não admira que tivessem tão pouca vontade de ir! Nos gabinetes dos magistrados de instrução, vendendo-se aos nossos amigos e assinando as declarações de Judas, esperavam que com o

silêncio de suas quatro paredes tudo acabasse. Há décadas é assim: uma reclamação política é considerada um documento irrefutável, e a cara do delator nunca é descoberta. Mas havia algo na nossa greve - a necessidade de se justificarem perante os seus pares? - que obrigou os senhores a organizarem, parece que em Karaganda, um grande processo judicial. E quando eles escolheram *-los* no mesmo dia, olhando nos olhos de cada um inquietos, eles aprenderam que eles estavam indo como testemunhas do julgamento. Mas o julgamento em si, o que eles sabiam era o livro de regras do GULAG do pós-guerra: qualquer recluso reivindicado por necessidades transitórias deve ser devolvido ao seu antigo campo. Eles até prometeram que, como exceção, os deixariam em Karaganda! Eles até escreveram um pedaço de papel, mas acontece que algo não estava em ordem e Karaganda os rejeitou.

E então eles passaram três semanas viajando. Eles foram levados de uma carroça para a prisão de trânsito, de uma carroça para outra, eles gritavam "Sentados no chão!", Eles os revistavam, tirando suas coisas, levando-os ao banheiro, alimentando-os com arenque sem lhes dar água, da mesma forma que prisioneiros comuns e mal-pensantes são atormentados. Em seguida, sob escolta, foram levados a julgamento, olharam novamente para os rostos daqueles que haviam denunciado, ali cravaram pregos em seus caixões, penduraram os cadeados em suas celas de isolamento, rolaram quilômetros de anos em seus novos *carretéis* e trouxeram novamente através de todas as cadeias de trânsito, eles foram jogados, sem máscara, em seu antigo acampamento.

Eles não precisavam mais deles. A traição agrada, o traidor enfurece

...

E o campo não parece pacificado? Não foram tirados quase mil homens daqui? Alguém os está impedindo de ir ao escritório *do compadre* ...? Mas eles não saem do quartel de comando! Eles estão em greve e não vão para a área! Apenas Kocherava decide representar abertamente o ex-stripador de travessuras, vai até sua equipe e diz:

"Não sabemos por que levado!" Levado aqui, trazido lá, trazido de novo ...

Mas por apenas uma noite e apenas por um nascer do sol vem a autoconfiança. No dia seguinte, ele foge para a sala de comando, com seu povo.

Bem, isto é, tudo o que aconteceu aconteceu em vão, e não foi em vão que nossos companheiros caíram ou foram presos. O ar do campo não pode mais retornar ao seu antigo estado opressor . A baixeza foi restaurada em seus direitos, mas de uma forma muito instável. Política, no quartel, as pessoas falam livremente. E nenhum encarregado ou chefe de equipe ousaria chutar ou levantar a mão para um prisioneiro. Porque agora todos sabem como é fácil fazer facas e como penetram bem entre as costelas.

Nossa pequena ilha tremeu e saiu do Arquipélago ...

Mas isso foi sentido em Ekibastuz, no máximo em Karaganda. Em Moscou, certamente não. Tinha começado a decomposição do sistema de Campos Especiais - hoje em um lugar, amanhã em outro - mas o Pai e o Mestre não haviam descoberto, naturalmente não o haviam informado (e também ele não sabia renunciar a nada, nem teria renunciado à prisão. desde que a cadeira por baixo não pegue fogo). Ao contrário, talvez para uma nova guerra, ele preparava em 1953 uma nova grande onda de prisões, e para isso estava expandindo a rede de Campos Especiais em 1952. E assim recebeu a ordem de converter o campo de Ekibastuz de uma seção agora do Steplag, agora do Peschanlag, na seção principal de um novo grande Campo Especial nas margens do Irtysh (no momento convencionalmente chamado de Dall-lag). Assim, aos numerosos traficantes de escravos existentes juntou-se um novo Diretório de Parasitas em Ekibastuz , a quem também teríamos de apoiar com nosso trabalho.

Eles também prometeram não deixar os novos presos esperando.

Mas enquanto se transmitia o contágio da liberdade, como iria sair do Arquipélago? Assim como o pessoal de Dubovka o trouxe para nós, agora o nosso o levou para mais lugares. Naquela primavera, todos os banheiros das cadeias de trânsito do Cazaquistão estavam escritos, gravados e pontilhados: "Saudações aos combatentes de Ekibastuz!"

Tanto a primeira coleção de "papéis centrais no motim", de cerca de 40 homens, quanto parte da grande transferência em fevereiro, os 250 mais "designados" foram levados para Kenguir (aldeia Kenguir, estação Dzhezkazgán, 3ª s. Steplag, onde o Diretório Steplag e o próprio coronel Chehev estavam localizados). O restante dos sancionados de Ekibastuz foram distribuídos entre a 1ª e 2ª seções da Escada (Rudnik).

Para intimidar os oito mil prisioneiros do Kengir, foi anunciado que eles haviam trazido *bandidos*. Eles foram levados algemados desde a estação até o novo prédio da prisão Kenguir. Assim, lendário e acorrentado, nosso movimento adentrou o ainda escravo Kenguir, para despertá-lo também. Como em Ekibastuz há um ano, aqui o punho e a denúncia ainda reinavam.

Tendo mantido 250 mil pessoas na prisão até abril, o diretor da seção de concentração de Kenguir, o tenente-coronel Fedotov, concluiu que eles já estavam bastante intimidados e ordenou que fossem trabalhar. No abastecimento centralizado, dispunham de 125 pares de algemas niqueladas novinhas em folha, do último modelo fascista, ou seja, acorrentando-as duas a duas para uma mão, apenas para 250 homens (foi isso que certamente determinou o valor recebido por Kenguir).

Com uma mão livre, o que pode ser feito! Na coluna já havia muitos meninos com experiência de prisão e fugitivos emplumados (Tenno também estava lá, adicionado ao grupo), familiarizados com todas as características das esposas, e explicaram aos seus vizinhos de coluna que com a mão livre não era difícil nada para tirá-los, com alfinete ou mesmo sem ele.

Ao chegar à área de trabalho, os vigilantes começaram a retirar as algemas em vários pontos da coluna ao mesmo tempo, para iniciar a jornada de trabalho sem demora. E foi aí que os insiders ficaram sabendo de tirar as algemas, deles próprios e do vizinho, e escondê-los debaixo das roupas: "Outro guarda já os tirou de nós!" O acompanhante nem pensou em contar as algemas antes de deixar a coluna entrar, e a entrada para um objetivo de trabalho nunca é registrada.

Então, já na primeira manhã, nossos rapazes arrebataram 23 pares de 125 esposas! Aqui, na área de trabalho, começaram a quebrá-los com pedras e martelos, mas logo descobriram algo melhor: estavam embrulhando-os em papel untado, para que ficassem mais bem preservados, e prendendo-os nas paredes e alicerces das casas que construíram. naquele dia (bloco 20 em frente ao Palácio da Cultura de Kenguir), acompanhado de inscrições ideologicamente perniciosas: «Descendentes! Essas casas foram construídas por escravos soviéticos! Estas são as algemas que eles usavam!»

A escolta praguejou, zombou dos *bandidos*, mas no caminho de volta ainda trouxeram outros velhos enferrujados. Mas não importa o quanto fosse vigiado, na entrada da sala de estar os meninos roubaram mais seis.

Nas próximas duas viagens a trabalho, várias outras. E cada par custava 93 rublos.

Pois bem, os mestres de Kenguir desistiram de passear com os meninos algemados!

Quem não luta não ganha!

Em maio, o povo Ekibastuz começou gradualmente a ser transferido da prisão para a área comum.

Agora o Kenguir precisava ser educado. Par anteriormente montado uma função: um plugado que por *direito* entrou na cantina sem fila, eles acotaron sem realmente matá-lo. Bastou o boato se espalhar: coisas vão acontecer, vieram de maneira diferente de nós. (Não se pode dizer que no passado, no ninho de campos de Dzhezkazgan, eles nem tocaram nos informantes, mas isso não se tornou uma *tendência*. Em 1951, na prisão de Rudnik um dia as chaves foram tiradas do diretor, eles abriram a cela boa e mataram Kozla uskas nela).

Agora, também foram criados *centros* clandestinos em Kenguir : o ucraniano e o "totalmente russo". Prepararam-se facas, máscaras para a *divisão*, e toda a história recomeçou do início.

Ele "se enforcou" nas barras de sua cela Voynilovich. O líder da equipe Bielokopyt e o informante bem pensado Lifschitz, membro de um tribunal militar revolucionário durante a guerra civil, foram mortos no front contra Dútov. (Lifschitz tinha sido o próspero bibliotecário da Seção Educacional-Cultural da seção Rudnik, mas sua fama o precedeu, e em Kenguir ele foi morto no primeiro dia de sua chegada.) Um comandante húngaro foi morto a golpes perto do banheiro. E, abrindo o caminho para "reservas", o primeiro Sauer, um ex-ministro da Estônia soviética , fugiu para lá .

Mas os donos dos campos também já sabiam o que fazer. As paredes entre os quatro *lagpunkts* já *existiam* há muito tempo. E então lhes ocorreu cercar cada quartel com seu próprio muro: oito mil homens começaram em suas horas livres a trabalhar nele. E eles dividiram cada barracão em quatro seções isoladas. E todas as áreas e cada seção foram trancadas. Sim, o ideal era dividir o mundo inteiro em células de isolamento!

O esquadrão que comandou a prisão Kenguir era um boxeador profissional. Ele usava presidiários como sacos de treinamento. Também em sua prisão foi inventada a ideia de bater com um martelo em uma folha de madeira, para não deixar marcas. (Os funcionários *práticos do MVD* sabiam que sem golpes e mortes, a reeducação era impossível. Mas um

teórico também poderia vir! Por causa dessa improvável chegada de um teórico, eles tiveram que interpor a folha). Um ucraniano ocidental, destruído pela tortura e com medo de trair seus amigos, se enforcou. Outros se comportaram pior. E os dois *centros* foram desmontados .

Além disso, entre os "comandos" encontravam-se carreiristas ávidos, que não queriam o sucesso do movimento, mas sim tirar proveito dele. Exigiram que os suplementos fossem trazidos da cozinha e, ainda por cima, que fossem separados "das embalagens". ^[68] Isso também ajudou a desacreditar e cortar o movimento.

À primeira vista, eles o cortaram. Mas após o primeiro julgamento, os informantes também moderaram. Apesar de tudo, a atmosfera em Kenguir foi purificada.

A milha foi lançada. Mas estava destinado a germinar em outra época e de outra maneira.

Embora nos expliquem que as personalidades, ao que parece, não moldam a história, principalmente se se opõem às leis do progresso, o fato é que durante um quarto de século uma dessas personalidades chutou tudo o que queria, e não não ousávamos nem mesmo abrir a boca. Agora falam: ninguém entendeu nada, nem entendeu a fila, nem entendeu a vanguarda, só o guarda mais velho entendeu, ^[isto é] mas ele escolheu se envenenar em um canto, atirar em si mesmo em casa, ficar quieto e recolher sua aposentadoria, tudo exceto gritar conosco de uma tribuna.

Portanto, o papel dos libertadores cabia a nós, os mais pequenos. Olhe para Ekibastuz: cinco mil ombros se aproximaram daquela abóbada, empurraram ... e uma pequena fenda conseguiu abri-la. Embora fosse pequeno, embora não fosse perceptível à distância, embora teríamos nos danificado mais, mas através de uma pequena fenda as cavernas desabam.

Houve outras desordens além da nossa, além dos Campos Especiais, mas todo o passado sangrento foi tão apagado, arranhado e lavado que mesmo uma lista triste de distúrbios de concentração agora é impossível para mim estabelecer. Acabo de saber, por acaso, que em 1951, no campo ITL de Sakhalin Varjushevo, houve uma greve de fome de cinco dias de quinhentas pessoas, com grande agitação e detidos, depois de três fugitivos terem sido mortos a baionetas em o corpo de guarda. Sabe-se de

importantes desordens em Ozerlag após o assassinato de um prisioneiro de guerra , no posto da guarda, em 8 de setembro de 1952.

Aparentemente, no início dos anos 50, o sistema de concentração de Stalin entrou em colapso, principalmente nos campos especiais. Mesmo enquanto o Todo-Poderoso estava vivo, os nativos começaram a arrancar suas correntes.

Você não pode prever como isso teria continuado com ele. Mas de repente, sem nenhuma lei econômica ou histórica, o sangue lento, velho e sujo nas veias da pequena *personalidade* marcada pela bexiga parou .

E embora de acordo com a Teoria Avançada nada mudasse minimamente, e aqueles bonés azuis não temessem, embora eles chorassem em 5 de março atrás dos postos de guarda, e aqueles casacos pretos não se atrevessem a esperar por isso, embora dedilassem seus balalaikas Quando souberam (naquele dia não foram retirados da área) que estavam transmitindo marchas fúnebres e penduraram bandeiras com crepes, algo desconhecido começou a tremer no subsolo, a deslizar.

É verdade que a anistia do final de março de 1953, apelidada nos campos de "Vorochilov", foi em seu espírito totalmente fiel aos defuntos: mimando ladrões e estrangulando políticos. Em busca de popularidade entre a multidão, ele soltou como ratos por todo o país, oferecendo a seus habitantes o sofrimento, a colocação de grades nas janelas livres e a recaptura de todos os que antes eram capturados pela Polícia. Por outro lado, Cinquenta e Oito foi lançado na proporção usual: no segundo *lagpunkt de Kenquir* , de três mil homens saíram ... três.

Essa anistia poderia convencer a prisão de apenas uma coisa: a morte de Stalin não mudou nada. Não havia quartel para eles e continuará a não haver. E se eles querem ficar neste mundo, eles têm que lutar!

E em 1953 os motins nos campos continuaram em vários lugares: pequenas apreensões , como no 12º *lagpunkt* do Karlag, e uma grande revolta em Gorlag (Norilsk), da qual um capítulo separado viria agora, se tivéssemos o menor material. Mas não, nenhum.

No entanto, a morte do tirano não foi em vão. Por motivos obscuros, algo escondido estava em algum lugar deslizando, escorregando e, de repente, com um barulho metálico, como um balde vazio, outra *personalidade* rolou colina abaixo , do topo da escada ao pântano mais fedorento.

E agora todos - e a vanguarda, e a cauda, e até os miseráveis indígenas do Arquipélago - entenderam: novos tempos estavam chegando.

Aqui, no Arquipélago, a queda de Beria foi especialmente notória: foi o grande trono do Pa e Vice-rei do Arquipélago! Os oficiais do MVD estavam preocupados, confusos, intrigados. Quando já haviam anunciado no rádio, e não foi possível colocar aquela abominação de volta no alto-falante, mas ao invés disso foi necessário cometer desprezo por pendurar os retratos deste amado e amado Protetor nas paredes da Diretoria da Escadinha, Coronel Chechev disse com os lábios trêmulos: "Acabou". (Mas ele estava errado. Ele pensou que eles seriam processados no dia seguinte).

[69]

Nos oficiais e guardas apareceu uma certa indecisão, até um certo constrangimento, que os detidos perceberam imediatamente. O chefe do regime do 3º Kenguir *lagpunkt*, a quem os presos nunca tinham visto bem, veio subitamente ao trabalho para visitar uma equipa do *regime* e começou a convidar os disciplinadores para fumar. (Ele tinha que descobrir quais faíscas corriam naquele ambiente escuro e que perigo esperar delas.) "O que", eles perguntaram sarcasticamente, "era o seu chefe supremo um inimigo do povo?" "Sim, parece que sim", o oficial lamentou. "Mas era a mão direita de Stalin!" Os disciplinadores ficaram furiosos. Então Stalin estragou tudo também? "S-i-i ..." o oficial tagarelou amigavelmente. Vamos ver agora galera, talvez eles comecem a lançar, espere um pouco »...

Beria havia caído, mas a mancha beriana foi deixada para seus *órgãos* fiéis. Se até então nem o recluso nem o *livre* ousavam sem risco de morte, mesmo duvidando da ideia da trajetória cristalina de qualquer oficial do MVD, agora bastava colocar a palavra "berian" no réptil, e ele já estava indefeso!

No Rechlag (Vorkuta), em junho de 1953, o grande alvoroço pela remoção de Beria coincidiu com a chegada de Karag anda e Taishet de comboios de amotinados (principalmente ucranianos ocidentais). Na época, Vorkuta ainda era acovardada e submissa, e os recém-chegados maravilhavam os locais com sua intransigência e ousadia.

E toda aquela estrada que levamos muitos meses para percorrer, foi percorrida lá em um mês. No dia 22 de julho entraram em greve a fábrica de cimento, o canteiro de obras da Thermal-2, as minas 7, 29 e 6. Os alvos se viram: com a interrupção das obras, as rodas dos bate-estacas pararam das minas. Não repetiram mais o erro de Ekibastuz: não fizeram greve de

fome. Todos os guardas fugiram imediatamente das áreas - *traga a ração, patrão!* - todos os dias um carrinho de suprimentos era trazido para a área e empurrado em direção ao portão. (Acho que foi por causa da queda de Beria que eles se tornaram tão prestativos, senão eles os teriam deixado de fome.) Comitês de greve foram formados nas áreas estacionárias, uma "ordem revolucionária" foi estabelecida, a sala de jantar parou imediatamente de roubar e com a mesma ração a comida melhorou significativamente. Na mina 7, eles hastearam uma bandeira vermelha, e na 29, em frente à ferrovia próxima ... retratos de membros do Politburo. E o que eles iriam içar ...? E o que eles iriam exigir ...? Eles pediram para remover os números, os bares e as fechaduras, mas não removê-los si mesmos, eles não removê-los. Exigiram correspondência, visitas, revisão de sentenças.

Eles estavam advertindo os grevistas apenas no primeiro dia. Depois, uma semana se passou sem ver ninguém ir, mas nos mirantes eles instalaram metralhadoras e cercaram as áreas de ataque com postos avançados de cobertura. Pelo que podemos ver, os comandantes iam e vinham para Moscou, não era fácil, com tantas novidades, entender o que era ordenado. Uma semana depois, o general Maslennikov, o diretor do Rechlag General Dierevianko e o procurador-geral Rudenko com uma comitiva de muitos oficiais (até quarenta) visitaram as áreas. Para esta brilhante procissão, eles reuniram todos na praça do campo. Os presos sentavam-se no chão, os generais ficavam de pé e seriam perseguidos por sabotagem, por "tolice". Eles imediatamente fizeram reservas de que "alguns requisitos são bem fundamentados" ("você pode tirar os números", as barras "a ordem foi dada "). Mas volte ao trabalho imediatamente: "O país precisa de carvão!" No meu 7, alguém gritou por trás: "Bem, precisamos de liberdade, vá para ...!" E os prisioneiros foram se levantando do chão e marchando, deixando o General está plantado .^[70]

No ato os números foram arrancados, eles também começaram a desfazer as barras. No entanto, a separação já ocorreu e o ânimo caiu: talvez devêssemos parar? Mais não vamos conseguir. Parte do turno da noite já saiu , o turno da manhã está completamente encerrado. As rodas dos bate-estacas giraram e, olhando um para o outro, os alvos voltaram a funcionar.

Mas o meu 29 estava atrás de uma colina e ele não conseguia ver o resto. Anunciaram que todos haviam voltado ao trabalho, os 29 não acreditaram e não foram. Claro, não custou nada tirar alguns delegados

dele, levá-los para as outras minas. Mas teria sido um mimo humilhante para alguns presos, e os generais estavam sedentos de derramar sangue: sem sangue não é uma vitória, sem sangue essas feras malvadas não castigam.

No dia 1º de agosto, 11 caminhões com soldados se aproximaram da mina 29. Eles chamaram os detidos para a praça, em direção ao portal. Do outro lado do portão, os soldados tomaram posição. Comece a trabalhar ou tomaremos medidas difíceis!

Sem especificar quais. Olhe para as metralhadoras. Silêncio. Movimento de moléculas humanas no meio da multidão. Por que perecer? Especialmente aqueles com uma frase curta ... Quem tem um ano e dois restantes, sigam em frente. Mas, com mais determinação, outros passam e, na primeira fila, de mãos dadas, formam um cordão de proteção contra as crostas. A multidão está indecisa. Um oficial tenta quebrar o cordão, eles o acertam com uma barra de ferro. O general Dierevianko se afasta e dá a ordem de "fogo!" Sobre a multidão.

Três salvas, incluindo rajadas de metralhadora. 66 mortos. (Quem são as vítimas? Os que estão à frente: os mais corajosos e os primeiros a ceder. É uma lei geral com muitas aplicações, encontramos mesmo nos provérbios). Os outros fogem. Os guardas com paus e baquetas vão atrás deles, espancam os presos e os expulsam da área.

Por três dias (1 a 3 de agosto), prisões de todos os *lagpunkts* em greve. Mas o que fazer com eles? Os Órgãos foram cortados com a perda de seu benfeitor, eles não ousam com um processo. Mais uma vez os trens, novamente, eles os levam a algum lugar, para continuar a infectá-los em outro lugar. O arquipélago está ficando pequeno.

Para os que ficam, regime disciplinar io.

Nos telhados do meu quartel 29, surgiram muitos retalhos de gritos: deviam tapar os buracos das balas que os soldados dirigiam contra a multidão. Soldados anônimos, que não queriam ser assassinos.

Mas houve alguns que também atiraram para dar.

Perto do cone da mina 29 alguém colocou, no tempo de Khrushchev, uma cruz na vala comum; muito alto, como um poste telegráfico. Então eles jogaram fora. E alguém pegou de novo.

Não sei se será agora.

XII

Os quarenta dias do kenguir

Mas a queda de Beria teve outra faceta nos Campos Especiais: semeou esperança, com a qual desconcertou, enganou, enfraqueceu a prisão. As esperanças de mudanças rápidas floresceram e os presos sentiram o desejo de perseguir os delatores, de ir para a cadeia por causa deles, de fazer greve, de revoltar-se. A raiva deles passou. Tudo parecia estar melhorando por si só, tínhamos que esperar.

E também esta outra faceta: as dragonas de guarnição azul (mas sem o pássaro da aviação), até hoje a mais respeitada, a mais indiscutível de todas as Forças Armadas, de repente apareceram como marcadas pela infâmia, e não apenas nos olhos dos presos ou de suas famílias (isso, plin), mas talvez também do governo?

Naquele fatídico 1953, os oficiais MVD tiveram seu segundo pagamento ("pelas estrelinhas") removido, então eles começaram a receber um único pagamento com triênios e suplementos de destino, poço e bônus, é claro. Foi um golpe rude no bolso, mas ainda mais no futuro: então não *precisamos mais dele?*

Precisamente porque Beria havia caído, o ministério da custódia teve de demonstrar urgente e inequivocamente sua fidelidade e utilidade. Mas como?

Esses motins, que até então os guardiões viam como uma ameaça, agora aparecem como a salvação: que haja mais motins, desordens, que *medidas* tenham que *ser tomadas*. E assim não haverá redução de pessoal ou de remuneração.

Em menos de um ano, a escolta de Kenguir atirou em pessoas inocentes várias vezes . Foi caso após caso; e não poderia ser acidental. ^[71]

Eles atiraram naquela garota, Lida, na betoneira, enquanto ela pendurava algumas meias para secar no pátio.

Um velho chinês foi baleado - em Kenguir não lembravam seu nome, ele mal falava russo, todos conheciam sua figura oscilante - com o cachimbo entre os dentes e o rosto de um velho gnomo. Um soldado chamou-o ao posto de observação, atirou um pacote de ferrão bem na lateral da antezona e, quando o chinês estendeu a mão para pegá-lo, atirou e o feriu.

O mesmo caso, mas o soldado jogou alguns cartuchos do vigia, mandou um preso pegá-los e matou-o.

Depois o caso, já relatado, do tiro com balas explosivas na coluna que voltava da fábrica de enriquecimento mineral, quando retiraram 16 feridos. (E mais algumas dúzias de esconderam seus ferimentos leves de busca e possível punição.)

Aí os presos já não se calavam, a história de Ekibastuz se repetia: o 3º Kenguir *lagpunkt* ficou três dias sem ir trabalhar (mas levar comida), exigindo que os culpados fossem processados.

Uma comissão chegou e persuadiu que os culpados seriam processados (como se os prisioneiros fossem ser chamados a julgamento e pudessem verificar r ...!) Eles começaram a trabalhar.

Mas em fevereiro de 1954, outro foi morto na serraria, "o evangelista", como todos Kenguir se lembra (parece que seu nome era Alexandr Sysóyev). Este homem, de seus dois duros, tinha completado 9 anos e 9 meses. Seu trabalho era esfregar os eletrodos das máquinas de solda, ele o fazia em uma guarita perto da antezona. Ele saiu para se aliviar e então foi morto da vigia. Soldados da escolta vieram correndo do posto de guarda e começaram a arrastar o homem morto em direção à ante-área, fazendo parecer que ele o havia estuprado. Os presos não resistiram, usaram enxadas, pás e separaram os assassinos dos assassinados. (Durante todo esse tempo, o cavalo selado do comissário Beliayev, *Wart*, apelidado por causa de uma verruga na bochecha esquerda, estava perto do pátio de madeira. O capitão Beliayev era enérgico e sádico, e era típico dele armar todo esse assassinato.)

Tudo começou a ferver na serraria. Os presidiários disseram que carregariam o *lagpunkt* sobre os ombros até a *morte*. Os oficiais de campo não permitiram. "Por que você o matou?" Eles gritaram com eles. Os mestres tinham uma explicação pronta: o próprio morto é o culpado, ele primeiro começou a atirar pedras no mirante. (Ele nem se dera ao trabalho

de ler o arquivo pessoal do homem assassinado? Que lhe faltavam três meses e era evangelista ...?)

O retorno à área foi sombrio e ele lembrou que não era uma piada. Aqui e ali, na neve, soldados eram estendidos com metralhadoras, prontos para atirar (Kenguir sabia muito bem) ... Metralhadoras também estavam postadas nos telhados dos quartéis de escolta.

Foi novamente no mesmo *lagpunkt* 3, que já tinha 16 feridos de uma só vez. E embora agora tenha havido apenas um morto, o sentimento de desamparo, de condenação, de desespero estava crescendo: fazia cerca de um ano desde a morte de Stalin, e seus cães ainda eram os mesmos.

E tudo era igual.

À noite, depois do jantar, eles o fizeram . Em uma seção, a luz apagou-se repentinamente e da porta da frente alguém invisível disse: «Ouça-me, quanto tempo vamos construir em troca de balas? Não vamos trabalhar amanhã! " E assim, seção após seção, barraca após barraca.

Uma mensagem foi jogada por cima da parede no *lagpunkt* 2. Já havia experiência, e eles haviam pensado nisso mais de uma vez, eles sabiam falar lá também. Em *Lagpunkt* 2, uma empresa multinacional, predominavam os jovens de dez anos, e muitas das condenações foram aos poucos terminando; no entanto, eles se juntaram.

Pela manhã, os *lagpunkts* masculinos, 2º e 3º, não saíram para trabalhar.

Esse costume, de fazer greve, mas sem abrir mão do pão e da bagunça do Estado, foi se tornando cada vez mais familiar aos detidos e cada vez menos aos seus patrões. Ocorreu-lhes: os *lagpunkts* em greve, no quartel, e agarrando cada prisioneiro entre dois, empurraram-no para fora do quartel. (Um sistema muito brando, tais atenções podem ser tidas com ladrões, não com inimigos do povo. Mas após a execução de Beria, nenhum dos generais e coronéis ousou dar a ordem de atirar na área com metralhadoras primeiro). Esse trabalho, porém, acabou se revelando inútil: os internos iam ao banheiro, perambulavam pela área , tudo menos o treinamento.

Eles resistiram assim por dois dias.

A simples ideia de punir aquele soldado que matou o evangelista não parecia aos mestres nem simples nem correta. Em vez disso, na noite do segundo para o terceiro dia de greve, percorreu o quartel , tranquilizado pela sua segurança e despertando descaradamente a todos, um coronel de Karaganda com uma grande comitiva: "Tenciono ficar muito tempo fora ?"

[72]

E ao acaso, sem conhecer ninguém aqui, apontava com o dedo: «Tu! Sal...! Seu sal...! Seu! Sal!» E esses homens que foram apanhados ao acaso, aquele gerente corajoso e determinado os mandou para a prisão, supondo que fosse a resposta mais razoável para a *batalha*. Will Rosenberg, um letão, vendo essas represálias absurdas, disse ao legista : "Eu também vou!" "Vá em frente!" O coronel consentiu prontamente. Você provavelmente *nem entendeu* que era um protesto e contra o que você poderia protestar.

Naquela mesma noite, foi anunciado que havia acabado a democracia com comida e que quem não trabalhasse teria uma ração disciplinar. O *lagpunkt* 2 à manhã foi para o trabalho. No dia 3 ficou mais uma manhã sem sair. Agora usavam a mesma tática de empurrar com eles, mas em maior número: todos os oficiais que serviam em Kenguir ou tinham vindo para reforçá-los e com as comissões foram mobilizados. Os policiais se aglomeraram nos quartéis designados, deslumbrando os detidos com a brancura de seus chapéus cossacos e o brilho de suas dragonas, eles se abaixaram entre os beliches e, sem sentirem nojo, sentaram-se de calças limpar as esteiras sujas de aparas dos detidos: "Vamos ver, corre, abre espaço, não vêes que sou tenente-coronel!" E continuando assim, as armas na cintura, invadindo cada vez mais o espaço, acabaram jogando o dono do colchão para o corredor, onde os guardas o agarraram pelas mangas, empurraram-no para a formação, e os que resistiram demais, para a cadeia . (A capacidade limitada das duas prisões de Kenguir foi um grande obstáculo para o comando: ele acomodou apenas cerca de meio mil pessoas).

Assim, a greve foi interrompida sem levar em consideração a honra e os privilégios dos senhores oficiais. Este sacrifício foi imposto pela incerteza dos tempos. Não sabia o que fazer e era perigoso estar errado! Por excesso de zelo, se você metralhar a multidão, poderá se tornar o assassino de Beria. Mas por falta de zelo, se você não os fizesse trabalhar com a energia adequada , você poderia muito bem se tornar um assassino de aluguel. Além disso, com sua participação pessoal e massiva na repressão à greve, os oficiais do MVD demonstraram como nunca a utilidade de suas dragonas para a defesa da ordem pública, bem como a imobilidade de seus funcionários, bem como seu valor individual. .

[73]

Todas as medidas comprovadas em casos anteriores também foram tomadas. Em março-abril, eles enviaram várias transferências para outros campos. (O contágio continua a se espalhar!) Cerca de setenta homens (incluindo Tenno) foram encaminhados para prisões fechadas com a fórmula clássica: "Esgotadas todas *as medidas corretivas*, exerce uma influência dissolvente sobre os presos, impróprios para manutenção em uma prisão. campo de concentração '. As listas dos destinados aos presídios fechados foram expostas em campo, por exemplo. E então esse *autofinanciamento*, como uma espécie de NEP^[se] concentração, seria melhor substituir a liberdade e a justiça dos presos, levados para as cantinas, até então extremamente pobres, um amplo sortimento de produtos. E eles até - ah, milagre! - deram aos presos um *adiantamento* para comprar esses produtos. (O GULAG dando crédito a um índio! Inédito!)

Assim, pela segunda vez, o que se preparava aqui, em Kenguir, sem amadurecer, foi se dissipando.

Mas lá os mestres eram muito espertos. Eles usaram seu clube principal contra os Fifty-Eights, os bandidos! (Vamos ver, sério! Por que sujar suas mãos e dragonas, quando seus amigos sociais estão por perto?)

Antes da festa em 1 de Maio, resignando-se ao princípio de campos especiais, confessando-se que isso era impossível para ter diluído política e deixá-lo ser *compreendido*, os mestres trouxeram em e distribuídos no levantisco *lagpunkt* 3-650 ladrões, parcialmente também "comum"^[ig] (incluindo muitos mais jovens). Um *contingente* saudável *está* chegando! Eles avisaram os Cinquenta e Oitos perversamente. Agora você vai como uma seda ». E os ladrões recém-trazidos arengaram: "Vocês vão colocar ordem aqui!"

E os mestres sabiam muito bem por onde começar a *pôr ordem*: que roubassem, que os vissem às custas dos outros, e assim se semeou a desunião geral. E os patrões sorriam de maneira amigável, pois só sabem sorrir para os ladrões, quando estes, ao saber que havia também uma mulher *lagpunkt ao lado*, já choramingavam com seus modos travessos: "Mostranos as tias, vamos, patrão!"

Mas aí está, o curso imprevisível dos sentimentos humanos e dos movimentos coletivos! Ao injetar no *lagpunkt* 3 de *Kenguir* uma dose de cavalo deste veneno reconhecidamente mortal, os mestres conseguiram não

um campo pacificado, mas o maior motim da história do Arquipélago GULAG!

Por mais fechadas, por mais dispersas que pareçam as ilhas do Arquipélago, através das prisões de trânsito respiram o mesmo ar e se alimentam da mesma seiva. E é por isso que as mortes dos delatores, as greves de fome, as greves, os tumultos nos campos especiais não ficaram desconhecidos dos ladrões. Pois bem, pelo que dizem, no ano 54 nos cárceres de trânsito começou a ser notado que *os ladrões respeitavam os presos*.

E se sim, o que nos impediu de ganhar o "respeito" dos ladrões antes?

Ao longo dos anos 20, 30, 40, nós, Fan Fánych e Hinojos Tomatovich, ^[ib] tão preocupados com nosso próprio significado histórico-universal e o conteúdo de nossa jaqueta, e nossos sapatos ou calças que ainda tínhamos, nos comportamos diante dos ladrões como personagens engraçados: quando eles roubam nossos vizinhos, outros intelectuais históricos -Universal, nós modestamente desviamos nossos olhos e nos amontoamos em nosso cantinho; e quando aqueles pitecantropos vieram atrás de nós, logicamente também não esperávamos ajuda dos vizinhos, prestativamente entregamos a esses papões tudo o que tínhamos, desde que não arrancassem nossas cabeças de uma só vez. Sim, nossas mentes estavam ocupadas com outra coisa e nossos corações preparados com outra coisa! Não esperávamos mais aquele inimigo vil e cruel! Fomos atingidos pela tristeza com os meandros da história russa, e a única morte que estávamos dispostos a fazer foi publicamente, de forma sadia, aos olhos de todo o mundo e apenas salvando toda a humanidade de uma vez. Bem, talvez quem mais pensa que sabe, às vezes sabe menos. Talvez desde o primeiro passo pela primeira cela de trânsito tivéssemos que estar prontos, todos nós, para receber uma facada entre as costelas e apunhalá-la em um canto escuro, entre a urina do mergulho, em uma briga humilhante com aqueles homens-rato, a cujas mordidas os Blues nos entregaram. E então, talvez, teríamos sofrido muito menos perdas e teríamos subido mais cedo, mais alto, e mesmo lado a lado com esses ladrões teríamos explodido os campos de concentração stalinistas? Claro, por que os ladrões deveriam *nos respeitar ...?*

Bem, os ladrões que vieram a Kenguir já tinham ouvido alguma coisa, já esperavam alguma coisa, que havia um espírito de luta na prisão. E antes de se estabelecerem e colidirem com as autoridades, eles se aproximaram

dos *palheiros*^[ii] alguns jovens serenos de ombros largos sentaram-se *para conversar sobre as coisas* e falaram com eles assim: “Somos *delegados*. Você já conhece a *rachadura* nos campos Especiais, se não, vamos falar sobre ela. Agora sabemos fazer facas que não são piores que as suas. Você tem seiscentos anos, nós dois mil e seiscentos. Pense nisso e escolha. Se você for contra nós, vamos matar todos vocês.

Este foi o passo inteligente que deveria ter sido dado há muito tempo! Ligue os bandidos com todas as suas forças! Veja neles o *principal inimigo!*

Claro, era isso que os Blues queriam, para este zipizape começar. Mas os ladrões achavam que ir contra os encorajados Cinquenta e Oitos para um contra quatro era um mau negócio. Seus protetores estavam, apesar de tudo, fora da zona, e também alguns protetores! Os ladrões alguma vez os respeitaram? Por outro lado, a aliança proposta pelos garçons foi uma aventura alegre, inusitada, que também parecia abrir um caminho: a travessia da cerca, para a área feminina.

E os ladrões responderam: “Não, nós nos tornamos mais inteligentes. Iremos em nome dos *caipiras!*

Esta conferência não aparece nos manuais de história, nem os nomes de seus participantes foram preservados nas atas. E é uma pena. Os meninos não eram estúpidos.

Já nos primeiros quartéis de quarentena, o *contingente de sadios* festejava sua chegada acendendo fogueiras no chão de concreto com as mesas e beliches, tirando a fumaça das janelas. Sua discordância com o fechamento do quartel foi expressa por gritar seus olhos das fechaduras.

Durante duas semanas os ladrões ficaram como na praia: foram trabalhar, brindaram ao sol, não trabalharam. A razão disciplinar, claro, não foi discutida, mas apesar de todas as suas esperanças radiantes, os patrões não tinham como justificar um salário. Porém, nas mãos dos ladrões apareceram *títulos*, *eles* entravam na cantina e compravam. A superioridade, esperançosa, acreditava que o *elemento saudável* já começava a roubar. Mas, mal informada, ela se enganou: foi feita uma cobrança entre os políticos para ajudar os ladrões (que também, aparentemente, entrou na convenção, caso contrário os ladrões não teriam se interessado), e daí eles tiraram os bônus! Um caso muito inédito para os mestres adivinharem!

Provavelmente a novidade e o caráter incomum do jogo divertissem muito os bandidos, especialmente os mais jovens: de repente tratando os "fascistas" com cortesia, não entrando em suas seções sem bater, não sentando no beliche sem ser convidado .

A Paris do século passado chamava seus bandidos (que, aparentemente, não faltavam), reunidos em guarda, *móviles*. Está muito bem captado! Esta tribo é tão móvel que rasga o véu rotineiro da vida diária, ela não pode de forma alguma permanecer parada dentro dela. Tinha sido combinado não roubar, não era ético *trabalhar* para o Estado, mas algo tinha que ser feito! Os filhotes dos ladrões se divertiam tirando os gorros dos guardas, durante a contagem noturna subiam nos telhados dos quartéis e no muro alto entre os *lagpunkts* 3 e 2, enredavam a conta, assobiavam, gritavam, à noite assustavam os pontos de vista. Eles teriam continuado e também entrado no *lagpunkt* feminino, mas a área protegida das oficinas *bloqueou* seu caminho .

Quando funcionários do governo, educadores ou comissários entravam em uma reunião amigável no quartel dos bandidos, os pequenos ladrões ofendiam seus melhores sentimentos tirando suas agendas, bolsas ou bolsos durante a conversa. as plataformas acima de repente devolveram ao *compadre* o boné com a viseira no pescoço - um tratamento inédito no GULAG! -. Mas também as circunstâncias eram desconhecidas! Os ladrões, por muito tempo que sempre consideraram seus pais e senhores do GULAG por tolos, eles os desprezavam tanto mais quanto mais bombásticos acreditavam nos sucessos da *reforma*, *eles os desprezavam* até que riam quando saíam para a plataforma ou antes do microfone para contar o início de uma nova vida com uma picareta, uma pá e um carrinho. Mas até então não era do interesse deles ficar com raiva deles. Em vez disso, agora a aliança com os políticos dirigia as forças libertadas dos bandidos precisamente contra os senhores.

Assim, com pouca inteligência administrativa e privadas de compreensão humana superior, as próprias autoridades do GULAG prepararam a explosão Kenguir: primeiro para assassinatos absurdos, depois para colocar combustível para ladrões naquele ambiente aquecido.

Os eventos inevitavelmente seguiram seu curso. Os políticos *não* paravam de propor guerra ou aliança aos ladrões. Os ladrões *não podiam* recusar a aliança. E a aliança estabelecida *não podia* ficar parada: teria sido desfeita e uma guerra interna teria começado . Você tinha que *começar*,

tanto faz, mas comece! E como os *iniciadores*, se são cinquenta e oito, penduram-nos com uma corda ao pescoço, mas se são ladrões, só os repreendem na aula de formação política, propunham os ladrões: começamos e vais continuar!

Observemos que toda a seção de concentração de Kenguir era formada por um único retângulo com a mesma zona externa, dentro da qual, em toda a largura, corriam as zonas internas, separando primeiro o *lagpunkt* 1 (de mulheres), depois as oficinas (já falamos do seu potencial industrial), depois o *lagpunkt* 2, depois 3, e depois a prisão, em que havia duas prisões, a velha e a nova, e onde não ia parar apenas nos campos concentração, mas também os habitantes livres da cidade.

O primeiro objetivo lógico era apreender as oficinas, onde também estavam localizados todos os armazéns de abastecimento do campo. A operação diurna começou, no domingo sem trabalho, 16 de maio de 1954. Primeiro, todos os *móviles* subiram nos telhados de seus quartéis e na parede entre os *lagpunkts* 3 e 2. Depois, a uma ordem dos *palheiros*, eles permaneceram nas alturas, eles pularam com varas para *lagpunkt* 2, lá formaram uma coluna e marcharam em fileiras ao longo da linha. E a linha conduzia, ao longo do eixo do *lagpunkt* 2, ao portal de ferro das oficinas, onde morreu.

Todas essas ações, sem qualquer dissimulação, demoraram um certo tempo, durante o qual o guarda conseguiu se organizar e receber instruções. E quais são as coisas! Os guardas correram pelos quartéis dos Cinquenta e Oito para apelar a eles, trinta anos esmagados como baratas: “Rapazes! Contemplar! Os ladrões vão invadir a zona das mulheres! Eles vão estuprar suas esposas e filhas! Venha em seu auxílio! Vamos repelir eles! » Mas uma aliança era uma aliança, e quem quer que ela pulasse, sem saber, foi mantida. Embora fosse altamente provável que quando os gatos vissem as costeletas não respeitariam as condições do acordo, o guarda não encontrou assistentes entre Cinquenta e Oito.

Como a guarda teria conseguido defender a área feminina de seus favoritos, não sabemos, mas primeiro eles tiveram que proteger os armazéns da área da oficina. Assim, o portal das oficinas foi aberto e para encontrar os atacantes veio um pelotão de soldados desarmados; *El Verruga* Beliáyev orientou-o por trás, seja por amor ao comércio ou por serviço, esteve na área no domingo. Os soldados empurraram os *móviles para trás*, interromperam sua formação. Sem usar suas varas, os ladrões recuaram em

direção ao *lagp unkt 3* e *escalaram* a parede de volta, enquanto de cima de sua reserva atiravam pedras e tijolos nos soldados, cobrindo a retirada.

Claro, não houve nenhuma prisão entre os ladrões como resultado. Ainda vendo nada mais do que uma travessura divertida nisso, as autoridades permitiram que o domingo no campo passasse silenciosamente em direção ao banheiro. O jantar foi dividido sem incidentes, e à noite, no escuro, perto da sala de jantar do *lagpunkt 2*, o filme *Rimsky-Korsakov* começou a ser exibido, como em um cinema de verão.

Mas o corajoso compositor ainda não teve tempo de deixar o conservatório, em protesto contra as perseguições à liberdade, quando os postes de luz da área tilintaram sob as pedras: *móviles* atiravam neles com estilingues, desligando a iluminação do local. Já havia muitos vagando por *Lagpunkt 2* no escuro, seus assobios estridentes de salteadores cortando o ar. Com uma prancha afundaram a porta das oficinas, entraram em uma massa, e ali com uma grade abriram também uma brecha na área feminina. (Havia também jovens de Cinquenta e Oito com eles).

À luz de foguetes luminosos, disparados dos pontos de observação, sempre o mesmo capitão Beliayev, comissário de campo, irrompeu nas oficinas do lado de fora com um pelotão armado e - pela primeira vez na história do GULAG! - abriu fogo nas pessoas *socialmente próximas!* Houve mortes e várias dezenas de feridos. Além disso, dragonas vermelhas com baionetas corriam atrás deles e amarraram os feridos. E mais atrás, de acordo com a divisão repressiva do trabalho já adotada em Ekibastuz, e em Norilsk, e em Vorkuta, os guardas corriam com barras de ferro, e com essas barras eles tinham acabado de matar os feridos restantes. (Naquela *noite*, na enfermaria de *Lagpunkt 2*, a sala de cirurgia estava iluminada e o cirurgião recluso, o espanhol Fuster, estava operando).

As oficinas estavam agora solidamente ocupadas pelos repressores, eles instalaram metralhadoras. E o *lagpunkt 2* (os *celulares* haviam tocado sua abertura, agora os políticos estavam entrando em cena) ergueu uma barricada contra o portal das oficinas. Os *lagpunkts 2* e *3* foram denunciados por um gap, e não havia guardas sobre eles, ele não tinha poder do MVD.

Mas o que aconteceu com aqueles que conseguiram se mudar para o *lagpunkt* feminino e agora estavam isolados lá? Os acontecimentos foram além do desprezo fácil com que os bandidos têm *tias*. Quando os tiros dispararam nas oficinas, aqueles que invadiram aqui, onde as mulheres, não

eram mais predadores ávidos, mas companheiros de infortúnio. As mulheres os esconderam. Soldados desarmados entraram para capturá-los, depois até armados. As mulheres atrapalharam a busca e se defenderam. Os soldados espancaram as mulheres com os punhos e bundas, arrastaram-nas para a prisão (na área das mulheres havia uma prisão própria planejada) e um ou outro homem foi baleado.

Sem forças repressivas, o comando enviou "dragonas negras" para a área das mulheres: soldados de um batalhão de engenheiros, guarnecidos em Kenguir. Porém, os soldados engenheiros *recusaram o que não era coisa de soldado!* E eles tiveram que ser tirados.

Mas entretanto, precisamente aqui, na zona das mulheres, estava a principal justificação política que os repressores podiam reivindicar aos seus superiores! Eles não eram idiotas! Quer tenham lido algures, quer lhes tenha ocorrido, o facto é que na segunda-feira libertaram alguns fotógrafos e dois ou três dos seus bandidos, disfarçados de detentos, pela zona feminina . Os rufiões fingidos começaram a maltratar as mulheres e os fotógrafos a fotografar. Foi para defender as mulheres fracas desses abusos que o capitão Beliayev foi forçado a abrir fogo!

Durante as horas da manhã de segunda-feira, a tensão aumentou na barricada e no portal afundado das oficinas. Nas oficinas havia corpos não coletados. Os soldados estavam deitados atrás das metralhadoras, sempre direccionadas para o mesmo portal. Nas áreas masculinas libertadas , eles desmontaram beliches para armas, fizeram escudos com as tábuas, com os colchões. Da barricada eles gritaram com os algozes, eles responderam. Algo tinha que acontecer, a situação estava muito instável. Os prisioneiros da barricada estavam prontos para marchar para atacá-los. Alguns homens emaciados tiraram as camisas, subiram na barricada e, mostrando aos soldados os peitos e as costelas esqueléticas, gritaram: “Vai, atira, vamos ver! Atire em seus pais! Acabe com a gente agora! »

E de repente um soldado veio correndo para as oficinas com uma mensagem para o oficial. Ele mandou recolher os cadáveres e, com eles, as dragonas vermelhas deixaram as oficinas.

Por cerca de cinco minutos na barricada, o silêncio e a desconfiança reinaram . Então os primeiros prisioneiros perscrutaram prudentemente a área da oficina. Estava vazio, apenas os gorros pretos de concentração dos mortos eram visíveis aqui e ali, com os remendos de *números* costurados .

(Mais tarde souberam que o ministro do interior do Cazaquistão ordenou que as oficinas fossem evacuadas, ele acabara de chegar de avião de Alma-Ata. Os corpos recolhidos foram levados para a estepe e enterrados, para evitar um inquérito, se necessário posteriormente) .

Os prisioneiros explodiram em «Viva-aa ...! Viva-aa »... e eles invadiram a área da oficina, e mais além, na área das mulheres. Eles aumentaram a distância. Lá eles libertaram a prisão feminina e tudo se juntou! Tudo estava livre dentro da zona principal! Apenas a prisão *lagpunkt* 4 permaneceu uma prisão.

Em todos os mirantes , *quatro* dragonas vermelhas foram colocadas ! Houve aqueles a quem os insultos chegaram aos seus ouvidos! Contra os pontos de vista, eles se reuniram e gritaram para eles (as mulheres, claro, mais do que ninguém): «Vocês são piores que os fascistas ...! Sanguessugas ...! Assassinos ...!

Naturalmente, apareceu no campo um padre, e até mais de um, e já estava sendo realizado um funeral no armazém para os mortos na repressão.

Que sensações podem ser essas que explodem no peito de oito mil homens, de todas as suas vidas, e na noite passada, e há um tempo eles eram escravos desconectados, e que agora tinham acabado de se reunir e se libertar, mesmo que não fosse realmente, mas mesmo no retângulo dessas paredes, sob o olhar daqueles soldados por buquês de quatro ?! A inatividade faminta de Ekibastuz em barracas fechadas, até ela parecia alcançar a liberdade! Pois é, aqui já era a revolução de fevereiro! Reprimida por tanto tempo, finalmente surge a fraternidade entre os homens! E queremos bandidos! E os bandidos nos querem! (E o que você vai fazer, selado com sangue! E além disso, eles se afastaram de sua *lei*!) E mais, é claro, amamos as mulheres, que estão de novo ao nosso lado, como costuma acontecer em todos os lugares, e elas são nossas irmãs de destino !

Na sala de jantar penduram proclamações: "Arme-se com o que puder e ataque as tropas primeiro!" Em jornais (não há outro papel), os mais exaltados já pintaram seus slogans em letras pretas ou coloridas: "Duro nas damas!" "Morte aos informantes, vendida às damas!" Em uma parte do campo, em outra, em outra ainda, falta tempo, comícios, palestrantes! E cada um propõe o seu! Ela permite que você pensa *pensar*- fazer de você por quem você é? Que exigências fazer? O que nós queremos? Para processar Belyayev! Isso, claro! Julgue os assassinos, é claro. Mas o que mais? Não feche o quartel, tire os números! Mas e então ...?

Bem, então vem a coisa mais assustadora: por que *isso* começou e o que queremos? Naturalmente, queremos liberdade, nada além de liberdade! Mas quem vai nos dar isso? Os tribunais que nos condenaram estão em Moscou. E enquanto estivermos descontentes com o Steplag ou com Karaganda, eles ainda falam conosco. Mas se dissermos que estamos descontentes com Moscou ... não contamos com um!

E então o que nós queremos? Romper as paredes? Correr para o deserto ...?

Horas de liberdade! Quintes de correntes que caem de nossos braços e ombros! Não, apesar de tudo não lamentamos! Este dia valeu a pena!

E no final da segunda-feira no campo fervente entra uma delegação das autoridades. Uma delegação totalmente benevolente, não nos olham como feras, não carregam metralhadoras, bem, aqueles não são pistoleiros do maldito Beria. Ficamos sabendo que chegaram generais de Moscou: Bochkov do GULAG e o Procurador Geral Adjunto Vavílov. (Eles também serviram sob o comando de Beria, mas por que agitar o passado?) Eles consideram que nossas demandas são *totalmente justificadas!* (Ficamos de boca aberta: justificados? Então não somos amotinados? Não, não, *totalmente* justificados!) "Os culpados do tiroteio terão que responder!" "E por que as mulheres foram espancadas?" Eles bateram nas mulheres? A delegação está maravilhada. Não pode ser". Ania Mikhalevich traz para eles uma série de mulheres machucadas. A comissão é movida: "Vamos esclarecer, vamos esclarecer!" "Selvagens!", Grita para um general Liuba Bershadskaya. Eles também gritam: "Não feche o quartel!" "Não vamos fechá-los." "Tire os números!" «Claro, vamos retirá-los, garante um general que nunca vimos (nem veremos). «Os passos entre as zonas, que fiquem! Nós rimos. Temos que nos comunicar!" "Bem, entre em contato", concorda o general. Deixe os passos permanecerem ». Bem irmãos, o que mais queremos? Sim, ganhamos !! Um dia estivemos agitando, nos alegrando, fazendo barulho e vencemos! E mesmo que alguns de nós balancem a cabeça e digam "engano, engano!" Nós acreditamos! Acreditamos em nossas autoridades, de modo geral não tão ruins! Acreditamos porque é para nós a maneira mais fácil de sairmos dos problemas ...

E que outro remédio existe para os oprimidos, exceto acreditar? Para ser enganado e acreditar novamente. E ser enganado novamente, e novamente acreditar.

E na terça-feira, 18 de maio, todos os lagpunkts *Kenguir* começaram a trabalhar, se *contentando* com seus mortos.

E ainda naquela manhã tudo poderia ter terminado em paz! Mas os chefões concentrados em *Kenguir* teriam considerado esse final uma derrota. Eles não iriam seriamente concordar com alguns detidos! Eles não iriam punir seriamente alguns soldados MVD! Seu baixo intelecto extraiu uma única lição: as paredes entre as zonas não eram suficientemente fortificadas! Lá você tinha que fazer áreas *cobertas* (por metralhadoras)!

E naquele dia a diligente superioridade fisgou para trabalhar aqueles que haviam perdido este costume por anos e décadas ; os oficiais e guardas vestem aventais; quem soube usar, pegou um chato; os soldados livres da vigia empurravam carrinhos de mão, carregavam carrinhos; os inválidos que permaneceram na área abordaram e serviram adobes. E durante a noite as lacunas serão fechadas com tijolos , os postes quebrados consertados, ao longo das paredes interiores indicadas faixas proibidas e sentinelas postadas nas extremidades com ordens de abrir fogo.

E quando, ao anoitecer, as colunas de reclusos, tendo entregue o seu trabalho quotidiano ao Estado, voltaram ao campo, foram mandados com urgência para jantar, sem lhes dar tempo de reacção, para os encerrar o mais cedo possível. De acordo com o plano de batalha dos generais, era preciso vencer esta primeira noite - a noite da decepção muito ou evidente depois das promessas da noite anterior - e então as pessoas se acostuariam e as águas voltariam ao seu curso.

Mas antes do crepúsculo os mesmos apitos estridentes de bandidos soaram como no domingo: era assim que as zonas três e dois se comunicavam , como em uma grande farra de fora-da-lei (esses apitos eram outra feliz contribuição dos bandidos para a causa comum). E os guardas vacilaram, não terminaram suas funções e fugiram das áreas. Apenas um oficial foi descuidado (Tenente Medvedev), entreteve-se com suas coisas e foi capturado até a manhã seguinte.

O campo foi deixado nas mãos dos prisioneiros, mas eles foram separados. Contra aqueles que se aproximavam das paredes internas, os mirantes abriram fogo. Alguns estavam secos, outros estavam feridos. Foi então que na segunda zona o contramestre lhes serviu: com uma dragona rasgada amarraram-no na ponta de uma mesa, empurraram-no para a antezona e gritaram ao seu povo: «Não disparem, estou aqui ! Estou aqui, não atire! "

Com as mesas compridas afundaram o arame farpado, arrancaram os postes recém-colocados da antezona, mas sob fogo não foi possível afundar a parede ou escalá-la: então, foi necessário fazer um túnel por baixo. Como sempre, não havia pás na área, exceto pás de fogo. Facas de cozinha, panelas entraram em ação.

Naquela noite, de 18 a 19 de maio, eles abriram passagens sob todas as paredes e comunicaram novamente todos os *lagpunkts* e a área da oficina. Então os pontos de vista pararam de disparar e as ferramentas nas oficinas estavam em abundância.

Todo o trabalho diurno dos pedreiros de dragonas foi para o inferno. Ao abrigo da noite as antezonas foram rompidas, as paredes foram abertas e os vãos alargados, para não se tornarem gargalos (em dias sucessivos foram feitos até vinte metros de largura).

Naquela mesma noite, eles também abriram uma brecha em direção ao *lagpunkt* 4, a prisão. Os guardas que guardavam as prisões fugiram, uns para a guarda, outros para os miradouros, desceram escadas. Os prisioneiros saquearam os escritórios dos juízes de instrução. Lá, eles libertaram da prisão aqueles que liderariam a insurreição de amanhã: o ex-coronel do Exército Vermelho Kapito n Kuzñetsov (ex-aluno da Academia Frunze, já na meia-idade; após a guerra ele comandou um regimento na Alemanha, e um de seus homens fugiu para o Ocidente: por isso o condenaram; na prisão do campo foi por "desfigurar a realidade dos campos de concentração" em cartas enviadas por meio de empregados livres); ex-tenente do Exército Vermelho Gleb Slúchenkov (ele era um prisioneiro, alguns dizem que era até um Vlasovista).

Na "nova" prisão viviam habitantes da aldeia de Kenguir, presos comuns. No início, eles entenderam que havia uma revolução geral no país e receberam a liberdade inesperada com alegria. Mas logo aprendendo que a revolução era muito local em escopo, os comuns *retornaram* lealmente ao seu saco de pedra e sem qualquer custódia eles viveram honestamente durante todo o tempo do levante, apenas para comer eles foram para a sala de jantar dos zeks amotinados.

zeks amotinados! Já haviam tentado três vezes afastar esse motim e essa liberdade. Eles não sabiam como usar esses dons e os temiam mais do que desejavam. Mas com a inelutabilidade das ondas do mar, eles foram lançados e relançados em motim.

O que mais eles deixaram? Acredita em promessas? Eles iriam enganá-los novamente, os traficantes de escravos haviam provado isso no dia anterior, e outras vezes também. Ajoelhe-se? Se eles tivessem ficado de joelhos todos esses anos e não tivessem merecido compaixão. Pedir para ser punido hoje? Mas o castigo hoje será tão severo que depois de um mês de vida livre, por parte daqueles cujos tribunais funcionam mecanicamente: se dão *cinco dólares*, então a todos os que estão, sem deixar nenhum.

Um fugitivo não foge para experimentar pelo menos um dia de vida em liberdade? Bem, o que aconteceu com esses oito mil homens não foi tanto criar um motim, mas *fugir para a liberdade*, mesmo que por um curto período de tempo! Oito mil pessoas, de repente, de escravos ficaram livres, e agora era a vez deles viverem! Os rostos geralmente endurecidos se suavizaram em sorrisos gentis . ^[74] As mulheres viram os homens, e os homens pegaram suas mãos. Aqueles que se correspondiam por meio de subterfúgios secretos inteligentes e nunca tinham se visto, agora eles se conheciam! Aquelas mulheres lituanas cujos casamentos o padre celebrava com a parede intermediária, agora viam seus maridos legítimos diante da Igreja, seu casamento havia descido do Senhor para a terra! Para os crentes das diferentes seitas e confissões, pela primeira vez em suas vidas, ninguém os impediu de se encontrar e orar. Os solitários estrangeiros, espalhados por todo o lado, agora encontravam compatriotas e falavam na sua língua daquela estranha revolução asiática. Todos os suprimentos do campo foram encontrados nas mãos dos internos. Ninguém os fez sair para treinar para um turno de onze horas.

No campo insone, entusiasta, que deu início ao número de cães, amanheceu o dia 19 de maio. Postes com postes quebrados pendurados no arame farpado. Através das trincheiras e sem elas, os prisioneiros se moviam livremente de área em área. Muitos usavam suas roupas civis, retiradas do armário. Alguns ucranianos colocam chapéus de cossaco. (Em breve haverá até camisas bordadas, em djellaba asiáticos e turbantes em cores brilhantes; o campo cinza-preto vai florescer).

Os ordenanças caminharam pelo quartel e chamaram o grande refeitório para eleger a *Comissão*: uma comissão de negociações com as autoridades e de autogoverno (tão modesto, temeroso, ele se autodenominava).

Eles a escolheram, talvez, por apenas algumas horas, mas ela estava destinada a governar o acampamento Kenguir por quarenta dias.

Se tudo isso tivesse acontecido alguns anos antes, apenas por medo de que os *seus descobrissem*, os mestres do Steplag não teriam achado graça, mas teriam dado a ordem familiar: "Economize munição!" pontos de vista teriam eliminado toda essa multidão encurralada entre quatro paredes. E se fosse necessário exterminar os oito mil que existiam, ou apenas quatro, nada neles teria sido movido, porque são inabaláveis.

Mas a complexidade da situação em 1954 os fez hesitar. O mesmo Vavilov e o mesmo Bochkov sentiram um certo ar novo em Moscou. Aqui a dela já havia disparado, e agora eles procuravam um jeito de dar um ar legal ao que foi cometido. Portanto, houve um momento de hesitação e, portanto, os amotinados tiveram tempo de começar sua nova vida independente.

Desde as primeiras horas teve que ser determinada a linha política do motim, ou seja, ser ou não ser. Deveria seguir aqueles slogans ingênuos pintados nas colunas mecânicas dos jornais: "Duro para os chekistas"?

Acabado de sair da prisão e subindo ao topo - seja pela força das circunstâncias, por sua perícia militar, pelos conselhos de amigos, ou por sua própria vocação - direito ao comando supremo, Kapitón Ivanovich Kuzñetsov, aparentemente, imediatamente ele adotou a posição e o ponto de vista dos raros e acuados comunistas ortodoxos em Kenguir: "Chega desses animados (os slogans), chega do espírito anti-soviético e contra-revolucionário de quem quer *tirar vantagem* de nossos incidentes!" (Cito essas expressões das notas de outro membro da Comissão, AF Makéyev, em uma conversa restrita no armário de objetos pessoais de Pyotr Akóyev. Os ortodoxos acenaram com a cabeça para Kuzñetsov: "Se esses cartazes nos derem frases novas")

Já de madrugada, mesmo à noite, passando por todos os cones das barras e falando neles até ficar rouco, e de manhã na assembleia na sala de jantar, e ainda mais de uma vez depois, o coronel Kuzñetsov, quando encontrava cargos os extremos e o ressentimento de vidas tão pisoteadas que já não pareciam ter nada a perder, repetia e repetia incansavelmente:

"O anti-soviético, para nós, seria a morte." Se espalharmos slogans anti-soviéticos agora, eles nos reprimirão no local. Eles estão apenas esperando um pretexto para a repressão. Com esses sinais você enen todos os motivos para atirar. Nossa salvação está na lealdade. Temos que falar aos representantes de Moscou *como bons cidadãos soviéticos!*

E então, levantando um pouco mais a voz: "Não vamos tolerar esse comportamento de provocadores isolados!" (Bem, por falar nisso, enquanto

ele fazia esses discursos, havia amassos nos beliches. Não que seus sermões recebessem muita atenção).

É como se um trem te levasse na direção oposta à que você queria e você decidisse descer em movimento: teria que pular *na direção* da marcha, não *contra* ela. É a inércia da história. Nem todos, longe disso, queriam assim, mas o bom senso dessa orientação foi imediatamente apreendido e conquistado. Muito em breve, grandes cartazes foram pendurados em todo o campo, bem legíveis dos pontos de vista e guaritas:

"Viva a Constituição Soviética!"

"Viva o praesidium CC!"

"Viva o poder soviético!"

“Exigimos a presença de um membro do CC e a revisão das nossas sentenças!”

"Fora com os assassinos de Berian!"

- Esposas dos oficiais Steplag! Você não tem vergonha de ser a esposa de assassinos? "

Embora estivesse claro para a maioria do Kenguir que todas as eliminações de milhões de pessoas, de longe e de perto, ocorreram sob o sol pantanoso *desta* constituição e foram aprovadas por *esses* membros do Politburo, eles não tinham escolha a não ser fazê-lo. escreva vivo a *esta* constituição e a *este* Politburo. E agora, relendo seus sinais, os amotinados presos encontraram terreno legal para pisar e se acalmaram: seu movimento não era desesperado.

E no refeitório, onde acabavam de ocorrer as eleições, foi hasteada uma bandeira visível para toda a cidade. Aí foram muitos dias: campo branco, borda preta, no meio uma cruz vermelha de serviços de saúde. De acordo com o código marítimo internacional, esta bandeira significava:

«Navio em perdição! Há mulheres e crianças a bordo! '

Uma dezena de pessoas foi eleita para a Comissão, liderada por Kuznetsov. A Comissão imediatamente se especializou e criou seções:

- agitação e propaganda (liderada pelo lituano Knopkus, um disciplinador de Norilsk após o levante lá);
- economia e serviços;
- de alimentação;
- segurança interna (Gleb Slúchenkov);
- militar, e

- técnica, talvez a mais surpreendente neste governo de concentração.

O ex-major Mikheyev era o encarregado dos contatos com as autoridades. Na omissão C ainda entrou um dos *pajanes* de ladrões, ele também era responsável por algo. As mulheres entraram (pelo que eu sei: Shajnovskaya, economista do partido, agora de cabelos grisalhos; Suprún, uma professora Cárpata de meia-idade; Liuba Bershadsкая).

Irão os verdadeiros inspiradores principais da revolta entrar nesta comissão? Claro que não. Os *centros*, especialmente os ucranianos (em todo o campo, os russos não seriam mais do que um quarto), aparentemente continuaram a funcionar por conta própria. Mikhail Keller, um guerrilheiro ucraniano, que desde 1941 vinha lutando agora contra os alemães, agora contra os soviéticos, e que em Kenguir tinha matado publicamente um informante, assistiu às reuniões da Comissão como um observador silencioso de *que* funcionários.

A Comissão operava abertamente no escritório da mulher *lagpunkt* , mas a seção militar mudou seu posto de comando (equipe de campo) para os banhos *lagpunkt* 2. As seções começaram a funcionar. Os primeiros dias foram especialmente animados: tudo teve que ser inventado e criado.

Em primeiro lugar, você precisava se fortalecer. (Mikheyev, que esperava uma repressão militar inevitável, se opôs a qualquer tipo de defesa. Sluchchenkov e Knopkus insistiram nisso). Isso produziu muito adobe pelas grandes e largas lacunas nas paredes internas. Com esse adobe, foram feitas barricadas contra todos os guardas, ou seja, saídas para fora (e entradas de fora), que haviam ficado nas mãos dos guardiões e qualquer uma das quais poderia ser aberta a qualquer momento para dar lugar ao tropas de repressão. Rolos de arame farpado foram encontrados em abundância nas oficinas. Com eles , as espirais de Bruno foram fabricadas e dispersas pelos setores mais ameaçados . Não pararam, dependendo de onde, também para colocar sinais: «Cuidado! Minas!

Essa foi uma das primeiras ocorrências da Seção Técnica. Em torno de suas obras criou-se uma atmosfera de grande sigilo. Nas oficinas apreendidas, a Seção Técnica segregou algumas salas reservadas, em cuja entrada se desenhavam uma caveira e dois ossos cruzados, e estava escrito: "Tensão 100 000 volts". Apenas os poucos homens que trabalhavam lá tinham permissão para entrar. Assim, mesmo os internos desconheciam o que a Seção Técnica fazia. O boato espalhou-se rapidamente de que ele

estava desenvolvendo uma *arma secreta* que tinha algo a ver com química. Como os senhores e os prisioneiros sabiam muito bem quais eram as cabeças, a soberba convicção de que *eles podiam fazer tudo* se espalhou facilmente , e até mesmo inventar uma arma que ainda não haviam descoberto em Moscou. E já fazem algumas minas simples, usando as substâncias que estavam na área da oficina, por que não? Portanto, os sinais de " minas " foram levados a sério.

E mais uma arma foi inventada: caixotes com vidro amassado na entrada de cada quartel (para atirar nos olhos dos soldados).

Todas as equipes foram mantidas como estavam, só que passaram a ser chamadas de pelotões, quartéis, companhias e foram nomeados chefes de companhia, sob o comando da Seção Militar. O chefe de todos os guardas era Mikhail Keller. De acordo com um gráfico exato, todos os locais ameaçados foram ocupados por *piquetes*, especialmente reforçados à noite. Deixando em conta a peculiaridade da psicologia masculina, para uma mulher que um homem não foge, e geralmente se comporta com mais valor, os piquetes foram misturados. E as mulheres em Kenguir descobriram que havia muitas não apenas barulhentas, mas até destemidas, especialmente entre as garotas ucranianas, que eram apenas a maioria no *lagpunkt* feminino.

Sem esperar pela boa disposição do amigo, começaram a retirar sozinhos as grades das janelas do quartel. Nos dois primeiros dias , enquanto as autoridades não haviam pensado em cortar a eletricidade no campo, as oficinas ainda funcionavam e com as barras dessas barras fizeram uma infinidade de *lanças*, afiando suas pontas. Em geral, a forja e as oficinas foram aqueles primeiros dias fazendo armas sem parar: facas, alabardas, machados de guerra e sabres, o que deu uma ilusão especial aos bandidos (contas de couro coloridas penduradas no punho). Alguns apareceram com maças.

Jogando a lança no ombro , os piquetes foram para suas posições noturnas. E os pelotões femininos, enviados à noite para a área masculina para as seções especialmente habilitadas, para sair com o alarme para encontrar os atacantes (havia a suposição ingênua de que os algozes seriam relutantes em esmagar as mulheres), eles foram ericados com pontas de lança.

Tudo isso teria sido impossível, ele teria entrado em colapso em zombaria ou luxúria, se não tivesse sido cercado pelo halo puro e severo do

motim. Lanças e lâminas, no auge de nosso século, eram brinquedos, mas a prisão no passado e a prisão no futuro não eram um jogo para esses homens. As lanças seriam brinquedos, mas pelo menos você teve! Aquela primeira chance de defender sua própria liberdade. No ar puritano do início da revolução, quando a presença de uma mulher em uma barricada também se torna uma arma, homens e mulheres se comportavam com dignidade e portavam com dignidade suas lanças apontadas para o céu.

Se alguém hoje em dia fazia cálculos de baixa luxúria, eram os mestres das dragonas azuis ali, depois da zona. Seu pensamento era que, com uma semana para eles próprios, os detidos iriam se afogar na incontinência. Foi assim que eles apresentaram aos habitantes da cidade que os prisioneiros se amotinaram por libertinagem. (Claro, o que mais pode faltar aos detidos em sua vida livre?)^[75]

Mas o principal cálculo das autoridades era que os bandidos começariam a estuprar as mulheres, os políticos viriam em sua defesa e a matança começaria. Mas os psicólogos do MVD também se enganaram! E isso também é digno de nosso espanto. Todos testemunham que os ladrões se comportaram *como pessoas*, não no sentido tradicional do termo, mas no nosso. Reciprocamente, os políticos e as próprias mulheres os tratavam com marcada amizade, com confiança. O que estava por baixo não é da nossa conta. Talvez os ladrões também se lembrassem de suas vítimas sangrentas no primeiro domingo o tempo todo.

Se qualquer tipo de *força* pode ser atribuída ao levante Kenguir, essa força estava unida.

Os ladrões nem mesmo atacaram a loja de suprimentos, o que, para os especialistas, é tão ou mais surpreendente. Embora houvesse provisões nos armazéns por muitos meses, a comissão, após deliberação, concordou em manter todos os padrões anteriores para pão e outros produtos. O medo servil de exagerar no Estado e depois responder pelo que foi gasto! Como se depois de tantos anos de fome o Estado não estivesse em dívida com os detidos! Ao contrário (lembra Mijéyev), faltavam alguns itens atrás da área, e os prefeitos da Diretoria imploraram para serem abastecidos com esses itens do campo. Havia frutas calculadas com padrões mais elevados (para cidadãos livres!), E os zeks as entregavam.

A administração do campo liberava mantimentos nas quantidades anteriores, a cozinha recebia, cozinhou, mas no novo ambiente revolucionário ela não se roubava, nem apareceu um mensageiro dos

bandidos com a ordem de *trazer o povo até eles*. Nem mesmo uma concha foi adicionada àqueles conectados. E de repente descobriu-se que, pela mesma regra, ele comia muito *mais!*

E se os criminosos vendessem roupas (é claro, elas já haviam sido roubadas em outro lugar), eles não apareceriam mais tarde, de acordo com seu costume, para tirá-las novamente. "Este não é o momento para isso", disseram ...

Até mesmo as cantinas da Seção de Abastecimento de Trabalhadores Locais continuaram a comerciar nas áreas. O caixa livre foi garantido sua segurança por comando. Sem guardas, teve acesso ao local e aqui, acompanhada por duas meninas, percorreu todas as cantinas e arrecadou a renda: *vouchers* dos vendedores . (Mas os títulos, é claro, logo se esgotaram, e também os proprietários não permitiram que novos produtos entrassem na área.)

Nas mãos dos mestres havia mais três fontes de abastecimento para a área: eletricidade, água e remédios. O ar, como se sabe, não era administrado por eles. Remédios, eles não deram à área em quarenta dias, nem uma colher de sopa de bicarbonato, *nem uma gota de iodo*. A luz foi desligada após dois ou três dias. A água foi deixada.

A Seção Técnica iniciou a luta pela luz. No início, eles planejaram lançar ganchos com força presos a um fio fino a uma linha externa, que corria para fora da parede do campo, e assim eles passaram vários dias roubando a corrente, até que os tentáculos fossem descobertos e cortados. Nesse ínterim, a Seção Técnica teve tempo de testar uma turbina eólica e renunciar a ela, e nas oficinas (em um local protegido do olhar dos mirantes e dos aviões U-2 voando baixo) começaram a montar uma central usina hidrelétrica que operava ... torneira da tubulação de água . Um motor que estava nas oficinas foi convertido em gerador, e assim alimentavam a rede telefônica interna, a iluminação do posto de comando e ... a estação! Por outro lado, tochas queimavam nos quartéis ... Essa usina hidrelétrica inédita funcionou até o último dia do motim.

Nos primeiros dias do levante, os generais entraram na área como mestres. É verdade que Kuziletzov também deu um bom golpe: nas primeiras conversas, ordenou que os cadáveres fossem retirados do necrotério e ordenou em voz alta: "Descubra você mesmo!" Os zeks tiraram seus bonés, e os generais também não tiveram escolha a não ser tirar seus bonés militares na frente de suas vítimas. Mas a iniciativa continuou a ser

do General Bochkov do GULAG. Depois de aprovar a escolha da Comissão ("você não pode falar com todos ao mesmo tempo"), ele exigiu que os deputados iniciar as negociações por recontando sua judicial *arquivo* (e Kuznetsov começou no comprimento e talvez de boa vontade para apresentar seu); que em seus discursos, os padres se levantaram. Quando alguém disse: "Prisioneiros exigem" ... Bochkov respondeu com desagrado: "Os prisioneiros só podem *implorar*, não exigir!" E esta fórmula foi estabelecida: "os internos rezam".

Aos *pedidos* dos presidiários, Bochkov respondeu com uma palestra sobre a construção do socialismo, os sucessos sem precedentes da economia nacional, o avanço da revolução na China. Ou seja, para enfiar um parafuso suficientemente em nosso cérebro, com o qual sempre nos enfraquecemos e ficamos mudos ... Ele viera à região para explicar por que o uso de armas era legítimo (logo declarariam que ninguém jamais havia atirado contra o área, todos eram mentiras dos bandidos e espancamentos também não existiam). Ele ficou chocado que eles ousaram pedir-lhe que violasse os "regulamentos de manutenção separados para zk-zk." (Eles falam de seus regulamentos de tal forma, como se fossem leis eternas para todo o sempre.)

Logo outros novos generais, ainda mais importantes , chegaram a "Douglas" : Dolguij (parece que naquela época diretor geral do GULAG) e Iegórov (subsecretário do MVD da URSS). Uma assembléia foi convocada na sala de jantar, com a presença de até 2.000 presidiários. E Kuzñetsov mandou: «Atenção! De pé! Primeiro mês! "E convidou os generais a sentar-se com honras no cargo, enquanto ele próprio permanecia de pé em respeito a um ladito. (De outra forma, Slúchenkov se comportou. Quando um dos generais jogou algo sobre os *inimigos*, Slúchenkov respondeu em voz alta: "E qual *de* vocês não era um inimigo? Iágoda um inimigo, Yezhov um inimigo, Abakumov um inimigo, Beria um inimigo. Como sabemos se Kruglov é melhor? ")

Makéyev, a julgar por seu Diário, havia elaborado um projeto de compromisso segundo o qual a Administração era obrigada a não se transferir ou retaliar com ninguém para abrir um inquérito, enquanto os prisioneiros em troca concordavam em retornar imediatamente ao trabalho. No entanto, quando ele e outros como ele começaram a vagar pelos quartéis, propondo que seu projeto fosse adotado, os zeks os trataram como "Komsomoles carecas", como "delegados de suprimentos".^[ij] e "lacaio dos

chekistas". Com especial animosidade, elas foram recebidas no campo das mulheres , e era especialmente inaceitável que as prisioneiras agora se contentassem com a separação das zonas masculina e feminina. (O ofendido Macheyev respondeu aos seus opositores: "E você, esfregou os seios de Mariancheta e acha que o regime soviético acabou ? O regime soviético vai conseguir o que quer, não se preocupe!")

Os dias passaram. Sem tirar os olhos da área - o olho dos soldados nos mirantes, dos guardas ali também (os guardas, conhecendo os presos pelo nome, tinham que reconhecê-los e lembrar o que cada um fazia) e até mesmo o olho dos aviadores (talvez com equipamento fotográfico) -, os generais tiveram que concluir com todo o sentimento do coração que na área não houve massacres, não houve pogroms, não houve violência, o campo não estava desabando sozinho ele próprio e não havia pretexto para enviar tropas em seu socorro.

O campo *resistiu* e as conversas mudaram de caráter. As dragonas douradas, em várias combinações, iam chegando ao local para arengar e colher. Deixaram todos entrarem, mas para isso tiveram que levar uma bandeira branca nas mãos, e atrás do posto de guarda das oficinas, agora convertido na entrada principal do campo, tolerar ser revistado, que alguma menina ucraniana em pele de carneiro deu dando tapinhas em seus bolsos gerais, no caso de haver uma pistola ou bombas manuais. Em troca, o comando dos amotinados *garantia* sua segurança pessoal ...!

Os generais foram acompanhados sempre que possível (é claro, não para a área *secreta* das oficinas) e tiveram permissão para falar com os prisioneiros; grandes assembléias se reuniam em sua homenagem nos *lagpunkts*. Em suas dragonas deslumbrantes, os mestres lá também estavam sentados na cadeira, como nada mais.

Os detidos delegados ou radores. Mas como era difícil falar! Não só porque cada um escreveu sua condenação futura com este discurso, mas também porque as experiências de vida e os conceitos da verdade dos cinzas e dos azuis eram muito divergentes, e quase não havia como colocar nada nesses satisfeitos. grandes nessas cabeças de melão lustrosas. Aparentemente, eles estavam muito irritados com um velho trabalhador de Leningrado, comunista e participante da revolução. Ele perguntou-lhes que comunismo seria se os oficiais usassem as oficinas como se fossem suas, se com o chumbo roubado da fábrica de enriquecimento mineral os obrigassem a fundir os postos de caça furtiva; se seus jardins são levados

por prisioneiros; Sim, para o chefe do *lagpunkt*, quando ele se lava nos banheiros, *estendem* um tapete e uma orquestra toca.

Para diminuir essa gritaria inútil, essas reuniões às vezes assumiam a forma de conversas diplomáticas diretas de alto nível: em junho, uma longa mesa de jantar foi montada na área feminina e, de um lado, em um banco, um as dragonas douradas estavam sentadas e atrás delas estavam os soldados com submetralhadoras que haviam sido contratados como escolta. Do outro lado da mesa sentavam-se membros da Comissão, e eles também tinham uma escolta: ela era muito séria com seus sabres, lanças e estilingue. Mais longe, os presos se aglomeravam: para ouvir as *conversas* e para encorajar as suas. (E aperitivos na mesa não faltaram! Trouxeram picles das estufas da oficina, trouxeram kvass da cozinha ^[ik]. As dragonas douradas colhiam picles sem serem nem um pouco perturbadas) ...

As demandas dos rebeldes já haviam sido aprovadas nos primeiros dois dias, e agora se repetiam ad nauseam:

- aquela fadiga ao assassino do evangelista;
- que todos os culpados pelos homicídios de domingo a segunda nas oficinas sejam punidos;
- que aqueles que espancaram mulheres sejam punidos;
- que os camaradas que foram ilegalmente mandados para as prisões por fazerem greve voltem ao campo ;
- não colocar os números de volta, não colocar grades nos quartéis, não fechá-los à noite;
- não restabelecer as paredes entre os *lagpunkts*;
- jornada de trabalho de oito horas, como em liberdade;
- aumento da remuneração do trabalho (não se falava mais em igualdade com os trabalhadores livres);
- correspondência gratuita com a família e visitas periódicas;
- revisão de condenação.

E embora nenhuma dessas exigências abalasse os fundamentos ou contradisse a constituição (muitas eram apenas o apelo para voltar à situação anterior), era impossível para os senhores aceitarem a menor delas, porque essas gordas napes são calvas, essas carecas e Caps há muito perderam o poder de admitir seu erro ou sua culpa. E a verdade era

repulsiva para eles, e irreconhecível, quando não vinha de instruções secretas da Superioridade, mas da boca do povo.

Mas, apesar de toda aquela greve prolongada, de oito mil sitiados, ainda representava uma mancha na reputação dos generais, poderia prejudicar seu histórico de serviço, e é por isso que optaram por prometer. Prometeram que quase todas essas demandas poderiam ser atendidas, basta olhar (para ser plausível), vai ser difícil manter a área feminina comunicada, isso não é permitido (como se na ITL não fosse assim há vinte anos!), mas você pode encontrar uma solução, organizar *dias de* reunião. Quanto a iniciar o trabalho de uma comissão de inquérito (sobre as circunstâncias do tiroteio) na área, os generais concordaram repentinamente. (Mas Slúchenkov adivinhou sua intenção e insistiu para que ela não fosse executada: sob a cobertura de declarações testemunhais, os denunciantes iriam *explodir contra eles* tudo o que acontecesse na área). Revisão de frases? Bem, as frases também serão revistas, é claro, mas teremos *que esperar*. Por outro lado, o que não tem espera, é que tem que ir trabalhar! Trabalhar! Trabalhar!

E isso os presos já sabiam: separar em colunas, deitar no chão ou atirar, prender os líderes.

-Não! Eles responderam do outro lado da mesa e da tribuna. Não! Eles gritaram da multidão. A Stelag Management se comportou de forma provocativa! Não acreditamos na liderança Steplag! Não acreditamos no MVD!

"*Você nem acredita no MVD?*" O subsecretário ficou pasmo, enxugando a testa com tanta irreverência. *Quem* instilou esse ódio ao MVD?

Adivinhe o enigma.

"Queremos um membro do Praesidium CC!" A um membro do Praesidium CC! Então vamos acreditar neles! Os prisioneiros gritaram.

-Contemprar! Os generais ameaçaram. Vai ser pior!

Mas então Kuznetsov se levantaria. Ele falava bem, com facilidade de falar e com dignidade.

"Se você entrar na área com armas", advertiu, "tenha em mente que metade dos homens aqui são os que tomaram Berlim." Eles também saberão como controlar suas armas!

Kapitón Kuzñetsov! O futuro historiador do motim de Kenguir nos dará a chave dessa personalidade. O que ele entenderia e o que ele sentiria

quando sua convicção? Em que estado seu processo judicial estaria representado? Teria passado muito tempo desde que instei a sua revisão, se foi precisamente durante os dias do motim que veio a *libertação* de Moscou (parece que mesmo com a reabilitação)? Seu orgulho, era apenas o de um militar de carreira, por ter tanta *ordem* em um campo rebelde? Você estaria na vanguarda do movimento porque isso o entusiasma? (Eu excluo isso). Ou, conhecendo suas habilidades de liderança, como moderá-la, canalizá-la e quão manso ou disposto a colocá-la aos pés da Superioridade? (É o que eu acredito). Nas reuniões, nas conversas e por meio de terceiros, teve a possibilidade de informar aos repressores o quanto queria e de ouvi-los. Por exemplo, em junho houve uma ocasião em que o ladino Markosián foi enviado ao exterior para negociar com uma comissão da Comissão. Kuzñetsov aproveitou essas oportunidades? Eu poderia admitir que não. Ele poderia se permitir ser independente, orgulhoso.

Dois guarda-costas - dois enormes jovens ucranianos - acompanhavam Kuzñetsov o tempo todo, com facas no cinto.

Para proteção? Para execução?

(Macheyev afirma que, enquanto durou o levante, Kuzñetsov também tinha uma esposa de campanha, também uma benderista).

Gleb Slúchenkov estava na casa dos trinta. Portanto, os alemães o prenderiam aos dezenove anos. Agora, como Kuzñetsov, ele usava seu antigo uniforme militar, preservado no slogan, exibindo e destacando seu porte militar. Ele mancava um pouco, mas compensava com grande mobilidade.

Nas negociações, ele disse as coisas de forma clara, aberta. As autoridades tiveram a ideia de chamar os "ex-menores" (presos antes dos 18 anos, agora alguns com 20-21 anos), para sua libertação. Talvez não fosse nem mesmo uma brincadeira, naquela época eles eram realmente soltos em todos os lugares, ou suas sentenças diminuía . Slúchenkov respondeu: "E você perguntou aos ex-menores se eles querem ir de uma área para outra deixando seus companheiros pendurados?" (E perante a Comissão insistiu: "Os menores são a nossa guarda, como vamos entregá-los!") Os generais também tinham esse sentido para a libertação desses adolescentes nos dias do motim de Kenguir. Uma vez fora da área, eles não os teriam colocado todos na masmorra). O observador Macheyev, no entanto, começou a reunir os ex-menores para o "processo de libertação" e notas: *dos quatrocentos e nove* que deveriam ser libertados, ele só conseguiu reunir *treze* para partir .

Dada a boa disposição de Makeyev para com as autoridades e sua hostilidade ao levante, este testemunho é surpreendente: 400 jovens, no auge de sua idade, e mesmo em sua massa *apolítica*, *rejeitaram não a liberdade, mas a Salvação!* Eles foram deixados em um motim sem esperança ...

E perante a ameaça de repressão militar, Slúchenkov respondeu assim: «Envie! Envie soldados para a área, quanto mais, melhor! Encheremos seus olhos de vidro estilhaçado, tiraremos suas metralhadoras! Vamos esmagar a sua guarnição Kenguir! Faremos seus oficiais de pernas compridas correrem para Karaganda, nas suas costas entraremos em Karaganda! E lá está o nosso pessoal! " "

Você também pode acreditar em outros testemunhos sobre ele. “Quem fugir, vamos acertá-lo no peito!” E esfaqueou o ar. Ele anunciou em um quartel: "Quem não vier em defesa, leva uma facada!" A lógica inevitável de todo poder militar e qualquer situação de guerra ...

O recém-criado governo do campo, como todo governo sempre foi, não poderia prescindir de um serviço de segurança, e Slúchenkov assumiu o comando desse serviço (ou o gabinete do comissário foi colocado no *lagpunkt feminino*). Como não poderia haver vitória sobre o inimigo externo, Slúchenkov entendeu que sua posição implicava a inelutável sentença de morte para ele. No meio de um motim, ele contava no campo que havia recebido uma proposta secreta dos senhores: que provocasse um massacre nacional no campo (as dragonas douradas o esperavam muito) e, assim, dar-lhes um pretexto decente para a intervenção das tropas. Em troca, os mestres prometeram vida a Slúchenkov. Ele recusou a oferta. (E a quem mais eles propuseram, e o quê? Aqueles não disseram.) Além disso, quando um rumor foi lançado no campo que um pogrom judaica era esperado, Slúchenkov avisou que *faria* publicamente chicote os propagadores. O boato morreu.

O confronto inevitável com os bem-pensados esperava Slúchenkov. E assim foi. É preciso dizer que durante todos esses anos em todos os campos de prisioneiros, os ortodoxos, mesmo sem acordo prévio, condenaram unanimemente a matança de delatores e qualquer forma de luta dos detidos por seus direitos. Mesmo sem atribuí-lo a motivos mesquinhos (não poucos ortodoxos trabalhavam para o *compadre*), *ele* se explica muito bem por suas opiniões teóricas. Eles admitiram qualquer forma de repressão e aniquilação, mesmo massiva, mas *de cima*, como uma manifestação da

ditadura do proletariado. Os mesmos atos, mesmo isolados, soltos, mas *de baixo*, eram para eles *banditismo*, e acima de uma espécie de «benderista» (entre os bem pensadores não havia quem admitisse o direito à independência da Ucrânia, porque já teria sido nacionalismo burguês) A recusa dos condenados ao trabalho escravo, a indignação com os bares e os tiros irritou, oprimiu e amedrontou os comunistas submissos do campo.

Da mesma forma, em Kenguir toda a ninhada de homens bem pensados (Guenkin, Apfelzweig, Talalayevsky, Akóyev aparentemente, não temos mais sobrenomes; então também um simulador, que passou anos na enfermaria fingindo que sua perna estava "circulando" os meios intelectuais de luta os admitiam - na própria Comissão, claramente Makéyev), todos eles, desde o primeiro momento, censuravam que "não era necessário iniciá-la"; e quando eles cobriram as lacunas, não houve necessidade de túnel; que era tudo por causa da escória benderista, e agora eles tinham que ceder o mais rápido possível. (Tirando o fato de que aqueles dezesseis mortos não eram de seu *lagpunkt*, e já por causa de um evangelista, era ridículo ficar chateado). Nas notas de Makeyev, todo o seu rancor sectário é babado . Tudo ao seu redor está errado, são todos malvados, e perigos por toda parte: das autoridades, uma nova convicção, dos Benderistas, uma punhalada nas costas. "Eles querem aterrorizar a todos com sua ferraria e nos fazer morrer." O motim Kenguir, Mak eyev maldosamente chama de "jogo sangrento", "falso truque", "atividades artísticas" dos Benderistas, ou mais freqüentemente, "a folia". Os objetivos e propósitos dos líderes do motim são atribuídos à luxúria, vadiagem e ao desejo de evitar punições. (Quanto à punição esperada, ela é entendida como justa).

Isso expressa com muita exatidão a atitude dos bem-pensadores em relação a todo o movimento de libertação no campo dos anos 1950. Mas Macheyev era muito prudente, ele foi usado até mesmo entre os líderes do motim; Talalayeski, por outro lado, usou essas acusações para quem quisesse ouvi-lo, e o serviço de segurança de Slúchenkov, como propaganda hostil ao levante, colocou-o em uma cela na prisão de Kenguir.

Sim exatamente. Os detidos, depois de se levantarem e libertarem sua prisão, agora estavam montando a sua. A ironia de sempre. É verdade que o total dos presos por motivos diversos (contatos com os mestres) era de cerca de quatro homens, e nenhum deles foi fuzilado (antes pelo contrário , isso lhes deu o melhor álibi perante a Superioridade).

Além disso, o presídio, em especial o antigo e sombrio, construído na década de 1930, muito lhe ensinou: suas celas de isolamento sem janelas, com uma pequena vigia acima; suas camas sem pernas, ou seja, simplesmente tábuas de madeira embaixo, no chão de concreto, onde é ainda mais frio e úmido do que em toda a cela de congelamento; perto do berço, isto é, já no chão, como para um cachorro, uma rude tigela de barro.

Ali, a Seção Pr opaganda organizava excursões para quem estava em casa: quem não tinha estado na prisão e talvez não. Eles também levaram os generais que lá foram (eles não ficaram muito impressionados). Foi solicitado que uma excursão de moradores livres da aldeia também fosse enviada para lá : em qualquer caso, sem os presos eles não poderiam trabalhar nos objetivos. E mesmo esta excursão, os generais a enviaram: claro, não por simples operativos, mas por pessoal escolhido, que não encontrou razão para ficar indignado.

Reciprocamente, as autoridades também se ofereceram para fazer uma excursão de prisioneiros a Rudnik (seções de concentração 1 e 2 da Escadinha), onde, segundo rumores no campo, também estourou um motim (aliás, esta palavra *motim*, ou pior ainda, *ao zoneamento*, escravos e comerciantes de escravos o evitavam, cada um por suas próprias razões, substituindo-o vergonhosamente por suavizar os *eventos*). Alguns foram escolhidos e ficaram convencidos de que aliás tudo era igual, foram trabalhar.

Muita esperança foi colocada na propagação de tais ataques! Agora os delegados, ao retornar, trouxeram desânimo.

(Mas com o tempo eles foram levados! Rudnik, é claro, estava chateado, entre os livres que ouviram sobre as verdades do motim de Kenguir e menos verdades. Também coincidiu que naquele mesmo junho muitos tiveram seus pedidos de revisão negados. E um jovem me deu Crazy foi ferido no *proibido*. E ele também iniciou uma greve, eles afundaram os portões entre os *lagpunkts*, eles *correram* para a linha. Metralhadoras apareceram nos mirantes. Alguém pendurou uma placa com slogans anti-soviéticos e o slogan " Liberdade ou morte! "Mas retiraram e substituíram por outro com exigência *legal* e com a promessa de ressarcir integralmente os prejuízos causados pela greve, assim que cumpridos os requisitos. Os caminhões vinham buscar a farinha dos armazéns, eles não deixaram. A greve durou cerca de uma semana, mas não temos dados exatos sobre ele, tudo isso é de terceira mão e provavelmente exagerado).

Em geral, houve semanas em que toda a guerra foi reduzida a guerra de propaganda. O rádio externo não silenciou: por meio de vários alto-falantes espalhados por todo o campo, ele alternava arengas aos presos com informações, desinformações e algumas gravações cantadas, sempre iguais, que já o deixavam nervoso.

*Aquell meadow caminha com a menina
Cujas tranças estou apaixonado*

(Aliás, para merecer até mesmo essa mísera honra, para ficar gravada, tínhamos que nos rebelar! Os mansurrones nem entenderam essa merda!) Esses mesmos discos funcionaram, muito no espírito do século xx, também como *interferência*, para não deixar sair as emissões que saíam de campo por intenção das tropas de escolta.

No rádio externo eles às vezes difamavam todo o movimento, alegando que tinha sido iniciado com o único propósito de estuprar mulheres e roubar (no campo os prisioneiros riam, mas os alto-falantes tinham que ser ouvidos pelos habitantes livres da aldeia também. , e nem mesmo os traficantes de escravos poderiam se levantar para qualquer outra explicação, para eles era de uma altura inconcebível vir a reconhecer que essa turba poderia exigir justiça!) Ora eles tentaram contar sobre algum truque dos membros da Comissão (até mesmo um *paján*: que se transferiu para Kolyma em uma barcaça, ele havia aberto um canal de água no porão e afundado a barcaça com trezentos presos.Foi enfatizado que ele havia afundado presos pobres, e quase todos não eram dos Cinquenta e Oito, mas não a escolta; o que não ficou claro foi como ele foi salvo). Depois de dominar Kuzñetsov, quem parece, a ordem de soltura chegou a ele, mas agora foi cancelada. E novamente houve apelos: para trabalhar! Para trabalhar! Por que o país deveria apoiá-lo? Ao não funcionar, você causa um dano tremendo ao estado! (Isso deveria ter partido o coração dos condenados à prisão perpétua!) Trens inteiros de carvão estão parados, sem ninguém para descarregá-los! (Continue! "Os prisioneiros riram," quanto mais cedo você vai desistir! Mas nem lhes ocorreu que as dragonas de ouro os descarregavam, porque doía muito).

A Seção Técnica não estava em dívida . Dois projetores de cinema foram encontrados na área da oficina. Bem, seus amplificadores foram

usados para alto-falantes, é claro, de baixa potência. E os amplificadores eram alimentados pela usina secreta! (O fato de os amotinados terem eletricidade foi muito surpreendente e perturbador para os patrões. Eles temiam que os rebeldes instalassem uma estação de rádio e transmitissem notícias de sua revolta no exterior. Alguém no interior também divulgou esses boatos).

Seus locutores apareceram em campo (Slava Yarimovskaya é conhecido). Veio o noticiário mais recente, o jornal falado (além dele havia um jornal de parede, com desenhos animados). Chamava-se "Lágrimas de Crocodilo", uma transmissão que ridicularizava a forma como os guardas sofriam pelo destino das mulheres, tendo-as espancado anteriormente. Também houve transmissões para soldados. Além deles, à noite eles se aproximavam dos mirantes e gritavam com os soldados através de megafones.

Mas faltou potência para transmitir à intenção dos únicos simpatizantes que poderiam estar aqui em Kenguir: aos habitantes livres da aldeia, muitos deles também confinados. E precisamente para eles, não mais pelo rádio, mas em algum lugar fora do alcance, inacessível aos prisioneiros, as autoridades os confundiram com rumores de que bandidos sádicos e prostitutas sensuais estavam sendo enviados para o campo (estas últimas gozavam de muito crédito entre as mulheres) ; ^[76] que inocentes foram torturados aqui e queimados vivos nas caldeiras (a única coisa que não ficou claro foi porque a Superioridade não interveio ...!)

Como poderiam ser gritados por cima das paredes, um quilômetro, dois e três: "Irmãos! O que queremos é justiça! Eles têm nos matado sem motivo, eles nos trouxeram aqui piores do que cães! são estas as nossas exigências »...?

O pensamento da Secção Técnica, não tendo possibilidade de se adiantar à ciência contemporânea, regrediu, pelo contrário, à ciência dos séculos passados. Com papel de cigarro (na oficina tinha de tudo, já falamos sobre isso, ^{[77]._ele} passou muitos anos substituindo os oficiais de Dzhezkazgán tanto a oficina de costura e alfaiataria como todas as fábricas de bens de consumo) eles colaram, segundo o modelo dos irmãos Montgolfier, um enorme balão. Um pacote de folhetos estava preso a ele e, abaixo dele, um braseiro com brasas incandescentes que enviava um jato de ar quente para o balão, aberto por baixo. Para grande alegria da multidão de

detentos reunidos (quando os presos se alegram, fazem-no como crianças), aquele maravilhoso aparelho de navegação aérea decolou e voou. Mas, infelizmente! O vento estava mais rápido do que aumentava e, ao cruzar a cerca, o braseiro agarrou o arame, o balão, sem combustível, esvaziou, caiu e queimou junto com os folhetos.

Após essa falha, eles inflaram os balões com fumaça. Aqueles balões, com vento favorável, voaram bastante bem, mostrando grandes placas para a cidade:

"Salve mulheres e velhos de espancamento!"

“Exigimos a presença de um membro do Praesidium CC!”

A escolta começou a atirar nesses balões.

Então, alguns prisioneiros chechenos vieram à Seção Técnica e se ofereceram para fazer foguetes (eles são grandes mestres nisso). As pipas foram montadas com sucesso e erguidas bem acima da aldeia. Na casca da pipa havia um dispositivo de percussão. Quando a pipa estava convenientemente localizada, ele espalhava um pacote de folhetos que havia anexado. Quem pilotava a pipa, sentado no telhado de um quartel, observava o que aconteceria a seguir. Se os folhetos caíssem perto do campo, os guardas corriam para pegá-los a pé; se caíssem muito, os motociclistas e motociclistas pulariam. Em qualquer caso, eles tentaram impedir os cidadãos livres de ler informações independentes. (Os folhetos terminavam com o pedido a quem os encontrou para os transmitir ao Comité Central).

Eles também disparavam contra pipas, mas eram menos vulneráveis a buracos do que balões. Logo o inimigo sentiu que valia mais para ele do que ter uma tropa de guardas correndo, lançando contra-pipas, interceptando e enredando.

Uma guerra de pipas na segunda metade do século 20 ! E tudo contra a informação verdadeira ...

(Talvez o leitor ache confortável, para situar os acontecimentos de Kenguir no tempo, lembrar o que aconteceu nos dias do motim fora do campo? A Conferência de Genebra estava deliberando sobre a Indochina. O Prêmio Stalin da Paz foi concedido a Pierre Cot. Outra vanguarda francesa, o escritor Sartre, veio a Moscou para participar de nossa vida avançada. O terceiro centenário da reunificação da Ucrânia e da Rússia foi celebrado

^[78] com muita pompa e solenidade. Em 31 de maio, houve um importante desfile na Praça Vermelha. O SSR ucraniano e o SSR russo são

recompensados com a ordem de Lenin. Em 6 de junho, um monumento a Iuri Dolgorukiy é inaugurado em Moscou. Em 8 de junho começou o Congresso Sindical (mas nem uma palavra foi dita sobre Kenguir nele). No dia 10 saiu um empréstimo. Dia 20 foi o Dia da Força Aérea e houve um lindo desfile em Tushyno. Além disso, esses meses de 1954 foram marcados por uma forte ofensiva na, como dizem, *frente* literária: Surkov, Kochhov e Yermilov ^{[il]_eles} intervieram com artigos muito firmes contra a libertinagem. Kochhov até perguntou: *que horas são essas?* E ninguém lhe respondeu: *Os tempos das revoltas nos campos!* Muitas obras e livros *incorrectos* são insultados neste momento. E na Guatemala, o imperialismo norte-americano foi devidamente repellido).

Havia tchetchenos confinados na aldeia, mas duvido que *essas* pipas fossem pilotadas por eles. Os chechenos não podem ser culpados por servirem à opressão. O sentido da revolta de Kenguir foi bem compreendido e, em uma ocasião, eles se aproximaram da área com um caminhão de pão. Claro, as tropas os enviaram de volta.

(Também os chechenos. Eles são irritantes para aqueles ao seu redor - eu falo pelo Cazaquistão - rudes, desavergonhados, os russos eram abertamente odiados. Mas foi o suficiente que os Kenguir mostrassem independência, coragem e o apreço dos chechenos fosse conquistado na hora! Quando nos parece que somos pouco *respeitados*, é uma questão de verificar como vivemos).

Enquanto isso, a Seção Técnica também desenvolvia a famosa arma "secreta". Era o seguinte: algumas peças de canto de alumínio para cochos de vacas, sobras da produção anterior, eram preenchidas com enxofre de fósforos misturados com carboneto de cálcio (todas as gavetas de fósforos eram transportadas atrás da porta de "100.000 volts")

Quando o enxofre foi inflamado e os cantos foram atirados, eles explodiram em pedaços com um zumbido.

Mas não foram esses infelizes inventores ou a equipe de campanha nas termas que tiveram que escolher a hora, o local e a forma do golpe. Cerca de duas semanas desde o início, em uma das noites escuras, sem qualquer tipo de iluminação, batidas ressoaram na parede do campo de muitos lugares. Desta vez, porém, não estava sendo perfurado por fugitivos ou amotinados: as tropas de escolta estavam derrubando o muro! No campo havia alarme, corridas com lanças e revólveres, ninguém entendia o que estava acontecendo, esperava-se um ataque. Mas as tropas não atacaram.

De manhã, descobriu-se que em diferentes pontos da área, além dos portais já existentes fechados por barricadas, o inimigo externo havia aberto cerca de dez brechas. (Do outro lado das brechas, para que agora os presos não saíssem em massa, foram colocadas metralhadoras).^[79] É claro que, eles foram preparados para uma ofensiva através das quebras, e o formigueiro de campo fervido em trabalho defensivo. O comando rebelde decidiu derrubar as paredes internas, demolir os prédios de adobe e construir sua própria segunda parede externa, especialmente reforçada com pilhas de adobe na frente das brechas, como proteção contra metralhadoras.

O mundo de cabeça para baixo! A escolta demoliu a área, enquanto os presos a reconstruíam e os ladrões, de consciência tranquila, também trabalharam, sem infringir a *lei*.

Agora era necessário estabelecer postos de observação suplementares em frente às violações; indique a cada pelotão para qual brecha eles devem correr indesculpavelmente à noite quando ouvirem o sinal de alarme e tomarem posições. Concordou-se em dar o alarme batendo na parada de uma carroça e aqueles mesmos apitos estridentes .

Os zeks estavam se preparando seriamente para sair com lanças contra metralhadoras. Mesmo quem não quis, que achou um absurdo, acabou se acostumando com a ideia.

Já molhado, que diferença isso faz?

E uma vez houve um ataque diurno. Em uma das lacunas, em frente à sacada da Diretoria da Escadinha, onde altos funcionários se aglomeravam, vestindo largas dragonas militares e estreitas da carreira de promotor, com câmeras de vídeo e câmeras nas mãos , as tropas avançavam em direção à abertura. Sem pressa. Eles simplesmente avançaram em direção à brecha apenas o tempo suficiente para o alarme soar, e os esquadrões designados correram para a brecha e, agitando suas lanças e pegando pedras e tijolos, ocuparam a barricada. E então, da varanda (deixando os soldados armados fora do quadro), os cinegrafistas zumbiram e as câmeras dispararam. E os funcionários do governo, promotores e instrutores políticos, e quem mais, todos os membros do partido , é claro, riram do espetáculo grotesco desses primitivos espirituosos com lanças. Lá, sem vergonha, eles se regozijaram da varanda de seus famintos e enganados concidadãos, e *se divertiram*

^[80]
muito .

Os guardas também se esgueiraram até as brechas e, como quem caça feras, ou o boneco de neve, tentaram amarrar cordas com ganchos para puxar um prisioneiro em sua direção e *fazê-lo falar*.

Mas eles colocaram mais esperança nos desertores, naqueles que vacilaram. O rádio berrou: Seja razoável! Saia da área pelas brechas! Não filmamos nesses lugares! Aqueles que passarem, não vamos processar por motim! Na rádio no terreno, a Comissão respondeu o seguinte: Quem quiser salvar-se, vá até ao portão principal, não estamos detendo ninguém!

Foi o que ele fez ... um membro da própria Comissão, o ex-major Makéyev, que se aproximara do portal principal fingindo um problema. (Fingindo não porque foi detido, ou porque tinha algo com que atirar nas costas, mas que era quase impossível ser um traidor à vista e sob as vaias de seus companheiros!) ^[81] Por três semanas ele tinha fingido, e só agora ele poderia desabafar sua sede de derrota e seu rancor contra os rebeldes por quererem a liberdade que ele, Makeyev, não queria. Agora, expiando seus pecados perante os senhores, ele convidou por rádio a se renderem e insultou todos aqueles que se propusessem a continuar resistindo. Cito frases de sua própria exposição escrita dessa transmissão: «Alguém decidiu que a liberdade pode ser alcançada com a ajuda de sabres e lanças ... Eles querem colocar sob a bala aqueles que não pegam ferros ... Eles nos prometem uma revisão das frases. Os generais estão negociando pacientemente conosco , e Slúchenkov considera isso uma fraqueza da parte deles. A Comissão é o anteparo de uma máfia de bandidos ... Entra em negociações dignas de presos políticos, em vez de (!) Preparar-se para uma resistência inútil ».

As brechas ficaram abertas por muitos dias , mais tempo do que toda a parede durante a rebelião. E em todas essas semanas, apenas cerca de uma dúzia de homens fugiram da área.

Por quê? Eles acreditaram em uma vitória? Não. Eles não ficaram com o coração partido pela punição em perspectiva ? Eles foram. Eles não queriam ser salvos para suas famílias? Eles queriam! E eles ficaram angustiados e secretamente acalentaram essa possibilidade, talvez milhares de homens. Os ex-menores foram convocados inclusive com os fundamentos mais legais do mundo. Mas naquele cantinho de terra a temperatura social era tão alta que as almas, se não completamente reformuladas, foram pelo menos moldadas de forma diferente de antes, e as leis muito baixas, segundo as quais "você só vive uma vez", e o a existência

determina a consciência, e a pele inclina à covardia, eles não funcionaram durante aquele breve período naquele pequeno lugar. As regras da existência e da razão ditavam que os homens se rendessem ou fugissem cada um ao seu lado, mas não se rendessem nem fugissem! H Abian alcançou aquele alto nível moral de onde se diz aos algozes:

"Fodam-se todos vocês!" Apedreje-me! Morde-me!

E a operação bem planejada de que os presos escapariam pelas brechas como ratos, e só ficariam os mais teimosos, que seriam esmagados, essa operação fracassou porque foi planejada por *pancistas*.

E no quadro de avisos dos insurgentes, ao lado do desenho de uma mãe mostrando ao filho algumas algemas sob um sino de vidro "Nessas coisas eles tinham seu pai", aparecia um desenho animado: "O último traidor" (um gato preto fugindo por uma lacuna).

Mas as piadas sempre riem, por outro lado, os homens da área tinham poucos motivos para rir. A segunda, terceira, quarta, quinta semana se passaram ... O que de acordo com as leis do GULAG não podia durar uma hora, existiu e durou um tempo incrivelmente longo, até mesmo dolorosamente longo, metade de maio e depois quase todo o mês de junho. A princípio os homens se embriagaram com a vitória, a liberdade, os encontros e as piadas, depois acreditaram nos rumores de que Rudnik havia se levantado, talvez depois dele Churbai-Nura, Spassk, toda a ascensão de Steplag! E então talvez Karaganda! E quem sabe todo o Arquipélago vai entrar em erupção e se espalhar por mais de quatrocentas estradas! Mas Rudnik, colocando as mãos atrás das costas e a cabeça baixa, continuou marchando destemido para pegar silicose onze horas por dia e não se importava com Kenguir, nem consigo mesmo.

Ninguém apoiou a Ilha Kenguir. Era impossível fugir para o deserto de uma só vez: chegavam tropas, viviam na estepe, em tendas. Todo o campo foi cercado externamente por uma cerca dupla adicional de arame farpado. Restava apenas um ponto de esperança: o príncipe virá (esperava-se Malenkov) e fará justiça. Todos os tipos virão, exclamam e levantam as mãos para o céu: oh, como eles viveram aqui? oh, como você os teve assim? Que os assassinos sejam julgados! Atire em Chechev e Beliayev! Dispensar os outros ...! Mas era muito excêntrico e muito rosa.

Não era uma questão de esperar misericórdia. Era preciso viver os últimos dias de liberdade e rendição como exemplo ao Steplag do MVD.

E sempre há almas que não conseguem resistir ao estresse. E alguém de dentro já estava submetido e só se desesperava que a submissão externa demorasse tanto. E alguns deles calcularam para si mesmos que ele não estava envolvido em nada, e se ele seguisse cuidadosamente, ele não estaria. E alguns eram recém-casados (e mesmo com um casamento autêntico, um ucraniano ocidental não se casaria de outra forma, e o GULAG cuidou para que houvesse padres de todas as religiões aqui). Para esses recém-casados, amargura e doçura se alternavam com uma frequência que as pessoas normais não conhecem em suas vidas de lazer. Cada dia era definido como o último, e o fato de o extermínio não acontecer todas as manhãs era para eles um presente do céu.

E os fiéis oraram e, descarregando em Deus o resultado do tumulto de Kenguir, foram como sempre os mais calmos. Na grande sala de jantar, cultos de todas as religiões eram realizados de acordo com a programação. As Testemunhas de Jeová reivindicaram seus preceitos e se recusaram a pegar em armas, construir fortificações, ficar de guarda. Eles ficaram sentados por longos períodos de tempo, suas cabeças juntas, em silêncio. (Eles foram enviados para lavar pratos). Ele caminhou pelos campos, não sei que profeta, sincero ou enganador, colocou cruzes nos beliches e anunciou o fim do mundo. Como se concordasse com ele, uma onda de frio repentina chegou, que às vezes sopra no Cazaquistão até no meio do verão. As velhinhas que ele pegara, sem agasalhos, sentaram-se no chão frio, tremendo de frio e ergueram as mãos para o céu. E onde mais ...!

Outros ainda sabiam que já estavam irreversivelmente comprometidos e só tinham vida até a entrada das tropas. E por enquanto era preciso pensar e inventar como resistir por mais tempo. E esses homens não eram os mais infelizes. (Os mais infelizes eram aqueles que não eram complicados e ansiavam pelo fim).

Mas quando todas essas pessoas se reuniram em uma assembléia para decidir se rendiam ou resistiam, elas se encontraram novamente nessa temperatura coletiva em que suas opiniões pessoais se derreteram, elas deixaram de existir, até para elas mesmas. Ou temiam mais o escárnio do que a morte futura.

-Empresas! O galante Kuznetsov declarou com certeza, como se conhecesse muitos segredos e todos os segredos fossem a *favor* dos detidos. Temos *meios de defesa com armas de fogo* e cinquenta por cento de nossas baixas também virão do inimigo!

E também leu assim:

"Mesmo a nossa morte não será inútil!"

(Nisso ele estava absolutamente certo. Ele também foi infectado por essa temperatura coletiva).

E quando votaram se resistiram, a maioria votará *sim*.

Então Slúchenkov expressamente ameaçou:

"Olhe então!" Para aqueles que permanecerem em nossas fileiras e quiserem se render, nós lhes daremos o devido cinco minutos antes da rendição!

Um dia, a rádio externa anunciou uma "Ordem GULAG": por recusa de trabalho, por sabotagem, por ... por ... por ... A seção de concentração de Kenguir foi dissolvida e todos fomos enviados a Magadan. (O GULAG visivelmente carecia de espaço no planeta. E aqueles que já haviam sido enviados para Magadan antes, por que foi?) Último prazo para trabalho ...

Mas este último semestre também passou e tudo permaneceu igual. Tudo permaneceu igual, e o incrível, o fantasmagórico dessa vida impossível, inédita, pairando no ar, de oito mil homens, destacou-se ainda mais vendo a ordem que reinava no campo: três refeições por dia; banho em dias fixos; roupa suja, muda de roupa; Barbearia; oficinas de costura e calçado. Mesmo os juízes de paz para discussões. E até ... lançado!

Sim. As rádios estrangeiras às vezes anunciavam a sua libertação: eram estrangeiros da mesma nacionalidade, cujo país tinha merecido a reunião, ou a quem tinham vindo (ou dizia-se que o fim do sentença. Talvez fosse assim que o Diretório levava prisioneiros para fazê-los falar, sem a necessidade de guardas com cordas e ganchos? A Comissão deliberou, mas não pôde verificar e deixar toda a gente sair.

Por que durou tanto? O que os mestres poderiam esperar? Esses suprimentos acabaram? Mas eles sabiam que havia tempo. Você ficou preocupado com a opinião da cidade? Eles não se importaram nem um pouco ou nada. Eles desenvolveram o plano de operações? Eles poderiam ter terminado antes. (Certamente, ficamos sabendo mais tarde que durante esse tempo um regimento de "destino especial", de punição, foi enviado de Kuibychév, bem. É que nem qualquer um o fará). Você consultou a repressão *acima*? E em que altura? Não podemos saber quando e qual agência tomou essa decisão.

Várias vezes a porta externa das oficinas foi aberta abruptamente, foi para verificar o grau de preparação dos defensores? O piquete de guardas

deu o alarme e os esquadrões saíram para enfrentá-los. Mas ninguém entrou na área.

Todo o serviço de informação dos defensores do acampamento ficou reduzido a vigias nos telhados dos quartéis. E apenas o que podia ser visto dos telhados acima da cerca serviu de base para suas previsões.

Em meados de junho, muitos tratores apareceram na aldeia. Eles trabalharam ou mudaram algum local próximo à área. Eles iam trabalhar mesmo à noite. Este trabalho noturno dos tratores era inexplicável. Para o caso de alguns poços serem cavados na frente das lacunas (caso contrário, o U-2 fotografou todos ou fez um mapa).

Esse rugido um tanto sinistro ainda adicionou escuridão.

E de repente os céticos ficaram confusos! Confundi os desconfiados! Ficaram confusos os que falaram que não haveria misericórdia e que não haveria razão para pedir! Apenas os comunistas ortodoxos poderiam reivindicar a vitória. No dia 22 de junho, a rádio externa anunciou: As demandas dos internos foram atendidas! Um membro do Praesidium do Comitê Central está vindo para Kenguir!

O pontinho rosa se transformou em um sol rosa, um céu rosa! Portanto, é possível alcançá-lo! Ou é que *há* j ustiça em nosso país! Eles nos darão algo, nós desistiremos de algo. No final do dia dá para andar com números, e as grades nas janelas não atrapalham, a gente não entra pelas janelas. O que eles estão nos enganando de novo? Mas se você não exigem que *antes de* sairmos para o trabalho!

Assim como o contato de uma vareta remove a carga de um eletroscópio e suas pequenas folhas alarmadas caem em relevo, o anúncio no rádio externo liberou a tensão sem fim da semana anterior.

E até os irritantes tratores, trabalhando desde a noite de 24 de junho, silenciaram.

Ele dormiu pacificamente na quadragésima noite do motim. Com certeza ele vai chegar amanhã, talvez ele já tenha chegado ... ^[82] Essas noites curtas são em junho, quando você não tem tempo para dormir o suficiente, quando ao amanhecer você adormece profundamente. Há treze anos.

Na madrugada de 25 de junho, foguetes de pára-quadras foram lançados no céu, foguetes também foram disparados dos vigias e os vigias nos telhados dos quartéis não chiaram, atingidos pelas balas de atiradores selecionados. Tiros de canhão soaram! Aviões voando baixo passaram sobre o campo, causando pânico. Os célebres tanques T-34, que ocupavam

posições iniciais sob o rugido dos tratores, agora avançavam de todos os lados pelas brechas. (Apesar de tudo, um caiu em um buraco). Atrás deles, alguns dos tanques arrastavam arame farpado sobre cavaletes, dividindo imediatamente a área. Depois de outros, correram tropas de choque com metralhadoras e capacetes. (Tanto os soldados de infantaria quanto os petroleiros já haviam recebido vodca. Não importa quão *especiais* eles possam ser, é sempre mais fácil esmagar travessas desarmadas enquanto estão bêbados.) Com o avanço dos cordões, foram transmitidos soldados com radiotelefonos. Os generais subiam aos miradouros com os atiradores, e dali, à luz do dia dos foguetes (um miradouro tinha sido incendiado pelos prisioneiros com os seus cantos, agora ardeu), deram ordens : «Toma o quartel assim ...! Kuznetsov está em tal lugar ...! » Não se esconderam, como costumavam fazer, no posto de observação, porque não havia risco de bala.^[83]

De longe, dos canteiros de obras, testemunharam o esmagamento de cidadãos livres.

O campo acordou em plena loucura. Alguns permaneceram no quartel onde se encontravam, estendidos no chão, pensando em se salvar desta forma e não vendo nenhum obstáculo à resistência. Outros os criaram para resistir. Outros ainda correram, sob as balas, para o combate ou simplesmente buscando uma morte rápida.

Lutou contra o *lagpunkt* 3, o mesmo que deu início a tudo (tinha vinte e cinco anos, com forte maioria de benderistas). Eles jogaram ... pedras nos soldados e guardas , certamente também cantos de enxofre nos tanques ... Ninguém se lembrava do vidro esmagado. Um dos quartéis deu duas contra-ataques com "vivas" ...

Tanques esmagaram todos na estrada (Alla Pressman de Kiev teve uma lagarta atropelada em sua barriga). Os tanques subiam para os alpendres dos quartéis, ali também amassados (a estoniana Ingrid Kiki e Mahlpa).^[84] Os tanques se esfregaram nas paredes dos b arracones e esmagaram aqueles que neles estavam pendurados, fugindo das lagartas. Simon Rak e sua namorada, se abraçando, se jogaram debaixo de um tanque e acabaram assim. Tanques afundaram em paredes de tábuas e barracas e até dispararam canhões vazios contra as barricadas. Faína Epstein lembra: como num sonho um canto do quartel se destacou e, diagonalmente, sobre corpos

vivos, passou um tanque; as mulheres se levantaram, correram; Depois do tanque veio um caminhão, e lá jogaram as mulheres seminuas.

Os tiros de canhão foram vazios, mas as submetralhadoras disparadas com balas e as baionetas eram certeiras. As mulheres cobriram os homens com seus corpos, para protegê-los, porque também espetaram as mulheres! O comissário Beliayev matou pessoalmente uma dúzia de homens naquela manhã. Após o combate, facas foram colocadas nas mãos dos cadáveres e um fotógrafo retratou os *bandidos* mortos. Ferido em um pulmão, o membro da Comissão do Suprún morreu, já abu ela. Alguns estavam escondidos em banheiros, eles foram crivados de balas lá. ^[85]

Kuzñetsov foi detido nos banheiros, em seu PM, eles o colocaram de joelhos. Slúchenkov, com as mãos amarradas, foi levantado no ar e jogado ao solo (prática dos bandidos).

Então o tiroteio parou. Gritaram: "Sai do quartel, não vamos atirar!" E de fato, eles só acertaram as coronhas dos rifles.

À medida que grupos de prisioneiros eram capturados, eles eram conduzidos para a estepe pelas brechas, pelo anel externo de escoltas Kenguir, revistados e deitados de bruços no chão, os braços estendidos para cima. Entre estes crucificados no solo estavam aviadores e guardas MVD, separando, reconhecendo aqueles que antes tinham visto bem do ar ou de mirantes.

(Com tanto trabalho, ninguém teve tempo de desdobrar o *Pravda* daquela época. Era temático: um dia da nossa pátria; sucessos dos metalúrgicos, mecanização mais ampla do trabalho de colheita! Será fácil para o historiador perceber o que era o nosso país *naquele dia*).

Os curiosos oficiais puderam agora penetrar nos segredos das oficinas: de onde vinha a corrente e que "armas secretas" eram essas.

Os generais triunfantes desceram dos mirantes e foram tomar o café da manhã. Sem conhecer nenhum deles, atrevo-me a dizer que o apetite deles naquela manhã de junho era imbatível e que beberam. Os pequenos vapores do bêbado em nada perturbavam a harmonia ideológica em sua cabeça. E o que eles tinham no peito, isso era fisdado do lado de fora.

Segundo relatos, havia seiscentos mortos e feridos e, segundo dados da seção de planejamento e produção do setor Kenguir, conhecidos poucos meses depois, mais de *setecentos*. ^[86] Com os feridos, eles lotaram a clínica do campo e começaram a levá-los aos civis. (Explicaram aos livres que as

tropas disparavam apenas balas em branco, que quem se matava eram os próprios reclusos).

Era tentador forçar os sobreviventes a cavar sepulturas, mas para maior discricção as tropas o fizeram: cerca de trezentos foram enterrados em um canto da área, o restante em algum lugar na estepe.

Durante todo o dia 25 de junho os presos ficaram deitados de bruços na estepe ao sol (todos esses dias impiedosamente fortes), enquanto no campo havia uma busca geral, de arrancamento e evisceração. Então eles trouxeram água e pão para o campo aberto. Os oficiais tinham listas prontas. Chamaram pelo sobrenome, colocaram uma linha de que ele estava vivo, deram uma ração e imediatamente separaram os presos de acordo com as listas.

Os membros da Comissão e outros suspeitos foram jogados na prisão do campo, que deixou de servir de atração turística. Mais de mil homens foram designados para embarque para prisões fechadas ou para Kolyma. (Como sempre, essas listas foram feitas meio cegas: e muitos que não tinham nada para fazer foram colocados nelas).

Que a imagem da pacificação seja um bálsamo para os corações perturbados pelos últimos capítulos. Lagarto, lagarto! Ninguém terá que se refugiar em "conservas", nem haverá punição para os executores!

Em 26 de junho, eles foram obrigados a passar o dia todo desmontando as barricadas e cobrindo as lacunas.

No dia 27 de junho eles começaram a trabalhar. Finalmente, mãos trabalhadoras estavam alcançando os comboios ferroviários!

Os tanques que esmagaram Kenguir seguiram seu caminho até Rudnik e lá evoluíram diante dos olhos dos prisioneiros. Para que a história seja aplicada ...

O julgamento dos dirigentes ocorreu no outono de 1955, claro que a portas fechadas, e nem ao certo sabemos nada sobre ele ... Dizem que Kuznetsov se defendeu com desenvoltura, estava mostrando que se comportou de maneira irrepreensível e que não poderia ter sido feito melhor. Não conhecemos as convicções. Slúchenkov, Mikhail Keller e Knopkus provavelmente foram baleados. Em vez disso, eles teriam sido baleados com certeza, mas talvez o ano de 55 suavizou as coisas?

Enquanto isso, em Kenguir, eles organizaram uma honrosa vida de trabalho. Eles não pararam de *formar* equipes de *choque* com os amotinados do dia anterior . O autofinanciamento floresceu. As cantinas

funcionaram, filmes horríveis foram exibidos. Os guardas e oficiais voltaram às oficinas para mandar fazer algo para a casa: apetrechos de pesca, um baú, para consertar o fecho de uma bolsa de senhora. Sapateiros e alfaiates turbulentos (lituanos e ucranianos ocidentais) costuravam para elas botas leves de junco e roupas para suas esposas. E novamente ordenaram aos prisioneiros da fábrica de enriquecimento que arrancassem a camada de chumbo dos fios elétricos e levassem para o campo para fundir postes, para que os camaradas oficiais pudessem caçar animais.

A confusão geral do arquipélago também atingiu Kenguir: não voltaram a colocar grades nas janelas, nem fecharam os quartéis. Eles introduziram uma libertação condicional de "dois terços" e até, algo inédito, também aplicaram a "dispensa" a Cinquenta e Oito: eles libertaram os meio-mortos.

Uma grama verde particularmente grossa geralmente cresce em túmulos.

E em 1956 eles liquidaram toda aquela *área*, e então os habitantes do local, que permaneceram confinados, acabaram descobrindo onde haviam enterrado *aquelas*, e trouxeram tulipas selvagens.

*Um motim nunca termina em vitória
Se eles ganharem, eles chamam de outra coisa ...*

(BURNS)

Cada vez que você passar pelo monumento Dolgorukiy, lembre-se: ele foi inaugurado na época do motim de Kenguir e, portanto, permaneceu como um monumento a Kenguir.

Parte seis

Confinamento

I

O confinamento dos primeiros anos de liberdade

Provavelmente, o homem inventou o exílio antes da prisão. A expulsão do clã já era, na verdade, um exílio. O homem logo percebeu o quão difícil é sobreviver desenraizado do lugar e meio de costume. Tudo é diferente, tudo é estranho e dá errado, tudo é temporário, inautêntico, mesmo que tudo seja verde ao seu redor e não haja gelo eterno .

Mesmo no Império de Todas as Rússias, o exílio não foi feito para esperar: foi consagrado legislativamente sob Alexis Mikhailovich no *Suborno Ulozhenie* ^[im] de 1648. Mas ainda antes, no final do século 16 , o povo de Kargopol foi e Livros sem nenhum *Sobor*: o povo de Kargopol caiu em desgraça, depois o de Uglich, que testemunhou o assassinato do czarevich Dmitri. Autorizaram grandes espaços: a Sibéria já era nossa. Assim, por volta de 1645, mil e meio e Livross já haviam se reunido. P eter o *Grande* banido por as centenas, e muitos. Já mencionamos que Elizabeth I substituiu a pena de morte pelo banimento perpétuo para a Sibéria. Mas lá eles fizeram a mudança, e pelo exílio começaram a entender não só a instalação gratuita, mas também a prisão, o trabalho forçado, que não era mais o exílio. A Ordenança Banida de Alexandre I, em 1822, sancionou essa suplantação de conceitos. Então, aparentemente, no número de e Livross do século XIX, devemos considerar a inclusão do residente p . No início do século 19 , entre duas e seis mil pessoas estavam exiladas, dependendo do ano. A partir de 1820 também baniram os vagabundos (agora os chamamos de parasitas) e, de um ano para outro, chegaram a dez mil. Em 1863 escolheram e adaptaram para o exílio, por ser separada do continente, a ilha deserta de Sacalina, com a qual as possibilidades aumentaram ainda mais. Ao longo do século XIX , *meio milhão* foram e Livross , no final do século havia 300.000 e Livross ao mesmo tempo. ^[1]

No final do século, a legislação sobre o exílio se diversificou e se ramificou. Apareceram formas mais benignas: "afastamento de duas províncias", até mesmo "exílio no exterior"^[2] (não foi visto como uma pena tão cruel como após a revolução de outubro). O *confinamento administrativo* também foi introduzido, completando confortavelmente o exílio judicial. Mas cuidado: as sentenças de banimento eram expressas em figuras claras e precisas, e mesmo o banimento para o resto da vida não era realmente para a vida. Chekhov escreve em seu *Sakhalin* que depois de servir 10 anos no exílio (e se "ele observou uma conduta completamente irrepreensível" - um critério certamente indefinido, mas que, de acordo com Chekhov testemunha, foi amplamente aplicado - até depois de seis anos), o condenado foi aprovado considerar-se camponês e voltar aonde quiser, exceto ao lugar de origem.

Uma característica que se entendeu, que todos tinham como certo, mas para nós, surpreendentemente, do exílio do último século czarista foi a sua *individualização*: fosse judicial ou administrativo, o exílio era atribuído a cada um em particular, nunca por pertencem a um determinado grupo.

De década em década, as condições do exílio variaram, seu grau de dureza e várias gerações de eLivross nos deixaram diferentes testemunhos. As etapas das colunas de transferência foram difíceis, no entanto, de PF Iakubovich e Leon Tolstoy soubemos que os políticos foram transferidos de uma maneira muito suportável. F. Cohn acrescenta que, quando havia políticos, a escolta da coluna até tratava bem os criminosos, o que os tornava muito afeiçoados aos políticos. Por muitas décadas, a população siberiana acolheu os eLivross com hostilidade: eles foram designados para os piores lotes de terra, eles receberam os piores e piores empregos pagos, os camponeses não casaram suas filhas com eles. Mal instalados, mal vestidos, marcados e famintos, eles se reuniram em gangues, roubaram e, assim, exasperaram ainda mais os habitantes. No entanto, tudo isso não se aplica aos políticos, cujo rastro começou a ser percebido a partir dos anos setenta. O próprio F. Cohn escreve que os Yakuts receberam os políticos com afeto e esperança, assim como seus médicos, professores e apoiadores contra as autoridades. Em qualquer caso, os políticos tinham tais condições no exílio que muitos sábios (cuja ciência só começou com o exílio) surgiram entre eles: geógrafos, etnógrafos, linguistas,^[3] naturalistas, e também publicitários e escritores. Chekhov em Sakhalin não viu os

políticos e não os descreveu para nós,^[4] mas, por exemplo, F. Cohn, confinado a Irkutsk, trabalhou na redação do jornal progressista *Vostóchnoye Obozrenie* ("Oriental Newsletter"), no qual colaboraram populistas, membros do "Narodnaya Volia"^[no] e marxistas (Krasin). Não era qualquer cidade da Sibéria, mas a sede do governo geral, à qual, segundo a Portaria dos eLivross, os políticos nem deveriam ter acesso, e ainda assim trabalharam em bancos, empresas comerciais, ensinaram, se esfregaram em encontros sociais com os intelectualidade local. E no *Stepnoy Krai* ("Região das Estepes"). de Omsk, os internos estavam escondendo artigos que a censura não teria permitido passar em qualquer outro lugar da Rússia. Inclusive os grevistas de Zlatóúst, os confinados Omsk proporcionaram seu órgão de imprensa. Também graças aos internos, Krasnoyarsk tornou-se uma cidade radical. E em Minúsinsk, ao redor do museu Martyanovsky, um grupo de políticos confinados se reuniu tão respeitados e desprovidos de obstáculos administrativos, que não só estavam organizando sem impedimentos em toda a Rússia uma rede de esconderijos-alojamentos para fugitivos (aliás, do Já falamos sobre as evasões daquela época), mas ele ainda dirigiu as atividades do próprio Comitê oficial "Witte" de Minúsinsk.

[5]

E se sobre o regime de Sakhalin para criminosos Chekhov exclama que ele é reduzido "da forma mais vulgar à escravidão", o mesmo não pode ser dito do exílio russo para os políticos, dos tempos mais remotos aos mais recentes. No início do século XX, o confinamento administrativo de políticos havia se tornado na Rússia não mais uma punição, mas um "formalismo antiquado, que demonstrou amplamente sua inutilidade" (Guchkov). Stolypin tomou medidas já em 1906 para sua abolição total.

E qual foi o confinamento de Radischev?^[io] Na cidade de Ust-Ilimski Ostrov, ele comprou uma casa de madeira de dois andares (aliás, por 10 rublos) e morou com seus filhos menores e sua cunhada, que substituiu sua esposa. Um *trabalho que* qualquer um poderia pensar até forçar, organizou sua vida como Qua ou sentiu e desfrutou da liberdade de movimento durante todo o jogo Ilimsk. O que foi o confinamento de Pushkin em Mikhailovskoye agora é imaginado por muitos após terem ido lá em uma excursão. Semelhante foi o confinamento de muitos outros escritores e homens públicos: Turgenev em Spassk-Lutovínovo, Askákov^[ip] em

Varvárino (por escolha própria). Com Trubetskoi^[iq] Sua esposa vivia em sua cela na prisão de Nerchinsk (um filho nasceu para ele), e quando depois de alguns anos ele foi colocado em confinamento em Irkutsk, eles tinham lá uma enorme mansão, suas carruagens, lacaios, tutores franceses para seus filhos (o pensamento jurídico da época ainda não havia alcançado os conceitos de “ inimigo do povo” e “confisco de todos os bens”). Herzen^[ix], confinado a Novgorod, devido ao seu cargo na administração provincial era o superior hierárquico do Chefe da Polícia.

Essa benignidade do confinamento não se limitava a pessoas conhecidas e de linhagem. Também foi experimentado no século 20 por muitos revolucionários e manifestantes, especialmente os bolcheviques, não tinham medo deles. Stalin, já com quatro fugas atrás dele, é confinado pela quinta vez... à capital de Vologda . Vadim Podbelski, por violentos discursos antigovernamentais, foi e Livros ... de Tambov a Saratov!^[é] Quão cruel! E, claro, ninguém o mandou para lá para trabalhar à força.^[6]

Mas mesmo esse confinamento, de acordo com nossos conceitos, privilegiado, um confinamento sem a ameaça de fome, às vezes era muito doloroso para os confinados. Muitos revolucionários lembram o quanto sofreram ao passar da prisão, com pão, casaco e abrigo garantidos e tempo livre para a universidade e polêmicas partidárias, até o confinamento, no qual, sozinhos entre estranhos, tinham que cuidar da própria alimentação e moradia. E quando não tinham cuidado, como explicam (F. Cohn), era ainda pior: “os horrores da inatividade ... O mais terrível é que os homens estão condenados à inatividade”, e assim uns escapam da ciência, outros ao lucro, aos negócios, e há quem, por desespero, volte a beber.

Mas por que a inatividade? Os moradores locais não reclamam dela, porém: eles mal conseguem dobrar as costas à noite. Então, seria mais correto dizer: pela mudança de ambiente, pela ruptura do modo de vida usual, pelo desenraizamento, pelo rompimento dos laços vitais.

Demorou apenas dois anos de confinamento para o jornalista Nicolai Nadiezhin perder o gosto pela liberdade e se tornar um servidor fiel do trono. O turbulento folião Menchikov, e Livros em Beryozov em 1727, construiu uma igreja lá , conversou com os habitantes locais sobre a vaidade das coisas mundanas, deixou crescer a barba, vestiu um manto simples e morreu em dois anos. À primeira vista, o que poderia ser tão opressor, tão

insuportável para Radishchev seu confinamento tão confortável? Pois quando mais tarde, na Rússia, ele estava sob ameaça de um segundo confinamento, para escapar dele cometeu suicídio. E Pushkin da cidade de Mikhailovskoye, daquele paraíso terrestre, onde à primeira vista o que mais se deseja do que poder viver, escreveu em outubro de 1824 a Zhukovski: «Salva-me [do confinamento - AS] mesmo com a fortaleza, com o Mosteiro Solovki! » E não foi uma frase simples, pois também escreveu ao governador solicitando que seu encarceramento fosse transformado em reclusão na natureza.

Para nós, que aprendemos o que são os Solovki, agora parece uma loucura: em que explosão, em que desespero e ignorância poderia o poeta perseguido desprezar Mikhailovskoye e pedir as ilhas Solovki ...?

Pois essa é a força negra do exílio, do movimento simples e dos pés atados de reintegração, que os soberanos da antiguidade já haviam sentido, que Ovídio já experimentou.

Vazio. Desorientação. Uma vida que não tem nada a ver com a vida ...

Na lista de instrumentos de opressão a serem varridos para sempre pela revolução radiante, em um quarto ou quinto lugar estava, é claro, também o exílio.

Mas assim que a revolução deu os primeiros passos com as perninhas ainda bambas, na sua infância mais tenra, compreendeu: sem exílio, impossível! Talvez não tenha havido exílio na Rússia por um ano, no máximo três. Mas as deportações, como são chamadas agora, começaram imediatamente: o despejo de indesejáveis. Cito a palavra literal de um herói popular, depois marechal, sobre o ano de 1921 na província de Tambov: «Decidiu-se organizar uma *ampla expulsão* de famílias de bandidos (leia-se« de guerrilheiros »- AS). *Vastos campos de concentração* foram organizados nos quais essas famílias eram anteriormente isoladas »(grifo meu - AS).^[7]

Só o conforto de atirar no local, ao invés de transportar sabe Deus para onde, e vigiar e alimentar no caminho, e depois abrigar e continuar a alimentar, só esse conforto, digo eu, retido desde a implantação do confinamento sistemático até o fim do comunismo de guerra. Mas já em 16 de outubro de 1922, dentro do NKVD, uma Comissão Permanente de Extradução foi criada "de súditos socialmente perigosos, militantes de

partidos não soviéticos", isto é, de todos, exceto os bolcheviques, e a sentença padrão era três anos.^[8] Portanto, já no início dos anos 1920, a instituição do exílio funcionava habitualmente e regularmente.

É verdade que o de stierro por causa criminosa não foi reimplantado: campos de reeducação pelo trabalho já haviam sido inventados, eles o absorveram. Mas, por outro lado, o exílio por motivos políticos tornou-se mais confortável do que nunca: na ausência da imprensa da oposição, a estranha mentira tornou-se secreta, e os próximos, os que conheciam pessoalmente os expulsos, após as execuções do comunismo em A guerra, um afastamento lento e benevolente por três anos, parecia uma medida educacional idílica.

Porém, daquele exílio higiênico furtivo, ninguém voltava ao seu lugar de origem e, se voltasse, logo o pegariam novamente. Os afetados iniciaram seus círculos pelo arquipélago, e o último arco quebrado invariavelmente descia em direção ao precipício.

A ingenuidade humana logo adivinhou o propósito do poder: o regime simplesmente não se consolidou o suficiente para eliminar o golpe a todos que incomodavam. Por isso, os condenados foram tirados, não da vida naquele momento, mas da memória do povo.

Ficou muito mais fácil restabelecer o exílio, que ainda não havia sido apagado, os caminhos dos jogos anteriores não haviam se perdido e os próprios lugares da Sibéria, Arkhangelsk e Vologda não haviam mudado minimamente, eles não se espantaram com absoluto. (Quanto ao resto, o pensamento do Estado não estagnou aí, algum dedo ainda terá a oportunidade de circular o mapa de um sexto das terras emergidas algumas vezes, e o vasto Cazaquistão, recém-incorporado à União das Repúblicas, será irã se adaptar soberbamente ao confinamento com suas extensões; e na própria Sibéria, quantos novos lugares perdidos se abrirão!)

Mas havia também algum outro obstáculo na tradição do exílio, especificamente o aproveitamento dos confinados, a quem o Estado deveria ter a obrigação de apoiar. O governo czarista *não se atreveu* a forçar os eLivross a aumentar o produto nacional. E os revolucionários profissionais tiveram uma vergonha de ir trabalhar. Em Iakutia, um preso tinha direito a 15 hectares de terra (65 vezes mais do que um kolkhoziano agora). Não é que os revolucionários se propusessem a cultivar esta terra, mas os Iakutos eram muito apegados à terra e pagavam aos revolucionários um cânone, em espécie, em cavalos. Assim, chegado de mãos vazias, o revolucionário

imediatamente se tornou credor do Iakuto.^[9] Além disso, o estado czarista pagava ao seu inimigo político eLivros 12 rublos por mês em alimentos e 22 rublos por ano em roupas. Lepeshinke escreve^[10] que mesmo Lênin durante seu confinamento em Shúshenskoye acusou (ele não recusou) 12 rublos por mês, e o próprio Lepeshinski 16, já que não era um simples confinamento, mas um oficial confinado. F. Cohn agora nos garante que esse dinheiro era muito pouco. No entanto, sabe-se que os preços na Sibéria eram duas ou três vezes mais baixos do que na Rússia e, por isso, com a manutenção oficial, um recluso ainda tinha dinheiro sobrando. Por exemplo, deu a VI Lenin a oportunidade de dedicar três anos inteiros à teoria da revolução, sem se preocupar com uma fonte de renda. Martov escreve que por 5 rublos por mês seu senhorio lhe fornecia comida e uma casa, e o dinheiro restante era gasto em livros ou guardado para evasão. O anarquista AP Ulanovski diz que somente no confinamento (na região de Turujansk, onde estava junto com Stalin) pela primeira vez na vida ele teve dinheiro extra, o mandou para uma garota livre que conheceu na estrada, e pela primeira vez, ele foi capaz de comprar e provar o que era cacau. Lá se distribuía a carne de rena e o esturjão, uma casa boa e sólida custava 12 rublos (um mês de manutenção !). Ninguém entre os políticos sofria de falta, a manutenção em dinheiro era recebida por *todos* os internos administrativos. E todos se vestiram bem (já chegaram assim).

Certamente, os presidiários-colonos vitalícios, os “comuns”, como diríamos hoje, não arrecadavam dinheiro para manutenção, mas recebiam casacos de pele, todas as roupas e calçados do estado de graça. Em Sakhalin, Tchecov registrou, todos os colonos por dois a três anos, e as mulheres ao longo de sua sentença, recebiam alimentos em espécie , incluindo carne, à taxa de 40 "zolotniks" por dia (chegaram a pesar 200 gramas) e três libras de pão (ou seja, "quilo duzentos", como os stakhanovitas de nossas minas Vorkúta por 150% da norma. Certamente, Chekhov estima que esse pão era cru e feito de farinha ruim, mas uau, pior do que nos campos! concentração não seria!) Todos os anos eles recebiam uma jaqueta de pele, um casaco de tecido e vários pares de sapatos. E havia ainda outra maneira: a fazenda czarista pagava aos eLivross preços deliberadamente altos por seus artigos para sustentar sua produção. (Chekhov chegou à convicção de que não era Sakhalin, a colônia, que era vantajosa para a Rússia, mas que a Rússia mantinha essa colônia).

Mas é claro que não foi possível fundar nosso confinamento político soviético sobre essas bases doentias. Em 1928, o II Congresso Pan-Russo de Trabalhadores Administrativos considerou o sistema existente de afastamento insatisfatório e solicitou "a organização de confinamento na forma de *colônias* em lugares remotos e isolados, e também a implementação de um *sistema de sentenças indefinidas*" (isto é, para a vida).^[11] Desde 1929, eles estudaram o confinamento *cumulativamente com o trabalho forçado*.^[12]

“Quem não trabalha não come”, tal é o princípio do socialismo. E somente com base nesse princípio socialista o confinamento soviético poderia ser construído. Mas eram precisamente os socialistas que tinham o hábito de receber comida de graça no confinamento! Não ousando quebrar essa tradição de imediato, o tesouro soviético também começou a pagar seus presos políticos - apenas, é claro, não todos, naturalmente não os *kaerres*, mas os *educados*,^[ele] e também entre eles fazendo distinções escalonadas: por exemplo, em Chimkent em 1927, eles deram aos SRs e SDs 6 rublos por mês, em contraste com os trotskistas 30 (é que eles eram, não obstante, companheiros, bolcheviques). Só que esses rublos não eram mais czaristas, pelo menor cômodo você tinha que pagar 10 rublos por mês e 20 copeques por dia para comer de maneira muito frugal. Com o passar do tempo, foi ficando mais difícil. Em 1933, os "politos" recebiam um subsídio de 6 rublos e 25 kpecs por mês. E naquele ano, eu mesmo me lembro perfeitamente, um quilo de pão de centeio cru "comercial" (mais do que o do cartão) valia 3 rublos. Então os socialistas terminaram de estudar línguas e escrever trabalhos teóricos, os socialistas tiveram que *trabalhar*. E quem quer que fosse trabalhar, a GPU retirou instantaneamente o último subsídio escasso.

Porém, mesmo querendo trabalhar, não era fácil para os internos ganharem esse dinheiro! O final da década de 1920 foi aqui um período de desemprego generalizado, encontrar trabalho era privilégio de pessoas com questionários impecáveis e sindicalistas, com quem os presidiários não podiam competir em razão de sua escolaridade ou competência. Sobre os internos pesava também o comando, sem cujo consentimento nenhuma entidade teria ousado empregar um interno. (Um ex-presidiário tinha poucas esperanças de conseguir um bom emprego: a marca em seu passaporte o impedia.)

Em 1934, em Kazan, lembra o PS-va, um grupo de pessoas confinadas e educadas desesperadas saiu para pavimentar as ruas.

Eles foram repreendidos ao comando: por que essa demonstração? Mas eles não os ajudaram a encontrar outro emprego , e Grigori B. cortou uma parte do comissário: “E você não vai preparar um *pequeno processo*? Se não recebêssemos testemunhas pagas! ”

As migalhas sobre a mesa, tiveram que ser recolhidas e a boca.

É assim que caiu o confinamento político russo! Não houve tempo para discutir e escrever protestos contra o *Credo*. E não conheciam a desgraça de não saber o que fazer com tanto lazer estúpido ... Seu cuidado era evitar morrer de fome. E não se rebaixar para delatar.

Nos primeiros anos soviéticos, em um país finalmente libertado de sua escravidão secular, o orgulho e a independência do confinamento político murcharam como um balão perfurado. Acontece que a força que o regime anterior temia nos livros políticos era imaginária. Que só *a opinião pública* do país criou e manteve essa força . Mas assim que a opinião pública foi substituída pela *opinião organizada*, os confinados em seus protestos caíram sob o poder de comandantes da GPU estúpidos e ignorantes e de regulamentos secretos implacáveis (na primeira dessas instruções ele ainda teve tempo de colocar a mão e segurar chefe do Ministro do Interior Dzerzhinsky). Nem meu grito rouco, nem uma palavrinha sobre um era possível gritar ali, para a liberdade. Se um trabalhador confinado escrevesse uma carta para sua antiga fábrica, o próprio trabalhador que a lia (Leningrado, Vasili Kirilovich Iegoshin) era confinado no local. Os presos perderam não apenas o seu subsídio em dinheiro, não apenas os seus meios de subsistência, mas em geral quaisquer direitos : a sua posterior detenção, prisão, transferência foi ainda mais fácil para a GPU do que quando estas pessoas eram listadas como livres, agora não havia mais nada a reter, como acontece com as bonecas de guta-percha

^[13] e não uma pessoa. Foi fácil sacudi-los bem, como foi feito em Chimkent: anunciaram repentinamente que o confinamento naquela cidade seria *liberado em 24 horas*. Em vinte e quatro horas foi necessário entregar o cargo ocupado, arruinar a casa, desfazer-se dos pertences, recolher e seguir na direção indicada. Não é muito mais suave do que uma transferência de prisioneiro! Não muito mais segura foi a manhã do recluso!

Mas não era apenas o silêncio e a pressão da GPU, mas o que eram também esses s confinados ? Esses chamados militantes sem partidos? Não

estamos falando dos Democratas Constitucionais, eles não existiam mais, todos os Democratas Constitucionais foram exterminados, mas o que significava em 1927 ou 1930 ser SR ou Menchevique? Em nenhum lugar do país qualquer grupo de pessoas correspondente a este nome agiu. Seus programas já faziam muito tempo, desde a própria revolução, dez anos agonizantes, sem serem revisados, e mesmo que esses partidos tivessem ressuscitado repentinamente, era um mistério como julgavam os acontecimentos e o que propunham. A imprensa inteira já falava deles exclusivamente no passado há algum tempo, e os militantes sobreviventes viviam em família, trabalhavam em seu ofício e perderam até a memória de seu partido. Mas as tabelas da lista de GPU são indelévels. E a um súbito sinal noturno, aquelas cobaias sem noção foram apreendidas e transferidas através de prisões, por exemplo, para Bukhara.

Assim veio IV Stoliarov em 1930 e encontrou lá com idade SR e SD coletados de todos os cantos do país. Desarraigados de sua vida normal, eles só tinham que começar a discutir e julgar o momento político, e propor resoluções, e imaginar como teria passado o desenvolvimento político, se não ... não ...

Assim, eles fizeram deles, não mais uma festa, mas um alvo para o colapso.

Reclusos da década de 1920 lembram que o único partido vivo e ativo naquela época eram os socialistas sionistas, com sua enérgica organização jovem "Haschemer" e a organização legal "Hehalutz", que havia criado comunas agrícolas judaicas na Crimeia. Em 1926, eles colocaram todo o seu Comitê Central na prisão, e em 1927 eles recolheram seus meninos e meninas espirituosos com idades entre 15 e 16 anos da Crimeia para confinamento. Eles deram a eles Turtkul e outros lugares difíceis. Isso em si era um jogo, unido, tenaz, seguro de sua razão. Mas eles propunham não um objetivo geral, mas seu próprio objetivo : viver como uma nação, viver como uma Palestina. Claro, o partido comunista, que rejeitou voluntariamente o conceito de pátria, também não poderia sofrer um ^[14] nacionalismo estreito em outros ...

Até o início dos anos 1930, a ajuda mútua ainda era preservada entre os presidiários (por exemplo, os SRs, SDs e anarquistas, confinados em C himkent, onde as condições de trabalho eram boas, criaram um fundo secreto de compensação para seus companheiros "nortistas" em desemprego). Dependendo de onde, também cozinhavam, cuidavam das

crianças, em comunidade, e faziam as reuniões naturais, visitavam ou visitavam outras pessoas. Eles também celebraram juntos em confinamento em 1º de maio (ignorando manifestamente outubro). Mas no auge da década de 1930, tudo isso também desapareceu: o olho-de-falcão do comissário operacional repousará em grupos confinados em todos os lugares. Os presos começarão a desconfiar uns dos outros, para que o NKVD não os considere suspeitos de "organização" e não introduza *uma nova* (que é o que os espera de qualquer maneira). Assim, dentro do confinamento do Estado, eles se submeterão a um segundo confinamento voluntário: a solidão (que é exatamente o que Stalin, no momento, precisa).

Os reclusos também foram enfraquecidos pelo seu isolamento da população local: os indígenas eram perseguidos por qualquer contacto com os reclusos, os perpetradores ficavam confinados noutra local, os jovens eram excluídos do Komsomol.

Outra fraqueza dos confinados era a hostilidade entre os partidos que surgiu durante os anos soviéticos, e se tornou especialmente aguda na segunda metade da década de 1920, quando numerosos trotskistas apareceram em confinamento, que não tinham ninguém além de si próprios por presos políticos.

Bem, não havia apenas socialistas no confinamento dos anos 20, eram principalmente (e a cada ano mais) pessoas que não tinham nada a ver com socialistas. Vieram simples intelectuais apolíticos, essas pessoas de espírito independente que impediram o novo regime de se estabelecer. E os *ex* que escaparam do extermínio durante a guerra civil. E mesmo os mais jovens "por completo".^[15] E espíritas. E ocultistas. E clérigos, a princípio ainda com direito a comemorar no confinamento. E crentes simples, cristãos simples ou então *cristas*,^[iu] como os russos se deformaram há muitos séculos.

E todos eles caíram sob a vista desse mesmo setor operacional, ficaram desunidos e paralisados.

Desanimados com a indiferença do país, os internos até perderam a vontade de fugir. Para os presidiários da era czarista, as fugas eram um esporte alegre: cinco fugas de Stalin, seis fugas de Nogin, o que arriscaram não foi uma bala no pescoço, nem na prisão, mas o simples retorno ao lugar de origem depois de uma viagem distraída. Mas a GPU, ao se endurecer, ao perder a vontade de brincar, a partir de meados dos anos 20 impôs aos

presidiários uma garantia de solidariedade por partido : todos do mesmo partido atestavam seu companheiro fugitivo! E a tal ponto que não havia ar, tão estreita era a opressão, que os socialistas, outrora orgulhosos e indomáveis, aceitaram esta garantia! Agora *eles próprios*, por resolução de seu próprio partido , *proíbem-se de fugir!*

Bem, *para onde* fugir? *A quem* recorrer? Onde essa *cidade* seria unida?

Especialistas habilidosos em fundamentos teóricos rapidamente decidiram: *Este não é o momento para fugir, devemos esperar.* E em geral *não é hora de lutar*, também é preciso esperar. No início dos anos 1930, NI Mandelstam sinalizou nos socialistas confinados em Cherdyn uma renúncia total a toda resistência. Até mesmo o palpite de aniquilação inevitável. E apenas uma esperança prática: quando acrescentam uma *nova frase, com sorte* sem uma nova prisão, que *assine aqui mesmo* , sem sair do local, e pelo menos o modesto bem-estar alcançado não será destruído . E um único objetivo moral: preservar a dignidade humana em face da aniquilação.

Para nós, depois dos campos de prisioneiros, onde das moléculas esmagadas nos tornamos um todo compacto, nos surpreendemos ao ver como os socialistas, de um todo já organizado, disparado em ação, se decompunham em moléculas impotentes. Mas em nosso tempo a vida social evolui para a amplitude e a plenitude (inspiração), enquanto então caminha para a opressão e a compressão (expiração).

Portanto, não é nossa hora de julgar essa hora.

E o confinamento também tinha numerosas gradações, o que também desunia e enfraquecia os confinados. Houve diferentes períodos de renovação da carteira de identidade (para alguns, mensalmente e com procedimentos exaustivos). Para não cair em uma categoria inferior, todos tinham que observar as regras.

Até trinta primeiros a forma mais benigna permaneceram: nenhuma confinamento, mas de e l *menos*. Nesse caso, a pessoa sancionada não recebeu um local de residência específico, mas foi autorizada a escolher uma cidade, *exceto* algumas. Mas, uma vez eleito, estava sujeito a esta localidade pelo mesmo período de três anos. O "menor" não iria assinar a GPU, mas também não tinha o direito de se ausentar. Nos anos de desemprego, o mercado de trabalho não deu trabalho para os menos

desatentos; e se ele conseguisse, eles pressionariam a administração: demiti-lo!

O *mínimo* era um alfinete: com ele cravou o inseto nocivo para que esperasse submissamente a hora de realmente detê-lo.

E também havia fé neste regime avançado, que não pode, não precisará do exílio! Fé na anistia, especialmente no pomposo x aniversário de outubro!

E a anistia veio, a anistia atingiu. Eles começaram a tirar um quarto de suas sentenças (três anos, 9 meses) dos presos, e não de todos eles. Mas enquanto o Big Solitaire estava sendo jogado, e três anos de confinamento se seguiram três anos de isolamento político e então novamente três anos de confinamento, aquela aceleração de nove meses não embelezou a vida em nada.

E então chegou a hora do próximo processo. O anarquista Dmitri Venediktov ao final de seus três anos de confinamento em Tobolsk (1937) foi preso pela seguinte acusação precisa e categórica: "Espalhamento de rumores sobre novos empréstimos" (que *rumores* havia sobre empréstimos, [\[iv\]](#)

que a cada ano eles eram presenteados com a inexorabilidade do curso das estrelas ...?!)" "e descontentamento com o regime soviético" (é claro, um preso deve estar feliz com seu destino!) E o que eles deram a ele por isso crimes negros? *Filmagem* em 72 horas sem direito a recurso! (Sua filha Galina já apareceu nas páginas deste livro).

Tal foi o confinamento dos primeiros anos da liberdade conquistada, e tal a história de sua abolição completa.

O confinamento era o redil anterior para todas as ovelhas destinadas ao abate. Os presidiários das primeiras décadas do regime não viviam, mas esperavam: ser chamados . (Havia gente esperta, entre os *ex*, e também camponeses simples, que até mesmo nos anos 20 entendiam tudo o que estava acontecendo. E quando terminaram o primeiro três anos de confinamento , caso tenham ficado ali mesmo, por exemplo em Arkhangelsk. Às vezes ajudou não cair sob o pente novamente).

Assim se tornou para nós o confinamento pacífico em Shushenskoye e o de Turujansk com cacau.

Isso foi adicionado aqui à nostalgia de Ovídio.

II

A praga dos fazendeiros

Aqui vamos falar sobre um pequeno detalhe, neste capítulo. De quinze milhões de almas. De quinze milhões de vidas.

Certamente sem estudos. Sem saber tocar violino. Sem ter aprendido quem é Meyerhold ou quão interessante é seguir a física nuclear.

Em toda a Primeira Guerra Mundial, perdemos menos de dois milhões. Em todo o segundo, vinte milhões (segundo Khrushchev, segundo Stalin foram apenas sete. Nikita se sentiu generoso? Ou Stalin perdeu algum capital?)^[iw] Bem, quantas odes! Quantos obeliscos, chamuscas eternas! Romances e poemas! Por um quarto de século, toda a literatura soviética não bebeu nada além desse sangue.

Mas daquela praga silenciosa e traiçoeira, que colheu 15 milhões de agricultores, e não seguiu, mas escolheu, mas a espinha dorsal do povo russo, não há livros sobre essa praga. Nem as trombetas nos despertam para tremer. E no cruzamento das estradas do bairro, onde as carroças dos condenados foram baleadas, não há nem três seixos lançados. E nossos melhores humanistas, tão sensíveis às injustiças de hoje, naqueles anos apenas concordaram com aprovação: Muito bem! Eles merecem isso!

E foi feito tão silenciosamente, tão limpo que foi varrido, e tanto o mais leve sussurro foi reprimido, que agora sobre os campos de concentração até rejeito as histórias espontâneas: «Ok, rapazes, tudo bem com essas histórias, não Eles cabem em mim! », Mas não me trazem nada sobre o exílio dos camponeses. E quem e onde pode nos dizer?

Sim, eu já sei, que aqui não é um capítulo que é necessário, nem um livro de um homem isolado. Mas não consigo juntar nem mesmo um capítulo como Deus pretendia.

E com tudo, eu começo. Deixo -o como um sinal, um marco, como aqueles primeiros seixos, apenas para indicar o local onde um dia será

reconstruído o novo Templo de Cristo Salvador.

Onde é que tudo começou? Por causa do dogma de que o campesinato é uma *pequena burguesia*? (E quem não é para eles uma "pequena burguesia"? De acordo com seu esquema espantosamente preciso, todos aqueles que não são operários de fábrica, e mesmo retirando os habilidosos, ou magnatas-empresários, todo o resto, todas as pessoas adequadas, os camponeses e os empregados e os artistas e os aviadores e os professores e os estudantes e os médicos são apenas a "pequena burguesia"). Ou pelo desígnio do bandido supremo de roubar alguns e assustar os demais?

Pelas últimas cartas de Korolenko Gorky em 1921, antes da primeira morrer e da segunda emigrar, sabemos que esse ataque de bandidos ao campesinato *já* havia começado e foi realizado quase da mesma forma que em 1930.

Mas eles ainda não tinham forças para tanta ousadia, e deixaram, recuaram.

No entanto, a ideia permaneceu na mente, e ao longo dos anos 20 eles estavam se gabando, cutucando e insultando: kulak! Kulak! Kulak! Estava sendo semeado na cabeça dos moradores da cidade que a terra era pequena para eles e para os 'kulaks'.

A praga exterminadora dos camponeses começou, pelo que se pode julgar, em 1929, com a confecção de listas de proscricções, confiscos e despejos. Mas só no início de 1930, que estava em andamento (já testado e organizado), a opinião pública foi proclamada na resolução do Comitê Central do Partido Comunista Russo (Bolchevique) de 5 de janeiro (o partido tem "motivos mais do que suficientes para gastar em seu trabalho prático de uma política de limitar as tendências exploratórias dos kulaks à liquidação dos kulaks como classe". E imediatamente depois, a aceitação de kulaks nos kolkhozes foi *proibida* . ^[ix] Quem pode dar uma explicação coerente, faça).

O obediente Comitê Executivo Central e o Conselho dos Comissários do Povo não ficaram atrás do Comitê Central : em 1º de fevereiro de 1930, eles desenvolveram legislativamente a vontade do partido. Os comitês executivos distritais foram encarregados de "tomar todas as medidas necessárias na luta contra os elementos kulak, incluindo (e a menos que não

fosse o caso) o confisco total de todas as propriedades kulak e sua expulsão fora dos limites. de certos partidos e distritos ”.

Só com a última palavra o Açougueiro se agitou. *Fora de que limites* , ele disse. Mas ele não disse *quais*. Os idiotas podiam entender que eram trinta léguas, ali perto ...

E o *akulakado*, que eu sei, na Teoria da Vanguarda nem chegava. Mas pelo que o cortador cobria, estava claro que você não poderia viver sem ele. Já tivemos a oportunidade de comentar a constatação que essa palavra representa. Se um bom dia foi declarado "coleta de recipientes" e os pioneiros vão [\[iy\].em](#) torno das isbás recolhendo sacos de juta dos fazendeiros em benefício do pobre estado, e você não entregou, guardou para sempre (não tem como comprar no armazém), porque você já é um akulakado. Caminhando para o exílio!

E como esses rótulos funcionaram bem na Rússia Soviética, cujo nariz ainda não havia esfriado após o eflúvio sangrento da guerra civil! Colocaram-se em circulação palavras que, embora não explicassem nada, eram compreensíveis, muito simplificadas e não havia necessidade de pensar em nada. A selvageria foi restabelecida (e acho que não-russa também: quando algo parecido foi visto na história da Rússia?) Lei da guerra civil: dez vezes um! Cem por um! Para um *ativista que* morreu em legítima defesa (e na maioria das vezes era preguiçoso, preguiçoso. AI Ollénev lembra , e não só ele, que a "dekulakização" foi feita por ladrões e bêbados) exterminaram centenas dos camponeses mais laboriosos , industriais, experientes, precisamente aqueles que carregavam dentro de si a estabilidade da nação russa.

Como? O quê! Eles gritam conosco . E os *caciques*? Aqueles que abusaram de seus vizinhos? Pegue um empréstimo e você vai pagar com a pele?

É verdade que em uma pequena parte também caíram os caciques (embora todos eles?). Mas vamos nos perguntar: os caciques eram de nascimento? Por sua essência íntima? Ou pela propriedade que tem toda a riqueza (e todo o poder!) Para corromper o homem? Oh, se a "purificação" da Humanidade ou de um estabelecimento fosse tão simples! Mas depois de *purificar* o campesinato dos caciques sem coração com um pente de aço, de dentes cerrados , a ponto de sacrificar quinze milhões de seres, de onde vêm esses déspotas barrigudos, de bochechas vermelhas, no atual campo dos kolkhoz? governam (e também as células rurais do partido)? Esses

saqueadores implacáveis de velhas solitárias e de todos os indefesos? Como é que *sua* linhagem voraz foi salva da "deskulakização"? Céus, mas eles não vieram dos *ativistas*?

Aqueles que cresceram invadindo Bancos não podiam se livrar do campesinato nem como irmão nem como senhor. Ele só sabia dar um assobio de bandido, e milhões de trabalhadores, camponeses de mãos calejadas, foram levados para a taiga e a tundra, justamente aqueles que haviam estabelecido o poder soviético, apenas para receber a terra, e uma vez recebida, se estabelecer rapidamente nele ("a terra pertence a quem a trabalha").

De que chefe contaremos histórias, se algumas aldeias cossacas de Kuban, por exemplo Urupinskaya, foram completamente despejadas , *mesmo* velhas e jovens (e repovoadas por desmobilizados)? O que há onde você vê o "princípio de classe"? (Lembremos que justamente o Kuban quase não apoiou os brancos durante a guerra civil, e foi o primeiro a afundar a retaguarda de Denikin, buscando um acordo com os olhos. E de repente "a sabotagem do Kuban"? Arquipelago, a famosa vila de Dolinka, centro de uma agricultura próspera, de onde veio? Em 1929 *todos* os seus habitantes (alemães) foram "dekulakizados" e deportados. Quem explorava quem ali. Vamos entender.

O princípio da "dekulakização" também é bem compreendido pelo que aconteceu às crianças. Por exemplo, para Shurka Dmitriev da aldeia de Masleno (quartel Selishchensk no rio Volkhov). Em 1925, com a morte de seu pai Fedor, ele ficou, aos treze anos, filho único, as demais eram meninas. Quem iria assumir a fazenda do pai? Ele fez isso. As meninas e a mãe se submeteram a ele. Agora, como um Labrador adulto, ele cumprimentava adultos na rua. Ele sabia como continuar o trabalho de seu pai com dignidade, e em 1929 seus celeiros estavam cheios de trigo. Bem, é por isso que foi *kulak!* Por isso fugiram com toda a família!

Adámova-Sliozberg relata comovente seu encontro com a jovem Motia, presa em 1936 por retornar sem permissão - *dois mil quilômetros a pé!* O que deve ser dado por isso são medalhas esportivas - desde seu confinamento nos Urais até sua aldeia natal de Svetlovidovo, perto de Tarusa. Quando era um jovem estudante, ela foi exilada com seus pais em 1929, para sempre privada de estudos. A professora a chamava carinhosamente de "Motia-Edisoncilla": a menina não só estudava muito bem, mas também tinha um espírito inventivo, montava um turbinite no

riacho e outras invenções para a escola. Sete anos depois, ele até quis dar uma olhada nas paredes daquela escola inacessível, e isso rendeu a "Edisoncilla" a prisão e o campo de concentração.

Dê-me um destino de infância como este no século 19!

Sob dekulakization todo *moleiro* inevitavelmente caiu, e o que eram moleiros e ferreiros senão os melhores técnicos do campo russo? Digamos, o moleiro Prokop Ivánovich Laktiunkin, de Peñkí, na província de Ryazán (por Petéline). Assim que o "deskulakizaram", as rodas de moagem ficaram muito apertadas e o moinho queimou. Depois da guerra, perdoado, ele voltou para sua cidade natal, e não podia se contentar com o fato de não haver moinho. Laktiunkin obteve permissão, lançou ele mesmo as rodas de moagem e no mesmo (tinha que ser o mesmo!) Local ele construiu um novo moinho, não para seu próprio benefício, mas para o kolkhoz, ou melhor, para a plenitude e adorno do panorama.

Ou um *ferreiro de aldeia*, agora veremos que tipo de kulak era. Mesmo, como as seções de pessoal gostam de fazer, começaremos com o pai. Seu pai, Gordéi Vasílievich, serviu 25 anos na fortaleza de Varsóvia e ganhou, como dizem, prata por um botão de lata: quem foi fisdado por vinte e cinco anos ficou sem seu lote de terra. ^[esquerda] Tendo se casado com a filha de um soldado na fortaleza, ele veio no final de seu serviço na aldeia de sua esposa, Barsukí, distrito de Krásnoye. Lá, a aldeia o embebedou e, com metade do dinheiro que economizou, ele pagou as dívidas do Tesouro para toda a cidade. E com a outra metade alugou o engenho para o senhorio, mas logo com o aluguel também perdeu o dinheiro restante. E ele passou sua longa velhice como pastor e guardião. E ele tinha seis filhas, todas elas casadas com diaristas, e um filho solteiro, Trypho (seu sobrenome era Tvardovski). O menino foi mandado de meritório a uma armarinho, mas fugiu de lá para Barsukí e foi colocado na forja Molchánov, um ano como garçom sem remuneração, quatro como aprendiz, depois de quatro tornou-se professor e na aldeia de Zagorie colocar isba, se casou. Sete filhos nasceram deles (um deles, o poeta Alexandr), e com a forja você não ficará rico. O filho mais velho, Konstantín, ajudou seu pai. Do nascer ao pôr do sol, eles forjaram, derreteram e produziram cinco magníficos machados de aço, mas os ferreiros Roslavl com suas prensas elétricas e trabalhadores contratados dirigiam seus preços. Portanto, a ferraria deles até o ano 29 ainda era feita de madeira, eles tinham um cavalo, às vezes uma vaca com bezerro, às vezes nem vaca nem bezerro, e oito macieiras, era toda a sua grande

propriedade. The Banc ou Territorial Agrario vendeu propriedades hipotecadas a crédito. Tryphon Tvardovski tomou 11 hectares de terreno baldio, todos cheios de arbustos, e esse baldio foi limpo com as suas próprias mãos até o mesmo ano da Peste: 5 hectares foram plantados, o resto foi deixado para os arbustos. Eles foram nomeados para dekulakize - em toda a aldeia são 15 casas, alguns vão ter que mexer nelas! -, atribuíram rendimentos fabulosos da ferraria, atribuíram impostos exorbitantes, você não os pagou a tempo, bom, vamos fazer o bagagem, droga de kulaquería!

Sim, quem quer que tivesse uma casa de tijolos em uma fileira de casas de toras, ou dois andares em uma fileira de casas de um andar, esse era o kulak, pegue-o, seu desgraçado, em sessenta minutos! Não deve haver casas de tijolos na aldeia russa, não deve haver casas de dois andares! De volta às cavernas! Para acender com tochas!

Essa foi a nossa grande empresa de transformação, nunca houve outra igual na história.

Mas o segredo principal nem estava nisso. A às vezes vivia melhor, se entrava cedo no kolkhoz, ficava em casa. Já o bracerero que insistiu em não apresentar seu pedido foi eLivros.

Muito importante, isso é o mais importante! Não era uma questão de "deskulakização ", mas de forçar a entrada no kolkhoz. De nenhum outro modo, a não ser mortalmente assustador, os camponeses poderiam ser tirados da terra que a revolução lhes havia dado, e nessa mesma terra eles poderiam ser colocados como servos.

Esta foi a segunda guerra civil, desta vez contra os camponeses. Foi a Grande Separação, sim, mas eles não dizem a *separação de quê*.

Da espinha dorsal da Rússia.

Não, nós caluniamos a literatura do realismo socialista, ela descreve a dekulakization, é claro que é descrita, mesmo com muita fluência e com grande simpatia, como uma caça a lobos ferozes.

O que não é descrito, em vez disso, é uma aldeia ao longo da rua, com todas as janelas pregadas. Ou como você atravessa a aldeia e, em um z aguán, vê uma mulher morta com uma criança morta de joelhos. Ou um velho sentado embaixo de uma cerca, pede pão e, quando você volta, ele já caiu morto.

Tampouco se lerá neles esta cena: o presidente do Soviete municipal com a professora como testemunha entra numa isba onde um velho e uma velha jazem no catre (aquele velho tinha anteriormente um salão de chá, como não poderia ser um cacique? Ninguém quer chá quente saindo do frio!), e saca uma pistola: "Desce daí, Lobo de Tambov!" A velha berra, e o presidente, por mais respeito, atira para o teto (na isba ribomba como um trovão). No caminho, os dois velhos morreram.

Menos ainda leremos o seguinte truque para dekulakizar: todos os cossacos (um povo Don) foram convocados "para uma assembléia", ali os cercaram com metralhadoras, pegaram todos e os jogaram fora. E expulsar as mulheres não custou nada.

Eles vão nos descrever e até nos mostrar no cinema celeiros inteiros ou covas de grãos, escondidos pelos caciques. O que não nos mostram é aquela coisinha colecionada, aquela coisa íntima e carinhosa - um par de gado, alfaias e panelas - que mandam deixar tudo para uma mulher que chora. (Quem consegue sobreviver da família, e consegue administrá-la, e que Moscou "restabelece" a família como uma classe média, não encontrará mais seus ativos médios em seu retorno: todos os *ativistas* e suas esposas terão tomado).

O que eles não vão nos mostrar são aquelas trouxinhas com as quais deixaram uma família no carro do estado. Não saberemos que na casa dos Tvardovskis naquela época não havia bacon, nem pão, e que seu vizinho, Kuzmá, carregado de filhos, também não era rico: ele os trazia na estrada.

Quem teve sucesso, fugiu desta praga para a cidade. Às vezes com um cavalo, mas naquela época não havia quem vender um cavalo: o cavalo camponês também se tornara uma praga, um sinal seguro do kulak. E na feira de gado o dono o amarrava a uma barra, tapava o nariz pela última vez e ele desaparecia antes que percebessem.

Normalmente, estima-se que essa praga ocorreu em 1929-30. Mas seu fedor de morte ainda estava engolfando o campo. Quando no Kuban em 1932, o trigo debulhado era levado ao último grão para o Estado da mesma debulhadora, e os kolkhozianos eram alimentados apenas enquanto durasse a colheita e a debulha, e não um grão como salário, como fazer cale a boca das mulheres gritando? *Quem está faltando aqui para deskulakizar?* Quem nós banimos? (Do Estado em que foi à esquerda, os primeiros anos de kolkhoz, o campo libertado de kulaks, podemos ter uma idéia do testemunho de Skrípnikova: em 1930 em sua presença algumas mulheres

camponesas *da Solovki* enviados pacotes de pão preto que caiu com ela aldeia natal !!)

Esta é a história de Timoféi Pávlovich Ovchínnikov, ano de nascimento 1886, da aldeia de Kíshkino, distrito de Mijñevo (não muito longe de Léninskie Gorki, ^[ha] tem vista para a mesma estrada). Ele fez a guerra alemã, ele fez a guerra civil. Ele acabou lutando, voltou para a terra que o decreto lhe deu, se casou. Pronto, sabendo ler, disparou, mãos de ouro. Ela até se entendia como veterinária, estudava sozinha, ajudava a festa toda. Trabalhando sem parar, ele construiu uma boa casa, plantou um jardim, criou um lindo cavalo de um pequeno potro. Mas a NEP o enganou, Timoféi Pávlovich teve a idéia de acreditar nisso também, como havia acreditado na terra: entreabriu com outro fazendeiro uma pequena fábrica artesanal de linguças baratas. (Agora, depois de passar quarenta anos no campo sem salsicha, tem que coçar a nuca: e o que havia de errado com aquela fábrica?) Os dois trabalhavam na fábrica, sem empregado, e a salsicha era vendida por meio a cooperativa. Trabalharam apenas dois anos, de 1925 a 1927, quando começaram a afogá-los em impostos, a partir de rendas altas imaginárias (foram inventadas pelos fiscais para necessidades de serviços, mas pelos invejosos preguiçosos da cidade, que não eram eles próprios não serviam para nada, exceto para se tornarem *ativistas*). E os sócios fecharam a fábrica. Em 1929, Timoféi juntou-se ao kolkhoz do primeiro, trouxe seu bom cavalo e vaca e entregou todas as suas ferramentas. Trabalhando com todas as suas forças nos campos do kolkhoz, ele também criou dois touros de raça pura para o kolkhoz. O kolkhoz estava desabando, muitos já o haviam abandonado ou fugido, mas Timoféi tinha cinco filhos, qualquer um deles muda. Pela velha memória do Tesouro, ele ainda era considerado rico (também pelos serviços veterinários ao povo), e como um kolkhoziano eles continuaram e continuaram a tributá-lo de forma desproporcional. Ele não tinha dinheiro para pagar, eles tiraram os trapos de sua casa; as últimas três ovelhas, seu filho de 11 anos, conseguiu escondê-las uma vez da apreensão, mas a segunda também foi apreendida. Quando voltaram a fazer o inventário das mercadorias, não sobrou nada para a família desamparada, e os desavergonhados do Tesouro apreenderam o ficus nas panelas. Timoféi não resistiu e, diante de seus olhos, destruiu essas ficus com machados. O que ele fez! 1) Destruiu bens que já pertenciam ao Estado, não a ele; 2) propaganda hackeada contra o poder soviético; 3) desacreditar o regime kolkhoz.

E justamente o regime kolkhoz na aldeia Kíshkino em direção às águas, ninguém queria trabalhar mais, não acreditavam em nada, meio tinham partido, e com alguém tinham que dar o exemplo. O inveterado nepman Timphei Ovchinnikov, infiltrado no kolkhoz para demoli-lo, foi agora dekulakized por decisão do presidente do município soviético Shokolov. Era o ano de 1932, terminaram os livros em massa, e a mulher com seis filhos (um deles de peito) não foi despachada, contentaram-se em jogá-la na rua, levando embora sua casa. (Às suas próprias custas, um ano depois, eles conseguiram se reunir com o pai em Arkhangelsk. Todos na família Ovchinnikov viveram 80 anos, mas Timofei com esta vida bateu ^[16] palmas aos 53).

E mesmo em 1935, por volta da Páscoa, os líderes dos kolkhoz estavam bêbados em torno da aldeia irregular, e o *indivíduo* ^[17] eles exigem dinheiro para a vodka. Você não vai dar a ele? «Nós desqualificamos você! Nós banimos você!" E eles vão! Você não pode ver que você é individual? Essa foi a Grande Ruptura.

E a própria *estrada*, essa longa provação camponesa, que os social-realistas não descrevem mais. Carregam, marcha e fim do episódio, três asteriscos e mais alguma coisa.

Mas eles foram carregados: felizmente se no verão em vagões, do que se não, em trenós, em plena geada, com bebês e crianças pequenas e adolescentes. Pela aldeia Kocheñovo (província de Novosibirsk) em fevereiro de 1931, quando as geadas se alternavam com nevascas, aqueles intermináveis comboios passaram, passaram e passaram cercados de escoltas, aparecendo na estepe nevada e marchando para a estepe nevada. Até entrarem nas isbás para se aquecerem, só ficaram com a autorização da escolta, por alguns minutos, para não entreter o comboio. (Essas tropas que escoltam a GPU, ainda estarão vivas aqui, mas aposentadas! Você ainda precisa se lembrar, entende?! Ou talvez não, nem se lembre) ... Todos se arrastaram em direção aos pântanos de Narym, e naqueles anos de calça insaciável todos eles ficaram. Mas mesmo antes, no caminho impiedoso, as crianças morreram.

Este foi o propósito, que a progênie dos Labradores se extinguiria junto com os adultos. Desde que Herodes morreu, só a Doutrina da

Vanguarda conseguiu nos explicar: como exterminar até crianças no peito. Hitler já era um imitador, mas teve sorte: muito se falou de seus matadouros, enquanto os nossos parecem não interessar a ninguém.

Os fazendeiros sabiam o que os esperava. E se tivessem a sorte de serem enviados em trens por lugares habitados, seus filhos pequenos, mas que já sabiam escalar, nas paradas os baixariam pelas janelas: vão para o mundo! Procure a vida! Tudo antes de morrer conosco.

(Em Arkhangelsk , nos anos de fome de 1932-33, os filhos carentes de imigrantes especiais não receberam merenda escolar gratuita ou vales para roupas, como os outros necessitados.)

Naquele comboio de Don, em que as mulheres foram levadas separadamente dos maridos, apanhadas na "assembleia", uma mulher deu à luz no caminho. E eles deram a eles um copo de água diariamente e não todos os dias, 300 gramas de pão. Parteira? Nem peça por isso. O leite da mãe acabou e o recém-nascido morreu no caminho. Onde enterrar isso? Dois homens da escolta entraram em seu carro entre as paradas, abriram a porta enquanto dirigia e jogaram o corpinho.

(Este comboio foi para a grande obra de Magnitogorsk. E os maridos também foram trazidos, cavem seus abrigos! De Magnitogorsk nossos bardos já se preocuparam, eles *refletiram* isso).

A família Tvardovski foi transportada de carroça apenas para Ielña e, felizmente, já era abril. Lá eles foram carregados em vagões de carga, e os vagões foram fechados com cadeados, mas não havia baldes para as necessidades ou aberturas no solo. E expondo-se a um castigo ou mesmo condenação por tentativa de evasão, Konstantín Triphanovich, durante a marcha do trem, quando havia mais barulho, com uma faca de cozinha abriu um buraco no chão. A comida era só isso: uma vez a cada três dias, nos entroncamentos da ferrovia, eles traziam sopa em cubos. É verdade que a viagem (para a estação Lialia, nos Urais do Norte) durou apenas cerca de dez dias. Ainda era inverno lá, eles esperavam o comboio com centenas de trenós, e foram levados pelo rio congelado até a floresta. Havia um quartel de barqueiros para 20 pessoas, ao cair da noite já haviam trazido mais de meio mil. O comandante Sorokin, de Perm, um Komsomol, caminhou pela neve e ensinou onde as estacas deviam ser cravadas: aqui será a rua, aqui as casas. Assim foi fundada a vila de Parcha.

Essa crueldade é difícil de acreditar: que numa noite de inverno na taiga se diga: aqui! As pessoas podem fazer isso? Mas é que eles se

transportam durante o dia, então chegam ao entardecer. Centenas e centenas de milhares foram trazidos e abandonados exatamente da mesma maneira, com velhos, mulheres e crianças. Na Península de Kola (Appatity), eles passaram toda a longa noite polar em tendas simples sob a neve. A propósito, é muito mais misericordioso quando eles trazem comboios de alemães do Volga no verão (do ano de 1931, 31 e não 41, não se engane!) Para lugares sem água da estepe de Karaganda, e lá eles são obrigados a cavar e construir, Mas a água é racionada? Bem, o inverno virá aí também . (Na primavera de 1932, as crianças e os idosos haviam morrido: disenteria, distrofia). Em Karaganda, como em Magnitogorsk, eles construíram barracas coletivas compridas e atarracadas, que lembram armazéns de vegetais. No Belomorcanal, eles alojaram os recém-chegados nos quartéis dos campos de concentração que haviam ficado vazios. E no Volgocanal, logo a seguir a Khimki, foram trazidos *antes* mesmo do campo de concentração, acabaram de terminar a exploração hidrográfica , atiraram-nos ao chão e mandaram-nos cavar com picaretas e empurrar carrinhos de mão (nos jornais escreveram: «O canal foi trouxe máquinas »). Não havia pão; cave seus próprios abrigos, nas horas vagas. (Agora existem barcos de recreio ou moscovitas ambulantes. Ossos no fundo, ossos no chão, ossos no concreto).

Quando a Peste chegou, em 1929, todas as igrejas em Arkhangelsk foram fechadas: na verdade, estava planejado fechá-las de qualquer maneira, e nelas surgiu a necessidade muito real de encontrar acomodação para os "dekulakized". Grandes inundações de camponeses e Livross passaram por Arkhangelsk e, em uma temporada, a cidade inteira se tornou uma enorme prisão de trânsito. Nas igrejas eles construíram beliches com muitos andares, só que não havia nada para aquecê-los. Na estação, trens e trens de gado foram descarregados, e sob o latido dos cães, homens sombrios em alpargatas marcharam em direção a seus beliches eclesiais. (A criança S. lembrou-se de como um camponês passeava com uma coleira no pescoço : na pressa do despejo não conseguia pensar no que mais precisaria. Outro estava com um gramofone de trompete. Filmes, trabalho para você ...!) Na Igreja da Apresentação, os beliches de oito andares, soltos das paredes, afundaram à noite e muitas famílias foram esmagadas. Ao ouvir os gritos, a igreja foi isolada por soldados.

Assim, eles passaram o inverno da peste. Sem lavar. Os corpos purulentos. Typhus foi declarado. Eles morreram. Mas os habitantes de

Arjánguelsk tinham ordens sérias: aos *imigrantes especiais* (assim chamavam os camponeses eLivross) não os ajudem !! Camponeses moribundos percorriam a cidade, mas era proibido deixar que nenhum deles entrasse em casa, para alimentá-lo ou tomar uma xícara de chá no portal : para isso, a polícia pegaria os índios e levaria seus passaportes. Um homem faminto caminha pela rua, tropeça, cai e está morto. Mas nem mesmo esses podiam ser apanhados (os agentes andavam e observavam, para ver quem teria pena deles). Naqueles mesmos dias, os horticultores e fazendeiros das periferias também foram levados *por aldeias inteiras* (novamente, quem estava explorando quem?), E os habitantes de Arjánguelsk não alcançaram o corpo: não iam expulsá-los também. Eles estavam até com medo de ficar de pé, inclinar-se sobre um cadáver. (Um estava perto da GPU, eles não o pegaram.)

Eles foram enterrados em um serviço público *organizado* . Sem caixões, é claro, em valas comuns, ao lado do antigo cemitério, seguindo a rua Vologódsкая, já em campo aberto . E eles não colocaram nenhuma placa comemorativa.

E tudo isso para os ceifeiros era apenas um trânsito. Também havia um grande grupo deles atrás da cidade de Talagui, e alguns eram usados para carregar lenha. Mas um deles conseguiu escrever uma carta para o estrangeiro em um tronco (para que eles pudessem alfabetizar os camponeses!), E eles foram retirados desse trabalho. O seu caminho continuou: ao Onega, ao Pinega e subindo o Dvina.

Brincamos no campo de concentração: "Eles não vão nos mandar mais longe do que o sol ." Mas esses fazendeiros foram enviados para mais longe, onde ficaria muito tempo sem um teto sob o qual acender uma tocha.

De todos os eLivross soviéticos anteriores e posteriores, o dos camponeses difere por não estarem destinados a nenhuma cidade, a nenhum lugar habitado, mas com as feras no meio da montanha, à vida selvagem, como na idade da pedra. Não, pior: mesmo no estado primitivo, nossos ancestrais escolheram habitats pelo menos perto da água. Desde que o homem foi homem , ninguém construiu sem essa condição. Mas para os *assentamentos especiais* que os chekistas escolheram (os próprios camponeses não tinham o direito de escolher!) Locais em montes rochosos (com vista para o rio Pinega a uma altura de 100 metros, onde é impossível alcançar a água cavando e nada crescerá no terra). A dois ou quatro quilômetros de distância poderia haver terras de lodo adequadas, não, os

regulamentos proibiam instalá-las nelas! Os ceifeiros ficavam a dezenas de quilômetros de qualquer povoado e traziam o feno em barcos ... Às vezes, simplesmente *proíbiam a sementeira do trigo*. (As safras também foram apontadas pelos chekistas!) Nós, cidadãos, há outra coisa que não entendemos: o que é ter vivido sempre com gado, sem gado não é vida para camponês. Bem, por muitos anos eles foram condenados a ouvir nem um relincho, nem um mugido, nem um balido; não selar, ordenhar ou alimentar.

E no rio Chulym, na Sibéria, uma aldeia especial de cossacos Kuban cercou-o de espinheiros e mirantes erguidos, como em um campo de concentração.

Parece que tudo foi feito para que esses odiosos semeadores morressem o mais rápido possível, deixando nosso país limpo de si e do trigo. E, de fato, muitos desses assentamentos especiais foram completamente extintos. E agora, em seus locais, algumas pessoas que estão passando estão gradualmente terminando de queimar o quartel e afastando os crânios com os pés.

Nenhum Genghis-Khan exterminou tanto camponeses quanto nossos gloriosos Órgãos, liderados pelo Partido.

Aqui está a tragédia de Vasiugán. Em 1930, dez mil famílias (ou seja, 60 ou 70 mil pessoas, para as famílias daquela época) passaram por Tomsk e continuaram a pé no inverno: primeiro descendo o Tom, depois o Ob, logo subindo o Vasiugán, sempre por causa da neve. (Os aldeões que cruzaram foram posteriormente retirados para recolher os corpos de adultos e crianças). Nas nascentes de Vasiugán e Tara, eles foram abandonados em algumas colinas que surgiam no meio de pântanos. *Eles não deixaram nem provisões nem ferramentas de trabalho*. Ele degelou e os caminhos para o mundo exterior foram cortados, exceto por dois trilhos de feixes de lenha: um para Tobolsk, outro para Ob. Postes de metralhadoras foram colocados em ambas as trilhas e ninguém foi autorizado a sair da armadilha. A fome começou. Eles saíram desesperados para os postes, imploraram, depois atiraram neles. Por fim decidiram, quando foi aberta a navegação, enviar-lhes da Integralsoyuz de Tomsk (cooperativa de artesãos e consumidores) algumas barcaças com farinha e sal, mas não conseguiram subir o Vasiugán. (Esta carga foi transportada por um representante da Integralsoyuz, Stanislávov, sabemos por ele).

Todos eles sucumbiram.

Dizem que apesar de tudo sobre o assunto houve um julgamento e que até parece que dispararam contra um. Pessoalmente, não acredito muito nisso. Mas mesmo que isso acontecesse, que proporção! A conhecida proporção da guerra civil: para um de nós, mil dos seus! Por 60.000 seus, um dos nossos!

Se não, não há ninguém para construir uma nova sociedade.

Mas apesar de tudo, os eLivross viveram! Em suas condições, é incrível, mas viveram.

Na cidade de Parcha, o dia começou com cassetetes dos nativos Komi dos patrões. Durante toda a vida, esses camponeses haviam começado sua jornada sozinhos, agora eram enviados por gravetos para derrubar árvores. Sem deixar que secassem a roupa por meses, reduzindo a ração de farinha, eles exigiam uma certa produção, e então, à noite, podiam ser construídas casas. Todas as roupas estavam gastas e usavam sacos como saias ou costuravam calças.

Se todos tivessem morrido, não haveria muitas cidades hoje, por exemplo, a mesma Igarka. Quem construiu Igarka de 1929 em diante? O North Polar Timber Trust, como dizem? Ou melhor, fazendeiros desqualificados? Com cinquenta graus abaixo de zero viviam em tendas, mas já em 1930 deram as primeiras exportações de madeira.

Em suas aldeias *especiais*, os Dekulakized viviam como prisioneiros em *lag punkts* de regime forçado. Embora não houvesse nenhuma área ao seu redor, mas geralmente residia na cidade um soldado, que era o dono de todas as proibições e autorizações, e tinha o direito de matar qualquer insubordinado por sua própria decisão.

A categoria de cidadãos em que entraram os imigrantes especiais, e a sua ligação íntima com o Arquipélago, são facilmente ilustradas pela lei dos vasos comunicantes: quando em Vorkuta experimentaram uma escassez de mão-de-obra, mudaram-se (sem novo julgamento! mudança de nome!) para imigrantes especiais de suas aldeias para as zonas de concentração. E viviam sossegadamente em áreas, iam trabalhar em outras áreas, comiam balanda do campo de concentração, só *pagavam* (e também pela custódia, e pelo bar racón) do seu salário. E ninguém se surpreendeu com nada.

E de cidade em cidade, desenraizados de suas famílias, camponeses especiais foram transferidos, bem como prisioneiros, de *lagpunkt* para

lagpunkt.

Em um daqueles estranhos altos e baixos que às vezes nossa legislação teve, em 3 de julho de 1931, o Comitê Executivo Central da URSS publicou um despacho autorizando o restabelecimento dos dekulakized em seus direitos após 5 anos, «se eles se desenvolveram (! em uma cidade de regime forçado!) um trabalho socialmente útil e eles demonstraram sua lealdade ao regime soviético »(vá, se eles ajudaram a sentinela, o comandante ou o comissário). Mas foi escrito levemente, sob um choque momentâneo. E também, esses 5 anos foram cumpridos justamente no momento em que o Arquipélago começou a petrificar.

Todos foram anos em que o regime não pôde ser abrandado de forma alguma: seja após o assassinato de Kirov; ou 37-38; ou em 39 a guerra começou na Europa; ou em 41 aqui. Portanto, era mais seguro fazer outra coisa: a partir de 1937, muitos daqueles infelizes "kulaks" e seus filhos foram retirados de suas aldeias especiais, marcando-os com arte. 58 e colocá-los em campos de concentração.

É verdade que durante a guerra, quando ele começou a faltar em frentes de carne de canhão russo, veio para os *kulaks*: Bem devido a sua consciência take precedência sobre kulaks russos! Aqui e ali eles propuseram que de suas aldeias especiais ou campos de concentração eles fossem para a frente, para defender a pátria sagrada.

E eles eram ...

No entanto, nem sempre. AN Jv., Filho de «kulak» - cuja biografia na primeira parte usei para Tiurin, ^[jç] mas não me atrevi a relatar o segundo—, foi proposto em campo o que se negava aos trotskistas e comunistas, por mais que implorassem: ir e defender o país . Jv. Não pensou nada, deixou escapar imediatamente à administração do terreno: «Tua pátria, defendei-a, merda! *O proletariado não tem pátria !!* »

Parecia literalmente de Marx e, de fato, todo recluso é ainda mais pobre, mais desprezado e mais escravo do que um proletário, mas veja onde, o *tribunal do campo* não entendeu dessa forma e condenou Jv. para execução. Ele passou algumas semanas *abaixo do máximo*, sem apresentar um apelo da graça, da raiva que ele tinha . Mas eles próprios trouxeram-lhe a comutação para *mais dois duros*.

Às vezes acontecia que transportavam dekulakized para a tundra ou taiga, soltavam, e ali esqueciam: se levavam para o moridero, por que registrar? Nem mesmo os deixaram vigilantes, devido ao afastamento e

isolamento. E finalmente libertados da mais sábia superioridade, sem cavalo e sem arado, sem rede de pescar, sem espingarda, esta progênie laboriosa com alguns, talvez machados e pás, começou uma luta desesperada pela vida em tais condições. pouco melhor do que na Idade da Pedra. E contra as leis econômicas do socialismo, essas aldeias inexplicavelmente não apenas sobreviveram, mas também se consolidaram e prosperaram!

Numa cidade como esta, às margens do rio Ob, claro que não seria onde a navegação, mas em um desvio lateral, cresceu Búrov, chegou lá ainda criança. Ele conta que um dia, pouco antes da guerra, um barco a motor passou, os viu e atracou. E no lançamento descobriu-se que as autoridades distritais estavam indo . Eles perguntaram de onde vinham, quem eram e desde quando. Ficaram maravilhados com a superioridade de sua riqueza e bem-estar, que não conheciam em sua região kolkhoziana. Se foram. Poucos dias depois, os comissários chegaram com as tropas do NKVD e outra vez, como no ano da Peste, eles ordenaram que deixassem tudo pronto em uma hora, toda a sua aldeia ainda quente, e com o que eles estavam vestindo e alguns trouxas os conduziram mais adiante na tundra.

Essa história não é suficiente para entender o que eram "kulaks" e o que era "dekulakização"?

O que poderia ter sido feito com esse povo, apenas deixando-o viver em liberdade, desenvolver-se em liberdade !!!

Os velhos crentes! ^[jd] Eternamente perseguidos, eternamente banidos , eles realmente adivinharam três séculos de antecedência a maldita essência da Superioridade! Em 1950, um avião sobrevoava a extensão do vale Podkámennaya Tunguska. Depois da guerra, a escola de voo havia sido bastante aperfeiçoada , e o piloto meticuloso percebeu o que não notava há 20 anos: uma cabine desconhecida na taiga. Localizado. Relatado. Era isolado, era longe, mas para o MVD não há coisas impossíveis, e meio ano depois eles chegaram lá. Acontece que eles eram crentes antigos de Yaroyevo. Quando começou a desejada Grande Peste, digo, coletivização, fugiram desse avanço para as profundezas da taiga, de toda a aldeia. E eles viviam sem olhar para fora, apenas seu prefeito tinha permissão para ir a Yarúyevo para obter sal, caça de metal e equipamento de pesca e ferro para suas ferramentas, o resto eles faziam tudo isso, e em vez de dinheiro, o prefeito se fornecia, para o visto, de peles. Problemas resolvidos, como um criminoso perseguido, ele desapareceu do mercado sem ser visto. E assim os antigos crentes de Yaruyevo ganharam vinte anos de vida! Vinte anos de

vida humana livre entre feras, em vez de vinte anos de dor kolkhoziana. Todas usavam roupas tecidas à mão, calçados artesanais e se destacavam pela resistência.

P ues a esses desertores desprezíveis da frente do kolkhoz agora detiveram todos e o artigo do cascaron ... vamos ver, o que você diz ...? Contatos com a burguesia mundial? Sabotar? Não, em 58-10, *propaganda anti-soviética* (!?!?) E em 58-11, organização . (Muitos deles mais tarde foram para o grupo Steplag Dzhezkazgan, de onde vem a notícia).

E no ano de 1946 outros crentes antigos, de um mosteiro perdido e esquecido, tomado de assalto por nossas gloriosas tropas (morteiros e tudo, com experiência da guerra mundial), foram flutuados em jangadas abaixo de Ienisei. Os indomáveis prisioneiros - os mesmos de Stalin e de Pedro! - pularam das jangadas nas águas do Ienisei, e nossos soldados atiraram neles.

Soldados do Exército Soviético! Refine incessantemente sua preparação para a guerra!

Não, a raça condenada não morreu! Mesmo no exílio, filhos continuaram a nascer para eles, que também foram designados hereditariamente para a mesma cidade especial. ("O filho não responde pelo pai", ^[heh] lembra?) Uma jovem estrangeira casou-se com um imigrante especial e foi incluída na mesma casta servil, ela foi privada dos direitos civis. Um homem casado mulher tal , e ele também ficou confinado. Uma filha veio visitar o pai, pois também a incluíam entre os imigrantes especiais, compensando o erro de não a ter trazido antes. Com todos esses acréscimos, as perdas dos enviados aos campos de concentração foram compensadas .

À vista de todos estavam os imigrantes especiais em Karaganda e arredores. Muitos foram. Como seus ancestrais nas fábricas dos Urais ou Altai, foram designados para as minas de Karaganda para sempre . A mineradora podia andar sem levar em conta quantas horas para fazê-los trabalhar e quanto pagar. Dizem que têm muita inveja dos internos de *lagpunkts* agrícolas.

Até a década de 1950, e dependendo de onde, até a morte de Stalin, os imigrantes especiais não tinham ^[if] passaporte. Só depois da guerra eles começaram a aplicar o plus para a situação polar àqueles de Igarka.

Pois bem, depois de ter vivido duas décadas de quarentena como atormentado, uma vez desobrigados do comando, recebemos nossos orgulhosos passaportes, quem são eles e o que são por dentro e por fora? Vamos Bem, nossos cidadãos como qualquer outro! Exatamente o mesmo que aqueles que foram educados paralelamente pelos subúrbios da classe trabalhadora, reuniões sindicais e serviço no exército soviético! Da mesma forma, eles dissipam seu excesso de energia ao acertar o dominó. Com o mesmo acordo, eles concordam com cada anúncio na TV. Quando chega a hora, com a mesma raiva condenam a República da África do Sul ou contribuem com seus ochavos em solidariedade a Cuba.

Portanto, no que diz respeito ao Grande Açougueiro, vamos descobrir e inclinar nossas cabeças para seu enigma intelectual: então o conhecedor da alma humana estava certo em cozinhar esta terrível panela sangrenta e vê-la ano após ano?

Ele tinha moralmente: nada de reclamações sobre ele! Sob ele, dizem as pessoas, era "melhor do que com Khrushchev": todos os anos em 1º de abril, o dia das piadas, ^o tabaco ^[jg] caiu um copec e a retrosaria dez. Até sua morte, louvores e hinos ressoaram em sua pessoa, e ainda hoje não podemos culpá-lo: não apenas qualquer censor parará sua caneta, mas qualquer vizinho na fila da loja ou assento no trem se apressará ou interromperá a blasfêmia em suas palavras. lábios.

É que respeitamos os Grandes Malfeitores. Reverenciamos os Grandes Assassinos.

E ele estava ainda mais certo politicamente: com esse sangue ele cimentou os kolkhozes obedientes. Que diferença faz que um quarto de século mais tarde o campo tenha sido empobrecido ao máximo e a cidade moralmente degenerada? Em vez disso, foguetes voarão para o cosmos e o avançado e ilustre Ocidente se arrastará antes de nosso poder.

III

O confinamento está se espalhando

Com tanta ferocidade, para lugares tão perdidos e tão ostensivamente até a morte, como os fazendeiros foram banidos, ele não foi mais e Livros antes ou depois. Porém, em outra medida e com dinâmica própria, nosso confinamento foi se estendendo ano a ano: tornou-se mais confinado, mais densamente alojado, e as condições de confinamento tornaram-se mais rigorosas.

Você pode arriscar aproximadamente a seguinte cronologia. Na década de 1920, o confinamento passou a ser um estado transitório anterior ao campo de concentração: poucos foram os que saíram do confinamento, quase todos se arrastando para o campo depois.

Desde meados dos anos trinta e sobretudo desde a época de Beria, talvez porque o confinamento já se tivesse tornado tão numeroso (nada mais que Leningrado, quantas pessoas saíram!), Adquiriu em sua própria capacidade a categoria de meio de limitação muito satisfatório e isolamento. Assim, nos anos de guerra e pós-guerra, sua capacidade e posição foram cada vez mais confirmadas em paralelo com os campos de concentração: não exigia gastos com a construção de quartéis e áreas, nem despesas de vigilância, e ainda assim facilmente cobria grandes contingentes, especialmente mulheres e crianças. (Em todas as grandes prisões de trânsito, as celas eram permanentemente reservadas para mulheres exiladas com seus filhos, e nunca ficavam vazias).^[17] O exílio garantiu em curto prazo a limpeza segura e irreversível de qualquer distrito importante da metrópole. E a tal ponto o confinamento foi fortalecido, que a partir de 1948 adquiriu outra tarefa estatal: a de *lixão*, de depósito onde são jogados os resíduos do Arquipélago, para nunca mais voltar à metrópole. Na primavera de 1948, foram dadas instruções aos campos de concentração para que Cinquenta e Oito, com poucas exceções, fossem *liberados para*

confinamento. Em outras palavras, não deixá-lo de forma imprudente por um país que não lhe pertencia, mas para cada indivíduo ser transferido sob escolta do portão do campo para o comando do confinamento, de cercado para cercado. E como o confinamento afetou apenas alguns distritos rigorosamente designados, todos eles juntos formaram algo como outro país intermediário (embora entrelaçado) entre a UR SS e o Arquipélago, não um purgatório, mas sim um pecador, do qual era possível passar para o Arquipélago, mas não para a metrópole.

Os anos 1944-45 trouxeram aumentos especialmente grandes no número de presidiários dos territórios ocupados-libertados, e de 1947-49, das repúblicas ocidentais. E entre todas as inundações, mesmo sem contar o exílio dos camponeses, esse número de meio milhão de eLivross foi superado muitas vezes, e muitos outros, e muitos mais, que a Rússia dos czares, uma prisão, somou ao longo do século XIX. das cidades.

E por que crimes foi um cidadão do nosso país, nas décadas de 1930 e 1940, punido com reclusão ou alienação? (Por alguma fruição administrativa, essa distinção, se não observada, foi pelo menos mencionada todos esses anos. A MN Bordovski, perseguido por sua fé, que ficou pasmo por ter sido eLivros sem sentença judicial, o tenente-coronel Ivanov concordou em esclarecer "tem havido nenhum julgamento porque não é *confinante*, mas *ext rañamiento*. não considere registros criminais, olhar, nem mesmo privá -los do direito de voto" é, o mais importante de todos os direitos civis ...).!

Os crimes mais frequentes são fáceis de listar:

- 1) filiação a uma nação criminosa (sobre isso, veja o próximo capítulo);
- 2) pena já cumprida em campo de concentração;
- 3) habitar um ambiente criminoso (a subversiva Leningrado; uma região com atividade de guerrilha, como a Ucrânia Ocidental ou o Báltico).

E então, muitas daquelas *inundações* que enumeramos bem no início deste trabalho, correram, fora dos campos de concentração, também para o confinamento, estavam constantemente a deixar algum aluvião em confinamento. Quem exatamente? Em geral, na maioria das vezes, as famílias dos condenados ao campo de concentração. Mas nem sempre deportaram famílias, nem apenas foram para o confinamento familiar, longe

disso. Assim como a explicação dos movimentos de um líquido requer grande conhecimento hidrodinâmico, ou se não, melhor deixá-lo e limitá-lo a observá-lo girando sem ordem ou concerto, também aqui: não está ao nosso alcance estudar e descrever cada um dos impulsos separadamente. que em anos diferentes eles estavam subitamente direcionando pessoas diferentes não para os campos, mas para o confinamento. Observamos apenas com que heterogêneos imigrantes da Manchúria se misturam aqui, súditos estrangeiros isolados (que mesmo no confinamento a lei soviética não autorizava a casar com nenhum companheiro de confinamento, mas apesar de tudo soviético); alguns caucasianos (entre eles ninguém se lembra de um georgiano) e asiáticos, que por se renderem aos alemães não receberam 10 anos de acampamentos, mas apenas 6 anos de afastamento; e até mesmo outros ex-prisioneiros, siberianos, que foram devolvidos ao seu distrito de origem e lá viveram livres, sem assinar o comando, mas mesmo assim não tinham o direito de deixar o distrito.

É impossível para nós reconstituir os diferentes tipos e casos de exílio, porque apenas histórias casuais ou cartas guiam nosso conhecimento. Se ele não escrevesse uma carta AM Ar: v., O leitor teria ficado privado da seguinte história: em 1943, a notícia chegou a uma aldeia em Viatka que um kolkhoziano ali, um certo Kozhurin, um soldado russo, ou eles o haviam enviado para o batalhão disciplinar, ou talvez até o tivessem atirado. Bem, imediatamente na casa de sua esposa com seis filhos (o mais velho de 10 anos, o mais novo de 6 meses, e também duas irmãs moravam com ela, duas solteironas de cerca de cinquenta) apareceram *executores* (você já entende esta palavra, caro leitor, é um eufemismo para *carrasco*). E sem deixar a família vender nada (a isba, a vaca, a ovelha, o feno, a lenha, tudo foi abandonado para saquear), atiraram para um trenó os nove que estavam com umas coisinhas, e na geada saíram. Eles foram levados 60 quilômetros até Viatka-Kirov. Como eles não congelaram no caminho, só Deus sabe. Eles foram mantidos na prisão de trânsito de Kirov por um mês e meio e depois banidos para uma fábrica de cerâmica perto de Ukhta. Lá as irmãs solteiras foram vasculhar latas de lixo, as duas enlouqueceram e as duas morreram. Por outro lado, a mãe com os filhos só sobreviveu graças à ajuda (sem princípios, antipatriótica, quem sabe se até anti-soviética) da população local. Os filhos cresceram, depois todos cumpriram o serviço militar e tiveram, como dizem, “excelente formação militar e política”. Em

1960 a mãe voltou para sua aldeia natal, e não encontrou uma tora ou tijolo do forno no lugar de sua isba.

Esse pequeno tema não se encaixaria bem na guirlanda da Grande Vitória Patriótica? Bem, eles não querem, dizem que é *incomum*.

E em que guirlanda cabe, em que variedade de exílio catalogamos o *confinamento dos mutilados da guerra mundial*? Não sabemos quase nada sobre ele (e poucos são os que sabem). Mas refresque sua memória: quantos desses mutilados - e eles não eram velhos - enxamearam nossos mercados perto das tavernas e nossos trens de sarjeta no final da guerra? E com que rapidez e insensibilidade seus números diminuíram? Bem, foi outra inundação, outra campanha. Eles foram confinados em uma ilha do Norte, foram confinados por terem ficado aleijados na guerra, e para curar a nação, que foi tão vitoriosa em todas as modalidades de atletismo e jogos de bola. Lá, em sua ilha desconhecida, eles naturalmente têm esses infelizes heróis de guerra sem o direito de se corresponder com o continente (algumas cartas passam a barreira, é por isso que se sabe) e também naturalmente, de forma consistente, porque com seu trabalho não pode justificar generosamente.

Parece que eles ainda estão lá hoje.

O grande pecatório, a terra de confinamento, entre a URSS e o Arquipélago, inclui grandes cidades, e pequenas cidades , e aldeias, e simples despovoadas. Nós, presidiários, estávamos tentando ser designados para as cidades, estimava-se, com razão, que lá, porém, estaríamos melhor, principalmente em termos de trabalho. E era mais parecido com a vida de pessoas normais.

Se não a grande capital da terra de confinamento, pelo menos uma das pérolas em sua coroa era Karaganda. Tive a oportunidade de conhecê-la antes do fim do confinamento geral, em 1955 (estando confinado, o comando me permitia passar ali breves períodos : estava me preparando para cozinhar ali, com outro interno). Ao entrar nesta cidade então faminta, perto do quartel cheio de insetos, de que os bondes não se aproximavam (para não afundar nas galerias que serpenteavam no subsolo) uma casa altamente simbólica de tijolo, com a parede apoiada em contrafortes de madeira para que não desabasse. No centro da Cidade Nova, uma parede de pedra foi esculpida na pedra: "*Carvão é pão*" (para a indústria). E , de fato ,

pão preto era vendido diariamente nas lojas: um grande privilégio de confinamento na cidade. E sempre havia trabalho aqui nas minas, e até fora delas. Mas, fora isso, os supermercados costumavam estar muito vazios. E o mercado fica parado, inacessível, com preços loucos. Se não três quartos, pelo menos dois terços dos residentes viviam sem passaporte e registrados na *sede* ; na rua, ex-presidiários, principalmente de Ekibastuz, me reconheciam e me cumprimentavam a cada passo . E o que era a vida aqui para os internos? No trabalho uma posição de inferioridade, e um salário menor, porque nem todos depois do naufrágio do campo de detenção encontraram uma forma de provar suas qualificações, e por experiência era melhor não falar. Ou simplesmente como os negros, recebem menos que os brancos, e quem não estiver satisfeito deve ir embora. Por outro lado, era uma moradia muito precária, os internos moravam nos cantos do corredor sem divisórias, em depósitos escuros , em galpões, e por tudo que pagavam muito, era privado. As mulheres mais velhas, desgastadas pelo campo de concentração, com dentes de metal, sonhavam em poder ter uma blusa de crepe "para sair", um par de sapatos "para sair".

E também em Karaganda as distâncias eram muito grandes, muitos tinham longos deslocamentos de casa para o trabalho. O bonde do centro para o bairro da classe trabalhadora sacudiu por uma longa hora. No bonde, à minha frente, estava sentada uma jovem exausta, com uma saia suja e tênis esfarrapados. Ela teve um bebê com fraldas sujas, adormecia o tempo todo, a criança escorregou dos braços debilitados até os joelhos e quase caiu, aí gritaram com ela: "Está caindo!" Ela conseguiu segurá-lo, mas em alguns minutos ele voltou a dormir. Ele trabalhava nas bombas d'água no turno da noite e passava o dia vasculhando a cidade em busca de calçados, que não encontrara em lugar nenhum.

Esse foi o confinamento em Karaganda.

Pelo que eu sei, era muito menos severo na cidade de Dzhambul: a fértil parte sul do Cazaquistão, lojas muito baratas. Mas quanto menor é uma cidade, mais difícil é encontrar trabalho.

Aí temos, por exemplo, a cidade de Ieniseisk. Em 1948, GS Mitróvich foi levado para lá da prisão de trânsito de Krasnoiarsk, e o tenente da escolta respondeu alegremente: "Vai haver trabalho?" Claro que sim. "E habitação?" Claro que sim. Mas depois de entregá-los ao comando, a escolta voltou para casa. E os recém - chegados tiveram que dormir sob os barcos de cabeça para baixo na margem do rio, sob os beirais do mercado.

Eles não podiam comprar pão: o pão era vendido apenas por casas, de acordo com os inquilinos que estavam listados, mas os recém-chegados não estavam listados em lugar nenhum, e para morar em algum lugar era preciso pagar aluguel. Mitróvich, já inválido, pediu emprego na sua especialidade, é zootécnico. O comandante teve uma ideia e ligou para o Planejamento Territorial Comarcal: "Ei, dá-me uma mamadeira e eu te dou um zootécnico".

Foi nesse confinamento , onde a ameaça: «para sabotagem daremos 58-14, voltarás ao campo de concentração!», Não assustou ninguém. Deste mesmo Ieniseisk há um testemunho do ano de 1952. No dia da assinatura, os presos desesperados exigiram que o comandante os detivesse e os enviasse de volta ao campo. Homens crescidos, eles não podiam ganhar pão aqui! O comandante expulsou todos: "O MVD não é um escritório de colocação!"^[18]

Ou mais para o interior, Taséyevo, província de Krasnoiarsk , 250 km. por Kansk. Alemães, chechenos, ingleses e ex-prisioneiros foram confinados ali. Não é um lugar novo, eles não o inventaram de propósito, existe a aldeia de Jandaly nas proximidades, onde costumavam forjar algemas.^[jh] Mas o que é novo é uma cidade inteira de casas de terra, com piso de terra também. Em 1949, um grupo de *repetidores* foi trazido para lá , ao entardecer foram descarregados na escola. Tarde da noite, uma comissão se reuniu para dividir a força de trabalho: o chefe do distrito MVD, alguém da empresa madeireira, os presidentes do kolkhoz. E desfilaram diante da comissão enfermos, velhos, exaustos por *dois duros do campo* , e principalmente mulheres: estes eram os que a sábia Superioridade havia retirado das cidades perigosas e jogado em um bairro selvagem, para colonizar a taiga. Ninguém queria essa "força de trabalho", o MVD obrigou-os a tomá-la. Os armários mais inúteis foram atirados para a salina, cujo representante chegou atrasado, estava ausente. A fábrica de sal fica às margens do rio Usolsk, na cidade de Tróitskoye (também um local de exílio desde sempre, ainda sob o comando de Alexis Mikhailovich antigos crentes trazidos para cá). Em meados do século 20 , a tecnologia lá era a seguinte: faziam os cavalos trotar em círculo, e assim bombeavam o sal em alguns espetos, sob os quais faziam uma fogueira (a lenha vinha da serraria, lá jogavam as velhas). Acontece que um importante e conhecido engenheiro

naval estava neste jogo, e eles lhe deram um trabalho mais adequado à sua especialidade: embalar o sal em caixas.

O trabalhador de 60 anos de Kolomna Kñásiev foi parar em Taséyevo. Ele não conseguia mais trabalhar, vivia de esmolas. Às vezes, alguém o hospedava por uma noite, às vezes ele dormia na rua. Não havia lugar para ele na casa do inválido, na clínica tentavam não retê-lo por muito tempo. Um dia de inverno ele subiu na varanda do Comitê Distrital do Partido, do Partido dos Trabalhadores, e lá morreu congelado.

Ao passar do campo de concentração para o confinamento na taiga (e a passagem era feita assim: com geada de 20 ° abaixo de zero, em caminhões plataforma aberta, malvestidos, com o que usavam para se libertar, com botas de pano último período de serviço, por outro lado o acompanhante em jaquetas de couro e botas de feltro), os zeks nem perceberam: em que consistia a sua *libertação*? No campo havia barracas aquecidas, aqui uma cabana de madeireiro sem aquecimento desde o inverno passado. Havia serras mecânicas rugindo, elas devem rugir aqui também. E só com esta serra aqui e ali se pode ganhar uma ração de pão cru.

Portanto, os recém-confinados estavam errados, e quando (1953) o vice-diretor da empresa madeireira, Leibovich, os visitou (Kuzéyevo, distrito de Sujobúzimsk, Ienisei), bonitos, limpos, eles olharam para seu casaco de pele, seu rosto rechonchudo e branco, e se curvando, eles disseram por engano:

"Bom dia, *Cidadão Chefe!*"

E ele balançou a cabeça em reprovação:

“Não, não, como vou ser ' cidadão'? Por você agora sou *camarada*, vocês não são mais prisioneiros.

Recolheram os confinados naquela única cabana e, à luz sombria de um lampião a óleo com sua chama oscilante, o vice-diretor instilou neles, como quem cravava um caixão: “Não pensem que esta é uma vida provisória. Você realmente tem que viver aqui *para sempre*. Portanto, comece a trabalhar o mais rápido possível! Se vocês têm família, ligue para ela, senão, casem, sem esperar. Faça casas. Tenho filhos. Para a casa e a vaca será concedido um empréstimo. Para trabalhar, para trabalhar, camaradas! A nação espera sua madeira! ”

E o *camarada* estava saindo em seu carro.

E também foi um privilégio que eles permitiram que eles se casassem. Nas sórdidas aldeias de Kolyma, por exemplo, perto de Iág odny, recorda

Retz, também havia mulheres que não podiam regressar ao continente, mas o MVD proibia o casamento: quem tinha família devia ter moradia.

Mas isso também foi um favor, aquele com quem eles não permitiram se casar. Porque no norte do Cazaquistão, nos anos 1950-52, alguns comandantes, ao contrário, para conter o preso, colocaram o recém-chegado na alternativa: case-se em duas semanas ou vamos confinar você em um lugar despovoado, no meio do deserto.

É curioso que em muitos locais de confinamento se usassem com a maior naturalidade, sem qualquer ironia, a concentração expressão "obras gerais". Porque eram exatamente iguais aos do campo de concentração: aqueles trabalhos extenuantes inevitáveis, em que se deixava a saúde e não se dava o suficiente para comer. E se agora tão *livres* tinham que trabalhar menos tempo, com duas horas de caminho (para a mina ou para a floresta) e mais duas horas de volta, sua jornada de trabalho foi arredondada para a norma do campo.

O velho operário Berezovsky, dirigente sindical dos anos 1920, que passava 10 anos em reclusão desde 1938, e que foi dado 10 anos em um campo de concentração em 1949, na minha frente beijou a ração de pão com ternura e disse com alegria que no campo não vou acontecer a nada, aqui o pão correspondia a ele. Por outro lado, no confinamento, mesmo com dinheiro, você chega na loja, vê um pão na prateleira, mas eles falam com todo o decoro: "Não tem pão!", E na sua frente passam para um morador. O mesmo acontece com o combustível.

O velho trabalhador de Leningrado Tsivilko (todas as pessoas com poucos escrúpulos) costumava dizer a mesma coisa. Ele disse (1951) que após o confinamento ele estava em uma prisão-campo especial mais pessoal: você trabalhou suas doze horas, depois vai para a área. Mas, no confinamento, o último ocupante livre poderia atribuir (ele trabalhava como administrativo) trabalho extra grátis - e à noite, e em um feriado, e qualquer tipo de trabalho, ir e fazer para aquela pessoa livre pessoalmente - e o preso não ousa recusar, para não ser despedido amanhã.

Nem a vida do recluso era um mar de rosas, mesmo que ele tivesse conseguido "se conectar". Mitróvich, transferido para Kok-Terek da província de Dzhabul (onde sua vida começou assim: ele e seu companheiro foram designados a um estábulo para burros, sem janelas e cheio de esterco. Eles empurraram o esterco de uma parede, espalharam absinto, deitaram) recebeu o cargo de zootécnico do departamento distrital

de agricultura. Ele tentou *obedecer honestamente* e instantaneamente tornou-se odioso para os comandantes livres do partido. Do rebanho kolkhoz, o oficial distrital júnior mantinha as vacas primíparas e as substituía por novilhas, e exigia que Mitróvich visasse o gado de dois e quatro anos. Iniciando uma contagem detalhada, Mitróvich descobriu rebanhos inteiros, pastoreados e cuidados pelos kolkhoz, mas que não pertenciam a ele. Acontece que esses rebanhos pertenciam *pessoalmente* ao primeiro secretário do Comitê Distrital, ao presidente do Comitê Executivo Distrital, ao Chefe do Tesouro e ao Chefe da Polícia. (Com que habilidade o Cazaquistão ingressou no socialismo!) "Não os escreva!", Ordenaram. Mas ele os apontou. Com uma sede de justiça soviética incomum em um zeko confinado, ele também ousou protestar que o presidente do Comitê Executivo fizera parte do astrakhan cinza e foi demitido (e isso foi apenas o início de suas hostilidades).

Mas mesmo um chefe de distrito não é o pior lugar para um confinamento. As verdadeiras penalidades do confinamento começam onde não há nenhuma cidade livre à vista, nem apenas o limite da civilização.

Esse mesmo A. Tsivilko fala do kolkhoz "Zhana Turmys" ("Nova Vida") na província do Cazaquistão Ocidental, onde está desde 1937. Antes mesmo da chegada dos presidiários, a seção política da Estação de Máquinas Agrícolas alertava e educava a população local: traziam trotskistas, contra-revolucionários. Os amedrontados habitantes *nem mesmo emprestaram sal* aos recém-chegados, temendo serem acusados de contatos com inimigos do povo! Na época da guerra, os presos não tinham cartões de pão. Na ferraria kolkhoz, o relator ganhou quinze quilos de painço em 8 meses...! Os grãos recebidos eles se esfregavam com rodas feitas de um monumento serrado do Cazaquistão. E eles foram para o NKVD: ou nos colocamos na prisão, ou nos transferimos para o chefe do distrito! (Eles vão perguntar: e a população local, o quê? Bem *isso...* O costume... Bem, e algumas ovelhas, uma cabra, uma vaca, a yurt, panelas, tudo ajuda).

Em um kolkhoz, é sempre assim para os confinados: nem o uniforme do estado, nem a ração do campo de concentração. É o lugar mais terrível para o confinamento, um kolkhoz. É como uma verificação experimental: o que é pior, o campo ou o kolkhoz?

Por exemplo, eles *vendem* novatos, incluindo SA Lifschitz na prisão de trânsito de Krasnoiarsk. Os *compradores* pedem carpinteiros, a prisão atende: fique também com um advogado e um químico (Lifschitz), aí te

daremos um carpinteiro. Além disso, dão como gorjeta a mulheres idosas e doentes. Depois, com geadas suaves de 25 ° abaixo de zero, são levados em caminhões abertos para uma aldeia das mais remotas, de no máximo três dúzias de casas. O que o advogado e o químico vão fazer? Por enquanto, ganhe um adiantamento: um saco de batatas, cebola e farinha (e não é um adiantamento ruim!) O dinheiro virá no ano que vem, se você merecer. O trabalho, por enquanto, é este: colher cânhamo coberto de neve . No começo eles nem têm um saco de colchão, que podem encher de palha. Primeira reflexão: largue o kolkhoz! Não, impossível: por cada cabeça o kolkhoz pagou 120 rublos à Direcção das Prisões (ano 1952).

Oh, quem poderia voltar para o campo de concentração ...!

Mas o leitor se enganará se achar que os presos ficarão muito melhor em um sovjós. ^{[hee].do} que em um kolkhoz. Veja, por exemplo, um sovkho no distrito de Sujobúzimsk, uma cidade de Minderla. Quartel , é verdade que sem área, como um campo de concentração para escoltas. Por mais sovjós que seja, o dinheiro não é conhecido aqui, não está em circulação. Apenas números são escritos: 9 rublos (de Stalin) ^[j.j] por dia por pessoa. E nota-se também quanto mingau aquela pessoa já comeu, quanto é deduzido pelo casaco, pela casa. Tudo é descontado, descontado, e que maravilha: quando se trata de acerto de contas, verifica-se que o preso não só não ganhou nada, mas também deve dinheiro aos sovjós. Nesse sovjós, lembra A. Stótik, dois se enforcaram de desespero.

(Este mesmo Stótik, um brincalhão, não aprendeu nada com sua experiência infeliz com o estudo de inglês na Steplag. ^[19] Vendo-se neste confinamento, ele propôs nada menos do que fazer uso do direito constitucional de todo cidadão da URSS à ... educação! E ele entrou com um pedido de permissão para ir *estudar em Krasnoiar sk* ! Neste caso descarado, como talvez não tivesse sido visto em todo o país de confinamento, o director dos sovjós [ex-secretário do Comité distrital] redigiu uma resolução não só de negação, mas também programática: «Ninguém jamais permitirá o estudo para Stótik! » No entanto, aconteceu que a Prisão de Trânsito de Krasnoiarsk vasculhou os municípios confinados de carpinteiros. Stólik, sem ser carpinteiro, apresentou-se, foi, em Krasnoiarsk viveu num abrigo entre ladrões e ladrões, e aí preparou o vestibular para a Faculdade de Medicina. Ele os aprovou com notas altas. Até a comissão de controle ninguém esclareceu em sua documentação.

Antes da comissão: "Eu estava na frente ... Depois voltei" ... e sua garganta secou. " E então?" "Então ... eu fui ... detido", articulou Stólik, e a comissão mudou de atitude. Mas *eu cumpri minha pena! Estou fora!* Eu tirei uma nota alta! ", Insistiu Stólik. Em vão. E já era o ano da queda de Beria!)

E quanto mais despovoado, pior, quanto mais longe, menos direitos. AF Makéyev, nas suas já mencionadas memórias sobre Kenguir, conta a história do «escravo de Turgai», Alexandr Vladimirovich Poliakov, sobre o seu confinamento entre dois campos de concentração, no deserto de Turgai, num pasto perdido. A única autoridade ali era o presidente do kolkhoz, um cazaque, e mesmo do comando paterno ninguém jamais apareceu lá. A casa de Poliakov ficava no mesmo galpão que as ovelhas, em uma cama de palha; seus deveres, ser escravo das quatro esposas do presidente, levar a casa de cada uma delas, até mesmo retirar os mictórios delas. E que remédio Poliakov tinha? Deixar o dehesa para registrar uma reclamação? Não só não havia o que, sem ou que lhe valesse - *a fuga* - 20 anos de prisão. E no pasto, não havia outro russo. E vários meses se passaram antes que um inspetor de impostos russo chegasse. Ele ficou surpreso com o relato de Poliakov e prometeu encaminhar sua reclamação por escrito às autoridades distritais. Por esta queixa, como uma calúnia hedionda contra o regime soviético, Poliakov recebeu uma nova sentença para o campo de concentração e na década de 1950 estava cumprindo felizmente em Kenguir. Ela parecia estar quase livre ...

E ainda não temos certeza de que o "escravo de Turgai" era o mais desamparado de todos os confinados.

Dizer que o confinamento tinha a vantagem de uma vida estável, de certa forma instalada (boa ou ruim, mas você mora aqui e vai continuar vivendo, sem transferências), não é possível sem muitas ressalvas. Não uma transferência propriamente dita, mas uma ordem inexplicável de mudança da sede, o fechamento repentino de um ponto de confinamento ou de um distrito inteiro, sempre poderia cair; alguns deles são lembrados em vários lugares e em vários momentos. Especialmente nos anos de guerra - vigilância! - todos os presos no distrito de Taipak, recolham em 12 horas! E caminhando para Dzhembety! E todas as suas instalações modestas e móveis escassos - mas tão necessários - e seu teto com goteiras, mas já consertado recentemente, deixe tudo! Jogar tudo fora! Andem, mendigos! Se você não morrer, você terá de novo ...!

Em geral, apesar da aparente devassidão reinante (não andam em filas, mas cada um ao seu lado , não se formam para a conta, não tiram os chapéus, não se fecham à noite com cadeados do lado de fora), o confinamento tem seu *regime* . Segundo onde, mais suave, conforme onde, mais rígido, mas foi perceptível em toda parte até 1953, quando começou a liberalização geral.

Por exemplo, em muitos lugares os reclusos não tinham o direito de apresentar casos de assuntos civis em nenhuma instituição soviética, exceto por meio do comando, que era o que decidia se valia a pena tomar essa instância ou detê-la desde o início.

Ao menor pedido de um comandante, o preso tinha que deixar qualquer emprego, qualquer ocupação e relatório. Quem conhece a vida cuidará para que o preso possa descumprir alguma solicitação pessoal (lucrativa) de um comandante.

Os oficiais comandantes por sua posição e direitos não devem ser tão inferiores aos do campo. Pelo contrário, eles tinham menos dores de cabeça: sem zona, sem sentinelas, sem captura de fugitivos, sem acompanhamento para o trabalho, sem alimentação e roupas essa horda. Para eles, bastava fazê-los assinar duas vezes por mês e, às vezes, iniciar a papelada exigida por lei contra os infratores. Eram seres despóticos, preguiçosos, fartos (o segundo-tenente de um comandante cobrava 2.000 rublos por mês) e, portanto, em sua maioria perversos.

Evasões propriamente ditas, poucos se conhecem do confinamento soviético: não havia muito ganho em liberdade civil que pudesse ser obtido com uma fuga bem-sucedida: com quase os mesmos direitos , o *livre* do lugar vivia ali ao seu redor, em confinamento . Não era a época dos czares, quando uma fuga do confinamento facilmente se transformava em emigração. Em vez disso, a punição por escapar foi sensata. O URSO estava julgando os evasores . Até 1937 deu seu número máximo de 5 anos de acampamentos, e a partir de 1937, 10. Mas depois da guerra, não foi publicado publicamente em lugar nenhum, mas era conhecido de todos e uma nova lei foi inexoravelmente aplicada: fugir do lugar confinamento , *vinte anos de prisão!* Uma crueldade desproporcional.

O comando em cada local deu sua própria interpretação do que havia e do que não devia ser considerado evasão, onde exatamente aquela linha proibida passava que o preso não precisava cruzar e se ele poderia faltar para lenha ou cogumelos. Por exemplo, em Jakassia, na cidade mineira

Ordzhonikídzevski havia uma regra: estar ausente (para as montanhas) era apenas não observância do regime disciplinar e 5 anos no campo; ausente indo para baixo (em direção à ferrovia) foi fuga e 20 anos de prisão. E a tal ponto essa brandura imperdoável se enraizou ali, que quando um grupo de armênios confinados, desesperados pela arbitrariedade das autoridades mineiras, foi reclamar deles na chefia do distrito - mas permissão do comando para se ausentar, é claro, não eles tiveram - todos eles receberam por esta fuga tão pouco quanto 6 anos.

Pois tais ausências devido a mal-entendidos eram o que mais frequentemente eram descritos como evasões. E as decisões ingênuas de pessoas idosas, incapazes de compreender e assimilar nosso sistema sem alma.

Uma mulher grega, já na casa dos 80 anos, foi exilada de Simferopol para os Urais no final da guerra. Quando a guerra acabou e seu filho voltou para Simferópo, ela naturalmente se mudou para lá também e morou clandestinamente com ele. Em 1949, aos 87 anos (!), Foi capturada, condenada a 20 anos de trabalhos forçados (87 + 20 =?) E transferida para Ozerlag. Conheci também de outra velha, grega também, na província de Dzhambul. Quando todos os gregos foram eLivross do Kuban, eles a embarcaram junto com duas filhas mais velhas, mas a terceira, casada com um russo, permaneceu no Kuban. A velha viveu algum tempo em reclusão e decidiu ir morrer na casa da filha. "Fuga", prisão, 20 anos! Na Kok-Terek tivemos o fisiologista Alexis Ivanovich Bogoslovski. Havia aplicado o perdão "Adenauer" de 1955, mas de forma incompleta: deixaram-no confinado, embora não devesse. Ele começou a enviar recursos e instâncias, mas as coisas no palácio vão devagar, e enquanto isso em Perm sua mãe estava ficando cega, que não o via há 14 anos, desde a guerra, e sonhava em vê-lo com a última visão. E, expondo-se à prisão, Bogoslovski resolveu ir passar uma semana com ela e voltar. Ele planejou uma visita às pastagens de gado no deserto, mas na verdade pegou o trem para Novosibirsk. Em seu bairro não notaram sua ausência, mas em Novosibirsk um motorista de táxi vigilante denunciou -o a alguns segredos, vieram verificar sua documentação, ele não a tinha, teve que confessar. Eles o levaram de volta à nossa prisão de adobe em Kok-Terek, abriram um resumo e, de repente, veio o esclarecimento de que ele não estava confinado. Eles apenas o soltaram, ele saiu com a mãe. Mas ele estava atrasado.

Empobreceríamos notavelmente o quadro do confinamento soviético se não nos lembrássemos de que, em cada município, a sempre alerta SEÇÃO DE OPERAÇÕES Tchechista, que convocava os confinados para *uma conversa*, recrutava informantes, coletava denúncias e os usava para proferir *novas sentenças*. Será que, para cada unidade humana, não era chegada a hora de mudar a entediante imobilidade do confinamento pela alegre superlotação do campo de concentração? O *segundo turno*, um novo julgamento e uma nova condenação, foi o *fim lógico do confinamento* para muitos.

Piotr Vixne teve que desertar em 1922 do exército burguês reacionário da Letônia, passar para a União Soviética livre, aqui em 1934, para se corresponder com os parentes letões que permaneceram (parentes na Letônia nunca foram perturbados), ser confinado no Cazaquistão, não se decepcione, como um maquinista incansável do depósito de locomotivas Ayaguz para chegar a Stakhanovista, para o qual em 3 de dezembro de 1937 uma placa foi pendurada no depósito: «Veja o exemplo de c. Vixne! », E em 4 de dezembro o camarada Vixne foi despachado para um segundo lote, do qual não voltaria.

As *segundas prisões*, em confinamento, como nos campos, foram constantes, para mostrar acima o zelo das seções de operações. Como em outros lugares, *métodos reforçados* foram usados para ajudar o detido a entender mais rapidamente seu destino e se conformar mais completamente com ele (Tsivilko em Uralsk, 1937: 32 dias de prisão e 6 dentes quebrados). Mas também houve períodos especiais, como em 1948, quando as redes de malha fina foram lançadas em todo o confinamento e novamente pescadas para os campos ou até o fim, como em Vorkuta ('Vor kuta torna-se um centro industrial, camarada Stalin ele mandou limpá-lo '), ou a todos os homens, como em outros lugares.

Mas mesmo para quem não jogou a segunda partida, o "fim do confinamento" ainda estava no ar . Por exemplo, no Kolyma, onde toda a "libertação" do campo de concentração consistia em ir do posto de guarda do campo ao comando especial, o fim do confinamento, propriamente dito, não houve, porque o Kolyma não saiu. E aqueles que, apesar de tudo, conseguiram regressar dali "ao continente", nos breves períodos em que foi autorizado, tiveram que amaldiçoar o seu destino mais de uma vez: todos receberam novas sentenças de campos de concentração no continente.

A sombra da seção de operações ofuscava constantemente o céu já escuro do confinamento. Sob o olhar do comissário, à mercê dos delatores, continuamente em um trabalho exaustivo, em busca de pão para os filhos, os confinados viviam tensos e retraídos, muito desunidos. Não houve longas conversas na prisão ou no país, sua vida e milagres não foram contados.

É por isso que é difícil coletar relatos de vida no confinamento.

Da mesma forma, nosso confinamento mal nos deixou fotos: se havia fotógrafos, eles tiravam fotos apenas para documentos: para as seções de pessoal e operações. Um grupo de presidiários que são fotografados juntos, o que é isso? Como é isso? Significa um relatório imediato à Segurança do Estado: olhe para nossa organização clandestina anti-soviética. Pela própria foto, eles *vão levar* todos eles.

Nosso confinamento não nos deixou fotografias, daquelas, você sabe, de um grupo e bastante feliz: a terceira da esquerda para Ulyanov, a segunda da direita Krzizanowski. Todos comidos, todos bem vestidos, não sabem o trabalho ou a necessidade, se usam barba, é bem cuidada, se for chapéu, é de pele boa.

Sim, crianças, tempos muito negros foram aqueles ...

IV

O banimento dos povos

Historiadores será capaz de nos corrigir, mas nossa memória humano médio não reteve no 19o século ou a 18 ou a 17 , os casos de deslocamento em massa forçada de populações inteiras. Houve conquistas coloniais - nas ilhas da Oceania, na África, na Ásia, no Cáucaso - os vencedores assumiram o poder sobre a população indígena, mas não ocorreu às mentes subdesenvolvidas dos colonizadores expulsar essa população de sua terra natal, suas casas ancestrais. Talvez apenas a exportação de negros para as plantações americanas nos dê alguma analogia ou precedente, mas não havia nenhum sistema de estado amadurecido lá: havia apenas alguns mercadores de escravos cristãos, em cujos seios rugia o fogo do lucro repentinamente descoberto , e eles se lançaram a cada que por si só capturava, enganava e comprava dezenas de peças pretas.

A esperança da Humanidade civilizada tinha que chegar, século xx , e com base na Doutrina Única-Verdadeira a Questão Nacional devia receber sua solução definitiva , para que o máximo especialista nesta questão patenteasse a extirpação em massa dos povos através de seu banimento em quarenta e oito, vinte e quatro e até uma hora e meia.

Claro, essa iluminação não veio para ele assim de repente ou para si mesmo. Em uma ocasião, ele até mesmo temerariamente disse: "Não houve e não pode haver um único caso em que alguém na URSS tenha sido perseguido por causa de sua origem nacional."^[20] Nos anos 20, todas essas línguas nacionais foram promovidas, a Crimeia foi martelada que era tártaro, tártaro, e havia até um alfabeto árabe e todos os sinais em tártaro.

Mas acabou que foi um erro ...

Mesmo depois que o grande exílio em Camp Esino foi pressionado, o Grande Timoneiro não percebeu imediatamente como seria conveniente aplicá-lo às nacionalidades. E a experiência de seu irmão-autocrata Hitler

com o extermínio de judeus e ciganos já era tardia, depois do início da Segunda Guerra Mundial, acho que o pai-Stalin já vinha pensando nesse problema muito antes.

Com a única exceção da Peste dos Labradores, e até atingir o banimento das nações, nosso confinamento soviético, embora manejassem cifras de algumas centenas de milhares, não podia nem ser comparado aos campos de concentração, nem mesmo era tão glorioso nem tão nutrido que sirva de sulco para a marcha da História. Havia *eLivross* (por sentença judicial), havia *administrativos confinados* (sem sentença), mas ambos eram unidades numeradas, cada uma com seu sobrenome, data de nascimento, artigo de denúncia, rosto e foto de perfil, e apenas os pacientes, não muito afetados, os órgãos sabiam tecer uma corda com grãos de areia e, com essas famílias destroçadas, os monólitos dos bairros de confinamento.

Mas como o processo de confinamento progrediu e acelerou quando os *imigrantes especiais foram* enviados para o exílio! Os dois mandatos anteriores vieram do czar, este era nosso, soviético. Nossas expressões favoritas, portanto, de casa (seção especial, destino especial, comunicação especial, razão especial, sanatório especial) levam a palavra *especial*? No ano da Grande Ruptura, os "deskula kizados" foram batizados de imigrantes especiais, e passou a ser muito mais seguro, mais flexível, sem dar lugar a recursos que os "deskulakizados" não eram todos kulaks, mas sim "imigrantes especiais". Crave seus dentes nele!

E o Grande Pai ordenou que este termo fosse aplicado às nações exiladas.

N ou recebeu a descoberta imediatamente. O primeiro experimento foi mais prudente: em 1937, algumas dezenas de milhares desses suspeitos coreanos - que confiança esses macacos amarelos poderiam merecer em face de Jaljin-Gol, em face do imperialismo japonês? - eles foram silenciosos e rapidamente, dos velhos trêmulos aos velhos bebês chorando com pertences insignificantes transferidos do Extremo Oriente para o Cazaquistão. Tão rápido, que no primeiro inverno eles viveram em casas de adobe sem janelas (de onde poderia vir tanto vidro!) E tão silenciosamente que ninguém, exceto os cazaques do lugar, ouviu falar dessa deportação, e não uma verdadeira língua dos O país até mencionou isso, e nenhum correspondente estrangeiro disse que essa boca é minha. (É para isso que toda a imprensa deve estar nas mãos do proletariado).

Gosto. Ele lembrou a si mesmo. E em 1940 a mesma receita foi aplicada nos arredores do berço da revolução, Leningrado. Mas não se apoderaram dos eLivross à noite e com a baioneta desembainhada, ao contrário, foi dado o nome de "despedida solene" da República Carelo-Finlandesa (recentemente conquistada), Sob o sol de seu zênite, tremulando de bandeiras vermelhas e cobre de orquestras, os finlandeses e estonianos da região de Leningrado foram enviados para mostrar suas novas pátrias . Mas, depois de os transportar um pouco mais (conta o destino de um grupo de 600 pessoas VA M), tiraram-lhes os passaportes, cercaram-nos de escolta e fizeram-nos continuar a viagem em carruagens vermelhas, depois de barçaça. De seu desembarque final na parte mais remota da Carélia, foram enviados "para reforçar os kolkhozes". E os cidadãos totalmente livres e demitidos tão solenemente ... eles se submeteram. E apenas 26 recalcitrantes, incluindo o relator, se recusaram a ir; além disso, eles não entregaram seus passaportes! "*Haverá baixas!*" Um representante do poder soviético, especificamente do Sovnarkom do RSS Carelo-Finlandês , avisou-os quando chegaram. "Você vai atirar com metralhadoras?", Gritaram com ele. Que idiotas, por que com metralhadoras? Se eles estivessem cercados, sentados em um grupo, com apenas um, seria mais do que suficiente (e ninguém teria composto poemas sobre esses *vinte e seis* finlandeses). Mas uma estranha suavidade, falta de jeito ou indecisão impediu que se tomasse uma medida tão razoável . Eles tentaram separá-los, eles os chamaram um por um para o comissário, todos os 26 deles foram à convocação juntos. E sua coragem teimosa e insana triunfou! Eles deixaram seus passaportes e ergueram a cerca. Assim, eles evitaram cair ao status de kolkhozianos ou confinados. Mas foi um caso excepcional, as massas entregaram seus passaportes.

Tudo isso era evidência. Só em julho de 1941 foi a vez de experimentar o método em toda a sua amplitude: a república autônoma - e claro, traiçoeira - dos alemães é do Volga (com suas capitais Engels e Marxstadt), teve de ser raspado e jogado fora em poucos dias Em algum lugar distante ao leste Lá, o método dinâmico de banimento de nações inteiras foi usado pela primeira vez em sua pureza, e quanto mais fácil, quão mais frutífero acabou sendo usar uma única chave - o ponto da nacionalidade! ^[j] - em vez de todos aqueles registros judiciais e sentenças nominativas para cada um! E com os alemães que pastoreavam em outras

partes da Rússia (eles coletavam todos), o NKVD local não precisava de educação superior para descobrir se ele era amigo ou inimigo: ele tem sobrenome alemão? Bem para o saco.

O sistema foi testado, ajustado e a partir de agora irá apreender inexoravelmente todas as nacionalidades traidoras condenadas que forem apontadas : os chechenos; os inguches; os karachayes; os búlgaros; os calmucos; os curdos; os tártaros da Crimeia; finalmente, os gregos do Cáucaso. Este sistema tem o dinamismo especial que a decisão do Pai dos Povos é anunciada ao povo não na forma de uma condenação judicial prolixa, mas na forma de uma operação militar de infantaria motorizada moderna: divisões armadas entram nos quartéis da cidade à noite nomeados e ocupam cargos importantes. A nação rebelde acorda para ver um anel de armas automáticas em torno de cada aldeia. E são dadas 12 horas (mas é muito tempo, tendo as rodas da infantaria motorizada paradas por tanto tempo , e na Crimeia já serão duas e até uma hora e meia), para cada um pegar o que é capaz de carregar nas mãos. E logo todos são embarcados, como presidiários, pernas encurvadas, na plataforma de um caminhão (velhinhas, mães com filhos, sentam-se, é uma ordem!), E os caminhões escoltados vão para a estação ferroviária . E lá com viagens de gado ao destino. E lá, talvez, eles ainda puxarão suas jangadas em uma corda contra a corrente (do rio Unzha, tártaros da Criméia, só para eles estes são os pântanos do norte) cerca de 150-200 quilômetros na floresta (acima Kologriv), e velhos com barbas brancas jazerão imóveis nas jangadas.

Certamente do ar, das altas montanhas, era imponente: os motores começaram a zumbir simultaneamente em toda a península da Criméia (recentemente liberada, abril de 1944), e centenas de colunas-serpentes motorizadas começaram a rastejar ao longo de seus rastros. estradas retas e sinuosas. As árvores frutíferas estavam florescendo. Os tártaros retiraram das estufas as mudas jovens de cebola mortas . O plantio do fumo começou. (E aí acabou. E por muitos anos o fumo da Crimeia desapareceu). As colunas motorizadas não chegavam às aldeias, ficavam nos entroncamentos, as aldeias eram rodeadas por destacamentos de destino especial. Havia uma ordem de deixar uma hora e meia para pegar, mas os instrutores reduziram para quarenta minutos, para terminar mais cedo, para não se atrasar no ponto de encontro, e para que na própria aldeia houvesse mais para o *sonderkommando* que ficou para trás da força-tarefa. Algumas aldeias inveteradas, como Ozenbash perto do lago Biuk, tiveram que ser queimadas

inteiras. As colunas motorizadas carregavam os tártaros até as estações e já lá, nos trens, esperavam dias, gemendo, entoando tristes canções de despedida. [\[vinte e um\]](#)

Uma disciplina uniformizada! Essa é a vantagem de banir nações inteiras! Nenhum caso particular! Sem exceções, sem protestos individuais! Cada um segue seu caminho , porque você também, ele também e eu também. Eles vêm não só de todas as aldeias e de ambos os sexos: os que estão no ventre materno também vão, também eles estão confinados pelo mesmo decreto! Há também aqueles que ainda não foram concebidos: porque o seu destino será concebido sob os efeitos deste mesmo Decreto, e desde o próprio dia do seu nascimento, apesar do desatualizado e oneroso artigo 35 do Código Penal (“o reclusão não pode ser aplicado a menores de 16 ”), assim que derem a cara para o mundo, já serão imigrantes especiais, já estarão confinados para sempre. E sua maioridade, seu aniversário de 16 anos, só será sinalizada com o início da inscrição no comando.

E tudo o que fica para trás - casas abertas, ainda quentes, e pertences virados de cabeça para baixo , todos os bens acumulados em dez e vinte gerações - igualmente vai para os membros dos órgãos punitivos, e de acordo com o que o Estado, e de acordo com o que aos vizinhos de nações mais afortunadas, e ninguém vai apresentar um apelo para uma vaca, para alguns móveis, para louças.

E a última coisa que realça e completa a uniformidade é que o decreto secreto não respeita nem mesmo os membros do partido comunista entre essas nações más. Portanto, não há necessidade de verificar as cartas do partido, mais um alívio! Os comunistas em seu novo confinamento serão [\[22\]](#) forçados a lutar por dois, e todos estão felizes.

Uma rachadura na uniformidade foi formada apenas por casamentos mistos (pois algo nosso estado socialista está sempre contra eles). Quando os alemães foram e Livros e depois os gregos, esses cônjuges não foram expulsos. Mas essa foi a fonte de muitas complicações e fontes de infecção deixadas nos lugares aparentemente purificados . (Como aquelas velhas gregas que voltaram com seus filhos para morrer).

E onde eles baniram as nações? Alegrementemente e muito, para o Cazaquistão, onde junto com os presos comuns eles vieram para formar a longa metade da república, de forma que pode perfeitamente ser chamada de Cazaquistão. Mas a Ásia Central não ficou sem sua parte, nem a Sibéria

(multidões de Kalmucks morreram no Ienisei), nem os Urais do norte, nem o norte da Rússia europeia.

Considero ou não o exílio dos povos para o exílio do Báltico? Os requisitos formais não são cumpridos: não baniram a todos até o fim, as cidades parecem ter ficado onde estavam (muito próximas da Europa, porque não faltaram!) Parecem ter permanecido, mas dizimadas .

Eles começaram a purgá-los cedo: mesmo em 1940, nossas tropas mal entraram lá, mesmo antes que esses povos entusiasmados votassem unanimemente pela adesão à União Soviética. Os sacos começaram com os oficiais. Deve ser mais carro do que foi para esses jovens Estados sua primeira (e última) geração de oficiais próprios, não eram barões desdenhosos mocassins, mas da mesma seriedade, responsabilidade e poder da nação. Mesmo como meninos de escola nas neves de Narva, eles aprenderam a defender sua pátria adolescente com seus seios adolescentes. Agora que esta experiência e energia condensada os cortava com um machado, era uma preparação muito importante para o plebiscito. Bem, e era uma receita comprovada, o mesmo nunca tinha sido feito no Union original? Elimine silenciosa e rapidamente quem poderia liderar a resistência, e também quem poderia despertar ideias, discursos, livros, e parece que a cidade está inteira onde estava antes, mas não há cidade. Um dente morto, por fora, nos primeiros dias é indistinguível de um dente vivo.

Mas em 1940, para os países bálticos, não se tratava de exílio, mas de campos de concentração e, para alguns, de atirar nos pátios de pedra das prisões. E em 1941, retrocedendo, pegamos o máximo que podíamos de gente rica, influente, conhecida, levamos conosco como troféus preciosos, e depois jogamos como esterco na terra gelada do Arquipélago (eles sempre paravam à noite, 100 kg de bagagem para toda a família e o chefe de família já no momento da prisão foi separado para prisão e eliminação). Então, durante a guerra (pela rádio Leningrado), prometemos vingança implacável aos países bálticos . Em 1944, quando voltou, as ameaças foram cumpridas, foi detido abundantemente e amplamente. Mas também não era um banimento popular em massa.

O principal exílio báltico foi desencadeado em 1948 (insubordinados lituanos), em 1949 (as três nações) e em 1951 (lituanos novamente). Nestes mesmos anos coincidentes eles varreram para a Ucrânia Ocidental, onde também ocorreu a última colheita em 1951.

Quem era o Generalíssimo se preparando para o exílio em 1953? Os judeus? Quem mais? Talvez toda a margem direita da Ucrânia? Nunca saberemos este grande plano. Suspeito, por exemplo, que Stalin tinha um desejo não realizado de exilar toda a Finlândia para os desertos da fronteira chinesa, mas ele não teve sucesso em 1940 ou 1947 (tentativa de golpe de Leino). Ele já teria encontrado um pequeno lugar atrás dos Urais até para os sérvios, até mesmo para os gregos do Peloponeso.

Se este Quarto Mestre da Doutrina Avançada durasse cerca de dez anos mais, não teríamos reconhecido o mapa étnico da Eurásia, a Grande Migração dos povos teria ocorrido.

Quantas nações foram banidas, tantas epopeias um dia escreverão, sobre a marcha da pátria e sobre a aniquilação da Sibéria. Cabe a eles relatar tudo o que vivenciaram, não a nós, de segunda mão, não temos que cortar a estrada nós mesmos.

Mas para que o leitor perceba que foi aquele mesmo país de confinamento que já apresentamos, aquele mesmo pecador anterior a esse mesmo Arquipelago, acompanhemos um pouco o exílio do Báltico.

Nos países bálticos o exílio ocorreu não só sem violar a vontade popular soberana, mas exclusivamente em seu cumprimento. Em cada uma das três repúblicas havia um decreto livre do seu Conselho de Ministros (na Estônia, de 25 de novembro de 1948) sobre o afastamento de certas categorias de seus compatriotas para a estranha e distante Sibéria, e também *em perpetuidade*, para que nunca Eles vão voltar para sua terra natal. (Aí percebemos claramente a independência dos governos bálticos e a extrema irritação que alguns compatriotas execráveis e supérfluos lhes causaram). Essas categorias foram as seguintes: a) parentes dos já condenados (não bastava que os pais passassem fome nos campos de concentração, era preciso exterminar toda a semente); b) camponeses abastados (a já madura coletivização no Báltico foi muito acelerada) e todos os membros de suas famílias (estudantes de Riga foram apreendidos na mesma noite que seus pais na fazenda); c) pessoas notáveis e importantes em si mesmas, mas que por qualquer motivo teriam escapado dos favos dos anos 1940, 41 e 44; d) famílias simplesmente hostis, que não conseguiram fugir para a Escandinávia ou que pessoalmente não gostavam de ativistas locais.

Este decreto, para não prejudicar o prestígio da nossa grande Pátria comum e não dar motivo de alegria aos nossos *inimigos* ocidentais, não foi publicado na imprensa, não foi divulgado nas repúblicas, nem mesmo foi comunicado aos próprios eLivross. no momento da marcha, mas somente após a chegada ao seu destino, nos comandantes siberianos.

A organização do exílio havia melhorado tanto nos anos, desde a época dos coreanos e até mesmo dos tártaros da Criméia , a valiosa experiência fora tão generalizada e assimilada que o relato não era mais por dias, nem mesmo por horas. , mas em minutos. Constatou-se e verificou-se que faltam vinte ou trinta minutos desde a primeira batida noturna na porta até que o salto da senhora passe pela última vez na verga de sua casa, em direção à escuridão da noite e a um caminhão. Nesses minutos, a família recém-desperta teve tempo de se vestir, assimilar que estava sendo exilada para sempre, assinar um papel renunciando a qualquer direito de propriedade, pegar suas velhas e filhos, enrolar os pacotes e ir embora quando ordenada. (Não havia desordem com os bens remanescentes. Após a saída da escolta, funcionários do Departamento de Finanças chegavam e elaboravam uma lista de confisco, na qual os bens eram vendidos em benefício do Estado em depósitos de comissão. Vamos reprovar que ao fazê-lo colocam algo no bolso ou o carregam “disfarçado”. Nem havia muita necessidade, bastava preencher uma fatura na comissaria, e qualquer representante do poder popular poderia levar para casa com todos legalidade, a coisa adquirida pelo preço de um presente).

O que poderia ser raciocinado nesses 20-30 minutos? Como determinar e escolher o mais necessário? Um tenente, ao banir uma família (a avó de 75 anos, a mãe de 50 anos, a filha de 18 anos e o filho de 20 anos), aconselhou: "Não saia da máquina de costura!" Vá adivinhar! A família inteira comia nessa máquina de costura ^[2,3] .

A propósito, essa velocidade de expulsão às vezes beneficiava as vítimas. Uma tromba d'água! Isso passou e se foi. Um pouco de poeira sai da melhor vassoura. Qualquer das mulheres teria sido capaz de aguentar uns três dias, passar as noites longe, agora veio ao Departamento de Finanças, pediu para retirar a vedação do piso, e daí? Bem, eles conseguiram. Que diferença faz, viver até o próximo decreto.

Naqueles magros vagões de gado , planejados para transportar 8 cavalos ou 32 soldados ou 40 prisioneiros, 50 ou mais foram eLivross de Tallinn. Com a pressa, as carroças não foram adaptadas e demoraram a

fazer um buraco. O mergulho, um balde velho, estava imediatamente transbordando, derramando e manchando coisas. Mamíferos bípedes, desde o primeiro momento os fizeram esquecer que mulheres e homens diferem em alguma coisa. Por um dia e meio eles ficaram trancados sem comida ou água, um bebê morreu. (Mas nós lemos tudo isso recentemente, né? Dois capítulos atrás, 20 anos atrás, e tudo é igual) ... Eles ficaram muito tempo na estação Julemiste, e lá fora correram e chamaram os vagões, perguntaram nomes, Eles tentaram em vão passar suprimentos e roupas para alguém. Mas aqueles foram jogados fora. E aqueles presos estavam morrendo de fome. E a Sibéria despida estava esperando.

No caminho começaram a distribuir pão, em algumas estações sopas. A estrada de todos os comboios era longa: para a província de Novosibirsk, de Irkutsk, para a região de Krasnoirsksk. Apenas 52 vagões estonianos chegaram a Barabinsk. Eles passaram 14 dias viajando para Achinsk.

O que pode sustentar os homens nesta jornada desesperada? Essa esperança que traz não fé, mas ódio: «Em breve será o seu fim ! Este ano haverá guerra e no outono retornaremos.

Nenhum rico, nem no mundo ocidental, nem no oriental, será capaz de compreender, compartilhar e talvez nem mesmo perdoar essas idéias que então reinavam atrás das grades. Já escrevi que também acreditávamos nisso, que também queríamos assim naqueles anos, em 49, em 1950. Naqueles anos tinha vindo a injustiça desse regime, dessas sentenças de 25 anos, dessas devoluções de *repetidores* ao Arquipélago ou, a ponto de explodir, já manifestamente intoleráveis, já indefensáveis para os tutores. (E digamos em geral: se o regime é imoral, o sujeito está livre de qualquer obrigação perante ele). Que vida calamitosa deve ser organizada, para que milhares de milhares em células, vans e vagões rezem por uma guerra nuclear exterminadora como a única saída ...?!

Mas ninguém estava chorando. O ódio seca as lágrimas.

E outra preocupação estava a caminho para os estonianos: como o povo siberiano os receberia ? No ano 40 os siberianos despojaram os eLivross do Báltico, extorquiram suas roupas, por um casaco de pele deram meio balde de batatas. (E é que antes de nossa miséria naquela época o Báltico parecia de fato burguês) ...

Agora, em 1949, havia sido relatado na Sibéria que eles estavam trazendo kulaqueria inveterada. Mas exaustos e esfarrapados, eles descarregaram aquela kulaqueria dos vagões. No exame de saúde, as

enfermeiras russas ficaram surpresas com o quão magras e desgastadas essas mulheres eram, elas nem tinham um pano limpo para o bebê. Os recém-chegados foram distribuídos entre os kolkhoz despovoados e ali, secretamente das autoridades, as mulheres kolkhoz da Sibéria trouxeram-lhes o que tinham: meio litro de leite, outro um pouco de beterraba ou panquecas de farinha péssimas.

E agora é quando as mulheres estonianas choravam.

Mas havia, é claro, os ativistas do Komsomol também. Eles acreditavam pelo valor de face que o lixo fascista havia chegado ("vamos jogar todos eles no mar!", Eles exclamaram) e, acima de tudo, os muito ingratos não querem trabalhar para o país que os libertou da escravidão capitalista. Esses Komsomoles se tornaram vigilantes dos internos, de seu trabalho. E eles também foram avisados: no primeiro tiro, organize uma incursão.

Na estação de Achinsk aconteceu uma bagunça engraçada: as autoridades distritais de Birillussy *compraram* 10 carroças de presidiários, meio mil pessoas, da escolta para seus kolkhozes no rio Chulyum, e prontamente os jogaram 150 km ao norte de Achinsk. Mas eles estavam destinados (embora, é claro, eles não soubessem) para o Diretório de Minas de Sarala em Jakassia. Eles estavam esperando por seu *contingente*, mas o contingente havia sido espalhado por kolkhozes que no ano passado haviam coletado 200 gramas de trigo por dia. Naquela primavera, eles não tinham mais pão nem batatas, e aldeias inteiras ecoavam com o berro das vacas, que se jogavam como feras na palha meio podre. Portanto, não foi por malícia ou opressão dos presos que os kolkhoz davam aos recém-chegados um quilo de farinha por pessoa por semana: era um adiantamento muito decente, quase igual a todo o seu futuro salário! Foi uma mudança para os estonianos, depois da Estônia...! (É verdade que no povoado de Polevoi, não muito longe deles, havia grandes celeiros cheios de trigo: acumulava ano após ano porque por falta de transporte não conseguiam levar. Mas aquele trigo já era do Estado, não estava mais registrado como propriedade dos kolkhoz. Pessoas ao redor deles morreram, mas o trigo desses celeiros não foi dado a eles: pertencia ao Estado. O diretor do kolkhoz, Pashkov, um dia decidiu distribuir cinco quilos para cada kolkhoz ainda vivo, e foi para pare num campo de concentração. Esse trigo era do Estado, e essas questões, do kolkhoz, este livro não é o lugar para comentar).

No rio Chulym, os estonianos lutaram por cerca de três meses, assimilando com espanto uma nova lei: *Ou roube ou morra!* E eles já pensavam que era *para sempre*, quando de repente foram todos apanhados e levados para o distrito de Sarala em Jakassia (que era o que seus mestres haviam descoberto seu contingente). Os próprios Khakasios quase não eram vistos, mas cada aldeia estava confinada, em cada aldeia havia comando. Em toda parte, minas de ouro, perfuração e silicose. (Na verdade, essas latitudes não eram tanto da região de Jakassia e Krasnoiarsk, quando o fundo de ouro Jak Zoloto ou o Ieniseistroi, e pertenciam não aos soviets e comitês distritais, mas aos generais do MVD; os secretários dos comitês distritais dobraram o backbone perante os comandantes distritais).

Mas o pior não foi apenas ser mandado para as minas. Pior de tudo, ele foi recrutado à força para uma "equipe de garimpeiros". *Escavadores de ouro!* Parece tão atraente, parece ver um brilho de ouro em pó. Porém, em nosso país, eles sabem estragar qualquer conceito humano. Imigrantes especiais foram colocados nessas "equipes" porque não ousaram recusar. Eles foram enviados para explorar minas abandonadas pelo Estado por não serem lucrativas. Nessas minas não havia mais serviços de segurança e a água caía constantemente, como uma chuva forte. Lá era impossível justificar o que funcionava e ganhar uma vida aceitável; simplesmente esses moribundos foram enviados para raspar os restos de ouro que o Estado lamentava abandonar. As equipes submeteram-se ao setor de "localizadores" da mineradora, que só soube atribuir-lhes um plano e cobrar-lhes o plano, nada mais. O trabalho das equipes era "livre" não do Estado, mas da legislação estadual: não tinham direito a férias remuneradas, nem necessariamente ao descanso dominical (agora como zeks cheios), podiam anunciar um "mês stakhanovista" sem nenhum domingo. O que restou do estado foi que se eles não fossem trabalhar, era uma ofensa criminal. A cada dois meses, o tribunal popular os visitava e muitos foram condenados a 25% de trabalho correcional, ^[jm] pretextos nunca faltaram. Esses "garimpeiros" ganhavam de 3 a 4 rublos de "ouro" por mês (150 a 200 de Stalin).

Em algumas minas perto de Kopiovo, os presos cobravam não em dinheiro, mas em *títulos*: e de fato, por que queriam dinheiro da URSS, se não podiam se mover de qualquer maneira, e na mina também os vendiam para bônus?

Neste livro, uma comparação detalhada já foi feita entre os contemplativos e os servos da gleba. Lembremo-nos, porém, da história da Rússia que a servidão mais dura não era o camponês, mas os operários industriais.

Esses *vouchers* válidos para compra apenas na loja da mina nos lembram das minas e fábricas do Altai. Sua população designada, nos séculos 18 e 19, cometeu crimes propositalmente para ir para a prisão e levar uma *vida mais confortável*. Nas minas de ouro de Altai, mesmo no final do século passado "os trabalhadores não tinham o direito de se recusar a trabalhar nem no domingo" (!), Eles pagavam multas (compare com os empregos correcionais), e também havia lojas com artigos de baixa qualidade, embriaguez e cava. "Essas pequenas lojas, e não a mineração de ouro mal organizada, eram a principal fonte de lucro" para as empresas de ouro, ^[24] leia sobre a confiança.

E por que tudo será tão pouco original no Arquipélago ...?

Em 1952, a pequena e frágil JS não foi trabalhar em um dia gelado porque não tinha botas de feltro. Como punição, o chefe da equipe madeireira a mandou por 3 meses para derrubar árvores, sempre sem botas. Ela mesma, ao engravidar, pediu que lhe dessem um trabalho mais fácil, que não carregasse toras, e eles responderam: se não quiser, diga adeus. E o ignorante médico errou em um mês nos relatos de sua gravidez e deu-lhe permissão para regularizá-la dois ou três dias antes do parto. Lá, na taiga MVD, não há muitas reivindicações.

Mas tudo isso ainda não estava realmente chegando ao fundo do poço. Apenas os imigrantes especiais que comandavam um kolkhoz chegaram ao fundo do poço. Alguns estão discutindo (e não é para ninguém) o que é pior, um kolkhoz ou um campo de concentração. Vamos responder: e se o kolkhoz e o campo os juntarmos em um? Pois essa era a situação do imigrante especial no kolkhoz. Há um kolkhoz que não tem ração garantida, somente quando a sementeira rende setecentos pães, e até meio grão podre, com areia, da cor da terra como se varrendo o solo em celeiros). Do campo, o que colocaram nas Celas de Detenção Preventiva: o chefe da equipe de um de seus internos reclama para a gerência, a gerência chama o comando e o comando o prende. E quem paga o salário não se sabe: em seu primeiro ano de trabalho em um kolkhoz, Maria Sumberg ganhava *vinte gramas* de grãos por dia trabalhado (mais um passarinho de Deus coleta nas estradas!)

E quinze copeques daqueles de Stalin (de Khrushchev, um e meio). Para o pagamento do *ano*, ele comprou ... uma bacia de alumínio.

Então, do que eles vivem? Bem, o que eles foram enviados do Báltico. É que seu povo não o baniu inteiramente.

Mas quem mandou pacotes para os Calmuks? Os tártaros da Crimeia? Faça um tour pelos túmulos, pergunte.

Seja pelo mesmo decreto de seu próprio Conselho de Ministros do Báltico, seja pela masculinidade pró-siberiana, uma disposição especial foi aplicada aos imigrantes especiais do Báltico até 1953, quando o Padre bateu palmas: apenas trabalhos difíceis! Basta escolher, remover com pá e serrar! "*Aqui você tem que aprender a ser gente!*" E se a produção colocava alguém mais alto, o comando interveio e o afastava *dos próprios generais*. Nem mesmo permitiram que os imigrantes especiais cavassem o pomar que cercava a casa de repouso da administração da mina, para não ofender os sentimentos dos stakhanovitas que ali repousavam. Mesmo da posição de pastor de bezerros o comandante jogou M. Sumberg: "Eles não trouxeram você para passar o verão, andando para rolar o feno!" O presidente mal a manteve. (Ele salvou os bezerros da brucelose. Ele gostava do gado siberiano, que achava melhor do que o estoniano, e as vacas, desacostumadas a acariciar, lambiam suas mãos).

Que um dia é necessário carregar grãos com urgência em uma barça? Para imigrantes especiais trabalho, nem grato nem remunerado, 36 horas seguidas (r. Chulyum). Neste dia e meio, as altas de 20 minutos para comer e um intervalo de 3 horas. "Se você não quiser, eu lhe darei mais ao norte!" Um velho caiu sob o casaco, os vigilantes do Komsomole o chutaram.

É reservado todas as semanas. Que até o comando há vários quilômetros? Que a velha tem 80 anos? Pegue um cavalo e traga-o! Cada vez que se inscrevem, cada um é lembrado: por fuga são 20 anos de prisão.

Ao lado fica a sala do comissário. E ela te faz passar. Lá eles vão acenar a isca de um trabalho melhor. E eles vão ameaçar banir sua única filha para trás do Círculo Polar, separadamente da família.

E o que eles não podem fazer? A que altura sua mão já parou a consciência ...?

Esta é a sua missão: zelar por fulano de tal. Colete materiais para processar mengano.

Ao entrar na isba, qualquer sargento de comando, todos os imigrantes especiais, mulheres e idosos e tudo, devem se levantar e não se sentar sem permissão.

... Mas o leitor não nos terá entendido mal, que os imigrantes especiais foram privados de direitos cívicos...?

Oh não, não! Todos os direitos cívicos foram mantidos intactos! Os passaportes não foram tirados deles. Não ficaram privados de participar nas eleições gerais, iguais, secretas e diretas. Este momento supremo e deslumbrante - entre vários candidatos para riscar todos, exceto o escolhido ^[jn] - eles foram preservados como uma coisa sagrada. Nem estavam proibidos de fazer empréstimos (lembramos os tormentos do comunista Diakov no campo de concentração!) Quando os kolkhozianos *livres*, resmungando e resmungando tacos, mal davam 50 rublos por barba, espremiam 400 rublos dos estonianos: rico. Quem não assinar, deixaremos de entregar os pacotes. Vamos confiná-lo; ainda mais ao norte.

E eles vão, o que isso lhes custa ...?

Oh, que chato! Novamente de volta ao mesmo. E fora isso, tínhamos começado com algo novo: não o campo, mas o exílio. E que neste capítulo tínhamos começado com algo sem precedentes: não confinados administrativos, mas imigrantes especiais.

Mas sempre voltamos para a mesma coisa.

E é necessário, e quanto ainda resta para retornar, e retornar, e recontar outros, diferentes, diferentes distritos de confinamento? De outros lugares? De outros anos? De outras nações.

Vamos ver quais ...?

Alojadas em camadas sucessivas, bem vistas umas das outras, as nações manifestaram suas feições, modos de vida, gostos, inclinações.

Entre todos, os mais industriais foram os alemães. Mais irrevogavelmente do que qualquer um, eles cortaram toda a memória de sua vida anterior (bem, e que terra natal era o Volga ou o Manych para eles?).

Como em seus dias nas ricas parcelas de Catalina, ^[jo] assim, agora eles

criaram raízes no árido e desolado Stalin, eles se renderam à sua nova terra de confinamento como sua terra definitiva. Eles foram instalados não até o primeiro vestido, não até o primeiro favor real, mas para sempre. e Livross em 41 sem nada, mas diligentes e incansáveis, eles não desanimaram, mas começaram a trabalhar aqui também de maneira metódica e sensata. Onde na terra existe um deserto que os alemães não podem transformar em um pomar florescente? Não em vão diziam na Rússia antiga: o alemão é como uma estaca, onde se põe, aí cria raízes. Seja nas minas ou nas estações de máquinas agrícolas, os patrões não encontravam elogios suficientes para os alemães: eles não tinham melhores operários. Na década de 1950, os alemães tinham, de todos os confinados, e muitas vezes também os nativos, as casas mais sólidas, espaçosas e limpas; os porcos mais gordos; a maioria das vacas leiteiras . E festas invejáveis surgiram de suas filhas não apenas por causa da facilidade de seus pais, mas também - em meio à depravação do mundo da concentração - por causa da pureza e severidade de seus costumes.

Os riscos também foram colocados para trabalhar com ardor . Não que parassem de sonhar com o Kuban, mas aqui também não economizaram em suor. Eles viviam mais estreitamente que os alemães, mas em questão de pomares e vacas eles logo os alcançaram. Nos mercados do Cazaquistão, o melhor queijo cottage, a melhor manteiga , os melhores vegetais eram os gregos.

No Cazaquistão, os coreanos ainda prosperavam mais, mas antes também estavam confinados e, na década de 1950, já viviam muito mais livres: não se registravam mais , circulavam livremente de província em província, e a única coisa que não podiam era deixar a república. Eles prosperaram não por causa da abundância em suas fazendas e casas (ambas eram incômodas e até primitivas, até que a juventude passou para a moda européia). Mas, altamente dotados para o estudo, eles rapidamente encheram os estabelecimentos educacionais do Cazaquistão (eles não foram impedidos de fazê-lo mesmo nos anos de guerra) e se tornaram a maioria da camada instruída da república.

Outras nações, acalentando a esperança de retorno, desdobraram-se, em seus propósitos , em seu modo de vida. Porém, em termos gerais, submeteram-se ao regime e não causaram grandes problemas ao poder das comandantes. Os Calmucos não resistiram, infelizmente foram extintos. (Quanto ao resto, não tive ocasião de observá-los).

Mas houve uma nação que não cedeu em absoluto à psicose da submissão: não poucos, não rebeldes isolados, mas a nação inteira. Eles são os chechenos.

Já vimos como trataram os fugitivos dos campos. Como eles foram os únicos em todo o confinamento de Dzhezkazgan a tentar apoiar o levante de Kenguir.

Eu diria que de todos os imigrantes especiais, apenas os chechenos mostraram *zeks* na alma. Depois de terem sido desenraizados traiçoeiramente, eles não acreditaram mais em nada . Barracos foram construídos, baixos, escuros, miseráveis, parecia que com um chute iam desabar. A mesma era toda a sua economia em confinamento: hoje nada mais, este mês, este ano, sem qualquer provisão, reserva, projeto de longo prazo Comeram, beberam, os jovens também se vestiram. Os anos se passaram e eles ainda não tinham nada, como no início. Nenhum checheno jamais tentou agradar ou agradar a autoridade, mas antes disso eles eram orgulhosos, se não abertamente hostis. Desprezando as leis da educação obrigatória e aquelas ciências da escola estadual, não mandavam suas filhas para a escola, não estragando-as lá, e nem mesmo todos os seus filhos. Eles não enviaram suas esposas para o kolkhoz. Nem mesmo eles se mataram nos campos de Kolkhoz . Acima de tudo, procuraram posicionar-se como caminhoneiros: cuidar de um motor não é humilhante, no movimento constante do caminhão eles encontraram satisfação em sua paixão de piloto, e nas possibilidades de caminhoneiro, em sua paixão por furto. Quanto ao resto, esta última paixão também a satisfez diretamente. Eles trouxeram para o pacífico e honrado Cazaquistão os conceitos de "Fui roubado", "Meu chão foi limpo". Eles podiam roubar gado, roubar uma casa, às vezes até simplesmente levar embora à força. Os índios e os presos que tão facilmente se submetiam à autoridade eram considerados quase da mesma raça. Eles respeitavam apenas os rebeldes.

E o que são as coisas: todos temiam. Ninguém poderia impedi-los de viver dessa maneira. E o poder, que dominava este país há trinta anos, não podia obrigá-los a cumprir suas leis.

Como isso foi possível? Contarei um caso em que, talvez, a explicação seja condensada. Na escola Kok-Terek, o jovem checheno Abdul Judayev estava estudando comigo na nona série . Não despertou simpatia, nem tentou fazê-lo, como se temesse rebaixar-se ao bom: sempre foi marcadamente seco, muito orgulhoso e também cruel. Mas você não pode

deixar de apreciar sua inteligência clara e nítida. Na matemática, na física, ele nunca parou no nível de seus pares, mas sempre foi mais fundo e fez perguntas que surgiram de uma busca incansável pela essência. Como todos os filhos de imigrantes, foi obrigado a participar na escola em modo - chamado *ato ivities sociais*, que é, em primeiro lugar a organização de pioneiros, em seguida, os Komsomol Comissão de Estudo, jornais de parede, educação cívica, colóquios, Bem, aquele pagamento espiritual pela educação, que os chechenos pagaram com tanta relutância .

Abdul morava com sua velha mãe. Nenhum de seus parentes próximos havia sobrevivido, havia apenas um irmão mais velho que Abdul, ido totalmente para o submundo, já com várias condenações por roubo e homicídio, mas partindo cada vez antes do termo seja por perdão ou por redenção de pena. Um belo dia ele apareceu em Kok-Terek, passou dois dias bebendo como um barril, trocou algumas palavras com um tchetcheno local, pegou uma faca e se jogou atrás dele. Uma velha chechena estranha bloqueou seu caminho: ela estendeu as mãos para que ele parasse. Se ele tivesse seguido a lei chechena, ele deveria ter largado a faca e parado a perseguição. Mas mais do que um tchetcheno, ele já era um ladrão: ele ergueu a faca e matou a velha inocente. É aí que o que o esperava sob a lei chechena entrou em sua cabeça bêbada . Ele correu para o MVD, confessou o assassinato e foi voluntariamente jogado na prisão.

Ele havia se escondido, mas ainda havia seu irmão mais novo, Abdul, sua mãe e outro velho tchetcheno de seu clã, o tio de Abdul. A notícia do assassinato se espalhou como um incêndio na colônia chechena de Kok-Terek, e os três sobreviventes da linhagem de Judaev entraram em sua casa, forneceram comida, água, roubaram a janela, prenderam a porta, eles foram fortificados como para um cerco. Os chechenos do clã da mulher morta agora devem se vingar de alguém do clã Judaev. Até que o sangue dos judeus fosse derramado por seu sangue, eles não eram dignos de serem chamados de homens.

E o cerco à casa de Judá começou . Abdul não foi à escola, e todos em Kok-Terek e a escola inteira sabiam por quê. Um menino do ano passado, do Komsomol, com A's, foi ameaçado a cada minuto com uma morte a faca - quem sabe, talvez agora, quando se sentam nas carteiras com a campanha , ou agora, quando a professora de literatura enrola com o humanismo socialista. Todos sabiam, todos se lembravam, no recreio não falavam de mais nada, mas todos baixavam os olhos. Nem a célula comunista, nem a

célula Komsomol da escola, nem os chefes de estudos, nem o diretor, nem a Delegação Distrital de Educação Popular, ninguém foi salvar Judaev, ninguém chegou nem perto de sua casa localizada no bairro da Chechênia zumbindo como uma colmeia. E se eles tivessem sido ! Mas antes do sopro da vingança de sangue, aqueles até então tão terríveis para nós também foram covardemente inibidos pelo comitê distrital do partido, o comitê executivo do distrito, MVD com todo o seu comando e a polícia por trás de suas paredes de adobe. Ele encorajou a velha lei bárbara e selvagem, e descobriu-se na hora que não havia poder soviético em Kok-Terek. Tampouco custou muito o que seu braço cobriu desde a capital provincial, Dzhambul, porque em três dias dali nenhum avião com tropas chegou nem uma única ordem final recebida, exceto para defender a prisão com as forças disponíveis.

Assim, foi um recorde para os chechenos e para todos nós do que é a força na terra, e que miragem.

E apenas os anciãos chechenos eram razoáveis! Eles foram ao MVD uma vez e pediram que o mais velho dos Judaievs fosse entregue a eles para acertar as contas. O MVD recusou suspeitosamente. Eles foram ao MVD novamente e pediram que fizessem um julgamento público e atirassem em Judaev diante deles. Então, eles prometeram, a vingança de sangue surgiria dos judeus. Um acordo mais sensato não poderia ser pensado. Mas como vai ser um julgamento público? Mas como vai ser uma execução prometida com antecedência e com testemunhas ? Se ele não é um prisioneiro político, ele é um ladrão, ele está socialmente próximo. Os direitos dos Cinquenta e Oito podem ser pisoteados, mas não os de um assassino multi-reincidente. Consultaram *a província*, chegou uma recusa. “Então, em uma hora, eles vão matar o mais velho Judaev!” Explicaram os anciãos. Os oficiais do MVD encolheram os ombros: não podia ser problema deles. Um crime ainda não cometido não poderia estar sob sua jurisdição.

E, no entanto, algum parente do século XX tocou ... não o MVD, não, sem ou os velhos corações tchetchenos endurecidos! Apesar de tudo, eles não ordenaram que os vingadores se vingassem! Eles enviaram um telegrama para Alma-Ata. De lá vieram outros anciãos com urgência, os mais respeitados de toda a cidade. Eles reuniram um conselho de anciãos. O mais velho dos Judaievs foi amaldiçoado e condenado à morte, onde quer que ele encontre uma adaga chechena. Os outros judeus foram convocados e disseram: “Vá. Eles não vão tocar em você.”

E Abdul pegou seus livros e foi para a escola. E com sorrisos hipócritas, foi ali acolhido pelo secretário da célula do partido e do Komsomol. E nos próximos colóquios e aulas continuaram com a história da consciência comunista, sem se lembrar de forma alguma do infeliz incidente. Nenhum músculo se contraiu no rosto pálido de Abdul. Ele entendeu mais uma vez qual é a principal força na terra: *a vingança do sangue*.

Nós, europeus, em nossos livros e escolas, apenas lemos e proferimos palavras de desprezo por essa lei selvagem, por esses assassinatos cruéis e sem sentido. Mas se você olhar de perto, eles não são tão tolos: eles não destroem as nações montanhosas, mas as fortalecem. Nem tantas vítimas caem na lei do sangue, mas que pânico isso infunde em tudo ao nosso redor! Lembrando-se dessa lei, que montanhista se atreverá a ofender outro só *porque*, como nos ofendemos por embriaguez, estrago, por capricho? E com mais razão, que *não*- checheno se atreveria a mexer com um checheno? Chamá-lo de ladrão? Ou rude? Ou mandar para a fila? A resposta pode não estar em palavras, insultos, mas em uma punhalada no lado! E mesmo se você sacar uma faca (mas civilizado, você não a carrega), você não vai retribuir golpe por golpe : é que toda a sua família vai cair na faca! Os chechenos percorrem as terras do Cazaquistão com olhos insolentes, acotovelam-se em seu caminho e todos, os "senhores do país" e não-senhores, respeitosamente se afastam. A vingança do sangue irradia um campo de terror e , assim, fortalece a pequena nação da montanha.

"Bata no seu para que os estranhos temam!" Os ancestrais dos montanhistas na antiguidade distante não conseguiam encontrar armadura melhor.

E o que o estado socialista propôs a eles?

V

Terminada a Pena

Em oito anos de prisões e campos de concentração, não ouvi ninguém que tivesse estado lá falar bem em confinamento. Mas, mesmo desde o primeiro treinamento e as prisões de trânsito, porque as seis superfícies de pedra próximas de uma cela oprimem demais o homem, o sonho recôndito de confinamento acende-se no detento, flutua, reflete, e eles suspiram em seus finos catres escuros Baús de presidiários:

"Pronto, o confinamento!" Eu gostaria que eles dessem confinamento!

Não só não escapei desse destino geral, mas em mim o sonho do confinamento tomou conta principalmente. Na pedreira de barro de Ierusalim, ele ouviu os galos da aldeia vizinha e sonhou com o confinamento. E do telhado do Portão de K aluga ele olhou para a imensidão amalgamada e estranha da capital, e jurou: quanto mais longe dela, mais para o confinamento! E até enviei um pedido ingênuo ao Soviete Supremo para trocar meus 8 anos de campos por prisão perpétua, mesmo que fosse o mais remoto e selvagem. O elefante em resposta nem tossiu. (Eu ainda não entendia que o confinamento ao longo da vida me esperava de qualquer maneira, mas não seria no *lugar* do campo, mas *depois*).

Em 1952, o *lagpunkt* "russo" de Ekibastuz de três mil homens "libertou" uma dúzia. Então isso teve um efeito muito estranho: aquele Cinquenta e Oito seria repentinamente retirado para trás do portal! Ekibastuz já estava operando há três anos, e nenhum ainda havia sido solto, nem a sentença de ninguém havia sido cumprida. Ou seja, as *duas* primeiras *dificuldades* do tempo de guerra foram servidas para os poucos que sobreviveram.

Aguardamos ansiosamente suas cartas. Vários chegaram, diretamente ou por meio de intermediários. E ficamos sabendo que aqui todos foram levados do campo para o confinamento, embora suas sentenças de

confinamento não dissessem nada. Mas isso não surpreendeu ninguém! Tanto para os nossos carcereiros como para nós era muito claro que não se tratava de justiça, nem de condenação, nem de papelada justificativa, mas que nós, uma vez declarados *inimigos*, o poder, por direito do mais forte, agora nos pisotearia. Isso nos esmagaria e nos afogaria até o dia da nossa morte. E só isso parecia lógico e normal para nós, tanto para o poder quanto para nós; a tal ponto que nós nos acostumamos com isso, nós o aceitamos.

Nos últimos anos de Stalin, não era o destino dos confinados que perturbava, mas o dos pseudo- *libertados*, daqueles que foram aparentemente deixados para trás no portal sem escolta, daqueles que à primeira vista deixaram a ala protetora, cinza do MVD. Por outro lado, o confinamento, cujo poder, em seu desconhecimento, considerado como um castigo complementar, era a continuação da existência habitual irresponsável, daquela base fatalista em que o recluso está tão firmemente estabelecido. O confinamento nos liberta da necessidade de escolher um lugar para morar para nós mesmos e, portanto, de dolorosas dúvidas e equívocos. Só aquele lugar era seguro, onde estávamos confinados. Só naquele lugar em toda a União eles não podiam nos culpar pelo que viemos. Só aqui tínhamos indiscutivelmente direito a um metro quadrado e meio de terreno no final. E também quem deixou o campo sem família, como eu, que ninguém esperava em lugar nenhum, apenas no confinamento, ao que parecia, poderia ter esperança de encontrar uma alma gêmea.

Tanta pressa para nos parar, mas para nos libertar aqui não há pressa. Se algum infeliz socialista democrático grego ou turco fosse mantido na prisão por mais um dia do que o indicado, aquele que armaria a imprensa mundial! Por outro lado, fiquei feliz que no final da minha sentença eles me mantiveram no campo por apenas alguns dias, e então ... eles me soltaram? Não, então eles me levaram embora. E por mais um mês eles me transportaram por conta do *meu* tempo.

Mesmo quando saíamos do campo escoltados, procurávamos respeitar as últimas superstições carcerárias: não voltar para o mundo para ver sua última prisão (se não voltará para ela), descartar a colher da prisão corretamente. (Mas como é que é certo? Alguns diziam: tira pra não voltar pra pegar; outros: joga pra cadeia, pra que a cadeia não te persiga. Eu mesmo tinha derretido na fundição, peguei).

E as prisões de trânsito de Pavlodar, Omsk, Novosibirsk desfilaram novamente. Embora nossas sentenças tivessem terminado, eles continuaram nos revistando, removendo o proibido, nos colocando em celas apertadas, vans, carroças stolypin, misturando-se com bandidos, e da mesma forma os cães-escolta rugiam para nós e os soldados gritavam de forma idêntica: "Não volte!"

Mas na prisão de trânsito de Omsk, um guarda bem-humorado, ao nos chamar através dos arquivos, perguntou aos cinco dos Ekibastuz: "Que Deus está orando por vocês?" "Por quê? Para onde? », Imediatamente aplicamos nosso ouvido, entendendo, portanto, que era um bom lugar. "Bem, para o sul", o guarda ficou surpreso.

E com certeza, de Novosibirsk eles nos desviaram para o sul. Vamos para o sol! Tem arroz ali, tem uvas e maçãs. O que está acontecendo? Será que o camarada Beria não conseguiu encontrar lugar pior para nós em toda a União Soviética? Um confinamento desses, não é? (Para mim mesmo já estava tomando medidas: vou escrever um ciclo de poesia sobre o confinamento e vou intitulá-lo: *Poemas do Maravilhoso Confinamento*).

Na estação de Dzhabul tiraram-nos do stolypin com a severidade de sempre, fomos levados a um caminhão por um corredor vivo de soldados e eles nos sentaram no chão exactamente da mesma forma, como se, depois de cumprirmos a nossa pena, quiséssemos fugir. Era uma noite negra, uma lua minguante e apenas iluminava vagamente a avenida escura pela qual nos conduziam, mas era apenas um bosque e choupos piramidais! Que bloqueio! Não estaremos na Crimeia? No final de fevereiro, lá no Irtych agora está congelando, e aqui um ar suave de primavera.

Eles nos levaram para a prisão, e a prisão nos recebeu sem check-in e sem banheiro. Malditas paredes estavam amolecendo! Então, com sacolas e malas, entramos na cela. De manhã, o oficial de plantão abriu a porta e suspirou: "Saia com todas as coisas."

As garras do demônio estavam se soltando ...

A manhã vermelha de primavera nos envolveu no pátio. O amanhecer deu um tom quente às paredes de tijolos da prisão. No meio do pátio, um caminhão estava esperando por nós, e dois zeks já estavam sentados na plataforma, juntando-se ao nosso grupo. Era preciso respirar, olhar em volta, penetrar na singularidade do momento, mas não era coisa para parar de fazer uma nova amizade! Um dos novos, um velhinho seco de olhos claros que clamava por ele, sentou-se sobre as costelas enrugadas tão ereto,

tão solene como se fosse um rei em uma recepção de embaixador. Você poderia pensar que ele era surdo ou estrangeiro e não esperava encontrar uma maneira de se comunicar conosco. Assim que subimos na plataforma, resolvi iniciar uma conversa com ele, e ele com uma voz sem pestanejar, em russo puro, se apresentou:

—Vladimir Alexandrovich Vasiliev.

E uma centelha espiritual saltou entre nós! Sinta o coração de amigo e inimigo. Este era um amigo. Na prisão, apresse-se em conhecer pessoas! Você não sabe se eles vão separar você no minuto seguinte. Cara, não estamos mais presos, mas por precaução ... E, cobrindo o barulho do motor, faço uma entrevista, sem perceber que o caminhão passou do asfalto do presídio para o calçamento da rua, esquecendo que não há volta-se para o último cárcere (mas quantos serão, últimos?!), sem sequer olhar para o pouco de *liberdade* que atravessamos, e estamos mais uma vez no amplo pátio interior do MVD provincial, de onde nos dirigir à cidade nós o proibimos novamente.

Vladimir Alexandrovich à primeira vista poderia ter noventa anos, combinando assim esses olhos atemporais, o rosto fino e os cabelos brancos. Mas ele tinha setenta e três anos. Ele acabou por ser um dos mais antigos engenheiros russos, um dos mais importantes hidrotécnicos e hidrógrafos. No "Sindicato dos Engenheiros Russos" (e o que é isso? A primeira vez que ouço seu nome. Pois foi uma poderosa criação social do pensamento técnico, talvez uma daquelas várias coisas em que a Rússia estava um século à frente de seu tempo nas décadas de 1920 e 1920, mas todos se perderam) Vasiliev era um líder proeminente e, mesmo agora, com firme satisfação, ele lembra: "Nós nos recusamos a fingir que as tâmaras podem ser cultivadas em postes secos."

Então, eles os dissolveram, naturalmente.

Toda essa região, os Sete Rios, em que agora entramos, havia sido percorrida em sua totalidade, a pé ou a cavalo, meio século atrás. Mesmo antes da primeira guerra, ele havia feito os cálculos para os projetos de irrigação do Vale Chu, a barragem de Naryn e a construção de túneis nas montanhas Chu-Ili, e mesmo antes da primeira guerra ele começou ele mesmo para realizá-los. Seis "escavadeiras elétricas" (todas as seis sobreviveram à revolução e na década de 1930 foram apresentadas nas obras do pântano de Chirchik como uma novidade soviética) foram encomendadas por ele já em 1912 e já estavam trabalhando aqui. E agora,

depois de cumprir 15 anos por "sabotagem" - os últimos três, no isolador de Verjneursk - ele havia obtido como favor especial ser confinado e morrer justamente aqui, nos Sete Rios, onde tudo começou. (Mas mesmo esta graça não teria sido concedida a ele para o mundo, se Beria não se lembrasse dela desde os anos 20, quando o engenheiro Vasilyev dividiu as águas nas três repúblicas da Transcaucásia).

Não admira então que ele estivesse tão absorto e parecendo uma esfinge, sentado em sua bolsa no caminhão: não era apenas seu primeiro dia de liberdade, mas também seu retorno ao país de sua juventude, o país de sua inspiração. Não, a vida do homem não é tão curta, se ao longo dela você deixar obeliscos.

Poucos dias atrás, a filha de VA parou na rua Arbat em frente a uma vitrine com o jornal *Trud*.^[1] Um correspondente petulante, sem poupar palavras bem pagas, contava imprudentemente com sua viagem ao Vale Chu, irrigada e exposta por inovadores-bolcheviques; Ele falou da Represa Naryn, da hidrotécnica sábia, dos kolkhozianos felizes. E de repente - quem o teria estragado? - concluiu: "Mas poucos sabem que todas essas transformações são a realização do sonho do talentoso engenheiro russo Vasilyev, que não encontrou eco na velha Rússia burocrática".^[25] Que pena que o jovem entusiasmado não viveu para ver o triunfo de suas nobres idéias! " As preciosas linhas do jornal ficaram turvas, derretidas, a filha arrancou o jornal da janela, apertou-o contra o peito e levou-o embora sob os apitos de um guarda.

O jovem entusiasta estava agora em uma cela úmida no isolador Verjneursk. O reumatismo ou alguma outra doença articular se apoderou do velho na coluna vertebral, ele não conseguiu se desdobrar. Obrigado porque ele não estava sozinho na cela, havia um sueco com ele e ele curou suas costas com massagens esportivas.

Os suecos não são tão abundantes nas prisões soviéticas. Com um sueco, lembro-me, também estive lá. Seu nome era Erik ...

"... Arvid Andersen?" - VA pergunta rapidamente (Ele fala e se move muito animado).

Vamos, o que são as coisas! Acontece que foi Arvid quem o curou com massagens! O que, mas quão pequeno é o mundo! O Arquipélago nos lembra como um adeus. Então, para onde eles levaram Arvid, três anos

atrás, foi para o Isolador de Ural. E eles não parecem ter intercedido muito pelo menino ou pelo Pacto Atlântico, ou pelo papai bilionário. ^[26]

Nestes começam a convocar-nos um a um ao Comando Provincial, é aqui mesmo, no pátio da delegação provincial do MVD: é um coronel, um major e muitos tenentes, que cuidam de todos os reclusos da província de Dzhambul. O coronel, aliás, não chegamos a vê-lo, o major só olha para a nossa cara, como as manchetes dos jornais, e somos *formalizados por* tenentes, que escrevem elegantemente a caneta.

A experiência de concentração está me dando golpes perceptíveis ao lado: cuidado! Em estes momentos breves toda a sua sorte futura está sendo decidido! Não perca tempo! Exija, insista, proteste! Faça um esforço, fique esperto, invente algo, porque você precisa se hospedar em uma capital de província ou receber o bairro mais próximo e confortável. (E há uma razão para isso, embora eu não saiba: eles têm crescido metástases há dois anos após a operação inacabada no campo).

Não, não sou mais aquele ... Não sou a mesma de quando comecei minha frase. Uma espécie de torpor supremo desceu sobre mim e é agradável para mim permanecer neste estado. É bom não usar minha experiência de concentração grogue. Odeio inventar agora um pretexto mesquinho e miserável. Nenhum homem sabe de nada com antecedência. O maior infortúnio pode alcançá-lo no melhor lugar, assim como a maior felicidade no pior. Se nem tive tempo de averiguar, de perguntar quais são os bairros da província bons e quais os maus, fiquei entretido com a história do velho engenheiro.

Seu processo deve conter uma cláusula protetora, pois autorizam você a ir a pé à cidade por conta própria e procurar emprego lá. Mas todos eles nos deram o mesmo destino: distrito de Kok-Terek. É um pedaço de deserto no norte da província, o início da árida Betpak-Dala, que ocupa todo o centro do Cazaquistão. Então, uvas ...!

Eles inscrevem o sobrenome de cada um de nós em letras redondas em um formulário, impresso em um papel áspero avermelhado, colocam a data e devolvem para nós assinarmos.

Onde eu vi algo semelhante? Sim, quando a resolução do OSO foi comunicada a mim. Então também a única coisa era pegar a caneta e assinar. Só então o papel era moscovita, liso. A ponta e a tinta, por outro lado, eram igualmente ruins .

Vejamos, o que é que é "notificado para mim no dia da data"? Que eu, fulano de tal, estou confinado *perpetuamente* sob vigilância pública (antiga terminologia czarista!) Do MGB distrital e em caso de invasão sem permissão dos limites distritais, serei julgado de acordo com o Decreto do Praesidium do Soviete Supremo que prevê uma pena de 20 (vinte) anos de trabalhos forçados.

Bem, tudo legal. Nada mais nos surpreende. Assinamos de boa vontade. ^[27] Na minha cabeça, um epigrama gira constantemente, um pouco longo, certamente:

*Como um golpe de martelo na cabeça
Esmague sua felicidade passageira
Eles me deram um papel marrom amarronzado
Que estou confinado para sempre.
As montanhas, as rochas, os Alpes são perpétuos,
As estrelas são, e não assim
Isso no meio de uma tampa de placa você pode ver.
Ser perpétuo até me alivia,
Mas vamos ver, o emegebé é perpétuo?*

Vladimir Alexandrovich volta da cidade, recito o epigrama para ele e rimos, rimos como crianças, como prisioneiros, como homens em estado de inocência. VA tem uma risada muito cristalina, lembre-se da risada de KI Strakhovich. E também há uma semelhança profunda entre eles: ambos estão muito focados no intelecto, e não há como o sofrimento do corpo destruir seu equilíbrio espiritual.

Mas no momento também não traz boas notícias. Eles o confinaram, é claro, onde não deveriam, eles cometeram um erro, como era de se esperar. Somente de Frunze eles poderiam designá-lo para o Vale Chu, o lugar de seus empregos anteriores. Em vez disso, aqui é o Departamento de Águas que cuida dos arukos, das velhas valas mouriscas. Um cazaque satisfeito e semi-analfabeto, diretor do Departamento de Água, achou por bem fazer o criador do sistema de irrigação Chu esperar na porta de seu escritório, ligou para o Comitê Provincial e concordou em contratá-lo como assistente hidrotécnico, como uma jovem de a escola. Para Frunze, impossível: é outra república.

Como resumir toda a história da Rússia em uma frase? O país de possibilidades frustradas.

Mas, apesar de tudo, o velho esfrega as mãos: os cientistas o conhecem, podem conseguir puxá-lo. Ele também sinaliza que está confinado para sempre e, se estiver ausente, irá para a prisão até os 93 anos. Eu o cerco com suas coisas para o portal, para a linha que estou proibido de cruzar. Agora ele vai alugar um canto de um quarto para gente boa e já está falando em trazer a velha de Moscou. Filhos...? As crianças não virão. Eles dizem que você não pode deixar um andar em Moscou. E outros parentes? Existe um irmão. Mas ele teve um destino muito infeliz: ele é um historiador, não entendeu a Revolução de Outubro, ele expatriou e agora, o pobre homem, é o titular da cátedra de Bizâncio na Universidade de Columbia. Rimos de novo, nos solidarizamos com o irmão e nos abraçamos nos despedindo. Outro homem excepcional passa fugazmente pela minha vida e desaparece dela para sempre.

O resto de nós, por outro lado, tem-nos por algum motivo obscuro um dia, e outro, em um pequeno cram, em cuja tábua rachada nos sentamos um contra o outro, sem espaço para esticar as pernas. juntamente. Isso me lembra daquele calabouço onde comecei minha frase há oito anos. *Soltos, eles* nos trancam todas as noites com um cadeado, propondo, se quisermos, que fiquemos dentro com um mergulho. A única diferença com a prisão é que já não nos alimentam de graça: damos o nosso dinheiro e por isso trazem alguma coisa da praça.

No terceiro dia chega uma escolta autêntica com espingardas, nos fazem sinalizar que recebemos dinheiro para transporte e alimentação, o dinheiro do transporte é retirado de nós na hora pela escolta (oficialmente para comprar as passagens, mas na verdade, assustando os fiscais, trazem-nos de graça, o dinheiro que vão ficar, é o lucro deles), fazem-nos formar filas de dois com as nossas coisas e levam-nos à estação, novamente entre filas de choupos. Os pássaros cantam, o zumbido da primavera, e é apenas 2 de março! Usamos roupas acolchoadas, temos calor, mas estamos felizes por estar no sul. Outro pode não ser, mas o prisioneiro é quem tem o pior tempo com o gelo.

Eles nos levam o dia todo em um trem lento na direção oposta ao que nos trouxe, então, da estação Chu, caminhamos cerca de dez quilômetros. Nossos sacos e malas nos fazem suar deles, dobramo-nos, tropeçamos, mas continuamos a arrastá-los: todo pano tirado do campo ainda servirá a nosso corpo destituído. Visto duas jaquetas de pele de carneiro (uma que tirei no inventário) e, por cima, minha capa suja do exército, usada tanto pela terra à

frente quanto pela do campo: agora, avermelhada, amassada, como vou jogar fora?

A noite cai e ainda não chegamos. Então, para passar mais uma noite na prisão em Novotróitsk. Nós estivemos livres por tantos dias, e sempre prisões e mais prisões. Uma cela, o chão descoberto, o olho mágico, o banheiro, as mãos atrás de nós, água quente, a única coisa que não dão é comida: agora estamos *livres*.

De manhã trazem um caminhão, vem nos buscar a mesma escolta, que dormiu fora do quartel. São 60 km de estepe no interior. Ficamos presos em buracos úmidos, pulamos para fora do caminhão (antes de sermos detidos, não podíamos) e empurramos, puxamos para fora da lama, para terminar o mais rápido possível com a variedade da estrada, para chegar ao confinamento perpétuo o mais rápido possível. Já a escolta forma semicírculos ao nosso redor e nos guarda.

Passam-se quilômetros de estepe. Até onde a vista alcança, à direita e à esquerda você só consegue ver grama amarela, intragável e, de vez em quando, uma cidade miserável do Cazaquistão com um punhado de árvores. Por fim, à nossa frente, depois de uma elevação na estepe, aparecem os topos de alguns choupos (Kok-Terek significa "choupo verde").

Chegamos! O caminhão percorre barracos de adobe do Cazaquistão e da Chechênia, levantando uma nuvem de poeira e atraindo um bando de cães indignados. Afastam-se burros com pequenas carroças, de um pátio um camelo nos examina lenta e desdenhosamente. Tem gente também, mas os nossos olhos só veem as mulheres, essas mulheres extraordinárias, esquecidas: olha esta morena, como o nosso camião segue desde a soleira, fazendo uma viseira com a mão; Veja esses três juntos, com vestidos vermelhos brilhantes. Nenhum é russo. "É a mesma coisa, ainda temos namoradas para nós!", Grita alegremente ao meu ouvido o capitão comerciante VI Vasilenko, que em Ekibastuz vivera sem problemas como gerente de lavanderia e agora tinha liberdade de abrir as asas, para procurar um navio.

Depois de passar pelo armazém distrital, o salão de chá, a clínica, os correios, o comitê executivo distrital, o Comitê Distrital com telhado de ardósia, a casa de cultura com telhado de junco, nosso caminhão para em frente à casa do MVD-MGB. Todos cobertos de poeira, pulamos, entramos em seu recinto e, pouco percebendo na rua principal, nos lavamos até a cintura.

Do outro lado da rua, bem em frente ao MGB, ergue-se um edifício surpreendente de um andar, mas alto: quatro colunas dóricas sustentam um pórtico falso; Ao pé delas há dois degraus que imitam pedra lisa e, coroando tudo isso, um telhado de palha escurecido pelos anos. Meu coração não para de bater: é uma escola! Ciclo completo. ^[19] Mas não se empacote, cale a boca, pesado: este prédio não é da sua conta.

Atravessando a rua principal, uma menina de cabelos ondulados, limpa, com a cintura apertada pelo casaco como uma vespa, vai lá, até a sonhada porta do colégio. Andar e até roçar o chão com os pés? Ela é *professora!* Ele é tão jovem que ainda não conseguiu terminar a faculdade. Depois o ciclo básico e a escola normal. Como a inveja! Que abismo existe entre ela e eu, uma simples operadora. Somos de castas diferentes e jamais ousaria segurá-la pelo braço.

Enquanto os recém-chegados, conduzindo-os um a um ao seu taciturno escritório, ele já estava cuidando ... quem seria? Naturalmente, o *com o pai*, o xerife! Também existe em confinamento, também aqui está o personagem principal!

O primeiro contato é muito importante: temos que brincar de gato e rato não por um mês, mas *para sempre*. Agora vou cruzar sua soleira e nos examinaremos furtivamente. Ele, um cazaque muito jovem, se esconde atrás de uma máscara de retraimento e cortesia, e eu, de simplicidade. Ambos entendemos que nossas frases insignificantes - como "Pegue uma folha de papel", "Com que caneta posso escrever?" - já são um duelo. Mas me importa mostrar que nem mesmo suspeito disso. Simplesmente, aparentemente, sou sempre assim, toda franqueza, sem dissimulação. Vamos, diabo bronzeado, inscreve-te para o cérebro: "este aqui não exige vigilância especial, veio viver em paz, o reclusão o beneficiou".

O que devo preencher? Um formulário, é claro. E uma autobiografia. Com isso será aberta uma nova pasta, ali preparada sobre a mesa. Então aqui serão depositadas as queixas contra mim, os relatórios de todos os tipos de autoridades. E assim que um novo *arquivo* for delineado e o sinal para *enchiqerar* vier do centro, *eles* vão me enchiqerar (bem aqui, no quintal, é a prisão de adobe) e vão colocar mais *duas hard* money em mim.

Entrego os papéis iniciais, o comissário os lê para ele e os grampeia.

"Você pode me dizer onde fica o Escritório Regional de Educação aqui?" Eu pergunto de repente com uma educação despreocupada.

Ele gentilmente me explica. Ele não faz gestos de espanto. A partir daí deduzo que posso ir pedir emprego, o MGB não tem problemas. (Naturalmente, como um velho detido, não estraguei tudo, não lhe perguntei diretamente se *posso* trabalhar na educação popular).

"Diga-me, quando posso ir lá sem escolta?"

Ele encolhe os ombros:

"Em princípio, hoje, enquanto você não estiver aqui ... é preferível que você não saia do portal." Mas para um problema de serviço, você pode ir.

E *eu vou!* Todos entendem essa grande palavra livre? Estou indo ! Nem pelas laterais nem por trás as submetralhadoras estão apontadas para mim. Eu ligo: ninguém! Se eu quiser, vou para a direita, ao longo da cerca da escola, onde um porco enorme está cutucando uma poça. Se eu quiser, vou para a esquerda, onde eles caminham e coçam galinhas em frente à Delegação de Educação.

Caminho duzentos metros até a Delegação, e minhas costas , sempre encurvadas, já se endireitaram um pouco, e minhas maneiras já estão um pouco mais relaxadas. Nestes duzentos metros, passei pelo próximo estabelecimento humano superior.

Eu entro com minha velha jaqueta de lã da frente, vestindo uma calça de sarja muito velha. Os sapatos são do interior, feitos de pele de porco, e os dedos que saem das meias ásperas mal ficam escondidos neles.

Dois gordos cazaques estão sentados, dois inspetores de educação, segundo as cartas.

"Eu gostaria de ir trabalhar na escola", digo com convicção crescente e até com certa leveza, como quem pergunta onde guarda o jarro d'água.

Eles estão em guarda. Apesar de tudo, na aldeia, no meio do deserto, a cada cinco minutos uma nova professora não vem buscar trabalho. E embora o distrito de Kok-Terek seja maior do que a Bélgica, aqui todas as pessoas com educação básica são conhecidas pelo nome e pelo sobrenome.

"Que estudos você tem?" Eles me perguntam em russo bastante puro.

—Faculty of Physics-Mathematics.

Eles ainda estremeçam. Eles olham um para o outro. Eles bicam rapidamente no Cazaquistão.

"E ... de onde você vem?"

Como se não fosse claro, tenho que nomear tudo. Que maluco viria aqui procurar emprego, no mês de março?

" Eu vim aqui em confinamento uma hora atrás."

Eles assumem um ar significativo e, um após o outro, desaparecem no escritório do delegado. Eles se foram, e agora vejo em mim a aparência de uma datilógrafa russa na casa dos cinquenta. Um instante como uma faísca, e somos compatriotas: ela também é do Arquipélago! De onde, *por que*, desde que ano? Nadezhda Nicoláyevna Grékova, de família cossaca de Novocherkassk, presa em 1937, simples digitadora e condenada por todo o arsenal de *órgãos* por ter participado não sei que fantástica organização terrorista. Dez anos, e agora *repetidor*, com confinamento perpétuo.

Baixando a voz e virando-se para a porta entreaberta do delegado, ele me informa cabalmente: dois ciclos completos, vários ciclos básicos, o distrito sufoca sem matemáticos, não há um com ensino superior, e o que é físico, aqui não é eles viram isso na vida. Eles ligam do escritório. Apesar de seu tamanho, a datilógrafa dá um pulo, corre animada, todo o serviço, e no caminho de volta me convida em voz alta e oficial.

Uma toalha de mesa vermelha em cima da mesa. No sofá estão os dois inspetores gordos, sentados muito confortavelmente. Em uma grande poltrona sob o retrato de Stalin está o delegado: um cazaque pequeno, ágil e atraente com gestos de gato e cobra. Stalin sorri para mim severamente do retrato.

Eles me sentam perto da porta, longe, como um réu. Eles começam uma conversa chata e vazia, especialmente longa porque, depois de cruzar algumas palavras em russo comigo, eles passam dez minutos conversando em cazaque, e eu fico ali sentado como um idiota. Eles me perguntam em detalhes onde e quando eu ensinei, expressam temor de que eu tenha esquecido minha disciplina ou meu método. Então, depois de todos os tipos de pausas e suspiros, que não há lugar, que as escolas distritais estão transbordando de físicos e matemáticos, e é até difícil conseguir horas por meio salário, que a educação dos jovens de nosso tempo é uma questão de grande responsabilidade, eles chegam ao ponto principal: *por que* eu estava na prisão? Qual foi exatamente o meu crime? A gata-cobra aperta os olhos de antemão, como se o brilho vermelho do meu crime já tivesse atingido seu rosto comunista. Eu olho para ela, para o rosto sinistro do satanás que estragou minha vida inteira. O que posso dizer sobre seu retrato de nossos relacionamentos mútuos?

Eu assusto esses pedagogos, tem um truque dos detentos assim: o que eles me perguntam é segredo de estado, não tenho o direito de revelar. Mas, em resumo, quero saber se eles me admitem para trabalhar ou não.

E novamente, e outro eles discutem no Cazaquistão. Quem é o valente que, por sua própria conta e risco, dará trabalho a um criminoso do Estado? Mas eles têm uma saída: eles me dão para escrever minha autobiografia e preencher um formulário em duas vias. O de sempre! O papel sofre tudo. Não faz uma hora que já o preenchi? E depois de enchê-lo novamente, volto para o MGB.

Ando com interesse pelo seu pátio, sua própria prisão interna, observo como, imitando os idosos, abrem uma janela na cerca de adobe para receber os pacotes, apesar de a cerca ser tão baixa que não custa nada entregar uma cesta sem janela. Mas sem janela, que MGB seria? Ando pelo pátio e descubro que respiro com muito mais facilidade aqui do que na sombria delegação da educação: de lá, o MGB parece enigmático e os inspetores ficam apavorados. Em vez disso, aqui está *meu ministério*. Chegam três luminaires de comandantes (incluindo dois oficiais), eles estão abertamente colocados lá para cuidar de nós, nós somos o pão deles. Sem enigma.

Os comandantes acabam sendo gente boa e nos autorizam a pernoitar não em uma sala fechada, mas no pátio, na palha.

Uma noite ao ar livre! Tínhamos esquecido o que é...! Sempre trava, sempre grades, sempre paredes e teto. Sem falar em dormir! Eu ando, ando e ando pelo pátio de trabalho ao lado da prisão, banhado pelo luar suave. Uma carroça desengatada, um poço, um coche, um pequeno palheiro, as sombras negras dos cavalos debaixo de um galpão, tudo é tão pacífico, até arcaico, sem a cunhada cruel do MVD. É três de março e não faz frio nenhum à noite, o mesmo ar quase de verão que durante o dia. Através dos esparsos burros Kok-Terek zurram, longa e profundamente, informando os burros de seu amor, das forças avassaladoras que fluem para eles e, provavelmente, as respostas dos burros também estão nesses zurros. Consigo distinguir mal as vozes, agora estão zunindo fortes e ruidosas, talvez de camelo. Ele parece-me que se eu tivesse uma voz, agora também eu zurrar para a lua: aqui vou respirar! Aqui vou me mexer!

Não pode ser que não perfure este fundo de papel do impresso! Nesta noite de clarim, sinto-me superior aos oficiais covardes. Ensinar! Para se sentir uma pessoa de novo! Entre como um furacão na aula e viaje ardentemente pelos rostos das crianças! Dedo apontando para a placa e ninguém respira! A solução para o esquema complementar e um suspiro geral de alívio.

Não posso dormir! Eu ando, eu ando e eu ando sob a lua. Os burros cantam! Camelos cantam! E tudo canta em mim: grátis! Grátis!

Por fim, me deito com meus companheiros no feno sob o galpão. A dois passos de nós estão os cavalos que mastigam feno calmamente a noite toda . E parece que em todo o universo nada mais cativante pôde ser encontrado para nossa primeira noite semi-livre.

Comam, inocentes! Comam, cavalinhos ...!

No dia seguinte, eles nos permitem encontrar uma acomodação. De acordo com minhas possibilidades, encontro-me em um galinheiro, com uma única janela semicega tão baixa que mesmo no meio, onde o teto é mais alto, não consigo sentar-me totalmente. "Eu gostaria de uma isba curta" ... escrevi um dia na prisão sonhando com o confinamento. Mas afinal não é muito agradável não poder endireitar a cabeça. Em vez disso, uma casa só sua! O chão está sujo, joga minha pele de carneiro do campo para cima e já tenho uma cama! Mas imediatamente um engenheiro confinado, um professor do Instituto Bauman, Alexandr Kli méntievich Zdaniukévich, me emprestou algumas gavetas de madeira, nas quais me sento confortavelmente. Ainda não tenho lamparina a petróleo (não tenho nada! Tudo que você precisa terá que ser escolhido e comprado, como se fosse a primeira vez que pisei no chão), mas nem me arrependo de não ter luminária. Todos esses anos em celas e quartéis, a luz oficial cortou meus olhos, e agora estou feliz no escuro. Até a escuridão pode se tornar um elemento de liberdade! No escuro e no silêncio (o rádio chegava até aqui pelo alto-falante da praça, mas em Kok-Terek não funciona há três dias), fico deitado em cima das gavetas e me divirto!

O que mais posso querer ...?

No entanto, a manhã de 6 de março supera todos os meus desejos possíveis! Minha senhoria, uma interna de Novgorod, Granny Chádova, sussurra para mim, sem ousar em voz alta:

"Vá ver e ouvir rádio." Eles me disseram algo, tenho medo de repetir.

Na verdade, já está em andamento. Eu vou para a praça central. Cerca de duzentas pessoas - muito para Kok-Terek - se reuniram sob o céu nublado em torno do poste, sob o alto-falante. Na multidão, há muitos cazaques, também velhos. Seus bonés peludos de rato almiscarado foram removidos de suas cabeças carecas e mantidos em suas mãos. Eles estão

muito tristes. Os jovens, mais indiferentes. Dois ou três tratoristas não têm a tampa removida. Claro, eu também não vou tirar. Ainda não consigo entender as palavras do locutor (sua voz falha de tanto drama), mas meu entendimento já se acende.

O momento em que meus amigos e eu ainda ansiamos como alunos! O momento pelo qual todos os gulag zeks (exceto os bem pensativos) oram! O ditador asiático está morto! O maldito o projetou! Que alegria deve haver em casa agora, no Campo Especial! Por outro lado, aqui você vê professores, jovens mulheres russas, em lágrimas: "O que vamos fazer agora ...?" Eles perderam o amado ... Quem poderia gritar com eles agora no meio da praça: «Bem, nada! Eles não vão atirar em seus pais! Nem vão parar seus namorados! Nem mesmo você será MF! "^[j] Eu quero gritar no alto-falante, até mesmo dançar uma dança selvagem! Mas, infelizmente, lento é o curso da história. E meu rosto, acostumado a tudo, faz uma careta de desconsolada atenção. Por enquanto, finja, continue fingindo.

Mesmo assim, que início maravilhoso de meu confinamento!

O dia todo vou compor um poema, *Cinco de Marzo*.

Cerca de dez dias se passaram, e em sua luta por pastas ministeriais , e por suspeita uns dos outros, os príncipes-regentes suprimiram totalmente o MGB! Então minha pergunta era verdadeira: o emegebé é *perpétuo* ?^[28]

E o que é perpétuo na terra, exceto injustiça, desigualdade e escravidão ...?

VI

Bem-estar de presidiários

1.	Clabos de bicicleta	1/2	quilo
dois.	Sapato	5	
3 -	Zenizal	dois	
Quatro.	Bases	10	
5	Caneta escolar	1	
6	Blobo	1	
7	Zerrilla	cinquenta	pacotes
8	Lâmpada Pertoleo	dois	
9	Pasta de dentes	8	peças
10	Bolacha	3. 4	quilo
onze.	Vodka	156	mediolitros

É o que afirma o balanço de inventário e reavaliação de todos os estoques do armazém universal da aldeia de Aidarla. Os inspetores e gerentes da Cooperativa distrital haviam feito essa declaração, e agora eu estava girando a máquina de somar e baixando o preço de cada item em 7,5%, dependendo de qual outro em um e meio. Os preços estavam caindo verticalmente e era de se esperar que no próximo ano o *plumie* e o *blobo* tivessem sido vendidos, os *clabos* teriam encontrado seu lugar nas *bicicletas*, e apenas a enorme pilha de *biscoitos*, provavelmente de antes

da guerra, mais parecia inclinar-se para a categoria de invendável. Por outro lado, a vodka, mesmo que subisse, a partir de 1º de maio não ia acontecer.

A queda de preços, que Stalin havia estabelecido, caiu em 1o de abril, e pela qual os trabalhadores ganharam tantos milhões de rublos (todo o lucro tinha sido contado e publicado de antemão), foi um duro golpe para mim.

Durante o mês que já estive em confinamento, comi do salário da minha fundição desde a época da "autonomia financeira" do campo - fiquei livre com o dinheiro do campo de concentração! - e fui regularmente à Delegação de Educação Vamos ver quando eles finalmente me contrataram . Mas o delegado serpentino parou de me receber, os dois inspetores gordos encontraram cada vez menos tempo para murmurar algo para mim, e no final do mês me foi mostrada uma resolução da Delegação Provincial de Educação de que as escolas no distrito de Kok-Terek estavam completamente lotadas. matemáticos e não havia chance de encontrar um emprego.

Nesse ínterim, porém, eu estava escrevendo uma peça (*Dezembristas sem dezembro*), sem passar por um registro diário de manhã e à noite e sem precisar destruir o que estava escrito com a frequência anterior. Não tinha outra ocupação, e depois do campo gostei. Uma vez por dia ia ao "Salão de Chá" e ali por dois rublos comia um rancho quente, o mesmo que era despachado em um balde para os detentos da prisão local. Pão preto era vendido livremente na loja. Já tinha comprado batatas, e até um pedaço de bacon. Eu mesmo, com um burro, trouxe saksaul arbustos de uma zona de arbustos, já podia fazer uma fogueira. Minha felicidade não bastava para ser completa, e eu pensava assim: eles não me dão trabalho, porque eu nem preciso, enquanto o dinheiro se estender eu escrevo meu trabalho, quem pegaria tamanha liberdade!

De repente, descendo a rua, um dos comandantes acenou para que eu me aproximasse. Ele me levou para a cooperativa do condado, para o escritório do diretor, um homem gordo como um homem bomba do Cazaquistão, e disse significativamente:

"Um matemático."

E oh milagre! Ninguém me perguntou por que eu estava na prisão, nem me deram autobiografias ou formulários para preencher! No local, sua secretária, uma garota grega confinada, bonita como uma artista de cinema, digitou uma ordem me chamando de economista-planejadora com um

salário de 450 rublos por mês. No mesmo dia e com a mesma facilidade, sem comprovação nem impressão, foram contratados pela Cooperativa mais dois detentos que não foram colocados: o capitão comerciante Vasilenko e um que eu ainda não conhecia, o muito disfarçado Grigori Samoilovich. M. Vasilenko já estava trabalhando em um projeto para aprofundar o rio Chu (nos meses de verão uma vaca vadeava por ele) e estabelecer comunicação por barcos, ele pediu ao comando que o deixassem ir para reconhecer o canal. Seu colega de classe na escola naval e no veleiro *Továrisch*, o capitão Mann, equipou naqueles mesmos dias o *Obi* para a Antártica, enquanto Vasilenko foi colocado como almoxarife em uma cooperativa distrital.

Mas ele não era um planejador, lojista ou contador, mas nós três fomos lançados em uma emergência: a modificação dos preços. Na noite de 31 de março para 1º de abril, a Cooperativa distrital entrava em agonia todos os anos, nunca era suficiente e nunca poderia ser preenchida. Era necessário contar todos os estoques (e descobrir os funcionários ladrões, mas não processá-los), alterar os preços, e desde a manhã e despachar a novos preços, extremamente vantajosos para os trabalhadores. Mas o imenso deserto do nosso bairro tinha ferrovias e estradas de asfalto, zero quilômetro, e nas lojas da periferia, esses preços extremamente vantajosos para os trabalhadores não dava como estabelecê-los antes de 1º de maio: um mês inteiro saíam todas as lojas para despachar em absoluto, enquanto na Cooperativa distrital as listas eram calculadas e aprovadas, enquanto eram carregadas nas costas de camelos. Mas na cabeceira do distrito, pelo menos na véspera de maio, as vendas tinham que ser garantidas!

Quando chegamos à Cooperativa, cerca de quinze pessoas já trabalhavam nesta obra, sejam ela pessoal ou temporária. Havia folhas de inventário de papel ruins em todas as mesas, e só se ouviam estalidos do ábaco, com os quais contadores experientes até se multiplicavam e dividiam, e repreensões mútuas do trabalho. Eles também nos sentaram para trabalhar lá. Eu imediatamente cansei de multiplicar e dividir manualmente e pedi um somador. Na Cooperativa distrital não havia, nem ninguém sabia usar, mas alguém se lembra de ter visto uma maquininha com números no armário do escritório de estatística regional, só que também não funcionava lá. Eles ligaram, eles foram, eles a trouxeram. Comecei a crepitar e a encher rapidamente as colunas, e os contadores-chefes me lançaram olhares hostis: ele não poderia ser um concorrente?

Eu, por outro lado, virei a manivela e pensei comigo mesmo: que zeko desavergonhado, ou, em linguagem literária, com que rapidez as necessidades do homem aumentam! Estou com raiva porque eles me distraíram de meu trabalho, que escrevi em minha cabana escura; Estou com raiva porque eles não me queriam na escola; com raiva que eles me forçaram ... para quê? Para remover a terra congelada? Amassar o adobe com os pés em água gelada? não, eles me forçaram a sentar em uma mesa limpa para acionar um somador e copiar os números para uma coluna. Mas se no início da minha estada no campo de concentração eu tivesse recebido uma oferta de trabalho tão repousante durante toda a pena, 12 horas por dia e gratuitamente, eu teria pulado de alegria! Por outro lado, agora que me pagam 450 rublos por esse trabalho, posso adicionar um litro de leite por dia, mas torço o nariz: não será pouco?

Assim, a Cooperativa do distrito esteve uma semana atolada com a mudança nas taxas (foi necessário determinar sem erro para cada item o seu grupo na diminuição geral, e também o seu grupo no aumento para áreas rurais), e todas as lojas ainda não conseguiam arrancar Despachar. Então o diretor gordo, ele mesmo um vagabundo de sete solas, reuniu todos nós em seu ofício solene e disse:

-Olhe para a. A última descoberta da medicina é que o homem não precisa dormir oito horas. Quatro horas absolutamente suficientes! Por isso peço: início do trabalho, sete da manhã, fim das duas da noite, parada para almoço uma hora e jantar uma hora.

E parece que nenhum de nós achou nessa série de bobagens nada engraçado, apenas sinistro. Todos deram de ombros, calaram-se e só ousaram pensar que horas seriam melhores para começar o intervalo para o jantar.

Sim, esse é o destino dos internos que comentaram comigo, consiste apenas neste tipo de ordens. Todos os que estão sentados aqui estão confinados, eles tremem por seu trabalho; demitidos, eles ficarão em Kok-Terek por um longo tempo sem encontrar outro. E para o fim e Cabo, não é pessoalmente para o diretor, é para o país, é *nec Esario*. E a última descoberta da medicina parece bastante tolerável para eles.

Oh, quem poderia se levantar e fazer papel de bobo com este javali satisfeito! Pela primeira vez na minha vida desabafar! Mas teria sido pura "propaganda anti-soviética": um apelo ao descumprimento de uma medida importante. Então você passa a vida inteira indo de um estado a outro -

escola, estudante, cidadão, soldado, recluso, confinado - e a superioridade sempre tem uma razão convincente, e você se curva e fica quieto.

Se fosse até as dez, eu teria ficado. Mas ele nos propôs uma execução seca, propôs-me que aqui, em liberdade, eu pare de escrever! Não, amigo, eles danificam você e todas as suas vendas! O campo de concentração me sugeriu uma saída: não falar contra, mas calar e falar contra. Junto com todos, ouvi a ordem com submissão, mas às cinco da tarde me levantei da mesa e fui embora. E só voltei às nove da manhã. Meus colegas já estavam todos sentados, contando ou fingindo contar. Eles me olharam como loucos. M., secretamente aprovando minha conduta, mas não ousando imitá-la, confidencialmente me informou que na noite anterior, diante de minha mesa vazia, o diretor gritara que me mandaria cem quilômetros para o deserto.

Eu confesso, eu tenho medo: é claro, o MVD poderia fazer tudo. E ele teria me enviado! E a cem quilômetros de distância, eu poderia dizer adeus a esse chefe de distrito! Mas nasci de pé: acabei no Arquipélago depois do fim da guerra, isto é, depois do período mais letal; e agora iria para o confinamento após a morte de Stalin. Em um mês, algo havia chegado ao nosso comando.

Uma nova era se iniciava imperceptivelmente: o triênio mais benigno da história do Arquipélago.

O diretor não me chamou nem veio me ver. Depois de trabalhar tão fresco o dia todo entre gente adormecida que não aguentava a bola, resolvi partir novamente às cinco da tarde. Que acabe de uma vez por todas!

Pela enésima vez em sua vida, ele percebeu que tudo pode ser sacrificado, exceto o essencial. Essa obra, ainda concebida nas fileiras de presidiários do Campo Especial, não sacrifiquei, e ganhei. Uma semana eles estavam trabalhando à noite e se acostumaram com a minha mesa vazia. E o diretor, quando me encontrou no corredor, desviou o olhar.

Mas não era meu destino organizar cooperativas agrárias no Cazaquistão. De repente, o jovem diretor da escola, um homem cazaque, entrou na cooperativa distrital. Até minha chegada, eu era o único estudante universitário em Kok-Terek e tinha muito orgulho disso. Porém, minha aparência não lhe causou inveja. Seja para fortalecer sua escola antes da primeira aula, seja para se opor à serpentina delegada da Educação, o fato é que ela me propôs: "Traga seu diploma logo!" Corri como uma criança e o trouxe. Ele o colocou no bolso e foi a Dzambul para uma conferência sindical. Depois de três dias, ele voltou e colocou diante de mim o extrato

de uma encomenda da Delegação Provincial de Educação . Sob a mesma assinatura descarada que em março eu havia atestado que as escolas do distrito estavam lotadas, agora, em abril, fui nomeado professor de matemática e física, nos últimos dois anos, três semanas antes dos exames finais ! (Ele estava se arriscando, o chefe dos estudos. Não tanto politicamente, mas tive medo de ter esquecido toda a minha matemática nos anos de campo. Quando chegou o dia da prova escrita de geometria e trigonometria, ele não me deixou abrir o envelope na frente dos alunos. alunos, mas em vez disso conduziu todos os professores para a sala do diretor e olhou por cima do meu ombro enquanto eu resolvia o problema. A coincidência dos resultados o encheu de alegria, assim como os outros matemáticos. Como era fácil aqui fazer um Descartes! Eu ainda não sabia que todos os anos durante os exames da sétima série eles não paravam de ligar das aldeias: o problema não aparece, há um dado que deve estar errado! Aqueles professores não tinham passado eles próprios na sétima série) ...

É minha felicidade ao entrar em uma classe e levar o giz para ser contado? Este foi o dia da minha libertação, da minha recuperação do direito de cidadania. O resto do confinamento, ele não percebeu mais.

Quando eu estava em Ekibastuz, nossa coluna freqüentemente era passada na frente da escola local. Como um paraíso inatingível, lancei olhares para o correr da chiquillería pelo pátio, para os vestidos leves dos professores, e o toque da campainha partiu-me a alma. A tal ponto que ela ansiava por ele depois dos anos desesperadores na prisão, depois dos *generais* nos campos! Pareceu-me a felicidade suprema, como que explodir meu coração, ficar confinado naquele buraco árido de Ekibastuz, entrar com este sino na aula com o registro, e com um ar misterioso, anunciar coisas extraordinárias, para começar a lição. (Havia , é claro, vocação para o ensino, mas certamente também uma fome de dignidade, em contraste com tantos anos de escravidão, humilhação e habilidades perdidas).

Mas, olhando apenas para a vida do Arquipélago e do Estado, deixei de ver o mais básico: que nos anos de guerra e pós-guerra a nossa escola tinha morrido, já não existia, era só um edifício vazio, uma palavra vazia. A escola na cidade e no campo havia morrido . Quando a morte espiritual, como um gás venenoso, se espalha por um país, quem vai sufocar primeiro, se não as crianças, se não a escola?

No entanto, só fiquei sabendo disso anos depois, quando voltei do país de confinamento à metrópole russa. Por outro lado, em Kok-Terek eu nem desconfiava: toda a orientação para o obscurantismo estava morta, mas ainda estavam muito vivas, as crianças confinadas ainda não haviam sufocado!

Eles eram crianças especiais. Eles cresceram na consciência de sua situação oprimida. Nos conselhos pedagógicos e outras sessões de tabarra, eles e eles eram chamados de crianças soviéticas, que haviam crescido para o comunismo e apenas temporariamente limitado o direito de se mover, nada mais. Mas eles , cada um deles, apalpavam seu colarinho, e também desde a mais tenra infância, até onde sua memória alcançava. Todo aquele mundo interessante, exuberante, cheio de vida (para os quadrinhos, para o cinema) estava indisponível para eles, os meninos não estavam destinados a ir para lá nem para o Exército. Havia uma esperança muito fraca, muito pequena: obter permissão do comando para ir à cidade, para lá ser admitido ao exame, depois passar, mais do que terminar com sucesso a Faculdade. Para que tudo o que pudessem saber sobre o vasto mundo eterno, só pudessem receber aqui, esta escola significou para eles o primeiro e o último estudos em muitos anos. Além disso, devido à pobreza de vida no deserto, eles estavam livres daquelas distrações e diversões que tanto estragaram a juventude urbana do século xx, de Londres a Alma-Ata. Lá, na metrópole, as crianças perderam o hábito de estudar, perderam o gosto, estudavam como servos, para ficarem gravadas em algum lugar até a idade . Por outro lado, para os nossos filhos confinados, se fossem bem ensinados, era a única coisa importante na vida, era tudo. Enquanto estudavam com entusiasmo, pareciam superar a segunda classe e alcançar as crianças da primeira. Somente no estudo autêntico sua auto-estima encontrou satisfação.

(Não, também em cargos escolares eletivos; no komsomol; e, a partir dos 16 anos, na votação, nas eleições *gerais* . A tal ponto que os pobres ansiavam até pela ilusão de igualdade ! orgulhosamente no Komsomol, eles deram instruções políticas sinceras nas reuniões de “cinco minutos”. Para uma jovem alemã, Victoria Nuss, que havia ingressado em uma escola normal de dois anos, tentei sugerir que a situação de confinamento não deveria ser Motivo de luto, mas de orgulho. Não é de admirar! Ele olhou para mim como um louco. Bem, sim, também havia eles que não tinham pressa em entrar no komsomol, porque foram empurrados à força: é

autorizado e você não Você entra por aqui, por quê? E em Kok-Terek algumas garotas alemãs, cristãs clandestinas, foram forçadas a entrar para que suas famílias não fossem jogadas mais longe, no deserto. Ai de você, você vai escandalizar esses pequeninos! Valeria a pena você pendurar uma pedra no pescoço moinho) ...

Com isso, quero dizer tudo sobre as aulas de "russo" da escola Kok-Terek (embora *russos*, propriamente falando, quase não houvesse nelas, exceto alemães, gregos, coreanos, alguns curdos e tchetchenos, além de ucranianos descendentes dos primeiros colonos. século, mais cazaques de famílias de alto escalão, que educaram seus filhos em russo). Por outro lado, a maioria das crianças cazaques formava as classes "Cazaques". Na verdade, ainda eram selvagens, em sua maioria (se não tivessem se envolvido com famílias trabalhadoras) muito retos, sinceros, com noções muito espontâneas do bem e do mal, embora não pudessem falsificá-las com um ensinamento mentiroso ou presunçoso. Mas quase todo o ensino da língua cazaque era uma reprodução estendida da ignorância : no início, o diploma fora dado à primeira geração, eles iam embora com grande solenidade para ensinar aqueles que escalavam, e os jovens cazaques recebiam "Apto" e deixá-los sair das faculdades e escolas normais na mais crassa e completa ignorância. Pois quando um ensinamento autêntico brilhou diante dessas crianças aborígenes, eles o beberam não apenas com os ouvidos e os olhos, mas também com a boca.

Com tanto interesse das crianças, eu em Kok-Terek mergulhei no ensino e fiquei três anos (talvez muitos mais) feliz mesmo com ela sozinha. Faltavam horas no curso para corrigir e completar tudo o que eles pararam de dar, eu apontava aulas noturnas complementares, seminários, práticas em campo aberto, observações astronômicas, e apareciam em tantos números e tão animados quanto não iam ao cinema. Eles também me indicaram como coordenador do curso, e também em uma aula puramente cazaque, mas mesmo assim eu quase gostei.

No entanto, toda a luz era limitada pela porta da sala de aula e pela campainha. Por outro lado, na sala dos professores, na sala da diretora e na delegação da Educação, não só prevalecia a mesma monstruosidade de todo o Estado, mas o fato de ser um país de confinamento acrescentou seu ponto de amargura . Entre os professores, antes mesmo de mim, havia alemães e internos administrativos. Nossa situação era precária: não havia oportunidade de nos lembrar que nos era permitido ser ensinados como um

favor e a qualquer momento poderíamos perder esse favor. Os professores confinados tremiam mais do que os outros (de outra forma também sobrecarregados) com a possibilidade de incorrer na ira das altas figuras do distrito por não darem aos seus filhos notas altas o suficiente. Eles também tremiam com a perspectiva de uma administração irritante com desempenho geral insuficiente, e as notas aumentaram, eles também cooperando na reprodução ampliada da ignorância geral no Cazaquistão. Além disso, os professores confinados (e os jovens cazaques) estavam sujeitos a pecherías e gabelas: 25 rublos eram descontados de cada vencimento, sem que se soubesse de quem; de repente, o diretor (Berdionov) pôde declarar que era o aniversário de sua filha, e os professores tiveram que contribuir com 50 rublos como presente; Além disso, eles os convocaram ora a um, ora a outro ao gabinete do diretor ou do delegado de educação e exigiam "emprestar" 300 ou 500 rublos. (Bem, por outro lado, eram características gerais desse estilo ou regime. Os estudantes cazaques também eram extorquidos para a festa de final de ano com meio cordeiro ou um cordeiro inteiro, e então tinham o passe seguro, mesmo que sem saber de nada; a noite do fim do ano transformou-se numa monumental embriaguez dos comandantes comunistas do distrito). Além disso, todas as autoridades distritais obtiveram algum grau por correspondência, e todos os exames escritos exigiam que os professores de nossa escola os fizessem (a mensagem foi dada ao grande cavalheiro, por meio do chefe de estudos, e os eslavos- professores nem mesmo foram admitidos na presença de *seus* alunos).

Não sei se foi a minha firmeza, baseada na minha "insubstituibilidade", que se manifestou de imediato, ou o tempo que já estava amolecendo, antes as duas coisas juntas, que me permitiu não meter o pescoço nestas golas. Somente com notas justas os meninos podiam me estudar de boa vontade, e eu os incluí, sem levar em conta os secretários do Comitê Distrital. Nem pagaram gabelas, nem "emprestei" a seus superiores (o serpentiforme e o delegado tiveram a audácia de me pedir!), Bastava para mim que todo mês de maio o nosso pobre Estado me roubasse o salário de um mês (este privilégio dos homens livres, para *subscrever empréstimos*, que nos tinham sido tirados no campo de concentração, agora nos eram devolvidos em confinamento). Mas aí acabou toda a minha intransigência.

Ao meu lado, o professor de biologia e química, Georgy Stepanovich MITROVICH, que havia servido no Kolyma *dois duros* por "atividades

trotskistas contra-revolucionárias", um sérvio e um maior e doente, lutou incansavelmente pela justiça local em Kok-Terek. Desligado do Planejamento Regional do Território, mas admitido na escola, transferiu seus esforços para cá. Pois bem, em Kok-Terek havia ilegalidades a cada esquina, complicadas pela ignorância, as tolices dos indígenas e os laços de favor mútuo entre as famílias. Essa ilegalidade era viscosa, surda, impenetrável, mas Mitróvich, abnegada e desinteressadamente, lutou contra ela (certamente, com Lenin na boca), denunciou-a nos conselhos pedagógicos, nas conferências distritais de professores, foi reprovada nos exames para funcionários ignorantes que vieram de graça e para se formar "por um cordeiro", ele escreveu apelos à província, Alma-Ata, e telegramas em nome de Khrushchev (em sua defesa, até 70 assinaturas de pais foram coletadas, mas estes telegramas de outro distrito, no nosso não os teriam deixado passar). Ele exigia cheques, inspetores, eles vinham e se voltavam contra ele, ele reescrevia, eles o *estudavam* em conselhos pedagógicos especiais, eles o acusavam de propaganda anti-soviética (um cabelo de prisão!) Para, com igual seriedade, maltratar as cabras que comiam as mudas dos pioneiros, despediram-no, espargaram-no, exigiu que lhe pagassem desemprego, transferiram-no para outra escola, não foi, despediram-no de novo, lutou como um bom homem! E se eu também tivesse me juntado a ele, teríamos dado a eles um bom somanta!

No entanto, eu não o estava ajudando em nada . Ele ficou em silêncio. Evitei os votos decisivos (para não ser contra ele também), fugi para um seminário, para uma consulta. Para os alunos do partido livre, isso não os impediu de serem aprovados: eles são o poder, pois trapaceiam o próprio poder. Escondi meu propósito: escrevi e escrevi. Ele estava me salvando para outra luta, mais tarde. Mas a questão é mais ampla: ele estava certo? A luta de Mithrovich era necessária?

Toda sua batalha foi perdida de antemão, essa massa não havia ninguém para amassá-la. E mesmo que ele tivesse vencido a linha inteira, isso não poderia mudar o *regime*, todo o sistema. Apenas um ponto brilhante, bem limpo, teria brilhado por um momento em um ponto isolado e ficado coberto de cinza novamente. Toda a sua possível vitória não compensou a nova prisão que poderia cair como recompensa (apenas o tempo de Khrushchev salvou Mitróvich da prisão). Sua batalha estava perdida, mas quão humana foi sua indignação com a injustiça, arriscando até a própria vida! Sua batalha levou à derrota, mas em nenhum caso pode

ser chamada de inútil. Se não fôssemos todos tão criteriosos, se não chorássemos uns para os outros: "Não tem como, é inútil!", Nosso país seria muito diferente ! Mitróvich nem era cidadão, estava confinado, mas o brilho de seus óculos era muito temido pelas autoridades distritais.

Temei, eles temiam, mas quando *chegasse* o bom dia das *eleições* - para eleger nosso amado poder popular - nos equiparíamos com o lutador indomável Mitróvich (e então de que valia o seu combate?), E o esquivo eu, e ele ainda mais escondido, à primeira vista o mais complacente de todos, GSM: todos nós, escondendo o nosso triste desgosto, também assistimos a essa brincadeira festiva. As eleições eram *permitidas* para quase todos os presos, custavam tão pouco, e mesmo aqueles *privados de direitos civis* foram descobertos repentinamente nos censos e foram alvejados, vamos lá. Aqui em Kok-Terek não tínhamos nem cabine de votação, tinha, muito longe, uma guarita com as cortinas abertas, mas estava fora do caminho, era difícil desviar ali. As eleições consistiam em transportar os boletins para as urnas o mais rápido possível e colocá-los dentro. Se alguém parasse para ler atentamente os sobrenomes dos candidatos, já parecia suspeito: os órgãos do partido não sabem quem estão apresentando, o que há para ler aqui ...? Depois de votar, todos tinham o direito legítimo de ir buscar uma bebida (ou um salário, ou um adiantamento que sempre pagavam antes das eleições). Vestidos da melhor maneira que tinham, todos (inclusive os internos!) Se cumprimentaram solenemente, se parabenizaram pela *festa* ...

Oh, quantas vezes você se lembrará com prazer do campo de concentração, onde não houve tais eleições!

Certa vez, Kok-Terek elegeu um juiz popular, um cazaque, naturalmente por unanimidade. Como sempre, nos parabenizamos pela festa. Mas depois de alguns meses, um processo criminal do distrito onde ele havia sido juiz antes (também eleito por unanimidade) veio contra esse juiz . Foi descoberto que também aqui ele já havia sido manchado por indivíduos. Que remédio, ele teve de ser removido e novas eleições parciais convocadas em Kok-Terek. O candidato era novamente do exterior, um cazaque que ninguém conhecia. E no domingo todos vestiram suas melhores roupas novamente, votaram unanimemente desde a manhã, e novamente nas ruas os mesmos rostos felizes, sem pinga de humor, se parabenizaram... *a festa!*

Na prisão, pelo menos ríamos francamente de todas as comédias, mas no confinamento não há muito o que compartilhar: as pessoas vivem *em*

liberdade, e a primeira coisa que se tira da liberdade é o pior: a dissimulação. M. foi um dos poucos com quem falou sobre esses tópicos.

Ele havia sido enviado para nós de Dzhezkazgán, além disso, sem dinheiro, seu dinheiro foi entretido em algum lugar ao longo do caminho. No entanto, o comando não se preocupou nem um pouco: eles simplesmente suprimiram sua comida de prisão e o libertaram pelas ruas de Kok -Terek: se você quiser morrer. Um daqueles dias, emprestei-lhe dez rublos e com isso ganhei sua gratidão para sempre, ele passou muito tempo me lembrando de como eu o tinha livrado de problemas. Era um traço estável nele: lembrar o bom. Mas o mal também. (Foi assim que ele manteve o aborrecimento com Judá, aquele menino checheno que logo foi vítima da vingança de sangue. Tudo gira, é a lei da vida! O recém-salvo Judá de repente, com ódio sombrio, espancou-o cruelmente, sem motivo , para o filho de M).

Por ser uma pessoa confinada, sem profissão, M. não conseguia encontrar um emprego decente em Kok-Terek. A melhor coisa que ele conseguiu foi ser assistente de laboratório na escola, e já era um trabalho muito atencioso. Mas sua posição exigia ser útil a todos, não ser insolente com ninguém, não aparecer em nada. E ele não apareceu, era impenetrável sob sua bondade exterior, e nem mesmo uma coisa tão simples nele, como por que aos cinquenta anos não tinha profissão, eu não sabia para ninguém. Por outro lado, comigo, tornamo-nos amigos, não um único choque, mas ajuda mútua com alguma frequência, acrescida da identidade das reações e das expressões concentradoras. E depois de muito mistério pude conhecer a história externa e interna que ela escondia. É instrutivo.

Antes da guerra, ele foi secretário do Comitê Distrital do partido em Z., quando a guerra começou ele foi nomeado chefe da seção de código de uma divisão. Sempre exaltado, personagem importante, não conhecia o sofrimento muitas vezes humano. Mas em 1942 aconteceu um belo dia que, devido à seção de código, um regimento de sua divisão não recebeu a ordem de retirada a tempo. A decisão teve que ser corrigida, mas também descobriu-se que todos os subordinados de M. estavam presos em algum lugar ou morreram, e o próprio general enviou o próprio M. para lá, para a linha de frente, para as pinças que já estavam fechando em torno do regimento : Para ordenar que eles se retirem! Salve-os! M. marchou a cavalo, com medo no corpo, temendo morrer, pelo caminho se viu em tal perigo que decidiu não continuar e nem sabia se permaneceria vivo. Parou

em algo feito, abandonou, traiu o regimento, desceu do cavalo, abraçou uma árvore (ou se escondeu atrás dela de estilhaços) e ... jurou a Jeová que se estivesse vivo seria um crente fervoroso, cuidaria do pé da letra a lei sagrada. A coisa acabou bem: o regimento foi aniquilado ou feito prisioneiro, mas M. foi salvo, recebeu 10 anos de campos em 1958, os expurgou e agora estava comigo em Kok- Terek. E quão inflexivelmente ele manteve seu juramento! Nada restou dele como membro do partido, nem em seu coração, nem em sua cabeça. Só por engano sua esposa poderia fazê-lo comer peixes impuros, sem escamas. Aos sábados, ele não parava de ir trabalhar, mas não tentava fazer nada. Em casa, ele executava estritamente todos os rituais e orava, por imposição soviética, em segredo.

Naturalmente, essa história foi contada a muito poucos.

Mas não parece muito simples para mim. A única coisa simples é o que mais frequentemente se nega aqui: que o eixo mais profundo de nossa vida é a consciência religiosa, e não a política partidária.

Como julgar? De acordo com todas as leis penais, militares e de honra, de acordo com as leis patrióticas e comunistas, este homem merecia a morte ou a morte : tinha sacrificado um regimento para salvar a sua vida, quanto mais que naquela época não tinha ódio para com o mais terrível inimigo dos judeus que já existiu.

Mas de acordo com outras leis ainda mais elevadas, M. poderia exclamar: e todas as suas guerras, elas não começam pela inépcia dos políticos supremos? Hitler não penetrou tão profundamente na Rússia por causa de sua inépcia, de Stalin e de Chamberlain? E agora você me manda para a minha morte? Eu trouxe *você* para o mundo?

Rán respondia : ele (mas também todos os homens daquele regimento!) Deveria ter declarado isso ainda no comissariado de guerra, quando eles usavam um lindo uniforme, e não ali, abraçando a árvore. Se logicamente não pretendo defendê-lo, logicamente deveria tê-lo odiado ou desprezado, sentir repulsa por apertar sua mão.

Mas ela não *experimentou* nada disso com ele! Porque ele não era daquele regimento e não tinha me visto naquele transe? Ou supondo que o destino daquele regimento deve depender de uma centena de outros fatores? Ou por nunca ter visto M. em sua arrogância, mas apenas derrubado? Todos os dias trocávamos um sincero aperto de mão, e nenhuma vez eu senti algo desonroso sobre isso.

O que um homem não fará em sua vida! E quão diferente vai comparecer perante si e aos outros! Bem, um destes, tão diferente, nós, porque eles nos ordenaram, ou a lei o ordena, ou queremos, ou somos cegos, apedreamos de boa vontade e com alegria.

Mas e se a pedra cair de suas mãos ...? Mas se você se encontra em profunda miséria, uma nova maneira de ver surge em você. A culpa. O culpado. Para *ele* e você.

Ao longo deste livro, muitos perdões já foram concedidos. E protestam para mim com espanto e indignação: onde está o limite? Não vamos perdoar a todos!

Nem perdoar a todos. Apenas aqueles que caíram. Enquanto o ídolo se ergue em suas alturas imponentes e com uma ruga autoritária em sua testa, ele destrói nossas vidas de maneira insensível e estúpida, dê-me uma pedra muito grande ! Vamos, vamos pegar uma prancha em dez e dar uma estocada!

Mas ele mal foi derrubado, ele mal atingiu o chão, e o primeiro sulco de compreensão corre por seu rosto com o golpe, com suas pedras!

Ele mesmo está retornando à humanidade.

Não o prive desta jornada divina.

Após os confinamentos descritos acima, o nosso em Kok-Terek, como em geral em todo o Cazaquistão e Quirguistão, deve-se reconhecer que foi privilegiado. Aqui se estabeleceram em aldeias já habitadas, ou seja, com água e não nas terras mais áridas (no Vale do Chu, no distrito de Kurdai, mesmo muito fértil). Muitos permaneceram nas cidades (Dzhambul, Chimkent, Talass, até Alma-Ata e Frunze), e sua privação de direitos não foi distinguida de forma apreciável dos direitos do resto da população. A comida era barata nessas cidades e era fácil encontrar trabalho, especialmente nos subúrbios industriais, dada a indiferença da população indígena para com a indústria, o comércio e as profissões intelectuais. Mas mesmo aqueles que acabaram na aldeia não estavam todos, mesmo gravemente, envolvidos na kolkhozy. Em nosso Kok-Terek havia quatro mil pessoas, a maioria delas confinadas, mas apenas os bairros cazaques entraram no kolkhoz . Todos os outros podiam ou se acomodar na Estação de Maquinário Agrícola, ou estar em uma posição, mesmo com um salário

mínimo, e viver dos vinte e cinco centiares de horta irrigada, a vaca, os porcos, as ovelhas. É sintomático que um grupo de ucranianos ocidentais, que vivia aqui (confinamento administrativo após cinco anos de campos de concentração) e trabalhava arduamente na construção de adobe no serviço de habitação local, tenha encontrado a sua vida nesta terra argilosa, que queimava com pouca irrigação, mas mesmo assim livre de kolkhozes, a tal ponto mais livre do que em sua amada e florescente Ucrânia, que, quando chegou a sua libertação, todos ficaram aqui para sempre.

Também preguiçoso em Kok-Terek era a seção de operações - um caso providencial particular de preguiça geral do Cazaquistão. Haveria alguns entre nós que seriam informantes, porém não os notamos nem sofremos com eles.

Mas a principal razão para sua inação e o abrandamento do regime foi a chegada da era Khrushchev. Enfraquecido por numerosas transmissões de choque e ondas, ele eventualmente nos alcançou também.

No início, com um engano: a anistia "Vorochilov" (assim o arquipélago o apelidou, embora viesse dos príncipes regentes). A zombaria de Stalin para os políticos em 7 de julho de 1945 foi uma lição esquecida. Tanto nos campos quanto no confinamento, eles estavam constantemente sussurrando boatos de anistia. Essa capacidade estúpida de fé é incrível! NN Grékova, por exemplo, após 15 anos de sofrimentos, *repetidor*, na parede de adobe de seu barraco tinha o retrato de Vorochilov com olhos claros, e ela acreditava que o milagre viria dele. Bem, o milagre chegou! Logo após a assinatura de Vorochilov, o Governo riu de nós novamente, em 27 de março de 1953.

A bem dizer, não foi possível inventar um pretexto externo coerente, de modo que justamente em março de 1953, em um país abalado pela dor, governantes abalados pela dor teriam que libertar os criminosos, se não fosse por terem penetrado no sentimento do vaidade de todas as coisas terrenas? Mas também na Rússia antiga, como Kotoshijin se refere, havia um costume, no dia do enterro do czar, de liberar mais alfatores, com os quais, aliás, um robatório geral começou ("o povo de Moscóvia é naturalmente sem medo de Deus, eles roubam suas roupas de homens e mulheres e os espancam até a morte »). ^{[29]O} mesmo aconteceu aqui. Depois de enterrar Stalin, buscaram popularidade, mas explicaram: "Dada a erradicação do crime em nosso país" (mas então, quem está na prisão? Então não há ninguém para deixar ir!) No entanto, por ainda usar o As

vendas de Stalin e pensando como escravos sempre na mesma direção, eles deram anistia a ladrões e bandidos, mas para Cinquenta e Oito, apenas "até e incluindo cinco anos." Qualquer um, pensando em um estado decente, diria "até cinco anos", já que três quartos dos presos políticos voltariam para casa. Na verdade, apenas um ou dois por cento de nós teve uma frase tão infantil. (Em vez disso, eles soltaram ladrões parecidos com lagostas contra a população, e só lenta e meticulosamente a polícia conseguiu colocar os bandidos anistiados de volta atrás das mesmas grades).

Também foi interessante como a anistia se refletiu em nosso confinamento. Aqui estavam precisamente aqueles que em seus dias haviam cumprido uma pena de cinco anos para bebês, mas que não lhes permitiram voltar para casa, mas em vez disso os mandaram para o confinamento sem sentença. Em Kok-Terek havia avôs e avós destes, da Ucrânia, da região de Novgorod, o povo mais pacífico e miserável de todos. Ficaram muito animados após a anistia, aguardaram a repatriação para casa. Mas depois de alguns meses veio o esclarecimento, com nossa rudeza de costume: já que seu confinamento (complementar, sem julgamento) não é de cinco anos, mas *perpétuo*, sua sentença anterior de cinco anos, que justamente causou esse confinamento, não tem nada a ver, e a anistia não os afeta ... Tonia Kazanchuk era totalmente livre, viera da Ucrânia para morar com o marido confinado, e aqui, pela uniformidade, foi designada colona confinada. Quando chegou a anistia, ela se lançou ao cargo, mas eles objetaram judiciosamente: se você não foi condenado a cinco anos, como seu marido, o que você tem é uma pena indeterminada, a anistia não lhe diz respeito.

Que Dracon, Solon e Justinian explodam com todas as suas leis...!

Portanto, ninguém recebeu nada da anistia. Mas com o passar dos meses, principalmente após a queda de Beria, imperceptivelmente, sem gritar dos telhados, melhorias reais começaram a penetrar na terra do confinamento. Aquelos dos cinco anos foram autorizados a sair. E eles começaram a permitir que crianças confinadas fossem para faculdades próximas. E no trabalho pararam de falar "você é um presidiário!" Tudo um pouco mais suave. Os internos começaram a subir na categoria profissional.

Algumas mesas no comando começaram a ficar vazias. E onde está o comandante John Doe? Bem, ele não trabalha mais aqui. Muito foi esclarecido e modelos reduzidos! O negócio foi suavizado. A *assinatura* sagrada deixou de ser tão sagrada. "Quem não veio antes do meio-dia, bem, fique para a próxima vez!" Reze para um, reze para outra nacionalidade,

eles devolveram alguns direitos. Os deslocamentos pelo distrito tornaram-se gratuitos, mais fáceis para outra província. Os boatos tornaram-se cada vez mais insistentes: «Para casa, vamos para casa! E, de fato, eles vão e libertam os turcomenos (confinamento por serem feitos prisioneiros). Depois os curdos. As casas estão sendo vendidas, os preços caem.

Eles também liberam alguns confinamentos administrativos antigos: alguém em Moscou fez arranjos para eles, e agora eles saem *reabilitados*. A agitação venceu, aqueceu o confinado: é possível que também nos movamos? Será a *nossa vez ...?*

Absurdo! Como se esse *regime* pudesse ser corrigido . Não para acreditar, mas para não acreditar, ele me ensinou o campo! Bem, também não tinha necessidade especial de acreditar: lá, na grande metrópole, não tinha família nem amigos. Em vez disso, aqui, no confinamento, ele estava quase feliz. Uau, só nunca lembre, ele viveu tão bem.

Certamente, no meu primeiro ano de confinamento, fui amargurado por uma doença mortal, como aliado dos carcereiros. E por um ano inteiro ninguém em Kok-Terek soube determinar que doença era. Quase sem me sustentar , dava minhas aulas; ele já dormia pouco e comia mal. Tudo o que foi escrito antes no campo e preservado na memória, e também a novidade do confinamento, tive que escrever às pressas e enterrar. (Naquela noite antes de partir para Tashkent, a última noite de 1953, lembro-me muito bem: parecia que toda a minha vida e toda a minha obra literária acabavam. Era muito pouco).

No entanto, a doença foi curada. E começaram dois anos do meu Maravilhoso Confinamento, que foram só dolorosos, só foram ensombrados pelo sacrifício que não me atrevi a casar: não houve mulher a quem pudesse confiar a minha solidão, os meus escritos, os meus esconderijos. Mas todos os dias eu os vivi em um estado de constante deleite, de exaltação, sem perceber nenhuma privação de liberdade. Na escola eu tinha quantas aulas eu queria, nos dois turnos, e essas aulas me penetravam de alegria contínua, nenhuma delas me cansava, eu estava entediado. E todos os dias me restava uma hora para escrever, e essa hora não exigia nenhum preparo mental especial: mal me sentava, as linhas passavam rapidamente sob minha pena. E aos domingos, quando não mandavam buscar as beterrabas kolkhoz, ele escrevia em fila, o domingo inteiro! Lá comecei um romance (preso 10 anos depois), ^[js] e eu ainda tinha muito que escrever. Em vez de me publicar, de qualquer maneira, seria apenas após a morte.

Ganhei dinheiro e já comprei minha própria casa de adobe, mandei colocar uma mesa do lado de fora para escrever, mas continuei dormindo como antes nas minhas gavetas de solteiro. Além disso, comprei um rádio de ondas curtas, à noite fechava as cortinas, colava a orelha no próprio tecido, e através das cascatas de interferência pescava as informações desejadas e proibidas e, devido ao contexto, reconstruía o que deixara de ouvir.

Já estávamos fartos de histórias por décadas, suspiramos por cada pedacinho de verdade, mesmo em pedaços! Porque, por outro lado, este trabalho não compensou o tempo perdido: para nós, de volta do Arquipélago, o Ocidente infantil já não nos podia dar sabedoria nem coragem.

Minha casinha ficava no extremo oeste da cidade. Atrás do portão havia uma vala, a estepe e todas as manhãs o nascer do sol. Foi o suficiente para o ar da estepe fluir para que ele pudesse respirar em seus pulmões. Ao crepúsculo e à noite, negro e enluarado, ele caminhava sozinho e respirava como um louco. A menos de cem metros de distância, ele não tinha outra casa, nem à esquerda, nem à direita, nem atrás.

Eu estava totalmente contente em viver aqui, bem, se não "para sempre", pelo menos vinte anos ou mais (eu não acreditava na chegada da liberdade geral antes, e não estava muito errado). Eu não queria mais ir a lugar nenhum (embora meu coração doesse ao ver um mapa da Rússia central). O mundo inteiro sentiu isso não como fora, não como tentador, mas como vivido, tudo dentro de mim, e tudo o que restou foi descrevê-lo.

Ele viveu plenamente.

O amigo de Radischev, Kutuzov, escreveu-me no confinamento: "Lamento dizer-lhe, meu amigo, mas... a sua posição tem vantagens. Separada de todos os homens, separada de todos os objetos que nos cegam, a peregrinação promete um sucesso muito maior ... dentro de você; Você pode observar a si mesmo impassivelmente e, conseqüentemente, com maior parcialidade, você julgará coisas que antes olhou através do véu da ambição e das vaidades mundanas. Talvez haja muita coisa que apareça para você sob uma nova luz.

Exato. E apreciando esse ponto de vista purificado, apreciei plenamente meu confinamento.

Ele, por outro lado, cada vez se movia e agitava mais. O comando tornou-se positivamente cuidadoso e continuou diminuindo. Por evasão,

apenas 5 anos de acampamentos corresponderam, e nem isso deram. Um, outro, outra nacionalidade parou de assinar, recebeu o direito de marchar. O alarme de alegria e esperança perturbou nossa quietude confinada.

De repente, completamente de surpresa, fomos apanhados por mais uma anistia, a "Adenauer ", em setembro de 1955. Antes disso, Adenauer havia visitado Moscou e obtido de Khrushchev a libertação de todos os alemães. Nikita ordenou que fossem libertados, mas então eles perceberam que era um absurdo: os alemães foram libertados, mas seus assistentes russos receberam sentenças de vinte anos. Mas como eram todos *polizei*, burgomestres e vlasovistas, essa anistia também não devia ser proclamada nos telhados. E simplesmente pela lei geral da nossa informação: o que não interessa a ninguém, alto, o importante, ao ouvido. Assim, a maior de todas as anistias políticas desde outubro foi concedida na data "de nada", no dia 9 de setembro, sem festa, foi publicada em apenas um jornal, o *Izvestia*, e ainda na página interna, e nenhuma acompanhou. comentário, não um artigo.

Bem, como você para de surtar? Eu li: "Anistia para pessoas que colaboraram com os alemães". Cara, e eu? Acontece que isso não me afeta: se eu estive no Exército Vermelho sem olhar para fora. Bah, bem, maldito, mais paz de espírito. E nestes, um amigo meu, LZ Kopelev, escreveu-me de Moscou: ao acenar com a anistia, ele obteve uma autorização de residência temporária da Polícia de Moscou. Mas logo foi chamado: «O que você está nos dizendo? Ele não cooperou com os alemães , hein? " "Não". "Então você serviu no Exército Soviético?" "Sim". "Bem, saia de Moscou em vinte e quatro horas!" Ele, claro, ficou, e "ah, que coisa ruim acontece depois das dez da noite, toda vez que tocam a campainha você pensa: já estão atrás de mim!"

E fiquei feliz: como sou bom! Escondo meus manuscritos (escondi-os todas as noites) e sonho com anjinhos.

Do meu puro deserto imaginei a capital tumultuada, vertiginosa, vaidosa, e não me atraiu em nada.

Mas meus amigos de Moscou insistiram: "O que ele deu a você por ficar lá ...? Solicite a revisão do seu caso! Agora verifica! "

Para que? Aqui eu poderia passar uma hora inteira observando como as formigas, tendo feito um pequeno buraco no porão de adobe da minha casa, sem chefes de equipe, sem *ordenanças* ou líderes *lagpunkt*, transportam sua carga em uma fila: elas levam cascas de girassol para seus

suprimentos de inverno. De repente, uma manhã eles não aparecem, embora haja conchas espalhadas pela frente da casa. Acontece que já adivinharam muito antes, que *sabem*, que hoje vai chover, mesmo que o lindo céu ensolarado não o revele. E depois da chuva as nuvens ainda estão pretas e espessas, mas já saíram e estão funcionando: têm certeza de que não vai chover mais.

Aqui, em minha imobilidade de confinamento, vi o verdadeiro curso da vida de Pushkin de forma indiscutível: sua primeira felicidade, o confinamento no Sul, sua segunda e suprema, o confinamento em Mikhailovskoye. E lá ele deveria ter continuado vivendo e vivendo, sem aquela ansiedade de ir a lugar nenhum. O que mais o estava chamando para Petersburgo? O que mais o levou a se casar ...?

No entanto, é difícil para o coração humano permanecer sujeito à razão. É difícil para uma pequena lasca não flutuar para onde corre toda a água.

O XX Congresso começou. Do discurso de Khrushchev não sabíamos de nada por muito tempo (e quando eles começaram a ler em Kok-Terek, era secretamente de confinados, descobrimos no B BC). Mas mesmo em um simples jornal ao alcance de todos, as palavras de Mikoyan foram suficientes para mim: "Este é o primeiro congresso leninista" em tantos anos. Compreendi que meu inimigo Stalin havia caído e, portanto, estava me levantando.

E eu escrevi um pedido de revisão.

Mas nestes, na primavera, eles começaram a remover o confinamento de todos os Cinquenta e Oito.

E tive a fraqueza de sair do meu confinamento transparente. E eu fui para o mundo sombrio.

O que um ex-zeko sente ao cruzar o Volga de leste a oeste, e depois o dia inteiro em um trem, sacolejando pelo interior da Rússia, não será contado neste capítulo.

Naquele verão, em Moscou, telefonei para a promotoria para saber o que acontecera com meu pedido. Pediram-me que ligasse para outro número e a voz amistosa e simples de um juiz de instrução convidou-me a dar uma

passada em Lubyanka para conversar um pouco. No famoso escritório de passes na Kuznetsky Most, eles me fizeram esperar. Suspeitando que já havia olhos me observando, estudando meu rosto, eu, internamente tenso, externamente adotei um olhar gentil, cansado, e fiz parecer que observava um garotinho que brincava sem a menor graça no meio da sala de espera. Assim foi! Meu novo juiz de instrução estava aqui à paisana e estava me espionando! Depois de verificar suficientemente que eu não era um inimigo inflamado, ele se aproximou e com grande gentileza me conduziu à Grande Lubyanka. No caminho ele estava sofrendo porque eles (quem?) Arruinaram minha vida, eles me privaram de uma esposa, filhos. Mas os corredores elétricos mal ventilados do Lubyanka ainda eram os mesmos por onde andava nu, faminto, insone, sem botões, mãos para trás. «Bem, que fera você tem sido, o juiz de instrução Yezepov! Eu me lembro, havia, agora que o despediram. (Tenho certeza que ele está no escritório ao lado reclamando do meu) ... «Eu estava servindo na contra-espionagem SMERSH da Marina, não tínhamos o pessoal dela lá !» (Riumin veio de entre vocês. Você teve Levshín, Libin). Mas concordo francamente : sim, claro. Ele até ri de minhas piadas de 1944 sobre Stalin: "Muito forte, isso!" Ele elogia meus relatos de frente, grampeados no arquivo como prova no comando: «Se eles não têm nada anti-soviético! Se quiser, pegue, tente publicá-los. Mas com uma voz doente, quase moribunda, recusei o favor: «Ah, não, já faz muitos anos que parei de escrever. Se eu viver mais alguns anos, gostaria de me dedicar à física. (Cor dos tempos! É assim que vamos brincar agora com você).

Felicidade, tolos, infortúnio! Devemos ter tirado algo da prisão. Pelo menos, saber como se comportar diante do Checagebé.

VII

Os zeks em liberdade

Neste livro havia um capítulo, "A prisão". É necessário agora outro, "Libertação"?

É aquele daqueles sobre os quais a prisão foi liberada em sua época (falaremos apenas de Cinquenta e Oito), menos de um em cinco, esperançosamente um em oito, veio ver esta "libertação".

E então - libertação! - Quem não sabe o que é? Tanto foi descrito na literatura universal, tanto foi mostrado no filme: abre a masmorra para mim, luz do sol, aplausos da multidão, abraços da família.

Mas ... maldito é "libertação" sob o céu de chumbo do Arquipélago, e só o céu vai escurecer sobre você em liberdade. Só pela sua lentidão, pela sua cachaça (qual é a lei que corre agora?), Distingue-se o disparo do relâmpago da prisão. No resto, a liberação é outra prisão, outra transição torturante de um estado para outro, que igualmente esmaga todas as suas costelas, todo o ritmo de sua vida, de seus conceitos, e que nada promete em troca.

Se a parada for para congelar um líquido repentinamente, a liberação é um derretimento tímido entre dois congelamentos.

Entre duas prisões.

Porque neste país, cada libertação deve ser seguida por uma prisão em algum lugar.

Entre duas prisões, essa foi a libertação durante os quarenta anos antes de Khrushchev.

Um salva-vidas jogado entre duas ilhas: vamos ver se você nada de área em área ...!

"Toque para tocar", é o que costumávamos dizer sobre a *frase*. De zona em zona, essa foi a *libertação*.

Seu nebuloso passaporte verde-oliva, que o poeta tanto convidou a *invejar*, ^[jv] está manchada pela tinta da China do artigo 39 do regulamento . Com isso, eles não dão autorização de residência em uma única cidade, não contratam um único trabalho decente. No campo, em troca, davam a ração, mas aqui não.

Junto com isso, uma enganosa liberdade de movimento ...

Não *liberados*, não, *privados de confinamento* , é assim que esses desgraçados devem ser chamados. Privados do benéfico confinamento forçado, eles não podem se forçar a ir para a taiga de Krasnoiarsk, ou para o deserto do Cazaquistão, onde vivem muitos outros como eles, *ex!* Não, vá para o mais grosso parte do amordaz ada *liberdade*, não são todos longe deles, e não natos se tornar candidatos para um novo *confinamento*.

Natalia Ivanovna Stoliarova foi dispensada do Karlag em 27 de abril de 1945. Impossível partir imediatamente: é preciso tirar passaporte, não há cartão de pão, não há casa, como trabalho, se oferecem para derrubar árvores. Depois de comer os poucos rublos arrecadados por amigos do campo, Stoliarova voltou ao local, mentiu para a escolta que ia buscar a bagagem (ali o sistema era patriarcal) e para o quartel ! Que alegria! Os amigos a cercam, trazem balanda da cozinha (ah, que bom!), Eles riem, ouvem o que ela conta do desamparo em liberdade: não, porque aqui é mais tranquilo. Contagem. Tem um sobressalente ...! O guarda a repreendeu, mas permitiu que ela passasse a noite na área até a manhã de 1º de maio; agora que, pela manhã, muito tempo!

Stoliarova, no campo, trabalhava há quatro anos (viera ainda jovem de Paris para a União, ficou encantada alguns dias depois, e agora queria ser libertada o mais rápido possível, para conhecer a Pátria!) «Para ela excelente trabalho »deram-lhe uma liberdade privilegiada: sem indicação exata do local de residência. Os que tinham uma indicação, mal ou mal, conseguiram se acomodar: a polícia não podia jogá-los em lugar nenhum. Mas Stoliarova, com seu certificado de soltura "limpo", tornou-se um cachorro de rua. A polícia não lhe deu autorização de residência em parte alguma. Em conhecidas famílias moscovitas, ela foi convidada para o chá, mas nenhuma se ofereceu para pernoitar. E dormiu nas estações. (E o ruim não é só que a Polícia à noite está acordando, para não adormecer, e antes do amanhecer joga todo mundo pra varrer, mas que zeko libertado, cujo caminho já passou por uma grande cidade “Ele não se lembra de como ficava triste cada vez que um guarda se aproximava! Que olhar feroz!

Naturalmente, ele se dá conta de que você é um ex-presidiário! Agora vai lhe perguntar: “ A documentação dele! ” Ele vai tirar o seu certificado! liberar, e pronto , você é um zeko de novo. Se não tem aqui , não tem lei, e não tem homem também: tem documentação! Agora você vai tirar o certificado e pronto ... Intuímos: é assim) ... Em Luga, Stoliarova tentou calçar meia, fazer luvas de tricô, e não foi nem para a classe trabalhadora, mas para prisioneiros alemães! Mas não só eles não a queriam, mas o realizador, ainda por cima, a constrangia na frente de todos: «Ele queria infiltrar-se na nossa organização! Já conhecemos suas estratagemas astutas! Nós lemos Sheinin! ” ^[jw] (Oh, aquele Sheinin gordinho! Ele não vai engasgar, não!)

Círculo vicioso: não te dão trabalho sem autorização de residência e não te dão autorização de residência sem trabalho. Mas se não há trabalho, também não há cartão de pão. Os ex-reclusos desconheciam o regulamento que o MVD tem a obrigação de os colocar. E até quem o conhecia tinha medo de ir: não iam colocá-los na cadeia ... Ser livre não é besteira ...

Na Universidade de Rostov , quando ainda era estudante, tinha um professor muito estranho, NA Trífonov: a cabeça sempre enfiada entre os ombros, constantemente tensa, assustada, nem pensávamos em chamá-lo pelos corredores. Então descobrimos: ele já tinha *sido*, e cada vez que ele era lambido por um corredor, eles poderiam ser os secretos.

E na Faculdade de Medicina de Rostov, depois da guerra, um médico libertado, considerando inevitável sua segunda prisão, não quis esperar, suicidou-se. E quem já conheceu a área, quem *sabe*, pode muito bem fazer essa escolha. Não é pior.

Ai daqueles que foram libertados *muito cedo!* Avenir Boríssov teve o ano de 1946. Ele não foi para uma cidade grande, mas para sua cidade natal. Todos os seus velhos amigos, da mesma fazenda, tentavam não encontrá-lo na rua, não paravam (e eram bravos combatentes do dia anterior!), E se não houvesse jeito humano de evitar a conversa, eles procurariam expressões evasivas e saíam do caminho. lado. *Ninguém* lhe perguntou como tinha passado estes anos (ainda que do Arquipélago, sabemos menos do que da África Central!) (Será que os nossos descendentes compreenderão o grau de formação da nossa *liberdade?!*) Mas um dia, apesar de tudo, um amigo de seus anos de graduação o convidou uma noite, quando ele estava curado, para um chá. Que amigável! Que calor! Para derreter, é exatamente o que se precisa: calor escondido! Avenir pediu para ver as fotos antigas, seu amigo

tirou os álbuns. O amigo *havia se esquecido dele* e ficou surpreso que de repente Avenir se levantou e foi embora, sem esperar pelo samovar. E o que Avenir faria, se visse seu rosto riscado a tinta em todas as fotos? ^[jx]

Mais tarde, as coisas melhoraram para Avenir, ele se tornou diretor de um internato. Órfãos de combatentes cresceram lá e choraram de humilhação quando os filhos de pais abastados chamaram seu diretor de "prisão". (Não havia ninguém para explicar que os PRISIONEIROS eram antes seus pais, e Avenir, caso fosse PRISIONADO. Jamais o povo russo, no século passado, teria perdido tanto o senso de sua língua!)

Kartell, em 1943, apesar de ter 58 anos, teve *alta do* campo de concentração com tuberculose pulmonar. Passaporte marcado, você não pode morar em nenhuma cidade, você não consegue um emprego, morte lenta e todo mundo dá as costas. Nestes, uma bandeira de engate, às pressas, lutadores são necessários. Com tuberculose pulmonar, Kartell declarou-se saudável: finalmente termine, que era uma vez, e entre iguais! Assim, ele lutou entre si até o fim da guerra. Só no hospital o olhar vigilante da Terceira Seção percebeu que aquele soldado devotado era o inimigo do povo. Em 1949, ele foi escolhido para ser detido como repetidor, mas boas pessoas do Comissariado de Guerra deram-lhe uma mão .

Nos anos de Stalin, a melhor *libertação* era atravessar o portal do campo de concentração e ficar lá. Eles, na produção, já eram conhecidos e empregados. E os enekauvedistas, quando os encontravam na rua, viam-nos como provados.

Bem, não exatamente. Em 1938 Projórov-Pustover, após sua libertação, tornou-se engenheiro contratado da Bamlag. O Chefe da Seção de Operações, Rosenblitt, disse a ele: "Você está em liberdade, mas lembre-se de que caminhará na corda bamba. Ao menor erro, ele se verá de volta como Zeko. Isso *nem mesmo exigirá um processo*. Portanto, tome cuidado e não imagine que você é um cidadão livre.

Existem centenas de milhares desses zeks sensatos que permaneceram perto de seu campo, que escolheram voluntariamente a prisão como uma variante da liberdade e que ainda circulam hoje em todos os lugares despovoados, como os distritos de Nyrob ou Narym. Até a *repetição* parece mais fácil: tudo está aqui à mão.

Bem, no Kolyma não havia escolha especial: lá eles *seguravam*. Após sua libertação, o zeko imediatamente assinou um compromisso *voluntário* de continuar servindo em Dalstroi (a autorização para ir "para o continente"

era ainda mais difícil de obter em Kolyma do que a libertação). Para sua desgraça, NV Suróvtseva termina sua frase. Até ontem ela trabalhava no viveiro, muito quentinha e alimentada, hoje mandam ela para o trabalho agrícola, não tem mais nada. Ainda ontem ela tinha um beliche garantido e uma ração, hoje não há ração, não há teto sobre sua cabeça, e ela entra em uma casa dilapidada com parquetes podres (que fica no Kolyma!) Graças às amigas do jardim de infância, que ainda passou muito tempo "distribuindo" rações fora do campo. "A opressão do estado livre" é como ele descreve suas novas impressões. Aos poucos sua situação vai se firmando, e ela até se torna ... dona!

Portanto, não é a pior forma de libertação que cabia ao deputado Iakubovich: perto de Karaganda converteram uma prisão em asilo de inválidos (a casa Tikhonov), e este asilo, sob custódia e sem direito a sair, foi "libertado ».

Rudkovski, que não era desejado em lugar nenhum ("Não gastei menos do que nos campos"). ele teve que ir para as terras virgens de Kust anái ("lá você poderia conhecer quem quer que fosse"). IV Shved ficou surdo pegando trens em Norilsk sob qualquer nevasca; depois, trabalhou como foguista 12 horas por dia. Mas não tem certificados! No seguro, eles encolhem os ombros: "testemunhas presentes ". As morsas são nossas testemunhas ... IS Karpúnich fez vinte anos no Kolyma, está exausto e doente. Mas aos sessenta anos ele não tem "vinte e cinco anos de trabalho remunerado" e não tem uma pensão. Quanto mais tempo uma pessoa está no campo, mais doente ela fica e menos anos de trabalho ela tem, portanto, menos esperança de obter uma pensão.

É que aqui, como na Inglaterra, não há "sociedade de ajuda a ex-presidiários". Essa heresia é assustadora até imaginária. ^[30]

Eles me escrevem: "No campo foi um dia da vida de Ivan Denisovich, e na liberdade foi outro."

Mas pare! Mas não dizem que desde então o sol da liberdade nasceu? E eles estendem as mãos para o azarão: "*Isso não vai se repetir!*" E ainda, parece que as lágrimas escorreram nas arquibancadas?

Jukov (de Kovrov): "Não sei se levantei totalmente a cabeça, pelo menos até os joelhos." Mas "continuamos a carregar o rótulo de presidiários e, com a menor redução na força de trabalho, caímos primeiro". PG Tijonov: «Já fui reabilitado, trabalho num instituto de investigação científica, mas mesmo assim, parece-me que ainda estou no campo de

concentração. Os mesmos idiotas que eram chefes de campos novamente têm o comando sobre ele. GF Popov: "O que quer que se diga, tudo o que está escrito, mas assim que meus colegas descobrem que estou preso, me dão as costas como se não quisessem".

Não, o diabo tem força! Este é o nosso país: para empurrar a vara para a tirania, basta franzir a testa, tossir. Para esticar um centímetro para a liberdade, você tem que engatar cem bois e atormentar cada um com o aguilhão: 'Pense onde você está puxando! Pense onde você joga! »

E a *forma* de reabilitação? Old Ch. Recebe um trabalho rude: "informe a polícia amanhã às 10:00." Nada mais! A filha corre com o escritório na tarde anterior: «Temo pela vida dele. Do que se trata? Como posso prepará-lo? » "Não tenha medo, é uma coisa *boa*, a reabilitação de seu falecido marido." (Ou talvez, impressionante? Benfeitores nem pensam nisso.)

Se essas são as formas de nossa *clemência*, adivinhe as formas de nossa crueldade!

Que enxurrada de reabilitações! Mas nem mesmo ela quebrou a testa dura da sociedade infalível! É que a avalanche não caiu para o lado onde você deve franzir a testa, mas para onde você deve engatar mil bois.

"A reabilitação é *tujta!*"^[jy] dizem os patrões comunistas com toda a sinceridade. "*Muito foi reabilitado!*"

Woldemar Zarin (Rostov-on-Don) fez 15 anos e desde então tem estado quieto por mais 8. Mas em 1960 ele se dedicou a dizer a seus colegas de trabalho como as coisas estavam ruins nos campos. Bem, ele foi indiciado, e um major da KGB disse a Zarin: *Reabilitação não significa inocência*, mas apenas que os crimes não foram graves. Mas *algo sempre permanece!*

E em Riga, na mesma década de 1960, um coletivo sindical unânime passou três meses seguidos tornando miserável a vida de Petropavlovsky por ter escondido o assassinato de seu pai ... em 1937!

E Komogor se pergunta: «Quem é o culpado hoje e quem é inocente? O que você vai fazer quando um rosto de repente começar a falar sobre igualdade e fraternidade? "

Markélov, após sua reabilitação, tornou-se nada menos que diretor do conselho de seguros industriais, ou seja, um cristão, do comitê local de uma cooperativa. Ora, o diretor da cooperativa não se atreve a deixar esse representante do povo um minuto sozinho em seu escritório! E o secretário da célula do partido, Bayev, que ao mesmo tempo administra a seção de

pessoal, intercepta toda a correspondência oficial de Markélov para garantir. "Você não terá um papel nas eleições do comitê local?" "Parece que houve algo assim um mês atrás." "Bem, eu preciso dele!" "Bem, aqui, leia, mas logo, está quase na hora de ir!" Mas é dirigido a mim! Cara, eu vou devolver para você amanhã de manhã! " "Não, não, de jeito nenhum, *é um documento.*" Vamos ver, coloque-se na pele desse Markélov, coloque-se sob o comando de um tal francelho, de um Báyev, que todo o seu salário e autorização de residência dependem desse Báyev, e respire o ar do século da liberdade em plenitude!

A professora Déyeva foi demitida por "depravação moral": ela *maculou o prestígio da profissão docente* ao se casar ... com uma interna liberada (a quem ela havia ensinado no campo)!

Isso não estava mais sob Stalin, era sob Khrushchev.

E só resta uma coisa real de todo o passado: a PARTIDA. Uma pequena folha, com cerca de 12 por 18 centímetros. Para ele vivo, de reabilitação. Para os mortos, da morte. A data da morte, você não vai verificar. Local, um grande zeta capital. Pois, você já pode navegar em cem seguidos e todos terão o mesmo, o que estava tocando.^[31] Às vezes, nomes de testemunhas (fabricados).

Por outro lado, as testemunhas autênticas, todas estão em silêncio.

Nós calamos a boca.

E como as gerações subseqüentes descobrirão? Tudo coberto, pregado, raspado.

"Mesmo os jovens", reclama Verbovski, "olham os reabilitados com suspeita e desprezo."

Bem, juventude, não todos. A maioria dos jovens simplesmente não se importa que eles nos reabilitem ou que não nos reabilitem, que agora existem doze milhões de presos ou que não haja mais, eles não veem a relação. A única coisa, deixá-los à vontade com gravadores e garotas de cabelos desgrenhados.

É que os peixes não lutam contra a pesca, apenas tentam passar pela malha.

Assim como a mesma e conhecida doença se desenvolve de maneiras diferentes em pessoas diferentes, assim é a liberação, se você olhar de perto, nós a sofremos de uma forma muito diferente.

Mesmo fisicamente. Alguns usaram energia demais para sobreviver à convicção no campo. Eles passaram por isso como o aço: dez anos sem consumir uma fração do que o corpo precisa, eles se dobraram e trabalharam; Semi nus, eles estão lascando pedras na geada e nem mesmo pegaram um resfriado. Mas a frase termina, a pressão externa sobre-humana cai, a tensão interna também se afrouxa. E para essas pessoas a mudança na pressão é mortal. O gigante Chulpeniov, que não pegava resfriado há 7 anos de exploração madeireira, foi declarado livre, não sei quantas doenças. GA Sorokin: «Após a reabilitação, perdi progressivamente a saúde mental que os meus companheiros de campo invejavam. Começaram a dar-me neurose, psicose ”... Igor Kamínov:“ Na liberdade enfraqueci e apaguei, e penso que na liberdade estou muito pior ”.

Como eles disseram antes: quando eu não tinha nada, como tudo me parecia bom! ; E agora que tenho tanto, tudo tem um gosto amargo. Alguns perdem todos os dentes em um ano. Outro envelheceu de repente. Outro acabou de chegar em casa, murcha, definhando e morreu.

Por outro lado, outros, apenas com a liberação, tiveram coragem. Somente aqui eles rejuvenesceram e se soltaram. (Eu, por exemplo, ainda hoje pareço mais jovem do que na minha primeira foto de confinamento.) De repente você descobre: cara, como é *fácil* viver em liberdade! Lá no Arquipélago é outra força da gravidade, lá suas pernas pesam como as de elefante, aqui elas saltam como as de um pardal. Tudo o que parece uma montanha ao livre, resolvemos com apenas um clique da língua. Nossa escala é tão animada: "Temos visto coisas piores!" Já passamos por coisas piores, então agora não falta nada. E não nos cansamos de repetir: coisas piores já vimos! Já vimos coisas piores!

Mas de forma ainda mais decisiva, o novo destino de um homem é marcado pela mudança *espiritual que* ele sofre ao ser libertado. Essa mudança pode ser muito diferente de pessoa para pessoa. Apenas na soleira do posto da guarda do campo você começa a sentir que está deixando para trás a presidio-pátria. Você nasceu espiritualmente aqui, e uma parte íntima de sua alma fica aqui para sempre, enquanto suas pernas o levam ao espaço sem voz ou eco de *liberdade*.

Personagens humanos são revelados no campo de concentração, mas também são revelados com o lançamento! Foi assim que Vera A lexéyevna Korñéyeva, que já encontramos neste livro , se despediu do Campo Especial em 1951 : «O portão de cinco metros fechou-se atrás de mim, e não posso

acreditar que quando fui libertado, estou chorando. Por quê...? Pois bem, pela sensação de ter arrancado meu coração do que é mais querido e amado, de meus companheiros de infortúnio. O portão foi fechado e tudo acabou. Nunca mais verei essas pessoas, nem receberei notícias delas. *Como se tivesse ido para o outro mundo* »...

Para o outro mundo ...! Libertação como forma de morte. Nós nos libertamos? Morremos para começar outra vida após a morte totalmente nova, um tanto fantasmagórica, na qual tocamos os objetos com prudência, tentando reconhecê-los.

Claro, a libertação para *este* mundo não foi imaginada por alguém assim. Em vez disso, a imaginamos na versão de Pushkin: "E os irmãos lhe darão a espada." Mas essa sorte está reservada para algumas gerações de prisioneiros.

Em vez disso, esta foi uma versão roubada, não autêntica. E quem se sentia assim, com seu pedacinho dessa liberdade roubada, fugia rápido para a solidão. Ainda no campo, "quase todos do meu grupo pensaram que se Deus quiser, vamos sair vivos daqui, não vamos morar em cidades ou mesmo em vilas, mas no meio da mata. Procuraremos trabalho de engenheiro florestal, ou mesmo pastor, e nos distanciaremos das pessoas, da política, da vaidade deste mundo. (VV Pospelov). Avenir Boríssov, em seus primeiros dias de liberdade, evitava as pessoas, refugiava-se na Natureza. «Querida abraçar e beijar cada bétula, cada álamo. O farfalhar das folhas caídas (eu me libertei no outono) soou como música e lágrimas vieram aos meus olhos. Não me importei se ele cobrou 500 gramas de pão: o fato é que eu podia ouvir o silêncio por horas, e também ler livros. Todo o trabalho me parecia fácil, simples liberdade, os dias passavam como horas, a sede de vida era insaciável. Se há felicidade no mundo, é claro que todo zeko a encontra em seu primeiro ano de liberdade! "

Pessoas como estas gastam muito tempo sem querer *ter* qualquer coisa: eles se lembram de que as coisas logo perderam, como se estivessem em chamas. Eles evitam coisas novas quase supersticiosamente, usam roupas velhas, sentam-se em pedaços. Um amigo meu tem tantos móveis que você não consegue sentar em nada, nem se apoiar em nada, tudo balança. "É assim que vivemos", eles riem, "entre zonas e zonas." (Sua esposa também foi presa).

L. Kopelev voltou a Moscou em 1955 e descobriu: 'Como é difícil lidar com pessoas prósperas ! Só me vejo com os meus velhos amigos que,

pelo menos de alguma forma, as coisas não vão bem.

Bem, humanamente falando, os únicos interessantes são aqueles que se recusaram a fazer carreira. Aqueles que se dedicam a fazê-lo, são algumas feras.

No entanto, cada pessoa é como é. E muitos, ao passarem para o estado livre, sentiram outra coisa (especialmente no período em que o Checagebé parecia apertar um pouco as pálpebras): Vida longa! Livre! Agora um único feitiço: não serei pego de novo! Agora, para se recuperar, para recuperar tudo perdido!

Tem os que se recuperam nas posições, os dos graus (acadêmicos ou militares), os da caderneta de renda e poupança (aqui falar dessas coisas é desaprovado, mas *contam* com o silêncio da chita) ... Tem os das crianças. Há aqueles ... Valentín M. jurou-nos na prisão que em liberdade se *recuperaria* em caso de mulher, e assim foi: vários anos seguidos trabalhava durante o dia, e à noite, mesmo durante a semana, com mulheres, e sempre novo; ele dormiu 4 ou 5 horas, perdeu peso, envelheceu. Há quem se recupere com comida, com mobília, com roupa (esquece-se como cortam os botões, como as melhores roupas se perdem no banheiro). As compras voltam a ser uma atividade muito agradável.

E como culpá-los, quando eles realmente têm tanto para trás? Quando tanto da sua vida foi interrompida?

De acordo com as duas concepções de *liberdade*, existem duas atitudes diferentes em relação ao passado.

Você viveu alguns anos terríveis. Parece que você não é um negro assassino, você não é um trapaceiro sujo, então por que tentar esquecer a prisão e o país? Do que você tem que se envergonhar? Não é melhor estimar que eles o enriqueceram? Não é mais correto ter orgulho deles?

Mas quantos (e não os mais fracos, e não os mais idiotas, que você nunca teria esperado!) Tente *esquecer!* Esqueça o mais rápido possível! Perca até a memória! Esqueça, como se nunca tivesse existido!

JG Wendelstein: "Normalmente você tenta não se lembrar, uma reação defensiva." Promann: "Francamente falando, eu não queria lidar com ex-detentos, não para lembrar." SA Lesovik: «Depois de regressar do campo, tentei não me lembrar do passado. E você sabe, eu quase fiz isso! " (até o romance *Um dia*). SA Bondarin (há muito tempo eu sabia que em 1945 ele estava na minha mesma cela em Lubyanka antes de mim; prometo nomear não só os nossos companheiros, mas mesmo aqueles com quem estive

antes de nossa cela, que nunca conheci nunca, e recebo como resposta): «Bem, tentei esquecer todas as pessoas com quem lá me encontrei». (Depois disso, é claro, eu nem respondi a ele.)

Eu entendo que os bons pensadores evitam seus velhos conhecidos no campo: eles estão cansados de chutar um contra cem, memórias dolorosas demais. E em geral, por que eles querem essa gentinha de classe baixa, sem ideologia nem nada? E que bem pensariam eles, se não tivessem esquecido, perdoado, voltado ao seu estado anterior? Se para isso mandavam instâncias quatro vezes por ano: Deixe-me voltar! Deixe-me voltar! Tenho sido bom e vou ser bom ! ^[32] Em que consiste o *retorno* para eles ? Em primeiro lugar, na recuperação do seu cartão de festa. Das pesquisas. Da antiguidade. Dos méritos.

*A luz do cartão da festa retornará
em sua cabeça absolvida para irradiar .*

Por outro lado, a experiência da concentração é precisamente o contágio que deve ser eliminado o mais rápido possível. Talvez na experiência da concentração, se ela não for agitada e lavada, até mesmo um grão de metal nobre seja encontrado?

Vejamos o velho bolchevique de Leningrado, Vasiliev. Ele cumpriu dois de *dois duros* (com cada vez também cinco de *focinho*). Eles deram a ele uma pensão pessoal republicana. «Tenho todas as necessidades atendidas. Eu glorifico meu partido e meu povo. (É fabuloso! Só Deus glorificou assim o Jó da Bíblia: pelas feridas, pela epidemia, pela fome, pelas mortes, pelas humilhações, glória a Ti, glória a Ti!) Mas Este Vasiliev não é preguiçoso, não é um simples consumidor: “Sou membro da comissão de luta contra o parasitismo”. Em outras palavras, no que suas velhas forças permitem, ele está minando uma das principais injustiças de hoje! Pois é, essa é a cara do Biempensante ...!

Compreende-se também por que os informantes não desejam memórias ou encontros: eles temem repreensões e denúncias.

Mas e os outros? Não é uma escravidão muito profunda? Um feitiço voluntário, para não cair novamente? "Para esquecer, como um pesadelo, para esquecer as visões da concentração sangrenta do passado", cerrou os

punhos Naste ñka V., preso não como ninguém, mas um ferimento à bala. Por que o filólogo clássico AD, que pesa mentalmente as cenas da história antiga através de seus estudos, por que também se ordena a "esquecer tudo"? O que você vai entender então em toda a história da Humanidade?

Eugenia D., quando me contou sobre sua prisão em Lubyanka em 1921, ainda solteira, acrescentou: "Bem, não cheguei a contar ao meu falecido marido, *esqueci*." Ele esqueceu?? A pessoa mais íntima com quem você viveu a vida toda? Bem, eles ainda nos prendem pouco !!

Ou talvez ele não devesse ser julgado tão severamente? Talvez seja a humanidade média? Se os provérbios devem se referir a alguém:

*Com glórias, as memórias são esquecidas.
Saber esquecer é saber viver .*

É assim que o homem vive ...!

Meu amigo e co-réu Nicolai V., com quem acabamos atrás das grades pela mesma besteira, considerou o que aconteceu uma maldição, o fracasso vergonhoso de um tolo. E ele se concentrou na ciência - a ocupação menos arriscada - para se erguer graças a ela. Em 1959, quando Pasternak ainda estava vivo, mas encorajado por todos os lados, contei a ele sobre Pasternak. Fez um gesto de impaciência: "Por que falar desses velhos! Olha, vou te contar como *eu luto* na minha cadeira! "(Ele está sempre lutando contra alguém para conseguir uma promoção). E pensar que o Tribunal o tinha valorizado em 10 anos de campos de concentração! Uma surra não teria sido o suficiente ...?

Ou Grigori M. foi libertado. Boa, livre, cancelamento de registros , reabilitação total, eles devolveram o cartão do partido (eles não perguntam se durante esse tempo você se converteu a Jeová ou a Maomé; eles não acham que, tempo, neste tempo não houve um átomo de suas idéias anteriores, mas pegue seu cartão!) E ele retorna do Cazaquistão para seu Z., passa por minha cidade, eu saio para esperá-lo no trem. No que você está pensando agora? Ei, ele não está propondo voltar para o Segredo, ou Reservado, ou Seção Especial !? Não sei por que, nossa conversa está um pouco confusa . Desde então ele não me escreveu uma linha ...

Ou se não, F. Retz. Hoje ele é diretor de um escritório de hospedagem e também miliciano.^[12] Com um ar muito importante, ele me fala sobre sua vida atual. E embora não tenha esquecido o antigo - como podemos esquecer 18 anos no Kolyma? - ele me fala sobre o Kolyma com certa segurança e surpresa: será que tudo isso realmente aconteceu? Como foi possível ...? O antigo foi levado embora. Ele é gordo e satisfeito com tudo.

Assim como um latido n *Agrupamento saco de dormir*, o prisioneiro político ersatz *esquecido*. E para quem está com a mochila, o mundo volta a ser confortável, sem espinhos, sem arestas. Assim como antes lhes parecia que estavam todos enlouquecidos, agora parece que ninguém está enlouquecido. O agradável sentido anterior do Primeiro de Maio e do aniversário de Outubro os ilumina : já não são aqueles dias inexoráveis em que nos revistaram com especial ferocidade no meio da geada e encheram mais do que nunca as celas do cárcere do campo. Bem, por que subir tão alto? Se hoje o chefe da família elogiou sua superioridade no trabalho, na hora do jantar já é festa, comemora-se.

Só na família o ex-mártir às vezes se permite resmungar um pouco. Só aqui às vezes ele se *lembra*, para ser mimado e mais apreciado. Mas cruzou o limiar, você já se *esqueceu*.

Embora não sejamos tão inflexíveis. É uma propriedade geral do homem: de uma experiência adversa, retornar ao seu 'eu', a muitos de seus antigos (mesmo que não os melhores) traços e hábitos. É assim que a estabilidade de nossa personalidade, de nossos genes, se manifesta. Provavelmente, caso contrário, o homem também não seria um homem. O mesmo Tharas Shevchenko, cujas falas atordoantes já mencionamos,^[33] 10 anos depois, ele escreve com alegria: “nenhuma característica da minha aparência interna mudou. De todo o coração, agradeço ao meu Criador onipotente por não permitir que a experiência horrenda ferisse minhas convicções com suas garras de ferro.

Mas *como* eles fazem isso para *esquecer*? Quem poderia me mostrar?

"Não! - escreve a MINHA Kalínina - nada se esquece e na vida nada se fixa. Eu gostaria de ser eu mesmo de outra forma. No trabalho seria mais bem pensado, e na família tudo seria mais tranquilo, mas no meu coração ainda há algo que coça e coça, e um cansaço infinito. Espero que você não escreva sobre as pessoas que foram libertadas, que esqueceram tudo e estão felizes. "

Raisa Lazúтина: «Que não devemos lembrar o mal? E se não houver *nada* bom para lembrar? »

Tamara Prytkova: «Fiquei louca durante doze anos, mas desde então estou livre há onze (!), E *ainda não entendo: para que viver?* E onde está a justiça? »

A Europa fala de *igualdade* há dois séculos , mas como somos diferentes! Que sulcos desiguais a vida traça em nossas almas! Onze anos sem poder esquecer nada, e esquecer tudo no dia seguinte ...

Iván Dobriak: «Tudo ficou para trás, mas não tudo. Fui reabilitado, mas não tenho paz de espírito. É raro a semana em que durmo em paz, sempre sonho com a região. Você pula da cama chorando ou acorda assustado.

Hans Bernstein, da mesma forma, 11 anos depois sonha apenas com o campo. Também passei cinco anos me vendo em sonhos apenas detida, nunca solta. L. Kopelev, 14 anos após sua libertação, adoece e está imediatamente delirando com a prisão. E agora "cabana" ou "quarto de hospital", a nossa língua não consegue pronunciar, sempre "célula".

Shavirin: " Ainda não consigo ver os cães - lobo silenciosamente."

Chulpeniov está caminhando pela floresta; Mas é simplesmente incapaz de respirar, goza "olha e os pinheiros são *bons*: poucos nós, quase nenhum galho para queimar, isso será *cúbico* limpo" ...

Como te esqueceste, se te instalaste na aldeia de Míltsevo, e lá quase metade dos habitantes já passou pelos campos, é verdade que a maior parte por roubo? Você chega na estação Ryazan e vê três barras removidas da paliçada. Ninguém nunca os cobre, como se deveria. Pois bem na frente desse lugar o stolypin pára - hoje também, hoje também continua parando! - uma van celular está se aproximando do vão ao contrário, e os zeks são obrigados a passar por esse buraco (que é mais confortável, para não andar o ze kos na plataforma lotada). Ou a Sociedade Nacional para a Difusão da Ignorância manda você para uma palestra (1957), e acontece que o destino é ITK-2, uma colônia de mulheres próxima à prisão. E você vai para a guarita, e um boné pontudo familiar aparece pelo olho mágico. Agora você cruza o pátio da prisão com o cidadão investigador, e algumas mulheres malvestidas fazendo beicinho cumprimentam todos vocês com subserviência. Agora você senta no gabinete do chefe da seção política , e enquanto ele te distrai, sabe: lá agora eles estão dando pontapés para fora das celas, levantando travessas, na cozinha individual estão tirando tigelas

das mãos: vá embora para ouvir a conferência, rápido! E eles me reúnem uma sala cheia. O sal está úmido e os corredores estão úmidos e as celas com certeza até úmidas, e as desgraçadas operadoras passam toda a minha palestra tossindo, com uma tosse profunda e forte, às vezes seca, às vezes de partir o coração. . Estão vestidas não de mulher, mas sim de caricatura de mulher, as moças são angulosas, ossudas como as velhas, estão todas esgotadas e à espera do fim do meu rolo. Tenho vergonha. Eu gostaria de poder simplesmente desaparecer e desaparecer. Como eu gostaria, em vez desses "avanços da ciência e da tecnologia", gritar para eles: "Pequenas mulheres!" Quanto tempo isso vai durar ...!?! » Minha visão imediatamente distingue algumas mulheres jovens, bem vestidas, mesmo em suéteres. Eles estão conectados. Olhando para eles e ignorando a tosse, pode-se abandonar toda a aula sem maiores problemas. Eles não tiram os olhos de você, como te ouvem ...! Mas eu sei: eles não prestam atenção no que você fala, não querem o cosmos de jeito nenhum, mas raramente vêem um homem, é assim que te examinam ... E eu imagino: vão tirar meu passe logo, e eu fico aqui. E essas paredes, a poucos metros da rua que eu conheço, da parada do trólebus que eu conheço, vão me cobrir por toda a minha vida, vão se tornar não paredes, mas daqui a anos ... Não, não, agora eu vou! Pego o trólebus por quarenta copecs e como bem em casa. Mas pelo menos não se esqueça: eles, por outro lado, ficarão todos aqui. E eles vão continuar tossindo. Tossindo há anos.

Nos aniversários da minha prisão, organizo um "dia do zeko": de manhã corto 650 de pão, coloco dois torrões de açúcar, encho uma xícara de água fervente sem chá. Para o almoço, peço que me façam balanda e uma tigela de mingau light. E como vou atrás do jeito antigo: no final do dia eu coleteo as migalhas na boca, bato a panela . Sensações de flashback vêm a mim em massa!

Eu também removi e mantive meus patches de número. E eu estou sozinho? Como uma relíquia, eles os ensinam em uma casa e em outra.

Passei um dia na rua Novoslobódskaya e vi: prisão de Butyrki! "Entrega de pacote". Eu entro. Cheio de mulheres, também há homens. Alguns entregam pacotes, outros conversam. Então é daqui que nossos pacotes vieram! Que interessante. Com o ar mais inocente me aproximo para ler as regras de entrega. Mas tendo me localizado com seu olhar de águia, uma brigada com cara de buldogue rapidamente se aproxima de mim.

"O que você quer, cidadão?" Cheirou-se que não é um pacote, mas que há um gato trancado. Então, goste ou não, eu ainda cheiro a Zeko!

E visitar o falecido? Aqueles de *you*, onde você deve também ser, empalado com uma baioneta? AI Ollénev, já velho, estava em 1965. Com uma mochila e uma bengala chegou à velha cidade sanitária, de lá para a montanha (perto da cidade de Kerki) onde foram enterrados. A montanha está cheia de ossos e crânios, e os habitantes de hoje a chamam *dos ossos*.

Em uma cidade distante do Grande Norte, onde meio ano é noite e meio ano é dia, vive Galia V. Ela não tem ninguém no mundo inteiro, e o que ela chama de "casa" é um canto barulhento e feio. Sua folga é: ir ao restaurante com um livro, tomar vinho, agora tomar um gole, agora fumar um cigarro, agora "sofrer pela Rússia". Seus melhores amigos são músicos de orquestra e carregadores. "Muitos dos que voltaram *d e não* esconder o seu passado. Mas tenho orgulho da minha biografia ».

Aqui, ali, clubes de ex-presidiários se reúnem anualmente, cantam e lembram. "E é estranho", diz VP Golitsyn, "que as pinturas do passado que são ressuscitadas estejam longe de ser apenas as sombrias e sombrias, mas muitas coisas são lembradas com sentimentos bons e calorosos."

Outra propriedade do homem! E não o pior.

«A minha carta em campo foi BI. ^[ka] VL Ginsburg se comunica alegremente. E me foi dado o passaporte da série "ZK"! »

Você leu e está feliz. Não, palavra, como os dos antigos zeks se distinguem entre tantas letras! Que extraordinária resistência! E se você sabe o que está fazendo, que energia pode exibir! Hoje em dia, se você recebe uma carta sem reclamar de nenhum tipo, genuinamente otimista, só pode ser de um ex-presidiário. Acostumados com o que quer que seja, eles não se desesperam com nada.

Tenho orgulho de pertencer a esta poderosa tribo! Não éramos uma tribo, eles nos fizeram! Eles nos uniram como a nós mesmos, em meias medidas e no isolamento da liberdade, onde todos temem a todos, nunca saberíamos nos unir. Bem pensados e informantes se desconectaram automaticamente de nós em geral. Não precisamos concordar em ajudar uns aos outros. Não precisamos mais tatear um ao outro. Nós nos encontramos, olhamos nos olhos um do outro, duas palavras, e o que mais há para explicar? Nós estamos prontos para ajudar. Temos nosso pessoal em todos os lugares. E somos milhões!

As barras nos deram outra medida de coisas e pessoas. Tiraram de nossos olhos aquele xale de normalidade que cobre o tempo todo a visão do homem que nada passou. E que conclusões inesperadas!

N. Stoliarova, que em 1934 veio voluntariamente de Paris a este tronco, que lhe tirou toda a metade da vida, não só não se arrepende, não amaldiçoa a sua vinda, mas: «Fiz bem, quando contra a opinião minha e a voz da razão fui para a Rússia! Sem conhecer a Rússia, adivinhei comigo mesmo .

Aquele que tinha sido um comandante de brigada de guerra civil impaciente, bem-sucedido e impaciente, IS Karpúnich-Braven, não olhou para as listas que o chefe da Seção Especial estava apresentando a ele, e não acima do papel, mas abaixo, e não com letras maiúsculas, mas minúsculas, como uma minúcia, ele apontava com um lápis rombudo sem pontos: *pm* (ele queria dizer: Pena Máxima! todos!) Então ele tinha diamantes nas casas de botão, então vinte anos e meio de Kolyma, E vê-lo morando no meio da floresta em uma fazenda solitária, regando o jardim, criando galinhas, engarrafando como carpinteiro, sem apresentar uma instância de reabilitação, reclamando de Vorochilov, escrevendo com raiva em cadernos suas respostas, respostas e respostas a cada rádio já transmitido cada artigo de jornal. Mas mais alguns anos se passam, e o fazendeiro-filósofo copia significativamente o aforismo de um livro:

«Não basta amar a humanidade, é preciso saber suportar os homens».

E antes da sua morte, com palavras próprias - e algumas palavras que te fazem estremecer, não é místico? Não é o velho Tolstoi? -:

«Eu vivi e julguei tudo por mim mesma. Mas agora sou outro homem e não julgo mais por mim mesmo.

O incrível VP Tarnovski decidiu ficar depois de sua condenação no Kolyma. Escreve ver sos, que não manda ninguém. Refletindo, ele deduziu:

*Eu sei porque a partir de hoje vou morar sozinho,
E o Senhor me condenou a ficar em silêncio:
Porque eu conheci o Caim desta era,
Mas não fui capaz de matá-lo.* ^[3,4]

A única pena é que vamos morrer aos poucos, sem ter feito nada que valha a pena.

Outra coisa que aguarda a libertação de ex-presidiários são as reuniões. De pais com seus filhos. De maridos com suas esposas. E essas reuniões raramente são para melhor. Em dez, quinze anos sem nós, as crianças não foram capazes de crescer em harmonia conosco: às vezes apenas estranhos, às vezes até inimigos. E apenas muito poucas das esposas são recompensadas pela fiel expectativa do marido: muito se viveu à parte, tudo mudou no homem, a única coisa que resta de antes é o sobrenome. Ele e ela têm uma experiência de vida muito diferente e é impossível sentir empatia novamente.

O que resta para filmes e romancistas, neste livro não cabe mais.

Aqui, apenas a história de María Kadátskaya é registrada.

«Nos primeiros 10 anos o meu marido escreveu-me 600 cartas. Nos próximos 10, um, e isso tirou sua vontade de viver. Depois de 19 anos ele foi passar sua primeira licença não conosco, sem ou com alguns parentes, e nosso filho e eu viemos nos ver por quatro dias, de passagem. O trem em que o esperávamos, naquele dia foi suprimido. E depois de uma noite sem dormir, eu tendia a descansar. Eu ouço a campainha. Uma voz desconhecida: "Gostaria de ver Maria Vene díktovna." Eu abro. Entra um homem desconhecido, corpulento, de meia-idade, com capa de chuva e chapéu. Sem dizer nada, ele passa com ousadia. Eu, meio adormecida, parecia que tinha esquecido que estava esperando meu marido. Estamos um de frente para o outro. "Você não me conhece?" "Não". E o tempo todo penso que deve ser um parente, de quem tenho muitos e que também não vejo há muitos anos. Então olhei para seus lábios tensos - lembrei que estava esperando meu marido! - e desmaiei. A estes chegou meu filho, que adoeceu para terminar de consertar. E nós três, sem sair do único quarto, sentamos por quatro dias. Ele e nosso filho eram muito reservados, e dificilmente tive oportunidade de falar com meu marido, a conversa era geral. Ele contou sua vida e não ficou nem um pouco interessado em como havíamos sobrevivido sem ele. Ele estava voltando para a Sibéria, ele não me olhou nos olhos ao se despedir. Eu disse a ele que meu marido havia morrido nos Alpes (ele tinha estado na Itália, os Aliados o libertaram).

Existem também outros tipos de encontros, mais divertidos.

Você pode encontrar um diretor ou uma autoridade de campo. De repente, na base turística de Teberda, Slava reconhece um guardião de Norilsk no monitor. Ou então, no *Gastrônomo* de Leningrado, Misha Baxt vê uma figura conhecida, e o outro também o nota. É o capitão Husak, chefe da seção de concentração, hoje vestido de civil. "Cara, espere, espere! *Onde eu te peguei ...?* Ah, eu me lembro, nós punimos você sem um pacote por trabalho ruim!" (E você se lembra! Mas tudo isso parece a coisa mais natural do mundo, como se tivessem sido colocados sobre nós para a eternidade, e agora fosse apenas uma pequena pausa!)

Você pode se encontrar (Belski) com o comandante de sua unidade, o coronel Rudyko, que se apressou em concordar com sua prisão, para não ter problemas. Também à paisana e com chapéu de boyar, aspecto profissional, pessoa respeitada!

Você também pode encontrar seu juiz de instrução, o mesmo que estava batendo em você ou prendendo você com os percevejos. Agora desfruto de um bom percurso de aposentadoria, pois, por exemplo, Jvat, o instrutor e assassino do grande Vavílov, mora na Rua Gorky. Deus, salve-se desse encontro, o choque será para o seu coração, não para o dele.

E você também pode encontrar seu informante, com quem você foi fisgado e que agora está prosperando. E ele não é punido pelos raios do céu. Aqueles que retornarem ao seu local de origem verão seus reclamantes à força. "Ei", alguém mais inflamado exorta, "registre uma reclamação com eles!" Mesmo que apenas para denúncia pública! " (Já não, todo mundo já entende isso)... «Cara, deixa pra lá... tá bom assim»..., responde o reabilitado.

Porque esse processo seria na direção em que você rasteja com bois.

"Que a vida os castigue!", Recusa Avenir Borisov.

O que significa.

O compositor X disse a Shostakovich: "Essa senhora ali, L., um membro de nossa União, em seus dias me deixou louco." "Escreva uma reclamação", sugeriu Shostakovich impensadamente, "nós o expulsaremos da União!" (Isso se deixarem!) X até começou a gesticular: "Não, não, obrigado, já me arrastaram no chão puxando essa barba, não quero mais."

É mesmo uma questão de punição? G. Pólev reclama: "O canalha que me fez enlouquecer, quando saí, dificilmente me põe na sombra de novo, e eu teria posto, se não tivesse conseguido deixar a família e sair da minha terra!"

Isso é muito apropriado! Muito soviético!

O que é então o pesadelo, a miragem do pântano? O passado? Ou o presente ...?

Em 1955, Ephroimsohn foi ver o procurador-geral adjunto Salin e trouxe-lhe um volume de queixas criminais contra Lysenko.^[kb] Salin disse a ele: "Não somos competentes neste assunto, vá ao Comitê Central."

Desde quando eles se tornaram incompetentes? Ou não poderiam ter se tornado trinta anos antes?

As duas falsas testemunhas que colocaram Chulpeniov em seu túmulo na Mongólia vivem tão felizes:^[kc] Lozovski e Seriogin. Com alguns amigos em comum de sua unidade, Chulpeniov foi ver Seriogin em seu escritório municipal de serviços do Soviete de Moscou. Olha quem estou trazendo para você. Um de nós, de Jaljin-gol, você não se lembra? " "Não, não me lembro" "E Chulpeniov, ele não te conta nada?" "Não, não me lembro, a guerra nos dispersou." E você sabe o que aconteceu com ele? "Ni id ea." Que porco você é!

O que mais você vai dizer? Na comissão distrital, onde Seriogin afirma: «O que ele nos diz! Ele é tão complacente.

Complacente ...!

Tudo permanece igual e todos continuam iguais. O trovão ribombou, mas eles se afastaram quase sem chuva.

Até este ponto tudo continua igual, pois IA Kreinovich, um estudioso das línguas do Norte,^[35] voltou ao mesmo instituto de pesquisa, e ao mesmo setor, com as mesmas pessoas que o *venderam*, que o odeiam, e com essas mesmas pessoas todos os dias tira o casaco e se senta para trabalhar.

Uau, como se as vítimas de Auschwitz estivessem em parceria com os ex-comandantes para abrir um *negócio de souvenirs* .

Existem também informantes de Obergruppen no mundo literário. Quantos eu. Elsberg cobrou? E Llesiuchevski? Todos os conhecem e ninguém se atreve a tocá-los. Houve uma tentativa de expulsá-los do Sindicato dos Escritores, mas uau! E menos do trabalho. E não vamos falar sobre o jogo.

Quando nosso código foi escrito (1926), o assassinato por calúnia foi estimado como cinco vezes mais leve e desculpável do que o assassinato por faca. (Bem, e quem diria que sob a ditadura do proletariado alguém recorreria a um meio tão burguês como calúnia!) De acordo com o artigo

95, quem intencionalmente apresentar uma acusação falsa ou dar falso testemunho, concordando: *a*) acusação de crime; *b*) motivação de lucro; *c*) fabricação de provas falsas do responsável, será punido com pena privativa da liberdade até... dois anos. E se for negligenciado, seis meses.

Ou eles escreveram este artigo idiotas totais, ou pessoas muito, muito previdentes.

Estou inclinado a acreditar que ela é previdente.

E desde então em cada anistia (Stalin em 45, Vorochilov em 53) eles se preocuparam em incluir esse pequeno artigo, você tem que tratar *bem* os *ativistas*.

E então há a *receita*. Se você foi falsamente acusado (para 58), não há receita. Mas se *você* acusou falsamente, aí está a *receita*, nós o protegeremos.

A causa da família de Ana Chebotar-Tkach foi um tecido de falsos testemunhos. Em 1944, ela, seu pai e dois irmãos foram presos pelo suposto assassinato político de sua cunhada. Os três homens foram espancados até a morte na prisão (não confessaram), Ana tinha dez anos. E descobriu-se que a cunhada estava viva e bem! Mas Ana passou *mais dez anos* pedindo em vão sua reabilitação! Mesmo em 1964, a acusação respondeu: "Sua condenação é legal e não há fundamentos para sua revisão." Quando apesar de tudo ela foi finalmente reabilitada, a incansável Skrípnikova escreveu uma queixa para Ana: que as falsas testemunhas fossem processadas. G.

^[36] Teréjov, Procurador da URSS, respondeu: não recebível por *receita* ...

Na década de 1920, eles revistaram, removeram e atiraram em alguns mujiques analfabetos, que *quarenta* anos antes haviam executado homens da Vontade do Povo por sentença de um tribunal czarista. Mas aqueles muzhiks não eram nossos. Em vez disso, esses informantes são a nossa carne.

Pois esta é a *liberdade* onde os antigos zeks são libertados. Existe outro exemplo na história de que tantos crimes públicos e notórios ficam impunes?

E o que podemos esperar de bom? O que pode sair desse bastardo?

Que resultado magnífico produziu a ideia criminosa do Arquipelago!

Sétimo

Stalin não é

"... eles nem mesmo se arrependeram de seus assassinatos."
Apocalipse, 9, 21.

I

Como é isso a distância

Claro, não perdemos a esperança de que um dia falassem de nós: mais cedo ou mais tarde tudo o que aconteceu na história acaba por vir à tona. Mas imaginamos que ainda demoraria uma eternidade, até que a maioria de nós morresse. E em condições radicalmente transformadas. Eu mesmo me considerava um cronista do Arquipélago, escrevia e escrevia, mas também tinha poucas esperanças de vê-lo publicado em vida.

A marcha da história sempre nos surpreende, a mais perspicaz também. Não podíamos prever como ou como funcionaria: que sem nenhum motivo coercitivo visível tudo estremeceria, e começaria a derivar, e um pouco, e por muito pouco tempo os abismos da vida pareceriam se abrir um pouco, e dois ou três pássaros reais conseguiriam escapar antes que por muito tempo as portas voltariam a se fechar.

Quantos de meus predecessores não conseguiram escrevê-lo, mantê-lo, rastejar para fora, escalar o abismo! Mas esta foi a minha sorte: no momento em que o portão de ferro estava entreaberto, antes de se fechar novamente, lancei o primeiro punho de verdade.

E como matéria rodeada de antimatéria, explodiu no local!

Ele explodiu e trouxe consigo uma explosão de cartas de pessoas, mas isso era de se esperar. E também de artigos de jornal : superação de ranger de dentes, superação do ódio, superação da relutância, uma explosão de elogios oficiais, até vômitos.

Quando os velhos zeks ouviram pelos clarins de todos os jornais ao mesmo tempo que tinha saído um romance sobre os campos de concentração e os jornalistas o elogiaram cada vez melhor, decidiram por unanimidade: «De novo, história! Eles conseguiram mentir até sobre isso! " O fato de nossa Imprensa, com seus excessos usuais, de repente começar a

elogiar a verdade, era demais para imaginar! Alguns nem queriam pegar meu romance nas mãos.

Por outro lado, quando o leram, ressoou algo como um gemido geral unânime, um gemido de alegria e também um gemido de dor. As cartas choveram sobre mim.

Eu guardo essas cartas. Poucas ocasiões têm nossos compatriotas para expressar sua opinião sobre os problemas sociais, e ex-prisioneiros, com mais razão. Quantas vezes já se decepcionaram, tantas vezes se enganaram, mas depois acreditaram que estava começando a era da verdade, que agora era possível falar e escrever livremente!

E eles estavam iludidos, naturalmente, pela enésima vez ...

“A verdade triunfou, mas tarde!” Eles escreveram.

E depois mesmo, por causa do sucesso, nada ...

Bem, sim, houve alguns sãos, que não assinaram suas cartas ("Eu cuido da minha saúde nos dias de vida que me resta"), ou que já então, em pleno paroxismo de elogios na Imprensa, perguntavam: "Estou espantado com aquele Volkovói ^[kd] Eu deixo você publicar este romance. Com cabeça, diga-me, você não vai para o BUR ...? » Ou "Por que você e Tvardovsky ainda não fizeram as malas?"

Bem, olhe, seus estoques enferrujaram, não estava funcionando. E o que mais sobrou para o Volkovói, senão pegar na caneta por sua vez?! Escreva cartas para eles também. Ou refutações aos jornais. Bem, se descobrir que existem até mesmo alguns muito cultos.

Dessa segunda onda de letras, aprendemos até seus nomes, como eles se chamam. Estamos o tempo todo procurando um termo, que se formos mestres na área, se nos concentrarmos, então não: *funcionários práticos*, é isso! Uma palavrinha de ouro! "Damas" não é totalmente preciso, pois são funcionários práticos, eles escolheram assim.

Eles escrevem:

"Iván Denisovich é um pelotillero".

(VV Oléinik, Aktiubinsk).

Em direção a Shukhov ^[ke] você não experimenta nem compaixão nem respeito ».

(I. Matveyev, Moscou).

"Shukhov foi mercidamente condenado ... E o que os z / kz / k fariam em liberdade?"

(VI Silin, Sverdlovsk).

- Eles *julgaram* aquela turba mesquinha com *muita suavidade*. Os elementos russos da Guerra Patriótica ... não me dêem pena ».

(EA Ignátovich, Kimovsk).

Shukhov é "um parasita profissional, astuto e implacável. Um egoísta acabado, que só vive para o ventre ».

[1]
(VD Uspenski, Moscou).
"Em vez de pintar um quadro dos sofrimentos dos mais leais em 1937, o autor escolheu o ano de 1941, quando o país era predominantemente pancista. [2] Em 37 não havia Shukhovs, [3] mas sim que eles enfrentaram a morte sombria e silenciosamente, com seus pensamentos postos no *que ela beneficiou* »... [4]
(PA Pankov, Kramatorsk).

Sobre os regulamentos de campo:

«E para que dar muita comida a quem não trabalha ? Sua energia se esgota ... O mundo do crime ainda é tratado com muita delicadeza.

(SI Golovin, Akmólinisk).
"Quanto às regras da alimentação, não podemos esquecer que *não estão em um spa*. Eles devem purificar sua culpa apenas com trabalho honesto.

(Brigada Bazunov, Oymiakon, 55 anos, envelhecida no serviço do campo).
"Nos campos de concentração há menos abusos do que em qualquer outra instituição soviética (!) Afirmo que agora nos campos *o regime é mais severo*".

(V. Karajá nov, Província de Moscou).
«Este romance é ofensivo para os soldados, sargentos e oficiais do Ministério da Ordem Pública. A cidade é a criadora da história, mas como esta cidade é mostrada...? Sob o aspecto de "papagaios", de "idiotas", de "imbéciles" ».

(Bazunov).
"Nós, os executores, também somos gente, também cometemos o nosso heroísmo: nem sempre acabamos com os que caíram e, portanto, coríamos o risco de perder nossos empregos."

[5]
(Grigori Trofimovich Zhelezniak)
Todo o dia da novela é saturado com o comportamento negativo dos detidos, sem afirmar o papel da administração ... Mas a permanência dos detidos no campo de concentração *não é a causa do período de culto à personalidade*, mas sim o motivo do cumprimento de sentença judicial".

(AI Grigoriev).
[6]
"A equipe não sabia por que cada um estava na prisão."

(Karajánov).
"Soljenitsyn descreve todo o *trabalho no campo* como se a liderança do partido comunista não existisse ali. E, no entanto, antes, *como agora*, havia órgãos do Partido que canalizavam *todo o trabalho de acordo com sua consciência*.

»Os funcionários práticos“ apenas cumpriam o que os regulamentos, instruções e ordens deles exigiam”. As [7]
mesmas pessoas que trabalhavam naquela época continuam trabalhando agora (!), talvez dez por cento tenham ingressado, e tenham sido recompensados mais de uma vez por sua eficiência e são bem vistos como funcionários públicos.

»Protesto enérgico e indignado de todos os colaboradores do Ministério da Ordem Pública ... A quantidade de bñlis que esta obra exala é simplesmente espantosa ... Destina-se especialmente a antagonizar o povo com o MVD ...! E por que nossos órgãos permitem zombar de funcionários do MOP ...? *Não é honesto!* "

(Ana Fliípovna Zajárova, Província de Irkutsk, no MVD desde 1950, no Partido desde 1956!)

Ei ei! *Não é honesto !* O grito da alma! Eles passaram 45 anos atormentando os índios, e ele foi homenageado. Agora eles publicam um romance, e isso não é honesto!

«Ainda não tive que digerir esta porcaria ... E não é só a minha opinião, muitos de nós pensamos assim, o *nosso nome é*

[8]
"Legião".

Ou mais resumidamente:

"O romance de Soljenitsyn deve ser retirado imediatamente de todas as bibliotecas e salas de leitura."

(A. Kuzmín, Orel).

O que foi feito, apenas gradualmente.

"Este livro não precisava ser publicado, mas sim entregar o material aos órgãos da KGB".

[9]

(Anônimo , contemporâneo de outubro).

Bem, foi quase - quase o que aconteceu, o contemporâneo adivinhou.
E outro anônimo, este já poeta:

*Deixe a Rússia ouvir,
Em nossa consciência
Não há um único borrão.*

Novamente este maldito incógnito! Para saber se ele estava atirando em si mesmo, ou apenas enviando para a morte, ou se ele é um simples ortodoxo, então anônimo! Um anônimo sem borrão ...

E, finalmente, uma ampla visão filosófica :

"A história nunca precisou do passado (!!), e menos ainda a história da cultura socialista precisa dele."

(A. Kuzmín).

A história não precisa do passado! O que os bem pensativos podem dizer! O que você precisa então? Do futuro ou o quê ...? Bem, *eles* são os que escrevem a história ...!

E o que agora pode ser respondido a todos eles, a todos eles contra sua ignorância militante? E como você pode explicar agora ...?

A verdade é que ela sempre foi tímida, uma audácia excessiva de mentiras tende a ser silenciosa .

A longa ausência de livre troca de informações no interior do país cava um abismo de mal-entendidos entre grupos inteiros da população, entre milhões e milhões a mais.

Simplemente *estamos deixando de ser um só povo*, porque realmente falamos línguas diferentes.

E ainda assim a brecha foi aberta! Com quão sólida, com quão segura parecia a parede de mentiras construída durante séculos, e tinha uma lacuna, e havia passado informações. Ainda ontem não tínhamos campos de

concentração, não tínhamos arquipélago, e hoje apareceu perante toda a gente e para todo o mundo: campos! Além disso, fascistas!

O que fazer?? Mestres experientes em transformar tudo! Bajuladores de uma vida! Você vai tolerar isso? Você vai quebrar? Você vai consentir com isso?

Claro que não! Os professores que se viraram foram apenas os primeiros a pular nessa lacuna! Como se estivessem há muitos anos esperando para enchê-lo com seus corpos alados cinzentos e com seu alegre - precisamente alegre! - bater de asas, cobrindo o próprio Arquipélago de espectadores atônitos.

Seu primeiro grito, encontrado instantaneamente, instintivamente, foi: *isso não se repetirá!* Glória à festa ! Isso não se repetirá!

Que inteligente, hein? Mestres da esponja! Porque se “isso não vai se repetir”, naturalmente entende-se que *hoje* não existe! No futuro não haverá, porque hoje, como pode haver!

Com tanta habilidade batiam as asas nas brechas, que o Arquipélago, mal aparecia à vista, já se tornou uma miragem: não existe, nem existirá, enfim, se talvez só existisse ... Mas se fosse *o culto de a personalidade!* (Muito confortável, aquela coisa de "culto à personalidade"! Você larga isso , e como se tivesse explicado alguma coisa). Em vez disso, o que realmente existe, o que resta, o que preenche a lacuna, e o que permanecerá nos próximos séculos, é "Glória ao Partido!" (A princípio parecia aquela glória porque "não ia se repetir", depois e seguida quase quase glória pelo próprio Arquipélago, ambas as coisas se confundem, impossíveis de distingui-las:

aquela revista com o romance ainda não chegou até eles, ^[kf] mas já ouvimos de todos os lugares: "Glória à Festa!" Aquele onde açoitam os cílios ainda não atingiu a passagem, mas ressoa por toda a parte: "Glória ao Partido!")

Assim, os querubins da mentira, os guardiões do Muro, souberam enfrentar no primeiro momento.

Quando Khrushchev, enxugando uma lágrima, deu sua permissão a *Ivan Denisovich*, ele teve certeza de que eram os campos de Stalin, que *ele*, é claro, não os tinha.

E Tvardovski, ao me conceder a aprovação suprema, também acreditava sinceramente que se falava do passado, que ele não existia mais.

Bu ene, e Tvardovsky podem ser perdoados: todo aquele mundo da capital ao seu redor vivia apenas isso: se *descongelar*, se não *aguentar* mais , que se dois purificadores congressos, se tornassem pessoas de qualquer coisa, e muito! A bela névoa rosa das reformas cobriu o arquipélago, tornando-o totalmente invisível.

Mas eu, eu! Até eu fui influenciado e não tenho desculpa. Não estava enganando Tvardovski! Eu também acreditava sinceramente que estava trazendo a vocês um relato do passado ! Será que minha língua esqueceu o gosto da balanda? E que ele tinha jurado não esquecê-la. Eu não tinha entendido a essência dos guardiões? Não fui eu mesmo, ao me preparar para ser cronista do Arquipélago, que me dei conta até que ponto isso é próprio e necessário ao Estado? De mim, como de mais ninguém, tinha a certeza de que não caía no provérbio:

Com glórias, as memórias são esquecidas.

Bem, eu esqueci. Bem, eu caí na armadilha ... Bem, eu acreditei ... Eu acreditei na placidez da metrópole. Para a placidez de minha nova vida. E às histórias dos últimos amigos que voltaram de *lá*: *há* progresso! O regime é mais suave! Eles não param de lançar! Eles fecham áreas inteiras! Eles despedem os enekauvedistas ...!

Não, nós somos pó! Sujeito às leis do pó. E nenhuma medida de dor é suficiente para nos acostumar a sentir dores comuns de uma vez por todas. E até acabarmos com a poeira que existe em nós, não haverá regimes justos, democráticos ou autoritários na terra.

Portanto, uma terceira onda de cartas, os *atuais zeks* , foi uma surpresa para mim , embora tenha sido a mais natural de todas, embora fosse a que eu deveria ter esperado em primeiro lugar.

Em pedaços de papel amassado, com lápis rombos, depois em envelopes da sorte, com o endereço muitas vezes já escrito em livro - isto é, enviado *em matute* - enviou-me as suas objecções, e mesmo a sua raiva, o Arquipélago de hoje.

Essas cartas também foram um grito comum unânime. Mas o grito dizia: "*E nós ?? !!*"

Toda a comoção da imprensa por ocasião do meu romance, propagando-se na intenção do *livre* e do estrangeiro, foi armada no sentido de: "Era isso, mas nunca se repetirá".

E os zeks gritaram: como *não se repetir*, se estamos presos *agora* e nas mesmas condições ?!

"Desde a época de Iván Denisovi ch nada mudou", escreveram-me em unísono de vários lugares.

"O zeko lerá seu livro e se sentirá amargo e irritado porque tudo continua igual."

"O que mudou, se todas as leis de prisão de 25 anos que foram promulgadas no governo de Stal permanecerem em vigor ?"

"A quem se dedica agora o *culto da personalidade*, que voltamos ao chiqueiro para nada?"

"Uma nuvem negra nos cobriu e eles não nos veem."

Por que homens como Volkovói ficaram impunes ...? Continuamos a tê-los como instrutores ».

“Começando pelo último diretor e terminando pelo diretor-geral, todos estão diretamente interessados na existência de campos de concentração. A equipe de vigilância para qualquer ninharia fabrica uma *Ordem*; os comissários escrevem boatos em arquivos pessoais ... Nós, de vinte e cinco anos, somos a vaca leiteira, e os perversos que nos ensinam a virtude, sugá-la dela. Não é assim que os colonizadores passaram por índios e negros como homens de segunda classe? Agitar a opinião pública contra nós não custa nada, basta escrever o artigo *Um homem atrás das grades ...* ^[10] e amanhã o povo fará comícios para nos queimar em fornos.

Exato. Se tudo estiver correto.

“A postura dele é de retaguarda!” Vanya Alexeyev me oprime.

E com todas essas cartas, eu, que em meu coração as entregava a mim como herói, me sentia culpado sem paliativo: em dez anos havia perdido o sentimento vivo do Arquipélago.

Para *elas*, para os zeks *de hoje*, meu livro não era um livro, nem a verdade era verdadeira sem uma segunda parte, sem ser dita *sobre eles depois*. Que seja dito e que as coisas mudem! Se a palavra não trata de atos e não provoca atos, para que serve? Cachorros latindo à noite na aldeia?

(Eu gostaria de dedicar este comentário para nossos modernistas: *esta* é a forma como os nossos as pessoas tendem a compreender a literatura e não tem nenhum traço de perder o hábito e seria bom se ele perdeu..?)

Então eu acordei. E no meio do perfume iridescente das renovações, tornei a distinguir a massa pedregosa do Arquipélago, os seus contornos cinzentos com miradouros.

O estado de nossa sociedade pode muito bem ser descrito como um *campo* físico. Todas as linhas de força neste campo são direcionadas da liberdade à tirania. Essas linhas são muito estáveis, foram impressas, foram petrificadas, são quase impossíveis de girar, anular, torcer. Qualquer carga ou massa introduzida é facilmente deslocada na direção da tirania, mas abrir caminho para a liberdade é impossível. Você tem que puxar com dez mil bois.

Agora, depois que meu livro foi abertamente declarado nocivo, e sua publicação um erro ("conseqüência do voluntarismo na literatura"), quando já está sendo retirado das bibliotecas comuns, a mera menção do nome de Ivan Denisovich ou do a minha tornou-se uma subversão negra no arquipélago. Mas então! Então, quando Khrushchev apertasse minha mão e aos aplausos me apresentasse àqueles trezentos que se consideravam a elite artística, quando em Moscou eles me fariam "a grande imprensa" e os correspondentes se espremeriam na frente do meu quarto de hotel, quando ele declarava publicamente que o Partido e o Governo *apoiaram* livros como este, quando a Câmara Militar do Supremo Tribunal se orgulhava de ter me reabilitado (como agora, certamente, lamenta), e alguns coronéis jurídicos declararam em sua tribuna que este livro nos campos *Tinha que ser lido!* Então, as forças mudas, silenciosas e sem nome do campo de força foram invisivelmente opostas, e o livro parou !! Parou *então!* E em poucos campos entrou legalmente, que poderiam solicitá-lo na biblioteca da Seção Educacional-Cultural. Eles o removeram das bibliotecas. Eles o confiscaram dos pacotes de formulários que alguns foram enviados de fora. Nas primeiras horas, clandestinamente, os trabalhadores contratados entravam, cobravam dos presos 5 rublos, ou parece que até 20 (rublos Khrushchev! E alguns presos! Mas conhecendo a vergonha do campo de concentração, não é surpreendente). Os zeks passaram para o campo guardando o recorde, como quem passa uma faca; eles o escondiam durante o dia e o liam à noite. Em um dos campos ao norte dos Urais, para durar mais, fizeram coberturas de metal.

Mas o que dizer dos prisioneiros, se a mesma proibição silenciosa se estende até ao mundo que circunda os campos, mas aceita por todos! Na estação Vis da Ferrovia do Norte, a *livre* María Aséyeva escreveu à *Literatúrnyaya Gazeta* uma carta em favor do romance, e se ela o jogou na caixa de correio, se temerariamente o deixou sobre a mesa, o fato é que às 5 horas de escrever a carta, o secretário da célula do Partido, VG Shishkin 's,

foi acusado de provocação política (uau que chavão!) e foi imediatamente ^[onze] preso .

No ITK-2 de Tiraspol, o escultor G. Ñédov, em sua oficina de tamponamento, moldou a figura de um prisioneiro, primeiro em plasticina. O chefe do regime, capitão Solodiankin, descobriu: 'Mas você está se tornando um recluso? Quem te deu permissão? É a *contra-revolução!* " Ele agarrou a estatueta pelos pés, quebrou-a e jogou as peças no chão: "Você lê todos os tipos de Ivanes D'enisovich!" (Mas ele não continuou pisoteando, e Ñédov escondeu os bits). Como resultado da reclamação de Solodiankin, Ñédov foi intimado à presença do chefe do campo, Bakayev, mas entretanto ele tinha sido feito na Seção Educacional-Cultural com alguns jornais. Vamos processar você! Você está incitando o povo contra o regime soviético! ", Trovejou Bakayev. (Você já entende o efeito que a aparência de um zeko tem!) «Com sua permissão, Cidadão Chefe ... Veja o que diz Nikita Sergeyeovich ... Olhe para o cinegrafista Ilyichov» ... «Mas se você está falando conosco da mesma maneira o mesmo! "exclamou Bakayev. Só depois de seis meses Ñédov decidiu retirar aqueles pedaços, colá-los, fundi-los em metal branco e, por meio de uma empreiteira, mandou a estátua para fora da área.

A busca e captura do romance começaram em ITK-2. Houve uma busca geral na área da sala. Eles não o encontraram. Um dia Ñédov decidiu se vingar: com o *granito* de Tevekelián *não se derrete* ^[kg] acomodou-se em uma noite, fingindo que estava se abrigando do quarto (pediu aos meninos que o cobrissem, com pomo na frente), mas olhando pela janela. Logo eles estavam com a ponta. Três guardas entraram correndo (e um quarto, do lado de fora, olhava pela janela para ver quem estava passando). Apreendida! Eles levaram para a sala dos guardas, colocaram no cofre. O guardião Chíz hik, com as mãos ao lado do corpo, com um enorme molho de chaves: "Já encontramos o livro! Agora você está indo para a enseada! " Mas pela manhã um oficial olhou para ele: «Bah, burros ...! Você já está devolvendo.

É assim que os reclusos lêem um livro «aprovado pelo Partido e pelo Governo» ...!

Na declaração do Governo Soviético de Dezembro de 1964 afirma-se: «Os culpados de crimes monstruosos em nenhum caso e sob nenhum pretexto

devem escapar ao seu justo castigo ... Os crimes dos assassinos fascistas, que tentaram aniquilar para cidades inteiras ».

Isso para que o FRG não pudesse aplicar a receita, após vinte anos.

Só para processar a *si próprios*, há pouca vontade, com tudo e que “tentaram aniquilar aldeias inteiras”.

Muitos artigos são publicados aqui sobre a importância de punir criminosos alemães fugitivos. Existem até especialistas em tais artigos, por exemplo Lev Ginsburg. Ele escreve (dizem eles para sublinhar a analogia): que preparação moral os nazistas tomaram para fazer com que o assassinato em massa parecesse normal e ético para eles? Agora os legisladores se escondem atrás do fato de que não foram eles que executaram as sentenças! E os executores, visto que não foram eles que promulgaram as leis!

Que familiaridade ... Acabamos de ler para os nossos *pilotos*: «A permanência dos detidos é por motivos ou por sentença ... Os funcionários não sabiam porque cada um estava preso».

Bem, você tinha que *descobrir*, se você é gente! É exatamente por isso que vocês são criminosos, porque não tinham consideração cívica nem humana para com os homens que protegiam. Ou os nazistas não tinham *regulamentos*? Ou os nazistas não acreditavam que estavam salvando a raça ariana?

Pois bem, e os nossos juízes de instrução não vão enrubescer (já não vão enrubescer) ao responder: e porque é que os reclusos se acusaram? Que eles teriam se mantido firmes quando os torturamos! E por que os reclamantes relataram fatos falsos? Se contássemos com eles como testemunhos responsáveis!

Houve uma breve temporada em que eles ficaram alarmados. O referido VN Ilyin (ex-brigadeiro-general MVD) disse sobre Stolbunovski (juiz de instrução do General Gorbátov, ele mencionou em suas memórias): «Ai de mim. oh, oh, que mal feito! Agora o pobre homem tem problemas. Agora que ele se sente bem aposentado! » Bem, e por isso mesmo, AF Zájrova pegou a caneta , tinha medo de que logo fizessem com todos; e do Capitão Lijoshorstov, a quem Diakov tinha "caluniado", escreveu com ardor: "Ainda hoje é capitão, secretário de célula do Partido (!), *tem um cargo* na agricultura. E imagine como é difícil para ele *trabalhar* agora que escrevem essas coisas sobre ele! Fala-se que Lijoshórstov vai *funcionar*, e

^[12] *quase quase* arquivar! O que eu fiz? Felizmente, se são apenas fofoca, mas a possibilidade de que tenham essa ocorrência não está excluída . Isso

certamente causará furor entre os colaboradores do MOP. Arquivar por *ter cumprido todas as instruções dadas por seus superiores?* E agora que ele responde por quem deu essas indicações? Isso é bom! É culpa do switchman! "

Mas a comoção acabou logo. Não, você não terá ninguém para *responder*. Eles não *funcionarão* para ninguém.

Talvez aqui e ali os templates tenham sido um pouco reduzidos , mas vamos esperar um pouco, e eles serão ampliados! Por ora, os gebistas que ainda não tinham se aposentado, ou que precisavam pagar suas pensões, tornaram-se escritores, jornalistas, editores, palestrantes anti-religiosos, funcionários ideológicos, alguns diretores de empresas. Depois de trocar as luvas, eles continuarão a nos orientar como antes. E mais seguro assim. (E quem quiser viver aposentado, aproveite a pensão. Por exemplo, o tenente-coronel aposentado Judrenko. Seu tenente- coronel, uma boa formatura! Ele comandou um batalhão? Não, em 1938 ele começou como um simples guarda, resistiu força mangueira de alimentação).

E quando o arquivo negociado, sem pressa, está classificando e destruindo todos os documentos comprometedores: listas de ordens executadas de Shizo e BUR, materiais processos concentracionarios, bufo bufo, dados sobre os funcionários prático e as tropas de escolta. E até no Setor de Saúde, e na Administração , em todo lugar pode haver muitos papéis, muitos vestígios ...

*(...) Chegaremos em silêncio ao banquete.
Já na vida incorremos em seu desfavor
E agora que estamos quietos e mortos
Mesmo morto e assustamos todos vocês.*

(VICTORIA G., del Kolyma)

Dez dólares ousados: é verdade, o tempo todo é o switchman. Mas e o Serviço de Movimento? E *mais alto do* que os guardas, funcionários práticos e instrutores? Aqueles que só mexeram o dedo indicador? Aqueles que apenas algumas palavras da tribuna ...

Novamente, como foi? - «Os culpados de crimes monstruosos ... sem pretexto ... apenas castigo ... não admitem qualquer comparação ... tentaram aniquilar povos *inteiros* ... »

Chsst! Chsst! Precisamente por esta razão, em agosto de 1965, da plataforma de uma Conferência Ideológica (uma conferência secreta sobre a

Direção de nossas mentes) foi proclamado: "*É hora de restabelecer o conceito útil e justificado do inimigo do povo!*"

II

Os governantes mudam, o arquipélago permanece

É preciso pensar que os Campos Especiais eram os filhos favoritos da inteligência tardia de Stalin. Depois de tantas provas pedagógicas e punitivas, nasceu finalmente esta perfeição madura: esta organização uniforme, numerada, articulada, psicologicamente já segregada do corpo da pátria-mãe, com entrada, mas sem saída, consumindo apenas inimigos, produzindo apenas mercadoria e cadáveres. É difícil até imaginar a dor do artista que o Grande Timoneiro teria experimentado, para testemunhar o fracasso também deste grande sistema de sua criação. Já sob ele havia estremecimentos, erupções de fogo, rachaduras, mas provavelmente ele não tinha sido informado por prudência. O sistema dos Campos Especiais, a princípio inerte, estacionário, pouco ameaçador, estava em processo de aquecimento interno, e em poucos anos passou ao estado de lava derretida. Se o Coripheus tivesse vivido mais um ano e meio, não haveria como esconder essas explosões dele, e sua velha mente cansada teria sido sobrecarregada com outra nova decisão: desistir de sua ideia amada e recompor o campos, ou ao contrário, culminam com a execução sistemática de todos os milhares numerados.

Mas, amargamente lamentado, o Pensador morreu algum tempo antes. E quando morreu, logo levou consigo com a mão já rígida, também sua cúmplice ainda rosada, ainda cheia de força e energia, o ministro daquele vasto interior confuso e insolúvel.

E a queda do Chefe do Arquipélago acelerou tragicamente a decomposição dos Campos Especiais. (Que erro histórico irreparável! Existe o direito de estripar o Ministro do Interior! Existe o direito de manchar as dragonas azul-celeste?!)

A grande descoberta da ciência prisional do século xx , os patches de número, foram rapidamente arrancados, encurralados e esquecidos! Só com isso, os Campos Especiais perderam sua severa uniformidade. E o que dizer, se as grades das janelas do quartel e as fechaduras das portas também fossem removidas , de modo que os Especiais perdessem suas belas características de prisão que os distinguiam dos ITLs. (Com as grades, é claro que correram! Mas não demoraram muito , tiveram que ser destacadas por algum tempo!) Foi uma pena, mas a pedra BUR de Ekibastuz, que resistiu aos amotinados, agora ele foi oficialmente abatido ... ^[13] E o que vamos dizer, se eles libertaram repentinamente os austríacos, húngaros, poloneses, romenos dos campos especiais sem qualquer consideração por seus crimes negros, suas sentenças de 15 e 25 anos, minando assim olhos dos reclusos toda a seriedade das sentenças. E as limitações de correspondência foram levantadas , somente graças ao que os habitantes dos Especiais se sentiram realmente mortos em vida. E até autorizaram visitas! Que horror, visitas ...! (E mesmo no amotinado Kenguir eles construíram casinhas especiais para eles). O liberalismo desenfreado inundou o que haviam sido Campos Especiais a tal ponto que os presos foram autorizados a usar penteados (e as painéis de alumínio na cozinha começaram a desaparecer para se tornarem pentes de alumínio). E ao invés de contas pessoais e títulos de campo, os indígenas foram autorizados a ter dinheiro normal em mãos e pagar com ele, como se fossem pessoas comuns.

Descuidadamente, eles destruíram inesperadamente o sistema do qual eles próprios comiam, o sistema que eles vinham tecendo, amarrando e aparafusando por décadas!

E esses criminosos inveterados, pelo menos apreciavam tantas vantagens? Não! Ao contrário! Mostrando sua malícia e ingratidão, eles adotaram o termo profundo e impreciso, ofensivo e absurdo "Berians", e agora sempre que algo não os agradava, eles jogavam na cara de seus acompanhantes conscienciosos e seus guardas pacientes. , bem como seus tutores solícitos, os gerentes dos campos. Isso não foi apenas mortificante para os Oficiais Práticos, mas imediatamente após a queda de Beria, foi até perigoso, porque poderia ser tomado como o ponto de partida de uma acusação.

E assim, a cabeça de um dos *Kenguir* r lagpunkts (já purificados de amotinados e concluídos com de Ekibastuz) foi forçado a dirigir-se da tribuna nestes termos: 'Boys! (Nestes breves anos, entre 54 e 56 anos, eles

descobriram que era possível chamar os detidos de "meninos"). Você ofende o pessoal da segurança com seus gritos de "Berian"! Eu imploro que você pare de fazer isso. Ao que o pequeno VG Vlasov tomou a palavra e respondeu: «Já faz alguns meses que você está ofendido. Por outro lado, não ouvi nada além de "fascista" de sua equipe por 18 anos . Isso não nos ofende? " E o major prometeu cortar o nome de "fascistas". Tanto para ambos.

Depois de todas essas reformas destrutivas malfadadas, a história separada dos Campos Especiais pode ser considerada como encerrada em 1954 e, posteriormente, para não distingui-los dos ITLs.

Com todo o arquipélago virado de cabeça para baixo, entre 1954 e 1956 foi um momento privilegiado, uma era de indulgência sem precedentes, talvez o tempo mais livre do Arquipélago, se os crimes comuns *domzaks* da década de 1920 são não contados .

Regulação após regulação, inspetor após inspetor ficava acordado para espalhar o liberalismo ainda mais generosamente nos campos. Eles impediram as mulheres de derrubar árvores! "Sim, descobriu-se que a extração de madeira era supostamente difícil demais para as mulheres (embora trinta anos consecutivos provassem amplamente que não era nada difícil)." Eles restabeleceram a liberdade condicional para aqueles que haviam cumprido dois terços de sua pena. Em todos os acampamentos começaram a pagar dinheiro e os reclusos correram para as cantinas, e essas cantinas não tinham limitações disciplinares razoáveis e, com a amplitude das dispensas de escolta, que limitações poderiam ter? Se com esse dinheiro o prisioneiro pudesse até fazer compras na cidade. Em todos os quartéis instalaram a rádio, saturaram-nos de jornais, quadros de avisos e nomearam propagandistas para cada equipa. Camaradas palestrantes (coronéis!) Vieram falar aos presos sobre vários assuntos - até sobre a distorção da História por Alexis Tolstoi - mas não foi tão fácil para as autoridades reunir público, não foi possível. métodos indiretos de sugestão e persuasão eram necessários. E os reunidos conversavam sobre suas coisas e não ouviam os palestrantes. Eles autorizaram os presos a fazerem empréstimos, mas com exceção dos bem pensados, ninguém gostou desse detalhe, e os educadores tiveram que literalmente puxar cada um pelo braço em direção à folha de assinatura, para mal conseguir dez rublos (de Khrushchev, um) Aos domingos organizavam noites conjuntas nas áreas masculinas e femininas, iam de boa vontade, até compravam gravatas nas cantinas.

Ressuscitaram muitas coisas do livro dourado do Arquipélago, como aquela abnegação e iniciativa própria que exibiu na época dos Grandes Canais. Foram criados "Sovietes de Ativistas", com seções de formação e produção, cultura de massa, previdência, além de um comitê municipal do Partido, e com a missão principal de lutar pela produtividade do trabalho e pela disciplina. Recriaram "tribunais de camaradas", com direito a voto nas repressões públicas, a impor multas e a solicitar a passagem a um regime mais severo ou a não aplicação de *dois terços*.

Essas medidas, em sua época, deram bons resultados à Superioridade, mas isso foi em campos que não passaram pela escola de esfaqueamentos e motins dos Campos Especiais. Por outro lado, agora, tudo era muito simples: o primeiro presidente soviético (Kenguir) foi esfaqueado, o segundo foi espancado, e ninguém queria ir para o soviete dos ativistas. (O capitão da fragata Burkovski estava trabalhando no Soviete de Ativistas, trabalhando conscienciosamente e em princípio, mas com grande prudência, recebendo constantemente ameaças de facadas, e ele foi às assembléias de uma equipe de Benderistas para ouvir críticas de seu Atividades).

Mas os golpes implacáveis do liberalismo continuaram a minar e minar o sistema dos campos de concentração. Criou o " regime atenuado dos *lagpunkts* " (era um em cima do Kenguir!): Essencialmente reduziu para dormir na área, porque a obra está indo sem escolta por qualquer caminho a qualquer momento (com o qual todos procuraram o mais rápido possível e volte o mais tarde possível). Aos domingos, um terço dos presos tinha permissão para ir à cidade pela manhã, outro terço à tarde e apenas o terço restante não fazia caminhada.^[14]

Que o leitor se coloque no lugar dos chefes dos acampamentos e diga se nessas condições foi possível *trabalhar* e que sucessos poderiam ser esperados.

Um oficial do MVD, que conhecemos em um trem pela Sibéria em 1962, todo esse tempo de concentração até 1954 assim o descreveu: «Pura libertinagem! Aquele que não quis, nem foi trabalhar. Com o dinheiro, compraram televisores.^[15] Ele tinha memórias muito sombrias daquele período breve e infeliz.

Porque nada de bom pode resultar disso, quando o educador tem que pedir favores ao prisioneiro, sem ter um chicote, um BUR ou uma balança de fome para apoiá-lo!

Mas como se tudo isso ainda não bastasse, eles arrebataram do arquipélago a cabeça da *residência sem área*: os detidos saem da área, assim mesmo, podem ter sua casa e família, recebem seu salário de graça, inteiramente (não são mais retidos para a zona, é colta, autoridades de concentração), e com o campo a única ligação que resta é para vir aqui assinar a cada duas semanas.

Foi o fim ...! O fim do mundo ou o fim do Arquipélago, ou os dois juntos! E, sobretudo, os órgãos jurídicos exaltam esta residência sem zona como a última e mais humana descoberta do regime comunista!^[16]

Depois desses golpes, tudo o que restou, aparentemente, foi suprimir os campos de concentração, e pronto! Desmonte o grande Arquipélago, destrua, disperse e desencoraje centenas de milhares de *funcionários práticos* com suas esposas, filhos e gado doméstico, deixe seus anos de antiguidade, sua graduação, seus irrepreensíveis serviços a nada!

E até parecia ter começado: "Comissões do Supremo Tribunal", ou mais simplesmente "descarregando", chegavam aos campos e, retirando as autoridades locais, reuniam-se no quartel de comando e emitiam ordens de soltura com tão fácil e irresponsável que parecia ser sobre mandados de prisão.

Uma ameaça mortal pairou sobre todo o rebanho de Oficiais Práticos. Algo precisava ser feito! Era preciso *lutar!*

Um de dois aguarda cada evento social importante na URSS: ou será silenciado ou será deturpado. Não consigo me lembrar de um único evento que tenha escapado a esse dilema.

Assim foi com a própria existência do Arquipélago: na maior parte do tempo ele foi silenciado, e quando algo se escreveu sobre ele mentiu: seja na época dos Grandes Canais, seja sobre as comissões de descarga de 1956.

Pois bem, em relação a essas comissões, mesmo sem o hype nos jornais, sem necessidade externa, nos colaboramos para esgueirar alguma mentira sentimental. É isso, como não podemos ser tocados? Estamos acostumados com o fato de que até o advogado de defesa está contra nós, porque aí vem um promotor e ele é a favor! Sofremos pela *liberdade*, sentimos que uma nova vida está começando lá fora, vemos isso até por causa das mudanças nos campos, e de repente uma comissão milagrosa e onipotente, depois de conversar com você por cinco ou dez minutos,

entrega-lhe um passagem de trem e passaporte (para alguém, mesmo com autorização de residência em Moscou)! Pois o que mais senão elogios podem vir de nossos seios enrugados, eternamente frios e roucos de detentos?

Mas se nos elevarmos um pouco acima de nossa alegria transbordante, aquela que corre para encher a mala de viagem com os quatro trapos, é assim que os crimes de Stalin deveriam terminar? Não teria esta comissão que ir antes das fileiras, tirar os chapéus e dizer:

-Irmãos! O Soviete Supremo nos enviou para pedir seu perdão. Durante anos e décadas você castigou aqui sem culpa, enquanto nos reuníamos em salões solenes sob lustres de cristal e não nos lembramos de você nenhuma vez. Aprovamos com submissão todos os decretos desumanos do Canibal, somos cúmplices de seus assassinatos. Portanto, aceite nosso arrependimento tardio, se puder. O portal está aberto, você está livre. Lá, naquele terreno, aviões pousam com remédios, comida e agasalhos para você. Os médicos vêm em aviões.

Em ambos os casos é libertação, mas não servida da mesma forma, nem no mesmo sentido. A comissão de descarregamento é um varredor diligente que vai atrás do vômito de Stalin e o limpa com cuidado, nada mais. Não está lançando novas bases morais para a vida social.

Cito a seguir a opinião de A. Skrípnikova, com a qual concordo plenamente. Os presos, um a um (novamente isolados!), São convocados pela comissão ao escritório. Algumas perguntas sobre o mérito do tribunal de *causa*. Em um tom benevolente, com toda a gentileza, mas eles tendem a fazer o preso *confessar sua culpa* (não o Soviete Supremo, mas novamente o infeliz preso!) Ele tem que ficar em silêncio, ele tem que abaixar a cabeça, ele tem que adotar a atitude de *perdoado*, não perdoando! Em outras palavras, com a atração da liberdade, eles agora estão tirando o que não podiam torturar antes. Para que isso é feito? Bem, é muito importante: você deve voltar em liberdade com o medo em seu corpo! E, no caminho, as atas da comissão revelarão à História que nos campos de concentração havia, fundamentalmente, culpados, que não se animavam tão gordos como dizem. (Talvez tenha havido também um cálculo financeiro: se não houver reabilitação, também não haverá compensação. ^[17] Esta interpretação da libertação também não reventou o próprio sistema de campos de concentração, não obstaculizava a *nova alta* (não serão

interrompidos nem em 1956-57), não resultou em qualquer compromisso de libertá-los também .

E aqueles que, antes da comissão, por orgulho incompreensível, se recusaram a se confessar? Bem, eles os *deixaram gritando*. E não eram poucos. (Mulheres que não se confessaram na Dubrovlag em 1956 foram presas e enviadas para os campos de Kemerovo.)

Skrípnikova conta o seguinte caso. Uma mulher ucraniana ocidental tinha 10 anos por causa do marido guerrilheiro e agora era obrigada a admitir que fora presa pelo marido *bandido*. "Não, eu não vou dizer isso." Diga e você estará livre! Não, não vou. Ele não é bandido, é da OUN ». "Bem, se você não quiser, ainda está aí!" (Soloviov presidiu a comissão). Apenas alguns dias se passam , e seu marido a visita quando volta do Norte. Ele tinha 25 anos, confessou-se facilmente como bandido e foi perdoado. Ele não apreciou a firmeza de sua esposa, mas a atacou com repreensões: «Ter dito que eu sou o próprio diabo, que você viu meus chifres e minha cauda. O que faço agora com a casa e os filhos? »

Lembre-se que Skrípnikova também se recusou a se declarar culpado, permanecendo mais três anos.

Então, até a era da liberdade, ele veio para o arquipélago usando uma bata de promotor.

Mas apesar de tudo, o pânico dos Funcionários Práticos não foi em vão: em 1955-56 houve uma conjunção de estrelas sem precedentes nos céus do Arquipélago. Foram seus anos fatais e poderiam ser seus últimos anos!

Se os homens vestidos com sua autoridade preta e sobrecarregados com as informações completas de seu país, também teriam sido penetrados e impregnados mesmo que fosse sua própria Doutrina, mas sem reservas, sem um "setor privado", desinteressadamente, quando, senão em nestes anos, eles deveriam fazer um balanço, ficar horrorizados e chorar? Quem vai deixar você entrar no "reino do comunismo" com este saco ensanguentado nas costas? Se escorrer, se manchar todo o dorso de vermelho! Eles perderam os políticos, certo, mas quem ganhou milhões de *bens comuns* ? Seriam as relações de produção? Não é a *sociedade*? Não seremos nós mesmos ...? Não vai ser *você*?

Bem, o programa espacial teve que ser gargarejado! Salve a frota de guerra de Sukarno e a guarda de Kwam e Nkrumah para uma ocasião melhor ! Mesmo que fosse para sentar e coçar o pescoço: o que fazer? Por

que nossas leis, as melhores do mundo, são violadas por milhões de nossos cidadãos? O que os faz entrar naquele garlito mortal, e quanto mais insuportável o garlito, mais eles conseguem? E como fazer essa torrente secar? Ou talvez nossas leis não sejam precisas? (E aqui seria bom lembrar a *escola* quebrada, o *campo* abandonado, e muitas coisas que se chamam simplesmente *injustiça*, sem a coisa “social”). E os que já caíram, como trazê-los de volta à vida? Não com a munificência barata da anistia Vorochilov, mas com a revisão humanitária de cada caso, tanto de sua *causa* quanto de sua personalidade.

Bem, e *terminando* o Arquipélago, é correto ou não? Ou é *mesmo para sempre*? Está apodrecendo em nosso corpo há quarenta anos, não é o suficiente?

Bem, parece que não! Não, não é o suficiente! Apertar os rolos do cérebro é preguiçoso, e não há mais nada na alma que soe. Que o arquipélago permaneça mais quarenta anos, cuidemos da barragem de Aswan e da reunificação dos árabes!

Historiadores, estudando o reinado de 10 anos de Nikita Khrushchev, quando as leis físicas a que estávamos acostumados de repente pararam de funcionar, quando os objetos começaram a se mover contra as forças do campo e contra as forças da gravidade, não eles podem estar menos do que surpresos com quantas possibilidades em tão pouco tempo foram concentradas nessas mãos, e como essas possibilidades foram usadas apenas como uma brincadeira, como uma piada, e então casualmente abandonadas. Revestido do maior poder de nossa história depois do de Stalin - já enfraquecido, mas ainda imenso - ele o usou como aquele urso Krylov na clareira da floresta, virando um tronco sem propósito ou lucro. Teve a oportunidade de levar a libertação do país duas, e cinco vezes mais longe e com mais firmeza, mas abandonou-a por diversão, sem entender sua missão, abandonou-a pelo espaço, pelo milho, pelas fitas cubanas, os ultimatos de Berlim, para a perseguição da Igreja, para a divisão dos comitês provinciais, ^[kh] para lutar contra pintores abstratos.

Ele nunca levou nada até o fim, muito menos a causa da liberdade! Que ele teve que ser despedido contra os intelectuais? Nada mais simples. Que com as mãos - que haviam devastado os campos de Stalin - agora era necessário fortalecer esses mesmos campos? Isso foi facilmente alcançado! E *quando*?

Já em 1956 - ano do XX Congresso - foram promulgadas as primeiras disposições restritivas ao regime de concentração! Eles continuaram em 1957, o ano da ascensão de Khrushchev à plenitude do poder indiviso.

Mas o estabelecimento dos Oficiais Práticos ainda não foi satisfeito. E, sentindo a vitória, contra-ataca: não é assim que se pode viver! O sistema de concentração é o suporte do regime soviético e ele desmorona!

Sua principal ação, naturalmente, ocorria nos bastidores, ali em uma mesa de banquete, em uma sala de reatores e em um passeio de barco no palácio, mas essas manobras às vezes transcendiam também no exterior: seja a fala de BI Samsonov em a Plenária do Soviete Supremo (dezembro de 1958): os detidos ", disse ele," vivem *muito bem*, estão tão satisfeitos (!) com sua comida (supõe-se que estejam permanentemente insatisfeitos) ..., são tratados *muito bem*. (E no parlamento que não confessou sua culpa anterior, ninguém, é claro, parou os pés de Samsonov.) Leia o artigo *Um homem atrás das grades* (1960).

E ceder a essa pressão, sem nada examinar, sem parar para pensar que o crime não poderia ter aumentado naqueles cinco anos (e se tivesse aumentado, as causas tinham que ser encontradas no sistema político); sem checar essas novas medidas contra sua própria fé no advento triunfante do comunismo; Sem estudar o assunto em profundidade, sem o ver com os olhos, este czar, que passou "toda a sua vida na estrada", assinou facilmente a encomenda dos pregos com que o andaime foi montado rapidamente ou na sua forma e solidez anteriores.

E tudo isso aconteceu *naquele mesmo* ano de 1961, em que Nikita fez mais um último esforço do cisne para subir na carruagem da liberdade em direção ao céu. Precisamente em 1961 - ano do XXII Congresso - foi promulgado o decreto sobre a pena de morte em campos de concentração "por terror contra os emendados (leia-se, contra os informantes) e contra os vigilantes" (que nunca o fizeram Houve!), E quatro regimes de concentração foram aprovados em uma sessão plenária da Suprema Corte (junho de 1961), não mais Stalinian, mas Khrushchevian.

Ao subir para a tribuna do Congresso para um novo ataque à tirania da prisão de Stalin, Nikita acabara de estabelecer seu próprio sistema, que não tinha nada a invejá-lo. E tudo parecia-lhe sinceramente oportuno e compatível...!

Os campos de concentração de hoje são os campos aprovados pelo Partido na véspera do XXII Congresso. Desde então, eles permanecem os

mesmos.

Não é por seu regime que se diferenciam dos campos de Stalin , mas apenas pela composição dos internos: falta o bilionário Cinquenta e Oito. Mas ainda existem milhões de prisioneiros, e muitos deles permanecem vítimas impotentes de juízes perversos: varridos aqui enquanto o sistema subsistir e se alimentar.

Os governantes mudam, o Arquipélago permanece.

Permanece porque *este* regime político não pode prescindir dela. Ao desmantelar o Arquipélago, ele próprio deixaria de *existir*.

Não existem histórias sem fim. Cada história tem que ser cortada em algum ponto. Na medida de nossas modestas e insuficientes possibilidades, traçamos a história do Arquipélago desde os raios encarnados de sua aurora até a névoa rosa da reabilitação. Com aquele período glorioso de brandura e derrota, às vésperas do novo endurecimento khrushcheviano dos campos e às vésperas de um novo código penal, ponhamos fim à nossa história. Outros historiadores aparecerão, infelizmente conhecendo os campos Khrushchevian e pós- Khrushchevian melhor do que nós .

Bem, e eles já apareceram: são S. Karavanski ^[18] e Anatoli Marchenko. ^[19]

E mais multidão está para sair, porque em breve, muito em breve chegará o momento da publicidade na Rússia! ^[ki]

Por exemplo, o livro de Marchenko encolhe em dor e horror ao coração sofredor de um ex-prisioneiro. E em sua descrição do sistema prisional atual, ele nos apresenta uma prisão ainda mais New Kind do que aquela que nossas testemunhas nos contam. Ficamos sabendo que a Trompa, a segunda trompa do regime carcerário (cf. I parte, cap. 12), subiu ainda mais em linha reta, cravou-se ainda mais no pescoço do prisioneiro. Ao comparar os dois edifícios da catedral de Vladimir, o czarista e o soviético, Marchenko explica tangivelmente onde a analogia com o período czarista da história russa é interrompida: a construção dos czares é seca e quente, o Húmidas e frias soviéticas (*na cela as orelhas congelam!* E nunca tiram os casacos), as janelas czaristas foram reduzidas *a um quarto* pelos tijolos soviéticos , e não se esqueçam dos focinhos!

No entanto, Marchenko descreve apenas Dubrovlag, onde os políticos de todo o país estão agora concentrados. Por outro lado, materiais sobre os bens comuns chegaram às minhas mãos, de vários lugares, e estou em dívida com os autores dessas cartas, não devo ficar calado. E estou em dívida, em geral, com os comuns: dediquei pouco espaço a eles neste livro que está se encerrando.

Portanto, tentarei expor o que sei sobre a situação nos campos atuais.

Bem, quais "campos"? Não há mais *campos*, esta é a novidade muito importante dos anos Khrushchevian! Já nos libertamos dessa herança hedionda de Stalin! Eles deram uma lebre para o gato, e em vez de campos de concentração, agora temos ... *colônias* (metrópoles-colônias, os indígenas vivem nas colônias, bom, é assim que deve ser, né?). E conseqüentemente, não existe mais GULAG, mas GUITK (aliás, o leitor vai se lembrar que houve um tempo em que se chamava assim, nada de novo debaixo do sol). Se acrescentarmos que agora também não temos MVD, mas antes MOP, temos de reconhecer que as bases da legalidade estão [\[vinte\]](#) firmemente estabelecidas e não há razão para escandalizar.

Pois bem, os regimes introduzidos desde o verão de 1961 são os seguintes: *geral-reforçado-severo-especial* (sem "especial" não podemos desde 1922) ... A escolha do regime é feita pelo tribunal que dita a sentença "tendo em conta o caráter e a gravidade do crime, bem como (acredite!) a personalidade do criminoso. Mas de forma mais resumida e simples, as sessões plenárias dos supremos tribunais de cada República elaboraram listas de artigos dos códigos penais, nas quais é imediatamente claro onde colocar cada um. Isso para o futuro, para as novas frases. Mas e quanto à população viva do Arquipélago, que a reforma khrushcheviana nas vésperas do Congresso surpreendeu no Arquipélago, numa "residência sem zona", isenta de escolta e em regime atenuado? Estes eram "estudados" pelos tribunais populares locais de acordo com as listas de artigos (bem, e talvez também os esforços dos comissários locais) e os distribuíam pelos quatro [\[vinte e um\]](#) regimes.

Esses ziguezagues são tão fáceis e divertidos na casa do leme! Leme para bombordo noventa graus! Leme a estibordo noventa graus! Mas como as costelas ficam no porão escuro e silencioso? Há 3-4 anos diziam: fundar famílias, fazer casas, crescer e multiplicar, porque a aurora do comunismo já está iluminando você! Desde então, você não fez nada de errado e, de

repente, latindo de cães, cordões rudes de guardas, rolar por arquivos e sua família ficar em casa pela metade, enquanto você é conduzido para trás de uma cerca nova. Cidadão-chefe, e o bom comportamento ...? Cidadão chefe e trabalho eficiente ... ? » Maldito seja o seu bom comportamento! Maldito seja o seu trabalho eficiente ...!

O que, que outra administração responsável na terra permite tal oscilação e salto de carpa? No máximo, algum estado africano nascente ...

Que ideia governou a reforma de 1961 - real, não para a galeria (para a galeria, era "conseguir uma emenda melhor")? Creio que o seguinte: privar o recluso de independência material e pessoal, insuportável para os Funcionários Práticos, colocá-lo numa situação em que o movimento de um único dedo do Funcionário Prático afecte o seu estômago, ou seja, torna o recluso totalmente controlado e submetido. Para isso foi necessário: abolir a dispensa de escolta massiva (a vida mais natural para quem coloniza terras silvestres!), Prender todos da região, tornar insuficiente a alimentação básica, cortar suas fontes auxiliares: salários e pacotes .

E o *pacote*, em um campo de concentração, não é só comida. É uma exultação moral, é uma alegria transbordante, as mãos tremem: eles não se esqueceram de você, você não está só, eles pensam em você! Nas prisões-Campos Especiais podíamos receber encomendas em quantidade ilimitada (o peso, 8 quilos, era uma limitação geral dos Correios). Embora nem todos os recebessem, longe disso, e com irregularidade, isso necessariamente elevava o nível *geral* de alimentação no campo, não houve essa luta de morte. Agora foi imposta uma limitação de peso nas embalagens - 5 quilos - e uma balança rígida: por ano, não mais que seis-quatro-três-duas embalagens, dependendo do regime! Ou seja, no regime geral mais favorável, pode-se receber cinco quilos a cada dois meses, o que inclui a embalagem e, talvez, algumas roupas, ou seja, menos de 2 quilos por mês de *todos os tipos* de alimentos! E em regime especial, 600 gramas por mês ...

E se pelo menos eles deram ...! Mas mesmo essa miséria dos pacotes só é permitida para aqueles que já cumpriram *mais da metade da pena*. E não tem "falhas" (por favor o comissário, e o educador, e o guarda, e o gato do guarda!) E não menos que 100% do plano de produção! E que não deixe de participar da "vida social" da colônia (naqueles concertos sórdidos que Marchenko descreve; naquelas espartículas forçadas, em que os atletas caem por fraqueza; ou, pior, auxiliar do pessoal de vigilância).

Você vai se engasgar com esse pacote! Por aquela caixinha, recolhida pelos próprios familiares, eles exigem a tua alma!

Leitor, acorde! A *história* que fizemos, encerramos a história. Isso acontece *agora, hoje*, quando nossos supermercados estão transbordando (pelo menos na capital), quando respondemos com sinceridade aos estrangeiros que a cidade não está mais com fome. Pois bem, os nossos compatriotas que deram um mau passo (ou que muitas vezes *não são culpados de nada*, o leitor já deve estar convencido do que é capaz a nossa administração de justiça!), Assim *os reeducam para sair da fome* ! Nos sonhos, venha, papai !

(Notemos também que a arbitrariedade dos mestres da concentração não tem limites, não tem controle. Alguns parentes ingênuos enviam impressos ou amostras —com jornais ou remédios—. Bem, eles os contam como um pacote postal! Acontece com muita frequência, eu entendo. eles escrevem de vários lugares. O chefe do regime funciona como um robô com um olho eletrônico: um! E o pacote que chega a seguir é devolvido ao remetente).

Também é monitorado cuidadosamente para que o zeko não perca um grama de alimento nas visitas! Os guardas colocaram sua honra e experiência em não tolerar isso. Para fazer isso, as *mulheres livres* que chegam, elas *registram, sentem antes da visita!* (A Constituição não proíbe, né?! Bom, se ele não quiser, deixa ele ir, sem ver).

De forma ainda mais sólida, a passagem para a colônia dos *rendimentos monetários* é proibida : *por* mais que os parentes voltem, tudo isso fica registrado na conta pessoal "até a liberação" (ou seja, o Estado toma emprestado do zeko sem juros por 10 e 25 anos). E não importa quanto *o prisioneiro ganhe*, ele também não verá esse dinheiro.

O *autofinanciamento* funciona da seguinte forma: o trabalho do preso é avaliado em 70% do salário correspondente de uma pessoa livre (e por quê? A produção deles tem cheiro diferente? Se acontecesse no Ocidente, seria chamado de exploração e discriminação). Do restante, 50% é descontado em benefício da colônia (para manutenção da área, Práticas Oficiais e cães). Do resto, é descontado para alimentação e uniforme (podemos imaginar quanto vai a balanda de cabeças de peixe). E o último remanescente é registrado na conta pessoal "até a liberação". Quanto aos gastos na *cantina* do país , é autorizado por mês, de acordo com o esquema: 10-7-5-3 rublos. (Mas de Kalikatki, província de Ryazan, reclamam que

com todos os descontos, as pessoas não ficam nem com esses 5 rublos, porque a cantina não chega). E esses são os dados do jornal estatal *Izvestia* (ainda da boa época, março de 1960, e com rublos ainda baratos, de Stalin): a jovem de Leningrado Irma Pápina, que machucou todos os dedos ao tirar a poeira da terra, carregando pedras, descarregando carroças, derrubando árvores, ele ganhava ... 10 rublos por mês.

Mas depois vem a "formalização disciplinar " da cantina, que se combina com a indiferença dos vendedores. Por essa propriedade de virar tudo o que tem o regime *colonial* (será agora o certo a fazer em vez de "concentrador"? Lingüística, sim ou não, se as próprias ilhas foram rebatizadas de *colônias ...?*), A cantina-benefício torna-se um castigo-cantil, no ponto fraco do prisioneiro, onde o entregam. Quase em todas as cartas, das colônias da Sibéria ou de Arkhangelsk, eles escrevem: com a cantina você pune! Ele se priva de um cantil para a menor ofensa. Um, por ter se atrasado três minutos para sair da cama, ficou três meses sem cantina (os zeks chamam de "soco na barriga"). Outro não havia terminado de escrever a carta para a vigília noturna, um mês sem cantil. Lá, eles se privam de uma cantina "porque têm uma língua comprida". E da colônia de regime severo de Ust-Vym escrevem: «Dia que passa, uma série de ordens de privação de cantina são emitidas, por um mês, por dois, por três. Um em cada quatro está sujo. Ou se não, na administração se esqueceram de te inscrever neste mês, saltaram da lista, porque isso já está perdido ». (Outra coisa se eles não o colocarem na masmorra no mesmo dia: isso nunca será perdido.)

Um velho Zeko pode não ficar tão impressionado: traços usuais de despotismo.

Eles também escrevem: «Você pode receber dois rublos adicionais por mês para obter *sucesso no emprego*. Mas para obtê-los, você tem que ter feito um heroísmo na produção.

Pense em como o trabalho é altamente valorizado em nosso país: para sucessos marcantes no trabalho, dois rublos por mês!

E também se lembram de uma história de Norilsk, verdade que a partir de 1957, ainda sob a abençoada trégua: alguns zeks desconhecidos comeram o cachorro favorito do qualificado Voronin, e como punição, todo o campo ficou sete meses (!) "Sem remuneração".

Muito próprio, muito daqui.

O historiador marxista responderá: é um caso anedótico, por que mencioná-lo? Mas faltas, você mesmo disse, você só tem uma em quatro.

Então, comporte-se de maneira exemplar e, mesmo sob um regime severo, você tem seguro de três rublos por mês, quase um quilo de manteiga!

Esperançosamente! Ou seja, este historiador teve sorte com sua "loteria"^[kj] (bem, e ele escreveu artigos muito afinados), e ele não esteve em um campo. Ainda bem que a cantina tem pão, bala barata e margarina. Porque senão, haverá pão 2-3 vezes por mês. E doces, só caros. Que manteiga, que açúcar! Se o vendedor for diligente (mas não será), sempre há Superioridade para *indicá-lo*. Pó de dente, pasta, escovas, sabonete, envelopes (e não em todo lugar, e agora papel de carta, nunca, nele escrevem recursos!), Cigarros caros, é o sortimento da cantina. E não se esqueça, caro leitor, que não é como aquelas cantinas comuns, que abrem o balcão todas as manhãs, e onde se compra hoje por 20 copeques e amanhã por 20 copeques, não! Aqui está: essa cantina abre dois dias por mês, você fica na fila três horas, e quando você entra (seus colegas no corredor te apressam), pega seus rublos de uma vez, porque você não os tem em mãos esses rublos, mas você tem tanto na lista, tanto que fica de uma vez: leva dez maços de cigarro, leva quatro cartuchos de macarrão!

E o pobre Zeko fica com a *norma*, sua norma colonial de indígenas (e a colônia pode estar no Círculo Polar): pão, 700 g, açúcar, 13, gordura, 19, carne, 50, peixe, 85. (;; Mas são apenas figuras! Tanto a carne como o peixe chegarão em tal estado que vão cortar a metade e jogar fora). São figuras, mas não podem estar ali, nunca estão. Eles descrevem sua balanda em Ust-Nera assim: "uma bagunça que nem mesmo os porcos de um kolkhoz iriam querer". Em Norilsk: "A magara e o farelo ainda reinam até hoje." E tem também a mesa da disciplina: 400 g de pão e uma vez ao dia um prato quente.

Certamente, no Norte, para aqueles "engajados em um trabalho especialmente árduo", eles dão uma certa alimentação complementar. Mas já conhecendo as ilhas, já sabemos que ainda temos que entrar nessa lista (nem tudo difícil é "especialmente difícil"), e que a "grande porção" mata ... O caso de Pichugin: "Enquanto servia, lavei os meus 40 kg de ouro por temporada, eu carregava 700 ou 800 travessas nas costas em um dia, mas no meu décimo terceiro ano de reclusão eu estava incapacitado, e eles me colocaram em uma dieta *reduzida* ». Um homem como ele tem o estômago encolhido, pergunta ele?

Mas faremos outra pergunta: esse Pichugin, sozinho, com seus quarenta quilos de ouro, quantos diplomatas ele apoiou? Pelo menos a

Embaixada inteira no Nepal! E aí eles não têm um padrão *reduzido*?

De vários lugares eles escrevem: fome geral, sempre mal comida. "Muitos têm úlceras estomacais, tuberculose." (Província de Irkutsk): "Os jovens sofrem de tuberculose , úlceras gástricas." (Província de Ryazan): «Muitos pacientes com tuberculose».

E, claro, é estritamente proibido cozinhar ou assar algo próprio, pois éramos permitidos nos Campos Especiais. Bem, e cozinhar o *que ...?*

Este é o antigo expediente - a fome - graças ao qual foi possível tornar os atuais indígenas absolutamente governáveis.

E além de tudo, *trabalhe*, com padrões aumentados: desde então *a produtividade* (dos músculos humanos) *aumentou*. É verdade que o dia é de 8 horas. As mesmas equipes: o zeko incita o zeko. Pois bem, lá em Ust-Nera não têm nada para fazer: «20 homens vão construir o kolkhoz“ Amistad ”, socam o solo congelado e os restantes 280 estão desempregados». Em Kalikatki é o contrário: eles persuadiram o 2º Grupo de inválidos a sair para trabalhar, prometendo que receberiam "dois terços" de liberação em troca; e aleijados e coxos correram para ocupar os cargos do 3º grupo de inválidos, enviado aos generais. [kk]

Mas se não houver trabalho para todos, mas se a jornada de trabalho for curta, mas se, infelizmente, forem livres aos domingos, se o *trabalho de mágico* não conseguir reeducar esses resíduos, sempre temos outro mágico de reserva , o *regime!*

Eles escrevem de Oymyakon e de Norilsk, do regime especial e do reforçado: todos os seus próprios suéteres, coletes, chapéus, e muito menos casacos, são confiscados! (Isso foi em 1963! O 46º ano da era de outubro!) "Eles não trazem agasalhos e não permitem vestir nada quente sob pena de prisão" (Kraslag, Reshoty). "Eles tiraram tudo de nós, exceto nossa roupa íntima. Eles nos deram: uma camiseta de algodão, uma pele de carneiro, um casaco de lã, um chapéu Stalin sem pele. Isso é em Indiguirka, distrito de Oymyakon, onde um dia recebe alta com 51º abaixo de zero ».

É verdade, como podemos esquecer? Depois da Fome, qual é a melhor coisa para governar um ser vivo? Bem, o frio, é claro. O frio.

Particularmente educacional é o *espe*, o regime especial, onde existem «OORes e idosos», como diz o novo ditado nos campos (OOR, *Osobo-Opasny Reincidente*, Especialmente Perigoso Recidivista, é um rótulo colocado pelo tribunal local. [22] Em primeiro lugar, eles introduziram trapos

listrados: um chapéu de "casinha" e jaquetas e shorts listrados em tons de azul e branco, como tecido de colchão. Isso foi inventado por nossos pensadores da prisão, os juristas da Nova Sociedade, eles o inventaram na quinta década de outubro! Dois terços do século 20 ! No limiar do comunismo! Vista seus criminosos como palhaços! (Em todas as cartas se nota que essas listras, ainda mais do que a fome, o frio e o resto do regime, mortificaram e feriram os vinte e cinco anos de hoje).

Mais sobre o regime *especial*: quartéis com portões e cadeados; quartéis que apodrecem, em vez disso um grande BUR de tijolo é construído (embora, exceto para o *apito* ^[kl] em campo não sobraram faltas: não há vozes, nem brigas, nem mesmo letras). Na área, os deslocamentos são filas, e que estão impecáveis, senão não deixam entrar, não deixam sair. Se um diretor descobre um deles fumando, ele joga sua figura obesa na vítima, derruba-a, arranca sua bunda e o arrasta para a masmorra. Se não foi levado para o trabalho, não pense em deitar para descansar: veja sua cama como uma peça de museu, e não toque nela até o banheiro. Em junho de 1963, foi emitida a ordem de capinar toda a grama ao redor do quartel, para que eles nem sequer ficassem ali. E onde ainda há grama, colocam uma prancha com o aviso: proibido deitar (província de Irkutsk).

Meu Deus, como me parece familiar! Onde nós lemos isso? Onde acabamos de ouvir sobre campos como esses? Podem ser os Campos Especiais de Beria? *Espera espera ...*

Regime especial perto de Solikamsk: "Ao menor ruído, eles colocam o cano de uma submetralhadora à vista."

E, claro, qualquer lugar se encaixa em qualquer arbitrariedade nas masmorras SHIZO. Eles contrataram I. para carregar um caminhão de placas (cada 128 kg) sozinho. Ele se recusou. Eles deram a ele 7 dias.

Em um campo na Mordóvia em 1964, um jovem prisioneiro soube que aparentemente em Genebra e aparentemente em 1955 um acordo foi assinado proibindo o trabalho forçado em locais de detenção, e ele se recusou a trabalhar! Por sua explosão, ele recebeu 6 meses de solitária.

Isso tudo é *genocídio*, escreve Karavanski.

E o Partido Trabalhista de esquerda vai dar outro nome? (Meu Deus, não mexa com o Partido Trabalhista! Se eles não gostam de você, adeus à sua reputação ...!)

Mas por que todas as tintas pretas e pretas? Para compensar, ouçamos o regime processar um jovem Oficial Prático, recém-saído da Academia do

MVD de Tavda (1962): «Antes (1961) havia até dez guardas nas conferências, e eles não podiam trazer a ordem. Agora você ouve uma mosca voar, eles se silenciam. Eles têm medo de serem transferidos para um regime mais severo. Ficou muito mais fácil *trabalhar*, especialmente desde o decreto (de execução). Já *aplicamos* isso a alguns deles. Caso contrário, iam ao posto da guarda com uma facinha: foda-se, matei um porco ... Não tinha como trabalhar ».

Claro, a atmosfera foi purificada . O professor da escola colonial também o confirma: «Por uma risadinha numa aula de formação política, privam-se de liberdade condicional. Mas, se você for um *ativista*, já pode ser tão rude quanto quiser: desde que cuide para que outra pessoa atire uma bituca de cigarro, tire o chapéu, você terá um trabalho mais fácil e um relatório melhor, e eles vão te ajudar mais tarde com o autorização de residência".

O Soviete do Coletivo, a Seção de Ordem Interna são algo como milicianos, eles usam braçadeiras vermelhas: não perca uma falta! *Ajude os guardas!* E o Soviete tem o direito de *pedir punições!* Aqueles que têm um *terceiro artigo* (que se aplicam a eles dois terços) ou *metade*, necessariamente têm que ir para ajudar o SOI, caso contrário, eles não lhe darão liberdade condicional. Quem tem um *item cego* não vai, não precisa dele. IA Alexeyev escreve: "A grande massa prefere a morte lenta, mas esses sovietes e seções não são os alvos."

Em vez disso, começamos a sentir a atmosfera, certo? *Actividades sociais* em um campo de concentração! Com os bons sentimentos que eles desenvolvem (cobismo, delação, rejeição ao próximo)! Eis a escada luminosa que se eleva ao céu da liberdade! Mas como pode ser escorregadio também!

Ouçã como Olukhov (comunista, gerente de armazém, preso por peculato) reclama do I TK-2 de Tiraspol: ele fez um discurso em um comício de produtores exemplares, estava denunciando alguém, “fez um apelo às crianças perdidas do país ao trabalhador homenageado ”, a sala respondeu com aplausos estrondosos. Mas quando ele se sentou em seu banco, um zeko se aproximou dele e disse: “Se seu filho da p..., você tivesse falado assim há dez anos, eu teria enfiado uma faca na mesma galeria. Mas agora as leis não me deixam , por você, gorrino, vão atirar em mim ».

O leitor sente como tudo se relaciona dialeticamente, a unidade das contradições, uma coisa se torna outra? Por um lado, atividades sociais florescentes, por outro, baseiam-se no decreto de execução ? (E o leitor sente o *tempo*? "10 anos atrás", e o homem ainda está aí. Passou um tempo, chegou outro tempo, e ele ainda está lá) ...

Esse mesmo Ólukhov também fala do recluso Isayev, um ex-major (Moldávia, ITK-4). Isayev era "intolerante com os violadores do regime, atacava presos individuais no Soviete Coletivo", isto é, exigia que eles fossem punidos e seus privilégios removidos. E que? «Na noite seguinte, uma fina bota militar de couro desapareceu, uma do par. Ele calçou os sapatos, mas na noite seguinte um sapato também desapareceu. Essas formas baixas de luta são adotadas pelo inimigo de classe em nossos dias ...!

Claro, a vida social é um fenômeno delicado que deve ser administrado de maneira adequada. Porque há casos que corrompem totalmente os detentos, como o de Vania Alexeyev: convocaram uma assembleia geral do campo para as 20 horas. Mas até as dez da noite a orquestra estava tocando, a assembleia não começou e os oficiais estavam sentados no palco. Alexeyev pediu à orquestra para "descansar" e à superioridade para dizer quando seria a assembleia. Resposta: não haverá. Ale Xéyev: nesse caso, nós, os detidos, faremos uma assembleia sozinhos sobre o tema *VIDA E TEMPOS*. Os detidos cochicharam que sim, os policiais escaparam de cena. Alexeyev foi até a tribuna com um caderno e o levou com o culto à personalidade . Mas vários policiais pularam sobre ele, recapturaram a tribuna, desparafusaram as lâmpadas e jogaram no chão os presos que conseguiram subir. Os guardas receberam ordens de prender Alexeyev, mas Alexeyev disse: 'Cidadão, nossos guardas, vocês não são do konsomol? Ouviste dizer que falo a verdade, porque contra quem levanta a mão? Contra a consciência da ideia leninista? ' Eles também teriam prendido a consciência da ideia, mas o Caucasiense Zeks levou Alex Eyev para seu quartel e assim por uma noite o salvou da prisão. Então ele estava na masmorra e, após a masmorra, eles descreveram seu discurso como anti-soviético. O Soviete do Coletivo solicitou à administração que isolasse Alexeyev por meio de propaganda anti-soviética. Com base neste pedido, a administração recorreu ao tribunal popular e Alexeyev foi condenado a 3 anos de *prisão fechada*.

Para uma correta orientação das mentes, as aulas semanais de *formação política*, estabelecidas nas atuais colônias, são muito importantes. Eles são ministrados por líderes de destacamento (200-250 homens), oficiais. Cada vez que um tema for escolhido, vá, por exemplo, o humanismo do nosso regime, a superioridade do nosso sistema, os sucessos da Cuba socialista, a da lança da África colonial. Essas questões entusiasma os indígenas e os ajudam a respeitar mais o regime colonial e a trabalhar melhor. (Claro, às vezes surgem mal-entendidos. De Irkutsk: "Em um campo faminto, eles nos falam sobre a abundância de alimentos no país. Eles nos falam sobre a mecanização em todos os lugares, enquanto na produção vemos apenas picaretas, pás, corrimãos e Fazemos tudo à mão »).
[23]

O rádio também é muito importante, se você souber como usá-lo (não música ou romances de amor, mas programas educacionais). Tudo é dosado por regimes, já que o rádio é o mesmo: de 2-3 horas para o regime especial a todo o dia de transmissão para o regime geral.
[24]

E também há *escolas* (cara, claro! Se os preparamos para a sua re inserção na sociedade!) Só que «tudo se organiza no puro formalismo, é para mostrar ... Os meninos frequentam por medo, a vontade de estudar os leva embora baseado em BUR'; também " os professores livres têm pressa, porque estão vestidos de paletó".

Claro, ver uma mulher viva é um acontecimento muito importante para um detido.

Nem é preciso dizer que uma educação adequada e uma correção, especialmente dos idosos, e principalmente se durar décadas, devem necessariamente basear-se na *divisão dos sexos* introduzida por Stalin e Beria depois da guerra e adotada no Arquipélago como um princípio imutável. . A influência mútua dos sexos, bem como o impulso de melhoria e desenvolvimento, comum a toda a Humanidade, não podem ser aceites no Arquipélago, porque então a vida dos indígenas "pareceria uma estância balnear". E quanto mais nos aproximamos da aurora radiante do comunismo, que já está iluminando metade do céu, com mais insistência é necessário separar os criminosos dos criminosos e somente por meio desse tormento de isolamento e corrigi-los como Deus quis.
[25]

Todo o harmonioso sistema de reeducação colonial, na nossa era da publicidade e dos direitos humanos, está sujeito ao controle da sociedade,

sim, não faltariam mais, as *comissões de observação* (espero que o leitor não as tenha esquecido). Ninguém os suprimiu.

Eles são formados por "entidades locais". Mas, na prática, lá, nos lugares selvagens, naquelas aldeias livres, quem entrará e será admitido nessas comissões, exceto as esposas do governo? É simplesmente um comitê de donas de casa, que faz tudo o que os maridos dizem.

No entanto, em grandes cidades, o sistema às vezes pode dar resultados inesperados. A comunista Galina Petrovna Filíppova foi contratada pelo comitê distrital para fazer parte da comissão de observação da prisão de Odessa. Ela chutou: "O que eu tenho que fazer com os criminosos?" E só por causa da disciplina do partido eles a forçaram a ir. Mas aí, ele se apaixonou! Lá ele viu pessoas, e entre elas, tantos inocentes! E entre eles, tantos arrependidos! Ele imediatamente estabeleceu o sistema de falar com os presos na ausência da administração (ao qual a administração era muito resistente). Alguns zeks olharam para ela com olhos raivosos por meses, então suavizaram. Ela ia para a prisão dois, três e quatro vezes por semana, ficava na prisão até o banheiro, desistia das férias, quem a mandava já estava arrependido. Foi lançada pelas *organizações* para falar sobre os 25 anos (no código essa frase já está abolida, mas as pessoas continuam cumprindo), sobre colocações para libertados, sobre colônias. Acima, ele estava completamente surpreso (o chefe da Diretoria de Locais de Confinamento da RSFSR, um general, garantiu-lhe em 1963 que os jovens de 25 anos *não existiam mais* no país, e o engraçado é que aparentemente *não existiam mesmo ! sa Bia!*), ou informações completas e, em seguida, resistência feroz. Eles começaram a ser cruéis com ela e a tornar sua vida miserável no ministério ucraniano e no partido. Eles também dissolveram toda a sua comissão por meio de seus pedidos escritos.

Pois não atrapalhe os mestres do Arquipélago! Não perturbe os Funcionários Práticos! Você se lembra? Acabamos de aprender com eles mesmos: "*as mesmas pessoas* que trabalhavam naquela época ainda estão trabalhando agora, talvez dez por cento tenham ingressado."

Tudo bem, mas seus sentimentos não mudaram? Não foram penetrados pelo amor por seus infelizes alunos? Todos os jornais e todas as revistas afirmam que sim, penetraram. Não selecionei mais especialmente, mas vamos ouvir o *Turnaya Gazeta Litera* ^[26] passe a palavra ao chefe da colônia:

“É fácil insultar os educadores, mas é muito mais difícil ajudá-los, e já é muito difícil encontrá-los: homens dinâmicos, educados, intelectuais (homem, devem ser intelectuais), dedicados e capazes ... Devemos criar para eles boas condições de vida e de trabalho ... sei como é modesto o seu salário, como é interminável a sua jornada de trabalho »...

Que bom seria terminar aí, pôr fim! Podia-se viver mais pacificamente, entregar-se à arte ou, ainda mais seguro, à ciência, mas aquelas cartas malditas, enrugadas, esfregadas, enviadas "pela manhã" dos campos! E o que eles escrevem, os muito ingratos, daqueles que deixam a saúde por eles em uma jornada interminável de trabalho?

I.: «Você conversa com um educador sobre o seu problema e vê que as suas palavras ricocheteiam no tecido cinza da capa. Involuntariamente, você quer perguntar: "Com licença, como vai sua vaquita?", Em cujo estábulo ele passa mais tempo do que com seus pu pilos. (Kraslag, Reshoty).

L.: «Os mesmos guardas tolos, o chefe do regime, um típico Volkovoi. Você não pode discutir com um ordenança, então você está em uma masmorra ».

Kn.: "Os líderes do destacamento falam conosco em jargão, você só ouve: carniça, bicha, filho da puta ." (Estação Iértsevo).

Kv.: «O chefe do regime, irmão gêmeo daquele Volkovoi, só que não chicoteia, mas dá murros, com olhar de lobo ... O chefe do destacamento é um ex-comissário, que tinha um ladrão furtivo ao seu serviço e lhe pagava cada uma denúncia em narcóticos ... Todos aqueles que espancaram, torturaram e executaram simplesmente se mudaram para outros campos e ocupam posições ligeiramente diferentes. (Província de Irkutsk).

IGP: «Os chefes de colônias, nada mais que subchefes diretos, têm seis. Em todas as obras estão jogando fora os inúteis, porque vêm correndo aqui ... Todos os negados de antes ... continuam trabalhando agora, estão completando os anos da aposentadoria, e também não vão embora. Eles não perderam peso. Eles não tinham os internos, nem os consideram como pessoas ”.

VID: «Em Norilsk, parágrafo 288, não há um " novo ": todos os mesmos berianos. Os que se aposentam, eles se substituem (os que demitiram em 1956) ... Os anos de serviço contam o dobro, têm salários altos, férias longas, boa alimentação. Um ano vale dois, e eles se aposentam aos 35 anos »...

P.: «Temos 12 ou 13 jovens fortes na seção, vestidos com casacos de pele quase até o chão, toucas de cabelo e botas militares de feltro. Por que não podem ir para a mina, para a fábrica, para as terras virgens, e deixar aqui o trabalho para os mais velhos? De jeito nenhum, eles nem serão arrastados até lá com uma corda de barco. Certamente esses drones informaram aos órgãos superiores que z / k são incorrigíveis, porque se um dia houver menos z / k, eles reduzirão seu pessoal.

E, como antes, os presos plantam batatas nos jardins das autoridades, regam, cuidam do gado, fazem móveis para suas casas.

Mas quem está falando a verdade? Em quem eu acredito?, exclama o leitor inexperiente.

Claro, para os jornais! Acredite nos jornais, leitor. Sempre acredite em nossos jornais.

Os enekauvedistas são uma força. E eles nunca cederão voluntariamente. Se eles foram mantidos até 1956, eles continuarão a resistir, eu acho que sim.

Não se trata apenas dos órgãos de reeducação pelo trabalho. E não só do Ministério da Ordem Pública. Já vimos com que boa vontade a imprensa e os deputados os apóiam.

Porque eles são o esqueleto. O esqueleto de muitas coisas.

Mas eles não só têm força, mas também argumentos. Não é tão fácil discutir com eles.

Eu tentei

Ou melhor, nunca o tinha proposto. Mas essas cartas me inspiraram, cartas dos indígenas de hoje que eu não esperava de forma alguma. Os indígenas me perguntaram com esperança: dizer! Defender! Isso humaniza!

E eu, para quem eu conto? Sem contar que não vão querer nem me ouvir ... Se houvesse uma Imprensa livre, ela publicaria a pilha inteira, e já está falado, hey, delibere !

Por outro lado, agora (janeiro de 1964), como peticionário secreto e humilde, ando pelos corredores das instituições, me curvo diante das janelas dos escritórios, sinto os olhares desaprovadores e desconfiados dos soldados de serviço. Como uma honra e uma condescendência, um escritor-publicitário deveria pedir que os muito ocupados estadistas lhe emprestassem seus ouvidos por meia hora!

Mas essa ainda não é a principal dificuldade. A principal dificuldade para mim, como então na reunião de líderes de equipe em Ekibastuz, é do *que estou falando? Em que idioma?*

Tudo que eu realmente penso, conforme exposto neste livro, é perigoso de se dizer e também totalmente inútil.

Significa apenas deixar minha cabeça no silêncio de um escritório interior, sem que a sociedade me ouça, sem os sedentos saberem, e sem ter movido a coisa um milímetro do lugar.

E então como falar? Ao cruzar seus limiões de mármore espelhado, ao subir seus tapetes amorosos, tenho que me agarrar a alguns laços iniciais, a alguns fios de seda que cruzam minha língua, minhas orelhas, minhas pálpebras, e então tudo isso é costurado em os ombros, a pele das costas e a pele da barriga. Devo aceitar pelo menos:

1. Glória ao Partido por todo o passado, presente e futuro! (E, portanto, a política punitiva geral não pode estar errada. Não me atrevo a duvidar da necessidade absoluta do próprio Arquipélago! E não posso afirmar que "a maioria está aí para nada").

2. Os altos funcionários com quem vou falar se entregam às suas posições com abnegação, zelam pelos presos. Não podem ser acusados de insinceridade, frieza, falta de informação (se servem a uma causa com toda a alma, como podem ignorá-la?)

Muito mais suspeitos são os motivos da *minha* intervenção: eu, o que sou? Por que eu, se não tenho obrigação com minha posição? Não tenho eu algum propósito impuro e interessado ...? Por que se envolver, se o Partido já vê tudo sem mim e fará tudo bem sem mim?

Para dar um passo mais difícil, escolho um mês em que os candidatos ao Prêmio Lênin serão propostos, e assim me movo como um peão do passado: quem sabe se ele ainda será uma rainha?

Soviete Supremo da URSS. Comissão de propostas legislativas. Acontece que já se passou mais de um ano dedicado à elaboração de um novo Código de Reeducação pelo Trabalho, ou seja, o código de toda a vida futura do Arquipélago, em vez do código de 1933, em vigor, mas que nunca entrou em vigor. vigor, como se nunca tivesse sido escrito. E agora marcam uma entrevista para mim, para que eu, regressado do Arquipélago, possa apreciar a sua sabedoria e apresentar-lhes o ouropel das minhas ideias.

São oito. Quatro são surpreendentes por causa da juventude: graças a Deus se esses jovens terminaram a faculdade , talvez não. Com que rapidez eles chegam ao poder! Com que liberdade se comportam neste palácio de mármore e *parquete* , onde me permitiram entrar com tantas precauções! O presidente da comissão, Iván Andréyevich Badújin, já maduro, é uma espécie de bem-humorado completo. Parece que se dependesse dele, amanhã liquidaria o Arquipélago. Mas seu papel é o seguinte: durante nossa entrevista, ele se senta de lado e não diz nada. Por outro lado, os mais contundentes são dois velhos! Dois velhos tirados de Griboyedov, o mesmo

*Da batalha de Ochakov
Da conquista da Crimeia,*

esses mesmos, presos, presos no que aprenderam um dia, e tenho certeza que desde 5 de março de 1953 nem sequer viram os jornais, a tal ponto que nada poderia acontecer para modificar suas opiniões! Um deles usa paletó azul e me parece um uniforme de cortesão da época de Catalina, e posso até perceber o vestígio de ter retirado do peito uma estrela prateada , como era a moda na época. Os dois velhos, desde o início, desaprovam-me totalmente e à minha visita, mas decidiram armar-se de paciência.

Quando custa falar é quando você tem muito a dizer. E aqui, além disso, sou costurado, e a cada movimento sinto isso.

Mas, apesar de tudo, preparei um discurso principal, e parece que não deve haver nenhum puxão. Digo-lhes o seguinte: De onde veio o medo (não admito que seja deles) de que o campo corre o risco de se tornar uma SPA, de que se a fome e o frio não dominassem o campo reinaria a felicidade? Peço-lhe, apesar da insuficiência de sua experiência pessoal, imagine a sucessão de privações e punições que constituem propriamente reclusão: a pessoa é privada de seu lugar de origem; morar com alguém que você não quer; não mora com quem quer (família, amigos); ele não vê seus filhos crescerem; Ela é arrancada de seu ambiente habitual, de sua casa, de suas coisas, até mesmo do relógio em seu pulso; seu nome está perdido e desonrado ; é privado de liberdade de movimento; ela também é habitualmente privada de trabalho em sua especialidade; Ela é constantemente submetida a pressões de estranhos, quando não hostis: de outros detidos, com outras experiências de vida, opiniões , costumes; é

privado da influência suavizante do sexo oposto (não falemos de fisiologia); e até mesmo os cuidados médicos que recebe são incomparavelmente inferiores. Como isso o lembra de um resort à beira-mar no Mar Negro? Por que temer tanto o "spa"?

Não, essa ideia não os atinge na testa. Eles não balançaram em suas cadeiras.

Bem, de forma mais ampla: *queremos* devolver esses homens à sociedade? Então, por que os forçamos a viver em pecado? Por que então o conteúdo dos regimes é de humilhar sistematicamente os detidos e exauri-los fisicamente? Que sentido faz para o Estado invalidá-los?

Eu já me livreii disso. E explicam meu erro: imagino mal o *contingente* atual, julgo pelas impressões anteriores, fiquei desatualizado. (É o meu ponto vulnerável: na verdade, não *vejo* quem está agora lá). Para esses recidivantes isolados, tudo o que acabei de listar não é de forma alguma prejudicial. A única coisa que os pode fazer ver razão são precisamente os regimes atuais. (Tira, tira, é competência deles, eles sabem melhor *quem é*). E retribuir à sociedade ...? Sim, claro, sim, claro, os velhos dizem duramente, e você ouve: não, claro, deixe que digam lá, menos problema para nós e para você.

E os regimes? Um dos velhos batalionistas é procurador, o de azul, com a estrela no peito, e os cabelos brancos em mechas ralos, lembra até um pouco Suvorov.

"Já começamos a ver os *resultados* da introdução de regimes severos ."
Em vez de *dois mil assassinatos por ano* (aqui pode-se dizer), ^[km] apenas duas dúzias.

Um número importante, escrevo sem ser visto. Pelo que vejo, este será o principal fruto da visita.

Quem está! Claro, para discutir os regimes, você tem que saber quem está lá! Para isso, são necessárias dezenas de psicólogos e juristas, que vão, que falem livremente com os presos, e aí seja possível discutir. Por outro lado, meus correspondentes de campo, é justamente o que eles não escrevem, por que estão ali e por que seus colegas. ^[27] A parte geral da entrevista acabou, passamos para o especial. Bem, para o comitê está tudo claro de qualquer maneira, eles já decidiram tudo, não precisam de mim de jeito nenhum, a única coisa, a curiosidade de me ver de perto.

Pacotes? Apenas 5 quilos e a escala atual. Proponho pelo menos dobrar a escala e levar os próprios pacotes para oito quilos, «se passar fome! Quem reeduca por causa da fome? ! »

O que eles significam, eles estão com fome? A comissão está unanimemente indignada. *Nós fomos*, e vimos que *os restos de pão são levados do campo para caminhões!* " (Quer dizer, para os porcos dos guardas ...?)

Que faço? Exclamo: «Eles mentem! Isso não pode ser!»? Opa, que dano à língua, costurada sobre o ombro na parte de trás. Eu tenho que jogar o jogo: eles são informados, são sinceros e atenciosos. Mostrar as cartas dos meus zekos? Eles não têm valor para eles, e o papel de carta gasto e amassado na toalha de mesa de veludo vermelho parecerá ridículo e insignificante.

"Mas o Estado não perde absolutamente nada se houver mais pacotes!"

"E *quem* vai se beneficiar com os pacotes?" Eles se opõem a mim. Principalmente as famílias ricas (aqui se usa essa palavra, "rica", necessária para reflexões políticas realistas). Aqueles que roubaram e mantiveram fora. Portanto, com o aumento dos pacotes vamos colocar *as famílias trabalhadoras* em uma situação desfavorável !

Como me cortam, como rasgam os fios! É uma condição básica: os interesses das classes trabalhadoras estão acima de tudo. Se eles estão apenas sentados aqui para trabalhar em camadas .

Bem, eu não sou muito espirituoso! Não consigo encontrar nada para respondê-los. Diga: "Não, eles não me convenceram!" Bem, para eles, plin, o que sou eu, seu chefe, ou o quê?

-A cantina! "Eu contra-ataco!" Onde está o princípio socialista de retribuição? Se você merece, pegue!

"Você tem que construir um fundo de libertação!" Eles param o golpe. Do contrário, ao ser libertado estaria encarregado do Estado.

Os interesses do Estado são primordiais, isso é costurado, aí eu não consigo puxar. E não posso aumentar o salário dos presidiários *às custas do Estado*.

"Mas que eles os tenham gratuitamente todos os domingos, sem falta!"

"Isso está planejado, é o que diz."

"Mas existem dezenas de maneiras de estragar um domingo na área." Especifique não!

—Não podemos regulamentar isso em detalhes em um Código.

A jornada de trabalho é de 8 horas. Sem muita convicção, murmuro algo sobre 7, mas internamente me parece atrevimento: eles não têm 12, não são 10, o que mais eu quero?

—Correspondência significa a inserção do detido na sociedade socialista (que argumentos aprendi a fazer, hein?! Não o limite.

Mas eles não podem revisá-lo novamente. Eles já têm a escala estabelecida, não tão rígida como as que tínhamos ... Eles também me ensinam a escala de visitas, inclusive visitas "pessoais", de três dias; Por outro lado, durante anos não tivemos nenhum, isso parece suportável. A escala dela até me parece lisa, dificilmente me abstenho de elogiá-la.

Estou cansado. Tenho tudo costurado, não dá para mexer em nada. Aqui estou eu demais. Você tem que ir.

E em geral, desta sala iluminada e festiva, destas poltronas, ouvindo sussurros de seus discursos, os campos não parecem mais horríveis, parecem até razoáveis. Olha, eles tiram pão dos caminhões ... Uau, não vou querer libertar aqueles indivíduos hediondos contra a sociedade? Lembrome de uma série de *montes de feno* de ladrões ... Estando fora por dez anos, como posso adivinhar *quem está* lá agora? Nosso rebanho, os políticos, parece que já estamos fora. As nações estão fora ...

O outro velho desagradável quer saber a minha opinião sobre as greves de fome: não vou deixar de aprovar a alimentação da mangueira, se é uma ^[28]ração mais rica que a balanda?

Eu me levanto em minhas patas traseiras e grito para eles sobre o direito do zeko não apenas de fazer greve de fome - seu único meio de defesa - mas até mesmo morrer de fome. Meus argumentos parecem selvagens para eles. Mas estou com tudo costurado: não posso falar da ligação entre a greve de fome e a opinião pública do país.

Saio cansado e derrotado: até tenho algumas dúvidas, mas elas, de jeito nenhum. Eles farão tudo como planejado, e o Soviete Supremo aprovará por unanimidade.

Ministro da Ordem Pública Vadim Stepánovich Tíkunov. Um conto de como? Eu, o miserável condenado S-232, vou ensinar ao Ministro do Interior como manter o Arquipélago ...?

Já na periferia do ministro, todos os coronéis têm cabeça redonda, tez bem branca, mas muito móveis. Começando pela porta do Secretário-Geral,

não há mais portas. Mas há uma imensa vitrine com cortinas de seda franzidas atrás do vidro, através da qual cabem dois cavaleiros de frente, e acontece que um passa por lá para o gabinete do ministro. E à tarde, cabe confortavelmente duzentas pessoas.

O próprio ministro é gordo doentio, sua mandíbula é proeminente, seu rosto é um trapézio que se alarga em direção ao queixo. Durante toda a conversa é estritamente oficial, ele me escuta sem interesse, por obrigação.

E dou a ele o mesmo monólogo sobre o "spa". E novamente aquelas questões gerais: é verdade que nós (ele e eu!) Enfrentamos o problema comum de *emendar* o prisioneiro? (O que penso da "emenda" está na Parte IV). E para que foi a guinada de 1961? Por que esses quatro regimes? E repito coisas chatas, tudo que está escrito neste capítulo, sobre a comida, a cantina, os pacotes, as roupas, o trabalho, as arbitrariedades, a cara dos Oficiais Práticos. (As cartas propriamente ditas nem me atrevi a trazer, para não serem acrescentadas aqui, mas copiei trechos, sem citar os autores). Falo com ele por quarenta minutos ou uma hora, muito tempo, e fico surpreso que ele esteja me ouvindo.

Ele me interrompe, mas para concordar ou discordar imediatamente. Ele não faz objeções devastadoras a mim. Eu esperava uma parede de orgulho, mas é muito mais dúctil. Você concorda com muitas coisas! Ele concorda que o dinheiro para a cantina deve ser aumentado e que deve haver mais embalagens, e que o conteúdo das embalagens não deve ser regulamentado, como faz a Comissão de Propostas (mas isso não depende dele, tudo isso não será decidido pelo Ministério, mas pelo novo Código de Reeducação pelo Trabalho); concorda que cozinham a sua própria comida (só que não há comida); em que a correspondência e os impressos não são limitados (mas isso é um grande fardo para a censura do campo); Também é contrário ao hype do estilo prussiano com *fileiras* o tempo todo (mas seria falta de tato mexer com esses detalhes: a disciplina é fácil de destruir, difícil de estabelecer); Ele concorda que não há motivo para cortar a grama na área (outra coisa é que em Dubrovlag, perto das oficinas mecânicas, vocês teriam visto, pequenos pomares haviam sido feitos, e os torneiros trabalhavam neles a cada parada, a cada um tinha dois ou três metros quadrados de tomate ou pepino, porque o ministro mandou que no ato fosse lavrado e arrasado, e ele se orgulha disso! Eu: "A união do homem com a terra tem um sentido ético". : "Os jardins individuais desenvolvem o instinto da propriedade privada"). O ministro ainda estremece com o quão

horrível foi: da residência "sem zona" voltaram para o campo atrás do arame farpado. (Tenho vergonha de perguntar que posição ele ocupava então e o que ele fez para evitá-lo). E mais: o ministro confessa que a *condição dos presos é agora mais dura do que no tempo de Ivan Denisovich!*

Pois então eu não tenho que convencê-lo de nada! Não há mais nada para falar. (E ele não tem que escrever as propostas de uma pessoa que não ocupa nenhum cargo).

O que eu proponho? Que todo o arquipélago foi libertado para residir sem escolta? Não me atrevo, pura utopia. Bem, e nenhuma questão importante depende de ninguém em particular, vagueia por muitas instituições e não pertence a nenhuma.

Ao contrário, o ministro insiste com certeza: o uniforme listrado para os reincidentes é necessário ("se você soubesse que tipo de gente eles são!"). E das minhas reprovações ao pessoal de vigilância e escolta, ele até se ofende: "Você está confuso, ou tem uma visão particular devido ao fato de sua biografia." Ele me garante que ninguém quer trabalhar como tutor, porque *as vantagens acabaram*. ("Bem, é uma reação popular saudável, se eles não quiserem ir!") Eu gostaria de exclamar, mas os fios de advertência estão sendo puxados de minhas orelhas, de minhas pálpebras, de minha língua. A propósito, eu não caio no momento: *Não se trata* apenas de sargentos e cabos, há tantos oficiais quantos você quiser. Não há escolha a não ser empregar meninos militares. O ministro, ao contrário, me diz que os rudes são os detidos, enquanto a equipe fala com eles com uma correção primorosa.

Quando cartas de zeks insignificantes e as palavras de todo um ministro divergem, a quem emprestar crédito? É muito claro que os internos mentem.

Se ele me cita suas próprias impressões, ele vai para o campo, e eu não. Não quero dar um passeio? Kriukovo, o Dubrovlag. (Pelo simples fato de nomear esses dois de boa vontade, fica claro que são aldeias Potemkin. E o *que* seria? Como inspetor do Ministério? Então eu nem me atreveria a olhar para os prisioneiros ... Eu recusei) ...

O ministro, ao contrário, garante que os presos são insensíveis e não respondem aos cuidados. Você chega a um bairro em Magnitogorsk, pergunta: "Que reclamação eles têm do pessoal?" E com a cabeça do *lagpunkt* na frente deles gritam em coro: "Nenhuma!".

E a seguir o ministro vê "os aspectos admiráveis da emenda prisional":

- o orgulho do turner ao receber um elogio do chefe do *lagpunkt*;
- o orgulho dos internos de que o fruto de seu trabalho (aquecedores) seja para a heroica Cuba;
- o relatório e as eleições do "Soviete de Ordem Interna" do campo;
- a abundância de flores (estaduais) na Dubrovlag.

A principal direção de seus esforços é a criação de uma base industrial para cada campo. O ministro estima que, com o desenvolvimento de empregos interessantes, as evasões vão parar. ^[29] (Minha objeção sobre "a sede de liberdade do homem", ele nem mesmo entendia).

Saí com a convicção cansada de que *não há fim*. Que não mexi em nada nem um fio de cabelo, e continuarão como antes dos escardillos escardillando a grama. Eu marchei atordoado pela diferença de compreensão entre os homens. Nenhum zeko pode entender um ministro até que ele próprio tenha sido entronizado neste cargo, nem um ministro pode entender um zeko até que ele próprio esteja atrás do arame farpado e seu pequeno jardim seja pisoteado e em troca de liberdade propor aprender como um torneiro.

Instituto para o Estudo das Causas do Crime. Foi uma conversa interessante com dois principais intelectuais e vários colaboradores científicos. Pessoas vivas, cada uma com sua opinião, discutem entre si. Então, um dos vice-diretores, VN Kudriávtshev, que me acompanhava pelo corredor, censurou-me: "Não, você não considera todos os pontos de vista. Tolstoi teria feito isso "... E de repente, de surpresa, fui desviado:" Vamos entrar para que ele conheça nosso diretor. Igor Ivanovich Kárpets '.

Esta visita não foi agendada! Já conversamos sobre tudo, para quê? Bem, eu entro para dizer olá. De jeito nenhum! Eles vão cumprimentá-lo aqui! Parece incrível que esses vice-diretores e chefes de seção trabalhem com *esse* chefe, que *ele* dirige toda a atividade científica aqui. (E a principal coisa que não descobri: Kárpets é vice-presidente da Associação Internacional de *Juristas Democráticos!*)

Ele se levantou para me receber com hostilidade e desprezo (quero lembrar que toda nossa conversa de cinco minutos foi passada em pé),

como se eu tivesse insistido dia e noite em vê-lo, finalmente teria conseguido, tudo bem. No rosto: cheio de bem-estar; firmeza; e nojo (isso, para mim). No peito, independentemente do bom fato, tem uma grande insígnia aparafusada, como uma decoração: uma espada vertical e lá embaixo, algo que cruza, com uma inscrição: MVD. (Vê-se que é uma insígnia muito importante. Indica que seu portador usa uma antiguidade especial com "mãos limpas, coração ardente, cabeça fria").

"Bem, o que acontece lá, o quê?" Ele torce o nariz.

Não o amo absolutamente, mas agora, como cortesia, repito algo para ele.

"A-ah", parece pegar a onda do jurista democrático, "liberalização?"
Arrumacos al z / k?!

E eu recebo inesperada e imediatamente as respostas completas que eu havia buscado inutilmente entre mármore e luas:

Elevar o padrão de vida dos presidiários? *Impossível!* Porque os livres em volta dos campos viveriam *pior* que z / k, o que é inadmissível.

Recebe pacotes com frequência e grandes? *Impossível!* Porque teria um efeito desmoralizante sobre os guardas, que não recebem produtos da capital.

Reprender, educar o pessoal de vigilância? *Impossível! Isso iria embora!* Ninguém quer fazer este trabalho e não podemos pagar muito, eles tiraram as vantagens.

Privamos os detidos do princípio socialista da retribuição? Bem, eles se colocaram à margem da sociedade socialista!

Mas não queremos trazê-los de volta à vida ...?!

Devolva???

A espada está pasma. O campo não é para isso. O campo é uma *lição!*

Lição! Ele preenche toda a sala. *Lição!! Lição!!!*

A espada vertical ergue-se, fere, perfura, não é puxada!

Lição!!

O Arquipélago está aí , o Arquipélago está, o Arquipélago estará!

Porque senão, quem será acusado das falhas da Doutrina da Vanguarda? O fato de os homens crescerem de forma diferente do planejado?

III

A lei hoje

Como o leitor viu ao longo deste livro, em nosso país, desde os primeiros anos de Stalin, não houve *prisioneiros políticos*. Todas as multidões que marcharam diante de seus olhos, todos os Cinquenta e Oito milhões, eram meros *criminosos*.

E com mais razão, o alegre e dito rachero Nikita Sergeyeovich, de que plataforma ele não perjurou: os *políticos*? Não!! *Nós*? Não!?

E o que são as coisas, que infortúnio se esquece, como é fácil contornar aquela montanha, como a nossa pele cura rapidamente: mal acreditávamos que ela domina! Até os velhos zekos. Eles tinham visivelmente libertado milhões de prisioneiros, então parecia que não havia mais políticos sobrando, certo? É que havíamos retornado, e eles voltaram para casa para nós, e a nossa voltou. Nosso círculo mental de cidadão parecia ter se completado e fechado. Você dorme a noite toda, você acorda e ninguém foi levado de casa, e seus amigos te chamam, estão todos inteiros. Não que acreditássemos totalmente, mas admitíamos: os presos políticos hoje, bem, basicamente, não há nenhum. Sim, claro, alguns países bálticos nem mesmo agora (1968) têm permissão para retornar às suas repúblicas. Bem, a maldição ainda não foi levantada nos tártaros da Criméia, mas isso não pode demorar ... Do lado de fora, como sempre (como também sob Stalin), tudo liso, limpo, você não pode ver.

E Nikita sem sair da tribuna: "Tais fenômenos e atos não se repetirão nem na festa nem no país" (22 de maio de 1959, ainda antes de Novochoerkassk). «Agora, no nosso país, todos respiram livremente ... sentem-se seguros pelo seu presente e pelo seu futuro» (8 de março de 1963, já depois de Novochoerkassk).

"Novochoerkassk!" Uma das cidades escuras da Rússia. Como se as cicatrizes da guerra civil fossem poucas, ele teve que voltar a enfiar o sabre

Novocherkassk! Uma cidade inteira, o levante de uma cidade inteira, tão bem escondida e escondida! Tão densa era a névoa da ignorância geral, mesmo sob Khrushchev, que não apenas não descobriram sobre Novocherkassk, mas até mesmo a notícia oral foi interrompida nas proximidades, não se espalhou e a maioria de nossos concidadãos não está ciente deste evento de forma alguma. seu nome: Novocherkassk, 2 de junho de 1962.

Pois bem, vamos apresentar aqui tudo o que conseguimos reunir.

Não é exagero dizer que um nó importante na história mais recente da Rússia foi amarrado aqui. Além da grande (mas encerrada pacificamente) greve dos trabalhadores têxteis de Ivanovo no início dos anos 1930, o surto de Novocherkassk foi em quarenta e um anos (desde Kronstadt e Tambov) a primeira manifestação popular - nem preparada por ninguém, nem encabeçado por ninguém, nem inventado por ninguém - o grito da alma, que não pode continuar assim!

Na sexta-feira, 1º de junho, um daqueles decretos que Khrushchev gostava de inventar, sobre o aumento da carne e da manteiga, foi divulgado em toda a União. E de acordo com outro plano econômico, independente do primeiro, no mesmo dia na grande fábrica de locomotivas elétricas de Novocherkassk (NEVZ), eles baixaram simultaneamente as taxas de trabalhadores, em cerca de trinta por cento. Desde a manhã os operários de duas oficinas (forja e fundição), apesar de toda a sua obediência, hábito, fatalismo, não conseguiram se obrigar a trabalhar, pressionavam fortemente dos dois lados! Suas conversas ultrajantes em voz alta se transformaram em uma manifestação espontânea. Um evento comum no Ocidente, extraordinário aqui. Nem os engenheiros nem o engenheiro-chefe conseguiram apaziguar os trabalhadores. Veio o gerente da fábrica, Kúrochkin. À pergunta dos trabalhadores, do que eles iam viver agora, aquele gordo respondeu: "Você comeria torta de carne, você comeria geleia!" Ele e sua comitiva escaparam por pouco do linchamento. (Talvez, se eu respondesse de outra forma, as coisas teriam se acalmado).

Ao meio-dia, a greve já cobria todo o imenso NEVZ (mandaram links para outras fábricas, lá estavam eles, sim, senão, no final não apoiaram). Perto da fábrica passa a linha férrea Moscou-Rostov. Fosse para que Moscou soubesse antes do ocorrido, fosse para impedir o transporte de tropas e tanques, o fato é que as mulheres se aglomeravam nos trilhos para

parar os trens; imediatamente os homens começaram a desmontar os trilhos e fazer barricadas. As dimensões da greve foram incomuns em toda a história do movimento sindical russo. Sinais apareceram no prédio da fábrica: "Khrushchev fora", "Khrushchev para salsichas."

Em direção à fábrica (que fica bem com as casas dos trabalhadores, a 3-4 quilômetros da cidade, depois do rio Tuzlov) tropas e policiais convergiram imediatamente. Eles foram para a ponte sobre o Tuzlov e os tanques tomaram posições. Da tarde até a manhã, na cidade e na ponte eles proibiram qualquer movimento. As casas dos trabalhadores não se acalmavam nem à noite. Durante a noite, cerca de 30 trabalhadores, "iniciadores", foram presos e levados para a delegacia local.

Na manhã do dia 2 de junho, outras empresas da cidade também entraram em greve (embora nem todas, longe disso). No NEVZ, assembleia geral espontânea, foi decidido ir à cidade em manifestação e exigir a liberdade dos trabalhadores detidos. A marcha (aliás, a princípio apenas cerca de trezentas pessoas, é realmente assustador!), Com mulheres e crianças, com retratos de Lenin e sinais de paz, passou a ponte em frente aos tanques, desimpedida, e subiu para a cidade. Lá ele cresceu rapidamente com curiosos, pessoas isoladas de outras empresas e chiquillería. Aqui, já na cidade, as pessoas paravam os caminhões e falavam de cima. A cidade inteira estava fervendo. A manifestação NEVZ tomou a rua que leva ao monumento de Lenin,^[30] e, dos dois lados, tentaram forçar o fechamento das portas do Quartel da Polícia, onde presumiam que estavam seus detidos. De dentro, eles responderam com tiros de pistola. Além disso, a rua levava ao monumento de Lenin e, por dois lados mais estreitos de cada lado do jardim, levava ao comitê urbano do partido (o antigo palácio dos Atamans, onde Kaledin terminava).^[ok] Todas as ruas estavam lotadas de gente, e aqui na praça era a maior concentração. Muitas crianças subiram nas árvores do parque para ver melhor.

Mas descobriu-se que o comitê do partido urbano estava vazio, as autoridades locais haviam fugido para Rostov.^[31] Lá dentro, vidros quebrados, papéis jogados no chão, como os retirados na guerra civil. Duas dúzias de trabalhadores, depois de visitar o palácio, saíram para sua longa varanda e se dirigiram à multidão com discursos incoerentes.

Eram quase 11 da manhã. A polícia da cidade já havia desaparecido completamente, mas havia cada vez mais tropas. (É curioso como a

princípio as autoridades civis se protegeram atrás do exército). Os soldados ocuparam os Correios, a estação, o Banco. A essa altura, toda Novochoerkassk já estava cercada por tropas e todos os acessos à cidade ou saída para o exterior foram cortados. (Eles também destruíram as academias militares em Rostov nesta missão, deixando parte delas para patrulhar Rostov). Descendo a rua Moskovskaya, seguindo o mesmo caminho da manifestação, até o mesmo local, até o comitê urbano, os tanques avançaram lentamente. As crianças começaram a escalá-los e a cobrir seus olhos mágicos. Os tanques dispararam tiros de canhão vazios e os vidros quebrados das vitrines e vitrines ecoaram pela rua . As crianças se espalharam, os tanques seguiram em frente.

E os alunos? Sim, Novochoerkassk é uma cidade universitária! Onde estavam os alunos ...? Os alunos do Politécnico e das demais faculdades, e de várias escolas técnicas, *estavam trancados* em suas residências e prédios acadêmicos desde a manhã. Reitores muito sagazes! Mas digamos também: alguns alunos não muito cívicos. Eles provavelmente se alegraram com o pretexto que receberam. Os estudantes indisciplinados de hoje do Ocidente (ou os nossos, russos, de antes) podem não ter sido presos por um parafuso.

Dentro do comitê urbano parecia haver uma luta, os oradores foram gradualmente retirados para dentro e os militares foram para a varanda , e mais e mais. (Você não estava, da sacada na direção do Steplag, você estava assistindo o motim Kenguir?) A partir da pequena praça em frente ao palácio, um cordão de soldados com metralhadoras começou a empurrar a multidão para trás , em direção ao cerca do parque. (Diferentes testemunhas afirmam unanimemente que *aqueles* soldados eram minorias nacionais, caucasianos, recentemente trazidos do outro extremo da região militar e com eles haviam retirado o cordão existente da guarnição local. Mas os testemunhos discordam sobre se o cordão Anteriormente, ele havia recebido ordem de atirar, e se é verdade que a ordem não foi cumprida porque o capitão que a recebeu não deu o comando aos soldados, mas cometeu suicídio na frente das fileiras. ^[32] O suicídio do oficial não oferece dúvidas, mas os relatos de suas circunstâncias não são claros, nem ninguém sabe o sobrenome deste herói de consciência). A multidão estava recuando, mas ninguém esperava nada de ruim. Não se sabe quem deu a ordem, ^[33] mas esses soldados ergueram suas metralhadoras e dispararam uma primeira rajada acima.

O general *Pliyev pode* não ter pretendido atirar diretamente na multidão, mas os eventos se desenrolaram por si mesmos: a rajada disparada no alto atingiu as árvores do parque e as crianças, que começaram a cair delas. Aparentemente, a multidão uivou, e então os soldados - quer obedecendo a ordens, enlouquecidos por sangue ou assustados - abriram fogo pesado contra a multidão, e *com balas explosivas*. ^[34] (Você se lembra de Kenguir? Aos dezesseis anos no posto de guarda?) A multidão fugiu em pânico, espremendo-se nas passagens laterais do parque, mas *atirou nas costas dos fugitivos*. Eles atiraram até que toda a grande praça do outro lado do parque estivesse vazia, passando pelo monumento de Lenin, o antigo calçadão Platovsky e até a rua Mos Kovskaya. (Uma testemunha ocular diz: a impressão era de que tudo estava coberto de cadáveres. Mas é claro, entre eles também havia muitos feridos. Segundo fontes diferentes, há consenso de que os mortos tinham 70 ou 80 anos. ^[35] Os soldados começaram a revistar e parar caminhões e ônibus, para carregar os mortos e feridos neles e enviá-los ao hospital militar, atrás de um muro alto. (Depois, havia aqueles ônibus funcionando por um ou dois dias com assentos ensanguentados.)

O mesmo como em Kenguir, foi utilizado o filme-fotografia dos amotinados nas ruas nesse dia.

O tiroteio parou, o susto passou, a multidão invadiu a praça novamente e *atiraram nele novamente*.

Isso foi entre meia-noite e uma da tarde.

Eis o que uma testemunha observadora viu às duas da tarde: Na praça antes do comitê urbano há cerca de oito tanques de diferentes tipos. Na frente deles, um cordão de soldados. A praça está quase vazia, são poucos os grupos, de preferência jovens, gritando alguma coisa para os soldados. Na praça, nos buracos do asfalto, há poças de sangue, não estou exagerando, até então nunca tinha suspeitado que pudesse existir tanto sangue. Os bancos do parque estão sujos de sangue, há manchas de sangue nos caminhos de cascalho do parque, nos troncos caiados das árvores. Toda a praça é sulcada pelas lagartas dos tanques. Na parede do comitê urbano há uma bandeira vermelha carregada pelos manifestantes, e de seu mastro, acima, um boné pontudo cinza está pendurado, salpicado de sangue marrom. Ao longo da fachada da comissão corre uma tira de pano

vermelho, que está pendurada há muitos dias: "O partido e o povo estão unidos!"

As pessoas se aproximam dos soldados, envergonham-nos e ele xinga você: "Como você pôde?!" Em quem você estava atirando? "Você estava atirando nas pessoas!" Justificam-se: «Se não fôssemos nós! Acabamos de ser trazidos e colocados. Não sabíamos de nada.

É preciso ver a diligência dos nossos assassinos (e depois dizem que são burocratas ineptos): *aqueles* soldados já tiveram tempo de retirá-los e colocar alguns russos espantados. O General Pliyev já conhece o seu ofício

...

Gradualmente, por volta das cinco para as seis horas, a praça se encheu de gente novamente. (Valient é gente de Novocherkassk! Na rádio local o tempo todo: "Cidadãos, não se deixem cair na provocação, vão para casa!" Tem soldados aqui com metralhadoras, e o sangue não foi lavado, mas eles voltam para a carga). Gritos, depois mais, e novamente um encontro espontâneo. Já se sabe que seis membros proeminentes do Comitê Central voaram para a cidade (aparentemente a tempo dos primeiros tiros?), Entre eles, é claro, Mikoyan (especialista em situações semelhantes a Budapeste), Frol Kozlov (a outros os identificam incorretamente). Eles se trancaram, como em uma fortaleza, no prédio do KUKKS, a velha escola militar. E uma delegação de jovens trabalhadores do NEVZ é enviada para contar o que aconteceu. Na multidão, eles murmuram : "Traga Mykoyan aqui! Deixe ele ver este sangue por si mesmo! " Não, Mikoyan não virá. Mas um helicóptero de observação voa muito baixo sobre a praça por volta das seis horas, ele examina. O helicóptero se afasta.

Logo a delegação de trabalhadores voltou do KUKKS. É conveniente: o cordão de soldados deixa passar os delegados e, acompanhados por oficiais, os conduzem para a varanda do comitê. Silêncio. Os delegados dizem à multidão que eles têm visto os membros do CC, eles foram informados neste "sábado sangrento", e *Koz lov chorou* quando ouviu como com a primeira explosão as crianças começaram a cair das árvores. (Quem conhece Frol Kozlov, líder dos ladrões comunistas de Leningrado e estalinista convicto? Ele ia chorar ...!) Os membros do CC prometeram-lhes que investigariam estes eventos e que puniriam severamente os culpados (eles nos prometeram o mesmo nos Campos Especiais), mas agora todos precisam voltar para casa, para não organizar tumultos na cidade.

Mas o rali não se dispersou! Ao cair da noite , já estava crescendo. Quão corajoso! (Corre o boato de que a brigadilha do Politburo tomou a decisão *de deportar toda a população da cidade* naquela noite ! Acredito, não haveria nada de estranho depois da deportação das cidades. era o próprio Mikoyan então tenente de Stalin?)

Por volta das 21h, eles tentaram dispersar as pessoas com os tanques do palácio. Mas assim que os petroleiros ligaram os motores, as pessoas os cercaram, fecharam suas escotilhas , suas miras. Os tanques ficaram em silêncio. Os soldados ficaram parados, sem tentar ajudar os petroleiros.

Depois de mais uma hora, tanques e veículos blindados apareceram do outro lado da praça e tropas de infantaria empoleiraram-se em suas armaduras . (Que experiência de guerra nós temos! Vencemos os fascistas!) Marchando em alta velocidade (sob os apitos da juventude nas calçadas, os alunos da noite foram libertados), eles limpam a estrada da rua Moskóvskaya e do velho Platovsky.

Apenas por volta da meia-noite os soldados começaram a disparar balas traçadoras para o ar e a multidão começou a se dispersar.

(A força da agitação popular! Quanto tempo você muda a situação política! Na véspera, o que é e que medo, agora a cidade inteira na rua e assobiando. É possível que sob a crosta de meio século que é tão perto, uma cidade totalmente diferente, uma atmosfera totalmente diferente?)

Em 3 de junho, a rádio local transmitiu discursos de Mikoyan e Kozlov. Kozlov não chorou. Nem prometeram encontrar os culpados (com o comando em vigor). Eles disseram que os *eventos foram provocados por inimigos e os inimigos serão severamente punidos*. (É que na praça a multidão já havia se dispersado). Mikoyan também disse que *balas explosivas não entram nas armas do exército soviético, então elas foram usadas por inimigos*. (Mas quem são esses inimigos ...? Em que pára-quedas eles caíram? Onde eles foram? Vamos pelo menos ver um! Oh , como estamos acostumados a ser enredados! «Inimigos», e como se tivessem explicou algo ... Como o diabo para a Idade Média) ... ^[36]

Manteiga, enchidos e muitas outras coisas que não se viam há anos e que só estão disponíveis nas capitais, apareceram rapidamente nas lojas . ^[kp]

Todos os feridos desapareceram sem deixar vestígios, nenhum voltou. Pelo contrário, *as famílias* dos feridos e mortos (claro, procuravam os seus ...!) Foram *deportadas para a Sibéria*. Também muitos envolvidos,

identificados, fotografados. Uma série de procedimentos a portas fechadas começou contra os participantes da manifestação. Houve também dois processos "públicos" (com entradas numeradas para conselhos de trabalhadores e funcionários de comitês urbanos). Em um deles condenaram nove homens (à execução) e duas mulheres (a quinze anos).

A composição do comitê urbano permaneceu a mesma.

No sábado seguinte ao "sangrento", o rádio declarava: "Os operários da fábrica de locomotivas elétricas se comprometeram a antecipar o cumprimento do plano de sete anos."

... Se o czar não fosse um molenga, também teria ocorrido a ele em 9 de janeiro, em Petersburgo, caçar trabalhadores com gonfalons e pendurar *bandidos neles*. E todo o "movimento revolucionário" teria desaparecido como num passe de mágica.

Da mesma forma, em Alexandrov, em 1961, um ano antes de Novocherkassk, a polícia espancou um homem preso até a morte e então o impediu de levá-lo ao cemitério em frente ao seu quartel. A multidão enfureceu-se e incendiou o quartel da polícia. Houve prisões imediatamente. (Uma história semelhante, e em um futuro próximo, aconteceu em Murom). Como considerar os detidos agora? Sob Stalin, deram 58 até mesmo para um sas tre que enfiou a agulha em um jornal. Em vez disso, eles agora tinham uma ideia melhor: o saque do quartel, não considerando isso um ato político. É banditismo comum. Nesse sentido, as *instruções* foram *baixadas*: "desordens massivas", não as considere políticas. (E o que é política então?)

É assim que não havia mais *políticos*.

Mas o rio que nunca secou na URSS também continua a correr. Aqueles criminosos que não foram afetados de forma alguma pela "onda de caridade, causada por" ..., etc. Uma torrente contínua ao longo de todas essas décadas, tanto quando "as normas leninistas foram violadas" como quando foram observadas, e sob Khrushchev, com uma nova crueldade.

Eles são os crentes. Aqueles que se opuseram à nova onda cruel de fechamentos de igrejas. Casting Monjes dos mosteiros (lá dá muitos detalhes Krasnov-Levitin). Membros obstinados de seitas, principalmente aqueles que recusaram o serviço militar (bom, esse já é um caso bem claro, ajuda direta ao imperialismo, devido à brandura desses tempos, que são apenas cinco anos pela primeira vez).

Mas esses não são políticos, são "religiosos", o que se tem a fazer é *educá-los*: despedi-los do trabalho *só pela fé*; enviar komsomoles para quebrar suas janelas; obrigando os crentes administrativamente a participar de conferências anti-religiosas; portas autógenas de igrejas, derrubar cúpulas com cabos amarrados a tratores, dispersar velhas com mangas de incêndio. (Isso é *diálogo*, camaradas comunistas franceses ?) Como eles declararam aos monges Pochayev no Soviete de Deputados Operários: "*Se devemos observar as leis soviéticas, podemos esperar que o comunismo se assente.*" E apenas em casos extremos, quando a *educação* não funciona, não há escolha a não ser ir para a *lei*.

Mas aqui podemos realmente nos orgulhar da nobreza adamantina de nosso Direito hoje: não julgamos à porta fechada, como sob Stalin, não julgamos na ausência do acusado, mas temos até processos semipúblicos (na presença de semipúblicos).

Tenho algumas notas em minhas mãos: um julgamento de batistas na cidade de Nikitovka, Donbass, janeiro de 1964.

Ele procede da seguinte maneira. Os batistas que vieram testemunhar, a pretexto de verificar a sua identidade, são detidos durante três dias (enquanto o processo está a decorrer e para os assustar). Aquele que atirou flores no acusado (um cidadão livre!) Recebe dez dias. O mesmo é verdade para um batista que fez anotações no processo, eles removem as anotações (outras foram salvas). Eles deixaram entrar por uma porta lateral um maço de Komsomoles escolhidos antes do resto do público, para ocupar as primeiras filas. Durante o processo, o público grita: "Todos devem ser encharcados com gasolina e incendiados!" O tribunal não reprime essa raiva justa. Procedimentos judiciais característicos: depoimentos de vizinhos hostis; declarações de menores assustados: trazem à Justiça meninas de 9 e 11 anos (o que conta é que o processo termina agora; o que será dessas meninas depois, não importa). Seus cadernos com textos sagrados são listados como evidência material.

Um dos réus é Bazbéi, pai de *nove* filhos, mineiro, que nunca recebeu subsídio da comissão de mineração, justamente por ser batista. Mas sua filha Ni na, oitava série, foi emaranhada, comprada (50 rublos do comitê de mineração), eles prometeram, quando chegar a hora, admiti-la na faculdade, e na instrução ele assinou declarações fraudulentas contra seu pai: que tentou envenená-la com refrigerante azedo; que quando os crentes se escondiam na floresta para suas assembléias de oração (na aldeia eles eram

perseguidos), lá eles tinham "uma estação de rádio, uma árvore alta toda cercada por arame." Desde então, Nina tem sido atormentada por seu falso testemunho, ela adoeceu da cabeça e foi colocada na enfermaria de furiosos do hospital psiquiátrico. Ainda assim, eles a levam a julgamento na esperança de sua declaração. Mas ela nega tudo! "O próprio juiz de instrução ditou o que me dizer." É igualmente desavergonhado julgar a saliva seca e declarar o depoimento final de Nina inautêntico, e prévio, autêntico. (Em geral, quando rompem os depoimentos favoráveis à acusação, é um recurso típico e constante do tribunal: afastar a declaração proferida em tribunal, apoiar-se na anterior fabricada: «Vejam, como é isto ...? declarações consistem ... Durante a investigação ele declarou que ... Que direito tens de voltar atrás ...? É também por isso que é processado! »)

O juiz não ouve nenhum *pano de fundo para* o assunto, nenhuma verdade. Esses batistas são perseguidos por não reconhecerem o pregador enviado por um ateu, o encarregado do Estado, ^[kq] mas eles querem os seus (de acordo com a regra dos Batistas, um pregador pode ser qualquer irmão entre eles). Há uma decisão do comitê provincial do partido: condene-os e tire seus filhos deles. Bem, isso vai acontecer, ainda que com a mão esquerda o Presidium do Soviete Supremo tenha acabado de assinar (2 de julho ou 1962) uma convenção internacional "sobre a luta contra a discriminação na educação". ^[37] Diz que "os pais devem ter a possibilidade de assegurar a educação religiosa e moral de seus filhos de acordo com suas próprias convicções". Mas é precisamente isso que não podemos tolerar aqui! Quem intervém no julgamento sobre o mérito da questão, esclarecendo a questão, invariavelmente o juiz o priva da palavra, o corta, o confunde. O nível de sua polêmica: "e *quando* será o fim do mundo, se nos propomos a construir o comunismo?"

Do último depoimento da jovem Zhenia Jloponina: "Em vez de ir ao cinema ou dançar, eu li a Bíblia e rezei, só por isso você me priva da minha liberdade. Sim, ser livre é uma grande sorte, mas estar livre do pecado é ainda maior. Lênin disse: somente na Turquia e na Rússia atos vergonhosos como a perseguição por motivos religiosos são preservados. Não estive na Turquia, não sei, mas na Rússia já estão vendo. Eles cortaram.

Sentença: dois, cinco anos no campo, outros dois, quatro, pai de família numerosa Bazbéi, três. Os réus acolhem a sentença *com alegria* e

oração. Os 'representantes dos produtores' gritam: 'É pouco ! Dê-lhes mais!'
" (regue-os com gasolina) ...

Pacientes batistas contaram e calcularam, e criaram um "conselho de parentes de prisioneiros", que passou a editar registros manuscritos de todas as perseguições. Deles aprendemos que entre 1961 e junho de 1964 eles condenaram 197 batistas, ^[38] incluindo 15 mulheres. (Vêm listas de todos, com nomes e sobrenomes. Também foram calculados os responsáveis pelos presos, que agora ficaram sem meios de subsistência: são 442, dos quais 341 em idade pré-escolar). A maioria recebe 5 anos de confinamento, mas alguns, 5 anos no campo sob um regime *severo* (pouca escassez de pele listrada!), Para completar com 3-5 anos de confinamento. BM Zdorovets, de Olshán, prov. de Kharkov, recebeu pela fé 7 anos de regime severo. Rumores de Enchiquera IV Arend, 76, e os Lozovoi, toda a família (pai, mãe, filho). Ievgueni M. Sirojin, um inválido total da Guerra Patriótica, *cego dos dois olhos*, foi condenado na aldeia de Sókolovo, distrito de Zmíyev, prov. de Kharkov, após 3 anos de campos de concentração para educar suas filhas Liuba, Nadia e Raya, que lhe foram tiradas por decisão judicial.

O tribunal que julga o batista MI Brodovski (Cidade de Nicolaieff, 6/10/66) não hesita em usar documentos grosseiramente falsificados. O réu protesta: "Isso está mal feito!" Eles rugem para ele em resposta: "A *lei* vai oprimir você, esmagar e aniquilar você!"

A *Lei*. Isso não é a "liquidação extrajudicial" daqueles anos em que "as regras ainda estavam sendo observadas".

Recentemente o aterrorizante *Instância* de S. Karavanski, passado para fora do campo de concentração, foi circulada . O autor tinha 25 anos, completou 16 anos (1944-60), foi libertado (aparentemente, por "dois terços"), casado, ingressou na Universidade; pois não! Em 1965 eles voltaram para buscá-lo: pegue! Você tem 9 anos pela frente.

Onde mais tal coisa é possível, sob que outra Lei terrestre além da nossa? *Cinco duros* pendurados como colares de ferro, fim da frase nos anos setenta! De repente, surge um novo código (1961): máximo, 15 anos. Mesmo um estudante de direito do primeiro ano entende que as sentenças de 25 anos são, portanto, anuladas! Bem, aqui, eles não são cancelados. Agora você pode gritar, de cabeça contra as paredes, que não são anuladas. Mesmo aqui, volte para terminá-los!

Existem algumas dessas pessoas. Nossos companheiros abandonados, companheiros de cela, conhecidos das prisões de trânsito, que não entraram na epidemia de libertações khrushchevianas. Há muito que os esquecemos na nossa vida reconstruída, mas continuam perdidos e taciturnos, sempre caminhando obtusamente nos mesmos metros de barro, sempre entre os mesmos miradouros e arame farpado. Mudam os retratos na imprensa, mudam os discursos nas arquibancadas, eles lutam contra o *culto*, depois param de lutar, mas os vinte e cinco anos, afilhados de Stalin, continuam no chiqueiro ...

As chocantes biografias de prisioneiros de alguns são recontadas por Karavanski.

Oh, pensadores ocidentais 'esquerdistas', apaixonados pela liberdade! Oh Left Labour! Oh, estudantes progressistas americanos, alemães e franceses! Para você, tudo isso é pouco. Para você, até mesmo todo este meu livro dará em nada. Você só vai entender tudo de uma vez quando, "Mãos para trás!", Eles *te* levarem para o nosso Arquipelago.

Mas, certamente, há agora incomparavelmente menos prisioneiros políticos do que no tempo de Stalin: eles não são mais contados aos milhões, nem às centenas de milhares.

Por que a *lei* melhorou ?

Não, apenas o curso do navio mudou (por enquanto). Como antes, continuam *irrompendo epidemias jurídicas* que facilitam o processo mental dos administradores de justiça, e os jornais chegam mesmo aos que sabem lê-los: muito se escreve sobre gangsters, então eles se irritam com o hooliganismo; eles escrevem sobre roubos do Estado, então eles estão estorvando estelionatários.

Os zeks reiteram com consternação de suas colônias:

Encontrar justiça é inútil. Na imprensa é uma coisa, na vida é outra ».

(VI D).

«Estou cansado de ser um pária do meu país e do meu povo. Mas onde encontrar justiça? O juiz de instrução é mais acreditado do que eu. E o que ela, uma garota de 23 anos, pode saber e entender é que pode imaginar do que um homem está sendo acusado?»

(V. K).

“É por isso que eles não revisam as causas, porque então seria a vez deles *reduzir o quadro de funcionários*”.

(EU).

"Os métodos stalinistas de instrução e administração da justiça simplesmente passaram da esfera política para a do direito comum, nada mais."

(G. S).

Vamos resumir o que esses homens sofredores dizem:

1) a revisão dos casos é impossível (porque o estabelecimento judicial entraria em colapso);

2) *apenas* como costumava ser arrastado em torno de 58, *por isso* agora é arrastado para baixo por artigos de direito comum (porque, se não, o que eles comem? E o que aconteceria com a Archipelago?).

Em uma palavra: um cidadão quer remover outro cidadão que o incomoda (mas, claro, não diretamente com uma facada, mas *legalmente*). Como fazer isso que não falha ? Antes, você tinha que escrever uma reclamação para o 58-10. Por outro lado, agora, é necessário consultar previamente com *funcionários* (promotores, policiais, judiciais, mas *este* tipo de cidadão, amigos de *esta* espécie, tem sempre eles): o que é na moda este ano? Para que artigo é a rede? Para quais números de produção os juízes são necessários? Bem, acerte aquele em vez de uma adaga.

Por muito tempo foi a moda, por exemplo, o artigo *Estupro*: um dia de arrebatamento, Nikita ordenou que menos de 12 anos não fossem dados. Pois bem, milhares de martelos por toda a parte começaram a forjar dezenas, para que os ferreiros não ficassem sem trabalho! E esse é um artigo delicado e íntimo, observe como ele lembra um de 58-10: ^[kr] aquele sozinho, e este sozinho! Ali impossíveis de verificar, e aqui impossíveis de verificar, evitam testemunhas, que é precisamente o que o tribunal precisa.

Por exemplo, duas mulheres de Leningrado são convocadas para o quartel (caso S):

"Você esteve com homens em uma *noite*?"

-Sim.

"Relações sexuais, não é?"

(Sobre isso há uma reclamação confiável, é estabelecida).

"S-sim."

—Bom, um de dois: ou as relações sexuais eram voluntárias ou eram involuntárias. Se vocês foram voluntárias, nós as consideramos prostitutas, entreguem seus passaportes com sua autorização de residência, e em 48 horas, fora de Leningrado! Se eles não foram voluntários, escreva uma queixa como vítimas em um caso de estupro!

As mulheres não desejam deixar Leningrado! Portanto, os homens recebem 12 anos cada.

A teimosa e surda máquina judiciária vive sendo infalível. Essa massa extrai sua força, atrai sua segurança, que nunca revisa suas decisões, que cada juiz pode esculpir e cortar à vontade, que ninguém jamais alterará o

plano. Para isso existe um acordo tácito: todo recurso, por mais que seja encaminhado a Remoscú, será encaminhado para resolução justamente ao órgão contra o qual reclama. E nenhum oficial de justiça (juiz de instrução , promotor) receberá a menor censura por ter abusado, ou dado curso livre à sua irritação, ou sua vingança pessoal, ou ter agido errado, ou feito errado: nós o colocaremos no chão! Vamos cobrir! Vamos cobrir! Porque para isso somos a Lei.

Como é iniciar um resumo que não termine em acusação? Então, o juiz de instrução trabalhou para nada? Como é que o tribunal popular inicia um processo que não termina em condenação? Ou seja, deixando o juiz de instrução em péssimo lugar, e que o tribunal tem trabalhado em vão? Como é que o tribunal provincial reveja uma sentença de um tribunal popular? Em outras palavras, aumente a porcentagem de deficiências em sua província! E simplesmente, desagrado aos colegas judiciais, para quê? *Uma vez e mpezado* um *resumo*, digamos, uma reclamação deve necessariamente terminar em *condenação*, será *impossível verificar*. E aí já não se trata de deixar o outro mal! Para não deixar a comissão distrital em um lugar ruim: faça o que eles mandam. Em troca , eles cobrirão você também.

E outra coisa muito importante nos tribunais de hoje: não há gravador, não há estenógrafa, mas uma secretária muito lenta, na velocidade de uma colegial de dois séculos atrás, escreve alguma coisa na ata . Este registro não é lido publicamente, ninguém pode vê-lo até que seja revisado e aprovado pelo juiz. Só o que o juiz aprovou será o processo, terá acontecido no processo. E o que ouvimos com nossos próprios ouvidos, isso é fumaça, isso não existia!

A cara de baquelite preta da verdade está sempre presente mentalmente diante do olhar do juiz: é o telefone na sala de deliberação. Este oráculo sempre o cobrirá, mas você, tome cuidado, faça o que ele lhe disser.

Viva e prospere, judiciário! Nós somos para você, não você para nós! Deixe o tapete atracar justiça para você. Contanto que você viva bem!

Esta comprovada firmeza das decisões judiciais torna as coisas muito mais fáceis para a Polícia: permite-lhe utilizar o princípio da entrada , ou “Saco dos crimes”, com total tranquilidade . É a seguinte: por preguiça, falta de jeito, falta de luz policial local, uma série de crimes comuns ainda precisam ser esclarecidos. Mas, para os relatórios à Superioridade, eles necessariamente devem ser esclarecidos (isto é, arquivados). Portanto, eles

aguardam a ocasião oportuna. E quando um dia aparece no quartel um infeliz, alguém, tímido, um pouco tolo, porque é acusado de todos aqueles crimes para esclarecer: é *ele* quem os cometeu durante o ano, o bandido misterioso! Com punhos e fome o fazem *confessar* todos os seus delitos, assinar, receber uma longa sentença por crimes concomitantes e lavar a mancha do distrito.

O fato de nenhum crime ficar impune torna a vida da sociedade muito mais saudável . E os comissários de polícia são premiados.

A sociedade ficou ainda mais higienizada e a administração da justiça ainda mais robusta no dia em que se deu a voz de capturar, julgar e deportar *parasitas*. Este decreto também substituiu em certa medida o elástico perdido 58-10: a acusação também era evasiva, vaga e, portanto, irrefutável. (Eles até conseguiram aplicá-lo ao poeta I. Brodski!)

Esta palavra - parasita - foi inteligentemente mal interpretada no primeiro contato. Precisamente os parasitas - pessoas preguiçosas com altos salários - sentavam-se nas mesas judiciais ou administrativas, e as sentenças caíam sobre os trabalhadores e artesãos carentes, que depois do dia trabalhavam para ganhar mais alguns cachorros.^[ks] E com que fúria - a fúria eterna dos saciados contra os famintos! - eles se lançaram contra esses "parasitas"! Dois jornalistas sem vergonha de Adzhubei^[39] ^{eles} tiveram a ousadia de declarar: os parasitas não são deportados para longe de Moscou! Eles permitem que eles recebam pacotes e ordens de pagamento de seus parentes! Eles não os seguram com severidade suficiente! “Eles não os obrigam a trabalhar do nascer ao pôr do sol”, assim, literalmente, eles escrevem *do nascer ao pôr do sol!* No alvorecer de que comunismo, e de acordo com que constituição , esse feudalismo é necessário?

Listámos algumas *inundações* importantes , graças às quais (e ao furto do Estado, que nunca acaba) o Arquipélago se renova constantemente.

Pois é, fazem alguma coisa andando pelas ruas e sentando em seus quartéis, e quebrando dentes dos presos, das “milícias populares”, daqueles bandidos e obstruidores indicados pela Polícia, não mencionados na constituição e que não cumprem a lei.

Os reforços para o Arquipélago estão marchando. E embora tenhamos tido uma sociedade sem classes por muito tempo, embora a aurora do comunismo seja iluminada pela metade do céu, acabamos nos acostumando com o fato de que o crime não acaba, não diminui, e eles até deixaram de

nos prometer. Na década de trinta prometiam com certeza: só mais alguns anos! Mas agora, eles não prometem.

Nossa *lei* é poderosa, distorcida, diferente de tudo na Terra chamado "lei".

Os tolos dos romanos inventaram: "a lei não tem efeito retroativo." Bem aqui, você tem eles! Ele cantarola o velho ditado reacionário: "Santa Rita, Santa Rita, o que é dado não é tirado." Bem, aqui, ele foi removido! Se um novo decreto da moda saiu e você quer que a lei o aplique àqueles que já foram detidos antes, por que não, vá em frente! É o que acontecia com os negociantes de moeda e os subornos: enviavam das províncias, por exemplo de Kiev, listas para Moscou: para indicar os sobrenomes a quem aplicar o *efeito retroativo* (aumentar a *bobina* ou formalizar para *nove gramas*.^[kt] E eles aplicaram.

E nossa Lei também *lê o futuro*. Dir-se-ia que *antes* do julgamento não se sabe como seriam as sessões e qual seria a sentença. Bem, veja onde, a revista *Sotsiallistícheskaya Zakonnost* ("Socialist *Legality* "). vá postar tudo isso *antes da* audiência. Como você adivinhou? Pergunte a ele ...^[40]

E também a nossa Lei *não menciona* o pecado do *falso testemunho*, nem mesmo o torna um crime! Uma *legião* de falsas testemunhas prospera entre nós, caminham para uma velhice venerável, se presenteiam no crepúsculo de ouro de suas vidas. Só o nosso país é o único em toda a história e no mundo a mimar falsas testemunhas!

E também a nossa lei não pune *juiz assassinos* e *Procurador-assassinos*. Todos ainda são respeitados e ativos, eles servem por longos anos e vão para uma aposentadoria honrosa.

E nossa Lei também tem seus *altos e baixos*, suas oscilações, típicas de todo pensamento criativo inquieto. Um dia a Lei dá um tombo: em um ano para diminuir drasticamente o crime! Pare menos! Condene menos ! Os condenados, libertem- *nos sob garantia!*^[ku] Então ele tropeça de novo: tudo está cheio de malfeitores! Chega de "endossos"! Mais severo o regime! Frases mais longas! Morte aos malfeitores!

Mas, apesar de todos os erros da tempestade, o navio da Lei avança serenamente e majestosamente. Os Magistrados Supremos e os Procuradores-Gerais são gente do chuveiro, e esses tremores são moleza para eles. Eles celebrarão suas sessões plenárias, enviarão suas Instruções, e

cada novo e tolo curso será apresentado tão longamente desejado, como preparado por todo nosso desenvolvimento histórico, como predito pela Doutrina Única Verdadeira.

O navio da nossa Lei está pronto para todos os altos e baixos. E se amanhã eles mandarem de novo para encherem milhões de pessoas por causa de seu modo de pensar, ou deportem cidades inteiras (iguais ou outras), ou cidades amotinadas, e enforcem quatro novamente números, seu poderoso elmo dificilmente se encolherá, seu estrave não será alterado.

E fica o versículo de Derzhavin, que só atinge o coração de quem o experimentou em si:

O juiz mau é pior que o salteador

Isso permanece. Permanece o mesmo que sob Stalin, o mesmo que todos esses anos, descritos neste livro. Muitas Leis de Bases, Decretos, Códigos, contraditórios ou concordantes, foram promulgados e publicados, mas o país não vive de acordo com eles, não é de acordo com eles que param, demonstram, condenam. Apenas nos raros (talvez 15 por cento?) Casos em que o objeto da instrução do processo não afeta os interesses do Estado, nem a ideologia dominante, nem os interesses pessoais ou a tranquilidade de alguns peixes grandes Somente nestes casos os juízes podem gozar do privilégio de não telefonar para ninguém, de não receber *indicações* de nadi e, mas de julgar o mérito, com atenção. Por outro lado, em todos os outros casos, a grande maioria, sejam civis ou criminosos - não há diferença nisso - interesses importantes do diretor do kolkhoz, dos sovietes municipais, do gerente da loja, o diretor da fábrica, o delegado da casa, um guarda, o delegado ou chefe da Polícia, o médico-chefe, os chefes de diretorias e agências, seções especiais e seções de pessoal, secretários de comitês distritais e provinciais, E cada vez mais alto! E em todos esses casos, de um escritório silencioso para outro, eles telefonaram e telefonaram vozes lentas e serenas, e em tom amigável *aconselham*, corrigem, direcionam, *como* falhar a causa de uma formiga, sobre a qual eles se cruzaram incompreensivelmente, para ele desconhecido, propósitos de personalidades colocadas acima dele. E o confiante leitor de jornal entra na sala do tribunal com a razão batendo no peito, com argumentos razoáveis preparados, e os expõe nervosamente às máscaras sonolentas dos juízes, sem suspeitar que sua sentença já terminou. escrito, e *não há* tribunais de

apelação, e *não há* termos ou maneiras de emendar a sentença perversa e venal, que queima o peito com sua injustiça.

O que existe é uma *parede*. E seus tijolos são assentados com argamassa falsa.

Chamamos este capítulo de "A lei hoje". Teria sido mais correto intitulá-lo: *Não há lei*.

Sempre a mesma dissimulação covarde, sempre a mesma névoa de irracionalidade continua a flutuar em nossa atmosfera, flutua em nossas cidades mais do que a fumaça das chaminés.

Um Estado imenso está se erguendo há mais de meio século, amarrado com tiras de aço, e tem tiras, mas *não tem lei* .

EPÍLOGO

Este livro não foi escrito por mim, mas para distribuir os capítulos para iniciados, e então em uma escrivadinha, ajudando uns aos outros, fazer tudo certo.

Mas ainda não é hora para isso. E a quem propus encarregar-se de vários capítulos, eles não quiseram, mas substituíram por contos, orais ou escritos, à minha disposição. Propus a Varlam Shalámov escrever todo o livro em colaboração, mas ele também se desculpou.

E o que era necessário era um escritório inteiro. Seus anúncios na imprensa, no rádio ("responda!"), Sua correspondência aberta: como foi feito para a fortaleza de Brest.

Mas não só não pude trabalhar nessa escala, mas minha intenção, minhas cartas e meus materiais tiveram que escondê-los, recortá-los e fazer tudo em profundo sigilo. E até mesmo o tempo que ele gastou nisso parecia que ele estava trabalhando em outras coisas.

O número de vezes que comecei este livro, o número de vezes que o larguei. Ele não entendeu direito: era necessário ou não que eu escrevesse um livro como este sozinho? Mas quando muitas cartas de detidos de todo o país foram adicionadas ao que eu já havia coletado, entendi que, como tudo isso me foi dado, era a minha vez de fazê-lo.

Eu tenho que explicar: em *nenhum momento* este livro inteiro, todas as suas partes juntas, estiveram na mesma mesa! Enquanto trabalhava no *Arquipélago*, em setembro de 1965, fui surpreendido pelo saque de meu arquivo e a prisão de meu romance. Depois, as partes escritas do *arquipélago* e os materiais das restantes partes aliaram-se cada um numa direção e não voltaram a reunir-se: não queria arriscar, e também com todos os nomes próprios. Ele estava escrevendo na memória o que tinha que ser checado, o que tinha que ser suprimido, e com essas pequenas folhas ele viajava de um lugar para outro. O que vai ser feito, justamente essa febre e fragmentação são sinais seguros de nossa literatura perseguida. Portanto, aceite o livro como ele vem.

Não é que eu tenha terminado o trabalho de estimar o livro acabado, mas porque não tenho mais vida para isso.

Não peço apenas condescendência, mas gostaria de gritar: quando chegar a hora, a possibilidade, reúnam-se, amigos sobreviventes, bem conscientes, e acrescentem um comentário a este livro: o que precisa ser corrigido, corrija, o que precisa ser acrescentado, acrescente (mas sem empilhar, a semelhança não deve ser repetida). Então, sim, o livro será definitivo, Deus o ajude.

Estou pasmo de que, mesmo assim, o tenha terminado são e salvo: várias vezes já pensei que eles não iriam me deixar.

Eu termino em um ano designado, duas vezes jubileu (e os jubileus ainda ligados): 50 anos após a revolução que criou o Arquipélago, e 100 anos após a invenção do arame farpado (1867).

Este último centenário, eles não festejam ...

27-IV-58 - 22-II-67 *Ryazan - Esconderijo*

E mesmo depois

Apressei-me então, esperando que, ao estourar minha carta ao congresso de escritores, se ela não morresse, pelo menos eu perderia a liberdade de escrever e o acesso aos meus manuscritos. Mas a carta mudou tanto que eles não apenas não me pararam, mas eu parecia estar segurando o granito. E então entendi que tinha a obrigação e a possibilidade de lapidar e corrigir este livro.

Agora, alguns amigos leram. Eles me ajudaram a ver falhas graves. Não ousei verificá-lo em um círculo mais amplo, e se um dia eu tiver essa possibilidade, será tarde demais para mim.

Neste ano, o que pude, fiz, consegui. Estou incompleto para que não me acusem: o assunto é interminável, e todo aquele que teve o menor contato ou refletiu sobre ele sempre acrescentará algo, mesmo algo de valor inestimável. Mas existem leis de extensão. Aqui a extensão já está no limite, e se tentarmos trazer mais um punhado desses granitos, toda a rocha vai explodir.

Por outro lado, quem me expressou mal, me repetiu ou escreveu sem graça, peço-lhe que me perdoe. É que foi um ano tranquilo, ainda não o tive, e nos últimos meses a terra voltou a arder sob os meus pés e a mesa onde escrevi. E mesmo durante esta última escrita, novamente eu *não* vi o livro inteiro *uma única vez*, eu não o tinha na mesma mesa.

A lista completa daqueles sem os quais este livro não teria sido escrito, transmitido, preservado, ainda não chegou a ser confiada ao papel. Eles sabem disso. Diante deles eu me curvo.

Rozhd estvd-en-el-Istia,
maio de 1968

ALEKSANDR ISÁYEVICH SOLZHENITSYN (em russo, Алекса́ндр Иса́евич Солже́ницын) (Kislovodsk, Rússia, 11 de dezembro de 1918 - Moscou, Rússia, 3 de agosto de 2008) foi um escritor e historiador russo, vencedor do Prêmio Nobel de 1970.

Ele estudou Matemática e Física na Universidade de Rostov e fez cursos por correspondência em Filosofia, Letras e História. Durante a Segunda Guerra Mundial, ele lutou em diferentes frentes, sendo condecorado. Em 1945, foi preso por comentários anti-stalinistas e condenado a oito anos em campos de trabalho, após os quais sofreu exílio interno dedicando-se a escrever. Libertado do exílio em 1956, trabalhou como professor de matemática e publicou várias obras com grande sucesso; no entanto, a KGB começou a investigá-lo e persegui-lo, sendo expulso da Associação dos Escritores Soviéticos e, em 1974, despojado da nacionalidade soviética e deportado para a Alemanha. Após um período na Suíça, foi convidado pela Universidade de Stanford para residir nos Estados Unidos. Após vinte anos neste país, e tendo recuperado a nacionalidade soviética, em 1994, ele retornou à Rússia. Em 1970, recebeu o Prêmio Nobel de Literatura, que só recebeu em 1974, após a deportação.

Notas parte I

[1] Quando o Instituto do Dr. Kazakov foi invadido em 1937, a "comissão" quebrou os recipientes com os "*lisados*" de sua invenção, apesar do fato de inválidos, curados e em processo de cura, pularem e implorarem não destruir o remédio milagroso. (De acordo com a versão oficial, os "*lisados*" eram um veneno. Então, por que não os guardaram como prova pericial?)

<<

[2]

Em uma palavra, "vivemos em um ambiente maldito, no qual um homem pode desaparecer sem deixar vestígios, e seus entes queridos mais próximos, sua esposa e mãe, passam anos sem saber o que aconteceu com ele." É justo? Não? Isso foi escrito por Lenin, em 1910, no obituário de Babushkin. Mas podemos dizer sem rodeios: Babushkin tinha um trem de armas para a insurreição e foi baleado ali mesmo. Ele sabia a que estava se expondo. O mesmo não pode ser dito de nós, coelhos. <<

[3]

Há também toda uma Ciência do Registro (tive a oportunidade de ler uma brochura para quem, em Alma-Ata, estuda Direito à distância). A brochura elogia muito os juristas que, em um registro, não hesitaram e removeram duas toneladas de estrume, seis metros cúbicos de lenha, dois carros de grama, sacudiram a neve de um jardim, retiraram tijolos de uma fornalha, limpavam fossas, eles examinaram vasos sanitários, vasculharam casinhas de cachorro, galinheiros, ninhos de estorninhos, colchões furados, fita adesiva rasgada de corpos e até mesmo coroas de dentes removidas, em busca de documentos microfilmados. Recomenda-se vivamente aos alunos que comecem com uma pesquisa e terminem com outra pesquisa (caso a pessoa esconda o que procura), e regressem ao mesmo local, mas a outra hora do dia, para fazerem outra pesquisa. <<

[4]

Mais tarde, já no campo de concentração, ele queimou a ideia: e se cada agente que foi prender à noite não tivesse a certeza de voltar com vida e tivesse se despedido de sua família? E se na época dos *encarceramentos em massa*, como por exemplo, em Leningrado, quando um bairro da cidade foi levado embora, as pessoas não tivessem se refugiado em suas tocas, atordoadas de medo quando ouviram as portas batendo na entrada e os degraus na escada e teriam entendido que não tinham mais nada a perder, e nos corredores teriam sido emboscados por várias pessoas com machados, martelos, pokers e tudo o que tivessem em mãos? Como já se sabe que esses pássaros noturnos, de chapéu, não vêm com boas intenções, não se enganará se lhes bater com um golpe. Ou aquela van celular, que ficou na rua, só com o motorista, por que você não pegou ou furou as rodas? Assim, os *Órgãos* não teriam demorado muito em se encontrar com falta de pessoal e material rodante e, apesar de todos os desejos de Stalin, a maldita máquina teria de parar.

Se todo ... se em ... Nos faltou o amor à liberdade e, acima de tudo, uma visão real da situação. Estávamos exaustos na decolagem em 1917, apenas para RUSH e finalização, o que até fizemos com prazer. (Arthur Ranson descreve uma manifestação de trabalhadores em Yaroslavl em 1921. Membros do Comitê Central de Moscou foram informar os trabalhadores sobre o debate sobre os sindicatos. Yu Larin, um representante da oposição, explicou aos trabalhadores que o sindicato deveria protegê-los da Administração, que haviam conquistado direitos que ninguém poderia violar. Os trabalhadores eram completamente indiferentes, NÃO COMPREENDEM de quem deveriam se proteger e para que necessitavam esses direitos. O representante da linha geral falou. Ele culpou os trabalhadores por sua preguiça e preguiça, clamou por sacrifícios, horas extras não remuneradas, limitação de alimentos e subordinação militar à direção da fábrica, o que despertou o entusiasmo e aplausos da assembleia). Na verdade , tudo o que aconteceu depois que merecemos. <<

[5] O incrível é que você PODE ser um homem. Nada aconteceu com Travkin. Recentemente, nos vimos com alegria e nos encontramos pela primeira vez. Ele é general, aposentado e inspetor da sociedade de caçadores. <<

[6] *Vestnik NKVD*, 1917, No. 1, p. 4. [<<](#)

^[7] Lênin. Tocam. 5^a ed. Russo, v. 35, pág. 68. <<

[8] *Idem*, p. 204. [<<](#)

[9] *Idem*, p. 204. [<<](#)

[10] *Idem*, p. 203. [<<](#)

^[11] *Vestnik NKVD*, 1918, No. 21-22, p. 1. [<<](#)

[12] *Dekrety sovetskoi viasti*, v. 4, Moscou, 1968, p. 627. [<<](#)

[13] MJ Lacin, *2 goda borby na Vnutremem fronte*. Resumo do trabalho da Cheka. - Moscou, GIZ, 1920, p. 61. [<<](#)

[14] *Idem*, p. 20. [<<](#)

[15] Lenin, 5ª ed., V. 51, pág. 47, 48. [<<](#)

[16] *Idem*, p. 48. [<<](#)

[17] *Idem*, p. 49. [<<](#)

[18] "Positivamente, a parte mais rica da cidade foi exterminada." Korolenko em uma carta a Gorky de 10-VIII-21. [≤≤](#)

[19] Na revista *Voina y revoliutsiia*, 1926, nos. 7-8, Tukhachevsky. *A luta contra a insurreiçãõ contra-revolucionária.* <<

[20]

Korolenko escreveu a Gorky (29-VI-21): "A história dirá que para punir revolucionários e socialistas sinceros, a revolução bolchevique usou os mesmos métodos que os do regime czarista." <<

[21]

Às vezes, um artigo no jornal atrai sua atenção a ponto de causar movimentos de cabeça. *Izvestia*, 24-V-1959: Um ano após Hitler chegar ao poder, Maximili an Huake foi preso por pertencer ... não a qualquer partido, mas ao Partido Comunista. Foi exterminado? Não, eles o condenaram a *dois* anos. Aí eles estenderam a sua frase, certo? Nada disso: eles o soltaram. Haverá alguém que o entenda? Depois viveu sem que ninguém o incomodasse, organizando a luta clandestina, que é o que diz o artigo. <<

[22]

Aparentemente, aquele monarquista se vingou pessoalmente de Voikov, que, sendo comissário de Abastecimento dos Urais, em julho de 1918, foi o encarregado de apagar os vestígios do massacre da família imperial (cortar e serrar os cadáveres, queimando-os e espalhando suas cinzas). <<

[23]

AF Velichko, engenheiro militar, ex-professor da Academia do Estado-Maior General e tenente-general, foi Chefe de Transmissões do Ministério da Guerra na época do czar. Ele foi baleado. Com o erro que teria cometido em 1941! <<

[24] Ordzhonikidze, antes de falar com os antigos engenheiros, disse ter colocado uma pistola em cada lado da mesa. <<

[25] O

próprio Sukhanov, em cuja casa em Petrogrado, às margens do rio Karpovka, com seu conhecimento (os guias turísticos agora mentem, pois afirmam que era *sem seu conhecimento*) em 10 de outubro de 1917 o Comitê Central se reuniu Bolchevique e concordou em iniciar a insurreição armada. <<

[26]

Ele provavelmente teria sido melhor do que aqueles que mais tarde ocuparam essa posição por quarenta anos. O que é destino! Doyarenko era apolítico em princípio. Quando sua filha trouxe para casa alunos que expressavam visões supostamente SR, ele os expulsou. <<

[27]

Kondratiev, condenado a isolamento na prisão, adoeceu mentalmente e morreu ali. Yurovski também morreu. Chayanov ficou isolado por cinco anos e deportado para Alma-Ata; em 1948 ele foi preso novamente. [<<](#)

[28] Este tipo de camponês e sua sorte não foram mortalizados na figura de Stepan Chausov do romance de S. Zalyguin. [≤≤](#)

[29]

Lembro-me bem que, na adolescência, essa palavra parecia totalmente lógica para nós. Completamente claro. [<<](#)

[30]

Essa inundação eficiente levou embora quem quer que fosse e na hora marcada. Mas, para intelectuais renomados da década de 1930, às vezes era considerado mais elegante inventar algum artigo desonesto (como a pedofilia; ou que o Dr. Pletniov, sozinho com um paciente, mordesse seu seio. Foi escrito por um jornal central. Vamos, refute!) <<

[31] "Da prisão ao centro educacional" - Seleção do Judicial Policy Institute. Sob a redação de Vichinski. Moscou, *Soviets koie zakonodatelstvo*, 1934, p. 36. <<

[32] A

espiomania foi talvez algo mais do que uma paixão obtusa de Stalin. Era muito querido por todos aqueles que gozavam de privilégios. Tornou-se uma justificativa natural para o clima de sigilo que já existia em todos os lugares, para a proibição de informações, as portas fechadas, o sistema de passes, os chalés cercados e as lojas fechadas ao público. Através do escudo protetor da espiomania, o povo não conseguia penetrar e ver como a burocracia se alterna, ociosa, alvoroçada, alimentada e divertida. <<

[33] Lenin, 5^a ed., V. 45, pág. 190. [<<](#)

[34] Alguém pode pensar que estamos passando, que é uma farsa, mas não fomos os autores dessa farsa. Essas pessoas foram presas conosco. <<

[35]

Há fundamentos psicológicos para suspeitar que J. Stalin teve que ser julgado também de acordo com aquele ponto do Artigo 58. Havia muitos documentos relacionados a este tipo de serviço que não sobreviveram a fevereiro de 1917 e não chegaram ao público. Pouco antes de sua morte em Kolyma, VF Dzhunkovski, ex-diretor do Departamento de Polícia, afirmou que a queima apressada de arquivos da polícia nos primeiros dias da Revolução de fevereiro foi uma explosão unânime de alguns revolucionários interessados. <<

[36] Também não foi por acaso que a Grande Casa de Leningrado foi concluída em 1934, apenas para o assassinato de Kirov. <<

[37]

A sentença de 25 anos apareceu no trigésimo aniversário de outubro, em 1947. <<

[38]

Agora, após a revolução cultural chinesa (também 17 anos após o triunfo definitivo); começamos a suspeitar que há uma lógica histórica aqui. Diante disso, o próprio Stalin nos parece apenas uma força executora cega e superficial. <<

[3 9] Conforme
contado por N. G-ko. <<

[40]

Destes, cinco foram atormentados durante os interrogatórios e morreram antes do julgamento, vinte e quatro morreram nos campos. O trinta homem, Iván Aristaulovich Punich, voltou e foi reabilitado . (Se ele tivesse morrido, teríamos saltado para trinta, assim como saltamos para milhões). As muitas "testemunhas" de seu julgamento vivem em Sverdlovsk e prosperam. Eles são altos funcionários, estão aposentados. A seleção darwiniana. <<

[41]

Quem se lembra deles? Diariamente por horas, de impressionante igualdade. O locutor Levitan provavelmente se lembra bem deles: ele os leu em voz baixa, colocando sentimento. <<

[42] *Das prisões...*, p. 63. [<<](#)

[43]

Eu estava prestes a ser julgado por aquele decreto: eu fiquei na fila do pão, e um miliciano me pegou e me levou, para preencher a cota. Portanto, exceto por uma feliz intercessão, eu estava perto de ir para o GULAG em vez de para a guerra. <<

[44]

Eles foram julgados com base no sangue pelo sobrenome, e pelo engenheiro-designer Vasili Okorokov,^[t] que considerando feio assinar projetos como este - embora nos anos 30 ainda pudesse ser feito - ele escolheu o nome de Robert Stecker - que lindo! - e traçou uma assinatura adequada, ele agora não podia provar nada, e eles o enganaram como Alemão. - 'Esse é o seu nome verdadeiro? Que missões ele recebeu da espionagem fascista? »-. Este também foi o caso com um certo Kaverznev,^[u] que em 1918 mudou seu sobrenome sujo para Kolbe (quando ele compartilhou o destino de Okorokov?) <<

[45]

Isso não foi destacado até mais tarde, e em 1943 ainda havia correntes sem noção, sem semelhança com ninguém, como os "africanos", como eram chamados por muito tempo nos campos de Vorkuta. Eram prisioneiros russos que os americanos levaram com o exército de Rommel na África (os *Hiwi*) e , em 1948, foram repatriados em caminhões "Studebaker" pelo Egito, Iraque e Irã. Em uma baía deserta do Mar Cáspio eles foram colocados fio imediatamente atrás farpado, rasgaram as suas insígnias militares, os objetos iluminadas que falam deles dadas americanos (para o benefício de *funcionarios*, é claro, não do Estado) e Mandaram o Vorkuta até novo aviso sem anunciá-los, por falta de experiência, nem o número de anos, nem o artigo. Esses "africanos" viviam em Vorkuta no meio: escoltados, mas não podiam dar um passo por Vorkuta sem um passe , e não tinham esse passe: eram pagos como empreiteiros, mas eram eliminados como prisioneiros. E a nova encomenda não chegou. Eles se esqueceram deles ... <<

[46]

Mais tarde, uma anedota ocorreu com este grupo . No campo já evitavam falar sobre a Suécia, por medo de que suas sentenças fossem prolongadas. Mas na Suécia, não sei como, souberam de seu destino e a imprensa publicou uma notícia caluniosa. A essa altura, os meninos já haviam sido espancados em campos próximos e distantes. Inesperadamente, por um acordo especial, eles se concentraram no acampamento Kresty em Leningrado, e por dois meses eles os engordaram e permitiram que seus cabelos crescessem. Em seguida, os vestiram com sóbria elegância, ensaiavam o que cada um tinha a dizer, avisavam que o patife que inventava um morcela receberia "nove gramas" na nuca e os apresentaria em entrevista coletiva a jornalistas estrangeiros e pessoas que Eu os conhecia bem da Suécia. Os ex-internados foram encorajados, explicados onde viviam, estudaram ou trabalhavam, expressaram sua indignação com as farsas burguesas que haviam lido recentemente na Imprensa Ocidental (que é vendida em todas as bancas de jornais da União Soviética), e por carta eles entregaram encontro em Leningrado (nenhum deles poupou despesas com a viagem). Sua aparência exuberante e brilhante era a melhor mentira para a espécie jornalística. Os jornalistas, muito entusiasmados, foram escrever as desculpas. A imaginação ocidental foi incapaz de conceber os fatos de outra forma. Na verdade, os culpados da entrevista foram imediatamente encaminhados ao banheiro, barbeados, vestidos com os trapos velhos e devolvidos aos mesmos campos de concentração. Por terem desempenhado seu papel com dignidade, não aumentaram a pena. <<

[47]

Não sei os detalhes, mas tenho certeza de que a maioria desses japoneses não poderia ser julgada legalmente. Foi um ato de vingança e uma forma de reter a força de trabalho por mais tempo. <<

[48] É

surpreendente que, no Ocidente, onde é impossível esconder um segredo político por muito tempo, uma vez que transcende inevitavelmente a imprensa e é divulgado, o segredo dessa traição tenha sido zelosamente guardado pelos governos britânico e norte-americano, provavelmente o último Segredo da Segunda Guerra Mundial, ou um dos últimos. Encontrei muitos deles em prisões e campos, e durante um quarto de século resisti a acreditar que a opinião pública no Ocidente *nada* sabia desta gigantesca - devido ao seu tamanho - extradição, por meio da qual os governos ocidentais entregaram gente simples da Rússia até a crueldade e a morte. Foi apenas em 1973 (*Sunday Oklahoman*, 21 de janeiro) que um artigo de Julius Epshtein foi deslizado, ao qual me atrevo a agradecer em nome de uma massa de mortos e de alguns vivos. Foram publicados breves e únicos documentos de um volumoso resumo, até hoje oculto, sobre o repatriamento forçado para a União Soviética. «Depois de ter vivido dois anos no poder das autoridades britânicas com uma segurança enganosa, os russos foram apanhados de surpresa e nem sequer perceberam porque estavam a ser repatriados ... Eram, na sua maioria, simples camponeses, pessoalmente muito feridos com os bolcheviques '. Mas as autoridades inglesas os trataram como "criminosos de guerra": contra a sua vontade, foram entregues a pessoas de quem não se poderia esperar um julgamento justo. Todos eles foram enviados para o Arquipélago, para os fazer desaparecer. <<

[49]

Em resumo e l sabia que eram "duzentos metros de tecido." Eles tinham vergonha de escrever "um carretel de linha". <<

[50]

Quanto à pena capital, serviu apenas para lançar temporariamente um véu sobre seu rosto, para arrancá-lo, mostrando os dentes, dois anos e meio depois (janeiro de 1950). <<

[51]

Neste país, você nunca sabe de nada com certeza, nem agora e nem muito depois. Mas, segundo as farsas de Moscou, Stalin tinha o seguinte plano: no início de março, os "médicos-assassinos" seriam enforcados na Praça Vermelha. Os patriotas, espontaneamente excitados (sob a direção de instrutores), organizariam um pogrom judaico. Então o governo (você pode ver o personagem de Stalin, certo?), Para salvar generosamente os judeus da ira popular, naquela mesma noite os enviaria de Moscou para a Sibéria e Extremo Oriente (onde já estavam preparando o quartel) . <<

[52] Dr. S., de acordo com o testemunho de AP Kv. [<<](#)

[53] Para JS Te. [<<](#)

[54] Parte I, cap. 8. [<<](#)

[55]

Anna Ajmatova expressou-me sua plena convicção de que era esse o caso. Ele até citou o nome do chechista que inventou o assunto (acho que foi A. Agranov). [≤≤](#)

[56] O

artigo 93 do Código de Processo Penal também afirmava: "uma notificação anônima pode levar ao início de um processo penal" (!) (A palavra "criminoso" não surpreende: todos os políticos eram considerados criminosos) . [<<](#)

[57] NV Krylenko, *Em cinco anos*, Moscou-Petrogrado, GIZ, 1923, p. 401.

<<

[58]

E. Ginzburg escreve que a permissão para "aplicar métodos coercitivos" foi dada em abril de 1938. Estimativas de V. Shalamov: a tortura foi permitida até meados do ano 38. M-ch, um prisioneiro veterano diz que houve uma "ordem de interrogatório simplificado e a substituição de métodos psíquicos por físicos". Ivanov-Razumnik aponta "meados de 1938 como a época mais cruel para interrogatórios". [<<](#)

[59]

Provavelmente, Vi chinski não precisava menos desse conforto dialético do que seus ouvintes. Quando ele gritou da cadeira de seu promotor, “Atire em todos eles como cães loucos!” Ele, perverso e inteligente, sabia que os réus eram inocentes. Com talvez essa paixão maior, ele e Bukharin, um pilar da dialética marxista, se dedicaram a descrever pergaminhos dialéticos em torno da mentira judicial: para Bukharin, morrer completamente inocente era uma forma muito estúpida e impotente de morrer (ele PRECISA! encontre sua culpa!) e Vichinsky gostava de parecer mais um logístico do que um canalha. <<

[60] Compare a 5ª Emenda à Constituição dos Estados Unidos: "É proibido fazer declarações contra si mesmo." É PROIBIDA...! (O mesmo na Declaração de Direitos do século 18). [<<](#)

[61]

De acordo com rumores, Rostov-on-Don e Krasnodar se destacaram na crueldade da tortura, mas isso não foi provado. <<

[62]

Sob as leis cruéis do Império Russo, parentes mais próximos poderiam se recusar a testemunhar. E se eles fizessem declarações durante a investigação preliminar, eles poderiam retirá-las voluntariamente; antes do julgamento. Surpreendentemente, conhecer o agressor ou ser parente dele, então não foi considerado prova ... <<

[63]

Agora ela diz: “Onze anos depois, quando fui reabilitada, me deram os depoimentos para ler e eu senti náusea moral. Do que eu estava me gabando ...? » - Quando fui reabilitado, tive a mesma sensação ao ouvir parágrafos de minhas antigas declarações. Eles me arrastaram pelo chão e eu estava como novo. E agora não me reconheço: como poderia assinar isso e também considerar que não me magoei ...? <<

[64]

Aparentemente, este é um motivo mongol. Revista *Niva*, 1914, 15 de março, p. 218, descreve, em uma crônica, uma prisão mongol: cada prisioneiro é trancado no peito, com um pequeno orifício para a cabeça e para comer. O carcereiro anda entre os cofres . [<<](#)

[65]

Alguns podem ter começado assim quando eram jovens, como sentinelas ao lado de um homem ajoelhado. E agora, provavelmente, eles têm um alto grau e têm filhos adultos ... [<<](#)

[66]

Imagine um estrangeiro que não sabe russo e que recebe algo para assinar neste estado de confusão. O bávaro Jup Ashenbrenner, em circunstâncias semelhantes, assinou que havia trabalhado em uma van com câmara de gás. Só em campo, em 1954, conseguiu demonstrar que naquela época estudava em Munique como soldador elétrico. <<

[67] G. M-ch. [<<](#)

[68]

A inspeção foi impossível, NUNCA foi realizada; Tanto que quando, em 1953, na cela do agora preso Ministro da Segurança do Estado, Abakumov, entraram para fazer uma fiscalização, ele caiu na gargalhada: achou que era uma brincadeira. <<

[69]

AG Kuprianov, secretário do Comitê Regional da Carélia, preso em 1949, tinha alguns dentes simples (que não são contados) e também ouro. A princípio, eles lhe deram um recibo que ele havia dado aos de ouro para guardar para eles. Então eles descobriram e pegaram o recibo dele. <<

[70]

Em 1918, o tribunal revolucionário em Moscou julgou Bondar, que havia sido guardião de uma prisão czarista. Como sua MAIOR crueldade, a acusação afirmava que "em *uma* ocasião ele atingiu um prisioneiro político com tanta força que quebrou seu tímpano". (Krylenko, *In Five Years*, p. 16).

[<<](#)

[71] NKG <<

[72]

Aqueles que conhecem nossa atmosfera de desconfiança compreenderão por que o código não pode ser solicitado no tribunal ou no distrito soviético. Seu interesse pelo código seria um fenômeno excepcional: ou você prepara um crime ou está apagando os rastros. <<

[73]

A investigação do resumo durou de oito a dez meses. Klim provavelmente estava sozinho nesta masmorra, disseram os meninos. (Mas foi?) <<

[74]

Naquele ano no Butyrki, o recém-detido (que já havia passado pelo banheiro e pela câmara) passou dias inteiros sentados nas escadas esperando a saída dos palcos, quando as celas estariam livres. Tv, que foi preso em Butyrki em 1931, diz: até debaixo dos beliches, tudo amontoadado, a gente deitava no chão asfaltado. Fui preso sete anos depois, em 1945, e foi o mesmo. Mas recentemente, do MK B-ch recebi um testemunho pessoal valioso sobre a superlotação do Butyrki em 1918: em outubro daquele ano (segundo mês do terror vermelho) estava tão lotado que fizeram uma cela feminina para setenta pessoas fora da lavanderia . Quando o Butyrki ficou vazio? <<

[75] Não é tanto: em 1948, na delegação do Ministério do Interior em Vladimir, numa cela de três metros por três, havia sempre 30 pessoas em pé (S. Potapov). [<<](#)

[76]

O livro de Ivanov-Razumnik contém muitas coisas superficiais e pessoais, piadas de monotonia exaustiva. Mas descreve muito bem a vida na célula nos anos 1937-1938. [<<](#)

[77]

Na realidade, ele marchou à *frente* de uma brigada durante o desfile e não a liderou contra o camarote do governo. Mas isso não é levado em consideração. No entanto, depois de suas torturas universais, ele foi demitido ... 10 anos, com base no CES. Os próprios gendarmes não confiavam em seus sucessos. <<

[78]

As razões são em parte as mesmas de Bukharin, mais tarde: Aqueles que os interrogaram eram seus irmãos de classe. Seu desejo de EXPLICAR tudo é perfeitamente compreendido. <<

[79] *Novyi mir*, 1962, No. 4. - R. Peresvetov. [<<](#)

[80] SP Melgunov. *Memórias e diários*, v. 1, Paris, 1964, página 139. [<<](#)

[81]

Andreiushkin, um membro do grupo, escreveu a um amigo em Kharkov esta carta sincera: "Isto e firmemente convencido de que em nosso país haverá mais terror implacável ... e no futuro imediato. Terror vermelho é meu forte ... Estou preocupado com meu destinatário [não foi a primeira carta que escrevi. - COMO]...; se ele ... *Então* eu também posso *é ou*, o que não é desejável porque muitas pessoas arrastariam. " Uma busca demorada levou cinco dias em Kharkov para descobrir quem havia escrito esta carta em São Petersburgo. O nome de Andreiushkin foi divulgado apenas no dia 28 de fevereiro e, no dia 1º de março, os terroristas, já com as bombas, foram pegos na avenida Nevsky, pouco antes do ataque. <<

[82]

Um terceiro colega de classe também estava prestes a cair por minha causa. Que alívio fiquei sabendo que era livre! Vinte e dois anos depois, ele me escreve: «Dos seus trabalhos publicados, conclui-se que você aborda a realidade de uma forma unilateral ... Objetivamente você se torna uma bandeira da reação fascicizante ocidental, como , por exemplo, na República Federal Alemã e em Os Estados Unidos ... Lenin, a quem tenho certeza que você ainda respeita e ama, assim como os velhos Marx e Engels, iria censurá-lo da maneira mais severa. Pensa nisso!" E eu penso: pena que não te prenderam então! O que você perdeu! <<

[83] Atividades contra-revolucionárias. <<

[84]

Ninguém pode evitar essa comparação: os anos e os métodos coincidem demais. Com maior conhecimento dos fatos, quem passou pela Gestapo e pelo MGB, como Alexei Ivanovich Divnich, emigrado e pregador ortodoxo, fez essa comparação. A Gestapo acusou-o de atividades comunistas entre os trabalhadores russos na Alemanha, e o MGB acusou-o de ter contatos com a burguesia mundial. A comparação feita por Divnich foi desfavorável para o MGB: torturavam aqui e ali, mas a Gestapo procurava a verdade e, quando a acusação foi retirada, eles o libertaram. A MGB não buscou a verdade e, quando a pegou, não tinha a intenção de soltá-la de suas garras. <<

[85] Eufemismo para TORTURA. [<<](#)

[86] 1931, Ilin. [<<](#)

[87] Volkopialov, instrutor feroz de Yaroslavl e mais tarde deputado para assuntos da Igreja na Moldávia. <<

[88] Outro Ilin, Victor Nikolaievich, ex-tenente-general de Segurança do Estado. [<<](#)

[89]

"Quem é você?", Perguntou o general Serov, em Berlim, a Timofeev-Ressovski, um biólogo mundialmente famoso. "E você, quem é você?", Respondeu Timofeev Ressovski com aquelas prisões de cossacos que vinham por herança. Você é um cientista? Serov se corrigiu. <<

[90] Isso é o que o juiz investigador de Leningrado, Shitov, disse a G. Gv . [<<](#)

[91] De Vasiliev fala Ivanov-Razumnik. [<<](#)

[92] Esfir R., ano 1947. [<<](#)

[93] Pojilko, magistrado examinador GB em Kemerovo. <<

[94] O estudante Misha B. [<<](#)

[95]

Há muito tempo tenho um argumento para uma história: *The Spoiled Wife*. Aparentemente, não vou conseguir escrever; aqui está tá: Em uma unidade de aviação do Extremo Oriente, antes da Guerra da Coréia, um tenente-coronel voltando de uma viagem soube que sua esposa estava internada. Fosse o que fosse, os médicos não lhe esconderam a verdade: sua esposa havia danificado órgãos genitais, devido a um "tratamento patológico". O tenente-coronel matou a esposa, que fora tenente sênior da seção especial da unidade (embora, aparentemente, tivesse sua aprovação). Fora de si, o tenente-coronel irrompeu no escritório do tenente sênior, sacou sua pistola e ameaçou matá-lo. Mas logo o tenente sênior o fez baixar a cabeça e sair dali como um cachorro espancado: ameaçou prendê-lo pelo resto da vida em um campo tão terrível que ele rezaria para morrer sem sofrer. Ele ordenou que ele aceitasse a esposa como ela era (algo havia sido irremediavelmente alterado), que vivesse com ela e não ousasse se divorciar ou reclamar: esse era o preço da liberdade. E o tenente-coronel fez tudo . (Me disse o motorista do tenente da Seção Especial).

Sem dúvida, houve muitos casos como este. É uma esfera em que, acima de tudo, o uso do poder é sedutor. Um membro da Segurança do Estado (1944) forçou a filha de um general do Exército a se casar com ele. A menina tinha namorado, mas para salvar o pai, ela se casou com o homem da KGB. Durante sua breve união, ela manteve um diário, que deu a quem amava, e então cometeu suicídio. <<

[96]

Em 1954, esta mulher enérgica e intransigente - seu marido perdoou tudo, até a sentença de morte, e disse: "Deixe-o" - foi uma testemunha no julgamento contra Kruzhkov. Já protagonizou mais de um caso desta natureza, o que prejudicou os interesses dos *Órgãos*. Kruzhkov foi condenado a 25 anos de prisão. Por quanto tempo...? <<

[97] Roman Gul, *Dzerzhinski*. [↪](#)

[98] Outro argumento. Quantos estão aqui! Talvez eles sirvam a alguém. <<

[99] Guarda militarizada. [<<](#)

^[100] No primeiro círculo. <<

[101] É verdade. D. Terejov é um homem com uma vontade e coragem excepcionais (eles foram certos no julgamento contra importantes talinistas em uma situação vacilante) e, além disso, uma mente lúcida. Se as reformas de Khrushchev tivessem sido mais consistentes, Terekhov teria se destacado nelas. É assim que as figuras históricas deixam de surgir em nosso país. <<

[102]

Outro de seus costumes como grande senhor: ele se vestia com roupas civis com Kuznetsov, o chefe de sua escolta, e caminhava por Moscou, distribuindo esmolas por conta do orçamento para operações da Tcheka. Não tem o cheiro da velha Rússia, limo sna como calmante para a alma? <<

[103]

Durante a guerra, em Ryazan, um aviador de Leningrado, saindo do hospital, implorou no dispensário de tuberculose: "Encontre algo para mim! Eles querem me colocar nos *órgãos!* " Os radiologistas inventaram um infiltrado tuberculoso e os cagebists desistiram imediatamente. <<

[104]

Um episódio com Terejov. Ao demonstrar a sabedoria do sistema judicial de Khrushchev, ele colocou a mão no vidro que cobria a mesa e cortou o pulso na borda do vidro. Ele ligou, a equipe se preparou, o oficial de serviço trouxe iodo e água oxigenada para ele. Enquanto falava, ficou desamparado por uma hora inteira com uma bola de algodão ensopada no corte: ele me disse que seu sangue coagulou muito. Dessa forma clara, disse ele, ele mostrou a ela as limitações do homem. E ele condenou e impôs sentenças de morte a outros ... <<

[105]

Mesmo quando falavam de *Ivan Denisovich*, os aposentados azuis objetaram: Por que cavar nas velhas feridas daqueles *que estavam nos campos*? Temos que CUIDAR DELES! <<

[106]

Mas no oriental você não os ouve, aparentemente eles foram *reeducados*, seu serviço ao Estado é apreciado. <<

[107]

Na prevenção, eles não cumprem pena, mas são mantidos em prisão preventiva. <<

[108] Alexandr Dolzhin. [<<](#)

[109]

Mais exatamente: 156 cm por 209 cm. Como você sabe? É o triunfo de um cálculo de engenharia e de um espírito forte que Sujanovka não dobrou: isso foi calculado por Al-dr D. Ele não concordou em enlouquecer ou se intimidar, então ele tentou fazer o maior número de cálculos. Em Lefortovo contou os passos, transformou-os em quilômetros, no mapa lembrou os quilômetros de Moscou até a fronteira, depois por toda a Europa, quantos cruzaram o Atlântico: Seu estímulo era: voltar mentalmente para casa, para a América; e em um ano de masmorra em Lefortovo ele desceu ao fundo do Atlântico e foi levado para Sujanovka. Aqui, percebendo que poucos seriam os que contariam algo sobre esta prisão (nossa história vem inteiramente dele), ele inventou como medir a cela. No fundo de uma placa de prisão, ele viu uma quebra de 22/10 e entendeu que "10" indicava o diâmetro do fundo e "22" indicava o diâmetro da borda. Então ele tirou um barbante da toalha, fez um metro e mediu tudo daquele jeito. Aí ele começou a inventar a maneira de dormir em *pé*, apoiando os joelhos na cadeira e fazendo parecer ao guarda que seus olhos estavam abertos. Ele inventou e só por isso não enlouqueceu. (Riumin fez o possível para impedi-lo de dormir por um mês.)

<<

[110]

Se fosse na Casa Grande, durante o bloqueio de Leningrado, talvez com canibais: com aqueles que comiam carne humana ou vendiam fígado humano da sala de dissecação. Não sei porque, no MGB eles mantinham junto com os políticos. <<

[111]

Nas prisões internas do GPU-NKVD-KGB, diferentes medidas coercitivas foram inventadas, em complemento às anteriores. Os que ficaram presos aqui nos anos 20 não conheciam aquela medida e a luz se apagou, como entre pessoas. Mas eles começaram a deixar a luz acesa por um motivo lógico: para ver os presos a qualquer minuto da noite (então, quando eles ligaram para inspeção, foi ainda pior). Havia a ordem de manter as mãos acima do cobertor, para que o prisioneiro não se estrangulasse sob o cobertor, escapando do justo resumo. Experimentalmente, foi demonstrado que no inverno você sempre quer esconder as mãos, para esquentá-las , por isso a medida foi finalmente aprovada. <<

[112] Suas memórias sobre Blok. [<<](#)

[113]

Receio dizer, mas nas vésperas dos anos 70 deste século, essas pessoas parecem ressurgir. É assombroso. Isso dificilmente poderia ser confiável.

<<

[114] A prisão interna é exatamente isso, a KGB. <<

[115]

Quem de nós, do manual de história escolar e do *compêndio de história do Partido*, não aprendeu de cor que este manifesto "provocador e vil" era um escárnio contra a liberdade, que o czar havia ordenado: liberdade para "os mortos Você viu a prisão? Mas o epigrama estava mentindo. O manifesto permitiu, nem mais nem menos, TODOS os partidos políticos, a Duma foi convocada e concedida uma anistia honesta e ilimitada. Apenas os comuns permaneceram na prisão. No entanto, a anistia de Stalin de 7 de julho de 1945 (verdade, não foi forçada) fez exatamente o oposto: deixou todos os políticos na prisão. <<

[116]

Depois da anistia de Stalin, como veremos mais tarde, os anistiados foram mantidos por dois e três meses, eles foram forçados a *trabalhar da mesma forma*, e ninguém pensou que isso fosse uma injustiça. <<

[117]

Pouco depois de Fastenko, um conhecido do Canadá, um ex-marinheiro do encouraçado *Potiomkin*, que se tornou um próspero fazendeiro, voltou para casa. O marinheiro vendeu sua fazenda e gado e com o dinheiro e um trator novo voltou à sua região natal para ajudar a construir o tão esperado socialismo. Ele se inscreveu em uma das primeiras comunas e entregou o trator. Qualquer um que quisesse dirigir o trator de alguma forma e logo o quebrou. E o marinheiro do *Potiomkin* começou a ver as coisas de uma forma muito diferente de como as imaginara durante vinte anos. Ele enviou pessoas que não deveriam ter o direito de governar, e eles ordenaram que coisas fossem feitas que pareciam uma aberração para o agricultor trabalhador. Além disso, ele ficou no chassi, suas roupas gastaram-se e ele tinha pouco dos dólares canadenses, transformados em rublos de papel. Ele implorou para marchar com a família, cruzou a fronteira não mais rico do que quando escapou do *Potiomkin*, cruzou o oceano como marinheiro, como então (não tinha dinheiro para a passagem) para recomeçar a vida no Canadá de bracer. <<

[118] Plekhanov - "Carta aberta aos trabalhadores de Petrogrado" (Jornal *Edinstvo de* 28 de outubro de 17). [≤≤](#)

[119] Era

o cântico favorito de Stalin: cada membro do partido (ou qualquer ex-revolucionário) preso era creditado com o serviço na Okhrana do czar. Era uma suspeita insuportável? Ou ... talvez um sentimento interno ...? Por analogia ...? <<

[120] É uma escotilha na porta, que ao cair forma uma espécie de mesa. Por meio dele eles falam, distribuem os alimentos e apresentam os documentos a serem assinados. <<

[121] Em *vertujai* russo , "aquele que gira a chave". [<<](#)

[122]

Não foi feito em todos os lugares como este? Foi nossa escassez de alimentos por muitos anos. No Exército, todas as distribuições eram feitas assim. Os alemães, de tanto ouvirem, de suas trincheiras, zombaram: " Isso para quem?" "Para o comissário!" [<<](#)

[123]

Em breve trariam para cá, de Berlim, o biólogo Timofeiev-Ressovski, que já mencionamos. Acho que nada no Lubyanka o ofendeu mais do que aquele jeito de derramar a água no chão. Nisto você descobrirá uma prova sensacional da falta de interesse profissional dos próprios carcereiros. Você vai multiplicar 27 anos da existência de Lubyanka por 730 vezes por ano e por 111 células, e vai passar muito tempo se sentindo indignado por ter sido mais fácil derramar água quente dois milhões e oitenta e oito mil vezes e tanto quanto pegar um pano e limpar o moído, para fazer alguns cubos de bico. <<

[124]

Essa sociedade ganhou um pedaço de terra moscovita indiferente ao sangue: cruzando o beco Furkasovski, perto da casa Rostopchin, em 1812 o inocente Vereschagin foi linchado, e do outro lado da Bolshaya Lubyanka vivia e o criminoso Saltychija assassinou os servos (*Por Moscou*, net. por NA Gueinike e outros. Moscou, Sabashnikov, 1917, p. 231). <<

[125]

Mais tarde, Suzi dirá de mim: uma rara mistura de marxista e democrata. Sim, em mim isso se juntou de maneira selvagem. <<

[126]

Somente em 1955 reconhecemos esta Convenção. Mas já em seu Diário de 1915, Melgunov nota os RUMORES de que a Rússia não permite ajuda a seus prisioneiros na Alemanha, e lá vivem pior que todos os outros aliados; para que não surjam RUMORES sobre a boa vida dos presos e eles não desistam de boa vontade. Há uma certa sucessão de idéias nisso. (SP Melgunov, *Memories and diaries*, v. 1, Paris, 1964, pp. 199 e 203). <<

[127]

Nossa pesquisa, é claro, não admitia tais razões: que direito eles tinham de querer viver quando as famílias especialmente racionadas na retaguarda soviética estavam passando bem sem eles? Esses meninos não foram reconhecidos por terem rejeitado a carabina alemã. Por terem brincado de espiões, eles foram indulgentes no tremendo 58-6, além da sabotagem premeditada. Isso significava: mantê-los trancados até que morram. <<

[128]

Ele disse que o obeso Scherbakov, quando foi ao seu Gabinete de Informação, não queria ver ninguém e dos quartos que teve de passar expulsaram todos os funcionários. Gemendo de gordura, ele se abaixou e contornou a ponta do tapete. Ai de todo o Bureau de Informações se encontrar poeira lá! <<

[129]

Exceto pelo pequeno erro de que confundiu o motorista com o viajante, o velho profético quase não se enganou. <<

[130]

Em 1962, quando fui apresentado a Khrushchev, eu realmente queria dizer a ele: "Nikita Sergueievich: você e eu temos um conhecido mútuo." Mas eu disse outra frase, mais necessária, em nome de todos os que foram presos. <<

[131]

Os sobreviventes do campo de Buchenwald POR ESSE MESMO FORAM CONFINADOS EM NOSSOS CAMPOS : Como você poderia sobreviver em um campo de extermínio? Aqui está um gato preso! [<<](#)

[132]

Agora, vinte e sete anos depois, o primeiro trabalho honesto sobre isso apareceu. (PG Grigorenko: Carta à revista *Problemas da história do PCUS*, Samizdat, 1968), e mais tarde se multiplicariam: nem todas as testemunhas morreram e em breve ninguém conhecerá o Governo de Stalin por outro nome que não o Governo de demência e traição. <<

[133]

Um dos principais criminosos de guerra, o general Coronel Golikov, ex-chefe da Diretoria de Inteligência do Exército Vermelho, agora liderava a operação de persuadir e lançar o desafio aos repatriados. <<

[134]

Sobre isso , de uma forma mais geral, Vitkovski escreve (sobre os anos 1930): é surpreendente que os falsos sabotadores, sabendo que não eram sabotadores, pensassem que se *prendessem* os militares e os padres seria por alguma coisa. Os militares, que sabiam que não estavam a serviço da espionagem estrangeira e que não tinham o objetivo de minar o Exército Vermelho, acreditaram prontamente que os engenheiros eram sabotadores e que os padres deveriam ser mortos. O homem soviético na prisão raciocinou assim: Eu pessoalmente não sou culpado, mas com aqueles, com os inimigos, todos os métodos são bons. A lição do resumo e a lição da célula não os iluminou; os condenados continuaram a preservar a cegueira da LIBERDADE: a crença de que conspiração, envenenamento, sabotagem e espionagem estavam por toda parte . <<

[135]

Em nossa crítica literária, foi estabelecido que Sholokhov em seu conto imortal *The Fate of a Man* expressou a "amarga verdade" sobre "aquele aspecto de nossa vida", "descobriu" um problema. Somos obrigados a dizer que nessa história, muito ruim em geral, onde as páginas da guerra são pálidas e pouco convincentes (aparentemente o autor não conhece a última guerra), onde os alemães aparecem manchados como nas gravuras popular (e a única personagem alcançada é a esposa do protagonista, ainda que uma pura Dostoiévski Cristã), nesta história sobre o destino de um prisioneiro de guerra O VERDADEIRO PROBLEMA DO CATIVEIRO FOI DESTINADO OU COMPREENDIDO:

1. O caso menos processável de entrega foi escolhido: com o conhecimento perdido, para torná-lo "indubitável", toda a aspereza da questão deve transparecer. (E se você se entregou conscientemente, como a maioria o fez, o que e como?)
2. O problema fundamental do cativo, segundo a história, não é que a pátria nos abandonou, nos odiou, nos amaldiçoou (Sholokhov não diz uma palavra sobre isso) e é exatamente *isso* que cria um estado de angústia, mas que existe entre os nosso traidor do sul gen. (Então, se isso é o principal, vá mais fundo e explique: de onde veio um quarto de século após a revolução, apoiado por todo o povo?)
3. Inventou uma fuga a um romance policial com muitas coisas trazidas pelos cabelos para que não surja o processo de recepção obrigatório e inevitável daquele que vem do cativo: o SMERSH, o campo de verificação e filtragem. Sokolov, além de não ficar preso atrás de espinhos, como manda a instrução, anedótico: recebe licença do coronel por um mês! (Ou seja, liberdade para cumprir a *missão* de espionagem alemã? Bem, o próprio coronel teria ido atrás dele!) <<

[136]

José Broz Tito escapou milagrosamente desse destino. Popov e Tanev, parceiros de Dmitrov no julgamento de Leipzig, foram condenados. Para o próprio Dmitrov, Stalin estava preparando outro destino. <<

[137]

Embora quando os prisioneiros *sabiam disso*, muitas vezes eles faziam o mesmo. Vasili Alexandrov foi feito prisioneiro na Finlândia. Lá, um comerciante da velha Petersburgo o encontrou, reconheceu seu nome e sobrenome e disse-lhe: “Desde 1917 devo a seu pai uma grande soma, que não tive oportunidade de pagar a ele. Por favor, pegue de mim. Uma dívida antiga por encontrá-lo. Depois da guerra, Alexandrov foi aceito entre os emigrados russos, lá ele conheceu uma garota e se tornou seu namorado, e ele não foi por acidente. E o futuro sogro, para educá-lo, deu-lhe a ler uma coleção do jornal *Pravda*, a coleção inteira de 1918 a 1941, sem arquivamentos ou emendas. Ao mesmo tempo, contou-lhe a história das *inundações*, mais ou menos como no capítulo 2. E ainda ... Alexandrov deixou a namorada e os bens, voltou para a URSS e recebeu, como é fácil deduzir, *dez e cinco sem direitos*. Em 1953, em um campo especial ficou encantado quando ele poderia *segurar em* para o cargo de chefe de equipe

... <<

[138]

Como pode ser estabelecido agora, Andrei Andreievich Vlasov, por causa da Revolução, não concluiu seus estudos no seminário eclesiástico de Nizhny Novgorod. Ele foi mobilizado pelo Exército Vermelho em 1919 e lutou como soldado raso. Na frente sul, contra Denikin e Vranghel, foi promovido a líder de pelotão e depois companhia. Na década de 1920, ele se formou nos cursos "Vystrel"; em 1930, ele ingressou no Partido Comunista; em 1936, com o posto de chefe do regimento, foi enviado como conselheiro militar à China. Talvez por não estar relacionado com as altas esferas militar e política, apareceu naturalmente naquele "segundo escalão" staliniano, que foi promovido para substituir os chefes apiolados do Exército, Corpo e Divisão. Em 1938 ele recebeu o comando de uma divisão e em 1940, quando os "novos" (antigos) postos foram concedidos, ele recebeu o posto de major-general. Do exposto, pode-se concluir que entre os generais do novo lote, entre os quais havia obtusos e inexperientes, Vlasov estava entre os mais capazes. Sua 99ª divisão de atiradores, que vinha formando e preparando desde o verão de 1940, não foi pega de surpresa pelo ataque de Hitler; pelo contrário, quando nossa retirada para o leste se generalizou, a divisão avançou para o oeste, recuperou Peremyshl e a manteve por seis dias. Depois de passar rapidamente pelo posto de Chefe do Exército, o Tenente-General Vlasov, em 1941, já comandava o 37º Exército em Kiev. Ele conseguiu sair da enorme bolsa de valores de Kiev e, em dezembro de 1941, nas aproximações a Moscou comandada pelo 20º Exército, cuja contra-ofensiva bem-sucedida para proteger a capital (a tomada de Solnechnogorsk) foi destacada na parte do Relatório do 12 Dezembro (a lista de generais é esta: Zhukov, Leliushenko, Kuznetsov, Vlasov, Rokossovski, Govorov) ... Com a velocidade daqueles meses ele teve tempo de se tornar vice-chefe da Frente Volkhov (de Meretskov), para receber o comando do O Segundo Exército de Choque e na frente dele, em 7 de janeiro de 1942, empreende uma tentativa de quebrar o cerco em torno de Leningrado: a ofensiva através do rio Volkhov na direção noroeste. A operação havia sido planejada como uma operação combinada, de vários lugares, também de Leningrado, e nela os 54º, 4º e 52º Exércitos também participariam dentro dos prazos acordados. Mas esses Exércitos não avançaram a tempo por falta de preparação ou pararam rapidamente. (Nosso

Exército ainda não sabia planejar operações tão complexas e, o principal, equipá-las). Mas o Exército de Choque avançou com sucesso e em fevereiro de 1942 já havia penetrado 75 km nas linhas alemãs! E, daquele momento em diante, nem mesmo para ele o aventureiro quartel-general de Stalin encontrou reforços humanos ou munição. (E com tais reservas eles começaram a ofensiva!) Assim, Leningr teve que morrer, bloqueado, sem ter descoberto sobre Novgorod. Em março, as estradas de inverno ainda eram mantidas, mas em abril toda a área pantanosa descongelou e não havia rotas de abastecimento e nenhuma ajuda foi recebida do ar. O Exército NÃO VIVEU e, nessa circunstância, Vlasov NEGARIA A PERMISSÃO DE RETIRADA! Depois de dois meses de fome e agonia do Exército (os soldados me contaram mais tarde nas celas do Butyrki que raspavam os cascos de cavalos mortos em decomposição, cozinhavam aquele chip e o comiam), o Ofensiva concêntrica alemã sobre o Exército cercado (no ar, é claro, havia apenas aviões alemães!) E só então (como uma piada) eles receberam permissão para recuar para a outra margem do Volkhov ... Eles também fizeram tentativas infrutíferas de quebrar o cerco ! Até o início de julho. Assim (como se o destino do Segundo Exército Russo de Samsonov [agosto de 1914 na Prússia Oriental - *N. del T.*] fosse repetido), frivolamente preso em uma arma, o Segundo Exército de Choque de Vlasov pereceu.

Isso, é claro, era traição! Isso, é claro, foi uma traição cruel e egoísta da Pátria! Mas do próprio Stalin. A traição nem sempre é por dinheiro. Ignorância e negligência na preparação para a guerra, a perplexidade e a covardia do início, os sacrifícios sem sentido de Exércitos e Corpos, apenas para continuar usando o uniforme de um marechal: poderia haver traição mais amarga para um Comandante? em chefe?

Ao contrário de Samsonov, Vlasov não cometeu suicídio. Com o Exército perdido, ele vagou por florestas e pântanos e se rendeu em 6 de julho na área de Siverskaya. Ele foi transferido para o quartel-general alemão em Lotzen, Prússia Oriental, onde se reuniam vários generais pioneiros e o brigadeiro comissário GN Zhilenkov (ex-um próspero oficial do partido, secretário de um comitê distrital de Moscou). Eles já haviam expressado seu desacordo com a política do governo Stalin. Mas faltava uma figura real. Este era Vlasov. <<

[139]

Na realidade, não existia tal ERL (Exército de Libertação da Rússia. - *N. do T*). e não houve até quase o fim da guerra. O nome e os emblemas na manga foram inventados por um alemão de descendência russa, o capitão Strik-Strikfeld no Ostpropagandabtailuug. (Em grau insignificante, ele teve influência e tentou convencer os escalões superiores de Hitler da necessidade de uma aliança germano-russa e atrair os russos para uma colaboração com a Alemanha. Foi uma ideia vã de ambos os lados. um deles estava apenas procurando uma maneira de tirar vantagem do outro e enganar um ao outro. Mas os alemães tinham suas posições elevadas, enquanto os oficiais de Vlasov tinham sua fantasia no fundo da ravina. Não havia Exército, mas já nos primeiros meses da guerra foram criadas unidades anti-soviéticas de cidadãos soviéticos recentes. Os primeiros a apoiar os alemães foram os lituanos (realizamos tantas tarefas em um ano!); mais tarde, o exército voluntário SS - Galícia foi formado com ucranianos; mais tarde, os destacamentos da Estônia; no outono de 1941, eles apareceram como uma empresa de vigilância na Bielo-Rússia; na Crimeia, um batalhão tártaro. (Tudo isso nós mesmos semeamos. Por exemplo, na Crimeia, com nossa perseguição obtusa ao longo das décadas das mesquitas, fechando e destruindo-as, enquanto Catarina II, *a conquistadora*, com muita visão, alocava dinheiro do Estado para construir e expandir as mesquitas da Crimeia. Quando os hitleristas chegaram, também lhes ocorreu protegê-los). Mais tarde, destacamentos caucasianos e tropas cossacas (mais de um corpo de cavalaria do Exército) apareceram do lado alemão. No primeiro inverno da guerra, pelotões e companhias de voluntários russos começaram a se formar; mas o comando alemão, que desconfiava muito das unidades russas, colocou brigadas e tenentes alemães em seu comando (apenas oficiais subalternos podiam ser russos); enquanto as vozes de comando eram alemãs ("Achtung!" "Halt!", etc.). Mais consideráveis, e agora inteiramente russos, foram aqueles formados em Lokot, região de Bryansk, em novembro de 1941 (KP Volskoboinikov, um professor de mecânica local, chefiava o ' Partido Nacional dos Trabalhadores da Rússia', emitiu um manifesto aos cidadãos do país e estabeleceu a bandeira de São Jorge), uma formação da cidade de Osintorf, perto de Orsha, no início de 1942, sob o comando de emigrados russos

(apenas um pequeno fio de emigrados russos aderiu a este movimento, embora nenhum ocultaram seus espíritos antigermânicos, permitiram muitas deserções ao lado dos soviéticos e até a passagem de um batalhão inteiro, após o que os alemães retiraram os emigrantes); e a de Guil, perto de Lublin, no verão de 1942. (VV Guil, membro do Partido Comunista, e até parece que um judeu, não só preservou sua vida no cativeiro, mas com o apoio de outros prisioneiros tornou-se o responsável de um campo perto de Suwal ki e propôs aos alemães uma "aliança combativa de nacionalistas russos"). No entanto, em tudo isso ainda não havia ERL ou Vlasov. As companhias sob o comando alemão foram conduzidas, como experiência, para a frente russa, e as unidades russas maiores, lançadas contra os guerrilheiros Bryansk e Orsha e contra os poloneses. <<

[140]

Com acrônimos cada vez mais famosos - embora o Exército ainda não estivesse formado - todas as unidades foram espalhadas, removidas do comando único, enquanto os generais de Vlasov jogavam cartas em Dadendorf, perto de Berlim. A brigada de Voskoboïnikov, após a morte de Kaminski em meados de 1942, tinha cinco regimentos de infantaria, de 2.500 a 3.000 homens cada, com peças adicionais de artilharia, um batalhão de tanques com duas dúzias de tanques soviéticos e um grupo de artilharia com três dezenas de peças. (Os comandantes eram oficiais presos e a tropa consistia principalmente de voluntários locais de Bryansk.) Esta brigada foi incumbida de guardar a área da guerrilha ... Para isso, no verão de 1942 a brigada Guil-Blazhevich foi deslocada da Polônia (onde se destacava por suas crueldades contra os poloneses e judeus) para Mogiliov. No início de 1943, sua liderança recusou-se a subordinar-se a Vlasov, culpando-o por não incluir a "luta contra o judaísmo mundial e contra os comissários judaizantes" em seu programa; Eles também, justamente aquela brigada (os "rodionistas", Guil adotou o sobrenome de Rodionov) , em agosto de 1943, quando a derrota de Hitler começou a tomar forma, trocaram sua bandeira negra, de caveira prateada, pela vermelha, e anunciaram a criação de um grande Território de Guerrilha e a implantação do poder soviético no canto nordeste da Bielo-Rússia. (Daquele Território de Guerrilha, sem detalhar como surgiu, nossos jornais começaram a escrever. Mais tarde, todos os rodionistas que permaneceram vivos foram presos). E quem os alemães jogaram contra os de "Rodionov"? Para a brigada Kaminski! (Em maio de 1944 eles enviaram 13 divisões próprias para limpar o "Território da Guerrilha"). Assim entendiam os alemães a cocar tricolor, São Jorge e o campo de Santo André. As línguas russa e alemã eram mutuamente intraduzíveis, ininterpretáveis, incomparáveis. Pior ainda: em outubro de 1944, os alemães lançaram a brigada Kaminski (junto com unidades muçulmanas) para esmagar a insurrecional Varsóvia.

Enquanto alguns russos traiçoeiramente sentaram-se na outra margem do Vístula, assistindo com seus gêmeos a morte de Varsóvia, outros russos sufocaram a insurreição. Como se os estragos causados pelos russos aos poloneses no século 19 não fossem suficientes , as facas curvas do século 20 foram cravadas no mesmo lugar (todas? As últimas?). Mais reta,

aparentemente, foi a trajetória do batalhão Osintorf, lançado em Pskov. Havia cerca de 600 soldados e 200 oficiais nele, o comando foi emigrado (IK Sakharov, Lamsdorf), o uniforme russo, a bandeira branco -azul-vermelho. O batalhão foi aumentado para um regimento e foi preparado para um pouso aéreo na linha Vologda-Arjanguelsk, com vista ao aglomerado de campos de concentração daquela área. Ao longo de 1943, Igor Zakharov conseguiu impedir que sua unidade fosse lançada contra os guerrilheiros. Por isso foi dispensado, o batalhão desarmado, confinado em um campo de concentração e posteriormente enviado para a Frente Ocidental. Os alemães perderam, esqueceram, não precisaram se lembrar da ideia inicial e, no outono de 1943, decidiram trazer bucha de canhão russa ... para a Muralha do Atlântico e contra a Resistência Francesa e Italiana. Os Vlasovistas, que ainda tinham algum senso político ou esperança, o perderam. <<

[141]

O primeiro (baseado na "brigada Kaminski" de SK Buniachenko), o segundo de Zverev (que era o comandante militar de Kharkov), metade do terceiro, o início do 4º e o Destacamento Aéreo Maltsev. Não eram permitidas mais de quatro divisões. <<

[142]

A entrega em si foi tortuosa, no espírito da diplomacia inglesa tradicional. Esses cossacos estavam dispostos a lutar até a morte ou cruzar o oceano, ir para o Paraguai, Indochina, onde quer que fossem, mas não para se renderem vivos. É por isso que os ingleses primeiro propuseram aos cossacos que entregassem suas armas, alegando que era para unificá-los. Posteriormente, os oficiais, sem os soldados, foram chamados para a cidade de Judenburg, na zona de ocupação inglesa, sob o pretexto de que tinham de lidar com os futuros destinos do Exército, mas na noite anterior os ingleses, em segredo, cederam a cidade para os soviéticos. Quarenta ônibus com os oficiais, desde chefes de companhia até o general Krasnov, cruzaram um viaduto elevado e desceram diretamente para um semicírculo de vans celulares, perto do qual estava a guarda com as listas. O retorno foi fechado para eles pelos tanques soviéticos. Eles nem precisaram se suicidar: haviam levado todas as armas. Do viaduto, eles se jogaram contra as pedras da estrada. Mais tarde, também com astúcia, os ingleses entregaram os russos, em trens (a pretexto de que os levavam ao encontro do patrão para receber armas).

Em seus países, Roosevelt e Churchill são considerados modelos de sabedoria do Estado. Mas nós, em nossas discussões sobre a Rússia na prisão, com surpreendente clareza percebemos sua miopia sistemática e até mesmo sua loucura. Como eles poderiam, quando escorregaram de 1941 a 1945, de forma alguma garantir a independência da Europa Oriental? Como poderiam eles, por aquele brinquedo ridículo do quadrilátero Berlim (seu futuro calcanhar de Aquiles), renunciar às vastas regiões da Saxônia e da Turíngia? E que sentido militar e político tiveram para eles entregar centenas de milhares de cidadãos soviéticos armados à morte nas mãos de Stalin, que decididamente não queria se render? Dizem que com isso garantiram a participação de Stalin na guerra japonesa! Com a bomba atômica em mãos, eles pagaram a Stalin para não desistir de ocupar a Manchúria, para entronizar Mao Tse-tung na China e em uma metade da Coreia Kim Il Sun...! Não é um cálculo político pobre? Quando Mikolaicik foi posteriormente desalojado, Benes e Masarik morreram, Berlim foi bloqueada, Budapeste queimou e ensurdeceu, Coréia fumou e os

conservadores fugiram de Suez, aqueles com a memória mais longa entre eles pelo menos se lembram deste episódio com os cossacos? [<<](#)

[143]

Esse foi o número de cidadãos soviéticos na Wehrmacht, nas formações pré-Lasovist, nas formações Vlasov, nos cossacos, muçulmanos, unidades bálticas e destacamentos. <<

[144] Do

jeito que está, nenhum presidente africano tem a garantia de que dentro de dez anos não vamos promulgar uma lei pela qual os julgamos para hoje. Os próprios chineses vão decretar isso! Deixe-os chegar! <<

[145]

Esses sonhos dos prisioneiros com o Altai não são o prolongamento de uma velha ilusão camponesa sobre a mesma coisa? No Altai ficavam as chamadas terras do Gabinete de Sua Majestade; É por isso que durante muito tempo esteve mais fechada à colonização do que o resto da Sibéria, mas era precisamente aí que os camponeses mais aspiravam (e o fizeram).

Essa lenda profundamente enraizada não vem daí? [<<](#)

[146]

*Das prisões aos centros educacionais, ele dá este número (p. 396): na anistia de 1927, 7,3 dos presos foram libertados. Pode-se acreditar. Não muito por uma década. Dos políticos, eles libertaram mulheres com filhos e aquelas com apenas alguns meses de vida. No isolado Verjne-Ural sk, dos duzentos prisioneiros soltou uma dúzia. Mas eles se arrependeram enquanto avançavam e começaram a *obstruir* aquela anistia suja: eles detiveram alguns e outros; Em vez de uma anistia total, eles receberam "menos". <<*

[147] É provável que no século xx , se eles ouvissem o que diziam, seu enchimento calmo lhes produzisse azia moral. <<

[148] Esses canalhas estavam errados apenas em uma linha, Em mais detalhes sobre a grande anistia Staliniana de 7 de julho de 1945, v. Parte III, cap. 6.

<<

[149]

Um pequeno jardim semelhante, menor em tamanho, mas mais acolhedor, vi muitos anos depois, durante uma excursão ao Bastião Trubetskoi da Fortaleza de Pedro e Paulo. Os visitantes ficaram impressionados com os corredores e celas sombrios, mas pensei que os prisioneiros da fortaleza, com *este pequeno* jardim para passear, não eram homens perdidos. Eles apenas nos levaram para covas de tijolos mortos. <<

[150] Conferência especial anexada ao GPU-NKVD. <<

[151] Eles

deliberaram no mesmo dia da anistia. O trabalho está pressionando.

<<

[152] *Das prisões aos centros educacionais*. Seleção de artigos . [<<](#)

[153] O grupo Ch-n. [<<](#)

[154]

O mesmo livro *Sobre as prisões ...* nos fornece dados: verifica-se que a predeterminação das sentenças é uma coisa antiga, que nos anos 1924-1929 as sentenças dos tribunais se deviam unicamente a razões administrativas e econômicas. Que desde 1924, devido ao *desemprego* então existente no país, os tribunais reduziram as penas para o trabalho correcional em casa e aumentaram as penas de prisão menores (estes são os autores de crimes menores, claro). Por conta disso, os presídios ficaram lotados com condenados a menos de seis meses, pouco aproveitados no trabalho nas colônias. No início de 1929, o Comissariado da Justiça, de acordo com a circular nº 5, CRITICOU as penas menores, e em 6 de novembro de 1929 (véspera do décimo segundo aniversário de outubro e data da construção do socialismo) por decreto do Comitê Executivo da URSS e do Sovnarkom, os tribunais foram proibidos de proferir sentenças que envolvessem sentenças de menos de um ano. [≤≤](#)

[155]

Na República da África do Sul, o terror dos últimos anos atingiu tal extremo que o suspeito Negro (ESP) pode ser sentenciado sem justa causa a três *meses*. Imediatamente você vê que eles não têm tamanho: por que não de três a dez? [<<](#)

[156] Não

sabíamos disso: o jornal *Izvestia* nos disse em julho de 1957. <<

[157]

Babaev, juntos, gritou com eles: “Mesmo se vocês me derem trezentos anos de perda de direitos. Até a própria morte, não votarei em vocês, benfeitores! ” [<<](#)

[158]

Assim, um espião legítimo (Schulz, Berlim, 1948) poderia receber dez anos e Günter Vashkau, que nunca foi um espião, vinte e cinco. Porque caiu na onda de 1949. <<

[159] *Izvestia*, 10 de setembro de 1958. [<<](#)

[160]

Agora Lozovski é doutor em medicina, mora em Moscou e tudo está indo bem para ele. Chulpeniov é um motorista de tróibus. <<

[161] Victor Andreievich Seriogin mora em Moscou, trabalha em uma oficina de serviços à população. Viva Bem. <<

[162]

(*Izvestia*, 6-9-64). O interesse antes disso é o parecer sobre a defesa judicial. Em 1918, Lenin exigiu que os juízes que aplicassem penas muito leves fossem expulsos do partido. [<<](#)

[163]

Trotsky deu calor a essa garota, cujo bico está cada vez mais duro: "A intimidação é um meio poderoso de política, seria preciso ser um hipócrita para não admitir." E Zinoviev escreveu jubiloso, alheio ao fim que o esperava: "Tanto as letras GPU quanto VCHK (de onde vem a palavra tcheca) gozam de popularidade máxima em escala mundial." <<

[164] MN Latsis (Sudrabs): *Dois anos de luta no front doméstico*, GIZ, Moscou, 1920. [<<](#)

[165] **Página 74.** [<<](#)

[166] **Página 75.** [<<](#)

[167] Latsis, p. 76. [≪≪](#)

[168] Rascunho de Gernet, 2ª edição. <<

[169]

pp. 385-423. [<<](#)

[170] Na revista *Byloie*, no. 14/02, fevereiro de 1907. [<<](#)

[171] Ver parte 3, cap. 1^a [<<](#)

[172] Latsis, p. 75. [↪](#)

[173] Latsis, p. 70. [<<](#)

[174] Unidades de missão especial. [<<](#)

[175] **Página 74.** [<<](#)

[176]

NV Krylenko, *Za piat'let* ("Por cinco anos [1918 a 1922]. Discursos acusatórios dos julgamentos mais importantes vistos pelo Tribunal Revolucionário de Moscou e pelo Tribunal Supremo Revolucionário"). GIZ, Moscou-Petrogrado, 1923. Tiragem: 7000 exemplares. <<

[177] Lenin, 5^a ed., Vol. 36, p. 210. [<<](#)

[178] Página 4. [<<](#)

[179]

pp. 4-5. [<<](#)

[180] Krylenko, *Za piat'let*, p. 7. [<<](#)

[181] Página 44. [<<](#)

[182] Latsis, *Dois anos...*, p. 46. [<<](#)

[183] Krylenko, p. 13. [↪](#)

[184] Página 14. [<<](#)

[185] Página 3. [<<](#)

[186] **Página 408.** [<<](#)

[187] Página 22. O sublinhado é meu. <<

[188] **Página 505.** [<<](#)

[189] **Página 318.** [<<](#)

[190] **Página 73.** [<<](#)

[191] Página 83. [<<](#)

[192] Kr ylenko, p. 79. [<<](#)

[193] **Página 81.** [<<](#)

[194]

p. 524. [<<](#)

[195] Página 82. [<<](#)

[196] **Página 296.** [<<](#)

[197] Krylenko, p. 500. [<<](#)

[198] **Página 507.** [<<](#)

[199] Krylenko, p. 513. O sublinhado é meu. <<

[200] **Página 507.** [<<](#)

[201]

Para apaziguar o leitor irritado: Este Yakulov, esta cobra com fome de sangue, já estava sob custódia enquanto o julgamento contra Kossyrev estava sendo realizado. *A causa* foi formada . Entre os guardas, ele foi levado a testemunhar e, como esperado, fuzilado logo em seguida. (E hoje ficamos maravilhados: como surgiu tal arbitrariedade? Por que ninguém lutou?) <<

[202] Krylenko, p. 14. [≤](#)

[203]

Oh, quantos argumentos! Oh Shakespeare, onde está você? Soloviov atravessou as paredes; a cela na escuridão fraca, e Godelyuk se desfaz com uma mão que vai enfraquecendo ..., enquanto os anos da Revolução nos são apresentados no teatro e no cinema simplesmente com o canto de rua *Vijrei vrazhde bry* (*Dos ataques do inimigo*) ... [<<](#)

[204] Krylenko, p. 522. [<<](#)

[205] Krylenko, p. 337. [<<](#)

[206] **Página 509.** [<<](#)

[207] pp. 509-510. O sublinhado é meu. <<

[208] Página 511. [<<](#)

[209] Krylenko, p. 14. [<<](#)

[210] Mas o acusador pensa: Samarin ou Rasputin, que diferença isso faz? <<

[211] Krylenko, p. 61. [↪](#)

[212] Krylenko, p. 81. [≪≪](#)

[213]

Firguy, um ex-Cavaleiro da Guarda, que "por causa de uma súbita transformação espiritual distribuiu todas as suas propriedades aos pobres e foi para um mosteiro ... Certamente não posso confirmar se tal distribuição foi realmente realizada". E se as transformações espirituais forem permitidas, o que restará da teoria de classe? <<

[214]

Quem não se lembra dessas cenas? A primeira impressão de toda a minha vida - tinha provavelmente três ou quatro anos - que experimentei quando as *cabeças apontavam* (os chekistas com "bonés Budionni"). Eles entraram na igreja de Kislovodsk, abriram caminho por entre a multidão orante, sem palavras de espanto e, usando seus capacetes, interrompendo o serviço divino, foram diretamente para o altar. [≤≤](#)

[215] Krylenko, p. 61. [↪](#)

[216]

O patriarca cita Kliutchevski: «Só quando tivermos consumido até ao último resquício o património espiritual e moral que nos foi deixado pelos nossos grandes arquitectos do país russo, como o venerável Sérgio, só então se fecharão as portas do seu mosteiro , só então as luzes que queimam sobre seus túmulos se extinguirão. (Kliutchevski não imaginava que a liquidação total ocorreria quase durante sua vida).

O patriarca pediu uma audiência com o presidente do Conselho dos Comissários do Povo, para persuadi-lo a respeitar o mosteiro e as relíquias, porque, afinal, a Igreja é separada do Estado.

Ele foi respondido dizendo que o presidente estava ocupado com assuntos muito importantes e que não poderia conceder uma audiência ao patriarca nos próximos dias. Nem nas subsequentes. <<

[217] Krylenko, p. 34. [↪](#)

[218] Lenin, 5ª ed., Vol. 51, pág. 48. [<<](#)

[219] VI Lenin e AM Gorky, Edit. AN, Moscou, 1961, p. 263. [<<](#)

[220] Lenin, 4^a ed., Vol. 26, pág. 373. [<<](#)

[221] Krylenko, p. 54. [<<](#)

[222] **Página 38.** [<<](#)

[223] Krylenko, p. 17. [≤](#)

[224] Página 39. [<<](#)

[225] Krylenko, p. 8. [<<](#)

[226] Krylenko, p. 381. [<<](#)

[227] Krylenko, pp. 382-383. [↪](#)

[228] Krylenko, p. 439. O sublinhado é meu. <<

[229] Krylenko, p. 433. [<<](#)

[230] *Id.*, P. 434. [<<](#)

[231] Krylenko, p. 435. [<<](#)

[232] *Id.*, P. 438. [<<](#)

[233] Krylenko, p. 458. [<<](#)

[234]

Nas províncias já haviam sido vistos processos contra os socialistas revolucionários: por exemplo, em Saratov, 1919. <<

[235] Paris, 1922 e Samisdat, 1967. [<<](#)

[236]

Artigos Igreja e fome, Como os bens da Igreja serão confiscados. [<<](#)

[237]

Dados que tirei das *Notas sobre a história das desordens na Igreja*, de Anatoli Levitin, Parte 1, Samisdat 1962, e da ata do interrogatório do Patriarca Tijon, volume 5 do resumo. [<<](#)

[238]

Ou seja, como no manifesto de Viborg, pelo qual seus autores foram condenados pelo governo czarista a três meses de prisão. <<

[239] Lenin, *Complete Works*, 5ª ed., Vol. 45, pág. 189. [<<](#)

[240] *Id.*, Vol. 39, pp. 404-405. [<<](#)

[241] Lenin, *Complete Works*, 5^a ed., Vol. 45, p. 190. [<<](#)

[242]

Noutro ponto, afirma-se que, ao fazê-lo, hesitaram, duvidaram e renunciaram, o que não mitiga a sua *culpa*. <<

[243] Foi um fracasso, sim, embora não tenha sido imediatamente reconhecido.

<<

[244]

Pelo mesmo motivo, os governos provisórios e as regiões fronteiriças também eram ilegítimos, tanto em Arjanguelsk como em Samara, Ufa, Omsk, Ucrânia, Kuban, Ural ou Transcaucásia, na medida em que se tornaram governos *depois* do Sovnarkom. <<

[245] Este nome foi restaurado a ele. [<<](#)

[246] Krylenko, p. 183. [<<](#)

[247] E o que esses locutores não disseram em toda a sua vida? <<

[248] Krylenko, p. 236. [<<](#)

[249]

Aparentemente, os outros reféns poderiam eliminá-los ... [<<](#)

[250] Krylenko, p. 251. [≤](#)

[251] *Id.*, P. 253. [<<](#)

[252] *Id.*, P. 258. [<<](#)

[253] Krylenko, p. 305. [<<](#)

[254] **Página 185.** [<<](#)

[255] Krylenko, p. 103. [<<](#)

[256] Krylenko, p. 325. [<<](#)

[257] *Id.*, P. 238. [<<](#)

[258] *Id.*, P. 322. [<<](#)

[259] Krylenko, p. 326. [<<](#)

[260] *Id.*, P. 319. [<<](#)

[261] *Id.*, P. 407. [<<](#)

[262] *Id.*, P. 409. [<<](#)

[263]

Muita especulação tem sido feita sobre este retorno. Até recentemente, na revista *Neva* (1967, XI), um certo Ardamatski (que aparentemente tinha acesso aos arquivos da KGB e às relações com seus membros), referia-se em um estilo inchado, cheio de detalhes minuciosos de literatura presunçosa, uma história que provavelmente está bem próxima da verdade. A GPU, tendo conduzido vários agentes de Savinkov à traição e enganado outros, estabeleceu, com a ajuda deles, uma isca segura: aqui na Rússia há uma grande organização clandestina que definha por falta de um cérebro orientador. Impossível imaginar uma isca mais apetitosa. Além disso, Savinkov não poderia terminar sua vida turbulenta pacificamente em Nice. Ele tinha que voltar à luta, voltar para a Rússia, ele mesmo, para sua perdição. <<

[264]

E nós, tolos, os falecidos detentos de Lubyanka, repetimos com segurança como papagaios , que a grade da escada fora erguida depois que Savinkov fora atirado lá. A bela lenda nos subjugou a tal ponto que chegamos a esquecer que a prática carcerária é internacional. E redes desses já estavam nas prisões norte-americanas no início do século. Como a técnica soviética foi deixada para trás?

Em 1937, o ex-chechista Artur Strubel revelou a um colega, pouco antes de morrer em um campo de trabalho de Kolyma, que era um dos quatro homens que jogaram Savinkov no pátio de Lubyanka de uma janela do quinto andar. (O que não é inconsistente com o relato recente de Ardamaski: era uma janela de peitoril muito baixo; não era propriamente uma janela, mas sim uma varanda. O quarto ideal! Só que, segundo Ardamaski, o fato se devia a uma distração dos anjos da guarda e, de acordo com Priubel, um salto impetuoso.

E o segundo mistério, o da frase incomumente benigna, é esclarecido pelo terceiro, já mais elaborado.

O boato foi abafado, mas chegou até mim; Eu, por sua vez, em 1967 comuniquei a MN Iakubovich, que exclamou com aquele espírito juvenil que mantinha intacto e os olhos brilhantes: «Acredito! Combine! E eu pensei que Bliumkin estava se pavoneando quando ele me disse! " Ele então me disse que, no final da década de 1920, Bliumkin dissera secretamente que foi ele quem, encomendado pela GPU, escreveu a carta de despedida de Savinkov. Mais tarde, foi descoberto que ele estava preso e que Bliumkin tinha acesso livre e permanente à sua cela, "distraindo-o" durante as tardes. Savinkov sentiu que era a morte que o perseguia, uma morte lisonjeira e amigável, em cuja figura nenhum tipo de perda pode ser imaginado? Desse modo, Bliu mkin foi capaz de penetrar até o último alcance na forma de expressão e pensamento de Savinkov .

As pessoas se perguntarão: por que fora da janela? Um veneno não teria sido mais prático? Certamente, alguém iria mostrar o cadáver ou propor mostrá-lo.

Onde, senão aqui, contar o final da história de Bliumkin, aquele Bliumkin que, no auge de sua glória na Cheka, foi destemidamente abatido por

Mandelstam? Ehrenburg começou a escrever sobre Bliumkin, mas de repente deixou a empresa, constrangido. Ainda assim, há algo para contar. Após o esmagamento da Esquerda Social Revolucionária em 1918, o assassino de Mirbaj não só não foi punido, não apenas não compartilhou do destino de seus correligionários, mas foi protegido por Dzrakinski (assim como Kossirev deveria fazer) convertido. aparentemente para o bolchevismo. Sem dúvida, ele estava reservado para questões obscuras e responsabilidades. Certa vez, no início dos anos 1930, ele fez uma viagem secreta a Paris para assassinar Bashenov (um ex-membro do Secretariado de Stalin, que havia desertado) e a quem conseguiu jogar do trem no meio da noite. Então, movido por seu espírito aventureiro, talvez por admiração por Trotsky, ele foi às Ilhas do Príncipe perguntar ao diretor do Law se ele tinha uma comissão para a URSS. Trotsky deu a ele um pacote para Radek. Bliumkin o levou embora, entregou-o, e o episódio da visita de Trotski não teria sido descoberto se não fosse pelo brilhante Radek que já atuava como delator. Bliumkin foi traído por Radek e desapareceu nas mandíbulas do monstro que ele mesmo alimentou com seu primeiro mingau de sangue. <<

[265] Lenin, 5^a ed., T. 54, pp. 265-266. [<<](#)

[266] Krylenko, p. 437. [<<](#)

[267]

Os ex-revolucionários Vasiliev-Yuschin e Antonov-Saratovski eram membros do Tribunal. O mero som popular de seus sobrenomes já predispunha a seu favor. É fácil reter. E de repente lê-se em 1962, no *Izvestia*, alguns obituários sobre as vítimas das repressões ... Assinado por quem? Para o longevo Antonov-Saratovski! <<

[268] *Pravda*, 24 de maio de 1928, p. 3. [<<](#)

[269] *Izvestia*, 24 de maio de 1929. [<<](#)

[270] É bem possível que esta falha tenha ficado gravada com traços malévolos na memória do Padre e determinasse a morte simbólica do ex-procurador na mesma guilhotina. <<

[271] *Protsess Prompartii (O Processo do Partido da Indústria)*, Ed. Sovietskoie zakonodatelstvo, Moscou, 1931. [<<](#)

[272] *O processo do Partido da Indústria*, p. 453. [<<](#)

[273] *O Processo do Partido da Indústria*, p. 488. [<<](#)

[274] *O processo do Partido da Indústria*, p. 325. [<<](#)

[275] *O processo do Partido da Indústria*, p. 365. [<<](#)

[276] **Página 204.** [<<](#)

[277] **Página 202.** [<<](#)

[278] **Página 425.** [<<](#)

[279] **Página 356.** [<<](#)

[280]

Quem desenhou esta flecha para Krylenko na caixa de cigarros? Talvez o mesmo que idealizou nossa defesa em 1941? <<

[281] *O processo do Partido da Indústria*, p. 356; é dito muito seriamente. <<

[282] **Página 409.** [<<](#)

[283] *The Process of the Industry Party*, do discurso de Krylenko, p. 437. [<<](#)

[284] *O processo do Partido da Indústria*, p. 228. [<<](#)

[285] *O processo do Partido da Indústria*, p. 354. [<<](#)

[286] **Página 358.** [<<](#)

[287] *Ibid.*, P. 452. [<<](#)

[288] **Página 454.** [<<](#)

[289]

Ivanov-Razumnik, *Tyurmy isslyki (Prisões e exílio)*. «Ed. Chekhov ».

<<

[290]

Ramzin foi esquecido indevidamente pelos russos. Acho que ele merecia perfeitamente se tornar o protótipo do traidor cínico e teimoso. Foi o sinal da traição. Se ele tivesse vivido nesta época, ele estaria no centro das atenções. <<

[291] *O processo do Partido da Indústria*, p. 504. É assim que se falava *entre nós* em 1930, quando Mao ainda era jovem. [<<](#)

[292] *O processo do Partido da Indústria*, p. 510. [<<](#)

[293] **Página 49.** [<<](#)

[294] **Página 508.** [<<](#)

[295] Página 509. E sempre, não se sabe por que, o importante no proletariado é a intuição. É tudo cheiro. <<

[296]

A reabilitação foi rejeitada: Como seu processo está gravado em tábuas de ouro em nossa história, nenhuma pedra pode ser removida; com dor que tudo desmorona. MPY continua com sua ficha criminal, mas em compensação ele recebeu uma pensão *pessoal* por sua atividade revolucionária. Que monstruosidades não existem entre nós! <<

[297]

Um deles foi Kuzma A. Gvozdev, um homem de destino adverso; o mesmo Gvozdev, presidente do grupo operário do Comitê da Indústria de Guerra, que o governo czarista, no auge da loucura, encarcerou em 1916 e que a Revolução de fevereiro nomeou ministro do Trabalho. Gvozdev participou do martírio de um longo cativeiro no GULAG. Não sei por quanto tempo ele cumpriu a pena antes de 1930, mas desde 1930 sua prisão não registrava nenhum colapso, e meus amigos ainda o encontraram em 1952 no campo de concentração de Spasski (Cazaquistão). <<

[298]

Ele não deve ser confundido com o coronel do Estado-Maior Yakubovich, que ao mesmo tempo e nas mesmas sessões representou o Ministério da Guerra. <<

[299]

Todos os dados referentes a esta questão foram retirados do Dicionário Enciclopédico *Granat*, t. 41, que inclui resumos autobiográficos ou biográficos autorizados de militantes do Partido Comunista Russo. <<

[300] Ele

apenas sustentou Yefim Tseitlin, e não por muito tempo ainda. <<

[301] Em respeito à venerável velhice de Molotov, dispensamos declarações extremamente substantivas. <<

[302] Nem ao "futuro Comitê Central". [<<](#)

[303]

"Em breve, o seu será executado em breve!" Kliugin será atraído pela organização hebraica Yezhovo e morrerá assassinado no campo de concentração pelo agente Gubaidulin. [<<](#)

[304] Considerando todas as coisas, ele estava errado apenas nisso. <<

[305]

Vale a pena dedicar uma breve nota à menina Sonia Vlasova de oito anos. Ele amava seu pai apaixonadamente. Logo ele não poderia mais ir à escola. As crianças caçoavam dela: "Seu pai é um inseto ruim!", Mas ela se revoltava com todos: "Meu pai é bom!" Após o processo, ela viveu apenas um ano (ela nunca tinha ficado doente antes); durante o qual, sempre desanimado, *nunca rio uma vez*. As velhas previram : "Olha o chão, não vai durar muito." Ele morreu de meningite e, até o último momento, continuou gritando: "Onde está meu papai?" Dê-me meu pai! "

Quando contamos os milhões que morreram nos campos de concentração, esquecemos de multiplicar por dois, por três ... <<

[306] NS Tagantsev, *Smertnaia kazn' (A pena de morte)*. São Petersburgo, 1913. [<<](#)

[307]

Em Schlüsselburg, 13 pessoas foram executadas de 1884 a 1906, inclusive . Uma figura assustadora ... para a Suíça. [<<](#)

[308] Resumo já citado: *Dois anos de luta...*, 1920, p. 75. [<<](#)

[309]

Agora que fizemos comparações, aqui está mais uma: Durante os oitenta anos culminantes da Inquisição (1420-1498), 10.000 pessoas foram condenadas à fogueira em toda a Espanha. Ou seja, cerca de 10 por mês. [<<](#)

[310] Testemunho de B., que distribuiu alimentos nas celas dos condenados à morte. <<

[311]

Apenas nas escolas é ignorado que o Saltychija foi condenado por um Tribunal de Justiça (de classe) por suas atrocidades, e serviu onze anos nas prisões subterrâneas do mosteiro Ivanovo em Moscou. (Prugavin: *Monastyrskie tiurmy (prisões monásticas)*, Ed. Posrednik, p. 39). [<<](#)

[312] *Vedomosti Verjovnovo Soveta SSSR*, 1959 ("Boletim do Soviete Supremo da URSS"), no. 1. - Bases do Direito Penal da URSS, p. 22. [<<](#)

[313] Editorial «Chekhov». [<<](#)

[314]

Strajovich tem esses cadernos escritos na prisão completos. Mas sua "carreira científica" atrás das grades estava apenas começando. Ele estava reservado para dirigir um dos primeiros projetos de turbojato da União Soviética. <<

[315]

Seus relatos do cooperativismo são dignos de estima e dignos de uma exposição à parte. <<

[316] TIURemnoie ZAKLiuchenie [prisão] (nome oficial). <<

[317] TON: Tiurna Osobogo Naznachenya: Prisão com um destino especial.

<<

[318] V. Figner, *Zapechatlenny trud* [Impressão de uma obra]. [<<](#)

[319]

De acordo com os cálculos de M. Novorusski, na fortaleza de Schlüsselburg de 1884 a 1906 inclusive, três presos cometeram suicídio e cinco enlouqueceram. <<

[320]

PA Krasikov (o mesmo homem que condenaria o metropolitano Veniamin à morte) lê *A capital* na fortaleza de Pedro e Paulo (aliás, que depois de um ano ou mais ele seria libertado). <<

[321] Compilação *Ot tiurem...* [Prisões...] [≤](#)

[322]

Desde 1918, socialistas revolucionários têm sido presos sem cerimônia, mesmo quando estão grávidas. <<

[323] Observe as coincidências com Eichmann. [<<](#)

[324]

Em 1925, a pedra foi revirada e a inscrição foi enterrada. Se alguém se aventurar nas ilhas Solovki, para procurá-las e contemplá-las, eles podem ver. [≤<](#)

[325]

Entre os SRs do retiro do Venerável Sabas estava Yuri Podbelski, que compilou dados médicos sobre o massacre para publicar um dia. Depois de um ano, uma busca na Prisão de Trânsito de Sverdlovsk revelou o fundo duplo de sua mala, e o esconderijo foi esvaziado. Mais um tropeço na história da Rússia ... [<<](#)

[326]

Gernet, *Istoria tsarskij tiurem (História das prisões czaristas)*, Moscou, 1963, volume 5, capítulo 8. [≤](#)

[327] Gernet. [<<](#)

[328]

Por outro lado, eles exigiram o apoio da SR e SD para tudo. Na fase de Karaganda a Kolyma, em 1936, os trotskistas rotulados como traidores e provocadores aqueles que se recusaram a assinar o seu telegrama de protesto ao Kalinin “contra o envio da *vanguarda da revolução* (entende-se, eles, os trotskistas) para Kolyma ». (Conta Makotinsk). [<<](#)

[329]

Não gosto de "direita" e "esquerda", são convenções intercambiáveis, que evitam o essencial. <<

[330]

A pequena frase vale a pena. É uma cor que participa do azul e se reflete na água pantanosa. <<

[1] Diz-se que isso satisfaz aqueles que consideram a *falta de um espírito combativo* repreensível e inexplicável . [<<](#)

[2] No entanto, em Moscou, de acordo com as leis do País das Maravilhas, vários *oficiais* pegaram Timofeiev-Ressovski em seus braços e o levaram embora em um carro de turismo, o homem fez a viagem para contribuir para o progresso! da ciência! <<

[3] PF Yakubovich relata (*No mundo dos rejeitados*, Moscou, 1964, volume I) sobre os anos noventa do século passado, e diz que os eLivross na Sibéria recebiam, naqueles tempos terríveis, 10 copeques para comer; mas os preços eram então neste teor: um pão de candeal (3 quilos mais ou menos), 5 copecs, e uma jarra de leite (2 litros mais ou menos), 3 copecs. “Os prisioneiros vivem em abundância”, escreve Ya kubovich. No entanto, os preços são mais altos no governo de Irkutsk, pois, por exemplo, um quilo de carne custa 10 copeques, e os "presos passam por terríveis privações". Meio quilo de carne por dia e por pessoa ..., nenhum arenque compartilhado ... <<

[4] É isso o que chamamos de "culto staliniano da personalidade"? [<<](#)

[5] Por todas essas razões, o *shpanka* (a multidão de criminosos) chamou os revolucionários profissionais de "aristocratas sarnentos". <<

[6] Muito poucos casos me foram encaminhados, como o daqueles três homens (jovens e robustos) que, unidos, enfrentaram alguns bandidos, mas não em defesa da justiça comum, nem de outros (incluindo saqueados), mas apenas de suas próprias pessoas, defendendo sua neutralidade com armas.

<<

[7] A VI Ivanov (agora de Ukhta) o artigo 162 (furto) foi aplicado nove vezes, e o artigo 82 (evasão) cinco vezes: no total, 37 anos de prisão ... a que "cumpriu" no espaço de 5 a 6 anos. [<<](#)

[8] Um *fraier* não é *um ladrão*, ele não é o "Homem" (com letras maiúsculas). Em uma palavra: mais *frágeis* são a humanidade que resta depois que os ladrões foram descartados. <<

[9] Em sua obra *Bandeiras nas torres*. [<<](#)

[10] Os *castores* são os opulentos: portadores de vários *bits e bacilos*, ou seja, gorduras. <<

[11]

Assim, o joio cai na colheita da glória. É realmente joio? Não há campo de concentração de Pushkin, Gogol ou Tolstoi ... mas há um campo de concentração Gorky ... e em abundância! Além disso, uma mina reservada para trabalhos forçados, o «Máximo Gorki» (40 quilômetros de Elgen). Sim, Alexei Mazimich, "com o teu coração e o teu nome, camarada" ... Se o inimigo não capitular ... Diga qualquer palavra temerária , olhe em volta e ... se vê fora da literatura ... [≤≤](#)

[12] Uma longa sentença de campo (25 anos) esperava por ele, e não foi até 1957 que ele foi libertado do cativeiro em Ozerlag. [≤](#)

[13] Corpo de guarda. [<<](#)

[14] *Istoriia moego sovremennika*, Moscou, 1965, vol. 7^o, pág. 166. [<<](#)

[15] Sociedade para a Cooperação com a Indústria de Defesa, Aviação e Química. [<<](#)

[16] USVITL: Administração dos Campos de Trabalho Correcional do Noroeste, ou seja, os existentes nas margens do Kolyma. <<

[17]

O "Tribunal de Crimes de Guerra" de Bertrand Russell sabe disso? Por que não isso como argumentação? Ou não é conveniente para você? [<<](#)

[18]

Esta prisão transitória, que tem um nome glorioso da Revolução, é pouco conhecida pelos habitantes de Moscou. Ele não vai fazer uma excursão. Excursões lá - o que é chamado de excursões - não há ... exceto quando FUNCIONA. Se você quiser ver de perto, pule o carro ... Da rodovia Novojoroshevsk são dois passos pelo anel ferroviário. <<

[19]

Mais do que qualquer outro, o campo de trânsito Karabas merece ter sido transformado em um museu. Mas que pena! Já não existe: hoje existe uma fábrica de produtos de cimento armado no local. [<<](#)

[20]

Galina Serebriakov a! Boris Diakov! Aldan-Semionov! Você não deveria, com os outros, ter que saborear sua comida em uma banheira dez por dez? E, nesses momentos, você não desceu ao nível das "necessidades animais" de um Ivan Denisovich? Lotado em volta da banheira, você se lembra do seu jogo amado? <<

[21] O original russo usa a frase "*Esptom*", que o próprio autor explica, em uma nota de rodapé, como equivalente a "afetado muito seriamente". <<

[22] KVCH é a abreviação de *Kulturno-Vospitatelnaya Chast* [Departamento de Cultura e Educação], uma seção da Administração dos Campos de Prisão. <<

[23] Chegará o

dia em que este episódio enigmático e quase esquecido do nosso Arquipélago se perpetuará num monumento. Isso é invariavelmente oferecido à minha fantasia: em algum lugar alto, nas margens do rio Kolyma, havia uma estátua colossal de Stalin, tão grande quanto ele sonhou; seus bigodes têm vários metros de comprimento; os lábios desenham a face característica do chefe do campo de concentração; com uma das mãos segura uma rédea e com a outra brandia o chicote ameaçadoramente sobre as cabeças de um bando de centenas de seres humanos que, enganchados de cinco em cinco, puxam o arreio. Ficará acertado que seria mais do que visível ... (Eu já havia escrito essas linhas quando li o *Baixo-relevo na rocha*, uma obra que me convence de que minha ideia não era inteiramente oca. Diga que no Monte Mogutovo, na cadeia de Zhiguli, nas margens do Volga, e a cerca de um quilômetro de nosso campo, uma gigantesca efígie de Stalin foi pintada a óleo sobre a rocha, visível dos navios a vapor que navegam no rio). <<

[24]

Desde então, tenho perguntado a todos os meus conhecidos suecos ou àqueles que viajaram para a Suécia se eles poderiam descobrir onde encontrar esta família, se já ouviram falar da pessoa desaparecida. E a resposta sempre foi um sorriso: um Andersen na Suécia é igual a um Ivanov na Rússia, e esse bilionário não existia. Foi agora , depois de vinte e dois anos, quando reli este livro pela última vez, que de repente me dei conta: Bem, é claro! É natural que você tenha sido proibido de fornecer seu nome e sobrenome verdadeiros; é explicado que Abakumov ordenou que ele morresse caso quebrasse o incógnito! E assim ele caminhou de uma *peresylka* a outra como um Ivanov sueco e só graças aos dados secundários de sua biografia, que não foi proibido de descobrir, um vestígio de sua existência despedaçada pôde permanecer na memória dos interlocutores que o acaso lhe deu. Levando tudo em consideração, eu não tinha de forma alguma perdido a esperança de salvar minha vida, como qualquer pessoa, como os milhões de cobaias deste livro: eu irei para o cativeiro por um tempo, mas o Ocidente, indignado, me libertará . Ele não entendia a força do Oriente. Tampouco entendia que tal testemunha jamais seria libertada , um homem com *tanta* firmeza, jamais suposto naquele caos Oeste. Mesmo assim, quem sabe, talvez ele ainda esteja vivo. - *Nota de 1972.* <<

[25] Ração garantida pelo GULAG nos períodos de inatividade dos trabalhadores. <<

[26]

Polutsvietny [como se dissesse "meias medidas"]. Aquele que por sua mentalidade pertence ao mundo da latro cinio, ao qual tenta assimilar, mesmo quando ainda não está sob o domínio de suas regras de conduta. <<

[27] Além disso, e conforme relatado por P. Yakubovich, a venda de termos de sentença data do século passado. É um velho martingale de prisão. [<<](#)

[28] Sua carta dirigida a mim e publicada na *Literaturnaya Gazeta* (29/11/1962). [<<](#)

[29] OLP = Otdielyny Lagerny Punkt, isto é, Posto Avançado do Campo de Concentração. [≤≤](#)

[30] P. Yakubovich, *loc. cit.* [≪≪](#)

[31] Em 1897, VI Lenin embarcou no *Sviat oi Nikolai* no porto de passageiros, como um homem livre. <<

[32] Veja a descrição detalhada de Shalamo *em Sketches of the Underworld* .

<<

[33]

Desde então, várias décadas se passaram e, após os acontecimentos registrados nos mares do mundo, pelos quais parece que os *zeks* não navegam mais , os cidadãos soviéticos *sofrem* calamidades. E pensar que por causa dessa mesma *retirada*, em consórcio com o orgulho nacional, recusamos qualquer ajuda! Mesmo que os tubarões nos comam, não aceitaremos a mão que nos é estendida. RETORNO é o nosso câncer. [<<](#)

[34]

De acordo com relatórios dos sociais-democratas Nikolaevsky e Dalin, a população carcerária nos campos varia de 15 a 20 milhões. [<<](#)

[35] Não tenho notícias de Kostia Kiula. Desapareceu como por encantamento e temo que já não viva. <<

[36]

A Quarta Seção Especial do MVD é responsável pelo estudo dos problemas científicos dos presos. [<<](#)

[37]

Durante os anos anteriores e durante a prisão, também defendi por muito tempo a opinião de que Stalin havia dado ao Estado soviético uma orientação fatal. Stalin morreu em silêncio; mas o curso mudou significativamente? A marca que sua personalidade imprimiu nos acontecimentos foi a brutalização desconsoladora, o despotismo rígido e a presunção. No resto, ele não fez nada além de seguir exatamente um caminho já traçado. <<

^[1] Lenin, *Complete Works*, 5th edition, t. 36, pág. 217. [<<](#)

^[2] *Ibidem*, T. 35 ,. P. 176. [<<](#)

[3] *Ibidem*, T. 33, pág. 90. [<<](#)

^[4] *Ibidem*, T. 54, pág. 391. [<<](#)

^[5] *Ibidem*, T. 50, pág. 70. [<<](#)

[6] *Compêndio da Justiça Soviética* , Moscou, 1919, p. 20. [<<](#)

[7] Na linguagem dura-bombástica de Vichinski, "o único processo existente no mundo com um autêntico valor histórico universal, capaz de erguer sobre as ruínas do sistema prisional burguês, aquelas" casas dos mortos "construídas pelos exploradores para os trabalhadores, novos estabelecimentos de conteúdo social ". Compêndio *Das prisões aos estabelecimentos de ensino*, Editorial «Legislação Soviética», Moscú, 1934, prólogo. <<

[8] *Ibid.*, P. 10. [<<](#)

[9] *Ibid.*, P. 103. [<<](#)

[10]

Após a paz de Brest-Litovsk, os Sociais-Revolucionários de esquerda deixaram o governo e o Commissariado da Justiça passou para as mãos dos bolcheviques. <<

[11] Permaneceu em vigor durante a guerra civil até novembro de 1920. <<

[12] Relatório do Commissariado do Povo para a Justiça ao VII Congresso Pansoviético, pág. 9. [<<](#)

[13] *Documentos do Comissariado do Povo para a Justiça*, fasc. VII, pág. 137. [≤](#)

[14] *Compêndio de Atos Legislativos da RSFSR*, ano 1919, nº 12, p. 124 e nº 20, p. 235. [<<](#)

[15] *Documentos do Commissariado do Povo para a Justiça*, 1920, tasc. VII.

<<

[16] Aquela mulher, agora esquecida, foi então confiada (como delegada do Comité Central e da Cheka) o destino de toda a província de Penza. <<

[17] Lenin, *Complete Works*, 5ª edição, t. 50, pp. 143-144. <<

[18] *Compêndio de Atos Legislativos da RSFSR*, ano 1918, nº 65, p. 710. [≤](#)

[19] *Compêndio das prisões...* [<<](#)

[20] *Islas Solovki Magazine* , 1930, No. 2-3, p. 55. Do relatório do chefe da USLON ao camarada Nogtiev, em Kemi. Hoje os turistas Cua NDO são mostrados na foz do Dvina o chamado "campo do Governo de Chaikovski" devem saber que este é um dos primeiros campos de "Desino especial" do Norte. <<

[21] Este Arquivo Central da Revolução de Outubro e da Construção do Socialismo, fundo 393, inventário 13, arquivo 1 c, f. 111. [<<](#)

[22] *Ibid.*, F. 112. [<<](#)

[23] *Ibid.*, Inventário 39, arquivo 49, ss. 13 e 14. <<

[24] AA Gerzensohn, *Fighting crime in the RSFSR*, Moscow, "Legal Editions", 1928, p. 103. [≤≤](#)

[25] Compêndio *das prisões...*, p. 431. [<<](#)

[26] IL Ave rbach, *From crime to work*, editado por Vichinski, Editorial «Soviet Legislation», 1936. [<<](#)

[27] O mesmo de hoje, nos anos sessenta. <<

[28] Magazine *The Soviet Power* 1923, No. 1-2, p. 57. [<<](#)

[29] *Ibid.*, 1919, No. 11, pp. 6-7. [<<](#)

[30] Arquivo Central do Estado da Revolução de Outubro e da Construção do Socialismo, fundo 393, inventário 47, arquivo 89, folha 11. [<<](#)

[31] *Ibid.*, Inventário 53, arquivo 141, ss. 1, 3 e 4. [<<](#)

[32]

Apenas os monges pareciam pecadores demais para os Solovki. Estávamos em 1908 e as concepções da época proibiam se referir ao clero em termos favoráveis. Mas nós, que passamos pelo Arquipélago, provavelmente veríamos esses mesmos monges como verdadeiros anjos. Apesar de poderem comer à vontade, no mosteiro do Gólgota- Crucificação só provavam peixe em dias de grande festa, apesar de ser alimento de vigília. Podendo dormir o tempo que quisessem, passavam as noites acordados e (no mesmo mosteiro) liam todas as horas do dia, todos os dias do ano, sem nenhuma interrupção, o saltério com menção de todos os cristãos ortodoxos vivos e falecido. <<

[33]

Os especialistas na história da técnica asseguram que Filip Kolychev (que ousou levantar a voz contra I ván, o *Terrível*) implantou no século 16 nos Solovki técnicas agrícolas que ele não teria vergonha de ensinar nem mesmo três séculos . <<

[34]

E o mosteiro teve que enfrentar os ingleses em 1808, e mais tarde, em 1854, conseguindo resistir aos seus ataques; em 1667, contra os nikonianos, a fortaleza foi entregue ao boyar do czar pelo monge Teoctisto, que descobriu uma entrada secreta. <<

[35] Quantas religiões foram quebradas por essa conjunção de prisão com mosteiro! <<

[36]

Desde 1718, uma prisão estadual existia em Solovki. No final do século XIX, o Grão-Duque Vladimir Al Exandrovich, comandante da região militar de São Petersburgo, visitou Solovki e considerou supérflua a presença de um comando militar naqueles locais, para os quais *tinha todos os soldados do arquipélago de o Solovki*. A prisão de Solovki deixou de existir depois de 1903. Prisões do mosteiro AS Prugavin , Posrednik Publishing House, pp. 78 e 81. <<

[37]

O mesmo fogo serviu ao nosso "bacilo anti-religioso" para explicar as grandes dificuldades que ele enfrentava atualmente em encontrar vestígios dos antigos instrumentos de tortura. [<<](#)

[38]

Por volta de 1930 foram expulsos do Solovki, e a partir daí as capturas pararam: ninguém mais sabia como encontrar aqueles famosos arenques do mar, como se tivessem desaparecido para sempre. [<<](#)

[39] Em finlandês, este lugar é chamado Veguerashka, ou seja, "a casa das bruxas". [<<](#)

[40] Nomeado em homenagem ao presidente da lista de finalistas da OGPU de Moscou, um jovem que abandonou a escola:

*Eu era um estudante de engenharia,
mas os exames foram muito ruins.*

(de um *epigrama amigável* que apareceu na revista *Solovki Islands*, 1929, no. 1, e que a censura estúpida não percebeu). <<

[41] 1930, n° 1. [<<](#)

[42]

Com o passar dos anos, todos os valores vão se revertendo, e o que nos campos de destinação especial da década de 1920 teve caráter privilegiado, como o uso de roupas entregues pela administração, na década de 1940 será insuportável: aliás, entre Para nós, o privilégio consistia em *não usar* roupas caipiras, mas em ter pelo menos algo exclusivo de uma, embora fosse apenas o chapéu. Isso se deve não apenas a causas econômicas, mas também às tendências da época: uma década vê seu ideal no fato e se integrar em uma comunidade, a próxima década vê seu ideal no fato de se individualizar dela. <<

[43] Os trilhos da ferrovia Staraia Rusa-Novgórod foram transportados para lá. [<<](#)

[44] Não deve ser confundido com seu homônimo, o chefe militar do arquipélago Solovki. <<

[45]

E aí acabou! O regime mostrava que já havia passado o tempo das brincadeiras e que era preciso levar as coisas mais a sério. Mas em 1929, após os eventos importantes que aconteceram no Solovki e como consequência do espírito de reeducação que começou a reinar nos campos, a revista foi ressuscitada e continuou a aparecer até 1932. <<

[46]

E hoje, naquelas mesmas pedras para onde outrora foram arrastados corpos assim, naquele lugar do pátio protegido do vento Solovki, os felizes turistas que vêm visitar aquela famosa ilha, jogam voleibol durante horas. Não sabem. Bem, e se eles soubessem? Bem, eles continuariam jogando exatamente da mesma forma. <<

[47]

Um costume Solovki que, estranhamente, encontramos repetido nos cadáveres de Katyn ... Alguém se lembrou de uma antiga tradição? Ou talvez de suas próprias experiências pessoais? [<<](#)

[48]

Aqui estão alguns dos Solovkians cujos nomes permaneceram na memória dos sobreviventes: Shirinskaia-Shajmatova, Sheremeteva, Shajovskaia, Fitstum, IS Delvig, Bagratuni, Assotsiani-Erisov, Hocheron de la Fosse, Sivers, GM Osorguin, Klodt, NN Bajrushin, Aksakov, Komarovski, P. M . Voieikov, Vadbolshi, Bonliarliarski, V. Levashov, OV Volkov, V. Lozino-Lozinski, D. Gudovich, Taube, VS Muromtsev. O ex-líder dos democratas constitucionais Nekrasov (mas era realmente ele?). O agricultor prof. Ozerov. O advogado prof. AB Borodin. O psicólogo prof. AP Sukhanov. Os filósofos professores AA Meyer, SA Askoldov, IN Danzas e o teosofista Moebus. Os historiadores NP Antsiferov, MD Priselkov, GO Gordon, AI Zaozerski, PG Vasienko. Críticos literários DS Lijachov e Zeitlin, Filólogo IE Anichkov. O orientalista NV Pigulevskaia. O ornitólogo G. Poliakov. Os pintores Braz, PF Smotritski. Atores ID Kalugin (do teatro "Alexandra"), B. Glubokovski, VI Korolenko (sobrinho do escritor). Nos anos 1930, quase no final do Solovki, o padre Pablo A. Florenski também foi preso ali. <<

[49] Como você está? [<<](#)

[50] É interessante observar como, já nas madrugadas do Arquipélago, se começou com o que voltaríamos nos últimos Campos Especiais: a luta contra os *informantes*. <<

[51]

O nome da montanha e do mosteiro é raro, não o encontramos em nenhum outro lugar. Segundo a tradição (manuscrito do século 18 , Biblioteca Pública, Patericon de las Solovki) em 18 de junho de 1712, nesta montanha para o monge Jó, enquanto ele estava em oração da noite, a Santíssima Virgem apareceu para ele "na glória celestial ." e ele disse: «Esta montanha de agora em diante se chamará Gólgota, e sobre ela será construída uma igreja e o mosteiro da Crucificação. E se purificará com inúmeros sofrimentos ». Foi assim que o chamaram e foi assim que construíram, mas por mais de duzentos anos a previsão parecia não fazer sentido, e não se esperava que um dia se tornasse realidade. Depois do acampamento Solovki, o mesmo não pode ser dito. <<

[52] Compêndio *das prisões...*, p. 115. [<<](#)

[53] *Isl as Solovki*, 1930, n° 2-3, pp. 56-57. [<<](#)

[54] *Ibid.*, P. 57. [<<](#)

[55] G. Friedman, *A Fantastic Story*, *Solovki Islands Magazine* , 1930, No. 4, pp. 43-44. [<<](#)

[56]

Oh Bertrand Russell! Oh Hewlet Johnson! Oh, onde estava sua consciência de fogo ENTÃO ?! <<

[57] Entre nós é sempre MAIS DO QUE SEMPRE, nunca pode ser menos.

<<

[58] *Ilhas Solovki*, 1930, n° 2-3, p. 60. [<<](#)

[59] E você também não leu esse livro, Sir Bertrand Russell? [<<](#)

[60]

A *mulher gepetita* que acompanhava Gorki também tinha caprichos de escritora, e assim ela observou: “Entramos em contato com a vida do campo de Solovki. Eu estou indo para o museu... Todos nós vamos para o Monte Sekir. De lá, você descobre um panorama surpreendente. Vemos o lago, cujas águas são de uma fria cor azul escura; ao redor está a floresta; ele parece encantado, a iluminação muda, as copas dos pinheiros parecem pegar fogo e o espelho do lago se incendia. Tudo é pacífico e surpreendentemente bonito. No caminho de volta, passamos por fazendas de turfa. À noite, eles nos oferecem um concerto. Eles nos convidaram com os arenques locais; eles são pequenos, mas requintados e muito tenros; eles derretem na boca. *M. Gorki e seu filho*, Editorial Naúka, Moscou, 1971, p. 276 (nota de 1972). <<

[61] *Ilhas Solovki*, 1929, nº 1, p. 3. (Nas Obras Completas de Gorki este escrito não aparece). [<<](#)

[62] Ele

atribuiu o comportamento lamentável de Gorki , após seu retorno da Itália e até sua morte, ao engano e à falta de esclarecimento. Mas sua correspondência publicada recentemente na década de 1920 nos leva a buscar uma explicação ainda mais baixa: a ganância. Instalado em Sorrento, Gorki, para sua grande surpresa , não encontrou fama nem dinheiro ao seu redor (e vivia cercado por uma verdadeira corte de criados). Era evidente que para obter dinheiro e reviver sua glória era essencial retornar à União Soviética e aceitar todas as suas condições. Assim, ele se tornou um prisioneiro voluntário de lagoda. E em vão Stalin o matou, por excesso de prudência: teria até celebrado o ano de 1937! <<

[63] Em um desses lotes, Kurilko também foi baleado. <<

[64] IL Averbach, *Do crime ao trabalho*, sob a direção de Vichinski, Editorial «Legislação Soviética», 1936. [<<](#)

[65] Esse slogan perfeitamente maduro era digno, parece-me, ser espalhado por toda a União Soviética . [<<](#)

[66] Eles

me reprovam por não escrever *tufta*, o que é correto no jargão dos ladrões, enquanto *tujta* é uma distorção camponesa, como "telefone". Mas é isso que me atrai: *Tujta* ainda tem parentesco com a língua russa, enquanto *Tufta* é totalmente estranho para ele. Os ladrões trouxeram a palavra e a ensinaram a todo o povo russo; *Bem*, que seja *tujta* (*N. do Autor*). Em termos de significado, o termo abarca todas as formas muito variadas de enganar o Estado, no que diz respeito à quantidade e qualidade das obras realizadas, bens produzidos, serviços prestados, etc., etc. Veja o capítulo V.
- *N. del T.* <<

[67] Arquivo Central do Estado da Revolução de Outubro e Construção do Socialismo, fundo 393, inventário 79, arquivo 65, ss. 369-372. [<<](#)

[68]

Esta é a data oficial; na verdade, de 1930. Mas eles esconderam o período de organização para obter um período mais curto e assim embelezar a história ... Também havia *tujta* aqui . [<<](#)

[69]

Pedimos gentilmente ao leitor que leve em consideração que todas essas informações foram obtidas por meio de perguntas e indagações, e alguns erros ou omissões podem muito bem ter nos escapado. <<

[70] Compêndio *das prisões...*, p. 429. [<<](#)

[71] *Ibidem*, Pp. 136-137. [<<](#)

^[72] Diário Oficial da URSS, 1929, nº 72. [<<](#)

[73] Compêndio *das prisões...*, p. 384. [<<](#)

[74]

Mas, em termos gerais, o presídio r Uso do século 19 passou por uma evolução na direção oposta; o trabalho ali tornou-se cada vez menos obrigatório; estava diminuindo. Até a prisão de Kara no início da década de 1990 foi transformada em um local de reclusão comum, e ela não trabalhava mais . Na mesma época, também no Akatui, as demandas de trabalho foram significativamente amenizadas. O recrutamento de presidiários para os empregos no Lago Baikal era mais uma necessidade do momento. Não é o fenômeno dos "dois chifres" sendo discutido aqui novamente, ou a parábola, como é o caso das prisões de longo prazo (Parte 1, Capítulo IX): amolecimento por um lado, exacerbação da crueldade por outro ? <<

[75] Tenho uma hipótese pessoal a esse respeito que formularei em outro lugar. <<

[76] *Canal do Mar Báltico-Branco de Stalin*. História de uma construção, cap. 8. [<<](#)

[77] Devorado pela ambição de ser um autor, ele escreveu seu próprio livreto sobre o Belomorcanal. <<

[78] Eles decidiram chamá-los assim para aumentar seu moral (ou talvez em homenagem ao malfadado exército de trabalho?) [<<](#)

[79] Quanto ao resto, Rappoport estava errado sobre o valor do cosseno.
BBK, pág. 107. [≤≤](#)

[80] M. Bermann, M. Bormann ... novamente a diferença é uma única letra, como com Eichmans e Eichmann. [<<](#)

[81]

IU Kuzemko, *Lock No. 3*, ed. Seção Educacional-Cultural Dmitlag, 1935. «Não difundir fora dos limites do campo». Devido às raras cópias desta edição, outra combinação pode ser recomendada: "Kaganovich, Iagoda e Khrushchev inspecionam os campos do Belomorcanal." DD Runes *Despotism, NY*, 1963, p. 262. <<

[82] *Canal Báltico-Mar Branco*, p. 82. [<<](#)

[83] Em

outras palavras, um dos primeiros *sharashki*, uma das primeiras ilhas do Paraíso. Também se referem a um semelhante, um Escritório de Designers Especiais em uma fábrica em Idjora, onde foi construído o primeiro grande *florescimento*. <<

[84] Em
adição a vários meses *LAVAR* você durante a organização que não
consistem em qualquer lugar. [<<](#)

[85] *Canal Báltico-Mar Branco*, p. 112. [<<](#)

[86] *Ibid.*, P. 113. [<<](#)

[87] *Ibid.*, P. 356. [<<](#)

[88] *Ibid.*, P. 153. [<<](#)

[89] UI. Kuzemko, *Lock No. 3*. [<<](#)

[90] *Canal Báltico-Mar Branco*, p. 302. [<<](#)

[91] Eu me submeto ao "F" apenas porque cito. <<

[92]

Na assembleia de agosto dos soldados do canal, Lazar Kogan declarou: “A assembleia não está longe, será a última do sistema de campos. O ano, o mês e o dia não estão longe, quando os campos de trabalho corretivo não são mais necessários. Já que ele provavelmente foi baleado, você nunca saberá o quão errado ele estava! Ou talvez ele mesmo não acreditasse em suas palavras ...? <<

[93]

Re também amarrou Skripnikova refugiados que chegavam fugindo da fome na Ucrânia e se estabeleceram perto do campo em Medviejegorsk em busca de trabalho. Os presos os chamavam e os alimentavam *com suas próprias rações!* Muito provável. Mas nem todos conseguiram escapar da Ucrânia. <<

[94] D. Vitovski, *Half life*. [<<](#)

[95]

E entre eles também Alexis N. Tolstoi, que, depois de ter percorrido o canal em construção (de alguma forma teve que pagar pelo alto cargo que ocupava) «contou com paixão e em tom inspirado tudo o que tinha visto, pintado as sedutoras, quase fantásticas e ao mesmo tempo tão reais... perspectivas para o desenvolvimento da região, colocando nas suas palavras todo o fogo da sua inspiração criativa e da sua imaginação de escritor. E com a voz literalmente quebrada pela emoção, falou-nos da construção do canal, do *avanço da técnica* (os grifos são nossos, A. S) »... <<

[96] IL Averbach, *From crime to work.* [<<](#)

[97] Prólogo de Vichinski ao compêndio *das prisões...* <<

[98] Prefácio de Vichinski ao livro de Averbach. [<<](#)

[99]

Ibid. [<<](#)

[100]

Bandas foram usadas em outros campos também. Estavam instalados junto à costa e os músicos tocavam incessantemente durante vários dias e noites seguidas, enquanto os detidos, sem socorro e sem descanso, descarregavam lenha das barcaças. O IDT, que tocava em uma banda no Belomorcanal, lembra que a presença deles irritou muito os trabalhadores (os músicos eram dispensados do trabalho comum, tinham espreguiçadeiras individuais e usavam uniforme militar). Eles gritaram com eles: 'Seus preguiçosos! Parasitas! Venha aqui trabalhar! " <<

[101]

Deve-se notar que os intelectuais que conseguiram *deslizar* para os cargos executivos do canal souberam usar essas seis condições com grande inteligência : se dizem "faça uso extensivo de especialistas", retire o máximo possível dos cargos comuns. engenheiros; Se eles disserem "não permita a fluidez da força de trabalho", você proíbe as transferências. <<

[102] IU Kuzemko, *Lock No. 3*, Dmitlag, 1935. [<<](#)

[103] O folheto do *soldado do Canal*. Dmitlag 1935. (Não sirva fora dos limites!) [<<](#)

[104] *Ibid.* [<<](#)

[105] Todas essas fotos foram tiradas do livro de Averbach. Este último nos adverte: não encontrarão nenhuma fotografia de *kulaks* ou sabotadores (isto é, os mais nobres rostos camponeses e intelectuais), porque, explica Averbach, "sua hora ainda não chegou". Infelizmente, essa hora nunca chegou para eles. Os mortos não são ressuscitados. <<

[106] Em sua vida privada, Averbach aparentemente começa diretamente com a segunda etapa. [<<](#)

[107] IL Averbach, *From crime to work*, p. 164. [<<](#)

[108]

Entre nós, tudo é feito ao contrário, às vezes até as recompensas são contraproducentes. Em um dos campos onde foi internado na região de Arjanguelsk, o ferreiro Paramonov foi reduzido em dois anos de sua sentença de dez, encerrando assim seus oito anos apenas em tempo de guerra. Como ele tinha cinquenta e oito anos, eles não o soltaram, mas sim o deixaram no campo "até uma resolução especial" (aquela palavrinha, "especial" de novo!) Assim que a guerra acabou, aqueles que haviam sido processados junto com Paramonov terminaram seu dez anos, e eles foram soltos. Ele ficou mais um ano. O procurador soube do seu recurso, mas nada pôde fazer: a "resolução especial" ainda vigorava em todo o território do Arquipélago. <<

[109]

Pois bem, não foi em vão que o V Congresso dos Trabalhadores da Justiça condenou todo aquele estatuto em 1931: «A ampla e injustificada aplicação da liberdade condicional antes do termo e do pagamento dos dias de trabalho ... só contribui para fazer sentenças judiciais *irrealistas* , *para minar a repressão ao crime* e para desviar *a linha de classe*. <<

[110] Pawel, Ernst, *The Triumph of Survival*. - *The Nation*, 1963, 2 de fevereiro. <<

[111]

Neste capítulo, todas as citações cuja fonte não é expressamente especificada são retiradas do livro de Averbach. Mas às vezes eu sintetizava várias de suas frases em uma; às vezes eu também esquecia sua verbosidade insuportável. Ele precisava de muita palha para sua tese e, por outro lado, falta. Mas em nenhum lugar eu deturpei o significado. <<

[112]

Cancioneros del Dnitlag, 1935. A música foi denominada «música do exército da canaleta», e o júri do concurso foi composto por compositores livres: Shostakovich, Kabalevski, Schechter ... [<<](#)

[113] Compêndio *das prisões...*, prólogo. [<<](#)

[114] *Ibid.*, P. 449. Um de seus autores, Apeter, é o novo chefe do GULAG.

<<

[115]

Não encontrarei outro lugar neste livro para explicar do que se trata, portanto, deixarei uma longa nota para os interessados.

A hipócrita sociedade burguesa tinha imaginado que devia controlar o estado dos locais de detenção e a forma como a emenda dos prisioneiros era realizada. Na Rússia czarista, as "sociedades de cuidado carcerário" eram conhecidas por "melhorar as condições físicas e morais dos prisioneiros", e comitês de caridade e patrocínios moviam-se constantemente perto das prisões. Quanto às prisões americanas, as comissões de observação formadas por membros de órgãos públicos gozam de amplos direitos desde as décadas de 1920 e 1930: têm até o direito de liberar antes do termo (não apenas para solicitá-lo, mas diretamente para liberar, sem passar por um Tribunal). Mas, como nossos estudiosos do direito dialético muito bem objetam: "Não devemos esquecer *quais classes* compõem essas comissões: eles decidem de acordo com seus próprios interesses de classe."

Entre nós está outra música. O primeiro "Regulamento Provisório" de 23 de julho de 1918, que criou os primeiros campos, já previa a constituição *de Comissões de Distribuição* vinculadas às Seções Punitivas provinciais. O objetivo dessas comissões era distribuir todos os condenados entre os SETE tipos de privação de liberdade estabelecidos na RSFSR para os primeiros anos. Esse trabalho (que de certa forma substituiu o dos Tribunais) foi tão importante que o Commissariado do Povo para a Justiça, em seu relatório de 1920, passou a qualificar a atividade das Comissões de Distribuição como "o nervo do trabalho punitivo". Sua composição era muito democrática; por exemplo, em 1922 era constituída por uma *troika*: o chefe da Direcção Provincial do NKVD, um membro do *presidium* do Tribunal Provincial e o director dos centros de detenção da província. Posteriormente, foram acrescentados um representante da Inspeção Provincial do Trabalho-Camponês e outro do Conselho Provincial de Sindicatos. Mas a partir de 1929 eles começaram a ficar muito descontentes com eles: eles praticavam a libertação antes do termo e concediam privilégios a elementos socialmente estranhos. "Foi uma prática de direita e de oposição levada a cabo pela liderança do NKVD." Com a qual, nesse mesmo ano da Grande Mudança, as Comissões de Distribuição foram extintas, e em seu lugar foram criadas Comissões de *Observação*, presididas por juízes e cujos

membros eram o chefe de campo, o Ministério Público e um representante de *órgãos públicos*: um para os trabalhadores *do pessoal de vigilância*, um para a *Polícia*, um para o Comité Executivo regional e um para o Komsomol. Como nossos juristas objetam muito bem, não devemos esquecer quais classes ... Ah, desculpe, eu já disse isso antes ... As Comissões de Observação ficaram a cargo do NKVD para decidir as questões de fertilizantes e liberação condicional, e pelo VZIK (isto é, pelo Parlamento) para verificar, em curso, o cumprimento do *plano financeiro e industrial*. Pois essas Comissões foram as que se desfizeram no início do segundo plano quinquenal. Para ser honesto, nenhum preso lamentou essa perda.

E já que se trata de classes, um dos autores desse mesmo *Compêndio* , Shestakova, com base em documentação dos anos 1920 e início dos anos 1930, «chega à curiosa conclusão de que existe uma analogia na composição social das prisões burgueses e nossas ": para sua grande surpresa, descobriu que tanto nas prisões de lá como nas daqui há ... trabalhadores. Bem, é claro que deve haver alguma explicação dialética para isso, ela simplesmente não conseguia encontrar. Acrescentemos de nosso lado que esta "curiosa analogia" sofreu um desequilíbrio nos anos 1937-1938 , quando altos funcionários do Estado começaram a afluir para os campos. Mas a proporção foi restaurada muito em breve. Todas as inundações de guerra e pós-guerra, com seus muitos milhões, foram apenas inundações de *trabalhadores*. <<

[116]

Em 1954, uma reserva industrial de ouro foi descoberta em Serpantinka (cuja existência era desconhecida até então). Eles tiveram que ser extraídos no meio de ossos humanos: o ouro é mais valioso. <<

[117]

Qual é a razão para esta profusão, enquanto quase não há memórias de fora de Kolyma? Será que a flor do mundo da prisão se reuniu em Kolyma? Ou porque, curiosamente, nos campos "próximos" morreram com mais entusiasmo? <<

[118]

Da mina Zolotisky eles libertaram 186 poloneses (dos 2.100 que trouxeram para lá um ano antes). Eles acabaram no exército de Sikorski no oeste, e lá, aparentemente, eles falaram muito sobre esse Zolotisko e. Em junho de 1942 foi encerrado definitivamente. <<

[119]

Isso requer uma explicação bastante complexa, como a guerra germano-soviética como um todo. Porque décadas acontecem. Não acabamos de nos compreender em um determinado período, quando o próximo vier nos cobrir com sua camada de cinzas. Nenhuma década conheceu a liberdade ou pureza da informação e, entre golpes e golpes, as pessoas não podiam ver claramente nem dentro de si mesmas, nem nos outros, nem nos acontecimentos. <<

[120] Vichinski, *Prefácio* do livro de Averbach *From crime to work*, p. SERRA. <<

[121] *Ibid.*, P. VII. [<<](#)

[122]

Nestes mesmos termos, falamos dos Kolkhozianos e dos Trabalhadores, mas acho melhor parar por aí. [<<](#)

[123]

Cartas a um velho camarada, edição da Academia, t. XX, pág. 585. [<<](#)

[124]

Todos os séculos deixaram testemunhos semelhantes. No século XVII , Iuri Kridjanich escreveu que os camponeses e artesãos da Moscóvia viviam em maior abundância do que os do Ocidente, que mesmo os habitantes mais pobres da Rússia comiam planta, peixe, carne branca. Mesmo na 'época dos motins' do século XVII , 'os celeiros não estavam vazios, os campos estavam cobertos de montes, as eiras estavam cheias de colheitas, havia comida ali durante muitos anos' (Abraham Palitsyn). No século XVIII , Von-Wiesin compara o bem-estar dos camponeses russos com o dos franceses no Languedoc e na Provença e conclui que "se devo julgar com justiça, o nosso estado é incomparavelmente mais afortunado". No século 19 , Pushkin descreveu uma vila de servos com as seguintes palavras: "Em todo lugar que você respira trabalho e bem-estar." <<

[125]

Também ocorreu em grandes equipes não especializadas, mas apenas em campos de prisioneiros e em condições especiais. Falaremos sobre isso na parte V. [<<](#)

[126]

Desta forma, a *tujta*, como muitos outros problemas do Arquipélago, não se limita a ela, mas ocorre em escala nacional. [≤≤](#)

[127] Novamente "o povo"; é um detalhe, certo? <<

[128]

Quando se discute as conferências universais de desarmamento, sempre há um detalhe que me preocupa: na lista de armas proibidas, ninguém fala em cães policiais. E, no entanto, a vida das pessoas é muito mais amarga do que os mísseis. <<

[129]

Não, *como* escrever, ainda não sabia! De acordo com o relato de Arcadi Belinkov, Ingal, após sua transferência para outro campo, continuou a escrever assim o tempo todo, entrincheirado em seu estrado. Os outros prisioneiros começaram perguntando; Em seguida, exigiram que ele lhes mostrasse o que estava escrito (e se fossem reclamações ...?) Ingal, vendo nada mais do que um novo ataque à sua inspiração, só que desta vez do lado oposto, recusou. E eles bateram no chão!

Citei alguns trechos de suas cartas, de modo que seu título é marcado pelo menos por aquela minúscula indicação. <<

[130]

Esse romance nunca poderia ser concluído por Ingal, porque ele nunca soube como *El Campesino* havia terminado . *El Campesino* sobreviveu a seu biógrafo. Ouvi dizer que durante o terremoto de Ashkhabad ele expulsou um grupo de presos do campo semidestruído e todos juntos cruzaram as montanhas e se refugiaram no Irã (os guardas da fronteira também estavam com medo). <<

[131]

Essa anistia liberou Fifty-Eights por até *três* anos, que deu quase ninguém, não acho que atingiu nem mesmo meio por cento dos condenados nos termos do artigo em questão. Mas mesmo naquele meio por cento dos casos, o espírito intolerante das anistias prevaleceu sobre a suavidade de sua letra! Eu conheci um menino, acho que Matiúshin (ele era um pintor no campo de Kaluga), que havia sido condenado a 58-1 b por ter sido feito prisioneiro muito cedo, talvez no final de 41, quando ainda não havia sido decidido como processar aquele nem quantos dias. Matiúshin, por ser prisioneiro do inimigo, recebeu apenas três anos, um caso sem precedentes. Concluída a sentença, é claro que não o soltaram, mas adiaram até a Resolução Especial. Mas foi apresentada anistia! Matiúshin começou a pedir (aqui não se trata de exigir) a sua libertação. Por quase cinco meses, os assustados funcionários do governo o negaram, até que finalmente, em dezembro de 1945, eles o deixaram retornar à sua província natal de Kursk. O boato se espalhou (e o contrário seria incrível) que logo ele foi agarrado novamente e completou até *cinco dólares*. Não é bom aproveitar a confusão do primeiro Tribunal! <<

[132]

Talvez houvesse também uma certa justiça histórica ali: uma velha dívida foi paga à deserção da frente (deserções em massa em 1917, *N. del T.*), sem a qual todo o curso de nossa história teria mudado. [<<](#)

[133]

Em 1958, o Ministério Público Militar Central da URSS respondeu: “a culpa está provada; Não há motivo para rever o caso. Apenas vinte anos depois, em 1962, seu caso foi arquivado nos termos dos Artigos 58-10 (espírito anti-soviético) e 58-1 1 (“organização” de dois membros, marido e mulher). Em vez disso, em virtude do artigo 193-17-7 d (cumplicidade na deserção), foram condenados a cinco anos, aos quais foi aplicada a anistia stalinista (vinte e cinco anos depois!). Em 1962 eles escreveram aos dois velhos, agora definitivamente abalados: "AMBOS SÃO CONSIDERADOS LANÇADOS a partir de 7 de julho de 1945 com isenção de condenação!"

<<

[134]

No inverno do mesmo ano, Boris Gammerov morreu de exaustão e tuberculose, no hospital. Comemoro nele um poeta que não teve a oportunidade de suspirar. Sua personalidade espiritual era sublime e, naquela época, seus versos também pareciam extraordinários para mim. Mas não consegui lembrar de nenhum, e em nenhum lugar consigo encontrá-los, para poder depositar pelo menos aquelas pedrinhas em seu túmulo. <<

[135] Cartas de IA Gruzdev a Gorky. Arquivo Gorky, t. XI, Moscou, 1966, p. 157. [≤](#)

[136]

Aqueles que elevam os padrões de trabalho industrial podem ainda ter a ilusão de que isso corresponde a avanços na tecnologia de produção. Mas aqueles que aumentam os padrões de trabalho *físico*, esses são os piores algozes! Eles não podem acreditar, meu Deus, que sob o regime socialista o homem cresceu duas vezes e dobrou a espessura de seus músculos! Essas são as pessoas que devem ser julgadas! Essas são as pessoas que deveriam ser enviadas para cumprir seus próprios padrões! <<

[137]

A situação em muitos campos justifica as censuras de Shalamov a mim: "O que significa aquele *gato de hospital* que anda impunemente em sua história ? Por que eles ainda não comeram ...? E por que Ivan Denisovich precisa de uma *colher*, quando se sabe que tudo o que se cozinha no campo é tão líquido que se bebe facilmente na mesma tigela, como se fosse uma xícara? " [<<](#)

[138]

De acordo com a enciclopédia *Rússia-URSS*, havia cerca de 15 milhões de prisioneiros no GULAG ao mesmo tempo. Esse número está de acordo com o que nós, os detidos, calculamos de dentro para fora. Quando publicarem números mais comprovados, nós os aceitaremos. <<

[139] Em Akatui, eles entregaram peles aos prisioneiros. <<

[140]

Nem Dostoiévski, nem Tchekhov, nem Iakubovich nos dizem o que os condenados usavam nos pés. Eles usariam algo decente, caso contrário, teriam escrito. [<<](#)

[141] Ver Capítulo XXII. [<<](#)

[142] Biriukov, *Conversations with Tolstoy*, t. 3-4, pág. 48. [<<](#)

[143]

Os médicos contornaram esses regulamentos o melhor que podiam. Na *lagpunkt* de Symsk praticavam a *semihospitalización*: os acerosos deitavam-se sobre as próprias capas, mandavam-nos varrer a neve, mas tinham direito a encher o hospital. O diretor da Seção Sanitária AM Statnikov, cidadão livre, zombou do percentual rígido estabelecido para o grupo “C” da seguinte forma: reduziu o número de enfermarias nas áreas de trabalho, mas em vez disso ampliou os hospitais *lagpunkts*, ou seja, só constituídos para doente. Documentos oficiais do GULAG falam mesmo em "melhorar o *perfil físico dos reclusos*", mas nunca foram disponibilizados meios para o fazer. Toda a complexidade desses subterfúgios imaginados por médicos honestos demonstra justamente que o setor sanitário não tinha o poder de interromper o processo mortal. <<

[144]

Dostoiévski entrou no hospital sem a menor dificuldade. E a seção de saúde era a mesma para detentos e acompanhantes. Em desenvolvimento!

<<

[145]

Na história de O. Volkov, *Os Avós* , os idosos "dispensados" são expulsos do campo, mas não têm para onde ir; Então eles se instalam ali mesmo, perto do campo, para morrer, privados de pão e abrigo. [<<](#)

[146] Nos dias de Dostoiévski, você podia sair da fila para pegar esmolas.
Nas fileiras, eles conversaram e cantaram. <<

[147]

Não sei por que na prisão de Dostoiévski "não havia amizade entre os reclusos"; Eles nunca comiam dois na mesma tigela! <<

[148] Compêndio *das prisões...*, p. 358. [<<](#)

[149]

Em minha peça, apresentei-a sob o nome de Grania Zybin, mas atribuí mais sorte a ela do que ela realmente teve. <<

[150]

Trata-se do problema do número total de reclusos no arquipélago. Quem sabia esse "ponto 29"? Eles o seguiram ainda mais no Karlag? E quantas pessoas estavam nos outros *pontos*? Quem tiver tempo, faça a multiplicação! E quem conhece, por exemplo, o 5º setor de construção do complexo hidrelétrico de Rybinsk? No entanto, existem mais de dez barracas lá e, sendo o máximo possível, com quinhentas pessoas por barraca, dá a bela cifra de seis mil mais ou menos; de acordo com as lembranças de Loschin, havia mais de dez mil. <<

[151]

Quem se lembra do seu nome hoje? E quem sabe onde ele próprio estará a esta hora? E mesmo se alguém lhe dissesse algo, ele ficaria surpreso: qual é a sua culpa? Eles tinham encomendado! Afinal, não precisaram sair à procura de homens, as vadias...! <<

[152]

Muitas das iniciativas do Corifeo já não são consideradas tão perfeitas hoje, e até foram abolidas, mas a separação dos sexos no Arquipélago mantém-se até hoje. Isso ocorre porque seus fundamentos são profundamente morais. <<

[153] Marx e Engels, t. IV, p. 427. [<<](#)

[154] *Ivan Denisovich, seus amigos e inimigos*, Novyi mir »(Novo mundo), 1964, no. 1. [<<](#)

[155]

Além disso, este problema transcende os limites do Arquipélago e abrange toda a nossa sociedade. Todas as camadas educadas de nossa população, tanto os técnicos quanto os humanistas, não foram também durante todas essas décadas elos dessa mesma corrente? Eles também não estavam conectados no sentido geral? Entre aqueles que sobreviveram e prosperaram, mesmo os mais honestos, eles apontarão um único cientista, ou compositor, ou historiador que se dedicou à melhoria da vida pública, correndo o risco de sua própria vida? <<

[156]

O verdadeiro conteúdo deste caso, aparentemente, difere muito daquele exposto por Fadeiev, mesmo em sua primeira versão; mas não vamos ecoar fofocas simples do campo ... [≤≤](#)

[157] Sobre este destino surpreendente (ou muito comum), veja a parte IV, capítulo IV. [<<](#)

[158] Famoso advogado soviético. <<

[159] Em outras palavras, o advogado repete o que o promotor diz. <<

[160]

A explicação desta expressão está no capítulo XIX. [<<](#)

[161]

De vez em quando aproveito essa possibilidade, tão rara para um ex-prisioneiro: para visitar *seu* campo! E toda vez sinto a mesma emoção. Para medir as dimensões da vida, é tão saudável afundar em um passado sem saída, sentir-se *como então de novo!* Onde antes ficavam a sala de jantar, o palco e o Espaço Educativo-Cultural, está agora erguida a loja «Spartak». Aqui, junto à paragem do autocarro eléctrico, sempre no mesmo local, ficava o posto de guarda externo. Essa janela no segundo andar era nossa caverna monstro. As concentrações foram realizadas aqui. O guindaste mecânico Napolnaia trabalhou aqui. Foi aqui que M. entrou no depósito de Berschader. Pelo pátio de asfalto, as pessoas vêm, vão, caminham, falam de ninharias: não sabem que estão pisando em cadáveres, lembranças que nos pertencem ... Não podem imaginar que este pátio não pudesse fazer parte de Moscou, a vinte minutos do centro de tróibus, mas uma ilhota no arquipélago selvagem, muito mais ligada a Norilsk e Kolyma do que a Moscou. Mas agora não posso mais subir ao telhado por onde andávamos de pleno direito, não posso entrar nos quartos cujas portas pintei e cujos pisos preguei. Eu coloco minhas "mãos para trás" assim, e ando pelo pátio imaginando que não tenho saída, só daqui para lá, e que não sei para onde me mandarão amanhã. E as mesmas árvores do parque Neskuchni, que não estão mais separadas de mim pela área, testemunham que se lembram de tudo, que se lembram de mim, que tudo realmente aconteceu assim. Caminho pelo pátio, vou e volto, a caminhada obrigatória do prisioneiro, com meia volta em cada ponta, e aos poucos vão desaparecendo todas as dificuldades da vida de hoje, derretem-se como cera ...

Não resisto, cometo uma travessura: subo a escada e, no peitoril da janela branca a meio da escada da sala do diretor do acampamento, escrevo em preto: "Seção 121 do acampamento".

Eles vão passar, eles vão ler. Talvez eles reflitam. <<

[162]

Um boato espalhou-se no campo de que Hessel foi preso "por ler o futuro", e os plugados trouxeram pão e tabaco para que ele também pudesse lhes contar boa sorte. <<

[163]

No entanto, este sabotador inveterado foi levado de Kresty para as fábricas militares como um especialista. <<

[164]

As memórias de Ehrenburg não contêm nenhuma alusão a tais eventos triviais. Claro, você pode não saber que seu interlocutor foi preso mais tarde. Ele tinha acabado de responder a ela na hora de acordo com as diretrizes do Partido, e então se esqueceu do assunto . Ehrenburg escreve que ele próprio "foi salvo porque teve sorte na loteria". Sim, claro, só que a loteria já veio com os números marcados. Quando um de seus amigos foi pego, você teve que parar de ligar para ele na hora! Quando o leme girava, você tinha que girar com ele! O ódio de Ehrenburg pelos alemães era tão histérico que o próprio Stalin acabou chamando-o à ordem. Quando, no crepúsculo da vida, se compreende que ajudou a implantar a mentira, não basta tentar justificar- se com Memórias: é preciso sacrificar com coragem hoje. <<

[165] Marx e Engels, Works, t. I, p. 233, ed. 1928. [<<](#)

[166]

Os exemplos foram tirados do livro de Plekhanov, *History of Russian Social Thought*. [<<](#)

[167]

Por exemplo, um jovem americano casado com uma mulher soviética e detido na primeira noite, o que aconteceu fora da Embaixada dos Estados Unidos (Morris Gershman). Ou o ex-guerrilheiro siberiano Muraviov, famoso por sua retaliação contra os brancos (para vingar seu irmão): desde 1930 ele não havia saído das garras da GPU (começou com o ouro), onde havia deixado sua saúde, seus dentes, sua sanidade e até mesmo seu sobrenome (ele se tornou Fox). Ou um prefeito militar soviético, culpado de apropriação indébita de fundos; Para se salvar do artigo da lei consuetudinária, ele fugiu para o oeste da Áustria, onde, ironia, não conseguia encontrar onde aplicar seus talentos. Burocrata obtuso, ele queria conquistar um cargo alto também lá, mas como obtê-lo em uma sociedade onde competem talentos? Então ele decidiu voltar para sua terra natal. Vinte e cinco anos no total foram impostos a ele, por roubo e suspeita de espionagem. E ele ainda estava feliz: aqui ele se sentia livre! Exemplos como esse são inúmeros. <<

[168] Compêndio *das prisões...*, p. 384. [<<](#)

[169] I. Averbach, *From crime to work*, p. 35. [↪](#)

[170]

Nie guerría: " Recuso- me" a todas as exigências das autoridades, disciplina e trabalho. Normalmente, eles são o núcleo mais forte dos malfeitores. <<

[171] Quando hoje os estudantes de medicina perguntam sobre sua biografia, eles são respondidos: "Não há bibliografia sobre ele." [<<](#)

[172] Carta para Kropotkin datada de 20-II-1913, TSGAOR (arquivo 1129, *inventário 2*, edição 1936). [<<](#)

[173] *Informações sobre o mercado de ações*, 3.VIII.17 e 2.IX.17. [<<](#)

[174] *Pravda de Petrogrado*, 6 de setembro de 1918, nº 193. [<<](#)

[175] TSGAOR, arquivo 3348, arquivo 167, f. 32. [<<](#)

[176] Ele foi reabilitado no que se refere à primeira condenação. Então, se não fosse pelo segundo ... [<<](#)

[177]

Os meninos foram vendidos por Fyodor Polotnianchikov. O país deve saber o nome de seus informantes. [<<](#)

[178]

O juiz, um certo Pushkin, foi preso pouco depois, acusado de suborno.

<<

[179]

Isso aconteceu em 1937, e na equipe não há apenas trotskistas "puros", mas também ortodoxos "puros" envolvidos como trotskistas; Eles já enviaram petições ao Comitê Central em nome do Camarada Stalin, ao NKVD em nome do Camarada Lezhov, ao Comitê do Eixo Central em nome do Camarada Kalinin, ao Gabinete do Procurador da Suprema Corte, e agora não lhes convém ter más relações com as autoridades de campo, pois delas dependem os relatórios que serão anexados às suas solicitações.

<<

[180]

Eles incluiriam entre esses "prisioneiros políticos" o resto dos Cinquenta e Oitos, além deles próprios? Provavelmente não: como eles poderiam se considerar irmãos dos *contra - revolucionários*, se até rejeitaram os socialistas? <<

[181] Isso, claro, apenas para eles. <<

[182] Parte V, Capítulo IV. [<<](#)

[183] Tanto quanto posso, esclareço que os itálicos são meus. <<

[184]

Em vista dessas explicações surpreendentes, a outra atribuída a seus personagens por Narokov (Marchenko) é psicologicamente muito possível. "Grandeza imaginária": todas essas prisões são um mero espetáculo, uma forma de verificar quem são os fiéis stalinianos . Você tem que fazer tudo o que é exigido de você, e quem assinou tudo sem ficar amargo, essa pessoa será mais tarde promovida. <<

[185]

Bem, talvez o "Escritório da União Menchevique" tivesse se adiantado a eles, mas eles eram praticamente bolcheviques em suas idéias de qualquer maneira. <<

[186]

E. Guinsburg relata uma cena totalmente invertida. Uma enfermeira da prisão lhe pergunta: "É verdade que você se aliou aos pobres, que está aqui para defender os kolkhozianos?" Uma pergunta quase incrível. Talvez a enfermeira da prisão não veja nada atrás das grades, o que explica uma pergunta tão estúpida. Mas os kotjosianos e as pessoas simples do campo têm olhos para ver e reconhecem imediatamente nessas pessoas as mesmas pessoas que realizaram essa monstruosa "coletivização". <<

[187] *Outubro de 1964, nº 7.* [<<](#)

[188]

Na verdade, levará muito tempo antes que Khrushchev reconheça publicamente que em 1952 colhemos menos trigo do que em 1913. <<

[189]

Em 1957, o responsável pela Seção de Pessoal da Delegação de Educação de Ryazan me perguntou: "Por que o prenderam em 1945?" "Por manifestações contrárias ao culto da personalidade", respondi. Como isso é possível? Ela exclamou, muito surpresa. Será que *então* tinha culto à personalidade? " (Achei, com toda a franqueza, que o culto à personalidade havia sido proclamado em 1956, então como poderia existir em 1945?) [<<](#)

[190] 8 -XII-1962. [<<](#)

[191]

Eles nos farão objeções de que princípios são princípios, mas há momentos na vida em que é necessário ser flexível. Ou não houve um período em que Ulbricht e Dimitrov deram instruções a seus partidos comunais para se submeterem aos nazistas e até mesmo para apoiá-los? Pois bem, a isso já não tenho resposta: nos deparamos com a dialética! <<

[192] *Bandera*, 1964, n° 9. [<<](#)

[193]

O trabalhador do Transbaikal, 27-VIII-64. [<<](#)

[194] *Estrella*, 1963, No. 3. [<<](#)

[195] *New World*, 1964, No. 1, Lakshin, *op. cit.* [<<](#)

[1 96]

Concordo: houve casos em que as relações de poder eram diferentes. Por muitos anos, certo promotor, envolvido no Unzhlag, teve de fingir que era louco; Só assim poderia se salvar de represálias (foi preso na companhia de alguns de seus "afilhados"). <<

[197] Victor Viatkin, *Homem nasce duas vezes*, Parte 2, Magadan, 1964. [<<](#)

[198]

Ivanov-Razumnik relembra: em sua cela no Butyrki, eles desmascararam três informantes, e todos os três eram comunistas. [<<](#)

[199]

Estas linhas foram escrita no início de 1966, e mais tarde ler o mesmo ano em revista de *outubro*, No. 9, um artigo por K. Bukovsky. Eu disse: eles já estão abertamente orgulhosos! [<<](#)

[200]

Agora também podemos adicionar o nome de Gustav Husak. (Nota de 1972). [<<](#)

[201]

A oportunidade de contar a história de sua prisão não será mais apresentada. Eles mobilizaram o menino para o Exército, mas o enviaram para servir nas tropas do MVD. No início, para lutar contra os banderistas; Quando souberam (pelos informantes, claro) que os guerrilheiros iam deixar a floresta para assistir à missa, cercaram a igreja e os pegaram na saída (das fotos). Eles também tiveram que escoltar (em roupas civis) os deputados do povo na Lituânia, quando eles foram às reuniões eleitorais. ("Teve um que foi muito valente, nunca aceitou a escolta!"). Ou então, eles tiveram que proteger uma ponte na província de Gorky. Quando começaram a dar comida ruim, um protesto irrompeu dentro das tropas e, como punição, eles foram enviados para proteger a fronteira com a Turquia. Mas, naquela época, Stepovoi já havia sido preso. Gostava de desenhar e enchia tudo de rabiscos, até capas de seus cadernos de instrução política. Um dia, quando acabava de desenhar um porco, alguém lhe perguntou: "E Stalin, você poderia?" "Posso". E ele desenhou Stalin. Depois disso, ele entregou seu bloco de notas para que seu dever de casa fosse corrigido. Foi mais do que suficiente para que ele fosse preso, mas como durante os exercícios de tiro na presença do general ele acertou de sete a 400 metros em alvos, obteve a autorização. De volta à sua unidade, ele disse que não havia mais árvores onde ele estava, que os próprios fazendeiros haviam cortado todas as árvores frutíferas devido ao imposto Zverev. Foi para o Tribunal Militar Gorky. Até aí criou um escândalo: «Bando de canalhas! Se sou inimigo do povo, porque não me julgas na presença do povo? Por que você está se escondendo? » Depois disso, é claro, Burepolom e Krasnaia Glinka (um campo de regime especial , com obras subterrâneas, apenas para 58). <<

[202]

A palavra "compadre", de acordo com o dicionário de Dahl, significa: "aquele que é *espiritualmente* aparentado , nascido por meio do *batismo*". Portanto, sua transferência para o comissário de campo é muito aguda, muito no espírito da linguagem. Apenas com a ironia usual dos internos. <<

[203]

Mas o professor, o operário, o motorista do bonde, todo mundo que vive do trabalho, ajuda o inimigo! Os únicos que não ajudam são o negociante do mercado negro na praça e o guerrilheiro na floresta! Tom exagerado dessas emissões tolas induzidas várias centenas de milhares de pessoas a tomar refúgio na Escandinávia em 1944. <<

[204]

E a seção operacional vai acabar gostando que de administrar novas frases tanto, tanto significado será que vai dar à sua existência, que quando a guerra acabou e conseqüências ou sentimentos derrotistas já não pode ser invocado, ele vai começar a distribuir as penas para crimes comuns. . Em 1947, no campo agrícola de Dolinka, todos os domingos havia uma sessão pública da Corte. Eles julgavam as pessoas porque enquanto colhiam batatas assavam um punhado delas sob as cinzas ou porque, quando colhiam cenouras ou nabos, os comiam crus (o que os ex-servos da gleba diriam para comparecer a tal julgamento?!), e por tais crimes horrendos deram cinco ou oito anos em virtude do grande decreto dos "quatro sextos", recentemente emitido. Um velho "kulak" já estava terminando seus "dois duros". Ele trabalhava com um jovem touro, propriedade do campo, e não suportava vê-lo morrer de fome. Ele arrancou algumas beterrabas para alimentar o animal (não para comer a si mesmo!), E deram-lhe oito anos. De curso de um *soc ialmente-assessor* nunca teria sido alimentado para o touro! É assim que, década após década, aqueles que vão viver e aqueles que vão morrer são selecionados entre nós. <<

[205] Centralistas democratas. [<<](#)

[206]

São fornecidos os nomes de Roitman, Istniuk, Modell (diretor das Edições Literárias do Estado), Aliev. Entre os criminosos, o de Tadik Nikolaievski. Não podemos dizer com certeza porque cada um deles foi perdoado, mas é difícil imaginar outro motivo. <<

[207]

Estes relatórios foram fornecidos a mim por dois internos com os quais eu estava em cativeiro. Um deles estava *lá*, e eles o amarraram. O outro, um homem com espírito investigativo e já ávido por escrever a história de tudo isso, logo conseguiu examinar os lugares e questionar quem pudesse. <<

[208]

Arquivo Central da Revolução de Outubro e Construção do Socialismo, arquivo 393, inv. 84, exp. 4, f. 68. [<<](#)

[209]

E agora tenta candidamente (obter a pensão) que a sua doença seja reconhecida como *profissional*. Profissional e pensar o que é, tanto do prisioneiro eo guarda! E, no entanto, não querem reconhecê-lo ... <<

[210]

E está tendo cada vez mais prioridade, já em nossa era khrushchevian. Veja *Meu Testemunho* , de Anatoliy Marchenko. [<<](#)

[211]

A coisa foi descoberta da seguinte maneira: seu evasivo camarada caiu novamente em outro assunto. Graças às impressões digitais, eles descobriram sua verdadeira identidade. Então perceberam que os dois fugitivos não haviam morrido, como pensavam, e foram procurar o segundo, Kuzikov. Para isso montaram toda uma investigação em sua província de origem, puseram seus parentes sob vigilância e, por meio de uma corrente de parentes, o alcançaram . E apesar de tudo, eles não pouparam forças ou tempo nos dezessete anos da fuga! <<

[212] Tudo aconteceu como ele conta, só o seu nome não chegou até nós. <<

[213]

Você tem uma religião ateísta pode ser útil! Afirmei que os comunistas ortodoxos não fugiram e Chebotariov não. Mas também havia algum materialismo: os *cazaques*, acredito, ainda teriam uma memória viva da repressão a Budyonny em 1930, e isso explica sua atitude. Em 1950, será diferente. <<

[214]

Mas, pouco depois, tornou-se um local de confinamento para os coreanos, depois também para os alemães e depois para todos. Dezesete anos depois, eu mesmo fui parar lá. [<<](#)

[215]

E agora o velho não me escreve há muito tempo. Receio que ele esteja morto. <<

[216]

Que outro governo na história do mundo já os colocou no mesmo plano? Quem você tem que ser para confundi-los ...? <<

[217]

Na luta tenaz contra a individualidade do homem, começaram por privá-lo de um primeiro amigo, o cavalo, prometendo-lhe um trator. (Como se o cavalo servisse apenas para arrastar uma carroça e não fosse um verdadeiro amigo, um amigo na alegria e na dor, um membro da família, uma parte da alma!) Logo depois eles começaram a perseguir obstinadamente um segundo amigo, o cachorro. Eles eram anotados em um tronco, arrastados para o matadouro ou, na maioria das vezes, comandos especiais organizados pelos soviéticos locais matavam todos em seu caminho. E tal comportamento não se deu por motivos de saúde ou ganância econômica, mas os motivos foram mais profundos: deve-se entender que cachorro não escuta rádio, não lê jornal, é algo como cidadão não controlado pelo Estado, e um cidadão que possui força física, força que não serve aos interesses do Estado, mas exclusivamente a defesa de seu senhor como *pessoa física*, independentemente da atitude para com ele adotada pelo soviete local e até mesmo do tipo de mandado de prisão com o qual venha pegar à noite. Na Bulgária, em 1960, foi proposto muito seriamente aos cidadãos que, em vez de cães, eles criassem ... porcos! O porco não tem princípios, engorda para quem tem faca.

Além disso, as perseguições contra cães nunca se estenderam aos mastins de interesse público, utilizados na captura e vigilância de prisioneiros. <<

[218] Como promotor Golushko, *Izvestia*, 27-II-64. [<<](#)

[219] *Ibid.*, 11 de *dezembro*, 59 e 60 de *abril*. <<

[220] *Ibidem*, 30-160 . [<<](#)

[221] Significa romper com o meio ambiente, com seu consentimento, e retornar a uma vida de trabalho. <<

[222] 29 de novembro de 1962. [<<](#)

[223]

Este hábito de viver fora de outra pessoa *cupículo* é preservado pelo ladrão, mesmo depois de sua libertação, embora à primeira vista, não se encaixa a sua integração no socialismo. Em 1951, em Oi-Miakon (Ust-Nera), o ladrão Krojaliov foi solto e passou a trabalhar como picador na mesma mina. Ele nem tocou no pico, mas o capataz atribuiu-lhe uma produção recorde às custas dos detidos, Krokhaliov ganhava de oito a nove mil rublos por mês, e levava comida no valor de mil para os internos, que já estavam muito felizes com isso e pararam. . Em 1953, o chefe da equipe de presidiários, Miliuchijin, tentou fazer as coisas voltarem ao normal; ladrões livres espancaram-no, acusaram-no de roubo, foi julgado e renovou os seus 20 anos.

Não interprete esta nota como uma revisão da tese marxista de que o *lumpen* não é um dono. Claro que não! Krokhalov nunca pensou em usar seus oito mil rublos para construir uma casa: ele os perdia nas cartas, bebia e gastava com mulheres. <<

[224]

Pessoas educadas , de quem nunca encontrou bandidos em um beco, protestam contra esta apreciação implacável do mundo dos ladrões: não é que aqueles que tanto vociferam contra os ladrões o fazem por um amor secreto à propriedade? Em sisto na minha expressão: vampiros que sugam sangue. Sujam tudo o que para nós constitui o círculo natural da Humanidade. Mas é realmente tão desesperador? Não virá desde o nascimento! Onde está o lado bom da sua alma? Eu ignoro isso. Certamente afogado, esmagado pela *lei* daquele meio criminoso para o qual nós, todos os outros, não somos seres humanos. Já tivemos ocasião de nos referir antes a um limiar de iniquidade. Vê-se que ao assimilar a lei do submundo, o criminoso ultrapassa irreversivelmente um certo limiar moral. Eles também podem objetar que eu só conhecia o lixo do submundo, que os verdadeiros gangsters, os importantes, os líderes do mundo do crime, foram todos fuzilados em 1937. Na verdade, eu não vi gangsters dos anos 1920. Mas não tenho imaginação suficiente para representá-los como pessoas com moral. <<

[225] *Shirmach*: batedor de carteira. <<

[226] Compêndio *das prisões...*, p. 333. [<<](#)

[227]

Em março de 1972, toda a Inglaterra ficou chocada ao saber que um adolescente inglês de quatorze anos na Turquia havia sido condenado a seis anos de prisão por tráfico de drogas em *grande escala*. Como é possível, que atrocidade ...! Mas onde estavam seus líderes esquerdistas, onde seus olhos estavam quando liam as leis de Stalin sobre menores? (Nota de 1972).

<<

[228]

Será que realmente nunca, nunca, em nenhum dia seremos capazes de expor uma única toupeira daqueles que sancionaram a detenção de um estudante por um verso? Vamos ver como está a testa dele? Como você tem seus ouvidos? <<

[229] Compêndio *das prisões...*, pp. 431, 429, 438. [<<](#)

[230] Da época de Iagoda. [<<](#)

[231]

O material usado até agora neste capítulo foi extraído do compêndio *De las prisons...* and Averbach. <<

[232]

Todos aqueles que "se apegam" demais à vida geralmente não se apegam excessivamente ao espírito . [<<](#)

[233] Eles

logo encontraram um pretexto para fabricar um novo caso para Volodya no campo, e o enviaram para Butyrki para treinamento. Ele nunca mais voltou ao seu campo e, naturalmente, seu piano não foi devolvido a ele. E ele mesmo, terá sobrevivido? Não sei, não ouvi falar dele. <<

[234]

Tentarei explicar essa ideia em sua forma mais geral. Desde que o mundo se tornou o mundo, sempre houve duas camadas da sociedade que não podem ser fundidas: a superior e a inferior, o líder e o dirigido . Divisão grosseira, como todas as divisões, mas se incluirmos na camada superior as mais altas, não só em poder, fortuna ou nobreza, mas também em educação (obtida graças ao esforço de uma família inteira ou apenas do indivíduo), em suma Para todos aqueles que não precisam trabalhar com as mãos, a divisão será quase total.

Nesse caso, podemos contar com a existência de quatro esferas na literatura mundial (e na arte em geral, e no pensamento em geral). Primeira esfera : os superiores descrevem (representam, teorizam) superiores, isto é, eles próprios, aqueles de seu mundo. Segunda esfera: os superiores representam, teorizam os inferiores, seus *irmãos mais novos*. Terceira esfera: os inferiores representam os superiores. Quarta esfera: o inferior ao inferior, a eles próprios.

Os superiores sempre tiveram tempo livre, com recursos, muitos ou poucos, com instrução, com educação. Aqueles que desejassem sempre poderiam adquirir o domínio da técnica artística ou da disciplina intelectual. Mas existe uma lei fundamental da vida: a satisfação mata as preocupações espirituais do homem. Assim, a Esfera No. 1 sempre teve muitas perversões da arte satisfeitas dentro dela, com muitas "escolas" doentias e orgulhosas que não eram nada além de malucas. E só quando indivíduos profundamente infelizes entraram nesta esfera, pessoalmente ou com um grande fardo natural de inquietação espiritual, nasceu a grande literatura.

A esfera # 4 é todo o folclore mundial. Aqui o tempo livre não era comum, os particulares só o conseguiam por diferenciais. E da mesma forma, as contribuições , imagens ou expressões anônimas e não planejadas que surgiram em um momento feliz de inspiração foram diferenciais. Os criadores eram muitos, muitos e quase sempre eram pessoas sofrendo e insatisfeitas. O fluxo artístico passou então cem mil vezes por um processo de seleção, lavagem e polimento, boca a boca e ano após ano. E assim recebemos a corrida de ouro do folclore. O folclore nunca é vazio ou sem alma, porque nenhum de seus autores passou a vida sem sofrimento. A

produção escrita que corresponde à esfera nº 4 (literatura "proletária", "camponesa"), sempre no germe, é inexperiente e desajeitada, porque o conhecimento de uma só pessoa é sempre insuficiente.

A mesma falta de experiência marca a produção escrita da Esfera nº 3 ("de baixo para cima"), mas com o agravante de que foi envenenada por inveja e ódio, sentimentos estéreis que não criam arte. Ela cometeu o mesmo erro dos revolucionários: atribuir a ela os vícios da classe alta, e não à condição humana, sem imaginar com que sucesso herdarão esses vícios amanhã. Ou então, o servilismo a estragou.

Do ponto de vista moral, a esfera que prometia ser a mais fecunda era a segunda ("de cima para baixo"). Foi obra de homens cuja bondade, desejo pela verdade e senso de justiça eram mais fortes do que seu sonolento bem-estar e cuja habilidade artística era ampla e madura. Mas essa esfera também tinha seu vício: a *incapacidade de entender realmente!* Esses autores foram misericordiosos, choraram, ficaram indignados, mas justamente por isso não conseguiam *entender exatamente*. Eles sempre olhavam de fora e de cima, sem estar no lugar dos mais baixos, e quem colocava um pé do outro lado do portão não conseguia colocar o segundo também.

Aparentemente, a natureza humana é tão egoísta que tal transmigração só pode ser alcançada, infelizmente, pela violência externa. Foi assim que Cervantes se formou na prisão e Dostoiévski na prisão. Mas no Arquipélago GULAG essa experiência foi feita com milhões de cabeças e corações ao mesmo tempo. <<

[235]

A solicitude com que se rodeia toda a actividade artística amadora no nosso país, que consome quantias consideráveis de dinheiro, esconde naturalmente alguma intenção, mas qual? É difícil dizer à primeira vista. T no momento ele é simplesmente a força da inércia, um resquício dos anos vinte. Talvez seja como esportes, uma válvula de escape para a energia e os interesses do povo. Ou há quem pense que essas pequenas canções e comédias contribuem para criar os sentimentos que as autoridades defendem? <<

[236]

As autoridades políticas, civis e militares, estão convencidas até mesmo da superstição de que o *coro* tem precisamente um significado educacional primário. Deixar afundar as demais atividades amadoras, tanto faz, desde que haja um refrão. Uma comunidade que canta. As músicas podem ser facilmente monitoradas, são todas *nossas*: E o que você canta, você pensa.

<<

[237]

É uma lembrança dele no campo. A propósito, obtive mais informações por meio de outro canal: LK Chukovskaia conheceu Kolia Davidenkov nas filas do lado de fora das prisões de Leningrado em 1939; o jovem havia sido absolvido por um tribunal ordinário ou, com a queda de Yezhov, enquanto seu co-acusado, L. Gumiliov, permanecia na prisão. Na faculdade, eles se recusaram a readmiti-lo, ele teve que ir para o exército. Em 1941, ele foi feito prisioneiro perto de Minsk. Ele fugiu e foi para a Inglaterra, onde publicou, sob pseudônimo (para proteger sua família), um livro sobre seu cativo nas masmorras de Leningrado em 1938. (Vê-se que o amor do leitor britânico por seu aliado soviético o impediu apreciar aquele livro então. Então ele esqueceu). Mas o *nosso* não *tinha* esquecido. Ele lutou na Frente Ocidental na Brigada Antifascista Internacional. Após a guerra, ele foi sequestrado e transportado para a URSS, onde foi condenado à morte, mas a pena foi posteriormente comutada para 25 anos. Ao que parece, o seu segundo caso no campo rendeu-lhe a pena de morte, desta vez não comutada (uma vez que voltou a vigorar no nosso país no Decreto de Janeiro de 1950). Em maio de 1950, Davidenko encontrou uma maneira de enviar sua última carta da prisão do campo. Tenho extraído algumas frases: «É impossível descrever o que a minha vida tem sido nos últimos anos ... Agora eu estou perseguindo um outro objetivo: em dez anos eu consegui fazer alguma coisa. A prosa, é claro, foi perdida, mas os versos permaneceram. Ainda não os recitei para quase ninguém, não tenho para quem. Relembrando as nossas noites na Cinco Esquinas ... pensei que aqueles versos deviam ir para as vossas mãos hábeis e inteligentes ... Lê-los e, se possível, guardá-los. Nem uma palavra do passado, nem uma palavra do futuro, acabou. E os versos permaneceram intactos nas mãos de Lidia Korneievna Chukovskaia. Como me são familiares esses rabiscos (assim também os escrevi), uns trinta poemas numa folha dupla de caderno..., em tão pouco espaço há tanto a dizer ! Você tem que imaginar aquela angústia no fim da vida, esperando a morte na prisão do interior! E Davidenkov confia ao correio "da mão esquerda" seu último grito de desespero:

Eu não preciso de roupas limpas

você não pode abrir a porta!

*Vou acabar rindo de verdade
que sou apenas uma besta!
Me diga como te tratar
e como devo celebrar você:
Latir como cachorro, piar como pássaro,
latir, rosnar, uivar ...? <<*

[238]

Também aquele pânico com as milícias populares, que sino de glória! Comande os intelectuais com espingardas do século passado contra tanques modernos! Por vinte anos, eles gritaram dos telhados que estamos "prontos", que somos fortes, mas em seu terror animal com o avanço dos alemães, eles tiveram que se proteger no campo dos estudiosos e artistas, apenas para poderem manter-se alguns dias além de sua própria nulidade diretiva. <<

[239]

O mesmo não pode ser dito dos réprobos nos países ocidentais. Lá, eles adoecem em confinamento solitário e não trabalham, ou formam poucos grupos de presidiários cujo trabalho não influencia a economia do país. <<

[240] Talvez exatamente o elo perdido que está faltando na teoria da evolução. <<

[241]

A natureza econômica deste modo de comunicação nos convida a pensar se não conterà o germe da Linguagem do Futuro. [<<](#)

[242]

O velho Solovkian DSL afirma ter ouvido, em 1931, um soldado de escolta perguntar a um indígena: «O que és? Um *Zeko*? » [≤≤](#)

[243] V. Dahl, *Sayings of the Russian people*, Moscow 1957, p. 257. [≤](#)

[244]

Paradoxalmente, o povo russo possui ditos semelhantes:

- *Caminhando vamos comer, em pé vamos dormir,*

"Onde há uma rachadura, há uma maca." [<<](#)

[245]

Os russos dizem: "Com a frente eu saúdo, com o lado eu observo, com a parte traseira eu sinto." [<<](#)

[246]

Compare com o russo: "Antes de dobrar do que quebrar." [<<](#)

[247]

Fenômeno insular de pouca importância que consideramos desnecessário incluir no presente tratado. <<

[248]

As ilhas têm serviço de correios, mas os indígenas preferem não usá-lo.

<<

[249]

Compare com o russo: 'Você achou? Para calar a boca. Você perdeu? Estar quieto ". Na verdade, a semelhança dessas regras de conduta é inexplicável para nós. <<

[250]

Carta para Repnina. [<<](#)

[251]

Os *fogos*, no sentido literal da palavra, não *comovem* os *zekos*, que não têm apego às suas habitações, e nem sequer procuram salvar edifícios em chamas, convencidos de que os substituirão sempre. *Burning*, entre eles, é usado apenas em referência ao destino pessoal. <<

[252]

Recentemente, o camarada Malkov, comandante do Kremlin, negou oficialmente esses rumores e contou como ele atirou em Kaplan . Além disso, a execução foi testemunhada pelo poeta Damien Bedniy. Além disso, a ausência de Kaplan como testemunha no julgamento de SR em 1922 teria que ser o suficiente para convencer os *zekos!* Mas eles nem se lembram desse processo. Assumimos que os rumores sobre a prisão perpétua de F. Kaplan se originaram da sentença de Berta Gandal à mesma sentença. Esta mulher, que não tinha absolutamente nenhuma suspeita, tinha chegado de Riga a Moscou no dia do ataque, quando seus irmãos (que estavam esperando por F. Kaplan em um carro) tinham acabado de ser baleados. Foi isso que deu a B. Gandal uma sentença de prisão perpétua. <<

[253]

Acontece que um velho sapateiro surdo ou aprendiz de pedreiro tem tanta autoestima que um célebre diretor de teatro, não nos esqueçamos. <<

[254]

Só recentemente uma certa Sra. Stalevskaia, da aldeia de Dolgodier evénskoie, província de Chelyabinsk, encontrou uma maneira:

Por que não lutaram pela pureza da linguagem? Por que não procuraram o *educador de forma organizada para pedir sua ajuda?* " Esta excelente ideia, lamentavelmente, não nos tinha ocorrido quando estávamos no Arquipélago; caso contrário, o teríamos sugerido aos *zekos*. [<<](#)

[255] *Provérbios do povo russo*, Moscou, 1957, p. 357. [<<](#)

[256] Tudo sobre cães vem do romance *Murat* de Metter (*Novo Mundo*, 1960, no. 6). [≤≤](#)

[257] *Novo Mundo*, 1964, N° 8. [<<](#)

[258]

Que em 1º de outubro de 1923 já havia 12.000 homens na RSFSR, e em 1º de janeiro de 1925, 15.000 (Arquivos Centrais do Estado da Revolução de Outubro, arquivo 393, inventário 39, arquivo 48, ff. 4 e 13; inventário 54, arquivo 141, f. 4). [<<](#)

[259] Compêndio *das prisões...*, p. 421. [<<](#)

[260]

Que nem sempre é governado de cima, a história compreenderá: é muito frequente que a camada intermediária de funcionários determine o NÃO-desenvolvimento do Estado, devido à sua inércia. [<<](#)

[261]

Mas isso não surpreendeu Nadi e: há algo em nosso país que não se duplique, a começar pelo poder dos próprios soviéticos? [<<](#)

[262]

Quando Beria caiu em 1953, Mamulov também saltou, mas não por muito tempo, pois ele era, afinal, da elite governante. Ele ressurgiu e tornou-se um dos chefes da «Mosstroï», Moscow State Constructions. Em seguida, eles afundaram novamente para o tráfico ilegal de apartamentos. No entanto, reapareceu novamente. Bem, é hora de você se aposentar com uma boa aposentadoria. <<

[263] 6-IX-64. ≤

[264]

Quando dizemos "escolta", usamos a palavra comum no Arquipélago: também se dizia (e mais frequentemente no ITL) *Vojra* ou simplesmente *Ojra*. O nome acadêmico é "Guarda Armada Militarizada do MVD", (Voienizirovannaia Strelkovaia Ojrana MVD), e o serviço de escolta era apenas um dos muitos da *Vojra*, junto com os serviços de "sentinela", "zona", " Cord "e" divisionário ". [<<](#)

[265] O soldado Samshel sabia disso, mas a elite dos nossos literatos NÃO SABIA ...! <<

[266] Compêndio *das prisões...*, p. 141. [<<](#)

[267]

A era Stalin terminou, ventos quentes e gelados sopraram, mas muitos *Zeks* antigos ainda estão no mundo da concentração; Eles não queriam sair de suas tocas e se saíram bem. Lá, pelo menos, eles são metade homens; aqui eles não estariam nem isso . Eles permanecerão lá até a morte e seus filhos se aclimatarão como habitantes indígenas. <<

[268]

Se foram descobertos no posto de guarda, mesmo lá também não foram denunciados: os guardas de Komsomo preferiam beber a vodca confiscada.

<<

[269]

As grandes vantagens de trabalhar no mundo da concentração também eram evidentes nos *Volniashkas* nos campos moscovitas. Em 1946, tínhamos dois pedreiros livres no Portão de Kaluga , um gesso e um pintor de paredes. Estavam no quadro de funcionários, mas trabalhavam, mal davam certo, porque a empresa não podia cobrar muito: não havia bônus e cada operação era paga: rebocando um metro quadrado valia 32 copeques e era totalmente impossível avaliar o metro em rublo e meio ou apontar três vezes mais metros do que o quarto tinha. Mas os nossos *Volniashkas*, em primeiro lugar, roubaram cimento, óleo de linhaça, tinta e vidro dos campos e, em segundo lugar, *descansaram* bem durante o seu turno de 8 horas e à noite e aos domingos empenharam-se no seu verdadeiro trabalho clandestino , para encomendas privadas, onde cobravam o que deviam. Por aquele mesmo metro quadrado de parede, o mesmo estucador cobrava de um determinado cliente não apenas 32 copeques, mas dez rublos, e em uma única noite eles ganhavam duzentos rublos!

Prokhorov já havia dito: "O dinheiro tem *dois andares*." Que ocidental pode entender essa noção de "dinheiro de dois andares"? Durante a guerra, um torneiro ganhava 800 rublos por mês com descontos, enquanto o pão era pago no mercado a 140 rublos. Ou seja, em UM MÊS ele não tinha o suficiente para SEIS QUILOS de pão, ou seja, não conseguia trazer duzentos gramas por dia para toda a família! No entanto , ele viveu ... Com descaramento aberto, os trabalhadores recebiam um salário fictício, deixando-os para encontrar um "segundo andar". E aqueles que pagaram ao nosso estucador uma quantia fabulosa por uma noite também ganharam seu "segundo andar" em algum lugar. Com o qual o sistema socialista triunfou apenas no papel. Na realidade, o antigo sistema ainda estava muito vivo, e nem os discursos inflamados nem os processos dos promotores haviam conseguido matá-lo. <<

[270]

Quando você fizer um passeio de barco pelo canal, tenha uma lembrança para aqueles que permaneceram lá no fundo. <<

[271] *Literary Gazette*, novembro de 1963. [<<](#)

[272] *Izvestia*, 14-VII-64. [<<](#)

[273] *Novo Mundo*, 1964, No. 8, pp. 152-154. [<<](#)

[274] *Compêndio das prisões...*, p. 437. [<<](#)

[275] Averbach, *From crime to work*, p. 23. [<<](#)

[276]

Campos nas margens do rio Kudma, na Ilha Iagry, na aldeia de Rikasija.

<<

[277]

Durante a construção dessa ferrovia, detentos isentos de escolta receberam ordens de dizer aos mongóis que eram voluntários de Komsomo. Os mongóis os ouviram e responderam: "Pegue sua ferrovia e nos devolva nossos carneiros!" [<<](#)

[1] Sua arma era um pedaço de esmalte que ele explodiu de uma pia. Ele o escondeu em um sapato que foi colocado ao lado da cama. Kelly largou o cobertor sobre o sapato, agarrou o pequeno esmalte de unha e cortou a veia do pulso sob o cobertor. <<

^[2] S. Pellico, *My prisons*, 18 36. [<<](#)

[3] Ibsen, *inimigo do povo*. [<<](#)

[4] *Novo mundo*, 1964, n° 4. [<<](#)

[5] Com exceção do período infeliz do Belomorcanal e do Volgocanal. [<<](#)

[6]

Os revolucionários do passado deixaram um registro exaustivo desse estado de espírito. Em uma de suas histórias, Serafimovich descreve os eLivross dessa forma . O bolchevique Olminski escreve: “Amargura e irritação são sentimentos tão familiares ao detido, tão característicos de seu espírito” ... Ele desabafou sua raiva reprimida sobre aqueles que o visitavam. Ele escreve que havia perdido todo o amor pelo trabalho. No entanto , na maior parte, os revolucionários russos não sabiam ou cumpriam sentenças *reais* (longas). <<

[7]

Shalamov também considera um sinal de opressão e depravação que "por longos anos o homem viveu no campo dominado por uma vontade e uma mente que não são as suas". Mas eu, esse sinal, anoto: em primeiro lugar, porque o mesmo pode ser dito de muitas pessoas em liberdade (se nos abstrairmos da possibilidade de tomar opções de menor tempo, que os presos também têm), e em segundo lugar Em vez disso, porque o temperamento inevitavelmente fatalista que a ignorância do seu futuro e a impossibilidade de influenciá-lo se desenvolve no nativo do Arquipélago, antes o enobrece, o liberta da vã agitação . <<

[8] Como pode ser interessante se tornar um homem na prisão! Conheço pessoas entediadas e tristes desde que foram soltas na prisão, você nunca se cansa de ouvi-las falar. <<

[9] P. Iakubovich: "Quase todos os condenados se odeiam." E então não houve luta pela sobrevivência. [<<](#)

[10]

Infelizmente, ele decidiu não negar ... Como que por teimosia, ele retomou essa discussão ... Em 23 de fevereiro de 1972, no *Diário Literário*, ele se retratou (eu me pergunto por que, depois de todas as ameaças terem passado): "Os problemas levantados nas *Histórias Kolyma já se foram* ." Essa retratação foi emoldurada em preto, e assim todos nós ficamos sabendo que Shalamov havia morrido (nota de 1972).

(Há também um boato insistente de que este artigo, que Shalamov sempre se recusou a assinar em vida, *foi assinado por ele* após sua morte e que ele reivindica do outro bairro! - *Nota do tradutor*). <<

[11]

Além disso, os Cinquenta e Eights, eles nunca tentou alterá-los, isto é, não para prendê-los de novo. Já tivemos oportunidade de citar declarações de nossos criminologistas nas quais isso era muito claro. Os Cinquenta e Oitos deveriam ser exterminados pelo trabalho. E nossa sobrevivência já foi nossa iniciativa. <<

[12]

E outras formas menos conhecidas, como exclusão do partido, demissão e ser enviado para um campo como trabalhador livre. Assim foi eLivros, em 1938, Stepan Grigorievich Onchul. Naturalmente, essas pessoas foram consideradas inseguras. Durante a guerra, Onchul foi mobilizado para um batalhão de trabalho, onde morreu . [<<](#)

[13] Carta de 16-VIII-29, Departamento de manuscritos da Biblioteca Lenin, arquivo 410, coleção 5, documento 24. [<<](#)

[14]

Temos o testemunho de um caso heróico de firmeza coletiva, mas precisa ser corroborado: em 1930, várias centenas de cadetes de uma academia militar ucraniana chegaram ao Solovki em formação (não aceitaram escolta) por terem se recusado a esmagar alguns motins camponeses. <<

[15] E quando, vinte anos depois, Markin foi reabilitado, Soloviev recusou-se a lhe dar até a *metade* de seus emolumentos, *Izvestia*, 15 de *novembro* de 63. <<

[16] *Pravda*, 20-V-38. [<<](#)

[17] E na época essa prisão existia! O livro era sobre a prisão *atual*, e não aquela que “nunca mais se repetirá”! <<

[18]

Uma história idêntica conta a VI Zhukov, da cidade de Kovrov: sua esposa foi expulsa ("saia daqui, ou te coloco na prisão de novo!"). e sua nora ("fora, condenado!"). [<<](#)

[19] Às vezes, alguns campos sem o direito de correspondência realmente existiam: não apenas as fábricas atômicas dos anos 1945-1949, mas, por exemplo, *lagpunkt* nº 29 do Kraslag, de 1938 em diante, não teve correspondência por dezoito meses. <<

[20] Ele

nem mesmo teve a coragem de proteger Langovoy, seu assessor mais próximo, da prisão e tortura. [<<](#)

[21] *Gaceta literaria*, 27-VIII-63. [<<](#)

[22]

O que aconteceria se uma estudante argumentasse assim em sala de aula sobre os fundamentos do marxismo hoje? [<<](#)

[23] Não há nada de novo aqui para quem leu os discursos de Krylenko, Parte 1, Capítulo VIII. [<<](#)

[24] Quanto a Losev, ele foi baleado na Crimeia em 1920 por pilhagem e estupro. <<

[25] Não, depois de terminar um ano depois. <<

[1]

A prisão czarista, de acordo com o testemunho de Chekhov, era muito menos engenhosa. Na prisão de Alexandrovsk (S ajalín), os reclusos não só podiam sair para o pátio e para a casa de banho a qualquer momento (mergulhos, lá, eles nem tinham), mas o dia todo para a cidade! De modo que o verdadeiro significado do termo "prisão" - que os escravos das galés eram acorrentados aos remos - foi compreendido apenas por Stalin. <<

[2] No tempo de Tchekhov, em toda Sakhalin, entre todas as suas grandes prisões, os presos eram - quantos você acha? - 5.905 pessoas, seis cartas eram suficientes. Quase tão grande era nosso Ekibastuz, e Spassk muito mais velho. Só o nome é assustador - " Sakhalin" - mas, na verdade, é apenas uma seção de *cerveja!* Apenas na Steplag havia doze como este, e como a Steplag, dez campos. Conte quantos Sakhalin. <<

[3] Em Sakhalin, o *trabalho* forçou as mulheres simplesmente n ou tiveram (Chekhov). [≤](#)

[4] Para ser justo, não esqueçamos que a partir de 1946, eles às vezes tiveram suas condenações revistas, e 20 anos de KTR (trabalho forçado na prisão) foram trocados por 10 anos de ITL (Reeducation Camps for the Work Down, isto é, campos de concentração comuns). <<

[5] Os anos trinta não haviam passado conosco e, de longe, da Europa, era fácil para eles se entusiasmarem com "a grande façanha patriótica do povo russo" e passar por vinte anos de genocídio interno. [<<](#)

[6] Krylenko, *In Five Years*, p. 337. [<<](#)

[7] Precisamente desde a década de 1930, a classe trabalhadora se tornou a maior parte de nossa pequena burguesia, ela foi incluída nela inteiramente.

<<

[8] Compare 1921: Special Destination Fields. [<<](#)

[9] URCH : Seção de Administração e Contabilidade. <<

[10] Organização dos Nacionalistas Ucrânicos. <<

[11]

O facto de nas diferentes regiões da Ucrânia a proporção dos que se sentem russos ou ucranianos, ou que nem uma coisa nem outra é diferente, causará muitas complicações. Talvez para cada província seja necessário um plebiscito separado e, em seguida, ajuda e instalações para todos aqueles que desejam se mudar. Nem toda a Ucrânia em suas atuais fronteiras soviéticas formais é realmente Ucrânia. Algumas regiões da margem esquerda do Dnieper tendem inquestionavelmente para a Rússia.

<<

[12]

Eles dizem que as estatísticas francesas mostraram que entre a Primeira e a Segunda Guerra Mundial, os emigrantes russos tiveram a menor taxa de criminalidade entre os grupos nacionais. Ao contrário, após a Segunda Guerra Mundial, a maior criminalidade entre os grupos nacionais foi novamente detida pelos russos: cidadãos soviéticos que vieram para a França . [<<](#)

[13] Continuarei a chamá-lo de BUR, como dissemos então, por costume da ITL, embora aqui já não fosse inteiramente verdade: era precisamente uma prisão dentro do campo. <<

[14]

Passei por toda Ekibastuz sob o número U-232, mas nos últimos meses eles me enviaram para trocá-lo pelo U-262. Esses números que recebi secretamente de Ekibastuz, ainda os mantenho hoje. <<

[15] Doroshevich *ficou surpreso* em Sakhalin que os detidos tiraram seus bonés na frente do chefe da prisão. Em vez disso, fomos obrigados a retirá-lo quando nos encontramos com cada guardião de patente. <<

[16]

Em Spassk em 1949, entretanto, algo rachou. Os líderes das equipes foram chamados ao "posto de comando" e receberam a ordem de entregar as estacas. Foi sugerido que dali em diante eles sobreviveriam sem eles. <<

[17]

Este Dr. Kolsnikov foi um dos "especialistas" que assinou as conclusões mentirosas da comissão de Katyn pouco antes (isto é, não matamos oficiais poloneses). Então ele ficou encantado aqui com a Providência vingadora. E por que pelo poder? Para que não saia da língua. O mouro já se tornara inútil. <<

[18]

De acordo com a lei de 1886, o trabalho prejudicial à saúde não era autorizado *nem mesmo pela escolha* dos próprios detentos. <<

[19]

Antecipo a inquietação do leitor e apresso-me em assegurar-lhe: todos esses Chechevs, e Mishin, e Vorobiov, e o ordeiro Novgorodov, vivem bem; Chechev, em Karaganda, como general aposentado. Nenhum deles foi processado e não será. E por que processá-los? Se *eles estivessem apenas seguindo ordens*. Como vamos compará-los aos nazistas, que estavam apenas cumprindo ordens? E se fizeram algo *além* das ordens, não percebem que foi por pureza ideológica, de boa fé, simplesmente porque ignoraram que Beria, "o fiel camarada de armas do grande Stalin", era também agente do imperialismo internacional? <<

[20]

A propósito, Karakózov tinha um irmão. Irmão daquele que atirou no czar, imagine-o em nossas condições. Eles o puniram assim: "ele foi condenado a ser chamado de Vladimirov de agora em diante." E ele não experimentou a menor limitação em seus bens ou em sua residência. <<

[21] *Leo Tolstoy nas memórias de seus contemporâneos*, 1955, t. 1, pág. 180.

<<

[22]

A propósito, durante a investigação do caso verificou-se que Ana Uliánova tinha recebido de Viln ou um código de telegrama: "armas têm sair" "irmã gravemente doente", o que significava Anne não se surpreendeu, embora não tivesse irmã em Vilno, mas pelo que quer que fosse, entregou este telegrama a Alexandre. É claro que ele é cúmplice, aqui o lavariam pelo menos *dois dólares*. Mas Ana nem foi cobrada! No mesmo caso, foi estabelecido que outra Ana (Serdiukova), professora em Ekaterinodar, sabia com certeza sobre o ataque contra o czar que estava sendo preparado e se calou. O que eles teriam feito aqui? Atire nela! E eles deram? Dois anos ...

<<

[23]

A propósito, políticos em Sakhalin existiram. Mas como é que nem mesmo um notório bolchevique (nem menchevique) estava lá? <<

[24] Para ver figúreselo: a Grande Enciclopédia Soviética publicou um artigo de um emigrante em Berdiaeff! [<<](#)

[25]

A Revolução de fevereiro a libertou da prisão. Por outro lado, a partir de 1918, M. Spiridónova foi detido várias vezes pela Cheka. Ela passou por muitos anos o Grande Solitário dos socialistas, ela foi confinada em Samarkand, Tashkent, Ufa. Então ela perdeu o contato com um dos isoladores políticos, em algum lugar onde foi baleada. <<

[26] Cito o livro de VL Andreyev, *Infância*. [<<](#)

[27] Aqui e daqui em diante, cito sua autobiografia na enciclopédia *Granat*, t. 41, parte 18, pp. 237-245. [≤≤](#)

[28] *Camarada Governador, Noviy Mir*, 1966, no. 2. [<<](#)

[29]

Eu trago este exemplo para os parentes inocentes. O próprio Tukhachevsky está agora entrando em um novo culto aqui, que não pretendo apoiar. Ele colheu o que plantou, liderando a repressão de Kronstadt e o levante camponês de Tambov. <<

[30] *Tolstoi nas memórias de seus contemporâneos*, 1955, t. 2, pág. 232. [<<](#)

[31] *Byloie Magazine* , No. 2/14, fevereiro de 1907. [<<](#)

[32] Esse mesmo artigo de *Byloie*, p. 45, não mega esses fatos. <<

[33] *Byloie, 14/2* , pág. 82. [<<](#)

[34] Ele

também declarou com total certeza que em termos de expedições punitivas sem tribunais (repressão aos camponeses em 1918-19, Tambov 1921, Kuban e Cazaquistão 1930), nosso tempo excedeu em muito o escopo e a técnica das repressões czaristas. <<

[35] Resposta de V. Iermílov a I. Ehrenburg. [<<](#)

[36]

A propósito, observações significativas (EN Koválskaya, *Prisão Feminina*, Biblioteca Histórico-Revolucionária, Gosisdatt, 1920, pp. 8-9; GP Osmolovski, *The Kariysk Tragedy*, Moscou, 1920): Segueda havia batido e cuspido no policial completamente sem motivo, por causa do "ambiente clínico-nervoso" que prevalecia entre os internos. Depois disso, o oficial da polícia (Masiukov) *pediu a um condenado político* (Osmolovski) *que o submetesse a um inquérito*. O diretor da prisão (Bobrovski *morreu arrependido*, mesmo sem aceitar a ajuda de um padre! (Carcereiros tão escrupulosos, nós os quereríamos para nós!) Segueda foi chicoteada e vestida de Koválskaya foi trocada por mulheres, e não na presença de dos homens, conforme o boato se espalhava. <<

[37]

Byloie Magazine , No. 2/24, 1917, carta de LA Ratáyev para NP Zúyev. Continua falando sobre as condições na Rússia, *em liberdade*: «Não existiam agentes secretos e detetives profissionais em parte alguma (exceto nas capitais. - AS), a observação foi realizada, no último caso, por suboficiais disfarçados de gendarmes que, em vestidos de civis, às vezes se esqueciam de tirar as esporas ... Nessas condições, bastava um revolucionário deslocar suas atividades para fora das capitais para que ... (suas ações) constituíssem um segredo impenetrável para o Departamento de Polícia. Assim se formaram verdadeiros ninhos revolucionários e viveiros de propagandistas e agitadores »...

Nossos leitores compreenderão facilmente como era diferente do regime soviético. Iegor Sazónov, disfarçado de cocheiro, passou um dia inteiro em *frente ao portal da Polícia* (!!), com a esperança de matar o Ministro Plehve, e ninguém o notou, ninguém lhe perguntou nada! Kaliáye V, ainda inexperiente, tensa, passou *um dia em frente* à casa de Plehve no Fontanka, certa de que seria presa, e eles não tocaram nele ...! Oh, que horas essas...! *Portanto*, uma revolução pode ser feita por qualquer pessoa. <<

[38]

Tudo está de acordo com o cristal! Escrevem, por exemplo, sobre Vasili Kúrochkin, que 9 anos da sua vida, após o encerramento da revista *Iskra*, foram para ele “anos de verdadeira agonia”: tinha esgotado o PRÓPRIO ÓRGÃO DE IMPRENSA! Por outro lado, nós, que num órgão da PRÓPRIA PRÓPRIA nem ousávamos sonhar , ficávamos espantados a ponto de nos maravilharmos: se tinha sala, silêncio, mesa, tinta, papel, e não havia discos e ninguém tirava o que estava escrito Por que tanta agonia? <<

[39]

Um caso de tal obra "literária" é descrito por Diakov: Dmitrievsky e Chetverikov expõem o assunto do romance que eles imaginaram superioridade e recebem sua aprovação. O comissário tem o cuidado de não mandá-los aos *generais!* Depois são retirados da área *em segredo* ("para que os benderistas não os rasguem"), aí continuam. Também é poesia sob uma laje. E onde está esse romance hoje? [<<](#)

[40] *O banquete dos vencedores.* [<<](#)

[41] Sua perseguição no tempo de Khrushchev apenas remeteu em termos da extensão das sentenças, não em sua essência (cf. parte VII). [<<](#)

[42] A propósito, ele logo morrerá como um mero mortal de um simples ataque cardíaco. <<

[43] Desde então, muitos anos se passaram, Rappoport abandonou seu tratado e usou sua permissão. [<<](#)

[44]

E que não é perigoso ler nos campos especiais? Alexandr Slótik, economista da seção Dzhezkazgán, leu furtivamente uma adaptação de *The Horseflies at night* . Mesmo assim, eles o denunciaram. O próprio chefe da seção veio ao caixa com um bando de oficiais: "Você está esperando os americanos?" Eles o forçaram a ler em voz alta em inglês. Quantos anos de sua sentença você deixou? "Dois anos". "Haverá vinte!" Também encontraram seus versos: «Você se interessa pelo amor ...? Coloque-o em um lugar que até o russo vai esquecer, não apenas o inglês! " (Os escravos plugados, além disso, repreendiam Slótik: "Você também nos complica ! Vamos todos ser demitidos!"). <<

[45]

E quando após a morte de Stalin Janos ele foi reabilitado, parece que ele foi tentado a pedir uma cópia da sentença em húngaro, para ver *por que ele* foi preso por 9 anos. Mas ele não se atreveu: «Eles ainda vão pensar, para que eu preciso? E também já não preciso muito »... Ele compreendeu a *nossa* mentalidade: e com certeza, porque é que ele queria saber agora...?

<<

[46]

Deixe-me explicar: este comportamento, em que ideologia se encaixa? (Compare com a enfermagem comunista de acordo com Diakov: "O que, seus dentinhos doem, cara de benderista?"). [≤≤](#)

[47]

Ouvi estrangeiros dizerem mais de uma vez que todos os poetas russos preferiam Lermontov. Apesar de tudo, disseram, Pushkin foi capaz de escrever *Para os caluniadores da Rússia*. Por outro lado, Lermontov não serviu à autocracia nem mesmo com um dedo. <<

[48]

Todos os húngaros foram libertados para casa após a morte de Stalin, e Janos foi poupado do destino de Mtsyri, ao qual estava totalmente disposto.

Doze anos se passaram, incluindo 1956. Janos é um escriturário na pequena cidade de Nagykanizsa, onde ninguém sabe russo ou lê livros russos. E o que você me escreve agora?

Depois de todos os acontecimentos, afirmo sinceramente que não voltaria ao meu passado. Eu sei cruelmente o que se esconde para os outros ... Quando me libertei, prometi aos companheiros restantes que o povo russo jamais esqueceria, e não pelo sofrimento que sofreu, mas por causa do bom coração ... Por que nos jornais sigo o notícias da minha velha "pátria" ...? Obras de clássicos russos, há uma estante cheia em minha biblioteca e quarenta e um volumes em russo, quatro em ucraniano (Shevchenko) ... Outros leem de russos, bem como de inglês, de alemães, mas eu leio os russos de uma maneira diferente. Para mim, Tolstói está mais perto do que Thomas Mann, e Lermontov está muito mais perto do que Goethe.

»Você não vai adivinhar como anseio silenciosamente por muitas coisas. Às vezes me perguntam: como você é extravagante! O que você viu de bom lá, por que você se sente tão atraído pelos russos ...? Como explicar que lá passei toda a minha juventude, e a vida é uma eterna despedida dos dias que fogem ... Como então me separar de criança ofendida, se nove anos a minha sorte coincidiu com a tua. Como posso explicar por que meu coração dispara quando ouço uma música russa popular no rádio? Vou cantar em voz baixa. *A espirituosa troika corre ...* e quero tanto chorar que não tenho forças para continuar a cantar. E as crianças pedem para lhes ensinar russo. Esperem crianças, para quem mantenho livros russos ...? » [<<](#)

[49] Liberdade! - Faça ou morra! <<

[50]

Em novembro de 1951, Vorobiov novamente escapa do alvo de trabalho em um caminhão basculante, 6 pessoas. Poucos dias depois, eles são pegos. Parece que em 1953 Vorobiov foi um dos *amotinados* centrais quando a revolta de Norilsk, então ele foi encerrado no Alexandrovsk "central".

A vida desse homem excepcional, começando com sua juventude antes da guerra e suas façanhas como guerrilheiro, provavelmente nos faria entender muitas coisas sobre sua época. <<

[51]

Uma chance! Uma coincidência, como aquela van de celular que passou! Uma coincidência impossível de prever! Coincidências favoráveis e adversas espreitam na vida a cada passo. Mas apenas em uma fuga, mas apenas no auge do risco, percebemos totalmente seu peso. Por puro *acaso*, três ou quatro minutos depois da saída de Tenno e Zhdanok, houve um blecaute na área e só por isso começaram a disparar foguetes desde os mirantes, que naquele ano ainda existiam em quantidade em Ekibastuz. Se os fugitivos tivessem levado mais cinco minutos, as sentinelas alertadas teriam sido capazes de notá-los e matá-los. Se os fugitivos pudessem, sob o céu brilhantemente iluminado, se acalmar, examinar a área com calma e ver que as lanternas e refletores da área haviam sido desligados, eles teriam se dirigido silenciosamente para o caminhão e toda a sua fuga teria cobrado seu preço. olhar muito diferente. Mas na situação deles - tinham acabado de passar e de repente foguetes caíram sobre a área - não havia dúvida de que era por causa deles, por causa de suas cabeças.

Uma pequena falha na rede de iluminação e toda a sua fuga foi interrompida e danificada. <<

[52]

Na verdade, aconteceu o seguinte: pela manhã, alguns trabalhadores encontraram duas peles de carneiro frias, que obviamente estiveram lá durante a noite. Eles arrancaram os números deles e *administraram* por si mesmos: uma jaqueta de pele de carneiro vale muito! Então os guardas nem os viram. E os fios cortados só foram descobertos na noite de segunda-feira. E precisamente através do arquivo eles passaram o dia todo tentando descobrir quem havia escapado. Mesmo naquela manhã, os fugitivos podiam andar abertamente ou parar um caminhão! Tudo por não ter percebido porque eram os foguetes.

Por outro lado, quando no campo a imagem da fuga da noite de domingo foi ficando cada vez mais nítida , lembramos que a luz havia se apagado e exclamamos: «Que bichos! Que esperto! Eles os cortaram para desligar as luzes? " E todos ficarão muito tempo convencidos de que o apagão os ajudou. <<

[53]

Há muitos no Cazaquistão dos anos 30 aos 33. Primeiro Budionny passou por aqui com sua cavalaria (até hoje em todo o Cazaquistão não há um único kolkhoz que leve seu nome, nem um único retrato dele), então o com fome. <<

[54] Não é assim que os nossos opressores, ao nos destruir, nos odeiam? <<

[55] E para tudo isso, Tenno é hemofílico. Ele enfrentou todos os riscos de um vazamento quando um único arranhão poderia custar-lhe a vida. <<

[56]

Antes que o leitor tivesse este livro em suas mãos, Gueorgui Pávlovich Tenno, um atleta e até mesmo um teórico atlético, morreu em 22 de outubro de 1967 de câncer repentino. Sua vida na cama mal lhe deu para ler esses capítulos e com dedos já desajeitados corrigi-los. Não foi assim que ele prometeu a seus amigos sua morte! Como então, planejando uma fuga, ele se iluminou com a ideia de morrer matando. Disse que ao morrer teria de *levar* uma dezena de assassinos, o primeiro *Vidchik Dentudo (Molotov)*, e também Jvat (juiz de instrução do caso Vavílov). Não é matar, é execução, já que a lei estadual protege os assassinos. "Depois das primeiras doses, sua vida já está paga", diz Tenno, "e você dá *gorjetas* alegres ." Mas a doença o pegou repentinamente, sem lhe dar tempo para procurar uma arma e imediatamente minando suas forças. Já doente, Tenno estava levando minhas cartas ao congresso de escritores para serem jogadas em diferentes caixas de correio em Moscou. Ele queria ser enterrado na Estônia. O pastor também foi um ex-detido dos campos de Hitler e Stalin.

Por outro lado, Molotov permaneceu placidamente para folhear jornais antigos e escrever suas memórias do carrasco, e Jvat, para gastar com calma sua pensão na casa número 41 da rua Gorky. <<

[57]

Meu colega de quarto no Sanatório de Câncer de Tashkent, um uzbeque das tropas de escolta, me contou sobre essa fuga, pelo contrário, como bem-sucedida, admirando-se involuntariamente. <<

[58] Cf. capítulo 10. [<<](#)

[59]

O que não significa que irão processá-los. É importante verificar se eles estão satisfeitos com seus retiros e chalés. <<

[60]

Aliás, temos plena consciência desse sibilo sinistro de "ss" em nossas vidas, ora em alguns séculos, ora em outros, começando com KPSS (PCUS)? Agora verifica-se que o regulamento também era "ss" (como tudo muito secreto também é "ss", *soverskenno seksetno*). Em outras palavras, portanto, seus editores compreenderam perfeitamente sua baixeza - compreenderam e escreveram - e em que ano: os alemães de Stalingrado acabavam de ser rejeitados! Mais um fruto da vitória do povo. <<

[61]

Apesar de há muito estarmos curados do susto, às vezes ficamos pasmos: prenderam o segundo marido de sua esposa abandonada, e é por isso que você tem que negar seu filho de quatro anos? E isso para um comandante da brigada Cheka? <<

[62] Não insisto em ter exposto essas pesquisas com exatidão. Serei reconhecido quem me corrige. <<

[63] Não escondo o sobrenome dele, esqueci-o. <<

[64]

Há uma advertência aqui. Nem tudo era tão limpo e belo como parece agora, ao traçar os contornos do movimento . Havia grupos rivais, de "moderados" e "extremistas". Claro, gostos e desgostos pessoais e o jogo da vaidade também entraram nos aspirantes a "caudilhos". Os jovens "comandos" dos touros estavam longe de ter uma perspectiva política ampla, alguns tendiam a exigir comida extra para o seu "trabalho"; Para tanto, poderiam ameaçar diretamente o chef da enfermaria, ou seja, exigir que recebessem mais por conta da ração dos enfermos e, quando a cozinheira recusasse , matá-lo sem nenhum tribunal de honra: o costume já é feito, máscaras e facas estão aqui à mão. Em suma, o núcleo sadio também começou a worm imediatamente, uma servidão eterna, conhecida, inevitável de todos os movimentos revolucionários.

Mais uma vez, foi simplesmente um erro: um delator astuto convenceu um trabalhador ingênuo a trocar de plataforma, e o trabalhador foi morto ao amanhecer.

Mas apesar desses desvios, a gestão geral permaneceu muito clara, não houve erro. O efeito obtido foi exatamente o pretendido. <<

[65]

A "guerra das cadelas" mereceria um capítulo separado neste livro, mas para isso eu teria que pesquisar muito mais materiais. Remetemos o leitor à investigação de Varlam Shalámov, *Underworld Studies*, embora também esteja incompleta.

Em poucas palavras. A "guerra das cadelas" estourou por volta de 1949 (sem contar os constantes casos isolados de acerto de contas entre ladrões - "de ley", que só reconhecia a lei do submundo (N. del T) - e "cadelas" - criminosos que Eles concordaram em colaborar com as autoridades da prisão (N. del T). — Em 1951, 1952, estava no auge. O submundo havia se dividido em numerosas obediências: além dos ladrões e cadelas reais, havia também os ilimitados ("ladrões sem limites"), os "Majnovists", os "chefões", os pivovarovists, os "chapeuzinhos vermelhos", os "babacas", os doblapicos, e continuo desaparecido.

Naquela época, a Superioridade do GULAG, voltando das teorias infalíveis sobre a reeducação dos bandidos, decidiu, aparentemente, se livrar desse fardo brincando com suas divisões, apoiando ora um, ora outro de seus clãs, e agradece para suas facas, sangrando os outros. As mortes ocorreram abertamente, em massa.

Então os assassinos do submundo se adaptaram: ou não o mataram pessoalmente ou, tendo se matado, forçaram outra pessoa a assumir a culpa. Assim, jovens comuns ou ex-soldados e oficiais, sob ameaça de serem mortos por sua vez, confessaram-se culpados de homicídio cometido por outrem, receberam 25 anos pelo artigo 59-3 (banditismo) e permanecem na prisão até hoje. Por outro lado, os chefes de gangsters revelaram-se limpos com a anistia "Vorochilov" de 1953 (mas não percam as esperanças: desde então, voltaram a chirona mais de uma vez).

Quando a moda sentimental das histórias delinquentes *reformadas* voltou aos nossos jornais, algumas informações - naturalmente, as mais falsas e confusas - sobre massacres nos campos de concentração encontraram seu caminho para as colunas da imprensa, e ao fazê-lo ficou confuso propositadamente (para retirá-lo do olhar da história) à "guerra canina" com a "rajaduría" dos Campos Especiais e com assassinatos de qualquer espécie indeterminada. O assunto dos campos de concentração interessa a todas as

peessoas, artigos desse tipo são lidos com avidez, mas não há como entender nada sobre eles (são escritos para isso). Por exemplo, um certo jornalista Galich publicou no *Izvestia* em julho de 1959 um romance "documentário" suspeito sobre um certo Kosyj, que, dizem, tocou o Soviete Supremo com uma carta datilografada de 80 páginas (1. De Onde ele conseguiu a máquina? Emprestada pelo curador ? 2. Vamos ver quem ia ler 80 páginas, depois de uma já estão bocejando). Este Kosyj tinha 25 anos, a segunda condenação por um crime no campo. Que tipo de crime? Com isso, Galich - um traço característico do jornalista soviético - perde imediatamente a clareza e a inteligibilidade da palavra. É impossível entender se Kosyj cometeu um assassinato de "cadela" ou o assassinato político de um informante. Mas isso é precisamente o que é característico, que agora, numa perspectiva histórica, tudo se joga no mesmo saco e se chama banditismo. Esta é a explicação científica que a nossa imprensa central lhe dá: «Os pistoleiros de Beria (mandam tudo aos mortos, o morto arrasta tudo!) *Antes* (e *antes?* E *agora?*) Atuaram nos campos de concentração. A severidade da lei foi então adulterada por atos ilegais (como? Apesar da regulamentação unitária? Quem teria ousado?) Dos encarregados de aplicá-la. *Eles promoveram por todos os meios* (a ênfase é minha. Isso é verdade. - AS). entre diferentes grupos de reclusos. (O uso de informantes também se encaixa nessa fórmula)... Um ódio selvagem, implacável e alimentado artificialmente ».

Parar os assassinatos no campo com penas de 25 anos, que os culpados já tinham antes, era, claro, impossível. E em 1961 saiu um decreto com a pena de morte para homicídios em campos de concentração - entre outros para o assassinato de um informante, é claro. Esse decreto de Khrushchev era o que faltava nos campos especiais de Stalin. <<

[66]

No final acabaram abrindo no canal, mas não éramos mais nós, mas os criminosos, que tomaram conta de nós em Ekibastuz em 1954. Ele era feroz, mas também valente, que não lhe pode ser tirado. <<

[67]

Aliás, quase a partir desses anos os calendários deixaram de apontar para o Domingo Sangrento, como um caso, no fundo, o mais comum, sem nada que valesse a pena lembrar. [<<](#)

[68]

Entre aqueles que seguem o caminho da violência, provavelmente é inevitável. Acho que os ladrões Kamo, ao entregar o dinheiro roubado dos Bancos no camarote do partido, não deixariam o bolso vazio. E que seu líder Koba - apelido usado por Stalin na era czarista (*N. da T.*) - ficaria sem dinheiro para comprar vinho? Quando na época da guerra o comunismo - entre 1917 e 1921 (*N. do T.*) - em toda a Rússia soviética o consumo de vinho era proibido, bem ele tinha no Kremlin uma adega para si, sem muita pressa. <<

[69]

Como Kliuchevski observou, *no dia seguinte* à libertação da nobreza (decreto de privilégios de 18 de fevereiro de 1762 - *que os isentava do serviço obrigatório ao czar (N. de T).* - eles também libertaram os camponeses (19 de fevereiro de 1861), apenas 99 anos depois! [<<](#)

[70]

De acordo com outros relatos, também o penduraram em uma placa: "Para nós, liberdade, para a Pátria, carvão!" É que "para nós, liberdade " já é sediciosa, eles se apressam a acrescentar desculpando-se: "para a pátria, carvão." <<

[71]

Aparentemente, a administração da concentração precipitou eventos em outros lugares, por exemplo, em Norilsk. [<<](#)

[72]

A palavra "bartola" foi firmemente incorporada ao vocabulário oficial na esteira dos acontecimentos em Berlim em junho de 1953. Se pessoas comuns em alguma Bélgica lutam por um aumento, isso é chamado de "raiva popular legítima ". e se as pessoas simples aqui lutam por pão preto, é "bartola". <<

[73] O

coronel Chechev, por exemplo, não resistiu a esses problemas. Depois dos acontecimentos de fevereiro, ele se aposentou, então o perdemos de vista até que o encontramos com uma pensão pessoal - *isto é, não "trabalho", mas concedida como uma recompensa "numa base pessoal", como também carros, chalés, etc. (N. do T).* - em Karaganda. Não sabemos quanto tempo levou para seu chefe, o coronel Yevstigneyev, deixar o Ozerlag. "Magnífico chefe ... modesto camarada" foi nomeado vice-diretor da Central Hidrelétrica de Bratsk (não sei em Yevtuchenko) - *esta usina é considerada uma "grande realização do socialismo", e o conhecido poeta Yevtuchenko dedicou um poema superoficialista, La Central de Bratsk referido aqui; É como se Vicente Aleixandre tivesse sido obrigado a compor uma ode ao Plano de Badajoz na sua época. (N. de T).* <<

[74] Machejev o escreve, hostil ao levante. <<

[75]

Depois do motim, os mestres tiveram a vergonha de fazer um exame médico em todas as mulheres. E quando descobriram muitas virgens, ficaram maravilhados: como? E o que você fez? Muitos dias juntos!

Eles tentaram o que aconteceu de acordo com seu próprio nível. <<

[76]

Quando tudo acabou e a coluna de mulheres foi conduzida para o trabalho em toda a aldeia, mulheres russas casadas se reuniram na rua e gritaram com elas: "Vadias! P ... tas! Então, o que você queria ...? » e as coisas são ainda mais expressivas. No dia seguinte a cena se repetiu, mas as zekas haviam deixado a área com pedras e agora lançaram uma chuva delas em resposta aos insultos. A escolta caiu na gargalhada. <<

[77] Parte
III , Capítulo 22. [<<](#)

[78] Os ucranianos de Kenguir declararam esta data um dia de luto. <<

[79]

Dizem que a idéia das brechas veio a Norilsk: ali também as abriam para que saíssem os que vacilavam, para fazer entrar criminosos por elas e por elas também para lançar tropas sob o pretexto de pôr ordem. <<

[80] Essas fotos ainda devem ser coladas em um boletim de ocorrência hoje.
E talvez alguém não tenha eficiência para destruí-los para o futuro ... <<

[81]

Mesmo dez anos depois de tanto constrangimento, que em suas memórias, provavelmente atacou para se justificar mais do que qualquer outra coisa, ele escreve que aconteceu de espiar atrás do posto de guarda, e lá eles o atiraram e amarraram suas mãos ... [<<](#)

[82] Ou talvez tivesse realmente chegado? Não foi *ele* quem deu a ordem? <<

[83] Eles

simplesmente se esconderam da História. Quem eram esses senhores da guerra invictos? Por que o país não saudou sua gloriosa vitória de Kenguir <<

[84] Naguibina, um médico rural, estava bêbado em um dos tanques. Não para ajudar, mas por curiosidade, para ver melhor. <<

[85]

Ei, "Tribunal de Crimes de Guerra" de Bertrand Russell e Jean-Paul Sartre! Ei, filósofos! Olha que ocasião! Por que vocês não ficam juntos? Nada, não me ouvem ... [<<](#)

[86]

Em 9 de janeiro de 1905, houve cerca de 100 mortes. Em 1912, no famoso tiroteio das minas de ouro de Lena, que abalou toda a Rússia, havia 270 mortos, 250 feridos. <<

[1] Todos esses dados foram retirados do volume XVI (*Sibéria Oriental*) da famosa obra *Rússia* de Semyonov-Tian-Shanski. Não só o famoso geógrafo, mas também seus irmãos foram liberais perseverantes e abnegados, que muito contribuíram para o despertar da ideia de liberdade em nosso país. Com a revolução, sua família inteira foi aniquilada , um dos irmãos foi baleado em sua aconchegante casa de campo às margens do rio Ránov, ela própria foi queimada, seu grande parque saqueado, suas ruas de limoeiros e choupos destruídas. <<

[2] PF lakubovich, *No mundo dos párias*. [<<](#)

[3] Tahn-Bogoraz, VI Jochelson, LI Sternberg. [<<](#)

[4] Por sua ingenuidade jurídica, ou melhor, por causa do espírito da época, Tchekhov não se dispôs a ir a Sakhalin de nenhuma comissão de serviços, de nenhum jornal oficial. No entanto, ele teve permissão para realizar sua ideia de uma estatística de condenado pária e até mesmo teve acesso aos documentos da prisão! (Compare aqui! Vá verificar um ninho de campos de concentração sem uma ordem do NKVD! Eles simplesmente não deixaram você entrevistar os políticos. <<

[5] Félix Cohn, *Em cinquenta anos*, volume 2, *La Colonia*. [<<](#)

[6] Este revolucionário, cujo nome foi dado às ruas dos Correios em muitas cidades russas, aparentemente não tinha o hábito de *trabalhar* a tal ponto que em seu primeiro "sábado comunista" se formou um calo, do qual ... morreu. <<

[7] Tukhachevsky, *A luta com as rebeliões contra o volicionalismo*, revista *Voyná e revoliutsia* ("A guerra e a revolução"), 1926, no. 7-8, p. 10. [≤≤](#)

[8] *SU RSFSR* ("Diário Oficial da RSFSR"), 1922, nº 65, página 844. [<<](#)

[9] F. Cohn, loc. cit. [<<](#)

[10] Lepeshinski, *Anos de crise*. [<<](#)

[11] Arquivo Central do Estado da Revolução de Outubro e da Construção do Socialismo, fundo 4042, inventário 38, arquivo 8, folhas 34-35. [≤≤](#)

^[12] *Ibidem*, F. 393, i. 84, 1,4, f. 97. [<<](#)

[13]

Os socialistas ocidentais que consideravam "desonroso ser socialista *junto com* a União Soviética" apenas em 1967 podem ter percebido isso 40-45 anos antes. Bem, mesmo então os comunistas russos estavam exterminando os socialistas russos pela raiz. Mas na boca de outra pessoa o dente não dói. <<

[14] À primeira vista, um esforço tão natural e nobre dos sionistas, para restabelecer a terra de seus ancestrais, reafirmar a fé de seus ancestrais e se reunir lá após três mil anos de diáspora, deveria ter obtido apoio e assistência unânimes. pelo menos dos povos europeus. Certamente, a Crimeia em vez da Palestina não era mais aquela pura ideia sionista, e não seria uma zombaria de S talin propor a este povo mediterrâneo que o Birobidjã, à beira da taiga, fosse escolhido como a segunda Palestina? Mestre em esconder seus pensamentos por muito tempo, talvez com aquele gentil convite que estivesse fazendo o primeiro ensaio de exílio que havia planejado para eles para 1953? <<

[15] 1926, Sibéria. O testemunho de Vitkovski. [<<](#)

[16]

Sai do nosso assunto, mas para entender o tempo. Eventualmente, Timoféi também encontrou trabalho em uma fábrica de linguiça *fechada* em Arjánguelsk , também administrada por dois mestres, mas com um gerente sobre eles. A sua foi fechada por prejudicar os trabalhadores, foi *fechada* para que os trabalhadores não soubessem disso. Eles faziam salsichas caras para o abastecimento pessoal dos governantes desta região do norte. Mais de uma vez o próprio Timoféi foi enviado para trazer mercadorias para a torre, cercada por uma cerca alta, pelo secretário do Comitê Provincial, camarada Austrin (rua Liebknecht, esquina Chumbarov-Lunchinski) e o chefe do NKVD provincial, camarada Sheiron . <<

[17]

Seus homens, se estivessem confinados, não iam com eles: havia uma regra que os membros das famílias condenadas deveriam ser designados para lugares diferentes. Assim, se o advogado de Kishinov, IJ Gornik, foi eLivros pelo sionismo na região de Krasnoiarsk, sua família em Salekhard.

[<<](#)

[18]

Claro, ele não tinha obrigação e os detidos tinham a possibilidade de conhecer as leis do país dos soviéticos, enfim, mesmo que fosse o Código Penal, seu artigo 35: “os presos serão dotados de um terreno, ou então eles receberão trabalho remunerado. ’ [<<](#)

[19] Parte V, cap. 5. [<<](#)

[20] Stalin, *Works*, Moscou, 1951, vol. 13, pág. 258. [<<](#)

[21]

Nos sessenta anos do século XIX , os proprietários de terras e a administração da província de Tauride exigiram o banimento total dos tártaros da Crimeia para a Turquia; Alexandre II negou. Em 1943, o mesmo foi incentivado pelo Qauleiter da Crimeia. Hitler negou. <<

[22] É claro, nem mesmo o timoneiro sábio pode prever todas as voltas que a vida dá. Em 1929, os príncipes e líderes tártaros foram expulsos da Crimeia . Fizeram-no com mais delicadeza do que na Rússia: não os impediram, foram eles próprios para a Ásia Central. Lá, entre uma população muçulmana com a mesma opinião, eles gradualmente se estabeleceram e prosperaram. E agora, 15 anos depois, eles trouxeram todos os trabalhadores tártaros até o fim! Os velhos conhecidos se cumprimentaram. Exceto que as classes trabalhadoras eram traiçoeiras e confinadas, enquanto os ex-príncipes ocupavam posições sólidas no serviço público soviético, muitos no partido. <<

[23]

Esses acompanhantes, como e o que eles entenderam de suas ações? Maria Sumberg foi banida por um soldado siberiano do r. Chulym. Pouco depois, foi desmobilizado, voltou para casa, viu-a ali e sorriu-lhe com sincera alegria: «Titia! Ele não se lembra de mim ...? " [<<](#)

[24] Semionov Tian-Shanski, *Rússia*, Volume XVI. [<<](#)

[25] No final de 1917, Vasiliev praticamente chefiou o departamento de planejamento territorial. <<

[26]

Pavel Veselev (Estocolmo), que atualmente está lidando com outros sequestros de cidadãos suecos pelas autoridades soviéticas , após analisar os relatos de EA Andersen sobre si mesmo, arrisca uma suposição: que tanto por sua aparência externa quanto por A forma do sobrenome que ele dá, EA, é bastante *norueguesa*, mas por alguma razão ele preferiu se passar por sueco. Os noruegueses, depois de fugirem de seu país em 1940, também serviram no exército inglês em número muito maior do que, talvez, um sueco isolado. EA pode ter sido relacionado na Inglaterra a algum Robertson, mas com o *General* Robertson, invente-o, para se dar mais valor aos olhos da MGB. Não se pode excluir que em Berlim Ocidental, depois da guerra, ele esteve nos serviços de inteligência militar dos aliados, o que o tornou interessante para o MGB. Ele provavelmente foi a Moscou também na presença de alguma delegação britânica ou norueguesa, não sueca (que aparentemente nem existia), mas sendo uma figura secundária nela. Talvez o MGB o tenha proposto para ser um agente duplo, e como punição por sua recusa ele recebeu seus 20 anos. O pai de Erik pode ter sido empresário, mas não desse calibre. No entanto, Erik exagerou, e até mesmo que seu pai conhecesse Gromyko (razão pela qual os Kagebistas o apelidaram de Gromyko), para interessar a MGB em um resgate e assim dar notícias dele ao Ocidente. <<

[27]

Muitos anos depois, assumirei o Código Penal da *RSFSR* e terei o prazer de ler, em seu artigo 35, que o confinamento será indicado por um período de três a *dez* anos, e apenas como pena adicional pode ser de *até cinco* anos. (Este é um motivo de orgulho para os juristas soviéticos: a partir do código penal de 1922, na *lei* soviética não há privações perpétuas de direitos, nem em geral penas perpétuas, exceto para o mais terrível de todos: a expulsão a perpetuidade das fronteiras da URSS. E nisso há "uma importante diferença de princípios entre a lei soviética e a burguesa" [Coleção Prisional ...]) Sim, claro, mas para salvar o trabalho do MGB, escreva *perpetuamente* qui zá é mais simples: não há necessidade de controlar o final das frases nem de renová-las.

E, além disso, o Artigo 35 diz que o confinamento é dado apenas por resolução especial do *tribunal*. Bem, pelo menos o URSO? Bem, nem mesmo o URSO , mas o tenente de plantão estava nos mandando confinar para sempre. <<

[28] Claro, seis meses depois, a KGB será devolvida para nós, com a antiga equipe. <<

[29] Apud Plekhanov *Sua tory do pensamento social russa*, Moscou, 1919, t. I, parte 2, ch. 9. [<<](#)

[30]

Hoje, a mesma coisa acontece com os comuns. A AI Burlake, no comitê do partido do distrito de Ananiev eles responderam: "Isto não é um escritório de colocação", na promotoria: "Não estamos lidando com isso", no Soviete municipal: "Espere". Ele ficou sem trabalho por 5 meses (1964). Para PK Yegórov, em Novorossiisk (1965), a primeira coisa que fizeram foi fazê-lo assinar o compromisso de deixar a cidade em 24 horas. Ele ensinou ao Comitê Executivo municipal um diploma da área "por um excelente trabalho", eles riam de suas barbas. Então ele foi, subornou um funcionário e ficou em Novorossiisk. <<

[31]

Young Ch. Pediu a uma secretária ingênua que lhe mostrasse os quarenta papéis da pilha. Nos anos 40, a mesma doença hepática era notada com a mesma letra ...! Ou se não, assim: "O marido dela (Alexandr Petróvich Maliavko-Vysotski) morreu *antes* da investigação do caso, então ele não pode ser reabilitado." <<

[32]

E foi assim que correram para 1956: como um baú velho, traziam o cheiro dos anos 1930, e queriam recomeçar no mesmo dia em que foram presos. <<

[33] Parte III, cap. 19. [<<](#)

[34]

Para ser exato, acrescentarei mais tarde: ele deixou Kolyma, fez um casamento infeliz e perdeu a elevação da alma, não sabe arriscar o pescoço.

<<

[35]

Bem se disse dele que se antes a Vontade do Povo se tornou lingüista famosa graças ao exílio judicial, Kreinovich continuou a sê-lo, apesar do campo stalinista: mesmo no Kolyma ele tentou estudar o Yukaguíro. <<

[36] O mesmo que fará o processo Gal Ánskov-Guinsburg. [<<](#)

[1] Este se aposentou, não foi esse Uspenski quem matou seu padre pai, e graças a isso fez carreira no campo? [<<](#)

[2] Sim, claro, simples prisioneiros de guerra não comunistas. <<

[3] Uau, houve...! Mais que o *seu!* <<

[4] Que profundidade intelectual! A propósito, não tão silenciosamente: com arrependimentos contínuos e pedidos de graça. [<<](#)

[5] Zhelezniak até me *lembra* : “ele chegou com uma transferência algemada, ele se distinguiu por seu caráter indisciplinado; em seguida, ele foi enviado para Dzhezkazgan, onde estava junto com Kuznetsov na cabeça de uma revolta »... [<<](#)

[6] Nós? "Estávamos apenas cumprindo ordens", "não sabíamos." <<

[7] Testemunho muito importante! [<<](#)

[8] É verdade, a coisa da legião, eu acho que sim. Só na pressa eles não checaram a citação do Evangelho. É que a legião é de DEMÔNIOS ... <<

[9] Caso ele também esteja se escondendo: você sabe como o mundo gira ...!

<<

[10]

Kasiúkov e Monchánskaya, *Um homem atrás das grades, Soviétskaya Rossiya* ("Rússia Soviética"), 8-27-1960. Artigo inspirado em círculos governamentais, que pôs fim à breve (1955-1960) lisura no Arquipélago. Os autores consideram que nos campos reinam as "condições de beneficência", neles "esquecem o castigo"; que "os z / k não querem saber nada sobre suas obrigações", "*a administração tem muito menos direitos que os internos*" (?). Eles afirmam que os acampamentos são "um hotel gratuito" (verifica - se que não há cobrança de troca de roupa, barbearia, quartos, visitas). Ficam indignados que nos acampamentos a semana seja de apenas 40 horas, e que até pareça que "para os presos o trabalho não é obrigatório" (??). Propõem " condições severas e duras" para o criminoso *temer a prisão* (trabalho pesado, camas duras sem colchões, proibição de roupas civis, "nada de cantinas com caramelitos", etc.), abolição da liberdade condicional ("e se você vulnera o regime *Se for na prisão!*"). Além disso, "depois de cumprir a pena, o recluso não tem misericórdia. <<

[11] Como a história terminou? Eu não vim saber. <<

[12] admite "processar", seja verbalizar ou pronunciá-lo. <<

[13] E fomos privados da possibilidade de abrir um museu ali na década de oitenta. [<<](#)

[14]

Isso não quer dizer que o alisamento foi absolutamente geral. Bi en foram mantidos *lagpunkts* disciplinares, tipo da "instituição correcional da URSS", Andzioba, perto de Bratsk, sempre com o mesmo capitão sangrento Mishyn do Ozerlag. No verão de 1955, havia cerca de 400 disciplinadores lá (incluindo Tenno). Mas mesmo lá os senhores da área tornaram-se não os tutores, mas os presos. <<

[15]

Se não funcionaram, de onde tiraram o dinheiro? Se foi no Norte, e lá em 1955, de onde vieram as televisões? Bem, mas eu não o interrompi, fiquei muito feliz em ouvi-lo. <<

[16]

Para o resto (bem como "redenção da pena" e "liberdade condicional"). já descrito por Chekhov em seu *Sakhalin: os condenados em processo de emenda* tinham o direito de construir casas e de se casar. [<<](#)

[17]

Aliás, no início de 1955 havia um projeto para compensar *todos* os anos passados na prisão, o que teria sido muito natural e estava sendo feito no Leste Europeu. Mas não tantas pessoas ou por tantos anos! Eles tiraram a conta, ficaram horrorizados: "arruinamos o Estado!" E eles compensaram por dois meses. <<

[18] S. Karavanski, *Istancia*, Samizdat, 1966. [<<](#)

[19] A. Marchenko, *Meu testemunho*, Samizdat, 1967 (tradução para o espanhol, Acervo, Barcelona, 1970). [<<](#)

[20] É curioso como apesar dos invariáveis elogios oficiais à atividade desta instituição, uma certa busca interna sempre a impede de permanecer por muito tempo nos sapatos de mesmo nome, algo a incomoda, ela tem que mudar constantemente de pele. Foi assim que recebemos o MOP. Parece muito novo, não é? Parece muito moderno aos seus ouvidos. Mas a linguagem irônica sempre engana e trai. Acontece que a palavra *Okhrana* entra no novo Ministério , como a polícia política czarista. A maldição dos nomes! Para fugir deles? <<

[21]

E como foi medido o grau de "emenda" de cada infrator ao fazê-lo? Bem, de jeito nenhum, o que somos nós, cérebros eletrônicos, ou o quê? Não podemos calcular tudo! <<

[22]

Outra abreviatura de anos anteriores, que nunca chegou a falar: o que é OLZHYP ?! *Osoby Lager ZHon Yzménnikov Ródiny*, Campo Especial para Esposas de Traidores da Pátria (havia também). [<<](#)

[23]

Em uma aula de treinamento político, ainda antes disso, Vânia tinha o seguinte humor. Ele pediu para falar e disse: “Vocês são oficiais do MVD, e nós, os detidos, somos criminosos da época do culto à personalidade; então você e nós somos inimigos do povo, e agora devemos, com nosso trabalho altruísta, nos tornar dignos do perdão do povo soviético. E eu proponho seriamente, cidadão idoso, que você estabeleça um curso para o comunismo! ” Eles escreveram em seu arquivo: "idéias anti-soviéticas doentias".

A carta deste Alexeyev, de Ust-Vym, é extensa, o papel está gasto e as linhas desbotadas, passei 6 horas a decifrá-la. E o que não contém! Entre outras coisas, o seguinte balanço geral: «Quem agora ocupa as colônias, *favelas de escravos*? A casa mais turbulenta e intransigente do povo ... O *bloco de burocratas* marginalizou da vida a juventude rebelde, que era perigoso armar com a teoria das relações justas. "Os zeks são filhos expulsos do proletariado, propriedade da ITL." <<

[24] Há quase como escapar do *especial*, da pele listrada ...! [<<](#)

[25]

O próprio ministro de Okhrana , Tikunov, me contou (detalhes de nossa entrevista virão agora) o seguinte caso: em uma visita individual (isto é, dentro de casa, três dias), uma mãe que veio vê-la filho *fez dele uma mulher*. O tema é clássico, também tinha uma filha que amamentava o pai. Mas o ministro, ao torcer o rosto diante da abjeção daqueles selvagens, não pensou nem um pouco em como poderia sentar um único garçom para não ver uma mulher em 25 anos. <<

[26] De 3 de março de 1964. [<<](#)

[27]

Uau, como você pode imaginar todas essas *recaídas* variadas ! Por exemplo, na colônia Tavda há um homem de 87 anos, um ex-oficial czarista e provavelmente também branco. Em 1962 ele completou 18 anos de seus *segundos quatro duros*. Barba espessa, contador na produção de luvas. A questão é: para suas idéias juvenis, quarenta anos de prisão, isso não seria um pouco demais? E quantos desses destinos encontramos, tão diferentes uns dos outros! Bem, você tem que conhecer *cada um*, para comentar um regime *para todos*. <<

[28]

Somente por meio de Marc Henko sabemos de seu último procedimento: eles a ferverem para machucar o estômago. [<<](#)

[29] Especialmente porque, como agora sabemos por Marchenko, eles não capturam mais, apenas matam. <<

[30] No lugar do monumento ao ataman Platonov, a obra de Klodt, ordenada para ser fundida. <<

[31]

O primeiro secretário do comitê provincial de Rostov, Básov, cujo nome, junto com o de Plíyev, comandante da Região Militar do Norte do Cáucaso, será um dia escrito sobre o local do tiroteio, neste momento havia chegado a Novocherkassk, e já havia fugido, assustado (dizem que ele até pulou da sacada de um segundo andar), voltou para Rostov. Imediatamente após os acontecimentos de Novocherkassk, ele foi delegado à heroica Cuba. <<

[32]

De acordo com esta versão, os soldados que se recusaram a atirar na multidão foram eLivross para Iakutia. [<<](#)

[33] Aqueles que estavam por perto sabem disso, mas foram mortos ou eliminados. <<

[34] 7 mortos *apenas por balas explosivas como* consistem de forma confiável. <<

[35]

Um pouco menos do que em frente ao Palácio de Inverno ("*Domingo Sangrento*" em 1905 - N. del T.), mas em 9 de janeiro foi celebrado todos os anos pela indignada Rússia, enquanto em 2 de junho, ¿ Quando começou a comemorar? <<

[36]

Como professor (!) De Novocherkassk disse com autoridade no trem em 1968: “Os militares não atiraram. Eles dispararam no ar apenas uma vez, como um aviso. Os que atiraram eram saboteadores, com balas explosivas. De onde eles conseguiram? Os sabotadores têm tudo. Atiraram nos soldados e nos operários ... Aí os operários enlouqueceram, atiraram-se nos soldados, bateram neles, mas o que foi que eles tiveram com isso? Então Mikoyan caminhou pelas ruas, entrou para ver como as pessoas vivem. As mulheres lhe ofereceram morangos »...

Bem, *isso* é o que resta por enquanto na história. <<

[37] Bem, nós assinamos para os negros americanos , porque se não, por que não?! <<

[38]

A propósito, cem anos atrás o processo dos populistas era "193". Quanto barulho, céus, quantas emoções! Entrou nos manuais. [<<](#)

[39] *Izvestia*, 23 de junho de 1964. (Então seu diretor era Adzhubei, genro de Khrushchev. - N. de T). [<<](#)

[40]

Sotsiallistícheskaya Zakonnost (Gabinete do Promotor da URSS), janeiro de 1962, No. 1. Enviado para a imprensa em 27 de dezembro de 1961. Nas páginas 73-74, um artigo de Grigoriev (Gruzd), *Carrascos fascistas*. Este é um relatório sobre o julgamento de alguns criminosos de guerra da Estônia em Tartu. O correspondente descreve o interrogatório das testemunhas, as provas materiais expostas na mesa do tribunal, o interrogatório de um arguido ("o assassino respondeu com cinismo"), a reacção do público, o discurso do procurador. E comunicar a sentença de morte. E tudo aconteceu *exatamente assim*, só no dia 16 de janeiro de 1962 (cfr. *P ravda* de 17 de janeiro), quando a revista *já havia saído e estava à venda*. (Eles adiaram a audiência, mas não notificaram a revista. O jornalista recebeu um ano de trabalho correcional). [<<](#)

Notas do tradutor

[a] *Zakliuchonny* = prisioneiro. <<

[b] *Glavnoye Upravlenie Lagerei* = Direção-Geral dos Campos de Concentração. [<<](#)

^[c] Canal que liga os mares Branco e Báltico. [<<](#)

[d] Ministério do Interior. [<<](#)

[e] O *operativnik* russo - que poderia ser traduzido como "operativo" - designa a polícia secreta - seja da GPU, NKVD ou GB - que realiza buscas domiciliares, prisões e serviços de contra-espionagem. <<

^[f] É o nome comum da KGB, situada na Praça Lubyanka, hoje Praça Dzerzhinshaya. [<<](#)

[g] [Membros do Partido Democrático Constitucional da Rússia.](#) <<

[h] Certificado de desafio. [<<](#)

^[i] VIKZHEL: Comitê Executivo da União Ferroviária (1917-1918). [<<](#)

[j] Pertencente ao Partido Social Revolucionário . [<<](#)

^[k] Irmão mais velho de Lenin, executado em 1887 por atacar o czar. [<<](#)

^[1] Vladimir Korolenko (1853-1921), notável escritor, também destacado como defensor da justiça social. [<<](#)

[m] a esposa legítima de Gorky. <<

[n] Piotr Voikov foi assassinado em 7 de junho de 1927, por um certo Kaverda. <<

^[o] O poeta Pushkin estudou no colégio Tsarskoie Selo (1811-1 817). [<<](#)

[p] Comissário da Indústria Pesada. [<<](#)

[q] Felix Dzerjuiski, chechista. [<<](#)

[r] Em 1925, Zamenev e Zinoviev, rivais de Stalin, reuniram seus apoiadores em Leningrado. <<

[s] Ferrovia do Leste Chinês. Vá até a Manchúria. Até 1935 foi operado conjuntamente pela URSS e China. [<<](#)

^[t] De *Okorok*, presunto. [<<](#)

^[u] De *Kaverza*, intriga. [<<](#)

[v] Stalin foi considerado um grande teórico do problema nacional. <<

[w] Lagos, perto do qual ocorreram confrontos entre tropas soviéticas e japonesas em 1938 e 1939. [<<](#)

[x] Contra Napoleão em 1812. [<<](#)

[e] O ouvinte anotava com uma linha (uma vara) o número de dias trabalhados por cada kolkhoziano. <<

[z] Grupos de guerrilha de nacionalistas ucranianos. [<<](#)

[aa] Nikolai Gumiliov, poeta, marido de Ajmatova, baleado como contra-revolucionário. [<<](#)

[ab] Conferência Especial GPU-NKVD. [<<](#)

[ac] A família da esposa de Stalin. <<

[ad] artigo que Stalin escreveu em 1930, criticando os abusos na coletivização do campo. <<

[ae]

Um camponês que tirava as nozes dos trilhos para usá-las como guia na rede de pesca, justificou-se perante o juiz: "Fiz com a minha cabeça: desatarraxei uma sim e outra não". <<

[af] Alexandr Radishev (1749-1802), autor da *Viagem de São Petersburgo a Moscou*, uma crítica ao regime de servidão. Banido para a Sibéria por Catarina II. [<<](#)

Os oficiais da nobreza se amotinaram em dezembro de 1825. A *verdade russa* era o seu programa. <<

[ah] Polícia indígena nos territórios ocupados pelos alemães. <<

[ai] Os integrantes dos Órgãos de Segurança do Estado usam, como distintivos, faixas azuis em seus uniformes e listras da mesma cor. <<

^[aj] Formado por Malenkov após a morte de Stalin em 1953. [<<](#)

[ak]

O poeta Lermontov (1814-1841), eLivros no Cáucaso, despede-se com um verso da Rússia suja, país de escravos, senhores e uniformes azuis (os gendarmes). [<<](#)

[para] Chefe da "oprichnina", a força repressiva de Ivan, o *Terrível*; é sinônimo de "executor". <<

[AM] Snitch, "coruja" no jargão prisão. <<

[um] morteiro alemão. <<

[ao] Ilyich também é o patronímico de Lenin. <<

[ap] Mikhail Lomonosov (1711-1756), notável escritor e químico . Ele era filho de um pescador. <<

[aq] Ele estava

confundindo Leo Tolstoy com o escritor soviético Alexei Tolstoy.

<<

[ar] Chefe do serviço médico das prisões de Moscou, filantropo. <<

[como]

Antiparra, evita olhar pela janela; a luz penetra de cima. <<

[at] Um nome depreciativo aplicado a estonianos e finlandeses. <<

^[au] Isso é o que Roosevelt chamou de Stalin em sua ausência. <<

[av] Os soviéticos celebraram a tomada de cidades com saudações. <<

[aw] Mais de 700 quilômetros de Moscou, a sudeste da capital. <<

[machado]

Filho e herdeiro de Ivan, o *Terrível*, um homem fraco de corpo e mente. <<

[ay] Depois da campanha contra Napoleão I. <<

^[az] Local de combates pesados no *avanço de 1941 em direção a Moscou*. [<<](#)

[ba] Em 1933. [<<](#)

^[bb] De Pedro I sobre Carlos XII da Suécia, em 1709. <<

[bc] Administração local da Rússia czarista. <<

[bd] Algo como *Tribsup*. \ll

[ser]

Algo como "parasitismo", no sentido de dano causado por um parasita.

<<

^[bf] Inimigo da libertação dos servos s. [<<](#)

[bg] *Sutky*. Pode ser traduzido para o espanhol pela palavra injuriosa "cadela".

<<

[bh] Oficinas de construção de máquinas, em Sverdlovsk. <<

[bi]

Nos primeiros dias da Revolução, o cruzador *Aurora* juntou-se aos bolcheviques e disparou seus canhões contra o Palácio de Inverno, sede do Governo provisório. <<

^[bj] Seção político-social da Polícia Imperial. <<

[bk] Comitês executivos centrais. <<

[b1] Soviete dos Comissários do Povo. <<

[bm]

Subotnik comunista, ou "sábado comunista"; Este era o nome do trabalho coletivo voluntário que os trabalhadores realizavam gratuitamente em benefício do Estado, geralmente aos sábados. <<

[bn] Reconhecida como fonte de direito na ausência de lei escrita. <<

^[bo] República Socialista Federada Soviética da Rússia. <<

[bp] A famosa Cheka: Comissão Extraordinária de luta contra a contra-revolução, especulação e suborno. <<

[bq] Outro acrônimo famoso: Comissariado do Povo para Assuntos Internos.

<<

[br] **Comissariado do Povo para a Justiça.** [<<](#)

[bs] DEZEMBRISTAS: grupo de aristocratas liberais que em dezembro de 1825 promoveu uma rebelião contra o czar Nicolau I. <<

^[bt] Malefactors. <<

^[bu] *Slon*, em russo, significa "elefante". <<

[bv] Nova Política Econômica. <<

[bw] *Kunst*, em alemão, significa "arte". [<<](#)

[bx] *Iagoda*, em russo, significa "baga". [<<](#)

[por] Em francês no original. <<

[bz] *Nepmen*, comerciantes ricos durante a NEP. <<

[ca]

Balanda: É assim que os reclusos chamam a sopa que constitui o seu cardápio diário independentemente do seu conteúdo (peixe, grão, verdura, beterraba, urtiga, forragem, o que houver em cada campo). Recebe um nome especial (*Coltushka*) apenas quando consiste exclusivamente em farinha e água. <<

^[cb] Participantes do levante anti-soviético na Ásia Central (Ibrahim-Bek). [<<](#)

[cc] *Kae rs, KR*, contra-revolucionários. [<<](#)

[cd] *Bandeira Vermelha*, órgão do Partido Comunista Alemão na década de 1920. <<

[ce] E ELE DESCEU À BÊNÇÃO SEMPRE ...: verso famoso de *Eugene Onegin*, de Pushkin. <<

[cf] Artigo do Código Penal relativo aos crimes políticos. <<

[cg] *Seljoz*, campo de trabalho agrícola. <<

[ch]

Torgsin: Nome dado na década de 1920 a lojas que aceitavam exclusivamente ouro e moeda estrangeira. <<

[ci] Importante artéria comercial de Moscou. <<

[c] *Vagonka*: Uma espécie de beliche para quatro pessoas, em uso no campo.

<<

[ck] *Trudartel*: tipo de cooperativa de trabalho. <<

[cl] Chame "operações", responsáveis pela repressão de "crimes" e vigilância interna. <<

[cm] *Sovnarkom*: Conselho dos Comissários do Povo. [<<](#)

^[cn] *Narkomato*: Comissariado do Povo. <<

^[co] *Tsesarevich*: príncipe herdeiro da Rússia czarista. <<

^[cp] *Svobodny* significa, em russo, "livre". [<<](#)

[cq]

Sharashka: Isso é o que eles chamam de lugares privilegiados de reclusão para engenheiros e acadêmicos, onde os dedicam a projetos e pesquisas científicas aplicadas. Veja o primeiro círculo, do mesmo autor. [<<](#)

[cr] From *The Threshold*, um poema de Turgenev. <<

[cs]

No início do século X IX , Arakcheiev estabeleceu colônias onde o trabalho agrícola e o serviço militar eram combinados. As condições de vida eram muito difíceis e havia rebeliões frequentes. <<

[ct] Imperador Miguel: Veja o volume I, pp. 196 a 201. [<<](#)

^[cu] VKP (b): Partido Comunista (Bolchevique) da União Soviética. <<

[cv]

Konsomol: União da Juventude Comunista. [<<](#)

[cw] *Pioneros*: organização infantil comunista. <<

[cx] Segundo estatísticas oficiais, cerca de metade de tudo o que é impresso na URSS retorna às fábricas de papel como "não vendido". <<

[cy] Veja t. I, pp. 360-370 e 386-392. [<<](#)

[cz] Gosplán: Comissão de Planejamento Estatal. <<

[da] Tantas toras iam para o Mar Branco a cada ano, por negligência ou falta de habilidade, que na Noruega uma empresa foi criada para sua repescagem em águas internacionais e posterior venda. Parece funcionar até hoje. <<

[db] *Um monal: explosivo.* <<

[dc] *Fráier*: na língua dos ladrões, gentrificado e cumpridor da lei. <<

[dd] Versos de Boris Pasternak. [<<](#)

[de] O Pavilhão do Câncer . [<<](#)

[df]

Não é o mesmo. Os criminosos (ngolóvniki) são criminosos, mas os "plebeus" (bytovikí) são culpados de "crimes" econômicos promovidos ou provocados pelo próprio regime: são o kolkhoziano que pegou um balde de batatas, o escriturário que "Inflou" os números que informam o cumprimento do plano, o gerente de compras que "pegou" combustível no mercado negro (porque o combustível previsto no Plano não chegou, e sem ele sua fábrica não cumpriria o plano, mas não importa, É ilegal), o carregamento do armazém onde os ratos comeram todo o queijo (porque o rodenticida responsável não chegou, mas não importa, responde ele), etc., etc. A diferença na Rússia é tão clara que deu origem a dois nomes diferentes, um pejorativo (" criminoso"). outro compassivamente neutro ("comum"), como se sugerisse que, em condições normais, alguns estariam na prisão, mas outros não precisam. <<

[dg] Personagem de *As Três Irmãs*, de Chekhov. <<

[dh] "Sagradas Escrituras", os textos dos ideólogos do comunismo: Lenin, Marx, Engels. <<

[di] Metros cúbicos. <<

^[dj] *Pud*: medida de peso russa, equivalente a cerca de 16 kg. <<

[dk] chapéu aguçado com abas de orelha, usado pelos vermelhos durante a guerra civil. <<

[dl]

A expressão nasceu nos campos da década de 1930. - Para expressar que alguém já estava muito no passado, foi dito : “aquele já se aproxima do socialismo”. [<<](#)

[dm] *Mostyrka*: lesão aparente ou real *infligida por* presidiários para se livrar do trabalho. <<

[dn]

Compadre: era assim que os internos chamavam o encarregado da 3ª seção, que atuava como juiz de instrução no campo. <<

[fazer]

As roupas entregues pelo Estado possuíam “condições de serviço”: primeira (nova) e segunda (usada). O que passou por ambos já era denominado pelos presidiários de “terceiro mandato”. <<

[dp]

"*The Young Guard*", um grupo de jovens que tentou montar uma organização anti-alemã durante a Segunda Guerra Mundial, cuja história foi "contada" por Fadeiev no romance de mesmo nome. <<

[dq] Membro do Ministério do Interior. [<<](#)

[dr] Personagem de *Dead Souls*, de Gogol. <<

[ds] De *pravda*, que significa "verdade". <<

[dt]

O termo usado pelo autor, *inteligente* (membro da *intelectualidade*) é um dos mais usados e mais difíceis de definir em todo o pensamento russo do século XIX . É sinônimo de " intelectual", mas *simultaneamente* também de "iluminado". <<

[du]

Direito do 7º do *dia 8* de 1932. «Sobre a protecção dos activos de empresas estáveis, fazendas coletivas e cooperativas eo fortalecimento da propriedade social coletiva ». Pela violação dessa propriedade, estabeleceu a morte como pena *única* , autorizando sua substituição por pelo *menos* dez anos de reclusão "em caso de circunstâncias atenuantes". <<

[dv]

Spetz: «especialistas» formados no antigo regime <<

[dw] *As três cores do tempo* é uma biografia ficcional de Stendhal, cujo autor é Vinogradov. <<

[dx] *Flood.* Veja o volume I, ch. II. [<<](#)

[dy]

Em *russo*, *eles* soam semelhantes a *konnv-militsioner* (miliciano a cavalo) e *contrevolucionário* (contra-revolucionário). [<<](#)

[dz] Pessoas que vivem na União Soviética, nas margens do Volga. <<

[ea] O "carretel longo" tinha vinte e cinco anos. <<

[eb] Na URSS, alguém é "membro do Partido Comunista a partir dessa data" ou "sem partido". <<

[ec] **Corresponde, aproximadamente, ao 5º ano do ensino médio.** [<<](#)

[ed]

Em substituição à "instituição burguesa do júri", a presença (totalmente "passiva") era obrigatória (e ainda é). de "assessores populares" nos Tribunais. São escolhidos (a dedo) entre os operários ou camponeses locais e têm, em tese, uma função meramente consultiva (na prática, nem isso: costumam ser figuras decorativas). <<

[ee]

Eles publicaram dois trabalhos " ideologicamente corretos" sobre os campos de concentração depois de *Um dia na vida de Iván Denisovich*, é visto que, para centralizar seu efeito, encomendado pelas autoridades. <<

[ef] Cf. Primeira parte, cap. II. [<<](#)

[por exemplo]

Uma de cujas teses básicas é que "a existência determina a consciência." ≤

[eh] Personagens de *Um dia na vida de Iván Denisovich*. <<

^[ei] Primeiro chefe da *Cheka*. [<<](#)

[ex] Vagão celular. Veja o volume I. [<<](#)

[ek]

Manual de História do Partido Comunista da União Soviética (Bolchevique), escrito sob a direção de JV Stalin. [<<](#)

[el]

Niño campe, mas traiu seu pai por se opor à "coletivização". Os vizinhos indignados decidiram enforcá-lo, tornando-o um herói e mártir de toda a imprensa oficial. <<

[em]

Na época de Stalin, o confinamento era conhecido pelo simples fato de pertencer a uma determinada minoria étnica (alemães, chechenos, tártaros, etc.). <<

^[no] Babich. Veja o cap. 10, t. II. [<<](#)

[e o] Veja cap. 10, t. II. [<<](#)

[ep] *Moroz*. Em russo, "geada". [<<](#)

[eq] Na URSS, não só o Ministério Público, mas também o "controle da legalidade" das sentenças, entra no papel do Ministério Público, para o qual atua tanto como parte quanto como tribunal de instância. <<

[er] Guerri lleros do Exército do Povo Ucrainiano (OUN), que após a Segunda Guerra Mundial, os combates continuaram até os anos 50 [≤≤](#)

^[pt] Na URSS, *todo mundo* que tenta cometer suicídio é colocado em um asilo, pois não é possível para uma pessoa sã preferir a morte a viver sob um regime socialista. [<<](#)

[et] Entre os bandidos (*URKI*), as cadelas (*SUKI*), e os "ladrões da lei" são distinguidos . Os primeiros concordam em colaborar com as autoridades (em posições mais ou menos forçadas), os segundos consideram isso uma traição. As relações entre os dois grupos são de inimizade aberta. <<

[eu] Personagem de uma história de Gorky. <<

[ev] Pers onagem de *Tales of Odessa*, de Babel. <<

[ew] " Bens pessoais (*personalnaya*) são as casas, carros, pensões, etc., que o Estado concede" a título pessoal "aos seus altos funcionários no momento da sua aposentação. É claro que não tem nada a ver com 'propriedade privada'. <<

[ex]

E também na atual: «Art. 105. Quem matar outro por ultrapassar o limite da legítima defesa será punido com pena privativa de liberdade por um período máximo de dois anos ou com trabalho correccional por período máximo de um ano ». Pelo menos a penalidade foi reduzida. <<

[hey] *Paján*: líder de gangue entre os criminosos encarcerados. <<

[ez]

Para evitar tais dúvidas no futuro, a reforma de 1960 criou a figura (criminosa) de "apropriação de propriedade socialista encontrada ou acidentalmente levada ao poder do culpado" (art. 97 do Código em vigor), sem prever nada semelhante a respeito de bens de propriedade privada. <<

[Fa] De um poema de Mayakovsky. <<

[fb] CALENDÁRIO VERMELHO: Foi sobre a representação, por meio de *esboços*, datas e figuras históricas da Revolução. <<

^[fc] Data do assassinato de Kirov e início dos expurgos subsequentes. <<

[fd] Em alemão no original. "Para a pátria!" <<

[fé] Em alemão no original. "Proibido". [<<](#)

^[ff] RAlA: *Raspad Atomovo YAdra.* [<<](#)

[fg]

CHATSKI, personagem central da obra em versos *Los Pesares del Ingenio* de Griboiedov, um clássico da literatura russa. O monólogo pertence ao ato II. <<

[fh] *ZEKOS*, o nome dado aos detidos no Arquipélago. Exceto neste capítulo, o tradutor geralmente prefere usar o termo 'recluso'. <<

[fi] SAVELICH, FIRS, personagens de servos fiéis nas obras *The Captain's Daughter* , de Pushkin, e *The Cherry Orchard* de Chekhov, respectivamente. <<

[fj] Em inglês no original: «Fight for life». [<<](#)

^[fk] Em inglês no original: «My home is my castle». <<

[f1] Ou seja, o aniversário da Revolução de Outubro e do Festival do Trabalho. <<

[fm] Prisão de
trânsito. <<

^[fn] Fabulista famoso do século passado. [<<](#)

[fo]

O DUELO DE PUSHKIN: o grande poeta russo foi mortalmente ferido em um duelo, causado por uma nomeação humorística de "Grão-Mestre da Ordem das Corníferas". [<<](#)

[fp] Atividade severamente penalizada na URSS. <<

[fq]

Por ocasião do levante anticomunista, as tropas locais, o Exército ou a Polícia, tendiam a se deslocar para a cidade, às vezes após o suicídio de seus oficiais. Em vez disso, os mongóis atiraram quando ordenados. <<

[fr] Etimologicamente, de "besta" e "lúcio". [<<](#)

[fs] Na URSS, é proibido alegar "razões objetivas" para justificar o não cumprimento do Plano. O Plano é considerado Lei, portanto seu descumprimento é sempre considerado malicioso ("sabotagem"). ou culpado ("negligência"). <<

[Ft] Todo bom cidadão socialista deve estar "comprometido" com o benefício de seu amado Estado: dobrar a produção, melhorar a qualidade, trabalhar mais horas, etc., etc. <<

[fu] Forma socialista de denominar um apartamento compartilhado por várias famílias. <<

[fv] Cismáticos

ortodoxos. [<<](#)

[fw] *Los*, em russo, "alce". *Lis*, em russo, "raposa". [<<](#)

[fx]

"Pena" que consiste em o recluso continuar no seu emprego habitual, mas descontando parte do seu salário. [<<](#)

[fy]

Uma espécie de maca de quatro lugares, composta por quatro tábuas apoiadas em quatro tábuas transversais. [<<](#)

[fz] O artigo 58 do código penal pune "crimes" políticos. Cf. 1ª parte, cap. 3.

<<

[ga] Commissariado do Povo do Interior. Um dos nomes sucessivos da polícia política: Checa, GPU, NKVD, MVD, NKGB, MGB, atualmente KGB. <<

[gb] Organização de jovens comunistas. <<

[gc]

Proprietário de terras do início do século passado, famoso pelo puritanismo que o fez reinar - pela força - entre seus servos . [<<](#)

[gd] *outubro*. Revista literária soviética, extremamente "dogmática" e reacionária. <<

[ge]

Os evacuados eram em sua maioria privilegiados pelo regime: altos funcionários, oficiais, gerentes . <<

[gf] Líder social-revolucionário. <<

[gg]

Camponeses com mais de uma vaca. Eles foram deportados em massa, cerca de 15 milhões em número, para a tundra ou taiga. Cf. 6ª parte, cap. 2.

<<

[gh] Sinal tradicional de hospitalidade na Rússia. <<

[gi] Emilián Pugachov: famoso líder bandido, que na época de Catarina *a Grande* se passava pelo ex-czar Pedro III, e chegou a liderar um importante exército de camponeses e cossacos. [<<](#)

[gj] Vagão especial para transporte de presidiários. Cf. Parte 2, Capítulo 1 [<<](#)

[gk] Equivalente ao nosso «Bisão». Presos comuns, se fumaram alguma coisa, foi uma picada <<

[gl] "Vadias." Criminosos que aceitaram cargos subordinados na administração penitenciária. Eles costumavam estar em guerra com criminosos "de lei". [<<](#)

[gm] Comissário. [<<](#)

[gn] De Novocherkassk a Ekaterinodar, fevereiro- março de 1918. Ele marcou o início do Exército Branco e da Guerra Civil de 1918-20. [<<](#)

[go] Barrack of Reinforced Regime, uma espécie de prisão interna. Cfa. 3ª parte, cap. 15 [=<<](#)

^[gp] Maloy, no uso antigo, significa "pouco". [<<](#)

[¹ *gg*] *Zemskiye Sobory*, uma espécie de corte medieval. <<

[gr]

Forma de autogoverno municipal, com propriedade coletiva da terra, análoga à administração dos bens comunais em Espanha. [<<](#)

[gs] "Ssylno-katorzhnyi", confinado à prisão. [<<](#)

[gt]

Os participantes de uma tentativa liberal (análogo ao pronunciamento de Riego) são chamados de "dezembristas" que ocorreu em 14 de dezembro de 1825, com a morte, sem descendência, do czar Alexandre I. Seu irmão Constantino, chamado ao sucessão, ele renunciou e seu outro irmão Nicolás subiu ao trono. Alguns funcionários liberais tentaram derrubá-lo e substituí-lo por Constantino. Dois regimentos da Guarda foram levados para a Praça do Senado em Petersburgo, enganando as tropas (que gritaram "Viva o czar Constantino e sua esposa Constituição!"). Vários oficiais leais (em particular o general Milorádovich) que tentaram desfazer o erro foram mortos. Uma bateria de artilharia teve que ser retirada e os amotinados dispersados. Cinco líderes foram executados, outros eLivross na Sibéria, mas, claro, nenhum dos soldados sofreu qualquer punição. <<

[gu] É assim que os marxistas russos se chamavam. Eles foram divididos em bolcheviques e mencheviques. <<

[gv] Uma

cidade no sul da Rússia, que em 1962 cresceu pacificamente e por demandas trabalhistas, mas a manifestação foi dissolvida com tanques e tiros de armas automáticas. Centenas foram mortas e milhares fuziladas depois. O silêncio da imprensa soviética foi total, e a interrupção das comunicações tão eficaz, que as primeiras notícias do ocorrido demoraram três meses a chegar à resistência russa e seis à imprensa americana. <<

[gw] Local de verão

da família imperial. <<

[gx]

Famoso general soviético. Ele se destacou na guerra civil e na repressão aos levantes camponeses. Ele praticamente se tornou comandante-chefe das Forças Armadas UR SS. Ele foi baleado em 1937 sob a acusação - parece ser verdade - de preparar um golpe militar contra Stalin. <<

[gy] Tesouro de Tolstoi, onde passou seus últimos anos. <<

[gz] Parlamento da era czarista, criado em 1905. <<

[ha] Slogan lançado por Stalin em todas as redes sociais no início dos anos 1930, quando o país ainda estava sofrendo os efeitos da grande fome de 1930-33. <<

[hb] A utor de um famoso thesaurus da língua russa, final do século XIX. <<

[hc] Czarista. <<

[hd] Poema de Tvardovski, muito popular entre os combatentes russos da Segunda Guerra Mundial. [<<](#)

[ele]

Muitos anos depois, foi Tvardovski, como diretor da revista literária *Noviy Mir*, quem conseguiu publicar a primeira obra de Soljenitsyn que veio à tona, *Um dia na vida de Ivan Denisovich*, Cf. a. Soljenitsin, *Memories*, «Argos-Vergara», Barcelona, 1977. <<

^[hf] Sopa que eles dão diariamente aos detidos. Cf. parte III, cap. 7. [<<](#)

[hg]

Literalmente "publicado pelo próprio". Estas são obras *que se editam*. O leitor se perguntará como isso é possível. Bem, é muito simples: o autor dá seu manuscrito a um amigo, pega sua máquina, faz quatro cópias, dá para outros quatro amigos, que levam sua máquina ... e assim por diante.

Bem, por meio desse sistema, toda uma literatura circula na Rússia , incluindo obras volumosas como *Dr. Jivago*, *The First Circle* or the Present.

<<

^[hh] É assim que os cristãos da Igreja Evangélica são chamados na Rússia. <<

[oi] "Para o socialismo." Em outras palavras, no limiar da morte por inanição.

<<

[hj]

Personagem de um poema de Lérmonov: um menino georgiano, recolhido e educado em um mosteiro russo, que morre de saudade de sua terra natal. <<

[hk] Os padres ortodoxos usam cabelos longos e barbas por motivos rituais.

<<

^[hl] *Silly* Ivan é aquele que deixa seus irmãos “espertos” para trás, resgata a filha do rei, se casa com ela e assim por diante. [<<](#)

[hm]

Medida de peso da Rússia antiga, equivalente a 16,38 kg. Para tornar as estatísticas agrícolas soviéticas mais impressionantes , Stalin ordenou em 1939 que as safras de cereais fossem contadas em *pudins*. <<

[hn] Desde 1905, data em que a polícia czarista disparou contra uma manifestação operária. <<

^[ho] Nova Política Econômica, decretada por Lenin em 1921, que significava um retorno parcial e temporário à iniciativa privada livre. [<<](#)

^[hp] Celas pequenas para os detidos recentemente. Cf. Parte I, Capítulo 3. [<<](#)

^[hq] Ou "Stolypin". Vagões especiais para o transporte de detidos. Cf. Parte II, cap. I. [<<](#)

^[hr] Ou seja, ele vai encher um trem especial com vagões vermelhos. Cf. Parte II, cap. 3. [<<](#)

[hs] Comissários do campo de concentração. [<<](#)

[ht]

Sem uma menção e uma fotografia de um ou de um grupo deles, nem um único exemplar de qualquer jornal soviético pode ser publicado. Já é um clichê, e os jornalistas a chamam de "a foto do ilustre torneiro-padeiro camarada Pupkin". [<<](#)

^[hu] Chá muito forte, com propriedades quase estonteantes. <<

^[hv] Demônio. <<

^[hw] Tenda usada por nômades na Ásia Central. <<

^[hx] Uma espécie de painço asiático, com o qual você pode fazer mingau. <<

^[hy] Bebida fermentada, ligeiramente alcoólica, feita com leite de égua. <<

[hz]

Na URSS, o passaporte é utilizado como documento de identidade, diferente daquele exigido para viajar ao exterior, e em cujas páginas estão carimbadas as sucessivas autorizações de residência exigidas para viver e se deslocar da cidade. <<

[ia]

As autoridades recompensavam quem capturava um fugitivo com uma variedade de necessidades básicas, mas ainda assim escassas. Cf. Parte 3, cap. 14. [<<](#)

[ib]

Organização dos Nacionalistas Ucrânicos, um movimento de guerrilha de libertação que manteve a resistência armada ao regime soviético até meados dos anos 1950. [<<](#)

[ic]

Data da revolução bolchevique, feriado na URSS. Nos campos, é utilizado, a partir de 1º de maio, para fazer buscas particularmente meticulosas. <<

^[id] Cfr. cap. 5, nota 67. [<<](#)

[ie] Os bolcheviques da época de Lenin são freqüentemente chamados de "velha guarda". Em vez disso, a "vanguarda do proletariado" é todo o PC.

<<

[se]

Nova Política Econômica (1921). Foi um retorno parcial à livre iniciativa, que resolveu boa parte dos problemas econômicos causados pelo jovem regime soviético. Assim que o fez, é claro, foi excluído. <<

[ig] "Comum" (*bytoviki*) não é o mesmo que "criminoso" (*ugolónniki*). Estes últimos são culpados de crimes que são culpados aos olhos de todo o mundo (roubos, homicídios, etc.), enquanto os primeiros são culpados de "crimes" que só o Estado considera como tais, não as pessoas (fraude, furto do Estado, comércio ou artesanato privado, etc.). <<

[ih] Apellidos depreciativos dados em campos de concentração a intelectuais inúteis. <<

^[ii] Líderes dos ladrões, que desfrutam sobre eles o poder da vida e da morte, e aos quais entregam religiosamente o produto de sua pilhagem. [<<](#)

[ij] Números que são particularmente odiosos, já que eram os camponeses encarregados de confiscar a colheita dos outros camponeses. <<

^[ik] Bebida fermentada, refrescante e ligeiramente alcoólica. <<

^[il] Escritores ultraortodoxos, totalmente a serviço do regime. <<

[im] Compilação legislativa russa, análoga à *Nova Compilação* Castelhana de 1567. <<

[in] «Vontade do Povo», partido terrorista do final do século XIX. [<<](#)

^[io] Filósofo russo (1749-1802), principal representante do Iluminismo na Rússia. [<<](#)

^[ip] Pensador "eslavófilo" (1817-1860). [<<](#)

[iq] Aristocrata muito rico, um dos principais implicados na conspiração "dezembrista" (cfr. Parte V, cap. 4, nota 4). <<

[go] revolucionário utópico russo e socialista (1812-1870). [<<](#)

[é] É como dizer de Gerona a Lleida. <<

[it]

Politos ("políticos"). Foram eles que mantiveram este nome do regime czarista (fundamentalmente, socialistas das diferentes variedades existentes); *kaerres* ("contra-revolucionários"). eram todos os outros: oficiais brancos, nobres, padres, empresários, camponeses, intelectuais, até mesmo trabalhadores em greve. Estes últimos frequentemente mereciam o nome de "prisioneiros políticos" muito mais do que os primeiros. Cf. I part, ch. 12. [<<](#)

^[iu] Esta palavra adquiriu o significado de "camp esino". [<<](#)

[iv]

Estes são empréstimos estatais, que era obrigatório assinar "voluntariamente". <<

^[iw] Stalin declarou que "nosso capital mais precioso é o homem". <<

[ix]

O objetivo oficial da campanha era justamente a "coletivização" total das terras, que deveriam ser contribuídas "voluntariamente" ao entrar na *kolkhoz* (fazenda coletiva). <<

[iy] Organização infantil comunista , à qual freqüentemente são confiadas tarefas financeiras de forma "voluntária". <<

[iz]

Até o início deste século, as terras de camponeses eram propriedade comunal e eram distribuídas anualmente de acordo com o número de "bocas" de cada casa. [<<](#)

[ja] Tesouro confiscado após a revolução e transformado em uma "casa de repouso do governo", onde Lenin morreu. <<

[jb] Os

camponeses que ainda não haviam entrado no kolkhoz eram chamados de "indivíduos" e continuavam a cultivar suas terras "individualmente" (posteriormente desapareceram). Em teoria, eles não tinham nada a ver com os kolkhoz, nem com as autoridades kolkhoz, qualquer poder sobre eles. Mas ... <<

[jç] O líder da equipe, no romance *Un día de la vida de Iván Denísovich* ("Plaza & Janés", Esplugas de Llobregat). <<

[jd]

Cristãos se separaram da Igreja Ortodoxa como resultado da reforma eclesiástica de 1666, que eles se recusaram a aceitar. Em tempos posteriores, eles foram freqüentemente tratados como criminosos estatais.

<<

[heh] O famoso slogan de Stalin. <<

[j^f]

Documento de identidade, necessário para qualquer deslocamento e cujas páginas estão carimbadas com a autorização de residência que todo russo precisa para viver em casa. Ser privado do passaporte equivale, portanto, a não poder exercer *nenhum* direito político ou civil, desde a ação judicial até o simples embarque no trem. <<

[jg] 1º de abril é o que é o Dia da Mentira na Espanha. <<

[jh] O próprio nome da cidade, *Jandaly*, é uma distorção de "grilhões", *kandaly*. [<<](#)

[hee]

Um kolkhoz é oficialmente uma cooperativa de produção, cujos membros recebem apenas o que produziram (mesmo que o que tenham para produzir, em que quantidade, quanto têm para entregar ao Estado e a que preços, seja planejado "de cima") Por outro lado, um *sovjós* é uma empresa agrícola estatal, cujos funcionários recebem um salário independentemente da produção. <<

[jj] Khrushchev realizou uma reforma monetária, segundo a qual um novo rublo valia dez antigos. O rublo de Stalin era equivalente a aproximadamente 10 pesetas de 1978. <<

[jk]

Alusão a um poema de Alexandr Blok sobre vinte e seis comissários vermelhos, filmado em B akú durante a guerra civil. [<<](#)

[j1] Que na URSS aparece em todos os passaportes e documentos de identidade. <<

[jm]

Pena prevista no Código Penal Soviético, consistindo em deduzir por determinado tempo (de 3 meses a um ano) uma determinada percentagem do salário (normalmente 25%), com proibição de mudança de emprego ou de saída durante o tempo de a pena. <<

[jn] Irônico. Em tudo o que o regime soviético durou , *todas as "eleições"* *sempre* foram para um único candidato. <<

[jo]

Alemães viveram na Rússia desde Catarina, *a Grande*, no século 18 , povoou extensas regiões do Volga com eles. Isso torna especialmente implausível acusá-los em bloco de simpatias pró-nazistas ... [<<](#)

^[jp] *Trabajo*, o jornal do sindicato. <<

[jq] Naquela

época, ele entendeu dez anos, ao final dos quais ele passou, após um vestibular, para a Universidade. O ciclo básico era composto por apenas sete. <<

[jr] "Membro da Família" de uma pessoa condenada. Por si só, era constitutivo de um "crime". Cf. I part, ch. 7. [≤≤](#)

[js] Este é o *primeiro círculo*, confiscado na época pela KGB. Cf. *Memórias*, op. cit. [<<](#)

[jt] Pushkin morreu seis anos após seu casamento (27 de janeiro de 1837), ainda jovem, de luto, por causa de "chifres". <<

[ju] Isso marcou oficialmente o início da "desestalinização". <<

[jv] Mayakovski, em um poema de 1929 em homenagem ao passaporte soviético. <<

[jw] Autor de romances improváveis de "espões americanos" e "nobres chekistas". <<

[jx]

Cinco anos depois, o amigo culpou a esposa: ela havia borrado. E depois de mais dez (1961) , a própria mulher foi ver Avenir no comitê sindical do condado: ela queria uma viagem para Sochi. Ele deu a ela. Ela derramou memórias de sua amizade passada. <<

[jy] Engano deliberado do Estado, graças ao qual os internos sobreviveram.
O termo já passou para o russo "normal". Cf. III parte, cap. 5. [≤≤](#)

[jz]

A milícia *popular* (*narodnava druzhyna*) é uma criação de Kruschev, formada por conterrâneos voluntários que prestam determinados serviços em apoio da Polícia (patrulhas, recolha de bêbados, etc.). Em muitas cidades, o submundo o usa como uma "cobertura". <<

[ka] "UI", semiconsonante que não pode iniciar uma palavra. <<

[k b]

Charlatan que construiu uma carreira como biólogo ao denunciar seus colegas ao NKVD. Entre suas vítimas está o grande sábio Vavílov. <<

^[kc] Cf. I parte, cap. 3. [<<](#)

[kd] Tenente, chefe do regime na novela *Um dia na vida de Iván Denisovich*.

<<

[ke] Iván Denisovich Shújov é o protagonista de *Un día...* [<<](#)

[kf] O romance *Um dia na vida de Iván Denisovich* foi publicado na revista literária *Noviy Miz*. [<<](#)

[kg] Romance ultraortodoxo. <<

[kh] "Reforma" adotada em 1962 (e já abolida em 1964) que consistia em dividir cada órgão do partido em um para questões agrícolas e outro para questões industriais. <<

[ki]

O texto original usa uma expressão que mais tarde se tornou conhecida em todo o mundo: "glasnost". (*Nota do editor digital.*) [<<](#)

[kj] Assim

explica o poeta oficial I. Ehrenburg nas suas memórias por ter fugido para os campos de concentração: «foi uma lotaria». [<<](#)

^[kk] Na URSS os deficientes são divididos em 3 grupos: 1º (total, com necessidade de cuidados permanentes), 2º (total) e 3º (parcial). [<<](#)

^[kl] Narcótico preparado com chá. <<

[km] Na URSS, os números do crime (e da população carcerária) são estritamente secretos. <<

^[kn] É assim que seu primeiro chefe, Dzerzhinsky, definiu os chekistas. <<

[ko]

General czarista, líder de uma insurreição cossaca (1917-1918), que cometeu suicídio quando foi abandonado por sua família. [≤≤](#)

[kp]

Na URSS, aproveitando-se do fato de que o comércio é estatal, as capitais são abastecidas prioritariamente e só o excedente vai para as províncias; posteriormente, em cada província o processo se repete entre sua própria capital e as demais cidades e vilas. <<

[kq]

Responsável pelos assuntos eclesiásticos: funcionário do Estado, necessariamente "ateu militante" e vinculado ao KGB, cuja missão é dirigir a vida das diferentes comunidades religiosas toleradas, incluindo nomeação e demissão de ministros e "conselhos paroquiais", e administração de seus fundos. As comunidades que se recusam a se submeter a esse regime são reduzidas ao sigilo e seus membros ficam expostos a longas penas. <<

^[kr] Propaganda anti- soviética. <<

[ks] É claro: se alguém taxa não do Estado, mas diretamente de indivíduos, "ele vive à custa dos outros", então ele é um "parasita". Em seguida, os trabalhadores que, após o trabalho, se dedicam a consertar torneiras ou fechaduras, devem ser deportados para o Sibéri . Lógico ... <<

[kt]

O peso de uma bala de revólver. Já depois de Stalin, a pena de morte foi introduzida para toda uma série de crimes contra a propriedade do *Estado* (fraude, tráfico de moeda, etc.), de acordo com o princípio: «Você nos privou de uma renda, então nós Nós matamos você ». [<<](#)

[ku] Do seu "grupo de trabalho" ou "bairro", outra invenção dos anos sessenta. <<

Índice

Arquipélago GULAG

SOLJENITSYN E SEU TRABALHO

Parte I - A indústria prisional

I. A prisão

II. A história do nosso Alcantarillado

III. Instruções resumidas

IV. Tubulação azul

V. A primeira célula - O primeiro amor

SERRA. Naquela primavera

VII. Na casa das máquinas

VIII. A lei em mantilhas

IX. A lei é posta em movimento

X. A lei está madura

XI. Em direção à medida máxima

XII. Tiursak

Parte II - Movimento contínuo

I. Os navios do arquipélago

II. Os portos do arquipélago

III. As caravanas de escravos

IV. Ilha saltitante

Parte III - Para fins de extermínio

I. Os dedos da Aurora

II. O arquipélago nasce dos mares

II. O arquipélago forma metástases

IV. O arquipélago está petrificado

V. Os pilares do arquipélago

SERRA. Eles trouxeram fascistas!

VII. O cotidiano dos indígenas

VIII. A mulher no campo

IX. O conectado

X. Em vez de políticos

XI. O bem-intencionado

XII. Pomos

XIII. Esfolar o mesmo homem duas vezes

- [XIV. Mude o destino!](#)
- [XV. SHIZO, BUR, ZU R](#)
- [XVI. O socialmente próximo](#)
- [XVII. Menores](#)
- [XVIII. As musas no GULAG](#)
- [XIX. Os zeks como nação](#)
- [XX. Ofici ou cachorros](#)
- [XXI. Em torno dos campos](#)
- [XXII. Nós construímos](#)

[Parte IV - A alma e o arame farpado](#)

- [I. Elevação](#)
- [II. Ou corrupção?](#)
- [III. Liberdade amordaçada](#)
- [IV. Algumas vidas](#)

[Parte V - A prisão](#)

- [I. O condenado](#)
- [II. O vento da revolução](#)
- [III. Correntes, correntes ...](#)
- [IV. Por que saímos?](#)
- [V. Poesia sob a laje, verdade sob a pedra](#)
- [SERRA. Um fugitivo convicto](#)
- [VII. O gatinho branco](#)
- [VIII. Evasões com moral e evasões com engenharia](#)
- [IX. As crianças pequenas com metralhadoras](#)
- [X. Quando na zona a terra queima](#)
- [XI. Nós tateamos as correntes](#)
- [XII. Os quarenta dias do kenguir](#)

[Parte VI - Confinamento](#)

- [I. O confinamento dos primeiros anos de liberdade](#)
- [II. A praga dos fazendeiros](#)
- [III. O confinamento está se espalhando](#)
- [IV. O banimento dos povos](#)
- [V. Terminar a sentença](#)
- [SERRA. Bem-estar de presidiários](#)
- [VII. Os zeks em liberdade](#)

[Parte VII - Stalin não é](#)

- [I. Como é isso à distância](#)

[II. Os governantes mudam, o arquipélago permanece](#)

[II. A lei hoje](#)

[Epílogo](#)

[E mesmo depois](#)

[Autor](#)

[Notas parte I](#)

[Notas parte II](#)

[Notas parte III](#)

[Notas parte IV](#)

[Notas parte V](#)

[Notas parte VI](#)

[Notas parte VII](#)

[Notas do tradutor](#)

Table of Contents

Arquipélago GULAG

SOLJENITSYN E SEU TRABALHO

Parte I - A indústria prisional

I. A prisão

II. A história do nosso esgoto

III. o Interrogatório

IV. Tubulação azul

V. A primeira célula - O primeiro amor

VI. Naquela primavera

VII. Na casa das máquinas

VIII. A lei em mantilhas

IX. A lei é posta em movimento

X. A lei está madura

XI. Em direção à medida máxima

XII. Tiursak

Parte II - Movimento Perpétuo

I. Os navios do arquipélago

II. Os portos do arquipélago

III. As caravanas de escravos

IV. De Ilha para Ilha

Parte III - Para fins de extermínio

I. Os dedos da Aurora

II. O arquipélago nasce dos mares

II. O arquipélago forma metástases

IV. O arquipélago está petrificado

V. Os pilares do arquipélago

VI. Eles trouxeram fascistas!

VII. O cotidiano dos Nativos

VIII. A mulher no campo

IX. O conectado

X. Em vez de políticos

XI. O bem-intencionado

XII. Pomos

XIII. Esfolar o mesmo homem duas vezes

XIV. Mude o destino!

XV. SHIZO, BUR, ZUR

XVI. O socialmente próximo

XVII. Menores

XVIII. As musas no GULAG

XIX. Os zekos como nação

XX. Serviço de cães

XXI. Em torno dos campos

X XII. Nós construimos

Parte IV - A alma e o arame farpado

I. Elevação

II. Ou corrupção?

III. Liberdade amordaçada

IV. Algumas vidas

Parte V - A prisão

I. O condenado

II. O vento da revolução

III. Correntes, correntes ...

IV. Por que saímos?

V. Poesia sob a laje, verdade sob a pedra

VI. Um fugitivo convicto

VII. O gatinho branco

VIII. Evasões com moral e evasões com engenharia

IX. As crianças pequenas com metralhadoras

X. Quando a terra queima na área

XI. Nós tateamos as correntes

XII. Os quarenta dias do kenguir

Parte VI - Confinamento

I. O confinamento dos primeiros anos de liberdade

II. A praga dos fazendeiros

III. O confinamento está se espalhando

IV. O banimento dos povos

V. depois da frase

VI. Bem-estar de presidiários

VII. Os zekos em liberdade

Parte VII - Stalin não é

[I. Relembrando Tudo](#)

[II. Os governantes mudam, o arquipélago permanece](#)

[II. A lei hoje](#)

[Epílogo](#)

[E mesmo depois](#)

[Autor](#)

[Notas parte I](#)

[Notas parte II](#)

[Notas parte III](#)

[Notas parte IV](#)

[Notas parte V](#)

[Notas parte VI](#)

[Notas parte VII](#)